

PROGRAMAÇÃO & livro de RESUMOS



XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC

A Literatura
Comparada e a
invenção de um
MUNDO COMUM

10 – 14
JULHO
2023

SALVADOR – BA

Programa e Caderno de Resumos
Comunicações e Pôsteres
XVIII Congresso Internacional ABRALIC
10 a 14 de julho de 2023

ISSN: 2317-157X

Organizadoras
Iriane Soares dos Santos
Marianna Ilgenfritz Daudt
Rachel Esteves Lima

ABRALIC
Associação Brasileira de Literatura Comparada
2023 - Salvador (BA)

EXPEDIENTE

Promoção

Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC

Instituições Organizadoras

Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Comitê Organizador – Diretoria da ABRALIC 2022-2023

Presidente

Rachel Esteves Lima - UFBA

Vice-Presidente

Denise Carrascosa França - UFBA

Primeiro Secretário

Roberto Henrique Seidel - UNEB

Segundo Secretário

Márcio Ricardo Coelho Muniz - UFBA

Primeira Tesoureira

Ana Maria Bicalho - UFBA

Segunda Tesoureira

Ana Lígia Leite e Aguiar - UFBA

Membros Honorários

Mônica de Menezes dos Santos – UFBA

Nelma Aronia Santos – UNEB

Conselho Deliberativo

Andrei dos Santos Cunha - UFRGS

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha - UFU

Florentina da Silva Souza - UFBA

Gerson Roberto Neumann - UFRGS

João Camillo Barros de Oliveira Penna - UFRJ

Marcelo Magalhães Leitão - UFC

Maria de Fátima do Nascimento - UFPA

Rogério da Silva Lima - UnB

Membros suplentes

Cassia Maria Bezerra do Nascimento – UFAM

Edgar César Nolasco dos Santos - UFMS

Equipe Técnica

Marianna Ilgenfritz Daudt

Iriane Soares dos Santos

Nelson Costa S. Neto

Comitê Científico

Alvanita Almeida Santos

Breno Fernandes

Carla Dameane Pereira de Souza

Carmem Druciak

Evelina de Carvalho Sa Hoisel

Fernanda Rodrigues de Miranda

Jesiel Ferreira de Oliveira Filho

Júlia Morena Costa

Márcia Paraquett

Márcio Ricardo Coelho Muniz

Marianna Ilgenfritz Daudt

Mônica de Menezes Santos

Nancy Rita Ferreira Vieira

Paulo César Souza García

Pedro Alaim Martins Garcia Júnior

Rachel Esteves Lima

Roberto César Reis da Costa

Rosinês de Jesus Duarte

Ruth Trindade Braga Santana

Silvia La Regina

Suzane Lima Costa

Tiago Barbosa Da Silva

Comitê Executivo

Alessandra Paola Caramori

Ana Lígia Leite e Aguiar

Ana Maria Bicalho

Andréa Beatriz Hack de Góes

Antonia Torreão Herrera

Carmem Lúcia Druciak

Cristiane Maria C. L. Landulfo de Sousa

Denise Carrascosa França

Érica Aparecida Salatini Maffia

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Fernanda Rodrigues de Miranda

Gabriel Silva Almeida
Gabriela Lopes
Ísis Duarte Fernandes
Jacqueline Gama de Jesus
Jefferson Expedito Santos Neves
Juan Ignacio Azpeitia
Júlia Morena Costa
Lauro Iglésias Quadrado
Márcio Ricardo Coelho Muniz

Mônica de Menezes dos Santos
Nanci Araújo Bento
Nelma Aronia Santos
Pedro Alaim Martins Garcia Júnior
Rachel Esteves Lima
Roberto Henrique Seidel
Rodrigo Alves do Nascimento
Tiago Barbosa da Silva

PROMOÇÃO:



REALIZAÇÃO:



APOIO:



APRESENTAÇÃO

É com grande entusiasmo que a Associação Brasileira de Literatura Comparada apresenta o caderno de resumos de seu XVIII Congresso, que ocorre em Salvador-BA, de 10 a 14 de julho de 2023. À atual gestão da ABRALIC coube a responsabilidade – e o prazer – de retomar a vivência dos encontros presenciais na realização do Congresso. Após três anos de necessidade de recolhimento e afastamento físico decorrentes das turbulências da pandemia do Covid -19, essa oportunidade de encontro físico volta a ensinar a beleza da integração e da interação direta entre os participantes, trazendo consigo a retomada da alegria nos compartilhamentos das discussões acadêmicas.

Nesse sentido, na XVIII edição do Congresso Internacional da ABRALIC propusemos a temática **A Literatura Comparada e a invenção de um mundo comum**. Ao lançarmos um olhar para os temas dos congressos anteriores promovidos pela ABRALIC, percebemos claramente a presença de ideias relacionadas à prática de deslocamento e ao contato entre diferentes perspectivas. Seguindo esse caráter dinâmico e inovador, que sempre caracterizou nossa Associação, mesmo em tempos difíceis como os que temos vivido, nossa proposta, mais do que nunca, visa a celebrar a Literatura Comparada como a arte do encontro e da convivência.

A pandemia do coronavírus impôs limitações e desafios sem precedentes, intensificando a consciência de que precisamos uns dos outros para existir e evidenciando a necessidade de um esforço conjunto para resistir à exclusão, à ampliação das desigualdades e à destruição dos avanços conquistados em prol do bem comum. Após um período tenebroso, vemos renascerem as esperanças e reafirmamos nosso compromisso com um mundo onde todas as vidas verdadeiramente importem e possuam o mesmo valor.

Comemorando trinta e seis anos desde a fundação da ABRALIC, temos a convicção de que o investimento na Literatura Comparada trouxe uma abertura significativa para os estudos literários em nosso país. Desde o seu início, a Associação tem buscado criar um espaço de construção de saberes em diálogo, priorizando perspectivas "inter", "trans" e até mesmo "indisciplinadas". É realmente gratificante pensar que as teorias que sustentam a prática da Literatura Comparada têm gerado importantes reflexões para a redução das distâncias entre todos os seres vivos. Ao destacar a importância do respeito às diferentes formas de vida, do compartilhamento das experiências sensíveis, das políticas baseadas na amizade, dos diversos significados da palavra comunidade, da hospitalidade, das conexões entre diferentes formas artísticas, dos processos de tradução, das interações transculturais, da crítica ambiental e dos laços fraternais que transcendem tempo e espaço, elementos fundamentais em nossa vida acadêmica, a Literatura Comparada desempenha um papel fundamental na compreensão e no fortalecimento das relações humanas.

No atual evento de 2023, o XVIII Congresso ABRALIC conta com mais de 2000 participantes, incluindo simposistas, comunicadores, apresentadores de pôsteres, ouvintes e convidados, e os trabalhos a serem apresentados refletem o vasto percurso da ABRALIC ao longo de sua existência. As quase 1600 comunicações confirmadas terão lugar dentro dos 101 Simpósios distribuídos por afinidade em 10 Eixos Temáticos, que buscam abarcar uma ampla gama de tópicos que refletem a diversidade e a complexidade da Literatura Comparada.

No Eixo 1, "Contatos Interculturais: Diásporas, Viagens, Migrações", exploram-se as influências das dinâmicas de deslocamento humano na produção literária e nas trocas culturais. Já o Eixo 2, "Epistemologias Plurais, Saberes Comuns", busca desafiar as noções tradicionais de literatura nacional, abrindo espaço para a incorporação de diferentes formas de conhecimento. O Eixo 3, "Literatura Comparada como Zona de Vizinhança", propõe a literatura como um espaço de encontro e diálogo entre diferentes comunidades e regiões, transcendendo fronteiras geográficas e linguísticas. No Eixo 4, "Interseccionalidade: Raça, Gênero, Sexualidade e Classe nos Estudos Comparados", serão discutidas as interseções de identidades e as formas de opressão e privilégio presentes nas obras literárias. O Eixo 5, "Estéticas do Bem-Viver: Ancestralidades, Cosmopercepções e Coletividades", explora concepções de bem-estar e cosmovisões ancestrais presentes em diversas culturas. O Eixo 6, "Relações Interartes, Redes Virtuais, Metaversos", investiga as interfaces e diálogos entre a literatura e outras manifestações artísticas e tecnológicas. O Eixo 7, "Estética e Política, Literatura e Resistência", examina as interações entre a estética literária e a esfera política, destacando o papel da literatura na resistência e na transformação social. No Eixo 8, "Tradução como Arte do (Des)encontro", a tradução é apresentada como uma forma de encontro com a alteridade e de acesso a diferentes experiências de mundo. O Eixo 9, "Literatura e Espaços Comuns de Aprendizagem", aborda o papel da literatura na educação humanística em tempos desafiadores para as humanidades e as artes. Por fim, o Eixo 10, "Reinvenções do Mundo: Utopias e Distopias", explora as narrativas utópicas e distópicas como reflexos das crises e como fontes de reflexão sobre o futuro e a sociedade.

Neste caderno de resumos, você encontrará uma síntese das pesquisas e discussões que serão apresentadas durante o congresso. Cada resumo representa um convite para mergulhar nas múltiplas vozes e perspectivas que compõem o panorama da Literatura Comparada no Brasil e no mundo. Por meio do encontro de ideias, da troca de conhecimentos e do diálogo interdisciplinar, buscamos fortalecer nossa comunidade acadêmica e contribuir para a construção de um futuro mais inclusivo e solidário.

A gestão do biênio 2022/23, sediada em Salvador e sob a responsabilidade de pesquisadores docentes da UFBA e da UNEB, expressa imensa gratidão à comunidade acadêmica pela intensa participação no congresso e pelo engajamento demonstrado para garantir o sucesso deste evento realizado de modo inteiramente presencial. Agradecemos a todos os participantes, pesquisadores e palestrantes que tornaram este evento possível. Desejamos a todos uma experiência enriquecedora e

esperamos que este caderno de resumos seja uma ferramenta valiosa para a exploração e o compartilhamento de descobertas e novas reflexões.

PROGRAMAÇÃO



XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC

A Literatura
Comparada e a
invenção de um
MUNDO COMUM

10 – 14
JULHO
2023

SALVADOR – BA

10/07/2023 (SEGUNDA-FEIRA)

10h00' às 16h00'

CREENCIAMENTO

Local: Instituto de Letras da UFBA

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

17h00' às 19h00'

CERIMÔNIA DE ABERTURA

Local: Fiesta Convention Center

Av. Antônio Carlos Magalhães, 741 - Pituba

Discursos de boas-vindas e apresentação musical

Mediação: Márcio Muniz (UFBA)

Conferência

Anielle Franco

Conceição Evaristo

O radical projeto estético, político e ético das mulheres negras para a invenção de um mundo comum

Mediação: Florentina Souza (UFBA)

19h00 às 21h00'

CONGRAÇAMENTO

11/07/2023 (TERÇA-FEIRA)

08h30' às 10h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

10h00' às 10h30'

INTERVALO

10h30' às 12h30'

MESAS-REDONDAS

Local: Auditórios de Letras e dos Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

Mesa 1 - Como produzir o comum?

Auditório do Instituto de Letras

Patrícia Peterle (UFSC)

Formas de vida, poesia e pensamento

Ana Kiffer (PUC-Rio)

Instabilidade e laço: como viver num mundo dilacerado?

Mauro Iasi (UFRJ)

Como produzir o comum?

Ana Maria Clark Peres (UFMG)

A construção do comum na obra de Chico Buarque

Mediação: Marcelo Magalhães (UFCE)

Mesa 2 - Como os contatos interculturais afetam a literatura e seus estudos?

Auditório do PAF III

Anikeade Ayoh (Universidade de Ile Ifé – Nigéria)

A linha vermelha entre a mulher africana e sua cultura em niketche. **Uma história de poligamia**, de Paulina Chiziane, e **Purple hibiscus**, de Chimamanda Ngozi Adichie

Myriam Ávila (UFMG)

Mudança e imobilização

Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha – Itália)

O Brasil e o impensado colonial: Eduardo Lourenço, a Bahia e os fantasmas de Portugal

Luís Antônio Contador Romano (UNIFESSPA)

*Um fotógrafo de passagem por Portugal e Brasil: Roger Kahan nas revistas **Panorama e Travel in Brazil***

Mediação: Gerson Roberto Neumann (UFRGS)

Mesa 3 - Que diálogos culturais a tradução tem suscitado?

Auditório do PAF I (João Gonçalves)

Maria Aparecida Salgueiro (UERJ)

Desafios e perspectivas: tradução intercultural no mundo global pós-pandêmico

Ana Helena Rossi (UnB)

Tradução e Língua-cultura: algumas questões em andamento

Dennys Silva-Reis (UFAC)

Proximidade cultural, circulação literária e práxis tradutória: Quo vadis?

Guilherme Gontijo Flores (UFPR)

Diálogo, choque, equívoco da tradução

Mediação: Andrei dos Santos Cunha (UFRGS)

Mesa 4 - Abolicionismo. Feminismo. Já?

Auditório da Faculdade de Direito

Rua da Paz, s/n – Bairro da Graça

Angela Davis (Universidade da Califórnia, Santa Cruz)

Gina Dent (Universidade da Califórnia, Santa Cruz)

Denise Carrascosa (UFBA)

Mediação: Feibriss Cassilhas (UFBA)

12h30' às 14h30'

ALMOÇO

14h30' às 16h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

16h00' às 16h30'

INTERVALO

17h00' às 19h00'

SESSÃO PLENÁRIA

Local: Auditório da Reitoria da UFBA
R. Dr. Augusto Viana – Canela

Entrega do Prêmio Dirce Côrtes Riedel

Apresentação: Ivete Walty (PUC-Minas)

Conferência Plenária

Flora Sússekind

Analogia/Correspondência/Comparabilidade: algumas observações crítico-conceituais

Mediação: Mirella Márcia Longo Vieira Lima (UFBA)

19h00' às 21h00'

REUNIÃO DO CONSELHO DA ABRALIC

Local: Instituto de Letras

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

12/07/2023 (QUARTA-FEIRA)

08h30' às 10h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

10h00' às 10h30'

INTERVALO

10h30' às 12h30'

MESAS-REDONDAS

Local: Auditórios de Letras e dos Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

Mesa 5 - *Como incrementar o ensino da literatura na educação básica e superior? - Apresentação de propostas para aprovação na Assembleia*

Auditório do Instituto de Letras

Ana Crélia da Penha Dias (UFRJ)

Cristiane Brasileiro (UERJ)

Clécio dos Santos Bunzen Júnior (UFPE)

Maria Amélia Dalvi (UFES)

Maria Nazaré Mota de Lima (UNEB)

Suzane Lima Costa (UFBA)

Mediação: Márcio Muniz (UFBA)

Mesa 6 - *24 anos depois, como responder à pergunta “Literatura Comparada = Estudos Culturais”?*

Auditório do PAF III

Eneida Leal Cunha (UFRJ)

Embates político-culturais e desafios disciplinares: a transitividade da literatura

Raúl Rodríguez Freire (Pontificia Universidade Católica de Valparaíso – Chile)

Los estudios culturales en la era del Antropoceno

Raul Antelo (UFSC)
Comparatismo aturdito
Wander Melo Miranda (UFMG)
E depois dos Estudos Culturais?

Mediação: Edgar Nolasco (UFCG)

Mesa 7 - Táticas de politização da estética: o que vem se produzindo na atualidade?

Auditório do PAF I (João Gonçalves)

Beatriz Resende (UFRJ)
Crítica literária e as grandes questões contemporâneas
Regina Dalcastagnè (UnB)
A literatura e o momento presente
Karl Erik Schollhammer (PUC-Rio)
Os espaços do contemporâneo – topografias dinâmicas do que acontece
Milena Britto (UFBA)
Enfrentando antagonismos: rasura, pluralidade e diálogo no campo literário contemporâneo

Mediação: Mônica Menezes (UFBA)

Mesa 8 - Que epistemologias têm alargado o projeto nacional na literatura?

Auditório do PAF I (Nadja Viana)

Auritha Tabajara (Escritora)
Vozes ancestrais na literatura
Gustavo Henrique Rückert (UFPeI)
Poesia, autismo e as fronteiras da linguagem
Frederico Garcia Fernandes (UEL)
Anti-festivais: afetos e desafetos na literatura
Edil Silva Costa (UNEB)
Poéticas orais em questão

Mediação: Alvanita Almeida (UFBA)

12h30' às 14h30'

ALMOÇO

14h30' às 16h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)
R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

15h00' às 17h00'

CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO DE DR. HONORIS CAUSA À GRIOT VOVÓ CICI

Local: Auditório da Reitoria da UFBA
R. Dr. Augusto Viana – Canela

Mediação: Denise Carrascosa (UFBA)

16h00' às 16h30'

INTERVALO

17h00' às 19h00'

SESSÃO PLENÁRIA

Local: Auditório da Reitoria da UFBA
R. Dr. Augusto Viana – Canela

Homenagem à Profa. Laura Padilha

Apresentação: Rita Chaves (USP) e Silvio Jorge (UFF)

Entrega do Prêmio Tânia Franco Carvalhal

Apresentação: Evelina Hoisel (UFBA)

Conferência

Antonio Negri (Conferência gravada)
O manto de Arlequim: uma nova política do comum

Mediação: Cássia Lopes (UFBA)

13/07/2023 (QUINTA-FEIRA)

08h30' às 10h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)
R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

10h00' às 10h30'

INTERVALO

10h30' às 12h30'

MESAS-REDONDAS

Local: Auditórios de Letras e dos Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)
R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

Mesa 9 - Como a literatura tem se relacionado com outras artes e tecnologias?

Auditório do Instituto de Letras

Ivete Walty (PUC-Minas)

Metáforas transversais

Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP)

O Laocoonte de Lessing na era do ChatGPT: para além dos apocalípticos e (des)integrados

Frederico Oliveira Coelho (PUC-Rio)

"A felicidade é feita de metal"? - escritas, leituras e arquivos em tempos digitais

Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB)

Literatura e midiatização: navegar é preciso?

Mediação: Rogério da Silva Lima (UnB)

Mesa 10: Em nome da diversidade e da inovação, é preciso uma “crítica sem juízo”?

Auditório do PAF III

Ana Cecília Olmos (USP)

Escritura, crítica e comunidade na literatura latino-americana

Laura Erber (IIAS / Leiden University College)

Nas malas da crítica: notas sobre desafios à internacionalização da literatura brasileira

Italo Moriconi (UERJ)
Desafios ao literário
Kelvin Falcão Klein (UNIRIO)
Ecos e aparições na crítica sem juízo de W. G. Sebald

Mediação: Maria de Fátima do Nascimento (UFPA)

Mesa 11 - Como ensinar literatura com vistas à construção de espaços democráticos de aprendizagem?

Auditório do PAF I (João Gonçalves)

Graça Graúna (UFPE)
Literatura e Democracia na construção dos saberes indígenas
Allan da Rosa
As tranças do verbo: estéticas da letra preta, entre a saliva e a tinta
Adauto Locatelli Tauffer (UFRGS)
Nas franjas do cânone: a literatura afro-brasileira no ensino básico com vistas à construção de espaços democráticos de aprendizagem
Osmar Moreira dos Santos (UNEB)
Uma literatura para a revolução brasileira

Mediação: Paulo César Souza Garcia (UNEB)

Mesa 12 - Como a Literatura Comparada deve responder à emergência das novas comunidades transnacionais?

Auditório do PAF I (Nadja Viana)

Eduardo de Faria Coutinho (UFRJ)
Literatura Comparada: uma disciplina transcultural
José Luís Jobim (UFF)
Circulação transnacional da literatura: onde estamos e para onde vamos
Anderson Bastos Martins (UFJF)
O dever da Literatura Comparada e a globalização cosmopolita
Felix Ayoh'Omidire (UFBA)
Entre o português e o yorubaiano, o trânsito enriquecedor das expressões e temáticas exploradas na contemporânea literatura afro-brasileira

Mediação: Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB)

12h30' às 14h30'

ALMOÇO

14h30' às 16h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)
R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

16h00' às 17h00'

INTERVALO

17h00' às 19h00'

APRESENTAÇÃO DE PÔSTERES

Local: PAF III – Pavilhão de Aulas Glauber Rocha
R. Barão de Jeremoabo, s/n – Ondina

17h00' às 19h00'

LANÇAMENTO DE LIVROS

Local: Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa
Rua Barão de Jeremoabo, S/N - Ondina

19h00' às 21h00'

ASSEMBLEIA GERAL DA ABRALIC

Local: Auditório do Instituto de Letras
R. Dr. Augusto Viana – Canela

14/07/2023 (SEXTA-FEIRA)

08h30' às 10h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)
R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

10h00' às 10h30'

INTERVALO

10h30' às 12h30'

MESAS-REDONDAS

Local: Auditórios de Letras e dos Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)
R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

Mesa 13 - Qual poesia para o nosso tempo?

Auditório do Instituto de Letras

Julie Dorrico (UFRR)

A poesia indígena Makuxi

Célia Pedrosa (UFF)

A política da poesia

Ricardo Aleixo (Laboratório Interartes Ricardo Aleixo)

Poesia como forma de respirar o comum do mundo

Alberto Pucheu (UFRJ)

Qual poesia para o nosso tempo?

Mediação: Antonia Torreão Herrera (UFBA)

Mesa 14 - Que experiências do comum as artes vêm produzindo na contemporaneidade?

Auditório do PAF III

Fernanda Felisberto da Silva (UFRRJ)

Escritoras negras, acadêmicas negras, intelectuais negras: intercessão na construção do saber

Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR)

Da pista para as galerias: travestis e mulheres trans nas artes visuais contemporâneas

Paloma Vidal (UNIFESP)

Experiências do comum em algumas escritas performáticas contemporâneas

Ludmylla Mendes Lima (UNILAB)

Último jantar na Polana: fronteiras, contato e tradução nas literaturas moçambicana e sul-africana

Paola Berenstein Jacques (UFBA)

O enigma das cidades

Mediação: Roniere Menezes (CEFET-MG)

Mesa 15 - Como construir o “bem-viver” em nossas leituras e práticas acadêmicas?

Auditório do PAF I (João Gonçalves)

Cássia Maria Bezerra Nascimento (UFAM)

Letramento literário dos PPGs às escolas

Germana Araújo Sales (UFPA)

A Literatura e o processo de humanização

Maria Esther Maciel (UFMG)

Vidas ao redor: literatura e natureza

Alexandre Nodari (UFSC)

Mundos incomuns

Mediação: Felipe Tuxá (UFBA)

Mesa 16 - Que futuros a literatura contemporânea tem apresentado como alternativas para a reinvenção do mundo?

Auditório do PAF I (Nadja Viana)

Sonia Torres (UFF)

Ficção num mundo impensável: Literatura no Antropoceno

Ytanajé Cardoso (Escritor)

A literatura indígena como projeto de ressignificação dos tempos

Antonio Rediver Guizzo (UNIOESTE)

Literaturas do fim do mundo: o que vem depois do apocalipse?

Luciany Aparecida (Escritora)

Mulheres de caminho e a demolição do novo mundo: o sonho de futuro do passado

Mediação: Rosinês Duarte (UFBA)

12h30' às 14h30'

ALMOÇO

14h30' às 16h00'

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Local: Instituto de Letras e Pavilhões de Aulas da Federação (PAFs)

R. Barão de Jeremoabo, 147 – Ondina

16h00' às 16h30'

INTERVALO

17h00' às 19h00'

SESSÃO PLENÁRIA

Local: Auditório da Reitoria da UFBA

R. Dr. Augusto Viana – Canela

Entrega do Prêmio Boris Schnaiderman

Apresentação: Silvia La Regina (UFSB/UFBA)

Entrega do Prêmio Blaise Cendrars

Apresentação: Roberto Vecchi (UNIBO)

Conferência

Ailton Krenak
Escritas da Memória-Oralidade

Mediação: Júlia Morena Costa (UFBA)

Encerramento

Mediação: Rachel Esteves Lima (UFBA)

19h00' às 21h00'

SHOW DE ENCERRAMENTO

Em frente ao CEPAlA – Centro de Estudos Afro-Índio-Americanos da UNEB
Rua do Passo, 4 – Santo Antônio Além do Carmo

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS



EIXO I

**Contatos interculturais:
diásporas, viagens, migrações**



**SIMPÓSIO “(DES)SEMELHANÇAS E ESTRANHAMENTOS: ENCONTROS, DESENCONTROS E
RELEITURAS COMPARATISTAS NAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-DIASPÓRICAS”**

Lílian Paula Serra e Deus (UNILAB), Luciana Brandão Leal (UFV) e Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)

**OS PROVÉRBIOS COMO INTERTEXTOS EM "OS SOBREVIVENTES DA NOITE" (2008), DE UNGULANI
BA KA KHOSA**

Auliam Da Silva

Resumo: Na leitura de algumas obras do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa podemos perceber a atenção dada pelo autor aos provérbios. Em quase sua totalidade, "No reino dos abutres" (2002), "Orgia dos Loucos" (2008), "Ualalapi" (1987), "As mulheres do Imperador" (2018), "Entre Memórias Silenciadas" (2013), "Choriro" (2015) e "Os sobreviventes da Noite" (2008), verificamos o provérbio como recurso estilístico utilizado nessas obras do escritor acima citado. O autor é conhecido por seus textos literários que buscam ora desenterrar historiografias da formação de Moçambique ora revisitar as guerras, contemporâneas ao autor, que assolaram seu país. Acreditamos que são romances que merecem atenção por apresentarem um trabalho textual singular, além de serem narrativas de grande relevância tanto no cenário literário moçambicano quanto no cenário das literaturas de língua portuguesa. Este trabalho busca apresentar uma leitura do romance "Os sobreviventes da noite" (2008). Esta obra, valendo-se dos provérbios africanos, como intertextos, revela ao leitor uma gama de elementos da ancestralidade moçambicana/africana. As personagens, em meio aos acampamentos da guerra civil, utilizam os provérbios como forma de tentar entender a situação de guerrilha em que vivem. Nossa leitura parte da ideia de que os provérbios, como elaborações formais que Ba Ka Khosa se vale, nos permitem conhecer mais da tradição e cosmovisão moçambicana. Como arcabouço teórico, partiremos das ideias de Laura Cavalcante Padilha (2007), Adolfo Colombres (2000), James Obelkevich (1997), Catherine Fourshey (2019).

Referências: COLOMBRES, Adolfo. "Prólogo". In: CABAKULU, Mwambu. Proverbios Africanos. Trad. María Teresa Miccio. Buenos Aires, Argentina: Ediciones del Sol, 2000, p. 7-16. (Nossa tradução.). FOURSHEY, Catherine; GONZALES, Rhonda; SAIDI, Christine. África Bantu: De 3500 a. C. até o presente. Trad. Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. KHOSA, Ungulani Ba Ka. Os sobreviventes da noite. Maputo: Texto Editores, 2008. MOREIRA, Terezinha Taborda. Tradução e Criação: Repensando a Escrita Criativa na Literatura Africana. Disponível em: <<https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/244-tradu%C3%A7%C3%A3o-e-cria%C3%A7%C3%A3o-repensando-a-escrita-criativa-na-literatura-africana>>. Acesso em 14 de janeiro de 2023. OBELKEVICH, James. "Provérbios e História Social". In: BURKE, Peter; PORTER, Roy. História Social da Linguagem. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 43-81. PADILHA, Laura Cavalcanti. Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2 ed. Niterói: EDUFF, 2007.

**BANZO: UMA PONTE ENTRE TRAJETÓRIAS PASSADAS E PRESENTES, E A RESISTÊNCIA NOS POEMAS
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Bruna Carla Dos Santos

Resumo: Este presente artigo objetiva analisar as estratégias poéticas utilizadas em poemas da escritora Conceição Evaristo compõe o livro Poemas da recordação e outros movimentos, destacando os percursos da memória individual e coletiva que neles se encenam. Procura-se discutir como, nos poemas em questão, o presente mostra construído pela revivência da história do povo negro brasileiro, herdeiro das tradições e experiência dos africanos escravizados, bem como essa experiência é passada aos descendentes, criando laços entre o vivido e o recordado. Nos poemas da escritora, o passado relembado é motivação para um maior conhecimento de vidas subalternizadas que, todavia, não deixaram de legar aos seus descendentes exemplos de luta e vivência afetiva em

coletividade. Além disso, a memória retomada na escrita de Evaristo evoca traumas, recordações que cavam os rastros e restos do processo de escravização no Brasil. E, ao suscitar o termo Banzo em seus poemas Evaristo, nos traz à luz toda trajetória dos negros africanos vindos de África com suas experiências, vivências e reminiscências. Dentre vários teóricos solicitados pelas análises, destacam-se Andreas Huyssen, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak, cujas reflexões reforçam o desejo de que as “escrevivências” da escritora possa ser compreendida em seus vários traçados poéticos.

Referências: ALMEIDA, Dinoráh Lopes Rubim. Desafios da memória como fonte histórica: esquecimentos, silêncios, mutações e realidades. Disponível em: <<https://goo.gl/IYXBs>>. Acesso: 27 maio 2016. BEZERRA, Kátia da Costa. A cor da ternura: tecendo os fios da memória. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUC Minas, 2012. p.117-130. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1983. 220 p. BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços Literários e suas expansões. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397/1495>>. Acesso em: 09 out. 2016. (p. 1-15). CANDIDO, Antônio. Vários escritos. 3. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. 269p. DUARTE, Eduardo Assis. Conceição Evaristo: literatura e alteridade. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-5). _____ . Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-10). _____ . Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Scripta, Belo Horizonte, v.13, n. 25 , p. 63-79, jul. 2009. _____ . Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2011. p. 103-116. v.4. (Humanitas). EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Ed. Nandyala, 2011. 95 p.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE EM TRÂNSITO ESTÉTICO: ÁFRICA-BRASIL/BRASIL-ÁFRICA

Jorge Manoel Venâncio Martins

Resumo: Considerando os trânsitos entre as literaturas africanas e brasileira, as questões específicas de cada nação, no que tange aos eventos políticos e sociais, essa comunicação pretende discutir a importância dos escritores e poetas brasileiros nas feições e na criação das literaturas africanas. Nosso recorte se refere às literaturas angolana e moçambicana por uma escolha pessoal, mas percebe-se, pelas leituras recentes que a literatura brasileira, no caso dos poetas modernistas, destacam-se Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, entre outros, destacamos como nossa escolha para essa discussão, Carlos Drummond de Andrade. Pretende-se perceber como a obra poética deste poeta mineiro influenciou inclusive a estética de muitos autores africanos, optou-se então estudar aqui a poesia de Agostinho Neto e Luís Patraquim. Tendo como referência a proposta deste simpósio “discutir estratégias textuais e recursos de criação literária que possam ser considerados feições de ‘estéticas diaspóricas’[...]”. Apresento aqui a proposta de leitura da poesia social em A Rosa do povo e Sentimento do Mundo em diálogo com a poesia de Angola e Moçambique, especialmente a poética dos autores anteriormente destacados. Busca-se observar como a poesia de Carlos Drummond de Andrade influenciou e de certa forma ainda influencia a poesia africana, especialmente na estética e no fazer literário. Tal objeto de estudo tem como suporte teórico, os estudos sobre a literatura comparada, a intertextualidade e o discurso, para tanto, recorro a CANDIDO (2011), Antônio, TRIGO, Salvato (1986), BARTHES, Roland (1997).

Referências: BARTHES, Roland. Estética da Criação Verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Martins Fontes. SP. 1997 CANDIDO Antônio. Vários Escritos. 5ª ed. Ouro sobre o azul. 2011 TRIGO, Salvato. Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira. Lisboa : Vega, 1986.

OS ESPAÇOS ONÍRICOS E OUTROS ESPAÇOS EM "TERRA SONÂMBULA", DE MIA COUTO

Raquelle Barroso De Albuquerque

Resumo: O trabalho tem como objetivo refletir acerca do espaço ficcional, caracterizado no romance de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, através de sua atmosfera onírica e mística. A narrativa supracitada deixa marcada a questão dos espaços e como estes constroem as memórias, além das próprias identidades dos narradores, contadas através de uma narrativa poética. Os lugares e não lugares, sob a ótica de Certeau e Augé, os espaços de memória, as cartografias existenciais, tudo isto revela a ânsia das personagens em encontrarem o próprio eu. A estrada, o mar, as casas trazem a personalidade de quem os constroem, de quem os habita, tal como afirma o próprio Mia Couto. É nessa narrativa envolta em brumas de sonho, em que a verdade não seria tão importante quanto a verossimilhança, que as personagens, em estado de dormência, perfazem suas próprias escrituras, sustentadas pelas lendas e estórias dos que cruzaram antes deles essas mesmas estradas, os mesmos mares, cultivaram as mesmas terras, construíram e habitaram os espaços, que aparecem na narrativa como lugares místicos. Os espaços são desenhados, idealizados e sonhados pelas personagens, de forma a caracterizarem suas angústias, medos, desejos. Não são apenas o reflexo das paixões dos sujeitos, mas também atuam e agem, tais quais agentes, dos quais a narrativa depende para se desenrolar. Os espaços que abrigam as personagens são os mesmos que as aprisionam em um devaneio de incertezas, forjado pela esperança do encontro, seja ele com o próximo ou com as verdades fragmentadas, dos que tentam sobreviver entre guerras.

Referências: AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012. BARBIERI, Cláudia. *Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo*. In: BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney. *Poéticas do espaço literário*. São Paulo: Editora Claraluz, 2009, p. 105-126. BORGES FILHO, Oziris. *Espaço, percepção e literatura*. In: BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney. *Poéticas do espaço literário*. São Paulo: Editora Claraluz, 2009, p. 167-189. CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia de bolso, 2015. SILVA, Cristina Maria. *Caligrafias da existência: narrativas de Moçambique em Mia Couto*. Scripta, Belo Horizonte, v. 23, n. 47, p. 87-101, 1º quadrimestre de 2019. TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Edue, 2012.

GRITOS NEGROS DE LIBERTAÇÃO: BOA ESPERANÇA (RE)SIGNIFICADO EM FORMA DE POESIA

Roberta Maria Ferreira Alves

Resumo: A literatura, como percebemos, é o espaço no qual se estabelecem relações entre diversos saberes, que permitem aproximações e /ou distanciamentos encenados por autores e leitores em obras de lugares e tempos vários. Sob o peso da escravidão, do racismo e da opressão colonial, a arte da palavra pode funcionar como veículo de denúncia das inúmeras mazelas experienciadas pelos povos massacrados. Nesse contexto, alguns autores nos chamam atenção por seus discursos de valorização de sua “negritude”, tentando recuperar, valorizar e disseminar tradições africanas caladas pelo imperialismo europeu. Entendendo tal resgate como uma estratégia de resistência ao discurso colonizador, o objetivo desta reflexão é mostrar essa força de combate delineada pela pertencimento através de uma análise comparatista do nosso corpus composto pelo o poema “Grito Negro” (1964), do poeta moçambicano Craveirinha, cujo eu lírico se substantiva como força de trabalho para o colonizador; o poema “Sou Negro” (1961) do pernambucano Solano Trindade, que delineia sua ligação com sua ancestralidade e pelo rap “Boa Esperança” (2015), do paulistano Emicida, que propõe uma resignificação no tocante ao tráfico negreiro, ao colocar como título de sua canção o nome de um tumbeiro. Destacamos como os autores conseguem denunciar e revidar os abusos coloniais, escravocratas e racistas por meio da poesia. Em nossas elucubrações, dialogamos com Cesàire [1951] / (2020), Fanon [1952]/(2020) Mata (2013), Buesco (2017) entre outros. Os textos estabelecem, de forma peculiar, como ocorrem as relações de apagamento cultural e humano estabelecido pelas epistemologias dominadoras, através das palavras dos próprios autores que valorizam sua cor preta e sua identidade negra afirmando que devemos crer que o “tempero do

mar foi lágrima do preto” que durante séculos é a “força motriz” do mundo fomentando arduamente “o desejo de libertação”.

Referências: BUESCU, H. C. Literatura-Mundo Comparada e os Mundos em Português. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 32, 2017. CÉSAIRE, A. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020. CRAVEIRINHA, Xigubo. Maputo: Alcance Editores, 2008. FANON, F. Pele Negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu, 2020. MATA, I. Literatura-Mundo em Português: encruzilhadas em África. Anuario de Literatura Comparada. Salamanca, n. 3, 2013, pp. 107-12. OLIVEIRA, L. “Boa Esperança”. Intérprete: Emicida. In: Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. Intérprete: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Faixa 10 (3 min). TRINDADE, S. Cantares ao meu povo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SIMPÓSIO “A INVENÇÃO DE UM MUNDO COMUM: VIAGENS, MIGRAÇÕES E DIÁSPORAS JUDAICAS”

Alessandra Fabrícia Conde da Silva (UFPA), Lyslei de Souza Nascimento (UFMG) e Nancy Rozenchan (USP)

“QUEBRA-CABEÇAS JUDEUS: BUSCA DE IDENTIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA NOS ROMANCES A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES DE MOACYR SCLYAR E MESTIZO DE RICARDO FEIERSTEIN.”

Antonio Luciano de Andrade Tosta

Resumo: Esta comunicação investiga como a busca dos personagens judeus por um passado pessoal e cultural nos romances “A Estranha Nação de Rafael Mendes” de Moacyr Scliar e “Mestizo” do argentino Ricardo Feierstein propõem uma discussão e levam a uma compreensão mais profunda da identidade judaico-latino-americana. Estes romances exploram a complexidade da condição híbrida judaico-latino-americana e o entre-lugar da sua construção identitária. Estas duas narrativas fornecem grandes exemplos de como o transnacionalismo judaico tem sido uma consequência de grandes eventos históricos mundiais. Estes romances também mostram como o povo judeu nas Américas contribuiu significativamente para as formações nacionais, enquanto paradoxalmente foi marcado como forasteiro. “A Estranha Nação de Rafael Mendes” e “Mestizo” também são estudados enquanto romances históricos, analisando-se a forma em que a história é retratada nos dois textos, dando-se um enfoque especial ao modo como a história pessoal é conectada com a história nacional, assim como aos diversos entrelaçamentos entre história e memória nas duas narrativas. Por fim, os dois romances são investigados a partir do conceito de “narrativas de confluência”, cunhado pelo próprio apresentador. “Narrativas de confluência” são romances contemporâneos que chamam a atenção para o impacto da etnicidade sobre as identidades nacionais nas Américas. Estas narrativas históricas retratam os encontros culturais - conflitos e alianças, empréstimos pacíficos e apreensões violentas - que têm caracterizado a história dos continentes americanos desde o período colonial. Na segunda metade do século XX, leitores norte e sul-americanos testemunharam uma produção constante de romances que revisitam momentos de confluência cultural como um meio de revisar as histórias nacionais. A comunicação propõe que estes romances históricos, publicados em lugares como Brasil, Argentina, México, Estados Unidos e Canadá, compõem um gênero literário chave nas Américas. O gênero une as diversas partes do hemisfério através de três experiências históricas comuns: colonização, escravidão e imigração.

Referências: Tosta, Antonio Luciano de Andrade. “Confluence Narratives: Ethnicity, History, and Nation-Making in the Americas.” Lewisburg: Bucknell University Press, 2006.

AS MIL FOLHAS DO LUTO: COMIDA E MEMÓRIA NA LITERATURA DE NOEMI JAFFE

Claudia Cristina Maia

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo investigar a presença da comida e da culinária em dois livros de Noemi Jaffe em que a figura da mãe é central: O que os cegos estão sonhando? e Lili: novela

de um luto. O primeiro, publicado em 2012, compõe-se de três partes: a que dá início à obra é o diário e testemunho da mãe da escritora, Lili Stern, sobrevivente do campo de extermínio nazista de Auschwitz, onde esteve por cerca de um ano como prisioneira; a segunda parte é uma espécie de catálogo de verbetes escritos por Noemi Jaffe; e a terceira parte, um pequeno relato de Leda Cartum, filha de Noemi. São três textos escritos por três gerações de mulheres que têm como núcleo a experiência terrível da Shoá, vivida por Lili e retomada como uma herança traumática por sua filha e sua neta. Lili: novela de um luto, último livro da escritora, publicado em 2021, é uma elaboração pela escrita da morte de sua mãe, um relato intenso sobre as feridas do luto e a descoberta da ausência. Em ambos os livros, pretende-se abordar a comida e sua relação com a mãe no que diz respeito à subsistência alimentar, à tradição judaica e à memória do sabor e do saber, tomando-as como imprescindíveis para o trabalho de luto na literatura de Jaffe.

Referências: DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006 (páginas selecionadas). JAFFE, Noemi. Lili: novela de um luto. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. JAFFE, Noemi. O que os cegos estão sonhando?: com o Diário de Lili Jaffe (1944- 1945) e texto final de Leda Cartum. São Paulo: Editora 34, 2012. QUEIROZ, Maria José de. A comida e a cozinha ou Iniciação à arte de comer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. QUEIROZ, Maria José de. A literatura e o gozo impuro da comida. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994. RODEN, Claudia. The book of jewish food: an odyssey from Samarkand to New York. New York: Knopf Publishing Group, 1996.

MEIR KUCINSKI: A DIÁSPORA E A LITERATURA ÍDICHE NO BRASIL

Ernesto Mifano Honigsberg

Resumo: Meir Kucinski (1904-1976) foi um escritor judeu de origem polonesa, imigrante brasileiro, e professor da língua e literatura ídiche no país. Nesta comunicação, a partir de elementos da vida e da trajetória do autor, e da leitura e análise de alguns de seus textos e contos traduzidos ao português - mormente os presentes no livro "Imigrantes, Mascates e Doutores", organizado por Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz e na Coleção Judaica da Ed. Perspectiva, editada por Jacó Guinsburg -, pretendo investigar elementos da relação de Kucinski com o ambiente do "novo mundo" onde se encontra: a vida comunitária, cultural e intelectual da diáspora judaica no Brasil, as reminiscências do passado europeu presentes em sua literatura, o convívio com o Brasil e os brasileiros, e a opção pela manutenção da escrita literária em ídiche, mesmo com o franco declínio da língua, em número de escritores, falantes e ouvintes, a partir de meados do século XX. Nossa proposta envolverá a leitura detida e análise de contos e outros textos do autor - alguns inclusive de caráter autobiográfico -, bem como a fortuna crítica sobre o seu trabalho; buscando situá-lo em seu contexto sociocultural bem como explorar a relação de sua literatura com sua "fonte", a literatura ídiche europeia, bem como as transformações e peculiaridades que envolvem seu contato com a diáspora judaica brasileira, resultado de sua migração.

Referências: BEREZIN, Rifka e CYTRYNOWICZ, Hadassa (organizadoras). Contos de Kucinski: Imigrantes, Mascates e Doutores. Editora Ateliê, S. Paulo, 2002. GUINSBURG, Jacó. Aventuras de uma Língua Errante. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. GUINSBURG, Jacó. O Conto Ídiche. Coleção Judaica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1966. Kucinski, M. (2014). A mãe. Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG, 8(15), 182–191. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.8.15.182-191> Kucinski, M. (2015). Memórias da Primeira Guerra Mundial. Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG, 9(16), 196–200. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.9.16.196-200> Kucinski, M. (2019). Autobiografia. Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG, 13(24), 256–260. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.13.24.256-260>.

FOTOGRAFIA, LITERATURA E MEMÓRIA: ART SPIEGELMAN E JORGE MAUTNER

Filipe Amaral Rocha de Menezes

Resumo: Em busca de reconstruir a história de sobrevivência de sua família, Art Spiegelman entrevistou seu pai e vasculhou volumoso material guardado na casa paterna. Não podendo recuperar os diários que sua mãe escreveu por décadas, ele encontra um acervo fotográfico que compõe sua conhecida Graphic novel Maus, em reprodução fac-símile e redesenhadas no estilo das demais personagens. O escritor Jorge Mautner, também conhecido por sua obra musical, escreveu suas memórias de infância no livro O filho do Holocausto, no qual a Shoah permanece como um espectro onipresente: entre os capítulos, fotos do acervo pessoal do autor, em diversos momentos com seus pais, usando fantasia, suas irmãs, de amigos, um conjunto de imagens que ampliam o alcance do texto, oferecendo uma contribuição para o serviço da memória e da narrativa. A imagem fotográfica isola, preserva e apresenta um momento, um instante destacado do contínuo da vida, segundo John Berger, e que, segundo Boris Kossoy, faz com que a fotografia seja um inventário de informações acerca de um determinado momento passado. Em associação ao literário, com ênfase no memorialístico, as fotografias, que são vestígios de algo que já aconteceu, contribuem aportando outros elementos à narrativa, além da mera ilustração. Essa comunicação pretende demonstrar como as fotografias criam suas próprias narrativas adicionalmente ao trabalho da memória e da literatura autobiográfica em Art Spiegelman e Jorge Mautner.

Referências: BERGER, John. Para entender uma fotografia. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. KOSSOY, Boris. Fotografias e História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. MAUTNER, Jorge. O filho do holocausto: memórias (1941-1958). Rio de Janeiro: Agir, 2006. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Revista de Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. SPIEGELMAN, Art. Maus: a história de um sobrevivente. Tradução de Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. SPIEGELMAN, Art. Metamaus. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2022.

OUVIDOS NA ENFERMARIA E UM CHAPÉU DE TRÊS PONTAS: UMA LEITURA LITERÁRIO-SONORA DA OBRA DE PRIMO LEVI

Leandro Donner

Resumo: Este artigo coteja fragmentos de duas obras de Primo Levi – É isto um homem? e A trégua – a partir de leituras sonoras de seus escritos. Entende-se por leituras sonoras uma atenção ampliada à musicalidade e a outros aspectos auditivos expressos no conteúdo e na forma literária dessas obras, que resultam em um tecido sonoro-textual de efeito estético singular que permite diversas análises. Nessa perspectiva, busca-se apontar alguns expedientes criativos do autor e sobrevivente da Shoá, e as diferentes perspectivas com que ele interage com a música nas duas obras. O pesquisador procura, ainda, estabelecer e enunciar certas poéticas de escuta, particularmente aquelas de maior acento político, pincelando, neste processo, os quatro elementos sonoros – altura, duração, intensidade e timbre. Se, por um lado, em É isto um Homem?, Primo Levi se refere a talvez uma dúzia de canções que tocavam no Campo – marcando sensorialmente e de maneira permanente a experiência no Lager –, mas opta por não nomeá-las, rememorá-las em profundidade, ou tampouco esmiuçar aspectos criativos, por outro, o capítulo “O Teatro”, de A trégua, é recheado de descrições detalhadas de números musicais e artísticos que são frequentemente nomeados e contados com vívida memória. Primo Levi assume, assim, duas posturas bastante diversas ante o contato com a música em suas experiências como prisioneiro e como errante a caminho do lar. Este artigo busca realizar um sobrevoo sobre tais opções literário-musicais, analisando aspectos estéticos e contornos políticos.

Referências: BARENGHI, Mario. Por que acreditamos em Primo Levi?. Trad.: Pedro Spinola Pereira Caldas. Revista Digital do NIEJ, Rio de Janeiro, ano 5, n.9, p. 12-24, 2015. BERG, Marita. Jazz e outros estilos musicais "degenerados" foram alvo dos nazistas. Deutsche Welle. Berlim, 1 jun. 2013. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/18fq9>> Acesso em 20 ago. 2021. CELAN, Paul. “Fuga da Morte”. In: Sete Rosas Mais Tarde (antologia poética). Trad. João Barrento e Y.K. Centeno. Lisboa: Editora

Cotovia, 1993. HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. KAMIEN, Roger. Music: An Appreciation. Nova Iorque: Mc-Graw Hill, 2003. LERNER, Silvia Rosa Nossek. A música como memória de um drama: o Holocausto. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2017. LESSA, Renato. O Silêncio e sua Representação. Edição Laboratório de Estudos Hum(e)anos – Online, Rio de Janeiro: set. 2008. LEVI, Primo. É isto um homem?. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988. _____. A trégua. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010. MATOS, Lucas. Escuta Crítica – poesia e a palavra em performance. Blog Revista-Disco Bliss Não Tem Bis. 22 abr. 2014. Disponível em <<http://blissnaotembis.com/blog/2014/04/revista-disco-bliss-nao-tem-bis-escuta-critica-poesia-e-a-palavra-em-performance.html>> Acesso em 25 ago. 2021. NATTIEZ, Jean-Jacques. Music and Discourse: Toward a Semiology of Music (Musicologie générale et sémiologie, 1987). New Jersey: Princeton University Press, 1990. OBICI, Giuliano L. Condição da escuta: mídias e territórios sonoros. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. OSTINATO. In: Wikipedia : a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2020. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ostinato>> Acesso em 12 ago. 2021. SENNE, Thomas. Mostra em Bayreuth expõe destinos de músicos vítimas do antissemitismo. Deutsche Welle. Berlim, 29 jul. 2012. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/15eeb>> Acesso em 10 ago. 2021. TAVARES, Gonçalo M. Breves notas sobre música. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 2015. VIDAL, Eduardo. O Riso Leviano. Hurbinek: Revista do Centro Primo Levi PUC-Rio, Bines, R. K. e Lessa, R. (orgs.), Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2021, no prelo. WESTERMANN, Edward B. How the Nazis used music to celebrate and facilitate murder. The Conversation. Boston, 12 mar. 2021. Disponível em <https://theconversation.com/how-the-nazis-used-music-to-celebrate-and-facilitate-murder-155704>> Acesso em 27 ago. 2021. Obras audiovisuais: A TRÉGUA. Direção: Francesco Rosi. Produção: 3 Emme Cinematografica, Stéphan Films. Filme, 125 min. 1997. TREM DA VIDA. Direção: Radu Mihaileanu. Produção: Noé Productions, Raphaël Films, 7i A, Hungry Eye Lowland Pictures, Le Studio Canal +, RTL-TV. Filme, 103 min. 1998. A VIDA é bela. Direção: Roberto Benigni. Produção: Melampo Cinematográfica, Cecchi Gori Group Tiger Cinematografica. Filme, 116 min. 1997.

"ARISTÓBULO CONTURBA A PÓLIS DE LADO A LADO": KAVÁFIS LEITOR DE FLÁVIO JOSEFO.

Luiz Carlos de Barros Silva

Resumo: Leitor e intérprete de cronistas e historiadores antigos e bizantinos, o poeta grego-otomano Konstantínos Kaváfis (1863-1933) compôs poucos, mas expressivos poemas que narram fatos relacionados à história dos judeus. Muito provavelmente, esses poemas são frutos da leitura e interpretação das Antiguidades Judaicas, de Flávio Josefo, historiador judaico-romano do século I. Nesta comunicação, defendemos tal posição, entendendo que Kaváfis, para elaborar os poemas que ora analisamos (Alexandre Janeu e Alexandra, Filho de Hebreus (50 d. C.) e Aristóbulo), parte de uma leitura de Josefo, que escreveu sua obra em grego. Faz-se notar que, apenas pelas nacionalidades de ambos os autores estudados, podemos perceber que tratam-se de obras compostas em um inter-lugar: Josefo, entre a sua Judeia natal e Roma; Kaváfis entre a Grécia e a também grega Alexandria, localizada no Delta Egípcio. Em O judeu e as palavras (2015), ao entender a palavra como sustentáculo da continuidade judaica, Amos Oz contribui para o entendimento da recriação de Josefo realizada por Kaváfis: “Enquanto outras sociedades pré-modernas preservaram sua memória num padrão que podemos chamar de ‘pai-história-filho’, o equivalente judaico era ‘pai-livro-história-filho’ [...]. Muitas das palavras obviamente eram cíclicas, sempre relidas e reproferidas”. Ao basear-se em Flávio Josefo, Kaváfis não realiza uma mera versificação da história, isto é, de documentos, mas sim inspira acontecimentos e personagens históricos para expressar suas próprias preocupações filosóficas sobre o destino, o tempo, a beleza, a velhice e a solidão. Iturbe Moreno (2020) concorda que a novidade apresentada por Kaváfis reside em realçar o personagem dentro da história. Nestes poemas, temos o efebo Aristóbulo, o jovem esteta Jantes e Alexandre e Alexandra, os reis Asmoneus, inseridos em diferentes momentos de Israel e Antioquia. Estas e outras aproximações das obras dos dois autores são o tema desta comunicação.

Referências: Catsaouni, H. (1983). Cavafy and the Theatrical Representation of History. *Journal of the Hellenic Diaspora*, 10 (1–2), pp. 105–116. Cavafis, C. P. *Poesía completa* [Traducción de Pedro Bádenas de la Peña]. Madrid: Alianza Editorial, 1991. Iturbe Moreno, La poesía de Kavafis y la historia: un viaje al pasado griego. Vitoria: Universidad del País Vasco (UPV), 2020. Oz, Amos, OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. (trad. George Schlesinger). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ECOS DA SHOAH: COISAS E OBJETOS NA OBRA DE MEIR KUCINSKI

Lyslei De Souza Nascimento

Resumo: Em 2003, em *Imigrantes, mascates & doutores*, foram publicados alguns contos seminais de Meir Kucinski (1904, Polônia-1976, São Paulo) organizados por Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz que orquestraram, ali, vários tradutores do ídiche, a língua na qual foram originalmente escritos. Nessa coletânea, um arquivo literário da imigração judaica para o Brasil, o leitor pode vislumbrar línguas, etnias e tradições que, como as cidades visíveis e invisíveis de Italo Calvino, abrem-se como um atlas imaginário com suas fronteiras e limites. A literatura ídiche no Brasil tem, na obra de Kucinski, um dos acervos mais instigantes sobre esses complexos, mas infinitamente, ricos mundos compartilhados. Diante da contingência-limite da Shoah, os contos de Kucinski são especialmente paradigmáticos. Nesta comunicação, analisarei nos contos “A prédica”, “Mitzves, boas ações” e “O tio” presentes na parte intitulada “Ecos do Holocausto”, da coletânea, malas, livros e outras coisas e objetos, considerados, aqui, como índices de memória. Nesses textos, a memória de um mundo que foi, para sempre, deixado em ruínas – destruído pela violência, pela intolerância e pelos desatinos do poder – impõe aos perseguidos os males da ausência, mas também, os novos ares do mundo novo – articulado e rearticulado na ficção, não sem ironia ou sem estratégias de entrar e sair de outras culturas e tradições.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. CALVINO, Italo. *Cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. CARNEIRO, Maria Luiza. *Brasil: um refúgio nos trópicos, a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. GUINSBURG, Jacó. *Aventura de uma língua errante*. São Paulo: Perspectiva, 1996. IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997. KUNCISNKI, Meir. *Imigrantes, mascates & doutores*. Rifka Berezin et al. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Trad. Mansa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago, 1995. NASCIMENTO, Lyslei. *Cidades e textos invisíveis: Meir Kucinski e a literatura ídiche no Brasil*. *Noah/Noaj*, n. 16-17, p. 243-253, jul. 2007. QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

PEREGRINAÇÃO E MESSIANISMO COMO ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO TEXTO APOLOGÉTICO DUM CRIPTOJUDEU PORTUGUÊS

Mario Augusto Gonzalez Molina

Resumo: Na Europa do século XVII em Portugal e Espanha apresentam-se produções específicas de autores os quais respondem à situação produzida pela respectiva Inquisição e o seu poder sobre o controle sócio-religioso estatal. Assim, na prática artística, emerge a literatura de criptojudeus (em espanhol «literatura de conversos») como categoria teórica que os críticos contemporâneos propõem (Cohen, 2013; Den Boer, 2006; Gonzalez Molina, 2021; Fine, 1993; Surtz, 1995). Essa baseia-se na constituição de um sujeito do discurso que pesquisa um locus de enunciação partindo da identidade liminar do cristão novo segundo estratégias textuais, tópicos, e vozes narrativas e líricas. O «problema converso», portanto, inscreve-se no discurso literário e permite refletir sobre a identidade dos criptojudeus a partir de uma proposta estética com um corpus heterogêneo enquanto aos gêneros literários. No caso dos criptojudeus espanhóis e portugueses que emigraram ao norte europeu, durante os séculos XVI e XVII a cidade de Amsterdã foi o centro cultural e religioso para eles que pesquisavam a liberdade religiosa e assim recompor a sua identidade como judeus

plenos. A maior parte da literatura produzida em prosa alí tendia para a reeducação dos correligionários que tinham retornado ao judaísmo; desse jeito um dos gêneros principais cultivados foi a apologética. Esta comunicação propõe uma leitura da peregrinação e o messianismo (Goldish, 2001; Taub, 2012, 2021) como eixos de leitura que terão um caráter de estratégia discursiva num manuscrito inédito de João Pinto Delgado, autor judeu português de expressão espanhola. O texto tem o título «Dialogos contra a Cristandade» e aquele representa um exemplo da apologética dos cristãos novos. A análise examina a constituição daqueles eixos segundo as alegorias do «converso» (convertido) como sujeito errante/migratório (Wilke, 1996) e a viagem como exílio e redenção da sua situação num futuro reparador.

Referências: Den Boer, Harm (2006). "El cristiano imaginado o la réplica del converso" en Den Boer, Harm y Díaz-Mas, Paloma (dir.). *Fronteras e interculturalidad entre los sefardíes occidentales*. Amsterdam/New York: Rodopi, 13-20. Cohen, Shai (2013). "La literatura conversa, ambigüedades e interpretación", *Estudios Filológicos*, 52, 41-51. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.4067/S0071-17132013000200003> Fine, Ruth (2013). "La literatura de conversos después de 1492: autores y obras en busca de un discurso crítico" en Fine, Ruth; Michèle Guillemont y Juan Diego Vila (coords.) *Lo converso. Orden, imaginario y realidad en la cultura española (siglos XVI y XVII)*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 499-526. Goldish, Matt. (2001). "Patterns in Converso Messianism", en Matt D. Goldish y Richard H. Popkin (eds.). *Millenarianism and Messianism in Early Modern European Culture*. Vol. I. Berlin: Springer Science+ Business Media Dordrech, 41-62. Gonzalez Molina, Augusto (2021). "Hacia la configuración del sujeto cultural converso en João Pinto Delgado". *eHumanista/Conversos. Journal of Iberian Studies*, 9, pp. 210-226. Disponible en: <https://www.ehumanista.ucsb.edu/conversos/9> [Acceso 16 Nov. 2022] Surtz, Ronald (1995). "Características principales de la literatura escrita por conversos: algunos problemas de definición." En Ángel Alcalá (ed.). *Judíos, sefarditas, conversos: La expulsión de 1492 y sus consecuencias*. Valladolid: Ámbito, 547-556. Taub, Emmanuel (2012). "Ley, justicia y tiempo por venir: Maimónides y el ideal mesiánico". *Anacronismo e irrupción: Revista de Teoría y Filosofía Política Clásica y Moderna*, 2(2), 11-33. En: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/anacronismo/article/view/1010> ---- (2021). "Del mesianismo profético al mesianismo político: reflexiones sobre la arqueología del poder soberano". *Cuadernos Judaicos*, 38, 260-289. En: <https://doi.org/10.5354/0718-8749.2021.65787> Wilke, Carsten Lorenz (1996). "Conversion ou retour? La métamorphose du nouveau chrétien en Juif portugais dans l'imaginaire sépharade du XVII siècle", en Esther Benbassa (ed.), *Mémoires Juives d'Espagne et du Portugal*. París: Publisud, 53-68.

REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA E DO EXÍLIO JUDAICOS NA REVISTA ACADÊMICA

Mônica Gomes da Silva

Resumo: A Revista Acadêmica (1933-1948), publicação crítico-literária editada pelo jornalista carioca Murilo Miranda (1912-1971), dedicou um espaço significativo à denúncia contra o antissemitismo que grassava na Europa através da ascensão do nazismo, bem como suas repercussões no Brasil. Em 1938, foi uma das primeiras publicações brasileiras a mencionar a existência dos campos de concentração, conforme depoimento de Moacir Werneck de Castro (apud VELASQUES, 2000, p. 154), editor do periódico em parceria com Murilo. Pode-se acompanhar o intenso debate, nas páginas da publicação, sobre o problemático conceito de raça e as consequências trágicas do racismo durante a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945). Entre os vários intelectuais que colaboraram com a revista, destaca-se o pintor russo Lasar Segall (1889-1957). De origem judaica, nascido no território correspondente, hoje, à Lituânia, o artista participou, ativamente, com textos e pinturas que se reportam à perseguição, ao genocídio, à diáspora e ao exílio dos judeus durante a Segunda Guerra. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar a campanha antinazista empreendida pelo periódico, através de artigos e obras de arte. Busca-se, também, revisar a colaboração de Lasar Segall na Revista Acadêmica, tanto com obras publicadas, como membro do corpo editorial da revista, conforme atesta a correspondência com Murilo Miranda. O material selecionado para a análise —

os exemplares da revista e da correspondência de Murilo Miranda — encontra-se na Coleção Plínio Doyle e no Acervo Murilo Miranda na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Para a fundamentação teórica, recorrem-se, inicialmente, aos estudos de Claudia Valladão de Mattos (1994), Hanna Arendt (2008), Laura Maria de Abreu Daniel Ribeiro (1989) e Muza Clara Chavez Velasques (2000). Pretende-se, assim, a partir da trajetória de Lasar Segall e dos textos e obras analisados, recuperar as representações diaspóricas e exílicas judaicas nas páginas da Revista Acadêmica.

Referências: ACERVO MURILO MIRANDA. Sigla: MMi. Procedência: doado por Yedda Braga Miranda. Instrumento de pesquisa: não possui. Estágio de tratamento: não organizado. Dimensão: 2,18 m. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). ARENDT, Hannah. Homens em tempos sombrios. 1. ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. MATTOS, Claudia Valladão de. Lasar Segall e sua crítica no contexto da modernidade. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 101-113, 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jan. 2023. RIBEIRO, Laura Maria de Abreu Daniel. Revista Acadêmica (1933-1948) e Arte Moderna Brasileira nas Décadas de 1930-1940. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989. VELASQUES, Muza Clara Chavez. Homens de letras no Rio de Janeiro nos anos 30 e 40. Tese (Doutora em História Social) — Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/6.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

ITINERÁRIOS DE MOÏSE BENNARROCH: LÍNGUAS E VIVÊNCIAS

Monique Rodrigues Balbuena

Resumo: Este trabalho analisará a obra do poeta e romancista marroquino-israelense Moïse Bennaroch, centrando-se na sua escrita multilíngue e eminentemente multicultural. Partindo de seu famoso poema de imigrante “Sobre minha subida à terra de Israel”, discutido pelo poeta Dan Pagis, mas também considerando sua “Trilogia Tetuani”, observarei as múltiplas geografias que figuram em sua obra, as “viagens” e transformações linguísticas do autor (que escreve em espanhol, inglês e hebraico, embora seja também fluente em francês), alguns de seus diálogos intertextuais, que perpassam várias tradições linguísticas, e a forma como ele combina estes elementos para expressar sua própria identidade sefardita—uma identidade que inclui forte marroquinidade, e que disputa representações dominantes na sociedade israelense e no mundo judaico. Bennaroch nasceu em Tetuán, no Marrocos espanhol, em 1959. Imigrou para Israel aos 13 anos, em 1972. Segundo conta, foi uma das piores experiências de sua vida. Começou a escrever em inglês, aos 15 anos. Depois voltou-se ao hebraico, língua em que escreveu por 20 anos, antes de então passar a usar o espanhol. Reconhecido com o prêmio de literatura Primeiro Ministro de Israel, Bennaroch continua escrevendo poesia e prosa, agora dedicando-se exclusivamente à escrita. Visto por uns como importante escritor israelense da atualidade, e por outros como poeta marroquino, e ainda como “poeta sefardita (ao que ele diz, “sou uma espécie de fantasma vindo do passado), Bennaroch é um exemplo de escritor que transcende as fronteiras geográficas, linguísticas e identitárias.

Referências: Bennaroch, Moïse. *The Immigrant's Lament*. Yaron Golan, Tel Aviv, 1994. ---?-----
-----*. The Poetry of the End of the World*. Yaron Golan, Tel Aviv, 1999. ?-----'. Tetuani
Trilogy. Muván, Tel Aviv, 2019.

A CRIAÇÃO DE UM NOVO MUNDO: JUDEUS ETÍOPE EM ISRAEL

Nancy Rozenchan

Resumo: Partir de um país onde a esmagadora imposição religiosa colocou em perigo a sua antiga fé, foi uma das etapas na busca de autopreservação a que os judeus etíopes (Beta Israel) tiveram que se submeter. Em Israel, sua nova terra onde desembarcaram há pouco mais de trinta anos, às agruras conhecidas que imigrantes ao país passaram nas décadas que antecederam e sucederam a criação

do Estado, coube, aos etíopes, a penosa tarefa de entender a mudança hierárquica pela qual a própria família precisou passar, ao lado das demais diferenças socioeconômico-culturais. E, a todas essas, sobrepôs-se a distinção da cor da pele. Nossa proposta é abordar como tais enfrentamentos e adaptações à nova experiência se apresentam na linguagem ousada da coletânea de contos de Dália Betolin-Sherman, *Eich shehaolam nihiya lavan* (Como o mundo se tornou branco, Tel Aviv, Kineret, Zmora-Bitan, Dvir, 2013), uma das raras escritoras israelenses de origem etíope. É através do olhar da personagem Ester-menina e, depois, adolescente, quando o crescimento é acompanhado pela sensação opressiva de estranheza, que se pode seguir a complexidade da experiência no novo país, que se soma à dificuldade da convivência com a mãe, merecedora do respeito, conforme a tradição ancestral, mas difícil de ser respeitada pela sua fraqueza, analfabetismo, desemprego e desencanto.

Referências: Dália Betolin-Sherman, *Eich shehaolam nihiya lavan* (Como o mundo se tornou branco), Tel Aviv, Kineret, Zmora-Bitan, Dvir, 2013.

A CICATRIZ DE ELISA: EXÍLIO E MEMÓRIA EM ROMANCES DE ELISA LISPECTOR

Nicolas Ferreira Neves Jacintho

Resumo: A comunicação tem como objetivo estudar a maneira pela qual as temáticas da memória e do exílio se imbricam nos romances *Além da fronteira* (1945), *No exílio* (1948) e *Retratos antigos* (2012), ambos de Elisa Lispector, e inseridos em um contexto de produção literária ligado ao deslocamento de famílias de origem judaica ao Brasil durante as primeiras décadas do século XX. A literatura que então floresceu construiu uma geografia imaginária derivada da impossibilidade de retorno e calcada em alguns elementos temáticos e narrativos ligados ao exílio e à memória. Por isso, propõe-se como hipótese que as obras a serem analisadas se estruturam por meio de memórias narrativizadas, de modo que serão fulcrais à comunicação as reflexões de Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2006), bem como as discussões propostas por Theodor Adorno, sobre a elaboração do passado (1997), e de Walter Benjamin, em suas teses sobre o conceito de História (1987). Finalmente, haja vista a relação entre a memória e o exílio, será de suma importância para a comunicação a análise de Maria José de Queiroz sobre o exílio em *Os males da ausência ou a literatura do exílio* (1998), bem como as reflexões de Georg Simmel no texto *O estrangeiro* (2005) e de Donatella di Cesare em *Estrangeiros residentes* (2020).

Referências: ADORNO, Theodor W. Was bedeutet Aufarbeitung der Vergangenheit? In: _____. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1997. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. CESARE, Donatella. *Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração*. Trad. Cezar Tridapalli. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2017. LISPECTOR, Elisa. *Além da fronteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. _____. *No exílio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. _____. *Retratos antigos: esboços a serem ampliados*. Nádia Batella Gotlib (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. SIMMEL, Georg. 'O estrangeiro'. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE, Vol.4, n.12, dezembro de 2005, p. 265-271.

MEMÓRIA E TRADIÇÃO: A LÍNGUA ÍDICHE NA OBRA DE BERNARDO KUCINSKI

Ricardo Augusto Garro Silva

Resumo: A comunicação terá como objetivo analisar parte da obra ficcional de Bernardo Kucinski em que temas relativos a viagens, migrações e ao estabelecimento da cultura judaica no Brasil se constituam como elementos das narrativas. De origem judaica, Kucinski tem sua obra ficcional marcada por temas ligados à violência política e a embates identitários e geracionais que salientam diferenças constitutivas entre sujeitos e coletividade. Dentro dessa perspectiva, um dos aspectos a que cabe salientar está ligado justamente à sua relação com a língua ídiche, seja no tocante à criação literária, seja referente às relações estabelecidas entre familiares, sobretudo pais e filhos. Em seus livros, ora o ídiche é referido como um ponto de desacerto e barreira que representa a incapacidade

de entendimento e de estabelecimento de relações pessoais, ora como fonte de herança familiar capaz de unir passado e presente na busca do restabelecimento de uma memória coletiva. É intenção partir de Aventuras de uma língua errante, livro de Jacó Guinsburg sobre o ídiche, no qual o autor apresenta a língua como fator histórico de permanência e difusão da cultura judaica pelos séculos, para traçar, na obra de Kucinski, as referências que, em diálogo com a cultura geral brasileira, se mostram como estratégia de afirmação da cultura e das tradições judaicas na sociedade contemporânea.

Referências: GUINSBURG, Jacó. Aventuras de uma língua errante. São Paulo, Perspectiva, 1996. KUCINSKI, Bernardo. A cicatriz e outras histórias: (quase) todos os contos de B. Kucinski. São Paulo: Alameda, 2021. KUCINSKI, Bernardo. K. – Relato de uma busca. São Paulo: Cosac Naify, 2014. KUCINSKI, Bernardo. Os visitantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. KUCINSKI, Meir. Imigrantes, mascates e doutores. Organização e seleção de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SAMUEL RAWET E A MILENAR ERRÂNCIA JUDAICA

Saul Kirschbaum

Resumo: Entre o sexto século antes da era comum e a primeira metade do século vinte da era comum, a história do povo judeu é marcada por uma sucessão de expulsões, exílios, migrações forçadas. Destino ontológico ou sucessão de conjunturas históricas interligadas em maior ou menor grau, essa sucessão pode ser resumida em uma palavra: errâncias; catástrofes que marcaram de forma indelével a postura desse povo em seu relacionamento com o mundo não-judaico, com as populações de acolhimento (ou de opressão). O escritor judeu-polonês-brasileiro Samuel Rawet, ele mesmo vítima dessa conjuntura - dadas as condições opressivas a que a população judaica da Polônia foi submetida no período entre guerras mundiais -, veio, em sua vida e em sua obra literária, a refletir esta condição existencial; nas palavras de Flávio Moreira da Costa, responsável pela orelha de Samuel Rawet: contos e novelas reunidos (2004), “há dois tipos, simplificando, de escritores de origem judaica: os que respeitam a tradição cultural de seu povo, e fazem disso o caldo principal de sua criação, como Singer e o nosso Scliar, e aqueles que lutam com e às vezes contra ela, como Roth e o nosso Rawet. Rawet, aliás, debateu-se tanto que, mais errante do que judeu, se perdeu no final do caminho. Sua morte solitária em Brasília, ‘perseguido’ por tudo e por todos, é o próprio retrato trágico do isolamento humano”. Nesta comunicação focalizaremos a obra prima de Samuel Rawet, a novela “Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado”, publicada originalmente em 1970, texto em que o autor oferece um amplo panorama da milenar errância judaica, em suas dimensões espaciais e temporais.

Referências: Rawet, Samuel, Contos e novelas reunidos; organizador André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIMPÓSIO “GEOPOESIA DAS VIAGENS E DEMIGRAÇÕES: PASSAGENS, POLIFONIAS E RAIZAMAS EM LITERATURAS DE CAMPO”

Ana Clara Magalhães de Medeiros (UFAL), Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB) e Willi Bolle (USP)

OMBOJERA RAPE, CAMINHOS DO DESDOBRAMENTO: O ELEMENTO TUPI-GUARANI NA LITERATURA BRASILEIRA

Adalberto Muller Junior

Resumo: Esta comunicação se insere no contexto de um projeto recentemente aprovado no edital Cientista do Nosso Estado da FAPERJ: “Ombojerá: Desdobramentos Tupi-Guarani na Literatura Brasileira” (2023-2026), que tem por objetivo pesquisar matrizes de uma certa literatura indígena, cuja inscrição se pode detectar no próprio seio da Literatura Brasileira canônica, quando esta é relida com lentes ameríndias, que ampliam a importância do elemento Tupi-Guarani em obras como as de Anchieta, Alencar, Gonçalves Dias, Raul Bopp. Faz parte desse projeto também ler (no original) e traduzir textos de idiomas da família TG (especialmente Tupi/Nheengatu, Kaiowá, Nhandeva e Mbyá)

que possam servir de paradigma a algo como uma “literatura colateral” ao/em nosso cânone literário. Esses “textos”, que provêm do domínio da tradição (literatura oral ou oratura) incluem cosmogonias, cantos, rezas, preceitos, e podem se constituir num corpus interessante para uma se pensar e produzir uma “formação” da Literatura Brasileira mais inclusiva, sobretudo para escolas indígenas, mas não apenas. Entre tais textos, destacam-se os cantos e rezas Mbyá e Kaiowá que circunscrevem uma visão “vegetal” do cosmos (como o Ayvu Rapyta, da tradição Mbyá), ou que apresentam a ideia de caminhada (oguatá, na tradição Kaiowá) em direção a um modo de viver (teko aragyidje) perfeito, ou seja, mais coeso/igualitário socialmente, e mais respeitoso com outras dimensões de existência (plantas, bichos, deuses, antepassados). Assim, pensar a “literatura” TG (a que está inscrita no cânone e a que está em suas margens) implica em repensar questões como identidade nacional, mono/multilinguismo, memória, e meio-ambiente, Antropoceno.

Referências: CLASTRES, Pierre. A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Tradução Nícia Adan Bonatti. Campinas, SP: Papyrus, 1990. BENITES, Eliel. A Busca do Teko Araguayje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá. Tese (Doutorado em Geografia). UFGD, 2021. DIAS, Gonçalves. O Brasil e a Oceania. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. DOR, Rémy. Ecrire l'oral, traduire l'écrit : quelques remarques centrées sur des matériaux özbek. In: Revue du monde musulman et de la Méditerranée, n°75-76, 1995. Oral et écrit dans le monde turco-ottoman. pp. 29-51 MÜLLER, Adalberto. Ayvu Rapyta: Cosmopoética Guarani Mbyá. Tradução, introdução e notas de Adalberto Müller. Posfácio de Álvaro Faleiros (no prelo). MÜLLER, Adalberto. Imaginary Geography: Dickinson Latina. In Cristanne Miller; Karen Sánchez-Eppler (orgs.). The Oxford Handbook Of Emily Dickinson. 1ed.Oxford: Oxford University Press, 2022, v. 1, p. 497-517. MÜLLER, Adalberto. Tupinambá: Canción de La Serpiente. In: Francisco Segovia; Adrián Muñoz; Juan Carlos Calvillo. (Org.). Primer Amor: Antología Poética. 1ed.Mexico: El Colegio de Mexico, 2022, v. 1, p. 339-343. TEIXEIRA, Ava Nomoandyja Atanásio. Cantos dos animais primordiais. Org. e tradução Izaque João. São Paulo: Hedra, 2021 (Col. Mundo Indígena). VALENTIM, Marco Antonio. Cosmologia e política no Antropoceno. Ethic@, Florianópolis, v. 19, n. 2, 300-317. Ago. 2020. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Ubu, 2017.

ONÇA OCEANO, JAUARETÊ, GEOPOESIA: HERMENEGILDO BASTOS E UMA POÉTICA-PALAMES ENTRE BRASÍLIA E BAHIA

Ana Clara Magalhães de Medeiros

Resumo: “Onça oceano” é um longo poema de versos curtos publicado em Brasília, mas enraizado (com raízas biográficas e críticas) na Bahia. Trata-se do poema principal do livro Palames, de 1985, escrito pelo poeta baiano que viveu e atuou (como poeta e professor da Universidade de Brasília) no Planalto Central. Nosso objetivo é pensar como as aproximações estéticas entre o litoral (oceano) e o sertão-cerrado (onça) produzem um poema-hífen, posto que sem lugar específico, mas habitante de ao menos dois espaços tão físicos quanto imaginários – Brasília e Bahia. Ainda, buscamos mapear os procedimentos dialógicos (BAKHTIN, 2006) em torno da obra Palames e sua repercussão no seio da arte brasiliária, em termos de versos e telas, que se vêm produzindo no cerrado brasileiro já neste século XXI. Interessa-nos evidenciar uma tradição onça/jaguar na literatura do sertão-cerrado brasileiro desde o lançamento de conto Meu tio o Iauaretê por João Guimarães Rosa nos anos 1960, que tem sua continuidade ético-estética em pelo menos três autores que habitaram Brasília nos últimos 50 anos: Hermenegildo Bastos, que fez abundar “Onça oceano” como coisa curtida na Praia da Unhão (Bahia); Augusto Niemar, poeta goiano radicado em Brasília, que no livro de poemas dedicados à capital federal (onde as ruas não têm nome, RODRIGUES, 2010) teceu pelo menos dois poemas que amalgamam a onça de Palames e o onzeiro roseano; Lemuel Gandara, artista visual goiano que pintou cinco retratos de onças, apresentadas na exposição Metamundus, ocorrida na capital do Brasil em 2022. Estabelecendo um tripé artístico, fincado em Brasília, que irradia geopoesia da onça, desnudamos as malhas responsivas que fazem do Sertão-Cerrado um oceano poético por ser descoberto pela crítica literária de orientação polifônica.

Referências: BASTOS, Hermenegildo. Palames. Brasília: Thesaurus, 1985. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. BOLLE, Wille.

Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2004. GANDARA, Lemuel. Catálogo Metamundus (livro eletrônico): crítica da pulsão visual. Curadoria: Augusto Niemar. Brasília, DF: Ed. do autor, 2022. RODRIGUES, Augusto. Onde as ruas não têm nome. Brasília: Thesaurus, 2010. ROSA, João Guimarães. “Meu tio o iauaretê”. ROSA, João Guimarães. Estas estórias. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. SILVA JUNIOR, Augusto. Geopoesia da boa morte: a flâneuse Cora Coralina pelas ruas da tanatografia. Leitura, UFAL, n. 68, p. 368–378, 2021.

LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TECENDO DIÁLOGOS A PARTIR DA CULTURA POPULAR

Eduardo Junio Ferreira Santos

Resumo: Tecer teias dialógicas para fazer emergir as sensibilidades ocultas pela desatenção de belezas que podem se encontrar justamente no ordinário - constituindo costuras discursivas por meio da estética literária - tem se mostrado um exercício salutar para tirar a literatura do imaginário do inalcançável. Costurar essas teias, fazendo emergir infinitas possibilidades interpretativas por meio de pontes de intertextualidade entre obras literárias, mostra-se extremamente necessário em um momento político em que o estabelecimento de relações entre os fenômenos que constituem o mundo social mostra-se urgente, pois a leitura do mundo perde valor quando é feita desconsiderando-se suas relações. De um lado a crônica Mila (Carlos Heitor Cony) revela, expondo pontos de vistas sobre os quais pouco se reflete, sentimentos escamoteados pela repetição insensível do ordinário; de outro lado, o clássico conto Baleia (Graciliano Ramos), com uma narrativa que também revela pontos de vistas outros, escancara facetas do absurdo da fome, nos fazendo refletir sobre circunstâncias da vida que extrapolam qualquer obviedade. A aproximação entre as duas narrativas põe em evidência as possibilidades de realização humana, de encontro com a plenitude, bem como, e sobretudo, a ausência dessas possibilidades. Este trabalho é um breve relato de experiência que pretende expor como a aproximação de duas narrativas literárias - produzidas em momentos distintos e por autores diferentes - nas aulas de Língua Portuguesa em uma turma de Ensino Médio na modalidade EJA, no Campus Anápolis do Instituto Federal de Goiás, rompeu distanciamentos, aproximando os discentes do mundo literário ao revelar que a literatura é um espaço acessível, alcançável, que nos ajuda a compreender nossas vivências, anseios e dilemas.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética – A teoria do romance. Trad. Aurora Bernardini, José Pereira Jr., Augusto Góes Jr., Helena Nazário e Homero de Andrade. 5. ed. São Paulo: HUCITEC; Annablume, 2002. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, BOSI, Alfredo. O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1974. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários escritos. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191. CONY, Carlos Heitor. Mila. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). Figuras do Brasil: 80 autores em 80 anos de Folha. São Paulo: Publifolia, 2001. p. 318-319. RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio, Record, 35ª., 1976.

QUATRO VEZES LIBÉRIA

Elizama Almeida de Oliveira Carvalho

Resumo: Em julho de 1944, Clarice Lispector passa dois meses em um navio que parte do Brasil com destino à Itália. Neste trajeto, a autora para por um par de dias na Libéria e visita Fisherman's Lake, região do povoado Vai. As impressões dessa sua breve estadia foram registradas em uma caderneta de medidas modestas (17cm x 10,5cm), cujo conteúdo daria origem a, pelo menos, três tipos de textos diferentes nos próximos 25 anos. O primeiro trata-se de um dos seus contos mais pungentes, “A menor mulher do mundo” (Laços de família, 1960); depois a anotação seria transcrita quase integralmente em “África” (A legião estrangeira, 1964); e ainda será usada mais uma vez como base para a crônica “Corças negras” (Jornal do Brasil, 5 abr. 1969). A partir do cruzamento entre os estudos da crítica genética e da crítica biográfica, percebe-se que o episódio de Fisherman's Lake serve ao aparato ficcional a partir da memória de uma mulher em trânsito que multiplica e revisita a Libéria textualmente, de forma entusiasmada, por quatro vezes ao longo de quase duas décadas. Ao mesmo

tempo, a caderneta abre espaço para a discussão sobre aspectos da colonialidade dentro do recorte literário aqui proposto e, nessa brecha, é possível observar tanto os desdobramentos crítico-genéticos do texto, como o retratado do povoado Vai na metade do século 20 e, em última instância, da própria condição do arquivo, onde ainda residem traços do poder.

Referências: ASSMANN, Aleida, Espaços da Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural, 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011. DERRIDA, Jacques, "Archive fever in South Africa", in: HAMILTON, Carolyn et al (Orgs.), Refiguring the Archive, 1. ed. Cape Town: New Africa Books, 2002. HAMILTON, Carolyn et al (Orgs.), Refiguring the archive, 1. ed. Dordrecht: Kluwer Academic, 2002. HAY, Louis, A literatura sai dos Archivos, in: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.), Arquivos Literários, 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. MBEMBE, Achille, The Power of the Archive and its Limits, in: HAMILTON, Carolyn et al (Orgs.), Refiguring the Archive, 1. ed. Cape Town: New Africa Books, 2002. TAYLOR, Diana, O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. SOUZA, Eneida Maria. "Crítica genética e crítica biográfica". Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29, out./dez. 2010. WILLEMART, Philippe, Crítica genética e história literária, Manuscrita: Revista de Crítica Genética, n. 10, p. 165-185, 2001.

CORDEL EM GEOPOESIA DO CERRADO: OS ABECÊS DE PAULO NUNES BATISTA

Gláucia Mendes da Silva

Resumo: A Literatura de Cordel movimenta a escrita em sua pluralidade de vozes e estilos, modos de versificar e de publicar. Nos campos da geopoesia, trata-se de matéria "invisível – num mapa para além dos mapas topográficos" (SILVA JUNIOR, 2021), pois expressa as mazelas sociais com proeza e sonoridade. O objetivo desse trabalho é pensar o cordel centroestino. Nessa migração do gênero e do folheto para o Centro-Oeste são evocadas as características do povo brasileiro, na malandragem do homem simples do Cerrado goiano que segue, viajante, redescobrimdo o mundo, vencendo homens, mulheres e até o diabo. É nesse movimento que "Zé Bico Doce – o rei da malandragem" se faz presente: livreto que inaugura a trajetória de Paulo Nunes Batista como cordelista e que faz do paraibano-goiano uma figura marcante do cordel centroestino. O poeta-cordelista dedicou mais de seis décadas de sua vida à arte literária, aos versos populares e eruditos, à militância por meio da palavra, buscando preservar a tradição e tendo a palavra como meio de (sobre)vivência. Portanto sua trajetória representa bem um dos preceitos do simpósio que é discutir as raízes culturais que figuram nas tradições e "bases" que se religam a determinada coisa, pessoa ou grupo, na força rizomática advinda do deslocamento do indivíduo entre lugares, entre memórias, por entre-territorialidades. Para Silva Junior (2022) o cordel – pensando nas raízas do Brasil – advém de cordis, pois, pulsa do coração. Paulo Nunes Batista foi um poeta que viajou e amou o Brasil assim como amou a palavra versada, confundida com sua própria existência, compondo seu nome: Paulo Nunes Batista (POETA). "Abecedando" os diversos aspectos da cultura goiana, sempre lutando para enfrentar (e vencer) o preconceito literário. Dialogar a respeito desse fazer intercultural no qual a voz poética movimenta vozes múltiplas que provocam inquietações é o que se propõe

Referências: BATISTA, Paulo Nunes. Zé Bico Doce – o rei da malandragem. São Paulo: Prelúdio, 1960. 32 p. SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. Geopoesia de Cordel: os ambulantes das palavras e as performances de papel. In: Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha. Viver o Cordel em Teresina. Ponta Grossa-PR: Atena, 2022, p. 123-136 SILVA JUNIOR, A. R.. Geopoesia da boa morte pelas ruas corallinas da tanatografia. LITERATURA E AUTORITARISMO (UFSM), v. 26, 2021, p. 119-136.

"NÃO TEM MAIS FUTURO": MODERNIDADE E CRISE DE SENTIDO EM DORA SEM VÉU, DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Haymone Leal Ferreira Neto

Resumo: Este trabalho investiga a crise de sentido do personagem Wires no romance Dora sem véu (2018) de Ronaldo Correia de Brito. Wires é um costureiro do Agreste pernambucano. Encontra a narradora Francisca na carroceria do caminhão que os conduz ao santuário de Juazeiro do Norte. Ele

vai agradecer por ter se recuperado de um acidente de motocicleta; ela, procurar pelo paradeiro da avó Dora. Wires surpreende a socióloga Francisca ao afirmar trabalhar como costureiro. “Pensei que fosse agricultor”, ela retruca. Mas o rapaz largou o trabalho no campo pelo ramo de confecções. Ela então olha para as mãos dele e não encontra os calos comuns aos camponeses; em vez disso, Wires lhe mostra “as palmas finas, as unhas limpas e bem aparadas”. Quanto a ser agricultor, Wires afirma: “já fui, não tem mais futuro. Lá onde eu moro, os homens da minha idade largaram a terra e a luta com o gado” (BRITO, 2018, pp. 41-42). Entendemos que o personagem pode ser interpretado conforme o que Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2004) definem como crise de sentido. No passado, as sociedades tinham sistemas de valores únicos, obrigatórios para todos, conservados e administrados por instituições sociais. Na modernidade, contudo, valores comuns e obrigatórios não conseguem atingir todas as esferas da vida (BERGER; LUCKMANN, 2004, pp. 32-33). A coexistência de diferentes ordens de valores resulta na existência de comunidades paralelas de sentido diferentes entre si: o pluralismo (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 36). As causas do pluralismo moderno são o crescimento populacional, as migrações, o aumento das cidades, a economia de mercado etc. (BERGER; LUCKMANN, p. 49). Acreditamos que uma crise de sentido profunda na sociedade nordestina é um tema central do romance e o personagem Wires, um exemplo evidente dela, ao representar a transição do trabalho no campo para a indústria.

Referências: BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004. BRITO, Ronaldo Correia de. Dora sem véu. São Paulo: Alfaguara, 2018. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ARQUIVOS E NARRATIVAS DOS MINERAIS DA AMÉRICA DO SUL: A ESMERALDA DE DEVONSHIRE, UM CASO PARADIGMÁTICO

Joana Passi de Moraes

Resumo: O trabalho proposto consiste na apresentação da Esmeralda de Devonshire, uma pedra preciosa atualmente exposta no cofre de preciosidades do Natural History Museum of London, que, além de valor geológico, contém valor simbólico pela possibilidade de nos informar sobre narrativas do passado e incitar discussões urgentes, vigentes em diferentes esferas de debates contemporâneos, sobre decolonização de museus e de repatriação de bens culturais. A Esmeralda foi escavada da centenária Mina de Muzo, localizada no “cinturão da esmeralda” ocidental, na Colômbia, no estado de Boyacá, entre os povoados de Quipama e Muzo. Mede entre 6cm e 5cm de altura e pesa 1,383.93 quilates. Foi encontrada em data ainda desconhecida e, até o momento, não foram localizados registros precisos de como chegou à posse de Dom Pedro I, então Imperador do Brasil. Em 1881, aproximadamente, foi transferida do monarca para o Duque de Devonshire, quando se tornou um dos maiores minerais nomeados. Atualmente registros sobre sua escavação, trânsitos de propriedade e percursos até a chegada à Inglaterra estão espalhados em diversos arquivos, nos âmbitos do privado e público, científico e histórico. Instituições de arquivos são estruturadas de acordo com arquiteturas de indexação e registros que diferem umas das outras, logo, nos fornecem dados diversos para especularmos sobre narrativas e cartografias de lugares do passado. Segundo o autor britânico Thomas Richards, “nas mitologias imperiais, o arquivo era menos uma instituição específica do que todo um complexo epistemológico para representar um conhecimento abrangente no domínio do Império”. Uma seleção de registros guardados em arquivos a respeito da Esmeralda de Devonshire será apresentada, visando levantar questões sobre a relevância de deslocarmos documentos do âmbito científico e histórico (geológicos e geográficos) para a esfera do pensamento contemporâneo; confrontaremos, assim, testemunhos do passado inserindo-os no debate sobre construção de narrativas e resgate simbólico de bens culturais.

Referências: ALVES, Ida; LEMOS, Masé; NEGREIROS, Carmem (Org.): Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural. Brasil, França, Portugal. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. História e narrativa. Revista do Departamento de História. Anais do Seminário

Fronteiras na História, v.11, Belo Horizonte, UFMG, 1992. ASHCROFT, Bill; GRIFFITH, Gareth; TIFFIN, HELLEN: The empire writes back : theory and practice in post-colonial literatures. Londres, Nova Iorque: Editora Routledge, 1989. ASSMANN, Aleida. Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soeth. Campinas: Editora Unicamp 2011. BENJAMIN, Walter. Passagens. Organização: Willi Bolle. Colaboração: Olgária Matos. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo/Belo Horizonte: Ed.UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Brasil dos viajantes, volumes III: a Construção da Paisagem. Salvador: Fundação Odebrecht, 1994. BESSE, Jean-Marc: O Gosto do Mundo: Exercícios de Paisagem. Trad. Annie Cambe. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2014. CÂMARA, Mario; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge (Org.): Indicionário do Contemporâneo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Veme; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; REICI, Graeme; SALEH, Razia: Refiguring the Archive. Dordrecht: Editora Springer Netherlands, 2002. MONGIA, Padmin (Org.): Contemporary Postcolonial Theory: A Reader. Londres: Editora Arnold, 1996. RICHARDS, Thomas. The Imperial Archive: Knowledge and the Fantasy of Empire. Londres: Editora Verso, 1993. SANTOS, Boaventura d Souza: Um discurso sobre as ciências. 7.ed. - São Paulo: Editora Cortez, 2010. PROCTER, Alice. The Whole Picture: The colonial story of the in our museum and why we need to talk about it. Londres: Editora Cassel, 2020. WERÁ, Kaká: A Terra dos Mil Povos - História Indígena do Brasil Contada por um Índio. São Paulo - SP: Editora Arapoty: 1998.

A NARRATIVA SUBTERRÂNEA DE A HORA DOS RUMINANTES: J. J. VEIGA ENTRE A GEOPOESIA E A TANATOGRRAFIA

Marcos Eustáquio de Paula Neto

Resumo: Propomos análise do romance A Hora dos Ruminantes (1966), de J. J. Veiga, que articule os conceitos de geopoesia, evocado no título do ST aqui indicado, e tanatografia, ambos formulados por Augusto Silva Junior. O intuito de tal articulação teórica é explicitar certa correspondência diametral entre os estudos da “escrita da Terra” (SILVA JUNIOR; MARQUES, 2015) e da “escrita de morte” (SILVA JUNIOR, 2014), que convertem o romance veiguiano em uma narrativa subterrânea (compreendida pela tradição dos diálogos socráticos e luciânicos, esmiuçada por Mikhail Bakhtin, 2018). Deste modo, os elementos funéreo e telúrico, abordados na produção do autor goiano enquanto alegorias (BENJAMIN, 2019) de uma cognoscibilidade em progresso – “fragmentária e inconclusa” (BOLLE, 2018, p. 1725), correspondem às experiências marginalizadas descritas na obra. Tratamos de uma “busca pelo invisível” que encontra n’A Hora dos Ruminantes conteúdo de rica e sensível exploração. Esse percurso revela o município de Manairiema como um “mundo submerso” (PRADO, 2022, p. 12) que extrai da própria terra ingredientes para uma literatura limítrofe. A viagem e a invasão dos animais (cachorros e bois) apresentam-se como situações excepcionais capazes de incitar experimentações estilístico-narrativas e reflexões filosóficas em torno da “inversão da ordem” (VEIGA, 2022, p. 62) instalada pela ficção. O caráter experimental do fantástico (BEZERRA, 2005, p. 131) em Veiga fornece um desassossego de vozes e de ideias, característico de migrações coletivas, e movimenta as relações dialógicas (BAKHTIN, 2018) que intuimos em nossa abordagem – entre a crítica geopoética e a tanatográfica. Com tais cruzamentos, esperamos compreender as situações limítrofes da narrativa subterrânea romanesca como propulsoras de um conhecimento lucífero (BOLLE, 2011, p. 12) e sensível das vivências dos seres ruminantes – humanos ou não humanos.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. BEZERRA, PAULO. DOSTOIÉVSKI: “Bobók”. Tradução e análise de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2005. BENJAMIN, Walter. Passagens. Organização e edição brasileira Willi Bolle. Colaboração na organização da edição brasileira Olgária Chain Féres Matos; tradução do alemão Irene Aron, tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. 3 v. BOLLE, Willi. Grande sertão: veredas sob o signo dos sete pecados capitais. In: ENCONTRO NACIONAL DE LEITURAS, 2011.

Humanitá. AM. Anais do II Encontro Nacional de Leituras. Humanitá: ENALE, 2011. CD-ROM. P. 4-13. BOLLE, Willi. "Um painel com milhares de lâmpadas" metrópole e megacidade. In: BENJAMIN, Walter. Passagens. Organização e edição brasileira Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 3 v. PRADO, Antonio Arnoni. Prefácio. In: VEIGA, José Jacinto. A hora dos ruminantes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. SILVA JUNIOR, Augusto R. da. Cora Coralina inédita: encontro das águas da geopoética na rua do fogo da Literatura de Campo. Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional ABRALIC: Circulação, tramas & sentidos na Literatura. Uberlândia: ABRALIC, 2018. SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da; MARQUES, Geórgia da Cunha. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade. vol. 5, n. 2, 2015. SILVA JUNIOR, A. R. da. Tanatografia e morte literária: decomposições biográficas e reconstruções dialógicas. ComCiência. n. 163. Campinas, nov. 2014. VEIGA, José Jacinto. A hora dos ruminantes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

RESISTÊNCIA E SUPERAÇÃO DO IMIGRANTE POLONÊS NO ROMANCE PAMPA, DE JAN KRAWCZYK.

Natalia Klidzio

Resumo: Esta comunicação pontua as observações resultantes da análise do romance Pampa, uma produção ficcional de Jan Krawczyk, com o foco na imigração polonesa. A história que é escrita em língua polonesa e narrada em terceira pessoa tem como espaço os campos sulinos denominados pampas. O romance, inicialmente, compõe o universo geográfico e histórico típico construído desde os domínios colonizadores até os tempos da República Velha. O enredo, gradativamente e cronologicamente, vai descompor esse mesmo universo pois, a partir da chegada e assentamento dos imigrantes europeus no Rio Grande do Sul, tal espaço territorial e histórico vai se fronteirizando. No primeiro momento, o território sem fronteiras marcadas é identificado pelos ecos que ressoam dos domínios dos estancieiros. Pampas é um patriarcado; são as terras de onde brota um raizame ateadado de estancieiros, de tipos como os bandoleiros, os peões assentados, os capatazes e peões das estâncias, as mulheres e filhas dos estancieiros, as filhas dos capatazes, os comissários e políticos e outros alguns. Um enorme leque de tipos dos pampas. A chegada dos desterritorializados europeus, poloneses e, logo também os italianos, causam um impacto: o modelo entra numa gradativa descomposição pois os bolsões vazios das terras pampeanas serão preenchidos pelos reterritorializados. Nova fisionomia resultante da miscegenação cobrirá o pampa. No ambiente há sempre a passagem de muito sofrimento, de tensão permanente, de medos, mecanismos e armadilhas de traições. Nesse emaranhado, num segundo momento, surge o novo tipo sulino, resultante da resistência, da superação e da miscegenação. Se dor é poesia, esse é o veio poético na narrativa.

Referências: Bachelard, Gaston. (2005), A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo. Bakhtin, Dialogismo e construção do sentido, (1997), Brait (org)E. Unicamp, Campinas Candido, Antonio e outros. (2014), A personagem de ficção. Perspectiva, Sao Paulo. Krawczyk, Jan. (1985), Wydawnictwo Lubelskie, Lublin. Lukács, Georg. (2000), A teoria do romance Duas cidades, Sao Paulo.

ESAÚ E JACÓ, A HISTÓRIA DOS SUBÚRBIOS MACHADIANA: A CAPOEIRA VERBAL E A GEOPOESIA DE UM BRASIL CARNAVALIZADO.

Rafael Lima Lobo dos Santos

Resumo: O presente trabalho reflete sobre o diálogo entre a capoeira dialógica e a escrita-ginga de Machado de Assis proposta por Eduardo de Assis Duarte (2018), e como essa relação se desdobra em uma geopoética carnavalizada no romance Esaú e Jacó (1904). Nesse sentido, buscamos compreender como o conceito de capoeira verbal transfigura-se em uma estética própria convidando, para a arena da capoeira, a topografia e as múltiplas vozes e consciências da classe popular. Para tanto, fundamentamos nossa análise a partir da constituição da crítica polifônica conforme Medeiros; Silva Jr.. (2018), além dos contributos teóricos de Bakhtin (2011), Bezerra (2010) e Duarte (2018). Portanto, acreditamos que o Morro do Castelo e a capoeira verbal de Machado de

Assis, demonstra em um romance de costumes que relatava a busca por grandezas predestinadas da elite brasileira, um gesto dissimulador de gíngua que disfarça, nas camadas do texto, uma exímia prosa dos subúrbios, que desponta da classe popular e do alto do morro, percorre todo o romance e por consequência o Brasil. O Bruxo nos faz caminhar por um século XIX diferente, constrói uma paisagem polifônica que representa diretamente a corporeidade, a vocalidade e a culturalidade de um povo que confronta o discurso monológico.

Referências: ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal / Mikhail Mikhailovitch Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. - 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. BEZERRA, Paulo. Uma obra à prova do tempo. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail. Problemas da Poética de Dostoiévski (PPD). Trad. Paulo Bezerra. 5º ed. -Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2010. MEDEIROS, Ana Clara.; SILVA JR, A. R. da. Poética da criação verbal: a crítica polifônica nos estudos da linguagem literária. Anuário de Literatura. Florianópolis, v. 20, n. 1, 2015, p. 228-245. DUARTE, Eduardo de Assis. A Capoeira Literária de Machado de Assis. Literafro, 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/28-critica-de-autores-masculinos/1019-a-capoeira-literaria-de-machado-de-assis-eduardo-de-assis-duarte#sdfootnote1sym>> Acesso em: 10 jan 2023.

IMERSÃO E MISTURA: FUNDAMENTOS DA PAISAGEM PANTANEIRA EM MANOEL DE BARROS

Regina Célia dos Santos Alves

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo um estudo do mundo pantaneiro conforme desenhado por Manoel de Barros no Livro de pré-coisas (1985) a partir de fundamentos da teoria da paisagem formulados, sobretudo, por Michel Collot e Jean-Marc Besse, os quais partem da ideia de paisagem enquanto “espaço percebido” – mormente subjetiva, simbólica e movente – e das reflexões de Emanuele Coccia acerca da metafísica da mistura, que pensa o mundo enquanto espaço de imersão, de mistura, de troca e de transformações constantes e ininterruptas entre todos os elementos que dele fazem parte, sem hierarquizações. Na poesia manoelina, a cena pantaneira, como colocado já no início do Livro de pré-coisas, apresenta-se como o inusitado, o que não se espera, pois a intenção, como mostra o sujeito lírico, não é um falar sobre o Pantanal por meio de sua referencialidade geográfica, topológica e de elementos característicos de uma regionalidade, mas antes uma “anunciação” do Pantanal, feita por meio de “Festejos de linguagem”, a criar um espaço “exótico”, no sentido das imagens subvertidas pelo trabalho poético, onde, mais que tudo, a fluidez, a imersão, a mistura e a metamorfose se revelam como condições essenciais e únicas do lugar. É dessa forma particular de “transver” o mundo que surge a paisagem pantaneira em questão, complementemente deslocada do banal quando recriada pelo uso lúdico da linguagem, possibilitador de uma experiência e de um conhecimento singulares e novos do lugar.

Referências: BARROS, Manoel de. Livro de pré-coisas. In: Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010. BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014. COCCIA, Emanuele. Metamorfoses. Tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020. COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Tradução de Fernando Scheibe. Desterro: Cultura e Barbárie, 2018. COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem. Tradução de Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

AMAZÔNIA, “AMAZONIAZINHA”: OS VIAJANTES JOÃO GUIMARÃES ROSA E MÁRIO PALMÉRIO

Viviane Cristina Oliveira

Resumo: “Só uma maneira de abordagem nos comunica com o imenso: a miúda”. É esta uma das impressões iniciais registradas por João Guimarães Rosa em algumas páginas datilografadas, nas quais rascunhou um texto inconcluso sobre a Amazônia ou ainda à “Amazoniazinha”, título registrado em um de seus manuscritos. Diante de um cenário exuberante, percebido em seus contrastes, texturas e odores, o escritor mineiro sugere o desejo de uma abordagem detalhista, impossibilitada por um curto período de estadia em Manaus: “sete dias de entrevinda ‘à mais vasta

região terrestre’, sem o pinçar da minúcia”. O desejo de registrar minúcias, à maneira dos viajantes movidos por indagações científicas, e o distanciamento desse mesmo impulso frente a um lugar “onde puja um mundo, conforme o visível” é indício das encruzilhadas entre os lugares e as palavras, perceptíveis em anotações como esta, pertencente ao arquivo de Guimarães Rosa, alocado no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo. Nesse sentido, seguindo os rastros desse viajante, este trabalho se dedica a algumas reflexões sobre as potencialidades dos escritos de viagens, em especial aqueles guardados nos arquivos, enquanto caminho para encontros imprevistos, caminhos para a desconfiança em torno de saberes e conceitos cuja estabilidade se desfaz na provocação constante às palavras levadas adiante por escritores como Guimarães Rosa. E, para acompanhar esse viajante e tecer as reflexões propostas, serão acionadas não somente leituras pertinentes à pesquisa em arquivos, a exemplo das produções de estudiosos como Eneida Maria de Souza, Reinaldo Marques e Arlette Farge, como também a leitura dos registros de outro escritor igualmente viajante: Mário Palmério. Pelas anotações registradas por Palmério em seus diários, durante as viagens que fizera à Amazônia, espero dinamizar um encontro entre rotas, arquivos e viajantes, encontro imaginado diante de um cenário irredutível a sínteses, conceitos ou minuciosas descrições.

Referências: FARGE, Arlette. O sabor do arquivo. Tradução Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2017. MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários: teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. MARQUES, Reinaldo. Acervo de Escritores Mineiros: espaço de saberes nômades. In: MEDEIROS, Elen de; RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). Acervo de Escritores Mineiros: memórias e histórias. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2019. p. 247-265. PALMÉRIO, Mário. Apontamentos para o Diário de Bordo Fray Gaspar de Carvajal. De 8-2-81 a Memorial Mário Palmério, Uniube. PALMÉRIO, Mário. Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira. Memorial Mário Palmério, Uniube. ROSA, João Guimarães. Amazônia. Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,61. SOUZA, Eneida Maria. Ficções impuras. In: SOUZA, Eneida Maria; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura (org.). Sobrevivência e devir da leitura. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 111-118.

UMA TRAVESSIA GEOPOÉTICA DE BERLIM

Willi Bolle e Augusto Rodrigues da Silva Junior

Resumo: “Uma travessia geopoética de Berlim” é o relato de flâneries coletivas pela cidade de Berlim, capital da Alemanha. Caminhadas de cunho ambiental, histórico, social, cultural e literário realizadas em 2023 por um grupo de docentes universitários brasileiros. Os fundamentos pensamentais são o romance de Goethe, Os anos das caminhadas de Wilhelm Meister, a obra Passagens, de Walter Benjamin, que destaca a figura do flâneur e a filmografia de Wim Wenders. Na fisionomia de Berlim, harmonizam-se a urbanização moderna e as áreas de preservação ambiental, com rios e lagos, bosques e aldeias antigas. Os marcos históricos estendem-se desde a fundação na Idade Média, passando por castelos e parques criados pelo governo da Prússia até os vestígios da I e da II Guerra Mundial que, ambas, foram desencadeadas por ambições imperialistas, ora do Imperador Guilherme II, ora do ditador Adolf Hitler. Há vários lugares em memória dos judeus assassinados pelo regime nazista. Existem também vestígios do Muro que dividiu a cidade na época da Guerra Fria (1961-1989) e abrigos para os refugiados da África, do Oriente e da Ucrânia. Com um passeio pelo mais famoso boulevard, com lojas de luxo, finos cafés, restaurantes e lugares de atividades culturais evocamos, na atual década de 2020, a Berlim dos “anos dourados de 1920”. Como contraponto, a praça que é a protagonista do romance de Alfredo Döblin, Berlin Alexanderplatz, nos faz lembrar que a crise econômica de 1929 foi fator decisivo que levou a Alemanha da democracia para a ditadura. Entre os monumentos da cultura alemã, visitamos o Berliner Ensemble, legado do teatro de Bertolt Brecht, e a Universidade com as estátuas de Wilhelm e Alexander von Humboldt. Enfim, esta travessia geopoética aproxima viajantes e pesquisadores em diálogos criativos entre pensadores alemães e latino-americanos que o grupo – Crítica polifônica – está reavivando.

Referências: Benjamin, Walter. Passagens. . Ed. org. por Willi Bolle. Belo Horizonte: EdUFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, Döblin, Alfred. Berlin Alexanderplatz.

Munique: dtv, 1965. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Goethe, Johann Wolfgang von. Wilhelm Meisters Wanderjahre. Frankfurt: Deutscher Klassiker Verlag, 1989.

SIMPÓSIO “INTERTEXTUALIDADE EM MACHADO DE ASSIS: RUPTURA DE LIMITES DA LITERATURA E MANIFESTAÇÃO CRÍTICA DA ARTE E DA SOCIEDADE”

Juracy Ignez Assmann Saraiva (FEEVALE) e Marinês Andrea Kunz (UFPB)

MACHADO DE ASSIS COMO INTERLOCUTOR DA FIGURA POLÍTICA DE JOSÉ DE ALENCAR

Adilma Secundo Alencar

Resumo: Os escritores Machado de Assis e José de Alencar pensaram e escreveram sobre a sociedade carioca do século XIX. Suas diferentes percepções das relações sociais e artísticas foram expressas em variados jornais, tanto nos espaços reservados à ficção como na arena de debates políticos. Seus folhetins, resenhas críticas, crônicas e opiniões são caros à literatura brasileira, sobretudo da segunda metade do século XIX. Os dois escritores são as figuras centrais desta comunicação, cujo o objetivo é observar e descrever como o autor Machado de Assis dialoga, dentro dos romances Memórias póstumas de Brás Cubas (1881) e Quincas Borba (1891), com os argumentos encontrados nas cartas que José de Alencar escreveu e publicou nos jornais, na década de 1860. Nestas cartas, o autor de Iracema (1865) assina sob pseudônimo de Erasmo e critica aguerridamente as opiniões políticas que exigem a abolição da escravidão, tema de muitos debates à época. As sete cartas de José de Alencar foram publicadas em 2008 pela editora Hedra, com o título de Cartas a favor da escravidão (2008), elas revelam os argumentos sob os quais Alencar amparava sua defesa da escravidão. A intenção desta comunicação é refletir sobre como a obra ficcional de Machado de Assis reproduz o que Alencar formula nas cartas, no modo de pensar de seus personagens, sobretudo no filósofo Quincas Borba, que prega com o “humanitismo” uma lei que legitima a exploração de uns em detrimento dos privilégios de outros.

Referências: ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Ática, 2011. _____. Quincas Borba. São Paulo: Moderna. 2016. AUERBACH, Erich. Mimeses. São Paulo: Perspectiva, 2011. ALENCAR, José de. Cartas a favor da escravidão. São Paulo: Hedra, 2008. _____. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960, vol. IV BOSI, Alfredo. Brás Cubas em três versões: estudos machadianos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011. GENETTE, Gerard. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010 GUIMARÃES, Hélio de Seixas. LEBENSZTAYN, Ieda. Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019. SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo, São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012 _____. Ao vencedor as batatas, São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

BALAS DE ESTALOS: O CARNAVAL LITERÁRIO NA CRÔNICA DE MACHADO DE ASSIS

André Sarmento de Sousa

Resumo: O Carnaval é a festa mais popular do Brasil. Ela foi uma conquista das camadas mais pobres da população brasileira que, a contragosto das elites, saíram às ruas com suas músicas para festejar. Apesar de estar relacionado, à primeira vista, ao povo brasileiro, possui um caráter universal e não tem fronteiras espaciais, sociais ou culturais. Essa herança festiva foi trazida pelos portugueses no século XVII e tem como precursor o Entrudo. Sua proibição, no final do século XIX, arrastou a intelectualidade para o mundo dos iletrados, dividindo os escritores brasileiros. Para entender “o carnaval das letras”, no baseamos na discussão polêmica sobre a proibição do Entrudo, tema da crônica escrita por Machado de Assis, mas assinada por seu pseudônimo Lélío. O texto supracitado foi publicado numa seção de folhetim intitulada Balas de Estalos, do jornal Gazeta de Notícias, no ano de 1885. Na síncope das ideias, isto é, do resgate das vozes sociais, Machado cria um enredo

que lhe permite a completa liberdade para atacar as instituições sociais, propiciando uma reflexão acerca da cultura popular para constituição identidade brasileira, superando qualquer dogmatismo literário ou limiar institucional que tentam apagar a força criativa do seio popular. Assim, ao apontar a carnavalização literária, destacamos que Machado de Assis constrói um discurso onde o poder oficial é destronado e os praticantes do entrudo são coroados.

Referências: ASSIS, Machado. Crônicas de Lúlio. Organizado por MAGALHÃES JUNIOR. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. BAKHTIN, M., VOLOCHÍNOV, V. N. Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1981, 2008, 2014, 2015, 2017) BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond: Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio. DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandro e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. DUARTE, Eduardo de Assis. Machado de Assis afrodescendente – escritos do caramujo [antologia]. Rio de Janeiro e Minas Gerais: Editora Pallas / Editora Crisálida, 2009. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Editora Unicamp, 2004. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999. RAMOS, Ana Flávia Cernic. “Balas de estalo” de Machado de Assis: humor e política no segundo reinado. Revista de Letras. v. 48, n. 2 (2008). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/1194/974>. Acesso em: 07 set. 2018.

POR ENTRE BRECHAS, O RASTRO DA VOZ DE CAPITU

Christini Roman de Lima

Resumo: O século XIX, período de atuação de Machado de Assis, é marcado pela reconfiguração do espaço de circulação das mulheres na sociedade, ou seja, quando elas passaram a ocupar as ruas e os ambientes públicos, abandonando o claustro das suas casas. O processo de urbanização, iniciado com a chegada da família real ao Brasil, e que atingiu maior consistência a partir do Segundo Reinado, repercutiu decisivamente nos hábitos e costumes dos fluminenses. A conquista das ruas por parte das mulheres foi uma dessas mudanças. Machado de Assis, atento ao seu tempo e ao seu país, tematiza os novos ares a que as mulheres passam a respirar, assim como as questões concernentes às mudanças sociais que testemunha. O autor fluminense, no entanto, retrata as personagens femininas em sua obra através da voz masculina. Mesmo que os narradores possuam a onisciência de uma terceira pessoa, o foco se dá pela óptica do homem, e a mulher é o “outro”, visto de longe, externamente. O caminho das mulheres é, grande parte das vezes, apresentado pelo ângulo dos narradores de forma unilateral: elas não são sujeitos de seus discursos. Entretanto, têm voz, a qual aparece em diálogos e nas descrições de seus gestos, aspectos que marcam suas individualidades. Tais diálogos mostram mais do que os narradores, muitas vezes, revelam. Assim, podem ser vislumbrados, a partir das brechas narrativas, aspectos e problemas da sociedade do período também no que tange às mulheres. Em Dom Casmurro isso não é diferente. Quem é Capitu e como a estrutura narrativa possibilita entrever os reflexos da personalidade dessa mulher? Tais questões compõem a matéria e os objetos de investigação da comunicação proposta. As análises empreendidas contarão com o amparo dos conceitos teóricos de Michelle Perrot, Roger Chartier, entre outros.

Referências: CHARTIER, Roger. A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005. SARAIVA, Juracy Assmann. Teatralidade: diálogo entre arte e vida. In: Zilberman, Regina; Saraiva, Juracy Assmann. (Org.). Machado de Assis: Intérprete da sociedade brasileira. 1ed. Porto Alegre: Zouk, 2020, v. 1, p. 25-44. VERONA, Elisa Maria. Da feminilidade oitocentista. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

“O ALIENISTA” COMO VEÍCULO DE CRÍTICA SOCIAL

Juracy Ignez Assmann Saraiva

Resumo: “O Alienista”, novela de Machado de Assis, objeto desta comunicação, foi publicada periodicamente na revista A Estação, de outubro de 1881 a março de 1882, e incluída na coletânea denominada Papéis avulsos, de 1882. Por centrar-se no tema da loucura e pela proximidade das datas de publicação, a narrativa relaciona-se com Memórias Póstumas de Brás Cubas (1880) e com Quincas Borba (1886-1891), sublinhando a relevância da representação da ruptura do equilíbrio mental para o pensamento crítico reflexivo de Machado de Assis. Em “O Alienista”, a obsessão do protagonista por determinar os limites entre lucidez e insanidade conduz a progressão das ações, cuja significação se complementa pela menção a obras e autores não só da literatura, mas também da história universal. Essas remissões projetam o posicionamento crítico do escritor que, ao conjugar épocas temporalmente distintas, reflete sobre o contexto sociocultural do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, dando à narrativa a configuração de uma sátira. Por meio dela, critica o cientificismo, próprio do Positivismo, a prepotência da ciência e o abuso do poder praticado em seu nome, o perigo da radicalização das ideias e da credulidade, questiona a definição de razão e de normalidade. Valendo-se das ações despropositadas de Bacamarte, Machado de Assis busca induzir o leitor a desconfiar de verdades absolutas, sejam elas difundidas pelo psiquiatra de Itaguaí ou pela ciência de sua época. Além disso, sugere que a loucura é uma extensão da disputa pelo poder, a qual está representada, na narrativa, pelo posicionamento do cientista, Simão Bacamarte; do religioso, padre Lopes; dos políticos, os vereadores; e do povo, o barbeiro Porfírio. Consequentemente, com “O Alienista”, Machado desnuda a falsidade de comportamentos, o engodo de ideias, vistas como autênticas, e confere à natureza satírica da narrativa o poder de iluminar a realidade.

Referências: Não há citações no resumo.

DOM CASMURRO: A CONEXÃO COM OTELO E A METAFICÇÃO

Luiza Helena Damiani Aguilár

Resumo: Dom Casmurro (1899), sétimo romance de Machado de Assis, é repleto de intertextualidades. Escrito por um autor que aprecia constantes diálogos com a literatura e cultura nacional e internacional, a obra, escrita por Bento Santiago, Dom Casmurro não só exhibe intertextos com Otelo de Shakespeare, já muito explorados por diversos pesquisadores, como também com a questão do fazer fictício, tendo em vista que Bentinho é um autor ficcional que, em mais de um momento de sua obra, tece comentários sobre os aspectos da composição. Os intertextos com a peça shakespeariana não se restringem ao tema trabalhado, aparecendo mais de uma vez no romance e chegando inclusive a ganhar destaque em uma análise da pesquisadora Helen Caldwell dedicada a esse tema. Já a metaficção, também cara a Machado, aparece nas diversas observações que Bentinho, como autor, faz sobre as decisões tomadas ao longo da narrativa: a escolha do título, o motivo da publicação, a extensão da obra, entre outros aspectos. Em face desses dois aspectos de intertextualidade presentes de forma mais veemente no romance, a presente comunicação terá por objetivo trabalhar mais detidamente essas duas instâncias da intertextualidade, demonstrando como elas se interligam: Bento Santiago, autor ficcional, no controle de sua narrativa sobre um suposto adultério, fazendo mais de uma vez comparações com Otelo.

Referências: ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. CALDWELL, Helen. O Otelo Brasileiro de Machado de Assis: Um Estudo de Dom Casmurro. Trad: Fábio Fonseca de Melo. 3ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021. CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. Vários Escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011, pp. 15-33. FONSECA, Daniel Gomes da. Em Torno da Ironia: Análise de Dom Casmurro, de Machado de Assis. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada. Orientação de Prof. Dr. Edu Teruki Otsuka. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. SANTIAGO, Silviano. Retórica da Verossimilhança. In: Uma Literatura nos Trópicos: Ensaio Sobre Dependência Cultural. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 27-46. _____. “Jano, Janeiro”. Teresa: Revista de Literatura Brasileira. São Paulo: v. 6/7, 2006, pp. 429-452. SHAKESPEARE, William. Otelo, o Mouro de Veneza. In: Tragédias. Vol. 1. Trad.: F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros & Oscar Mendes. São Paulo:

Abril, 1978. STEIN, Ingrid. Figuras Femininas em Machado de Assis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. TELES, Ana Carolina Sá. Personagens Machadianas e suas Constelações em Ressurreição, Helena e Dom Casmurro. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Orientação de Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

INQUIETAS SOMBRAS: ASPECTO E ECONOMIA DAS CONSTRUÇÕES NA FICÇÃO MACHADIANA

Marcelo da Rocha Lima Diego

Resumo: As referências urbanísticas – de modo particular, relativas à cidade do Rio de Janeiro –, já há algum tempo, vêm sendo tomadas pela crítica como elementos estruturais e estruturantes da ficção machadiana. Os bairros e as ruas em que o escritor situa a ação de seus romances e contos, os percursos e paisagens neles figurados não apenas auxiliam o embasamento das narrativas no arenoso solo histórico, como também contribuem para a caracterização de personagens e ambientes. Esta comunicação quer dar mais uma volta no parafuso de tal abordagem, ao observar como as referências arquitetônicas desempenham papel semelhante na ficção machadiana. Mais fundamentais do que as alusões a edificações concretas e específicas (como certos palácios e igrejas, por exemplo) são as citações de tipologias abstratas da arquitetura e do paisagismo. Para exemplos de edificações específicas, basta pensar na centralidade das menções ao Palácio Nova Friburgo, em "Esaú e Jacó" (1904), e à Igreja de São Francisco de Paula, em "Entre santos" (1886); como casos de tipologias abstratas, tenha-se em mente os espaços privilegiados do jardim, em "A mão e a luva" (1874), e da rótula, em "Noite de almirante" (1884). Por meio de uma abordagem intersemiótica, mobilizando amplo repertório do terreno da história da arte e da arquitetura, esta comunicação almeja, em última instância, lançar luzes sobre a constituição das noções de espacialidade na narrativa de Machado de Assis.

Referências: EULÁLIO, Alexandre. Esaú e Jacó: narrador e personagens diante do espelho. In: _____. Tempo reencontrado. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Editora 34, 2012. GLEDSON, John. Machado de Assis: o Rio de Janeiro em vários tempos. In: CARRER, Aline (concepção). Rio de Assis: imagens machadianas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. PASSOS, José Luiz. Romance com pessoas: a imaginação em Machado de Assis. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. SENNA, Marta de. Estratégias de embuste: Dom Casmurro. In: _____. Alusão e zombaria: citações e referências na ficção de Machado de Assis. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. TATI, Miécio. O mundo de Machado e Assis: o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis. Coleção Cidade do Rio de Janeiro, 15. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1961. www.machadodeassis.net www.acasasenhorial.org.

MACHADO À PROCURA DA POESIA

Maria da Glória Bordini

Resumo: Em meio às Poesias Dispersas, publicadas esparsamente entre 1855 e 1908, e reunidas na edição Aguilar das Obras Completas, encontram-se vários poemas que tematizam a inspiração poética, cantando as musas do sujeito lírico e seus (des)encantos. Além deles, aparecem com alguma frequência homenagens a autores por seu estro épico e/ou lírico. Um dado que sobressalta nesses casos são as menções a poetas que pertencem à história contemporânea do autor, incluindo até recados em verso. Duas vertentes se abrem no âmbito desses poemas, deixados de lado por Machado e posteriormente coligidos. Uma é a das intertextualidades que se estabelecem, a denotarem as preferências do autor, ligações de amizade e inserção no meio literário da época. A outra se constitui metaforicamente nas queixas e chamamentos do sujeito poético a suas figuras imaginárias para que sustentem sua inspiração. Dessas poemas depreendem-se noções da poética romântica, apesar do inato "comedimento sentimental" de que fala Manuel Bandeira, assim como, em um ou outro texto, certa ironia quanto às fontes que a alimentam, a prenunciar o ceticismo de sua obra em prosa. A análise dessa matéria requer um fundamento na história crítica da poesia

brasileira, atenção à novidade das formas que Machado empreende no quadro do Romantismo, e uma revisão sobre o diálogo intertextual que tais poemas sugerem.

Referências: ASSIS, Machado de. Poesias Dispersas. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. v.3.

A INTERTEXTUALIDADE EM HELENA, DE MACHADO DE ASSIS, COMO CHAVE PARA A LEITURA DO PLANO SOCIAL

Marinês Andrea Kunz

Resumo: Sendo um constructo autônomo, a literatura carece da ação heurística do leitor e, assim, aciona o imaginário deste, para a elaboração de sentidos a partir da estrutura textual. Nessa atribuição de sentidos ao texto, é importante ter em mente que o signo, uma vez comunicado, reveste-se de uma camada ideológica e carrega uma dimensão axiológica e, portanto, avaliativa, resultante da interpretação do mundo por parte do enunciador. O texto literário apresenta, pois, uma cosmovisão, permitindo, contudo, que o leitor a corrobore – ou a contrarie – com base em seu próprio conjunto de valores, seus conhecimentos e suas afetividades, o que evidencia a opacidade do processo comunicativo. Cada sujeito, em sua leitura, mediante a abertura do signo literário, realiza uma ação responsiva, que incide sobre o plano ideológico deste. O texto literário também pode estabelecer um diálogo com outros enunciados, cujas vozes ecoam na trama narrativa, fazendo ressoar sentidos anteriores. Nessa perspectiva, a proposta desta comunicação é analisar a dimensão dialógica do romance *Helena*, de Machado de Assis, quanto à intertextualidade, aspecto fundamental para a compreensão da leitura acerca do mundo, proposta pelo texto. *Helena* foi publicada em 1976, ainda na primeira fase da obra machadiana, e a história desta protagonista aponta para os conflitos de classe do século XIX, que se fazem ressonantes ainda atualmente na sociedade brasileira.

Referências: ASSIS, Machado de. *Helena*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191. VOLÓCHINOV, Valtentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

MACHADO DE ASSIS CRÍTICO TEATRAL E O DRAMA DE MARIA RIBEIRO, "CANCROS SOCIAIS"

Regina Zilberman

Resumo: Machado de Assis (1839-1908) dedicou duas resenhas à peça *"Cancros sociais"*, de Maria Angélica Ribeiro (1829-1880), a primeira quando a obra foi encenada em 1865, e a segunda, quando publicada em livro, em 1866. Machado de Assis já examinara o drama anterior, *"Gabriela"*, daquela autora, e identifica seu inegável crescimento. *"Cancros sociais"* tematiza, como ocorreu a outras peças avaliadas pelo escritor, o escravismo vigente no Brasil e as consequências que determina no funcionamento da sociedade urbana nacional. Estabelece com propriedade as relações daquele texto com *"Mãe"* (1860), de José de Alencar (1829-1877), de cuja trama Ribeiro se apropriara para oferecer outro desdobramento e, particularmente, outro final. A resenha de *"Cancros sociais"* compõe, com o estudo das peças *"O escravo fiel"*, de Carlos Antônio Cordeiro (1812-1866), *"Mãe"*, de José de Alencar e *"Haabás"*, de Rodrigo Otávio de Oliveira Menezes (1839-1882), e do parecer, emitido para o Conservatório Dramático, relativo a *"Misérias sociais"*, de César de Lacerda (1829-1903), um grupo de textos em que Machado se posiciona a propósito do escravismo e das possibilidades de representá-lo dramaticamente na cena brasileira. O crítico, coerente com as direções da escola realista em voga, tinha posições muito claras relativamente ao papel do teatro na sociedade e na literatura. Os estudos em que aborda as obras mencionadas mesclam aquelas concepções à sua visão de arte literária, afinada aos princípios de Nicolas Boileau (1636-1711) e ao seu posicionamento diante do cativo. Analisar as resenhas consagradas a *"Cancros sociais"* e à construção dessa composição pode colaborar para o entendimento da atitude de Machado de Assis diante do tema da obra e o caráter militante que confere ao teatro e ao exercício da crítica relativa a este gênero de criação artística.

Referências: ASSIS, Machado de. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v. FARIA, João Roberto (org.) Machado de Assis: do teatro. Textos críticos e escritos diversos. São Paulo: Perspectiva, 2008. JOBIM, José Luís. Machado de Assis, membro do Conservatório Dramático Brasileiro e leitor do teatro francês. In: JOBIM, José Luís (Org.). A biblioteca de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. RIBEIRO, Maria. Teatro quase completo. Organização e introdução de Valéria Andrade. Florianópolis: Mulheres, 2008.

INTERTEXTUALIDADE, ECONOMIA E SISTEMA-MUNDO NO HUMANITISMO

Rogério Cordeiro

Resumo: O Humanitismo é um dos temas mais debatidos na fortuna crítica machadiana. Devido ao seu caráter inventivo, é surpreendente e cheio de nuances: um conjunto de teses e premissas enviesadas que puxa para a sátira e a paródia, invertendo o sentido de ideias filosóficas, científicas e literárias. Sua engenharia é complexa e reúne extratos diferentes de significados, que devem ser apreciados em relação. O primeiro extrato a ser considerado se refere ao uso livre de textos preexistentes e que pertencem ao acervo cultural do Ocidente. Aristóteles, Santo Agostinho, Cervantes, Erasmo, Gogol, Spencer e Comte, entre outros, tem suas obras filtradas pelo prisma do Humanitismo, que as submete a uma lógica nova, própria à efabulação que propõe desenvolver. O segundo extrato concerne aos fundamentos de ação da economia capitalista. A alegoria dos cães em rinha, usada como axioma para justificar a luta até o extermínio, revela a engrenagem do regime de concorrências que opõe entre si pessoas e empresas, como no comércio de Palha e Rubião. Por fim, a fábula das tribos que disputam batatas se mostra uma fantasia exata da escalada do imperialismo como parte da mundialização em curso, processo pelo qual as nações mais fortes do ponto de vista tecnológico e econômico se impõem às demais. Ao reunir esses temas, percebe-se que os recursos de intertextualidade que Machado cria e manipula não se esgotam no lúdico e literário; eles se tornam ferramentas com as quais o autor elabora uma análise penetrante sobre a realidade social sua contemporânea, ultrapassando os limites da nação para mirar seu efeito de globalização. Tal método de figuração artística não se realiza pelo relato de fatos ou pela radiografia da imediatez; ele consiste em investigar e descobrir as causas profundas da processualidade social, as quais são meticulosamente transfiguradas e cifradas no seu interior.

Referências: ALBEGARRIA, Consuelo. "A filosofia do Humanitismo". In: SANT'ANNA, Affonso Romano et al. Machado de Assis: estudos de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994, p. 47-52. CÂMARA Jr., J. Mattoso. "Quincas Borba e o Humanitismo". Ensaios machadianos: língua e estilo. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962, p. 95-107. CHALHOUB, Sidney. Ciência e ideologia em Memórias póstumas de Brás Cubas. Machado de Assis historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 94-130. CORDEIRO, Rogério. "A dança das ideias". Quincas Borba: romance da modernização tardia. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022, p. 187-214. CORRÊA, Ana Laura dos Reis. "Considerações sobre sátira e realismo na figuração do Humanitismo em Memórias póstumas de Brás Cubas". In: CORDEIRO, Rogério; ALVEZ, Luís Alberto; SIFFERT, Alysson (org.). Dimensões do realismo. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020, vol. 2, p. 67-88. DIXON, Paul. "Falando sério? (O problema do Humanitismo)". O chocalho de Brás Cubas. São Paulo: Nankin, Ed. USP, 2009, p. 119-136. DUTRA, Paulo Roberto de Souza. "Quincas Borba, Humanitas e a loucura de Dom Quixote", Revista Contexto, Vitória, n. 25, 2014, p. 208-231. FUENTES, Carlos. Machado de la Mancha. México: Fondo de Cultura Económica, 2001. GAI, Eunice Piazza. Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997. GOMES, Eugênio. "Machado de Assis e Gogol". Machado de Assis. Rio de Janeiro: São José, 1958, p. 116-121. SARAIVA, Juracy Assmann. "A temática da loucura em Quincas Borba e as malhas da intertextualidade". Revista Santa Barbara portuguese studies: Santa Barbara: California u. p., 2004, vol. 8, p. 131-151. SILVA, Ana Claudia Suriani da. "Gogol, Matriz de Quincas Borba". Revista Santa Barbara portuguese studies: Santa Barbara: California u. p., 2004, vol. 8, p. 153-170. VALVERDE, Maria de la Concepción Piñero. "A loucura quixotesca em Quincas Borba." Cosas de España em Machado de Assis e outros temas hispanos-brasileiros. São Paulo: Giordano, 2000. WITKOWSKI, Ariane. "Santo Agostinho e Quincas Borba", Revista Leitura, São Paulo: n. 8, dez. 1999, p. 11-19.

O JOVEM MACHADO DE ASSIS, O MESTRE PORTUGUÊS E O PRIMEIRO DIÁLOGO INTERTEXTUAL

Wilton Jose Marques

Resumo: Nos primórdios da vida literária, o jovem Machado de Assis foi sobretudo poeta. E nesse momento, seus primeiros passos foram de certa forma tutelados pelo também jovem poeta português Francisco Gonçalves Braga, a quem dedicou vários poemas. Em momento impreciso de 1854, os caminhos literários de Braga, dezoito anos, e de Machado, quinze, acabaram por se cruzar nas ruas do Rio de Janeiro. Embora a circunstância do encontro, fortuito ou não, seja impossível de se conhecer em detalhes, é muito provável que a aproximação se deveu ao interesse mútuo pela literatura. De imediato alçado à condição de mestre, o português acompanharia de perto o aprendiz brasileiro. Além propriamente de evidentes influxos literários, já reconhecidos pela crítica, foi Gonçalves Braga quem, na verdade, ajudou o jovem Machado nos movimentos iniciais de inserção no universo literário brasileiro, seja no *Periódico dos Pobres*, seja na *Marmota Fluminense*. Nesse sentido, a presente comunicação apresentará uma breve leitura do poema “A saudade”, dedicado a Braga e publicado na *Marmota Fluminense*, de Francisco de Paula Brito, no dia 5 de outubro de 1855. Além de apresentar novidades formais no corpo do texto, como o uso do verso decassílabo branco, o jovem poeta, pela primeira vez, fez uso do recurso intertextual, que, como se sabe, será uma das constantes estéticas que marcará o estilo machadiano.

Referências: BRAGA, Francisco Gonçalves. *Tentativas poéticas*. Rio de Janeiro: Tipografia de Nicolau Lobo Vianna & Filhos, 1856. GODÓI, Rodrigo Camargo. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. São Paulo: EDUSP, 2016. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos. 2ª Ed., São Paulo: Editora UNESP, 2009. SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*, Rio de Janeiro: INL, 1955.

SIMPÓSIO “LITERATURA CARIBENHA E GUIANENSE ESCRITA POR MULHERES”

Juliana Pimenta Attie (UNIFAL), Natali Fabiana da Costa e Silva (UNIFAP) e Viviane Ramos de Freitas (UFRB)

OCUPAR O EXÍLIO: CORPOS PROFANOS E O IMAGINÁRIO DE SOBREVIVÊNCIA

Deborah Evangelista Damasceno

Resumo: Abordando questões de gênero e deslocamentos, demonstrando uma escrita que é vista como periférica, Maryse Condé dá voz à personagem Tituba na obra *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), trazendo à tona um relato histórico. Tal relato significa realizar o processo de um movimento decolonial, que legitima a busca pela alteridade, retratada na obra como um corpo negro, feminino, francófono, antilhano que ocupa o exílio no qual é forçada a viver, criando um imaginário que possibilita sua constante sobrevivência. A partir da filosofia glissantiana de uma poética das Relações, que reflete sobre os processos e efeitos da colonização, tendo como determinação a concepção de *Tout-monde* em que se baseia a crioulação, o objetivo da análise é compreender de que maneira, na obra *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem*, são apresentadas as questões acerca do exílio do corpo negro feminino - portanto profano - e, a partir desses questionamentos, verificar a presença de um imaginário de sobrevivência presente nessa existência. A partir disso, pretendo também investigar/verificar de que modo a criação desse imaginário possibilita sua constante sobrevivência, analisando as questões presentes na obra como a escrita feminina, principalmente de mulheres negras antilhanas, a existência desse corpo - mais especificamente o de Tituba, o corpo da mulher negra, escravizada, caribenha e exilada, colocado tradicionalmente à margem e caracterizada como profana. Por fim, irei observar como são representados na obra *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* a ocupação, imaginário e resistência de corpos profanos, à luz da filosofia da Relação, de Édouard Glissant, abordando questões como a construção de uma identidade em exílio, o corpo da mulher negra como um corpo profano, assim como a relação com um imaginário de sobrevivência, contrariando o imaginário de morte, a recusa em morrer e ser subjugada à qual se propõe a personagem da obra.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. ALVES, Alcione C. e OLIVEIRA, Jônata A. R. de. Colonialidade e gênero no romance Eu, Tituba: bruxa negra de Salem, de Maryse Condé. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 25, n. 55, p. 518-551, 3º quadrimestre de 2021. CONDÉ, Maryse. Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem. Paris: Gallimard, 1986. FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. _____. Traité du Tout-Monde. Paris: Gallimard, 1997. _____. Poética da Relação. Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. SANTOS, Luís C. F. dos. O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética afrodiaspórica como Arquipélago de libertação. 2019. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação: Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

“EU A AMO, É VERDADE, MAS EU A ODEIO TANTO QUANTO A AMO”: O AMOR MONOGÂMICO COMO INSTRUMENTO DE MANUTENÇÃO DA COLONIALIDADE DE GÊNERO NA OBRA ENTRE L’ARBRE ET L’ÉCORCE, DE FRANÇOISE LOE-MIE.

José Barreto Romariz dos Santos Junior

Resumo: O amor monogâmico durante muito tempo foi visto, nas sociedades coloniais, como a única maneira de construir relações afetivas entre sujeitos sociais, pois, segundo Polderman (2004), na Guiana Francesa, durante o período colonial, havia somente dois status para a mulher na sociedade: casada e viúva. Assim, se apoiando na estrutura patriarcal e machista, esse amor também foi/é utilizado como instrumento de implementação e manutenção da colonialidade de gênero que subalterniza o corpo feminino e o aprisiona em matrizes de dominação que interseccionam a raça, a classe, o gênero, os afetos e as sexualidades. Ainda hoje, nas sociedades modernas/capitalistas/coloniais, há o controle sobre os afetos e a maneira como as mulheres devem performar suas existências em sociedade. Françoise Loe-Mie, na sua obra Entre l'arbre et l'écorce, permite o diálogo e a reflexão sobre como o amor monogâmico é utilizado pelas personagens masculinas como garantia da submissão das personagens femininas que desejam viver suas subjetividades e seus afetos pautados na compreensão de que se pode agir socialmente de forma outra que não a imposta por sujeitos brancos, heterossexuais e eurocentrados. Na esteira de Vasallo (2022), hooks (2019a, 2019b, 2022) Oy?wùmí (2021, 2022) e Lugones (2020), este trabalho tem como objetivo, portanto, compreender como o amor monogâmico se constitui como instrumento de poder e de violência de gênero na obra de Loe-Mie, além de buscar entender como as masculinidades se constroem sob o argumento de exclusividade amorosa instituída em via única, onde somente a mulher deve obediência ao homem e onde se penaliza, persegue e desencoraja qualquer sujeito que apresenta comportamentos dissidentes da monogamia compulsória.

Referências: HOOKS, bell. A gente é da hora : homens negros e masculinidades. São Paulo : Elefante, 2022. HOOKS, bell. Anseios : raça, gênero e políticas. São Paulo : Elefante, 2019a. HOOKS, bell. Olhares negros : raça e representação. São Paulo : Elefante, 2019b. LUGONES, M. Colonialidade e Gênero. IN: HOLLANDA, H. B. (org) Pensamento feminista hoje : perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2020, p. 52-83 OYEWUMI, O. A invenção das mulheres : construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro : Bazar do tempo, 2021 OYEWUMI, Oyèrónké (org.). Epistemologias de Gênero em África : tradições, instituições sociais e identidades de gênero. São Paulo : Editora Ananse, 2022 POLDERMAN, Marie. La Guyane française 1676-1763: mise en place et évolution de la société coloniale, tensions et métissage. Guyane: Ibis Rouge Édition, 2004. VASALLO, Brigitte. O desafio poliamoroso. São Paulo: Elefante, 2022.

EDWIDGE DANTICAT: ESCRITAS DE SI E POSICIONAMENTOS

Juliana Borges Oliveira de Moraes

Resumo: A escritora haitiana e diaspórica Edwidge Danticat afirma que “seu país” é um de incertezas: “Meu país, eu senti, tanto como imigrante como artista, era algo, que seria o décimo departamento. O Haiti era subdividido em nove departamentos geográficos, sendo que o décimo seria a terra natal flutuante, a ideológica, que uniria todos os haitianos morando fora do Haiti, na diáspora (2010, p.49). Tendo essa perspectiva do (des)locamento, pretendo discutir posicionamentos de Danticat enquanto mulher, escritora e ativista diaspórica. Para tal, analisarei “memoirs” e ensaios, como a obra *Create Dangerously: The Immigrant Artist at Work* (2010). A migração da autora ocorre aos 12 anos, devido a condições políticas do Haiti (p.51). Essa condição a faz levar uma bagagem consigo, de perdas e horrores, que se traduz em suas obras. Segundo a autora, a mente possui formas de proteger-se contra horrores do passado e uma delas seria o “esquecer”. Esquecer seria um medo constante na vida de um escritor diaspórico, pois é preciso contar, repassar. Segundo ela, houve inúmeras mortes no Haiti para que outros pudessem viver (p.65). Danticat conclui: “Nós, os contadores de histórias, devemos ser mais gratos que os demais pelo fato de que o exílio foi a punição escolhida para Adão e Eva [...] porque caso eles tivessem sido executados, não haveria uma história a ser contada ou histórias para se passar adiante” (p. 6). No viés da reflexão sobre diáspora e escrita, proponho analisar escritas de si de Edwidge Danticat, a fim de observar seu posicionamento enquanto mulher e escritora diaspórica. Penso que escritas de si promovem um convite a debates importantes no que diz respeito à literatura, categorizações (autobiografia, o próprio estatuto da ficção), tradução cultural e transversalidades no contexto diaspórico, especialmente no momento contemporâneo, tão marcado pelo movimento: de pessoas, ideias e também de conceitos.

Referências: DANTICAT, Edwidge, *Breath, Eyes, Memory*. New York: Vintage, 1994. DANTICAT, Edwidge. *Create Dangerously: The Immigrant Artist at Work*. New York: Vintage Books, 2010. DANTICAT, Edwidge (Ed.). *The Butterfly's Way: Voices from the haitian Diaspora*. New York, Soho, 2001. BUTLER, Maia; DAVIS MC-ELLIGATT, Joanna; FEIFER, Megan (Eds.) *Narrating History Home and Diaspora: Critical essays on Edwidge Danticat*. Jackson: UP Mississippi, 2022.

A VIOLÊNCIA MASCARADA PELA IDEIA DE PARAÍSO TROPICAL EM PLEASANTVIEW, DE CELESTE MOHAMMED

Juliana Pimenta Attie

Resumo: Na esteira de obras como *A Small Place* (2000), de Jamaica Kincaid, *Here comes the sun*, de Nicole Dennis-Benn (2016), entre outras, *Pleasantview* (2021), da escritora trinidadiana Celeste Mohammed, busca desconstruir a visão idealizada e comercial de um Caribe turístico que abriga apenas belezas naturais, um povo alegre, e serve como um refúgio das grandes metrópoles. Descrito como um “romance em histórias”, a obra traz uma série de narrativas que se passam na cidade fictícia de Pleasantview, em Trinidad, escritas em uma mescla de inglês e do crioulo trinidadiano com suas variantes. Nessas histórias, as vivências das personagens se entrelaçam e expõem realidades que não aparecem nos guias turísticos, desnudando as feridas da colonização que se mostram presentes ainda hoje por meio da pobreza, da precariedade e da corrupção. Nesta comunicação, buscaremos discutir, em um primeiro momento, a mudança de perspectiva na construção da/do “outra/outro” no contexto pós-independência/emancipação dos países caribenhos, mais especificamente, Trinidad. A partir dessas reflexões, direcionaremos o foco da análise às diversas violências a que as personagens mulheres da obra são submetidas. Nesse intento, este trabalho se fundamenta em estudos que discutem o pós-colonialismo e a decolonialidade, tais como os desenvolvimentos de Homi Bhabha, Ania Loomba e Walter Dignolo; em teóricas feministas que levam em consideração questões de raça, classe e gênero em suas produções, como Françoise Vergès, Maria Lugones e Grada Kilomba. Além disso, exploraremos estudos específicos sobre o contexto caribenho a partir de textos de Jamaica Kincaid, Kamau Brathwaite e Allisson Donnell.

Referências: DENNIS-BENN, Nicole. *Here comes the sun*. New York: Liveright, 2016 KINCAID, Jamaica. *A Small Place*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2000. MOHAMMED, Celeste. *Pleasantview*. London: Jacaranda Books, 2021.

FANM DIFÉ: A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA GUIANA FRANCESA

Natali Fabiana da Costa e Silva

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar o sistema literário da Guiana Francesa a fim de compreender o lugar da autoria feminina nessa produção. Segundo Ndagano (1996), a literatura guianense surgiu no século XIX acenando, já naquele momento, para uma dimensão embrionária da negritude em seus horizontes poéticos e ficcionais. No século XX, ela se desenvolve e engaja escritores que, para além do diálogo com os pensamentos de Aimé Césaire (1913-2008), Léon-Gontran Damas (1912-1978) e Léopold Sédar Senghor (1906-2001), demonstram preocupação em consolidar uma literatura que se afirme como autônoma, distanciando-se daquela produzida em Martinica e Guadalupe, no Caribe. É, contudo, somente em meados da década de 1990 que a literatura guianense escrita por mulheres surge. Sua estreia se dá pela publicação do romance *La saison des abattis* (1996), de Lyne-Marie Stanley. Seu romance abre caminho para um grupo de escritoras que passam a publicar a partir dos anos 2000, como Christiane Taubira, Sylviane Vayaboury, Mireille Jean-Gilles, Françoise James Ousénie Loe-Mie, Marie-George Thebia, entre outras. A autoria feminina amplia o pensamento da negritude, estendendo sua atenção à exploração dos corpos de mulheres negras. Nesse sentido, busca-se observar a dinâmica entre o esgotamento (*épuisement*) desses corpos femininos e, ao mesmo tempo, o florescimento (*épanouissement*) de um olhar crítico em direção à França metropolitana, colocando em xeque sua relação com os Departamentos Ultramarinos e suas ex-colônias.

Referências: CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*. In: SENGHOR, Léopold Sédar (Org.). *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF, 1939. CÉSAIRE, Aimé. *Nègre je suis, nègre je resterai: entretiens avec Françoise Vergès*. Paris: Albin Michel, 2005. LOE-MIE, F. J. O. *Entre l'arbre et l'écorce*. Matoury: Ibis Rouge Editions, 2009. SENGHOR, Léopold S. (org.). (1948), *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris, PUF. NDAGANO, Biringanine; BLÉRALD-NDAGANO, Monique. *Introduction à la littérature guyanaise*. Cayenne: CDDP de la Guyane, 1996.

O REAL MARAVILHOSO CARIBENHO EM LA GRANDE DRIVE DES ESPRITS, DE GISÈLE PINEAU

Tayla de Souza Silva

Resumo: *La grande drive des esprits*, romance de Gisèle Pineau publicado em 1993, retrata uma Guadalupe rural povoada por espíritos vingativos a partir dos olhos de uma narradora-personagem formada na cultura racionalista da França. Ao contar episódios ocorridos com gerações de uma família caribenha, o texto passa por temas como a espiritualidade local, eventos históricos, catástrofes ambientais — tão frequentes nessa região — e suas consequências. O objetivo deste trabalho é analisar os elementos sobrenaturais presentes no romance através da teoria do realismo maravilhoso, tal qual estudada por Irlemar Chiampi (2015) e Alejo Carpentier (1987), estética que atravessa as literaturas em um eixo interamericano e tem como característica operar com a descontinuidade entre causa e efeito, sem fugir completamente à lógica dos eventos. Segundo Chiampi, o realismo maravilhoso ofusca a linha que separa o binômio racional/irracional, tornando essas esferas contíguas uma à outra, e produz um efeito de encantamento ao revelar o insólito presente no real. A trajetória da escritora converge, em certa medida, com a da narradora, já que Pineau viveu até os 14 anos na França, devido ao serviço militar do pai, e somente então travou contato direto com sua terra de origem. Em entrevista (LOICHOT, 2007), Pineau afirma que o romance em questão foi o meio que encontrou para plantar suas raízes em Guadalupe, objetivo reforçado pela utilização de recursos como a oralidade, frases em crioulo guadalupense e vocabulário regional.

Referências: CARPENTIER, Alejo. *Lo barroco y lo real maravilloso*. In: *Tientos, diferencias y otros ensayos*. Barcelona: Plaza & Janés Editores S.A., 1987, p. 103/119. CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance americano*. São Paulo: Perspectiva, 2015. FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF; EdUFF, 2005. GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Tradução de Eduardo Jorge de Oliveira e Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. LOICHOT, Valérie. "Devoured by Writing": An Interview with Gisèle Pineau. *Callaloo*, Vol. 30, No. 1, Reading "Callaloo"/Eating Callaloo: A Special Thirtieth Anniversary Issue

(Winter, 2007), p. 328-337. MIRAM-MARTHE-ROSE, Sandrine. La grande drive des esprits de Gisèle Pineau: le roman d'une écrivaine guadeloupéenne à la recherche d'une passe entre réalisme et merveilleux. Archipélies (en ligne), n. 5, 2018. Disponível em: <https://hal.univ-antilles.fr/hal-02044795>. Acesso em: 17 mai. 2022. PINEAU, Gisèle. La grande drive des esprits. Paris: Le Serpent à Plumes, 1999. PY, Fatima. Le surnaturel dans le roman féminin guadeloupéen contemporain. 2017, 458 f. Tese (Doutorado em littérature générale et comparée) — Programa de Pós-Graduação em langues et littératures françaises, Université des Antilles, Guadelupe. Disponível em: <https://www.theses.fr/2017ANTI0139.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2022. SACRÉ, Sébastien. Les représentations de la mort dans le réalisme merveilleux antillais: pour un renouveau identitaire? Oeuvres & Critiques, XLIV, 2, 2019, p. 87-100.

GARDENING IN THE TROPICS: INSCREVENDO O CORPO (FEMININO) E O TERRITÓRIO NA EXPERIÊNCIA DIASPÓRICA CARIBENHA

Viviane Ramos de Freitas

Resumo: Propomos-nos, neste trabalho, a fazer uma leitura de poemas do livro *Gardening in the Tropics*, da escritora jamaicana Olive Senior, como exemplos de escrita situada, em que o corpo, o território e a experiência vivida de comunidades diaspóricas na Jamaica aparecem em primeiro plano. O nosso objetivo é interrogar de que forma a inscrição do corpo (feminino) e da especificidade local nos discursos sobre a diáspora caribenha é capaz de trazer o foco para outras dimensões, políticas, morais e espirituais, que são em muitos aspectos distintas daquelas exploradas pela perspectiva do migrante masculino, tão valorizada pela crítica pós-colonial. Alison Donnell (2006), na sua análise dos principais momentos críticos da literatura caribenha anglófona, destaca o influente texto *O Atlântico Negro*, de Paul Gilroy, como determinante para a ênfase dada pela crítica literária à migração e ao exílio como as áreas mais gratificantes de investigação no âmbito da literatura caribenha e das teorizações pós-coloniais. *Gardening in the Tropics* desafia o paradigma teórico-crítico do Atlântico Negro e amplia a discussão sobre a diáspora ao “jardinar” nos espaços marginais da experiência (ficcional) e situada de mulheres em comunidades diaspóricas caribenhas. Para essa abordagem, propomos a leitura dos poemas em interlocução com teorias e reflexões críticas cujo foco recai sobre a corporeidade e espacialidade. Concluimos que, ao dirigir a atenção para a especificidade geográfica, cultural e de gênero da experiência diaspórica, Senior nos instiga a forjar outros paradigmas, capazes de adentrar os territórios do Caribe e ampliar a discussão sobre a diáspora e a literatura produzida por mulheres caribenhas.

Referências: BHABHA, Homi. K. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. DONNEL, Alison. *Twentieth century Caribbean literature: critical moments in anglophone literary theory*. London and New York: Routledge, 2006. FANON, Fanon. On national culture. In: CHRISMAN, L.; WILLIAMS, P. (Ed.) *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 36-52. GATENS, Moira. *Imaginary Bodies: Ethics, Power and Corporeality*. London: Routledge, 1995. GILROY, Paul. *The Black Atlantic: modernity and double consciousness*. London: Verso, 1993. GLASER, Marlies. “A Shared Culture: An Interview with Olive Senior.” *Caribbean Writers: Between Orality and Writing*. Ed. Marlies Glaser and Marion Pausch. Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1994. P. 77-84. HENDERSON, Mae G. “Remembering the Body as Historical Text”. In: SPILLERS, Hortense J. (ed.). *Comparative American Studies: Race, Sex and Nationality in the Modern Text*. New York: Routledge, 1991, p. 62-86. KUNCH, R. *Indigenous and Popular Thinking in America*. Translated by Maria Lugones and Joshua M. Price. Introduction by Walter Dignolo. Duke University Press Books, Durham & London, 2010. LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro/2014. MASSEY, D. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. SENIOR, Olive. *Gardening in the Tropics* (Toronto: McClelland & Stewart, 1994; London: Bloodaxe Books, 1995; Toronto: Insomniac Press, 2005) SENIOR, Olive. *Working Miracles: Women's Lives in the English-Speaking Caribbean*. London: James Currey/ Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1991. SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo: Edusp, 2002. WYNTER, Sylvia. "On How We Mistook The Map for the Territory, and Re-Imprisoned Ourselves in Our Unbearable Wrongness of Being, of Désêtre - Black Studies Toward the Human Project". In: L. Gordon & J. Gordon (orgs.), Not Only the Master's Tools - African-American Studies in Theory and Practice Boulder/Londres: Paradigm Publishers, 2006, p. 107-171.

SIMPÓSIO "LITERATURAS DA/NA AMAZÔNIA E SEUS DIÁLOGOS COM A LITERATURA MUNDIAL"

Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR), Emerson Carvalho de Souza (UFJ) e Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR)

MEIA PATA E A ECOCRÍTICA

Adriana Helena De Oliveira Albano

Resumo: Esta comunicação busca realizar, por meio da crítica literária, no viés da Ecocrítica, um olhar sobre a relação do personagem Daniel com uma onça no livro *Meia Pata* (2013) de Ricardo Dantas. Nesse caminho de análise, refletir sobre como a construção da subjetividade inumana ocorre como modo de reconhecimento da subjetividade humana apresentando a história de dominação e destruição do homem sobre a natureza. Para tanto, faremos uso da ideia de subjetividade moderna que desconstrói a ideia de um sujeito uno e engessado, herança do pensamento cartesiano, e adotaremos uma ideia de sujeito que vai se construindo ao longo de suas experiências vividas: focalizaremos o personagem Daniel e as mudanças ocorridas em sua visão de mundo a partir da entrada no bioma amazônico e do contato com a onça Meia Pata. Num segundo momento, a pesquisa vai apontar como tais acontecimentos repercutem na emergência de ações para a preservação do meio ambiente e para a sensibilização em relação a vida dos animais inumanos. Interessante notar o lugar de personagem e de subjetividade dado à onça Meia Pata, uma vez que sua visão de mundo também é descrita, e desse modo, ela torna-se também protagonista ativa, ampliando o olhar para além do pensamento cartesiano, segundo o qual os animais são como máquinas, sem consciência e sem sentimentos, logo, podendo ser descartados ou explorados. Jacques Derrida, filósofo da literatura, um dos importantes autores utilizados aqui, é precursor da escrita sobre o direito dos animais, ou sobre a falta dele, e nesse sentido é pontual para as reflexões de nosso estudo: "De qualquer maneira que se interprete, qualquer consequência prática, técnica, científica, jurídica, ética ou política que se tire, ninguém hoje em dia pode negar esse evento, ou seja, as proporções sem precedentes desse assujeitamento do animal" (2002, p. 51).

Referências: DANTAS, Ricardo. *Meia Pata*. São Paulo: Editora Kазуá, 2013. DERRIDA, Jacques. *O Animal que Logo Sou*. Tradução: Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

VALE TUDO AO FANFICAR? UMA LEITURA DECOLONIAL DE FANFICTIONS E O MULTICULTURALISMO PRESENTE

Ayane Camila de Araújo Silva

Resumo: De acordo com o dicionário Priberam on-line, "à margem" é "De lado, ao abandono". Já "à margem de" é "Ao lado de, mas sem participação ou relação directa. De fora". Logo, pertence à margem tudo aquilo que não se enquadra ao centro social, ao padrão. Ao ir ao universo literário centro é o que convencionalmente chama-se de cânone, obras e autores de prestígio que possuem a valorização da academia. Esse cânone tende a ser de autoria branca e masculina, estando à margem obras e autores que não se enquadram nesse padrão. Nesse aspecto enquadram-se as fanfictions como narrativas marginais, uma vez que elas são escritas e lidas na internet, com um aspecto de anonimato dos autores e abordando os mais diferentes temas, inclusive sexuais. Além disso, ainda há um certo preconceito acadêmico com essas histórias, como afirma Neves (2011, p. 167) que caracteriza as fanfics como "uma arte marginal que rompe com as imposições da arte hegemônica". Observando esses espaços também encontramos um aspecto multicultural onde são abordados temas e personagens também marginalizados. Nas plataformas onde essas histórias são

normalmente lançadas depara-se com as mais diferentes narrativas onde o protagonismo transita entre casais homoafetivos, pretos, interseccionais, indígenas, entre outros. Entretanto, alguns estereótipos ainda são encontrados e mantidos nas histórias. A partir desse cosmo proponho uma leitura decolonial de fanfics como “À Luz do Luar” escrita pelos usuários @Samy2807 e @Naruhinaproject que une a lenda do boto-cor-de-rosa com o anime japonês Naruto do qual os usuários afirmam ser fãs. Para isso apoiaremos-nos nas teóricas Vergès (2020) e Lugones (2014) e em suas contribuições.

Referências: LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas. Florianópolis, vol.22, n. 320, p.935-952, setembro/dezembro, 2014. "margem", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/margem> [consultado em 08-01-2023]. NEVES, André de Jesus. A Literatura Marginal na Internet: O Fenômeno Fanfiction como instrumento de Disseminação e Divulgação das/nas Margens. A invasão da cultura nos estudos de língua e literatura - Vol. 1, n. 1, jan./jun. 2011 (pg. 158 À 172) SPIRIT FANFICTIONS. À Luz do Luar. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/a-luz-do-luar-21766600>> Acessado em: 01/11/2022 VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Trad. Jamille Pinheiro e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LUGARES DE SI CONSTRUÍDOS PELO OUTRO: UMA ANÁLISE IMAGOLÓGICA DO CONTO “DOIS POETAS DA PROVÍNCIA”, DE MILTON HATOUM.

Clara Glenda Mendes Galdino, Katia Aily Franco De Camargo

Resumo: Considerado cânone da literatura brasileira contemporânea, o escritor Milton Hatoum arquiteta em suas linhas literárias as complexidades e a diversidade da cultura amazonense, por meio, principalmente, de uma ambientação manauara. No livro de contos A cidade ilhada (2008), o autor elabora imagens que, majoritariamente, figuram uma Amazônia entre modernização e decadência, bem como enfatizam os contatos culturais entre a população nativa e os estrangeiros presentes no espaço representado. Fundamentando-se nessa perspectiva, este artigo tem como objeto de investigação o conto “Dois poetas da província” e intenta descrever e analisar as imagens do Brasil e da Amazônia – metonimizadas pela cidade de Manaus – em face da interação com o estrangeiro. Para tanto, será utilizada como base a Teoria Imagológica desenvolvida por Daniel-Henri Pageaux (2011), para quem a imagem é uma linguagem (ideológica) a partir da qual se diz o Outro e a si mesmo, revelando, por essa razão, identidades e relações culturais. Como resultado, percebe-se na obra uma estrutura conduzida pelas alteridades. Em primeiro momento, compreende-se a representação imagética do estrangeiro francês como símbolo da dependência cultural moderna entre Brasil (Manaus) e França (Paris), que se materializa no personagem central e em sua mania. A fixação e valorização da respectiva cultura europeia pelo personagem nativo expõe uma autoimagem que inferioriza a cultura amazonense, retomando a noção de fobia. Em segundo momento, na rápida representação imagética de estrangeiros genéricos (identificados como turistas), são expostos estereótipos ligados à região que deslocam os outros (supostamente civilizados) ao papel de imitação dos selvagens (nativos). A cena desvela a heteroimagem dos estrangeiros acerca do território amazônica e do Brasil, consolidada pelo imaginário europeu, para o qual os espaços servem à exploração, à visita e ao festejo, entretanto, não dispõem de valor cultural para o Ocidente – senão pela via do exótico.

Referências: PAGEAUX, Daniel-Henri. Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada. URI, 2011.

DIÁLOGOS POSSÍVEIS: A POESIA MACUXI E RESISTÊNCIA FEMININA

Hilvany Lannay Silva Araújo

Resumo: A produção literária ocidental feminina proporcionou à literatura a construção de um feminino que subverte e que se distancia, de diferentes formas, do olhar patriarcal comumente disseminado. Esse olhar também se debruçou sobre as mulheres indígenas, visto que o gênero discriminava, na maioria das culturas indígenas, qual a função social as mulheres desempenhariam dentro da comunidade, conforme Julio (2016). Porém, vindo do homem branco, o patriarcalismo foi

mais violento, pois, somado ao machismo, havia também os preconceitos e estereótipos do colonizador, que perpetuam os estigmas a respeito das comunidades indígenas. Por meio da leitura de autoras indígenas, é possível compreender que as vozes-mulheres precisam ser ouvidas e lidas, pois, as lutas indígenas são forjadas também por mãos femininas, as quais possuem papel fundamental na defesa das florestas, territórios e vida dos povos originários. A partir de uma visão decolonial do feminismo, que revela uma interpretação nova sobre as relações globais e locais, proponho a leitura de algumas poesias de “Weiyamî mulheres que fazem o sol”, título da obra da escritora indígena Sony Ferseck, que conta com ilustrações em bordado da artista indígena Georgina Sarmiento. Nesse livro, a autora homenageia a luta das mulheres indígenas ao colocá-las como protagonistas em seus versos, uma vez que Weiyamî, segundo ela, invoca Wei, nome traduzido da língua macuxi que significa “Sol”, uma entidade feminina na cultura indígena macuxi.

Referências: VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial, Ubu, 2020. JULIO, Suelen Siqueira. O recorte de gênero na História Indígena: contribuições e reflexões. Disponível em: <http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1471228116_ARQUIVO_SuelenSiqueiraJulio.pdf> CUMES, Aura Estela; BARBOSA, Iris; SANHUEZA, Marcelo. MULHERES INDÍGENAS, PATRIARCALISMO E COLONIALISMO: UM DESAFIO À SEGREGAÇÃO COMPREENSIVA E SUAS FORMAS DE DOMINAÇÃO. Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 26 | Jun., 2022, pp. 323-334. FERSECK, Sony. Weiyamî Mulheres que fazem sol. Wei editora, Boa Vista, 2022.

LITERATURA E AS RETÓRICAS DA CONSTRUÇÃO DA RODOVIA TRANSAMAZÔNICA (BR-230) NA DÉCADA 1970

José Valtemir Ferreira Da Silva

Resumo: O texto aborda um conjunto de obras inseridas em uma produção literária sobre a Transamazônica (BR-230), ou seja, que tem como tema, espaço e tempo as demandas da construção desta rodovia na Amazônia brasileira na década de 1970, em plena ditadura civil-militar. O objetivo é fazer a análise de algumas dessas obras, procurando refletir acerca dos desdobramentos que os elementos históricos ligados a simbologia da Conquista assumem. As obras selecionadas para o estudo foram Tempo de estrada – 20 poemas da Transamazônica, organização do Ministério dos Transportes de (1972), Dois Meninos na Transamazônica de Margarida Ottoni (1973), Missão Secreta na Transamazônica de Assis Brasil (1991), A Ponte Sobre O Tuerê: Drama na Abertura da Transamazônica de Coningham Netto (2000), A Transa Amazônica (1973) e a sua segunda versão A Grande Ilusão (a transa-amazônica) de Odette Mott (1979). Para a consecução da discussão optou-se por uma “análise arqueológica”, nos termos de Walter Benjamin (1987), na busca de investigar supostos fragmentos expressos na constituição da literatura, ou inferidos a partir de outros objetos. Nesse sentido, além da leitura analítica das obras, foi importante a consulta a um conjunto de materiais como jornais, revistas, selos postais, produções audiovisuais, bem como os estudos de Todorov (2019), Souza (2012), Araújo (2013), entre outros. A pesquisa permitiu identificar que as obras literárias selecionadas produzem sentidos a partir da vinculação a duas categorias/retóricas sobre a rodovia. A Transconquista – em voga no período de construção da Transamazônica e a Transamargura – que surge após o abandono da estrada. A evidência dessas retóricas culmina também com a emergência de novas leituras estético-literária ao imaginário concernente a corrida para a exploração e posse do vale amazônico, sendo pertinente tomá-las como ferramenta analítica para a compreensão de outros textos, discursos ou artes envoltas na temática Transamazônica.

Referências: ARAÚJO, Cristina da Silva. IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO DO MITO DE ELDORADO: A CRÔNICA DE SIR WALTER RALEIGH - 1595. Amapá: REVISTA TEMPO AMAZÔNICO, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2013. BELLONI, Consuelo. Transamazônica (Brasil, 1970 – Momento histórico). Porto Alegre: Pongetti, 1973. BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Rua de mão única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 2. p. 239. BRASIL, Francisco de Assis. Missão Secreta na Transamazônica. Capa e ilustrações de Ferruccio Verdolin Filho. Belo Horizonte: BJJ, 1991. CONINGHAM NETTO, John. A PONTE SOBRE O RIO TUERÊ: Drama na Abertura da Transamazônica. Ed. Komedi, Campinas-SP, 2000. MOTT, Odette de Barros. A TRANSA-AMAZÔNICA. 1. ed. São Paulo:

Brasiliense, 1973. MOTT, Odette de Barros. A GRANDE ILUSÃO (a transa-amazônica). 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. OTTONI, Margarida. Dois Meninos na Transamazônica. Ilustrações de Eliardo França. Rio de Janeiro, Conquista, Brasília, INL, 1973. REIS, Daniel Aarão. Ditadura e democracia no Brasil. Rio de Janeiro, Zahar, 2014. SERVIÇO de Documentação do Ministério dos Transportes (Org.). Tempo de Estrada – 20 poemas da Transamazônica. Rio de Janeiro: SDMT (em coedição com o Instituto Nacional do Livro e Grupo Planejamento Gráfico, editores), 1972. SOUZA, César Augusto Martins. A estrada invisível: memórias da Transamazônica. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/Rio de Janeiro, 2012. TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

A PHÝSIS NA ALAMEDA DE ASTRID CABRAL

Márcio Camillo da Silva

Resumo: No Período Arcaico da história grega, segundo Emmanuel Carneiro Leão, a palavra phýsis tinha um sentido que se afasta do significado dos dias atuais. Aliás, o seu sentido original já era diferente para os próprios gregos do Era Clássica. A sua tradução por natureza já é, em si, uma traição, de resto como qualquer tradução, seja de uma língua para outra, seja de um tempo para outro dentro da mesma língua. Uma das diferenças de significação reside, antes de mais nada, no que a palavra abarca dentro de si. Na palavra natureza tal qual se fala na indeterminação cotidiana, há uma separação, um corte: de um lado, a natureza e, de outro lado, o homem com a sua cultura. Nesse sentido, o homem não está inserido na natureza, pois ocupa um lugar à parte. Pode-se lhe dar um lugar privilegiado, é claro, mas ele está em destaque em relação à natureza. Para os gregos do Período Arcaico, ao contrário, a palavra phýsis tinha um sentido mais abrangente, compreendendo, inclusive, o homem. Assim, phýsis abrangia a totalidade dos seres. Em Alameda, livro publicado há 50 anos, em 1963, pela escritora amazonense Astrid Cabral, essa concepção antiga de phýsis é, em certo sentido, recuperada. A comunicação mostrará que, a partir da análise de quatro contos, o homem, embora ainda se apresente ainda à parte em relação à natureza, faz parte da mesma natureza (constituição) dos demais personagens. Mas tudo isso sob uma nova apresentação: o fato de que o homem tenta submeter a natureza a seu controle e poder, e esquecendo-se de que faz parte daquilo que ele tenta se afastar. Nesse jogo entre aparecimento e desaparecimento de homem e demais elementos da natureza, compõe-se a estrutura básica do livro Alameda.

Referências: ANAXIMANDRO. Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Introd. e trad. Emmanuel Carneiro Leão; trad. Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 2017. CABRAL, Astrid. Alameda. Manaus: Valer, 1998. HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Trad. Márcia Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2015. HEIDEGGER, Martin. Caminhos de floresta. Trad. Irene Borges-Duarte et alii. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 2012. SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

OS CORPOS FEMININOS DA OBRA DE NENÊ MACAGGI: A MULHER E A FLORESTA COMO "ESPAÇOS" SIMBÓLICOS DE INVASÃO E RETOMADA

Mirella Miranda De Brito Silva

Resumo: A obra de Macaggi reitera a precariedade do feminino nos espaços altamente intensamente machistas, caso das regiões de garimpo da Amazônia dos 40/80 do século passado. Se por um lado é exagero inserir a escritora se inscreva no rol das autoras feministas de sua época, por outro é inegável sua preocupação com questões de gênero tão relevantes quanto dolorosas: em todas as narrativas ocorrem estupros, descritos de forma nauseantemente explícita. Essas situações extremas nas narrativas são muitas vezes exploradas de forma superficial, sem repercussões evidentes na psique das personagens, ao mesmo tempo em que quase sempre são determinantes para a construção dos enredos, sendo muitas vezes os gestos de violação dos corpos femininos pontos de ruptura ou de reviravolta nas narrativas. Mas mesmo este silenciamento é revelador de uma condição e de um espaço (a violação da floresta através do garimpo) em que a violência contra a mulher é quase institucionalizada e fortemente naturalizada. Dentro desse contexto, nosso trabalho visa apresentar um panorama das representações das diversas questões de gênero

plasmadas na obra de Macaggi, nos detendo especificamente nas relações atinentes à construção do lugar do feminino dentro dos vários espaços amazônicos: do “útero” por vezes inóspito da floresta, do qual as personagens indígenas femininas são frequentemente “abortadas”; passando pelo silenciamento frequente das mulheres “brancas”, que “desaparecem” através da adesão completa à identidade masculina em função da sobrevivência, ou que se matam pela impossibilidade de existir plenamente em espaços masculinos e violentos; até as personagens que, violadas, cedem seu protagonismo para as homens “menores”, mesmo nos romances que têm seus nomes como título.

Referências: ASSAD, Tâmera Maciel. A problemática das “invasões” na cidade e Manaus: perspectivas de legalização fundiária à luz do Estatuto da Cidade. Disponível em: http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/manaus/novos_desafios_tamera_maciel_assad.pdf. Acesso em 28 de Março de 2013. BENCHIMOL, Samuel Isaac. Amazônia: Formação Social e Cultural, Manaus, 1999. _____. “Grupos culturais na formação da Amazônia brasileira e tropical”. In: Encontro Regional de Tropicologia, 2, 1985, Recife. Anais... Recife: Massangana, 1989. p. 115-144. BERND, Zilá. Identidades e nomadismos. In: JOBIM, José Luís (org.). Literatura e identidades. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. P. 95-112. _____. Perspectivas Comparadas Trans-Americanas. ABRALIC, 2006. BESKOW, Gabriela Carames. “Marchando para Oeste – Discursos Sobre as Políticas Varguistas de Integração Nacional”. IN: Anais do ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007. PIZARRO, Ana. Imaginário y discurso: la Amazonia. In: JOBIM, J. L. ET alii (orgs.) Sentidos dos lugares. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006. p. 130-151. _____. “Poéticas de la diversidad: la Amazonia”. In: JOBIM, J. L. ET alii (orgs.) Lugares dos discursos. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006. p. 151-168. _____. Amazonia – El Río Tiene Voces. Chile: FCE, 2009. _____. “Áreas culturais na modernidade tardia”. In: O sul e os trópicos: ensaios da cultura latino-americana. Trad. Irene Kallina, Liege Rinaldi. Niterói: Editora da Universidade federal Fluminense, 2006, p. 96-102.

ESCRITORES CRONISTAS EM RORAIMA: O ESPAÇO DA AMAZÔNIA NOS TEXTOS DE NENÊ MACAGGI E ELIAKIN RUFINO PUBLICADOS NOS JORNAIS O ÁTOMO E A FOLHA DE BOA VISTA

Moema de Souza Esmeraldo

Resumo: O exercício da crônica foi incorporado à cultura brasileira por uma linguagem acessível, próxima ao cotidiano segundo Massaud Moisés (1967), Antonio Dimas (1974), Antonio Candido (2004) e Davi Arrigucci Júnior (1987), entre outros estudiosos do tema no Brasil. Escrever crônicas para jornais representou uma possibilidade de profissionalização para os escritores brasileiros, por vários motivos, tais como a necessidade financeira e a possibilidade de reconhecimento da sua escrita literária. Ao refletir sobre as relações entre jornalismo e literatura, Costa (2005) destaca que o artista em tempo integral é mais exceção que regra no Brasil. Desse modo, pretende-se evidenciar uma discussão sobre a escritora Nenê Macaggi e o escritor Eliakin Rufino que, por exemplo, dedicaram-se a esse tipo de escrita específica para jornal. Para tanto, serão analisados textos publicados nos jornais O átomo e A Folha de Boa Vista, disponíveis por meio da Hemeroteca Digital Brasileira e pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional. No jornal O átomo, que foi considerado o primeiro jornal independente do Território Federal do Rio Branco, encontram-se textos de Nenê Macaggi publicados entre os anos de 1954 e 1955. Já no jornal A Folha de Boa Vista, fundado em 1983, no então Território Federal, ativo até os dias atuais, diferentes autores publicavam crônicas com ou sem regularidade, dentre os quais, Eliakin Rufino, que também será objeto de investigação. As questões levantadas apresentam um projeto de pesquisa inicial que se volta para o estudo de crônicas publicadas em periódicos que circularam no território hoje demarcado como Roraima. Além de realizar um resgate de textos dos autores mencionados a proposta anseia investigar a representação do espaço da Amazônia nas crônicas analisadas.

Referências: ARRIGUCCI JÚNIOR, D. Fragmentos sobre a crônica. In: Enigma e comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: Recortes. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. CHARTIER, R. Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. COSTA, C. Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. DIMAS, A. A ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo. Littera: revista para professor de

português e literaturas de língua portuguesa. Rio de Janeiro, ano IV, n. 12, set./dez. 1974. MOISÉS, M. A criação literária. São Paulo: Melhoramentos, 1967. MUNARO, L. F. Rios de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. RIBAS, M. C. Por uma revisão conceitual do gênero crônica: entre a montanha e o rés-do-chão. In: ANAIS CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, Campina Grande: Abralic, 2013. SOARES, J. S. Jornais Impressos de Roraima – 1905-1997. Centro de Comunicação, Educação, Letras e Secretariado. Departamento de Comunicação Social. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 1998.

JAIDER ESBELL: COSMOPOLÍTICA COMO ANTIRRACISMO

Pedro Mandagará

Resumo: A obra de Jaider Esbell (1979-2021) combinava uma exploração das culturas indígenas do circun-Roraima com uma prática de alianças entre os artistas indígenas do território brasileiro, aliança expressa em seu conceito de "Arte Indígena Contemporânea". Neste trabalho, investigo como ambas as concepções - o trabalho com as culturas locais e política de alianças nacional - são expressas em sua obra "Feitiço para salvar a Raposa Serra do Sol" (2019). Proponho uma leitura detalhada da obra pictórica, mostrando como o político (nacional) e o cosmopolítico (culturalmente específico) se imbricam. Na obra, há uma temática explicitamente política, relacionada ao longo processo de luta pela demarcação da Terra Indígena Raposa do Sol, concluída apenas em 2005, mais de vinte anos após a data limite proposta pela Constituição Brasileiras de 1988, e que gera conflitos violentos com a sociedade local até hoje. As diversas figuras animais que são mostradas na tela evocam alianças cosmopolíticas com diversos seres, humanos e não-humanos - lembro que na mitologia de diversos povos ameríndios, incluindo o povo macuxi de Jaider Esbell, todos os animais em algum momento passado já foram humanos. Minha hipótese é que a tela de Esbell exemplifica o uso da arte como política antirracista: mais que representar, sua arte age performativamente no mundo, como um feitiço antirracista que move os afetos de quem olha.

Referências: Andrade, Mário de (1996). Macunaíma. O herói sem nenhum caráter. Edição crítica by Telê Ancona Lopez. São Paulo: Archivos; Edusp. Cruz, Felipe Sotto Maior (2019). 'Povos indígenas, radicalização e políticas afirmativas no ensino superior. Oliva, Anderson Ribeiro; Erber, Laura. Percorrer a imagem-limiar de Jaider Esbell (com algumas coisas de Marie-José Mondzain). Available at <https://www.itaucultural.org.br/secoes/colonistas/revelacao-percorrer-imagem-limiar-jaider-esbell>. Esbell, Jaider (2018). Jaider Esbell (Coleção Tembetá). Rio de Janeiro: Azougue. Esbell, Jaider (2010). Terreiro de Makunaima: mitos, lendas e histórias em vivências. Prêmio Selo FUNARTE de Literatura. Koch-Grünberg, Theodor (1923). Vom Roraima zum Orinoco. Berlin: Dietrich Reimer (Ernest Vohsen). Vol. 3.

SIMPÓSIO "SUJEITOS EM (DES)LOCAMENTO E LITERATURAS DO MUNDO: TENSÕES TRANSCULTURAIS, CONVIVÊNCIA E IDENTIDADE"

Coordenadores: Fernanda Boarin Boechat (UFPA), Gerson Roberto Neumann (UFRGS) e Ricardo Postal (UFPE)

A PRÁTICA DA ESCRITA DO TEXTO MIGRANTE: A LITERATURA E A CULTURA CUBANAS NO TERCEIRO ESPAÇO

Antonio Martínez Nodal

Resumo: O presente estudo objetiva discutir a criação literária de Eliseo Alberto (1951-2011) como uma prática da escrita (PAULS, 2012). O autor cubano estabelece seu epicentro narrativo no exílio no México, cujas articulações expressivas, na terra de acolhida, reproduzem seus afetos em algumas das obras memoriais do escritor. Esses documentos anfíbios (SANTIAGO, 2004) permeiam-se de cores textuais inauditas que resultam em múltiplos gêneros autobiográficos, construções pendulares, determinadas pelo posicionamento geográfico e simbólico de duplo exílio (DOMÍNGUEZ,

2001) de Alberto, inseridos em um terceiro espaço conceitual (WEIMER, 2008) e vivencial (SOJA, 2010), sob a ótica de uma teoria da ausência (GLISSANT, 2021). O escritor e jornalista pretende, desse modo, conectar sua primeira raiz, o reduto de vida fundacional (BACHELARD, 1993) em seu andamento excêntrico como intelectual errante (ACHUGAR, 2006), a partir de um texto capital de retorno, movimento narrativo interior, assinalado, no presente estudo, como texto migrante, dentro de uma literatura em movimento (ETTE, 2008, 2018). Sua grafia crítica, íntima, mutável, em trânsito permanente até as origens, eclode até várias escritas de si, ao ser ligada com outras/mesmas vozes referenciais, que sugerem uma travessia de água textual sob o peso do afeto (ASSMANN, 2011; SPINOZA, 2021). Alberto viaja para a ilha e a cultura cubana nas obras *Informe contra mí mismo* (1997) e *Dos Cubalibres. Nadie quiere más a Cuba que yo* (2004), ressignifica-se como escritor múltiplo e biobibliográfico (HOISEL, 2019), na busca insistente de uma história e literatura próprias e coletivas que o legitimem dentro de uma outra biografia possível e que, ao mesmo tempo, almejam preencher tantas estantes vazias (ROJAS, 2006, 2009, 2013) da produção cultural cubana dos últimos 60 anos.

Referências: ALBERTO, Eliseo. *Informe contra mí mismo*. 2. ed. Barcelona: Alfaguara, 2016. ALBERTO, Eliseo. *Informe contra mí mismo*. Barcelona: Alfaguara, 1997. ALBERTO, Eliseo. *Dos cubalibres. Nadie quiere más a Cuba que yo*. Madrid: Península, 2004. ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca. Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: ED UERJ, 2010. ARFUCH, Leonor. *Auto/biografia como (mal) de arquivo*. In: *Modernidades Alternativas na América Latina*. SOUZA, Eneida María de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). Belo Horizonte: Editorial UFMG, 2009. ARNAIZ, Idalia Morejón. *Nativos excêntricos: literatura cubana y subversión de la nacionalidade*. Revista Moara. n. 33. Belém, jan/jun, 2010. ASSMANN, Aleida. IV Corpo. In: ASSMANN, Aleida. In: *Espacios da Recordación. Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: EdUnicamp, 2011, p. 259-316. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. BENÍTEZ ROJO, Antonio. *La cultura cubana hacia el nuevo milenio*. Revista Encuentro de la Cultura Cubana. n. 20. Madrid: 2001, p. 75-79. BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva, 2019. CANCLINI, Néstor García. *O mundo inteiro como lugar estranho*. São Paulo: Edusp, 2020. CELORIO, Gonzalo. *Ensayo de Contraconquista*. México, D. F: Tusquets, 2001. DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. DOMÍNGUEZ, Carlos Espinosa. *El peregrino en comarca ajena. Panorama crítico de la literatura cubana del exilio*. U.S.A, Colorado: Society of Spanish and Spanish-American Studies, 2001. ETTE, Otmar. *EscreverEntreMundos. Literaturas sem morada fixa*. Curitiba – Paraná: UFPR, 2018. ETTE, Otmar. *Literatura en movimiento*. Madrid: CESIC, Gobierno de España, 2008. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. GUTIÉRREZ, José Ismael. *Cartografías Literarias del Exilio. Tres Poéticas Hispanoamericanas*. vol. 93. Hispanic Literature. Lewiston, New York: The Edwin Mellen Press: 2005. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2.ed. São Paulo: Vértice, 1990. HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004. HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidade e Mediações Culturais*. Brasília: UFMG, 2003. HOISEL, Evelina. *Teoria, crítica e criação literária. O escritor e seus múltiplos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones*. México, D. F: Fondo de Cultura Económica, 1983. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. MOLLOY, Silvia. *Acto de Presencia. La escritura autobiográfica en Hispanoamérica*. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 2001. PADURA, Leonardo. *Siempre la memoria, mejor que el olvido*. Madrid: Verbum, 2016. PADURA, Leonardo. *Yo quisiera ser Paul Auster. Ensayos Selectos*. Madrid: Verbum, 2015. PAULS, Alan. *Temas Lentos*. Santiago de Chile: Universidad Diego Portales, 2012. PIZARRO, Ana. *A América Latina como arquivo literário. Gabriela Mistral no Brasil*. In: *Modernidades Alternativas na América Latina*. SOUZA, Eneida María de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). Belo Horizonte: Editorial UFMG, 2009. ROJAS, Rafael. *El arte de la espera. Notas al margen de la política cubana*.

Madrid: Editorial Colibrí, 1998. ROJAS, Rafael. El estante vacío. Literatura y política en Cuba. Barcelona: Anagrama, 2009. ROJAS, Rafael. La vanguardia peregrina. El escritor cubano, la tradición y el exilio. México D.F.: Fondo de cultura económica, 2013. ROJAS, Rafael. Tumbas sin sosiego. Revolución, disidencia y exilio del Intelectual cubano. Barcelona: Anagrama, 2006. ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina – Editora UFRGS, 2016. ROSSET, Clement. Lejos de mí. Estudio sobre la identidad. Barcelona: Marbot Ediciones, 2007. SAID, E. W. Representações do intelectual. As Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. SAID, Edward. Cultura e imperialismo. Tradução, Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 09-33. SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. SILVA, Tomaz, Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. SILVA, Tomaz, Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2020. SOJA, Edward. W. La perspectiva postmoderna de un geógrafo radical. Barcelona: Icaria, 2010. SOUZA, Eneida Maria de. A biografia, um bem de arquivo. Alea. Vol. 10. Janeiro-junho, 2008, p. 121-129. SPINOZA. Benedictus de. Ética. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. STRAUSFELD, Michi. Isla – Diáspora – Exilio: anotaciones acerca de la publicación y distribución de la narrativa cubana en los años noventa. In: Todas las islas la isla. Nuevas y novísimas tendencias en la literatura y cultura de Cuba. Madrid: Veuert – Iberoamericana, 2000, p. 11-23. VICTORIA, Carlos. Necesito Silencio. In: Cuba per se. Cartas de la diáspora. RIVERA, Armando Chávez. Miami: Universal, 2009. WEIMER, Tanya N. Weimer. La diáspora cubana en México. Terceros espacios y miradas excéntricas. New York: Peter Lang, 2008.

DESLOCAR NA AMÉRICA LATINA: FORMAS DE CONSTRUIR E RESSIGNIFICAR IDENTIDADES E ESPAÇOS

Brenda Carlos de Andrade

Resumo: Nessa comunicação, me proponho a traçar uma visão panorâmica sobre o deslocamento/a viagem como forma de ler a construção de espaços e identidades locais na América Latina. Aqui viagem se estruturou como um modelo que permite a leitura de locais (espaço e sociedade) sob o olhar de um outro, que poderia ser o estrangeiro viajante ou um americano que circula por espaços diferentes do seu de origem, permitindo assim um olhar distanciado por não refletir uma visão naturalizada com o que se descreve. Muitos desses textos foram tomados como culturalmente significativos ao traduzir e sedimentar visões a respeito do continente, ainda que, atualmente, possamos entendê-los como reflexo da subjetividade de seus autores. Pretendo, assim, abordar quatro textos: a carta de Cristóvão Colombo a Luis de Santángel (1492), El Periquillo Sarmiento (1819), de José Joaquín Fernández Lizardi, Facundo: civilización y barbarie (1845), de Domingo Faustino Sarmiento, e Las aventuras de la China Iron (2017), Gabriela Cabezón Cámara. O primeiro texto apresenta o modelo de viagem como forma de configurar e traduzir um espaço novo para o olhar europeu. O segundo texto, ainda que publicado no século XIX, reflete uma visão mais oitocentista. Nele a viagem/deslocamento do personagem reflete a porosidade nas fronteiras das classes sociais. O texto de Sarmiento trata do deslocamento em duas vertentes: por uma lado, a do autor exilado que pode olhar de longe seu país e, por outro, a viagem ao interior do país que permite colocar em confronto dois extratos sociais distintos e que refletiam forças dominantes na Argentina de sua época. Por último, o texto de Cámara parece rever todos esses modelos de deslocamentos e reescrevê-los criticamente atravessados por problemáticas contemporâneas. Para pensar esses de textos, faz-se uso de Ludmer (2021), Sarlo (2007), Altamirano (1997), Piglia (1980), Anrup e Chaves (2005) e Romero (2009).

Referências: ALTAMIRANO, Carlos. El orientalismo y la idea de despotismo en el Facundo. In ALTAMIRANO, Carlos e SARLO, Beatriz. Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997. ANRUP, Roland e CHAVES, Maria Eugenia. La “plebe” en una sociedad de “todos los colores”: la construcción de un imaginario social y político en la colonia tardía en Cartagena y Guayaquil. Caravelle, Toulouse, n. 84, p.93-126, 2005. LUDMER, Josefina. El género gauchesco: un

tratado sobre la patria. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2021. PIGLIA, Ricardo. Notas sobre Facundo. Punto de vista, Buenos Aires, v. 3, n. 2, p. 15-18, mar./jun. 1980. ROMERO, José Luis. América Latina: as cidades e as idéias. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009. SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ENTRE BRASIL E PORTUGAL: O HIBRIDISMO CULTURAL EM MATILDE CAMPILHO

Carolina Dias Huguenin

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma análise de poemas presentes no primeiro livro da portuguesa Matilde Campilho, "Jóquei", que apresenta diversos textos com uma escrita híbrida em termos culturais. Ademais, outro fator que contribuiu para a escolha foi o fato dos poemas terem sido produzidos durante o período que a autora morou no Brasil, ou seja, momento mais fértil para tal característica desenvolver-se em seus textos literários, visto que Matilde encontrava-se imersa em uma nova cultura, era uma imigrante, ou uma "expatriada", como define Said. A condição de imigrante é um fator decisivo para gerar o hibridismo cultural. Sobre o processo de migração portuguesa no século passado, Eduardo Lourenço diz o seguinte: "[...] O emigrante prolonga, sob uma outra forma, a nossa presença colonizadora. Encontra, nesses locais, possibilidades que a Europa não lhe fornece e permanece numa imensa casa onde se fala com doçura a sua própria língua. (Lourenço, 1999, p. 51)". A questão linguística é aqui de suma importância, pois, apesar das diferenças entre o português europeu e o brasileiro, é mais confortável para Campilho morar em um país que tenha como língua oficial o português, ao invés de morar em outra nação com o idioma distinto. Tal ponto interessa-nos na medida em que notamos o fato da lusitana ter começado a produzir sua literatura no Brasil, onde não só começou a escrever, mas fez uso simultaneamente da variante linguística europeia e da brasileira, revelando, de fato, estar em uma espécie de "segunda casa". Matilde Campilho evidencia sua experiência de poeta em trânsito, do indivíduo nômade. Com isso, as fronteiras entre os países são destruídas. Os saltos entre línguas e espaços geográficos tornam difícil qualquer tipo de classificação ou separação, é complexo definir, por exemplo, onde começa Portugal e termina o Brasil na poética da portuguesa, como será visto posteriormente.

Referências: BHABHA, Homi. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. BURKE, Peter. Hibridismo Cultural. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010. CAMPILHO, Matilde. Jóquei. São Paulo: Editora 34, 2015. LOURENÇO, Eduardo. A nau de Ícaro ou o fim da emigração. In: A nau de Ícaro seguida de imagem e miragem da lusofonia. Lisboa: Gradiva, 1999. SAID, Edward W. Said. Reflexões sobre o exílio. In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

O EXÍLIO E O DELÍRIO LATINO-AMERICANO: UM ESTUDO COMPARATIVO NAS TEORIAS DA NARRATIVA DE ÁNGEL RAMA E ROBERTO GONZÁLEZ ECHEVARRÍA

Diego Cardoso Perez

Resumo: Este trabalho pretende discorrer sobre o delírio na teoria da narrativa latino-americana posto à análise comparativa das obras Transculturación narrativa en América Latina (2008), do uruguaio Ángel Rama, e Mito y archivo: una teoría de la narrativa latinoamericana (2000), do cubano Roberto González Echevarría. Essa investigação pressupõe uma metodologia historiográfica e bibliográfica do percurso intelectual da teoria da narrativa latino-americana, que, desde o conceito reformulado da obra de Juan José Saer (2004; 2014), consideramos como delirante. Neste movimento que fazem Rama - numa perspectiva mais localista - e González Echevarría - tendo em conta o universal na peculiaridade latino-americana -, podemos observar como o exílio, cada qual por suas particularidades - Rama enquanto exilado a partir do regime militar uruguaio instaurado 1973 e González Echevarría como exilado político desde a instalação da Revolução Cubana em 1959 - parece ser um fator histórico determinante na reflexão e construção teórica de cada intelectual latino-americano: enquanto em Rama o exílio tomou contornos negativos (GONZÁLEZ, 2017) e

deixou marcas expressas da mudança do status do fazer crítico latino-americano de seu tempo; por outro lado, podemos perceber que o exílio de González Echevarría, mesmo que negativo, possibilitou ao cubano a construção de um mundo novo e próprio (SAID, 2003) por meio de sua teoria. Ao longo desse trabalho, também levamos em consideração as postulações de Ottmar Ette (2021) sobre as escritas no exílio.

Referências: ETTE, Ottmar. A expulsão do Éden: migração e escrita depois do Paraíso. Trad. Luciane Alves. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, Santa Maria, dossiê n. 25, p. 5-42, jun. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1679849X65745>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/65745/44348>. Acesso em: 1 jan. 2023. ETTE, Ottmar. Fractais do mundo, Caminhos pelas Literaturas do Mundo, Teorias e vetores. Trad. Gerson Neumann e Marianna Ilgenfritz Daudt Querotti. Porto Alegre: Bestiário, 2022. GONZÁLEZ, José Eduardo. Appropriating Theory: Ángel Rama's Critical Work. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2017. GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. Mito y archivo: una teoría de la narrativa latinoamericana. Traducción de Virginia Aguirre Muñoz. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2000. RAMA, Ángel. Transculturación narrativa en América Latina. 2a ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008. SAER, Juan José. El concepto de ficción. Buenos Aires: Seix Barral, 2004. SAER, Juan José. Ensayos: borradores inéditos 4. Barcelona: Seix Barral, 2014. SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____ Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

MEMÓRIA E IDENTIDADE RORAIMENSE NO RECONTO DE LENDAS INDÍGENAS DO JORNAL BOA VISTA, NA DÉCADA DE 1980.

Elizangela Pedroso da Silva Alves

Resumo: Na busca pela compreensão a respeito de si e do outro e da ligação que a humanidade tem com o mundo em que vive, o homem investiga seu passado, analisa seu presente e faz projeções para o futuro. Dessa forma, constantemente está analisando suas peculiaridades e traçando comparativos com os seus semelhantes, ponderando suas tradições, e por vezes constatando a efemeridade de sua existência. Memória, literatura e identidade estão intimamente ligadas num processo de construção mútua. Nesta comunicação, propõe-se refletir sobre as relações entre a memória, a identidade e a literatura roraimense no relato de lendas indígenas do jornal Boa Vista na década de 1980, e, para tanto foi eleito o texto "A lenda do curupira", de Anísio, indígena da etnia Macuxi, com vistas a oferecer uma breve reflexão sobre a construção da identidade indígena a partir do relato de lendas, como forma de manter a memória da cultura indígena também na escrita. Dessa forma, em busca de respostas para o objetivo desta pesquisa, apoiamos-nos na perspectiva teórica de Silva (2000), Menezes (1984), Eagleton (2003), dentre outros. Assim, este trabalho se desenvolve a partir das concepções de memória cultura e identidade, considerando suas relações na breve reflexão a respeito da construção da identidade indígena de Anísio através do relato da lenda do Curupira, no Jornal Boa Vista, bem como a perpetuação de uma memória na escrita, objeto de análise deste estudo.

Referências: MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Identidade Cultural e Arqueologia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 20/1984. P. 33. Disponível em: . Acesso em 11/09/2013 SILVA, Tomaz Tadeu da (Org); Hall, Stuart; Woodward, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

IMAGENS DE UM TRÓPICO, SEGUNDO O "BRICOLAGE", DE LÉVI-STRAUSS, E O "ANTIDOCUMENTÁRIO", DE ARTHUR OMAR.

Fernando Arantes Ferrão

Resumo: Não apenas aliterações comuns ressoam analogias entre Tristes Trópicos, extemporânea narrativa de viagens elaborada por Claude Lévi-Strauss, e a busca do conhecimento em estratos indígenas e mestiços brasileiros, empreendida pelo protagonista ficcional de Arthur Omar em seu

longa-metragem, *Triste Trópico*. Para além dessa singela semelhança salientada entre o título do best seller francês, cuja edição princeps veio a público em Paris no ano de 1955, e o da película brasileira – lançada no Rio de Janeiro em plena ditadura civil militar brasileira (1973) –, tais textos encontram peculiar afinidade na imprecisão genérica dos termos com os quais seus autores os designam: “bricolage” e “antidocumentário”. Tomando o relato do antropólogo francês como objeto cultural compósito e complexo por excelência – cujas facetas invulgares o remetem para além do domínio das ciências humanas, fazendo-o adentrar as imprecisas fronteiras do campo da arte –, entendo ser justamente neste território que *Triste Trópico*, longa-metragem de Arthur Omar, busca diálogo com a obra autodiegética de Lévi-Strauss. Destarte, baseando-me nas reflexões desenvolvidas pelo antropólogo francês nas obras *La Pensée sauvage* (1962) e *O olhar distanciado* (1983), assim como nas ideias apresentadas pelo cineasta brasileiro no ensaio “O antidocumentário, provisoriamente” (1973), proponho-me a realizar breve exposição do presente estado de minha pesquisa de doutorado no PPGCL do Instituto de Letras/UFRJ, apontando reflexos formais que vinculam ambas criações, a partir da relação dialética instaurada pela possível releitura feita pelo cineasta brasileiro do texto do antropólogo francês – interação estética expressiva de um possível entendimento da problemática cultural contemporânea enquanto fenômeno de interação entre o global e o local.

Referências: ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. São Paulo: Penguin Classics - Companhia das Letras, 2011. BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995. ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário - perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. _____. *O ato da leitura*, vols. 1 e 2. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. _____. *A interação do texto com o leitor*. In: ISER, Wolfgang; JAUSS, Robert Hans et. al. *A literatura e o leitor*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996. _____. *O Pensamento Selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Ed. Papirus, 1989. LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. *De perto e de longe*. Tradução de Léa Mello e Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. LOYER, Emmanuelle. *Lévi-Strauss*. Tradução de André Telles. São Paulo: Edições SESC, 2018. MARQUES PEREIRA, Nuno. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Lisboa Occidental: Oficina de Manoel Fernandes da Costa, Impre ssor do Santo Ofício, 1728. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4067>>. Acesso em: 05/07/2020. OMAR, Arthur. “O antidocumentário provisoriamente”. In _____. *Revista Vozes*, nº 6, ano 1972. Disponível em: <<https://estudosaudiovisuais.files.wordpress.com/2016/10/arthur-omar-o-antidocumentc3a1rio-provisoriamente.pdf>>. Acesso em: 20/03/2018. PEIXOTO, Fernanda. *Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo*. *Mana*, Rio de Janeiro, v.4, n.1., apr. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2427.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2019. SANTIAGO, Silviano. *A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos*. In: SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. *TRISTE TRÓPICO*. Direção de Arthur Omar. Rio de Janeiro: Melopeia Cinematográfica Ltda., 1974. Película 35mm, 80 min, sonorizada, Cor e PB. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OVDhPgRDtPM&t=3992s>>. Consultado em 20/01/2018. VALENTINI, Luísa. *Um laboratório de Antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfuss e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. São Paulo: Alameda, 2013.

YOKO TAWADA, A CONVIVÊNCIA DA ESCRITORA ENTRE JAPÃO E ALEMANHA

Gerson Roberto Neumann

Resumo: Por meio de narrativas e poéticas de sujeitos (des)locados é possível vislumbrar uma dimensão da interculturalidade que impulse a chegada a universos culturais ricos em processos de alteridade e que sejam capazes de ressignificar o olhar sobre os migrantes, exilados, refugiados, bem como sobre a cultura de acolhida. Baseado na afirmação acima, proponho uma mirada sobre a obra da escritora Yoko Tawada, especialmente na obra *Onde a Europa começa* [Wo Europa anfängt].

A autora em questão não se define como migrante, nem como exilada e muito menos como refugiada. Yoko Tawada nasceu em Tóquio, no Japão, e vive há mais de trinta anos na Alemanha, primeiro em Hamburgo e hoje em Berlim. Mas é justamente a sua posição, de plena convivência entre os dois países tão diferentes, em cujas línguas produza a sua obra, não aceitando uma fixação da sua condição em um espaço, que pretendo apresentar nesta breve comunicação. Yoko Tawada é um caso claro de escritora inserida no conceito de Literaturas do Mundo, por ser impossível defini-la a um único sistema literário. Este é outro ponto que pretendemos discutir aqui a partir dos Estudos Transareais do comparatista alemão Ottmar Ette, uma vez que os caminhos tornam-se mais relevantes que as localidades, o deslocamento se sobressai à demarcação e a comunicação, por meio da produção literária e em si mesma como ambiente, atravessa e conecta elementos diversos que compõem os espaços no globo.

Referências: ETTE, Ottmar. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlim: Kulturverlag Kadmos, 2005. ETTE, Ottmar. *Transarea: a literary history of globalization*. Translated by Mark W. Person, Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2016. TAWADA, Yoko. *An der Spree In: Sprachpolizei und Spielpolyglote*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2007. TAWADA, Yoko. *Wo Europa anfängt*. In: *Wo Europa anfängt und ein Gast*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2014. TAWADA, Yoko. *Nur da wo du bist da ist nichts*. Tübingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 5. Auflage, 2015.

PARA CONTINUAR A VIVER EM ALGUM LUGAR: ESCRITA A TRÊS MÃOS DA AUTOBIOGRAFIA DE FERNANDA ALBUQUERQUE EM UMA PRISÃO ITALIANA.

Giovanna Bardini, Marcus Antônio Assis Lima

Resumo: A presente comunicação intenta expor como, a partir do encontro entre um terrorista e um assaltante de banco italianos e uma travesti brasileira condenados em uma prisão italiana, surgiu a obra *A Princesa* ([1963]1995), autobiografia de Fernanda Farias de Albuquerque. Sob uma arquitetura segregação e controle dos indivíduos, e unidos por um caráter trágico, as três escritas e identidades se misturaram socioeconomicamente, culturalmente e afetivamente, com o intuito de resistirem à ação devastadora da prisão e de não se esquecerem de terem nascido livres. Dessa forma, escrita a três mãos, através de bilhetes clandestinos trocados entre as celas, além de definir Fernanda enquanto sujeito central do enunciado, desvela como o compartilhamento do espaço biográfico é tela para percebermos a interação e, sobretudo, o choque cultural existente entre a Princesa, travesti do nordeste brasileiro, cumprindo pena de seis anos por homicídio, e as outras duas figuras: Maurizio Jannelli, condenado duas vezes à prisão perpétua por atuar nas Brigadas Vermelhas, nos anos 70, e Giovanni Tamponi, pastor de rebanhos da Sardenha condenado também à prisão perpétua por assalto ao banco. Para tanto, sob o prisma da Teoria e Crítica Literária, o objetivo é corroborar para uma compreensão do processo de escrita do diário e como ele possibilitou uma troca de conhecimentos de universos tão dissonantes, e que, através das perguntas, dos silêncios, das retomadas e dos abandonos, as experiências se imbricaram e tornaram indissociáveis dos relatos de violência, clandestinidade e fuga, construindo a voz da personagem principal da narrativa..

Referências: ALBUQUERQUE, Fernanda. *A Princesa*, Editora Contexto. 1995. DURA?O, Fabio A. Do texto a? obra e outros ensaios. Curitiba: Appris, 2019. MACHADO, I. O romance como materialidade discursiva. *Gláuks - Revista de Letras e Artes*, 2022. 22(1), p.44-64. MITIDIERI, André Luis. Como e porque (des)ler os clássicos da biografia. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 2010. v. 01.

RELATIVIZAR A CRISE E CONTEXTUALIZAR A VIOLÊNCIA: AS NOVAS FORMAS DA GUERRA NOS RELATOS DE MIGRANTES CENTRO-AMERICANOS.

Imara Bemfica Mineiro

Resumo: Na contemporaneidade, os trânsitos migratórios explicitam limites geopolíticos dos deslocamentos. Como atenta Carlos Sandoval (2015), a chamada crise migratória, alardeada por

aqueles que observam os volumosos grupos humanos que se arriscam diariamente na fronteira do México para os Estados Unidos, ou as precárias embarcações que aportam no litoral europeu, não pode ser compreendida fora de uma perspectiva histórica que sinaliza para sua relatividade: os dados migratórios do século XXI não superam escandalosamente as proporções numéricas do século XIX. O que muda a partir da segunda metade do século XX são as origens dos sujeitos que migram. A tal crise contemporânea é, portanto, menos migratória do que discriminatória: sua gravidade cresce na medida em que migrantes deixam de partir da Europa e para sair do Sul Global. Nesse contexto, a América Central apresenta números expressivos. Na década de 1980, os sangrentos conflitos armados provocaram a migração massiva de guatemaltecos e salvadorenhos para o México e os Estados Unidos. Após a assinatura dos acordos de paz nos anos 1990, com o avanço das políticas neoliberais na região, as contradições próprias a esse modelo de desenvolvimento somado à política de deportação dos Estados Unidos de jovens alfabetizados no crime organizado originaram o fenômeno das maras, atualmente principal causa dos fluxos migratórios centro-americanos em direção ao norte do continente e à Europa. É, pois, tendo em vista esse contexto mais amplo dos movimentos migratórios da região centro-americana, bem como sua articulação com as experiências históricas, que propomos a leitura de *Buscamos refúgio: nuestra guerra son las maras* de Patricia Simón (2019). O livro recolhe depoimentos de mulheres e homens oriundos do triângulo norte centro-americano que migraram para a Espanha nos últimos anos. Além do já mencionado trabalho do sociólogo Carlos Sandoval, será também realizado o diálogo com Moyano (2021); Chacón (2019) e Segato (2014).

Referências: CHACÓN, Albino. El rompimiento de los espejos identitarios en Centroamérica. *Lectures du genre. Literatura y migración en América Latina*. n12. jan. 2019. MOYANO, Eduardo. *Peligro: refugiados*. Madrid: Ediciones de la Torre, 2021. SANDOVAL, Carlos. *No más muros*. San José: editorial UCR, 2015. SEGATO, Rita. *Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres*. Puebla: *Pez en el árbol*, 2014. SIMÓN, Patricia. *Buscamos refúgio: nuestra guerra son las maras*. Madrid: CEAR, 2019.

APROPRIAÇÃO, ESTRANGERIA E BILINGUISMO NA POESIA VENEZUELANA CONTEMPORÂNEA

Jesús Montoya

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo analisar a presença da apropriação literária e suas relações com a estrangeira como eixo temático dentro da poesia venezuelana contemporânea. Nesse sentido, propõe-se uma revisão breve, partindo de uma genealogia de obras que, no final do século XX, viriam a compor um acervo que dimensiona a estrangeira hoje trabalhada como na crítica literária venezuelana, a qual nasce da crise atual migratória do país, por meio de categorias como “literatura da diáspora” ou “literatura do exílio”. Estas obras executam procedimentos de apropriação no poema como a tradução, a reescritura e a instalação de obras de arte (pinturas, mapas e fotografias) para a desestabilização do gênero poético e da figura do autor e da originalidade, potencializando, assim, a sua expansão e hibridação, linguística e estética, no percorrer dos sujeitos num bilinguismo em trânsito, os quais não só viajam como corpos espalhados por diferentes países do mundo, mas também por diversas tradições literárias e línguas. Como exemplos pontuais, traz referência às obras de Beverly Pérez Rego, Luis Moreno Villamediana, Verónica Jaffé, Mária Russotto e Gina Saraceni, sem deixar de lado a menção de obras mais recentes, especialmente a dos poetas mais jovens que, na poesia venezuelana contemporânea, fazem da estrangeira uma continuidade com particularidades onde a violência e a desfiguração social do país se metaforizam de diversas maneiras.

Referências: ARRÁIZ LUCCA, R. *El coro de las voces solitarias. Una historia de la poesía venezolana*. Caracas: Eclepsidra, 2003. CARRIÓN, U. *El arte nuevo de hacer libros: Archivo Carrión I*. México D.F.: Tumbona Ediciones, 2016. CASTRO PALMA, A., & ELIZALDE MARTÍNEZ, J. *La escritura conceptual en la joven poesía mexicana del siglo XXI: entre la experimentación y la experiencia*. América sin nombre, n. 23, pp. 133-144, 2018. Disponible en: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/84310/1/ASN_23_11.pdf. Último acceso: 07/11/2020.

COMPAGNON, A. O trabalho da citação. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996. DE CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: M. Tápia, T. Médici Nóbrega (Org.). Haroldo de Campos – transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2013. FERNÁNDEZ MALLO, A. Teoría general de la basura (cultura, apropiación, complejidad). Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2018. GARRAMUÑO, F. Mundo en común. Ensayos sobre la inespecificidad del arte. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015. GOLDBERG, J. Nosotros los salvados: poesía documental. Caracas: Smashwords Edition, 2013. GOLDSMITH, K. Escritura no-creativa: gestionando el lenguaje en la era digital. Buenos Aires: Caja Negra, 2015. GOMES, M. El desengaño de la modernidad cultura y literatura venezolana en los albores del siglo XXI. Caracas: Abediciones/UCAB/Universidad Católica Andrés Bello, 2017. HERNÁNDEZ, B. Notas para una poética de apropiación: Donde comienza el aire de Soledad Fariña. Acta literaria, n. 57, pp. 93-118, 2018. Disponible en: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/actalit/n57/0717-6848-actalit-57-00093.pdf>. Último acceso: 12/01/2020. HÖLDERLIN, F., & JAFFÉ, V. Friedrich Hölderlin: cantos hespéricos según la edición histórico-crítica de D.E. Sattler / traducción y versiones libres (en lienzo y poemas). Caracas: La Laguna de Campoma, 2015. ISAVA, M. L. La desbordante pulsión de la palabra poética. Iberoamericana (1977-2000), v. 24, n. 78-79, pp. 206-223, 2000. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/262083267_La_desbordante_pulsion_de_la_palabra_poetica. Último acceso: 15/10/2020. ISAVA, M. L. De la crítica de la poesía en Venezuela. Prodivinci, pp. 1-20, 2016. Disponible en: https://www.academia.edu/27221501/De_la_cr%C3%ADtica_de_poes%C3%ADa_en_Venezuela_Texto_completo_. Último acceso: 15/10/2020. ISAVA, M. L. Presentación: De palabra e imagen. Las versiones, conversiones, reversiones y trans-versiones de Verónica Jaffé. In: HÖLDERLIN, F., & JAFFÉ, V. Friedrich Hölderlin: cantos hespéricos según la edición histórico-crítica de D.E. Sattler / traducción y versiones libres (en lienzo y poemas). Caracas: La Laguna de Campoma, 2015. JAFFÉ, V. El arte de la pérdida. Caracas: Angria Ediciones, 1991. JAFFÉ, V. El largo viaje a casa. Caracas: Fundarte, 1994. JAFFÉ, V. La versión de Ismena. Caracas: La Laguna de Campoma, 2000. JAFFÉ, V. Metáforas y traducción o traducción como metáfora. Algunas metáforas de la teoría de la traducción literaria. Caracas: Fondo Editorial de Humanidades y Educación, Universidad Central de Venezuela, 2004. JAFFÉ, V. Sobre Traducciones. Poemas 2000-2008. Caracas: La Laguna de Campoma, 2010. JAFFÉ, V. De la metáfora, fluida. Madrid: Visor, 2019. KIZER, G. Tribu. Caracas: La Cámara Escrita, 2011. KIZER, G. Pavesa. Caracas: Editorial Letra Muerta, 2019. LADDAGA, R. Espectáculos de realidad: ensayo sobre la narrativa latinoamericana de las últimas dos décadas. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007. LASARTE, J. Juego y nación. Caracas: Fundarte, 1995. LASARTE, J. Cuarenta poetas se balancean venezolana (1967-1990). Caracas: Fundarte, 1994. LISCANO, J. Panorama de la literatura venezolana actual. Caracas: Alfadil Ediciones, 1995. LÓPEZ ORTEGA, A.; GOMES, M., & SARACENI, G. (Eds.). Rasgos comunes. Antología de la poesía venezolana del siglo XX. Madrid: Pre-textos, 2019. MARCOTRIGIANO, M. Las voces de la hidra. La poesía venezolana de los '90. Mérida-Caracas: Mucuglifo, 2002. MEDINA, J. R. Ochenta años de literatura venezolana. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1980. MORENO VILLAMEDIANA, L. Laphrase. Caracas: Equinoccio, 2012. MORENO VILLAMEDIANA, L. Otono (sic). Caracas: Ediciones Letra Muerta, 2017. MIRANDA, J. Prólogo y selección. Antología histórica de la poesía venezolana del siglo XX (1907-1996). San Juan: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 2001. PANTIN, Y., & TORRES, T. A. (Eds.). El hilo de la voz: antología crítica de escritoras venezolanas del siglo XX. Caracas: LibrosEnRed, 2015. PÉREZ REGO, B. El hilo atroz. Valencia: Ediciones POESÍA, 2020. PÉREZ REGO, B. Poesía reunida. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2006. RUSSOTT, M. Viola d'amore. Caracas: Fundarte, 1986. PERLOFF, M. O gênio não original: poesia por outros meios no novo século. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. PLAZA, J. Tradução intersemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. PORRÚA, A. Figuras de lo visible en la poesía latinoamericana reciente: estallido y montaje. Revista Caracol, n. 17, pp. 111-135, 2019. Disponible en: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/159119/154021>. Último acceso: 04/12/2020. RAMA, A. Ensayos sobre Literatura venezolana. Caracas: Monte Ávila Editores, 1991. RIVERA GARZA, C. (2013). Los muertos indóciles. Necroescrituras y desapropiación. Ciudad de México: Tusquets. SARACENI, G. Prólogo y selección. En-obra. Antología de la poesía venezolana

1983-2008. Caracas: Editorial Equinoccio, 2008. SARACENI, G. Flujos y contraflujos. Breve aproximación a la poesía venezolana actual. Cuadernos Hispanoamericanos, n. 753, pp. 49-56, 2013. SARACENI, G. Fallas en la máquina de habitar. Arquitectura, botánica, afecto en Las horas claras de Jacqueline Goldberg. Kipus: Revista Andina de Letras y Estudios Culturales, n. 48, pp. 26-46, 2020. Disponible en: <https://revistas.uasb.edu.ec/index.php/kipus/article/view/1581/1379>. Último acceso: 20/12/2020. SARACENI, G. Adriático. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2021. SPERANZA, G. Atlas portátil de América Latina. Arte y ficciones errantes. Barcelona: Anagrama, 2012. STREPPONI, B. Diario de John Roberton. Caracas: Pequeña Venecia, 1990. STREPPONI, B. Las vacas. Caracas: Pequeña Venecia, 1995. VILLA-FORTE, L. Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI. Río de Janeiro: Relicário, coedición con PUC-Rio, 2019. VILLA-FORTE, L. Poéticas de apropiación en la literatura brasileña contemporánea. Revista POESÍA web, 2020. Disponible en: <http://poesia.uc.edu.ve/poeticas-da-apropriacao-na-literatura-brasileira-contemporanea/>. Último acceso: 02/07/2020.

ESCRITURAS POÉTICAS DE LA DIÁSPORA HAITIANA EN CHILE.

Jorge Ignacio Cid Alarcon

Resumo: Esta ponencia se refiere a los poetas de la diáspora haitiana que escriben y publican en distintas ciudades de Chile. Nuestro corpus de estudio son poetas tales como Jean Jacques Pierre Paul con residencia en Las Cruces y cuyo libro Siete abismos sueltos y un hombre caminando grafica sobria y profundamente las disquisiciones existenciales de un sujeto migrante; Jean Joseph Makanaki Audain, avencidado en Putaendo, autor de Ave negra migratoria, obra poética que retrata la cara más cruel del racismo y sus resonancias en la psicología migrante; Mackendy Tondreau, nuevo vecino de Renca, autor de Sin nombre ni apellido. Estos poetas son en general trilingües y escriben poesía mayoritariamente en francés y castellano, pudiendo identificarse también la presencia de interferencias del créole. Sus escrituras tienen como tema recurrente el testimonio en clave poética de sus procesos migratorios, primando la nostalgia y el desarraigo y poniendo de relieve las problemáticas de la interculturalidad y las rispideces del encuentro con una cultura chilena fundada en la desconfianza del extranjero y caracterizada por un ingente racismo exterior e interior. Estas escrituras funcionan como un cuaderno de viaje, así como también como un proceso de conocimiento del otro y autoconocimiento, constituyendo un retrato sensible de fenómenos inéditos de mixidad sociocultural chileno-haitiana. En el plano del lenguaje encontramos numerosos elementos reveladores del trance migratorio, tales como uso de heteroglosia, préstamos del francés, interferencias del créole y también giros de frañol, en lo que constituye una escritura poética que sintomatiza su tránsito a través de una puesta en escena de los variopintos sustratos lingüísticos que su migrar recorre, develando el correlato geopolítico de su vivencia transfronteriza.

Referências: Jean Jacques Pierre Paul. Siete abismos sueltos y un hombre caminando. Isla Negra: Ediciones Marcha Infinita, 2017 Jean Joseph Makanaki Audain: Ave negra migratoria. Autoedición. Mackendy Tondreau: Sin nombre ni apellido. Autoedición Beverley, John. Subaternidad y representación. Debates en teoría cultural. Trad. Marlen Concurso de Proyectos Regular 2023 Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madrid: Iberoamericana, 2004 Braidotti, Rosi. Sujetos nómades. Corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea. Buenos Aires: Paidós, 2000 Didi-Huberman, Georges. Desear desobedecer. Trad. Juan Calatrava y Alessandra Vignotto. Madrid: Abada Editores, 2020 Fanon, Frantz. Los condenados de la tierra. Trad. Julieta Campos. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2018 ---Piel negra, máscaras blancas. Trad. Iría Alvarez Moreno(textos de Judith Butler y Sylvia Wynter), Paloma Monleón Alonso (textos de Lewis R. Gordon y Nelson Maldonado Torres) y Ana Useros Martin (textos de Frantz Fanon, Samir Amin e Immanuel Wallerstein). Madrid: Ediciones Akal, 2009 Echeverría, Andrea. "Deseando pertenecer: Memoria y migración en la obra de poetas mapuches y puneños contemporáneos". Tesis doctoral, U. de Georgetown, 2013 Ludmer, Josefina. Las tretas del débil. Puerto Rico: Ediciones El Huracán, 1985 Modonesi, Massimo. Subalternidad, antagonismo, autonomía. Marxismo y subjetivación política. Buenos Aires: UBA Sociales Publicaciones, 2010 34 Montoya, Alejandra, Palabras migrantes.

Escrituras de la experiencia haitiana de la diáspora en Valparaíso. Volumen I y II. Trad. Jean Jacques Pierre-Paul. Valparaíso: Ediciones del Cardo, 2019 Morreo, Carlos Eduardo. "El postsubalternismo o la teoría de las políticas de la teoría de John Beverley". Reseña, Caracas. s/i Web 18 mayo 2022 Quijano, Anibal. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina". Journal of world-systems research. 2000, 342-386 Special Issue: Festchrift for Immanuel Wallerstein – Part I <http://jwsr.ucr.edu> issn 1076-156x © 2000 Anibal Quijano Pierre-Paul, Jean Jacques. Siete abismos sueltos y un hombre caminando. Isla Negra: Ediciones Marcha Infinita, 2017 Pineda Domínguez, Octavio. "La poesía migratoria, una caracterización a partir de las obras de Jorge Bocannera, Fabio Morábito y Eduardo Chirinos". Tesis doctoral, Universidad Autónoma de Barcelona, 2016 Pizarro, Ana. "Colonialidad: observación sobre la construcción de discursos". Taller de letras Universidad de Santiago. 53, 83-97 2013 Web 18 mayo 2022 Concurso de Proyectos Regular 2023 Reguillo, Roxana. Paisajes insurrectos. Jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio. Barcelona-Guadalajara: Ned Ediciones, 2017 Rodríguez Freire, Raúl. "Reseña a John Beverley. Políticas de la teoría. Ensayos sobre subalternidad y hegemonía". Revista chilena de literatura, versión On-line, 83, abr 2013 Web 18 mayo 2022 Russo, Sergio. "La cuestión de la agencia en el discurso co-produccionista". XI Jornadas de Sociología Facultad de Ciencias Sociales Universidad de Buenos Aires, 2015 Web 18 mayo 2022 Said, Edward W. Orientalismo. Trad. María Luisa Fuentes. Barcelona: Debate, 2016 35 --- Cultura e Imperialismo. Trad. Nora Catelli. Barcelona: Debate, 2018 Santini, Benoît. "Migraciones en la obra de dos jóvenes autores chilenos: Charapo, de Pablo D. Sheng (2016) y Éxodos, de Jorge Cid (2018)". Universidad de París Nanterre, Crisol 2021 Web 18 de mayo 2022 Spivak, Gayatri Chacravorty. Crítica de la razón poscolonial. Hacia una historia del presente evanescente. Trad. Marta Malo de Molina. Madrid: Akal, 2010 ---¿Puede hablar el subalterno? Trad. Manuel Asensi Pérez. Barcelona: Ediciones Museo de Arte Contemporáneo, 2009 Ulloa, Daniela. "Cuerpos cartografiados: la formación de lugares y espacios en dos poéticas migrantes, Río Herido, de Daniela Catrileo y Trasandina, de Ivonne Coñuecar". Tesis de grado. Facultad de Filosofía y Humanidades Universidad de Chile, 2020. Web 18 de mayo 2022 Vilarnovo, Antonio. "Acción y discurso de acción". Revista de la Facultad de Ciencias de la Información. Universidad de Navarra, Pamplona. Vol. 3, num 1 y 2, 1990 Web 18 de mayo 2022.

INMIGRAÇÃO (TRANS) FRONTEIRIÇA E FORMAS INTRÍNSECAS DA VIOLENCIA NO ROMANCE YA NO ES POSIBLE EL SUR DO ESCRITOR VENEZUELANO LUIS ALFREDO MORA-BALLESTEROS

José Antonio Romero Corzo

Resumo: Nesta comunicação estudamos qualitativamente, isto é, desde uma perspectiva hermenêutica, o tema da imigração (trans) fronteiriça colombo-venezuelana, bem como algumas formas de violência a ela intrínsecas que vem acontecendo desde as últimas décadas do século vinte, e intensificadas no percurso do século atual, descritas pontualmente no romance "Ya no es posible el sur" (2022) do autor venezuelano Luis Alfredo Mora-Ballesteros. Para tal, baseamos nosso trabalho nas colocações de investigadores como o filósofo e crítico cultural esloveno Slavoj Žižek (2014), a jornalista e pesquisadora venezuelana de fronteiras Yuliam Moncada (2021) e o romanista e comparatista alemão Ottmar Ette (2021), com o objetivo de desvendar a partir do enredo do romance uma problemática que ao dia de hoje atinge milhões de latino-americanos. Assim, sob categorias como injunção, violência natural, artificial, objetiva, subjetiva, restritiva ou coercitiva, carcerária, sangrenta, direta, simbólica, dentre outras, procuramos um posicionamento teórico-metodológico interdisciplinar que nos permita: a) refletir sob a complexidade que oferece o estudo desta temática; b) identificar e elencar algumas das formas de violência presentes no romance assinalado acima; c) enxergar suas consequências tanto morais quanto materiais e d) desvendar, se possível, propostas de solução à dita problemática sugeridas de maneira explícita ou implícita no mesmo romance.

Referências: ETTE, Ottmar (2021). Expulsão do Éden: migração e escrita depois do Paraíso. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: Dossiê: Literatura em movimento. nº 25. Jun. 2021. p. 05-42. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>. Acesso em: 17 nov. 2022. MONCADA, Yuliam R. Valera (2021). Narrativas y prácticas transfronterizas: La movilidad

como forma de habitar la frontera Foz do Iguaçu (Brasil) - Ciudad del Este (Paraguay). (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Integração Latino-Americana/Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Prof. Dr. Aníbal Orué Pozzo (Orientador). Foz do Iguaçu, 2021, pp. 112. Disponible en: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6480>. Consultado en: 15 de out. 2022. MORA-BALLESTEROS, Luis (2023). Ya no es posible el sur. Middletown (Delaware, USA): LA CASTALIA/Ojo de cuervo, pp. 103. ŽIŽEK, Slavoj (2014). Violência: seis reflexões laterais. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014. 162 pp.

"NO ES PAÍS PARA NEGRAS". LA DRAMATURGIA DE SILVIA ALBERT SOPALE DESDE LA PERSPECTIVA POSMIGRATORIA.

Kamil Seruga

Resumo: La presente comunicación se centra en dos obras dramáticas y performativas tituladas "No es un país para negras" (2019) y "Blackface y otras vergüenzas" (2021), ambas concebidas por la dramaturga, actriz y directora afroespañola, Silvia Albert Sopale. La dramaturgia de Sopale desestabiliza la noción de cultura (y sociedad) occidental, dado que se inscribe en ella, pero introduce en su seno, simultáneamente, elementos y fuentes no occidentales que desafían su homogeneidad. Nacida en España, de padre nigeriano y madre ecuatoguineana, la autora ofrece la singular perspectiva de una mujer negra para abordar los temas relativos al género, la invisibilización de las personas de color, las manifestaciones de neorracismo o la exclusión social de personas migrantes, entre otros. Y es este último elemento que me interesa desarrollar desde la perspectiva posmigratoria (Yildiz 2014; Römhild 2017; Schramm et al. 2019; Stewart 2021). De las tres tendencias que se ramifican del término "posmigración", de especial interés es la que se ha empleado para generar un enfoque específico en los sujetos posmigrantes, es decir, los descendientes de los migrantes que, a pesar de no emigrar ellos mismos, a menudo son percibidos y etiquetados como "migrantes" o "extranjeros". En este contexto, la pregunta pertinente a sus obras sería: ¿qué significa ser afroespañola a la que, aunque arraigada, criada y plenamente asimilada en el país de acogida, se mira como si fuera "otra"? Este marco teórico me permite delinear dos aspectos en las obras de Albert Sopale. Primero, la subjetividad (la condición y los procesos de ser una persona o un yo) y la agencia (la capacidad socialmente determinada de actuar y marcar la diferencia) del sujeto posmigrante. Segundo, la denuncia de los mecanismos y estrategias que se utilizan para ejercer control sobre o excluir a aquellas personas que se consideran otras.

Referências: 1. Coleman, Jeffrey K. (2017) "Espérate un par de siglos. La (in)visibilidad de los negros en el teatro español", Anagnórosis. Revista de investigación teatral, 16 pp. 1-7. 2. Coleman, Jeffrey K. (2020). The Necropolitical Theater: Race and Immigration on the Contemporary Spanish Stage. Evanston, Northwestern University Press. 3. Doll, Eileen J. (2013). Los inmigrantes en la escena española contemporánea: buscando una nueva identidad española. Madrid, Fundamentos. 4. Dijk van, Teun A. (2005). Racism and Discourse in Spain and Latin America. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company. 5. Fernández Soto, María Concepción (2021) "El teatro como lugar de enunciación de la mujer negra en España". Acotaciones, 46, pp. 333-338. 6. Pérez-Rasilla, Eduardo (2010). "Representaciones de la inmigración en el teatro español contemporáneo". En Iglesias Santos, Montserrat (ed.). Imágenes del otro: identidad e inmigración en la literatura y el cine. Madrid, Biblioteca Nueva, pp. 87-116. 7. Römhild, Regina (2017). "Beyond the Bounds of the Ethnic: For Postmigrant Cultural and Social Research". In: Journal of Aesthetics & Culture 9/2, pp. 69-75. 8. Saha, Anamik (2018). Race and the Cultural Industries, Cambridge/Medford: Polity. 9. Schramm, Moritz et al. (2019). Reframing Migration, Diversity and the Arts: The Postmigrant Condition, Routledge. 10. Stewart, Lizzie (2021). "The cultural capital of postmigrants is enormous". Postmigration in theatre as label and lens. In: Anna Meera Gaonkar/Astrid Sophie Ost Hansen/Hans Christian Post/Moritz Schramm (Eds.), Postmigration (87-108). Bielefeld: transcript Verlag. 11. Yildiz, Erol (2014). "Postmigrantische Perspektiven. Aufbruch in eine neue Geschichtlichkeit". En: Erol Yildiz/Marc Hill (eds.), Nach der Migration, Berlin: pp. 19-36.

BRASIL, UM PAÍS DO FUTURO, POR MARTE BRILL

Laura da Silva Monteiro Chagas

Resumo: Entre o contingente de intelectuais de língua alemã que desembarcaram no Brasil como exilados do regime nazista se encontravam tanto o renomado escritor austríaco Stefan Zweig (1881-1942) como a jornalista alemã Marte Brill (1894-1969). Em 1941, Zweig publica seu livro-homenagem ao país, *Brasilien, Ein Land der Zukunft*, em alemão, inglês e português; Brill escreve, entre 1937 e 1941, seu romance-diário do exílio, *Der Schmelztiegel*, que só vem a ser publicado em 2002. O livro de Zweig oferece um panorama histórico, econômico e cultural calcado em uma versão convencional e até apologética da colonização e é claramente direcionado a um público europeu que, como o próprio autor admite, não veria o Brasil com bons olhos. Brill, por sua vez, produz um romance de caráter autobiográfico no qual narra não só a trajetória de seu exílio, como também parece procurar oferecer ao leitor um pequeno caleidoscópio de experiências de pessoas exiladas em São Paulo, cidade em que a autora por fim se fixa junto com sua filha. Enquanto o potencial que Zweig enxerga no Brasil como “país do futuro” é nada mais do que uma perpetuação de uma história colonial, o romance de Brill revela uma disposição a procurar entender seu novo contexto e encará-lo não só como uma necessidade de reinventar a própria vida como de uma perspectiva a uma nova organização política e social. Assim, esta comunicação parte de uma breve apresentação da ideia sustentada por Zweig do Brasil como “país do futuro” para deter-se em como o entendimento de Brill contrasta com o do autor austríaco e se aproxima mais de um vislumbre de uma possibilidade efetivamente diferente de futuro, ainda que não deixe de ter suas contradições.

Referências: ALARCON, Daniela. *Diário íntimo. A fotografia de Alice Brill. Trabalho de conclusão de curso. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo*, 2008. BRILL, Marte. *Der Schmelztiegel*. München: Piper, 2004. KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo: Edusp, 2003. ZWEIG, Stefan. *Brasilien. Ein Land der Zukunft*. Frankfurt am Main: Insel, 1984.

EM BUSCA DA BLACK ITALY: OS MIGRANTES NA OBRA DE IGIABA SCEGO

Lívia Verena Cunha do Rosário

Resumo: Igiaba Scego é filha de pais refugiados somalis e foi a primeira de sua família a nascer em Roma, em 1974, enquanto a Somália vivia um regime ditatorial. Sua trajetória familiar é narrada em *Minha casa é onde estou*, e a partir da autobiografia percebe-se que Scego retoma alguns aspectos da sua vida pessoal em sua ficção, pois em geral seus romances também apresentam mulheres protagonistas de origem somali lidando com o racismo e pertencimento na Itália. Scego afirma que sua produção literária é uma tentativa de reescrever a Black Italy, pois constrói diversos sentidos para a migrância e elabora um projeto político-literário de combate ao apagamento do colonialismo italiano no Chifre da África, especialmente na Somália, e seus efeitos na Itália contemporânea. Nesta comunicação pretende-se apresentar a pesquisa de doutorado em andamento cujo objetivo é comparar o romance autobiográfico *Minha casa é onde estou* e o romance ficcional *Adua*, na tentativa de analisar a representação literária de sujeitos diaspóricos, nômades e refugiados. *Adua*, a personagem do romance homônimo de Igiaba Scego e seu pai Zoppe experimentam como a atuação do colonialismo e fascismo italiano na Somália afetaram as subjetividades dos sujeitos colonizados em trânsito, já que ambos congregam em si atravessamentos de gênero e raça imprescindíveis para compreender a relação entre o tratamento dispensando aos migrantes e refugiados africanos em solo europeu no século XXI. Para pensar a encruzilhada identitária dos sujeitos diaspóricos de origem africana na Itália, recorre-se a autores como Hall (2003) e Fanon (2008); acerca dos personagens nômades no texto literário de Igiaba Scego, ela mesma filha de uma mulher nômade somali, o apoio teórico está principalmente em Farah (2007) e Ali (2011); sobre os personagens refugiados presentes na vida e obra de Scego, buscou-se referências em Agier (2016), Macé (2018) e Enia (2021).

Referências: AGIER, Michel. *Les migrants et nous: comprendre Babel*. Paris: CNRS Éditions, 2016. ALI, Ayaan Hirsi. *Nômade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Tradução agosto Pacheco Calil. ENIA,

Davide. Notas para um naufrágio. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2021. Tradução Wander Melo Miranda. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. Tradução Renato da Silveira. FARAH, Ubah Cristina Ali. Madre piccola. Frassinelli: Torino, 2007. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. MACÉ, Marielle. Siderar, considerar: migrantes, formas de vida. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. SCEGO, Igiaba. Adua. São Paulo: Editora Nós, 2018. Tradução Francesca Cricelli. SCEGO, Igiaba. Minha casa é onde estou. São Paulo: Editora Nós, 2018. Tradução Francesca Cricelli.

MIGRAÇÃO E IDENTIDADE EM LUANDA, LISBOA, PARAÍSO

Lucas Evangelista Saraiva Araújo

Resumo: A todo instante ocorrem deslocamentos, pois assim como os sujeitos, o mundo precisa se deslocar. Esse para um lugar comum (de comunidade) e aqueles para diversos lugares do globo. São pessoas que, na maioria das vezes, migram de seus países para “tentar” uma vida melhor, “encontrar refúgio” ou “recursos”. A identidade de cada indivíduo também faz sua diáspora. Essa viagem causa tensões entre a cultura que chega e a cultura que deveria acolher. Tal contato intercultural interfere diretamente na identidade desses sujeitos, pois conviver com o novo vai além das limitações de uma lógica nacional. Pode-se encontrar essas questões em Luanda, Lisboa, Paraíso; romance da escritora contemporânea e luso-angolana Djaimilia Pereira. A partir do enredo desse romance, o objetivo desta comunicação é discutir sobre migração e identidade. Quais as consequências da migração para as identidades que também se deslocam? A respeito disso, “podemos notar que uma maneira violenta de afirmação identitária se dá pela desvalorização do outro, daqueles que são diferentes, que não partilham da nossa identidade. Esta violência caracteriza as situações coloniais, sendo que a desvalorização serve para justificar, consolidar e reproduzir formas de exploração e opressão. Temos que estar sempre muito atentos a esse risco de forjar identidades a partir da negação do outro, pois muitas formas de violência se desdobram daí” (MORAES; LOPES, 2012). Identidade não é apenas uma questão sobre mim ou sobre o outro, é sobre nós e nós(s). Precisa ser uma questão comum, num mundo comum, de pessoas e identidades “comuns”. O proponente desta comunicação ver a interculturalidade da mesma forma que os coordenadores deste simpósio: narrativas como a de Djaimilia, as quais são capazes de, permeadas a processos de alteridade, ressignificar o olhar sobre e para os migrantes; sobre e para a literatura migrante ou “deslocante”.

Referências: ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. Luanda, Lisboa, Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. MORAES, Anita Martins Rodrigues de; LOPES, Renato Gonçalves. Literaturas africanas de língua portuguesa: Cabo Verde, Angola e Moçambique. Montes Claros/MG: Editora Unimontes, 2012.

O NEGATIVO IDENTITÁRIO NA TRILOGIA DE JESUS, DE J. M. COETZEE

Marco Antonio Rocha

Resumo: Escritores que questionam as fronteiras de suas identidades nacionais parece ser um fenômeno crescente a partir de meados do século XX e continua crescendo no século XXI (ETTE, 2018). Recentemente, o escritor sul-africano e prêmio Nobel John M. Coetzee concedeu uma série de entrevistas a Soledad Constantini, fundadora da editora El Hilo de Ariadna, com sede na Argentina e na Espanha, em que explica sua decisão de ter seus livros lançados antes na tradução em espanhol que em inglês a partir de um breve resumo de sua própria biografia contada em terceira pessoa. Segundo ele, após receber notoriedade mundial e ser publicado por editoras em Nova Iorque e Londres, com o tempo acabou perdendo interesse em como seus livros eram recebidos no Norte e passou a se agradar mais com a maneira como eram recebidos no Sul, principalmente em espanhol na América Latina e em inglês na Austrália. Na entrevista, ele afirma se ver como “a writer who is not located in any particular language or any particular country [um escritor que não está inserido em nenhuma língua ou em nenhum país em particular].” (COETZEE, 2018). Dessa maneira, é possível

pontuar de que maneira os últimos romances publicados pelo autor — “The childhood of Jesus” (2013), “The schooldays of Jesus” (2016) e “The death of Jesus” (2019), em que os protagonistas, assim como todos os outros personagens, chegam de navio a um novo território onde a língua falada é o espanhol, língua estrangeira para todas essas pessoas que, ao mesmo tempo, não guardam memórias de suas vidas antes de chegarem a esse novo lugar, essa “outra vida” —, tematizam essas identidades construídas a partir do não pertencimento, ou seja, em torno do negativo do que são.

Referências: COETZEE, J. M. A infância de Jesus. Trad. José Rubens Siqueira. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. COETZEE, J. M. A vida escolar de Jesus. Trad. José Rubens Siqueira. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. COETZEE, J. M. The death of Jesus. New York: Viking, 2020. COETZEE, J. M. In conversation: J.M. Coetzee with Soledad Costantini. Entrevista concedida a Soledad Costantini. YouTube, 29 mai 2018, Azkuna Zentroa, Bilbao. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4VNk52t-YPM&list=WL&index=6>. Acesso em: 28 ago 2022. ETTE, Ottmar. EscreverEntreMundos: Literaturas sem morada fixa (SaberSobreViver II). Trad. Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

UN ACERCAMIENTO A LA CUESTIÓN DE LAS MIGRACIONES FORZADAS A TRAVÉS DE LA LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL

Maria De Los Angeles Lugo Colina

Resumo: En este trabajo se ofrece un acercamiento a la representación de las migraciones forzadas en la Literatura Infantil y Juvenil, entendiendo que las obras analizadas, al ser producidas desde un lugar de enunciación que se quiere cercano a la infancia, permiten la realización de un ejercicio de desplazamiento, que al poner la carga subjetiva en la perspectiva de niños o adolescentes, ofrece al lector, a la vez de un acercamiento al tema de las migraciones forzadas y sus diferentes aristas como son el exilio, el refugio y el insilio, la posibilidad de encontrar en estas experiencias, metáforas del viaje y la maduración. Al considerar a la Literatura Infantil y Juvenil como un género, entenderemos que no se trata de un campo reservado a los niños y jóvenes lectores, sino que funciona también como traducción de la experiencia de la infancia, que tantas veces silenciada, encuentra un espacio en este campo de la literatura. Para ello serán tomadas como objeto de análisis, las novelas De olho nas penas, (1994), de Ana Maria Machado, Otroso, (2006), de Graciela Montes, y Stefano, (2014), de María Teresa Andruetto, las cuales han sido traducidas al portugués y al español respectivamente, evidenciándose la inteligibilidad entre las experiencias narradas. Serán considerados además planteamientos de autoras como Michelle Petit, Regina Zilbeman, Teresa Colomer y María Teresa Andruetto, cuyas ideas aparecerán oportunamente para enriquecer la elaboración de estas reflexiones, que con un abordaje documental y bajo un enfoque hermenéutico, logran desarrollar las ideas propuestas.

Referências: ACNUR. TENDENCIAS GLOBALES DESPLAZAMIENTO FORZADO EN 2021. Disponible en: https://www.acnur.org/publications/pub_inf/62aa717288e/tendenciasglobales-de-acnur-2021.html - ANDRUETTO, Maria Teresa. Hacia una literatura sin adjetivos. EDITORA. 2014. - CALVO, Virginia. La lectura literaria en los procesos de acogida de madres inmigrantes. En: Arte y oficio de leer obras infantiles. Investigaciones sobre lectores, mediación y discurso literario. Ediciones Octaedro. Barcelona. 2018. - CHAKRAVORTY SPIVAK, Gayitri; Giraldo, Santiago ¿Puede hablar el subalterno? Revista Colombiana de Antropología, vol. 39, enero-diciembre, 2003, pp. 297-364 Instituto Colombiano de Antropología e Historia Bogotá, Colombia - COLOMER, Teresa. La formación del lector literario. Fundación Germán Sánchez Ruipérez. España. 1998 - FITZGERALD Torres, John. Lo que una vez hicieron los alienígenas. Bogotá: Educativa, colección Torre Azul. Bogotá, 132 pp 2020 - García Lorca, Federico. Medio pan y un libro. Leer y releer. N° 81 Noviembre de 2016. Disponible en: https://bibliotecadigital.udea.edu.co/bitstream/10495/17622/1/Garcia_Federico_2016_Leer_Releer_81.pdf - NORMA. John Fitzgerald Torres, Un acercamiento al autor y su obra. 2020, p. 4. Disponible en: <https://www.normainfantilyjuvenil.com/co/libro/la-luna-es-unrenacuajo/descargar-recursos/d9d4f495e875a2e075a1a4a6e1b9770f> - PETIT, Michèle. El arte de la lectura en tiempos de crisis. Editorial Océano S.L. Barcelona, España. Primera edición en libro electrónico: abril, 2021

Disponível em: https://es.scribd.com/read/556339958/El-arte-de-la-lectura-en-tiempos-de-crisis#a_searchmenu_61489 - RANCIÉRE, Jaques. A partilha do sensível. Tradução de Monica Costa. São Paulo: Editora 34, 2009. - RIBEIRO, Djamila. Lugar de Enunciación. Ediciones Ambulantes; 1er edición (21 Septiembre 2020) Disponível em: amazon.com/-/es/Djamila-Ribeiro/dp/8494787861 - ZILBERMAN, Regina. El estatuto de la literatura infantil. Cuadernos Literarios 3(6):17-39. 2006. Disponível em: <https://www.ucss.edu.pe/images/fondo-editorial/revista-cuadernosliterarios-06/estatuto-literatura-infantil-regina-zilbe>.

“LITERATURAS DO MUNDO” EM DANIEL MUNDURUKU: ORIGEM, ORIGINÁRIO, INTERGERACIONAL?

Maria Helena Japiassu Marinho De Macedo e Fernanda Boarin Boechat

Resumo: A partir da perspectiva decolonial de Homi K. Bhabha (2007) e sua problematização sobre o local de cultura, será discutido em nossa comunicação o lugar da obra de Daniel Munduruku e sua recepção, em especial no Brasil. Associado a conceitos como hibridismo, ambivalência, diferenças culturais, enunciados, estereótipos, mimetização e “terceiro-espço”, o local da cultura de Bhabha será aproximado aqui do conceito de “Literaturas do Mundo” (Weltliteratur) de Ottmar Ette (2022), que procura atender à complexidade e à estruturação multilógica da literatura compreendida como fruto de diversas origens culturais, geográficas e tradições em contexto de encontros mútuos. Escritor de origem indígena e brasileira, mas em espaço de fronteira, entre a sua cultura originária e a cultura ocidental, Daniel Munduruku resgata narrativas tradicionais de seu povo, imprimindo permanência, enquanto transforma a cultura transmitida intergeracionalmente pela oralidade em uma narrativa escrita, com contributo mínimo de originalidade. As publicações do autor, na vertente brasileira do idioma português, permitem a tradução cultural da identidade Munduruku para a cultura literária ocidental, possibilitando também o reconhecimento de vozes representativas da identidade brasileira, subalternizadas ao longo da história nacional. Para a comunicação, utiliza-se de exemplos literários do escritor e de bibliografia multidisciplinar, concluindo-se pela percepção da concomitância de diálogos e tensões entre a cultura Munduruku e a ocidental, ainda hegemônica na literatura brasileira.

Referências: Bhabha, Homi. K. O local da cultura. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenco de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. Ette, Ottmar. Fractais do mundo: caminhos pelas Literaturas do Mundo. Tradução de Gerson Roberto Neumann e Marianna Ilgenfritz Daudt. Porto Alegre: Class, 2022.

ENTRE A CATÁSTROFE E O TRIUNFO: AS CONSTRUÇÕES DAS MEMÓRIAS EM TORNO DO CONFLITO ISRAELO-PALESTINIANO DE 1948 EM DE AMOR E TREVAS E ONCE UPON A COUNTRY.

Maria Silveira Garcia Guerra

Resumo: O duradouro conflito israelo-palestino repercute na mídia internacional por meio de noticiários, filmes e também através da literatura. Nesta apresentação oral, nosso objetivo é demonstrar, a partir de uma análise comparativista e uma perspectiva crítica, como os romances autobiográficos Once upon a country, do escritor palestino Sari Nusseibeh, e De amor e trevas, do escritor judeu Amós Oz, narram e rememoram o Plano de Partilha da Palestina pela ONU em 1947, enfatizando a fundação do Estado de Israel, em 1948. Este período, conhecido como nakba — a “catástrofe” ou o “desastre” — pelo povo palestino, foi vivenciado pelos judeus como o triunfo e a conquista da paz e da segurança conformada nos marcos de um Estado Nação sonhado por boa parte da população judaica. Se, por um lado, é possível observar na narrativa de Nusseibeh que no ano de 1948 foi “testemunhado o colapso do sonho palestino”, por outro ângulo, em maio do mesmo ano, o narrador autobiográfico Amós se emocionava, junto ao seu pai, com a criação do Estado de Israel. Apesar de os livros narrarem fatos históricos, é importante pontuar que não há, necessariamente, no texto literário, um compromisso apriorístico com os procedimentos próprios da historiografia (ANTUNES, 2010), o que, conseqüentemente, revela a potencialidade da literatura de reconstruir e de ficcionalizar memórias individuais e coletivas. Dito isto, buscamos apresentar comparativamente

como ocorre o entrelaçamento dessas memórias ouvidas, vividas ou imaginadas nas obras elencadas, a fim de refletirmos este período histórico. Para tanto, utilizaremos de referências teóricas de Ilan Pappé (2016), Edward Said (2012) e Avi Shlaim (2004).

Referências: ANTUNES, Luísa Marinho. A construção da memória cultural por meio da literatura: alguns aspectos. In: LAMAS, Nadja de Carvalho e MORAES, Taiza Mara Rauen. (Pro) Posições Culturais. Joinville: Univille, 2010. p. 189 – 211. NUSSEIBEH, Sari. Once upon a country. New York: Farrar, Strauss, and Giroux, 2007. OZ, Amós. De amor e trevas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina. São Paulo: Ed. Sundermann, 2016. SAID, Edward. A questão da palestina. São Paulo: Ed. Unesp, 2012. SHLAIM, Avi. A muralha de ferro: Israel e o mundo árabe. Rio de Janeiro: Fissus Editora, 2004.

SONHOS DE PAULA LUDWIG NO EXÍLIO: A BARBÁRIE NAZIFASCISTA E UMA PERCEPÇÃO TRANSCULTURAL EM NARRATIVAS ONÍRICAS

Mariana Chirico Machado Holms

Resumo: Sonhos são construções narrativas e simbólicas relevantes no desenvolvimento cognitivo do ser humano, como escreve Sidarta Ribeiro em seu livro *O oráculo da noite* (2019). No século XX, eles foram objeto fundamental de investigação de Sigmund Freud no desenvolvimento da Psicanálise. Durante a Segunda Grande Guerra, Charlotte Beradt (2021) coletou e estudou narrativas oníricas de vítimas do nazifascismo na Alemanha e fora dela, demonstrando como o regime totalitário se entranhava no inconsciente dos cidadãos. No século seguinte, ao longo dos primeiros anos da pandemia de Covid-19, pesquisadores brasileiros da área de Psicologia, inspirados em Beradt, organizaram a obra *Sonhos confinados* (2021), compilando sonhos que manifestavam profunda angústia relativa aos riscos da doença e ao quadro político do país. O tema dos sonhos, além de ser atual devido ao seu vínculo com questões relevantes de caráter tanto social como individual, estimulou também uma produção literária de potencial estético e crítico que Ludwig e mais poetas e intelectuais praticaram. Propõe-se nesta comunicação a análise de três narrativas oníricas de Paula Ludwig (1900-1974), poeta austríaca exilada no Brasil entre os anos de 1940 e 1943, cujos sonhos foram reunidos no livro *Träume [Sonhos]* (1962). Esses textos evidenciam diferentes aspectos da experiência de exílio: a vulnerabilidade do indivíduo frente ao estranhamento da sociedade em que estava inserido, a barbárie do nazifascismo e os dilemas éticos individuais, bem como a percepção transcultural da autora no contexto do exílio. A abordagem teórica nessa comunicação se dará por meio das ferramentas disponibilizadas pela Teoria Literária (Compagnon; Fernandes), pela Psicanálise (Beradt; Freud; Hahn; Souza; Souza), pela Fenomenologia (Butler; Merleau-Ponty), e está inserida nos campos de pesquisa da Literatura de Exílio (Kestler; Ricci; Schmaus; Schmid) e da Imagologia (Ribeiro-de-Sousa).

Referências: BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich*. Trad. Sílvia Bittencourt, apresentação Christian Dunker; posfácio Barbara Hahn. São Paulo: Fósforo, 2022. BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Trad. Sérgio Tradeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. DUNKER, Christian; [et al.] (Org.). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?* 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. FERNANDES, Isabel. *Back to Basics: From Close Reading to “Inclusive” Reading and the Prospects for Literature*. Op. Cit.: *a Journal of Anglo-American Studies*, [S. l.], v. 2, n. 8, 2019. p. 11–29. FREUD, Sigmund. *O incômodo*. Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021. _____. *O infamiliar e outros escritos*. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. _____. *O mal-estar na cultura*. In: *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-410. KESTLER, Izabela M. F. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Trad. Karola Zimmer. São Paulo, Edusp, 2003. LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. Prefácio de Renato Sztutman. São Paulo: Ubu Editora, 2022. LUDWIG, Paula. *Träume: Aufzeichnungen aus den Jahren zwischen 1920 und 1960*.

Ebenhausen bei München: Langewiesche-Brandt, 1962. QUANDT, Christiane. Paula Ludwig, uma poeta quase esquecida. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2018. RIBEIRO, Sidarta. O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho. 1.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste H. M. Do cá e do lá: introdução à imagologia. São Paulo: Humanitas, 2004. RICCI, Michelle. Between Depiction and Experience: The Exile Dreams of Paula Ludwig. In: Women in German Yearbook 17. Feminist Studies in German Literature and Culture. Patricia Herminghouse; Susanne Zantop (Orgs.). Lincoln; London: University of Nebraska Press, 2001. p. 181-197. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/20688931>>. Acessado em: 06 mar. 2019. SCHMAUS, Marion. Exil und Geschlechterforschung. In: Handbuch der deutschsprachigen Exilliteratur. Von Heinrich Heine bis Herta Müller. BANNASCH, Bettina; ROCHUS, Gerhild (Hrsg.). Berlin/Boston: De Gruyter, 2013. p.121-147. SCHMID, Sigrid. Schriftstellerinnen im Exil - Zuständig fürs Überleben. In: Österreichische Literatur im Exil. Salzburg: Universität Salzburg, 2002, p. 1-9. Disponível em: <<http://www.literaturepochen.at/exil/I5038.pdf>>. Acessado em 10 fev. 2020. SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Experiência do Outro, Estranhamento de Si: Dimensões da Alteridade em Antropologia e Psicanálise. Prefácio Luís Claudio Figueiredo. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2015. SOUZA, Neusa Santos. O estrangeiro: nossa condição. In: O estrangeiro. Caterina Koltai (org.). São Paulo: Escuta; FAPESP, 1998. p. 155-163.

O CONCEITO DE LITERATURA COMO MUNDO FRACTAL EM FRACTAIS DO MUNDO, DE OTTMAR ETTE

Marianna Ilgenfritz Daudt

Resumo: Com o presente trabalho pretende-se comentar o conceito de literatura como mundo fractal, conforme apresentado por Ottmar Ette no livro *Weltfraktale*, publicado na Alemanha em 2017. A tradução do livro foi realizada pela autora deste trabalho em conjunto com o professor Dr. Gerson Neumann no âmbito do grupo de pesquisa *Cosmos Littera*, e teve seu lançamento em 2022 com o título *Fractais do mundo*. O conceito-título estabelece uma relação com sua já fundamentada teoria de que não existiria um conceito estático e abrangente de literatura mundial, ou de uma *Weltliteratur*, como destaca, mas sim múltiplas literaturas em constante interação com diferentes formas narrativas que se encontram no espaço e no tempo e criam caminhos, formando unidades que representam uma parte da cultura como um modelo miniaturizado, ou seja, como fractais do mundo. Tal concepção, proposta por Ette como *Literaturas do mundo* – em oposição à *Weltliteratur* – busca orientar o pensamento teórico da literatura a partir de diferentes lógicas e incluir novas perspectivas com o objetivo de moldar o mundo a partir da diversidade. O conceito de fractal em um contexto de literatura integra uma proposta já sedimentada na produção do autor que é a fusão dos conceitos tradicionalmente ligados ao campo das ciências exatas e biológicas com a crítica e a teoria literárias, para, desta forma, questionar o que é o conhecimento sobre a vida. Ette utiliza-se de conceitos científicos e filosóficos, explorando-os sob o ponto de vista da Literatura como maneira de reproduzir as ações e constituições discursivas mais diversas. Para o autor, o corpo e o conhecimento humanos fazem parte da escrita literária e, portanto, a Literatura também pode ser utilizada como objeto científico nos estudos sobre a vida.

Referências: ETTE, Ottmar. *Fractais do mundo: caminhos pelas literaturas do mundo*. Porto Alegre: Bestiário/Class, 2022.

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS DA AUTOELABORAÇÃO SULINA

Paulo Acácio Amarante Vasconcelos Soares

Resumo: Como sujeito nascido e criado no interior do Sul do Brasil, as questões sobre as identidades na região sempre me foram caras. Vi de perto o aumento da popularidade tanto do movimento seccionista O Sul é o meu País (auge em 2016 - 2017) e, em sequência, do bolsonarismo na região. Entendo que a popularidade de ambos fenômenos políticos tem raízes comuns nas elaborações sobre identidade racial e família que subjacem a formação histórica do Sul do Brasil. Em ambos os

casos, acredito que existe um núcleo de discussão em efervescência sobre o pós-colonialismo no Sul do Brasil, especialmente sobre as heranças culturais/raciais e a maneira como estas foram mediadas por estruturas familiares. Meu objetivo é pôr essa discussão em evidência. Entendo que essa discussão transparece em romances publicados recentemente, como *Barba Ensopada de Sangue* (Daniel Galera, 2012), *Parayzo, Paraguai* (Marcelo Labes), *O Averso da Pele* (Jeferson Tenório, 2020), *Demo Via Let's Go!* (Gustavo Matte, 2017), *Habitante Irreal e Marrom e Amarelo* (Paulo Scott, 2011 e 2019) e no poemário *Sagu* (Mariana Berta, 2018) em que os temas de herança, identidade e família - sob diferentes abordagens - operam como forças motrizes. Entendo que estas vozes apresentam diferentes elaborações sobre a História e as identidades, tanto no sul do Brasil como na relação estabelecida entre o sul do Brasil e o Brasil e por isso nos permitem vislumbrar esse núcleo de discussão em sua efervescência, realizado por uma nova geração de intelectuais e artistas. Acredito que é possível delinear maneiras como as elaborações do gauchismo são enfrentadas e entendidas como passado vivo (Galera), como se integram questões do racismo e da desigualdade de classes (Tenório e Scott) às diferentes elaborações sobre as identidades eurocentradas no interior do Sul (Labes, Matte e Berta).

Referências: BERTA, M. Sagú. Florianópolis: [s.n.] 2019. GALERA, D. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. LABES, M. *Parayzo-Paraguay*. 2019. MATTE, G. *Demo via, Let's go!* São Paulo - SP: Kuzuá, 2017. MATTE, G. *Nuvem Colona*. Caiaponte Edições, 2019. MATTE, G. *Menos tropical ainda! debates subtropicalistas*. Editora Kuzuá, 2021. RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. *História da Fronteira Sul*. Chapecó - SC: Ed. UFFS, 2016. RAMIL, V. *A Estética do Frio*. Pelotas - RS: Satolep Livros, 2009. SCOTT, P. *Habitante irreal*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. SCOTT, P. *Marrom e Amarelo*. Rio de Janeiro - RJ: Alfaguara, 2019. TENÓRIO, J. *O avesso da pele*. Companhia das Letras, 2020.

LITERATURA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA: FICCIONALIZAR A ETNICIDADE MEMORIAL

Ricardo Postal

Resumo: Pensando nos elementos que fundamentam um “romance de etnicidade memorial”, este trabalho analisa “Quando meninos viram homens - vol 1” (2013), de Marcos Vinícius de Bortolli, o qual elabora em narrativa a trajetória de imigrantes da península itálica vindos ao Brasil no século XIX. Fazendo o autor questão de afirmar que se baseia em material factual e em pesquisa historiográfica, tensionaremos, portanto, algumas características usuais de relatos de imigração italiana (a travessia, a dificuldade da instalação, o sucesso financeiro, a ‘família como patrimônio’, a religiosidade e a superioridade étnica) quando são vertidas na matéria literária. Ao misturar momentos de história, outros de memória e dar a tudo isso um enredo ficcional, a forma romance se torna uma narrativa compósita em que (auto)biografia, memórias e arquivo documental se unem para garantir o patrimônio de uma família e ao mesmo tempo de um grupo étnico. O fato de ainda na contemporaneidade serem escritos romances sobre a epopeia dos antepassados do séc. XIX, reafirmando o legado cultural deste contingente populacional, será pensando relacionando-se esta vontade de salvaguarda de memória à tendência de escritas de experiência localizada, tensionando os modos como grupos identitários estão instaurando vozes antes não habituais (no presente caso, os imigrantes) no cenário literário brasileiro. A partir de conceitos e análises de ZANINI (2004), BERND (2018), CORTEZE (2002) buscaremos compreender como se atualizam ou se reiteram os estereótipos culturais e imagéticos sobre os oriundi no romance estudado.

Referências: BERND, Zilé. A persistência da memória. Romances de anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: Besouro Box, 2018. BORTOLLI, M.V. de. *Quando meninos viram homens*. (vol. 1 - Cartas a Giovanna). BZ Editora, 2013. CORTEZE, Dilce Piccin. *Ulisses Va In America : História, Historiografia E Mitos Da Imigração Italiana No Rio Grande Do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: Ed.UPF, 2002 ZANINI, M.CC. A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. Campos - Revista de Antropologia. V.5, n.1, 53-67, 2004.

ARTE E ARTIFICIAL, LÍNGUA OFICIAL E O ERROS LINGÜÍSTICOS, IDIOMAS E NACIONALIDADES. O PROCEDIMENTO DE HIBRIDIZAÇÃO COMO ESTRANHAMENTO EM O ERÓI SEM NEM UM AGÁ, DE ZÉ DO ROCK

Robert Schade

Resumo: Os fluxos de migração estão cada vez mais fortes no mundo inteiro, assim como na Alemanha. Embora a influência de autores estrangeiros na literatura alemã tenha sido suficientemente pesquisada, ainda existe pouca reflexão sobre formas estéticas inovadoras desses autores. O escritor brasileiro ZÉ DO ROCK (1997), que já mora há décadas na Alemanha, publicou quase toda sua obra em língua alemã. O livro *Fom winde verfeelt*, publicado primeiramente em 1995 em um alemão transformado (ultra-doitsch), foi lançado no Brasil em 1997, com o título *O erói sem nem um agá*. A obra trata de suas viagens ao redor do mundo. Neste livro humoroso, o autor transforma o idioma, seja o alemão ou o português, conforme as necessidades estéticas. O formalista russo Victor Chklóvski, em seu texto *A arte como procedimento* (1916), define arte como um rompimento com a automatização da percepção e da linguagem cotidiana. Um dos objetivos do estranhamento é uma mudança semântica para perceber a palavra como se fosse pela primeira vez, uma nova percepção do material linguístico, o qual, durante a rotina diária e do uso pragmático, perdeu sua força estética. O procedimento de colocar palavras ou coisas em um novo contexto aumenta a dificuldade do processo de percepção: „O discurso poético é um discurso elaborado” (CHKLÓVSKI 2013), que quer dizer construído, modificado, artificial. Zé do Rock cria uma linguagem híbrida e artificial, que nos faz repensar a conexão entre arte e artificial (a forma), língua oficial e erros linguísticos, e entre idiomas e nacionalidades em um mundo globalizado. Precisamos entender o conceito estético e linguístico como dinâmico que o autor adapta ao respectivo contexto estético ou geográfico enquanto muda o lugar. Nesses in-between spaces entre culturas (BHABHA 1994), línguas e conceitos semânticos não são vistos como petrificados, mas como entidades que se deslocam permanentemente.

Referências: BHABHA, Homi: How newness enters the world: Postmodern space, postcolonial times and the trials of cultural translation. In: Bhabha, Homi: *The Location of Culture*. London/New York: Routledge 1994, p. 303-337. CHKLÓVSKI, Victor: *A arte como procedimento*. In: Todorov, Tzvetan (ed.): *Teoria da Literatura. Textos dos Formalistas Russos*. São Paulo: Editora Unesp 2013, p. 83-108. Traduzido por Roberto Leal Ferreira GINZBURG, Carlo: *Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras 2001. Traduzido por Eduardo Brandão. JAMES, William: *The Principles of Psychology. Volume One and Two*. New York: Dover Publications 1950. ROCK, Zé do: *fom winde verfeelt*. Berlin: edition diá 1995. ROCK, Zé do: *O erói sem nem um agá*. Porto Alegre: L&PM 1997. SCHADE, Robert: *Schwankende Ansichten*. Bielefeld: transcript 2017. TAWADA, Yoko: *ÜberSeeZungen. Retrato de uma língua e outras criações*. Porto Alegre: Bestiário 2019. Traduzido por Gerson Roberto Neumann e Marianna Ilgenfritz Daudt.

LITERATURA INDÍGENA E O RETORNO À ANCESTRALIDADE: EU SOU MACUXI E OUTRAS HISTÓRIAS

Rubelise da Cunha

Resumo: A publicação de obras literárias de autoria indígena no mercado editorial brasileiro é marcada por aspectos históricos e políticos que a constituem em forte instrumento de inserção intercultural para a disseminação de epistemologias ameríndias e para a resistência de saberes ancestrais. Autores hoje consagrados na história da Literatura Indígena no Brasil, como Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, unem suas histórias de vida a suas narrativas literárias e ressignificam as narrativas eurocêntricas que embasaram o discurso colonial formador da Literatura Brasileira a fim “demarcar” o território literário a partir dos saberes dos povos originários deste país. O que é singular nesses dois autores, também observado em representantes da geração mais recente de autores indígenas, como é o caso de Julie Dorrico, é o deslocamento físico e epistêmico que resulta no fortalecimento das raízes ancestrais de pertencimento presentes na memória. Neste trabalho, analiso sua trajetória como autora e sua obra *Eu sou macuxi e outras histórias* (2019) a fim de identificar como o texto literário evoca esta tensão transcultural na qual as formas literárias

eurocêntricas e a história literária brasileira são ressignificadas para, a partir das palavras de Daniel Munduruku em seu prefácio à obra, constituírem “o caminho de volta, da aceitação, do desprendimento, da ancestralidade”. Nesse processo de conexão com o passado e reinserção dos saberes tradicionais no presente, cada texto literário torna-se um verso do poema-vida do autor indígena, um elo de ligação com suas origens e de fortalecimento da potência da coletividade que habita o ser indígena, e cada história contada (CUNHA, 2019; MUNDURUKU, 2016). Em *Eu sou macuxi* e outras histórias, Dorrico não apenas demarca o texto literário como performance de tradução cultural das artes verbais ameríndias, como também ressignifica nossa história literária de forma transnacional ao resgatar sua ancestralidade macuxi e reconhecer-se filha de Makunaima.

Referências: CUNHA, Rubelise. O elo com a cadeia da tradição: a literatura indígena e o resgate da potência coletiva. DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo* [recurso eletrônico] / Julie Dorrico, Fernando Danner, Leno Francisco Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. DORRICO, Julie. *Eu sou macuxi e outras histórias*. Caos e Letras, 2019. KRENAK, Ailton. *A Potência do Sujeito Coletivo – Parte I* [entrevista concedida a Jailson de Souza Silva]. *Revista periferias – O paradigma da potência*, p. 1-21, v. 1, n.1, 2018. Disponível em <http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em 29 de julho de 2019. MUNDURUKU, Daniel. *Memórias de índio: uma quase autobiografia*. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

O ÉPICO HINDU E A PERSPECTIVA DIASPÓRICA EM ESCRITORAS ANGLÓFONAS INDIANAS

Tais Leite de Moura

Resumo: Os épicos hindus Ramayana e Mahabharata estão presentes na sociedade e na cultura indiana há milhares de anos. Outro fenômeno muito presente na sociedade indígena é a diáspora, como um movimento com o objetivo de viajar para estudos ou em busca de uma carreira fora da terra natal. Em minha tese, pretendo passar por três romances indianos de escritores diaspóricos, retornados e indianos nativos e analisar e comparar a mitologia hindu presente nesses livros. Junto com isso, pretendo relacionar o uso da mitologia e como está conectado o fato de que eles estão longe da Índia, de volta ao seu país de origem, ou nunca o deixaram. A principal fonte para a mitologia serão os dois épicos hindus, o Ramayana e o Mahabharata, e os romances para a pesquisa são: *The Palace of Illusions* (2015), de Chitra Banerjee Divakaruni, uma escritora diaspórica, *Sleeping on Jupiter* (2015), de Anuradha Roy, uma returnee, e *Lanka's Princess* (2016), de Kavita Kané. A tese dialogará com conceitos pós-coloniais de uma variedade de sociólogos e filósofos, lidando com as ideias de deslocamento e identidade. Os teóricos pós-coloniais serão principalmente Edward Said (filósofo palestino-americano), Stuart Hall (sociólogo jamaicano-britânico) Avtar Brah (sociólogo britânico indiano) e Nirmal Verma (escritor e romancista indiano). A conceituação descolonial será trazida principalmente por Walter Dignolo (semiólogo argentino) e Parvati Raghuram (especialista em mobilidade indiana).

Referências: ANUSHREE, Anubha. Choosing to Belong: Nirmal Verma's Postcolonial Modernity. IN: *The Delhi University Journal of the Humanities & the Social Sciences*. Vol. 2, pp. 87-99, 2015. ARNI, SAMHITA. Why do majority of Indian writers remain obsessed with myth? *The Lead Books*, 23 fev. 2019. Available in: <<https://www.thehindu.com/books/and-all-our-yesterdays-in-utopia/article26342068.ece>> Access in: Jul.05 2022. BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996. BUCK, William (retold by). *The Ramayana*. 3rd edition. Berkeley: University of California Press, 2012. (retold by). *The Mahabharata*. New York: Meridian, 1987. DIVAKARUNI, Chitra Banerjee. *The Palace of Illusions*. New York: Anchor Books, 2015. HARIHARAN, GITHA. When bodies speak. *World Literature Today*, mar 2017. Available in: <<https://www.worldliteraturetoday.org/2017/march/when-bodies-speak-githa-hariharan>> Access on: Jul 04, 2022. HALL, Stuart; SCHWARZ, Bill. *Familiar Stranger: A Life Between Two Islands*. Londres e Durham: Duke University Press, 2017. IBRAHIM, Azeem. Modi's slide toward Autocracy. *Foreign Policy*, July 2020. Available in: <<https://foreignpolicy.com/2020/07/13/modi-india-hindutva-hindu>>

nationalism-autocracy/> Access in: Sep 5, 2022. KANÉ, Kavita. Lanka's Princess. New Delhi: Rupa Publications, 2016. MAHAPRASHASTA, Ajoy Ashirwad. Collective Amnesia, grudges and India's 'Lost' Glory: Eight Years of PM Modi's Politics. The Wire, May 2022. Available in: <<https://thewire.in/politics/eight-years-narendra-modi>> Access in: Sep 7, 2022. MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis. Durham: Duke University Press, 2018. MUKHERJEE, Meenakshi. The anxiety of Indianness. IN: The Perishable Empire: Essays on Indian writing in English. New York: Oxford, 2000. RAO, A.S. Myth and History in Contemporary Indian Novels in English. New Delhi: Atlantic Publishers and Distributors, 2000. ROY, Anuradha. Sleeping on Jupiter. New Delhi: Hachette India, 2015. RUSHDIE, Salman. Imaginary Homelands: Essays and Criticism 1981-1991. London: Vintage Books, 1991. STRAUGH, Ingo. Brill's Encyclopedia of Hinduism. Leiden: Brill's encyclopedia, 2010. VARMA, Pavan. Becoming Indian: The Unfinished Revolution of Culture and Identity. New Delhi: Penguin Books, 2010. VERMA, Nirmal; BHALLA, Alok (edit). India and Europe: Selected Essays. Shimla: India Institute of Advanced Study, 2000. Kindle edition.

MÉXICO COMO PORTO DE CHEGADA DE IMIGRAÇÕES - ESTABELECIMENTO DOS JUDEUS E A GÊNESE DO "JUDEU-MEXICANO" A PARTIR DE LAS GENEALOGÍAS, DE MARGO GLANTZ

Theresa Katarina Souza e Silva Bachmann

Resumo: O México, notadamente conhecido como local de partida, foi na verdade um grande porto de chegada para povos de diversas nacionalidades ao longo do século XX. A diáspora judaica, ainda que marcada por restrições de diversas ordens por parte das leis de imigração mexicanas, encontrou também neste país um espaço para estabelecer-se. Ao fenômeno de chegada de imigrações sucede um outro: a primeira geração dos nascidos no país estrangeiro. Neste contexto, insere-se a escritora judia-mexicana Margo Glantz, parte de uma primeira geração da diáspora judaica do século XX. Seu livro *Las Genealogías* (1981), espécie de etnografia, relato de família e autobiografia, vai a fundo na memória dos judeus chegados ao México no começo da diáspora ao mesmo tempo em que flerta com uma escrita do outro que é também a descoberta de pertencer a um entrelugar e a uma nova identidade. Através desta narrativa, num movimento de construção de memória, a literatura se alia à história para revelar as nuances mais íntimas da outra face do movimento de imigração: os conflitos e as descobertas de uma geração de mexicanos que se veem, na esteira de Rollemberg (1999), entre raízes (o passado e sua ancestralidade) e radares (a cultura na qual se moldam e a sociedade da qual são partícipes). A proposta deste trabalho é explorar esta obra como documento, tomando-a como ponto de partida para desvendar a memória da diáspora judaica no México e sua reverberação nas gerações seguintes.

Referências: Erll, A. *Mediation, Remediation, and the Dynamics of Cultural Memory*. New York: Walter de Gruyter, 2009. Glantz, M. *Las genealogías*. México D.F.: M. Casillas Editores, 1981. Gleiser, D. "De la apertura al cierre de puertas: la inmigración judía en México durante las primeras décadas del siglo XX". In: *Historia Mexicana* Vol. 60, No. 2 (238), *La revolución Mexicana: distintas perspectivas* (OCTUBRE-DICIEMBRE 2010), pp. 1175-1227. Hite, K. *Politics and the Art of Commemoration: memorials to struggle in Latin America and Spain*. London: Routledge, 2012. Huyssen, A. *Present Past: urban palimpsests and the politics of memory*. Stanford: Sanford University Press, 2003. Jelin, E. *Los trabajos de memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002. Landsberg, A. *Engaging the Past: mass culture and the production of historical knowledge*. New York: Columbia University Press, 2015. Lida, C. "Enfoques comparativos sobre los exilios en México: España y Argentina en el siglo XX". In: Yankelevich, Pablo. *México, País Refugio: la Experiencia de los exilios en el siglo XX*. México, D.F.: Plaza y Valdés, 2002, pp. 205-17. Lomnitz, C. "Anti-Semitism and the Ideology of the Mexican Revolution. Representations" (University of California Press) 110, núm. 1 (Primavera 2010): 1-28. Ricoeur, Paul. *Time and Narrative*, Vol. 2. Chicago: University of Chicago Press, 1985. Rollemberg, D. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. Salzman, D. "La política mexicana frente a la recepción de refugiados judíos (1934-1942)". In: Yankelevich, Pablo. *México, País Refugio: la experiencia de los exilios en el siglo XX*. México, D.F.: Plaza y Valdés, 2002, pp. 119-38. Sarlo, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005. Yankelevich, P. (coord.). *¿Deseables o inconvenientes? Las fronteras de la extranjería en*

el México postrevolucionario. México, D.F.: ENAH, 2011. _____. Extranjería y antisemitismo en el México posrevolucionario. INTER DISCIPLINA, 2(4), 2015. _____. México, País Refugio: la experiencia de los exilios en el siglo XX. México, D.F.: Plaza y Valdés, 2002.

O DEVER DE MEMÓRIA E O DEVER DE JUSTIÇA: A DOR, A REVOLTA E AS CICATRIZES DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE NA OBRA CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS

Tiago Goulart Collares

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a memória (e seus desdobramentos) na obra Cadernos de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo. Um relato universal sobre as relações entre metrópoles e colônias ao longo da história, que remonta o período de dominação portuguesa em Moçambique. Sutilmente individual e explicitamente coletiva, a crônica escrita por Figueiredo atualiza o debate pós-colonial. Remonta o passado de dor, as feridas ainda não cicatrizadas, a crueldade e as memórias da opressão do colonizador branco europeu sobre o negro africano colonizado, espelhadas pela figura paterna. A autora coloca-se à sombra do pai, assume suas culpas e de toda a perversidade do processo colonial imposto no país africano. Se “o dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si” (RICOEUR, 2007, p. 101), conforme destaca Ricoeur, ao citar Aristóteles, em A história, a memória e o esquecimento, as reflexões publicadas pela autora de Cadernos de memórias coloniais consolidam-se no rol dos textos fundamentais para se pensar a sociedade portuguesa e africana no contexto da pós-colonialidade. Para isso, além de Ricoeur, recorreremos aos postulados de Michael Pollak, Walter Benjamin, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, dentre outros teóricos que refletiram sobre os respectivos temas que compõem este trabalho.

Referências: BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. FANON, Frantz. Em defesa da revolução africana. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. FIGUEIREDO, Isabela. Cadernos de memórias coloniais. Lisboa: Caminho, 2015. PERKINS, David. História da literatura e narração. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, 1999. Série traduções. POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. RICOEUR, Paul. A história, a memória e o esquecimento. Campinas: Editora Unicamp, 2007. SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

EIXO 2

Epistemologias plurais,
saberes comuns



SIMPÓSIO “COMPARAR PARA DESCOMPARAR PARA RE-COMPARAR – NEM UM REPOSITÓRIO DE CONCEITOS E NEM UM ESVAZIAMENTO DO CÉREBRO: UMA RE-INVENÇÃO DO OUTRO”

Edgar Cézar Nolasco (UFMS), Fábio do Vale (INSTED) e Luiz Lopes (CEFET-MG)

MACABÉA E PONCIÁ VICÊNCIO: UMA DISCUSSÃO SOBRE TRABALHO E SUBALTERNIDADE

Cristiane Côrtes

Resumo: A colonização europeia instituiu um marco na construção de uma matriz capitalista-patriarcal de dominação econômica e intelectual que perdura até hoje, pois essa perspectiva ainda reverbera no controle de produção, na força de trabalho, cultura, mentes, corpos e identidades dos países que sofreram invasões. Marcado por práticas de opressão, subalternização, torturas e extrema violência o colonialismo definiu o controle sobre o trabalho e os recursos obtidos através dele, sustentando as desigualdades socioeconômicas e as desigualdades entre nações por séculos. Nessa esteira, a presente comunicação pretende discutir as relações de trabalho nas obras *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. A partir da problematização sobre subalternidade, à luz de Gayatri Spivak e sobre gênero, por meio das discussões propostas por Lélia Gonzales, propomos compreender como a concepção de trabalho ainda reproduz na vida urbana as relações de poder instituídas desde o colonialismo em que a opressão produz sujeitos muitas vezes incapazes de questionar ou romper com sua própria realidade. Embora as narrativas sejam essencialmente distintas, a questão do trabalho é uma confluência. A reflexão sobre dignidade surgirá como crítica à modernidade, a datilógrafa e a empregada doméstica assimilam o discurso do orgulho pelo trabalho honesto e os movimentos migratórios para os centros urbanos reforçam a concepção de deslocamento para centros urbanos como busca por melhores condições de vida, entretanto lidam com uma atividade completamente impessoal descartando a possibilidade de ascensão ou construção de uma vida realmente digna. Nesse sentido, as obras escolhidas podem evidenciar ainda os ecos da opressão e violência instituídas no pensamento colonial que refletem no racismo e no preconceito de classe existentes ainda na atualidade.

Referências: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: 2005. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et all. Belo Horizonte: Editora UFMG(2010).

LITERATURA E CULTURA PARAGUAIA: UM PENSAMENTO OUTRO

Damaris Pereira Santana Lima

Resumo: Esta apresentação objetiva exemplificar e conduzir à discussão da questão de esvaziamento do cérebro e a construção ou elaboração de um pensamento outro (MIGNOLO, 2003), tendo como ponto de partida o projeto em desenvolvimento, "Latino-américa interdisciplinar: literatura e cultura paraguaia", pesquisa que visa a mostrar como literatura, cultura, história, memória, mito e imaginário coletivo se articulam nas produções ficcionais e artísticas. À guisa de delimitação, valho-me das seguintes obras, destacando-as como exemplos para as discussões no âmbito desse simpósio: O primeiro texto é a coletânea organizada por Augusto Roa Bastos, *Culturas condenadas*, seleção de textos fundamentais sobre a situação dos povos indígenas no Paraguai. Com esta ação o autor exercita um fazer descolonial, um pensamento outro. O segundo texto é da autora paraguaia Susy Delgado, *Ogue Javé takuapu/ Cuando se apaga el takuà*, escrita em guarani e em espanhol. A manifestação cultural aqui, se dá através do canto e da dança e da preservação do uso de instrumentos musicais ancestrais, música e dança executadas pelas mulheres, quem presta homenagem à memória ancestral do povo paraguaio através do canto, do ressoar das taquaras e também da língua indígena. O terceiro e último texto é *Xirú*, do escritor paraguaio Damián Cabrera, obra que dentre outros temas, apresenta a tríplice fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina, como protagonista, abordando o cenário lindeiro do Alto Paraná, terra de "brasiguaios", que falam "portuguarañol". Destaca-se aqui que a tônica nesta obra é o hibridismo, enfatizando-se o

"plurilinguajeo", com base nas proposições de Walter Mignolo. Os comentários e análises ao longo desta apresentação serão feitos à luz do referencial teórico dos estudos culturais e comparados, enfatizando os conceitos propostos por Frantz Fanon, Walter Mignolo, Edgar César Nolasco entre outros.

Referências: CABRERA, Damián. Xirú. Assunción: Ediciones de la Ura, 2012. FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. MIGNOLO, Walter. Historias locales/ Diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Ediciones Akal, 2013. MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, PR, 2017. NOLASCO, Edgar César. Perto do coração selbaje da crítica fronteriza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. ROA BASTOS, Augusto (comp.). Las culturas condenadas. Servilibros, Asunción, PY, 2011.

VAGA CARNE: QUANDO UMA VOZ SUBALTERNA ENCONTRA MATÉRIA

Diogo da Costa Rufatto

Resumo: Vaga carne é uma peça escrita e performada por Grace Passô, atriz e dramaturga de Belo Horizonte. Em suma, trata-se de uma voz que invade, em primeira instância, coisas, como estalactites, café, cães e patos, e por elas vai vagando, relatando sua experiência no escuro, até que ela invade o corpo de uma mulher negra. A partir daí, as marcas de raça, gênero e classe social surgem nas falas e passam a conformar o discurso, culminando na percepção de que a mulher está grávida. Este trabalho se propõe a analisar essas marcas a partir das discussões sobre subalternidade e representação de Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2010) e de interseccionalidade de Gonzales (1984), passando pela questão da linguagem que importa em *Corpos que importam* de Judith Butler (2019). Será buscado apoio, ainda, na construção de teatro performativo de Féral (2008) e nos debates sobre decolonialidade de Quijano (2005). De antemão, a pesquisa aponta que a performatividade de gênero e raça da atriz se interseccionam com o discurso proposto pela voz-protagonista, construindo e marcando uma posição decolonial proferida por um corpo subalterno. Ao final, ainda é possível pensar na projeção do futuro do feto da obra, uma vez que, como afirma Quijano (2005), o futuro é um território temporal aberto.

Referências: BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019. FÉRAL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. *Sala Preta*, [s. l.], v. 8, p. 197-210, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>. Acesso em: 14 dez. 2022. GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, [s. l.], 1984, p. 223-244. PASSÔ, Grace. *Vaga carne*. Belo Horizonte: Javali, 2018. QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

O PARADIGMA-OUTRO DA TEORIZAÇÃO FRONTEIRIÇA: RE-COMPARAR PELO DESPRENDIMENTO

Edgar César Nolasco

Resumo: Tendo por base da discussão proposta uma teorização que contemple a política da crítica biográfica fronteiriça, bem como conceitos-chaves da teorização como o de paradigma-outro (MIGNOLO) e o de desprendimento (QUIJANO), propõe-se debater acerca de uma prática do re-comparar que encontra respaldo na opção descolonial do desprendimento. Para tanto, tal proposição de ordem conceitual terá como ancoragem para sua reflexão duas expressões advindas do pensamento descolonial e que podem se somar a uma prática comparatista que aqui pode ser expressada por meio da opção de re-comparar, para lembrar o trocadilho (aprender a desaprender para re-aprender) que deu início a toda uma gramática da descolonialidade. A primeira expressão, "repositório de conceitos", de Walter Mignolo, retoma um debate em torno da metáfora da Europa (Modernidade) como um centro e reduto conceitual cuja política não fez outra coisa senão distribuir e fomentar, por meio de uma política teórica e crítica da repetição, um modo de pensar para o resto

do mundo. A segunda expressão, “esvaziamento do cérebro”, de Anibal Quijano, e já de alguma forma dialogando com a de Mignolo, reforça e pontua o poder que aquele repositório teve, por conseguinte, de esvaziar as mentes fronteiriças dos povos que se encontravam na “periferia” do mundo ocidental moderno. Considerando que a literatura comparada sempre se pautou pela preocupação do dentro e do fora, do centro e da periferia etc, aqui buscamos a prática do re-comparar como forma de driblar uma possível prática moderna da disciplina apontando uma saída de ordem descolonial: comparar para descomparar para re-comparar. Enfim, a desobediência epistêmica indisciplinada como uma saída não disciplinar para uma prática de re-comparação da literatura comparada.

Referências: GIULIANO, Facundo (comp.). ¿Podemos pensar los no europeos? Buenos aires: ediciones Del Signo, 2018. MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2010. NOLASCO, Edgar Cézár (org.) Exterioridades dos saberes.: NECC 10 anos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. NOLASCO, Edgar Cézár (org.) A literatura comparada no Brasil hoje. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

(DES)COMPARAR, (DES)PENSAR E (DES)EDUCAR: EPISTEMOLOGIAS AMODERNAS NA AMÉRICA LATINA

Fábio Do Vale

Resumo: Este presente trabalho traz como proposta - após longo período de pesquisa - caminhos para que a o rito tradicional comparatista seja despedido. As cordialidades excessivas na comparação demonstraram ao mundo até o desfecho do século XX a conformidades de como se fazer, ou por melhor dizer, de como se comparar. Nesse preciso sentido a discussão que atravessa e constrói a indumentária latino-americana, por meio dessas pesquisas, demonstrar que conceitos emergidos da descolonização, crítica biográfica fronteira, opção descolonial, deram - em ancoragem não eurocêntrica - o que tem sido pensado, como se tem pensado e, principalmente, como se tem ensinado. Pedagogia contemporânea necessitam de rupturas que não visam ou quiçá trazem tom excludente, porém reedifica, (des)britaniza o que o cânone deu por ideal. A artes, literaturas e linguagens, se não (des)comparadas, (des)pensadas e (des)educadas, darão sequência ao dinamismo eurocêntrico que ainda tenta dar conta de todos os saberes do mundo. Nesse prisma a proposta edificante deste trabalho visa, por uma visada (des)comparada apresentar meandros cujo fito de publicar e propagar trará à comunidade acadêmica brasileira a forma outra de se comparar, cujos corpos, corpus e corpora estarão inseridos no processo por vicissitudes amodernas, ou seja, não eurocêntricas, não estadunidenses não hegemônica. Para tanto, ofertar-se-á como condição sine qua non os conceitos da arquivivência e da bio-criticidade que sobressaem a esses devaneios do absoluto para propostas epistemológicas não oficiais, mas, sobretudo, situacionais para cada corpo legal(mente) participe do processo, fundamentando assim, uma comparação que perpassasse as grafias-de-vida e não somente o tecnicismo vigente desdobrando propostas, (re)conhecendo caminhos, lágrimas, culturas e descartes escanteados pelo fossilizado cânone das cortes - majoritariamente - indecorosas para com a investigação acadêmica contemporânea.

Referências: BESSA-OLIVEIRA, Marcos A. POÉTICAS DE PROCESSOS ARTÍSTICOS BIOGEOGRÁFICOS: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo- -espaços, grafia-narrativas. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7729>. Acesso 02 agosto. 2022. DE OLIVEIRA JITSUMORI, Carlos Igor; NOLASCO, Edgar Cézár; DO VALE, Fábio. Pedagogias e Práticas Educacionais: Acoragens Político-Descoloniais Contemporâneas. Editora Ecodidática, 2022. DO VALE, Fábio; NOLASCO, Edgar Cézár. ARQUIVIVÊNCIA NOS ENTRE-LUGARES DA CRÍTICA LITERÁRIA. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, v. 2, n. 26, p. 211-227, 2021. DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. Sociedade e Estado, v. 31, p. 51-73, 2016. NOLASCO, Edgar Cézár. Crítica biográfica fronteira (Brasil\Paraguai\Bolívia). Cadernos de Estudos Culturais, v. 7, n. 14, 2015. NOLASCO, Edgar Cézár. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas. Cadernos de estudos culturais, v. 1, n. 19, 2018. MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América. In: LANDER, Edgardo. (Org.). Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. SANTIAGO, Silvano. Fisiologia da composição. Cepe editora, 2020. VALE, Fábio do; NOLASCO, Edgar César. Políticas para uma pedagogia descolonial: linguagens e práticas educacionais na América Latina contemporânea. NEMITYRA: Revista Multilíngüe de Lengua, Sociedad y Educación-Vol3-N2, p. 68, 2021. VALE, Fábio do. (2021). Teorizações contemporâneas: descolonização como ponto de partida latino-americano. Nemit?rã, 3(2), 10–12. <https://doi.org/10.47133/NEMITYRA2021200E2>.

CRIAR, CITAR, ESQUECER: PERFORMANCE E HISTÓRIA A PARTIR DOS VÍDEOS ÁRVORE DO ESQUECIMENTO, DE PAULO NAZARETH

Fernanda Dusse

Resumo: O presente trabalho busca promover uma análise de performances realizadas pelo artista brasileiro Paulo Nazareth em torno da memória da diáspora africana. Por meio dos três vídeos que compõem a série *Árvore do esquecimento*, gravados no Benin, no Brasil e em Angola, reflete-se sobre a coexistência de acontecimento, memória e registro nas práticas performáticas e sobre a resistência de repertórios reprimidos. Nesse debate, é central a análise sobre o jogo estabelecido entre o presente (o momento da ação performática) e o passado (os gestos a que ela alude), além da reflexão sobre como a memória é construída coletivamente. A partir do debate sobre performance, arquivo e repertório proposto por Diana Taylor (2013) e Leda Maria Martins (2021), investiga-se como as caminhadas de Nazareth apagam a distância entre tradição e vanguarda e indicam a disputa de conhecimentos e gestos que estruturam a história. Dessa forma, o artista traz à tona os sintomas de uma cultura imposta violentamente e as possibilidades preservadas nos gestos que resistem. Pensar a performance a partir de outros espaços, deslocados do Norte global, expande as possibilidades de análise e criação ao demonstrar como os conceitos de história e tradição são, no Ocidente, frutos da anulação e do extermínio de inúmeras culturas. Nesse sentido, ressaltar os gestos que deveriam ser esquecidos é também uma forma de propor a restauração das práticas que estabelecem, pela violência, o que é cultura.

Referências: MARTINS, Leda Maria. Performances da oralidade: corpo, lugar da performance. In: Letras (26), 2003, p. 63-82. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. NAZARETH, Paulo. *L'Arbre d'Oublier*, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/199736235> NAZARETH, Paulo. Cine Brasil, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/168259479> NAZARETH, Paulo. Cine Africa, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/199739736> NAZARETH, Paulo. *Ipê amarelo*, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/199738536> SCHECHENER, Richard. Performance Studies: an Introduction. Nova York: Routledge, 2013. TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis.

ELOGIO DO BOBO NA DESCOBERTA DO MUNDO DE CLARICE LISPECTOR

Flávio L. T. S. Boaventura

Resumo: Há quem diga que esperteza é sinônimo de inteligência e antônimo de burrice, ou coisa que o valha. A meu ver isso não passa de mero reducionismo, pois é sabido que para os existencialistas o ser humano é representado como uma realidade imperfeita, aberta e inacabada, que foi lançada no mundo e vive sob riscos e ameaças constantes. Quer dizer, agimos no mundo superando ou não os obstáculos que se nos apresentam: a existência humana não apresenta, a rigor, uma trajetória linear rumo ao êxito e à glória de antemão. Dor, sofrimento, morte, fracasso, injustiças, luta pela sobrevivência, entre outros, são fatores inescapáveis à nossa condição. Ademais, ainda de acordo com os existencialistas, fomos lançados no mundo sem ter pedido e, para existirmos, projetamos nossas vidas e procuramos agir no campo das possibilidades. O confronto do eu com os outros (diria Sartre) nos desperta da existência inautêntica mas também gera angústia, pois revela o abandono do eu diante da opressão do mundo (a angústia possui dupla face, como de resto tudo o que existe). Percorrer territórios movediços requer a constante tarefa de abandonar cartografias

rígidas, todas elas fornecidas pela orientação binária. Demolidas as estruturas filosófico-metafísicas (dicotômicas) das epistemologias ortodoxas, a sabedoria trágica do bobo clariceano surge como um artefato que zomba de todo ideal monolítico. Clandestina e plural por vocação, sua escrita sinuosa é um modo muito singular de reconhecer no disfarce (máscara, duplo) a potência de uma oralidade que transborda os horizontes da compreensão normativa.

Referências: FOUCAULT, M. A grande estrangeira: a literatura. Trad. Fernando Scheibe. BH: Autêntica, 2016. LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. RJ: Rocco, 1999.

POSSO FAZER ENSAIO DA FRONTEIRA-SUL? A GRAMÁTICA DO ENSAIO BIOGRÁFICO FRONTEIRIÇO

Francine Carla de Salles Cunha Rojas e Edgar César Nolasco

Resumo: “Posso fazer ensaio da fronteira-sul?” A pergunta que motiva a comunicação emerge da proposta do simpósio, uma vez que implícita em seu interior reside uma reação ao repositório de conceitos proposto pela modernidade, que apresenta um conceito de ensaio essencialmente eurocêntrico. Responder esse questionamento demanda, além de perceber que o ensaio biográfico (pós-)moderno distanciou-se de abordar as consequências da colonialidade, que pensamos o ensaio biográfico como uma teorização que emerge de um pensar e fazer descolonial. Nesse sentido, a presente comunicação integra a tese “Ensaio biográfico fronteiriço: quando escrever significa confrontar as feridas coloniais”, e objetiva esboçar um conceito outro de ensaio a partir de sua gramática. Tal objetivo torna-se possível pelo viés da crítica biográfica fronteiriça, uma vez que, tal como discorre Walter Mignolo (2014, 2017b), precisamos mudar os termos da conversa e não apenas o conteúdo. Mudar os termos e o conteúdo em torno de um conceito outro de ensaio implica em pensar e agir descolonialmente, portanto, para além do pensamento disciplinar moderno, significa também que o foco da atenção, em termos de produção de conhecimento, recai sobre o sujeito conhecedor e não mais somente sobre o conhecimento em si. Dessa forma, para o desenvolvimento da proposta dialogaremos com Boaventura de Souza Santos (2021, 2022), Edgar César Nolasco (2019, 2020), Enrique Dussel (1986), Raúl Rodríguez Freire (2020) e Walter Mignolo (2014, 2017b, 2020, 2021).

Referências: DUSSEL, Enrique. Método para uma filosofia da libertação: superação analética da dialética de Hegel. Trad. Jandir João Zanotelli. São Paulo: Edições Loyola, 1986. FREIRE, Raúl R. La forma como ensayo: crítica, ficción, teoría. Androgué: Ediciones La Cebra, 2020. MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2014. MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Disponível em: . Acesso em: 03 fev. 2020. MIGNOLO, Walter. Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. MIGNOLO, Walter. DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA, PENSAMENTO INDEPENDENTE E LIBERDADE DECOLONIAL. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142>>. Acesso: 06 dez. 2022. NOLASCO, Edgar C. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridade. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>>. Acesso 06 dez. 2022. NOLASCO, Edgar C. ENSAIO BIOGRÁFICO: Podemos fazer teori(a)ção da fronteira-sul?. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13019>>. Acesso 06 dez. 2022. SANTOS, Boaventura de S. A Gramática do tempo: Para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Autêntica, 2021. SANTOS, Boaventura de S. Descolonizar: abrindo a história do presente. São Paulo: Editora Boitempo e Editora Autêntica, 2022.

EPISTEMOLOGIAS CRUZADAS: DÉBA TACANA E WALTER BENJAMIN

Helena Magon Pedreira De Cerqueira

Resumo: A arte na contemporaneidade traz consigo a multiplicidade de linguagens, de modos de fazer, de temas. E seu tempo – este –, mais do que um momento de reconsideração e atenção ao Moderno, tem sido um momento de revisão de conceitos e de narrativas, sejam culturais, territoriais e/ou reflexivas. O alemão Walter Benjamin (1892–1940) é considerado um retratista da Modernidade. Fundindo campos de conhecimento, propôs o questionamento de estruturas vigentes

e antecipou diagnósticos sócio-políticos, artísticos e estéticos. A receptividade de sua obra ultrapassa os limites da cultura europeia, assim como a complexidade e a amplitude de sua produção que, cada vez mais, têm despertado o interesse para a compreensão de questões do mundo contemporâneo. Sendo tão atuais e inquietantes, como ideias de Benjamin podem ser dadas a ver pela arte? Déba Tacana (1988 -), artista visual, pesquisadora, educadora e ceramista, tem raízes cigana e indígena da etnia Tacana. Nascida no estado de Rondônia, cresceu em território de dispersões e encontros, nas fronteiras entre Brasil e Bolívia. Em seu processo, recolhendo o barro como gesto de seus próprios deslocamentos, faz de seu percurso um mergulho em dimensões que abarcam questões de ancestralidade, território, narrativas, paisagem e ficção. Nosso intuito é fomentar uma reflexão acerca de experiências estéticas e visualidades a partir de uma fricção entre o fazer artístico (obra-processo) e o pensamento teórico, através de uma abordagem fenomenológica. Tendo pontos de partida – tempo-espço – tão distintos, sugerimos uma constelação entre a obra de Déba e o legado visionário de Benjamin, aproximando criação e conceitos. Oferecendo as noções benjaminianas situadas como partes de uma epistemologia “implicada”, pretendemos compreender como “indiretamente”, “não intencionalmente”, tais tensões se fazem presentes e latentes, dando visibilidade à amplitude das leituras e das possibilidades artísticas da produção contemporânea.

Referências: BIBLIOGRAFIA: ALMEIDA, D. C. V. Lugar de terra: territórios poéticos, atravessamentos políticos, espirituais e de memória. In: Congresso de artes, ensino e pesquisa, 2018, Petrolina. Margens em desvio: Sistema Político e Poético da Arte no Semiárido Nordeste. Petrolina: UNIVASF, 2018. v. 1. p. 1-405. ALMEIDA, D. C. V. . Movência da luz nos alevantamentos do barro. In: Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Ana Paula Maciel Soukef Mendes. (Org.). Semear a resistência. 23ed. Florianópolis: AAESC, 2021, v. 1, p. 57-80. ARANHA, Carmen Sylvia G. Exercícios do olhar: conhecimento e visualidade. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008. BENJAMIN, Walter, Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas: vol. I). _____, Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo / Walter Benjamin: tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista: 1ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas: v. III). BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: os cacos da história. Trad. Sonia Salzstein, São Paulo: N1 Edições, 2018. GUERREIRO, Antonio. A difícil arte de passear. Revista SEMEAR 6. Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses da PUC-Rio / RJ - palestras pronunciadas no VIII Seminário, em novembro de 2000, publicadas em 2002. Disponível em: http://www.lettras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/6Sem_19.html. Acesso em 07 jul. 2020. PALHARES, Taísa Helena P. Aura – A crise da arte em Benjamin, São Paulo: Ed. Barracuda, 2006. _____ Aura: experiência que procura se estabelecer ao abrigo de qualquer crise. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, [S. l.], n. 8, p. 07-39, 2002. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v0i8p07-39. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/69483>. Acesso em: 29 nov. 2022. QUEIROZ, E. V.; ALMEIDA, D. C. V. Entre vistas, mundos e rios:: arte e tecnologia digital na pussanga de Denilson Baniwa. Palíndromo, Florianópolis, v. 13, n. 29, p. 250 - 267, 2021. DOI: 10.5965/2175234613292021250. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/19247>. Acesso em: 8 jan. 2023. Eventos presenciais: Outros paradigmas para o pensamento sobre arte; Ficcinar junto : Déba Tacana - Ciclo de entrevistas realizado pelo Ateliê 397 em parceria com o Centro de Pesquisa e Formação – Sesc São Paulo. Novembro de 2022. XII CIEHA - Congresso Internacional de Estética e História da Arte - Emergências Transversais: Territórios e Perspectivas para a Arte. Fora Dos Muros: A Busca Por Novos Territórios – Mesa com Prof(a). Dr(a). Inaicyr Falcão, MSc Déba Tacana UDESC, mediada pela Prof(a). Dr(a). Irene Machado. Outubro de 2022.

A FERIDA COLONIAL AINDA SANGRA NOS CORPOS INDÍGENAS DA BOLÍVIA

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman e Marta Francisco de Oliveira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir acerca de como o projeto colonial instaurado em 1532 no Império Inca, e consequentemente na região que hoje está localizada a Bolívia, além de escravizar, explorar e descartar os corpos indígenas, corroborou a hierarquização e classificação desses corpos ao longo dos séculos. O preconceito e a classificação racial são uma ficção epistêmica (MIGNOLO, 2018) que resultam nas diferenças epistêmicas e ontológicas coloniais singulares de cada lócus. O ciclo vital/mortal da ferida colonial (ANZALDÚA, 2007) reflete nas epistemologias eurocêntricas persistentes no país aqui exposto, até causar uma ferida constante, resultando no preconceito étnico-racial. O presente trabalho está vinculado a tese de doutorado intitulada “O corpo(geo)político boliviano: teorizações fronteiriças descoloniais”, em processo de desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), desde março de 2021. Dessa maneira, este trabalho nos ajuda a pensar na outra face do projeto colonial, que resultou na ferida colonial da Bolívia, ou seja, reflete também o processo de resistência e descolonialidade dos corpos indígenas desde os tempos da colônia. Para tal, nos valem de teóricos como Walter Mignolo (2018;2005), Fausto Reinaga (2010), Gloria Anzaldúa (2007), Silvia Rivera Cusicanqui (1993), dentre outros.

Referências: ANZALDÚA, Gloria. *Bordelands/La frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007. MIGNOLO, Walter. *Si, podemos*. In: GIULIANO, Facundo (org.) *¿Podemos pensar los no-europeos?*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

O PENSAMENTO FREIRIANO E A VISADA DESCOLONIAL: UMA COMPARAÇÃO POSSÍVEL PELA LITERATURA COMPARADA

Luã Armando de Oliveira Silva e Edgar César Nolasco

Resumo: Ainda que há 200 anos, o Brasil tenha se libertado das correntes do colonialismo português-europeu, o país ainda padece por meio da ferida aberta que não consegue ser estancada pela colonialidade, a face mais obscura e complexa do colonialismo. Assim, como forma de resistir ao e insurgir contra o discurso falacioso moderno e cartesiano, vislumbramos na opção descolonial, um caminho outro que não busca refutar tudo que fora construído até aqui pelo pensamento moderno, mas brindar-nos com sua capacidade de resistência e de afirmação do potencial intelectual que nós, os colonizados, somos capazes de produzir. Nesse sentido, com o objetivo de demonstrar nossa qualidade de pensar e afirmar que “sí: podemos pensar los profesores latinoamericanos”, propomos comparar para descomparar para re-comparar o pensamento freiriano com a visada descolonial de Walter Mignolo et al., bem como o da pedagogia descolonial de Zulma Palermo et al. No que tange à metodologia, este estudo pôde ser levado a cabo pelo método da Literatura Comparada, no qual os autores examinaram questões políticas, sociais, filosóficas, religiosas, científicas, artísticas e literárias da obra de Paulo Freire, uma vez que nada vive insulado, todo mundo doa a todo mundo: este esforço de afetos é universal e frequente. Por fim, este presente trabalho propõe discussões a serem disseminadas no XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, NO SIMPÓSIO COMPARAR PARA DESCOMPARAR PARA RE-COMPARAR – NEM UM REPOSITÓRIO DE CONCEITOS E NEM UM ESVAZIAMENTO DE CÉREBRO: UMA RE-INVENÇÃO DO OUTRO acerca dos traços e marcas, ou melhor, das feridas abertas e pujantes descoloniais incrustadas nas obras, pensamentos, metodologias e pedagogias de Paulo Freire.

Referências: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. _____, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 7ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. _____, Walter. *Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom. Theory, Culture and Society*, [s. l.], v. 26, ed. 7-8, 2009, p. 1-23. _____, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del signo, 2010. _____, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. 2017. Disponível em: . Acesso em: 23 nov. 2020. MOTA NETO, João Colares da. *Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. Curitiba: CRV, 2016. NOLASCO, Edgar César (org.) *A literatura*

comparada no Brasil hoje. Campinas: Pontes Editores, 2022. _____, Edgar Cézar. "Crítica biográfica fronteiriça (BRASIL\PARAGUAI\BOL  VIA)". In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil\Paraguai\Bol  via. Campo Grande: Editora da UFMS, 2015, p. 47-63. _____, Edgar C. "Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridades, p. 09-29. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pedagogias descoloniais, v.1. n.21, 2019 _____, Edgar C. O Teorizador vira-lata. Campinas: Pontes Editores, 2022. TOLOSTANOVA, Madina V. & MIGNOLO, Walter D. Learning to unlearn: decolonial reflections from eur  sia and the Américas. Columbus: The Ohio state university press, 2012.

CLARICE LISPECTOR: LITERATURA E PENSAMENTO INCÔMODO

Luiz Lopes

Resumo: com o presente trabalho pretendo efetuar uma leitura de A hora da estrela, publicado em 1977, em diálogo com outros textos de Clarice Lispector, tomando como base de leitura alguns pressupostos descoloniais. O objetivo central    mostrar como personagens como Macabéa, Pequena Flor e outras são criadas a partir de uma denúncia das mazelas de um certo modo de pensar que exclui e mortifica a diferença. Para tanto me apoio nas contribui  es de Edward Said (2005), Aníbal Quijano (2008), Rita Segato (2021, 2022) dentre outros, mas, sobretudo, nos próprios textos ficcionais de Clarice Lispector tentando ouvir o que eles podem nos dizer sobre um modo de se posicionar de forma descolonial. Interessa pensar como os textos da escritora brasileira podem ser interpretados a partir de um saber da diferença, ressaltando aspectos que, muitas vezes, a crítica literária bem como o campo dos estudos comparados, negligenciou ao se aproximar deles. Além disso, pretendo pensar na personagem Rodrigo S.M. e no que se pode ouvir a partir dessa figura ficcional para pensarmos a realidade brasileira e nos saberes legitimados e deslegitimados nesse contexto. Por fim, vale ressaltar como A hora da estrela faz parte de um grupo de textos nos quais Clarice Lispector se aproxima de modo mais decisivo da realidade brasileira dos anos 1970 mas também do nosso presente e nesse sentido    necessário "falar de Clarice no plural" (NOLASCO, 2021).

Referências: SEGATO, Rita. Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. SEGATO, Rita. Cenas de um pensamento incômodo: g  nero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. NOLASCO, Edgar Cézar. A hora da(s) estrela(s) Clarice e Macabéa: fora da literatura, dentro da realidade. Campinas: Pontes, 2021.

DES-ESCREVER PARA RE-ESCREVER: POR UMA   TICA DESCOLONIAL EM A HORA DA ESTRELA

Marina Maura de Oliveira Noronha e Edgar Cézar Nolasco

Resumo: Esta proposta de artigo visa discutir o conceito de "  tica descolonial, tendo por relevância o fato que tal reflexão    feita a partir do lócus aqui denominado de fronteira-sul, e por escopo desencadeador da discussão a novela A hora da estrela (1977), da escritora brasileira Clarice Lispector. Corrobora nossa proposta o fato de que a referida discussão conceitual aqui privilegiada faz parte de nossa Tese de Doutorado que estamos desenvolvendo no momento no âmbito do NECC/PPGEL/UFMS. Ilustra a abordagem conceitual em torno de uma   tica descolonial quando observamos que a autora põe em prática em sua narrativa literária um "desescrever", mas que a seu modo tange em uma prática de re-escrever, como intentamos mostrar em nossa reflexão. Embasados pelos postulados da crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015) que, a seu modo, tem por base de toda sua teoriza  o a presença do "bios" e do "lócus", queremos argumentar que a prática do "descrever" clariciano abre terreno para o "re-escrever" descolonial de forma não forçada, sobretudo quando observamos que na narrativa em questão a autora escreve com o corpo. Lembramos aqui que a   tica descolonial não apenas se erige a partir desse escrever com o corpo    la Clarice Lispector, mas também com o escrever apenas o que se quer escrever (MIGNOLO); e que talvez seja exatamente por isso que tal   tica funde o modo de pensar próprio do pensamento descolonial (KUSCH). Almejamos fazer tal discussão sem se discuidar, por nenhum momento de nossa

reflexão teórica e conceitual, da presença do livro *A hora da estrela*, posto ser ele o desencadeador de toda nossa proposta.

Referências: GUILIANO, Facundo (org) *¿Podemos pensar los no-europeos?*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro. ed. Record, 2020. MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010 (Colección Razón política). MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: CIDOB, 2015, p. 173-189. NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos. SP: Pedro & João Editores, 2013. 170 p.

MINHAS/NOSSAS ESCRIVÊNCIAS TRANSGRESSORAS: UMA LEITURA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA A PARTIR DE EM LIBERDADE(1981), DE SILVIANO SANTIAGO

Marta Francisco de Oliveira e Denis Angelo Ferraz

Resumo: Com esta apresentação busca-se desenvolver uma leitura atualizada da obra *Em liberdade*, publicada em 1981 por Silviano Santiago. Neste intento, opto teoricamente pelos estudos biográficos fronteiriços, com base em uma metodologia pautada estritamente em pesquisa bibliográfica, para engendrar reflexões angariadas por leituras de cunho descolonial e relacioná-las ao fazer poético do escritor mineiro, a partir da ideia de transgressão como forma de expressão constituída por corpos insurgentes, questionadores. Tais corpos são fronteiriços insurgem para assim buscarem re-existir, em uma opção que se configura como alternativa ao pensamento hegemônico, orientada por um “paradigma outro” (MIGNOLO, 2020, p. 19-60). Minha própria reflexão acerca de tal concepção, a qual intitulo *escrivência transgressora*, se configura como ato insurgente, fazendo coincidir o pensamento teórico e a prática da pesquisa, em forma de mimetização de conteúdo e forma. Assim, parto da realidade de nossos dias, buscando observar como tal pensamento reverbera hoje, 40 anos após a publicação da obra supracitada, apontando os modos como o papel do intelectual pode/deve ser transgressor, sobretudo em épocas de autoritarismo. Isso é caracterizado, nessa reflexão, pelo processo que vai do silenciamento ao grito (WALSH, 2020; MIGNOLO, 2020; SANTOS, 2019), equivalente à ideia de “aprender a teorizar para des-teorizar para assim re-teorizar. Implica dizer que, dessa forma, ressalta-se a busca de uma teorização não mais submissa ao norte global e suas imposições inclusive na produção de conhecimento, mas autônoma: aprender a ser desobediente para des-pensar (SANTOS, 2009), assentando-me em outras “orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul.” (SANTOS apud SANTOS & MENESES, 2009, p. 9). Tal postura contempla também meu próprio ser, meu corpo preto fronteiriço, impulsionado por meu pensar, e minha pesquisa, que roça minha pele, ericando-a, e assim me motivando a ser também transgressor.

Referências: MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. MIGNOLO, Walter. *Un paradigma otro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo* (Prefacio a la edición castellana). In: MIGNOLO. *Historias locales/Deseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Traducción de Juanmari Madariaga, Cristina Vega Solís. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003. P. 19-60. SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. In: *Uma literatura nos trópicos: edição ampliada*. Recife: Cepe, 2019, p. 09-30. SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Rocco, 2013. SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (org.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009. WALSH, Catherine. *Interculturalidade y (de) colonialidad. Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala*. In: LOSACCO, José Romero (Compilador) *Pensar Distinto, pensar de(s) colonial*. 1.ª ed. digital. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2020. p. 139-178.

UMA (DES)APRENDIZAGEM OU AS CONVERSAS EPISTÊMICAS DE CLARICE LISPECTOR

Nathalia Flores Soares e Edgar César Nolasco

Resumo: Aportados pela proposta maior do simpósio eleito, nosso ponto de partida para a escrita deste trabalho se assenta na crítica biográfica fronteira como possibilidade epistemológica outra de teorizar acerca das conversas como fazer teórico subsidiado pela descolonialidade. Tendo como horizonte a máxima de “Comparar para descomparar para re-comparar”, nosso ensejo é denotar como as crônicas de Clarice Lispector constroem uma epistemologia assentada no cotidiano. Dito isso, queremos compreender os escritos de Clarice enquanto cronista como uma forma de experiência fronteira que faz parte de uma língua, um corpo, uma cultura, a partir do solo brasileiro. A crônica clariceana, assim como a conversa segue um movimento de trânsito. Podendo ser lida no presente, e re-atualizada por meio do contexto social/político/cultural que nos circunda. Posto isso, queremos tomar essas crônicas como uma maneira de conceituar o que estamos chamando na esteira do proposto pela descolonialidade de “conversas epistêmicas”. Por fim, buscaremos denotar como as crônicas assumem o risco do brincar de pensar, do jogo, de modo que a teorização crítica biográfica fronteira se instaura como uma práxis de pensar, práxis essa que pode ser evidenciada a partir da conceituação de uma conversa epistêmica, por meio de um re-comparar que parte das crônicas e se instaura nas frestas da realidade presente 40 anos depois de sua escrita. A priori nos valeremos dos postulados de: Facundo Giuliano (2018); Walter Mignolo (2003; 2015; 2017; 2005;2012), Nolasco (2013); Quijano (2019).

Referências: COUTINHO, Afrânio. “Ensaio e crônica”. In: —. A literatura no Brasil. São Paulo: Global, 2003, vol. 6. LISPECTOR, Clarice. Todas as crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. GIULIANO, Facundo (org.) ¿Podemos pensar los no-europeos?. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. MIGNOLO Walter. Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010. MIGNOLO Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. NOLASCO, Edgar Cézar. O teorizador vira-lata. Campinas: Pontes Editores, 2022. NOLASCO, Edgar Cézar. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)ção da fronteira-sul?. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Ensaio biográfico, v. 1, n. 23, 2020, p. 59-74. NOLASCO, Edgar Cézar. Clarice Lispector: Nas Entrelinhas da Escrita. São Paulo: Annablume, 2001 NOLASCO, Edgar Cézar. A hora da(s) estrela(s) Clarice e Macabéa: fora da literatura, dentro da realidade. Campinas: Pontes, 2021. PAIXÃO, Sylvia. Um sopro de vida na hora da estrela – Uma leitura das crônicas de Clarice Lispector. Revista Tempo brasileiro, v. 1 – n. 1 – 1962 – Rio de Janeiro. SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS & MENESES (ORG.) Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p.31-83. SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. SANTIAGO, Silviano. “A política em Clarice Lispector”. 2014. Editora Rocco.

DES-PENSAR PARA RE-PENSAR O MODERNISMO BRASILEIRO A PARTIR DE SILVIANO SANTIAGO: POR UMA EPISTEMOLOGIA DESCOLONIAL

Pedro Henrique Alves de Medeiros e Edgar Cézar Nolasco

Resumo: Este trabalho tem por objetivo delinear uma leitura de viés descolonial do movimento modernista brasileiro simbolizado pela Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922 no Teatro Municipal de São Paulo. Para isso, tendo em vista que a presente discussão está circunscrita pelo projeto maior de tese de doutoramento atravessada pela presença do escritor e crítico Silviano Santiago, utilizarei como ponto de partida tanto ensaios do referido intelectual, seja pelo crivo da semelhança ou da diferença, quanto os conceitos de des-pensar de Boaventura de Sousa Santos e opções descoloniais de Walter Mignolo. Nesse intento, compreendo que a premissa basilar das reflexões pode ser entendida através do que Mignolo (2008) conclamou de aprender a desaprender para re-aprender muito do que aprendemos e, sobretudo, o que nos ensinaram sobre como aprender (SANTOS, 2019), aqui, em especial, no que se refere ao movimento paulista. Ademais, evoco, ainda, a possibilidade autorreflexiva de des-pensar apregoada à epistemologia crítico-biográfica fronteira com o objetivo de construir uma teorização com base no modernismo endossada pela lógica outra e não-moderna da descolonialidade. Pluriversalmente ao realizado na

década de 1920, entrevejo que o des-modernismo aqui evocado, é, em linhas gerais, uma conceituação descolonial que objetiva des-ler o movimento artístico, literário e político modernista não através do discurso placentário europeu coadunado pelo vínculo terceiro-mundista com o colonizador, tal qual as críticas brasileiras vêm endossando nos últimos anos através do que denominaram de revisitação crítica. Pelo contrário, delineio meu fazer teórico a partir das leituras intelectuais de Silviano Santiago, contudo, sem me enclausurar nelas, uma vez que tenho a (auto)consciência crítica que penso e escre(vi)vo à luz de uma epistemologia outra diversal às reflexões do meu mineiro situado epistemologicamente no entre-lugar entre a reverência e o desprendimento.

Referências: ANDRADE, Gênese. Klaxon uma revista gritante. In: REVISTA. Klaxon: mensário de arte moderna. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 11-37. ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo. In: ANDRADE, Mário de. Pauliceia desvairada. São Paulo: Novo Século Editora, 2017. ANDRADE, Mário de. Arte Moderna I: terno idílio. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). 22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 37-38. ANDRADE, Mário de. Arte Moderna II: iluminações inúteis. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). 22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 39-40. ANDRADE, Mário de. As duas irmãs IV: neblinas, neblinas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). 22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 57-58. BOAVENTURA, Maria Eugênia. Introdução: chuva de batatas. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia. 22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 13-28. CARDOSO, Marília Rothier; SOUZA, Eneida Maria de. Modernidade toda prosa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. CASTRO, Ruy. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/semana-de-22-nao-foi-feita-para-atualizar-o-brasil-como-dizem-que-foi-diz-ruy-castro/>>. Acesso em: 10 out. 2022. DUSSE, Fernanda. Literatura e nação na produção ensaística de Silviano Santiago. In: MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar César (org.). Um livro para Silviano Santiago: entre-lugares críticos e literários. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 97-117. JÚNIOR; Samuel Titan; PUNTONI, Pedro. Apresentação. In: REVISTA. Klaxon: mensário de arte moderna. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 07-09. MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022. MIGNOLO, Walter. El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011. MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017a. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 10 out. 2022. MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017b. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 out. 2022. MORICONI, Italo. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922: um novo olhar sobre o movimento. 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/02/4982712-100-anos-da-semana-de-arte-moderna-de-1922-um-novo-olhar-sobre-o-movimento.html>>. Acesso em: 10 out. 2022. REVISTA. Klaxon: mensário de arte moderna. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014. SANTIAGO, Silviano. Fechado para balanço. In: SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002a, p. 85-107. SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002b, p. 108-144. SANTIAGO, Silviano. O intelectual modernista revisitado. In: SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002c, p. 193-205. SANTOS, Boaventura de Sousa. Descolonizar el saber, reinventar el poder. Montivideo: Ediciones Trilce, 2010a. SANTOS, Boaventura

de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83. SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

UMA LEITURA DO FIM DO MUNDO: A LEITURA AFROPESSIMISTA DA LÓGICA DA OBLITERAÇÃO EM DENISE FERREIRA DA SILVA

Pedro João da Silva Bisneto

Resumo: Em suas obras *A Dívida Impagável* e *Toward a Global Idea of Race*, Denise Ferreira da Silva traça o percurso das violências da analítica da racialidade na construção de uma relação eu-outro que é determinada pelos pressupostos ontoepistemológicos da separabilidade, determinabilidade e sequencialidade, e que delimitam aquilo que chamo de uma filosofia do colapso. O presente trabalho objetiva discutir como a crítica a tais pressupostos e o retorno da autora aos fundamentos da filosofia moderna se estruturam em uma leitura afropessimista da lógica da obliteração, tratando, de modo particular, o antagonismo entre a inevitabilidade de morte dentro do mundo ordenado (o mundo como o conhecemos) e em oposição ao mundo invertido, isto é, uma proposição de fim para o mundo ordenado em decorrência de uma nova possibilidade de rompimento. Para isso, analisa-se as críticas que a autora elabora para projeto d'O Contrato Racial, de Charles Mills, em sua tentativa de expansão da autodeterminação dos sujeitos como forma de não colapso, constituindo-se como um claro diálogo com a análise afropessimista da formulação de futuros, em especial a limitação e não sustentação do afrofuturismo enquanto proposição de modelo. Dessa maneira, analisa-se como o projeto de Denise Ferreira da Silva, a poética negra feminista, se constrói como o germinar de uma alternativa aos projetos decoloniais.

Referências: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Livraria Fator, 1983. FERREIRA DA SILVA, D. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2008. FERREIRA DA SILVA, D. *Ninguém: direito, racialidade e violência*. Belo Horizonte: Meritum, 2014. FERREIRA DA SILVA, D. *A dívida impagável*. São Paulo: 2019. HARTMAN, R. S. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. HEGEL, G.W. F. *Filosofia da história*. MARCUSE, H. *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*. MIGNOLO, W. D. *Os esplendores e as misérias da "ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica"*. KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1994. _____. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. _____. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. _____. *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. _____. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1995. MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo, N-1 edições, 2018. _____. *A Crítica da razão Negra*. São Paulo, N-1 edições, 2018. MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. SPIVACK, G. C.. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, p.133, 2010. _____. *A Critique of Postcolonial Reason*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999 WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. São Paulo: Todavia, 2021. WILSON, William J. *The declining significance of race*. Chicago:

AS PEQUENAS PESSOAS, DE ANNA MARIA ORTESE: OS ANIMAIS E A NATUREZA

Priscila Linhares Velloni

Resumo: Toda a produção literária da autora italiana está arquivada no Fondo Anna Maria Ortese do Arquivo do Estado di Napoli, onde Angela Borghesi selecionou manuscritos e textos retirados de revistas e periódicos produzidos entre os anos de 1940 e 1990, para compor o livro *As pequenas pessoas* (*Le piccole persone*), publicado em 2016 pela editora Adelphi. O livro é composto por 36

narrativas em que a autora intercede em defesa das consideradas existências inferiores. A autora revisa as relações de poder interespecíficas, exaltando a falta de conduta ética com a qual os humanos tratam os demais seres com os quais convive, na esperança de assegurar a existência digna de cada um deles, pelo reconhecimento do valor que deve ser atribuído a suas vidas. Diante de tal reconhecimento, a autora apela ao constrangimento moral e ético daqueles que não se envergonham diante dos absurdos e crueldades cometidos contra os animais. Ortese acredita que, ao ultrapassar o paradigma racional, o homem se reconheceria na face animal, deixando-se afetar por essa experiência e abrindo-se para uma relação de irmandade, que aconteceria através da sensibilidade de ambos. Em *As pequenas pessoas*, Ortese evidencia que o processo de reificação da vida não-humana não reincide apenas nos animais, como também estende-se à natureza, de modo geral. Tal condicionamento dessas formas de existência sustentam a dominação humana, que encontra a justificativa conveniente para o aproveitamento abusivo dos recursos naturais e das espécies animais e vegetais. Identificada a temática central do livro, a pesquisa se propõe a estudar a conflituosa relação do homem com os animais e a natureza nos textos que integram a coletânea, a fim de verificar a hipótese de haver consonâncias entre as concepções da autora e as vertentes da ecocrítica e da biopolítica, abordagens presentes nos Estudos Animais (Animal Studies).

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. BALDI, Andrea. “Infelicità senza desiderio: ‘Il mare non bagna Napoli’ di Anna Maria Ortese”. *Italica*, vol. 77, n. 1, 2000. BAZZONI, Alberica. “Anna Maria Ortese e ‘il problema dell’esistenza’”. *La grande Iguana*, out. 2020, p. 73-81. BERTONE, Giorgio. *Lo sguardo escluso. L’idea di paesaggio nella letteratura occidentale*. Novara: Interlinea, 2000. BORGHESI, Angela. “Dio nelle ciliege”. In: ORTESE, Anna Maria. *Le piccole persone*. In difesa degli animali e altri scritti. Organização Angela Borghesi. Milão: Adelphi, 2016. p. 241- 271. . “La coda dell’Iguana. Palinsesti morantiani”. In: BORGHESI, Angela. *Una storia invisibile. Morante Ortese Weil*. Macerata: Quodlibet Studio, 2015. p. 67-91. . “Nota al testo”. In: ORTESE, Anna Maria. *Le piccole persone*. In difesa degli animali e altri scritti. Organização Angela Borghesi. Milão: Adelphi, 2016. p. 215-240. CALVINO, Italo. “Sobre a tradução”. In: CALVINO, Italo. *Mundo escrito e mundo não escrito: artigos, conferências e entrevistas*. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 47-57. DESPRET, Vinciane. *O que diriam os animais?* Tradução de Letícia Mei. São Paulo: UBU Editora, 2021. DI ROSA, R. “Anna Maria Ortese e María Zambrano: da ‘luoghi d’esilio’ per una filosofiapoetica”. *Italica*, vol. 92, n. 1, 2015. FARNETTI, Monica. *Anna Maria Ortese*. Milão: Mondadori, 1998. FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica. A árvore, o animal e o homem*. Rio de Janeiro: Difel, 2009. FINCATI, Verónica. “Tre Scrittrici del Secondo Novecento. Lalla Romano – Elsa Morante – Anna Maria Ortese”. *XV Congreso de Lengua y Literatura Otaliana de A.D.I.L.L.I.*, Rosario, 13-16 out 1999, p. 1-8. FRANCIONE, Gary, L. *Animals as persons. Essays on the abolition of animal exploitation*. Nova York: Columbia University Press, 2008. GIORGI, Gabriel. *Formas Comuns*. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. GOZZANO, Simone. *Ipotese sulla mente animale. Un’introduzione*. In: BYRNE, Richard; Davidson, Donald; Dennett, Daniel et al. *Mente senza linguaggio. Il pensiero e gli animali*. Org. Simone Gozzano. ROMA: Editori Riuniti, 2001. MACIEL, Maria Ester. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016. ORTESE, Anna Maria. *Corpo Celeste*. Milão: Piccola Biblioteca Adelphi, 2017. . *Le piccole persone*. In difesa degli animali e altri scritti. Organização Angela Borghesi. Milão: Adelphi, 2016. SCAFFAI, Niccolò. *Letteratura e ecologia. Forme e temi di una relazione narrativa*. Roma: Carocci Editore, 2017. SILVA, Miriam Lourdes Impellizieri Luna Ferreira da; SILVA, Cláudia Heloísa Impellizieri Luna Ferreira da. “Os livros das bestas: entre o universo medieval e o fantástico contemporâneo”. In: BRAGA, Elda Firmo; LIBANARI, Evelyn; DIOGO, Rita Miranda (Org.). *Representação Animal: diálogos e reflexões literárias*. Rio de Janeiro: Oficina da leitura, 2015. SINGER, Peter. *Ethics in the real world. Ethics in the Real World. 86 brief essays on things that matter*. Melbourne: The Text Publishing Company, 2016. WOHLLENBEN, Peter. *La saggezza degli animali*. Milão: Graziati, 2019.

SIMPÓSIO “ENTRE O CÂNONE E O ESQUECIMENTO: PROCESSOS DE (NÃO) CANONIZAÇÃO DE AUTORES E OBRAS”

Alan Victor Flor da Silva (UFPA), Valdiney Valente Lobato de Castro (UERJ) e Yurgel Pantoja Caldas (UNIFAP)

A CONSTITUIÇÃO DE UMA LITERATURA NA AMAZÔNIA PARAENSE DURANTE O SÉCULO XIX (1880-1900): UMA DISCUSSÃO EM PERIÓDICOS

Alan Victor Flor Da Silva

Resumo: Considerar apenas a publicação de livros como fonte de pesquisa para o estudo da literatura produzida na Amazônia paraense durante o século XIX pode conduzir o pesquisador ao equívoco avaliá-la como irrisória ou até mesmo como inexistente. Pesquisas realizadas em periódicos demonstram que um número considerável de escritores radicados na região amazônica entre 1880 e 1900 publicou em jornais e revistas diversos poemas, contos e romances. Muitos desses autores, por exemplo, nunca conseguiram a oportunidade de visualizar os trabalhos que produziram, tanto em verso quanto em prosa, impressos em volume. Nesse sentido, o jornal foi o principal suporte material do qual os escritores enraizados na Belém oitocentista se apropriaram para a divulgação de produções literárias. Além disso, esse veículo de informação também serviu como palco de discussão para que homens de letras e jornalistas tecessem debates a respeito do estatuto de uma literatura que se constituía na Amazônia paraense a partir da penúltima década do século XIX. Em diversos periódicos que circularam pela capital paraense nesse período, podem ser encontradas publicações de naturezas diversas que apresentam perspectivas variadas e às vezes até mesmo antagônicas sobre o assunto. Assim, objetivamos, com este trabalho, analisar essas publicações com o intuito de compreender como foi idealizado na imprensa o processo de constituição de uma literatura na Amazônia paraense no final do Oitocentos.

Referências: AZEVEDO, José Eustáquio de. Literatura paraense. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990. BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880). 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007. DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. SILVA, Alan Victor Flor da. Vida literária na Belém oitocentista: a contribuição do Diário de Belém para o desenvolvimento das Letras na capital paraense (1882-1889). 2018. 306 f. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2018.

GUY DE MAUPASSANT E A PROVÍNCIA DO PARÁ: PRODUÇÃO CRÍTICA

Amanda Gabriela de Castro Resque

Resumo: Henri René Guy de Maupassant, ou simplesmente Guy de Maupassant, um conhecido e importante autor francês, nascido em 1850 na região da Normandia, noroeste da França, e falecido na cidade de Paris, em 1893. Inserido aos trinta anos no cenário literário francês por Gustave Flaubert (1821-1880), foi aclamado como o inaugurador do terror psicológico, bem como ressaltado como o pai do conto moderno. Desde o início da sua produção teve seus escritos propalados nos principais periódicos do mundo, dentre esses A Província do Pará (1874 -) merece destaque por não dedicar apenas espaços à produção ficcional do autor, mas também por veicular seus artigos críticos. Jornal político, comercial e noticioso, A Província segue, entre interrupções e recomeços, como uma folha de enorme força no cenário jornalístico belenense. Ao longo da década de 1890 – período que A Província do Grão-Pará viveu a efervescência da Belle Époque –, a supracitada folha não se restringiu a publicar apenas prosa ficcional em suas seções, como mencionado, A Província também difundiu artigos assinados por grandes nomes das letras, como Guy de Maupassant. Tendo em vista o assinalado, visamos apresentar os escritos críticos de autoria de Maupassant e divulgados pela aludida folha entre 1890 e 1900, os quais são: “A evolução do Romance no século XIX” e “Homens de Letras”.

Referências: ANDRIES, Lise; GANJA, Lúcia. Introdução: O Folhetinista e o colibri. Escritas do jornal e da Literatura, França-Brasil, século XIX. In: ANDRIES, Lise; GANJA, Lúcia (orgs.). Literatura e escritas da imprensa: Brasil/França, Século XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 11-24. BROCA, Brito. Letras francesas. Organização e prefácio de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969. BRUM, José Thomaz. Prefácio In: MAUPASSANT, Guy de. Contos fantásticos: O Horla & outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 07-12. KON, Noemi Moritz. Apresentação In: MAUPASSANT, Guy de. 125 contos de Guy de Maupassant: escolhidos por Noemi Moritz Kon e traduzidos por Amílcar Bettenga. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p 09-25. MAYNIAL, Edouard. La vida y la obra de Guy de Maupassant. Paris: Societé du mercudre de France, Calle de Condé, 26, 1906. ROCQUE, Carlos. História de A Província do Pará. Belém: Mitograph, 1976. ROCQUE, Carlos. Antônio Lemos e sua época: história política do Pará. Belém: Amazônia Edições culturais, 1973. SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka Tatu, 2002. Fontes Primárias: A Província do Pará (1890-1900).

FLAUBERT E O ROMANCE: UM PROCESSO PARALELO DE CONSAGRAÇÃO

Andréa Correa Paraiso Müller

Resumo: O hoje canônico Gustave Flaubert estreou como romancista quando o gênero romanesco ainda não havia conquistado sua cidadania no mundo das letras. Sem a tradição dos gêneros clássicos, o romance era considerado, pelos homens de letras de meados do século XIX, diversão frívola e perigosa, que não exigia grandes esforços de composição e destinava-se a leitores despreparados. Os exemplares do gênero aceitos pela crítica eram, geralmente, os de viés moralizante. Nesse contexto, Flaubert surgiu no universo literário oitocentista como autor não recomendado. Além de sofrer processo em 1857 por imoralidade em Madame Bovary, foi duramente reprovado pelos críticos na imprensa da época. Entretanto, no raiar do século XX, já gozava do estatuto de autor consagrado, figurando, inclusive, em histórias literárias, como a Histoire de la littérature française (1894), de Gustave Lanson. Vários fatores contribuíram para essa consagração, entre eles as análises elogiosas feitas pelos escritores naturalistas, a publicação póstuma da correspondência do autor, que suscitou comentários os mais diversos nos jornais de então, e até mesmo as próprias histórias literárias. Essa canonização de Flaubert em fins do século XIX é contemporânea do processo de consagração do próprio gênero romanesco. O valor conferido ao autor da Bovary foi-se modificando no decorrer do Oitocentos à medida que foram se transformando também os parâmetros da crítica para avaliar a produção literária, reconhecendo novas práticas e modelos narrativos, consolidando o romance como expressão artística. Assim, o objetivo desta comunicação é analisar essa trajetória de consagração de Flaubert, focalizando sua relação com o processo de reconhecimento e consolidação do romance como gênero literário. A partir de pesquisas bibliográfica e de fontes primárias, levantamos os elementos constituintes desse processo para compreender até que ponto Flaubert contribuiu, conforme Bourdieu (2005, p. 109), “para transformar o romance e para transformar a representação social do gênero”.

Referências: BOURDIEU, Pierre. As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo : Companhia das letras, 2005. FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Quatrième série. In: __. Oeuvres complètes. Nouvelle édition augmentée. Paris : Louis Conard Libraire Éditeur, 1927. LANSON, Gustave. Histoire de la littérature française. paris: Hachette, 1894.

O TEATRO ENGAJADO DE DARIO FO: REVERBERAÇÕES NA ITÁLIA E NO BRASIL

Bárbara Cristina Mafra dos Santos

Resumo: Antoine Compagnon (2010) afirma que “quando alguém escreve um texto, tem certamente a intenção de exprimir alguma coisa, quer dizer alguma coisa, através das palavras que escreve.” Dario Fo (1926-2016), autor italiano de literatura teatral e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1997, tinha a intenção de fazer um teatro politizante, que informasse, ensinasse, mas principalmente, em que pudesse aprender e trocar com o público, por compreender o quanto a literatura e a cultura poderiam mudar a sociedade, e as pessoas nelas inseridas. Por este motivo, e por entender que precisava levar o seu discurso para classes menos favorecidas, decidiu sair do que

chamava “palcos burgueses” e se apresentar em outros locais, como fábricas, praças e as chamadas “casas do povo”: “fomos representar nas “casas do povo”. Sabe-se que foram construídas por trabalhadores e camponeses com suas próprias mãos, com o aparecimento dos primeiros núcleos socialistas na Itália.” (Fo in Valentini, 1977, p.8) O objetivo do deslocamento de local, era justamente pela busca de um público diferente ao comumente encontrado nos teatros italianos. Quando o autor é traduzido e inserido no Brasil, na década de 80, é representado nesses mesmos palcos que tentou se distanciar, desta forma, essa comunicação pretende a partir da ideia paratextual de Gerard Genette (2009), analisar a função do teatro político engajado de Dario Fo, e suas reverberações, no público brasileiro e italiano, e identificar quem foi o seu público em ambos os países, para que se possa construir uma ideia do modelo de teatro engajado que o autor teve a intenção de produzir.

Referências: COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria. Literatura e senso comum. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. GENNETE, Gerard. Paratextos Editoriais. Trad. Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009 VALENTINI, Chiara. La storia di Dario Fo. Milão: Feltrinelli, 1977.

GIAN DANTON E GABRIEL YARED NA REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA FANTÁSTICA AMAPAENSE

Elane da Silva Viana

Resumo: Na literatura amapaense, é recorrente a presença de narrativas que exploram o absurdo, o sobrenatural e o maravilhoso, dentre outros elementos que compõem as diversas variedades da literatura fantástica. A própria cultura do povo amapaense é marcada pelo insólito, sendo uma das inspirações dos textos literários locais. Consequentemente, a produção ficcional no referido estado, voltada para a literatura fantástica, vem se intensificando nos últimos anos, principalmente entre a geração mais jovem de escritores. Entretanto, ainda são escassos os estudos a respeito dessas obras. Em vista disso, esta pesquisa tem como objeto de estudo as manifestações da literatura fantástica amapaense, objetivando discutir o cenário atual dessa modalidade literária no estado e sua circulação. Com esse propósito, a princípio, discorre-se brevemente acerca da literatura fantástica, a partir das teorias de Roas (2014), Todorov (2017) e Matangrano e Tavares (2019). Em seguida, argumenta-se sobre como essa modalidade se materializa no contexto literário amapaense, sobretudo ao explorar temas comuns da região amazônica, como suas lendas, crenças, espaço geográfico e tradições, resultando em narrativas que provocam o imaginário do leitor. Para isso, tomou-se como suporte o estudo feito por Marino (2022) e considerou-se, para esse trabalho, produções mais recentes, destacando os escritores Gabriel Yared e Gian Danton. Relata-se ainda sobre os meios de veiculação de obras da literatura fantástica amapaense, bem como das estratégias adotadas pelos escritores mencionados para financiar, divulgar e disponibilizar suas produções.

Referências: DANTON, Gian. Cabanagem. Porto Alegre: Avec, 2020. MARINO, Francesco. A LITERATURA DO AMAPÁ. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-CAR), no Programa DINTER UNESP-FCL-CAR-UNIFAP. ARARAQUARA – SP: UNESP, 2022. MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. Fantástico Brasileiro: O Insólito Literário do Romantismo ao Fantatismo. Curitiba-PR: ARTE & LETRA EDITORA, 2019. Edição do Kindle. ROAS, David. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. São Paulo, Editora Unesp, 2014 TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. YARED, Gabriel. Semente de Sangue. Feira de Santana-BA: Editora Corvus, 2021.

O LIRISMO DO VATE DE ROSA MORENA: ESTUDO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DISPERSA DE LEOVIGILDO DE MELO LEITE (1882-1913)

Ionã Carqueijo Scarante

Resumo: A literatura comparada, no âmbito dos estudos literários muito tem contribuído para o estabelecimento de interfaces com outras áreas de estudo, a exemplo da crítica textual, da crítica genética, da arquivologia, entre outras. Para a realização deste estudo, buscamos em arquivos baianos os textos do escritor Leovigildo de Melo Leite (1882-1913), nascido na cidade de Ituberá, território de identidade do Baixo Sul da Bahia, afim de trazermos à baila a sua produção literária. Este estudo só se tornou possível porque seguimos as pistas apontadas por críticos literários

contemporâneos ao poeta, que reconheceram o valor estético de sua obra e registraram suas impressões em ensaios e artigos e reuniram alguns de seus poemas. A obra de Melo Leite permanece dispersa em números da Revista Nova Cruzada, na qual publicou poemas e foi um de seus Cavalheiros de Honra. Apresentamos uma leitura crítica de alguns textos, bem como comentários de escritores, que foram seus contemporâneos, sobre a obra desse que foi considerado um poeta genial, mas que ao mesmo tempo era fadado ao fracasso por causa do seu pessimismo diante da vida que o desencorajava. Além disso, construímos a edição crítica do poema Rosa Morena, de sua autoria, considerado pelos seus críticos como o melhor de sua lírica.

Referências: BARBOSA, João Alexandre. O cânone na História da Literatura Brasileira. In: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/download/29708/18366/115058> CAIRO, L. R. V. (2001). Memória cultural e construção do canône literário brasileiro. Scripta, 4(8), 32-44. In: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10392> CAIRO, Vivaldo. Ponte da memória. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, 1966. CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005. CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Trad. Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002. CHIACCHIO, Carlos. Malogrados... In: Homens & obras. Jornal A Tarde. Salvador: ano 24, p. 3 e 10, 11 mar. 1936. DUARTE, Luiz Fagundes. Entre Penélope e Euriclea. In: SANTOS, Rosa Borges; TELLES, Célia Marques. Filologia, críticas e processos de criação. Studia Philologica. Curitiba: Appris, 2012. p. 53-67 FIGUEIREDO, Jackson de. Humilhados e luminosos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1921. GOMES, Álvaro Cardoso. O Simbolismo: uma revolução poética. São Paulo: Edusp, 2016. GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética, prototexto, edição. In: GRADO, Ângela; CIRILLI, José, (Org.). Arqueologias da Criação: estudos sobre o processo de criação. Belo Horizonte: C/arte, 2009, p. 41-51. LEITE, Leovigildo de Melo. Pesadelo. In: Revista Nova Cruzada. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 2, p. 28-29, dez. 1903. _____. Excelsa. In: Revista Nova Cruzada. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 2, p. 29, dez. 1903. _____. Noite de Insomnia. In: Revista Nova Cruzada. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 2, p. 32-33, dez. 1903. _____. Estrellejamientos. In: Revista Nova Cruzada. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 3, p. 45, abril, 1904. _____. Pastora. In: Revista Nova Cruzada. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano III, n. 3, p. 50, abril, 1904. _____. Dentro da noite. In: Revista Nova Cruzada. Salvador: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, ano V, n. VIII – IX, p. 14, ago. 1906. PAULO FILHO. M. Lembranças de Mello Leite. In: Literatura e Arte. Jornal A Tarde. Salvador: 23 out. de 1954.

PINHEIRO CHAGAS: UM AUTOR FANTÁSTICO?

Jean Carlos Carniel

Resumo: Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895) foi um escritor português bastante popular na segunda metade do século XIX. Embora tenha sido autor de uma obra vasta, seu nome costuma ser vinculado, pela historiografia literária, ao conservadorismo e ao romantismo, e mencionado como um poeta ou autor de romances históricos. De um modo geral, a historiografia tende a reproduzir uma visão cristalizada, deixando de lado uma parte significativa de sua produção, isto é, a contística fantástica, predominantemente, composta por narrativas publicadas na imprensa, entre 1863 e 1865, posteriormente, compiladas em A lenda da meia-noite (1874). Apesar de o conto fantástico ter tido uma relativa florescência na década de 1860 em Portugal (BRUNO, 1984; CARNEIRO, 1992; GATO, 2007; DUARTE, 2013), é de se estranhar que Pinheiro Chagas não seja lembrado, pela maioria da crítica literária, como um autor que cultivou uma literatura voltada ao fantástico. Dessa forma, objetiva-se, nesta proposta de comunicação, lançar luz à contística fantástica desse escritor, de modo a apresentar uma outra perspectiva de Pinheiro Chagas, diferente da visão cristalizada apresentada pela historiografia literária. Portanto, interessa-nos ressaltar a contribuição de Chagas no desenvolvimento do conto fantástico em Portugal, de modo a destacar algumas características de sua coletânea e discutir algumas estratégias adotadas por ele. Ainda que seja um autor às margens do cânone, desconhecido do público leitor contemporâneo, Pinheiro Chagas teve uma relativa importância para o fantástico português, uma vez que seus contos

dialogam com outras obras da literatura fantástica, o que nos permite concluir que esse autor tentou se adaptar aos gostos do público e às convenções desse gênero literário em voga.

Referências: BRUNO, Sampaio. O conto fantástico. In: BRUNO, Sampaio. A geração nova: ensaios críticos – os novelistas. Porto: Livraria Chardron, 1984. p. 93-105. CARNEIRO, Maria do Nascimento Oliveira. O fantástico nos contos de Álvaro do Carvalho. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1992. CHAGAS, Manuel Pinheiro. A lenda da meia-noite. Porto: Livraria Moré, 1874. DUARTE, Noélia de Lurdes Vieira. O conto literário: a memória da tradição. 2013. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.3/2573>>. Acesso em: 14 jun. 2021. GATO, Margarida Vale de. Edgar Allan Poe em translação: entre textos e sistemas, visando as rescritas na lírica moderna em Portugal. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/566>>. Acesso em: 6 ago. 2021.

TERRITÓRIOS ESQUECIDOS: O SERTÃO DAS ÁGUAS NA OBRA DE CARLOS BARBOSA

Joseilton Ribeiro Do Bonfim

Resumo: Esta proposta de Comunicação apresenta as discussões iniciais de uma pesquisa sobre a produção romanesca do autor baiano, Carlos Barbosa, que na contemporaneidade, escreveu dois romances: A dama do Velho Chico (2002) e Beira de Rio, Correnteza (2010), ambos romances apresentam como espaço literário, um lugar esquecido: o vale do São Francisco, que em tempos anteriores, já inspirou muitas produções literárias. Objetivou-se analisar os romances supracitados, observando como o espaço literário se constitui como território identitário. Através de uma pesquisa bibliográfica, fez-se o levantamento dos aspectos que demarcam o vale do São Francisco como espaço literário e questionou-se inicialmente o porquê dessas obras estarem fora do cânone literário brasileiro. Para embasar teoricamente as discussões aqui propostas, buscou-se apoio nos textos: Nostalgias do cânone e O não-lugar da literatura de Eneida Maria de Souza, Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso de Jorge Augusto e o livro A invenção do nordeste e outras artes, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. O Sertão das Águas apresenta uma ambivalência semântica, que contrasta com o ideário sertanejo construído ao longo da literatura brasileira: um lugar inóspito, seco, terra de retirantes. A presença das águas do rio, na constituição das narrativas, pluraliza este lugar, no qual a seca e as águas dialogam, coexistem e promovem existências e resistências na contemporaneidade.

Referências: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. BARBOSA, Carlos. A dama do Velho Chico. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2002. BARBOSA, Carlos. Beira de rio, correnteza: ventura e danação de um salta-muros no tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2010. SILVA, Jorge Augusto. Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso. Contemporaneidades periféricas. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018. (p. 31-66). SOUZA, Eneida Maria de. O não lugar da literatura; Nostalgia do Cânone. Crítica Cult. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SYLVIO FLOREAL À MARGEM DOS CÂNONES

Lucas Paolillo

Resumo: A presente comunicação pretende abordar aspectos de recepção em torno da obra e também da trajetória do escritor conhecido como Sylvio Floreal, pseudônimo de Domingos Alexandre (s. d. - 1928). Oriundo das classes trabalhadoras vinculadas ao processo de imigração no estado de São Paulo, Floreal participou, em um primeiro momento, ativamente da vida sindical em Santos e depois, ao se mudar para a capital do estado, marcou presença na vida literária paulistana das primeiras décadas do século. Tido por seus pares da época e pelos pesquisadores interessados em seu trabalho como um escritor a um só tempo dotado de estilo verborrágico e dono de uma prosa permeada por lacunas oriundas da sua formação, também foi abordado como um personagem dotado de uma biografia inquietante e significativa para seu tempo. O exame dessas contribuições do e sobre o autor tem imposto desafios significativos na análise dos aspectos lacunares àqueles que

interrogaram sobre o sentido dos seus percursos e das suas produções (PAOLILLO, 2022). Tendo isso em vista, intenciona-se, a partir dessa iniciativa, explorar alguns desses aspectos, expondo resultados de pesquisa tanto parciais quanto concluídos a respeito da relação desse autor com os processos de constituição de seu lugar defronte à memória que tem sugerido. No que diz respeito ao corpus selecionado, optou-se pelo atravessamento de produções que dialogam com a proposta de revisão do itinerário do autor (BIGNOTTO, 2018; BROCA, 1968; FERREIRA, 2018; LOBATO, 2009; PATI, 1951a, 1951b; SCHMIDT, 1939) e também de excertos dos seus escritos autorais (FLOREAL, 1922; 1924a; 1924b; 1928; 2005).

Referências: BIGNOTTO, Cilza Carla. O caso Sylvio Floreal. In: Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 423-438. BROCA, Brito. Memórias. Ed. José Olympio, 1968. COUTO, Ribeiro. "O romance de Sylvio Floreal". In: Ilustração Brasileira, n. 98, 08.1928. FERREIRA, Rafael Rodrigo. O literato ambulante: antologia e estudo da obra de Sylvio Floreal (1918 - 1928). 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. FLOREAL, Sylvio. A coragem de amar. São Paulo: Emprêza Editôra "Nova Era", 1924a. FLOREAL, Sylvio. Atitudes. São Paulo: Casa Duprat, 1922. FLOREAL, Sylvio. O Brasil trágico: impressões, visões e mysttérios de Mato-Grosso. São Paulo: Empresa Graphica Rossetti LTDA, 1928. FLOREAL, Sylvio. O rei dos caça-dotes: novella. São Paulo: Editores José Napoli & comp, Assembléa 58, 1924b. FLOREAL, Sylvio. Ronda da meia noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002 [2005]. LOBATO, Monteiro. Atitudes. In: Críticas e outras notas. [versão Kindle]. São Paulo: Editora Globo, 2009. PAOLILLO, Lucas. "Mostras, esconder: enigmas no impressionismo vibrante de Sylvio Floreal". In: Revista Mosaico. V. 14, N. 22, 2022. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/86296>. Acesso em 15.01.2023. p. 306-327. PATI, Francisco. "Mais uma de Verlaine". In: Correio Paulistano, ed. 29136, 04.04.1951 (1951a). PATI, Francisco. "Paradoxos literários". In: Correio Paulistano, ed. 29101, 21.02.1951 (1951b). SCHMIDT, Affonso. "Sylvio Floreal". In: A tribuna, ed. 261, 26.01.1939.

A BELA E O CÂNONE: ESQUECIMENTO E NÃO CANONIZAÇÃO DAS MULHERES ESCRITORAS E COMPILADORAS DE CONTOS DE FADAS

Luiza Carvalho Santos Brandão

Resumo: Os contos de fadas consistem em narrativas as quais vêm, historicamente, desempenhando um papel de relevância no que diz respeito ao imaginário ocidental, modelando comportamentos e visões de mundo (TATAR, 2010). Segundo Nelly Novaes Coelho (1987), essas narrativas foram fundadoras da literatura infantil clássica, uma tradição literária cujo objetivo consistiu em educar e civilizar crianças de acordo com os valores da classe dominante. Tais histórias se tornaram mundialmente conhecidas através de autores consagrados, como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Esses autores, com exceção de Andersen, têm algo em comum: são homens oriundos das camadas privilegiadas das sociedades em que viveram. Embora os homens compiladores de contos de fadas tenham adentrado o cânone da literatura infantil, as mulheres foram as primeiras a "transplantarem" as narrativas advindas da oralidade, as quais deram origem aos contos de fadas, para a língua escrita, sendo a sua principal precursora Madame d'Aulnoy, que foi contemporânea de Perrault (ZIPES, 2000). Sabe-se que a canonização ou não canonização de autores estão fortemente associadas às relações sociais que emergem a partir da sociedade de classes, fazendo parte dessa equação fatores como gênero, raça e classe social. Nesta comunicação, objetiva-se discorrer acerca do modo através do qual a questão de gênero influenciou a entrada no cânone de compiladores e escritores de contos de fadas homens e mulheres, a partir, sobretudo do debate empreendido por Virginia Woolf (2014) no que diz respeito aos desafios impostos à mulher que deseja escrever ficção e das condições materiais necessárias para tal, bem como o impacto da vida privada e das tarefas relativas à reprodução social designadas a esses sujeitos a partir do debate realizado por autoras como Silvia Federici e Heleieth Saffioti. Para dar materialidade à discussão, as autoras escolhidas serão Madame d'Aulnoy e Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.

Referências: CARTER, Angela. 103 Contos de Fadas. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas. São Paulo: Editora Ática, 1987. DARNTON, ROBERT. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. DARNTON, Robert. In: O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 21 – 93. ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2019. FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017. FELSKI, Rita. Authors. In: FELSKI, Rita. Literature After Feminism. Chicago: The University of Chicago Press, 2003, p. 57 – 93. TATAR, Maria. Contos de Fadas. Trad. Ma Luíza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. WILLIAMS, Raymond. Notas sobre a prosa inglesa: 1780-1950. In: A produção social da escrita. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 91 – 157. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Trad. Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014. ZIPES, Jack. The Oxford Companion to Fairy Tales. Cornwall: Oxford University Press, 2000.

O ESQUECIMENTO DO AUTOR NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE FERNANDO PIERUCCETTI

Marcelino Rodrigues da Silva

Resumo: Embora seu nome seja pouco conhecido atualmente, tanto no campo artístico quanto no mundo esportivo, Fernando Pieruccetti deixou um legado importante na história das artes e do futebol em Minas Gerais. Em 1936, ele foi o principal destaque do Salão do Bar Brasil, evento que marcou a legitimação do modernismo artístico em Belo Horizonte, com uma série de desenhos sobre a miséria e o sofrimento da vida urbana. E, em 1945, ele deu início a uma formidável série de charges esportivas, que se estenderia até o início da década de 1970, immortalizando os bichos que hoje são amplamente conhecidos como símbolos dos principais clubes do futebol mineiro, como o Galo, a Raposa e o Coelho. Entre as razões do relativo esquecimento de seu nome, podemos mencionar sua personalidade tímida e avessa à celebridade, que o levou a assinar várias de suas criações com pseudônimos; sua recusa em seguir carreira como artista de exposições de arte, após o sucesso no salão de 1936, possivelmente motivada pelo clima de autoritarismo e repressão que marcou aquele momento da política brasileira; e, paradoxalmente, o próprio sucesso de suas charges, que transformou seus bichos simbólicos em parte de um repertório coletivo, tornando impossível para ele exercer sobre suas criações qualquer forma de controle autoral. Partindo das reflexões de Foucault sobre a “função autor” e da ideia da autoria como “aquilo que resulta do encontro e do corpo-a-corpo” do autor com os dispositivos do poder, elaborada por Agamben no ensaio “O autor como gesto”, o objetivo desta comunicação é discutir o modo como Pieruccetti estabeleceu com a condição de autor uma relação esquivada e truncada, que redundou na expropriação de seus direitos autorais e no relativo esquecimento de seu nome como criador dos famosos bichos simbólicos do futebol mineiro.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In: AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 55-64. FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos III – Estética: literatura e pintura; música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 268-302. SILVA, Marcelino Rodrigues da. Um lance de artista: Fernando Pieruccetti e a invenção dos bichos do futebol mineiro. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, mar. 2019. Relatório de pesquisa de Pós-Doutorado realizada sob a supervisão do Prof. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, aprovado pela Congregação da Fale-UFMG. VIEIRA, Ivone Luzia. Modernismo em Minas – O Salão do Bar Brasil. Minas Gerais. Suplemento Literário, ano 22, n. 1084. Belo Horizonte, 29 ago. 1987. (Edição Especial organizada por Luis Augusto de Lima e Ivone Luzia Vieira.) VIEIRA, Ivone Luzia. O Modernismo em Minas: o Salão de 1936. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1986.

POR QUE E A QUEM INTERESSA LER ALMANAQUES? O CASO DO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO

Nilcimar de Vilhena Lima Caldas

Resumo: O almanaque é considerado por Chartier (2001) como um “gênero simultaneamente editorial e literário” (CHAVES, 2021, p. 204) – visão aproximada à que Ernesto Rodrigues (1999) indica para o almanaque, como uma síntese entre o livro, a revista e o jornal. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é discutir os processos de (des)canonização dos almanaques no Brasil, com especial destaque para o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. De modo geral, é possível perceber certa perda gradual de relevância que atinge publicações periódicas como o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Publicado ininterruptamente entre os anos de 1851 e 1932, o referido almanaque ganha destaque, nas suas primeiras décadas de circulação no Brasil, em razão, dentre outras coisas, de apresentar aos seus leitores um acesso, em primeira mão, a autores e obras literárias. Mas, à medida em que o livro como objeto cultural passa a circular de forma autônoma, os almanaques deixam de ter a relevância das primeiras décadas de sua circulação. Esse fenômeno parece ocorrer com o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, que deixa de ser publicado no início dos anos de 1930. A abordagem metodológica que pretendemos para este estudo passa pela pesquisa em fontes primárias (almanaques) e pela rede de discussões teóricas gerada pelos estudos do objeto (pesquisa bibliográfica).

Referências: CHARTIER, Roger. "Textos, impressões, leituras". In: HUNT, Lynn (org). A Nova História Cultural, 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. CHAVES, Vania. "O Almanaque: dos periódicos oitocentistas ao Facebook". In: Convergência Lusíada, Rio de Janeiro, v. 32, n. 46, p. 203-216, jul.-dez. 2021. RODRIGUES, Ernesto. "Espaços alternativos". In: Cultura Literária Oitocentista. Porto: Lello, 1999.

UMA DISPUTA POLÍTICA E LITERÁRIA SOBRE UM ASSASSINATO: A HISTÓRIA DA JORNALISTA E FEMINISTA SYLVIA SERAFIM, QUE ASSASSINOU O IRMÃO DE NELSON RODRIGUES

Sergio Schargel Maia de Menezes

Resumo: Um dia depois do Natal, em 26 de dezembro de 1929, a jornalista e escritora Sylvia Serafim entrou na redação do jornal Crítica com a intenção de questionar seu dono, Mário Rodrigues, sobre a publicação de uma matéria de capa no mesmo dia que trazia seu suposto adultério. Mário não estava, então Serafim acabou por entrar em um gabinete com Roberto, irmão de Nelson Rodrigues. Não se sabe o que conversaram lá dentro, mas Serafim atirou em Roberto, que terminou por falecer, em um homicídio que chocou e dividiu a sociedade carioca. A história do assassinato de Roberto Rodrigues se transformou em livro, peça, filme, programa de televisão, em suma, foi explorada por diversas mídias, em diversos formatos. Conforme essas narrativas migram, vão adquirindo novas nuances, algumas contraditórias entre si, através de um processo de divisão que se inicia ainda durante o julgamento de Sylvia. Com isso, Serafim acabou tendo sua produção literária, política e jornalística apagadas, esquecida na História, a despeito de sua relevância na época. Nesse processo de disputa, Sylvia se torna uma nota de rodapé na vida de Nelson Rodrigues. O principal objetivo deste trabalho é promover um resgate sobre a produção literária esquecida de Sylvia Serafim. Assim, será possível, por meio de pesquisa de arquivo e em diálogo com teoria sobre História do Jornalismo, fornecer visões menos maniqueístas e mais completas, explorando facetas literárias desconhecidas de uma intelectual lembrada apenas em função do homicídio que cometeu.

Referências: BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. CARLONI, Karla; FORTES, Carolina Coelho (org.). Mulheres tecendo o tempo: experiências e experimentos femininos no medievo e na contemporaneidade. Curitiba: CRV, 2020. CASTRO, Ruy. O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. CRÍTICA. "Como classificar uma mãe que desmancha seu lar para escrever contos nos jornaes?". N. 554, 21 ago. 1930. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pesq=%22como%20classificar%20uma%20m%C3%A3e%22&pagfis=4164>. Acesso em: 14 out. 2022. CRÍTICA. Em teu nome ? pae ? eu accuso!. N. 557, 24 ago. 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20193&pesq=%22a%20assassina%20que%20ri%22&pagfis=4196>. Acesso em: 18 out. 2022. CRÍTICA. Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite!. Memória Biblioteca Nacional. N. 346, 29 dez. 1929.

Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=2636>. Acesso em: 14 out. 2022. CRÍTICA. No conselho de sentença que dictou a iníqua absolvição de Sylvia Serafim, ex-Thibau, houve dois homens dignos que condenaram a covarde assassina. N. 556, 23 ago. 1930. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20193&pesq=%22Por%20vezes%20sorria%22&pagfis=4188>. Acesso em: 18 out. 2022. CRÍTICA. Um ultraje à família brasileira. N. 558, 26 ago. 1930. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pesq=%22virtuosas%20damas%20de%20nossa%22&pagfis=4204>. Acesso em: 18 out. 2022. FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. A ficção equilibrada: narrativa, cotidiano e política. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2020. FOUCAULT, Michel. Os anormais: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2001. GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination. New Haven: Yale University, 2000. MARTINS, Wilson. O escritor maldito. Jornal do Brasil, 05 jun. 1993. SERAFIM, Sylvia. A família no comunismo. Gazeta de São Paulo, 26 jun. 1930. SERAFIM, Sylvia. A mulher na literatura. Gazeta de São Paulo, 29 nov. 1930. SERAFIM, Sylvia. Feminista. Gazeta de São Paulo, n. 7000, 26 mai. 1929. SERAFIM, Sylvia. Fios de prata, symphonia da dor. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics Alba, 1930. SERAFIM, Sylvia. No império da moda. O Jornal, Rio de Janeiro, 18 out. 1931. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=10500. Acesso em: 30 jun 2022.

DO PÓDIO LITERÁRIO AO ESQUECIMENTO: A TRAJETÓRIA DE RAIMUNDO MORAIS

Yurgel Pantoja Caldas

Resumo: Raimundo Morais (1872-1941) foi um autor paraense, que exerceu diversas atividades, entre as quais destaca-se o comando de navios gaiolas pela bacia Amazônia, o que possibilitou um conhecimento profundo sobre os aspectos geográficos, sociais e naturais da região. Apesar de não concluir sua educação formal, Morais ganhou espaço na imprensa paraense como jornalista, onde trabalhou em periódicos como A Província do Pará, A Tarde e Estado do Pará. Raimundo Morais mudou-se para Manaus, onde viveu boa parte de sua vida e se dedicou aos escritos literários. A obra Na Planície Amazônica (1926) obteve repercussão nacional e leitores famosos como o presidente da República Washington Luís. Morais era uma personalidade influente e participava das atividades intelectuais de seu tempo. Em virtude de sua produção literária, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras e fundou a Academia Paraense de Letras. Após os boatos de sua morte em 1937, anunciada e depois desmentida em vários periódicos, Morais ganhou evidência na imprensa, que publicou comentários e críticas as suas obras. Apesar de ter visibilidade enquanto estava vivo, a partir de 1941 com sua morte, Morais foi desaparecendo dos impressos e, atualmente, seus livros tornaram-se obras raras, por falta de reedições, sendo difíceis de serem encontrados. Assim, por meio de uma pesquisa bibliográfica, este estudo pretende traçar aspectos da trajetória de Raimundo Morais, que na década de 30 teve notoriedade e posteriormente tornou-se um autor “desconhecido”, bem como evidenciar sua importância enquanto escritor amazônico, o qual merece ser revisitado pela considerável contribuição para a Amazônia.

Referências: BLOOM, Harold. O cânone ocidental. Os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos. Tradução, introdução e notas de Manuel Frias Martins. Lisboa: Temas e debates Círculo de Leitores, 2013. GUIMARÃES, Iza Vanesa Pedroso de Freitas. O Enamorado da Vênus Telúrica: A Trajetória Social de Raymundo Moraes (1872-1941) - Autor de Na Planície Amazônica, 1926. Tese (Doutorado)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. <https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/2059/projeto/Tese-iza-vanesa-pedroso-de-freitas-guimaraes.pdf>. Acesso em 24 dez. 2022. LARÊDO, Salomão. Raymundo Moraes na Planície do Esquecimento. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2007. Disponível em:

http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/1723/1/Dissertacao_RaymundoMoraesPlanicie.pdf
f. Acesso em 24 dez. 2022.

MÚCIO JAVROT E O BERÇO DA LITERATURA AMAPAENSE

Valdiney Valente Lobato De Castro

Resumo: Nas últimas décadas do século XIX, Joaquim Francisco de Mendonça Júnior ganhou destaque nas páginas dos jornais paraenses oitocentistas, tanto por sua contribuição como editor de diversos periódicos, como por sua produção literária. Nascido em terras amapaenses, o escritor manteve fortes laços com a elite cultural, amigo próximo de Coriolano Jucá, intendente de Macapá, e de Lauro Sodré, governador do Pará, destacou-se como professor, deputado, jornalista e poeta, sendo membro da Academia Paraense de Letras com o pseudônimo Múcio Javrot. As informações sobre o autor divulgam que ele lançou um único livro: *Crepusculares*, mas nos jornais oitocentistas há notícias do lançamento de *Rutilações*, além de textos do autor em prosa e em poesia, bem como registros dos debates literários em que se envolveu. Sua contribuição literária alcança diversas regiões do país: lançou o jornal *Pinsonia*, primeiro jornal editado no Amapá, colaborou com textos literários em folhas cariocas, editou a *Revista Contemporânea*, em Fortaleza, e deixou farta produção literária nas páginas dos impressos paraenses. Repousa nessa vasta contribuição o objetivo desta pesquisa: analisar, a partir da compilação em jornais oitocentistas, a produção literária de Joaquim Francisco de Mendonça Júnior, a fim de compreender o cenário em que se desenvolveu o início da literatura amapaense, bem como investigar a circulação dos impressos no mundo literário oitocentista

Referências: A ESTACÃO. Rio de Janeiro (RJ): edição de novembro de 1896 A IMPRENSA, Rio de Janeiro (RJ): edição de fevereiro de 1900 A MANHÃ, Rio de Janeiro (RJ): edições de outubro a novembro de 1944 e de março e outubro de 1945 A NOITE, Rio de Janeiro (RJ): edição de julho de 1944 A NOTÍCIA, Rio de Janeiro (RJ): edições de janeiro de 1897 e fevereiro de 1900 A REPÚBLICA, Belém (PA): edições de março de 1890, maio e junho de 1891 e novembro de 1900 A RUA, Rio de Janeiro (RJ): edições de janeiro a maio de 1920 ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA, Rio de Janeiro (RJ): edição de 1943. ARLEQUIM, São Paulo (SP): edição de novembro de 1927 ARREBOL, Teresina (PI): edição de dezembro de 1922 AVANÇA, Rio de Janeiro (RJ): edição de julho de 1904 CARETA, Rio de Janeiro (RJ): edição de maio de 1909 CARIOCA, Rio de Janeiro (RJ): edição de maio de 1945 DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro (RJ): edições de janeiro e fevereiro de 1896 ESTADO DO PARÁ, Belém (PA): edições de janeiro e maio de 1914 e de julho e novembro de 1915. GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro (RJ): edições de dezembro de 1895 e de outubro a dezembro de 1896. GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro (RJ): edições de fevereiro de 1903, janeiro de 1904 e fevereiro de 1928. GUTENBERG, Maceió (AL): edições de abril de 1896, novembro de 1908 e maio de 1909 JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza (CE): edições de dezembro de 1900 e agosto de 1904 JORNAL DO RECIFE, Recife (PE): edições de abril e maio de 1896 O ALTO PURUS, Rio Branco (AC): edição de janeiro de 1916. O IRIS, Natal (RN): edição de setembro de 1897 O MALHO, Rio de Janeiro (RJ): edições de junho de 1906 e novembro de 1928. O PAÍS, Rio de Janeiro (RJ): edições de janeiro de 1904 e outubro de 1929 O RIO NU, Rio de Janeiro (RJ): edição de dezembro de 1900 O SAPO, Curitiba (PR): edição de abril de 1900 PACOTILHA, Maranhão (MA): edição de março de 1904. PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. Repúblicas contestadas: liberdade, trabalho e disputas políticas na Amazônia do século XIX. 2017. 296 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017. PAZ, Adalberto. A voz do extremo Norte: crise, trabalho e desenvolvimento nas páginas do jornal *Pinsonia* (1895-1897). In: César Augusto Bubolz Queirós e Gláucia de Almeida Campos (orgs.). Trabalho e trabalhadores na Amazônia: caminhos e possibilidades para uma história em construção. Manaus: EDUA, 2017. PINSONIA, Macapá (AP), edições do ano de 1897 REVISTA DA SEMANA, Rio de Janeiro (RJ): edições de junho de 1934 e novembro de 1937 REVISTA ILUSTRADA, Rio de Janeiro (RJ): edição de dezembro de 1896 SILVA, Alan Victor Flor da. Vida literária na Belém oitocentista: a contribuição do Diário de Belém para o desenvolvimento das letras na capital paraense (1882-1889) Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018. TAGARELA, Rio de Janeiro (RJ): edição de março de 1903.

IMPACTOS DA ANTOLOGIA MODERNOS POETAS DO AMAPÁ

Yurgel Pantoja Caldas

Resumo: A antologia *Modernos Poetas do Amapá* foi lançada no ano de 1960. Essa obra é um marco na história literária local porque se configura como a primeira coletânea de escritos poéticos organizada durante o período em que o Amapá era Território Federal (1943-1988). Em que pese a escassez de trabalhos críticos acerca da antologia *Modernos Poetas do Amapá*, é possível medir o impacto do lançamento dessa obra através da imprensa escrita nos jornais da época. Em nível local, a notícia sobre a primeira antologia poética da literatura amapaense foi destaque na edição de 9 de outubro de 1960 do *Jornal Amapá* (principal veículo impresso de propaganda governamental, que se tornaria o *Diário Oficial do Estado*). Álvaro da Cunha, Ivo Torres, Alcy Araújo, Arthur Nery Marinho e Aluizio da Cunha são os poetas que fazem parte da referida antologia e dariam o rumo da literatura e das artes na Macapá “moderna” tão desejada na política de Janary Nunes, o primeiro governador do então Território Federal do Amapá. Este estudo tem por objetivo analisar o impacto estético provocado pelo lançamento da obra *Modernos Poetas do Amapá* tanto no estabelecimento de critérios estéticos quanto na vida cultural da cidade de Macapá e no então Território Federal do Amapá, por extensão. Para tanto, os estudos de Lobato (2013), Candido (1997) e Canto (2017) servirão de base teórica para realizar o objetivo deste trabalho, já aqui apontado, a partir de uma abordagem própria da pesquisa bibliográfica e de fontes primárias.

Referências: CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997 (2 vols.). CANTO, Fernando. *Literatura das Pedras: a Fortaleza de São José de Macapá como locus das identidades amapaenses*. Macapá: Editora da Universidade Federal do Amapá, 2017. LOBATO, Sidney. *A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá*. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social/Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Tese (Doutorado), 240f, 2013. *Modernos Poetas do Amapá*. Macapá: Editora Rumos, 1960.

SIMPÓSIO “EPISTEMOLOGIAS PLURAIS, SABERES COMUNS: MATERIAIS ORAIS E DECOLONIALIDADE”

Aline Venturini (IFPR), Mauren Pavão Przybylski da Hora Vidal (UFSC) e Rafaella Contente Pereira da Costa (UFRA)

É PELO CORPO QUE SOMOS TEMPO E LUGAR”: CORPO E CONHECIMENTO EM LITERATURAS DE MULHERES AMEFRICANAS

Alcione Correa Alves, Wilena Weronez da Conceição Silva

Resumo: A presente comunicação oral, no marco da comunidade científica das Poéticas Oraís, no Brasil, propõe uma discussão inicial sobre uma relação, possível, entre corpo e conhecimento, com vistas a subsidiar análises de textos literários amefricanos. Para tanto, partirá de duas hipóteses. A primeira, apropriada do pensamento de Leda Martins, propõe uma relação na qual o corpo, na performance ritual, se apresenta como local de inscrição de um conhecimento e, no limite, como lugar em que se constitui e se reproduz um epistema (MARTINS, 2003; ALVES, 2022b). Do exposto, se deduz uma segunda hipótese, que toma o corpo ou, mais precisamente, a corpa-negra, como lugar de conhecimento (TEREZA, 2007, p. 87; TABORDA MOREIRA, 2020; CUNHA, ALVES, 2021; ALVES, 2019). A fim de construir uma exposição nos termos ora propostos, a apropriação do pensamento de Leda Martins estará suplementada pela categoria de amefricanidade (GONZÁLEZ, 2020), assim como pela noção de migrante nu (GLISSANT, 2013) e pelo argumento de que “É pelo corpo que somos tempo e lugar” (ZUMTHOR, 2010). Espera-se, com a proposta, estabelecer bases iniciais a um debate no qual se compreenda o corpo e, mais precisamente, a corpa-negra como lugar da memória, compreendendo a natureza de uma relação entre lugar e conhecimento, tal como se apresentariam em textos literários amefricanos (ALVES, 2022a). Esta comunicação integra as

pesquisas para formulação de fortuna crítica de dissertação de mestrado em andamento que, no âmbito das Poéticas Oraís no Brasil, investiga a produção de cantos de capoeira de autoria feminina tendo, como hipótese, a constituição de identidade e memória instituídas pelas performances de vozes negras na concepção e escuta de narrativas experimentando, em torno das vivências de si (NOGUEIRA; SILVA-SEMIK, 2018), um reconhecimento coletivo, a legitimar tempos e lugares protagonizados por vozes subalternizadas (SPIVAK, 2010).

Referências: ALVES, Alcione Correa. [Uma vez mais,] mulheres deixam traços nas águas? Revista Estação Literária, Londrina, Volume 23, s. n., p. 173-188, jun. 2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/35727>. Acesso em: 24 set. 2022. ALVES, Alcione Correa. Hipótese sobre a noção de prefácio em Édouard Glissant. Trans-formação: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 45, s. n., p. 207-238, 2022. DOI: 10.1590/0101-3173.2022.v45esp.12.p207. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/10876>. Acesso em: 24 set. 2022. ALVES, Alcione Correa. Antologia Tinta: poesia de mulheres afrouruguaias como prefácio às literaturas amefricanas. Organon, Porto Alegre, v. 37, n. 74, 2022. DOI: 10.22456/2238-8915.125598. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/125598>. Acesso em: 14 jan. 2023. CUNHA, Gabriela Sousa; ALVES, Alcione Correa. O corpo transgressor: o erotismo na poética de María de los Ángeles Popov. Antares, Caxias do Sul, v. 13, n. 31, p. 322-344, set./dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.12>. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/9883>. Acesso em: 24 set. 2022. GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: UFJF, 2013. GLISSANT, Édouard. Poética da relação. Tradução de Marcela Vieira e de Eduardo Jorge de Oliveira. Revisão técnica de Ciro Oiticica. Prefácio de Ana Kiffer e de Edmilson de Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo e da memória: os Congados. Revista O Percevejo. Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, n. p., 2003. NOGUEIRA, Carlos; DA SILVA-SEMIK, Véronique Le Dü. Poesia oral tradicional e funcionalidade. In: ASSUNÇÃO, Luiz; MELLO, Beliza Áurea de Arruda (Org.). Paul Zumthor: memória das vozes. São Paulo: Assimetria, 2018. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et al. Editora UFMG, 2010. TABORDA MOREIRA, Terezinha. Uma poética do inacabamento: a escrita literária de Maria Tereza. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 39-58, 2020. DOI: 10.35699/2317-2096.2020.21939. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/21939>. Acesso em: 24 set. 2022. TEREZA, Maria. Negrices em flor. São Paulo: Edições Toró, 2007. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia, Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

DOUGLAS DIEGUES E A POÉTICA TROPICALISTA DA TRÍPLICE FRONTEIRA: SABERES OCIDENTAIS E DECOLONIAIS

Aline Venturini

Resumo: A poética e sua linguagem do Portunhol “salvaje”, existente na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Paraguai, se constitui como voz única e eloquente das características de um povo cuja presença é marcada por índios guaranis, os descendentes de espanhóis e os brasileiros e que sofreu muitos apagamentos. Nesse sentido, os poemas de seu principal porta voz e poeta, Douglas Diegues, vem para afirmar-se no âmbito do cenário literário e mostrar as vozes mestiças e indígenas, bem como sua poética, outrora silenciadas, exigindo um novo olhar crítico e teórico sobre elas, a saber, de caráter não colonialista e anti-canônico. Ao mesmo tempo, se inscrevem também na ocidentalidade, posto que dialogam tanto com a literatura contemporânea espanhola, citando o poeta espanhol Leopoldo María Panero, quanto com a produção artística e cultural brasileira, como o poeta Carlos Drummond de Andrade e o cantor e compositor Pixinguinha, lembrando muito os movimentos culturais propostos pelo Modernismo paulista, representado por Oswald de Andrade e revisitado por Caetano Veloso e o Tropicalismo. Por isso, a proposta dessa investigação é apontar,

especialmente nos poemas “Leopoldo Maria Panero es el gran poeta español del Paraguay y los demás son todos funcionarios” (2020) e “Drummond reescrito ou destraduzido en la frontera selvagem” (2020) as marcas desse tropicalismo antropofágico, o qual faz com que a poética de Diegues mostre a voz apagada da fronteira e também se inscreva no âmbito da literatura ocidental. Estas estão inscritas tanto na linguagem, quanto nas intertextualidades propostas. O objetivo da pesquisa é, portanto, analisá-las, conforme os pressupostos e a crítica de Castro e Fernandez (2022), Ballestrin (2013), Júnior (2022) e Bancescu (2012).

Referências: BANCESCU, María Eugenia. Fronteras de ninguna parte: el portunhol salvaje de Douglas Diegues. Abehache. ano 2, n.2, 2012, p. 1-13, disponível em: <http://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/sumario/revista2/143-155.pdf>. acesso em: 28\12\2022. BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política. Brasília. n.11, 2012. p. 89-117. disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28\12\2022. CASTRO, Mary Garcia; FERNANDEZ, Rafaella. (org) Saberes decoloniais: literatura e outros gêneros do conhecimento na América Latina. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2022. DIEGUES, Douglas. Poemas-Douglas Diegues. 2022. Biblioteca Pública do Paraná-Candido. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Poemas-Douglas-Diegues>. acesso em: 28\12\2022. JÚNIOR, Josué Ferreira de Oliveira. O portunhol selvagem e a emergência de uma crítica outra. V congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-americano. LHM literatura, história e memória (anais). n.1, 2022. p.1-15. disponível em: <https://www.seminariolhm.com.br/site/simposios/01/3.pdf>. acesso em: 28\12\2022. VELOSO, Caetano. Verdade Tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PAPEL DAS PEQUENAS EDITORAS NA EMERGÊNCIA DAS VOZES FEMININAS NA CENA POETRY SLAM BRASILEIRA

Ary Pimentel

Resumo: Tradicionalmente, alguns grupos sociais estiveram quase totalmente excluídos do universo da representação e só recentemente começaram a se expressar com voz própria e a frequentar de modo significativo o mundo do livro. Na medida em que não acessavam as máquinas expressivas da sociedade, os grupos alterizados ou subalternizados foram representados, não se representaram. Essas formas da exclusão e do preconceito são percebidas, nos dias de hoje, nas relações intergrupais e interpessoais na medida em que ainda persistem nas tramas da cultura os legados do racismo, do machismo e da subalternização. Os que foram definidos como Outrxs são precisamente aqueles que representam a diferença colonial, afirma Ochy Curiel. Mulheres, negras, pobres e moradoras de periferias urbanas não conheceram os privilégios de quem produz conhecimento reconhecido e obras artísticas de circulação no universo da publicação. Mesmo em cenas que já nasceram subversivas, como a Literatura Marginal das Periferias, o hip-hop e os circuitos do Poetry Slam, manteve-se o predomínio masculino. O objetivo desse trabalho é pensar a ação editorial independente e artesanal na cena Poetry Slam como um terreno fértil para o empoderamento feminino e como espaço alternativo às instâncias de consagração e reconhecimento. É no contexto de produção dos zines, das editoras cartoneras e dos selos independentes criados a partir dos saraus de periferias que se manifesta o incômodo diante do apagamento da autoria e da figura feminina na literatura. Editoras como Selo do Burro, Padê ou Ganesha Cartonera atuam como caixas de ressonância para as novas vozes que se erguem no campo literário, fomentando a sua reconfiguração através da emergência de vozes que rompem com o silenciamento das vozes-mulheres. Publicações dessas editoras fazem a tradução de uma performance verbi-voco-corporal para o contexto da palavra impressa, atuando sobre as mobilidades culturais e na afirmação do direito de expressão de sujeitos subalternizados.

Referências: BERNARDINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSGOUEL, Ramón, orgs. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de, org. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do

Tempo, 2020, p. 120-138. DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Gragoatá, n. 24. Niterói, p. 203-219, 1. sem. 2008. DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@I: Revue d'Études Ibériques et Ibéro-Américaines, 2012, n. 2, p. 13-18, jul.-dez. 2005. DE DIEGO, José Luis. Projetos editoriais e redes intelectuais na América Latina. Belo Horizonte: Moinhos, Contafios, 2020. DUARTE, Mel. Rompendo o silêncio através da poesia falada. In: DUARTE, Mel, org. Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta. Uma antologia. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, p. 9-11. LUGONES, María. Peregrinajes: teorizar una coalición contra múltiples opresiones. Buenos Aires: Del Signo, 2021. MIGNOLO, Walter, compil. Género y decolonialidad. Buenos Aires: Del Signo, 2014. MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. NASCIMENTO, Beatriz. O negro visto por ele mesmo. Organização Alex Ratts. São Paulo: Ubu, 2022. OLIVEIRA, Luiz Henrique, RODRIGUES, Fabiane Cristine. Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira. Rio de Janeiro: Malê, 2022. RIBEIRO, Luz. Espanca estanca. São Paulo: Quirino, 2017. ROMÃO, Luiza. Sangria. Trad. para o espanhol Martina Altaf. São Paulo: Selo do Burro, 2017. SALLES, Karina Lima. Traços da periferia: política e performance em produções literárias marginais-periféricas contemporâneas. Salvador: EdUNEB, 2022.

AS PERIFERIAS DO ROMANCE CONTEMPORÂNEO: UM ESTUDO SOBRE A VOZ CONTADORA DE HISTÓRIAS COMO RECURSO DISCURSIVO EM ROMANCES DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Candice Firmino de Azevedo

Resumo: Partindo de uma escrita comprometida com o entre-lugar (SANTIAGO, 2019), Maria Valéria Rezende articula vozes de pessoas excluídas em seus romances, assumindo eticamente o compromisso com as classes alijadas do poder, a exemplo de pessoas iletradas, loucas, moradoras de rua, idosas, perseguidas por ditaduras etc. Percebemos, então, uma escrita marcada pela preocupação em denunciar as ausências e as privações de que são vítimas mulheres e homens marginalizados de políticas públicas de alfabetização, de moradia digna, de assistência social e médica. Objetivamos, portanto, analisar de que forma essa escrita assume um compromisso ético com as vozes dos excluídos, esquivando-se dos discursos hegemônicos que tentam justificar as desigualdades, ao estabelecer um diálogo com a oralidade. Para tanto, contemplamos os romances “Ouro dentro da cabeça” (REZENDE, 2016a) e “Outros cantos” (REZENDE, 2016b) como parte de um projeto literário que aponta para uma “escrita interessada” (OLIVEIRA, 2013) em articular vozes periféricas como a voz contadora de histórias orais. Essa articulação movimenta forma e conteúdo (BAKHTIN, 2017) ao atribuir lugar de destaque ao espaço que a oralidade pode ocupar dentro do romance. Na arquitetura das obras, a voz narradora é marcada pelos aspectos discursivos de um elemento da cultura popular (o contar oral) historicamente pensado como um fazer de mulheres tidas como faladeiras, tagarelas, restritas ao espaço doméstico das cozinhas do século XIX (WARNER, 1999), portanto, um fazer desqualificado. Sendo o texto oral um elemento de representação das vozes das comunidades (ZUMTHOR, 1997), a escolha de uma voz narradora contadora de histórias nos romances de Rezende indica, portanto, um compromisso com uma escrita interessada em questionar fronteiras, subverter discursos hegemônicos e articular vozes subalternas, tendo em vista a emancipação e a dignidade humana por meio da literatura.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. São Paulo: Editora 34, 2017. OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. A noção de verdade e a pesquisa em linguística aplicada: Bakhtin como um possível interlocutor. In: Trab. Ling. Aplic. Campinas, jul/dez 2013, p. 203-216. REZENDE, Maria Valéria. Ouro dentro da cabeça. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a. _____. Outros cantos. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016b. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura dos trópicos. Recife: Cepe, 2019. WARNER, Marina. Da Fera à Loira: sobre contos de fadas e seus narradores. Companhia das Letras: São Paulo, 1999. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SABERES ANCESTRAIS REPRESENTADOS NO CORDEL DE AURITHA TABAJARA

Carla Lucilene Uhlmann

Resumo: Os povos originários do Brasil têm sua marca na própria construção identitária. O destaque principal é a oralidade. No entanto, com o passar dos séculos, algumas etnias indígenas utilizam o arco e a flecha com outro significado: o livro e a escrita são suas novas “armas”. O poder da voz e da escrita ecoa para além das aldeias para criar outras narrativas possíveis. Com isso, a produção literária indígena, em especial escrita por mulheres, está ganhando cada vez mais espaço no mercado editorial brasileiro por meio de uma infinidade de publicações que variam desde livros infantis, infantojuvenis até literatura adulta. Auritha Tabajara é considerada a primeira cordelista indígena do Brasil. Ela faz (ou tenta fazer) com sua escrita o diálogo com os não indígenas. A oralidade, sendo uma particularidade desses povos, também pode ser sentida e constatada nas páginas de livros que estão sendo publicados? Veremos como essas características se encontram no papel. Já do ponto de vista teórico, a pesquisa se ancora no debate promovido pela estudiosa María Lugones que, em seu artigo "Colonialidad y género" (2008), relata que as mulheres, antes da colonialidade, eram vistas e respeitadas em suas tribos indígenas. A escrita é uma forma de poder utilizada para acessar outros mundos que são possíveis de viver, pois “enquanto houver poesia, existirá comunicação”, como aponta Graça Graúna.

Referências: ANDRUETTO, María Teresa. Por uma literatura sem adjetivos. 2ª reimpr. São Paulo, SP: Pulo do Gato, 2013. DORRICO, J; DANNER, L. F; CORREIA, H. H. S; DANNER, F; (Orgs.). Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção. Disponível em: <https://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso: 5 jan. 2023. HUSTON, Nancy. A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2010. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2020. LUGONES, María. Colonialidad y género. Tabula Rasa, núm. 9, julio-diciembre, 2008, pp. 73-101 Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca Bogotá, Colombia. MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2018. MUNDURUKU, Daniel. A escrita e a autoria fortalecendo como identidade. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/A_escrita_e_a_autoria_fortalecendo_a_identidade. Acesso: 5 jan. 2023. TABAJARA, Auritha. Coração na aldeia, pés no mundo. Lorena, SP: Uk’a Editorial, 2018.

MULHERES DO MAR, MULHERES NO MAR E MULHERES A MAR...

Clea Mota Santos

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo sobre as narrativas de mulheres pescadoras, o lugar de suas poéticas orais a partir das suas vozes sobre suas histórias de vida, processos de invisibilidade e empoderamento dos discursos nas demandas da vida cotidiana na atividade pesqueira em Salvador-BA desenvolvida por mulheres. É sabido que a atuação de mulheres na pesca tem ocupado espaço para discussões importantes sobre questões de gênero e trabalho tanto na academia quanto na sociedade, pois estas cada vez mais tem se apropriado de lugares onde possam falar e atuar, transformar e se ressignificar. Os estudos decoloniais possibilita novos olhares sobre as pesquisas apontando caminhos para compreender o lugar de fala das mulheres pescadoras considerando três pontos: o corpo como um lugar social, um discurso sobre o mundo; a performance um “saber-ser”; e a voz que, para Zumthor (2010) , é a voz viva, necessariamente ligada ao gesto, ao empenho do corpo, à performance- é considerada a forma mais eficaz de comunicação poética, como força disseminadora do texto oral. Por esta razão, o objetivo não é representar a voz, mas entender e nomear os lugares das vozes, a estrutura atual da contradição e sua dinâmica possível para não ver o mundo de um só lugar.

Referências: CONCEIÇÃO, A.C.L. da. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE, v, 24, p. 738-757. 2009. Disponível em: http://paginas.cchla.ufpb.br/rbse/Conceicao_art.pdf. Acesso em novembro de 2016. DALCASTAGNÈ, Regina. O lugar da fala. In: Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17-48. HILL COLLINS, Patricia. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: Parágrafo. Dossiê "Comunicação e Desigualdades", v. 5, n. 1. Trad. Bianca Santana. Jun/Jul 2017. LUGONES, María. Colonialidade e gênero. Tabula Rsa. Bogotá. Nº 9: 73-101, jul-dez, 2008. QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá

delcapitalismo global/ compiladores: Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A HISTÓRIA DO BRASIL (RE)CONTADA PELA POÉTICA FEMINISTA DECOLONIAL DO SLAM: UMA LEITURA DO POEMA “DIA 1: NOME COMPLETO”, DE LUIZA ROMÃO

Érica Alessandra Paiva Rosa

Resumo: Quem pode contar a história do Brasil? No percurso intelectual do país, essa tarefa foi por muito tempo delegada a homens, em sua maioria, brancos, cristãos, colonizadores ou descendentes deles. Cientes dos perigos de uma história única, muitas poetisas brasileiras têm utilizado a escrita e a oralidade para registrar uma versão feminista da história, a fim de que suas vivências e as de suas ancestralidades não sejam apagadas da memória brasileira. Nesse sentido, os desafios enfrentados pelas mulheres são temas de diversas produções de autoria feminina no cenário do slam (campeonato de poesia falada) no Brasil, pois as poetisas versam sobre as violências negligenciadas pela história oficial do país. Quando uma mulher escreve e declama em praça pública, ela traz o fato à tona, cria a memória, escreve e se inscreve na história. Assim, os slams têm se configurado como espaços de resistência discursiva nos quais pessoas que, por muito tempo, foram representadas pelos outros, assumem o controle da palavra para debater suas urgências por meio da poética da palavra e do corpo. Esta proposta busca investigar como o poema “Dia 1: nome completo”, de Luiza Romão, revisa acontecimentos sociopolíticos brasileiros, desde o período colonial até a contemporaneidade, recontando-os pela perspectiva de uma mulher. A metodologia utilizada é de caráter analítico-interpretativo e conta com um aporte teórico relacionado à decolonialidade (MIGNOLO, 2014, 2017), ao feminismo decolonial (LUGONES, 2008, 2014) e à performance (ZUMTHOR, 1997, 2002). As leituras do poema e da apresentação de Luiza no slam identificam uma denúncia à colonialidade da natureza e do gênero na constituição de uma hierarquia que perpetua desigualdades e violências. Assim, o poema caracteriza-se como uma literatura feminista decolonial que reescreve a história do Brasil, de sua gente e de seus representantes políticos, denunciando o machismo e propondo uma decolonização do pensamento.

Referências: LUGONES, María. Colonialidad y Género: Hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (org.). Género y Descolonialidad. Buenos Aires: Del signo, 2008. LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Trad. Juliana Watson e Tatiana Nascimento. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3), set./dez. 2014, p. 935-952. MIGNOLO, Walter et al. Género y Descolonialidad. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Trad. Marcos Jesus de Oliveira. Epistemologias do sul, Foz do Iguaçu, 1 (1), pp. 12-32, 2017. ROMÃO, Luiza. Sangria. São Paulo: Edição do Autor – Selo do Burro, 2017. SLAM DA GUILHERMINA. Luiza Romão “a colonização foi um estupro” Final Slam da Guilhermina 2018. Youtube, 01 nov. 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/rFrGrzsxY-8>>. Acesso em: 26 dez. 2022 ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. São Paulo: Hucitec, 1997. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Cosac Naif, 2002.

DECONSTRUÇÃO E DESCENTRAMENTO DO SER/SABER: OUTRAS HISTÓRIAS A PARTIR DA LEITURA/ ESCRITA FEMININA NEGRA DE JOVINA SOUZA

Érica Azevedo Santos

Resumo: Kilomba (2019), ao discorrer sobre a escrita, afirma que por meio dela torna-se oposição do que o projeto colonial predeterminedou, haja vista que ao escrever torna-se autora e autoridade da própria história. É esse caminho trilhado e construído pela escrita negra na busca pela construção de sua própria narrativa, inserindo suas vivências numa sociedade que trabalha constantemente para oprimir, explorar e invisibilizar as produções culturais das pessoas negras. Jovina Souza escolheu a escrita literária como arma política, construindo uma poética que, usando as palavras de Freitas (2021, p.17) “transgride as normas da elegância e do bem dizer que, com aplausos da grande plateia,

camuflam as violências cotidianas do racismo, ou ainda um projeto negrocida nacional, assim como solapam a memória da diáspora, nossos saberes ancestrais”. Souza vem produzindo uma poética demarcando seu lugar de mulher negra que trilha o próprio caminho e constrói pegadas e alicerces com os (en)cantos de sua ancestralidade e convoca seus pares, especialmente as mulheres negras, a seguir na caminhada. Objetiva-se, neste texto, analisar o modo como a escrita feminina negra vem sendo utilizada como projeto político a fim de desconstruir e descentrar o poder e o saber, através da leitura dos poemas “refazendo histórias negras” e “sou mulher preta”, presentes no livro *O levante da Fênix* (2021), da escritora baiana Jovina Souza, autora de uma poética rica em imagens da cultura africana que carrega a força e a magia de toda uma ancestralidade.

Referências: ANGELOU, Maya. Eu sei por que o pássaro canta na gaiola. Tradução de Regiane Winarski. Bauru, São Paulo: Astral Cultural, 2018 AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo, Sueli Carneiro: Pólen, 2019. CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em: 10.jun.2022. EVARISTO, Conceição. Sabela. In: EVARISTO, Conceição. Histórias de leves enganos e parencas. Rio de Janeiro: Malê, 2016. FREITAS, Henrique. Pilhagem epistêmica. In: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de (org.). Suleando Conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 305-312. FREITAS, Josenildes da Conceição. Prefácio. In: SOUZA, Jovina. *O levante da Fênix*. Salvador: Ôminira, 2021. HILL COLLINS, Patricia. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: Parágrafo. Dossiê "Comunicação e Desigualdades", v. 5, n. 1. Trad. Bianca Santana. Jun/Jul 2017. HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo. Tradução Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. NATALIA, Livia. Sobejos do mar. Salvador: EPP Publicações e Publicidades, 2017. OY?WUMÍ, Oyèrónk??. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para o português para uso didático por Arnaldo Vasconcelos. SOUZA, Jovina. *O levante da Fênix*. Salvador: Ôminira, 2021. _____. In: Revista Acrobata. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/demetrios/poesia/6-poemas-de-jovina-souza/>. Acesso em 14.06.2021. SANTOS, Neuza Souza. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983. SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

O GÊNERO LITERÁRIO POEMA-SLAM NA AULA DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Fabiana Oliveira de Souza

Resumo: Nesta comunicação, apresenta-se uma proposta de trabalho com o poema-slam em uma aula de Espanhol como língua estrangeira (ELE) na educação básica. O objetivo é suscitar uma discussão sobre a necessidade de não subutilizarmos os gêneros literários (SANTOS, 2005) ao reduzi-los à análise de estruturas linguísticas, bem como sobre a relevância de promovermos, em nossa atividade docente, os letramentos literário e crítico (COSSON, 2009; DUBOC, 2014; STREET, 2014) e um ensino pautado nas perspectivas intercultural (PARAQUETT, 2011, 2012) e decolonial (QUIJANO, 2000), incentivando um maior engajamento dos estudantes. O que motivou esta proposta didática foi o entendimento da importância de dialogarmos e refletirmos sobre uma prática cultural contemporânea que está presente há mais de uma década em diversos países hispanofalantes. Além disso, ao inserirmos o slam de poesia em nossos planejamentos, fomentamos o estudo de gêneros discursivos para além das formas canônicas e legitimadas, o que nos ajuda a rever a seleção que tradicionalmente se faz de obras e autores clássicos para compor os materiais didáticos que elaboramos, deixando de considerar uma série de outras produções. Apesar das pesquisas que têm sido realizadas a respeito do tema, o slam ainda é pouco difundido entre os profissionais de ELE e

não se encontram (no Brasil) livros desta área que já o tenham abordado. Trata-se de uma competição de poesia oral, um movimento artístico-literário que tem como foco a palavra falada e a performance dos poetas-slamos, podendo ser considerada como literatura oral performada (FINNEGAN, 2005), em que os protagonistas são o corpo e a voz desses participantes, que leem ou recitam de memória poemas autorais e, portanto, reivindicam seu lugar de poetas e ressemantizam a própria noção de poesia.

Referências: COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009. DUBOC, A. P. Letramento crítico nas brechas da sala de aula de línguas estrangeiras. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (orgs.). Letramentos em terra de Paulo Freire. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 195-207. FINNEGAN, R. The How of Literature. Oral Tradition, v. 20, n. 2, p. 164-187, out. 2005. PARAQUETT, M. La interculturalidad en el aprendizaje de español en Brasil. In: IV CONGRESO INTERNACIONAL DE FIAPE, 2011. Actas [...]. Madri: RedELE, p. 1-14, 2011. PARAQUETT, M. A língua espanhola e a linguística aplicada no Brasil. Revista Abehache. São Paulo: ABH, v. 1, n. 2, p. 225-239, 2012. QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (comp.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246. SANTOS, A. C. El género literario y la comprensión lectora en clases de E/LE. Actas del II Simposio internacional de didáctica de español para extranjeros, Rio de Janeiro, v. 1, p. 457-463, 2005. STREET, B. V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

A INSURGÊNCIA E A RESISTÊNCIA DAS MULHERES NEGRAS EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Gabriela Santos Barbosa

Resumo: Torto arado, de Itamar Vieira Junior, inaugura-se no cenário da literatura brasileira contemporânea com considerável impacto, haja vista a apreciação do público, a potente difusão e as críticas otimistas acerca do romance. Dentre as inúmeras percepções que saltam aos olhos, numa narrativa que traz à tona temas diversos entremeados aos resquícios da escravidão, vemos como a dominação masculina, o racismo e as políticas governamentais vigentes operam conjuntamente, fazendo surgir as mais variadas formas de violência. Ambientado na fictícia fazenda Água Negra, povoado do interior do estado da Bahia, o enredo traz a história de um povo quilombola que luta pelos direitos de sua terra e tem como ponto de partida o acidente trágico que marcará para sempre a existência das irmãs, Bibiana e Belonísia: em uma travessura de criança, elas tentam desvendar o segredo guardado que Donana, sua avó, guarda em uma mala que se encontrava embaixo da cama. Assim, a escolha dessa narrativa para pensarmos a representação da mulher na literatura brasileira, se justifica por ser uma obra que faz um desenho do que o próprio autor chamou como “Brasil profundo”; um Brasil permeado de imbrincadas relações servis, atravessada pela injustiça e por trabalho análogo à escravidão, além da violência, seca, crenças, lendas e religiosidades, própria da ancestralidade africana. Com isso, queremos fazer um traço, um rabisco dessas personagens que contam a própria história, mas que contam também a história de um povo, de uma coletividade, ou seja, refletir como o autor de Torto Arado constrói essas personagens à tinta de sangue, apontando o caminho para a decolonização dos seus corpos, mentes e vozes.

Referências: BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos revisitados. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034> >. Acesso em 28/11/2022 BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo In: Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008. Disponível em: < <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf> >. Acesso em 28/11/2022 CARNEIRO, Sueli. (2011). Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: . Acesso em 13 de fev. 2018. EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510> GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar,

2020. HOOKS, Bell. Mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas In Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019. LORDE, Audre. Usos do erótico, o erótico como poder. In. Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica 2019. p.67-74. RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras uma trajetória de criatividade, determinação e organização. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ref/a/8Dwmqbjg8ZbFqPCDqbfswqd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 28/11/2022 RICHARD, Nely. A escrita tem sexo? E Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. IN RICHARD, Nely. Arte, cultura, Gênero e política. Tradução de Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002. PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017. Recebido em 10 de janeiro de 2021. Aceito em 06 de maio de 2021. VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.

NARRATIVAS ORAIS DO RIO DO ENGENHO (ILHÉUS-BAHIA): PERFORMANCE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Gisane Souza Santana

Resumo: Este estudo é objetivo analisar as narrativas orais das vozes poéticas, que são produzidas no cotidiano da comunidade, nas suas práticas simbólicas, visando à preservação da memória das/os contadoras/es de história. Trata-se de um estudo desenvolvido interdisciplinarmente no espaço da Literatura Comparada onde são estabelecidas convergências conceituais da Teoria e Crítica Literária, dos Estudos Culturais, Decoloniais e da Nova história. A pesquisa apresenta a produção literária das vozes poéticas do Rio do Engenho como um ato político de resistência à invisibilidade imposta, uma forma de luta contra o status quo de padrões hegemônicos que veiculam uma visão de mundo que serve aos interesses dominantes, onde prevalece a hegemonia da escrita. Entende o corpo das/os narradoras/es, como outro ambiente de grafia, que traz impresso em sua morfologia, conhecimentos assentados na ancestralidade de suas poéticas próprias, que gera, transmite saberes e grafa outras epistemes. Defende a memória como uma construção, um gesto político de resistência; e destaca como os materiais da memória, impulsionados pelas lutas dos grupos sociais, são narrativas importantes para explicação do mundo, não mais assentados na interpretação de fatos históricos que são selecionados, mas na própria formação da consciência de si na História. Enfatiza as práticas culturais, simbolizadas nas vivências coletivas, nas tradições, nos modos de habitar e nos saberes e fazeres da vida rural, como patrimônio cultural. Discute ainda como as práticas de conhecimento (SANTOS, 2010) e das sabenças operam em princípios táticos (CERTEAU, 2005), como forma de responder, resistir e produzir agências. Os resultados da pesquisa destacam para necessidade da preservação da expressão literária das vozes poéticas que, simultaneamente, unem a palavra vocalizada e a memória - experiências da vida individual e coletiva - o passado e o presente, revelando a tradição, representada pelo imaginário contido nos causos e depoimento da comunidade rural do Rio do Engenho.

Referências: ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Literatura oral e popular. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Número especial –ago/dez de 2008b BISPO DOS SANTOS, Antônio. Colonização, Quilombos: Modos e Significações. Brasília: Ed. AYO?, 2019. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998. _____; GIRARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar. Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005 FARES, Josebel. Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico. In: Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil. (Org.). FERNANDES, Frederico. Londrina: EDUEL, 2003. MACHADO, Adilbênia. Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 31, fev. 2020. Disponível em: . Acesso em: 10 de setembro de 2021. MARCIS, Therezinha. Viagem ao Engenho de Santana. Ilhéus: Editus, 2000. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciella; ARBEX, Márcia (Orgs.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: POSLIT/UFMG, 2002. _____. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Revista Letras n. 26. Universidade Federal de Santa Maria, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/730>

MIGNOLO, Walter: Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em Política. In: Cadernos de Letras da UFF Dossiê: literatura, língua e identidade. No. 34. p. 287-324, 2008. _____. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes sulbalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC. n° 10, 1993, pp. 7-28. OLIVEIRA, Eduardo David. Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007. ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. A escuta ética: o desafio dos pesquisadores em história oral. Testemunhos, (4), 109-120, 2015). Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/testimonials/article/view/32375>. Acesso em março de 2022. RUFINO, L. IKINS E ENCRUZILHADAS: Orunmilá e Exu nos caminhos dos conhecimentos, educações e descolonização. Revista Espaço do Currículo, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 381-388, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n3.54228. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54228>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SABERES TRADICIONAIS: MEMÓRIA CULTURAL DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS DO QUILOMBO DE UMARIZAL

Hillery Christie Dos Santos De Brito

Resumo: O presente trabalho visa estudar memória e identidade de mulheres parteiras tradicionais do quilombo de Umarizal, em Baião, no Pará. O objetivo da pesquisa é discutir como os saberes tradicionais estão relacionados à identidade da mulher quilombola, como suas experiências com partos, ervas e rezas retratam elementos de sua identidade. De caráter qualitativo, examina evidências individuais e coletivas de relações sociais e as significações culturais presentes nos relatos de cada participante da pesquisa. Analisa-se, nesta proposta, a partir dos conceitos de oralidade, as histórias de vidas contadas por parteiras tradicionais e os desafios enfrentados por estas mulheres negras quilombolas. O referencial teórico utilizado é baseado nos Estudos Culturais e pós-coloniais, partindo de concepções apresentadas por Stuart Hall (2016), Raymond Williams (2011), fontes indispensáveis para este diálogo. José Arruti (2008) contribui para a pesquisa com o conceito de quilombo e seus processos de formação histórico-social. Para abordar memória e aspectos que permeiam a construção social a partir de vivências repassadas por gerações, Ecléa Bosi (1994) possibilita pensar as narrativas orais como reelaboração da memória. Destacamos a relevância dos saberes e vivências das parteiras da comunidade, que possuem conhecimentos além da medicina tradicional, revelando formas híbridas de identidade e memória cultural, tornando a pesquisa.

Referências: ALMEIDA, A. W. Amazônia: a dimensão política dos “conhecimentos tradicionais”. In: ACSELRAD, H. (org.). Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Reúne Dumaró, 2004. p. 37-56. ARRUTI, José. Quilombos. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008. BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. (org.). Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: HICITEC, 2000. p. 165-182. CORRÊA, I.; LEONEL, M.C. Parteiras, palejança e encantados: Aspectos da cultura cabocla em Melgaço. In: Entre homens, arcanjos e encantados: (Re)visitando Melgaço. Organizado por LEONEL, M.C.; Belém, Para: UNAMA, 2002. pp 35-49. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. LTC: Rio de Janeiro, 1989. HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. ONG, Walter J. Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998. O'DWYER, Eliane Cantarino. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 268p. (introdução. p. 13-42) Oy?wumí, Oyèrónk?? A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. PEREIRA, M. L. Fazendo parto, fazendo vida: doença, reprodução e percepção de gênero na Amazônia. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. PINTO, B. M. Filhas das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açai, 2010. 350 p. SANTILLI, J. A biodiversidade de as comunidades tradicionais. In: BESUNSAN, N. (org.). Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade como, para que, por quê. São Paulo: Pierópolis; Brasília, DF: Editora

Universidade de Brasília, 2008. pp. 167-180. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. SOARES, F. C.; SUZUKI, J.C. Fotografia e História Oral: Imagem e Memória na pesquisa com comunidades tradicionais. V Encontro de Grupos de Pesquisa: "Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais". Nov/2009. VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnologia. In: AMORORZO, M.C.M.; L. C. Ming e S.P. Da Silva. Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e ciências correlatas. Rio Claro, UNESP, 2002. 204 p. WILLIAMS, Raymond. Cultura e materialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

A FESTA DAS TRIBOS: SABERES COMUNS NA MUSICALIDADE.

Jarleane Do Socorro Barbosa De Melo Dos Santos

Resumo: O trabalho apresentado é um recorte extensivo da dissertação de mestrado por título: "Festival das Tribos Indígenas (Festribal): saberes e vivências da criança jurutiense". O Festribal é uma manifestação cultural que acontece a quase 30 anos e que resgata em forma de espetáculo a cultura indígena nativa do lugar, retratando essa cultura através da música, alegorias, indumentárias e danças. Nele se estabeleceu, segundo Lima (2020, p.7) um modo de recuperar a história de seus antepassados. Se objetiva com esse trabalho compreender como os saberes comuns apresentados e representados nesse espetáculo através de seus "cantos tribais" (musicalizados) e sua dança influenciam a visão que se tem do mundo e dão importância à relação das pessoas com suas heranças culturais. Abib, (2019, p.2) ressalta que a cultura pode (...) se tornar um importante terreno de luta de povos e comunidades que se utilizam de sua ancestralidade, suas tradições, danças, cantos, e sobretudo de seu imaginário como forma de resistência. Nos cantos apresentados no Festribal escritos por compositores locais descrevem os saberes comuns advindos do povo da floresta, saberes que são interpretados e musicalizados para embalar as três noites de festival que acontece em uma arena a céu aberto no último final de semana do mês de julho. Zumthor (2010, p.12) diz que "um corpo que fala está aí representado pela voz que dele emana". A performance e os gestos desses intérpretes apresentados nesse espetáculo expressam muitos saberes, segundo Zumthor (2010, p.239) intérprete é o sujeito que se percebe na performance, na voz, no gesto, podendo ser compositor de tudo aquilo que ele diz ou canta. Nessa epistemologia plural de saberes levantar a bandeira da resistência do povo herdeiro da "terra-floresta" por meio da oralidade é elevar o entendimento "em torno dos saberes que estão além das diferentes manifestações culturais" (SILVA, 2017, p.20).

Referências: ABIB, Pedro R.J. Culturas Populares e a Luta Decolonial. Salvador-Bahia: XV enecult – encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2019. LIMA, Nair Santos. A festa das tribos: perspectivas comunicativas em um cenário de resistência. RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 18, Número 41, p.110-134, Julho/Dezembro 2020. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/6317/631766106009/html/>. Acesso em: 15 de out.de 2021. f. 1-20. SILVA, Dilma Oliveira da. Crianças que dançam, crianças que louvam: saberes e processos educativos presentes na Marujada de Tracuateua/PA. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém/PA 2017. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Trad. de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BIÃO DE CANUDOS: A POESIA DO COTIDIANO

João Batista da Silva Lima

Resumo: A história de Canudos é retratada nos livros a partir do episódio do massacre ocorrido no final do século XIX, a guerra contra Canudos, o Belo Monte de Antônio Conselheiro. Sua história ganhou projeção internacional a partir da obra de Euclides da Cunha em Os Sertões, lançada em 1902. O cancionário contemporâneo produzido em Canudos nos apresenta um conjunto de narrativas que retratam o contexto do massacre, da figura do Conselheiro, da transição entre a Canudos Conselheirista e a Canudos erguida pelos sobreviventes do conflito e dessa segunda para a terceira e atual Canudos. Esta comunicação apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa

literária em plena realização, sobre a obra do artista Bião de Canudos. Compositor e musicista da cidade de Canudos, na Bahia, Edmilson Batista, popularmente conhecido como Bião de Canudos, é um trovador sertanejo. Inicialmente, apresentamos um breve histórico de Canudos e do autor, logo após exploramos o conceito entre lugar, apresentado por Silviano Santiago para pensar as cidades de Canudos múltiplas, a oralidade presente na poesia cantada e a trajetória de alguns cancioneiros, como Bião. Por fim, analisaremos a letra “Isso é coisas do sertão” (2005) de composição do canudense, estabelecendo os nós entre a arte, teoria, suas conexões e distanciamentos do que entendemos como literatura.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? E outros ensaios. Tradutor: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC. Argos, 2009. ARAS, José. No sertão do Conselheiro. 2ª edição. Contexto e Arte Editorial. Salvador. 2003. BOAVENTURA, Edivaldo. O Parque Estadual de Canudos. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1997. CANÁRIO, Eldon. Canudos: sob as águas da ilusão. Salvador: UNEB/CEEC, 2002. 20ª ED COSTA, Jean Henrique. Luiz Gonzaga: entre o mito da pureza musical e a indústria cultural. Revista Espaço Acadêmico. Nº 130. Março de 2012. Ano XI - ISSN 1519-6186. 2012. CUNHA, Euclides. Os Sertões. Martin Claret. São Paulo: Brasiliense, 2002. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. DERRIDA, Jacques. Posições. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. GARCIA, Tânia da Costa. Do Folclore à militância: a canção latino americana no século XX. São Paulo, SP, Letra e Voz, 2021. HALL, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. HORCADES, Alvim Martins. Descrição de Uma Viagem à Canudos. Salvador, EGBA/UFBA, (reimpressão fac-similar da obra original 1ª edição: Salvador. Litho-Tipografia Tourinho – 1899 – no ano do conqüentenário de fundação da UFBA – 1996) IPMC - INSTITUTO POPULAR DE CANUDOS. Canudos uma história de luta e resistência. 3ª Edição. Fonte Viva. Paulo Afonso Bahia – IPMC. 1997. OLAVO, Antônio (Organizador). Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897-1901). 2ª edição. Portfolium Editora. 2002. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. SANTOS, Eurides de Souza. A música de Canudos. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, EGBA, 1998. SILVA, Andréa Betânia da. A cantoria e a rota da oralidade na construção dos sentidos In Cordéis nas Gerais: Oralidade, mídia e produção de sentido. Simone Mendes [organizadora]. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. TAVARES, Odorico. Canudos: Cinquenta anos depois (1947). Salvador: Conselho Estadual de Cultura; Academia Brasileira de Letras; Fundação Cultural do Estado, 1993.

NO AMASSAR DO BARRO: SABERES, ESCRIVÊNCIAS E (RE)EXISTÊNCIAS DE MESTRES CERAMISTAS DA COMUNIDADE DE MARAGOGIPINHO/BA

Joseane Costa Santana

Resumo: Esta comunicação é decorrente de uma pesquisa-criação que visou mapear e registrar fragmentos das memórias narrativas dos mestres oleiros e santeiros da comunidade tradicional de Maragogipinho, distrito de Aratuípe-Bahia, a partir das minhas escrituras. Nesta proposta, o artesanato foi visto como um ato de resistência, e os artesãos e artesãs são vistos como sujeitos constitutivos da tradição; trata-se de um estudo cartográfico, realizado em 2020 e 2021, com os seguintes conceitos-chave como base para uma abordagem teórica: "O notório saber dos mestres/as de artes", "método cartográfico", "afrocentricidade", "pedagogias plurais" e "escrituras". Nesse caso, o trabalho baseou-se em estudiosos como Asante (2009); Tedesco, Sade e Kaliman (2013); Alvarez e Passos (2015); Almeida (2013); Deleuze e Guattari (1997); Alvarez (2015, 2019); Carvalho (2016, 2019, 2020a, 2020b); e Evaristo (2005, 2017). Como produtos educacionais resultante da presente pesquisa, foi realizada em coautoria com os artesãos uma montagem transcriativa de dois livros, a saber: um livro didático para ser entregue em escolas da comunidade intitulado: “No amassar do barro: aulas- experiência artesanal e pedagogia”, e um livro voltado aos artesãos e artesãs da comunidade intitulado: “No amassar do barro: livro-encontro com mestres ceramistas de Maragogipinho”, que será entregue aos artesãos e artesãs da comunidade.

Referências: ABBADE, Celina Márcia de Souza. O Estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). Diferentes perspectivas dos estudos filológicos. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; JÚNIOR, Emmanuel de Almeida Farias (org.). Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social. Manaus: UEA Edições, 2013. p. 157-173. Disponível em: <https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2015/07/Catalogo-Povos-Comunidades-Tradicionais-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020. ALVARES, Sonia Carbonell. A pedagogia artesã como práxis educativa em culturas populares tradicionais. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 45, e186330, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945186330>. Acesso em: 26 abr. 2020. ALVARES, Sonia Carbonell. Maragogipinho — as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares. 2015. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052016-163601/publico/SONIA_CARBONELL.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019. ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149. AMORIM, Crislane Ribeiro de. Impactos ambientais e sustentabilidade da atividade oleira no distrito de Maragogipinho, município de Aratuípe, Bahia. 2016. Monografia (Graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental) — Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2016. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.ufpb.edu.br/handle/-123456789/1033>. Acesso em: 24 jul. 2019. ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Usos e possibilidades do conceito pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. Textura — Revista de Educação e Letras, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1501/1140>. Acesso em: 3 fev. 2020. AQUINO E SILVA, Isabel; ESTRELA, Ely. Mudança no padrão construtivo das olarias de Maragogipinho (Aratuípe—BA). In: SEMINÁRIO URBANISMO NA BAHIA, 1., 2011, Salvador. Anais [...]. Salvador: urbBA, 2011. Tema: Direito à cidade, cidade do direito. Disponível em: http://urbanismonabahia11.blogspot.com/2011/11/o-seminario-urbanismo-na-bahia-11_8846.html. Acesso em: 14 jul. 2021. ASANTE, Moléfi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. BAHIA (Estado). Decreto n. 9.101, de 19 de maio de 2004. Regulamenta a Lei n. 8.899, de 18 de dezembro de 2003, que instituiu o Registro dos Mestres dos Saberes e Fazeres do Estado da Bahia e dá outras providências. Salvador: Governo do Estado da Bahia, [2004]. Disponível em: <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/77141/decreto-9101-04>. Acesso em: 24 jul. 2021. BARTHOLOMEU, Juliana. Escrivências: as contribuições de Sueli Carneiro e Leília Gonzales ao pensamento social brasileiro. Pensata, v. 9, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/pensata.2020.v9.11758>. Acesso em: 15 abr. 2021. BASTOS, Ana Milena Gonçalves; LORDELO, Petry. Feira de São Joaquim, rua da cerâmica, box n. 4: pode entrar que tem história para contar. [S.l.], 2016. Yumpu: grupomel.ufba.br. Disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/view/52617072/feira-de-sao-joaquim-rua-da-ceramica-box-na-4-grupo-mel>. Acesso em: 10 maio 2021. BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 33, n. 1, p. 119-137, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/HBdmnKdkjFRXkWq9m6Ft8kP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 out. 2021. BRASIL. Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 28 abr. 2020. BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Industrial e Comércio Exterior — MDIC. Secretaria do Comércio e Serviços. Programa de Artesanato Brasileiro — PAB. Base conceitual do artesanato brasileiro. Brasília, DF: MDIC, 2012. Disponível em:

<https://manosdeartesanofiles.wordpress.com/2013/06/base-conceptual-del-artesano-brasileiro.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021. BRITO, Iasmim Alves de. Maragogipinho: pé no chão e mão na massa. In: SCARANTE, Ionã Carqueijo; SANTANA, Joseane Costa (org.). 2. ed. Mãos que inspiram a poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações. Valença: IF Baiano, 2020. p. 30. BUENO, Francisco da Silveira. Vocabulário tupi-guarani-português. 6. ed. São Paulo: Brasiliens, 1998. CARDOSO, Maria Luiza Marques; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Contribuições da cartografia para a produção de uma ciência nômade. Revista Polis e Psique, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 6-25, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/79933/55472>. Acesso em: 16 jun. 2021. CAROLINE, Joselaine; BRUM, Enéias. Afrocentricidade: notas sobre uma abordagem teórico-metodológica para pesquisa em Comunicação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MUDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 4., 2020, São Leopoldo. Anais [...]. São Leopoldo: Mudiaticom, 2020. p. 1-8. [v. 1, n. 4.]. Disponível em: <https://mudiaticom.org/anais/index.php/seminario-mudiaticom-resumos/article/view/1206/1151>. Acesso em: 20 out. 2021. CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019. p. 79-106. CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes, descolonização e transdisciplinaridade: três conferências introdutórias. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (org.). Universidade popular e encontro de saberes. Salvador: EDUFBA; Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa-UNB, 2020a. p. 13-56. CARVALHO, José Jorge de. O Encontro de Saberes nas artes e as epistemologias do cosmos vivo. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (org.). Universidade popular e encontro de saberes. Salvador: EDUFBA; Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa-UNB, 2020b. p. 475-507. CARVALHO, José Jorge de. Sobre o notório saber dos mestres tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. Cadernos de inclusão, Brasília, n. 8, p. 5-13, jun. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/32031927/SOBRE_O_NOT%C3%93RIO_SABER_DOS_MESTRES_TRADICIONAIS_NAS_INSTITUI%C3%87%C3%95ES_DE_ENSINO_SUPERIOR_E_DE_PESQUISA?auto=download. Acesso em: 15 abr. 2020. CARVALHO, José Jorge de; FLÓREZ, Juliana. Encuentro de Saberes: proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocêntrico, Nómadas, n. 41, p. 131-147, 2014. CASTRO, Laura; FONSECA, Carolina. O livro didático como ativação de saberes vivos Pataxó. Abatirá, Eunápolis, v. 1, n. 2, p. 308-328, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9638>. Acesso em: 18 ago. 2021. CAVALCANTI, Francisco Antônio. Planejamento estratégico participativo: concepção, implementação e controle de estratégias. São Paulo: Editora Senac, 2008. CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR – CNFCP. Maragogipinho e a tradição do barro. Rio de Janeiro: IPHAN; CNFCP, 2009. CEVA, Antonia Lana de Alencastre. Intelectuais negras: escrituras de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência sociocultural. 2013. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912208_2013_completo.pdf. Acesso em: 15 set. 2020. COSERIU, Eugenio. Princípios de semântica estrutural. Madrid: Gredos, 1977. COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. Educar, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010. DALTOZO, José Carlos. Cartão postal: arte e magia. Presidente Prudente: Cipola Gráfica, 2006. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 34. DOMINGO, José Contreras. Lugares de experiência, espaços de formação: o saber e a experiência na formação inicial dos professores. In: FERRARI, Anderson (org.). A potencialidade do conceito de experiência para a educação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013. p. 21-39. EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'. [Entrevista cedida a] Juliana Domingos de Lima. Nexo Jornal, São Paulo, 26 maio 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher>

negra%E2%80%99. Acesso em: 10 set. 2020. EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Editora do CCTA, 2005. p. 219-229. FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008. FERNÁNDEZ, Tatiana. Avaliar OAP. In: FERNÁNDEZ, Tatiana. Critérios e instrumentos para avaliar OAs e OAPs no momento dos que aprendem e dos que ensinam. [S.l.]: Estágio de artista, [2013 ou 2014]. Disponível em: http://www.estagiodeartista.pro.br/artedu/OAP_oficina/4/avaliar_oap.htm. Acesso em 16 set. 2021. FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. Objetos de aprendizagem poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação. In: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 24, 2015, Santa Maria. Anais [...]. [S.l.]: ANPAP, 2015. p. 3481-3495. Tema: Simpósio 8 – Pesquisa em educação e metodologias artísticas: entre fronteiras, conexões e compartilhamentos. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/tatiana_fernandez_belidson_dias.pdf. Acesso em: 28 jun. 2020. FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2008. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. GAMA, Lorena Barbosa; SANTOS, Jean Carlos Vieira; PAGOTTI, Mariana Savietto. História e essência de um ofício tradicional: olarias, oleiros e formas artesanais. Revista GeoNordeste, São Cristóvão, ano 29, n. 2, p. 227-243, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/8912>. Acesso em: 24 out. 2021. GIROUX, Henry A., MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (org.). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 144-158. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Rio de Janeiro, v. 2, p. 223-244, 1984. HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage; Open University, 1997. hooks, bell. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 25 out. 2021. ITAÚ CULTURAL. Escrevivência. In: ITAÚ CULTURAL. Conceição Evaristo. São Paulo: Itaú Cultural, [2017]. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em: 13 mar. 2020. KI-ZERBO, Joseph. História da África Geral, I: metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. LIMA, Mithier Amorim Mendonça de Aziz. Música na raça: compondo pesquisa-criação-ensino com mestrxs do Matamba Tombenci Neto. 2020. Memorial (Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnicas Raciais) — Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2020. Disponível em: <https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=475757&key=e16cd7d0691095f373efb105cd29e9f9>. Acesso em: 30 set. 2020. LUZ, Tainá Coutinho Sousa da. A vida em Maragogipinho. In: SCARANTE, Ionã Carqueijo; SANTANA, Joseane Costa (org.). Mãos que inspiram a poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações. 2. ed. Valença: IF Baiano, 2020. p. 27. MENESTRINO, Eunice; PARENTE, Temis Gomes. O estudo das territorialidades dos povos tradicionais impactados pelos empreendimentos hidrelétricos no Tocantins. Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/9157>. Acesso em: 25 out. 2021. MOTA, Urânia Teixeira. Louça de Deus: o caxixi em Maragogipinho. Salvador: Fast Design, 2011. NASCIMENTO, Luísa Mahin Araújo Lima do. Saberes e fazeres na construção social da maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia. Revista Inter-legere, Natal, n. 10, p. 81-100, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4213>. Acesso em: 16 ago. 2021. NASCIMENTO, Maria Beatriz. Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora filhos da África, 2018. NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário Tupi antigo – a língua indígena clássica do Brasil. Rio de Janeiro: Global Editora, 2013. O PONTO de partida

da escrita – Ocupação Conceição Evaristo (2017). [S.l.: s.n.], 2020a. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Itaú Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>. Acesso em: 10 set. 2020. OLIVEIRA, Hismálei Santos de. Entre vasos de barro e poemas da terra: a literaperformance em práticas de leituras orais no ensino fundamental II. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2020. Disponível em: <http://www.profletras.uneb.br/index.php/teses-dissertacoes/>. Acesso em: 1 out. 2021. OLIVEIRA, João Pacheco de. Soberania, democracia e cidadania. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS JR., Emmanuel de Almeida (org.). Povos e comunidades tradicionais. Nova cartografia social. Manaus: UEA Edições, 2013. p. 12-13. PEDAGOGIA artesã e ensino da arte no universo da cerâmica: lições de Shoko e Izabel. Palestra de Sumaya Mattar discute lições de Shoko e Izabel. Unesp, São Paulo, 29 maio 2017. Disponível em: <https://www2.unesp.br/porta1#!/noticia/27349/pedagogia-artesa-e-ensino-da-arte-no-universo-da-ceramica/>. Acesso em: 8 maio 2020. PEREIRA, Carlos José da Costa. A cerâmica popular da Bahia. Salvador: Progresso, 1957. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. Literafro, Belo Horizonte, [2007]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1035-territorios-cruzados-relacoes-entre-canone-literario-e-literatura-negra>. Acesso: 7 out. 2020. PINHEIRO, Hamida Assunção. Oleiros da vida: trabalho, ambiente e o futuro dos trabalhadores do barro em Iranduba (AM). 2015. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. PRATES, Camille Jacques. O complexo W.I.T.C.H. acionando a magia para formar garotinhas nas redes do consumo. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=166326. Acesso em: 3 fev. 2020. QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (org.). Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009. QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. O vocabulário regional de Jorge Amado em Terras do Sem Fim. Cadernos do Cnlf, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1024-1030, 2012. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/resumos/o_vocabulario_regional_de_jorge_RITA.pdf. Acesso em: 16 jul. 2019. QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Elias de Souza Santos. Entre temperos e sabores: o léxico em cena na obra Tereza Batista Cansada de Guerra, de Jorge Amado. Revista Eletrônica do Netlli, África-Brasil, v. 8, n. 2, p. 532-550, jul./dez, 2019. RAMOSE, Mogobe B. The philosophy of ubuntu and ubuntu as a philosophy. In: RAMOSE, Mogobe B. African philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999. p. 49-66. ROCHA, Ângela. Artesãos de Maragogipinho e Saubara vão buscar selo de qualidade para seus produtos com apoio da UFBA e governo estadual. [Entrevista cedida a] Fernanda Caldas. Edgardigital, Salvador, 9 abr. 2017. Disponível em: <https://www.edgardigital.ufba.br/?p=2061>. Acesso em: informar data. SANTANA, Joseane Costa; BARRA, Cynthia de Cássia Santos. A pedagogia artesã de Maragogipinho: experiências de autoria poética. Boitatá, Londrina, n. 29, p. 12-30, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/index>. Acesso em: 29 nov. 2020. SANTOS, Hillary Nunes. Apelidos. In: SCARANTE, Ionã Carqueijo; SANTANA, Joseane Costa (org.). Mãos que inspiram a poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações. 2. ed. Valença: IF Baiano, 2020. p. 34. SCARANTE, Ionã Carqueijo. As mãos que lapidaram os textos. In: SCARANTE, Ionã Carqueijo; SANTANA, Joseane Costa (org.). Mãos que inspiram a poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações. 1. ed. Valença: IF Baiano, 2018. p. 11-18. SCARANTE, Ionã Carqueijo. As mãos que lapidaram os textos. In: SCARANTE, Ionã Carqueijo; SANTANA, Joseane Costa (org.). Mãos que inspiram a poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações. 2. ed. Valença: IF Baiano, 2020. p. 13-20. SCARANTE, Ionã Carqueijo; SANTANA, Joseane Costa (org.). Mãos que inspiram a poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações. 1. ed. Valença: IF Baiano, 2018. SCARANTE, Ionã Carqueijo; SANTANA, Joseane Costa (org.). Mãos que inspiram a poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações. 2. ed. Valença: IF Baiano, 2020. SEMINÁRIO A Escrivência de Conceição Evaristo: primeiro dia. [S. l.: s. n.], 2020a. 1 vídeo (127 min). Publicado pelo canal Itaú Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzwGCFEkef4>.

Acesso em: 12 nov. 2020. SEMINÁRIO A Escrivência de Conceição Evaristo: segundo dia. [S. l.: s. n.], 2020b. 1 vídeo (131 min). Publicado pelo canal Itaú Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gisQ0mWUvU0>. Acesso em: 30 nov. 2020. SIMÕES, Iacãã Costa. A cerâmica tradicional de Maragogipinho. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20944>. Acesso em: 15 jun. 2019. SOUZA, Sullivan Ferreira de; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Colonialidade pedagógica: outras epistemologias e insurgências pedagógicas. Belém: Instituto de Ciências da Educação (ICED), 2015. STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). Identidade social e construção do conhecimento. Porto Alegre: SMED, 1997. TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica — a experiência do dizer. *Fractal*, Niterói, v. 25, n. 2, p. 299-322, ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>. Acesso em: 20 abr. 2020. TEIXEIRA, Maria Conceição Reis. O Estudo do léxico, o conhecimento da cultura. In: ABBADE, Celina Maria de Souza (org.). O léxico em questão. Salvador: UCSal, 2009. p. 129-136. TRINDADE, Azoilda Loretto da. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, Ana Paula (coord.). Saberes e fazeres: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. p. 101-112. v. 1. (A cor da cultura). Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf. Acesso em: 9 mar. 2021. XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 14, p. 110-117, 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/amansar-o-giz/>. Acesso em: 15 set. 2021.

O CORPO MEMÓRIA DA NA OBRA DE ALINE FRANÇA

Josimeire dos Santos Brazil

Resumo: Este trabalho tem como proposta apresentar um recorte da pesquisa de doutorado em andamento. Para tanto, entra em cena Aline França: Mulher negra, baiana, escritora, uma das pioneiras da criação feminina, afro-brasileira e trás no conjunto de sua obra mecanismos de potencialidades como marco na contemporaneidade e como elementos plurais e de interfaces entre literatura, ancestralidade, diáspora, memória, história e negritude. Elementos capazes de nos instigar ao debate e as reflexões em torno das literaturas que tem como mobilizadores a compreensão dos contextos e mecanismos de resistência negra feminina, da reescrita da história nos influxos da dialética da colonização, além de vários tipos de combate retórico e ideológico nas e das diversas formas de opressão e de violência de gênero e raça/etnia. Pretendo, ainda, examinar o ideal que aponta uma identidade forjada sob o viés da escritura materializada pelos moldes que a história oficial traz e se inscreve sob o signo da colonização. Neste caso, o corpo memória, revestido pela criação da autoria feminina, afro-brasileira. Proponho uma análise da ideia de uma dialética corpo-memórias aprisionadas na evolução da rememoração. Assim como, através da ressignificação identitária, estes elementos podem ser mobilizados na construção/entendimento de um empoderamento que visa à igualdade dos pares na construção de uma sociedade democrática e diversa, com vozes que ecoam reflexão e potência como exercício do ver, dizer, escrever, como ato de resistência e como ato de fundação desta mesma literatura. Neste âmbito, acionaremos teorias e conceitos relacionados ao tema.

Referências: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. Berth, Joice Empoderamento / Joice Berth. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro). BRAZIL, Josimeire dos Santos. O Corpo Literário Afro-Brasileiro: A Memória Da Escrita E A Escravidão Invertida Na Obra De Aline França .in: Interlinhas. Seminário De Pesquisa Do Dllartes — 2022.1. CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. Estudos Avançados 17 (49) 2003. Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de janeiro; Takano Editora, 2003.

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. DELORY-MOMBERGER, Christine. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016 _____. Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto. (2006) EMICIDA, AmarElo- É tudo para ontem: Documentário. Netflix. São Paulo: 2220. EVARISTO, Conceição. Escrevivências do afro-brasilidade: história e memória. Releitura, Belo Horizonte, n.23, p.1-17, 2008. FRANÇA, Aline. A Mulher de Aleduma. Fundação Clarindo Silva. Salvador: 1981 FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 3. Ed. Tradução: Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. Lugar de Negro. Rio de Janeiro: Marcozero, 1982 FRANÇA, Aline. A mulher de Aleduma, 1981 FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 3. ed. Tradução: Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira Lopez. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. HOOKS, bell. Intelectuais Negras. Revista Estudos feministas. Nº2/95. vol.3. 1995. MARQUES, Reinaldo. A lição de Zefa. in: Z Cultural. revista de programa Avançado de Cultura Contemporânea. MARTINS, Lêda. Performances da Oralitura : corpo, lugar da memória. IN: Letras nº 26- Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. p.63. UFMG. PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, pp. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>; Acesso em: 08/08/2022. RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro?. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. RICOEUR, P. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2010. SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

RAPPERS MULHERES NO HIP-HOP SOTEROPOLITANO: “COM O MICROFONE NA MÃO”, ROMPENDO SILÊNCIOS, FALANDO MAIS ALTO

Lícia Maria de Lima Barbosa

Resumo: Contemporaneamente, o movimento hip-hop tem sido apontado pela literatura como importante expressão da juventude negra e pode se tornar uma área estratégica da emergência de um hip-hop feminista. Neste sentido, é importante destacar que a cultura hip-hop não tem sido uma expressão artística dominada só por homens, as mulheres têm participado nos elementos do seu repertório cultural, estético e político, como rappers, grafiteiras, b.girls, djeias, apresentando temáticas, a partir do ponto de vista das mulheres, como violência doméstica, sexismo, dentre outras. Na música rapper, por exemplo, há uma tendência das rappers mostrarem, nas suas canções, as mulheres como independentes, autônomas, revelando aí o encontro com as perspectivas feministas. A comunicação discute aspectos do feminismo negro na cena contemporânea negra em Salvador, a partir da análise de letras de raps dos grupos Munegrade e Audácia, constituídos por mulheres negras jovens do hip-hop soteropolitano, enfocando aspectos identitários de raça-gênero, diferenças e desigualdades entre mulheres, no período de 2009 a 2013. O aporte teórico metodológico é lastreado nos feminismos negros (COLLINS, DAVIS, HOOKS, WERNECK) e nas discussões sobre processos identitários (HALL, BRUBAKER, COOPER). As expressões artísticas do hip-hop feito por mulheres, inclusive o rap, rompem com reproduções sexistas, destituem e revolucionam a invisibilidade e o silenciamento de mulheres na música e na sociedade, daí a importância de abordar essa questão nos dias atuais.

Referências: BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick. Além da identidade. Teoria e Sociedade, Califórnia/Los Angeles/ Michigan, n. 29, p.1-47, 2000. COLLINS, Patricia Hill. From Black Power to Hip-hop: racism, nationalism and feminism. Philadelphia: Temple University Press, 2006. GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 376p. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. Cap. 3, p. 103-133. hooks, bell. Alisando o nosso cabelo. Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, jan./fev. 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. KOFES, Suely. Identidade, diferenças e desigualdades entre mulheres. In: KOFES, Suely. Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e

empregadas domésticas. Campinas, SP: Unicamp, 2001. Cap. 3, p. 105-128. SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Iyámi, Iyá, Agbás: Dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos. Estudos Feministas: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais-IFCS-UERJ. Programa de Pós graduação em Ciências Sociais - PPCIS-UERJ, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.346-445, 1995. Semestral. WALKER, Alice. Cabelo oprimido é um teto para o cérebro. In: WALKER, Alice; Tradução Aulyde Soares Rodrigues. Vivendo pela palavra. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 77-81. WERNECK, Jurema Pinto. O samba segundo as lalodês: mulheres negras e a cultura midiática. 2007. 318f. Tese (Doutorado em Comunicação) ? Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LOS SLAMS DE POESIA DE BUENOS AIRES, OTRO PERFIL DE LA POESÍA ARGENTINA ACTUAL

Lucia Tennina

Resumo: Esta presentación consiste en un análisis de las diversas concepciones sobre la idea de “poesía” que circulan por las competencias de poesía oral identificadas como “slams” realizadas en CABA y en diferentes barrios del conurbano bonaerense. Desde el 2011 empezó a conformarse un circuito y fortalecerse una escena literaria ligada a los slams en primer lugar en un espacio cultural independiente en CABA y luego, poco a poco, en el conurbano. La postura de sus participantes frente a la poesía se formó a espaldas del circuito hegemónico que se suele identificar como “poesía argentina actual”. Para el análisis de esta ponencia tomaré en cuenta registros etnográficos, testimonios de participantes y consideraré, asimismo, el lugar que ocupa el objeto libro en cuanto a la composición de una idea de “poesía”, tomando en cuenta las publicaciones que se realizan dentro del circuito de los slams. Paralelamente, me enfocaré también en las formulaciones que desde la crítica literaria local se montan sobre la categoría poesía argentina actual o contemporánea, en función de poner en discusión principalmente la metodología de trabajo de esta disciplina. El análisis se basa en el material recogido durante el trabajo de campo que vengo llevando adelante desde junio de 2022 en los Slams de Capital, Zona Norte, Zona Sur y Zona Oeste.

Referências: BARENBOIM, E. 2016. “Sobre la gilada oral”. Buenos Aires. Disponible en: <https://drive.google.com/file/d/0B55eN7zGKOWhdjFvZkhnoHRKNjQ/view> BOGADO, F. 2017. “Performance y filología. Problemas metodológicos en el análisis de poesía argentina contemporánea”. En Revell, v. 3, n. 17, p.445-461 CULLEL, D. 2018. De lo bélico a lo poético? El poetry slam y su lucha feroz en defensa de la poesía. En Kamchatka. Revista de análisis cultural, n. 11, p.239-257. D’ALVA, R. E.2011. “Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena”. En Revista Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126. D’ALVA, R. E. 2019. “SLAM: voz de levante”. En Rebento (Unesp), São Paulo, n.10, p. 268-286. PORRÚA, A. 2011. Caligrafía tonal. Ensayos sobre poesía. Buenos Aires: Entropía SMITH, M. K.. 2009. Take the mic. The art of performance poetry, slam and spoken word. Illinois: Sourcebooks MediaFusion.

CACIMBA DE HISTÓRIAS: VIDAS E SABERES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS TRADICIONAIS DE CIDADES DO INTERIOR DA BAHIA

Luciene Souza Santos, Maria Claudia Silva Do Carmo

Resumo: O CACIMBA DE HISTÓRIAS: VIDAS E SABERES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS TRADICIONAIS DE CIDADES DO INTERIOR DA BAHIA é uma pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís (GEPO/PROGEL/UEFS) que objetiva investigar as histórias de vida de contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia a fim de construir intercâmbios entre os saberes tradicionais e o conhecimento acadêmico relacionados aos repertórios e à performance (ZUMTHOR, 2010) das tradições orais e da cultura popular. A metodologia de coleta desse acervo se dará por meio da entrevista narrativa (JOVCHELOVICH S, BAUER MW, 2002), dispositivo de coleta de dados utilizado nas pesquisas (auto) biográficas e, em seguida, passará por duas fases: a transcrição e catalogação dos contos narrados durante a entrevista narrativa e a a circulação dessas histórias em meios digitais e em práticas de contação de histórias (MATOS, 2005) em espaços etnoformativos (MACEDO, 2013) . Para isso, articulam-se em torno desse trabalho, quatro Instituições de Ensino (IES) públicas: a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e

a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), todas localizadas em regiões estratégicas para o estudo que busca, a priori, localizar os(as) mestres(as) narradores(as) que residem no interior do estado. A intenção é tanto conduzir a pesquisa em suas localidades como trazê-los à academia em rodas de histórias em que os estudantes interessados nas narrativas de tradição oral poderão tanto constituir repertórios quanto trocar saberes com mestres da cultura popular, alimentando assim a produção de conhecimento acadêmico a partir de perspectivas plurais e decoloniais (MUNANGA, 2004). Pretende-se ainda que os pesquisadores desenvolvam ações sustentadas nessa constituição de acervos e promovam práticas artísticas articuladas com a comunidade acadêmica e local.

Referências: ALCONFORADO, Doralice. Cascudo: O erudito no popular. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Salvador, 2008. JOVCHELOVICH S, Bauer MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113. MACEDO, R. S. Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrutivismo curricular em perspectiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. MATOS, Gislayne Avelar. A palavra do contador de Histórias. São Paulo: Martins Fontes, 2005. QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126. ZUMTHOR, Paul. Introdução a Poesia Oral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SLAM NACIONAL MX: MULHERES, CORPO E REPRESENTAÇÃO

Mauren Pavao Przybylski da Hora Vidal

Resumo: Esta comunicação é um recorte de minha pesquisa de pós-doutorado em andamento no PPG de Literatura na UFSC e no Laboratorio Nacional de Materiales Orales da UNAM Campus Morelia que quer analisar os slams de e para mulheres no México, Angola e Moçambique desde uma perspectiva decolonial. O Slam Nacional foi instituído no México em 2014. Na altura, o poeta e agitador cultural Commik MG havia estado na FLUP RJ e fora questionado sobre o porquê de não levar a competição para o México. Atualmente, a liga conta com aproximadamente 28 comunidades, dentre elas algumas exclusivas de mulheres como a Muchachas Slam Rap e a Slam de Poesia para mijas. No entanto, em participação presencial na semifinal do Slam Nacional na Cidade do México em outubro de 2022, percebeu-se que o comando da competição ainda é quase exclusivamente masculino. E, ao presenciar a final do Slam de Queretaro, constatou-se a não presença de mulheres competindo, questionando-se o porquê. Essa discussão pretende, a partir da vivência em campo, relatar a representação feminina no slam, bem como a performance, voz e corpo delas nesse espaço. Para tanto, enfatizamos a importância de Edmée Diosaloca na constituição, valorização e manutenção dessa presença feminina na poesia e no fazer poético/político feminino e de Cynthia Franco enquanto pesquisadora, performer, slammer e mediadora de tantas outras vozes de mulheres que fazem poesia tecendo caminhos e encampando lutas através de coletivos. **Referências:** HERNÁNDEZ, Santiago Cortés; VÁZQUEZ, Berenice A. G. El Laboratorio Nacional de Materiales Orales: conceptos, antecedentes, código de ética y protocolo de documentación. BOITATÁ, Londrina, n. 29, jan.-jun. 2020 VIDAL, Mauren Pavao Przybylski da Hora. Materiais Orales e Decolonialidade: reflexões necessárias. In: Saberes decoloniais: literatura e outros gêneros do conhecimento na América Latina / Mary Garcia Castro (Organizadora), Raffaella Fernandez (Organizadora). – Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2022. Circuito Nacional Poetry Slam MX . Sitio oficial del proyecto nacional de Poetry Slam en México. Disponível em: <https://www.poetryslammexico.com/> Acesso em 19.12.2022 P oéticas que trascienden la página. Disponível em <https://spokenword.mx/> Acesso em 19.12.2022

Referências: HERNÁNDEZ, Santiago Cortés; VÁZQUEZ, Berenice A. G. El Laboratorio Nacional de Materiales Orales: conceptos, antecedentes, código de ética y protocolo de documentación. BOITATÁ, Londrina, n. 29, jan.-jun. 2020 VIDAL, Mauren Pavao Przybylski da Hora. Materiais Orales e Decolonialidade: reflexões necessárias. In: Saberes decoloniais: literatura e outros gêneros do conhecimento na América Latina / Mary Garcia Castro (Organizadora), Raffaella Fernandez (Organizadora). – Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2022. Circuito Nacional Poetry Slam MX . Sitio oficial del proyecto nacional de Poetry Slam en México. Disponível em: <https://www.poetryslammexico.com/>

Acesso em 19.12.2022 Poéticas que transcienden la página. Disponível em <https://spokenword.mx/>
Acesso em 19.12.2022.

ENTRE O ORAL E O ESCRITO: ASPECTOS PERFORMÁTICOS NO POETRY SLAM

Paulo Sérgio Silva Da Paz

Resumo: As escritas contemporâneas trazem uma pluralidade de perspectivas sociais que enriquecem o campo literário. Como aponta Dalcastagnè (2002), pessoas posicionadas diferentemente na sociedade possuem olhares diferentes e escrevem a partir desses lugares. Essa diversidade de possibilidades de ver o mundo e se expressar é importante para a literatura, pois múltiplas vozes permitem pensar na heterogeneidade de vivências que as/os escritoras/es imprimem em suas composições poéticas literárias. Esse texto tem como objeto mostrar os aspectos orais e escritos que cercam os slams de poesia, ou poetry slam, movimento artístico que tem dado uma nova batuta no fazer literário contemporâneo. A partir de uma construção poética/literária marginal-periférica, os slams ressignificaram ainda mais a cena periférica literária que tinha ganhado relevo a partir dos saraus que disseminaram no início do século XXI. Como a slammers e poeta Roberta Estrela D'alva pontua: "O slam cresce a passos largos no Brasil e é fácil entender a sua rápida aceitação e o crescimento dessa "modalidade cultural esportiva" considerando o lugar que a tradição oral ocupa no país". (DALVA, 2021). Com isso, vamos analisar nesse artigo a importância da poesia oral para o campo literário, e como foi solapada como fonte de conhecimento; além de mostrar como os slams se constroem na e da oralidade a partir da experiência periférica. Para isso, nos debruçaremos sobre teóricos e pensadores como Zumthor (1997; 2014); Martins (1997) Finnegan (2006); Dalva (2021).

Referências: D'ALVA, Roberta Estrela (2011). Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, p. 119-126. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> Acesso em: 20 dez. 2019. MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras (Santa Maria)*. Santa Maria, v, 25, p. 55-71, 2003. _____. *Afrografias da Memória*. São Paulo: Perspectiva, 1997. TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. FERREIRA, Jerusa Pires; POCHAT, Maria Lúcia Diniz; ALMEIDA, Maria Inês (trad). São Paulo: Hucitec, 1997. ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção e Leitura. FERREIRA, Jerusa Pires; FENERICH, Suely (trad). São Paulo: Cosacnaify, 2014.

PERSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO E DAS NARRATIVAS ORAIS NO RÁDIO: UMA EXPERIÊNCIA DA RÁDIO EDUCADORA

Rafaella Contente Pereira da Costa

Resumo: O artigo mostra a experiência da Rádio Educadora, pelo viés histórico e educacional, na década de sua implantação, 1960, na cidade de Bragança-PA, buscando compreender o uso das memórias individuais e coletivas, através das narrativas orais, durante as aulas e no processo de preparação das mesmas. O rádio, como dispositivo de comunicação, atuou nos processos de visibilidade para a cultura e identidade bragantina, neste sentido, a visão decolonial contribuiu para que a Rádio Educadora fizesse parte do cotidiano dos moradores de Bragança, não como, apenas, uma emissora, mas como uma instituição que buscou valorizar um recurso central na manutenção da tradição dos povos marcando, com as narrativas orais, a presença de saberes repassados por gerações. Para marcar o espaço ocupado pelas narrativas orais nas aulas radiofônicas, procurei responder as seguintes perguntas: Qual papel que as narrativas orais podem ter em relação à educação? E, diante de um currículo centrado em aspectos gerais de conhecimento, considerando insatisfatórias as abordagens regionais, como são e como foram usadas as narrativas orais nas aulas radiofônicas e na programação da Rádio Educadora? Para essa pesquisa, busquei relacionar educação e narrativas orais por meio dos estudos decoloniais e os conceitos de Vygotsky e Bakhtin que, a partir de uma perspectiva dialética, abordam temas que envolvem educação, psicologia e literatura.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, n.11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. VYGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001. VYGOTSKY, L.S. A. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DO LADO DE LÁ: DECOLONIALIDADE, ANCESTRALIDADE E PERFORMANCES DO SAMBA DE RODA VOA VOA MARIA DE MATARANDIBA

Thais Aparecida Pellegrini Vieira

Resumo: Esta proposta de comunicação se curva às experiências rítmicas e estéticas das performances de algumas músicas do samba de roda Voa Voa Maria, de Matarandiba. Por esse prisma, trago uma perspectiva decolonial, pautada em chaves analíticas que buscam reconfigurar as estruturas de poder eurocentradas instauradas no campo teórico-crítico das humanidades. Kilomba (2019) aponta que "descolonização refere-se ao desfazer do colonialismo" (Kilomba, 2019, p.224). Assim, a ideia de tempo espiralar desenvolvida pela professora Leda Martins (2021), numa perspectiva cósmico-filosófica da ancestralidade africana, evidencia que, através do samba e seu território, Matarandiba indica que suas enunciações poéticas conseguem fissurar a linearidade temporal hierarquizante do Chronos ocidentalizado, já que as vivências estéticas, através dessas vozes, corpos e tambores, estão em funcionamento de um tempo não linear, mas sim curvilíneo, evidenciando práticas decoloniais. Destarte, a tríade: corpo-tempo-movimento atua como prenúncio da potência literária presente no samba da localidade. No primeiro momento, aponto em Itaparica, nas beiradas da maré matarandibense, e faço uma mostra desse cenário que inscreve o protagonismo e pertencimento local. Nessa perspectiva, as riquezas naturais gravitam como elementos vivos dessa poética contracosteira da ilha de Itaparica. Trago Krenak (2020), dialogando sobre a importância da Terra como ser ativo, bem como seus entrelaces com as humanidades, a fim de pensar a paisagem e o processo de ressignificação que é feito pela comunidade, capaz de subverter a ideia de subalternidade que permeia os cenários da contracosta. Martins (2020, 2021), Oy?wùmí, (2021), Sodré (1998, 2020), ajudarão a modular a relação corpo-tempo-movimento em face às possíveis simultaneidades que reativam e reinstauram esses corpos subalternizados como "tapeçaria de sentidos discursivos" (MARTINS, 2021, p.21). Freitas (2016) nos permitirá fazer um exercício crítico literário operando o conceito de literatura-terreiro que, segundo o autor, "é aquela que, dentro da cosmogonia africana e/ou afro-brasileira explora a multimodalidade" (FREITAS, 2016, p.59).

Referências: ASCOMAT.CD Voa Voa Maria Samba de roda de Matarandiba.2018 BISTRON, Janco Boy. Samba de Roda em Matarandiba (Itaparica). Ascomat - Associação Sócio Cultural de Matarandiba. Youtube, 13 de julho de 2013.Disponível em: <https://youtu.be/NJa3NYZu8Is>. Acesso em: 18.06.2022 FREITAS, Henrique. O Arco e a Arkhé: ensaios obre literatura e cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016. KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira- 1. Edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2020. MARTINS, Leda. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2. Ed. - São Paulo: Perspectivas; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras (Santa Maria). Santa Maria, v. 25, p. 55-71, 2003 MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. 1. Edição.Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. OY?WÙMÍ, Oyèrónk??.A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento.1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Cia das Letras, 2001. RISÉRIO, Antônio. Uma História da Cidade da Bahia. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004. SAMBA de Roda do Recôncavo baiano. Dossiê IPHAN-4. Brasília: IPHAN, 2006. SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 (4.ª reimpressão, 2020). SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção e Leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Educ, 2000.

ORALIDADE, ESCRITA E REBELDIA: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS SOBRE GRAFFITI E PIXAÇÃO EM JOÃO PESSOA

Thiago Da Silveira Cunha

Resumo: Os graffiti e as pixações inscrevem anseios populares, assinaturas, desenhos, itinerários e memórias. Confluem com a decolonialidade, nem tanto por essas práticas proporcionarem uma descolonização do corpo, do olhar e do uso dos espaços, nem por escutar vozes de personagens periféricos e memórias subterrâneas. A pesquisa percebe a formação de uma “consciência fronteiriça” (NOLASCO, NORONHA, 2019), advinda de uma diferença colonial que é reafirmada através de diferentes agenciamentos que seguem uma “matriz colonial de poder” (QUIJANO, 2005). As narrativas de grafiteiros e pixadores em João Pessoa/PB corroboram com os apontamentos de Zumthor (1997, 2006), pois encontramos diversos gêneros narrativos em seus depoimentos orais: basófilas, pilhérias, aforismos ou contos elaborados a partir da releitura de obras literárias. Soma-se à forma do texto oral o elemento da performance. Nesta, existem nuances de entonação, gesticulação, postura corporal, forma de se apresentar e se vestir. A captação dos depoimentos da pesquisa está sendo fílmica, o que fez com que aqueles que não queriam ser reconhecidos se transformassem em personagens de blusas longas, óculos escuros ou mesmo panos com estampa de caveira cobrindo o rosto. Ainda devemos citar os elementos contextuais como componentes da poética oral, que podem ser planejados ou não, como a chuva torrencial que caía enquanto o grafiteiro Gigabrow me narrava um dilúvio em uma de suas histórias. Em João Pessoa, o caso mais explícito do eco decolonial advém das inscrições do pixador Subitus, denunciando questões atuais de classe, questões indígenas - assim como seu conflito com o garimpo -, questões de terra locais etc. Nossa hipótese é que a atividade semeada por Subitus através de sua revolta, está pautada na busca de “sanação” ou cura das “feridas coloniais” (MIGNOLO, 2019), aos moldes do que aponta o artista guatemalteco Benvenuto Chavajay, ou mesmo na violência revolucionária de Fanon (2022).

Referências: FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. São Paulo: Cia das Letras, 2022. MIGNOLO, Walter. Reconstitución epistémica/estética: la aethesis decolonial una década después. In: Calle14: revista de investigación en el campo del arte, vol. 14, núm. 25, pp. 14-32, 2019. NOLASCO, E. C. e NORONHA, M. M. de O. Corpo epistêmico na/da fronteira da exterioridade. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, p. 25-34, jul./dez. 2019. QUIJANO, Aníbal. A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. ZUMTHOR, P. Introdução à Poesia Oral. São Paulo: Hucitec, 1997. _____. Performance, recepção e leitura. São Paulo: EDUC, 2000.

VOU NO CLARÃO DA LUA, VOLTO NO RAIAR DO SOL: VOZ E POÉTICA NAS CANÇÕES DE BOI DE MESTRE GENÍ

Zilene Dos Reis Maciel

Resumo: Fruto do projeto interdisciplinar apresentado à Universidade do Estado do Pará, cujo cerne era cataloga às memórias narrativas de Mestres da cultura local mojuense, o presente artigo investigar o conto épico encontrado nas canções de Mestre Gení, cancionista de boi da cidade de Moju no Estado do Pará. Artesão das palavras, Germano da Costa Santos ou Mestre Gení, como carinhosamente é conhecido o poeta mojuense pelos moradores locais, tem 80 anos de idade. Destes, pelo menos trinta anos está à frente do boi Caprichoso, manifestação cultural que seu Gení mantém construindo canções que tratam do imaginário maravilhoso na lenda da ressurreição do boi precioso. Desta maneira, o objetivo deste é analisar as memórias do mestre de cultura Gení, por meio das canções de boi, cantadas pelo narrador da pesquisa. As canções de boi de Mestre Gení apresentam traços do imaginário amazônico, sobretudo por tratar de lendas locais, como a lenda do vaqueiro, os feitos do pajé e, ainda, os desejos miraculosos das mulheres grávidas da região. A metodologia aplicada foi a da revisão bibliográfica atrelada a entrevista semiestruturada de cunho qualitativa e, postulados, fundamentados em Minayo (2001); Durand (2012); Barthes (2011); Loureiro (2015); Le Goff (1992), entre outros. Mestre Gení, cria e recria uma literatura encontrada nas ruas, nas toadas de boi, uma literatura não canônica e daí está sujeita às margens. As músicas do

cancioneiro fazem parte daquilo que se conhece como literatura oral, manifestações culturais, transmitidas oralmente. Deste modo, verificou-se que o narrador traz em germe, em suas canções de boi, a forma narrativa caracterizada como conto épico, assim, as memórias do cancionário de boi contém teor literário substancial, no entanto, por estar alocada em produções culturais ditas folclóricas, tais construtos são postos às margens dos estudos literários.

Referências: BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BASTOS, Renilda Rodrigues e FARES, Josebel Akel. Dois singulares e um plural: Diálogos sobre poéticas orais. In.: O caráter interdisciplinar da pesquisa: múltiplos olhares. Fátima Vera Cardoso Figueiredo e Maria do Perpétuo Socorro Simões Cardoso da Silva (org.). Belém: UEPA, 2000. BARTHES, Roland [et al.]. Análise estrutural da narrativa. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras. CARDOSO, Maria Celeste de Souza. Cancioneiro das toadas de boi-bumbá de Parintins. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas. Manaus: UEA, 2013. CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Global, 2006. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. Dossiê, tempo e narrativa. Belo Horizonte: Associação Brasileira de História Oral, revista nº 6, 2003, p. 09-25. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em: 12 mai. 2021. DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. 4. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. FARES, Josebel Akel e PIMENTEL, Danieli dos Santos. O lugar das poéticas orais. Revista Boitatá, Londrina, n. 17, jan./ jul., 2014, p. 191-212. IYANAGA, Michael. Por que canta? Rezando os santos católicos no recôncavo baiano. In. ARAUJO, N.A; COSTA, E.S; FERNANDES, F.A.G (Orgs.). Vozes, performances e arquivos de saberes. Salvador: Eduneb, 2018. LE GOFF, Jacques. História e memória. 2ª. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992. LOPES, Jomara da C; MACIEL, Zilene dos R; MAGALHÃES, Priscila Deomara A. Revista Sentido da Cultura. Ano 8, n. 14, jan-jul, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Zilene%20Maciel/Downloads/171-106-PB.pdf> Acesso em: 05 jan. 2023. LOUREIRO, Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995. _____. Obras reunidas / João de Jesus Paes Loureiro. São Paulo. Escrituras Editora, 2000. V. 3. P. 267-379. MÉLO, Maria Lúcia. Fenomenologia e seus procedimentos metodológicos. Belém (PA): SOCID/UEPA/GRAPHITE, 2015. MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 1994. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. SANTOS, Valdenei de Souza. O imaginário amazônico na várzea parintinense e as narrativas do boto, na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. SOUSA, Marivalda Guimarães. O rio cachoeira aquém de sua poesia: imaginário das águas e sustentabilidade ambiental através do turismo litorâneo de Ilhéus -BA. 2005. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade de Santa Cruz e Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 2005. TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. VANNUCCHI, Aldo. Cultura Brasileira. São Paulo: Loyola, 2006. VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. WUNENBURGER, Jean-Jacques. O imaginário. São Paulo: Editora Loyola, 2007. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SIMPÓSIO “ESCRITAS ESQUECIDAS E VIDAS EXCLUÍDAS NAS RELAÇÕES LITERÁRIAS INTERAMERICANAS”

André Rezende Benatti (UEMS) e Livia Reis (UFF)

QUAL É A DETERMINAÇÃO QUE SUBJAZ A IDENTIDADE?

Adriana Madeira Coutinho

Resumo: Neste texto sobre teoria e crítica feministas, colocando em diálogo “Um Teto Todo Seu” de Virginia Wollf, considerando o livro um tratado sobre a condição da escrita de mulheres, e o ensaio “Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” de Gloria Anzaldúa, pretendo retomar a questão de qual a determinação que subjaz a identidade: classe, gênero ou raça? A discussão não é nova e aparentemente está longe do fim. É verdade que antes da crítica feminista e ainda durante muito tempo a identidade ficou restrita ao conflito de classes, em Bakhtin e Jameson, por exemplo, o modo como a linguagem de um texto, de uma narrativa se expressa já é, como a encontramos, uma questão de perspectiva. O que significa que tal texto deve ser lido com noções de identidade para ser compreendido. A escrita de mulheres para não ser identificada, de alguma forma, com uma essencialidade aprisionadora, precisa discutir e entender, pelo menos teoricamente, a ontologia transitoria apresentada por Judith Butler “desde os 16 anos tenho sido uma lésbica”. Não ser e estar sendo tem a necessária ambivalência entre o que se pretende enquanto crítica feminista e epistemologias plurais. A abordagem logocêntrica à teoria dos gêneros, particularmente a tarefa de definir a linguagem feminina como algo diferente e separado da linguagem masculina, será analisada nesta comunicação juntando textos do início e do fim do século XX.

Referências: ANZALDÚA, Gloria (1981). “Speaking in tongues: a letter to Third World women writers”. In: MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). This bridge called my back: writings by radical women of color. New York: Kitchen Table, p. 165-74 BUTLER, Judith. “Imitation and Gender Insubordination.” In The Critical Tradition, pp. 1707-18 WOOLF, Virginia. Um Teto Todo Seu. Tradução Bia Nunes. 1 ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

MALANDRAGEM FEMININA EM MEMÓRIAS DE UM GIGOLÔ, DE MARCOS REY

Altamir Botoso

Resumo: Na literatura brasileira, a vertente do romance malandro edificou-se a partir de protagonistas masculinos como é o caso de Leonardo Pataca, em Memórias de um sargento de milícias (1852-53), de Manuel Antonio de Almeida, Macunaíma, da rapsódia homônima de Mário de Andrade, os personagens centrais de Malagueta, Perus e Bacanaço (1963), de João Antonio, e vários outros exemplos poderiam ser acrescentados aqui. Dessa maneira, nota-se que as representações de figuras femininas em papel protagonico são bastante raras nessa modalidade ficcional. Levando em conta esse fato, o nosso propósito é analisar três personagens malandras que se encontram no romance Memórias de um gigolô (1968), do escritor paulista Marcos Rey: tia Antonieta, madame lara e Guadalupe. As duas primeiras são personagens secundárias, enquanto a última alcança o status de protagonista, conformando um triângulo amoroso com dois malandros. Elas são vitais para um deles, Mariano, na medida em que serão, em distintos momentos da narrativa, sua garantia de sustento. Além disso, elas evidenciam uma postura de rebeldia e uma tentativa de se firmar em um universo dominado pelo viés masculino. Como suporte para as análises, valer-nos-emos dos textos dos seguintes críticos: Candido (1970), Carmo (2003), Chauvin (2008), Dealtry (2009), Bomfim (2016), Ceccarello e Bastos (2017), Paschoal (2017), Hübner Alves (2020). Observa-se, portanto, que as mulheres malandras situam-se marginalmente em relação ao polo masculino e se concentram em espaços de pobreza e prostituição, onde seu percurso abarca ascensão e decadência, marcado pela juventude e velhice.

Referências: BOMFIM, Delmar Cruz. Mulher malandra: ser vivente liberta, explorada e maculada pelo macho opressor malandro que tenta sobreviver à biopolítica injusta imposta por Vargas: o soberano ditador. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, v. 24, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/9249>. Acesso em: 8 jan. 2023. CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das ‘Memórias de um sargento de milícias’). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89. CARMO, José Carlos Mariano do. Madame Pommery: a primeira malandra na prosa ficcional brasileira. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. CECCARELLO, Vera Helena Picolo e BASTOS, Elide Rugai. Ordem, desordem e malandragem:

elementos estruturais no processo de desenvolvimento urbano em “Memórias de um sargento de milícias” e em “Madame Pommery”. Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC – 19-23 de setembro de 2016, p. 3906-3916, 2017. CHAUVIN, Jean Pierre. Poética da malandragem: Memórias de um gigolô, de Marcos Rey. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 12, 2008, p. 253-269. DEALTRY, Giovanna. No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. HÜBNER ALVES, Elisa. A malandragem de Rita Baiana: a construção do erotismo e da volubilidade da personagem e as raízes da herança escravista. Revista de Letras - Juçara, v. 4, n. 1, p. 169-187, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2244>. Acesso em: 8 jan. 2023 PASCHOAL, Ana Cláudia. Mulheres de Malandro: personagens femininas em “Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio. Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária, 9(2), 267-282, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/6878>. Acesso em: 8 jan. 2023. REY, Marcos. Memórias de um gigolô. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

EL MUNDO DEL DESEO NO ES TODO LO LUMINOSO QUE SE CREE”: EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA EM LAS MALAS, DE CAMILA SOSA VILLADA

Andre Rezende Benatti

Resumo: esta pesquisa tem como objetivo uma análise dos aspectos excludentes e violentos em torno das personagens travestis da narrativa Las Malas (2019), da escritora argentina Camila Sosa Villada. O feminismo, em toda sua história, tanto como teoria, quanto como prática, desempenhou um papel fundamental na luta pela conquista dos direitos das mulheres. É o feminismo, também, o responsável por formar bases para que hoje, no século, XXI, possamos imaginar velhas e novas, diversas e diferentes formas de ser mulher. A recente abertura e expansão dos estudos literários vêm possibilitando abordagens mais amplas que englobam temas caros à crítica cultural, como é o caso dos estudos de minorias e de como suas memórias e narrativas podem contribuir para o entendimento de suas identidades. No contexto da contemporaneidade, estudos e análises literárias podem se valer da interdisciplinaridade para buscar objetos de pesquisa tidos como marginalizados ou excluídos dos centros hegemônicos – seja no âmbito das artes ou da própria sociedade. A “inclusão dos excluídos não é nem a suspensão das diferenças numa universalidade que as transcende nem o reconhecimento de sua coexistência pacífica. Ela é a inclusão violenta numa forma de comunidade sensível daquilo mesmo que a faz explodir, a inclusão numa linguagem daquilo que escapa a essa linguagem.” (RACIÈRE, 2021, p.139). Tendo em vista o trecho acima, assim como a discussão que permeia a obra As margens da ficção, de Jacques Racière, tentaremos nos ater aos aspectos que fazem com que as travestis, representadas na obra de Camila Sosa Villada, permanecem à margem da sociedade, sejam excluídas.

Referências: BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In.: BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002. BUTLER, Judith. Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. FOSTER, William David (Org.); CALEGARI, Lizandro Carlos (Org.); MARTINS, Ricardo André Ferreira (Org.). Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013. GARCIA CANCLINI, Néstor. Diferentes, desiguais e desconectados. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009. JITRIK, Noé; GRAMUGLIO, María Teresa. Historia crítica de la literatura argentina. El imperio realista (vol. 6). Buenos Aires: Emecé, 2002. LEITE Jr., Jorge. Nossos corpos também mudam – A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011. LOURO, Guacira Um corpo estranho Lopes.– Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. RANCIÈRE, Jacques. As margens da ficção. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021. SOSA VILLADA, Camila. Las malas. Tusquets: Buenos Aires, 2019.

ESCRITAS ESQUECIDAS E VIDAS EXCLUÍDAS: REPRESENTAÇÕES DE VIDAS À MARGEM NOS ROMANCES SANGUE DE AMOR CORRESPONDIDO E CAI A NOITE TROPICAL DE MANUEL PUIG

Antonio Gerson Bezerra De Medeiros

Resumo: Passados mais de trinta anos da morte do escritor argentino Manuel Puig (1932-1990), sua obra permanece instigante e relevante no cenário da literatura latino-americana. Dentre os seus oito romances, a escolha de *Sangue de amor correspondido* (1982) se justifica por permitir a análise das relações de um escritor argentino com a realidade brasileira e pelo registro das vozes periféricas. É por meio de um relato, das lembranças de um pedreiro, que o romance é engendrado, revelando o papel da memória como o local, tal como na escrita ficcional, onde se mesclam realidade e fantasia. Esta comunicação abordará ainda o romance *Cai a noite tropical* (1988), cuja narrativa é quase toda construída por meio dos diálogos de duas senhoras argentinas, Nidia e Luci, sobre a vida e os amores de uma vizinha. Propõe-se a leitura da obra pelo viés da representação da vida cotidiana, que aparece no modo como essas duas idosas experienciam a vida no Rio, no final dos anos 1980. O reconhecimento da estranheza do mundo é realçado pelas dificuldades que elas sentem com o nosso idioma e por apresentarem uma percepção da cidade, em que a imagem do cartão postal convive com a violência, a desigualdade e a crise inflacionária. É a partir da análise dos "instantes banais" e da rotina das duas idosas que Puig constrói um tocante relato sobre solidão, memória e invisibilidade do corpo idoso. Em ambos os romances, seja na figura do pedreiro Josemar em *Sangue* ou nas duas senhoras de *Cai a noite*, Puig põe em evidência personagens relegados à margem, contribuindo, conforme afirma Jacques Rancière em *As margens da ficção* (2021), para o aparecimento de uma democracia ficcional, na qual personagens das classes populares ganham uma nova representação na literatura, reconhecendo-os como sujeitos capazes de experimentar e vivenciar os sentimentos profundos e complexos.

Referências: RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos*, São Paulo, CEBRAP, n. 86, pp. 75-90, mar. 2010. _____. O fio perdido do romance. In: *O fio perdido*. São Paulo: Martins Fontes, 2017. pp. 15- 37. RANCIÈRE, Jacques. *As margens da ficção*. Editora 34. São Paulo, 2021. LEFÈBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991. BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002. AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 7ª ed. rev. e amp. Trad. George Bernard Sperber e equipe da Perspectiva. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PELAS RUAS DE HAVANA: UMA MIRADA SOBRE CHAMACO, DE ABEL GONZÁLEZ MELO

Carin Cássia de Louro de Freitas

Resumo: Tendo como ponto de partida a obra "Chamaco" de Abel González Melo – dramaturgo e diretor cubano que reside na Espanha atualmente –, este trabalho tem o intuito de traçar miradas sobre a cena latino-americana e a pluralidade de expressões de dramaturgia emergentes na contemporaneidade. Escrita em 2004, traduzida e encenada em diversos idiomas, "Chamaco" nos coloca diante de personagens que vivenciam a marginalidade das ruas de Havana por meio de diferentes pontos de vista. São figuras que, em meio às adversidades, à marginalização dos corpos, as esperanças e os apagamentos sociais, podem ser levadas a circunstâncias extremas, nas quais a violência surge como uma espécie de reconfiguração das narrativas. A obra de Abel González Melo apresenta perspectivas da vida cubana de modo a expor, mas também questionar, aspectos que envolvem gênero, juventude, a diária busca pela sobrevivência e as tensões estabelecidas na rua e dentro dos núcleos familiares. Nesse sentido, a dramaturgia assume, de uma certa maneira, um caráter político, ao colocar em pauta as existências e vozes desses personagens. Para além da análise da tessitura dramática e das temáticas específicas suscitadas, propõe-se observar a presença de questões comuns entre os países da América Latina, suas poéticas e os seus desdobramentos históricos, sociais e políticos.

Referências: ABREU, Eberto García. *Estaciones teatrales*. Havana: Tablas Editora, 2016. DORT, B. O estado de espírito dramático. Depoimento concedido a O.O. Tradução de Fátima Saad. Paris, 22 de abril de 1985. DUBATTI, Jorge (org.). *Nuevo teatro argentino*. Buenos Aires: Interzona, 2003. FERNANDES, Sílvia. Apontamentos sobre o texto teatral contemporâneo. In: *Sala Preta*. São Paulo: ECA-USP, 2001, ano 1, no. 1. LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. Tradução de Pedro Sússekkind. São Paulo: Cosac Naify, 2007. MUNK, Leonardo. Vozes da memória na nova dramaturgia latino-americana. *O Percevejo Online*, 2017, 8(2), 90–100. <https://doi.org/10.9789/2176->

7017.2016.v8i2.90-100. RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. Trad. Paulo Neves; Revisão da trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

“A TERRA QUE ME PARIU”: CONJECTURAS COSMOPERCEPTIVA E SABERES TRADICIONAIS EM TORTO ARADO E OS SENHORES DO ORVALHO

Carolina da Silva Portela

Resumo: Não perceber a natureza na esfera da universalidade, capaz de dar conta do exterior e do interior de cada um, seria negar a nossa própria existência. Nesse sentido, em Torto Arado (2019) e Os Senhores do Orvalho (1944), trazem para o centro da discussão a importância da natureza no contexto das relações humanas e sociais da comunidade fictícia de Água Negra e da pequena Fonds-Rouge, pois, nos leva a compreender a terra a partir de tais questões vivenciadas pelas personagens, mas, para além disso, nos conduz ao cerne de uma estrutura metafórica e telúrica fortemente ligada à mística do candomblé caboclo e do vodun haitiano, fazendo da terra um elemento fundamental na construção da identidade e na constituição dos aspectos da ancestralidade de suas personagens, fomentados a partir do encontro de tradições ao longo da história de um doloroso passado colonial. Nesta proposta de comunicação, tentarei discutir como a metáfora da terra é capaz de atingir uma dimensão sociopolítica se expandindo e extrapolando seu sentido concreto, trazendo para o leitor uma experiência cosmoperceptiva, compreendendo esta como um elemento fundamental na articulação entre ao sofrimento real dos sujeitos excluídos dentro de um processo histórico. Tendo como referência, a importância da inclusão daqueles que antes estavam às margens, o que leva a ficção a sair de seus limites (RANCIÈRE, 2021), como uma subversão da ordem política, a partir da relevância da ordem simbólica (BOURDIEU, 2001); bem como das ideias em torno dos saberes e das tradições preservadas por essas comunidades, entendendo natureza e povo como uma só conjuntura, (FERDINAND, 2022), uma vez que para esses povos, que estão às bordas do mundo, a natureza é elemento familiar que opina sobre suas atitudes e decisões (KRENAK, 2019).

Referências: RANCIÈRE, Jacques. As margens da ficção. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021. BOURDIEU, Pierre. “Estrutura e gênese do campo religioso. In A economia das trocas simbólicas. Editora Perspectiva 1992. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramon (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. CÉSAIRE, Aimé. Discurso Sobre o Colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020.

CORPOS PLURAIS EM MALAMBO (2001), DE LUCÍA CHARÚN-ILLESCAS

Caroline Kirsch Pfeifer

Resumo: No romance Malambo (2001), da escritora afro peruana Lucía Charún-Illescas, o espaço físico que dá título à obra é um corpo polifônico e negro que se estende ao longo do Rio Rimac dentro da cidade de Lima colonial. Este bairro destinado aos negros escravizados, alforriados e aos cimarrones, os negros fugitivos, é o legado africano que luta para sobreviver e se impor em uma Lima vice-reinal através da oralidade, das fábulas, da religião e da memória que se reconstrói através de vozes silenciadas e invisibilizadas. A proposta deste trabalho tem como objetivo, em primeiro lugar, evidenciar as diferentes formas de opressão que escravizaram e monopolizaram os corpos negros que habitaram este espaço físico dentro da narrativa de Charún-Illescas e como determinados corpos e vozes como das personagens Tomazón, Pancha e a voz do próprio Río Hablador que se personifica para narrar e contar as histórias locais, são vozes que questionam a colonialidade de um poder (Quijano, 2007) e de um sistema que monopoliza, escraviza e oprime corpos dissidentes. Em segundo lugar, propõe-se analisar o corpo plural que habita o Malambo, onde um conjunto de personagens, Jaci, Tomasón, Pancha, Vancancio e outros sobrevivem evidenciando aspectos da colonização e da cultura negra em terras peruanas. Ali, no Malambo, fica evidente os corpos ancestrais e os processos transculturais que constituem o imaginário ancestral e polifônico de uma comunidade inca e yorubá que resiste através de suas histórias.

Referências: ABANTO, Katherine. “No somos “No somos una minoría, solo hemos sido invisibilizados” Disponível em: <https://elcomercio.pe/luces/libros/lucia-charun-illescas-novelistas>

afroperuana-no-somos-una-minoria-solo-hemos-sido-invisibilizados-noticia/?ref=ecr. Acesso em janeiro de 2022. CHARÚN-ILLESCAS, Lucía. Malambo. Lima: Planeta, 2022. QUIJANO, Anibal. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y America Latina". Archivo Chile. Documentacion de Historia Politico Social y Movimiento Popular Contemporaneo de Chile y America Latina. CEME Web Productions, 2007. N'GOM, M. "Escribir" la identidad: creación cultural y negritud en el Perú. Lima: Editorial Universitaria de la Universidad Ricardo Palma, 2008. OJEDA, Martha. "Busqueda y negacion del yo en Malambo de Lucia Charun-Illescas". Afro-Hispanic Review, 2004. ORTIZ, Fernando. Contrapunteo cubano del azúcar y el tabaco. Introducción de Bronislaw Malinowski, presentación y Transculturación, pp. 3-97. RAMA, Ángel. Transculturación narrativa en América Latina. México: siglo xxi, 1982. WALSH, Catherine. "Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Entrevista a Walter D. Mignolo". Indisciplinar.

A VIDA OPERÁRIA EMERGIDA NO PROJETO LITERÁRIO JATOBANIANO DA DÉCADA DE 1970

Danieli Tavares

Resumo: A proposta desse trabalho incide na interpretação do projeto literário de Roniwalter Jatobá. As obras Sabor de Química (1976) e Crônicas da vida operária (1978) surgem na década de 1970 em contexto com uma preocupação enunciativa, a de escrever para e sobre os operários. Entender os modos de narrar os contos e a sua operatividade, em contexto com o processo de construção da "personagem-narrativa", faz-se nosso objetivo principal. No jogo de escolhas - de leitores, de missão, de sentidos e de materialidades linguísticas -, consideramos a forma estética a motivação fecunda para o projeto da obra, e mais especificamente, para que o leitor mobilize suas experiências. A realização desse percurso interpretativo efetiva-se com assentamento nos procedimentos de análise semiótica e sintática e nos estudos sobre a construção do discurso e do "ser verbal". Entendemos que o aspecto verbal do texto, numa perspectiva transdisciplinar, é ao mesmo tempo estrutura verbal, à medida que dá forma ao texto, e estrutura afetiva, ao passo que alcança a sua função, a depender do modo como chega ao leitor. Nesse sentido, nossos pressupostos teóricos abrangem o caráter humanizador como uma linha de força da literatura de Roniwalter Jatobá, o aspecto ficcional como reconstrução de um imaginário proletário e as evidências de um lirismo na crueldade como um possível princípio metodológico.

Referências: GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966. JATOBÁ, Roniwalter. *Crônicas da vida operária*. São Paulo: Global Editora, 1978. _____. *Sabor de química: crônicas nordestinas*. São Paulo: Global Editora, 1976.

JORNAIS COM SENHORAS – A INCLUSÃO DOS ESCRITOS

Germana Maria Araújo Sales

Resumo: A história literária requer tradição e passado. Entretanto, sabe-se que a construção dessa herança se deveu, principalmente, aos agentes influentes e seus discípulos, nomeadamente masculinos, cingindo a participação feminina à margem, como pouca visibilidade, privando leitores contemporâneos de parte dessa produção que circulou nos jornais da época, quer fossem unicamente dedicados às senhoras, como também em outras folhas com sessões literárias. Na segunda metade do século XIX, na América Latina, foram diversos os periódicos cujo o objetivo era divulgar a produção feminina ou assuntos dirigidos ao público de mulheres. Entre esses, cito: *Jornal das Senhoras* (RJ) 1852-1855; *La Camelia* (Argentina) 1852; *O Jardim das Damas* (PE) – 1852; *Album de Señoritas* (Argentina) 1854; *La semana: revista noticiosa literaria y científica* (Santiago) 1859-1860; *Jornal das Damas: Álbum Cubano do Bom e do Belo* (Cuba) 1860; *Recreio das Senhoras* (BA), 1868; *O Boulevard: Jornal para senhoras* (BA) 1870; *O Iris: Periodico Bi-Mensal dedicado ao Sexo Feminino* (RN) – 1875; *El Recreo* (Peru) 1876; *La Alborada del Plata* (Argentina) 1877-1878; *Revista de Valparaíso Chile* (1842, 1873 e 1898); entre outros. Assim, este trabalho objetiva responder algumas questões, como: quais as assinaturas femininas em obras publicadas em jornais ou editadas em livros? Quais os temas abordados por escritoras de diferentes nacionalidades? Quais particularidades guardavam esses escritos? Enfim, sabe-se que essas autoras "precisaram dominar as letras e tiveram que ler o que sobre elas se escreveu e rever sua própria socialização", como

também “quebrar com a naturalização da mulher como “anjo do lar”, a mãe e esposa dedicada que servia como lente de aumento para refletir a figura masculina”. (TELLES, 2015, 401-410).

Referências: BARROS; Ana Vitoria. “A voz da mulher no século XIX” In: jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5484&sid=24. Acesso: 15.01.23. FÊNIX; Maria Heloisa Lenz. “A BUENOS AIRES DO FINAL DO SÉCULO XIX: A METRÓPOLE DA BELLE ÉPOQUE ARGENTINA” In: Revista de História e Estudos Culturais Janeiro/ Fevereiro/ Março/ Abril de 2012 Vol. 9 Ano IX nº 1 ISSN: 1807-6971 Disponível em: www.revistafenix.pro.br. MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma Espiada na Imprensa das Mulheres no Século XIX. Revista Estudos Feministas jan-jun/2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFILE/9494/8720> Acesso: 13.01.23 PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 9 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. SCHMIDT, R. T. Decentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. SOUTO; Bárbara Figueiredo. “As mulheres e suas tramas impressas: reflexões para um repensar historiográfico – Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1852-1855” In: DOSSIÊ: HISTÓRIA DAS MULHERES, DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES – VOL. 47, N. 1. TELLES; Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: Mary Del Priore (org.) História das Mulheres no Brasil. Ed. 10a. São Paulo: Contexto, 2015.

VOZES DA RESISTÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS EM ROMANCES DE AUTORAS AFRO-LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS

Isis Milreu

Resumo: Atualmente, observamos que a literatura de autoria feminina está passando por um processo de florescimento, particularmente, na América Latina. Entre outras inovações, muitas escritoras contemporâneas trazem à tona temas diversificados que desvelam aspectos pouco explorados das vivências femininas e constroem distintas representações de mulheres que rompem com os estereótipos que marcaram a dita literatura canônica. Verificamos que estas questões estão presentes em obras de duas autoras negras latino-americanas: Cartas para minha mãe (1997), da cubana Teresa Cárdenas, e Solitária (2022), da brasileira Eliana Alves Cruz. O romance de Cárdenas gira em torno da história de uma garota negra órfã que (re) descobriu sua negritude e conseguiu superar as adversidades através da escrita e de uma rede de apoio. Por sua vez, a narrativa de Cruz apresenta a história de Mabel, uma jovem negra, filha de uma empregada doméstica, que decide ser médica. Constatamos que ambas as ficções dão voz a mulheres tradicionalmente excluídas da sociedade latino-americana e que se tornaram donas de sua própria história. Assim, traçamos como objetivo deste estudo, comparar a caracterização das protagonistas e examinar suas trajetórias de resistência. Entre os nossos referenciais teóricos encontram-se González (1984; 1988), Evaristo (2005; 2020), Figueiredo (2020), Adichie (2019); Almeida (2018), Silva (2018) e Munanga (2020).

Referências: ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. Belo Horizonte: Letramento, 2018. CÁRDENAS, Teresa. Cartas para a Minha Mãe. Rio de Janeiro: Pallas, 2010. CRUZ, Eliana Alves. Solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Revista Palmares, v. 1, p. 52-57, 2005. Disponível: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022. EVARISTO, C. GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella R. Escrivências: a escrita de nós: considerações sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Revista Palmares, v. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022. FIGUEIREDO, E. Por uma crítica feminista. Porto Alegre: Zouk, 2020. GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, São Paulo, 1984. p. 223- 244. GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. MUNANGA, K. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. SILVA, L. R. Decolonizando saberes: conceitos de literatura latino-americana

de autoria negra. In: TETTAMANZY, A. L. L.; SANTOS, C. M. (Orgs.) Lugares de fala, lugares de escrita nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2018.

DISTOPIA NO ROMANCE POLICIAL E FICÇÃO CIENTÍFICA ATUAIS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Lícia Soares de Souza

Resumo: O romance brutal, iniciado por Rubem Fonseca, nos anos 1980, não originou romances policiais ou de ficção científica de fatura apenas denotativa simplificada. Um tipo de romance distópico, que apresenta conexão com os dilemas sociopolíticos do mundo contemporâneo, projeta seus efeitos em um futuro próximo desestabilizado. Ele exacerba os abusos de poder de um Sistema (Habermas), cuja pressão irresistível das macrotendências autoritárias sintetiza claramente a decadência moral e material de uma sociedade. Para além de todas as determinações do mundo vivido, o romance distópico exibe um contexto narrativo pronto a explorar o autoritarismo sintonizado com uma espécie de automatismo coletivo, beirando o estado de estupidez, cujos pessimistas se desdobram no campo semântico da violência banalizada e generalizada. Muitas obras classificadas como narrativa distópica tornaram-se produtos literários e cinematográficos de fatura artística, inscritos em uma estética do "admirável" (SANTAELLA) com alto grau conotativo e polissêmico. O romance "A Corte Infiltrada" (2017), entre outras, de Andréa Nunes é classificado como um "thriller". Entretanto não é a fatura política que interessa ao nosso enfoque, mas o fato de as obras lidarem com o mundo vivido (Habermas) do crime organizado relacionado com o Sistema representado por poderes científicos e judiciários. Esse romance se enquadra em um conjunto de sinalizações distópicas, e inaugura elementos temáticos para a criação inovadora de uma forma de policial e de ficção científica brasileiro.

Referências: HABERMAS, J., Pensamento Pós-metafísico, Rio de Janeiro Estudos filosóficos, 1990. NUNES, ANDRÉA, A Corte Infiltrada, São Paulo, BUZZ, 2011. SOUZA, Lícia, Pragmática Pós-metafísica, Curitiba, A Ed. Appris, 2020.

DIÁSPORAS E NACIONALISMOS: A LEITURA E A REESCRITURA DA EXCLUSÃO E DA VIOLÊNCIA EM "ARQUIVO DAS CRIANÇAS PERDIDAS", DE VALERIA LUISELLI

Lilian Monteiro de Castro, Juliano De Almeida Pirajá

Resumo: O romance Arquivo das crianças perdidas (2019), da escritora mexicana Valeria Luiselli, narra a formação de uma família mista a partir de um projeto de documentação da paisagem sonora de Nova Iorque – onde o casal documenta a diversidade linguística daquela cidade – e, seu fim também finda o casamento, pois marido e mulher têm projetos, mas que têm o mesmo ponto de origem: a fronteira com o México. Em sua última viagem de família, a narradora, uma documentarista de origem hispânica, investiga detenções de crianças migrantes desacompanhadas, seu marido procura pelos ecos do genocídio apache, enquanto seus filhos percebem os dois casos como um único ato de violência, nomeando tanto as crianças migrantes quanto as apaches dizimadas como "crianças perdidas". A comparação que Luiselli faz entre os Estados Unidos governados por Donald Trump e a Itália sob a ditadura fascista de Benito Mussolini torna-se clara quando a narradora faz referência direta ao romance Léxico familiar (1963) da escritora italiana Natalia Ginzburg que, juntamente com toda a sua família de origem judaica, testemunhou a ascensão de Mussolini, resistindo ao seu regime e dele tornando-se vítimas. Além disso, Luiselli amplia o léxico de Ginzburg em uma "gramática familiar", expandindo as categorias linguísticas e expondo a complexificação das relações humanas e as tensões geopolíticas da contemporaneidade. Com base na comparação entre os romances acima citados, esta proposta tem por objetivo investigar como Luiselli reescreve os discursos e práticas nacionalistas/fascistas descritas no romance de Ginzburg em contexto americano, bem como a exclusão e marginalização dos diaspóricos centro e sul-americanos, utilizando como aporte teórico As margens da ficção (2021), de Jacques Rancière; Saber Sobreviver (2015) e Escrever Entre Mundos (2018), de Otmar Ette; Remontagens do tempo sofrido (2018), de Georges Didi-Huberman; e os ensaios de Natalia Ginzburg em Pequenas virtudes (2020) e Não me pergunte jamais (2022).

Referências: DIDI-HUBERMAN, Georges. Remontagens do tempo sofrido. Trad. Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. ETTE, Otmar. SaberSobreViver. Vários tradutores. Curitiba: Editora UFPR, 2015. ETTE, Otmar. EscreverEntreMundos. Trad. Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Editora UFPR, 2018. GUINZBURG, Natalia. Léxico familiar. Trad. Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. GUINZBURG, Natalia. Pequenas virtudes. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. GUINZBURG, Natalia. Não me pergunte jamais. Trad. Julia Scamparini. Belo Horizonte: Âyiné, 2022. LUISELLI, Valeria. Arquivo das crianças perdidas. Trad. Renato Marques. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019. RANCIÈRE, Jacques. As margens da ficção. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.

FICÇÃO E TESTEMUNHO EM CONTOS PERUANOS DO PÓS CONFLITO ARMADO

Livia Reis

Resumo: Durante cerca de duas décadas, entre os anos 1980 e 2000, o Peru, país andino, vizinho ao Brasil, viveu um conflito armado, também chamado de guerra interna, resultado de políticas equivocadas, que impuseram um regime de violência e terror que amedrontou, estuprou e matou, milhares de pessoas, em sua maioria mulheres indígenas, camponeses e andinos pobres em geral. A antologia de contos “Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el horror”, organizado pela advogada Ana Maria Vidal Carrasco, através da ficção produzida por sete narradoras peruanas da atualidade, coloca em foco histórias, escutadas e/ou inspiradas nos relatos ouvidos na Comissão da Verdade e reparação (CVR), criada para apurar e reparar os crimes cometidos no período. Os contos presentes na obra coletiva são narrativas de ficção, criações literárias, produzidas a partir de relatos testemunhais e ou reais. As histórias, quase sempre trágicas, podem ser contadas tanto a partir do ponto de vista de agentes da violência ou de homens, mulheres e crianças que sobreviveram a ela. Os relatos podem ser brutais como foi o período vivido pelo país, no qual os agentes do terror tanto podiam ser das forças armadas como de grupos guerrilheiros como o Sendero Luminoso, cuja violência e violação de direitos humanos foi uma sistemática. Este ensaio propõe ler alguns dos 7 contos da coletânea e partir do questionamento presente na literatura de testemunho, de que é necessário contar para superar o trauma para que a barbárie não se repita.

Referências: Carrasco, Ana Maria Vidal. (ORG) Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror. Lima: Cocodrillo Ediciones, 2015 Ferreira, Rocio. Cuentos del póstconflicto peruano: entre el dolor y la esperanza. El fin de la batalla. El cuento hispanoamericano del sigloXXI. Augustin Pado Alvarado(coordinador) América sin nombre, 22 (2017) <http://dx.doi.org/10.14198AMESN.2017.221.01>

AS MARGENS DA FICÇÃO: CRIAÇÃO LITERÁRIA E REPRESENTAÇÃO DE AUTÓCTONES EM ERIC PLAMONDON

Luciana Wrege Rassier

Resumo: Em seus estudos sobre culturas minoritárias, François Paré sublinha que o olhar indiferente dos opressores e a interiorização de uma suposta inferioridade leva à ocultação dos dominados (PARÉ, 1994). Já Achugar (2006) destaca que ouvir o discurso confiscado dos marginalizados e periféricos, a quem é permitido apenas “balbuciar”, é essencial para a compreensão das Américas Latinas. Esse discurso silenciado têm sido objeto de obras da literatura contemporânea que põem em cena personagens anônimos e seu cotidiano (RANCIÈRE, 2021). É o caso do romance Taqawan, no qual o escritor quebequense Éric Plamondon parte de um fato histórico para abordar a violência perpetrada contra os povos originários. Trata-se do episódio conhecido como a guerra do salmão da região Côte-Nord, durante a qual, em junho de 1981, forças da ordem invadem a reserva de Rastigouche para confiscar as redes de pesca do povo mi'gmac. Sucesso de vendas e de crítica, o romance, publicado no Canadá em 2017 e na França no ano seguinte, foi consagrado por prêmios como o Prix France-Québec, o Prix des Lecteurs du Livre de Poche, Prix des chroniqueurs 2018 - Toulouse Polars du Sud e o prêmio Honneur 2018 de la Cause littéraire, entre outros. No presente trabalho analiso tanto a representação dos autóctones e sua cultura quanto os mecanismos de criação literária que tensionam as fronteiras entre o ficcional e o real em Taqawan.

Referências: ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. PARÉ, François. Théories de la fragilité. Ottawa: Le Nordir, 1994. PLAMONDON, Eric. Taqawan. Paris: Le livre de poche, 2019. RANCIÈRE, Jacques. As margens da ficção. São Paulo: Editora 34, 2021.

ESPAÇO DEMARCADO EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Mairylande Nascimento Cavalcante Ferreira, Tatiane da Conceição Marques Silva

Resumo: A desigualdade social atravessa a sociedade brasileira na sua ligação com os territórios que passam a ser hierarquizados por meio da lógica colonial. Esta lógica revela um cenário socioespacial com nítida deficiência na distribuição de renda, gerando sérias dificuldades aos sujeitos subalternos que vivem em condições mínimas de dignidade e cidadania, assim, descortinando inúmeras colonialidades. Sobre isso, o pesquisador Joaze Bernardino-Costa (2002) busca compreender os aspectos que circundam o caráter valorativo do brasileiro, constatando-se que a renda familiar, a posição social na divisão do trabalho e o nível de escolaridade são fatores que dividem as camadas sociais em classe média e classe baixa. Nesse sentido, verifica-se que os espaços (físicos e subjetivos) possuem linhas demarcatórias determinantes para a posição do sujeito no espaço que habita. Diante disso, delineou-se os seguintes objetivos: compreender como o espaço da cidade descrito por Carolina Maria de Jesus em Quarto de Despejo evidencia o espaço dividido de São Paulo; salientar como o funcionamento das engrenagens da modernidade colonial exclui os sujeitos racializados da malha urbana; e, por fim, analisar a condição da mulher negra na modernidade/colonial. A pesquisa em questão é de cunho bibliográfico tendo como referencial teórico: Lélia Gonzalez (2020), Maria Lugones (2014), Sueli Carneiro (2021) e Milton Santos (1979; 2005; 2013). Ademais, infere-se que no diário de Carolina a cidade se divide e não comporta os seres que são postos à margem. A mulher negra, dentro desse cenário, sofre a segregação racial e a hierarquização de gênero, que adensa o seu empobrecimento.

Referências: BERNARDINO-COSTA, Joaze. Ação afirmativa e rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3xQ6wKrtF8nn4vWy3wprpp/abstract/?lang=pt>. Acesso em 14 mar. 2022. CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020. LUGONES, María. “Rumo a um feminismo descolonial”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 4 jul. 2022. JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2004. SANTOS, Milton. Espaço e sociedade: ensaios. Petrópolis: vozes, 1979. SANTOS, Milton. O retorno do território. Observatório Social de América Latina. v. 6, n. 16, p. 251-61, 2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022. SANTOS, Milton. Pobreza Urbana. 3 ed., 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

TRANSFLORESCEM NAS BATALHAS POÉTICAS DO SLAM DAS MINAS RJ

Marina Ivo De Araujo Lima

Resumo: Criado no Distrito Federal pela poeta e pensadora Tatiana Nascimento, o Slam das Minas é uma batalha poética que inicialmente tinha como objetivo principal criar um espaço para mulheres performarem poemas que tematizavam questões que atravessavam as suas vivências: o amor entre mulheres, abusos, assédios, estupros, gordofobia, entre outros. Quando fundaram o Slam das Minas RJ em 2017, Tom Grito e Lian Tai decidiram incluir e convidar pessoas não binárias e trans – mulheres ou homens – para participarem. Isso ocorre no contexto político pós-golpe da presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, quando a população LGBTQIA+ eram o principal alvo do movimento reacionário que tomava conta do legislativo desde 2015. Tom Grito já se entendia como pessoa não binária desde o início do Slam das Minas RJ. O poeta conta que, em um primeiro

momento, essas pessoas não apareceram. Isso ocorrerá à medida que ele próprio for assumindo sua transgeneridade, demarcando a representatividade de pessoas trans nesse espaço. No primeiro ano, mulheres pretas – em sua maioria lésbicas – foram vencedoras das batalhas. A partir das reflexões da pensadora estadunidense Judith Butler, em “Corpos em Aliança e a política das ruas”, sobre como algumas manifestações da urbe colocam corpos em luta pelo próprio direito de “viver e persistir, até mesmo a florescer”, este trabalho pretende investigar o percurso traçado pelo Slam das Minas RJ para se tornar um espaço de criação inclusivo para poetas trans e não binárias. Entre as questões que se levantam: qual a importância desse espaço para esses poetas e de que tratam os seus poemas. **Referências:** BUTLER, Judith. Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da Assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

REPRESENTAÇÕES DO PÁRIA EM CARMEN DA SILVA E PATRÍCIA GALVÃO

Maristela Rodrigues Lopes

Resumo: Propõe-se com este trabalho refletir sobre as representações do pária em obras de Carmen da Silva e Patrícia Galvão, autoras que, segundo Eurídice Figueiredo em Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras (2020), ainda se encontram à margem do cânone. O entendimento do conceito de pária baseia-se, principalmente, no estudo de Eleni Varikas, autora de A escória do mundo: figuras do pária (2014), em que a pesquisadora concebe essa figura de forma metafórica e discorre sobre sua inserção na cultura e no vocabulário político do Ocidente. A referida categoria pode aludir, por exemplo, aos indivíduos excluídos socialmente por diferentes fatores, tais como classe, raça e gênero, o que acaba por revelar as contradições da modernidade ocidental. As principais obras literárias sobre as quais se procederá a análise são os romances Parque industrial (GALVÃO, 1933) e Fuga em setembro (SILVA, 1973), em que se constata personagens que, de alguma forma, estão à margem da sociedade e cuja atuação nas narrativas cria condições para se refletir sobre a importância da literatura no contexto da América, em especial da América Latina. Assim, espera-se com este estudo contribuir não só para a visibilidade da produção literária das escritoras supracitadas, mas também para o entendimento de que o campo literário brasileiro precisa ser mais plural, assim como verifica Regina Dalcastagnè em Literatura brasileira contemporânea: um território contestado (2012).

Referências: DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012. FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020. GALVÃO, Patrícia (Mara Lobo). Parque Industrial: romance proletário. São Paulo: Editorial Linha a Linha, 2018. SILVA, Carmen da. Fuga em setembro. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. VARIKAS, Eleni. A escória do mundo: figuras do pária. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DITADURA, EXÍLIO E DOENÇA: CONVERGÊNCIAS POÉTICAS ENTRE CAIO FERNANDO ABREU E REINALDO ARENAS

Milena Mulatti Magri

Resumo: Caio Fernando Abreu rememora a vida e a obra de Reinaldo Arenas em duas crônicas publicadas originalmente no jornal O Estado de São Paulo e posteriormente recolhidas em Pequenas epifanias. Nesta ocasião, o escritor brasileiro já se sabia soropositivo e, ao repensar o seu próprio lugar de escritor a partir da experiência da doença e da proximidade da morte, ele próprio procura apontar para possíveis convergências poéticas e também biográficas com o escritor cubano. Entretanto, para além da tragédia pessoal que ambos experimentaram por meio do adoecimento por HIV e Aids, os dois escritores viveram sob regimes ditatoriais e tiveram que lidar com diferentes estratégias para repensar a sua escrita literária – em especial no caso de Arenas, que lidava com a censura e a perseguição do governo castrista que inviabilizava sua atividade literária em seu país, tantas vezes referido por Arenas por meio da imagem da “ilha prisão”. O desejo de viver livremente tanto sua sexualidade quanto sua vida literária leva os dois escritores a vivenciarem o exílio: Caio Fernando Abreu se refugia da perseguição da ditadura militar em Londres e Reinaldo Arenas, após

várias tentativas para escapar da ilha, consegue autorização para deixar o país, quando passa a viver nos Estados Unidos. Algumas passagens desse período vivenciado por Abreu compõem os fragmentos do conto “Lixo e purpurina”, publicado em *Ovelhas negras*, o último livro organizado em vida pelo escritor. Em paralelo, todo o esforço de sobrevivência de Arenas está relatado em sua autobiografia, *Antes que anoiteça*, que também foi organizada quando o escritor cubano já se sabia doente e disposto a dar fim à própria vida. Propomos analisar as diferentes representações do exílio que são elaboradas pelos dois escritores latino-americanos e de que maneira elas permitem pensar a relação com a doença e, também, com a literatura.

Referências: ABREU, Caio Fernando. *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Agir: 2006. _____. *Lixo e purpurina*. In: _____. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 97-126. ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO E AS LIÇÕES DAS ESCRITAS ESQUECIDAS

Rita De Cássia Silva Dionísio Santos

Resumo: Alexina de Magalhães Pinto (São João del Rei-MG, 1869; Petrópolis-RJ, 1921) é considerada uma das principais educadoras brasileiras do entresséculos XIX/XX a se contrapor a métodos anacrônicos de ensino nas escolas e a se envolver na produção de uma literatura para crianças e jovens (inclusive, propondo, em 1907, um “Esboço provisório de uma bibliotheca infantil”). Em viagens por diversas regiões, a autora pesquisou, identificou, recolheu e organizou narrativas, provérbios, máximas e cantigas populares que, para ela, expressavam uma moderna identidade brasileira, para serem adotadas nas escolas. Não obstante a sua notabilidade no cenário intelectual daquela época, a escritora foi sendo, aos poucos, esquecida, de modo que, atualmente, tem-se identificado, até mesmo em importantes trabalhos de historiografia literária, incoerências e/ou inconsistências no que diz respeito às datas de seu nascimento e morte, aos títulos de suas obras e à autoria de ilustrações de seus livros. Esta comunicação pretende, a partir de informações constantes em arquivos (certidões de cartórios e dioceses, revistas antigas, etc) e em paratextos de livros da autora, esclarecer algumas dessas lacunas. Como corpus, consideram-se também os paratextos dos livros *Provérbios Populares*, *Maximas e Observações Usuaes* (1917), *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares* (1916) e *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* (1907), de Alexina Pinto. Quanto aos aspectos metodológicos, esta proposta tem caráter analítico de concepção dialética, fundamentada no referencial sobre a biografia de Alexina de Magalhães Pinto e, também, em estudos referentes a arquivos literários e à crítica biográfica (Constância Lima Duarte, Jacques Derrida, Eneida Maria de Souza, etc.). Acredita-se que este trabalho possa contribuir para se desanuviar aspectos da história cultural de mulheres escritoras, apontando a potência de seus escritos em sua inegável contribuição para a cultura e para a literatura, colaborando, por conseguinte, para salvar do “memorícídio feminino” tão relevante escritora.

Referências: DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. (Trad. Cláudia de Moraes Rego.) Rio de Janeiro: Delume Dumará, 2001. DUARTE, Constância Lima. *Memorial do memorícídio*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>> Acesso em: fev. 2021. DUARTE, Constância Lima. “Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX”. In: DUARTE, Constância Lima; BEZERRA, Kátia da Costa. (Org.). *Gênero e Representação: Teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras/Estudos Literários/UFGM, 2002. DUARTE, Constância Lima. *História da literatura feminina: nos bastidores da construção de gênero* (p. 211-316). In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (Org.) *Poéticas da Diversidade*. Belo Horizonte: UFGM/FALE 2002. LEVIN, Orna Messer. *Entrevista à Professora Doutora Constância Lima Duarte*. *SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN*, Faculdade de Formação de Professores da UERJ. N. 40 (jul.-dez. 2020). Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/54155/34922>> Acesso em: 11 mai. 2022. MUZART, Zahidé Lupinacci. *Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar*. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre:

Mercado Aberto, 2003. PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007. PRIORE, Mary del. (Org.) História das mulheres no Brasil. Carla Bassanezi (Coord. de textos). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. PRIORE, Mary del. A mulher na história do Brasil. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção repensando a história.) SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio. Alexina de Magalhães Pinto. In: DUARTE, Constância Lima. Memorial do memoricídio. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. p. 123-131. SOUZA, Eneida Maria de. "Crítica genética e crítica biográfica". Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29, out./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/8549/6063>> Acesso em: 15 jun. 2022. SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. Literatura infantojuvenil. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Out. 2007. Disponível em: <<http://bibliotecapublica.mg.gov.br/pt-br/suplemento-litelario/edicoes-suplemento-literarios/2007-1/65--65/file>> Acesso em: 15 jun. 2022. TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. (Org.) História das mulheres no Brasil. Carla Bassanezi (Coord. de textos). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

O RESGATE DE UMA VIDA EXCLUÍDA NA OBRA "VOLTAR PARA CASA DE TONI MORRISON"

Samara Leal Barroso

Resumo: O objetivo deste artigo é visibilizar a condição de existência de uma mulher negra, "Ycidra", personagem fragilizada, conforme é apresentada, segundo a perspectiva da narrativa, referendada pela autora Toni Morrison em sua obra "Voltar para casa", uma vez que esta personagem passa por inúmeras situações dolorosas, constrangedoras, conflituosas e até humilhantes, impostas por figuras opressoras que a qualquer custo a faziam lembrar ou tentar conscientizá-la de sua condição de subalterna, incapaz e invisibilizada com o intuito de torná-la apenas mais uma vida excluída do seio da sociedade, por não dispor de características físicas e atributos considerados como o padrão desejável pela sociedade elitista. É notório que Ycidra a fim de alcançar autonomia enquanto ser humano, toma posse de si mesma, reconhece que embora sua condição fosse de mulher negra, deveria receber o reconhecimento de ser vista como uma mulher digna de respeito, uma vez que o tom de pele, não deveria ser o prenúncio para outorgar se uma vida é ou não valiosa, se deve ou não ser respeitada, se pode ou não ocupar determinados espaços, se será ou não digna de merecer ou conquistar o afeto e apreço das pessoas. É bem verdade que Ycidra precisou passar por situações de extrema tensão, dor, medo, sofrimento, dúvidas e diversas inquietações, para poder ter consciência de sua condição de vida e lutar veementemente por sua liberdade, respeito, aceitação e sobretudo, nutrir um amor próprio capaz de salvar a si mesma, sem esperar que os demais o fizessem, uma vez que apenas ela deveria ter tal tomada de consciência, pois os demais não teriam esta obrigação de salvá-la da condição hostil em que sobrevivia, pois cada ser é responsável por seus próprios caminhos e escolhas, e só o próprio indivíduo poderá compreender que é dono e capaz de gerir sua própria liberdade.

Referências: DAVIS, A. Mulheres, Raça e Classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. DUBOIS, W.E.B. As almas da gente negra. Tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes. – Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999. 323 p. ISBN 85-7384-051-X SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. MORRISON, Toni. Voltar para casa. Editora Companhia das Letras, 2016.

LEILA GUERREIRO: REGISTROS DA CULTURA POPULAR E DA POBREZA NA CRÔNICA ARGENTINA

Silvia Cárcamo

Resumo: A crônica configurou-se como um gênero propício para registrar, a partir da visão singular do escritor-cronista, cenas da vida social e do cotidiano popular, introduzindo na escrita vozes geralmente ignoradas pela cultura letrada. Nessa tradição do gênero estudada por críticos como Susana. Zanetti, Carlos Monsiváis, Jesús Martín-Barbero e Susana. Rotker, nos detemos nos relatos de Leila Guerriero. As crônicas da mencionada escritora, situadas entre o jornalismo e a literatura, entre a narração de fatos reais e a ficção, trazem para o interior da narrativa questões centrais da

contemporaneidade em que confluem questões das ordens dos planos da ética e da estética: como representar e introduzir as vozes populares, como dar conta das vidas e das ações das personagens dos setores pertencentes a um mundo social que não é o próprio dos escritores, sem que essa distância reafirme prejuízos e interpretações negativas sobre o Outro social? No contexto atual da América Latina o estudo das escritas de crônicas como as de Leila Guerriero requer prestar atenção as poéticas dos novos realismos e ao mesmo tempo considerar os procedimentos de autofiguração do escritor cronista e a legitimidade da ficção no registro do real. Levamos em conta os estudos de M. Bakhtin, C. Ginzburg e R. Schwarz e de W. Benjamin.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. (Trad. Yara Franteschi Vieira) São Paulo: Hucitec, 1987. "-----". Questões de literatura e de estética. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1988 BENJAMIN, Walter. "Experiência e pobreza" In: OBRAS ESCOLHIDAS. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. CÁMARA, Mario. Nuevos territorios: vida, literatura y subjetivación. Revista Iberoamericana. Pittsburgh, Año 2017. Vol. LXXXX. P. 801-813. Schwarz, Roberto (Org.) Os pobres na literatura brasileira.

COMO AS TECNOLOGIAS PODEM NOS AJUDAR A ENCONTRAR NOVOS PARADIGMAS DE PESQUISA? UMA ANÁLISE SISTEMÁTICA DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES POR UMA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA

Virgínea Novack Santos da Rocha

Resumo: Focalizado na questão do gênero, mas sem deixar de considerar as intersecções que o conceito abarca (sexualidade, raça, etnicidade, classe, etc), essa comunicação tem como objetivo lançar um olhar sobre a produção de mulheres nos últimos 200 anos de História literária brasileira. A opção por esse amplo recorte temporal justifica-se a partir das contribuições de Antonio Candido acerca da ideia de sistema literário brasileiro, ou seja, nas suas percepções a partir desse momento fundacional de uma determinada ideia de Brasil que ao mesmo tempo ignora, em certo sentido, o processo colonial, e apaga a diversidade de sujeitos históricos produtores de literatura (sobretudo as mulheres). A partir dessa percepção e de uma análise quantitativa da obra magna do autor, A formação da literatura brasileira, buscamos diálogo com dois intelectuais latino-americanos, Aníbal Quijano, "Colonialidade do poder", e Maria Lugones, "sistema colonial/moderno de gênero", como uma forma de ampliação do conceito de sistema literário para que este ele ilumine contemporaneamente, por meio de uma revisão histórica, a diversidade de produtores literários desde seu momento "fundacional" ao presente. Nesse sentido, a partir dessas reflexões, o que se objetiva aqui é apresentar alguns resultados preliminares de conclusões possíveis sobre a escrita de mulheres no contexto da literatura brasileira por um perspectiva latino-americana utilizando uma metodologia de Data Analysis a partir de um Database construído por múltiplas fontes não digitais, como resultado de um período sanduiche na University of Miami (11/2022 – 04/2023).

Referências: CANDIDO, Antonio, Formação da literatura brasileira: momentos fundadores, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009. LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. QUIJANO, Aníbal. Cuestiones y horizontes: antología esencial de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. In CLÍMACO, Danilo Assis (Selección y prólogo). Buenos Aires: CLACSO, 2014.

EXCLUSÕES E REPRESENTAÇÕES EM TEXTOS CONTEMPORÂNEOS DAS LITERATURAS DAS AMÉRICAS

Zilá Bernd

Resumo: A comunicação salienta, em textos de autores brasileiros contemporâneos, como Jeferson Tenório (Estela sem Deus, 2018) e Micheline Verunschik (O som do rugido da onça, 2021) e da autora haitiana Emmelie Prophète (Le testament des solitudes, 2013), os procedimentos de invisibilização de comunidades negras, indígenas e as que se encontram em situação de vulnerabilidade,

destacando a grande motivação dos autores de repor tais ausências, representificando o que foi deletado ao longo de décadas. Entre os autores que dão sustentação teórica ao trabalho encontram-se Aleida Assmann, Fernando Catroga, Patrick Chamoiseau e Edouard Glissant. As bases teóricas se estruturam a partir do que poderíamos chamar de POética da Ausência, com ênfase para o destaque de textos das literaturas interamericanas que se inspiram na recuperação de linguagens esquecidas e de identidades suprimidas, incluindo-se comunidades escravas, indígenas e em situação de vulnerabilidade. A proposta desse paper é a de ilustrar através de 3 obras literárias atuais, produzidas no contexto das Américas os processos de opacificação e apagamento de tais comunidades assim como a intenção dos autores de recuperar as marcas, os vestígios do que sobrou desses sucessivos processos de apagamento. Através da representificação de tais personagens e suas histórias, a literatura exerce a importante tarefa de dar visibilidade ao que ficara esquecido por anos e até séculos.

Referências: ASSMANN, Aleida. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011. BERND, Zilá. Inventário de ausências. Porto Alegre: editora ZOUK, 2022. CATROGA, Fernando. Os passos do homem como restolho do mundo. Coimbra: Almedina, 2009. CHAMOISEAU, Patrick. La matière de l'absence: Paris: Seuil, 2016. GLISSANT, Edouard. Poétique de la relation. Paris: Galimard, 1990.

SIMPÓSIO "FABULAR CRITICAMENTE O BRASIL: INVENÇÃO E CONTRAÇÃO NAS ESTÉTICAS NEGRAS CONTEMPORÂNEAS"

Assunção de Maria Sousa e Silva (UFPI) e Fabiana Carneiro da Silva (UFPB)

VOLTA AOS "JARDINS DE NOSSAS MÃES": A FABULAÇÃO CRÍTICA NA CRIAÇÃO DE UM RETRATO PARA ESPERANÇA GARCIA.

Andreia Marreiro Barbosa, Juliana de Andrade Marreiros

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir como a criação de um retrato para Esperança Garcia, sujeita histórica invisibilizada, pode se mostrar como uma fabulação crítica a partir do rompimento das máscaras de silenciamento (KILOMBA, 2019) e construção de exercícios de imaginação (HARTMAN, 2020) nas lutas por direitos humanos na contemporaneidade. O que se sabe sobre Esperança consta no documento encontrado no arquivo público do Piauí, em 1970, pelo historiador Luiz Mott. Mulher negra em situação de escravidão, ela escreve uma petição a uma autoridade colonial narrando as situações de violências vividas e requer dignidade para si, seus filhos e companheiras, em seis de setembro de mil setecentos e setenta, no interior do Piauí (MOTT, 2010). O documento desperta uma necessidade de elaboração do rosto desta mulher, cuja agência criativa inspira movimentos coletivos por dignidade. Assim, em dois mil e quinze, encomendamos um retrato para Esperança Garcia à ilustradora Valentina Fraiz como uma prática imaginativa humanizadora, com o objetivo de reivindicar o direito à memória, apostando na criação de uma imagem capaz de produzir identificação e inspiração nas lutas do presente contra o racismo e o sexismo (KILOMBA, 2019). Em dois mil e dezessete, ela foi reconhecida como primeira advogada piauiense, a partir da tese e do requerimento realizado por pesquisadores/as e advogados/as da Comissão da Verdade da Escravidão Negra, da Ordem dos/as Advogados/as (OAB) do Brasil, seção Piauí (SOUSA, 2017). Em dois mil e vinte e dois, o Conselho Federal da OAB fez o reconhecimento como primeira advogada brasileira. A centelha criativa em Esperança Garcia de resistir à escravidão a partir dos instrumentos disponíveis (SOUSA, 2021) lança sementes e cria as possibilidades de hoje, nós, educadoras e defensoras de direitos humanos, cultivarmos seu jardim ancestral (WALKER, 2021).

Referências: HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista ECO-Pós 23.3, 2020. KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. MOTT, Luiz. Piauí colonial: população, economia e sociedade. 2 ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010. SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. Vivências constituintes: sujeitos desconstitucionalizados. Teresina: Avant Garde, 2021. SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de [et al.].

Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito. Teresina: EDUFPI, 2017.
WALKER, Alice. Em busca dos jardins das nossas mães: prosa mulherista. Trad. Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

O FIO BORDADO DA ESCRIVIVÊNCIA: A PALAVRA-GESTO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Blenda Souto Maior Belém

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar como o conceito de escrevivência, elaborado pela escritora Conceição Evaristo, pode ser compreendido também como episteme do corpo, através do gesto. Pretende-se apresentar investigações tecidas sobre romance Ponciá Vicêncio (2003), a partir da gestualidade da protagonista com a arte da cerâmica com barro e a técnica manual do bordado à mão, com a minha experiência pessoal e profissional com o projeto de mediação de literatura “Ponto em Verso”, desenvolvido em instituições culturais e bibliotecas de São Paulo desde 2019. A escrevivência, como metodologia de escrita gestualizada, utilizada nas mediações dos textos literários de autoria negra feminina com grupos participantes do projeto, atua como espaço compartilhado de fala, escuta e acolhimento. Auxilia nos processos de elaboração sobre o passado, bem como nas possibilidades de caminhos de imaginação, pessoais e coletivas, do presente e futuro através da palavra escrita, falada e bordada, do corpo e do gesto. O aparato teórico que auxilia as reflexões acerca da elaboração do passado a partir de aspectos específicos da experiência de raça e gênero na ficção evaristiana inclui, a aproximação entre os conceitos de escrevivência, de Conceição Evaristo e fabulação crítica, de Saidiya Hartman. Assim como os conceitos de Oralitura, Tempo Espiral e Ancestralidade, sob a ótica de Leda Maria Martins, nos auxilia a compreender como o conhecimento que se inscreve no corpo se configura como uma ferramenta com várias outras possibilidades de narrativas sobre a experiência negra no passado, presente e futuro, que se constituem como o direito pleno à imaginação.

Referências: DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. Terra roxa e outras terras: Revista de estudos literários, Londrina, v. 17, n. 1, dez, 2009. Acesso em: 2022-08-19. _____. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. Rev. Estud. Fem. v. 14, n. 1, Florianópolis, jan./abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100017 Acesso em: 18 out. 2022. DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (org). Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Editora Idea, 2016. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (ORG.). Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Rio de Janeiro: Malê, 2020. _____. Histórias de leves enganos e parecenças. Rio de Janeiro: Malê, 2017. _____. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. Revista Palmares, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021. _____. Da Grafia-Desenho De Minha Mãe, Um Dos Lugares De Nascimento De Minha Escrita. In: Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. _____. Da Construção De Becos. In: Becos da Memória. Belo Horizonte: Mazza, 2005c. _____. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003. HARTMAN, Saidiya. Venus em dois atos, In: Pensamento Negro Radical. São Paulo: Crocodilo ; N-1 edições, 2021. _____. Perder a mãe: uma trajetória pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021 MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. _____. A fina lâmina da palavra. In: Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Organização de Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca. 1ª Reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPIR, 2014, vol. IV, História, teoria, polêmica. _____. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Revista Letras n. 26. Universidade Federal de Santa Maria, 2003. MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia,

Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-26062019-113147. Acesso em: 2022-05-31.

ESCREVIVÊNCIA E FABULAÇÃO CRÍTICA NA LITERATURA E OUTRAS ARTES

Calila Das Mercês

Resumo: Considerando o conceito de escrevivência, alcunhado por Conceição Evaristo, assim como o de fabulação crítica da Saidiya Hartman, como estratégias de expansões na criação literária e em outras expressões textuais e artísticas como ensaios, pinturas e dramaturgia, por exemplo, o objetivo desta caminhada circular é compreender os contornos, manejos e possíveis encontros entre estes pensamentos com obras de artistas negras contemporâneas. Aqui trançar pensamentos – com quem compreende de dentro, com quem corporalmente vivencia em alguma medida os efeitos contrastantes, pungentes e transgressores da diáspora negra, e assume a marcação étnico-racial na vida e nos trabalhos desenvolvidos – não é somente necessário, como também político e ético se considerarmos a literatura e artes contemporâneas como espaços que fortalecem na formação, na ampliação de imaginários, e refletem a nossa sociedade, logo deveriam estar sempre conectadas com a pluralidade existente. Para este movimento, considerando a categoria-conceito de amefricanidade de Lélia Gonzalez, proponho diálogos também com Beatriz Nascimento, sobre as noções de corpo-mapa, com Lêda Maria Martins, com suas reflexões sobre oralitura e tempo espiralar, e realizaremos trocas com as artistas Larissa de Souza, com seu conjunto de pinturas intituladas “Pertencimento” (2020), e Aline Motta, com o livro de poesias “A água é uma máquina do tempo” (2022). A ideia é que nesta roda possamos, remapear, ou seja, extrapolar a ideia de escalas reduzidas nesta caminhada que segue em curso.

Referências: CARRASCOSA, Denise. (Org.) Traduzindo o Atlântico negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017. CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. _____. Quem tem medo da palavra negro. Org. KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. In: O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Org.). Escrevivências: identidade gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea, 2016. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. _____. Conceição Evaristo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>>. Acesso em: 25 de Mar. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7 _____. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005, pp. 52-54. _____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul./dez. 2009. _____. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010. _____. "Não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário", diz Conceição Evaristo sobre escritoras negras. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao>>. Acesso em 08/04/ 2018. GLISSANT, Édouard. Poética da relação. Trad. Marcela Vieira; Eduardo J. Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021 GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: UCPA, 2018. HARTMAN, Saidiya. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. _____. Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. trad. Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022. MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o reino do Rosário no Jatobá. Belo Horizonte: Mazza, 1997. _____. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. Letras: Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, Santa Maria, n. 26, UFSM, jun. 2003. _____. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). Performance, exílio, fronteiras,

errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Poslit, FALE/UFGM, 2002. MERCÊS, Calila. Calila das Mercês Oliveira. Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea. 2021. 220 f., il. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2021. MIRANDA, Fernanda. Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2019. MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora [recurso eletrônico]: carta às que vivem e vibram apesar do Brasil / Jota Mombaça. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: UCPA/Editora Filhos da África, 2018. PAULINO, Rosana. Imagens de Sombra. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: R. Paulino, 2011. _____. Rosana Paulino: Artista visual, pesquisadora e educadora. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br/>>. Acesso em 20 de abril de 2018. RAMOSE, Magobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011. RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006. SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In: OLIVEIRA NETO, G. de; CHIARELLI, S. (Org.). Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCT, 2015. SCEGO, Igiaba. Minha casa é onde estou. Tradução: Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.

DOS PÉS ESCUROS QUE PRECISAM SER AMADOS: POR UMA CRÍTICA LITERÁRIA DOS PEQUENOS GESTOS ORDINÁRIOS NA LITERATURA DE AUTORIA NEGRA

Fernanda Silva e Sousa

Resumo: No início de Quarto de Despejo (1960), Carolina Maria de Jesus escreve “Aniversario de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos”. Sem condições de comprar, ela lava e remenda um sapato que encontra no lixo para presentear a filha. Em 2015, após a chacina de doze jovens negros pela polícia militar no bairro do Cabula, em Salvador (BA), a poeta Lívia Natália, movida por um “extremo sentimento pelos mortos” (Domeneck, 2016), escreveu o poema “Quadrilha”, publicado em Correntezas e outros estudos marinhos (2017), que diz: “Maria não amava João, / Apenas idolatrava seus pés escuros / Quando João morreu, / assassinado pela PM / Maria guardou todos os seus sapatos”. Diante da violência racial, que parece interditar o reconhecimento das dimensões ordinárias da vida da população negra, fabular criticamente é lançar um olhar demorado e cuidadoso para acontecimentos e ações que, no campo da história, exigem uma imaginação radical, mas que na literatura de autoria negra brasileira aparecem sem pedir licença: pequenos gestos ordinários de delicadeza e beleza que, embora não desvinculados de uma estrutura violenta, sustentam vidas que não se limitam à resistência. À luz disso, a partir de uma leitura do poema “Quadrilha”, em diálogo com a abertura de Quarto de despejo, argumentaremos que dar sapatos remendados para a filha em seu aniversário e guardar os sapatos de um homem morto pela polícia são pequenos gestos que precisam tomar à frente no exercício da crítica literária contemporânea, anunciando uma trama de afetos, anseios e possibilidades que, ao serem imaginados, abrem espaço para o reconhecimento da vida negra como insondável e bela, sobretudo quando parece não haver nada mais para ser dito ou encontrado além da violência.

Referências: BUTLER, Judith. Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto? 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. DOMENECK, Ricardo. “Lívia Natália”. Revista modos de usar & co, 16 fev. 2016. Disponível em: <<http://revistamododeusar.blogspot.com/2016/02/livia-natalia.html>>. Acesso em 7 jan. 2023. HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. HARTMAN, Saidiya. Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022. JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2004. NATÁLIA, Lívia. Correntezas e outros estudos marinhos. Salvador: Ogum’s Toques Negros, 2015. QUASHIE, Kevin. Black Aliveness, or a Poetics of Being. Durham: Duke University Press,

2021. QUASHIE, Kevin. *The Sovereignty of Quiet: Beyond Resistance in Black Culture*. New Brunswick, N.J.; London: Rutgers University Press, 2012. SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham: Duke University Press, 2016. WISSENBACH, Cristina Cortez. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

(DE)SEMELHANÇAS DOS ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS NOS ROMANCES BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR.

Hanaliza Ferreira da Silva

Resumo: Os limites entre a ficção e a realidade estão gradativamente mais indefinidos na arte contemporânea. A literatura, em especial, tem solicitado dos seus leitores modos de interpretar o ficcional sem desprender os olhos do real e das tensões sociais que o cerca. Um dos elementos que constitui a narrativa é o espaço, sobre ele, o texto literário tem erguido discussões que questionam o direito de moradia de alguns sujeitos, a escassa atenção que recebe do Estado e a discriminação que o cinge quando afastado dos grandes centros urbanos. Deste modo, este trabalho busca investigar as percepções alçadas sobre o espaço nos romances *Becos da memória* (2017), de Conceição Evaristo e *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Essa análise é construída a partir do ponto de vista de três personagens dessas literaturas: Maria-nova, protagonista da obra de Evaristo (2017); Bibiana e Belonísia, ambas protagonistas da obra de Vieira Junior (2019). A primeira vive em uma favela; as duas últimas, no sertão baiano. Cabe salientar que todas essas personagens integram um social marcado por racismo e sexismo, tendo em vista que se tratam de mulheres negras a protagonizar os romances brasileiros em questão. A partir daí são observadas as indagações feitas por essas personagens sobre o espaço em que vivem e as lutas que erguem para o direito a ele. Como aporte teórico foram utilizados os textos de autores como Adichie (2019); Almeida (2019) e Brandão (2015).

Referências: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. BRANDÃO, Luis Alberto. Breve história do espaço na teoria da literatura. 2015. *Revista Cerrados*, v. 14, n. 19, 115–133. Disponível em: <<https://www.periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1140>>. Acesso em 05 de jan. de 2023. DALCASTAGNÉ, Regina. AZEVEDO, Luciene (Orgs.). *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015. DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

AS VOZES DE MULHERES NEGRAS NA TENSÃO DOS SILÊNCIOS: ÁGUA DE BARRELA E SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho

Resumo: Eliana Alves Cruz tem se dedicado à escrita de romances que atravessam a história do Brasil. *Água de Barrela* (2016), seu primeiro livro, é uma narrativa historiográfica que traz cerca de cem anos do passado nacional a partir da perspectiva negra, uma marca presente nos romances seguintes, como *O Crime do Cais do Valongo* (2018) e *Solitária* (2022). Este último traz um enredo ambientado no Brasil contemporâneo, construído como eco das histórias iniciadas em *Água de Barrela*. Tendo isso em vista, esse estudo analisa os romances *Água de Barrela* e *Solitária* considerando três aspectos: a) a narração pelas vozes de mulheres negras atravessando passado e presente; b) os arquivos incluídos na narrativa de *Água de Barrela*, os quais delineiam a origem e o desenvolvimento familiar da escritora e, por extensão, uma (re)leitura da história do Brasil; c) o projeto literário de Eliana Alves Cruz ao se voltar para o presente em *Solitária*, no qual reverberam as vozes de mulheres negras tensionando os silêncios em relação à escravidão e ao racismo. Os procedimentos teórico-

metodológicos que balizam o diálogo entre as narrativas partem de um marco teórico do pensamento negro decolonial e da categoria de amefricanidade,. Entre outros autores, destacam-se Conceição Evaristo (2016), Lélia Gonzalez (2018), Cida Bento (2022), Achille Mbembe (2018), Saidiya Hartman (2021), Grada Kilomba (2018) e Rita Segato (2021). A argumentação afirma a construção de um projeto literário ancorado na concepção de cura ancestral e da fabulação crítica em torno da nação (HARTMAN, 2021), em que é preciso, no trabalho com e contra o passado, a criação de um futuro com dignidade (MBEMBE, 2018). Eliana Alves Cruz, com poucos documentos disponíveis e sensibilidade diante dessa falta, faz a ficcionalização do passado em um processo de transposição de arquivos para a construção de subjetividades irrecuperáveis, mas reafirmando as suas existências.

Referências: BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). Escrivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. CRUZ, Eliana Alves. Água de barreira. Rio de Janeiro: Malê, 2018. CRUZ, Eliana Alves. Solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In:_____. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 127-138. HARTMAN, Saidiya. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018. SEGATO, Rita. Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

DESCARREGO COLONIAL EM MARÉIA (2019): ORALIDADE E SABERES AFROANCESTRAIS NA POÉTICA DE MIRIAM ALVES.

Juliana Cristina Costa

Resumo: O romance Maréia de Miriam Alves tensiona, direta ou indiretamente, saberes hegemônicos instituídos pelos mecanismos de controle das relações de poder na sociedade brasileira. Esse segundo romance da referida autora, a partir das vozes das personagens negras, mobiliza saberes da oralidade, constituinte da história e cultura afro-brasileira, para questionar a história da nação que é permeada pela colonialidade do poder, saber e do ser. Observa-se socialmente um carrego colonial ou mafunda que, segundo Rufino (2019), corresponde aos efeitos da colonialidade nas relações sociais e no imaginário, o que ocasiona uma práxis segregacionista violenta de corporeidades e saberes de grupos minoritários de poder. Ainda, Nascimento dos Santos (2011 apud HAMPATÉ BA, 1982, p.184) compreende que só a partir do resgate de um legado histórico e mítico que será possível recriar o imaginário que se configura também pela tradição oral africana. Nesse sentido, a oralidade é vista como uma fonte de saber significativa, além de ser representativa na cultura africana, ganha um papel relevante na diáspora, especificamente no contexto brasileiro, pois é na transmissão oral que se observa uma episteme não escrita na história nacional, a qual foi colocada na esfera do inaudível, culturalmente, pelos ruídos do ocidente nos discursos, inclusive, o literário. Em Mareia (2019), o enredo apresenta os saberes orais sendo transmitidos dentro do seio da família negra, tais saberes são tanto sobre a espiritualidade como sobre questões da história do povo negro. Através de minuciosas descrições narrativa, a narradora representa as cosmovisões, africana e europeia, e os saberes e práticas que se originam delas.

Referências: ALVES, Miriam. Maréia. Editora Malê: Rio de Janeiro, 2019. NASCIMENTO DOS SANTOS, Daiana. Imaginarios y representaciones en la tradición oral africana y latinoamericana. Acta literaria, n. 42, p. 145-150, 2011. RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Mórula editorial, 2019.

LUGARES DE KEHINDE – UMA LEITURA DOS TERRITÓRIOS E DESLOCAMENTOS DE UMA PERSONAGEM DIÁSPÓRICA

Luana Cruz da Silva

Resumo: A separação e a diferença são signos que permeiam a experiência do sujeito em diáspora. O deslocamento forçado provoca uma série de rupturas e ressignificações que constituem o processo

de construção de subjetividade desse indivíduo. Dentro da literatura contemporânea brasileira, a personagem Kehinde, do romance *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, representa as contradições típicas desse sujeito diaspórico. Um sujeito deslocado que busca resgatar e construir territórios simbólicos e materiais. Kehinde, com seus deslocamentos dentro do romance, constrói múltiplos territórios, que são frutos de sua experiência enquanto ser em diáspora. Todos esses deslocamentos evidenciam a pluralidade cultural sob a qual o Brasil se constituiu e como o signo escravidão permeia todas as relações entre os diferentes estratos sociais. Os arranjos culturais típicos da diáspora, as ressignificações, as estratégias de sobrevivências e as formas de reelaborar as culturas de origem são as bases sob as quais os indivíduos em diáspora se colocam nesse novo mundo. Existir nesse espaço de disputas, de interseções e de deslocamentos exige desse sujeito deslocado estratégias diversas. Partindo desse viés analítico é possível fazer uma cartografia dos lugares percorridos por Kehinde tendo como foco os conceitos de territorialidade e multiterritorialidade de Rogério Haesbert, assim como a noção de ambivalência e de nação proposta por Homi K. Bhabha, associada às reflexões teóricas de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino. Dessa forma, pretende-se nessa comunicação traçar uma breve análise desses deslocamentos que permeiam a narrativa dessa personagem diaspórica.

Referências: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. GONÇALVES, Ana Maria. *Uma ficção à procura de suas metáforas*. Suplemento Pernambuco, nº 132, fevereiro, 2017. HAESBERT, Rogério. *Território e multiterritorialidade: um debate*. GEOgraphia, ano 9, n. 17, p. 19-43. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2013. HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. SANTOS, Ynaê Lopes dos. *História da África e do Brasil afrodescendente*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

CARTA A DACAR: ABDIAS E O NASCIMENTO DE UMA POÉTICA AFRO-DIASPÓRICA

Mauricio Acuña

Resumo: Em abril de 1966, o dramaturgo e militante antirracista Abdias do Nascimento publicou a "Carta aberta ao Primeiro Festival Mundial de Artes Negras", uma contundente crítica à delegação brasileira enviada para representar o país em Dacar (Senegal), num dos mais importantes encontros de artistas e intelectuais africanos e afro-diaspóricos do século XX. Politicamente, a carta é uma crítica feroz, que põe em causa a versão edulcorada da "democracia racial" apresentada nos palcos do país africano. Publicada em francês por periódicos e revistas no Senegal e republicada ao redor do mundo em português e inglês nos meses posteriores, a carta de Abdias do Nascimento criou uma forma de intervenção que elevou o texto ao lugar de polêmica histórica e terminou por converter-se, para muitos, em uma espécie de palavra final sobre a participação brasileira no Festival. Esta comunicação tem por objetivo discutir algumas coordenadas históricas da intervenção transnacional de Abdias do Nascimento em função de uma leitura da carta que defende a combinação entre as formas da correspondência e do ensaio. Assim, na articulação entre ambas as formas, argumento que a "Carta aberta ao Primeiro Festival Mundial de Artes Negras", redigida por Abdias do Nascimento, constituiu um exercício pioneiro de ativismo anti-racista transnacional e de uma poética afro-atlântica próximo ao que ele definiria, posteriormente, como "quilombismo." Em uma de suas definições, o "quilombismo" seria para Abdias do Nascimento uma estratégia não só voltada ao passado, mas também às lutas contemporâneas contra o racismo e à solidariedade entre grupos e pessoas. Neste sentido, examinando algumas das estratégias narrativas adotadas por Abdias, concebo a carta aberta como um primeiro passo importante em direção a uma poética transnacional de resistência sobre as culturas africanas da diáspora que o autor consolidaria na década de 1970.

Referências: Acuna, Jorge Mauricio Herrera. Poéticas e performances de imaginações afro-atlânticas: O Primeiro Festival Mundial de Artes Negras. Tese de Doutorado, Princeton University, 2021. Dávila, Jerry. Hotel Trópico: Brazil and the Challenge of African Decolonization, 1950-1980. Durham [NC]: Duke University Press, 2010. Díaz-Quinones, Arcadio. El arte de bregar. Bernal, Argentina: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2006. Gilroy, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001. Nascimento, Abdias do. "Lettre ouverte au premier Festival Mondial des Arts Negres." *Présence Africaine*, 58 (1966): 215-234. _____. O quilombismo. Brasília; Rio de Janeiro: Fundação Palmares; OR Editor Produtor, 2002. Sommer, Doris. "Literary Liberties." In: Fuente, Alejandro de la e Andrews, Georges Reid (ed.). *Afro-Latin American Studies: An Introduction*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2018.

RICARDO ALEIXO: RESSONÂNCIAS, REVERBERAÇÕES E REFLEXOS DO EU LÍRICO E CRÍTICO.

Paulo Henrique Gonçalves Aranha e Antonio Manoel dos Santos Silva

Resumo: Ricardo Aleixo, ensaísta, performer, músico, artista plástico, produtor cultural, artista multimídia, mas sobretudo poeta, apresenta em sua obra as múltiplas marcas das correspondências construídas pela junção de música e artes plásticas, sonoridade significativa da fala e densidade semântica de suas construções textuais. Em seus textos dinâmicos, as questões sociais emergem de forma incisiva, graças ao uso de recursos gráficos e sonoros que articulam de modo harmônico múltiplos sentidos que projetam o tom contumaz das críticas de valor combativo e de denúncia. Sua poesia aborda temas como a violência à população negra, as consequências diárias da iniquidade social, além de mostrar a presença de divindades das religiões de matrizes africanas, trazidas de modo frequente, na qual a oralidade também é evidenciada com a etnopoética (assuntos sobre a cultura afro-brasileira, cinema e cultura pop). Por meio do estudo do poema "Conheço vocês pelo cheiro", publicado em 2015, na obra *Impossível como nunca ter tido um rosto*, propomos com o presente estudo, considerar os aspectos biológico e social, como reflexões críticas sobre a ideia de raça construída a partir de uma lente sócio-ideológica que, embora latente, como afirma Carone (2001), mostra-se difícil de ser desmistificada no cotidiano. Recorrendo a poética de Aleixo e ancorados nos pressupostos de Rancière (2010), para quem a partilha de uma esfera particular de experiência oferece argumentos para reflexões, buscamos identificar a partilha do sensível pela arte, como forma de pensar a política e a sociedade e seus reflexos simbólicos por meio dos sentidos que remetem à ressignificação histórica.

Referências: CARONE, I. e BENTO, M. A. S. (Orgs.) – *Psicologia Social do Racismo*. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2010.

A ESCRIVÊNCIA ENQUANTO FABULAÇÃO CRÍTICA: PONCIÁ VICÊNCIO E AS POSSIBILIDADES DO NADA

Viviane Nogueira da Silva

Resumo: A apresentação se propõe a fazer uma aproximação da prática-conceito da "escrivência", proposta por Conceição Evaristo (2008) à categoria de "fabulação crítica" proposta por Saidiya Hartman (2020), tendo em vista que para Evaristo (2008) a escrevivência, enquanto produção literária de autoria negra, atua remontando e reinventando o registro de uma memória social que permite o conhecimento e a construção de um sistema simbólico que, através da imaginação, "ocupa um espaço vazio deixado pela ausência de informações históricas mais precisas" numa poética na qual história e memória se confundem enquanto elementos constitutivos (Miranda, 2019). Para tanto, traz como "matéria bruta" (Ferreira da Silva, 2019) o romance Ponciá Vicêncio (2003), primeira publicação individual de Conceição Evaristo, a fim de mostrar nele o que Jota Mombaça (2020) apontou como "envisionamento da história – no sentido de tornar visível a história – que o Brasil não conseguiu escrever, ou não permitiu que fosse escrita" na construção de uma narrativa com diversas aparições do "vazio" e do "nada" que se apresentam como resquícios do passado colonial que se inserem nas memórias do pós-abolição, configurando continuidade do "tempo da escravidão"

(Hartman, 2020), ao mesmo passo que se apresentam, talvez como falha da narração, como denuncia da morte mas também da vida na herança-oralitura que a personagem Ponciá, que dá nome ao livro, recebe de seu avô que fora escravizado.

Referências: Barossi, Luana. (Po)éticas da escrevivência. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 51, p. 22-40, 2017. Borges, Rosane. Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, p. 182-204, 2020. Côrtes, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte, Idea, p. 51-59, 2016. Duarte, Eduardo de Assis. Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, p. 74-94, 2020. Duarte, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Terceira Margem, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, 2010. Duarte, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-308, 2006. Duarte, Roberta de Araújo Lantyer. O entre-lugar de Ponciá Vicêncio: O vazio como resistência. Revista PHILIA - Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre, n. 1, p. 182-201, 2019. Evaristo, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, p. 26-46, 2020. Evaristo, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008. Evaristo, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro, 3.ed, Pallas, 2017. Ferreira da Silva, Denise. Em estado bruto. Trad. Janaína Nagata Otoch. ARS, São Paulo, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019. Ferreira da Silva, Denise. Para uma Poética Negra Feminista: A Busca/ Questão da Negritude para o (Fim do) Mundo. Trad. Amílcar Packer e Pedro Daher. A Dívida Impagável. São Paulo, Oficina de Imaginação Poética e Living Commons, p. 85-118, 2019c. Ferreira da Silva, Denise. Unpayable Debt. Londres, Sternberg Press, 2022. Hartman, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista ECO-Pós, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. Hartman, Saidiya. O Tempo da Escravidão. Revista Periódicus, v. 1, n. 14, p. 242-262, 2020. Jackson, Zakiyyah Iman. Theorizing in a Void" Sublimity, Matter, and Physics in Black Feminist Poetics. South Atlantic Quarterly, v. 117, n. 3, p. 617-648, 2018. Martins, Leda Maria. A oralitura da memória. Brasil afro-brasileiro, n. 2, p. 63-86, 2000. Martins, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021. Miranda Fernanda Rodrigues. Silêncios prEcritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras. Rio de Janeiro, Malê, 2019. Miranda, Fernanda Rodrigues. "Ponciá Vicêncio": narrativa e contramemória colonial. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 15-29, 2019. Mombaça, Jota. Evaristo, Conceição. Territórios de Partilha: como as poéticas podem criar novos mundos. Festival WOW Online, 2020. Acesso em 06/01/2023. <<https://www.youtube.com/watch?v=EllUCvI9rw8>> Moreira, Terezinha Taborda. Silêncio, trauma e escrita literária. Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte, Idea, p. 109-118, 2016. Silva, Assunção M.S. EscreVivência: itinerários de vidas e de palavras. Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, p. 114-133, 2020.

SIMPÓSIO "LITERATURA E OUTRAS ARTES: TRANSIÇÕES PERFORMÁTICAS E CULTURAIS"

Francisco Claudio Alves Marques (UNESP), Ricardo Magalhães Bulhões (UFMS) e Wagner Corsino Enedino (UFMS)

A DICOTOMIA DO ARQUÉTIPO DE HERÓI NA OBRA CINEMATOGRAFICA BACURAU NO PERSONAGEM LUNGA

Bruna Sousa dos Santos

Resumo: A diversidade de heróis épicos, trágicos, românticos, clássicos, modernos e outros, acompanham a trajetória da humanidade problematizando seus sistemas de valores, sejam éticos, morais, sociais e/ou culturais. O herói seria um tipo de representatividade de um povo, que busca compreender-se e legitimar-se. O porquê desta pesquisa sustenta-se na importância de que

narrativas com figuras heroicas estão presentes na história da humanidade desde os tempos primitivos. Desde o mundo do homem dito não civilizado ao contemporâneo, personagens heróis se fazem presentes no contexto da sociedade. Investigar como se dá a trajetória e constituição do herói (padrão ou não) presente em Lunga, por meio da obra cinematográfica Bacurau (2019) dos diretores Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles é o objetivo geral deste trabalho além do objetivo específico de compreender a existência de arquétipos enquanto fenômeno do inconsciente coletivo com foco na figura do herói, dentre outros. O herói em evidência é investigado à luz das referências bibliográficas principais: O herói de mil faces de Joseph Campbell (1997) e O Poder do Mito (1991) também do mesmo autor. Os arquétipos e o inconsciente coletivo (2014) e O Homem e seus Símbolos (2016,) ambas as obras de Carl Gustav Jung a fim de alcançar a compreensão do questionamento central da pesquisa. Em desenvolvimento, a pesquisa aponta, até o momento, relação dialógica entre o homem e seus heróis concatenados aos valores éticos e morais, revelando complexidades do inconsciente coletivo.

Referências: ALBUQUERQUE, Gregório Galvão. Lunga, O Herói da Insurgência em Bacurau. In: Trabalho Necessário (UERJ), v. 19, n. 40, set. / dez. 2021. BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Pernambuco. Vitrine Filmes, 2019. (132 min). CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 1997. _____. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athenas, 1997. CANDIDO, Antônio. Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. CRISTINA, Álvares; CURADO, Ana; SOUSA, Sérgio G. (orgs). Reconfiguração do herói na produção cultural para crianças e jovens. In: Figuras do Herói: Literatura Cinema Banda Desenhada. Universidade do Minho: Bônus, p. 95-106, 2013. _____. Percy Jackson: Um herói mitológico do século XXI. In: Figuras do Herói: Literatura Cinema Banda Desenhada. Universidade do Minho: Bônus, p. 219-203, 2013. GONÇALVES, Vilson. Super-heróis no cinema: uma trajetória histórica. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, 2017. JUNG, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. _____. O Homem e seus Símbolos. 3. ed. HapperCollins Brasil, 2016. MARTINEZ, Mônica. Jornada do Herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo, FAPESP / Annablume, 2008. PARRY, Roger. A Ascensão da Mídia. A História dos Meios de Comunicação de Gilgamesh ao Google. Tradução: Cristiana Serra. São Paulo: Elsevier, 2012. PEPLER, Eliege Cristina. A Transformação da Figura do Herói na Modernidade Tardia: Uma Leitura Comparada do Herói Moderno Macunaíma em Relação aos Contemporâneos Buscape e Lourenço Na Literatura e no Cinema. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. RICON, Luiz Eduardo. A Jornada do Herói Mitológico. II Simpósio de RPG e Educação. Disponível em: https://www.academia.edu/7453421/II_Simp%C3%B3sio_RPG_and_Educa%C3%A7%C3%A3o_A_Jornada_do_Her%C3%B3i_Mitol%C3%B3gico. Acesso em 24/04/2022. SANTOS, Altirez S. FERREIRA, Leonardo M. A Jornada do Herói no Cinema: considerações metodológicas acerca da saga Star Wars. In: Revista Eletrônica Correlatio, v. 14, n. 28, dez. 2015. SILVA, Fabian Antunes; VUGMAN, Fernando. A relação do herói no cinema e nos jogos eletrônicos. In: Crítica Cultural (Critic), Palhoça, v. 7. n. 2, p. 344-355, jul./ dez. 2012. TURNER, Graeme. Cinema como Prática Social. São Paulo, Summus Editorial, 1997. VERNANT, Jean-Pierre. As Origens do Pensamento Grego. 17. ed. Tradução: Isis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro, Difel, 2008.

QUIXOTISMOS NO FILME "A FEBRE DO RATO", DE CLÁUDIO ASSIS

Célia Navarro Flores

Resumo: O objetivo deste trabalho é apontar a presença da imortal obra Dom Quixote de La Mancha, do escritor espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), no filme A febre do rato (2011), do diretor pernambucano Cláudio Assis. Longe de se tratar de uma adaptação, o filme é marcado por uma notável intertextualidade com a obra cervantina. Genette define a intertextualidade “como una relación de copresencia entre dos o más textos [...], como la presencia efectiva de un texto en otro” (GENETTE, 1962, p. 10). Ela pode ser mais ou menos explícita, segundo o estudioso. No caso do filme em questão, notamos uma intertextualidade implícita, mas bastante efetiva, como procuraremos

mostrar nesse trabalho. Em nosso modo de ver, o movimento intertextual se dá, principalmente em dois âmbitos: personagens e procedimento literário/fílmico. Pretendemos estabelecer as relações entre os personagens Zizo e Dom Quixote, Pazinho e Sancho Pança, Eneida e Dulcineia. Zizo, assim como Dom Quixote é possuído por uma loucura sublime ao querer transformar sua realidade circundante. Ao seu lado está Pazinho, seu amigo e interlocutor, tal qual Sancho Pança em relação a Dom Quixote. Finalmente, temos Eneida, que, assim como Dulcineia, é a mulher inacessível e descendente das heroínas literárias. O procedimento literário/fílmico, ao qual nos referimos anteriormente, é o que podemos chamar de “a história dentro da história”. Cervantes insere a primeira parte do seu Dom Quixote na segunda, assim como Cláudio Assis introduz seu filme dentro do próprio filme.

Referências: A FEBRE do rato. Direção: Cláudio Assis. Roteiro: Hilton Lacerda, 2012. Disponível na Netflix. BARROS, José D’Assunção, Os Trovadores Medievais e o Amor Cortês, Reflexões historiográficas, 1995, Revista Alethéia, UFG, Abril/Maio, 2008. CERVANTES SAAVEDRA, M. de. Don Quijote de La Mancha. Edición del Instituto Cervantes dirigida por Francisco Rico. Barcelona, 1998. FLORES, C. N. Da palavra ao traço: Dulcineia, Sancho Pança, Dulcineia del Toboso. Tese de doutoramento defendida na Universidade de São Paulo, em 2007. GENETTE, G. Palimpsestos. La literatura en segundo grado. Madrid: Taurus, Alfaguara, 1989. GÓMEZ, Jesús. Don Quijote y el diálogo en la novela. In Anales Cervantinos, vol. 28, 1990, pp. 35-44.

LEITURA E LITERATURA NAS REDES: (RE)PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DISCENTE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO VIRTUAL

Cristiano Alves Barros

Resumo: O presente resumo visa aqui apresentar dada proposição a partir de um trabalho realizado no Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Paraíso do Tocantins com a produção e exibição de vídeos escolares produzidos pelos próprios discentes a partir da leitura de obras regionais durante as aulas de Língua Portuguesa no semestre 2022/2. No caso, dada proposta se contextualiza principalmente com as turmas de 1º Ano no Ensino Médio Técnico Integrado do Campus (nos cursos de Agroindústria, Informática e Meio Ambiente, respectivamente), levando em consideração suas experiências e produções audiovisuais para as redes sociais (mais precisamente, nos perfis do Instagram das respectivas turmas) a partir da leitura de autores e obras regionais tocantinenses. Dessa forma, nosso enfoque temático parte dessas (re)leituras em vídeos dos alunos das obras literárias estipuladas em classe, interseccionando em novos ambientes e formatos virtuais para o devido acesso e divulgação de trabalhos com literatura nas redes. Para tanto, utilizamos aqui as leituras de Chartier (2002), Kleiman (2014) Lévy (2003), Napolitano (2003), Yunes (2013) entre outros autores que abordam e tematizam sobre diferentes perspectivas metodológicas de como a (re)produção audiovisual pode contribuir para a formação de leitura e leitores na contemporaneidade, principalmente levando em consideração os recursos tecnológicos e novas redes de acesso e produção literária na atualidade. Nesse sentido que detalharemos todo processo e sequenciação didática para dado trabalho, desde a leitura em sala de aula até o produto final a partir das obras trabalhadas com os alunos. Sendo assim, nossa análise enfocará principalmente com tal experiência e recepção por parte do público discente com dada (re)produção virtual da leitura literária nas redes sociais.

Referências: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. CHARTIER, Roger. A aventura do livro do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999. KLEIMAN, A. B. Letramento na contemporaneidade. Bakhtiniana. São Paulo, p. 72-91, ago./dez. 2014. LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2003. NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003. SILVA, Roseli Pereira. Cinema e Educação. São Paulo: Cortez, 2007. YUNES, Eliana. Leitura pelo olhar do cinema. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.

RAPSODOS DA LETRA E DA VOZ: O “MARCO” POÉTICO DOS REPENTISTAS E CANTADORES DO NORDESTE BRASILEIRO

Francisco Claudio Alves Marques

Resumo: A (des)construção verbal de “territórios” imaginários como fortalezas, castelos, sítios e lagoas era um expediente poético bastante comum entre poetas de cordel, repentistas e cantadores do Nordeste brasileiro, pelo menos entre o final do século XIX e início do XX, conforme se tem notícia. Esses territórios poéticos, denominados “marcos”, vão sendo verbalmente demolidos à medida que um cantador lança provocações ao seu rival de modo que, durante o debate, ambos procuram demonstrar sua superioridade na arte de compor em verso. Aquele que consegue desconstruir com maior eficácia o “marco” edificado verbalmente pelo outro, é considerado o vencedor da peleja, sendo, por isso, aplaudido e eleito pelo público ouvinte como o poeta mais habilidoso no trato do verso e da rima. Nesta comunicação pretendemos demonstrar que, além de se apresentar como uma oportunidade para que os artistas nordestinos demonstrem suas habilidades na arte de narrar em versos, o “marco” poético também se constitui como um território em que os rivais da voz exibem sua capacidade de cantar “ciência” – conhecimento adquirido no acesso a compêndios escolares, jornais e almanaques –, apontando para o fato de que tanto poetas de cordel como cantadores se apropriam de textos da literatura erudita para alinhar suas composições.

Referências: IUMATTI, P. Cantos de guerra: cantadores negros e as disputas em torno do gênero do Marco (1870-1930). São Paulo: alameda, 2020. LEWIN, L. Um conto de dois textos: oralidade, história oral e insulto poético em O Desafio de Romano e Inácio em Patos (1874). In: MARQUES, A. C. (Org.). Conflitos, política e relações pessoais. Fortaleza: UFC/Funcap/CNPq-Pronex; Campinas: Pontes Editores, 2007. SOBRINHO, J. A. Cantadores, repentistas e poetas populares. Campina Grande: Bagagem, 2003. SOBRINHO, J. A.; ALMEIDA, A. (Sel. e org.). Marcos. Campina Grande: UFPB/URNe, 1981 (Marcos e Vantagens, 1). TERRA, Ruth Brito Lemos. Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1892- 1930). São Paulo, Globo, 1983. VENTURA, J. El insulto literario entre trovadores y juglares como instrumento de defensa gremial. Su reflejo en la lírica medieval galego-portuguesa. Medievalia, v.20, n.1, p.61-86, 2017. ZUMTHOR, P. A letra e a voz: a “literatura” medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. ZUMTHOR, P. Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRAÇOS DA XILOGRAVURA E DA ARTE RUPESTRE NAS ARTES PLÁSTICAS DO MOVIMENTO ARMORIAL.

Gabriel da Silva Conessa

Resumo: A despeito de Ariano Suassuna ter declarado, muitas vezes, que sua inclinação pelo Armorial teve início ainda na infância, quando por inúmeras vezes teve a oportunidade de frequentar o Circo e o Mamulengo, ocorre que, formalmente, o projeto estético que sobe o retábulo e ocupa as páginas de seus escritos só começou a ganhar corpo entre as décadas de 1940 e 1970. O projeto de Suassuna tinha como proposta principal a elaboração de uma arte erudita baseada tanto em matrizes eruditas da cultura clássica europeia como nas fontes populares da cultura brasileira, especialmente a nordestina. Desde as primeiras manifestações, as artes plásticas ocuparam o centro do projeto Armorial, tornando-se o ponto de partida para as primeiras pesquisas empreendidas pelos membros do grupo na busca por uma definição de armorialidade. Nesta comunicação buscaremos identificar as fontes populares que entraram na composição estética das artes plásticas do Movimento Armorial a partir de sua ligação com as xilogravuras das capas dos folhetos do Romanceiro popular nordestino e da interrelação plástica que Suassuna estabelece com os elementos da arte rupestre da tradição nordestina presente nos sítios arqueológicos do Estado da Paraíba. Objetiva-se ainda compreender as ressignificações dos componentes da xilogravura popular e dos traços e símbolos do universo pictórico da pré-história brasileira no âmbito do Movimento Armorial.

Referências: FERNANDES, Almir de Albuquerque. A arte rupestre na Paraíba: Um estudo sobre o sítio arqueológico da localidade Algodões, no município de Condado. Revista Brasileira de Filosofia e História, Pombal-PB, v.1, n.1, p.06-10, jan- dez. 2012 NEWTON JÚNIOR, Carlos. Almanaque Armorial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. PESSIS, Anne M.; MARTIN, Gabriela. As pinturas Rupestres da Tradição Nordeste na Região do Seridó, RN, no Contexto da Arte Rupestre Brasileira. Clio Arqueológica-UFPE 2020, V35N3, p.18-59. SANTOS, Idellette Muzart Fonseca dos. Em demanda da

poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1999. SUASSUNA, Ariano. O Movimento Armorial. Recife: Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, 1974.

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO, UTOPIA E BARBÁRIE NUMA TRILOGIA DE DOCUMENTÁRIOS DE VLADIMIR CARVALHO

Gabriela Kvacek Betella

Resumo: O país de São Saruê (1971, lançado em 1979), Conterrâneos velhos de guerra (1992) e Barra 68 – sem perder a ternura (2001) são elementos-chave na filmografia de Vladimir Carvalho e representam, grosso modo, etapas simbólicas de uma história pessoal do cineasta por meio das imagens documentais. É possível pensar numa unidade para a trilogia quando utilizamos como vieses de análise as evidências das lutas de classes, dos deslocamentos e dos espaços utópicos como registros da memória coletiva. Destacamos, na análise imanente dos planos, a densidade das relações entre o homem, a terra e as utopias. Assim, o documentário inspirado no título de cordel que descreve um paraíso utópico reconstrói o espaço fronteiro entre Paraíba, Pernambuco e Ceará para mostrar as dificuldades de sobrevivência no sertão. Conterrâneos aborda o deslocamento dos trabalhadores da construção de Brasília e o contraponto entre a visão utópica dos idealizadores da capital e a realidade dos trabalhadores, por meio da reconstituição de um suposto massacre de operários pela memória de entrevistados e a tentativa de apagamento do episódio da história. Barra 68 retorna aos anos de 1960 para mostrar a criação da Universidade de Brasília encarnada na perseverança de Darcy Ribeiro (1922-1997) e as tentativas de destruição da instituição, desde o golpe militar de 1964, a invasão de 1968 (que resultou em centenas de estudantes detidos e na exoneração de quase todo o corpo docente) e a dura repressão de manifestações em 1977. Ao afirmar que todo documentário tem muito de autobiográfico, o próprio diretor esboça os elos que nossa análise fortalece entre os dois tipos de memória correspondentes às experiências pessoais e à vivência coletiva, nas palavras de Michael Pollack (1989), ao papel das “memórias subterrâneas das culturas minoritárias ou dominadas que se contrapõem à memória oficial que afloram em momentos de crise”.

Referências: BARRA 68 – sem perder a ternura. Direção: Vladimir Carvalho. Brasil: Embrafilme, 2000. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e imagens do povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. BERNARDET, Jean-Claude. Ficção real em O País de São Saruê. In: CARVALHO, Vladimir (Coord.). O País de São Saruê. Brasília: Ed. UNB, 1986. CARVALHO, Vladimir. Cinema Candango: matéria de jornal. Brasília: Cinememória, 2002. CONTERRÂNEOS velhos de guerra. Direção: Vladimir Carvalho. FISHMAN, Robert. Urban Utopias in the Twentieth Century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier. London, The MIT Press, 1982. GOMES, Ângela de Castro (Org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004. GORDIN, Michael, TILLEY Helen, PRAKASH, Gyan (orgs). Utopia/Dystopia: Conditions of Historical Possibility. United Kingdom: Princeton University Press, 2010. GRINDON, L. Q&A: poetics of the documentary film interview. The Velvet Light Trap, Austin, n. 60, p. 4-12, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3oEbnPe>. Acesso em: 8 mar. 2020. HOLSTON, James. Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. LEONE, Eduardo. Como uma ópera: Conterrâneos velhos de guerra. Comunicação e Educação 31, p. 75-80, mai./ago. 1995. MARINHO, José. Dos homens e das pedras: o ciclo do cinema documentário paraibano (1959- 1979). Niterói: EDUFF, 1998. MARQUES, Francisco Claudio Alves. O país de São Saruê: um correlato da Cocanha medieval no sertão nordestino. II SINAEL: II Simpósio Nacional de Letras e Linguística/I Simpósio Internacional de Letras e Linguística – Linguagem, História e Memória. MATTOS, Carlos Alberto. A escrita que vem dos arquivos. In: MORICONE, Sérgio (Curadoria); CAPUTO, Gioconda; MORETZSOHN, Carmem (Coord.). Retrospectiva dos 70 anos do cineasta Vladimir Carvalho – Vladimir 70. Brasília: Quick Printer, 2005. NICHOLS, Bill. A voz do documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa. Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional. São Paulo: Senac, 2005. O PAÍS de São Saruê. Direção: Vladimir Carvalho. Brasil: Embrafilme, 2004. 1 DVD (80 min). PELBART, Peter Pál.

Vida Capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011. POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico informacional. São Paulo: EDUSP, 2008. SENRA, Stella. Memória e Exílio: O cinema de Vladimir Carvalho. In: CARVALHO, VLADIMIR. Conterrâneos velhos de guerra. Brasília: GDF, Secretaria de Cultura e Esporte, Fundação Cultural do DF, 1987. SERAFIM, J. F.; SANTOS FILHO, R. M. dos. A poética da entrevista no documentário O país de São Saruê. RuMoRes, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 329-347, 2021. WAUGH, T. The right to play oneself: looking back on documentary film. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011. XAVIER, Ismail. O cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LEIA MULHERES NEGRAS": TRABALHANDO COM A DIVULGAÇÃO DE AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS NA BIBLIOTECA

Gislaine Imaculada de Matos Silva, Ricardo Magalhães Bulhões

Resumo: Considerando que a literatura feita por mulheres negras passa por um processo duradouro de invisibilidade no mercado editorial, o objetivo geral desta pesquisa é criar e acompanhar, em Três Lagoas - Mato Grosso do Sul, o projeto de extensão intitulado "Leia Mulheres Negras", um clube de leitura com propósito de disseminar a leitura por meio da literatura afro-brasileira escrita especificamente por escritoras negras brasileiras. Como objetivos específicos, pretende-se incentivar o hábito de leitura, aumentar a visibilidade das obras escritas por mulheres negras, além de observar a formação da produção de sentido textual pelos participantes do projeto de extensão e, para além disso, a inserção desses sentidos em suas vivências pessoais. O projeto já acontece mensalmente na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) – Campus de Três Lagoas desde agosto de 2022, tendo como aberto o público-alvo para a população da referida cidade. As atividades estão vinculadas a um projeto de extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) – Campus Três Lagoas, com três alunos bolsistas do ensino médio. Espera-se, ainda, criar empoderamento entre os participantes, a fim de expandir sua compreensão em adição a aspectos teóricos da literatura afro-brasileira contemporânea ligadas à tradição oral que povoou nossa infância e passou por diversas tipologias textuais, permeadas por histórias de encantamento, contos folclóricos de origem africana que resgatam poéticas autênticas, visões sociais enredadas pela lógica da colonização. Narrativas de Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Mãe Beata de Yemonjá, entre outras escritoras, são obras instigantes que apresentam universos desconhecidos dos alunos.

Referências: CASTRO, Karol. Leia Mulheres: conhecendo o projeto e sua importância. 2017. Disponível em: <https://blog.chicorei.com/leia-mulheres/>. Acesso em: 10 dez. 2022. CUTI [Luiz Silva]. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. 151 p. (Coleção Consciência em Debate). DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. 294 p. SOARES, Esdras. Por que estudar literatura afro-brasileira? 2018. Instituto Claro. (12m48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fyVvsYz-BD4>. Acesso em: 13 dez. 2022.

POESIA, PODER E RESISTÊNCIA: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA CANTORIA NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS DO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

Gustavo Henrique Alves de Lima

Resumo: Esta comunicação se propõe a tratar da relação poesia e poder em um campo cultural específico: a Cantoria praticada no Nordeste brasileiro entre o final do século XIX e início do XX, protagonizada por cantadores negros, brancos e mestiços, à luz do conceito de representação, de Chartier (1988, 1991), de poder simbólico, violência simbólica e distinção, de Pierre Bourdieu (1989, 2007, 2017), com vistas a lançar luz sobre as determinantes históricas e socioculturais que orientaram as relações sociais e étnico-raciais estabelecidas no contexto das lutas reais e simbólicas travadas no período em tela. Por um lado, cantadores brancos e mestiços, munidos de um capital cultural – tradição e expertise na arte do improviso – e simbólico – status social e alegada

superioridade étnica – tentam desmobilizar o adversário (negro) se utilizando de representações que vão do insulto à depreciação física e moral, erguendo uma espécie de dique à sua ascensão social e ao reconhecimento de suas habilidades poéticas. Por outro lado, cantadores negros que resistem se utilizando das mesmas armas poéticas do adversário com a finalidade de reverter os efeitos nefastos do poder e da violência simbólica exercida arbitrariamente na interlocução poética e, por extensão, no âmbito da sociedade estabelecida no Nordeste brasileiro no período pós-Abolição.

Referências: BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. BOURDIEU, P. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. CASCUDO, L. da C. Vaqueiros e cantadores. Folclore poético do sertão do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988. IUMATTI, P. Cantos de guerra: cantadores negros e as disputas em torno do gênero do Marco (1870-1930). São Paulo: alameda, 2020. LEWIN, L. Um conto de dois textos: oralidade, história oral e insulto poético em O Desafio de Romano e Inácio em Patos (1874). In: MARQUES, A. C. (Org.). Conflitos, política e relações pessoais. Fortaleza: UFC/Funcap/CNPq-Pronex; Campinas: Pontes Editores, 2007. MOTA, L. Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense. 5.ed. Rio de Janeiro: cátedra, 1978. REIS, J. J.; SILVA, E. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. SOBRINHO, J. A. Cantadores, repentistas e poetas populares. Campina Grande: Bagagem, 2003. ZUMTHOR, P. Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

O AMOR AO DESPREZO E O DESPREZO PELO AMOR

Helciclever Barros Da Silva Sales, Wagner Corsino Enedino

Resumo: O desprezo é um índice do amor que se quer conquistar e do amor que já evanesceu. Esta comunicação busca perscrutar o amor ao desprezo e o desprezo pelo amor sob uma luz prismática em Homero (Odisseia, VIII a.C, episódio XVIII), Alberto Moravia (II Disprezzo, 1954) e em Plínio Marcos (Navalha na Carne, 1967). O ponto de convergência da análise literária desembocará no filme Le Mépris (1963) de Godard, que adaptou não somente o romance de Moravia, mas também a citada épica homérica, nomeadamente a perspectiva de Penélope sobre o seu (des)amor por Ulisses diante de sua ausência prolongada. O tema do desprezo amoroso em Plínio Marcos é central em várias de suas peças e parece ainda não ter sido julgado criticamente em toda a sua extensão, sobretudo pela conexão já estabelecida entre o dramaturgo brasileiro com parte da obra moraviana, posto que tem sido frequente os nexos muito bem anotados criticamente da peça Dois perdidos numa noite suja (1966) com o conto “O terror de Roma” (1954) de Moravia. Contudo, ainda parece haver espaço relevante para articular reflexões críticas sobre a temática do desprezo em outras peças plinianas, de modo que para esta análise elegemos Navalha na Carne como eixo comparativo privilegiado. A aproximação teórica inicial será conduzida com base nos estudos de Enedino e Vieira (2022), Vieira (2021), Assunção (2011), buscando conectar o filme aos textos literários sob uma ótica dialógica bakhtiniana.

Referências: ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Anotações sobre O Desprezo de Godard e a Odisseia de ‘Homero’ Archai n. p. 108-114, 7, jul-dez 2011. BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2010. ENEDINO, Wagner Corsino; VIEIRA, Haydê Costa. DA GUERRA À DITADURA: O AFUNILAMENTO ABISSAL EM ALBERTO MORAVIA E PLÍNIO MARCOS, Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: Dossiê nº 26, p. 71-86, 2022. VIEIRA, Haydê Costa. LUZ, CÂMERA, PALCO, AÇÃO: A PRESENÇA DE PLÍNIO MARCOS NO TEATRO E NO CINEMA. Tese (Doutorado em Letras). Três Lagoas/MS: UFMS, 2021.

CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO E DO SERTANEJO EM JUVENAL GALENO E PATATIVA DO ASSARÉ

Isabel Cristina Santos de Oliveira Rodrigues

Resumo: Do ponto de vista de Tânia Carvalhal (2006), as obras literárias estão sempre sugerindo perspectivas de confronto e, na continuidade da tradição em que se inserem, tratam de ligamentos

e separações, de aproximações e de distanciamentos, de desvios e de encontros. Essas considerações sugerem que reconheçamos, quando se trata da literatura em perspectiva comparada, que todo texto literário supõe uma determinada compreensão do que está acumulado na cultura (literária ou não), de modo que devemos enfrentar a literatura sempre como um processo de relações entre obras e entre essas e o mundo. Com base nesses princípios básicos da Literatura Comparada é que nos propusemos cotejar, as recolhas de textos poéticos do escritor cearense Juvenal Galeno, reunidos na coletânea *Lendas e Canções Populares*, cuja primeira edição é datada de 1865, com os textos poéticos de Patativa do Assaré, publicados na coletânea *Inspiração Nordestina*, em 1956, com vistas ao estabelecimento de confluências e divergências na representação do sertão e do “sertanejo” e de seu universo sociocultural. Mais que comparar a produção poética de Galeno e Patativa, na perspectiva aventada, pretendemos destacar a importância e o papel desenvolvidos pelos referidos poetas na cena cultural brasileira entre o final do século XIX e primeiras décadas do XX.

Referências: ANDRADE FILHO, João Batista de. Juvenal Galeno e suas canções populares: reflexo do propósito educacional romântico sob os auspícios do Espiritualismo Eclético (1836-1889). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, 2017. ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração nordestina. Cantos de Patativa*. 2.ed. ampliada. Rio de Janeiro: Borsoi Editor, 1967. CARVALHAL, Tânia. *Literatura comparada*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006 (Princípios, 58). _____. *Encontros na travessia. Literatura e Sociedade*. FFLCH/USP, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, n.9. 2006, p.70-81, 2006. GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares – 1859-1865*. 5.ed. Fortaleza: Secult, [1865] 2010a. GUILLEN, Isabel C. M. O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITTY, Joanildo A. (Org.). *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.105-123. NASCIMENTO, Maria Eliza Freitas do. *Sentido, memória e identidade no discurso poético de Patativa do Assaré*. Recife: Bagaço, 2010 (Coleção Teses). SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

O TEXTO DRAMÁTICO COMO LUTA DE GÊNERO: PODER E REPRESSÃO EM A DANÇA FINAL, DE PLÍNIO MARCOS

Ivanildo José Da Silva

Resumo: A linguagem de Plínio Marcos, mais especificamente na peça teatral *A dança final* (1993), contribui de forma significativa para a discussão acerca da literatura dramática brasileira como campo privilegiado para debater o teatro mediante luta de gênero. Partindo desse pressuposto, o objetivo da comunicação é realizar uma análise do discurso das personagens no texto teatral *A dança final*, a fim de demonstrar como a narrativa evidencia a luta ideológica e o poder vinculados ao projeto estético do emblemático autor. Por este prisma, discutir a questão do feminino e a relação de gênero na tessitura teatral é escrever a história das mulheres, é sair do silêncio que elas estavam confinadas. E “nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais” (PERROT, 2008, p. 16). A dramaturgia pliniana traz no interstício textual uma autorização discursiva que permite refletir o teatro como lugar possível para discutir questões de gênero, principalmente na viabilidade de (re) pensar a condição da mulher no âmbito familiar e social no sentido de equiparar diferenças. Importa ressaltar que a arte (como performance do imaginário) em diálogo com a realidade, proporciona novos olhares para a construção de sentidos e mudanças significativas no modo de pensar de uma sociedade. Nesse sentido, lançaremos mão, entre outras, das proposições teóricas e conceituais de (CORSINO, 2009) (FOUCAULT, 1988), (PERROT, 2008) e (ROSENFELD, 1996).

Referências: ENEDINO, Wagner Corsino. *Entre o limbo e o gueto: literatura e marginalidade em Plínio Marcos*. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2009. FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. _____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. MAGALDI, Sábato. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998. MARCOS, Plínio. *A dança final*. São Paulo: Maltese, 1994. PERROT, Michelle.

Minha história das mulheres. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008. ROSENFELD, Anatol. Prismas do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RELEITURAS CINEMATOGRAFICAS DO TEATRO NORDESTINO: AS ADAPTAÇÕES DE GUEL ARRAES PARA O AUTO DA COMPADECIDA, LISBELA E O PRISIONEIRO E O BEM-AMADO

Leandro Martan

Resumo: O presente trabalho se debruça sobre três das adaptações audiovisuais dirigidas pelo cineasta Guel Arraes, precisamente a minissérie O Auto da Compadecida (1999) - posteriormente com versão editada da televisão para os cinemas - e os filmes Lisbela e o Prisioneiro (2003) e O Bem-Amado (2010), realizados a partir das obras teatrais homônimas escritas por Ariano Suassuna (1955), Osman Lins (1964) e Dias Gomes (1962), respectivamente. A partir de sua habilidade para selecionar e interpretar grandes obras da literatura brasileira, o diretor de cinema nordestino Guel Arraes – sendo ele mesmo, portanto, conterrâneo dos três autores acima mencionados – amplifica o discurso literário e o reforça com elementos que a literatura sozinha não é capaz de congrega. Dessa forma, tem-se junto à leitura própria de cada uma das peças a incorporação de ações, métodos e técnicas na escrita dos roteiros e na execução da direção artística que consideram contextos sociopolíticos inerentes às próprias condições de recriação das peças. Assim, busca-se aqui identificar e refletir sobre a utilização de elementos discursivos e simbólicos próprios à montagem cinematográfica nessas três produções de Guel Arraes, relacionando-as diretamente com os textos originais e sem desconsiderar a lógica e os procedimentos necessários às adaptações realizadas, dedicando especial interesse aos aspectos que referenciam e ressignificam a identidade cultural regional do Nordeste do Brasil.

Referências: GOMES, Dias. O Bem-Amado: farsa sócio-político-patológica em 9 quadros. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. LINS, Osman. Lisbela e o Prisioneiro. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964. LISBELA e o Prisioneiro. Direção: Guel Arraes. Produção: Guel Arraes; Paula Lavigne. Brasil: Globo Filmes; Natasha Filmes, 2003. (107 min.). O Auto da Compadecida. Direção: Guel Arraes. Produção: Guel Arraes. Brasil: Globo Filmes; Lereby Produções, 2000. (157 min.). O Bem-Amado. Direção: Guel Arraes. Produção: Paula Lavigne. Brasil: Globo Filmes; Natasha Filmes, 2010. (107 min.). SUASSUNA, Ariano. O Auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1957.

CONTOS, ITANS E FÁBULAS DE ESCRIVIVÊNCIAS: DA LITERATURA AO TEATRO NEGRO

Maria Clara Oliveira Bertúlio

Resumo: Este artigo discorre sobre a montagem teatral “Contos, Itans e Fábulas de Escrevivências”, com o objetivo de evidenciar a relação de correspondência entre a abordagem do Teatro Negro e a Literatura Negra em seus repertórios narrativos. As histórias contadas sobre as mitologias Yorubás são conhecidas pelo nome de Itans, que têm a oralidade como principal fonte de transmissão de conhecimento e manutenção da memória ancestral. Para conectar o termo yorubano ao conceito de escrevivência, cunhado pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, cuja definição implica a construção de um eu-social a partir da articulação das bases de uma união coletiva, foi realizado um espetáculo na abordagem do Teatro Negro. A peça foi concebida por meio da Lei de incentivo à Cultura Aldir Blanc/Edital 2021 e encenada em Março de 2022 no Museu da Imagem e Som (MISC) e na comunidade ribeirinha São Gonçalo Beiro Rio, em Cuiabá-MT. A dinâmica que orientou o processo foi colaborativa, permitindo a participação mais horizontalizada de todos os componentes envolvidos nas atividades e procedimentos criativos. O processo criativo teve como metodologia a pesquisa das narrativas de memórias afro-diaspóricas em diálogo com histórias locais mato-grossenses e pessoais de seus criadores, como também a dramaturgia foi construída coletivamente a partir desta imersão. Esta proposta dialoga com a proposição teórica de Alexandre (2017), o qual defende o conceito de “corpo negro pulsante” enquanto produto de reminiscências de memórias pessoais e coletivas, corporificadas e trazidas para a representação textual e cênica. Nesse caminho, a pesquisa percorre o conceito de escrevivência em seu potencial de ampliar e ressignificar as discussões relacionadas à escritura e tessitura negras, mais especificamente no campo artístico relacionado ao teatro.

Referências: ALEXANDRE, Marcos Antônio. O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba. Malê, 2017. CORTÊS, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 4 ed. Belo Horizonte: Idea Editora, 2018. DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, jan-jun de 2008, pp. 11-23. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2017> Acesso em: 14 de out. de 2022.] DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

AS PRÁTICAS TRANSTEXTUAIS NA COMPOSIÇÃO DE MACHADO, ROMANCE DE SILVIANO SANTIAGO

Thiago Bittencourt

Resumo: Esta comunicação tem como objetivos compreender e demonstrar as relações transtextuais que o romance Machado (2016), de Silviano Santiago, mantém com outros textos e com seus próprios elementos paratextuais presentes na sua composição, os quais o constituem como suporte de uma composição literária. Para tanto, fundamentamos nossas bases teóricas no uso das terminologias propostas por Gérard Genette, em *Palimpsestos: literatura de segunda mão* (2010) e em *Paratextos editoriais* (2009). Segundo o teórico francês, a transtextualidade, ou transcendência textual de um texto, pode ser compreendida como aquilo que o coloca em relação, manifesta ou implícita, com outros textos, e apresenta-se nas seguintes formas: a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a hipertextualidade e a arquitextualidade. No estudo das sistematizações de Genette (2009, p. 20; 21), é verificável que os cinco tipos de transtextualidade não devem ser compreendidos como classificações estanques, sem comunicações ou interseções entre eles. “Suas relações são, ao contrário, numerosas e frequentemente decisivas. [...] Deve-se considerar a transtextualidade, não como uma categoria de textos, mas como um aspecto da textualidade, e certamente, da literariedade”. O estudo dessas interdiscursividades no romance do ficcionista mineiro, cuja narrativa tem como protagonistas o narrador-personagem e o escritor Machado de Assis, possibilita-nos a dar um salto na leitura e interpretação de uma narrativa multissemiótica, composta por signos linguísticos e não linguísticos, como fotografias e pinturas. Com isso, discorrer sistematicamente sobre a composição narrativa e seus pontos de contatos com os paratextos que a envolvem.

Referências: COMPAGNON, Antoine. O trabalho da citação. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. DIAS, Ângela M.. Literatura como antropofagia em Silviano Santiago: anotações sobre um percurso ficcional até Machado. *Remate de Males*, Campinas, v. 38, n. 1, pp. 398-413, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/remate.v38i1.8651097>. Acesso em: 16 jul. 21. FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. MOTTA, Manoel B. da (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran D. Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009. GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução de Luciane Guimarães. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010. _____. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009. ROCHA, Helder S. *Herança e emancipação: a ficcionalização de escritores do passado na obra de Silviano Santiago*. 2016, 166f. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.prppg.ufpr.br>. Acesso em: 16 jul. 22. SANTIAGO, Silviano. *Machado: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

A DRAMATURGIA DE VALTER SOBREIRO JUNIOR: DESLINDANDO OS FIOS PERFORMÁTICOS DE "UM INFELIZ JOVEM REI"

Wagner Corsino Enedino

Resumo: O teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos. A ordenação desses conteúdos, de forma individual e grupal, é fundamental para a concepção de dramaturgia. Nessa ordem, o ato de dramatizar está potencialmente ligado a cada ser humano, como uma necessidade que transcende a compreensão e representação da realidade. Cada

peça de teatro cria e recria um determinado universo de referência, onde se inscrevem os personagens, seus traços particularizadores e suas esferas de ação. A partir da década de 1960, o processo da renovação da linguagem teatral (aliado às transformações de ordem econômica, política e social) trouxe subsídios para a criação de novas e potenciais possibilidades de realização cênica no Brasil. Acompanhando esse processo, o discurso teatral vem sendo alvo de estudos sistemáticos no universo acadêmico, seja no plano da forma, seja no plano do conteúdo. Reflexões desde Aristóteles até a ruptura com o teatro tradicional, sobretudo nos moldes da chamada “peça bem-feita”, são pontuados em trabalhos científicos. Nesta comunicação, o destaque é a obra “O infeliz jovem rei”, primeira peça do dramaturgo gaúcho Valter Sobreiro Junior, datada de 1962. Dividida em dois atos e seis cenas, o drama “O infeliz jovem rei” estreou em 1963 no 2º Festival de Teatro de Pelotas, atingindo considerável sucesso, o que rendeu a Sobreiro Junior vários prêmios. Por meio da materialidade do texto dramático, podemos pensar em suas implicações e desdobramentos para a compreensão do autor e, por extensão, de sua produção cultural. Com efeito, “O infeliz jovem rei” possibilita ao leitor/espectador refletir sobre a condição de “ser e estar no mundo” a partir das inquietantes e instigantes batalhas (com um plus de existencialismo sartriano) que o jovem príncipe (depois rei) trava consigo mesmo.

Referências: BALL, David. Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais. Trad. de Leila Coury. São Paulo: Perspectiva, 2009. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Edição revisada e atualizada por Carlos Sussekund. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. ELIOT, T. S. Ensaios. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. PALLOTTINI, Renata. Dramaturgia: a construção do personagem. São Paulo: Ática, 1998. PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. Trad. para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999. PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 81-101. ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 11-49. SOBREIRO JÚNIOR. Valter. O infeliz jovem rei. [s.l.], 1962.

SIMPÓSIO “LITERATURA E RELIGIOSIDADE”

João Cesário Leonel Ferreira (Mackenzie), Marcos Aparecido Lopes (UNICAMP) e Rafaela
Câmara Simões da Silva (UPT)

ANNE LOCKE E AEMILIA LANYER: AUTORAS DA MODERNIDADE NASCENTE INGLESA E AS DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE SUBVERSÃO EM SUAS OBRAS DE TEMÁTICA RELIGIOSA

Aline Fernandes Thosi

Resumo: Após mais de três séculos de esquecimento, as obras de mais de 50 autoras da modernidade nascente inglesa foram redescobertas por pesquisadores de países anglófonos em meados do século XX e trazidas à público. No entanto, ainda hoje, os textos produzidos por essas mulheres não são tão amplamente conhecidos e divulgados como as obras de sua contraparte masculina. Os motivos pelo apagamento histórico e pela tímida propagação de seus escritos na atualidade são diversos e debatíveis. O pesquisador Randall Martin (2010) destaca que a falta de interesse do leitor moderno em textos de temática religiosa contribui para que muitas dessas autoras sejam menos lidas, uma vez que a religião permeava todos os âmbitos de suas vidas e, consequentemente, estava presente em seu fazer literário. Além disso, há, ainda, a suposição de que temas religiosos podem reforçar ideais misóginos. No entanto, muitas dessas autoras usavam a temática almejando justamente questionar os limites a elas impostos, como é possível identificar nos dois seguintes exemplos: (1) Anne Locke (1533-1590) produziu a primeira sequência de sonetos escrito por uma pessoa inglesa parafraseando sermões do líder protestante João Calvino (1509-1565) e, desta forma, se inseriu em um debate político-religioso do qual não estaria autorizada a participar não fosse pela literatura, bem como incluiu um prefácio em sua tradução do texto do teólogo

protestante Jean Taffin (1529-1602) no qual subverte os limites impostos ao seu sexo por sua própria religião; (2) Aemilia Lanyer (1569-1645) escreveu uma coleção de poemas recontando a história da Paixão de Cristo pela perspectiva feminina e fazendo uma defesa de Eva, questionando convicções misóginas com a determinação de defender todo o sexo feminino. Meu objetivo é analisar tais textos, explorando as diferentes estratégias de subversão por elas usadas, ajudando a divulgar, desta forma, obras tão importantes para a História da Literatura.

Referências: LANYER, Aemilia. *Salve Deus Rex Judaeorum*. Londres: Vallentine Simmes, 1611. Disponível em <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo2/A05085.0001.001?view=toc> Acesso em: 07 jan. 2023. LOCKE, Anne. *A Meditation of a Penitent Sinner*. London: Thomas Orwin, 1560. Disponível em: <www.luminarium.org/renascence-editions/locke2.html> Acesso em: 07 jan. 2023. LOCKE, Anne. *Of the Markes of the Children of God*. London: Thomas Orwin, 1560. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo2/A13341.0001.001?view=toc> Acesso em: 07 jan. 2023. MARTIN, Randall. ed. *Women Writers in Renaissance England: An annotated anthology*. Harlow: Pearson education limited, 2010.

A REPRESENTAÇÃO DAS TAPEÇARIAS “A DAMA E O UNICÓRNIO” NAS POÉTICAS DE MARIA TERESA HORTA E DORA FERREIRA DA SILVA

Ana Maria Ferreira Côrtes

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma leitura comparativa de poemas da obra *A Dama e o Unicórnio* (2013), da escritora portuguesa Maria Teresa Horta, e da série “Tapeçarias”, de Andanças (1970), da poeta brasileira Dora Ferreira da Silva. A hipótese que norteia o trabalho é que, nas obras de ambas as poetisas, é atribuído à tecelagem um sentido de elemento sagrado, relacionado ao poder criacional presente no tear-poetar da palavra. Esse gesto poético seria responsável por ressacralizar a escrita e estabeleceria novas possibilidades de existência, em particular para as mulheres, sujeitos centrais nos poemas das escritoras. Nesse contexto, é central a releitura que Horta e Silva fazem, nas obras que compõem nosso corpus de trabalho, da série de tapeçarias conhecida como “A Dama e o Unicórnio”, que datam do século XVI, a partir da qual retomamos a aproximação entre poesia e artes pictóricas, que remonta à Antiguidade Clássica (SILVA, 2019, p. 53). Discutimos, com base nessa afinidade, o modo como os signos verbais e imagéticos se articulam na composição da tessitura poética das autoras. Do ponto de vista teórico, soma-se ao estudo das relações entre palavra e imagem a compreensão do conceito de sagrado e a definição, a partir da poética de cada autora, do que entendem pelo termo, de forma que seu sentido é construído com base nos textos poéticos e considerando as tradições literárias e culturais nas quais as obras se inserem.

Referências: CESAR, Constança Marcondes. Dora Ferreira da Silva: Caminhos em Direção ao Sagrado. *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo 67, fasc. 2, Pensamento Luso-Brasileiro contemporâneo, 2011, pp. 289-303. CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021. HORTA, Maria Teresa. *A Dama e o Unicórnio*. Alfragide: Publicações bDom Quixote, 2013. MENEZES, Carlos Roberto dos Santos. A dupla chama ou o jogo da sedução em ‘A dama e o unicórnio’, de Maria Teresa Horta. *Convergência Lusíada*, 30 (42), 2019, 259-276. Disponível em: <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/335/280>. Acesso em: 15/09/2021. IANELLI, Mariana. O mundo da dama e do unicórnio. *Valor Econômico*, São Paulo, 10 jan. 2014. Disponível em: <https://www.valor.com.br/cultura/3390460/o-mundo-da-dama-e-dounicornio>. Acesso em: 10/09/2021. JOURDAN, Jean-Pierre. Le sixième sens et la théologie de l'amour. In: *Journal des savants*, 1996, n° pp. 137-159. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/jds_0021-8103_1996_num_1_1_1596. Acesso em: 13/09/2021. PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994. SILVA, Dora Ferreira da. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999. SILVA, Fabio Mario. *Ut pictura poesis: A Dama e o Unicórnio de Maria Teresa Horta*. In: COUTO, Anabela Galhardo; CUNHA, Rodrigo Sobral; SILVA, Fabio Mario. *Visitações de A Dama e o Unicórnio de Maria Teresa Horta*. Lisboa: UNIDCOM/IADE – Universidade Europeia; CLEPLUL, 2019, pp. 51-62. Disponível em: https://issuu.com/cleplul/docs/visita__es. Acesso em: 20/04/2022.

TABURET DELAHAYE, Élisabeth. Les tapisseries de « La Dame à la licorne ». In: Communications, 86, 2010. Langages des sens. pp. 57-64. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_2010_num_86_1_2536. Acesso em: 13/09/2021.

O TEMA DA SALVAÇÃO NO ROMANCE EVANGÉLICO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Antônio Egno do Carmo Gomes

Resumo: Propomos uma visada panorâmica sobre a literatura evangélica brasileira contemporânea a partir de uma temática que parece ser muito cara a essa produção: a salvação. Estas são as abordagens pretendidas, com seus respectivos objetivos: 1. Fazermos considerações sobre os variados subgêneros dos livros (romântico, suspense, histórico), com a finalidade de apresentarmos conclusões sobre a prevalência ou não do sentimento de missão sobre as tendências de abordagem típicas desses estilos; 2. Constatarmos se a obra é produzida por um escritor ou escritora, com o intuito de podermos estabelecer se isso determina constâncias ou assimetrias no tratamento da temática; 3. Observarmos a qual dos ramos do evangelicalismo brasileiro (reformado, pentecostal, neopentecostal) reivindica ser ligado(a) o(a) escritora(a), com o objetivo de averiguarmos (se há) relações entre sua filiação religiosa e os modos como representa ficcionalmente a temática soteriológica; 4. Descrevermos, quanto ao desenvolvimento do enredo, em qual das três vertentes do tema da salvação em literatura cristã a obra se filia: a) A salvação conquistada – o protagonista, não cristão, vem a se converter e é salvo; b) A salvação testada – o protagonista é um cristão verdadeiro que passa por testes e incremento de sua salvação; c) A salvação redescoberta – o protagonista, cristão professo, encontra o verdadeiro sentido da salvação; 5. Conferir, quanto ao desenvolvimento médio da intriga, se o gênero ficcional soteriológico compreende os seguintes movimentos, não necessariamente ordenados ou lineares: I. Momento da crise; II. Momento da consciência de perdição; III. Momento da pregação/oportunidade de arrependimento; IV. Momento da conversão; V. Momento da confirmação da mudança que caracteriza a salvação.

Referências: ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. Trad. Cristiano Martins. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). Guia Literário da Bíblia. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. AUSTIN, John L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. BAKHTIN, Mikhail. (V. N. Volochínov). Marxismo e filosofia de linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004. _____. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. _____. Problemas da Poética de Dostoiévski. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. _____. Questões de literatura e estética. A teoria do romance. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998. BARCELLOS, J. C. Literatura e Espiritualidade. Bauru, SP: EDUSC, 2001. BATAILLE, Georges. A literatura e o mal. Trad. Antonio B. Coelho. Lisboa: Vega Passagens, 1998. BRUNEL, Pier (Org.). Dicionário de Mitos Literários. Trad. Carlos Sussekund et al. Rio de Janeiro: UnB - José Olímpio, 1988. _____. PICHOS, C. & ROUSSEAU, A. M. Que é Literatura Comparada? Trad. Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1995. CARNEIRO LOPES, Paulo César. Utopia cristã no sertão mineiro: uma leitura de “A hora e a vez de Augusto Matraga” de João Guimarães Rosa. Petrópolis: Vozes, 1997. CARPEAUX, Otto Maria. A consciência cristã de Milton. In: _____. Ensaios reunidos – 1942-1978. vol.1. (De A cinza do Purgatório até Livros na mesa). Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade Editora, 1999. p. 173-178. COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. v.1. n.1. Rio de Janeiro: Abralic, 1991. EUSÉBIO DE CESARÉIA. História eclesiástica. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. FERRAZ, Salma. O Cristo de Paulo Leminski e José Saramago. In: Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. “Trânsitos literários luso-afro-brasileiros”. n. 20, ano 14. Brasília: UnB, 2005. p. 115-126. FILHO, Carlos R. Caldas. “Quem não vem pelo amor vem pela dor”: a teologia da conversão em “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Ciências da Religião – História e Sociedade. V. 4, n. 4, 2006. p. 83-99. FRANK, Joseph. Dostoiévski: as sementes da revolta, 1821-1849. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999. GOETHE, J. W. Fausto. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. GRUDEM, Wayne. Teologia sistemática ao alcance de todos. Thomas Nelson Brasil. Edição do Kindle. 2019. HOEKEMA, Anthony A. Salvos pela graça. Trad. Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HULSBOSCH, A. Conversão. In: BORN, Van den (Ed.). Dicionário enciclopédico da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 292-294. KUSCHEL, Karl-Josef. Os Escritores e as Escrituras. Trad. Paulo A. Soethe et al. São Paulo: Loyola, 1999. LEVINAS, Emmanuel. Ética e infinito. Lisboa: 70, 1988. MANN, Thomas. Doutor Fausto. Trad. de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. MANZATTO, Antonio. Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994. MAZZARI, M. V. Goethe e a história do Doutor Fausto: do teatro de marionetes à literatura universal. In: Fausto - uma Tragédia (Primeira Parte). São Paulo: Editora 34, 2004, p. 7-24. MILTON, John. O paraíso perdido. Trad. Dr. Antônio José de Lima Leitão. 2 vl. São Paulo: Edigraf Limitada, s/d. PEREIRA, João Batista. Religião e violência em "A hora e a vez de Augusto Matraga". Revista da Anpoll nº 41, Florianópolis, jul./dez. 2016. p. 128-137. PERETTI, Frank. Este mundo tenebroso – Parte I. Trad. Wanda Assumpção. São Paulo: Vida, 1989. RICOEUR, Paul. O mal: um desafio à filosofia e à teologia. Trad. Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas, SP: Papirus, 1988. ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 20ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. SANTO AGOSTINHO. Confissões; De magistro. 4.ed. Trad. J. Oliveira Santos, Ambrósio de Pina e Angelo Ricci. São Paulo: Nova Cultural, 1987. STEINER, George. Depois de Babel: questões de linguagem e tradução. Curitiba: Editora da UFRP, 2005. TACCA, Oscar. As vozes do romance. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. VANHOOZER, Kevin J. Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2005. _____. The drama of doctrine: a canonical-linguistic approach to Christian theology. Louisville, Kentucky: WJK, 2005b. VILHENA DE ARAUJO, Heloisa. O roteiro de Deus: dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1996.

PITAGORISMO GREGO E NEOPITAGORISMO CURITIBANO: A RELEITURA PITAGÓRICA DE DARIO VELLOZO

Bárbara Perez

Resumo: De difícil datação, variando entre os séculos IV a.C (Glandorf) e IV d.C (Nauck), e autoria não determinada, os Versos de ouro são um poema que circulou durante o período helenístico na Grécia e apresenta normas de vida, no formato de exercícios diários, que constituiriam as bases do pensamento pitagórico. Conforme teorias de Foucault e Hadot, analiso esse poema com base na filosofia como forma de vida, que entende a filosofia como a prática de exercícios diários, conhecidos como exercícios espirituais. Nesse contexto, os pitagóricos eram conhecidos pelas abstinência de carne, preparação para o sono e a análise dos sonhos, e aqueles que cumprissem à risca essas recomendações poderiam alcançar uma elevação enquanto sujeitos assim como Pitágoras teria alcançado, tornando-se capazes de relembrar suas vidas passadas e atingindo o status de θεῖος ἄνθρωπος - homem divino. Em 1921 em Curitiba, é publicado o livro Hôrto de Lísis, de autoria do simbolista Dario Vellozo. O livro se inicia com uma tradução, feita por Vellozo a partir de uma outra tradução para francês, dos Versos de ouro. Segundo o poeta, esse poema é o texto-base de seu Instituto Neo-Pitagórico (INP), fundado por ele em Curitiba em 1909 e existente até hoje. Assim, o presente trabalho, que se articula com a minha pesquisa de doutorado, pretende analisar essa releitura do pitagorismo feita por Vellozo, procurando entender o "neo" em seu "neopitagorismo". De maneira específica, com Balakian, Carollo e Valéry, procuro compreender a tradução de Vellozo no contexto do simbolismo brasileiro, especialmente em sua faceta mística. Também busco compreender as condições que permitiram a inserção de um movimento ascético antigo no séc. XX. Por fim, analiso especificamente os exercícios recomendados pelo poema grego e por sua tradução brasileira, refletindo sobre as diferenças entre as versões e como elas se adequam a cada contexto.

Referências: BALAKIAN, Anna. O Simbolismo. Trad. José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 1985; BURKERT, Walter. Lore and Science in Ancient Pythagoreanism. Trad. Edwin L. Minar Jr. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1972; CAROLLO, Cassiana Lacerda. Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética. v. 1. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980; CORDERO, Néstor Luis. A invenção da filosofia. Trad. Eduardo Wolf. São Paulo: Odysseus, 2011; CORNELLI, Gabriele. A Vida de Pitágoras de Diógenes Laércio: questões sobre a recepção do pitagorismo no período imperial. In: LEITÃO, Delfim; CORNELLI, Gabriele;

PEIXOTO, Miriam C. (coords.). Dos homens e suas ideias: estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. pp. 247-265; FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Marcio Alves da Fonseca; Salma Tanxus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006; HADOT, Pierre. Exercícios espirituais e filosofia antiga. Trad. Flavio Fontenelle Loque; Loraine Oliveira. São Paulo: É, 2014; NAUCK, August. Über die goldenen Sprüche des Pythagoras. Bulletin de l'Académie Impériale des Sciences de Saint-Petersburg, São Petersburgo, v. 18, pp. 472-501, 1873; RIEDWEG, Christoph. Approaching Pythagoras of Samos: Ritual, Natural Philosophy and Politics. In: CORNELLI, Gabriele; MCKIHARAN, Richard; MACRIS, Constantinos (eds.). On Pythagoreanism. Göttingen: De Gruyter, 2013. pp. 47-58; THOM, Johan Carl. The Pythagorean Golden Verses. With Introduction and Commentary. Leiden; Nova Iorque; Köln: E. J. Brill, 1995; VALÉRY, Paul. Existence du symbolisme. In: _____. Oeuvres. Paris: Gallimard, 1959. v. I; VELLOZO, Dario. Hôrto de Lisis. In: _____. Obras I. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969. ZELLER, Eduard. Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung. Tübingen: Ludwig Friedrich Fues, 1856.

CONSUMAÇÃO E REDENÇÃO: ATUALIZAÇÃO E SECULARIZAÇÃO DA TRADIÇÃO EXEGÉTICA JUDAICO-CRISTÃ EM ERICH AUERBACH E WALTER BENJAMIN

Beatriz Moreira Da Gama Malcher

Resumo: A comunicação proposta busca analisar comparativamente a obra de dois cânones da Crítica Literária e da Filologia Moderna, Walter Benjamin e Erich Auerbach, levando em conta o uso secularizado que ambos fazem da exegese bíblica no desenvolvimento de seus métodos de análise e leitura textual. Pretende-se abordar tal questão levando-se em consideração a dialética entre sincronia e diacronia na leitura antiteleológica do conceito de história levada adiante por ambos por meio da atualização da tradição exegética judaico-cristã. Partindo da exposição do trato dado à componente histórica por cada um, esta apresentação procurará demonstrar como, apesar de ambos partirem de um método de composição dialético que coloca em tensão totalidade e fragmento para uma leitura sintética do mundo – onde o texto literário muitas vezes é o grande mediador do real –, cada um teria uma compreensão própria do que seria a dialética, compreensão esta diretamente atravessada pela forma com a qual eles encaram o texto bíblico. A dialética em Auerbach estaria mais relacionada a uma dinâmica hegeliana, em muitos sentidos de inspiração agostiniana, enquanto Benjamin inauguraria um modelo dialético próprio a partir do diálogo direto e indireto travado com Adorno e Scholem. Ou seja, estas apropriações tão distintas da dialética enquanto método de abordagem crítica acontecem haja vista a forma a partir da qual ambos vão fazer uso de uma hermenêutica sagrada para tratar questões seculares. Enquanto Auerbach atualiza a dialética da exegese bíblica cristã e da interpretação figural do texto literário – o que faz com que a sua leitura do processo histórico seja centrada no par prefiguração-consumação (passado-futuro) –, Benjamin, que parte de uma conjugação própria e heterodoxa da exegese judaica e do materialismo dialético, tem uma leitura do processo histórico focada no par catástrofe-redenção e no chamado Jetztzeit (presente).

Referências: ADORNO, Theodor & BENJAMIN, Walter. Correspondências 1928-1940 Adorno Benjamin. São Paulo: Editora Unesp, 2012. AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Abril, 1975. _____. A cidade de Deus. Petrópolis: Vozes, 2017. AUERBACH, Erich. “São Francisco de Assis na Comédia de Dante” In: _____. Figura e São Francisco de Assis na Comédia e Dante. São Paulo: Editora Ática, 1997a. _____. “Figura” In: _____. Figura e São Francisco de Assis na Comédia e Dante. São Paulo: Editora Ática, 1997b. _____. Dante, poet of the secular world. Nova Iorque: New York review of books, 2007. _____. “Filologia da literatura mundial”. In: _____. Ensaios de Literatura Ocidental: filologia e crítica. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012a. _____. “Sacrae scripturae sermo humilis” In: _____. Ensaios de Literatura Ocidental: filologia e crítica. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012b. _____. “Sermo humilis Gloria passionis” In: _____. Ensaios de Literatura Ocidental: filologia e crítica. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012c. _____. “Vico e o historicismo moderno”. In: _____. Ensaios de Literatura Ocidental: filologia e crítica. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012d. _____. A novela no início do Renascimento – Itália e França. São

Paulo: Cosac Naify, 2013. _____. "The Idea of the National Spirit as the Source of the Modern Humanities". In.: PORTER, James I. (ed.) *Time, history and literature: selected essays of Erich Auerbach*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2014. _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2015. BARCK, Karlheinz. "Walter Benjamin and Erich Auerbach: fragments of a correspondence". *Diacritics*, Vol. 22, No. 3/4, 1992. pp. 81-83 _____. "Figura e Imagem Dialética". In.: GIUCCI, Guillermo et al. *V Colóquio UERJ: Erich Auerbach*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. BENJAMIN, Walter. *Das Passagen-Werk*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1982. _____. "Infância em Berlim por volta de 1900". In.: _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. _____. "Sobre o conceito de história". In.: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005. _____. "Experiência e pobreza". In.: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v.1)*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012a. _____. "O Narrador". In.: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v.1)*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012b. _____. "Fragmento teológico-político". In.: _____. *O Anjo da história*. João Barrento (Org. e Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012c. _____. "Edward Fuchs, colecionador e historiador". In.: _____. *O Anjo da história*. João Barrento (Org. e Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012d. _____. "Fragmentos (filosofia da História e política)". In.: _____. *O Anjo da história*. João Barrento (Org. e Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012e. _____. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. _____. "Fragmentos sobre crítica literária". In.: _____. *Linguagem, tradução, literatura*. João Barrento (Org. e Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. _____. *Sobre o programa da filosofia por vir*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019. _____. *Sobre o conceito de história*. São Paulo: Alameda, 2020. _____. "Teoria da Crítica". In.: _____. *Walter Benjamin está morto*. Gustavo Racy (Org.). São Paulo: Sobinfluência edições, 2020b. _____. "História". In.: _____. *Walter Benjamin está morto*. Gustavo Racy (Org.). São Paulo: Sobinfluência edições, 2020c. BENJAMIN, Walter & AUERBACH, Erich. *Correspondência entre Erich Auerbach y Walter Benjamin*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: EGodot Argentina, 2015. (Edição Kobo). BENJAMIN, Walter & SCHOLEM, Gershom. *Correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 1993. BERG, Walter. "Figura – modelo para armar outra história". In.: GIUCCI, Guillermo et al. *V Colóquio UERJ: Erich Auerbach*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. CARONE, Modesto. "Um roteiro do conceito de figura". In.: AUERBACH, Erich. *Figura e São Francisco de Assis na Comédia e Dante*. São Paulo: Editora Ática, 1997. EAGLETON, Terry. "Pork Chops and Pineapples". *London Review of Books*. LRB 23, out., 2013. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo: n-1 edições, 2018. HOLQUIST, Michael. "The Last European: Erich Auerbach as Precursor in the History of Cultural Criticism". *Modern Language Quarterly* (1993) 54 (3). P371–391. LIMA, Luiz Costa. "Figura e Evento". In.: GIUCCI, Guillermo et al. *V Colóquio UERJ: Erich Auerbach*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. _____. "As figuras de Dante". *Folha de São Paulo*. 22 de junho de 1997. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005. _____. *La révolution est le frein d'urgence: Essais sur Walter Benjamin*. Paris: Editions de l'éclat, 2019. MATOS, Olgária. "Benjamin e a questão do método". In.: _____. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993. SAID, Edward. *El Mundo, el texto y el critico*. Buenos Aires: Debate, 2004 _____. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a. _____. "Introdução a Mimesis, de Erich Auerbach". In.: _____. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b. WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. _____. "Erich Auerbach e a condição humana". In.: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (ed.). *Pensamento alemão no século XX*. v. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ENTRE MIM E MIM: CECÍLIA, CLARICE E O MISTICISMO COMO INVESTIGAÇÃO DO VAZIO

Camila Marchioro

Resumo: Evelyn Underhill, em *Mysticism* (1911), afirma que a procura por um caminho espiritual de retorno a um estado de “verdade absoluta” caracteriza o misticismo. Da busca que Cecília Meireles e Clarice Lispector fizeram por uma saída para o eu nasceram suas obras de teor místico, abordando contornos do que esta denominou “a própria coisa” e aquela “Absoluto”. Além do estudo das religiões afro-brasileiras, a poeta se aprofundou no hinduísmo, budismo e misticismo judaico, colhendo elementos que ganharam forma em sua obra. Cecília foi uma das pioneiras no relato da experiência de pico (Abraham Maslow, 1964) a partir do olhar da mulher, o ponto final dessa investigação é a descoberta do silencioso indizível, fonte de toda a imaginação/criação. Por sua vez, Clarice nutriu grande interesse pelo misticismo judaico e pela obra de Baruch Spinoza; livros como *A maçã no escuro* (1961) e *A paixão segundo G.H* (1964) exploram o tema da experiência do limite e o enfrentamento de um “cheio-vazio” se configura como centro da caminhada mística. Paradoxalmente, apenas a linguagem literária dá conta de narrar os contornos do vazio e do indizível. Sendo assim, ao considerar a inclinação investigativa dessas grandes personalidades de nossa literatura, a presente comunicação objetiva mostrar os resultados de um estudo comparado entre o livro *Canções* (1956), de Cecília Meireles, e *A paixão segundo G.H* (1964), de Clarice Lispector. Observa-se o caminho percorrido pelo eu lírico do primeiro e pela narradora do segundo, verificando como é representada a experiência mística nessas obras. Além disso, são ressaltados trechos dos poemas e do romance a fim de observar relações intertextuais com textos religiosos. Chega-se à conclusão de que, nos dois livros, a caminhada mística se dá pela jornada através do vazio e do silêncio. Por fim, apresenta-se uma reflexão sobre o aporte teórico usado no estudo.

Referências: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *Poesia e Estilo de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. BENSION, Ariel. *Zohar: o livro do esplendor*. São Paulo: Polar, 2006. BLOOM, Harold. *Cabala e crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1999. DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: O mundo Contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. DAN, Joseph. *Kabbalah: a Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006. ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972. ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. GOSVAMI, Satsvardupa dasa. *Introdução à Filosofia Védica: a Tradição Fala por si Mesma*. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1986. GOTLIB, Nadia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. GOUVÊA, Leila V. B (org.) *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007. GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e "Lirismo Puro" na Poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: EDUSP, 2008. GOUVEIA, Margarida Maia. *Cecília Meireles – uma poética do "eterno instante"*. Liboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002. GUINSBURG, Jacó. *O judeu e a modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1970. Helena, Lúcia. *Nem musa, nem medusa. Itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Niterói: Editora da UFF, 1997. HOMEM, Maria Lucia. *No limiar do silêncio e da letra: traços de autoria em Clarice Lispector*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. HUXLEY, Aldous. *A Filosofia Perene*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1995. LOUNDO, Dilip. *"Cecília Meireles e a Índia: Viagem e Meditação Poética"*. In: *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007, p. 129-178. MARCHIORO, Camila. *Cecília Meireles e os símbolos do Absoluto*. Dissertação de mestrado, Curitiba, UFPR, 2014. MASLOW, Abraham. *Religions, Values, and Peak Experiences*. Stellar Books, 2014. MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: Poesia Completa*. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2 v. Moser, Benjamin. *Clarice*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009. NUNES, Benedito. *"Clarice Lispector ou o naufrágio da introspecção"*. *Remate de males*. Campinas, nº 9, p. 63-70, 1989. Rosenbaum, Judith. *"No território das pulsões"*. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Clarice Lispector, p. 264-276, 2004. Sá, Olga de. *"Uma metafísica da matéria ou uma poética do corpo"*. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Clarice Lispector, p. 280-301, 2004. SANCHARACHARYA. *La Sabiduría Hindu*. Buenos Aires: Editorial Dedalo, s/data. SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. SARMA, M.A. *Hinduísmo e Yoga*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967. SHOLEM, Gershom. *As grandes correntes da mística judaica*. São

Paulo: Perspectiva, 2008a. SHOLEM, Gershom. A cabala e seu simbolismo. São Paulo: Perspectiva, 2009. SHOLEM, Gershom. O nome de Deus, a teoria da linguagem e outros estudos de cabala e mística: judaica II. São Paulo: Perspectiva, 2008b. TINÔCO, Carlos Alberto. As Upanishads. São Paulo: IBRASA, 1992. UNDERHILL, Evelyn. Mysticism: A Study in Nature and Development of Spiritual Consciousness. Christian Classics Ethereal Library: 1911. VELASCO, Juan Martin. El fenómeno místico. 2ª ed. Madrid: Editorial Trotta, 2003. Waldman, Berta. “Uma cadeira e duas maçãs: presença judaica no texto clariciano”. Cadernos de Literatura Brasileira. Clarice Lispector (2004): 241-260. ZIMMER, Heinrich. Filósofos da Índia. São Paulo: Palas Athena, 2008.

TEOPOETICA: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E RELIGIÃO

Dario De Jesus Gomez Sanchez

Resumo: Ainda que em sentido restringido a teopoética pode ser entendida como uma especificidade da teologia, no sentido mais abrangente do diálogo entre literatura e religião poderíamos pensar ou estabelecer três possibilidades de relação: a) Teopoética literária: entendida como o estudo das relações entre literatura e religião em qualquer época, fazendo ênfase no reconhecimento da elaboração estética ou literária dos textos religiosos ou “textos sagrados” das denominadas religiões de texto. Esta linha é a mais próxima dos estudos propriamente de literatura comparada. b) Teopoética moderna: estudo da temática religiosa na literatura moderna, especialmente daquela surgida depois dos processos de secularização, tentando identificar o discurso sobre deus nos textos literários e em alguns autores que tem se servido das formas literárias para pensar diversas manifestações ou concepções do sagrado na modernidade. c) Teopoética teológica: estudo da relação entre literatura e religião desde uma perspectiva propriamente religiosa ou teológica, se ocupando do poder espiritualmente transformador dos textos sagrados e/ou da profundidade teológica dos textos literários, atualizados através de uma certa forma de leitura ou interpretação. O objetivo da comunicação é apresentar algumas possibilidades e exemplos desta concepção da teopoética em sentido amplo, assim como propiciar a discussão para sua (re)elaboração, especialmente desde a perspectiva dos estudos de literatura comparada.

Referências: BARCELLOS, J. C. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, v.3, n.2, 999. p.9-30, BINGEMER, Maria Clara: Teopoética: uma maneira de fazer teologia? Interações: Cultura e Comunidade, Belo Horizonte, Vol. 11, núm. 19, jan.-jun. 2016, pp. 3-7 JIMÉNEZ Macedo, Tania. El relato milagroso en el contexto de la literatura religiosa novohispana. La experiencia literaria. Madri, n. 14-15. Marco 2007. p. 33-63. KUSCHEL, Karl-Josef. As escrituras e os escritores: retratos teológicos-literários. São Paulo: Loyola, 1999 MANZATTO, Antonio: Teologia e Literatura. Bases para um diálogo In: Interações. Vol. 11. n. 19, Ago. 2016. p. 8-18, MILES, Jack. Deus- Uma Biografia. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. MOELLER, Charles. Literatura del siglo XX y cristianismo- el silencio de Dios Madri: Gredos, 1960 PIÑERO, Antonio (ed.). Los libros sagrados en las grandes religiones. Barcelona: Herder, 2016.

ENTRE O CÉU E O INFERNO: A CARNAVALIZAÇÃO DO SAGRADO E DO PROFANO NA ESCRITA DE MACHADO DE ASSIS

Débora Izabel Santos Araújo

Resumo: Considerando o contexto social vigente, em que se avolumam os mais diversos tipos de discursos autoritários, enrijecidos, tidos como verdades absolutas, é que desenvolvemos este estudo. O mesmo faz parte de uma dissertação de mestrado, que sob a óptica da carnavalização defendida por Mikhail Bakhtin, tem como objetivo geral a análise do sagrado e do profano, nos contos: A Igreja do Diabo, O Sermão do Diabo, Entre Santos e Adão e Eva. Segundo Bakhtin (2010, p. 140), a carnavalização consiste na transposição do carnaval para a literatura. “O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre os atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem

habitual em certo sentido uma “vida as avessas”, um “mundo invertido.” (BAKTHIN, 2010, p. 140) Algo, ao nosso ver, explícito nas obras tomadas como objeto desse estudo. Ambas apresentam o que Bakhtin definiu por categorias da carnavalização: contato familiar entre os homens, Excentricidade, Mesalliance e Profanação. Elementos trazidos por Machado de forma a inverter o discurso bíblico, a partir da paródia, do riso, do grotesco, mostrando o bem e o mal numa vertente ético-existencial. Toda análise que permeia essa discursão parte então de uma pesquisa bibliográfica, com ênfase na busca por fontes primárias, ou seja, anais, teses, dissertações, livros, etc. Quanto a natureza, podemos defini-la como qualitativa, uma vez que o resultado é expresso por meio de uma análise crítica e literária, numa associação de conceitos e ideias. Pensar sob o viés da carnavalização é uma forma de mostrarmos que os discursos oficiais, são apenas uns entre muitos outros.

Referências: ASSIS, Machado de. Contos essenciais. São Paulo: Martin Claret, 2019. ASSIS, Machado de. Histórias sem data. São Paulo: Ática, 1998. ASSIS, Machado de. Machado de Assis: seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das letras, 2007. AUERBACH, Erich. Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015. BAKTHIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987. BAKTHIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. COUTINHO, Afrânio. A filosofia de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1940. DUARTE, Eduardo de Assis. Machado de Assis afrodescendente. Rio de Janeiro: Malê, 2020. FAORO, Raymundo. A pirâmide e o trapézio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. GLEDSON, JOHN. Por um novo Machado de Assis. São Paulo: Companhia das letras, 2006. JÚNIOR, R. Magalhães. Machado de Assis desconhecido. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. MACEDO, José Rivair. Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média. Porto Alegre/São Paulo: UFRGS/UNESP, 2000.

A FACA QUE CORTA A LÍNGUA E MARCA A ANCESTRALIDADE: OBJETO, AGÊNCIA E RELIGIOSIDADE EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Douglas Santana Ariston Sacramento

Resumo: O escritor soteropolitano Itamar Vieira Júnior (2019) escreveu o fenômeno literário Torto Arado, que ganhou o Prêmio Jabuti (2020) e o Prêmio Oceanos (2020), do qual retrata a história de Bibiana e Bolinisia da sua infância – quando um grave acidente marca a vida das duas, uma faca de prata corta a língua de Belonísia deixando-a sem voz e fazendo com que Bibiana seja a portadora e interpreta da irmã – até a fase adulta, quando casadas percebem-se atreladas a uma questão social e religiosa muito importante para se compreender a posse de terras pós-abolição no interior da Bahia. Com esse acontecimento inicial, nota-se que a religiosidade do Candomblé de Jarê – mais conhecido com candomblé de caboclo - é uma recorrência no livro, do qual o pai das meninas Zeca Chapéu Grande é um líder religioso e serve toda a comunidade. Logo, essa proposta versa sobre a faca que aparece no início do livro, retoma em flashbacks no meio do livro e que marca um nó importante e inicial para compreender a religiosidade representada no livro. Assim, esse objeto é carregado de ancestralidade, necessidade de cuidado de uma herança ancestral e tem todo um agenciamento – importante dentro da religiosidade de matriz africana no Brasil. Uma faca não é apenas uma faca, é um objeto ritual.

Referências: JÚNIOR, Itamar Vieira. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019. LODY, Raul. O povo do santo: Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2006. LUZ, Marco Aurélio. Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2017. MAURÍCIO, George. O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Ioruba e Fon). Rio de Janeiro: Pallas, 2009. SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia. Traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012.

OS DEUSES QUEREM PASSAR POR AQUI”: A PRESENÇA DO SAGRADO NA LÍRICA CONTEMPORÂNEA DE ALEXEI BUENO

Gabriela de Santana Oliveira

Resumo: Este trabalho propõe-se a investigar como as manifestações do sagrado, em suas construções metafóricas e simbólicas, encontram eco na poesia contemporânea de Língua Portuguesa, tendo por base a obra do poeta carioca Alexei Bueno. Pode parecer paradoxal pensar a presença do sagrado, que remete ao eterno, na sociedade contemporânea, tão bem definida por Bauman como “líquida”. Seria possível conceber a perenidade na fluidez? Ao analisar a atual lírica brasileira percebe-se que sim, pois é fácil constatar em muitos poemas a busca por uma conexão com algo que habita na esfera do etéreo, ou seja, trata-se de um corpus poético de natureza profana que evoca temáticas relacionadas ao divino. Isso porque, na atualidade, alguns poetas fazem da ausência (ou presença) de deus(es) uma matéria poética. Com efeito, o poema, assim como os antigos mitos, por possibilitar a interrupção temporária da visão prosaica do mundo, realiza uma fissura no tempo e no espaço que enseja o encontro do homem com uma realidade outra. É isso que leitor experimenta ao folhear as páginas da lírica bueniana, onde as deidades antigas passeiam com naturalidade em meio à paisagem urbana. Essa pesquisa de cunho bibliográfico tem por objetivo compreender como um poeta contemporâneo articula novos sentidos à antiga relação entre a literatura e os deuses. Ressalta-se que o texto de Alexei Bueno ao dialogar com as divindades, especialmente as da cultura helênica, mais que utilizar tais figuras como vazios ornamentos literários, vale-se delas como recurso para tecer suas reflexões sobre a realidade de seu tempo.

Referências: BUENO, Alexei. Poesia Reunida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. BUENO, Alexei. A árvore seca. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006. BURKERT, Walter. Greek religion. Tradução de John Raffan. Oxford, Blackwell, 1985. BURKERT, Walter. Mito e Mitologia. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 1991. CALASSO, Roberto. A literatura e os deuses. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. CURTIUS, Ernst Robert. Literatura Europeia e Idade Média Latina. Tradução Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. HEINE, Heinrich. Os deuses no exílio. Tradução Hildegard Herbold, Márcio Suzuki, Marta Kawano. São Paulo: Iluminuras, 2009. HESÍODO. Teogonia e a origem dos deuses. Estudo e tradução Jaa Torrano. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2017. OTTO, Rudolf. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução Walter O. Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007. OTTO, Walter F. Teofania: o espírito da religião dos Gregos antigos. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. PAZ, Octavio. O arco e a lira. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012. SPINA, Segismundo. Na madrugada das formas poéticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica. Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. VERNANT, Jean-Pierre. O universo, os deuses, os homens. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ESBOÇO PARA UMA REVISÃO DA POESIA ESPÍRITA

Glaucio Varella Cardoso

Resumo: Desde seu surgimento, na França do século XIX, o Espiritismo apresentou em seu contexto a preocupação com as manifestações artísticas como forma de validá-lo enquanto movimento filosófico e cultural. Dentre as linguagens artísticas presentes no movimento espírita, a poesia tem se mostrado a de mais destacado lugar ao longo do tempo, com seus primeiros exemplos coincidindo com o próprio surgimento da Doutrina Espírita. Nosso trabalho se propõe a lançar um olhar sobre tais manifestações poéticas com vistas a um olhar inicial do que seria esta Poesia Espírita. Em nosso entendimento, não se pode falar exatamente em tipos de Poesia Espírita, mas sim em modalidades da relação entre poesia e Espiritismo. Partindo das observações de Allan Kardec, considerado o fundador do Espiritismo como o conhecemos em sua modalidade francesa, bem como dos poemas publicados em livros e periódicos espíritas desde o século XIX até os dias atuais, estabelecemos a existência de três formas de relação entre poesia e Espiritismo, a saber: • Poesia dos Espíritos – composta por poemas obtidos por via mediúnica, i. é, de autoria de poetas já “mortos” e registrados pelos chamados médiuns. • Poesia dos Espíritas – escrita por adeptos do Espiritismo que traduzem

em versos sua forma subjetiva de compreender o corpo doutrinário ao qual se associam. • Espiritismo Literário – poemas escritos por não adeptos do Espiritismo, mas que trazem em si temas que podem ser a ele associados. Cada uma dessas modalidades possui aspectos específicos que precisam ser detalhados e repensados para que se possa estabelecer a identidade desta Poesia Espírita bem como seu lugar no cânone e nos estudos literários.

Referências: • AIZPURUA, Jon. El Espiritismo y la creación poética. Caracas, Venezuela: CIMA, 1993. • CASTEX, Pierre-Georges. Le conte fantastique em France. Paris: José Corti, 1962. disponível em <https://archive.org/details/lecontefantastiq0000cast/page/n7/mode/2up?view=theater> • CUNHA, Eneida Leal. “Literatura e identidade”. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões. Ilhéus, BA: Editus, nº 01, 1998, p. 175-189. Disponível em https://www.academia.edu/49118997/Literatura_e_Identidade • FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?” In: Ditos e escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. pp. 264-298. • FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Poesia Sempre. Rio de Janeiro: FBN, 8, jun. 1997. • KARDEC, Allan. “Estudo sobre a poesia medianímica” (Étude sur la poésie médianimique). In: VAVASSEUR, L. Ecos poéticos d’além tumba (Échos Poétiques d’Outre Tombe). Trad. de Nereu Mello. São Paulo: Lar da Família Universal, 2001. • _____. O livro dos Espíritos (Le livre des Sprits). Trad. de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2004. • _____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – 1858 (Revue Spirite - Journal d’études psychologiques). Trad. de Evandro Noleto de Bezerra e Inaldo Lacerda Lima (poemas). Rio de Janeiro: FEB, 2004. • _____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – 1859 (Revue Spirite - Journal d’études psychologiques). Trad. de Evandro Noleto de Bezerra e Inaldo Lacerda Lima (poemas). Rio de Janeiro: FEB, 2004. • _____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – 1860 (Revue Spirite - Journal d’études psychologiques). Trad. de Evandro Noleto de Bezerra e Inaldo Lacerda Lima (poemas). Rio de Janeiro: FEB, 2004. • LEAL, Julio Cezar. O Espiritismo – Meditações poéticas sobre o mundo invisível acompanhadas de uma evocação. Penedo: Tipografia do Penedense, 1869. 16p. • LOBO, Luiza. Guia de escritoras da literatura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006. • PINHEIRO, Tobias. “Espiritismo e Poesia”. In: RAMOS, Clóvis (org.). Antologia de Poetas Espíritas. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti, 1959. Disponível em <https://garimpo-poesia.blogspot.com/p/e-books.html> • RAMOS, Clóvis (org.). Antologia de Poetas Espíritas. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti, 1959. Disponível em <https://garimpo-poesia.blogspot.com/p/e-books.html> • _____. Temas espíritas na poesia brasileira. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969. • ROCHA, Alexandre Caroli. O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade. Tese de doutorado. Campinas, SP : [s.n.], 2008. • ROMERO, Silvio. Machado de Assis – Estudo Comparativo de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert C. Editores, 1897. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01615800> • SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura – Vol. I. 4ª ed. Coimbra: Livraria Almeida, 1982.

“THE MARRIAGE OF HEAVEN AND HELL”: O CRISTIANISMO HETERODOXO DE WILLIAM BLAKE

Isabela Ferreira Loures

Resumo: Embora seja notória uma influência religiosa que transcorre grande parte da produção literária britânica, é especialmente interessante verificar a maneira como a religiosidade é apresentada na obra do poeta e gravador William Blake (1727 - 1827). A forma como Blake mobiliza elementos da fé expõe uma relação complicada em que a Igreja, enquanto instituição, é apresentada como uma força opressora que contraria a verdadeira essência de Deus. De fato, influem na realização da obra de Blake, correntes dissidentes do pensamento cristão ou protestante, como o antinomianismo, ou mesmo o swedenborgianismo. Também correntes do esoterismo ocidental, como a alquimia, o neoplatonismo e mesmo a cabala - provavelmente a da tradição cristã - influem nas asserções de William Blake quanto ao seu posicionamento delicado diante da religião. A presente comunicação visa apresentar a maneira como essa atribulada relação com a religião e suas correntes dissidentes surge na obra do autor. Para tanto, consideramos interessante partir da análise do livro de iluminuras “The Marriage of Heaven and Hell” (1790). Nessa obra, Blake não apenas inverte as polaridades do bem e do mal, e do Céu e do Inferno, mas questiona as visões de mundo simplistas e moralizantes promulgadas pela Igreja e propõe aquilo que chama de uma leitura da Bíblia em seu

“sentido infernal ou diabólico”. Mesmo a feitura do livro de iluminuras, realizado através de uma técnica inovadora de gravura em metal, referida por Blake como “método infernal” é reveladora da pretensão inquisitiva de Blake, já que através de seus “agentes corrosivos que, no Inferno, são saudáveis e medicinais”, o autor pretendia “[solver] superfícies visíveis e expondo o infinito antes oculto” (BLAKE, 2020)

Referências: BLAKE, William. The William Blake Archive. Disponível em: <http://www.blakearchive.org/blake/>. Acesso em 10 mai. 2019. BLAKE, William. Visões. São Paulo: Iluminuras, 2020. DAMON, S. Foster. A Blake Dictionary: The Ideas and Symbols of William Blake. Hanover: Dartmouth College Press, 1965. ERDMAN, David V. The Complete Poetry and Prose of William Blake: Newly Revised Edition. New York: Anchor Books, 1988. FRYE, Northrop. Fearful Symmetry: A Study of William Blake. Princeton: Princeton University Press, 1947. FRYE, Northrop. O Grande Código: a Bíblia e a Literatura. Campinas, Sétimo Selo, 2021. FRYE, Northrop. O Poder das Palavras: Bíblia e a Literatura II. Campinas, Sétimo Selo, 2021. PALEY, Morton D. "A New Heaven Is Begun": William Blake and Swedenborgianism. Blake: An Illustrated Quarterly, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 64-90, fall 1979. Disponível em: <http://bq.blakearchive.org/13.2.paley>. Acesso em: 18 ago. 2020. RAINE, Kathleen. Blake and Antiquity. Princeton: Princeton University Press, 1977. RAINE, Kathleen. William Blake. Thames & Hudson, 2021. SANTOS, Alcides Cardoso dos Santos. Visões de William Blake. Campinas: Editora Unicamp, 2009. THOMPSON, E. P. Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law. New York: The New Press, 1993.

EDITORES E LEITORES NO EVANGELHO DE MATEUS: HISTÓRIA DA RECEPÇÃO

João Cesário Leonel Ferreira

Resumo: O evangelho de Mateus, em contexto acadêmico, é objeto de variadas aproximações teóricas, que passam pelas tradicionais exegeses e hermenêuticas religiosas, seguindo por análises sociais e antropológicas, recebendo impulso de abordagens linguísticas e literárias, entre outras. A história da leitura, tratando da recepção de obras, mais recentemente tem sido aplicada ao estudo de textos bíblicos e, particularmente, ao evangelho de Mateus. Há uma rica tradição relativa à recepção do primeiro evangelho em contexto europeu e norte-americano (cf. BOXALL, 2019 e o verbete Matthew, Gospel of. In: Encyclopedia of the Bible and its Reception, 2020). No Brasil, tal pesquisa é incipiente, o que indica a relevância desta comunicação, que analisa, em edições protestantes do evangelho de Mateus, estratégias editoriais visando propor hipóteses concernentes à configuração de seus leitores. Para tanto, acrescenta-se como referencial teórico a história do livro, uma vez que “As modalidades de inscrição dos textos, o formato do livro, a paginação, a ilustração, as escolhas gráficas, a pontuação são elementos materiais e visuais que contribuem para as diversas significações de uma ‘mesma’ obra” (CHARTIER, 2022, p. 14-15). Como lembra Chartier, alterações nas formas editoriais trazem significados diferentes em uma mesma obra, visando leitores variados. A comunicação, que faz parte de pesquisa em andamento, investiga atuações editoriais especificamente por meio de subtítulos ou intertítulos (cf. GENETTE, 2009, p. 259) presentes nas edições do evangelho de Mateus pesquisadas. Como principais referenciais teóricos utiliza-se a história do livro e da leitura a partir das obras de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2017), Roger Chartier (2001, 2002, 2022), D. F. McKenzie (2018) e Robert Darnton (2010).

Referências: BOXALL, Ian. Matthew through the centuries. Hoboken: Wiley, 2018 (Serie: Wiley Blackwell Bible commentaries). CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-105. CHARTIER, Roger. Editar e traduzir: mobilidade e materialidade dos textos (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Editora Unesp, 2022. CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora UNESP, 2002. DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. O aparecimento do livro. São Paulo: Edusp, 2017. GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. MCKENZIE, D. F. Bibliografia e a sociologia dos textos. São Paulo: Edusp, 2018. NOVAKOVIC, Lidija et al. Matthew, Gospel of. In: FUREY Constance M. et al (Ed.). Encyclopedia of the Bible and its Reception. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, v. 18, 2020, colunas 123-164.

NENHUM PARAÍSO RECONQUISTADO: A HERMENÊUTICA FENOMENOLÓGICA DE NORTHROP FRYE

José Luiz Coelho Rangel Junior

Resumo: Com a publicação de *The Great Code*, em 1981, o escritor e crítico canadense Herman Northrop Frye (1912-1991), passou a ser referência incontornável para os estudos que relacionam literatura e religiosidade. No entanto, os dois livros posteriores dedicados ao assunto, *Words with Power* (1990) e *The Double Vision* (1991), foram considerados ainda mais importantes, tanto pelo autor quanto por aqueles que se dedicam a analisar seu trabalho, em razão de serem obras mais bem resolvidas sob o ponto de vista da relação literatura/religião. De fato, Frye abre *Words with Power* confessando que *The Great Code* era uma obra “muito vulnerável”. Além disso, como o próprio autor afirma, a obra de 1990 “coloca mais ênfase na teoria crítica e tenta reexaminar a Bíblia num nível em que sua conexão com a tradição literária se torna mais abrangente” (FRYE, 1990, p. xii). No entanto, fora dos círculos restritos de estudos da obra do autor, é ainda menos notório que o final do percurso intelectual de Frye – que suscitou releituras de seu trabalho como crítico da cultura e da religião –, na verdade, ata as pontas de sua carreira. Ou seja, desde *The Great Code*, passando por *Words with Power* e *The Double Vision*, Frye retoma o trabalho iniciado com seu primeiro livro, *Fearful Symmetry*, de 1947, que, então, apresentava uma inovadora leitura de William Blake. Este trabalho, portanto, se propõe a analisar as relações entre início e fim da obra do crítico canadense, partindo de dois conceitos centrais da crítica de Frye, o que autor chamou de “nudez dissimulada” e “interpenetração”. Utilizam-se estes dois conceitos como fios condutores para se chegar ao lugar dado pelo autor à literatura, no interior da sociedade, e as relações entre a linguagem poética, religião e ideologia.

Referências: FRYE, Northrop. *Fearful Symmetry, a study of William Blake*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1974. _____. *O Códigos dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*. Lisboa: Edições 70, 2021 [1981]. _____. *Words with power: being a second study of the Bible and Literature*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1992. _____. *The "third book" notebooks of Northrop Frye, 1964-1972: the critical comedy*. (Collected works of Northrop Frye; v. 9. Ed. Michael Dolzani). Toronto: University of Toronto Press, 2002. _____. “Literature as a critic of pure reason” in: ***The secular scripture and other writings on critical theory, 1976–1991***. (Collected works of Northrop Frye; v. 18. Eds. Joseph Adamson and Jean Wilson). Toronto: University of Toronto Press, 2006.

FROM MESSIAH TO MESSIAH: O ENCRUZILHAMENTO DE IDENTIDADES NEGRAS POR MEIO DA SUBVERSÃO DO CRISTIANISMO BRANCO NA LITERATURA ESTADUNIDENSE DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Letícia Fernanda Carvalho Silva

Resumo: Este trabalho tem por escopo situar a racialização do discurso bíblico na literatura norte-americana do período pré-guerra civil. De maneira mais pontual, objetivo explicitar, por meio do texto literário, como os escravizados negros interagiram com a bifurcação do cristianismo, encontrando lacunas discursivas nas ideologias espirituais que eram manipuladas para justificar uma suposta predestinação à subjugação dos filhos de Hagar. Interessa à essa análise, salientar a africanização de narrativas e práticas cristãs, ao passo em que, ao encarnar o espírito negro nas estruturas religiosas brancas, corpos diaspóricos ergueram quilombos ideológicos (NASCIMENTO, 1986). Discorrer-se-á, ainda, sobre o encruzilhamento identitário, manifestado por meio do processo de messianização de vozes literárias nas narrativas de libertação e poesia estadunidense. Para tanto, a metodologia deste trabalho está pautada em uma investigação comparada da literatura de Phillis Wheatley em “*On being brought from Africa to America*” (1773), Harriet Stowe em *Uncle Tom's Cabin* (1852) e Martin Robinson Delany em *Blake, or The Huts of America* (1970). A partir desse estudo, visualizo como resultado o reconhecimento da dicotomia religiosa como espaço de luta (NASCIMENTO, 2019) que, quando racializada, viabiliza o discernimento de espíritos e Messias que, ainda nos dias hodiernos, emergem em nossas sociedades afetando possíveis (re)existências afro-diaspóricas.

Referências: NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Publicado originalmente em: Jornal IDE. No. 12. Sociedade Brasileira de Psicanálise – São Paulo. Dezembro, 1986, p. 8. NASCIMENTO, Gabriel. Racismo Linguístico: Os subterrâneos da Linguagem e do racismo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2019. Delany, R. Martin. Blake or the Huts of America. Boston: Beacon Press, 1970. Stowe, Harriet Beecher. Uncle Tom's Cabin. New York: Bantam Books, 1852. Wheatley, Phillis. 2001. Phillis Wheatley: Complete Writings. Edited by Vincent Carretta. New York: Penguin.

MEMÓRIA DA RELIGIOSIDADE E CULTURA DO POVO SERTANEJO DE CANUDOS: FÉ, VIDA E RESISTÊNCIA.

Marcio Ronaldo Rodrigues Vieira

Resumo: Resumo: O presente trabalho busca apresentar os elementos que constitui parte da memória da religiosidade e cultura vivenciado pelo povo no Sertão de Canudos, o legado de Antônio Conselheiro e sua missão de fé descrito na literatura de os sertões, escritos de José Calasans, e autores que descreve a vida e o cotidiano deste povo. Descrever a partir de leituras e pesquisas em textos, imagens, artigos e obras publicadas a história da Fé, Romarias, Festas de Santo Antônio, celebrações do povo em volta do povoado. Como esse povo vivencia a sua fé e sua religiosidade tendo como princípio a resistência a fome, a Seca, a violência da Guerra, no sertão de Canudos, através da mística religiosa, da cultura do canto, rezas, devoções, e luta para preservar a memória de pai pra filho? A metodologia utilizada levantamento de referências bibliográficas, leituras dos clássicos sobre a memória e a cultura, fotos e imagens dos acervos do Campus Avançado de Canudos, leituras de teses e artigos produzidos pelos pesquisadores e estudiosos de Canudos. Resultados esperados levantamentos de elementos do Projeto Canudos desenvolvido pelos jovens do Colégio Estadual Luís Cabral, Romaria da Terra de Canudos desenvolvido todo ano pela Paróquia de Canudos e movimentos sociais. Autores mobilizados neste trabalho: Aras, Benjamin, Bossi, Calasans, Cunha, Halbwachs, Nietzsche, Ricoeur, Vilém Flusser entre outros. PALAVRAS -CHAVE: Religiosidade. Memória. Cultura. Sertão.

Referências: ARAS, José. No sertão do Conselheiro. Salvador, Contexto e Arte, 2003. BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987. BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras. CALASANS, José. Cartografia de Canudos. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo EGBA. 1997. CUNHA, Euclides da. Os sertões. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999. RICOEUR, Ricoeur. Tempo e narrativa – Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus editora, 1994. _____. Tempo e narrativa – Tomo II. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus editora, 1995. _____. Tempo e narrativa – Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1997. FLUSSER, Villén. O mundo codificado. Por uma filosofia do design e da comunicação. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DES(A)FIANDO O ROSÁRIO? SOBRE OS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO E AS CANTIGAS DE FESTAS NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA

Mariana Soares da Cunha Leite

Resumo: As Cantigas de Santa Maria, autêntica "biografia poética" (O'Callaghan 1998), foi o projecto mais duradouro de Afonso X de Castela (1221-1284), acompanhando-o desde antes do seu reinado (1251) até à sua morte. Várias são as ressonâncias deste projeto alfonsino com textos e práticas de carácter religioso, como a Bíblia - nomeadamente os Salmos - (Schaffer 2010), as compilações de milagres marianos (Fidalgo 2021), ou outras formas de culto, oração ou música sacra (Disalvo 2012; id. 2021; Ferreira 2016; Grégorio 2019). Desde a primeira compilação, este cancionário mariano é encerrado com uma série de composições temáticas específicas sobre as festividades da Virgem. Na versão mais antiga (To), após as cem cantigas, incluem-se cinco composições sobre festividades da

Virgem e outras tantas sobre a vida de Cristo. Com a ampliação do cancionero alfonsino, especialmente na sua versão mais longa com quatrocentas composições (E), o número de cantares sobre festas marianas aumenta para um total de doze, desaparecendo as cinco cantigas crísticas (Schaffer 2000). As diferentes formas de organização das composições finais das Cantigas de Santa Maria permitem especialmente encontrar ecos com a configuração do Rosário, forma de oração que se cristaliza sobretudo a partir do século XIII (Torres Jiménez 2017). Esta apresentação avalia como o acrescento, reordenamento e subtração de composições nos diferentes testemunhos revelam, a seu modo, (re)configurações de mistérios do Rosário influenciando na interpretação global de cada uma das compilações.

Referências: Disalvo, Santiago (2012), "Los VII goyos de la Virgen en las Cantigas de Santa María y la tradición de los gaudia en la poesía medieval latina y vernácula". Revista do Centro de Estudos Portugueses, 32 (47), pp. 39-66 Disalvo, Santiago (2021), "Salve-te, Strela do mar: himnodia y mariología en las Cantigas de Santa María de Alfonso X el Sabio". Olivar, 2021, vol. 21, n. 34, e106, s/n. Fidalgo, Elvira (2021), "Reflexiones sobre las Cantigas de Santa María y su relación con otros mariales romances". Revista de Poética Medieval, 35, 2021, pp. 103-130 Grégorio, Daniel (2019), "Las Cantigas de Santa María: ¿Un objeto cultural?", En la España medieval, 42, 2019, pp. 93-109 Ferreira, Manuel Pedro (2015), "Notas sibilinas: Alfonso X, Braga, y María". La Sibila: Sonido. Imagen. Liturgia. Escena. Madrid: Alpuerto, pp. 87-104 O'Callaghan, Joseph (1998), Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria. A Poetic Biography. Brill, Leiden. Schaffer, Martha (2000), The 'Evolution' of the Cantigas de Santa Maria: the Relationships between MSS T, F, and E. Cobras e Son: Papers on the Texts, Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'. Oxford, Legenda, pp. 186-213 Schaffer, Martha (2010), "A Psalmic Theme in the Cantigas de Santa María: 'Averte faciem tuam a peccatis meis' as 'Non cates aos meus pecados'", De ninguna cosa es alegre posesión sin compañía." Estudios celestinescos y medievales en honor del profesor Joseph Thomas Snow. Nova York: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 2010, v. 2, pp. 289-307 Torres Jiménez, Raquel (2017), "La devoción mariana en el marco de la religiosidad del siglo XIII". Alcanate: Revista de estudios Alfonsíes, 10, pp. 23-59.

GALAAZ E O JUBILEU DA CAVALARIA DE ARTUR – A RECEÇÃO BÍBLICA NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

Rafaela Câmara Simões da Silva

Resumo: A Demanda do Santo Graal é a versão ibérica de um texto que se insere num conjunto de romances em prosa, redigido em França, na primeira metade do séc. XIII, chamado "ciclo do Pseudo-Boron" (MIRANDA, 1998; LARANJINHA, 2010). Este ciclo de origem francesa ter-se-á perdido, sendo a reconstituição dos seus ramos possível através das diferentes traduções ibéricas (CORREIA, 2015; AILENII, 2013). A uma delas, a Demanda do Santo Graal, concederemos especial atenção, atendendo à impregnação bíblica que nela se manifesta, com vista a uma lógica seguida em toda a construção deste ciclo de romances. Nesta comunicação, propomos analisar a forma como a apropriação bíblica potencia o sentido da construção de um evento simbólico cumprido na Demanda do Santo Graal (NUNES, 2005) – o Jubileu da cavalaria de Artur, inaugurado por Galaaz, o Bom Cavaleiro. Ressalve-se, todavia, que este evento não tem apenas lugar na Demanda, mas é também narrado na Queste del Saint Graal da versão Vulgata (BOGDANOW, 2006), texto homólogo, porém de natureza diversa. Com este objetivo, procederemos à leitura do episódio da chegada e apresentação de Galaaz à corte do rei Artur, atentando nos detalhes narrativos que permitem a delineação de uma função redentora neste herói do Graal (cf. MATARASSO, 1979; SÉGUY, 2001). Procuraremos, em seguida, identificar os diferentes mecanismos oriundos das Escrituras Sagradas consolidados na preparação do advento de Galaaz e readaptados ao contexto narrativo da trama arturiana, a fim de compreender o propósito e os efeitos da convocação bíblica. Atendendo à temática do Simpósio "Literatura e Religiosidade", buscaremos exemplificar um caso de intertextualidade entre a tradição bíblica e a narrativa arturiana, esperando, assim, trazer novos dados a esta área de pesquisa.

Referências: AILENII, S., Os primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013.

BOGDANOW, F. (ed.), *La Quête du Saint Graal*, roman en prose du XIII^{ème} siècle, trad. Anne Berrie, Paris, Librairie Générale Française (Lettres Gothiques), 2006. CORREIA, I., *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha*, Porto, Estratégias Criativas, 2015. LARANJINHA, A. S., *Artur, Tristão e o Graal. A escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas, 2010. MATARASSO, P., *The Redemption of Chivalry. A study of the Queste del Saint Graal*, Genève, Droz, 1979. MIRANDA, J. C. Ribeiro, *A Demanda do Santo Graal e o ciclo arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998. NUNES, I. F. (ed.), *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, INCM, 2005. SÉGUY, M., *Les romans du Graal ou le signe imaginé*, Paris, Honoré Champion, 2001. SILVA, R., *A escrita bíblica no romance arturiano em prosa: a Demanda do Santo Graal e a Queste del Saint Graal*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019.

AS FIGURAS MÍTICAS, TRÁGICAS E ENCANTADAS EM ESPECTROS, DE CECÍLIA MEIRELES

Sheila Juliana Aparecida Dálio Batista

Resumo: O presente trabalho propõe lançar um olhar centrado na investigação das relações entre a representação feminina e a linguagem do sublime presentes em *Espectros*, livro de estreia de Cecília Meireles. A categoria do sublime vai ocupar o pensamento idealista moderno e terá reflexo contundente sobre a estética romântica, amparando desde a obsessão romântica pelo ideal e pelo reencantamento do mundo até sua visão particular de beleza que, afastando-se do centro de equilíbrio representado pelo belo harmônico clássico, abre-se ao horrendo e ao desconhecido, e permite que a poesia adote procedimentos de sugestão, parando-se a acercar daqueles fenômenos inexprimíveis que o sublime busca contemplar e trazer à tona. Ora, o absoluto, o ideal e o transcendente – nortes da investigação sublime – colocam-se sempre além da potencialidade do discurso, de maneira que a expressão se torna elíptica. O tratamento particular que Cecília Meireles confere às formas do sublime parece ser uma via segura para se entender o processo de formação da sensibilidade moderna em sua lírica. Dentre os motivos que mais denunciam a proximidade da poesia de *Espectros* com a tradição do sublime romântico está na maneira particular com o que sua obra configura as imagens femininas. A poeta busca, por meio de representações femininas (tratadas pelo exótico, sobrenatural, místico e erótico), dignificar as angústias humanas. Mulheres como Herodíada e Joana d'Arc, presentes no imaginário religioso ocidental, são sublimadas pela maneira como são contrapostas às convenções de agradabilidade e harmonia que, grosso modo, correspondem ao conceito de belo; a beleza das mulheres de *Espectros* é ensombrecida por paixão, tragédia e violência e eleva a natureza humana ao sentimento de sublime.

Referências: BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. Tradução: J.B.A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 2000. BÍBLIA. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966. _____. *Livro de Enoque*. Ed. rev. e corrigida por Nelson Martins em 2016. Disponível em: <http://apocrifos.org/files/livros/Livro-de-Enoque-1-e-2.pdf>. Acesso em 28 mar. 2022. BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1993. LYOTARD, Jean-François. *Lições sobre a analítica do sublime*. Tradução: Constança Marcondes César e Lucy R. Moreira César. Campinas: Papirus, 1993. MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. _____. *Poesia Completa*. São Paulo: Global, 2017. Vol. 1. PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Tradução: Philadelpho Meneses. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. SCHILLER, Friedrich. *Do sublime e do trágico*. Tradução: Pedro Süsskind e Vladimir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. WEISKEL, Thomas. *O sublime romântico*. Tradução: Patrícia Flores da Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

O PENSAMENTO POÉTICO-TEOLÓGICO DE ADÉLIA PRADO

Silvana Athayde Pinheiro

Resumo: O presente trabalho se insere no âmbito das discussões sobre o diálogo entre a teologia e a literatura em geral, bem como sobre o diálogo mais estreito entre questões teológicas e a produção

poética de Adélia Prado. Trata da análise de três poemas do primeiro livro da autora, "Bagagem" (1976), a saber: "Um salmo", "Canção de amor" e "Fé". Dispõe sobre a profícua presença em seus versos dos elementos bíblicos e religiosos de matriz cristã. Tais elementos se apropriam de diversas manifestações, por meio de referências a fatos bíblicos vetero e neotestamentários ou de discussões filosóficas acerca da existência de Deus e de outros fundamentos da fé, significados pelas proposições teológicas do campo religioso cristão e do pensamento poético-teológico. "Bagagem" delineia as características básicas do trabalho da poetisa, cuja vertente que mais interessa a este trabalho é a forte influência bíblica e a perspectiva existencial de uma vida de esperança, marcada contraditoriamente também pelo reconhecimento de suas tristezas, dentre elas, a morte. As análises e comentários críticos sobre o corpus recorrem a fontes variadas da fortuna crítica da autora, em especial Angélica Soares (2005) e Silvana Pinheiro (2019; 2021), além de dialogar com o pensamento de Teilhard de Chardin (2005) e as discussões sobre teologia e literatura delineadas por Alex Villas Boas (2016), bem como com a proposta filosófico-existencial de Viktor Frankl (2003).

Referências: BOAS, Alex Villas. Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia. São Paulo: Paulus, 2016. CHARDIN, Pierre Teilhard de. Sobre a felicidade; sobre o amor. Campinas: Verus, 2005. FRANKL, Viktor. Sede de sentido. São Paulo: Quadrante, 2003. PINHEIRO, Silvana. "A invenção de um modo; movimentos líricos na poesia de Adélia Prado. Tese de doutorado. UFES: Vitória, 2019. PINHEIRO, Silvana. Sem licença: a poética de Adélia Prado. Belo Horizonte: Caravana, 2021. PRADO, Adélia. Poesia reunida. Rio de Janeiro: Record, 2015. SOARES, Angélica. Extensões erótico-religiosas nas "Fantasias de céu" de Adélia Prado. Poesia sempre - Dossiê Adélia Prado, Rio de Janeiro, ano 13, n. 20, p. 53-64, mar. 2005.

SIMPÓSIO "LITERATURAS INSUBMISSAS E SABERES INDISCIPLINADOS: CONSTRUINDO FUTUROS ANCESTRAIS"

Edimara Ferreira Santos (UNIFESSPA) e Fernanda Vieira (UEMG)

A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: (RE) DEFININDO PROTAGONISMOS

Aline Cesar Carvalho, Mônica de Menezes Santos

Resumo: É na infância que as forças formatadoras dos indivíduos operam com maior intensidade visando moldar corpos e sancionar ou proibir comportamentos e atitudes, enquanto que a escrita para crianças e jovens esteve e – ainda permanece – a serviço da manutenção e reprodução de estereótipos em torno dos gêneros. Às mulheres, e sobretudo às mulheres negras, para além da impossibilidade da escrita, foram impostos historicamente valores e padrões estéticos que construíram uma autoimagem totalmente distorcida em muitas gerações. Valores e padrões hegemonicamente projetados que as mantiveram num grupo socialmente rejeitado e que favorecia (e ainda favorece) o entendimento de inferiorização que elas passavam a ter de si mesmas. Ler a contrapelo obras literárias infantojuvenis contemporâneas escritas a partir da perspectiva feminista, interseccional, fundamentada na prática antirracista, e que entende a escola e a universidade como espaços que devem fomentar a pluralidade de ideias e permitir aos sujeitos o alargamento das suas possibilidades de escolha e aptidões, mostram a relevância de exercícios de leitura transgressores para a construção do imaginário na infância e para o modo como, na vida adulta, mulheres e homens irão perceber as diferenças e aproximações entre os gêneros. Assim como, paralelamente, nos fornece pistas sobre os caminhos assumidos pelo mercado editorial brasileiro contemporâneo ao publicar obras literárias infantojuvenis com temática feminista e antirracista: se buscam apenas suprir demandas mercadológicas ou de fato assumirem um comprometimento com uma literatura "que seja um redemoinho, sempre se desacomodando" (ANDRUETTO, 2012), que não se preocupe apenas em caminhar no sentido oposto da reprodução dos rótulos e enquadramentos que os leitores e/ou editores possam colocar na literatura infantojuvenil, por meio de escritores e obras que forcem os próprios limites e afetem os seus leitores.

Referências: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam todos feministas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019. DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. GOMES, Nilma Lino Gomes. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 236. GOMES, Nilma Lino (Org.). Diversidade e currículo. In: Indagações sobre currículo: diversidade e currículo. Organização do documento por Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: MEC/SEB, 2007. hooks, bell. O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luíza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

EFEITOS DE AUTORIA FEMININA NA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ana Carolina Bonini Menin

Resumo: O sujeito indígena, embora interpelado pela forma-sujeito capitalista e seu modo de produção, edificado na acumulação de riquezas via relações de exploração, possui raízes em um outro tipo de formação social. O processo de interpelação o obrigou a ressignificar seu modo de existência, pois o direito territorial diretamente ligado à preservação de suas culturas foi extirpado ao longo da civilização e ainda o é pelos Aparelhos Ideológicos do Estado. A questão que se quer problematizar neste trabalho é quais efeitos de sentidos foram produzidos pelo atravessamento das formações discursivas do colonizador e da violência histórica praticada contra os povos indígenas que ecoam nos textos de autoria feminina pertencentes ao movimento estético político denominado “literatura indígena brasileira contemporânea”. Em vista disso, o objetivo deste trabalho é analisar os processos de constituição, funcionamento e significação de autoria, por meio de dispositivos da Análise de Discurso desenvolvida por (Orlandi, 2007, 2008, 2018, 2020) a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, tendo como corpus de análise textos das autoras Potiguara (2019); Kambeba, (2020) e Dorrico, (2019). O trabalho também irá buscar respaldo em teorias decoloniais, uma vez que formações discursivas não hegemônicas passaram a circular nos textos de intelectuais indígenas na elaboração de uma teoria crítica do movimento da literatura indígena brasileira contemporânea. Como resultado deste trabalho, espera-se compreender os processos de significação da autoria feminina constituídas nesse movimento estético que surge como ativismo político e resistência, por meio de uma perspectiva materialista do discurso.

Referências: BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGCfCf8K4BqCr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023. BORGES, A. A. da C. Da aldeia para a cidade: processos de identificação/subjetivação e resistência indígena. Cuiabá: EdUFMT, 2018. COSTA, H. R. da. Identidades e ancestralidades das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguara. 2020. 265 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu>. Acesso em: 09 jan. 2023. DANNER, L. F., DORRICO Peres, J. S., & DANNER, F. (2018). A voz-práxis estético-literária indígena como ativismo e militância: algumas reflexões a partir da literatura indígena brasileira atual. Letrônica, 11(3), 375-396. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2018.3.30811>. Acesso em: 09 jan. 2023. DORRICO, J. (2017). Alteridade Indígena: Voz-Práxis Via Literatura em A Queda do Céu: Palavras de Um Xamã Yanomami. Revista Opinião Filosófica, 8(1), 59-72. <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v8i1.730>. Acesso em: 08 jan. 2023. DORRICO, J. Eu sou macuxi e outras histórias. Nova Lima: Editora Caos & Letras, 2019. DORRICO, J. [et. al.] (orgs.). Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Ed. Fi, 2018. GRAÚNA, G. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2013. KAMBEBA, Márcia Wayna. Saberes da Floresta. São Paulo: Jandaíra, 2020. MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da

decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Coleção Cultura Negra e Identidades. ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 181 p. ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. ORLANDI, Eni P. et al. Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2. ed. atual. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. Rio de Janeiro, RJ. 3 ed. Grumín, 2019.

CORPO/VOZ SOB O PRINCÍPIO DE EXU BARÁ

Ana Júlia Toledo Netto

Resumo: A presente comunicação se aproxima do eixo temático Epistemologias Plurais, Saberes Comuns e se justifica pela confluência da literatura com os estudos das poéticas da voz, das performances e das manifestações culturais relacionadas à oralidade. Objetivando investigar o corpo sonoro/poético, o estudo se debruça sobre mitos cosmogônicos de culturas diversas em que os eventos sonoros são tidos como geradores da vida e dos seres, seja a partir do sopro, do hálito ou das vozes dos deuses. De modo lato, o estudo aborda algumas peculiaridades da cultura nagô evidenciando, de modo particular a figura controversa de Exu, através de mitos, denominados itans, que buscam explicar a relação visceral deste orixá com os seres no mundo, sobretudo pelo aspecto de mensageiro que traz a linguagem, a comunicação à humanidade. Esses itans apresentam Exu Bará como o princípio animador da existência, a boca que tudo come e depois regurgita para que a vida prospere, ato semelhante à antropofagia. Em Exu, as funções da boca são essenciais, pois toda atividade exusíaca passa pela boca seja nos atos de devoração, ou introjeção, restituição e nas mensagens que comunica. Em uma perspectiva mais dialógica e plural autores como Adriana Cavarero, José M. Wisnik, Juana E. dos Santos, Florence Dravet, Marisa Fonterrada, Muniz Sodré e Paul Zumthor estão entre as principais referências que orientam essa comunicação.

Referências: CAVARERO, Adriana. Vozes plurais: filosofia da expressão vocal. Belo Horizonte: UFMG, 2011. DRAVET, Florence Marie. Corpo, linguagem e real: o sopro de Exu Bará e seu lugar na comunicação. Universidade Católica de Brasília Brasília, DF, BR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/7W9kSxNPFF9L58mqVJk3MM/abstract/?lang=pt> FONTERRADA, Marisa Trench de O. Música e meio ambiente, ecologia sonora. São Paulo. Irmaãos Vitalle, 2004. LODY, Raul. Santo Também Come. Rio de Janeiro. Pallas, 2012. SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o c ulto è gun na Bahia. 14 ed. Petrópolis, Vozes, 2012. SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2017. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

NEGRITUDE, ANCESTRALIDADE E SOLIDARIEDADE NA ESCRITA DE "BECOS DA MEMÓRIA"

Ana Karolina Damas da Costa

Resumo: Na cena literária brasileira se observa um movimento liderado por autores que desejam contar histórias por muito tempo tangenciadas. Tal mobilização se desnuda em produções que esboçam o interesse desses em trazer a lume a representação de sujeitos considerados abjetos. O esforço de criar histórias a partir de seus lugares de fala é notado na escritura de Conceição Evaristo, posto que a autora utiliza a palavra estética para fecundar narrativas que demonstram seu pertencimento identitário negro. Isso acontece, pois sua criação é balizada pelo traço da experiência, da memória e da ancestralidade. A importância conferida a esses elementos denota a preocupação em revelar as agruras da experiência negro-brasileira, sobretudo no que tange às mulheres. Na escrevivência a autora escancara os infortúnios produzidos pelo colonialismo e as iniciativas reacionárias de personagens que evidenciam sua insubmissão frente à opressão. Nesse sentido, direciono minha atenção para Becos da memória (2017), no intento de refletir sobre a maneira como a ancestralidade afunila as relações de pertença grupal. Essa premissa se comprova na tessitura do texto selecionado, uma vez que o compartilhamento de vivências e tradições comunitárias afloram

o sentimento de solidariedade em personagens que mesmo empobrecidas, excluídas e dilaceradas pela dor, não se eximem de ajudar seus semelhantes. A narrativa de Evaristo explora a dimensão interna da experiência negra a partir da representação de redes de apoio, que influenciam os membros do grupo retratado, sejam os mais velhos, ou mais jovens, todos são atravessados pela herança cultural que os une. O estudo é fundamentado nos pressupostos teóricos de Lugones (2020), Munanga (2015), Quijano (2005), Ribeiro (2017), dentre outros autores que me ajudam a entender que o caminho para a sobrevivência é trilhado a partir da escuta das vozes ancestrais, pois a garantia do futuro se dá com o auxílio delas.

Referências: CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar, 2020. p. 52 - 83. MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Trad.: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014. MORRISON, Toni. A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das letras, 2019. MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad.: Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

REFLORESTAR O IMAGINÁRIO: RELAÇÕES ENTRE CORPO E TERRITÓRIO EM UMA CENA DA ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Barbara Alves Matias

Resumo: Apesar dos avanços industriais e tecnológicos, um modo de vida na Terra tem se consolidado sob as marcas da escassez de recursos, da desigualdade entre as pessoas e da fome em paralelo ao desperdício. Diante disso, a discursividade hegemônica – colonial, branca, patriarcal, capitalista – fabrica formas de elaborar o mundo sob a égide de melancolia, pessimismo, apatia. Em contrapartida, críticas indígenas e outras produções historicamente subalternizadas têm mobilizado uma revisão epistemológica e, desse modo, fornecido estratégias para adiar o fim. Nesse sentido, esta comunicação tem por objetivo oferecer uma breve investigação de como os conceitos de corpo e território são operados em obras de Sallisa Rosa e raps de Katú Mirim, à luz da hipótese de que, por meio da metáfora da árvore, é possível propor um reflorestamento do imaginário que denuncia e fissa os modos de funcionamento do sistema colonial de poder. Para tanto, serão fundamentais o conceito de “monocultura do pensamento”, proposto por Geni Núñez (2022), bem como os pressupostos de Ailton Krenak, em Ideias para adiar o fim do mundo (2019), e de Davi Kopenawa e Bruce Albert, em A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami (2015). O estudo, em fase inicial, apoia-se na perspectiva de que cenas da arte indígena contemporânea têm deixado rastros de uma reconfiguração de símbolos e horizontes, que nos possibilitam habitar imaginários distintos dos enquadramentos propostos por lógicas coloniais. Esse gesto, por sua vez, pode ser acionado pela ramificação e pelo reflorestamento como metodologias que mobilizam a diversidade e a complexidade como potências criativas e zonas de atuação da multiplicidade capaz de lidar com as plasticidades camaleônicas das estruturas de poder vigentes. Afinal, se a colonialidade se apresenta por meio de diferentes manifestações, é preciso cultivar a pluralidade, a abundância, como tática de resistência e construção de coexistências.

Referências: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. LEMOS, Beatriz; BANIWA, Denilson; LAFUENTE, Pablo (Orgs.). Nakooda: estratégias para a arte moderna. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2022. LEMOS, Beatriz; PALOMINO, Erika (Orgs.). Supernova – Sallisa Rosa: América. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2022. MACHADO; ALVES; ESBELL; BERBERT; CESARINO; SALEM; PAPÁ. Moquém_Surari: arte indígena contemporânea. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São

Paulo, 2021. MANCUSO, Stefano. Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro. Traduzido por Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019. MIRIM, Katú. Quem são os pardos no Brasil? A reafirmação identitária da rapper Katú Mirim. [Entrevista concedida a] Vandrezza Amante. Catarinas. 24 de Novembro de 2019. Disponível em <https://catarinas.info/quem-sao-os-pardos-no-brasil-a-reafirmacao-identitaria-da-rapper-katu-mirim/>. Acesso em 04/01/2023. NÚÑEZ, Gení. Nhande avyú é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude. 2022. 132f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. _____. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. ClimaCom – Diante dos Negacionismos [online], Campinas, ano 8, n. 21. novembro 2021. Disponível em <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>. Acesso em 04/01/2023. QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: MENESES, M.; SANTOS, B. (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009. SCHULZE, Peter W.; SAAVEDRA, Carola (Orgs.). Literatura e arte indígena no Brasil. Albertus Magnus Platz: Portugiesisch-Brasilianisches Institut der Universität zu Köln, 2022. E-book. Disponível em https://pbi.phil-fak.uni-koeln.de/sites/pbi/user_upload/CadernoIndigena_ebook.pdf?fbclid=PAAaYoKsLzng7gKauasKIYtOptYiVL13NcNI9oBT2ZmGhSY5SuPxNEHRmPn-I. Acesso em 04/01/2023.

O AVESSO DA ESCRITA LITERÁRIA: AUTO(SÓCIO)BIOGRAFIAS DE MULHERES PRETAS E TRANS

Edimara Ferreira Santos

Resumo: A escritora francesa Annie Ernaux (1940-) ganhou o prêmio Nobel de Literatura com o projeto literário autobiográfico que explora profundamente os acontecimentos pontuais de sua experiência de vida, destacando cada fato vivido de maneira fragmentada. Ancorada nesta perspectiva, levantamos questões para a nossa pesquisa: É possível uma leitura auto(sócio)biográfica das obras *Eu preferia ter perdido um olho* (2017), de Paloma Amorim; *E se eu fosse puRa* (2018), de Amara Moira? Quais os componentes auto(sócio)biográficos presentes em suas narrativas? Sylvia Molloy (2004) parece apontar um caminho possível para nossos questionamentos, quando nos diz que o uso da memória resulta na fabulação de um eu ou em uma recuperação do passado que seja satisfatória para o sujeito que rememora – uma representação de si. Dessa maneira, o nosso objetivo é o de compreender o processo de construção auto(sócio)biográfica e o de reconhecer as autoimagens, as fabulações de si, a retórica autobiográfica e a escrevivência com as quais Paloma Franca e Amara Moira organizam as suas obras, pois a memória assume para as autoras a condição de objeto e de finalidade. Além disso, perceber os autobiografemas coletivos presentes nas duas obras, (re)construindo fragmentos da infância, da mocidade, da iniciação sexual precoce, da violência contra mulheres, momentos sobre transição de gênero, do cotidiano das prostitutas travestis. Por estas razões, para o estudo crítico desse material, de modo a identificar suas peculiaridades, trabalharemos com algumas categorias-chave como a noção de retórica autobiográfica que preside às escritas destas escritoras, em que se destacam os autobiografemas coletivos e as estratégias de autofiguração que criam as autoimagem(ns) e as escrevivências das autobiógrafas em sua(s) obra(s). No que se refere ao referencial teórico da pesquisa, temos as latinas americanas Leonor Arfuch (2010; 2013); Sylvia Molloy (2004) e Euridice Figueiredo (2022).

Referências: ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. EVARISTO, Conceição. *A Escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Ilustrações de Goya Lopes. Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47. E-book. FIGUEIREDO, Euridice. *A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas*. Editora Zouk, 2022. AMORIM, Paloma Franca. *Eu preferia ter perdido um olho*. São Paulo: Alameda, 2017. MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito. A escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2004. MOIRA, Amara. *E se eu fosse puRa*. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

ENGENHOSA, MAS CHEIA DE SI E DE ESQUECIMENTO: A ESCRITA NA CONTRA-ETNOGRAFIA DE DAVI KOPENAWA A RESPEITO DOS BRANCOS

Janaina Tatim

Resumo: Pretendo analisar a escrita como um tema-chave nas interpretações especulativas que o xamã yanomami Davi Kopenawa faz de sua alteridade, os chamados “brancos”, no livro *A queda do céu* (2010[2015]). Tendo por referência a cosmologia Yanomami, especialmente o xamanismo, Kopenawa elabora uma crítica de sua alteridade a partir da comparação entre a transmissão da palavra/pensamento na tradição oral, pelo corpo, e a replicação da palavra/pensamento pelos “desenhos de escrita”. Apesar da particularidade de sua perspectiva, encontramos a homonímia de termos em seu discurso e em algumas das fontes da filosofia ocidental de orientação dicotômica entre interno/alma/logos como verdadeiro e externo/corpo/escrita como falso. As homônias permitem o desdobramento de equivocidades na compreensão de Kopenawa acerca da escrita, em que termos e noções que parecem as mesmas se organizam com valores outros. No discurso de Kopenawa, se ausenta a dicotomização dos termos, e se presentificam outros fatores epistemológicos que (se) defendem (n)os valores firmados pela oralidade e contestam a supremacia da escrita, denunciando uma espécie de narcisismo crônico em sua alteridade, o qual atrofia a capacidade de (re)conhecer o que seja diferente de si, de seu próprio pensamento. Em sua contra-etnografia, é marcante a percepção de que os brancos são capazes apenas de enxergar o outro e de ouvir/entender palavras outras se elas estiverem escritas, por isso Kopenawa enxergou nas peles de papel um espaço estratégico a ser ocupado por suas palavras. Embora os desenhos de escrita nunca darão conta de mostrar o que veem os xamãs, Kopenawa acredita que por meio deles suas palavras, que são outras, em seu dizer, possam alterar o pensamento dos brancos. Analisando pontualmente trechos do livro, meu intuito é expandir as chances de recepção do pensamento crítico de Davi Kopenawa entre aqueles por quem ele gostaria de ser ouvido.

Referências: DERRIDA, Jacques. *A gramatologia*. São Paulo, Perspectiva, 1973. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015. PLATÃO. *Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon*. Trad. Edilson Bini. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. São Paulo, SP: Lumme Editora, 2009.

CHEGA DE TANTA GENTE FALANDO PELA GENTE”: A AUTORIA INDÍGENA EM QUESTÃO

Joel Vieira da Silva Filho

Resumo: Jaider Esbell, artista indígena, falecido em 2021, dizia, insatisfeito, na coleção *Tembetá* (2017), “Chega de tanta gente não indígena falando pela gente”. É a partir dessa fala de Esbell (2017), aqui retomada desde o título, que esta proposta de comunicação surge. Tencionamos discutir acerca dos apagamentos/silenciamentos dos povos indígenas na literatura brasileira, que apareciam, quase sempre, apenas na condição de personagem e, raramente, na condição de autor/a. Partimos do pressuposto de que o índio (como é chamado na literatura escrita por brancos), serviu, para a literatura brasileira, não como personagem complexo, mas, sim, como uma espécie de ingrediente para a formação de uma suposta identidade nacional, como aborda Doris Sommer (2004). Com isso, o índio (como era chamado) estava resguardado aos comandos e desmandos do colonizador, numa perspectiva conciliadora que apagava as violências sofridas pelos povos originários. Na condição autoral, o silenciamento dos/as autores/as indígenas ocorre até na contemporaneidade, de forma que, inserir-se no mercado editorial confere tarefa árdua e constante. Considerando tudo isso, enfocando na fala de Esbell, a partir de obras literárias de autores indígenas como Graça Graúna (2021), Auritha Tabajara (2019) e Denízia Fulkaxó (2020), destacaremos como os/as indígenas escritores/as reivindicam que as suas vozes sejam ouvidas, via texto literário. Por fim, abordaremos como o texto indígena além de demarcar a própria voz indígena, configura-se como uma construção simbólica que expressa memória, associada intimamente à ancestralidade, denunciando a necropolítica, o colonialismo e o imperialismo que insistiu/insiste sobre povos e povos indígenas.

Referências: CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. DANNER, Leno Francisco. DORRICO, Julie. DANNER, Fernando.

Decolonialidade, lugar de fala e voz-práxis estético-literária: reflexões desde a literatura indígena brasileira. Vol. 22/1. ALEA: Rio de Janeiro, p. 59-74 | jan-abr. 2020a. DORRICO, Julie. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. Revista Igarapé, Porto Velho, vol. 5, n. 2, 2018, p. 107-137. ESBELL, Jaider. Tembetá. Idjahure Kadiwéu e Sergio Cohn (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2017. GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. TABAJARA, Auritha. Coração na aldeia, pés no mundo. Xilografias de Regina Drozina. Lorena –SP, UK'A Editorial, 2018.

REFAZENDO NÓS: NARRATIVAS LATINO-AMERICANAS EM FORMA DE BORDADO

Marina Baltazar Mattos

Resumo: Não é de hoje que as narrativas de fim do mundo assombram o imaginário coletivo, antecipando catástrofes e desvelando explorações fundamentadas nos sistemas capitalista, colonialista e patriarcal, que se retroalimentam reiteradamente. Mas como lidar com esses problemas sem cair no senso comum dos dualismos ou mesmo operar por meio do reducionista pensamento binário? O caminho que nos cabe parte dos encontros entre literatura, filosofia, ciências sociais e naturais, repensando conceitos como natureza e cultura, bordado e escritura, rompendo com a tradição literária, e lendo outras narrativas. Não há uma solução fácil, mas "o caminho da mudança é construído a partir do passado" (BRANDÃO, 2020, p.6). Para tanto, Donna Haraway (2016) nos convida a questionar os saberes, resignificando-os no mundo, criando afinidades como uma prática de viver e morrer, em comunidade, presentemente, refazendo as perguntas. Além disso, Ailton Krenak (2022) nos instiga às práticas do bem-viver, de perceber que a natureza integra o homem e é integrada por ele, defendendo um futuro que já estava aqui, ancestral. De maneira horizontal a essas tentativas de ensaiar para depois do fim, propõe-se a leitura de duas artistas latino-americanas que fazem uso do fio: Rosana Paulino (Brasil, 1967), com o Atlântico Negro remontado de forma sutil, poética e denunciativa, e Cecilia Vicuña (Chile, 1948), com seus quipus andinos que reconstituem uma linguagem bem como atestam a perda de seu sistema comunicativo. A despeito e a contrapelo da História, são os outros saberes dessa estranha instituição chamada literatura, as obras que transitam entre os campos, de maneira insubmissa e testando-os a ponto de implodi-los, que nos dão, assim como o avesso do bordado, outros modos de ler e questionar, por meio da própria linguagem, sua tensão sutil formadora, e nos ajudam a defender o futuro que todavia já está aqui.

Referências: BRANDÃO, Izabel. Apresentação do Dossiê Literatura e ecologia: vozes feministas e interseccionais. Revista Ártemis, vol. XXIX nº 1; jan-jun, 2020. pp. 2-13 Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54002/30932>>. Último acesso em: 01 set. 2022. HARAWAY, Donna J.. Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. London: Duke University Press, 2016. KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. PICCOLI, Vale?ria; NERY, Pedro (Curadoria). Rosana Paulino: a costura da memo?ria. Sa?o Paulo: Pinacoteca de Sa?o Paulo, 2018. VICUN?A, Cecilia. Palavrarmais. Trad. Ricardo Corona. Curitiba: Editora Medusa, 2017.

OUROBOROS: A TERRA, A MULHER E A SERPENTE

Marina Maria Campos Brito

Resumo: Segundo Claudete Daflon, propostas decoloniais denunciam o "silenciamento de povos e sujeitos cuja humanidade é cotidianamente colocada em dúvida em processos violentos de negação de sua capacidade enunciativa e de sua condição de produtores de conhecimento" (DAFLON, p. 55). É o que vemos em Torto arado (2019), de Itamar Vieira Junior, história contada a partir da perspectiva de mulheres negras, trabalhadoras rurais, descendentes de escravizados, constantemente violentadas, e de uma entidade do Jarê, que se apropriam do narrar e, ao fazê-lo, são as suas vozes que passam a ser ouvidas, com seus olhos os leitores conhecem a vida em Água Negra. Porque assumem a condição de produtoras de conhecimento, Bibiana e Belonísia trazem à luz a questão

agrária e a subjugação do corpo feminino. Mulher e terra são propriedades. A retórica da colonialidade de que nos fala Mignolo (2010) mostra ter raízes tão profundas que faz a mulher duvidar se há alternativas à submissão. Em um movimento cíclico, como a serpente que engole a própria cauda, a colonialidade mantém uma estrutura de exploração e violências. Apesar disso, o que vemos na narrativa é uma tentativa de romper esse ciclo. Belonísia e Bibiana carregam em seu narrar saberes ancestrais que, paulatinamente, se articulam no enfrentamento à retórica da colonialidade. As vozes das irmãs são ouvidas como um grito de libertação contra a narrativa colonial/patriarcal que prende seus corpos e explora a terra. Santa Rita Pescadeira é testemunha das histórias que remontam aos tempos da escravidão. Passado e presente se encontram, revelando um sistema monolítico – pedra que sufoca e impede o florescer. Neste trabalho, buscamos refletir sobre como o narrar dessas três mulheres, paridas pela terra, mobilizam saberes que questionam certezas de um mundo colonial/patriarcal/branco, voltando-se a um futuro em que suas vidas sejam possíveis.

Referências: BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Fatos e mitos. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. BONNICI, Thomas; OSANA, Lucia (Org.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009. DAFLON, Claudete. Meu país é um corpo que dói. Belo Horizonte: Relicário, 2021. IRIGARAY, Luce. Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher. São Paulo: Ed. Senac, 2017. LORDE, AUDRE. Usos do erótico: o erótico como poder. In *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010. _____. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. In *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v.32, n.94, 2016. MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. On decoloniality. Durham: Duke University Press, 2018. QUIJANO, Aníbal. Estado-nación, ciudadanía y democracia: cuestiones abiertas. In: GONZÁLEZ, H.; SCHIMDT, H. Democracia para una nueva sociedad (modelo para armar). Venezuela: Nueva Sociedad, 1997. STAROBINSKI, Jean. A palavra “civilização”. In *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2021.

EPISTEMOLOGIAS NEGRO-SEXUAL DISSIDENTES EM LUNDU, DA TATIANA NASCIMENTO

Matheus Messias Santos

Resumo: A discussão sobre epistemologia culturalmente esteve alijada à manutenção de pensamentos abissais (SOUZA, 2010), a partir dos processos de dominação colonial do ocidente em relação aos demais hemisférios do globo. Nesse sentido, epistemologia, por muito tempo, foi compreendida unicamente sob os parâmetros hegemônicos das ciências ocidentais, ao tempo em que modelos dissidentes de se produzir conhecimento foram interditados. Para esta comunicação, entretanto, me interessa posicionar a literatura e a poesia como potências epistemológicas não-canônicas. Nesta coordenada, situo a artista palavreira brasiliense tatiana nascimento, responsável por elaborar uma poética dissidente, cuírlombista (nascimento, 2019), negra e LGBTQIA+, para investigar, em sua produção, especialmente na obra *lundu* (2017), de que maneira ela produz epistemologias negro-sexual dissidentes. Para a análise do corpus, me utilizarei de uma submetodologia de pesquisa indisciplinada e do contrabando teórico (MOMBAÇA, 2016), priorizando os saberes deslizantes, comumente ignorados pela ordem hegemônica. Nesse sentido, a presente comunicação estará amparada pela noção de cuírlombismo literário (nascimento, 2019), pelas Epistemologias do Sul (SOUZA, 2010), pelos pensamentos de Derrida (2014) sobre a lei do gênero e pelos estudos de Giannella (2015), que propõe uma epistemologia para não-filósofos. Por fim, considera-se que a produção artístico-epistemológica de tatiana nascimento pode ser situada num lugar que corrói os ditames elaborados pela tradição ocidental, ao transmutar a experiência à palavra, isto é, quando as vivências negras e LGBTQIA+ são transpostas à escrita e transcendem os interditos discursivos institucionais para expor as subjetividades ora elaboradas a partir de violências, ora a partir da emancipação e rupturas com as reverberações de uma cultura colonial.

Referências: DERRIDA, Jacques. A lei do gênero. *Revista Tempo, espaço, linguagem (tel)*, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 250-281, jun. 2019. GIANNELLA, V. Epistemologue? Epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem. em: *Terceiro Incluído* v.5, n.1, jan./jun., 2015, p. 339-354, artigo 95.

Dossiê Ecotransd: Ecologia dos saberes e transdisciplinaridade. MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. Revista Concinnitas, Rio de Janeiro, ano 17, v. 01, n. 28, set. 2016. nascimento, tatiana. cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. série pandemia. n-1 edições. outubro de 2019. nascimento, tatiana. lundu. brásilia: padê editorial, 2017. SANTS, Boaventura Sousa & Meneses, Maria Paula (orgs.) (2010). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez.

NARRATIVAS DE FUTUROS PRETOS: UMA ANÁLISE DO AFROFUTURISMO COMO GÊNERO LITERÁRIO EMERGENTE

Millena Cristina Silva Portela, Maria Aracy Bonfim

Resumo: A contemporaneidade, assim como as experiências que partem dela, é criadora. Na contemporaneidade, olhares e vozes nunca considerados irrompem, repletos de ineditismo. São perspectivas plurais às problemáticas desse novo tempo, como é o caso do Afrofuturismo, que surge como uma resposta à carência de autores e obras pretas na ficção científica. O Afrofuturismo é um movimento de contestação e transformação e, apesar de ser proveniente da literatura, já abrange áreas de estudos além das artes. O propósito maior desse movimento é a produção de imagens e narrativas criadas e protagonizadas por pessoas pretas. Tal exercício é fundamental e necessário quando consideramos os efeitos violentos que o sequestro do atlântico causou nos sujeitos em diáspora. A concepção de narrativas de esperança, de passado e de futuro para sujeitos que vivem em constante ameaça de genocídio configura uma das mais subversivas estéticas encontradas na contemporaneidade e uma das mais populares, se levarmos em consideração nomes e produções de sucesso como a Marvel, com o longa Pantera Negra (2018), Lázaro Ramos, com a obra cinematográfica Medida Provisória (2021) e Beyoncé, com o audiovisual Black is King (2020). O Afrofuturismo, principalmente nos últimos anos, tem representado um marco cultural importantíssimo para a contemporaneidade. Portanto, com o objetivo de refletir sobre o potencial do movimento afrofuturista como uma mola propulsora para a emergência de um novo gênero literário, e com o auxílio das contribuições teóricas, estudos e apontamentos de Yuval Harari (2015), Stuart Hall (2016) Zygmunt Bauman (2000), David Harvey (2008), Ytasha L. Womack (2013), Kenia Freitas (2018), Isiah Lavander e Lisa Yaszek (2020) e Alex Zamalin (2019), pretendemos analisar as narrativas de futuro A Quinta Estação de N.K Jemisin e o O Último Ancestral de Alê Santos a fim mapear as particularidades e configurações do Afrofuturismo literário.

Referências: BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000. FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. Das Questões, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. DOI: 10.26512/dasquestoes.v6i6.18706. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18706>. Acesso em: 19 dez. 2022. HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015. HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2008. JEMISIN, N.K. A Quinta Estação. Tradução Aline Storto Pereira. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017. LAVENDER, Isiah III, and YASZEK, Lisa (editors). Literary Afrofuturism in the Twenty-First Century. Ohio State UP, 2020. SANTOS, Ale. O último ancestral. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021. WOMACK, Ytasha L. (2013). Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013. ZAMALIN, Alex. Black Utopia: the history of an idea from nationalism to afrofuturism. New York: Columbia University Press, 2019.

ECOFEMINISMO E POÉTICAS DO CORPO NOS TEXTOS DE TRADIÇÃO ORAL INDÍGENAS

Priscila Maria de Barros Borges

Resumo: Uma das preocupações do feminismo é a problematização sobre o controle dos corpos femininos e feminizados, bem como a reflexão sobre um imaginário que associa, insistentemente, a mulher à natureza, ao natural e instintivo, sendo essa uma das estratégias de subordinação das mulheres nas sociedades humanas. Correntes feministas contemporâneas, como o ecofeminismo,

têm procurado ressignificar a associação entre mulher e natureza repensando os dualismos natureza/cultura e mulher/homem a partir de uma reflexão que inclui a natureza não humana, ou mais-que-humana (HARAWAY, 2022). Nos textos de tradição oral de Abya Yala se destacam uma série de mitos que narram sobre tensões de gênero e intromissões da natureza não-humana, evidenciando uma política, ou poética, do corpo, em histórias que narram sobre antropofagia, metamorfoses corporais, relações íntimas entre seres de espécies diferentes, perspectivismo interespecífico e multinaturalismo ontológico (VIVEIROS DE CASTRO, 2015); elementos que integram a cosmopercepção (OYEWÙMÍ, 2021) indígena e conferem literariedade às suas narrativas. Entre as coletâneas de textos recolhidos da tradição oral se destaca Moqueca de maridos (MINDLIN, 1997), por trazer uma série de mitos que falam sobre tensões de gênero e intromissão da natureza não-humana, além de apresentar narradoras e tradutoras mulheres, aspecto muito relevante, já que a grande maioria dos informantes e narradores que se registram são homens, o que nos leva a pensar em versões parciais das histórias, que excluem o ponto de vista feminino. Assim, propomos ler algumas narrativas apresentadas nessa coletânea considerando sua contribuição para os estudos do ecofeminismo e para a constituição de um pensamento verdadeiramente ecológico, integrando as epistemologias indígenas (KRENAK, 2020), (KOPENAWA, 2015) e o discurso de novos feminismos, como o feminismo comunitário de Abya Yala (CARVAJAL, 2020) e (CABNAL, 2010, 2018).

Referências: ALMEIDA, Maria Inês de. Desocidentada: experiência literária em terra indígena. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. ANZALDÚA, Glória. Borderlands/La Frontera: la nueva mestiza. Tradução: Carmen Valle. Madrid, Espanha: Capitán Swing, 2016. CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción del pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: Feminismos diversos: el feminismo comunitario. Madrid, Espanha: ACSUR, 2010. CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. In: MOURA, Iara. PRAÇA, Marina (org.). Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul, 2018. CARVAJAL, Julieta Paredes. Para descolonizar el feminismo: 1492 - entronque patriarcal. La Paz, Bolívia: Editorial FeminismoComunitario de Abya Yala, 2020. HARAWAY, Donna. Quando as espécies se encontram. Tradução: Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022. KING, Ynestra. Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura. In: JAGGAR, Alison. BORDO, Susan. Gênero, corpo, conhecimento. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997. KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. MIGNOLO, Walter D. Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. MINDLIN, Betty. Moqueca de maridos: mitos eróticos. Rio de Janeiro: Record, 1997. OYEWÙMÍ, Oyèronké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. PULEO, Alicia H. Libertad, igualdad, sostenibilidad. Por um ecofeminismo ilustrado. Isegoría: revista de filosofía, moral e política. Madrid, Espanha, nº 38, p. 39-50, 2008. SEGATO, Rita Laura. La guerra contra las mujeres. Madrid, Espanha: Traficantes de Sueños, 2016. SEGATO, Rita Laura. Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda. Tradução: Danú Gontijo e Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. SESMA, Angélica Velasco. De la lógica de la dominación al respeto y la empatía: hacia una relación ecofeminista con los animales y la naturaleza. In: ROSENDO, Daniela et. al. (Org.). Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019. TUGNY, Rosângela Pereira. Escuta e poder na estética tikmu'un maxakali. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2011. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MEMÓRIA E TERRITÓRIO NA ESCRITA PATAXÓ DE AUTORIA FEMININA

Randra Kevelyn Barbosa Barros

Resumo: Os estudos em literaturas indígenas têm crescido significativamente no Brasil. Escritoras e escritores, integrantes de povos originários de diversas regiões do país, compõem essa cena multifacetada. No entanto, ainda é necessário um trabalho mais atento da crítica literária para essa diversidade regional nas análises, considerando as especificidades de cada lugar. As produções indígenas elaboradas na Bahia, por exemplo, são pouco examinadas, o que demanda uma ampliação dos estudos para investigar as dinâmicas que ocorrem nesse espaço. Diante disso, para contribuir com essa urgente tarefa, o objetivo deste trabalho é analisar o livro *Tecendo histórias do meu lugar* (2022), de Ane Kethleen Pataxó, ilustrado por Zig Pataxó, no intuito de destacar de que forma a memória e o território dessa comunidade estão representados na obra. A jovem escritora transforma a sua bisavó Luciana Zabelê em personagem, reunindo diversas formas textuais para valorizar a história dessa anciã: letras de música, carta para a bisavó, fotografia, ilustração, trajetória biográfica dessa mulher e a relevância dela para o povo Pataxó, por ter lutado em defesa do território e pelo direito de uma educação escolar intercultural dentro da comunidade. Alguns referenciais teóricos serão abordados no trabalho: Graça Graúna (2013), com a discussão sobre as singularidades dos textos de autoria indígena; Adriana Pesca (2020), que propõe a noção de escritas-resistência, pensada a partir da perspectiva de uma mulher Pataxó; Ely Souza (2020), com o debate sobre as assimetrias regionais encontradas por pessoas indígenas para conseguirem divulgar sua produção; Florencia Garramuño (2014), que discute práticas inespecíficas e o campo expansivo da literatura. Assim, este trabalho mostra que a escrita de Ane Kethleen Pataxó reúne várias gerações, textualidades, formas de comunicação (oral e escrita) para fortalecer a memória e o território de seu povo, o que contribui para a resistência das comunidades indígenas na Bahia.

Referências: GARRAMUÑO, Florencia. In: *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. KAMBEBA, Márcia Wayna. *Literatura indígena: da oralidade à memória escrita*. In: DORRICO, Julie et al (Orgs.). *Literatura indígenas brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 39-44. SOUZA, Ely. *Literatura indígena e direitos autorais*. In: DORRICO et al (Orgs.). *Literatura indígenas brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 51-74. PATAXÓ, Ane Kethleen. *Tecendo histórias do meu lugar*. Salvador/BA: EDTÓRA/Sociedade da Prensa, 2022 (Coleção livro-lugar). PESCA, Adriana. *Escritas-resistência: autoria indígena*. *Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII, V1, n. 2, 2020. p. 557- 573. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9666> >. Acesso em: 08 jan. 2023.

SIMPÓSIO “NATURALISMO/NATURALISMOS, DO SÉCULO XIX AO XXI - QUESTÕES DE FORMA, CLASSE, RAÇA E GÊNERO NA LITERATURA”

Claudia Barbieri (UFRRJ), Haroldo Ceravolo Sereza (UFSCAR) e Leonardo Mendes (UERJ)

ENTRE A CRÍTICA E A ESCRITA FICCIONAL: JÚLIO LOURENÇO PINTO E O VOLUME DE CONTOS PORTUGUESES ESBOÇOS DO NATURAL

Claudia Barbieri

Resumo: Júlio Lourenço Pinto (1842-1907) é considerado um dos principais teóricos da estética naturalista em Portugal. Nascido no Porto, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra em 1862, sendo um dos membros da chamada Sociedade do Raio, grupo liderado pelo poeta Antero de Quental e integrou, ainda que de forma menos explícita, a chamada Geração de 70. A sua atuação profissional foi bem diversa, exercendo, sobretudo, diferentes cargos na administração política do Reino: foi Secretário-Geral, Governador Civil, Procurador da Junta Geral do Distrito do Porto. Ao longo da década de 1870, foi redator do periódico *O Comércio do Porto*, onde manteve por dois anos a coluna “*Revistas Semanais*”. A partir de 1879, empreendeu seriamente a carreira literária, lançando a série “*Cenas da vida contemporânea*”, uma pequena coleção de cinco romances publicados com

intervalos irregulares ao longo dos dez anos seguintes: *Margarida* (1879); *Vida atribulada* (1880); *O senhor deputado* (1882); *O homem indispensável* (1883) e *O Bastardo* (1889). Enquanto trabalhava nas “Cenas”, dedicou-se à redação de uma sequência de artigos sobre o naturalismo, publicados na “*Revista Estudos Livres*” em 1882, periódico dirigido por Teixeira Bastos e Teófilo Braga. Os artigos foram ampliados e reunidos no volume *Estética Naturalista*, de 1884. Outros textos esboçam ainda as suas reflexões críticas, como o prefácio da segunda edição de *Margarida* e os prólogos de *O senhor deputado* e do volume de contos *Esboços do Natural*, de 1883, reeditado em 2006, pela INCM. O último título, corpus escolhido para esta comunicação, possui cinco contos de dimensão mais alargada. O objetivo da apresentação é discorrer sobre este escritor e crítico do naturalismo, buscando relacionar seu discurso defensor da nova forma do romance com a sua produção ficcional, evocando seus artigos, exemplificando situações a partir das “Cenas da Vida Contemporânea”, mas com o olhar mais detido nos contos naturalistas.

Referências: PEREIRA, Conceição Meireles. O provedor Júlio Lourenço Pinto – anatomia de um pensamento cientificista em prol da educação feminina. *População e Sociedade (CEPESE)*. Porto, vol. 28, dez./2017, p. 54-69. PINTO, Júlio Lourenço. *Margarida (Cenas da Vida Contemporânea)*. 2 ed. Porto: Livraria Chardron, 1880. _____. *Vida atribulada (Cenas da Vida Contemporânea)*. Porto: Livraria Chardron, 1880. _____. *O senhor deputado (Cenas da Vida Contemporânea)*. Porto: Livraria Chardron, 1882. _____. *O homem indispensável (Cenas da Vida Contemporânea)*. Porto: Livraria Chardron, 1883. _____. *O bastardo (Cenas da Vida Contemporânea)*. Porto: Livraria Chardron, 1889. _____. *Estética naturalista: estudos críticos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996. _____. *Esboços do natural*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. SÁ, Maria das Graças Moreira de. Introdução. In: *Esboços do natural*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

CASA DE PENSÃO (1883-1884) DE ALUÍZIO AZEVEDO (1857-1913): LITERATURA NATURALISTA E LITERATURA DE CRIME

Cleyciara Dos Santos Garcia Camello

Resumo: Estudos recentes com fontes primárias comprovam que Aluísio Azevedo, com os seus apoiadores, costumava mobilizar reclames para seus lançamentos literários. Em 1883, para divulgar e promover *Casa de pensão* (1883-1884), inconcluso enquanto folhetim, o autor e seu grupo empreenderam diversas estratégias publicitárias, em articulação com os esforços comerciais dos livreiros-editores da obra, para alavancar as vendas e melhorar a posição de Azevedo no campo literário (BOURDIEU, 1996) brasileiro oitocentista. A manobra publicitária resultou em três edições vendidas em um ano (PORTO, 2009) e redimensionou o seu sentido textual, garantindo a sua inscrição nos manuais de estudos literários como um grande romance do naturalismo. Notamos, assim, que os reclames provocaram a perda da dimensão popular (história de crime) da obra, recuperada pelos estudos de Porto (2009). A recepção do romance, no seu tempo, percebeu-o de duas formas distintas, como: literatura naturalista e literatura de crime. Arriscamos dizer que ambas as percepções são irrepreensíveis. Propomos, então, analisar a narrativa sobre o assassinato do estudante Amâncio, partindo da compreensão de que a obra traz em sua composição, simultaneamente, os processos de criação artística de literatura de crime e de literatura naturalista. Conciliamos as duas referidas dimensões do romance em razão dos pontos de contato existentes entre os dois tipos de literatura, a ambivalência das estratégias de divulgação e promoção do livro (realizada por parte dos apoiadores de Azevedo) e o *habitus* clivado (BOURDIEU, 2001) do maranhense, a sua disposição para escrever de modo que atendesse a dois tipos de gostos: o popular (com características assumidamente comerciais) e o letrado (a obra bem escrita). Por fim, buscamos estudar o romance sem preterir nenhuma de suas dimensões, percebidas como literariamente opostas e contraproducentes pela maioria dos críticos nos oitocentos. Ademais, investigamos em que medida o romance de sensação influenciou a obra em estudo.

Referências: ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. *Obra crítica de Araripe Junior*. Volume II (1888-1894). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1960. ARAUJO, Rodrigo C. S. *Caminhos na produção da notícia: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875 – 1891)*. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,

Rio de Janeiro, 2015. AZEVEDO, Aluísio. Aluísio Azevedo: ficção completa em dois volumes. (Org. Orna Messer Levin). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. BAGULEY, David. Naturalistfiction. The entropicvision. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. _____. Meditações pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira – 43ª. Editora Cultrix: São Paulo, 1970. COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil – Era realista era de transição. Co-direção: Eduardode Faria Coutinho. 4ª ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Global, 1997. GARCIA-CAMELLO, Cleyciara. A filha do conselheiro: cientificismo, licenciosidade e promoção publicitária em O homem, de Aluísio Azevedo. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. GRANDO, Marizete Liamar. Processo de produção ficcional do romance Casa de Pensão. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. LAMONICA, Lucas de Castro. Filomena Borges: romance, imprensa e política. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 2015. MAINGUENEAU, D. Discurso literário. São Paulo: Contexto, 2006. MENDES, Leonardo & CATHARINA, Pedro. P. Le naturalisme brésilien au pluriel. Brésil (s) Sciences humaines et sociales, n. 15, 2019. MENDES, Leonardo. O naturalismo na livreria do século XIX. Biblioteca Digital de Periódicos, Revista Letras, Curitiba, UFPR, n. 100, p.71-90, jul./dez. 2019. MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913). Trad. Claudia Poncioni. 2ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. MOLLIER, Jean-Yves. O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial. São Paulo: Editora da USP, 2010, p. 338. PEREIRA, Lucia Miguel. História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. PORTO, Ana Gomes. Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920). Tese de Doutorado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2009. VIEIRA, Renata Ferreira. Uma penca de canalhas: Figueiredo Pimentel e o naturalismo no Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2015. TEIXEIRA, Hendie Tavares. A fórmula do sucesso vende atentado ao pudor: os best-sellers no Rio de Janeiro (1880-1910). Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de História, Rio de Janeiro, 2021. THÉRENTY, Marie-Éve. Misteriomania: difusão e limites da globalização cultural no século XIX. Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais - RUBI, 2014. Disponível em: <http://www.rubi.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 10/08/21. VERÍSSIMO, J. José Veríssimo: Teoria, crítica e história literária (seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977.

O SAGRADO E O PROFANO EM O HOMEM (1887), DE ALUÍSIO AZEVEDO

Elton Silva Miranda Costa

Resumo: A presente comunicação oral trata de uma leitura, pela perspectiva do gótico, sobre o romance O homem, de Aluísio Azevedo. Nessa linha, a proposta, um recorte da pesquisa do mestrado em Estudos Literários, é analisar a presença dos elementos religiosos, ditos sagrados, e de que forma isso contribui para a construção da narrativa e dos personagens. Tradicionalmente, tal romance é considerado pelos críticos como uma obra experimental, com a objetividade do discurso médico-científico, típica do Naturalismo. Costuma-se estudar os temas da histeria, da sexualidade, da religiosidade e/ou os aspectos licenciosos que levaram a narrativa ter sucesso em sua publicação, em 1887. Em nossas pesquisas, não encontramos abundância de fontes que se propõem a pensar a religiosidade atrelada ao gótico na obra de Aluísio Azevedo. Nesse sentido, pensar sobre o gótico-naturalismo em O homem aponta para um horizonte de inovação e diversidade para os estudos da ficção naturalista e de seu maior representante no Brasil. Para esta comunicação, temos como aportes teóricos Eliade (2018), Otto (1992), Lecouteux (2005), Melton (1995), Silva (2010), Rodrigues (2010) e Monteiro (2004), além de vários pesquisadores da área como Pietrobom (2012), Menon (2011), Sena (2017) e França (2017). Estes autores auxiliam na discussão teórica e permitem a investigação sobre como este romance mostra-nos a relação existente entre o sagrado e o profano.

Assim, veremos como a dinâmica sagrado x profano auxilia no desenvolvimento da trágica história de Magdalena.

Referências: AZEVEDO, Aluísio. O homem. São Paulo, Martin Claret, 2013. ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Editora WF Martins Fontes, 2018. (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno). FRANÇA, Julio. SILVA, Daniel Augusto P. De perseguida a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/115072/112782>. Acesso em 2 jan. 2023. GIL FILHO, S.F. O sagrado e a religião. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/o_sagrado_e_a_religiao.pdf Acesso em: 07 de jul. 2022. LECOUTEUX, C. História de Vampiros: autópsia de um mito. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo, Unesp Ed, 2005. MELTON, J. G. O livro dos vampiros: a enciclopedia dos mortos-vivos. Trad. Milton Mira Assumpcao Filho. 2. ed. Sao Paulo: M. Books, 1995. MENON, Maurício Cesar. Vampiros: Algumas faces do monstro em narrativas brasileiras. Anuário de Literatura, vol.16, n.2 p. 185-196. Universidade Tecnológica Federal do Pará, 2011. MONTEIRO, M. C. Na aurora da modernidade: a ascensão dos romances gótico e cortês na literatura inglesa. Rio de Janeiro: Caetés, 2004. OTTO, R. O Sagrado, Lisboa: Edições 70, 1992. PIETROBOM, Amanda Lopes. Aluísio Azevedo: naturalismo e fantástico. UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – São José do Rio Preto, 2012. ROCHA, E.A. Natureza e religiosidade: representações entre sagrado e profano na literatura brasileira. In: Anais do III Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica - Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2017. p. 139 – 152. RODRIGUES, Isabel Guimarães. Residualidade medieval em Aluísio Azevedo: um estudo do medo e da culpa presentes no romance O homem. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2010. SENA, Marina Farias. Sombras no Romance Experimental: O Decadentismo de Aluísio Azevedo. Estudos do Gótico. Editora Dialogarts, 2017 Págs: 99-110. SILVA, Alexander Meireles da. Introdução do livro Contos clássicos de vampiro. São Paulo, Editora Hedra, 2010.

O DESEJO E A VONTADE EM O CRIME DO PADRE AMARO, DE EÇA DE QUEIRÓS.

Francisca Solange Mendes Da Rocha

Resumo: O crime do padre Amaro, de Eça de Queirós, configura-se em um verdadeiro instrumento de crítica ao comportamento burguês do último quartel do século XIX. O autor lusitano construiu suas personagens dentro de padrões de conduta não muito aceitáveis na sociedade oitocentista. O romance eciano é uma sátira contra a corrupção e a hipocrisia existentes no clero português da época. Sendo o mais naturalista publicado por Eça de Queirós, a obra enfoca uma instituição social específica – o clero – e aborda o celibato religioso imposto, tentando demonstrar os efeitos nocivos dele decorrentes, criticando o comportamento lascivo da personagem que dá nome ao romance. O que se pretende aqui é uma discussão acerca da luta entre desejo e vontade nas personagens principais Amaro e Amélia, que vivem um relacionamento amoroso proibido pelas convenções sociais. A vontade tem senso de dever, exige renúncia e cotas de sacrifício. O desejo vive confortavelmente no território da imaginação e segundo Aristóteles, é aquilo que move, que impulsiona o homem para a ação(práxis). Na lista das paixões de Aristóteles encontram-se os apetites, o ódio, o desejo, a alegria, a amizade, a emulação, a compaixão, a audácia e todas as sensações que são acompanhadas de dor ou de prazer. As paixões, portanto, podem ser consideradas como o que internamente guia o agir humano, relacionadas intimamente com a moralidade, a virtude ou o vício que cada agente apresenta, sendo o fio condutor das personagens analisadas no desenrolar da trama romanesca de O crime do padre Amaro.

Referências: ARISTÓTELES. De anima. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006. QUEIRÓS, José Maria Eça de. O crime do Padre Amar: cenas da vida devota. Porto: Lello & Irmãos, 1967.

O TERRITÓRIO ESTRANGEIRO EM "O JAPÃO", DE ALUÍSIO AZEVEDO

Haroldo Ceravolo Sereza

Resumo: Tido com um autor preocupado em representar o Brasil em sua obra, sobretudo em "O cortiço", muitas vezes lido como uma grande alegoria do país, Aluísio Azevedo buscou em países estrangeiros o cenário para alguns de seus romances, sobretudo os não identificados diretamente com a estética naturalista. Uma porção da trama de "Girândola de Amores" se passa Itália; "A mortalha de Alzira" inicia a trama "no ano de 17**" em Paris, "a grande cidade libertina". Parte das peripécias de "Filomeno Borges" também ocorrem na Europa. "O Japão", publicado apenas em 1984, a partir de manuscritos do autor, se passa no Oriente, país em que Aluísio trabalhou como diplomata. Que aprendemos sobre Aluísio lendo "O Japão"? Como o escritor lida com o espaço e com a cultura japonesa em seu livro? Num artigo sobre a obra, o antropólogo Renato Ortiz (1997) aponta várias inconsistências históricas sobre o Japão, mas vê no texto uma "percepção idílica do isolacionismo nipônico, medida de pureza em relação à Europa" e um olhar que tende a ver o Oriente "como um bloco homogêneo, em contraste com o Ocidente, ao mesmo tempo que coloca em relevo a questão nacional que justamente é a afirmação de uma especificidade".

Referências: AZEVEDO, Aluísio de. (1980) Japonesas e norte-americanas. In: DIMAS, Antonio. Aluísio de Azevedo: literatura comparada. São Paulo, Abril. _____. (1984) O Japão. São Paulo, Roswitha Kempf. VEJMEKA, Marcel (2013). O Brasil no espelho de Amaterasu. O Japão de Aluísio Azevedo. Brasileira, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 401-433. MÉRIAN, Jean-Yves (2019). Aluísio Azevedo - Vida e obra (1853-1913). 2a. edição. Rio de Janeiro: Garamond. ORTIZ, Renato (1997, out.). Aluísio de Azevedo e o Japão: uma apreciação crítica. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo 9 (2), p. 79-95. SEREZA, Haroldo Ceravolo (2022). O naturalismo e o naturalismo no Brasil. São Paulo: Alameda.

OS ELEMENTOS "MARAVILHOSOS" EM TORTO ARADO: A REALIDADE MÍSTICA

Karla Karoline Marciano

Resumo: Muitas obras literárias contemporâneas apresentam narrativas que nos conduzem por panoramas realistas, desde romances históricos a tramas psicológicas, em que a ausência do sobrenatural se deve a visões naturalistas da realidade. Na era da ciência e do positivismo, o que é maravilhoso, fantástico e extraordinário está limitado às fantasias infantis, ao terror ou à ficção científica. Neste contexto, as cosmovisões afroindígenas, sob um olhar cientificista e eurocêntrico, são tidas como inferiores, como se o extraordinário, presente nessas culturas, não apresentasse ligações com a realidade empírica. Porém, o romance Torto Arado (2018), de Itamar Vieira Junior, nos apresenta as duas facetas: a realidade factual (lutas sociopolíticas, questões dos corpos negros e femininos etc) e os eventos insólitos (a partir de crenças, misticismo, religião), como aspectos diretamente ligados às vivências humanas. A narrativa é perpassada por eventos e seres encantados que participam da história, vindos dos rituais de jarê e do cotidiano da fazenda, e que são estruturadores das identidades e das experiências vivenciadas, rompendo as barreiras entre aquilo que é sóbrio e o que é insólito. Com isso, o romance tem a capacidade, na junção desses elementos arbitrários, o sobrenatural e o factual, de instituir um espaço cultural amplo, uma sociedade em perspectiva heterogênea, na qual os problemas políticos e sociais convivem com seres e situações místicas, permitindo uma reflexão sobre a própria realidade sócio-histórica brasileira. Assim, neste trabalho buscamos identificar e analisar os elementos insólitos que se apresentam dentro do romance Torto Arado, apoiando-nos no conceito de "realismo maravilhoso" apresentado por Irlemar Chiampi, a fim de averiguar como, na construção do romance, há um trânsito de uma representação realista para uma múltipla produção de sentidos a partir da presença de elementos/eventos "maravilhosos", em que a apresentação do insólito é capaz de afetar a realidade tangível, revelando uma outra realidade.

Referências: BANNAGIA, Gabriel. As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Tese (Doutorado em Antropologia Social) UFRJ, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2013 Disponível em <https://www.academia.edu/16328495/As_for%C3%A7as_do_jar%C3%AA_movimento_e_criatividade_na_religi%C3%A3o_de_matriz_africana_da_Chapada_Diamantina>; BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2017 CAMARANI, Ana Luiza Silva. O

universo mágico de Guimarães Rosa e Mia Couto: Primeiras estórias e Estórias abensonhadas. In: Anais VII Seminário de Pesquisa Grande Sertão: Veredas e Corpo de Baile: 50 anos, Araraquara: Unesp, 2007. p. 26-35. CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. São Paulo: Cultrix, 1992. CARPENTIER, Alejo. O Reino Deste Mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2010. CHIAMPI, Irlemar. O realismo maravilhoso. São Paulo: Perspectivas, 2015. COVIZZI, Lenira Marques. O insólito em Guimarães Rosa e Borges. São Paulo: Ática, 1978. ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo, Perspectiva, 2016. NABOKOV, Vladimir. Lições de Literatura Três Estrelas, São Paulo, 2015. PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. ROAS DEUS, David (Org.). Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, 2001. SANTOS Maria Moura dos, SANTOS, Marcos Andrade Alves. A Mística dos Encantados. 2020. STEVANIM, Luiz Felipe. Terreiro de Caboclo: A raiz indígena na Umbanda. São Paulo: Legião Publicações, 2020. VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia: 2019.

NATURALISMO E LITERATURA DO PÓS-GUERRA NO BRASIL

Leonardo Mendes

Resumo: A guerra é um dos temas naturalistas que foi obscurecido pela centralidade atribuída ao discurso científico na caracterização do movimento. A visão caricatural de uma literatura científica, fracassada e antiartística, obliterou significativamente os corpora naturalistas produzidos no Brasil. Neles, encontramos ficções sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a vida militar que aproximam o naturalismo produzido no Brasil de experiências semelhantes retratadas no naturalismo francês, relacionadas à Guerra Franco-Prussiana (1870-1871): o romance *La débâcle* (1892), de Émile Zola, e o volume de contos *Les Soirées de Médan* (1880). Ao reunir seis escritores, o livro era um gesto de afirmação da estética naturalista e continha contos sobre a guerra, entre os quais, um dos que se tornariam mais famosos, “Bola de sebo”, de Guy de Maupassant. Os contos abordam o conflito a partir de vários ângulos, mas concordam que as situações criadas por ele são absurdas. Nos escritos, o patriotismo não existe, ou é apenas uma ilusão. O sentimento de horror e desengano que marca essa literatura a aproxima da vertente do “naturalismo desiludido”, proposta por David Baguley (1990), cuja principal estratégia era justamente o rompimento com o gênero clássico da guerra – a epopeia – como matriz do romance moderno. São histórias sobre viagens fracassadas e conflitos irresolvidos que assumem um posicionamento crítico às guerras e ao militarismo, numa época de fervor bélico e patriótico. Manifestam um sentimento de “desilusão do pós-guerra” que era extremamente moderno e antissistema. Nessa comunicação vamos testar a categoria de “naturalismo do pós-guerra” em três contos brasileiros do fim do século XIX sobre a Guerra do Paraguai: “Vampa” (1890), de Oscar Rosas; “Uma noite” (1895), de Machado de Assis; e “Maria sem tempo” (1901), de Domício da Gama. A ideia é a averiguar a produtividade da chave antimilitarista nos corpora naturalistas escritos no Brasil.

Referências: BAGULEY, David. *Naturalist fiction. The entropic vision*. Cambridge: Cambridge UP, 1990. LAVIELLE, Véronique. *Guerre*. In: BECKER, Collete; DUFIEF, Pierre-Jean (ed.). *Dictionnaire des naturalismes*. Paris: Honore Champion, 2017.

VÍCIOS SECRETOS E COISAS MÍSTICAS”: NATURALISMO E HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NOS CICLOS NATURALISTAS DE ABEL BOTELHO E ALFREDO GALLIS.

Paulo Victor Alves Lima da Silva

Resumo: Ao analisar os desdobramentos da corrente naturalista no fin-de-siècle, é inevitável sublinhar o destaque e a repercussão da publicação séries de romances empenhados no exame minucioso dos elementos da sociedade finissecular e das causas e condições de sua decadência, como o ciclo *Les Rougon-Macquart* de Émile Zola, romancista e teorizador proeminente do naturalismo francês. Passando ao contexto literário de Portugal, podemos mencionar os ciclos *Patologia Social*, de Abel Botelho e *Tuberculose Social*, de Alfredo Gallis, que amparados nas matrizes do romance científico naturalista zoliano, buscam investigar as “degenerescências sociais” que corrompiam o povo português e ofendiam a moral burguesa. Ressaltando a sua pretensão

pedagógica, colocam as suas obras como um aviso para a necessidade urgente de eliminar estas “pústulas” antes de uma degradação completa. Dentre essas patologias e tuberculosas a serem exterminadas, os autores identificam a homossexualidade, compreendida como “aberração” ou “inversão”, em consonância com os ensaios médicos e pseudocientíficos sobre as práticas sexuais dissidentes, que se multiplicavam desde a metade do século XIX. Nesta comunicação, justapondo criticamente estes dois naturalistas portugueses e pensando nos pontos de contato e de distanciamento de suas propostas literárias, pretendemos evidenciar os aspectos e nuances da representação das dissidências sexuais nos romances que integram os respectivos ciclos, especificamente nas relações homossexuais entre mulheres que estão presentes em *O Livro de Alda* (1898), de Botelho e *Saphicas* (1902), de Gallis. Assim, com apoio nos estudos de Santana (2007) e Baguley (1990) sobre as configurações do Naturalismo e suas vertentes, e em estudos recentes sobre os autores, de Duarte (2017) e Curopos (2018), questionamos como a descrição das personagens lésbicas e suas trajetórias reveladas nessas narrativas articulam os mecanismos naturalistas e a licenciosidade, e o discurso social e médico do período, ao abordar as dinâmicas do “safismo” pela ótica de “vícios secretos” e “degeneração”.

Referências: BAGULEY, David. *Naturalist fiction: the entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. BOTELHO, Abel. *O Livro de Alda*. 3ª edição. Porto: Livraria Chardon, 1922. CASCAIS, António Fernando (org.). *Indisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer*. Lisboa: Fenda Edições, 2004. CUROPOS, Fernando. *La lesbienne fin-de-siècle: une fiction portugaise*. Moderna språk, vol. 112, n° 2, p. 47-62, 2018. DUARTE, A. M. Alfredo Gallis, o pornógrafo esquecido. *Revista Graphos*, UFPB, v. 19, n. 2, p. 7-20, 2017. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade do saber*. v. 1. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. GALLIS, Alfredo. *Saphicas*. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1902. KLOBUCKA. *Summoning Portugal's Apparitional Lesbians: A To-Do Memo*. Association of British and Irish Lusitanists, National University of Ireland at Maynooth, v. 11-12, setembro, 2009. PINTO, Júlio Lourenço. *Estética naturalista - Estudos críticos*, Lisboa: IN- CM, 1996. SANTANA, Maria Helena. *Literatura e ciência na ficção do século XIX. A narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa*, Lisboa: IN-CM. 2007. ZOLA, Émile. *Do romance*. São Paulo: Edusp, 1995.

A TRANSFIGURAÇÃO DO CORPO ANDRÓGINO: MEIO, RAÇA E MOMENTO EM "SAPO", DE NESTOR VICTOR

Roberto da França Neves

Resumo: Em 1897, Nestor Victor, participante do círculo de literatos e artistas ligados a Cruz e Souza, publicou a obra de contos *Signos*, cuja peça mais importante, a novela *"Sapo"*, foi bastante comentada pelo autor de *Missal* e *Broquéis*. Nesta produção, o personagem Bruce é a representação do fracasso existencial de um descendente de imigrantes europeus, que, no Brasil, não se adapta ao meio social e ao trabalho, sucumbindo à mendicância. Estranhamente, incorporando o idealismo de uma alma e um corpo andrógino e rechaçando as vicissitudes do corpo, alcança, por fim, o quadro psicótipo típico do manicômio. Ele se torna o reflexo do conflito neurótico que aflige a condição psicossomática dos personagens naturalistas. Sob a ótica do tripé: meio, raça e momento, percebe-se, por fim, que no instante em que uma crise capitalista desencadeia uma fase de privações econômicas, surge o abismo de um ser que desejava viver para satisfazer os anseios da alma e desprezar a necessidades da existência material. O Naturalismo de Nestor Victor lança por terra a tradição espiritualista da androginia, através do fracasso da experiência espiritual de Bruce. Veremos como o personagem, possivelmente retirado do mundo real, insere-se nos quadrantes do Naturalismo e também como o reestrutura sob novas bases estéticas. Como obra decadente e finissecular, ela transcende os esquematismos e a ortodoxia da escola, questionando a representação da realidade e o progresso do capitalismo na sociedade brasileira, através de abordagens não naturalistas. A novela victoriana é uma crítica à ordem capitalista, que exclui personalidades estranhas e inadequadas ao universo fabril para o desemprego e a prostituição, em meio à crise social das demissões.

Referências: CRUZ E SOUSA. João da. Cruz e Sousa: Obra completa. Org. Andrade Muricy. Rio de Janeiro:

José Aguilar, 1961. ELIADE, Mircea. Mefistófeles e o Andrógino. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999. MARKOVITS, Daniel. A cilada da meritocracia. Tradução: Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. Vol. IV (1877-1896). São Paulo: Cultrix, 1978. MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira: Realismo. São Paulo: Cultrix, 1996.

PEYRE, Henri. A literatura simbolista. Tradução: Maria Helena N. Garcez; Maria Clara R. T. Constantino. São Paulo: Cultrix, 1983. SODRÉ, Nelson Werneck. O naturalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. PIERROT, Jean. L' imaginaire décadent. Rouen: Presses universitaires de France, 1977. PRAZ, Mario. El pacto con la serpiente. Tradução: Ida Vitale. México: Fondo de Cultura Económica, 1988. _____ . The Romantic Agony. Tradução: Angus Davidson. London – New York –

Toronto: Oxford University Press, 1962. SCHOPENHAUER, Arthur. Metafísica do Amor. Metafísica da Morte. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000. VICTOR, Nestor. Obra crítica de Nestor Vítor I, II, III. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1969, 1973, 1979. _____ . Signos. Rio de Janeiro: Tipografia Correia, Neves C., 1897. WINOCK, Michel. As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. ZOLLA, Elémire. Androginia: A fusão dos sexos. Madrid: Almudena, 1996.

Palavras-chave: Naturalismo; Decadentismo; Nestor Victor; androginia.

A DETERMINAÇÃO DESCRITIVA DO DETALHE EM FUNÇÃO DO NASCIMENTO DA PAIXÃO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Rogério Rufino de Oliveira

Resumo: Quando Riobaldo conhece o Menino, aceita o convite dele para atravessarem o rio de Janeiro, afluente do São Francisco, à canoa. Durante a travessia, ambos se apaixonam mutuamente. Inicia-se, nessa cena do Grande sertão: veredas de Guimarães Rosa, a trajetória amorosa entre Diadorim e o jagunço narrador que conserva na forma de sua narração a vulnerabilidade de seus sentimentos. A análise desse episódio interpreta a construção formal da representação do nascimento da paixão, que envolve não apenas as ações dos personagens, mas também a interação destes com o espaço e os objetos inseridos na ocasião, que entram na figuração de modo que seus detalhes produzem a expressão do amor que nasce e interfere na história. Na teoria, Georg Lukács, a exemplo do que escreveu no ensaio “Narrar ou descrever?”, critica a descrição típica do naturalismo por considerá-la deformadora da força transitória da narrativa e por conta da sua tendência a fetichizar a aparência do fenômeno, descartando o essencial. Antonio Candido, em “O homem dos avessos”, viu na particularidade do romance de Rosa que “a flora e a topografia obedecem frequentemente a necessidade da composição; que o deserto é sobretudo projeção da alma, e as galas vegetais simbolizam traços afetivos”. Argumenta-se, portanto, que, em Grande sertão, a subjetividade projeta-se nos elementos objetivos ricamente descritos que, por sua vez, possuem atitude mediada que exprime emoções que reagem aos fatos e modulam a narração em prol de que a linguagem faça dos pormenores descritos em interação um recurso para evocar dramas humanos que interferem na função desses elementos delineados.

Referências: CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: Tese e antítese. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. LUKÁCS, Georg. “Narrar ou descrever?”. In: Marxismo e teoria da literatura. São Paulo: Expressão Popular, 2010. ROSA, Guimarães. Grande sertão: veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OPERÁRIAS, PROSTITUTAS, SUICIDAS: A MULHER NO ROMANCE DE 30

Simone Rossinetti Rufinoni

Resumo: O romance brasileiro de 1930 volta-se para a tradição realista-naturalista ao intentar a representação do país por um caminho oblíquo: privilegia tanto o espaço, quanto os sujeitos alocados à margem dos centros. Ao se considerar a vertente do chamado “romance social” ou “neorrealista” de 1930, observam-se os pontos em comum com a tradição realista-naturalista, agora despida de excessos e cientificismo, dado o enraizamento moderno: aproveitam-se a fatura tendente à verossimilhança e a eleição dos sujeitos socialmente invisíveis. Entre estes – despossuídos, sertanejos, retirantes, operários, pequenos funcionários públicos – evidencia-se a presença da mulher. Uma série de personagens femininas traçam o percurso que vai da “casa”, em termos de vida privada, marcada pela esfera familista, e a “rua”, no sentido da experiência afim à autonomia do sujeito, relacionada à liberdade e ao trabalho. Esta proposta acompanha recorrências estético-sociais nas trajetórias femininas de seis romances do período – a saber: Parque Industrial (1930), de Patrícia Galvão; Os Corumbas (1933) e Rua do siriri (1937), de Amando Fontes; Caminho de pedras (1935), de Rachel de Queiroz; A estrela sobre (1937), de Marques Rebelo e São Bernardo, de Graciliano Ramos (1934). Tal panorama permite analisar a figuração da mulher na vida pública, possibilidades e impasses, entre o patriarcalismo e as promessas de emancipação burguesa.

Referências: Bueno, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo, Edusp, Campinas, Editora da Unicamp, 2006. Candido, Antonio. “The Brazilian family” in Smith, T. Lynn & Marchant, A. (eds.) Brazil: Portrait of half a continent. New York, Dryden Press, 1951. Fontes, Amando. Os Corumbas. 9ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971. _____. Rua do siriri. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d. Freyre, Gilberto. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 15ª ed. São Paulo, Global Editora, 2004. Galvão, Patrícia. Parque industrial. São Paulo, Editorial Linha a Linha, 2018. Martins, Luís. Lapa. 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2015. Queiroz, Rachel de. Caminho de pedras. 11ª ed. São Paulo, Aché, 1990. Pena, Maria Valério Junho. Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril. São Paulo, Paz e Terra, 1981. Ramos, Graciliano. São Bernardo. 46ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1986. Rebelo, Marques. A estrela sobre. 20ª ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1998. Saffioti, Heleith. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo, Editora Expressão popular, 2013.

SIMPÓSIO “REVISÃO DA HISTORIOGRAFIA TEATRAL: LER E RELER FONTES PRIMÁRIAS, VISÕES CRÍTICAS E JUÍZOS ESTÉTICOS NA DRAMATURGIA”

Carlos Gontijo Rosa (PUC-SP), Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro Azevedo (USP), Maria Clara Gonçalves (UFES)

A TRIÁDE DO MAU GOSTO, SEGUNDO OS NEOCLÁSSICOS

Carlos Gontijo Rosa

Resumo: Esta comunicação é a proposição de uma ideia, baseada em estágio de pesquisa realizado durante o ano de 2022. Ao me debruçar sobre tratados que de forma direta ou indireta abordam o gosto durante o século XVIII na França, Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal – e cotejando tal pesquisa geral com as especificidades do conceito de gosto na Península Ibérica a partir da concepção de Lope de Vega, especialmente o teatro de cordel português da segunda metade do século XVIII –, encontrei apontamentos para aspectos desse teatro que demarcariam negativamente sua produção perante os preceptistas. Estamos tratando de um momento de transição no grande âmbito da cultura ocidental e que, como não podia deixar de ser, tem reflexos imediatos na produção e crítica teatral. Os três aspectos criticados pelos neoclássicos nessa poética barroca são a presença de graciosos, a prevalência do motivo amoroso e a temática política que pode levar à insurreição contra o regime. Motivo de crítica ou interdição das peças, são diferentes as instâncias que atacam cada uma das características: enquanto a presença dos graciosos é reprovada por críticos da própria Península Ibérica, os motivos amorosos são como desqualificativos dos enredos por tratadistas europeus em geral e os censores da Real Mesa Censória portuguesa são bastante sensíveis à presença da temática política nas peças. Dentre outras demandas menores (e às vezes

contraditórias) dos pensadores do teatro e das artes setecentistas, essas três se destacam como principais e mais frequentes deflagrações do qualificativo de “mau gosto” referente ao teatro de cordel representado e publicado na segunda metade do século XVIII em Portugal.

Referências: ADDISON, Joseph. *The Spectator*. 1711. ARAUJO, Luiz Antonio de. *História crítica do teatro, na qual se tratam as causas da decadência do seu verdadeiro gosto*. 1779. CAMÕES, José (Coord.). *Teatro proibido e censurado em Portugal no século XVIII*. ISBN: 978-989-95460-9-7. Centro de Estudos de Teatro, 2015. Disponível em <https://teatroproibido.ulisboa.pt/indexFirst.jsp>. CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO. CETbase – Teatro em Portugal. ISSN: 0874-9663. <http://ww3.fl.ul.pt/CETbase/>. CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO. Documentos para a História do Teatro em Portugal. ISBN: 978-989-95460-8-0. <http://ww3.fl.ul.pt/cethttp/webinterface/default.htm>. CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO. *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVII – uma biblioteca digital*. <http://www.cet-e-seiscentos.com/>. ESCRIBANO, Federico Sánchez e MAYO, Alberto Porqueras. *Preceptiva dramática española*. Madrid: Editorial Gredos, 1965. FERREIRA, Francisco Leitão. *Nova arte dos conceitos*. 1718. HOGARTH, William. *The analysis of beauty : written with a view of fixing the fluctuating ideas of taste*. 1753. LAMPILLAS, Francisco Xavier. *Saggio storico-apologetico della Letteratura Spagnola*. 1778. LOBO, Francisco Rodrigues. *Diálogo I. Corte na aldeia*. 1618. MELLO, Francisco Manuel de. *Hospital das Letras*. 1657. MURATORI, Ludovico Antonio. *Riflessioni sopra il buon gusto neele scienze, e nelle arti*. 1721. RICCOBONI, Louis. *Reflexions historiques et critiques sur les diferentes théâtres de l'Europe*. 1740. SEMPERE Y GUARINOS, Juan. *Discurso sobre el gusto actual de los españoles en la literatura*. 1782. SHAFTESBURY, 3rd Earl of (Anthony Ashley Cooper). *Soliloquy, or Advice to an Author*. 1710. SIGNORELLI, Pietro Napoli. *Discorso storico-critico da servire del lume alla storia critica de'teatri*. 1783. SOUZA, Roberto Acízelo (org.). *Do mito das musas à razão das letras: textos seminais para os estudos literários*. Chapecó: Argos, 2014. USHER, James. *Clio, or Discourse on Taste, addressed to a young lady*. 1769. VEGA, Lope de. *Arte nuevo de hacer comedias en este tiempo*. 1609.

UMA PEÇA DESCONHECIDA NO CÂNONE

Cecilia Athias

Resumo: Nesta comunicação proponho discutir a montagem de “Bom É o Que Acaba Bem” pelo Grupo Garajal (Fortaleza, 2021), em leitura conjunta com o texto da peça escrito por Shakespeare (1604-5). Embora seu autor seja consagrado na literatura e na dramaturgia, trata-se de uma peça ainda majoritariamente desconhecida. Em muitos aspectos, ela se diferencia das outras escritas por Shakespeare: sua protagonista é uma personagem feminina, Helena, que não pertence à aristocracia nem à nobreza e possui agência sobre seu corpo e destino. Sua trajetória no enredo é perpassada por significativas contravenções morais e inversões de papéis de gênero, ainda que Helena esteja circunscrita em um sistema fortemente patriarcal. Proponho aqui uma leitura das palavras e ações da personagem, focalizando seus solilóquios. A referida montagem do Grupo Garajal dá grande destaque à protagonista como fio condutor da peça e também aos seus marcantes momentos a sós no palco. Quanto ao gênero, no Primeiro Fólio (1623), a peça aparece agrupada junto às comédias, e, posteriormente, fruto da comparação com o drama escrito por Ibsen no século dezenove, é reclassificada como “peça problema”. A baixa circulação e desvalorização dessa obra, a meu ver, são pontos inquietantes. Podemos, então, aventar algumas perguntas acerca de sua recepção: será a explícita falta de moral presente no enredo perturbadora demais, ou pouquíssimo atraente a plateias e leitores/as? Será que essa personagem, transgressora e incomum, ainda suscita ansiedades sexistas em relação a essa peça? É possível que a pouca popularidade do texto e da protagonista seja causada pela inversão de papéis de gênero operada na trama? Não foram poucos os críticos que rotularam “Bom É o Que Acaba Bem” como um fracasso, mas sabemos de importantes contribuições contemporâneas ao estudo dessa peça e tomarei por base algumas delas neste trabalho (GOSSETT, 2019; MEDEIROS, 2021).

Referências: GOSSETT, Suzanne. Introduction. In: SHAKESPEARE, William. *All's Well That Ends Well*. Ed. Suzanne Gossett & Helen Wilcox. NY/Dublin: The Arden Shakespeare Third Series, 2019, p. 1-119. MEDEIROS, Fernanda T. de. “Por um te(x)to todo delas – Helena, Christine de Pizan e Isabella

Whitney". In: SALGUEIRO, M. & CIANCONI, V (Orgs). Literaturas de Língua Inglesa: leituras interdisciplinares. Vol. VI. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021, p. 57-70. SHAKESPEARE, William. Bom É o Que Acaba Bem. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

POÉTICAS, POLÍTICAS E EXPERIÊNCIAS TEATRAIS NEGRAS NA BAHIA: POR UMA REVISÃO DA HISTORIOGRAFIA TEATRAL

Débora De Souza

Resumo: Propomos tecer uma leitura crítica acerca de teatros negros na Bahia, desenvolvidos na década de 1970, a partir de documentos que compõem os acervos virtuais das dramaturgas, diretoras e educadoras negras Lúcia Di Sanctis (30 de junho de 1946 – 01 de julho de 2013) e Nivalda Costa (04 de maio de 1952 – 09 de julho de 2016), estudantes da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) nas décadas de 1960 e 1970, respectivamente. Para tanto, tomamos pressupostos teóricos da Filologia, em diálogo, sobretudo, com a Arquivologia e a História Cultural, e procedimentos metodológicos da Crítica Textual na análise de diferentes materiais, textos teatrais, documentos da imprensa, da Censura e do espetáculo, conservados naqueles acervos, parte do Arquivo Textos Teatrais Censurados, vinculado ao Instituto de Letras da UFBA. Por meio deste exercício de leitura ética e política tem sido possível (i) construir um conhecimento acerca dos teatros negros baianos, desenvolvidos, em contexto de ditadura militar, por duas mulheres que atuaram de forma distinta conforme seus projetos estéticos e ideológicos, suas redes de sociabilidade, suas vivências; (ii) atuar no processo de construção da história e atualização da memória de práticas de resistências negras na Bahia; (iii) (re)pensar a historiografia teatral brasileira bem como a escrita dramática e cênica em âmbito acadêmico.

Referências: ALMEIDA, Isabela Santos de; BORGES, Rosa. Edição e crítica filológica do texto teatral censurado. Revista da ABRALIN, v.16, n.3, p. 19-49, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52301>. Acesso em: 10 set. 2017. BORGES, Rosa et al. Edição de texto e crítica filológica. Salvador: Quarteto, 2012. DOUXAMI, Christine. Teatro negro: a realidade de um sonho sem sono. Afro-Ásia, Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2001. p. 313-363. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf>. Acesso em: 27 nov. 2010. FRANCO, Aninha. O teatro na Bahia através da imprensa: século XX. Salvador: FCJA; COFIC; FCEBA, 1994. GUINSBURG, J.; FARIA, J.; LIMA, M. (org.). Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2006. GUMBRECHT, H. U. Los poderes de la Filología: dinámicas de una práctica académica del texto. Tradução A. Mazzucchelli. México: Universidad Iberoamericana, 2007 [2003]. LEÃO, Raimundo Matos de. Transas na cena em transe: teatro e contracultura na Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009. LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: EDUNICAMP, 1994. LIMA, Eugênio. Apresentação. In: LIMA, Eugênio; LUDEMIR, Julio (org.). Dramaturgia Negra. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2018. p. 11-12. MARTINS, Leda Maria. A cena em sombras. São Paulo: Perspectiva, 1995. MCKENZIE, D. F. Bibliografía y sociología de los textos. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005 [1991]. MEIRELLES, Marcio. Linha do tempo do Teatro Negro na Bahia. 2 nov. 2010. Disponível em: <http://bandodeteatro.blogspot.com>. Acesso em: 01 set. 2021. MNU – 10 anos de luta! Nêgo: jornal Nacional do Movimento Negro Unificado, Salvador, n. 14, abr. 1988. NASCIMENTO, Abdias do. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Estudos Avançados, 18 (50), p. 209-224, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9982>. Acesso em: 09 jul. 2021. NASCIMENTO, Abdias do. O Teatro Experimental do Negro. In: _____. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes: 1980. p. 68-70. NASCIMENTO, Abdias do. Memória: a antiguidade do saber negro-africano. In: _____. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes: 1980. p. 247-252. PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2008 [1996]. PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. História das ciências e descolonização de saberes. In: _____. @Descolonizando_saberes: mulheres negras na ciência. São Paulo: Livraria da Física, 2020. p. 13-19. QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 72-117. RIBEIRO, Robério Marcelo Rodrigues. Lúcia Di

Sanctis. [Entrevista cedida a] Débora de Souza. Salvador, 27 maio 2021. SACRAMENTO, Arivaldo; SANTOS, Lucas de Jesus. A Filologia como ética de leitura. *Revista da ABRALIN*, v.16, n.2, p. 129-168, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/download/52291/32218>. Acesso em: 10 dez. 2018. SAID, Edward. O regresso à filologia. In: _____. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007 [2004]. p. 80-109. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009. SANTOS, Boaventura de Sousa. As ecologias dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. Volume I: para um pensamento alternativo de alternativas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 223-241. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/>. Acesso em: 01 fev. 2021. SOUZA, Débora de. BORGES, Rosa. História e memória das resistências negras na Bahia a partir do Acervo Nivalda Costa. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 208-228, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/>. Acesso em: 05 set. 2020. SOUZA, Débora de. *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico*. 2019. 449f + volume digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>. Acesso em: 29 jul. 2019. SOUZA, Débora de. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa: processo de construção dos textos e edição*. f. 251. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8528>. Acesso em: 18 nov. 2021. SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina G. Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: EDUFMG, 2010 [1985].

REPERTÓRIO TEATRAL UNIVERSITÁRIO NO MATO GROSSO UNO NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970: UM BREVE ESTUDO DE CARTOGRAFIA TEATRAL E TEATRO COMPARADO.

Fabrizio Goulart Moser

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar um breve estudo de Cartografia Teatral e Teatro Comparado tendo como base as peças encenadas por grupos universitários que existiram em diferentes cidades do Mato Grosso Uno, hoje os Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, durante as décadas de 1960 e 1970. O Teatro Universitário Campo-grandense (TUC), o Teatro Universitário de Dourados (TUD), o Teatro Universitário Três-lagoense (TUT), entre outros, são alguns dos grupos que surgiram e funcionaram no período na região, levando ao público do Oeste do Brasil textos inéditos, clássicos e contemporâneos da dramaturgia brasileira, mundial e local, como “Piquinique no Front” de Fernando Arrabal, “Esperando Godot” de Samuel Beckett, “Arena conta Zumbi” de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, “O Jumento e o Capataz” de Marcos Antônio Rodrigues de Oliveira, e outros. Esta análise faz parte de um estudo de Doutorado realizado desde 2020 no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da professora Elizabeth Ribeiro Azevedo, tem como referência metodológica os estudos de Teatro Comparado e Cartografia Teatral, fundamentados por Jorge Dubatti, e como fontes primárias e secundárias antigos jornais, depoimentos de integrantes dos grupos e estudos de referência, entre os quais as obras *Memória da Artes em Mato Grosso do Sul: histórias de vida* (1992) e *Vozes do Teatro* (2010) e a dissertação *Aspectos da História do Teatro no Oeste do Brasil: notas para a história do teatro sul-mato-grossense* (2011).

Referências: DUBATTI, Jorge. *Introducción a los Estudios Teatrales*. México: Editora Livros de Godot, 2011. MOSER, Fabrizio G. *Aspectos do teatro no Oeste do Brasil: Notas para a história do Teatro Sul-mato-grossense*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. ROSA, Maria da Glória Sá; NEGREIROS, Idara Duncan; MENEGAZZO, Maria Adélia. (Org.). *Memória da arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida*. Campo Grande Editora da UFMS/CECITEC, 1992. ROSA, Luiza; VILELA, Moema (org.). *Vozes do Teatro: registro da memória cultural do Mato Grosso do Sul*. FCMS: Campo Grande, 2010.

"LIBERDADE, LIBERDADE" SOB O VIÉS DO TESTEMUNHO

Maria Clara Gonçalves

Resumo: A presente comunicação apresenta uma leitura da peça-show "Liberdade, liberdade" (1965), de Millôr Fernandes e Flávio Rangel sob o prisma do conceito de testemunho. Concebida de forma fragmentária, a partir de textos de diversos autores que contemplam acontecimentos históricos que ilustram o sentido geral de liberdade, a obra é realizada em um momento em que o cerceamento da liberdade estava ameaçado, haja visto que o Golpe Militar havia ocorrido no ano anterior. Apresentar as inquietações do momento presente a partir de reflexões do passado, tendo como fio condutor o conceito que dá título à peça, faz com que os autores recriem outros mundos, em um exercício memorialístico, como forma de compreender e testemunhar o acontecimento histórico em que estão inseridos, a ditadura. O pesquisador Márcio Selligmann-Silva pontua que "Não podemos pensar em literatura de testemunho sem ter em mente essa concepção anti-essencialista do texto. Nesse gênero, a obra é vista tradicionalmente como a representação de uma "cena". Mas qual é a modalidade dessa representação? Certamente não podemos mais aceitar o seu modelo positivista. O testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena violenta, de um acidente ou de uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição "realista" do ocorrido" (1998, p. 10). Posto isso, compreender tal espetáculo sob o viés do testemunho nos permite abranger as leituras de "Liberdade, liberdade", analisando-a a partir de seu momento de criação, mas também para além dele.

Referências: FERNANDES, Millôr; RANGEL, Flávio. Liberdade, liberdade. Porto Alegre: L&PM, 2006. RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). Matraga, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro, UERJ, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012, p. 284-303. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. Letras, Revista do mestrado em Letras da UFSM. Santa Maria, RS, UFSM; CAL, n. 16, jan./jul. 1998, p. 9-37.

URGÊNCIA E RUPTURA: UMA REVISÃO DA CRÍTICA PELO VIÉS DA ESPACIALIDADE

Mariana De Oliveira Arantes

Resumo: O texto apresenta o desenvolvimento da pesquisa em nível de doutorado intitulada "A urgência e a ruptura nas configurações de espaço dramático em Consuelo de Castro". A dramaturga Consuelo de Castro (1946-2016), autora prestigiada e premiada pela crítica, estreou na dramaturgia teatral na década de 1960. Sua obra encontra-se principalmente em duas publicações: Urgência e ruptura (1989) e Três histórias de amor e fúria (2013), totalizando onze peças publicadas além das edições avulsas de seus textos. A primeira coletânea é dividida em dois períodos: o primeiro grupo de textos, publicado entre os anos de 1968 a 1978, intitula-se 'urgência'; já o segundo grupo, peças escritas entre 1978 a 1988, denomina-se 'ruptura'. Tal segmentação elaborada pelo crítico Yan Michalski cumpre uma análise de conteúdo das obras, pois de acordo com a crítica, o grupo das quatro peças iniciais reflete o momento de repressão ditatorial da época, portanto, apresenta ações e personagens em combate a este governo. Por outro lado, as quatro peças finais representam a ruptura, nelas Castro opta por não responder à caneta vermelha da censura, aborda nestes textos a sexualidade e o relacionamento amoroso. Todavia, ocorre uma interessante mudança entre estas peças teatrais no que tange ao uso do espaço, estabelece-se então uma das hipóteses da pesquisa. Assim, a partir de um estudo das didascálias externas e internas, discutimos a mudança na estrutura do espaço dramático entre as oito peças com base nas colocações de Anne Ubersfeld (2005) e Patrice Pavis (2005; 2008). Defende-se, portanto, uma alternância na espacialidade que ocorre gradualmente, pois enquanto nas dramaturgias iniciais as ações ocorrem em espaços do circunscrito, ou seja, da casa, do escritório, as obras finais desfazem essas paredes, mudando de espaços realistas para espaços abstratos. Este deslocamento funciona como a impossibilidade de certas temáticas ficarem restritas a quatro paredes.

Referências: CASTRO, Consuelo. Urgência e ruptura/ Consuelo de Castro. São Paulo: Perspectiva: Secretaria de Estado da Cultura, 1989a. 598 p. FARIA, João Alberto. História do teatro brasileiro, volume 2: do modernismo às tendências contemporâneas/João Alberto Faria (dir.); J. Guinsburg e João Roberto Faria (projeto e planejamento editorial). – São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013. 492 p. PAVIS, Patrice. A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. Tradução de Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2005. 323 p. _____. Dicionário de teatro. Tradução: J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2008. 481 p. UBERSFELD, Anne. Para ler o teatro. Tradução: José Simões (coord.). São Paulo: Perspectiva, 2005. 202 p. VINCENZO, Elza Cunha Vincenzo de. Um teatro da mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. 296 p.

TEATRO E ORIGINALIDADE: POLÊMICAS EM TORNO DA DRAMATURGIA BRASILEIRA NA PRIMEIRA REPÚBLICA.

Orna Messer Levin

Resumo: As produções teatrais passaram por um processo de expansão na metade século XIX, adquirindo características de empreendimentos organizados como empresas em busca de sucessos internacionais. A expansão dos negócios movidos pela lógica do consumo amplo, impulsionou a diversificação das modalidades cênicas e dos gêneros dramáticos. Da mesma maneira, a quantidade de espaços para abrigar exhibições multiplicou-se, espalhando teatros pelas capitais europeias. O fenômeno se repetiria nas principais metrópoles do mundo ocidental, resultante do que Christophe Charle designou com a moderna “sociedade do espetáculo”. A construção de salas para além das regiões centrais das cidades, em áreas periféricas e bairros operários, mostra a importância do teatro antes da forte concorrência que iria enfrentar com o cinema. Sendo a forma de entretenimento favorita da população urbana, o teatro estimulou a criação de textos, dando incentivo a um desejo crescente de consumo de produtos culturais. Peças aplaudidas em Paris eram capazes de alavancar sua disseminação por toda parte. Assim, os sucessos dos palcos garantiam a sobrevivência das empresas, dos profissionais e dramaturgos que não deixavam de almejar a consagração literária. O teatro podia levar ao reconhecimento acadêmico, projetar o nome do autor nacional e internacionalmente. Por outro lado, a falta de garantias dos direitos autorais favorecia práticas desautorizadas de uso dos textos alheios. A proposta desta comunicação é refletir sobre o debate em torno da originalidade da dramaturgia brasileira entre 1880 e 1920, observando sua relação com o repertório estrangeiro. O trabalho trata da criação e recepção de obras, como de Arthur Azevedo que ocupou posição central nas controvérsias envolvendo a autoria. Esse trabalho pretende lançar mão de peças, resenhas, críticas, correspondências e documentos legislativos, a fim de discutir e analisar as polêmicas que cercaram a dramaturgia brasileira no que diz respeito à autoria

Referências: AZEVEDO, Artur. Teatro de Artur Azevedo. Rio de Janeiro: Funarte, 2002. CHARTIER, Roger. Autoria e história cultural da ciência. Trad. Maria Célia Nunes Coelho. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012 ROSE, Mark. Authors and owners: the invention of copyright. Harvard University Press, 1993. WOODMANSEE, Martha. The author, art, and the market: rereading the history of aesthetics. New York: Columbia University Press, 1994. YON, Jean-Claude. Le théâtre français à l'étranger au XIX siècle: histoire d'une suprématie culturelle. Paris: Nouveau Monde, 2008.

A CARNAVALIZAÇÃO DA CENA NO TEATRO DE JULIO ZANOTTA VIEIRA

Rafael da Silva

Resumo: O teatro de Julio Zanotta Vieira produzido no período do final da Ditadura Civil-Militar brasileira está sujeito à tensão entre elementos locais e importados, uma característica do período de consolidação da arte moderna no Brasil. Em que pese a dilatação temporal entre o Modernismo enquanto movimento literário, a partir da década de 1920, e a década de 1970, quando publicadas as primeiras obras para teatro de Zanotta, é possível arguir que os preceitos da arte moderna, especialmente no teatro, ainda não estavam inseridos mais largamente na produção nacional, dado o descompasso entre o Modernismo na literatura e no teatro. Daí a ainda necessária superação da

referida tensão entre arcaico e moderno, representada, em parte, na década de 1970, pelo tensionamento entre o local e o cosmopolita. Essa tensão teria sido resolvida na obra de Zanotta por meio da devoração, por intermédio de um modo de subjetivação antropofágico, sendo a Carnavalização da cena um dos recursos estéticos adotados para tanto. A hipótese, portanto, é de que o espetáculo A Felicidade Não Esperneia - Patati Patatá demonstra esse procedimento, pelo uso do realismo grotesco e da inversão da lógica em cena, assim como de materiais insólitos, como arame farpado e mesmo lixo para composição cenográfica.

Referências: AZEVEDO, Ana Beatriz Sampaio Soares. Antropofagia - palimpsesto selvagem. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012. FAVARETTO, Celso Fernando. Tropicália alegoria alegria. São Paulo: Ateliê Editorial, 3a Ed., 2000. HEEMAN, Claudio. Zero Hora. 22 abr. 1978. ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica / Anthropophagic Subjectivity. In: HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano (Edit.). Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s, XXIVa Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. P. 128-147. SCHWARZ, Roberto. O pai de família e outros estudos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. ZANOTTA, Júlio. Teatro-lixo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

ORIGENS REMOTAS DE UMA PROTOCRÍTICA TEATRAL BRASILEIRA

Rodrigo Moraes Leite

Resumo: O trabalho aqui apresentado se insere dentro de uma pesquisa maior, empreendida para a conclusão de um pós-doutorado, que pretende historiar parte da crítica teatral brasileira, de seus primórdios no século XVI à sua consolidação como uma atividade intelectual autônoma, algo que se sucedeu no decorrer do século XIX. Inicialmente atrelada a relatos de cunho histórico e à crônica de viagem, somente com o advento da imprensa ela se emanciparia de vez, adquirindo alguns aspectos que hoje a singularizam. A apresentação se restringirá à primeira parcela da pesquisa, reservada à análise de uma espécie de protocritica do teatro brasileiro, que vicejou no Brasil colonial pelas mãos de cronistas estrangeiros e nativos, perfazendo uma trajetória em que se percebe uma tênue, mas ainda assim relevante, linha de desenvolvimento. Embora só se possa falar da existência de uma “crítica teatral propriamente dita” no Brasil a partir do século XIX, quando por aqui foram criadas as condições para o surgimento de uma imprensa jornalística, em tempos mais distantes ela poderia ser rastreada, em estado germinal, nos relatos deixados por viajantes estrangeiros. Fernão Cardim, Louis Antoine de Bougainville, Le Gentil de La Barbinais e Auguste de Saint-Hilaire são alguns desses nomes, embora existam muitos outros. Dos testemunhos de cronistas nativos, registre-se a Crítica das Festas e Lista das Pessoas que Entraram nas Funções Principais de Agosto de 1790, do magistrado paulista Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, onde se encontram consignadas suas apreciações acerca de aproximadamente dez espetáculos, todos levados em Cuiabá (MT) no final do período colonial.

Referências: História do Teatro Brasileiro; Crítica Teatral Brasileira; Fernão Cardim; Diogo de Toledo Lara e Ordonhes; Viajantes Estrangeiros.

A DICOTOMIA ENTRE A EXPRESSÃO VERBAL E A EXPRESSÃO CORPORAL, PRESENTE NA PEÇA TEATRAL “UMA PALAVRA POR OUTRA”, DE JEAN TARDIEU

Rosmari Aparecida Castilho Thomas

Resumo: A Expressão corporal, elemento considerado fundamental para a comunicação cênica, será abordado neste descrito, e concomitantemente, explanaremos acerca da importância da expressão verbal para a comunicação, mostrando suas nuances, que acompanhadas pela expressão corporal, possibilitam compreensão da mensagem da obra por distintos espectadores. Enfatizando que o espectador desenvolve uma relação com o objeto artístico, proveniente de um processo de apropriação oriundo de cada elemento que instiga sua percepção. Destarte, explanaremos sobre a peça teatral denominada (Ensaio) “Uma palavra por outra”, de Jean Tardier, que fora traduzida pelo Grupo Tapa e adaptada pelo ator Antônio Tostes e pelas atrizes Nathália Aguado e Renata Rego, que expõem a temática para que compreendamos que a palavra mesmo pronunciada com outro sentido, na conversação entre as personagens, tem a possibilidade de ser compreendida, quando o ator a

comunicar corporalmente. Considerando que o corpo condiz a um organismo criativo, sendo que no espaço teatral, a expressão corporal juntamente a performance, são elementos essenciais para que o objetivo de comunicar seja alcançado. Todavia, mesmo quando não havendo na cena a expressão verbal proferida de forma correta, o elenco e o espectador visualizarão a interpretação cênica, que realiza comunicação por meio da expressão corporal, pois o corpo é mediador da linguagem, da percepção, o corpo e suas manifestações linguísticas se fazem presentes nos processos individuais e sociais. Deste modo, serão contempladas as obras de Maria Fonseca Falkembach (2005), Marco Antônio Alves (2001), Augusto Boal (2009), Márcia Cristina Cebulisk (2007), Lídia Fachin (1993), Flávio Desgranges (2012), Patrice Pavis (2015), Lúcia Romano (2013, Richard Schechner (2003), entre outras obras que contribuirão para análise no presente estudo.

Referências: ALVES, M. A. O teatro como um sistema de comunicação. Trans/Form/Ação, São Paulo, 24: 85-90, 2001. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/825/719#:~:text=A%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20no%20teatro%20%C3%A9,rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20artistas%20e%20plat%C3%A9ia>>. Acesso em: 19 jul. 2022. BOAL, A. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. BONFIM, J. [Especial Teatro] Teatro do Absurdo. Portal dos Atores. 2016. Disponível em: <<https://portaldosatores.com/2016/06/16/especial-teatros-teatro-do-absurdo/>>. Acesso em: 21 jul. 2022. CEBULSKI, M. C. O teatro, como arte, na escola: possibilidades educativas da tragédia grega Antígone. Dspace. 2007. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/11335>>. Acesso em: 20 jul. 2022. CEIA, C. Metadrama (ou metateatro). E-Dicionário de termos Literários. 2010. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metadrama>>. Acesso em: 18 jul. 2022. DESGRANGES, F. A inversão da olhadela: alterações no ato de espectador teatral. São Paulo: Hucitec; 2012. FACHIN, L. Teatro contemporâneo de expressão francesa. Itinerários (UNESP), Araraquara - SP, v. 6, p. 111-131, 1993. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2473/2056>>. Acesso em: 18 jul. 2022. FALCÃO, I. F. F. Ação Verbal e o trabalho do ator: proposições stanislavskianas, conceitos outros e considerações atorais. Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Belas Artes. Belo Horizonte. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/JSSS-8FTN9B/1/a_o_verbal_e_o_trabalho_do_ator_disserta_o_iara_fernandez.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022. FALKEMBACH, M. F. Dramaturgia do corpo e reinvenção de linguagem: transcrição de retratos literários de Gertrude Stein na composição do corpo cênico. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Centro de Artes – CEART. Programa de Pós-graduação em Teatro (mestrado). 2005. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/danca_teatro/files/pesquisa/DISSERTACAO%20COMPLETA%20PDF.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2022. FERNÁNDEZ, T.; Tamaro, E. Biografia de Jean Tardieu. Em biografias e vidas. A enciclopédia biográfica online [Internet]. Barcelona, Espanha, 2004. Disponível em: <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/t/tardieu.htm>>. Acesso em: 21 de julho de 2022. FERRACINI, R. A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. PAVIS, P. A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. [Tradução Sérgio Sálvia Coelho]. São Paulo: Perspectiva; 2015. (Estudos; 196/ dirigida por J. Guinsburg). REGO, R. (Ensaio) "Uma Palavra Por Outra". YouTube. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dg2zD7_FF68>. Acesso em: 15 jul. 2022. ROMANO, L. O Teatro do Corpo Manifesto: teatro físico. São Paulo: Perspectiva, 2013 – (Debates; 301/ dirigida por J. Guinsburg). SALGADO, T. B. P. Performance. Dispositiva – v.2, n.2 (2014): novembro, 2013 – junho, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/7627/6605>>. Acesso em: 19 jul. 2022. SCHECHNER, R. O que é performance? O Percevejo, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 25-50. 2003. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/ESTUDOS%20DA%20PERFORMANCE%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/ESTUDOS%20DA%20PERFORMANCE%20(2).pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TEATRO INFANTIL OU TEATRO PARA CRIANÇAS? – UM BREVE HISTÓRICO DRAMATÚRGICO

Sergio Manoel Rodrigues

Resumo: Quando se refere ao teatro destinado ao público infantil, nota-se uma certa incompreensão de muitos acerca dessa manifestação artística. A começar pelas designações – teatro infantil ou teatro para crianças? – a que tal representação cênica atende, acarretando inúmeras discussões entre teatrólogos, críticos teatrais e pesquisadores da área. Além disso, esse teatro é, muitas vezes, visto como uma forma de expressão pouco relevante, principalmente se comparado às representações para adultos, prestigiadas, entre vários fatores, por sua origem clássica. Quanto à encenação, “[...] a realização teatral dirigida à infância tende a eximir seus responsáveis de maiores cuidados ou inquietações de caráter estético” (PUPO, 1991, p. 39), o que demonstra o descomprometimento de alguns profissionais das artes cênicas, ao optarem pela montagem de peças dedicadas às jovens gerações, com o intuito, apenas, de obter público. Assim, na tentativa de entender as problemáticas mencionadas, este trabalho tem como objetivo apresentar um breve panorama histórico do teatro dedicado a crianças, uma vez que, ao se remeter aos primórdios e evolução dessa forma teatral no Ocidente, percebe-se que as primeiras encenações para crianças e jovens possuíam uma dramaturgia de cunho moral e pedagógico, como, por exemplo, ocorria no drama escolar alemão, em meados do século XVI, e nos autos jesuíticos, durante a colonização brasileira (1530-1815). Portanto, essas representações teatrais, cuja função visava à transmissão de ensinamentos e/ou valores cristãos para jovens gerações, nos contextos escolar e religioso, e, em alguns casos, com uma dramaturgia desprovida de efeito literário, constituíram o cerne do que se conhece como teatro para infância nos dias atuais.

Referências: ANCHIETA, José de. Teatro de José de Anchieta. São Paulo: Martins Fontes, 2006. BELINKY, Tatiana; GOUVEIA, Júlio. Teatro para crianças e adolescentes: a experiência do TESP. In: ZILBERMAN, Regina. A produção cultural para a criança. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 29-41. BENEDETTI, Lúcia. Aspectos do teatro infantil. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1969. BERTHOLD, Margot. História mundial do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2006. BUARQUE, Chico. Os saltimbancos. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://www.colegionomelini.com.br/midia/arquivos/2014/8/70b9172b88d52d4073e25fb860112ff2.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2022. CAPELLA, Vladimir. Como a lua. In: HAMDAN, Soraya. Teatro brasileiro: volume 1. Belo Horizonte: Hamdan, 2002. p. 63-87. GUINSBURG, Jacó et al. Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2009. GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto. História do teatro brasileiro: do Modernismo às tendências contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2013. MELAMED, Simone. Teatro infantil vira gente grande. In: Revista de teatro. Rio de Janeiro: SBAT, set./out. 2008, p. 22-25. NAZARETH, Carlos Augusto. Trama: um olhar sobre o teatro infantil ontem e hoje. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012. PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. No reino da desigualdade: teatro infantil em São Paulo nos anos setenta. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SIMPÓSIO “TRANSMODERNIDADE E ESCRITAS DECOLONIAS NA LITERATURA E NO CINEMA LATINO-AMERICANO”

Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB), Leyla Thays Brito da Silva (UFPB)
e Maria Betânia da Rocha de Oliveira (UNEAL)

LUCY BRANDÃO E CONTRACULTURA: "UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA"

Antônio José Rodrigues Xavier

Resumo: A Contracultura marcou; entre os anos 60 e 70 do século XX, em Maceió; um espaço transcultural e decolonial para a construção de uma literatura e arte nomeada por Michel Foucault (2006) como “estética da existência”. O presente paper propõe, na perspectiva da crítica da literatura e da arte, tecer aproximações críticas da produção poética de Lucy Brandão (1961 – 2000), representante identitária mais transgressora da Contracultura maceioense. Ken Goffman e Dan Joy

(2007) afirmam ser a única Contracultura a usar o “C” devido sua importância cultural no século XX. Obra portadora de uma marcante (in)tensa negatividade lírica e dissonantes, nos termos de Hugo Friedrich (1978). Ela usava o corpo como espaço para tornar pública seus registros: “seus repentinos urbanos”. Trata-se de um resgate da memória local, cujos corpos foram recuperados pelos depoimentos de outros poetas, artistas e amigos contemporâneos a ela. A pesquisa de seu poeitar teve a metodologia qualitativa através de depoimentos de seus contemporâneos e amostras cedidas pela família e sua última companheira. Grande parte do acervo crítico desta pesquisa encontra-se depositado na Universidade Federal de Alagoas e em livro publicado pela Editora da Universidade Estadual de Alagoas. A importância deste registro encontra-se pautada pela transposição da linguagem do espaço ocupado pela literatura popular para o cidadão, pela ruptura com o cânone local (mais escrevente) com um poeitar in presentia, pelo uso do corpo com suas performances atingindo a cosmovisão e as pautas resistentes das tradições locais.

Referências: FOUCAULT, Michel. Ética, Sexualidade, Política. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barros. 2ª ed.. Rio de Janeiro (RJ): Forênia Universitária, 2006. FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a metade do século XX. Tradução de Marise M. Curione. São Paulo: Duas Cidades, 1978. GOFFMAN, Ken & JOY, Dan. A contracultura através dos tempos: do mito de prometeu à cultura digital. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro (RJ): Ediouro, 2007.

GÊNERO COMO PERFORMANCE EM BOQUITAS PINTADAS DE MANUEL PUIG E LA VIRGEN CABEZA DE GABRIELA CABEZÓN CÁMARA

Diana Casali Navarro

Resumo: Quarenta anos se passaram entre a publicação de Boquitas pintadas (1969) e La Virgen Cabeza (2009) dos escritores argentinos LGBTQIAP+ Manuel Puig e Gabriela Cabezón Cámara, respectivamente. Embora o mundo do século XXI seja outro (outra pobreza, outras doenças, outras neuroses), continua vigente o problema da voz dos personagens femininos considerados subalternos (donas de casa, faxineiras, prostitutas, lésbicas, mulheres trans, travestis....), personagens sem lugar de fala cujas vidas são narradas por outros; porque “se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (SPIVAK, 2010. p.28) Partindo do conceito de “gênero performativo”, criado nos anos 90 pela filósofa feminista pós-estruturalista Judith Butler (2013), tentaremos analisar, neste trabalho, a questão de gênero como performance nos romances de referência, questão essencial para compreendê-los em toda sua potência disruptiva. No romance de Puig encontramos um binarismo exacerbado que não deixa espaço à ambiguidade. As vozes que Puig traz na narrativa, para esconder a sua, são, ante todo, performativas: elas determinam o gênero dos personagens e revelam o artifício dessa construção socialmente aprendida a base de repetição constante. As modificações desses esquemas binários em La Virgen Cabeza são evidentes. No romance de Cabezón Cámara, o fato das personagens principais serem uma lésbica e uma travesti deixa ao descoberto o artifício das classificações heteronormativas. Cleo e Qüity já não são duas mulheres no termo “sexual”, mas sim no termo “genérico”. O encontro entre elas é homogêneo porque o travesti é uma mulher, e heterogêneo porque o travesti é também a transformação do homem. Nosso objetivo, portanto, será avaliar comparativamente, entre esses dois romances, a voz da subalternidade em torno dos gêneros, a partir das performances que os constroem, evidenciado a importância da visibilidade de autores cujas obras dialoguem com outras subjetividades.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. CABEZÓN CÁMARA, Gabriela. La Virgen Cabeza. 1ª ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial La Página S.A., 2018. PUIG, Manuel. Boquitas pintadas. Barcelona. La Biblioteca Argentina, Serie Clásicos, 2000. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.

A POÉTICA DE BARROS E COPETTI NO PANTANAL SUL-MATOGROSSENSE

Dorcas Pinto Paiva

Resumo: Este trabalho tem como objetivo abordar a poética de Manoel de Barros em relação a construção do filme *Planuras* do cineasta Mauricio Copetti (2014), de como é concebido sob um embasamento teórico, em comparação as poesias de Manuel de Barros (*O Guardador de Águas*) no lidar do homem pantaneiro, no mar do Xaraés. Investigarei a pertinência dessa proposta a partir de metodologias que explorem todos os elementos constitutivos dessa arte, não apenas para trabalhar questões temáticas, mas analisar as possibilidades sociais e culturais oferecidas assim para propor um percurso que discute a questão da influência como substrato teórico-simbólico na relação entre os dois autores e na busca por compreender como Manoel de Barros, no curso de seu projeto poético, influência, e ressignifica a proposta do filme poesia de Mauricio Copetti. Como base teórica deste estudo, estão os referenciais da Literatura Comparada, que parte desde Antônio Candido (1975), Carvalho (1998), Nitrini (2000), Pageaux (2011), até passar pelas referências que discutem as temáticas da influência, principalmente Bloom (2002,2003), além de autores que refletem sobre a questão dos precursores, como em Borges (1956) e T. S. Eliot (1989). Além dos estudos referentes à Antropofagia, considerando o escritor Oswald de Andrade (1928), Perrone-Moisés (1990) e Rocha (2011). A metodologia é construída a partir de exercícios de leitura e interpretação de trechos significativos do corpus selecionado: Livro *O guardador de águas* (2017) de Manoel de Barros, fontes históricas da chegada da família Barros no Pantanal Sul-mato-grossense. Em minhas leituras procuro destacar a narrativa poética, textual e imagética do filme em comparação com as imagens verbais (memórias) de Manoel de Barros, utilizando também como referência as discussões teóricas sobre cinema, língua e linguagem (AUMONT-JAQUES) a arte do cinema (DAVID BORDWELL- KRISTIN THOMPSON) (MARCEL MARTIN).

Referências: ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: ROCHA, João César de Castro (Org.); RUFFINELLI, Jorge (Org.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo, 2011. AUMONT, Jacques (org.). *A estética do filme*. Tradução de Marina Appenzeller. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2012. BLOOM, Harold. *Um mapa da desleitura*. Trad. Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003. _____. *A angústia da influência*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002. BARROS, Manuel. *Livro de Pré Coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal*. Rio de Janeiro. Record. 1985. BARROS, Manoel. *Concerto a céu aberto para solo de árvores*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. _____. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2001. _____. *Livro das Pré-coisas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. _____. *O guardador de águas*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2006. _____. *Memórias Inventadas. A infância*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2003 BORGES, Jorge Luis. *Kafka e seus precursores*. In: _____. *Outras Inquisições*. Trad. Davi Arrigucci Jr.. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1998. DAVID BORDWELL- KRISTIN THOMPSON: *A arte do cinema uma introdução*; Tradução: Roberta Gregoli . Campinas - SP. Editora da Unicamp, SP; Editora da USP, SP. 2013 DELEUZE, Gilles. *Cinema 1 A imagem -movimento*. Editora Brasiliense S.A., 1983 DUARTE, R. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. SILVA JR., A. R.; GANDARA, L. C. *O cinema literário brasileiro: Abril despedaçado, uma tradução coletiva*. In *Anais do VII Seminário Nacional de pesquisa em arte e cultura visual*. 2014 ELIOT, T. S. *Tradição e talento individual*. In: _____. *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. FERRO, M. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica* Campinas: Papyrus, 1994. NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997 PAGEAUX, Daniel-Henri. *Diálogos entre Comparativismo e Ciências Humanas e Sociais: História, Geografia, Antropologia*. In: _____. *Musas na Encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada*. São Paulo: HUCITEC; Santa Maria-RS:UFSM, 2011. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Literatura comparada, Intertexto e Antropofagia*. In: _____. *Flores da escrivania: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. *Filmografia: PLANURAS*. Filme, Direção: Mauricio Copetti - - Realização: Panapaná Brasil, 2014.

“NÃO TOQUE NO MEU BLACK”: O CABELO COMO ELEMENTO DE RESISTÊNCIA NEGRA NAS ARTES LITERÁRIAS E VISUAIS

Leyla Thays Brito da Silva

Resumo: A partir do estudo do conto “Pixaim”, presente na coletânea “O tapete voador” (2016) da atriz, escritora e poeta carioca, Cristiane Sobral, da análise da performance audiovisual “Bombril” da artista visual mineira, Priscila Rezende (2010) e de algumas obras da artista plástica e cabeleireira sul-africana, Lebohang Motaung, pretendemos com este trabalho desenvolver uma análise intersemiótica, utilizando o campo literário e visual, de forma que se faça compreender a importância do cabelo para a construção da identidade negra, entendendo, por meio destas diversas expressões artísticas, que o cabelo não se limita somente à estética, ao transcender o campo das aparências e se tornar um elemento de ancestralidade e resistência a todo o peso do racismo e dos padrões hegemônicos impostos pela branquitude que afetam diretamente a autoestima e a vida de pessoas negras. Nesse sentido, o presente trabalho tece análises com base nos estudos da pesquisadora e pedagoga mineira, Nilma Lino Gomes (2019) que expõe os significados sociais e culturais que o cabelo afro carrega, ao abordar concepções da maneira em que o negro se vê e é visto pelos outros. Além disso, Também teremos como respaldo teórico a obra “Tornar-se negro” (1990) da psiquiatra, psicanalista e escritora carioca, Neusa Santos Souza, que em suas pesquisas e reflexões discorre sobre os efeitos do racismo na psiquê do(a) negro(a).

Referências: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990. GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado). SOARES, Anita Maria Pequeno. Cabelo importa : os significados do cabelo crespo/cacheado para mulheres negras que passaram pela transição capilar. Pernambuco: UFPE, 2018 (dissertação: mestrado). SILVA, Franciane Conceição. Feições do racismo no conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

PONCIÁ VICÊNCIO – DA INVISIBILIDADE FEMININA AO PROTAGONISMO LITERÁRIO

Maria Betânia da Rocha de Oliveira

Resumo: Esta pesquisa apresenta como temática central o estudo da obra Ponciá Vicêncio (2013), de Conceição Evaristo à luz do Materialismo Lacaniano. E, seguindo essa linha de pensamento investigativo, objetiva compreender de que forma a representação da personagem feminina - uma mulher negra - protagoniza uma história de luta e de dor do povo negro marcado pela escravidão. Para tanto, faz-se necessário discorrer sobre a literatura de Conceição Evaristo, sua importância para literatura contemporânea e como sua obra pode ser pensada a partir do materialismo de Žižek, uma vez que Evaristo escreve a partir de seu lugar de mulher negra e pobre, especificamente sobre as mulheres negras do Brasil, as quais foram, durante muitos anos, representadas à luz da escrita masculina como símbolo de mãe, esposa submissa ou por meio da sensualização ou sexualização. Esta pesquisa tomará como caminho de estudo a pesquisa qualitativa e de caráter indutivo e pretende observar a relação entre os fluxos de memória da protagonista e a diáspora africana que acompanham suas perdas, sonhos e desencontros, elementos estes que fazem alusão ao funcionamento da tríade: Simbólico, Imaginário e Real, responsáveis pela constituição de Ponciá enquanto ser social, cujo objetivo é averiguar, principalmente, de que forma a estrutura da narrativa auxilia na construção do Imaginário, do Simbólico e aponta para a presença do Real na história de Ponciá. Entre outros referenciais teóricos, utilizaremos os estudos de Candido (2011), Bonnici (2011), Dalcastagné (2012, 2017), Silva (2009), (2018), Oliveira (2022), Žižek (1992), (2006), (2011), entre outros.

Referências: BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária: O debate entre a exclusão e a inclusão. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto do. Margens instáveis: Tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: Eduem, 2011. p. 101-128. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. DALCASTAGNÈ, Regina. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. São Paulo: Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012. EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. 3 ed. Rio de Janeiro:

Pallas, 2017. OLIVEIRA, Maria Betânia da Rocha de. Entre o amor à Pátria e as teias da violência - o triste fim. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. SILVA, Marisa Corrêa. O percurso do Outro ao Mesmo: sagrado e profano em Helder Macedo e em Saramago. São Paulo: Arte & Ciência, 2009. SILVA, Marisa Corrêa. Maio de 68 e o Século XXI: O pensamento de Slavoj Žižek. Uniletras, Ponta Grossa, v. 40, n. 1, p. 22-32, jan/jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>. Acesso em: 30 abril. 2022. ŽIŽEK, Slavoj. Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 129 ŽIŽEK, Slavoj. Em defesa das causas perdidas. Trad. Maria Beatriz de Medina. Prefácio de Alysson Leandro Mascaro. São Paulo: Boitempo, 2011.

CARTOGRAFIAS DO CORPO NA LITERATURA TRANS: TERRITÓRIO E IDENTIDADE NA OBRA "O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS", DE CAMILA SOSA VILLADA

Maria Helena Lustosa Fernandes

Resumo: O presente trabalho busca refletir sobre a relação do corpo com o espaço na perspectiva da contrassexualidade, no romance O Parque das Irmãs Magníficas, da autora argentina travesti, Camila Sosa Villada. A obra foi vencedora do prêmio literário Sor Juana Inés de la Cruz (2020). A narrativa retrata um grupo de travestis da cidade de Córdoba, na Argentina, e traz aspectos angustiantes da existência e da resistência da travestilidade, de uma realidade que, historicamente, é recriminada pela sociedade. Diante disso, nos baseamos nos conceitos da contrassexualidade, de Preciado (2019), que no âmbito do contrato contrassexual, entende que os corpos se reconhecem a si mesmos como corpos falantes e também reconhecem os outros como falantes, não como homens ou mulheres. Ou seja, o corpo é entendido como enunciação, e não pelo sexo. Nesse contexto, surge a tecnologia sexual, que implica na criação de uma tecnologia para o próprio corpo, ou seja, ter poder ou se apropriar do seu próprio corpo. Josefina Ludmer (2013) especula o mundo como espaço que atravessa a literatura, com o intuito de ver os territórios da imaginação pública, buscando enxergar os corpos que cruzam e se movimentam, vendo seus sujeitos, visando a imaginação das políticas territoriais, que são as das crenças e afetos, da nação, da ilha urbana, do império e da língua. Desse modo, visa-se que os corpos são anexos ao território, assim, o território é visto como uma organização do espaço por onde perpassam corpos, uma interseção de corpos em movimento, que pode ser visto através das ficções (LUDMER, 2013). Dentro desses aspectos, no romance de Villada, tem-se uma literatura reinventada na travestilidade, apresentando os movimentos das corpos travestis nos espaços.

Referências: LUDMER, JOSEFINA. Aqui América Latina: uma especulação. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG., 2013. PRECIADO, PAULO B. O que é a contrassexualidade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Ed. Bazar do Tempo, 2019. VILLADA, Camila Sosa. O Parque das Irmãs Magníficas. Tradução de Joca Reiniers. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2021.

DESLOCAMENTOS DE UM CONTRAOLHAR: O CAMINHAR DE GRACIELA GUARANI COM AS IMAGENS

Olívia Érika Alves Resende

Resumo: Este trabalho lança um olhar sobre as vídeo-cartas produzidas por Graciela Guarani para o projeto 'Nhemongueta Kunhã Mbaraete' (realizado em 2020, em parceria com Michele Kaiowá, Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Sophia Pinheiro). Busco refletir sobre modos de (se) ver e de (se) mostrar encontrados em imagens da cineasta. Ao se opor a um regime de representação hegemônico, centralizado na semelhança e na identidade, Graciela experimenta um gesto fílmico de reinvenção subjetiva em imagens, operação esta que complexifica as formas de enquadrar um corpo-fêmeo-indígena. Em diálogo com uma concepção expandida de corpo-caminhada, amparada no perspectivismo ameríndio – tal como este é desenvolvido pela antropóloga indígena Sandra Benites em 'Viver na língua guarani Nhandewa (mulher falando)' –, entendo corpo como uma dinâmica relacional, um modo de conhecer que está em permanente construção e que se realiza a partir de

um “viver na língua”. Defendo que Graciela empreende uma caminhada com as imagens e constrói uma estética de deslocamentos do olhar, ampliando territórios e transformando formas de ser com a câmera irredutíveis a determinações. Tal dinâmica de reelaboração subjetiva é expressa no manejo semiótico e sensorial das imagens-palavras ao longo das vídeo-cartas. Ao criar modos provisórios de colocar o corpo em cena, a cineasta ativa jogos de espelhos que convidam espectadoras(es) a rever as imagens e a questionar quem nestas encontra-se vendo ou sendo vista(o). Essa espécie de contraolhar desenvolvida por Graciela executa uma potência desestabilizadora que, como explica bell hooks em 'Ensinando a transgredir', é capaz de transformar o mundo das imagens, liberando-as de simplificações. O caminhar com as imagens em 'Nhemongueta Kunhã Mbaraete' ativa um processo de cura para corpos constantemente estigmatizados, processo que Graciela descreve como “caminho luminoso”, fazendo do cinema um espaço-tempo de abertura para produção da diferença.

Referências: ALVARENGA, Clarisse. Filmar o contato. In: Da cena do contato ao inacabamento da história. Salvador: Edufba, 2017, p. 21-59. Disponível em: <https://www.academia.edu/35183125/Da_cena_do_contato_ao_inacabamento_da_hist%C3%B3ria_Os_%C3%BAltimos_isolados_1967_1999_Corumbiara_1986_2009_e_Os_Arara_1980_>. Último acesso em 10 de dez. de 2023. BENITES, Sandra. 2018. Viver na língua guarani Nhandewa (mulher falando). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. KRENAK, Ailton. 2021. “Instituir mitologias: audiovisual indígena, um cinema de ação.” In Cosmologias da imagem: cinemas de realização indígena, organizado por Daniel Duarte, Roberto Romero e Júnia Torres, 17-30. Belo Horizonte: Filmes de Quintal. HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2019. Nhemongueta Kunhã Mbaraete. 2020. <https://ims.com.br/convida/michele-ka Iowa-graciela-guarani-patricia-ferreira-para-yxapy-sophia-pinheiro/>.

POETNOGRAFIAS DO GOZO: O VOYEURISMO CATÁRTICO NA POÉTICA DECOLONIAL DE ELISA LUCINDA

Pedro Henrique de Freitas Brito e Amanda Ramalho de Freitas Brito

Resumo: O presente artigo busca investigar as mediações entre a escrita decolonial e a poétnografia erótica da autora e poetisa Elisa Lucinda em sua obra “Jardim das Cartas” presente na antologia “Vozes guardadas” (2016), de modo que se faça entender a verossimilhança e o sentimento de Voyeur causado no leitor/observador que se torna receptor ativo dos poemas em formato epistolar presentes na poétnografia de Lucinda (2016), tomando como base referencial os estudos de Marisa Lajolo (2002), em seu texto Romance Epistolar: O voyeurismo e a sedução dos leitores e os ensaios freudianos sobre a sexualidade no campo da visão. Somado a isso, o texto pretende destrinchar uma introdução teórica para que haja entendimento da importância da escrita Lucindiana na contemporaneidade ao romper um passado colonial de ficcionalização do prazer e da vivência da mulher negra na literatura brasileira e de sua potência como uma autoria negra que desenvolve sua própria persona lírica, além de elucidar os desdobramentos do erotismo na obra recorrendo às reflexões de George Bataille (2014) e Octavio Paz (1993) utilizando a poética epistolar como objeto de estudo. A proposta do trabalho é uma vertente desenvolvida através do projeto de pesquisa vinculado ao PIBIC/UEPB “A Escrita do Erotismo e da Poévivência na literatura negra: as vozes guardadas de Elisa Lucinda”, realizado durante a vigência 2020/2021 na Universidade Federal da Paraíba, o projeto almeja investigar e discutir a inscrição e os desdobramentos do erotismo na poétnografia epistolar de Elisa Lucinda, tendo sua obra Jardim das cartas como objeto de pesquisa a partir do plano de trabalho “Cartografias do gozo poético nos jardins de cartas de Elisa Lucinda”. Os estudos foram guiados pela coordenadora do projeto e coautora deste trabalho a professora Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito, e permitiu as reflexões que estarão presentes em nossa discussão.

Referências: BATAILLE, Georges. O erotismo. Fernando Scheibe (tradução). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: ___. Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 123-250. (Edição standard brasileira

das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7). LACAN, Jaques. Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985a. 413 p. LAJOLO, Marisa. Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução do leitor. Matraga, Rio de Janeiro, 2002. LUCINDA, Elisa. Vozes guardadas. Rio de Janeiro: Record, 2016. MARTINS, L.M. O feminino corpo da negrura. Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte, 1996. PAZ, Octavio. A dupla chama. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994. SALES, Cristian Souza. Expressões do erotismo e sexualidade na poesia feminina afro-brasileira contemporânea. Revista Ártemis, v. 14, p. 22-36, 2012.

PERCEPÇÕES DO ERÓTICO A PARTIR DA MEMÓRIA E DA AUSÊNCIA EM “VOZES GUARDADAS”, DE ELISA LUCINDA

Yago Viegas da Silva, Amanda Ramalho de Freitas Brito

Resumo: O erotismo tem relação com a manutenção da força vital em todos nós, mas em especial nas mulheres, ele se qualifica como uma energia empoderadora e que pode significar uma força revigorante que coloca o sujeito feminino no centro de suas sensações e pensamentos, como uma forma plena de viver sua subjetividade, de maneira que o erótico pode se manifestar através de várias linguagens diferentes. “Vozes Guardadas” (2016) é um livro da poeta capixaba Elisa Lucinda no qual o erotismo está em evidência sob várias perspectivas: referenciar um ato de amor que só existe na memória do sujeito lírico, clamar a presença de um objeto-afeto que se encontra deslocado do tempo e do espaço, elogiar o gozo etc. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre as configurações do erótico a partir da memória e da ausência na seção “Carta guardada no decote”, que faz parte da coletânea “Vozes Guardadas”, de Lucinda. Na referida seção, há dezessete poemas nos quais o eu lírico está, quase sempre, num estado de privação do objeto de desejo, de forma que o erotismo se configurará como uma forma de materialização do prazer através da linguagem-pensamento. Nossa análise se baseia em obras como Bataille (2021) e Lorde (2021) para pensar o erotismo como poder e Saffioti (2019) e Dussel (2021) para pensar a constituição subjetividade. Assim, verificamos que o erotismo é um tema recorrente na poesia empoderada de Elisa Lucinda, de modo que a memória e a ausência, nos poemas analisados, servem como mote para a manifestação desse erótico

Referências: BATAILLE, Georges. O erotismo. Fernando Scheibe (tradução). Belo Horizonte: Autêntica, 2014. DUSSEL, Henrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. Revista Sociedade e Estado (Rio de Janeiro), v. 31, n.1, p. 51- 73, 2016. EVARISTO, Conceição. “Gênero e Etnia: uma escrivivência de dupla face.” In: Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs). João Pessoa, UFPB: Idéia/Editora Universitária, 2005. LORDE, Audre. Irmã outsider. Stephanie Borges (tradução). Belo Horizonte: Autêntica, 2021. LUCINDA, Elisa. Vozes Guardadas. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2016. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. MORAES, Eliane. R. LAPEIZ, Sandra M. O que é pornografia: sexo livre, sexo explícito. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985. SAFFIOTI, Heleieth. “Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade”. In: Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Heloisa Buarque de Hollanda (org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

EIXO 3

Literatura Comparada
como zona de vizinhança



**SIMPÓSIO "ABOLIENDO EL TRATADO DE TORDESILLAS: PROPUESTAS PARA UN
LATINOAMERICANISMO EN EL SIGLO XXI"**

André Cabral de Almeida Cardoso (UFF), Horst Rolf Nitschack (UCh), Natalia López
Rico (UDP)

**FORMACIÓN DE UNA PATRIA EN EL EXILIO: EL 'MAHYAR LATINOAMERICANO' COMO UN ESPACIO
DE DIÁSPORA**

Afshin Irani Cereceda

Resumo: Durante el aceleramiento del proceso de globalización capitalista del siglo pasado, las Diásporas han sido caracterizadas por la teoría social como "representativas del momento transnacional". En efecto, estas experiencias de movimiento han sido catalizadoras de expresiones creativas que nos presentan nuevas formas de luchar, resistir y habitar los confines del Estado-Nación, al mismo tiempo en que se ocupan varios espacios y temporalidades simultáneas, ya sea por la dislocación de la lengua, la construcción genealógica de la identidad, o por el movimiento y dispersión de las historias individuales y comunitarias. En este sentido, la cultura Latinoamericana no se ha mantenido al margen de estos fenómenos, es más, estos movimientos son constitutivos de muchas estructuras políticas, nacionales y regionales de su diverso espectro de identidades. En esta presentación, nos proponemos delimitar el espacio de la literatura de emigración árabe (Ahab al-Mahyar) en América Latina, desde una perspectiva comparada entre las distintas expresiones de una 'arabidad latinoamericana' (Bartet) encontrada en obras de los escritores Árabe-Chilenos (Roberto Sarah, Walter Garib, Edith Chain) y Árabe-Brasileños (Milton Hatoum, Raduan Nassar). Sobre todo, nos interesan las referencias y negociaciones identitarias que los autores hacen entre su 'patria' de origen y de acogida y las tensiones entre el nacionalismo árabe y regionalismo latinoamericano, a través de la dislocación de la lengua y la transformación del paisaje en la literatura. Para realizarlo, para nuestro análisis nos proponemos el uso instrumental del concepto de "espacio literario diaspórico" (Braga y Gonçalves) como un espacio de focalización y estructuración textual que es capaz de articular genealogías no lineales de diásporas. Esto, priorizando el fragmentado conflicto interno (psicológico) y externo (socio-político) de los personajes surgidos por su condición de desplazamiento y/o ausencia de la tierra de origen, a la vez que el posicionamiento político de los autores.

Referências: BRAGA, C. & GONÇALVES, G. "DIÁSPORA, ESPAÇO E LITERATURA: ALGUNS CAMINHOS TEÓRICOS". Revista Trama - N19 (10). 2014, p. 37 - 47 BARTET, Layla. "La arabidad en la narrativa sudamericana de la segunda mitad del siglo XX y la literatura del Mahyar". Pacha: Revista de Estudios Contemporáneos. N6 (2). 2021, p. 1-11 CHAHIN, Edith. Nahima. La larga historia de mi madre. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019 HATOUM, M. Relato de un cierto oriente. Akal. 2001 HATOUM, M. Dos hermanos. Akal 2003 GARIB, W. El viajero de la alfombra mágica. Editorial Sin Frontera. 1971 NASSAR, R. Labor Arcaica. DeBolsillo. 2005 SARAH, R. Los Turcos. Ed. Orbe. 1970.

**ERRÂNCIAS: SIGNIFICADOS DO DESLOCAMENTO EM O MANTO DA NOITE, TEJER LA OSCURIDAD E
A MORTE E O METEORO**

André Cabral de Almeida Cardoso

Resumo: O tema do deslocamento é explorado pela literatura desde os seus primórdios. Ele está presente em inúmeros mitos e contos orais, e é em torno dele que se tece A Odisseia de Homero, um dos textos fundadores da cultura ocidental. Também são viagens por terras desconhecidas que dão forma aos romances da Grécia antiga, estabelecendo uma ligação permanente entre deslocamento e aventura. A partir dos relatos dos primeiros visitantes europeus do continente americano, a conjunção entre texto, deslocamento e aventura torna-se um dos principais elementos para a construção de um imaginário acerca do Novo Mundo relacionado ao maravilhamento, ao mistério e ao projeto de colonização. Dada a importância da conquista das Américas para a consolidação da modernidade e suas práticas textuais, essa conjunção adquire um caráter definidor. Ao estabelecer um diálogo com esse imaginário colonial, os romances O manto da noite (2022), de

Carola Saavedra, *Tejer la oscuridad* (2021), de Emiliano Monge e *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Reiners Terron mostram como a noção deslocamento continua a ser relevante para o estabelecimento de uma identidade latino-americana transnacional. Nas três obras, é através dela que se busca resgatar a memória de processos históricos cuja elaboração é percebida como condição inescapável para se imaginar o futuro. A errância surge, portanto, como imagem das construções simbólicas que inserem a América Latina na modernidade assim como de suas contradições, a começar pela grande viagem através do Atlântico que marca a sua fundação, ponto originário de enormes violências, mas também do lançar-se à aventura incerta do futuro. O deslocamento pelo espaço torna-se também deslocamento pelo tempo, percorrendo territórios simbólicos sempre precários, cuja realidade e sentido continuam a ser disputados.

Referências: DAFLON, Claudete. *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário, 2022. FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: UERJ; Imago, 1994. MIGNOLO, Walter D. *The Idea of Latin America*. Malden (MA); Oxford: Blackwell, 2005. MONGE, Emiliano. *Tejer la oscuridad*. Cidade do México; Barcelona: Literatura Random House, 2021. NERLICH, Michael. *Ideology of Adventure: Studies in Modern Consciousness, 1100-1750*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988. RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Cidade do México; Buenos Aires: Siglo XXI, 2004. SAAVEDRA, Carola. *O manto da noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. TERRON, Joca Reiners. *A morte e o meteoro*. São Paulo: Todavia, 2019.

TERROR CONTAMINANTE: CAUSAS, SINTOMAS E TRATAMENTOS EM "DE GADOS E HOMENS" E "DISTÂNCIA DE RESGATE"

Bruno Ribeiro Pereira

Resumo: O romance *"De gados e homens"* (2013), da brasileira Ana Paula Maia, costuma ser lido apenas como uma narrativa sobre o transbordamento das fronteiras entre o humano e o animal. No entanto, também podemos encontrar nele uma história sobre contaminação maligna e enfermiza, o que permite um paralelo de leitura com *"Distância de resgate"* (2014), da argentina Samanta Schweblin. Esta análise assume uma estrutura discursiva médica, estudando as causas, sintomas e tratamentos das doenças que são construídas nos dois romances. Tal leitura das obras em conjunto permite também entender também o aspecto metafórico que o terror contemporâneo latino-americano revela sobre a indústria alimentícia, um "ponto de pressão fóbica" de nossa região, como definiria Stephen King. O campo agropastoril, grande motor econômico dos países de origem das autoras, mas também é gerador de injustiças trabalhistas e sociais que são parte do cenário de ambos textos. Esta análise toma um elemento-chave do terror, o mal desconhecido, analisando ele a partir de seu significado patológico — o mal como sinônimo de contágio e vice-versa — e como os dois romances trabalham a contaminação que leva à loucura, à violência, à morte e também às tentativas malsucedidas de superá-la a partir de uma cura de aspecto espiritual.

Referências: Colombetti, Florencia y Giuggia, Augustina (2020). "¿Quién es la bestia?: una relectura del vínculo humano/animal a partir de la literatura de Ana Paula Maia". *Actas X Encuentro Interdisciplinario de Ciencias Sociales y Humanas. Las urgencias del presente: tomo 2, 1ª ed*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Filosofía y Humanidades. Giorgi, Gabriel (2011). "La vida impropia. Historias de mataderos." *Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria*, vol. 16, 1-22. King, Stephen (2020). *Danza macabra*. 2ª ed, Madrid, Valdemar editorial. Konold, Timm (2012). "Experimental H-type and L-type bovine spongiform encephalopathy in cattle: observation of two clinical syndromes and diagnostic challenges". *BMC Veterinary Research*, vol. 8. Luppi, Juan Pablo (2021). "Desplazamientos del archivo. Mataderos contemporáneos entre Argentina y Brasil". XXXIII Jornadas de Investigación del Instituto de Literatura Hispanoamericana. Facultad de Filosofía y Letras – Universidad de Buenos Aires. Maia, Ana Paula (2015). *De ganados y de hombres*. 1ª ed., Buenos Aires, Eterna Cadencia. Schweblin, Samanta (2014). *Distancia de rescate*. Lectulandia, editor digital rayorajo.

O DETETIVE METAFÍSICO E AS CICATRIZES DA DITADURA EM O CANTOR DE TANGO, DE TOMÁS ELOY MARTINEZ

Carla De Figueiredo Portilho

Resumo: Propõe-se revisitar o debate sobre a figura do detetive metafísico em *O Cantor de Tango*, discutindo o romance a partir dos conceitos de detetive metafísico (HOLQUIST, 1971) e ontológico (GOMEL, 1995), como uma narrativa que busca resgatar a memória, a cultura e a história recentes da ditadura na Argentina em diálogo com o olhar de uma pesquisadora brasileira. O protagonista, pesquisador da história do tango, viaja a Buenos Aires em busca de um cantor mítico, cujas apresentações-surpresa em locais improváveis o levam a percorrer a cidade, buscando a lógica que as norteia. O pesquisador, irmanado ao detetive metafísico / ontológico, ao investigar descobre muito mais sobre si próprio e o seu mundo do que sobre o seu objeto de pesquisa inicial. Suas caminhadas por Buenos Aires o levam a empreender um trabalho de construção da memória recente da Argentina, com base nos locais e fatos históricos descobertos em seu percurso, marcando que o ato de caminhar equivale, simbolicamente, a narrar. Perdendo-se no Parque Chas, o pesquisador / detetive percebe que o bairro labiríntico equivale às narrativas concêntricas dos personagens que desvendam o mistério da escolha dos locais das apresentações. Citando um dos personagens do romance, que diz que a forma de um labirinto não está nas paredes, mas no espaço entre elas, vemos que o mesmo ocorre com a narrativa e, conseqüentemente, com a construção da memória, uma vez que o seu significado não está no que é dito, mas nas entrelinhas, no que o leitor deve, por sua própria conta, apreender e interpretar.

Referências: GOMEL, E. *Mystery, Apocalypse and Utopia: The Case of the Ontological Detective Story*. *Science Fiction Studies*, v. 22, n. 3, p. 343-56, 1995. HOLQUIST, Michael. "Whodunit and Other Questions: Metaphysical Detective Stories in Post-War Fiction." *New Literary History*, v.3, n.1, *Modernism and Postmodernism: Inquiries, Reflections, and Speculations* (1971). p.135-156. MARTINEZ, Tomás Eloy. *El Cantor de Tango*. Buenos Aires: Planeta, 2004.

O CORAÇÃO DA TERRA

Celia De Moraes Rego Pedrosa

Resumo: No coração da terra A imagem do coração tem longa história na tradição artística e filosófica do Ocidente. Em seu uso moderno, na produção poética, foi geralmente compreendida, a partir principalmente de uma primeira demanda do romantismo, como metáfora ou metonímia que implicava na identificação da escrita a uma expressão emotiva de sensibilidades e afetos do poeta. No entanto, a releitura dessa produção há algum tempo vem mostrando seu caráter diversificado e complexo, evidenciando também em consequência a complexidade tanto das relações entre poesia, lirismo e subjetivação quanto da compreensão destas como móvel de uma experiência política do sensível ou experiência sensível do político - segundo a dupla formulação proposta por Jacques Rancière. Jacques Derrida coloca em discussão tais relações a partir especificamente de uma releitura da imagem do coração, revendo a compreensão da poesia como re-cordação e desta como abertura contraditória da escrita subjetivante ao espaçotempo presente, figurada na provocativa imagem do pequeno porco-espinho enrolado em si mesmo e simultaneamente exposto ao desconhecido e imprevisto das estradas. Com base nesses pressupostos, minha comunicação se propõe a investigar, em alguma poesia dita latino-americana, o acontecimento do coração enquanto imagem associada à interioridade/exterioridade da experiência da/na terra e com o lugar nela exercido pelo movimento dos rios, com os rios. Seguiremos essa trilha de modo a tentar aprofundar a leitura que, a partir do texto de Derrida, é desenvolvida por Marcos Siscar, que discute a relação entre o uso tradicional da palavra coração e uma força de mundialização, a que se pode contrapor uma outra força, de alter-mundialização por vir. Palavras-chave: poesia-terra- coração-alter-mundialização

Referências: Cf. o ensaio "Transportes da liberdade", em RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995, trad. Raquel Ramalheite. DERRIDA, Jacques. "Che cos'è la poesia". Em *Points de Suspension*. Paris, Galilée, 1992. SISCAR, Marcos. "O coração transtornado". Em *NASCIMENTO, Evando (Org.). Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação

Liberdade, 2005. BERNARDO, Fernanda: Derrida – em nome da justiça. Do cosmopolitismo à alter-mundialização por vir, Palimage, Coimbra, 2021.

A LIÇÃO DO DIQUIXI: PERSPECTIVAS RELACIONAIS NO EIXO BRASIL-CHILE

Claudete Daflon Dos Santos

Resumo: Desafios éticos, políticos e epistêmicos decoloniais vêm se refletindo de forma importante na produção de artistas e escritores sul-americanos em atividade. Diante da violência da mutilação como princípio associado à colonialidade, o poeta e ensaísta antilhano Édouard Glissant, baseado na geografia do Caribe, apresenta o arquipélago como modo organizativo da sua poética da relação. Junto a noções como caos-mundo e totalidade mundo, que pressupõem ser o conjunto composto por uma diversidade irreduzível, “um continuum do descontínuo” apreensível no exercício poético da linguagem ecoa em criações poéticas como o Diquixi (2022) do poeta, ensaísta e antropólogo brasileiro Edimilson de Almeida Pereira e nos fios da artista chilena Cecilia Vicuña na antologia Cruz del Sur (2020). De um lado, Edimilson Pereira recupera o diquixi, “figura mitológica de Angola portadora de muitas cabeças”, para a elaboração poética e política de práticas coloniais caracterizadas pela mutilação, contrapondo-as à afirmação de uma coletividade, um continuum, que sobrevive às perdas individuais, uma resistência à violência sob a forma de uma rede de relações. De outro lado, na obra de Cecilia Vicuña, o fio aparece como o cruzamento de instâncias associadas a práticas ancestrais ou tradicionais de comunidades, numa clara afirmação do sentido relacional implicado nas conexões entre seres, objetos e contextos. A materialidade do fio, contudo, não está restrita à fibra, encontra-se nas palavras e nos sons atravessados pelo espaço-tempo do fazer. Se, em paisagens a princípio tão distintas como Brasil e Chile, a elaboração de conexões pela linguagem caracteriza criações poéticas, situá-las em diálogo exige assumir, no âmbito da crítica, uma perspectiva próxima à relação, ao rizomático e ao arquipélago como propôs Glissant. Nesses termos, propõe-se discutir a construção de metodologias relacionais como prática decolonial que, diante das descontinuidades impostas pela colonialidade, afirma a potencialidade criadora do continuum, em seu aspecto processual e vivo.

Referências: GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. GLISSANT, Édouard. Poética de la relación. Trad. Senda Inés Sferco; Ana Paula Penchaszadeh. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Diquixi: estudo para cabeças de Artur Timóteo da Costa. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022. VICUÑA, Cecilia. Cruz del Sur: antología. Santiago, Chile: Lumen, 2020.

O CONTO SERTÃO: O SONHO DO DESCOBRIMENTO DA TERRA BRASILIS

Érika Rodrigues Corrêa

Resumo: A comunicação ampara-se, para a reflexão da sua questão central, na declaração de Angel Rama, em seu livro “La ciudad letrada”, a qual dispõe que “a cidade latino-americana vem sendo um parto da inteligência, pois apareceu inscrita em um ciclo da cultura universal em que a cidade passou a ser o sonho de uma ordem e encontrou nas terras do Novo Continente, o único espaço propício para encarnar.” (RAMA: 1985,17). Nesse sentido, esta comunicação buscará apresentar a relação literária mantida entre a afirmativa de Angel Rama e a obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, considerando possível a ideia de que o sertão é a terra dos contos, realizado em terras brasileiras a partir do radical sonho da língua que se põe a contar e a inscrever-se no solo como obra apócrifa de nosso descobrimento. Portanto, partindo da consideração dessa afirmativa organizada acima e dialogando com os pensamentos teóricos de Jacques Derrida, na obra “Memoirs of the blind”, seria possível pensar que o sertão como o desenho de um exemplar narrativo que fundamenta a sua inscrição no solo brasileiro e tem como seu desenhista, escritor, pensador e arquivologista a figura de Riobaldo a dar visibilidade às memórias da construção da terra brasileira.

Referências:

¿Y QUÉ? A LITERATURA COMO APROXIMAÇÃO DE MAZELAS LATINO-AMERICANAS: O CASO DAS DITADURAS

Flavia Rangel Pimenta Castelione

Resumo: As ditaduras latino-americanas muito têm em comum em sua gênese e em seu desenvolvimento. Tendo em vista esse pressuposto, esta pesquisa tem por objetivo aproximar mazelas vividas nos Anos de Chumbo em diferentes lugares da América Latina e busca compreender, por meio da literatura, algumas das potenciais ligações entre contextos ditatoriais latino-americanos. Partindo do poema *Tecendo o canto*, de Pedro Tierra (1979), que conclama os torturados das ditaduras a compor “o vasto coro dos oprimidos”, propomos um breve passeio por textos literários que conectam de forma dialógica e polifônica as manifestações de opressão vivenciadas por presos políticos. Nesse sentido, também visamos a uma compreensão de possíveis razões pelas quais, de acordo com Kehl (2010), o Brasil tenha sido a única nação que anistiou os responsáveis pelo golpe sem ao menos uma cobrança formal de retratação pública pela barbárie empunhada – prisões arbitrárias, torturas, mortes, “desaparecimentos” -, o que perpetua a carência de elaboração da ferida exposta que é a ditadura militar no país, haja vista o contexto atual de atos golpistas em favor de um regime de exceção. Esse contexto hodierno brasileiro (e também o latino-americano, de forma mais abrangente) escancara, mais do que nunca, a importância do estatuto da memória.

Referências: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2003. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LP&M, 2009. KEHL, Maria Rita. *Tortura e sintoma social*. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132. LEAL, Beatriz. *Mulheres que mordem*. Rio de Janeiro: Motor; Imã Editorial, 2015. MARTINELLI FILHO, Nelson. *Sintoma, trauma, irrepresentabilidade*. In: _____. *Formas de esquecer: o estatuto da memória em contos de Bernardo Kucinski*. São Carlos (SP): Pedro & João, 2021, p. 39-50. TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.

A LOCALIZAÇÃO CRÍTICA DE RICARDO PIGLIA: ENTRE A NOVA CRÍTICA LATINO-AMERICANA E A TEORIA CRÍTICA FRANCESA

Gabriel Zupiroli de Almeida

Resumo: Antes de sua consolidação como escritor de romances, Ricardo Piglia vivenciou uma formação literária que dialogou sobretudo com sua produção crítica. Tanto com a ativa participação no periódico *Los Libros* (1969-1976), quanto por meio de suas entradas diárias de sua obra *Os diários de Emilio Renzi* (2015-2017) - abstraindo a complexa questão conceitual que envolve a autoria dos diários -, Piglia participou com afinco das discussões que envolviam a teoria e crítica literária latino-americana do final do século XX e começo do século XXI. Envolvendo esses dois espaços de escrita distintos, há também uma forte linha de influência que habita o repertório de Piglia em sua juventude: a teoria crítica francesa que contamina a produção crítica e literária argentina dos anos 60 e 70. É no entrelaçamento entre estas diferentes zonas discursivas que o autor, ao lado de Beatriz Sarlo e Héctor Schmucler, ajudou a fundar uma nova perspectiva crítica na América Latina a partir da influência francesa somada às tendências contemporâneas não apenas da literatura argentina, mas de diversas partes da região. O presente trabalho procura localizar, através da intersecção entre textos inseridos na esfera periódica (revista *Los Libros*) e fragmentos diários que acompanham o período formativo do sujeito Ricardo Piglia/Emilio Renzi, uma figuração de Piglia como crítico literário em vias de traçar os percursos dessa formação sob dois escopos: 1) o que evidencia a formação de um novo espaço crítico a partir dos anos 70 na Argentina que contribui diretamente com a construção de diferentes olhares para uma ideia de literatura latino-americana; e 2) o que apresenta esse espaço sob a conjunção de distintas influências, a saber, a teoria crítica francesa e as novas discussões críticas que estavam sendo gestadas em diversos locais da América Latina no momento.

Referências: WOLFF, J. *Telquelismos latino-americanos - a teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016. PIGLIA, R. *Los diários de Emilio Renzi - Anos de formación*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2015. PIGLIA, R. *Yo*. Buenos Aires: Tiempo

Contemporáneo, 1968. PIGLIA, R. "A mis companeros Beatriz Sarlo y Carlos Altamirano". Los Libros, nº 40, Buenos Aires, março-abril, 1975.

PENSAR AMÉRICA LATINA DESDE EL BRASIL: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, DARCY RIBEIRO, SILVIANO SANTIAGO

Horst Rolf Nitschack

Resumo: Con estos tres autores nos encontramos no solamente con tres fases de pensar Brasil en el contexto de América Latina, fases que pertenecen a etapas distintas de la historia brasileña y latinoamericana, sino también con tres discursos con referencias a disciplinas epistemológicas distintas: es decir, el transcurso de la sociología, pasando por la antropología a la crítica cultural. Sérgio Buarque de Holanda parte en su ensayo *Raízes do Brasil* (1936) de las diferencias colonizadoras entre España y Portugal con una referencia teórica a la sociología Weberiana. Darcy Ribeiro constata desde sus investigaciones antropológicas una unidad fundamental de América Latina como resultado de un "proceso civilizatorio" ("A América Latina existe?" (1979)) pero preguntará en *O povo brasileiro* (1995) "Que é o Brasil entre os povos contemporâneos?". En Silviano Santiago nos interesan sus reflexiones sobre el lugar de la literatura y cultura tanto brasileña como latinoamericana desde su ensayo "O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano" (1978) hasta "Atração do Mundo – Políticas de Globalização e de Identidade na moderna Cultura Brasileira" (2004) y *As Raízes e o labirinto da América Latina* (2006). La propuesta de la intervención consiste en una lectura de las tres posiciones desde la teoría de los afectos, examinando en cada uno de los autores y sus pensamientos las economías y las circulaciones de afectos que producen o tensiones o las potencias y deseos para situar al Brasil en un mapa latinoamericano y hacerlo parte de un cuerpo con el nombre América Latina.

Referências: Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil* (1936) Ribeiro, Darcy. "A América Latina existe?" (1979)) - - - *O povo brasileiro* (1995) Santiago, Silviano. "O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano" (1978) - - - "Atração do Mundo – Políticas de Globalização e de Identidade na moderna Cultura Brasileira" (2004) - - - *As Raízes e o labirinto da América Latina* (2006).

LA RELIGIOSIDAD POPULAR LATINOAMERICANA EN LA OBRA DE PEDRO MORANDÉ: COMPRENDER PARA CONSTRUIR UN POPULISMO DE DERECHAS.

Javier Molina Johannes

Resumo: Del pueblo se puede decir bastante, ya sea como conceptualización, sea como un dispositivo político, tanto para criminalizar como para sacralizarlo. En la vertiente que estudiaremos, se acercaría más al último eje propuesto. Aquí nos adentramos, en la posibilidad de pensar y constituir un pueblo latinoamericano o, mejor dicho, enfrentar la desvaloración de nuestra pertenencia a Latinoamérica, de nuestra singularidad (Morandé, 2017; Araos, 2021). La corriente que analizamos comienza hace un poco más de una década con la reedición del texto "Ritual y Palabra. Aproximación a la religiosidad popular latinoamericana" de Pedro Morandé. Esta publicación es un resumen de la tesis doctoral realizada en 1979 por el autor y que recién 30 años después vuelve a ser editada (2010), ahora por el Instituto de Estudios de la Sociedad (IES). Este think tank también publicará "Cultura y modernización en América Latina" de Morandé en 2017, con un estudio preliminar de Josefina Araos. En este sentido, hacemos un breve recorrido por el marco interpretativo que desarrolla Morandé para entender una posibilidad política que abre esta noción de pueblo para las derechas, que esboza Araos en su reciente libro (2021), editado por el mismo IES. Nos interesa problematizar qué entienden estas derechas por Latinoamérica, pero más bien, cómo comprenden al pueblo latinoamericano, las fuerzas vitales que lo constituyen en nuestro continente. En consecuencia, nos concentramos en la comprensión de ese pueblo profundo, la constitución de sus raíces histórico-culturales, para enfrentar –según estas perspectivas– su contracara: el desprecio progresista al mundo popular, ya que estaría cercano a la barbarie, al subdesarrollo y, hoy, al populismo.

Referências: Araos, Josefina (2021) *El pueblo olvidado. Una crítica a la comprensión del populismo*. Santiago: IES. Morandé, Pedro (2010) *Ritual y Palabra. Aproximación a la religiosidad popular*

latinoamericana. Santiago: IES. Morandé, Pedro (2017) Cultura y modernización en América Latina. Santiago: IES.

PROSA "ESCÉNICA", PROSA "EN OBRA": UN CONTRAPUNTO ENTRE SERGIO CHEJFEC Y NUNO RAMOS

Jorge Andrés Manzi Cembrano

Resumo: Basándome en mi investigación postdoctoral sobre Nuno Ramos y Sergio Chejfec, comenzaré mi comunicación presentando la noción de “prosa escénica” o prosa “en obra”, entendida como una importante orientación de diferentes autores/as latinoamericanos/as (de Brasil e Hispanoamérica) cuya escritura se ha caracterizado, en las últimas décadas, por “aspirar a la condición del arte contemporáneo” (Reinaldo Laddaga). Entre tales autores/as, además de Chejfec y Ramos, podríamos considerar a Diamela Eltit, Cesar Aira, Mario Bellatín, Joao Gilberto Noll (cf. Horne, Laddaga, Sússekind). La orientación “escénica” de la obra tendría que ver con un énfasis especial en dicciones, acciones y temporalidades dramáticas (p.ej. discurso directo, en presente, uso de deícticos temporo-espaciales, así como sus tensiones con el discurso retrospectivo novelesco) y la experimentación con espacios delimitados o reducidos que sirven como “escena” para exhibir acciones, dicciones, índices y “fragmentos de mundo”. O bien, para exhibir reflexivamente procedimientos artísticos como si estuviesen “en obra” en el aquí y ahora de la escena (cf. Tassinari). Dentro de este marco conceptual común, como contribución al diálogo brasileño-hispanoamericano, presentaré algunos contrapuntos entre la prosa “escénica” del brasileño Nuno Ramos y del argentino Sergio Chejfec, apuntando principalmente a las diferencias en la enunciación y la dicción, en donde Ramos se caracteriza por la desmesura, la volubilidad, el paso abrupto hacia la oralidad y el discurso directo, mientras que Chejfec busca formalizar una dramaticidad atenuada, distanciada, que evita el discurso directo. El contrapunto entre formalizaciones diferentes de lo “escénico” permitirá abrir una discusión sobre las singularidades de la experiencia histórica contemporánea y de su formalización artística en Brasil e Hispanoamérica.

Referências: Chejfec, Sergio. El llamado de la especie. [1995]. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1997. --. Boca de lobo. [2000]. Buenos Aires: Alfaguara, 2008. Horne, Luz. Literaturas reales. Transformaciones del realismo en la narrativa latinoamericana contemporánea. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2011. Laddaga, Reinaldo. Espectáculos de realidad. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2007. Ramos, Nuno. O mau vidraceiro. Rio de Janeiro: Globo 2010. Sússekind, Flora. Coros, contrarios, massa. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2022. Tassinari, Alberto. O espaço moderno. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

TRÂNSITOS LATINO-AMERICANOS NA LITERATURA DE SEGUNDA GERAÇÃO DA DITADURA

Lua Gill da Cruz

Resumo: As ditaduras militares do Cone Sul do século passado foram marcadas por trânsitos e deslocamentos na América Latina, seja da ordem da resistência e do exílio, seja daquela da repressão, a exemplo da Operação Condor. Os efeitos desses contatos perduram no tempo. Na literatura brasileira contemporânea, em específico, aquela produzida no século XXI e chamada, por alguns e de diferentes formas, de “literatura dos filhos”, “pós-memória” (Hirsch, 2008) ou “literatura de segunda geração ou transgeracional” (Schwab, 2010; Vecchi, 2021), escrita quase cinquenta anos depois, o trânsito entre países latino-americanos segue parte fundamental das temáticas e das formas literárias. Os autores e seus textos deslocam-se entre nações, línguas e histórias individuais e coletivas. Esta apresentação se centrará, portanto, em observar as obras de Julián Fuks (2011, 2015, 2019), Paloma Vidal (2012, 2020) e Carola Saavedra (2014), observando como, a partir de uma memória herdada e de testemunhos vicários, se apresenta e se constrói o espaço de trânsito entre Brasil, Chile e Argentina. No que tange a autoria, nos perguntaremos, como questionam uma certa filiação literária nacional, observando a recorrendo a estilos, referências e formas literárias dos países hermanos. Tentaremos entender, além disso, observando esses espaços de fronteiras e de situações-limite, como os livros enfrentam um problema central na literatura brasileira que é a própria ideia de narrar uma nação, pensando, especialmente, em Bhabha (2013) e Anderson (2008),

na relação entre nação, narração e tradução, intercultural, interlinguística e histórica, e/ou, em especial, observando as formas como a literatura, ao longo do tempo, se estrutura como um espaço de questionamento da própria ideia de nação. Por fim, propõe-se pensar como esses autores nos seus mais recentes textos, deslocam-se do território da fronteira em direção a uma atenção particular ao contexto nacional, em especial, a propagação de políticas negacionistas e autoritárias no continente.

Referências: ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. São Paulo: companhia das letras, p. 12–32, 2008. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2013. FUKS, Julián. A ocupação. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. FUKS, Julián. A resistência. São Paulo, SP: Companhia Das Letras, 2015. FUKS, Julián. Procura do romance. Rio de Janeiro: Record, 2011. HIRSCH, Marianne. The generation of postmemory. Poetics today, v. 29, n. 1, p. 103–128, 2008. SAAVEDRA, Carola. O inventário das coisas ausentes. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. SCHWAB, Gabriele. Haunting legacies: violent histories and transgenerational trauma. New York: Columbia University Press, 2010. VECCHI, Roberto. A crise da pós-memória e o horizonte das sobrevivências: campos de batalha da memória no Brasil contemporâneo. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2021. VIDAL, Paloma. Mar azul. Rio De Janeiro: Rocco, 2012. VIDAL, Paloma. Pré-história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020.

MATERNIDAD, MATERNAJE E INTERSECCIONALIDAD EN DISTANCIA DE RESCATE DE SAMANTA SCHWEBLIN Y SUÍTE TÓKIO DE GIOVANA MADALOSSO

Maria Celina Ibazeta

Resumo: Este trabajo tiene como marco general la emergencia, en las primeras décadas del siglo XXI, de una literatura latinoamericana escrita por mujeres, legitimada por los medios de consagración, redes de ventas y un público lector aficionado. En esta nueva corriente de autoría femenina, se destaca un grupo de obras que trabajan con el tema de la maternidad y el maternaje, narrados en primera persona. La maternidad implica un vínculo cosanguíneo, mientras el maternaje, uno estrictamente afectivo. Estos textos revisan críticamente el rol materno y deconstruyen el mito de la buena madre y su natural instinto maternal. Este artículo compara dos novelas: Distancia de rescate (2014) de la argentina Samanta Schweblin y Suite Tóquio (2020) de la brasileña Giovana Madalosso. En ambas, la trama gira en torno a las relaciones entre mujeres que son madres, o que desean serlo, y a sus relaciones filiales. La tensión dramática está centrada en el mundo de los afectos. La interseccionalidad es fundamental para la teoría feminista en la medida en que da visibilidad a todas aquellas mujeres que no encajan en el patrón de la mujer blanca, clase alta o media alta, que vive en sociedades industrializadas. Las variables: raza, clase y etnia permiten entender las contradicciones y desavenencias existentes en las relaciones de género. Estas variables son importantes herramientas de análisis para obras que representan contextos de fuerte desigualdad socio-cultural, como el latinoamericano. La interseccionalidad nos ayuda a ver la experiencia de maternar como múltiple y diversa. Este trabajo pone en diálogo dos textos a fin de indagar en las relaciones entre clase, raza, etnia y género que los atraviesan y fragmentan una experiencia transversal, como es la de la maternidad. Para ello profundizaremos en la forma que se presentan las variables de la interseccionalidad en sus respectivos contextos socio-históricos, argentino y brasileño.

Referências: BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. BEAVOIR, Simone. El segundo sexo. Trad. Alicia Martorell. Madrid: Ediciones Cátedra, 2005. CHO, Sumi, et al. "Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis." Signs, v. 38, n. 4, 2013, pp. 785–810. CRENSHAW, Kimberle. "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color." Stanford Law Review, v. 43, n. 6, 1991, p. 1241–99. GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. "Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade". Pensando fam., Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2014, p. 55-62. HILL COLLINS, Patricia. Pensamento feminista negro. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Biotempo, 2019. MADALOSSO, Giovana. Suite Tóquio. São Paulo: Editora Todavia, 2020. MERUANE, Lina. Contra los hijos. Santiago de Chile: Penguin Random House, 2017. O'REILLY,

Andrea. Matricentric feminism, theory, activism, practice. Canada: Demeter Press, 2016. RICH, Adrienne. Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution. New York: W.W Norton & Company, 1976. SCHWEBLIN, Samantha. Distancia de rescate. Buenos Aires: Penguin Random House, 2014.

NUEVOS MAPAS DE LA CRISIS EN LA FICCIÓN ANTROPOCÉNICA LATINOAMERICANA

Natalia López Rico

Resumo: En esta ponencia analizaremos el modo en el que la actual crisis del Antropoceno, y sus desdoblamientos particulares en América Latina, es recepcionada por la ficción literaria contemporánea impulsando la creación de nuevos mapas que dan cuenta de continuidades ineludibles más allá del Estado-nación. Con ese fin analizaremos un corpus acotado de narrativas recientes en las que se ficcionaliza el colapso de tres de las principales ciudades puerto del Atlántico sur: Buenos Aires (El ojo y la flor (2019), Claudia Aboaf), Montevideo (Mugre rosa (2020), Fernanda Trías) y Río de Janeiro ("When It's Time to Harvest" (2021), Renan Bernardo). Las características históricas, sociales, económicas, urbanas y ambientales compartidas por los tres puertos serán consideradas en esta presentación proponiendo una nueva cartografía regional que, si bien atiende los desarrollos y contextos poscoloniales diferenciados como determinantes sociológicos relevantes, se enfoca en la apuesta estética y ética que proponen las narrativas mencionadas. Narrativas en las que se enlazan los destinos comunes de estas tres ciudades en la ficcionalización de su crisis, fin o destrucción por causas antropogénicas, una temática que en sí misma, por su impacto y emergencia, posee una gran fuerza de descentramiento y delimita una nueva comunidad de experiencia. Como veremos, los datos objetivos, empíricos y científicos alarmantes sobre la situación social y ambiental de Buenos Aires, Montevideo y Río de Janeiro son, en algunos casos, apenas deslizados un poco más allá en estas narrativas para proyectar, en el plano estético, escenarios y ambientes urbanos catastróficos donde la conciencia antropocénica a veces opera como una latencia y otras como una evidencia, y sin duda, como una forma de crisis con capacidad de dibujar nuevos mapas de referencia de los imaginarios de lo común en América Latina.

Referências: -Aboaf, C. El ojo y la flor. Buenos Aires: Penguin Random House, 2019. -Bernardo, Renan. "When it's Time to Harvest." Disponible en: <https://grist.org/fix/imagine-2200-climate-fiction-when-its-time-to-harvest/> -Ghosh, A. The Great Derangement: Climate Change and the Unthinkable. Chicago: Chicago University Press, 2016. -Rivero, Giovanna. "Antropofiction, ¿una nueva era literaria". El diletante, septiembre de 2019. Disponible en: <http://eldiletante.net/trabajos/antropofiction-una-nueva-era-literaria> -Trías, F. Mugre rosa. Montevideo: Random House, 2020.

RACISMO E PARENTESCO NA NARRATIVA LATINO-AMERICANA DO SÉCULO XIX

Rodrigo Octávio Águeda Bandeira Cardoso

Resumo: Em "Racismo e sexismo na cultura brasileira", Lélia Gonzalez afirma que o racismo é a neurose cultural brasileira. A partir daí, ela procede a uma reflexão sobre o duplo papel da chamada "mulata", valorizada como símbolo nacional no carnaval e oprimida nas cozinhas e nos quartos de empregada em casas de classe média. Da mesma forma, o jovem negro é morto na rua pela polícia, mas é também o herói nacional no campeonato mundial de futebol. Gonzalez, tal como Rita Segato em "O Édipo Negro", procura as raízes de tais ambiguidades nas disposições familiares herdadas da sociedade escravista por meio da psicanálise. Embora existam importantes diferenças demográficas nas formações coloniais de diferentes países americanos, a divisão racial do trabalho na América sempre penetrou o espaço doméstico e, a partir daí, produziu distúrbios e inquietações que se difundiram para as formações sociais. No século XX, formulou-se doutrinas que entronizam o livre intercâmbio sexual inter-racial como fundamento das sociedades latino-americanas, tais como a mestiçagem e a democracia racial, que alcançaram uma posição hegemônica na política e na cultura. Se estas ideologias serviram para silenciar a violência e as desigualdades raciais, suprimindo e suspendendo as tensões geradas pelas relações familiares inter-raciais, no século XIX estas tensões foram expostas em várias narrativas e romances publicados em todo o continente, nos quais essas

relações foram tragicamente representadas através do tropo do incesto. Assim, através de uma breve apresentação de algumas destas narrativas, proponho-me discutir como a intersecção das relações de raça, gênero e classe nestes textos pode oferecer um novo olhar sobre a formação dos discursos raciais na América.

Referências: Cadena, Marisol de la. *Indígenas mestizos: raza y cultura en el Cuzco*. IEP, Inst. de Estudios Peruanos, 2004. Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Traducido por Renato da Silveira, EDUFBA, 2008. Ferreira da Silva, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. University of Minnesota Press, 2007. Gomez de Avellaneda, Gertrudis. *SAB (Anotado) (Spanish Edition)*. Edición de Kindle. Gonzalez, Léila. *"Racismo e sexismo na cultura brasileira"*. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos, Jorge Zahar, 2020. Lévi-Strauss, Claude. *As Estruturas elementares do parentesco*. Universidade de São Paulo, 1976. Mera, Juan León. *Cumandá [Annotated] (Spanish Edition)*. eLibros. Edición de Kindle. Monteleone, Karen. *All in the Family: Incest and Miscegenation in 19th Century Latin American Novel*. University of Pittsburgh, 2000 Nascimento, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Editora Perspectiva S.A, 2016 Reis, Maria Firmina. *"Gupeva"*. Úrsula e outras obras. Edições Câmara, 2018. Segato, Rita Laura. *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos: y una antropología por demanda*. Prometeo libros, 2016. Sommer, Doris. *"Foundational fictions: when history was romance in Latin America"*. *Salmagundi*, no 82/83, JSTOR, 1989, pp. 111–41. Stepan, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics: Race, Gender, and Nation in Latin America*. Cornell University Press, 2015. Turner, Clorinda Matto de. *Aves sin nido*. textos.info, 2019. Thorslev, Peter L. *"Incest as Romantic Symbol."* *Comparative Literature Studies*, vol. 2, no. 1, 1965, pp. 41–58. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/40245694>. Accessed 13 Jan. 2023. Villaverde, Cirilo. *Cecilia Valdés o la Loma del Ángel (Spanish Edition)* (p. 547). Edición de Kindle. Young, Robert C. G. *Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. Perspectiva, 2005.

O QUE RESTA DA MODERNIDADE. GRACILIANO RAMOS, JUAN RULFO E OS CONFRONTOS COM O ESTADO-PREDADOR SOB A LUZ DO PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

Wojciech Sawala

Resumo: O objetivo da apresentação será propor a leitura comparada de algumas das narrativas de dois destacados autores do século XX, o brasileiro Graciliano Ramos e o mexicano Juan Rulfo, que demonstre a presença nelas de esquemas míticos compartilhados, passíveis de serem interpretados em chave do perspectivismo ameríndio descrito e teorizado por Eduardo Viveiros de Castro. As obras de ambos os escritores, pertencem ao cânone latino-americano e foram contempladas por Ángel Rama como exemplos da transculturação narrativa, exercida no caso com o típico laconismo sintático entendido como instrumento de revitalizar os componentes primigênicos da cultura latino-americana em oposição a uma modernização agressiva, impulsada no Brasil dos anos 30 com a industrialização promovida por Getúlio Vargas, e no México do assim chamado *Desarrollo* dos anos 40 e 50, que culminava o processo revolucionário inaugurado em 1910. As narrativas de Graciliano e de Rulfo vêm resgatar aquilo que ficou por fora desses grandes projetos modernizadores, inclusive apesar das ambições oficialmente proclamadas de sua inclusão. Nas narrativas estudadas os agentes do estado (o soldado amarelo, o delegado do governo revolucionário) desempenham a função de predador tal e como é configurado nas mitologias ameríndias, marcadas pela concepção da coexistência de diferentes seres que compartilham a mesma natureza ontológica instável e dinâmica. Eles competem pelo status de pessoa/gente e os momentos decisivos nesse jogo são os encontros individuais de cara a cara. Seu paradigma é o momento de ser abordado por um animal no meio da caminhada solitária pelo mato. Segundo Viveiros de Castro um dos máximos preceitos dos povos amazônicos é não responder a sua conversa, pois isso levaria ao risco de ser despersonalizado (reconhecer a humanidade/personalidade do bicho a custa da sua própria) - situação essa com analogia estrutural com respeito àquela mais "moderna" de ser parado pela polícia, como personalização do Estado.

Referências: Arriguci Jr., Davi (2010), *O guardador de segredos*, São Paulo: Companhia das Letras Leal, Luis (1978), *"Juan Rulfo"*, em: J. Roy (org.) *Narrativa y crítica de nuestra América*, Madrid: Editorial Castalia, pp. 258-286 Limulja, Hanna (2022), *O desejo dos outros. Uma etnografia dos sonhos yanomami*, São Paulo: Ubu Editora Rama, Ángel (1984), *Transculturación narrativa en*

América Latina, México: Ediciones El Andariego Ramos, Graciliano (1938/1982), Vidas Secas, São Paulo: Record Rulfo, Juan (1953/2014), El llano en llamas, Madrid: Cátedra Letras Hispánicas Viveiros de Castro, Eduardo (2002/2021), A inconstância da alma selvagem, São Paulo: Ubu Editora Viveiros de Castro, Eduardo (2009/2018), Metafísicas canibais, São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições Viveiros de Castro, Eduardo (2013), A morte como quase acontecimento (palestra). Transcrição disponível online: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2022/03/22/a-morte-como-quase-acontecimento-transcricao-integral-da-palestra-de-eduardo-viveiros-de-castro/> (consulta 2.01.2022)

SIMPÓSIO “COMO VIVER JUNTO... COM ROLAND BARTHES”

Claudia Amigo Pino (USP), Laura Taddei Brandini (UEL), Márcio Venício Barbosa (UFRN)

A POÉTICA BARTHESIANA DOS INCIDENTES COMO INSPIRAÇÃO PARA A COCRIAÇÃO ENTRE CORPO-ESCRITOR E CORPO-ATOR

Álvaro Perini Canholi

Resumo: Este trabalho começa pelo meu encontro com Incidentes (1987): obra saborosa (agridoce), que me tocou, revelando de forma suave-crua as investidas do desejo. Mas, algo nuclear saltou aos meus olhos, lançando-me a experiências sensoriais, conduzindo-me a uma imaginação teatral. Sim, a teatralidade pula daquela escrita rápida, dos fragmentos que erigem um espaço-outro, um espaço-entre; território fantasmado pela escritura que deixou rastros, traços daquele corpo já há muito desaparecido. Estes que revelam a possibilidade de algo novo, uma coprodução, um compartilhar, um “Viver-Junto”... Um misturar-se, pois que a escrita de Roland Barthes (ei-lo!) nos “Incidentes” parece nascer do seu contato com um corpo-Outro, seja na sua posição de sujeito-espectador, esteja no papel de um sujeito-performer. E me faz refletir: a corporalidade do Outro (homem/objeto), ao empreender uma relação de alteridade que coaduna com a teatralidade, prescreve uma narrativa do corpo que não é restrita à arte teatral, mas que se estende, antes, no cotidiano, e quer se encontrar na literatura, mas também (em outro movimento de espiral), na performance. Por isso, as reflexões de Barthes sobre o teatro, especialmente o brechtiano (que imprime um abalo sismológico na aventura semiológica e que delinea sua escrita/incidente), são por mim resgatadas, para que eu possa trazer a esta conversação vozes contemporâneas do teatro ocidental, afim de revelar fecundas aproximações, como as que localizo nas noções de teatralidade e performatividade de Josette Féral (1982). Passo a compreender que o teatro para o qual a escritura-corpo barthesiana retornaria é justamente o performático. E cogito que é para esta vivência prática que devo lançar-me, conjugando minha vida com lampejos barthesianos que me afetaram (geraram afeto, pungiram). Então, projeto que esta pesquisa, ao partir do meu corpo de homem gay latino-americano, um corpo-leitor (os incidentes espicaçaram minhas sensações), retornará, de forma espiralada, à minha releitura daquele corpo-escriptor europeu.

Referências: BARTHES, Roland. A câmara clara. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015a. _____. Aula. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2002a. _____. A morte do autor. In: O Rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 57-64. _____. A preparação do romance Vol. I. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. _____. A preparação do romance Vol. II. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005b. _____. Au séminaire. In: O Rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 412-424. _____. Brecht e o discurso: contribuição para o estudo da discursividade. In: O Rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 269-281. _____. Cadernos da viagem à China. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012a. _____. Da obra ao texto. In: O Rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 65-75. _____. Deliberação. In: O Rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 348-363. _____. “Durante muito tempo fui dormir cedo”. In: O Rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 57-64. _____. Escritos sobre teatro. Trad. de Mario Laranjeira. São Paulo:

Martins Fontes, 2007a. _____. Incidentes. Trad. de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004b. _____. Malogramos sempre ao falar do que amamos. In: O Rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 370-384. _____. Notas sobre André Gide e seu Diário. In: Inéditos, vol. 2: crítica. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004c. p. 01-23. _____. "Isso pega". In: Inéditos, vol. 2: crítica. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004c. p. 225-229. _____. O adjetivo é o "dizer" do desejo. In: O grão da voz. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004d. p. 244-250. _____. O império dos signos. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2016. _____. O obvio e o obtuso: ensaios críticos III. Trad. de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. _____. Ousemos ser preguiçosos. In: O grão da voz. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004d. p. 472-482. _____. Œuvres Complètes, éd. Eric Marty. Paris: Seuil, 2002b (5 tomes). _____. Prazer / Escrita / Leitura. In: O grão da voz. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004d. p. 219-243. _____. Prefácio [Ao tomo VIII da Enciclopédia Bordas]. In: Inéditos, vol. 2: crítica. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004c. p. 179-187. _____. Roland Barthes por Roland Barthes. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2017a. _____. Roland Barthes se explica. In: O grão da voz. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004d. p. 448-471. _____. Sade, Fourier, Loyola. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005c. _____. Um contexto por demais brutal. In: O grão da voz. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004d. p. 446-447. BELLONI, Arthur. O corpo e as coisas: a dissolução da fronteira entre o vivo e o não vivo no contexto do teatro contemporâneo. 2008a. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57371>>. Acesso em: 20 de jul. 2018. BIDENT, Christophe. Le geste théâtral de Roland Barthes. Paris: Hermann, 2012b. _____. O gesto teatral de Roland Barthes. 2006. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-gesto-teatral-de-roland-barthes/>>. Acesso em: 19 de jul. 2018. CALVET, Louis-Jean. Roland Barthes. Trad. de Maria Angela V. da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993. CARLSON, Marvin. Teorias do Teatro. Estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 1997. COMPAGNON, Antoine. Os antimodernos. De Joseph de Maistre a Roland Barthes. Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. _____. L'âge des lettres. Paris: Gallimard, 2015b. FÉRAL, Josette. Performance and Theatricality: The Subject Demystified. 1982. Disponível em: <<http://www.yavanika.org/classes/reader/feral.pdf>>. Acesso em: 19 de jul. 2018. _____. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. 2008b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>>. Acesso em: 20 de jul. 2018. _____. Théorie et Pratique du Théâtre. Montpellier: Éditions l'Entretemps, 2011. FIGUEIREDO, Eurídice. Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2013a. FONTANARI, Rodrigo. Roland Barthes e a revelação profana da fotografia. São Paulo: EDUC, 2015c. GEFEN, Alexandre. Le Jardin d'Hiver (les « biographèmes » de Roland Barthes). 2012c. Disponível em: <<http://www.fabula.org/forum/barthes/23.php>>. Acesso em 12 de abr. 2019. KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. _____. Escritas de si como performance. 2008. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/12/showToc>>. Acesso em: 30 de nov. 2019. KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. LEHMANN, Hans-Thies. Teatro pós-dramático. Trad. de Pedro Sussekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007b. LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1996. LEONARDELLI, Patrícia. Teatralidade e performatividade: espaços em devir, espaços do devir. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/20891/15303>>. Acesso em: 19 de jul. 2018. PAVIS, Patrice. Dicionário do Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Com Roland Barthes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b. _____. Roland Barthes. O saber com sabor. São Paulo: Brasiliense, 1985. PINO, Cláudia Amigo. Roland Barthes: a aventura do romance. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. _____. De um corpo para outro. Roland Barthes e a biografemática. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/124012>>. Acesso em 12 de abr. 2019. ROBIN, Régine. L'autofiction. 1998. Disponível em: <<https://id.erudit.org/iderudit/21184ac>>. Acesso

em 12 de abr. 2019. SAMOYAUULT, Tiphaine. Roland Barthes. Paris: Éditions du Seuil, 2015d. SARRAZAC, Jean-Pierre. A invenção da teatralidade. 2013b. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57531/68222>>. Acesso em 19 de jul. 2018. _____. (org.). Léxico do drama moderno e contemporâneo. São Paulo: Cosac Naify, 2012. _____. Théâtres intimes. Arles: Actes Sud, 1989. SOUZA, Aguinaldo Moreira de. A presença da corporalidade nos discursos literário e coreográfico. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. 2003. _____. O corpo ator. Londrina: Edue, 2013c. _____. Texto e cena: operações tradutórias da corporalidade. 2015e. Disponível em:<<https://ladcor.wordpress.com/2015/03/17/texto-e-cena-operacoes-tradutorias-da-corporalidade/>>. Acesso em 12 de abr. 2019. TRUJILLO, Gabriela. “Uma Atenção do Desejo”: Roland Barthes amador de cinema. In: CONTANI, Miguel Luiz; GUERRA, Maria José. Barthes 100: ideias e reflexões. Londrina: Edue, 2017b. p. 57-69.

ROLAND BARTHES E A CRÍTICA FRANCESA NOS PRIMEIROS TEXTOS DE LEYLA PERRONE-MOISÉS

Claudia Amigo Pino

Resumo: Apesar de ter sido resenhado por alguns autores no início dos anos 50, Leyla Perrone-Moisés foi a grande introdutora de Roland Barthes e da crítica francesa no Brasil, a partir de suas colaborações no Suplemento Literário do Jornal durante a década de 60. Porém, o jornal não era um meio de discussão crítica, mas de difusão de romances contemporâneos que pudessem ser facilmente consumidos pelos leitores do jornal. É de fato a partir de discussões sobre o romance contemporâneo (especialmente sobre o Nouveau Roman), que ela chega à obra de dois grandes críticos franceses, que a fazem mudar completamente de ponto de vista em relação à literatura: Maurice Blanchot e Roland Barthes. E assim, pouco a pouco, as páginas de diversos jornais paulistas começam a receber suas reflexões não somente sobre literatura, mas sobre a própria crítica. Nesta apresentação, pretendemos explorar os textos inéditos de jornal de Leyla Perrone-Moisés sobre a crítica francesa, desde os artigos iniciais, de comoção teórica a partir do contato inicial com as obras desses críticos (como “Le livre à venir”, O estado de São Paulo, de 26/11/1960) até textos mais recentes, em que ela faz um balanço da obra desses críticos e da repercussão que tiveram nas discussões contemporâneas, como “Barthes foi atropelado pela pós-modernidade” (O estado de São Paulo, 10/04/93).

Referências: Leyla Perrone Moisés: Le livre à venir, de Maurice Blanchot, in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 26/11/60. “Pour une sociologie du roman, de Lucien Goldmann”, in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 28/08/65. “Aspectos do Nouveau Roman”, in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 02/04/60. “Constantes do Nouveau Roman”, in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 08/04/61. “Um estudo sobre romance” (sobre René Girard), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 05/05/62. “Um amigo para Montaigne” (sobre A. Thibaudet), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 31/08/63. “À procura do espaço perdido” (sobre G. Poulet), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 06/02/65. “O antigo e o novo” (sobre Marthe Robert), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 27/03/65. “A nova alquimia” (sobre Jean Ricardou), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 05/03/66. “Duplicidade do romance e dubiedade da crítica” (sobre Marthe Robert), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 20/01/68. “A escrita e o grito” (sobre Roland Barthes e Maurice Roche), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 12/10/68. “Por uma poética estrutural” (sobre Tzvetan Todorov), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 25/01/69. “Change - A montagem” (sobre o grupo Change), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 26/04/69. “Do formalismo ao estruturalismo”, in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 20/09/69. “Roland Barthes, o infiel”, in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 03/01/70. “O voo dos significantes” (sobre Roland Barthes), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 04/04/70. “A floração das revistas” (Tel Quel, Change e Poétique), in: “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo, 23/05/70. “Sartre e a situação da literatura”, in: “Suplemento Cultural” de O Estado de S. Paulo, ano 1, no 1, 17/10/76. “Discurso amoroso e discurso de poder”, in: “Suplemento Cultural” de O Estado de S. Paulo, ano 2, no 55, 30/10/77. “Teorias do símbolo” (sobre Todorov), in:

“Suplemento Cultural” de O Estado de S. Paulo, ano 2, no 66, 22/01/78. “Barthes foi atropelado pela pós-modernidade”, in: “Cultura”, O Estado de S. Paulo, 10/04/93, p. 1. “Biógrafo de Barthes revela a vida mas confunde a obra”, in: “Mais!”, Folha de S. Paulo, 23/05/93, p. 8. “Outras margens (sobre Derrida)”, in: “Mais!”, Folha de S. Paulo, 03/12/95, p.5-6. “Baudelaire reabilitado”, in: “Mais!”, Folha de S. Paulo, 11/05/97, p. 5-6. “Um signo arisco” (Derrida - Bergstein), in: “Caderno de Resenhas”, Folha de S. Paulo, 13/06/98, p. 7. “O mestre artista” (sobre Barthes), “Mais!”, Folha de S. Paulo, 17/11/02, ps. 4 a 7.

MARIA-NOVA JÁ SABIA ANTES DE TODO MUNDO...

Daniela da Silva

Resumo: Maria-Nova é a figura da narradora/ouvinte de Conceição, convocada por ela para dar vida aos Becos da Memória (Evaristo, 2017a), quando a autora precisa lidar com as lembranças “[...] ora viva, ora desfacelada” (Evaristo, 2017b, s/p) de sua própria infância. Desse modo, o invento e a ficção surgem para cobrir os vazios dos Becos e preencher as memórias, para que elas se revelem inteiras. A parelha, como diz Conceição, de Maria-Nova, com ela, no seu eu-menina, é uma confusão possível para os leitores e leitoras, mas que não a constrange. A identidade da autora e da personagem narradora, se delineiam nas marcas de uma Escrivência – conceito, este, cunhado e difundido por Conceição, “como um fenômeno diáspórico e universal” (Evaristo, 2020, p. 30). E, é por isso, que “Maria-Nova sabia antes de todo mundo”; dos desfavelamentos, das mortes traóeiras, dos tratores violentos. Muito antes de Tio-Toto, Maria-Velha, Vo? Rita, e de outros tantos moradores daqueles Becos, Maria-Nova sabia, porque Conceição sabia. Cumplice de Roland Barthes, nas palavras que compõem o texto “Durante muito tempo, fui dormir cedo”, me pergunto: “Sera? que tudo isso significa que vou escrever um romance?” (Barthes, 2012, p. 362), por certo, não poderia chamar esta pesquisa assim. No entanto, é evidente que minhas “Memórias de formação” - essas duas palavras que aludem ao título de uma tese, edificada entre o campo da educação e os processos de criação de artistas, se aproxima de uma poética de fazer ficções. “O que posso dizer, o que não posso me furtar de dizer” (Barthes, 2012, p. 361), é que me ocupo de vidas e de suas memórias; opero pelo desejo da criação literária, como esta possibilidade de encontrar, de compreender, de narrar o Outro. Tal como Conceição em Becos, caminho nos limiares da inseparabilidade entre vida, arte e educação.

Referências: BARTHES, Roland. O rumor da língua. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a. EVARISTO, Conceição. Agradecimentos. In: EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b. EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

SARTRE E BARTHES: O TRANSITIVO E O INTRANSITIVO DA ESCRITA LITERÁRIA

Fúvia Fernandes Pereira

Resumo: Muitos estudiosos e divulgadores da obra de Roland Barthes apontam seu livro de estreia, O grau zero da escritura, publicado em 1953, como uma resposta às inquietações sartreanas sobre a literatura, reunidas no ruidoso Que é a literatura?, de 1948. Leyla Perrone-Moisés, Éric Marty, Philippe Roger, Claude Coste, Tiphaine Samoyault atestam, cada um à sua maneira, como o encontro com Jean-Paul Sartre, com sua “nova língua” e sua “escrita de ensaísta”, permitiu que Barthes assumisse suas próprias posições (SAMOYULT, 2021, p. 239). Esse escritor de quem Barthes gosta (BARTHES, 2017, p. 133) foi particularmente lido e retomado em seus textos. Suas primeiras reflexões sobre a escritura, noção a qual voltaria insistentemente, abordam muitas questões surgidas do universo sartreano. Perrone-Moisés, em “Deslocamentos da noção de escritura”, traça as complicações que essa noção, fundamental nos textos barthesianos, apresenta, e as novas distinções que ela vai ganhando ao longo da obra de Barthes, que não cansa de descobrir para ela novos problemas. Partindo de uma pergunta feita pelo próprio Barthes, “Escrever, verbo intransitivo?”, e tendo como referência, fundamentalmente, Que é a literatura? e O grau zero da

escritura, nossa leitura busca evidenciar alguns aspectos que nos permitem observar, em Sartre e em Barthes, as tendências transitivas e intransitivas da escrita literária.

Referências: BARTHES, Roland. Escrever, verbo intransitivo? In: BARTHES, Roland. O rumor da língua. Tradução de Mário Laranjeira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 13-25. BARTHES, Roland. O grau zero da escritura. In: BARTHES, Roland. Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 115-167. BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. MARTY, Éric. Roland Barthes. O ofício de escrever. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Deslocamentos da noção de escritura. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Com Roland Barthes. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 75-88. ROGER, Philippe. Barthes, Brecht, Marx. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla; MELLO, Maria Elizabeth Chaves. (orgs.). De volta a Roland Barthes. Niterói: EdUFF, 2005. p. 29-46. SAMOYAUULT, Tiphaine. Roland Barthes: biografia. Tradução de Sandra Nitrini e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora 34, 2021. SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura? 3. ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

A REVISTA _QUEIMADA E O TRABALHO ARTÍSTICO COLETIVO DE (SOBRE)VIVER-JUNTO.

Katerina Blasques Kaspar

Resumo: Revistas culturais e artísticas são ferramentas que, historicamente, movimentam comunidades em seu entorno. Sem determinar um escopo temporal nem detalhar seus colaboradores respectivos, citemos, em contexto latino-americano, as revistas Sur, Los Libros, Punto de Vista, Klaxon, Literatura e Sociedad, El corno emplumado, dentre tantas outras. Recentemente, a pesquisadora Magali Nachtergaele apresentou um artigo (2022) em que investiga a relação de Roland Barthes com revistas de maior e menor porte, em contexto francês. Ela defende seu interesse por revistas menores; adesão que, segundo ela, alinhava-se com a reivindicação de Barthes da contracultura e de uma estética alternativa. Teríamos grandes revistas francesas, como Esprit, Critique, e Tel Quel em contraponto com as de menor porte, como L'Humidité e Artpress, conforme lista Nachtergaele. Poderíamos sugerir que tal interesse de Barthes se alinhe com a noção do viver-junto barthesiana, notadamente com sua discussão inicial do curso do Como viver junto sobre a idiorritmia. Deslocando nosso olhar para 2020, no Brasil como em todo o mundo, o enfrentamento da crise sanitária por Covid-19, as diversas modalidades de combate ao alastramento da contaminação, sobretudo por meio do isolamento social, acolheram o surgimento de novas manifestações artísticas, adaptadas ou criadas a partir da restrição da convivialidade material. Nosso interesse nesta comunicação será expor o trabalho realizado por um coletivo de artistas mulheres na revista _queimada, inteiramente publicada no Instagram, em posts de até 1000 caracteres. Contando com dois números, a primeira edição decorreu nos primeiros meses da pandemia por Covid-19, e a segunda se tratou de uma retomada do projeto, visando estabelecer posicionamento crítico nos meses antecedentes às campanhas eleitorais à presidência no Brasil. Apresentaremos a revista, seus interesses e suas seções, mostrando algumas de suas colaboradoras. Discutiremos como a _queimada funciona para refletir e quem sabe atualizar o viver-junto na ultra-contemporaneidade.

Referências: _queimada. https://www.instagram.com/_queimada/ BARTHES, Roland. Como viver junto. Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. NACHTERGAEL Magali, « Roland Barthes et les petites revues : de la publication à l'exposition », La Revue des revues, 2022/1 (N° 67), p. 39-61. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-revue-des-revues-2022-1-page-39.htm>. Acesso em: 7 jan. 2023. CRESPO, R. A.; MAÍZ, C.; FONSECA, C. L. Revistas culturais latino-americanas dos séculos XX-XXI: teoria, circulação e suportes. Caderno de Letras. UFPEL, Pelotas, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/21313>. Acesso em: 7 jan. 2023.

BARTHES LEITOR DE LITERATURA DE VIAGEM: PIERRE LOTI

Laura Taddei Brandini

Resumo: A presente comunicação tem por objeto as relações entre a escrita de Roland Barthes e o tema da viagem. A obra barthesiana é tomada em sua totalidade, sem cairmos em distinções entre postulações teóricas e prática literária, uma vez que, para Barthes, ambas coexistem sob a forma da escritura. O tema da viagem será delimitado pelas leituras que Barthes dedicou a autores e obras do que definiremos como Literatura de Viagem: repertoriaremos a presença da Literatura de Viagem na obra de Barthes e selecionaremos como corpus de análise o romance de Pierre Loti, *Aziyadé* (1879), e o ensaio barthesiano “Pierre Loti: ‘Aziyadé’” (1971). Com base nesse primeiro romance de Loti, carregado por uma visão fortemente eurocentrada e marcado por preconceitos oriundos de um ponto de vista do colonizador sobre povos colonizados, Barthes desenvolve a noção de incidente, central para o seu pensamento sobre a escrita literária, bem como para a sua prática. Como, a partir de um romance árido em termos de reflexão, com uma função bastante clara de exploração do Oriente exótico, repleto de fórmulas de fácil assimilação, isento de questionamentos, Barthes extrai material para uma reflexão que fundamentará uma escrita que vai em sentido oposto ao escolhido por Loti, em *O Império dos signos* (1970), de Barthes, por exemplo? Esta comunicação se debruça, portanto, sobre Barthes enquanto leitor de Literatura de Viagem e as implicações da leitura de *Aziyadé*, de Loti, para sua reflexão sobre a escritura.

Referências: BARTHES, Roland. *Œuvres Complètes*. Edição de Éric Marty. Paris: Seuil, 2003, 5v. _____. *O Império dos signos*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. LOTI, Pierre. *Aziyadé* suivi de *Fantôme d’Orient*. Paris : Gallimard, 1991.

O “VIVER-JUNTO” DAS NOÇÕES BARTHESIANAS EM LOS DIARIOS DE EMILIO RENZI

Lucas Guastini Loureiro dos Santos

Resumo: Ricardo Piglia atravessou um momento histórico no qual a teoria literária francesa alcançava ampla circulação nos meios literários argentinos. Um desses teóricos franceses cujas ideias eram difundidas e discutidas na Argentina era justamente Roland Barthes. Apesar de próximos temporalmente, a circulação da teoria impunha um deslocamento espacial, o que significava não apenas um deslocamento geográfico, mas também de contexto social, político e literário. Esse intercâmbio entre França e Argentina embaralhava a ordem cronológica dos textos em relação à sua origem e estabelecia novas relações segundo sua recepção. Com isso, as noções da teoria francesa eram repensadas, já que era preciso também adaptá-las ao contexto social e literário do país que as recebia. Essa conjuntura fez com que textos de Barthes muitas vezes escritos sob orientações epistemológicas diferentes convivessem e fossem lidos simultaneamente. Utilizando *Los Diarios de Emilio Renzi* de Ricardo Piglia, essa comunicação irá explorar alguns aspectos dessa recepção das noções barthesianas. Como essas noções teóricas chegavam ao escritor, ao mesmo tempo que conviviam com outras teorias e noções literárias de outros círculos literários? Como esses diversos autores e diversas ideias conviviam na obra de um leitor voraz? Como estabelecer um “Viver-junto” de teorias diversas cada qual com uma “idiorritmia”? *Los Diarios de Emilio Renzi* nos permitem vislumbrar algumas dessas possibilidades e perceber como existem movimentos de recepção e de afastamento em relação às noções barthesianas que muitas vezes ocorrem concomitantemente. Era preciso dialogar com as ideias em voga para alterá-las, deslocá-las, absorvê-las ou até refutá-las.

Referências: BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. PIGLIA, Ricardo. *Los diarios de Emilio Renzi*, t. I: años de formación. Barcelona: Anagrama, 2015. PIGLIA, Ricardo. *Los diarios de Emilio Renzi*, t. II: los años felices. Barcelona: Anagrama, 2016. PIGLIA, Ricardo. *Los diarios de Emilio Renzi*, t. III: un día en la vida. Barcelona: Anagrama, 2017.

COAUTORIA: COMO VIVER JUNTO NO ESPAÇO LITERÁRIO

Luciéle Bernardi de Souza

Resumo: Viver com o outro constitui, simultaneamente, nossa individualidade e nossa sociabilidade, e isso, mais do que nunca, foi evidenciado durante a pandemia de COVID-19. Ao tempo que afirmamos a importância da valorização do viver com, do viver junto, temos, no campo literário, a

materialização da individualidade estrita, presente no conceito moderno de “autor”, fixada como estritamente individual, burguesa e relacionada com o surgimento da propriedade privada, o que levou Roland Barthes (1968) a declarar a morte desta entidade. À vista disso, objetivando recuperar uma literatura realizada efetivamente (e afetivamente) com o outro, partilhada, em convivência, recordamos obras-espacos que evidenciam o pertencimento e, simultaneamente, o distanciamento entre seus autores. Especificamente, nos centraremos na obra *Como se fosse a casa: uma correspondência* (2017), realizada em coautoria, em colaboração entre dois poetas, fruto da troca de e-mails entre a poeta Ana Martins Marques e do poeta Eduardo Jorge, durante o período em que o poeta aluga seu apartamento para a poeta. Em *Como Viver Junto* (2013), Roland Barthes assegura que literatura é o “campo fantasmático” em que o estar junto, o compartilhar tempo-espaco, ao tempo que criar e manter um ritmo próprio, a “idiorritmia” acontece. Objetivando compreender a coabitação entre os autores na (e para a) obra poética mencionada, estendemos a noção de espaco, compreendendo-o metaforicamente enquanto obra literária, língua portuguesa e a própria coabitação da casa -espaco físico- comum entre os autores. Além deste alargamento conceitual, consideramos alguns “rasgos” do viver junto idiorrítmico elencados por Barthes para pensar a obra enquanto uma relação conciliadora (utópica?) entre o individual e o coletivo, ambos permeados pelo afeto. Destacamos o processo de realização do *Rhythmós*, o *Télos*, a *Anakhóresis* (anacorese) enquanto vontade de ruptura, a *Xeniteia* como recurso para pensar-se alheado ao espaco, no estrangeiro e enquanto uma vontade ativa.

Referências: ALEIXO, Ricardo (2017). *Orelha*. In: JORGE, Eduardo; MARQUES, Ana Martins. *Como se fosse a casa: uma correspondência*. Belo Horizonte: Relicário. AUGÉ, Marc (2008). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 7. ed. São Paulo: Papirus. BACHELARD, Gaston (1989). *A dialética do exterior e do interior*. In: BACHELARD, Gaston. *A poética do espaco*. São Paulo: Martins Fontes. BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanesecas de alguns espacos cotidianos: curso e seminários do Collège de France, 1976-1977*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013. BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988. FOUCAULT, Michel. *O que é um Autor?* In: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. (Col. Ditos e Escritos III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. JORGE, Eduardo; MARQUES, Ana Martins (2017). *Como se fosse a casa: uma correspondência*. Belo Horizonte: Relicário. NANCY, Jean-Luc. *La communauté désouvrée*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1999. STILLINGER, Jack. *Multiple authorship and the myth of solitary genius*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1991.

UM RITMO TODO SEU: A IDIORITMIA DE ROLAND BARTHES E O VIVER-JUNTO HOJE

Márcio Venício Barbosa

Resumo: Em “*Tenir un discours*”, Barthes (p.187) pergunta quais seriam, em uma vida, os elementos disruptivos ou, conforme precisa o autor, os elementos “que produzem a ruptura do discurso”. Trazendo essa pergunta para a contemporaneidade, encontramos, sobretudo na economia e na política, inúmeros elementos disruptivos que interagem no seio do que alguns cientistas começam a chamar “Antropoceno”, baseando-se no fato de que “a biosfera deixou de se coportar dentro dos padrões do Holoceno: a atmosfera, o clima, os oceanos e o ecossistema estão todos operando fora das normas holocênicas” (SANTAELLA, 2015, p. 48) e aproximam-se, por vezes, de um ponto de uma ruptura não só nos discursos mas também na vida social. Em outras palavras, o conflito entre discursos díspares e uma consequente guerra de narrativas conduz à reivindicação de posicionamentos que, vistos sem atenção, poderiam estar próximos do fantasma confessado por Barthes em seu curso *Como viver junto: a idiorritmia*. Mas um traço indelével do Antropoceno, talvez o mais característico deles, está na convivência com o virtual, trazido pelos avanços tecnológicos. Esse novo cenário, que ainda não se configurava no final dos anos 1970, quando Barthes ministrou seu curso no Collège de France, leva, inclusive a formas paradoxais de solidão (KAUFMAN, 2021) que irrompem como enclaves em um tempo hiperconectado. Por diversas razões, associadas ao universo virtual e aos últimos acontecimentos que atingiram as sociedades de todo o planeta, os quais pretendemos elencar e explorar nesta comunicação, a idiorritmia barthesiana, como elemento

fantasmático de um “viver-junto” hoje, precisaria ser reconsiderada, partindo de uma outra pergunta: é ainda possível pensar em um ritmo todo seu hoje?

Referências: BARTHES, Roland. Como viver junto. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. KAUFMAN, Dora. O paradoxo da solidão na sociedade hiperconectada: robôs inteligentes e as novas famílias. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/IAgora/noticia/2021/01/o-paradoxo-da-solidao-na-sociedade-hiperconectada-robos-inteligentes-e-novas-familias.html>>. Acesso em: 15 jan 2023. SANTAELLA, L. “A Grande aceleração & O Campo Comunicacional”. Intexto, nº 34, dezembro de 2015, p. 46-59.

ROLAND BARTHES E MARGUERITE DURAS CONTEMPORÂNEOS

Maria Cristina Vianna Kuntz

Resumo: Marguerite Duras nasceu em 1914 e Barthes em 1915. Nascida no Vietnã, a escritora foi para a França aos dezessete anos e tendo estudado na Sorbonne, participou ativamente de todos os acontecimentos do século. Já na década de 1950, Barthes frequentava as reuniões de intelectuais no apartamento da escritora na Rue St Benoît, em St. Germain de Près. Pode-se, pois, afirmar ter havido muita troca nessa convivência que se revela nas concepções de escrita de Duras, ecos das teorias textuais barthesianas, tais como: a obra aberta, a leitura plural, o intertexto, a participação do leitor no significado da obra etc. (cf. HANANIA, 2008, p.50) . Com a publicação de Moderato Cantabile (1958) Duras marca a mudança definitiva em sua escrita. Embora Barthes lamente essa nova escolha, na verdade valoriza-a, uma vez que fez parte do júri que outorgou a ela o “prêmio de Maio” por esse romance. Em Viver junto, Barthes explica sobre a importância espacial “dos acontecimentos”. Para Duras, sua infância no Vietnã marcará parte de sua obra: o chamado ciclo da Índia (1964-1970) que engloba seus romances mais originais (O Deslumbramento, O Vice-Cônsul) e os romances autobiográficos (Barragem contra o Pacífico, O Amante e O Amante da China do Norte) se passam no Extremo Oriente. O conceito de idiorritmia, que, para Barthes (2003), consiste no respeito ao ritmo de cada um, preservando a conciliação com a sociedade, ressoa para Duras de maneira parcial uma vez que ela construiu sua vida e sua obra segundo seu “próprio ritmo”, agradando ou escandalizando a muitos. Escritora midiática avant-la-lettre, Duras foi escritora, dramaturga e cineasta, dedicando-se, pois, à pluralidade dos signos em suas obras. Nessa intervenção, pretendemos examinar em que medida algumas concepções barthesianas estão patentes em O Amante da China do Norte e Emily L. de Marguerite Duras.

Referências: BARTHES, Roland. Como viver junto: Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. BESSIÈRE, Jean. Marguerite Duras nas décadas de 1970 a 1980: Repetições na obra, figuras da encarnação: da dor à superação do negativo. AYER, Mauricio, KUNTZ, Maria Cristina. Olhares sobre Marguerite Duras- Regards sur Marguerite Duras. São Paulo: Publisher, 2014, p.16-25 HANANIA, Cécile. Marguerite Duras au miroir de Barthes : lumière sur les faux des écrits. Marguerite Duras et la pensée contemporaine. Göteborgs Universitet, 2008, p.45-54. SILVA, Maria Luiza Berwanger da. Marguerite Duras e a experiência contemporânea. AYER, Mauricio, KUNTZ, Maria Cristina. Olhares sobre Marguerite Duras- Regards sur Marguerite Duras. São Paulo: Publisher, 2014, p.92-97.

A FOTOGRAFIA CONTRA A FICÇÃO

Pedro Gomes Dias Brito

Resumo: Nesta comunicação, explorarei as relações de vizinhança entre fotografia e ficção por meio da aproximação entre Roland Barthes e Jacques Rancière. A preposição “contra”, aliás, salienta o movimento pendular que pode colocar a fotografia tanto em oposição direta à ficção quanto em contiguidade a ela. Minha fala se dividirá em dois momentos. No primeiro deles, discutirei um longo trecho da segunda parte de “A câmara clara”. Se na primeira parte do ensaio, um caráter potencialmente ficcional da fotografia pode ser identificado no intervalo entre “studium” e “punctum”, exporei como na segunda parte qualquer ficcionalidade é afastada. Veremos como, para Barthes, a “ordem fundadora da fotografia”, o “isso foi”, exerce uma força centrípeta que paralisa a

linguagem e o pensamento, retirando da fotografia qualquer qualidade projetiva, imaginária e, por isso mesmo, potencialmente ficcional. No segundo momento desta comunicação, voltarei meu olhar para Rancière. No último ensaio de "O espectador emancipado", o filósofo vai de encontro a Barthes, mas também ao encontro dele, tensionando a reflexão de "A câmara clara". Rancière concentra sua crítica na pretensa qualidade "medusante" da fotografia de paralisar a linguagem e o pensamento. Todavia, precisamente para criticar Barthes, o filósofo avança o conceito de uma pensatividade da imagem que reativa o par "punctum"/"studium". Nesse gesto, Rancière parece apontar para algo que já estava anunciado na primeira parte do ensaio de Barthes: a fotografia não é a superfície única de manifestação da qualidade sensível do motivo fotografado, mas o entrelaçamento de regimes diversos de apresentação sensível: a caracterização social, a forma determinada pela intenção da arte (o "studium") e a indeterminação estética, aquilo que é percebido sem conceito e que escapa a qualquer finalidade (o "punctum"). Ora, a indeterminação estética, os diversos índices de suspensão da imagem não são precisamente os elementos que permitem aproximá-la da ficção?

Referências: BARTHES, Roland. Le message photographique. Communications, v. 1, p. 127- 138, 1961. _____. Rhétorique de l'image. Communications, v. 4, p. 40-51, 1964. _____. L'effet de réel. Communications, v. 11, p. 84-89, 1968. _____. Roland Barthes por Roland Barthes. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977. _____. A câmara clara. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. RANCIÈRE, Jacques. Notes on the photographic image. Radical philosophy, v. 156, p. 8-15, jul/ago 2009. _____. O espectador emancipado. Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. _____. O destino das imagens. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMPÓSIO "ESTUDOS DE LITERATURA E OUTRAS ARTES PELO VIÉS DA CRÍTICA PSICANALÍTICA"

Gabriela Bruschini Grecca (UEMG), José Lucas Zaffani dos Santos (UNESP) e Marisa Corrêa Silva (UEM)

PONCIÁ VICÊNCIO – UMA LEITURA MATERIALISTA LACANIANA DA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Adislane da Silva Guilherme, Maria Betânia da Rocha de Oliveira

Resumo: Este trabalho objetiva estudar Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo à luz do Materialismo Lacaniano. Esta obra insere-se em um contexto plural e multicultural, logo, a sua análise demanda uma abordagem concreta, mas que também considere uma prática intersubjetiva. Para tanto, precisamos situá-la em um contexto sócio-histórico, que permita olhá-la como uma materialidade constituída por um mecanismo que dirige a interação de seus elementos composicionais. Para a aplicação do Materialismo Lacaniano em Ponciá Vicêncio, consideraremos a estrutura da narrativa, a partir das marcas da linguagem, que atreladas à filosofia política e à literatura, poderá revelar quão fragmentado é o sujeito da modernidade. Sobre a constituição do ser, enquanto sujeito de uma sociedade, a teoria žižekiana afirma que a existência humana é marcada por uma eterna busca para preencher uma lacuna, um buraco, uma espécie de "falta" inconsciente, cujos resultados se traduzem em concepções ideológicas associadas à realidade já posta. E, nessa perspectiva, objetivamos analisar a constituição da personagem Ponciá Vicêncio, que protagoniza, por meio de idas e voltas de seu fluxo de memórias, uma história de luta e de dor marcada pela escravidão de seus antepassados. Tomaremos como caminho de estudo a pesquisa qualitativa e de caráter indutivo, cuja finalidade é observar a relação entre os fluxos de memória da protagonista e a diáspora africana que acompanham suas perdas, sonhos e desencontros, elementos estes que fazem alusão ao funcionamento da tríade: Simbólico, Imaginário e Real, responsáveis pela constituição de Ponciá enquanto ser social. O objetivo é averiguar, principalmente, de que forma a estrutura da narrativa auxilia na construção do Imaginário, do Simbólico e aponta para a presença do Real na história de Ponciá. Entre outros referenciais teóricos, utilizaremos os estudos de Candido (2011), Silva (2009), (2018), Oliveira (2022), Žižek (1992), (2006), (2011), entre outros.

Referências: BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária: O debate entre a exclusão e a inclusão. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto do. Margens

instáveis: Tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: Eduem, 2011. p. 101-128. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. DALCASTAGNÈ, Regina. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. São Paulo: Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012. EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. OLIVEIRA, Maria Betânia da Rocha de. Entre o amor à Pátria e as teias da violência - o triste fim. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. SILVA, Marisa Corrêa. O percurso do Outro ao Mesmo: sagrado e profano em Helder Macedo e em Saramago. São Paulo: Arte & Ciência, 2009. SILVA, Marisa Corrêa. Maio de 68 e o Século XXI: O pensamento de Slavoj Žižek. Uniletras, Ponta Grossa, v. 40, n. 1, p. 22-32, jan/jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>. Acesso em: 30 abril. 2022. ŽIŽEK, Slavoj. Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 129 ŽIŽEK, Slavoj. Em defesa das causas perdidas. Trad. Maria Beatriz de Medina. Prefácio de Alysson Leandro Mascaro. São Paulo: Boitempo, 2011.

PSICANÁLISE E STIMMUNG

Alexandre Marzullo Knauer Faccin

Resumo: Uma comunicação sobre ausência, psicanálise e falta, a partir de um conteúdo tradicionalmente literário: a noção de "Stimmung". Em seu seminário VII, Jacques Lacan comenta sobre uma passagem do epistolário de Freud e Fliess, onde o primeiro escreve ao segundo acerca de sua autoanálise (carta 73). Para Freud, "o mais desagradável", tal como comentado por Lacan, "são 'die Stimmungen' - no sentido mais geral que podemos dar a essa palavra que tem sua ressonância em alemão, os estados de humor, os sentimentos - e que, por sua natureza, encobrem, escondem o quê? - 'die Wirklichkeit', a realidade" (LACAN, 2008, p. 37). Decerto, a palavra "Stimmung", aí apresentada lacanianamente (mas a partir de Freud) como uma espécie de sinalização do furo que aponta para o real, no entanto, não se tornou parte do vocabulário psicanalítico ortodoxo; não consta sequer do léxico freudiano. No entanto, o século XX a requisitou - seja pela filosofia heideggeriana, seja por certos estudos de literatura comparada - em um sentido ontológico e literário, quase fenomenológico, e por vezes vinculado ao que seria a própria essência do material literário, seu valor de "presença" - tal como se depreende dos textos de Hans Ulrich Gumbrecht sobre o tema. Pois é aqui que desejamos atacar: poderia o estudo literário deste conceito, reconsiderado sob a luz psicanalítica a partir da pista de Lacan, reposicionar-nos frente a uma experiência do real que, iluminando a dimensão capaz de mobilizar o sujeito, poderia sensibilizá-lo e desterritorializá-lo na medida em que o sujeito mesmo conseguisse perceber o real por trás da tessitura poética das "Stimmungen" experimentadas, real esse ali se evadindo, mas sempre sinalizando? Não seria tanto uma questão de presença, portanto, mas de falta: diante da ideia de uma "Stimmung", uma dimensão mórbida da falta se anunciaria, sorrateira, evitando significantes e experiências subjetivas.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. A potência do pensamento: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017. FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos: coleção obras completas, volume 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto na literatura. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC editora, 2013. LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. LACAN, Jacques. O seminário, livro VII: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. MASSON, Jeffrey Moussaieff (org.). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

A DESUMANIZAÇÃO E O ENCONTRO ENTRE BJÖRK E VALTER HUGO MÃE, NAS PAISAGENS EMOCIONAIS DA ISLÂNDIA.

Carlos Henrique Fonseca

Resumo: A Desumanização é o quarto romance do escritor português Valter Hugo Mãe, cuja produção ficcional autoriza seu reconhecimento entre os chamados "novíssimos" da ficção

portuguesa. Neste sentido participa, especialmente com este romance, de um movimento contemporâneo na literatura portuguesa de abertura para temas e espaços outros, em consonância com a mundialização cultural dos tempos coevos. O romance em questão se passa nas longínquas terras da Islândia, país de origem da cantora Björk. Esta comunicação, de acordo com a proposta anunciada no título do simpósio a que se destina, busca estabelecer diálogos de viés psicanalítico entre a obra literária de Valter Hugo Mãe e a produção audiovisual da cantora Björk, especialmente em relação à paisagem e sua atuação na construção do sujeito. Nos textos, literário e audiovisual destes artistas, constata-se a paisagem enquanto dimensão marcada pelo sinestésico, e o espaço social como espaço relacional em que se constroem as subjetividades. O que nos leva a pensar o corpo humano como agente mediador, afetando e sendo afetado, servindo-se de toda sua potencialidade cinestésica em relação com o espaço vivido. Além disso, no romance de Valter e em alguns videoclipes de Björk, é muito importante a questão do duplo, bem como o par aparentemente antagônico ingenuidade/violência, aspectos que marcam a relação entre as gêmeas Halla e Sigridur e sua família. A partir desses pontos, almeja-se discutir a paisagem e o espaço social familiar em sua capacidade de suscitar uma reflexão sobre o “eu” e o “outro”, considerando processos objetivos e subjetivos de constituição da psique humana, com o auxílio do texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, de Jacques Lacan.

Referências: COSTA, André; PELIANO, Adriana; CHADES, Maurício. As aventuras subjetivas de Björk. Brasília, D.F. s/n, 2014. LACAN, Jacques. Os Complexos Familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia. Tradução de Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguar Mendes da Silveira Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018 MÃE, Valter Hugo. A desumanização. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ENTRELAÇAMENTOS DA PSICANÁLISE COM A LITERATURA: DE FREUD À CONTEMPORANEIDADE

Cintya de Abreu Vieira e Rejane de Souza Ferreira

Resumo: As relações estabelecidas entre a psicanálise e a literatura são marcadas por divergências, em sua maioria, atribuídas aos primeiros usos feitos pela psicanálise. Freud, fundador da psicanálise, inicialmente, se dedica a relação entre autor e obra, não só na literatura, mas na arte de forma geral, privilegiando a investigação da vida psíquica do autor em detrimento da produção artística. Contudo, no texto de 1919, *Unheimliche*, ao utilizar o conto “Homem de Areia”, de E.T.A Hoffman, o psicanalista enfatiza os aspectos da narrativa e de seus personagens e não a vida psíquica do escritor. Ele perscrutou na literatura a consistência para formulação dos seus conceitos, aproximando o saber do artista e do escritor ao do inconsciente, ao mesmo tempo que considerou que eles estivessem à frente do saber psicanalítico. Desde então, a psicanálise passou a encontrar na literatura uma possível vertente cultural, um material profícuo para estudar a linguagem, os laços sociais e os relevos de cada época, através do ficcional que é constituído do mesmo material de uma análise: a palavra, considerando as especificidades do campo literário e privilegiando a interpretação das camadas de significação do texto. Ao buscar compreender as mutações pós-freudianas de abordagem da literatura, essa pesquisa revela a transição de Freud a contemporaneidade, pois apesar de alguns psicanalistas não terem abandonado o determinismo entre a vida do autor e a obra, restringindo, portanto os estudos às práticas da patografia, da psicografia até chegarem à crítica psicanalítica; outros se desvinculam dessas práticas. Para pensar a própria prática clínica, Branco e Sobral propõem o termo psicanálise literária aproximando a prática psicanalítica dos processos ficcionais e poéticos da literatura, correlacionando escuta e leitura, fala e escrita.

Referências: ANDRADE, Mauro Cordeiro. Para que serve a escrita? Freud escreve (-se). *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 12, p. 31-41, 2005. AUTUORI, Sandra; RINALDI, Doris. A Arte em Freud: Um estudo que suporta contradições. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 34, n. 87, p. 299-319, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94632922002.pdf>. Acesso em 10 de janeiro. 2022. BARTUCCI, Giovanna (Ed.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Imago, 2001. BRACCO, Mariangela Oliveira Kamnitzer. Freud e o Prêmio Goethe. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 44, n. 81, p. 253-258, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

58352011000200020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 dezembro. 2022. BRANCO, Lucia C.; SOBRAL, Ayanne Priscila A. O que é psicanálise literária. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022. CALDAS, Heloisa. Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007. CHAVES, Ernani. Prefácio: O paradigma estético de Freud. In: FREUD, Sigmund. Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? (1919). In: Obras Completas Volume 14. História de uma Neurose Infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010. FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na Gradiva (1906). In: Obras Completas Volume o. O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. FREUD, Sigmund. O escritor e o fantasiar (1908). In: Obras Completas Volume o. O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. FREUD, Sigmund. O infamiliar [Das Unheimliche]—Edição comemorativa bilíngue (1919-2019): Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. Autêntica, 2019. FREUD, Sigmund. Personagens psicopáticos no palco (1942 [1905-1906]). In: FREUD, Sigmund. Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. FREUD, Sigmund. Prêmio Goethe (1930). In: FREUD, Sigmund. Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. FREUD, Sigmund. Questões da análise Leiga. Conversas com uma pessoa imparcial (1926). In: FREUD, Sigmund. Fundamentos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. FREUD, Sigmund. Trecho do manuscrito N, anexo à carta a Fliess, de 31 de maio de 1987. In: FREUD, Sigmund. Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Hiodoro; Romão, Tito Lívio Cruz. Prefácio: Escrever a clínica: Freud entre a ciência e a literatura. In: FREUD, Sigmund. Histórias clínicas: Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. LACAN, Jacques. Lituraterra. In: LACAN, Jacques Outros Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: LACAN, Jacques Outros Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. MILLER, Jacques-Alain. Un esfuerzo de poesía. Paidós, 2016. PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. As armadilhas do saber: relações entre literatura e psicanálise. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. Confluências: crítica literária e psicanálise. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. SOUSA, Edson Luiz André. Posfácio: Faróis e enigmas – Arte e Psicanálise à luz de Sigmund Freud. In: FREUD, Sigmund. Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

AMOR AO MAR: UMA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICO AFETIVA DA LIBERDADE FEMININA PELO VIÉS DO MATERIALISMO LACANIANO EM "TUDO QUE JÁ NADEI", DE LETÍCIA PINHEIRO DE NOVAES OU, APENAS, LETRUX

Fernanda Garcia Cassiano

Resumo: A proposta de pesquisa objetiva demonstrar como a relação afetiva que ultrapassa os limites interpessoais contribui para a leitura do desejo como pulsão de liberdade na representação feminina da literatura de Letícia Pinheiro de Novaes, em "Tudo que já nadei" (2021). De nome artístico Letrux, a também compositora, cantora e artista é reconhecida por sua grande maleabilidade com as palavras, já tão rarefeitas no terreno das demonstrações afetivas. Compreende-se que o afeto, provido da identificação por qualquer ser, se constrói individualmente, mas corrobora a formação de um sujeito social que busca emancipação e deseja o pertencimento. Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa é analisar a representação dos sujeitos femininos, na forma dos eu líricos presentes na seleção de contos e poemas da obra selecionada, com as contribuições das teorias sobre o afeto, percorridas por Safatle (2016), Noguera (2020) e Hooks (2021), por meio da esteira sociológica e psicanalítica de Žižek (2010; 2012; 2015), ao reler a hipótese de Lacan sobre a manifestação do amor elementar que, no caso em estudo, se dá pela - e para a - relação do eu lírico com o mar. Ao estender tais leituras aos estudos literários por meio da aplicação materialista lacaniana, Silva (2009) afirma que o Simbólico é um estágio no qual o indivíduo estrutura por códigos linguísticos socializadores, assim, a principal hipótese do estudo é a de que o afeto pode

ser uma instância simbólica que se relaciona, diretamente, com as estruturas sociais que compõe uma ordem simbólica restritiva ou libertária, visto que é por meio dessa configuração que a mulher constrói a sua rede de sustentação emocional e ideológica, a fim de que se compreenda que esse amor é, também, manifestação da crença do próprio sujeito, bem como dos mecanismos de ideologia e formação de sua identidade histórica.

Referências: HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021. LETRUX. Tudo o que já nadei: Ressaca, quebra-mar e marolinha. São Paulo: Planeta, 2021. Nogueira, Renato. Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020. SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Autêntica, 2016. SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ªed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216. ŽIŽEK, Slavoj. A visão em paralaxe. Boitempo editorial, 2015. ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. ŽIŽEK, Slavoj. O Amor Impiedoso (ou: sobre a crença). Trad. de Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DE PROFUNDIS – DA MELANCOLIA AO LUTO: O CONFRONTO DA PERDA

Fernando Guimarães Saves

Resumo: Esta apresentação visa discutir A uruguaia, um romance contemporâneo do escritor argentino Pedro Mairal, publicado em 2018 e traduzido em português por Heloisa Jahn, usando como aporte teórico não-imanentista o texto “Luto e Melancolia” (1981), de Sigmund Freud. O protagonista do livro, Lucas Pereyra, é quem nos narra a sua própria história, compondo uma focalização fundamental para o enredo, na voz de um narrador autodiegético que conta fatos vivenciados por si mesmo. É neste formato entrecortado por um monólogo interior (ou, por vezes, um solilóquio dirigido à esposa) que Lucas, o escritor, narra seu périplo existencial: um homem de 44 anos, casado, sem dinheiro, diante de uma crise conjugal pautada na dúvida da traição da esposa e no distanciamento afetivo entre ambos. Faz-se mister, a nosso ver, ratificar que não se trata de uma obra comum à literatura contemporânea em que, nesses casos, o enredo se desdobra em uma crise do processo de escritura do escritor-personagem. Trata-se, sobretudo, de uma narrativa que evidencia uma sinédoque da vida, do casamento, da paternidade, do sexo, do possível amor e de todas as imposições sociais e idiossincráticas provenientes dessas relações. É diante dessa narrativa que avaliaremos as perdas e frustrações afetivas, bem como seus impactos e influências.

Referências: MAIRAL, Pedro. A uruguaia. São Paulo: Todavia, 2018. FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

A CONTRADIÇÃO DO REAL NA TEXTUALIDADE DE DYONÉLIO MACHADO

Jonas Kunzler Moreira Dornelles

Resumo: A pesquisa procura utilizar análises marxistas e psicanalíticas contemporâneas, para propor uma interpretação sobre a produção literária de Dyonélio Machado. Médico neurologista que introduziu a psicanálise no Rio Grande, deputado estadual pelo Partido Comunista Brasileiro, escritor de 13 romances e um livro de contos nos quais seu conhecimento humanístico é visível. O ponto de partida, portanto, é que podemos encontrar uma ideologia “marxista humanista” atuando simbolicamente na estrutura textual dyoneliana, e que podemos encontrar nela uma contradição ideológica entre estratos burgueses/liberais (humanismo) e outros proletários (marxismo). Nas representações ambíguas e irônicas presentes em sua textualidade, como o protagonista de O Louco do Cati (vítima torturada e/ou assassino), Jesus Cristo em Deuses Econômicos e Vulturo de Ele Vem do Fundão (santificado e/ou demoníaco), revelam o limite simbólico ou contradição real advindo do marxismo humanista de Dyonélio Machado. Nesse sentido, as contribuições do pensamento de Louis Althusser e Jacques Lacan conforme utilizados por Fredric Jameson em sua concepção de inconsciente político, revelam como podemos fazer uma análise histórica da textualidade dyoneliana, considerando o posicionamento do ato simbólico de escrita dyoneliana. Ao desejar a

produção de uma literatura irônica, que opta pela ambiguidade e sobreposição de oposto contraditórios, Dyonélio Machado constrói a posição de um comunista que por um lado considerava a Intentona Comunista de 1935 um gesto improvisado e imaturo, e por outro, evitava assumir a posição panfletária que o faria alvo das instituições policiais e burguesas, baseadas no Direito e no discurso idealista do humanismo. É assim que podemos tomar sua posição ideológica como expressando uma contradição ao nível do real, revelando o antagonismo da luta de classes, simbolicamente recoberto pelo marxismo humanista de Dyonélio Machado.

Referências: ALTHUSSER, Louis. Para ler O Capital. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. ALTHUSSER, Louis. Por Marx. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. BARTHES, Roland. Sobre Racine. Porto Alegre: L&PM, 1987b. BARTHES, Roland. Michelet. São Paulo: Cia das Letras, 1991. BARTHES, Roland. S/Z. Uma análise da novela Sarrasine de Honoré Balzac. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. Petrópolis: Vozes, 2008. BELLEMIN-NOËL, Jean. Psicanálise e literatura. São Paulo: Cultrix, 1983. JAMESON, Fredric. Marxismo e forma. Teorias dialéticas da literatura do século XX. São Paulo: Hucitec, 1985. JAMESON, Fredric. O inconsciente político. A narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática, 1992. LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015. MACHADO, Dyonélio. Desolação. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005. MACHADO, Dyonélio. Deuses econômicos. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1976. MACHADO, Dyonélio. Ele vem do Fundão. São Paulo: Ática, 1982. MACHADO, Dyonélio. Endiabrados. São Paulo; Ática, 1980. MACHADO, Dyonélio. Fada. São Paulo: Moderna, 1982. MACHADO, Dyonélio. Nuanças. São Paulo: Moderna, 1981. MACHADO, Dyonélio. O cheiro de coisa viva. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995. MACHADO, Dyonélio. O Louco do Cati. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. MACHADO, Dyonélio. O pensamento político de Dyonélio Machado. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006. MACHADO, Dyonélio. Os Ratos. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004. MACHADO, Dyonélio. Passos perdidos. São Paulo: Editora Moderna, 1982. MACHADO, Dyonélio. Prodígios. São Paulo: Moderna, 1980. MACHADO, Dyonélio. Proscritos. Brasília: Siglaviva, 2014. MACHADO, Dyonélio. Sol subterrâneo. São Paulo: Moderna, 1981. MACHADO, Dyonélio. Terceira vigília. Manuscrito, 1966-1980. 163 folhas. Disponível no Acervo Literário Dyonélio Machado, junto ao Delfos/PUCRS. MACHADO, Dyonélio. Um pobre homem. Brasília: Siglaviva, 2017. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2010.

A TRAGÉDIA RODRIGUIANA E A MODERNIDADE PSICANALÍTICA: AFINIDADES ELETIVAS

Mariana Toledo Borges

Resumo: Nesta comunicação, pretendo apresentar alguns resultados retirados de uma investigação que se ocupou do modo como a psicanálise é manipulada pelo teatro de Nelson Rodrigues, inventor do que tenho denominado em minha pesquisa de tragédia à brasileira. São muitas as menções à psicanálise diluídas em várias de suas peças, sempre feitas de modo pouco elogioso e em tom de sarcasmo. Sabe-se que a psicanálise causou grande impressão entre as artes e a intelectualidade moderna como um todo, e no Brasil não foi diferente. O imperativo do parricídio possuía grande apelo aos artistas de vanguarda, que pretendiam enterrar a tradição estética erguida durante o século XIX e acabar com as convenções formais burguesas, entraves ao ímpeto criativo anunciado pelo século XX. Freud aparece, inclusive, no Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, e a psicanálise é referenciada mais de uma vez em O rei da vela. Nelson Rodrigues, ao contrário, despreza a normatividade oculta da psicanálise, sendo este um ponto emblemático de suas inclinações antimodernas e conservadoras, malgrado seja ele o pioneiro do teatro modernista brasileiro. A despeito de seu deboche com relação à nova “ciência” que assomava com força no século XX, as “afinidades eletivas” entre as tragédias rodriguianas e a psicanálise freudiana são hoje parte do senso comum (crítico e popular), coroando com cômica ironia os diálogos em que os personagens se referem à invenção de Freud. Mesmo encarando com espanto a chegada dos tempos modernos, Nelson não deixou, ele mesmo, de praticar seu parricídio particular, exterminando de seu

diálogo qualquer vestígio de instância moral e representando a caducidade arquetípica do moralismo entranhado na família tradicional brasileira, elementos que chocaram de maneira insólita a sociedade carioca de sua época. Impõe-se, como pano de fundo dessa investigação, a psicanálise como influente mediadora entre a tradição e a modernidade brasileiras.

Referências: ANDRADE, O. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. ANDRADE, O. O rei da vela. São Paulo, SP: Abril, 1976. FREUD, S. Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Penguin-Companhia das Letras, 2013. FREUD, S. O Inconsciente. In: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006, v.2 (Obras psicológicas de Sigmund Freud). FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns; tradutores Claudia Dornbusch... [et al.]. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006, v. 2 (Obras psicológicas de Sigmund Freud). FREUD, S. O Eu e o Id. In: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2007, v.3 (Obras psicológicas de Sigmund Freud). RODRIGUES, N. [1957] Perdoa-me por me traíres. In: Teatro completo de Nelson Rodrigues: tragédias cariocas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017b v. 2. RODRIGUES, N. [1959] Boca de Ouro. In: Teatro completo de Nelson Rodrigues: tragédias cariocas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, v. 2. RODRIGUES, N. [1962] Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária. In: Teatro completo de Nelson Rodrigues: tragédias cariocas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, v. 2. RODRIGUES, N. [1965] Toda nudez será castigada. In: Teatro completo de Nelson Rodrigues: tragédias cariocas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, v. 2.

O MUNDO É BÃO, SEBASTIÃO: HELDER MACEDO E AS METÁFORAS DO SEBASTIANISMO EM "NOITE DE INVERNO"

Marisa Corrêa Silva

Resumo: O olhar crítico à tradição messiânica sebastianista (cuja leitura lacaniana já foi feita por Phillip Rothwell) é elemento frequente na obra de Helder Macedo. A um só tempo reconhecendo a importância do modelo mítico-mágico-profético para a compreensão da cultura portuguesa e a necessidade de compreender esse mesmo modelo a fim de superá-lo, as referências ao Sebastianismo feitas de modo explícito, bem como às obras seminais da Literatura Portuguesa que bebem dessa fonte (como por exemplo, o Frei Luís de Sousa, de Garret), aparecem de forma reiterada e, frequentemente, em intertextos e/ou referências explícitas em sua obra. Em "Noite de verão", publicado em Fevereiro de 2022 pela Editora Nova Mymosa, as referências são indiretas, dialogando também com temas caros à tradição britânica das histórias de fantasmas, por exemplo. Numa obra que reúne, de forma concentrada (e, portanto muito potente) certas características formais e estilísticas da escrita macediana, "Noite de Verão" funciona como uma espécie de condensação da complexidade do autor, bem como de sua apurada criticidade, que recusa as soluções fáceis e polarizadas e que se coloca de forma ideologicamente clara, mas evitando as armadilhas da hipersimplificação. Ao retomar indiretamente os ecos sebastianistas e trabalhá-los de modo a desafiar o leitor atento a encontrá-los, percebe-se que Macedo aposta num leitor capaz de identificar as múltiplas camadas de seu texto, organizando seu percurso de leitura em forma de diálogo entre culturas distintas, tradições diferentes e um refinado senso de historicidade, cujo sentido geral pode ser traduzido na tradição psicanalítica da Morte do Pai.

Referências: ROTHWELL, Phillip - A Canon of Empty Fathers. Cranbury: Lewisburg: Bucknell University Press, 2007.

O OLHAR EMOLDURADO POR UMA JANELA INDISCRETA – SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CINEMA E PSICANÁLISE EM JANELA INDISCRETA (1954), DE ALFRED HITCHCOCK

Neurivaldo Campos Pedroso Junior

Resumo: Cinema e Psicanálise são contemporâneos. O ano de 1895 marca não apenas o nascimento da Psicanálise, pelas mãos de Freud e Breuer, mas, também, o nascimento do Cinema, orquestrado pelos irmãos Lumière. De 1895 para cá, muito se avançou e muita tinta ainda corre no papel com o propósito de se estabelecer uma reflexão teórico-crítica acerca das relações entre aqueles dois campos do saber. Conceitos fundamentais (e fundadores) da Psicanálise passam a ser relacionados às noções de teoria e crítica do cinema bem como a problemas práticos da produção de filmes. Nos debates atuais, emergem duas grandes tendências: de um lado, as interpretações psicanalíticas de narrativas fílmicas e, de outro, as relações homológicas entre as técnicas cinematográficas (enquadre, fotografia, música e montagem) e o processo clínico representado pelo tratamento psicanalítico. Nosso objetivo, nesta comunicação, é o de propor uma análise do filme *Janela indiscreta* (1954), produzido por Alfred Hitchcock, com vistas a discutir a elaboração de uma teoria do olhar, ao longo da narrativa cinematográfica, que pode ser articulada às teorias do olhar promovidas por Jacques Lacan, em especial no Seminário 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais de Psicanálise. Jacques Lacan propõe uma esquizo entre o olho e olhar. Ou seja, é por meio do olho que enquadrados o visível. Contudo, é o olhar – aquele objeto ausente do campo visual – que incita a ver. Dentro dessa pauta, destacamos que não é nosso interesse, nesta comunicação, tentar converter a obra cinematográfica em um sintoma da teoria psicanalítica, mas, salvaguardadas as especificidades de seus recursos cinematográficos, discutir como *Janela indiscreta* pode funcionar como mola propulsora para se abordar conceitos psicanalíticos.

Referências: DIDI-HUBERMAN, George. O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998. DUNKER, Christian Iago Lenz. “Fazer cinema, fazer psicanálise”. In: DUNKER, Christian Iago Lenz & RODRIGUES, Ana Lucília (Orgs.). Cinema e psicanálise: a criação do desejo. São Paulo: Rversos, 2015. LACAN, Jacques. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. LACOSTE, Patrick. Psicanálise na tela: Pabst, Abraham, Sachs, Freud e o filme *Segredos de uma alma*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. RIVERA, Tania. Cinema, imagem e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. ZIZEK, Slavoj (Ed.). Everything you wanted to know about Lacan but were afraid to ask Hitchcock. London: Verso, 2010.

FANTASMA SAI DE CENA: UM OLHAR FREUDIANO SOBRE A VELHICE A PARTIR DE PHILIP ROTH

Paula Farias Akkari

Resumo: Philip Roth (1933-2018), considerado por Harold Bloom o responsável pelo segundo ápice da literatura norte-americana (MARTÍ, 2018), empreendeu uma vasta obra literária condicionada a sua biografia. O autor não só assistiu a transformações sociais, como também examinou as próprias, fazendo da ficção uma vitrine da realidade contemporânea e dos territórios comuns do humano. O presente trabalho pretende expor e analisar o que nela consta sobre (su)a fase derradeira, a velhice – em uma decisão que pretende seguir na “quebra da conspiração de silêncio” (DE BEAUVOIR, 1970, p. 06) circundante ao tema, aglutinador de resistências uma vez que “expõe o limite ao qual todos nós somos submetidos” (MUCIDA, 2019, p. 16). À luz da psicanálise freudiana, um foco cairá sobre *Fantasma sai de cena* (2007), o volume final do projeto de formação – repetitivo e cheio de nós, como a neurose – de seu alter ego Nathan Zuckerman. Para com base em Freud comentar suas experiências, essas serão agrupadas em quatro núcleos de sentido cujos denominadores comuns são a perda e o luto: I) corpo, incontinente, dolorido e rejeitado; II) sexo, guardado pelos conflitantes quereres de seguir desejante ou deixar de sê-lo; III) desencontro com a atualidade, com as gerações mais novas, suas tecnologias e valores; e IV) morte, certamente próxima.

Referências: BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970. MARTÍ, Silas. Philip Roth era o ápice da literatura americana desde Faulkner, diz Harold Bloom. Folha de S. Paulo. 23 de maio de 2018. 11h04. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/era-uma-forca-e-esteve-entre-nos-por-muito-tempo-diz-paul-auster-sobre-philip-roth.shtml>. Acesso em: 29 de dez. de 2022. MUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. ROTH, Philip. *Fantasma sai de cena*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAS, “O QUE FAZER?”: ESCRITORES CRIATIVOS E A FANTASIA COMO PROPOSTA DE REINVENÇÃO DA REALIDADE

Polyana Corrêa

Resumo: Na psicanálise, Freud nos indica que o processo de fantasiar, enquanto ação psíquica, envolve sempre a correção de uma realidade insatisfatória. Além disso, o trabalho mental intrínseco ao fantasiar compreende três instâncias temporais que costuram a trama do desejo de um sujeito: uma impressão atual e propulsora — um objeto da realidade, uma pessoa, um contexto político insatisfatório — que faz com que uma memória do passado seja reaccessada e que o futuro possa ser montado ficticiamente como horizonte de realização de um ideal. Em um nível individual, esse processo abarca atividades simples e cotidianas como a brincadeira da criança, na qual ela cria uma realidade diferente daquela experienciada e o devaneio do adulto, momento no qual o psiquismo permite que a fantasia tome lugar de uma realidade controversa. Enquanto o indivíduo que devaneia geralmente não compartilha suas fantasias íntimas com o âmbito social, o escritor, ao criar uma obra literária, oferece ao mundo não só a representação psíquica de seus desejos íntimos, mas também a possibilidade de transformação de uma realidade opressora. No entanto, ao contrário das formas fantasiosas presentes nos devaneios e nas brincadeiras infantis, um livro pode mudar historicamente os rumos de toda uma geração. A fim de conduzir esta análise evocaremos o romance de 1863 intitulado “O que fazer?” do escritor Nikolai Tchernykhévski e sua respectiva importância não só para o contexto da Revolução Russa como também na mobilização política e prática dos leitores dessa obra. Apesar de sua condição de prisioneiro, da proibição do exercício de sua escrita jornalística e da censura vigente no regime czarista, o impacto do romance de Tchernykhévski traduz e transmite para o nível de ações possíveis na realidade as questões filosóficas, crítico-literárias e políticas circulantes no ambiente cultural para além da utopia.

Referências: Freud, S. (1908/1996). Escritores criativos e devaneio. In: J. Salomão (Trad.). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 131–143). Rio de Janeiro: Imago. Tchernykhévski, N. G. (2015). O que fazer?. Curitiba: Editoria Prismas. Trad.: Angelo Segrillo.

“ENTÃO FOI CONDUZIDO JESUS PELO ESPÍRITO AO DESERTO”: A PROFANAÇÃO EM QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Renata Kelen da Rocha

Resumo: Em Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende (2012), acompanhamos as tentações e o amadurecimento da narradora-protagonista, Alice, durante a sua quarentena, solitária e aparentemente sem-sentido, pelas ruas de Porto Alegre (RS). Buscamos, em analogia, compreender de que maneira a narrativa dos quarenta dias vividos por Jesus Cristo, no deserto, dialoga com a da autora brasileira. Para tanto, entendemos que a experiência de Jesus foi uma “fase preparatória” para poder herdar os céus e a terra, considerada por Mircea Eliade (2001) como sagrada, haja vista a presença fixa e central desse ser sacralizado em um território caótico, desconhecido e desorientado de sua própria estrutura. Já na obra literária, quando a protagonista percebeu a fragilidade e a ilusão dos significantes “dever e família”, que orientavam a sua identidade, notamos um sinal, via linguagem, de que lhe faltava o desejo. Não faltava qualquer desejo, mas, sim, o desejo do Grande Outro. Empregamos esses elementos na esteira de Lacan (2005; 2016), Silva (2009; 2019) e Žižek (2010; 2015). A partir disso, destacamos que, nas ruas da capital gaúcha, com os desvalidos, a protagonista vagava em uma realidade distinta da envelopada de onde saíra, fosse da Paraíba, estado em que vivera e desfrutara de algo, fosse do apartamento novo que lhe gerava angústia. Nesse “deserto urbano”, onde era a forasteira — por possuir recursos e bens —, a tentação de Alice foi abster-se de confortos, amenizar necessidades enquanto possuía meios e compartilhar misérias, ou seja, a sua tentação foi “jejuar” junto daqueles que lhe eram “inferiores”, os desafortunados. Logo, essa versão literária do jejum no deserto pode ser interpretada como uma profanação da experiência, já que, ao invés de preparar um ser para a sua herança celestial, uma mulher comum experimentou alguns limites e imposições sistêmicas que escapam de sua vontade individual.

Referências: A BÍBLIA. Mateus 4: A tentação de Jesus. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Geográfica, 2013. 368 p. ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. LACAN, Jacques (1958-1959). O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação. Porto Alegre: Zahar, 2016. LACAN, Jacques (1962-1963). O Seminário, livro 10: a angústia. Porto Alegre: Zahar, 2005. REZENDE, Maria Valéria. Quarenta Dias. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014. SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019. p. 205-210. SILVA, Marisa Corrêa. O percurso do Outro ao Mesmo: sagrado e profano em Helder Macedo e em Saramago. São Paulo: Arte & Ciência, 2009. ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. ŽIŽEK, Slavoj. O amor impiedoso (ou: Sobre a crença). Trad. Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DO FEMININO EM QUANDO A PRIMAVERA CHEGAR, DE MARINA COLASANTI

Sylvia Maria Trusen

Resumo: "Quando a primavera chegar", livro de contos de Marina Colasanti, publicado em 2017, recupera o trajetória de sua obra que relê a tradição da literatura do maravilhoso, introduzindo motivos que refletem não só temáticas ligadas ao desamparo, à morte, ao amor, mas também à representação da mulher e do feminino. Advertidos de que tais temas se fizeram desde sempre presentes na psicanálise, dada sua importância tanto no pensamento freudiano quanto lacaniano, pretende-se ler a obra pela chave psicanalítica. Contudo, a escolha deste viés, furtando-se a qualquer pretensão reducionista, enseja esquivar-se da pretensão de aplicação do método psicanalítico à ficção, optando por trabalhar com operadores, tais como as noções do desejo do feminino (Lacan) e da mulher (Freud), de modo a dialogar com os contos de Colasanti. Tal escolha, conquanto reconheça o diálogo nem sempre pacífico entre literatura e psicanálise, por um lado, e as temáticas do gênero, por outro, sustenta-se pela constatação da importância do pensamento freudiano, não somente no que concerne à escuta do sofrimento e desejo das mulheres de seu tempo, mas também pela senda inaugurada pela psicanálise. Com efeito, é a partir dela que se franqueiam novos espaços para identidades singulares, especialmente a partir da modernidade. Nesse sentido, centrais para a leitura aqui ensejada serão, no campo da psicanálise, além da coletânea de textos freudianos reunidos no Amor, sexualidade, feminilidade, o Livro 03, as Psicoses e A significação do Falo (Lacan), assim como alguns de seus principais comentadores: Introdução a Jacques Lacan (Safatle) Deslocamentos do Feminino (Maria Rita KEHL), La question féminine, de Freud a Lacan, de Markos Zafiropoulos, Cartografias do feminino, de Joel Birman. Cumpre ainda mencionar, no âmbito dos estudos literários, O que é escrita feminina (Lúcia Castello Branco) e Los poderes de la ficción (Victor Bravo).

Referências: BRAVO, Victor. Los poderes de la ficción. Caracas: Monte Ávila, 1985 FREUD, S. Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte : Autêntica, 2018. (Obras incompletas de Freud : v. 07) KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino. 2ª ed . São Paulo : Boitempo, 2016 LACAN, J. Livro 3, As psicoses. 2a ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1988 LACAN, J. Os escritos. Rio de Janeiro : Zahar, 1998. SAFATLE, V. Introdução a Jacques Lacan. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

DO NARCISISMO PRIMÁRIO AO LAÇO PERVERSO: O IMPOSSÍVEL DO DESEJO EM SANGUE NO OLHO, DE LINA MERUANE.

Zuila Kelly Da Costa Couto Fernandes De Araújo e Andreia Da Silva Santos

Resumo: Desde o lançamento de sua primeira obra, Lina Meruane chamou atenção da crítica pela forma inusitada como conseguia entrelaçar narrativas e trazer à tona perspectivas ambivalentes quanto às identidades. Com temáticas bastante distintas entre si, sua escrita é atravessada por um traço de preocupação com a linguagem e a forma como esta pode vir a ocultar/revelar, instituir/destituir relações complexas entre os sujeitos. Ao construir a narrativa de Sangue no olho, Lina Meruane problematiza a centralidade da visão, ao mesmo tempo em que nos conduz a uma reflexão a respeito das relações intersubjetivas marcadas pela posição que os sujeitos ocupam: no romance familiar, nos arranjos amorosos. O presente artigo consiste em uma leitura do referido

romance tomando por base a crítica psicanalítica. A obra é narrada por Lucina, personagem protagonista, e apresenta a trajetória de uma escritora que tem sua vida marcada pela convivência com uma enfermidade nos olhos, para a qual o tratamento é incerto. É possível associar o romance a uma já tradicional escrita da cegueira, cujas raízes podem ser rememoradas desde a mitologia grega, das quais podemos citar Édipo e Tirésias como figuras emblemáticas; mas que persiste também em obras contemporâneas como *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, ou *Informe sobre Cegos – terceira parte de Sobre Héroes y Tumbas* (1991), de Ernesto Sábato, dentre outros. O escopo de nossa análise, entretanto, recai sobre a forma como são tecidas e se desdobram as relações da protagonista com sua mãe e seu namorado, atravessadas pela condição da cegueira, mas, sobretudo pela inscrição do desejo. Para tanto, recorreremos aos conceitos de narcisismo primário, desenvolvido por Freud em sua *Introdução ao Narcisismo* (1914), e de montagem perversa, a partir das considerações de Contardo Calligaris em *Perversão – um laço social?* (1986).

Referências: CALLIGARIS, Contardo. *Perversão - um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural J.Lacan, 1986. FOSCARINI, Silvia Regina Gomes (et. al). *Trauma, perversão e laço conjugal*. Reverso. Belo Horizonte. Ano 26, n 51. p. 77-84. Ago, 2004. FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo; ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*; tradução Paulo César de Souza. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. MELMAN, Charles; LEBRUN, Jean Pierre. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Companhia de Freud: 2003. MERUANE, Lina. *Cercada*. Santiago: Cuarto Próprio, 2000. MERUANE, Lina. *Fruta podrida*. Chile: FCE, 2007. MERUANE, Lina. *Las infantas*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010. MERUANE, Lina. *Póstuma*. Novela. Santiago: Planeta, 2000. MERUANE, Lina. *Sangue no olho*. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018. MERUANE, Lina. *Sistema nervoso*. 1. ed. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2020. MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. *Édipo em Freud: o movimento de uma teoria*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004. PALMA, Clemente. *Los ojos de Lina*, in: *Narrativa completa*. Pontificia Universidad Católica del Perú Ediciones del Rectorado, Lima, 2006. QUEIROGA, Lula. *Noite severina*. In: *aboiando a vaca mecânica*. [2001]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aE6ueyXnfhI>. Acesso em: 05 ago 2022. SÁBATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. 5. ed. (definitiva). Barcelona, Editorial Seix Barral, S. A.: 1991. SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SIMPÓSIO “HISTÓRIA DA LITERATURA: UMA NARRATIVA EM MUTAÇÃO?”

Márcia Rios da Silva (UNEB), Thiago Martins Caldas Prado (UNEB) e Regina Kohlrausch (PUCRS)

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO E ACEITAÇÃO DOS QUADRINHOS NOS ESPAÇOS FORMAIS DE ENSINO

Gleica Helena Sampaio Machado Macedo, Thiago Martins Caldas Prado

Resumo: Ao longo dos anos o uso das histórias em quadrinhos foi marcado por questionamentos quanto à sua legitimidade enquanto ferramenta para a construção do conhecimento. No entanto, ainda que não tenha desaparecido por completo, a resistência ao uso do gênero contemporâneo tem diminuído consideravelmente nas últimas décadas. Hoje, o interesse pelo estudo da linguagem quadrinística é significativo no Brasil (VERGUEIRO, 2017). Contudo, isso precisa incidir ainda mais nas escolas básicas, nestes espaços, deve-se disseminar a ideia de que, “sim”, as HQs podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica. Sobre isso Neto e Silva (2015) afirmam que muitos professores encontram dificuldades e algumas preocupações quanto à credibilidade do trabalho com este gênero. Assim, é necessário discutir estratégias de inserção e uso das histórias em quadrinhos enquanto ferramenta pedagógica. Os quadrinhos devem ser trabalhados na escola, assim como a literatura já o é, o trabalho com um suporte não inviabiliza o outro. Na verdade, a sala de aula deve ser espaço de instigar as mais distintas leituras, incentivando habilidades diferenciadas aos alunos.

Destarte, o presente estudo, por meio de uma revisão literária, objetiva uma breve discussão sobre o processo de legitimação e aceitação dos quadrinhos nos espaços formais de ensino e as possibilidades de uso das HQs enquanto suporte pedagógico.

Referências: NETO, Elydio dos Santos; SILVA, Marta Regina. Introdução: Os gibis estão na escola, e agora? In: _____. Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola e agora? São Paulo: Criativo, 2015, p. 10-13. NOGUEIRA, Natania A. S. Gibiteca: possibilidades de criação e uso no trabalho pedagógico com crianças, jovens e adultos. IN: Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola e agora? Organizadores Elydio dos Santos Neto, Marta Regina Paulo da Silva. São Paulo: Criativo, 2015. p. 89-101. VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-29. _____. Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil. São Paulo: Criativo, 2017. _____. Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2017.

AS IDEIAS DE ROMANCE E HISTÓRIA ENTRE O PARÁ E O MARANHÃO

Izenete Nobre Garcia,

Resumo: No século XIX, a cidade de Belém do Pará se destacou como metrópole da Amazônia por sua importância comercial e sua posição estratégica para exportação e importação de produtos vindos da Europa. Sua posição econômica e política, na região, permitiu que pessoas e ideias confluíssem em movimento dinâmico de partilha com outras cidades do Império, incluindo São Luís - Ma. A atividade letrada nessas duas províncias já era partilhada por sua origem histórica e geográfica, mas no século XIX se desenvolveu e consolidou por meio da imprensa periódica. Por isso, faz-se necessário estudar a imprensa como esse veículo que oferece subsídios para compreender o processo de sistematização do mercado consumidor da literatura escrita e de formação de um público leitor. Nas páginas dos jornais paraenses e maranhenses, facilmente, encontram-se informações, notícias, críticas e anúncios sobre romances e pessoas que transitam de um lado a outro, seja entre Pará e Maranhão, seja entre Pará e Portugal, seja entre Maranhão e Portugal. Considerando a existência de uma economia e formação histórica comuns até o século XVIII, levante-se a hipótese, também, de um perfil literário e cultural partilhados para além da divisão econômica e geográfica que ocorrera no dito século. Nesse sentido, o objetivo dessa comunicação é entender como as trocas literárias presentes entre as duas províncias permitem pensar a construção de um sentimento regional e/ou nacional na segunda metade do século XIX.

Referências: ABREU, Márcia. Os caminhos dos livros. Campinas: Mercado de Letras, 2003. AZEVEDO, José Eustachio de. Literatura Paraense. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990. AZEVEDO, José Eustáquio de. Antologia Amazônica: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918. BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. BLAKE, Sacramento. Dicionário bibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902. 7. vols. BRANDÃO, J. J. L. Presença maranhense na Literatura Nacional. São Luís: SIOGE, 1979. BRASIL, A. (Org.). A poesia maranhense no século XX. Antologia. Rio de Janeiro: IMAGO; São Luís: SIOGE, 1994. BRITO, Broca. O romance-folhetim no Brasil. In: _____. Românticos, pré-românticos e ultrarromânticos: vida literária e Romantismo brasileiro. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1973. CALDEIRA, J. de R. O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX. São Luís: SIOGE, 1991. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, p. 73-88. CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitoras, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999. CORRÊA, R. Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus/Corrêa & Corrêa, 2001. SOUZA, Antonia Pereira de. A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) –Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.

O INCÔMODO LUGAR DA POESIA DE CRUZ E SOUSA

Júlio Cezar Bastoni Da Silva

Resumo: A produção do poeta catarinense Cruz e Sousa parece ocupar um lugar relativamente vário em nossa tradição crítica e historiográfica. Em sua recepção imediata, em 1893, Araripe Júnior, a partir de um viés ligado às teorias raciológicas de seu tempo, parece ter determinado um espaço para a recepção da poesia sousiana que ainda nos esforçamos por superar: a de um poeta “maravilhado” (ARARIPE JR., 1963, p. 147) com as conquistas da civilização, pouco afeito ou mesmo avesso às lides sociais da época. De outro lado, a publicação tardia de suas obras completas, organizadas por Andrade Muricy a partir do material legado pelo poeta a seu amigo Nestor Vitor, nos evidenciou a faceta abolicionista e mesmo antirracista do autor, senda continuada até estudos recentes, como os de Alfredo Bosi (2002) e Cuti (2009). Entre um poeta, portanto, afastado das questões materiais e políticas de seu tempo, e outro, profundamente vinculado à reflexão e crítica às consequências do racismo brasileiro de origem colonial-escravista, há uma clivagem que, a nosso ver, ainda não foi superada, pois aparentemente reside em ênfases diversas sobre manifestações particulares da poesia do autor. Em outras palavras, a poesia sousiana se dividiria em duas vertentes aparentemente não comunicáveis, entre a de um tribuno e a de um místico, um poeta simultaneamente voltado às questões da imanência e às da transcendência. Esta comunicação pretende, nesse sentido, refletir sobre esse “incômodo lugar” da poesia sousiana em nossa tradição historiográfica, procurando avaliar alguns pontos nevralgicos de sua recepção crítica e seus processos de canonização, bem como buscar possibilidades de compreendê-la como resultado de um projeto literário orgânico, o que pode contribuir para o delineamento de seu perfil particular na poesia brasileira, a partir de sua experiência na periferia da modernidade ocidental.

Referências: ARARIPE JÚNIOR. Movimento literário do ano de 1893. In: ARARIPE JÚNIOR. Obra crítica. Rio de Janeiro: MEC: Casa de Rui Barbosa, 1963. p. 105-194. v. 3. BOSI, Alfredo. Poesia versus racismo. In: _____ Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 163-185. CUTI. A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DA LITERATURA MUNDANA AOS USOS DE UM CAPITAL DE CONSAGRAÇÃO: JORGE AMADO, A PARTILHA DO BEM COMUM E A ESCRITA DA HISTÓRIA LITERÁRIA

Márcia Rios da Silva

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão acerca do lugar da recepção para a escrita da história da literatura, tomando como ponto de partida uma apreciação do capital de consagração (BOURDIEU, 2004) conquistado por Jorge Amado e os usos desse capital na circulação da sua produção romanesca em um contexto em que um mercado de bens culturais se apresenta altamente competitivo e se tem uma “partilha do sensível” mais democrática na comunidade política (RANCIÈRE, 2005). Nessa reflexão, considera-se que a literatura amadiana contribuiu para essa democratização, posto que o escritor a tornou mundana, ao conceber o livro como mercadoria (FEBVRE, MARTIN, 1992), consolidando um circuito de recepção ímpar ao aderir a formas distintas e meios diversos de divulgação da sua literatura, seja barateando edições dos livros, seja promovendo adaptações de suas narrativas e traduções em diferentes países e línguas. Administrado pela Fundação Casa de Jorge Amado, esse capital de consagração transita atualmente no circuito dos bens culturais através de iniciativas pontuais e arrojadas, em espaços de prestígio e de grande repercussão midiática. A Fundação sinaliza uma reprogramação ou reorientação da literatura do escritor através de um gerenciamento arrojado, buscando parcerias institucionais e apoios financeiros seguros. Os eventos, ações e produções artísticas inspirados na literatura de Amado tornam flagrantes uma renovação das práticas de recepção e uma visão de cultura como recurso e investimento, pelo estoque de produtos culturais disponível (YÚDICE, 2004), no circuito da “economia criativa”. Essa discussão busca apoio ainda nos estudos de recepção (JAUSS, 2009) e no campo da historiografia literária (MOREIRA, 2002, OLINTO, 2002).

Referências: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2004 (Estudos). FEBVRE, Lucien, MARTIN, Henri-Jean. O aparecimento do livro. São Paulo: UNESP, 1992. JAUSS, Hans Robert. A história literária como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 2009.

MOREIRA, Maria Eunice. História da literatura: algumas considerações teóricas. Revista Vidya. Número 37. Janeiro/junho 2002. <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/471/457>. Acesso em 05/04/2022. OLINTO, Heidrun, Kreiger. Histórias de literatura: conflitos e caminhos. Revista Léngua & Meia, número, 1, UEFS. 2002. Disponível em http://www2.uefs.br/ppglcd/revista1_35.html. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível; estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009. YÚDICE, George. A conveniência da cultura; usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

JORGE AMADO PELAS RUAS DA CIDADE DA BAHIA: PELOURINHO, TABUÃO, BAIXA DOS SAPATEIROS E ESTRADA DA LIBERDADE

Maria Livia Ferreira Dos Santos

Resumo: A proposta do presente trabalho é apresentar as geografias da Cidade da Bahia de Jorge Amado. Algumas das paisagens, caminhos e lugares da capital baiana são focalizados como trilhas percorridas pelo protagonista e demais personagens. O autor nos apresenta seu olhar sobre Salvador, inspirando-se em acontecimentos que o circundam e se realizam no dia-a-dia da cidade, marcada pela herança colonial com tudo que tal experiência é capaz de carregar e de significar. O autor traz à luz desde a beleza do desenho arquitetônico da urbe, o extenso litoral, cores e sabores, a resistência de uma gente pobre e preta em sua grande maioria. Assim como um jornalista, Jorge Amado vai descrevendo a cidade em sua narrativa com incrível sutileza e riqueza de detalhes. Imbrica amor e tristeza ao dissertar sobre os afetos de Quincas, ao mesmo tempo que faz denúncia das mazelas de São Salvador da Bahia. A cidade se constitui, por excelência, como aquele espaço comprometido com relações mútuas, dinâmicas e recíprocas que se completam e se retroalimentam. Ao longo da própria história, essa urbe nordestina vai se consolidando como ponto de convergência de sujeitos e cidadãos, muitos oriundos de zonas rurais e/ou de pequenas comunidades, desejosos de participar, integrar, usufruir, enfim, realizar as expectativas alimentadas sobre o mundo citadino. O migrante rural quer vivenciar o lado bom das transformações, que encantam não só o homem urbano. Também o cidadão das pequenas vilas e do mundo campestre quer integrar a maior cidade do estado e viver o progresso e as delícias a serem experimentadas somente na capital, ainda que provinciana, mas já vista como cidade grande – imagem e posição com que Salvador se apresentaria.

Referências: AMADO, Jorge. A morte e a morte de Quincas Berro D'Água. 86 ed. Rio de Janeiro: Record, 1961. AMADO, Jorge. Bahia de Todos os Santos. Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. São Paulo: Martins, 1966. AMADO, Jorge. Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. AMADO, Jorge. Capitães da areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. Turismo, identidade e consumo cultural. In: _____. e FERNANDES, Ana. (Orgs.). Pelo Pelô: história, cultura e cidade. Salvador: EDUFBA, 1995. p. 47-58 SANTOS, Milton. O centro da cidade do Salvador. Estudo de geografia urbana. Salvador: Progresso, 1959 SILVA, Maria Auxiliadora. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio Além do Carmo. In: Pedro de Almeida Vasconcelos; Sylvio Bandeira de Mello e Silva. (Orgs.). Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira. Salvador: EDUFBA. 1999. p. 259-271.

CANUDOS: RECEPÇÃO E HISTÓRIA NA LITERATURA EM "O SILÊNCIO DO SINO", DE IVAN SANTTANA.

Maria Raimunda Oliveira de Carvalho

Resumo: A história de Canudos contada pelos registros da República por muito tempo nega a autenticidade das memórias daqueles que sobreviveram ou conviveram com sobreviventes, os registros orais não foram suficientes para demarcar o episódio que marcou a história do Brasil. Essa oralidade se apresentou como ferramenta importante para a valorização da escuta e narrativas, destacando fatos que descreviam evidências do comportamento dos homens da república e os conselheiristas. Segundo Zilberman: É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções.

(v.10, p.85, 2008) Com isso, a representação do contexto genocida no arraial do Belo Monte e seus personagens traz a lume o despertar para uma leitura de recepção que dialoga com a literatura nas suas interfaces. Em *O Silêncio do Sino* foi detalhado momentos que marcaram o episódio e representa o comportamento da comunidade atual na perspectiva da identidade, o sentimento de pertença, a recepção, a memória subterrânea e coletiva. Conforme POLLAK (1989) esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. E completa: “Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” POLLAK (v. 2, p. 3-15, 1989).
Referências: CUNHA, Euclides da. Os sertões: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., 363p. POLLAK, Michael. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. ROCHA, J.C. (org.). Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. SANTTANA, Ivan. *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos*. São Paulo: Lura Editorial – 1ª Edição, 2019. SILVA, José Calasans Brandão da. Cartografia de Canudos. Salvador: Assembleia Legislativa, 2015, 330 p. ZILBERMAN, R. Estética da recepção e história da literatura. Ed. Ática. São Paulo. 1989.

CRONISTAS BRASILEIRAS: UMA ESCRITA SOBRE A RUÍNA, UM GÊNERO EM TRANSFORMAÇÃO

Natalia Susin Cechinato

Resumo: A crônica é o contorno mais vulnerável da literatura? É assim considerada por nascer nos jornais brasileiros, de acordo com Antonio Candido (1989) e José Marques de Melo (1985)? Ou por utilizar seus modos de ser para representar fatos históricos? O presente narrado neste formato é memória traduzida por artifícios híbridos, que transitam desde o jornalismo até a literatura. A memória e a subjetividade em constante intercâmbio e o poder da face política e crítica, é que revelam sua função social. A crônica como “representação alegórica do tempo” (RESENDE, 1993, p. 60), é uma reunião de partículas que inauguram múltiplos sentidos da história, articulando-se como gênero que, ao ser construído, também constrói opiniões. Sendo assim, a crônica publicada em jornais impõe-se como documento histórico, quando invocada ou imaginada narradora da situação social de um período. Esta proposta, que é parte da minha investigação para a tese de doutorado, questiona de que forma o que entendemos por gênero crônica modifica-se ao longo do tempo, a partir de vozes de mulheres cronistas do Brasil. Para tal, analiso fragmentos de textos de Eliane Brum, Natalia Borges Polesso e Cidinha da Silva, em interlocução com as ideias de pesquisadoras que se dedicam ao estudo gênero, como Beatriz Resende (1993), quando interpreta a crônica como ruína e Constância Lima Duarte (2003) que disserta acerca das ondas do feminismo no Brasil e contribui para a história da Literatura, sempre em diálogo com o papel das escritoras e jornalistas pioneiras deste país.

Referências: CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: Para Gostar de ler. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1989 DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, 17(49), 151-172. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em 7 Jan. 2023 MELO, José Marques de. A Opinião No Jornalismo Brasileiro. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985. RESENDE, Beatriz; BARRETO, Lima. o Rio de Janeiro em fragmentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

O “OUTRO” NA HISTÓRIA DA LITERATURA: DOS OLHOS DE RESSACA AOS AFROBRASILEIROS DOS CADERNOS NEGROS.

Nilo Rosa dos Santos

Resumo: O texto se propõe a discutir a trajetória histórica de Machado de Assis e do periódico *Cadernos Negros*, analisando como “o outro” é representado na literatura brasileira. Para isto faremos um percurso que irá dos “olhos de ressaca” de Machado de Assis” aos “negros” dos *CADERNOS NEGROS*. Em Machado, vamos considerar, com Barthes, Bentinho como “um sujeito jogado entre duas linguagens”, a primeira expressiva, quando os olhos de ressaca de Capitu lhe capturam. A segunda, dentro da análise semiótica e psicanalítica, quando o criador é assombrado pela dura realidade de seu passado. A primeira é analisada “ad nauseam”, a segunda invisibilizada enquanto situação do outro. Nos *Cadernos Negros*, em função longevidade e das questões discutidas

na antologia. Vamos nos basear nos estudos recentes destas obras, principalmente no livro da Professora Florentina Souza. Ela afirma: “A invisibilidade social do afro-brasileiro manifesta-se, ainda, na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinados pela sociedade” (SOUZA). Por isso, os negros na literatura são minorias. Machado ganha sua visibilidade quando se disfarça de branco. Para isto, contribuem os historiadores e o próprio gênio, entretanto este deixa pistas, em seus escritos, de suas fraquezas, que o tornariam como os “outro”. Os Cadernos Negros dão uma visibilidade a história de escritores e escritoras negros/as que, em caso contrário estariam totalmente esquecidos, restando para eles o estereótipo da seguinte expressão, os negros bons não são bêbados (MACAHDO DE ASSIS), os negros bêbados não são bons (LIMA BARRETO).

Referências: ASSIS, Machado. Dom Casmurro, Penguin-Companhia; 1ª edição 2016 BARRETO, Lima. Clara dos Anjos, Penguin-Companhia; 1ª edição 2012 BARTHES, Roland. A Câmara clara. 3e. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. DELEUZE Gilles, Différence et répétition, Paris, PUF, 1968. CAMUS, Albert. L'Étranger, Profil-Litteraire.fr (29 fevereiro 2016) OLINTO, Antônio. Literatura Brasileira, Editora Lisa, 1994 SANTOS, Nilo Rosa. Sindicato, Poder, e Al - teridade: o “Outro” nas relações políticas – Salvador, CRAES, 2004 SOUZA, Florentina da Silva. Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DELFO – ESPAÇO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL DA PUCRS: UMA DAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS A SER NARRADA

Regina Kohlrausch

Resumo: A história da literatura, conforme expresso na ementa deste Simpósio, “entendida como escrita e campo disciplinar, não está assentada sobre um discurso unívoco em torno de uma unidade nacional”, mas vem sendo “tecida na escuta de diferentes vozes, provenientes de estratos sociais variados, que emergem na produção literária, em particular, na literatura brasileira”, conformando-se, por isso, à luz de impulso revisionista a partir de reflexões teóricas e metodológicas do campo dos estudos comparados, inclusive, porque passa a incluir em sua escrita “sujeitos de segmentos diversos, dentre os quais, as minorias étnicas, raciais e sexuais”. Tal postura tem estimulado pesquisas sobre autores e autoras e obras que ficaram à margem do cânone e sobre o papel das histórias regionais ou locais e tem oportunizado descoberta de acervos ainda pouco ou nada explorados. Tem, além disso, acentuado o interesse pela interpretação de produções literárias e culturais contemporâneas marcadas pela heterogeneidade autoral, diversidade de temas e de arranjos formais acenando, por isso, a uma escrita de histórias de literatura, no plural, e ao declínio da história literária única. Frente a isso, considerando a composição de acervos literários do DELFO, mais de 40, exclusivos do espaço cultural sulino e de sujeitos já validados pelo cânone, a presente proposta de comunicação visa a discutir o processo de composição desse espaço de documentação e, ao mesmo tempo, prospectar questões que oportunizem pensar a desigualdade em relação aos acervos de mulheres frente ao predomínio de acervos de homens e também acerca de ausências de nomes significativos do sistema literário sulino e, consequentemente, brasileiro.

Referências: DUARTE, Constância Lima, DUARTE, Eduardo de Assis, BEZERRA, Kátia da Costa (org.). Gênero e representação: teoria, história e crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Moreira, Maria Eunice. História da literatura: alguns problemas e (in)certas propostas. In: MOREIRA, Marai Eunice (org.). Papeis nada avulsos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 11-20. MOREIRA, Alice T. Campos. DELFO/PUCRS – ponto de convergência para duas vertentes críticas. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). Papeis nada avulsos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 39-47. OLINTO, Heidrun Krieger. Histórias da literatura. As novas teorias alemãs. Rio de Janeiro: Ática, 1996. ZINANI, Jeanine Albert & SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (org.). A mulher na história da literatura: estudos da produção literária de escritoras da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: UCS, 2015.

“TEMPO, VIDA, POESIA”: CONSIDERAÇÕES DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE SOBRE A “REVOLUÇÃO DE 1930”.

Thadeu Togneri Moreira

Resumo: Embora ainda pouco estudado, há um vasto itinerário de obras em prosa onde Carlos Drummond de Andrade discute marcadamente: o ofício de escritor, a condição do intelectual, a reflexão sobre o propósito da estética e da literatura, bem como a conjuntura política de momentos históricos marcantes, como a “Revolução de 1930”, a Segunda Guerra Mundial e o “Estado Novo”. Cabe considerar também que o debate acerca da cultura brasileira institui uma tradição entre os escritores nacionais, manifestando um traço constante, que delineia o roteiro de um “itinerário intelectual coletivo”, principalmente em relação a um processo contínuo de representação da identidade cultural nacional; e que alguns literatos modernistas produziram relatos privilegiados sintetizando tanto as condições sociais de sua intelectualidade, como os dilemas implicados na problemática da atuação nos projetos políticos de modernização do Estado Nacional no Brasil. Nessa medida, ao refletir sobre sua participação social no decênio de 1930, o intelectual modernista, além de contribuir para a constituição da história da literatura brasileira, evidencia em que medida a renovação dos meios expressivos promovida por ele se insere tanto nos âmbitos do Governo Provisório e do Estado Novo na “Era Vargas”, como no contexto geral de sua época. Na evidência de que a problematização desses aspectos é um programa discursivo da prosa Drummondiana que se consolida a partir de 1940, busca-se demonstrar como “Tempo, vida, poesia” reflete sobre a compreensão de Carlos Drummond acerca da “Revolução de 1930” e do Estado Novo. Nesse sentido, desenvolvendo um dos eixos temáticos que ainda poderiam ser abordados na tese “Tempo, vida, poesia: perfil autobiográfico na prosa Drummondiana”, o presente trabalho aborda algumas perspectivas de Drummond sobre a “Revolução de 1930” que contrastam com sua reflexão acerca das formas de atuação do intelectual vivenciadas durante o governo varguista. (MOREIRA, 2019)

Referências: MOREIRA, Thadeu Togneri. “Tempo, vida, poesia: perfil autobiográfico na prosa drummondiana”. Tese(doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2019.

CONTAÇÃO ANEDÓTICA E REDESCOBERTA DE OUTROS MODERNISMOS – A RESPEITO DO LIVRO MODERNISMO, BAHIA & SERGIPE, DE GILFRANCISCO

Thiago Martins Caldas Prado

Resumo: Com 100 anos de realização da Semana de Arte Moderna recentemente completos, é necessário repensar a difusão dos ideais modernistas na Literatura Brasileira evitando-se cair no erro de eleger eventos escassos (considerados importantes) a dar golpes na história e, de uma hora para outra, realizar mudanças no cenário estético-nacional. Nesse sentido, aproveitar a data para elogiar momentos cristalizados pela historiografia tradicional parece prolongar o equívoco de que o modernismo brasileiro dependeu de um grupo pequeno de artistas bem intencionados e de que o único solo sagrado no qual tais ideais puderam ser concebidos e aplicados estaria em São Paulo. Se desarmarmos as armadilhas tradicionais da historiografia literária, melhor dizendo, se escolhermos modificar o gênero discursivo usual da narrativa histórica da literatura, é possível experimentarmos uma abertura para outra dimensão ainda não falada sobre o início do modernismo como evento literário. Modificar a forma de contação é, nesse sentido, abrir uma porta até então trancada; é despertar assuntos ocultos (esquecidos ou invisibilizados) que podem ser agora manifestos por um estilo e por uma estrutura de linguagem que nos havia sido censurados na organização do saber da matéria da história literária. Sob essa perspectiva, esse trabalho investiga a eleição do gênero textual do livro *Modernismo – Bahia & Sergipe*, de Gilfrancisco (2022), que, ao se deixar influenciar por um modo anedótico de apresentação dos eventos literários, nos dá uma interpretação a respeito do modernismo literário nacional como um movimento descontínuo que se permite a vários inícios, em diversos locais e sob a adoção de uma série de particularidades que desafiam os momentos consagrados já eleitos pelos compêndios de literatura. Para isso, autores como Douglas (1975), que comenta a retórica do gênero piada, e Prado (2018 e 2021), que explicita o projeto de historiografia literária de Gilfrancisco, servirão de bases teóricas.

Referências: DOUGLAS, Mary. *Jokes. Implicit meanings: selected essays in Anthropology*. Londres: Routledge, 1975. p.90-114. PRADO, Thiago Martins. *A passagem para a pós-modernidade na Literatura Sergipana*. Ponta de Lança (UFS), v.15, p.140-162, 2021. PRADO, Thiago Martins. *O uso da*

contradição no discurso do historiador Gilfrancisco para reescrever a literatura sergipana. Teresa (USP), p.217-226, 2018.

DANTE E O “SUL GLOBAL” ENTRE AUERBACH E PEIRCE

Yuri Brunello

Resumo: Umas ideias de Pasolini, com respeito à linguagem literária e cinematográfica, são de inspiração Peirciana e podem nos ajudar a entender com profundidade as diferentes manifestações na literatura do assim chamado “Sul global”, para o qual Dante é um dos modelos mais representativos. Desse modo, iremos comparar a produção literária de Pasolini com o Grande Sertão: veredas, a obra-prima do escritor brasileiro Guimarães Rosa. A atenção de Peirce para a referencialidade do signo, assim como realismo de Auerbach estão em completa sintonia com a cultura do “Sul Global”, cuja expressão encontra-se em obras como a Divina comédia ou Grande sertão: veredas. O estilo e as imagens literárias utilizadas por Rosa serão analisados sob a ótica dos textos de Pasolini. A apresentação será realizada com o objetivo de manter a comparação principal com um dos paradigmas literário utilizado por ambos os escritores: a Divina Comédia. Pasolini e Rosa são exemplos de literatura permeada por artifícios alegóricos concebidos em nome da materialidade e concretude ou, conforme teorizada por Erich Auerbach, de um realismo “figural”. O realismo de Auerbach está em completa sintonia com a cultura do “Sul Global”. Em termos filosóficos e políticos, pretendemos mostrar que, apesar das distâncias geográficas, desde a segunda metade do século passado, a literatura de Guimarães Rosa e Pasolini fazem parte de um horizonte epistemológico contra hegemônico no que diz respeito às “culturas de sentido” do mundo do Norte. Em termos da sociologia da cultura, por outro lado, pretendemos repensar o conceito de “sul-global” e sua articulação com os estudos literários.

Referências: 1a) Dante: corpus ALIGHIERI, Dante. Inferno. Milano, Mondadori, 2005; ALIGHIERI, Dante. Purgatorio. Milano, Mondadori, 2005; ALIGHIERI, Dante. Paradiso. Milano, Mondadori, 2005; ALIGHIERI, Dante. Opere. 2 vols., Milano, Mondadori, 2011-2014. 1b) Dante e o Sul Global BARANSKI, Zygmunt; GILSON, Simon. The Cambridge Companion to Dante Commedia. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. CASCUDO, Luís da Câmara. Dante Alighieri e a tradição popular no Brasil. Natal: Fundação José Augusto, 1979. GRAGNOLATI, Manuele; LOMBARDI, Elena; SOUTHERDEN, Francesca. The Oxford Handbook of Dante. Oxford: Oxford University Press, 2021. PERTILE, Lino. Dante popolare. Ravenna: Longo, 2021. 1c) A hermenêutica de Auerbach e Dante AUERBACH, Erich. Dante: Poet of the Secular World. New York: New York Review Books, 2007. AUERBACH, Erich. Mimesis. Princeton: Princeton University Press, 2003; AUERBACH, Erich. Scenes from the Drama of European Literature. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984; AUERBACH, Erich. American Critical Essays on the Divine Comedy. New York: New York University Press, 1967; AUERBACH, Eric. Typological Symbolism in Medieval Literature. Yale French Studies 9 (1952), 3-10; 1d) A Semiótica de Peirce e Dante PEIRCE, Charles Sanders. Selected Writings on Semiotics 1894–1912. Berlin-Boston: De Gruyter Mouton, 2020; PEIRCE, Charles Sanders. Writings of Charles S. Peirce: A Chronological Edition. 8 vols. Bloomington: Indiana University Press, 1982-2010; PEIRCE, Charles Sanders. Peirce on Signs: Writings on Semiotic. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991; PEIRCE, Charles Sanders; WELBY, Victoria. Semiotic & Significs: The Correspondence Between Charles S. Peirce & Victoria Lady Welby. Bloomington and London: Indiana University Press, 1977. PEIRCE, Charles Sanders. Collected Papers. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. 2a) Guimarães Rosa: corpus ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ROSA, João Guimarães. Corpo de baile. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. ROSA, João Guimarães; Bizzarri, Edoardo. João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. 2b) Guimarães Rosa e Dante BOLLE, Willi. Grandsertao.br. O romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004; DA ROCHA, Gibson Monteiro. O “homo viator” na Divina Commedia e no Grande Sertão: veredas. PhD Thesis, UFSC, 2012; RONCARI, Luiz. O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Unesp, 2004. 3a) Pasolini: corpus PASOLINI, Pier Paolo. Heretical Empiricism. Washington DC: New Academia, 2005. PASOLINI, Pier Paolo. Tutte le poesie. 2 vol. Milano:

Mondadori, 2003; PASOLINI, Pier Paolo. Teatro. Milano: Mondadori, 2001; PASOLINI, Pier Paolo. Per il cinema. 2 vol. Milano: Mondadori, 2001. PASOLINI, Pier Paolo. Saggi sulla letteratura e sull'arte. 2. vol. Milano: Mondadori, 1999; PASOLINI, Pier Paolo. Saggi sulla politica e sulla società. Milano: Mondadori, 1999; PASOLINI, Pier Paolo. Romanzi e racconti. 2 vol. Milano: Mondadori, 1998; 3b) Pasolini e Dante PATTI, Emanuela. Pasolini after Dante. Oxford: Legenda, 2016; PESSOA, Davi. Dante: espinha dorsal de Pasolini? In: Davi Pessoa Carneiro Barbosa; Maria Pace Chiaveri. (eds.). Catálogo: Dante poeta de toda a vida. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2015, v. 1, p. 97-106; ZIGAINA, Giuseppe. Hostia: trilogia della morte di Pasolini. Venezia: Marsilio, 1995. 4) Literatura do Sul Global e a Cultura ABDALA JR., Benjamin; SCARPELLI, Marli Fantini (eds.) Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. CAMINATI, Luca. Pasolini Southward Quest(ion). Estetica. studi e ricerche. 2/2017, 273-292; CASSANO, Franco. Southern Thought and Other Essays on the Mediterranean. New York: Fordham, 2012; COUTINHO, Eduardo. Regionalism vs. World Literature in João Guimarães Rosa. In: Brazilian Literature as World Literature. New York and London: Bloomsbury, 2018, 221-242. MAJSTOROVICH, Gorica. Global South Modernities: Modernist Literature and the Avant-Garde. London: Lexington Books, 2020; SANTOS, Boaventura de Sousa. The End of the Cognitive Empire. The Coming of Age of the Epistemologies of the South. Durham: Duke University Press, 2018; TRENTO, Giovanna. Pasolini e l'Africa, l'Africa di Pasolini: Panmeridionalismo e rappresentazioni dell'Africa postcoloniale. Milano: Mimesis, 2010. WEST-PAVLOV, Russel (ed.). The Global South and Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SIMPÓSIO "LITERATURA-MUNDO: FRONTEIRAS EM MOVIMENTO?"

Adriano Carlos Moura (IFF), Edmon Neto de Oliveira (UFPA) e Érica Luciana de Souza Silva (IFF)

LITERATURA-MUNDO E A LUSOFONIA

Adriano Carlos Moura

Resumo: Mundo e universo são palavras que guardam muitas semelhanças, principalmente quanto à abrangência: abarcam conceitos objetivos como astros, planetas, topografias, espécies as mais diversas. Não fosse a origem colonial e elitista, literatura universal seria um sintagma que poderia abranger as diferentes manifestações literárias presentes no mundo, respeitando-se as idiossincrasias de cada nação, povo, cultura, território, língua. A universalidade da obra seria entendida pela sua capacidade de transpor os limites de sua origem e de se espalhar por outras nações, povos, culturas, territórios, línguas que, com o passar dos anos, reteriam numa espécie de biblioteca coletiva as que julgassem merecedoras de permanência devido a suas éticas, estéticas, políticas, ideologias, poéticas, ou devido aos critérios que cada grupo julgasse pertinente para definir seus universais. Desse modo, a literatura universal seria composta por um número variado de cânones europeus, americanos, asiáticos, africanos, ocidentais, orientais, indígenas. A Europa, que durante séculos tomou para si a tarefa de hierarquizar e "organizar" o mundo de maneira que atendesse exclusivamente a seus interesses, não goza mais do título de único centro da cultura ou economia, apesar de ser ainda o continente com maior número de escritores sempre que aparece alguma lista de "Clássicos da Literatura Universal" ou "Cânones" e de ser também o espaço através do qual os não europeus se lançam para o resto do mundo. Como caminho teórico para compreensão da produção e circulação de obras literárias que extrapolam os limites territoriais, temáticos e linguísticos da nação, esta comunicação se propõe refletir sobre o conceito de literatura-mundo e até que ponto essa seria uma chave para o entendimento e análise das questões que envolvem os objetos literários das literaturas do chamado Espaço Lusófono.

Referências: BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. Literatura-mundo e poéticas do presente: modos de ler. IPÓTESI: Revista de estudos literários, Juiz de Fora, MG, v. 22, n. 1, p. 23-29, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/196111>. Acesso em: 06 dez. 2019
DAMROSCH, David. What is world literature. New Jersey: Translation, 2003. ECO, Humberto. Quase

a mesma coisa. São Paulo: Record, 2014. KANDJIMBO, Luís. Alumbu – O cânone endógeno no campo literário angolano para uma hermenêutica cultural. Luanda: Mayamba Editora, 2019. KESTLER, Izabela Maria Furtado. O conceito de literatura universal em Goethe. Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-conceito-de-literatura-universalem-goethe/>. Acesso em: 17 abril 2020. LARANJEIRA, Pires. Universo das literaturas africanas: epistemologias variadas, rizomas com raiz, glocalizações e levantados do chão. In: GARCÍA, Flavio; MATA, Inocência (Orgs.). Pós-colonial e Pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 201-214.

AS FRONTEIRAS DO FANTÁSTICO EM MURILO RUBIÃO

Ana Luzia Santana Rangel

Resumo: A produção literária do escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991), matizada pela presença do fantástico, viabiliza observações diversas a cada nova leitura. As narrativas trazem à tona metamorfoses, multiplicações, ações intermináveis, crescimentos desordenados e outros acontecimentos absurdos e grotescos que remetem ao inexplicável. Tudo isso, segundo Tzvetan Todorov (1939-2017), gera hesitação e incerteza no leitor que é tentado a explicar o inexplicável. A semiótica da cultura, concebida pelo filósofo, historiador e semioticista russo Iúri Lótman (1922-1993) propicia a identificação de conceitos de semiosfera e fronteira entre diferentes culturas e ajuda a compreender o modo como o fantástico atua na prosa de Rubião. Cada semiosfera possui seu “próprio” conteúdo e considera uma outra como “alheia”, “hostil” e até mesmo “perigosa”, sendo a fronteira entre elas um ponto de contato de grande relevância. Nos contos de Murilo Rubião (2016), as fronteiras são atravessadas de maneiras mais diversas. A narrativa conquista a atenção do leitor com acontecimentos triviais e o desconcerta com elementos absurdos. Por vezes, a leitura se inicia com a instalação do fato insólito e, por outras, este vai surgindo aos poucos. A razão é posta à prova, a tensão cresce, desorganiza a ordem aparente e instaura o caos. A compreensão racional é questionada por eventos que se ancoram na irrealidade. O nosso objetivo é realizar uma leitura dos contos O lodo e A fila, exemplificando como ocorre o atravessamento das fronteiras temporal e espacial. Assim, em O lodo, o tempo presente se mescla ao passado ou até é encoberto por ele. A fronteira espacial, presente no conto A fila, é posta em evidência quando o protagonista viaja do campo para a cidade. Em ambos os casos, a travessia espaço-temporal é responsável pela criação do efeito fantástico.

Referências: LÓTMAN, Iúri. “O conceito de fronteira”. In: O Espaço Literário: Textos teóricos. Tradução: Ekaterina Volkova Américo. Uberaba, 2016. p. 243-258. RUBIÃO, Murilo. Murilo Rubião: obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PARA UMA SEMIÓTICA DO OLFATO

Débora dos Santos Silva Rosa

Resumo: O intuito da comunicação proposta é inventariar o impacto do olfato e suas relações na semiosfera da cultura e com o sujeito nela existente. Somado a isto, pensaremos ainda alguns aspectos como, por exemplo, o conceito de fronteira de Iúri Lotman e a questão da carnavalização bakhtiniana. Desta forma, importa salientar que todas as reflexões semióticas, filosóficas e históricas estarão orbitando um objeto comum: o olfato e seu caráter transgressivo no que tange às fronteiras, assim como suas representações – sejam por odores corporais ou por perfumes elaborados por artistas da artesanaria própria deste objeto de luxo. Esmiuçar, portanto, o conceito lotmaniano é fundamental para compreender, neste estudo, como o olfato transpassa a fronteira e quais são as delimitações e características da mesma. Aliada às demais linhas consideradas está a relação do corpo com o mundo e sua característica fronteira com os demais corpos, assim como com a semiosfera da cultura em que circula. É neste ambiente que poderemos refletir sobre as relações do olfato e de sua semiosfera e observar exemplos em que este tópico transbordou para a literatura nos textos poéticos. Este estudo intenta, deste modo, pensar na relação olfato e sociedade, no que iremos chamar de semiosfera social olfativa e mais especificamente: como o olfato ultrapassa essas

fronteiras entre o eu e o outro até chegarmos na ambivalência morte e vida, presente no texto de Bakhtin sobre Rabelais e demais ocorrências no âmbito literário.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, Editora Universidade de Brasília, 1987. BAUDELAIRE, Charles. Flores do mal. Tradução: Júlio Castañon. Editora Penguin-Companhia; 1ª edição, 2019. CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social dos séculos dezoito e dezenove. Tradução: Lígia Watanabe. Editora Companhia das Letras, São Paulo: 1987. JAQUET, Chantal. Filosofia do Odor. Tradução: Maria Angela Mársico da Fonseca Maia e Michael Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional (GEN) Forense Universitária, 2014. LOTMAN, Iúri. "O Conceito de fronteira". Tradução de Ekaterina Vólkova Américo. In: BORGES FILHO, Oziris. O espaço literário: textos teóricos. Uberaba: Ribeirão Gráfica e Editora, 2016, p. 243-258.

CAZAQUISTÃO, OS NOMADES DA GRANDE ESTEPE

Edelcio Americo

Resumo: Antes do surgimento do escritor Ilyas Yessenberlin (1915-1983), a literatura cazaque praticamente não conhecia nenhuma obra artística com elevado enfoque histórico. "Os Nômades", trilogia publicada pela primeira vez em 1976, desempenhou um importante papel na restauração da base histórica para as novas gerações do país. Os acontecimentos narrados se iniciam no período anterior ao império mongol, de Gengis Khan, e da formação da Horda Dourada, anteriores ao primeiro canato cazaque, entre os séculos XVI e XVII. Em outras palavras, a obra é como uma ampla tela épica que recria toda a história antiga do povo cazaque desde o século XV. O primeiro volume, "A espada encantada", relata acontecimentos dos séculos XV e XVI, uma saga pela liberdade e uma luta pela união entre os povos cazaques em meio a disputas pelo trono. Yessenberlin busca descrever em suas páginas as maiores batalhas e tragédias de seu povo. O centro da narrativa é o povo, sua história, seus costumes e tradições. Os heróis são mostrados em suas faces de força e fraqueza, repletos de desejos e medos. A beleza da estepe é destacada por sua vegetação, lagos, rios e pelo soprar da brisa calma nos rostos daqueles que lutavam pela sobrevivência. Apesar dos inúmeros momentos de batalhas, cheias de sangue, de dor e de injustiças, o autor não deixa de mostrar as famílias, as relações de afeto, de amor, a esperança... A sabedoria popular é representada nas canções que clamam pela paz no mundo e pela união dos povos. Os sábios cantores eram ouvidos por todos os povos da estepe e incitavam os mais profundos sentimentos humanos. Uma grama pisoteada, mas não arrancada, sempre renascerá, voltará a vida, esse é o espírito cazaque, o espírito do novo começo.

Referências: Yessenberlin, Ilyas. Os nômades. A espada encantada. Tradução de Edelcio Americo, São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2022. Qunanbayuly, Abai. O livro das palavras. Tradução de Edelcio Americo. São Paulo. Editora Nova Alexandria, 2020. Kan, Georgii. A história do Cazaquistão. Almaty. 2013.

MUNDO-CORPO NÔMADE EM CORRENTES DE OLGA TOKARCZUK

Ekaterina Volkova Américo

Resumo: A vasta produção literária de Olga Tokarczuk ainda está sendo descoberta no exterior. Das dezoito obras publicadas pela escritora desde 1989, somente três foram traduzidas no Brasil: Correntes, Sobre os ossos dos mortos e A alma perdida. Olga Tokarczuk pertence à geração que viveu a abertura da cortina de ferro, o desmoronamento do bloco soviético e posterior integração da Polônia à Europa capitalista. Talvez por isso, o tema do cruzamento de fronteiras perpassa toda a sua obra. Assim, no romance Correntes, de 2007, (Editora Todavia, 2021, tradução de Olga Bagińska-Shinzato), Tokarczuk, ao questionar as noções da identidade e do pertencimento, se debruça sobre o fenômeno do nomadismo moderno: seja como imposição das condições externas, seja como uma escolha voluntária. O tema do movimento surge já no título - em polonês Bieguni - que foi traduzido no Brasil como Vagantes (2014) ou Correntes (2021). Já na tradução lusitana, o título é Viagens (2019). Trata-se de uma referência a uma seita de velhos crentes que acreditam que estão em

constante movimento era o caminho para evitar o mal. No romance, o corpo em movimento é colocado em paralelo com o mundo. Dessa forma, o mundo aparece como um corpo coletivo, grotesco (BAKHTIN, 1987) e nômade, o que também se reflete na estrutura fragmentária, porém una, do romance.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Fratoschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1987. LOTMAN, Iúri. O conceito de fronteira. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo. In: O espaço literário. Textos teóricos. (Org. Oziris Borges Filho). Uberaba: Ribeirão Gráfica, 2016, p. 243-258. PASTOR, Pilar. Olga Tokarczuk: la sinuosa línea de las fronteras. In: Claves de Razón Práctica, 2020, no 270, p. 163-171. TOKARCZUK, Olga. Correntes. Tradução de Olga Baginska-Shinzato. São Paulo: Editora Todavia, 2021.

"O AUSENTE" E A LITERATURA-MUNDO: UM GIRO CRIATIVO

Érica Luciana de Souza Silva

Resumo: "O ausente", de Edimilson de Almeida Pereira, é um enredo que apresenta o que vai nas reflexões do empelado Inocêncio durante uma noite mal dormida. A narrativa é não linear, com inúmeros feedbacks e reflexões, os quais consomem o personagem noite adentro. Ora o ato de escrever/narrar é acelerado, tentando projetar um futuro seguro e conhecido; ora é lento e vagaroso, como se as memórias o devorassem lentamente. Uma oscilação constante que gera uma narrativa poética a qual apresenta elementos culturais típicos do sertão mineiro, como a folia de reis e seus versos de improviso. O romance ao ser lido sob a perspectiva da literatura mundo como aquela que reinterpreta e relê os locais de produção literária, permite ao leitor acompanhar o desdobramento de Inocêncio em Inoc e o Esse de Agora e, com isso, perceber as várias outras questões ali presentes. Inocêncio é o empelado, uma criança diferente das outras porque tem o seu destino traçado; um homem de muitos nomes, dentro do sertão e fora dele ao mesmo tempo. A narrativa, com seus giros constantes, lembra os giros do palhaço da folia de reis, e nesse rodopio criativo, em que se misturam cores, lembranças, músicas, projeções, sons, costumes, batuques, danças e estandartes é que surge a voz de Deja. O único momento em que a esposa do empelado fala é para lembrar que as mulheres estão pregadas nos altares como anjos. Elas não podem errar, não podem sair do arco. A punição é para elas. Com suas palavras, Deja é quem tem o poder de livrar o menino empelado Inocêncio, a quem não deram escolha e que agora rompe a fronteira da noite para sair de um mundo seguro e conhecido e se lançar ao futuro inesperado, criativo e em constante giro, como na folia de reis. "O

Referências: MATA, Inocência. "Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África". 1616: Anuário de Literatura Comparada, 3, 2013, pp. 107-122. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Belo Horizonte: Relicário, 2020. DAMROSCH, David. What is world literature. New Jersey. Translation, 2003.

CONTRA O DEVIR-ESLAVO: AS REPRESENTAÇÕES DA RÚSSIA EM GUSTAVO BARROSO E O ORIENTALISMO

João Marcos Cilli de Araujo

Resumo: O estudo tem por objetivo analisar as representações da Rússia na obra do cearense Gustavo Barroso e investigar como nelas se configuram elementos associados ao orientalismo (SAID, 1990). Para tanto, serão abordados tanto escritos literários do autor quanto obras doutrinárias compostas ao longo da militância de Barroso junto à Ação Integralista Brasileira. Num período em que o espectro da União Soviética assombra a intelligentsia direitista do país, o cearense parece direcionar seu discurso para uma espécie de expurgo de um devir-russo, um devir-eslavo associado a um Oriente bárbaro que se encontra na contramão do projeto de nacional-ocidentalização (MELO, 2020) por ele idealizado. Melo (2020) acredita que parte significativa da crítica literária e do pensamento social brasileira adotaria procedimento similar àquilo que Ranajit Guha (1998) chamou de prosa de contrainsurgência, termo usado na análise dos documentos metropolitanos que lidavam com as revoltas camponesas na Índia. Se tais documentos, marcados pela imaginação política do Ocidente, acabariam por enxergar nas revoltas nada "além de comportamento pré-político,

irracional e inconsequente, legitimando assim qualquer ação que retifique o curso da rebelião e controle seus efeitos inesperados”, o pensamento crítico e historiográfico brasileiro buscaria “retratar as culturas não ocidentais como partes de uma pré-moldada fábula das três raças formadoras, imbuídas e coordenadas por um certo telos da nacionalidade” (MELO, 2020, p. 143), retirando, assim, a radicalidade daqueles que resistiram à assimilação a um Estado-Nação chamado Brasil. O que se busca defender no estudo que aqui se propõe é que Barroso, ao seu modo, também constitui sua própria prosa de contrainsurgência: seja em seus escritos ficcionais, seja em suas obras integralistas, os russos estão sempre atrelados ao desvario próprio de uma visão do Oriente construída por intelectuais e políticos ocidentais, deslegitimando o processo revolucionário de 1917, bem como tentativas de reproduzi-lo em terras brasileiras.

Referências: MELO, Alfredo Cesar. Crítica da razão nacional-ocidentalista: por uma nova abordagem pós-colonial nos estudos brasileiros. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 22, p. 17-40, 2020. GUHA, Ranajit. "The Prose of Counter-Insurgency". *Selected Subaltern Studies*. Oxford: Oxford UP, 1998. SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Editora Companhia das Letras, 1990.

POR UMA CARTOGRAFIA INTELECTUAL DA REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS (1922-1964)

Luiz Henrique Silva de Oliveira

Resumo: Esta comunicação objetiva propor uma análise quali-quantitativa da Revista da Academia Mineira de Letras, considerando os anos de 1922 a 1964, por meio do que chamamos de cartografia intelectual, isto é, um mapa das produções contidas na revista. Assim, abordaremos os seguintes parâmetros: volumes da revista; quantitativo de textos; autores publicados; gêneros textuais presentes. O recorte temporal considera os primeiros 22 volumes produzidos antes da grande pausa da publicação, ocorrida entre 1965 e 2001, ano da retomada do periódico. É relevante lembrar que a Academia Mineira de Letras (AML) foi fundada em Juiz de Fora, em 1909, e transferida para a capital do estado de Minas Gerais, em 1915, como sinalização do desejo de inserção de Belo Horizonte nas rotas da Modernidade. Desde então, a AML tem fomentado significativa produção intelectual e editorial em sua plenitude e variedade. Um dos mecanismos deste fomento é justamente a publicação da centenária Revista da AML (1922-2022), na qual é possível encontrar textos de acadêmicos e intelectuais destacados na cena intelectual de Minas Gerais. A revista constitui-se como rede (ENNE, 2004; FERNÁNDEZ BRAVO, 2011) material dos debates literários, intelectuais, sociais, políticos e editoriais não só do nosso estado, mas do país e de parte do mundo. Logo, este trabalho, resultado preliminar de uma pesquisa em andamento, pretende lançar luz sobre a natureza e os sentidos das publicações deste relevante periódico para a intelectualidade mineira. Até o momento, podemos apontar como resultados a predominância da autoria masculina; a presença quase que unívoca de acadêmicos nas páginas do periódico; a constância dos gêneros discurso, homenagem e poesia; o exercício da crítica literária em sentido amplo; o debate de temas sociais e políticos.

Referências: CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do social. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n.º 23, p. 95-111, 1994. ENNE, Ana Lúcia S. Conceito de rede e as sociedades contemporâneas. *Revista Comunicação e Informação*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, v.7, n. 2, jul./dez.2004, p. 264 - 273. FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. *Discusión bibliográfica: nuevas contribuciones para una teoría de las redes culturales*. Cuadernos del CILHA, Mendoza, v. 12, n. 1, p. 209-215, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-96152011000100012. FERREIRA DE ALMEIDA, Maria Cândida. Transmissão e relação: pensando um sistema para os muitos métodos da Literatura Comparada. *Ângulo*, v. 1, n. 130, p. 13-22, 2012. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180414015154id_/http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/1008/788 POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. SILVA, Alessandra Garrido Sotero da. Os caminhos da memória e o inconsciente coletivo. *Revista Garrafa*, v. 1, n. 11, out./dez. 2006. Disponível em:

<<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa11/v1/alessandragarrido.html>>. Acesso em: 28 maio 2020.

OS GUARDADORES - SOBRE PRIMAVERAS E UTOPIAS

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha

Resumo: Os Guardadores - Sobre primaveras e utopias é desenvolvido a partir do estudo do romance 'The Tobacco Keeper', do escritor iraquiano Ali Bader, e trabalha com as conexões entre contextos levantados na trama ficcional do romance passadas em Bagdá, Teerã e Damasco ao longo do século XX, e movimentos de revoluções sociais de relevância histórica, desde as raízes do século XX até o início do século XXI. Inicialmente, considerando as raízes e origens do século XX, pondero brevemente sobre a Primavera dos Povos de 1848. Em seguida, devido aos fortes laços dos países árabes com a URSS em meados do século XX, discuto sobre o movimento denominado 'Thaw' (degelo) ocorrido nos países soviéticos durante as décadas de 1950 e 1960. Prosseguindo, à luz da luta pelo poder que dividiu o mundo na segunda metade do século XX, trato das consequências e impactos do maio de 1968 em Paris e da Primavera de Praga. Por último, considerando o ambiente imediato dos países árabes, especificamente do Iraque, do pós-invasão de suas terras, aprofundo-me nas implicações do Nahda, as Primaveras Árabes. O entrelaçamento entre ficção e história, e a pluralidade de referências do romance 'The Tobacco Keeper' fazem com que suas fronteiras e origens sejam extrapoladas, sedo seus impactos e possíveis compreensões de grande significado para o mundo contemporâneo. Por tratar de revoluções, esta investigação vai às raízes do conceito de utopia para entender que ela se sustenta na ideia de fracasso e, deste modo, sugerir que a proposição de uma utopia pode ser tomada como forma de crítica social. A intenção de 'Os Guardadores - Sobre primaveras e utopias', é estudar o impacto da literatura ficcional como patrocinadora utópica, visto sua capacidade de promover uma mudança na compreensão da realidade tal como estamos acostumados.

Referências: Douglas Moggach, Gareth Stedman. The 1848 Revolutions and European Political Thought; 2018. Jonathan Sperber. The European Revolutions, 1848-1851; 1994. Roger Price. The Revolutions of 1848; 1988. Priscilla Robertson. Revolutions of 1848: A Social History; 1952. Marina Rojavin, Tim Harte. Women in Soviet Film: The Thaw and Post-Thaw Periods; 2017. Peter J. Schemelz. Such Freedom, If Only Musical: Unofficial Soviet Music During the Thaw; 2009. George Gibian. Interval of Freedom: Soviet Literature during the Thaw (1954-1957); 1960. Petra Hulová. Fifty years on, Isn't it Time We Rethought The Prague Spring?; 2018. Jirí Suk. The Utopian Rationalism of the Prague Spring of 1968; 2018. Anna J. Stoneman. Socialism With a Human Face: The Leadership and Legacy of the Prague Spring; 2015. Kathrin Fahlenbrach, Martin Klimke, Joachim Scharloth. Between Prague Spring and French May; 2011. Carole Fink, Philipp Gassert, Detlef Junker. 1968: The World Transformed; 1998. Hannah Scott Deuchar. "Nah?a": Mapping a Keyword in Cultural Discourse; 2017. Marwan Muasher. The Second Arab Awakening, And the Battle for Pluralism; 2014. Harel Chorev. The Spring of the Networked Nations: Social Media and the Arab Spring; 2012. Stefan Helgesson, Mads Rosendahl Thomsen. Literature and the World; 2020. David Fieni. Decadent Orientalisms: The Decay of Colonial Modernity; 2020. Joshua Kotin. Utopias of One: The Antisocial Utility of Literature; 2018. David Lowenthal. The Past is A Foreign Country; 2015.

QUESTÕES DE UMA OBRA INTERNACIONAL (OU ANTINACIONAL): O CASO DE SAMUEL BECKETT

Vinício Lima Berbat

Resumo: Após realizar uma série de viagens e trabalhar com James Joyce em Paris, Samuel Beckett abandona de vez seu país de origem, a Irlanda, e se fixa na França, onde consolida sua carreira literária. As movimentações de Beckett ao longo dos anos 1920 e 1930 já apontavam o caminho que o consagrado autor queria trilhar e, de fato, o fez a partir dos anos 1940. Beckett deixa bem claro esse caminho, principalmente, em dois ensaios do início dos anos 1930: em "Recent Irish Poetry", Beckett alfineta boa parte dos autores do movimento dos revivalistas irlandeses; já em "Dante... Bruno. Vico... Joyce", Beckett se volta para autores que ele toma como modelos estéticos, marcando sua admiração (e, mesmo, alinhamento de visões estéticas, sobretudo com seu mentor e

contemporâneo Joyce). Com o passar dos anos, Beckett passa do que Célia Berrettini considera uma linguagem exuberante (BERRETTINI, 2004, p. 61), similar à de Joyce, a um estilo mais próprio, abandonando qualquer preocupação figurativa, mas sempre com atenção à centralidade do papel criador, transformador da linguagem, como destaca Edward Said. Beckett, assim, teria partido em busca do que Pascale Casanova considera não apenas uma obra internacional, mas antinacional (CASANOVA, 1997, p. 140), abandonando também uma visão de nação mais homogeneizante dos revivalistas, associada ao pedagógico de Homi Bhabha. Nesse sentido, o papel dos diferentes estágios de autotradução da obra de Beckett identificados por Chiara Montini é crucial: primeiramente, o monolinguismo poliglota, seguido do bilinguismo predominantemente anglófono, um bilinguismo predominantemente francófono e, por fim, um bilinguismo misto (MONTINI, p. 2). Contudo, algumas questões, dentre muitas, permanecem: qual o papel dessa obra numa República Mundial das Letras, como cunhada por Casanova? Uma vez findado esse projeto estético, podemos considerá-lo exitoso? Quais as leituras feitas pela crítica e historiografia contemporâneas e que questões elas suscitam?

Referências: BECKETT, Samuel. Dante... Bruno. Vico... Joyce. In: _____. *Disjecta: Miscellaneous Writings and a Dramatic Fragment*. Nova York: Grove Press, 1984. _____. *Recent Irish Poetry*. In: _____. *Disjecta: Miscellaneous Writings and a Dramatic Fragment*. Nova York: Grove Press, 1984. BERRETTINI, Célia. *Samuel Beckett: escritor plural*. São Paulo: Perspectiva, 2004. BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila; Eliana L. L. Reis; Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. _____. *Beckett l'abstracteur: anatomie d'une révolution littéraire*. Paris: Éditions du Seuil, 1997. MONTINI, Chiara. *Bilinguisme et Autotraduction: Le Decentrement dans L'Œuvre de Samuel Beckett*. Disponível em: <
<http://stat.ijkem.incubadora.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/1609/1847> >. SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Trad. de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIMPÓSIO “LITERATURAS DE AUTORIA NEGRA FEMININA NAS AMÉRICAS E CARIBE: INTERLOCUÇÕES E COMPARATIVISMOS”

Cristian Souza De Sales (UNEB), Franciane Conceição Silva (UFPB) e Margarete Nascimento dos Santos (UNEB)

MUDA A MITOLOGIA, PERMANECE O MITO: O EROTISMO NAS POÉTICAS DE CRISTIANE SOBRAL E LUBI PRATES

Francisca Georgiana do Nascimento Pinho

Resumo: A presente pesquisa investiga o viés erótico nas poéticas Terra negra (2017), de Cristiane Sobral e *Um corpo negro* (2019), de Lubi Prates por intermédio de uma análise do erotismo e da representação do corpo negro feminino nos poemas “Luxúria”, “Sagrada esperança” e “Força ancestral”; e “bem-vindo a este mapa”, “hasta aqui, hasta llegar a mí” e “nos tornamos maiores”, respectivamente. Com o objetivo de apresentar o discurso erótico enquanto crucial na demanda de luta e ativismo negro por mulheres, tomamos por base os estudos de hooks (2019), Lorde (2020), Collins (2019), Gonzalez (2019), Nascimento (2021), Lobo (1993), além de outras teóricas que dialogam entre o campo dos estudos feministas, questões de gênero, raça, classe e sexualidade para fundamentar a hipótese de que Sobral e Prates constroem um caminho fecundo para uma consciência dos desejos, prazeres e afetos da negritude, bem como ao sentimento de confiança e liberdade na expressão da própria sexualidade. Além de Bataille (2021), o trabalho faz uso das considerações sobre o erotismo de Paz (1998) e Borges (2013). Para repensar a relação endogâmica entre negras/os e a desvinculação de quem os oprimem, recorre-se aos estudos psicanalíticos de Souza (2021), Fanon (2020), Nogueira (1998) e Ceccarelli (2012); aos estudos socioantropológicos de Pinho (2008), Moutinho (2004), Arruda (2008) e Miskolci (2013), entre outros; as considerações

sobre a África, seus aspectos culturais e mitológicos estão fundamentadas em Prandi (2001). Na poesia dessas poetisas, o erotismo torna-se a temática que define o sujeito feminino, de modo que o corpo negro é inscrito enquanto local de prazer pelo prazer e não como um prazer a serviço do outro.

Referências: BORGES, Luciana. Poéticas da cor/eróticas de resistência: o corpo na poesia erótica de escritoras negras brasileiras. *Revista Letra Magna*, v. 16, n. 26, 2020. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/163>. Acesso em: 10 ago. 2022. CECCARELLI, Paulo Roberto. Mitos, sexualidade e repressão. *Cienc. Cult.* [online], São Paulo, v. 64, n. 1, p. 31-35, 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252012000100013>. Acesso em 10 ago. 2022. COLLINS, Patricia Hill. A política sexual para as mulheres negras. In: *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução: Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução: Stephanie Borges. 1.ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Título original: *Sister Outsider*. LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. MISKOLCI, Richard. O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2013. PRATES, Lubi. *Um corpo negro*. 3.ed. São Paulo: nossa editora, 2021. SOBRAL, Cristiane. *Terra negra*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

PROVOCANDO DESLOCAMENTOS: PERCEPÇÕES DO TEMPO ESPIRALAR NA ESCRITA DE MIRIAM ALVES

Gisele Meire Tita Nazario Da Silva e Rayssa Duarte Marques Cabral

Resumo: O romance *Maréia* (2019), da escritora negra brasileira Miriam Alves, coloca em cena a ancestralidade negra africana, numa narrativa que se organiza a partir de um espaço-tempo não linear. Essa performance temporal distingue-se da noção ideológica do tempo ocidental, que se apresenta como linear e progressivo. Importa dizer que, esse outro modo de experimentar e vivenciar o tempo, ocasiona uma experiência estética com a palavra, além disso, coloca em evidência outras experiências históricas silenciadas. No contrafluxo do cânone literário, o modo de narrar de Miriam Alves transpõe a ideia de um corpo negro imóvel e sem perspectiva dando espaço para as subjetividades e agenciamento de um corpo narrativo que, de acordo com Miranda (2022) tem cor, voz e memória. Na busca de uma ruptura com o pensamento cristalizado que até hoje se instaura nas academias brasileiras, esta comunicação tem como objetivo demonstrar que a organização temporal do romance é perpassada pela temporalidade curva presentificada na pessoa de Dorotéia, avó de *Maréia*, nos momentos em que esta vivencia suas viagens oníricas. Vó Déia, assim chamada pela protagonista, é a materialidade do que prevalece na temporalidade, habitada de passado, presente e de um provável futuro, na qual incide toda ontologia ancestral. Para o processo de condução, contamos com a perspectiva epistemológica da confluência e diálogo de pesquisadoras(es) como Leda Maria Martins (2021), cujo conceito de tempo espiralar, com suas dobras, gestos e ritmos, nos convida a mergulhar nesse tempo ancestral; Lélia Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2020), com apontamentos sobre o feminismo negro; Aníbal Quijano (2005), com a noção de colonialidade do poder; Bernardino Costa, Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (2020), para pensarmos a perspectiva decolonial e afrodiaspórica.

Referências: ALVES, Miriam. *Maréia*. Rio de Janeiro: Malê, 2019. BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N; GROSGOUEL, R (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) - Universidade Católica de Pernambuco, 2020. disponível em: https://www1.unicap.br/neabi/?page_id=137. Acesso em: 13 de jan. 2023. GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos* Rio de Janeiro: Zahar. MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. MIRANDA, Fernanda. *Ao redor de Maréia: algumas notas sobre a ficção de Miriam Alves*. in *Miriam Alves plural: teoria, ensaios críticos e depoimentos*. São Paulo: Editora Fósforo, 2022. QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In LANDER, Edgard

(org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO. set. 2005. p.227-278 SALES, Cristian. Miriam Alves: nas dobras da escritura negra feminina latino-americana. in Miriam Alves plural: teoria, ensaios críticos e depoimentos. São Paulo: Editora Fósforo, 2022. SILVA, Assunção de Maria Souza et alii. Miriam Alves plural: teoria, ensaios críticos e depoimentos. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

A REENCANTAÇÃO NA DIÁSPORA ATRAVÉS DO GÊNERO DO HORROR: OS CAMINHOS QUE APRENDEMOS COM AS AUTORAS NEGRAS DAS AMÉRICAS E CARIBE.

Margarete de Carvalho Santos

Resumo: É possível reencantar as almas na diáspora africana através da manipulação do medo na narrativa? O presente trabalho pretende analisar a produção literária de horror de autoria negra feminina brasileira em comparação com as autoras negras das Américas e Caribe, com o objetivo de investigar quais saberes emergem e seus possíveis efeitos psíquicos em um corpo negro, a partir da leitura crítica dos seguintes textos: o conto Relicário da baiana Hildália Fernandes Cordeiro (2015), o romance O crime do cais do Valongo da carioca Eliana Alves Cruz (2018), o conto A tumba n. 3 da baiana Jovina Souza (no prelo), A casa dos Sussurros, HQ do Universo Sandman roteirizado pela Jamaicana Nalo Hopkinson (2019) e Kindred, laços de sangue, da afro-americana Octavia Butler (2017). Me oriento metodologicamente a partir da teoria da epistemologia do romance, idealizada pelo teórico brasileiro Wilton Barroso Filho, e tomo como ponto de partida a pesquisa da teórica afro-americana Kinitra Brooks sobre a produção de horror de autoria negra feminina na diáspora, para me questionar sobre como as produções brasileiras se comportam ao trazerem temas sobrenaturais e sombrios aliados à violência racial. Fundamento as análises a partir do conceito de dispositivo de racialidade pensado por Suely Carneiro (2005) para entendermos como o gênero literário do horror, que possui a principal característica de provocar medo, pode nos inscrever no signo de morte ou nos retirar dele. Levo em consideração os estudos de psicologia que abordam o trauma racial, a citar a pesquisa de Neusa Santos Souza (1983). E para pensarmos como podemos lidar com a dor na narrativa e percebe-la como ela é manipulada enquanto signo, me ancoro em autores como Walter Benjamin, Clyde W. Ford, Byung-Chu Han e principalmente no mito de Anansi.

Referências: BROOKS, Kinitra. (et al.) Speculative sankofarration: haunting black women in contemporary horror fiction. In: DSpace/Manakin Repository, The University of Alabama: 2017. Endereço eletrônico: <http://ir.ua.edu/handle/123456789/6281> 2017. Acessado em setembro de 2020. BROOKS. Searching for Sycorax: Black Women's Hauntings of Contemporary Horror. USA: Rutgers University Press, 2018. BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. BUTLER, Octavia. Kindred: Laços de sangue. Tradução Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017. Kindred. BICUDO, Virginia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010. CAIXETA, Ana Paula; BARROSO, Maria; FILHO, Wilton. (Orgs.) Verbetes da epistemologia do romance. V. I Brasília: Verbená Editora, 2019. CAIXETA, Ana Paula; BARROSO, Maria. (Orgs.) Verbetes da epistemologia do romance. V. II. Campinas-SP: Pontes Editores, 2021 CARROL, Noël. Filosofia do horror ou paradoxos do coração. Campinas, Papirus, 1999. CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 2005. 339 fls. Tese (Doutorado em Educação) -Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005 CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha. Relicário. In: Cadernos Negros volume 38 – Contos afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2015. p. 115-126. CRUZ, Eliana Alves. O Crime do cais do Valongo. Rio de Janeiro: Malê, 2018 COLEMAN, Robin. Horror noire: a representação negra no cinema de terror. Trad. Jin Anotsu. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019. FORD, CLYDE. O herói com rosto africano. Mitos da África. Trad. Carlos Rosa. São Paulo: Summus, 1999. HAN, Byung Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje. Trad. Lucas Machado. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021. HOPKINSON, Nalo. Skin Folks: stories. New York: Open Road, 2001. HOPKINSON, Nalo. O universo Sandman: a casa dos sussurros. V. 1 Roteiro por Nalo Hopkinson; arte por Dominike Stanton. Tradução de Érico Assis. Baueri SP, Panini Brasil, 2019. NOGUEIRA, Isildinha Baptista. A cor do inconsciente: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021. REYES, Xavier Aldana.

Horror: a literary history. London: British Library, 2020 Quatro aventuras de Anansi. In: CELSO, Sisto. Mãe Africa: mitos, lendas, fábulas e contos. São Paulo: Paulus, 2007. p.19-31 SONTANG, Susan. Diante da dor dos outros. Trad. Rubens Figueredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. SOUZA, Jovina. A tumba n. 03. No prelo. SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2.ed Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983.

A POESIA DO NOSSO SER: REFLEXÕES SOBRE ARTIVISMO E A POÉTICA DE LÍVIA NATÁLIA

Meg Heloise Bomfim da Silva

Resumo: Pretendo com a presente conversação, refletir sobre a categoria artista (CARNEIRO, 2018; NJERI, 2020) e suas ressonâncias na reconfiguração da humanidade negra, para tanto, realizo uma leitura-interpretativa do poema Quadrilha, de Lívia Natália. A poeta, em uma interconectividade entre arte e ativismo, reclama e reconfigura a humanidade negra à medida que, ao tratar de afeto, diz sobre o racismo estrutural brasileiro e a necropolítica (MBEMBE, 2018). Na esteira de Njeri (2020), a poética negra configura-se como artista dado o comprometimento com a mudança ontológica e com a luta anti-genocida. Dessa forma, a literatura produzida por Lívia Natália aponta direções estéticas de resistência, inscrita na existência do corpo negro, em tempo que reivindica as subjetividades (so)negadas, sugerindo assim a transformação da experiência negra. Em ato de afronta ao Ocidente e seu sistema opressor, a dicção poética em estudo subverte a linguagem para registrar a expressão revolucionária negra. A discussão proposta é suleada por intelectuais negros e negras, aproximo-me da escrevivência (EVARISTO, 2020) para compreender a poética negra feminina, bem como para pensar a respeito da localização do corpo negro em um espaço de resistência (hooks, 2019) cujos desdobramentos, a partir de um jogo de relações (SANTIAGO, 2012), coteja um devir, corroborando assim para a reumanização do corpo negro por meio da arte literária. Para tanto, são fundamentais a essa discussão as elaborações de intelectuais como Augusto (2019), Lord (2019) e Césaire (2020).

Referências: AUGUSTO, Jorge. Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso. In: Contemporaneidades periféricas. Salvador: Editora Segundo Selo, 2019. Organização de Jorge Augusto. CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. Belo Horizonte: Letramento, 2018. CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Tradução de Cláudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020. HOOKS, bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019. LORD, Audre. Irmã outsider. Tradução Stephanie Borges. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. MBEMBE, Achille. Neopolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte; traduzido por Renata Santini. - São Paulo: 2018. _____. Crítica da razão negra. Tradução Marta Lança. Impressão: Guide Artes gráficas. 3ªedição. Portugal: Antígona, 2014. NATÁLIA, Lívia. Correntezas e outros estudos marinhos. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. Ítaca n.º 36 – Especial Filosofia Africana, 2020a. _____. Amor: um ato político poético. In: Ética e filosofia: gênero, raça e diversidade cultural. Franciele Monique Scopetc dos Santos; Diogo Silva Corrêa (Orgs.)Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020b. SANTIAGO, Ana Rita. Vozes literárias de escritoras negras. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2012.

VOZES DE RESISTÊNCIA E CORAGEM: OS CASOS DE PAULETTE NARDAL E DE MARIA NASCIMENTO, ESSAS MULHERES AMEFRICANAS

Ricardo Silva Ramos de Souza

Resumo: A categoria político-cultural da amefricanidade, de Léila Gonzalez, estimula a pesquisa de estudos comparativos de mulheres negras amefricanas que, a partir de suas experiências históricas comuns durante a escravidão e do racismo como sistema de dominação presente nas sociedades atuais, agiram em prol da defesa de direitos para as mulheres, combatendo as diferentes formas de opressão nas sociedades em que viveram com pontos de vista que demonstraram as intersecções de gênero, raça, classe, religião e sexualidade. Nesse sentido, destacam-se as experiências da martinicana Paulette Nardal (1896-1985) e da brasileira Maria Nascimento (1924-2005), intelectuais negras que atuaram tanto em movimentos político-culturais quanto na imprensa. Paulette Nardal

foi uma das precursoras da Negritude em Paris no período entreguerras, criou o Salão Clamart, que reunia intelectuais negros da África e de sua diáspora, e foi editora do jornal "La Revue du Monde Noir" (1931-1932). Quando retornou à Martinica, como liderança feminista criou a "Rassemblement féminin" e "La Femme dans la Cité" (1945-1951), jornal dessa associação. Já Maria Nascimento foi uma das fundadoras do Teatro Experimental do Negro (TEN, 1944-1961) e do jornal "Quilombo" (1948-1950), dessa instituição. Neste jornal foi diretora-gerente e titular da coluna "Fala a mulher". Pretende-se, assim, a partir dos textos produzidos por Paulette Nardal, em "La Femme dans la Cité", e Maria Nascimento, no "Quilombo", analisar as estratégias utilizadas por essas intelectuais negras para enfrentar as opressões econômicas, políticas e de gênero em seus territórios, e as suas propostas para elevação de autoestima das mulheres negras, de acesso à educação e ao trabalho, e de direito ao voto e de participação política em seus países. O embasamento teórico de nossa análise contempla Lélia Gonzalez, T. D. Sharpley-Whiting, Patricia Hill Collins, Giovana Xavier, bell hooks, Alice Walker, Hanétha Vété-Congolo e Clara Palmiste.

Referências: COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 12 ed. Tradução de Bhuvi Livanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. HOOKS, Bell. E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo. 2 ed. Tradução de Bhuvi Livanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. HOOKS, Bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Estudos Feministas, ano 3, n. 2, p. 464-478, 2. sem.-1995. NARDAL, Paulette. Beyond Negritude: essays from Woman in the City. Translated and notes by T. D. Sharpley-Whiting. New York: State University of New York, 2009. NASCIMENTO, Maria. O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico. Coluna "Fala a mulher", Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 4, p. 3, jul. 1949 [EFS, p. 49]. NASCIMENTO, Maria. Nosso dever cívico. Coluna "fala a mulher". Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 6, p. 7-10 [EFS, p. 77, 80]. NASCIMENTO, Maria. O Conselho Nacional das Mulheres Negras. Coluna "Escreve a Mulher". Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 7/8, p. 4, mar./abr. 1950. [EFS, p. 86]. NASCIMENTO, Maria. Integração da mulher de cor na vida social. Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, n. 9, p. 4, mai. 1950 [EFS, p. 98]. PALMISTE, Clara. Analyse du rapport de Paulette Nardal sur le féminisme colonial (1944-1946) par une approche postcoloniale et intersectionnelle. FIAMME, Mondes noirs: hommage à Paulette Nardal, n.1, p. 68-83, 2021. Disponível em: <https://www.unilim.fr/flamme/274>. Acesso em: 5 dez. 2022. PALMISTE, Clara. Le « Rassemblement féminin » (1945-1951) : à la croisée des différents réseaux de Paulette Nardal. FIAMME, Mondes noirs: hommage à Paulette Nardal, n.1, p. 56-67, 2021. Disponível em: <https://www.unilim.fr/flamme/100>. Acesso em: 5 dez. 2022. PALMISTE, Clara. Le vote féminin et la transformation des colonies françaises d'Amérique en départements en 1946. Nuevo mundo - Mundos Nuevos, CERMA, 2014, 10.4000/nuevomundo.66842. QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. 2a. ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 2011. SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. Abdias Nascimento: o griot e as muralhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. SHARPLEY-WHITING, T. Denean. Negritude Women. Minneapolis: Minnesota UP, 2002. VÉTÉ-CONGOLO, Hanétha. Nous sommes Martiniquaises: Pawòl en bouches de femmes châtaignes. Une pensée existentialiste noire sur la question des femmes. Paris: L'Harmattan, 2020. XAVIER, Giovana. Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição. Niterói: Eduff, 2020. Coleção Personagens do Pós-Abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 5. WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães. Tradução Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SIMPÓSIO “LITERATURAS EM ABISMO: A PERSPECTIVA INTERSEMIÓTICA EM DEBATE”

Fernando de Mendonça (UFS) , Mariângela Alonso (USP) e Maria do Carmo Siqueira Nino (UFPE)

A LITERATURA EM ABISMO NA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA DA OBRA LITERÁRIA SHAKESPEAREANA A MEGERA DOMADA PARA A TELENVELA BRASILEIRA O CRAVO E A ROSA

Adilma Nunes Rocha

Resumo: A relação da literatura com outras artes sempre ocorreu nos processos criativos artísticos por meio do trânsito transcriativo das linguagens denominado tradução intersemiótica (Plaza), o qual tornou-se ainda mais fecundo com o avanço tecnológico que permeia os processos artísticos-culturais contemporâneos. Tal processo criativo, ao tomar um texto de partida, geralmente aclamado pela tradição ou pelo público-leitor, recriando-o em outras textualidades nos propicia pensar como o conceito de mise en in abyme, (advindo da técnica romanesca de André Gilde e teorizada por Lucien Dallenbach) ocorre neste ato criador. Em especial, pensar numa literatura em abismo nos atos criativos da tradução da literatura para a telenovela, produto artístico da indústria cultural conforme Martin-Barbero, nos faz questionar as relações realidade/literatura, literatura/telenovela, telenovela/realidade, numa tradução não apenas de signos em si em mera conservação da mimese platônica mas na perspectiva deleuziana do simulacro, onde experiências invisibilizadas, antes não enquadradas, passam a ter visibilidade pelo processo especular que aponta para diferentes olhares e outras perspectivas. Neste sentido, propomos uma breve reflexão sobre a literatura em abismo no processo de tradução intersemiótica e cultural da obra A megera domada (Shakespeare-1594) para a telenovela brasileira O cravo e a rosa (Walcy Carrasco-2000). O termo abismo aqui, inicialmente nos remete a busca da profundidade, das possibilidades, das diferenças que nos levam à diversidade, em contraposição à superficialidade do discurso único eurocentrado instaurado no Ocidente veiculados às representações literárias. Nesta perspectiva, vislumbramos a tradução, conforme Plaza, “como pensamento em signos, como trânsito de sentidos, como transcrição de formas de historicidade” desconstruindo enquadramentos excludentes, que nos desvelam as existências em suas mais amplas perspectivas para uma construção do mundo comum, possível a todos.

Referências: CANCLINE, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008. DALLENBACH, Lucien. intertexto e autotexto. In: Intertextualidades. Trad. Clara Crabbé Rocha. coimbra: Almedin, 1979. p. 51-76. DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: __ Lógica do sentido. Trad. Luiz Roberto salinas. São Paulo: Perspectiva: SEDUSP, 2015. p. 259-271. DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: __ A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.407- 426. MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações; comunicação, cultura e hegemonia. rio de janeiro: editora da UFRJ, 2009. O CRAVO e a rosa. Escritores: Walcy Carrasco e Mario Teixeira. Direção Geral: Walter Avancine, Rio de janeiro: Globo, 2000. 221 capítulos, DVD 26 discos. PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2008. ROSENFELD, Anatol. Texto/Contexto I. São Paulo: Perspectiva, 2009. SADEK, José Roberto. Telenovela: um olhar do cinema. São Paulo: Summus, 2008. SHAKESPEARE, Willian. A Megera Domada. Trad. Ridendo Castigat, ano: 2000 disponível em: www.ebooksbrasil.com.

TARKOVSKI PAI, TARKOVSKI FILHO: UM ABISMO DE GERAÇÕES NO FILME “O ESPELHO”

Alana Aynore Veiga Leão

Resumo: Propomo-nos aqui a refletir sobre o filme “O Espelho” (1974) do cineasta russo Andrei Tarkovski e a maneira como a “mise en abyme” o constrói ao longo da narrativa. O foco especial se dará em como Andrei se apropria das poesias de seu pai, Arseny Tarkovski, para compor cenas de seu filme, estabelecendo uma relação criativa entre o filho diretor e o pai poeta. A partir dessas cenas em que os poemas do pai são recitados, sobrepostos tanto a filmagens do próprio diretor, quanto a filmagens de um cenegrafista de guerra (que Tarkovski utiliza colando em seu filme), buscaremos refletir sobre questões vinculadas à memória a partir das teorias do filósofo alemão Henri Bergson,

desenvolvidas especialmente em sua obra “Matéria e Memória” (1999). A simbiose entre o passado e o presente instaurada na forma de Tarkovski fazer cinema, compõe uma particularidade de receptividade semiótica, bem como a utilização dos poemas de seu pai contribuem para a criação de uma atmosfera onírica que fazem referência à memória e estimulam no indivíduo uma posição contemplativa diante do filme. Assim como livro de Tarkovski “Esculpir o Tempo” (2002) onde estão presentes os poemas de Arseny será utilizado, também será norteadora a leitura de Lucien Dallenbach (1975) para o desenvolvimento de reflexões sobre a da “mise en abyme”, bem como a de Umberto Eco (1989) para refletir sobre a questão especular que o filme provoca desde o seu título. Nessa relação intersemiótica entre cinema e literatura, tendo como foco a obra cinematográfica em questão, tais referenciais teóricos serão como o chão que antecede e, concomitantemente, presentifica o salto existente em uma experiência abismal.

Referências: O Espelho. Direção de Andrei Tarkovski. Rússia, 1974. Longa-metragem, colorido e preto e branco. Produção: E. Vaisberg. URSS Mosfilm (quarto grupo artístico), 1 DVD. (130min); BERGSON, Henri. Matéria e Memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999. TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o Tempo. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002. ANKER, Valentina; DALLENBACH, Lucien. A Reflexão Especular. Art Internacional vol. XIX/2, fevereiro, 1975. Trad. do original em francês: Maria do Carmo Nino. ECO, Umberto. Sobre os Espelhos E Outros Ensaio. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

A CRÔNICA COMO ESPAÇO DA IRONIA E A REFLEXÃO SOBRE POÉTICAS JORNALÍSTICAS EM "BAZAR DE ALMAS", DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Ana Carolina Sa Teles

Resumo: A comunicação analisa a crônica “Bazar de almas”, de Júlia Lopes de Almeida, e seu processo de ironia e de intertextualidade em abismo por meio da citação de um outro gênero jornalístico, o anúncio. A partir do espaço privilegiado da primeira página do jornal O País, a crônica de 20 de junho de 1911 reflete sobre o apelo e a forma dos anúncios comerciais feitos na mesma mídia. Assim, a escritora pontua o seguinte comentário irônico sobre a relação entre a escrita midiática e a escrita literária: “Ah, a grande arte do anúncio, a grande arte moderna da imposição desmascarada, como ela é maleável e é esperta! No desejo de significar muita coisa em poucas palavras, os anunciantes vão excedendo os escritores na prática da síntese” (ALMEIDA, 1911, p. 1). Lembremos que a primeira publicação de Júlia Lopes de Almeida foi uma crônica de crítica cultural em 1881 no jornal Gazeta de Campinas. Depois desse marco, ela contribuiu com periódicos por décadas, não apenas exercendo a função de escritora-jornalista, como também rompendo barreiras de papéis de gênero, ao se tornar a primeira escritora a se manter financeiramente com seu trabalho nas letras brasileiras do século 19 e do início do século 20. Dessa forma, a pesquisa se orienta pelos estudos de Lúcia Granja sobre o papel estratégico dos escritores-jornalistas no oitocentos e no entresséculos no Brasil. Igualmente, orienta-se pelas investigações de Marie-Ève Thérenty sobre o papel-chave que as escritoras-jornalistas tiveram no exercício da circularidade entre formas jornalísticas e formas literárias no mesmo período na França.

Referências: ALMEIDA, Júlia Lopes. Bazar de almas. O País, p. 1, Rio de Janeiro, 20 de jun. 1911. GRANJA, Lúcia. Crônica. Chronique. Crónica. In: Revista da ANPOLL, vol. 1, n. 38, 2015, p. 86-100. _____.; ANDRIES, Lise (orgs). Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/França, século XIX. Campinas; São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2015. _____. Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2018. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/cbysw>. Acesso em: 26/08/2022. _____.; LUCA, Tania Regina de. Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas: Editora UNICAMP, 2019. KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (dir). La civilisation du journal: historie culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle (1800-1914). Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011. LEVIN, Orna Messer; THERENTY, Marie-Eve. Entretien avec le Professeur Docteur Marie-Ève Thérenty. SOLETRAS, 2020, 40, pp. 19-27. THÉRENTY, Marie-Ève. Femmes de presse, femmes de lettres: de Delphine de Girardin à Florence Aubenas. Paris:

CNRS Éditions, 2019. _____. La littérature au quotidien: poétiques journalistiques au XIXe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

MISTIFICAÇÃO E MISE EM ABYME: DIDEROT E SUAS CONVERSAS

Christine Arndt de Santana

Resumo: Diderot, em um dos momentos mais conturbados de sua vida, em razão da perseguição que sofreu quando da publicação da Enciclopédia, coloca-se a escrever um gênero que, para ele, era o início de uma caminhada nova: dramaturgia. Essa decisão teve, como finalidade, avançar em seu projeto-político-pedagógico que considerava que o Esclarecimento, as Luzes, significava a junção entre duas qualidades: a sabedoria (esclarecimento) e a bondade (virtude). O alcance a este estágio de esclarecimento seria possível, apenas, via uma Educação Estética. Para tanto, ao pensar uma poética para o Teatro, o Philosophe necessitava se utilizar de procedimentos que possibilitassem às espectadoras e aos espectadores a Mistificação – estratégia-chave para a construção das Conversas (poética da peça O Filho Natural) – e, também, a Mise en abyme, que criaria uma ambiência à leitora-espectadora, ao leitor-espectador, ao transformar a experiência da leitura em uma espécie de vertigem, por constatar a presença de uma reflexividade literária (ANKER & DÄLLENBACH (1975)). Esta apresentação terá como finalidade expor que a peça de teatro e sua poética estão interligadas e funcionam em *pari passu*. Justamente por isso, a obra, e a teorização sobre ela, não são dois textos diferentes e, também esse recurso, mistifica e cria a reflexividade literária.

Referências: ANKER, V.; DÄLLENBACH, L. A reflexão especular na pintura e literatura recentes. Tradução do original em francês: Maria do Carmo Nino, Art Internacional, v. 19, n. 2, fev. 1975. DIDEROT, Denis. Obras V: O Filho Natural. Tradução Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção “Textos”). FRANTZ, Pierre. L'esthétique du tableau dans le théâtre du XVIII siècle. Paris: PUF, 1998. (Collection Perspectives Littéraires).

A MISE EN ABYME NO FILME O FESTIVAL DO AMOR, DE WOODY ALLEN

Eduardo Neves Da Silva

Resumo: O propósito desta comunicação é discutir e avaliar criticamente o processo reflexivo da mise en abyme no mais recente filme de Woody Allen, O festival do amor, lançado em 2020. A película aborda as ilusões e decepções do crítico de cinema Mort Rifkin, que viaja com a esposa a San Sebastian, Espanha, para acompanhar o festival de cinema local. Como sói acontecer na filmografia de Allen, a obra traz à tona a reflexividade fílmica, aqui marcada, dentre outros recursos, pelo encaixe de cenas de obras-primas da sétima arte, que se misturam com a imaginação e devaneios do protagonista. Marcado pela metalinguagem e cinefilia, o longa-metragem revisita desde Cidadão Kane (1941), de Orson Welles, Morangos silvestres (1957) e O sétimo selo (1957), de Ingmar Bergman, passando pelo Acossado (1960), de Jean-Luc Godard, Jules e Jim – uma mulher para dois (1962), de François Truffaut, até O anjo exterminador (1962), de Luis Buñuel, além de 8½ (1963), de Federico Fellini. Tais revisitações favorecem as discussões em torno do procedimento especular da mise en abyme. Proveniente dos estudos acerca da intertextualidade, a mise en abyme ou reflexividade define-se em linhas gerais como “um enunciado que se refere a outro enunciado, e, portanto, uma marca do código metalinguístico” (DÄLLENBACH, 1977, p. 62), alargando o processo de significação textual. Portanto, os procedimentos utilizados no corpus escolhido nos permitem defender que a reflexividade é um elemento estruturante no cinema de Allen. Assim, buscamos uma análise possível ao filme mencionado, a partir de instrumentais teóricos que iluminam o tema, tais como os estudos de Lucien Dallenbach (1977), Robert Stam (1992), e Jean-Marc Limoges (2008).

Palavras-chave: Woody Allen; Mise en abyme; Cinema; O festival do amor.

ARTE VITRAL EM ABISMO: UMA ASSINATURA ESPECULAR PARA A CRUCIFICAÇÃO

Fernando de Mendonça

Resumo: A arte vitral, muito difundida na Europa durante a Idade Média, sempre se estabeleceu sobre uma forte relação entre os princípios das artes plásticas e o imaginário da literatura bíblica. Não apenas por um efeito pedagógico de atualizar narrativas visualmente, mas também pela

capacidade de recriar atmosferas por meio da luz, das cores e de seus efeitos ópticos, a presença dos vitrais medievais é incontornável para a História das Artes, inclusive, e ainda que não seja habitual uma reflexão nesse sentido, dentro da vertiginosa perspectiva da estrutura em mise en abyme. Com o intuito de ocupar lacunas nesse tipo de abordagem – considerando a pouca visitação que os estudos de mise en abyme realizam a exemplos da arte vitral – trazemos aqui uma proposta de leitura que parte do “Vitral da Crucificação” (Vitrail de La Crucifixion), produzido entre 1161 e 1173, com a última restauração datada em 2004, na Cathédrale Saint-Pierre et Sain-Paul, em Poitiers (FR). Considerada uma das obras-primas da arte vitral, a obra se divide em três partes narrativas: o martírio, a morte e a ressurreição/ascensão de Cristo, também apresentando na margem inferior uma representação em abyme de seus doadores, as cabeças coroadas de Leonor da Aquitânia e Henrique II, da dinastia Plantageneta. Nosso objetivo é de concentrar a reflexão em torno da especular base que se forma na inusitada assinatura do vitral, verificando a relação ontológica que existe entre esse tipo de linguagem visual e a qualidade mosaica, na qual será de extrema importância a teorização que Lucien Dällenbach (2001), um dos mais importantes pensadores da mise en abyme fez sobre a arte dos mosaicos, assim como a prefiguração legada pelos vitrais medievais para com a moderna consciência fractal (CONDÉ, 1993).

Referências: CONDÉ, Susan. FRACTALIS, La Complexité Fractale Dans L’Art. La Différence, 1993. (trad. Maria do Carmo Nino) DÄLLENBACH, Lucien. Mosaicos - um objeto estético à rebotes, Ed. du Seuil, 2001. (trad. Maria do Carmo Nino).

O FAUSTO BRASILEIRO DE MACHADO DE ASSIS

GREGORY MAGALHÃES COSTA

Resumo: Pretende-se rastrear os traços fáusticos da narrativa ficcional de Machado de Assis, composta em primeira pessoa, na categorização de Franz Stanzel, quando narrador e personagem são o mesmo e a distância temporal entre eles gera metamorfose existencial, permitindo a crítica e autocrítica constante, de modo que o narrador zomba do personagem que foi, numa bufonaria transcendental. Deste modo, se denuncia a frieza racional destes personagens indiferentes, que, na visão de Antonio Candido, se convertem em devoradores sociais. Brás Cubas devora sexualmente Marcela e Virgília e socialmente Lobo Neves, Eugênia e seu escravo Prudêncio numa perpetuação ritual da opressão. Bento Santiago, santo e Diabo, segundo Helen Caldwell, devora Capitu, Escobar e seu filho. Estes personagens vivem numa crise civilizatória acossados por fáusticas ideias fixas de egoísmo, exploração, glória e eternidade. O Diabo chega a fundar uma igreja para atizar a indiferença humana num conto que cita diretamente Fausto. Assim, por meio da poética comparada, é possível demonstrar como a ficção machadiana se nutre da tradição fáustica, sobretudo da de Goethe, renovando-a por meio da tradição de La Mancha, como define Carlos Fuentes, situando Machado como gênio literário, conforme avalia Harold Bloom, moderno, como defende Susan Sontag. Num romance como Memórias póstumas, essa relação intertextual pode se dar em abyme por fragmentos altamente significativos espalhados em forma narrativa pelo defunto autor, segundo definição de Lucien Dällenbach: “est mise en abyme toute enclave entretenant une relation de similitude avec l’oeuvre qui la contient” (1977, p. 18). André Gide transportou um termo da heráldica para a prática literária a fim de descrever o fenômeno artístico das reduplicações reflexivas passado de geração em geração. A reflexão literária seria uma forma de refletir o mundo. Mais do que os modos de essa estrutura se manifestar na literatura, verificaremos os significados que cada obra encerra e origina.

Referências: BLOOM, Harold. Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. CALDWELL, Helen. O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro. Tradução de Fábio Fonseca. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. DÄLLENBACH, Lucien. Le récit spéculaire: essai sur la mise en abyme. Paris: Éditions du Seuil, 1977. FUENTES, Carlos. Machado de La Mancha. DF: Fondo de Cultura Económica, 2001. GIDE, André. Journal (1889-1939). Paris: Gallimard, 1948. GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto I. Tradução de Jenny Klabin Segall, apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2014. _____. Fausto II. Tradução de Jenny Klabin Segall, apresentação, comentários e

notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2011. MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Bons dias!. Introdução e notas de John Gledson. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. _____. Dom Casmurro. São Paulo: Abril, s/d. _____. A igreja do Diabo. In: Histórias sem data. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. _____. Memórias póstumas de Brás Cubas. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. SONTAG, Susan. Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis. In: _____. Questão de ênfase. São Paulo: Cia de bolso, 2020. pp. 41-53. STANZEL, Franz. Narrative situations in the novel. Translated by James P. Pusack. Bloomington/London: Indiana University Press, 1971.

A RE-CRIAÇÃO EM JULES LAFORGUE

Guacira Marcondes Machado

Resumo: A re-criação em Jules Laforgue Em Moralités légendaires, Jules Laforgue busca praticar um novo gênero, para ele, em prosa, utilizando lendas e mitos conhecidos, tirados, portanto, da tradição, mas de maneira original e em uma linguagem que já havia desenvolvido em seus livros de poesia. Há frases das Moralités que podem se tornar versos livres nos quais se encontram repetições, rimas, apóstrofes, parênteses, enumerações, comuns em seus versos. Há também o emprego de uma linguagem eufônica, na qual os sons formam combinações satisfatórias para o ouvido, e na qual agrupamentos de palavras lembram divisões binárias e ternárias da poesia. Trata-se de uma re-escritura, diz Grojnowski ou, antes, de uma sobre-escritura em relação a versões anteriores, de modo a criar, sim, um texto singular e único. Diz Grojnowski ainda que não existe versão primeira, que toda versão é versão de uma versão, uma das variações e das reinterpretações produzidas infinitamente pela literatura. Na prosa saturada das Moralités, Laforgue visa agora outro estereótipo: os procedimentos romanescos. A narrativa deixa, a todo momento, entrever o caráter convencional dos modos de produção ficcional. Os alvos da ironia tornando-se, essencialmente, os modelos do romance, sobretudo o realista, tanto quanto a tentação legendária mais geral, é toda a tradição do romance realista da narrativa ocidental que se vê contestada e interrogada em seus fundamentos. É um ataque em regra contra o que Laforgue percebe como clichês narrativos.

Referências: Grojnowski, Daniel "Laforgue et les usages du mythe" <http://orsini.net/laforgue/vortex2/grojno2htm> acesso em 20/04/12 Laforgue, Jules Moralités légendaires. Paris-Genève: Librairie Droz, 1980.

A MISE EN ABYME DA SUBJETIVIDADE EM A TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA, DE ITALO CALVINO

Igor Gonçalves Miranda

Resumo: O debut literário de Italo Calvino é o romance A trilha dos ninhos de aranha, publicado originalmente em 1947. Dezessete anos depois, em 1964, o escritor republica seu primeiro romance com um prefácio ensaístico tardio que trata dos processos de criação literária, cujo principal tema é a relação afetiva entre escritor e sistema literário. No ensaio prefacial, Calvino comenta um romance que destoa do neorrealismo italiano em voga na época, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Diante do movimento editorial de releitura e abertura de afetos criativos do autor para o leitor, esta comunicação pretende compartilhar a identificação de recursos estéticos da autorreflexividade, sobretudo a mise en abyme, entre dois gêneros textuais diferentes: o ensaio prefacial sobre a experiência de criação literária e o romance. Para instrumentalizar conceitualmente a abordagem do ensaio paratextual, evoca-se a voz do teórico Genette (2009) e do crítico especialista Troiano (2015). O norte teórico sobre a autorreflexividade envolve os seguintes autores: Gide (2013), Dällenbach (1991), Eco (1989) e Anker e Dällenbach (1975). No ensaio prefacial da segunda edição de A trilha dos ninhos de aranha, a mise en abyme é o desdobramento reflexivo da subjetividade de Italo Calvino; ou seja, trata-se de visualizar uma dança das imagens especulares e fantasmáticas ritmada pela aposiopese do eu autoral.

Referências: ANKER, V.; DÄLLENBACH, L. A reflexão especular na pintura e literatura recentes. Tradução do original em francês: Maria do Carmo Nino, Art Internacional, v. 19, n. 2, fev. 1975. CALVINO, Italo. A trilha dos ninhos de aranhas. 2. ed. Tradução: Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. CAMARGO, Juliane. I libri degli altri: panorama literário italiano no pós-guerra nas cartas de Italo Calvino. Dissertação de Mestrado — Universidade Estadual Paulista (UNESP),

Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153179>. Acesso em: 17 dez. 2020. CAMON, Ferdinando. Italo Calvino. In: _____. Il mestiere di scrittore: conversazioni critiche. [S. l.]: Aldo Garzanti Editore, 1973, p. 181-201. CEIA, Carlos. Aposiopese. In: CEIA, Carlos (org.). E-dicionário de termos literários, Lisboa, 30 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/aposiopese>. Acesso em: 11 nov. 2020. DÄLLENBACH, Lucien. El relato especular. Madrid: Visor Distribuciones, 1991. ECO, Umberto. Confissões de um jovem romancista. Tradução: Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2013. ECO, Umberto. Sobre os espelhos. In: ECO, Umberto. Sobre os espelhos e outros ensaios. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 11-44. GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Tradução: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. GIDE, André. O tratado de Narciso (teoria do símbolo). Sopro 92, Florianópolis, SC, n. 92, jul. 2013. Tradução: André Vallias. Edição: Alexandre Nodari e Flávia Cera. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/arquivo/gide.html#.X80fRGhKiHt>. Acesso em: 6 dez. 2020. GUERREIRO, Fernando. Teoria do fantasma. 1. ed. Lisboa: Mariposa Azul, 2011. NORONHA, Jovita M. G (org.). Ensaio sobre autoficção. Tradução: Jovita M. G. Noronha; Maria I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. TROIANO, Sergio. Calvino editore: riflessioni sui paratesti calviniani. Incontri – Rivista Europea di Studi Italiani, Netherlands, Anno 30, 2015, p. 34-45. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283035663_Calvino_editore_Riflessioni_sui_paratesti_calviniani/download. Acesso em: 02 jul. 2019.

NARRATIVAS EM ABISMOS: A METACRIAÇÃO EM A AUDÁCIA DESSA MULHER, DE ANA MARIA MACHADO

Luana Santana Leite

Resumo: Esta proposta de pesquisa do livro 'A Audácia Dessa Mulher' (1999), de Ana Maria Machado, tem como objetivo a análise do trabalho da reescrita de autoria feminina com base nas teias narrativas provocadas, que serão analisadas através do conceito da "Mise en abyme" (ANKER; DÄLLENBACH, 1975), que coloca um texto dentro de outro; personagens e situações em um processo de espelhamento (ECO, 1989) de um em relação ao outro e que provoca a intertextualidade com o clássico 'Dom Casmurro' (1899), de Machado de Assis. Dessa forma, a autora provoca em sua obra uma metacriação baseada em narrativas que se encaixam (TODOROV, 2006) e se duplicam através do fenômeno especular na literatura ao construir três narrativas diferentes, mas que se complementam, pois há a noção de que são duplos e espelhos umas das outras, o que acontece também com relação às personagens, não só de seu livro, mas também com base nas de Dom casmurro. Os conceitos teóricos dos abismos encontrados no livro serão analisados a partir dos estudos do campo da semiótica iniciada por Peirce, considerando as relações de sentido provocadas em signos, objetos e interpretantes e com isso será possível perceber como serão manifestadas as duplicações das narrações, das personagens e dos acontecimentos que constroem as camadas do livro de Maria Machado permeadas pela presença do processo criativo e da escrita enquanto um recurso estético que provocará interpretantes.

Referências: ANKER, Valentina; DÄLLENBACH, Lucien. A Reflexão especular na pintura e literatura recentes, in Art Internacional, vol. XIX/2, fevereiro 1975. (Trad. do original em francês: Maria do Carmo Nino). ASSIS, Machado. Dom Casmurro. São Paulo: Editora Egéria, 1978. ECO, Umberto. Sobre os espelhos e outros ensaios. Viseu: Tipografia Guerra, 1989. MACHADO, Ana Maria. A audácia dessa mulher. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999. PEIRCE, C.S. SEMIÓTICA. São Paulo: Perspectiva, 2005, 3. ed. TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas [tradução Leyla Perrone-Moisés]. — São Paulo: Perspectiva, 2006, 4. ed.

REFÚGIO: DEVIRES ENTRE PASSADO(S) E PRESENTE(S)

Maria Do Carmo Siqueira Nino

Resumo: Tomando como base "Refúgio", uma instalação artística de minha autoria exibida em duas versões: uma apresentada em Recife (Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães -MAMAM, em 23/09 a 11/12/2021) e outra na Alemanha (Städtische Galerie, Bremen, de 09/10 a 18/12/ 2022), obra híbrida que associa o visual e o verbal, constituindo um exemplo de como o espaço de um

container de madeira utilizado para transporte foi pensado como uma evocação de frases em palimpsesto, lembranças de leituras, ideias, pensamentos. Pensamentos estes que ao povoar a mente e emergindo a partir do encontro com autores diversos mediados por vários tipos de linguagens, sejam elas visuais (cinema, pintura) ou literárias ao longo de minha trajetória, tecem suas influências e deixam suas marcas em mim. Toda escrita consiste em corte e a proposta levará portanto em conta a vertigem viabilizada pela fragmentação, pela colagem, pelo labiríntico “mosaico de citações” (Julia Kristeva, *Sèméiotiké: Recherches pour une sémanalyse*)), de referências intertextuais a partir do deslocamento efetivado pelos trechos escolhidos, analisados à luz de autores como Gérard Genette (*Seuils; Pallimpsestes: la littérature au second degré*s), Lucien Dällenbach (*Le récit spéculaire: essai sur la mise en abyme; Mosaïques, Un objet esthétique à rebondissements*), Susan Condé (*Fractalis - La complexité fractale dans l'art*), (Victor I. Stoichita, *A Instauração do Quadro - Metapintura nos Inícios dos Tempos*), entre outros.

Referências: - Anker, V., Dällenbach, L., *La reflexion spéculaire dans la peinture et la littérature récentes*, Paris, Art International vol. XIX/2, 1975. - Burroughs, W. e Gyson, Brian, "Cut-Ups, Permutation, Fold-ins" in Blistène, Bernard, Legrand, Véronique, (org.) *Poesure et peinture "d'un art à l'autre"*, França, Musée de Marseille, exposition du 12 février - 23 mai, 1993. - Condé, S., *Fractalis - La complexité fractale dans l'arts*, tr.S.Condé, F.Vilter, C.Penwarden, Paris, La Différence, 1993 - Dällenbach, L., *Mosaïques, Un objet esthétique à rebondissements*, Paris, Seuil, 2001, *Le récit spéculaire. Essai sur la mise en abyme*, Paris, Seuil, 1977 - Genette, G., *Seuils*, Paris, Seuil, 1987, coll. Poétique. , *Pallimpsestes: la littérature au second degré*, Paris, Seuil, 1982, coll. essais - Kristeva, J., *Sèméiotiké: Recherches pour une sémanalyse*, Paris, Seuil, (1969) 1978, coll. points. - Stoichita, Victor I., *A Instauração do Quadro - Metapintura nos Inícios dos Tempos Modernos* Trad.Rui Pires Cabral, Edição, revisão e bibliografia João Francisco Figueira e Vítor Silva KKYM | Lisboa, 2019.

MISE EN ABYME REVISITADA

Mariângela Alonso

Resumo: O propósito desta comunicação é discutir os desdobramentos teóricos do procedimento narrativo da mise en abyme, tomando como ponto de partida as formulações iniciais de André Gide em 1893 e os desdobramentos teóricos realizados em torno do conceito, desde os estudos seminais de Lucien Dallenbach, Jean Ricardou, Gérard Genette, até a gama de pesquisas mais recentes, como as de Tonia Raus, Gian Maria Tore, entre outras. Ao longo do tempo, a definição de mise en abyme mostrou-se plural, ultrapassando o âmbito da narratologia. Devido à complexidade que o envolve, o conceito não pode mais ser compreendido a partir de um simples processo narrativo, operando ao nível do enunciado. Em linhas gerais, a mise en abyme envolve um objeto reflexivo que lhe confere um referente, iluminando a relação da obra de arte com o mundo e sua representação. A força expressiva deste processo abrange artefatos culturais, bem como relações ontológicas e antropológicas. No entanto, parece não haver ainda uma tomada de consciência da complexidade deste fenômeno pelos estudiosos, os quais constantemente desviam-se do conceito, tomando-o por outros elementos, como se tratasse apenas de metaficção ou do velho esquema da obra dentro da obra. Nesse sentido, propomos definir a vertigem operante na mise en abyme como uma figura que permite expressar construções do pensamento, a saber, a reflexividade. A mise en abyme deixa de ser pensada apenas no enquadramento narrativo para atingir uma abordagem mais pragmática, permitindo, pela reflexividade, identificar as suas potencialidades numa tensão entre o todo e suas partes. Portanto, esta comunicação centra-se nas formas como a mise en abyme emerge, como conceito e como fenômeno, de modo a definir seus limites e potencialidades. Em suma, buscamos discutir não apenas a obviedade que ronda o conceito, mas a sua riqueza teórica e seus desafios nos estudos literários e culturais.

Palavras-chave: Mise en abyme; Reflexividade; Crítica literária

LONA ALTA, ENSAIO E CRIAÇÃO

Martina da Silva Schaedler

Resumo: Uma criança acorda no meio da noite. Alcança uma cadeira. De joelhos, abre as janelas de um casarão. A curiosidade chama-lhe do sono, há muito que ver noite adentro. Lá fora, na imensa escuridão rompida de reflexos míticos, ergue-se a lona. O menino não está só... Em 1970, Federico Fellini lança o filme documentário *I Clowns*, com tradução no Brasil para *Os Palhaços*. A obra foi uma encomenda de um canal de televisão italiano. Contou o cineasta para essa produção com seu parceiro Nino Rota, que nos move com trilha sonora primorosa. A encomenda era simples: contar sobre os palhaços do passado. Assim fez Fellini, com tristeza amorosa, morando no filme, trazendo lembranças, criando uma vida passada de infância, alcance, palhaços. Neste estudo, invisto sobre a obra, filme documentário de Fellini, por dentro de sua inquietação, que opera em mim como encantamento. Expectadora. A escolha que por vezes teima encontro, abismo, prescinde-se de um lugar que outro, onde espia o medo e ri. Teoria é olhar. Digo, então, olhar por dentro, teoria e criação. Para tanto, valho-me do recurso conceitual de mise en abyme dos estudos de André Gide enquanto potência teórica, crítica e criativa para se pensar literatura pela criação literária com/em múltiplas linguagens, discursos e interdisciplinaridades. Tomo-me enquanto quem lê, cria e escreve em três tempos: fresta, rumo e contingência. Picadeiro é ferida.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução e apresentação de Silvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007. AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato*. Ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. Tradução de Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. ADORNO, Theodor. *O ensaio como forma*. In: *Notas de literatura*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: editora 34, 2003. p. 15-45. DIDI-HUBERMAN, George. *A sobrevivência dos Vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. DALLENBACH, Lucien. *Intertexto e autotexto*. In: *Intertextualidades*. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979. TIMM, Ricardo. *Crítica da Razão Idolátrica*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020. TIMM, Ricardo. *ÉTICA DO ESCREVER: Kafka, Derrida e a Literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

ÁGUA VIVA E OUTRAS ARTES: CLARICE LISPECTOR E IVAN SERPA

Thais Santos Medeiros

Resumo: Propomos nesta pesquisa uma análise do romance *Água Viva* (1973), de Clarice Lispector, à luz do mergulho nas artes plásticas proporcionado pela narradora, comparando-o com alguns quadros do pintor Ivan Serpa. Tanto Clarice Lispector quanto Ivan Serpa apontam em suas obras características que destacam a arte como um processo desumanizador, uma vez que refletem na literatura e na pintura, respectivamente, a existência de elementos que retiram o foco de uma pretensa objetividade e jogam-no na subjetividade, características essas próprias à ideia de desumanização, segundo Ortega y Gasset. Com isso, ensinamos pôr em evidência as semelhanças e/ou as diferenças entre ambos os artistas, respeitando as especificidades de cada semiose – pintura e literatura –, e destacando o diálogo da obra clariciana com seus contemporâneos. Trata-se também de colocar em relevo a percepção de uma abordagem em abyme, considerando que a pintura é refletida tanto na escritora, quanto na personagem do romance. Por isso, a perspectiva abismal se perfaz em vários níveis, bem como a necessidade de um olhar intersemiótico que ajude a iluminar uma a outra, por meio de uma reflexão sobre a pintura, o que se fará por meio de uma imersão nos trabalhos de intelectuais como Gombrich e Teles sobre os movimentos artísticos e história da arte.

Referências: ORTEGA Y GASSET, J. *A desumanização da arte*. Trad. Ricardo Araujo e Vicente Cechelero. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. GOMBRICH, Ernest. *The story of art*. 16. ed. London: Phaidon Press, 1995. TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SIMPÓSIO “MUNDOS RIZOMÁTICOS, CIRCUNVIZINHAS TRANSCULTURAIS: A LITERATURA COMPARADA COMO ZONA DE FRICÇÃO NAS AMÉRICAS, ÁFRICAS E AMAZÔNIAS”

Amilton José Freire de Queiroz (UFAC), Ezilda Maciel da Silva (UFPA) e Henrique Silvestre Soares (UFAC)

DESDE RASTROS, FRICÇÕES E TRAVESSIAS - AS LITERATURAS DAS AMAZÔNIAS, AMÉRICAS E ÁFRICAS EM CONTRAPONTO

Amilton José Freire de Queiroz

Resumo: Resumo: O objetivo central deste trabalho é expor as linhas de reflexão articuladas para examinar textos literários das Amazônia, Áfricas e Américas através da interlocução entre a Teoria da Literatura, a Literatura Comparada, Teorias pós-coloniais e decoloniais no âmbito dos cursos de Letras Universidade Federal do Acre. Pensada sob a jurisdição dialógica, a Teoria da Literatura constitui um horizonte de articulação fecundo, conjugado especialmente na direção do olhar de autores como Jonathan Culler, Eneida Maria de Souza, Ivete Walty, Thomas Bonnici e Antoine Compagnon. Flagrando também a poética do intercâmbio, a Literatura Comparada triangula ao redor de cruzamentos entre imaginários transculturais. É dessa territorialidade convexa que se disseminam os fluxos da mirada comparatista em torno da bacia estética das Amazônia, Áfricas e Américas, encontrando respaldo crítico na capilaridade do pensamento de intelectuais como Benjamim Abdala Junior, Tania Carvalhal, Eduardo Coutinho, Zilá Bernd, Marli Fantini, Eurídice Figueiredo, Laura Cavalcante Padilha e Maria Zilda Ferreira Cury. Através do deslocamento pelo território da palavra desses comparatistas, fica patente o desafio de ampliar os limiares da significação em torno da semiótica interplanetária das comarcas, das heterogeneidades e dos balbucios culturais latino-americanos, entendidos a partir e para além de Angel Rama, Cornejo Polar, Hugo Achugar e Zulma Palermo. Por tal caminho crítico, espera-se fortalecer, estreitando, os pactos analíticos em torno da mobilidade de leituras comparatistas fundamentadas no diálogo entre a teoria, a crítica e a epistemologia das errâncias interdisciplinares com acento nas Amazônia, Américas e Áfricas. Nessa perspectiva, teorizar, comparar e transitar é, portanto, mover-se em direção à (geo)grafia da singularidade plural do ato de ler o texto alheio, mapeando as redes dialógicas e friccionais do sintagma Amazônia, Américas e Áfricas em contraponto.

Referências: PADILHA, Laura Cavalcante. A África e suas fonias – impasses e resgate. In: PONTES, Geraldo e ALMEIDA, Claudia (Orgs). Relações literárias internacionais: lusofonia e francofonia. Niterói/ Rio de Janeiro: EdUFF/de Letras, 2007. P. 103-116. PALERMO, Zulma, Comparatismo contrastivo em culturas pluriversas. In. NOLASCO, Edgar Cézar. A literatura comparada no Brasil hoje. Campinas, SP, Pontes Editores, 2022. RAMA, Angel. Regiões, culturas e literaturas. In. AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Tradução de Raquel Corte dos Santos, Elsa Gasparotto. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001. SAID, Edward. Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS, HUMANIDADES E LINGUAGENS: LITERATURAS DE RESISTÊNCIA EM ISABEL ALLENDE E CONCEIÇÃO EVARISTO

Angela Glaucia da Silva

Resumo: Esta comunicação objetiva examinar as literaturas de resistência em Isabel Allende (2001) e Conceição Evaristo (2011). Para tanto, adotamos como corpus de análise os contos "Duas Palavras" e "Natalina Soledad". Por sua vez, a hipótese do trabalho é a de que os dois contos trilham memórias, humanidades e linguagens de culturas hispano-americanas e brasileiras, por meio de narrativas de transgressão que destacam a posição de fronteira de suas autoras. Mais ainda, a escritura de Allende e Evaristo realizam uma cartografia da memória coletiva (WALSH, 2013) de mulheres resistentes à hegemonia das identidades culturais. A metodologia adotada é o estudo bibliográfico, articulado às reflexões da Literatura Comparada, da Teoria da Literatura, bem como dos Estudos Pós-coloniais e Decoloniais. Apoiamo-nos ainda em base teórico-crítica às reflexões de Vera Casa Nova (2008), Eduardo Coutinho (2016), Benjamin Abdala Júnior (2016), Eurídice Figueiredo (2013) e Zilá Bernd (2013). Até o presente momento, os resultados provenientes desta pesquisa de mestrado apontam

que as literaturas produzidas por Isabel Allende e Conceição Evaristo tecem olhares críticos e solidários, bem como apresentam traços de uma literatura de resistência, ao assumirem a escrita como espaço de denúncia e insurgência, ao “evocar as realidades pessoais e sociais – não através da retórica, mas com sangue, pus e suor” (ANZALDÚA, 2000). Por isso, uma conclusão provisória do trabalho seria a de que os dois contos inscrevem zonas de contato que rompem discursos hegemônicos, ao trilhar espaços de memória que abrem horizontes para traçar meios para o ensino de humanidades e linguagens da/na literatura hispano-americana e brasileira hoje.

Referências: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Comunitarismo literário-cultural e globalização: os países de língua portuguesa. *Journal of Lusophone Studies*, v.1, p. 246-261, 2016; ALLENDE, Isabel. *Cuentos de Eva Luna*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1990. ——. *Contos de Eva Luna*. (Tradução de Rosemary Moraes) 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001; ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo”. Trad. Édina de Marco. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, 2000b; BERND, Zilá. *Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 1, 2013; CASA NOVA, Vera. *Fricções: traço, olho e letra*. Belo Horizonte: UFMG, 2008; COUTINHO, Eduardo. *O novo comparatismo e o contexto latino-americano*. Alea: Estudos neolatinos (impresso), vol. 18, p. 181-191, 2016; EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011; FIGUEIREDO, Eurídice. *Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 23, p. 31-48, 2013; WALSH, Catherine. *Pedagogias Decoloniales: Práticas insurgentes de resistir, (re)existir, y (re)vivir*. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

O MUSSEQUE E O SERTÃO: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA EM LUANDINO VIEIRA E MARIA VALÉRIA REZENDE

David Pereira Júnior

Resumo: Nossa proposta é a de abordarmos os romances “Nosso Musseque”, do angolano José Luandino Vieira, e “Vasto Mundo”, da brasileira Maria Valéria Rezende, com base nas estratégias empregadas pelos autores visando a criação de um espaço ficcional de resistência das comunidades retratadas nas obras. Estando as tramas situadas em um musseque de Luanda, no caso de “Nosso Musseque”, e na vila sertaneja fictícia de Farinhada, na obra “Vasto Mundo”, temos como hipótese que as ambientações dos livros analisados se relacionam às estratégias literárias de caráter, também, ideológico e, portanto, com função extratextual. Objetiva-se, portanto, compreender como musseque e Farinhada são construídos nestas obras, observando suas relações com as personagens, com o enredo e com a própria estruturação do livro, visando desvelar qual papel representam ideologicamente, já que, como bem nota Rita Chaves (2005), “As marcas, os limites, os dilemas, as contingências de cada tempo e sua superação projetam-se nos textos [...]” (p. 13). Uma de nossas hipóteses é a de que estes locais são construídos, dentro da realidade maior dos países, como “comunidades imaginadas”, para usarmos o termo de Benedict Anderson (2008) ao escrever sobre o nascimento das nações. Assim, “independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir” no musseque e em Farinhada (e elas existem), elas, as comunidades, são concebidas “como uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 34). Deste modo, também nos interessa desvelar qual a relação desta construção espacial de caráter comunitário com a realidade extralinguística: em suma, a que, ou a quem, resistem estes espaços.

Referências: CORPUS: REZENDE, Maria Valéria. *Vasto Mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. VIEIRA, José Luandino. *Nosso Musseque*. Lisboa: Editora Caminho, 2003. APOIO TEÓRICO-CRÍTICO: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais: Um Ensaio sobre Mestiçagem e Hibridismo Cultural*. São Paulo: Editora SENAC, 2002. ——. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011. ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo:

Ática, 1989. p. 140-162. _____. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. _____. O homem dos avessos. In: Tese e antítese. São Paulo: T.A. Queiroz, 2002. p. 121-139 CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 2006. CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. _____. A formação do romance angolano: entre intenções e gestos. São Paulo: Fundo bibliográfico de Língua Portuguesa, 1999. CONCEIÇÃO, Angela Cristina Antunes. Caminhos e trilhas do comunitarismo cultural em José Luandino Vieira (Nosso Musseque) e João Ubaldo Ribeiro (Viva o Povo Brasileiro): Identidade em (Trans)formação. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-01022013-102238/publico/2011_AngelaCristinaAntunesConceicao_VCorr.pdf>. Acesso em: 04 de mar. de 2020. EAGLETON, Terry. Marxismo e crítica literária. São Paulo: Editora Unesp, 2011. ERVEDOSA, Carlos. Roteiro da literatura angolana. 4ª edição. Lisboa: União dos escritores angolanos, s/d. FERREIRA, Manuel. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. São Paulo: Ática, 1986. FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. JAMESON, Fredric. O Inconsciente Político: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Editora Ática, 1992. LEITE, Ana Mafalda. Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: edUERJ, 2012. LINS, Osman. Espaço Romanesco. In: Lima Barreto e o Espaço Romanesco. São Paulo: Editora Ática, 1976. _____. Espaço Romanesco e Ambientação. In: Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Editora Ática, 1976b. LOTMAN, Yuri M. El problema del espacio artístico. In: Estructura del texto artístico. Istmo: Madrid, 1978 MACEDO, Tania. Luanda, cidade e literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2008. MACEDO, Tania. CHAVES, Rita. Literatura e Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. MARGARIDO, Alfredo. Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980. MARTIN, Vima Lia. Luandino Vieira: engajamento e utopia. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Teresa (Org.). África & Brasil: letras em laços. 2. ed. São Paulo: Yendis, 2006. p. 211-230. MATA, Inocência. Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa. Ponte vedra/Braga: Cadernos do Povo, 1992. MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. PIACESKI, Daiana Patrícia F. Maria Valéria Rezende: colorindo invisíveis por meio da literatura. Editorial Dossiê n.24: Dissidências de gênero e sexualidade nas Literaturas de Língua Portuguesa. Revista Crioula, (24), jul./dez., 2019. p. 250-267 SANTILLI, Maria Aparecida. Paralelas e tangentes: entre literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. SANTINI, Juliana. Um lugar fora de lugar: a mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 55, set./dez. 2018. p. 267-284. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p.

DESDE SAVANAS E FLORESTAS: MAPAS DA PAISAGEM EM MIA COUTO E AMARINO SALES

Elerson Valente de Paiva

Resumo: Este trabalho examina os diálogos literários e culturais das poéticas de Mia Couto e Amarino Sales. Esse tema é investigado desde a análise comparada dos poemas “O bairro da minha infância”, do escritor moçambicano, Meu Retrato, do autor brasileiro. A hipótese da comunicação seria a de que o eu-lírico dos poemas tece, mapeia e dissemina uma paisagem rizomática das alteridades. Para ensaiar essa mirada crítica, articulamos as perspectivas de Antonio Candido (2000), Eliot (1999), Silviano Santiago (2004), Eneida Souza (2002), Carmem Figueiredo (2010), Ida Alves (2010), Leonardo Gandolfi (2010), João Paes Loureiro (1995), Garrard (2006) e Michel Collot (2012). No diálogo com estes estudiosos, propomos traduzir os mapas das intertextualidades das paisagens ecológicas dos dois poemas, identificando neles o caráter anfíbio, híbrido e heterogêneo perspectivado na literatura de Couto e Sales. Sendo assim, o lirismo rizomático que atravessa a poética destes autores destaca-se por produzir fricções e tecer conexões com a identidade, a

memória e o imaginário transfronteiriço. É desse contraponto poético que emerge a constelação rizomática das savanas e florestas em conexão. Portanto, este trabalho investiga a prática da intertextualidade, transculturalidade e supranacionalidade como possibilidade pedagógica para traduzir os mapas das paisagens poéticas de Mia Couto e Amarino Sales.

Referências: CANDIDO, Antonio. O estudo analítico do poema. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 1996. COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. Gragoatá, 17(33), 2012. FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Paisagem em três lições. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. GANDODOLFI, Leonardo. Geografia errante. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. GARRARD, Greg. Ecocrítica. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006. PAES LOUREIRO, João Jesus. Cultura Amazônica – uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015. SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.

BALBUCIOS DA INFÂNCIA, MAPAS DA PALAVRA, TOPOGRAFIAS DA VIDA – FIGURAÇÕES DA SOLIDARIEDADE CONTRAPONTUAL EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

Francisco Barbosa De Oliveira Neto

Resumo: Esta comunicação busca mapear as figurações da solidariedade contrapontual em Guimarães Rosa (2001) e Mia Couto (2013). Ademais, adota-se como corpus de análise os contos “A menina de lá”, do autor mineiro, e “A menina sem palavra”, do escritor moçambicano. Para atingir o proposto, realiza-se uma pesquisa de revisão bibliográfica de natureza qualitativo-descritiva, considerando os âmbitos da Literatura Comparada, a Teoria da Literatura e os Estudos decoloniais, especialmente as abordagens de Abdala Junior (1996), Eduardo Coutinho (2017), Gilda Bittencourt (2013), Silviano Santiago (2002), Eneida Souza (2017), Zilá Bernd (2013), Catherine Walsh (2019) e Hugo Achugar (2006). Com o foco tanto nos objetivos quanto nestes horizontes críticos, intenta-se desenvolver o seguinte problema: como ocorrem as figurações da solidariedade na literatura de Rosa e Couto? Como resposta provisória, chega-se à hipótese de que as duas narrativas analisadas aqui configuram solidariedades contrapontuais. Essa figuração dos pontos de convergência literária dá-se por meio dos balbucios da infância, isto é, a construção de personagens femininas cujas práticas de linguagem desestabilizam o falar, sentir e ver a realidade cultural familiar. Balbucios, como diria Hugo Achugar (2006), revelam estratégia de figuração plural das culturas brasileira e moçambicana. Portanto, o trabalho chega, provisoriamente, à conclusão de que os narradores e personagens dos contos rosiano e miacoutiano se (des)encontram na inscrição de “uma literatura anfíbia” (SANTIAGO, 2002), a qual promove uma cartografia de balbucios cujos rizomas “lá e cá” afrontam as fronteiras da infância nas topografias da vida figurada, tecida e ressignificada desde meninas em constante trânsitos de suas solidariedades contrapontuais.

Referências: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 3, p. 87-95, 1996 Tradução. Disponível em:

biblio.fflch.usp.br/Abdala_Junior_B_1085821_NecessidadeESolidariedadeNosEstudosDeLiteraturaComparada.pdf. Acesso em: 07 jan. 2023. ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura / Hugo Achugar; tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. BERND, Zilá. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. vista Brasileira de Literatura Comparada, n.23, 2013 BITTENCOURT, Gilda. Alteridade nos contos de Milton Hatoum. In: BITTENCOURT, Gilda; SCHMIDT, Rita T. Fazeres indisciplinados: estudos de literatura comparada / organizadoras Rita Lenira de Freitas Bittencourt [e] Rita Terezinha Schmidt. – Porti Alegre: Editora da UFRGS, 2013. 416 p. COUTINHO, Eduardo F. O comparatso e seus diálogos nos tempos de hoje. ComparArte, Rio de Janeiro, Volume 01, Número 01, Jan.-Jun 2017. COUTO, Mia A menina sem palavra / histórias de Mia Couto. — 1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2013. ROSA, João Guimarães, 1908-1967 Primeiras estórias / João Guimarães Rosa. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia.

ALCEU - v.3 - n.5 - p. 13 a 21 - jul./dez. 2002. SOUZA, Eneida Maria de. Literatura comparada. O espaço nômade do saber. Rev. Bras. Lit. Comparada, nº 2. 2017. WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. 553 p.

O CONTO “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A (RE)CONSTRUÇÃO DO FEMININO A PARTIR DA RE-EXISTÊNCIA, DAS ESCRIVIVÊNCIAS E DA DECOLONIALIDADE

Jamile da Costa Dias, Lívia da Costa Muniz

Resumo: O objetivo deste texto é estabelecer uma análise crítico-reflexiva em torno do Conto “Maria”, escrito por Conceição Evaristo, na obra “Olhos d’água” (2014), cujo enredo traça um perfil sócio-histórico-cultural e econômico real e brutal vivenciado pela mulher preta e pobre, relegada ainda a ocupar - pela ótica colonial e pós-moderna - as margens da sociedade que se diz democrática e antirracista. Como aporte teórico-metodológico e situadas na pesquisa bibliográfica, embasamos-nos em autores que dialogam sobre re-existência e pedagogias decoloniais destacado por Walsh (2013) apoiada por Albán (2013), como metodologias produzidas em contextos de marginalização, de fraturas, de lutas na busca de formar gretas que possibilitem outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir e viver-com. No conceito de escrevivências, argumentado por Evaristo (1995) como um compromisso com os enfrentamentos, com a condição da mulher negra vivendo em uma sociedade marcada pelo preconceito racial. Por esses princípios, ao refletirmos o conto no viés da decolonialidade e dos estudos pós-coloniais, vemos existir um buraco profundo entre o período colonial no Brasil e suas consequências na construção identitária racial das mulheres negras brasileiras. Nesse sentido, a personagem “Maria” estabelece uma relação de sentidos entre a realidade e a ficção sobre o olhar voltado para mulher negra na sociedade contemporânea, suas re-existências frente à desigualdade racial e suas escrevivências, pondo em evidência as experiências da própria escritora. Por fim, os resultados apontam ser, mais do que nunca, fundamental abordar, de forma crítica, a pobreza, a violência urbana, o descaso da sociedade pública com a mulher preta, que luta pelo protagonismo da sua própria vida e de contar a sua própria história.

Referências: ALBÁN ACHINTE, Adolfo. Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. Tomo I. p. 443-468. EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. Cadernos Negros, São Paulo, v. 18, 1995 EVARISTO, Conceição. Olhos d’água. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014. WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: pra?cticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

POÉTICAS DISTENDIDAS, ESCRITURAS DO CORPO E ITINERÁRIOS TRANSFRONTEIRIÇOS - VOZES DA NEGRITUDE HOJE

Rafaela Menezes Melo Nascimento

Resumo: A presente comunicação investiga as vozes da negritude nas literaturas de Conceição Lima, Conceição Evaristo e Cibele Resende. O corpus de análise são os poemas Afroinsularidade, Lima, Certidão de óbito, Evaristo, e Mercado Negra. A leitura comparada procura demonstrar que são três textos cuja dimensão lírica, dramática e simbólica mapeiam uma escritura do corpo e alguns itinerários transfronteiriços como imagens poéticas distendidas; isto é, elaboram, escavam, ressignificam e testemunham um mosaico intertextual, intercultural e intersemiótica das vozes da negritude hoje. Para examinar essa questão, adotamos as reflexões de Silvano Santiago (2004), Eurídice Figueiredo (2013), Benjamim Abdala Junior (2012), bem como as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, conforme discutem Tania Macedo, Rita Chaves e Nazareth Fonseca (2006). A partir desse campo investigativo, iremos mapear o modo como as autoras reposicionam um eu-lírico sensível, representado pela voz negra feminina, estigmatizada e triplamente marginalizada, na condição de: ser mulher; ser negra; ser colonizada. Para tanto, o eu-lírico dos poemas tece itinerários transfronteiriços, diásporas, memórias, tradições e saberes, reinscrevendo a voz da mulher no universo da negritude. Sendo assim, a escritura de Lima, Evaristo e Resende amplia a concepção de que “a literatura distende lugares que fixavam o colonizador e o colonizado em sua mesmice”

Fonseca (2006). Os resultados da pesquisa apontam para a cartografia das vozes negritude hoje: a da jornalista Conceição Lima, a da professora Conceição Evaristo e a da ativista Cibele Resende. Três vozes que se (des)encontram na figuração de poéticas da distensão, escrituras do corpo e itinerários transfronteiriços. Três vozes que testemunham as polifonias intertextuais, interculturais e transculturais das literaturas de fricção produzidas desde o olhar, a memória e tradição afrodescendente. Enfim, procuramos demonstrar como a literatura afrodescendente contemporânea (des)costura e distende os contrapontos da negritude desde o universo poético da autoria feminina negra hoje.

Referências: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 3, p. 87-95, 1996 Tradução. Disponível em:

biblio.fflch.usp.br/Abdala_Junior_B_1085821_NecessidadeESolidariedadeNosEstudosDeLiteraturaComparada.pdf. Acesso em: 07 jan. 2023. EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos - Rio de Janeiro: Malê, 2017. FIGUEIREDO, Eurídice. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Rio de Janeiro, 2013, v. 15, n. 23, p. 32-48. Disponível em: <http://docplayer.com.br/12237010-Revista-brasileira-de-literatura-comparada.html>. Acesso em: 05 jan. 2023. FONSECA, Maria Nazareth Soares. A diáspora negra como matéria literária: da ação de captura às negociações linguageiras. CHAVES et.al (2006). Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa/ organizadoras Rita Chaves e Tânia Macêdo. - São Paulo: Alameda, 2006. LIMA, Conceição. O útero da casa. Lisboa: Caminho, 2004. RESENDE, Cibele Francisca Clemente. Poemas de uma mulher preta. Maringá, PR: A.R Publishe Editora. Brasil, 2021. SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SIMPÓSIO “MUNDOS VIZINHOS? LITERATURAS DE EXPRESSÃO RUSSA E O LESTE DA EUROPA”

Bruno Barreto Gomide (USP), Priscila Nascimento Marques (UFRJ) e Rodrigo Alves do Nascimento (UFBA)

IRONIA NO COTIDIANO: OS CONTOS DE NADIÉJDA TÉFFI NO EXÍLIO EM PARIS

Ana Carolina Barros Vasques

Resumo: O trabalho a ser apresentado volta-se, primeiro, à tradução para o português de uma seleção de contos da autora russa Nadiéjda Téffi, escritos entre as décadas de 1920 e 1930, durante seu exílio em Paris, reunidos na coletânea “A cidadezinha” (“??????”). Propõe-se a discussão dos principais problemas tradutórios enfrentados, sobretudo decorrentes do frequente emprego de ditados populares russos, de expressões originais surgidas do contato entre as línguas russa e francesa e dos recursos sonoros presentes no texto fonte, a serem comunicados de forma satisfatória em português, desafios os quais se pretende solucionar à luz dos fundamentos teóricos desenvolvidos por expoentes da tradução de prosa literária, como Boris Scheidermann, Caetano Galindo e Paulo Henriques Britto, dentre outros. Em seguida, passa-se a identificar e analisar os aspectos fundamentais da poética de Téffi - cuja obra é praticamente inédita no Brasil, salvo pela publicação de alguns contos de forma esparsa - em especial a ironia na representação artística da vida cotidiana pela autora, com a utilização de uma série de recursos: a brevidade na composição e a economia nos instrumentos narrativos e descrições; a importância do subtexto, com ideias implícitas e sugestões; a predominância da linguagem coloquial e o retrato frequente de cenas corriqueiras, que produzem uma sensação inicial de trivialidade no leitor. Além disso, pretende-se abordar a recorrência da temática do tempo, da memória e da nostalgia no contexto da comunidade dos emigrados russos em Paris, destacando-se que a obra está inserida na chamada literatura russa de emigração. Estes aspectos vem sendo o objeto de estudo e aprofundamento no curso da pesquisa desenvolvida no mestrado do Programa de Pós-graduação em Tradução e Letras Estrangeiras da USP.

Referências: BRITTO, Paulo Henriques. A tradução literária. 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. (Coleção Contemporânea). CHKLÓVSKI, Viktor. A arte como procedimento. Revista de Literatura e Cultura Russa, v. 10, 2019. ECO, Umberto. Quase a mesma coisa. Rio de Janeiro - São

Paulo: Ed. Record, 2007. FEDOSOV, I. V.; LANICKIJ, A. N. (Orgs.). Frazelogi?eskij slovar? russkogo jazyka. Moskva: JUNVES, 2003. GALINDO, Caetano Waldrigues. Tradução & Ficção. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade (Orgs.). Tradução & Perspectivas teóricas e práticas. São Paulo: Ed. Unesp, 2015, p. 99–122. GASSET, José Ortega y. Miseria y esplendor de la traducción. Trama & Texturas, n. 19, p. 7–24, 2012. LANDERS, Clifford E. Literary translation: a practical guide. Clevedon?; Buffalo: Multilingual Matters, 2001. (Topics in translation, 22). MESCHONNIC, Henri. Poética do Traduzir. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999. SCHLEIERMACHER, Friedrich E D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Pincípios, 2007. SCHMITZ, John Robert. Humor: é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo? Tradterm, v. 3, p. 87, 1996. SCHNAIDERMAN, Boris. Tradução, ato desmedido. São Paulo: Perspectiva, 2011. SILVA, Nilson Roberto Barros; REBECHI, Rozane Rodrigues. A tradução de humor pode ser ‘profundamente’ domesticadora??: Jogos de palavras em “O xangô de Baker Street” traduzidos para o inglês. Revista Linguagem & Ensino, v. 25, n. 1, p. 49–69, 2022. STAROSTINA, Natalia. Writing A New Self and Creating a Sense for Emotional Belonging: The Case of Nadezhda Teffi, a Russian Writer in Interwar Paris. Journal of the Western Society for French History, v. 41, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/spo.0642292.0041.010>>. Acesso em: 12 abr. 2022. VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.

ENTRE MODERNIDADE E TRADIÇÃO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE MACHADO DE ASSIS E DOSTOIÉVSKI.

Ana Carolina Huguenin Pereira

Resumo: Na vanguarda de um amplo movimento de inovações tecnológicas, industriais e econômicas, a Europa ocidental expandiu-se em escala internacional e exerceu grande impacto, material e cultural, sobre a Rússia e o Brasil oitocentistas. Machado de Assis e Fiódor Dostoiévski reelaboraram, através da literatura, os contextos históricos de países imersos em processos modernizantes marcados, respectivamente, pelo fim da escravidão e da servidão. Suas obras problematizam alguns dos marcos essenciais da Modernidade, como a afirmação do indivíduo, a cientificidade, o ateísmo e a explosão de redes tradicionais de sociabilidade, gerando tensões e incertezas. Questões às vezes recusadas, mas sempre presentes nos contextos vivenciados e reescritos, de formas específicas, por Dostoiévski, por Machado de Assis, e por seus interlocutores russos e brasileiros. A comunicação proposta tem por objetivo discutir, a partir de uma perspectiva comparada, como tais questões se apresentam nas obras de ambos os autores, em suas distinções e intercessões. Do aspecto cômico e irônico presente na obra de Machado, um ateu, ao aspecto geralmente trágico e quase messiânico em Dostoiévski, que defende a tradição religiosa como única perspectiva de salvação para personagens que perderam a fé, é possível engajar os autores em um diálogo inscrito no contexto histórico e na criação literária.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis historiador. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. FRANK, Joseph. Dostoiévski: Os anos milagrosos (1865-1871). São Paulo: EDUSP, 2003. GOMIDE, Bruno. Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936). São Paulo: Edusp, 2011. KOYRÉ, Alexandre. Du monde clos à l’univers infini. Paris : Gallimard, 2007. PEREIRA, Ana Carolina Huguenin. Da casa verde ao subsolo: Machado de Assis e Dostoiévski entre modernidade e tradição. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022. SCHNAIDERMAN, Boris. O Alienista: um conto dostoiévskiano? Teresa: Revista de Literatura Brasileira [6] e [7]. São Paulo: Ed. 34: Imprensa Oficial, 2006, p. 269-273. SCHWARZ, Roberto. Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo. São Paulo: Ed. 34, 2000. ----- Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Ed. 34, 2000. WALICKI, Andrzej. The slavophile controversy: history of a conservative utopia in nineteenth century russian thought. Oxford: Clarendon Press, 1975. VENTURI, Franco. El populismo ruso. Madri: Alianza Universidad, 1981.

PERELÉCHIN, O "ANTI-SCHNAIDERMAN"

Bruno Barretto Gomide

Resumo: Valéri Pereléchin (1913-1992) é hoje considerado um dos principais poetas da emigração russa. Embora tenha deixado um arquivo opulento, dividido atualmente entre a Holanda e a Rússia, foi objeto de pouca pesquisa nos principais centros de eslavística do Norte Global. No Brasil, onde viveu por quatro décadas, é quase desconhecido, um caso (aparentemente) extremo de marginalização e de isolamento da diáspora russófona na cultura de chegada. Sua atividade poética e tradutória abrange três línguas (russo, mandarim e português) e um trânsito migratório entre São Petersburgo, Kharbin e o Rio de Janeiro. Nesta comunicação, Pereléchin será examinado por três ângulos: sua relação agônica com o meio literário brasileiro; suas tentativas de inserção em uma rede de tradutores e estudiosos exilados nos Estados Unidos (Iuri Ivask, Gleb Struve e Victor Terras, entre outros); sua competição, silenciosa mas agressiva, com outros tradutores de poesia russa no Brasil dos anos sessenta e setenta, sobretudo com Boris Schnaiderman (1917-2016), o principal divulgador da cultura russófona no Brasil. "Poesia russa moderna" (1968), realizado por Boris Schnaiderman em parceria com Haroldo e Augusto de Campos, foi o pomo da discórdia, entendido por Pereléchin (mas não necessariamente por seus interlocutores epistolares) como um exemplo de "futurismo" alheio às vertentes mais representativas da poesia russa. Esta comunicação faz parte de uma pesquisa mais ampla, financiada pelo CNPq, sobre a biografia intelectual de Boris Schnaiderman.

Referências: BAKICH, Olga. Valerii Pereleshin: the life of a silkworm. Toronto, U. of Toronto Press, 2015. FAUZETDINOVA, Adel. Translation As Cultural Contraband: Translating And Writing Russian Literature In Argentina Or How "Bad" Translations Made "Good" Literature. Boston University, PhD Dissertation, 2017. GOMIDE, Bruno B. "Pormenores violentos: Boris Schnaiderman crítico". Literatura e sociedade (Homenagem a Boris Schnaiderman), v. 23, n. 26, 2016. GOUSSEF, Catherine. L'exil russe. La fabrique du réfugié apatride. Paris, CNRS, 2008. LIVAK, Leonid. How it was done in Paris: Russian émigré literature and French modernism. Madison, The University of Wisconsin Press, 2003. RAEFF, Marc. Russia abroad: a cultural history of the Russian emigration (1919-1939). Nova York e Oxford, Oxford UP, 1990. RUBINS, Maria (ed). Redefining Russian literary diaspora, 1920-2020. Londres, UCL, 2021. RUSEISHVILI, Svetlana. Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re)formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917. Tese, USP, 2017. SCHLÖGEL, Karl. Berlin Ostbahnhof Europas. Russen und Deutsche in ihrem Jahrhundert. Berlim, 1998. STEMBERGER, Martina. "Voyage littéraire autour d'un 'continent imaginaire': Russie – Argentine, aller et retour". La Revue Russe, 46, 2016. STRUVE, Nikita. Soixante-dix ans d'émigration russe, 1919-1989. Paris, Fayard, 1996. TIHANOV, Galin. "Why Did Modern Literary Theory Originate in Central and Eastern Europe?(And Why Is It Now Dead?)". Common Knowledge, Vol. 10, No. 1, 2004.

OS DIÁLOGOS POSSÍVEIS DE TCHERNYCHÉVSKI COM DRUJÍNIN, DOSTOIÉVSKI E AVDÉIEV EM O QUE FAZER?

Camilo Jose Teixeira Lima Domingues

Resumo: Há inúmeros artigos já publicados em periódicos internacionais que tratam da relação entre o romance O que fazer? (1863), de Nikolai Tchernykhévski, com grandes obras da literatura europeia ocidental e russa. As obras de Jean-Jacques Rousseau – Julie ou a Nova Heloísa (1761), e George Sand – Jacques (1834), do lado ocidental, e de Aleksándr Herzen – Quem É o Culpado? (1845-1846) e Ivan Turguéniev – Pais e Filhos (1862), do lado russo, por exemplo, são sempre mencionadas como inspirações para o principal romance de Tchernykhévski. No entanto, há romances e contos menos conhecidos da literatura russa que também travam possíveis diálogos literários com O que fazer?, como revelam os trabalhos de Mark Teplínski (1978), Michael Katz (1989), Andrew Drozd (2002). A partir das sugestões desses pesquisadores, este trabalho visa a demonstrar e analisar as relações dos romances Polinka Saks (1847), de Aleksándr Drujínin, O Sonho do Titio (1859), de Fiódor Dostoiévski, e Podvódní Kámen (1860), de Mikhail Avdéiev, com o romance do escritor e pensador russo. Pretende-se, assim, ampliar o espectro hermenêutico de abordagem da referida obra de Tchernykhévski, incluindo-se não apenas a circulação de grandes obras literárias (russas e ocidentais)

em sua análise, mas também a circulação de ideias, imagens e representações no interior da própria esfera literária russa, nas obras de menor alcance de público ou reconhecimento da crítica.

Referências: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Dois sonhos – O sonho do titio e Sonhos de Petersburgo em verso e prosa. São Paulo: Editora 34, 2012. Trad.: Paulo Bezerra. DROZD, Andrew. “What Is to Be Done?” and Chernyshevskii’s Response to Dostoevskii’s “Uncle’s Dream”. *South Atlantic Review*, v. 67, n. 2, 2002, p. 1-24. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3201959>>. Acesso em: 14 mar. 2016. DRUJÍNIN, Aleksándr Vassílievitch. Polinka Saks and The Story of Aleksei. Evanston: Northwestern University Press, 1992. HERZEN, Aleksándr Ivánovitch. Who is to blame? Ithaca: Cornell University Press, 1984. Tradução e notas: Michael Katz. KATZ, Michael; WAGNER, William. Chernyshevsky, What Is to Be Done? and the Russian intelligentsia. In: CHERNYSHEVSKY, Nikolai. What Is to Be Done? Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1989, p. 1-36. ROUSSEAU, Jean-Jacques. Júlia ou a nova Heloísa. São Paulo: Hucitec, 2018. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. SAND, George. Jacques. Paris: J. Hetzel; Victor Lecou, 1854. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57250083>>. Acesso em 24 fev. 2019. TCHERNYCHÉVSKI, Nikolai Gavrílovitch. O Que Fazer? Curitiba: Editoria Prismas, 2015. Trad.: Angelo Segrillo. TEPLÍNSKI, Mark Veniamínovitch. Ávtor-povestvovátel v románe N. G. Tchernychévskogo ‘Tchto Diélat?’. In: POKUSSÁIEV, Evgráf Ivánovitch (org.). Nikolai Gavrílovitch Tchernychévski: statí, issliédovania i materiály – mejvúzovski naútchny sbórník. N. 8. Sarátov: Izdatelstvo Sarátovskogo Universitiéta, 1978, p. 127-136. TURGUÊNIEV, Ivan Serguêievitch. Pais e filhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Trad.: Rubens Figueiredo.

TATIANA BELINKY E A TRADUÇÃO DE LITERATURA RUSSA

Cecília Rosas Mendes

Resumo: Conhecida como uma das grandes personalidades literárias do Brasil na segunda metade do século XX, em especial por sua produção como escritora infanto-juvenil, Tatiana Belinky teve ao menos 72 traduções publicadas em vida. Dessas, 53 são traduções de livros infantis e juvenis, incluindo várias adaptações (Lentz; Guerini, 2005). Com tradução da prosa de Tchekhov no volume Histórias imortais, publicado pela Editora Cultrix em 1959, Tatiana Belinky foi também uma das pioneiras da tradução direta do russo no Brasil (Urso, 2017). Sua produção como tradutora abrange de clássicos como Gógol e Dostoiévski a autores ainda hoje pouco conhecidos do público brasileiro, como Nikolai Niekrássov, Krilov, Tatiana Tolstaia e Mikhail Zóschenko. No entanto, seu nome com frequência fica em segundo plano em relação a seus contemporâneos. Como aponta Maria Teresa Mhreb (2022), a divisão sexual do trabalho se estende em vários sentidos ao trabalho de tradução? não por acaso, no começo de sua atuação Belinky escutou que seria “homem o suficiente” para traduzir Tchekhov (Autran, 2019). Esta comunicação procura investigar o lugar das traduções de Belinky em sua relação com o mercado editorial, o sistema literário e as outras traduções de literatura russa disponíveis, em particular no começo de sua carreira literária.

Referências: AUTRAN, Paula. “No centenário de Tatiana Belinky, leia entrevista inédita com a autora”, entrevista concedida a Paula Autran. O Estado de São Paulo, 16 de março de 2019. Disponível em <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,no-centenario-de-tatiana-belinky-leia-entrevista-inedita-com-a-autora,70002752344> CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metáfora da tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: OTTONI, Paulo (org.). Tradução. A prática da diferença. FAPESP/UNICAMP, Campinas, 1998. LENTZ, Gleiton; Guerini, Andreia. (2005) Tatiana Belinky in Dicionário de tradutores literários do Brasil. Disponível em <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/TatianaBelinky.htm>. MHEREB, Maria Teresa. Gênero e Divisão do Trabalho de Tradução: o Caso da Poesia Traduzida no Brasil. Revista Belas Infiéis, Brasília, v. 11, n. 2, p. 01-19, 2022. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v11.n2.2022.41365 URSO, Graziela S. (2017). Por que ler os russos?. Tradterm, 28, 35-60. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v28i0p35-60>.

AS RAÍZES UCRANIANAS DE KAZÍMIR MALÉVITCH: ASPECTOS BIOGRÁFICOS E RELAÇÃO COM SUA OBRA ARTÍSTICA E TEÓRICA.

Cristina Antonioevna Dunaeva

da ciência para organizar a sociedade, solucionar seus problemas e suprir suas necessidades, e os que, reagindo a isso, afirmavam a inexorabilidade, no espírito humano, de desejos irracionais, do anseio por conflito e da necessidade da busca e do fazer intermináveis. Se Dostoiévski se identifica muito mais com a segunda posição do que com a primeira, ele contudo recusa as conclusões provenientes de ambas, concebendo-as como expressões (ou sintomas) do individualismo e do desenraizamento característicos das modernas sociedades europeias, cujos valores agora penetravam a Rússia na garupa de um capitalismo ainda incipiente, mas profundamente desagregador do ponto de vista social e psicológico. Num país em que modernização é praticamente sinônimo de ocidentalização, o anti-herói dostoiévskiano, destituído de nome e de lugar, figura como símbolo de uma consciência nacional que pensa a si mesma a partir de seus próprios processos de desenraizamento.

Referências: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max, *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1985. BERMAN, Marshall, *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. BEZERRA, Paulo, “Mundos desdobrados, seres duplicados”, in: *Dostoiévski - caderno de literatura e cultura russa* n. 2. São Paulo: ed. Ateliê Editorial. 2008. BIANCHI, Maria de Fátima, *Os caminhos da razão e as tramas secretas do coração: a representação da realidade em A Dócil, de Dostoiévski*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2001. BUDANOVA, Nina, *Dostoevski i Turgeniev*. Leningrado : ed. Nauka, 1987. -DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovich, *Crime e castigo*. São Paulo: ed. 34, 2016. -*Memórias do subsolo*. São Paulo: ed. 34, 2004. FRANK, Joseph, *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1849)*. São Paulo: ed. Edusp, 2008. -*Dostoiévski: os anos de provação (1850-1859)*. São Paulo: ed. Edusp, 2008. -*Dostoiévski: os efeitos da libertação (1860-1865)*. São Paulo: ed. Edusp, 2002. -*Dostoiévski: os anos miraculosos (1865-1871)* São Paulo: ed. Edusp, 2003. - *Dostoiévski: o manto do profeta (1871-1881)*. São Paulo: ed. Edusp, 2007 -*Through the Russian prism: essays on literature and culture*. Princeton: Princeton University press, 1990. FREUD, Sigmund, *O mal-estar na civilização*. São Paulo: ed. Penguin, 2011. GIRARD, René, *A crítica no subsolo*. São Paulo: ed. Paz e terra, 2011. - *Dostoiévski: do duplo à unidade*. São Paulo: Realizações Editora, 2011. PAREYSON, Luigi, *Dostoiévski - filosofia, romance e experiência religiosa*. São Paulo: ed. Edusp, 2012. SHESTOV, Lev, *Dostoevski i Nietzsche: filosofia tragedii*. Acessado em: <http://dostoevskiy-lit.ru/dostoevskiy/kritika/shestov-dostoevskij-i-nicshe/predislovie.htm> SKÁFTIMOV, Alieksandr, “Zapizki iz podpol’ia”. Acessado em [### O MITO DE PIGMALIÃO NO CINEMA DE IEVGUÊNI BAUER](http://teatr-lib.ru/Library/Skaftimov/nravstv/TCHERNICHEVSKI,Nikolai,What%20is%20to%20be%20done?.Ithaca: Cornell University press, 1989. - “O russo no rendez-vous”, in GOMIDE, Bruno Barreto (org.), Antologia do pensamento crítico russo. São Paulo: ed. 34, 2013. TODOROV, Tzevetan, “Memórias do subsolo”, in: <i>Os gêneros do discurso</i>. São Paulo: ed. Unesp, 2018. TURGUÊNIEV, Ivan, “Hamlet e Dom Quixote”, in: <i>Pais e filhos</i>. São Paulo: ed. Cosacnaify. 2015. VASSOLER, Flávio Ricardo, <i>Dostoiévski e a dialética: fetichismo da forma, utopia como conteúdo</i>. São Paulo: ed. Hedra, 2018.</p></div><div data-bbox=)

David Gomiero Molina

Resumo: A comunicação aborda ecos estruturais entre a obra cinematográfica de I. Bauer (1865-1917) e o mito de Pigmalião. Utilizando o excerto de Ovídio como ponto de partida, a análise mostra como a figura feminina – a chamada “nova mulher” – é, no cinema de Bauer, vista pelas personagens masculinas não como um sujeito pleno, vivo e móvel, mas de modo idealizado e estático, estatuesco. O texto defende a visão de que a partir do momento em que a mulher deixa de se conformar ao ideal masculino – isto é, a partir do momento em que ela deixa de ser apenas obra de arte a ser observada e passa, ao contrário, a imprimir sua vontade no mundo ao seu redor – ela se torna uma ameaça que é, geralmente, ferrenhamente combatida pelas figuras masculinas. A figura feminina como criação escultórica masculina surge como tema em *Sumerki jenskoi duchi* (1913), *Ditia bolshego goroda* (1914) e *Griozhi* (1915), cujas estruturas narrativas também são emuladas no design cênico assinado por Tcheslav Sabinski (1885-1941). Questões relativas à feminilidade nos primórdios do cinema russo (tal como presente na obra de Morley) consideradas em torno à recepção cultural do cinema na Rússia pré-revolucionária, pontuada por Tsvian, são parte integrante da análise.

Referências: Rachel Morley, *Performing Femininity: Woman as Performer in Early Russian Cinema*. London: I.B. Tauris, 2016 Yuri Tsivian, *Early Cinema in Russia and its Cultural Reception*. London: Routledge, 1994. Alyssa DeBlasio, "Choreographing Space, Time, and "Dikovinki" in the Films of Evgenii Bauer. *Russian Review*, oct., 2007, Vol. 66, No. 4, pp. 671-692. Louise McReynolds, "Demanding men, desiring women and social collapse in the films of Evgenii Bauer, 1913-17." *Studies in Russian and Soviet Cinema*, 3:2, 145-156. Louise McReynolds, "The Silent Movie Melodrama: Evgenii Bauer Fashions the Heroine's Self." *Self and Story in Russian History*. Ed. Laura Engelstein and Stephanie Sandler. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

TEMPO E MEMÓRIA EM DOSTOIÉVSKI E EM GRACILIANO RAMOS: ANÁLISE COMPARADA DAS OBRAS "ESCRITOS DA CASA MORTA" E "MEMÓRIAS DO CÁRCERE"

Ednilson Rodrigo Pedroso

Resumo: Publicado entre 1861 e 1862, "Escritos da casa morta", do escritor russo Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, relata o período de quatro anos de prisão em que o escritor passou na Sibéria. Dostoiévski, em virtude de sua participação no chamado Círculo de Petrachévski, grupo progressista de discussões intelectuais, fora condenado à morte por fuzilamento, pena que foi comutada para prisão e trabalhos forçados. Quase cem anos depois, em 1953, é publicada, no Brasil, "Memórias do cárcere", do escritor brasileiro Graciliano Ramos. Nessa obra, o autor narra o período de dez meses em que passou entre quartéis e colônias penais, entre 1936 e 1937. Graciliano foi preso como subversivo, a despeito de jamais ter sido processado ou acusado publicamente. Ambos os textos são relatos das experiências dolorosas de seus autores, porém, como criações literárias, apresentam uma série de recursos discursivos. Entre eles, a utilização do tempo e da memória como instâncias ficcionais, imprescindíveis para garantir a verossimilhança de ambas as obras. A nossa pesquisa propõe a análise comparada entre as duas produções literárias, à luz das concepções de tempo e de memória em cada autor. Pretende-se, assim, investigar como o tempo e a memória se relacionam com as principais convenções narrativas das duas obras e, em seguida, objetiva-se analisar comparativamente essas relações. De forma abrangente, espera-se que esse trabalho possa contribuir com o estudo do realismo de Fiódor Dostoiévski e de Graciliano Ramos, sob a perspectiva do tempo e da memória. Por último, deseja-se que a pesquisa constitua um estudo de caso relevante para a área de literatura comparada.

Referências: AUERBACH, E. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2007. BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*; trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. BERLIN, I. *Pensadores russos*. Tradução de: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1988. BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. Tradução de: Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 1986. BILLINGTON, J. *The Icon and the Axe. An interpretive history of Russian culture*. New York: Vintage, 1970. BOOTH, W. *The Rhetoric of Fiction*. The University of Chicago Press, 1961. BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970. BRANCO, S. *Figurações críticas e literárias na Rússia oitocentista*. São Paulo, 2014. Tese (Doutorado em Letras), Universidade de São Paulo. BUSCHKOVITCH, P. *História concisa da Rússia*: tradução de José Ignacio Coelho Mendes. São Paulo: Edipro, 2014. CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. Revista. São Paulo: Editora Nacional, 1976. _____. *Ficção e Confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. CARELLI, F.B. *Porões da Memória: ficção e história em Jorge Amado e Graciliano Ramos*. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de São Paulo. CORNWELL, N. *The Routledge Companion to Russian Literature*. Routledge, 2001. DOSTOIÉVSKI, F.M. *Escritos da casa morta*. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2020. *Diário de um escritor*. Tradução de: Moissei e Daniela Mountian. São Paulo: Hedra, 2016. FANGER, D. *Dostoiévski y el realismo romántico: un estudio sobre Dostoiévski en relación con Balzac, Dickens y Gogol*. Traducción: Francis Rivera. Ediciones de la biblioteca. FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006. FERNANDES, A.N. *O intelectual de Edward Said em Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos*. São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de

São Paulo. FRANK, 1. Os anos de provação. Tradução de: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2008. Os efeitos da libertação. Tradução de: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2002. Pelo Prisma Russo: Ensaio Sobre Literatura e Cultura. Tradução de: Paula Rolim; Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992. FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de: Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Revista USP, 2002. GROSSMANN, L. Dostoiévski Artista. Tradução de: Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967. HOETZSCH, O. Evolução da Rússia. Tradução de: Noémia Franco da Cruz. Lisboa: Ed. Verbo, 1966. LEITE, L.C.M. O foco narrativo. São Paulo: Ed. Ática, 1999. MARTIN, T. Temporality and Literary Theory, Oxford Research Encyclopedia of Literature, 2016. MEYERHOFF, H. O tempo na literatura. Tradução de: Myriam Campello. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil Ltda, 1976. MOISÉS, M. Dicionário de Termos Literários. São Paulo: Ed. Cultrix, 1974. MORAES, D. de. O velho Graça — uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012. NITRINI, S. Literatura comparada. São Paulo: Ed. Edusp, 2010. NUNES, B. O tempo na narrativa. São Paulo; Ed. Ática, 1995. RAMOS, G. Memórias do Cárcere. São Paulo: Ed. Record, 1986. RICOUER, P. Tempo e Narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção. WMF Martins Fontes, 2011. SCHNAIDERMAN, Boris. Dostoiévski: Prosa poesia. São Paulo: Perspectiva, 1982. SODRÉ, N.W. Posfácio. In: RAMOS, G. Memórias do cárcere. São Paulo: Ed. Record, 1986. VOGÜÉ, M. O Romance Russo. Tradução de: Brito Broca. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1949 ?. WALICKI, A. A History of Russian Thought. Tradução de: Hilda Andrews-Rusiecka. Stanford: Stanford Univ.Press, 1979. WELLEK, R. Crise da literatura comparada. Tradução de: Marta de Senna. In Literatura comparada: textos fundadores. Organização: Eduardo F. Coutinho e Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

O CONHECIMENTO DA LITERATURA NOS ESCRITOS DE SERGUEI EISENSTEIN

Erivoneide Marlene de Barros Pereira

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar os estudos de Serguei Eisenstein sobre a linguagem literária. Na visão do cineasta russo-soviético, a literatura articula uma rede de saberes artísticos e evidencia problemas estéticos importantes para o entendimento da imagem dentro da história da arte, tornando-se um campo fértil a ser explorado pelos cineastas. Seus grandes realizadores, os escritores, criaram formas expressivas imagéticas além do domínio da representação, que englobam a relação entre o criador e o leitor/espectador. A arte literária também mostra de que maneira os processos de criação desencadeiam novas manifestações artísticas. Essa perspectiva levou Eisenstein, nos anos 1930, a defender o argumento de que a expressividade fílmica teria uma dívida direta com a linguagem literária. Ao fazer essa afirmação, o cineasta não considerava apenas os problemas em torno da construção do roteiro ou os aspectos narrativos fílmicos. Seu interesse maior estava centrado nos procedimentos de construção da imagem artística. Nos escritos eisensteinianos, a teoria está conectada à prática interpretativa, movimento comumente presente na atividade docente de Eisenstein, em que os alunos exploravam trechos extraídos de obras literárias. Como estudo de caso, analisaremos a aula de Eisenstein dedicada ao uso da mise-en-scène em O capote, de Nikolai Gógol. Entendemos que a investigação de Eisenstein sobre as potencialidades imagéticas da literatura é uma importante contribuição para os estudos literários no Brasil.

Referências: EISENSTEIN, Serguei. Sobre "O capote" de Gógol. Trad. de Paulo Peres. Revista da USP, n. 2, 1989. p. 71-84. EISENSTEIN, Sergei. Writings, 1922-1934. Trad. de Richard Taylor. Londres: I. B. Tauris, 2010. _____. Notas para uma História Geral do Cinema. Trad. de Lúcia Ramos Monteiro e Sonia Branco. Rio de Janeiro: Azougue, 2014. NIZHNY, Vladimir. Lessons with Eisenstein. Trad. de Ivor Montagu e Jay Leyda. Nova York: Da Capo Press, 1979. ??????????, ?. ?. ?????????? [Literatura mundial e as aulas de direção de S. M. Eisenstein]. ??????: ?????????? ??? ??-? ?????????, 1990. ??????????, C. M. ?????????? ?????????? ? ?????? ?????? [Obras Seleccionadas em Seis Volumes]. M?????: Iskustvo, 1964.

A LESTE DO LESTE, O MEIO

Francisco Foot Hardman

Resumo: Nikolai Gógol, sem dúvida alguma, está entre os maiores nomes da literatura russa moderna, até mesmo como um de seus "fundadores". Lu Xun, da mesma forma, é considerado um dos pioneiros da moderna literatura chinesa, e por muitos críticos tido como o maior escritor do século XX naquele país. Aqui apenas sugerimos uma ponte que aproxima, a partir de uma leitura pessoal e cruzada dos conhecidos contos homônimos dos dois escritores: "Diário de um louco", seja na versão original de Gógol (1835), seja na versão chinesa inaugural da literatura de Lu Xun (1918). Valemo-nos das traduções brasileiras disponíveis de ambos. No caso de Lu Xun, com um registro bibliográfico importante: salvo engano, a raríssima edição localizada recentemente por nossa colega Fan Xing, que data de 1957, é a primeira disponível em língua portuguesa e no Brasil. Nada há, aqui, de fortuito ou coincidente. Lu Xun foi um reconhecido tradutor da literatura russa na China, sendo responsável, entre outros, pela introdução de "Almas Mortas" no Império do Meio. Parece que, neste caso ao menos, temos uma espécie de rota da seda invertida, e a modernidade plena e sem aspas que os russos legaram à humanidade chegou, também, com a força das palavras e da poesia, até o extremo Leste, por caminhos que ainda podem ser trilhados.

Referências: - GÓGOL, Nikolai. Almas Mortas: poema. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Perspectiva, 2011. - GÓGOL, Nikolai. O Capote e outras histórias. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2010. - GOMIDE, B. B. (Org.). Nova antologia do conto russo (1792-1998). São Paulo: Ed. 34, 2011. - LU, Shin. Diário de um louco: contos chineses. Trad. Antonieta Dias de Moraes. São Paulo: Eds. Zumbi, 1957. - LU, Xun. O diário de um louco: contos completos de Lu Xun. Vs. trads. Coord. Ho Yeh Chia. São Paulo: Carambaia, 2022. - LU, Xun. Flores matinais colhidas ao entardecer. Ed. bilíngue port.-chinês. Trad. Yu Pin Fang. Campinas: Ed. Unicamp, 2021.

O SENTIDO DA HISTÓRIA NA NOVELA " DOUTOR KRUPOV " DE ALEKSADR HERZEN

Giuliana Teixeira de Almeida

Resumo: O revolucionário Aleksandr Herzen costuma ser lembrado como o autor de Passado e pensamentos, sua caudalosa autobiografia, que garantiu a ele um lugar ao lado dos grandes escritores da tradição literária russa oitocentista. Todavia, durante um breve período da sua vida Herzen também se dedicou à ficção literária. Nesta comunicação analisaremos uma das obras ficcionais de Herzen, Doutor Krupov (1846), uma novela curta e fragmentada escrita em primeira pessoa pelo médico psiquiatra Krupov. Nela, o narrador rememora a sua infância com o intuito de localizar na sua relação com o amigo Levka a origem do seu interesse pela psiquiatria. Durante todo o relato o médico vai costurando a sua argumentação recorrendo à ironia com o objetivo de demonstrar que em uma sociedade como a russa a loucura encontra-se disseminada, e que as pessoas consideradas "normais" são loucas de uma maneira menos original do que os loucos "oficiais". Da sociedade russa o médico "livre-pensador" vai além e se propõe a interpretar nada menos do que a História Universal. Herzen desenvolveu ao longo de toda sua vida uma importante reflexão sobre o sentido da História, teorização esta que ganhou contornos bem acabados após a desilusão com a revolução de 1848 e que é o pano de fundo da autobiografia Passado e Pensamentos. O objetivo da nossa comunicação é apontar como na novela Doutor Krupov essa sua teorização sobre a História já começa a se esboçar em um estágio incipiente.

Referências: Parthé, Kathleen (org). A Herzen Reader, Aleksandr Herzen, Northwestern University Press, 2012. Kelly, Aileen M. The Discovery of Chance: The Life and Thought of Alexander Herzen, Harvard University Press, 2016.

LEVINAS E A LITERATURA RUSSA: DESFORMALIZAÇÃO, NUDEZ E ÉTICA DO ROMANESCO

Jimmy Sudario Cabral

Resumo: Nos seus Cadernos de cativo e, sobretudo, no seu romance inacabado Eros ou Triste opulência [1940-1945], Emmanuel Levinas esboçou o vínculo existente entre a sua experiência com a literatura e o horizonte anticonceitual da sua prática filosófica. A leitura do romance russo — Púchkin, Lérmontov, Gogol, Turguêniev, Dostoiévski e Tolstói — provocou o choque inicial de um pensamento que se tornou alérgico ao conceito e que se caracterizou por sua capacidade de

mostração do real. Como considerou J. L. Nancy, Levinas nasceu para a literatura antes de se tornar filósofo, o que talvez explique a precedência, em sua filosofia, da sensação e da “intriga literária” sobre a transparência do saber teórico. Judeu de origem lituana que teve como língua materna o russo e o hebraico, Levinas trouxe para o centro do pensamento filosófico europeu a síncope do romance russo e inaugurou uma escritura filosófica e literária que excedeu os horizontes de compreensão da tradição filosófica ocidental. Os seguintes temas presentes nos Cadernos de cativo e no seu romance inacabado serão aprofundados: i) a relação entre “profecia” e “método fantástico”, este associado por Levinas ao ??????, de Púchkin, e ambos entendidos como imagens de uma “fome de acontecimento” às avessas [????????] e sem causalidade que submete o “real às bordas de um precipício”; ii) o procedimento de desformalização do real inscrito na cena de Alençon, no romance inacabado Eros e iii) a noção de nudez presente na anotação de Levinas “Dostoiévski e a busca pela nudez”, nos Cadernos.

Referências: LEVINAS, Emmanuel. Carnets de captivité et autres inédits. Paris: Bernard Grasset; Imec, 2009. v. 1. [Volume publicado sob a responsabilidade de Rodolphe Calin e Catherine Chaliér]. LEVINAS, Emmanuel. Eros, littérature et philosophie. Essais romanesques et poétiques, notes philosophiques sur le thème d'éros. Paris: IMEC/Grasset, 2013. v. 3 [Volume publicado sob a responsabilidade de J.-L.- Nancy e D.Cohen Levinas] LEVINAS, Emmanuel. Sur Maurice Blanchot. Montpellier: Fata Morgana, 1975 LEVINAS, Emmanuel. Totalité et Infini: essai sur l'extériorité. 4. ed. La Haye; Boston; Londres: Martinus Nijhoff, 1980. _____. De l'évasion. Paris: Montpellier, 1982a. _____. De l'existence à l'existant. Paris: Fontaine, 1947 BOUNDJA, Claver. Philosophie de l'événement: recherches sur Emmanuel Levinas et la phénoménologie. Paris: L'Harmattan, 2009. DERRIDA, Jacques. Adeus a Emmanuel Levinas. São Paulo: Perspectiva, 2004. SEBBAH, François-David. Levinas: ambigüités de l'altérité. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

A LÁGRIMA COMPARTILHADA ENTRE PERSONAGENS E AUTORA: SVETLANA ALEKSIÉVITCH, A POLIFONIA E A EDIÇÃO TESTEMUNHAL

João Camilo Grazziotin Portal

Resumo: O presente trabalho possui o objetivo de analisar a autenticidade testemunhal na literatura de Svetlana Aleksiévitch. A análise dos textos será realizada em diálogo com questões recentes trazidas pelos tradutores franceses da autora no que tange à modificação dos testemunhos ao longo das diferentes edições. Com efeito, o tema será atravessado por meio do conceito polifônico de Bakhtin, com foco na deformação testemunhal, a fim de colocar a autoria de Aleksiévitch na função monológica. A formação da voz autoral será vista através dos processos judiciais contra a autora em Meninos de Zinco; de suas exposições em primeira pessoa em A guerra não tem rosto de mulher; de seu discurso Nobel. Dessa forma, se discutirá a mobilização da figura autoral colocada no meio dos testemunhos, a fim de perceber suas esguias aparições como um subtexto político e dramático. Ao mesmo passo em que a autora construiu para si uma posição monológica, sua literatura também carrega a marca de uma oração coletiva e ética para nosso tempo. Essa posição oratória de prece será analisada por meio da ideia testemunhal de Paul Ricoeur a partir da posição de comunicação do sofrimento que o escritor ocupa em seu tempo, segundo Deleuze. Assim, a autora também será vista como uma testemunha vicária dos traumas sociais soviéticos, em consonância com as políticas de transparência da Glasnost. Nesse sentido, não se pretenderá relegar a autora à mera e falsa posição de “mentirosa”, mas sim entender a atualização de sua voz autoral a partir da tradução sentimental por ela realizada. Assim, se problematizará a escuta e a transcrição das entrevistas por ela realizadas, bem como sua posição ética de pranteadora.

Referências: ALEKSIÉVITCH, Svetlana. A guerra não tem rosto de mulher. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Cia das Letras, 2016a. _____. O fim do homem soviético. Tradução de Lucas Simone. São Paulo: Cia das Letras, 2016b. _____. Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear. Tradução de Sonia Branco. São Paulo: Cia das Letras, 2016c. _____. As últimas testemunhas: crianças na Segunda Guerra Mundial. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Cia das Letras, 2018. _____. Meninos de Zinco. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Cia das Letras, 2020. ACKERMAN, Galia; Frédéric Lemarchand. “Du bon et du mauvais usage du témoignage dans l'œuvre de Svetlana

Alexievich". Tumultes, Paris, n. 32-33, p. 29-55, 2009. BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). 2ª ed. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 191-200. DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2011. DERRIDA, Jacques. Adeus a Emmanuel Lévinas. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2015. DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens apesar de tudo. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Editora 34, 2020. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2019. GORBATCHEV, Mikhail. Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. MYERS, Holly. Svetlana Aleksievich's changing narrative of the Soviet-Afghan War in Zinky Boys. Canadian Slavonic Papers, Winnipeg, vol. 59, n. 3-4, 2017, p. 330-354. NOVIKOVA Olga. La política de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedad democrática (la URSS y el espacio postsoviético). Historia del presente, Madrid, n. 9. p. 71-100, 2007. PAULS, Alan. O passado. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2007. PINKHAM, Sophie. Witness tampering. The New Republic, Nova York, 29 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/135719/witness-tampering>>. Acesso em 05 de novembro de 2021. PORTAL, João Camilo. Uma escritora da hospitalidade: as imagens da escuta de Svetlana Aleksievitch. História e Cultura, São Paulo, v. 10, p. 72-94, 2021. _____. As mil assinaturas de Svetlana Aleksievitch: polifonia, personagens e testemunhas. In: CAMPOS, Daniela; CHAVES, Eduardo; LEITE, Maria Cláudia Moraes.. (Org.). História & literatura: relações possíveis. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, v. 1, p. 127-159. SARTRE, Jean-Paul. As palavras. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964. _____. A imaginação. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019. SCHNAIDERMAN, Boris. Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética. São Paulo: Cia das Letras, 1997. TRAVERSO, Enzo. Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória. Belo Horizonte: yiné, 2018. VINHA, Márcia Pileggi. A Revolução por outro olhar. Cadernos de Literatura em Tradução/USP, São Paulo, n. 20, p. 280-289, 2018. ZHURZHENKO, Tatiana. Heroes into victims: Second World War in post-Soviet memory politics. In: Eurozine, p. 1-15, out/2012. Disponível em <<https://www.eurozine.com/heroes-into-victims>>. Acesso em 06 de março de 2020.

ENTRE A HONRA E A DESONRA: O FEMININO EM O IDIOTA, DE DOSTOIÉVSKI

João Matheus Silva Guimarães

Resumo: O objetivo deste trabalho é problematizar as relações possíveis entre o romance O Idiota, no original *Besy*, do escritor russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski. Utilizamos como conceito o verbete "representação" conforme exposto pelo historiador francês Roger Chartier (2002) e os conceitos de honra e desonra trazidos pela mestrandia Aquino (2015). Dessa maneira, a partir de uma perspectiva relacional, pretendemos investigar as possíveis conexões entre o romance do escritor russo e o contexto histórico em que a obra foi escrita, reunindo ao romance, aqui utilizado como fonte, uma bibliografia reunida a partir do viés de uma leitura crítica, buscando, ao fim, compor considerações atualizadas acerca da obra de Dostoiévski e do contexto da "Questão Feminina" da época que vinha dando os seus primeiros passos dentro da Europa e da Rússia. No artigo trazemos a figura do Príncipe Míchkin que junto com Aglaia Ilepántchin e Nastácia Filippovna formam um poderoso triângulo amoroso que mistura fé e misericórdia em um enredo complexo que discute algumas das principais correntes de pensamento que encantavam os intelectuais da época. O Idiota é o romance que mais mostrou quem era o escritor que carregou o Manto do Profeta, como vai escrever Joseph Frank, e expos com mais expressividade as ideias de Dostoiévski.

Referências: ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. São Paulo: Editora Unesp, 2016. AQUINO, Midiã Ellen. A Representação do Feminino em O Idiota, de Dostoiévski. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2015/TRABALHO_EV046_MD1_SA6_ID1539_04052015235155.pdf. Acesso em: 21 de setembro de 2022. BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. BERLIN, Isaiah. Pensadores Russos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre prática e representações. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 2002. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Crime e Castigo.

São Paulo: Editora 34, 2016. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O Idiota. São Paulo: Editora 34, 2015. FRANK, Joseph. Dostoiévski: Um escritor em seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. FREITAS, Márcia Maria. A Mulher do Subsolo em Niétotchka Niezvânovna de F. M. Dostoiévski. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-30072019-144904/publico/2018_MarciaMariaOliveiraFreitas_VCorr.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2022. HOBBSAWM, Eric. A Era do Capital. São Paulo: Paz & Terra, 2012. PONDÉ, Luiz Felipe. Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski. São Paulo: LeYa, 2013. TOCQUEVILLE, Alexis de. Antigo Regime e a Revolução. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

VARLAM CHALÁMOV: PROBLEMAS DE UMA NOVA PROSA

Joaquim Ferreira Mendes Neto

Resumo: Esta proposta de comunicação tem por base o estudo da poética de Varlam Chalámov. Para escrever os ciclos de Kolimá, o autor propõe uma nova prosa para o seu século, algo que possibilite dar forma à sua experiência no Gulag. Percebe-se que, analisados historicamente, outros materiais literários tornam-se relevantes para a nova prosa: o conto deve aproximar-se a um documento; a relevância na experiência única de autor; a desconfiança nas formas prontas e no modo de representar do século anterior, ainda que o autor reitere a necessidade da técnica literária. A tensão entre a adesão e o afastamento consciente das técnicas e dos gêneros tradicionais que sugeriam totalidade no século XIX deflagram um movimento particular, o que transforma o periférico ensaio russo (ôtkherk) em gênero central em sua narrativa. Dessa maneira, a prosa de sobrevivente proposta por Chalámov aproxima-se do que Iúri Tyniánov chamou de fato literário, já que procura o material que é necessário para sua representação tendo em vista o momento histórico do objeto artístico, ora retraindo ora expandindo o diálogo com a tradição literária russa desde os tempos de Púchkin e Gógol, autores citados já no início do primeiro ciclo de Kolimá. Subjaz a essas escolhas artísticas a necessidade da busca pela nova forma, algo que dê conta de expressar literariamente o ser humano do século XX. Ao questionar os limites entre verdade da experiência histórica e ficção, Chalámov reacende esse debate que nasceu junto à ascensão do romance burguês, discussão que acompanhou autores como Daniel Defoe, ou serviu de matéria satírica para as prosas “anticonvenção” de Laurence Sterne e Denis Diderot, escritas ainda na gestação das formas burguesas, o que universaliza as possibilidades da nova prosa.

Referências: Referências Bibliográficas De Varlam Chalámov: CHALÁMOV, Varlam. Contos de Kolimá. (Trad. Denise Sales e Elena Vasilevich) São Paulo: Editora 34, 2015. _____. A margem esquerda. (Trad. Cecília Rosas) São Paulo: Editora 34, 2016. _____. O artista da pá. (Trad. Lucas Simone) São Paulo: Editora 34, 2016. _____. Ensaio sobre o mundo do crime. (Trad. Francisco de Araújo) São Paulo: Editora 34, 2016. _____. A ressurreição do Lariço. (Trad. Daniela Mountian, Moissei Mountian e Marina Tenório) São Paulo: Editora 34, 2016. _____. A luva ou KR-2. (Trad. Nivaldo dos Santos e Francisco de Araújo) São Paulo: Editora 34, 2016. SHALAMOV, Varlam. Kolyma Tales. London: Penguin Books, 1994. ??????, ??????. ??????? ??????????. Disponível em: <<https://shalamov.ru/>>. Acesso em maio de 2021. ??????, ??????. ?????????? ????? ??????. Disponível em: <<https://shalamov.ru/library/27/>>. Acesso em maio de 2021. Sobre a obra e gerais: ADORNO, Theodor W. Notas de literatura I. São Paulo: Editora 34, 2012. ALEKSIÉVITCH, Svetlana. Fim do Homem Soviético. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. ANDRADE, Homero Freitas de. (2010). O realismo socialista e suas (in)definições. Literatura E Sociedade, 15(13), 152-165. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i13p152-165>>. Acesso em 8 dezembro de 2020. ARÊAS, Vilma. (2005). Narrativas in extremis. Literatura E Sociedade, 10(8), 104-111. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i8p104-111>>. Acesso em 10 fevereiro de 2021. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2011. BEZERRA, Paulo. Um adolescente à procura de seu Eu. In: MAZZARI, Marcus Vinicius.; MARKS, Maria C. (orgs.). Romance de formação: caminhos e descaminhos do herói. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020. BLOCKER, Günter. Lineas y perfiles de la literatura moderna. Madrid: Guadarrama, 1969. BRANDÃO, Luis Alberto. Teorias do espaço literário. São Paulo: Perspectiva, 2013. CHAVES, Thaís Figueiredo. Entre ilhas: questões de história, memória

e romance no Arquipélago Gulag. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018. CLARK, Katerina. *The Soviet Novel: History as Ritual*. University of Chicago Press, Chicago and London, 1981. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Escritos da casa morta*. São Paulo: Editora 34, 2020. GHINI, Giuseppe. *La scrittura e la steppa*. Urbino: Quattro Venti, 1999. HOSSNE, Andrea Saad. (2005). Autores na prisão, presidiários autores: anotações preliminares à análise de Memórias de um sobrevivente. *Literatura E Sociedade*, 10(8), 126-139. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i8p126-139>>. Acesso em 10 fevereiro de 2021. JANJIC, LINNÉA J. L. *Writer or Witness: problems of Varlam Shalamov's late prose and dramaturgy*. Berkeley: University of California, 2017. JOLLES, André. *Formas Simples*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976. KAYSER, Wolfgang. *Fundamentos da Interpretação e da análise literária*. Vol.1. São Paulo: Livraria Acadêmica Saraiva S/A, 1948. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. LUKACS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2019. _____. *Ensaio Sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Unesp, 1999. MAZZARI, Marcus Vinicius.; MARKS, Maria C. (orgs.). *Romance de formação: caminhos e descaminhos do herói*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020. MAZZARI, Marcus Vinicius. *Labirintos da aprendizagem: Pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: Editora 34, 2010. _____. *Romance de formação em perspectiva histórica: O tambor de lata de Günter Grass*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. Molina, D. G. (2020). "Fato literário" - Lúri Tyniánov. *Literatura E Sociedade*, 25(31), 154-175. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i31p154-175> MORETTI, Franco. *O romance de formação*. São Paulo: Todavia, 2020. NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 1997. PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. *Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. RAMALHO, José Ricardo. *Mundo do crime: a ordem pelo avesso* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4dp27>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2021. REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Unesp, 2003, p. 32. _____. *Uma revolução perdida*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. ROSENFELD, Anatol. *A Teoria dos gêneros in. O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 1985. SCHNAIDERMAN, Boris. *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 100. SILVA, Andrea Zeppini Menezes da. *O Plutão que veio do inferno: sobre a prosa de Varlam Chalamov*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018. SILVA, Pablo Augusto. *O mundo como catástrofe e representação: testemunho, trauma e violência na literatura do sobrevivente*. 2006. 145p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279004>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021. STEINER, Lina. *For humanity's sake: the Bildungsroman in russian culture*. Toronto: University of Toronto Press, 2011. TAVARES, Cássio da Silva Araújo. *O conto e o conto brasileiro contemporâneo*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003. TCHÉKHOV, Anton. "Carta 19". In: TCHÉKHOV, Anton. *Cartas a Suvórin (1886-1891)*. São Paulo: Edusp, 2002, TODOROV, Tzvetan (org.) *Teoria da literatura: textos dos formalistas russos*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

AUTONOMIA DO DESEJO: "ANNA KARIÊNINA" E A QUESTÃO FEMININA

Julia Ferrari Duarte do Páteo

Resumo: A comunicação propõe uma abordagem de "Anna Kariênina", de Liev Tolstói, que relacione a obra ao seu contexto histórico de produção, tendo em perspectiva a Questão Feminina, discutida sobretudo na década de 1860, na Rússia. Organizada em torno de três pilares – autonomia matrimonial, reconhecimento profissional e educação -, a Questão Feminina foi um importante movimento rumo à emancipação das mulheres, que, assim como no resto da Europa, ocupavam

papel subalterno na sociedade do século XIX. Sua abordagem se deu sobretudo no meio da intelligentsia russa, e marcou a literatura feminina com um tom ideológico e didático, e personagens típicas dentro de um ideal de “mulher instruída”, isto é, mulher racional, cujos ideais e características seriam os mesmos dos homens. Tolstói, ainda que não se vincule a essa tendência, apresenta, em sua obra, elementos importantes para discutir essa questão. Propõe-se, então, a exposição de alguns dos procedimentos estéticos empregados pelo escritor para criar a protagonista Anna, de maneira a evidenciar como, por meio desta personagem, Tolstói positiva a subjetividade e o desejo femininos, construindo uma representação que permite com que se estabeleçam diálogos com a Questão Feminina. Em suma, discute-se como a estética apresentada em um texto literário pode se relacionar a uma causa como a expressa pela Questão Feminina.

Referências: BARTHES, Roland. O efeito de real. In.: O rumor da língua; tradução de Mario Laranjeira - São Paulo: Martins Fontes, 2004. CHKLÓVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TODOROV, Tzvetan. Teoria da literatura: textos dos formalistas russos. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.83-108. FONSECA FILHO, Odomiro Barreiro. Niilismo: estrada para a emancipação. O destino literário das personagens femininas russas na época das grandes reformas (1855-1866); São Paulo: USP, 2017. JACKSON, Robert Louis. “Chance and Design: Anna Karenina’s First Meeting with Vronsky.” *Close Encounters: Essays on Russian Literature*, Academic Studies Press, 2013, pp. 81–93. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/j.ctt1zxshr0.9>. Accessed 21 Oct. 2022. LOTMAN, Iuri. “A estrutura do texto artístico”. Lisboa: Editorial Estampa, 1978. MANDELKER, Amy. *Framing Anna Karenina: Tolstoy, Women Question, & Victorian novel*. Ohio State University, 1993. Disponível em:

<https://ohiostatepress.org/books/Complete%20PDFs/Mandelker%20Framing/Mandelker%20Framing.htm>. PUSHKAREVA, Natalia. *The New Women of the New Epoch: Nineteenth and Early Twentieth Centuries*. Translation: Eve Levin. Londres e Nova York: Routledge, 2015. ROSENHOLM, Arja. The ‘woman question’ of the 1860s, and the ambiguity of the ‘learned woman’. In: MARSH, Rosalind (ed.). *Gender and Russian Literature: new perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. SCHEPKINA, Ekaterina. *História da personalidade feminina na Rússia*. Trad. Érika Batista. 1ª ed. São Paulo: Feminas, 2021. STEINER, George. Tolstói ou Dostoiévski: um ensaio sobre o Velho Criticismo; tradução de Isa Kopelman - São Paulo: Perspectiva, 2006. STITES, Richard. *The Women’s Liberation Movement in Russia; Feminism, Nihilism and Bolshevism*. Princeton University Press. New Jersey: 1967. TOLSTÓI, Liev. *Anna Kariênina*. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2013. TOLSTÓI, Leon. *O que é a Arte?*. São Paulo: Experimento, 1994.

REFLEXIONES EN TORNO A LOS ESCRITOS PEDAGÓGICOS DE LEV TOLSTÓY

Julia Olazabal

Resumo: Lev Nicolaiévich Tolstói fue un escritor reconocido por sus novelas y cuentos. Sin embargo, su creatividad no sólo se vio reflejada en ellos, sino que incursionó en otro ámbito que quizá constituye una de las facetas menos exploradas: el de la educación. Quienes se hayan dedicado al estudio de las Ciencias de la Educación o de la Pedagogía como carrera profesional, tal vez han podido acceder a algunos puntos de sus teorías; más no es un campo de estudio que haya acabado todo su potencial. Una de las problemáticas comunes de los estados europeos de mediados del siglo XIX era cómo lograr una educación “masiva” que le permitiera a la población acceder a cuestiones básicas, donde el énfasis estaba puesto en la preparación de los futuros ciudadanos para tareas especializadas que el Estado requería. Como hombre de su tiempo, y en constante contradicción con los procesos que le tocaron vivir, Tolstói no fue ajeno a ello. En sus viajes por Europa, pudo constatar que el grado de alfabetización en países como Alemania o Inglaterra era bastante alto. A pesar de ello, no dudó en expresar su disconformidad con los sistemas educativos imperantes, aventurándose a pensar un modelo diferente que fuese lo que realmente el pueblo necesitaba, desligado de los intereses del Estado, y en donde primara la libertad individual. Así, Tolstói no sólo se limitó a escribir y explicar cómo debieran darse los procesos de enseñanza- aprendizaje, sino que además fundó y dirigió, durante la década de 1860, una escuela en su finca. Dada la vigencia que tienen al día de hoy algunas de sus ideas, el presente trabajo se propone reflexionar y analizar los

algunos de los tópicos presentes en los escritos pedagógicos que incluyó en el boletín *Yasnaya Polyana*.

Referências: • BAÑA, Martín, *Una Intelligentsia musical. Modernidad, política e historia de Rusia en las óperas de Musorgsky y Rimsky-Korsakov (1856- 1883)*, Buenos Aires, Gourmet Musical, 2017. • BERLIN, Isaiah, *Pensadores rusos*, México, Fondo de Cultura Económica, 2014 • BILLINGTON, James, *El ícono y el hacha. Una historia interpretativa de la cultura rusa, España, Siglo XXI*, 2011 (1966) • CHAADAEV, Piotr, "Cartas filosóficas dirigidas a una dama (Primera Carta)". En Olga Novikova, *Rusia y Occidente*, Madrid, Tecnos, 1997. • FIGES, Orlando, *El baile de Natacha. Una historia cultural rusa*, España, Edhasa, 2002. • KAGARLITSKY, Boris, *Los intelectuales y el estado soviético*. Buenos Aires, Prometeo, 2006. • MOULIN, Daniel, *Leo Tolstoy*, Londres, Bloomsbury Library of Educational Thought- Series Editor: Richard Bailey, 2011. • TOLSTOI, Lev, *Correspondencia- 1842-1879*. Selección y traducción de Selma ANCIRA, México, Fondo Nacional para la Cultura y las Artes, 2005. • TOLSTÓY, Lev N. *Polnoe sobranie sochineni? Tom 8. Pedagogicheskie stat?i 1860—1863* Moscú, Gosudarstvennoe izdatel'stvo, 1936.

JOSEPH BRODSKY E O LEGADO IMPERIALISTA DA LITERATURA RUSSA

Júlia Zorattini

Resumo: Tido como um dos maiores poetas de expressão russa do século XX, Joseph Brodsky recusou toda e qualquer interpretação de sua obra que passasse pelo crivo político durante toda a sua carreira. No entanto, conforme apontado por Olga Bertelsen, a partir da década de 1970, o status apolítico do poeta foi colocado em xeque por sua participação em debates, cujos temas tangenciavam tópicos importantes da política internacional na época, além da elaboração de generalizações sobre o povo russo e a sua história. Apesar de ser conhecidamente avesso ao regime soviético e à opressão sofrida pelos artistas sob o seu jugo, apresentou o poema "Sobre a Independência da Ucrânia" perante o Centro Comunitário Judaico de Palo Alto, na Califórnia, em 1992, cujo teor chauvinista foi objeto de críticas. Em seus versos, Brodsky zomba da recém adquirida emancipação do país, fazendo uso de termos pejorativos e prevendo que, em seu leito de morte, os ucranianos balbuciarão versos de Aleksandr Púchkin ao invés dos "disparates" de Taras Shevchenko, poeta nacional da Ucrânia. Depreende-se da análise do poema que a Ucrânia, intelectual e culturalmente pobre, jamais sobreviveria sem a Rússia. Embora este seja o mais inflamatório de seus poemas, Brodsky já vinha demonstrando simpatia e nostalgia pelo império cultural pátrio em sua obra. Sem dúvidas, ele é um produto da longa tradição de poetas russos, iniciada por Gavrila Derjavin no século XVIII, cujas odes às conquistas e à grandiosidade do projeto imperial contribuíram para a formação de uma mentalidade colonialista e para a justificação do expansionismo em direção ao Leste Europeu, ao Cáucaso e à Ásia Central. A discussão do aspecto imperial na obra brodskiana é especialmente relevante, pois revela a força e presença do legado colonial na cultura russa até os dias atuais.

Referências: BERTELSEN, Olga. Joseph Brodsky's imperial consciousness. *S?upsk: Scripta Historica*, v. 21, 2015, pp. 263-289. Disponível em: <https://ssh.apsl.edu.pl/baza/wydawn/ssh021/263-292.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2022. SADAN, Rafi Tsirkin. The Concept of Empire in Joseph Brodsky's Work. *Baltimore: Partial Answers: Journal of Literature and the History of Ideas*, v. 19, n. 1, 2021, pp. 119-143. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/779887>. Acesso em: 02 jan. 2023. SHKANDRIJ, Myroslav. *Russia and Ukraine: Literature and the Discourse of Empire from Napoleonic to Postcolonial Times*. 1ª ed. Ottawa: Carleton University Press, 2001. THOMPSON, Ewa. *The Search for Self-Definition in Russian Literature*. 1ª ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991. TUROMA, Sanna. *Brodsky Abroad: Empire, Tourism, Nostalgia*. 1ª ed. Madison: The University of Wisconsin Press, 2010.

GÓGOL E MACHADO: A CENTRALIDADE DA PERIFERIA

Lucas do Nascimento Delfino

Resumo: Esta comunicação propõe um cotejo entre trechos do primeiro volume de *Almas mortas*, de Nikolai Gógol, e parte da obra de Machado de Assis, em especial alguns capítulos do romance

Memórias póstumas de Brás Cubas e o conto “Teoria do medalhão”. A partir de um prisma que, no Brasil, floresce nos ensaios de Roberto Schwarz, dos quais vale citar As ideias fora do lugar, faz-se pertinente estabelecer um diálogo entre as referidas produções ficcionais a fim de observar de que modo a obra de Gógol, cujo trabalho se desenvolveu na primeira metade do século XIX, contribuiu para a gestação de uma forma de prosa capaz de lidar com a realidade material encontrada na periferia do capitalismo. Sob tal perspectiva, além de uma atenção aos narradores, que apesar de possuírem traços em comum são de naturezas distintas, surge a oportunidade de discutir o medalhão machadiano à luz da figura de Tchitchikov — e vice-versa. Na esteira de tais observações, caberá recorrer ainda às formulações de Dolf Oehler sobre Baudelaire, Heine, Flaubert dentre outros para compreender de que modo Gógol pode se inserir no filão de escritores que exerceram, de algum modo, a chamada “estética antiburguesa”, visto o teor da interlocução promovida pelo narrador-autor de Almas mortas em relação ao “leitor” evocado do início ao fim da narrativa.

Referências: ASSIS, Machado de. Contos: uma antologia. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. _____. Todos os romances e contos consagrados de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. _____. Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. FANGER, Donald. Dostoevsky and romantic realism: a study of Dostoevsky in relation to Balza, Dickens, and Gogol. Chicago: University of Chicago Press, 1967. _____. The creation of Nikolai Gogol. Cambridge: Harvard University Press, 1979. GÓGOL, Nikolai. Almas mortas. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Perspectiva, 2008. _____. Almas mortas. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: 2018, Editora 34. _____. Miórtvie duchi. Moskva: Eksmo, 2018. _____. Polnoe sobranie sotchinenii. Leningrad: Nauka, 1952. GOMES, Eugênio. "Machado de Assis e Gogol". In: Machado de Assis. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958, pp. 116-121. GOMIDE, Bruno Barretto. Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901). São Paulo: Editora 34, 2013. _____. Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936). São Paulo: Edusp, 2011. MANN, I. Poetika Gogolia. Moscou: Khudozhestvennaia Litetatura, 1970. OEHLER, Dolf. Quadros parisienses: estética antiburguesa 1830-1848. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

PELAS CORREDEIRAS DO DNIPRÓ, 1927: VIKTOR CHKLÓVSKI E DZIGA VIÉRTOV.

Luis Felipe Gurgel Ribeiro Labaki

Resumo: No sexto número da revista "Nóvi Lef" do ano de 1927, Viktor Chklóvski publicou um artigo intitulado “60 dias sem serviço” ('60 dniêi bez slújby'). Em seu estilo particular, mesclando diário de viagem, prosa memorialística e comentários linguísticos feitos de passagem, Chklóvski narra sua expedição a regiões impactadas por recentes obras de implementação de usinas hidrelétricas, com uma primeira seção dedicada à sua descida pelas corredeiras do rio Dnipró e por áreas que seriam alagadas para a construção da barragem da estação hidrelétrica DniproGES. Poucos meses mais tarde, em outro artigo na "Nóvi Lef", o autor voltaria a mencionar sua viagem, porém em meio a lamentos pelo estado das crônicas cinematográficas do país: "Como filmavam pouco e de maneira maçante! Mas hoje filmam menos ainda. [...] Não há Dnieprostrôi. Não há as corredeiras. (Eu pedi que me dessem ao menos um cinegrafista e película, sem dinheiro, já que estávamos indo para lá de qualquer forma, e queria filmar o trabalho para [a cineasta Esfir] Chub, mas recusaram)". No entanto, ainda em maio de 1927, o realizador Dziga Viértov apresentava à Administração Pan-Ucraniana de Fotografia e Cinema (VUFKU) um roteiro preliminar para um filme sobre a industrialização do país que, estruturado justamente como uma expedição, trazia uma sequência de travessia pelas corredeiras do rio Dnipró e por regiões que seriam alagadas, guardando considerável semelhança com passagens do artigo que Chklóvski publicaria. Este caso pontual de coincidência temática nos permite comentar similaridades e divergências existentes nas estratégias estéticas desses dois artistas que, não por acaso, figuravam então como colaboradores de "Nóvi Lef", periódico marcado por debates em torno da chamada "literatura do fato" e por reflexões sobre o cinema, com ênfase especial à produção não-ficcional.

Referências: CHKLÓVSKI, Viktor. "60 dniêi bez slújby". Nóvi Lef, nº6, 1927, p.17-32. _____ . "Po pôvodu kartíny Esfir Chub". Nóvi Lef, nº8-9, 1927, p.52-54. _____ . Viagem sentimental. São Paulo: Editora 34, 2018. KAUFMAN, Mikhail. "Z ekspeditsiínikh notátok" in: Odynádtiatyi. Práktyka i teoria neigrovôgo filmu. Kyiv: VUFKU, 1928. MISLÁVSKI, Nikolai. Dnieprostrôi. Moscou, Leningrado: Gossudársvtennoe Izdátelstvo, 1930. VIÉRTOV, Dziga. "[Corredeiras]" in: Cine-olho: manifestos, projetos e outros escritos. São Paulo: Editora 34, 2022, p.275-278. _____ . "Pronunciamento no debate na ARRK sobre o filme 'O décimo primeiro ano'" in: Cine-olho: manifestos, projetos e outros escritos., p.279-283. _____ . "Odínnadtsati (Otrívki iz siômotchnogo dnevníká)" in: Dziga Viértov. Iz Nasliêdia. Tom 2. Statí i vystupliênia. Moscou: Eisenstein-Tsentr, 2008, p.140.

ATUAÇÃO ENTRE-MEIOS: MÍDIAS DA ESCRITA, DA IMAGEM E DO SOM, NO TCHEKHOV DE BIA LESSA, CHRISTIANE JATAHY E ELIZABETH LECOMPTE/WOOSTER GROUP

Marília Guimarães Martins

Resumo: Essa Comunicação tem como eixo estruturante a peça As três irmãs de Tchekhov, desdobrada nas três versões cênicas de Bia Lessa (As 3 irmãs), de Christiane Jatahy (E se elas fossem para Moscou?) e de Elizabeth LeCompte/Wooster Group (Brace up!). O campo do estudo, focado em temas relativos à cena contemporânea, delimita-se pelos entrelaçamentos entre cena e tecnologia. Em As três irmãs, a máquina fotográfica entra em cena trazida por um pequeno personagem, e não nas mãos de uma das protagonistas. É Fedotik, um dos oficiais da armada instalada, provisoriamente, na pequena província onde moravam Olga, Macha e Irina, que chega na casa dos Prozorov com a câmera. De fato, em As três irmãs, para além da câmera fotográfica, Tchekhov monta uma Babel de objetos e tecnologias diversas: jornal impresso, pião sonoro, cadernetas de notas e desenhos à mão, violino, carrapeta, óculos, relógios. Coisas, parafernália, máquinas ligadas a diferentes mídias: da escrita, da imagem e do som. Se, por um lado, as encenações de Brace up! (1991) e de E se elas fossem para Moscou? (2014) destacam-se, em relação aos meios técnicos, pelos vídeos ao vivo (transmitidos por aparelhos de tv no trabalho do Wooster e pela telona de cinema em Jatahy), por outro lado, a montagem de As 3 irmãs (1998) marca-se tanto pelas projeções fílmicas de palavras/frases/trechos do texto de Tchekhov no espaço cênico, quanto pela transmissão em off de falas das personagens pré-gravadas pelas atrizes e atores.

Referências: KITTTLER, Friedrich A. Gramofone, Filme, Typewriter. Tradução de Guilherme Gontijo Flores e Daniel Martineschen. Revisão técnica de Adalberto Müller e Erick Felinto. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019. KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Tradução de Elizabeth Carbone Baez. In Arte & Ensaios Revista do programa de Pós-Graduação em Artes da UFRJ, n. 17, p. 87-93, 2008. MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. Apresentação da edição brasileira de Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1972. NASCIMENTO, Rodrigo Alves do. "As Três Irmãs, de Tchekhov: conflito de tempos e ironia dramática". In RUS, v. 13, n. 21, p. 126-146, 2022. QUICK, Andrew. The Wooster Group Workbook. London: Routledge, 2007. TCHEKHOV, Anton Pavlovich. Quatro peças: A gaivota, Tio Vânia, Três Irmãs e O jardim das cerejeiras. Tradução, apresentações e notas de Rubens Figueiredo. São Paulo: Penguin-Companhia das letras, 2021.

A IMAGEM DA RÚSSIA E DA UNIÃO SOVIÉTICA NAS ARTES DA ARGENTINA

Martín Baña

Resumo: Para aquela organização imaginária do espaço mundial conhecida como Ocidente, a Rússia tem funcionado historicamente como um outro cultural, próximo, mas ainda outro. A partir dessa posição, foram construídas imagens e visões majoritariamente negativas daquele país que, de acordo com os contextos geopolíticos, diziam mais sobre o país de origem do que sobre a própria Rússia, com o objetivo de justificar e legitimar determinadas ações. Este processo foi reforçado ao longo do século XX, com o triunfo da revolução e o consequente desenvolvimento de um projeto comunista. No entanto, quando a lente dos países centrais é deslocada e passada para os periféricos, a situação

torna-se mais nuançada. Sociedades como a Argentina também tomaram a Rússia como referência, mas a distância geográfica e sua própria situação periférica ajudaram a construir um imaginário um tanto diferente do gigante eurasiático, não só para dar conta do que ali acontecia como também para explicar vários dos problemas presentes aqui. A arte, em particular, foi um campo bastante rico e frutífero onde visões e descrições da Rússia foram produzidas e depois disseminadas por toda a sociedade, e ainda assim pouco estudadas. Este trabalho pretende explorar as diferentes produções artísticas (literatura, música, artes plásticas) que tiveram a Rússia como objeto central, não só para explicar a imagem que foi construída sobre aquele país, mas também para analisar problemas relacionados com a situação particular dos países periféricos e a viabilidade do comunismo, entre outros.

Palavras-chave: Rússia; União Soviética; Argentina; Artes; internacionalismo

AKAKY, MACAR E MACABÉA: CONTRAPONTO POSSÍVEIS

Mercia Pessôa

Resumo: A prerrogativa de Dostoiévski: “todos nós descendemos de O Capote”, de Gogol, além de possibilitar uma certa genealogia literária, nos permite verificar como Clarice Lispector pode dialogar com a sua origem eslava em seu livro “A hora da Estrela” e estabelecer a sua originalidade e diferença. Mikhail Bakhtin foi o teórico que realizou uma análise comparativa entre “O Capote”, de N. Gogol, e “Pobre Gente”, de Dostoiévski, onde coloca como questão central a observação da posição do narrador. Bakhtin identifica uma mudança da perspectiva, que ocorre a partir do momento em que o narrador transfere para a personagem a possibilidade de ela ter ideia, pensamento e voz, ao passo que a narrativa tende a se tornar dialógica e polifônica. Contudo, ele sinaliza uma certa revolta contra o acabamento literário do herói, o que se dá a partir do personagem Macar, em Pobre Gente, quando se observa uma certa recusa deste em aceitar qualquer definição a partir de outros personagens e/ou enfoques conclusivos. Bakhtin ignora a revolta de Akaki Akakievitch, uma revolta que se dá num plano fantasmagórico e carnavalesco com perfeito acabamento do conflito. A aproximação entre os personagens de Gogol, Dostoiévski e Clarice Lispector se dá por um padrão canônico de repetição, e ao mesmo tempo de simulacro, pelo fato de seguirem um tipo ou arquétipo de personagem que representa “o pequeno homem”, de origem pobre, que sofre privações na cidade onde vive e trabalha. Em “A hora da estrela”, Clarice Lispector escolhe, como protagonista principal, uma mulher, Macabéa. Por outro lado, apresenta a figura de um narrador secundário, Rodrigo, que se apresenta como autor, que detém o completo domínio sobre o destino e acabamento de Macabéa, colocando a morte e a si mesmo também como personagens, numa narrativa com começo, meio e fim, mas sem dar respostas.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. _____. Problemi poetiki Dostoievskovo. Moskva: Sobietskaia, 1979 BUENO, Eva Paulino. Gogol and Lispector: a scream through time and space. Revista Brasileira de Literatura Comparada, 2017 - abralic.org.br p.133-155 _____. Povesti. Moskva: Russkii Iazik, 1983. _____. O capote e outras novelas de Gógol. Trad. e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990 BERMAM, Marshall. Gógol: a rua real e surreal. In: _____. Tudo o que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p.188-198. DOSTOIÉVSKI, Fiodor. Obra completa, volume I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. EHRHARD, Marcelle. La letteratura russa. Milano: Garzanti, 1954. FANGER, Donald. La creación de Nikolai Gógol. México: Fondo de cultura económica, 1985. GOTLIB, Nádia Battella. Clarice, uma vida que se conta. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. MORAES, Marcela de Assis. O que é que um homem faz? De Clarice Lispector a Dostoiévski. In: Slovo – Revista de Estudos em Slavística, V.4, N.4, Mar. 2022 – Especial Dostoiévski, 200 anos. p.141-171. ALONSO JUNIOR, Wenceslau. Heterodiscurso e composição romanesca em A hora da estrela de Clarice Lispector. In: Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará – Num. 18. Jul.-Set.2019. P 14-28. NUNES, Benedito. O Drama da Linguagem – Uma leitura de Clarice Lispector. Editora Ática. São Paulo, 1989.

CONSIDERAÇÕES SOBRE TARKÓVSKI: LEITOR E CINEASTA

Neide Jallageas

Resumo: Quando perguntado sobre qual teria sido sua escola de arte, Andrei Tarkóvski, sem titubear, responde: Guerra e Paz. Além de se educar artisticamente com o notável conde Tolstoi, o cineasta foi leitor obsessivo de Dostoiévski, cujas obras não chegou a filmar, mas para as quais tinha planos e apresentara propostas que nunca foram aceitas. Nas últimas páginas de seu diário o diretor declara que o próximo filme que realizaria seria sua grande paixão: Hamlet, que ele mesmo levaria aos palcos moscovitas, da Moldávia e da Armênia em 1977, pouco antes de partir para a Itália. No entanto, já no seu primeiro longa-metragem, Infância de Ivan (1962), reivindicou para si o direito de subverter o roteiro para torná-lo filme. Sabemos também das ácidas críticas que fez Stanislaw Lem, autor de Solaris (1972), para quem Tarkóvski teria se desviado completamente do texto literário. Mas, Stalker (1979) parece ter sido o exemplo mais radical de transformação da obra literária original em um roteiro totalmente diverso, ainda que escrito pelos próprios autores do livro, os irmãos Boris e Arcadi Strugatski. Diante desse quadro, proponho apresentar algumas considerações sobre Tarkóvski como leitor voraz e Tarkóvski, um artista que fez do cinema a sua linguagem.

Referências: ANÓKHINA, Iúlia. Quarenta anos depois de TARKÓVSKI encenar HAMLET. São Paulo: Blog da Kinoruss, 2017. Acesso em 15.01.23: <https://www.kinoruss.com.br/post/2017/03/14/quarenta-anos-depois-de-tark%C3%B3vski-encenar-hamlet> AUMONT, Jacques. As teorias dos cineastas. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, Papyrus, 2004. Original em francês: Les théories des cinéastes. Paris: Nathan – Université/VUEF, 2002. SKLOVSKI, Viktor. Cine y lenguaje. Trad. Joaquín Jordá. Barcelona: Anagrama, 1971. Original russo. TARKÓVSKAYA, Marina. Acerca de Andrei Tarkovski. Trad. J. L. Aragon, J. Gil Fernández y T. Pérez Hernández. Madrid: Ediciones Jaguar, 2001. Original russo. TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o Tempo. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Versão inglesa de: Jefferson Luiz Camargo. Original em alemão: Die versiegelte Zeit. Gedanken zur Kunst, Ästhetik und Poetik des Films. Frankfurt-Berlin: Ullstein, 1985. TARKOVSKIJ, Andrej. Andrej Tarkóvskij. Diari. Martirologio. Trad. Norman Mozzato. Firenze: Meridiana, 2003. Original russo. TSIMBAL, EVGUENI. ???????? "????????". ?????? ?????????????? (Nascimento de "Stalker". tentativa de reconstrução). Moscou: Kinoteksti, 2022.

FOTOGLAZ_FOTO-OLHO: O OLHAR MONTADOR NA FOTOGRAFIA E NO DESIGN PELA FOTOMONTAGEM NA OBRA DE ALEKSANDR RÓDTCHENKO (1919-1933)

Paulo Fernando Dias Diniz

Resumo: O objetivo principal desta comunicação é apresentar brevemente a fotomontagem, entendendo-a como a linguagem artística da fotografia, que se baseia nos princípios estéticos associados à sociedade industrial e a máquina como referência. O propósito é demonstrar através da conceituação de montagem, construir uma argumentação partindo da análise dos objetos artísticos através das ferramentas que os produzem, e demonstrar como a ferramenta está diretamente associada à postura artística e, no caso específico da fotografia, uma nova construção do olhar sobre as coisas. Este olhar sobre as coisas do mundo conceituou-se como “o olhar fotomontador” que seleciona, recorta e monta um novo sentido com as imagens, mas que pode ser representado em um único fotograma. Esta montagem de imagens em um único fotograma de instantâneo fotográfico foi nomeada de Fotoglaz (????-????), Foto-olho. O fotógrafo se torna um montador e a linguagem que vai se construindo é a da fotomontagem. Analisando as vanguardas modernistas do início do século 20 destaca-se o Construtivismo Russo e a obra de Aleksandr Ródtchenko tanto como fotógrafo como designer, devido a sua ampla participação nos movimentos artísticos russo-soviéticos, do cubofuturismo até o construtivismo, passando pelo suprematismo e o produtivismo, que marcaram as décadas de 10 e 20 na Rússia e pós 1917 na União Soviética.

Referências: ADES, Dawn. Photomontage. Londres: Thames & Hudson, 1976. BUCHLOH, Benjamin. From Faktura to Factography. October, Vol. 30 (Autumn, 1984), p. 82-119 Published by: The MIT Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/778300>. [s.l.], v. 30, p. 82-119, 2008. BURGER, Peter. Teoria da Vanguarda. Traduzido por José Pedro Antunes. São Paulo. Iaed. Cosac Naify. 2012. LIMA, Celso. JALLAGEAS, Neide. Vkhutemas: desenho de uma revolução. São Paulo: Kinorus, 2020. 480p

TARABUKIN, Nikolai, "Del caballete a la máquina" en TARABUKIN, Nikolai. El último cuadro /Del caballete a la máquina. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

À PROCURA DA IDEOLOGIA DE UM AUTOR NO DRAMA FECHADO: AS VOZES DE A. SCHNITZLER, A. TCHEKHOV E M. GORKY ATRAVÉS DE SUAS PERSONAGENS-ARTISTAS

Paulo Ricardo Berton

Resumo: Em todo texto dramático iremos sempre encontrar, seja na condição de leitor, ou de espectador no instante de sua concretização teatral, uma ideologia subjacente. A partir da divisão feita pelo teórico literário alemão Volker Klotz (*1930), o drama aberto, ao fazer uso principalmente da figura do narrador, dentre outras ferramentas características de formas não-dramáticas, expressa o pensamento do seu autor de uma forma mais explícita. No outro espectro desta categorização, o drama fechado, ou seja, aquele em que o seu autor prefere fazer uso de elementos formais mais específicos do gênero literário dramático, como por exemplo a manutenção da ilusão de realidade, a diegese desaparece e dá lugar à mimese, uma instância em que o discurso somente é manifestado, ao lado das didascálias, através das falas das personagens. Assim, a voz do autor dramático acaba sendo mediada por uma ou por várias destas figuras ficcionais e a manifestação de sua posição ideológica se apresenta de forma mais subterrânea, exigindo um exercício arqueológico de análise textual (sem nunca abdicar da contextual) para encontrá-la. Este trabalho se propõe, então, a examinar de que forma três autores canônicos do drama fechado: A. Tchekhov (1860-1904), A. Schnitzler (1862-1931) e M. Gorki (1868-1936) expressam as suas ideias em algumas de suas obras através de um papel específico - a personagem-artista – o qual por compartilhar da mesma função social dos seus criadores, poderia ser considerado como um alter-ego e assim estar mais autorizado a atuar como seu porta-voz ideológico.

Referências: Brecht, Bertolt. Brecht on Theatre: The Development of an Aesthetic. Edited and translated by John Willet. New York: Hill and Wang, 1964. Chekhov, Anton. The Cherry Orchard. Chekhov four Plays. Translated by Stephen Mulrine. London: Nick Hern Books, 2005. _____. The Seagull. Chekhov four Plays. Translated by Stephen Mulrine. London: Nick Hern Books, 2005. Gorky, Maxim. Philistines. Translated by Dustin Hughes. London: Amber Lane Press, 1986. _____. Summerfolk. Translated by Stephen Mulrine. London: Nick Hern Books, 2006. _____. The Lower Depths. Translated by Alex Szogyi. New York: Samuel French Inc., 1964. Klotz, Volker. Geschlossene und offene Form im Drama. München: Hanser, 1960. Schnitzler, Arthur. Die dramatischen Werke. 2 Bde. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1962.

UM CONCEITO DE IRONIA EM UM HERÓI DE NOSSO TEMPO, DE MIKHAIL LÉRMONTOV

Pedro Augusto Pinto

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo explorar alguns aspectos da aplicabilidade do conceito de ironia à grande obra em prosa de Mikhail Lérmontov, Um herói de nosso tempo. A empreitada se justifica pela própria centralidade, explícita ou implícita, que o fenômeno assume no seio da obra, sendo citada nominalmente já no prefácio à segunda edição, bem como se espalhando pela obra em suas dimensões éticas (ironia como comportamento) e estética (figura retórica ou estrutura narrativa). Seja pela multiplicidade de narradores, pelo recurso narrativo da obra dentro da obra, pela construção da personagem principal ou pela abordagem aplicada à problemática da predeterminação no último capítulo do romance, a ironia, em sua proverbial multiplicidade, parece constituir uma verdadeira constante da obra, que assume assim uma afinidade estrutural com o seu herói e, a crermos nas palavras do autor, com a finalidade expressa da obra. Neste sentido, a própria problemática da ironia enquanto forma negativa, de paradoxal definição e diversa ao longo da história, parece assumir feições próprias e significativas à luz de sua presença no romance de Lérmontov, na medida em que, presente de múltiplas maneiras, encontra na multiplicidade mesma o seu nervo conceitual. Assim, em nossa exposição, buscaremos apresentar exemplos dos diversos usos da ironia no romance remetendo-os à literatura retórica ou filosófica produzida sobre o fenômeno, de maneira a ensejar um diálogo entre a teoria geral da ironia e sua presença concreta no romance em questão.

Referências: EIKHENBAUM, B. Liérmontov: Ópyt istóricho-literatúrnoi otsiénki. Leningrado: Gosudarstvennyi Izd., 1924. _____. Stat'i o Liérmontovie. Leningrado/Moscou: Izdatel'stvo Akadémií Nauk SSSR, 1961. _____. "Literaturnaia pozitsia Liermontova" in O prozie, o poezii: sbornik statiei. Leningrado: Khudojestvennaia Literatura, 1986a. _____. "Guerói náchego vriémeni" in O prozie, o poezii: sbornik statiei. Leningrado: Khudojestvennaia Literatura, 1986b. _____. "Literatúrnyi byt" in O literatúrie. Moscou: Sov. Pisatiel', 1987. _____. O poézii. São Petersburgo: Palmira, 2017. FREUD, S. "Trauer und Melancholie", in Gesammelte Werke. 10ª ed. Londres: Imago, 1991, t. 10. _____. "Vergänglichkeit", in Gesammelte Werke. 10ª ed. Londres: Imago, 1991, t. 10. GRAMMONT, G. Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard. Petrópolis: Catedral das Letras, 2003. JANKÉLEVITCH, V. L'Ironie. Paris: Flammarion, 1964. KEHL, M. R. O tempo e o cão: atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009. KIERKEGAARD, S. Either/Or. Trad. E.H. Hong e H.V. Hong. Princeton: Princeton University Press, 1987, v. 1 e 2. _____. Stages on Life's Way. Trad. E.H. Hong e H.V. Hong. Princeton: Princeton University Press, 1988. _____. O conceito de ironia, constantemente referido a Sócrates. 3ª ed. Trad. Álvaro Valls. Bragança Paulista: São Francisco, 2006. _____. Ou – ou: um fragmento de vida. Trad. E.M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013, v. 1. KRISTEVA, J. Soleil noir: Dépression et mélancolie. Paris: Gallimard, 1989. LAMBOTTE, M. Estética da melancolia. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. LÉRMONTOV, M. I. Sobraniie sotchinenii v tchetyriekh tomakh. Moscou: Khudojestvennaia Literatura, 1964. MIKHÁILOVA, E. N. "Idiia líchnosti u Liérmontova i ossóbennosti ieió khudójestvennogo voploschéniia". In: Jizn' i tvórtchestvo M. Iu. Liérmontova: issliédovaniia i materiály – sbórník piérvyi. Moscou: Khudójestvennaia Literatura, 1941. _____. Proza Liérmontova. Moscou: Khudójestvennaia Literatura, 1957. MOSKVIN, G. B. Smysl romana M. I. Liérmontova "Geroi náchego vriémeni". Moscou: Maks Press, 2007. MUECKE, D. C. Ironia e o irônico. Trad. Geraldo G. de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995. STAROBINSKI, J. L'Encre de la mélancolie. Villeneuve-D'Ascq: Éditions du Seuil, 2012.

TEMPO E CRISE NO DRAMA DE ANTON TCHÉKHOV

Rodrigo Alves Do Nascimento

Resumo: Esta comunicação propõe uma investigação de como a experiência do tempo se instala na dramaturgia de Anton Tchekhov. Nas peças longas do dramaturgo, suas personagens falam constantemente sobre o presente vazio de sentido, sobre um passado idílico ou sobre um futuro cheio de possibilidades. Convivem em um mesmo espaço, mas experimentam temporalidades distintas. Essa tensão temporal - sempre subliminar - povoa a ação dramática de experiências temporais ligadas à espera, ao tédio, à memória, à melancolia, ao trauma, aos desejos, à recusa, aos remorsos e aos sonhos, ao mesmo tempo que rompe com aquilo que Peter Szondi chama de o "presente absoluto" do drama tradicional. Por meio da análise de peças como A Gaivota, Tio Vânia, mas, principalmente, de As Três Irmãs e de O Jardim das Cerejeiras, pretende-se discutir como a instalação dessas temporalidades revoluciona a forma do drama clássico, mudando o papel do diálogo e introduzindo uma série de dispositivos rítmicos, como pausas, silêncios e momentos de estase. Tais elementos não só distendem a ação dramática – aproximando-a, por exemplo, de temporalidades até então mais exploradas pelo romance -, como também introduzem um tempo verticalizado, ligado ao instante, até então muito explorado pela lírica. Nossa hipótese é a de que, com isso, Tchekhov dá a ver a complexidade da experiência temporal da sociedade russa em um período de crise, ao mesmo tempo que põe em xeque a sincronização temporal que, na modernidade burguesa, homogeneizou experiências temporais muito distintas. Talvez por isso, por desestabilizar esse "presente absoluto" do drama e acomodar essa simultaneidade conflitante de temporalidades, o drama tchekhoviano se torne mais aberto e "atualizável" no tempo, criando zonas de contato poderosas que têm reverberado em diferentes épocas e culturas.

Referências: ARANTES, Paulo. O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014. BAKHTIN, Mikhail. "Formas de tempo e de cronotopo no romance – Ensaios de poética histórica". In: Questões de Literatura e Estética – a teoria do romance. Trad.

Aurora Fornoni Bernardini e outros. São Paulo: Hucitec Editora, 2010. BALUKHATYI, S. D. Problemy dramaticheskovo analiza. Tchékhov. (Problemas de análise dramática. Tchékhov). Leningrado: Akademia, 1927. BERGSON, Henri. Ensaio sobre os dados imediatos da consciência. Lisboa: Edições 70, 1988. BERKÓVSKI, N. Tchékhov. Ot rasskazov i povestei k dramaturguii (okontchánie). Russkaia Literatura, I, 1966. BRUFORD, Walter Horace. Chekhov and his Russia: a sociological study. Hamden: Archon Books, 1957. CARNICKE, Sharon Marie. Checking out Chekhov – a guide to the plays for actors, directors, and readers. Boston: Academica Studies Press, 2013. CAVALIERE, Arlete. Teatro Russo – percurso para o estudo da paródia e do grotesco. São Paulo: HUMANITAS/ FAPESP, 2009. EVDOKIMOVA, Svetlana. Being as event, or the drama of Dasein: Chekhov's The three sisters. In: APOLLONIO; BRINTLINGER. Chekhov for the 21st century. Bloomington, Indiana: Slavica Publishers, 2012. FERGUSON, Francis. "O enredo de O Cereja". In: Evolução e Sentido do Teatro. Trad. Heloísa de Hollanda G. Ferreira. São Paulo: Zahar Editores, 1964. HARTOG, François. Regimes de historicidade – presentismo e experiências do tempo. Trad. Maria Helena Martins, Maria Cristina de Alencar Silva, Camila Rocha de Moraes, Bruna Belfart, Andréa Souza de Menezes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. KLIGER, Ilya; MASLOV, Boris. "Introducing Historical Poetics – History, Experience, Form". In: Persistent Forms – explorations in Historical Poetics. Nova Iorque: Fordham University Press, 2016. KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC Rio, 2006. KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo – estudos sobre história. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC Rio, 2014. KRACAUER, Siegfried. History: the last things before the last. Nova Iorque: Oxford University Press, 1969. KRACAUER, Siegfried. Time and History. History and Theory, v. 6, p. 65-78, 1966. LOUNSBERY, Anne. "World Literature" and Russia. Forum For World Literature Studies, Xangai, v. 7, n. 2, 2015. MELLO E SOUZA, Gilda de. As Três Irmãs. Literatura e Sociedade, São Paulo, n.6, 2002. MENDES, Cleise. O drama lírico. ART, Salvador, v. 2, n. 2, p. 49, jul./set. 1981. NASCIMENTO, Rodrigo Alves. Tchékhov e os palcos brasileiros. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2018. NASCIMENTO, Rodrigo; GOMIDE, Bruno. Tempo e drama: do presente absoluto à simultaneidade de temporalidades. Aletria, Belo Horizonte, v.29, nº1, p. 73-89, 2019. SARRAZAC, Jean-Pierre. "A irrupção do romance no teatro". Trad. Silvana Garcia. In: Folhetim Teatro do Pequeno Gesto, n. 28, p. 8-9, 2009. SARRAZAC, Jean-Pierre. Poética do Drama Moderno – de Ibsen a Koltès. São Paulo: Perspectiva, 2017. SUKHIKH, I. N. Problemy poétiki A. P. Tchékhova. (Problemas da Poética de Tchékhov) Leningrado: Leningradskovo Universiteta, 1987. SZONDI, Peter. Teoria do Drama Moderno (1880-1950). Trad. Luiz Sérgio Reppa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 17, nº33, p. 598, jul.-dez. 2016. TURNER, C. J. G. Time and Temporal Structure in Chekhov. Birmingham: Ed. University of Birmingham, 1994. TURNER, C. J. G. Time in Chekhov's Tri Sestry. Canadian Slavonic Papers. Vol. 28., mar. 1986, p. 64-79. VALENCY, Maurice. The Breaking String – the plays of Anton Chekhov. Nova Iorque: Oxford University Press, 1966. WILLIAMS, Raymond. Drama em Cena. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2010 ZINGUERMAN, Boris. Teatr Tchékhova i ievro mirovoie znatchénie. Moscou: RIK Russanova. 2001.

O VOO DA RAZÃO PRODUZ TOMBOS: A NARRATIVA AUTORREFLEXIVA DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Samara Alves

Resumo: O elemento motivador deste trabalho é a consciência narrativa que Dostoiévski explorou em muitos dos seus romances. Os seus leitores devem buscar entender a composição da ficção e, durante tal processo, precisam atravessar as armadilhas deixadas pelos narradores, pelas personagens e pelo próprio autor. Por meio da utilização da consciência narrativa, o escritor não somente criou personagens que, dotadas de autonomia em relação às suas visões de mundo, tocam a intimidade e as incertezas dos leitores, como também elaborou uma crítica sobre a composição dos próprios romances. Por vezes, o autor parece ensinar como escrever ficção, tecendo críticas sobre o texto dentro do próprio texto. Portanto, é possível constatar que parte das obras de Dostoiévski parecem duplicar-se por dentro, falando a respeito de si próprias ou contendo a si mesmas. Dessa forma, algumas obras do autor russo são consideradas narrativas autorreflexivas,

uma vez que se revelam à beira do abismo, eliminando o véu ilusório que cobre as coisas ou que se interpõe sobre as personagens e sobre os narradores, ou seja, há inconclusibilidade. Em suma, a poética dostoiévskiana afasta-se dos dogmas e configura-se em um grito pungente da instabilidade dos sentidos e da falibilidade da razão. Com o objetivo de sustentar esta posição, ou seja, de narrativas autorreflexivas, os romances *Crime e castigo*, *O idiota* e *Os irmãos Karamázov* serão usados como exemplos.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. BENJAMIN, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: _____. Obras escolhidas I: magia, técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. BERNARDO, Gustavo. A dúvida de Flusser: filosofia e literatura. São Paulo: Globo, 2002. BERNARDO, Gustavo. O ceticismo não é um pessimista, ou: a filosofia de Machado de Assis. Interagir: pensando a extensão, Rio de Janeiro, n. 8, p. 19-26, ago./dez. 2005 BERNARDO, Gustavo. O livro da metaficção. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar editorial, 2010. EMPIRICO, Sexto. Hipotiposes Pirrônicas Livro I. Tradução de Danilo Marcondes. O que nos faz pensar. v. 9, n. 12, p. 115-122, jun 1997. DESCARTES, René. Discurso do método. Porto Alegre: LP&M, 2009. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Crime e castigo. São Paulo: 34, 2016. _____. Duas narrativas fantásticas: A dócil e o Sonho de um homem ridículo. São Paulo: 34, 2011. _____. Escritos da casa morta. São Paulo: 34, 2020. _____. Memórias do subsolo. São Paulo: 34, 2009. _____. O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão. São Paulo: 34, 2011. _____. O idiota. São Paulo, 34, 2002. _____. Os irmãos Karamázov. São Paulo: 34, 2012. FIGES, Orlando. Uma história cultural da Rússia. São Paulo: Record, 2017. FRANK, Joseph. Dostoiévski: o manto do profeta: 1871-1881. São Paulo: EDUSP, 2007. FRANK, Joseph. Dostoiévski: um escritor em seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. FRANK, Joseph. Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura. São Paulo: Edusp, 1992. FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista da ficção. Revista USP. São Paulo, n 53, 2002. GAI, Eunice Piazza. Sob o signo da incerteza: O ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis. Santa Maria: Ed. da UFSM: 1997. GROSSMAN, Leonid. Dostoevsky. UK: Allen Lane, 1974. HUTCHEON, Linda. Narcissistic Narrative: The metafictional paradox. New York: Routledge, 1985. LESKOV, Nikolai. A fraude e outras histórias. São Paulo: 34, 2014. LESSA, Renato. Agonia, aposta e ceticismo: Ensaio de filosofia política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. MANN, Thomas. O escritor e sua missão: Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros. São Paulo: Zahar, 2011. ROSENSHIELD, Gary. Crime and punishment: the techniques of the omniscient author. Peter de Ridder Press: 1978. ROSENSHIELD, Gary. (2016). Crime e castigo: as técnicas do narrador onisciente (excertos). RUS (São Paulo), 7(7), 80-119. SHAEFER, Sérgio. Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski. Bakhtiniana: São Paulo, 6 (1): 194-209, Ago./Dez. 2011. SCHNAIDERMAN, Boris. O nosso Dostoiévski. In: CAVALIERE, Arlete Orlando (Org.). Dostoiévski: caderno de literatura e cultura russa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. STEINER, George. Tolstói ou Dostoiévski. São Paulo: Perspectiva, 2006. TODOROV, Tzvetan. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. TURGUÊNIEV, Ivan. Pais e filhos. São Paulo: Companhia das Letras. 2021. VAIHINGER, Hans. A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista. Chapecó: Argos, 2011. VÁSSINA, Elena. A poética do drama na prosa de Dostoiévski. In: CAVALIERI, A. et al. (Org.). Caderno de literatura e cultura russa. São Paulo: Ateliê, 2008. p.53-63.

ANTON TCHÉKHOV, A ESCUTA DOS SILÊNCIOS, A POEIRA DAS COISAS

Susana Carneiro Fuentes

Resumo: Com Tchékhev escutar o silêncio, os silêncios, o que não vemos, e no entanto está e grita. Na palavra que lida com vestígios, seguir sobre ruínas. Na poeira das coisas, caminhamos, e tropeçamos pela escrita. Na leitura de cartas, novela, contos, fragmentos, imagens da obra de Anton Tchékhev (1860-1904) caminhar e fazer viver isso que insiste. A natureza como personagem vívida, e perceber como em sua obra, no movimento da escrita, o autor escuta o silêncio e vê a escuridão. O que não vemos, e no entanto está e se move, e nos move também. No lugar imenso de agora. E essa estrada por onde andou Tchékhev, e por onde andam ou se detém suas personagens, esse estar

só. Rasgos na paisagem, lembranças e algo se faz presente, neste espaço de ausências. E a sua “observação do cotidiano e a transfiguração poética” como cerne de sua arte e temperamento, como diz Boris Schnaiderman, que desempenha um papel fundamental em nossa recepção de Tchékhov. E levantar perguntas na paisagem em Tchékhov, o lugar de descentramento, a angústia, a perda que se instaura, o que parte, irremediavelmente, ou que está a ponto de partir. E hoje, diálogo com nossas perdas, nos tempos de agora, e com as esperanças, e a poeira e brilho. Quem ali não é visto? O que não se escuta? Nas cidades, um silêncio, perto do asfalto. Às margens do lago, ou fronteiras, ou esquinas invisíveis na cidade, no escuro do continente, diante do mar. Margens na cidade e no lago. Um silêncio, muito próximo, um silêncio. Uma folha. Ouve, você?

Referências: ANGELIDES, S. A. P. Tchékhov: Cartas para uma Poética. São Paulo: EDUSP, 1995. ARENDT, H. Filosofia e política. Tradução de Helena Martins. In: ARENDT, H. A dignidade da política: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p.91-115. BENJAMIN, W. Imagens de pensamento. Edição e Tradução de João Barrento. In: BENJAMIN, W. Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p.7-132. DIDI-HUBERMAN, G. A dialética do visual, ou o jogo do esvaziamento. Tradução de Paulo Neves. In: DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 79-116. TCHÉKHOV, A. A Dama do Cachorrinho e Outros Contos. Tradução, posfácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2006a. TCHÉKHOV, A. O beijo e outras histórias. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2006b. TCHÉKHOV, A. Cartas a Suvórin: 1886-1891. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Edusp, 2002. TCHÉKHOV, A. A Gaivota. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2004. TCHÉKHOV, A. A Ilha de Sacalina: Notas de viagem. Tradução e apresentação de Rubens Figueiredo. São Paulo: Todavia, 2018. VÁSSINA, E. A.P. Tchékhov: Um clássico contemporâneo da literatura russa. Revista Cult, São Paulo, v. 12, n. 132, fev. 2009, p. 62-65.

L. S. VIGOTSKI: INTERLOCUTOR E CRÍTICO DA CULTURA BELARUSSA

Volha Yermalayeva Franco e Priscila Nascimento Marques

Resumo: Antes de se tornar um dos mais eminentes autores da psicologia soviética, fundador da chamada psicologia histórico-cultural, Vigotski (1886-1934), voltando dos estudos superiores em Moscou, teve uma primeira fase muito fértil e produtiva de sua vida adulta de volta a Belarus, onde atuou em diversas frentes no campo das artes e da educação. Um dos papéis em que seu trabalho foi mais profícuo e extensivo foi na crítica teatral e literária. Cobrindo a temporada teatral da cidade para os jornais locais Nach Ponedíelnik e Poliésskaia Pravda, o autor foi um interlocutor da produção cultural, reagindo quase que instantaneamente ao que era oferecido ao público belarusso com uma postura que visava, ao mesmo tempo, a elevar a qualidade da produção artística e a capacidade de fruição do público da província. O corpus crítico vigotskiano nos dois veículos mencionados soma mais de sessenta textos que contemplam as turnês de diferentes companhias teatrais e outras expressões artísticas. A presente comunicação destaca um conjunto de três textos críticos breves que tratam do teatro e da literatura belarussa, todos publicados ao longo de 1923. Nesses textos, Vigotski traça um panorama sobre o emergente teatro nacional belarusso e apresenta a posição do crítico quanto às suas possibilidades e limitações. Vigotski vê o teatro belarusso como uma forma “modesta” de arte, que ainda não pode ser considerada rica e brilhante, mas que tem o potencial para ser fonte de conquistas notáveis e inovadoras. Com um teatro e uma literatura nacionais, Vigotski enaltece também a possibilidade de celebrar o idioma belarusso: a elevação proporcionada pela arte faz com que a língua popular se afirme, ao mesmo tempo em que o fortalecimento da língua é uma forma de consolidar o teatro e a literatura.

Referências: Marques, P. M. (2019). L. S. Vygotsky's Critique: Between Aesthetics, Publicistic and Psychology, Cultural-Historical Psychology, 14(4). DOI: 10.17759/chp. 2019150403 Vygodskaya, G. L, & Lifanova, T. M. (1996). Lev Semenovich Vygotsky: zhin, deyatel'nost', shtrikhi k portrety. Smysl. Vygotski, L. S. (1923a). O Belarusskoi Teatre, Nash Ponedelnik, n. 40. Vygotski, L. S. (1923b). O Belarusskom Teatre, Nash Ponedelnik, n. 42. Vygotski, L. S. (1923c). O Belarusskoi Literature, Polesskaya Pravda, n. 1075.

SIMPÓSIO “NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS: PAISAGENS IDENTITÁRIAS E PERTENCIMENTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA”

Charles Borges Casemiro (IFSP) e Mauro Dunder (UFRN)

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS E EMANCIPATÓRIAS

Ana Claudia Servilha Martins, Jesuino Arvelino Pinto

Resumo: A proposta deste trabalho centra-se nos diálogos sobre a profusão de obras de autores/as da Literatura Afro-brasileira fundamentais a discussão étnico-racial em sala de aula. Mesmo com a Lei nº 10.639, aprovada em 2003, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino sobre a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira, muito ainda precisa ser incluído nos currículos e espaços pedagógicos. Ao reconhecermos a relevância da produção literária de Carolina Maria de Jesus (1995), Conceição Evaristo (2016), Itamar Vieira Júnior (2019) e demais importantes personalidades do cenário literário brasileiro é possível discutir os entraves relativos ao entendimento das escritas negras e periféricas no Brasil. É necessário reconhecer a importância do ensino da literatura afro-brasileira para a formação identitária das crianças e dos jovens negros a fim de que possam lidar com questões ligadas à discriminação racial e à desigualdade social. Considerando o viés crítico de Benjamin Abdala Jr. (2022) é imprescindível dar significação “a um grupo ou território, que luta pelo direito à diferença”. Questões de identidade, raça e gênero se inter-relacionam e perpassam obras que expõem problemas de autonomia, de reconhecimento e de ascensão social do indivíduo que busca na literatura o meio para contar/registrar suas próprias histórias e narrativas. Em termos literários, o que define essas escritas é o protagonismo de identidades, vozes e contextos engendrados no solo infértil das desigualdades, dos preconceitos e dos desamparos governamentais. No ínterim, ressalta-se que a pesquisa visa proporcionar maior aprofundamento aos diálogos e reflexões sobre a perspectiva étnico-racial no país com o objetivo de contribuir com o senso crítico e reflexivo do indivíduo no que tange o corpus em análise. No cenário contemporâneo são latentes as demandas de autores/as que (de)marcam seu lugar de fala, de existência, mesmo em espaços rodeados de olhares desacreditados dos que realizam a seguinte pergunta: pode o subalterno escrever?

Referências: ABDALA JR., Benjamin (org.). Fronteiras múltiplas, identidades plurais - um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. 2002. BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas. Brasília: MEC/SECAD, 2004. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf>. Acesso em 04 nov. 2022. BRASIL. Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação. Brasília e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 08 ago. 2014. Acesso em: 22 nov. 2022. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) Ed. Brasiliense, 1989. DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, 2007. DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). Literafro –Portal de literatura Afro-brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/inicial.asp>>. Acesso em: 03 nov. 2022. EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Pallas Editora, 2016. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: EdUFBA, 2008. JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma Favelada. São Paulo: Ática, 1995. MACEDO, J. R. História da África. São Paulo-SP: Editoria Contexto, 2013. MARIOSA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. Estação Literária, v. 8, p. 42-53, dez. 2011. MIRANDA. Wander Melo. Nações literárias. Cotia: Ateliê Editorial, 2011. MBEMBE, A. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1edições, 2018. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. VIEIRA Junior, I. Torto Arado. São Paulo: Todavia. 2019.

O ESPAÇO DO CONTO COMO PAISAGEM IDENTITÁRIA: VIOLÊNCIA E PERTENCIMENTO

Ana Luiza Gerfi Bertozzi

Resumo: A escrita dos Contos de Fada envolve um contínuo processo de manipulação e criação literária que colabora para a permanência de tais narrativas no imaginário popular e nas produções literárias contemporâneas, como é o caso do conto “Branca de Neve”, de Lídia Jorge, que estabelece uma inegável relação de atualização com “Branca de Neve”, conto publicado no compilado dos Irmãos Grimm: *Kinder- und Haus-Märchen*, na Alemanha, entre os séculos XVIII e XIX. O trabalho propõe a análise comparativa dos dois contos chamados “Branca de Neve”, com o objetivo de entender como é construída a paisagem identitária em cada um deles, a partir do ponto de contato estabelecido entre as narrativas: o pertencimento das protagonistas - Branca de Neve e Maria da Graça - e a violência sofrida por elas. Para isso, os contos serão analisados como discursos estéticos literários, ou seja, a partir de suas propriedades históricas, dialógicas, sociais e ideológicas (BAKHTIN, 1997, 1988), destacadamente, entendendo o conto como forma histórica (PONTIERI, 2012) e analisando a figuração literária das três categorias de mundo no discurso narrativo: sujeito, tempo e espaço (BENVENISTE, 1976). A hipótese que esse trabalho busca investigar é a de que o pertencimento das protagonistas ao seu espaço e a violência sofrida por elas são ferramentas na construção da paisagem identitária. Por meio de diversas ferramentas formais que exemplificam os constantes processos de atualização, os autores e a autora buscam construir as paisagens identitárias dos contos: uma que busca a identificação, outra que busca o questionamento destes espaços.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, Unesp/Hucitec, 1988. BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. “Branca de Neve”. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos Infantis e Domésticos*. Tradução: Teresa Aica Bairos. Lisboa: Temas e Debates, 2013. (Título original: *Kinder-und Hausmärchen*). FILHO, Oziris Borges. *Branca de Neve às avessas (pero no mucho)*. In: BARBOSA, Sidney. FILHO, Oziris Borges. MORAES, Jorge Luiz Marques de. *O Espaço Literário na obra de Lídia Jorge*. Rio de Janeiro, RJ: Bonecker, 2018. FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. *Gragoatá*, v. 22, n. 44. UFF, 2017. p. 970-985. Disponível em: <https://bit.ly/3ymRLpc>. Acesso em: 28 jun. 2022. FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3 ed. – São Paulo: Editora Contexto, 2016. JORGE, Lídia. *Branca de Neve*. In: JORGE, Lídia. *Antologia de Contos*. Org. Marlise Vaz Bridi. São Paulo: Leya, 2014. PONTIERI, Regina. *Formas históricas do conto*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012. VOLOBUEF, K. Os Irmãos Grimm e as raízes míticas dos contos de fadas. In: VOLOBUEF, K.; ALVAREZ, R. G. H.; WIMMER, N. (Orgs.). *Dimensões do fantástico, mítico e maravilhoso*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 47-61.

IMIGRAÇÃO E RAÇA: O PRESENTE E O PASSADO NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Cinthia da Silva Belonia

Resumo: Apesar da novíssima ficção portuguesa caracterizar-se por diversas abordagens e pelo distanciamento do contexto histórico (VALENTIM; SILVA, 2021), há ainda uma produção que se mantém dentro dessa característica bastante peculiar à natureza da literatura de Portugal. Enquanto as “narrativas de regresso” (RIBEIRO, 2020) são escritas a partir da memória do período colonial ou da pós-memória familiar (RIBEIRO, 2012), a literatura portuguesa contemporânea, que compreende uma produção conhecida como literatura negro portuguesa (SARTESCHI, 2019), apresenta a voz narrativa no tempo presente ao abordar a situação do negro imigrante em solo português. Os romances *Luanda*, *Lisboa*, *Paraíso* (2018), de Djaimilia Pereira de Almeida, e *Essa dama bate búé!* (2021), de Yara Nakahanda Monteiro, apresentam o deslocamento e o pertencimento como temática, além da questão racial que, nas duas narrativas, compreende a construção de uma identidade enquanto migrante. Pensando a partir da produção literária pós-25 de Abril, pretende-se analisar as personagens Aquiles, Cartola e Vitória, enquanto negros e angolanos, imigrantes em Portugal e regressados à Angola, respectivamente. A decisão de ser imigrante negro na antiga

metrópole e a decisão de regressar à terra em que nasceu faz com que esses personagens questionem uma identidade antes ainda não problematizada. Alguns autores convocados para a leitura do deslocamento e do pertencimento das personagens analisadas são Stuart Hall, Grada Kilomba, Elsa Peralta, Julia Kristeva, dentre outros.

Referências: ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. Luanda, Lisboa, Paraíso. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. BOURGUIGNON, Paulo Roberto Tonani do. "Não lugar". In: COSER, Stelamaris (Org.). Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos. Vitória: EDUFES, 2016. p. 232-237. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. FLUSSER, Vilém. "Habitar a casa na apatridade". In: Bodenlos: uma autobiografia filosófica. Revisão técnica: Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2007. pp: 221-236. JACOB, Sheila. "De Luanda a Lisboa/Paraíso: uma trajetória de desencontros e recomeços". In: Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ. Vol. 12. N. 22. p. 93-103. jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/39816/21650>. Acesso em: 22 de julho de 2021. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO, 2003. _____. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011. HENRIQUES, Joana Gorjão. Yara Monteiro. "Sou trineta da escravatura, bisneta da mestiçagem, neta da independência e filha da diáspora". In: Ípsilon. March 21 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/03/21/culturaipsilon/noticia/trineta-escravatura-bisneta-mesticagem-nete-independencia-filha-diaspora-1865819>. Visitado em 25 maio 2022. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. MONTEIRO, Yara Nakahanda. Essa dama bate bué!. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021. PERALTA, Elsa. "A integração dos 'retornados' na sociedade portuguesa: identidade, desidentificação e ocultação". In: Análise Social, LIV (2º), 2019 (nº 321), pp. 310-337. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n231_a04.pdf. Acesso em: 13 de julho de 2021. REAL, Miguel. O romance português contemporâneo 1950-2010. Lisboa: Caminho, 2012. REIS, Carlos. "A ficção portuguesa entre a Revolução e o fim de século". Scripta, v. 8, nº 15, 2004, Belo Horizonte. RIBEIRO, Margarida Calafate. "Uma história depois dos regressos: a Europa e os fantasmas pós-coloniais". In: Confluente. Rivista Di Studi Iberoamericani, 12(2), 2020. p. 74-95. _____. "Para uma Europa com memória". Entrevista em Jornal de Letras, Artes e Ideias: "Filhos de Império(s): des-cobrir a Europa". Ano XLI. Número 1349. Portugal, junho de 2022. Disponível em: https://memoirs.ces.uc.pt/ficheiros/4_RESULTS_AND_IMPACT/4.2_ACADEMIC_EVENTS/2022/JLetras_Des-Cobrir%20a%20Europa_Junho_2022.pdf. Visitado em 5 de julho de 2022. _____. "Os veios da pós-memória e as novas literaturas". In: MEMOIRS NEWSLETTER, 102, 2020. p. 1-7. Disponível em: https://memoirs.ces.uc.pt/ficheiros/4_RESULTS_AND_IMPACT/4.3_NEWSLETTER/MEMOIRS_newsletter_102_MCR_pt.pdf. Visitado em 5 de julho de 2022. SARTESCHI, Rosângela. "Literatura Contemporânea de Autoria Negra em Portugal: Impasses e Tensões". Via Atlântica, nº 36, 283-304, São Paulo, 2019. VALENTIM, Jorge Vicente; SILVA, Gabriel. "Ler o século XXI: a novíssima ficção portuguesa". In: Revista do Centro de Estudos Portugueses. Belo Horizonte, v. 41 n. 65, p. 9-14, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/18599/1125614307>. Visitado em 7 de janeiro de 2023.

UM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA PELAS VIAS DA RASURA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE.

Deborah Cristina Trindade dos Reis Kashirajima

Resumo: Na medida em que a obra, A máquina de fazer espanhóis de Valter Hugo Mãe retrata de maneira opressora um regime ditatorial. Busca-se compreender os processos discursivos de construção, desconstrução e reconstrução identitária e de pertencimento, o discurso histórico e o discurso ficcional, que trazem a subjetividade do personagem principal à tona, além dos discursos

que pretendem se passar por “verdade absoluta”, de cunho “oficial”, discurso “verdadeiro” ou como “narrativa mestra”. É nesse sentido que investigamos o conceito de memória, à luz da pós-modernidade, para compreender o personagem Silva em seus discursos, cuja história, em uma casa de repouso, calcada em suas lembranças, passa a ser vista, por ele próprio, como uma construção e, por isso, como não reconhecida nos acontecimentos passados, já que, para ele, não existiria um discurso da “verdade”. É nessa linha de estudos e nesse diálogo com a pós-modernidade que pretendemos compreender o conceito de memória e entender como o personagem Silva, reavaliando sua história no asilo, à luz de novas possibilidades, tenta resgatar o passado, a fim de revelar os mecanismos de manipulação de identidades e de pertencimentos a que foi submetido."

Referências: MÃE, Valter Hugo. a máquina de fazer espanhóis. São Paulo: Cosac Naify, 2011. HUTCHEON, Linda. Poética do pós modernismo. _____. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos. 2009. AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1999. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. CANDIDO, Antônio. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2007. HEGEL, Georg W. Friedrich, Estética: textos seletos. São Paulo: Ícone. 2012. JAMENSON, Fredric. Marxismo e forma. São Paulo: Hucitec. 1985. KRISTEVA, Julia. Introdução à Seminálise. São Paulo: Debates. 1969. LUKÁCS, Georg. A teoria do romance. São Paulo: Editora 34. 2006. _____. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MULHERES QUE LEEM MULHERES: O FIO DE ARIADNE EM AS LUZES DE LEONOR, DE MARIA TERESA HORTA

Elisangela Aneli Ramos de Freitas

Resumo: Em *As Luzes de Leonor* (2011), romance de Maria Teresa Horta cuja protagonista é a poetisa portuguesa Marquesa de Alorna (1750-1839), refazemos, junto à protagonista, os seus passos no período entre o Terremoto de Lisboa, em 1755, quando tinha apenas cinco anos, e sua saída para o exílio, em 1803, com 53 anos, quando já se sentia as ameaças de uma possível invasão napoleônica em solo português. Nesse intervalo de 48 anos, Maria Teresa Horta articula, com o seu labor de tecer, a vida de Alcipe ao lado de outras figuras femininas, seja na revelação de suas leituras pessoais – grande intelectual que foi –, seja no seu círculo social na corte Portuguesa ou entre as francesas nos deslocamentos entre Lisboa e Viena, durante o período de serviço diplomático de seu marido, o conde de Oyenhausen, (1780-1784), envolvendo-a – e envolvendo-nos – numa busca pela ancestralidade feminina dentro da literatura. Este movimento revela-nos uma Leonor leitora e autora, assim como a própria Maria Teresa Horta e, em última instância, suas leitoras, num movimento cíclico de mulheres que leem mulheres. Dentre as autoras lidas pela Marquesa de Alorna citamos, entre outras, Hipátia de Alexandria, Christine de Pizan, Sórora Juana Inés de la Cruz, evidenciando o movimento espiralar de trazer à luz o conhecimento – as luzes – da produção intelectual e literária de mulheres. Objetiva-se, nesta comunicação, evidenciar este movimento dentro da obra, identificando relações estabelecidas nos limites do romance e fora dele. Como aporte teórico, os textos "Sobre o Conceito da História", de Walter Benjamin, o volume 3 de "Tempo e Narrativa", de Paul Ricoeur, e "Em busca do jardim de nossas mães", de Alice Walker serão requisitados nessa análise.

Referências: BENJAMIN, Walter. "Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura". São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v.1) HORTA, Maria Teresa. "As Luzes de Leonor". Lisboa: Dom Quixote, 2011. RICOEUR, Paulo. "Tempo e narrativa". São Paulo: Martins Fontes, 2010. (V. 3) WALKER, Alice. "Em busca dos jardins de nossas mães". Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TALCO DE VIDRO, OU O ROMANCE GRÁFICO NAS ENCRUZILHADAS DO NOVO MERCADO DE QUADRINHOS NO BRASIL

Fernando Cambauva Breda

Resumo: O mercado de histórias em quadrinhos no e do Brasil transformou-se profundamente no século XXI. Grosso modo, houve deslocamento (que não foi linear) de consagração, da cultura

underground rumo a espaços de maior prestígio social, propiciando, assim, a consolidação de um público leitor e novos fluxos de produção e experimentação. Por outro lado, é também verdade que o reconhecimento internacional foi fundamental à consolidação desse cenário. Exemplo: importantes prêmios do campo, como o Eisner Awards e o Festival de Angoulême (França), consagraram diferentes artistas brasileiros nos últimos anos. Um deles foi Marcello Quintanilha. Produzindo desde 1988, o autor teve sua primeira graphic novel publicada em 1999. Desde então, tem se destacado artística e comercialmente. Em 2005, mudou-se para Barcelona para aproximar-se do já consolidado mercado europeu, conciliando, simultaneamente, uma produção voltada ao público brasileiro. Foi nesse cenário que, em 2015, lançou *Talco de vidro*. Ambientado no ocaso da ascensão econômica vivida no Brasil entre 2002 e 2016, TdV retrata a convivência de duas primas, marcada pelo mal-estar da prima rica (dentista) decorrente do belo sorriso da prima pobre. Já seu narrador, compreendendo a prima rica, hesita em dizer seus nada nobres sentimentos pelo nome, numa espécie de ética compartilhada de ódio ao pobre. Nesse sentido, TdV realiza uma espécie de estudo (artístico) de caso de um certo sentimento íntimo de país - entroncando-se, inclusive, numa tradição de obras que “discutem” figuras do ressentimento na cultura brasileira (XAVIER). Por outro lado, Quintanilha é bastante enfático na defesa de uma não-identidade nacional de sua obra. Assim, a partir da discussão dos tensionamentos e diálogos estabelecidos entre um projeto artístico que se quer desvinculado do Brasil enquanto horizonte identitário, o tensionamento das demandas mercadológicas europeias, e a historicidade do livro, será debatido a relevância da noção de sistema literário para compreensão da obra.

Referências: ARANTES, Paulo. *Providências de um crítico literário*. In: ARANTES, Paulo; ARANTES, Otília. *Sentidos da formação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. MELO, Havane Maria Bezerra de. *Romance gráfico brasileiro: a construção de um gênero quadro a quadro*. 2015. 236 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016. QUINTANILHA, Marcello. *Talco de Vidro*. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2015. SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrécia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012a. _____. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014. XAVIER, Ismail. “Figuras do ressentimento no cinema brasileiro dos anos 90”. In: Fernão Pessoa Ramos, Maria Dora Mourão, Afrânio catani & José Gatti. *Estudos de cinema Socine 2000*. Poto Alegre, Editora Sulina/FAMECOS.

AS TANCAREIRAS: A IDENTIDADE AQUÁTICA CHINESA, UMA ANÁLISE SOBRE A LITERATURA DE MACAU EM LÍNGUA PORTUGUESA E A CHINA CONTINENTAL.

João Ricardo da Costa Gonçalves

Resumo: A presente comunicação será pautada na análise de obras literárias da China continental e um de seus territórios adjacentes: Macau. O objetivo é estabelecer compreender tensões e afinidades interculturais, buscar semelhanças capazes de revelar imbricações de temporalidades histórico-culturais de camadas diversas em contextos históricos não lineares e não limitados por uma geografia estanque. Serão abordadas as obras *Mudança*, de Mo Yan, escritor chinês vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 2012; e dois contos, em língua portuguesa, dos escritores de Macau Henrique Senna Fernandes e Maria Pacheco Borges, intitulados *A-Chan, a tancareira* e *A tancareira*, respectivamente. A partir dos textos será possível traçar considerações sobre a identidade cultural chinesa para além daquela voltada tradicionalmente à terra, manifesta em *Mudança*. Por intermédio da literatura de língua portuguesa de Macau é possível apreender uma identidade alternativa sobre a China: identidade aquática. A prosa de Macau reflete uma visão de mundo permeada pela sua localização sui generis, tanto no âmbito geográfico quanto no político, posto ser alvo da disputa de soberania da China e de Portugal desde o século XVI. Para fundamentar a perspectiva alternativa oriunda de Macau toma-se como base os estudos sobre o Oceano Índico, que possibilitaram sua consolidação como unidade de análise estabelecendo novos paradigmas epistemológicos e críticos específicos capazes de acrescentar uma dimensão importante às reflexões que concernem ao tema dos estudos literários. Discernir sobre a literatura da China continental e seus territórios é um

exercício de reflexão para estabelecer afinidades interculturais e novas narrativas em contraponto. Ao se revisitar o cânone literário historicamente estabelecido, torna-se possível criar novas narrativas ou narrativas alternativas, afirmar outros tipos de pensamentos e paradigmas, que tornam-se e tornar-se-ão institucionalizados e legitimados.

Referências: ALPERS, Edward. Indian Ocean Studies: How did we get here and where are we going? A historian's perspective. *Journal of Indian Ocean World Studies*, vol. 5, n. 2, pp. 314-336, 2021. AI QING. Viagem à América do Sul – Poemas. Org.: F. F. Hardman. Trad.: Fan Xing. São Paulo: Ed. Unesp, 2019. BORGES, M. P. Chinesinha. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995. 51 p. ISBN 972350166X (broch.). FEI, Xiaotong. From the soil, the foundations of Chinese society: a translation of Fei Xiaotong's *Xiangtu Zhongguo*, with an introduction and epilogue. Introdução de Gary G. Hamilton, Zheng Wang. Berkeley, CA: University of California Press, c1992. FERNANDES, H. S. Nam van: contos de Macau. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008. 138 p. ISBN 9788560610174 (broch.). HARDMAN, F. F. Simultaneísmo e fusão na paisagem, na cultura e na literatura chinesa. In: Musse, R. (Org.). *China Contemporânea: seis interpretações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, pp. 129-62. KAPLAN, Robert D. Center Stage for the Twenty-First Century: Power Plays in the Indian Ocean. *Foreign Affairs*. vol. 88, no. 2, 2009, pp. 16–32. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/20699491>. Acesso em 25 de julho de 2022. KOTHARI, A.; SALLEH, A.; ESCOBAR, A.; DEMARIA, F.; ACOSTA, A. (Org.). *Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Elefante, 2021. MO YAN. Mudança. São Paulo: Cosac Naify, 2013. SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2011. 567 p. ISBN 9788535919516 (broch.). SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2007. 523 p. ISBN 9788535910452 (broch.). SAMUELSON, Meg. Forma Costeira: Posições anfíbias, mundos maiores e horizontes planetários no litoral do oceano Índico Africano. *ESTUDOS sobre o Oceano Índico: antologia de textos teóricos*. Organização de Ana Mafalda Leite, Elena Brugioni, Jessica Falconi. Lisboa: Edições Colibri: [s.n.], 2019. SHI, Shu-Mei; TSAI, Chien-hsin; BERNARDS, Brian (org.). *Sinophone Studies: A Critical Reader (Global Chinese Culture)*. Columbia: Columbia University Press, 2013. SIMAS, Monica. Margens do destino: Macau e a literatura em língua portuguesa. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2007. 322p. ISBN 9788598859965 (broch.). SIMAS, Monica. Contributos para o estudo da literatura de Macau trinta autores de Língua Portuguesa. Macau: Macau Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau, 2016. 309 p. ISBN 9789993703143 (broch.). PEARSON, Michael. Lugares no mundo do Oceano Índico. LEITE, Ana Mafalda, Elena Brugioni e Jessica Falconi (Orgs.) (2020) *ESTUDOS SOBRE O OCEANO ÍNDICO: ANTOLOGIA DE TEXTOS TEÓRICOS (EXCERTOS)*. Lisboa: CESA-ISEG. eBook: <http://hdl.handle.net/10400.5/19965>. Acesso em 25 de julho de 2022.

FIGURAÇÃO DA COLONIALIDADE DO PODER: IDENTIDADES RIZOMÁTICAS EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Raquel Trentin Oliveira

Resumo: A ficção contemporânea de língua portuguesa, de modo geral, tem contribuído para romper com um dos mais poderosos mitos do século XX, o mito de um mundo pós-colonial, de que a eliminação das administrações coloniais conduziria à descolonização do mundo. Nesta comunicação, pretendo analisar personagens-narradoras-focalizadoras de romances de António Lobo Antunes, especificamente de *Comissão das Lágrimas* (2011) e *Até que as pedras se tornem mais leves* que a água (2017), enquanto corpos-políticos marcados por múltiplas e heterogêneas hierarquias, formas de dominação e exploração sexual, política, econômica, espiritual, racial. Muitos dos romances do autor, ao figurarem personagens complexas, híbridas, diaspóricas – identidades rizomáticas no sentido de Édouard Glissant (1990/2021) – funcionam como uma forma potente de enfrentar e rasurar hierarquias de inferioridade e superioridade cultural à medida que levam à falência a imagem de um “super-homem” heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/ europeu. Desse modo, como formas de manifestação dialética de uma realidade histórica complexa, contribuem para uma reflexão sobre identidades que devieram – e outras, diferentes, que podem devir – das relações entre as comunidades de Língua Portuguesa. Optando por estabelecer conexões, não consagrar a exclusão e

a dicotomia, pretendo ler a ficção de António Lobo Antunes em diálogo com certas noções das teorias pós-colonial e decolonial, assim como traduzidas por importantes nomes do pensamento contemporâneo, como Boaventura de Sousa Santos, Édouard Glissant, Stuart Hall, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel.

Referências: ANTUNES, António Lobo. Até que as pedras se tornem mais leves que a água. 1. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2017. ANTUNES, António Lobo. Comissão das lágrimas. 1. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2011. GLISSANT, Édouard. Poética da relação. Trad. Marcela Vieira, Eduardo Jorge de Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

COSMOPOLITISMO POSSÍVEL PRESENTE EM A FEBRE DAS ALMAS SENSÍVEIS, DE ISABEL RIO NOVO

Renan Henrique Messias de Paulo

Resumo: Em O Romance Português Contemporâneo Miguel Real, escritor e ensaísta, defende a ideia de que o romance contemporâneo português “tornou-se cosmopolita, eminentemente urbano, dirigido a um leitor global, explorando temas de caráter universal, centrado em espaços geográficos exteriores à realidade nacional” (REAL, 2012, p. 11). Nesse sentido, a prosa contemporânea portuguesa tenta fugir dos traços que marcaram sua literatura na primeira metade do século XX, com romances regionais, rurais e que buscavam esboçar a identidade do sujeito português. Dito isto, este trabalho tem como objetivo encontrar no romance finalista do prêmio Leya A Febre das Almas Sensíveis, lançado em 2018 por Isabel Rio Novo, traços do cosmopolitismo, uma vez que o romance narra os desafios do tratamento da tuberculose num Portugal das primeiras décadas do século XX. No romance, as personagens enfermas são tratadas em sanatórios em zonas de altitude. Tão logo, a narrativa do romance de Isabel Rio Novo se passa na Serra do Caramulo, uma região pobre e campestre. Sendo assim, este trabalho busca encontrar na narrativa elementos que enquadram o romance como cosmopolita, uma vez que a premissa do livro não apresenta esse caráter universal. Além disso, pretende-se analisar o tom melancólico presente na obra, sendo essa melancolia promovida pela doença, pelo atraso e pelas relações amorosas que se configuram entre as personagens principais.

Referências: GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. São Paulo: Autores Associados, 2013. NOVO, Isabel Rio. A Febre das Almas Sensíveis. Lisboa: D. Quixote, 2018. REAL, Miguel. O Romance Português Contemporâneo 1950-2010. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

SIMPÓSIO “REDES COMO DISPOSITIVO TEÓRICO-CRÍTICO DA LITERATURA COMPARADA”

Isabel Cristina Jasinski (UFPR), Larissa Costa da Mata (UFRSA) e Maria Cândida Ferreira de Almeida (UNIANDES)

(DES)ENVELOPE: O COTIDIANO EM UMA TROCA MÍNIMA

Davi Assunção dos Santos

Resumo: A proposta de escrita deste artigo alarga uma produção de arte elaborada, justamente, no cenário de Pandemia da Covid-19, em que dois artistas-pensadores, Davi Assunção e Milena Nascimento, estando geograficamente distantes, trocam cartas poéticas-virtuais, usando do acontecimento presente para a feitura de um livro-objeto, intitulado envelope-de-artista (Arroyo, 2021): obra que transita por espaços físicos-virtuais, que vaza para outros modos do fazer artístico (audiovisual, sonoro, imagético, plástico). Tais zonas de contágio são para a escrita deste artigo como provocações ao pensamento, a fim de movimentar uma resposta igualmente artística, isto é, uma produção crítica experimental do contemporâneo - que instaura uma perspectiva expandida de arte, teoria e crítica literária, garantindo o caráter inespecífico e instável desta produção, segundo Florencia Garramuño (2014). Para tanto, este corpo-texto une-se a pensadores que erguem processos fundamentais sobre arte e vida. O contato com a escrita de Roberto Corrêa dos Santos (2015) permite permear os conceitos de Clínica e Experimentação: fazer da escrita campo de movências, produção de saúde; fazer da vida obra, realidade e ficção. Ao longo destes

desdobramentos, surgem outros conceitos, também artísticos-experimentais, como o de rede e vagar, pensado por Deligny (2015); de sensação, por José Gil (2020); além de atravessamentos do pensamento deleuziano e agambeniano, que por suas respectivas forças teóricas, acabam por contaminar essa escrita.

Referências: AGAMBEN, G. A imanência absoluta. In: ALLIEZ, E. (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: 34 Letras, 2000. DELIGNY, Fernand. O aracniano e outros textos. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: 1 edições, 2015. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. GIL, José. Fernando Pessoa, ou a metafísica das sensações. traduzido por Miguel Serras Pereira, Ana Luisa Faria. n-1 edições, 2020. SANTOS, Roberto Corrêa dos. Clarice, ela.. 1. ed. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2012. SANTOS, Roberto Corrêa dos. Cérebro-Occidente/Cérebro Brasil: arte/escrita/vida/pensamento/clínica/tratos contemporâneos. Rio de Janeiro: Circuito, 2015. SANTOS, Roberto Corrêa. "Sequer inferno, o outro". in: Literatura e Cultura. Organização Heidrun Krieger Olinto e Karl Erik Scholhammer. São Paulo: Edições Loyola/PUC-Rio, 2003.

WILSON BUENO, DOUGLAS DIEGUES E JOSELY VIANNA BAPTISTA: POÉTICAS EM REDE

Débora Cota

Resumo: A atividade de intelectuais em rede em torno do ideal integracionista na América Latina foi paradigmática ao transformá-lo em um pressuposto de grande parte da crítica e construir fundamentais categorias acerca das relações culturais da região. As poéticas de Wilson Bueno, Douglas Diegues e Josely Vianna Baptista em obras como *Mar paraguayo* (1992), *Roça Barroca* (2011) e *Kosmofonia Mbyá-guarani* (2005/2021), entre outras, expõem um trabalho compartilhado apesar de se valerem de meios diferentes da crítica integracionista dos anos de 1970. Ainda que não sejam trabalhos efetivamente colaborativos, uma vez que não se constituem em práticas colaborativas entre os mesmos autores, configuram uma rede de intercâmbio intelectual (DEVÉS-VALDÉS, 2007) na qual compartilham interesses, materiais e perspectivas críticas de abordagem e produzem conhecimentos. Seja pelo exercício tradutório, pelo deslocamento de textualidades indígenas de seus lugares originários para o âmbito indisciplinar ou "inespecífico", ou ainda pelo movimento "translingue" do espanhol, português e guarani e um efetivo trabalho colaborativo como se vê em *Kosmofonia Mbyá-guarani*, esta rede privilegia uma "estética em relação" (BOURRIAUD, 2009). Dessa maneira, não poderia ser diferente o modo como tecem tais trabalhos as relações entre as comunidades brasileira e paraguaia ali implicadas delineando uma perspectiva "limiar" (ANTELO, 2008) desestabilizadora e descentralizadora dos imperativos nacionais. A comunicação parte de alguns resultados do projeto de pesquisa *Literatura latino-americana em diálogo: relações e convivências nas poéticas e políticas literárias contemporâneas (conexões Paraguai-Brasil, Paraguai e outras terras)*.

Referências: ANTELO, Raul. Limites, limites, limiões. Boletim NELIC, Ed. Especial, Florianópolis, Vol.1, 2008, p.4-27. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784x.2008nesp1p4>. BAPTISTA, Josely Vianna. *Roça Barroca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. BOURRIAUD, Nicolás. Estética relacional. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009. BUENO, Wilson. *Mar paraguayo*. São Paulo: Iluminuras, 2022. CÁMARA, Mário; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge. (Org.). *Indiccionario do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina. Hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago de Chile: Universidad de Santiago de Chile, 2007. DIEGUES, Douglas. SEQUERA, Guillermo. (Org.) *Kosmofonia Mbyá-Guarani*. Campo Grande: Ed. Dos Autores, 2021. Disponível em: <https://erratica.com.br/kmg/>. ESPOSITO, Roberto. *Comunitas. Origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2012. FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. *Discusión bibliográfica: Nuevas contribuciones para una teoría de las redes culturales*. Cuadernos del CILHA, Mendoza, v. 12, n. 1, p. 209-215, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-96152011000100012. GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. JASINSKI, Isabel. "Redes literárias singulares e

Escritas nômades". Cordiviola, Olmos, Palmero González, Gárate (orgs.) Temas para uma história da literatura hispanoamericana I. Porto Alegre, Letra 1, 2022. MELLO, Ana Maria Lisboa de. ANDRADE, Antonio. (Org.) Translinguismo e poéticas do contemporâneo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

A REDE PERFORMÁTICA DO CORPO INFORME E INACABADO NA POÉTICA DE VERONICA STIGGER E SUA RELAÇÃO CONSTELAR COM CLARICE LISPECTOR

Fernanda Motter de Oliveira

Resumo: Este estudo tem por objetivo trabalhar a rede performática do corpo informe e inacabado na poética da escritora Veronica Stigger, tendo como base a construção de um corpo que perde a sua formação humana, como por vezes, assemelha-se ao que Clarice Lispector apresenta em seus escritos. Considerando que Veronica Stigger é uma leitora de Clarice e que, por vezes, aspetos da escrita de Lispector aparecem em seus textos por meio de uma relação constelar, busca-se entender como tal afirmação se caracteriza e por isso, investiga-se os conceitos de performance, trabalhado por Diana Klinger (2008), corpo informe, desenvolvido por Georges Bataille (2018) e corpo, sob a ótica de Giorgio Agamben (2017). Ao trabalhar o corpo sem forma, ou seja, um corpo informe, este que é um trabalho que parte para a construção de uma tese, busca compreender a relação dos escritos de Veronica Stigger com as características de corpo inacabado de Clarice Lispector, que por vezes evidenciou os corpos de maneira aberta, com fraturas. Além disso, busca-se entender concepção de uma rede constelar e a relação entre a experiência de Clarice e Veronica, por meio de encontros e desencontros dos corpos, compreendendo que para que se possa criar uma constelação é necessário compreender este corpo que flutua e se encontra sempre em movimento.

Referências: AGAMBEN, G. O uso dos corpos Homo Sacer IV, 2. São Paulo: Editora Bom Tempo, 2017. _____. Para uma ontologia e uma política do gesto. Flanagens. Disponível em: <http://flanagens.blogspot.com.br/2018/03/para-uma-ontologia-e-uma-politica-do.html?m=1>. Acesso em: nov.2022 _____. Notas sobre o Gesto. Artefilosofia. Ouro Preto, n.4, p. 09-14. Jan. 2008. BATAILLE, G. Documents. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2018. BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita: a palavra plural. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. KLINGER, D. Escrita de si como performance. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, p. 11-30, 2008. MACIEL, Maria Esther. Literatura e animalidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

REDES MEDIAIS E COMUNITÁRIAS NA POESIA FALADA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Filipe Bitencourt Manzoni

Resumo: Nossa investigação busca ler algumas das produções do circuito brasileiro contemporâneo de poesia falada a partir de uma intersecção de duas perspectivas: como uma articulação de diferentes materialidades e suportes heterogêneos inespecíficos; e como um investimento em uma coletivização do circuito de produção/circulação/recepção que potencializa a emergência de corpos políticos não menos plurais. Interessa observar, primeiramente, o quanto obras de poetas como Kimani, Tawane Teodoro, Jéssica Campos e Luiza Romão investem em diferentes combinações de suportes e mídias – performance, música, poesia falada e/ou escrita, produção de vídeos –, ativando redes de recepção e compartilhamento que parecem escapar dos modelos pautados por um público leitor ou ouvinte, conforme já foi ressaltado por Susan Sommers-Willett. Nossa proposta, nesse sentido, é a de aproximar tais produções do terreno um tanto mais híbrido e inespecífico da street art, especialmente por conta das especificidades do slam poetry no contexto brasileiro. Em segundo plano, cabe ainda ressaltar que mais do que simplesmente se situar no espaço público, trata-se de um circuito de produção que reconfigura o próprio conceito de “público” em suas estratégias de intervenção. De fato, o que buscamos ler é uma produção que se aproxima das categorias de “contrapúblico” – para tomarmos um conceito formulado por Nancy Fraser e posteriormente desenvolvido por Michael Waner –, na medida em que possibilita e potencializa um campo de aparecimento (no sentido proposto por Judith Butler) de corpos políticos marcados pela diferença e pela negativa de sua possibilidade de determinação como universal. Em outras palavras, interessa situar esses coletivos de produção em uma espécie de encruzilhada crítica entre a teoria

performativa da assembleia proposta por Butler e a noção de “comunidades experimentais” de Carlos Bosualdo e Reinaldo Laddaga.

Referências: BUTLER, Judith "Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. BOSUALDO, Carlos; LADDAGA, Reinaldo "Experimental Communities" In HINDERLITER, Beth [et. al] Communities of sense: rethinking aesthetics and politics Durham & London: Duke University Press, 2009. FRASER, Nancy "Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy" In CALHOUN, Craig [ed.] Habermas and the public sphere. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1996. SOMERS-WILLET, Susan B, "The cultural politics of slam poetry: race, identity, and the performance of popular verse in America" Ann Arbor: University of Michigan Press, 2009. WARNER, Michael Publics and counterpublics New York: Zone Books, 2005.

POR UMA CRÍTICA LATINO-AMERICANA DA CRIAÇÃO

Giovani Tridapalli Kurz

Resumo: Qualquer estudo que tenha em seu centro a história da crítica genética — e que portanto se estruture ao redor da criação literária — retomará, invariavelmente, o Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM), fundado em 1982, em Paris. Sabe-se hoje, contudo, que há uma série de desenvolvimentos concorrentes, perspectivas críticas e teóricas que se originam e se desenvolvem algures — por meio de outras gêneses ou por meio de contaminações. O objetivo desta apresentação é destacar os pontos de partida de uma investigação que sistematiza a crítica da criação em âmbito latino-americano, levando em conta a mesma necessidade de recuo que um olhar à genética francesa exige. Selecionam-se aqui os trabalhos de Élide Lois, Graciela Goldchuk, Ana María Barrenechea e Claudia Amigo Pino para se pensar em um desenvolvimento local da crítica genética a partir da circulação da teoria, enfatizando suas particularidades e distanciamentos de um cânone europeu. Dos seus ensaios, extrai-se a percepção de que existe há décadas a consciência do confronto entre enraizamentos teóricos de diferentes tradições, e a partir disso torna-se possível estabelecer agrupamentos —ou redes— que, recusando cronologias ou nacionalidades, viabilizam-se em função de suas afinidades teóricas. O objetivo final desta pesquisa é cotejar as produções teóricas não-europeias sobre a genética com o cânone francês, de modo a se destacar as diferenças epistemológicas que regem tanto o ímpeto criativo quanto o gesto crítico em cada um dos contextos. É deste cotejo que surgirá com maior clareza a diferença entre distintas concepções de uma crítica da criação, o que possibilitará maior autonomia de cada uma das tradições.

Referências: AMÍCOLA, J. Para una teoría de la composición. Lectura de los pre-textos de El beso de la mujer araña. I Encuentro Internacional Manuel Puig, 13 al 15 de agosto de 1997. Anais...1997. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.12105/ev.12105.pdf>. BARRENECHEA, A. M. Los dobles en el proceso de escritura de "Rayuela". Revista Iberoamericana, v. 49, n. 125, p. 809–828, 15 dez. 1983. DERRIDA, J. Archive et brouillon. Em: CONTAT, M.; FERRER, D. (Eds.). Pourquoi la critique génétique?? [s.l.] C.N.R.S. Editions, 1998. p. 189. DEVÉS VALDÉS, Eduardo. O pensamento periférico. Em: REIS, Tiago S. et alii (org.). Tempo presente. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. DURANTE, E.; OLIVEIRA, N. Crítica genética e literatura comparada: para uma metodologia do in-between. Manuscrita: Revista de Crítica Genética, n. 27, p. 83–91, 28 dez. 2014. FERRER, D. Logiques du brouillon — Modèles pour une critique génétique. Versão digital. Paris: Éditions du Seuil, 2011. GOLDCHUK, G. El archivo Manuel Puig: un caso latinoamericano de creación en circulación. n. 35, p. 8, 2018. GOLDCHUK, G. B. Archivos de escritores: construcción de un espacio virtual-institucional. Reformulaciones teóricas y metodológicas en torno a la obra y el archivo. 2012. LOIS, É. La crítica genética y la salvaguarda de la inscripción de la memoria escritural latinoamericana. p. 17, [s.d.]. PINO, Claudia A.; ZULAR, Roberto. Escrever sobre escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COMUNALIDADES DE ESCRITURA, REDES LITERÁRIAS E POLÍTICAS DE AFETO EM CRISTINA RIVERA GARZA

Isabel Cristina Jasinski

Resumo: Cristina Rivera Garza concebe a escritura como uma prática que responde às demandas do presente, não de modo utilitário ou como mero reflexo dele, mas como mutação e resistência à instrumentalização da linguagem na atualidade. Em *Los muertos indóciles. Necroescritura y desapropiación* (2013), a escritora mexicana contribui para a discussão sobre a condição da literatura latino-americana na atualidade, junto a Josefina Ludmer e Florencia Garramuño, com o que chama de “necroescritura” e “desapropiación”, tendo em vista os processos de real que a atravessam e a mudança no estatuto do literário que isso implica, constituindo uma postura crítica que foca no uso das tecnologias digitais e em “comunalidades de escritura”, efetivadas dentro e fora da linguagem. Esta comunicação, em sintonia com a reflexão sobre as práticas artísticas e críticas na América Latina Contemporânea, se propõe a discutir sobre os aspectos problematizados por Rivera Garza, neste texto, em comparação a questões levantadas por Ludmer e Garramuño, para pensar as “redes literárias e políticas de afeto”, que articulam instâncias diversas relacionadas à produção literária e consideram a construção de sentido como um processo de múltiplas direções, vinculando a expressão singular a dinâmicas sociais e culturais, econômicas e políticas. A partir da compreensão da literatura como campo expandido em redes, entende-se que o escritor estabelece conexões afetivas múltiplas que compõem suas escolhas estéticas, evidenciando modos de relação e práticas de compartilhamento pela linguagem como ação e afetamento no presente.

Referências: BRIZUELA, Natalia. A escrita assume a categoria de prática artística. Depois da fotografia: Uma literatura fora de si. Trad Carlos Nougé. São Paulo: Rocco, 2014. CÂMARA, Mário; KLINGER, Diana; PEDROSA, Célia; WOLFF, Jorge. *Indiccionario do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018. ENNE, Ana Lúcia S. “Conceito de rede e as sociedades contemporâneas”. *Revista Comunicação e Informação*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, v.7, n. 2, jul./dez.2004, p. 264 - 273. FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. *Discusión bibliográfica: Nuevas contribuciones para una teoría de las redes culturales*. Cuadernos del CILHA, Mendoza, v. 12, n. 1, p. 209-215, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-96152011000100012. GARRAMUÑO, Florencia. *Los restos de lo real*. Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, ano IV, 2009. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/los-restaurantes-de-lo-real-de-florencia-garramuno-2/>. _____. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougé. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. *Expansões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. LEYS, Ruth. “The Turn to Affect: A Critique”, *Critical Inquiry*, vol. 37, nº 3, The University of Chicago Press, 2011, pp. 434-472. LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina. Una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010. _____. “De la crítica literaria al activismo cultural”. *Chuy*, n. 4, dez. 2017. NOGUEROL, Francisca (org). *Dossiê “Escrituras contemporâneas en español”*. *Revista Landa*, v. 7, n. 1, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em https://revistalanda.ufsc.br/vol-7-n1-2018/?fbclid=IwAR2TiUgbV3jENhOXAIvSkFckAQjdP0kaLit6UPUWuc_1m-JEC-DOM1UY3UI. RIVERA GARZA, Cristina. *¿Sueñan las máquinas con el lenguaje del nosotros? Una curaduría. Los muertos indóciles. Necroescritura y desapropiación*. México: Tusquets, 2013.

RESISTÊNCIA: DO ROMANCE DE JULIÁN FUKS À OBRA DE MARCOS ÁVILA FORERO

Keli Cristina Pacheco

Resumo: A palavra resistência, em tempos de crescimento da extrema-direita na América Latina e no mundo, tem tomado corpo em elaborações artísticas nos últimos anos. Julián Fuks, escritor contemporâneo, em 2015 publica o romance intitulado *Resistencia* em que aborda a temática da memória familiar e nacional, em chave autobiográfica, através da história de um irmão adotivo, tecendo uma investigação que tem como pano de fundo a ditadura militar argentina e o exílio de uma família no Brasil. No ano de 2020 e 2021, durante a pandemia de COVID-19, após fechamento, o Centre Pompidou reabre com uma exposição intitulada *Global(e) Resistance*, com mais de cem obras, de cerca de sessenta artistas, a maioria do Sul, essencialmente África e América Latina, ambicionando examinar estratégias contemporâneas de resistência. Dentre eles Marcos Ávila Forero, artista colombiano, expôs a série *Alpargatas de Zuratoque* (2013), em que a memória chega

através de um palimpsesto de narrativas íntimas de sujeitos expropriados figuradas em suas alpercatas e em sacos de estopa cobertos de textos com relatos de fuga. A partir da reflexão de Rosalind Kraus sobre a inespecificidade dos meios, em “A Escultura em Campo Ampliado” e de Florência Garramunho, sobre a inespecificidade da arte, em Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da literatura contemporânea, como traços característicos da pós-modernidade, pretendemos estabelecer um diálogo entre as obras de Fuks e Ferero, acerca dos temas da memória e da fuga em contextos de violência política e social. Para tal, tomaremos ainda o estudo de Alexis Nouss, pesquisador que reflete sobre a temática do exílio nas artes e na literatura, e de Tamara Kamenzain, sobre a presença da intimidade na produção contemporânea.

Referências: CACCIARI, Massimo. “La paradoja del extranjero”. In: Archipiélago, n. 26-27, inverno de 1996. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. DERRIDA, Jacques. Paixões. Trad. Lóris Z. Machado. Campinas, SP: Papyrus, 1995. FUKS, Julián. A resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da literatura contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. HAREL, Simon. Braconnages identitaires: Un Québec palimpseste. Montréal: VLB Éditeur, 2006. KRAUSS, Rosalind. A Escultura em Campo Ampliado. Trad. Elizabeth Carbone Baez. Revista Gávea, n. 1, PUCRJ, 1984, p. 87-93. LACQUE-LABARTHE, Philippe. La paradoja y la mimesis. In: La imitación de los modernos: (Tipografías 2), 1ª. Ed., Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2010, p. 15 - 39. KAMENSZAIN, Tamara. Una intimidad inofensiva – los que escriben con lo que hay. Buenos Aires: Eterna Cadencia editora, 2016. (E-book) LEVI, Primo. É isto um homem? Trad. Luísi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. NANCY, Jean-Luc. La existencia exilada. In: Archipiélago, n. 26-27, inverno de 1996. NOUSS, Alexis. La condition de l’exilé – penser les migrations contemporaines. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2015. NOUSS, Alexis. L’exil et la migration aujourd’hui: rupture ou continuité? Paris: Fondation Caloute Gulbenkian – Délégation en France, 2019. SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Trad. Pedro Maia. São Paulo: Cia das Letras, 2003. SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? . Trad. Sandra Almeida, Marcos Feitosa e André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A DESCRIÇÃO DO MUNDO, POR VERONICA STIGGER

Larissa Costa da Mata

Resumo: A literatura contemporânea latino-americana se caracteriza por sua desterritorialização e pelo não pertencimento a categorias disciplinares ou artísticas. Nesse sentido, Isabel Jasinski (2022) reconhece a “escrita nômade” em autores que estabelecem laços de amizade e vínculos entre a ficção e a realidade, favorecendo o percurso em detrimento do estado. Por sua vez, Florencia Garramuño (2014) compreende a perda da especificidade da ficção (de Mario Bellatin, Carlito Azevedo e Nuno Ramos) como um discurso autocrítico da literatura, colocando em xeque a noção de pertencimento. A escritora brasileira Veronica Stigger pode ser considerada parte dessa tradição que desborda o texto literário e se torna “impura” (Eneida Maria de Souza, 2021) ao confrontar texto e arquivo, temporalidades e gêneros diferentes em Opisanie ?wiata (2013). Esta comunicação pretende analisar esse romance, cujo título significa “descrição do mundo”, por meio de seus procedimentos estéticos, compartilhados com Oswald de Andrade (o da cópia/invenção, o da blague, o do vínculo entre literatura, arquivo e imagem), bem como da referência à literatura de viagem, retomada pelos modernistas brasileiros (Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp, entre outros). Se, nessa vanguarda, a viagem propunha-se ao aprendizado do turista, à busca das origens telúricas, e à pesquisa etnográfica, focalizando, muitas vezes, a velocidade, em tradições anteriores, voltava-se à descrição naturalista e pitoresca de uma paisagem estática e deserta (Jens Andermann, 2018). Segundo veremos, sem narrar nem descrever propriamente, Stigger revela, em contrapartida, uma concepção de mundo como montagem, como um conjunto que coloca em relevo a técnica, e, por isso, é sem fim e sem começo, posto que a experiência deixa de ser a da apropriação de um significado, para tornar-se a do próprio sentido (Jean-Luc Nancy, 2003).

Referências: ANDERMANN, Jens. Tierras en trance. Arte y naturaliza después del paisaje. Santiago: Metales Pesados, 2018. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da

estética contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. JASINSKI, Isabel. Redes singulares e escritas nômades. In: CORDIVIOLA et. all. (Orgs.). Temas para uma história da literatura hispano-americana I. Porto Alegre: Letra 1, 2022. NANCY, Jean-Luc. El sentido del mundo. Trad. Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La Marca, 2003. SOUZA, Eneida Maria. Narrativas impuras [livro eletrônico]. Recife: Cepe, 2021. STIGGER, Veronica. Opisanie ?wiata. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

A ANSIEDADE DO CONTATO: REDES LITERÁRIAS TRANSNACIONAIS ENTRE MULHERES LATINO-AMERICANAS VIA TRADUÇÃO

Leticia Pilger da Silva

Resumo: Considerando a ausência histórica do diálogo entre mulheres latino-americanas na literatura devido à junção do sistema sexista e colonial (FONSECA, SILVA, SILVA-REIS, 2021), o objetivo deste trabalho é analisar a construção de redes literárias entre escritoras latino-americanas contemporâneas pela revista brasileira *Puñado*, da editora independente Incompleta. A revista publicou, desde seu primeiro número, de 2017, a partir da prática da tradução feminista transnacional (ALVAREZ, COSTA, 2014; SANCHEZ, 2018; CASTRO, SPOTURNO, 2020), 47 escritoras vivas de 23 países latino-americanos, traduzindo seus textos do inglês, do espanhol, do francês e do guarani, bem como originais em português de autoras brasileiras. Além da publicação dos textos literários, é apresentada uma biografia para situar a escritora no sistema literário, tendo em vista seus títulos, premiações, contatos, e uma entrevista com a autora feita por colaboradoras brasileiras, dentre as quais artistas, escritoras, pesquisadoras, ativistas e tradutoras, de modo a expandir os diálogos entre mulheres da região e perscrutar o contexto extraliterário. Nesse sentido, considera-se que a revista é uma prática, dentre as diversas realizadas desde os anos 1960 (PIZARRO, 1985; LIMA, 2017; 2021), que tenta expandir uma comunidade latino-americana que englobe o Brasil e aumentar os contatos na região. Por meio da análise dos contatos estabelecidos pelas entrevistas e pelos movimentos da revista, assim como do conceito de redes (DEVÉS-VALDÉS, 2007; SAPIRO, 2014; JASINSKI, 2022) e da crítica literária feminista (GREWAL, KAPLAN, 1994; ANZALDÚA, 2000; FELSKI, 2003; GILBERT, GUBAR, 2017), serão teorizados e propostos os conceitos de “ansiedade do contato” e “corpos-com-as-outras” para pensar como a necessidade de diálogo permite a construção de redes translocais entre mulheres na escrita e na pesquisa da região no contexto atual de modo a expandir a translocalidade tida como América Latina.

Referências: ALVAREZ, Sonia E., COSTA, Claudia J. L. Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Américas. Durham: Duke University Press, 2014. ANZALDÚA, Glória. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.” Trad. Édna de Marco. Revista de estudos feministas, v. 8, n. 1. Florianópolis: 2000, p. 229-236. CASTRO, Olga; SPOTURNO, María L. “Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una traductología feminista transnacional”. In: Mutatis mutandis. Revista latinoamericana de traducción. v 13. n. 1. Jan/jun. 2020, p. 11-44. DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. Redes intelectuales em América Latina: hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago: Instituto de Estudios Avanzados, 2007. FELSKI, Rita. Literature after feminism. Chicago: University of Chicago Press, 2003. FONSECA, L. C.; SILVA, L. R., e SILVA-REIS, D. Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción, 2020,13(2), 210-227. GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. A ansiedade da influência. Trad. Cíntia Schwantes e Eliane Campello. In: BRANDÃO, Izabel (org.). Traduções da Cultura: Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p. 188-214. GREWAL, Inderpal, and KAPLAN, Caren. "Introduction: Transnational Feminist Practices and Questions of Postmodernity." In: _____ (eds.). Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. JASINSKI, Isabel. Redes literárias singulares e Escritas nômades. In: Cordiviola, A; Olmos, A.; Palmero González, E; Gárate, M.. (Org.). Temas para uma história da literatura hispano-americana. 1ed.Porto Alegre: Letra1, 2022, v. 2, p. 01-22. LIMA, Thayse L. Translation and World Literature: The Perspective of the 'Ex-Centric'. Journal of Latin American Cultural Studies. V. 26, 2017, p. 461-481. _____. Latino-americanizando o Brasil: a crítica literária e

o diálogo transnacional. Curitiba: Editora UFPR, 2021. PIZARRO, Ana. (Org.). La literatura latinoamericana como proceso. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1985. SANCHEZ, Lola. Difracciones de género y traducción: hacia otra cartografía de saberes situados. Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines. 2018, n. 13, p. 37-50. SAPIRO, Gisele. La sociología de la literatura. Trad. Laura Folica. Buenos Aires: 2016.

REDE DE RELAÇÃO

Maria Cândida Ferreira de Almeida

Resumo: A perspectiva de uma rede de Relação como uma teoria para a Literatura Comparada foi retirada da leitura de diversos textos que buscam definir este campo de estudos literários, que, em sua versão mais pós-moderna, aponta sempre para um entendimento de “relação” que, para justificar uma abordagem das obras literárias, passa pela ideia que há uma conexão, uma correspondência de algo – tipologia de personagens, ambientação da trama, período histórico –, estabelecendo uma relação, conexão e correspondência implícita no ato de comparar. Em obra crítica, Eliane Robert Moraes expõe o resultado de uma experiência filosófica para o campo literário, pois ao fazer uma genealogia da figura de Salomé na literatura, acaba concluindo que “é difícil determinar quem deve o quê a quem, na medida em que nos deparamos com uma densa rede de relações entre diversos artistas e escritores” (29, grifo meu). A versão do problema exposto por Octavio Paz é mais poética e explícita o sesgo americano na configuração de outro trato, distinto ao que se poderia descrever-se como influência na criação literária e por sua vez atizou os estudos comparatistas: “desenraizada e cosmopolita, a literatura hispano-americana é regresso e busca de uma tradição. Ao buscá-la, a inventa”. Esta comunicação busca revisar algumas destas referências com o objetivo de explicitar a formação destas redes de relações e sua função no campo da Literatura Comparada.

Referências: Paz, Octavio. Puertas al campo, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1961. pp. 1 1-19 Robert, Eliane de Moraes. Corpo Impossível. São Paulo: Fapesb/Iluminuras, 2002.

REDES TEÓRICO-CRÍTICO-ARTÍSTICAS OU COMO VIVER-ENTRE

Nilcéia Valdati

Resumo: Pensar nas redes teórico-crítica-artísticas no contexto latino americano da contemporaneidade é também articular memória, política, estética em ações de deslocamentos geográficos e produções intelectuais-artísticas. Em especial, a atenção se volta para a geração ou para nomes que a partir do exílio político dos pais constroem redes de contato entre a cultura que o acolhe e aquela de onde vieram, estabelecendo-se numa condição de viver-entre; além disso constroem redes dentro do seu próprio trabalho, em que as experiências vividas, o trabalho de pesquisa acadêmica e criação artística se amarram para rearranjar as condições de existência do literário. Paloma Vidal é o nome tomado para armar esta rede cruzada por tantos outros nomes (Tamara Kamenszain, Sylvia Molloy, Mario Cámara, Diana Klinger, Florencia Garramuño, só para citar alguns). Mas quais as preocupações que configuram esta rede? Um passado histórico? Uma língua familiar, ou um viver entre línguas? Um escrever a si e ao outro? Um estar-entre gêneros, nacionalidades, geografias? Mais do que uma resposta, o caminho que pretendemos trilhar é o de que esta rede se monta a partir de todas essas questões, ou seja, ela se dá por nunca abandonar os questionamentos sobre a literatura e a crítica latino-americanas, pensadas como um projeto pessoal, político e estético.

Referências: GARRAMUNO, Florencia. Práticas da impertinência; A literatura fora de si. In: Frutos estranhos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p.9-48. GRUMO. Dossier Entre lenguas. Buenos Aires, p.38-65, 2012. JASINSKI, Isabel. (2021). Redes das literaturas de fronteiras como existência e pluralidade. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (62), 1–16. <https://doi.org/10.1590/2316-4018624>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37424/29248>. Acesso em: 17 mar. 2022 MOLLOY, Sylvia. Viver entre línguas. Tradução de Mariana Sanchez e Julia Tomasini. Belo Horizonte: Relicário, 2021. PEDROSA, Celia et al. Indiccionario do contemporâneo. Belo

Horizonte: Editora UFMG, 2018. VIDAL, Paloma. Estar entre: ensayos de literaturas en tránsito. 1a ed . Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Grumo, 2019.

CONVERSAS NAS FRONTEIRAS: A LITERATURA COMPARADA E O PORTUNHOL/PORTUÑOL

Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Resumo: É prática comum da Literatura Comparada ocupar-se das relações de vizinhança, seja em relação a espacialidades que não se limitem às fronteiras geográficas nacionais, seja em relação às trocas culturais, literárias e linguísticas em interlocução e enriquecimento mútuos. Nos espaços de luta e convivência entre os idiomas que compõem a América Latina, os estudos em torno do portunhol/portuñol se intensificaram na segunda metade do século XX, tendo no escritor e pintor argentino Xul Solar um de seus pioneiros, que inventou alguns idiomas híbridos a partir das línguas dos povos originários e dos colonizadores (BITTENCOURT, 2014). Atualmente, a zona da poética do portuñol/portunhol se ampliou, teorica e praticamente, em várias regiões, como nas literaturas amazônicas, que assinalam o contato do Brasil com a Bolívia, a Venezuela e as Guianas; ou na região que liga os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul ao Paraguai e à Argentina, por exemplo. Nestes movimentos, formam-se enclaves de um fazer poético fronteiriço e variado, deliberadamente interventor, tornado voz política das margens e dos marginalizados que vivem fora dos grandes centros e operam, oralmente e por escrito, em dicções de bordas, em ritmos, léxicos e acentos que acentuam as confluências e as dissonâncias e, em alguma medida, postulam uma espécie de intradutibilidade de ser e saber-se latinoamericano. Esta comunicação ocupa-se diretamente da obra Viralata, do escritor uruguaio Fabián Severo (2015), que nasceu em 1981, em Artigas, que faz fronteira com a cidade de Quaraí, no Rio Grande do Sul.

Referências: BITTENCOURT, R.L.F. Guerra e Poesia. Dispositivos bélico-poéticos do Modernismo. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2014 "Práticas Latino-americanas de translinguismo: de Xul Solar às poéticas do portunhol/portuñol. Revista Alea: <https://www.scielo.br/j/alea/a/KmNhPrZQ3FxFZzGZK7nmLyq/?format=pdf> SEVERO, Fabián. Noite nu Norte. Poemas en Portuñol (Ediciones del Rincón, 2010) Noite nu Norte. Noche en el Norte. Poesía de Frontera (Rumbo Editorial, 2011)? Viralata (Rumbo Editorial, 2015).

NO HIATO ENTRE A PROMESSA E A CONSEQUÊNCIA, A REDE

Sergio Marcone da Silva Santos

Resumo: Propõe o conceito de “rede” (LATOURE, 2012) como modo de abordagem de propostas literárias, tomando como problema a aceitação, pelo sistema literário, da promessa de popularização da escrita não criativa (ENC)(GOLDSMITH, 2015) ante a impossibilidade de concreção. A ENC prevê a cópia de materiais existentes alegando que diante de tantos textos à disposição, sobretudo na internet, não há mais necessidade de o autor criar algo original, mas de usar o copy/paste (2015). Foi assim que Kenneth Goldsmith produziu Day, cópia de uma edição inteira do jornal The New York Times (2003) e o brasileiro Roy Frankel Sessão com as transcrições das falas dos deputados que caçaram o cargo da presidente Dilma Rousseff no Congresso (2017). Inspirado na arte conceitual, Goldsmith promove a ideia de que ao leitor basta entender o gesto de apropriação para derreter a fama elitista das vanguardas (2015). Mas, como tornar uma literatura que circula por poucos popular? E por que analistas aceitamos a proposta sem discutir a impossibilidade? Não o fazer, parece considerar que produtos literários são corretos prima facie e que o modo como costumamos tratá-los faz-nos ignorar hiatos entre o que diz, ou promete a literatura e o que faz, o resultado empírico. O conceito de “rede” se refere ao relato de uma série de ações – deslocamentos, acréscimos, crenças, comunicações etc. –, desempenhadas por humanos e não humanos, cujo resultado é a transformação dos participantes de uma coisa em outra (LATOURE, 2012). Em vez de se referir a pontos interconectados ou à velha busca de causas e efeitos, preocupa-se com “a capacidade de cada ator para induzir outros a fazer coisas inesperadas”, cabendo ao analista “tecer as redes de atores” para que torne visível ao leitor seus movimentos (idem,p.189). O objetivo é testar o conceito expondo algumas ações dos atores no sistema literário

Referências: GOLDSMITH, Kenneth. Escritura no-creativa - Gestionando el lenguaje en la era digital. Trad. Alan Page. Buenos Aires: Caja Negra, 2015. LATOUR, Bruno. Reagregando o social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César C. de Sousa. Salvador/Bauru: EdUfba/EdUSC, 2012.

CIRCULAÇÃO E DECOLONIZAÇÃO DA TEORIA LITERÁRIA EM TEMPOS DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA (1986-2000)

Susana Celia Leandro Scramim

Resumo: O objetivo dessa comunicação é apresentar os primeiros resultados da pesquisa Teorias Viajantes na qual nos propusemos desenhar uma memória para disciplina Teoria Literária e seus dispositivos de legitimação na universidade brasileira após o período de redemocratização política entre os anos de 1986 e 2000. As discussões em torno do que vem a ser considerado próprio do campo literário, o problema da reflexão e aplicação do conceito de dialética e a experiência dos intercâmbios com a América Latina serão consideradas na análise do material pesquisado. Importa sobremaneira pensar o conceito de “circulação” e o conceito de “redes” locais e globais. Esses dois conceitos não serão utilizados como entidade estáticas idênticas a si mesmas, senão em suas transformações efetivas através de uma multiplicidade de usos e apropriações. Trata-se de uma perspectiva que irá pensar a “circulação” e a formação de “redes” de intelectuais sob um ponto de vista que se volta para a violência da colonização e suas derivas. Os dois conceitos a serem debatidos na apresentação, a saber, o de “circulação” e o de “redes”, serão abordados juntamente com as práticas de escritas da teoria literária e da literatura de Heloísa Buarque e Hollanda, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e de Silviano Santiago, na PUC-RJ e na Universidade Federal Fluminense.

Referências: BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 145 (2002), 1989. DERRIDA, Jacques. Résistances - de la psychanalyse. Galilée, 1996. GERBAUDO, Analía. La institucionalización de las letras en la universidad argentina. Notas "en borrador" a partir de un primer relevamiento. UNL, 2014. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Pós-modernismo e política. Rocco, 1992. SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano, em Uma Literatura nos trópicos. Perspectiva, 1978. SANTIAGO, Silviano. El intelectual astuto, em Ensayos de Silviano Santiago. Buenos Aires, 2012.

A FÉRTIL POÉTICA E COSMOPOLÍTICA ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

Thiago Alexandre Correa

Resumo: Nas últimas décadas tem sido cada vez mais nítida a presença dos povos indígenas em espaços públicos de compartilhamento de saberes, de expressão criativa e de atuação política. Isso se deve a vários acontecimentos políticos ocorridos nas últimas décadas que culminaram na conquista de direitos básicos que até então eram negados a eles. As emblemáticas palavras de Ailton Krenak pronunciadas na Assembleia Constituinte foram decisivas para que o capítulo Dos Índios fosse incluído na Constituição Federal de 1988. Além de ter demarcado sua presença naquele espaço de tomada de decisões, Krenak, e demais ativistas indígenas contemporâneos a ele, contribuíram incontornavelmente para que a retomada de direitos fosse sendo fortalecida nos anos seguintes, sendo uma delas o de se expressar criativamente em mercado editorial, sem que isso ameaçasse suas identidades, contribuindo para que a literatura e arte indígena contemporânea fosse progressivamente se consolidando como segmento estético e político. Passados pouco mais de 30 anos, temos exemplos de escritores e artistas indígenas que, em uma perspectiva simbólica, exemplificam os frutos das sementes plantadas naquele contexto constitucional. Jovens artistas, escritores e intelectuais com idades muito próximas a da existência da Constituição, têm expressado uma insurgente atuação artística, como Gustavo Caboco, João Nyn, Julie Dorrico, Kaê Guajajara, Uýra Sodoma, apenas para citar alguns que, com particularidades e semelhanças, têm revelado uma fértil e subversiva poética. A teoria das redes demonstra ser oportuna para pensar como esses escritores, intelectuais e artistas se interconectam, sejam por reivindicações em comum, seja por afinidades criativas. O próprio Ailton Krenak (2021) afirma que muito antes da web as redes de afetos já eram

praticadas nas décadas de 70 e 80 entre os povos da floresta, contribuindo para que os direitos constitucionais fossem alcançados nas décadas seguintes.

Referências: Nhexyrõ: artes indígenas em rede. Ailton Krenak - Tecendo redes de Afeto. Jaider Esbell entrevista Ailton Krenak. Produção: Galeria Jaider Esbell em parceria com a produtora Sem Início Sem Fim (2021). Disponível em: . Acesso: 20 fev. 2022.

NAVEGADORA DO TEMPO: LUDMER E A LÓGICA DO HIPERLINK

Wanderlan Alves

Resumo: Após os primeiros livros ancorados (i) na autonomia como forma autorreferencial (Cien años de soledad. Una interpretación, 1972) e (ii) na autonomia do campo literário (Onetti. Los procesos de construcción del relato, 1977), os livros seguintes de Ludmer foram adotando uma configuração conectiva – para pensar um gênero (El género gauchesco. Um tratado sobre la patria, 1988), uma possibilidade de história literária (El cuerpo del delito. Um manual, 1999) ou a literatura rumo à imaginação pública (Aquí América Latina. Una especulación, 2010). É, no entanto, no livro sobre o delito que a perspectiva conectiva explicita-se e impõe-se tanto como lógica articuladora do relato crítico, legitimando um modo de crítica pautado no relato (PANESI, 2020) que ganharia importância e também provocaria escândalo nas décadas seguintes, quanto como dispositivo ligado a um modo de ler expansivo e transbordante cuja dinâmica pauta-se no repertório pessoal de leituras e, ainda, na capacidade imaginativa para estabelecer conexões. Tal lógica é a do hiperlink e das leituras em rede, que se, por um lado, tem como antecedentes as teorias da intertextualidade, do interdiscurso e do palimpsesto, por outro, atualiza-se no contexto da Internet e colabora para a passagem de uma leitura “lenta” a outra “veloz”, que afeta a maneira como Ludmer faz crítica (Cf. LUDMER, 2017 – prólogo). Nesta comunicação, pretendo ler e discutir o alcance e as problemáticas teórico-críticas decorrentes da apropriação da lógica do hiperlink e das redes em El cuerpo del delito, analisando o percurso que leva a autora a tal dispositivo, a estratégia da dupla textualidade (simultânea e expansiva) a partir de extensas notas de rodapé e, por fim, como esse recurso, mais do que um operador de leitura, aponta para uma tentativa de superar práticas críticas estáveis (e estáticas) no tratamento do literário (ALVES, 2021).

Referências: ALVES, W. Posautonomía: notas iniciais para una historia literaria futura. Orbis Tertius, v. 26, n. 33, p. e193, 2021. LUDMER, J. Aquí América Latina. Una especulación. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010. LUDMER, J. Cien años de soledad. Una interpretación. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1972. LUDMER, J. El cuerpo del delito. Un manual. Buenos Aires: Perfil, 1999. LUDMER, J. El género gauchesco. Un tratado sobre la patria. Buenos Aires: Sudamericana, 1988. LUDMER, J. Onetti. Los procesos de producción del relato. 2. ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2017. PANESI, J. La seducción de los relatos: crítica literaria y política en Argentina. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2020.

SIMPÓSIO “TEMAS, FORMAS E OBSESSÕES DO ROMANCE PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO”

Jonas Jefferson de Souza Leite (UFPE), Maria Aparecida da Costa (UERN) e Pedro Fernandes de Oliveira Neto (UFRN)

SOLANGE DE MATOS E JOÃO DE LUCENA: UM AMOR SINUOSO

Alyne Isabelle Duarte da Silva e Maria Aparecida da Costa

Resumo: É comum dentro das narrativas de Lídia Jorge (1946) a recorrência de relações amorosas que costumam conduzir as personagens, ora orientando, ora desorientando o sujeito apaixonado. Permeia em sua obra nuances de amores que são vividos em todas suas variáveis. Desta maneira, o presente trabalho busca refletir sobre a relação amorosa das personagens Solange de Matos e João de Lucena, inseridas no romance A noite das mulheres cantoras (2012), destacando, sobretudo, os percalços e a iminência constatare do fracasso dos amantes no amor, além de refletir sobre as implicações que a relação amorosa tem para a construção da personagem feminina enquanto mulher

na sociedade portuguesa contemporânea. Para isso, as discussões se ancoram nas proposições teóricas de Ana Paula Arnaut (2010), que pontua reflexões sobre aspectos do romance português contemporâneo, o qual abarca narrativas de forma mais múltiplas e com uma abordagem inovadora de temas recorrentes; Cristina Nehring (2012), a qual faz um percurso teórico sobre o amor Eros através do tempo; Júlia Kristeva (1988), em que aborda, através de um eixo psicanalista, os desdobramentos do amor no sujeito apaixonado; Roland Barthes (1981) que trata sobre termos que permeiam e configuram os discursos amorosos; e demais teóricos que contribuam para as reflexões deste trabalho.

Referências: ARNAUT, Ana Paula. Post-Modernismo: o futuro do passado no romance português contemporâneo. *Via Atlântica*, n. 17, p. 129-140, 2010. BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Tradução de Hortensia dos Santos – Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. KRISTEVA, Julia. Histórias de amor. tradução de Leda Tenório. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. NEHRING, Cristina. Em defesa do amor: . Tradução: Fátima Santos. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

PETAR STAMBOLISKI: UM POETA IMAGINÁRIO NA ENCICLOPÉDIA DE AFONSO CRUZ

Eduardo Narciso Bicalho

Resumo: Num momento onde os limites formais da literatura estão sendo tensionados por um grupo de autores contemporâneos da literatura portuguesa, como Gonçalo M. Tavares e Patrícia Lino, a Enciclopédia da Estória Universal de Afonso Cruz se destaca por extrapolar os limites do real justamente em um suporte em que a verdade e o conhecimento científico são as premissas mais básicas. Em seus oito volumes, até então, a Enciclopédia apresenta uma miríade de verbetes sobre os assuntos mais diversos, confundindo fatos com ficção sem traçar qualquer linha divisória entre eles, muito pelo contrário, pois aqui eles são equivalentes. Atribuídos a diversos autores diferentes, com nomes que despertam familiaridade a vários locais do mundo, os verbetes da Enciclopédia apresentam personagens-autores, criados por Afonso Cruz, que se misturam a autores reais e demonstram que além da tensão entre a verdade e o fingimento está em jogo aqui também um novo olhar para fora de Portugal que rompe com uma tradição literária que por muito tempo se voltou apenas para dentro dos limites de suas fronteiras. Um dos volumes da Enciclopédia é dedicado ao conceito das reencarnações de Pitágoras, e sugere que alguns desses personagens-autores são transmigrações do filósofo e matemático grego. A descrição é muito similar ao jogo heteronímico de Fernando Pessoa, pois trata-se de uma alma que não se limita à lógica espaço-temporal, podendo dividir-se em várias e ter diversas vidas ao mesmo tempo, da mesma forma que a alma de Álvaro de Campos, que “(...)partiu-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso”. Entre as várias leituras possíveis, essa pesquisa toma como recorte o poeta Petar Stamboliski e seus poemas, que ao tratar de temas triviais, revela em segundo plano uma grande angústia de se reconhecer como um ser fragmentado que existe apenas como linguagem, como os heterônimos de Pessoa.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Trad: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007. CERDEIRA, Teresa Cristina. A aventura suicida na modernidade. In: O Averso do Bordado: ensaios de literatura. Lisboa: Editorial Caminho, 2000. p. 67-78. COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2012. COMPAGNON, Antoine. O trabalho da citação. Trad: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora UFMG, 2007. CRUZ, Afonso. Recolha de Alexandria. Barcarena: Editora Objectiva, 2012. (Enciclopédia da Estória Universal). _____. Arquivos de Dresner. Lisboa: Penguin Random House, 2013. (Enciclopédia da Estória Universal). _____. Mar. Lisboa: Penguin Random House, 2014. (Enciclopédia da Estória Universal). _____. As reencarnações de Pitágoras. Lisboa: Penguin Random House, 2015. (Enciclopédia da Estória Universal). _____. Mil anos de esquecimento. Lisboa: Penguin Random House, 2016. (Enciclopédia da Estória Universal). _____. Biblioteca de Brasov. Lisboa: Penguin Random House, 2018. (Enciclopédia da Estória Universal). DERRIDA, Jacques. Gêneses, genealogias, gênero e o gênio. Trad: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005. DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Trad: Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. DIDI-HUBERMAN, Georges. De semelhança a semelhança. Trad: Maria José Werner Salles. Alea, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 26-51, jan - jun. 2011. FOUCAULT, Michel. O que é um autor?

In: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Org: Manoel Barros da Motta e Trad: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos e escritos, III). p. 264-298. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Trad: João Paulo Monteiro. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. LOURENÇO, Eduardo. Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera. Lisboa: Editora Gradiva, 2008. PESSOA, Fernando. 136 pessoas de Pessoa. Org: Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017. PESSOA, Fernando. Arquivo Pessoa. 2008. Concepção e direção: Leonor Areal. Disponível em: <http://arquivopessoa.net>. Acesso em: 24 nov. 2022. PESSOA, Fernando. Novas Poesias Inéditas. Direção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno. 4ª ed. Lisboa: Ática, 1993.

ESCRITA E JARDINAGEM EM "UM FALCÃO NO PUNHO", DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Gabriel Guimarães Barbosa

Resumo: O presente trabalho tem como proposta apresentar uma análise crítica do espaço e da imagem do jardim no romance *Um falcão no punho* (1985), da escritora e tradutora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008). No romance, o jardim se revela enquanto um espaço não só de ambientação de algumas cenas do romance, como se apresenta enquanto índice reflexivo de desconstrução da própria ação, tornando-se índice metanarrativo, espaço não mais físico, mas conceitual, imagem ele mesmo da escrita llansoliana. Há uma nítida associação entre o fazer literário e o cultivo do jardim, trabalhos que, postos lado a lado pela escrita, guardam uma capacidade de harmonizar homem e natureza, sensível e inteligível, interior e exterior. O trabalho tem como objetivo, portanto, traçar uma análise do jardim nessas duas esferas, a do romance e a da obra, a partir de uma metodologia que privilegia a investigação interpretativa do texto llansoliano. Há de se traçar, contudo, uma breve poética dos jardins, a partir de contribuições do paisagismo e da filosofia a respeito do tema, no intuito de iluminar as questões desenvolvidas pela portuguesa. Em relação à crítica especializada, auxiliam nosso trabalho leituras como a de Jorge Fernandes da Silveira, Silvina Rodrigues Lopes, Paula Morão, além de outros textos da própria autora, em diálogo com o romance analisado.

Referências: LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho*. Lisboa: Relógio d'água, 1998. LOPES, Silvina Rodrigues. *Teoria da Des-posseção – ensaio sobre textos de Maria Gabriela Llansol*. Lisboa: Black Sun, 1988. MOORE, Charles et al. *A poética dos jardins*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. MORÃO, Paula. Maria Gabriela Llansol Notas sobre uma ficção luminosa. *Letras & Letras*, ano III, nº 29, p. 09. Rio de Janeiro: UFRJ, maio 1990. SILVEIRA, Jorge Fernandes da. A crise dos gêneros e a ficção lírica de Maria Gabriela Llansol. In: *Estudos Portugueses e Africanos*, nº21. Campinas: Unicamp/IEL, 1993.

AS REPRESENTAÇÕES DO OUTRO-MARGINAL NO ROMANCE PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

João Pedro da Cunha de Almeida

Resumo: Esta comunicação busca analisar os romances *O Meu Irmão* (2014) e *Pão de Açúcar* (2018), do escritor português Afonso Reis Cabral. Objetiva-se compreender as representações dos outros-marginais presentes nas obras por meio do estudo acerca da estereotipagem proposto por Stuart Hall (2016), além das considerações de Pierre Bourdieu (2002), Michel Foucault (2013) e Berenice Bento (2015) sobre questões de gênero ligadas à masculinidade, poder e marginalidade para investigar como esses temas são apresentados através dos sujeitos marginalizados na criação literária dos romances de Afonso Reis Cabral. O romance *Pão de Açúcar* trata-se de uma ficcionalização de um crime de ódio que ocorreu na cidade do Porto em 2006. Naquela ocasião, Gisberta Salce Júnior, mulher transgênero brasileira, sem teto e soropositiva, foi assassinada por um grupo de adolescentes infratores, sendo o crime, anos depois, classificado como um ato de violência transfóbica pela justiça portuguesa. Já na obra *O Meu Irmão* (2014), há a presença da relação de dependência que acomete Miguel, cidadão com síndrome de Down que perde os cuidados dos pais após suas respectivas mortes e passa a ser resguardado pelo irmão mais velho, que, por sua vez, é professor universitário, divorciado e misantropo que encontra, na recente guarda do irmão mais novo, uma maneira de se redimir por anos de afastamento familiar. Nesse sentido, a presente

investigação determina averiguar como ocorrem as representações dos outros-marginais por parte de um autor que está fora do contexto da transgeneridade, da Síndrome de Down e dos menores infratores, refletindo as temáticas de seus romances como sendo algumas das formas e obsessões encontradas no Romance Português Contemporâneo.

Referências: ABBAGNANO, Nicola. 2003. Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. AGUIAR, Joselia. História na Mário: Corpos em risco, com Afonso Reis Cabral e Amara Moira. YouTube, 02 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o7HL6Kiobyc&list=PLBVjHbNfnHp73261jqCNa_e8RDT7LO9U-_&index=20&t=115s>. Acesso em: 11 de agosto de 2022. ARNAUT, Ana Paula. Post-Modernismo no romance português contemporâneo. Fios de Ariadne máscaras de Proteu. Coimbra: Almedina, 2002. BADINTER, Elisabeth. XY: Sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. BENTO, Berenice. A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transsexual. Editora Devires, 2017. 3. Ed. _____. Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas. Natal, RN: EDUFRN, 2015. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. _____. Uma ciência que perturba; Algumas propriedades dos campos. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. CABRAL, Afonso Reis. Pão de Açúcar. Lisboa: Dom Quixote, 2018. _____. O Meu Irmão. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015. CONNELL, R. W. Masculinities. Berkeley: University of California Press, 1987. DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea. N°20. Brasília, julho/agosto de 2002, pp. 33-87. DANTAS, Gregório F. A "segunda história": considerações sobre romance português contemporâneo. Mato Grosso do Sul: UFGD, 2012. FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013. _____. História da sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, v.12, 1985. HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p. HUTCHEON, Linda. Poética do Pós-modernismo: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991. KIMMEL, Michael S. Masculinity as homophobia. In: BROD, Harry; KAUFMAN, Michael (Org.). Theorizing masculinities. Nova York: Sage Production Editor, 1994. LIMA, Luiz Costa. Mimesis e modernidade: formas das sombras. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. REAL, Miguel. O romance português contemporâneo 1950-2010. Alfragide: Editorial Caminho S/A, 2012. RIBEIRO, Djamil O. O que é Lugar de Fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. SAPEGA, Ellen W. O romance pós-revolucionário português: propostas de uma nova construção do sujeito nacional. Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 1990 TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. Valter Hugo Mãe: filho de mil homens e mil mulheres / Rafaella Cristina Alves Teotônio. – Recife, 2018. 216 f. VALENTIM, Jorge Vicente. Corpo no corpo: homoerotismo na narrativa portuguesa contemporânea. São Carlos: EdUFSCAR, 2016. VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do Século, 1995.

DO BANAL E DO ABSURDO: UMA LEITURA DE DIAS ÚTEIS, DE PATRÍCIA PORTELA

Jonas Jefferson de Souza Leite

Resumo: Dias Úteis, da escritora portuguesa Patrícia Portela (2017), é um caleidoscópio narrativo que apresenta elementos da contística, da performance e do teatro, resultando em uma espécie de novela sui generis, composta por pequenos contos nomeados com os dias úteis da semana, além de um prefácio, uma didascália e um epitáfio, em que as personagens atravessam os chamados dias úteis, em experiências insólitas, banais, absurdas, numa espécie de distopia que, em última análise, é a síntese do mundo contemporâneo, marcado pela solidão, desencontros amorosos, dúvidas existenciais, rotinas diárias extenuantes, insônias... Dessa forma, a presente comunicação tem por objetivo analisar as experiências do contemporâneo vividas pelas personagens, marcadas pelas categorias aqui nomeadas de "banal" e "absurdo", a fim de perceber estas marcas como sintomas hodiernos. Para além dessa visada, também se lançará luz sobre os elementos paratextuais que abundam no livro, percebendo como as epígrafes desempenham um importante papel intertextual na obra em relevo e sobre os textos denominados de "prefácio fora de jogo", "didascália" e "epitáfio de domingo para o dia seguinte", a fim de perceber como a breve narrativa em questão reúne

elementos de diversas áreas artísticas, resultando em um livro original, de teor político e reflexo, mas sem perder o humor e a ironia, típicos da autora.

Referências: PORTELA, Patrícia. Dias Úteis. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

VIDAS PRECÁRIAS, VIDAS EM RISCO EM A ORDEM NATURAL DAS COISAS, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES: PERSPECTIVAS ENTRE LITERATURA E CLÍNICA

Juliano Andre Kreutz

Resumo: Na contemporaneidade, descentramentos, fragmentações e deslocamentos sinalizam a transformação radical das categorias de sujeito e de identidade, observa Stuart Hall. Este estudo investiga metamorfoses da noção de sujeito na interface entre discursos clínicos e literários. Recorre-se à análise das perspectivas narrativas nas figurações de vidas precárias, em risco, no romance A ordem natural das coisas, de António Lobo Antunes. Entrecruzam-se três proposições que matizam as discussões: a) compreende-se que o corpo como agenciamento, rede de humanos e não-humanos, não se define pela forma, mas pelo limite variável de sua ação (inspiração em Deleuze, Spinoza e Vinciguerra); b) consideram-se duas vias de apreensão do outro, a percepção e o afeto, que envolvem, respectivamente, as existências formais, mediadas por códigos culturais, e as forças inomináveis, sem referências simbólicas (termos de Rolnik); c) borram-se as fronteiras entre saúde, doença, normal e patológico, ao considerar-se a construção histórica da normalização de corpos e condutas (compartilhado o entendimento de Foucault); ao afirmar-se a positividade das diferenciações e situarem-se as formas de vida desviantes como desdobramentos de modos de existência virtuais (na acepção de Braidotti). Motivam-se, assim, a problematização da dicotomia e dos limiares entre sujeito e objeto, em diferentes regimes de focalização nas narrativas ficcionais, e a análise de como objetos, mobilizados nos cursos das ações, modificam as situações e as práticas de subjetivação ficcionalizadas. No romance antuniano, observa-se que os sentidos não se originam em centros de consciência antropomórficos; que a opacidade das coisas impede a totalização dos significados; que as presenças vivas do mundo no corpo interpretante/focalizador traduzem-se em elipses, metáforas, fusões de múltiplas temporalidades e outros recursos de indeterminação de sentidos. Sugere-se que a focalização (Bal, Niederhoff) corresponde não só à seleção e à restrição de informação narrativa (à percepção), mas inclui in-formes, afectos, às margens do visível e do dizível.

Referências: ANTUNES, A. L. A ordem natural das coisas. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. BAL, Mieke. Narratologia: introdução à teoria da narrativa. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2021. BRAIDOTTI, ROSI. Teratologies. Deleuze and Feminist Theory. p.156–172, 2000. Edinburgh: Edinburgh University Press. DELEUZE, G. Espinosa - filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002. DELEUZE, G. Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981). 3ª ed. Fortaleza: EdUECE, 2019. HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. NIEDERHOFF, Burkhard: Focalization. [2013] In: Hühn, Peter et al. (eds.): the living handbook of narratology. Hamburg: Hamburg University. URL = <http://www.lhn.uni-hamburg.de/article/focalization>. ROLNIK, S. Antropofagia Zumbi. São Paulo: n-1 edições, 2021. VINCIGUERRA, L. La semiótica de Spinoza. 1ª ed. Buenos Aires: Cactus, 2020.

LOBO ANTUNES, LUISA DACOSTA E MARIA VALÉRIA REZENDE: A VELHICE COMO APRENDIZADO DE AUTO E HETEROPERCEÇÃO

Marcia Regina Schwertner

Resumo: A figuração do idoso como protagonista e sujeito de sua história já é realidade no universo ficcional, ainda que não tão amplamente quanto seria o esperado em uma sociedade como a contemporânea, marcada pela rapidez de seus processos de envelhecimento demográfico e de decréscimo populacional. A literatura age, nesse contexto, como instrumento de percepção de si e do outro, é ação reflexiva e identitária, viabilizando a compreensão de conceitos e trajetórias. Dessa forma, possibilita perspectivas não dicotômicas entre a vitimização e a vilania, assume uma maior diversidade interpretativa e objetiva sensibilização e enfrentamento. Os romances "Para aquela que está sentada no escuro à minha espera", de Lobo Antunes, "O planeta desconhecido e romance da que fui antes de mim", de Luísa Dacosta, e "Quarenta dias", de Maria Valéria Rezende, são exemplares na abordagem do tema; conteúdo, estética e recursos técnicos de produção textual

aliam-se na elaboração de diferentes imaginários e estruturas narrativas, entrecruzando aspectos de teor público e privado, quebrando invisibilidades e exigindo conscientização. São obras que permitem observar singularidades físicas e subjetivas em contato com redes comunitárias mais amplas, não raro de exclusão, constituindo-se como esboços de um corpo e de uma sociedade igualmente fragilizados, imersos nas dificuldades de lidar com a vivência cotidiana da velhice. No referente ao arcabouço teórico, a interdisciplinaridade inerente ao tema exigiu opções de pesquisa heterogêneas, provocando o diálogo de autores de diferentes áreas do conhecimento, como Arnaut, Bachelard, Beauvoir, Birman, Dalcastagné, Fonseca, Goldenberg, Guedes, Reis e Tutikian.

Referências: Arnaut, Ana Paula. "A escrita insatisfeita e inquieta(nte) de Antonio Lobo Antunes". 2011 Bachelard, Gaston. "A poética do espaço". 1996. Beauvoir, Simone. "A velhice". 1990. Birman, Joel. "O sujeito na contemporaneidade". 2012. Dalcastagné, Regina. "A personagem do romance brasileiro contemporâneo 1990-2004". 2005. Fonseca, António M. "Desenvolvimento humano e envelhecimento", 2004. Goldenberg, Miriam. "A bela velhice". 2014. Guedes, Joana. "Viver em um lar de idosos: identidade em risco ou identidade riscada". 2012. Reis, Carlos. "História crítica da literatura portuguesa". 2005 Tutikian, Jane. "Velhas identidades novas". 2006 Tutikian, Jane. A debilidade do humanismo (A narrativa portuguesa e o século XXI). 2017.

A TEIA DO BAIRRO TAVARIANO: CONEXÕES ENTRE OS AUTORES CITADOS EM "O SENHOR ELIOT E AS CONFERÊNCIAS"

Maria Catarina Rabelo Bozio

Resumo: O processo autoral de Gonçalo M. Tavares em "O senhor Eliot e as conferências", obra integrante da coleção O Bairro, se utiliza de uma tendência notada pela pesquisadora Leyla Perrone-Moisés em "Mutações da Literatura no século XXI". Segundo ela, tem crescido desde os anos de 1980 o número de romances que possuem um "grande escritor" como personagem principal. Contudo, "(...) nenhum desses escritores atuais pretende tomar seus antecessores como modelos de vida ou de escrita." (2016, p. 147) e isso acontece também nessa obra de Tavares. Na verdade, é como se o autor português partisse de resquícios de algumas características da obra de T. S. Eliot, como "transcrições paródicas, (...), citações de autores clássicos ou contemporâneos" (BERARDINELLI, p. 18), e buscasse fazer conexões a partir do contexto eliotiano com a obra poética alguns outros autores de forma a subverter e inovar nesses diálogos. Sendo assim, esta comunicação, inspirada por um trecho do artigo "L'auteur au pluriel. Le Quartier de Tavares et l'enfance de la littérature", de Julia Peslier – que propõe estarem, os habitantes do Bairro, aproximados por afinidades – pretende comentar as relações existentes entre os autores das citações escolhidas como alvo das análises realizadas pelo protagonista Senhor Eliot em suas conferências. Para citar dois exemplos de conexões com poetas cujos versos que são citados pelo Senhor Eliot e que serão expandidos em nossa comunicação, temos Sylvia Plath, autora publicada pela editora em que T. S. Eliot trabalhou, a Faber & Faber, e Marin Sorescu que, de acordo com pesquisadores de sua obra, empresta a intertextualidade típica do autor inglês. Tais conexões contribuem para a formação de uma teia que é parte do Bairro tavariano e que, por meio deste trabalho, esperamos conectar ao que é reconhecido por Perrone-Moisés enquanto tendência literária do século XXI.

Referências: BERARDINELLI, Alfonso. Da poesia à prosa. São Paulo: Cosac Naify, 2007. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. PESLIER, Julia. L'auteur au pluriel. Le Quartier de Tavares et l'enfance de la littérature In: LOEHR, Joël e POIRIER, Jacques (Org.). Retour à l'auteur. Reims: Presses Universitaires de Reims, 2015. TAVARES, Gonçalo M. O senhor Eliot e as conferências. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

OLHAR PARA O AVESSO: A METAFICÇÃO NA NOVÍSSIMA LITERATURA PORTUGUESA

Milena Figueiredo Maia

Resumo: A ficção portuguesa contemporânea vivencia uma época de crescente proeminência, desde o surgimento do neorrealismo até o momento presente. Embora não haja nenhuma escola ou movimento a que os atuais escritores estejam vinculados, conforme explica Gomes (1993, p.83), e seja difícil tecer um olhar crítico em torno dessa produção – visto apresentar-se como um território

em plena construção – é possível identificar traços comuns nas atuais produções literárias, os quais nos permitem delinear, ainda que de forma provisória, a trajetória que vem sendo construída pela Novíssima Literatura Portuguesa. Em outras palavras, ainda que haja uma significativa diversidade de autores compondo o atual panorama literário português, com obras que apresentam características bastante diversas, é possível identificar aspectos frequentes na ficção contemporânea portuguesa, sendo um deles, sem dúvida, a recorrência, em sua composição, a estratégias metaficcionais. É a presença da metaficção na literatura portuguesa produzida no século XXI, pois, o que nos interessa discutir no presente estudo. Objetivamos apresentar como romances de Gonçalo M. Tavares, Afonso Cruz e José Luís Peixoto recorrem, em sua composição, a diferentes estratégias metaficcionais, assumindo o processo de poesis como matéria-prima para a composição literária, em estrito diálogo com o contexto histórico-cultural em que estamos inseridos. Almeja-se, ainda, por meio da seleção de autores que pertencem a um mesmo contexto geracional, identificar um fio condutor que existe na novíssima produção literária portuguesa, bem como discutir de que maneira um mesmo recurso composicional – no caso, a metaficção – pode ser utilizado a partir de modos e propósitos distintos, contribuindo para a produção de efeitos de sentido diversos.

Referências: CRUZ, Afonso. Para onde vão os guarda-chuvas. Lisboa: Alfaguara, 2013. CRUZ, Afonso. A boneca de Kokoschka. São Paulo: Dublinense, 2021. CRUZ, Afonso. Nem todas as baleias voam. São Paulo: Dublinense, 2021. GOMES, Álvaro Cardoso. A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo. São Paulo: Edusp, 1993. HUTCHEON, L. Narcissistic Narrative: the metafictional paradox. New York: Methuen, 1984. HUTCHEON, Linda (1988), Poética do Pós-Modernismo, Rio de Janeiro, Imago Editora. MAIA, M. F. Entre a tradição e a pós-modernidade: o percurso metaficcional em Livro, de José Luís Peixoto. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2016. NAVAS, Diana. Narcisismo discursivo e metaficção: António Lobo Antunes e a revolução do romance. São Paulo: Scorteci, 2009. NAVAS, Diana. Figurações da escrita: a metaficção nos romances de António Lobo Antunes. São Paulo: Scorteci, 2013. PEIXOTO, José Luís. Livro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. PEIXOTO, José Luís. Em teu ventre. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. PEIXOTO, José Luís. Autobiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. REAL, Miguel. O romance português contemporâneo: 1950-2010. Lisboa: Caminho, 2012. TAVARES, Gonçalo M. Jerusalém. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. TAVARES, Gonçalo M. Um homem: Klaus Klump. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. TAVARES, Gonçalo M. Aprender a rezar na era da técnica. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. TAVARES, Gonçalo M. A máquina de Joseph Walser. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

QUANDO O ROMANCE RESSOA ENSAIO: O LUGAR LITERÁRIO DE JOSÉ SARAMAGO, LEITOR DE MONTAIGNE

Naiara Martins Barrozo

Resumo: Na anotação de 01 de dezembro de 1997 que compõe os Cadernos de Lanzarote, vemos a transcrição de um discurso proferido por José Saramago na UNB no dia de seu registro. Esta fala expõe de modo claro a ideia saramaguiana de lugar literário, que constitui o conceito de romance presente em todo trabalho do escritor português. Na ocasião, este se inclui (ironicamente) entre os que reconhecem a impossibilidade histórica do gênero, a partir da constatação empírica de quem vive a prática literária. Saramago parece tentar entender como faz e continua fazendo algo que lhe parece, a princípio, historicamente impossível. O caminho, ele dirá, é potencializar um aspecto que já está no próprio romance: “a possibilidade de se transformar no lugar literário”. Ou seja, deve-se substituir a ideia de gênero pela de lugar. Além disso, Saramago nos situa sobre seu parâmetro para buscar a saída de salvação da forma: a antiguidade clássica, mais especificamente o desejo de fazer do texto “expressão de um conhecimento”, como eram os grandes poemas antigos para seu tempo; a vontade de se contrapor à ideia de especialização e de trazer, como motor de uma busca, a aspiração a um espírito vigente em um momento, podemos dizer, anterior à separação das formas, de que nos diz Lukács em A teoria do romance. Bem, se observamos os gêneros modernos, aquele que apresenta abertura para esta aspiração é o ensaio. Mesmo 500 anos depois de Montaigne, sua relação com os outros gêneros ainda é relacional, nunca de oposição. É um gênero, como diz Peter

Burke, sem definição encerrada. Em vista disso e considerando o fato de que Montaigne é uma referência primordial para Saramago, a proposta desta comunicação é expor de que modo aspectos do trabalho escrito na França no século XVI está presente no conceito proposto por Saramago.

Referências: BARRENTO, J. O gênero intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010. BURKE, P. Montaigne and the idea of essay. In: MONTAIGNE y su Mundo. Madrid: Fundación Juan March, 2008. MOISES, M. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 2002. MONTAIGNE, M. Ensaio. São Paulo: Editora 34, 2016. MONTAIGNE, M. Oeuvres Complètes. Éditions Gallimard, 1962. SARAMAGO, J. Cadernos de Lanzarote. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Edição Kindle. SARAMAGO, J. Cadernos de Lanzarote II. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ALGUMAS APROXIMAÇÕES AO SUJEITO TRIVIAL A PARTIR DE ELIETE, DE DULCE MARIA CARDOSO

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

Resumo: Os chamados romances do sujeito trivial formam uma extensa tradição na literatura que remonta ao homem supérfluo de Ivan Turguêniev, autor que ao formular de maneira mais completa a natureza psicológica desse tipo findaria por melhor estabelecer as componentes que o determinam. O conceito que aqui empregamos é parte de uma investigação acerca dos modos de figuração do sujeito na literatura contemporânea, interesse que remonta ainda, especificamente, aos estudos narrativos sobre a personagem romanesca. A leitura aqui proposta visa examinar alguns aspectos do sujeito trivial em Eliete, romance de Dulce Maria Cardoso. Assemelhado à forma de um diário íntimo, neste romance a personagem-título discorre sobre sua vida não de um ponto quando aparentemente as coisas ganham outras tonalidades diferentes da opacidade de sempre, mas quando essa mulher passa a refletir sobre sua comum existência, seu sentimento de desajuste com o outro, seu núcleo familiar e com a vida, marcada entre a melancolia e a euforia de seu tempo. No recorte proposto, interessa-nos sobretudo seu discurso de autodescoberta da vida comum e o estratagemas da dissimulatio empregado como alternativa ao descontentamento do mundo, a fabulação de un autre. Estudo em curso, o que é possível assumir até agora é como as práticas de reinvenção de si resultam como parte de um império das práticas do eu na contemporaneidade, seja pelos excessos do nosso tempo ou dos seus esvaziamentos.

Referências: CARDOSO, Dulce Maria. Eliete. Lisboa: Tinta-da-China, 2018.

A TEMÁTICA D'O MAL ATRAVÉS DA MORTE NA ESCRITA DE JOSÉ SARAMAGO

Rosângela Soares De Lima

Resumo: Este trabalho é um recorte de um estudo maior em andamento (tese de doutorado) que tem como objeto central de análise o romance As intermitências da Morte (2005), de José Saramago. Será abordado a temática d'O mal pontuando as consequências da ausência e da presença da morte, bem como dela própria no enredo saramaguiano. Acerca do mal, para dar suporte às considerações teóricas, utiliza-se autores como MINOIS (2021), EAGLETON (2022), RICOEUR (2013), CALMON (2013) entre outros, a proposta se guia pelos pressupostos metodológicos da Teoria da História, em especial com Michel de Certeau (1982), tal campo interdisciplinar dialoga com outras áreas, incluindo a literatura. Para tanto, acompanhar-se-á fontes textuais e audiovisuais (romances, pesquisas, escritos, entrevistas, documentários de/ou sobre Saramago etc.), na busca de esclarecer a percepção do escritor português com relação ao tema do mal, e assim compreender a influência e efeitos desse em sua escrita ficcional. Como possíveis encaminhamentos, pode-se ver que o conhecimento histórico sobre o mal fez parte do interesse do escritor, sendo o fio da meada em suas narrativas. Ao conceber a presença do mal entre os homens, sua escrita instigou e desassossebou com reflexões a respeito da religião, da política, da humanização e da existência.

Referências: CALMON, Sacha. Breve história do mal. Belo Horizonte: Editora Luminis, 2013. CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. EAGLETON, Terry. Sobre o mal. Traduzido por Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2022. _____. Como ler literatura. Traduzido por Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: Editora L&PM, 2019. MINOIS, Georges. As origens do mal: uma história do pecado original. São Paulo: Editora Unesp, 2021. NEIMAN, Susan. O Mal no Pensamento Moderno: uma História Alternativa da Filosofia. Tradução de

Vítor Matos. Lisboa: Editora Gradiva, 2005. NOGUEIRA, Carlos. José Saramago: a literatura e o mal. Lisboa: Editora Tinta da china, 2022. RICOEUR, Paul. A Simbólica do Mal. Prefácio de Maria Luísa Portocarrero. Lisboa: Editora Edições 70, 2013. SARAMAGO, José. As intermitências da morte. Companhia das Letras, 2005.

DO INUMANO AO HUMANO EM "O APOCALIPSE DOS TRABALHADORES": O AMOR DE ANDRIY POR QUITÉRIA

Sabrina de Paiva Bento e Maria Aparecida da Costa

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a relação amorosa das personagens Andriy e Quitéria no romance de Valter Hugo Mãe, *O apocalipse dos trabalhadores* (2008), tendo em vista que, de início, ambos se constituem avessos ao sentimento amoroso, porém, no decorrer da narrativa, a convivência e intimidade imprimem outros sentimentos no casal. Diante disso, nosso estudo visa analisar como o amor Eros se constitui dentro da narrativa, também compreender o processo de desumanização vivido por Andriy e, para além disso, perceber como o contexto no qual as personagens estão inseridas afeta a aproximação delas. No romance em foco, a crise financeira é responsável por impactar as ações das personagens, pois a escassez de recursos básicos, as emergências do cotidiano, se sobressaem à institucionalização dessa relação amorosa. Como aporte teórico para nossa pesquisa utilizamos obras de: Platão (2012) e as teorias concernentes ao amor; Maria Aparecida da Costa (2015) a respeito do discurso amoroso na contemporaneidade; Anthony Giddens (1993); e os aspectos sociológicos que perpassam as relações íntimas do sujeito; Dennis de Rougemont (1988); sobre os entraves e impossibilidades do relacionamento amoroso; Julia Kristeva (1994); no que se refere ao imigrante em terras distantes do país natal; Zygmunt Bauman (2004); para discorrer sobre as incertezas do relacionamento amoroso. Palavras-chave: Relação amorosa; Personagens; Valter Hugo Mãe

Referências: BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. COSTA, Maria Aparecida da. *A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo*, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge. Natal: EDUFRRN, 2015. ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Trad. de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. MÃE, Valter Hugo. *O apocalipse dos trabalhadores*. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017. PLATÃO. *O banquete: o simpósio do amor*. Tradução Jean Melville. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

UMA LEITURA DA PERSONAGEM EVITA/EVA LOPO EM A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE

Talia Cristiane Elias Brito

Resumo: Talia Cristiane Elias Brito (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) Maria Aparecida da Costa (Orientadora) Nosso trabalho tem por finalidade analisar a personagem Evita/Eva Lopo, do romance *A costa dos murmúrios* (2004), da escritora portuguesa Lídia Jorge. Percebemos que a personagem Evita passa por um processo de transformação em sua postura durante a narrativa, tendo em vista sua relação amorosa com o alferes Luís Alex. Podemos inferir que a mudança de nome da protagonista está de acordo com o momento transgressor da figura feminina. Observamos que o impasse existente entre as personagens se dá, sobretudo, pelas ideologias contextuais da cultura portuguesa, o que vem contribuir para enxergarmos a relação do casal não como um relacionamento amoroso, mas sim um contrato social, uma vez que se configura em um seio político truncado de relações de poder. Desse modo, buscamos trazer para o estudo uma análise sobre a maneira que Evita/Eva Lopo se posiciona diante do esposo Luís Alex; especificamente, entender como acontece a construção do relacionamento amoroso entre as duas personagens. Para tanto, nos apoiaremos nas teorias de Platão (2020), em *O banquete*, o qual aborda sobre o amor; Maria Aparecida da Costa (2014), que discorre sobre o amor no romance contemporâneo português; e Cristina Nehring (2012), teorizando sobre os aspectos que fazem parte do sentimento amoroso, bem como do relacionamento amoroso entre outros que se fizerem relevantes para o estudo.

Referências: COSTA, Maria Aparecida da. A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge. Natal: EDUFRRN, 2014. NEHRING, Cristina. Em defesa do amor. Tradução de Fátima Santos. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2012. PLATÃO. O banquete / Platão; Tradução de Maria Stephania da Costa Flores. – Jandira, SP: Principis, 2020.

AS FORMAS HUMANAS GROTESCAS EM MARIDO, DE LÍDIA JORGE E, UM CASACO DE RAPOSA VERMELHA, DE TEOLINDA GERSÃO

Tércia Costa Valverde

Resumo: Tanto em Marido quanto em Um casaco de raposa vermelha, percebemos a destreza poética de Lídia Jorge e Teolinda Gersão em se deslindar um dos aspectos mais complexos das fronteiras entre o humano, o animalesco e o inorgânico: o grotesco. Ambas as escritoras portuguesas contemporâneas tematizam a difícil tarefa de se manter o equilíbrio emocional diante das relações interpessoais e conjugais, como no caso do conto Marido, em que a protagonista é alvo de violência doméstica e, queimada pelo marido, se transforma em uma tocha incandescente, simbolizando a queima do amor, bem como no conto de Gersão, Um casaco de raposa vermelha, em que a personagem principal retorna à natureza primordial do humano, se entregando aos instintos e percepções oriundas do nosso lado fera, ou talvez, besta-fera. Tais críticas de relacionamento do grotesco no humano, presentes nas duas obras das referidas escritoras portuguesas, nos levam a entender que a narrativa contemporânea pode contribuir no processo de nossa autopercepção enquanto seres humanos que, em meio às atribuições da vida moderna, nos perdemos de nós mesmos. Em Marido, Lúcia, a porteira, clama pela atenção de seu marido, suplica aos céus que o mesmo a trate como “gente”. Em Um casaco de raposa vermelha, a empregada bancária precisou “se transformar” em uma raposa para também conseguir ser “gente”. Com estas duas belíssimas obras, faremos um diálogo crítico de entendimento do grotesco como instrumento de análise e autoconhecimento do humano, em meio aos conflitos do ser e estar na modernidade. Utilizaremos como suporte teórico as ideias de Kayser (1986), Sodré e Paiva (2014), Victor Hugo (2019), dentre outros

Referências: HUGO, Victor. Do grotesco e do sublime. Tradução Prefácio de Cromwell. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. KAYSER, Wolfgang. O grotesco: configuração na pintura e na literatura. São Paulo: Perspectiva, 1986. Sodré, Muniz e PAIVA, Raquel. O império do grotesco. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

FINISTERRA: PAISAGEM E POVOAMENTO OU COMO BRINCAR DE REVOLUÇÃO

Thalles Candal Reis Fernandes

Resumo: Finisterra: paisagem e povoamento se apresenta como um fechamento de ciclo na obra de Carlos de Oliveira ao revisitar, de alguma forma, seu primeiro romance Casa na duna. No entanto, também é a obra em que as insinuações de seu trabalho pregresso irrompem abruptamente nas páginas, e radicalizam-se a fragmentação estrutural, a imprecisão de enquadramento espaciotemporal e, principalmente, a indiferenciação dos elementos diegéticos, autorais e filológicos. As lacunas de forma e conteúdo se retroalimentam e se articulam harmonicamente pela ausência de uma percepção totalizadora da paisagem, dos personagens, do enredo, dos diálogos, da concatenação entre os capítulos, possibilitando jogar com a estrutura do romance. Não se pode nunca ver por completo a imagem formada pelo quebra-cabeça, ou a visão total do labirinto. Essa fragmentação reflete uma impossibilidade de totalização e ganha vulto e traços inéditos na obra de Carlos de Oliveira na “Nota final” de Finisterra, ao revelar que ela é produto de uma das várias combinações possíveis de velhos papéis dispersos em uma pasta. Essa informação modifica radicalmente a releitura do livro do fim para o início, estabelecendo-o como caleidoscópio, que, visto a cada leitura de um ângulo diferente, vê-se uma nova imagem, viabilizando um movimento que só o jogo pode realizar. Valendo-se das teses de Johan Huizinga, de que o elemento lúdico está presente na origem de toda tradição cultural da humanidade, e de Roger Caillois, de que as revoluções são mudanças nas regras do jogo da sociedade, este trabalho pretende ler Finisterra como um movimento constante de escritas e leituras diversas que rasga o véu material que rodeia a sociedade,

de maneira que o vagaroso mecanismo do mundo não restabeleça o equilíbrio moroso de sua monotonia: uma máquina orgânica de revoluções – ou, como prefiro, um jogo.

Referências: ALVES, Ida (Org.). Coisas desencadeadas: estudos sobre a obra de Carlos de Oliveira. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 2013. BARTHES, Roland. O rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. 3a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. CAILLOIS, Roger. Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. COELHO, Eduardo Prado. A palavra sobre a palavra. Porto: Portucalense Editora, 1972. DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2a ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. GOMES, António Martins. O jogo da verdade: perspectivas e materializações do olhar em Finisterra de Carlos de Oliveira. 1994. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses) – Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1994. HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. MARTELO, Rosa Maria. A construção do mundo na poesia de Carlos de Oliveira. 1996. 556 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1996. OLIVEIRA, Carlos de. Obras de Carlos de Oliveira. Lisboa: Caminho, 1992. SEIXO, Maria Alzira. A palavra do romance: ensaios de genologia e análise. Lisboa: Livros Horizonte, 1986. SERRA, Pedro. Romance & Filologia. Almeida Garrett, Eça de Queirós, Carlos de Oliveira. São Paulo: Nankin, 2004. SILVESTRE, Osvaldo Manuel. Slow Motion: Carlos de Oliveira e a Pós-Modernidade. Braga/Coimbra: Angelus Novus, 1995.

SIMPÓSIO “VIRGINIA WOOLF EM TRÂNSITO”

Ana Carolina de Carvalho Mesquita (FASM), Maria Rita Drumond Viana (UFOP) e Victor Santiago Sousa (UFAC)

“VIRGINIA”: A REPRESENTAÇÃO DE VIRGINIA WOOLF NO MONÓLOGO DE CLÁUDIA ABREU

Ana Carolina de Azevedo Guedes

Resumo: Esta apresentação visa analisar a representação da escritora Virginia Woolf (1882-1941) no monólogo “Virginia”, escrito e encenado por Cláudia Abreu em 2022. A peça se inicia no momento da morte de Woolf no Rio Ouse e traz momentos da vida a autora em um processo de rememoração e revisita momentos importantes da vida pessoal da autora. Considerando o material utilizado por Abreu como os volumes dos diários e escritos memorialísticos de Woolf, busco analisar as escolhas feitas pela atriz, observando as costuras feitas entre a personagem principal (Woolf) e seus interlocutores nas pessoas de seus familiares, também interpretados por Cláudia Abreu. Tendo em vista a manutenção do cenário minimalista e a inserção de elementos auditivos que levam a audiência ao fundo do rio e seus movimentos, proponho que o trabalho autoral interconecta as personas ali usando de uma costura (PINHO, 2017) urdida entre o pessoal e o profissional. Levando ao que se chama de “inventário íntimo”, Cláudia Abreu escreve a peça pretendendo “um recorte potente e amoroso de sua vida” (ABREU, 2022), abrindo possibilidades de pensar na ação de representação escolhida de uma autora para outra. Para a realização desse trabalho, serão mobilizados o texto da peça publicado em forma de livro, as entrevistas oferecidas pela dramaturga como material de divulgação. A proposta é costurar os textos de Cláudia Abreu com os textos autobiográficos de Woolf na busca de compreender como se deu essa escolha e discutir as escolhas representativas feitas por ela na construção de sua “Virginia”. É no entremeio do texto (levando em consideração a audiência), do espaço onde se dá a ação aliado à sonoridade do ambiente e, por fim da performance corporal que podemos observar como resulta a visão representacional de uma autora inglesa do século XX lida sob a ótica do século XXI.

Referências: ABREU, Cláudia. Virginia, um inventário íntimo. São Paulo: Editora Nós, 2022. BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. DETLOFF, Madelyn. The Value of Virginia Woolf, New York and Cambridge:

Cambridge University Press, 2016. PAVIS, Patrice. A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. São Paulo: Perspectiva, 2005. PINHO, Davi. Virginia Woolf costura à janela: em busca de uma textualidade andrógina. In: Davi Pinho; Fernanda Medeiros. (Org.). Literaturas de Língua Inglesa: leituras interdisciplinares, vol. 2. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, v. 2, p. 21-34. WOOLF, Virginia. Um esboço do passado. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora Nós, 2020. WOOLF, Virginia. Os Diários de Virginia Woolf. Volume I (1915-1918). Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora Nós, 2021. WOOLF, Virginia. Os Diários de Virginia Woolf. Volume II (1919-1923). Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora Nós, 2022.

A TRANSITORIEDADE DA VIDA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS ESPAÇOS OCUPADOS E DESOCUPADOS EM THE WAVES (1937) E O FILME GOLVEN (1982)

Anna Clara Paes Lima

Resumo: O constante movimento dos personagens em *The Waves* (1937), de Virginia Woolf, ultrapassa a concretude de suas ações ao encontrarem-se em trânsito, uma vez que suas consciências podem ser vistas em processo de descolamento de uns para os outros, mais também de si próprios no passado, no presente ou no futuro. A existência em si é efêmera e ao mesmo tempo que os protagonistas de Woolf se encontram fisicamente presentes em vagões de trem ou quartos de universidade, psicologicamente suas ausências é que são sentidas. O filme *Golven* (1982) adapta o livro de Woolf e busca compreender tais lugares como o são na narrativa de *The Waves*: vazios de corporeidade e preenchidos pela confluência de consciências que se fazem presentes. Dessa forma, David Trotter (2005) compreende que a entre muitos pontos de ligação entre Woolf e o cinema, a preocupação como o espaço é uma delas, cujo a coexistência de mentes precisa também ser uma coabitação ou, como no caso defendido em *The Waves* a desabitação quase total dos espaços como forma de demonstrar não a inexistência de consciências e sim a impossibilidade de tais mentes em manter-se apenas na possibilidade do presente. Logo, a traduzibilidade de *The Waves* da literatura para o cinema torna possível a averiguação de questões existenciais postas por Woolf em suas obras. Com a leitura de Walter Benjamin (1985), Maggie Humm (2002), David Trotter (2005), Patricia Marouvo (2020/2021) e Gilles Deleuze (2018) é possível traçar uma possível análise comparativa entre os espaços ocupados e desocupados entre o livro de Woolf e o filme holandês *Golven*.

Referências: BENJAMIN, Walter. Linguagem Tradução Literatura: Filosofia, teoria e crítica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. BRANCO, Lucia Castello (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. FAGUNDES, Patricia Marouvo. O Apelo das águas em *The Waves*. *Ipotese: Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 190-203, dez. 2020. FAGUNDES, Patricia Marouvo. Contornos da prosa modernista em *the waves*. *Matraga*, v. 27, n. 51, p. 627-637, set./dez. 2020. FAGUNDES, Patricia Marouvo. Uma poética hídrica em *The Waves*, de Virginia Woolf. Curitiba: Appris Editora, 2021. HUMM, Maggie. *Modernist Women and Visual Cultures: Virginia Woolf, Vanessa Bell, photography and cinema*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd., 2002. TROTTER, David. Virginia Woolf and Cinema. *Film Studies*, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 13-26, 2005. Manchester University Press. <http://dx.doi.org/10.7227/fs.6.2>. WOOLF, Virginia. *As Ondas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

VIRGINIA WOOLF EM OUTROS TRÂNSITOS NO ANTROPOCENO

Davi Pinho

Resumo: A crítica neomaterialista vem revelando como a literatura de Virginia Woolf desfaz binarismos de gênero ao mesmo tempo em que desafia o limite estabelecido no pensamento ocidental entre humano e não humano. Nessa operação dupla, Woolf se transforma em uma “teórica do antropoceno”, como afirma Peter Adkins no recém-publicado *The Modernist Anthropocene* (2022). Em diálogo com a crítica especializada, esta comunicação se debruçará sobre o conceito de *outside* e *outsider* na obra de Woolf a fim de explorar as maneiras pelas quais a escritora inglesa faz da identidade um ponto de partida para uma crítica mais ampla ao próprio conceito de humanidade. Se, em “Rumo a um feminismo decolonial”, María Lugones entende “a hierarquia dicotômica entre

o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial”, ler Woolf como teórica do antropoceno significa também explorar as maneiras pelas quais ela desafia a colonialidade do poder e do gênero. Para tal, é interessante criar novos trânsitos entre seu pensamento e as cosmovisões de outros outsiders que, como diz Ailton Krenak, entendem o fim do mundo antes como os últimos movimentos de um longo processo de colonização do que como o fim do antropoceno. Sem apagar as posições radicalmente distintas de onde enunciam suas resistências a um projeto de civilização centrado na ideia colonial (generificada e racializada) do “humano”, esta comunicação transitará por entre os diferentes loci de produção de Virginia Woolf, de seus intérpretes da virada neomaterialista, e de pensadores indígenas, como Ailton Krenak, para criar tensões produtivas em torno do conceito de antropoceno. Em última instância, indagaremos até que ponto, de seu lugar autodenominado de outsider no centro de um Império Britânico em declínio, Woolf interrompe o fluxo coerente do mecanismo civilizacional que separa os humanos de seus ecossistemas e sustenta práticas colonialistas de destruição.

Referências: Adkins, Peter. *The Modernist Anthropocene: Nonhuman Life and Planetary Change* in James Joyce, Virginia Woolf and Djuna Barnes. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022. Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Lugones, María. *Toward a Decolonial Feminism*. *Hypatia* 25, no. 4 (Fall 2010): 742-759. Woolf, Virginia. *A Room of One's Own and Three Guineas*, edited by Morag Shiach. Oxford: Oxford University Press, 2000. [1929] [1938]

FICÇÕES LEGÍTIMAS EM DISPUTA: UM ENCONTRO TEÓRICO-LITERÁRIO ENTRE VIRGINIA WOOLF E TONI MORRISON

Gabriel Leibold Leite Pinto

Resumo: Nesta comunicação pretendo colocar em debate a noção de “ficção legítima que normatiza determinadas relações familiares e patologiza outras” (RODRIGUES, 2020, p. 22), recuperada pela filósofa Carla Rodrigues a partir dos textos de Jacques Derrida enquanto uma discussão sobre o “fundamento místico da autoridade” (DERRIDA apud RODRIGUES, 2020, p. 22). Uma das linhas argumentativas que pretendo, portanto, desenvolver nesta comunicação parte do entendimento de que a normatização de certas relações familiares em detrimento de outras deve ser criticada enquanto discurso fundamentado e legitimado por uma epistemologia imperialista a qual situa a instituição familiar patriarcal heteronormativa como pedra fundacional da suposta “civilização” no binário civilização x barbárie. Dito isso, argumentarei de que maneira a literatura é, em potencial, campo de disputa da legitimidade dessas formas de ficção socialmente estabelecidas como status quo. Partindo, assim, do entendimento da escritora estadunidense, Toni Morrison, de que a casa patriarcal racializada que é limitada, segundo essas diretrizes supostamente legítimas, deveria ser redesenhada enquanto uma “casa aberta” (MORRISON, 1998, p. 4) em aliança com a compreensão da escritora inglesa, Virginia Woolf, de que as palavras de uma língua chegam até nós carregadas de “ecos, memórias, associações” passíveis de recombinações frutíferas (WOOLF, 1937, p. 5) é possível produzir um encontro entre ambas capaz de interrogar a homogeneidade das ficções legitimadas enquanto norma.

Referências: RODRIGUES, Carla. *Escritas - filosofia e gênero*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020. MORRISON, Toni. “Home”. IN: LUBIANO, Wahneema (org.). *The House that Race Built*. New York: Vintage Books, 1998. WOOLF, Virginia. *Craftsmanship – um passeio à volta das palavras* (1937). Trad. Cátia Sá. Acesso em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/05/cad34.pdf>.

MATIZES DE UM JARDIM: A TRAMA IMAGÉTICA DE WOOLF EM “KEW GARDENS”

Laís Rodrigues Alves Martins

Resumo: Virginia Woolf nutriu, ao longo de sua vida, uma tanto intensa quanto perene admiração pelas artes visuais, em especial a pintura. Impulsionada, primeiramente, por uma educação não formal, porém bastante abrangente e diversificada —, propiciada, sobretudo, por seu pai, o intelectual Leslie Stephen —, bem como, posteriormente, por discussões fomentadas pelo grupo de Bloomsbury, e inspirada por uma parceria artística com sua irmã, a pintora Vanessa Bell, Virginia

gradualmente passou a se valer de elementos oriundos da esfera pictórica em favor de seus escritos ficcionais e jornalísticos. Destarte, encontramos, tanto em sua seara contística quanto ensaística, uma ampla galeria de textos, os quais assumem matizes pictóricos, e que, portanto, permitem-nos traçar paralelos com a pintura, tais como as produções “Azul e verde”; “Retratos”; “O sol e o peixe”; “Anoitecer sobre Sussex: reflexões no interior de um automóvel” e “Kew Gardens”. Em face dessa perspectiva, a presente comunicação visa a investigar como se dá a elaboração do que aqui chamaremos de “tessitura pictórico-imagética de Virginia Woolf” no conto “Kew Gardens”, publicado em 1919. Partindo do pressuposto de que a autora se voltava intimamente às artes visuais, conforme sublinha a teórica Maggie Humm, na coletânea *The Cambridge Companion to Virginia Woolf* (2010), objetivamos ilustrar como Woolf se vale de elementos oriundos do âmbito pictórico com vistas a compor esse “conto cromático”, no qual alguns recursos, tais como cores, luzes, perspectivas, texturas e volumes se combinam de forma a traçar um inventivo “jardim composto de tintas” —, capaz de sensibilizar e de mobilizar quase toda a gama de sentidos do leitor-espectador desse “conto-quadro” —, bem como adquirem dimensões primordiais para a narrativa a qual enseja construir.

Referências: CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. *Valise de cronópio*. Trad. João Alexandre Barbosa e Davi Arrigucci Júnior. 2ª.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 147-163. GALVÃO, Walnice Nogueira. Cinco teses sobre o conto. In: _____. FILHO, Domício Proença. *O livro do seminário*. São Paulo: LR Editores Ltda., 1982, p. 167-172. GILLESPIE, Diane F. Virginia Woolf, Vanessa Bell and Painting. In: _____. HUMM, Maggie. *The Edinburgh Companion to Virginia Woolf and the Arts*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010. HARVEY, Benjamin. Virginia Woolf, Art Galleries and Museums. In: _____. HUMM, Maggie. *The Edinburgh Companion to Virginia Woolf and the Arts*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010. HUMM, Maggie. Virginia Woolf and visual culture. In _____. SELLERS, Susan. *The Cambridge Companion to Virginia Woolf*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. E-book. OLIVEIRA, Maria Aparecida de. *Concepção de arte de Virginia Woolf: entre a pintura e a escrita*. In: _____. NOGUEIRA, Nícea; OLIVEIRA, Maria Aparecida de; PINHO, Davi. *Conversas com Virginia Woolf*. Coleção X (Org. Rafael Haddock-Lobo). Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020. PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: _____. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. E-book. PUTZEL, Steven D. *Virginia Woolf and the theater*. Maryland: Fairleigh Dickinson University Press, 2012. RUOTOLO, Lucio P. Editor’s Preface. In: _____. WOOLF, Virginia. *Freshwater: a comedy*. [1923; 1935]. Flórida: Harcourt, 1976. SELLERS, Susan (Ed.). *The Cambridge Companion to Virginia Woolf*. 2ª ed Cambridge: Cambridge University Press, 2010. E-book. WOOLF, Virginia. *Kew Gardens*. In: _____. *A arte da brevidade: contos*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 99-119. _____. Foreword to *Catalogue of Recent Paintings by Vanessa Bell*. In: _____. *The Essays of Virginia Woolf*. 1933-1941. Vol. 6. Ed. Stuart N. Clarke. New York: Vintage Digital, 2017. E-book. _____. *A Writer’s Diary*. In: _____. *Virginia Woolf: The Complete Collection*, 2016. E-book. _____. *Anoitecer sobre Sussex: reflexões no interior de um automóvel*. In: _____. *O sol e o peixe: prosas poéticas*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. E-book. _____. *O sol e o peixe*. In: _____. *O sol e o peixe: prosas poéticas*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 77-83. E-book. _____. *O cinema*. In: _____. *O sol e o peixe: prosas poéticas*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. E-book. _____. Foreword to *Recent Paintings by Vanessa Bell*. In: _____. *The Essays of Virginia Woolf*. 1929-1932. Vol. 5. Ed. Stuart N. Clarke. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2010. _____. *Mrs. Dalloway*. Oxford: Oxford University Press, 2008. _____. *The Waves*. Introd. Gillian Beer. Oxford: Oxford University Press, 2008. _____. *Azul e verde*. In: _____. *Contos completos*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005. _____. *The Cinema*. In: _____. *The Essays of Virginia Woolf*. 1925-1928. Vol. 4. Ed. Andrew McNeillie. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1994. _____. Julia Margaret Cameron. In: _____. *The Essays of Virginia Woolf*. 1925-1928. Vol. 4. Ed. Andrew McNeillie. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1994. _____. *Kew Gardens*. In: _____. *The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf*. Ed. Susan Dick. 2ª ed. San Diego: A Harvest Book/Harcourt Brace & Company, 1989. _____. Introduction. In: _____. *The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf*. Ed. Susan Dick. 2ª ed. San Diego: A Harvest Book/Harcourt Brace &

Company, 1989, p. 1– 6. _____. Portraits. In: _____. The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf. Ed. Susan Dick. 2ª ed. San Diego: A Harvest Book/Harcourt Brace & Company, 1989. _____. The Mark on The Wall. In: _____. The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf. Ed. Susan Dick. 2ª ed. San Diego: A Harvest Book/Harcourt Brace & Company, 1989. _____. Pictures and Portraits. In: _____. The Essays of Virginia Woolf. 1919-1924. Vol. 3. Ed. Andrew McNeillie. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1988. _____. Moments of Being. (Ed.) Jean Schulkind. London: The Hogarth Press, 1985. _____. The Diary of Virginia Woolf. 1925-1930. Vol 3. Ed. Anne Olivier Bell & Andrew McNeillie. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981. _____. The Sun and the Fish. In: _____. The Captain's Death Bed and Other Essays. London: Harcourt, 1978. _____. The Letters of Virginia Woolf. 1912-1922. Vol 2. Ed. Nigel Nicolson & Joanne Trautmann. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1976. _____. Craftsmanship. In: _____. The Death of the Moth and Other Essays. Ed. Leonard Woolf. London: The Hogarth Press, 1942.

FEAR NO MORE THE PRESENCE OF SHAKESPEARE

Leonardo Berenger Alves Carneiro

Resumo: A obra de William Shakespeare (1564-1616) se faz presente por meio de citações, alusões, adaptações e apropriações nas mais diversas expressões artísticas. Quando pensamos no gênero romanesco, o Bardo comparece desde as obras de Fielding à prosa contemporânea. Neste sentido, é objetivo desta comunicação analisar a presença de Shakespeare na obra de Virginia Woolf (1892-1941), com interesse particular no trânsito que se faz explícito entre a peça tardia *Cymbeline* (1611) e o romance *Mrs Dalloway* (1925). No romance de Woolf, a alusão direta a *Cymbeline* ("Fear no more the heat o' the sun", IV, ii) se conecta ao uso de imagens de natureza que aparecem ao longo do romance. Os personagens mais ligados à natureza, Clarissa e Septimus, também são os que mais reagem à poesia e refletem com mais frequência sobre a morte e seu lugar no mundo. O "calor do sol" pode aparecer como algo maravilhoso, como a paixão. Clarissa descreve o amor romântico como um fósforo queimando. O calor também pode consumir, porém, e Septimus, mentalmente ferido pelos horrores da guerra, sente que o mundo vai explodir em chamas, em um fogo que não pode mais ser contido. Seja maravilhoso ou mortal, o calor do sol é constante e algo que todos devem suportar.

Referências: SANDERS, Julie. *Adaptation and Appropriation*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2007.

ENTRE JUDITH SHAKESPEARE E "ANON": A VOZ NARRATIVA DISRUPTIVA EM ENTRE OS ATOS, DE VIRGINIA WOOLF

Lucas Leite Borba

Resumo: Virginia Woolf, tanto na sua produção ensaística quanto literária, pensou sobre os possíveis passados das mulheres a fim de romper com as versões oficiais da história falocêntrica, gerando uma miríade de personagens e artifícios literários costurados tanto em suas produções ficcionais, quanto nos seus ensaios. A criação de Judith Shakespeare, por exemplo, em *Um teto todo seu* (1929), para pensar o passado das mulheres enquanto artistas, ao mesmo tempo que denuncia o privilégio dos homens aos custos da submissão feminina. Além disso, o ensaio revela como a literatura pode ser um espaço de questionamento para Woolf, no qual ela se esforçou para se libertar das normas do mundo dominado pelos homens. Em "Anon", capítulo de um ensaio não finalizado, editado por Silver (1979), Virginia Woolf pensa sobre a canção original do mundo natural, da qual adveio a literatura, que representaria a voz unificada, de uma comunidade, sendo anônima por não pertencer a uma pessoa só. Makiko Minow-Pinkney (1981), por sua vez, refere-se à Srta. La Trobe, personagem do romance *Entre os atos* (1941), como uma anon moderna. Srta. La Trobe é uma artista, criadora do pageant que norteia a diegese do romance e sua perspectiva da história inglesa foge às representações imperiais; ela observa o passado a partir da arte, estabelecendo uma lente de leitura divergente para vislumbrar uma versão da história que fora massacrada pelas instituições patriarcais. Portanto, ao longo desse trabalho, visamos aprofundar as pontes entre o capítulo do ensaio não finalizado de Woolf e seu último romance, além de analisar os aspectos subversivos, estéticos e

políticos, da revisão histórica de Virginia Woolf, à luz da crítica feminista de Guber e Gilbert (2020), Cixous (1976), Moi (1991) e Woolf (2014).

Referências: CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Medusa. Tradução de Keith Cohen e Paula Cohen. Chicago Journals, Chicago, v. 1, no. 4, p. 875 – 893, 1976. GILBERT, Sandra M; GUBAR, Susan. The Madwoman in the Attic. New York: Yale University Press, 2020. MOI, Toril. Sexual Textual Politics. London: Routledge, 1991. OLIVEIRA, Maria Aparecida de. Representações do feminino na obra de Virginia Woolf. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. PINHO, Davi. Virginia Woolf costura à janela: em busca de uma textualidade andrógina. In: PINHO, D. MEDEIROS, F. (org) Literaturas de Língua Inglesa: leituras interdisciplinares. Vol. II. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. SILVER, Brenda R. "'Anon' and 'The Reader': Virginia Woolf's Last Essays." Twentieth Century Literature, vol. 25, no. 3/4, 1979, pp. 356–441. WOOLF, Virginia. Between the Acts. New York: Harcourt, 2008. _____. Entre os atos. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. _____. Ficção moderna. In: Mulheres e ficção. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2019. _____. Mr. Bennett and Mrs. Brown. In. Selected Essays. New York: Oxford University Press, 2009. _____. On Re-reading novels. In WOOLF, Virginia. The Moment and Other Essays. Musaicom Books, 2017. _____. The character in fiction. In. Selected Essays. New York: Oxford University Press, 2009. _____. Um teto todo seu. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

DE BETWEEN THE ACTS AO FEMINISMO CONTEMPORÂNEO: O FRACASSO E SUA FORÇA POLÍTICA

Marcela Filizola

Resumo: Esta comunicação se propõe a pensar a noção de fracasso elaborada por Verónica Gago em A potência feminista (2019), em diálogo com Gayatri Spivak (2010), a partir da dramaturga Miss La Trobe e de sua peça teatral [pageant] no último romance de Virginia Woolf, Between the Acts, de 1941. Ao considerar o espaço da assembleia e esse instante de fracasso e de “não fazer” coletivo, a teórica argentina elabora uma nova epistemologia política que parece ecoar com a narrativa de Woolf. Em seu espetáculo, Miss La Trobe reconta “cenários da história da Inglaterra” (2008 [1941]) e podemos nos perguntar de que modo a personagem marginal, abertamente lésbica, que talvez não seja “inglesa pura”, nos ajuda a refletir sobre outra possibilidade de linguagem. Diante da Segunda Guerra Mundial e de uma “situação de não saber o que fazer”, como o romance de Woolf “abre espaço para um pensamento comum” (2020), tal qual sugere Gago, mas também um pensamento deslocado da lógica patriarcal? Nesta apresentação, eu gostaria de aproximar a figura de Miss La Trobe com seu alto-falante tanto do movimento sufragista na Inglaterra quanto dos movimentos feministas contemporâneos, procurando pensar uma outra ideia de greve proposta por Gago em sua leitura de feminismos contemporâneos.

Referências: GAGO, Verónica. A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo. São Paulo: Elefante, 2020. SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. WOOLF, Virginia. Entre os atos. E-book. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2008 [1941].

WOOLF, ECOFEMISMO E ESCRITORAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Maria Aparecida de Oliveira

Resumo: Pensando na ideia de trânsito entre diferentes culturas, línguas e nacionalidades proposta pelo simpósio, essa comunicação tem como objetivo trazer o ecofeminismo em diálogo com Woolf e as escritoras indígenas brasileiras. Atualmente, no Brasil, há muitas lideranças femininas na arena política, Sônia Guajajara que se candidatou como vice-presidente em 2018, hoje atua como ministra dos Povos Originários; Eliane Potiguara é escritora, ativista e luta pelos direitos humanos dos povos indígenas; Txai Suruí é uma jovem líder fundadora do Movimento Indígena de Rondônia, estudante de Direito, foi a primeira Brasileira a falar na abertura da Conferência do Clima em Glasgow de 2021. Celia Nunes Correa, conhecida como Celia Xakriabá, é poeta e líder indígena. O principal argumento é entender a escrita indígena como um novo tipo de epistemologia, que desafia o poder masculino e a sociedade capitalista e patriarcal, em busca por justiça ambiental, igualdade e direitos humanos. Pensando em novos tipos de epistemologia que possam dar conta das crises ambientais que enfrentamos atualmente, é possível perceber que as vozes indígenas entendem que suas existências

são fundamentais pela proteção do meio ambiente, enquanto o governo fascista capitalista único interesse é dizimar a população indígena para extrair petróleo, minerais e madeira para exportação. Ao mesmo tempo que o governo fascista é culpado pela devastação da floresta, não se pode esquecer que o mundo global capitalista é envolvido no maquinário da exploração dos recursos naturais. Para entender esse contexto, essa comunicação tem como objetivo conectar o ecofeminismo com Virginia Woolf e as escritoras indígenas e estará embasado nas ideias de Karen J. Warren, Rebecca Pearse e Raewyn Connell, in *Gender: A Global Perspective* e Bonnie K. Scott.

Referências: Connell, R.; Pearse, R. (2015), *Gênero: uma perspectiva global*, translated by Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015. Scott, Bonnie. (2012), *In the Hollow of the Wave. Virginia Woolf and Modernist Uses of Nature*. Charlottesville: University of Virginia Press. Warren, K. (2000), *Ecofeminist Philosophy. A Perspective on What it is and Why it Matters*, Maryland: Rowman & Littlefield. Woolf, V. [1929] [1938] (2000), *A Room of One's Own and Three Guineas*, Oxford: Oxford University Press. Woolf, V. [1933] (1978), 'The Novels of Turgenev', in V. Woolf, *The Captain's Deathbed and Other Essays*, London: Harcourt Brace Jovanovich, pp. 53-61. Woolf, V. [1940] (1975), 'The Leaning Tower', in V. Woolf, *The Moment and Other Essays*, London: Harcourt Brace Jovanovich, pp. 128-154.

O CALEIDOSCÓPIO DA VIAGEM DE CARRO COMO METÁFORA PARA O TRÂNSITO DE WOOLF EM TRADUÇÃO NO BRASIL

Maria Rita Drumond Viana

Resumo: No verão de 1927, Virginia e Leonard Woolf conseguem comprar seu primeiro carro, um Singer usado, que apelidaram de "Guarda-Chuva". Em seu diário, Woolf descreve suas primeiras viagens no automóvel: "O que eu gosto, ou uma das coisas de que gosto, em andar de carro é a sensação de iluminar por acaso, como um viajante que toca outro planeta com a ponta do pé, cenas que teriam seguido, sempre seguiram, & irão seguir sem registro, a não ser por esse vislumbre inesperado. Então é como se eu recebesse autorização para ver o coração do mundo descoberto por um instante. Ocorre-me que o hino entoado nos baixios se passou exatamente no tempo de Cromwell" (WOOLF, 1980/2023). A entrada ressalta algumas das possibilidades do deslocamento em um carro: diferentemente do trem que segue o caminho pré-determinado dos trilhos e os horários estabelecidos pela companhia e afixados em tabelas nas estações, as paradas não-planejadas do carro podem levar ao desconhecido, hiperbolicamente longe em termos espaciais e temporais. No quarto volume de sua autobiografia, Leonard também descreve o efeito das longas viagens de carro pelo continente europeu: "Costumava dizer que ela era como uma baleia que deixava a água do mar fluir por sua boca, filtrando, para seu uso, a fauna e a flora comestível dos mares. Virginia filtrava e reservava em sua mente esses sons e paisagens, ecos e visões, que meses depois tornariam-se alimento para sua imaginação e sua arte. Isso e o próprio mecanismo e caleidoscópio da viagem eram fonte de intenso prazer, uma mistura de júbilo e relaxamento" (p. 178, tradução minha). Essencial para a comparação de Woolf com a baleia é, novamente, a questão vetorial do fluxo e diferentes filtros. Nesta comunicação, explorarei a metáfora do trânsito para pensar a presença de Virginia Woolf em tradução no Brasil.

Referências: WOOLF, Leonard. *Downhill all the way*. Londres: Hogarth Press, 1967. WOOLF, Virginia. *Diários*: vol. 3. Trad. Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Nós, 2023 (no prelo).

DIMENSÕES AUTOBIOGRÁFICAS NAS OBRAS DE VIRGINIA WOOLF E HÉLÈNE CIXOUS: REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS E COLETIVAS DE UM "EU" FEMININO E NÃO AUTORAL

Mariana Muniz Pivanti

Resumo: Esta comunicação pretende dialogar sobre como a autora britânica Virginia Woolf e a escritora e pensadora argelina Hélène Cixous engendram o discurso autobiográfico em suas escritas de vida. Busca-se argumentar que ambas as autoras se afastam da representação autoral, individual e teleológica das autobiografias tradicionais em favor de um "Eu" múltiplo e subjetivo, capaz de acessar memórias históricas e coletivas através de experiências pessoais. Para tanto, observa-se

como Woolf e Cixous ultrapassam o conceito de “Pacto Autobiográfico” do teórico francês Phillippe Lejeune, uma vez que constroem um “Eu” não autoral e impessoal em nome de múltiplas subjetividades em suas narrativas. Entretanto, tal afirmação não significa dizer que as autoras não representam experiências pessoais em suas obras de escrita de vida. Ao contrário, tenta-se demonstrar, nesta fala, que as vivências materiais, corporificadas e femininas são fundamentais para a construção do “Eu” coletivo de Woolf e Cixous. Além disso, argumenta-se aqui que o “Eu” não autoral de ambas se opõe ao “Eu” autobiográfico masculino e tradicional, calcado no discurso filosófico e científico da sociedade patriarcal ocidental, através de uma narrativa não linear que se funda nas ambiguidades e nas memórias fugidias e subjetivas de sujeitos fragmentados que se opõem às certezas de um discurso cartesiano. Dessa forma, recorre-se, nesta fala, a obras como “A Sketch of the Past” (1976), “Three Guineas” (1938) e “The Sun and the Fish” (1928), de Woolf, e “Le Livre de Promethea” (1983) e “Savoir” (1998), de Cixous, para demonstrar como ambas as autoras foram capazes de criar um “Eu” que, na verdade, diz “Nós”.

Referências: CIXOUS, Hélène. *The Book of Promethea*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991, [1983]. CIXOUS, Hélène. *Savoir*. In: Veils. Cixous, H. Derrida, J. Stanford: Stanford University Press, 2001, [1998]. LEJEUNE, Phillippe. *O Pacto Autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, [1975]. WOOLF, Virginia. *A Sketch of the Past*. In: *Moments of Being*. New York: Mariners Books, 1976. WOOLF, Virginia. *The Sun and the Fish*. In: *The Captain's Deathbed and Other Essays*. Orlando: Harcourt Brace Javanovich, 1978, [1928]. WOOLF, Virginia. *Three Guineas*. In: Woolf, V. *A Room of One's Own and Three Guineas*. London: Penguin Books, 2019, [1938], p. 116 – 365 .

ENTRE CADERNOS MANUSCRITOS E LIVROS EDITADOS: OS CAMINHOS DOS DIÁRIOS DE VIRGINIA WOOLF

Marília Dantas Tenório Leite

Resumo: Virginia Woolf manteve diários durante uma parcela significativa de sua vida, e esse material tem sido matéria de um crescente interesse acadêmico. Dada a fragilidade dos originais manuscritos, processos como microfilmagem, digitalização e publicação de edições em formato de livro têm sido feitas desde 1953, quando Leonard Woolf publicou pela Hogarth Press o volume intitulado *A Writer's Diary: being excerpts from the diary of Virginia Woolf*, editado por ele mesmo. Ao passo em que reproduzir e disponibilizar os diários em outras mídias além do manuscrito os torna potencialmente acessíveis a um maior número de pessoas, deve-se reconhecer que o processo também é responsável por transformações nos textos (HENDERSON, 2019). Assim, oferecendo um panorama dos caminhos possíveis para acessar os diários de Woolf e enfocando especificamente as edições de Anne O. Bell e Andrew McNeillie, publicadas entre 1977 e 1984, e as de Carolina Mesquita (2021; 2022), em tradução para o português brasileiro, o objetivo deste trabalho é justamente analisar como o formato livro transforma os diários. Para isso, são avaliadas as escolhas editoriais e a inclusão de elementos como título, prefácio, notas de rodapé e índice, apresentando reflexões sobre como as partes que compõem o livro, assim como o papel que essas partes desempenham (DUNCAN; SMYTH, 2019), oferecem possibilidades e limitações para os escritos diarísticos inicialmente registrados em cadernos autógrafos.

Referências: DUNCAN, Dennis; SMYTH, Adam (ed.). *Book Parts*, Oxford: Oxford University Press, 2019. HENDERSON, Desirée. *How to Read a Diary: Critical Contexts and Interpretive Strategies for 21st Century Readers*. London: Routledge, 2019. WOOLF, Virginia. *Os diários de Virginia Woolf: Diário I – 1915-1918*. Tradução: Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Nós, 2021. WOOLF, Virginia. *Os diários de Virginia Woolf: Diário II - 1919-1923*. Tradução: Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Nós, 2022. WOOLF, Virginia. *The Diary of Virginia Woolf Volume one*. Editado por Anne O. Bell. New York: Harcourt, 1977. WOOLF, Virginia. *The Diary of Virginia Woolf Volume two*. Editado por Anne O. Bell e Andrew McNeillie. New York: Harcourt, 1980. WOOLF, Virginia. *The Diary of Virginia Woolf Volume three*. Editado por Anne O. Bell e Andrew McNeillie. New York: Harcourt, 1983. WOOLF, Virginia. *The Diary of Virginia Woolf Volume four*. Editado por Anne O. Bell e Andrew McNeillie. New York: Harcourt, 1983. WOOLF, Virginia, and Anne O. Bell. *The Diary of Virginia Woolf Volume five*. Editado por Anne O. Bell e Andrew McNeillie. New York: Harcourt, 1985.

SHAKESPEARE, COMO GRANITO E ARCO-ÍRIS, EM ORLANDO, DE VIRGINIA WOOLF

Nícea Helena de Almeida Nogueira

Resumo: Tanto nos ensaios críticos como nos romances, Shakespeare se faz presente na escrita de Virginia Woolf constantemente. Há décadas, a crítica especializada em Woolf se debruça sobre as menções ao bardo de forma a comprovar o quanto sua obra foi determinante na formação da escritora em uma infundável ausência-presença. Não foi apenas para mostrar erudição ou apego à literatura elisabetana que Woolf conversava com Shakespeare em seus textos, mas para estabelecer um diálogo que permitisse atualizar e moldar o seu próprio projeto literário. Assombrada e entusiasmada pelo gênio do poeta, Woolf o transporta para as páginas de seu romance *Orlando* (1928) e promove um encontro acidental entre ele e seu protagonista ainda no século XVI. O objetivo desta comunicação é analisar os efeitos dessa presença, enquanto dramaturgo ancorado na história e, portanto, real (granito) e o personagem de ficção (arco-íris) – recorrendo à metáfora woolfiana – em uma das mais famosas biografias ficcionais do Modernismo inglês e destacar a “possibilidade radical de ‘ocupar’ Shakespeare”, conforme Davi Pinho (2021). As peças *Macbeth*, *Othello* e *Como você gosta* também figuram em *Orlando*, assim como o personagem Nick Greene, baseado em um contemporâneo de Shakespeare e que iria reaparecer, um ano depois, na escrita de Woolf no ensaio *Um teto todo seu* (1929). Shakespeare está, em *Orlando*, envolto em mistério, como um fantasma que não se vê e como um personagem do qual não se fala, é apenas pressentido.

Referências: DE GAY, Jane. *Virginia Woolf's novels and the literary past*. Edinburgh: Edinburgh UP, 2006. DICKSON, Andrew. *As you like it*. In: _____. *The Globe guide to Shakespeare*. London: 2016. p. 29-42. PINHO, Davi. O fantasma de “Shakespeare” em Virginia Woolf. In: MEDEIROS, Fernanda; LEÃO, Liana de Camargo (orgs.). *O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 507-518. TRAUB, Valerie. Gênero e sexualidade em Shakespeare. In: GRAZIA, Margreta de; WELLS, Stanley. *The Cambridge Companion to Shakespeare*. Cambridge: CUP, 2001. p. 129-146. WOOLF, Virginia. *Orlando: a biography*. Edited by Rachel Bowlby. Oxford: Oxford University, 1992. (Oxford World's Classics). Kindle. WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Tradução Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

UM TETO OU UM QUARTO: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA

Roberta Cantarella

Resumo: A partir da perspectiva da Literatura Comparada, este trabalho tem o objetivo de refletir sobre o espaço físico e metafórico do lar, da casa ou mesmo do quarto no olhar de duas mulheres escritoras: Virginia Woolf e Carolina Maria de Jesus. Este estudo tem como base o livro de coletânea de ensaios “Um teto todo seu” (1929) da escritora inglesa Virginia Woolf; e o diário íntimo “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (1960), da brasileira Carolina Maria de Jesus. É importante ressaltar que o acesso à uma moradia é um direito previsto desde o surgimento da propriedade privada, marcado pela promulgação da Carta Magna da Inglaterra em 1215, até a Constituição Federal do Brasil de 1988. Relacionando literatura e direito, será ponderado o acesso à moradia, com em especial atenção à perspectiva das mulheres, em três momentos: década de 1920, década de 1950 e a atualidade, por meio das leis e de textos representativos das lutas sociais. Para esta análise, Helene (2019) e Bueno (2018) irão contribuir para a discussão sobre a moradia e Spivak (2010) e Ribeiro (2017) irão colaborar para o estudo das reflexões de Virginia Woolf e Carolina Maria de Jesus sobre o espaço de fala de resistência das escritoras.

Referências: BUENO, C. F. ; STOCHERO, A. . O Direito de morar na sala de visitas: a situação habitacional através da obra “Quarto de Despejo”. In: VII CIDIL- Colóquio Internacional de Direito e Literatura, 2019, Belo Horizonte. ANAIS DO VII CIDIL ? NARRATIVAS E DESAFIOS DE UMA CONSTITUIÇÃO BALZAQUIANA, 2018. Disponível: <https://periodicos.rdl.org.br/anacidil/article/view/511> Acesso 08 jan. 2023. JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria*. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda, 1961. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática, 2019. HELENE, Diane. Gênero

e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. Cad. Metrop., São Paulo: v. 21, n. 46, pp. 951-974, set/dez 2019. Pinheiro Silva, T., Garcia, D., Lopes-Flois, L., & Sousa, L. (2019). Palavra de mulher: Virgínia Woolf em “Um teto todo seu”. Revista Desenredo, 15(2). Recuperado de <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9083> RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017. SPIVAK, G. Pode o Subalterno Falar?. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010. WOOLF, Virginia. A arte do romance. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019. WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres e outros artigos feministas. Porto Alegre: L&PM, 2018. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Trad.: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

CLARISSA DALLOWAY E CLARISSA VAUGHAN: A BUSCA PELA AUTONOMIA

Tainá Dias de Castro e Natália Fontes De Oliveira

Resumo: Esta pesquisa analisa as obras Mrs Dalloway de Virginia Woolf e As Horas de Michael Cunningham, visando o estudo da autonomia nas personagens Clarissa Dalloway e Clarissa Vaughan, para investigar como estas protagonistas moldam suas subjetividades através de uma análise do contexto sócio histórico e cultural de cada uma. Entendendo que o tempo é um personagem marcantes na trajetória das personagens, é necessário compreender como este age na vida destas mulheres, identificando suas relações com espaços público e privados, discriminando o lugar da moralidade em suas vidas e como a sexualidade é um traço fundamental nas suas identidades. Como metodologia para este estudo utilizamos um arcabouço teórico pautado no estudo da crítica literária feminista e estudos de gênero, tais como Woolf (2014); Birolli (2013) e De Lauretis (2019), bem como os estudos de literatura comparada e literatura de expressão inglesa de obras literárias de diferentes épocas e com características semelhantes, assim como os objetos de estudo desta pesquisa. Assim, pretende-se realizar, para além de uma comparação entre as ambas personagens, uma análise de contexto e como estes possuem influência sobre as personagens, principalmente no que diz respeito a autonomia feminina e como as conquistas obtidas por ambas personagens são diretamente ligadas as suas escolhas e delineamentos da vida.

Referências: BADINTER, Elizabeth. O mito do amor materno. As distorções entre o mito e a realidade. Cap. 3. 1985. BIROLI, Flávia. Autonomia e desigualdades: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013. BRAITH, Beth. A personagem. 2.a edição. São Paulo: Ática, 1985. CUNNINGHAM, Michael. As Horas. Porto: Público Comunicação Social S.A., 1998 DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. de. (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. pp. 121-156. DUARTE, Maria de Deus. A Story With a Twist: Cunningham responde a Woolf – Mrs Dalloway e The Hours. Parte II. 141 – 154, 2006. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4225.pdf> Acesso em: 03/05/2018, às 17:45. PETTERLE, Andiara. O tempo das horas-um ensaio sobre o tempo nas narrativas de Mrs. Dalloway e de As horas. Caligrama (São Paulo. Online), v. 1, n. 3, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56680>. Acesso em: 03/05/2018, às 18:03. SILVA, Carlos Augusto Viana da. Mrs. Dalloway e a reescritura de Virginia Woolf na literatura e no cinema. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11212/1/Tese%20Carlos%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 03/05/2018, às 17:20. WOOLF, Virginia. Mrs Dalloway. Tradução Mário Quintana; Apresentação Marília Gabriella. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. _____. Um teto todo seu. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

O GRUPO DE BLOOMSBURY E O DEBOCHE MODERNISTA

Victor Santiago Sousa

Resumo: Pensar no formalismo do Bloomsbury Group implica pensar também no modo como aqueles artistas e amigos se comportavam em relação ao pensamento e aos papéis sociais asfixiantes que objetivavam violar e transgredir, bem como colocar em xeque seus próprios debates embrionários que foram herdados pelos homens intelectuais que estudaram em Cambridge (PINHO,

2015). Além de esses debates terem ganhado contornos feministas com a presença das irmãs Vanessa Bell e Virginia Woolf (Cf. GOLDMAN, 2004, p. 40), deve-se levar em conta também as práticas dos Bloomsberries, suas controvérsias sexuais e artísticas, suas sátiras performáticas e brincadeiras como portas de acesso ao avant-garde, tal qual definido por Jane Goldman: interferências performáticas a fim de reenquadrar práticas sociais e políticas (GOLDMAN, 2004, p. 48). Desse modo, é objetivo desta comunicação refletir acerca das dinâmicas de produção intelectual do Bloomsbury Group a partir das brincadeiras, performances, embustes e experimentos que realizaram como formas de crítica ao Império e às verdades estanques do pensamento ocidental no que tange a questões de classe, gênero e raça. Além da amadora performance de *Freshwater: a Comedy* (WOOLF, 1935), que conjugou os mundos público e privado com piadas internas e riso solto a fim de criticar os ditames da era vitoriana, serão trazidas à baila outras performances controversas, tal como o hilário *Dreadnought Hoax* (Cf. FARFAN, 2004), uma significativa afronta ao Império. A comicidade e o deboche dos amigos de Bloomsbury distorcem suas próprias imagens como intelectuais e os colocam em um trânsito imaginativo que afirma a diferença e promove exercícios de alteridade, posto que, se eles são vítimas de suas próprias brincadeiras, a ideia de uma produção intelectual sofisticada é também colocada à prova. O riso solto de Bloomsbury questiona construções sociais e políticas, estabelecendo um diálogo ambíguo entre seriedade, comicidade e transgressão artísticas (Cf. SANTIAGO, 2022).

Referências: FARFAN, Penny. *Women, Modernism, and Performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. GOLDMAN, Jane. *Modernism, 1910-1945, Image to Apocalypse*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2004. PINHO, Davi. *Imagens do feminino na obra e vida de Virginia Woolf*. Curitiba: Appris, 2015. SANTIAGO, Victor. *Freshwater: uma comédia de Virginia Woolf – uma farsa modernista em tradução*. 2022. 277f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. WOOLF, Virginia. *Freshwater: A Comedy*. Arte de Edward Gorey. Edição e Prefácio de Lucio P. Ruotolo. Nova York: Harcourt, 1976. [1923; 1935].

CRIAÇÃO, LUTO E MEMÓRIA: A ESCRITA DIARÍSTICA NO GAME THE LAST OF US – PART II

Yann Dias da Silva Maia

Resumo: Os cadernos íntimos de uma escritora nos revelam mais do que a vida daquela que tenta a sua conciliação com a criação literária, eles revelam também as investigações que parecem considerar as nuances quase indistintas entre corpo, criação e biografia de uma autora. Essa noção nos indica que a escrita diarística pode ser entendida como uma ferramenta que auxilia a desvendar um pouco da natureza desta investigação realizada pelas escritoras, pois ela media a ficção e a não-ficção (GIORDANO, 2016), permitindo-nos estabelecer análises que relacionem as representações do gesto criador de mulheres (WOOLF, 2014) e as próprias experimentações estéticas das autoras. Dessa forma, esta comunicação pretende contribuir com essa investigação, lançando um olhar sobre a representação da escrita diarística nos videogames, a partir dos cadernos da personagem Ellie Williams, do jogo *The Last of us – Part II* (2020), em diálogo com os diários de Sylvia Plath (2017) e de Virginia Woolf (2021). Para isso, analisaremos a escritura de diários, levando em consideração sua capacidade de servir como um dispositivo de experimentação estética que condensa expressão, intenção, a vida e a obra de uma autora (COMPAGNON, 2010). Também é de nosso interesse investigar a experiência do luto (FREUD, 2013) como um elemento propulsor do depuramento e melhoramento de si, propiciado pelo caráter memorialístico deste tipo de escrita (BLANCHOT, 2011). Por fim, cabe ainda discutirmos a noção de paratextos (GENETTE, 2009) dentro dos videogames, uma vez que os diários apresentam-se como um texto suporte que auxilia na ampliação da narrativa central do jogo, quando exploram a subjetividade da personagem por meio da criação artística fazendo com que o pacto entre o jogador e o avatar, e por consequência o caráter de imersão dos jogos, seja contestado.

Referências: AARSETH, Espen J.. *Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature*. Johns Hopkins University Press, 1997. ANDERSON, Karoline A.. *Moral distress in The Last of Us: Moral agency, character realism, and navigating fixed gaming narratives*. Disponível em: <

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2451958821001111?via%3Dihub>>. Acesso em 18 de set. de 2022. BANFI, Ryan. Ellie's Journal: Para-Narratives in The Last of Us Part II. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/363151458_Ellie%27s_Journal_Para-Narratives_in_The_Last_of_Us_Part_II>. Acesso em 16 de set. de 2022. BEIL, Benjamin; FREYERMUTH, Gundolf S.; SCHMIDT, Hanns Christian. Paratextualizing Games: Investigations on the Paraphernalia and Peripheries of Play. Disponível em: <<https://apps.crossref.org/coaccess/coaccess.html?doi=10.14361%2F9783839454213>>. Acesso em 16 de set. de 2022. BLANCHOT, Maurice. O espaço literário. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. _____. O livro por vir. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. COMPAGNON, Antoine. O demônio da Literatura. Editora UFMG, 2010. DERRIDA, Jacques. Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. DURÃO, Fabio Akcelrud. Metodologia de Pesquisa em Literatura. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2020. FERRANTE, Elena. Frantumaglia: os caminhos de uma escritora. Tradução de Marcello Lino. 1ª edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. GÉRARD, Genette. Paratextos editoriais. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. _____. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva voz, 2010. GIORDANO, Alberto. A senha dos solitários: diários de escritores. Tradução de Rafael Gutiérrez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016. MENDONÇA, Fernando. O diário em abismo: notas sobre a composição romanesca de André Gide. Disponível em: <https://document.onl/documents/o-diario-em-abismo-notas-sobre-a-composicao-resumo-publicado-apos-o-romance.html?page=1>. Acesso em 24 de set. de 2022. MESQUITA, Ana Carolina. Apresentação. In: WOOLF, Virginia. São Paulo: Editora Nós, 2021. O'RIORDAN, Kate. "Playing with Lara in virtual space" in MUNT, S.R. (Ed.) Technospaces: Inside the new Media. London: Continuum, 2001. PLATH, Sylvia. Os diários de Sylvia Plath: 1950-1962. Organização de Karen V. Kukil. Tradução de Celso Nogueira. 2ª edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017. SARTRE, Jean-Paul. Que é Literatura? Rio de Janeiro: Vozes. 2015. SIGMUND, Freud. Luto e melancolia. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. ŠVELCH, Jan. Paratextuality in Game Studies: A Theoretical Review and Citation Analysis. Disponível em: < http://gamestudies.org/2002/articles/jan_svelch>. Acesso em 16 de set. de 2022. TAVARES, Gonçalo M. Atlas do Corpo e da Imaginação. Alfragide: Editorial Caminho, 2013. TAVINOR, Grant. The art of videogames. Chichester: Wiley-Blackwell. 2019. THE LAST OF US – PART II. Naughty Dog, 2020. 1 jogo eletrônico. THE LAST OF US WIKI. The last of us wiki. Disponível em: <https://thelastofus.fandom.com/wiki/The_Last_of_Us>. Acesso em: 12 de set. de 2022. TRAPIELLO, Andrés. El escritor de diários. Disponível em: < https://biblioteca.unedteruel.org/la_biblioteca_recomienda/391.pdf>. Acesso em 15 de set. de 2022. UNAMUNO, Miguel de. Como escrever um romance. Tradução de Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações, 2011. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1ª edição. São Paulo: Tordesilhas, 2014. _____. Os diários de Virginia Woolf: uma seleção [1897-1941]. Organização e posfácio de Flora Süssekind. Tradução de Angélica Freitas. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

EIXO 4

**Interseccionalidade: raça, gênero,
sexualidade e classe nos
estudos comparados**



SIMPÓSIO “ESCRITAS DO CORPO FEMININO NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”

Claudia Fabiana de Oliveira Cardoso (FAETEC), Luana Antunes Costa (UNILAB) e Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva (UFRJ)

SAGRADO E RITMO POÉTICO EM NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E ANA PAULA TAVARES

Claudia Fabiana de Oliveira Cardoso

Resumo: O sagrado em sociedades chamadas tradicionais equivale à realidade por excelência. O espaço e o tempo sagrados são heterogêneos e estão ligados à regeneração da existência humana e do mundo. Associado ao tempo mítico, a figuração do sagrado se faz por símbolos, quando seres, palavras e objetos simbólicos são retirados de seu lugar costumeiro e assumem novo sentido. A linguagem metafórica da poesia realiza também esse processo de reconfiguração, trabalhando com múltiplos significados que co-existem em uma imagem. A própria poesia é, nessa perspectiva, lugar do sagrado, exatamente por seu caráter simbólico. Na engrenagem da poesia, ritmo é imagem e sentido, aproximando-se, por analogia, do mito, cujo rito é inseparável. Através do ritmo, “repetição criadora”, a imagem é preta de experiências de sentido. Quer dizer: assim como o mito, a poesia dramatiza nossa busca de significação através dos tempos. Ela se caracteriza pela participação e pela experiência, que leva o homem à condição de ser outra coisa, transformando-o. É conhecimento inserido na cadeia de transmissão; é potência renovada pela palavra. Assim, neste trabalho, discutiremos de que maneira sagrado e ritmo poético estão presentes em narrativas de Conceição Evaristo e Ana Paula Tavares como experiências de sentido por meio da reinvenção da linguagem.

Referências: ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001. MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2.ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. PAZ, Octavio. O arco e a lira. Trad. Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ANÁLISE DO DISCURSO AMOROSO ENTRE PERSONAGENS LÉSBICAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DAS OBRAS AMORA E LUNDU

Claudiana Gois Dos Santos

Resumo: O discurso amoroso é um dos temas mais recorrentes da literatura brasileira. No entanto, há mudanças neste discurso quando enunciado por personagens femininas e lésbicas? Se em nossa tradição literária temos, majoritariamente, a enunciação do discurso amoroso feita por personagens masculinas, na condição de sujeitos, para personagens femininas, em condição de objeto, quais transformações podem ocorrer quando, em prosa ou poesia, o discurso amoroso é enunciado por e para personagens ou vozes enunciativas lésbicas? Nesta comunicação busco expor os resultados da minha pesquisa de doutoramento, ainda em andamento, em que analiso comparativamente, através da crítica literária feminista, as enunciações do discurso amoroso presentes nos livros Amora, de Natalia Borges Polesso (2016) e Lundu, de Tatiana Nascimento (2015). A hipótese é de que há outros modos de enunciação do discurso amoroso quando personagens, obras e autoras são, de algum modo, perpassadas pelo discurso feminista. No caso do livro Amora, os discursos feministas contemporâneos surgem tanto no âmbito subjetivo das personagens, em seu modo de lidar com seus sentimentos e relações, quanto no universo externo às personagens, em suas relações sociais e de trabalho. No caso de Lundu, as metáforas presentes nos poemas nos conduzem à criação de novos imaginários sobre o amor, perpassados pelo feminismo negro e decolonial. Deste modo, essa hipótese, caso confirmada, pode nos apontar uma mudança na concepção e na criação estética do discurso amoroso em parte crescente da literatura contemporânea brasileira.

Referências: BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. [s.l.] : Editora UNESP, 2018. BLAY, Eva Alterman. Como as mulheres se construíram como agentes políticas e democráticas: o caso brasileiro. In: 50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p. 65–97. BONNET, Marie Jo;; SWAIN, Tânia Navarro (trad.) . As relações entre mulheres: o impensável? Labrys Estudos Feministas, [S. l.], n. 3, 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys3/web/bras/bonnet1.htm>. CANDIDO, Antonio. Estímulos da criação literária. In: Literatura e Sociedade2. 12.a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 51–

80. COELHO, Nelly Novaes; LAJOLO, Marisa; MEDINA, Cremilda de Araújo; JOZEF, Bella; LAURITO, Ilka Brunhilde; PRADO, Adélia; LADEIRA, Julieta de Godoy. *Feminino Singular*. Rio Claro: GRD; Arquivo Municipal, 1989. COMBAHEE RIVER, Coletivo; PEREIRA, Stefania; GOMES, Letícia Simões. Tradução: Manifesto do Coletivo Combahee River. Plural, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 197–207, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2019.159864. COSTA, Jurandir Freire. *Sem Fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 3. ed. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. DALCASTAGNÈ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], v. 2005, n. 26, p. 13–71, 2005. GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1.a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020. LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. 2. ed. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. LESSA, Patrícia. *Chanacomchana e outras arrativas lesbianas em Pindorama*. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021. LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Record, 1998. MAGALDI, Carolina Alves; MACHADO, Carla Silva. *Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas*. Textura, [S. l.], v. 18, n. 36, p. 250–264, 2016. Disponível em: <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/1588>. MURARO, Rosie Marie. *Libertação sexual da mulher*. São Paulo: Vozes, 1970. NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra e o amor*. In: *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. a. p. 265–268. NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra e o mercado de trabalho*. In: *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. b. p. 259–264. NASCIMENTO, Tatiana. *cuíer paradiso [v.2018]*. In: *07 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo*. [s.l.] : Garupa e Kza1, 2019. c. p. 13–18. NASCIMENTO, Tatiana. *Lundu*, 2.ª ed. Brasília: Padê editorial, 2015. ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002. PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Editora 34, 2016. POLESSO, Natalia Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2016. RATTIS, Alex; RIOS, Flavia; Lélia Gonzalez. *São Paulo: Selo negro*, 2010. RIBEIRO, Diana Raffaella Kalazans [et al. .. *Nossas Histórias, nossas vozes?: resistências históricas de mulheres lésbicas e bissexuais no Brasil*. 1.a ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018. RICH, Adrienne. *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica & outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha, 2019. RIOS, Cassandra. *Eu sou uma lésbica*. Rio de Janeiro: Azougue Cultural, 2006. SOUSA SANTOS, Maria Irene Ramalho; AMARAL, Ana Luísa. *Sobre a Escrita Feminina*. oficina n.º90CoimbraCentro de Estudos Sociais Coimbra, , 1997.

ESCREVIVÊNCIA E LEITURIVIVÊNCIAS: INTERPELAÇÕES EM TORNO DAS APORIAS DO CÂNONE. QUESTÕES DE REPERTÓRIO, SABOTAGEM E REPARAÇÃO HISTÓRIA

Elisabete Nascimento

Resumo: Estudo do conceito Escrivivência, cunhado por Conceição Evaristo e proposição da categoria análoga, Leiturivivências. A escolha do tema está relacionada às “comemorações” dos vinte anos de implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino História e Cultura Afro-brasileira e africana no currículo escolar e do desejo de contribuir para o debate em torno das categorias como: operadores conceituais, métodos de reparação histórica e obras literárias de voz/autoria de corpos negros femininos e a(s) leiturivivência(s) destas produções. O critério de escolha foi a empatia e a amorosidade que me afetam, sendo eu, uma escritora negra, que buco refletir sobre a saúde mental em face às ingerências do pacto narcísico tal como proposto por Cida Bento. Partindo da premissa de que o Brasil é um país estruturalmente racista e de que o repertório canônico que lhe dá sustentação é transmitido transgeracionalmente, promovendo invisibilidade e adoecimento psíquico, cabe à pesquisa interpelar: é possível à escrevivência, conceito-método-produção, promover a formação/reelaboração contínua do repertório antirracista e as práticas de leiturivivências? Proponho investigar a escrevivência como um conceito que dá ensejo à leiturivivência, operador conceitual atrelado ao letramento literário; como operador conceitual que

interpela as aporias do cânone e põe em xeque o papel da teoria e da crítica literárias; como método que promove reparação histórica com práticas de transgressoras, como me inspira bell hooks, e como narrativa(s) de voz/autoria do corpo negro feminino que se insubordina, em um contínuo processo de subjetivação emancipatória, nas esferas privada e pública. Trata-se de construção coletiva, aquilombamento em prol da saúde física/mental tão ameaçada pelas necropolíticas, como formulado por Achille Mbembe e pelo racismo estrutural, como proposto por Silvio Almeida. Nesta direção, busco operacionalizar as categorias a partir da análise de poemas/escrevivências de três corpos negros femininos: de Lia Vieira, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro.

Referências: 1- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Polen, 2019. 2- BENTO, Cida; CARONE, Iracy.(Orgs) Psicologia social do racismo. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 3- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro Zahar, 2023. 4- CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. Disponível <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ZZZqDf3h5FwNbCMQ66jPqF/?lang=pt&format=pdf> 5- D'Adesky. Uma breve história do racismo. Intolerâncias, genocídio e crimes contra a humanidade. Rio de Janeiro: Cassará, 2022 6- EVARISTO, Conceição. Escrevivência e seus subtextos. In. DUARTE, Constância; NUNES, Isabella Rosado(Orgs.) Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro>: Mina Comunicação e Arte, 2020. 7- FANON, Franz. Pele negra. Máscaras brancas. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 8- GONZALES, Lelia. Por um feminismo afro-latinoamericano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 9- hooks bell, Ensinando a transgredir. Educação como prática de liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2017 10- KILOMBA, Grada. Memória da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobocó, 2019 11- MBEMBE, Achille. Necropolítica. Tradução Renata Santini. São Paulo: M1 Edições, 2018. 12- NASCIMENTO, Beatriz; RATTS, Alex(Org.)Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021 13- PRESTES, C. R. S.; VASCONCELLOS, E. G. Mulheres negras: resistência e resiliência ante os efeitos psicossociais do racismo. Pambazuka News, 2013. Disponível em: http://www.ammapsique.org.br/baixar/Artigo%20Cl%C3%A9lia%20Prestes%20-%20Mulheres%20negras_%20resist%C3%Aancia%20e%20resili%C3%Aancia%20ante%20os%20efeitos%20psicossociais%20do%20racismo.pdf 14- RUFINO, Luiz. Exu e a Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. 15- SANTOS, Vanessa Caroline. Contreguns literários em giras de autopublicação: negras escrevivências. Revista espaço acadêmico número: 226 jan/fev. 2021. Ano XX bimestral. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53888/751375151351> 16- MENDONÇA, Ricardo Fabrino, ABREU, Fabiana, SARMENTO, Rayza. Repertórios discursivos e as disputas políticas contemporâneas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/m5gtKdtQvwqTnBLNgX8ZK9F/?format=pdf&lang=pt>.

FALAR, ESCUTAR, EXISTIR: CORPOS FEMININOS NAS NARRATIVAS DE PAULINA CHIZIANE E ELISABETE NASCIMENTO

Fernanda Oliveira Da Silva

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura sobre dois aspectos relevantes e estruturantes nas obras da escritora moçambicana Paulina Chiziane e da escritora afro-brasileira Elisabete Nascimento: a fala e a escuta nas narrativas. Consideramos que esses elementos são fundamentais para a construção do romance moçambicano "Niketche: uma história de poligamia" e do livro de contos afro-brasileiro "Os sapatos de Té", visto que, a existência dos corpos femininos se faz, à medida que as personagens, além de falarem, são verdadeiramente ouvidas. Nesse sentido, veremos como a oralidade continua se destacando e podendo ser considerada como recurso estratégico e estético para, além da valorização da cultura africana, também promover o protagonismo das vozes femininas que denunciam o colonialismo, as opressões que estão presentes no cotidiano e narram suas próprias histórias, tornando-se, assim, sujeitas delas. Dessa forma, as escritoras demonstram a resistência que o corpo negro feminino precisa ter para sair da situação de subserviência que sempre foi imposta a ele e, com suas escritas, quebram a objetificação da mulher feita pela literatura

hegemônica. Para tais discussões, dialogaremos com teorias e ensaios produzidos, principalmente, por mulheres e suas experiências vividas. Sendo assim, os textos de Audre Lorde, bell hooks e Priscilla Bezerra nos auxiliarão a escutarmos as vozes femininas. Destacamos as contribuições teóricas presentes na obra *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon e no livro *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba. Além disso, ao observarmos a qualidade da escuta presente nas obras literárias, percebemos as possíveis leituras que podem ser feitas à luz dos livros "*Pedagogia da autonomia*" e "*Pedagogia do oprimido*", de Paulo Freire.

Referências: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.12-447. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1. _____. O segundo sexo: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2. BEZERRA, Priscilla. O filho é da mãe?. Fortaleza: Substância, 2017. BOTOSO, Altamir; PIOLA, Raquel Porto Franco. O espaço ficcional em Niketche: uma história de poligamia e A paixão segundo G. H. Bauru: Canal6, 2012. CASIMIRO, Isabel Maria. Paz na terra, guerra em casa. Recife: Editora UFPE, 2014. CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... por uma nova visão de mundo. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2018. _____. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979. _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006. _____. Literaturas africanas de Língua Portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 58ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 68ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b. HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Ed.). História Geral da África: I – Metodologia e Pré-História da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212. HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a. HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. HOOKS, bell. Olhares negros: nos transformamos em sujeitas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b. HOOKS, bell. Teoria feminista: da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019c. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In: Irmã outsider. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. NASCIMENTO, Cremilda Mizael. Os sapatos de Té: a filha do reino das águas de Deolinda e Antônio. Org. Elisabete Nascimento e Bruno Luiz da Silva Nascimento. Rio de Janeiro: Quartica, 2015. PADILHA, Laura Cavalcante. Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2. ed. Niterói: EdUFFRio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

O PROTAGONISMO FEMININO NA CULTURA DE CARIMBÓ: CORPO E PERFORMANCE DE DONA ONETE, UMA POETISA CABOCLA DA AMAZÔNIA PARAENSE

Francisco Santos Borges

Resumo: Esta comunicação abordará o resultado de um estudo etnográfico-exploratório em andamento, a partir da análise de textos que compõe as poéticas amazônicas, em específico, os textos poéticos de autoria feminina, onde na presente investigação corroboramos para a fixação da memória e a resistência de mulheres da Amazônia. Discutiremos sua obra "*Banzeiro*" problematizando a noção de corpo e de performance na poética de Dona Onete, uma poetisa cabocla do Pará. A investigação, em seu percurso teórico-crítico e metodológico, trará a historiografia

peçoal da cantora e compositora, cantadeira e dançadeira de Carimbó, enfatizando, em suas construções poéticas, fragmentos que expressam o espaço e a voz da mulher na produção artística nacional, uma arte que nos possibilite a reivindicação, a aceitação e a valorização de sua poética de autoria feminina amazônica. O diálogo teórico será com Borges (2022), Freitas (2020), Nogueira de Souza (2012), Ratts (2019), Santos (2022), Sarmiento-Pantoja (2012), Oliveira (2012) entre outros. Abordaremos a memória de resistência nas artes a partir da trajetória de Dona Onete, corroborando para as investigações que ressaltem a voz persistente da mulher frente ao cânone literário. Dentre as questões que nortearão o presente diálogo, enfatizo: Qual a noção de corpo e de performance da mulher cantadeira e dançadeira de Carimbó? Que memórias e histórias de resistência estão presentes nas narrativas cabocla do Pará? Pretendemos com este trabalho refletir e discutir a noção de corpo, de performance e o protagonismo feminino da poetisa cabocla da Amazônia paraense frente ao cânone literário machista brasileiro, enfatizar a escrita performática na poesia de Dona Onete.

Referências: Literaturas: diálogos e resistências/Carlos Henrique Lopes de Almeida e Augusto Sarmiento-Pantoja (organizadores). Belém: UFPA, 2016. Borges, Francisco Santos. Memórias de Velhas sobre a Manifestação Cultural do Marabaixo na Amazônia amapaense. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2022. BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In. Revista Itinerários. n. 10. Araraquara: UNESP, 1996. Disponível em: seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/2577/2207, acesso em 08 de janeiro de 2023, às 10:00 h. entre outros.

ENTRE DESEJOS E RUGAS: LESBIANDADE E ENVELHECIMENTO EM CONTOS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA NACIONAL

Helder De Araújo Holanda

Resumo: A Literatura Brasileira Contemporânea, bem como os estudos críticos relacionados a ela, ainda carecem de discussões mais profícuas sobre a marginalização e/ou invisibilização de certos tipos de indivíduos no cerne de suas produções literárias. A partir desta constatação, o presente artigo propõe-se a analisar e discutir de quais formas e como ocorrem as representações de personagens lésbicas idosas em alguns contos das escritoras contemporâneas Cidinha da Silva, Conceição Evaristo e Natália Borges Poleto, partindo de uma proposta que contemple questões referentes às diferentes formas de subjetividades lésbicas e ao processo de envelhecer com seus desafios e problemas. As narrativas analisadas suscitam questionamentos e reflexões sobre as ausências e os engendramentos das representações atuais de mulheres lésbicas idosas em textos ficcionais, a partir de categorias como gênero, corpo, sexualidade na velhice, lesbiandade e devir. Como suporte teórico para as discussões propostas destacam-se BEAUVOIR(1990), BUTLER(2019), CÂNDIDO(2014), DELEUZE & GUATTARI(2012), FERREIRA-PINTO(1999), GRIJALVA(2020) e LORDE(2019). Neste sentido, o presente trabalho pretende elaborar mais uma contribuição para as discussões sobre a história marginalizada das personagens literárias invisíveis/invisibilizadas ou inexistentes na prosa brasileira de ficção, buscando demonstrar outras configurações de personagens lésbicas senescentes no âmbito dos estudos literários tornando visíveis outras subjetividades até então não representadas.

Referências: BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. CÂNDIDO, Antônio. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2014. DALCASTAGNÉ, REGINA. A personagem do romance brasileiro. . Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 26, Brasília, julho-dezembro de 2005. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs. São Paulo: Editora 34, 2012 FERREIRA-PINTO, Cristina. O desejo lésbico no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. In: Revista Iberoamericana, volume LXV, nº 187, abril-junho, 1999. GRIJALVA, Dorotea Gómez. Meu corpo é um território político. Zazie Edições, 2020. LORDE, Audre. Irmã Outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. MOTT, Luís. O Lesbianismo no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: Revista Bagoas, Nº 05, 2010.

FEITAS DE GRITO, GOZO E RITO: A POÉTICA ERÓTICA DE LEILA MÍCCOLIS, MARIA TERESA HORTA E PAULA TAVARES

Juliana Goldfarb de Oliveira

Resumo: O discurso erótico carrega em si um paradigma social, pois, ao mesmo tempo em que desafia questões morais, ao evidenciar temas ligados à sexualidade, ele costuma reforçar as relações assimétricas de gênero através do binômio homem/sujeito e mulher/objeto. Assim, como defende Borges (2013), a autoria feminina no erotismo pode incidir enquanto voz transgressora, que rompe com um sistema de representação falocêntrica e propõe novas possibilidades de compreensão dos corpos e desejos femininos. Esse trabalho tem como intenção refletir sobre as estratégias de resistência ao discurso erótico hegemônico encontradas na obra poética de três autoras contemporâneas: a brasileira Leila Míccolis, a portuguesa Maria Teresa Horta e a angolana Paula Tavares. Apesar de estarem inseridas em contextos distintos e utilizarem técnicas diferentes na produção poética, elas se assemelham na possibilidade de transformar o corpus poético em corpo político, escrevendo sobre o prazer e transgredindo a escrita erótica através da mirada feminina (e, por vezes, feminista). Nas autoras que recebem enfoque aqui, além da reflexão sobre o corpo, desejo e sexualidade, o erotismo foi utilizado como modo de tensionar os sistemas políticos de seus países. São corpos que olham para si, mas falam para o mundo - especialmente para outras mulheres - que não aceitam se submeter e ser silenciadas em nome de um projeto político com que não concordam ou de uma cultura que não as representam.

Referências: BORGES, Luciana. O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013. BOURDIEU, Pierre. A distinção. São Paulo: Edusp, 2007. CASTELLO BRANCO, Lucia. O que é erotismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004. GREGORI, Maria Filomena & DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Apresentação. In: Cadernos Pagu. N. 1, V. 38. Campinas: Unicamp/Pagu, 2012. p. 7-12. GROSZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados. In: Cadernos Pagu. N.1, V. 14. Campinas: Unicamp/Pagu, 2000. p. 45-86. HORTA, Maria Teresa. Palavras secretas (organização e prólogo de Floriano Martins). São Paulo: Escrituras Editora, 2007. MATTA, Inocência. Mulheres de África no espaço da Escrita: a inscrição da mulher na sua diferença. In: A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2006, p. 421-440. MÍCCOLIS, Leila. Desfamiliares. São Paulo: Annablume, 2013. RUBIN, Gayle. Políticas do sexo. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017. TAVARES, Paula. Amargos como os frutos: poesia reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

A DESCOLONIZAÇÃO MUSICALIZADA DO OLHAR SOBRE O CORPO FEMININO EM NHA FALA, FILME DE FLORA GOMES, EM MORNA ALMA E BATUCO, CONTO DE DINA SALÚSTIO E BATUKA, MÚSICA DE MADONNA

Katria Gabrieli Fagundes Galassi

Resumo: Buscando encontrar pontos de confluências entre o filme guineense-cabo-verdiano *Nha Fala*, de Floras Gomes, o conto *Morna Alma e Batuco* de Dina Salústio e a música *Batuka*, de Madonna, esse trabalho procurará analisar como a música e o corpo feminino são capazes de mover nações. A figura feminina é protagonista nas três formas de arte citadas previamente e acredita-se que ela percebe essa força que emana de suas pequenas ações diárias e a faz emergir dentro do cenário que frequentam. Buscar-se-á, aqui, mostrar indícios dessas atitudes dentro das obras. O filme inicia-se com um cortejo fúnebre feito por crianças em homenagem papagaio da escola e a palavra Bissu, que está escrita em um pedaço de parede, em uma ruína do que pode ter sido uma casa, um galpão, uma igreja, um forte ou uma escola, destaca-se nesse cenário que está de costas para o mar, já arrematando a dedicatória direcionada à cidade de Bissau. Porém, é possível elucidar que o cenário também poderia cabo-verdiano por meio de diversas passagens e referências encontradas nas falas das personagens e nos elementos estéticos característicos do povo e da terra cabo-verdianos, como por exemplo numa fala da personagem principal, que afirma não ser nem negra nem africana. Essa fala corrobora com o persistente pensamento acerca dos cabo-verdianos, como mostrado no documentário *O colonialismo desligou Cabo Verde de África*. O sociólogo Redy Wilson, diz, muito desconcertado, ao responder à pergunta se ele se sente africano: “Se eu me sinto

africano? Como todo cabo-verdiano eu digo: Eu sou cabo-verdiano (risos). Aí está a ambiguidade, não é? Eu sou cabo-verdiano. E o interessante nisso é que se dizer cabo-verdiano é negar a África”.

Referências: BATISTA, Frederico. BENTO, Diogo. HENRIQUES, Joana Gorjão. O Colonialismo desligou Cabo-Verde de África. Documentário. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NhQuU_HC7e4. CARELLI, Fabiana. Cantam pretos, dançam brancos: Coreografia da colonização em Nha Fala, de Flora Gomes. Revista Literartes. USP, 2012, n.1. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/47168>. CESAIRE Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020. CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos formas, figuras, cores, números. Edição Revista. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. FERRO, Marc. Cinema e história. Trad. Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. GOMES, Flora. Nha Fala. Filme. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xqoa9a4A2Wk&t=38s>. HENRIQUES, Joana Gorjão. Ser africano em Cabo Verde é tabu. <https://acervo.publico.pt/mundo/noticia/ser-africano-em-cabo-verde-e-um-tabu-1718673>. MADONNA. Batuka. Música. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=nU2eApGw_TU. OLIVEIRA, Juscilene Conceição de Almeida. “Precisamos vestirmo-nos com a luz negra”: entrevista com Florentino Flora Gomes. Revista Brasileira de Estudos de cinema e audiovisual, v. 5, n.2, 2016. Páginas 2 – 15. Acessado em <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/401/237> 10/09/2021, 6:47. OY?WUMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. wanderson flor do nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. SALÚSTIO, Dina. Filhos de Deus. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018. SEMEDO, Odete Costa. Guiné-Bissau: histórias, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

INTELECTUAIS AFRO-DIASPÓRICAS E O FALAR POR DENTRO DA NEGRITUDE: POSSIBILIDADES PARA OS ESTUDOS COMPARADOS PARA ALÉM DA HEGEMONIA DO PENSAMENTO

Luana Antunes Costa

Resumo: A partir do método comparativo e transdisciplinar (GROSFOGUEL et al., 2019) e das epistemologias dos feminismos contra-hegemônicos (EVARISTO, 2005), o presente trabalho propõe abordar os diálogos existentes entre a produção teórico-ensaística e a atuação político-artística das intelectuais negras martinicanas, Paulette Nardal (1896-1985), Suzanne Roussi Césaire (1915-1966) e das afro-brasileiras, Lélia Gonzalez (1935 -1994) e Beatriz Nascimento (1942-1995), protagonistas na construção difusão e ampliação do Movimento da Negritude e suas conceitualizações. Acreditamos que embora uma espécie de silêncio histórico se impôs sobre suas obras e mesmo sobre suas trajetórias de vida, num contexto global da circulação de saberes, a produção teórico-ensaísticas e as ações político-artísticas desempenhadas por essas intelectuais participam de uma rede de produção de conhecimento, de nível transcultural e transnacional. Desse modo, ao lançarmos um olhar crítico aos textos teórico-ensaísticos das autoras pesquisadas, buscaremos mobilizar suas proposições teóricas fundamentais que contribuíram para a construção, ampliação e (re)significação do conceito de negritude, que se estende à contemporaneidade. Além disso, considerando a nossa abordagem político-pedagógica alicerçada nos estudos pós-coloniais, a comunicação objetiva junto ao público a construção de um debate sobre corpus e métodos para o campo dos estudos comparados, considerando questões históricas em torno da autoria feminina negra na Diáspora.

Referências: ABDALA JR., Benjamin. Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. CÉSAIRE, Suzanne. Le grand camouflage – écrits de dissidence (1941-1945). Paris: Éditions du Seuil, 2009. GROSFOGUEL, Ramón et al. (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico: São Paulo: Autêntica, 2019. EVARISTO, Conceição. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) em dupla face”. Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora. (ed.) Nadilza Martins de Barros Moreira & Diane Schneider. João Pessoa: Idéia, 2005, p. 201-212. FONKOUA, Romuald. Aimé Césaire (1913-2008). Paris: Perrin, 2010. GONZALEZ, Lélia. Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA Editora, 2018. NARDAL, Paulette. “Éveil de la conscience de race”. La Revue du monde noir, 1931- 1932, collection complète, n. 1 – 6. Paris: Jean Michel Place, p. 343, 1992. NARDAL, Paulette et alli. La Revue du monde noir, 1931-1932, n. 1 a 6 Paris: Jean Michel

Place, vol. 1, fev.1992. GOMES, Bethania; RATTTS, Alex (Orgs.). Todas as distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Ogum's Toques Negros. São Paulo: Editora Elefante, 2019. RATTTS, Alex; RIOS, Flavia. Léila Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010. SALGADO, Maria Teresa et alli.. Escritas do corpo feminino – perspectivas, debates, testemunhos. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

“A CADA HORA, SUA AGONIA”: CORPO E VOZ DE RESISTÊNCIA NA NARRATIVA BELONISÍACA EM TORTO ARADO

Luciene Candia

Resumo: A publicação de Torto arado (2019), de Itamar Vieira Junior, arrebatou o público e a crítica por expor diferentes elementos até então desconhecidos na história da literatura afro-brasileira, em especial, por ter dado voz a três protagonistas, sendo estas também as narradoras, assumindo a autonomia do discurso narrativo: Bibiana na primeira parte, “Fio de corte”; Belonísia na segunda, “Torto arado”, e a entidade Santa Rita Pescadeira, na última parte, “Rio de sangue”. O foco da comunicação concentra-se na narração de Belonísia e da progressiva maturidade adquirida a partir da observação e das experiências vivenciadas. Inicialmente, o ‘silêncio’ da protagonista surge, conforme define a filósofa feminista bell hooks em Erguer a voz (2019), como uma “estratégia de sobrevivência”, em que “muitos indivíduos de grupos oprimidos aprendem a reprimir ideias, especialmente aquelas consideradas opostas.” (hooks, 2019, p. 327). Envoltura na cosmovisão da personagem, a narrativa belonísíaca perpassa discussões sobre as relações humanas, a exploração, a noção de liberdade e a descoberta da sexualidade. Para tal, amparo-me nos estudos do pesquisador Edgar Nolasco sobre a subalternidade na América Latina, um recorte local; além de outros pesquisadores que costuraram a escrita com seus estudos como Eduardo de Assis Duarte, com o conceito de literatura afro-brasileira, e a representatividade e o protagonismo feminino negro, apontados por bell hooks. O trabalho estabelece diálogos com outras obras envolvidas na mesma composição temática de Torto arado, a exemplos de A cor púrpura (2016), de Alice Walker e Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo. Por fim, uma seção discute sobre o fundamental reconhecimento de Torto arado na educação brasileira, levando em consideração a Lei n. 10.639/2003, que inclui no currículo da Rede de Ensino a obrigatoriedade da “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Referências: DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Portal literafro, Belo Horizonte: FALE- UFMG. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/Artigoeduardo2conceitodeliteratura.pdf>. Acesso: 12/07/2021. EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003. HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. NOLASCO, Edgar César. Babel Local: lugares das miúdas culturas. Campo Grande: Life Editora, 2010. VIEIRA JUNIOR. Itamar. Torto Arado. 1ª edição. Todavia: São Paulo, 2019. WALKER, Alice. A cor púrpura. Tradução: Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

LEDA RIOS, UMA VOZ QUE SAI DO SILÊNCIO NO BRASIL

Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva

Resumo: Apresentação da trajetória biográfica e intelectual de Leda Rios, que atuou como jornalista no período da belle époque carioca. A escritora teve sua obra muito bem recebida pela crítica. Além de ter dois livros de poesia lançados por uma importante editora, a Jacinto Ribeiro dos Santos, Rios publicou crônicas, contos, aforismas, textos de opinião e poesias nas principais revistas e periódicos da época, como Fon Fon, Paratodos, A Rua, Revista Sousa Cruz, Diário de Notícias etc. Publicou também um romance e escreveu peças teatrais, entre 1917 e 1930, que rodaram algumas das principais capitais do país. Durante alguns anos, figurou em concursos para a escolha da maior poetisa, ao lado de Cecília Meireles e outros nomes de destaque do período. Embora tenha tido festejada e conseguido reconhecimento de muitos críticos, seu nome não consta na historiografia literária brasileira. Pretendemos reconstruir parte da biografia de Leda Rios, nascida Antonieta da

Frota Pessoa, em 1902, na cidade do Rio de Janeiro. Buscaremos discutir e entender os obstáculos que enfrentou, bem como os motivos que levaram ao silenciamento de sua voz. Em muitas das crítica e resenhas em torno da sua obra, podemos observar as constantes menções a cor da sua pele ou a sua sensualidade. A escritora deixou a literatura aos trinta anos de idade.

Referências: Márcia ABREU e Marisa LAJOLO, <https://www.unicamp.br/iel/memoria/> Projeto memória de Leitura, Brésil, [disponible le 09/05/2021]. Sigmund FREUD, *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*, trad. par Denis Messier, Paris, Gallimard, 1992. SERVICES DE BIBLIOTHÈQUES DE L'Hemeroteca da Biblioteca Nacional. <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, 2008, Brésil, [disponible le 09/05/2021]. Leda RIOS, *Cruzada*, Rio de Janeiro: Empreza Graphica Editora, 1925. _____, *Lux*, Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. Zahidé L. MUZART, *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. vol. 2. Lília Moritz SCHWARCZ, *Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro enigma, 2016. E-book Lília Moritz SCHWARCZ, *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870 – 1930*, São Paulo: Cia das Letras, 1993. E-book.

SIMPÓSIO “ESCRITAS FEMININAS EM ÁFRICA”

Francisca Zuleide Duarte de Souza (UEPB) e Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE)

ENTRE LUTAS E RESISTÊNCIA, O PROTAGONISMO FEMININO CABO-VERDIANO EM SEMEAR EM PÓ DE FÁTIMA BETENCOURT

Janaira Caroline Da Silva Rodrigues

Resumo: Trata-se de uma análise bibliográfica cujo objetivo é analisar o papel da mulher na sociedade cabo-verdiana a partir de contos da coletânea *Semear em pó* (1994) da escritora africana Fátima Bettencourt. Sua escrita insere-se no contexto da literatura decolonial de língua portuguesa, um projeto de transgressão da colonialidade, em que a autora atravessada pela subalternidade (mulher, negra e africana), se opõe a essas interseccionalidades e surge como voz que ecoa das margens e vem se auto representar, apresentar seu povo e sua história. A autora faz da escrita um ato político, expõe as dificuldades impostas em decorrência do gênero e raça à mulher em África, enfatiza o papel feminino: suas lutas e desafios, mas também exalta as conquistas e protagonismo nem sempre evidente na escrita masculina, aborda aspectos relevantes da vida sociopolítica em Cabo-Verde. Em *Semear em pó*, as personagens femininas de diferentes idades que vão desde a menina perguntadeira a adolescente que transita para a idade adulta, convicta de que precisa abdicar das condições socialmente normalizadoras às mulheres de seu lugar de origem, para alçar voos mais altos que das mulheres que conhecia e conquistar sua autonomia, mudar sua realidade e contribuir com a transformação de outras realidades, são mães que abraçam filhos de outras mães trazendo a temática da orfandade, bastante comum nestas sociedades, mulheres empreendedoras que contribuem para o desenvolvimento socioeconômico e justiça social de sua região e mulheres autônomas para escolher como se relacionar. *Semear em pó* revela uma escrita de linguagem simples e despretensiosa, sem deixar de ser reivindicativa, crítica, marcada por uma fina e contestadora ironia da autora ao tratar sobre temas comuns de seu lugar de origem, colocando em pauta o protagonismo feminino na literatura como refratância de um olhar feminino sobre o papel da mulher na sociedade.

Referências: ALVES, B. M.; PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2007. BETTENCOURT, Fátima. *Semear em Pó*. Praia: Ministério da Cultura e Comunicação e Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1994. BEAUVOIRE, Simone de *O Segundo Sexo*, trad. Sérgio Milliet, Bertrand, Lisboa, 4ª ed., 1900. Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa, 2012. CANDIDO, A. A personagem de ficção. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. JESUS, Kátia Cristina Bernardo de. *A representação das mulheres em Moçambique : apontamentos para uma análise a longa duração* / Kátia Cristina Bernardo de Jesus. - 2021. 50 f. : il. mapas, color. Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021. GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar do Negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. GASPARETTO, Vera Fátima. "O campo dos estudos de gênero em Moçambique/África". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 1, e68326, 2020. COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p. COLLINS, Patricia Hill Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020. HIRATA, H. Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. KILOMBA, GRADA. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução De Jess Oliveira. Rio De Janeiro: Cobogó, 2019. MAFUASSA . Xavier Jorge A Mulher Contra a Masculinização Social, em Niketche, de Paulina Chiziane. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Estudos Lusófonos (2º ciclo de estudos) Orientadora: Professora Doutora Cristina da Costa Vieira Covilhã, Junho de 2018 . MENDONÇA JÚNIOR, Francisco Carlos Guerra de. "A Mulher Heroína em combate ao patriarcado em Moçambique". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, e69909, 2021. PAZ, Demétrio Alves; DREY, Letícia Gabriele. Perfis femininos em Semear em pó, de Fátima Bettencourt. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa Navegações, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1-12, jul. Dez. 2020e-ISSN: 1983-4276 ISSN-L: 1982-852. PROJETO MEMÓRIA. Lélia Gonzalez – o feminismo negro no palco da história. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/obras-em-pretugues/livros-publicados.jsp>>. SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban : Colonialismo, Pós-colonialismo e Interidentidade. Novos Estudos .CEBRAP . n.66 .julho,2003. SPIVAK, G. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. (org.) Teoria Literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

MÃE, MATERNO AMOR: REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE EM ROMANCES DE ESCRITORAS NIGERIANAS DE LÍNGUA INGLESA

Kleyton Ricardo Wanderley Pereira

Resumo: A consolidação das identidades nacionais dos países africanos de língua inglesa que passaram por um longo processo de emancipação colonial acompanhou o amadurecimento de suas expressões literárias. É possível percebermos isso na consciência nigeriana, inclusive pelo surgimento, desde a década de 1960, de escritoras que não só colaboraram com o rompimento das amarras coloniais, como também redimensionaram através de suas obras o lugar da mulher numa sociedade profundamente patriarcal. Nossa proposta de pesquisa tem como foco obras de três escritoras nigerianas de períodos diferentes e que tematizam a questão da maternidade e da mulher na Nigéria. São elas: Efuru (1966), de Flora Nwapa; As alegrias da maternidade (1979), de Buchi Emecheta; e Fique comigo (2017), Ayòbámi Adébáyò. Para análise das obras, lançaremos mão da perspectiva crítica do Feminismo Interseccional (CRENSHAW, 1991), necessária para compreender a discriminação da mulher negra africana como vítima do processo dinâmico do colonialismo, patriarcalismo e racismo, bem como de conceitos de feministas africanas, dentre as quais destacamos Chikwenye Okonjo Ogunyemi (1985) e Catherine Acholonu (1995), e sobre a maternidade nas culturas nigerianas, Amina Mama (1993), Clenora Hudson-Weems (2020) e Oyèronké Oyèwùmí (2021). Dessa forma, acreditamos que estas obras problematizam a estruturação social e identitária impostas às mulheres, promovendo a busca pela autonomia da mulher enquanto agente de transformação a partir da tomada de consciências das protagonistas.

Referências: ACHOLONU, Catherine. Motherism: an afrocentric alternative to feminism. Abuja: AFA Publications, 1995. CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. Stanford Law Review 43(6), 1991, p. 1241–99. HUDSON-WEEMS, Clenora. Mulherismo africano: recuperando a nós mesmos. São Paulo: Ananse, 2020. OGUNYEMI, Chikwenye Okonjo. Womanism: the dynamics of the contemporary black female novel in english. Signs, v. 11, n. 1, p. 63-80, 1985. MAMA, Amina. Beyond the masks: race, gender and subjectivity. London e New York, Routledge, 1995. OYÈWÙMÍ, Oyèronké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro:

Bazar do Tempo, 2021. OY?WUMÍ, Oyèronké. Epistemologias de gênero em África: tradições, espaços, instituições sociais e identidades de gênero. São Paulo: Ananse, 2022.

ESCRITA FEMININA NA GUINÉ-BISSAU. RECENTES PUBLICAÇÕES

Moema Parente Augel

Resumo: Domingas Samy inaugura a prosa curta na Guiné-Bissau com A Escola (1993), em edição da autora, com três contos com ênfase no confronto entre os valores tradicionais e os ocidentais numa sociedade em vias de modernização, ressaltando a posição de mulher em diferentes situações da vida cotidiana. O nome que se destaca brilhantemente é o de Odete da Costa Semedo, a quem se deve o primeiro livro de poemas publicado no país por uma mulher, Entre o Ser e o Amar (1996), pioneiramente bilingue, com versos em português e na língua guineense. Autora ainda de dois livros de contos, Sonéa e Djênia, ambos com o subtítulo Histórias e passadas que ouvi contar (2000); do extenso poema épico-lírico No fundo do canto (2003), sem contar sua tese de doutorado As Mandjuandadi – Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. Entre as mais recentes publicações de autoras guineenses, destaco Né Vaz, com dois romances, Pérola roubada (2018) e Conversas íntimas (2022). Acrescento ainda dois importantes depoimentos: Os meus três amores. O diário de Carmen Maria de Araújo Pereira. Uma visão de Odete Costa Semedo (2016), testemunho de uma guerrilheira, estreita colaboradora de Amílcar Cabral, sua autobiografia. O segundo depoimento é o registro biográfico de Maria Teresa Schwarz, viúva do muito conhecido poeta, compositor e músico José Carlos Schwarz, hoje Maria Teresa Loff Fernandes, Silêncio entre duas notas. Minha vida com José Carlos Schwarz (2019). No âmbito da poesia, destaco Saliatu da Costa, Bendita loucura (2008); Entre a roseira e a pólvora, o capim! (2011); e Helena Neves Abrahamsson, Fora di nos (2022), onde aspectos sociais, políticos se mesclam com o lírico e o intimismo.

Referências: Campato Júnior, João Adalberto. A poesia da Guiné-Bissau. História e crítica. São Paulo: Arte & Ciência, 2012. Carvalho, Wellington Marçal de. A defesa incansável da esperança. Curitiba: Prismas, 2017. Duarte, Constância Lima; Duarte, Eduardo de Assis; Alexandre, Marcos Antonio. Falas do outro. Literatura, gênero, etnicidade. Belo Horizonte, Nandyala, 2010. Ribeiro, Margarida Calafate; Semedo, Odete Costa. Literaturas da Guiné-Bissau. Cantando os escritos da história. Porto: Afrontamento, 2011. Ribeiro, Margarida Calafate; Rothwell Phillip. Heranças pós-coloniais nas literaturas de língua portuguesa. Porto: Afrontamento, 2019.

SIMPÓSIO “IDENTIDADES EM DISPUTAS: DAS MEMÓRIAS E DAS CENAS ARTÍSTICAS, O QUE TEMOS A FALAR?”

Paulo César Souza García (UNEB) e Rafael M. Mérida Jiménez (UdL)

CORPOS ESTRANHOS NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX: O CASO "O CAIXEIRO BONITO".

Antonio Carlos Pinto da Fonseca Junior

Resumo: O livreto obsceno Variações de amor, publicado sob pseudônimo de Zé Bedeu, obra vinculada ao jornal satírico-pornográfico O Rio-nú, lançado em 1913, conta com 3 pequenos contos em torno de personagens que apresentam sua sexualidade de modo variado, como alerta o título. Para esta comunicação, nos concentraremos no terceiro conto, “O caixeiro bonito”, em que o personagem principal, Lulu, é um homem branco, trabalhador de uma taverna, visto como um jovem afeminado/andrógino, que se relaciona com uma mulher negra, tratada como voluptuosa, ironicamente nomeada Clara das Neves, e um homem, também negro, Tibúrcio, descrito como potente sexualmente, formando assim um casal de três pessoas, identificado como “sodomia desenfreada” (BEDEU, 1913, p. 51) pelo narrador. A trama tem como foco inicial a disputa do frágil descendente de português e o forte trabalhador braçal no encontro com a mulher desejada, que desembocará na satisfação sexual de ambos simultaneamente, produzindo cenas sexuais em que os corpos serão diferenciados entre branco e preto, assim como masculino e feminino/feminilizado. A

androginia de Lulu é posta em prova no âmbito sexual, visto que este corpo infantilizado aguça o desejo de seus interlocutores, criando assim um clichê obsceno a ser desenvolvido pelo conto. A narrativa conta ainda com uma fotografia, identificada aqui como um postal erótico encadernada junto à publicação, criando um arcabouço imagético que dá suporte à história. O trânsito formado entre texto escrito e texto imagético faz desta narrativa um objeto para a análise sobre a produção de corpos de sexualidades estranhas no princípio do século XX, a partir da semiologia, primordialmente Barthes (1990; 2003), e intermedialidade (RAJEWSKY, 2005; SAMOYAL, 2008), assim como os estudos de gênero (PRECIADO, 2014; BUTLER, 2010) e pornografia (ABREU, 1996; BRANCO, 1984; 1985; FOUCAULT, 1987; 2001; GREEN, 2000; MORAES, 2013; SONTAG, 1987).

Referências: ABREU, Nuno Cesar. O olhar pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado de letras, 1996. BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. BEDEU, Zé. Variações de amor. Rio de Janeiro: ed. Bibliotheca de Cuspidos, 1913. BRANCO, Lúcia Castello. O que é erotismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. BRANCO, Lúcia Castello. Eros travestido: um estudo do erotismo no relismo burguês brasileiro. Belo Horizonte: UFMG, 1985. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 3 ed.. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010. FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. FOUCAULT, Michel. Os anormais. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. GREEN, James N. Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000. MORAES, Eliane Robert. Perversos, amantes e outros trágicos. São Paulo: Iluminuras, 2013. PRECIADO, Paul. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014. RAJEWSKY, Irina. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares. Intermedialidade e estudos interartes: Desafios da arte contemporânea 2. Belo Horizonte: Rona Editora: FAE/UFMG, 2005. P. 51 – 73. SAMOYAL, Tiphaine. A intertextualidade. Tradução de Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. SONTAG, Susan. A vontade radical: estilos. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

MONTAJE Y DESMONTAJE DEL TRÁFICO DE MASCULINIDAD EN LA OBRA DE JESÚS FLORES

César Gómez Cañedo

Resumo: El artista multidisciplinario coahuilense Jesús Flores, realizó una serie de documentaciones artísticas sobre la prostitución masculina entre 2007 y 2012 en la frontera norte de México: en 2008 bajo el seudónimo de Sebastián Margot publicó el libro de poesía Chacal y susceptible (2008); como Nazareno Vidales lanzó una galería virtual fotográfica y autobiográfica de la masculinidad que se compra-vende titulada Calibre 45 (2010), la cual se encuentra en un soporte web y será el eje principal del presente análisis dado su carácter de un montaje visual y textual sobre la prostitución masculina en un contexto fronterizo, precarizado y racializado. De la obra en cuestión se analizará la autopercepción contradictoria de la masculinidad y del tráfico de la misma en relación con la corporalidad, las expectativas normativas, las afectividades del sexo entre varones, y los soportes que permiten documentar la auto/percepción de masculinidades no hegemónicas para aproximarnos teóricamente a su desmontaje. La propuesta que pretendemos seguir es decolonial e interseccional considerando las fricciones y fugas de las masculinidades periféricas, en relación con la clase social, la raza y la frontera, así como con el intercambio del deseo homoerótico. Se consideran algunas formulaciones teóricas de Diego Falconí sobre la analidad cuir y de Rodrigo Parrini sobre la violencia y el deseo macho, y se dialoga estrechamente con Sayak Valencia, quien en Capitalismo gore plantea la noción de un sujeto endriago: masculinidades atrapadas por un sistema colonial que exige una subjetividad “exitosa” y que fija así la violencia como herramienta de autoafirmación y de supervivencia para éstas. Nuestro objetivo es pensar la prostitución y el tráfico del deseo homoerótico como elementos que funcionan contradictoriamente también como autoafirmación, como medio de supervivencia, y como un montaje de una masculinidad que vende y compra deseo y masculinidad, guiándonos por la obra de Jesús Flores.

Referências: Connell, Raewyn. 2015. Masculinidades. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Falconí Trávez, Diego. 2016. De las cenizas al texto. Literaturas anddinas de las disidencias sexuales en el siglo XX. La Habana: Casa de las Américas. Falconí Trávez, Diego, Castellanos, Santiago, Viteri, María Amelia (eds.). Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el sur. Margot, Sebastián [Jesús Flores]. 2008. Chacal y susceptible. Coahuila, México: Instituto Coahuilense de Cultura. Parrini, Rodrigo. Falotopías. 2016. Indagaciones en la crueldad y el deseo. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Rolnik, Suely. 2019. Esferas de la insurrección. Apuntes para descolonizar el inconsciente. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones. Vidales, Nazareno [Jesús Flores]. 2010. Calibre 45. Intervención web: http://v2.zonezero.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1198&catid=2&Itemid=7&lang=es.

AS TENTAÇÕES DO MAL-DITO: QUANDO OS LIVROS SAEM DO ARMÁRIO

Claudicélio Rodrigues Da Silva

Resumo: Contracultura e desbunde, ditaduras militares e repressão na América Latina, a revolta no Stonewall Inn, em Nova York, as revoltas estudantis em Paris. É num contexto político nacional e internacional turbulento que se insere a publicação das duas primeiras antologias que mapeiam a existência de uma poética das sexualidades desviantes na literatura brasileira: Histórias do amor maldito (1967) e Poemas do amor maldito (1969). Não se trata somente de romper o invólucro do sistema literário com seu cânone heteronormativo; é, antes, uma revolução política a partir de uma tentativa de recontar a história da literatura que a própria literatura negava (ou escondia), num contexto de repressão das liberdades civis e políticas dos brasileiros. Organizadas por Gasparino Damata e Waldir Ayala, fomentadores das artes e colaboradores de jornais e revistas à época, e publicadas pela Gráfica Record, nova no mercado e responsável pela tradução e publicação de escritores malditos como Sade, Jean Genet e Henry Miller, as duas antologias, uma em prosa, a outra em poesia, inauguram uma arqueologia da presença do sujeito sexual dissidente na literatura brasileira. Esta comunicação tem por objetivo apresentar o pioneirismo dessas antologias, além de traçar um panorama dos autores e temas do homoerotismo por eles apresentados, tendo como suporte notas, resenhas e matérias jornalísticas contemporâneas às publicações.

Referências: CORRÊA, Roberto Alvim. Diálogo com os malditos. Correio da Manhã, 14 de abril, 1968, 4o caderno, p.6 / Corrêa, Roberto Alvim. Histórias do amor maldito. Diário de Pernambuco, 19 de maio, 1968, 3o caderno, p.2. DAMATA, Gasparino. Histórias do amor maldito. Rio de Janeiro: Record, 1968. DAMATA, Gasparino; Waldir Ayala. Poemas do amor maldito: autores brasileiros. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969. GREEN, James N.. “‘Abaixo a repressão: mais amor e mais tesão’, 1969-1980”. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora da Unesp, 2019, p. 425. OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. “Quarenta anos de histórias de amor”. In: COSTA, Horácio et al (org.). Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Editora da USP; Imprensa Oficial, 2010, p. 199-205. QUINALHA, Renan. Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. TREVISAN. João Silvério. “Essas histórias de amor maldito”. In: Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 20018, p. 238-267. Uma decisão judicial. Revista do Livro, ano XII, N. 38, 1969, p. 213-216.

O FEMINISMO DE TIANALVA SILVA EXPRESSO EM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Giuliana Conceição Almeida e Silva

Resumo: O presente trabalho que se encontra em curso busca analisar e refletir as narrativas autobiográficas de autoria feminina, representada por Tianalva Silva, escritora do Recôncavo baiano, nas obras Entre o rio e a praça (2018) e Migrantes (2019). Ao se autobiografar, a referida autora personifica diversas vozes femininas cachoeiranas, que se materializam na diversidade de mulheres carregadas de vivências e impactadas por uma sociedade patriarcal heteronormativa. Diante do exposto, o problema apresentado nesta pesquisa é de que modo a ancestralidade feminina de

Tianalva Silva se autobiografa e narra os corpos de mulheres oriundos da cidade de Cachoeira, Bahia? O objetivo apresentado é abordar na literatura de Tianalva Silva como os seres femininos: putas, velhas, donas de casa, jovens, trabalhadoras, lésbicas e candobecista considerados como pessoas distópicas cachoeiranos, enredadas por histórias, experiências e modos de vidas das personagens que se apresentam e resistem à imposição patriarcal cachoeirana. Para tal, as narrativas autobiográficas e memorialista da autora podem ser compreendidas no eixo da pesquisa qualitativa e bibliográfica com leituras que retratam a autofuncionalidade aos estudos do feminismo de gênero e que são focos a serem produzidos no processo de análise, por meio do recorte crítico em Bhabha (2013), Bosi (2001); Cândido (2000); Chauí (1984-2012); Chimamanda (2015) (2015); Cunha (2001); Dalcastagnè (2008); Fiuza, Grecco (2020); Hooks (2018); Hool (2005); Jobim (1992); Lerner (2013); Richard (2002), Rosini (2014), Silva (2018-2019); Silva (2002). Com o resultado dessa pesquisa, acredita-se por meio dos seguintes campos científicos: literário, sociológico e filosófico, os quais servirão como ferramenta para o entendimento do processo de exclusão e silenciamento de corpos femininos imposto pelo patriarcado, como também ser mais uma ferramenta para a ampliação dos estudos sobre o feminismo por meio da ficcionalidade literária.

Referências: ABREU, Márcia. Cultura letrada: Literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma narrativa única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos todos feministas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____ (Org.). Dialética da colonização. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000. CHAUÍ, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton. São Paulo: Barcarolla, 2012. CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual: essa nossa desconhecida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. CUNHA, Helens et alii. Desafiando o Cânone (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX. Rio de Janeiro, 2001. DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: _____. (Org.). Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2008. DELCASTAGNÈ, Regina, LEAL, Virgíne Maria Vasconcelos (orgs.). Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015. DELCASTAGNÈ, Regina, LICARÃO, Bertonni, NAKAGOME, Patrícia (orgs.). Literatura e resistência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018. DELCASTAGNÈ, Regina, TENNINA, Lucía (orgs.). Literatura e periferias. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019. DELCASTAGNÈ, Regina, TOMAZ, Paulo C. (orgs.). Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011. DELCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012. FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. FRACCARO, Glaucia. Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1971/1937). Rio de Janeiro: FVG Editora, 2018. FROMM, Erich. Posfácio (1961). In: 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. GONZALES, Lélia. Por um feminismo Afro latino americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. HOOKS, Bell. Teoria Feminista: da Margem ao Centro. São Paulo: Perspectiva, 2019. <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03art06.pdf>. JOBIM, José Luis (org.). Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992. LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019. NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. São Paulo: FEA-USP, 2006. RICHARD, Nelly. Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política. Trad. Romulo Monte Alto. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002. ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. Brasileira, v. 3, n. 1, p. 288–312, 2014. SILVA, Tianalva. Entre o rio e a praça. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2018. SILVA, Tianalva. Migrantes. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2019.

O GRANDE ESPETÁCULO DA DISSIDÊNCIA: DISPUTAS IDENTITÁRIAS NA DRAMATURGIA BRASILEIRA DA REABERTURA POLÍTICA

João Pedro Cerdeira Leles Silva

Resumo: Apesar de, no final da década de 1960, já se observasse no Brasil o surgimento de boates, bares, e outros espaços de sociabilidade e encontros afetivos e sexuais entre homossexuais, é no final dos anos 1970 em que a dissidência sexual vai galgar um espaço político a partir de importantes marcos do direito LGBTQIA+ no Brasil, como a fundação do periódico O Lampião da Esquina, que circulou de 1978 a 1981, a formação do grupo SOMOS, em 1978 – que conforme sublinha Green (2019, p. 307), foi o primeiro grupo brasileiro em defesa dos direitos dos homossexuais –, e a realização do 1.º Congresso Brasileiro de Homossexuais, realizado em 1980 na USP. No que diz respeito a cena cultural, uma série de textos literários a respeito da homossexualidade surgiram neste período. Entre eles, chamamos a atenção para a escrita e a encenação de textos dramáticos. Se a dramaturgia ocupava, entre as manifestações culturais, um espaço privilegiado na arte de resistência contra a ditadura militar, ela também viria a ser um espaço importante para a emergência de narrativas que disputavam com os discursos hegemônicos acerca da dissidência de gênero e sexualidade no período da reabertura. Nestes textos, dos quais podemos destacar, por exemplo, *As três moças do sabonete*, de Herbert Daniel, e *Lira dos vinte anos*, de Paulo César Coutinho, para além de uma representação dos chamados "anos de chumbo", onde a censura, a tortura e a resistência figuram como elementos importantes, a narrativa aponta para o debate a respeito da construção da homossexualidade e da masculinidade. Assim, o que objetivamos nesta apresentação é discutir a respeito dessas construções em textos da dramaturgia brasileira do período a partir de seu contexto de enunciação, a fim de explicitar e discorrer a respeito das disputas identitárias ali engendradas.

Referências: ALÓS, Anselmo Peres. *Narrativas da Sexualidade: Pressupostos para uma poética queer*. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, 2010. ALÓS, Anselmo Peres. *O corpo-guerrilheiro no corpo-nação: contaminação e abjeção em Herbert Daniel*. Letras, n. 61, pág. 207-230, 2020[a]. ALÓS, Anselmo Peres. *Traduzir o queer: uma opção viável?* Revista de Estudos Feministas n. 28, 2020[b]. ALÓS, Anselmo Peres; COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes. *Dois homens, um beijo e a rostidade da intolerância em Meu corpo daria um romance*, de Herbert Daniel. Rivista Di Studi Iberoamericani, 12(1), 240–252, 2020. BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 20. BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. BUTLER, Judith. *Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"*. n-1 edições, 2020. CAVA, Joseph Bianchi. *Na escuridão da censura, surgiu uma luz: Lampião da Esquina e a imprensa alternativa (1978-1981)*. Humanidades em diálogo, v. 10, p. 149-162, 2021. COSTA, Diego Lacerda. *Dos guetos e das bichas: o lugar do sujeito e da história no discurso sobre a homossexualidade*. Leitura, n. 69, p. 133-146, 2021. COUTINHO, Paulo César. *Lira dos vinte anos*, 1984. Disponível em: <https://ieacen.files.wordpress.com/2015/08/a-lira-dos-vinte-anos.pdf> [acesso em 20 de maio 2021]. FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. CNPq, Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2017. FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance pós-64: A festa*. Editora Unesp Fundac~ ao, 1998. GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2019. GREEN, James Naylor. *Forjando alianças e reconhecendo complexidades: as ideias e experiências do Grupo SOMOS de São Paulo*. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R. H.; FERNANDES, M. (Eds.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo (SP): Alameda, 2018. [a] GREEN, James Naylor. *Exílio nos exilados: Herbert Daniel, revolucionário brasileiro gay*. Duke University Press, 2018. [b] INÁCIO, Emerson da Cruz. *Para uma estética pederasta*. in COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: Fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010. JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior; ZIOLI, Miguel. *Militância homossexual no Brasil da ditadura militar: os casos de João Silvério Trevisan e João Antônio Mascarenhas*. Territórios e Fronteiras, v. 9, n. 2, p. 331-348, 2016. LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. LOPES, Rodrigo Cruz. *Da censura ao camburão: a regulação da homossexualidade na ditadura civil militar brasileira*. Tematicas, v. 28, n. 56, p. 231-254, 2020. LUGARINHO, Mário César.

Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. *Revista Gênero*, Niterói, v. 1, n. 2, p. 33-40, 2001. LUGARINHO, Mário César. Antropofagia crítica: para uma teoria queer em português. *Olhar (UFSCar)*, v. 22, 2010. 105-111. LUGARINHO, Mário César. Direitos Humanos e estudos gays e lésbic@s: pelo engajamento da crítica literária. *Advir (ASDUEJ)*, v. 28, p. 67-74, 2012.. LUGARINHO, Mário César. História e poder em *Angels in America*, de Tony Kushner. In: HENRIQUES, Ana Lúcia de Souza (Org.). *Literatura e comparativismo 2*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006, p. 104-110. LUGARINHO, Mário César. Homocultura e literatura: de volta ao luso princípio queer. In: LOPES, Denilson et al. (Org.). *Imagem e Diversidade Sexual*. São Paulo: Nojosa, 2004, p. 234-240. LUGARINHO, Mário César. Al Berto: In Memoriam the lusitanian queer principle. In: Fernando Arenas; Susan Cathy Quilan. (Org.). *Lusosex: gender and Sexuality in the Portuguese Speaking Wolrd*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002, v. , p. 276-299. LUGARINHO, Mário César. Nasce a Literatura Gay no Brasil: reflexões para Luis Capucho. In: DA SILVA, Antônio de Pádua Dias. (Org.). *Aspectos Da Literatura Gay*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008, p. 09-24. MACRAE, E. J. B. Identidades homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da “Abertura”. In: GREEN, J. N. et al. (Eds.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. MOIRA, Amara; INACIO, Emerson; MIRANDA, Fernanda; SAMPAIO, Maria de Lurdes, LUGARINHO, Mário César. . Descolonizar o cânone, refundar a tradição (editorial). *Cadernos de Literatura Comparada (Porto)*, n. 43, 2020. NUNES, Alina dos Santos. Sobre coisas que podem ser fantásticas vistas da beirada do passeio: Herbert Daniel, revolucionário e gay. *Revista Periódicus*, v. 2, n. 14, pág. 287-291, 2020. PEREIRA, Tales Santos; MITIDIERI, André. Com o falo na boca: ativismo literário. *Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, v. 8, n. 1, p. 183-199, 2018. PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo, Publifolha, 2011. PERLATO, Fernando. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v. 30, p. 721-740, 2017. PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Movimentos homossexuais e a constituição de identidades masculinas homonormativas nos trópicos: um estudo sobre o jornal Somos (1973-1976) e do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiania. 2021. PRECIADO, Paul B. *Manifiesto contrasexual*. Anagrama, 2016. PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. Companhia das Letras, 2020. QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. QUINALHA, Renan. A questão LGBT no trabalho da memória e justiça após a ditadura brasileira. In: GREEN, James N. e QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Paulo: Edufscar, p. 245- 72, 2015. QUINALHA, Renan. *Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964*. in *Cadernos Pagu*, n. 69, 2021. QUINALHA, Renan. *Censura moral na ditadura brasileira: entre o direito e a política*. *Revista Direito e Práxis*, v. 11, p. 1727-1755, 2020. RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de Identidade - um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EDUFF, 2010. SILVA, Leandro Soares da. *A ficção do eu e o outro na literatura da homossexualidade* Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016 SIMÕES JUNIOR, Almerindo. *Cardoso. ...E havia um lampião na esquina - Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978 - 1980)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Autêntica, 2017. TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso — a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

ESCENAS DE UN DESEO: LA TRADICIÓN DEL "CHONGO" EN LA LITERATURA ARGENTINA

Jorge Luis Peralta

Resumo: Desde la obra pionera de Carlos Correas en los años 50, la literatura argentina dio cuenta de la fascinación de varones homosexuales de clase media y alta por la figura de los “cabecitas negras”, jóvenes de las clases populares cuyo atractivo residía en una performance paradigmática de la masculinidad, unida a ciertos rasgos físicos distintivos, como su tez oscura. Conocidos como “chongos”, estos sujetos fueron objeto de deseo y alcanzaron cierta estatura mítica dentro de la literatura de temática homoerótica, cuyos ecos se extienden hasta la actualidad. El objetivo de la

presente comunicação es recorrer una serie de escenas literarias que hacen foco sobre estos personajes. A través de la obra de autores como Oscar Hermes Villordo, José María Borghello, Jorge Asís, Néstor Perlongher, Ioshua, Miguel Ángel Lens o Mariano Blatt, entre otros, se ha ido configurando una tradición en la que el deseo por el “chongo” asume diferentes formas y significaciones. Partiendo de las propuestas teóricas de Alan Sinfield en su monografía *On Sexuality and Power* (2004), se pretende indagar en cómo las escenas analizadas muestran el entrecruzamiento de diversos ejes -género, clase, raza- dando lugar a una muy heterogénea gama de figuraciones. La construcción del “chongo” o “cabecita negra”, en este sentido, obedece a una serie de factores que se mantienen o se transforman a lo largo del tiempo. Es nuestra finalidad explorar las derivas de ese deseo en una serie de textos -narrativos y poéticos-especialmente representativos de los siglos XX y XXI.

Referências: Acha, Omar. *Crónica sentimental de la Argentina peronista. Sexo, inconsciente e ideología, 1945-1955*. Buenos Aires: Prometeo, 2014. Ben, Pablo. *Male Sexuality, the Popular Classes and the State: Buenos Aires, 1880-1955*. Chicago: University of Chicago, 2009. [Tesis doctoral inédita] Bazán, Osvaldo. *Historia de la homosexualidad en la Argentina. De la Conquista de América al Siglo xxi*. Buenos Aires: Marea, 2006. Halperin, David. *How to Do the History of Homosexuality*. Chicago-London: The University of Chicago, 2002. Maristany, José. “Fuera de la ley, fuera de género: escritura homoerótica y procesos de subjetivación en la Argentina de los 60-70”. Aquí no podemos hacerlo. *Moral sexual y figuración literaria en la narrativa argentina (1960-1976)*. Ed. José Maristany. Buenos Aires: Biblos. 185-241. Meccia, Ernesto. *El tiempo no para. Los últimos homosexuales cuentan la historia*. Buenos Aires: Eudeba-Ediciones UNL, 2016. Melo, Adrián. *Historia de la literatura gay en Argentina. Representaciones sociales de la homosexualidad masculina en la ficción literaria*. Buenos Aires: Lea, 2011. Sebreli, Juan José. “Historia secreta de los homosexuales en Buenos Aires”. *Escritos sobre escritos, ciudades bajo ciudades*. Buenos Aires: Sudamericana, 1997. 275-370. Sinfield, Alan. *On Sexuality and Power*. New York: Columbia University Press, 2004.

A PLURALIDADE DA PRESENÇA LÉSBICA ENQUANTO PERCURSO E SUA RELAÇÃO COM A CENSURA

Juliana Moreira De Sousa

Resumo: É possível perceber que Cassandra Rios discute, em seus romances, a questão da procura pela posição da mulher lésbica em seu processo social. Essas construções surgem nem sempre como protagonista, às vezes apenas tangenciam outros aspectos da narrativa. Por muitos momentos como no título *Copacabana Posto 6*, é possível notar como a identidade lésbica está em disputa. O romance *Copacabana Posto 6 – A madrasta* foi censurado em 1975, conforme o ofício 1.447/75. O parecer afirma que as atitudes da protagonista, referindo-se ao fato de ela ser lésbica, são “[...] referenciadas como a causa de seu desajuste.” (DCDP, ofício 1.447/75). E, ainda, que o romance apresenta “[...] mensagem negativa e psicologicamente falsa” (DCDP, ofício 1.447/75), sem, entretanto, explicar o que seria essa mensagem psicologicamente falsa. Além disso, o parecer considera a narrativa “nociva e deprimente”, especialmente pela existência da relação amorosa entre enteada e madrasta. Nota-se, portanto, que mais uma vez a censura importa-se muito com a moral, desde que ela esteja intimamente ligada à sexualidade. Torna-se nítido que a censura persegue toda manifestação de sexualidades dissidentes, em busca de regular os corpos e seus desejos, ainda que essas identidades apresentem o embate entre entender a própria sexualidade enquanto algo normal, não condenável, e a constante reflexão sobre os interditos dessa expressão lésbica causam um certo desequilíbrio na relação da personagem com a sua identidade.

Referências: BRASIL. Departamento de Censura e Diversões Públicas. Ofício n. 1447/75, de 06 de dezembro de 1975. Arquivo Nacional. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_ns/agr/cof/cso/0579/br_dfanbsb_ns_agr_cof_cso_0579_d0001de0001.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019. RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades. Natal: v. 4, n. 5, p. 17-44, jan./jun. 2010. RIOS, Cassandra. *Copacabana Posto 6 – A Madrasta*. São Paulo: Mundo Musical, 1972. SILVA, Deonísio. *Nos Bastidores da Censura: sexualidade, Literatura e Repressão pós-64*. Barueri: Manole, 2010. VIEIRA, Kyara Maria de Almeida Vieira. “Onde estão as respostas para as

minhas perguntas?” Cassandra Rios – A construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955 – 2001). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2014. WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. Trad. Léa Sússekkind Viveiros de Castro In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-94.

KLITORES KAOS E AS LETRAS DE RESISTÊNCIA DE MULHERES DO PUNK ROCK FEMINISTA EM BELÉM-PA

Keila Michelle Silva Monteiro

Resumo: Esta pesquisa é um recorte de minha tese de doutorado intitulada: “Klitores Kaos e o grito das mulheres: o punk/hc desemboca numa cena musical feminista em Belém do Pará”, em processo de finalização, e tem como foco as letras de resistência da banda Klitores Kaos, do subgênero do punk rock, o punk/hc, sendo ‘hc’ o hardcore, uma superaceleração do andamento das músicas punks. Esta banda de mulheres possui um fazer musical e textos de combate a preconceitos de quem faz ou frequenta o ambiente do rock, predominantemente masculino. O rock e suas vertentes vão contra opressões do Estado e da sociedade, porém, invisibilizam a produção feminina e seus atores, na maioria, praticam atitudes que ofendem mulheres. Abordo o conteúdo geral das letras e faço análise literária e musical da canção Império da Dor, de 2021, em diálogo com a Literatura, os Estudos Culturais, a Etnomusicologia, com autores como Chada (2011), Béhague (1992,1999), Blacking (1973) e Merriam (1964) para tratar de fatores socioeconômicos presentes nas canções; Culler (1999) e Bosi (2000,2002) para o contexto da obra literária, percebendo denúncias contra o sistema, atos violentos contra mulheres, reivindicação de direitos e empoderamento feminino. É necessário valorizar essas produções e o respeito à mulher, pois conforme Rosa e Nogueira (2015) “a poesia e a música nascem das rupturas e da dor que transformam. É um processo criativo no sentido amplo onde, ao criarmos caminhos artísticos e de produção de conhecimento próprios, também nos reinventamos como pessoas”. Além da bibliografia estudada, utilizei arquivos de mídia de antes da pandemia. Os dados apontam o combate ao feminicídio, ao machismo, à misoginia com a tomada de espaços por mulheres e o crescente respeito pelo gênero feminino na cena rock e punk, que muitas vezes se confunde com a vida particular dessas mulheres

Referências: BÉHAGUE, G. Fundamento sócio-cultural da criação musical. Revista ART 019, Salvador. p. 5-17, agosto 1992. _____. A etnomusicologia latino-americana: algumas reflexões sobre sua ideologia, história, contribuições e problemática. In: II Simpósio Latino-americano de Musicologia, 2. 1999, Curitiba. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1999. p. 41-69. BLACKING, J. How musical is man? Seattle: University of Washington Press, 1973. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. _____. Narrativa e resistência. In: Literatura e resistência São Paulo - Cia das Letras 2002 pp. 118-135. CHADA, Sônia. Caminhos e Fronteiras da Etnomusicologia. In: Cadernos do Grupo de Pesquisa Música e Identidade na Amazônia-GPMIA. Volume II. Líliam Cristina da Silva Barros, Paulo Murilo Guerreiro do Amaral (Organizadores). Belém: Paka-Tatu; Programa de Pós Graduação em Artes, 2011. p. 9-22. CULLER, Jonathan. Teoria Literária: uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda. 1999. MERRIAM, A. The anthropology of music. Evanston: Northwestern University Press, 1964 ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. Revista Vórtex, Curitiba, v.3, n.2, 2015, p.25-56.

MATA A COBRA E MOSTRA O PAU: A PERFORMANCE VISUAL DE UMA TRANSEXUAL NO CARNAVAL CARIOCA

Marcus Antônio Assis Lima

Resumo: Ruddy, a maravilhosa, foi uma cabeleireira, atriz e escritora, atuante dos anos 1970 até o início do novo século, e também uma musa do carnaval carioca. Imagens da transsexual nos bailes de carnaval, e na avenida, pé-no-chão, cercada de outras celebridades, inclusive internacionais, faziam a festa nas revistas semanais da época, como Manchete, Fatos&Fotos, Cruzeiro, entre outras.

Muitas dessas imagens foram utilizadas pela transsexual como "efeito de real" (CHARAUDEAU, 2004) para suas lembranças e memórias contadas em suas duas principais obras autobiográficas, "Liberdade ainda que profana" (1998) e "Nem tão bela, nem tão louca" (2007). As imagens, ao mesmo tempo que reforçam e dão credibilidade às lembranças, podem ser lidas como uma "narrativa de vida imagética" à parte do texto escrito (LIMA, 2022), isto porquê as imagens, dispostas cronologicamente (o que não ocorre com os relatos memorialísticos que surgem nas duas obras), conseguem criar outros sentidos nos leitores para além daqueles pretendidos na escritura de uma história de vida vivida intensamente. Nosso intuito, então, será promover uma análise discursivo-imagética (MENDES, 2013), dentro dos pressupostos da Semiologia (CHARAUDEAU, 1983), das fotografias que retratam os vários carnavais em que Ruddy reinava absoluta. O que a análise nos mostra é que as imagens selecionadas pela autora para ilustrar seu sucesso, não apenas como cabeleireira ou atriz, mas, principalmente, como "mulher", como musa carnavalesca, apresentam uma performance que pode ser vislumbrada como um reforço de sua "identidade e alma" feminina. As imagens mostram, sobretudo, uma transição de gênero e sexo, de rapaz efeminado, no início da carreira, à visão de uma "mulher completa", como ela mesma se autodefinia.

Referências: CHARAUDEAU, PATRICK. *Langage et discours*, Paris: Hachette, 1983. _____. *Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual*. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs) *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41. LIMA, MARCUS A. A. Ruddy, a maravilhosa: saga profissional de uma transclasse brasileira. In: MACHADO, I. L.; FIGUEIREDO, A. do C.; GUIMARÃES, M. *Vozes femininas em narrativas de vida: olhares sobre sujeitos transclasses*. Coimbra, Grácio, 2022, pp. 257-276. MENDES, EMÍLIA. *Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica*. In: MENDES, E. (Coord.); MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (Orgs.). *Imagem e Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, pp. 125-156. RUDDY. *Liberdade ainda que profana*. Rio de Janeiro, Razão Cultural, 1998. _____. *Nem tão bela, nem tão louca*. Rio de Janeiro, Nova Razão Cultural, 2007.

AMORES DISSIDENTES: A AUTORREPRESENTAÇÃO DE VOZES LBT NA CENA DO POETRY SLAM NO BRASIL E NA ARGENTINA

Mariana de Oliveira Costa

Resumo: Muito mais do que uma competição de poesia falada, tudo o que envolve o slam carrega consigo arte e política, desde as performances e temáticas versadas até mesmo a escolha do local e jurados. Nas disputas discursivas, o poder de falar e de ser ouvido esteve por muito tempo nas mãos de sujeitos de grupos hegemônicos da cidade letrada, tendo prioridade a figuração de corpos cis, masculinos, brancos e heteronormativos. Já nas batalhas de poesia do slam, projetam-se como formas de resistência vozes de luta que se recusam ao silenciamento e que traduzem a existência de corpos e corpos que vivem o que falam e, por isso, fazem da poesia falada uma plataforma concreta e palpável. Assim, os slams se mostram lugares acolhedores para a dissidência sexual e de gênero, abrindo espaço e estimulando a emergência de novas vozes, reclamando ouvidos para os quais a poesia falada desconstrói a subrepresentação que lhes é oferecida. Assim sendo, a presente proposta de trabalho se baseará em conceitos relacionados à autorrepresentação do sujeito alterizado, construção de gênero e sexualidade e interseccionalidade no trabalho de slammers que frequentam o tema transgressor da experiência "desviante" dos padrões cisheteronormativos. Nessa abordagem, para embasar este trabalho nos apoiamos nas conceitualizações de Oyerónkè Oyewùnmí (2004), Paul B. Preciado (2005), Regina Dalcastagnè (2007, 2021), María Lugones (2008), Roberta Estrela D'alva (2011), Gloria Anzaldúa (2017), Heloisa B. de Hollanda (2018), Tânia Navarro-Swain (2000), Audre Lorde (2020), Carla Akotirene (2019), Patrícia Lessa (2021), Judith Butler (2021) e para tratar da performance e suas nuances nos embasamos em Diana Taylor (2011, 2015) e Paul Zumthor (2018). Desse modo, pretendemos pensar o lugar da autorrepresentação pela obra poética que trata da temática do amor de slammers LBT do Brasil e da Argentina.

Referências: ANZALDÚA, Gloria. *Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana*. Trad. Eliana de Souza Ávila. In: BRANDÃO, I.; CAVALCANTI, I.; COSTA, C. L.; LIMA, A. C. A. (orgs.). *Traduções da*

cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, pp. 408-425. BUTLER, Judith. Discurso de ódio: Uma política do performativo. Trad. Roberta Fabbri Visccardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021. DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71. DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Porto Alegre: Letras de Hoje. v. 42, n. 4, 2007. p. 18-31 ESTRELA D'ALVA, Roberta. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. Synergies Brésil, n° 9, 2011, p. 119-126. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Explosão feminista – Arte, política, cultura e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. LESSA, Patrícia. Chanacomchana e outras narrativas lésbicas em Pindorama. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021. LORDE, Audre. Irmã Outsider: Ensaios e conferências. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. LUGONES, María. Colonialidad y género. Tábula Rasa, n. 9, julio-diciembre, Colômbia, 2008, p. 73-101. NAVARRO-SWAIN, Tania. O que é lesbianismo. São Paulo: Brasiliense, 2004. OY?WUMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Trad. Juliana Araújo Lopes. CODESRIA Gender Series, Dakar. v. 1, p. 1- 8, 2004. PRECIADO, PAUL B. Multitudes queer. Nota para una política de los “anormales”. Nombres. Revista de Filosofía, nº 19, p. 157-166, jul. 2005. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/NOMBRES/article/view/2338>> Acesso em: 12 e setembro de 2021 TAYLOR, Diana, FUENTES, Marcela, edits. Estudios avanzados de performance. Trad. Ricardo Rubio et al. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2011. TAYLOR, Diana. Performance. Buenos Aires: Asunto Impreso, 2015. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

REINSCRIÇÕES EPIDÊMICAS TRÊS POEMAS DE JOÃO G. JÚNIOR

Maurício Silva da Anunciação e Paulo César Souza García

Resumo: Objetivamos, nessa comunicação, apresentar o professor, historiador, poeta e militante lgbti+ João G. Júnior, tendo como objeto de análise três poemas do livro “Agora e na hora de nossa morte” (2022). Selecionamos no conjunto da sua obra três poesias, a saber: “reagente”, “hiv começa com a letra h de humano” e “jujubas”. No âmbito dos estudos literários, o autor corrobora na hipótese de que a literatura contemporânea brasileira imprime uma nova textualidade suplementar na produção desses textos e requerendo para si um novo lugar de interpretação. Os poemas propiciam reflexões acerca do hiv e aids a partir das experiências, subjetividades e estética negra em movimentos. Pretende-se, por fim, apontar como estão sendo construídas essas narrativas, como sujeitos convivem com o vírus causador da aids e como os intelectuais negros e positivos têm produzido arte com diálogos críticos em suas obras, isto é, como as identidades entram em disputas e o que esses corpos têm a dizer através da literatura e da escrita autobiografia. Para isso, o estudo vale-se, teoricamente, de um referencial negro perspectivado que se dedicam às questões relativas aos povos ditos subalternos, José Wanderley (1992), Sueli Carneiro (2005), Emerson Inácio (2016), Audre Lorde (2021), Leda Mª Martins (2021), Maurício Anunciação (2020) dentre outros.

Referências: ANUNCIAÇÃO, Maurício Silva da. Hiv positivo, corpos que resistem: escrevivências, identidades e subjetividades. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. BESSA, Marcelo Secron. Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record, 1997, 124 p. CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. INÁCIO, E. da C. Carga zerada: HIV/AIDS, discurso, desgaste, cultura. Via Atlântica, [S. l.], v. 1, n. 29, p. 479-505, 2016. DOI: 10.11606/va.v0i29.118885. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118885>. Acesso em: 15 jan. 2023. LORDE, Audre. Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 271 p. 2019. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. MARTINS, Leda. Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições;

São Paulo: Editora Perspectiva, 2021. WANDERLEY, Jorge. Literatura. In: JOBIM, José Luis (org.). Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 253/267.

PASSO DA GUANXUMA: A CIDADE E OS DE(S)LIMITES DO CORPO E DESEJO

Moisés Henrique de Mendonça Nunes e Paulo César Souza García

Resumo: Caio Fernando Abreu possui uma vasta produção literária em que se aprecia entre os contos, crônicas e romances, enredos que exploram os fluxos da cidade e personagens a experienciar os desejos. Nesse sentido que apresentamos Passo da Guanxuma, cidade fictícia criada pelo escritor gaúcho em meados de 1980 e que possibilita ser descrita como uma cidade interiorana brasileira, com um número de habitantes pequenos, aparentemente, bioma diversificado e fazendo fronteira com Porto Alegre e os limites do Uruguai e Argentina. Além de possuir uma estrutura simétrica e similar a Rosa dos Ventos, tendo a Igreja como posição de encontro das quatro pontas da cidade, em que cada ponto confere uma organização socio-espacial, como o norte com a praia e a zona de prostituição e o sul com as casas dos habitantes e a Vila Militar. A cidade fictícia toma estrutura no conto “Introdução ao Passo da Guanxuma” (Ovelhas negras, 1995) e é a terra natal de personagens emblemáticos da obra de Caio Fernando Abreu, como Pérsio e Santiago, da novela “Pela noite” (Triângulo das águas, 1991), Dulce Veiga, do romance Onde Andará Dulce Veiga? (1990), e o narrador do conto “Linda, uma história horrível” (Os dragões não conhecem o paraíso, 1988). Sendo uma representação da cidade, Passo da Guanxuma não somente apresenta uma leitura descritiva do espaço, mas também um viés subjetivo, no qual refletimos como se proporciona uma organização da cidade e da vida que nela habita. Em diálogo aos estudos de gênero e sexualidade, que o presente trabalho visa analisar como Passo da Guanxuma compreende a maneira como corpo e desejo são captados pela organização do espaço, no qual se observa uma disciplina e indisciplina de gênero e sexualidades.

Referências: ABREU, Caio Fernando Abreu. Contos completos. São Paulo: Companhia das letras, 2018. ABREU, Caio Fernando. Onde andará Dulce Veiga?: um romance B. 4ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. ABREU, Caio Fernando. Pela noite. In: Triângulo das águas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 99 - 210. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 15ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. CANAL, María Inés García. Especio y diferenciación de género (Hacia la configuración de heterotopías de placer). Debates feministas, ano 9, v. 17, p. 47 - 57, 1998. Disponível em: https://debatefeminista.cieg.unam.mx/df_ojs/index.php/debate_feminista/article/view/429/366. Acesso em: 11 out. 2022. GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. Revista da Anpoll, [S. l.], v. 1, n. 28, 2010, p. 213 - 235. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/166>. Acesso em: 11 out. 2022. GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana. Ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. GUSMÃO, R. A força performativa do espaço: rasurando regimes de visibilidade. Revista Periódicus, [S. l.], v. 1, n. 17, p. 140-162, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/42520>. Acesso em: 11 out. 2022. LEAL, Bruno Souza. Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro: contos, identidade e sexualidade em trânsito. São Paulo: Annablume, 2002. PERLONGHER, Néstor Osvaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. ROLNIK, Raquel. O que é a cidade. São Paulo: Brasiliense, 2015.

AS REVERBERAÇÕES DO DISCURSO SOBRE O NEGRO E SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NA FIGURA MÍTICA AMAZÔNICA DO ATAÍDE

Myrcéia Carolyne Guimarães Da Costa e Cleonilson Rosário Da Costa

Resumo: Este trabalho apresenta considerações sobre o negro e sobre a homossexualidade extraídas dos discursos presentes nas histórias orais do Ataíde, ser mítico que compõe o imaginário do litoral paraense. Mergulhando nas histórias afloradas das memórias dos narradores de Taperaçu-porto em Bragança, deparou-se com a figura do Ataíde, entidade monstruosa que ataca pescadores e tiradores de caranguejo quando estes adentram o manguezal, castigando-os com surras e estupro. Os

objetivos da pesquisa visam analisar como o encantado influencia a vida dos moradores e quais temas reverberam nas entrelinhas dessas histórias, dentre eles destacam-se a questão do negro e da homossexualidade. A primeira depreende da constituição física do Ataíde: “pretão, feio, catinguento e com genitália de tamanho exagerado”; para uma sociedade com valores machistas, o falo gigantesco é associado a orgulho, porém, no Ataíde, seu símbolo de poder é o instrumento mortal que o configura como o terrificante ser que persegue, surra, estupra e mata pessoas, revelando uma interpretação que se dirige a sentidos maléficos ao afrodescendente evidenciando uma concepção racista e negativizando-os. A segunda diz respeito ao estupro, como a atividade de tirar caranguejo e de pescar são eminentemente masculinas, o ataque do Ataíde se direciona mais aos homens, desencadeando, pois, uma dupla interpretação acerca da insinuação de relações homoafetivas na comunidade, assim, esta compreensão, concomitantemente, oculta e revela esse tipo de relação. Nos discursos implícitos nas narrativas, a criatura simboliza o silenciamento e a condenação das práticas homoeróticas, constatadas na concepção negativa inerente ao mito especialmente se tratando da violação do corpo masculino, em que tal prática é considerada desvirtuada e pervertida fazendo com que o castigo (estupro) extrapole a natureza hedionda do abuso demonstre pensamentos preconceituosos e intolerantes de sujeitos atados numa perspectiva homofóbica.

Referências: AMARAL, Sharyse Piroupo do. História do negro no Brasil. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829034517/pdf_242.pdf DURAND, G. As estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral. (1921). Trad. Hélder Godinho. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção biblioteca universal) ELIADE, M. Aspectos do Mito. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Perspectivas do homem/ Edições 70. 2000. _____. Mito e Realidade. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972. FARES, Josebel Akel. Bestiário mítico da Amazônia brasileira: o voo das matintas pereiras em Bragança. 2015. Disponível em: <http://livred.info/bestirio-mitico-da-amaznia-brasileira-o-vo-das-matintas-pereras.html>. FIGUEIREDO, Napoleão. Presença africana na Amazônia. In: Afro-Ásia. nº 12. Salvador: 1976. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article> FONSECA, Pedro Carlos. O imaginário medieval na colônia: o bestiário em Fernão Cardim. In: Revista Signótica. Goiânia, vol. 11, nº 1. 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7283>. SOUZA, Camilla da Silva. Relações de gênero em Bacuriteua (PA): imaginário do homoerotismo masculino entre coletores de caranguejo. Dissertação de Mestrado. UFPA, Belém, 2013. TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. Trad. Do francês ao espanhol: Silvia Delpy. 2. ed. México: Premia, 1981. Série Debates. Versão brasileira a partir do espanhol: Digital Source-http://google.com/group/Viciados_em_Livros.

DEU A LÔKA? DEU. E NÃO SÓ A LÔKA.

Olinson Coutinho Miranda

Resumo: Dar a lôka? um questionamento que possibilita (des)conceitos e interrogações a respeito da expressão lôka. A expressão lôka vem do pajubá e designa a tática política da língua, a língua soco, a língua gilette, a voz que denota a estranheza divertida e debochada, enlouquecendo a Norma, a língua paródica, pintosa, desbocada, ferina e desarvorada. A lôka questiona, bagunça, A escrita lôka traz questionamentos, incertezas, tensões, transtornos e tremores. São diferenças de pensar e concretizar ações e lôkuras. A escrita lôka percorre por (des)caminhos tortuosos, enfrentando obstáculos e promovendo uma escrita transgressora que gera fluidez, movimento e movências. São corpos que expõem, se expõem e é uma autoexposição, na qual mostram quem são e o que querem diante uma realidade de abjeção, negação e (im)possibilidades desta sociedade que gera padrões e normas que regem nossos corpos e desejos. São diferentes, dissidentes, lôkax. São lôkax e são descontroladas, as quais abalam o (cis)tema que quer impor seus limites e padrões. Não querem ser padronizados, não aceitam o (cis)tema e nem as heterocisnormas. Querem expor suas lôkurax, ser lôka, dar a lôka, viver lôkamente e ser porra lôka. São as lôkax que gostam de extravasar, provocar,

sacudir, abalar e aterrorizar, provocando rachaduras nas estruturas sócio-gênero-sexuais estabelecidas. São lôkax dissidentes de gênero e sexualidade que são felizes em serem o que são. São as bixas, as bixinhas, as viadas, as pocs, as afeminadas, as travestis, as pessoas transexuais, as cachorras, as putonas, as purpurinadas, as maquiadas, as afetadas. As dissidentes sexuais são pura fechação e lacração, querem e permanecem fechando e lacrando em tudo que fala e faz, em seus gestos, corpos, vozes, gritos, roupas, acessórios, ações, desejos e lôkurax. São lôkax dissidentes que expõem a alegria em serem o que são e por concretizarem seus desejos e prazeres.

Referências: COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. Cad. Pagu, Campinas, n. 57, p. 1-34, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8658138>. Acesso em: 12 mai. 2021. FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. Translocas: Migración, homosexualidad y travessmo en el performance puertorriqueño reciente. Emisférica, v. 8, n. 1, s.p., 2011. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/emisferica-81/laountain>. Acesso em: 20 mar. 2021. FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. Epistemología de la loca: localizando a la transloca en la transdiáspora. In: FALCONÍ TRÁVEZ, D. CASTELLANOS, S.; VITERI, M. A. (eds.). Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el Sur. Editorial EGALES, S.L. Edição do Kindle, 2013. LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. MIRANDA, Olinson Coutinho; THURLER, Djalma. E SE EU FOSSE UMA LÔKA PUTA TRAVESTI? Pontos de Interrogação, v. 11, n. 2, jul.-dez., p. 361-380, 2021. s.p., 2011. NASCIMENTO, Tatiana. cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: n-1 ed, 2019.

LA MEMORIA TRANS HISPÁNICA DE PRINCIPIOS DEL SIGLO XX

Rafael M. Mérida Jiménez

Resumo: Las páginas publicadas por el Dr. Francisco de Veyga en el año 1903 con el título “La inversión sexual adquirida. Tipo profesional: un invertido comerciante”, en los Archivos de Psiquiatría y Criminología Aplicadas a las Ciencias Afines..., han sido revisadas por la crítica durante las últimas décadas como uno de los testimonios más singulares que poseemos en torno a la configuración de las identidades “homosexuales” y “trans” en el Buenos Aires de finales del siglo XIX y principios del XX. De hecho, según afirmaba Osvaldo Bazán en su Historia de la homosexualidad en la Argentina, esta revista, editada entre 1902 y 1913, debiera considerarse “el mejor registro que nos ha quedado de la vida marica a principios de siglo”, pues por sus páginas transitan muy diversas personas que informaron al Dr. De Veyga, profesor de Medicina Legal, sobre sus peripecias vitales y eróticas en los márgenes sociales y sexuales: “Aurora”, “Aída”, “Rosita de la Plata”, “Manón” y “La Bella Otero” se cuentan entre ellas. Justamente, el artículo al que aludo alberga un breve documento, calificado como autobiográfico, de quien es presentado como “Luis D.” / “La Bella Otero” y que refleja parte de un universo del que disponemos de escasos testimonios en primera persona. Esta comunicación tiene como objetivo ofrecer una reevaluación de la autobiografía de “La Bella Otero”, alias con el que fue conocido el español Luis D. / Culpiano Álvarez en el Buenos Aires de principios del siglo XX y que remitía al nombre artístico de Carolina Otero, célebre actriz de variedades de aquellas décadas. A mi juicio, un análisis que incorpore factores complementarios –como el origen de esta persona, su condición emigrante y el contexto histórico-cultural en que desarrolla su periplo vital– puede arrojar nuevas luces para comprender la originalidad de su testimonio.

Referências: BAZÁN, Osvaldo (2006), Historia de la homosexualidad en la Argentina: de la conquista de América al siglo XXI, Buenos Aires: Marea, 2006. DE VEYGA, Francisco (1903), “La inversión sexual adquirida. Tipo profesional: un invertido comerciante”, Archivos de Criminología, Medicina Legal y Psiquiatría, II, pp. 492-496.

“CHEGA DE ANDAR ATRÁS DO QUE ESTÁ ATRÁS DE TI”: A RESSIGNIFICAÇÃO DA “TERRA SEM MAL” NA POESIA DE WALDO MOTTA

Rodrigo Brito de Oliveira

Resumo: Este trabalho pretende analisar o livro *Terra sem Mal* – um mistério deleitoso e bufante (2015) de Waldo Motta, poeta brasileiro contemporâneo. Nessa obra, sob uma perspectiva religiosa, homoerótica e escatológica (e uma poética marcada por elementos da poesia satírica) Waldo ressignifica a crença da Yvy marã'ey ou “Terra sem Mal” – profecia guarani acerca da existência de uma terra perfeita, indestrutível, um abrigo contra a deflagração do mundo – declarando que esta terra prometida está localizada não à frente, mas atrás, nas estranhas do corpo, no cu propriamente dito. A presente pesquisa busca discutir as implicações éticas por trás da experiência com a “Terra sem Mal” waldiana. Desse modo, recorre-se ao levantamento bibliográfico correspondente à teoria etnográfica, à poesia contemporânea, ao homoerotismo e à fortuna crítica de Waldo Motta. A análise do livro *Terra sem Mal* – um mistério deleitoso e bufante (2015), do poeta em questão, se encontra em andamento, mas o que se percebe, a princípio, é que seu projeto poético vai além de um simples deboche, demonstrando-se sustentado por implicações éticas que ainda estão por serem melhor esclarecidas. A ressignificação de Motta não propõe uma solução para evitar a destruição do mundo – pois nela já estamos inseridos –, mas de encontrar no fim a própria salvação.

Referências: BAPTISTA, Josely Vianna. Roça Barroca. São Paulo: Cosac Naify, 2011. BATAILLE, Georges. O ânus solar (e outros textos do sol). Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. _____. O Erotismo. Traduzido do francês por Antônio Carlos Viana. Porto alegre: L&PM, 1987. CLASTRE, Hélène. *Terra sem Mal: o profetismo tupi-guarani*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1978. CLASTRE, Hélène. *Terra sem Mal: o profetismo tupi-guarani*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1978. DEMARCHI, Ademir. “O caminho da Terra sem mal”. In: MOTTA, Waldo. *Terra sem Mal – um mistério bufante & deleitoso*. São Paulo, Patuá, 2015. LEAL, Izabela G. G. de. *Perspectivas da “Terra sem Mal” na poesia contemporânea*. Scielo Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022. KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. MORAES, Eliane Robert. *Topografia do Risco: o erotismo literário no Brasil Contemporâneo*. In: *Cadernos Pagu*, nº 31, Julho-dezembro 2008, p. 399-418. MOTTA, Waldo. *Bundos e outros poemas*. Organização e seleção de Berta Waldman e Lumna Maria Simon. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. _____. *Terra sem Mal – um mistério bufante e deleitoso*. São Paulo: Patuá, 2015. NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Trad. Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1987. SÁ, Lúcia. *Literatura da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. SANTOS, Ricardo Alves dos. *A escrita religiosa e homoerótica do poeta contemporâneo Waldo Motta*. Dissertação (teoria literária). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. 2013, Uberlândia (MG). _____. *A poética profanada de Waldo Motta*. Revista *Estação Literária*, Londrina, vol. 13, pp 40-61, 2015.

SIMPÓSIO “INTERSECCIONALIDADE NAS LITERATURAS EM PORTUGUÊS: GÊNERO E NAÇÃO”

Coordenadores: Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ), Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ) e Mário César Lugarinho (USP)

INSUBMISSAS NARRATIVAS: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE PERSONAGENS FEMININAS EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES.

Albânia Celi Moraes de Brito Lira

Resumo: A escrevivência como chave de leitura da escrita de Conceição Evaristo, orienta suas narrativas para uma nova posicionalidade de personagens negras na literatura brasileira. Subverte a expectativa de silenciamento e opressão na qual o sistema literário tem mantido essas personagens, ao longo da história literária nacional e cria personagens femininas negras que narram suas próprias experiências de sobrevivência à violência física e psicológica. O presente trabalho visa analisar a escrevivência como estratégia narrativa de enfrentamento às estruturas de opressão de

personagens femininas negras, a partir do conceito de interseccionalidade. Este é um estudo de revisão bibliográfica que tem como corpus literário a obra *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (Evaristo, 2011). O recorte teórico aborda aspectos narrativos, sobretudo quanto a autor e narrador. Para estabelecer o diálogo com a teoria narrativa, o aporte teórico do feminismo negro, especificamente quanto à interseccionalidade e suas implicações para uma leitura sobre como o racismo e o patriarcalismo dentro do sistema literário reforçam estereótipos sobre os corpos femininos negros. A análise dos aspectos acima relacionados verifica como a autora, em sua prática narrativa, enfrenta o sistema literário, a partir de personagens femininas negras, que subvertem os padrões de opressão e silenciamento para falar sobre seus próprios corpos entrecruzados por violências. Assim se estabelece a fala e o lugar para personagens femininas negras na literatura contemporânea,, a partir do conceito de escrevivência.

Referências: AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade. In: RIBEIRO, Djamila (coord.). *Feminismos Plurais*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. In: ASHOKA EMPREENHIMENTOSSOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. COLLINS, Patricia Hill. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 01, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/RmjB7R>. Acesso em: 10 jan. 2019. COLLINS, Patrícia Hill. O que é um nome? *Mulherismo feminismo negro e além disso*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 51, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Acesso em: 20 jan. 2010. CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos a gênero. *Revista Estudos feministas*, v. 10, n. 01, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020. DALCASTANGNÈ, Regina. *Imagens da mulher na narrativa brasileira*. In: *O eixo e a roda*. *Revista de Literatura brasileira*, v. 15, 2017. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267/3201. Acesso em: 15 mar. 2019. EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita*. 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 08 maio 2019. EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Col. Vozes da diáspora negra, v. 7). GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*. ANPOCS, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 01 out. 2019. HOOKS, bell. *Intelectuais negras*. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. RATTIS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

CACILDA DE CASTRO: UMA ESCRITORA

Ana Cristina Comandulli

Resumo: Cacilda de Castro, escritora portuguesa, iniciou a escrever no segundo quartel do oitocentos e avançou com sua produção até o início do século XX. Esquecida pelo cânone e com uma biografia rasurada, com dados ainda por decifrar, ausência de datas de nascimento e de morte, na verdade o que sabemos mais é sobre sua árvore genealógica; pai português de mãe brasileira. Cacilda de Castro possui diversas publicações em contos, teatros e “histórias das coisas frívolas”. É possível perceber em seus escritos, por meio de suas personagens, a pontuação clara das diferenças de classe social do seu tempo. A sua participação no teatro vai além da escrita, atua como atriz nos primeiros movimentos do teatro natural apresentado na calçada da Estrela, em Lisboa. Cacilda de Castro foi, inclusive, uma das precursoras do teatro natural português, e, sendo mulher, já demonstra o seu temperamento “liberto” do locus de autores predominantemente masculinos. Pretendemos, com embasamento teórico em Vanda Anastácio, Irene Vaquinhas e outros pesquisadores de igual potência, apresentar, ainda que de forma breve, a escritora Cacilda de Castro e suas muitas facetas

de sua escrita e em qual ela mais se destacou ao tempo em que viveu, principalmente a participação no teatro e nos jornais sobre frivolidades.

Referências: 1. A bebé e a boneca:monólogo em verso. Lisboa: Arnaldo Bordalo, 1898. 2. CASTRO, Cacilda. A bebé e a boneca:monólogo em verso. Lisboa: Arnaldo Bordalo, 1917. 2a edição 3. CASTRO, Cacilda. A Caricatura: monólogo para um rapaz. Apresenta Cacilda de Castro, 1901. 4. CASTRO, Cacilda. Merlim e Viviana: acto em verso. Lisboa: Cernadas & Cia Livraria Editora, 1911 5. CASTRO, Cacilda. Silhuetas. Por Cacilda de Castro. Lisboa: Imprensa do Líbano da Silva, 1911. 6. VAQUINHAS, Irene, Coquetes, doutoras e outras. Lisboa: Edições Colibri, 2021. 7. ANASTÁCIO. Vanda. Uma Antologia improvável. Lisboa: Relógio d'Água, 2013.

O DIREITO À LITERATURA TRANS: UMA ESPECULAÇÃO QUANTO À DESESTABILIZAÇÃO DAS COMUNIDADES IMAGINADAS

Ana Gabriella Melo Ribeiro Aires

Resumo: Desde os fins do século XX, quando em 1990 Judith Butler publica a primeira edição da obra Problemas de gênero, obra substancial para pensarmos, hoje, as questões do 'transgênero' (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2019). As discussões referentes ao que entendemos aqui por questões 'trans' têm sido potencializadas, no século XXI, por autores como Butler, Paul Preciado, Brigitte Vasallo, Geni Nunez, mas não só, aliás, da perspectiva do gênero, como no caso citado, o prefixo 'trans' tem sido utilizado: vide também as discussões feitas da perspectiva da Literatura Comparada que giram em torno de termos ou utilizam como ferramentas teórico-críticas termos como 'transculturação' (ORTIZ, RAMA), e mais atualmente outros como 'translinguismo' (MIRANDA), 'transárea' (ETTE) e afins. Fato é que o 'trans', a partir dos discursos relacionados às questões de gênero e sexualidade, deixa de ser apenas um prefixo e ganha autonomia sintática e política: as corpos contemporâneas se identificam com 'trans' que, sem ser abreviação, é abertura à compreensão da potência que essas corpos exercem e reclamam desde as suas existências e repercute, no tempo espiralar (MARTINS, 2022), até a existência da nação. Justamente no século XXI, na contemporaneidade, portanto, nos parece evidente a necessidade de considerar a potência do termo. É iminente o 'trans', o movimento, a desestabilização, sendo assim, aqui especularemos, como Josefina Ludmer o fez em Aqui América Latina (2013), dessa vez em torno narrativas contemporâneas kuir/dissidentes, a evidência da relação gênero-nação e, portanto, como o transgênero rompe com a nação, o que nos parece significar romper com a língua nacional e a cultura local, aspectos ressaltados pelos românticos que se preocuparam com a construção da identidade nacional.

Referências: MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela, 2022; LUDMER, Josefina. Aqui América Latina: uma especulação. Trad. Rômulo Monte Alto. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2013; PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos "Anormais". de HOLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Pensamento Feminista. Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019; BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

AS COMUNIDADES IMAGINADAS POR FERNANDA DE CASTRO E CECÍLIA MEIRELES

Andreia Alves Monteiro de Castro

Resumo: A comunicação tem por objetivo analisar criticamente em que medida a representação de Portugal, do Brasil, da África e da Índia presentes na produção literária das prosadoras, poetas, teatrólogas, jornalistas e educadoras Fernanda de Castro (1900-1994) e Cecília Meireles (1901-1964) se inscrevem no continuum dos processos de enquadramento de memórias, de reprodução de estereótipos e de cristalização dessas identidades nacionais. Para isso, pretendemos examinar e relacionar as obras dessas duas importantíssimas escritoras em que os "imaginários" sobre essas nações estão "encarnados" em corpos femininos, considerando, sobretudo, os seus aspectos ideológicos e estéticos. Também pretendemos investigar, através de textos publicados e de manuscritos, em que medida, a estreita relação pessoal e a vasta colaboração profissional entre Fernanda de Castro e Cecília Meireles, que chegaram até mesmo a se (auto)representar como exóticas e sensuais "morenas de olhos de pantera", favoreceu a presença reiterada presença do

tema em textos de diferentes gêneros, incluindo a produção destinada ao público infantojuvenil. Cabe ressaltar que, ao contrário da produção de Cecília Meireles, a obra vastíssima e diversificada de Fernanda de Castro ainda é muito pouco conhecida e estudada, apesar de ter sido premiada e de contar com o reconhecimento de poetas e críticos, como David Mourão-Ferreira, Eduardo Pitta e Miguel Real.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Racismos Contemporâneos, Rio de Janeiro: Takano Editores, 2003. CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. Cores, cheiros e sabores – Corpo feminino e literatura no Século XIX. In: Terceira Margem. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-graduação, Ano XXIV, n. 43, maio-agosto/2020, p. 90-106. CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense, 1982. CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988. KIENING, Christian. O Sujeito Selvagem. São Paulo: Edusp, 2014. MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. PRIORE, Mary del. Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. PERROT, Michele. Os silêncios e o corpo da mulher. In: O corpo feminino em debate. Org. Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. São Paulo: Editora UNESP 2003. _____. Minha história das mulheres. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013. POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio; In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15 QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005. p. 107-130. RIBEIRO, Djamil. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. SANT'ANNA, Affonso Romano de. O canibalismo amoroso. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. SCHWARCZ, Lília M.O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. SCHWARTZ, Stuart B. Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

FLORES RARAS: SILÊNCIOS E REPRESENTAÇÕES DE AMOR ENTRE MULHERES NA POESIA PORTUGUESA DE AUTORIA FEMININA DOS SÉCULOS XIX E XX

Carlos Eduardo Soares da Cruz

Resumo: Nos últimos anos tem crescido o interesse sobre a presença de autoras nas literaturas, com estudos questionando sua presença no cânone e recuperando textos e dados biobibliográficos sobre escritoras brasileiras e portuguesas. Esses estudos demonstram o oposto do que há nos tradicionais volumes de história da literatura, marcada pelos “grandes nomes” masculinos, obras e temáticas que representariam a identidade nacional. A quase ausência de mulheres no cânone tem sido contrastada com uma quantidade cada vez maior de escritoras do século XIX e da primeira metade do século XX, que vêm sendo redescobertas e estudadas. Durante todo o longo século XIX, as mulheres portuguesas que escreviam estavam transgredindo e, por isso, colocavam em prática uma série de estratégias para lidarem com a “anxiety of authorship” (GILBERT & GUBAR, 1984). No entanto, essas escritoras acabavam por colocar em causa a dominação masculina (BOURDIEU, 2014). Ao tomarem para si a posição de sujeito, escritoras oitocentistas e primo-novecentistas, passaram a assumir uma “masculinidade feminina” (Halberstam, 2018). Em uma sociedade patriarcal que ainda considerava o casamento o destino majoritário para as mulheres, algumas autoras apoiavam-se em “amizades românticas” (Faderman, 1981); mais tarde, as “novas mulheres”, profissionalizando-se como escritoras, demandavam mais independência para escreverem e para amarem. Proponho, nesta comunicação, mapear algumas representações de amor entre mulheres em composições poéticas, sobretudo portuguesas, dos séculos XIX e XX, de modo a refletir como essas escritoras, em tempos distintos, questionavam o sistema de gêneros. Procurarei demonstrar como algumas poetisas cantavam seus amores por outras mulheres entre o interdito erótico de Alcipe à

transgressão das Três Marias. O foco será sobretudo na poesia das portuguesas Maria Adelaide Fernandes Prata (1822-1881), Maria da Cunha (1862-1917), Virgínia Victorino (1895-1967) e Judith Teixeira (1888-1959), e da brasileira Eunice Caldas (1879-1967). São poesias marcadas pelo silêncio e por imagens exóticas ou naturais.

Referências: BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kühner. 12ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. FADERMAN, Lillian. Surpassing the love of men: romantic friendship and love between women from the Renaissance to the Present. New York : William Morrow, 1991. GILBERT, Sandra & GUBAR, Susan. The madwoman in the Attic. The woman writer and the nineteenth-century literary imagination. New Haven: Yale University Press, 1984. HALBERSTAM, J. Female masculinity – Twentieth anniversary edition with a new preface. Durham and London: Duke University Press, [1998] 2018.

PROCEDIMENTOS DE UMA ESCRITA CONTRA-COLONIAL

Edma Cristina Alencar De Góis

Resumo: Sandra Pesavento (2006) afirma que a literatura pode se constituir em uma importante fonte histórica, que dá acesso ao imaginário de uma época, às “imagens sensíveis do mundo”, que fornece ao historiador “as sensibilidades e as formas de ver a realidade de um outro tempo”. Mulher negra da Bahia (1885), fotografia de Marc Ferrez, é o ponto de partida do poema Macala (Luna Parque, Fósforo, 2022), da escritora Luciany Aparecida. Escrito sob encomenda da editora, que recomendou a criação de um texto a partir de uma imagem anterior ao século XX, Macala expõe um procedimento de trabalho recorrente da escritora, a pesquisa em diferentes fontes com o intuito de produzir uma representação que anuncie a tríade violência colonial, patriarcado e questões de gênero. Macala mobiliza o encontro da imagem com a pesquisa em torno dos tipos de grupos étnicos de pessoas traficadas para o Brasil até o século XIX, lançando luz aos tempos atuais. Na peça de teatro Joanna Mina (paralelo13S, 2022), Luciany concilia pesquisa histórica, a partir de documentos dos séculos XVIII e XIX, com ficção, recriando a história de uma escravizada, trazida da Costa da Mina, Benim, para o Brasil no século XVIII. Ela se refere a este texto como uma “criação teatral contra-colonial” (Aparecida, 2023). Já a narrativa da traficante de drogas Dita Maldita, da novela Florim (paralelo13S, 2020), tem diferentes fontes de inscrição na realidade, uma das mais fortes, da participação de sua autora em oficinas na penitenciária feminina em Salvador, pelo projeto do coletivo Corpos indóceis e mentes livres, coordenado pela professora da UFBA, Denise Carrascosa. As obras citadas dão a ver um projeto literário que, valendo-se de referências encontradas no tecido social e/ou na história, problematiza narrativas sobre sujeitos subalternizados, fazendo emergir as memórias subterrâneas (Pollak, 1989) em lugar de uma memória oficial.

Referências: APARECIDA, Luciany. Joanna Mina. Salvador, BA: paraLeLo13S, 2022. _____. Macala. São Paulo: Círculo de Poemas (Luna Parque/Fósforo), 2022. _____. (Ruth Ducaso). Florim. Salvador, BA: paraLeLo13S, 2022. COSTA LIMA, Luiz. História. Ficção. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. GÓIS, Edma. Todos os nomes de Luciany Aparecida. Suplemento Pernambuco, Recife, 2023. pp. 13-15. PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, n° 06, abr. 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em: 23/11/2021. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François (et.al). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Laurente Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

A CONSTRUÇÃO DAS PROTAGONISTAS FEMININAS EM AMANHECER E BURITI: DIÁLOGO ENTRE LUCIA MIGUEL PEREIRA E JOÃO GUIMARÃES ROSA

Elisabete Brockelmann De Faria

Resumo: Lucia Miguel Pereira, crítica literária da primeira metade do século XX, no universo ficcional, publica em 1938 a obra Amanhecer, cuja protagonista, Aparecida, moça humilde do interior fluminense, vive autêntica crise de valores, acentuada pela amizade com Sônia e pela paixão por

Antônio, o que permite questionar como Aparecida transita entre os apelos eróticos face ao mundo conservador e patriarcal onde se insere. Em Buriti, de 1956, a partir da terceira edição publicado no volume Noites do sertão, Guimarães Rosa cria três personagens femininas memoráveis: Maria da Glória, Maria Behu e Lala, que, às voltas com o ambiente pautado pelo erotismo da fazenda Buriti Bom, respondem de maneira diversa à sedução que emana do lugar. Desse modo, esta pesquisa examina, nas obras elencadas, o modo de construção das protagonistas femininas, com vistas à análise comparativa entre as obras e com relação às categorias de tempo e espaço. Os pressupostos teóricos principais que norteiam este estudo sustentam-se em um tripé, que são, em primeiro lugar, textos sobre Lucia Miguel Pereira como escritora, em Memorial do memoricídio, organizado por Constância Lima Duarte e Uma história do romance de 30, de Luís Bueno; textos sobre a ficção rosiana contidos em sua fortuna crítica, como os de Benedito Nunes e Eduardo Coutinho. Em segundo lugar, estudos sobre a categoria de espaço, como Teorias do espaço literário de Luis Alberto Brandão. Em terceiro lugar, estudos sobre a categoria de tempo, como a obra basilar O tempo na narrativa de Benedito Nunes.

Referências: BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. BRANDÃO, Luis Alberto. Teorias do espaço literário. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013. COUTINHO, Eduardo Frederico. Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem. In: _____. (Org.) Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1991. p. 170-178. DUARTE, Constância Lima. (Org.) Memorial do memoricídio: escritoras esquecidas pela história: volume I. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. F. (Org.) Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1991. p. 144-169. NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. São Paulo: Ática, 1995. PEREIRA, Lucia Miguel. Ficção reunida. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. ROSA, João Guimarães. Buriti. In: _____. Noites do sertão. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976. p. 80-251

LAÇOS DE FAMÍLIA: TESSITURAS LITERÁRIAS DE CARMEM DOLORES E CHRYSANTHÈME

Elisabeth Fernandes Martini

Resumo: As brasileiras Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello (1852-1910), e Cecília Bandeira de Mello Rebelo de Vasconcelos (1870 – 1948), mais conhecida como Madame Chrysanthème, compartilharam estreitos laços familiares e obtiveram, com a pena em punho, lugares de destaque no universo das Letras, nas primeiras décadas do Novecentos. Emília Moncorvo foi escritora, jornalista, dramaturga, conferencista e crítica literária bastante prestigiada na virada do século XIX para o XX. Quanto a Cecília de Vasconcelos, filha primogênita que, com a viuvez precoce, teve de garantir o próprio ganha-pão, seguiu seus passos, a começar pela escolha de um pseudônimo assaz significativo para o período. Como sua mãe, obteve ampla projeção no campo literário, ao publicar contos e crônicas em jornais e revistas fluminenses, em plena Belle Époque, legando para a posteridade um volume significativo de obras, entre romances, literatura infantil e ficção histórica. A partir dos livros A luta (1911) e Famílias (1933), das respectivas autoras, proponho descortinar o processo de profissionalização da mulher escritora no seio intelligentsia brasileira, assim como a progressiva vocalização feminina na capital federal do Brasil e, por fim, o virtual apagamento de ambas do cânone. Trata-se de jogar luzes sobre protagonistas em meio a um longo processo para alçar a plena igualdade entre os sexos que segue, até os nossos dias, em construção.

Referências: CARMEM DOLORES. A luta. Ima Editorial, 2020. CHRYSANTHÈME. Famílias... (romance). Rio de Janeiro: Renascença, 1933. 171 p. HELLMANN., Risolette Maria. Carmem Dolores: escritora e cronista.: Uma intelectual feminista da Belle Époque. Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Acessível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/158424/337009.pdf?sequence=1&isAllowed=y> SOIHET, Rachel. "Carmem Dolores: as contradições de uma literata na virada do século". In: La manzana de la discordia. Dez 2009, nº 8, p. 33-42. VIEIRA, Luciana M. da C. ; SILVA, Maria de Lourdes. Feminismo segundo Chrysanthème no livro Famílias... Acessível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA8_ID86_05052015113317.pdf.

A MORTE DE MULHERES NA LITERATURA BRASILEIRA

Erica Ignacio Da Costa

Resumo: Os espaços, na literatura e na estrutura social, estão sempre impregnados de violência, que podem levar a mortes. Ronaldo Vainfas, em *Trópico dos Pecados: Moralidade, Sexualidade e Inquisição no Brasil* (2010), discute o patriarcado no Brasil e o legado das explorações coloniais, como a escravidão, na organização familiar brasileira. O patriarcado se lança com noções de posse, de controle, de direitos e de supervisão dos corpos das mulheres, que levam a inúmeros feminicídios, questões que ainda são tão atuais, e que precisam ser cada vez mais discutidas. Quando as personagens são representadas na literatura no abjeto, no exagerado, no imoral, nos tabus e nas provocações, é possível estabelecer reflexões sobre a moral matrimonial, os espaços e a própria tradição literária como formas cínicas de abalar a sociedade e as moralidades. A investigação se dá em autores como Judith Butler (2008), Susan Sontag (2007), Heleieth Saffioti (2004), Angela Davis (1981), Roberto Da Matta (1997), Margareth Rago (2014), Michel Foucault (2017), entre outros, para expandir as questões de gênero, de interseccionalidade e suas abordagens. O que se pretende analisar, por fim, é como as personagens mulheres morrem em alguns romances, e também por que morrem. O trabalho central de análise é sobre o romance *Crônica da casa assassinada* (1999), de Lúcio Cardoso, em diálogo com outros autores brasileiros, como José de Alencar (2017), Visconde de Taunay (s/d), Graciliano Ramos (2012), Cornélio Penna (s/d), Raduan Nassar (2020), Clarice Lispector (1998), Milton Hatoum (2018), Martha Batalha (2016), e Itamar Vieira Júnior (2019). O que se relaciona com as mortes é uma condição social estrutural baseada na casa, no confinamento e na ruína familiar. Pretende-se investigar como estes autores exprimem, em suas representações literárias, a família como uma instituição de micropoder, nas noções de Foucault, e se quebram ou não com as morais tradicionais impostas.

Referências: ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Via Leitura, 2017. BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016. BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. DA MATTÁ, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 1981. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Vol. 1. Trad. M. T. Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2017. HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Cia. de bolso, 2018. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo, Cia. das Letras, 2020. PENNA, Cornélio. *Fronteira*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2012. SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. SONTAG, Susan. *Doença como metáfora. Aids e suas metáforas*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2007. TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Ed. Escala, s/d. VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. VIEIRA JR., Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Ed. Todavia, 2019.

A LITERATURA DE DUPLA CONSCIÊNCIA COMO AGENCIADORA DA NEGRITUDE PORTUGUESA EM ESSE CABELO, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA.

Floriza De Souza Fernandes

Resumo: Ao propor uma literatura de 'dupla consciência' (GILROY, 2012, p.33) que possa abordar a ascensão de uma negritude portuguesa na obra *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida, é necessário entender, primordialmente, como esse texto literário, parece enquadrar-se na estilística contemporânea do afropolitanismo, desenvolvida por Achille Mbembe, teorização que se direciona para a formação de uma cultura transnacional a que o autor atribui 'sensibilidade cultural, histórica

e estética'. (MBEMBE, 2015, p.70). Ainda que visão de negritude de Aimé Césaire aponte para uma estratégia de afirmação e reafirmação de si (CESAIRE, 2010, p. 18), na qual o povo negro se coloca contrário à subalternidade racial, o afropolitanismo, conceito complementar à negritude, pode ser aplicado à literatura de Almeida, pois permite durante a leitura, descortinar a busca de uma identidade portuguesa por intermédio da relação da protagonista Mila, uma mulher negra de cabelo crespo, nascida em Angola e que vive em Portugal, que não consegue desabrigar sua existência angolana, o que permeia o nascimento de duas consciências nacionais que se complementam. Nesse contexto, pretende-se discutir de que forma a literatura composta por Almeida performa uma representação das heranças de África como componentes de uma agência de negritude em Portugal. Para isso, é necessária uma análise não reducionista da experiência de negritude e de africanidade na obra, que dialogue com a condição afropolitana proposta por Mbembe. Ademais, Paul Gilroy diz que a África contemporânea é substituída pelo que ele chama de "significantes icônicos" de um passado africano genérico e ideal" (GILROY, 2012, p.24). A representação do cabelo crespo em *Esse Cabelo* pode então performar um significante que ajuda na formação de uma representação da negritude portuguesa, já que não se limita somente ao crespo de Mila, a protagonista, mas também a outros crespos herdeiros de África que se compõem como icônicos em Portugal.

Referências: ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras*. Lisboa: Leya Brasil, 2017. 131 p. CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. 120 p. GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ: Editora 34: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012. 427 p. MBEMBE, Achille. *Afropolitanismo*. *Áskesis - Revista Des Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Ufscar*, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 68, 18 dez. 2015. *Áskesis*. <http://dx.doi.org/10.46269/4215.74>.

MULHERES E LITERATURA: PERSONAGENS LEITORAS EM CAMILO E EÇA

Isabela Coradini Pinheiro

Resumo: O objetivo do presente trabalho é examinar a representação de personagens leitoras nas obras dos autores Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, considerando a educação das jovens e a cultura impressa da época. Desse modo, pretende-se analisar a construção do imaginário social oitocentista que forjou a ideia de uma literatura, por vezes benéfica, por vezes maléfica, destinada prioritariamente ao público feminino. Realizaremos a análise destacando, principalmente, as seguintes personagens: Luísa, d'O primo Basílio (1878) e Maria Eduarda Maia d'Os Maias (1888), de Eça de Queirós; Ludovina e Angélica, d'O que fazem mulheres (1858) e Cassilda Arcourt, d'A mulher fatal (1870), de Camilo Castelo Branco. Como aporte crítico-teórico do recorte utilizamos *História da Literatura Portuguesa* (1975), de António José Saraiva e Óscar Lopes; *Minha história das mulheres* (2019) e *Os silêncios do corpo da mulher* (2003), de Michelle Perrot; *Um teto todo seu* (2019), de Virginia Woolf, e "Senhoras e mulheres" na sociedade portuguesa do século XIX (2000), de Irene Vaquinhas. Dessa forma, será possível tecer um esboço atinente à representação das leitoras portuguesas do século XIX; e analisar como as obras de Camilo e de Eça forjaram socialmente uma nova ideia de leitora para o mundo novo, liberal e romântico.

Referências: CASTELO BRANCO, Camilo. *A mulher fatal*. [S.L.]: Edições Vercial, 2013. _____. *O que fazem mulheres*. [s.l.]: Edições Vercial, 2010. QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela M. S. Côrrea. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019. _____. *Os silêncios do corpo da mulher*. In: *O corpo feminino em debate*. MATOS, M. I. S. (org.); SOIHET, R. (org.). São Paulo: Editora UNESP, 2003. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=17934> Acesso em: 06 jan. de 2023. SARAIVA, António José.; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 8 ed. Porto: Porto Editora, 1975. VAQUINHAS, Irene. "Senhoras e mulheres" na sociedade portuguesa do século XIX. Lisboa: Edições Colibri, 2000. WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Vera Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

VISÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS DA NAÇÃO EM CONTOS DE MARIA FIRMINA DOS REIS E JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Laísa Marra

Resumo: O trabalho compara os contos "A escrava" (1887), de Maria Firmina dos Reis, e "Os porcos" (1903), de Júlia Lopes de Almeida. Com apenas dezesseis anos de diferença entre eles, esses contos dialogam com um momento de efervescência política e cultural no Brasil, marcados não só pela Lei Áurea, em 1888, e pela Proclamação da República, em 1889, como também pela influência do positivismo, das teorias raciais e do naturalismo enquanto correntes de pensamento importantes para a imaginação do Brasil como nação alinhada à "marcha da civilização" ocidental. Atentando especialmente para os desfechos dos enredos das narrativas examinadas, argumenta-se que em Maria Firmina dos Reis vemos esse contexto acionado para a projeção de outro tipo de nação, a qual, diferentemente da hegemônica, incluiria na ideia de progresso o sujeito negro descendente de indígenas e africanos. Já Júlia Lopes de Almeida recupera o mito alencariano da origem brasileira como resultado do amor entre um homem branco e uma mulher indígena, e faz dele uma releitura fatalista e grotesca. Com essa análise, defende-se que houve, no período histórico em questão, uma pluralidade de visões em torno da nação brasileira e seus destinos, e que o discurso dominante, torno do embranquecimento nacional, foi acompanhado de contradiscursos que precisam ser considerados.

Referências: ALMEIDA, Júlia Lopes. Os Porcos. In: _____. *Ânsia Eterna*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019. ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. MARRA, Laísa. *A narrativa de Maria Firmina dos Reis: nação e colonialidade*. 2020. 191 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2020. MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5 ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019. REIS, Maria Firmina dos. *A escrava*. In: _____. *Úrsula; A escrava*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017. SCHMIDT, Rita Terezinha. *Mulheres reescrevendo a nação*. Estudos Feministas, Florianópolis, ano 8, p. 84-97, 1o sem. 2000. SCHMIDT, Rita Terezinha. *The nation and its other*. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 86-110, 2005. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DA ARTE, DO OLHAR E DO PACTO FORJADO ATRAVÉS DA LUZ E DA SOMBRA: A EXPERIÊNCIA AFROPEA DAS PERSONAGENS DE "UMA FOTOGRAFIA COM MARIAM" (2019), DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA.

Lucas Breda Magalhães

Resumo: O objetivo deste trabalho consiste na análise do conto intitulado "Uma fotografia com Mariam", da escritora portuguesa Djaimilia Pereira de Almeida, através do olhar para a experiência Afropea evidenciado nas personagens que compõe a narrativa. Nesse sentido, as identidades transitórias, descentralizadas e desterritorializadas dessas personagens evocam as dinâmicas de questionamento sobre formas e possibilidades de ser e pertencer que se revelam por meio da linguagem e nos processos de criação estética utilizados pela autora em evidência. Como resultado, nota-se a produção de um discurso (literário) que evidencia as feridas ainda abertas da colonialidade na constituição de uma identidade nacional portuguesa vinculada à imagem de corpos negros, agenciada à experiência de gênero e classe das personagens. Quanto a metodologia, este trabalho se assenta nos estudos pós-coloniais e utiliza as discussões propostas por pesquisadores como Gilroy (2012), Boaventura de Souza Santos (1999), Inocência Mata (2014), bem como de Johny Pitts (2019) e Judith Butler e Gayatri Spivak (2018). Por fim, é importante indicar que esta comunicação está vinculada ao projeto de pesquisa intitulado "Afropeans-Port: escritas Afropeas em Portugal" desenvolvido na Universidade de São Paulo em parceria com a Universidade de Lisboa, sob financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências: BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Quem canta o Estado-nação? Língua, política, pertencimento*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018. GILROY, Paul. *O Atlântico*

negro. São Paulo: Editora 34, 2012. MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. Civitas: Revista De Ciências Sociais, 14(1), 27–42. PITTS, Johny. Afropean: notes from Black Europe. Londres: Penguin Books, 2019. SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

INTERSECCIONALIDADE NAS LITERATURAS EM PORTUGUÊS: GÊNERO E NAÇÃO

Mário César Lugarinho

Resumo: Segundo Chartier (1990), o conceito de representação se pauta em duas realidades distintas, mas que se interpenetram. Uma diz respeito às identidades coletivas, aos ritos, aos modos que fundamentam as instituições sociais. A outra se refere à identidade do sujeito, às formas de exibição individual e à avaliação desse indivíduo pelo grupo. Se representar significa dar visibilidade ao outro, historicamente, também significou silenciar outros. Indivíduos ou grupos dominantes, legitimados por instâncias sociais, como classe, raça e gênero, desqualificavam, desautorizavam ou inviabilizavam discursos das minorias marginalizadas, sobretudo se fossem dissonantes. A literatura como instrumento de construção, de interpretação, de disseminação e de questionamento das representações dominantes, obviamente, também projetava, mantinha e subvertia identidades individuais e coletivas. Para a análise das dinâmicas da interação entre os diversos eixos da subordinação, é fundamental o conceito de interseccionalidade, sistematizado pela feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw, que trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam, por gêneros, raças, etnias, classes etc., as posições relativas dos indivíduos no corpo social. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos da opressão. (CRENSHAW, 2002, p.177). Essa perspectiva descreve bem a forma como o estado nacional burguês se organizou política e juridicamente durante o século XIX, definindo discursos que impunham uma identidade nacional homogênea (GUIBERNAU, 1997, p. 58), baseada numa suposta memória coletiva compartilhada por seus súditos. Deste modo, parece ser incontornável a análise da participação da literatura na manutenção, na reprodução ou no questionamento da construção identitária de projetos de nação idealizados por políticos, intelectuais e artistas, considerando os seus desdobramentos históricos e sociais e a sua permanência na atualidade.

Referências: CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: Estudos Feministas, vol. 10, núm. 1, p. 171-188, jan. 2002. CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. GUIBERNAU, Montserrat. Nacionalismos – O estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

AFROPESSIMISMOS E INTERSECCIONALIDADES: VIOLÊNCIA ANTINEGRA E CORPORIDADES NAS POÉTICAS DE ITAMAR ASSUNÇÃO E TATIANA NASCIMENTO

Paulo Cesar Thomaz

Resumo: A proposta deste estudo consiste em mobilizar conceitos dos principais teóricos que participaram da construção das correntes teóricas do afropessimismo e da interseccionalidade com o propósito de realizar um exercício de leitura das poéticas dos artistas Itamar Assunção e Tatiana Nascimento. Pensamos - será sobretudo um exercício especulativo - que pode ser produtivo para o pensamento crítico contemporâneo, que procura entender a violência antinegra a partir das formulações da arte contemporânea, provocar aberturas, a partir desses fenômenos teóricos particulares e desde suas releituras no país, na recepção da matéria artística de ambos os autores. Itamar e Tatiana apresentam assimetrias cronológicas e espaciais, porém, transitam igualmente pela palavra escrita, cantada e performatizada. É por meio dessa palavra composta de matérias diversas e convertida em devir poético que formulam significados para a experiência da existência negra tensionada permanentemente pela violência, especialmente gratuita, como nos assinala Abdias do Nascimento em “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado”, exercida

sobre os corpos negros e revestida de modernidade e humanismo. Além disso, obras como o álbum “Pretobrás – Por que eu não pensei nisso Antes?”, de Itamar Assunção, e “Lundu”, de Tatiana Nascimento, entre outras, desafiam os parâmetros da interseccionalidade, da interconexão entre pessoas, problemas sociais e ideias para modular uma dinâmica ontológica em que gênero, raça e classe apresentam uma distinção significativa para dialogar mais especificamente com a teoria social e com as tradições acadêmicas que tratam das relações de poder.

Referências: Assunção, Itamar, Pretobrás - Por Que Que Eu Não Pensei Nisso Antes?, Atração Fonográfica, 1998. ____ Ataulfo Alves por Itamar Assunção - Pra Sempre Agora, Paradox, 1996. ____ Bicho de Sete Cabeças - Vol III, Baratos Afins, 1993. ____ Bicho de Sete Cabeças - Vol II, Baratos Afins, 1993. ____ Bicho de Sete Cabeças - Vol I, Baratos Afins, 1993. ____ Intercontinental! Quem Diria! Era Só o Que Faltava!!!, Continental, 1988. ____ Sampa Midnight - Isso Não Vai Ficar Assim, MPA, 1983. ____ Às Próprias Custas S.A., Isca Gravações Musicais Ltda., 1981. ____ Belélú, Lélú, Eu. Lira Paulistana, 1980. (com Isca de Polícia) Collins, Patricia Hill. Bem mais que ideias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022 ____; Patricia Hill; Bilge, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022. Nascimento, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016. Nascimento, Tatiana. Esboço, Brasília: Padê editorial, 2016 ____ Lundu, Brasília: Padê Editorial, 3ª edição, 2016 ____ Mil994, Brasília: Padê Editorial, 2018 ____ 07 notas sobre o apocalipse, ou, poemas para o fim do mundo, Garupa e Kza1 edições, 2019 ____ Oriki de amor selvagem: todos os poemas de amor preto (ou quase), Brasília: Padê Editorial, 2020 Wilderson III, Frank B. Afropessimismo. São Paulo: Todavia; 2020.

O DESEJO E O DESEJO DO OUTRO: O FEMININO EM CAPITU E DONA FLOR

Rebeca Soares de Lima e Grace Ferreira Leal

Resumo: A feminilidade, como uma construção discursiva produzida a partir do discurso do Outro, passa por transformações na contemporaneidade (KEHL, 2016). Ainda que o gênero feminino encontre, na literatura, um estereótipo marcado pelo ideário romântico de mulher recatada e do lar - como nas obras de Dom Casmurro (ano de publicação: 1899), de Machado de Assis (1999), na personagem Capitu e; Dona Flor e seus dois maridos (ano de publicação: 1966), de Jorge Amado (2008), com a protagonista Florípedes - há nessas duas mulheres indícios do desejo feminino que já não abarca mais o lar como ambiente predominante ou exclusivo em suas vidas, proporcionando a abertura de possibilidades para desempenhar outros papéis. Assim, este estudo irá percorrer acerca do desejo parental, as fixações ocorridas nos primeiros anos de vida e a construção edípica percebidas nas personagens. Pois os ensaios para a vida adulta, ocorridos na infância, influenciam essa vida mais madura e responsável e evidencia o discurso do Outro introduzido no indivíduo neste período. Outrossim, os conceitos de feminino, desejo e gênero expostos pelo olhar masculino dos autores diz do ideário cultural que recai sobre as mulheres, pois, além de ser uma visão masculina, ainda há o querer de “encontrar numa mulher toda a disposição amorosa, quase sacrificial, passiva, que se convencionou chamar de feminilidade” (KEHL, 1996, p. 185). Assim, o desejo, a feminilidade, bem como, o gênero feminino serão discutidos a partir da psicanálise. Um paralelo entre a mulher ideal, a fantasia e a mulher real.

Referências: AMADO, Jorge. Dona Flor e seus dois maridos. São Paulo: Companhia das letras, 2008. ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Série bom livro. 37ª ed. São Paulo: ed. Ática, 1999 KEHL, Maria Rita. A mínima diferença: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago ed., 1996. KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

IDENTIDADE NACIONAL E A MASCULINIDADE NA CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA

Samira dos Santos Ramos

Resumo: A literatura oferecida para jovens esteve vinculada à educação e à formação de identidades hegemônicas antes mesmo que a própria categoria adolescência fosse criada. A partir do século XVIII, com a criação da infância e da adolescência como categorias sociopolíticas, as obras literárias

adaptadas, traduzidas ou escritas para jovens projetavam modelos de masculinidade hegemônica, fundamentadas em noções de heroísmo e de adesão aos valores burgueses de individualidade, família, nação e trabalho. Em uma breve análise da história da leitura no ocidente, pode ser observada a importância de romances como os de Verne, Dumas e Twain para a educação dos jovens, bem como a persistência destas obras nos modelos de juventude e masculinidade apresentados nas obras brasileiras até meados do século XX – quiçá até hoje. Por outro lado, as primeiras obras nacionais publicadas no Brasil no século XIX, de caráter ainda mais pedagógico, tinham os “meninos” como público alvo e ensinavam, também a partir da literatura, valores morais como a dedicação à família, ao trabalho e à pátria. Por conseguinte, considerando que a identidade nacional esteve colada à masculinidade e ao heroísmo por um longo período de tempo sem que este trinômio fosse detectado (LUGARINHO, 2013), encontramos a literatura juvenil um campo privilegiado para compreender as intersecções entre nacionalidade e gênero a partir do estudo das relações entre a identidade nacional e a masculinidade na literatura juvenil, tendo como corpora as obras traduzidas, adaptadas e escritas no Brasil no final do século XIX e início do século XX.

Referências: ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. COELHO, Nelly Novais. A literatura infantil: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000. CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufg.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 20 abr. 2022. GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011. GREGORIN FILHO, J. N. Adolescência e literatura: entre textos, contextos e pretextos. FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, [S. l.], n. 17, p. 110–120, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteraz/article/view/29044>. Acesso em: 20 jan. 2019. LUGARINHO, M. C. Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa). Abril – NEPA / UFF, v. 5, n. 10, p. 15-38, 30 abr. 2013. Acesso em: 15 dez. 2022. ZILBERMAN, R. Leituras para a infância no século XIX brasileiro. FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, [S. l.], n. 17, p. 22–42, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteraz/article/view/29413>. Acesso em: 6 jan. 2023.

SIMPÓSIO “MULHERES NEGRAS DAS LETRAS: RECONFIGURAÇÃO DAS HIERARQUIAS DE RAÇA, CLASSE, GÊNERO SEXUALIDADE”

Celiomar Porfirio Ramos (UNEMAT), Larissa da Silva Lisboa Souza (UFLA), Marinei Almeida (UNEMAT)

LUCIENE CARVALHO E CRISTIANE SOBRAL: VOZES DAS MULHERES NEGRAS NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

Adriana Lins Precioso, Helenice Joviano Roque de Faria

Resumo: O cenário da literatura brasileira contemporânea tem revelado, cada vez mais, espaços para a reconfiguração das hierarquias de raça, classe, gênero e sexualidade em relação as vozes das mulheres negras nas Letras. A poesia tem ganhado destaque nesses últimos tempos revelando uma perspectiva mais aut centrada e autorrepresentativa da mulher negra em diferentes contextos da realidade do Brasil. O Centro-Oeste, mais especificamente, o estado de Mato Grosso e o Distrito Federal, com suas vivências específicas têm forjado as vozes de Luciene Carvalho e Cristiane Sobral enquanto representantes dessa nova onda de mulheres negras e poetisas. As obras Dona (2018) de Carvalho e Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz (2014) de Sobral serão nossos objetos de análise para essa proposta de comunicação. Dentre os vários objetivos desse trabalho, tal como: apresentar as novas poetisas, dimensionar a variação temática e sua potência na construção de imagens, está também a preocupação em revelar os modos de uso da palavra como mecanismo de

resistência diante do racismo estrutural que tem raízes ainda muito fortes no nosso país. Para isso, nosso arcabouço teórico contará com os pressupostos desenvolvidos por Antonio Candido (1996); Octavio Paz (2012); Alfredo Bosi (1977); Heloísa Buarque de Hollanda (1994); Dora Barrancos (2022); Bel Hooks (2009); Regina Dalcastagnè (2008); Patrícia Hill Collins (2017); Carla Akotirene (2020); Sílvia Almeida (2021) entre outros.

Referências: AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. ALMEIDA, Sílvia. Racismo Estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. BARRANCOS, Dora. História dos feminismos na América Latina. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977. CANDIDO, Antonio. O estudo analítico do poema. São Paulo: Humanitas-Publicações, 1996. COLLINS, Patrícia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, v. 5, n. 1, p. 6–17, 29 jun. 2017. DALCASTANGÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília, n. 31, p. 87-110, jan./jun. 2008. HOLLANDA, Heloísa Buarque. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. HOOKS, Bell. Teoria feminista: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2009.

EROTISMO COMO FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO E EMANCIPAÇÃO PARA MULHERES NEGRAS

Alexandra Oliveira de Sá

Resumo: Erotismo como ferramenta de libertação e emancipação para mulheres negras O presente estudo pretende abordar a questão da erotização do corpo feminino negro que, no âmbito do discurso patriarcal e sexista, tornou-se objeto de escárnio e de desejo, tido como indecoroso e libertino pela visão dominante. Outro aspecto importante é o resgate da liberdade do corpo feminino por meio da literatura, através da produção de poemas eróticos, presentes na obra de Tula Pilar. A poesia erótica representa também a luta e a resistência das mulheres negras contra a invisibilidade e o silenciamento. Ela permite que às mulheres falem, para expor seus pensamentos, fazer denúncias sociais, políticas e também falar de seu prazer. O erótico é uma força que orienta e conecta todos aspectos da vida em plenitude, segundo Audre Lorde. Diante disso, pretendemos mostrar que a poesia negra erótica ultrapassa entaves sexuais, de gênero e também de raça. A poesia erótica negra alcança um cunho estratégico, pois a mulher negra, que sempre foi objeto sexual do homem branco e invisibilizada, ganha voz e assume o protagonismo por meio da literatura erótica. Frente ao exposto, entendemos que a escrita de Tula Pilar Ferreira por ser objeto de emancipação, de resistência e de enfrentamento, oferece uma grande contribuição para a autonomia feminina. Pretendemos, também, discutir aspectos históricos que se mantêm até os dias de hoje, como o sexismo, o patriarcalismo e a supererotização do corpo feminino negro que sempre serviram como forma de repressão para as mulheres negras.

Referências: FERREIRA, Tula Pilar. Sensualidade de fino trato. São Paulo: Ed. Sarau do Binho, 2017. LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. Disponível em: <<https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/AUDRE-LORDE-leitura.pdf>>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

POESIA DE MULHER INTEIRAMENTE NEGRA: INTERSECCIONALIDADE E AUTORREPRESENTAÇÃO EM POEMAS DO REGRESSO, DE GENI GUIMARÃES

Ângela Da Silva Gomes Poz

Resumo: Após um hiato de quinze anos sem publicar, a poeta, ficcionista e professora Geni Guimarães, primeira mulher negra a receber o Prêmio Jabuti (em 1990) e uma de nossas mais profícuas escritoras, retorna no ano de 2019 com mais uma obra para o público infanto-juvenil e, em 2020, seguindo a versatilidade e sensibilidade que marcam a sua produção, volta à publicação de poesias, com o livro Poemas do regresso. Nessa obra, a autora mantém a centralidade da temática afro, perpassando raça, gênero, classe e outros temas que ela domina e verseja com plena representatividade, em sua escrevivência de mulher “inteiramente negra. Brasileira”, como se apresenta em “Versos do trato”, um dos mais contundentes poemas que a compõem. Este trabalho

pretende, por meio da leitura analítica do livro, baseada em uma episteme majoritariamente feminina e negra – como textos de Lélia Gonzalez (2018; 2020), Beatriz Nascimento (2018; 2021), Sueli Carneiro (2011; 2019), Conceição Evaristo (In DUARTE; NUNES, 2020), Patricia Hill Collins (2019) e a mesma com Sirma Bilge (2021), Audre Lorde (2019; 2020) e bell hooks (2019; 2020) –, estudar exatamente o trato que Geni Guimarães confere a esses temas na concepção de seus versos, identificando neles a interseccionalidade e a autorrepresentação que a poeta denota a partir da sua experiência individual, que não se fecha em si, mas abrange toda uma coletividade, também nessa obra: uma tessitura de palavras, lirismo e subjetividade que se potencializa como resistência política e cultural na literatura brasileira contemporânea.

Referências: CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011. CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. Prefácio Conceição Evaristo, Apresentação Djamilia Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, 2019. COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. COLLINS, PATRICIA Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.... Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. GUIMARÃES, Geni. Poemas do regresso. Rio de Janeiro: Malê, 2020. hooks, bell. Teoria feminista: da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019. hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. hooks, bell. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvi Libanio. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020. LORDE, Audre. Irmã outsider. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. LORDE, Audre. Sou sua irmã: escritos reunidos. Organizado e apresentado por Djamilia Ribeiro. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020. NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. (org. Alex Ratts). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

A VEZ E A VOZ NAS (ESCRE)VIVÊNCIAS EVARISTIANA: O (RE) TECER DA MEMÓRIA ANCESTRAL EM POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS

Arissandra Andreia dos Santos,

Resumo: O projeto ficcional da escritora Conceição Evaristo, na perspectiva da literatura afro-brasileira, é perpassado pelo decolonialidade ao (re)tecer a memória ancestral sobre o ponto de vista do protagonismo de autoria da mulher negra e periférica. Diante disso, a poética evaristiana, bem como a sua obra em prosa, faz um resgate das vozes silenciadas que sofreram a tentativa de apagamento pelos mecanismos hegemônicos eurocêntricos colonizantes do poder (QUIJANO, 2009). Nesse sentido, propomos nesta investigação, analisar por meio das (escre)vivências, as imagens poéticas presentes em dois poemas da coletânea “poema da recordação e outros movimentos (2021), a partir do olhar decolonial e memorialístico. A leitura será analítico-interpretativa, com ênfase na perspectiva fenomenológica das imagens poéticas. Para tanto, respaldamo-nos na teoria do epistemólogo Gaston Bachelard em suas obras A Poética do espaço (1993) e A Poética do devaneio (1999), bem como no percurso antropológico do imaginário preconizado por Gilbert Durand (2012); as potencialidades do inconsciente coletivo através da teoria Junguiana (2000); sobre memória coletiva Halbwachs (2006), Pollak (1990) e decolonialidade a partir de Mignolo (2017) entre outros. A poética Evaristiana é perpassada tanto por uma construção simbólica de imagens poéticas vistas como uma desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2017), quanto pela memória coletiva e

individual que (re)tece as vivências de um eu-feminino decolonial ao remontar um passado diaspórico ancestral, a partir da percepção do presente sobre as agruras que ficaram do passado.

Referências: ASSMANN, Aleida. Sobre as metáforas da recordação. In: Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soeter. Campinas, SP. UNICAMP, 2011. AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. ARRUDA, Aline Alves. Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro. Dissertação (mestrado em Letras)-Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte, 2007. BACHELARD, Gaston. A poética do Devaneio. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). Escrivivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016. DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2012. EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2021. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000 b. JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002. MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu-PR, pp. 12-32, 2017. PAZ, Octavio. O arco e a lira. Tradução de Olga Savany. 2ª ed, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, Vol 5, n. 10, 1992. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org). Epistemologias do Sul. G.C gráfica de Coimbra, Portugal, 2009. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MEMÓRIA COLETIVA E ANCESTRALIDADE EM UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES

Carlos Alexandre Manoel

Resumo: O objetivo precípuo deste trabalho consiste em refletir sobre a memória concebida como percepção, interpretação das vivências do sujeito, de suas relações com a sociedade e com os grupos a que pertence; evocada no romance Um defeito de cor (2006) pela protagonista Kehinde que resgata, em forma de lembranças, o espaço e o tempo históricos. O romance de Ana Maria Gonçalves também se constitui por elementos que recuperam a memória coletiva como forma de narrar aspectos da ancestralidade africana e da atualidade da narrativa. Assim, esta pesquisa resulta na reflexão da literatura afro-brasileira contemporânea que estabelece o diálogo entre os temas históricos e a contemporaneidade. O romance é centrado na personagem Kehinde, uma africana idosa que, no final do século XIX, cega e à beira da morte, viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas. Por meio da memória, fatos históricos, como a Independência do Brasil, em 1822, e a Revolta dos Malês, em 1835, estão imersos no tempo e espaço das personagens; contextos que permitem a criação de uma saga verossímil da história de Kehinde e de todos os negros que representam a diáspora africana em território brasileiro. Para discutir questões acerca do real e ficcional, discursivas e da memória na narrativa, tem-se como embasamento teórico: Lins (1976), Halbwachs (2013), Dimas (1994), Nunes (1995), Le Goff (2003), Bauman (2005), Ricouer (2007), Arfuch (2018), Candau (2019) e Hall (2003). Com Um defeito de cor, Ana Maria Gonçalves manifesta os traços do momento histórico e da realidade social ao abordar a formação de um povo e de uma nação, ao resgatar a africanidade no processo de construção da identidade cultural.

Referências: BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016. DIMAS, Antônio. Espaço e romance. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte. UFMG, 2003. LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Irene Ferreira; Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco.

São Paulo: Ática, 1976. NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

A AMPLIAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE MULHERES: A PERSONAGEM TRANSGÊNERA NAS ESCRIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Celiomar Porfírio Ramos

Resumo: A presente comunicação tem como finalidade discutir o que denominamos de “ampliação de concepção de mulheres negras” na produção literária da autora Conceição Evaristo, tendo como corpus, especialmente, o conto *Do lado do corpo*, um coração caído, presente na coletânea *Livre* (2018). A literatura brasileira, de modo geral, confere centralidade às personagens heterossexuais, cisgêneras e brancas (DALCASTANGE, 2012). No que tange a literatura afro-brasileira, percebemos que ela rompe, em certa medida, com esse padrão ao trazer para o centro das narrativas personagens racializadas. No entanto, retroalimenta a “norma”, no que diz respeito às personagens, visto que elas são mormente heterossexuais e cisgêneras. Isto posto, nos permite assegurar que o apagamento sistêmico de corpos considerados abjetos (BUTLER, 2019), não se restringe ao âmbito social, mas se faz presente nas artes, inclusive na literatura. Conceição Evaristo ao produzir uma literatura afro-feminina, ou seja, marcada pela experiência da mulher negra em diálogo com o feminismo negro, ainda que confira protagonismo às mulheres negras cisgêneras, dá um passo adiante, pois reconhece que as mulheres negras são múltiplas, por isso, constrói personagens negras que não se encaixam aos padrões heteronormativos e cisgêneros. Dado o exposto, discutiremos a importância de legitimar tais mulheres, em especial a transgênero. Para tal reflexão, utilizaremos como apoio teórico e crítico as contribuições dadas pelas seguintes autoras: Lélia Gonzalez (1982, 1984, 1988), hooks (2015, 2006, 2019), Angela Davis (2018, 2016), Kimberlé Crenshaw (2002, 2004), Judith Butler (2019), Carla Akotirene (2018), Patrícia Hill Collins (2016, 2017, 2019), Regina Dalcastagnè (2005, 2006, 2007, 2014), entre outras/outros.

Referências: EVARISTO, Conceição. *Do lado do corpo*, um coração caído. In: CRAVEIRO, Beatriz Leal (Org.). *Livre*. Belo Horizonte, Moinhos, 2018. AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018. BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pósmodernismo”*. Cadernos Pagu, n. 11, p. 11-42, 1998. BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: Crocodilo, 2019. BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. COLLINS, Patrícia Hill. *BILGE, Sirma. Interseccionalidade*. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020. CRENSHAW, Kimberle W. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". *Estudos Feministas*, 10 (1): 171-188, 2002. CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. DALCASTAGNÈ, R. (2012). Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, v.2, pp.11-15. GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

A MINHA VOZ AINDA ECOA, RECOLHE E RESSOA: POESIA NEGRA E FEMININA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Cleo Amorim Nascimento

Resumo: A literatura tem como característica própria dar voz a uma gama de sentimentos nos quais os autores se pautam para deixar fluir as mais variadas histórias, sejam elas ficcionais ou biográficas. Nesse sentido, cabe destacar entre os gêneros literários o poema, pois ele pode ao mesmo tempo juntar o lírico ao real fazendo ecoar vozes que além de contar suas histórias recolhem dentro de si a essência do não dito, para em um determinado momento fazer ressoar aos que ouvem a verdade sobre o que lhes constrói. A história de cada um compõe-se de pequenos fragmentos que se unem em um movimento atemporal revelando que só somos inteiros quando nos reconhecemos nos pedaços uns dos outros. Nesse contexto, a presente comunicação busca discutir como se dá a

construção da voz feminina e negra dentro da poesia de Conceição Evaristo, escritora e poetisa afrodescendente, um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, a partir da análise dos poemas *Eu-mulher* e *Vozes-mulheres*, a fim de discutir o lugar de fala da mulher negra dentro da literatura feminina, bem como discutir questões de identidade relacionadas a mulheres, negras e poetas dentro da literatura afro-brasileira. Convém destacar que este trabalho terá como embasamento teórico Davis (2016), Schmidt (2012), Ribeiro (2017), entre outros.

Referências: DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2016. EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. RIBEIRO, Djamil. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. SCHMIDT, Rita T. "Mulheres reescrevendo a nação". In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.8. n. 1, p. 84-97, jan. 2000.

MEMÓRIAS AFRO-DIASPÓRICAS: ANTOLOGIA DE MULHERES NEGRAS URUGUAIAS E BRASILEIRAS

Daniela Rebeca Campos Atienzo

Resumo: A diáspora africana marca a história. O deslocamento forçado dos povos africanos nas Américas deu lugar a uma pluralidade que resulta essencial para compreender a cultura, a organização social e a literatura na América Latina. O discurso afro-diaspórico é de tensão e resistência, porque se trata de sujeitos invisibilizados cuja produção tem sido apagada e, ainda mais, a produção poética das mulheres negras, porquanto sofrem uma tripla opressão: racial, de classe e de gênero (HOOKS, 2015). O corpus central apresentado nesta comunicação será a partir da antologia uruguaia *Tinta. Poetisas afrodescendentes* (2016), organizada pela professora Ana Karina Moreira e recolhe poemas de quatorze mulheres afro-uruguaias com temáticas diversas, partindo da memória como tessitura discursiva central e a recente antologia organizada por Jarid Arraes (2021), *Poetas Negras brasileiras: uma antologia*, integrada por setenta e quatro mulheres afro-brasileiras. Este trabalho visa além de estabelecer o diálogo Brasil-Uruguai, pensar a poesia de mulheres negras contemporâneas reunidas nas antologias e, posicionar a perspectiva crítica-teórica brasileira no contexto latino-americano, especificamente no Uruguai, porquanto as pensadoras afro-brasileiras têm construído pesquisas que levantam o tema da mulher negra e suas especificações na literatura. A importância da pesquisa sobre as mulheres negras nasce pelo intuito de visibilizar suas estéticas, suas memórias, a textualização de seu próprio corpo e tramar temáticas que são próprias destas obras: como a maternidade, o erotismo, a solidão, o deslocamento, tudo isso como parte da memória afro-diaspórica.

Referências: ACHUGAR, Hugo. *Uruguay, el tamaño de la utopía*. In: *Identidad uruguaya: ¿Mito, crisis o afirmación?* In: ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (Org). Montevideo: Trilce, 1992, p. 149-166. ALEXANDRE, Marcos Antônio. *O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017. ARRAES, Jarid (Org). *Poetas negras brasileiras: uma antologia*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. ACOSTA BAQUERO, Luisa Inés et al. *Tinta. Poetisas afrodescendentes*. Montevideo: Ministerio de desarrollo social, 2016. AVELAR, Lúcia. *Feminino plural. Negras do Brasil*. In: *Brasil afro-brasileiro*. 2 ed. Organizadora Maria Soares Fonseca. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. BERND, Zilá. *Apresentando a Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. In: *R. Educ. Públ. Cuiabá*, v. 21, n. 46, p. 261-274, maio/ago. 2012. _____. *Antologia de poesia afro-brasileira. 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011. BRITOS SERRAT, Alberto. *Antología de poetas negros uruguayos*. Torno 2. Montevideo: Mundo Afro, 1996. _____. *Antología de poetas negros uruguayos*. Torno 1. Montevideo: Mundo Afro, 1990. BROWN, Danielle. *Memoria viva: historias de mujeres afrodescendientes del Cono Sur*. Montevideo: Linardi y Risso, 2013. CABRAL, Cristina; NOEMI, Daniel. *Entrevista a Cristina Cabral*. In: *Afro-Hispanic Review*, n. 2, v. 18, 1999, p. 50-55. CAETANO, Gerardo. *La síntesis perdurable del Centenario. Identidad uruguaya: ¿Mito, crisis o afirmación?* In: ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (Compiladores). Montevideo: Trilce, 1992. CAMPOS, Daniela. *Os discursos incrustados no corpo. Casos: Juana de Ibarbouro (Uruguai, 1892-1979) e Carolina Maria de Jesus (Brasil, 1914-1977)*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Londrina, 2022. CAMPOS, Daniela; GODOY, Maria Carolina de. *Mulheres e literatura: vozes de reconhecimento, transgressão e*

identidade. In: Letrônica, Porto Alegre, v. 13, n. 1, jan./mar. 2020, p. 1-11. COELHO, Haydée Ribeiro; ROCCA, Pablo (Org). Diálogos latino-americanos. Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. São Paulo: Global, 2015. COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminino negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, v. 17, dez., 2009, p. 6-18. EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Org.). Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora. João Pessoa: UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005. FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. GILROY, Paul. O atlântico negro. Modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001. GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues. Conexão Brasil, Uruguai, Haiti: a escrita feminina negra na América Latina. In: Ipotesi, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 31-40, jan./jul. 2008. GOMES, Heloísa Toller. Afrodescendência e memória. In: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris (Org). Em torno da memória: conceitos e relações. Porto Alegre: Editorial Letra1, 2017, p. 33-41. GONZÁLEZ, Elena Palmero. Diáspora e memória. In: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris (Org). Em torno da memória: conceitos e relações. Porto Alegre: Editorial Letra1, 2017, p. 117-125. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro latino-americano. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2020. GORTÁZAR, Alejandro. ¿De qué color es la literatura (blanca) uruguaya? In: Revista de la Biblioteca Nacional, n. 3, 2012, p. 117-127. HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16. Brasília, janeiro-abril, 2015, p. 193-210. Instituto Nacional de las Mujeres. Mujeres Afrouuguayas. Raíz y sostén de la identidad. Montevideo: Instituto Nacional de las mujeres, MIDES, 2011. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LOBATO, Monteiro. Reinações de Narizinho. Ilustrações de Lole. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. MOREIRA, Ana Karina (Org.). Tinta. Poetas afrodescendentes. Prólogo de Alejandro Gortázar. Montevideo: Ministerio de Desarrollo Social, 2016. NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Poéticas Afro-femininas. In: CORREA, Regina Helena Machado Aquino (Orgs.). Nem fruta nem flor. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p. 73-90. PALERMO, Eduardo. Prensa y política afro uruguaya: Nuestra raza y el partido autóctono negro – primera mitad del siglo XX. In: Revista Práxis, n. 1, jan./abr. 2019, p. 7-31. PORZECANSKI, Teresa. Uruguay a fines del siglo XX: mitologías de ausencia y presencia. In: Identidad uruguaya: ¿Mito, crisis o afirmación? ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (Org). Montevideo: Ediciones Trilce, 1992, p. 49-61. RAMA, Ángel. 180 años de literatura. Montevideo: Enciclopedia Uruguay II, 1968. RAMÍREZ, Beatriz; ESQUIVEL, Alicia. Mujeres afrouuguayas. Raíz e sostén de la identidad. Montevideo: Instituto Nacional de las Mujeres, 2011. Disponível em <https://issuu.com/casaafrouuguay/docs/separataafro>. Acesso em 04 nov. 2021. REIS, Maria Firmina dos. Úrsula e outras obras. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Marcio, (Org). Cadernos negros. Os melhores poemas. São Paulo: Quilombhoje, 2008. RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ROBERTS, Nicole. Añoranzas negras: la poesía negra uruguaya del siglo XX. In: Política y Cultura, n. 22, 2004, p. 183-195. ROCCA, Pablo. Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006. SCHWARCZ, Lilia. Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro enigma, 2012. ZUM FELDE, Alberto. Proceso intelectual del Uruguay y crítica de su literatura. Montevideo: Nuevo Mundo, 1967.

PAULINA CHIZIANE: ESCRITORA-MULHER-NEGRA EM MOÇAMBIQUE

Danuza Américo Felipe de Lima

Resumo: Paulina Chiziane escreveu, em 1992, o intitulado Eu mulher...Por uma nova visão do mundo. Trata-se de um ensaio em que a escritora apresenta uma reflexão sobre o que é ser mulher-escritora-

negra em Moçambique. O texto, portanto, revela de maneira sensível a visão da autora com relação ao seu papel social. Convém ressaltar que as vozes femininas nas narrativas literárias configuram um fecundo espaço no que diz respeito ao protagonismo e ao empoderamento das mulheres diante dos discursos hegemônicos presentes nos espaços sociais que reservam às mulheres papéis de subalternidades. Afinal, a escrita de autoria feminina mostra-se como alternativa de expressão de vozes que não se sujeitam às imposições sócio-culturais. No contexto literário moçambicano, a obra de Paulina Chiziane é representativa porque revela o seu olhar sobre Moçambique. Suas narrativas envolvem o contexto material e subjetivo das mulheres, com temas significativos como a infância, ritos de iniciação, virgindade, amor, sexo, lobolo, trabalho, sonhos e expectativas da adolescência e os dramas da vida adulta. A leitura da obra de Chiziane possibilita descortinar tanto a vida íntima quanto a vida pública dessas mulheres e todas as dificuldades que a conjuntura social lhes reserva. A proposta deste trabalho é perscrutar as afirmações presentes no ensaio, a fim de compor o pensamento de Paulina Chiziane e identificar traços de posicionamentos reconhecíveis na sua composição ficcional.

Referências: BONNICI, Thomas. O pós-colonialismo e a literatura. Estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2012. CARVALHO, Bruno Sciberras de. Subalternidades e possibilidades de agência: uma crítica pós-Colonialista. Revista Estudos Políticos. Número 3, 2011. CHIZIANE, Paulina. Eu mulher... Por uma nova visão de mundo. 3ª ed. Belo Horizonte, Nadyala, 2018. SCHMIDT, R. T. A transgressão da margem e o destino de Celeste. In: Seminário Nacional Mulher e Literatura, 7, 1997. Niterói: EdUFF, 1999. ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.

“FALAR É EXISTIR ABSOLUTAMENTE PARA O OUTRO”: VOZES FEMININAS NEGRAS QUE ECOAM

Elen Karla Sousa da Silva

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão das escritas de autoria feminina negra de Jarid Arraes e Ryane Leão que constroem travessias de elaboração subjetiva e poética que intimam a área da Teoria da Literatura a se reexaminar. A escrita subversiva e a insurgência dessas escritoras negras, também se presentifica no campo literário, contribuindo para a construção de novas formas de representações, além de questionar e rasurar os estereótipos estabelecidos sob as perspectivas eurocêntrica e colonial. A inserção paulatina de escritoras negras nos âmbitos acadêmicos brasileiros tem o propósito de contribuir para a entrada e a (re)configuração de algumas marcas teóricas dentro das universidades. Entendemos, também, que tal processo não é imediato, uma vez que a travessia da função de objeto para o de sujeito que produz conhecimento é gradativa. E, nesse contexto, a temporalidade está, de modo direto, relacionada, também, ao conhecimento dos códigos, ao apropriar-se de sua fala e assenhorear-se de seus espaços, já que o que se considera como referencial são os clássicos eurocêntricos, sendo cartesiana e continuamente relidos, reinventados, reinterpretados, no inútil esforço de se buscar uma universalidade em situações tão individuais. Isto posto, considero algumas discussões teóricas significativas para a análise e compreensão do corpus, tais como Carneiro (2005; 2018; 2019), Gonzalez (1982; 1983; 2019), Ribeiro (2017), Collins (2015; 2016; 2019;), hooks (2018; 2019), Lorde (1984; 2019); Kilomba (2018; 2019), entre outras. Pretende-se, com esta reflexão pensar essas rasuras como formadoras de um discurso estético-político, marcado por questões étnico-raciais que revelam o lugar de pertencimento dessas escritoras.

Referências: ARRAES, Jarid. Um buraco com meu nome. São Paulo: Ferina, 2018. CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza; COSTA, Albertina. Mulher negra: política governamental da mulher. São Paulo: Nobel; Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985. CARNEIRO, Sueli. A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. Belo Horizonte: Letramento, 2018. CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). Pensamento feminista - conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 325-333. COLLINS, Patricia Hill. The Social Construction of Black Feminist Thought. Signs, v. 14, n.4, p. 745-773, 1989. COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de

análise e conexão. In: MORENO, R. (Org.) Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42. COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. DAMASCENO, Benedita Gouveia. Poesia negra no modernismo brasileiro. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2003. GONZALEZ, Lélia. O papel da mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. Los Angeles, 1979. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, Brasília, v. 2, p. 223-244, 1983. GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político- econômica (1981). Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. UCPA. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. p. 34-53. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 237-258. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a. hooks, bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019b. KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento: Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba, 2018. Disponível em: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LEÃO, Ryane. Tudo nela brilha e queima. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017. LORDE, Audre. Uses of the erotic: the erotic as power. In: LORDE, Audre. Sister Outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-60. LORDE, Audre. Irmã outsider. Tradução de Stephanie Borges. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017. SAYERS, Raymond. O negro na literatura brasileira. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

OS RITOS DA TRADIÇÃO E AS PROBLEMATIZAÇÕES DE GÊNERO EM: " VENTOS DO APOCALIPSE, DE PAULINA CHIZIANE"

Eliane Costa Ferreira

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar em Ventos do apocalipse (2010), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, os ritos da tradição que coloca a mulher em uma posição de obediência e subalternização frente à desigualdade perante a figura masculina. Nesse aspecto, o foco principal será analisar as questões que envolvem o casamento (efetivado após o lobolo) – um intercâmbio de capital a qual submete a mulher na condição de objeto. As personagens femininas no romance estão inscritas em um sistema patriarcal cuja função social já está delimitada pela autoridade masculina, na figura do chefe da aldeia, pai, marido e até irmão. É nesses termos que o conceito de violência simbólica busca realizar uma “violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas” (BOURDIEU, 2017, p. 12). E por estar incorporada nas práticas sociais que suas vítimas [as mulheres] a reproduzem de forma inconsciente. A poligamia é um tema que circunda toda a narrativa, ainda que não tenha uma relevância principal na obra, apenas para enfatizar de uma forma contundente como que a tradição e o poder estão associados à figura masculina, enquanto autoridade exclusiva que determina as regras e as normas de uma coletividade. A escritora parte da sua vivência e na de outras mulheres para trazer ao cerne da questão, um sistema que deixa a mulher moçambicana totalmente vulnerável.

Referências: ADÃO, Deolinda, M. Novos espaços do feminino: uma leitura de Ventos do apocalipse de Paulina Chiziane. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente. 2 ed. Lisboa, 2018, pp. 199-207. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos todos feministas. Tradução Cristina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

CHIZIANE, Paulina. Ventos do apocalipse. 3ª ed. Editora Nadjira, 2010. CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher, por uma nova visão de mundo. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, vol. 5, nº10. Abril de 2013. CHIZIANE, Paulina. Entrevista à Rosália Estelita Gregório Diogo. As diversas possibilidades de falar sobre o feminino. Revista Scripta, v.14, n.27, p. 173-182, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4338/4485>. Acesso em: 05/01/2022. MARINGOLLO, Cátia Cristina Bocaiuva. Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de Retalhos de memórias. 2014.132f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2014. OYEWÜMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. SAFFIOTTI, Heleieth. O poder do macho. Editora Moderna. Sd. SPIVAK, Gayatri Chakrovorty. Pode o subalterno falar? Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

FOME DE QUÊ: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA FOME COMO DENÚNCIA E CONFORTO, EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Elyane Jayrla Castro Da Costa

Resumo: Durante séculos a mulher negra foi relegada aos status de subalternidade e ao silenciamento, no entanto, a partir do século XX a escrita dessas mulheres tem se tornado uma forma de denunciar e resistir ao poder patriarcal e hegemônico que perdura desde a chegada dos navios negreiros até os dias atuais. Após Maria Firmina dos Reis, primeira mulher negra que publicou um romance, segundo registros, Carolina Maria Jesus, apesar de estar à margem da sociedade, representa, com sua escrita metafórica e de denúncia, a voz daqueles que até então foram calados, denuncia também a invisibilidade de tantas outras mulheres e homens negros que viveram e ainda vivem em situações de vulnerabilidade. Em Quarto de Despejo: diário de uma favelada, Carolina descreve uma sociedade brasileira das décadas de 50 e 60 marcada pelo racismo, pelo preconceito de raça e gênero, pela violência doméstica e pela fome. A fome em seu diário aparece retratada como fome física, que é constantemente denunciada por Jesus em sua narrativa e fome de conhecimento, em que a escrita e a leitura se tornam formas de confortar a fome física. Portanto, o nosso objetivo nessa comunicação é discutir como Carolina Maria de Jesus retrata as “fomes” em Quarto de Despejo: diário de uma favelada (2014) e debater de que modo esses relatos estão intrinsecamente ligados a outros fatores, como a desigualdade social. Trata-se de um estudo com base no veio histórico e cultural, propondo novas maneiras de refletir sobre a temática.

Referências: CARNEIRO, A. S. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. VERGÈS, F. Um feminismo decolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

UM OLHAR INTERSECCIONAL SOBRE OS NOVOS APARATOS COLONIAIS NO ROMANCE “CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE” (2018), DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Erika Cristina Alves Carvalho e Marinei Almeida

Resumo: Pretende-se com esta comunicação discutir, a partir de uma perspectiva interseccional, as masculinidades negras, tendo como corpus o último romance da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, Canção para ninar menino grande (2018), e debater acerca das implicações que o sistema cisheteropatriarcal branco cristão tem na vida da personagem Fio Jasmim e que por consequência resvala na vida das mulheres negras presentes na narrativa. Fio Jasmim não ocupa um lugar estável na sociedade, pois mesmo usufruindo de certos privilégios conferidos pelo sistema patriarcal ao homem numa sociedade machista e sexista, em muitos momentos ele é subjugado em virtude do racismo e pela opressão de classe. O intelectual martinicano Franz Fanon em Pele negra, máscaras brancas (2008) faz uma reflexão sobre a expectativa de que o homem negro se encaixe em uma ética que não é dele e isso permite a formação de estereótipos que enfatizam diferenças: se o homem é

branco, é civilizado, bonito e inteligente, enquanto ao homem negro resta-lhe ser classificado como primitivo e preguiçoso. Constância Lima Duarte em *Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da escrevivência* (2020) frisa a questão do projeto escrevivência, e indica a existência de denúncia e questionamento sobre o patriarcado, no entanto, não se limitando a ele. Ao longo da narrativa, o mito masculino se desfaz, e Fio Jasmim torna-se um representante das contradições do universo masculino, assim distanciando-se da figura heróica. Nessa perspectiva, o percurso teórico será embasado por Connell (1995), Fanon (2005), Gonzalez (1984) e Lorde (2009). Palavras-chave: Conceição Evaristo; Interseccionalidade; Racismo; Patriarcado; Masculinidades negras.

Referências: CONNELL, R. W. (2017). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725> FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs. p.223-244. 1984 LORDE, Audre. *Irmã outsider* / Audre Lorde ; tradução Stephanie Borges. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

NA CONTINUIDADE DO TEMPO: À PROCURA DA VALORIZAÇÃO SEM CAIR NAS ARMADILHAS DA TIPIFICAÇÃO

Estefânia Francis Lopes

Resumo: Em nossa pesquisa de doutorado, temos como elemento central a representação das quitandeiras na ficção angolana e brasileira. Para o presente encontro, ampliamos nossa análise comparativa para o musical *Bertoleza* (2019), do grupo Gargarejo Cia. Teatral, com enfoque em sua dramaturgia - a qual tenho acesso, por ter sido gentilmente disponibilizada pelo grupo -, como também quanto à encenação teatral. Destacaremos o protagonismo feminino negro no musical, desde a relevante participação da escritora Le Tícia Conde, responsável pelo dramaturgismo e pela poesia da peça, como também pelo texto final, em parceria com o diretor e dramaturgo Anderson Claudir, passando pelas atrizes, - vozes femininas que corporificam o coro e as personagens Bertoleza e Zulmira -, até às diversas personalidades femininas negras e às Yabás evocadas no decorrer da trama, condizente com a releitura teatral, em que o foco narrativo parte de Bertoleza. A personagem ganha voz e vez ao (re)contar a história do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, agora do seu ponto de vista, de uma mulher negra, escrava de ganho, ocupando o seu lugar como protagonista, tantas vezes ocultado e/ou reforçado por estereótipos. A releitura dramatúrgica corrobora com a nossa análise literária de que a quitandeira Bertoleza tem papel de destaque na narrativa naturalista. Partimos desta afirmação ao observarmos a própria estrutura do romance, tanto na abertura quanto no desfecho. Dessa forma, tencionamos romper com as imagens cristalizadas e desumanizantes de um passado colonial que fomentou “discursos fundadores”, conforme o pensamento de Rosane Borges (2012) sobre as imagens e os imaginários em torno da mulher negra e de acordo com a reflexão de Patricia Hill Collins (2019) quanto à sobrecarga do papel das mulheres negras como super-heroínas, muito menos reduzido a vítimas da opressão interseccional (CHRENSHAW, 2002).

Referências: AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1978. BORGES, Rosane. *Mídia, racismos e representações do outro: Ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra*. In: *Mídia e racismo*. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges (orgs.). Petrópolis, RJ: DP et Alí; Brasília, DF: ABPN, 2012, p. 180- 205. CHRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Ano 10, Florianópolis, 1º semestre 2002, p. 171-188. CLAUDIR, Anderson. *Bertoleza*. Adaptação de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890) para o teatro. 2019. COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

LITERATURA COMO INTERRUPÇÃO DO SILÊNCIO E O ENCONTRO DE NOVAS VOZES SOCIAIS

Inês Couto Macedo Ferreira

Resumo: Este artigo discute a identidade da mulher negra na literatura de autoria feminina representada no romance *Garota, Mulher, Outras* (2020), de Bernardine Evaristo, com o objetivo de mostrar doze mulheres britânicas vivenciam uma mistura de origens culturais, orientações sexuais, classe e raça nas lutas de vidas cruzadas a partir da visão da sociedade inglesa. Para tal reflexão a luta por espaços da arte da palavra de escritores negros pela representação de sua identidade na Literatura Inglesa. Além disso, a importância da Literatura Britânica para a literatura de autoria feminina no Brasil. Através dos referenciais teóricos, a presente pesquisa mostra a luta e as conquistas de escritores negros britânicos, a representação de mulheres negras na literatura de autoria feminina negra brasileira num espaço de desconstrução de um sistema normativo de gênero. Utilizo como metodologia a pesquisa bibliográfica que norteará os estudos pautados em artigos e estudos bibliográficos de autores como Stuart Hall (2013), Candido (2004), Michel Foucault (1997). Conclui definindo que a Literatura Negra Britânica assim como a Literatura de autoria feminina negra brasileira reflete um apagamento de histórias negligenciado ao longo de séculos por uma alienação imposta pelas sociedades e que obras como a de Bernardine Evaristo contribuem para ecoar uma escrita nas quais mulheres negras são retiradas do patamar de alteridade, confrontar suas lutas, colocá-las no centro de uma narrativa, dispondo aos leitores trajetórias de vidas que durante séculos estiveram à margem e foram silenciadas nos cânones literários.

Referências: BERND, Zilá. Introdução à Literatura Negra. São Paulo, Brasiliense, 1988. BORELLI, O. Esboço para um futuro retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004. DALCASTAGNÉ, REGINA. Autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n.4, dezembro 2007, p.18-31. EVARISTO, Bernardine. *Garota, mulher, outras*. Tradução Camila von Holdefer. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. _____. *Manifesto: sobre nunca desistir*. Tradução Camila von Holdefer. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. FERNANDES, Daniel. Participação de autores negro na literatura tem avançado no Brasil. CNN, Brasil Business, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/participacao-de-autores-negros-na-literatura-tem-avancado-no-brasil>>. Acesso em: 20 de dez. de 2022. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. _____. *Da diápora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovick; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al.]. 2ª ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013. SCHMIDT, Simone Pereira. Onde está o sujeito pós-colonial? (algumas reflexões sobre o espaço, e a condição pós-colônias na literatura angolana). In: Revista Abril, v.2, nº2, p. 136-147, abril de 2009. MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*/ Tradução: Plínio Dentzien- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. NAGIB, Francieli Aparecida Muniz. *Tensões e Negociação na convivência multicultural em Brick Lane* (2003), de Monica Ali. 2011, 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Pr.

“ENTÃO ELA ESTÁ ESTUDANDO PARA SER FEITICEIRA, PARA ATRAPALHAR A NOSSA VIDA”: O LUGAR DA MULHER NEGRA NA CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS EM DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Janaina Tomaz Capistrano

Resumo: Considerando fundamental a leitura de obras que se localizam na contramão da hegemonia branca, masculina e eurocentrada, sobretudo no âmbito educacional, trazemos para o centro das investigações do projeto de pesquisa “Vozes da periferia: Carolina e outras pretas descolonizando o patriarcado” a obra *Diário de Bitita* (1986), relato autobiográfico escrito por Carolina Maria de Jesus. Este trabalho se constitui como desdobramento dos estudos desenvolvidos nesse projeto de pesquisa, implementado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus São Gonçalo do Amarante. O objetivo deste estudo é reconhecer na e pela linguagem o lugar da mulher negra na construção e consolidação de relações afetivas, as quais são relatadas na obra *Diário de Bitita*. Para tanto, focalizamos a escrita de uma mulher pertencente a um grupo ainda mais subalternizado, em

que o corpo social é desacreditado de suas potencialidades apenas por ser mulher, negra e pobre, mas que usa a leitura e a escrita como armas para enfrentar a ordem patriarcal branca. Buscamos fundamentar o estudo na teoria bakhtiniana da linguagem, recorrendo aos conceitos de vozes sociais e relações dialógicas; bem como na teoria feminista decolonial, pensada, dentre outras, por Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2011), bell hooks (2019), Audre Lorde (2019), Patrícia Collins (2019) e Grada Kilomba (2019), cujo conceito de interseccionalidade vem sendo bastante salutar para a compreensão de como várias estruturas de opressão se cruzam silenciando e marginalizando corpos sociais afetados por elas, inclusive em suas relações afetivas. Assim, a partir de um olhar afrocentrado, este trabalho segue na esteira de estudos que buscam produzir fissuras no campo simbólico da literatura, desconstruindo estereótipos que subalternizaram a escrita potente e urgente de mulheres negras, as quais vêm se reafirmando mulheres sujeitos de suas histórias e dos saberes que delas decorrem.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 2.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990. BAKHTIN, M. (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, 2011. <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso em: 30/12/2022. COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. de. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 39-49. hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. 1. ed. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. KILOMBA, Grada. Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p.239- 249.

CANTOS E VOZES: AS REVERBERAÇÕES DA HISTÓRIA E A ELABORAÇÃO ESTÉTICA DE O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE

Jesuino Arvelino Pinto e Tatiane Carvalho da Costa

Resumo: O objetivo central deste trabalho é analisar, no romance O alegre canto da perdiz (2008), a representação do povo moçambicano. Dessa forma, investiga o contexto histórico da literatura moçambicana para traçar o processo de assimilação com a memória da população de Moçambique, a partir da obra de Paulina Chiziane, contribuindo, desse modo, para o resgate da memória e da identidade da cultura do povo moçambicano. A pesquisa se fundamenta teoricamente em estudos e reflexões acerca das relações entre literatura, história, política e sociedade, de estudiosos como Antonio Candido (2000), Alfredo Bosi (1992 e 2002) e Benjamin Abdala Júnior (2007); bem como por estudos e pesquisas que permeiam as concepções e processos de constituição da identidade, da memória e do multiculturalismo como: Stuart Hall (2013 e 2019), Paul Ricouer (2007), Homi Bhabha (2007) e Joël Candau (2019). Assim, optamos por um estudo que visa a analisar a situação político-social de Moçambique de um ponto de vista mais crítico, para compreender os principais aspectos que orientam a representação da história do período (pós)colonial na narrativa de Paulina Chiziane. A leitura de um texto de literatura africana de autoria feminina torna-se um lugar de múltiplas filtragens, desfigurações e reconfigurações. Se a escrita é uma prática social, em África, essa função social é bem precisa ao se constituir como construção social, caracterizada pela participação do escritor e do leitor no acontecimento do discurso. A narrativa de Paulina Chiziane evidencia uma sociedade marcada pelas ideologias da colonização, pela submissão e pela opressão colonial.

Referências: ABDALA JUNIOR, B. História, literatura e política. Cotia: Ateliê Editorial, 2007. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2000.

CANDAU, Jöel. Memória e identidade. Traduzido por: Maria Leticia M. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019. CHIZIANE, Paulina. O alegre canto da perdiz. Editora Companhia das Letras, 2004. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2019. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

O CONCEITO DE “IMAGENS DE CONTROLE” COMO INSTRUMENTO PARA ANALISAR A EXPERIÊNCIA DE LER AUTORAS NEGRAS AMEFRICANAS

Jhonnatas dos Santos Sousa

Resumo: Esta pesquisa, desenvolvida no âmbito do mestrado, busca por meio de pesquisa bibliográfica, satisfazer o objetivo geral de utilizar o conceito de “imagens de controle” como instrumento para analisar a experiência de ler autoras negras amefricanas. Especificamente, pretendeu-se descrever o conceito do pensamento de Patricia Hill Collins intitulado “Imagens de controle” como meio de entender os mecanismos de dominação empregado a mulheres negras; aplicar os conceitos de identidade discutidos por Glissant e Stuart Hall à construção da identidade de autoras negras amefricanas; e relacionar os conceitos de “estereótipo” e “imagens de controle” na experiência de leitura de autoras negras amefricanas. Esta pesquisa justifica-se à medida que as discussões são capazes de gerar reflexões acerca dos sistemas de manutenção dos lugares de dominação presentes na sociedade. Para o embasamento teórico, dentre outros, utilizou-se Winnie Bueno (2020), Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019), e o autor Bhabha (2013). Há a hipótese de que o conceito de imagens de controle nos ajude a entender a experiência de ler autoras negras, além de identificar experiências de subordinação empregadas a essas sujeitas. É possível, em relação ao que se propôs, entender a experiência de leitura sobre as literaturas de mulheres negras, refletindo, dessa forma, sobre a nossa concepção e percepção literária. Assim, seria possível entender que a perspectiva racial e de gênero estaria relacionada ao discurso discriminatório, o qual é fortalecido pelas imagens de controle. Esse entendimento nos auxilia na compreensão de como lemos e interpretamos autoras negras amefricanas. Nesse contexto, a literatura se apresenta não somente por meio de seus aspectos estruturais, mas possui um caráter social capaz de revelar concepções que, por vezes, estão carregadas de preconceitos.

Referências: BHABHA, Homi K. O local da cultura. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. BUENO, Winnie. Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020. GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Editora UFJF. Juiz de Fora, 2005. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Orgs. Flavia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2020. HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133. Disponível em: <https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf>. Acesso em 15 jan. 2023. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. QUIJANO, Anibal. A colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005, p. 117-142. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MOÇAMBIQUE E MATO GROSSO EM CONTRASTE: AS IMAGENS DE ÁFRICA NAS POÉTICAS DE NOÉMIA DE SOUSA E LUCIENE CARVALHO

Jorge Augusto dos Santos Barbosa

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo corroborar o filão crítico-teórico da Literatura Africana e Afro-brasileira, partindo de uma perspectiva comparatista e contemporânea que valora o texto literário mediante, também, a sua representação social, ideológica, histórica e geográfica. Para

tais fins, utilizaremos como corpus analítico os poemas “Se me quiseses conhecer”, da obra *Sangue Negro* (2001), de Noémia de Sousa, poeta moçambicana, em contraste ao poema “Minha África”, da obra *Na pele* (2020), da poeta mato-grossense Luciene Carvalho. Os poemas em questão tratam do requisitar da fala, da autoafirmação e da autorrepresentação. Nesse horizonte, esses versos estão inseridos num espaço afrodiaspórico, dado o movimento (inter)nacional estabelecido entre África-Brasil. Dessa forma, as autoras parecem comprometer-se e afetar-se com a materialidade poética, pois há uma subjetividade exprimida em cada estrofe, embrenhando escrita e vivência em suas produções. Alhures, os textos supracitados conclamam uma arquitetura imagética de África para a sua interioridade, contestando o discurso racista da supremacia branca, navegando, desse modo, para além dos perímetros territoriais, geográficos, pois exteriorizam um olhar de aproximação e distanciamento entre povos, culturas, memórias e simbologias. Posto isto, os escritos notabilizam esse encontro entre Pacífico e Índico, mas, também, paradoxos e estigmas envoltos à imagem mascarada do nome/termo “África”. A abordagem analítico-literária da pesquisa ocorre por meio de uma metodologia bibliográfica, e, nesse ensejo, amparamos nossas discussões, primordialmente, em: Junior (2007), Mbembe (2018), Adichie (2019), entre outros apoios teóricos.

Referências: ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. 3ª. ed. [S. l.: s. n.], 2003. ALMEIDA, Marinei. *Literatura Afro-brasileira – Algumas incursões*. In: SOARES, Leonardo Francisco. *Na literatura, as guerras*. Uberlândia - MG: O sexo da palavra, 2021. ALMEIDA, M; SILVA, V. M. A. (2015). *Literaturas Afro-brasileiras e Lobivar Matos: uma proximidade temática*. *Revista De Estudos Acadêmicos De Letras*, 8(2). <https://doi.org/10.30681/real.v8i2.922>. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reac/article/view/922>. Acesso em 7 de janeiro de 2023. BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 8ª. ed. São Paulo - SP: Companhia das letras, 2000. BOSI, Alfredo. *Poesia versus racismo*. *Estudos Avançados* 16 (44), 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ckSSzSSCSyDDC9TVy6qrySp/?lang=pt>. Acesso em 8 de janeiro de 2023. ABDALA JUNIOR, B. *Literatura, história e política: Literaturas de língua portuguesa no século XX*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007. BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Ouro sobre Azul, 2006. CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero*. 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/CarneiroFeminismo%20negro.pdf. Acesso em 08 de janeiro de 2023. CARVALHO, L. *Na pele*. Cuiabá – MT: Carlini E Caniato, 2020. CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo - SP: Selo Negro, 2010. DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. DUARTE, Eduardo A. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. Nº 31. Brasília, UnB, janeiro/ junho de 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em 08 de janeiro de 2023. DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016. EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17 – 31, 2009. FAEDRICH, Ana. *O conceito de Autoficção: Demarcações a partir da Literatura Brasileira Contemporânea*. *Itinerários, Araraquara*, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. HALL, Stuart. *Cultura popular e identidade*. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações cultura*. Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, 2003. HOOKS, B. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019. IANNI, Octavio. *Literatura e consciência*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 28, p. 91-99, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034/72674>. Acesso em 06 de janeiro de 2023. MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. 1ª. ed. São Paulo - SP: N-1 edições, 2018. MELLO, F. A. *Elementos para uma história da literatura em Mato Grosso*. Cuiabá – MT: Polifonia EDUFMT, 2003. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1150>. Acesso em 07 de janeiro de 2023. NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1.ed. - São Paulo - SP: Perspectiva, 2016. NADAF, Y. J. *Estudos literários em livros*,

jornais e revistas. Cuiabá – MT: Entrelinhas, 2009. RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. 1ª. ed. São Paulo - SP: Companhia das letras, 2019. PAZ, Octavio. O arco e a lira. 2ª. ed. São Paulo - SP: CosacNaify, 2012. PAZ, Octavio. A imagem. In: PAZ, Octavio. Signos em rotação. 3ª. ed. São Paulo - SP: Perspectiva S.A., 1996. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Flores da escrivania. 2ª. ed. rev. São Paulo - SP: Companhia das letras, 2006. SARTRE, Jean-Paul. Que é a Literatura?. 1ª. ed. rev. São Paulo - SP: Editora Ática, 2004. SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. Série Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016. SPIVAK, G. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, 2010.

A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA ANCESTRAL NAS PERSONAGENS NEGRAS, NO ROMANCE ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Josilene Dos Santos Sousa

Resumo: Este trabalho explora a relação entre memória ancestral e história nas personagens negras na obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, abordaremos as questões de raça e etnia e sobretudo a condição dos escravizados na obra. A obra *Úrsula* foi publicada em 1859 e redescoberta após 100 anos da sua publicação por um historiador e bibliófilo paraibano chamado Horácio de Almeida e por José Nascimento Morais Filho, que identificaram a autora, pois usava o pseudônimo “uma Maranhense”. Na composição da obra apontam aspectos que tocam em questões como racismo e escravidão, dentre outros temas ligada ao colonialismo como o patriarcado. Revela também em seu enredo várias subjugações que as personagens negras do período escravocrata do século XIX, eram submetidas. Diante disso, à análise aqui proposta justifica-se por colocar em perspectivas as memórias dos personagens negras da obra, evidenciando como esses elementos se fazem importantes na construção memorialística a respeito de aspectos socioculturais que de diferentes maneiras ainda se fazem presente na sociedade. A obra *Úrsula* possui uma verossimilhança com os acontecimentos histórico da época escravagista, mas transcende seu caráter histórico, materializando-se como ficção. Para fundamentarmos nosso trabalho utilizaremos às contribuições teóricas de estudiosos como : Andrade (2021); Andreta (2013); Duarte (2005); ; Agenor Gomes (2022); Halbwachs (1990); LeGolf (1996); Lobo (1995); Mendes (2006); Reis (1859); Santos (2013); Telles (2003), dentre outros.

Referências: AGAMBEN, Giorgio (2008). *Che cosé il contemporâneo?* Roma: Nottetempo. ANDRADE, Marcos Ferreira de. “CONTAM QUE HOUVE UMA PORÇÃO DE ENFORCADOS. EAS CAVEIRAS ESPETADAS NOS POSTES”: LITERATURA E ORALIDADE NA REVOLTA DOS ESCRAVOS DE CARRANCAS (1833). In: Revista Estudos Históricos, v. 34, n. 74, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/ctg6drt6GGBYH39jKTZtLrM/>>. Acesso em: 03.jul.2022. ANDRETA, Barbara Loureiro; ALÓS, Anselmo Peres. A VÓZ E A MEMÓRIA DOS ESCRAVOS: *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS. In: Revista Identidade! v. 18, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/952>>. Acesso em: 06.ago.2022. CANDIDO, Antônio [et. Al.] *A Personagem de Ficção*. São Paulo: perspectiva, 2014.- (Debates;1/ dirigida por J.Guinsburg) DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da Ficção Afro-Brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, Política, Identidades: Ensaio*. Belo Horizonte – MG: FAE/UFMG, 2005. GOMES, Agenor. Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil. – São Luís, AML, 2022. 362 p. HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo – SP, Vértice, 1990. KRACHENSKI, Naiara. *Escravidão e Subjetividade: notas sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. In: Itinerários – Revista de Literatura, n. 46, p. 5161, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/10221>>. Acesso em: 13.ago.2022. LE GOFF, Jacques. *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996. MARTINS, Estevão C. de Rezende. O enigma do passado: construção social da memória histórica. In: Revista Textos de História, v. 15, n. 1, p. 35-48. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27981>>. Acesso em: 15.ago.2022. MENDES. Algemira de Macêdo. *A Escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente Brasileira: Revisitando o cânone*. Brasil. Chiado editora, 2016. MENDES. Algemira de Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na História da literatura Brasileira: Representação, imagens e Memórias nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Pontifícia Universidade

Católica, Rio grande do Sul, 2006. MORAIS FILHO, José Nascimento. Maria Firmina: fragmentos de uma vida. São Luís: Gramada: Governador do Estado do Maranhão, 1975, p. 269. PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. In: Revista Solettras, n. 28, 2014. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/solettras/article/view/16314/12499>>. Acesso em: 12.ago.2022. REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. São Luís – MA: Tipografia do Progresso, 1859. SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. LITERATURA E MEMÓRIA ENTRE OS LABIRINTOS DA CIDADE: REPRESENTAÇÕES NA POÉTICA DE FERREIRA GULLAR E H. DOBAL. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife – PE, 2013. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. TELLES, E. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. WALTER, Roland. Literatura, História e Memória no Contexto Pós-Colonial. In: EUTOMIA, Revista de Literatura e Linguística, v. 1, n. 05, p. 1-11, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1960/1526>>. Acesso em: 03.ago.2022.

CORPOS FEMININOS NEGROS EM SORORIDADE: CUMPLICIDADE E EMPATIA EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Luciana Dos Santos Silva

Resumo: “Era minha alma fora das grades sociais. Era o meu sonho de infância, de mulher. Era eu, no meu mundo interior correndo em liberdade nos caminhos do mundo.” (CHIZIANE, 2002, p.214). Nesta fala, Rami a narradora personagem do romance Niketche: uma história de poligamia (2002) exalta sua emancipação feminina após ver-se livre do papel de esposa subjugada em um casamento polígamo. De autoria de Paulina Chiziane, mulher negra, moçambicana, vencedora do prêmio Camões 2021, esta obra provoca desdobramentos para análise e reflexões em torno do relacionamento do gênero feminino com o mundo. Nesta perspectiva, este estudo propõe uma leitura do romance de forma que evidencie o relacionamento de Rami com as demais mulheres de seu marido: Julieta, Luísa, Saly e Mauá, que a princípio se consideram rivais, contudo, no decorrer da história emergem em corpos que se agregam, regeneram-se e acolhem-se em cumplicidade: “Julieta levou-me para dentro de casa. Deu-me banho morno. Fez-me os pensos para estancar as feridas [...]” (CHIZIANE, 2002, p.21). Momentos de escuta, identificação mútua, empatia, sororidade: “Sororidade vem da ideia de irmandade, mas também podemos dizer que tem a ver com empatia, união entre mulheres, solidariedade[...]”. (PACHÁ; PIEDADE, 2021, p.56). Rami se compadece pelo sofrimento de Julieta: “Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me” (CHIZIANE, 2002, p.22). Desta forma, a pesquisa visa despertar reflexões acerca de outras formas de representação do corpo feminino através das personagens, além do estereótipo de amantes de um mesmo homem. Como embasamento à análise proposta, destaca-se os estudos realizados por Dina Salústio (2018); Iris Amâncio (2018) em Escritas do corpo feminino e Andréa Pachá e Vilma Piedade (2021) em Sobre feminismos.

Referências: CHIZIANE, P. Niketche: Uma história de poligamia. 1ª Reimpressão. 1ª edição. São Paulo: Companhia de bolso: 2021. SALGADO, M. T. et all. Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos. 1ª Edição. Oficina Raquel: 2018. 338 p. Livro digital PACHÁ, A. M.; PIEDADE. V. Sobre feminismos. 1ª Edição. Agir: 2021. 144 p. Livro Digital.

ESCREVIVÊNCIA EM AUTORAS NEGRAS: CONCEIÇÃO EVARISTO, CAROLINA MARIA DE JESUS E LÍVIA NATÁLIA

Magno Francisco Sátiro Catão

Resumo: A Escrivivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, denota as particularidades de uma escrita atravessada pela vivência das mulheres negras. Nesse processo, em que pese a subjetividade do texto estar imersa numa experiência individual, essa última alarga-se e atinge uma espécie de memória coletiva direcionada a toda autoria negra feminina. Segundo Fonseca (2020, p. 65), a escrita nesse contexto ultrapassa uma performance meramente contemplativa e adota uma perspectiva política, sendo “uma potência signífica capaz de balançar os alicerces de uma ordem literária instituída”. Ainda, para essa autora, esse termo “passa a significar a expressão de uma subjetividade

negra feminina que tanto pode valer-se de estratégias discursivas próprias à revelação de um eu negro, quanto anunciar uma voz coletiva que assume as experiências femininas negras” (FONSECA, 2020, p. 65). De acordo com a própria Conceição Evaristo, a escrevivência “extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado”; ela surge enquanto “uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre” (EVARISTO, 2020, p. 38). Para ilustrar essa ideia, a escritora remete-se a Oxum e a Iemanjá: assim, no abebé (leque em forma circular com espelho no centro) de Oxum, seria recuperado um rosto, uma individualidade mutilada pela colonização e demais opressões; quando a individualidade é finalmente reconquistada, surge o abebé de Iemanjá, em que outros rostos e individualidades são percebidos e é revelada “a nossa potência coletiva, nos conscientiza que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para o acolhimento de nossos outros corpos”. (EVARISTO, 2020, p. 39). Assim, a partir da noção de escrevivência, veremos como esse conceito dialoga com a obra da própria Conceição Evaristo, da escritora Carolina Maria de Jesus e da poeta Livia Natália.

Referências: EVARISTO, Conceição. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. A Escrevivência e seus subtextos. Rio de Janeiro: Mina, 2020, p. 26-47. FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina, 2020, p. 58-73.

DOS RÉS DOS PORÕES, FAVELAS E BECOS AO CHÃO DA ESCRITA: MODOS DE DESCORTINAR SILÊNCIOS, OMISSÕES E VIOLÊNCIAS EM CORPOS NEGROS FEMININOS

Marinei Almeida

Resumo: Úrsula (2018), reconhecida como marco importante da literatura afro-brasileira, escrita por Maria Firmina dos Reis ainda no século XIX, traz vozes de pessoas negras advindas do tráfico negreiro para o solo escravizante do Brasil; Quarto de despejo (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus cujo chão de uma favela serve como matéria prima para suas anotações cotidianas, aponta para narrativas de corpos negros violentados pela fome e pelo descaso social; nas quase mil páginas de Um defeito de cor (2011) escritas por Ana Maria Gonçalves assistimos, tal qual em uma tela de cinema, a violenta travessia atlântica de pessoas negras subjugadas em um fétido porão às mil e uma peripécias na tentativa de resistir ao destino escravo e desumanizador que os aguardavam em terras de uma das colônias portuguesas; travessia também é a base da ficção de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio (2003), na qual constatamos um retrato bastante cruel do período pós-abolicionista no Brasil. Essas escritas, como outras aqui não citadas, têm em comum mulheres negras que lutam contra a violência, o preconceito e desigualdade social, trazem, sobretudo, marcas de mãos femininas inquietas que sentem a necessidade de contar, a partir das vozes de mulheres, narrativas que não só apontam, mas desmistificam silêncios, omissões, violências de um sistema de herança colonial. Considerando tais apontamentos, o objetivo desta intervenção é trazer para discussão questões relacionadas à produções femininas, cuja atenção fulcral se dá sobre a luta de mulheres negras em uma sociedade machista, sexista e, portanto, desigual. Abordagens como: o tardio aparecimento e/ou reconhecimento de escritas associadas à literatura afro-brasileira (e/ou afrodescendente e/ou literatura negra); violências contra o corpo feminino, estarão na pauta de reflexão, por meio de incursões em escritas produzidas por mulheres negras e sobre mulheres negras, na literatura contemporânea produzida no Brasil.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017. COLLINS, Patrícia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, v. 5, n. 1, p. 6–17, 29 jun. 2017 DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no 20. Brasília, julho/agosto de 2002, pp. 33-87. DALCASTANGÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília, n. 31, p. 87-110, jan./jun. 2008. DAVIS, Angela. Estupro, racismo e o mito do estupro negro. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

RACISMO ESTRUTURAL E RELAÇÕES DE PODER EM PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Paulo Marchiori Corte e Jesuino Arvelino Pinto

Resumo: A proposta desta pesquisa é refletir acerca das representações do racismo estrutural e questões identitárias da mulher preta, suas vozes subalternizadas e o desenvolvimento do poder que, entre situação de exclusões, silenciamentos e negligências, se desenvolvem, nos romances Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da memória (2006), de Conceição Evaristo, que constituem o corpus deste estudo. Ao percorrer nestas duas narrativas sobre o encontro das vivências, suas formas e representações da busca e reencontro, mesmo atreladas ao racismo estrutural, pressupomos que a autora possibilita que a mulher preta consiga produzir fala e fazer-se ouvir, a partir de suas ações de poder com as suas e seus, neste ambiente de subalternidade, alicerçado sob o prisma desse racismo estrutural. A pesquisa busca aporte teórico para abordar as representações do racismo estrutural na literatura afro-brasileira nas teses postuladas por Fanon (1979, 2008), Almeida (2018), Gonzales (2014), Ribeiro (2017 e 2019), bell hooks (2019), Grada Kilomba (2019) e Carneiro (2020); e sobre as questões de poder e suas (inter)relações, bem como a condição humana, em Arendt (1999, 2005 e 2009) e Spivak (2010). Na narrativa contemporânea de Evaristo, percebe-se a afirmação da cultura do povo marginal, subalternizado. A literatura como um espaço de possibilidades se apresenta como fator de desconstrução, de transgressão, como é próprio da escrita evaristiana. Perceber a literatura como possibilidade de modificação e reconfiguração da própria língua portuguesa como modo de apropriação e se relacionar abertamente com ela sem grilhões que impeçam esse movimento.

Referências: ABDALA JUNIOR, B. História, literatura e política. Cotia: Ateliê Editorial, 2007. ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural. Belo Horizonte: Letramento, 2018. ARENDT, Hannah. A condição humana. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020. ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. ARENDT, Hannah. Sobre a violência. 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006. CARNEIRO, Sueli. Escrito de uma vida. São Paulo: Jandaíra, 2020. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 3. ed. Belo Horizonte: Pallas, 2020. FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução de 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro, 2019. MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo RIBEIRO, Djamila. O lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021. RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A MULHER NEGRA E A ESCRITA DE SI EM ESSE CABELO DE DJAIMILLA PEREIRA DE ALMEIDA

Rute Lages Gonçalves

Resumo: O romance luso angolano Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras (2017), de Djaimilia Pereira de Almeida, faz parte de um novo perfil em que a escrita de mulheres negras recebe notoriedade. Pensando nisso, esse artigo objetiva evidenciar a partir das falas da personagem Milla, como as marcas da escrita de Djaimilia Pereira de Almeida que descreve como mulher negra, uma personagem feminina negra, dando voz aos seus anseios, pensamentos e sentimentos, como também opiniões sobre o mundo e os problemas relacionados a sua coletividade,

demonstrando como o romance marca um período em que a escrita literária, produzida por mulheres negras na atualidade, possui um traço decolonial constituindo para além de produção artística, ação política rumo a justiça social. A pesquisa fez uso das teorias de Foucault (2010) sobre o valor do discurso, Barthes (1968) (2000) sobre as concepções de subjetividade evidenciadas na escrita, teorias de hooks (1980), Collins (2019), Davis (2013), Ribeiro (2015), pois compreendem os processos identitários de uma mulher negra, representado pela personagem numa sociedade de classes; as teorias de Munanga (2018), Fanon (2020), Hall (2013), Bhabha (2013) que versam sobre a compreensão de negritude e os processos das identidades fragmentadas na contemporaneidade não só como uma voz solo mas um discurso que materializa os anseios coletivos de todo um grupo de mulheres.

Referências: ALMEIDA, Djaimilia Pereira. *Esse Cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza a história de Portugal e Angola*. Alfragide: 2015. BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998. FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador-BA. EDUFBA, 2018. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. HOOKS, Bell. *Mulheres negras; moldando a teoria feminista*. 1980 KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

COLORINDO AS MEMÓRIAS: A ESCRIVÊNCIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA NEGRA FEMININA.

Taynara de Paula Silva

Resumo: A presente comunicação objetiva refletir sobre as produções literárias femininas negras de África e de sua diáspora (de Maria Firmina dos Reis a Mel Duarte, passando por nomes como Angelou, Evaristo, Adichie, etc.), a importância de sua ocupação e, a consequente popularização de suas obras. Nesse ínterim, abordaremos a encruzilhada de opressões que assolam grande parte das mulheres negras: raça, gênero e classe; bem como, teceremos críticas ao apagamento dessas vozes que perduram até os dias de hoje, resíduos de séculos de eurocentrismo e misoginia presente na literatura. Depois, traremos as representações e estereótipos mais significativos, como elas (re)produzem e naturalizam o preconceito, assim como os desafios criados por normas e personagens canonizados, os quais seguem um padrão (homens brancos héteros). Por fim, traremos autoras que estipulam a divisa entre representação e representatividade em suas obras, elas falam de si mesmas, as dores e os esplendores de suas experiências através de autobiografias ou histórias fictícias; e ao falar de sua vivência, elas ecoam as de milhões de outras mulheres de diversas gerações, que se sentirão ouvidas e potencializadas pelas histórias contadas. Assim, será traçado um paralelo entre como as personagens negras aparecem em literaturas de autoria branca e como são representadas nas de autoria negra, buscando uma quebra de estereótipos, o resgate de memórias, o combate aos preconceitos e a construção de uma identidade racial positiva. Aqui, trabalhamos o termo *escrivência*, bem como pensado por Conceição Evaristo (2020, p. 30), “se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças”.

Referências: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. _____. *No seu pescoço*. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. ANGELOU, Maya. *And Still, I Rise*. New York, Random House, 1978. _____. *Phenomenal Woman: Four Poems Celebrating Women*. New York: Random House, 1994. BULAWAYO, NoViolet. *Precisamos de novos nomes*. Trad. Adriana Lisboa. São Paulo: Biblioteca Azul; 1ª edição, 2014. DUARTE, Mel (Org.) *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2018. _____. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. _____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960. REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 6 ed. Belo Horizonte:

Editora PUC Minas, 2017. SILVA, Débora Jean Lopes. MULHERES NA LITERATURA: Escritas de autoria feminina negra. Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2021.

ANTONIETA DE BARROS E SEUS FARRAPOS JORNALÍSTICOS EM LIVRO: SUPORTE E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Yaisa Melina De Araujo Custódio

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão sobre as crônicas de Maria da Ilha, pseudônimo de Antonieta de Barros, quando veiculadas em diferentes jornais catarinenses. Ao selecionar os textos que havia publicado no periódico República para a edição de seu único livro, Antonieta não faz nenhuma modificação com relação aos textos. No entanto, quando a autora elege, organiza e publica algumas de suas crônicas em "Farrapos de Ideias", há de se questionar o modo em que se apresenta aos leitores. Desta forma, pensando no livro como suporte material de seus textos, busca-se elucidar o processo de seleção e apreensão de sentido que ocorre quando o público entra em contato com a autora mediante sua obra reunida. Ainda, por se tratar de uma figura importante no cenário político e jornalístico na primeira metade do século XX no Brasil, pretende-se elucidar de que maneira suas crônicas, publicadas nos jornais, contribuíram para sua trajetória enquanto mulher negra, escritora, professora e parlamentar, em um contexto de conquistas femininas recentes ao voto, à própria abolição da escravatura e ao papel das mulheres na educação. O estudo conta com a leitura das crônicas que estão contidas na publicação de 2016 de "Farrapos de Ideias", das que foram levantadas pela pesquisa de Silva (1991), e de páginas dos jornais para os quais escreveu que foram acessados via Hemeroteca Digital. Como pressuposto teórico, far-se-á o uso das contribuições de Roger Chartier (2002), sobre a materialidade dos textos e os efeitos de sentido.

Referências: BARROS, Antonieta de. Farrapos de Ideias. Palhoça: Editora Unisul, 2016. CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Unesp, 2002. ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. Antonieta de Barros: educação, cidadania e gênero em Florianópolis na primeira metade do século XX. In: Martha Abreu, Carolina Vianna Dantas e Hebe Mattos. (Org.). Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos. 1aed.Niterói: Editora da UFF, 2014, v. 3, p. 95-106. FONTÃO, Luciene. Nos passos de Antonieta: escrever uma vida. 2010. 456 f. Tese (Doutorado). Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1976. SILVA, Josefina da. Antonieta de Barros-Maria da Ilha: discurso e catequese. 1991. 315 f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

SIMPÓSIO "POLÍTICAS LITERÁRIAS E ESCRITAS AFETIVAS: O LUGAR DOS SUJEITOS INVISÍVEIS"

Cláudia Nigro (UNESP) e Flávio Adriano Nantes (UFMS)

O CORPO COMO INSTRUMENTO DA MEMÓRIA COLETIVA DOS SUJEITOS INSERIDOS NO SUBMUNDO

Alzineia Monteiro de Oliveira

Resumo: O corpo dos sujeitos protagonistas do romance biográfico, Quarto de despejo, de Maria Carolina de Jesus e da peça teatral, Querô uma reportagem maldita, de Plínio Marcos será o objeto de estudo a ser apresentado no presente simpósio. No romance, há a memória de seres humanos pretos despejados na favela de Canindé para varrer, do centro de São Paulo, "os pretos favelados". Na peça, há a memória de uma prostituta e do garoto Querô nascido e crescido em um ciclo de violência criada pelo Estado, mas a eles atribuída à responsabilidade dos fins trágicos de suas vidas. Os autores dos textos selecionaram recursos como a escrita biográfica e jornalística para enfatizar certos aspectos da realidade. Neste processo criativo, a crueldade é o elemento pungente que atravessa as obras fictícias analisadas. O objetivo empreendido é identificar e problematizar o liame

entre os textos escolhidos. Para isso, utilizar-se-á da metodologia dos estudos da Literatura Comparada e da revisão bibliográfica à medida que se buscará em textos teóricos e críticos fundamentos para sustentar as análises e interpretações inferidas. Alguns teóricos e textos serão indispensáveis para a pesquisa, como os textos publicados na obra *Literatura Comparada textos fundamentais*, de Eduardo F Coutinho e Tania Franco Carvalhal (2011); *Racismo estrutural*, de Silvio Almeida (2019), *Tradição e esquecimento*, de Paul Zumthor (1997).

Referências: ALDRIDGE, A. Owen. Propósito e perspectiva de literatura comparada. In. *Literatura comparada: textos fundadores*. Ed. 2. Trad. Sonia torres. Org. Eduardo F. Coutinho e Tania F. Carvalhal. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. (p. 272-276). ALMEIDA, Silvio. *O racismo estrutural*. São Paulo: Sueli, Carneiro, Pólen, 2019. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 1992. MARCOS, Plínio. *Querô uma reportagem maldita*. In: *Pomba Roxa*. Rio de Janeiro: Funart, 2017. ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

DIREITO A NARRAR A PRÓPRIA HISTÓRIA EM "BECOS DA MEMÓRIA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Brunna Amicio da Silva

Resumo: Por meio da análise da obra *Becos da memória*, da escritora Conceição Evaristo, esse artigo tem o intuito de questionar quais são as vozes que a literatura tem difundido, que história vem sendo contada ao longo do tempo e quais vozes são invisibilizadas e marginalizadas. A partir de uma análise dos espaços de exclusão, de personagens que ocupam esses locais e das memórias e experiências compartilhadas por essa coletividade, com base em conceitos como: Direito à cidade (LEFEBVRE, 2011), Racismo Estrutural (ALMEIDA, 2019), Interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018), Epistemicídio (CARNEIRO, 2011), Gênero, classe e raça (DAVIS, 2016), Afetividade (hooks, 2018) e Escrivência (EVARISTO, 2005), poderá se desenvolver um retrato minucioso da sociedade na qual a autora se inspira para escrever. Por meio dessa pesquisa percebeu-se como essas vozes marginalizadas se pronunciam no mundo, promovendo reflexões sobre as diversas opressões que as atingem nos aspectos raciais, sociais e de gênero. A partir da obra analisada, realiza-se um percurso por espaços invisibilizados da sociedade e, a partir de um olhar memorialístico, é possível compreender como a autora consegue captar detalhes particulares, emoções, experiências e histórias do local e das personagens que compõem o romance. A escolha dessa coletânea justifica-se pela sua importância ao dar vida às narrativas silenciadas e não inscritas na história, ou seja, por meio dela é possível 'escutar' os excluídos, marginalizados e estigmatizados da sociedade, assim como resgatar suas vozes.

Referências: AKOTIRENE, C. *O que é interseccionalidade?* 1.ed. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018. ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. 1.ed. São Paulo: Pólen livros, 2019. CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Ed Selo Negro, 2011. COUTO, M. *E se o Obama fosse africano?* São Paulo, Companhia das Letras, 2010. D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 56, 2006. DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. 1.ed. São Paulo: Ed Boitempo, 2016. DUARTE, E. A Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica – História, teoria e polêmica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4. EVARISTO, C. *Da representação à autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira*, Revista Palmares: cultura afro-brasileira, ano 1, n. 1, ago. 2005. EVARISTO, C. *Becos da Memória*. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos tempos, 2018. LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2011. MONTEIRO, L.N. A origem mítica das festas de Congada e a memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais. *Revista OQ V.3 n.3*, 2016. SARTESCHI, R. *Literatura e resistência na poesia negra brasileira contemporânea: percursos* CHAGAS, N. C. (Org.). *Nas fronteiras da linguagem: Língua, literatura e cultura*. 1.ed. Salvador: Edufba, 2017. p.215-231. OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO. *O que é desigualdade racial e como ela acontece na educação brasileira*. Disponível em: <<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial>>

naeducacao#:~:text=O%20que%20dizem%20os%20dados&text=O%20mesmo%20estudo%20demo
nstra%20a,cheega%20a%208%2C9%25>. Acesso em: 05 ago.2022.

O COLONIALISMO E A VIOLÊNCIA PRESENTES EM PAU BRASIL

Bruno Victor Brito Pacífico

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo mostrar a presença do tema da violência no primeiro livro de poesia de Oswald de Andrade, a saber, a Poesia Pau Brasil, publicado em 1925. Temos em vista a possibilidade de repensar as questões que permeiam o período colonial no Brasil como, segundo a visão oswaldiana, um processo de imposição violenta de costumes, bem como da degradação de corpos negros e indígenas. Partiremos da leitura de Oswald sobre o Brasil para analisar como o tema da violência atravessa a sua obra de forma incontornável. Estaremos apoiados por importantes textos que abordam o conceito de violência, como Sobre a violência da filósofa Marilena Chauí (2017), o ensaio Violência de Slavoj Žižek (2014) e o texto Literatura, violência e melancolia, de Jaime Ginzburg (2012). Todos estes textos fomentarão a proposta de pensar o livro Poesia Pau Brasil como um dos primeiros livros de poesia brasileira a apresentar a visão colonialista dos portugueses, bem como os processos de modernização e de urbanização que foram realizados aos solavancos no Brasil. Apresentaremos, assim, alguns poemas de Pau Brasil, com a intenção de refleti-los à luz de nosso objetivo: trata-se de desenterrar a história recalcada do Brasil pela compreensão do escritor vanguardista que apresentaria, já em sua primeira obra poética, temas traumáticos e feridas abertas pela colonização.

Referências: ANDRADE, O. Obras reunidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. ANDRADE, O. A utopia antropofágica. São Paulo: Globo, 1995. ANDRADE, O. Serafim Ponte Grande. Rio de Janeiro: Globo, 2005. ANDRADE, O. Informe Sobre o Modernismo. Outras Palavras, Site, 2014. Disponível em: <https://outrapalavras.net/poeticas/o-modernismo-visto-por-oswald-em-1945/>. Acesso em 18 de fev. 2022. BOAVENTURA, Maria Eugênia. O projeto Pau Brasil: nacionalismo e inventividade. Remate de Males, n. 6. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas, Unicamp, jun. 1986. pp. 45-52. CECCARELLO, Vera Helena. Budapeste tropical : cotidiano e modernização no Rio de Janeiro e em São Paulo sob o olhar de Machado de Assis e Oswald de Andrade. 2018 Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. CHAUI, Marilena. Sobre a violência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017. FONSECA, Maria Augusta. Oswald de Andrade: biografia. São Paulo: Globo, 2007. FONSECA, Maria Augusta (2004). Taí: é e não é - Cancioneiro Pau Brasil. Literatura E Sociedade, 9(7), pp. 120-145. FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: Obras psicológicas completas. Edição Standard Brasileira, volume XVIII. Traduzido do alemão e do inglês, sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2016. GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Tradução Sergio Faraco. Rio Grande do Sul, 2010. GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. São Paulo: Autores Associados, 2012. JAAR, Alfredo. Lição de Leitura. Isto É, Site, volume, 2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/licao-de-leitura/>. Acesso em: 05 de dez. 2021. LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas. Revista do Instituto de Estudos Brasileiro, São Paulo, N.64, 2016. PRADO, Paulo. "Poesia Pau Brasil". Poesias Reunidas de Oswald de Andrade, organizado por Haroldo de Campos. Difel, 1966, pp. 59-63. ŽIŽEK, Slavoj. Violência. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MÓVEIS LESBITERIANOS: A INTERSECCIONALIDADE DO SER MULHER E LÉSBICA EM CONTEXTO RELIGIOSO E SOCIAL CRISTÃO

Carla Prestes Tassinari

Resumo: Ser lésbica é um problema em uma sociedade patriarcal e capitalista e essa ameaça trás pelo menos duas tensões sociais: a opressão de gênero e de sexualidade. É por esse caminho que esta comunicação apresenta um projeto de mestrado em Escrita Criativa que aborda as questões da mulher sáfica que giram em torno da interseccionalidade que ela enfrenta em contexto religioso e social católico. Partindo de experiências de uma educação machista, de vivências católicas

tradicionais e da emancipação pessoal por meio da literatura, busco escrever um livro de poemas que será organizado em duas partes. Em “O armário” os poemas serão organizados em capítulos conforme a celebração da eucaristia em rito romano (missa) e que apresentarão as tensões de uma mulher lésbica oprimida pela imposição religiosa, sendo assim, ela buscará na autonegação uma tentativa de salvar sua alma do pecado. Na transição para a segunda parte do livro, ela enfrentará os problemas de gênero e sexualidade colocados pelos dogmas da igreja, e, com isso, virá a saída do armário. Porém, ao sair desse móvel enclausurador, a personagem se vê presa numa “estante”, o que será a segunda parte do livro. Em “A estante” os poemas expressarão as vivências da personagem na sociedade, sendo a estante o lugar do julgamento opressor. A justificativa deste projeto está em Judith Butler quando diz, em Problemas de Gênero (2021), que ameaçar com problemas é uma forma de evitar problemas, logo, é necessário descobrir “a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los” (BUTLER, 2021, p.7). Dessa forma, penso que a melhor maneira de criá-los é por meio da arte, da poesia, da literatura, para que se possa ter aqueles que valham a pena enfrentar; a luta contra o preconceito, a violência e o silenciamento das mulheres invisibilizadas que são frutos do patriarcado cisheteronormativo.

Referências: BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016. BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave-Maria, 2014. BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993. FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017. GONÇALVES, Renato. Nós duas: as representações lgbt na canção brasileira. São Paulo: Editora Lápis Roxo, 2016. SANTOS, Claudiana Gois dos; INÁCIO, Emerson da Cruz. A Bruta flor do querer: amor, performance e heteronormatividade na afetividade lésbica. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (anais eletrônicos). Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498785683_ARQUIVO_ABrutaFlorDoQuererClaudianaGois13MundodeMulheres.pdf. Acesso em 10 out. 2021.

NECROPOLÍTICA, MODA E REPRESENTAÇÃO DO(S) FEMININO(S) EM CENÁRIO DE GUERRA, DE ANDREA JEFTANOVIC

Carolina R. A. Quintella

Resumo: Explorando a imagética na narrativa de primeira pessoa em Cenário de guerra (2000), romance de estreia da autora chilena Andrea Jęftanovic, este trabalho analisa a representação de personagens, suas relações e, sobretudo, a construção de figuras femininas marginalizadas e familiares estrangeiras/refugiadas. Narrado por Tamara, que se desdobra em seu eu de infância, o livro se subdivide numa organização que alude propositalmente à teatralidade que atravessa o romance. A representação ou a “encenação” de papéis de gênero e a de papéis sociais está muito presente na narrativa, seja como forma de assimilação da realidade, de adequação às expectativas e normas sociais, ou mesmo como estratégia para a busca da ascensão socioeconômica que seria capaz de garantir o básico: a sobrevivência. Investigando como a moda se imbrica, na narração, com a expressão de noções sobre o(s) feminino(s), o estudo desvela o drama de emoções vivenciado pela narradora-personagem e por sua mãe, além das ficções da feminilidade cultivadas por elas, que se acentuam em cenário(s) de guerra(s), de instabilidade social e econômica, aliados à necropolítica que atravessa e arruína suas existências de maneira irreversível. Em breve diálogo com Naomi Wolf, Silvia Federici, Joanne Entwistle e outras teóricas feministas e da moda, a análise aborda, ainda, a relação entre moda e ascensão social, o controle exercido pelos discursos masculinistas/patriarcais-capitalistas sobre a moda e as mulheres, e como o vestir se apresenta em favor ou em desfavor de Místicas, Mitos e políticas de morte que subjagam e oprimem o feminino.

Referências: BUTLER, J. A reivindicação da Antígona. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022, 176p. ENTWISTLE, J. El cuerpo y la moda: una visión sociológica. Barcelona: Paidós Contextos, 2002, 287 p. FEDERICI, S. Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva. São Paulo: Editora Elefante,

2019, 460 p. JEFTANOVIC, A. Cenário de Guerra. São Paulo: Editora Mundaréu, 2021, 192 p. MBEMBE., A. Necropolítica. São Paulo: N-1 Edições, 2018, 80 p. TSEËLON, E. The Mask of Femininity, Londres, Sage, 1997, 152 p. WOLF, N. O Mito da Beleza. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018, 367 p.

DESCONSTRUÇÕES DO SUJEITO FEMININO NO ROMANCE “RASTEJO”: DOMÍNIO, SUBMISSÃO E PROTAGONISMO

Davi Tintino Filho e Derivaldo Dos Santos

Resumo: Este trabalho propõe, com base no delineamento temático do Simpósio "Políticas literárias e escritas afetivas: o lugar dos sujeitos invisíveis", uma reflexão acerca do espaço do romance como um "local" político de formação e desconstrução de subjetividades (GUATTARI; ROLNIK, 1997), como estereótipos, comportamentos e culturas de inferiorização e silenciamento, os quais determinaram (e determinam), na história da humanidade, modos prescritivos de ser dos diversos sujeitos sociais, entre eles, o feminino. Nesse sentido, toma-se, como objeto de estudo, o romance “Rastejo” (2017), do escritor norte-rio-grandense Humberto Hermenegildo de Araújo, que ambienta o enredo no contexto histórico da modernização e industrialização pelo qual passou Natal, capital potiguar, ao longo do século XX, quando recebeu levas de migrantes de diversas localidades do Estado. Nesse ambiente, através da dicção masculina em primeira pessoa do narrador Pedro da Costa (remanescente de sertanejo, que chega à cidade, ainda criança, com sua família, em busca de melhores condições de vida), tem-se acesso ao percurso e ao destino das principais personagens femininas – a mãe e as irmãs do protagonista. Cabe-nos, assim, por meio de uma leitura imanente com viés sociológico, discutir como a escritura de Araújo realiza representações literárias da mulher que, por um lado, apontam as condições sociais e culturais da subalternidade (SPIVAK, 2010) mas que, por outro, também conseguem seguir “outras vias, diferentes das traçadas por seus pais” (BADINTER, 1986), contradizendo os locais e as condições até então determinados para ela. Resulta, portanto, da análise, o reconhecimento de uma literatura, com forte pendor político-ideológico, no sentido de tentar desconstruir a supremacia de uma cultura eurocêntrica, branca e masculina, considerando o teor da subjetividade e do protagonismo que cada uma das mulheres da narrativa revela, seguindo, provocativamente, a reflexão do “que é uma mulher?” (1960, p. 7), de Simone de Beauvoir.

Referências: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. Rastejo. Natal: Caravela Cultural, 2017. BADINTER, Elisabeth. Um é o outro: relações entre homens e mulheres. 5. ed. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolíticas: cartografias do desejo. 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CRIANÇAS NEGRAS E SUAS VIDAS MÍNIMAS: REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA EM “SOCORRINHO” E “FAZ DE CONTA QUE NÃO FOI. NADA”, DE MARCELINO FREIRE

Douglas Ferreira De Paula e Mariana Rissi Azevedo

Resumo: Estudos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que, das quase 35 mil mortes de jovens entre 2016 e 2020 no Brasil, 80% eram de negros. Entre 2017 e 2018 foram feitos mais de 858 mil registros de desaparecidos no país segundo o Conselho Nacional de Justiça (2021), estimando-se que 40% destes eram crianças e adolescentes negros. É necessário combinar a luta contra o machismo e o racismo se quisermos que meninas negras não sejam o maior alvo de estupro e de morte na sociedade (HOOKS, 2014; RIBEIRO, 2018). Essa realidade brutal imposta às vidas negras é representada na literatura de Marcelino Freire nos contos “Socorrinho” e “Faz de Conta que Não Foi. Nada” (FREIRE, 2005). Tal literatura pode ser enquadrada em um conjunto de textos que buscam figurar a violência, que é constitutiva da cultura brasileira. Assim, temos, de um lado, a realidade social, de exclusão e violência, e, de outro, a representação desta realidade, que, segundo nossa hipótese de leitura, pode ser constituída por uma ambivalência que se liga tanto à denúncia e

busca de superação da realidade retratada, quanto à figuração do exotismo para a complacência do público (PELEGRINI, 2005). O fato é que as crianças, sobretudo, negras, são negligenciadas por uma política perversa que avança sobre a vida, aniquilando-a (MBEMBE, 2019). Se todas as vidas são dignas de serem vividas e até sepultadas (BUTLER, 2022), como os contos escolhidos, lidos sob esta ambivalência, permitem entrever tanto a denúncia de um mundo dominado por poderes que violentam os corpos infantis, quanto pela estilização da miséria e da violência, a qual se pode perceber por traços de linguagem, como os manifestos pela pontuação (ADORNO, 2003) dos dois contos? Da leitura temático-estilística, tentaremos extrair reflexões sobre a realidade social, bem como sobre a criação literária, que estiliza esta realidade.

Referências: ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda, 2003. BOSI, Alfredo. "Situação e Forma do conto brasileiro contemporâneo". In: BOSI, Alfredo (org). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1986. BUTLER, Judith. *A reivindicação de Antígona*. Trad. Jamille Dias Pinheiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. CANDIDO, Antonio. "A nova narrativa". In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. FREIRE, Marcelino. *Angu de sangue*. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005. DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. HOOKS, Bell. *Sisters of the yam: black women and self-recovery*. 2 ed. New York: Routledge, 2014. MBEMBE, Achille. *Necropolitics*. Tradução de Steve Corcoran. Durham, North Carolina, USA: Duke University Press, 2019. PELLEGRINI, Tânia. *As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. Crítica marxista*, Campinas, v. 21, p. 132-153, 2005. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo124critica21-A-pelegrini.pdf >. Acesso em: 30 de dezembro de 2022. RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. RODRIGUES, Cleber; FILARDI, Isabela. *Negros somam 80% das mortes violentas no país, aponta estudo*. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/>. Acesso em: 02 jan. 2023. SILVA, Jenair Alves da. *Meninas e mulheres negras: corpos que carregam poucos direitos*. Empório do direito, 2021. Disponível em: <<http://emporiiododireito.com.br/leitura/meninas-e-mulheres-negras-corpos-que-carregam-poucos-direitos>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

ESCREVER, LER E OUVIR COMO POTÊNCIA DE VISIBILIDADE E EXISTÊNCIA .

Eduardo de Almeida Santos

Resumo: Uma das questões que tem me atravessado é a de que forma a arte pode operar nas disputas de narrativas e pertencimento? Como o fazer artístico pode potencializar sujeitos que constantemente enfrentam a violência ilegítima do Estado, fome, preconceitos, entre outros fatores- aqueles que são considerados como parte de populações constantemente enquadradas como "destrutíveis" ou "não passíveis" de luto. Ou ainda, consideradas como populações perdíveis ou sacrificáveis como nos diz Judith Butler em *Quadros de Guerra*. "Assim há 'sujeitos' que não são reconhecidos como sujeitos e há 'vidas' que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas" (Butler :2015,17). De forma geral, este trabalho, pretende apresentar uma tentativa de enfrentamento a isto através das estratégias de visibilidade e pertencimento norteadas por possibilidades da literatura expandida - tanto por narrativas dramatúrgicas como por outras formas de ler e compartilhar a possibilidade literária. Como nos diz Chimamanda "as histórias importam. Muitas histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar" (Chimamanda:2018, 32). Nesta comunicação três exemplos de escrever, reler e performar serão analisados: a dramaturgia *casas do coletivo do invisível* que trata sobre habitantes marginalizados da favela do João XXIII, a Web série *Sexo a desconstrução* que trata sobre o processo de transição social e de gênero de um habitante periférico do rio e o Projeto Literatura nas casa que realiza a ação de ler e fazer textos nas casa de moradores periféricos da cidade de Itaguaí.

Referências: BRIZUELA, Natalia. *Depois da fotografia: um literatura fora de si/ Natalia Brizuela*; tradução de Carlos Nougué – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2014. BUTLER, Judith. *Quadros de*

Guerras. Quando a vida é passível de Luto. Tradução Sergio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; - 1ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. CHIMAMANDA, Ngozi Adichie, Julia Romeu, e outros O Perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. LADDAGA, Reinaldo. Estética da emergência: a formação de outra cultura das artes / Reinaldi Ladagga ; tradução Magda Lopes. – São Paulo : Martins Fontes – selo Martins, 2012.

DUPLA MARGINALIZAÇÃO E DIÁSPORA QUEER NA OBRA DE ADIBA JAIGIRDAR

Esther Gazzola Borges

Resumo: Anne Marie Fortier (2002) estabelece o termo Diáspora Queer como a ‘condição de exílio e estranhamento experienciada por sujeitos Queer, localizando-os fora dos limiares de ‘lar’ - este sendo entendido como ‘o modelo heterossexual da família, a nação, a terra natal’ (8). Por esta definição, todos os sujeitos que se identificam (ou são identificados) como Queer estão automaticamente posicionados em alguma forma de diáspora, como são inerentemente rejeitados pelas estruturas sociais que são representativas do conceito de lar, devido a serem Queer. Em extensão a isso, Sujeitos Queer que estão dentro da diáspora são duplamente localizados neste limiar de não-pertencimento a um grupo ou outro, sendo completamente marginalizados por ambas sua cultura de origem quanto a cultura local - devido a sua identidade e seu status como imigrantes. Em suas obras *The Henna Wars* (2020) e *Hani and Ishu's guide to fake dating* (2021), Adiba Jagirdar apresenta este duplo não pertencimento e entremeio identitário, explorando via diferentes ângulos a experiência diaspórica de personagens sáficas no contexto Irlandês contemporâneo. Via análise do texto, é possível notar como a dupla marginalização das personagens formam suas identidades, e como estas lidam e se estabelecem identitariamente frente aos desafios apresentados pela sociedade, seus amigos, famílias e respectivas comunidades.

Referências: Bhabha, Homi. "The location of culture". Routledge, 1994. Fortier, Anne Maria. "Queer Diasporas." in *Handbook of Lesbian and gay studies*. Richardson, D & Seldman, S. (eds). London: Sage, p. 183 - 196. 2002. Gilroy, Paul. "Against Race: Imagining Political Culture beyond the Color". Line, 2000 Jaigirdar, Adiba. "The Henna Wars". Page Street Publishing, 2020. _____. "Hani and Ishu's guide to fake dating". Hodder, 2021 Meghani, Shamira. "Global desires, postcolonial critique: Queer women in Nation, Migration, and Diaspora" in *Cambridge Compound of Lesbian Literature*, p. 60 - 74, 2015 Said, Edward. "Freedom from Domination in the Future. In: *Culture and Imperialism*". London: Vintage, 1994.

FUGA DA SOLIDÃO NOS ROMANCES "ENQUANTO OS DENTES" E "CLORO"

Everton Vinícius Araujo Silva

Resumo: Das muitas temáticas abordas pela ficção de temática homoafetiva, como a homofobia, a saída do “armário” e a liberdade sexual, a solidão é um aspecto que parece ser constante em obras ficcionais desse tipo de literatura, a partir da observação de personagens homoafetivos que não conseguem criar laços de afetividade fixos com outras pessoas, como a família que os excluiu, a sensação de não pertencimento, a efemeridade dos relacionamentos. Como observado por Costa (2014, p. 14, grifos do autor): “Quando se trata de sujeitos homoafetivos, as condições de ser ou estar sozinho podem ser potencializadas pelo simples fato de eles serem quem são: transgressores das normas sexuais definidas como modelo pela hegemonia social.” Desta forma, pretende-se analisar a solidão homoafetiva, aqui entendida como uma imposição para ser ou estar só, nos romances *Enquanto os Dentes* (2018) e *Cloro* (2018), nos quais a migração e o deslocamento geográfico possibilitam aos protagonistas uma fuga da solidão na busca por afetos e relações mais fixas e estáveis, negadas e impossibilitadas pelo caráter transgressor de suas sexualidades. Neste trabalho, ainda que se considere que a solidão possa ser vista como inerente à condição humana, está-se pensando nela como um fator também potencializado pela performatividade de uma masculinidade subalterna. Para as análises, esta pesquisa se auxilia nos estudos sobre gênero (BUTLER, 2018), identidade (SILVA, WOODWARD, HALL, 2000), masculinidades (CONNELL, 2005), corpo (LOURO, 2013) e solidão (SENNETT, 1981), (DOLTO, 1998), (PAZ, 1993).

Referências: BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. de Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. CONNELL, R. W. The social organization of masculinity: relations among masculinities: hegemony, subordination, complicity, marginalization. In: _____. Masculinities. 2ª ed. University of California Press, 2005. DOLTO, Françoise. Homossexuais: fecundidade cultural. In: _____. Solidão. Trad. Ivone Castilho Benedetti, revisão técnica Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998. FOUCAULT, Michel. SENNETT, Richard. Sexualidade e solidão. London Review of books, p. 4-7. Maio/junho de 1981. Disponível em <https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Sennett-Foucault-Sexualidade_e_Solidao.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022. KLEIN, Melanie. Sobre o sentimento de solidão. In: _____. O sentimento de solidão: nosso mundo adulto e outros ensaios. Tradução, prefácio e notas de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 133-156. LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. PAZ, Octávio. A dialética da solidão. In: _____. O labirinto da solidão e post scriptum. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1984. PEREIRA, Carlos Eduardo. Enquanto os dentes. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2017. PORTO, Alexandre Vidal. Cloro. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. SILVA, Tadeu Tomaz da (org.). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

A REPRESENTAÇÃO DA PATERNIDADE NEGRA MASCULINA NO ROMANCE "A TERCEIRA VIDA DE GRANGE COPELAND" E NO CONTO "MEIA NOITE"

Flávia de Jesus Pereira

Resumo: A presente comunicação pretende analisar a representação da paternidade negra masculina referente aos personagens do romance "A terceira Vida de Grand Copeland" (1970), de Alice Walker, e no conto "Meia Noite" (2022), de Stefano Volp. Walker e Volp, em suas respectivas obras, discorrem acerca do racismo, machismo e desigualdades socioeconômicas presentes no contexto dos homens negros e como esses fatores se relacionam com a experiência da paternidade para esses indivíduos. A escritora bell hooks (2004), em "A gente é da hora: homens negros e masculinidade", afirma que a imagem atribuída aos homens negros é de selvageria intrínseca por natureza e que, apesar de articulada no século XIX, essa imagem vigora no imaginário popular até o tempo presente. Em vistas dos pressupostos de hooks, a imagem de uma paternidade positiva não é socialmente vinculada ao homem negro, porém Walker e Volp apresentam narrativas em que retratam outras possibilidades de performances paternas que rompem com os estereótipos racistas que animalizam os homens negros. Busca-se nessa comunicação investigar, a partir da perspectiva metodológica da interseccionalidade, conceituada por Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020) como o entendimento de que as relações de poder não se manifestam como entidades distintas e excludentes, mas como categorias que se sobrepõem, afetando todos os aspectos do convívio social, as performances paternas negras no romance e no conto supracitados por uma ótica interseccional entre raça, gênero e classe.

Referências: COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. [s.l.] Boitempo Editorial, 2021. HOOKS, Bell. A gente é da hora. [s.l.] Editora Elefante, 2022. VOLP, Stefano. Homens pretos (não) choram. [s.l.] HARLEQUIN, 2022. WALKER, Alice. A terceira vida de Grange Copeland. 1970.

SERGIO Y, DE ALEXANDRE PORTO VIDAL, É TAMBÉM O MONSTRO QUE VOS FALA

Flávio Adriano Nantes

Resumo: A presente comunicação tratará de uma leitura do romance Sergio Y. vai à América, do brasileiro Alexandre Vidal Porto, publicado em 2014, a partir de uma conceituação proposta pelo filósofo espanhol Paul Beatriz Preciado (Eu sou o monstro que vos fala, 2022), a "monstruosidade" de determinados sujeitos, por ocasião da Jornada Internacional da Escola da Causa Freudiana, em Paris, novembro de 2019. A personagem central do romance, no início da narrativa, é Sérgio, um garoto rico, descendente de armênios que enriqueceram com o comércio no Brasil, que de repente, sem que o leitor (e as outras personagens, como o seu analista) se dê conta passa por um processo

de transição sexual e de gênero para tornar-se Sandra. Esta, por ser uma mulher trans, perde todos os atributos (leia-se éticos, morais, afetivos, etc.) que o outrora Sergio possuía. Daí que este corpo, o de Sandra, torna-se socialmente um monstro, uma sujeita monstruosa, por ousar subverter as rígidas leis do sexo e do gênero numa sociedade (brasileira e norte-americana) altamente transfóbico-patriarcal. Sandra, além de carregar em seu corpo a monstruosidade por empreender a transição, é apagada como sujeita, sua vida é roubada, vilipendiada, a personagem deixa de existir como tal e apenas Sergio tem direito à existência. Isto se dá porque quando Sandra é assassinada nos Estados Unidos por uma garota que convivia com ela, sua identidade de mulher é apagada, a família a sepulta como Sergio, instaurando assim, um segundo assassinato: a destruição da memória da personagem. O gesto perpetrado contra a personagem trans confirma tão somente o que Preciado atesta sobre a monstruosidade encarnada num determinado corpo e que, portanto, deve ser eliminado/apagado.

Referências: ARAÚJO, Maria Clara. Pedagogias das travestilidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. VIDAL, Alexandre Porto. Sergio Y. vai à América. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

POESIA E POLÍTICA: UMA LEITURA DA ANTOLOGIAS POÉTICA DA REVISTA CULT

Francielle Timotheo Villaça

Resumo: Poemas para ler antes das notícias (2019) foi a primeira antologia poética publicada e distribuída pela CULT, em Julho de 2019, em formato de revista impressa. Em “Editorial”, o curador da revista, Alberto Pucheu, divide com o leitor, alguns dos critérios que orientaram a curadoria da antologia: “Esta reunião de poemas tem um pressuposto nítido a dar consistência ao corte realizado: o de optar por poemas que, dialogando de maneira explícita com o nosso tempo, desejam, declaradamente, intervir nele, como uma contra política ao imperante ou como uma política que todos deveriam escutar, pois há muito que a política tem a aprender com a poesia.” (CULT, 2019). O próprio título, Poemas para ler antes das notícias (2019), sugere já alguma relação entre poesia e mundo. De que maneira os poemas podem nos preparar para as notícias, ou mesmo, antecipá-las? Antes de encarar o mundo é preciso encarar a elaboração poética desse mundo? Essas são algumas questões que nos acompanham durante a leitura dos 32 poemas de 32 autores distintos presentes na revista. Há uma presença expressiva de textos que falam de acontecimentos recentes da história do Brasil: “Toda sentença é um antipoema”, de Tarso de Melo, fala sobre a prisão de Rafael Braga, o jovem negro que foi preso por portar desinfetante em uma manifestação de 2013, e que virou símbolo da seletividade penal no país, “máscaras brancas”, de Helaine Fernandes, faz referência direta ao assassinato da família de Evaldo Rosa dos Santos; o poema “Em memória ao Índio Chico Solón”, de Eliane Potiguara, que homenageia o índio assassinado por fazendeiros ingleses. Há, portanto, uma quantidade significativa de poemas que fazem referências diretas a episódios bárbaros do nosso país, e que denunciam diretamente as opressões estruturais que assolam o país: o racismo, a homofobia, o machismo, etc.

Referências: CULT. Antologia poética, Poemas para ler antes das notícias. Curadoria e edição: Alberto Pucheu. São Paulo: Editora Bregantini, n. 1, 2019. (Edição especial) CULT. Antologia poética, Quando a delicadeza é uma afronta. Curadoria e edição: Tarso de Melo. São Paulo: Editora Bregantini, n. 2, 2019. (Edição especial) DI LEONE, Luciana. Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014. SALGUEIRO, Wilberth. Notícia da atual poesia brasileira - dos anos 1980 em diante. In: Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência. Vitória: EDUFES, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11244/1/Livro%20digital_Poesia%20Brasileira.pdf>. TONON, Elisa. Configurações do presente: crítica e mito nas antologias de poesia. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93146?show=full>>.

O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE GÊNERO AUTOFICCIONAL DE DOIS HOMENS TRANS: PAUL B. PRECIADO E LINO ARRUDA

Frida Pascio Monteiro

Resumo: Este trabalho aborda as autoficções trans, as quais estão em voga nacional e internacionalmente. Romances, novelas, contos, dramaturgias são as autoficções em seus gêneros mais corriqueiros. Nosso trabalho será em relação aos gêneros crônica e história em quadrinhos. Para isso, analisaremos a coletânea de crônicas de Paul B. Preciado intitulada 'Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia' (2020) e a história em quadrinho 'Monstrans: Experimentando horrormônios' de Lino Arruda (2021). Ambos os autores são homens trans que narram autoficcionalmente, cada um em sua abordagem e gênero literário, seus respectivos processos de transição, ou ainda, processo transexualizador. Como nosso cabedal teórico, trabalharemos com a produção acadêmica de ambos: Preciado (2022; 2018; 2015) e Arruda (2020), com sua pesquisa acadêmica acerca das figuras (in)humanas monstrans na autorrepresentação trans*/travesti em histórias em quadrinhos sudacas. Para compreendermos esses corpos transgênero, de transhomens, corpos dissidentes, inconformes e subalternos valer-nos-emos de Butler (2022; 2017); Lanz (2017) e Halberstam (2020), sendo Butler um dos principais nomes da Teoria Queer, Lanz uma psicanalista, teórica de gênero e mulher transexual brasileira e Halberstam um teórico queer, acadêmico e homem transexual estadunidense. Halberstam (2020) reflete sobre a Arte Queer do Fracasso e, para a cisheteronormatividade, não há fracasso maior do que romper com as barreiras de gênero por meio da transição e processo transexualizador, basilados na hormonização como um de seus alicerces. Para a cisheteronorma, pessoas transgênero são fracassados de gênero. Também analisaremos as teorias das autoficções de Faedrich (2022), a escrita autobiográfica trans no trabalho de Chaves (2021) e as histórias em quadrinhos como gênero literário em Miranda; Pinheiro-Mariz (2014), O norte das autoficções/autobiografias trans será o livro do transhomem brasileiro, já falecido, João W. Nery, o romance 'Viagem Solitária' (2011). Analisarmos, refletirmos a partir dessas autobiografias autoficcionalizadas de homens trans na literatura é terreno fértil e profícuo.

Referências: ARRUDA, Lino. Monstrans: Experimentando horrormônios. Campinas, SP: Ed. do Autor, 2021. ARRUDA, Lino Alves. Monstrans: figurações (in)humanas na autorrepresentação travesti/trans* sudaca. (Tese de Doutorado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis: 2020, 301 p. BUTLER, Judith. Desfazendo gênero. São Paulo: Editora Unesp, 2022. BUTLER, Judith. A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. CHAVES, Leocádia Aparecida. A escrita autobiográfica trans como estratégia de resistência e organização: vaga-lumes na escuridão de nosso tempo. (Tese de Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília - UNB. Brasília: 2021, 155 p. FAEDRICH, Anna. Teorias da autoficção. 1a. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2022. HALBERSTAM, Jack. A Arte Queer do Fracasso. (Trad.). Bhuvi Libanio. Recife: Cepe, 2020. LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. 2a. ed. Curitiba: Movimento Trans-gente, 2017. MIRANDA, Déborah Alves; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Nos limiares da literatura: histórias em quadrinhos, adaptações e outras artes. Revista Letras Rara, ISSN: 2317-2347, vol. 3, n. 2, 2014, p. 172-185. NERY, João W. Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Leya, 2011. PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas. (Trad.). Carla Rodrigues. 1ªa. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia. (Trad.). Eliana Aguiar. 1a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. PRECIADO, Paul B. Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. (Trad.). Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018. PRECIADO, Paul B. Transfeminismo. São Paulo: n-1 edições, 2015.

REPRESENTAÇÃO E BELEZA: O ESTRANHAMENTO EM MARILENE FELINTO E AURORA VENTURINI

Gabriella Mikaloski Pinto da Silva

Resumo: A proposta do presente trabalho é traçar um paralelo entre o conto "Hipertexto a lápis", de Marilene Felinto, e o romance As primas, de Aurora Venturini. A partir da diferença de gêneros literários, o primeiro sendo conto e o segundo, romance, analisaremos estratégias em comum na

formação da identidade feminina contemporânea no Brasil e na Argentina. Enquanto Felinto, brasileira, frequentemente trata de questões relacionadas à infância e à dureza da vida, Venturini, argentina, estreou as publicações com *As primas*, aos 85 anos de idade, trazendo à superfície uma perspectiva diferenciada acerca da vida: a da estranheza visível. É aí que ambas se aproximam: no conto de Marilene Felinto, a personagem principal perscruta a memória, acessando a dor de se achar feia tal como o pai a dizia, para desenhar em perspectiva a professora que era capaz de achar beleza em qualquer pessoa; no romance de Aurora Venturini, a protagonista é uma jovem artista bem-sucedida que, com o auxílio inicial do professor, consegue estabelecer uma carreira, mesmo com deficiência na fala. O que não se pode falar ainda pode ser representado, afinal. As duas personagens, tanto a do conto quanto a do romance, estão às voltas com o mesmo dilema: dar forma; representar, por meio do desenho, ora realista, ora abstrato, pessoas e situações que as cercam. A realidade dessas personagens, para dizer com Édouard Glissant, é deslocamento. Georges Didi-Huberman, em *O que vemos, o que nos olha*, cita uma passagem de Joyce: “Fechemos os olhos para ver”, estratégia encontrada também pelas personagens para enxergar imagens que finalmente poderão ser representadas ao tocar os instrumentos que as servem: papel, lápis, tela, tinta, enfim, beleza.

Referências: DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Prefácio de Stéphane Huchet; tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010. FELINTO, Marilene. *Mulher feita e outros contos*. São Paulo: Fósforo, 2022. GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Tradução Marcela Vieira, Eduardo Jorge de Oliveira; prefácio Ana Kiffer, Edimilson de Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. VENTURINI, Aurora. *As primas*. Tradução Mariana Sanchez; prefácio Mariana Enriquez. São Paulo: Fósforo, 2022.

¡TINKIKUNA! OS "COMUNEROS LIBRES" NO LIVRO AGUA, DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

Heloisa Costa Rigon

Resumo: O escritor peruano José María Arguedas (1911-1969) conviveu, em grande parte da sua vida, com comunidades camponesas da serra peruana. Uma delas é Ute Pampa, localizada na região da fazenda Viseca onde ele morou durante sua infância por dois anos. Nos arredores da fazenda, Arguedas teve seu primeiro contato com os "comuneros libres", camponeses que lutavam pelos direitos territoriais e contra as opressões e explorações dos latifundiários e dos agentes do Estado. Com o quéchua como língua materna, tudo o que viu e aprendeu com os moradores da serra peruana está presente na formação de Arguedas enquanto antropólogo, etnógrafo, escritor, professor e educador que conhecemos hoje. Em seus textos literários, os "comuneros libres" são personagens heroicos, são o exemplo da sociedade que o escritor defendia e o inspiravam. Seu primeiro livro publicado, *Agua* (1935), reúne três contos nos quais esses sujeitos estão presentes, além disso, a própria obra é dedicada aos comuneros da fazenda Viseca, assim como os de San Juan de Lucanas, Ak'ola, Utek', Andamarca, Sondondo, Aucará, Chaviña, Larcay e dos quatro "ayllus" de Puquio. Este trabalho tem o objetivo de apresentar os "comuneros libres" no contexto histórico-político-social da serra peruana nas primeiras décadas do século XX e analisá-los enquanto personagens no livro *Agua*, de José María Arguedas. Para o embasamento teórico, será utilizado Jorge Basadre Grohmann (2014), José Carlos Mariátegui (1928) e Antonio Cornejo Polar (1973).

Referências: ARGUEDAS, José María. *Agua y otros cuentos*. Lima: Compañía de Impresiones y Publicidad, 1935. BASADRE GROHMANN, Jorge. *Historia de la República del Perú (1822-1933)*. Tomo 15. Lima: Producciones Cantabria, 2014. CORNEJO POLAR, Antonio. *Los universos narrativos de José María Arguedas*. Lima: Horizonte, 1997. MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

AL DIABLO LA MALDITA PRIMAVERA: EDWIN E O FEMININO MARGINAL NO REGIME DA HETEROSSEXUALIDADE

Iara Bernabó Colina

Resumo: No romance *Al diablo la maldita primavera*, escrito pelo colombiano Alonso Sánchez Baute em 2002, a personagem Edwin – Drag Queen de grande renome na Colômbia – conta sua vida cheia de encontros e desencontros amorosos. A partir da obra literária, investiga-se o regime da

heterossexualidade, bem como o Feminino enquanto conceito heurístico – desatrelado de sexo e gênero, como construção sócio-histórica discursiva –, à luz de estudos de gênero oriundos de Epistemologias do Sul. Para tanto, a obra literária é utilizada como fonte de indagações correlacionadas, prioritariamente, à colonialidade de gênero em suas imbricações com a classe social e as comunidades de vida e discurso representadas por Edwin. A presente pesquisa, eminentemente bibliográfica, tem como base teórica principal os escritos de Wilton Garcia (2000), Guacira Lopes Louro (2004), Alberto Mira (2013), José Carlos Barcellos (2006) e Eve Kosofsky Sedgwick (2007). Na obra literária, percebe-se, através dos relatos sobre família, trabalho, religião e demais âmbitos sociais, proposta de reconfiguração de sua personagem central, alçando-a da condição de sujeito oprimido a empoderado. Baute, que é homossexual, através de sua prática artística – ao escolher narrar a vida de personagem homossexual e Drag Queen – ajuda, numa perspectiva decolonial, a construir arcabouço cultural que se reverte em espaço de identificação e representatividade aos “marginais” do regime heterossexual. Na intersecção das práticas e dos discursos, o estudo da literatura desvela criticamente visões de mundo e relações de poder, reforçando nossa confiança de que as artes, seja a literária ou outras, possuem papel de destaque no processo (trans)formativo dos sujeitos.

Referências: BARCELLOS, José Carlos. Literatura e homoerotismo em questão. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. GARCIA, Wilton. A forma estranha. São Paulo: Pulsar, 2000. LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. MIRA, Alberto. Cinefilia gay y el cultivo del yo. Razón y palabra, Monterrey, n.85, p. 01-24, dez. 2013-mar. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199531506002>>. Acesso em: 14 de mar. De 2016. SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu, Campinas, trad. Plínio Dentzien, n. 28, p. 19-54, jan-jun/2007.

AO OUSADO, A EXPULSÃO DO PARAÍSO

Ilca Andréa Barroso de Carvalho e Fernando Cavalcante Lima Filho

Resumo: As sociedades organizadas pelo sistema patriarcal demandam constante resistência por parte de determinados sujeitos, uma vez que o próprio sistema é mantenedor de desigualdades entre os gêneros. De um lado se apresenta o masculino que, aos olhos do patriarcado, são os sujeitos merecedores de suas benesses; do outro, encontram-se os demais, mulheres e comunidade LGBTQIAP+, que foram minorizados pelo sistema e por ele percebidos como indignos de seus benefícios. Essa discrepância entre os gêneros, a qual confere hegemonia ao masculino, não apresenta determinação biológica, antes resulta de um processo sócio-histórico instituído pelo sistema patriarcal, para melhor exercer o poder e controlar todo o corpo social. Entretanto, como bem alerta Foucault (1982), o poder envolve todos os indivíduos e é exercido dentro de uma correlação de forças, ou seja, todos são, de alguma forma, geradores e receptores de poder. Assim, a resistência dos sujeitos minorizados se configura não só como uma resposta às imposições do patriarcado, mas também como um exercício de poder, o qual aciona uma nova reação do sistema, executada, muitas vezes, de forma violenta. Nessa perspectiva, apresentamos como proposta uma análise dos contos “Balé” e “Ensaio sobre a dança”, presentes em BaléRalé: 18 improvisos (2003) e Bagageiro (2018), respectivamente. Ambos os contos, assinados por Marcelino Freire, trazem à tona a formação e a resistência de um bailarino que, ao recusar as expectativas culturais lançadas sobre si, sofre os efeitos nocivos da imposição heterossexista, a qual se configura como uma arma contra os indivíduos que não se encaixam dentro do que a sociedade tradicionalista preconiza como normal. Considerando essa perspectiva, os escritos de Foucault (1982; 2020), Jablonka (2021) e de Cardoso e Müller (2017) compõem o referencial teórico primeiro da análise.

Referências: CARDOSO, Lourenço; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. Branquitude: Estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2020. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. FREIRE, Marcelino. Bagageiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018. FREIRE, Marcelino. BaléRalé: 18 improvisos. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial.

2003. JABLONKA, Ivan. Homens justos: Do patriarcado às novas masculinidades. Tradução de Julia da Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2021.

DESLOCAMENTOS, ENTRE NARRADORES E ENUNCIADORES: CORPOS, GÊNEROS E LUGARES DE ENUNCIÇÃO EM CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Jacob Dos Santos Biziak

Resumo: É consolidado o estudo literário das textualidades em prosa, no Brasil, realizado pela via do narrador. Isso se faz tanto na universidade quanto no trabalho com literatura na educação básica: uma herança simbólica de recepções das correntes Estruturalistas e Formalistas, notadamente nos programas de pós-graduação. Tal abordagem, tradicionalmente, está alicerçada no uso de categorias de narradores a partir da ideia de foco (maior ou menor proximidade em relação ao narrado e à narração, conforme consta em Gerard Genette, por exemplo). No entanto, nossas pesquisas envolvendo entremeios entre crítica literária e análise de discurso (especialmente, em obras de Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Eduardo Guimarães e Mônica Zoppi-Fontana) têm levantado uma outra questão: possíveis limitações (invisibilidades e silêncios) aos estudos de materialidades em gêneros e corpos em obras literárias (notadamente, as em prosa). Isso nos leva a tomar os conceitos de sujeito, enunciação e lugares de enunciação como fundamentais em análise discursiva na crítica literária, de forma a promover deslocamentos na compreensão de formas materiais (em corpos e gêneros), principalmente na relação com os aparelhos de Estado (entre os quais, universidades e escolas se incluem). Sendo assim, por meio de trabalho de leitura do conto “Amor”, de Clarice Lispector, presente no volume Laços de família, este trabalho pretende construir-se ao redor da seguinte pergunta de pesquisa: em que medida as considerações da (e dos lugares de) enunciação permitem uma compreensão do funcionamento de gêneros e corpos (e vidas) enquanto materialidades discursivas e ideológicas? Que potências isso pode representar para a crítica literária mais tradicionalmente realizada no Brasil?

Referências: BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. _____. Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. _____. Vida precária: os poderes do luto e da violência. São Paulo: Autêntica, 2019. GENETTE, G. Discurso da narrativa. Lisboa: Vega. s.d. GUIMARÃES, E. Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2a edição, 2005. _____. Semântica: enunciação e sentido. Campinas: Pontes, 2018. ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000. _____. Discurso e Leitura. Cortez: São Paulo, 2012. PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 1988. ZOPPI-FONTANA, Mônica. Cidadãos modernos. Discurso e representação política. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997. _____. Lugares de enunciação e discurso. Leitura, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 15–24, 2019. DOI: 10.28998/2317-9945.1999v1n23p15-24. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7592>. Acesso em: 9 jan. 2023.

"ALGO SE QUEBRA QUANDO VOCÊ VIRA CADEIRANTE": A (IN)VISIBILIDADE SOCIAL EM ENQUANTO OS DENTES

Jessé Carvalho Lebkuchen

Resumo: Este trabalho discute a perspectiva narrativa acerca da homossexualidade masculina e analisa a (in)visibilidade social do corpo abjeto em Enquanto os dentes (2017), de Carlos Eduardo Pereira. O trabalho, de caráter qualitativo, é realizado a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando, para as discussões a respeito do corpo e de seus aspectos identitários, a teoria queer e pressupostos dos estudos culturais e das teorias críticas feministas. Além disso, para o debate de representações literárias e a análise do objeto, apoia-se em investigações na área da literatura brasileira contemporânea. A narrativa de Carlos Eduardo Pereira apresenta uma perspectiva distinta do que é considerado cânone literário brasileiro, ao trazer à tona uma vivência muitas vezes ignorada socialmente. Verifica-se que a deficiência física, entre outros corpos que se distanciam fisicamente do padrão, determina como o sujeito é visto socialmente, marcado como diferença. O protagonista do romance analisado é invisibilizado de diferentes formas, seja por sua sexualidade e

performatividade de gênero, no contexto familiar e em instituições educacionais, ou por sua deficiência física e raça, em diversos âmbitos sociais. Isso também ocorre no contexto narrativo, na construção em terceira pessoa, que demonstra o apagamento da voz de um sujeito visto socialmente somente como um corpo abjeto, sendo apenas visível de forma objetificada e não como sujeito digno de valor social.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012. PEREIRA, Carlos Eduardo. Enquanto os dentes. São Paulo: Todavia, 2017. RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

O “LUGAR DE FALA” DO CABOCLO RIBEIRINHO ENQUANTO SUJEITO SUBALTERNO

Joelma Lobo de Lira

Resumo: Abordaremos neste trabalho aspectos teóricos de um objeto de pesquisa para uma dissertação de mestrado, é uma temática que analisa os processos de construção de identidade dos sujeitos subalternizados na crônica “Ouçam os ruídos dos jacumãs”, da obra “Cão da madrugada” de Eneida de Moraes. Seu corpus visa uma revisão bibliográfica sobre as diversas formas de pensamentos referentes às condições e modos de vida dos povos ribeirinhos na Amazônia, principalmente no período das enchentes. vislumbra uma análise das relações existentes entre os pensamentos de Gayatri Spivak, em “Pode um subalterno falar?”. instigando-nos a pensar o papel do intelectual e a condição em que trabalha, o seu lugar de enunciação e a relação com questões de dependência cultural, levando em conta que para Spivak o subalterno é um corpo pertencente às camadas mais baixas da sociedade e, assim fazer um diálogo com a escrita de Djamila Ribeiro em “O que é o lugar de fala?” no sentido de trazer à discussão o conceito de “falar” enquanto ato político e reivindicatório no contexto das vivências sociais do indivíduo, trazendo um recorte para uma análise comparativa a partir da contextualização dos dois textos, ao contexto da crônica de Eneida de Moraes. Logo, a pesquisa, vem mostrar que os confrontos humanos são evidentes ao longo dos tempos e surgem quase sempre a partir de uma questão de sobrevivência, principalmente quando se refere às relações entre empatia e alteridade no que diz respeito à dor e sofrimento do próximo. Para refletir acerca destas questões abordou-se o que há de peculiar entre as teorias dos autores acima citados e a crônica “Ouçam os ruídos dos jacumãs” de Eneida. Logo, nota-se a partir da leitura da crônica, um questionamento da voz lírica sobre as condições de vida dos ribeirinhos diante das cheias dos rios na Amazônia.

Referências: ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. UFMG, 2006. CONCEIÇÃO, Maria de Fátima Carneiro da. Região e sociedade na Amazônia brasileira: política, ciência e mitos. 1996. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. - Universidade de São Paulo (USP). 1996. DE MORAES, Eneida. Cão da madrugada. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954. FARES, Josebel Akel. Representações poéticas das águas Amazônicas. Organon, v. 21, n. 42, 2007. MARTINS, Waleska Rodrigues de M. Oliveira. Hugo Achugar-Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 34, p. 275-280, 2009. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos Plurais).

DESEJO E EXISTÊNCIA LÉSBICA: A VONTADE E A IMPOSSIBILIDADE DE VIVER EM CONTROLE, DE NATALIA BORGES POLESSO

Larissa Dias Barbosa

Resumo: A pensadora estadunidense Adrienne Rich em Heterossexualidade compulsória e existência lésbica (2010), aponta para como as lesbianidades têm sido apagadas a partir da “mentira heterossexual”, que pela via da heterossexualidade compulsória, relegou às mulheres uma inclinação “natural” aos homens. Nessa lógica, as lesbianidades e as relações entre as mulheres “tem

sido vivida [...] sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, de continuidade e esteio social.” (RICH, 2010, p.36). Isto é, pessoas lésbicas vivem um apagamento histórico e contínuo. Na literatura, esse apagamento também se manifesta e somente começa a ser driblado a partir da publicação e veiculação da autoria de mulheres e pessoas dissidentes. Dentre essas produções está *Controle*, de Natalia Borges Polezzo, publicado em 2019, pela Companhia das Letras. A obra é um romance de formação, no qual acompanhamos o crescimento de Maria Fernanda, uma mulher solitária que se viu excluída do mundo logo após sua primeira crise de epilepsia, no início da adolescência. Paralelo à doença, ela começa a perceber que o amor que sentia pela sua melhor amiga, Joana, é também permeado pelo desejo do corpo, um desejo que é parte dela, assim como a epilepsia. Polezzo tematiza em sua obra as impossibilidades como amarras, uma espécie de limbo entre estar viva ou estar morta. Pauta como muitas vezes as dissidências relegam os sujeitos a uma condição de morto-vivo, de alienação à possibilidade de viver plenamente. “Eu quero viver” a sentença que finaliza o romance, dita pela protagonista, dá o tom da narrativa: viver plenamente é exercer a sexualidade dissidente. Nessa perspectiva, a presente comunicação visa discutir a inscrição da lesbianidade no romance *Controle*, entendendo-o como uma obra de ficção que inscreve sujeitas secularmente apagadas e que aponta para existência lésbica.

Referências: AZEVEDO, Adriana. O corpo-atritável ou uma nova epistemologia do sexo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista hoje: sexualidades do sul global*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020, p. 302-313. BONNET, Marie-Jo. *Les relations amoureuses entre les femmes: XVIe - XXe siècle*. Paris: Odile Jacob, 1995 BUTLER, Judith. *Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições, 2020 FACCO, Lúcia. *As Heroínas saem do Armário: literatura lésbica contemporânea*. São Paulo: Edições GLS, 2004. FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma Crítica Feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020. POLESSO, Natalia. B. *Controle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. POLESSO, Natalia B. *Geografias lésbicas: literatura e gênero*. Criação e Crítica, São Paulo: USP, v.1, n.20, p. 169-191, abr./2018. Disponível em: . Acesso em: 24 abr. 2021. PONTES, Isadora Araújo. *Narrativas de mulheres e da lesbianidade: discurso do "outro lugar"*. Criação e Crítica, São Paulo: USP, v.1, n.20, p. 169-191, abr./2018. Disponível em: . Acesso em: 12 jan. 2021. SEDGWICK, E. K. *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 28, p. 19– 54, jul./2016. Disponível em: . Acesso em: 25 abr. 2021. RICH, Adrienne. *Heterossexualidade Compulsória e a existência lésbica*. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades. Tradução de Carlos Guilherme Valle. Natal, UFRN, n.5, v.4,. p. 14-44, nov./2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 15 jan. 2021. RICH, Adrienne. *Notas para uma política de localização (1984)*. In: MACEDO, Ana Gabriela (Org.). *Gênero, Indentidade e desejo; antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Tradução de Maria José da Silva Gomes. Lisboa: Cotovia, 2002. p. 15-35. WITTIG, Monique. *O pensamento straight*. Tradução de Ana Cecília Acioly Lima. BRANDÃO, Izabel et al (Org.). *Traduções da cultura – perspectivas críticas feministas (1970- 2010)*. Maceió: EDUFAL; Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. p. 262-274.

A INVISIBILIDADE E A (ULTRA)VISIBILIDADE DOS MENINOS EM SITUAÇÃO DE RUA EM CAPITÃES DE AREIA, DE JORGE AMADO

Leandro Lima Ribeiro

Resumo: Este estudo examina, a partir do romance social *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, os processos de exclusão social, intolerância e violação de Direitos Humanos de crianças e adolescentes em situação de rua. Portanto, parte da constituição de um conjunto de textos onde se evidenciam conflitos e condições de crise os personagens marginalizados e a sociedade brasileira da década de 1930. O objetivo desta proposta é compreender como se estrutura a retórica conservadora da sociedade burguesa que muito se aproxima, na contemporaneidade, do discurso favorável à redução da maioria penal no Brasil. Do ponto de vista teórico-metodológico, recorreu-se à semiótica discursiva de linha francesa (ou greimasiana), na esteira dos trabalhos de Barros (2015; 2020) e Blikstein (2016; 2020) acerca da intolerância, preconceito e exclusão construídos na/pela linguagem. Resultados mostram que, do ponto de vista da organização

narrativa, a sanção pragmática está assentada numa lógica de dupla estigmatização social dos meninos em situação de rua: a invisibilidade e a (ultra)visibilidade. Com isso, é possível observar um processo de esvaziamento da condição humana na medida em que se considera o outro como sujeito digno de abjeção. Essa retórica ancora-se nos mecanismos de mistificação que são responsáveis pela negação das políticas de extermínio e de genocídio da população mais pobre, da atuação do Estado Penal. Ocorre daí a consolidação de um sistema de identificação e um princípio de unidade com aqueles que desvalorizam a diferença e um sistema de divergência e assimetria com os diferentes, os 'desajustados emocionante'. A triagem da triagem, na sintaxe extensiva, busca os valores de absoluto do destinador sócio-histórico, como os da branquitude, do esteticismo, do cristianismo etc. Em síntese, os resultados expostos evidenciam uma descontinuidade com o projeto de identidade nacional fundamentado na eufórica celebração da mistura por ultrapassar a noção 'democrática e cordial' da sociedade brasileira.

Referências: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. O Romance Social Brasileiro. São Paulo: Editora Scipione, 1993. AMADO, Jorge. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Intolerância, Preconceito e Exclusão. In: LARA, Glaucia M. P.; LIMBERTI, Rita de Cássia P. (org.). Discurso e (des)igualdade social. Contexto: São Paulo, pp. 61-78, 2015. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Preconceito e intolerância em gramáticas do português. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). A fabricação dos sentidos: estudos em homenagem a Izidoro Blikstein. São Paulo: Paulistana/Humanitas, 2008. BLIKSTEIN, Izidoro. Semiótica e totalitarismo. São Paulo: Contexto, 2020. BLIKSTEIN, Izidoro. O aniquilamento do corpo em Auschwitz: análise semiótica do relato do Primo Levi. Ide, São Paulo, v. 39, n.62, p. 135-146, 2016. FIORIN, José Luiz. A Construção da Identidade Nacional Brasileira. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 2009. LAFETÁ, João Luiz. 1930: A crítica e o modernismo. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2000.

O QUE (NÃO) PODE UM CORPO-FULGOR PERFORMÁTICO EM (IN)SIGNIFICÂNCIAS POÉTICAS?

Luciano Santos Xavier

Resumo: Ainda não se sabe até que ponto a letra pode salvar uma alma. Não se sabe onde o legente ou o escrevente tramam suas histórias ou são tramadas por ela. Esta carta poética amalgama-se nos trilhos do ensaio literário, pois não se sabe onde começa a teoria ou mesmo onde ficcionaliza-se a experiência. Nesta epístola não são esperadas respostas, correm-se as confusões criadas no íntimo de uma alma inquieta, que performa visceralmente. Esta carta ensaiada nos veios poéticos é endereçada a uma pacata cidade, pois foi no apagamento ou mesmo na negligência deste corpo performático, em meio a tantos outros, que foram trilhados caminhos outros no escuro, no fulgor da própria luz. Assim, busco pensar minhas experimentações com a leitura e a escrita, ritmadas pela minha sexualidade, e como isso afetou-me no âmagu ou salvou minha alma. Dialogo com algumas noções como: fulgor e legente, nos embalos da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol. Reverbero também os mistérios da letra, pois até hoje não sei ao certo os caminhos que ela [a letra] percorre(u) em mim para mudar minha vida. Entreteço os meandros entre realidade e ficção, a fim de pensar o texto como uma forma-fulgor, como bem discorre a escritora Llansol, na tessitura da minha experiência íntima com a letra. Nesta carta poética interseccionada ao ensaio literário, dialogo autores com Barthes (1975, 1990), Branco (2008), Deleuze (2011) e Llansol (1994, 1998, 2011). Tudo nessa carta é experimento de um corpo-fulgor performático com a letra, sobre a letra, pela letra, para a letra.

Referências: BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Cultrix, 1975. BARTHES, Roland. O espírito da letra. In: BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. BRANCO, Lúcia Castello. Por mor às letras. Revista Aletria. v. 18, 2008, p. 139-142. DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. Trad. Peter Pál Pelbar. São Paulo: Ed. 34, 2011. LLANSOL, Maria Gabriela. Para que o romance não morra. In: LLANSOL, Maria Gabriela. Lisboa: 1: O encontro inesperado do diverso. Lisboa: Edições Rolim, 1994. LLANSOL, Maria Gabriela. Ardente Texto Joshua. Lisboa: Relógio D'água, 1998. LLANSOL, Maria Gabriela. Carta ao Legente. Belo Horizonte: Edições 2 Luas, 1998. LLANSOL, Maria Gabriela. Inquérito às quatro confidências. Belo Horizonte: Autêntica,

2011. LLANSOL, Maria Gabriela. Um Falcão no Punho: Diário I. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PROBLEMAS SOCIALES Y DISCRIMINACIÓN DE LA COMUNIDAD LGBTIQ+ CODIFICADOS EN LA NARRATIVA GAY ACTUAL ARGENTINA Y ESPAÑOLA

Marcin Kolakowski

Resumo: Tanto en Argentina como en España la introducción del matrimonio igualitario en 2010 y 2005 respectivamente implicó una serie de cambios no solo a nivel legal, social y político, sino que tuvo sus repercusiones también en el ámbito de la literatura escrita por los hombres gays. Pese a la legalización de unión entre personas del mismo sexo, la literatura homosexual en ambos países sigue tratando los temas relacionados con la exclusión social de la comunidad LGBTIQ+. Esta clase de discriminación ha sido objeto de estudios en España y Argentina y engloba actitudes sociales que van desde el desprecio y la aversión hasta el odio y la agresión hacia la disidencia sexual (Castadeña, 2000; Bimbi, 2017). Estos estudios señalan problemas sociales, políticos y culturales clave de la comunidad LGBTIQ+: experiencias comunes de exclusión (homofobia dentro de las estructuras sociales básicas, homofobia institucionalizada, salida del armario, etc.), superación del odio a uno mismo (homofobia interiorizada) y lucha por la igualdad (Mira, 2004; Bergman, 1991). Así pues, el presente estudio pretende esbozar desde la perspectiva comparatista los temas principales tratados por autores españoles y argentinos gays en textos publicados en la época de la posemancipación. Se analizarán los problemas sociales y la discriminación codificados en las obras de autores conocidos y leídos dentro y fuera de la comunidad LGBTIQ+ de ambos países: Ángel Hernández (España), Tomás Ortiz (España), Óscar Hernández (España), Luis Maura (España), Facundo R. Soto (Argentina), Peter Pank (Argentina), Gael Policiano Rossi (Argentina) y Ioshua (Argentina). El análisis temático y comparatista seguirá las pautas de la tematología que clasifica los temas según su estructura y los considera como conjeturas socioculturales y puntos de referencia de la continuidad cultural (Trousson, 1965). El objetivo final será deliberar sobre las discrepancias y similitudes temáticas presentes en la narrativa LGBTIQ+ en sendos países.

Referências: 1. Bergman, David (ed.). *Gaiety Transfigured: Gay Self-Representation in American Literature*. Madison: University of Wisconsin Press, 1991. 2. Bimbi, Bruno. *El fin del armario*. Buenos Aires: Marea, 2017. 3. Castadeña, Marina. *La experiencia homosexual*. México D. F.: Paidós, 2000. 4. Green, Martin. *La homosexualidad en la literatura*. En: G. Steiner & R. Boyers (Eds.), *Homosexualidad: literatura y política* (pp. 282–300). Madrid, Alianza Editorial, 1985. 5. Medd, Jodie. *Encountering the Past in Recent Lesbian and Gay Fiction*. En: H. Stevens (Ed.), *The Cambridge Companion to Gay and Lesbian Writing* (pp. 167–184). Cambridge University Press, 2011. 6. Meccia, Ernesto. *Los últimos homosexuales. Sociología de la homosexualidad y gaycidad*. Buenos Aires, Gran Aldea, 2011. 7. Mela, Adrián. *Historia de la literatura gay en Argentina. Representaciones sociales de la homosexualidad masculina en la ficción literaria*. Buenos Aires, Ediciones Lea, 2011. 8. Mira, Alberto. *De Sodoma a Chueca: una historia cultural de la homosexualidad en España en el siglo XX*. Madrid: Editorial Egales, 2004. 9. Peralta, Jorge Luis. *Paisajes de varones. Genealogías del homoerotismo en la literatura argentina*. Barcelona, Icaria, 2017. 10. Tin, Louis-Georges (ed.). *Diccionario de la homofobia*. Madrid: Akal, 2012. 11. Trousson, Raymond. *Un problème de littérature comparée: les études de thèmes*. Paris: Lettres modernes, 1965. 12. Wittig, Monique. *El pensamiento herosexual y otros ensayos*. Madrid, Editorial Egales, 2006.

FIGURAÇÕES DO SILÊNCIO EM LAVOURA ARCAICA E TORTO ARADO: UM ESTUDO CRÍTICO À LUZ DO COMPARATIVISMO LITERÁRIO

Maria do Desterro das Neves Souza

Resumo: A presente comunicação consiste em um estudo crítico de dois romances da literatura brasileira contemporânea, embora publicados em períodos distintos da história cultural recente: *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, obra publicada pela primeira vez no ano de 1975, e *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, obra publicada em 2019. Pretende-se analisar nessa abordagem, através da literatura comparada e da intertextualidade, o que se confere ao silêncio, sob percursos de memória

e de violência. Partindo do pressuposto de que existem, “nos textos literários elementos comuns que identificam sua natureza, sem que isso os uniformize” (CARVALHAL, 2003, p. 125), o objetivo é proceder ao exame dessas obras, procurando investigar as relações de semelhanças e diferenças que elas estabelecem, elegendo como categoria analítica nuclear a representação do silêncio. Ao discutirmos os dois romances, indagamos: Qual a relação de sentido teria o silêncio veiculado nos comportamentos ou gestos dos personagens que integram as narrativas de Raduan Nassar, *Lavoura arcaica*, e de Itamar Vieira Júnior, *Torto arado*? Quais seriam as dimensões do silêncio nessas obras, como ele se estabelece de modo comum à ficção dos autores e quais as suas singularidades? Para a discussão, no campo da literatura comparada contemporânea, elegemos, dentre outros estudiosos e estudiosas, Tânia Carvalhal (2003); Sandra Nitrini (2015), bem como a sistematização do pensamento crítico e teórico de Julia Kristeva (2012) acerca da noção de intertextualidade; na perspectiva do estudo crítico dos romances, à luz da problemática do silêncio que envolve as narrativas, teremos como referências principais: o pensamento crítico de Lourival Holanda (1992); Roland Barthes (2003) e Susan Sontag (2015).

Referências: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Paulo Bezerra; Yara Frateschi Vieira. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. BARTHES, Roland. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. CARVALHAL, Tânia. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2003. FREIRE, Camilla. *O avesso da palavra: estudo das representações do silêncio no romance Dois irmãos, de Milton Hatoum*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017. HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. HOLANDA, Lourival. *O espelho convexo: literatura e imaginário social*. In: SANTOS, Derivaldo dos; HOLANDA, Lourival; CABRAL, Valdenides; DUARTE, Zuleide. (orgs.). *Trama de um cego Labirinto. Ensaio de literatura e sociedade*. João Pessoa: Ideia, 2010. KRISTEVA, Julia. *A palavra, o diálogo e o romance*. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. LINARD, Sérgio. *Voices sem sonoridade: tramas do silêncio em Anacrusa, de Ricardo Daunt*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020. JÚNIOR, Itamar Vieira. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019. NASSAR, Raduan. *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: História, Teoria e Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. SONTAG, Susan. *A vontade radical: estilos*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

A SUBJETIVIDADE DA BABÁ NA LITERATURA BRASILEIRA: OS EXEMPLOS DE QUIRINA, DE LIMA BARRETO (BABÁ, 1904), E DE MAJU, DE GIOVANA MADALOSSO (SUÍTE TÓQUIO, 2020)

Mariana Filgueiras de Souza

Resumo: Na história literária brasileira, muitas vezes marcada pelo racismo, classismo e misoginia da sociedade letrada que a escreve, é recorrente que personagens trabalhadoras domésticas – na maioria das vezes, mulheres pobres que exercem a função de faxineiras, diaristas, lavadeiras, mucamas, amas, cozinheiras e babás, as mulheres que “abrem o mundo” (VERGÈS, 2020) – não tenham nome, falas ou força dramática. São personagens geralmente relegadas à estereotipia, ao alívio cômico ou à marcação de contraste (RONCADOR, 2008) com outros personagens. No caso específico das amas-de-leite e das babás, que têm a particularidade da intimidade com a primeira infância dos filhos dos patrões, há dois exemplos que fogem à regra: o conto *Babá*, de Lima Barreto, provavelmente escrito em 1904, no qual o narrador investiga de maneira até então inédita a subjetividade da personagem Quirina, mulher negra, centenária e escravizada, que servia como babá a famílias de posses no pós-Abolição e que teve seus próprios filhos sequestrados pelos patrões; e o romance *Suíte Tóquio*, de Giovana Madalosso, de 2020, que mais de um século depois apresenta, pela primeira vez, uma babá como protagonista de um romance. Na trama de suspense, a babá Maju é quem sequestra a filha da família que a emprega – um dos medos recorrentes na relação entre

patroa e babá, baseado na fantasia da mulher negra como mãe ideal (KILOMBA, 2019). O trabalho vai mostrar pontos de contato e de contraste entre as duas obras que indicam alguns aspectos da transformação da presença da babá na literatura brasileira ao longo do século XX.

Referências: BARRETO, Lima. Contos completos de Lima Barreto. Org. e Int. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. DALCASTAGNÈ, R. "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004". In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020. GONZALEZ, Léila. Por um feminismo latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. PIZA, Edith. "Da cor do pecado". In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 52, jan. 1995. RONCADOR, Sônia. A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. SANTOS, Ynaê Lopes dos. Racismo brasileiro: uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022. SCHWARCZ, Lilia. Lima Barreto: Triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. SEGATO, Rita. Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. SOUZA, Mariana Filgueiras de e FIGUEIREDO, Eurídice. "A representação da criada nas tragédias cariocas de Nelson Rodrigues". In: Revista Textura. v. 23 n. 56, out./dez. 2021. TELLES, Lorena Féres da Silva. "Amas de leite". In: Dicionário da escravidão e liberdade. Org. Lilia Moritz Schwarcz e Flavio Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. VERGÈS, Françoise. Feminismo decolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

O AFROPESSIMISMO E O FIM DO MUNDO: DA (IM)POSSIBILIDADE DO NÃO-HUMANO ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Marianna Pais Carvalho da Silva

Resumo: No conto O Cometa, de 1920, o escritor W.E.B Du Bois conta a história de Jim, mensageiro negro de um banco na cidade de Nova York, que se vê como único sobrevivente da catástrofe resultante da passagem de um cometa. Ao percorrer a cidade em busca por sobreviventes, o personagem encontra Julia, mulher rica e branca, que, por sorte, também escapou da morte. Nesse encontro de mundos tão distintos e distantes, Du Bois faz questão de frisar em sua escrita como a visão do branco em relação ao corpo negro é desumanizadora e só dá trégua em meio a uma tragédia de grandes proporções; afinal, Julia só aceita a ajuda de Jim por estar apavorada, sozinha e sem ter ideia do que fazer. Em 2021, Frank B. Wilderson publica seu livro Afropessimismo pregando o fim do mundo como o conhecemos, já que, para o autor, a condição de escravo do negro, sua desumanização, parece ser condição eterna, caso um novo mundo não comece a se estruturar. Assim, o objetivo geral deste trabalho é, a partir do Afropessimismo, buscar entender os lugares possíveis que a literatura não canônica pode ocupar a partir do momento que corpos oprimidos consigam usar a língua - herdada do opressor - a seu favor. Mais especificamente, objetiva-se, orientando-se por críticas contemporâneas de que Wilderson será o pressuposto teórico norteador, debater a literatura de Du Bois à luz de conceitos como afropessimismo e branquitude, buscando entender a relação da linguagem com o lido como não humano. Pretendemos nos debruçar sobre essas questões a fim de entender os caminhos possíveis para que a literatura consiga ser, cada vez mais, parte de uma (re)construção do mundo.

Referências: CONRAD, Joseph. Coração das trevas. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro: Record, 2008. DOUGLASS, Frederick. What to the Slave Is the Fourth of July?. 1852 DU BOIS, O Cometa. Trad. André Capilé, Cecília Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2021[1920] FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020 [1952] KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. HOOKS, bell. Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade.

Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2a edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017 [1994] WILDERSON III, Frank B. Afropessimismo. Trad. Rogerio W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: todavia, 2021.

COLETIVO YUBA KUKAI: ESCRIVÊNCIA, (RE) EXISTÊNCIA E PERMANÊNCIA DE AFETOS E MEMÓRIAS

Michela Mitiko Kato Meneses de Souza

Resumo: Essa comunicação tem por objetivo apresentar, sob o viés dos estudos Subalternos, Decoloniais e dos Afetos e Memórias, o Coletivo Yuba kukai localizado no Bairro 1ª Aliança, pertencente ao município de Mirandópolis/SP à 600 km da Capital São Paulo. Esses lavradores-artistas nipônicos e nipo-brasileiros moram na Comunidade Yuba- também chamada carinhosamente pelos yubenses de Yama, que completa 88 anos de (re) existência e permanência em 2023. Produzem a menor forma poética, o poema de 5-7-5 sílabas conhecido como haiku, originado no século XVII com Matsuo Bashô e consolidado como o menor gênero poético no século XIX por Masaoka Shiki, ambos do Japão. O grupo, criado em janeiro de 2010, completou 13 anos em solo brasileiro: são haikuístas feitores de uma Literatura Brasileira genuína, mas muitas vezes não são reconhecidos em nosso universo literário canônico. Constituem-se, portanto “vozes subalternizadas”, em certa medida e de algum modo são atravessados por políticas acadêmicas-literárias, socioeconômicas, socioculturais e sociolinguísticas que conjugam e propagam as ideias de obliteração e genocídio. Nesse “entre-lugar”, tanto os sujeitos quanto suas escritas afetivas são considerados, propositalmente, imperceptíveis em nosso cotidiano. Portanto, é impreterível a reflexão sobre essa invisibilidade e é premente a criação de mais espaços afetivos pautados em uma política literária democrática e de equidade.

Referências: BHABHA, Homi Kharshedji. O local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. EVARISTO, Conceição. Poesia Voz de Mulher. Cadernos Negros, nº. 13, 1990. EVARISTO, Conceição. O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo: entrevista pelo Itaú Cultural: depoimento [2017]. Entrevistador: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno> Acesso em: 16 ago. 2022. MIGNOLO, W.D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGOUEL, R. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-47. NIGRO, C. M. C. A literatura que abriga as mulheres. In: SILVA, A. M.; BORGES, L.; CARRIJO, S. A. B. (Org.). Tessituras literárias: cultura, identidade e outras artes. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 12-23. PAULA, Claudemir. Da Silva. “Negra sem reticências”: corpo e corporeidade na poesia de escritoras afro-brasileiras. Tese (Doutorado, Teoria da Literatura). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus São José do Rio Preto, Programa de Pós-Graduação em Letras, São José do Rio Preto, 2015. 186 p. QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005. p. 118-142. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. SOUZA, Davi Silistino de. A subalternidade em Cloud Atlas, de David Mitchell. Dissertação (Mestrado, Teoria da Literatura). Do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, - 2018. 141 p. SOUZA, Michela Mitiko Kato Meneses de. O Haiku da Comunidade Yuba: criação, socialização e publicação. Dissertação (Mestrado, Estudos Literários). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus Três Lagoas (CPTL), Programa de Pós-Graduação em Letras, Três Lagoas, - 2012. 754 p. Volumes 1, 2 e 3. YUBA, Renata Katsue. A frondosa árvore de hama. Mirandópolis: Takeshi Assaoka, 2011 (data informada pela autora). 49 p. YUBA, Renata Katsue. Bravos pioneiros. São Paulo: Editora Quarteto Foto Editorial, 2020. YUBA, Renata Katsue. Katsue e seus contos. 2ª ed. São Paulo: Editora Quarteto Foto Editorial, 2021.

A HETERONORMATIVIDADE E SUAS FORMAS DE VIOLÊNCIA NO ROMANCE “A PALAVRA QUE RESTA”, DE STÊNIO GARDEL

Raul Leme Medeiros

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo analisar as formas de violência decorrentes da heteronormatividade no romance *A palavra que resta*, de Stênio Gardel (2021). Na história em questão, Raimundo Gaudêncio de Freitas é um senhor analfabeto de 71 anos que aprende a ler e escrever para compreender uma carta enviada décadas atrás por Cícero, seu primeiro e grande amor. Durante a juventude, os personagens se envolvem secretamente por dois anos até serem descobertos e brutalmente separados. Raimundo, então, torna-se vítima de agressões físicas e verbais no âmbito familiar, o que gera em si vários conflitos internos e externos. Assim, por meio desta análise, discutimos as relações de poder que produzem os mais diversos tipos de violência contra a população LGBTQIA+. Nesse sentido, pontuamos a heteronormatividade enquanto instância capaz de determinar quais padrões sociais e sexuais devem ser seguidos, classificando-os até mesmo como “naturais”. Para além da norma, também são definidos os desvios numa lógica binarista pela qual o poder se estabelece ao elencar o “correto” e o “incorreto”. Consequentemente, tudo aquilo que se apresenta como desviante da hegemonia heterossexual torna-se passível de estigmatização e condenação. Para nosso estudo, temos como base os trabalhos de Butler (2003), Foucault (1982, 1988), Louro (2000), e Salih (2015), Silva (2000) e Spargo (2017).

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade, v. I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e introdução de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. GARDEL, Stênio. *A palavra que resta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 4-24. SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria queer. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102. SPARGO, T. Foucault e a teoria queer: seguido de ágape e êxtase: orientações pós-seculares. Trad. Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PALAVRA E EXISTÊNCIA: A REIVINDICAÇÃO DOS SUJEITOS INVISÍVEIS EM O VOO DA GUARÁ VERMELHA, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Rayssa Duarte Marques Cabral e Gisele Meire Tita Nazario Da Silva

Resumo: O direito à literatura, disseminado por Candido (2017), está — ou deveria estar —, ao lado de outros direitos fundamentais, tais como alimentação, moradia, vestuário e saúde, bem como de direitos mais amplos, como a liberdade individual, o amparo da justiça pública e a resistência à opressão. Posto isso, notamos que no romance *O voo da guará vermelha* (2014), de Maria Valéria Rezende, o protagonista Rosálio personifica-se como um cidadão que reivindica tal direito como parte de sua identidade e existência. Isso porque, mesmo sendo um trabalhador braçal e analfabeto em decorrência da omissão estatal, é um entusiasta dos livros e das narrativas orais. Sua jornada baseia-se na busca por alguém que o ensine a ler e escrever, mas mesmo com essa lacuna, ele resiste, esperança, cria e sonha, transpondo assim seu contexto desfavorável e nossas expectativas estigmatizantes. O romance escancara um Brasil a partir da perspectiva da margem, razão pela qual afirmamos que, na obra, o subalterno pode falar (SPIVAK, 2010). Nesta comunicação, objetivamos evidenciar como se dá a constituição e humanização da personagem Rosálio por meio da literatura; seja desfrutando-a pela leitura em voz alta, seja compartilhando em suas narrativas orais a criação de outros horizontes/imaginários possíveis. A fim de sopesar esta análise, recorreremos a Agamben (2015) e Mbembe (2016), que já abordaram a temática do biopolítica e da necropolítica, respectivamente, afirmando que há vidas que valem mais do que outras; assim como a Bauman (2005), que teorizou sobre as vidas desperdiçadas. Assim, pretendemos demonstrar que a personagem invisível, antes tomada apenas como um corpo na multidão, ao lidar com as palavras —

armas que não esperaríamos que utilizasse com tamanha maestria —, impulsiona uma nova articulação no mundo factual, reivindicando sua existência como sujeito na literatura e fora dela.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Meios sem fim: notas sobre a política. Tradução: Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017, p. 171-193. MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 10 jan. 2023. REZENDE, Maria Valéria. O voo da guará vermelha. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva 2014. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

NARRATIVAS DE SI E SUAS IMPLICAÇÕES À ARTE DA VIDA DOS JOVENS NEGROS DA ESCOLA PÚBLICA

Rosilda Maria de Queiroz da Cruz Nunes

Resumo: Resumo: O papel da escola é re/criar novos mecanismos de diálogos na sala de aula, relacionados com os letramentos de reexistência (SOUZA, 2011), com a finalidade de construir uma educação que fomente reflexões sobre o racismo, vulnerabilidade social e questões psicoemocionais elencadas nas narrativas de si, segundo Delory-Momberger (2012). Sendo assim, é urgente se deslocar pelas estruturas que geram a “morte” da subjetividade e identidade dos jovens negros (NUNES, 2021). Este estudo objetiva compreender o papel das narrativas de si como elemento estratégico, embasado na “pedagogia terapêutica” e suas implicações na arte da vida dos jovens negros do ensino médio na escola pública em São Sebastião do Passé-Ba. A metodologia é uma abordagem qualitativa, diante dos estudos de Ludke, & André, Marli (1986), seguida de fundamentação teórica com base nos estudos de Bertolote (2012); Matuoka (2017); Botega (2015); B.M.S (2017); Delory (2012); Kilomba (2019); Fanon (2008); Mbembe (2016); Nascimento (2011); Gomes (2003); hooks (2013); Souza (2011). O resultado será a exploração do campo das narrativas de si, como combustível de produção de vida e assim contribuir na re/criação de um trabalho pedagógico dos professores relacionados aos letramentos de reexistência como elemento significativo renovador na alimentação do mundo subjetivo e da identidade dos subalternos no espaço escolar. Desse modo, diante do aumento de suicídio dos jovens negros, M.S (2018) e das diversas formas de “morte”, incorporar as narrativas de si no cotidiano da sala de aula, possibilita fomentar alicerces para quebrar paradigmas relacionados às estruturas e às marcas do racismo epistêmico presentes nos livros didáticos, no currículo escolar e nas relações de dominação que adoecem os estudantes. Este estudo em andamento eleva a importância de re/pensar e refletir modos de ressignificações e implantação, sólida, da educação antirracista e intercultural como mecanismo de emancipação da pessoa marginalizada.

Referências: BERTOLOTE, José. M. Suicídio e sua prevenção. São Paulo: Unesp. 2012. BOTEGA, José Neury, (2015). Crise Suicida: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed. (2015). BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico – Suicídio. Saber, agir e prevenir. v.48, n. 30. 2017. DELORY-MOMBERGER, Christine. IN: Revista Brasileira De Educação, V. 17, Nº 51, SET-DEZ, 2012. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Porto: Orgal, 1980. Editora EDUFBA GOMES. Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo, 2003. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182. hooks, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes 2013. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p LUDKE, Marli E. D. A. ANDRÉ, Pesquisa em educação: abordagens qualitativa / São Paulo: EPU. 1986. MATUOKA, I. Qual o papel das escolas na prevenção ao suicídio? Centro de Referências em Educação Integral, 26 set. 2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/repostagens/qual-o-papel-das-escolas-na-prevencao-dosuicidio/>. Acesso em: 27 fev. 2019. MBEMBE, Achille. Necropolítica. Temáticas. Arte & Ensaios. nº 32 revista do pgav/eba/ufrj. Trad. Renata Santini. Dezembro de 2016. M.S-Ministério da Saúde - Óbitos por

suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016, Brasília DF. Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf. Acesso em: 10/03/2019. NUNES, Rosilda Maria Q. Cruz. Juventudes negras em uma escola de São Sebastião do Passé/ba: as faces de um perigo, suicídio e as trilhas da reexistência 2021. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural) - Universidade do Estado da Bahia. SOUZA, A. L.S. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. P.176.

SEM TÍTULO

Sandro Aragão Rocha

Resumo: O romance Parque das irmãs magníficas (2021), de Camila Sosa Villada, conta a história de uma protagonista que leva o mesmo nome da autora. Camila, uma travesti do interior de Córdoba (Argentina), vive uma vida dupla: de manhã estuda Comunicação e Teatro, se camuflando para sobreviver, e a noite trabalha no Parque Sarmiento com prostituição, dando espaço para ser quem realmente deseja. As vivências, que entrecortam lembranças da infância e momentos em que a protagonista já é maior de idade, narradas ora de forma crua, ora com grande grau poético e fantasioso, dão forma ao texto e aos personagens que fazem parte da trama: desde pequenas, para as travestis, tudo no mundo pode ser dor e violência, mas tudo, nesse mesmo mundo, pode ser também o oposto, alegria e prazer. Nesse sentido, essa dualidade entre dor/prazer, realidade/fantasia, amor/ódio, nos permite mergulhar mais fundo naquilo que é sentido nesse retalho de narrativas que formam o todo-memória de Camila, e nos faz sentir mais vividamente o que essas personagens reais-ficcionais vivenciam. Dessa forma, meu trabalho foi construído em diálogo com memórias que emergiram a partir das reflexões que fiz da obra em questão, tendo como objetivo analisar o modo como a relação entre memória, corpo e afeto aparece no texto de Camila Sosa Villada, tendo como base teórica Judith Butler (2016), Paul B. Preciado (2019), Michel Foucault (1987), Byung-Chul Han (2017), Stuart Hall (2015), João Silvério Trevisan (2018), entre outros.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. PRECIADO, Paul B. Multidões queer: ntas para uma política dos “anormais”. In: HOLLANDA, Helosa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. _____. O que é contrassexualidade?. In: HOLLANDA, Helosa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. HAN, Byung-Chul. A agonia do Eros; tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SUPERANDO SILÊNCIOS: A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA O CORPO LÉSBICO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE SHEYLA SMANIOTO

Stefani Andersson Klumb

Resumo: Manifestações de violência contra o corpo feminino fazem parte de um sistema sócio-histórico que produz um campo de relações assimétricas entre homens e mulheres em nossa sociedade. Com o intuito de dar visibilidade a outras formas de violência contra a mulher para além do contexto heterossexual, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o conto “Dupla penetração” (2015), da escritora contemporânea Sheyla Smaniotto, que apresenta os questionamentos e as considerações de uma personagem inominada que, ao ler os diários da filha, deparou-se com relatos de violência sexual. Através de uma obra literária ficcional, a escritora denuncia a naturalização da violência que atinge historicamente corpos dissidentes da norma cis-hétero-normativa, consequência de uma construção normativa hierárquica e excludente. Os principais aportes teóricos utilizados para desenvolver a análise da presente pesquisa são a teoria da

precariedade, desenvolvida por Judith Butler (2018), as reflexões sobre violência contra o corpo feminino, realizadas por Heleieth Saffioti (2001; 2011), e as considerações sobre a relevância social da literatura, de Karl Schollhammer (2000; 2013). Os resultados apontam para a significativa contribuição da literatura enquanto ferramenta de intervenção crítica dentro de uma sociedade violenta, permitindo-nos ver distintas formas e consequências da violência que permeia o nosso cotidiano e que são facilmente banalizadas e invisibilizadas.

Referências: BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Discriminação e violência contra a população LGBTQIA+: relatório da pesquisa*. Conselho Nacional de Justiça; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Brasília: CNJ, 2022. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-pesquisa-discriminacao-e-violencia-contralgbtqia.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2023. FERNANDES, Rinaldo de. O conto brasileiro do século XXI. In: *Revista Graphos*, vol. 14, nº 1, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/13407>>. Acesso em: 16 dez. 2022. PEIXOTO, Valdenízia Bento. *Violência contra LGBTs no Brasil: a construção sócio-histórica do corpo abjeto com base em quatro homicídios*. 2018. 235f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/33951>>. Acesso em: 16 dez. 2022. PORTO, Luana. *Narrativa e resistência: conto brasileiro contemporâneo*. In: *Literatura e Autoritarismo: Literatura e Cinema de Resistência*, n. 33, 2019, p. 99-110. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35059>>. Acesso em: 20 dez. 2022. QUINALHA, Renan. *Movimentações e movimentos LGBTI+ no Brasil*. In: _____. *Movimentos LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 101-143. RODRIGUES, Karolina Oliveira. *Estupro corretivo: você sabe o que é?*. 2021. 46f. Monografia (Bacharel em Direito) — Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15732>>. Acesso em: 05 jan. 2023. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. In: *Cadernos Pagu*. (16) 2001, p. 115-136. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Graphium, 2ª reimpressão, 2011. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo [recurso eletrônico]*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira*. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder [et al.] (org). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 236-259. SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: _____. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 73-102. SMANIOTO, Sheyla. *Dupla Penetração*. In: *Revista AzMina*, 2015. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/conheca-sheyla-smanioto/>>. Acesso em: 16 ago. 2022. SOUZA, Carolina de [et al.]. *Violência contra mulheres lésbicas/bissexuais e vulnerabilidade em saúde: revisão de literatura*. In: *Psicologia, Saúde e Doenças*, v. 22, n. 2, 2021, p. 437-453. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/353632171_Violencia_contra_mulheres_lesbicasbissexuais_e_vulnerabilidade_em_saude_revisao_da_literatura>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ENTRE PARTILHAS E AUSÊNCIAS: DA IMPOSSIBILIDADE DE SER EM COM ARMAS SONOLENTAS, DE CAROLA SAAVEDRA

Thais Rabelo de Souza

Resumo: Com *armas sonolentas* (2018), da escritora Carola Saavedra é, dentre tantas possíveis reflexões, um romance que toca nas questões relativas à família e aos sujeitos invisibilizados, das demandas não supridas e do abandono. Dividido em duas partes: “O lado de fora”, e “O lado de dentro”, conhecemos um pouco sobre Anna, Maike e a Avó. Na primeira parte, dar nome ao que está fora é uma espécie de busca, vontade de se sentir em casa. Na segunda parte, iremos acompanhar o retorno, a construção e reflexão em torno de novos espaços de afetos. A partir das experiências narradas e/ou vivenciadas pelas personagens, temos o agenciamento do que Bezerra

(2007) reflete, ao pensar sobre as mulheres e suas formas de ligação com a memória e a comunidade, o fato de que a representação de trajetórias de vidas até então mobilizadas dentro do cenário cultural/social permitiam apenas o conhecimento de experiências e identidades hegemônicas, e que a partir do momento em que as mulheres reescrevem essa cena, temos diferentes perspectivas e modos de sentir. Desta maneira, os processos de construção/desconstrução identitárias vivenciados pelas personagens, por exemplo, estão relacionados aos lugares que ocupam, da problemática de gênero, da formação cultural e formal que tiveram ou da ausência dessa formação, bem como do acesso aos bens culturais e sociais. Assim, pretende-se refletir, a partir das trajetórias das personagens, como esse lugar de invisibilidade, além de demarcar os silêncios individuais e/ou coletivos, do que é ou não vedado às pessoas, promove um espaço de ruptura, ao colocar em cena outras formas de partilha (Rancière, 2009) e reivindicação da experiência.

Referências: BEZERRA, Kátia. Vozes em dissonância: mulheres, memória e nação. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009. SAAVEDRA, Carola. Com Armas Sonolentas. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

POR CIMA DO MAR: ASPECTOS DA DIÁSPORA AFRICANA E SUAS RESSONÂNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

Vanessa Leal Nunes Vieira

Resumo: O mar teima existir em um silêncio constante. Dependendo de quem o contempla, Kalunga toma ares de desterro, aventura, culpa ou morte. O romance de Deborah Dornellas, *Por Cima do Mar* (2019), explora como as águas nos conduzem pela memória entre o passado e o presente, impondo no cotidiano árido as possibilidades de ser caminho e também deserto. Segundo Jean-Paul Sartre (2004, p.21), o escritor deve fazer com que ninguém possa ignorar o mundo ou considerar-se inocente diante do que descobre sobre ele, e Deborah consegue exercer essa influência sobre os leitores ao criar uma narradora-protagonista negra, filha de um candango da construção de Brasília e de uma empregada doméstica. Como o anjo da história benjaminiano, consegue parar para “acordar os mortos” e juntar fragmentos de partes de uma história que insistem em silenciar. Vencedor do prêmio Casa de Las Américas, o romance aborda a ideia do mar como conexão entre Brasil e Angola, Brasília e Benguela, e as inúmeras memórias envolvidas nesse (des)encontro. A história de Lígia Vitalina é um projeto chamado de “reunião de lembranças” (2019, p. 329) e ela reconhece em sua verdade a “história de muitas negras brasileiras.” (2019, p. 249). Aqui seria interessante entender que Deborah Dornellas é uma mulher branca. Mas ao colocar a narrativa em primeira pessoa, é como se desse o lugar de fala para Vitalina, uma mulher negra. Deborah não narra Vitalina, a personagem narra a si mesma. E é através de seus olhos atentos, que testemunhamos os movimentos das personagens que fazem parte da sua família e como as diferenças sociais e raciais marcam a vida em Brasília. Suas lembranças escritas fundem-se com a oralidade dos eventos contados por seus familiares e concretizam-se numa orquestra de memórias, onde antes imperava o silêncio.

Referências: DORNELLAS, Deborah. *Por Cima do Mar*. Editora Patuá, São Paulo, 2019. EVARISTO, Conceição. ÁFRICA: NCORA DOS NAVIOS DE NOSSA MEMÓRIA. *Via Atlântica*, (22), 159-166, (2012). BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros Para Nós Mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1994. SANTIAGO, Silviano. “Deslocamentos Reais e Paisagens Imaginárias - O Cosmopolita Pobre.” In. *Falando com Estranhos: O Estrangeiro e a Literatura Brasileira*. 7Letras, Rio de Janeiro, 2016.

O SILÊNCIO E A ORDEM PATRIARCAL EM LAVOURA ARCAICA

Vanessa Vieira

Resumo: O presente trabalho abordará o feminicídio da personagem Ana, perpetrado diretamente pelo genitor e indiretamente pelos irmãos, André e Pedro, no romance “*Lavoura arcaica*”, de Raduan Nassar (1978). Far-se-á uma leitura do texto literário a partir das proposições teórico-críticas de autoras e autor como bell hooks, “Entendendo o patriarcado”; “Gênero patriarcado violência”, de

Heleieth Saffioti; a tese de doutoramento “A lavoura sagrada de Raduan Nassar”, de autoria de Flávio Adriano Nantes. A proposta de leitura se dá por uma reflexão sobre as relações de gênero, a violência contra as mulheres e o patriarcado, sobretudo o eclesiástico. Raduan em “Lavoura arcaica” empreende a escritura acerca de uma família regida pelo sistema patriarcal: um pai soberano e autoritário que se apresenta como zeloso pela família, pela ordem e pelo trabalho. No decorrer da história observa-se que o genitor ensinava de fato exercer o poder e dominância sobre sua família, culminando com o assassinato/feminicídio de Ana. As relações desiguais de gênero são demonstradas pelo silenciamento de Ana (e todas as personagens-mulheres) e a não responsabilização dos três personagens masculinos (pai, André e Pedro) sobre a violência extrema e letal perpetrada. O patriarcado eclesiástico que ocorre no interior das sociedades ao redor do mundo, conferindo poderio aos homens em detrimento das mulheres e que conforme Nantes (2018) se vale de elementos religiosos para suprimir o direito de alguns em viver dignamente, por não compactuarem com uma ética e uma moral forjadas a partir da religião, o que pode ser observado na obra de Raduan por meio do comportamento do patriarca da família que assume a posição de Deus ao extirpar o “mal sedutor”, no caso a filha.

Referências: HOOKS, Bell. *The Will to Change: men, masculinity, and love*. New York: Atria Books, 2004. Capítulo 2, Entendendo o patriarcado, tradução: Carol Correia, 2020. NANTES, Flávio Adriano. *A lavoura sagrada de Raduan Nassar* / Flávio Adriano Nantes Nunes. São José do Rio Preto, 2018. SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SINTAGMAS AFETIVOS, PARADIGMAS RACIALIZADOS: ANALISANDO RAÇA E AFETO ATRAVÉS DA FICÇÃO IRLANDESA CONTEMPORÂNEA

Victor Augusto da Cruz Pacheco

Resumo: Esta apresentação, fruto da pesquisa conduzida com a Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo FAPESP 2021/11639-9), tem por objetivo refletir sobre o uso de afetos na representação de personagens negros dentro da ficção irlandesa contemporânea. Partindo de teóricos que discutem a relação entre afeto, raça e negritude dentro da “virada afetiva” (AHMED, 2004; PUAR, 2017; JACKSON, 2020; PALMER, 2017, 2020), a apresentação abordará os contos “Guess Who’s Coming for the Dinner” de Roddy Doyle (2008) e “The Welcome” de Emma Donoghue (2006) e o romance *Flight* de Oona Frawley (2014). Escritas durante o período de crescimento econômico e de fluxo imigratório conhecido como Tigre Celta, as narrativas trazem em primeiro plano personagens negros como forma de discutir a nova configuração social e racial irlandesa. Considerando os afetos na ficção a partir da representação textual de afetos, sentimentos e emoções bem como sua relação entre texto e leitor (BENNETT; ROYLE, 2016), uma análise mais atenta ao uso de afetos dentro das narrativas abordadas mostra que há um mascaramento das relações sociais atravessadas pela ideia de raça. Neste sentido, a branquitude enquanto base ontoepistemológica da experiência humana não é deslocada/desconstruída pelo texto literário (SILVA, 2007), reafirmando processos históricos e regimes raciais de representação da negritude (FANON, 2008; HALL, 2013) e colocando em questionamento a potencialidade do uso do afeto como ferramenta política e de representação literária (HARTMAN, 1999).

Referências: AHMED, Sara. *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004. BENNETT, A.; ROYLE, N. “Feelings”. In: *An Introduction to Literature, Criticism and Theory*. London and New York: Routledge, 2016, pp. 257-288. DONOGHUE, Emma. *Touchy Subjects*. London: Virago, 2006. DOYLE, Roddy. *The Deportees*. London: Vintage, 2008. FANAON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. Trans. Charles Lam Markmann. Pluto Press, 2008. FRAWLEY, Oona. *Flight*. Dublin: Tramp Press, 2014. HALL, Stuart et al. *Representation*. London: SAGE Publications, 2013. HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection*. New York: Oxford University Press, 1997. HOOKS, bell. *Olhares negros. Raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019c. HOUEN, Alex. “Introduction”. In: *Affect and Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020, pp. 1-30. JACKSON, Zakiyyah I. *Becoming Human. Matter and Meaning in an Antiracist World*. New York: New

York University Press, 2020. ePUB. PALMER, Tyrone. "What Feels More Than Feeling?": Theorizing the Unthinkability of Black Affect". In: Critical Ethnic Studies, Vol. 3, No. 2 (Fall 2017), pp. 31-56 <https://doi.org/10.5749/jcritethnstud.3.2.0031> PALMER, Tyrone S. "Otherwise than Blackness: Feeling, World, Sublimation". In: Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences, Volume 29, Number 2, December 2020, pp. 247-283 doi 10.1215/10418385-8742983 PUAR, J. K. Terrorist Assemblages. Homonationalism in Queer Times. Duke University Press, Durham: 2017. SILVA, Denise F. Toward a Global Idea of Race. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

SIMPÓSIO "POR QUE ESCREVEM AS MULHERES? REPRESENTAÇÕES DO CORPO-MULHER, INTERSECCIONALIDADES, ALTERIDADES E SUBVERSÕES"

Jocelaine Oliveira dos Santos (IFS), Tiago Barbosa da Silva (UFBA) e Rafaella Teotônio (UPE)

"A MESMA BOCA QUE DENUNCIA ME ACARICIA": CORPO E RESISTÊNCIA EM POEMAS DO BOLETIM CHANACOMCHANA (1981-1987)

Aline de Jesus Sena e Eder Ahmad Charaf Eddini

Resumo: Durante o período da ditadura civil e militar (1964-1985), enfrentada pelo Brasil, as mídias alternativas foram instrumentos de resistência e empoderamento. Muitos grupos minoritários foram considerados subversivos ou ameaças ao que chamavam de moral e os bons costumes naquele período. Dentro desse público, considerados 'inimigos da família', encontravam-se os grupos formados por gays, lésbicas e outras minorias sexuais. Essas pessoas obtiveram apoio para suas lutas em alguns movimentos políticos compostos por uma parcela excluída da população daquela época. Esses movimentos combatiam diversas formas de opressão e deram visibilidade às causas e artes das minorias. Respeitando as particularidades dos envolvidos dentro da população LGBTQIAP+ houve a necessidade de luta por pautas específicas, assim o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), criador do Boletim Chanacomchana (1981-1987), permitiu às mulheres lésbicas da época, por meio de diversas publicações, a propagação de sua voz e a verbalização coletiva de seus anseios. O Boletim foi um artefato cultural que teve sua importância na visibilização da luta de mulheres lésbicas pela liberdade e contra os preconceitos, utilizando-se dos mais variados recursos. O objetivo deste trabalho é, sob uma perspectiva dos Estudos sócio-histórico-culturais e da Teoria Queer, revisitar a seção 'Poesia' do Boletim Chanacomchana e analisar as representatividades das mulheres lésbicas enquanto parcela excluída socialmente e/ou a utilização do corpo feminino como instrumento de luta e resistência nas composições dos poemas publicados e a relação desse corpo com a repressão sofrida pela população LGBTQIAP+ no período da ditadura civil-militar brasileira. Como resultado encontramos poemas que apontam para resistência lésbica contra o preconceito e a invisibilidade imposta pela sociedade, a busca pelo amor romântico e a afirmação da sexualidade lésbica.

Referências: ARÈS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985. Boletim Chanacomchana. (1987). BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix/Ed. da USP, 1977. EDDINE, Eder Ahmad Charaf. A psicologia, a educação e as homossexualidades: o normal e o patológico nas produções discursivas das revistas Boletim de Psicologia, Revista Brasileira de Psicanálise e Cadernos de Pesquisa nas décadas de 1970 e 1980. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.48.2019.tde-11042019-121021. Acesso em: 2023-01-08. EDDINE, E. A. C.; SENA, A. de J.; RODRIGUES, J. E. de A. G.; LIMA, T. R. C. . The alternative media ChanacomChana and Lâmpião da Esquina: a trajectory of resistance, identity, and visibility. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e18010313233, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.13233. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/FOUCAULT>, Michel. História da sexualidade 1: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014. _____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências. São Paulo: Martins Fontes, 2016. GREEN, James; POLITO, Ronald. Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José

Olympio, 2006. GREEN, James. Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000. KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários: Nos tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo: EDUSP, 2018. RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay no Brasil. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018. SOUZA, Rafael de. "Saindo do gueto": o Movimento Homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. SPARGO, Tamsin. Foucault y la teoría queer. Barcelona: Gedisa, 2004 SPENCER, Colin. Homossexualidade: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1999. TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

INSUBMISSÃO E DIFERENÇA: A MARCA DO FEMININO EM HÉLIA CORREIA

Ana Marcia Alves Siqueira

Resumo: Propomos discutir a transgressão feminina nas obras *Fascinação* e *Adoecer*, de Hélia Correia, relacionada a conceitos direcionadores das ações humanas e seus desdobramentos valorativos, bem como na opressão que estas concepções impõem às mulheres. A construção de narrativas centradas no universo feminino, tanto pela narração, quanto pela ação das protagonistas, é uma particularidade da escrita de Hélia Correia. Os homens pertencem ao plano secundário em histórias conduzidas por mulheres que se destacam pela insubmissão, transgressão e poder de liberdade. Nas obras elencadas, a reapropriação da história e da tradição literária é matéria prolífica para a construção ficcional que busca dar voz às figuras femininas silenciadas, cujas visões foram ignoradas ou desconsideradas, construindo assim, diálogos intertextuais sobre a situação da mulher ontem e hoje, sobretudo, aquelas relativas ao comportamento considerado transgressor ou maligno, tanto na perspectiva social quanto religiosa. Atentamos ainda, nas obras em estudo, para o fato de que o poder de liberdade conquistado pelas personagens muitas vezes se confronta com a figura de mulher frágil e submissa imposta culturalmente no decorrer dos séculos. Ao não se encaixar nos padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal, sobressai-se a imagem de uma mulher rebelde, marcada pela diferença e em busca de autonomia, exemplificada, em diferentes nuances, pelas personagens Dona Sol e Elizabeth. Aliado a esse protagonismo, temas como o mal, a liberdade transgressora, a sexualidade e o amor abrem espaço para uma discussão crítica sobre a representação da mulher e o cerceamento de sua liberdade, não mais passível de aceitação passiva na contemporaneidade. Para revelar esta arquitetura crítica e artística, o comparativismo alia-se à perspectiva das relações dialógicas entre textos e contextos favorecendo o entrecruzamento de abordagens para delinear preocupações estéticas, socioculturais e críticas recorrentes, tendo como suporte inicial os estudos de Freud (2011), Bourdieu (2007), Pollack (1989), Fonseca (2021) e Simões (2020).

Referências: ARNAUT, Ana Paula. Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo: Fios de Ariadne – Máscaras de Proteu. Coimbra: Almedina, 2002. _____. "Post-Modernismo: o futuro do passado no romance português contemporâneo". Via Atlântica, São Paulo, n. 17, p. 129- 140, jun./2010. BARRENTO, João. A Nova Desordem Narrativa: Sujeito, Tempo e Discurso Acentrados no Romance de Mulheres em Portugal. Abril- Revista do núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 2, nº 3, Novembro de 2009. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. GUERREIRO, Emanuel. Hélia Correia, a casa da palavra. Revista Colóquio/Letras, Lisboa, nº 173, p. 108-118, jan. 2010. CORREIA, Hélia. *Fascinação* (de Hélia Correia) seguido de "A Dama Pé-de-Cabra" (de Alexandre Herculano). Lisboa: Relógio D'Água, 2004. _____. A escrita insuportável. In: BRANCO, Lúcia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano (org.). A força da letra: estilo - escrita - representação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac & Naify, 2011. FIGUEIREDO, Monica. "Ruínas, vestígios e silêncios: Lillias Fraser, de Hélia Correia". In: RIOS, Otávio (org.). O Amazonas deságua no Tejo: ensaios literários. Manaus: UEA Edições, 2009. FONSECA, Carlos Henrique S. Memória de um corpo dilacerado: *Adoecer*, de Hélia Correia. Desassossego, Dossiê Literatura, Arte e Doença, Vol.13, n. 25, jan-jun. 2021, p. 73-96. POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 02, n.03, 1989, p. 03-15. SEIXO, Maria Alzira. Uma desenganada alegria: *Insânia* de Hélia

Correia. In: _____. Outros Erros. Ensaios de Literatura. Porto: Edições Asa, 2001, p. 304-307. SIMÕES, Maria João. A Mulher e a Arte: figurações da marginalidade feminina em Adoecer, de Hélia Correia. Revista de Estudos Literários, Coimbra, n. 10, p. 193-210, set./2020.

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA FICÇÃO DE ARUNDHATI ROY

Anna Beatriz Da Silveira Paula

Resumo: Suzanna Arundhati Roy é uma escritora indiana que produz localmente e em língua inglesa. Tem vasta produção de não-ficção, voltada para a crítica social cuja contundência privilegia temas como o ambientalismo – com ênfase na utilização dos recursos hídricos na Índia –, direitos humanos e política. O presente estudo tem como objeto seus dois romances, “O deus das pequenas coisas” (1997), vencedor do Man Booker Prize, e “O ministério da felicidade absoluta” (2017), e busca discutir como as identidades de gênero feminino são representadas através das personagens protagonistas e de seus corpos. No primeiro livro, Ammu é uma mulher descasada e mãe de um casal de gêmeos que vive uma paixão intensa por um intocável. A cena de sexo protagonizada por Ammu e Velutha levou Roy à prisão por descrever detalhadamente o encontro desses corpos de idades, cores e castas diferentes. Vinte anos depois, em seu segundo romance, Roy aborda uma temática delicada para a cultura indiana e traz uma mulher transgênero, Anjum, como protagonista. Anjum tem sua dramática trajetória de transgenerificação descrita, oportunizando ampla discussão sobre as chamadas “hijras”, uma das denominações desse “terceiro gênero” (como é tratado na sociedade indiana). Em ambas narrativas, a maternidade é uma experiência representada por um viés interseccional, reforçando numa obra a condição subalterna da mulher que tem o corpo usado para procriação seguindo a lógica do patriarcado, enquanto na outra obra, a maternidade dissidente desafia a lógica da heteronormatividade caracterizando a posição subversiva da personagem. Da mesma forma, a escrita de Roy subverte as tradições indianas ao reivindicar o direito à liberdade, ao prazer e ao amor para os corpos das mulheres.

Referências: BAGCHI, Jasodhara. Interrogating Motherhood. Sage-Stree Publications. New Delhi: 2017. PANJABI, Kavita & CHAKRAVARTI, Paromita [ed.]. Women Contesting Culture: Changing Frames of Gender Politics in India. Reading Gender Studies, vol. 2. School of Women’s Studies, Jadavpur University. Bhaktal & Sem. Calcutta: 2012. 450 p. ROY, Arundhati. O deus das pequenas coisas O Deus das Pequenas Coisas. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 258 p. _____. O ministério da felicidade absoluta. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MATERNIDADE E VIOLÊNCIA EM A CACHORRA, DE PILAR QUINTANA

Cinara Antunes Ferreira

Resumo: O patriarcado, enquanto categoria colonial, está historicamente a serviço do poder na América Latina. As mulheres servem a esse poder ao cumprir os papéis sociais de esposas e mães, que lhe são ditados pela cultura. Maria Lugones relaciona o conceito de colonialidade do ser com o processo de desumanização, que o torna apto/a para a classificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que ser humano (2014, p 914). Nesse sentido, esta comunicação propõe a discussão do romance A cachorra (2017), da autora colombiana Pilar Quintana, que narra a história de uma mulher que adota uma cachorra na tentativa de preencher o vazio deixado pela impossibilidade de engravidar. Nele, observamos o engendramento de uma personagem feminina que se constrói e se desconstrói nos caminhos tortuosos do colonialismo do corpo feminino. No romance, o corpo feminino, inicialmente subjugado para satisfazer o desejo cego da maternidade a qualquer custo, vai se descobrindo na relação com o corpo da cachorra, acolhida pela mulher ante a impossibilidade de gerar filhos no próprio ventre. Numa perspectiva decolonial, com base principalmente nas reflexões de Lugones (2014), Anzaldúa (2000) e Spivak (2019), pretende-se debater sobre o tema da maternidade como uma imposição social e as violências implicadas nessa imposição aos corpos das mulheres, especialmente no contexto latino-americano.

Referências: ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000b.

COSTA, Claudia de Lima. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. Fragmentos, número 39, p. 045/059 Florianópolis/ jul - dez/ 2010. HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 251-268. LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro/2014. QUINTANA, Pilar. A cachorra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. SPIVAK, Gayatri. Quem reinvidica alteridade? In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 251-268. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

A ESCRITA COMO EXCREÇÃO DO CORPO EM PAÑUELO DE MOCOS, DE FERNANDA LAGUNA

Eduarda Rocha Góis Da Silva

Resumo: Fernanda Laguna é uma personagem emblemática da cena contemporânea argentina. Artista múltipla, agitadora cultural em diversas esferas: é artista plástica, curadora, gestora cultural, editora, poeta, romancista e ativista do coletivo feminista Ni Una Menos. As questões que atravessam o Ni Una menos, que são também preocupações teóricas de diversas pensadoras feministas da atualidade, já apareciam em sua poesia muito antes da fundação do coletivo, em 2015. A poeta argentina antecipou temas como o trabalho doméstico, a caça às bruxas, os trabalhos de cuidado, as greves feministas, entre outros. Esses temas são discussões da ordem do dia no âmbito teórico e no âmbito de militância de rua dentro dos coletivos feministas, sobretudo a questão das políticas do desejo. Seu livro mais recente, Pañuelo de mocos (2022) (lenço de catarro), evoca alguns traumas vividos por Laguna em sua infância, relacionados à violência de gênero. Neste livro, a poeta parece escrever para reorganizar essas experiências traumáticas e dar outro sentido a elas aproximando-se do que Suely Rolnik vem denominando como texto baba. Para Rolnik (2016), o texto baba se produz quando o desejo entra em ação para conseguir dar um corpo para a experiência de maneira que ela passe a participar da realidade. De tal modo, este texto aborda a noção de escrita como excreção do corpo, verificando como Laguna transforma a experiência vivida em poesia, reelaborando, assim, as memórias do corpo no poema. Para isso, são importantes como fundamentação teórica as considerações de Suely Rolnik (2016), Gloria Anzaldúa (2000), Josefina Ludmer (2018), Deleuze e Guattari (2010), entre outras.

Referências: ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édna de Marco. In: Revista de Estudos Feministas, Ano 8, 2000. DELEUZE e GUATTARI. O anti-Édipo. São Paulo: Editora 34, 2010. GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. In: cadernos pagu. Trad. Cecília Holtermann n.14, p. 45-86, 2000. LAGUNA, Fernanda. Pañuelo de mocos. Rosario: Iván Rosado, 2022 LUDMER, Josefina. Literaturas postautónomas 2.0. Propuesta Educativa [en línea]. 2009, (32), 41-45 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403041704005>. Acesso em: 28/12/2022 às 16:36. _____. Aquí América Latina. Uma especulação. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013. ROLNIK e GUATTARI. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. _____. Narciso no espelho do Século XXI. Entrevista. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB_5DY. Acesso em 10/12/2022 às 22h29 _____. Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REVELAM-SE O CORPO, O ÍNTIMO, COM TUDO PARA FORA: AS REPRESENTAÇÕES DO “NOVO CORPO”, EM THE PASSION OF NEW EVE, DE ANGELA CARTER

Gil Derlan Silva Almeida

Resumo: Entendendo o corpo como um espaço político e um lócus de enunciação primordial do poder sobre o mundo e sobre os outros, podemos perceber na escrita contra hegemônica de autoria feminina, um forte clamor pela retomada de vozes e discursos, outrora inferiorizados pelo patriarcalismo. Seguindo este pressuposto, este trabalho objetiva analisar as representações do que chamamos de, novo corpo feminino, como instrumento de luta contra a opressão masculina na obra The passion of new Eve (1977), de Angela Carter. Enquanto metodologia, utilizamo-nos de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, por se tratar de uma análise de tipos sociais, seus

comportamentos e representações, conforme Gil (2002). O aporte teórico segue na esteira de nomes como Bento (2020), Bourdieu (2017), Butler (2018), Zanello (2018) e Spivak (2018), bem como outros que se desdobram sobre as questões das relações de gênero e seu cruzamento com o texto literário. Podemos perceber que na obra supracitada de Angela Carter, o personagem masculino Evelyn passa por uma transmutação, transformando-o na feminina Eva, porém tal procedimento inacabado, altera seu corpo físico e não sua mente. A partir daí, Carter lança reflexão sobre como este novo sujeito passa a ocupar o lugar do oprimido, antes autor do próprio processo de opressão. Tal artimanha, proporciona ao leitor a possibilidade de entender como o sujeito feminino foi relegado a um espaço diminutivo, por uma ordem colonial de gênero que perpassa desde o campo simbólico até o material. Assim, a autora britânica dialoga sobre temas como misoginia, machismo e violência de gênero, ao passo que propõe uma subversão para desconstruir discursos normativos contra os sujeitos femininos marginalizados.

Referências: BENTO, B. A reinvenção do corpo- Sexualidade e gênero na experiência transexual. Salvador: Editora Devires, 2017. BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2017. BUTLER, J. P. Problemas de gênero: femininos e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. CARTER, A. The Passion of New Eve. London: Gollancz, 1977. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. ZANELLO, V. Saúde mental, gênero e dispositivos. Curitiba: Appris, 2018.

NADA HUMANO É ESTRANHO PARA MIM: GROTESCO, TRANSGRESSÃO E RESISTÊNCIA FEMININA EM CARSON MCCULLERS

Giovana de Proença Gonçalves

Resumo: Nosso objetivo é propor uma leitura das personagens femininas da escritora norte-americana Carson McCullers, tendo como objetos de análise o romance O coração é um caçador solitário (1940) e a novela A balada do café triste (1943). Assim, acentuamos a minuciosa visão social da autora, uma vez que ela, na construção de suas personagens, subverte a normatividade sulista. Essa normatividade é questionada por meio da transgressão de expectativas relacionadas a gênero, sexualidade e corporeidade, que imperam com estrita rigidez no Sul da primeira metade do século XX, principalmente com a veiculação do mito da Southern belle. É reconhecido pelos comentadores da literatura de McCullers que sua obra explora, em linhas gerais, a desintegração social e a alienação, de modo que a própria autora escreve que o isolamento espiritual é a base da maioria de seus temas (McCULLERS, 2010, 319), o que se expressa também formalmente em seus escritos. Isso é observado na composição de suas personagens, em consonância com a tradição sulista do Grotesco. O grotesco sulista é construído, segundo seus principais teóricos, por meio do encontro de elementos vistos tradicionalmente como opostos e irreconciliáveis (LAWSON, 1967, 168-9). A própria McCullers acredita nisso, ao definir o momento literário em que se insere como a justaposição de contrários (McCULLERS, 2010, 295). Desse modo, o grotesco, conforme empregado pela autora, contrapõe-se à noção estática e fixa de identidade, de modo a celebrar identidades femininas marginalizadas. Com isso, o grotesco de McCullers denota elementos da resistência e da potencialidade para uma nova ordem, além de uma abertura para novas subjetividades (GLEESON-WHITE, 2009, 59), reprimidas pela normatividade. Buscamos, portanto, apresentar uma análise que se atente ao realismo da obra de McCullers, a partir de suas personagens femininas transgressivas - e que não as interprete meramente como símbolos, conforme a crítica conservadora.

Referências: ADAMS, Rachel. "A Mixture of Delicious and Freak': The Queer Fiction of Carson McCullers". In: BLOOM, Harold. Carson McCullers: edited and with an introduction by Harold Bloom. New York: Bloom's Literary Criticism, 2009. p. 17-44 BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010. GLEESON-WHITE, Sarah. "Revisiting the Southern Grotesque: Mikhail Bakhtin and the case of Carson McCullers" In: BLOOM, Harold. Carson McCullers / edited and with an introduction by Harold Bloom (Bloom's Modern Critical Views). New York: Bloom's Literary Criticism, 2009. GLEESON-WHITE, Sarah. Strange Bodies: gender and identity in the novels of Carson McCullers. Tuscaloosa: The University of

Alabama Press, 2003. LAWSON, Levis A. "The Grotesque in Recent American Fiction". In: LaFRANCE, Marston. *Patterns of Commitment in American Literature*. Toronto: University of Toronto Press, 1967. McCULLERS, Carson. *Coração hipotecado*. Osasco: Novo Século Editora, 2010. McCULLERS, Carson. *A balada do café triste e outras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. McCULLERS, Carson. *O coração é um caçador solitário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. WESTLING, Louise Hutchings. *Sacred Groves and Ravaged Gardens*. Athens: University of Georgia Press, 1985.

A MELANCOLIA COMO ESTÉTICA DA RESISTÊNCIA EM 'LUA NOVA DEMAIS'

Isabella Zaiden Zara Fagundes, Fabiane Lemes

Resumo: Neste trabalho, perscrutamos questões de ordem histórico-cultural-social que permeiam o poema *Lua Nova Demais*, de Elisa Lucinda (1995). Para tanto, traçamos um percurso teórico alinhado a outras áreas do saber, especificamente à Linguística e à Linguística Aplicada. A partir desse olhar epistêmico, buscamos pelos sentidos que emergem nos versos do referido poema, dos quais ecoam intersecções de gênero, raça e classe social da/na posição da personagem menina de rua. Propomos, portanto, uma problematização das materialidades do corpo e da língua, com o intuito de trabalharmos conceitos que abordam as relações de poder (FOUCAULT, 1979), as quais se dão na/pela língua, no/pelo corpo e que mostram a objetificação da mulher e do corpo feminino. Compreendemos que há uma constituição e manutenção de corpos femininos estigmatizados como corpos objetificados e, por isso, nessa injunção, podem ser tomados, discriminados e oprimidos. Pelo eu-lírico, compreendemos no poema a presença de um corpo de menina-mulher de rua visto como corpo periférico, apagado, silenciado e desumanizado. Entendemos que há ainda sobre esse corpo um imaginário (LIMA, 1979) sobre as condições de possibilidades do que é ser mulher, o que se espera de uma mulher e as limitações desse corpo de menina-mulher de rua, inclusive no ato de sonhar e virar adulta, ideia que desliza do lúdico ao trágico, pois o sonho se torna pesadelo por se tratar de um corpo privado de sonhos concretos. Nesse sentido, o sonho se materializa na ordem da ilusão, da utopia, pois o amanhã é incerto. À medida que esse corpo se transforma de menina para menina-mulher, percebemos a presença do medo, que se intensifica, transforma-se e nunca desaparece. A poesia nos provoca, produz deslocamentos para um lugar discursivo-reflexivo sobre as mazelas da vida. Nesta estética poética da resistência, podemos encontrar o olhar do outro que se di(con)verge do/com o nosso.

Referências: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. LIMA, L. C. *O controle do imaginário - Razão é imaginação nos tempos modernos*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1989. LUCINDA, E. *Lua nova demais*. In: LUCINDA, E. *Euteamo e suas estréias*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DO CORDÃO UMBILICAL À LOUCURA – DESTRUIÇÃO E MARCA MATERNA EM “A DÉBIL MENTAL” ARIANA HARWICZ.

Jocelaine Oliveira dos Santos

Resumo: De uma escrita visceral, fragmentada, abissal e incômoda, Ariana Harwicz, autora da Trilogia da Paixão (*“Morra, amor”*, 2012; *“A débil mental”*, 2014; e *“Precoce”*, 2016) segue nos ofertando, no segundo livro da sequência, um mergulho vertiginoso nas relações mãe-filha, entrecortado pela violência, erotismo, loucura e destruição. Se em *“Morra, Amor”* escutamos a voz da mãe, em *“A débil mental”* a palavra está com a filha que, a partir do episódio de um acidente de carro, nos narra uma relação perturbadora e descontrolada, operada pelo desejo insistente de destruição, emergente da marca materna (SOLER, 2022). Esta história, atravessada pelas complexas teias do feminino, aqui entendido pelo viés da psicanálise e do ensino de Lacan (1972), nos incita a pensar sobre a produção do corpo a partir do registro de um papel materno social que subverteria o de “boa mãe” (BADINTER, 2011) e que aponta, em nosso entendimento, à mãe-enigma, fracasso do semblante, devastação que convoca, segundo a psicanálise, “à fusão impossível” (BROUSSE, 2004) da marca materna encarnadora do sujeito, ou seja, aquela que coloca carne num corpo Outro pelo discurso, pela linguagem. Nesse tecido de inúmeras questões emergentes propostas pela obra, tentarei construir um gesto de leitura pela crítica literária de base feminista e psicanalítica, a partir

de autoras como Badinter (2011), Branco (2004), Figueiredo (2020), Kristeva (1989), Marie-Helène Brousse (2004), Soler (2019) e Xavier, (2007), abordando e debatendo conceitos-chave como corpo, maternidade, violência, marca materna e devastação. Beirando a estética do choque, interessa-nos na obra “A débil mental”, portanto, a construção destes corpos atravessados pela violência e pelo pedágio psíquico inscrito na relação com a maternidade em uma sociedade patriarcal. A obra de Harwicz nos leva a questionar a corporificação na linguagem, em que a maternidade pode sustentar-se como abismo devastador, seja pela perda seja pelo estilhaçamento do Outro.

Referências: BADINTER, Elisabeth. O conflito: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011. BROUSSE, Marie-Helène. Uma dificuldade na análise das mulheres. In MILLER, Jacques-Alain. Ornicar? – de Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. HARCWICZ, Ariana. A débil mental. 1ª ed. São Paulo: editora Instante, 2020. SOLER, Colette. A marca materna. In TAPERMAN, Daniela. Corpo. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

“BIXA TRAVESTI”: DAS METAMORFOSES DA CORPA ÀS ONTOGRAFIAS POÉTICAS NA LITERATURA DE AUTORIA TRANS LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Manuela Rodrigues Santos

Resumo: O corpo é não só a referência que ancora a identidade, mas também um constructo cultural cujos atos, gestos e práticas retratam valores, conceitos e formas de organização da vida em sociedade; ao mesmo tempo em que é modelado pela matriz colonial de poder que, através do domínio do gênero e da sexualidade, opera na construção de práticas que produzem os corpos que governam. A partir disso, constroem-se tanto os modos de organização da vida; quanto à estruturação de novas formas de guerra, marcadas pelo não reconhecimento das existências e legitimadoras de pedagogias da crueldade que atingem as corporalidades que ousam escapar de seus enquadramentos. Por isso, as corporalidades trans têm suas experiências atravessadas pela dor, pela despossessão, pela vulnerabilidade e pela violência de uma lógica estatal necrobiopolítica que define as vidas que verdadeiramente importam para a heteronormação neoliberal. Sendo assim, considerando que os corpos são concebidos no interior da heteronormação, seriam as corporalidades trans novas estruturas capazes de construir epistemologias outras frente a colonialidade de gênero? De que forma a performatividade do gênero expande-se para uma política do performativo, potencializando formas de aparição em prol de uma política da existência? Partindo dessas inquietações, pretende-se analisar como a corpa travesti presente em E se eu fosse puta (2016), da brasileira Amara Moira; Las malas (2019), da argentina Camila Sosa Villada e Las biuty queens (2019), da chilena Iván Monalisa Ojeda tanto emerge como ferramenta para rasurar, borrar, desmontar e desconstruir os esquemas e categorias fortemente estabelecidas no sistema de gênero moderno-colonial; quanto revela modos outros de existência ao resistir às várias violências a que é exposto quotidianamente. Para tanto, tem-se como aporte teórico as reflexões propostas por Judith Butler, Dodi Leal, Jota Mombaça, Linn da Quebrada, Jaqueline Gomes de Jesus, Abigail Campos Leal e Glória Anzaldúa.

Referências: ANZALDÚA, Glória. A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios. Tradução: tatiana nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021. 255p. BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b. 266p. JESUS, Jaqueline Gomes de. (org.) Transfeminismo: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015. 206p. LEAL, Abigail Campos. Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: GLAC Edições, 2021b. 216p LEAL, Dodi. A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível? Pedagogias anticistêmicas da pandemia. In. PELBART, Péter P; FERNANDES, Ricardo M. (org.). Pandemia Crítica: inverno 2020. São Paulo: N-1 Edições; Edições SESC, 2021b. p. 78-86. MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 144p. QUEBRADA, Linn da. Fissura. ABEBE: Caixa Pretas, Série Pandemia. São Paulo: N-1 Edições, 2021. 42p.

A MÃE PRETA NO CONTO O MURO, DE JULIA LOPES DE ALMEIDA

Marcus Antônio Assis Lima

Resumo: A literatura de autoria feminina brasileira, silenciada historicamente, discute o corpo da mulher velha e negra através das políticas corporais que desarticulam o viés universalizante e totalizador, empreendido pelo cânone literário. A partir da análise do conto “No muro”, que integra a obra *Ânsia eterna* (1903), da escritora Julia Lopes de Almeida, localizada no final do século XIX e início do século XX, examinaremos a condição feminina atravessada pela velhice, gênero, classe e raça. A narrativa aborda a relação da personagem Maria Tereza e Teodora, uma escrava da família. Ao longo da história são relatados fatos através das reminiscências de Maria Tereza que parece lembrar-se de tudo que vivenciou em sua infância, menos de Teodora. O esquecimento, como um elemento presente em toda a narrativa, metaforiza o silenciamento e a invisibilidade da mulher negra e velha, a despeito de todo o trabalho em educar os filhos dos senhores brancos. O processo da escravidão fez perpetuar as relações, cujas mulheres negras serviam as amas brancas. As histórias contadas pela “Mãe preta” acabavam criando uma espécie de romance familiar que assumiu um papel fundamental na formação dos valores e crenças do povo, para Lélia Gonzalez (2018) o nosso *volksgeist*, que de forma consciente ou não, passavam para o brasileiro branco a cultura africana, como a africanização do português falado no Brasil, o pretuguês como dizem os africanos lusófonos, e dessa forma a própria africanização da cultura brasileira. Esse trabalho tem como objetivo, portanto, analisar como a literatura de autoria feminina no entre-séculos produziu reflexões acerca do corpo feminino imbricado às questões de gênero, raça, classe e idade.

Referências: AKOTIRENE, C. O que é Interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento: justificando, 2018. BEAUVOIR, Simone de. A velhice. 3. Ed. Trad. de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. CARNEIRO, Sueli. [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Pensamentos feministas: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. COUTINHO, Eduardo. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada, nº03, 1996. DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento: Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 2013. GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem políticoeconômica. In: Primavera para Rosas Negras: Lélia González em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

POR UMA ERÓTICA DAS ÁGUAS: CONFLUÊNCIAS E CAMINHOS NA POESIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO, CIDINHA DA SILVA E LOUISE QUEIROZ

Mariana Souza Paim

Resumo: O presente trabalho busca confluir junto a alguns dos poemas das escritoras Conceição Evaristo (2017), Cidinha da Silva (2016) e Louise Queiroz (2019), em direção ao que provisoriamente chamo de “erótica das águas”. Tomando como ponto de partida para essa travessia alguns movimentos compartilhados na poética das três autoras, como a presença das águas enquanto metáfora-fundamento para o desejo e que informa uma perspectiva situada desde a lesbianidade e a ancestralidade. Tento assim então seguir os fluxos e imagens presentes em suas produções, tendo como orientação algumas reflexões pautadas pelo pensamento lésbico e/ou feminista negro, me ancorando no *cuírlombismo* literário, como propõe Tatiana Nascimento (2019), e nos usos do erótico e da poesia enquanto lugar de potência, tal como pensa Audre Lorde (2009). Acredito que a poética aquosa dessas três autoras não apenas compõe imagens que fogem aos clichês do erótico, pela própria maneira como o léxico é mobilizado, mas também por dizerem das possibilidades e do desejo que é sentido por e com o corpo de uma outra mulher, agenciamento este interditado por séculos pela matriz branca colonial heterocisnormativa, permitindo com que vislumbremos os usos do erótico e da poesia enquanto lugar de potência, onde há espaço para (re)pensar o mundo e para que se desenhem outros horizontes e narrativas d/e prazeres possíveis.

Referências: CLARKE, Cheryl. Lesbianismo: um ato de resistência. 1988. Disponível em: <http://políticasexual.blogspot.com> EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 201-212. _____, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017. GONZALES, Lélia. Racismo

e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Cobogó, 2019. LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. Tradução de tatiana nascimento. In: Textos escolhidos de Audre Lorde. 2009, p. 9-15. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf> _____. Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: Textos escolhidos de Audre Lorde. s/d., p. 16-20. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf> _____. Audre. Poesia não é um luxo. Tradução de tatiana nascimento. 2012. Disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/13/poesia-nao-e-um-luxo-de-audre-lorde/> nascimento, tatiana. cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N-1 edições, 2019. QUEIROZ, Louise. Girassóis estendidos na chuva. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café / paraLeLo13S, 2019. SILVA, Cidinha da. Canções de amor e dengo. São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2016.

AS LESBIANIDADES ESPIRALADAS EM “VÓ, A SENHORA É LÉSBICA?”

Micaela Sá da Silveira

Resumo: As relações afetivas e sexuais lesbianas foram, durante muito tempo, destituídas de legitimidade e marginalizadas socialmente. O cenário em questão não é diferente na atualidade, reverberando as produções literárias contemporâneas que figuram lesbianidades e os desdobramentos de vivências contra hegemônicas. Na esteira desse pensamento, percebemos que na obra *Amora* (2015), de Natalia Borges Polezzo, é possível visualizar representações múltiplas de envolvimento entre mulheres, em seus trinta e três contos sobre relações lésbicas, dos quais destacamos o conto “Vó, a senhora é lésbica?”, corpus de análise deste trabalho. Nesse sentido, o artigo tem como objetivo apresentar a figura geométrica da espiral como metáfora para analisar as relações de desejos e a construção da subjetividade das personagens lésbicas do conto mencionado, focando especialmente no envolvimento da personagem Vó Clarice. Teoricamente, subsidiam tal análise as pesquisas de Albuquerque Júnior (2014), Beauvoir (1990), Pascual (2002), Rich (2015), Roque (2012), Sedgwick (2007), Vidal (1987), dentre outros pesquisadores que apontam contribuições dentro do campo de gênero e sexualidades, afetos, assim como os teóricos que postulam acerca da Geometria Euclidiana. Através do processo diegético, tornou-se evidente a espiral um elemento possível para visualizar as relações lesbianas na literatura, construídas, sobretudo, com base nos desejos vivenciados pela protagonista ao longo da vida adulta até a velhice – fase da vida que ficou convencionada a ser menosprezada na perspectiva socio e culturalmente na realidade brasileira.

Referências: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Algaravias do Desejo ou de como se tenta atracar um navegante e etc. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; MORAIS, Raffaella Medeiros; SILVA, Taciano Valério Alves da. (org.). Interfaces: gênero, discursos, linguagens. São Paulo: Scortecci, 2014, p. 15-34. BEAUVOIR, S. A Velhice. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. PASCUAL, C. P. A sexualidade do idoso vista com novo olhar. São Paulo: Loyola, 2002. POLESSO, N. B. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015. RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 20 dez. 2022. ROQUE, Tatiana. História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. In: *Cadernos Pagu*. Tradução de Plínio Dentzien. São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-UNICAMP, n. 28, 2007, p. 19-54. VIDAL, Gore. Sexo é política. In: HALL, Michael; SERGIO, Paulo (org.). De fato e de ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 227-250.

UNSHRINKABLE HEARTS: MULHERES VIOLENTAS NA LITERATURA INGLESA DE AUTORIA FEMININA NO SÉCULO XIX

Paula Pope Ramos

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo discutir a figuração da mulher violenta na literatura inglesa de autoria feminina do século XIX. Diferente de suas irmãs mais racionais e moderadas, como é o caso de "Jane Eyre" (Jane Eyre, Charlotte Brontë, 1847), esse tipo de representação feminina, ao incorporar as outroridades que lhe são impostas (forasteira, perigosa, irracional), chamam a sua monstruosidade para dançar a tarantela. A mulher violenta escapa do binômio muito conhecido dos anos oitocentos do Anjo do Lar e de sua oposta, a mulher hiperssexualizada. Não responde, portanto, a nenhuma tradição cultural masculina. Escritas por mulheres, são figuras que revolucionam o que é ser mulher, mesmo que pelo lado socialmente condenável da violência. Ao romperem com opressões, de gênero e de classe, tornam-se mais livres e dilatadas; dessexualizadas. Existem como força erótica no mundo e são agentes de mudança no interior da narrativa. Como paradigmáticas dessa figuração, apresentamos, compondo uma longa lista de mulheres violentas na cultura ocidental, Victoria di Loredani ("Zofloya, or the Moor", Charlotte Dacre, 1806) e Lady Audley ("Lady Audley's Secret", Mary E. Braddon, 1862). Duas personagens femininas que nos convidam a descolonizar a nossa memória do que é ser mulher e a refletir sobre elas como figuras de resistência e de contestação a uma estrutura patriarcal que se infiltra nos cantos mais profundos de nossa organização social, política, cultural e psíquica. É nossa intenção, portanto, perseguir as questões que se apresentam: que urgência comunica a mulher violenta? Quais são as suas denúncias? Nesse sentido, o século XIX é extremamente contemporâneo, uma vez que, com queixas ainda atuais, essas mulheres lançam luz sobre o nosso presente, de modo que nos auxiliam a (re)descobrir um tipo de representação feminina que escapa da domesticidade e da docilidade.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 55-76. BRADDON, Mary E. Lady Audley's Secret. Nova York: OUP, 2012 [1862]. BRAIDOTTI, Rosi. El sujeto en el feminismo. In: BRAIDOTTI, Rosi. Feminismo, diferencia sexual y subjetividade nómade. Barcelona: Gedisa, 2004, p. 9-32. DACRE, Charlotte. Zofloya, or the Moor. Nova York: OUP, 2008 [1806]. MONTEIRO, Maria C. Unsex-me, ou um gênero limitado demais para mim. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 152-164, jul./dez. 2020. PAREDES, Julieta; GUZMÁN, Adriana. El tejido de la rebeldía: ¿Qué es el feminismo comunitario?. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2014. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. 2. ed. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019 [1929].

EM BUSCA DA MÃE ÁFRICA: IDENTIDADE E MEMÓRIA PÓS-COLONIAL EM ESSA DAMA BATE BUÉ, DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO

Rafaella Teotônio

Resumo: Em Essa dama bate bué (2021), romance de estreia da escritora Yara Nakahanda Monteiro, o símbolo da Mãe África é metaforizado na busca da narradora Vitória por sua mãe, Rosa Chitula, ex-combatente na guerra pela independência de Angola, em uma Luanda pós-colonial. A narrativa acompanha a trajetória de Vitória que procura, na ausência da sua mãe os restos de memórias apagadas pelo Colonialismo Português e pelo processo traumático de descolonização. É a sua própria identidade, nas raízes africanas deixadas em Angola, que Vitória busca, ao retratar um país e um continente violentado pelo colonialismo. Esta comunicação, tem como objetivo, portanto, discutir sobre como a metáfora da Mãe África, na narrativa de Essa dama bate bué, articula uma trama de significados que sugerem a África enquanto um corpo feminino violado e apagado. A África que a personagem da trama procura é um continente mutilado pelas guerras e pelo processo de apagamento das identidades africanas pelo Colonialismo Português. Nesse sentido a narrativa de Yara Nakahanda Monteiro propõe pensar sobre identidade, memória e o lugar da mulher nas guerras pela independência na África de Língua Portuguesa. Tendo como aporte teórico Aleida Assmann (2011), Margarida Calafate Ribeiro (2020), Grada Kilomba (2019), V.Y. Mudimbe (2013), dentre outros, propõe-se também uma discussão acerca da autoria afrodescendente na Literatura Portuguesa Contemporânea.

Referências: ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. HALL, Stuart. Da

diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. MONTEIRO, Yara. Essa Dama Bate Bué! São Paulo: Todavia, 2021. MUDIMBE, V.Y. A invenção da África: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Portugal: Edições Pedagogo, 2013. RIBEIRO, Margarida Calafate. Uma história depois dos regressos: a Europa e os fantasmas pós-coloniais. Confluente, Bolonha, v. XII, n. 2, p. 74-95, 2020.

CORPO-TEXTO: A MENSAGEM DO FEMINICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Tarsilla Couto De Brito

Resumo: A presença de mulheres assassinadas em narrativas brasileiras da contemporaneidade revela um “inconsciente literário” (derivado do conceito de “inconsciente jurídico” de Shoshana Felman, 2014) posto que aponta para violências estruturais da sociedade brasileira bem como coloca questões estéticas para os modos de representação do feminicídio. Enterre seus mortos, de Ana Paulo Maia (2018), é um exemplo de romance em que o feminicídio não é o tema central, mas participa da construção da alegoria perfeita do massacre produzido pelo Estado em sua marcha para o progresso. O livro Mulheres empilhadas, de Patricia Melo (2018), por sua vez, tem o feminicídio como tema central, e acaba trazendo à tona o modo como o corpo feminino foi transformado em território de disputa análogo ao da terra *brasilis* desde a colonização. Rita Laura Segato, no livro *La guerra contra las mujeres* (2018) nos lembra que nas guerras consideradas convencionais, desde o mundo tribal até as guerras formais entre Estados do século XX, a mulher era capturada, como um território era dominado. Ambos, mulher e território, eram apropriados, violados e inseminados. Mas o que a antropóloga chama de guerra contra mulheres diz respeito a um outro tipo de guerra, em que os corpos feminizados (conceito de Verônica Gago, *A potência feminista*, 2020) são violados publicamente para expor o que nesses corpos foi inscrito como devastação física e moral de um povo ou de uma comunidade cuja representação ancestral é o corpo de mulher (2018, p. 87). Nesse sentido, corpo é texto. Entendendo que a violência contra o corpo feminizado escreve sobre ele, rasura, marca e o ressignifica, as perguntas que me faço são: quais são as mensagens produzidas pelo feminicídio nos textos escritos por mulheres na literatura brasileira contemporânea? Que inconsciente literário se manifesta nesses corpos-textos?

Referências: FELMAN, Shoshana. O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX. Trad. Ariani Bueno Sudatti. São Paulo: Edipro, 2014. GAGO, Veronica. *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. Trad. Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020. SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

CORPO-DOCUMENTO: MATERNIDADE ENTRE CULTURAS EM AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE, DE BUCHI EMECHETA

Tiago Barbosa da Silva

Resumo: Em *Feminism with a small f*, Buchi Emecheta aponta para um fenômeno interessante: como, num movimento entre/através de culturas, de uma pequena comunidade rural Ibo para uma Lagos Iorubá, fortemente modelada por valores coloniais britânicos, a protagonista do romance *As Alegrias da Maternidade*, Nnu-Egu, perde suas possibilidades de subversão das lógicas opressivas que atuam sobre seu corpo. Partindo desde apontamento, infere-se, com o pensamento de Beatriz Nascimento, que o corpo da protagonista – um documento –, registra memórias, valores ancestrais e, simultaneamente, embates como um lugar fraturado pelo processo de violência colonial. Dessa maneira, no romance, Emecheta demonstra como Nnu Egu, por um lado, tem roubado de si a rede de apoio, construída na e através da estruturação poligâmica de sua cultura original, ordenada de forma comunal, e é, por outro lado, lançada numa rede simbólica capitalista, machista e individualista, que a impede de existir de uma forma confortável no mundo. No novo contexto, sua subjugação e exploração são condições essenciais para a produção do lucro, bem como para a manutenção e desenvolvimento do sistema de produção capitalista vigente. Neste trabalho, através da obra literária e ensaística da escritora em destaque, bem como do pensamento de Beatriz Nascimento, Oyèrónké Oyèwùmí e da ideia de in-betweenness de Roland Walter, pretende-se

abordar como as desventuras da maternidade são, no contexto da obra literária, também resultantes de uma estar entre culturas, lugares, práticas e representações atravessados pelo poder da colonialidade (QUIJANO, 2005).

Referências: EMECHETA, Buchi. "Feminism with a Small 'f'!". In: Kirsten H. Petersen (ed.), *Criticism and Ideology: Second African Writer's Conference, Stockholm 1988*, Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, pp. 173–181. EMECHETA, Buchi. *The Joys of Motherhood*. England; Wales: Heinemann, 2008. FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. NASCIMENTO, Beatriz. *Transcrição do Documentário Ori*. In: _____. Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. 1 ed. *Diáspora Africana: Editora Filhos da África*, 2018. p. 326-340. OYÉWÚMÍ, OYÈRÓNKÉ. *The Invention of Women: Making of African Sense of Western Gender Discourses*. London: University of Minnesota Press, 1997. QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. WALTER, Roland. *Narrative Identities: (Inter)Cultural In-Betweenness in the Americas*. Bern: Peter Lang, 2003.

O CORPO-MULHER E A MATERNIDADE EM PARQUE INDUSTRIAL, DE PATRÍCIA GALVÃO, E ENTRADA DE SERVIÇO, DE LÚCIA BENEDETTI

Viviane da Silva Vieira

Resumo: Refletindo sobre o fato de uma narrativa ser assinada por mulher, ou ainda “falar de mulheres” sem necessariamente dizer algo às mulheres, em *Um teto todo seu* (2004), Virgínia Woolf deu respostas decisivas à ideia da representação do corpo-mulher como um outro ao passo que os dramas e as narrativas da tradição representavam-nas de modo que as mulheres não se reconheçam haja vista serem representações criadas por autores homens. A isso parecia, ainda, aludir Ana Cristina César (2016) quando misturou excertos de entrevistas e resenhas reais com textos inventados por ela para refletir sobre o que é escrever como mulher. A poetisa conclui que mulher nunca deixa de escrever como mulher, numa referência implícita ao postulado do estilo de mulher elaborado por Woolf. Nesses termos, esta comunicação será dedicada à análise do corpo-mulher na maternidade em dois romances brasileiros: *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão, e *Entrada de serviço*, de Lúcia Benedetti. Dentre as personagens do livro de Galvão, destaca-se Corina, uma jovem negra, que se prostituiu após ser abandonada grávida e faminta. Após o nascimento do bebê, Corina mata-o, vai presa, e não encontra nenhum alento às suas dores no sistema comunista ofertado a ela. Por sua vez, a personagem de Benedetti é Maria Isabel, uma mulher do campo que se desespera ao descobrir a indesejada gravidez fruto de um casamento desastroso do qual pensara estar livre. Seu desespero cresce à medida que suas tentativas de abortar são malsucedidas. Essas duas mulheres têm vidas marcadas pela forte idealização da mulher-mãe, assim como pela resignificação de vivências e formas de ser mulher. Para tanto, esta comunicação alia os estudos da escrita de mulheres sobre o corpo-mulher e a maternidade àqueles que nos possibilitam aliar a possibilidade de uma estilística da existência (MACÉ, 2016) à análise desses romances.

Referências: BENEDETTI, L. *Entrada de serviço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. CÉSAR, A. C. *Literatura e mulher: essa palavra de luxo*. In: CÉSAR, A. C. *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. GALVÃO, P. *Parque industrial*. São Paulo: Editora Cintra, 2013. MACÉ, M. *Styles: critique de nos formes de vie*. Paris: Gallimard, col. NRF essais, 2016. WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

EIXO 5

**Estéticas do bem-viver:
ancestralidades,
cosmopercepções
e coletividades**



SIMPÓSIO “CULTURAS (OU ESTÉTICAS) SEMPRE VIVAS: RESIDUALIDADE NOS ESTUDOS LITERÁRIOS”

Cássia Alves da Silva (IFCE), Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM) e Mary Nascimento da Silva Leitão (UECE)

O AMOR CORTÊS COMO RESÍDUO DO AMOR ROMÂNTICO N’O ROMANCE DE TRISTÃO E ISOLDA

Aline Leitão Moreira e Elizabeth Dias Martins

Resumo: Resumo: O Romance de Tristão e Isolda, de Joseph Bédier, narra a história de Tristão, um cavaleiro sobrinho de um rei, e Isolda, uma dama medieval que casou-se com o tio de Tristão. Eles foram amantes, o que ocorreu porque tomaram juntos o filtro da paixão. São apenas esses quatro elementos principais que servem de espinha dorsal para a narrativa dos amantes das Cornualhas: um cavaleiro, uma dama, uma poção mágica e uma relação transgressora e proibida. Muitos outros elementos somam-se à narrativa a fim de que se dê um desenho melhor estruturado à história por meio de aventuras, outros personagens, e características variadas, de modo que se possa ter aí algo capaz de atravessar o tempo de forma tão longa e prolífera como ocorre com nossos personagens. No entanto, o amor e a paixão são evocados durante toda a narrativa do romance escrito por Bédier. Os personagens, que servem de matriz às histórias de amores impossíveis, nas quais os apaixonados morrem de e por amor, têm esse sentimento como potência na sua narrativa. Observam-se duas perspectivas: o amor denominado cortês e o amor romântico, ambos evocando uma paixão incomensurável. Contudo, um funcionando como resíduo de outro e ganhando nova significação. Além disso, percebem-se os pontos convergentes e divergentes entre eles a partir desses elementos residuais. É sobre esse tipo de amor que estamos falando: o amor entre um homem e uma mulher, representado por Tristão e Isolda. Um amor impossível porque socialmente é irrealizável e, por isso, trágico, já que chega, em última instância, a culminar com a morte dos amantes, que não podendo viver esse amor, acabam por fenecerem.

Referências: BARROS, Maria Nazareth Alvim de. Tristão e Isolda – O Mito da Paixão. São Paulo: Mercury, 1996. BÉDIER, J. O Romance de Tristão e Isolda. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. CAPELÃO, A. Tratado do Amor Cortês. São Paulo: Martins Fontes, 2019. DUBY, G. Heloísa, Isolda e outras damas do século XII. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. LE GOFF, J. A Civilização do Ocidente Medieval. Petrópolis: Editora Vozes, 2016. _____. Heróis e Maravilhas da Idade Média. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. LOYN, H. R. Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. PONTES, R. “A propósito dos conceitos fundamentais da Teoria da Residualidade”. In: PONTES; MARTINS, CERQUEIRA, NASCIMENTO. (Orgs.). Residualidade e intertemporalidade. Curitiba: CRV, 2017. p. 13-18. _____. “Pródromos conceituais da Teoria da Residualidade”. In: LIMA, F. W. R; PEREIRA, M. P. T. et al (Orgs.). Matizes de Sempre-Viva: residualidade, literatura e cultura. Macapá: UNIFAP, 2020. ROUGEMONT, D. História do Amor no Ocidente. São Paulo: Ediouro, 2003.

O POETA MEDIÓCRE DE ADÍLIA LOPES

André Luiz Menezes de Moraes

Resumo: Desde sua invenção, a poesia surge nas sociedades antigas como a arte edificadora da “palavra final” sobre qualquer assunto, partindo da simples impressão pessoal do “poeta” ao registro das maiores guerras de sua era. Um poeta da qualidade de Homero, por exemplo, não era considerado humano entre os cidadãos da pólis, e sim um deus. Tal foi a posição de prestígio da poesia e dos seus representantes diretos nos dias antigos. Séculos adiante, os poetas passam a assistir o reconhecimento de sua arte ser lentamente substituído pela valorização do teatro e do romance, que ganham o gosto do público moderno, respectivamente, no setecentos e no oitocentos, legando à poesia uma posição de arte de “quinta categoria”. Não à toa, considera-se um período de estio para a poesia lírica o século do Iluminismo. Denis Diderot constata, a meu ver, esse sintoma e o dramatiza num breve episódio do seu romance Jacques, o fatalista, e seu amo. Na passagem em questão, o narrador/autor-personagem suspende a narrativa de Jacques e enceta na trama a estória de um poeta que o procurou, solicitando-lhe que examinasse uns versos de sua autoria.

Considerando-os ruins, aconselha o jovem poeta a parar de escrever e se mudar para Pondichéry, então uma cidade com grande potencial comercial na qual o frustrado poeta poderia enriquecer. O poeta retorna endinheirado à França passados dez anos, mas ainda escrevendo poemas “ruins”. Vendo nesse episódio um tema digno de representação, a poeta portuguesa Adília Lopes reelabora a trama diderotiana em O poeta de Pondichéry [1986]. Nesta comunicação, discutirei o poema “V” da coletânea de Adília e sua possível relação com o Hino a Apolo, supostamente de autoria homérica. Para tanto, fundamentarei tal leitura com as noções de “gênio não original”, de Perloff (2013), e “poeta sem qualidade”, de Freitas (2002).

Referências: FREITAS, Manuel de (org.). O tempo dos poetas. In: _____ (org.). Poetas sem qualidades. Lisboa: Averno, 2002. HOMERO. Hino homérico a Apolo. Introdução, tradução, comentários e notas de Luiz Alberto Machado Cabral; apresentação de Antonio Medina Rodrigues. Ed. bilingue. Cotia: Ateliê; Campinas: Ed. Unicamp, 2004. LOPES, Adília. O poeta de Pondichéry. Apresentação de Raquel Menezes. Belo Horizonte: Moinhos, 2019. PERLOFF, Marjorie. O gênio não original: poesia por outros meios no novo século. Tradução de Adriano Scandolar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

A CRIAÇÃO DO MUNDO CONFORME INDÍGENAS TICUNA DO ALTO SOLIMÕES NA AMAZÔNIA: A COSMOGONIA MAGÜTA EM “A SAMAUMEIRA QUE ESCURECIA O MUNDO”

Cristiane Alves da Silva

Resumo: O livro das árvores foi escrito coletivamente por indígenas Ticuna do Alto Solimões na Amazônia, que se autodenominam Magüta, o povo pescado Y’oi, seu criador. E apresenta a partir da visão do povo Magüta a natureza e sua importância, como também sua interpretação sobre o real e o imaginário. Nesse sentido, este estudo traz a cosmogonia do povo Ticuna escrita e desenhada n’O Livro das árvores. Com o objetivo de apresentar um estudo comparativo das histórias do livro das árvores, tendo por base a Teoria da Residualidade e o dominante de Jakobson, elegemos a história “A Samaumeira que escurecia o mundo”. O presente trabalho é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Cosmogonia Magüta: uma análise das histórias presentes n’O Livro das árvores, de autoria coletiva dos indígenas Ticuna do Alto Solimões”. Este estudo possui caráter bibliográfico e tem por base os seguintes referenciais: Gruber (1999); Eliade (2016, 2018), Jakobson (1987), Loureiro (2015), Pontes (2006, 2017), Oliveira; Krüger (2010), Rapozo; Oliveira Filho; Clemente Pucüracü (2021), dentre outros. Com este estudo, foi possível perceber na história a concepção do povo Ticuna sobre cultura, identidade, território e relação com a natureza, destacando a valorização das árvores na criação do mundo, na preservação de sua cultura e na manutenção da vida.

Referências: ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016. GRUBER, Jussara Gomes (org.). O Livro das árvores. 3ª ed. Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingues - OGPTB. São Paulo: Global Editora, 1999. JAKOBSON, Roman (1987). O Dominante. Tradução de Fernando S. Vugman. Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual.v.3, n.2, julho-dezembro, 2014. LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. 4ª ed. Belém: Cultural Brasil, 2015. OLIVEIRA, José Alcimar; KRÜGER, Marcos Frederico. Filosofia da Educação I: mitos, - ciência e educação. Manaus/AM: UEA Edições, 2010. PONTES, Roberto. A propósito dos conceitos fundamentais da Teoria da Residualidade. In: Pontes, Roberto. Martins, Elizabete Dias. Cerqueira, Leonildo. Nascimento, Cássia Maria Bezerra do. (Orgs.). Residualidade e intertemporalidade. Curitiba: CVR, 2017. PONTES, Roberto. Entrevista sobre a Teoria da Residualidade, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/2006. Fortaleza (digitado), 2006. RAPOZO, Pedro. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de; CLEMENTE PUCÜRACÜ. Torü Duü?ü?gü - Nosso povo. 22ª ed. Manaus: Editora Valer, 2021.

O ANTIGO E O RESIDUAL NA LAVOURA ARCAICA DE RADUAN NASSAR

Francisca Yorranna Da Silva

Resumo: Em *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar (1935-), André, narrador-personagem do romance, apresenta um discurso que, a priori, se opõe ao de seu pai, Iohána, que, por sua vez, representa os princípios fundadores da cultura, entendida aqui como conceito oposto ao de natureza, e, portanto, vinculados a tempos e espaços distantes ao do autor e da obra. Apesar do que o título do livro sugere, tais preceitos não seriam exatamente “arcaicos” conforme a definição de Raymond Williams (1977) para quem o termo denota um elemento do passado que se tornou obsoleto. Assim, a proposta deste trabalho é interpretar o romance em questão à luz da teoria da residualidade (PONTES, 1999) a fim de identificar o que nele há de antigo – no sentido de estar vinculado à alguma tradição – e não arcaico, porém, residual – isto é, os aspectos que sofreram transformações através dos processos de cristalização, hibridação cultural e endoculturação, para adaptar-se ao novo contexto cultural e estético em que está inserido; contribuindo com a renovação do debate crítico sobre a obra. Para tanto, além dos conceitos operacionais da teoria da residualidade, recorre-se aos de tradição, influência, desleitura, intertextualidade, originalidade e recepção, dentre outros termos consolidados pela Literatura Comparada.

Referências: BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. BORGES, Jorge Luis. *Kafka e seus precursores*. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. v. 2. São Paulo: Globo, 1999. p.96-98. BOSI, Alfredo. *Ecos do Barroco*. In: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p.26-49. CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996. n. 2. CANDIDO, Antonio. *Literatura como sistema*. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. p.23-25. CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004. p.169-191. CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986. CARVALHO, Luiz Fernando. *Sobre o filme Lavoura Arcaica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. DUBY, Georges. *Reflexões sobre a história das mentalidades e a arte*. In: *Novos Estudos-CEBRAP*, v. 2, n. 33, jul. 1992. DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ, 1993. ELESBÃO, Juliane de Sousa. *Lavoura arcaica: rastros do cotidiano na escritura de Raduan Nassar*. 2016. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. ELIOT, T. S. *Tradição e talento individual*. In: ELIOT, T. S. *Ensaio/ T. S. Eliot*. São Paulo: Art Editora, 1989. p.37-48. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva bardada: ensaios de mitologia medieval*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. FREUD, Sigmund. *Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. São Paulo: É Realizações, 2013. GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. In: HALL, Stuart; Liv Sovik (Org.). *Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil*, 2003. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. HOLHFELDT, Antonio. *Reencontro com o cinema de imagens*. In: *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, ano 7, n. 8, p.14-19, ago. 2002. LA PLANTINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. *O que é imaginário?* São Paulo: Brasiliense, 2003. LE GOFF, Jacques. *As mentalidades: uma história ambígua*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. p.68-83. LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. LEMOS, Tércia Montenegro. *O discurso teatralizante de Raduan Nassar*. 2002. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002. MARTINS, Elizabeth Dias. *O caráter afrobrasílico, residual e medieval no Auto da Compadecida*. In: *Encontro Internacional de Estudos Medievais*, 4., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: PUC-Minas, 2001. p. 517-522. MONTEIRO, Romildo Biar; MARTINS, Elizabeth Dias. *Resíduos da bruxaria medieval em “A feiticeira”, de Inglês de Sousa*. In: *Revista Darandina*, v. 7, n. 1, p.01-19, 2014. NASSAR, Raduan. *Obra Completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. NITRINI, Sandra. *Literatura comparada, história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997. PAZ, Octávio. *A tradição da ruptura*. In: PAZ, Octávio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.15-35. PONTES, Roberto. Entrevista sobre a Teoria da Residualidade. (mimeografado) Fortaleza, jun. 2006. Entrevista concedida à Rubenita Moreira. PONTES, Roberto. Cristalização estética como polimento na literatura e na cultura. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias. Residualidade ao alcance de todos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p.111-124. RODRIGUES, André Luis. Ritos da paixão em Lavoura Arcaica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. SANTOS, Giovanni Marques. O demônio no corpo das palavras: o endemoninhamento do discurso em Lavoura Arcaica. 2011. 122f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. SEDLMAYER, Sabrina. Ao lado esquerdo do pai. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. SILVA, Regina Celi Alves da. A tra(d)ição dos nomes na Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar. Revista Philologus, Rio de Janeiro, ano 9, n. 25, p.38-44, 2003. TEIXEIRA, Renata Pimentel. Uma lavoura de insuspeitos frutos. São Paulo: Annablume, 2002. TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidades. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1979.

METODOLOGIA FLÂNEUR NA AVENIDA SETE DE SETEMBRO: O CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE MANAUS – AMAZONAS

Guilherme Bentes da Silva e Cássia Maria Bezerra do Nascimento

Resumo: O presente estudo tem como intuito verificar os olhares interdisciplinares da cidade por meio da ótica literária. Trazemos a presença do flâneur, andarilho que tem como finalidade conhecer, se aprofundar e explorar os espaços de convivência. Os ideais da flânerie se estreitam com a literatura por meio da função de apropriação do espaço urbano e das investigações de semelhança e paridade literária. Aqui o investigador das ruas é representado pelo seu ideal de modernização ao buscar as mudanças ocorridas na urbes, tendo o papel fundamental de observador, principalmente do que tange ao espaço e às categorias humanas. Para esse olhar, recorremos a João do Rio (2007), Walter Benjamin (2017) e Sandra Pesavento (1999) que verbalizam a presença do flâneur no Brasil e as mudanças no final do século XIX, a presença do flâneur europeu, principalmente em Baudelaire e singularidades urbanas nas representações literárias. A metodologia do presente estudo é de cunho bibliográfico e exploratório, tendo pesquisa de campo, já que a metodologia flâneur propõe o uso e conhecimento do espaço urbano. Sendo assim traremos a Avenida Sete de Setembro como base fundamental dessa exploração. A avenida é localizada no Centro histórico da cidade de Manaus – AM, contendo uma variedade da história e arquitetura da Belle Époque. Por meio do perambular pelo logradouro, podemos visualizar e nos deparar com as referências literárias da cidade, a qual destacamos em prosa e em verso.

Referências: BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas. Vol. 3. Brasiliense, 2017. RIO, João do A alma encantadora das ruas São Paulo Martin Claret, 2007. PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

OS RESÍDUOS MEDIEVAIS NA CONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA DONA FLOR EM DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS, DE JORGE AMADO.

Iêda Carvalhêdo Barbosa

Resumo: Existe nos textos de Jorge Amado uma arte dessacralizada, conectada ao popular, o que aproxima a sua obra da literatura “carnavalizada”, típica da Idade Média, estudada por Bakhtin (2010), pois, além da linguagem irreverente, os tipos, cenários e motivos, criados pelo escritor, são traços da cultura extraoficial que caracterizam a estética de contestação de normas do carnaval e fazem aparecer corpos grotescos que geram o estranho e invertem os sentidos. A fim de estudar essa temática, busca-se, na presente comunicação, analisar o corpo grotesco no romance de Jorge Amado, Dona Flor e seus dois maridos, no que respeita à liberdade da protagonista dona Flor no trato com seu corpo em seus diferentes estados civis: solteira, casada, viúva e casada em segundas núpcias. No desejo de compreender como a mentalidade medieval manifesta-se ativamente na

construção dessa personagem, baseamo-nos na carnavalização de Bakhtin (2010) e na Teoria da Residualidade Literária e Cultural, proposta teórico-investigativa sistematizada por Roberto Pontes e certificada junto à Universidade Federal do Ceará e ao Diretório de Pesquisa do CNPq. Esta pode ser resumida no seguinte: na cultura e na literatura nada é original, tudo é residual; e faz uso dos seguintes conceitos operativos: resíduo, cristalização, mentalidade, imaginário, endoculturação e hibridação cultural.

Referências: AMADO, Jorge. Dona Flor e seus dois maridos. 52ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010. HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. KAYSER, Wolfgang. O grotesco: configuração na pintura e na literatura. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo : Perspectiva, 2003. MACHADO, Ana Maria. Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. MARTINS, Elizabeth Dias. O caráter afrobrasílico, residual e medieval no Auto da Compadecida. In: VAZ, Ângela (org.). IV Encontro Internacional de Estudos Medievais. Belo Horizonte: PUCMinas, 2003, p. 517-522. PONTES, Roberto. Entrevista sobre a Teoria da Residualidade, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/2006. Fortaleza (mimeografado), 2006. _____. Poesia insubmissa afrobrasílica. Rio de Janeiro-Fortaleza: Oficina do Autor/EUFC, 1999. SANT'ANNA, Affonso Romano de. De como e por que Jorge Amado em 'A morte e a morte de Quincas Berro D'Água' é um autor carnavalizador, mesmo sem nunca ter se preocupado com isto. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n.74, jul./set, 1983. _____. O canibalismo amoroso. São Paulo: Brasiliense, 1984. SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves. A linguagem do humor e do desejo em Dona Flor e seus Dois Maridos. Entrepalavras, Fortaleza - ano 5, v.5, n.esp., p. 76-87, ago/dez 2015. SOARES, Jessica Thais Loiola. Resíduos do amor medieval em Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga. 151 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MEMÓRIA DE MINHAS PUTAS TRISTES, UM CONTO DE FADAS COLOMBIANO

Jandir Silva dos Santos

Resumo: Vítima de um processo colonial secular, a América Latina possui formas muito particulares de gerenciar a tensão entre seu contexto histórico-cultural e os elementos estrangeiros que o invadem, construindo identidades estéticas próprias. A partir desta constatação, este trabalho, enquanto desdobramento de minha pesquisa de Mestrado, realiza uma leitura do romance Memória de minhas putas tristes (2005), de Gabriel Garcia Márquez, na condição de um conto de fadas colombiano, para que seja realizado o (des) alinhamento de um modo literário que é predominantemente europeu – aqui sistematizado pelas contribuições de J.R.R. Tolkien (2010) e Tzvetan Todorov (2013) –, com as tensões próprias do contexto latino, seguindo os lindes teóricos de Roberto Pontes acerca da Residualidade Literária e Cultural organizados por João Craveiro Torres (2010). Motivos narrativos como o enfeitiçamento como condição para entrar em um reino encantado, a virgem mágica e o protagonista fadado a um amor impossível são alguns exemplos de paralelos residuais entre a obra e a versão dos irmãos Grimm do conto A bela adormecida (2013), e conforme surgem dessa leitura, fica perceptível como o processo de mestiçamento é fundamental para a formação da literatura hispano-americana como a conhecemos, segundo pontuam José Luís Jobim (2013) e Sandra Nitrini (2014).

Referências: CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2006. GRIMM, Jacob e Wilhelm. A bela adormecida in Contos de fadas – coleção clássicos Zahar. TATAR, Maria (org.). Trad. Maria Luíza Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013. JOBIM, José Luís. Literatura e cultura: do nacional ao transnacional. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. MÁRQUEZ, Gabriel G. Memória de minhas putas tristes. Trad. Eric Nepomuceno. São Paulo: Record, 2005. NITRINI, Sandra. Literatura Comparada. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2014. RAPOSEIRA, Silvia do Carmo Campo. Tree by Tolkien: J.R.R. Tolkien e a teoria dos contos de fadas. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/443/1/LC220.pdf>. Acesso em 13/12/2018, às 19:10h. TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo:

Perspectiva, 2013. TOLKIEN, J.R.R. Sobre Histórias de Fadas. Trad. Regina Barros de Carvalho. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. TORRES, José William Craveiro. Além da Cruz e da Espada: acerca dos resíduos clássicos n'A Demanda do Santo Graal. CAPES. Fortaleza, 2011.

OS ASPECTOS RESIDUAIS NO CORDEL A LENDA DO CASTELO DE PEDRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Jovanna Pinheiro Medeiros Marinho

Resumo: A Literatura Regional é presente e necessária em todos os ambientes de aprendizagem, desde as escolas de ensino básico até as Universidades, pois refletem tempos, espaços e culturas que interagem com a atualidade, agregando um conhecimento rico e diferenciado ao homem ao longo dos séculos. Ela carrega dentro de si uma importância que vai além de aspectos culturais e literários, pois as questões sociais que a Literatura Regional aborda são uma forte presença de identidade de um povo, suas raízes, que passam de geração para geração. Daí a relevância do estudo que nos propomos a apresentar. Neste artigo, e sob a perspectiva da Teoria da Residualidade, verificamos aspectos culturais e cristãos medievais presentes no Cordel A Lenda do Castelo de Pedra, escrito por Sérgio Magalhães Klévisson Viana. Também é válido ressaltar durante a análise, outros pontos acerca da aplicabilidade dos cordéis como instrumentos didáticos no processo de aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental 2 da rede pública de ensino. O cordel em análise trata da chegada dos jesuítas em terras cearenses, mais especificamente em Viçosa do Ceará. Aqui estando e iniciando o processo de reconhecimento do território e doutrinação do povo indígena, um dos padres apaixona-se pela índia mais linda da aldeia. E esse amor é arrebatador, que desnorteia o foco do sacerdote, que o vivencia em sua plenitude. Infelizmente esse amor proibido é descoberto e os amantes sofrem com a separação eterna através da morte. E a partir desse enredo tecemos o percurso do estudo, ressaltando a presença de resíduos oriundos de mentalidades e culturas anteriores e que ganham novas vozes em um novo tempo, ou seja, resíduos de uma cultura ou literatura que determina hoje o que somos e como impactam no currículo da Educação Básica e na formação de jovens da escola pública.

Referências: AZEVEDO, Fábio Palácio. O conceito de cultura em Raymond Williams, in Revista interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS). São Luís – Vol. 3- Número Especial Jul/Dez. 2017. ISSN online: 2447-6498. BAKTHIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 2. Ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília. Editora: EDUNB, 1993. BATISTA, Sebastião. Poética popular do Nordeste. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. CASCUDO, Câmara. Literatura oral no Brasil. 2. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. Brasília: INL, 1978. MAXADO, Franklin. O que é Literatura de Cordel? Rio de Janeiro: Codecri, 1980. NEVES, Francisco Paiva das. Literatura de cordel: origens e perspectivas educacionais. Trabalho de Conclusão da Graduação em Pedagogia. Fortaleza: UFC/Faculdade de Educação, 2018 PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000. PONTES, Roberto. A falsa oposição cultura popular/cultura erudita ou fundamentos populares da cultura escolarizada. In: Atas da II Jornada de Residualidade. Fortaleza: UFC, 2009. p. 1-6. SOUZA, M.D., LIMA, C.M., PENHA, G. M.; A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino da leitura na sala de aula. Revista Tropos, ISSN: 2358 -212X, volume 6, número 2, edição de dezembro de 2017. SPINA, Segismundo. Cultura Literária Medieval. 3ª edição. Ateliê Editorial, Cotia, São Paulo, 2007. SKINNER, B. F. Ciência e Comportamento Humano; Editora Universidade de Brasília- Fundação Brasileira para o ensino de Ciências, 2000. TORRES, José William C. A crítica brasileira em torno da lírica de João de Deus ou acerca dos resíduos medievais de Campo de Flores. In. Residualidade ao alcance de todos, Roberto Pontes e Elizabeth Dias Martins (organizadores). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015 VIANA, Klévisson. A Lenda da Casa de Pedra, 2002.

A POESIA INSUBMISSA DE CECÍLIA MEIRELES EM "MAR ABSOLUTO E OUTROS POEMAS"

Kallel Alves Machado e Elizabeth Dias Martins

Resumo: Neste estudo interessa-nos a crítica poética de Cecília Meireles à guerra em "Mar absoluto e outros poemas", de 1945. Defendemos a ideia de que a poeta reveste sua poesia de um ânimo

político, fazendo de sua voz poética um canto insubmisso e, por isso mesmo, a teoria que contribui com a presente discussão é a de Roberto Pontes, formalizada no livro "Poesia Insubmissa Afrobrasilusa" (1999). Lançamos mão das próprias reflexões da autora em um de seus discursos, em que, a nosso ver, ela constrói uma poética, e em seus próprios poemas em que isso aparece exercido. Ao articularmos as ideias de Cecília Meireles sobre poesia a teoria de Roberto Pontes, bem como a de outros ensaístas sintonizados com a literatura social, como Alfredo Bosi (1977) e Pedro Lyra (1993), não temos a intenção de aprisionar teoricamente a poesia da autora, e sim ter a voz de ambos nos acompanhando em nossa análise. Para uma melhor compreensão da poesia política de Cecília Meireles, complementamos nossa abordagem com o método fortuna crítica, recorrendo principalmente aos estudos de Andresen (1999), Bosi (2007), Moura (2016) e Pietrani (2019). Verificar-se-á que a perspectiva civil, feminina e pacifista assumida em sua insubmissão poética foi o meio que a poeta usou para se engajar na crise social em curso, e que seus poemas, podem ter alcançado, através da força ideológica de expressão, a instância mais alta da poesia, conscientizando moralmente na vida política e social seu público leitor.

Referências: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. A poesia de Cecília Meireles. *Metamorfose*. Rio de Janeiro: Cátedra José de Sena – Faculdade de Letras da UFRJ, n° 1, p. 61 - 71, 1999. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. _____. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007. LYRA, Pedro. *Literatura e ideologia: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. MEIRELES, Cecília. *Como escrevi o Romancero da inconfidência*. In: MEIRELES, Cecília. *Romancero da inconfidência: Edição comemorativa - 60 anos*. Org. André Seffrin. 12. ed. São Paulo: Global, 2013. _____. *Mar absoluto e outros poemas*. In: MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, Editora 34, 2016. PIETRANI, Anélia Montechiari. A palavra eco-poética de Cecília Meireles. In: *Interdisciplinar: Revista de estudo em língua e literatura*. São Cristóvão, UFS, v. 32, jul.-dez., p. 99-112, 2019. PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasilusa: estudo da obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto*. Fortaleza: EUFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

OS DESLIMITES DO RESÍDUO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DO CONTO "MARIA", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Mary Nascimento da Silva Leitão

Resumo: O conto "Maria", de Conceição Evaristo (2014), traz como personagem principal uma mulher negra e pobre que vivencia uma situação de violência em um transporte coletivo, quando retornava de sua jornada de trabalho. Ela representa um grupo e aponta para uma situação do cotidiano comum nas periferias brasileiras. Discutiremos, neste trabalho, a presença do pensamento colonialista em prol das discussões em torno da interseccionalidade, abordada a partir de um texto escrito por uma mulher negra. As temáticas sociais, incorporadas pela literatura atual, por vezes se voltam para uma tradição no âmbito social, histórico e literário, e, outras vezes, buscam encontrar um novo modo de ser, uma nova identidade, a partir da superação do passado. Portanto, observa-se que, no âmbito da literatura contemporânea, o resíduo pode se manifestar em benefício da afirmação dos preconceitos estruturais da nossa sociedade ao mesmo tempo em que surge como um convite à mudança, à inovação de pensamentos. Para esta abordagem, as principais ideias a serem resgatadas são as de Roberto Pontes (1999), no referente ao resíduo/residualidade, as de Maria Lugones (2019), acerca do feminismo decolonial, as de bell hooks (2019), sobre a presença da mulher negra nos movimentos feministas, e as de Conceição Evaristo, acerca da afro-brasilidade na literatura nacional.

Referências: EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. (Contos) HOOKS. Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro; tradução Rainer Patriota*. - São Paulo: Perspectiva, 2019. LUGONES, María. *Rumo a um feminismo decolonial*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento feminista:*

conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. PONTES, Roberto. Poesia insubmissa afrobrasílica. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Fortaleza: Edições UFC, 1999.

QUESTÕES SOBRE MITO E RESIDUALIDADE NO CONTO "O BOTO NAMORADOR" DE IDENTIDADE CABOCLA, DE ALFREDO SAUNIER

Silvia da Silva Nunes e Cássia Maria Bezerra do Nascimento

Resumo: Este trabalho aborda questões sobre mito e residualidade na narrativa "O boto namorador" de Identidade Cabocla do autor amazonense Alfredo Saunier, em que o mito vem explicar o elemento sobrenatural na figura do boto, visto como ser encantado no imaginário amazônico e que possui forte significado nas comunidades ribeirinhas amazônicas e além disso, alguns elementos na figura do boto podem ser comparados com outras culturas, implicando leituras da Teoria da Residualidade Literária e Cultural. A partir da narrativa, abordamos a presença do mito na explicação dos acontecimentos misteriosos em torno dos seres da natureza, como o boto na visão do ribeirinho, de explicar o inexplicável e dá formas de interpretar e explicar a realidade fortemente conectada com a natureza e como os elementos de metamorfose e práticas de cura na narrativa podem ser associados com outras culturas. O presente estudo está fundamentado em leituras sobre Mito, Imaginário e Imaginário Amazônico, na Literatura Comparada e na Residualidade Literária e Cultural, portanto com olhares de: Mircea Eliade (2010), E. M. Mielietinsk (1987), Laplatine e Trindade (1997), Gilbert Durand (2001), José Paes Loureiro (2001), Raymundo Maués (2006), Marcos Frederico Krüger (2003), Carvalho (2003), Roberto Pontes e outros (2018), Nascimento (2014), Rubenita Moreira (2022), dentre outros.

Referências: CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 2003. DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Tradução: Hélder Godinho. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. Disponível em: <<https://s8ea704d60265c482.jimcontent.com/download/version/160476726/module/10082522885/name/Mircea%20Eliade%20Mito%20e%20Realidade.pdf>>. Acesso em: 05/07/22. LAPLATINE, François; TRINDADE, Lima. O que é o imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1997. LÉVI-STRAUSS. Mito e significado. Tradução: António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978. LOUREIRO, João de Jesus Paes. Obras reunidas: Cultura amazônica: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001. MAUÉS, Raymundo Heraldo. O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade. História Oral. Vol. 9, nº 1, p. 11-28, jan-jun., 2006. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20180411093434if_/http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path\[\]=187&path\[\]=19](https://web.archive.org/web/20180411093434if_/http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path[]=187&path[]=19)>. Acesso em: 10/07/22. MOREIRA, Rubenita Alves. Escritos residuais. Fortaleza: Impreco, 2022. MORFADINI, Adriana. O mito e a literatura. Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários. Vol. 5, p. 50-61, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol5/v5_4.pdf>. Acesso em: 05/07/22. PERINE, Marcelo. Mito e Filosofia. Philótophos 7. Vol. 2, p. 35-56, 2002. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/abril2012/filosofia_artigos/perine_mito.pdf>. Acesso: 05/07/2022. NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. A complexidade nos Estatutos do homem Thiago de Mello. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Manaus: UFAM, 2014. PONTES, Roberto. "Cristalização estética como polimento na literatura e na cultura", p. 112-115 In: PONTES, Roberto. MARTINS, Elizabeth Dias (Orgs). Residualidade ao alcance de todos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2015. _____ MARTINS, Elizabeth Dias; CERQUEIRA, Leonildo; NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. (Organizadores). Residualidade e Intertemporalidade. Curitiba: CRV Editora, 2017. ROCHA, Everardo. O que é mito. São Paulo: Brasiliense, 2012. SANTOS, Valdinei de Souza. O imaginário amazônico na várzea parintinense as narrativas do boto, na comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação, Sociedade e Cultura na Amazônia. Parintins: UFAM, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6098/5/Disserta%3a7%3a3o_Valdenei%20Souza%20Santos.pdf>. Acesso em: 10/07/22. SAUNIER, Alfredo. Identidade Cabocla. Parintins: Edição do autor, 2013.

O CANTO ANTIGO ECOANDO NAS ÁGUAS: O ROLAR DAS PEDRAS EM “RIO ARRIBA”.

Sônia Maria Ferreira De Matos e Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Resumo: Esse texto é uma parte da minha pesquisa do doutorado, ainda em andamento, intitulada “Vozes antigas ecoando nas escritas femininas: novas vozes das mulheres latino – americanas” Aqui, especificamente, pretendemos lançar nosso olhar sobre o livro de poesias da poetisa colombiana, Yadira Rosa Vidal Villadiego, “Rio Arriba” (2021). Pretendemos observar os resíduos culturais dos indígenas, dos povos negros e dos ribeirinhos que dividem o tempo presente ou viveram por ali deixando seus rastros, com os quais o eu lírico dialoga e se deixa habitar, individual e culturalmente. São poemas autobiográficos repletos da “presença” dos ancestrais, da cultura de outros povos, do cotidiano de sua região, Urabá. Árvores, aves, água, a paisagem como um todo, as pessoas e seres primordiais se conectam, se entrelaçam, se inscrevem uns nos outros. A paisagem “ percebida por outros sentidos”. Suas raízes, firmemente fincadas ali, se alimentam daquele território, das suas histórias, de suas culturas sobrepostas e de todo o mundo visível e invisível que, pelos “caminhos” naturais do rio, chegou até ali e também fincou raiz. Procuremos perceber as vozes femininas, antigas, das avós, das mães e de outras mulheres que ecoam no presente, no seu tecido poético. Objetos comuns do dia a dia que contam suas histórias, que apresentam outras mãos que moldaram o barro, que acenderam o fogo, que esculpiram camadas, que plantaram árvores e jardins, que garimpavam no rio e trouxeram ao mundo outras vidas. Tudo se sobrepondo em camadas residuais e ancestrais.

Referências: COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem. Tradução: Ida Alves...[et al.] . Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013. VILLADIEGO, Yadira Rosa Vidal. Rio Arriba. 2ª ed. Colômbia. 2021.

A POÉTICA FEMININA DE ASTRID CABRAL EM “TATUADA DE SOMBRAS” E “MULHER”

Taleessa Regina Silva Cavalcante e Cássia Maria Bezerra do Nascimento

Resumo: A poeta amazonense Astrid Cabral Félix de Souza é nome reconhecido na Literatura Brasileira. Sua produção poética se fez notável desde o seu ingresso no Clube da Madrugada, na década de 50, em Manaus, sendo até o momento, autora de 13 livros, de contos e de poemas. Para o presente estudo, escolhemos investigar o sujeito poético feminino de Astrid Cabral nos poemas, “Tatuada de sombras” e “Mulher” das seções 1. solidão por companhia e 2. arremedos de alegria do livro Íntima fuligem (2017). Trata-se de pesquisa bibliográfica em Literatura Comparada sobre a poética astridiana, por isso, portanto, tem por norte os estudos de Alfredo Bosi (2000), de O ser e o tempo da poesia, em método que segue o olhar residual e complexo sobre as relações poeta, poesia e poema, conforme organiza Cássia Maria Bezerra do Nascimento (2014). Para leitura sobre crítica literária de Astrid Cabral, que compõem o estado da arte da escritora, utilizamos Astrid Cabral: Poesias e cartografias da memória, de Lucinéia Rodrigues dos Santos (2009), e Variações sobre um velho tema: A metaforização da morte na lírica de Astrid Cabral, de Enderson de Souza Sampaio (2019). Destacamos, nos versos analisados, a escrita, a estética, a temática e vida femininas, as quais compreendemos como indissociáveis de sua obra e assim formadores da poética astridiana.

Referências: BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. CABRAL, Astrid. Íntima fuligem: caverna e clareira. Manaus: Editora Valer, 2017. NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. A complexidade nos estatutos do homem Thiago de Mello. 2014. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2014. SAMPAIO, Enderson de Souza. Variações sobre um velho tema: a metaforização da morte na lírica de Astrid Cabral. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2019. SANTOS, Lucinéia Rodrigues dos. Astrid Cabral: poesia e cartografias da memória. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – (UNIOESTE). Cascavel, 2009.

DAS CONFLUÊNCIAS ENTRE A ELEGIA ERÓTICA ROMANA E A CANTIGA DE AMOR TROVADORESCA

Tallyson Tamberg Cavalcante Oliveira da Silva

Resumo: O presente trabalho, de perspectiva comparatista, tem como fundamento principal o cotejo e análise de dois gêneros lírico-amorosos de escopos temporais distintos: trata-se da elegia erótica latina, gênero poético produzido na Antiguidade romana (século I a.C.), e da cantiga amorosa trovadoresca, gênero lírico produzido na Baixa Idade Média Ocidental (entre os séculos XII e XIV). Assim, objetiva-se, no presente trabalho, apontar, analisar e avaliar as similaridades tópicas (tanto temáticas quanto estilísticas) entre os referidos gêneros líricos, de modo a evidenciar as possíveis influências e contribuições exercidas pela literatura da Antiguidade latina na configuração do lirismo-amoroso medieval, notadamente a partir daquelas exercidas pela produção poética dos mais expressivos poetas elegíacos da latinidade – Catulo, Propércio, Tibulo e Ovídio – na constituição do lirismo trovadoresco galego-português. Com isso, quer-se mostrar, refletir e analisar a existência de uma residualidade transformadora pela qual passou a elegia erótica latina na configuração do lirismo-amoroso trovadoresco, bem como explicar as prováveis causas para a existência desse viés residual no campo da lírica-amorosa entre a Antiguidade romana e a Baixa Idade Média Ocidental, quadrantes temporais considerados sempre como antagônicos e díspares. Desse modo, torna-se evidente que o viés histórico torna-se fulcral nas análises empreendidas, possibilitando ajuizadas reflexões em torno dos laços culturais entre a Antiguidade greco-romana e a Idade Média Ocidental.

Referências: CARVALHO, Francisco Freire de. Lições Elementares de Poética Nacional. 4ª ed. Lisboa: Rollandiana, 1867. CATULLE. Poésies. Paris: Les Belles Lettres, 1998. CORREIA, Natália. Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses. 3ª ed. Lisboa: Estampa, 1998. CURTIUS, Ernst Robert. Literatura Europeia e Idade Média Latina. Tradução de Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. FEDELI, Paolo. "A Poesia de Amor". In: CAVALLIO, Guglielmo et al. O Espaço Literário da Roma Antiga. Trad. Daniel P. Carrara; Fernanda M. Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. FERREIRA, Maria Ema Tarracha. Poesia e Prosa Medievais. 2ª ed. Lisboa: Ulisseia, 1998. FROMM, Erich. A Arte de Amar. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. GRIMAL, Pierre. O Amor em Roma. São Paulo: Martins Fontes, 1991. LAPA, Manuel Rodrigues. Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval. 8ª ed., revista e ampliada. Coimbra: Editora Limitada, 1973. MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 1986. _____. Dicionário de Termos Literários. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013. MONGELLI, Lênia Márcia. Fremosos Cantares: Antologia da Lírica Medieval Galego-Portuguesa. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009. PROPÉRCIO. Elegias de Sexto Propércio. Organização e tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. RAVIZZA, P. João. Gramática Latina. 9ª ed. Niterói-RJ: Escolas Profissionais Salesianas, 1940. TIBULO. Poemas (Cantos de amor). Trad. Carlos Ascenso André. Lisboa: Cotovia, 2015. VEYNE, Paul. Elegia Erótica Romana: o amor, a poesia e o Ocidente. Tradução de Mariana Echalar. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SIMPÓSIO "ENCRUZILHANDO A ESCRITA LITERÁRIA: A CABAÇA-ÚTERO, O CANTAR DAS FOLHAS E A TERRA"

Cristiane Viana da Silva Fronza (UFPI), Denis Moura de Quadros (FURG) e Natália Regina Rocha Serpa (IFMA)

A COSMOPOLÍTICA DE AILTON KRENAK: PENSAMENTO AMERÍNDIO E A CRÍTICA AO ANTROPOCENO

Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack

Resumo: O Antropoceno no século XXI configura-se como uma época de crise da modernidade e de esgotamento dos modelos clássicos de imaginação política do Ocidente. Torna-se cada vez mais evidente a necessidade questionar e repensar a ontologia ocidental, na medida em que nós ocidentais, nas palavras do xamã yanomami Davi Kopenawa, "apesar de termos os olhos abertos,

não enxergamos nada". O conceito de cosmopolítica, tal como formulado por pensadores como Isabelle Stengers e Bruno Latour, nos auxilia a descolonizar nossos corpos e saberes, a narrar e celebrar as multiplicidades. A cosmopolítica refere-se ao trabalho político de construção de relações entre mundos diferentes, tanto no interior de cada sociedade como entre grupos humanos distintos. Parte da premissa de que fazer ciência é fazer mundos, é registrar a polifonia, sem medo da dissonância. Contudo, a proposta de uma "dialética sem síntese", de mundos que não podem ser definidos por modelos dicotômicos, mas sim por dimensões que conformam uma sinfonia desarmônica e descompassada, sempre esteve presente no pensamento ameríndio. Em termos gerais, ao interpretarem o funcionamento do cosmos, os indígenas não assumem a homogeneização como o horizonte para a interação entre as diferenças, muito pelo contrário: tendem a rechaçar o Uno, a enfatizar a constância da diferenciação e a afirmar as multiplicidades. Esta comunicação busca analisar a produção intelectual do ativista indígena Ailton Krenak, problematizando sua experiência de pertencer a um mundo diverso e plural, onde reinam as relações cosmopolíticas, mas que vem sendo desafiado pelo empobrecimento e adoecimento das existências e relações afetivas. Consideramos que o pensamento ameríndio pode nos fornecer alternativas de vida no Antropoceno, pois, diferentemente da modernidade, que buscou silenciar os Outros que não se encaixavam em padrões definidos de civilização e do saber, os indígenas veem os Outros como a solução, e não como o problema.

Referências: CLASTRES, Pierre (2017). A sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia política. São Paulo, Ubu Editora. KRENAK, Ailton (2020). A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras. _____ (2019). Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras. _____ (2022). Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras. LATOUR, Bruno (2019). Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34. MARTÍNEZ RAMÍREZ, María Isabel; NEURATH, Johannes (coord.) (2021). Cosmopolítica y cosmo-historia: una anti-síntesis. Ciudad de México: Sb. Editorial. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2018). Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições. WAGNER, Roy (2017). A invenção da cultura. São Paulo: Editora Ubu.

POESIA DE SLAM: NA ENCRUZILHADA DO ENCONTRO DA BOCA QUE TUDO COME COM A FOME COLETIVA DE GANHAR VOZ

Cajota Domingues de Jesus

Resumo: Distante de seu berço teatral estadunidense, no Brasil o slam tem chão de asfalto, terra batida, escadão, praça e pista de skate, entre outros. Embora exista uma organização regional, nacional e mundial aqui as competições são tão marginais quanto o próprio orixá da comunicação. É na rua, nos domínios de Exú se encontram com os domínios dos gritos dos invisíveis. Aquele que é popularmente conhecido nos terreiros como dono da boca que tudo come acolhe aqueles que possuem “uma fome coletiva de ganhar voz” (KILOMBA, 2019). É comum, inclusive, ver poetas saudando o chão antes de declamarem suas palavras de dor, revolta, amor e suor. Assim, os ensinamentos dos terreiros também invadem a cena poética, fazendo-a território de possibilidades de resgate e novas construções. Por meio da poesia encontram suporte criando linguagem para expressar, vivenciar, performar e registrar essa demanda revolucionária que busca emergir segundo Lorde, afinal como ela mesmo já disse “Poesia não é um luxo”(1977). Entende-se aqui a poesia enquanto ação política ao mesmo tempo que é escrita afetiva, não apenas frequentemente falar de amor, mas por afetar quem lê através da escrita sobre aquilo que afeta quem escreve. Sobre essa afetação, pensemos no que Conceição Evaristo diz sobre o espelho, ou melhor o abebé evocado pela escrita negra que faz com que nos reconheçamos enquanto povo ao passo que também reconstruímos nossa identidade por meio do auto-amor. E nos giros do tempo espiralar, na encruzilhadas se tece a identidade e a poesia preta periférica constrói antigas rotas de fuga que retomam um novo futuro, para além de um sistema que exige resistência daqueles que insistem em voar com asas feitas de palavras em mundo que tenta o tempo todos os silenciar.

Referências: EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima (org.), NUNES, Isabela Rosado. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LORDE, Audre. Irmã Outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza, 2021. _____. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

A FIGURA DA MULHER NA OBRA PEDAÇOS DA FOME, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Cristiane Viana da Silva Fronza

Resumo: O trabalho versa sobre a obra romanesca Pedacos da fome, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1963. Esse estudo objetivou analisar a figura feminina, sobretudo na sociedade contemporânea, e as mazelas que as cercam, refletindo sobre a mendacidade através da qual uma menoridade inapetente e semota dos problemas humanos se locupletam mediante a fome e a miséria generalizadas, assim como os conflitos inerentes. Carolina Maria de Jesus apresenta ao público leitor, através dessa obra, uma configuração feminina aparentemente submissa em uma sociedade baseada nas prerrogativas do patriarcado. Igualmente, a referida autora aborda sobre os diversos papéis sociais desempenhados pela representação da mulher no corpus. A presente pesquisa fez uma análise voltando a atenção para a configuração feminina Maria Clara, no seu papel social de filha, esposa, mãe e profissional, inquirindo o entrelace da expressão da interioridade ao desvelamento dos conflitos entre os indivíduos e desses com o mundo moderno, presumivelmente vazio de valores e abundante de arbitrariedades, além do choque entre a obediência, a imitação às performances instituídas historicamente como imanentes ao gênero feminino e a negação dessas posturas. Esse trabalho tencionou examinar a representação feminina no romance caroliniano, através de teóricas como Miranda (2013), Schwantes (2006) e Zolin (2005).

Referências: ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo? São Paulo: Abril Cultural, 1991. ALVES, Miriam. BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003. COSTA, Maria. Edileuza. O mito feminino: de Marília à Capitu. João Pessoa (PB): UFPB, 2005, Tese Doutorado. DELEUZE, G. & GATTARI, F. Introdução: rizoma. In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. São Paulo: Ed. 34. Coleção TRANS. 1995. FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações. Dissertação. (Mestrado em Literatura Brasileira). Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2009. HALL, Stuart, A Identidade na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro, 7 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005. HUTCHEON, Linda. A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos. Trad. Margareth Rago. Labris – Estudos Feministas, n. 1-2, julho/dezembro de 2002. JESUS, Carolina Maria de. Pedacos da fome. São Paulo: Áquila, 1963. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. Revista da USP, São Paulo, v. 37, p. 82-91, 1998. MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética. Dissertação (Mestrado em Letras)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo– USP, São Paulo, 2013. PUREZA, Fernando Cauduro. Representações da fome: carestia e racialização na obra Pedacos da fome, de Carolina Maria de Jesus. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 66, p.52-68, abr. 2017. ROCHA, Patrícia M. S. Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcalismo. Projeto patrocinado pela Lei de incentivo à cultura, Belo Horizonte. 2009. SCHWANTES, Cíntia Carla Moreira. Dilemas da Representação Feminina. OPSIS – Revista do NIESC–Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos Culturais. Dossiê Gênero e Cultura. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão-GO, Vol. 6. 2006. SCOTT,

Joan. A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed Mulheres. 2002. ZOLIN, Lúcia. Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs). Teoria literária, abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2.ed. Maringá: UEM, 2005.

A COSMOLOGIA BANTU EM “A RODA DO MUNDO”, DE EDIMILSON PEREIRA DE ALMEIDA E RICARDO ALEIXO: UM ESTUDO DECOLONIAL SOBRE MEMÓRIA, PÓS-MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE MEMORIAL

Danielle Bruzzi Auad,

Resumo: O presente estudo visa tratar da cosmologia bantu presente na obra "A Roda do Mundo", de Edimilson Pereira de Almeida e Ricardo Aleixo sob uma perspectiva decolonial. Embora o livro também aborde a cosmologia yorubá, focaremos nos povos bantu. Por terem sido os primeiros a serem escravizados no Brasil, estes sofreram um silenciamento e apagamento violentos de suas culturas e religiosidades desde o início do processo de colonização. Reconhecendo esse contexto, temos como objetivo analisar o modo como a obra opera um resgate dos conhecimentos culturais dos povos bantu e suas tradições que foram transmitidas na oralidade. Justamente por todos os fatores aqui mencionados (primeiros povos escravizados no Brasil, silenciamento e transmissão cultural através da oralidade) há pouco registro escrito sobre as culturas dos povos bantu, e, portanto, pouco conhecimento do público em geral a esse respeito. Este estudo justifica-se como uma forma não de "dar voz", ou de "dar ouvidos", mas para "criar um espaço de escuta" (Leroy, 2021). Dalcastagnè (2008) alerta para o silenciamento de autores pretos. Para analisar a obra sob a ótica da memória e da pós-memória utilizamos como aporte teórico Hirsch (2008) e discutimos sobre identidade e ancestralidade memorial em Puri (2020). Também nos baseamos em Quijano (2005) para discutir questões sobre decolonialidade. Como resultado do estudo, notamos como a literatura se afirma como forma de expressão cultural por meio do qual se promovem debates políticos, que tensionam os discursos estabelecidos e, no caso específico, conduzem a uma reflexão antirracista.

Referências: DALCASTAGNÈ, R. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Revista Gragoatá, 13(24). Niterói, 2008. HIRSCH, M. The generation of postmemory. In: Poetics today. Columbia University, 2008. LEROY, H. Decolonialidade, pós-memória e pretuguês nos “300 anos de Minas Gerais”: pela visibilização e pelo respeito às histórias e paradigmas outros. In: Pós-memória e decolonialidade no ensino de línguas no Brasil: as origens do status quo. Belo Horizonte, 2021. PEREIRA, E. A. ALEIXO, R. A roda do mundo. Belo Horizonte, 2004. PURI, Z. Herança Ancestral - os fios da memória. In: Histórias Indígenas: Memória, Interculturalidade e Cidadania na América Latina. São Paulo, 2020. QUIJANO, A. Colonialidade do Poder. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, 2005.

INSCRITURAS NEGROFEMININAS NA LITERATURA AFRO-GAÚCHA: DE HELENA DO SUL AO SOPAPO POÉTICO

Denis Moura de Quadros

Resumo: Ao pensarmos da encruzilhada, percebemos que a escrivência de autoria de mulheres negras pauta-se, ainda, em um braço da encruzilhada advindo do sudeste brasileiro. Assim, ainda temos certa dificuldade de traçar nomes de escritoras negras especialmente do sul do Brasil. Frente a um projeto de embranquecimento da região sul, a figura negra que contribuiu e contribui para a riqueza dos estados da região fica em segundo plano. Esses silenciamentos acentuam-se tratando-se de mulheres negras. Logo, esse trabalho apresenta resultados preliminares de uma pesquisa ainda em andamento de autoras, temas e formas da poesia de autoria de mulheres negras gaúchas. A memória é um fio central nas narrativas negrofemininas, ainda mais pelo fato de elas serem repassadas hegemonicamente de forma oral, logo, escrita não dialoga com esses poemas que, ao reavaliar a história, operam como documentos “escrituras”. Ainda, atravessada pela condição de mulher, negra gaúcha, chegamos ao conceito de “inscritura”, uma escrita que perpassa o sagrado da ancestralidade. Analisarei, de forma comparada, a obra “Meu nome pessoa: três momentos de

poesia" (1989), da precursora Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009) e a coletânea "Sopapo Poética: Pretessência" (2016) em que destaco a poesia de dez escritoras: Ana dos Santos; Delma Gonçalves; Fátima Farias; Isabete Fagundes Almeida; Lilian Rocha; Maria do Carmo dos Santos; Nádia Lis Severo; Pâmela Amaro; Renata Mathias de Moura; e Silvana Conti. O objetivo é perceber os temas e formas dessas poesias.

Referências: EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212. EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). Representações performáticas brasileiras: Teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007. p. 16-21. EVARISTO, Conceição. Mãe Beata de Iemanjá. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (org). Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia crítica. V.1. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. P. 31-40. EVARISTO, Conceição. Maria Helena Vargas. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (org). Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia crítica. V.1. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. P. 83-90. EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017. GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... São Paulo: UCPA, 2018. LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. In: LORDE, Audre. Irmã outsider. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. P. 137-141. MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza edições, 1997. ROCHA, Lilian Rose Marques da et. al. Pretessência. Porto Alegre: Libretos, 2016. PADILHA, Laura Cavalcante. Entre voz e letra: O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2ª Ed. Niterói: Ed. UFF; Rio de Janeiro: Pallas, 2007. PADILHA, Laura Cavalcante. Novos pactos, outras ficções: Ensaios sobre literaturas luso-afr-brasileiras. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2002. PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Nós, 2017. SANTIAGO, Ana Rita. Vozes literárias de escritoras negras. Cruz das Almas: Ed.UFRB, 2012. SILVEIRA, Maria Helena Vargas da Silveira. Meu nome pessoa: três momentos de poesia. Porto Alegre: [s.n.], 1989.

O FUTURO ANCESTRAL NA POESIA DE ALINE MOTTA

Felippe Nildo Oliveira De Lima

Resumo: "Filha natural" (2018-2019) e "A água é uma máquina do tempo" (2022), respectivamente, videoperformance e livro de Aline Motta (Niterói – 1974), são movimentações importantes feitas pelas artes contemporâneas afro-brasileiras quando, ao partir do arquivo colonial, a necessidade ética da narração atravessa a história defrontando-se a todo instante com a impossibilidade/dificuldade da representação. Ambos os trabalhos mesclam em suas feitura documentos históricos, performance, vídeo, verso e prosa, abrindo campos experimentais nos quais a inespecificidade formal e de registros segue a inespecificidade cronológica das espirais do tempo ancestral como compreendido pelas cosmovisões africanas. Nesse sentido, partindo de discussões em torno de noções de tempo espiralar, ancestralidade e performance, por exemplo, busco compreender, em alguns textos de "A água é uma máquina do tempo" e na videoperformance "Filha natural", as movimentações de invocação/evocação da memória/presença dos/as mortos/as mediante as quais o processo de enlutamento não faz com que o sujeito poético se desprenda de seus/as mortos/as, mas se aproxime deles/as e se integre a eles/as. Contrariando a visão ocidental de separação entre vida e morte, há a interpenetração da ordem dos/as mortos/as na ordem dos vivos, num só mundo. Nesse pulsar de afetos, na busca de expurgar traumas e cuidar das mulheres ancestrais, é permitido imaginar outros tempos, inclusive os já idos. É possível retomar o passado pela escrita e tentar enunciá-lo outro, numa inversão de tempos geracionais. Esse também é o movimento que, em direção complementar e trans-histórica, nas espirais do tempo ancestral, permite o vislumbrar e a fabulação de futuros em que o acúmulo de sabedoria e resistência de mulheres negras que vieram antes se transmute em tática de sobrevivência à violência racial que

insiste no presente. Em Aline Motta, os tempos se desordenam e são dançados e cantados por vozes de mulheres que se reconhecem umas nas outras.

Referências: AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. A máquina performática: a literatura no campo experimental. Tradução: Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. BUTLER, Judith. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Tradução: Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. DANZIGER, Leila. A filha, ancestral da mãe: Resenha de A água é uma máquina do tempo, de Aline Motta. Revista Rosa, São Paulo, v. 6, n. 1, set. 2022. Disponível em: <https://revistarosa.com/6/filha-ancestral-da-mae>. Acesso em: 12 dez. 2022. FRANCO, Fábio Luís. Governar os mortos: necropolíticas, desaparecimento e subjetividade. São Paulo: Ubu Editora, 2021. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução: Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: _____. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. pp. 49-64. HARTMAN, Saidiya. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Tradução: José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista Eco-Pós, v. 23, n. 3, pp. 12-33, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 04 dez. 2022. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017. MOTTA, Aline. A água é uma máquina do tempo. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022. MOTTA, Aline. A água é uma máquina do tempo. Elyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, Porto, n. 18, pp. 333-337, dez. 2021. Disponível em: <https://elyra.org/index.php/elyra/article/view/422>. Acesso em: 03 dez. 2022. SELIGMANN-SILVA, Márcio. A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. Campinas: Editora da Unicamp, 2022. VINHOSA, Luciano. Videoperformance: corpo em trânsito. Estado da Arte: Revista de Artes Visuais, Uberlândia, v. 1, n. 2, pp. 293-303, jul./dez. 2020. p. 295. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/57782>. Acesso em: 09 dez. 2022.

NOS CAMINHOS DE EXU: ENCRUZANDO A LITERATURA BRASILEIRA

Fernando de Sousa Rocha

Resumo: Não podemos pensar os conceitos de cruzo e de encruzilhada sem nos determos na figura de Exu. Conforme propõe o educador Luiz Rufino, a encruzilhada é indicadora de que, a despeito dos apagamentos de identidades e epistemes realizados pelo colonialismo e pelo eurocentrismo, há outras possibilidades de caminhos, a partir do desmantelamento das estruturas colonialistas binárias e da aposta numa perspectiva de responsabilidade para nossa inserção no mundo e para nossas escolhas individuais e coletivas. Esta potência das encruzilhadas se deve a que o dono deste espaço de encontros de infinitos caminhos, Exu, é ele mesmo, enquanto princípio explicativo de mundo, figura aberta às contradições, às multiplicidades e multiplicações e a outras temporalidades que não sejam a cronologia lógico-sequencial, progressista, do mundo ocidental. Para esta comunicação proponho-me analisar de que modo, no conto “I have shoes for you,” de Cidinha da Silva, a presença de Exu, numa encruzilhada internacional, abre espaços para abraçarmos uma outra lógica, adicionadora e não excludora, e para refletirmos sobre uma temporalidade exusíaca bem como sobre uma reapropriação e ressemantização de certos objetos, ligados à esfera de Exu. Crucial nestes processos é a máxima exusíaca “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje,” por meio da qual podemos compreender e vivenciar o rompimento do tempo cronológico, que dá vazão, conforme aponta Muniz Sodré em Pensar nagô, a uma temporalidade primordial. A partir deste rompimento, desloca-se a logicidade que se constrói a partir desta temporalidade e vai tomando corpo uma forma de pensar como se fora em sanfona, por meio da qual proposições acumulam-se e multiplicam-se. Assim, neste campo acumulativo de multiplicidades, objetos — como os sapatos — vão ganhando novas contornos.

Referências: ELBEIN DOS SANTOS, Juana. Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. ELBEIN DOS SANTOS, Juana; SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos.

Èsù. Salvador: Corruptio, 2014. FALOLA, Toyin, ed. Esu: Yoruba God, Power, and the Imaginative Frontiers. Durham: Carolina Academic Press, 2013. NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Prefácio: Exuzinhando a memória. In: SILVA, Cidinha da. Um Exu em Nova York. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. p. 9-11. PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. - - -. Vence-demanda: Educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021. SANTOS, Deoscóredes M. dos. A tentação de Exu. Contos de Nagô. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963. p. 17-19. SILVA, Cidinha da. I have shoes for you. Um Exu em Nova York. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Flecha no tempo. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. - - -. Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. SOARES, C. E. B.; VELOZO, O. C. P. B. Modas, calos e cetins: os sapatos como símbolos distintivos no Rio de Janeiro do século XIX. ESPM-Rio, Diálogo com a Economia Criativa, Rio de Janeiro, v. 5, n. 13, p. 104-123, jan./abr. 2020. SODRÉ, Muniz. Exu inventa o seu tempo. In: Pensar nagô. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 171-192.

FUTURO E ANCESTRALIDADE NA FICÇÃO CIENTÍFICA

Jade Rocha Nobre

Resumo: O trabalho pretende realizar uma análise comparativa das obras de “As águas vivas não sabem de si”, de Aline Valek, e “Binti”, de Nnedi Okorafor, a fim de analisar como as presentes obras elaboram o futuro a partir da ancestralidade, seja ela vinda da África, como na obra afrofuturista “Binti”, ou vinda da própria evolução das espécies, como na obra de ficção científica brasileira “As águas vivas não sabem de si”. A construção desses futuros ficcionais e sua relação com a ancestralidade servirá de base para observarmos quais temáticas vem sendo discutidas e retomadas na contemporaneidade a fim de modificarmos as relações no interior das sociedades humanas ou entre os seres humanos e seres de outras espécies, e consequentemente com a natureza como um todo. Isso tudo levando em consideração que é só a partir de uma mudança significativa na maneira como habitamos o mundo e nos relacionamos com os outros seres que o habitam que será possível construir um futuro possível, ou ainda, segurar o céu. Nesse sentido, lembramos Ailton Krenak quando afirma que a criação do mundo se dá a todo o tempo, bem como quando aponta que os brancos assumem o futuro como um tempo porvir para se eximirem da sua responsabilidade para com ele, assim defendemos que o futuro deve ser construído a todo o tempo, começando agora.

Referências: BENJAMIN. Walter. Sobre o conceito de história: edição crítica. Organização e tradução de Adalberto Müller, [notas] Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda 2020. BENJAMIN, Walter. Teoria do conhecimento, teoria do progresso. In: Passagens. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Colaboração de Olgária Matos. São Paulo/Belo Horizonte: Ed. UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. DERY. Marc. De volta para a futuro. Tradução de Tomaz Amorim. Revista Ponto Virgulina, Edição Temática 1, 2020. DONNA HARAWAY: STORYTELLING FOR EARTHLY SURVIVAL. Direção: Fabrizio Terranova. Bélgica, 2016, 81 min. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Leitura das Teses “sobre o conceito da História” - XXI Semana dos Alunos de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio, Palestra realizada na SAF XXI, em 2020. Disponível em: <https://vimeo.com/showcase/7351120> GARRAD, Greg. Ecocrítica. Trad.: Vera Ribeiro. Brasília: Ed. UnB, 2006. HARAWAY. Donna. Cuando las especies se encuentran: introducciones. Tabula Rasa, 31, 23-75, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112741.n31.02> Insólito e Nacional: A cena brasileira de Fantasia, Ficção Científica e Horror. Com Aline Valek, Irka Barrios e Lu Ain-Zaila. Mediação de Lígia Colares. Disponível em: https://youtu.be/9_G5mo53F8o JAMESON. Fredric. Arqueologias do futuro: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. Tradução de Carlos Pissardo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. KOPENAWA, Davi; KRENAK, Ailton. Diálogos pela (re)existência de um mundo comum. Palestra realizada na UFMG, julho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WzsAGSjVCsQ> KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (org.). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. LATOUR, Bruno.

Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Trad. Maryalua Meyer. Rio de Janeiro: Ubu, 2020. LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História'. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant; Trad. das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005. LÖWY, Michael. O que é ecossocialismo? São Paulo: Cortex, 2014. NASCIMENTO, Evando. O pensamento vegetal: A literatura e as plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. OKORAFOR. Nnedi. Binti. USA: Tordotcom, 2015. OKORAFOR. Nnedi. Binti: Home. USA: Tordotcom, 2015. OKORAFOR. Nnedi. Binti: The Night Masquerade. USA: Tordotcom, 2015. OKORAFOR. Nnedi. Binti – Trilogia Completa. Tradução de Carla Betelli. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021. ROBERTS. Adam. A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018. ROBERTS. Adam. Defining Science Fiction. Londres: Routledge, 2000. STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes. Resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naif, 2015. SUVIN. Darko. Defined by a hollow: essays on utopia, science fiction and political epistemology. Ralahine Utopian Studies, Vol. 6. Bern: Peter Lang, 2010. VALEK. Aline. As águas vivas não sabem de si. Fantástica Rocco, 2016.

O CONTINUUM AFRICANO NA LITERATURA LATINO-AMERICANA DE AUTORIA NEGRA FEMININA: ENCRUZILHANDO AS NARRATIVAS REYITA SENCILLAMENTE (1997) E UM DEFEITO DE COR (2006)

Josenildes da Conceição Freitas

Resumo: Nesta abordagem, proponho uma análise dos romances Reyita sencillamente: testimonio de una negra cubana nonagenaria (1997), da escritora afro-cubana Daisy Rubiera Castillo, e Um defeito de cor (2006), da escritora afro-brasileira Ana Maria Gonçalves, atentando para uma percepção espaço-temporal identificada nas tradições culturais africanas e que atesta o “continuum africano nas Américas” (MARTINS, 2021, p. 42 e 49). Tal percepção resulta da relação de interdependência de sentidos apontada por Leda Martins (2021), na qual a visão perde o lugar de centralidade que ocupa na tradição ocidental, uma vez que, diferentemente das sociedades do Ocidente, onde “o mundo é principalmente percebido pela visão”, como pontua Oyèrónké Oyèwùmí (2021, p. 28-29), distintos povos africanos “podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos”. Nas duas obras, o plano natural (o áiyé) e o plano sensível (o òrun) são entendidos como dimensões interligadas, comunicáveis, reversíveis, o que me permite inseri-las na perspectiva dos “estudos encruzilhados”, isto é, dos “estudos comparados negros que se perfazem no conflito, tomando a incoerência, o paradoxo e a tensão como força motriz”, segundo Henrique Freitas (2016, p. 104), aspectos que remetem a Exu e a uma concepção discursiva derivativa dos atributos dessa entidade, como ainda aponta este último autor, a própria Leda Martins (1997), Muniz Sodré (2017) e Edmilson Pereira de Almeida (2017), assim como reiteram as reflexões de Souza Hernández (1998) e Juana Elbein dos Santos (2012).

Referências: FREITAS, Henrique. O arco e a arquê: ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016. GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2020. MARTINS, Leda. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. (Coleção Perspectiva) MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. PEREIRA, Edmilson de Almeida. Entre Orfe(x)u e Exunoveau: ou para uma estética de base afro-diaspórica. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida. Entre Orfe(x)u e Exunoveau: análise de uma estética de base diaspórica na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Azougue, 2017, p. 97-171. RUBIERA CASTILLO, Daisy. Reyita sencillamente: testimonio de una negra cubana nonagenaria. 5. ed. La Habana: Fondo Editorial del ALBA, 2009. SANTOS, Juana Elbein dos. Princípio dinâmico e princípio da existência individualizada no sistema Nàgô: Èsù Bara. In: SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsésé e o culto Ègun na Bahia; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012,

p. 140-206. SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. SOUZA HERNÁNDEZ, Adrián de. Echu-Eleguá: equilibrio dinámico de la existencia. La Habana: Ediciones Unión, 1998.

“CANTE PRA ABRIR CAMINHO, PRA COMEMORAR”: REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES ENTRE O SAGRADO E PROFANO NA MUSICALIDADE AFRO BRASILEIRA.

Karolynny Alves Teixeira de Souza

Resumo: Para a cosmovisão africana, as atividades da vida cotidiana, a música e as artes são permeadas por elementos rituais que nos remetem ao universo sagrado, e não como algo profanador, a exemplo da cultura ocidental. Para esses povos, a musicalidade é uma manifestação rítmica que pode ser entendida como passaporte para se chegar ao sagrado. Assim como ocorre no candomblé e nas demais tradições afro-brasileiras, não existe Orixá sem dança e sem movimento ao som do tambor. Para essas tradições, toda divindade tem aspectos ambivalentes. O bem e o mal fazem parte de um mesmo ser. A ambivalência está em tudo. O sagrado não se desliga do profano, entendendo esse profano como algo que é comum a experiência vivida em sociedade e não como uma dimensão punitiva do pecado. Nesse sentido, a musicalidade e o ritmo estão sempre presentes no modo de vida do negro, partindo do pressuposto da não distinção entre sagrado e profano, mas do princípio da ambivalência, da cooperação, da solidariedade entre os dois mundos que estão unidos para atribuir sentido a vida cotidiana no universo afro-brasileiro. Desse modo, essa comunicação busca partilhar reflexões acerca da relação entre sagrado e profano no universo das manifestações culturais afro-brasileira, em especial a brincadeira do maracatu nação na rua. Trazendo, para isso, elementos que são caros a compreensão dessa manifestação cultural como brincadeira fundamentada no candomblé, traçando um paralelo com a cultura pop afro-brasileira, a partir da letra da música “Cante pra Chamar”, escrita e interpretada pela cantora Larissa Luz. Essas reflexões foram desenvolvidas a partir de minha escrivência que se fez possível a partir do meu corpo brincante de pesquisadora, percussionista e iniciada no candomblé. Nesses termos, essa comunicação não visa esgotar perspectivas, mas sim criar possibilidades para se pensar a cultura afro-brasileira e suas reminiscências.

Referências: BÂ, AMADOU HAMPATÉ, A. Tradição Viva. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Capítulo 8, p. 167. BARROS, J. F. P; NAPOLEÃO, E. Ewê Òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2007. 3° ed. p.514 BENISTE, J. Dicionário Yorubá – Português. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2020. 5° ed. pág. 229 EVARISTO, C. Escrivência - Episódio 01 da série Ecos da Palavra. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE&list=PLAur15_Do-zHg6gTGysX5wvOKVrjUDGoD&index=2> Acesso em 20 de julho de 2020. _____. Universalização dos afetos - Episódio 05 da série Ecos da Palavra. 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GXGojPDNmDM&list=PLXQR8WiX4jkJ7-WFgmmwtOEJR3NRWUYCs&index=5&ab_channel=InstitutoArteTear> Acesso em 20 de julho de 2020. _____. Olhos d’água. Rio de Janeiro: Ed. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, 1ªed. 116p. GUILLEN, I. C. M. Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife. In: Cadernos de Estudos Sociais. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, vol. 20, nº 01. 2004. p. 39-52. _____. Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de Pernambuco. In: XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH. Natal-RN, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/download/4053/257>> Acesso em 25 de agosto de 2021. OLIVEIRA, E. D. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47. _____. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007. _____. Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Trilogia da Ancestralidade. Volume 1. Coleção X (Organização: Rafael Haddock-Lobo) 1 ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021. _____. A ancestralidade na encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada. Trilogia da Ancestralidade. Volume 2. Coleção X (Organização:

Rafael Haddock-Lobo) 1 ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021 _____. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Trilogia da Ancestralidade. Volume 3. Coleção X (Organização: Rafael Haddock-Lobo) 1 ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021 _____. Epistemologia da Ancestralidade - Preambulo. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/2502/2178>> Acesso em 10 de outubro de 2019. _____. Xirê: a brincadeira lírica (um livro de mito-poema). Salvador: Editora Ogum’s. 2016. RUFINO, L. Exú e a Pedagogia das Encruzilhadas. 2017 231f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. SOUZA, K, A.T. Um baque pela ancestralidade: Nação Zamberacatu, pertencimento e construção de um EGBÉ (comunidade) Afro-Potiguar. Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. UFRN, RN, 2022. 259f.

ORÍKÌS EM DIÁSPORA: DIÁLOGOS ENTRE LEDA MARIA MARTINS (2021) E FÉLIX AYOH’OMIDIRE (2020)

Lohana Kárita Teixeira

Resumo: Em “Performances do tempo espiralar – poéticas do corpo-tela”, a poeta, ensaísta, dramaturga e professora Leda Maria Martins desenha um caminho epistemológico negro e africano a respeito do tempo, das oralituras e das performances. Seu ponto de percepção é baseado, especialmente, na cultura bantu, entretanto, perpassa também outras culturas africanas e diaspóricas. O professor e diretor do Instituto de Estudos Culturais da Awolowo University, Ile Ife, Nigéria, Félix Ayoh’OMIDIRE deslinda o amplo campo de ocorrência da cultura yorubá na cultura baiana e apresenta uma primorosa recomposição das oralituras yorubás. Ambos se dedicam ao pensamento acerca das palavras no continente africano e nas Américas. As epistemologias bantu e yorubá são, como explica Makota Valdina Pinto (s.d.), muito mais próximas do que a colonialidade do saber pôde compreender. Aqui, nos interessa primordialmente a leitura que Martins e OMIDIRE fazem dos Oríkìs, como os definem e em quais teias de sentido os relacionam. Essa análise faz parte da minha pesquisa de mestrado, em andamento, intitulada “Oríkìs depois do atlântico: palavra que guarda a memória”, que objetiva evidenciar o conhecimento histórico e cultural presente nas comunidades de matriz africana como forma de combater a pilhagem epistêmica (FREITAS, 2016). Assim, para a reflexão acerca da perspectiva dos dois autores a respeito, de maneira mais específica, dos Oríkìs, e de modo geral, das Oralituras, esta comunicação se baseará nos capítulos: “Poéticas da oralitura” (MARTINS, 2001); “Oralitura em textos poéticos yorubanos I: òjàlá e òrènmòjé” (OMIDIRE, 2000); “Oralitura na poesia yorubana II: Oríkì” (OMIDIRE, 2000), que analisados com base nos conceitos de memória e performance, de acordo com Florentina da Silva Souza (2007).

Referências: AYOH’OMIDIRE, Félix. Yorubaianidade: Oralitura e matriz epistêmica nagô na construção de uma identidade afro-cultural nas Américas. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020. FREITAS, Henrique. O arco e a arkhé: ensaios sobre Literatura e Cultura. Salvador: Ogum’s Toques Negros, 2016. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. SOUZA, Florentina da Silva. Memória e Performance nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

O OUTRO DO OUTRO: A CRÍTICA À SOCIEDADE OCIDENTAL E AS POSSIBILIDADES DE CONVÍVIO REVELADAS PELA PRESENÇA DE PERSONAGENS ‘BRANCOS’ EM NARRATIVAS INDÍGENAS

Marina Almeida Simoes Do Nascimento

Resumo: A partir de uma leitura de As fabulosas fábulas de Iauaretê (2007), do escritor indígena Kaká Werá Jecupé, e de alguns contos do livro Murugawa (2007), do escritor indígena Yaguarê Yamã, analisaremos como as histórias narradas, voltadas para o público juvenil, retratam personagens não-indígenas e o que essas referências revelam sobre o olhar indígena para o mundo ocidental. Nessas representações do “branco”, os dois autores transformam o não-indígena no “outro”, aquele de quem se fala – invertendo, assim, a posição em que os indígenas foram colocados por muito tempo.

Viveiros de Castro, no prefácio ao livro *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, identifica na obra uma “contra-antropologia” (2015, p. 24), por apresentar a voz de um indígena que narra sua cultura para o não-indígena ao mesmo tempo em que analisa o funcionamento da sociedade ocidental. De forma semelhante, nessas obras, podemos perceber como, por meio de alguns personagens, os autores indígenas nos apresentam sua visão sobre o mundo não-indígena – um mundo com o qual mantém estreito contato, ainda que venham de um outro universo cultural. De onde falam, nesse lugar de fronteira entre as duas culturas, suas histórias nos revelam um olhar crítico para essa sociedade. Ao mesmo tempo, parecem vislumbrar um lugar onde a existência do diferente é reconhecida e o convívio é possível.

Referências: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. JECUPÉ, Kaká Werá. *As fabulosas fábulas de Iauaretê*. São Paulo: Peirópolis, 2007. YAMÃ, Yaguarê. *Mur?gawa – Mitos, Contos e Fábulas do povo Maraguá*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENCONTRO DE ÁGUAS UTERINAS: UMA PROSA POÉTICA ENTRE CANÇÕES DE LUEDJI LUNA E POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Mileide Santos Dias

Resumo: A subjetividade negra feminina nos é negada de nossas ancestras às nossas descendentes, fato refletido nas canções e nos textos literários que pejoram e objetificam corpos-mulheres. Todavia, é possível, também a partir desses fazeres artísticos – literatura-canção –, reverter esse processo nadando em direção ao mar de subjetivação. O principal objetivo desse texto é dialogar canções de Luedji Luna com poemas de Conceição Evaristo. Por meio de uma metodologia bibliográfica com caráter qualitativo, escrevemos um convite a um mergulho nas águas da subjetividade negra feminina e suas curvas formadas pela memória ancestral. Intuindo justificar a interface canção-literatura, apresentamos análises de Solange de Oliveira (2002). Como instrumentação teórica, usamos o conceito tempo espiralar da intelectual Leda Maria Martins (2002; 2021a; 2021b) que nos conduz a epistemes poéticas e políticas de saberes, fazeres, performances negras. Recorremos também aos escritos de bell hooks (2019; 2020), bem como aos estudos analíticos e de casos de Neusa Santos Souza (2021) no afã de ancorar o processo de Erguer a voz para Tornar-se negra. Com o intuito de fundir subjetividade negra e música, Ensinaamentos ancestrais africanos da filósofa Sobonfu Somé (2007) são utilizados. Os passeios pelas encruzilhadas e suas equinas epistêmicas ficam a cargo dos ensaios de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018). Desaguamos na seguinte constatação: a representatividade das mulheres pretas em suas produções artísticas/intelectuais apresenta relevância na restituição da subjetividade negra feminina.

Referências: hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Marigolo. São Paulo: Elefante, 2019. MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. 2. ed., rev. E atual. - São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021a. MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021b. MARTINS, Leda Maria. *Performance do tempo espiralar*. In: RAVETTI, Graciele e ARBEX, Márcia (ORG). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG: Poslit, 2002. OLIVEIRA, Solange. *Leituras Intersemióticas: a Contribuição da Melopoética para os Estudos Culturais*. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: NUT, 2001, v. 1, n. 7, p. 291-306. OLIVEIRA, Solange. *Literatura e música: modulações pós-coloniais*. Editora Perspectiva. São Paulo, 2002. SOMÉ, Sobonfu. *Acolhimento espiritual em casa: ensinamentos africanos antigos para celebrar as crianças e a comunidade*. Biblioteca do Novo Mundo, 1999. SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. 2ª edição. Brasília: Edições Kisimbi. 2007. SOUZA, Neuza. *Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983. SIMAS, Luiz Antonio. RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. -1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

LIMA, CAROLINA, CONCEIÇÃO E ALE TRAÇANDO UM CRUZO ENTRE UM BRASIL DOS ESQUECIDOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA BRASILIDADE NEGRA A PARTIR DA ANCESTRALIDADE.

Natália Regina Rocha Serpa

Resumo: Este trabalho pretende discutir como a escrita de Lima Barreto em seu livro *Memórias do escrivo Isaiás Caminha* (1909), Carolina Maria de Jesus em seu livro *Quarto de despejo* (1960), Conceição Evaristo em seu livro *Ponciá Vicêncio* (2003) e Ale Santos em seu livro *O último ancestral* (2021) representam um grito de resistência negra aos apagamentos sistemáticos sofridos pela população negra desde o Brasil imperial, passando pela República velha, atravessando a Nova república e chegando aos dias atuais. A Literatura desses quatro autores é forjada na memória, na mobilização política e ideológica dos marginalizados que habitam um Brasil que não os reconhece como filhos, uma escrita que busca reavivar o passado, trazer à tona e sem edições as memórias dos antepassados às novas gerações. Este trabalho convoca a encruzilhada enquanto epistemologia para analisar escritas negras que se inter cruzam e vão através de um tempo espiralar abrindo novos caminhos para as novas gerações de escritores. É na encruzilhada de Exú que Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus apresentam um Brasil dos que passam fome, uma fome que se assemelha a do orixá da comunicação. Já Conceição Evaristo e Ale Santos colocam suas escritas na encruzilhada para nos alertar sobre a importância da lembrança e os perigos do esquecimento.

Referências: BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Ática, 1997. EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003. 132p. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. OLIVEIRA, E. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007. SANTOS, Ale. *O último ancestral*. HarperCollins Brasil. 2021. SCHWARCZ, L. M. Lima Barreto: triste visionário. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

A LITERATURA AFROFUTURISTA BRASILEIRA: MAPEANDO ESCRITORAS/ES NEGRAS/NEGROS DE FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR NO BRASIL

Raissa Lauana Antunes da Silva

Resumo: Na contramão da história da literatura brasileira como um todo e da especulativa brasileira, que majoritariamente valida uma literatura escrita por um grupo formado por homens, brancos e heterossexual, bem como na proposta de um novo olhar para a literatura negro-brasileira, a tese em execução no programa de Pós-Graduação em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do sul tem por tema a literatura afrofuturista brasileira, ou seja, a literatura especulativa de escritores/escritoras negros/negras no Brasil. Objetivando denunciar um silenciamento gerado pelo racismo, a tese tem por intenção construir uma história da literatura afrofuturista, evidenciando a existência desses escritores na literatura especulativa e a pluralidade temática presente em suas produções para trazê-los a seu devido local dentro da história da literatura brasileira. Para a ABRALIC, serão apresentados os resultados iniciais do trabalho em execução, em conjunto com a construção teórica proposta durante a dissertação de mestrado intitulada “Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica em A parábola do sementeiro, de Octavia Butler” (2022). Este trabalho traz como justificativa maior a desmistificação da literatura especulativa como um espaço não ocupado por pessoas negras e a demarcação desse tipo de literatura escrita por autores/autoras negros/negras como uma literatura especulativa afrofuturista. Construir este projeto é pensar a história da literatura especulativa brasileira e da literatura negro-brasileira, através de uma imagem de presente, de passado e de futuro para além do que está posto.

Referências: AZEVEDO, Álvares. *Noite na taverna*. São Paulo: Atual, 1992. CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil - 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. CUTY, Luiz Silva. *A literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2010. DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Editora Horizonte, Vinhedo & Editora UERJ, Rio de Janeiro, 2012. DERY, Mark (1994). *Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose*. In: *Flame Wars: the discourse of cyberspace*. Durham: Duke University Press,

1994. DELANY, Samuel R. (1984). The necessity of tomorrows. In: Starboard wine: more notes on the language of science fiction. New York: Dragon Press, 1984. DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Vol. 1 – Precursores. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. Fantástico brasileiro: o insólito literário brasileiro do romantismo ao fantasismo. SILVA, Raissa Lauana Antunes da. Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em a parábola do sementeiro, de octavia butler. 2022. 108 f, il. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) — Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. SOUZA, Waldson Gomes de. Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. 2019. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019. WOMACK, Ytasha. Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture. Lawrence. Hill Books: Chicago, 2013.

MERINÁ MACUXI: LITERATURA EM DOIS MUNDOS PARA O CÉU NÃO CAIR

Vanessa Augusta do nascimento Brandão e Costa e Elisabete Sanches Rocha

Resumo: No extremo norte do Brasil, na região étnica chamada circum-Roraima, sobrevive e resiste há mais de 523 anos de colonização o povo Macuxi, uma das mais numerosas etnias de povos originários do Brasil, espalhados pelos campos de Roraima, na fronteira com a Guiana e Venezuela, ao redor do Monte Roraima. Nessas comunidades a literatura se faz por meio dos panton e emerukon (histórias e cantos, respectivamente). São poemas cantados de autoria coletiva, elaborados em tempos imemoriais, partilhados entre Macuxis e outros povos. Por meio de um estudo de caso bibliográfico da obra e vida da anciã indígena Bernaldina José Pedro, a Meriná (seu nome em Macuxi), intérprete desses cantos e autora do livro “Cantos e Encantos Meriná Eremukon” (2019), analisamos a complexidade desse fenômeno literário que envolve dança, rituais, grafismos corporais, indumentárias, com objetivos distintos, passeando desde a cura de doenças do corpo/alma e afastamento de espíritos ruins da comunidade à celebração/comemoração, sendo também instrumento para exaltar a identidade indígena e a comunhão entre pessoas, sejam elas pessoas humanas, pessoas planta, pessoas barro ou pessoas passarinho, num claro movimento do perspectivismo ameríndio desenvolvido por Viveiros de Castro. Esse trabalho tem como objetivo exemplificar o fenômeno literário, aproximando-o da oralitura já descrita por Leda Maria Martins, e analisar sua complexidade que requer o que temos chamado de leitura em dois mundos. Ancorados numa metodologia decolonial, que oferece ferramentas para um pensar epistêmico autônomo, abalizado na cosmologia dos povos indígenas do circum-Roraima, constatou-se que além de vó Bernaldina, que virou encantado em 2021 na pandemia de Covid-19, existem e resistem outras autoras/intérpretes indígenas dotadas de uma vontade de potência singular, as quais seguem produzindo e “não deixando o céu cair” (Kopenawa, 2015), além de muito poderem contribuir para o alargamento do que chamamos de cânone da literatura brasileira.

Referências: MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. n.26, Santa Maria, jun.2003, p. 63-81 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar, [S.l.], v. 14, n. 18, p. 225-254, sep. 2004. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/197>>. Acesso em: 13 aug. 2021. FIOROTTI, Devair Antônio e PEDRO, Bernaldina José. Cantos e Encantos Meriná Eremukon. 2. Ed. São Paulo: Patuá; Boa Vista: Wei, 2019. 104p. Almeida, Maria Inês de. Ensaios sobre a literatura indígena contemporânea no Brasil. 1999. 241 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.

SIMPÓSIO “REFLEXÕES EM TORNO DA POESIA PERFORMÁTICA”

Gisele Giandoni Wolkoff (UFF) e John Milton (USP)

O INFRAORDINÁRIO DE MARÍLIA GARCIA

Leonardo Cavalcante Mendes

Resumo: Esta comunicação pretende explorar o emprego do infraordinário na obra da poeta contemporânea Marília Garcia. Este conceito, concebido pelo escritor francês Georges Perec (1936-1982), visa propor uma reflexão sobre os acontecimentos que nos rodeiam e que, por parecerem banais, não prestamos atenção. Assim, o infraordinário propõe pensar o que realmente acontece quando nada mais parece acontecer, olhar com atenção para o habitual e ouvir o ruído de fundo que está presente em nosso cotidiano. Levados por esse fio condutor, veremos como a poesia de Marília Garcia, que muitas vezes parte de apresentações ao vivo, e é pensada para ser lida em voz alta para um público, ganha concretude em versos repletos de detalhes como nomes de pessoas, datas cronológicas e cenários geográficos. O foco desta comunicação está nos livros *Câmera lenta* (2017) e *Parque das ruínas* (2018). No primeiro, a poeta propõe um exercício de desautomatização, desacelerando e lançando um olhar para tudo que parece mecânico e inconsciente em nossa vida, falando sobre as coisas pequenas que a preenchem o tempo todo, mas que não prestamos atenção. Já no segundo, a escritora narra o nascimento e o desenvolvimento do poema, que começou após uma visita ao museu Chácara do Céu, o que serve como ponto de partida para reflexões e memórias em páginas ocupadas por imagens, como fotos de viagens, retratos de família, fotogramas de filmes e cartas de parentes. Nesses documentos reais, vemos a ação do tempo nas pessoas e nos espaços. Dessa forma, desejamos mostrar como, por meio de um jeito próprio, que só cabe à poesia, a narração de Garcia nos convida a observar ao redor com atenção e perceber um outro mundo.

Referências: GARCIA, Marília. *Câmera lenta*. 1a edição. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017. GARCIA, Marília. *Parque das ruínas*. São Paulo, SP: Luna Parque, 2018. PEREC, Georges. *Tentative de description d'un programme de travail pour les années à venir*. In: *Cahiers Georges Perec 1: Colloque de Cerisy* (juillet 1984). Paris: P.O.L, 1985, p. 323–328. PEREC, Georges. *Penser/Classer*. Paris: Seuil, 2003.

MOVIMENTO POPULAR E HISTÓRICO DE CANUDOS: POÉTICAS ORAIS DA CULTURA POPULAR REPRESENTADA NAS MÚSICAS DO PADRE ENOQUE OLIVEIRA

Lucicleide Guimarães Ribeiro

Resumo: Trata-se de uma arqueologia das poéticas orais na cultura popular, com destaque para as músicas compostas pelo Padre Enoque Oliveira como instrumentos intermediários da voz do povo camponês do Movimento Popular e Histórico de Canudos no enfrentamento aos critérios impostos pelos poderes dominantes. O objetivo geral é investigar os impactos dessas músicas nas estratégias de resistência dos povos camponeses frente à barbárie, bem como demonstrar a representatividade histórica, política e religiosa por meio das poéticas orais na cultura popular presentes nas canções do Padre Enoque Oliveira. Diante dessa problemática, torna-se necessário analisar as músicas compostas pelo Padre Enoque Oliveira, bem como fazer uma revisão bibliográfica à luz de Zumthor (1997), Oliveira (1997), Costa (2018), (Santos, 2016), (Ferreira, 2007), entre outros. Como resultado, foram identificadas as representações históricas, políticas e religiosas no Movimento Popular e Histórico de Canudos por meio da semiótica da poética oral e da simbologia poética nas canções como movimento de transgressão aos enquadramentos, possibilitando a performance do grito pela libertação e demarcação de espaços de resistência do povo camponês. Sem este trabalho de entender as estratégias de resistência da luta camponesa não é possível inventar novos roteiros de luta, novas formas de organização em direção a transformação social.

Referências: COSTA, Edil Silva. *Vozes, performances e arquivos de saberes*/ Organizado por Edil Silva Costa, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Nerivaldo Alves Araújo. – Salvador: Eduneb, 2018. Ferreira, J. P. (2007). O universo conceitual de Paul Zumthor no Brasil. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (45), 141-152. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i45p141-152>

OLIVEIRA, Enoque José de. Movimento histórico de Canudos. Revista Canudos - Salvador, UNEB. v. 2n.2, 1997. SANTOS, Osmar Moreira dos. A luta desarmada dos subalternos / Osmar Moreira dos Santos. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016 ZUMTHOR, Paul. A Performance. In: Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.

O CASO GREGÓRIO DE MATOS E A IMPORTÂNCIA DA VOZ

Patricia Bastos

Resumo: Sabendo que Gregório de Matos não deixou obra publicada em vida e que não se conhece nenhum texto autógrafo do poeta – seus poemas foram compilados em códices manuscritos, sem critérios normativos, por copistas dos séculos XVII e XVIII –, essa comunicação pretende discutir a maneira através da qual essa matéria poética circulou no interior da colônia brasileira seiscentista – revelando tamanha força e expressividade –, ao ponto de se fazer presente ainda nos dias de hoje. Outra pergunta que interessa a esse estudo diz respeito não apenas à circulação de sua obra (isto é, o suporte físico, a maneira pela qual a mensagem chegava ao interlocutor) como em que circunstâncias, sociais e culturais, ela foi produzida; considerando a influência da voz nessa organização social, a importância que lhe era atribuída e as ocasiões que favoreciam o seu uso. O fato de a poesia gregoriana, especialmente a satírica, estar relacionada ao exercício da oralidade levanta outra questão cara a esse texto. O Brasil parece ter sido, durante muitos anos após Gregório de Matos, solo fértil para esse tipo de produção. Prova disso é a chegada do cordel no final do século XVIII. Produto cultural de origem europeia, os cordéis se desenvolveram principalmente no Nordeste, “assim como outras manifestações culturais reunidas sob a rubrica Literatura oral – podendo ser transmitidos por processos não gráficos”. Em História social da música brasileira, José Ramos Tinhorão discute a relação da poesia satírica atribuída a Gregório de Matos com cantigas no Recôncavo baiano, a aproximação sugerida soma a esse ensaio alguns outros prováveis fatores que possibilitam pensar a poesia gregoriana como uma matéria poética estritamente associada à voz. Logo, essa abordagem dialoga com possíveis influências relacionadas às artes retórico-poéticas vigentes na sociedade luso-brasileira e a utilização dos recursos musicais, discursivos/performativos na elaboração da matéria poética tratada.

Referências: CARVALHO, Maria do Socorro F. de. Poesia de agudeza em Portugal. São Paulo: Humanitas Editorial, Edusp, Fapesp, 2007. DIMAS, Antonio. Gregório de Matos Guerra ao português. In: SCHWARZ, R. (Org). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983. HANSEN, João Adolfo. A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. HANSEN, João Adolfo. Categorias epidíticas da ekphrasis. Revista USP, São Paulo, nº71, p.85-105, setembro-novembro, 2006. Disponível em: <https://www.revista.usp.br> MATOS, Gregório de. Poemas atribuídos: Códice Asensio-Cunha, volume III/ João Adolfo Hansen, Marcello Moreira [edição e estudo]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. OLIVEIRA, Ana Lúcia de. Configurações da persona satírica na “musa praguejadora” atribuída a Gregório de Matos. In: MACHADO, Lino; SODRÉ, Paulo R.; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). Pessoa, persona, personagem. Vitória: ed. PPGL/ UFES, 2010, p.15-31. SALLES, Vicente. Repente e cordel: Literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985. TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular Brasileira. São Paulo: ed. 34, 2010. ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

A PERFORMANCE POÉTICA DE STELLA DO PATROCÍNIO CRUZADA PELA ANCESTRALIDADE AFRO-BRASILEIRA

Thatiane dos Santos Hecht Cordeiro

Resumo: A experiência poética singular de Stella do Patrocínio, considerando sua voz e uma escrita advinda de sua voz, suscita o entendimento de Leda Maria Martins em “Performances do Tempo Expiralar, Poéticas do Corpo Tela” (2021, p.15) acerca de uma perspectiva epistemológica da relação

corporal performática com o tempo, em que os nossos gestos, falas, modos, tudo o que somos e “o modo como somos” são cosmopercepções que nos constituem, o que nos ajuda a pensar na linguagem performática de Stella e seus múltiplos cruzamentos com sua ancestralidade; Leda traz contribuições cruciais acerca disso, uma delas é afirmar que a parcela majoritária dos povos africanos se origina de regiões que não tinham a letra manuscrita ou impressa como forma de expressão dos saberes (p.17), traço esse que há de se considerar que cruza o corpo de Stella e se manifesta em sua expressão performática: o falatório; ainda que ela também escrevesse em fragmentos de papelão até hoje não encontrados, o seu falatório possui potência de se reconfigurar além de épocas e além de si mesma. A ancestralidade afro-brasileira que atravessa a performance da artista, reverbera os movimentos da memória, da identidade enquanto mulher negra, periférica e vítima de um sistema repressivo manicomial dois antes antes da ditadura militar até o fim de sua vida, além da simultaneidade entre passado, presente e futuro. “Eu não tenho que enfrentar nada / Eu tenho que enfrentar a violência / A brutalidade e a grosseria / E ir à luta pelo pão de cada dia” (p.122), um dos versos de Stella que nos remete também à obra “Interseccionalidade” de Cátia Akotirene, que possui um olhar epistemológico sobre o atravessamento hereditário colonial em ser obrigada a tudo aguentar e suportar (2019, p.16), trazendo à tona especificidades que distinguem, inclusive, o feminismo negro do branco.

Referências: AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade / Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984. HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, v5, pp. 07-41, 1995. MARTINS, Leda Maria. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, n°26, p.63-81. Ochy Curiel, in Heloisa Buarque de Hollanda (org.). Pensamento Feminista hoje. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. PATROCÍNIO, Stela. Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome. Organização: Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

EIXO 6

Relações interartes,
redes virtuais, metaversos



SIMPÓSIO “A SOBREVIVÊNCIA DA NINFA NA ERA DAS REDES (NO CONTEXTO DA CULTURA E DA ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA)”

Adolfo Cifuentes (UFMG) e Daniela Queiroz Campos (UFSC)

PELE DO JAGUAR, RAPOSA FALANTE: ONDE USA-SE DE SORTILÉGIOS DA SEMELHANÇA PARA ACORDAR OS DEUSES QUE DORMEM NAS IMAGENS OU “TODA CRIATURA DO MUNDO/ É PARA NÓS/ COMO LIVRO E IMAGEM E ESPELHO”

Adriana de Castro Dias Bicalho

Resumo: Para ler o Grande Livro da Natureza era preciso encontrar as projeções do macrocosmo no microcosmo e as assinaturas divinas através das formas principais da semelhança. O modo de saber germinado pela semelhança pouco distinguia imagens, signos e criaturas – tudo era contínuo na grande caixa catóptrica do mundo. Mas quando as diferenças e a fragmentação enraízam-se como fundamento do saber, as assinaturas mágicas parecem submergir, são deslocadas de sua função e a natureza não é mais o livro divino, mas um mecanismo. O saber fundado na semelhança não foi no entanto banido e manifestou-se de maneiras imprevisíveis como detectou Giorgio Agamben, inclusive nos seus próprios procedimentos, e também nos do historiador da cultura Aby Warburg (1866-1929). O Atlas Mnemosyne de Aby Warburg é, para Agamben, um procedimento quase mágico para perscrutar as assinaturas das imagens. Na recuperação daquilo que chamou de “espaço pensamento da reflexão entre si mesmo e o objeto”, Warburg parece usar de antigos sortilégios do mundo das semelhanças como o teatro da memória e as assinaturas divinas, que então se manifestarão como arena e Atlas. Para evocar esses procedimentos, convida-se o leitor a observar a Prancha 03 do Atlas Mnemosyne, onde a Artêmis Efesina (120-140 d.C.) rege um cortejo de deuses híbridos e mapas para a orientação no mundo. Na presente pesquisa, o Emblema CLXXXII (1608) de Andrea Alciato, a raposa falante, personagem do filme Anticristo (2009), de Lars von Trier e o o jaguar do conto A escrita do Deus (1949) de Jorge Luis Borges engendram um sortilégio emblemático para abrir o que Robert Fludd (1574-1637) descreveu como Oculus Imaginationes, ou olho da imaginação. É no exercício desse órgão umbrático que o artista ou o “arqueólogo das assinaturas” pode recriar ou relembrar a mundi figura e despertar as antigas potências que jazem dormentes nas imagens.

Referências: ABRAHAM, Lyndy. A Dictionary of Alchemical Imagery. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. AGAMBEN, Giorgio. The Signature of All Things: On Method. New York: Zone Books, 2009. ALCIATO, Andrea. Emblematum libellus. Paris: Chrestien Wechel, 1534. Disponível em: <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/books.php?id=A34b&o=>. Acesso em: 10 out. 2021. ALCIATO, Andrea. Emblemata. Lyons: Macé Bonhomme for Guillaume Rouille, 1550. Disponível em: http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm265_a1r. Acesso em: 10 out. 2021. ALCIATO, Andrea. Emblemata. Leiden: Claude Mignault, 1608. Disponível em: https://archive.org/details/emblemata00alci_1. Acesso em: 10 out. 2021. ALCIATO, Andrea; DALY, Peter (Org.). Andreas Alciatus Index Emblematicus. 2 v. Toronto: University of Toronto Press, 1985. ALCIATO, Andrea; MOFFITT, John F. A Book of Emblems: The Emblematum Liber in Latin and English. Trad. John F. Moffitt. Jefferson: Mcfarland & Company, 2004. ANTICHRIST. Direção: Lars von Trier. Alemanha: Zentropa Entertainment, 2009. 1 DVD (96 min.), sonoro, colorido, legendado. BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996. BERTOZZI, Marco. “Un rapido schizzo in forma sferica”: Aby Warburg e lo schema del ciclo astrologico di Palazzo Schifanoia. engramma, [s. l.], set./out. 2012. Disponível em: http://www.engramma.it/eOS/index.php?id_articolo=1137. Acesso em: 10 out. 2021. BICALHO, Adriana de Castro Dias. Das criaturas-imagem emblemáticas e inquietantes: a Bibliotheca, o Teatro e as Histórias Preternaturais. 2018. 266f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. BORGES, Jorge Luis. Obras completas I. Rio de Janeiro: Globo, 2000. BREDEKAMP, Horst; DIERS, Michael. Prefácio à edição de estudos, 1998. In: WARBURG, Aby. A renovação da antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013. p. xvii-xxxvii. CHECA, Fernando. La Biblioteca de Aby Warburg: “orientación” para la mente y “arena” para la Historia del Arte. In: SETTIS, Salvatore. Warburg Continuatus: Descripción de una biblioteca. Barcelona: Ediciones

de La Central, 2010. p. 07-23. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. COPENHAVER. Natural Magic, Hermetism and Occultism in Early Modern Science. In: LINDBERG, David C.; WESTMAN, Robert S. Reappraisals of the Scientific Revolution. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 261-302. CURTIUS, Ernst Robert. European Literature and The Latin Middle Ages. Princeton: Princeton University Press, 2013. DALY, Peter. Literature in The Light of The Emblem. Toronto: University of Toronto Press, 1998. EDSON, Gary. Mysticism and Alchemy Through the Ages: The Quest for Transformation. North Carolina: McFarland & Company Inc., Publishers, 2012. FICINO, Marcilio. Three Books on Life. Trad. Carol V. Kaske; John R. Clarke. Tempe, Arizona: Arizona Board of Regents for Arizona State University, 1998. FLUDD, Robert. Tomus secundus de supernaturali, naturali, praeternaturali et contranaturali. Microcosmi historia in tractatus tres distributa. Volume 2. Oppenheimii: Aere Johan-Theodori de Bry: Typis Hieronymi Galleri, 1619. Disponível em: <https://archive.org/details/utriusquecosmima02flud>. Acesso em: 10 out. 2021. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2002. GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GIROIRE, Cécile; ROGER, Daniel. Roman Art from The Louvre. Manchester: Hudson Hills Press, 2009. GRIMAL, Pierre. Dicionário da mitologia grega e romana. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. MANNING, John. The Emblem. London: Reaktion Books, 2002. MICHAUD, Philippe-Alain. Aby Warburg e a imagem em movimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. NEWMAN, William R. Promethean Ambitions: Alchemy and The Quest to Perfect Nature. Chicago: University of Chicago Press, 2004. NEWTON, Isaac; NEWMAN, William R. (ed.). Keynes MS. 28. In: NEWTON, Isaac; NEWMAN, William R. (ed.). The chymistry of Isaac Newton. Bloomington: Indiana University, 2010. Disponível em: <http://purl.dlib.indiana.edu/iudl/newton/ALCH00017>. Acesso em: 10 out. 2021. NIELSEN, Marjatta. Diana Efesia Multimammia: The Metamorphoses of a Pagan Goddess From The Renaissance to The Age of Neo-Classicism. In: FISCHER-HANSEN, Tobias; POULSEN, Birte. From Artemis to Diana: The Goddess of Man And Beast. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2009. p. 455-496. PARACELSUS. The Hermetic and Alchemical Writings of Aureolus Philippus Theophrastus Bombast, of Hohenheim, Called Paracelsus The Great: Now for The First Time Faithfully Translated Into English. Volume I. Trad. Arthur Edgar Waite. London: James Elliot and Co., 1894. PARACELSUS. Paracelsus: Selected Writings. Trad. Jolande Jacobi; Norbert Guterman. New York, Pantheon Books, 1958. PLANISPHERIUM (or Tabula) Bianchini. The New York Public Library, The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Picture Collection, 1822. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e2-d3cd-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acesso em: 10 out. 2021. PRISKIN, Gyula. The Dendera Zodiacs as Narratives of The Myth of Osiris, Isis, and The Child Horus. ENIM 8, [s. l.], p. 133-185, 2015. Disponível em: <http://www.enim-egyptologie.fr/index.php?page=enim-8&n=9>. Acesso em: 10 out. 2021. STARK, Ryan J. Rhetoric, Science & Magic in Seventeenth Century England. Washington: The Catholic University of American Press, 2009. TUNG, Mason. Variorum edition of Alciato. Alciato at Glasgow, [s. l.], 2010. Disponível em: <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/tung-variorum.php>. Acesso em: 10 out. 2021. WARBURG, Aby. Atlas Mnemosyne. Madrid: Ediciones Akal, 2010. WARBURG, Aby. Mnemosyne Atlas 3. engramma, [s. l.], 2012. Disponível em: http://www.engramma.it/eOS/core/frontend/eos_atlas_index.php?id_tavola=1003. Acesso em: 10 out. 2021. WARBURG, Aby. A renovação da antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013. WARBURG, Aby. Histórias de fantasma para gente grande. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. WEST-PAVLOV, Russell. Bodies and Their Spaces: System, Crisis and Transformation in Early Modern Theatre. Amsterdam: Editions Rodopi, 2006. YATES, Frances Amelia. Giordano Bruno e a tradição hermética. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

BOCAS GLUTONAS X BOCAS INTERDITADAS: POR UMA POLÍTICA DAS AFINIDADES

Juliana Andrade de Lacerda e Adolfo Cifuentes

Resumo: A partir de dois conjuntos de imagens provenientes de diversos artistas, períodos e contextos, destacando, no entanto, os trabalhos das artistas brasileiras contemporâneas Berna Reale

e Rosane Paulino, esta comunicação propõe analisar dois agrupamentos: o primeiro entre um conjunto de bocas castigadas, interdidas e silenciadas, e o segundo entre um conjunto de imagens de bocas devoradoras e glotonas. A proposta tem como cerne as pesquisas do historiador e filósofo Georges Didi-Huberman sobre a natureza dos Tempos da história da arte e os diálogos que se estabelecem entre as imagens. A historiografia acadêmica constituiu essas afinidades a partir da noção de estilo, como conjunto de características formais e de conteúdo que identificam um determinado período, movimento ou artista, e que evoluem e se modificam a partir de diversos fenômenos sociais, históricos e econômicos. Em contraposição a essa sequência linear, construída no contexto do pensamento historicista do século XIX, Didi-Huberman tem focado uma parte importante da sua pesquisa no trabalho do historiador Aby Warburg no Atlas Mnemosyne e em seu dispositivo metodológico de criação de afinidades e diálogos entre imagens que, para além da geografia e das periodizações acadêmicas, são ao mesmo tempo gestuais, temáticas, formais, emotivas e pulsionais. Propomos assim, montar painéis dessas imagens à maneira de Warburg, essas imagens podem ser pinçadas em diversas obras de vários artistas em períodos distintos, principalmente de Berna Reale e Rosana Paulino.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Ninfas. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Hedra, Coleção Bienal, 2012. BARREIRO ON-LINE. Festa – Berna Reale chega ao Barreiro. Barreiro On-line, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://barreironline.com.br/cultura/festa-berna-reale-chega-ao-barreiro/>. Acesso em: 11 ago. 2022. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232. (Obras Escolhidas, 1.) BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de Assembleia. Tradução de Fernando Siqueira Niguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas. Cómo llevar el mundo a cuestas? Madrid: Reina Sofía, 2010. DIDI-HUBERMAN, Georges. Ninfa Fuida: Essai sur le drapé-desir. Paris: Éditions Gallimard, 2015a. DIDI-HUBERMAN, Georges. Ninfa moderna: Tradução de António Preto. Lisboa: KKYM, 2016a. DIDI-HUBERMAN, Georges. Levantes. Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Eric R.R. Heneault, Jorge Bastos, Mariza Perassi Bosco, São Paulo: Edições Sesc, 2017a. HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: E. ALLIEZ (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. HERKENHOFF, Paulo. Mulheres do presente, a clareza entre sombras. Brasília: Ministério da Cultura, 2016. REALE BERNA. Reale Berna. [s.l.] [s. d.]. Disponível em <https://bernareale.wordpress.com/>. Acesso 3 set. 2020. WARBURG, Aby. A Renovação da Antiguidade pagã: Contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. WARBURG, Aby. A Ninfa: uma troca de cartas entre André Jolles e Aby Warburg. In: Warburg, Aby. A presença do antigo. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. WARBURG, Aby. Atlas Mnemosyne. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2010.

A IMAGEM DA NINFA E A TRANSPOSIÇÃO DE SABERES DOS MITOS DA ANTIGUIDADE NA LITERATURA INFANTIL.

Lion Santiago Tosta

Resumo: Em vista das grandes transformações presentes na literatura infantil, é notável que esse gênero da literatura tem um papel fundamental no processo de transposição de saberes presentes nas mais diversas culturas. Considerando a plasticidade dos procedimentos artísticos presentes na literatura infantil, a montagem (DIDI-HUBERMAN, 2017, 2018) se popularizou e se tornou um elemento fundamental de análise e criação deste objeto literário (LINDEN, 2010). Assim, é notável que pela montagem os artistas da literatura infantil criam um modo de sobrevivência das imagens a partir dos gestos visuais (JUNIOR e WULF, 2014), presentes na composição das ilustrações em sua pictorialidade - transpondo um modo de perpetuação de saberes que se sobrevive em suas narrativa. Logo, essa comunicação pretende apresentar e discutir o modo como as ilustrações da literatura infantil montam e remontam elementos literários em uma linguagem que preserva aspectos fundamentais das narrativas dos povos da antiguidade (WARBURG, 2015). O corpus a ser analisado será o livro O Túnel (BROWNE, 2014), que narra a história de dois irmãos que diante de um conflito afetivo realizam um processo catabasé similar ao mito de Orfeu e Eurídice (OVÍDIO, 2004), revelando

a imagem da ninfa errante (AGAMBEN, 2012) que sobrevive e foge das imagens que provocam transtornos fobicos gerados pelo imaginário, assim como outros elementos de similaridade com narrativa do mito, mas transposto como outra natureza narrativa pertinente ao contemporâneo.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Ninfas. Trad. Renato Ambrósio. São Paulo: Hedra, 2012. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção. Trad. Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Org. Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. BROWNE, Anthony. O túnel. Trad. Clarice Duque Estrada. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014. DIDI-HUBERMAN, Georges. O Olho da História, I. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. DIDI-HUBERMAN, Georges. O olho da história, II. Trad. Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. LINDEN, Sophie Van der. Páginas e espaços do livro. In: Para ler o livro ilustrado. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011. JUNIOR, Baitello, WULF, Cristoph. Emoção e Imaginação: os sentidos e as imagens em movimento. São Paulo: estação das letras e cores, 2014. OVÍDIO. Metamorfoses. Lisboa: Livros Cotovia e Paulo Farmhouse, 2014. WULF, Christoph. Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Trad. Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013. WARBURG, Aby. História de fantasmas para gente grande: escritos, esboços e conferências. Org. Leopoldo Waizbort. Trad. Lenin Bicudo Bárbara. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

UMA NINFA SEGUNDO JOÃO PAULO BORGES COELHO

Marlon Augusto Barbosa

Resumo: Essa comunicação pretende partir de algumas considerações sobre o afresco intitulado "O nascimento de São Joao Batista", de Domenico Ghirlandaio, para pensar a aparição, apresentação, representação da personagem Maria Ernestina no conto "Maria Ernestina e as quatro senhoras" – uma das "Quatro histórias" de João Paulo Borges Coelho publicadas pela Editora Kapulana. Com Maria Ernestina, Borges Coelho soube inserir um sintoma (uma ferida) nas margens de um conto, desviando os nossos olhos, para contar uma outra história. Maria Ernestina, como um corpo estranho cravado no tecido da história, aproximada de uma das servas que aparecem no afresco de Ghirlandaio, seguindo as considerações de Georges Didi-Huberman em "Ao Passo Ligeiro da Serva: Saber das imagens, saber excêntrico", "torna-se uma citação crítica", "algo como um inconsciente da representação e da história" – em outras palavras, um "fóssil fugaz" que atravessa o espaço figurativo do conto e da História como um acidente, fraturando toda suposta unidade da cena narrada – inserindo um outro tempo ao tempo da narrativa. Diz o narrador na abertura da história: "A princípio, olhamos a fotografia e não reparamos nela". O objetivo da comunicação é, portanto, a partir do diálogo entre o afresco e o conto, mostrar como o narrador constrói a imagem de uma Ninfa.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Ninfas. São Paulo: Hedra, 2012. COELHO, João Paulo Borges. Quatro histórias. São Paulo: Kapulana, 2021. DIDI-HUBERMAN, Georges. Ninfa moderna. Lisboa: KKYM, 2016. FREUD, Sigmund. "Construções em análise". Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. WARBURG, Aby. A presença do antigo. Organização, introdução e tradução de Cássio Fernandes. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

"URGÊNCIA DE UM CORPO LIVRE DO SEU ENREDO": A NINFA E O TEMPO NA POESIA DE TATIANA FAIA

Mônica Genelhu Fagundes

Resumo: Nos anos 40, Helena de Tróia ouve Django Reinhardt num café em Paris, enquanto espera pelo dilúvio: assim Tatiana Faia descreve a cena de abertura de um livro que gostaria de escrever. Estudiosa da cultura clássica, autora de uma tese de doutorado em literatura grega antiga – precisamente um estudo sobre personagens da Ilíada de Homero –, Tatiana publicou cinco livros de poesia e um de contos, e é uma das criadoras do projeto Enfermaria6, que edita, sobretudo em meio virtual, a escrita de novos autores portugueses e brasileiros. Nas suas entrevistas, nos seus ensaios e na sua poesia, é recorrente a alusão a figuras e temas clássicos, bem como o interesse por

migrações e modos de sobrevivência desses elementos na cultura de todos os tempos, mas principalmente na literatura moderna e contemporânea. A Ninfa warburguiana atravessa a sua obra poética, percebida pelo olhar atento e algo voyeurístico de uma poeta-flâneuse (ela própria inscrevendo-se muitas vezes em movimento), sendo vislumbrada de formas tão diversas como uma mulher que ajusta as correias das sandálias a meio do corredor de um aeroporto; a segunda mulher de um escritor que esteve sempre à sua margem, na vida e no nome, como na sepultura a um canto de jardim; a filha de Agamémnon que já migrara da Grécia épica à Albânia do romance de Ismail Kadaré e daí chega ao poema de Tatiana para fazer “[...] entender que pode ser um erro gracioso / a conclusão mais lógica de um passo”; e mesmo o leopardo e a abstração, que, trasladados de um verso de Hilda Hilst, nomeiam e assinalam um livro publicado em 2020. Seguindo essas figuras, buscaremos compreender a consciência aguda do tempo que encarnam, numa poesia que parece especialmente preocupada com a sua passagem e os seus atravessamentos.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *Ninfas*. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Hedra, 2012. BARBOSA, Marlon Augusto. Os usos do sintoma. In: Lacuna. Revista de Psicanálise. n. 13. Agosto de 2022. BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. (Obras escolhidas 3). Trad. José Carlos Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994. BENJAMIN, Walter. Passagens. Org. Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2006. CAMPOS, Daniela Queiroz. A Ninfa como personagem teórica de Aby Warburg. In: Modos. Revista de História da Arte. Campinas, v. 4, n. 3, p. 225-245, set. 2020. <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4567>? CIXOUS, Hélène. *Stigmata*. Londres; Nova York: Routledge, 2005. CUERVAS-DEL BARRIO, Javier. Gradiva y la Ninfa: afinidades epistemológicas entre la historia del arte y la teoría psicoanalítica. In: Arte, individuo y sociedad. Universidad Complutense de Madrid, vol. 30, n. 2, p. 343-359. 2018. <https://revistas.ucm.es/index.php/ARIS/article/view/57221/4564456546926> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ninfa moderna*. Essai sur le drapé tombé. Paris: Gallimard, 2002. DIDI-HUBERMAN, Georges. “Ao passo ligeiro da serva (Saber das imagens, saber exce?ntrico)”. *Ymago*. Trad. R.C. Botelho e R.P. Cabral. Lisboa: KKYM, 2011. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Aperçues*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2018. ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo, 2022. Enfermaria6. <http://www.enfermaria6.com> FAIA, Tatiana. Um quarto em Atenas. Belo Horizonte: Macondo, 2019. FAIA, Tatiana. *Leopardo e Abstracção*. Lisboa: Fresca, 2020. FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: . Obras completas de Sigmund Freud IX. Trad. José Octavio Aguiar de Abreu e Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-88. GROS, Frédéric. Caminhar: uma filosofia. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2021. JENSEN, Wilhelm. Gradiva. Uma fantasia pompeiana. Trad. Ângela Melim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. ROQUE, Maura Voltarelli. Amar, depois de perder. Uma poética da Ninfa. Campinas, SP: Ofícios terrestres, 2021. SACCO, Daniela. Ninfa e Gradiva: dalla percezione individuale ala memoria storica soprapersonale. In: Cahiers d’Études italiennes. Université Grenoble Alpes, n. 23, p. 45-60. 2016. <https://journals.openedition.org/cei/3080> WARBURG, Aby. A Presença do Antigo. Escritos inéditos – volume 1. Org e Trad. Cássio Fernandes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

LA NINFA DE METAL OU O PATHOSFORMEL DE ARCA, EM KICK.

Rafael Macário De Lima

Resumo: “É verdade que são todas mulheres, mas não mijam”, a máxima de Boccaccio, utilizada por Agamben, como epígrafe do livro/ensaio “Ninfas” sinaliza o uso que o filósofo irá propor durante sua argumentação, ou seja, acerca da (i)materialidade da Ninfa: um ser real, todavia que transcende as noções tácitas e modulares do que uma realidade requer, consequentemente, torna-se um ser que navega pela espiral dos tempos como um fantasma da cultura. Seguindo uma perspectiva Warburguiana, a Ninfa é um aspecto presente, permanentemente, na história da arte: uma familiaridade. A ciência sem nome, de Warburg, impele que pensemos a arte e, consequentemente, a Ninfa, como uma catedral de gestos e elementos que serão repetidos e ressemantizados dentro da espiral do tempo. Dessa maneira, proponho a construção de uma prancha, pensando um Atlas

Warbuguiano coletivo com uma proposta digital e contemporânea, no qual haverá a iconografia da artista visual venezuelana Arca, como um elemento central de uma Ninfa contemporânea. Portanto, o ensaio e prancha estarão pautados na presença, ou familiaridades, da Ninfa nos trabalhos da Arca principalmente na iconografia que há no seu projeto “KiCk”, que é marcado pela presença da Ninfa dentro do escopo visual: clipes, fotografias, ensaios para revistas e as letras das canções. Assertivamente Arca estiliza a noção de Ninfa, como também, uma noção de gênero e beleza clássica, ao mesmo passo que traz o gestuário familiar da Ninfa, agregando, dessa maneira, um padrão de gestos: uma decomposição futurista que há no ato de ressemantizar. Há na iconografia de Arca uma estranheza contemporânea, tal como um quadro de Bosch esteve para o século XVI. Por intermédio dessa prancha/ensaio, será estabelecida uma noção dos rastros mnemônicos da Ninfa: um pathosformel. A sobrevivência de uma imagem fundamental para a cultura ocidental.

Referências: BATAILLE, Georges. As Lágrimas de Eros. 2ª Edição. Portugal: Sistema Solar, 2015 BATAILLE, Georges. O erotismo. 1ª Edição. São Paulo: Editora Autêntica, 2014 BARTHES, Roland. Sade, Fourier, Loyola. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005. BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 2ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. BLANCHOT, Maurice. Lautrámont and Sade. 1ª Edição. Los Angeles, California: Stanford University Press, 2004. CALAME, Claude. Eros na Grécia Antiga. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013 CALASSO, Roberto. Literatura e os Deuses. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. DELEUZE, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009 DIDI-HUBERMAN, G. A imagem sobrevivente: Histórias da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg: 1,ed. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013 DIDI-HUBERMAN, G. (2012). Quando as imagens tocam o real. Pós: Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Artes da EBA/UFMG, 2(4), 206-219. Recuperado de: <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60> MORAES, Eliane R. Traços de Eros, in: O Erotismo, de Bataille, São Paulo: Autêntica, 2015 NIETZSCHE, FRIEDRICH. O nascimento da Tragédia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. WARBURG, Aby. Histórias de Fantasmas para gente Grande. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. WAIZBORT, Leopoldo. Apresentação. In: WARBURG, Aby. Histórias de Fantasmas para gente Grande. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. WIND. Edgard. Sobre uma recente biografia de Warburg. In: WARBURG, Aby. A Presença do Antigo – Escritos Inéditos. 1ª Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

SIMPÓSIO “ARQUIVO E INACABAMENTO: ESCRITAS LACUNARES E PENSADORES/AS CATADORES/AS”

Aline Leal Fernandes Barbosa (PUC-Rio), Natalie Souza de Araujo Lima (UFF) e Paloma Vidal (UNIFESP)

O GLOSSÁRIO TEOSÓFICO DE MADAME BLAVATSKY NA BIBLIOTECA DE HILDA HILST

Aline Leal Fernandes Barbosa

Resumo: No ensaio “ler para escrever”, Almuth Gressillón examina notas de leitura de Flaubert feitas tendo em vista um projeto de escrita para analisar como este leitor especializado orienta e finaliza, digere e transforma as suas leituras. Para pensar a figura do leitor-scriptor e uma cena de leitura moldada por um projeto e refletir sobre a biblioteca de um escritor e os traços deixados e conservados como patrimônio cultural, visitamos a biblioteca da escritora Hilda Hilst na Casa do Sol e focalizamos uma seção que ali se destaca: livros sobre ufologia, paranormalidade, santos e milagres. É expressivo o número de exemplares e a quantidade de grifos que formam a marginália deste acervo, porém não surpreendem se observamos a centralidade da temática mística em sua obra publicada e adjacências: as entrevistas, a participação no debate público e a célebre experiência de transcomunicação, que constituem o que podemos chamar de performance global hilstiana. Para esta comunicação, vamos investigar as páginas d’ O glossário teosófico, de Madame Blavatsky, escritora russa fundadora da teosofia, doutrina filosófica mística e ocultista, em que HH grifou alguns

nomes de personagens de novelas hilstianas, entre eles: Hillé, Kadosh, Samsara, e temáticas importantes de sua obra: morte, reencarnação, segunda morte. Pescados de um glossário, os nomes de batismo ganham, nas respectivas obras, referência, densidade e repertório, instigando uma leitura guiada por estes eixos. Para além do estudo de caso, este trabalho pretende testar maneiras de se aproximar da biblioteca da escritora, pensando relações entre leitura e escrita, citação ou deformação de fontes, diálogos intertextuais e, mais especificamente, para acompanhar a pesquisa feita pela escritora de correntes do misticismo literário e filosófico.

Referências: BLAVATSKY, Helena. Glossário teosófico. São Paulo: Editora Ground, 1998. HILST, Hilda. Da prosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. WILLER, Cláudio. Um obscuro encanto: Gnose, gnosticismo, e a poesia moderna. São Paulo: Civilização brasileira, 2010.

MÁRIO E HILDA, OS ARQUIVOS DA ALTERIDADE

Andréa Jamilly Rodrigues Leitão e Aline Novais de Almeida

Resumo: A comunicação pretende estabelecer uma relação entre as práticas arquivísticas de Mário de Andrade (1893-1945) e de Hilda Hilst (1930-2004). Ambos escritores possuem seus acervos salvaguardados em instituições universitárias no estado de São Paulo. O conjunto formado por arquivo, biblioteca e coleção de artes visuais de Mário pertence, desde 1968, ao IEB-USP; no caso de Hilda, somente a parcela documental está preservada, desde 1994, no CEDAE-Unicamp; já a coleção de livros e outros objetos pertencem aos herdeiros, localizados na Casa do Sol. Acomodados nas residências dos titulares, sob a organização dos próprios, esses espólios constituem práticas de arquivamento que forjam fundamentalmente a busca dos autores pela alteridade. Em seus diferentes manejos documentais, o modernista procura inventariar a entidade brasileira em seus vários projetos, inclusive naqueles que ficaram inacabados. Tal procedimento se manifesta, por exemplo, no manuscrito d'A gramatiquinha da fala brasileira (1922-1945), no qual empreende uma pesquisa sistemática que reúne uma extensa coleta documental. Essa recolha, oriunda de leituras e de oitivas, objetiva um estudo do português falado no Brasil na sua dimensão linguística, psicológica e poética. Já nos manuscritos da escritora paulista a literatura revela-se como um meio de expressão para se autoconhecer e reconhecer o outro. Identifica-se uma investigação constante de formas de narrar e de operar diálogos pela via literária, como instância por excelência de comunicação. O foco sobre o arquivo de Hilda concentra-se no caderno de anotações para preparação da narrativa Com os meus olhos de cão (1986), o qual reúne um material heterogêneo: anotações, propostas injuntivas, fichamentos de leituras literárias e filosóficas, inúmeros cálculos entre outras. Como espaço privilegiado de pesquisa, os arquivos de Mário e de Hilda insinuam, cada um a seu modo, não somente o pensamento sobre o outro, mas também um exercício de arquivamento de si.

Referências: ANDRADE, Mário de. A gramatiquinha da fala brasileira. Organização de Aline Novais de Almeida. Brasília: FUNAG, 2022. Fundo Hilda Hilst, CEDAE-Unicamp. Fundo Mário de Andrade, IEB-USP. HILST, Hilda. Com os meus olhos de cão e outras novelas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

UM OLHAR SOBRE DUAS OBRAS MONUMENTAIS, LIDAS PELAS BEIRADAS: OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA, E GRANDE SERTÃO: VEREDAS, DE GUIMARÃES ROSA.

Cintia Borges A. Fonseca

Resumo: Antes de iniciar a produção de Os sertões, Euclides da Cunha passou pouco mais de dois meses no interior da Bahia, cobrindo o conflito para o Estado de S. Paulo. Anotou em sua caderneta de campo depoimentos de prisioneiros e conversas com moradores; comentários sobre boiadas e o trato dos sertanejos com os animais; transcrição de cartas e profecias; e uma lista de frases e expressões avulsas - como 'revoltação', 'os anos que tantas ilusões esfumam', ou 'no verde, no tempo das águas'. Espremido entre registros sobre a história da Bahia e lembretes de páginas de Humboldt a serem lidas no futuro; impressões sobre a geologia da região e as descrições da batalha; índices de pesquisa futura sobre A Natureza e O Homem e diálogos com representantes do Exército, o inventário de expressões dos moradores foram pouco utilizadas por Euclides da Cunha em Os sertões, mas parecem estabelecer pontos de contato com o material coletado por Guimarães Rosa para a construção de Grande sertão: veredas. No marginalia de Rosa, constam algumas poucas

anotações sobre o livro de Euclides da Cunha, parte delas concentradas nas observações que o autor de *Os sertões* faz sobre as boiadas. A caderneta de campo de Rosa reforça e reafirma o interesse do autor em coletar expressões de linguagem e trejeitos populares, incorporando-as à narrativa – restos deixados pelo percurso por Cunha. “Vareda – vereda, caminho”: anota Euclides em sua caderneta. Quais são os percursos possíveis para delimitar um contorno para o sertão? A proposta é analisar o ponto de inserção entre as duas obras máximas e os usos que fazem da linguagem, lá onde o sertão árido e de rios secos de Cunha encontra os fluxos caudalosos de água e de histórias de Rosa, aproximando paisagem e linguagem, corpo e palavra, saber e sentido.

Referências: CUNHA, Euclides. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001. ----- *Diário de uma expedição*. Org: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. ----- *Caderneta de campo*. Org: Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1975. ROSA, Guimarães: *Grande sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O ARQUIVO FICCIONAL DE ROBERTO BOLAÑO E A LITERATURA SELVAGEM DE ARIEL LUPPINO – UM PERCURSO

Clelio Toffoli Júnior

Resumo: No início de sua carreira de escritor, o chileno Roberto Bolaño, junto com outros escritores mexicanos, fundou o que viria a ser conhecido como “movimento infra realista”, com o lançamento do seu manifesto. O movimento acabou não prosperando como tal, mas suas ideias formaram o que chamo aqui de arquivo ficcional de Bolaño, cujo ápice está na obra “*Os detetives selvagens*”, uma espécie de acerto de contas com o período inicial, dando uso prático às ideias que formaram esse arquivo. Nesse primeiro momento da comunicação pretendo estreitar as ligações entre o manifesto e algum outro texto do período inicial e a obra posterior do Bolaño, com ênfase nos “detetives” e na novela “*Amuleto*”, buscando mostrar que a pavimentação dessa violência e dessa visceralidade literária vão permitir uma guinada na literatura da América Latina, inclusive do ponto de vista hermenêutico, deixando de ser quase que exclusivamente tributária do realismo mágico. Após a colocação desse tema, faço um corte temporal e passo a analisar a literatura recentíssima do argentino Ariel Luppino, especialmente a sua novela “*Paraguayol*”. Muito embora ele e alguns outros seus contemporâneos se digam influenciados pela trindade maldita da literatura argentina, Hector Libertella, Osvaldo Lamborghini e Alberto Laiseca, o que vou tentar demonstrar na comunicação é que para mais além de uma simples influência, foram os arquivos ficcionais de Bolaño que permitiram a Luppino, e a outros escritores dessa geração, dobrar a aposta em uma literatura absolutamente selvagem, sem qualquer tipo de concessão, violenta e visceral, como a do próprio Bolaño.

Referências: BOLAÑO, Roberto. *A la intemperie*. Buenos Aires: Alfagura, 2022; BOLAÑO, Roberto. *Amuleto*. Barcelona: Alfaguara, 2018; BOLAÑO, Roberto. *Os detetives selvagens*. tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; CARO, Montserrat Madariaga. *Bolaño infra*, 1975-1977: Los años que inspiraron “Los detectives salvajes”. Santiago de Chile: RIL editores, 2010; LUPPINO, Ariel. *Paraguayol*. La Plata: Club Hem, 2020.

IMAGINAÇÕES EM MINIATURA: WALTER BENJAMIN, LILIANA PORTER

Francisco Thiago Camêlo Da Silva

Resumo: *Infância em Berlim* é um texto singular, seja pela densidade poética de sua escrita, seja pela sua composição fragmentária intrincada. Essa coleção de pequenas peças em prosa, montada e remontada por Walter Benjamin no exílio, recupera lembranças topográficas de uma infância numa grande metrópole e constitui-se, nas palavras do autor, como “uma espécie de tête-à-tête de uma criança com a cidade de Berlim por volta de 1900”. A peça (stück) intitulada “*Rua Steglitz esquina com Genthin*” apresenta o apartamento da tia Lehamnn, onde o pequeno Walter brinca uma mina em miniatura. Partindo da leitura desse complexo texto, o objetivo desta comunicação é mostrar essa lembrança infantil como uma mônada que contém, em miniatura, um método de trabalho com o qual o escritor exilado vai compor, mais tarde, o inacabado livro sobre as Passagens parisienses.

Extraído da experiência da infância, esse método é a miniaturização (*Verkleinerung*), que pode ser encontrada na prática benjaminiana da citação, na ação de colecionar pequenos objetos (brinquedos, globos de neve, miniaturas e livros infantis) e em um projeto que não chegou a ser realizar, qual seja: o de escrever um comentário sobre a redução (*Verkleinerung*) como artifício da fantasmagoria, a partir do conto de fadas *A nova Melusina* (*Die neue Melusine*), de Goethe. À luz de tal método, a apresentação pretende, ainda, iluminar alguns aspectos da “imaginação miniaturizante” (Bachelard, 2005) da artista argentina Liliana Porter, cujo universo plástico é povoado por miniaturas e personagens de escala pequena, o que a insere numa constelação de afinidades eletivas com o pensamento de Walter Benjamin em torno da miniaturização como dispositivo de criação artística.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O país dos brinquedos: reflexões sobre a história e sobre o jogo. In: *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. BACHELARD, Gaston. A miniatura. In: *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005. BAUDELAIRE, Charles. Moralidade do brinquedo. In: *Poesia e prosa*. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995. BENJAMIN, Walter. *Briefe. Herausgegeben und mit Anmerkungen versehen von Gershom Scholem und Theodor W. Adorno*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1966. ----- . Rua de mão única. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. ----- . *Berliner Chronik*. In: *Gesammelte Schriften, Band VI*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1989a. ----- . *Diário de Moscou*. Trad. Hildegard Herbold. São Paulo: Companhia das Letras, 1989b. ----- . *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Organização de Márcio SeligmannSilva. Trad. Gabriel Valadão da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2017. ----- . *Passagens*. Org. da edição brasileira Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 3 v. CAMÊLO, Francisco. *Miniatura, miniaturização. Dispositivos de pensamento e de criação artística, a partir de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, 2021. 350p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Caleidoscópio e quebra-cabeça: o tempo se lança como um Bretzel...* In: *Diante do tempo. História da arte e anacronismo das imagens*. Trad. Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. ----- . *Imaginer recommencer. Ce qui nous soulève, 2*. Paris: Minuit, 2021. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *De uma estética da visibilidade a uma estética da tatibilidade*. In: *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editora 34, 2014. ----- . *Sobre a noção de 'Spielraum' em Walter Benjamin: resistência e inventividade..* In: SOUZA, Ricardo Timm et al. (Org.). *Walter Benjamin: barbárie e memória ética*. Porto Alegre: Zouk, 2020. JOHANNSEN, Dennis. *Miniaturization: Reading Benjamin in the Digital Age*. MLN, n. 3, v. 133, pp. 637-653, abr. 2018. LACOSTE, Jean. *L'exilé Walter Benjamin*. 2011. (Inédito). ----- . *Cartes postales: une méthode pour l'exil*. In: LAVELLE, Patricia (Org.). *Cahier Walter Benjamin*. Paris: Éditions de L'Herne, 2013. ----- . *La figure du chiffonnier chez Walter Benjamin*. 2016. (Inédito). LAVELLE, Patricia. *Walter Benjamin metacrítico: uma poética do pensamento*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Editora PUC-Rio; Relicário, 2022. MELENDI, Maria Angélica. *Mãos pequenas: a infância como sonho e como fantasmagoria*. In: *Estratégias da arte em uma era de catástrofes*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017. PORTER, Liliana. *El hombre con el hacha y otras situaciones breves*. Buenos Aires: Fundacion Educaro F. Costantini, 2013. ROUSSEL-GILLET, Isabelle; THOIZET, Évelyne. (Orgs.). *La miniature, dispositif artistique et modèle épistémologique*. Leiden; Boston: Brill, 2018. SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Trad. Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. São Paulo: L&PM, 1986. SPERANZA, Graciela. *Atlas portátil da América Latina: arte y ficciones errantes*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2012. STEWART, Susan. *On Longing: Narratives of the Miniature, the Gigantic, the Souvenir, the Collection*. Durham; Londres: Duke University Press, 1993.

A MONTAGEM COMO CRÍTICA, A CRÍTICA COMO MONTAGEM: PROCEDIMENTOS ESTÉTICO-POLÍTICOS

Franklin Alves Dassie

Resumo: A montagem como crítica, a crítica como montagem: procedimentos estético-políticos. A apresentação tem como centro o documentário *Les glaneurs et la glaneuse* (2000) da cineasta belga,

que passou a vida na França, Agnès Varda. Por um lado, ao “investigar” a vida dos/as catadores/as rurais, Varda mostra – e o mostrar é brechtiano – uma prática rural praticamente extinta para discutir a proximidade daquele que tem uma câmera na mão com esses catadores/as e, sobretudo, pensar de quem é a imagem assim como de quem é a sobra nos campos. A experiência fílmica da montagem se transforma em políticas de usos, reaproveitamentos e reorganizações do material filmado. Por outro lado, discute-se a partir da noção do colecionador em Walter Benjamin – manifesto em *Passagens* e em uma leitura instigante de Pierre Missac de Benjamin como figura próxima do catador – que seu pensamento pode ser lido como o pensamento de um catador/a urbano, que Varda mostra em seu documentário, recolhendo uma série gigantesca de pedacinhos de texto como refugio da história – um tipo de material que o catador/a tem contato. Compreensão essa que tem a ver com experiência da pobreza e, ao mesmo tempo, com as experiências em geral. Assim, se a montagem como crítica permite que um exercício estético se aproxime do gesto da pobreza, a crítica como montagem permite uma prática do pensamento que transforme as noções de refugio em pensamento. Ambas, em tensão, podem ler obras modernas e contemporâneas naquilo que se cata, apontando tempos sombrios, como, por exemplo, a volta da fome no cenário geopolítico brasileiro e a importância de uma releitura da ecopolítica de Josué de Castro.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. IN: *Magia e técnica: arte e política*. São Paulo, Editora Brasiliense, 2012. _____. *Passagens*. Editora UFMG: Belo Horizonte, Imprensa Oficial, São Paulo, 2007. CASTRO, Josué. *Geografia da fome*. Todavia: São Paulo, 2022. MISSAC, Pierre. *Passagem*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2020.

POTÊNCIA E PENSATIVIDADE EM ABBAS KIAROSTAMI

Frederico Nogueira Klumb

Resumo: Em *24 Frames*, o cineasta Abbas Kiarostami trabalha com diferentes tipos de imagens estáticas, animando-as digitalmente. São fotografias de seu arquivo pessoal, reproduções de pinturas vistas num museu. Na nota introdutória ao filme, ele diz estar interessado no que teria acontecido imediatamente antes da captura, da imobilização operada pelo artista, seja o pintor ao definir seu assunto, seja o fotógrafo ao disparar a câmera. Kiarostami adiciona, então, quatro minutos e meio de novos frames às imagens originais, num gesto que questiona não apenas a ideia de obra fechada, mas tópicos como a autoria e a autonomia dos campos artísticos. O que o diretor faz, é, assim, “descerrar” imagens através de um procedimento de computação gráfica, conferindo movimento ao que antes era unidade de sentido finalizada. São imagens que, depois de animadas, parecem emular um “mundo natural”: animais nas suas atividades mais comuns, o mar batendo na costa. O próprio filme de Kiarostami, enquanto objeto, parece desejar manter o sentido em suspenso, com as relações de causa e efeito, que convencionalmente sustentam a representação, reduzidas a um mínimo, a algo como uma desimportância propositada. Lembrando as afirmações de César Aira no ensaio “A nova escritura”, em que o procedimento surge como saída possível frente a fórmulas esgotadas e reafirmação do gesto entusiasmado das vanguardas, tentaremos observar como *24 Frames* dialoga com uma literatura lacunar e do aberto. Além disso, buscaremos agrupar uma “comunidade de conceitos” que nos auxilie nas análises dessas imagens. De que maneira elas se relacionam com o conceito de potência trabalhado por Agamben? Em que medida podem ser lidas segundo aquela abertura à contingência mencionada pelo filósofo italiano? E com o conceito de pensatividade de Jacques Rancière? Por fim, como o filme de Kiarostami perturba o ocularcentrismo, propondo uma visão menos dominada e objetificada?

Referências: AGAMBEN, Giorgio. “La Potenza Del Pensiero” (tradução de Carolina Pizzolo Torquato). *Revista do Departamento de Psicologia – UFF, Niterói, RJ*, v.18, n.1, p.11-18, Jan./Jun. 2006. LEVIN, Michael (org.). *Modernity and the Hegemony of Vision*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1993. RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado* (tradução de Ivone C. Benedetti). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. *24 FRAMES*. Direção: Abbas Kiarostami. Produção de Abbas Kiarostami Productions, Eggplant Picture & Sound. Irã, França: CG Cinéma, 2018. 1DVD.

HÉLIO OITICICA - DELIRAR O ARQUIVO, ARQUIVAR O DELÍRIO

Frederico Oliveira Coelho

Resumo: É notória a relação do artista plástico carioca Hélio Oiticica (1937-1980) com a produção de um sólido arquivo ao longo de sua trajetória. A comunicação irá desenvolver a tensão entre uma prática arquivística que visa ordenar, definir, classificar e garantir posteridade e uma prática artística que enfatiza o componente experimental como motor criativo de vivência. Arquivo e experimentação, portanto, são dois vértices que compõe a vida de um criador cuja reflexão crítica com o tempo, o documento e a linguagem sempre foi central em sua vida. Desde sua formação, Oiticica trabalhou com seu pai, o entomólogo e fotógrafo de vanguarda Hélio Oiticica, como organizador de seus arquivos e fichas no Museu Nacional ainda na década de 1960. Ali, teve a experiência de fazer do registro um local singular de criação. Com o desenvolvimento de sua carreira artística, uma série de trabalhos tiveram na prática do registro, da escrita e da produção de séries um diálogo permanente com a construção de seu arquivo pessoal e profissional. Ao mesmo tempo, a vida de Oiticica foi marcada pela transgressão e pela expansão do corpo e da consciência, criando uma persona em permanente fluxo e delírio inventivo, que de alguma forma contrasta com o arquivista minucioso e organizado. O que busco com essa proposta é aprofundar, em um novo momento teórico sobre o tema, minha pesquisa de vinte anos sobre a obra e o arquivo (o arquivo-obra? a obra-arquivo?) de Oiticica. Provocando a perspectiva de Diana Taylor, espelho que Oiticica fez um uso performativo do arquivo e das práticas de registro, visando tanto o momento contemporâneo do artista quanto a posteridade das artes e de sua história.

Referências: CAMPOS, Haroldo. A Arte no Horizonte do Provável. São Paulo: Perspectiva, 1975. CARVAJAL, Fernanda, DÁVILA, Mela, TAPIA, Mabel (orgs.). Archivos del comu?n II: el archivo ano?mico. Madrid: Museu de Arte Reina Sofia, 2017. COELHO, Frederico. Livro ou Livro-me - OS escritos Babilônicos de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. FILHO, César Oiticica; COELHO, Frederico. Conglomerados/Newyorkaises. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011. SMALL, Irene. Hélio Oiticica - Folding the Frame. Chicago: University of Chicago Press, 2016. FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

O ANJO BOXEADOR E SUAS MENSAGENS: ALGUMAS NOTAS SOBRE A POLÍTICA DAS CITAÇÕES NO MONODRAMA DE CARLITO AZEVEDO

Gabriel Mattos Gonzalez

Resumo: Este trabalho visa apresentar algumas reflexões acerca do Monodrama (2009) de Carlito Azevedo. Tais reflexões se preocupam em ler esse livro à luz de uma figura que aparece de forma insistente ao longo de todos seus poemas, o anjo boxeador. Pretendo, aqui, não tanto propor novas chaves interpretativas, mas desdobrar possibilidades que nos abram aos procedimentos recorrentes nesse livro, como o caso das citações. Estas, como tentarei mostrar, podem ser lidas à luz da figura do anjo boxeador. Como lembra Jacques Rancière, em seu O espectador emancipado, uma figura sempre propõe um sistema de relações entre semelhança e dessemelhança. É ao substituir uma expressão por outra que ela nos faz experimentar a textura sensível de um acontecimento. Essa substituição, gostaria de notar, carrega a dimensão política da figura. Proponho, então, que o anjo boxeador possa ser lido como um mensageiro de muitas vozes, as quais compõem o que chamo de terceiro estado. Esse conceito deve ser entendido em sua dupla acepção, aquela própria à ciência política, como representação do povo que sustenta o estado; mas também como aquela tomada pela teoria quântica, representante de um operador de indeterminação, ou melhor, do próprio espaço de relação entre as coisas, enquanto um terceiro desestabilizador. Essa noção, me parece, abre a obra às muitas vozes ali presentes, aos seus ecos e suas ressonâncias. Desse modo, pode-se perguntar, quais seriam, as políticas dessa figura, quais relações com sensível elas propõem, como elas redistribuem os elementos da representação no livro. Sem que haja a pretensão de dar respostas definitivas às essas perguntas, tomo-as como deriva. Pois, é, ao se desdobrar as mensagens do anjo, em um jogo de dupla distância, que se olha de relance suas infinitas possibilidades.

Referências: MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vezes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. PERLOFF, Marjorie. O Gênio

não original: poesia por outros meios no novo século. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. RANCIERE, Jacques. O espectador emancipado. 1.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. AZEVEDO, C. Monodrama. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. AZEVEDO, C. Livro das postagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

EXPERIÊNCIA E POBREZA, FUTUROS PASSADOS E UM PRESENTE EM CRISE.

Gabriel Rodrigues Lanhas

Resumo: O famoso ensaio de 1933, *Experiência e Pobreza*, de Walter Benjamin, identificou no coração da modernidade a questão da perda da experiência e o surgimento de uma barbárie positiva disposta a produzir novos agenciamentos para arte depois de catástrofes emudecedoras. No entanto, não se trata de uma visão positiva em sentido amplo. Ao contrário, Benjamin estabelece uma crítica negativa ao próprio presente, tomando posição em relação à guerra passada e diante das guerras que ainda virão. Benjamin analisa seu tempo a partir dos limites impostos pela catástrofe e pela perda. Essa comunicação, em diálogo com o pensamento de Reinhart Koselleck, Hans Ulrich Gumbrecht e Gilles Deleuze, busca repensar os limites da contemporaneidade tendo em vista a modernidade jamais encerrada, principalmente ao analisar os empobrecimentos herdados e a progressiva perda da experiência intensificada a partir da segunda metade do século XX, quando Literatura, Cultura e História se entrelaçam por meio de seus respectivos inacabamentos, e artistas, escritores e escritoras e público se encontram nesse entrelugar e entretempo de um presente ampliado. Divididos, ou melhor, cindidos, hoje persistimos em falar sobre o que perdemos porque há uma sensação de que somos atravessados por uma perda não só perceptiva, mas afetiva e conceitual do tempo e do espaço. Não por acaso investigamos cada vez mais a ideia de identidade que perdemos e que não parece mais fazer sentido em face da emergência da experiência.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. 7a edição. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. BENJAMIN, Walter. "Experience and Poverty," in: *Selected Writings*, vol. 2, part 2: 1931–1934, ed. Michael W. Jennings, Howard Eiland, and Gary Smith, 731–36. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999. DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Our broad present*. Columbia University Press, 2014. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2007.

A SOMA DAS PARTES NÃO DÁ UMA SÓ PESSOA: MONTAGENS E REMONTAGENS DO ARQUIVO EM "A COLEÇÃO DE ACÁCIO NOBRE", DE PATRÍCIA PORTELA

Gabriela Lopes Drumond de Sá

Resumo: Acácio Nobre foi um artista, cientista, matemático, bioengenheiro e inventor de jogos português do século XIX que não se importava com o arquivamento de suas obras, ou de sua vida. O polímata português que teria convivido com figuras ilustres como Melville, Fernando Pessoa, Man Ray e Einstein, era conhecido por seu desejo de esquecimento. Apesar da tentativa de apagamento de sua existência, tanto por iniciativa própria, quanto pela ação da ditadura salazarista, algo da vida de Nobre restou, atravessando o espaço-tempo em direção ao século XXI. Em 1999, rastros desta vida desviante foram encontrados em um baú, no sótão da casa dos avós da escritora portuguesa Patrícia Portela. Instigada pelo conteúdo daquela arca, a autora passou 16 anos trabalhando com o material descoberto, além de realizar pesquisas em acervos de bibliotecas portuguesas e estrangeiras para, finalmente, trazer à tona parte do espólio em "A coleção privada de Acácio Nobre" (2017). Nesta comunicação, irei debruçar-me sobre tal obra com a intenção de investigar os efeitos da presença e da ausência do arquivo nesta escrita que versa sobre a vida de Nobre ao mesmo tempo em que nos apresenta passagens da história da ciência, da literatura e das artes. Se a escrita de Portela pode ser vista como fragmentária, sendo composta majoritariamente por notas de rodapé que acompanham os itens do espólio, isto se dá também por assumir o caráter lacunar de todo arquivo (DIDI-HUBERMAN, 2020), sem o desejo de ilusoriamente tornar seu sentido totalizante. Na feitura de sua obra, Portela se posta como uma catadora aos moldes benjaminianos, ou como uma "pesquisadora anarquivista" (MARQUES, 2015), montando e remontando o que foi encontrado e

tecendo esta que pode ser considerada uma “narrativa performática” (RAVETTI, 2002), a partir da qual não podemos ter certeza se estamos lidando com a realidade ou a ficção.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. DERRIDA, Jacques. Rastro e Arquivo, Imagem e Arte. In: Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Org. Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012. DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens apesar de tudo. São Paulo: Editora 34, 2020. DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vagalumes. Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. FARGE, Arlete. O Sabor do Arquivo. São Paulo: Edusp, 2009. MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários: teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015. MARQUES, Reinaldo. Ficções do arquivo: o literário e o contemporâneo. In: COELHO, Haydée Ribeiro e VIEIRA, Elisa Amorim (Org.). Modos de arquivo: literatura, crítica, cultura. 1. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2018, p. 465-483. PORTELA, Patrícia. A Coleção Privada de Acácio Nobre. Porto Alegre: Dublinense, 2017. RAVETTI, Graciela. Narrativas Performáticas. In: ARBEX, Márcia., RAVETTI, Graciela (Org.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/ UFMG, 2002, p. 47-68. TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MÁRIO DE ANDRADE, 1938: ENTRE EXÍLIO, PERSONAE E LACUNA

Giovanna De Souza Corbucci

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o período em que Mário de Andrade viveu no Rio de Janeiro, chamado de “exílio” por seu amigo e correspondente Moacir Werneck de Castro (1989). O autor de Macunaíma residiu na capital federal de 1938 a 1941, no contexto da implantação da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas e da consolidação do nazifascismo, que culminou na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Pessoal e publicamente, no que pode ser lido a partir das cartas enviadas no ano de 1938 pelo polígrafo, busco compreender as motivações - principalmente a saída da diretoria do Departamento de Cultura de São Paulo - e os impactos que a mudança de cidade neste momento histórico deixaram sobre sua vida, considerando as experiências que teve na Guanabara. Para isso, procuro maneiras de reconstruir aspectos de sua biografia a partir de seu arquivo - sobretudo de fragmentos deixados nas cartas, gênero lacunar, inacabado, que Mário de Andrade experimentava com maestria. Desse modo, investigo até que ponto é possível construir uma imagem deste ano conturbado de sua vida a partir de fragmentos heterogêneos deixados nas missivas publicadas, posto que o autor tinha múltiplos interlocutores e fabricava, no diálogo com cada um, diferentes personae. A própria carta, para ele, já era um espaço de performance, figuração. Artigo, portanto, biografia, ficção e história, a partir das lacunas de seu arquivo, para pensar rupturas vivenciadas pelo escritor neste momento tão decisivo em sua trajetória pessoal e intelectual.

Referências: ANDRADE, Carlos Drummond de. A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. ANDRADE, Mário de. Cartas a Murilo Miranda (1934-1945). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. ANDRADE, Mário de. Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Pró-Memória, 1981. ANDRADE, Mário de. Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas. São Paulo: Duas Cidades, 1983. ANDRADE, Mário de. Me esqueci completamente de mim, sou um departamento de cultura. Org. Carlos Augusto Calil e Flávio Rodrigo Penteado. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015. BOMENY, Helena. Um poeta na Política: Mario de Andrade, paixão e compromisso. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. BOTELHO, Andre; HOELZ, Mauricio. O modernismo como movimento cultural: Mário de Andrade, um aprendizado. Petrópolis: Vozes, 2022. CASTRO, Moacir Werneck de. Mário de Andrade: Exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. DUARTE, Paulo. Mário de Andrade por ele mesmo. São Paulo: Editora Huitec, 1977. HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. Escritas epistolares. São Paulo: EdUSP, 2016. JARDIM, Eduardo. Eu sou trezentos: Mário de Andrade (vida e obra). Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015. MORAES, Marcos Antonio de. Orgulho de jamais aconselhar. A

epistolografia de Mario de Andrade. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007. PERES, José Roberto Pereira. O Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal: uma experiência modernista de formação de professores. Tese de Doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Coelho da Costa. PUC-Rio, 2020. SAID, Edward. Representações do intelectual. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005. SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. Tempos de Capanema. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

O DISCURSO DE POSTERIDADE NA FICÇÃO E NO ARQUIVO DE JUDITH GROSSMANN

Henrique Julio Vieira

Resumo: Este trabalho pretende identificar o discurso de posteridade no arquivo literário e em obras ficcionais da escritora Judith Grossmann. No sentido da “crítica biográfica material” (MARQUES, 2015), serão analisadas anotações e comentários autógrafos em pastas e documentos do seu acervo, no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, em cotejo com depoimentos da autora e o discurso ficcional em *Nascida no Brasil*: romance, *Todos os Filhos da Ditadura* Romance e *Meu Amigo Marcel Proust* Romance. A partir da perspectiva comparatista, pode-se observar, nessa rede discursiva entre arquivo, literatura e depoimento, a herança intelectual e o arquivamento como temas privilegiados pela autora de maneira ambivalente. Se, por um lado, a literatura e a atividade intelectual são pressupostas como atualização e continuidade das obras predecessoras, por outro lado, se reconhece a impossibilidade de totalização e acabamento do conjunto de obra ou da organização de um acervo. A leitura proposta dialoga com reflexões anteriores sobre as noções de “obra” (BARTHES, 2005; BOURRIAUD, 2009, 2011; DEWEY, 2010; LUDMER, 2014), “arquivo” (DERRIDA, 2001; FORSTER, 2004), “autoria” (CHARTIER, 2014; FOUCAULT, 2009) e “sobrevivência” (DIDI-HUBERMAN, 2011) e os temas da anterioridade (BERND, 2018) e do processo de criação e arquivamento (HAY, 2007; HUTCHEON, 1980; LADDAGA, 2013; MARQUES, 2018) na literatura contemporânea.

Referências: BARTHES, R. A preparação do romance. 2005. BERND, Z. A persistência da memória: Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. 2018. BOURRIAUD, N. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. 2011. BOURRIAUD, N. Formas de vida. 2011. CHARTIER, R. A mão do autor e a mente do editor. 2014. DERRIDA, J. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. 2001. DEWEY, J. Arte como experiência. 2010. DIDI-HUBERMAN, G. A sobrevivência dos vagalumes. 2011. FOUCAULT, M. O que é um autor? 2009. FORSTER, H. An archival impulse. 2004. HAY, L. A literatura dos escritores: questões de crítica genética. 2007. HUTCHEON, L. Narcissistic narratives. 1980. LADDAGA, R. Estética de laboratório. 2013. LUDMER, J. Intervenções críticas. 2014. MARQUES, R. Arquivos literários: teorias, histórias, desafios. 2015. MARQUES, R. Ficções do arquivo: o literário e o contemporâneo. 2018.

ESCRITA = LATÊNCIA = OBRA: A POÉTICA DO ADIAMENTO NA FASE NOVAIORQUINA DE HÉLIO OITICICA

Ícaro Moreno Ramos

Resumo: Entre 1971 e 1977, exilado em Nova Iorque, Hélio Oiticica concebeu o material mais lacunar de sua produção artístico-literária: um conjunto de escritos, imagens e programas cujos batismos foram muitos: “Subterranean Tropicalia Projects”, “Newyorkaises” e “Conglomerado” foram os principais nomes desse projeto, cuja principal característica parece ter sido a do inacabamento. A seu respeito, Hélio parece ter imaginado, em princípio, o formato de um ambicioso livro, configuração que foi se transformando progressivamente até a derradeira materialização indefinida que se estabelece com sua morte repentina em 1980. O que propomos neste artigo é a hipótese de que essa iniciativa babilônica de esgarçamento do tempo produzida por Oiticica possa ser tratada sobretudo como um rascunho como obra, abrindo nela suas potencialidades performáticas. Distante do magnetismo poderoso com o qual a forma livro parece sempre atingir os escritores e a própria escrita, o que propomos é o começo de uma reabertura desse “conglomerado” que seja resistente ao livrocentrismo literário, preferindo, em contrapartida, o caminho daquilo que uma autora como Anna Kiffer chamará de “cadernos”. Além desses trabalhos de Kiffer (2016; 2018) sobre o caderno e

sua relação com as obras artístico-literárias, partiremos de importantes interpretadores da obra do artista carioca, tais como Frederico Coelho (2014; 2017), Silviano Santiago (2017) e Miguel de Ávila Duarte (2021); de escritos e arquivos do próprio Oiticica (através de arquivos do Projeto HO); e da noção de “obra sempre em obras”, apresentada por Georges Didi-Huberman em sua obra “Sobre o fio” (2019).

Referências: BACHMANN, Pauline Medea. A poesia como subtexto: a inscrição corporal da poética secreta de Hélio Oiticica. In: Revista Remate de Males, Campinas-SP, v.39, n.1, pp. 171-190, jan./jun. 2019. COELHO, Frederico. 1970: pause / play. In: Revista Ars. São Paulo, v. 15, n. 30, 2017, p. 133-147. COELHO, Frederico. Hélio Oiticica e o desejo de livro. In: O percevejo online. Rio de Janeiro, Vol. 06, Número 02, Julho-Dezembro de 2014, p. 113-127. DIDI-HUBERMAN. Sobre o fio. Desterro, Santa Catarina: Cultura e Barbárie, 2019. DUARTE, Miguel de Ávila. Texto como container: escrita e arquivamento no Conglomerado Newyorkaises de Hélio Oiticica. In: Revista Revell, Campo Grande, v. 2, n. 29, agosto de 2021, p. 364-389. FOUCAULT, Michel. De espaços outros. In: Revista de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 27, 2013, p. 113-122. JAREMTCHUK, Dária. “Tudo o que fiz antes, considero um prólogo”. In: Revista Ars. São Paulo, v. 15, n. 30, 2017, p. 7-15. KIFFER, Anna. O rascunho é a obra: o caso dos cadernos. In: Revista de estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília, nº 55, set./dez., 2018, p. 95-118. KIFFER, Anna. Involuções sobre escrita, corpos e cadernos. In: Seminário Internacional Hélio Oiticica para além dos mitos. Rio de Janeiro, r&l produtores associados, 2016, p. 179-194. OITICICA, Hélio; PAPE, Lygia. Fala, Hélio. In: Revista Ars. São Paulo, v. 15, n. 30, 2017, p. 17-25. RANCIÈRE, Jacques. O espaço das palavras: de Mallarmé a Broodthaers. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2020. SANTIAGO, Silviano. Hélio Oiticica em Manhattan. In: Revista Ars. São Paulo, v. 15, n. 30, 2017, p. 207-216.

O ESCRITOR COMO HARPA EÓLICA

Julia Klien

Resumo: Joseph Joubert nunca publicou um livro; a bem da verdade, sequer escreveu um. E o que escreveu, então, esse “autor sem livro e escritor sem escrito”, nas palavras de Maurice Blanchot (2013, p. 76)? Pensamentos, frases, ideias de livros, sementes deliberadamente não germinadas. Sua escrita, hospedada por cinquenta anos em diversos cadernos, não diz senão isto: “estou sendo”. Sob o signo desse gerúndio, o escrever parece aqui um tanto mais vivo, suturado como se encontra ao desejo de escrever. “Se captarmos apenas um pouco do objecto sobre o qual escrevemos” — pondera Lydia Davis — “ou se o fizemos mal, desajeitadamente, incoerentemente, talvez cheguemos a não o destruir” (DAVIS, 2019, p. 206). Foi o que fez Joubert: passou a vida a praticar uma escrita que se moveria por um imperativo, o de dilatar o gerúndio, e se prestaria quase a uma só tarefa, a de lubrificar as articulações das palavras. Certa vez, admitiu ser “como uma harpa eólica, que produz alguns belos sons mas que não toca nenhuma harmonia” (JOUBERT apud BLANCHOT, op. cit., p. 89), e também poderia ter escrito uma observação que viria cerca de dois séculos mais tarde pelas mãos de Georges Bataille: “[c]omo é doce permanecer longamente diante do objeto [do] desejo, mantermo-nos em vida no desejo, em vez de morrer indo até o fim, cedendo ao excesso de violência do desejo” (BATAILLE, 2013, p. 166). Seria possível considerar que se trata disto, enfim: às custas das recompensas de uma consumação, Joubert escolheu manter-se em vida no desejo. É esse o ponto de partida da comunicação proposta, que, deflagrada pela imagem do escritor como harpa eólica, busca trançar, ensaisticamente, passagens selecionadas de Joubert e outros autores com uma reflexão sobre fragmento e desejo.

Referências: BARRENTO, João. O género intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010. BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. BLANCHOT, Maurice. Joubert e o espaço. In: _____. O livro por vir. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2013, pp. 69-93. CARSON, Anne. Eros the bittersweet: an essay. Princeton: Princeton University Press, 1986. DAVIS, Lydia. Fragmentário ou inacabado: Barthes, Joubert, Hölderlin, Mallarmé, Flaubert. In: _____. Ensaio um. Tradução de José Mário Silva. Porto: Bazarov Edições, 2019, pp. 189-206. DILLON, Brian. Ensaísmo. Tradução de Nuno Quintas. Porto: Bazarov Edições, 2020. JOUBERT, Joseph. Carnets I. Paris: Éditions

Gallimard, 1994a. _____. Carnets II. Paris: Éditions Gallimard, 1994b. NOVALIS. Fragmentos de Novalis. Seleção, tradução e desenhos de Rui Chafes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. _____. Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo. Tradução, apresentação e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.

NOTAS SOBRE ESQUECIMENTO: UM PERCURSO POR WALTER BENJAMIN

Juliana Serôa da Motta Lugão

Resumo: Walter Benjamin é conhecido por sua obra cheia de desvios, retornos e autocitações, revelando uma verdadeira poética de arquivo em sua escrita e programa de pensamento. Tal poética é normalmente reconhecida e exemplificada com o *Passagenwerk*, mas pode ser verificada transversalmente na escrita do autor. A comunicação aqui proposta se apoia nessa observação para apresentar um percurso de pesquisa, que se dá num gesto de arquivo. O ponto de partida é uma carta de maio de 1940 a Theodor Adorno, em que Walter Benjamin alude a uma possível teoria do esquecimento a ser desenvolvida, cujo locus classicus seria O loiro Eckbert, conto do primeiro-romântico Ludwig Tieck. Ao rastrear as outras breves alusões a Tieck em Benjamin e retomando o conto, é possível iluminar pontos pouco explorados na fortuna crítica de Benjamin. As poucas referências não são suficientes para (re)montar o que seria uma análise benjaminiana do conto ou ensaiar o que seria uma teoria do esquecimento do autor frequentemente citado em estudos sobre a memória. Mas o retorno a Tieck decerto informa possíveis caminhos para uma leitura de Benjamin a partir da escuta: Inspirada em uma das características primordiais do conto, que é a repetição sonora, ensaia-se, aqui, uma leitura que experimenta uma passagem da percepção visual, tropo essencial para o comentário benjaminiano, para uma percepção acústica, movimento que o autor parece ensaiar em seu fragmento *Zur Lampe* [Sobre a lâmpada] e em seus *Infância em Berlim* por volta de 1900 e *Crônica berlinense*. O fragmento, parte de um “arquivo da infância” é também um elo recuperado com os ensaios benjaminianos que viriam mais tarde, a saber, *A doutrina das semelhanças* e *Sobre a capacidade mimética*, e nos fazem voltar, então, ao reencontro sensível com o conhecimento reivindicado pelo círculo de Jena – de que Tieck é parte.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Berliner Chronik /Berliner Kindheit um neunzehnhundert*, Org. Nadine Werner. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2019, *Werke und Nachlaß*, Kritische Gesamtausgabe, Bd. 11, 2v. _____. *Obras Escolhidas I – Magia, técnica, arte, política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. [8a edição, revista, 2012b _____. *Obras Escolhidas II – Rua de Mão Única*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1987. [6a edição, revista, 2012a _____. *Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Unesp, 2012c. GIURIATO, Davide. *Walter Benjamin, Zur Lampe (1932): Entstehungskontext und Editorische Bemerkungen*. In: Schestag, Thomas (org). *Philo:Xenia. Entwurf eines Zeitschrifts*. Basel/Weil am Rhein: Engeler, 2009, p. 23-31 TIECK, Ludwig. *Feitiço do amor e outros contos*. Trad. Maria Aparecida Barbosa e Karin Volobuef. São Paulo: Hedra, 2009.

FRAGMENTOS DE FANTASIAS, RASURAS FICCIONAIS

Leonardo Augusto Bora

Resumo: O trabalho lança olhos para traduções carnavalescas das poéticas de três "pensadores(as) catadores(as)": Carolina Maria de Jesus, Arthur Bispo do Rosário e Estamira. Para isso, numa perspectiva transdisciplinar e assumidamente experimental, investiga os discursos visuais e escritos dos seguintes enredos de escolas de samba do Rio de Janeiro: "O papel e o mar", apresentado pela Renascer de Jacarepaguá, em 2017, acerca da obra de Carolina Maria de Jesus, com ênfase em "Quarto de despejo"; "O Rei que bordou o mundo", desenvolvido pela Acadêmicos do Cubango, em 2018, abordando a escrita lacunar de Arthur Bispo do Rosário; e "Fala, Majeté! Sete chaves de Exu", narrativa com a qual o GRES Acadêmicos do Grande Rio se sagrou campeão, em 2022, tendo por norte reflexivo a desestabilizadora poética verbal de Estamira, catadora do antigo lixão de Jardim Gramacho, na cidade de Duque de Caxias, que protagonizou o documentário homônimo dirigido por Marcos Prado. Objetiva-se, em linhas gerais, cotejando as páginas de teoria literária e literatura

comparada com os estudos culturais e os ecos etnográficos, o desenvolvimento de uma reflexão acerca do caráter plural e polifônico dos enredos carnavalescos apresentados pelas escolas de samba, associações de matrizes negro-populares que reúnem, em sua práxis cotidiana, inúmeros saberes importantes para o pensar do Brasil contemporâneo. Defende-se a ideia de que os enredos selecionados podem ser lidos e interpretados enquanto pedaços de um grande arquivo público anualmente aberto, vivido e compartilhado em meio aos ritos e às narrativas estruturantes das agremiações sambistas - reconstrução de sentidos e produção de novas epistemes.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MinC / Funarte, 1994. DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas do impossível – Warburg, Borges, Deleuze, Foucault. In: ARTIÈRES, Philippe; BERT, Jean-François; GROS, Frédéric; REVEL, Judith (dir.). Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense, 2014. FUX, Jacques; SANTOS, Darlan. Estamira e Lixo Extraordinário. A arte na terra desolada. Revista Ipotesi – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/14-Estamira-e-Lixo-Extraordin%C3%A1rio-Ipotesi-1521.pdf> LEOPOLDI, José Sávio. Escola de Samba, ritual e sociedade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. SANTOS, Nilton. A arte do efêmero – Carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2009. VENTURA, Leonardo de Souza Lima. Estamira em três miradas. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Universidade de Brasília (UNB). Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3955/1/2008_LeonardoSouzaLimaVentura.pdf.

ESCREVER COM LEITE, LER COM O CORPO: POLÍTICAS DA MEMÓRIA E POESIA CONTEMPORÂNEA.

Luciana María Di Leone

Resumo: Em julho de 2020, a justiça da Argentina conseguiu a localização exata na rua Bacacay de um Centro Clandestino de detenção que tinha funcionado durante a última ditadura. Para encontrá-lo foi imprescindível cruzar documentos e alguns testemunhos de sobreviventes. Emma Le Bozec, professora e poeta, tinha estado sequestrada ali durante alguns dias em 1977 e, no começo da redemocratização, tinha fornecido uma espécie de planta baixa do prédio onde estivera cativa. Na época, ela estava amamentando e tinha conseguido que os guardas autorizassem que ela – chamada de “vaquinha” - fosse se “ordenhar” na cozinha. A necessidade do seu corpo, à feminização e à animalização (Kiffer, 2021), paradoxalmente, deixaram traços que, catados na leitura, permitiram acionar políticas de memória, verdade, justiça. Essa mesma dinâmica de resignificação dos discursos e imagens que subalternizam sujeitos, através de feminizações e animalização dos seus corpos pode ser vista na poesia contemporânea, como em Mugido, de Marília Floor Kosby ou Mara Pastor. Tanto para o mapa de Emma Le Bozec quanto para o trabalho destas poetisas um dos elementos centrais que solicita ser lido é o leite, o leite materno, mas também outros leites animais, funcionam como um dispositivo significativo que atravessa tanto o paradigma corporal e subjetivo quanto o paradigma político social. Esta comunicação pretende levantar as políticas do leite que se desenham a partir dessas cenas de escrita: um mapa do cativo, e alguns poemas contemporâneos.

Referências: “Una sobreviviente del centro clandestino de Bacacay 3570 y su recuerdo de esos días de terror. Relato de Emma Le Bozec”, <https://www.pagina12.com.ar/276183-una-sobreviviente-del-centro-clandestino-de-bacacay-3570-y-s> KIFFER, Ana Paula Veiga. “O corpo vivo da história: tortura e feminização dos corpos a partir da ditadura civil-militar brasileira”, Terceira Margem, vol.26.n. 48, 2022. KOSBY, Marília Floor. Mugido. Rio de Janeiro: Garupa, 2018. LE BOZEC, Emma. El dulce encanto de las bravas. Invisibles, clandestinas, subversivas. Buenos Aires, Editores Asociados, 2015. PASTOR, Mara. Las horas extra. Puerto Rico: La impresora, 2022.

SAMUEL RAWET, CRÍTICO-CRIADOR

Luciano De Jesus Gonçalves

Resumo: De produções multifacetadas, dispersas e pouco conhecidas do grande público, Samuel Rawet (1929-1984) apresenta uma profusão de textos no campo da dramaturgia e da cena teatral. A comunicação recolhe e analisa parte dessa obra inacabada, especificamente em nove textos publicados na extinta Revista Branca, iniciativa carioca fundada por Saldanha Coelho (1926-2006), e datada de 1950 a 1954. Em sua quase totalidade, tratam-se de ensaios inéditos em livro salvaguardados em arquivos públicos e privados, virtuais e físicos. O conjunto aponta a importância da revista, de modo geral, em mais de dez anos de atividade; e a presença contundente do teatro na produção intelectual lacunar, porém sólida, de Rawet, de modo específico. Diante de uma postura pública de negação da imagem do pensador, tais textos dispersos e o acervo do escritor, disposto no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB), escancara que parte da recepção crítica aceitou o blefe de um Rawet que reafirmava em público, por exemplo, ter rasgado todas as suas peças teatrais, dado desmentido pelos catorze manuscritos (completos e incompletos) do seu espólio. Ainda que esta apresentação foque na produção inicial da crítica teatral do escritor, vale lembrar que os temas teatrais, também renegados por ele, os acompanharam até o final de sua vida, como mostram a sua correspondência com editores de teatro e diversas notas fiscais da compra de peças publicadas em livro. Como linhas de força para a pesquisa futura desse aspecto da produção de Samuel Rawet, o trabalho conclui que a lavra inicial rawetiana atesta a consolidação do teatro moderno brasileiro, realiza a crônica de produções nacionais e internacionais, acompanha lançamentos editoriais, estabelece debates em torno do teatro enquanto profissão e fórmula a atuação de um artista e crítico-criador.

Referências: BINES, Rosana Kohl. A prosa desbocada do ilustre escritor estrangeiro. In: GRIN, Monica; VIEIRA, Nelson. (Orgs.). Experiência Cultural Judaica no Brasil: Recepção, inclusão e ambivalência. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004, p. 197-211. _____. Modos de desconexão: a crítica brasileira e a obra de Samuel Rawet. In: KIRSCHBAUM, Saul. (Org.). Dez ensaios sobre Samuel Rawet. Brasília: LGE Editora, 2007, p. 55-71. BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo. Bibliografia. In: Samuel Rawet: Ensaios reunidos. Organização: Rosana Kohl Bines e José Leonardo Tonus. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 285-289. GONÇALVES, Luciano de Jesus. Que os Mortos Enterrem os seus Mortos: A narrativa ficcional de Samuel Rawet. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. _____. A estética do gozo e o gozo estético em “Trio”, conto de Samuel Rawet. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, 3(17), 263 – 283, 2017. Disponível em: <<http://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/1949>>. Acesso em 06 fev. 2018. _____. Samuel Rawet, crítico teatral e colaborador da Revista Branca. Anais do IV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, FFLCH-USP, São Paulo, março de 2018, p. 136-143. Disponível em: <<https://literaturabrasileira.fflch.usp.br/sites/literaturabrasileira.fflch.usp.br/files/Semin%C3%A1rio%20do%20Programa%20de%20P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o%20em%20Literatura%20Brasileira/Edi%C3%A7%C3%A3o%20completa%20dos%20anais.pdf>>. Acesso em 07 jan. 2023. _____. “Josias, o Triste”, primeira colaboração de Samuel Rawet para a Revista Branca. WEB REVISTA LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA, [S. l.], v. 15, n. 15, p. 45–61, 2019. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/3014>>. Acesso em: 7 jan. 2023. KIRSCHBAUM, Saul. Samuel Rawet: Profeta da Alteridade. 2000. 106 f. Dissertação. (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. _____. Viagens de um caminhante solitário: Ética e estética na obra de Samuel Rawet. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2011. RAWET, Samuel. Josias, o triste. Revista Branca, Rio de Janeiro, maio e agos., n.12, p. 75-77. 1950a. [2º aniversário, ano II]. _____. A camisola do anjo. Revista Branca, Rio de Janeiro, nov. e dez., n. 14, p. 35, 1950b [ano III]. _____. Anton Tchekhov. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. 15, p. 27, 1951a. [Ano III]. _____. A volta. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. 16, p. 34-38, 1951b. [Edição do aniversário de 3 anos, peça em 1 ato]. _____. O teatro de Nelson Rodrigues. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. 17, p. [2], 1951c [Ano IV]. _____. O teatro de Nelson Rodrigues II. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3, 1951d. [Ano IV]. _____. Posição da crítica teatral. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. 21, p. 2, 1952 a. _____. Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade.

Revista Branca, Rio de Janeiro, n. [?], p., 1952b. [Número especial dedicado ao 30 aniversário do Modernismo – Vol. II]. _____. A propósito de uma entrevista. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. [?], out. p.2, 5 e 11, 1952c. _____. Entrevista com Adolfo Celi. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. [?], dez. p. 5 e 11, 1952d. _____. Café da manhã – A última crônica. Revista Branca, Rio de Janeiro, n. [?], abr., p., 1953 [Número em homenagem ao escritor Jones Rocha]. _____. Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade. In: COELHO, Saldanha. (Org.). Modernismo: estudos críticos. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954, p. 101-111. SEFFRIN, André. Bibliografia básica sobre Samuel Rawet em livro. In: RAWET, Samuel. Contos e novelas reunidos. Organização: André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 483-486. _____. Fiel à literatura: entrevista com André Seffrin, organizador de Contos e novelas reunidos, de Samuel Rawet. ? Opiniões, São Paulo, n. 11, p. 139-143, dez. 2017. Depoimento a Luciano de Jesus Gonçalves. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/142091>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

DANIELLE MAGALHÃES E O PROJETO VINGAR

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho

Resumo: A poeta Danielle Magalhães encara de frente a fantasmagoria que envolve o nome vingar. Para escrever esse nome como título de uma obra, a poeta recorreu a arquivos, lidou com o estranhamento na sua radicalidade umheimilich, como pensou Freud, com lembranças que, por vezes, paralisam. Como caso paradigmático de contágio pelo arquivo, Sarah Kofman lidou com a assombração da memória até não suportar mais a intensidade da aporia. No livro Paroles Suffoqués, materializou-se o trabalho da memória como assombração. Por outro lado, no livro da poeta Danielle Magalhães, vingar implica o trabalho da memória e o trabalho de uma ação por vir, por se realizar na incompletude do futuro. Esses dois eixos lutam e insistem em marcar o caminho poético de Danielle. A fantasmagoria implica lidar com algo incompleto por natureza, já que é da ordem do vivido como traço incorporado na cultura e na história de um indivíduo. Mas como traço que experimenta a sua ruína, enquanto tentativa fracassada de incorporar uma presença em sua totalidade. Essa submissão registra o apagamento inelutável do processo de assombração. Ele está aí para ser refeito, reinventado, como um outro no seu distanciamento, enquanto revivescência de um trauma. E muitas vezes o trauma pode ser experimentado como apagamento radical. “il y a cendre”, como escreveu Derrida. Trauma que retorna metamorfoseado em mais vida, que sustenta a sobrevivência e que engendra imagens preparatórias para uma nova condição de existir.

Referências: 1.COCCIA,Emanuele. A Vida Sensível.Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2010. 2.DERRIDA, Jacques. Feu la Cendre. Paris: Des Femmes, 1987. 3.MAGALHÃES,Danielle. Vingar.Rio de Janeiro: Editora7Letras, 2021. 5.KOFMAN, Sarah. Paroles Suffoqués. Paris, Galilée, 1998. 6.____. Rua Ordener, Rua Labat. Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2002.

FRAGMENTOS DE LUTO: O TECIDO PERPÉTUO DA ESCRITA DE HÉLÈNE CIXOUS E ROLAND BARTHES

Marcelle Pacheco Soares

Resumo: Roland Barthes, em O prazer do texto, afirma: (...) o texto se faz através de um entrelaçamento perpétuo.” (2011, p. 174) Partindo dessa ideia, a presente proposta tem como objetivo pensar as possibilidades de entrelaçamentos de Barthes e Hélène Cixous sob a ótica dos fragmentos de luto. Para isso, serão pensadas especificamente duas obras. A primeira delas é “Diário de luto”, que reúne as fichas escritas por Barthes de 26 de outubro de 1977, dia seguinte à morte de sua mãe, até 15 de setembro de 1979. São 330 fichas que foram cortadas à mão pelo próprio autor. A segunda obra é “Ève s’évade: la ruine et la vie” (2000), obra de Cixous onde vemos Ève – sua mãe – e rêves – “sonhos” em francês. Vemos ainda o luto do que é perdido, em citações e secretações que a autora faz de Freud, Derrida, Shakespeare, Proust, entre outros. Um desses possíveis entrelaçamentos se dá sob a via da psicanálise. Apesar de afirmar em um determinado momento: “Não dizer luto. É psicanalítico demais. Não estou de luto. Estou triste.” (BARTHES, 2011, p. 71) e usar a palavra em outros, como “Assim, posso discernir meu luto.” (Idem), é possível ver diversos elementos neste sentindo ao longo da obra. O próprio fato de negar o luto traz a questão do que é resistido no Simbólico, justamente o inelutável – e a psicanálise não existe sem o interdito, sem a

resistência e a censura. Enquanto isso, na obra de Cixous, por ser escrita na língua dos sonhos, observamos o luto ser feito justamente nos sonhos. Assim, a presente proposta tenta pensar as conexões dos dois autores, em uma teia perpétua de fragmentos no texto tecido na escrita.

Referências: • BARTHES, Roland. "Diário de luto". São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011. • _____. "O óbvio e o obtuso". Lisboa : Edições 70, 2018. • _____. "O prazer do texto". São Paulo : Perspectiva, 2015. • CIXOUS, Hélène. "Ève s'évade: La ruine et la vie," Paris : Galilée, 2009. • Freud, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: "Obras Psicológicas de Sigmund Freud". Rio de Janeiro: Imago, 1996. • _____. Luto e Melancolia. in "Obras Completas", Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DO EXCESSO E DA FALTA NO CORPO DA LÍNGUA DE/EM CHRISTOPHE TARKOS

Marcelo Jacques De Moraes

Resumo: Nascido em Marselha, Christophe Tarkos (1963-2004) participou ativamente da cena poética francesa dos anos 1990 ao início dos anos 2000, com publicações em revistas e livros de textos que explorava especialmente em leituras públicas e performances. Desde sua morte, além da reedição de textos esgotados e/ou precariamente editorados, organizaram-se algumas publicações compilando registros sonoros e em vídeo de seu trabalho, bem como, em 2022, de um enorme volume de inéditos. Numa breve apresentação para uma antologia de poesia francesa contemporânea organizada por Jean-Michel Espitallier em 2000, o próprio Tarkos se definiu como "fabricante de poemas e de leituras por improvisação assim no ar" (Tarkos, 2014, p.84). Entretanto, para ele, mais do que um ponto de partida, a improvisação sempre foi, ao contrário, o efeito de um trabalho meditado e construído, em particular com base na vocalização do que ele designou desde muito cedo como "pâte-mot", "pasta-palavra", ou "patmo", "pastalavra" (2008, p. 163). Ou ainda, como "masse de parole", "massa de fala" (1999, p.39) O que vai me interessar explorar na comunicação é a maneira como, em seus textos e leituras, Tarkos dá corpo a uma língua a um só tempo vertebrada e fraturada, simbiótica e parasitária, que transforma o excesso em falta, "satura[ndo] todo o espaço do sentido", sem esgotar, contudo, sua "potência de contaminação", para a qual "não há exterminação antibiótica possível", para usar termos de Christian Prigent, um dos primeiros a escrever sobre ele (2017, p.100). Tentarei especular a respeito a partir de uma articulação entre fala, jogo e gozo na/ da língua de Christophe Tarkos, baseando-me em particular na teoria lacaniana de "lalíngua" ("lalangue", na tradução de Haroldo de Campos) e no relato derridiano da exposição de si a partir da figura do "bicho-da-seda-de-si" (o "ver à soie", na tradução de Fernanda Bernardo).

Referências: PRIGENT, Christian. "Olá, modernos. Seis cartas". Em: Para que poetas ainda? Organização e tradução de Inês Oseki-Dépré e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017. TARKOS, Christophe. Le signe=. Paris: POL, 1999. TARKOS, Christophe. Écrits poétiques. Édition établie et annotée par Katalin Molnár et Valérie Tarkos. Paris: POL, 2008. TARKOS, Christophe. L'Enregistré. performances/ improvisations/ lectures. Édition établie, préfacée et commentée par Philippe Castellin. Paris: POL, 2014.

REFLEXÕES SOBRE A COR A PARTIR DE ESCRITOS FRAGMENTÁRIOS E DIARÍSTICOS (COM FOCO NO AZUL)

Maria Cecilia Touriño Brandi

Resumo: Proponho apresentar os caminhos de escrita – ensaios fragmentários e um diário de criação musical – escolhidos para fazer uma investigação multidimensional sobre as cores e como elas nos afetam, tema de minha tese. Pretendo expor relações estabelecidas a partir da escrita lacunar de um ensaio sobre o azul (ex.: uma especulação sobre como a mensagem "comigo vai tudo azul" da música "Baby", de Caetano Veloso, deriva para a placa de rua que homenageia Marielle Franco), bem como trechos do diário de criação de uma canção sobre o azul, apontando como a prática do arquivo pessoal se deslocou para a composição musical, e como ambas estimularam o ensaio. Cada cor irradia muitas questões (históricas, simbólicas, científicas, artísticas, políticas) que procuro discutir e hibridar nos ensaios, aguçando a sensibilização estética-poética por ela, a cor, promovida. Centrarei minha comunicação no azul, entremeando estudos cromáticos a objetos aparentemente díspares,

unidos pela cor na montagem ensaística. Alinho-me a Benjamin, para quem a contemplação não teme, nas interrupções, perder sua energia, “assim como o mosaico, na fragmentação caprichosa de suas partículas, não perde a majestade”. No diário de criação de canções sobre cores, fomento uma discussão cruzada que reflete sobre o cromatismo no fazer artístico, descolada de qualquer premissa de “qualidade” da obra de uma novata na área musical, como sou. O diário resgata um arquivo pessoal (listas, notas em cadernos, notas mentais, referências literárias, gravações) do qual partiu meu processo de composição, incluindo influxos, impasses e alterações que este suscitou. Considerando o caráter ubíquo, atemporal e sensorial da cor, busco amalgamar suas múltiplas dimensões, como “um errante navegante”, e não discuti-la de forma verticalizada ou ligada a um só tempo, espaço ou campo do saber. Desejo, ainda, ponderar por que a cor pode adquirir espessura quando vista-lida-ouvida por essa perspectiva que desvia da ideia de totalidade.

Referências: BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, [1928], 1984. GAGE, John. A cor na arte. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. GOETHE, Johann Wolfgang Von. Doutrina das cores. Trad. Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, [1810], 1993. KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte. Trad. Álvaro Cabral e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, [1954], 1990. LICHTENSTEIN, Jacqueline. A cor eloquente. Trad. M. Elizabeth de Mello e M. Helena Rouanet. São Paulo: Siciliano, 1994. MACIEL, Maria Esther. As ironias da ordem – Coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. NELSON, Maggie. Bluets. Seattle (EUA): Wave Books, 2009. PASTOUREAU, Michel. Bleu – Histoire d’une couleur. Paris: Éditions du Seuil, 2006. PIRES, Paulo Roberto (org.). Doze ensaios sobre o ensaio – antologia Serrote. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2018. SONTAG, Susan. Contra a interpretação. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987. WISNIK, José Miguel. Sem receita – ensaios e canções. São Paulo: PubliFolha, 2004.

CINESCRITURA EM PERCURSO NO CURTA-METRAGEM ULYSSE DE AGNÈS VARDA

Mariana Anselmo

Resumo: Esta comunicação toma como objeto de reflexão “Ulysse” (1982), filme de Agnès Varda, buscando compreender sua cinescritura, a partir do uso inventivo da fotografia, das reflexões tecidas sobre cinema, memória e escrita. O ponto de partida do curta-metragem é uma foto tirada pela cineasta-catadora, que permaneceu vinte anos pregada à porta do armário de seu ateliê, realizada em 1954. Nela, uma cabra está morta, uma criança chamada Ulisses está sentada nua nas pedras da praia, e um homem também nu, de costas, olha para o mar. O questionamento sobre a importância da foto referência, que “acontece” para a cineasta, guia o fazer fílmico, a “aventura”, como a escrita de “A câmara clara” (2008) é guiada pelo desejo ontológico de Roland Barthes, a partir de uma fotografia que “acontece” para ele: em “Ulysse”, o cinema se apropria da imagem fotográfica e se questiona ontologicamente. O objetivo, portanto, deste estudo é tomar o filme dirigido por Varda como escrita em sentido amplo, plástico e poético, que se abre à ideia da cinescritura - conforme assinalado no início do documentário - como escrita em processo, inacabada, em construção e elaboração que se volta sobre si própria e relaciona a própria obra aos registros de sua elaboração: ler o filme como a trajetória de Varda-catadora em busca das lembranças relacionadas à foto. Se o documentário se apresenta como trajetória, trata-se de cinescritura em percurso: fragmentos e camadas de memória e de fabulações vão se depositando sobre a imagem, sedimentando e constituindo a narrativa do filme, esquivando-se da função representativa do texto, da ideia de totalidade. Assim, buscaremos explorar a autobiografia das imagens de “Ulysse”, friccionado arte e vida pelo percurso de investigação arqueológica (DUBOIS, 2012). Nesse sentido, a cinescritura pode ser entendida como articulação de fragmentos de diferentes planos da memória coletiva e individual.

Referências: BARTHES, Roland. A câmara clara. 12ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. BARTHES, Roland. Escrever a literatura. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004. BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015. DUBOIS, Philippe. A Imagem-Memória ou a Mise-en-Filme da Fotografia no Cinema Autobiográfico Moderno. Revista Laika, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistalaika/article/view/137162/132949>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SOARES, Leonardo Francisco. Rotas abissais: mimese e representação em A força do destino, de Nélide Piñon, e E la nave va, de Federico Fellini. 2000. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras-Estudos Literários) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. SOARES, Leonardo Francisco. Leituras da Outra Europa: Guerras e Memórias na Literatura e no Cinema da Europa Centro-Oriental. Belo Horizonte: UFMG, 2012. ULYSSE. Direção: Agnès Varda., 1982. Disponível em: <https://mubi.com/pt/films/ulysse>. Acesso em: 15 jan. 2023. VARDÁ, Agnès. Varda par Agnès. Paris: Cahiers du cinéma, 1994. YAKHNI, Sarah. Cinensaio de Agnès Varda: o documentário como escrita para além de si. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2014.

INTERVALOS DE ESPAÇO: GESTOS DEMOCRÁTICOS NA LITERATURA BRASILEIRA EM JESUS, CANÇADO E LISPECTOR.

Mariana Patrício Fernandes

Resumo: O presente trabalho pretende investigar as formas de relação entre literatura, história e escrita de si, em três autoras brasileiras que testemunharam o processo de transição da democracia à ditadura no Brasil, do fim dos anos 1950 a 1965. Em cinco anos, três livros publicados escritos por mulheres produziram impacto inédito na cena literária brasileira: Quarto de despejo (1960), de Carolina Maria de Jesus, A paixão segundo G.H (1964), de Clarice Lispector, e Hospício é Deus: Diário I, de Maura Lopes Cançado (1965). Um traço em comum da recepção desses livros foi o misto de estranhamento e fascínio que provocaram, sugerindo que haveria neles algo que extrapola o domínio do literário, e que põe em xeque o pressuposto de sua autonomia. Essa dificuldade de recepção já é prevista nos textos que abordam a todo o momento a dificuldade de comunicar a experiência, como se algo falhasse e ao mesmo tempo insistisse em endereçar-se como escrita. Lispector descreve essa dificuldade como sendo: “um intervalo de espaço”, Cançado diz que sua voz se perde na uniformidade do hospício, mas que ainda assim fala, e Carolina de Jesus comenta sobre a impossibilidade de traduzir as experiências para um público leitor para o qual a fome é uma abstração. Para atravessar essa incomunicabilidade, esses textos encontram modos de abrir fendas no espaço literário, equilibrando-se de modo instável em suas fronteiras, e apenas a partir dessas fronteiras encontram modos de escrever/falar. Pretende-se pensar como encontrar fronteiras no espaço literário é também criar modos de aparição e enunciação que transgridem formas tradicionais de representação artística e política. O objetivo é procurar entrever nesses gestos de endereçamento, outros modos de pensar a relação entre literatura, história, corpo e comunidade, que nos ajudem a escapar a certos impasses contemporâneos acerca desses temas.

Referências: CANÇADO, Maura Lopes. Hospício é Deus: Diário I. Rio de Janeiro: Círculo do Livro (s1992) JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo (diário de uma favelada). São Paulo: Editora Francisco Alves, 1960. _____. Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo Ltda. 1961 LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

(N)O VERSO DA RECEITA, UMA PÁGINA EM BRANCO: A ESCRITURA, A LITURA E A LEITURA DE RECEITAS CULINÁRIAS

Mariana Vogt Michaelsen

Resumo: As batatas em formato de coração, descartadas por uma questão estética, são catadas por Agnès Varda no filme Os catadores e eu (2000). Em movimento semelhante – abaixar-se para encontrar, selecionar e levar para a casa – passei a catar livros de receitas em sebos, no último ano. Considero a culinária uma prática dos restos (MICHAELSEN, 2022) e os livros de sebos como as batatas de Varda ainda podem ser consumidos, apesar de descartados. Parto, assim, de uma ampla pesquisa em que os livros de receitas são vistos como livros que continuam a ser escritos por quem cozinha levantando a cabeça, em alusão ao ler levantando a cabeça, de Roland Barthes, e analiso como os espaços em branco das receitas culinárias são preenchidos. Deste modo, o livro de receitas Quitutes da D^a Carolina Porciúncula: arte culinária, de Carolina Marcondes Porciúncula, é estruturado de uma forma em que receitas culinárias estão de um lado da página e páginas em branco no verso. As páginas em branco foram preenchidas com novas receitas, escritas por outras

peessoas. Além disso, algumas das receitas publicadas receberam alterações nos ingredientes ou no modo de fazer, de modo que as receitas culinárias se configuram como espaços abertos e contínuos, onde o gesto da escrita e o gesto de cozinhar se mesclam em sabores e saberes culinários. Por outro lado, os livros de receitas nos sebos costumam estar no fundo, no fim, quase escondidos, sintomático gesto do lugar a que esses saberes são atribuídos. Em um movimento de catar e ler livros de receitas escritos por mulheres, encontro anotações, grafias e alterações nas receitas publicadas. Onde a criatividade se (re)escreve na maioria dos títulos: arte culinária.

Referências: BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In: _____. O rumor da língua. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 26-29. MICHAELSEN, Mariana Vogt. (N)o verso das receitas, uma página em branco: a escritura, a litura e a leitura de livros de receitas. Dissertação (mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

ARQUIVAR E TESTEMUNHAR O INIMAGINÁVEL: CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO, DE NOEMI JAFFE E CASCAS, DE GEORGES DIDI-HUBERMAN.

Milca Alves da Silva

Resumo: O interesse em revisitar períodos históricos que reverberam com intensidade na atualidade como a Shoah se destaca no volume de textos denominados como Literatura de Testemunho, que através da sua construção e da abordagem de acontecimentos que perpassam a existência de quem escreve, coloca em questão a relação entre a literatura e o real, carregando assim aspectos de uma escrita autobiográfica. Nota-se, portanto, na contemporaneidade o crescimento de narrativas que explicitam a relevância da memória neste processo e o surgimento de autores das gerações pós-sobreviventes interessados em trabalhar literariamente aspectos que desestabilizam as fronteiras entre passado, presente, real e imaginado. Neste contexto se insere o trabalho ensaístico e autobiográfico de Noemi Jaffe em *O que os cegos estão sonhando* (2012), e os relatos feitos a partir de fotografias pelo filósofo francês Georges Didi-Huberman no livro *Cascas* (2017). Nota-se nos dois textos, aspectos das incertezas que são inerentes a quem se propõem a reverberar acontecimentos que são em grande parte incompreensíveis. Possivelmente por esse aspecto de violência presente no arquivamento, conforme aponta Jacques Derrida (2012), podemos perceber que ambos os autores recorrem à invenção a partir da imaginação. Busca-se portando nesse trabalho perceber a participação da memória e do arquivamento na sobrevivência da história, a partir de acontecimentos que se mostram impossíveis até mesmo de serem imaginados. E a importância das incoerências nos relatos literários como consolidação da memória para as gerações futuras. Para esse fim, retomaremos autores como: AGAMBEN (2008), ARTIERES (2004) e GAGNEBIN (2006) interessados no debate sobre memória, arquivamento e testemunho, em busca de apontamentos que nos guiem pela análise das obras em questão.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008. ARTIERES, Philippe. Arquivar a própria vida. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, v. 11, n. 21, 1998, p. 9-34. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/206> Acesso em 16 de julho de 2022. BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. CARTUM, Leila. Aqui, lá. In JAFFE, Noemi. O que os cegos estão sonhando? : com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum. São Paulo: Editora 34, 2012. DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. São Paulo: Editora 34, 2017. _____. Imagens apesar de tudo. Lisboa: KKYM, 2012. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. JAFFE, Noemi. O que os cegos estão sonhando? : com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum. São Paulo: Editora 34, 2012.

MARÍA MORENO, ESCRITORA-CRÔNICA

Miriam Viviana Gárate

Resumo: Ao longo de cinco décadas de atuação na imprensa periódica argentina María Moreno produziu um sem-número de colunas nas quais exerceu o “cartonerismo epistemológico” (a

bricolagem de teorias e conceitos), o plágio e o autoplágio declarados (a apropriação de escritos de terceiros e a reciclagem dos próprios), o fraseado neobarroco/neobarroso (a sintaxe ziguezagueante, avessa à conclusão, na qual se revezam termos cultos e dizeres plebeus). Dessas folhas periódicas dispersas surgiram muitos dos títulos publicados a partir de 2001, textos que desestimam a “voluntad de obra” e afirmam seu caráter circunstancial, transitório, aberto (“¿por qué publicar la saliva? Pues porque no habrá obra” (2002), afirma Moreno. E acrescenta: “ya avisaré cuando escriba un libro”). Embora o traço subjetivo estivesse presente desde sempre, é a partir de *Vida de vivos* (2005), como assinala Sabo (2018), que o material previamente publicado passa a ser manipulado e reescrito em textos que gravitam acentuadamente em torno de memórias pessoais. Três títulos dos últimos anos se destacam nesse conjunto: *Black out* (2016), recorrentemente comparado aos *Diários de Emílio Renzi* (Piglia, 2015); *Oración, carta a Vicky y otras elegías políticas* (2018), releitura das cartas redigidas por Rodolfo Walsh e de seu método de escrita; *Contramarcha* (2020), volume que integra a coleção *Lectores*, de Ampersand, destinada a refletir sobre as leituras, as bibliotecas e os arquivos de diversos autores, segundo a coordenadora da série. Em que medida esses três títulos esquivam-se da armadilha da totalidade e da obra (da obra como totalidade) e perseveram numa estética do processo e da abertura ao por vir? Através de quais procedimentos ensaiam operações que anarquivam o arquivo da literatura argentina propondo outras chaves de sentido, outras genealogias e comunidades possíveis? A comunicação buscará explorar algumas dessas questões e as tensões insolúveis que habitam esses textos.

Referências: Altinier, Rocío. Reimaginar la literatura argentina desde el alcohol. *Revista Heterotopías*, V, N° 6, 2020. Diz, Tania. Escribir para olvidar. A propósito de *Black out*. In: Darrigrandi, Claudia; Mahieux, Viviane; Méndez, Mariela (orgs). *El affair Moreno*. Buenos Aires: Mansalva, 2020. Gárate, Miriam V. Cenas do rádio em *Los Diarios de Emilio Renzi* e em *Black out*. *Caracol*, N 17, 2019. _____. Entre bot(el)la y bot(ella). *Acercamientos ebrios a Black out*. Comunicação XIII Congresso da ABH, SP, 2022 (inédito) Louis, Annick. De la oración a la letanía Sobre *Oración*. Carta a Vicki y otras elegías políticas, de María Moreno. *Revista Luthor*, N. 37, 2018. Pauls, Alan. El factor panceta. In: Darrigrandi, Claudia; Mahieux, Viviane; Méndez, Mariela (orgs). *El affair Moreno*. Buenos Aires: Mansalva, 2020. Romero, Walter. María Moreno. La máquina lectora. Em: Darrigrandi, Claudia; Mahieux, Viviane; Méndez, Mariela (orgs). *El affair Moreno*. Buenos Aires: Mansalva, 2020, p. 233-238. Sabo, María José. “Porque no habrá obra”. *El archivo en la escritura de María Moreno*. *Orbis Tertius*, vol 20, N 22, 2015. _____. Formas de la amistad en la escritura de María Moreno. *Revista Contexto*, Vitória, N 33, 2018. Viu, Julieta. Escenas de una bohemia setentista en la noche porteña: memorias de María Moreno. *Saga*, *Revista de Letras*, N 11, 2019.

POÉTICA DO ARQUIVO NOS FOTOGRAMAS DE EUSTÁQUIO NEVES: COLAGEM, ANACRONIA E FABULAÇÃO

Natalie Souza de Araujo Lima

Resumo: Ao longo dos anos, os fotogramas de Eustáquio Neves vêm se confirmando como uma forma peculiar de colagem: neles, o estatuto da objetividade fotográfica parece subsumido frente a uma potência fabuladora que surge da manipulação de imagens e até de documentos. Tal encontro também ressignifica nosso imaginário iconográfico em torno do passado escravista, bem como de cosmovisões afrodiaspóricas no Brasil. Atuando tais quais dispositivos trans-históricos, fotogramas de séries como “*Arturos*” promovem encontros – muitas vezes espectrais – entre distintos regimes espaço-temporais conforme variam os elementos de sua composição e quanto mais evidentes são as lacunas entre eles. Mas não só. Para a esfera do visível, emergem também, graças à centralidade que Eustáquio Neves confere ao arquivo enquanto poética, blocos discursivos ora pertencentes ao passado escravista brasileiro/mineiro, ora reificados no presente racista, mas constantemente fustigados por uma disputa em torno do papel do povo preto brasileiro e suas potencialidades. Tais discursos nos levam a repensar os usos de noções encontradas nos debates atuais (como por exemplo representação/representatividade e identificação/identidade) à medida que certo teor espectral verificado nas imagens das referidas séries mais aponta para a força das ausências do que das presenças, ou seja, para aquilo que precisa ser, de alguma forma, representado. Assim, a técnica

da colagem permite que o arquivo seja o operador pelo qual se aposta na força do anacronismo de imagens e documentos a visitar, montar e produzir. Como se a colagem, e essa aposta crítica inclui o trabalho de Neves, mas não se restringe a ele, fosse um procedimento de investigação duplamente oportuno no Brasil contemporâneo: ao mesmo tempo em que é capaz de sobrepor tempos históricos, ela aproxima corpos e realidades muitas vezes impossíveis, desnaturalizando lugares comuns em torno das ideias de presença e identidade.

Referências: BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história". In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica. Arte e política, obras escolhidas I*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2010 (1985). _____. *Passagens*. Org. BOLLE, Willi. Trad. Irene Aron, Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Mar/Contraponto, 2013. DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010. MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória – o Reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 2021. _____. "Performances do tempo espiralar". In: *Performances, exílios, fronteiras* (org. RAVETTI, Gabriela; ARBEX, Márcia). Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. NEVES, Eustáquio. *Fotoportátil 5*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. PERLOFF, Marjorie. "A invenção da colagem". In: *O momento futurista: avant-garde, avant-guerre e a linguagem da ruptura*. São Paulo: Edusp, 1993.

VARIAÇÕES SOBRE A ESCRITA DE ANA CRISTINA CESAR EM FABIO MORAIS

Nathália Rinaldi

Resumo: A partir do livro "A teus pés", de 1982, de Ana Cristina Cesar, Fabio Morais produz, em 2012, um livro de artista com o mesmo nome sobrepondo todos os versos de cada página da poeta ao final delas. Trabalha, assim, com uma espécie de escrita ilegível que tem como base um processo de apropriação - dada a relação com o texto de Ana C. - e como suporte o livro de artista, por explorar materialidades plásticas e visuais específicas. Aqui, a proposta busca uma discussão acerca de como o fenômeno da apropriação chega e se desdobra na obra em questão, como a escrita se sustenta mesmo sendo quase impossível de ser lida e como o livro de artista atua para receber esses tipos de procedimentos, como ele se mostra relevante em tal contexto. Além disso, encontra-se um caminho para observar de que modo ocorre a apropriação de uma obra sendo tratada como um arquivo, no caso, com o artista Fabio Morais rasurando a poeta Ana Cristina Cesar. Tratando a relação entre escrita e imagem e explorando ideias teóricas como as de contra-assinatura de Jacques Derrida, de escrita de Roland Barthes, passando por Leonardo Villa-Forte, que publicou recentemente sobre os processos de apropriação, deslocamentos e/ou intertextualidades, e por Maria do Carmo de Freitas Veneroso, com suas contribuições acerca do livro de artista, propõe-se apresentar um breve retrato de tais procedimentos artísticos envolvidos nesta obra de Fabio Morais que envolve tanto as áreas de Literatura, quanto de Arquivo e de Arte Visual.

Referências: BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto precedido de Variações sobre a escrita*. Edições 70, 2009 CESAR, Ana C. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. DERRIDA, Jacques. *Assinatura Acontecimento Contexto*. In: DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1991. p. 11-37 MORAIS, Fabio. *A teus pés*. Edições Tijuana, 2012 SANT'ANNA, Alice. *Meios de Transporte*. Revista Serrote, 2016, p.1-12. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2016/06/meios-de-transporte-por-alice-santanna/>> Acesso em: 10 jun. 2022 SÜSSEKIND, Flora. *Até segunda ordem não me risque nada*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016 VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. *Palavras e imagens em livros de artista in Pós: Belo Horizonte*, v.2, n.3, p.82-103, mai. 2012. VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

INFÂNCIA, GRIFO, ASSINATURA: NOTAS SOBRE O ACERVO DE MANUEL ANTÔNIO PINA

Paloma Roriz

Resumo: Entre elementos em jogo na construção do conceito do eu lírico moderno é possível perceber um contato de fundo entre a invenção moderna da infância e a formulação dos modos de

enunciação da lírica moderna. Assim, parte do impacto que os escritos de Jean-Jacques Rousseau teriam no pensamento dos primeiros românticos, por exemplo, se concretizaria pela influência de suas ideias acerca da educação, dos direitos do homem, da liberdade, do papel da natureza como extrapolação dos limites de sistemas de racionalidade civilizatórios, tanto quanto pela adoção em seus escritos de um modo pessoal de expressão, na clave discursiva da intimidade e do uso da primeira pessoa. Partindo deste recorte teórico, o presente trabalho pretende abordar a obra poética do escritor português Manuel António Pina, à luz do problema da citação em sua escrita, pensada aqui também com Antoine Compagnon, tomado sobretudo como gesto de intimidade e infância, tanto quanto do sentido de assinatura que nela se opera, infância tomada, portanto, não apenas como dispositivo discursivo de uma prática de escrita, mas como um modo reiteradamente afeito ao borramento de sentidos hierarquizantes de autoria. Para isso, tomaremos como fio condutor fragmentos do acervo digital de Pina, recentemente acolhido pela Casa dos Livros – Centro de Estudos da Cultura em Portugal da Universidade do Porto.

Referências: Basílio, Rita (2017). Manuel António Pina – Uma pedagogia do literário. Porto: Assírio & Alvim. Bines, Rosana Kohl (2022). Infância, palavra de risco. Rio de Janeiro: Numa Editora/Ed. PUC-Rio. Combe, Dominique (2009-2010). A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Revista USP n.º 34 dez/fev, 112-128. Trad. Iside Mesquita e Vagner Camilo. São Paulo. Compagnon, Antoine (2007). O trabalho da citação. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG. Genette, Gérard (1987). Introdução ao arquitrato. Lisboa: Vega. Lejeune, Philippe. O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. Pina, Manuel António (2012). Todas as palavras? poesia reunida. Lisboa, Assírio & Alvim. Pina, Manuel António (2016). Dito em voz alta – entrevista sobre literatura, isto é, sobre tudo. Sousa Dias (Org.). Lisboa: Documenta/ Sistema Solar. Schérer, René (2009). Infantis – Charles Fourier e a infância para além das crianças. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora. Winnicott, Donald W (2019). O brincar e a realidade. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora.

METAMORFOSES DO ESCRITOR

Pedro Alegre

Resumo: Em 1911, Kafka faz uma famosa anotação em seu diário: “Ao pretender me levantar da cama hoje, simplesmente desmoronei. A razão para tanto é simples: estou trabalhando demais”. Observações como essa se repetem frequentemente, dando forma ao que ele chama de “vida dupla terrível, da qual é provável que só a loucura ofereça saída”. No entanto, a imagem canônica do mundo do trabalho foi apresentada por Kafka depois, em 1914, na Metamorfose, quando Gregor Samsa certa manhã se vê transformado num inseto e sente um pavor enorme, não de sua nova condição, mas de chegar atrasado no serviço. Existem muitos exemplos desse tipo de vida paralela. Robert Walser foi mordomo num castelo, além de secretário e copista; James Baldwin, engraxate nas ruas de New York; Carolina Maria de Jesus, escritora e catadora de papel; Geovani Martins, que antes de publicar o Sol na cabeça tinha longa carreira como homem-placa, garçom, atendente. É comum que a literatura seja lida a partir de certo afastamento do mundo material, do pagamento de contas e das horas calculadas de serviço. O que acontece com aqueles escritores, entretanto, que têm nessa vida paralela a encenação da escrita? Quando uma obra (work/oeuvre) é vizinha de outro mundo, o do trabalhador braçal (worker/ouvrier), ela pode ser o arquivo de modos heterogêneos de vida (classe/raça/ gênero/língua)? É nessa direção que pretendo apresentar uma pesquisa sobre dois mundos comuns – daquele que precisa trabalhar e que, nos intervalos do expediente, pensa e escreve. Ou seja, do que torna inoperante (Nancy) e inacabada a obra da escrita e a do trabalho, no espaço compartilhado entre si. Partindo de cenas de escritores que tematizam o assunto, de Jefferson Tenório a Annie Ernaux, gostaria de pensar a escrita dentro do arquivo de metamorfoses que torna um escritor, escritor, no mundo do trabalho.

Referências: Ernaux, Annie. O lugar. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021. Ernaux, Annie. A vergonha. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2022. Kafka, Franz. Diários. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021. Nancy, Jean-Luc. A Comunidade Inoperada. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

Rancière, Jacques. A noite dos proletários. Lisboa: Antígona, 2012. Tenório, Jeferson. O Averso da pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIDAS MÍNIMAS: DIÁRIO E FOTOGRAFIA NOS ARQUIVOS DO MUSEU HELENA ANTIPOFF

Pedro Rena Todeschi

Resumo: Nossa comunicação se dedica a apresentar os arquivos do Museu Helena Antipoff (sediado na cidade de Ibirité, no interior de Minas Gerais), se propondo a esboçar uma reflexão teórica sobre eles e fazer uma leitura comparada entre os diários escritos pelas professoras e alunos da Fazenda do Rosário e as fotografias capturadas naquele lugar na década de 1960. A sabedoria de Helena Antipoff, constituída no início do século XX na Europa (ao lado de Henri Bergson), depois na Rússia, após a Revolução de 1917, era transmitida em uma cidadezinha qualquer no interior do Brasil, quando recebeu um convite para fazer um curso de formação de professores ao longo de 2 anos, em 1929, onde acabou ficando até o final da sua vida, em 1974. A sua experiência com aqueles alunos brasileiros era marcada pela contingência social e histórica, como se o saber anteriormente constituído precisasse se transformar para se adaptar àquela paisagem. Para além de seu próprio diário íntimo inacabado, escrito em seu último ano de vida, a pedagoga instituiu a prática de escrita de diários coletivos. Em um texto publicado em 1948, intitulado “O diário na escola rural”, Helena Antipoff reflete sobre a experiência de escrita como prática de aprendizagem e como produção de documentação histórica em contínuo processo. Ela nos conta que eram os próprios alunos que narravam os acontecimentos do dia para as professoras, em um registro em que a voz da criança também foi grafada na história social. Ao longo de 30 anos (entre 1940 e 1970), as professoras se revezavam para escrever as experiências pedagógicas de cada dia, criando, assim, inscrições textuais que preservaram a memória cultural daquela época. Analisadas comparativamente com os diários, as fotografias adquirem uma legibilidade histórica, que é articulada com sua visibilidade, como postulou Walter Benjamin.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007. ANDRADE, Carlos Drummond de. A casa de Helena. Escritas.org. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/54283/a-casa-de-helena>>. Acesso em: 18 out. 2022. _____. Nova reunião: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. ANTIPOFF, Helena. O diário na escola rural. In: Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff. Belo Horizonte: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff / Imprensa Oficial, 1992, p. 45-46. ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. In: História oral, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 115-128, 2016. BARTHE, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. _____. O efeito de real. In: _____. O rumor da língua. Lisboa: Edições 70, 1984, p. 131-136. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: _____. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 270-278. BLANDINA, Maria. “Uma escola científica chamada Helena Antipoff”. Belo Horizonte: Suplemento Minas Gerais, 1968. CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. Estudos avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 209-231, 2003. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. Rio de Janeiro: Outro sobre Azul, 2011. DELEUZE, Gilles. A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2005. DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. DIDI-HUBERMAN, Georges. Remontagens do tempo sofrido: o olho da história II. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (org.). O fotográfico. São Paulo: Editora Hucitec, 1998, p. 41-47. LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: Editora n-1, 2017. LISSOVSKY, Maurício. Pausas no destino: teoria, arte e história da fotografia. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. MACHADO, Patrícia Furtado Mendes. Imagens que restam: a tomada, a busca dos arquivos, o documentário e a elaboração de memórias da ditadura militar brasileira. 2016. 232 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. MELENDI, Maria Angélica. Arquivos do mal / Mal de arquivo. In: _____.

Estratégias da arte em uma era de catástrofes. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017, p. 171-186. MONDZAIN, Marie-José. Imagem, sujeito, poder. Outra Travessia: Revista de Literatura do PPGL/UFSC, Florianópolis, n. 22, p. 175-192, 2016. PELBART, Peter Pál. Contra os limites da linguagem, a ética da imagem. In: Veritas: Revista de filosofia da PUCRS, Porto Alegre, v. 65, n. 2, p. 1-6, 2020. PERRONE-MOISÉS, Leyla. A literatura na cultura contemporânea. In: _____. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 27-37. RANCIÈRE, Jacques. O fio perdido. São Paulo: Martins Fontes, 2017. RODRIGUES, Fábio; FAGIOLI, Julia. Pulsões do arquivo: o cinema contemporâneo e o desejo por memória. Catálogo 21º FestCurtas. Belo Horizonte, 2019, p. 69-71. TENÓRIO, Jeferson. "O diário secreto dos escritores". GZH, Porto Alegre, 17 mai. de 2022.

ESCRITA DESPACHO E OS ESTILHAÇOS DO ARQUIVO COLONIAL.

Thiago de Abreu e Lima Florêncio

Resumo: Essa apresentação discute o procedimento da escrita-despacho, uma escrita que acontece a partir das coisas achadas em caminhadas errantes e de seus despachos em pontos de ferida colonial (ANZALDUA, 2016) da cidade. Ocupar-se das coisas de rua como um "santo" se ocupa de seu cavalo. Fazer das coisas um cavalo de santo no qual se pode cavalgar, como corpos que se fundem numa unidade, mas que seguem existindo em suas diferenças, pluralidades. Corpos em sobreposição, numa relação de imanências. (ANJOS, 2006). Dessa relação cria-se um terceiro. Não apenas o sujeito que "escreve", nem tampouco a coisa que é "escrita". Ambos se fundem numa produção de diferenças e de imponderáveis que se auto-inscrevem simultaneamente como "objetos-ativos" (SODRÉ, 118), num terceiro. Esse terceiro é o "outro eu" capaz de "recolher os estilhaços" (FANON, 2020) e descolonizar a matéria (MOMBAÇA, MATTIUZI, 17) e seus arquivos coloniais. O arquivo colonial é resultado de um conjunto de operações que se fundamentam no paradigma sujeito/objeto (GUMBRECHT, 2010, p. 48), em que o outro colonizado é objetificado, reduzido à condição material, ao tempo em que o colonizador se investe de um lugar de superioridade elevando-se à condição de sujeito universal abstrato e por isso capaz de observar e dar sentido e essas coisas construídas por ele como sendo puramente materiais. O arquivo colonial construiu-se a partir dessa lógica em que o colonizador se coloca como centro referencial, fundamenta a medida de todas as coisas e, assim, determina o que tem legitimidade de existência ontológica, histórica e espiritual, e faz do outro um acervo de "homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda" (MBEMBE, p. 14). Procuro refletir sobre esses exercícios de escrita que fazem das coisas das cidades, e posteriormente despachadas, como um "jogo de linguagem que se espacializa no corpo" (SODRÉ, 147) e liberta das amarras do arquivos coloniais.

Referências: ANJOS, J. C. G. No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre, UFRGS Editora, 2006. BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998. BRATHWAITE, K. Black + Blues. New York, New Directions Book, 1995. CÉSAIRE, A. Paternalismo e Fraternismo. Carta a Maurice Thorez, 1956. In: <https://plataformagueto.wordpress.com/2017/02/11/carta-a-maurice-thorez-paternalismo-e-fraternalismo-de-aime-cesaire-deputado-da-martinica-traduzida-do-frances-pela-plataforma-gueto-do-site-httpmsi-net-fevereiro-de-2017/> Acesso em: 12 set. 2020. CUNHA, A. G. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. DOUGLAS, F. My bondage and my freedom. E-Book, 2008. In: <https://www.gutenberg.org/files/202/202-h/202-h.htm#link2HCH0011>. Acesso em: 12 set. 2020. DUSSEL, E. 1492: O encobrimento do Outro. A origem do "mito da Modernidade". Editora Vozes, Petropolis: 1993. EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belho Horizonte, Maza Edições, 2007. FANON, F. Pele negra, mas caras brancas. São Paulo, Ubu Editora, 2020. FANON, F. Os Condenados da Terra. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. FERREIRA DA SILVA, D. A dívida impagável. São Paulo, Oficina de imaginação política, 2019. GUMBRECHT, H. U. Modernização dos sentidos. São Paulo: Ed. 34, 1998. MBEMBE, A. Crítica da Razão Negra. São Paulo, N-1 Edições, 2018. MOMBAÇA, J.; MATTIUZI, M. Carta à leitora preta do fim dos tempos. In: FERREIRA DA SILVA, D. A dívida impagável. São Paulo, Oficina de imaginação política, 2019. MOTEN, F.. A resistência do objeto: o grito de Tia

Hester. In: Dossie? A Mu?stica e suas Determinac?o?es Materiais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>
ISSN 2175-8689 – v. 23, n. 1, 2020. Acesso em 20 de setembro de 2020. SANTOS, J. E. dos. Os Nagô e a morte: Padé, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012. SODRE?, M. Pensamento Nago?. Petropolis, Editora Vozes, 2017.

TECER ARQUIVOS, INVENTARIAR A VIDA: ASPECTOS DA ESCRITA-CURADORIA DE MARÍLIA GARCIA EM “PARQUE DAS RUÍNAS”

Uédipo Ferreira dos Reis

Resumo: “Parque das ruínas” é um poema-inventário em que Marília Garcia coleciona arquivos de distintas naturezas, de diferentes campos: trechos do diário que escreveu ao realizar uma residência artística na França, excerto de anotações de David Perlov, fotografias da artista americana Rose-Lynn Fisher, desenhos de Jean Baptiste Debret, frame do documentário intitulado Imagens do mundo e inscrições da guerra, de Harun Farocki, correspondência familiar, reprodução do quadro “Angelus novus”, de Paul Klee. A partir da execução de dois deslocamentos, quais sejam, transposição dos arquivos de suas linguagens de origem para dentro do poema e intervenção, mediante um trabalho ativo de leitura, nos objetos inventariados, a vida, dispositivo também arquivável, é inserida no que desejamos nomear escrita arquivística. O aspecto desta reunião que nos interessa examinar, cabe ressaltar, é a maneira com que a mesma foi montada, os modos com que a poeta tece este texto, o manipula e nele intervém, através do gesto curatorial aqui aludido. Nesse sentido, propomos uma leitura deste poema que focalize, para tanto, não só os vínculos estabelecidos entre texto e imagem, e os desdobramentos decorrentes deste encadeamento, como também o sujeito arquivador e os materiais por ele selecionados e rearranjados e, ainda, os modos de feitura com os quais Marília Garcia tece o poema que analisaremos.

Referências: AIRA, César. 2007. Pequeno manual de procedimentos. César Aira; pesquisa dos originais e tradução de Eduard Marquardt; organização de Marco Maschio Chaga. Curitiba: Arte & Letra. GARCIA, Marília. _____. Parque das ruínas. São Paulo: Luna Parque, 2018. _____. Um teste de resistores. 1.ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. _____. La opacidad de lo real. Aletria, v. 18 n. 2 (2008). pp. 199 - 214. NANCY, Jean-Luc. Fazer, a poesia - ALEA | Rio de Janeiro | vol. 15/2 | p. 414-422 | jul-dez 2013. Trad. Letícia Della Giacomina de França, Janaina Ravagnoni e Mauricio Mendonça Cardozo. PORRÚA, Ana. Emplazamiento y ruina: trayectos del poema de Marília Garcia. In: Estudios de Teoría Literaria. Revista digital: artes, letras y humanidades, março de 2021, vol. 10, nº 21, pp. 30-43. _____. Figuraciones de lo visible en la poesía latinoamericana reciente: estallido y montaje. Caracol, São Paulo, N. 17, jan./jun. 2019, pp. 111 - 135. SÜSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados. O Globo, 21 set. 2013. Prosa e Verso. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekkind-510390.html> Acesso 15/12/22 - 08h:30. SHKLOVSKY, Viktor. El arte como artificio. In: Teoría de la literatura de los formalistas rusos. In: Tzvetan Todorov (org). México: Siglo XXI, 1981. p. 55-77. VILLA-FORTE, Leonardo. Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI. - Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

"COM DIFICULDADE, ACRESCENTEI OUTRO PARÁGRAFO": A IMPERFEIÇÃO DESEJÁVEL DE OSMAN LINS

Wallace Ribeiro Ramos

Resumo: Em 13 de dezembro de 1965, o escritor Osman Lins (1924-1978), começou a escrever um diário com o intuito de elaborar um amplo registro sobre o ato de escrita. Este material, hoje sob a guarda do AMLB na Fundação Casa de Rui Barbosa, tem início com as seguintes linhas “Escrevi o 1º § do livro, começando a narrar a dificuldade em que me encontro para escrevê-lo”. E durante os 3 anos seguintes, o escritor não apenas manteve a escrita deste diário, como também reuniu um amplo material bibliográfico e recortes de jornais com o intuito de compor um arquivo sobre o processo da sua própria escrita. Desta forma, uma poderosa força está em jogo quando Osman Lins elabora a

reflexão sobre a sua complexa experiência da escrita crítica. O conjunto de notas, recortes de jornais, colagens e textos que formam este registro mantido regularmente enquanto trabalhava no livro *Guerra Sem Testemunhas* (1969), desvelam suas leituras, movimentos de pesquisa, rotinas, anseios, inspirações, impasses, e principalmente, o esforço para dar visibilidade às trilhas percorridas em um lugar configurado como campo de batalha para o autor: o espaço da literatura. Os modos de agenciamento do seu processo de criação neste campo envolvem um olhar minucioso, consciência existencial, e um rigoroso compromisso com a artesanaria da palavra. Desta forma, para conceber o testemunho e estabelecer seu escopo crítico, o autor procede por meio de artifícios que operam a reordenação das estruturas que compõem o pensamento abstrato. Este deslocamento, realizado pela imaginação crítica, resulta em um intenso procedimento inventivo manifestado no próprio ato da escrita, pois condensa o gesto seminal de um autor que decide arquivar para tornar público o seu processo.

Referências: ANDRADE, Ana Luiza. *Osman Lins: crítica e criação*. Curitiba: Appris, 2014. BIASI, Pierre-Marc. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. FARIA, Zênia de. FERREIRA, Ermelinda. *Osman Lins 85 anos: A Harmonia de Impoderáveis*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009. GUSDORF, Georges. *La Palabra*. Buenos Aires: Galatea Nueva Vision, 1957. HAZIN, Elizabeth. *O Nó dos Laços*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. HAZIN, Elizabeth (org). *Linscritura: Limiares da Escrita Osmaniana*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, CNPQ, 2014. IGEL, Regina. *Osman Lins: Uma Briografia Literária*. São Paulo: T.A. Queiroz; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1988. LADEIRA, Julieta de Godoy. *O Desafio de Criar: O sonho e o chão da palavra escrita*. São Paulo: Global, 1995. LIMA, Luiz Costa. *Por Que Literatura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1969. LINS, Osman. *Guerra Sem Testemunhas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969. *Problemas Inculturais Brasileiros: Do Ideal e da Glória e Evangelho na Taba*. Recife: Ed. UFPE, 2018. MOREIRA, Cristiano. *Sagração Tipográfica em Osman Lins: arquivos, gestos, impressões*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2019. *O fundo falso do diário: Osman Lins e o mal de arquivo literário*. *Escrituras Americanas* (on Line). *Escrituras Americanas*, v. 01, p. 37-44, 2012. NITRINI, Sandra. *Transfigurações: ensaios sobre a obra de Osman Lins*. São Paulo: Hucitec, 2010. OLIVEIRA, Lauro de. *Osman Lins: vocação ética, criação estética*. Recife: Bagaço, 2010. PEREIRA, Eder Rodrigues. *A biblioteca de Osman Lins no IEB/USP e na Fundação Casa de Rui Barbosa*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 66, p. 86-107, abr. 2017. RAMOS, Darcy Attanasio Taboada. *Potencialidades do ensaio: convergências poéticas e conceituais (Guerra Sem Testemunhas, de Osman Lins)*. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, 2014. STEEN, Edla van. 'Osman Lins' in: *Viver & Escrever volume 2*. Porto Alegre: L&PM, 2008. ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. WILLEMART, Philippe. *Universo da Criação Literária*. São Paulo: Edusp, 1993. *Bastidores da Criação Literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SIMPÓSIO “EXPERIMENTAÇÕES COM AS MATERIALIDADES PERFORMATIVAS/IMERSIVAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA”

Juliana Pádua Silva Medeiros (Mackenzie), Luis Carlos Barroso de Sousa Girão (USP) e Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UNIFESSPA)

LITERATURA INFANTIL/JUVENIL CONTEMPORÂNEA: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS E INOVAÇÕES ARTÍSTICAS

Adriana Falcato Almeida Araldo

Resumo: Literatura Infantil/Juvenil contemporânea: espaço de experiências e inovações artísticas
Adriana F. A. Araldo (Mestre em Letras/USP) “Fazer a palavra virar coisa” sempre foi um dos propósitos a serem alcançados pelos artistas no trabalho com a palavra literária. Na contemporaneidade, no livro para crianças e jovens, esse objetivo revela-se por meio das

experimentações artísticas que integram linguagem verbal, linguagem visual e projeto gráfico, possibilitando às palavras ganharem corpo e às imagens, movimento, ações que contribuem para transformar o livro em um novo objeto estético, marcado pelo hibridismo de linguagens. Realizar um trabalho com a literatura infantil/juvenil em nossos dias, requer reconhecer o livro como unidade de significação, cujos elementos em sua composição, contribuem reforçando e enriquecendo os sentidos da obra: formato, tamanho do livro, capa, cores, tipo de papel, recortes, dobras, tipografia, fontes, texturas, técnicas de ilustração, seleção vocabular, posicionamento do narrador no texto, distribuição do texto verbal nas páginas... Elementos justificados por intenções textuais que agregam valor estético e ampliam possibilidades perceptivas. Trabalho de seleção e exploração dos recursos expressivos de linguagem que denuncia a presença de voz autoral e ilumina caminhos de leitura, estabelecendo relações de sentido entre obra e público leitor. Este estudo pretende destacar a importância da tríade intersemiótica: texto, imagem, design, em obras de autores contemporâneos, (Odilon Moraes, Renato Moriconi, Alexandre Rampazo, entre outros) revelando como o uso criativo dos recursos expressivos da linguagem contribui para o enriquecimento e unidade das obras, fazendo da literatura infantil/juvenil, hoje, o lugar das grandes experiências e inovações artísticas. O estudo encontra embasamento em pesquisas de Zigmunt Bauman, acerca da contemporaneidade, as questões sobre o hibridismo cultural estão ancoradas em pesquisas de Lucia Santaella e os fundamentos sobre a literatura infantil/juvenil em Nelly Novaes Coelho, Teresa Colomer, Maria Zilda da Cunha e Eliane Debus.

Referências: BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 1ªed. São Paulo: Editora Moderna, 2000. COLOMER, Teresa. Introdução à Literatura Infantil e Juvenil Atual. São Paulo: Global, 2017. CUNHA, Maria Zilda da. Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil. São Paulo: Humanitas/Paulinas, 2009. DEBUS, E., GONÇALVES, F., SPENGLER, M.L.P. (orgs.) Livro objeto e suas arti(e)manhas de construção. Curitiba: Editora Mercado Livros, 2020. GREGORIN FILHO, José Nicolau. Figurativização e imaginário cultural. UNESP, Araraquara, 2002. _____. Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo, Melhoramentos, 2009. LINDEN, Sophie Van Der. Para ler o livro ilustrado. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011. MORAES, Odilon. Rosa. Curitiba: Olho de Vidro, 2017. MORAES, Odilon. Ismália. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018. MORICONI, Renato. Bárbaro. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013. RAMPAZO, Alexandre. Pinóquio: o livro das pequenas verdades. São Paulo: Boitatá, 2019. SANTAELLA, Lucia. Humanos hiperhíbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021. (Livro eletrônico).

POR UMA POÉTICA EXPANDIDA: OS INSTAPOEMAS FEMINISTAS DE RUPI KAUR E RYANE LEÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Fernanda Barroso e Silva

Resumo: A produção literária atual, com processos criativos que expandem o modelo mais convencional de expressão e de circulação do literário – o livro impresso –, conta com uma diversidade de formas através das quais é desenvolvida. Nesse cenário, os intensos avanços tecnológicos se destacam nesse processo em que novos suportes e interfaces são utilizados e colaboram para uma reconfiguração de como a Literatura se manifesta, a contemplar os Instapoemas de Rupi Kaur e Ryane Leão. Nos meandros dessa intensa relação entre Literatura e Tecnologia, são vislumbrados atravessamentos que deslocam a experiência da Literatura para outros ambientes, orientando as relações e as experiências do leitor, do autor e da obra. Por conseguinte, essas novas paisagens, considerando as inúmeras potencialidades criadas e recriadas pelas mídias sociais, promovem um encontro entre elementos assimétricos e ampliam as possibilidades de significação. Nesse contexto, as produções das poetisas indo-canadense Rupi Kaur e da brasileira Ryane Leão, nomes expressivos da produção feminista contemporânea, são marcadas por uma textualidade mosaica em interfaces intimistas, com textos que circulam e recebem interferências de seus seguidores-leitores, ressoando discursos emancipatórios em relação às mulheres. Assim, observa-se que pensar essas múltiplas articulações entre artes e suas linguagens traz à tona

processos sociais e culturais que delas fazem parte, fazendo também emergir o próprio contexto de luta das poetisas mencionadas. Interessa-nos, então, investigar como e em que extensão essas experimentações da Literatura alcançam, de modo distinto do tradicional, a própria causa feminista das poetisas ao promover uma nova relação com o leitor, agora agente atuante nesse rico jogo da produção poética de Kaur e Leão. Para tal, são considerados apontamentos de Penke (2019), Castells (2013), Gattass (2011), Hayles (2009), Pojoga (2019) e Zilberman (2018) ao olhar para esses atravessamentos e suas crescentes redes de conexão.

Referências: CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. GATTASS, Luciana Barroso. Digital literature: theoretical and aesthetic reflections. 2011. 192 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. HAYLES, N. Katherine. Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário. São Paulo: Global, Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009. PENKE, Niels. #instapoetry. Poesia popular no Instagram e seus affordances (propiciamentos). Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 24, n. 46, p. 250-273, 2022. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/730/947>. Acesso em: 8 jan. 2023. POJOGA, Vlad. The change of medium and the medium that changes: narrative Literature, networks and the digital. Transylvanian Review, v. 28, n. 1, p. 203-215, 2019. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/335749713_The_Change_of_Medium_and_the_Medium_that_Changes_Narrative_Literature_Networks_and_the_Digital. Acesso em: 8 jan. 2023. ZILBERMAN, Regina. Comparative literature and the challenge of digital media. In: COUTINHO, Eduardo. Comparative literature as a transcultural discipline. São Paulo: Annablume, 2018. p. 163-181.

MATERIALIDADE BRINCANTE NO LIVRO-OBJETO O CARTEIRO ENCOLHEU DE JANET E ALLAN AHLBERG

Gabriela Pereira Da Silva e Jessica Ibiapino Freire

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar a ludicidade a partir das materialidades do livro-objeto “O carteiro encolheu” dos escritores e ilustradores Janet e Allan Ahlberg. A obra traz, por meio do design gráfico, ilustrações e demais itens, um convite brincante ao leitor contemporâneo. No primeiro contato, há uma interpelação à abertura de um envelope contendo um cartão e uma lupa, que instigam o leitor a adentrar a narrativa. Esses acessórios guiarão o público pelos diversos caminhos encantados do carteiro, que, a propósito, também cresce ou diminui de acordo com o trecho da aventura. Essa construção contribui para a experimentação da fantasia de uma história atravessada por outros clássicos como, “Alice no País das Maravilhas” e o “O Mágico de Oz”, que aqui ganham outros significados. Convidados a manipular o livro como “objeto-carta”, “objeto-mapa” e “objeto-livro”, o leitor se vê impelido a despertar outras habilidades que o auxiliarão na leitura do todo. O livro-objeto, por exemplo, conduz o olhar a outros elementos que, no sistema literário tradicional, não eram percebidos como parte da narrativa, o texto escrito, neste caso, passa a ser mais um deles e não necessariamente o centro da literariedade. Para tanto, se fará uso de alguns teóricos que se debruçam sobre essa nova forma de estudar literatura, tais como: Ramos (2011), Pereira (2017), Almeida e Navas (2021), Linden (2018), Salisbury e Styles (2013), Barthes (2015) e Navas (2019). Assim, estudar o livro-objeto e sua materialidade é um dos caminhos para analisar literatura, que tradicionalmente vê no texto verbal muitas vezes a principal fonte de análise, essa abordagem a partir de outros elementos como a capa, as ilustrações e da tipografia do livro, por exemplo, subverte a ordem natural dentro do sistema canônico das discussões sobre o que é Literatura infantojuvenil.

Referências: AHLBERG, Janet; AHLBERG, Allan. O carteiro encolheu. Tradução: Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. BARTHES, Roland. O prazer do texto. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Coleção Elos) BRASIL. PNBE na escola: literatura fora da caixa / Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. – [Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação

Básica, 2014]. 3v. Guia 1 : Educação Infantil . Disponível em: www.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=acesso Acesso em 27/08/2020) CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários escritos, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1970. COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000. _____. Literatura: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000. COSSON, Rildo, Letramento literário: teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014. FREIRE, Paulo, A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989. GÓES, Maria Lúcia Pimentel de Sampaio. Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens. [S.l: s.n.], 2003. Graça Paulino (2010): GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil brasileira: uma nova outra história. Curitiba: PUCPress, 2017. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira: História & histórias. 6ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2006. LINDEN MIGUEZ, Fátima. Nas arte-manhãs do imaginário infantil: o lugar de literatura na sala de aula. Rio de Janeiro: Singular, 2009 Navas (2019) PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade. (Orgs.) Literatura infantil e Juvenil: campo, materialidade e produção. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2019. RAMOS. Graça. As imagens nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual. 1ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. Silva e Zilberman (1990) STYLES, 2013 TABERNERO-SALA ZILBERMAN, R., & Lajolo, M. (1993). Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira, história, autores e textos. São Paulo: Global. ZILBERMAN, R. (2005). Como e por que ler a literatura infantil brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva. KIRCHOF, Edgar Roberto Roberto; BONIN, Tatiana. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. Dossiê: Literatura, infância e espaços escolares - UNICAMP, v. 27, número do exemplar, p. 23 a 28. maio-agosto, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/yrnrPjhQT4GN79wRyQyTQLf/?lang=pt>.

AS MATERIALIDADES DO LIVRO "NO MATO": RELATO DO FAZER ARTÍSTICO-LITERÁRIO

Gisele Link Federizzi

Resumo: Esta comunicação visa trazer a experiência de uma autora independente que reflete, a partir do seu fazer artístico-literário, acerca das materialidades que compõem o livro para as infâncias "No mato". Para tanto apresentar-se-á a estrutura móvel da obra, produzida em 2019, pela autora Gisele Link Federizzi, apresentadora do presente trabalho, discorrendo sobre as possibilidades e potencialidades de significação. A referida produção artesanal tem uma arquitetura física conhecida como flexagon, que reforça a potência cíclica da narrativa. O design (forma + dimensão + cor + jogo de palavras) aposta na estratégia de repetição, convidando o leitor a pedir "De novo! De novo!" ao fim da leitura (mas será que existe um fim?). Nesse movimento de interação em que se começa por onde quiser, o leitor explora as materialidades enquanto linguagem estética, experimentando uma leitura não linear, a qual rompe com o padrão e ordem capa->miolo->contacapa. Na manipulação performática do objeto livro, dentro do seu próprio ritmo e tempo, o leitor mobiliza todo o corpo, potencializando a dimensão lúdico-sensório-perceptiva (jogar, virar, voltar, adivinhar, surpreender-se), bem como sonora (rimas, intensidades e alturas vocais) e visual (cores, disposição na "páginas" e imagens que se transmutam e se reorganizam) a cada nova virada de dobras. À luz de Carrión (1995), Derdyk (2013), Medeiros (2022), Huizinga (1993), Naves & Junqueira (2019), Silveira (2001), e Zumthor (2007) propõe-se, então, olhar e analisar teoricamente o próprio processo de criação artístico-literário do qual compreende o leitor também como coautor dos sentidos, uma vez que ele é o sujeito que interage brincando, criando e recriando todos os elementos pictóricos e textuais presentes na obra

Referências: CARRION, Ulises. A nova arte de fazer livros. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. DERDYK, Edith (org). Entre Ser Um E Ser Mil - O Objeto Livro E Suas Poéticas. São Paulo: Senac, 2013. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o Jogo como Elemento na Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008. MEDEIROS, Juliana Pádua Silva. Trouxe a chave?: as materialidades do livro interativo analógico na literatura de infância, um convite a abrir as portas da percepção.

<https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/28885> Acessado em Março de 2022. NAVAS, Diana & JUNQUEIRA, Maria Aparecida (org) . Livro-Objeto e outras artes. São Paulo: Big Time Acadêmica, 2021. SILVEIRA, Paulo. A Página Violada. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LITERATURA, ARTE E TERAPIA: O LIVRO-OBJETO E SUAS POSSIBILIDADES

Janaina Freire de Oliveira dos Santos

Resumo: Este estudo visa agregar valores e especificidades terapêuticas ao livro-objeto, buscando referenciais teóricos os quais qualificam tal proposição. Por representar objeto que une o hibridismo das artes, o livro-objeto apresenta potencial criativo, imaginativo, simbólico e emocional, características e qualidade potenciais para validar e assegurar sua utilização enquanto instrumento e/ou suporte em terapias psíquicas ou não psíquicas, como também no auxílio à compreensão e ressignificação de questões particulares do leitor/apreciador em momentos isolados de leitura/apreciação. Desse modo, o objeto desta pesquisa é o livro-objeto e suas possibilidades terapêuticas. Como objetivo geral, visa compreender, demonstrar e qualificar o livro-objeto, atribuindo-lhe valorização além das distrativas, e decorativas. Já os objetivos específicos consistem em perceber a importância da arte e da literatura para a humanidade, relacionando-as; definir e contextualizar o livro-objeto enquanto instrumento que extrapola as prerrogativas literárias e artísticas, demonstrando suas potencialidades terapêuticas; analisar o potencial criativo, imaginativo, fantasioso e sensível presente nas imagens e nos diferentes formatos e configurações dos livros-objetos, e perceber e demonstrar, a partir de experiências, seu potencial terapêutico. A hipótese visa propor um novo olhar para o conceito de leitura presente nos livros-objetos e sua convergência de linguagens e materialidades, suscitando no leitor/apreciador/experimentador possibilidades de construção de narrativas diferentes e diversificadas, capazes de afetar a imaginação, a criatividade, os sentimentos e emoções. Serão utilizados para fundamentar tal proposição a catarse por Aristóteles, os efeitos da estética da recepção por Iser, a fenomenologia por Husserl e Merleau-Ponty, a psicanálise freudiana, a psicologia analítica por Jung, a arteterapia gestáltica por Ciornai e o potencial receptivo da imagem por Didi-Huberman, Melot e Manguel. Para demonstrar tais proposições, serão utilizados os corpus: Carrossel de Ale Kalko e Casa da vó de Lissa Sakajiri, explorados em dinâmicas com a finalidade de comprovar as hipóteses apresentadas.

Referências: ARISTÓTELES. Sobre a arte poética; Tradução Antônio Mattoso e Antônio Queirós Campos. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018. ARNHEIM, Rudolf. Arte e a percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Thomson Learning, 2005. AZEVEDO, Ricardo. Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão! Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 5, n. 25, p. 87-88, jan./fev., 1999. CIORNAI, Selma. Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia / Selma Ciornai (org.). São Paulo: Summus, 2004. COMPAGNON, Antonie. Literatura para quê? Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. DERDYK, Edith. Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 2 : estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer / Sigmund Freud; tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016. FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/download/62194485/linguistica_que_e_isto_primeiro_capitulo20200225-79462-1er63f5.pdf. Acesso em 11/07/2022. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2007. GOMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2013. GRINBERG, Luiz Paulo. Jung: O homem criativo. São Paulo: FTD, 2003. ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol. I. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. JUDAR, Tânia Veiga. O livro-objeto Pau Brasil. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2016, 118p. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/19222> - Acesso em: 19/10/2021. JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique. Ed. Vozes: Petrópolis, 2011. KAST, Verena. Jung e a psicologia profunda:

um guia de orientac?ao pra?tica. Traduc?a?o Karina Jannini. Sa?o Paulo: Cultrix, 2019. MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo : Martins Fontes, 1999. MIRANDA, Luís Henrique Nobre de. Livros-objeto: fala-forma. 2006. 139 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. MOSÉ, Viviane. Nietzsche hoje. Sobre os desafios da vida contemporânea. Ed. Vozes: Petrópolis, 2013. NEVES, Tiago Iwasawa. O universalismo da cura em Freud. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]. 2020, v. 23, n. 1, pp. 21-29. Epub 24 Jan 2020. ISSN 1809-4414. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001003> - Acesso em: 07/09/2022. OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2014. REZENDE, Joffre Marcondes de. Terapia, terapêutica, tratamento. Linguagem médica. Revista de Patologia Tropical. Vol. 39. Abril-junho de 2010. p. 149-150. ROBERTSON, Robin. Guia prático de psicologia junguiana: um curso básico sobre os fundamentos da psicologia profunda. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2021. RODRIGUES, Sirlene Felisberto. Vivências interartes: encontros afetivos entre arte e literatura no ensino fundamental / Sirlene Felisberto Rodrigues. Londrina: s.n., 2019. 158p. SALLES, Cecília de Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998. SANTIAGO, Lion. O tempo-espaço em Ismália: o livro-objeto como aparato técnico. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2021, 121p. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23653> - Acesso em: 19/10/2021. SILVEIRA, Nise da. Jung: vida e obra / Nise da Silveira – 7- ed.– Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

ABRINDO CAMINHOS E CONSTRUINDO PORTAIS: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO ENQUANTO AUTOR DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS MULTISSEMIÓTICAS

Joana Marques Ribeiro

Resumo: A presente comunicação propõe reflexões sobre a formação do leitor literário em nossa contemporaneidade. Considerando as profundas transformações pelas quais tem passado a sociedade e novos paradigmas de compreensão da realidade que emergem atualmente, o estudo orienta-se a partir de conceitos fundamentais da filosofia contemporânea, que privilegiam a hermenêutica com papel central no processo de conhecimento humano. Assim, acercar-nos-emos de conceitos da hermenêutica filosófica tal como postulada por Hans-Georg Gadamer e desenvolvida pelo prisma da literatura por Paul Ricoeur, cujas reflexões abarcam a dimensão ontológica e existencial da literatura e da experiência da leitura literária. Entrelaçando a pesquisa acadêmica e a vivência cotidiana da leitura na escola, apresentaremos o trabalho realizado com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma instituição da rede particular de ensino da cidade de São Paulo. A partir da leitura das obras *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, e *A metamorfose* (1915), de Franz Kafka, os alunos produziram narrativas poéticas multissemióticas como experiências de leitura e possíveis diálogos entre as obras mencionadas, revelando paradoxos da vida contemporânea. Primeiramente, evidenciaremos os diálogos intertextuais, intersemióticos e interdiscursivos promovidos por estratégias de mediação, concebida como um jogo circunscrito no espaço/tempo da aula, concepção esta que, pautada em reflexões de Huizinga (2008), pode ser um fio condutor significativo para pensarmos a mediação da leitura como um portal de acesso a uma experiência singular e autêntica com a arte literária. Posteriormente, serão feitas análises das produções dos alunos, observando a arquitetura estética dessas narrativas, cujas elaborações mobilizam múltiplas linguagens e ressoam experiências leitoras vividas em sala de aula. Finalmente, notaremos como a estratégia lúdica de mediação pode promover o que Barthes (2004) denomina de uma leitura condutora do desejo, convertendo-se a leitura literária em acontecimento transformador da vida dos jovens leitores enquanto autores e seres de linguagem.

Referências: BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004. GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1997. HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008. KAFKA, Franz. A metamorfose; tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. RIBEIRO, Joana Marques. Metamorfoses do olhar: reflexões

sobre a formação do leitor literário contemporâneo [tese]. São Paulo: "Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas", Universidade de São Paulo, 2020, 289 p. RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1976. _____. Do texto à ação. Portugal: RÉS-Editora, 1986. _____. O conflito das interpretações. Ensaio de hermenêutica. Portugal: RÉS-Editora, 1988. _____. Interpretação e ideologias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. SHELLEY, Mary (pseud.). Frankenstein; tradução de Miécio Araújo Jorge Honks. Porto Alegre: L&PM, 2019.

NÃO QUERO MAIS SER EU: REJEITANDO LEITURAS AUTOBIOGRÁFICAS DAS ESCRITAS CONFESSIONAIS DE CLARAH AVERBUCK E MEGAN BOYLE

Júlia Irion Martins

Resumo: Este trabalho compara a manipulação de paratextos em torno do livro Máquina de Pinball (2002), da autora brasileira Clarah Averbuck, com a do livro Liveblog (2018), da autora estadunidense Megan Boyle, que esteve muito envolvida no movimento "alt-lit" americano (que se estendeu aproximadamente de 2007 a 2015). Ao reunir essas duas autoras de blogs feministas que viraram livros, examino as suposições autobiográficas e autoficcionais incorporadas à literatura baseada na Internet escrita por mulheres. Apesar de ambas basearem seus trabalhos em seus blogs pessoais, Averbuck e Boyle adotam tratamentos diferentes para a questão da verdade versus a ficcionalização. No entanto, por meio de suas respectivas manipulações de paratextos, ambas as autoras complicam e rejeitam leituras simplesmente autobiográficas de suas obras. Ao colocar o desenvolvimento e a materialidade da Web 2.0 em diálogo com as teorias do "auto", meu trabalho lança as seguintes perguntas: A materialidade da internet (em particular, a Web 2.0 e os mecanismos para verificar a identidade do usuário) encoraja os leitores contemporâneos a confundir a narração em primeira pessoa com uma escrita autobiográfica? O que está em jogo para a autoria e a autonomia das mulheres quando se supõe que seus escritos online sempre tenham algum grau de "auto" ou de verdade?

Referências: Averbuck, Clarah. Máquina de Pinball. Conrad Livros, 2002. Azevedo, Luciene. "Blogs: A Escrita de Si na Rede dos Textos." Matraga, Volume 14, Number 21, 2007. 44-55. Boyle, Megan. Liveblog. Tyrant Books, 2018. Chun, Wendy. Updating to Remain the Same: Habitual New Media. MIT Press, 2016. Oliveira, Bruno Lima. "Estratégias de Inserção na Literatura 2.0." Cadernos de Letras da UFF, Number 50. 199-217. Worthington, Marjorie. The Story of Me: Contemporary American Autofiction. Nebraska Press, 2018.

LIVRO INTERATIVO ANALÓGICO: QUE OBJETO É ESSE?

Juliana Pádua Silva Medeiros

Resumo: Da última década do século XX para cá, na literatura de infância, tem-se visto cada vez mais livros interativos analógicos, os quais exploram os potenciais estéticos das materialidades (acabamento gráfico, cor, dimensão, formato, tipografia, gramatura do papel, diagramação etc.) na construção dos sentidos, oportunizando leituras para além do universo da palavra. Com o objetivo de refletir sobre o quanto as arquiteturas textuais dessas produções contemporâneas estimulam novos perfis leitores, esta comunicação — à luz de Carrión (1975), Plaza (1990), Santaella (1993, 2004, 2012 e 2013), Perrot (2002), Eco (2003), Ramos (2017), Zumthor (2018), Reid-Walsh (2019), Navas & Junqueira (2019 e 2021), Girão (2021), Medeiros (2022), entre outros — tem como objetivo olhar para algumas obras literárias contemporâneas, discutindo não só acerca das experiências perceptivas, mas também o papel do leitor como coautor. Para tanto, propõe-se: (1) apresentar o conceito de livro interativo analógico, (2) exemplificar como os elementos constituintes do objeto livro se configuram enquanto linguagens, (3) categorizar os tipos de estímulos semióticos à interação dessa literatura brincante, (4) discorrer a respeito do convite à leitura performática estimulada pelos arranjos estéticos literários, (5) delinear o que se entende por experiência perceptiva e (6) problematizar o quanto essas arquiteturas textuais (obras abertas) impactam as noções de "livro", "leitor", "literatura" e "mediação".

Referências: CARRIÓN, Ulises. A nova arte de fazer livros. Tradução Almir Brito. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações na poéticas contemporâneas*. Tradução Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2003. GIRÃO, Luis Carlos. Literaturas no corpo: novos estímulos às percepções no objeto livro na obra de Katsumi Komagata. *Estação Literária*, v. 2, n. 26, p. 46-59, 2021. NAVAS, Diana; JUNQUEIRA, Maria Aparecida (Orgs.). *Livro-objeto: pluralidade, potência*. São Paulo: BT Acadêmica, 2019. NAVAS, Diana; JUNQUEIRA, Maria Aparecida (Orgs.). *Livro-objeto e outras artes*. São Paulo: BT Acadêmica, 2021. PERROT, Jean. Os "livros-vivos" franceses. Um novo paraíso cultural para nossos amiguinhos os leitores infantis. In: KISHIMOTO, Tizuko M. 2. ed. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira T.L, 2002. PLAZA, Julio. *Arte e Interatividade: autor-obra-recepção*. Brassilpaissdooofuturoborosss, 1990. RAMOS, Ana Margarida (Org.). *Aproximações ao livro-objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura*. Porto: Tropelias & Companhia, 2017. REID-WALSH, Jacqueline. *Interactive books: playful media before pop-ups*. New York: Routledge, 2019. ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

A DINÂMICA COMUNICACIONAL EM GOD OF WAR

Lígia Ribeiro de Souza Zotesso

Resumo: O presente trabalho é um recorte da tese de doutoramento, ainda em andamento, sobre a dinâmica comunicacional em *God of War* (2018) e *God of War* (2022), desenvolvidos pela Santa Mônica Studios e publicados pela Sony Interactive Entertainment, sob direção de Cory Barlog, em 2018 e Eric Williams, em 2022. Este estudo verifica em sua proposta de que forma a dinâmica comunicacional, na teoria de Zeitgeist, atua diante da representação simbólica dos personagens de *God of War*, Kratos e Atreus, em outros universos Vikings. Tais como: a série *The Last Kingdom* (2015 - 2022) e o spin-off *Vikings: Valhalla* (2022), transmitidos pela plataforma de streaming Netflix; a série de televisão *Game of Thrones* (2011 - 2019), transmitida pela Home Box Office (HBO); o filme *The Northman* (2022), disponível para aluguel nas plataformas do Amazon Prime Video, Apple TV+, YouTube e Google Play e o jogo (videogame) *Assassin's Creed Valhalla* (2020), disponível para PlayStation 5, PlayStation 4, Xbox One, Xbox Series X e Series S, Google Stadia, Microsoft Windows, Amazon Luna. Perante o exposto, julga-se necessário um mapeamento do contexto nórdico a fim de recuperar a representatividade dos personagens Kratos e Atreus através de suas performances na narrativa de *God of War* corroborando com a proposta deste trabalho. Dessa forma, a dinâmica comunicacional presente em *God of War* reverbera num processo que se resume ao Zeitgeist sobretudo tecnológico expondo uma narrativa imbricada a outra materialidade.

Referências: AARSETH, E. *Cybertext: perspectives on ergodic literature*. The Johns Hopkins University Press, 1997. ARAÚJO, Júlia Matias Carlos de. *Zeitgeist e Comunicação: relações, influências e usos*. Brasília, 2015 Monografia (Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12382/1/2015_JuliaMatiasCarlosdeAraujo.pdf. Acesso em: 19 jan. 2022. BAETENS, Jan. *Novelization, a contaminated genre?* *Critical Inquiry*. Chicago, v. 32, 2005, p. 43 - 60. BOBANY, Arthur. *Video game arte*. Teresópolis - RJ: Novas Idéias, 2008. 192 p. BOMFIM, Ivan; SARTOR, Basilio; VIEIRA, Karine Moura. O embate entre o jornalismo tradicional e o *The Intercept Brasil* a partir do caso #InterceptNoRodaViva. In: BOMFIM, Ivan (Org.); SARTOR, Basilio (Org.); VIEIRA, Karine Moura (Org.). *Mídia e Zeitgeist*. Florianópolis: Editora Insular, 2021. 290 p, p. 19 - 58. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, f. 181. 1998. 361 p. FILOSOFIA: Hegel (resumo). *Conceito Ilustrado*. 2022. vídeo (7:51). Disponível em: <https://youtu.be/c3yCQzyarks>. Acesso em: 12 out. 2022. GOD OF WAR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=God_of_War&oldid=60291662. Acesso em: 22 jan. 2021. HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014. 133 p. HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011. 280 p. Tradução de: *A Theory of Adaptation*. ISER, Wolfgang. *Ato da leitura - vol. 1*, O. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, v. 1, 1996. JAUS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à*

teoria literária. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, v. 36, 1994. 78 p. (Série Temas). JENKINS, HENRY JENKINS. Cultura da convergência. Tradução Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009. JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. 6ªEd. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002. JUUL, Jesper. Half Real: Video Games between Real Rules and Fictional Worlds. Cambridge, MA: The MIT Press, 2005. MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação: como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1964. TAVINOR, Grant. The Art of Videogames. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009. ZEITGEIST: In: Meio & Mensagem. São Paulo: Editora Meio & Mensagem, 2014. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/ponto_de_vista/2014/02/06/zeitgeist.html>. Acesso em: 16 mar. 2022.

AS CADEIAS DE RECEPÇÕES EM AUDIOLIVROS E NOVAS FORMAS DE AUTORIA

Lilian Pacheco Monteiro da Costa

Resumo: A literatura em áudio apresenta um novo campo de investigação para os meios editoriais e literários no que diz respeito às diferentes formas de autoria e às cadeias de recepções. A língua escrita, em contraste com o discurso oral, tem a sua produção destacada do contexto original, permitindo e provocando a ausência do autor (ONG, 2013). O autor-escritor literário, portanto, se distancia da sua obra a partir do momento que realiza a escrita e tem sua "morte" decretada por Barthes (2004[1968]) quando a voz perde a sua origem. O presente trabalho busca argumentar que a inserção da voz do narrador na literatura em áudio garante novas autorias aos produtos literários e busca também debater a presença desse novo narrador-autor e a aplicação de questões da crítica para os audiolivros. A partir dessa observação, tentamos assimilar como o novo narrador-autor cumpre a chamada função-autor (FOUCAULT, 1997 [1969]) e caracteriza modos de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos nos sistemas literários. Da mesma maneira, compreendemos, com base nas propostas da Estética da Recepção, que a inserção da interpretação do narrador-leitor na produção do audiolivro preenche alguns vazios e reorganiza os espaços de participação do leitor-ouvinte. Dessa forma, buscamos analisar de que forma a presença de um novo autor-receptor continua e a afeta a compreensão e a recepção de novos leitores em uma cadeia de recepções no âmbito da literatura em áudio.

Referências: BARTHES, Roland. A morte do autor; O efeito de real. In: ___. O rumor da língua. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1968]. CHARTIER, Roger. História intelectual do autor e da autoria. In: FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Orgs.). Autoria e história cultural da ciência. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. FOUCAULT, Michel. O que é um autor? 3a ed. Tradução de António Fernando Caiscais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1997 [1969]. ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. ONG, Walter J. Orality and literacy. Routledge, 2013.

AS DOBRAS QUE RECONTAM AS MIL E UMA NOITES: ENGENHO E ARTE NA ADAPTAÇÃO EM POP-UP DE ALADIM E A LÂMPADA MÁGICA (2011)

Lucas Silvério Martins

Resumo: Muitos são os meios de apresentação do texto literário que, plural e multifacetado, pode assumir diferentes formas de apresentar o conteúdo que a constitui, numa relação intrinsecamente estabelecida (CANDIDO, 2004). Destarte, podendo o texto ficcional ser observado por diferentes prismas, atentamos, nesta investigação científica, a um tipo de apresentação do objeto livro que, tamanha a sua materialidade, delega a si mesmo o signo de livro objeto, subdividindo, dentre diversas outras, na categoria de livros pop-up. Assim, compõe objetivo para este trabalho investigar as formas e o engenho da obra Aladim e a lâmpada mágica (2011), em adaptação sob responsabilidade da editora Ciranda Cultural, com autoria de Paul Hess, e direção-geral de Clécia Aragão Buchweitz. Desta feita, utilizando de análises descritivo qualitativas de caráter interpretativo, objetiva-se de modo mais específico compreender a relação das formas e forças que exercem

materialidade na obra, quer seja no campo textual, imagético ou cinético, de modo a inquirir como tais potências se engendram e formam este tal objeto, que é recebido pelo leitor. Para nortear o processo investigativo, serão utilizadas a contribuição teórico-crítica de Antônio Candido (2004), Peter Hunt (2010) e Nelly Novaes Coelho (2012), para tratar dos temas relativos ao campo literário e suas epistemologias; Rui de Oliveira (2008) e Sophie Van der Linden (2011), para dissertar sobre as singularidades dos recursos imagéticos; e Edith Derdyk (2013), Duncan Birmingham (2019) e Eliane Debus, Maria Laura Spengler e Fernanda Gonçalves (2020), para tratar dos temas relativos às materialidades do livro objeto e das obras pop-up. Será possível observar, assim, a correlação entre a construção única de técnicas (literárias, imagéticas e cinéticas) que orquestram a potencialização da fruição estético-literária.

Referências: BIRMINGHAM, Duncan. Pop-up: design and paper mechanics. Reino Unido: GMC Publications, 2019. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004. COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2012. DEBUS, Eliane; SPENGLER, Maria Laura P.; GONÇALVES, Fernanda. (Orgs.). Livro objeto e suas arti(e)manhas de construção. Curitiba: MercadoLivros, 2020. DERDYK, Edith (org.). Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Editora Senac, 2013. HESS, Paul. Aladim e a lâmpada mágica. Recontado por Libby Hamilton. Tradução de Fabio Teixeira. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011. HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Tradução de Cid Knipfel. São Paulo: Cosac Naify, 2010. LINDEN, Sophie van Der. Para ler o livro ilustrado. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011. OLIVEIRA, Rui de. Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

AGÊNCIA E MOVIMENTO NO CORPO-LEITOR COM O OBJETO-LIVRO

Luis Carlos Barroso de Sousa Girão

Resumo: O objetivo principal desta proposta de comunicação é responder à pergunta: que agentividades possíveis estão previstas no objeto-livro para o corpo-leitor? Para ensaiar uma resposta à nossa provocação teórico-filosófica interdisciplinar, embasamo-nos na vertente neo-materialista dos Estudos Literários (cf. Liedeke Plate/2020 & Jessica Pressman/2020), que lança luz sobre as materialidades do objeto-livro (cf. Luis Girão/2021); na vertente fenomenológica dos Estudos do Corpo (cf. Maxine Sheets-Johnstone/2009, 2011, 2020) que entende o movimento como nossa língua materna; e na vertente crítica da Filosofia da Linguagem (cf. Giorgio Agamben/2017) que observa o uso habitual dos corpos como potencial a novas e outras ações do sentir. Compreender como o corpo-leitor é estimulado e incentivado a movimentos interpretativos com o corpo-livro em mãos, de modo que a experiência de linguagem (cf. Giorgio Agamben/2005) com o literário alcance sentidos outros que não aqueles exclusivamente ligados ao plano verbal, é objetivo específico ora pretendido. A partir disso, lançaremos um olhar analítico sobre as dinâmicas complementares ligadas à exploração háptica do livro pelo leitor, que são estruturais na composição estética da literatura contemporânea, e isso será melhor observado a partir de um corpus composto pelos títulos "Tree of Codes" (2010), de Jonathan Safran Foer, e "The Man Who Bought the Tree Shade" (2021), de Suzy Lee.

Referências: AGAMBEN, G. Infância e história: Destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. AGAMBEN, G. O uso dos corpos. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017. FOER, J. S. Tree of Codes. London: Visual Editions, 2010. GIRÃO, L. C. O objeto-livro infantil: perspectivas críticoestéticas entre literatura e outras mídias. Tese (Doutorado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, 2021. LEE, S. The Man Who Bought the Tree Shade. Seoul: BIR, 2021. PLATE, L. New Materialisms. In: FROW, J. et al. (Eds.). The Oxford Encyclopedia of Literary Theory. Oxford: Oxford University Press, 2020. Versão Pre-Print disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190201098.013.1013>>. Acesso em: 30 mar. 2020. PRESSMAN, J. Bookishness: Loving Books in a Digital Age. New York: Columbia University Press, 2020. SHEETS-JOHNSTONE, M. The Corporeal Turn: An Interdisciplinary Reader. Charlottesville: Imprint

Academic, 2009. SHEETS-JOHNSTONE, M. Embodied minds or mindful bodies? A question of fundamental, inherently inter-related aspects of animation. *Subjectivity*, New York, v. 4, n. 4, p. 451-466, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1057/sub.2011.21>>. Acesso em: 15 jan. 2023. SHEETS-JOHNSTONE, M. The lived body. *The Humanistic Psychologist*, Washington, v. 48, n. 1, p. 28-53, 2020.

VIVÊNCIAS DE LEITURA(S) DO LIVRO OBJETO: A EXPERIÊNCIA DO CLUBE DE LEITURA ESSÊNCIA LITERÁRIA

Maria Laura Pozzobon Spengler

Resumo: O trabalho apresenta uma reflexão acerca das possibilidades de leitura de livros objeto, realizadas por crianças a partir da leitura dos livros partilhados em um clube de leitura. O clube de leitura Essência Literária é um projeto desenvolvido pela Escola de Educação Infantil Essência do Brincar, e atende famílias de crianças de zero a seis anos, matriculadas na instituição, que recebem livros literários todos os meses. Para além da curadoria dos livros enviados a cada mês, a proposta amplia-se ao trazer às professoras, formação pedagógica acerca do livro ilustrado e suas possibilidades de exploração, assim, as professoras vivenciam a mediação da leitura a partir da escolha dos livros enviados pelo clube, entre outros, e os analisam a partir dos aspectos do livro ilustrado, que abarcam linguagens diversas e materialidades, buscando compreender como os conceitos de infância(s) e criança atravessam essas composições. Essas vivências se constituem permeadas pela perspectiva de educação literária, aprofundada a partir da concepção de letramento literário (COSSON, 2012). As escolhas dos livros articulam essas perspectivas e propõem a leitura de diferentes títulos que valorizam a bibliodiversidade, dentre eles, livros objeto publicados nos últimos anos no país. A leitura desses livros, por meio da sensorialidade do objeto, convoca o corpo todo para potencializar a significação da vivência com a leitura e o brincar. Assim, a escola, que pauta seu trabalho pedagógico na perspectiva da brincadeira enquanto fundante dos processos educativos, também compartilha a concepção de leitura brincante. Percebe-se que a experiência estética possibilitada pelas vivências literárias brincantes com os livros objeto que exploram diferentes materialidades, enviados às famílias, bem como a reflexão crítica acerca do objeto livro realizada pelas professoras durante a formação pedagógica, convida a criança leitora a ampliar seu repertório, de leitura e de mundo, e que a proposta do clube tem potencializado a formação de leitores.

Referências: COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. Belo Horizonte: Contexto Editora, 2012. DEBUS, Eliane; SPENGLER, Maria Laura P.; GONÇALVES, Fernanda. *Livro Objeto e suas (arte)manhas de construção*. Curitiba: Mercado Livros, 2020. MORAES, Odilon; Hanning, Rona; Paraguassu, Maurício. *Traço e Prosa*. São Paulo: Cosac e Naify, 2012.

QUANDO O CARTEIRO CHEGOU TROUXE...CARTAS DE AMOR E DE VIAGENS

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Resumo: Vamos falar sobre cartas, caro leitor? Pois é isso mesmo, sobre esse gênero praticamente milenar é que essa comunicação se debruçará. Mas não falaremos especificamente das marcas epistolares que regem o gênero, como a maioria dos leitores aqui deve estar pensando. Deter-nos-emos sobre como esse gênero, que tem sido muito estudado desde o final do século XX, agora reaparece com apelo às suas materialidades, a saber, o envelope, o texto com as folhas dobradas, manuscrito ou datilografado, e como, a partir dessas materialidades, o conteúdo das cartas passa a ser apresentado ao leitor que, passa a se sentir como se fosse o interlocutor desses textos. Para isso, precisa quase que atuar como aquele que os recebe e que precisa manipulá-los, profanando-lhes o envelope, retirando a carta, abrindo-a e quase que encenando ser o interlocutor a quem o emissor destina sua paixão, pelo outro ou por suas viagens. Ou seja, é necessária uma espécie de performance na qual o leitor é o “ator” que encena ser o destinatário da carta para que o conteúdo, enfim, ganhe vida e saia do envelope em todo seu vigor. E esse conteúdo será descoberto nas obras “Correio Amoroso: 20 cartas sobre paixões, encontros e despedidas”, com organização de Henrique Rodrigues et al (2022) e “Queria ter ficado mais”, organização de Cecília Arbolave e ilustrações de Eva Uviedo (2015). Para isso, nos serviremos de Galvão (1998, 2008), Moraes (2008) e Rocha (2017), para que o leitor se familiarize com os estudos sobre o gênero carta, e de Hendel (2003), Paiva (2010),

Derdik (2013) e Fernandes (2017), dentre outros, para discutirmos as materialidades das obras, bem como Zumthor (2018) para que o leitor atue pelos palcos da interação com o texto.

Referências: DERDIK, Edith (org.). Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Senac, 2013. FERNANDES, Carolina. O visível e o invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagens. Campinas: Mercado de Letras, 2017. GALVÃO, Walnice Nogueira. Desconversa (Ensaio crítico). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998. GALVÃO, Walnice Nogueira. À margem da carta. In Teresa: Revista de Literatura Brasileira. São Paulo, n. 8/9, p. 154-163, 2008. HENDEL, Richard. O design do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. MORAES, Marcos Antonio de. Sobrescrito. In: Teresa Revista de Literatura Brasileira área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – nº /9. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 8 e 9. PAIVA, Ana Paula Mathias de. A aventura do livro experimental. São Paulo: EDUSP/Autêntica, 2010. ROCHA, Vanessa Massoni da. Por um protocolo de leitura do epistolar. Niterói: Eduff, 2017. RODRIGUES, Henrique. Correio Amoroso: 20 cartas sobre paixões, encontros e despedidas. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2022. ZUMTHOR, Paul. Performance, percepção, leitura. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

O VOO DA AVE: 70 ANOS DO PRIMEIRO LIVRO-POEMA DE WLADEMIR DIAS-PINO

Thadeu Rabelo Cecílio dos Santos

Resumo: Na década de 2020, a publicação de A ave (1956), livro-poema do poeta e artista visual Wladimir Dias-Pino, completará 70 anos. Essa edição, um livro artesanal, concebida e manufaturada pelo próprio Dias-Pino, é tida como o primeiro livro de artista publicado no Brasil. A ave constitui gesto inaugural das propostas teórico-práticas basilares do grupo Poema/Processo, movimento artístico derivado do concretismo, que teve Dias-Pino como um de seus principais articuladores, e que se manteve em atividade oficialmente no período de 1967 a 1972. A edição é um poema que se faz na exploração da própria forma do código, valendo-se do vinco, páginas duplas e páginas sobrepostas para a realização da leitura. Dessa forma, escrita e imagem se fundem no encadeamento lírico que é refeito a cada manipulação. Apesar de constituir um marco importante para as artes gráficas no país, A ave é um trabalho menos comentado em debates sobre literatura, e sua relevância é habitualmente encoberta pela maior divulgação dos feitos do concretismo do grupo Noigrandes e do neoconcretismo de Ferreira Gullar, Helio Oiticica e Lygia Clark. Esta comunicação objetiva apresentar a concepção de A ave, contextualizá-la no período histórico de seu lançamento, tecer comentários breves sobre a maneira particular de fazer poesia de Wladimir Dias-Pino e do grupo Poema/Processo e, principalmente, expor tópicos para a investigação da poesia como uma das poéticas do livro. Ainda mais, a comunicação pretende pensar como a materialidade do livro, profundamente relacionada com a reimaginação do arquivo e a interpretação da performance, está presente em trabalhos de poetas emergentes importantes da cena literária da atualidade, como podemos observar no trabalho dos poetas baianos Almandrade e Marcio Junqueira, e da poeta carioca Luiza Leite.

Referências: AGUILAR, Gonzalo. La literatura fuera de si. In: AGUILAR, Gonzaga.; DI LEONE, Luciana (orgs.). Experiencia, cuerpo y subjetividades: nuevas reflexiones. Literatura argentina y brasileña del presente. Colección Instrumentos. Buenos Aires: Santiago Arco, 2011, p. 7-11. ALBUQUERQUE, Tazio Zambi de. Arranjos dinâmicos: escritura, gesto e vocalidade na poética de Waly Salomão. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017. AGUSTONI, Prisca. Um corpo que oscila: performance, tradição e contemporaneidade na poética de Ricardo Aleixo. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 33, p. 25-49, jan 2011. AMADO, Raymundo. Apocalipopótase [vídeo]. Arte no Aterro. Rio de Janeiro: MAM, 1968. Disponível em: <<https://youtu.be/a3sROW978sM>>. Acessado em 08/07/2019. ARBEX, Márcia (org.). Poética do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. BIENAL DE CURITIBA. Poema-processo: a última vanguarda [exposição]. Curadoria de Adolfo Montejó Navas. Curitiba: Museu Municipal de Arte/14ª Bienal de Curitiba, 10 out. 2019-1º mar. 2020. CAMARA, Rogério. Poesia/poema. In: _____ e MARTINS, Priscila (orgs.). Wladimir Dias-Pino: poesia/poema. Brasília: Estereográfica, 2015, pp. 13-17. CAMARA, Rogério; MARTINS, Priscila (orgs.). Wladimir Dias-Pino:

poesia/poema. Brasília: Estereográfica, 2015. CAMPOS, Augusto de. Poesia concreta: um manifesto, 1956. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poesiaconc.htm>>. Acessado em: 10 out. 2020. CAMPOS, Haroldo de. A poética do aleatório. In: A arte no horizonte do provável e outros ensaios. São Paulo: Perspectiva, 1969, pp. 15-34. CASA NOVA, Vera. O mais simples poema a ver: Ave e Solida. Belo Horizonte. O eixo e a roda, v. 13, 2006, pp. 150-154. CAVALCANTE, Felipe Melo. Enquanto passa: reflexões sobre a transitoriedade do livro impresso. Brasília: PPG-Arte, Universidade de Brasília, 2016. CARRIÓN, Ulises. El arte nuevo de hacer libros. Archivo Carrión I. Organizado por Juan J. Agius; traduzido por Heriberto Yépez. Cidade do México: Tumbona, 2012. CIRNE, Moacy. A Ave: o livro como objeto/poema. In: Vanguarda: um projeto semiológico. Petrópolis: Vozes, 1975, p.29-47. CIRNE, Moacy. Da poesia concreta ao Poema/Processo (1975). In: NÓBREGA, Gustavo (org.). Poema processo: uma vanguarda semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p. 15-43. CIRNE, Moacy; SÁ, Álvaro de. A origem do livro-poema. Petrópolis. Revista de Cultura Vozes, n. 65, abr. 1971, pp. 39-44. COELHO, Frederico. Hélio Oiticica e o desejo de livro. Rio de Janeiro. O Percevejo, vol. 6, n. 2, jul.-dez. 2014, pp. 113-127. COELHO, Frederico. Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica (1971-1978). Tese. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008. GOGAN, Jessica; MORAIS, Frederico. Domingos da criação: uma coleta poética do experimental em arte e educação. Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017. GALERIA SUPERFÍCIE. 50 anos Poema/Processo: uma vanguarda semiológica [exposição]. Curadoria de Gustavo Nóbrega. São Paulo: Galeria Superfície/Biblioteca Mário de Andrade, 21 out.-16 dez. 2017. GULLAR, Ferreira. Antologia Crítica de Ferreira Gullar, Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. SILVA, Renato Rodrigues e MONTEIRO, Bruno Melo (orgs.). Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2015. GULLAR, Ferreira. "Manifesto Neoconcreto." In: 1a. Exposição Neoconcreta [catálogo]. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1959. DIAS-PINO, Wladimir. A ave. Cuiabá: Edições Igreja. Coleção Neide de Sá, 1956. DIAS-PINO, Wladimir. O poema infinito de Wladimir Dias-Pino [exposição]. Curadoria de Evandro Salles. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio (MAR), 1º mar. 2016. DIAS-PINO, Wladimir. Processo: linguagem e comunicação. Petrópolis: Vozes, 1971. DIAS-PINO, Wladimir e SANTOS, João Felício dos. A marca e o logotipo brasileiros. Rio de Janeiro: Rio Velho, 1974. DI LEONE, Luciana. Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. FABIÃO, Eleonora. Performance e precariedade. OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de (org.). A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea. Fortaleza: Expressão, 2011, p. 63-86. FLUSSER, Vilém. Los gestos: fenomenología y comunicación. Barcelona: Editorial Herder, 1994. HATHERLY, Ana. "A reinvenção da escrita". In: HATHERLY, Ana; MELO E CASTRO, Ernesto M. (orgs.). Po-Ex: Textos Teóricos e Documentos da Poesia Experimental Portuguesa. Lisboa: Moraes Editores, p. 138-152, 1981. KAC, Eduardo. Entrevista com Wladimir Dias-Pino, poeta revolucionário. São Paulo: ARS, v. 13, n. 26, pp. 6-56, dez 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2015.106064>>. Acessado em 1º out 2020. NAVAS, Adolfo Montejo. Iconologia aforística: equilíbrio e intervalo dos poemas-conceito. In: Circuladô (Dossiê Wladimir Dias-Pino). São Paulo: Casa das Rosas, n. 6, 2017, pp. 9-14. NETO, Torquato. "Espaço partido ao meio, meia oito". Rio de Janeiro, 04 mar. 1972. In: PIRES, Paulo Roberto (org.). Torquatália: Geléia Geral: Obra reunida de Torquato Neto. vol. II. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. NÓBREGA, Gustavo. Apresentação. In: _____ (org.). Poema processo: uma vanguarda semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p. 11-13. MENEZES, P. Experimental Poetics Based on Sound Poetry Today. Visible Language. n. 35.1, Cincinnati, 2001, p. 64-75. MORAIS, Fábio. Sabão. Florianópolis: Parêntesis, 2018. MORAIS, Frederico. "Apocalipopótese no Aterro: arte de vanguarda levada ao povo". Diário de Notícias. Segundo Caderno. Rio de Janeiro, 26 de julho, 1968. In: GOGAN, Jessica; MORAIS, Frederico. Domingos da criação: uma coleta poética do experimental em arte e educação. Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017. MORAIS, Frederico. Contra a arte afluyente: o corpo é o motor da "obra". Revista de Cultura Vozes, n. 64, jan.-fev., 1970, pp. 45-59. MORICONI, Italo. Demarcando terrenos, alinhando notas (para uma história da poesia recente no Brasil). Travessia, Florianópolis, n. 24, 1992, p. 17-33. OSORIO, Luiz Camillo. Entre o ler e o ver: a forma-livro na arte de nosso século e seu desdobramento na arte brasileira contemporânea: Waltecio Caldas e Artur Barrio. In: SUSSEKIND, Flora e DIAS, Tânia (orgs.). A historiografia literária e as técnicas de escrita: do

manuseio ao hipertexto. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004. PERLOFF, Marjorie e DWORKIN, Craig (orgs.). Poetry of Sound / Sound of poetry. Chicago: The University Chicago Press, 2009, 352 p. PLAZA, Júlio. O livro como forma de arte (I). São Paulo: Arte em São Paulo, n. 6, abr. 1982. PLAZA, Júlio. O livro como forma de arte (II). São Paulo: Arte em São Paulo, n. 7, mai. 1982b. PLAZA, Júlio. Videografia em videotexto. São Paulo: Hucitec, 1986. SÁ, Álvaro de. Vanguarda: produto da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1975. SÁ, Álvaro de. Poema/Processo: uma nova leitura. In: NÓBREGA, Gustavo (org.). Poema processo: uma vanguarda semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p. 94-97. SÁ, Neide. Do poema visual ao objeto poema [catálogo]. Texto de Mário Margutti. Rio de Janeiro: Lacre, 2014. SALGADO, Marcus Rogério. Poesia e artes plásticas na obra de Neide Sá. Revista Convergência Lusíada, n. 34, jul-dez 2015. SILVA, Renato Rodrigues da. A crítica de arte de Ferreira Gullar, e o debate da vanguarda no final dos anos 1950. Rio de Janeiro. Prometeus, n. 19, jan.-jun. 2016, pp. 1-43. SILVEIRA, Paulo. As existências da narrativa no livro de artista. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. SILVEIRA, Paulo. A página violada: da ternura à injúria na construção do Livro de Artista. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, 430 p. _____. Performance. Bogotá: Instituto Hemisfério de Performance e Política, 2012, 176 p. YÉPEZ, Heriberto. Ulises Carrión: El arte como estratégia cultural (y más allá). CARRIÓN, Ulises. Lilia Prado Superestrella (y otros chismes). Cidade do México: Tumbona, 2014, p. 225-266. YÉPEZ, Heriberto. Geopolítica de la traducción: experimentalismos visuales (trilingües) en los años setenta en Ámsterdam. In: GUEDEA, Rogelio (org.). Margen al centro: nuevos vertientes de la poesía iberoamericana contemporánea. Oxford: Peter Lang, 2018, pp. 35-61. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SIMPÓSIO “FORMAS DO HIBRIDISMO NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO”

Paulo Alberto da Silva Sales (IF Goiano/UFG) e Zênia de Faria (UFG/Université de Paris III - Sorbonne Nouvelle)

HISTÓRIA E LITERATURA EM O MEZ DA GRIPPE, DE VALÊNCIO XAVIER

Bruno Mariano Horemans

Resumo: Utilizando de materiais diversos como recortes de jornal, fotografias, relatórios, relatos de memória e anúncios, porém sem nenhuma interferência explícita de prosa própria, Valêncio Xavier escreve a obra "O Mez da Grippe" situando-a fora dos modelos tradicionais de literatura. A transgressão de materiais e forma abre caminho para um produto híbrido que gera reflexões sobre o próprio fazer literário e a sua relação com outros campos de linguagem e de conhecimento. Ao centralizar sua narrativa no referencial histórico da pandemia de Gripe Espanhola do início do século XX, questionamentos e perspectivas sobre a relação entre literatura e história se fazem pungentes e oferecem caminho para reflexões teóricas e analíticas sobre as convergências e divergências entre os dois campos. Pensar certas proposições sobre a transmissão da história no âmbito da linguagem e a presença de narratividade no discurso histórico, como descritas por Jacques Le Goff e Hayden White, permitem contemplar a importância da narrativa como elemento essencial da produção humana, histórica ou literária; possibilitando uma leitura da obra que dialoga com essa volatilidade. Se o narrar, como postula Walter Benjamin, está em vias de extinção, acessar especificidades e potencialidades da literatura na contemporaneidade requer novas chaves de compreensão para a representação literária que essas formas impõe, inclusive colocando em cheque o formato do romance nessa produção.

Referências: BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.197-221. LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Nilson Moulin, Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019. WHITE, Hayden. The Value of Narrativity in the Representation of Reality.

In: The Content of the Form Narrative Discourse and Historical Representation. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987. WHITE, Hayden. Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. Tradução de . São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. XAVIER, Valêncio. O Mez da Grippe. Curitiba: Arte e Letra, 2020.

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: O GÊNERO ROMAN À CLEF

Daniela Corrêa Siqueira

Resumo: Este trabalho propõe reflexões sobre o gênero roman à clef, tendo como objeto de estudo a obra Recordações do escrivo Isaias Caminha, de Lima Barreto. O romance foi muito criticado na época de sua publicação pelo fato de o mesmo ser um exemplar de roman à clef, gênero romanesco em que pessoas reais são retratadas através de personagens ficcionais, tendo sua vida íntima exposta em flagrante contraste com a sua vida pública. O roman à clef a partir da consolidação do romance ficcional, em meados do século XIX, passou a ser visto como uma forma inferior de literatura. A ilegitimidade da leitura à clef do Recordações do escrivo Isaias Caminha é baseada em todo um arsenal crítico consolidado no decorrer do século XX, que vai das teorias do New Criticism à concepção da “morte do autor” assinalada por Roland Barthes. Entretanto, a emergência contemporânea de estudos acerca de outros gêneros limítrofes entre ficção e realidade, como é o caso do romance autobiográfico e do romance de autoficção, tem possibilitado terreno fértil para a revalorização do estudo do gênero roman à clef. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo propor uma reflexão acerca da exclusão da legitimidade da leitura à clef, bem como fornecer subsídios para uma reabilitação do gênero roman à clef, atualmente considerado como produto de uma espécie de subliteratura. Darão subsídio ao nosso percurso teórico acerca do gênero roman à clef os estudos de Mathilde Bombart (2014) e Sean Lathan (2009). Para compreendermos melhor a questão da exclusão (e posterior reabilitação) da figura do autor do campo dos estudos literários pela crítica, faremos uma síntese das reflexões mais importantes de Eurídice Figueiredo (2015) e de Diana Irena Klinger (2006).

Referências: BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 1881-1922. São Paulo: Edusp, 1988. BARRETO, Lima. Recordações do escrivo Isaias Caminha. São Paulo: Escala, 1999. BOMBART, Mathilde. Clés. In: ARON, Paul; SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain. Le Dictionnaire du Littéraire. Paris: Presses Universitaires de France, 2018. BOMBART, Mathilde. Romans à clés: une pratique illégitime au filtre de la critique littéraire des journaux. In: GLINOER, Anthony; LACROIX, Michel (org.). Romans à clés. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2014, coleção “Situations 2”, 208 p. Disponível em: <https://books.openedition.org/pulg/2269>. FIGUEIREDO, Eurídice. Em torno de Roland Barthes: da “morte do autor” ao nascimento do leitor e à volta do autor. Santa Maria: UFSM, 2015. KLINGER, Diana Irene. Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. KRYSINSKI, Vladimir. Sobre algumas genealogias e formas de hibridismo nas literaturas do século XX. Tradução e apresentação Zênia de Faria. Revista Criação & Crítica, n. 9, p. 230-241, 2012. LATHAM, Sean. The Art of Scandal: Modernism, Libel Law, and the Roman à Clef. New York: Oxford University Press, 2009. NEIVA, Saulo. Escritas a contratempo? In: PEREIRA, Danglei de Castro (org.). Olhares em labirinto: modernidade e arte literária no contratempo. Campinas: Pontes, 2019. SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto - triste visionário. São Paulo, Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018. 648 p.

A MULTIPLICIDADE DE SENTIDOS REVELADA ATRAVÉS DA DISTÓPICA ESTATICIDADE DE SÃO PAULO: UM OLHAR SOB O ROMANCE BLECAUTE, DE MARCELO RUBENS PAIVA.

Fernanda Nunes de Araújo

Resumo: A presente pesquisa tem como finalidade analisar a forma criativa pela qual o autor Marcelo Rubens Paiva, em sua obra literária Blecaute (2020), ao apresentar um cenário imprevisível e hostil, traz à tona aspectos que podem ser explorados e que são capazes de provocar discussões e reflexões sobre a nossa condição humana. Considerada uma ficção distópica, a narrativa discorre a

partir da surpreendente e inesplicável paralisação da grande cidade de São Paulo, que é observada e vivenciada por três personagens que, à princípio, parecem ser os únicos sobreviventes. Dessa forma, procuraremos elencar alguns pontos que podem ser investigados no romance, buscando provocar o olhar do público leitor para a obra que é polissêmica e que, por isso, pode ter sua iminência renovada permanentemente. Considerando que a literatura tem sido um fenômeno de expressividade ao longo dos tempos, analisaremos, sobretudo, o hibridismo constante entre ficção e realidade estabelecido através do entrecruzamento das subjetividades, dos afetos e das emoções e que fazem da ficção de Paiva uma obra peculiar, fruto da exploração da vulnerabilidade de consequências radicais. Para tanto, buscaremos embasamento teórico-crítico em estudiosos como Bakhtin (1990), Jacoby (2007), Schollhammer (2009), Krynski (2012), Garramuño (2014), Pellegrini (2018), Hoisel (2019), Lyotard (2021), dentre outros.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance. Equipe de tradução: Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Jr.; Augusto Góis Jr.; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Hucitec, 1990. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Trad: Carlos Nougê. 2ª ed. Rio de Janeiro: editora Rocco, 2014. JACOBY, Russell. Imagem Imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica. Trad: Carolina de Melo Bomfim Araújo. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2007. KRYNSKI, Vladimir. Sobre algumas genealogias e formas do hibridismo nas literaturas do século XX. Tradução e Apresentação de Zênia de Faria. Revista Criação & Crítica, n. 9, p. 230-241, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em 28/10/2022. LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021. PAIVA, Marcelo R. Blecaute. Rio de Janeiro: editora Alfaguara, 2020. PELLEGRINI, Tânia. Realismo e Realidade: um modo de ver o Brasil. São Paulo: editora Alameda, 2018. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. SCHOLLHAMMER, Karl E. Ficção Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

FICÇÕES HÍBRIDAS: O CASO DO ROMANCE MULTIMODAL

Filipe Senos Ferreira

Resumo: Pretendemos, nesta comunicação, definir e caracterizar um subgênero narrativo que, à semelhança de Wolfgang Hallet (2009), designamos como romance multimodal e que está amplamente representado nas literaturas portuguesa e brasileira hipercontemporâneas. Aparentando-se a “frutos estranhos” (Garramuño, 2014) ou a OLNI – Objetos Literários Não Identificados (Cortez, 2022) – os romances multimodais, providos de uma profunda dicção híbrida e experimental, instabilizam a própria noção de romance e questionam as suas convencionais fronteiras, através da mescla e exploração de distintos media e modos, não narrativos e/ou não verbais, como sejam, por exemplo, imagens, documentos, layouts inventivos, designs incomuns e usos de uma tipografia não transparente (cf. Hallet, 2009; Luke 2013; Maziarczyk, 2011; Sadokierski, 2010). Nas narrativas multimodais, torna-se, portanto, ostensiva a lúdica “expansão” (Krauss) do repertório semiótico convencional explorado pela ficção literária, conferindo-se aos modos e media insertos nessas obras, tradicionalmente investidos de escassa ou nula pertinência narrativa, inteira cidadania literária, em total paridade com a palavra, que, no romance convencional, tendia a ser plenipotenciária. Neste estudo, que decorre da nossa investigação de doutoramento em curso – “Elogio do Híbrido: o romance multimodal na literatura portuguesa contemporânea” –, queremos fundamentalmente fazer um cotejamento teórico do romance multimodal, não deixando, porém, sempre que se afigure oportuno, de convocar obras ilustrativas da literatura de língua portuguesa contemporânea (de Afonso Cruz, Gonçalo M. Tavares, Patrícia Portela, José Luís Peixoto, etc). Indagamos também as funções semântico-narrativas dos recursos semióticos (modos e/ou media) inseridos nas obras (Nørgaard, 2019; Mussetta, 2013; Barton, 2016), e especificamos alguns dos desafios leitores decorrentes das práticas multimodais (Gibbons, 2012; Hallet, 2018).

Referências: Arnaut, A. P. (2018). Do post-modernismo ao hipercontemporâneo: morfologia(s) do romance e (re)figurações da personagem. Revista de Estudos Literários, 8, 19–44. Bakhtin, M. (2013).

Problemas da Poética de Dostoiévski. Forense Universitária. Barton, S. (2016). Visual Devices in Contemporary Prose Fiction. Macmillan. Gibbons, A. (2012). Multimodality, Cognition, and Experimental Literature. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203803219> Hallet, W. (2009). The Multimodal Novel. The Integration of Modes and Media in Novelistic Narration. In De Gruyter (Ed.), Narratology in the Age of Cross-Disciplinary Narrative Research (pp. 129–153). <https://doi.org/10.1515/9783110222432.129> Hallet, W. (2015). Non-verbal Semiotic Modes and Media in the Multimodal Novel. In G. Rippl (Ed.), Handbook of Intermediality (pp. 637–652). Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110311075-036> Hallet, W. (2018). Reading Multimodal Fiction. Anglistik, 29(1), 25–40. <https://angl.winter-verlag.de/article/ANGL/2018/1/4> Maziarczyk, G. (2013). From Metareference to Storytelling?: Multimodality in Contemporary American Fiction. Roczniki Humanistyczne, 61(05), 281–295. Nørgaard, N. (2019). Multimodal stylistics of the novel: More than words. In Multimodal Stylistics of the Novel: More than Words. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315145556> Sadokierski, Z. (2010). Visual Writing: A critique of graphic devices in hybrid novels, from a Visual Communication Design perspective. In University of Technology Sydney. White, G. (2005). Reading the Graphic Surface: The Presence of the Book in Prose Fiction. Manchester University Press.

GRAFÍAS DE VIDA E HIBRIDISMO EM SILVIANO SANTIAGO

Luisa de Almeida Lírio Pinto

Resumo: Pretende-se apresentar alguns dos romances de Silviano Santiago no qual ficção e realidade, história pessoal e discurso histórico se articulam e se misturam: Em liberdade (1987), Machado (2016), Menino sem passado (2021). Nas "notas do editor" de Em liberdade (1981), diz-se que o autor, Santiago, esteve em contato com um amigo próximo de Graciliano Ramos, a quem este teria confiado um diário íntimo, o qual Santiago teria usado como manuscrito para o seu próprio livro. Em Machado (2016), a figura do autor escreve sobre a vida de Machado de Assis após receber a correspondência entre o ilustre escritor e Mário de Alencar, numa narrativa que apresenta um discurso histórico sobre a cidade do Rio de Janeiro a partir de notícias de jornais, certidões e documentos oficiais. Embora esse romance esteja majoritariamente em terceira pessoa, há aparições breves da voz do personagem-autor em primeira pessoa. Os diferentes discursos situam essa obra no regime conceitual da pós-autonomia (Ludmer, 2009), uma vez que o domínio do discurso não é somente ficcional, mas biográfico e histórico. Já em Menino sem passado (2021), Santiago usa um discurso autobiográfico evidente, uma vez que se utiliza do nome próprio e de fatos da sua vida pessoal e intelectual. Observa-se, então, o interesse de Santiago em tensionar os limites dos gêneros discursivos, sobre o qual comenta em "Meditação sobre o ofício de criar" (2008) e "O entre-lugar do discurso latino americano" (2019). Assim, pretende-se mostrar as formas como os discursos biográfico, histórico e ficcional se articulam nos livros, hibridizando-os. Para essa discussão, pode-se usar as noções de "pós-autonomia" de Ludmer (2009), "autoficção" de Klinger (2012) e Santiago (2008), e "grafia de vida" de Santiago (2022).

Referências: CÁMARA, Mario; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge (org.). Indicionário do contemporâneo. Belo Horizonte: UFMG, 2018 KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. LUDMER, Josefina. "Literaturas pós-autônomas". Publicado na Ciberletras - Revista de crítica literária y de cultura, n. 17, julho de 2007 SANTIAGO, Silviano. Em liberdade. São Paulo: Editora Paz & Terra, 1981. SANTIAGO, Silviano. "Meditação sobre o ofício da arte de criar". In: Aletria, V.18. jul-dez. 2008. SANTIAGO, Silviano. Machado. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016. SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino americano". In: Uma literatura nos trópicos. Pernambuco: Editora CEPE, 2019. SANTIAGO, Silviano. Fisiologia da composição. Pernambuco: Editora CEPE, 2020 SANTIAGO, Silviano. "Gráfias de vida: la muerte". Palestra apresentada ao Museo Malba, 2022. Acesso em: 12 de setembro de 2022 SANTIAGO, Silviano. "Em liberdade, Viagem ao México, Machado e grafias de vida". 2022. Acesso em: 12 de setembro de 2022 SANTIAGO, Silviano. Gráfias de vida. Editora Malba, 2022.

**O CARÁTER INTERARTÍSTICO NO ROMANCE “O ARROZ DE PALMA”, DE FRANCISCO AZEVEDO
MARLI LOBO SILVA – UNB**

Marli Lobo Silva

Resumo: O caráter interartístico no romance “O arroz de Palma”, de Francisco Azevedo Marli Lobo Silva – UNB O presente estudo tem como objetivo apresentar discussões acerca das referências alusivas a outras formas artísticas figuradas no romance “O arroz de Palma” (2019), do escritor carioca Francisco Azevedo. A partir dessa perspectiva busca-se aproximar o campo literário ao campo artístico no sentido de pensar o diálogo crítico com a modernidade na obra de Azevedo. Esta é uma obra profícua que exemplifica seu caráter interartístico, pois se constrói a partir do processo de hibridação, assim, é relevante para se estudar o diálogo intertextual que Azevedo desenvolve no fazer criativo de sua narrativa. Este estudo também pretende esclarecer como o diálogo intertextual e metalinguístico se entrecruza na obra. Nesse tocante, pensar a relação desses diálogos é experienciar como as referências com outras linguagens se desdobram em saberes a outras formas artísticas e como essas referências dialogam com os elementos internos da obra. Assim, para dá sustentação teórica aos conceitos abordados neste estudo concentrar-nos-emos às discussões de Haroldo de Campos, “Metalinguagem e outras metas” (1992), Samira Chalhoub, “A meta-linguagem” (1997), e Walter Benjamin, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1987), este por creditar à literatura num entrecruzamento com a busca de uma nova “objetividade” narrativa; aqueles por teorizar o fenômeno da metalinguagem e como esta se desdobra no processo criativo do autor. Palavras-Chave: Literatura; intertextualidade; metalinguagem; caráter interartístico

Referências: Haroldo de Campos, “Metalinguagem e outras metas” (1992), Samira Chalhoub, “A meta-linguagem” (1997), e Walter Benjamin, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1987).

ESTRATÉGIAS HÍBRIDAS E INESPECÍFICAS EM “AUGUSTA”, DE SÉRGIO SANT’ANNA

Paulo Alberto da Silva Sales

Resumo: Para os leitores dos contos de Sérgio Sant’Anna, é comum a constatação de uma escrita feita pelo hibridismo de formas e de discursos. A mescla de gêneros literários e a quebra de barreiras entre vida e obra evidenciam a inespecificidade de seus escritos que, por sua vez, põem em xeque a verossimilhança. A partir do problema da representação literária, propomos uma leitura do conto “Augusta”, pertencente à obra Anjo noturno, publicada em 2017. Nosso objetivo é evidenciar como a voz narrativa heterodiegética embaralha os gêneros e esmaece os limites da representação literária em prol da construção de uma hiper-realidade ou, como quer Ludmer (2007), uma arte pós-autônoma. Para realizarmos a leitura proposta, basearemos nos estudos de Jean Baudrillard (1991), Jean François Jean François-Lyotard (2008), Josefina Ludmer (2007), Maurice Blanchot (2013), Néstor García Canclini (2016), Regina Pontieri (2001), Roland Barthes (1999; 2005; 2010; 2011), dentre outros. Por fim, concluímos que Sant’Anna leva o leitor a repensar o problema da unidade de efeito teorizada por Poe, uma vez que não se percebe um sentido único e singular nesse conto, mas, sim, efeitos múltiplos de hiper-realidades que se desdobram em espelhamentos entre as personagens. Além disso, os hibridismos típicos da escrita de Sérgio Sant’Anna tornam obsoletos os binarismos ficção x realidade, verdade x simulacro, autobiografia x autoficção e testemunho x invenção, o que possibilita a crítica ler seus escritos inespecíficos como ficções pós-autônomas.

Referências: BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 1991. BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. CANCLINI, Néstor García. A sociedade sem relato: Antropologia e Estética da Iminência. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. LUDMER, Josefina. Literaturas postautônomas. Ciberletras Revista de Crítica Literária y de Cultura, n. 17, 2007. SANT’ANNA, Sérgio. O anjo noturno: narrativas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SIMPÓSIO “IMAGENS E LITERATURA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO”

Jaime Ginzburg (USP), Juliana Santini (UNESP) e Paulo Eduardo Benites de Moraes (UNIR)

A FÚRIA DOS CORPOS: DESEJO E MUTILAÇÃO NA OBRA DE JOÃO GILBERTO NOLL E JOSÉ LEONILSON

Gabriela Fernandes De Carvalho

Resumo: Pretende-se, a partir da leitura de obras selecionadas do escritor brasileiro João Gilberto Noll e do artista visual José Leonilson, analisar a presença do corpo vivo, pulsante, que deseja, em oposição ao corpo fragmentado, mutilado, ferido, em decomposição, na construção de sujeitos e escritos que transitam entre o recolhimento, o testemunho das narrativas pessoais, a ficcionalização e busca de novos “eus”. Busca-se compreender o processo de elaboração do luto e a (re)montagem da história do período pós-ditatorial brasileiro, especialmente nos anos iniciais da abertura, a partir dos conceitos de alegoria e ruína trazidos por Walter Benjamin na tese “Origem do drama trágico alemão”. Para Benjamin, a alegoria moderna nos coloca constantemente num processo de choque, da violência, da ruptura. A imagem alegórica é construída através de fragmentos, do inacabado, do rompimento com a tradição. E assim como no terreno das ideias a alegoria é o imperfeito, o destruído, no reino das coisas (ou das imagens) teremos a ruína. As imagens criadas pelos dois artistas, nas suas respectivas linguagens, apostam na estética do fragmentário, do imperfeito, do partido, do inacabado, das ruínas. O vazio na obra do Leonilson e o silêncio na escrita do Noll tomam um espaço fundamental na investigação, por apontarem para uma estética que se tece a partir dos estilhaços. Tais análises serão feitas a partir dos conceitos discutidos por Didi-Huberman (2017a; 2018a; 2018b) e Benjamin (2016a; 2016b; 2007). Dessa forma, investigaremos as alegorias e ruínas presentes nos dois artistas, como uma elaboração da ditadura, da perda e do luto.

Referências: AVELAR, Idelber. Alegorias da derrota: a ficção pós ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. BENJAMIN, Walter. O anjo da história. Edição e tradução João Barrento. 2.ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2016. ----- . Origem do drama trágico alemão. Edição e tradução João Barrento. 2.ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2016. ----- . Passagens. Willi Bole e Olgária Matos (orgs.), Belo Horizonte/São Paulo: Editora da UFMG/ Imprensa Oficial, 2007, p.535. Tradução de Irene Aron. BORGES, Anderson. Alegoria redimida em Walter Benjamin. (Dissertação, UFMG, 2012). DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas, ou, o Gaio Saber Inquieto: o olho da história III. Tradução Vera Casa Nova/ Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018a. ----- . Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens. Tradução Vera Casa Nova/ Márcia Arbex Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017a ----- . Quando as imagens tomam posição: o olho da história I. Tradução Vera Casa Nova/ Márcia Arbex Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017b ----- . Remontagens do tempo sofrido: o olho da história II. Tradução Vera Casa Nova/ Márcia Arbex Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018b. ----- . Sobrevivência dos vaga-lumes. Tradução Vera Casa Nova/ Márcia Arbex Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. LAGNADO, LISETTE. São tantas as verdades. São Paulo: Projeto Leonilson: Sesi, 1995. NOLL, João Gilberto. A máquina de ser. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. ----- . Berkeley em Bellagio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. ----- . Canoas e marolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. ----- . Harmada. São Paulo: Francis, 2003. ----- . Hotel Atlântico. São Paulo: Francis, 2004. ----- . Lorde. São Paulo: Francis, 2004. ----- . Mínimos, múltiplos, comuns. São Paulo: Francis, 2003. ----- . O cego e a dançarina. Rio de Janeiro: Record, 2008. ----- . O quieto animal da esquina. São Paulo: Francis, 2003. ----- . Romances e contos reunidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

UM CRIME DELICADO: A PINTURA NO ROMANCE DE SÉRGIO SANT’ANNA

Ingrid Verena Sampaio Cerqueira Sodré

Resumo: Como se sabe, as narrativas do escritor Sérgio Sant’Anna são caracterizadas pelo diálogo com as outras artes. Caso exemplar desse diálogo, no romance Um Crime Delicado, o autor percorre ao longo dos eventos narrados os caminhos do teatro, da crítica, da literatura e das artes plásticas, sobretudo a pintura. No contexto dessa narrativa, a pintura da emblemática personagem Inês se abre para infinitas possibilidades de interpretação e especulação de uma realidade em que um crime de estupro teria sido cometido contra ela pelo protagonista Antônio Martins. Através da imagem do

quadro, por meio do recurso ecfrásico, leitor e protagonista são conduzidos do imaginário à realidade ou à possibilidade do real nos eventos sucedidos entre as personagens. Na obra serão observados as referências intermediárias e os efeitos que o pictural produz no texto literário, além de explorar os limites da imagem que vão além da representação no romance de Sérgio Sant'Anna. Ademais, o narrador-personagem também será objeto de análise, pois ele que conduz, por meio do seu olhar, o leitor à pintura de Inês. Desse modo, à vista do exposto, propõe-se a discutir a presença do visual no romance, a relação entre o lisível e o visível, e a descrição pictural com base nos estudos de Liliane Louvel (2012), bem como pensar a imagem (a pintura de Inês) e seu espectador (Antônio Martins) a partir da relação dialética entre o que vemos e o que nos olha, pressupostos estabelecidos por Didi-Huberman (1998).

Referências: DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1998. LOUVEL, Liliane. Nuanças do pictural. Trad. Márcia Arbex. In : DINIZ, Thaís F. N. (org). Intermedialidade e Estudos interartes: desafios da arte contemporânea. v.1. Belo Horizonte: UFMG, 2012. LOUVEL, Liliane. A descrição "pictural": por uma poética do iconotexto. In: ARBEX, Márcia (org.). Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. SANT'ANNA, Sérgio. Um crime delicado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HELI, AS IMAGENS E O TEMPO

Jaime Ginzburg

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa "Representações da violência no cinema: Brasil e México", desenvolvido no Maria Sibylla Merian Center for Advanced Latin American Studies (CALAS), no âmbito do Laboratorio de Conocimiento - "Visiones de paz: transiciones entre la violencia y la paz en América Latina". A proposta consiste em examinar o filme Heli, dirigido por Amat Escalante, examinando relações entre elementos formais de construção e as configurações da violência. Entre os elementos formais, cabe destacar a configuração do tempo. A ruptura com a linearidade, em favor de uma variação da distância estética, desperta possibilidades de percepção de eventos narrados, em particular no caso da cena na ponte, que suscitam efeitos perturbadores a respeito do que as imagens podem significar. Esse filme mexicano apresenta cenas de tortura, faz referências à violência de Estado, e elabora o tema do desaparecimento. O contexto de reflexão sobre esse tema é delimitado por relações entre México e Brasil. O trabalho inclui uma aproximação entre Heli e o filme Las Elegidas, de David Pablos. Para abordar especificamente a violência de Estado, será observada uma afinidade do filme com o livro "A nova ordem", de Bernardo Kucinski. A fundamentação do estudo inclui reflexões de Joachim Michael, Vittoria Borsó, Juan Carlos Reyes-Vasquez e Theodor Adorno.

Referências: BORSÒ, Vittoria. Violencia de la paz y resistencia de las vidas en México. In: HATZKY, Christine; FERNÁNDEZ, Sebastian; MICHAEL, Joachim & WAGNER, Heike, eds. ¿Latinoamérica y paz?: propuestas para pensar y afrontar la crisis de la violencia. Buenos Aires: Teseo, 2021. MICHAEL, Joachim. Narco-literatura y violencia en México. Sociologias, n.34, 2013. REYES-VÁZQUEZ, Juan Carlos. 2021. Usos de la violencia en el cine de Amat Escalante. La Colmena, 111, 2021.

"VERBAIS E MUDAS": PALAVRA, IMAGEM E DITADURA MILITAR EM NOITE DENTRO DA NOITE, DE JOCA REINERS TERRON

Juliana Santini

Resumo: Em "A resistência" (2015), de Julián Fuks, Sebastián, desconfiando que o irmão adotado seja uma das crianças procuradas pelas avós da Praça de Maio, recorre a um álbum de família para recompor o que está sob a história da Ditadura argentina. No cinema, "Deslembro" (2018), de Flávia Castro, constrói seu enredo a partir de uma ausência: em uma cena emblemática, a avó da protagonista fala sobre o apagamento da história do filho, cujo corpo nunca foi encontrado. Sobre lacunas se erige grande parte da obra de Rosângela Rennó que, em "Vaidade e violência" (2000-2003), emoldura textos com fonte preta sobre fundo preto, fazendo da ausência de imagem e da dificuldade de leitura da palavra recursos que questionam a fotografia como representação do trauma. Esses exemplos evidenciam realizações da cultura brasileira contemporânea em que palavra

e imagem articulam-se aos não-ditos da História, ora pelos impactos subjetivos do desaparecimento político, ora pela impossibilidade de narrar a violência. Diante desse quadro, este trabalho propõe uma análise intersemiótica de "Noite dentro da noite – uma autobiografia" (2017), de Joca Reiners Terron, problematizando como as fotografias que abrem os capítulos do romance atuam na estruturação de uma narrativa descentrada e fragmentária. A perspectiva de uma literatura expandida (LUDMER, 2007; 2009) norteará a reflexão sobre um objeto posto na fronteira entre o literário, o histórico e o autobiográfico, conduzindo à hipótese de que a inespecificidade (GARRAMUÑO, 2014) liga-se aos borrões da História. Assim, a impossibilidade de fala do personagem e as fotografias que mesclam realidade e grotesco colocam a Ditadura Militar, no romance, sob o signo do que não pode ser dito – seja porque foi apagado, seja porque sua lembrança é insuportável. * A expressão que abre o título pertence a Márcio Seligmann-Silva (2014, p.14).

Referências: GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. Ciberletras. n. 17, p. 1-6, jul. 2007. LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas 2.0. Revista Z-Cultural. n. 1, n.p., jul. 2009. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. n.43, p.13-34, jan./jun.2014.

MUROS QUE NARRAM, MUROS QUE FALAM

Luísa Loureiro Monteiro de Castro Teixeira

Resumo: A pesquisa se propõe a apresentar uma experiência narrativa que se dá em um dos suportes mais vivos: os muros da cidade. Zé Ninguém é uma série de graffiti feita pelo artista Alberto Serrano Tito, ou Tito na Rua, na cidade do Rio de Janeiro. A maior parte das imagens está espalhada por regiões periféricas, longe dos cartões postais da "cidade maravilhosa". Se vistas de modo isolado, funcionam como quadros isolados da história de Zé. Como a cidade não é numerada como as páginas de um livro, ao se deparar com uma dessas intervenções inscritas nas ruas, o leitor (ou o passante) não tem como saber em que momento da história ele está. Essa perspectiva muda quando a narrativa de Zé Ninguém é publicada como história em quadrinhos, em 2015. Construída a partir de um compilado de fotografias, o livro revela a sequencialidade inscrita nas ruas que, pela transitoriedade no graffiti, não pode ser reproduzida pela experiência de transitar pelo espaço público. Ainda assim, a cidade está presente na HQ, uma vez que o livro não traz a reprodução de imagens feitas exclusivamente para o papel, mas de fotografias retiradas dos graffiti, que revelam os muros, os becos e as ruas em que elas estiveram originalmente inscritas. Roland Barthes aponta que uma fotografia "jamais se distingue de seu referente (do que ela representa), ou pelo menos não se distingue dele de imediato ou para todo mundo (o que é feito por qualquer outra imagem, sobrecarregada, desde o início e por estatuto, com o modo como o objeto é simulado): [...]" (1984, p.14). Essa indistinção faz com a HQ leve consigo também a experiência do encontro com a paisagem urbana. É uma imagem dentro do contexto, que aponta para relações importantes entre imagem, narrativa e cidade.

Referências: BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010. GOMES, Ivan Lima. A leitura gráfica da cidade : o Rio de Janeiro na street comic Zé Ninguém. ArtCultura, Uberlândia, vol. 21, nº 39, p.25-40, julho-dezembro/2019. Disponível em : <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7295788> . Acesso em : 14/10/2022. TITO, Alberto Serrano. Zé Ninguém. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

CINZAS DE MAKUNAIMA: DERIVAS EM TORNO UM PARADIGMA ANARQUÍVICO

Marcelo Rodrigues Souza Ribeiro

Resumo: Considerando inicialmente a relação entre a obra Nada que é dourado permanece (2020), de Denilson Baniwa, e o incêndio do Museu Nacional de 2 de setembro de 2018, entendido como acontecimento irredutível às suas possíveis interpretações alegóricas, este trabalho interroga a fronteira móvel entre signo e cinza que constitui o fundamento contingente da escrita da história,

em geral, e discute como essa escrita é elaborada na série de Baniwa, entre outras experiências artísticas que se interessam especialmente pela história do Brasil. Referindo-me a trabalhos em que Denilson Baniwa e Jaider Esbell retomam a imagem múltipla de Makunaimi/Macunaíma, procuro situá-los no que denomino paradigma anarquívico, que se configura em diferentes abordagens críticas do arquivo colonial-moderno, as quais buscam perturbar sua ordem, questionar seus sentidos sedimentados e desintegrar suas formas, para tornar possível o reconhecimento, a imaginação e a fabulação de histórias silenciadas, rasuradas ou excluídas da possibilidade de arquivamento. Diferenciando-o do que Carlo Ginzburg denomina paradigma indiciário, entendido como “uma constelação de disciplinas centrada na decifração de signos de vários tipos, dos sintomas às escritas”, argumento que no paradigma anarquívico está em jogo uma nebulosa de saberes indisciplinados, que se constituem no e com o risco de interrogar rastros que restam como cinzas – no que Édouard Glissant denomina “visão profética do passado” ou Saidiya Hartman chama de “fabulação crítica”. Por meio de uma anarqueologia do sensível, considero alguns dos modos como as experiências de reantropofagia ou antropofagia reversa, que estão em jogo em mobilizações anarquívicas de Makunaimi/Macunaíma, retomam a herança do modernismo em parte de seus gestos e processos poéticos, ao mesmo tempo em que são atravessadas por – e se abrem para – potências cosmopoéticas que perturbam aquela herança e insinuam outros sentidos de mundo comum.

Referências: ANDRADE, M. DE. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2017. BANIWA, D.; OLIVEIRA, E. J. DE. Denilson Baniwa: Desmontagens da paisagem colonial. *Língua-lugar : Literatura, História, Estudos Culturais*, n. 5, p. 176–191, 11 nov. 2022. DERRIDA, J. Cinders. Tradução: Ned Lukacher. Lincoln & London: University of Nebraska Press, 1992. DERRIDA, J. La difunta ceniza = Feu la cendre. Tradução: Daniel Alvaro; Tradução: Cristina De Peretti. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2009. DORRICO, J. A fortuna crítica (da exclusão): Makunaimi na literatura indígena contemporânea. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, v. 14, p. 112–131, jul. 2022. ESBELL, J. Makunaima, o meu avô em mim! *ILUMINURAS*, v. 19, n. 46, 22 dez. 2018. FRADE, I.; GUIMARÃES, A. Arte indígena cosmopolítica: na antropofagia reversa de Jaider Esbell. *Revista Farol*, v. 17, n. 25, 2021. GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Em: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia Das Letras, 1991. p. 143–179. GLISSANT, É. Introdução a uma poética da diversidade. Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005. HARTMAN, S. Vênus em dois atos. *Revista ECO-Pós*, v. 23, n. 3 (tradução: Fernanda Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro), dez. 2020, p. 12–33. MARQUES, L. M.; PIMENTEL, L. G. Um comentário sobre “Nada que é dourado permanece, hilo, amáka, terra preta de índio”, de Denilson Baniwa. *Ephemera - Revista do Programa em Pós Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto*, v. 4, n. 8, p. 120–131, 31 out. 2021. MEDEIROS, A. C. M. DE; FILHO, J. V. DA S.; GOMES, L. A. P. Makunaimã no palco da literatura indígena contemporânea: autoria coletiva e resistência política 90 anos depois de Macunaíma. *ITINERÁRIOS – Revista de Literatura*, n. 52, 28 out. 2021. MIBIELLI, R.; CAMPOS, S. P. P.; JOBIM, J. L. Jaider esbell, Makunaima/Macunaíma e a arte/literatura indígena. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 21, n. 38, p. 33–40, 17 dez. 2019. STERZI, E. Saudades do mundo: notícias da antropofagia. São Paulo: Todavia, 2022. TAUREPANG et al. Makunaimã: o mito através do tempo. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

INESPECIFICIDADE E FANTASMAGORIA NA FICÇÃO DE VICTOR HERINGER

Paulo Eduardo Benites de Moraes

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo propor uma análise do romance *O amor dos homens avulsos* (2016), de Victor Heringer. Interessa discutir como o modo de inserção de fotografias, a partir do procedimento de corte e montagem, no romance de Heringer, abre espaço de significação para o efeito de retorno fantasmático de imagens que insistem em permanecer. Por um lado, a tarefa crítica pensada por Georges Didi-Huberman (2018; 2020) no que diz respeito ao papel das imagens no processo de legibilidade da história será fundamental para articular as relações de sentidos entre as fotografias e os índices de retorno de um passado violento e escravista no Brasil; por outro, o esforço crítico de teóricas como Florencia Garramuño (2014) e Natalia Brizuela (2014)

em pensar a produção de obras contemporâneas marcadas fortemente pela apropriação e inclusão de documentos, fotografias, manipulações tipográficas, o que tem sido chamado por elas como “inespecífico” e “literatura fora de si”, respectivamente, contribuirá para analisarmos o processo de construção da arquitetura narrativa do romance em questão. Em síntese, espera-se mostrar como, a partir do jogo entre palavra e imagem, o romance opera entre dois regimes representacionais distintos: o caráter simbólico da narrativa e o elemento sintomático das fotografias.

Referências: BRIZUELA, Natalia. Depois da fotografia: uma literatura fora de si. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens apesar de tudo. Trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Editora 34, 2020. DIDI-HUBERMAN, Georges. Remontagens do tempo sofrido: O olho da história II. Trad. Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: UFMG, 2018. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. HERINGER, Victor. O amor dos homens avulsos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SIMPÓSIO “LITERATURA E MÚSICA: ESCRITAS, CANTOS E ACORDES DE UM MUNDO COMUM”

Gérson Luís Werlang (UFSM), Rafael Eisinger Guimarães (UNISC) e Roniere Silva Menezes (CEFET-MG)

MÚSICA, LITERATURA E SEDUÇÃO NO MITO DA IARA: CONSIDERAÇÕES CONVERGENTES

Alessandra Hypolita Valle Silva Lopes e Nathalie Santos Caldeira Gomes

Resumo: O presente trabalho se propõe a tecer considerações intermediárias entre música, literatura e lenda folclórica, a partir da análise comparada da música Iara da banda brasileira de heavy metal Anfeiar e da história em quadrinhos Mãe d'Água de Mhorgana Alessandra e Marília Aguiar. Faremos a discussão da lenda do folclore brasileiro Iara, uma sereia que possui parte do corpo em forma de mulher e a outra parte em forma de peixe e para análise das narrativas, na qual utilizaremos a teoria dos arquétipos de Carl Gustav Jung e as pesquisas mitológicas de Claude Lévi-Strauss. A adaptação da lenda em formato de música e quadrinhos ampliou a produção de sentidos, ressaltando sua importância para o campo das linguagens, valorizando o saber transmitido. Essas narrativas transmidiáticas permitem um diálogo sob uma perspectiva teórico-crítica e serão inseridas dentro da Teoria da Convergência, de Jenkins, por se tratarem de releituras mitológicas contemporâneas, as quais fazem parte de uma cultura participativa na qual os leitores se tornam escritores, e consumidores se tornam produtores de conteúdo midiático. Segundo a teoria de Jenkins, há uma tendência da convergência entre os meios de comunicação, na qual os meios de distribuição são constantemente atualizados, assim como o conceito de autoria-recepção, dando margem à maior participação do receptor inicial, que deixa a passividade do leitor convencional para se tornar – ele próprio – autor de suas narrativas. O mundo ficcional de Iara se expande à medida em que a história é recontada, e ela não é mais apenas uma estrangeira na história, mas é a perdição dos homens nas águas do rio Amazonas, recriada através da aparição da sereia infernal e marcada como uma criatura amoral no compasso do som do heavy metal e detalhada nos traços em nanquim.

Referências: ALESSANDRA, Mhorgana. Mãe d'Água In: Terror em Nanquim, vol. 1. Belo Horizonte: Terror em Nanquim, 2022. ANFEIAR. Iara. Disponível em < <https://www.anfeiar.com.br/v%C3%ADdeos> > acesso em 02 de jan 2022. ANFEIAR. Iara. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=d9DGaTeWIE> > acesso em 02 de jan 2022. JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. Trad. Suzana Elen de Alexandria. 3.ed. São Paulo: Aleph, 2022. JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. 3.ed. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019. JUNG, Carl Gustav. Sobre sentimentos e a sombra. 2. ed. São Paulo: Vozes. 2021. LÉVI-STRAUSS, Claude. Mitológicas 1: O cru e o cozido. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Trad. Tânia Pellegrini. 12ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2015. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. 3a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

A ALMA DA SAMBISTA: RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE NAS CANÇÕES DE DONA IVONE LARA

Ana Laura Furtado Pacheco

Resumo: Este trabalho analisa canções de autoria de Dona Ivone Lara, “A Primeira-Dama do Samba” (NOBILE, 2015). Reconhece-se que o cancioneiro brasileiro é, majoritariamente, masculino e reprodutor da dicotomia homem x mulher, presente nas estruturas da sociedade constituída sobre bases morais e conservadoras, cujas perspectivas segregacionistas opõem masculino x feminino, casa x rua, liberdade x recato, além de estabelecerem papéis e regular o indivíduo (BUTLER, 2017). Enquanto o homem tem acesso à rua, ao trabalho e à liberdade, para a mulher, geralmente, é delegado o recato, a casa, a dependência do homem – o provedor da família (BOURDIEU, 2010). Porém, a mulher negra sempre foi sujeito do trabalho. Na época da escravidão, foi extraída de seu lugar de origem, trabalhou de forma equivalente ao homem e sofreu violências corporal e sexual (DAVIS, 2016). Segundo Werneck (2009), ser mulher negra é o resultado de heterogeneidades que se articulam para enfrentar as condições adversas impostas pela dominação ocidental sexista e racista. Gonzalez (1988) ressalta que a história da mulher negra é de resistências e lutas. Antes de se tornar sambista, Ivone foi funcionária pública da área da saúde e arrimo de família. Ainda criança, foi iniciada no jongo e Candomblé e destacou-se no Canto Orfeônico (BURNS, 2009). A pluralidade de identificações dos sujeitos de Dona Ivone Lara: mulher negra, de origem humilde, trabalhadora, sambista pioneira é o que levou à sua escolha como objeto de estudo. Enfim, essa pesquisa apresenta, através da análise das canções “Alguém me avisou”, “Andei para Curimá” e “Ela é rainha” a imagem que a compositora faz de si e apresenta em seus sambas, além de revelar como ela enxerga o gênero musical que integra e suas estratégias para adentrar e desbravar um universo predominantemente masculino, de forma a abrir caminho para as futuras gerações de sambistas.

Referências: ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. BURNS, Mila. Nasci para sonhar e cantar - Dona Ivone Lara: a mulher no samba. Rio de Janeiro: Editora Recorde, 2009. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 15. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. FENERICK, José Adriano. Nem do morro nem da cidade: as transformações do samba e a indústria cultural (1920-1945). São Paulo: Annablume, Fapesp, 2005. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. Revista Isis Internacional, Santiago, v.9 p.133-141, 1988. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. NETO, Lira. Uma história do samba: volume I (As origens). São Paulo: Companhia das Letras, 2017. NOBILE, Lucas. Dona Ivone Lara: A Primeira-Dama do Samba. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2015. PASTORAS da Portela/ Batuque na cozinha. Direção: Anna Azevedo. Produção: Hi Brazil Filmes e Anna Azevedo. Roteiro: Alexandre Medeiros e Anna Azevedo. 2004 (18 min. 18 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2HJCRsBqgNU>. Acesso em: 30 mai. 2019. PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. Do canto popular ao “ponto cantado”: canção popular e musicalidade afro-religiosa. Mouseion, Canoas, n. 30, p. 85-104, 2018. RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018. SANDRONI, Carlos. Feitiço Decente – Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. SANTANNA, Marilda, organização. As bambas do samba: mulher e poder na roda. Salvador: EDUFBA, 2016. SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. TATIT, Luiz. Estimar Canções: Estimativas Íntimas na Formação do Sentido. Cotia: Ateliê Editorial, 2016. WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: VERSCHUUR, Christine (Dir.). Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. WISNIK, José Miguel. Machado Maxixe: o caso Pestana. Teresa revista de Literatura Brasileira, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 13-79, 2004. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

EXPRESSÕES QUEER NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA DE “ZERO”, DE LINIKER

Ana Luiza Martins e Rafael Eisinger Guimarães

Resumo: O presente trabalho propõe uma associação entre canção brasileira e estudos queer e consiste num recorte da tese de doutorado intitulada Elementos queer na canção brasileira contemporânea. A canção popular é entendida como um conjunto de expressões artísticas que, para além do entretenimento, desenvolveu-se como uma das mais importantes representações da brasilidade e, portanto, imbrica-se nos processos culturais e sociais contemporâneos. Nesse contexto, os estudos da canção consolidaram-se como um campo teórico interdisciplinar consistente no Brasil, especialmente em função das reflexões de estudiosos como Charles Perrone (1988), José Miguel Wisnik (2004), Luiz Tatit (1986; 2002), Elizabeth Travassos (2000) e Santuza Cambraia Naves, (2004; 2010) cujos trabalhos sustentam a análise aqui proposta. Ao ter engendrado um espaço simbólico de questionamento e subversão, a canção popular tornou-se terreno fértil também para manifestações que se contrapõem aos padrões de gênero forjados na sociedade patriarcal heteronormativa. Transcorridas modificações intensas no que tange aos meios tecnológicos de criação, registro e transmissão de mídias artísticas, despontaram no país novos cancionistas, com posturas igualmente transgressoras, que podem ser caracterizadas como expressões queer. O termo denota o que é estranho, desviante do padrão, e abarca uma tendência política e teórica que busca questionar os parâmetros e matrizes determinantes do gênero e da identidade. Essa perspectiva é difundida por teóricas e teóricos como Teresa de Lauretis (1994), Judith Butler (2018), Paul Preciado (2011; 2018), Guacira Lopes Louro (2018) e Larissa Pelúcio (2009), que embasam esse estudo. A partir dessas considerações, propomos a leitura da canção “Zero”, da cancionista Liniker, lançada no EP Cru (2015), em sua modalidade audiovisual, publicada no mesmo ano em seu canal do YouTube, cujos elementos estéticos realizam uma perspectiva queer. A leitura considera a canção como expressão artística híbrida, constituída por elementos verbais, sonoros e visuais que engendram os significados da obra.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242. LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. NAVES, Santuza Cambraia. Canção popular no Brasil: a canção crítica. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010. NAVES, Santuza Cambraia. Da Bossa Nova à Tropicália. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. Revista Periódicus, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 68-91, 2014. DOI: 10.9771/peri.v1i1.10150. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>. Acesso em: 11 jan. 2023. PERRONE, Charles A. Letras e letras da música popular brasileira. Tradução de José Luiz Paulo Machado. Rio de Janeiro: Elo, 1988. PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Revista Estudos Feministas [online]. 2011, v. 19, n. 1 [Acessado 11 Janeiro 2023], pp. 11-20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>>. Epub 18 Maio 2011. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>. TATIT, Luiz. A canção: eficácia e encanto. 2. ed. São Paulo: Atual, 1986. _____. O cancionista: composição de canções no Brasil. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002. TRAVASSOS, Elisabeth. Modernismo e música brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. TRAVASSOS, Elisabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Orgs.). Palavra Cantada: ensaios sobre poesia, música e voz, Rio de Janeiro, p. 307-315, 2008. WISNIK, José Miguel. A gaia ciência. In: WISNIK, José Miguel. Sem receita: ensaios e canções. São Paulo: Publifolha, 2004.

“TOMA ESTA CANÇÃO COMO UM BEIJO”: CAETANO VELOSO CANTA PARA ANA CRISTINA CESAR

André Luis Valadares de Aquino

Resumo: No ensaio Pensamentos sublimes sobre o ato de traduzir, de Ana Cristina Cesar, é Caetano Veloso quem está em cena, no Cinema Transcendental, no disco, também lançado em 1980, e na

tela, em que a poeta o vê, “Caetano no cinema cantando uma elegia de John Donne. / Eu de frente para a tela, no escuro não faz sol. / [...]” (CESAR, 2016, p. 266). Trata-se de um ensaio de intenso trabalho de citação e de colagem sonora, como um ensaio-toca-disco que executa as canções do “cinema” de Caetano na tela da página. No ensaio, Ana Cristina Cesar valoriza a figura de Caetano como “cantor”. A figura complexa do “cantor”, no caso de Caetano, que Ana Cristina Cesar mobiliza, tem o sentido forte da ideia do intérprete, por isso do tradutor e do poeta. Nesse ensaio, interessa menos à Ana Cristina Cesar o poema de John Donne, a tradução de Augusto de Campos e a melodia de Péricles Cavalcanti, do que a interpretação de Caetano, porque esta concretiza justamente uma poética do endereçamento, uma paixão, a tradução como tarefa do corpo. O ensaio de Ana Cristina Cesar é uma encenação da resposta ao disco de Caetano, um ato de interlocução e uma transa, a partir de diferentes aspectos da obra do artista baiano. Esta comunicação discute o ensaio de Ana Cristina Cesar em que Caetano é um caso exemplar da questão do poema. A questão do poema é a questão da recepção do poema, a quem se dirige o poema, ou seja, a questão do endereçamento poético. Podemos dizer que Caetano é para Ana Cristina Cesar “um compositor de destinos”, um intérprete, em sentido amplo –, para quem a poesia, isto é, a “biografia”, põe em questão “a que [ou a quem] será que se destina?”.

Referências: CAMPOS, Augusto de. Balanço da bossa e outras bossas. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Coleção Debates, 3). ---. Verso, Reverso, Controverso. São Paulo: Perspectiva, 1979. CESAR, Ana Cristina. Correspondência Incompleta. Rio de Janeiro: Aeroplano, Instituto Moreira Sales, 1999. ---. Crítica e Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. ---. Poética. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. DERRIDA, Jacques. Che cos’è la poesia? Inimigo Rumor, n. 10. Trad. Marcos Siscar & Tatiana Rios, 2001. DUARTE, Pedro (Org.). Caetano Veloso 80 anos: ensaios. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto; BOSI, Viviana (Org.). Sereia de papel: visões de Ana Cristina Cesar. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. FERRAZ, Eucanaã. Nota. In: Letras. Org. Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. MALUFE, Annita Costa. Estratégias para uma escrita do segredo. In: Sereia de papel: visões de Ana Cristina Cesar. Org. Álvaro Faleiros, Roberto Zular, Viviana Bosi. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. RIAUDEL, Michel. Les “sublimes” traductions d’Ana Cristina Cesar. In: Revista da Anpoll, 1 (16). Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.558>. 2004. ROCHA, Glauber. Revolução do cinema novo. São Paulo: Cosac Naify, 2004. SISCAR, Marcos. Ana C. aos pés da letra. In: De volta ao fim: o ‘fim das vanguardas’ como questão da poesia contemporânea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. VELOSO, Caetano. Alegria Alegria: Uma Caetanave organizada por Waly Salomão. Rio de Janeiro: Pedra Q Ronca e Produções Artísticas, 1977. ---. Cinema Transcendental. Polygram, 1979. LP. ---. Letras. Org. Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. ---. Livro. Polygram, 1997. LP. ---. Verdade Tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. WISNIK, José Miguel. Oração ao tempo. In: Caetano Veloso 80 anos: ensaios. Org. Pedro Duarte. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

TECER UMA MEMÓRIA EM DOIS TEMPOS: OS FAVELADOS DO RIO DE JANEIRO NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E NO BAILE DA SELVA

Artur Vinicius Amaro dos Santos

Resumo: Em uma parte da poesia de Carlos Drummond de Andrade e no Funk do Baile da Selva, no Complexo do Alemão, é possível ver a cidade do Rio de Janeiro, com suas mudanças e trânsitos sendo apresentadas de diversas formas. No poema “Favelário Nacional”, presente no livro *Corpo* (1984), Drummond escreve, como apontou Poncioni (2009), “(...) à glória dos desvalidos, à glória das favelas e de seus habitantes”. Inserida no contexto histórico de um Brasil prestes a redemocratização, essa fala não deixa de apontar para uma Necropolítica: um descaso com as favelas, mas, sobretudo, com a desocupação, apontada na 12ª estância do poema, intitulada “Desfavelado”, onde o indivíduo perde tudo ao ser retirado do seu espaço. No Funk Contemporâneo é possível observar um processo de Re-Favelização quando observamos, sobretudo no contexto do Baile da Selva no Complexo da Penha, essas produções tomando para si o controle das narrativas, inserindo o contexto de vida local, o cotidiano do entorno da favela, as relações com a violência e uma outra cartografia para o espaço da favela, que se dá a partir de uma relação entre o sujeito e o espaço. Nessa comunicação, pretendo

pensar a representação dos favelados na arte, aproximando o “Favelário” de Drummond do Funk de Favela do Baile da Selva, para pensar como ambos, lado a lado, podem tecer uma memória dessa cidade, atravessada por uma política que extermina os subalternizados, apaga suas memórias e destrói seus espaços. Além de pensar nas mudanças e na forma como a Necropolítica se reconfigura, pretendo observar como essa representação passa de um paradigma individual e distante – Drummond – para um paradigma coletivo, visto que as produções que compõe uma espécie de “cancioneiro” do Baile da Selva são de vários Dj’s e vários Mc’s.

Referências: ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. CARVALHO, Bruno. *Cidade Porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro*. Tradução de Daniel Estill. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019. GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: editora vozes, 2001. MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. _____. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. Traduzido por Renata Santini. São Paulo : n-1 edições, 2018. PONCIONI, Cláudia. Drummond, o “Favelário” e o Patrimônio. *Navegações* v. 2, n. 1, p. 17-23, jan./jun. 2009 SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. WISNIK, José Miguel. *Sem Receita*. São Paulo: Publifolha, 2004. _____. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AMÉRICA LATINA E DECOLONIALIDADE NAS CANÇÕES DE BELCHIOR

Camila Teixeira Gabriel Baião

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar as marcas de uma poética latino-americana nas canções do cantor e compositor cearense, Belchior, de forma a relacioná-las aos aspectos da teoria decolonial. Belchior, ao adentrar o mercado fonográfico em 1976 com o disco “Alucinação”, popularizou uma perspectiva que até o final da década de 1960 não era comum na cultura brasileira, qual seja, a condição do sujeito estigmatizado por sua nacionalidade. Ao fazê-lo, traz à memória todo um histórico latino-americano marcado pela lógica do colonialismo, do imperialismo, da dependência econômica – e, também, cultural –, de golpes e ditaduras que, no entanto, é interpretada de forma a denunciar sua permanência ainda na modernidade/contemporaneidade. Pretende-se associar tal investida à perspectiva decolonial que por sua vez evoca a necessidade de ir além da ideia de que a colonização se trata de um evento acabado, pelo contrário. Busca-se evidenciar seu papel de recusa à hegemonia europeia e norte-americana, bem como os demais processos que convergem para a subalternização dos povos colonizados. Assim, serão analisadas as canções “Apenas um rapaz latino-americano” e “A palo seco”, ambas inseridas no referido álbum, a fim de que sejam expostas as angústias e incertezas do sujeito que, mesmo na condição de subdesenvolvido, resiste e promove ações de luta e enfrentamento. Para embasar este estudo, serão utilizadas as contribuições teóricas de autores como Quijano (2005), Mignolo (2008) e Carlos (2014).

Referências: ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1970. BELCHIOR, Antônio Carlos. *Alucinação*. São Paulo: Philips, 1976. LP. BELCHIOR, Ângela; ZIZZI, Estêvão. *Abrços e canções: entrevista*. Clube de Autores, 2019. CARLOS, Josely Teixeira. *Fosse um Chico, um Gil, um Caetano: uma análise retórico-discursiva das relações polêmicas na construção da identidade do cancionista Belchior*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. _____. *Muito além de apenas um rapaz latino-americano vindo do interior: investimentos interdiscursivos das canções de Belchior*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007. FINNEGAN, Ruth. *O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance?*. In: MATOS, C. N.; TRAVASSOS, E.; MEDEIROS, F. T. (Org.). *Palavra Cantada: Ensaio sobre Poesia, Música e Voz*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2008. MEDEIROS, Jotabê. *Belchior: apenas um rapaz latino-americano*. São Paulo: Todavia, 2017. QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, 2005.

“VOCÊ SE SENTIA UM TOLO COMPLETO SEM SABER A LETRA”: A MÚSICA E O SENTIMENTO DE COMUNIDADE EM A SCOTS QUAIR, DE LEWIS GRASSIC GIBBON

Carolina de Pinho Santoro Lopes

Resumo: A música pode contribuir para a formação da identidade e da sensação de pertencimento a determinado grupo. As diversas referências a canções em *A Scots Quair*, de Lewis Grassic Gibbon (1901-1935), representam esse processo de construção identitária por meio de performances musicais. A obra em análise é uma trilogia composta pelos romances *Sunset Song* (1932), *Cloud Howe* (1933) e *Grey Granite* (1934). A narrativa se passa nas primeiras décadas do século XX, entre 1911 e os anos 1930, no nordeste da Escócia, região natal do escritor. Cada volume de *A Scots Quair* tem como cenário um local ficcional, respectivamente: o vilarejo de Kinraddie, a pequena cidade de Segget e a metrópole de Duncairn. Com isso, a trilogia acompanha a transição de um ambiente rural para uma área urbana e industrializada. Essa modificação espacial está ligada a uma transformação nos modelos de comunidade e na relação dos personagens com a tradição musical. Enquanto a tradição musical escocesa é parte importante das celebrações comunitárias em *Sunset Song*, essas canções têm um papel de menos destaque no último romance. Em *Grey Granite*, no entanto, é possível perceber a formação de um novo repertório compartilhado, com um aspecto mais internacional, constituído por canções políticas de esquerda. As referências a essas músicas também sinalizam o progressivo envolvimento do jovem Ewan, um dos personagens centrais, com a política.

Referências: GIBBON, Lewis Grassic. *A Scots Quair*. Edinburgh: Polygon, 2006.

A POÉTICA DE JOSÉ CARLOS CAPINAN: UM CANTO FALADO AO SOM DA VIOLA

Edilene Dias Matos

Resumo: Este texto propõe um diálogo fecundo entre escrita/voz na poética de José Carlos Capinan, poeta marcado por um rebelde lirismo. Neste sentido, é necessário um mergulho numa espécie de tensão poética e criadora que propaga e recria um texto. De um lado, a obra poética de Capinan com ênfase no já “clássico” Inquisitorial, descrição de sentimentos humanos com acentuado teor lírico. De outro lado, a obra de Capinan como um grito prolongado de uma voz que dialoga com o mundo ao reter os retalhos da tradição em formas novas e fisionomias particulares, configurando, assim, uma relação que poderíamos dizer antropofágica. Um olhar de cobiça e atração entre a novidade e a tradição faz ressaltar a intensidade da experiência, o talento individual desse poeta musicante, que emerge nesse grande circuito e exibe seus timbres, diferentes timbres, como aquele totalmente lírico-romântico de *Papel Machê*, ou dos contundentes/denunciadores textos de *Viramundo*, *Ponteio* ou *Yayá Massemba*. O poeta baiano, nascido em 1941, apoiou sua vida no tripé Poesia, Amor e Revolução – a revolução se fez poesia e o amor se converteu em revolução. A voz poética de Capinan compõe uma complexa operação, exibindo uma encenação de signos-atores interligados (vocaís, gestuais, sonoros, visuais), evidenciando que a voz não deve reduzir-se à palavra vocalizada e muito menos à palavra grafada. A obra de Capinan é uma espécie de enciclopédia do viver e do criar do povo brasileiro, assentada com lucidez e, sobretudo, com sensibilidade, usando intervalos e ritmos do tempo musical conjugados aos ritmos da vida humana. Nessa proposta, serão evidenciados alguns passos da jornada poética de Capinan, desde a do lírico até a do intérprete de sua terra, incluindo aquela musicalizada, rapsódica - tecer mosaicado de fragmentos harmonizados -, conferindo sentido para, com sua linguagem arquitetada poética e metaforicamente, pensar o país.

Referências: CADERNOS DE MÚSICA . José Carlos Capinan, número 21. s/i Revistas de cultura produções artísticas, 2021. CAVARERO, Adriana. *Vozes Plurais - Filosofia da expressão vocal* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011; MERQUIOR, José Guilherme. Capinan e a nova lírica. In: *A astúcia da mímese*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2005. ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2 ed. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

A LÍRICA CANCIONAL BRASILEIRA EM “VOCÊ-VOCÊ”, DE CAETANO VELOSO: NÃO PODES NEGAR QUE É LINDO

Enio Bernardes De Andrade

Resumo: Esta comunicação tem como objeto a canção “Você-você”, lançada por Caetano Veloso em seu álbum mais recente, *Meu Coco* (2021), com participação da cantora portuguesa Carminho. A partir da análise da obra, propõe-se uma discussão sobre a autoafirmação da língua portuguesa falada no Brasil por meio da poética vocalizada das canções gravadas. Tal reflexão envolverá o mote para a composição da faixa, criada diante do fato de a cantora Carminho retirar a expressão “você” das letras de canções brasileiras por ela cantadas; a análise da construção poética em versos fixos e sua relação com as poesias escrita e cantada, brasileira e portuguesa; os procedimentos musicais e entoativos da composição, bem como a performance vocal dos intérpretes; e os intertextos e citações nominais, evocando encontros e distanciamentos entre Brasil e Portugal. A incorporação, na letra, do verso “o orvalho vem caindo”, de Noel Rosa, será discutida como procedimento metonímico representativo da lírica cancional edificada no Brasil a partir da década de 1930, a qual é reverenciada como marca da força poética da canção no Brasil ao ser entoada na performance vocal de Caminho, sucedida do verso: “não podes negar que é lindo”. Assim, a perspectiva de percurso da língua é invertida: o afastamento (que pressupõe um encontro anterior, no qual a língua portuguesa chegou ao Brasil) é convertido em encontro de vozes, sob a força da cultura brasileira, cuja marca é a lírica cancional sintetizada no verso de Noel. Como referencial teórico, serão utilizadas reflexões do próprio Veloso em *Verdade Tropical* (1997), estudos sobre a canção e Caetano Veloso em autores como Luiz Tatit (1996, 2008) e José Miguel Wisnik (2004); e sobre a voz, em Adriana Cavarero (2011) e Paul Zumthor (2010).

Referências: CAVARERO, Adriana. *Voices plurais: filosofia da expressão vocal*. Tradução de Flavio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. TATIT, Luiz. *O século da canção*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. _____. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996. VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004. ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A QUEDA DA CASA DE USHER: A PAISAGEM SONORA GÓTICA NO CONTO DE EDGAR ALLAN POE

Gérson Luís Werlang

Resumo: O surgimento do romance gótico em meados do século XVIII provocou uma pequena revolução literária, não reconhecida imediatamente pela crítica, mas que traria inumeráveis frutos nos dois séculos e meio seguintes. A publicação do seminal *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, provocaria e desequilibraria a balança literária do período, mexendo com a imaginação do público e de escritores que seguiriam a tradição do gênero. A maquinaria gótica incluía, a princípio, castelos medievais, torres fantasmagóricas, fantasmas reais ou imaginados, e toda uma figuração que seria seguida e transformada posteriormente. Suas bases foram lançadas por Walpole em 1764, paulatinamente ampliadas nas últimas décadas do século XVIII por autores como Clara Reeve (1729-1807), autora de duas obras determinantes, *The Old English Baron*, publicada em 1777, e *Tales of Other Times*, em 1783, seguida de perto por *Vathek*, de William Beckford, em 1786. Note-se a proeminência de escritoras depois do primeiro esforço de Walpole e da contribuição quase isolada de Beckford. Com a aderência feminina à narrativa gótica, diversas escritoras se apropriariam do gênero e fariam suas contribuições, notadamente Ann Radcliffe, Mary Shelley e mesmo Jane Austen, com sua paródia gótica, *A abadia de Northanger*. Esses primeiros desenvolvimentos do gênero seriam posteriormente ampliados e modificados no decorrer do século XIX. Este trabalho propõe-se a fazer uma análise de um conto fundamental para o desenvolvimento da narrativa gótica, *A Queda da Casa de Usher*, de Edgar Allan Poe (1809-1849), tendo em vista um aspecto muitas vezes negligenciado: o som, partindo-se do conceito de paisagem sonora como concebido pelo músico e compositor canadense R. Murray Schafer (1933-2021). Assim como o aspecto visual incluía elementos peculiares, também os aspectos sonoros possuíam características bem definidas, posteriormente imitadas, modificadas e ampliadas de acordo com a gênese de cada obra.

Referências: AUSTEN, Jane. *Northanger Abbey*. London: Collectos'r Library, 2004. COLUCCI, Luciana. *From The Philosophy of Furniture to Topoanalysis: For a Poetics of Space in Gothic Literature*. In: FRANÇA, Júlio; COLUCCI, Luciana (Orgs.). *As nuances do Gótico*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. BECKFORD, Wiliam. *Vathek*. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Porto Alegre: L&PM, 1986. HAWTHORNE, Nathanael. *A casa das sete torres*. Tradução de Ligia Autran Rodrigues Pereira. São Paulo: Abril, 1983. POE, Edgar Allan. *A queda da casa de Usher*. In: *Histórias extraordinárias*. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Abril, 1981. _____. *The Fall of the House of Usher*. In: POE, Edgar Allan: *The Unabridged Edgar Allan Poe*. Philadelphia: Running Press, 1983. _____. *The Phylosophy of Furniture*. In: POE, Edgar Allan: *The Unabridged Edgar Allan Poe*. Philadelphia: Running Press, 1983. REEVE, Clara. *Tales of old times*. New York: Alan Rogers Books, 1995. _____. *The Old English Baron*. New York: Alan Rodgers Books, 2000. SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Unesp, 2001. SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. London: Penguin, 1994. RADCLIFFE, Ann. *The Italian*. London: Penguin Classics, 2004. _____. *The Mysteries of Udolpho*. Oxford: Oxford Univerity Press, 1998. _____. *The Romance of the Forrest*. Rockville (USA): Wildside Press, 2002. VIDAL, Ariovaldo José. *Apresentação a O castelo de Otranto*. In: WALPOLE, Horace. *O castelo de Otranto*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996. WALPOLE, Horace. *O castelo de Otranto*. Tradução de Alberto Alexandre Martins. São Paulo: Nova Alexandria, 1996. _____. *The Castle of Otranto*. In: WALPOLE, Horace et al. *Three Gothic Novels*. New York: Dover, 1966. WERLANG, Gérson. *A música na obra de Erico Verissimo*. Passo Fundo: Méritos, 2011.

O NEGRO E A CANÇÃO, A CANÇÃO E O NEGRO: UM CASO DE RAP

Hilário Mariano dos Santos Zeferino, Ana Lígia Leite e Aguiar

Resumo: Os estudos de José Miguel Wisnik (2017), José Ramos Tinhorão (2008) e Luiz Tatit (2004), como contribuições para o campo do cancionero, sobretudo popular, brasileiro são incontornáveis, visto que a dedicação de cada um para mapear e historicizar a canção no Brasil foram de grande generosidade. Para Wisnik (2017), o som é um traço entre silêncio e ruído, essa relação, portanto, constitui a música. Com isso, podemos entender que as sociedades produzem música às suas maneiras. Já Luiz Tatit (2004) nos assevera que o canto é uma dimensão potencializada da fala, inclusive utilizada para invocar deuses. A partir de Tinhorão (2008) entendemos que os batuques dos negros foram, pelas sociedades brasileiras, tidos frequentemente como manifestações culturais baixas ou de pouco valor artístico, sofrendo inclusive perseguições do Estado (BARATA, 2020). Ainda segundo os pesquisadores, o samba, o calundu, o reggae, o funk e o pagode são entendidos e categorizados como “batuques de negros” ou gêneros musicais deles derivados. Esses batuques, podemos presumir, fazem parte de como as sociedades e socializações dos negros, no Brasil, se deram. As rodas de samba, o carnaval e outras manifestações de rua são parte da celebração cancionista negra no Brasil. Entretanto, há lacunas nas pesquisas mencionadas, como, por exemplo, o brega baiano, o tecnobrega paraense, o pagodão e o rap. Nessa pesquisa, nos dedicaremos a investigar o rap no cenário do cancionero brasileiro, visto que seus impactos musicais e efeitos sociais são efetivos e reconhecidos por outros pesquisadores, como Acauam Oliveira (2015), Ana Lúcia Souza (2011) e Ricardo Teperman (2015). Como pode, então, o rap enquanto canção negra, fazer parte de sua comunidade e de um Brasil comum? Que parte ele tem na identidade nacional? Quais são seus efeitos? Quais são suas demandas? Essas são questões que farão parte da nossa baliza reflexiva.

Referências: BARATA, Denise. *A música da diáspora africana e os projetos de construção da identidade nacional: o samba e o cucumbi*. In: CASTANHEIRA, José Cláudio S. et al. (Org.). *Poderes do som: políticas, escutas e identidades*. Florianópolis: Insular Livros, 2020. OLIVEIRA, Acauam Silverio de. *O fim da canção? Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*. 2015. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia e grafite, música, dança: HIP HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. TATIT, Luiz. *O século da canção*. Cotia: Atelier Editorial, 2004. TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma. 2015. TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil*.

cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo, Editora 34, 2008. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MÚSICA E A OBRA DE SAMUEL BECKETT

Larissa Ceres Rodrigues Lagos

Resumo: Em 2019 o compositor Philip Glass escreveu em sua autobiografia, *Words Without Music*, que recebeu o seguinte conselho do escritor Samuel Beckett: “A música deve entrar nos interstícios do texto, por assim dizer”. O som, a música, a maneira de apresentar a palavra e o são características fundamentais da obra de Beckett. E a importância da obra de Beckett para Philip Glass é um tema há muito explorado, sua influência é reconhecida por Glass. Contudo, a proposta aqui é de atuar de forma inversa e trabalhar a relação de Samuel Beckett com a música a partir das características da obra de Philip Glass, em especial a concepção de “música com estrutura repetitiva”. Em especial, a pesquisa se orienta através da perspectiva do minimalismo para a escrita e composição de duas peças para rádio de Beckett, são elas *Palavras e Música* e *Cascando*. Ambas as peças possuem a presença de música enquanto personagens, cujas falas são apresentadas por uma partitura própria composta por, respectivamente, Morton Feldman e Mihail Mihalovici. De maneira geral, ambos compositores trabalharam com experimentalismo. Feldman associado à indeterminância e Mihalovici ao neoclassicismo, serialismo e dodecafonismo. Esse trabalho é um recorte da minha tese de doutorado cujo principal objetivo, além de estabelecer a conexão entre as estruturas da escrita de Beckett e a estrutura musical apresentada, foi o de traduzir essas peças para a língua portuguesa.

Referências: ADORNO, Theodor. *Notes on Beckett*. Translation: Dirk van Hulle and Shane Weller. Disponível em:

<https://kar.kent.ac.uk/28660/1/Weller_and_Van_Hulle_Dossier_Adorno's_Notes_on_Beckett.pdf> Acesso em 20 de novembro de 2015. ALBRIGHT, Daniel. *Beckett and Aesthetics*. Cambridge University Press: Cambridge, 2003 ANDRADE, Fabio de Souza. *Samuel Beckett: O Silêncio Possível*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. BECKETT, S. Dante... Bruno. Vico... Joyce. In: *Our Exagmination Round His Factification for Incamination of Work in Progress*. Faber and Faber: London, 1961. _____. *Collected Poems in English & French*. Groove Press: New York, 1977. _____. *Samuel Beckett: The Complete Dramatic Works*. London: Faber & Faber, 1990. FERRAZ, Sílvia. Beckett e música: composição do tempo. In: *Eutomia*, Recife, 20 (1): 180-201, Dez. 2017 FROST, Everett. *The Note Mand and the Word Man: An interview with Morton Feldman about Composing the Music for Samuel Beckett's Radio Play, Words and Music*. In: *Samuel Beckett and Music*. Ed Mary Bryden. Oxford: Oxford University Press, p. 47-55, 1998. HELLER, Alberto. *A Fenomenologia da Expressão Musical*. Letras Contemporâneas, 2006. IRLANDINI, Luigi. Tempo musical cíclico no *Miserere mei Deus* de Gregorio Allegri. XXIV Congresso da Anppom, 2014. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/paper/view/2766/781>> Acesso em 10 de janeiro de 2018 _____. *Ser e devir no tempo musical*. III Encontro Internacional de Teoria e Análise Musical, 2013. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:APVEEBL4r1QJ:www.iar.unicamp.br/soac/index.php/mannis/etam3/paper/downloadSuppFile/58/32+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em 10 de janeiro de 2018 KRAMER, Jonathan. *The Time of Music*. New York: Schirmer Books, 1988. MEDEIROS, Sérgio. O monodrama de Schoenberg e o ?quadro vivo? de Beckett. In: *Eutomia*, Recife, 20 (1): 172-179, Dez. 2017. MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. OJRZYNSKA, Kataryna. *Music and Metamusic in Beckett's Early Plays for Radio*. In: BAILES, Sarah; TILL, Nicholas (ed). *Beckett and Musicality*. England, USA: Ashgate, 2014.

PELÉ E CAETANO: O COMUM DESSA GENTE QUE NÃO TRAI A FORÇA QUE MORA NO CORAÇÃO

Leonardo Davino de Oliveira

Resumo: Ora "gente, espelho de estrelas, reflexo do esplendor", ora "no coração da mata, gente quer prosseguir / quer durar, quer crescer, gente quer luzir" canta Caetano Veloso em "Gente" (1977). Ligada à partilha cotidiana da existência, gente é comum, povo não. O comum é aquilo que

une o próprio ao oposto. Daí porque o termo "gente" interessa mais ao cancionista de Caetano Veloso do que "povo", termo corrompido na história das práticas políticas de nossa nação, outro conceito supostamente aglutinador, mas que tende a ser usado para excluir, apagar, silenciar o oposto. A obra de Caetano Veloso tem instaurado no centro do debate público aquilo que durante um bom tempo esteve às margens: a gente brasileira. "Não, meu nego, não traia nunca essa força, não / essa força que mora em seu coração", canta na mesma canção. Esse trabalho pretende passar em revista esses termos e conceitos, tomando como mote a figura do jogador de futebol Pelé (1940-2022). Pelé é cantado por Caetano em pelo menos três canções: "Two naira fifty kobo", de 1977, ("No meu coração da mata gritou Pelé, Pelé / faz força com o pé na África"); "Love, love love", de 1978, ("A visão que comove / Pelé disse love, love, love"); e "Os meninos dançam", de 1979, ("A história do samba, a luta de classes, os melhores passes de Pelé / tudo é filtrado ali"). As três do final da década de 1970. Nas três, o jeito de corpo que representa nossa gente e lançou mundos no mundo, o absurdo - por que radicalmente novo e nosso, brasileiro, e à margem da imagem institucionalizada pela ditadura militar da época - modo de ser, de estar, de existir, um modo engendrado e defendido pela canção brasileira, notadamente a tropicalista, a partir da segunda metade do século XX.

Referências: CAVARERO, Adriana. Vozes plurais: filosofia da expressão vocal. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. FINNEGAN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? In: TRAVASSOS, Elizabeth; MATOS, Cláudia Neiva; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. Palavra Cantada: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. HAFFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. TATIT, Luiz. O cancionista: composição de canções no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2002. VELOSO, Caetano. Letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. WISNIK, José Miguel. Sem receita: ensaios e canções. São Paulo: Publifolha, 2004. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

A SOBREVIVÊNCIA DOS GESTOS DA BAIANA DURANTE O BRINCAR CARNAVALESCO NAS AQUARELAS DE CECÍLIA MEIRELES

Lucia Aparecida Felisberto Santiago

Resumo: Na introdução do livro Artes populares, escrito para compor a obra Artes Plásticas no Brasil (1952), Cecília Meireles afirma que nossa formação como povo está configurada numa síntese entre o Carnaval e a Semana Santa. Para a estudiosa da arte e da cultura popular brasileiras, é através dessas duas manifestações que se apresentam a riqueza, a singularidade e a permanência dos elementos que compõem nossa arquitetura, escultura, pintura, habilidades artísticas e decorativas. A própria autora indica que os gestos e os ritmos do 'brincar' do Carnaval constituem uma herança dos costumes dos povos negros escravizados no Brasil, assim como o vestuário das baianas 'cariocas' é uma sobrevivência dos trajes usados pela autêntica baiana, do estado da Bahia. O momento do surgimento dos gestos e ritmos dos negros no Brasil localiza-se bem antes dos anos de 1930. As aquarelas feitas pela autora apontam o 'brincar' do Carnaval daquele tempo (1926-1934). Com essa sobreposição de temporalidades diversas, é possível vislumbrar um dos elementos responsáveis pela configuração de uma 'sobrevivência' de algo do passado no presente em que vivemos. Esta proposta deseja abordar o conceito de "sobrevivência", tendo como objeto de análise as aquarelas de Cecília Meireles na década de 1930, que compõem o livro Batuque, samba e macumba. A intenção é investigar e inventariar os traços que indicam uma "sobrevivência" dos gestos das baianas dos desenhos de Cecília Meireles e das baianas contemporâneas que figuraram nas apresentações das escolas de samba durante o Carnaval do Rio de Janeiro em 2019; e, ainda, apresentar as possíveis herdeiras brasileiras dos gestos e dos ritmos das baianas aquareladas pela poetisa na arte, na música, no teatro etc.

Referências: ABREU. Joana Cavalcanti de. Um patrimônio de tradições: o folclore na produção intelectual de Cecília Meireles e Luís da Câmara Cascudo. Monografia. Revista História e cultura. UNESP, s/d., p. 08-26. Disponível em: <http://historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/meireles/umpatrimonio.pdf> Acesso em: 03 jan. 2023. ARAUJO, Vânia Mourão; FERREIRA, Luiz Felipe. Tradição e modernidade no traje

da baiana de escola de samba. Revista Visualidades. Goiânia v.10 n.1 p. 301-315, jan-jun 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23097/13642> Acesso em: 06 jan. 2023. COSTA, Cacilda Teixeira da. Roupas de artista: o vestuário na obra de arte. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Edusp, 2009. DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou o gaio saber inquieto: o olho da história, III. ARBEX, Márcia e CASA NOVA, Vera (Trad.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018. DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do tempo. História da arte e anacronismo das imagens. CASA NOVA, Vera e ARBEX, Márcia (Trad.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015. DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempos dos fantasmas segundo Aby Warburg. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. (ArteFissil, 5). DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. GARRAMUÑO, Florencia. Modernidades primitivas: tango, samba e nação. Belo Horizonte: UFMG, 2009. LIGIÉRO, Zeca. Batucar-cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil. Aletria: Revista De Estudos De Literatura, 21(1), 133–146. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18430> Acesso em: 07 jan. 2023. MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá. Belo Horizonte: Mazza; São Paulo: Perspectiva, c1997. (Perspectivas). MEIRELES, Cecília. Samba, batuque e macumba: estudos de gesto e ritmo, 1926-1934. Introd.: Lélia Gontijo Soares; Coord. Editorial: André Seffrin. São Paulo: Global Editora, 2019. MEIRELES, Cecília. Artes populares. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968. (As artes plásticas no Brasil). MENEZES, Roniere. Cecília Meireles e Genevieve Naylor: figurações da cultura popular no contexto da II Guerra. Revista Organon. Porto Alegre: UFRGS, vol. 34, n. 67, 2019, s/p. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/99039> Acesso em: 03 jan. 2023. OLIVEIRA, Nathália Fernandes de. A repressão Policial às religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo (1937-1945). Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14366> Acesso em: 07 jan. 2023. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens. 3ª. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

O DIÁLOGO FORMAL DE “FINNEGANS WAKE” DE JAMES JOYCE COM POÉTICAS MUSICAIS CONTEMPORÂNEAS

Luis Henrique Garcia Ferreira

Resumo: Pretende-se analisar a influência estética de "Finnegans Wake" de James Joyce sobre compositores contemporâneos que andam de mãos dadas com os efeitos e os dispositivos temáticos e formais do experimentalismo joyceano. Objetiva-se explicar brevemente as macroestruturas wakeanas (mobilidade, interpretação coconstrutiva, filosofia circular, sonho e mito), as quais serão problematizadas em conjunto com os dispositivos específicos inter-relacionados a elas, a exemplo da repetição e da simultaneidade. Além da função estruturante como um todo, essas macroestruturas (ou macroforma) refletem diretamente na densidade, nebulosidade, simultaneidade, embaralhamento e assemia da microestrutura (ou microforma multivetorial), que é a linguagem da obra Finnegans Wake. A partir desse “panorama” formal do livro, visa-se problematizá-lo em conjunto com estéticas musicais contemporâneas que, direta ou indiretamente, possuem formas com as quais a obra joyceana estabelece um diálogo produtivo. Propõe-se uma abordagem sobre a mobilidade da "Troisième sonate pour piano" do estruturalista Pierre Boulez; sobre a paisagem sonora multirreferencial "Roaratorio" do aleatorialista John Cage; sobre a paisagem sonora granular "Riverrun" do granularista Barry Truax e sobre a polifônica "Omaggio a Joyce" do sincretista Luciano Berio, um dos precursores da música eletroacústica mista. Entre os brasileiros, pretende-se destacar o diálogo formal-conteudístico que Flo Menezes estabelece com "Finnegans Wake" em "Phantom-Wortquelle; Words in Transgress" e em "PAN: Laceramento della Parola (Omaggio a Trotskij)". Por fim, ambiciona-se abordar a mestiçagem referencial de Gilberto Mendes em "Ulysses em Copacabana surfando com James Joyce e Dorothy Lamour".

Referências: ATTRIDGE, Derek. Desfazendo as palavras-valise, ou quem tem medo de Finnegans Wake? In: NESTROVSKI, Arthur (org.). riverrun: ensaios sobre James Joyce. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 347-348. BAUERLE, Ruth E. (Ed.). Picking up airs: hearing the music in Joyce's text. Urbana e

Chicago: Editora da Universidade de Illinois, 1993. BAUERLE, Ruth E.; HODGART, Matthew J. C. Joyce's grande OPEROAR: opera in Finnegans Wake. Urbana e Chicago: Editora da Universidade de Illinois, 1997. BECKETT, Samuel. Dante... Bruno. Vico... Joyce. In: NESTROVSKI, Arthur (Org.). *riverrun: ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (p. 323-338). BERIO, Luciano. Poesia e música: uma experiência. In: MENEZES, Flo (Org.). *Música eletroacústica: história e estéticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (p. 121-130). BOULEZ, Pierre. *Sonate, que me veux-tu? (Troisième Sonate) [1960]*. In *Points de repère*. Paris: Christian Bourgois, 1981. _____. *Orientations: Collected Writings*. Jean-Jacques Nattiez (Ed.), Martin Cooper (Trad.). Londres: Faber and Faber, 1986. _____. *Apontamentos de aprendiz*. Trad. Stella Moutinho, Caio Pagano e Lídia Bazarian. São Paulo: Perspectiva, 1995 (Série Signos/Música, v. 4). _____. *No limite do país fértil: Paul Klee*. In: MENEZES, Flo (Org.). *Música eletroacústica: história e estéticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (p. 87-96). _____. *A música hoje*. Trad. Reginaldo de Carvalho e Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2017a (Coleção Debates, v. 55). _____. *A música hoje 2*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2017b (Coleção Debates, v. 217). CAGE, John. *A year from Monday: new lectures and writings by John Cage*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1967. _____. *Notations*. [S. l.]: Something Else Press, 1969. _____. *M: Writings '67-'72*. Hanover: Wesleyan University Press; University Press of New England, 1976. _____. *Empty words: Writings '73-'78*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1981. _____. *Writings '79-'82*. Hanover: University Press of New England; Wesleyan University Press, 1983. _____. *Silence*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2011. _____. *De segunda a um ano: novas conferências e escritos de John Cage*. 2. ed. Trad. Rogério Duprat. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2013. _____. *Musicage palavras: John Cage em conversações com Joan Retallack*. Trad. Daniel Camparo Avila. Rio de Janeiro: Numa, 2015. CAGE, John; CUNNINGHAM, Merce. *Roaratorio, an Irish circus on Finnegans Wake*. Brooklyn Academy of Music, 2011, Ballet. CARPEAUX, Otto Maria. *Uma nova história da música*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. DAHLHAUS, Karl. Problemas estéticos da música eletrônica. In: MENEZES, Flo (Org.). *Música eletroacústica: história e estéticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (p. 171-180). DELALANDE, François. *Textos selecionados sobre música electroacústica*. Trad. António de Sousa Dias. Lisboa: [S. l.], 2020. ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. _____. *Las poéticas de Joyce*. Barcelona: Debolsillo, 2011. ELLMANN, Maud. The Music of Joyce's Vernacular Voices. *Modernism/Modernity*, v. 16, n. 2, abril 2009, p. 383-390. ELLMANN, Richard. James Joyce. Trad. Lya Luft. São Paulo: Editora Globo, 1989. EVANS, Olive Rory Thomas. "What can't be coded can be recorded": reading writing performing Finnegans Wake. 2016. Doutorado (PhD) – School of Arts, Birkbeck College, University of London, 2016. FABBRI, Renato; FERREIRA, Luis Henrique Garcia. A simple text analytics model to assist literary criticism: comparative approach and example on James Joyce against Shakespeare and the Bible. *Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão – IFPR*, v. 3, n. 2, 2018. FERREIRA, Luis Henrique Garcia de; FABBRI, Renato. Finnegans Wake de James Joyce é musiscritura. *Ilha do Desterro, Universidade Federal de Santa Catarina*, v. 74, n. 1, 2021, p. 125-128. _____. Um breve cálculo musicaos do século XX. 2022 (Poema). *Darandina, Interfaces literárias: criação e tradução*, v. 15, n. 1, p. 1-2, 2022c. FREUD, Sigmund. *Os chistes e a sua relação com o inconsciente (1905)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VIII). _____. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017 (vols. 1 e 2). GALINDO, Caetano Waldrigues. O Finnegans Wake e as coisas como são (Paulo: per speculum in aenigmate). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, XI. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. _____. The Finnecies of music wed poetry: a música e o Finnegans Wake. *Scientia Traductionis*, n. 8, p. 286-299, 2010. GREEN, Jon de. Observações preliminares. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de et. al. *Literatura e música*. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Instituto Itaú Cultural, 2003 (p. 9-17). HAYMAN, David. Troisième partie. Finnegans Wake, grand-œuvre de la suggestion. In: HAYMAN, David. *Joyce et Mallarmé: stylistique de la suggestion*. Paris: Lettres Modernes, 1956 (Les Cahiers de Lettres Modernes, Collection «Confrontations», v. 2, p. 121-146). IWATAKE, Toru. Toru Iwatake interviewed Barry Truax on August 7, 1991 at the Department of

Communication, Simon Fraser University. Interview with Barry Truax. *Computer Music Journal*, v. 18, n. 3, 1994, p. 17-24. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~truax/barry.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JAMEUX, Dominique. Pierre Boulez. Trad. Susan Bradshaw. Londres: Faber and Faber, 1991. _____.

Finnegans Ressuchistam. Trad. Luis Henrique Garcia Ferreira. [S.l.]: [s. d.]. _____.

Finnegans Wake. Londres: Penguin, 1992. _____.

Ulysses. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. _____.

Finnegans Rivolta. Trad. Coletivo Finnegans Wake. São Paulo: Iluminuras 2022.

KERSHNER, R. Brandon. Joyce, Music and popular culture. In: BROWN, Richard (Ed.). *A companion to James Joyce*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008 (p. 270-285).

KLEIN, Scott, W. The euphonium Cagehaused in either notation: John Cage and Finnegans Wake. In: KNOWLES, Sebastian D. G. (Ed.). *Bronze by gold: the music of Joyce*. Londres: Routledge, 1999 (cap. 6, p. 151-170). _____.

James Joyce and Avant-Garde Music. Disponível em: <http://www.cmc.ie/articles/article850.html>. Acesso em: 28 ago. 2008.

LITZ, A. Walton. The art of James Joyce: method and design in Ulysses and Finnegans Wake. Oxford: Oxford University Press, 1968 (cap. I-III, p. 1-120).

MCCREEDY, Jonathan. James Joyce and "Difficult music": references to modernista classical composers in Finnegans Wake. Prof. Orientador. Dr Bruce Stewart. Dissertação (Mestrado). [S. l.], 2018.

MACONIE, Robin. Stockhausen sobre música: palestras e entrevistas compiladas por Robin Maconie. Trad. Saulo Alencastre. São Paulo: Madras, 2009. _____.

Music. In: MCCOURT, John (Ed.). *James Joyce in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 (p. 275-284).

MENDES, Gilberto. Viver sua música: com Stravinsky em meus ouvidos, rumo à avenida Nevskiy. São Paulo: EdUSP, 2008. _____.

Uma odisseia musical: dos mares do sul à elegância pop/art déco. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2016.

MENEZES, Flo (Org.). *Música eletroacústica: história e estéticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. _____.

Atualidade estética da música eletroacústica. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. _____.

Apoteose do Schoenberg. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. _____.

A acústica musical em palavras e sons. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003. _____.

Música maximalista: ensaios sobre a música radical e especulativa. São Paulo: Editora UNESP, 2006a. _____.

O que você precisa saber sobre a música eletroacústica? In: *Música maximalista: ensaios sobre a música radical e especulativa*. São Paulo: Editora UNESP, 2006b (parte III, p. 347-357). _____.

Em torno de Adorno. In: *Música maximalista: ensaios sobre a música radical e especulativa*. São Paulo: Editora UNESP, 2006c (parte V, p. 465-489). _____.

De spectris sonorum. São Paulo: SESC, 2011. 1 encarte (100 p.) e 1 DVD (2h40'52"). _____.

Senha e contrassenha. In: TRAGTENBERG, Livio (Org.). *O ofício do compositor hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2012 (Série Signos/Música, v. 14, p. 91-101). _____.

Matemática dos afetos: tratado de (re)composição musical. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2013. _____.

A acústica musical em palavras e sons. São Paulo: Ateliê, 2014. _____.

Riscos sobre música: ensaios – repetições – provas. – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

MENEZES, Flo (Org.). Luciano Berio: legado e atualidade. São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015.

MOLINARI, Yuri Amaury Pires. Traduzir o inefável: Roaratorio e Finnegans Wake. *Revista Versalete*, Curitiba, v. 6, n. 10, jan.-jun. 2018.

MOREY, John. Finnegans Wake, music and disability. Tese (Doutorado em Filosofia). Londres: Universidade de Londres; English Royal Holloway, 2020.

MYERS, Peter. The sound of Finnegans Wake. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1992.

NATTIEZ, Jean-Jacques (Ed.). *The Boulez–Cage Correspondence. Documents collected, edited and introduced by Nattiez and translated and edited by Robert Samuels*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

NESTROVSKI, Arthur. James Joyce: a crítica da música. In: NESTROVSKI, Arthur (Org.). *riverrun: ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (p. 267-320).

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2016.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de et. al. *Literatura e música*. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Instituto Itaú Cultural, 2002 (p. 9-17).

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

POUSSEUR, Henri. Estrutura do novo material eletrônico. In: MENEZES, Flo (Org.). *Música eletroacústica: história e estéticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996a (p. 81-86). _____.

Cálculo e imaginação em música eletrônica. In: MENEZES, Flo (Org.). *Música eletroacústica: história e estéticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996b (p. 161-170).

REICHERT, Klaus. Finnegans Wake auf der Spur bei John Cage: zu Roaratorio. In: REICHERT, Klaus. *Vielfacher Schriftsinn zu Finnegans Wake*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2011 (p. 111-121).

ROSSETTI, Danilo Augusto de

Albuquerque. Processos microestruturais de criação sonora, percepção e modulação da forma: uma abordagem analítica e composicional. Tese (Doutorado). Prof. Dr. Silvio Ferraz Mello Filho. Campinas: Universidade de Campinas, 2016. ROUSSIN, Rena. Hearing and Seeing (Beyond) Finnegans Wake: Roaratorio and the Revitalization of Cage's and Cunningham's Experiential Aesthetic. *Musicological Explorations*, v. 15, inverno de 2018. SAFATLE, Vladimir; MENEZES, Flo. A potência das fendas. São Paulo: N-1 Edições, 2021. SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005. SANTOS, Jorge Luiz de Lima. Considerações sobre a forma musical na poética composicional contemporânea. Prof. Orientador Silvio Ferraz Mello Filho. Dr. Tese (Doutorado). Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2019. SCELISI, Giacinto. Les anges sont ailleurs... Textos inéditos recolhidos e comentados por Sharon Kanachtexes, Arles: Actes Sud, 2006. SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada; Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2011a. SCHOCKLEY, Alan. Music in the words: musical form and counterpoint in the twentieth-century novel. Londres; Nova Iorque: Routledge; Taylor & Francis Group, 2016. SILVA, Emma-Louise; SLOTE, Sam; VAN HULLE, Dirk. James Joyce and the arts. Boston; Leiden: Bristol Rodopi, 2020 (European Joyce Studies, v. 29). SOLOMOS, Makis. Da música ao som, a emergência do som na música dos séculos XX e XXI – uma pequena introdução. *Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Arte: ABRACE, ANPAP e ANPPOM em parceria com a UFRN*, v. 2, n. 1, p. 54-68, jan.-jun. 2015. SOUZA, Rodolfo Coelho de. Sintaxe e parataxe na música moderna e pós-moderna. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 73-91, dez. 2007. STOCKHAUSEN, Karlheinz. Da situação do Metier: composição do som (Klangkomposition). In: MENEZES, Flo (Org.). Música eletroacústica: história e estéticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996a (p. 59-72). _____. A unidade do tempo musical. In: MENEZES, Flo (Org.). Música eletroacústica: história e estéticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996b (p. 141-150). VICO, Giambattista. Ciência nova. Trad. Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2008. WEAVER, Jack W. Joyce's music and noise: theme und variation in his writings. Flórida: Editora da Universidade de Flórida, 1998. WITEN, Michelle. James Joyce and absolute music. Londres: Bloomsbury Academy, 2019 (Historicizing Modernism). ZAGO, Rosemara Staub de Barros. Bastidores da criação musical de Gilberto Mendes. *Revista Eletrônica de Musicologia*, Departamento de Artes da UFPR, v. 5, n. 1, jun. 2000.

DA MAIOR IMPORTÂNCIA: O DIÁLOGO DE CAETANO VELOSO COM A OBRA DOS BEATLES NA CONSTRUÇÃO DE SEU PROJETO CANCIONAL (1970 – 1975).

Márcia Cristina Fráguas

Resumo: Além de artistas fundamentais na constituição do LP (long-playing) como forma artística, que tornou o álbum uma unidade discursiva produtora de uma narrativa, o grupo inglês The Beatles também foi incorporado ao processo antropofágico tropicalista, que os deglutiu com Luiz Gonzaga, a Banda de Pifanos do Caruaru, Roberto Carlos e Jimi Hendrix, para citar alguns exemplos, na constituição de um projeto estético-musical. Em sua carreira solo, Caetano Veloso dialogou de diversas maneiras com o trabalho do quarteto de Liverpool, desde a atribuição do caráter de “canção benfazeja” a “Hey Jude” durante sua prisão em dezembro de 1969 às citações lírico-musicais nos discos Caetano Veloso (1971) e Transa (1972) gravados no exílio londrino, além da adoção de procedimentos artísticos em *Araçá Azul* (1973) utilizados anteriormente pelos músicos ingleses, sobretudo no disco *The Beatles* (1969), também conhecido por *The White Album*. Finalmente, *Jóia e Qualquer coisa*, ambos de 1975, parecem fechar um ciclo de intenso diálogo cancional entre Caetano Veloso e a obra dos Beatles, como bem ilustrado na recriação da capa de *Let it be* (1970) no projeto gráfico de *Qualquer coisa* (1975). O objetivo desse trabalho é revisitar de que modos e em que momentos esse diálogo se evidencia na obra de Caetano Veloso, tensionando e revertendo expectativas a serviço da construção seu projeto cancional.

Referências: BAHIANA, Ana Maria. Nada será como antes: MPB anos 70 – 30 anos depois. Rio de Janeiro: Senac, 2006. BARAT, Aïcha Agoumi de Figueiredo. Capas de disco: modos de ler. Tese (Doutorado em literatura, cultura e contemporaneidade). Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,

2018. CARNEIRO, Luiz Felipe; GUEDES, Tito. Lado C: a trajetória musical de Caetano Veloso até a reinvenção com a banda Cê. Rio de Janeiro: Máquina de livros, 2022. DUNN, Christopher: Brutalidade jardim: a tropicália e o surgimento da contracultura brasileira. São Paulo: Unesp, 2009. DRUMMOND, Carlos Eduardo; NOLASCO, Márcio. Caetano: uma biografia. São Paulo: Seoman, 2017. FRÁGUAS, Márcia Cristina. It's a long way: poética do exílio na obra fonográfica de Caetano Veloso (1969-1972). Dissertação (mestrado em Literatura Brasileira). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. MAMMI, Lorenzo. A fugitiva: ensaios sobre música. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. MOLINA, Sérgio. Música de montagem: a composição de música popular no pós-1967. São Paulo: É realizações, 2017. NAVES, Santuza Cambraia. Canção popular no Brasil: leituras do Brasil através da música. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019. SÜSSEKIND, Flora. Coro, contrário, massa: a experiência tropicalista e o Brasil de fins dos anos 60. In: BASUALDO, Carlos (org.). Tropicália: uma revolução na cultura brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p.31-56. TATIT, Luiz. O cancionista: composição de canções no Brasil. São Paulo: Edusp, 2012. VELOSO, Caetano. Letra Só. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. VELOSO, Caetano; SALOMÃO, Waly. Alegria, alegria. Rio de Janeiro: Pedra Q Ronca, 1977. VELOSO, Caetano. Narciso em férias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. VELOSO, Caetano; FERRAZ, Eucanaã. O mundo não é chato. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. VELOSO, Caetano. Verdade tropical. Edição de 20 anos, revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. VELOSO, Caetano. O sonho acabou. Entrevista a Oriel do Valle. Veja, São Paulo, p. 3-5, 23 jun. 1971. VELOSO, Caetano. Caetano Veloso. Phonogram/Polygram, 1969. VELOSO, Caetano. Caetano Veloso. Phonogram/Polygram, 1971. VELOSO, Caetano. Transa. Phonogram/Polygram, 1972. VELOSO, Caetano. Araçá Azul. Phonogram/Polygram, 1973. VELOSO, Caetano. Qualquer Coisa. Phonogram/Polygram, 1975. VELOSO, Caetano. Jóia. Phonogram/Polygram, 1975. WISNIK, José Miguel. Sem receita. São Paulo: Publifolha, 2004. WISNIK, Guilherme. Folha explica Caetano Veloso. São Paulo: Publifolha, 2005. WISNIK, Guilherme. Lançar mundos no mundo: Caetano Veloso e o Brasil. São Paulo: Fósforo, 2022.

LUGAR DE POESIA É NA CALÇADA: ASPECTOS DA POÉTICA DE SERGIO SAMPAIO

Maria Ângela de Araújo Resende

Resumo: Identificado como um “compositor maldito”, Sergio Moraes Sampaio (1947-1994), nascido em Cachoeira do Itapemirim (ES), foi reconhecido em 1972, no IV Festival Internacional da Canção com sua marcha “Eu quero é botar meu bloco na rua”. Sampaio teve uma carreira curta, porém muito produtiva, mesclando sua poesia aos estilos musicais como samba, choro, baladas, blues, rock. Anjo torto de carreira enviezada, suas letras condensam uma rica poética, que dialoga com as experiências poéticas de autores como Kafka, Augusto dos Anjos, Baudelaire entre outros. Em suas composições, verifica-se um forte tom autobiográfico, que aludem suas próprias experiências, aquelas do dia a dia de um artista “esquecido”, como o próprio autor de sua biografia Rodrigo Moreira (2010) o classifica. Sua obra é marcada por uma poética densa e intensa, configurada em composições que apresentam como temas a paisagem urbana, particularmente a carioca, o homem comum, as relações entre o privado e o público, além da relação vida e obra presente em sua poética (BRITTO, 2009). – o elogio da loucura, a sensação de marginalidade, a paranoia generalizada, o estranhamento entre as gerações. Auto-definido como “um doido que não se situa”, Sérgio Sampaio parecia seguir os passos de Torquato Neto e estava entre nós para “desafinar o coro dos contentes”. Este trabalho pretende apresentar parte da produção do compositor Sergio Sampaio, a partir de atravessamentos entre corpo e escrita, cidade, loucura e melancolia.

Referências: BRITTO, Paulo Henriques. Eu quero é botar meu bloco na rua. Rio de Janeiro: Editora Língua geral, 2009. CALADO, Carlos. Tropicália – a história de uma revolução musical. São Paulo: Editora 34, 1997. MOREIRA, Rodrigo. Eu quero é botar meu bloco na rua: a biografia de Sérgio Sampaio. Niterói, RJ: Editora Muiraquitã. 2. ed. 2033.

ENTRE A LITERATURA DE KENNETH GRAHAME E OS ÁLBUNS MUSICAIS DE PINK FLOYD: A TEORIA DA ADAPTAÇÃO DE LINDA HUTCHEON

Marilei Golfe Milan

Resumo: Este estudo objetiva a interface entre Literatura e Música. Baseado na obra “O vento nos Salgueiros”, do autor inglês Kenneth Grahame, a banda de rock Pink Floyd produziu o álbum “The Piper At The Gates Of Down” e o reflexo desse, principalmente na composição da banda, produziu outros dois álbuns “The Dark Side Of The Moon” e “Wish You Were Here”. Para isso a Teoria da Adaptação de Linda Hutcheon (2013) oferece o amparo teórico. “O vento nos salgueiros” é um dos cativantes clássicos infantis, uma parábola elegante e charmosa da literatura inglesa, sobre a luta de classes, amizade, cooperação e lealdade. A adaptação pressupõe a existência de um texto prévio, mas esses textos não competem entre si, entre eles há uma relação, cada qual obedece sua linguagem, seu formato, seus distintos recursos. A adaptação se constrói de forma nem inferior nem superior ao original, mas se abre em possibilidades de outros textos e contextos, nesse estudo, de literatura para música. O pensamento de Linda Hutcheon (2013) expressa que adaptar e fidelidade não tem sentido sinônimo. Além disso a autora diz que a fidelidade não deve ser parâmetro de julgamento ou da análise das adaptações do abras, refuta, ainda, a ideia de mera reprodução do texto original, embora defenda que adaptar significa, com ajustes, alterações e possibilidades de diversas produções. Os resultados elucidam que a adaptação da obra para a escrita de letras de músicas suscitam a interface de transformação da linguagem literária, proporcionado e consolidando reflexões, assim alcançando diversos públicos, entre esses, os leitores, os ouvintes de músicas de rock e os fãs da banda Pink Floyd.

Referências: GRAHAME, Kenneth. O vento nos Salgueiros. Tradução de Alessandra Esteche. Jandira, SP: Principis, 2021. HUTCHEON, Linda. Uma Teoria da Adaptação. Tradução de André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2013. PINK FLOYD. The Piper at The Gates of Down: Londres: Columbia/EMI, 1967. 1 disco. PINK FLOYD. Dark Side of the Moon. Londres: Harvest/Records, 1973. 1 disco. PINK FLOYD. Wish You Were Here. Londres: Harvest/Columbia, 1975. 1 disco .

INTERLÚDIO ENTRE O CANTO E A MÁQUINA: POESIA E MÚSICA EM MÁRIO DE ANDRADE

Paola Resende Braga Garcia de Araújo

Resumo: Este trabalho, desdobramento de um doutorado em andamento na Unicamp, pretende analisar, na obra de Mário de Andrade, o vínculo entre a poesia e a música a partir do canto e dos novos recursos técnicos e mídias. Ao longo do século XX, o diálogo entre essas duas linguagens esbarra em dois paradigmas que abarcam contrastes e convergências: o resquício da poesia oralizada e o prelúdio dos avanços técnicos (isto é, a retomada dos gêneros da tradição oral do passado e as novas modalidades de registro e de transmissão da palavra e do som). Tanto a produção quanto a recepção da poesia e da música ganham um novo ritmo, cadenciados por esses suportes (a Manuela, de Mário) e pela velocidade das inovações técnicas (a “nova paisagem sonora”, na expressão cunhada por Murray Schafer). Em nosso contexto periférico, tal dualidade ganha contornos específicos a partir da marginalização e do atraso dos objetos técnicos e da hipótese, desenvolvida por Luiz Costa Lima, de uma cultura auditiva, consequência de uma intensa oralidade mesmo em uma cultura predominantemente escrita. Tais questões são abordadas por Mário em sua obra poética - e também nas crônicas em periódicos (principalmente, em suas colunas musicais) e na correspondência (sobretudo em cartas para Manuel Bandeira e Oneyda Alvarenga). Para interpelar a relação entre poesia e música mediada pelo canto e pela mídia, esta comunicação pretende destacar e analisar esse mundo comum nos poemas “O trovador” (“Sentimentos em mim do asperamente / dos homens das primeiras eras”), “Paisagem nº4” (“Os caminhões rodando, as carroças rodando, / rápidas as ruas se desenrolando”), “Carnaval Carioca” (“Carnaval.../ Porém nunca tive intenção de escrever sobre ti.../ Morreu o poeta e um gramofone escravo/ Arranhou discos de sensações”) e “Louvação da tarde” (“Que bom! possuir um aparelho de / Radiotelefonía tão perfeito / Que pegasse de New York e Buenos Aires!...”).

Referências: ALCIDES, Sérgio. Valéry on-line, McLuhan off-line. In: Aduato Novaes. (Org.). O futuro não é mais o que era. Ciclo Mutações. 1ed. São Paulo: Sesc, 2013, v. 1, p. 269-290. ANDRADE, Mário

de. Aspectos da música brasileira, São Paulo, Martins, 1975. ANDRADE, Mário de & ALVARENGA, Oneyda. Cartas. São Paulo, Duas Cidades, 1983. ANDRADE, Mário de. BANDEIRA, Manuel. Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1989. ANDRADE, Mário de. Ensaio sobre música brasileira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006. ANDRADE, Mário de. Música, doce música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. ANDRADE, Mário de. Música e jornalismo: Diário Nacional - pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas por Paulo Castagna. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, 1993. ANDRADE, Mário de. O banquete. São Paulo, Duas Cidades, 1977. ANDRADE, Mário de. Pequena história da música. São Paulo, Martins, 1980. ANDRADE, Mário de. Poesias completas; edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. ANDRADE, Mário de. Táxi e crônicas no Diário Nacional; estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 2005. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Braziliense, 2012. BERNHART, Walter. "From Orpheus to Bob Dylan: the Story of 'Words and Music'". Aletria, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 277-301, 2017. DERRIDA, Jacques. Papel-máquina. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. GAY, Peter. The Naked heart. New York: Norton & Company, 1996. GUMBRECHT, Hans Ulrich. A modernização dos sentidos. São Paulo: Editora 34, 1998. KITTLER, Friedrich. Gramofone, filme, typewriter. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019. LIMA, Luiz Costa. Dispersa demanda. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981. LYONS, Martyn. The typewriter century. Toronto: University of Toronto Press, 2021. MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Org.). Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2008. MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem; trad. Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1969. NAVES, Santuza Cambraia. O Brasil em uníssono e leituras sobre música e modernismo; organização Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. NAVES, Santuza Cambraia. O violão azul: o modernismo e a música popular. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2012. OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Literatura e música. São Paulo: Perspectiva, 2002. SANDRONI, Carlos. Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933). São Paulo: Zahar, 2001. SCHAEFER, R. Murray. A afinação do mundo. São Paulo: Editora Unesp, 2011. SOUZA, Cristiane Rodrigues de. Clã do jabuti: uma partitura de palavras. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2006. SOUZA, Cristiane Rodrigues de. Mário de Andrade: poesia, amor e música. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2017. STERZI, Eduardo. Da voz à letra. In: ALEA, Rio de Janeiro, vol. 14/2, 2012, pp.165-179. SUSSEKIND, Flora. Grafias da voz a cultura literária moderna, as tecnologias acústicas e a experiência do rádio no Brasil. Margens / Márgenes: Revista de Cultura, Belo Horizonte, dez. 2003. TINHORÃO, José Ramos. Música popular: do gramofone ao Rádio e TV. São Paulo, Ática, 1981. TONI, Flávia Camargo (org.). A música popular na vitrola de Mário de Andrade. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2004. WISNIK, José Miguel. Machado Maxixe: o Caso Pestana. São Paulo: Publifolha, 2008. WISNIK, José Miguel. O coro dos contrários: a música em torno da semana de 22. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: A "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LITERATURA E MÚSICA: THOMAS MANN (A MONTANHA MÁGICA) E MÁRIO DE ANDRADE (MACUNAÍMA)

Priscila Bosso Topdjian e Antonio Manoel dos Santos Silva

Resumo: Thomas Mann, em palestra ministrada em 1939, "Introdução à Montanha Mágica para estudantes da Universidade de Princeton", confessa ter sido influenciado por Richard Wagner ao transpor a técnica musical do leitmotiv para a construção de seu, na época, mais conhecido romance. Em entrevista a Waldemar de Oliveira, dada em 1936, Mário de Andrade, ao responder à quinta pergunta, deixa escapar que considera "João Sebastião Bach o maior dos músicos da Terra"; três outras questões (a segunda, a terceira e a quarta, sobre autores preferidos entre os clássicos, entre

os românticos e entre os contemporâneos) merecem a mesma resposta: “Bach, sempre Bach”. Na presente comunicação analisamos os argumentos centrais da palestra manniana e trechos do romance, no intuito de mostrar que os aspectos da narrativa relacionados com a música remetem-nos à teoria da formatividade de Luigi Pareyson (1966). Também somos remetidos ao mesmo filósofo quando pomos em relação a forma das suítes de Bach com a forma rapsódica de Macunaíma. Em ambas narrativas, a de Mann e a de Mário, podemos perceber o processo de construção estética que torna uma “forma formada” em “forma formante”. No caso do romance, podemos perceber que, a partir do quinto capítulo da narrativa, o narrador vale-se da metalinguagem para introduzir uma mudança na estrutura material da narrativa, mais especificamente na correlação contrastiva entre a extensão dos capítulos e a duração dos eventos relatados. No caso da rapsódia, por outro lado, pode-se notar que o nono capítulo “Cartas pras Icamíabas” corresponde, por seu andamento paródico, sua centralidade discursiva e material, à “sarabanda” da suíte, o que nos permite reler a obra segundo os movimentos rítmicos anteriores e posteriores: o capítulo das cartas constitui uma suspensão do tempo da ação, que, contraditoriamente, funde dois estilos, o parodiado, classicizante, e o da base narrativa, supostamente inculto.

Referências: ANDRADE, Mário de. Entrevistas e depoimentos. Edição organizada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. ANDRADE, Mário de. Macunaíma. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. MANN, Thomas. A Montanha Mágica. Tradução de Hebert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. MISKOLCI, Richard. “A montanha mágica, de Thomas Mann – uma concepção política peculiar. Introdução à montanha mágica”. Perspectivas, São Paulo, v. 19, p. 131 – 142, 1996. PAREYSON, Luigi. Problemi dell’Estetica. Milano: Marzorati, 1966. RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa – Tomo II. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus editora, 1995.

AS CANÇÕES-MANIFESTO DE GAL COSTA

Rafael Barbosa Julião

Resumo: O manifesto é um gênero textual que tem por finalidade a manifestação pública de ideias acerca de questões políticas, filosóficas, estéticas e/ ou existenciais. Em geral, representa o pensamento de um grupo, voltando-se contra determinado status quo e afirmando novos caminhos. Além disso, frequentemente incorpora em sua própria linguagem as premissas estéticas que defende. O gênero tornou-se muito profícuo no contexto de emergência das vanguardas europeias, e atravessou também a literatura brasileira do século XX, com destaque para os manifestos de Oswald de Andrade, os textos de Mário de Andrade e os manifestos da poesia concreta. Em outro registro, também podemos encontrar na canção popular uma espécie de equivalente do gênero, que convencionamos chamar aqui de “canção-manifesto”. Os exemplos são muitos e passam, por exemplo, pelas canções metalinguísticas que defendem determinado gênero ou estilo, ou ainda, que apontam explicitamente para determinada posição política. A canção-manifesto ganhou especial relevância no contexto do tropicalismo musical, até por sua relação com a ideia de vanguarda. Nesse cenário, sublinhamos a atuação de Gal Costa, que contribui para o ideário tropicalista em várias dimensões: na escolha de repertório e na estética do canto, mas também nas performances e nas questões comportamentais. Nessa chave, podemos compreender suas interpretações de “Baby” e “Divino maravilhoso” (ainda em 1968), a canção “Meu nome é Gal” (1969) e o conjunto do disco Fatal - Gal a todo vapor (1971), além de sua participação no coletivo Doces bárbaros (1976). Cabe observar também suas interpretações de “Aquarela do Brasil”, “Canta Brasil” e de “Brasil” nos anos 1980, e ainda de “Vaca profana” na mesma década. Mesmo em seus trabalhos mais recentes, encontramos ecos desse gênero. O objetivo desta comunicação é, portanto, discutir a centralidade das canções-manifesto no conjunto da obra de Gal Costa, bem como a importância da artista para esse gênero.

Referências: ANDRADE, Oswald. Obras Completas VI – Do Pau-Brasil à Antropofagia e às utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. CAMPOS, Augusto de. Balanço da bossa e outras bossas. São Paulo: Perspectiva, 1993. Cordeiro, T. M. A. (2021). Gal, a fatal: o tropicalismo musical e o gesto interpretativo de Gal Costa. Revista Criação & Crítica, 31(31), 65-80. DUNN, Christopher. Brutalidade

Jardim: a Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira. São Paulo: Editora Unesp, 2009. FAVARETTO, Celso. Tropicália: Alegoria, alegria. São Paulo: Ateliê, 2000. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. & GONÇALVES, Marcos A. Impressões de viagem: CPCs, vanguarda e desbunde: 1960-70. _____. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Brasiliense, 1987. JARDIM, Eduardo. Tudo em volta está deserto: encontros com a literatura e a música no tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017. NOLETO, Rafael da Silva. Eu sou uma fruta gogóia, eu sou uma moça: Gal Costa e o Tropicalismo no feminino. In: Per musi. nº 30, 2014. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. TATIT, Luiz. O século da canção. São Paulo: Ateliê, 2004. TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia & Modernismo brasileiro. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. VELOSO, Caetano. Verdade tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PLANETA(S) MARIA(S): NOTAS SOBRE ALGUMAS FIGURAÇÕES DO FEMININO NAS CANÇÕES DE ELZA SOARES

Rafael Eisinger Guimarães

Resumo: A carreira de Elza Soares, em especial após o álbum *Do cóccix até o pescoço*, lançado em 2002, propõe, em diversas canções, uma discussão da condição sobre a mulher e, de forma mais específica, da mulher negra. Tal postura vinculou a figura da cancionista ao movimento feminista contemporâneo, sobretudo no que tange às manifestações das jovens brasileiras na esfera das mídias digitais. Se nos álbuns produzidos na década de 1960, a figura da mulher negra reforça, em alguma medida, o estereótipo da mulata sensual, com nas canções “Mulata assanhada”, “As polegadas da mulata”, e “Mulata de verdade”, gravadas respectivamente nos álbuns *Se acaso você chegasse*, de 1960, *A bossa negra*, de 1961, e *Sambossa*, de 1963, a partir dos anos 1970, a artista carioca passa a gravar canções que tensionam a ideia de “mulata”, seja por mostrar figuras femininas que não se conformam com a condição passiva de objeto sexual, seja por apresentar outros elementos identitários que tornam mais complexa a experiência da mulher negra brasileira. Tendo em mente essas questões, proponho aqui uma leitura das figurações do feminino no cancionário de Elza Soares, a partir de um recorte composto pelas canções “Maria, Mária, Mariá”, “Maria José”, “Maria Pequena” e “Maria da Vila Matilde”. Para tanto, tomarei como base teórica as reflexões de feministas negras como Angela Davis (2016), Audre Lorde (2019), bell hooks (2019), Grada Kilomba (2019), Léila González (2020), Patricia Hill Collins (2016) e Sueli Carneiro (2019), bem como as discussões teóricas sobre canção de nomes como Antonio Vicente Pietroforte (2021), José Roberto Carmo Jr. (2004), Leonardo Davino de Oliveira (2016), Luís Tatit (1996) e Ruth Finnegan (2008), dentre outros.

Referências: BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009. CAMARGO, Zeca. Elza. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. CARMO JR., José Roberto. A voz: entre a palavra e a melodia. *Teresa: revista de literatura brasileira*, 4/5. São Paulo: USP, 2004, p. 215-227. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116382/113968>. CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 313-321. CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo, Polen Livros, 2019. COLLINS, Patricia Hill. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. FINNEGAN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? In: TRAVASSOS, Elizabeth; MATOS, Cláudia Neiva; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. GONZALEZ, Léila. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Flávia Rios e Márcia Lima (org.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020. HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie. Borges. São Paulo: Elefante, 2019. KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. LORDE, Audre. *Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de

Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 239-249. OLIVEIRA, Leonardo Davino de. Sujeito cancional: verbivocoperformance poética contemporânea. IPOTESI, Juiz de Fora, v.20, n.1, p. 87-100, jan./jun. 2016. 99. PIETROFORTE, A. V. A semiótica da canção: letra, música e performance. Estudos Semióticos, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 19-41, 2021. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.191373. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/191373>. Acesso em: 28 jan. 2022. QUEIROZ, Z. A dicção do cancionista: percurso de um conceito. Estudos Semióticos, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 66-82, 2021. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.180863. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/180863>. Acesso em: 28 jan. 2022. TATIT, Luís. O cancionista: composição de canções no Brasil. São Paulo: Edusp, 1996. XAVIER, Elódia. Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

HAICAIS DE DIVANIZE CARBONIERI NA POSTOPERA CARTAS PARA YATARO: INTERSECÇÕES NO PROCESSO INTERMEDIÁTICO

Rita de Cássia Domingues dos Santos

Resumo: Este trabalho traz um recorte da produção operística contemporânea, presidida por relações intersistêmicas, denominada por Novak pela terminologia postopera (NOVAK: 2012, 2019). De acordo com o estudo das Intermedialidades (Clüver: 2008; Rajewsky: 2012) pode-se examinar a múltipla configuração midiática dos fenômenos artísticos da contemporaneidade, considerando-se especificamente a subcategoria constelação midiática ou combinação de mídias, que discute o processo de combinação de mídias distintas por contiguidade, justaposição ou integração como se fosse gênero unívoco. Nesta comunicação será detalhada a musicalização de nove haicais de Carbonieri (2021) no contexto da postopera “Cartas para Yataro” (2022), de Rita Domingues. Cada um representa um dos nove mundos descritos pelo Budismo da Nitiren Daishonin (Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Alegria, Tranquilidade, Erudição, Absorção e Bodisatva). Conforme Wisnik (2017, p.39), os sons, “desiguais e pulsantes”, em movimentos de idas e vindas conduzem-nos a um tempo simultâneo – o sequencial, linear e o não cronológico, virtual, que inspira contrapontos entre “o tempo da consciência e o não-tempo do inconsciente”, um canal de comunicação entre os mundos fenomênico e espiritual, invisível. O personagem principal da trama é o monge budista e haicaista Yataro Kobayashi (1763-1827), por isso a compositora solicitou à escritora Divanize Carbonieri a criação destes haicais e inseriu coros com estes textos no decorrer dos quatro atos desta postopera para representar os nove estados de vida. Na análise será apresentada a transposição destes para o contexto de “Cartas para Yataro”, considerando a conexão da estética dos haicais (FRANCHETTI, 1990) com a da música pós-minimalista (POTTER, GANN & AP SIÔN: 2013; SANTOS: 2019), bem como a ambiência específica de cada um dos nove mundos do budismo. Pretende-se com esta pesquisa alargar a compreensão dos conceitos de intermedialidade e postopera, bem como valorizar a produção artística e contemporânea de duas mulheres da região Centro-Oeste.

Referências: CLÜVER, Claus. Intermedialidade e Estudos Interartes. In: NITRINI, Sandra e outros (org.). Literatura, artes, saberes. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2008. p. 209-232. FRANCHETTI, Paulo. Haikai – antologia e história. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. NOVAK, Jelena. Singing corporeality: reinventing the vocalic body in postopera. Tese de Doutorado. Universidade de Amsterdã. Amsterdã, 2012. NOVAK, Jelena. Einstein on the Beach: Opera beyond Drama (co-edited with John Richardson), New York, Routledge, 2019. POTTER, Keith; GANN, Kyle; AP SIÔN, Pwyll. The Ashgate Research Companion to Minimalist and Postminimalist Music. England: Ashgate, 2013. RAJEWSKY, IRINA. Intermedialidade, Intertextualidade e ‘Remediação’. Uma perspectiva literária sobre a Intermedialidade. In: DINIZ, Thaís F. Nogueira. Intermedialidades e estudos interartes. Desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 15-45. SANTOS, Rita de C. D dos. Repensando a terceira fase composicional de Gilberto Mendes. Curitiba: CRV, 2019. WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. Uma outra história das músicas. 3ªed. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

REFLEXOS DA MÚSICA AFRO-BRASILEIRA NA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND

Roniere Silva Menezes

Resumo: Este trabalho propõe-se a refletir a respeito de alguns importantes diálogos estabelecidos entre Carlos Drummond de Andrade e a cultura popular, tomando como ponto central poemas e crônicas que tratam de modo peculiar da música popular, como o samba, o congado, o batuque, o carnaval. Elementos relativos à oralidade, a cantos, ritmos e performances ligadas a pessoas comuns invadem a escrita do autor que as transfigura a seu modo. Nota-se, a busca de um encontro, um diálogo, uma amizade – como pensa Jacques Derrida – com o outro e, ao mesmo tempo, percebe-se uma clara consciência - do poeta - a respeito da distância existente entre classes, posições sociais, raças, espaços, experiências. Em Drummond, sempre há um mundo partido. Entre os textos a serem tratados, aparecem “Morro da babilônia”, “Tambor no escuro”, “Favelário nacional”, “Fala de Chico Rei”, “Rosário dos homens pretos”, “Canção de Itabira”, “As arcas e os baús”, crônica sobre Cartola, texto sobre Aleijadinho, sobre Heitor dos Prazeres, etc. Aparecerão, no trabalho, alguns temas ligados à escravidão presentes em Boitempo, mas a ênfase será na arte e sabedoria dos escravizados. A análise almeja focar a potência inventiva da cultura afro-brasileira e a forma como o poeta de Itabira ilumina aspectos fortes da própria história colonial e moderna brasileira por meio de seus textos. Com este trabalho, que busca aprofundar investigações que vimos desenvolvendo nos últimos anos, almejamos deixar mais evidentes laços existentes entre o projeto intelectual modernista, com sua linguagem inovadora e a expressividade e a sabedoria popular. Talvez possamos ver aí alguns ecos de conversas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond. Os textos drummondianos contribuem para evidenciar as dissonâncias econômico-sociais do país, marcar contatos entre a escrita e a oralidade e trazer à tona relações entre o aspecto local e o cosmopolita da cultura brasileira.

Referências: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. TELES, Gilberto Mendonça (Fixação de textos e notas); SANTIAGO, Silviano (Introdução). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. CANDIDO, Antonio. Inquietudes na Poesia de Drummond. In: _____. Vários Escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004. Cap. 5, p. 67-97. CARVALHO, José Murilo de. Escravidão e razão nacional. Pontos e bordados: escritos de história da arte. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 35-63. TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens. São Paulo: Art Editora, 1988. WISNIK, José Miguel. Sem receita: ensaios e canções. São Paulo: Editora Publifolha, 2004.

SIMPÓSIO “LITERATURA E OUTRAS ARTES: PROCESSOS INTERMEDIÁIS, INTERCULTURALIDADE E ÉTICA”

Catarina Amorim de Oliveira Andrade (UFPE) e Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB)

DIÁLOGOS ENTRE O FILME O CAMINHÃO (1977), DE MARGUERITTE DURAS, E A TEORIA DE BERTOLT BRECHT

Alexsandro Souto Maior de Macêdo

Resumo: Esta pesquisa discorre acerca da estética cinematográfica bem como a presença da intermedialidade no filme O caminhão (1977) da diretora, escritora e atriz francesa Margueritte Duras em consonância com a concepção cênica do dramaturgo e encenador alemão Bertolt Brecht. A referida película traz como argumento a leitura de um roteiro sobre uma viagem de um caminhoneiro e um hipotético diálogo com sua carona. Essa metalinguagem possibilita uma conversa entre mídias que emerge da obra de Duras com o teatro do distanciamento e do estranhamento de Brecht. À luz dos estudos pioneiros de Dick Higgins e de Hansen-Löve a respeito da intermedialidade, embasamos a nossa pesquisa com essa proposição dialética para construir o nosso corpus teórico. Analisando o filme de Margueritte Duras, retratamos, naturalmente, a influência e a presença da teoria do teatro anti-ilusionista brechtiano. Com esse propósito, atualizamos e ressignificamos o olhar sobre a obra fílmica O caminhão (1977). Compreendemos que o presente artigo corrobora a contribuição de ambos os artistas na construção de uma cena estética rica e significativa para o cinema. O viés intersemiótico adotado por este trabalho perpassa por referências como Robert Stam, Luciene Guimarães de Oliveira e Anatol Rosenfeld, só para citar alguns, que tratam do legado e das escrituras brechtiana e durasiana.

Referências: BAZIN, André. O cinema: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991. OLIVEIRA, Luciene Guimaraes de. Le camion (1977) de Margueritte Duras: palabra y filme. In Escena: revista de las artes, v.76, n.2, 2017. PEIXOTO, Fernando. Brecht: Vida e obra. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991. RAMAZZINA-GHIRARDI, Ana Luiza. Intermedialidade: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2022. ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. STAM, Robert. A literatura através do cinema: Realismo, magia e a arte da adaptação. Minas Gerais: UFMG, 2008.

A PALAVRA EM MOVIMENTO - UM DIÁLOGO INTERSEMIÓTICO ENTRE CLARICE LISPECTOR E SUSANA AMARAL EM A HORA DA ESTRELA.

Ana Maria Areias da Silva e Jeane Lima da Silva

Resumo: Considerando os debates sobre as leituras e filmes, assim como as elaborações discursivas, vivenciados na Disciplina de Cinema e Literatura, ministrada pela professora Dra. Catarina Andrade, da Universidade Federal de Pernambuco, será abordado nesse estudo, o conceito de “Adaptação como tradução” a partir de textos de Linda Hutcheon, Jaques Rancière, André Bazin, Robert Stam, dentre outros, trazendo como base, a análise comparativa entre a obra literária da escritora Clarice Lispector – A hora da estrela e a produção cinematográfica, homônima, da diretora Suzana Amaral. Aqui, pretende-se refletir sobre o trabalho de transposição de uma linguagem para outra, através do deslocamento estético do texto literário para o cinema, observando as especificidades deste e o processo de criação e adaptação presentes no dialogo intertextual entre palavra escrita e a imagem em movimento, destacando, também, o que cada narrativa revela e de que forma o faz, assim como observando de que modo esse texto é recebido pelo leitor/telespectador, com as possíveis perdas e ganhos, naturais de qualquer processo tradutório ou intermediário. Através dos autores citados, pretende-se, também, refletir sobre a relação entre artes e sua consequente relação intermediária que nos leva a questionar a existência de uma arte pura, imaculada, que exista independente das demais artes, assim como devemos, nos termos de Robert Stam, combater termos como “fidelidade” ao nos referirmos à adaptação de um meio artístico para outro, como acontece da literatura para o cinema.

Referências: 1. ALBUQUERQUE, Letícia. Decifre Clarice Lispector: vida e obra da escritora, escrito por Letícia Albuquerque. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/decifre-clarice-lispector-vida-obras>. 2. BAZIN, André. O cinema: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991. 3. _____. Os intervalos do cinema. Tradução: Luís Lima. Lisboa: Orfeu editora, 4. BOOTH, Wayne C. Retórica da ficção. Chicago: University of Chicago, 1961. Disponível in: <http://jornalismojunior.com.br/o-narrador-nao-confiavel-a-enganacao-como-recurso-cinematografico/>. 5. GUIDIN, Márcia Lígia. Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1998. 6. HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Florianópolis: UFSC, trad.: André Cachinel, 2013. 7. LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 8. RANCIÈRE, Jaques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: editora 34, 2005. 9. STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Florianópolis, UFSC, Ilha do desterro, número 51, 2006.

OS SILÊNCIOS, A MEMÓRIA E O DESEJO: A NARRATIVA SINESTÉSICA DE MARGUERITE DURAS NO ROTEIRO AGATHA (1981) E NO FILME AGATHA OU AS LEITURAS ILIMITADAS (1981)

Camile Fernandes Borba

Resumo: Marguerite Duras nas obras: Agatha (1981) e o filme Agatha ou as leituras ilimitadas (1981) explora as facetas de escritora e diretora quando adapta seu roteiro para o cinema. Os silêncios que permeiam a obra literária são transpostos para a tela através de imagens cinematográficas que complementam aquelas que foram construídas no texto, fazendo, assim, com que as obras tenham seus sentidos ampliados, permitindo leituras quase ilimitadas. A montagem minimalista da película expande e destaca o texto literário, este repleto de silêncios que, entrelaçados com a memória dos personagens sobre um verão de amor proibido, constroem e oferecem ao leitor e ao expectador uma experiência que vai além do literário e do cinematográfico. A sinestesia presente no trabalho de Duras se mostra na sobreposição de imagens, texto e outros recursos cinematográficos, pensados

cuidadosamente para construir não só a imagem como a sensação desse amor perene, cuja separação dos corpos não é capaz de esmaecer. Busca-se, portanto, analisar a linguagem literária e cinematográfica da diretora-escritora cuja narrativa do desejo dos personagens é construída através da tessitura da memória e da rememoração de um passado em comum. Desse modo, pretende-se refletir sobre a peculiar produção de Duras, que viaja pelos tempos da memória enquanto encanta o espectador com todas as suas linguagens. .

Referências: AGATHA ou as leituras ilimitadas. Direção: Marguerite Duras. França. 1981 DURAS, Marguerite. AGATHA. Paris: Les Editions De Minut, 1981 GASSET, José Ortega y. ESTUDOS SOBRE O AMOR. Campinas: Vide Editorial, 2019. HOLANDA, Lourival. REALIDADE INOMINADA: ENSAIOS E APROXIMAÇÕES. Recife: Cepe, 2019. PELLEGRINI, Tania et all. LITERATURA, CINEMA E TELEVISÃO. São Paulo: Editora Senac e Instituto Itaú Cultural, 2003 RANCIÈRE, Jacques. O DESMEDIDO MOMENTO. Serrote, São Paulo, v. 28, p. 77-97, mar. 2018.

THE VIRGIN AND THE GYPSY E AS MARCAS DE UM D. H. LAWRENCE CINEMATOGRAFICO

Carlos Augusto Viana da Silva

Resumo: A novela moderna *The Virgin and The Gipsy* (1930), do escritor inglês D. H. Lawrence, sintetiza um modelo de personagens femininas do conjunto de sua obra que buscam construir subjetividades e questionam as estruturas sociais a que são submetidas. É o caso das irmãs Yvette e Lucille, que são criadas num ambiente de educação rígida e princípios morais conservadores da sociedade inglesa. Yvette então conhece um cigano, que a faz despertar sentimentos profundos, o que acaba ressaltando sua insurgência contra um sistema cultural e político repressor. De acordo com Beynon (1997, p. 132), a visão que Lawrence nos dá parece sustentar a ideia de que as mulheres teriam a palavra final. O objetivo deste trabalho é investigar o diálogo que o filme *The Virgin and The Gipsy* (1970), por Christopher Myles, estabelece com a obra de Lawrence analisando a reinterpretação dessa personagem na narrativa fílmica, entendendo que algumas alterações estruturais e temáticas se alinham, tanto às novas demandas discursivas de gênero nos contextos receptores, quanto a uma memória cinematográfica de adaptações de outras obras do autor. Como fundamentação teórica, tratamos de questões da literatura através do cinema, de Stam (2008), da literatura em trânsito para as telas, de Cartmell e Whelenhan (2010); bem como análises críticas sobre a obra de D. H. Lawrence (BEYNON, 1997; HAMALIAN, 1973; GREIFF, 2001). Os resultados mostram que a narrativa fílmica potencializa o poder de decisão de Yvette ao inseri-la num contexto com mais liberdade e autonomia, e que a versão fílmica, dialogando com o contexto receptor de avanço das lutas das mulheres e com outros filmes adaptados da obra de Lawrence, cria um mundo de maiores possibilidades de escolhas para a personagem, incluindo o envolvimento com o cigano como uma forma de liberação e descoberta.

Referências: BEYNON, R. (ed.). *Icon Critical Studies: D. H. Lawrence The Rainbow Women in Love*. Cambridge: Icon Books, 1997. CARTMELL, D. and WHELEHAM, I. *Screen Adaptation: impure cinema*. London: Palgrave/Macmillan, 2010. GREIFF, Louis. K. D. H. Lawrence: fifty years on film. USA: Southern Illinois University Press, 2001. HAMALIAN, L. (ed.). *D. H. Lawrence: a collection of criticism*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1973. LAWRENCE. D. H. *The Virgin and The Gipsy*. Saint-Amand. Édition Gallimard, 1993. STAM, R. *A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação*. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. *THE VIRGIN AND THE GYPSY*. Produção de Christopher Miles, Reino Unido, 1970, 102 min.

O CARTEIRO BATE DUAS VEZES: AS ADAPTAÇÕES PARA O CINEMA DA OBRA “O DESTINO BATE À SUA PORTA”, DE JAMES M. CAIN

Carlos Eduardo Japiassú De Queiroz

Resumo: Com a tentativa de relacionar as linguagens literária e cinematográfica, e a forma que se relacionam no interior do gênero noir, este trabalho traça uma análise comparativa entre o romance *O destino bate à porta*, de James M. Cain, e três das suas adaptações cinematográficas mais conhecidas, sendo elas a italiana de 1943, intitulada *Ossessione/Obsessão* e dirigida por Luchino

Visconti, e as duas norte-americanas homônimas, lançadas em 1946 e 1981, dirigidas respectivamente por Tay Garnett e Bob Rafelson. O romance é narrado em primeira pessoa e segue um andarilho que chega a um estabelecimento de beira de estrada e se apaixona pela jovem esposa do proprietário do local. Imersos em uma paixão visceral começam a tramar o assassinato do homem e, após o objetivo atingido não encontram o fim esperado, em meio as desconfianças, segredos e o peso da consciência, o que encontram é a redenção, possível apenas com a morte. Através da comparação entre as obras foi possível perceber que o livro e suas adaptações se aproximam no que se refere a ideia central do enredo, mas se distanciam no que se refere a linguagem, visto que a forma de contar e de se relacionar com o espectador no cinema e na literatura ocorre de formas distintas, cada linguagem faz uso de formas de expressão particulares, a palavra escrita, na literatura e a linguagem audiovisual, no cinema; e ao contexto social, histórico e cultural no qual foram produzidas, pois o mesmo enredo foi adequado de forma a revelar aspectos inerentes aos seus contextos de criação, precisando se adaptar a parâmetros e modelos distintos.

Referências: BASSNET, Susan. Estudos da tradução: fundamentos de uma disciplina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. BRITANNICA. Howard Hawks: American director, disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Howard-Hawks>. Acesso em 6 de maio de 2022. BRITANNICA. Raymond Chandler: American novelist. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Raymond-Chandler>. Acesso em 26 de maio de 2022. CAIN, James M. O destino bate à porta. São Paulo: Brasiliense, 1984. CHANDLER, Raymond. O sono eterno. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. FABRIS, Mariarosaria. "Neo-Realismo Italiano". MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. Campinas: Papirus, 2006, p. 191-219. HUTCHEON, Linda. Uma Teoria da Adaptação. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. IMDB: Howard Hawks. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0001328/>. Acesso em 26 de maio de 2022. JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1976. MASCARELLO, Fernando. "Film Noir". MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. Campinas: Papirus, 2006, p. 177-188. MATTOS, A. C. Gomes de. O outro lado da noite: Filme Noir. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo: Ática, 1986. Michaelis on-line: Herói. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=her%C3%B3i>. Acesso em 02 de junho de 2022. NEBIAS, Marta Maria Rodriguez. Figurações da Personagem Detetivesca. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 183-191, abr.-jun., 2017. NUNES, Lidiane Carvalho. O crime como método: Um estudo da literatura policial na obra de Mayrant Gallo. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

VER COM AS PALAVRAS: ENCENAÇÕES ENTRE A LITERATURA E AS IMAGENS

Catarina Amorim de Oliveira Andrade e Álvaro Renan José de Brito Alves

Resumo: Quando Godard faz uso da poesia ou dos grafismos visuais em seus filmes, por um propósito cinematográfico, cabe perguntarmos que concepção de poesia ele propõe realizar; quando João Cabral de Melo Neto diz que "o poema, para mim, é como se eu pintasse um quadro" e que "a função do poeta é dar a ver", queremos entender que tipo de visualidade a poesia pode promover. O que acontece na literatura musical de Maria Gabriella Llansol, no poema-filme de Herberto Helder, ou nas experiências entre literatura e cinema de Marguerite Duras, são situações em que a palavra ou a imagem concebem a cena de um nó de intensidades baseada no encontro entre diferentes artes. Essas analogias permitem perceber a falácia de uma arte pura, ou da especificidade irredutível de uma forma (cinema, literatura, teatro etc.). Para compreender as potências neste exercício de analogias, partimos dos estudos sobre intermedialidade considerando que as relações que emergem da literatura com outras artes precisam ser vistas levando-se em conta questões estéticas e éticas, assim como os processos históricos e sociais. Em um de seus textos, Didi-Huberman (2004) preocupa-se em pensar o "desejo de ver e de fazer ver" implicado em certas obras, sugerindo um "aprendizado do ver" que se faz operar na relação entre imagem e escrita. O que nos interessa é qual o lugar do espectador e do leitor no processo de um aprendizado do olhar. Queremos pensar relações entre literatura, intermedialidade e ética partindo da noção de "cena" de Jacques Rancière, concebida como uma operação narrativa antihierárquica, uma "criação de encontros, choques e conexões

possíveis" questionando "a partilha policial do sensível e propondo uma redefinição das visibilidades e legibilidades" (MARQUES, 2021); pensamos nos encontros interartes como uma cena, acontecimento que redefine as fronteiras conceituais de definição de uma arte pela outra.

Referências: BAZIN, André. O Cinema: Ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991. DIDI-HUBERMAN, Geroges. Sous le regard des mots. Disponível em: <<https://books.openedition.org/psn/3100>>. Acesso em: 14 ja. 2023. HELDER, Herberto. Photomaton & Vox. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995. KLINGER, Diana. Literatura e ética - da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. MARQUES, ngela. Apresentação da versão em português. In. RANCIÈRE, Jacques. O método da cena. Belo Horizonte, Quixote, 2021. MELO NETO, J. C. M. Poesia completa. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020. RANCIÈRE, Jacques. As distâncias do cinema. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. STAM, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NARRATIVAS, PARALISIAS E AUTOESTRADAS: DE CORTÁZAR PARA GODARD (E VICE-VERSA)

Cicera Antoniele Cajazeiras Da Silva

Resumo: Em Autoestrada do sul, conto publicado em Todos os fogos o fogo (1966) Julio Cortázar subverte a noção – ou expectativa – de conto. A história está restrita ao inexplicável e interminável engarrafamento em uma estrada francesa. A partir de estratégias metaficcionais que materializam a angústia e a – aparente – contradição paralisação/movimento, a narrativa provoca a irrupção do insólito em meio a vivência do corriqueiro. Week-End à francesa (1967), filme de Jean-Luc Godard, adota como premissa o insólito engarrafamento do texto de Cortázar e, embora não seja uma adaptação fílmica propriamente dita, adere à proposta de subversão de paradigmas narrativos realizada no conto. O filme reconsidera convenções cinematográficas e estabelece outras formas de relação entre artes, operando não apenas rebeliões contra sua própria linguagem, mas à arte de forma geral. Dessa maneira, literatura e audiovisual se mostram em suas perspectivas críticas. Considerando que o dado metaficcional presente na narrativa de Cortázar é, para além da história, o elemento provocador do trabalho audiovisual que Godard constrói em Week-End, o presente trabalho pretende, portanto, refletir como a relação literatura e cinema se dá em contextos distintos ao da adaptação fílmica, analisando as formas pelas quais conto e filme se compõem como criação artística de exposição e de perturbação de suas engrenagens, ao passo que suscitam o questionamento de hierarquias entre as manifestações artísticas.

Referências: HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Trad.: André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011. RIPPL, Gabriele (et al.). Handbook of intermediality: literature, image, sound. Berlin/Boston: De Gruyter, 2015. STAM, Robert. Reflexivity in film and literature: From Don Quixote to Jean-Luc Godard. New York: Columbia University Press, 1992.

LETRA E IMAGEM, ARTE E TEORIA: UMA ANÁLISE DE AS BABAS DO DIABO (1959), DE JULIO CORTÁZAR

George Antônio Nogueira da Silva

Resumo: Este trabalho visa analisar o conto As babas do diabo (1959), de Julio Cortázar, pelo olhar da influência imagética sobre a produção literária. Sendo um conto, em certo sentido, imbuído de metalinguagem, usa-se, como proposta de análise, tanto textos específicos das artes visuais e da Literatura, como também a reflexão que a obra de arte realiza sobre si mesma, fazendo um movimento, ao mesmo tempo, teórico e artístico em sua expressão. O conto revela a influência da imagem (mediaticamente representada na Fotografia e no Cinema) no *modus operandi* literário do contexto de produção artístico em sua publicação – meados do século XX –, salientando a proximidade entre as artes visuais e as letras (pós) modernas, que parecem tecer um movimento contrário da influência da Literatura na sociedade: mais aberta a se deixar persuadir pelas artes circunvizinhas, incorpora não somente no conteúdo, mas também no método, o domínio imagético. Desta forma, a metalinguagem demonstra uma eficiente evidência de uma teoria estética capaz de elucidar as propensões artístico-culturais. As manifestações da imbricação entre as artes, as

técnicas e nuances que geram os intercódigos fundamentais da produção estética são alguns pontos discutidos no trabalho, que exibem a tendência contemporânea da inextricabilidade entre palavra e imagem.

Referências: BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. BAZIN, André. O Cinema: ensaios. Trad. Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. CORTÁZAR, Júlio. As armas secretas: contos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. FERNANDES, Gisèle Manganelli. O pós-modernismo. In: Teoria literária: abordagens teóricas e tendências contemporâneas / Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin (org). 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 301-315. GUIMARÃES, César. Imagens da memória: entre o legível e o visível. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Trad. André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. KLINGER, Diana. Literatura e ética: da forma para a força. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. MOSER, W. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. In: Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 14, n. 2, p. 42-65, 2006. NAGIB, Lúcia; JERSLEV, Anne. Introduction. In: NAGIB, Lúcia; JERSLEV, Anne. Impure Cinema: Intermedial and intercultural approaches to film. New York: I. B. Tauris, 2014. PELLEGRINI, Tânia [et. al.]. Literatura, cinema e televisão. São Paulo: Senac/Instituto Itaú Cultural, 2003. RANCIÈRE, Jacques. As distâncias do cinema. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. RANCIÈRE, Jacques. O método da cena. 1 ed. Belo Horizonte, Quixote Do, 2021. SILVA, Cícera Antoniele Cajazeiras da. A narrativa por um fio: aspectos metaficcionalis no conto As babas do diabo. In: Palimpsesto. nº 20, ano 14, 2015. p. 21-35. SONTAG, Susan. Contra a interpretação: e outros ensaios. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tânia [et. al.]. Literatura, cinema e televisão. São Paulo: Senac/Instituto Itaú Cultural, 2003.

“INTELECÇÃO PERFEITA DO AZUL”: MATIZES DA EKPHRISIS EM “TÚMULO DE HERÓIS ANTIGOS”, DE PAULO TEIXEIRA

Gustavo Machado Costa

Resumo: Desde as primeiras coletâneas surgidas no decorrer dos anos 1980, a poesia de Paulo Teixeira tem mantido uma flagrante coerência de temas e de procedimentos estilístico-compositivos, chamando a atenção pelo diálogo constante com o legado cultural do Ocidente. Inicialmente notabilizada pelo uso do monólogo dramático para representar uma diversidade de vozes ficcionais provenientes não só da herança greco-latina, mas também do cânone literário ocidental, essa produção foi revelando outras formas de mobilizar tal legado, dentre as quais passou a se destacar a transposição efrástica de certos objetos artísticos do patrimônio imaginário europeu. Em “Túmulo de heróis antigos” (TEIXEIRA, 1994), a ekphrasis deixa de se manifestar de modo pontual para ocupar a integralidade das composições, motivadas por quadros do pintor Caspar David Friedrich, conforme evidenciam os títulos de cada poema e a nota final que encerra a obra. Considerando a centralidade do procedimento para o entendimento do conjunto das peças poemáticas, a presente comunicação objetiva empreender uma análise dos poemas da referida coletânea à luz dos aspectos constitutivos dos quadros evocados pelos títulos, identificando as diferentes estratégias utilizadas para a aproximação poética à pintura de Friedrich. A abordagem fundamenta-se não só em estudos de Murray Krieger (1992), James Heffernan (1993) e Claus Clüver (2017), que discutem o conceito de ekphrasis à luz de manifestações literárias contemporâneas, mas também em trabalhos de Luís Adriano Carlos (2002), Mario Avelar (2006, 2018), Rosa Maria Martelo (2007) e Joana de Matos Frias (2019), que se debruçam sobre as modulações do procedimento na lírica portuguesa atual.

Referências: AVELAR, Mário. Ekphrasis: o poeta no atelier do artista. Chamusca: Cosmos, 2006. AVELAR, Mário. Poesia e artes visuais: confessionalismo e éfrase. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2018. CLÜVER, Claus. A new look at an old topic: ekphrasis revisited. Todas as Letras, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 30-44, jan./abr. 2017 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v19n1p30-44>> Acesso em: 30 set. 2020. FRIAS, Joana de Matos. O murmúrio das imagens I: poéticas da evidência. Porto: Afrontamento, 2019. HEFFERNAN, James A. W. Museum of words: the poetics of ekphrasis from Homer to Ashbery. Chicago/ Londres: University of Chicago, 1993.

KRIEGER, Murray, Ekphrasis – The Illusion of the Natural Sign, London, The John Hopkins University Press, 1992. MARTELO, Rosa Maria. Vidro do mesmo vidro: tensões e deslocamentos na poesia portuguesa depois de 1961. Porto: Campo das Letras, 2007. TEIXEIRA, Paulo. Túmulo de heróis antigos. Lisboa: Caminho, 1994.

A SUPEREXPOSIÇÃO COMO PERFORMANCE EM EU AMO DICK, DE CHRIS KRAUS

Isabella Giordano Bezerra

Resumo: O presente estudo presta uma análise das características performáticas do romance *Eu amo Dick* (1996), de Chris Kraus. A obra possui um formato epistolar, em que o relato da autora ocorre simultaneamente às suas experiências, de modo a poder ser definida como uma escrita de si. Expõe-se como Kraus manipula sua paixão particular para produzir uma reflexão sobre a inadequação do desejo feminino, entendendo-a como uma questão social. Considera-se que Kraus se utiliza de uma estética do excesso para criar um texto que expõe situações e nomes próprios de intelectuais e artistas e, com isso, atinge não apenas um efeito de real (KLINGER, 2012), mas também um efeito na exterioridade da obra. Frente à suspensão dos limites entre realidade e ficção, os acontecimentos que giram ao redor da publicação do livro se comunicam diretamente com o seu conteúdo, de modo a constituírem uma continuidade da própria obra. Refere-se a Klinger (2008) e a Ravetti (2002) para estabelecer o parentesco entre a escrita de si e a performance. Para isso, leva-se em conta a atuação da autora na vida pública, a recepção do seu trabalho e o processo de subjetivação alcançado através da sua escrita. Parte-se das propostas de Butler (2021) para entender como Kraus produz uma cena ética ao criar um relato de si que desnuda seus processos desejantes e transgride a estrutura de interpelação, demandando uma abertura para o reconhecimento da vivência feminina.

Referências: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. KLINGER, D. *Escrita de si como performance*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, São Paulo, v. 10, p. 11-30, 2008. RAVETTI, Graciela. *Narrativas performáticas*. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Org.) *Performance, exílios, fronteiras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES DE CLASSE EM KLEBER MENDONÇA FILHO: AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM RECIFE FRIO, O SOM AO REDOR E AQUARIUS.

Itamara Patrícia de Souza Almeida e Hélio Márcio Nunes Lacerda

Resumo: Essa proposta de comunicação tem como objetivo investigar as relações de trabalho das empregadas domésticas em três filmes de Kleber Mendonça Filho: *Recife frio* (2008), *O som ao redor* (2013) e *Aquarius*. O interesse, aqui, é problematizar as representações sociais e as tensões que atravessam a relação das empregadas domésticas com seus/suas patrões/patroas e seu entorno, de modo a perceber como o cineasta problematiza os cruzamentos entre raça, classe e gênero. Interessa-nos ainda investigar quais elementos narrativos contribuem para uma crítica social às desigualdades e como operam, internamente, dentro da obra para construir as narrativas. A hipótese inicial é que a construção das personagens nos filmes aqui elencados, a mise-en-scène, os espaços narrativos, a sobreposição do tempo - passado e presente, articulam e desenvolvem a narrativa, ao mesmo tempo que expõem os traumas da urbanização/mudança do Recife, seus limites, suas permanências e suas contradições, enquanto espaço social construído pelas mãos de gente escravizada de um lado, e patrões brancos, de outro. O palco dessas narrativas, a metrópole pernambucana do século XXI, é marcado pela tensão, pela insegurança urbana de um espaço em que prevalecem linhas retas, ângulos quadrados de metal e concreto que formam uma paisagem inóspita, repetitiva, estéril do elemento humano, como é possível ver em *O som ao redor*. Ou mesmo marcado pelo tom cinza, denso e não menos violento e inóspito que a narrativa do curta *Recife frio* nos oferece. Os planos abertos e iluminados de *Aquarius* também delimitam uma linha tênue, que por vezes confunde os espectadores, mas deixa nítida a divisão da praia como metáfora simbólica entre classes antagônicas, uma vez que o racismo à brasileira é de difícil percepção (STAM, 2008).

Referências: ALVES, Giovanni. O Brasil Entre Cercas: As origens históricas da miséria brasileira. 1ª edição. Publicação independente. Projeto Tela Crítica. AZARÊDO, Genilda. Kleber Mendonça e a ciranda de todos nós: configurações espaciais e resistência. *Significação*, São Paulo, v. 47, n. 53, p. 265-277, jan-jun. 2020. Acesso em: 07/07/2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/148910/160505> CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. Coleção Feminismos plurais. São Paulo: Jandaíra, 2021. EM CANNES, equipe do filme nacional 'Aquarius' faz ato contra impeachment. Folha de S. Paulo. São Paulo, 17/mai/2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1772071-em-cannes-equipe-de-aquarius-protesta-contr-impeachment-no-tapete-vermelho.shtml> . Acesso em 20/jul/2022. FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. GONZALEZ, Lélia (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan.jun. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf> . Acesso em: 14 jul. 2022. MATOS, Tereza Cristina Furtado; TELLA, Marco Aurélio Paz. Educação, ações afirmativas e relações étnico-raciais no Brasil. In: *Cadernos afro-paraibanos* I. João Pessoa. Dezembro, 2012 STAM, Robert. Multiculturalismo Tropical: Uma História Comparativa da Raça na Cultura e no Cinema Brasileiros. Tradução Fernando S. Vugman. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006. REIS, Carlos. Dicionário de estudos narrativos. Coimbra: Edições Almedina, 2021. RIBEIRO, Luís Henrique Marques; MAGALHÃES, Luiz Antonio Mousinho. Para centralizar o periférico: personagem, raça e classe em Aquarius. *Revista Mídia e Cotidiano*. Volume 15, Número 1, jan./abr. de 2021. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017. VERGÊS, Françoise. Um feminismo decolonial. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Referência audiovisual: MENDONÇA FILHO, Kleber. Recife frio, 2008. MENDONÇA FILHO, Kleber . O som ao redor, 2013. MENDONÇA FILHO, Kleber. Aquarius, 2016.

IMAGENS-EPISTOLARES: GINZBURG, AKERMAN E DURAS

Jyan Carlos Sales de França e Larissa Veloso Assunção

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise estética de um modo da imagem que geralmente aparece entremeado à palavra, que chamaremos de imagem-epistolar. Queremos observar a imbricação entre imagem/palavra, ou seja, como a instância imagética e a literária se tecem mutuamente. Não se trata da imagem como ilustração da palavra, tampouco desta como explicação da imagem, mas um terceiro caminho que se constitui a partir de ambas. Octavio Paz (2009) ensaia essa construção imagética que se dá a partir da palavra. Cesar Guimarães (1997) trabalha nesse entrecruzamento, postulando a possibilidade da escritura da imagem. Entendemos que as bordas e ligações entre o cinema e a literatura sugerem a necessidade de um método comparatista de análise, dessa forma, decidimos privilegiar a noção de constelação, que aparece na obra de Walter Benjamin (2011), como uma ferramenta metodológica que nos permitirá analisar as obras Caro Michele de Natalia Ginzburg (1973), *News from Home* de Chantal Akerman (1976), e Aurelia Steiner (Melbourne) de Marguerite Duras (1979). A partir dessa constelação de obras, buscamos alcançar um entendimento das operações literárias e cinematográficas que engendram esse tipo de imagem. Em *News from Home*, as cartas maternas são lidas por Akerman enquanto vemos imagens da cidade de Nova York e suas ruas vazias, estações de metrô e luzes noturnas. Em Aurelia Steiner, as imagens do Rio Sena, das pontes e do entardecer são atravessadas pela voz de Marguerite Duras que narra, em nome de Aurelia, cartas endereçadas a um destinatário que não sabemos quem é. Em Caro Michele as cartas endereçadas ao personagem-título dão cor não apenas às personagens e à narrativa, como também à Itália dos anos 1970. Como elaborar esta noção de imagem-epistolar? Buscaremos, assim, apontar as relações entre literatura, cinema, imagem, palavra e linguagem.

Referências: BENJAMIN, Walter. Origem do drama trágico alemão. São Paulo: Autêntica Editora, 2011. (Arquivo Kindle). ECO, Umberto. Os limites da interpretação. São Paulo: Perspectiva, 2010. GINZBURG, Natalia. Caro Michele. São Paulo: Cosac Naify, 2009. GUIMARÃES, Cesar. Imagens da memória (entre o legível e o visível). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lídia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras, v.18, 2000, p. 35-47. PAZ, Octavio. Signos em rotação. São Paulo: Perspectiva, 2009. SOUTO, Mariana. Infiltrados e invasores: uma perspectiva comparada sobre as relações de classe no cinema brasileiro contemporâneo. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) - UFMG, Belo Horizonte, 2016.

A PERDA DA IMAGEM NO FILME "ÔRÍ": DISCUSSÕES TRANSATLÂNTICAS ENTRE IMAGENS E PALAVRAS

Luana Cristina da Silva Candido e Janaina de Lima Ferreira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a perda da imagem dos corpos pretos através da relação transatlântica entre imagens e palavras. Para isso, ancorada na narrativa de alguns poemas de Beatriz Nascimento, a metodologia consiste em analisar o filme Ôrí de Raquel Gerber (2009) como meio para compreender a adaptação, assim como, uma ferramenta de denúncia à subalternização dos sujeitos pretos na diáspora e em África a partir da universalização de estereótipos colonialistas e escravocratas. A película Ôrí elucida e problematiza manipulações históricas acerca da escravidão propagadas com teor de verdade universal. A partir da narrativa de imagens apresenta um Brasil que constantemente é escondido, reivindica um território ligado à África e reconstrói imagens do quilombo, das religiões de matriz africana e do próprio corpo preto como mecanismo que liga as memórias e as culturas à uma terra distante, mas, que se faz presente pelo contato com o espaço. Para embasar nossa investigação, essas discussões estarão alicerçadas nas proposições teóricas de Cesar Guimarães (1997), Nagib e Jerslev (2014), Spivak (2010), bell hooks (2019), Bachelard (1993), Lagny (2009), dentre outros. Nesse sentido, compreendemos a perda da imagem desses corpos como estratégia operante dos poderes coloniais, ressaltamos, também, a importância das produções cinematográficas como o filme Ôrí, que atua de forma imprescindível na desconstrução das narrativas universais e segregacionistas.

Referências: BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993. hooks, bell. Anseios: raça, gênero e políticas públicas. Tradução Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019. GUIMARÃES, Cesar. Narrar por imagens: o olhar e a memória. In: Imagens da memória: entre o legível e o visível. Belo Horizonte: Ed. Poslit- Curso de Pós-graduação em Estudos Literários – Fale/UFMG, 1997. LAGNY, Michèle. “O cinema como fonte de história”. In: NÓVOA, J.; FRESSATO, S. B.; FEIGELSON, K. (orgs.). Cinematógrafo: um olhar sobre a história. Salvador: EDUFBA; São Paulo: ed. da UNESP, 2009. NAGIB, L.; JERSLEV, A. Impure cinema: intermedial and intercultural approaches to film. I.B. Tauris, 2014. Ôrí. Direção: Raquel Gerber. Produção: Ignácio Gerber. Brasil: São Paulo, 2009. Formato digital. Disponível: www.ori.com.br SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

EDUARDO GALEANO VAGAMUNDO (2018): UM FILME DOS ABRAÇOS OU A POÉTICA COMO PROCEDIMENTO

Lucas Feitoza Diniz

Resumo: Em seu intuito de homenagear o autor Eduardo Galeano (1940-2015), o documentário Eduardo Galeano Vagamundo (2018), de Felipe Nepomuceno, se depara com o desafio de como contar um autor que fez da própria memória uma ponte para a memória coletiva da América Latina. A partir de uma compreensão da persona e a obra do autor como ficção de si mesmo, o filme só poderia ser seu duplo, tornando-se e assumindo-se também como (meta)ficção. Assim, partindo da noção de adaptação conforme proposta por Hutcheon (2013), das considerações de Guimarães (1997) e Xavier (2003) sobre a narratividade das imagens, bem como dos escritos do próprio Eduardo Galeano (1980, 1991, 1995) a respeito de sua obra, o presente trabalho tem por objetivo investigar os elementos metaficcionais da adaptação da obra de Eduardo Galeano no filme Eduardo Galeano

Vagamundo (2018). A partir da revisão bibliográfica e cotejo com o filme, foi possível concluir que o documentário dialoga, dentro das especificidades do gênero e da própria linguagem cinematográfica, com o aspecto metaficcional da obra de Eduardo Galeano, ao evidenciar seu procedimento construtivo, estabelecendo um diálogo interpoético entre o fazer literário de Galeano e a montagem do filme, que se conceituam e definem a partir desse paradigma (meta)ficcional.

Referências: BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240. BERNARDO, Gustavo. Além da realidade. In: *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010, p. 175-190. GUIMARÃES, César. Narrar por imagens: o olhar e a memória. _____. In: *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 143-192, 1997. HUTCHEON, Linda. Começando a teorizar a adaptação. In: *Uma teoria da adaptação*. Trad. André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013, p. 21-59. GALEANO, Eduardo. Apuntes para un auto retrato. In: *El descubrimiento de América que todavía no fue y otros ensayos*. Caracas, Venezuela: Alfadil Ediciones, 1991, p. 129-133. _____. Apuntes sobre la memoria y el fuego. In: *Ser como ellos y otros artículos*. 2 ed. Bogotá, Colombia: Tercer Mundo editores, 1995, p. 3-16. _____. Dias e noites de amor e de guerra. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. _____. Diez errores frecuentes sobre literatura y cultura en América Latina. *Revista de la Universidad de México*, 11, setembro de 1980. _____. Las palabras andantes. 2 ed. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1995. _____. Memória do Fogo 2: As caras e as máscaras. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre, RS: L&PM, 2004. Livro eletrônico. 6536 posições. _____. O caçador de histórias. Trad. Eric Nepomuceno. 3 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019. _____. O livro dos abraços. Trad. Eric Nepomuceno. 9 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2002. Livro eletrônico. 1945 posições. NEPOMUCENO, Felipe. Eduardo Galeano Vagamundo. Direção: Felipe Nepomuceno. Produção: Tereza Alvarez. 70 min, P&B. Disponível em <<https://vimeo.com/500763044>>. Acesso em 24/11/2022. PALAVERSICH, Diana. Silencio, voz y escritura en Eduardo Galeano. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1995. PELLEGRINI, Tânia. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: PELLEGRINI, Tania et al. *Literatura, Cinema e Televisão*. São Paulo: Editora Senac e Instituto Itaú Cultural, p. 61-89, 2003. XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

ENTRE TRAPOS, RAPAPÉS E BONECOS DE MADEIRA: O DIÁLOGO DE DOSTOIÉVSKI COM AYOADE

Lucas Ricardo Andreatta

Resumo: O Duplo, segundo livro de Dostoiévski, publicado em 1848, transcreve a consciência de um homem conturbado pelo sistema hierárquico petersburguense. Golyádkin é um típico sujeito da burocracia petersburguense que almeja melhor condição de vida. Entretanto, em sua busca, o protagonista acaba por alhear-se da realidade (KAYSER, 2013), sua consciência acabar por esfacelar-se em um duplo. Dostoiévski, portanto, descreve as últimas consequências da promessa moderna de que qualquer um pode chegar no topo. Desejo frustrado imperiosamente. A adaptação do livro, de Richard Ayoade, em 2014, coloca Simon (Golyádkin) num contexto que pode ser identificado como qualquer metrópole capitalista. Nesse novo espaço, o protagonista não se preocupa com a ascensão, pois seu desejo se concentra na possibilidade de viver um amor e de existir simplesmente, já que, no mundo neoliberal - com suas métricas, sua burocracia e seu trabalho alienante -, não reconhece nem sequer a sua existência. O processo de desdobramento adotado na adaptação, assim, atuará sobre essa esfera do existir, diante de um aparato tecno-burocrático que exclui determinadas parcelas sociais, e sobre a possibilidade do amor. Desse modo, compreendemos que a adaptação atualiza o texto, trazendo para uma reflexão pungente de nosso próprio tempo: a insegurança psíquica do capitalismo tardio (FISCHER, 2020; JAMESON, 1997); ao passo em que lança luz sobre as preocupações latentes da Rússia czarista em contraste. O elo entre um e outro contexto é o recrudescimento do controle efetuado a partir de uma ênfase no racional a despeito do resto, exemplificados pela própria cidade de Petersburgo e pelo espaço insólito da metrópole. Tanto em uma quanto em outra obra, a hierarquia pauta, aterroriza e controla a vida de um sujeito comum,

com o que provoca a fragmentação de sua consciência. Algo a que estamos sujeitos em nosso tempo, em que percebemos constantes obras sobre o duplo.

Referências: CESERANI, Remo. O Fantástico. Curitiba: Editora UFPR, 2006. DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mihailovitch. O Duplo: poema petersburguense. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2013. FISCHER, Mark. Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia literária, 2020. FREUD, Sigmund. O estranho. In: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 237- 273. KAYSER, Wolfgang. O Grotesco: configuração na pintura e na literatura. São Paulo: Perspectiva, 2013. JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997. O DUPLO. Direção de Richard Ayoade. Produção de Amina Dasmal, Lydia Fox, Robin C. Fox. Intérpretes: Jesse Eisenberg, Mia Wasikowska, Wallace Shawn. Roteiro: Richard Ayoade, Avi Korine. Música: Andrew Hewitt. Alcove Entertainment, Attercop Productions, British Film Institute (BFI), 2014. (93 min), Netflix, son., color. Legendado. STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul./dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/21758026.2006n51p19/9004>>. Acesso em 10 jan. 2023.

DA LITERATURA AO CINEMA: REFLEXÕES SOBRE DIFERENTES FORMAS DE RUPTURAS NARRATIVAS A PARTIR DE FRANZ KAFKA, SERGEI EISENSTEIN E GILLES DELEUZE.

Luísa Osório Rizzatti

Resumo: A ideia do trabalho é debater sobre rupturas narrativas na literatura e no cinema. Em relação à primeira, discutiremos sobre a obra de Franz Kafka, que opera por rupturas a partir de elementos gestuais e sonoros. Para pensar o segundo tópico, partiremos da ideia de que a montagem é uma importante forma de produção de rupturas narrativas no cinema. Por isso, o trabalho propõe-se a investigar e compreender como o audiovisual é capaz de criar e efetivar tais rupturas. Nesse sentido, a proposta é refletirmos à luz dos pensamentos de Sergei Eisenstein e de Gilles Deleuze. O primeiro, cineasta e teórico soviético, foi disruptivo ao criar uma nova teoria da montagem ainda nas primeiras décadas do cinema, além de colocar em prática todo o seu pensamento através da sua obra cinematográfica. Através do cineasta, discutiremos conceitos e ideias como “êxtase”, “pathos” e “unidade orgânica”, discutidos na obra *Nonindifferent nature*. Por outro viés e décadas depois, o segundo nome, o filósofo francês Deleuze, trouxe a noção de “corte irracional” para caracterizar uma nova fase do cinema, após a Segunda Guerra Mundial. Já com o advento do som e com um maior refinamento dos atos de fala no audiovisual, a montagem revela-se disruptiva de uma outra maneira, diferente daquela proposta por Eisenstein. Para finalizar, faremos uma breve análise de *Adeus à linguagem* (2014), de Jean-Luc Godard, para dar corpo às teorizações acerca de ruptura e corte irracional propostas por Deleuze. Com isso, poderemos tecer reflexões sobre diferentes formas de criar rupturas narrativas em mídias distintas.

Referências: ADEUS à linguagem. Direção: Jean-Luc Godard. Roteiro: Jean-Luc Godard. Produção: Brahim Chioua, Vincent Maraval, Alain Sarde. Fotografia: Fabrice Aragno. Edição: Jean-Luc Godard. Elenco: Héloïse Godet, Kamel Abdelli, Richard Chevallier, Alexandre Païta, Christian Gregori, Jessica Erickson, Zoé Bruneau. França: Wild Bunch, 2014 (69min). BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Organização e tradução Sérgio Paulo Rouanet – São Paulo: Brasiliense, 2012a – (Obras escolhidas v. 1), p. 147-178. DELEUZE, Gilles. Cinema 2: A imagem-tempo. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2018a. DELEUZE, Gilles. Cinema 1: A imagem-movimento. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018b. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Kafka: para uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. EISENSTEIN, Sergei. *Nonindifferent nature*. New York and Melbourne: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987. I. "On the structure of things" e "Organic unity and pathos" e II. "The milk separator and the Holy Grail". pp. 3-59 GELLEN, Kata. Kafka and noise: the discovery of

cinematic sound in literary modernism. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2019. KAFKA, Franz. Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias. Tradução e Organização Marcelo Backes. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018. O ENCOURAÇADO Potemkin; Direção: Sergei Eisenstein. Produção: Goskino. União Soviética. 1925. 74 min. ZISCHLER, Hanns. Kafka vai ao cinema. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E FOTOGRAFIA NA ESTÉTICA DE AGENOR BARBOSA E GEORGES RODENBACH

Nelise Pereira Da Silva Pacheco

Resumo: Este artigo propõe uma análise da interação entre literatura e fotografia por meio da análise do tema da cidade morta. Com base no pensamento de Roland Barthes (2018), que afirma que a fotografia está relacionada ao signo da morte e da vida que mostra-se como uma condição, investigamos como a fotografia e os aspectos estéticos da escrita, apesar de empregarem linguagens distintas podem estabelecer pontos de confluência. Primeiramente, será apresentado o poema “Pelo Outono de Bruges” (1914) de Agenor Barbosa, o qual o poeta mineiro evoca a cidade de Bruges atribuindo uma atmosfera de mistério em um cenário cinza, sombrio e dormiente comum a uma cidade morta. Os elementos imagéticos descritos no poema são tomados como símbolo e estabelecem uma aproximação com a imagem fotográfica. No segundo momento, será apresentado o romance Bruges-la-Morte (1892) de Georges Rodenbach, em que a cidade morta também é evocada e reflete o âmagô do personagem. As fotografias publicadas no romance de Georges Rodenbach contribuem para ampliar a interpretação, bem como a relação de sentido tanto na obra como no poema de Agenor Barbosa. Desta forma, o diálogo entre literatura e fotografia permite evidenciar um jogo de espelhamento, em que a percepção da cidade reflete o estado de alma. No poema de Agenor Barbosa a imagem literária nos remete ao estado de alma de Rodenbach. Já no romance a imagem literária, bem como a imagem fotográfica expõe o estado de alma do personagem Hugues Viane.

Referências: BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1998. BARBOSA, Agenor. Pelo Outono de Bruges. Fon Fon, Rio de Janeiro, n. 37, de 12 set, 1914, s/p. BARTHES, Roland. A Câmera Clara: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. São Paulo: Papirus, 1993. FABRIS, Annateresa. O desafio do olhar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. RODENBACH, Georges. Bruges, a morta. São Paulo: Clube do livro, 1960. RODENBACH, Georges. Bruges-la-Morte. Paris: Flammarion, 1998.

PARA ALÉM DA ESCRITA: ENSINANDO SHAKESPEARE EM/ENQUANTO ADAPTAÇÃO

Paulo Henrique da Silva Gregório

Resumo: Romeu e Julieta é uma obra amplamente conhecida entre leitores e espectadores brasileiros, mesmo entre aqueles que jamais tiveram a experiência de ler o texto shakespeariano ou assistir a uma adaptação da peça. Essa popularidade de Romeu e Julieta está associada ao modo como a obra é amplamente difundida não apenas enquanto texto literário, mas principalmente por meio de filmes, telenovelas, além de outros produtos midiáticos que permeiam a cultura popular brasileira. Adaptações e apropriações da peça em mídias como o cinema, o teatro e a televisão são válidos recursos para ensinar a obra e incentivar estudantes a interpretá-la para além da escrita. Nesta comunicação, discutirei uma proposta pedagógica para ensinar Romeu e Julieta para discentes brasileiros do curso de Letras Inglês. Valendo-me de noções fundamentais exploradas dentro dos Estudos de Adaptação, discutirei algumas implicações pedagógicas de se ensinar a peça por meio de/enquanto adaptação. Será dado destaque ao modo pelo qual uma proposta de ensino crítica, comparativa e criativa de adaptações anglófonas e brasileiras de Romeu e Julieta ressalta o papel ativo dos estudantes nos processos de criação de sentido. Além disso, essa proposta pedagógica chama atenção para as complexas relações intermediárias e interculturais através das quais Shakespeare ganha sentido em diferentes mídias.

Referências: Banks, F. Creative Shakespeare: the Globe Education Guide to Practical Shakespeare. London: Bloomsbury, 2014. Cartmell, Deborah, and Imelda Whelehan. “Introduction.” The

Cambridge Companion to Literature on Screen, edited by D. Cartmell and I. Whelehan. Cambridge: Cambridge UP, 2007. pp. 1-12. Gibson, Rex. Teaching Shakespeare. Cambridge: Cambridge UP, 2016. Hulbert, J. et al. Shakespeare and Youth Culture: Houndmills: Palgrave, 2009. Hutcheon, Linda. A theory of adaptation. London: Routledge, 2006. Jauss, H. R. Toward an Aesthetic of Reception. Brighton: Harvester, 1982. Kennedy, D. "Shakespeare without His Language." Shakespeare, Theory, and Performance, edited by J. C. Bulman. London: Routledge, 1996. pp. 137-152. McFarlane, Brian. "Reading Film and Literature." The Cambridge Companion to Literature on Screen, edited by D. Cartmell and I. Whelehan. Cambridge: Cambridge UP, 2007. pp. 15-28. Stam, Robert. "Introduction." Literature and Film, edited by R. Stam and Alessandra Raengo. Oxford: Blackwell, 2005. pp. 1-52. Stam, Robert. Literature through Film. Oxford: Blackwell, 2005. Whelehan, I. "Adaptations: the Contemporary Dilemmas." Adaptations: From Text to Screen, Screen to Text, edited by D. Cartmell and I. Whelehan. London: Routledge, 1999. pp.3-19. Winston, J. Transforming the Teaching of Shakespeare with the Royal Shakespeare Company. London: Bloomsbury, 2015.

ASPECTOS CONSTITUTIVOS DA LEITURA EM NOSSOS DIAS: O CASO DO DOCUMENTÁRIO CINEMATOGRAFICO

Vitor Soster

Resumo: Refletir sobre a leitura literária, nos termos de uma relação estabelecida entre obra e público, abre caminho para concebê-la como um fenômeno histórico. Se, no século XIX, o romance se mostrava como porta de entrada para o mundo – subjetiva no Romantismo; e pretendida como objetiva no Realismo –; no século XX, a emergência do audiovisual, como linguagem narrativa, transfere, parcialmente, essa tarefa para o cinema, cujas especificidades levam o público a uma relação inédita com a narração não só cinematográfica, mas também literária, como exemplifica o caso do Nouveau Roman (BALARDIN, 2013; CARDOSO, 2016). Nesse processo de alteração na maneira como se dá a leitura, outra etapa pode ser identificada no início do século XXI como atestam o esgotamento dos documentários nos moldes de um suposto mero registro não-ficcional do real – principalmente por influência de outras mídias como a televisiva (LINS; MESQUITA, 2008) e a precarização da ficção na literatura (DURÃO, 2015). É por essa perspectiva que o filme Jogo de Cena, de Eduardo Coutinho (2007), se apresenta como material de interesse para uma reflexão sobre a leitura. Sua forma ensaística se volta para uma reflexão acerca da imagem cinematográfica, da narrativa e da atuação. Coloca-se como objetivo geral desta comunicação discutir elementos desse longa-metragem que possam apontar para elementos constitutivos da leitura, também literária, na contemporaneidade. Dentre os objetivos específicos, elencam-se: (i) examinar o aspecto estético da obra na relação que ela estabelece com outras manifestações artísticas como a literatura e o teatro; (ii) investigar as maneiras pelas quais ficção e não-ficção se marcam simultaneamente na obra; e (iii) averiguar a opacidade da obra pela sua ligação com a historicidade do encontro entre as instâncias de produção e de leitura. Assim, busca-se apresentar elementos que possam servir para uma reflexão quanto à leitura em processos intermediais contemporâneos.

Referências: BALARDIN, Daiane. Entre o jogo e a cena: a hibridização do real e da ficção. Dissertação (Mestrado) – PPG Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul. Orientador Fabiana Piccinin. Santa Cruz do Sul, 2013. BERNARDET, Jean-Claude. Jogo de Cena. In: OHATA, Milton. Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 627-636. BROWN, Nicholas. Introduction. Autonomy: the social ontology of art under capitalism. Durham: Duke University Press, 2019, p. 1-39. CARDOSO, Luís Miguel. Literatura e Cinema: Vergílio Ferreira e o Espaço do Indizível. Lisboa: Edições 70, 2016. DURÃO, Fábio Akcelrud. Do texto à obra. Curitiba: Appris, 2015. LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. São Paulo: Zahar, 2008. MARZOCHI, Ilana Feldman. Jogos de Cena: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. 2012. 162 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos dos Meios e da Produção Midiática, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2012. NICHOLS, Bill. Introduction to documentary. 2nd Ed. Bloomington: Indiana University Press, 2010. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. Proj. História, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005. XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: CAMARGO, Luís

(Org.). Literatura, cinema e televisão. São Paulo: Editora SENAC, 2003, p. 61-89. XAVIER, Ismail. O jogo de cena e as outras cenas. In: OHATA, Milton (Org.) Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 604-627.

A QUEDA DA CASA DE USHER, ENTRE O LIVRO (1839) E O FILME (1928): APROXIMAÇÕES E EQUIVALÊNCIAS SOB A ÓTICA MODERNA DA RESISTÊNCIA À LEGIBILIDADE E DA NÃO DESTINAÇÃO
Wesley Brito dos Santos

Resumo: Partindo das aproximações, pautadas sob o signo da estética moderna, entre Literatura e Cinema, o requerido artigo possui como objetivo principal a análise das equivalências e da relação de adaptação entre duas obras, sendo a primeira o conto de Edgar Allan Poe “The fall of the house of Usher” (1839), e a segunda, a adaptação cinematográfica “La chute de la maison Usher” (1928), executada pelo diretor francês Jean Epstein. Para tanto, são aqui discutidos e apontados os principais conceitos sobre os estudos de adaptação, defendidos, principalmente, nas vozes de Xavier (2003), Rancière (2012), Hutcheon (2011), Barbosa (1986), dentre outros. Além disso, embasará a análise, as possibilidades de aproximação entre Literatura e Cinema, pautadas nas características de resistência à legibilidade e não destinação das imagens, próprias à estética moderna, e adquiridas pela literatura e pelo cinema, a partir da virada romântica, em que as imagens produzidas metaforicamente nos textos ou nas telas, se valem de certa opacidade significativa, preferindo o sugerir ao invés do mostrar, e abrindo margem para uma maior participação ativa do receptor. A fim de reforçar teoricamente tal discussão, serão utilizadas pesquisas assinadas por nomes como Sontag (2020), Rancière (2016), Wellbery (1998), dentre outros estudos. Assim, a análise das obras em questão, considerará as duas obras individualmente, mas também se valerá de possíveis paralelos, equivalências ou alterações entre uma obra e outra.

Referências: AZERÊDO, Genilda; PARISI, Leonardo. Estratégias metaficcionais em dois contos de Edgar Allan Poe: A relação entre o leitor, o retrato e a casa. Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 10, n. 1, p. 161-179, janeiro/abril, 2016. BARBOSA, João Alexandre. As ilusões da modernidade: notas sobre a historicidade lírica moderna. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 13-37. GERBASE, Carlos. O que o Cinema aprendeu com Edgar Allan Poe (E o que a Literatura ainda aprende com o Cinema). Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 21-27, abril/junho, 2009. HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução: André Cechinel. Santa Catarina: Editora UFSC, 2011. LA CHUTE de la maison Usher. Direção: Jean Epstein. França: Films J. Epstein, 1928. You Tube (66 min), son., color. OLIVEIRA, Laura. O narrador e o espaço em Edgar Allan Poe e Jean Epstein. Casa, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-7, dezembro, 2012. PELLEGRINI, Tânia [et. Al]. Literatura, cinema e televisão. São Paulo: Senac, 2003, p. 61-89. POE, Edgar Alan. A queda da casa de Usher. Tradução de Domingos Demasi. São Paulo: Melhoramentos, 2014. RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. _____. As distâncias do cinema. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. _____. JDAY, Adnen. O método da cena. Tradução de Ângela Marques. Belo Horizonte: Quixote +DO, 2021. SONTAG, Susan. Contra a interpretação e outros ensaios. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. WELLBERY, David. E; BENDER, John. Retoricidade: Sobre o retorno modernista da retórica. In: WELLBERY, David. E. Neo-retórica e desconstrução. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 11-47. <http://www.imdb.com> – IMDB – Internet Movie Database. Acesso em: dezembro de 2022.

EM BUSCA DA OUTRIDADE PERDIDA: O CINEMA NA (DA) POESIA DE MARÍLIA GARCIA

Yasmin Bidim Pereira dos Santos

Resumo: Partindo da premissa de que o cinema, na obra da poeta brasileira Marília Garcia, configura “mecanismo primordial de criação não só ao nível da produção poética mas, muito especialmente, no plano da reflexão poetológica de que os seus versos raramente prescindem” (FRIAS, 2015, p. 125), este trabalho observa como esta relação interartística se vincula à experiência contemporânea atravessada pela presença da imagem técnica e pela ubiquidade audiovisual. Percebendo a centralidade da imagem técnica – especialmente a imagem em movimento – nos processos de subjetivação e percepção do tempo e do espaço, o cinema constitui, para a poeta, meio privilegiado

de pensamento e criação, evidenciando, em seu expediente teórico-crítico-reflexivo, a preocupação com a “mobilidade artificial crescente [...] dos veículos audiovisuais” e do “processo de automação da percepção e de industrialização da visão provocada pelas novas tecnologias” (PARENTE, 1993, p. 18). O cinema atua, então, como dispositivo para pensar a própria poesia e o mundo, estabelecendo, entre as duas artes, uma relação de outridade (PAZ, 1996), que se observa pelo compartilhamento de ideias e pressupostos estéticos, de modo que o cinema figura, a um só tempo, como metáfora de mundo – e da própria poesia – e também como método de criação: vê o mundo como quem vê um filme, escreve o poema como quem faz um filme. Assim, a poeta transita pelo mundo e realiza sua obra por meio de uma espécie de consciência cinematográfica que agencia esse duplo aspecto do cinema para seus processos de criação e reflexão. Tem-se então uma poesia que coloca, na cena do poema, o cinema, por meios muito diversos: pelo uso da éfrase; na menção à procedimentos cinematográficos; na citação direta à diretores, filmes e pensadores do cinema. O que revela, por fim, uma obra consonante aos hibridismos de uma arte inespecífica (GARRAMUÑO, 2014).

Referências: Referências bibliográficas FRIAS, Joana Matos. O corpo em câmera lenta caindo (depois do filme fez um poema). In: A Escrita do Cinema?: Ensaios. [s.l.] : Documenta, 2015. p. 125–141. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. PARENTE, André. Introdução - Os Paradoxos da Imagem-Máquina. In: Imagem-Máquina. 2. ed. São Paulo: 34, 1993. PAZ, Octavio. Signos em rotação. [s.l.] : Perspectiva, 1996.

O ROMANCE GRÁFICO SANDMAN (1988-1996) E AS ADAPTAÇÕES APRESENTADAS NA SÉRIE DE TV THE SANDMAN (2022): ATUALIZAÇÕES E REPRESENTATIVIDADE

Yuri Jivago Amorim Caribé e Rayane Minéia Venceslau Ferreira

Resumo: O romance gráfico Sandman (1988-1996), escrito por Neil Gaiman, foi um grande sucesso de público e de crítica nos anos 1990. Desde então, especula-se sobre uma possível adaptação desta obra para o formato audiovisual. Em 2022 houve o lançamento da série de TV The Sandman (2022), produzida e exibida pela Netflix, tendo Allan Heinberg e o próprio Neil Gaiman como criadores e produtores. Logo, esta pesquisa teve como objetivo analisar a adaptação The Sandman, com foco nas atualizações propostas pelos adaptadores. Procuramos demonstrar a intermedialidade do romance gráfico Sandman, assim classificado conforme definição de Santiago (2015), além das intertextualidades (ALLEN, 2000) constantemente presentes na obra. Nesse sentido, buscaremos a intermedialidade do texto-fonte, conforme Stein (2015). Também partiremos da conceituação de adaptação de Stam (2005) para observar as relações estabelecidas entre o romance gráfico e série da Netflix. A análise demonstrou que os adaptadores, atentos aos possíveis espectadores da contemporaneidade, atualizaram a obra para o tempo presente e se preocuparam com a diversidade de raça, gênero e sexualidade na escolha do elenco para a adaptação. Para além da mudança de formato, as adaptações apresentadas na série ressaltam o peso das questões culturais (STOREY, 2008) dentro dos processos adaptativos. Por fim, boa parte dos personagens teve seus papéis expandidos em relação ao romance gráfico.

Referências: GAIMAN, Neil. Sandman (romance gráfico). Burbank (E.U.A.): DC Comics, 1988-1996. THE SANDMAN. Série de TV produzida e exibida pela Netflix. Produzida por Allan Heinberg e Neil Gaiman. E.U.A., 2022. GARCIA, Santiago. On the Graphic Novel. Trad. Bruce Campbell. Jackson (E.U.A.): University Press of Mississippi, 2015. ALLEN, Graham. Intertextuality. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2000. STEIN, Daniel. Comics and Graphic Novels. In: RIPPL, Gabriele (ed.). Handbook of Intermediality. Berlin/Boston: Gruyter, 2015. STAM, Robert. The Theory and Practice of Adaptation. In: STAM, Robert; RAENGO, Alessandra. Literature and Film. Malden (E.U.A.): Blackwell Publishing, 2005. STOREY, John. Cultural Theory and Popular Culture. 5. ed. Nova Iorque: Pearson Longman, 2008.

SIMPÓSIO “LITERATURA EM CAMPO EXPANDIDO”

Bruna Fontes Ferraz (CEFET-MG) e Maria Elisa Rodrigues Moreira (Mackenzie)

INFLUENCIADORES DA LEITURA NA INTERNET: CURADORIA E CONSTRUÇÃO DE “NOVOS” MERCADOS LIVREIROS

Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho e Elizabeth Gonzaga de Lima

Resumo: Neste estudo, objetiva-se discutir e problematizar a atuação dos(as) digitais influencers do produto livro e da leitura e os impactos decorrentes das ações desses(as) sujeitos(as) no universo livreiro, sobretudo no que tange ao mercado e ao consumo de livros. Há anos as peças publicitárias e o marketing orbitam entorno do livro, desde que esse produto, entre outras, graças a reprodutibilidade técnica e a incipiente consolidação de públicos leitores, se tornou um bem de consumo. A influência à aquisição de livros, nesta ou naquela mídia, mesmo que direcionada para um público restrito, permeou (permeia) a cultura letrada: propagandas, comerciais, ações públicas e privadas, sobretudo na Televisão e em mídias impressas, motivaram (motivam) o consumo desta ou daquela obra, deste(a) ou daquele(a) autor(a). Logo, o que se observa de novo não é a publicidade do livro, antes os novos atores, redes(mídias) nas quais esse chamariz ao livro e leitura vêm ocorrendo. No presente artigo, debatemos um desses influenciadores, os BokTokers, sujeitos que, dentro da plataforma TikTok, por intermédio das vídeos-resenhas, utilizam o seu capital, a influência, para direcionar e transferir seguidores-usuários-consumidores para determinada obra e/ou escritor(a), dinâmica que tem influído, diretamente, no mercado do livro. Desse modo, para consolidação desse estudo adotou-se métodos mistos, oriundos da pesquisa bibliográfica e netnográfica, recorrendo a observação nas redes/perfis dos Influencers, e revisão bibliográfica enquanto instrumento de construção de dados. O trabalho está ancorado nos estudos de mídia, principalmente na vertente da sociologia da mídia, com os estudos de Barbero (1997), Thompson (2013; 2019), Bersoja (2017) entre outros, também nos estudos de literatura no campo expandido e literatura digital. Ao finalizar o estudo pode-se perceber que as ações dos digitais influencers interviram no mercado tradicional do livro, sobretudo em sua divulgação, nas quais esses atores têm se convertido, cada vez mais, em curadores de leituras.

Referências: AGUILAR, Y. Booktubers, el nuevo negocio de las editoriales. El Universal. set, 2014. Disponível em: <http://archivo.eluniversal.com.mx/cultura/2014/impreso/booktubers--75141.html>. BERSOZA, Millán I. Youtube y la (r)evolución de los contenidos audiovisuales (1.1 a 1.7 e 1.16). Youtubers e otras especies: El fenómeno que ha cambiado la manera de entender los contenidos audiovisuales. Madrid: Fundación Telefónica; Barcelona: Editorial Ariel, 2017. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Das massas à massa. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. MOREIRA, P. R. M. Booktubers e mercado editorial: parcerias como estratégia de colonização dos espaços de referência. Intercom: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. POLETTI, Ana Júlia. ARENDT, João Claudio. Leituras de um tempo perdido: o leitor fragmentado do mundo virtual. Raído, Dourados, MS, v.8, n.17, jul./dez. 2014. SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Sulina, 1986. WOLF, Maryanne. O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era. Trad. Rodolfo Ilari e Mayuri Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

SHERLOCK HOLMES, O DETETIVE MULTIMÍDIA: DOS LIVROS AOS QUADRINHOS AOS FILMES E AOS SÉRIADOS.

Alessandra Matias Querido

Resumo: Adaptações dos textos literários são constantes e, a medida em que temos mais meios para adaptá-los, o estudo da literatura necessita abarcar outras mídias, pois cada vez mais entremeadas, elas compõem “o sistema nervoso da humanidade”, como já afirmava Youngblood há 50 anos. O autor nos alertava sobre a expansão sem retorno do cinema ou da Arte em geral e hoje é difícil calcular o crescimento exponencial desta rede de mídias. Textos literários são adaptados para filmes, séries, musicais, quadrinhos, jogos, pinturas, parques temáticos etc. A obra de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes, é um exemplo riquíssimo de como essas relações expandem a arte literária. Adaptado para cinema, tv, seriados, musicais, jogos eletrônicos, peças de teatro e quadrinhos, desde

o lançamento da obra, em 1887, é tarefa quase impossível contabilizar o número de adaptações. Neste simpósio, propomos a análise da adaptação da obra para o seriado da BBC, exibido entre 2010 e 2017, e estrelado pelos atores Benedict Cumberbatch e Martin Freeman. A adaptação foi sucesso de público e crítica e atualizou o mítico detetive, trazendo-o para a nossa realidade intermídia, na qual suas anotações e o diário de Watson, por exemplo, se tornam blogs na internet. Não bastasse a atualização do contexto da narrativa, o seriado foi adaptado em seguida para quadrinhos em formato mangá. Importante ressaltarmos que esta última adaptação foi feita a partir do seriado e não da obra literária diretamente, o que nos faz perceber uma profunda conexão entre os recursos cinematográficos e os quadrinhos, bem como as especificidades de cada mídia. Analisaremos o episódio "O grande jogo" e a respectiva adaptação para mangá. Nosso objetivo é propor uma discussão sobre este trânsito entre palavra/imagem em movimento/imagem estática e como ela nos faz perceber a obra literária além dela mesma por meio de outras artes.

Referências: BARNES, Alan. *Sherlock Holmes on screen: the complete film and TV History*. Londres: Titan Books, 2011. BRAGA JÚNIOR, Amaro. *Desvendando o mangá nacional: reprodução e hibridização nas histórias em quadrinhos*. Maceió: Ed. UFAL, 2011. CONAN DOYLE, Arthur. *O grande jogo*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. GRAVETT, Paul. *Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos*. Tradução: Ederli Fortunato. São Paulo: Conrad, 2006. KIFER, Ana. GARRAMUÑO, Florencia (org.). *Expansões contemporâneas: Literatura e outras formas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. LUYTEN, Sonia. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2000. MCCLOUD, Scott. *Understanding comics: the invisible art*. Nova Iorque: Harper Perennial, 1994. MOFFAT, Steven; GATISS, Mark; JAY. *Sherlock: O grande jogo*. Tradução: Lídia Ivasa. São Paulo: Panini, 2017. *O GRANDE jogo (Temporada 1, ep. 3)*. *Sherlock [Seriado]*. Direção: Paul MacGuigan. Produção: Sue Vertue. Londres: BBC, 2010. Netflix (45 min.), son., color. PLATT, Len. "Our common cultural heritage: classic novels and English television". DAVIN, Solange; JACKSON, Rhona (editoras). *Television and Criticism*. Bristol/Chicago: Intellect, 2008. YOUNGBLOOD, Gene. *Expanded cinema*. New York: P. Dutton & Co., 1970.

OPRØRET PÅ HØJSLETTEN, REBELLION IN THE BACKLANDS E LOS SERTONES – INTERMIDIALIDADE NAS TRADUÇÕES D'OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA

Ana Luiza Maia Gama Fernandes

Resumo: Os Sertões, de Euclides da Cunha, pode ser definido como um exemplo paradigmático de literatura expandida, um projeto intermediário e multimodal. Trata-se de nosso mais notável experimento de fotolivro de literatura brasileira, cujo pioneirismo está relacionado à manipulação combinada de mapas, desenho e fotografias, um aparato tecnocientífico, à época, recém-popularizado, no Brasil e no mundo. O que é mais notável, e que está no núcleo deste trabalho, é o fato de que, ainda que se encontre amplamente documentado em fortunas críticas, são quase totalmente desconsideradas, da historiografia e crítica literárias, a preocupação e a dedicação de Euclides às mídias usadas para organizar *Os Sertões*. A obra, traduzida no último século para diversos idiomas, incluindo alemão, inglês, francês, dinamarquês, espanhol, italiano, russo, sueco, chinês, recebe formas diversas de tratamento quanto às propriedades intermediárias observadas. Perguntamos: como o experimento intermediário d'*Os Sertões* foi recriado (ou adaptado) para outros idiomas? Como se comportam suas imagens (mapas, desenho e fotografias), encontradas nas primeiras edições supervisionadas pelo próprio Euclides da Cunha (1902, 1903, 1905), nas diversas traduções conhecidas? Se elas não são preservadas, como são alteradas? Este trabalho dedica-se a uma exploração detalhada deste fenômeno. Para conduzir as análises e comparações, serão consultadas a edição original da Laemmert (1902), e as traduções *Los sertones* (1938, espanhol), *Oprøret på højsletten* (1948, dinamarquês) e *Rebellion in the backlands* (1944, inglês).

Referências: ANDRADE, Olímpio de Souza (2009). *Caderneta de campo / Euclides da Cunha: Introdução, notas e comentário de Olímpio de Souza Andrade*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. ANDRADE, Oswald (2002 [1943]). "Feira das Sextas Atualidade d'Os Sertões". Sala Preta. Disponível <<https://url.gratis/ZsgRVI>> Acesso 28 julho 2022. ANSÓN, Antonio (2010). "La fotografía en la literatura hispanoamericana". *Anales de Literatura Hispanoamericana*, 39: 265-279. AZEVEDO,

Aroldo (1950). "Os Sertões e a geografia". Boletim Paulista de Geografia, 5: 23-44. BADGER, Gerry (2015). "Por que fotolivros são importantes / Why Photobooks are Important". Revista Zum. Disponível <<https://url.gratis/zYjvgU>> Acesso 28 julho 2022. BELLO, Patrizia Di; Wilson, Colette; Zamir, Shamoon (2012). The photobook: from Talbot to Ruscha and beyond. Londres: IB Tauris. BOOM, Mattie; PRINS, Ralph (1989). Photography between covers: the Dutch documentary photobook after 1945. Amsterdam: Fragment Uitgeverij. BOSI, Alfredo (2003). História Concisa da Literatura Brasileira. 41.a edição. São Paulo: Cultrix. BRAGANÇA, Aníbal (1997). "Lendo a História Editorial de Os Sertões de Euclides da Cunha: as Edições Laemmert". Ed. Marcos Cezar de Freitas. Horizontes: Dossiê Memória Social da Leitura. Bragança Paulista: Universidade São Francisco. 155-179. BRAGANÇA, Aníbal (1999). "Revisões e provas: notas para a história editorial de Os sertões de Euclides da Cunha: as edições Francisco Alves". Revista de História das Ideias. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 20: 337-352. BRIZUELA, Natalia (2014). Depois da fotografia: uma literatura fora de si. Rio de Janeiro: Rocco. BRUNET, François (2009). Photography and literature. Londres: Reaktion Books. CADÔR, Amir Britto (2021). "A fotografia e a palavra no livro de artista". MATLIT: Materialidades da Literatura, 9 (1): 17-36. CAMPOS, Augusto de (1997). "Transertões". Eds. Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Os Sertões dos Campos: Duas vezes Euclides. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 11-34. CAMPOS, Haroldo de (1997). "Da Transgermanização de Euclides: uma Abordagem Preliminar". Eds. Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Os Sertões dos Campos: Duas vezes Euclides. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 51-68. CLUVER, Claus (2007). "Intermediality and Interarts Studies". Eds. Jens Arvidson, Mikael Askander, Jørgen Bruhn e Heidrun Führer. Changing borders: Contemporary Positions in Intermediality. Lund: Intermedia Studies Press 1, 19-37. COUTINHO, Afrânio (1995 [1952]). "Os Sertões: Obra de Ficção". Ed. Afrânio Coutinho. Euclides da Cunha, Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2: 57-62. CHARTIER, Roger (1999). A ordem dos livros. Brasília: UNB. CUNHA, Euclides da (1902). Os Sertões 1.a edição. Rio de Janeiro: Laemmert & C. – Editores. CUNHA, Euclides da (1938). Los Sertones. Tradução Benjamín de Garay. Prólogo Mariano de Vedia. Buenos Aires: Ministerio de Justicia y Instrucción Pública. CUNHA, Euclides da. Oprøret på højsletten (1948). Tradução Richard Wagner Hansen. Ilustração Ib Andersen. København: Westermann. CUNHA, Euclides da (1944). Rebellion in the Backlands. Tradução Samuel Putnam. Chicago: University of Chicago Press. ELLESTRÖM, Lars (2019). "Transmediation: some theoretical considerations". Ed. Lars Elleström. Transmediations: communication across media borders. London: Routledge, 1-13. ETCHEVERRY, Carolina (2016). "Depois da Fotografia: uma Literatura fora de si, Natalia Brizuela". História: Debates e Tendências, 16: 497-500. FERNÁNDEZ, Horacio (2011). Fotolivros latino-americanos. São Paulo: Cosac Naify. GRONEMEYER, Jorge (2015). "El fotolibro". Atlas: Revista de fotografía y imagen. Disponível <<https://atlasiv.com/2015/05/08/el-fotolibro/>> Acesso 28 julho 2022. GUTIÉRREZ, Rafael (2015). "Formas Híbridas na Literatura Latino-americana Contemporânea". Revista Landa 3: 94-115. JÚNIOR, Araripe (1904). "Os Sertões (Campanha de Canudos por Euclides da Cunha)". Juízos Críticos: Juízos Críticos sobre Os Sertões, 33-71. KRAUSS, Rosalind (1984). "A escultura no campo ampliado (Sculpture in the Expanded Field)". Revista semestral do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, 1(1). LAMPERT, Letícia (2015). "Fotolibro ou livro de artista? Eis a questão". Dobras Visuais. Disponível <<https://goo.gl/uTXZzh>> Acesso 28 julho 2022. MACHADO, Arlindo (2008). Arte e mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. MARTONI, Alex (2020). "Texto, imagem e visualidade na literatura contemporânea brasileira". Letras de hoje, 55 (1): 39-50. MORITZ, Neumüller (2021). "Photobook phenomenon: an interview with Moritz Neumüller". Entrevista concedida a João Queiroz & Ana Fernandes. MATLIT: Materialidades da Literatura 9 (1): 201-9. OLINTO, Heidrun; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (2005). Literatura e imagem. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco. PARR, Martin; BADGER, Gerry (2004). The photobook: a history. v1. London: Phaidon. RAJEWSKY, Irina (2012). "A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade". Eds. Thais Diniz e André Vieira. Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Rona Editora, 51-73. SHANNON, Elizabeth (2010). "The rise of the photobook in the twenty-first century". North Street Review: Arts and Visual Culture, 14: 55-62. SCHØLLHAMMER, Karl Erik (2016). Além do visível: o olhar da literatura. Rio de Janeiro: 7letras.

SÜSSEKIND, Flora (1987). Cinematógrafo das letras. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. SILVEIRA, Paulo (2008). A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: SciELO-Editora da UFRGS. SILVEIRA, Paulo (2015). "A faceta travestida do livro fotográfico". Anap: Comitê de História, Teoria, Crítica de Arte, 490-506. VENTURA, Roberto (2003). "Euclides da Cunha: Esboço Biográfico". Eds. Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras. ZILLY, Berthold (1998). "Flávio de Barros, o ilustre Cronista Anônimo da Guerra de Canudos: As Fotografias que Euclides da Cunha gostaria de ter tirado". Revista História Ciência Saúde - Manguinhos. 5: 316-317. ZILLY, Berthold (2002). "A história encenada em Os Sertões de Euclides da Cunha". Sala Preta 2: 193-205.

DENTRO-FORA DE INTRAMUROS: O LIVRO EM SEUS "LIMITES"

Angela Célia Moreno Nunes Guerra e Paulo Fonseca Andrade

Resumo: Em *Intramuros* (2016), último livro publicado por Lygia Bojunga, nos deparamos com o espaço paratextual "Pra você que me lê" presente em tantas outras obras da autora. Porém, ao contrário do que se espera, nesse espaço, a autora, em seu diálogo com o leitor, não nos fala de um livro pronto, mas sim de um livro que deseja escrever e as dificuldades enfrentadas diante da página em branco. Um livro que fala sobre fazer o livro que se faz enquanto lemos, trazendo para dentro do livro tudo aquilo que Agamben (2018) diz pertencer ao submundo de fantasmas, ou seja, tudo aquilo que antecede o próprio livro. Esse espaço paratextual "Pra você que me lê", que inicialmente poderíamos ver como um prefácio, se torna um espaço ambíguo que se dispersa por todo o livro fazendo com que não seja possível delimitar dentro e fora do texto ou dentro e fora do livro. Sabemos, como nos lembra Muzzi (2017) que o livro possui demarcações que o configuram enquanto objeto impresso, porém, em *Intramuros*, Bojunga lança mão desses espaços enquanto lugar de criação para nos apresentar a escrita do livro que deseja escrever. Portanto, por meio desse trabalho, temos por objetivo lançar nossos olhares para o modo como Bojunga se apropria dos espaços paratextuais para falar da escrita do próprio livro que temos em mãos, desconstruindo o que entendemos por livro enquanto objeto impresso, considerando como paratextos não somente os espaços materiais que margeiam o texto, como também tudo aquilo que antecede e sucede o próprio livro, como nos diz Genette (2010).

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O fogo e o relato. Trad. Andrea Santurbano e Patrícia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018. BOJUNGA, Lygia. Feito à mão. 4.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008. BOJUNGA, Lygia. *Intramuros*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2016. COMPAGNON, Antoine. O trabalho da citação. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. GENETTE, Gérard. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010. MELOT, Michel. Livro,. Trad. Marisa Midori Deaecto e Valéria Guimarães. Cotia: Ateliê Editorial, 2012. (Coleção Artes do Livro.) p.127-142: No país da página; p.167-183: Os livros que não se leem. MUZZI, Eliana Scotti. Dom Quixote: Edições e paratextos. In: _____ e TURRER, Daisy (orgs.). Dom Quixote – encenações tipográficas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017, p. 37-66. TURRER, Daisy. Dom Quixote e a cultura do impresso. In: _____ e TURRER, Daisy (orgs.). Dom Quixote – encenações tipográficas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017, p. 13-35.

A SINFONIA DE VERONICA STIGGER EM SOMBRIO ERMO TURVO: DA ESTRUTURA MUSICAL À LITERATURA

Bruna Fontes Ferraz

Resumo: A estética da escritora gaúcha Veronica Stigger pode ser classificada como "inespecífica", conforme aceção de Florencia Garramuño (2014), cuja proposta literária marca um constante deslocamento e fuga das formas e molduras convencionais. Nesse sentido, Stigger expande o próprio conceito de literatura, conforme parecem reivindicar os escritores contemporâneos, ao flertar com os vários gêneros textuais, discursos, artes e mídias alargando, assim, as fronteiras do literário. Neste trabalho, pretendemos analisar a estrutura do seu último livro publicado, *Sombrio Ermo Turvo* (2019), que se inspira na música, sobretudo na nona sinfonia de Ludwig van Beethoven, para compor

o sumário da obra e organizar os contos conforme cada um dos movimentos da sinfonia. Ler os contos considerando o ritmo previsto nesses movimentos adiciona outras camadas interpretativas à experiência de leitura, cuja cadência e velocidade são constatadas pelo ritmo, pela extensão e pelo impacto de cada um dos textos que integram a obra e que estão agrupados em quatro movimentos. Numa proposta paródica e irônica, Stigger se apropria da “Ode à Alegria”, de Beethoven, para representar o fim do mundo, como preconiza o último conto da coletânea, “O fim”, apropriando-se da música para transgredi-la ao incluir nela, por meio de seus textos, notas de sombrio, ermo e turvo. **Referências:** GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. RIBEIRO, Solange Ribeiro de Oliveira [et al.]. Literatura e música. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003. STIGGER, Veronica. Sombrio Ermo Turvo. São Paulo: Todavia, 2019.

CONVERGÊNCIAS ENTRE LITERATURA E PINTURA: IDENTIDADE E TOPOFILIA EM JAIDER ESBELL

Damaris de Souza Silva e Rosidelma Pereira Fraga

Resumo: Jaider Esbell faleceu em 2021, mas continua sendo referência quando se trata de arte indígena contemporânea. Ao se intitular neto de Makunaima, o artista adquiriu atenção especial, elevando o protagonismo indígena no ambiente artístico, alcançando bastante destaque para suas pinturas e literatura. Dessa forma, a pesquisa se baseia em uma análise bibliográfica da produção artística de Jaider Esbell, possuindo como objetivo estudar as convergências entre a literatura e pintura do artista, analisando a presença das características identitárias e topofílicas a partir do conceito de topofilia de Yi-Fu Tuan (2015), que o define como um forte sentimento de pertencimento pelo lugar. Destaca-se na análise a importância das lendas indígenas, do mito de Makunaima e suas representações e circulações no imaginário do artista, além da forte ligação do artista com a avó Bernaldina, assim como a relação de arte com ativismo que o artista produzia em seu discurso “ativista”. A pesquisa teve como método analítico o viés de abordagem comparativa por meio da recepção interartística, ao priorizar o diálogo entre a pintura e a escrita com outros símbolos que interligam a palavra-imagem e imagem- palavra. Para a interpretação da análise, a base teórica se fundamentou em Yi-Fu Tuan (2015), Gilbert Durand (2012), Jean-Jacques Wunenburger (2007), além de Joel Candau (2021), Jacques Rancière (2009, 2012), Michel Foucault (2014) e José Luís Jobim (2013, 2020). Através da análise, constata-se que a topofilia, a identidade, os elementos de reconhecimento da cultura indígena, o imaginário artístico, e por fim o “ativismo” estão presentes na literatura e pintura do artista.

Referências: ANDRADE, Mário. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte. Livraria Garnier. 2004. BRASIL DE FATO – Uma visão popular do Brasil e do mundo. Acesso em 15 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/29/com-arma-a-gente-nao-fala-a-arma-e-nossa-lingua-diz-ancia-macuxi> CANDAU, Joel. Memória e identidade. Tradução: Maria Letícia Ferreira. – 1a Ed. 7a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021. DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.). Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo [recurso eletrônico] – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. Tradução Hélder Godinho. – 4a. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. ECO, Umberto. Sobre Literatura. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011. ESBELL, Jaider. Tardes de agosto: manhãs de setembro: noites de outubro. Boa Vista – Roraima: B869 -Literatura Brasileira. Grupo Construindo o futuro. 1a Edição. 2013. _____. Memória e Cultura Makuxi [recurso eletrônico] /Por Jaider Esbell; Simone Oliveira, Verli Petri (orgs.). Santa Maria, RS: Laboratório Corpus/PPGL/UFSM, 2014.1 e-Book. _____. It Was Amazon: Galeria Jaider Esbell, 2016. Disponível em <http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/> _____. Exposição EPU-TITO – Artes e indígenas hoje – Textos da curadoria. Galeria Jaider Esbell, 2017. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2017/06/02/exposicao-epu-tito-artes-e-indigenas-hoje-textos-da-curadoria-4/> _____. Makunaima, o meu avô em mim! In: Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018. _____. Passo a passo Makunaima: Galeria Jaider Esbell, 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/02/04/passa->

a-passo-makunaima/ _____. Carta ao Velho Mundo: Galeria Jaider Esbell, 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/03/20/carta-ao-velho-mundo/> _____. Makunaima/Macunaíma e a arte/literatura indígena. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 38, 2019. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/545/736> FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. FREITAS, Aimberê. Geografia e História de Roraima. Ed. rev. e ampli. Boa Vista, IAF, 2009. GONÇALVES, Aguinaldo José: Laokoon Revisitado: Relações Homológicas entre Texto e Imagem. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1994. JOBIM, José Luís – Literatura e Cultura: do nacional ao transnacional. – Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. _____. - Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações. [livro eletrônico] / José Luís Jobim. -- Rio de Janeiro : Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020. 1,13 Mb ; PDF KANDEL, Eric R. Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente. Tradução: Rejane Rubino. 1a reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras. 2009. KOCH-GRÜNBERG, Teodore. Do Roraima ao Orinoco. V. 1. Tradução Cristina Alberts- Franco. Editora UNESP, São Paulo: 2006. QUESADA, Luis Roberto Andrade: Ativismo indígena e indigenista. - São Paulo, 2019. LESSING, G. Efraim. Laocoonte. Ou sobre as fronteiras da poesia e da pintura. Trad. Márcio Seligmann Silva. São Paulo: Iluminuras, 1998. LÉVI- STRAUSS, Claude: O Cru e o Cozido: Mitológicas I. Tradução Beatriz Perrone- Moisés. – 1a ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021. OLINTO, A. Kreiger; SCHOLLHAMMER, Erik Karl. (org.) Literatura e cultura. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. PORTAL AMAZÔNIA: Defensores da Amazônia: Jaider Esbell e o legado de vó Bernaldina. Acesso dia 13 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/defensores-da-amazonia-jaider-esbell-e-o-legado-de-vo-bernalдина-1> RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: Estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. 2a Edição. São Paulo. Editora 34, 2009. _____. O espectador emancipado. Tradução Ivone Benedetti. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. ROBERTO, Mibielli, CAMPOS, Sheila Praxedes Pereira, JOBIM, José Luís. Jaider Esbell, Makunaima/Macunaíma e a arte/literatura indígena. Abralic: Associação Brasileira de Literatura Comparada. v. 21, n. 38, 2019. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/545/736> SILVA, Ivete Souza da. Um presente para Meriná. Revista Alegrar, 2020. SOUZA, Valmir de. Cultura e Literatura: Diálogos. São Paulo: Ed. do Autor, 2008. TUAN, Yi-Fu. Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. [Livro Eletrônico]. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Editora Edel, 2015. II ENCONTRO REGIONAL DE LIDERANÇAS E ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS: Um ajuri em defesa dos direitos. Acesso dia 29 de novembro de 2020 Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589757-ii-encontro-regional-de-liderancas-indigenas-um-ajuri-em-defesa-dos-direitos> Blog Galeria Jaider Esbell, disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/> Pipa Prêmio Prize: A Janela para a Arte Contemporânea Brasileira. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/> . Acesso em: 21 de junho, 2022. PITTA, Danielle Perin Rocha. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand. 2.a Ed. Curitiba: CRV, 2017. ESBELL, Jaider. Vamos ouvir as avós. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/04/11/abril-indigena-2020-vamos-ouvir-as-avos/> . Acesso em: 12 de julho, 2022. WUNENBURGER, Jean-Jacques. O imaginário. Tradução Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

LITERATURA EM TEMPOS DE CONFINAMENTO: FESTIVAIS, PERFORMANCE E VIDA LITERÁRIA

Frederico Augusto Garcia Fernandes

Resumo: Esta comunicação parte de dados realizados pelo projeto de pesquisa “Festivais Literários: redes afetivas e sistemas literários” (CNPq), que ouviu 105 escritores e 69 organizadores de festivais, de várias localidades brasileiras, e buscou trazer um panorama sobre quais foram as impressões destes agentes literários sobre a pandemia da Covid-19. Os questionários começaram a ser aplicados no final de 2020, alcançando o primeiro semestre de 2022. Apesar de o tema da pesquisa estar voltado para a questão dos festivais, outros se fizeram presentes, como o da própria dificuldade de produção literária e a performance. Entre os principais resultados obtidos está o fato de que a

literatura não deixou de ser afetada negativamente com a pandemia, mesmo que o isolamento possa ter favorecido o consumo de livros, o hábito cultural de ler ficou longe dos percentuais de preferência de outros hábitos entre os brasileiros durante a pandemia. A performance literária, ou o modo como os corpos atuam na literatura, coloca-se como um ponto nevrálgico para a compreensão da projeção social literária, de produção de sentido e identidades por meio do trânsito de textualidades, bem como da inserção do ouvinte-leitor numa rede de afetos pelas circunstâncias de recepção da obra. Autores “encenam” suas falas, pessoas se juntam para discutir suas leituras, a voz declama trechos de livros, a poesia rende-se ao canto e a palavra ao enlevo do gesto. O impacto da pandemia da Covid-19 nas atividades literárias deu-se, principalmente, pelo efeito suspensivo da performance presencial e por ter sequestrado a conexão orgânica entre o autor e seu público. Como ficou demonstrado pelos vários depoimentos de autores que aceitaram contribuir, respondendo ao questionário do projeto: muitos escritores sofreram com a paralisação da vida cultural literária ou passaram pelo processo de bloqueio criativo, em decorrência do isolamento.

Referências: EVEN-ZOHAR, Itamar. Polissystem Studies. In: Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. vol.11, n.1, 1990. p.1-268. FERNANDES, Frederico Garcia. Festivais literários, sistemas culturais e marketing territorial: um estudo de caso italiano. Nonada: Letras em Revista, Porto Alegre, v. 2, n. 23, p. 20-33, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451669006.pdf>. MONTAGNANI, Maria Lillà; MORGANTI, Ilaria; MUTI, Maria Chiara. The Phenomenon of Art Festivals: An empirical and legal analysis. In: Quaderni ASK (Università Commerciale Luigi Bocconi). 2011. Disponível em: <https://www.ask.unibocconi.it/wps/allegatiCTP/2011-5%20Art%20Festivals.pdf>. RODRIGUES, Henrique. O livro na estrada: leitura, leitores e vida literária. Vitória: Cousa, 2022. SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 360 p. WEBER, Millicent. Literary festivals and contemporary book culture. Springer, 2018. ZUMTHOR, Paul. Escritura e Nomadismo. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

O LADO BOM DA VIDA: A FIGURA PATERNA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ROMANCE E NO CINEMA.

Isabela Bragança

Resumo: O livro O lado bom da vida (Silver Linings Playbook, de 2006), de Matthew Quick, narra, em primeira pessoa, a vida de Pat, a partir do momento em que é liberado de uma clínica de reabilitação para pessoas com problemas mentais, como bipolaridade e depressão. Esse narrador-personagem busca, a partir de então, fazer um registro de sua nova vida, na esperança convicta de que conseguirá reconquistar sua ex-esposa, Nikki, o que é seu maior desejo, tornando-se eventualmente uma obsessão (a qual é retratada como consequência dos problemas mentais que sofre esse personagem). Em 2012, o romance ganhou uma adaptação cinematográfica dirigida por David O. Russell, na qual alguns personagens e episódios foram modificados ou aprofundados, o que motivou estudos como o de Perdikaki (2017), que destaca a abordagem da questão de saúde mental presente no livro e como a interpretação do ator escolhido para a adaptação cinematográfica foi bem-sucedida ao representar as crises vividas pelo personagem. Outro aspecto ressaltado por Perdikaki (2017) é a mudança de perspectiva do relacionamento entre Pat e seu pai na adaptação cinematográfica. Esta comunicação propõe-se a analisar uma cena da adaptação cinematográfica em comparação com uma passagem do romance, com o intuito de identificar as implicações interpretativas que podem advir das mudanças do comportamento do pai em relação ao filho tanto para o leitor quanto para o telespectador das obras. O referencial teórico norteador da análise são os estudos de Hutcheon (2011) e Stam (2006), para os quais não há superioridade de uma obra sobre a outra, e sim diferentes abordagens.

Referências: SILVER linings playbook. Direção de David O. Russell. Los Angeles: The Weinstein Company, 2012. 122 min. QUICK, Matthew. Silver linings playbook. Dubuque: Kendall Hunt, 2012. PERDIKAKI, Katerina. Film adaptation as translation: an analysis of adaptation shifts in Silver linings playbook. Anafora, Osijek, v. 4, n. 2, p. 249-265, 2017. STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 51, p. 19- 53, jul./dez. 2006.

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. 1. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

PALAVRAS E IMAGENS: DIÁLOGOS ENTRE FOTOGRAFIA E ARTE LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA.

Ivana Teixeira Figueiredo Gund

Resumo: Analisa-se a relação entre as linguagens – palavra e imagem – em produções literárias contemporâneas, a fim de compreender o grau da incorporação ou dependência de ambas na construção de sentidos. A imagem sempre se fez presente na Literatura, quer seja por meio de projeções mentais em descrições que possibilitam ao leitor, em tela interior, ter a visão da cena ou dos seres que fazem parte da narrativa; ou ainda, por intermédio de ilustrações, que recortam excertos e congelam instantes em imagem estática, perpetuando a cena narrada. Contudo, essa relação entre texto e imagem – aqui, a fotografia – ganha espaço com o advento da modernidade e, sobretudo, se consolida na produção literária contemporânea. Tal interpenetração acontece em escalas diferentes, com maior presença de uma ou outra linguagem, de maneiras muito díspares. Como exemplos, tem-se Fotoportátil (2005), de Rosângela Rennó, cuja narrativa é contada por intermédio de fotografias em série subsequentes, proporcionando autonomia na produção particular de sentidos; Opisanie ?wiata (2013), de Verônica Stigger, novela multimodal composta por texto escrito e imagens múltiplas, entre elas fotografias que se prendem à história narrada, ao retratarem cenas da década de 1930, tempo proposto na narrativa; Junco (2011), de Nuno Ramos, livro composto por 43 poemas e 18 fotografias de troncos na beira da praia e cachorros mortos em vias públicas, interligados de forma a possibilitar reflexões sobre a vida, a morte, a materialidade de tudo o que existe; ou ainda a fotonarrativa que compõe Universo paralelo (2008), de Michel e Marie-Jo Butor, que amalgamam fotos e narrativa em um só corpo textual. A partir dessas obras, analisa-se as incorporações contemporâneas da imagem fotográfica no texto literário, fazendo deste uma produção multissemiótica ou uma “prática inespecífica”, ao se pensar no deslimite das formas e linguagens da literatura contemporânea.

Referências: ARBEX, Márcia. Apresentação. In: ARBEX, Márcia (Org.). Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, 2006. BARTHES, Roland. A câmara clara. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. BUTOR, Michel. Universos paralelos: uma viagem fotoliterária de Michel e Marie-Jo Butor. Tradução de Márcia Arbex, Maria Juliana Cambogi Teixeira e Yolanda Vilela. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. CASA NOVA, Vera. Literatura e Fotografia II. In: CASA NOVA, Vera. Fricções: traço, olho e letra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. 2. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. MIRANDA, Wander Melo. Formas mutantes. In: Expansões contemporâneas: literaturas e outras formas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. ANDRADE, Antonio. (et. al.). Práticas inespecíficas. In: ANDRADE, Antonio. (et. al.). (In)dicionário do contemporâneo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018. RAMOS, Nuno. Junco. São Paulo: Iluminura7s, 2011. RENNÓ, Rosângela. Fotoportátil. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. SALES, Karina Lima. Um diálogo fotoliterário na constelação de Butor: considerações sobre universos paralelos. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/41/78>. Acesso em 28 dez. 2022. SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Vida e morte da imagem. In: KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. (Orgs.). Expansões contemporâneas: Literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. STIGGER, Verônica. Opisanie ?wiata. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

O DESNUDAMENTO DO OLHAR: UMA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA DA COMPOSIÇÃO BUARQUIANA "OLHOS NOS OLHOS"

Janaina Santos Silva Soggia

Resumo: O presente estudo desenvolve uma análise intersemiótica e intermediática da composição buarquiana “Olhos nos olhos” (1976) a partir da recriação literária “Olhos nus: olhos”, do escritor moçambicano Mia Couto no livro “Essa história está diferente: “Dez contos para canções de Chico Buarque” (2010), sob organização de Ronaldo Bressane. O objetivo desta análise é traçar o caminho da transmutação do olhar das personagens centrais, João Rosa e Clarice, em decorrência de seu desenlace afetivo-amoroso, bem como estabelecer um paralelo entre a canção, texto de partida, e a narrativa literária, texto de chegada, evidenciando os mecanismos utilizados pelo autor moçambicano na elaboração da recriação literária. Nossa pesquisa de caráter exploratório-descritivo debruçou-se sobre os postulados do semiótico russo Roman Jakobson em “Aspectos linguísticos da Tradução” (1969), na conceituação acerca da tradução intersemiótica de Marcel Álvaro de Amorim em “Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado de arte e perspectivas futuras” (2013), e no percurso da transposição da obra musical para a mídia literária, com base nos estudos de Leila Darin em “As múltiplas faces de um roteiro: o piano” (2015), Leyla Perrone-Moysés em “Literatura Comparada: Intertexto e Antropofagia (1990), e Robert Stam em “A literatura através do cinema: Realismo, Magia e a Arte da Adaptação” (2008), e “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade” (2006).

Referências: AMORIM, Marcel Álvaro de. Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado de arte e perspectivas futuras. Itinerários. Araraquara: UNESP, n. 36, jan/jun. 2013. BRESSANE, Ronaldo (org). Olhos nus: olhos. Essa história está diferente: Dez contos para canções de Chico Buarque. São Paulo: Companhia das letras, 2010. DARIN, Leila. As múltiplas faces de um roteiro: O piano. Tradução em Revista, 19, 2015. FARIA, ngela Beatriz de Carvalho. “A paixão é um fio de chuva em vidro de janela: ‘Olhos nus: olhos’, de Mia Couto e ‘Olhos nos olhos’, de Chico Buarque”. Mulemba, nº 3, UFRJ. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: http://setorlitafica.letras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_3_4.php. Acesso em 22 de maio de 2016. HOLLANDA, Chico Buarque. Meu caro amigo. 1976© Marola Edições Musicais. JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: Linguística e Comunicação. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. PERRONE-MOYSÉS, Leyla. Literatura comparada. Intertexto e Antropofagia. Flores da escrivania. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. STAM, Robert. A literatura através do cinema: Realismo, Magia e a Arte da Adaptação. Tradução de Marie-Anne Kremer. UFMG, 2008. STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Ilha do Desterro. Florianópolis, nº 51, p. 019-053, jul/dez. 2006.

O CASO “VALFRIDO?”: NOTAS SOBRE UMA LITERATURA FORA DE SI E SUAS RASURAS

Juan Ferreira Fiorini

Resumo: “Em 2015, moradores dos bairros Santa Cecília e Higienópolis, em São Paulo, passaram a receber em suas casas, sem que houvessem solicitado, uma série de impressos denunciado os supostos trambiques de um certo Valfrido. Confirme a narrativa criada pela sequência de folhetos avançava, objetos nela mencionados começavam a surgir, aqui e ali, pelas ruas ao redor. Pouco mais de um mês, dez folhetos, quatro homens-placa, uma coroa de flores e um punhado de cartazes depois, tudo se encerrou. Sem as devidas explicações ou, pelo menos, algum final minimamente conclusivo”. É com essa história que se inicia o livro Valfrido?, de Gustavo Piqueira, publicado em 2016. Nele, há uma recuperação da provocação narrativa criada por Piqueira em 2015, um desejo de arquivamento da intervenção urbana no qual o livro não é o confinamento ou a redução da proposta ampla da intervenção, mas um acessório que se vincula aos materiais que compuseram a intervenção urbana. Valfrido é também um exemplo de produto habitado por intervenções artísticas que evidenciam um transbordamento de limites e expansões de campos e regiões, no qual a intervenção urbana e a publicação não se bastam, mas se complementam e fazem com que a narrativa seja atravessada por um mecanismo de passagens. Posto que se trata de um produto que traz em si uma confluência de diversos signos articulados sob o literário, a leitura que se propõe de Valfrido? vai se pautar em três referenciais relevantes para o entendimento de uma série de produtos que induzem a questionamentos quanto a “o que é de fato literatura” e “o que há de literário no literário”: os trabalhos sobre a literatura fora de si de Ana Kiffer (2014), sobre as práticas de impertinência e

inespecificidade tecidas por Garramuño (2014) e sobre a escultura em campo ampliado de Rosalind Krauss (1984).

Referências: CAMPBELL, Brígida. Arte para uma cidade sensível. São Paulo: Invisíveis, 2015. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. Expansões contemporâneas. Literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Revista Gávea, Rio de Janeiro, v. 1, p.87-93, 1984. PIQUEIRA, Gustavo. Valfrido?. São Paulo: Lote 42, 2016. VALFRIDO?. Homepage. <http://lote42.com.br/valfrido/index.html#objetos>.

UM OLHAR COMPARADO EM CLARA, DE A CASA DOS ESPÍRITOS: UMA ANÁLISE ENTRE O LIVRO DE ISABEL ALLENDE E O FILME HOMÔNIMO DE BILLE AUGUST

Laís Gerotto de Freitas Valentim

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a personagem Clara pelo viés de uma análise comparativa entre o livro A casa dos espíritos (2017), de Isabel Allende, e o filme homônimo (1993) produzido por Bille August. O insólito ficcional e o papel da mulher na sociedade são abordados ao longo da produção literária e também da cinematográfica, pois estão presentes na protagonista Clara, figura central da narrativa, e que são explorados também nessa pesquisa de caráter exploratório-descritivo. Para tal estudo, além da obra de Isabel Allende e a produção de cinema baseada nela, utilizamos como referências o capítulo 3 “Aspectos linguísticos da tradução” da obra Linguística e comunicação (1969), de Roman Jakobson; Conceitos e práticas de Literatura Comparada (2021), de Cristine Fickelscherer de Mattos e Helena Bonito Couto Pereira, bem como os artigos “Tradução intersemiótica: do texto para a tela” (1998), de Thaís Flores Nogueira Diniz, e “Olhos desnudos: Uma tradução intersemiótica da composição buarquiana Olhos nos Olhos” (2015), de Janaína Santos Silva Soggia, além do artigo “Clara, a clarividente: o insólito ficcional na personagem” (2021), de Laís Gerotto de Freitas Valentim. Teorias como a o realismo maravilhoso utilizada por Irlemar Chiampi (1980) em O Realismo Maravilhoso: Forma e Ideologia no Romance Hispanoamericano, assim como o capítulo de Teodosio Fernandez no compilado de David Roas em Teorias de lo fantástico (2001) e “Lo Real Maravilloso americano: una propuesta de integración” (1996), de Alicia Llarena auxiliaram na questão do entendimento do insólito ficcional da personagem.

Referências: ALLENDE, Isabel. A casa dos espíritos. Tradução de Carlos Martins Pereira. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2017. Coleção Folha Mulheres na Literatura. 464 p. CHIAMPI, Irlemar. O Realismo Maravilhoso: Forma e Ideologia no Romance Hispanoamericano. São Paulo: Perspectiva, 1980 (Debates 160). DINIZ, Thaís Flores Nogueira. Tradução Intersemiótica: do texto para a tela. Cadernos de Tradução, v. 1 n. 3 (1998): Edição regular. p. 313-338. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390>. Acesso em 21 dez. 2022. FERNANDÉZ, Teodosio. O realismo maravilhoso. In: ROAS, David. (Comp.). Teorias de lo fantástico. Madrid: Arco Libros, 2001. p. 283-297. JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: Linguística e Comunicação. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. LLARENA GONZÁLEZ, Alicia. Lo Real Maravilloso americano: una propuesta de integración. Revista Espejo de Paciencia, Las Palmas de Gran Canaria, vol. 1, p. 20-30, 1996. Disponível em: <http://www.aliciallarena.com/downloads/lorealmaravillosoamericano.unapropuestadeinteg.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020. MATTOS, Cristine Fickelscherer de. PEREIRA, Helena Bonito Couto. Conceitos e práticas de literatura comparada. São Paulo: Editora Mackenzie, 2021. 180 p. Coleção Conexão inicial. SOGGIA, Janaína Santos Silva. Revista Leitura V.2 nº 56, p. 88-102. jul/dez 2015–Número regular. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2427/2034>. Acesso em 21 dez. 2022. VALENTIM, Laís Gerotto de Freitas. Clara, a clarividente: o insólito ficcional na personagem. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 21, n. 1, p. 85-97, jan./abr. 2021. Disponível em: doi: 10.5935/cadernosletras.v21n1p85-97. Acesso em 21 dez. 2022.

"O JOGO DO POEMA": HAROLDO DE CAMPOS E ANTONIO LIZÁRRAGA

Leila Melo Coroa

Resumo: Em 1985, o desenhista argentino Antonio Lizárraga publica “Anatomia do gol”, livro de artista editado por Massao Ohno e Marcelo Tápia. O livro de Lizárraga apresenta desenhos de esquemas táticos do futebol, é prefaciado por um poema de Haroldo de Campos, cujo título é homônimo ao de Lizárraga. O poema de Haroldo reaparece no mesmo ano em “A educação dos cinco sentidos”, editado pela editora Brasiliense. No livro de Haroldo, o poema compõe uma série intitulada “6 Metapinturas e 1Meta-retrato”, dedicada a diálogos com as artes plásticas. “Poema” e “pintura” são as questões de “Anatomia do gol” de Haroldo de Campos, por isso são pensados a partir da ideia de jogo: “jogar um/ jogo/ é como/ jogar o jogo/ da pintura ou/ do poema”. O sentido de jogo aqui é de relação, de ir além, de atravessar campos, isto é, a mediação do vocábulo “como” liga as diferentes materialidades e as diferentes práticas lúdicas. O campo literário funciona pela sobreposição de muitos campos, é uma especificidade da literatura ocupar muitos campos, é um campo aberto, como um campo de futebol popular. A poesia é um jogo da linguagem, o que importa é o jogo, como o jogo se articula nos seus sentidos possíveis; e como a poesia faz pensar o próprio jogo (o jogo da cultura, da sociedade, da política, da estética). O jogo coloca em ênfase o processo. Esta comunicação analisa, portanto, a relação entre o poema de Haroldo e o desenho de Lizárraga como uma forma de jogo, ou seja, como processo e interarte, em que o futebol é a figura que expande os campos. O futebol é justamente o corpo híbrido da prosa e da poesia, da pintura e do poema, da linguagem e da visualidade.

Referências: CAMPOS, Haroldo de. A educação dos cinco sentidos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. FABRIS, Annateresa. Antonio Lizárraga: uma poética da radicalidade. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2000. HUIZINGA, Johan. Homo ludens: O jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. Revisão e adaptação Newton Cunha. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019. LIZÁRRAGA, Antonio. Anatomia do gol. São Paulo: Editora Massao Ohno/ Timbra, 1985. MAMMÌ, Lorenzo. O que resta: arte e crítica de arte. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012. PIGNATARI, Décio. Contracomunicação. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2004. WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COREOGRAFIAS DE PAPEL: QUANDO O LIVRO SE TORNA UM OBJETO DANÇANTE

Maria Elisa Rodrigues Moreira

Resumo: Em 2018, a Conexões Criativas e a TANTO Cria, sediadas na Bahia, lançaram uma convocatória para o projeto Coreografias de Papel, que se propunha a desenvolver e lançar uma coleção de livros-objeto, endereçada ao público infanto-juvenil, que tivesse como base para sua criação espetáculos baianos de dança já existentes. Os dois primeiros volumes desta coleção foram lançados no ano seguinte: Astroneto: dança no espaço, inspirado no espetáculo Desastro, de Neto Machado, e Pequena Coleção de Insignificâncias, inspirado em Demolições (La Petite Mort), de Thiago Cohen. Em 2022, a coleção ganhou um terceiro volume, Livro de Fogo, baseado na performance Bola de Fogo, de Fábio Osório Monteiro. Cada livro apresenta propostas e materialidades bastante distintas, funcionando como expansões literárias dos espetáculos que lhes deram origem: em Astroneto, “livro para ser lido com o corpo inteiro”, uma série de cartões avulsos com ilustrações que brilham no escuro permite a exploração do espaço e do movimento; Pequena Coleção de Insignificâncias é, literalmente, uma caixinha de surpresas, que como uma matrioska guarda em seu interior outras caixinhas poéticas com materiais diversificados que nos permitem mergulhar nas miudezas do cotidiano; Livro de fogo troca o papel pelo tecido e abriga um tabuleiro de jogo que convida ao compartilhamento de histórias. Nesta comunicação, proponho-me a refletir sobre o diálogo entre a dança e o impresso apontado em Coreografias de papel, tomando como pressupostos teóricos questões oriundas dos estudos da materialidade do texto e dos estudos intermediários que possibilitem ampliar nossos saberes sobre as perspectivas expandidas da literatura.

Referências: CHARTIER, Roger. Buscando os in-quarto: materialidade do livro e significado do texto. ArtCultura, Uberlândia, v. 24, n. 44, p. 9-22, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/66574/34870>. Acesso em: 19 nov. 2022.

POÉTICAS DO CONTEMPORÂNEO: REVISITANDO CONCEITOS E BORRANDO AS BORDAS

Milena Guimarães Andrade Tanure

Resumo: Em “Literatura fora de si”, Garramuño (2014) coloca em cena o modo pelo qual a literatura contemporânea encontra-se em ebulição e constante instabilidade. Em seus dizeres, essa produção atual “atenta até contra a própria noção de campo como espaço estático e fechado”. Pensando esse transbordamento, “campo expandido” e tensionamento de margens, Garramuño (2014) nos leva a pensar em novas formas e traços de uma produção mais contemporânea que revela novas fissuras e, até mesmo, uma reflexão sobre uma mutação daquilo que define o literário na literatura contemporânea. Ela propõe, a partir disso, que para uma produção literária com essas formas “uma leitura estritamente ‘disciplinada’ ou disciplinar pouco parece poder captar” (GARRAMUÑO, 2014, p. 36). Por tal razão, essa escrita literária repotencializa as teorias e definições e, se não invalida, deixa de lado certas definições que, sendo muitos formalistas, não dão conta do literário e do estético que se tem hoje. Assim, o que se revela é que essa produção coloca em uma cena uma ruptura da noção de campo como espaço estático e fechado. Para tanto, partiremos, nessa reflexão, da obra O LIVRO de água e a produção estética, da Karina Rabinovitz, para pensar textos/instalações que não respondem às categorias tradicionais de análise. Tanto O LIVRO de água como as demais produções que constroem essa pesquisa desestruturam a ideia tradicional de representação e partem para a simulação. São obras e artistas que propõem tensionamentos sobre categorias como produção estética e política, ocupação do campo literário e ocupação do espaço urbano. Assim, a partir das produções, pensamos o deslizamento de formas inespecíficas e o modo como elas questionam, por exemplo, a noção de autoria, conceitos próprios da teoria literária e a própria instituição chamada literatura.

Referências: AZEVEDO, Luciene; MOLINA, Cristian et. al. Autoria na cultura do presente: apresentação. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 55, set/dez, 2018. AZEVEDO, L. Reimaginar a vida, reimaginar a forma. Remate de Males, Campinas, SP, v. 39, n. 2, p. 726-740, 2019. DOI: 10.20396/remate.v39i2.8655722. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8655722>. Acesso em: 19 set. 2021. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17-48. FONSECA, M. A. . Entre palavras e imagens: o espaço híbrido na poética de Karina Rabinovitz.. 2011. In: VIEIRA, Nancy Rita Ferreira (Org.); BRITTO, Milena (Org.) . Mulheres em cena: literatura e imagem. 1a. ed. Salvador: Edufba, 2017. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. São Paulo: Rocco, 2014. _____. Devires da crítica: crítica, pós-crítica, crítica inespecífica (2016). In: OLINTO, Heidrun Krieger. SCHØLLHAMMER, Karl Erik. SIMONI, Mariana (Org.) Literatura e artes na crítica contemporânea. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016. GERMANO, I. M. P.. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online), v. 9, p. 425-446, 2009. GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. Tintas Quaderni di Letterature Iberiche e Iberoamericane, v. 2, p. 199-221, 2012. GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. _____. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. Ipotesi (UFJF), Juiz de Fora, v. 3, p. 19-30, 1999. JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2014. KRAUS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Gávea. Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil da PUC-Rio, n. 1, p. 128- 137, 1984. Reedição Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf. Acesso em: LADDAGA, Reinaldo (2013). Estética de laboratório: estratégias das artes do presente. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes. LUDMER, Josefina. “Literaturas pós-autônomas”. In: Sopro. Panfleto Político-Cultural. Trad. Flávia Cera. Desterro: Cultura e Barbárie, janeiro, 2010a, p. 01-04. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/posautonomas.html>. LUDMER, Josefina. La crítica pura me aburre. Entrevista a Patricia Somoza. La Nación, 29 de octubre de 2010b. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/cultura/la-critica-pura-me-aburre-nid1318798/>. Acesso em: 02 nov. 2021 LUDMER, Josefina. Aqui América Latina: uma especulação. Belo Horizonte: Editora UFMG,

2013. MAGGIO, Sérgio. A poética fluída e O LIVRO de água. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2013. PÁL PELBART, Peter. Cidade, lugar do possível. In: Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000. PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do; FARIA, A. G. ; NOVAES, A. S. . Modos de ler a cidade. REVISTA Z CULTURAL (UFRJ), v. 15, p. 01-07, 2020. _____. Cidade de lobos: a representação de territórios marginais na obra de Rubens Figueiredo. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. v. 1. 188p PUCHEU, Alberto. Paisagens urbanas quase sem paisagens (Imagem). Em Tese, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 203-207, jul. 2016. ISSN 1982-0739. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/10872>>. Acesso em: 16 jan. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.21.3.203-207>. PUCHEU, Alberto. apoesiacontemporânea. Rio de Janeiro: Azougue, 2014. QUEIROZ, Camele; RAMOS, Fabricio. Muros. 25 min. 2015. Disponível em: <https://curtamuros.wordpress.com/>. Acesso em: 06 março 2021 RABINOVITZ, Karina; REZENDE, Silvana. O LIVRO de água. Salvador, P55, 2013. ROLNIK, S.. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Cadernos de Subjetividade, São Paulo, v. 2, n.1, p. 241-251, 1993. SUSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados. O Globo, Prosa e Verso, 2013. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekkind-510390.html>>. Acesso em: 08 jun 2021.

CALIGRAFIA OU COREOGRAFIA: O MOVIMENTO DA ESCRITA E SUAS RELAÇÕES COM OUTRAS MATERIALIDADES

Mírian Sousa Alves

Resumo: Tomando como ponto de partida a noção de escrita como gesto coreográfico, esse estudo visa analisar o romance Pequena coreografia do adeus (2021), da escritora paulista Aline Bei. O foco será dado ao uso singular dos elementos gráficos, cuidadosamente mantidos pela escritora na versão digital do livro, e aos desdobramentos da obra em outras plataformas digitais: uma trilha sonora que visa guiar a experiência da leitura ao longo de cada capítulo do romance e uma performance em vídeo, onde uma atriz apresenta-se como Julia, a protagonista da obra em diálogo com seu diário. O vídeo incorpora o tom confessional do romance e compartilha com os leitores a percepção de um leitor em particular: o produtor da video performance. Essas diversas produções decorrentes da escrita de Aline Bei multiplicam os sentidos da obra e transformam o texto assim como a experiência do leitor. No escopo dos estudos interartes, esse trabalho visa ainda debruçar-se sobre os sentidos propostos pela ilustração inserida na capa do livro físico, feita por Júlia Masagão. O desenho da capa intitulado "Etats modifies" foi assinada pela artista plástica francesa Louise Bourgeois, em 1992 e curiosamente a capa parece anunciar aos leitores a percepção de Júlia Terra, protagonista do romance, sobre si mesma e sobre a conflitante relação que vive com sua mãe. O diálogo entre a ilustração da capa, assinada por Bourgeois, a trilha sonora do romance e a videoperformance do youtube ampliam a coreografia proposta pela escrita de Aline Bei.

Referências: BEI, Aline. Pequena coreografia do adeus. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. Gumbrecht, Hans Ulrich. Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2004.

OS OBJETOS LITERÁRIOS DIGITAIS (POSSÍVEIS), REVELANDO ESPECIFICIDADES

Nair Renata Amâncio

Resumo: O Observatório da Literatura Digital Brasileira (CRTL-S) desenvolveu nos últimos quatro anos diversos estudos que versam sobre a literatura digital brasileira, englobando o contexto de produção, criação e crítica. Seu acervo mapeou uma quantidade significativa de objetos digitais de distintos formatos, impondo desafios de catalogação e descrição. Considerando a necessidade de compreender esses produtos, propusemos uma análise descritiva e crítica desse acervo (Atlas da literatura digital brasileira) com o intuito de entender as especificidades técnicas e culturais desses objetos. Para o desenvolvimento da pesquisa, tomaremos como corpus inicial os 150 objetos digitais presentes no acervo, buscando entender não apenas suas especificidades, mas também as

fragilidades que permeiam o processo de formação da literatura digital brasileira. A metodologia a ser mobilizada durante o doutorado está fundamentada na perspectiva descritiva proposta por (CANCLINI, 2016) e empreendida por (DIAS, 2018), acrescida da definição de instrumentos analíticos e parâmetros interpretativos para a literatura digital brasileira. Para esta comunicação, como proposta inicial, apresentaremos um panorama das características que acompanham a produção de literatura digital no Brasil, elencando e sistematizando os atributos já mapeados e que permitem o reconhecimento dessa literatura. Por meio de tal proposta esperamos apresentar como resultado o estabelecimento de ferramentas conceituais (GAINZA, 2018) que, abarcando crítica e metodologia, permitirão a realização de leitura e análises de objetos da literatura digital brasileiras em uma perspectiva condizente com a realidade latino-americana.

Referências: AMÂNCIO, Nair Renata. Revista Texto Digital: um espaço para a literatura digital brasileira. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. CANCLINI, N. G. A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência. São Paulo: EDUSP, 2012. _____. O mundo inteiro como lugar estranho. São Paulo: EDUSP, 2016 DIAS, Arthur Souza. Lourenço Mutarelli, a imagem e a palavra: concepções pósautônomas sobre quadrinhos e literatura. (Dissertação). Mestrado em Estudos de Literatura/UFSCar, 2018. GAINZA C., Carolina Campos literarios emergentes: literatura digital en América Latina. Estudios Avanzados. 2014, (22), 29-43. ISSN: 0718-5022. _____. Literatura chilena en digital: mapas, estéticas y conceptualizaciones. Rev. chil. lit., Santiago, n. 94, p. 233-256, dic. 2016. _____. Narrativas y poéticas digitales en América latina. Producción literaria en el capitalismo informacional. Santiago de Chile: Ed. Cuarto Propio. 2018.

TENSÕES FORMAIS E CONCEITUAIS DA LINGUAGEM PULP À BRASILEIRA

Paulo Vítor Coelho

Resumo: A pesquisa de doutorado em andamento Pulp à brasileira trata de mapear, interpretar e mediar o fenômeno da pulp fiction na literatura brasileira contemporânea. Esta apresentação está estruturada como um exercício de leitura de alguns trechos exemplares da linguagem pulp como mediadora de confrontos teóricos que ajudem a estabelecer abordagens e caminhos para análise desse fenômeno, tanto como documentação dos tipos de pulp e suas relações no campo literário, quanto como ferramenta para interpretação da literatura brasileira em seus vários aspectos e subcampos. Nessa direção, o texto literário é tensionador da disputa entre os conceitos de “campo expandido”, cunhado por Rosalind Krauss e lido posteriormente por Josefina Ludmer, que o transpôs para a discussão acerca da literatura, por sua vez contribuindo com o conceito de literatura pós-autônoma; de forma opositiva está a leitura sociológica das várias manifestações artísticas de Pierre Bourdieu, segundo o conceito de campos e de disputas por hegemonia travadas por agentes dentro das sociedades conforme a distribuição e autonomias adquiridas por cada campo social. O exercício proposto se justifica pelo caráter difuso e escorregadio que as obras pulp tem como definidores de sua forma: elas são obras que habitam uma posição entre uma produção restrita e produzida para leitores exclusivos e outra produção abertamente comercial e conduzida para o agrado de um grande público consumidor. A despeito de classificações, a leitura e a definição do fenômeno pulp por negação soa artificial e facilitadora para o tipo de linguagem ficcional apresentada pelas obras, que carrega o clichê e a invenção em sua materialidade textual e seus temas de maneira complexa e própria. A partir do exposto, será discutido a pertinência das contribuições teóricas dos autores citados para a composição do método de abordagem e leitura da obra pulp.

Referências: BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. _____. A Distinção: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. _____. A economia das trocas simbólicas. Organização de Sergio Miceli. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. KRAUSS, Rosalind. Sculpture in the Expanded Field. October, vol. 8, 1979, p. 31-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/778224>>. Acesso em: 10 jan. 2023. LUDMER, Josefina. Literaturas posautônomas 2.0. Propuesta educativa, n. 32, ano 18, nov. 2009, vol. 2, p. 41-45. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4030/403041704005.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2023.

_____. Aqui América Latina: uma especulação. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. SANT'ANNA, Sérgio. A senhorita Simpson. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. _____. O monstro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

METAVERSO: MAIS QUE UMA OBRA DE FICÇÃO

Rafael Ricardo de Oliveira

Resumo: O presente trabalho abordará como as reflexões contemporâneas sobre a literatura abrem espaço para uma série de discussões com outros campos do conhecimento. Dentre elas, destacamos a noção de “expansão” na concepção mais tradicional de cinema proposta por Youngblood (1970), que como explica Satt (2009), igualmente, contempla um alargamento na direção dos ambientes virtuais. Por exemplo, a obra literária *Snow Crash* (STEPHENSON, 2015), publicada em 1992, retrata um tipo específico de mundo virtual, o Metaverso, um espaço no qual os usuários acessam por meio da internet e interagem a partir de um “corpo digital” chamado avatar. Apenas uma ficção dentre tantas outras, até que em 28 de outubro de 2021, a Facebook, Inc. (Facebook) empresa controladora de subsidiárias como as redes sociais Facebook e Instagram, o mensageiro instantâneo WhatsApp e a fabricante de óculos de realidade virtual (VR) Oculus, entre outras, mudou seu nome para Meta Platforms, Inc (Meta). Ou seja, para além da mudança em seu nome, desde então a Meta passou a investir seus recursos em prol do desenvolvimento do Metaverso, mas o fez como se ela fosse a origem dos discursos sobre essa tecnologia, quando isso é uma implementação daquilo que propõe *Snow Crash*, de modo a ser também uma “expansão” do conceito de redes sociais. Para tanto, nosso estudo contempla as interfaces entre Língua e Literatura para evidenciar as relações entre esses dois campos do conhecimento, priorizando as mediações, articulações e aderências entre ambos. Por fim, assim como para Krauss (1984) a categoria escultura deveria se tornar infinitamente maleável em prol de obras de arte cada vez mais heterogêneas, compreendemos que devido a um processo de evolução tecnológica as obras literárias passam a ser heterogêneas ao ponto de se desdobrarem em filmes, produtos licenciados, parques temáticos e ambientes/experiências virtuais.

Referências: KRAUS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Gávea. Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil da PUC-Rio, n. I, p. 128- 137, 1984. SATT, Maria Henriqueta Creidy. Cinema expandido: estratégias e conceitos audiovisuais. Sessões do Imaginário, Porto Alegre, n. 22, p. 10-13, dez. 2009. STEPHENSON, Neal. *Snow Crash*. Trad. Fábio Fernandes, São Paulo: Editora Aleph, 2015. YOUNGBLOOD, Gene. *Expanded Cinema*. New York: P. Dutton & Co., Inc., 1970.

JARDIM: ESPAÇO DE DISSEMINAÇÃO

Sandra Mara Carvalho

Resumo: A presente proposta de comunicação visa suscitar reflexões sobre o espaço jardim, sua constituição e significações, a partir dos estudos de Evando Nascimento, Jacques Derrida, entre outros, de forma a abordar a temática relacionada ao pensamento vegetal, salientando sua importância e contribuição para as áreas do conhecimento e, assim, fazer emergir olhares diversos voltados às plantas e aos jardins, tanto literários quanto físicos. Diante disso, serão colocados em perspectiva os romances "O jardim secreto" (1911), da escritora inglesa Frances Hodgson Burnett, "A visão das plantas" (2019), da angolana Djaimilia Pereira de Almeida, e a narrativa cinematográfica "O jardim" (1990), do cineasta britânico Derek Jarman. Desse modo, o jardim será pensado como um espaço de disseminação, como proposto por Evando Nascimento (2021), que afirma ser necessário observar a singularidade vegetal e sua importância existencial, que não é autônoma e mantém relação com os outros seres vivos, para aprender com as plantas, pois são elas que “têm algo a nos dizer, com suas vozes e escritas vegetais. [...] a escrita e a literatura diretamente inspiradas nos rastros clorofílicos que as próprias plantas deixam todos os dias na superfície da Terra.” (NASCIMENTO, 2021, p.23). Dessa maneira, a noção de expansão será evidenciada, permitindo o diálogo entre a literatura, os jardins e o pensamento vegetal.

Referências: ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *A visão das plantas*. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2021. BURNETT, Frances Hodgson. *O jardim secreto*. Trad. Sônia Moreira; introdução e notas de Alison

Lurie; posfácio de Marise Hansen. São Paulo: Penguin, 2013. NASCIMENTO, Evando. O pensamento vegetal: a literatura e as plantas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. O JARDIM. Direção: Derek Jarman. Basilisk Communications, 1990. (Tradução de THE garden).

ESCRITAS DE SEGUNDA MÃO: AS PRÁTICAS LITERÁRIAS DE PÓS-PRODUÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Sayonara Amaral De Oliveira

Resumo: Nesta comunicação, pretende-se refletir sobre práticas literárias contemporâneas de pós-produção, que recebem essa designação por investirem na apropriação de obras já existentes, criadas e assinadas por terceiros, postas em circulação na cultura (BOURRIAUD, 2009). Ao atuar “depois”, semelhante ao que faria o profissional responsável pela sonorização de um filme ou tal como agiria o DJ – quando extrai e recombina trechos sonoros de músicas diversas –, o artista ou escritor pós-produtor se dedica a trabalhar sobre objetos ou textos prontos, que já possuem uma forma dada por outrem. As práticas literárias de pós-produção compreendem, portanto, escritas de segunda mão ou de “segundo uso” (LETHEM, 2012, p.130), que levam ao limite os métodos da citação e da colagem, em sintonia com um contexto cultural no qual as operações de citar, recortar, colar e replicar textos se fazem rotineiras, mediante os recursos ofertados pelas mídias eletrônicas e digitais, como se pode constatar na atualidade. Nesse gesto de expansão da literatura junto a atividades e procedimentos fluentes na cultura digital contemporânea, as escritas de pós-produção também afirmam uma “poética da falta de originalidade” (PERLOFF, 2013, p. 42), vindo a desestabilizar o modo como tradicionalmente pensamos as noções de autoria e de criação no campo da literatura e das artes em geral. Ocorre que não interessa ao artista pós-produtor “gestar” ou “dar origem” a uma obra, mas apostar na habilidade de fornecer novas ocupações, novos registros às obras de que se apropria. Para o desenvolvimento da reflexão aqui proposta, toma-se como exemplar das escritas de pós-produção o projeto MixLit – O DJ da Literatura, que ocupa um site homônimo na web. O projeto, elaborado pelo escritor Leonardo Villa-Forte (2019), consiste em produzir e postar na internet textos curtos, compostos, exclusivamente, a partir da “mixagem” de trechos extraídos de livros publicados por autores diversos.

Referências: BOURRIAUD, Nicolas. Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. LETHEM, Jonathan. O êxtase da influência: um plágio. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza e Bruno Costa. Serrote, São Paulo, v. 12, nov. 2012, p.117-147. PERLOFF, Marjorie. O gênio não original; poesia por outros meios no novo século. Tradução de Adriano Scandolara. Belo Horizonte: UFMG, 2013. VILLA-FORTE, Leonardo. Escrever sem escrever; literatura e apropriação no século XXI. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Belo Horizonte: Editora Relicário, 2019. VILLA-FORTE, Leonardo. MIXLIT: O DJ DA LITERATURA. Disponível em: <https://mixlit.wordpress.com/> Acesso em: 10 jan. 2023.

SIMPÓSIO “LITERATURA INFANTIL E JUVENIL EM DIÁLOGO COM OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E TECNOLÓGICAS”

Diana Navas (PUC), Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (UNESP) e Thiago Alves Valente (UENP)

A ARTE DO BARRO DE MESTRE VITALINO: LITERATURA EM DIÁLOGO COM ARTES PLÁSTICAS NA OBRA A ONÇA DE VITALINO, DE SYLVIA ORTHOF

Adriana Gonzaga e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

Resumo: A obra de potencial recepção infantil A onça de Vitalino: brincando com os bonecos de barro do Mestre Vitalino, publicada em 1994, com texto de Sylvia Orthof (1932-1997) e ilustrações de Tato Gost, dialoga em seu plano imagético com o universo do artista plástico Vitalino Pereira dos Santos, conhecido como Mestre Vitalino (1909-1963), considerado um dos maiores artistas da arte feita em barro no Brasil. Este texto objetiva, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUS, 1994; ISER, 1996, 1999), refletir sobre as potencialidades da obra A onça

de Vitalino: brincando com os bonecos de barro do Mestre Vitalino (ORTHOFF, 1994) na formação do jovem leitor. Objetiva-se, também, verificar a busca desse leitor pelo resgate da coerência que os vazios interroperam no texto assegurando sua comunicabilidade. Esse processo, decorrente de sua atividade imaginativa, permite que sua produtividade entre em jogo, conferindo-lhe, pela interação, prazer na leitura. Iser (1999) considera que a exploração dos vazios pelo texto literário intenciona motivar o leitor a descobrir suas próprias projeções. Justamente, nesse leitor implícito, projeta-se um leitor empírico: a criança. Desse modo, busca-se, na análise, compreender como se efetiva em seu poema narrativo a oralidade, o ludismo e o diálogo com as artes plásticas. Assim, na análise da obra de ORTHOFF (1994), busca-se detectar como se efetiva a sua estrutura de comunicação e se esta desperta o senso crítico no leitor, emancipando-o de seus pré-conceitos sobre o gênero poema, os usos da língua e presença da ilustração em uma obra. Além disso, pretende-se observar suas ilustrações, visando a detectar se possuem pregnância estética (OLIVEIRA, 2008), para ampliar o imaginário do leitor infantil, constituir sua memória afetiva e desautomatizar seu olhar em relação à imagem.

Referências: ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Tradução de J. Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1 ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Tradução de J. Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 2 JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução de S. Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. OLIVEIRA, Ieda de (org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 13-47. ORTHOFF, Sylvia. A onça de Vitalino: brincando com os bonecos de barro do Mestre Vitalino. Rio de Janeiro: Salamandra, 1994.

PASHMINA: LUTA DE CLASSES, RELIGIOSIDADE E GÊNERO POR MEIO DAS IMAGENS EM QUADRINHOS DIRECIONADOS AO PÚBLICO ADOLESCENTE

Ana Luiza Rocha do Valle

Resumo: No gênero quadrinho, é sabido entre leitores e pesquisadores que as relações entre imagem e texto são parte intrínseca da construção estética. Inventividade nesse contexto requer algo que vá além da qualidade técnica de cada uma das linguagens de maneira isolada ou mesmo de relações evidentes - como a ilustração visual em sentido estrito - entre ambas. Em Pashmina, obra de estreia de Nidhi Chanani, o jogo entre cenas coloridas e em preto e branco tem papel central nas possibilidades interpretativas da narrativa e na construção das personagens, sobretudo a protagonista, bem como da imagem da Índia que é apresentada ao longo da obra. Em meio às camadas de linguagem que se interseccionam, temas delicados como papéis de gênero, migração, violência e questões de classe são tratados de forma ao mesmo tempo explícita e sutil. O uso das cores e a conexão entre temas de cunho social e elementos de religiosidade associados à cultura indiana agregam ainda uma camada à narrativa de Chanani. Por meio de estratégias estéticas que podem ser, com o devido cuidado, associadas ao realismo fantástico, a autora tece uma conexão potente entre a linguagem destinada ao público adolescente e causas sociais que podem ser lidas como polêmicas ou mesmo inapropriadas por alguns setores mais conservadores da sociedade.

Referências: CHANANI, Nidhi. Pashmina. Nova York: first second books, 2017. JOOSEN, Vanessa. Just listen? Silence, silencing and voice in the aesthetics, reception and study of children's literature. Edinburgh University Press, IRSC, 2020. MONNERAT, Fabiana. Entre palavras, laços e redes: uma leitura de polêmicas e censuras à literatura infantil no Brasil contemporâneo suscitadas a partir das redes sociais. Dissertação (Mestrado em Letras). Vitória: UFES, 2020. NODELMAN, Perry. Somos mesmo todos censores? Lauro de Freitas: Editora Solisluna, 2020. NODELMAN, Perry. Words about pictures: the narrative art of children's picture books. Athens: University Georgia Press, 1988. TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1975. STALLYBRAS, Peter. O casaco de Marx: roupa, memória e dor. São Paulo: Autêntica, 2016.

LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA AFRICANA: ANÁLISE DA OBRA OBAX, DE ANDRÉ NEVES

Araceli Simão Gimenes Russo

Resumo: Araceli Simão Gimenes Russo Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira Resumo: Ao refletir sobre a literatura, Candido (1995) afirma que todos têm direito à sua leitura porque nos permite vivenciar as mais diversas sensações, tornando-nos seres críticos e conscientes. Diante dessa afirmação, este texto objetiva refletir sobre as potencialidades da literatura infantil na formação do jovem leitor. Mais propriamente, da literatura infantil de temática africana no desenvolvimento das relações étnico-raciais em contexto escolar. Para tanto, a partir do aporte teórico da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1994, 1999), almeja-se analisar o livro ilustrado Obax, de André Neves (2010), cuja narrativa explora o protagonismo da criança negra. Nessa análise, pretende detectar, se esta obra estabelece comunicabilidade com o leitor e, pela fluência de lacunas, rompe com seus conceitos prévios sobre relações humanas em sociedade, ampliando seu horizonte de expectativa, pela possibilidade de convívio com a diversidade. A obra faz parte de acervos de leitura resultantes de políticas públicas e está disponível em Salas de Leitura e bibliotecas das escolas públicas do país. Sua temática africana com abordagem identitária atende aos princípios da Lei n.11.645, de março de 2003, que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e indígena”. Constrói-se a hipótese de que a leitura dessa obra de Neves (2010) possui potencialidades para romper com os conceitos prévios dos leitores associados à negação ou ao ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora ao patrimônio cultural da humanidade. Além disso, sua leitura, pelo valor estético de sua narrativa e de suas ilustrações, e temática identitária, pode cativar o jovem leitor, ampliar seu imaginário, romper com seus conceitos prévios sobre ilustração enquanto apenas acessório de uma história. Palavras-chave: Literatura infantil de temática africana; Obax, Método Receptional

Referências: BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. BRASIL. Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação. Brasília e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 29 jan. 2022. BRASIL. Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: VÁRIOS ESCRITOS. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p.235-263. NEVES, André, Obax. São Paulo:Brinque-Book, 2010.

APROXIMAÇÕES ENTRE A REGÊNCIA INGLESA DO SÉCULO XVIII E O JOVEM LEITOR DO SÉCULO XXI: A MATERIALIDADE DE UMA COLEÇÃO DE RECONTOS DE JANE AUSTEN

Débora Cristina Marini

Resumo: Tomando por base as considerações do professor Peter Hunt (2010), a literatura infantil é escrita e produzida para um público que ainda está desenvolvendo, entre diferentes capacidades, suas habilidades de leitura – desse modo, a indústria do livro, com seus autores, ilustradores e editores. deve levar em conta as circunstâncias desse leitor. Ainda, entre os diferentes tipos de obras literárias infantis, o conto de clássicos da literatura é bastante utilizado. Neste nicho se encontra a coleção aqui analisada, Awesomely Austen (2019-2020), produzida e publicada pela editora Hachette UK. Trata-se de uma série de recontos dos seis romances da escritora inglesa Jane Austen, adaptados para leitores entre 8 e 12 anos. A partir do exame dos livros que formam esta coleção, busco identificar os objetivos e as estratégias da editora. A análise se concentra as escolhas linguísticas da reescrita dos romances – essenciais para a aproximação entre o leitor dessa nova faixa etária e os textos –, bem como nas características físicas dos livros, que são impressos em papel reciclado, com capa dura colorida e texturizada, ilustrações em aguada, parâmetros que, em certa medida,

contribuem para a construção dos sentidos do texto (COELHO, 2000). Em vista disso, o objetivo deste trabalho é identificar o possível público-alvo da coleção *Awesomely Austen* a partir da análise da materialidade dos livros e das ilustrações que os compõem. Para tanto, as considerações de Vera Maria Tietzmann Silva (2012, 2020) e Leonardo Pogliá Vidal (2019) são elencadas para o trato com as imagens e com os aspectos de produção do livro infantil. A partir do observado na coleção, identifico em que medida esse novo conjunto reflete as semelhanças e divergências entre os parâmetros dos séculos XVIII e XXI. A partir das escolhas empreendidas pela editora Hachette UK, analiso como esse novo público leitor é imaginado.

Referências: BIRCHALL, Katy. *Jane Austen's Emma*. London: Hodder Children's Books, 2019. BUTLER, Steven. *Jane Austen's Northanger Abbey*. London: Hodder Children's Books, 2020. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2000. DHAMI, Narinder. *Jane Austen's Persuasion*. London: Hodder Children's Books, 2019. HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Knipel. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010. MALIK, Ayisha. *Jane Austen's Mansfield Park*. London: Hodder Children's Books, 2020. NADIN, Joanna. *Jane Austen's Sense and Sensibility*. London: Hodder Children's Books, 2020. SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Ler Imagens, Um Aprendizado: A Ilustração de Livros Infantis*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2020. SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Sobre Contos e Recontos (Nos 200 Anos de Kinder-und Hausmärchen, dos Irmãos Grimm, 1812-2012)*. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Orgs). *Conto e Reconto: Das Fontes à Invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 13-33. VIDAL, Leonardo Pogliá. *The Root of All Evil: Tradition and Morphology in Alan Moore's Swamp Thing*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 372 p., 2019. WOODFINE, Katherine. *Jane Austen's Pride and Prejudice*. London: Hodder Children's Books, 2019.

A NARRATIVA HÍBRIDA JUVENIL: A MATERIALIDADE DO LIVRO COMO COMPONENTE NARRATIVA

Diana Navas

Resumo: Observa-se, na literatura contemporânea preferencialmente endereçada às crianças e jovens, produções que se revelam como espaço de convergência entre diferentes artes, mídia e códigos. Nelas, o texto literário – seja em termos temáticos, seja em termos de arquitetura narrativa – estabelece intenso e profícuo diálogo com outras linguagens, desafiando crianças e jovens a empreenderem uma leitura plurissemiótica. Em outras palavras, em estrito diálogo com o contexto contemporâneo, as obras infantis e juvenis mostram-se como espaços em que as ilustrações e o projeto gráfico assumem potencial narrativo, tornando-se parte integrante da diegese. Os recursos empregados para promover a (con)fluência de linguagens são vários, podendo ir desde o uso da tipografia, layout ou cor da página impressa, a reprodução de imagens e documentos, até a mimese estilística de formas não narrativas, de linguagens técnicas ou digitais ou de convenções formais normalmente não comuns às narrativas infantis e juvenis. Almeja-se, neste estudo, a leitura de A arte de Charlie Chan Hock Chye, de Sonny Liew, obra que se revela híbrida, por ser parte *graphic novel*, parte livro de arte, parte ensaio narrativo. Intenta-se discutir como seu caráter plurissemiótico gera efeitos de sentido na construção da diegese, e os impactos gerados no processo de leitura. Recorre-se, para a realização desta leitura, às reflexões de Gibbons (2012), Hallet (2018), Rojo (2016) e Santaella (2005).

Referências: Gibbons, Alison (2012). *Multimodality, Cognition and Experimental Literature*. London and New York: Routledge. Hallet, Wolfgang (2018). *Reading Multimodal Fiction: A Methodological Approach*. *Anglistik*, 29(1), 25-40. Roxane, Rojo (2016). *Linguagem: representação ou mediação?*. *Revista Veredas*, 1 (1), p.41-49. Santaella, Lúcia (2005). *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal - aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras e FAPESP.

LITERATURA INFANTIL E ARTES PLÁSTICAS NO LIVRO ILUSTRADO CONTEMPORÂNEO: ANÁLISE DE O PÁSSARO NA GAIOLA, COM TEXTO DE VICENT VAN GOGH E ILUSTRAÇÕES DE JAVIER ZABALA

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Rosa Maria Cuba Riche

Resumo: A reflexão sobre o efeito estético que um texto literário pode deflagrar em sua própria estrutura e/ou na sua recepção pelo leitor empírico, ganha espaço privilegiado nos estudos da Teoria da Literatura, mais propriamente com a Estética da Recepção e do Efeito (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999). Com seu surgimento, firmaram-se as bases dos estudos voltados à formação do leitor. A partir de suas contribuições teóricas, pôde-se considerar a comunicabilidade que se instaura na estrutura textual de uma obra, pela sua afluência de vazios, potências de negação, pontos de indeterminação, assim como nas configurações de seu leitor implícito. Isto posto, almeja-se neste texto, a partir desse aporte teórico (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), analisar o livro ilustrado *O pássaro na gaiola* (2015), com texto de Vicent van Gogh (1853-1890) e ilustrações de Javier Zabala. Essa obra é composta em seu plano verbal por um fragmento de uma das cartas que o pintor enviou ao seu irmão caçula Théo em 1880, no qual trata de seus sentimentos, pelo recurso a uma parábola sobre um pássaro enjaulado que anseia por liberdade. Em seu plano imagético, o livro pauta-se no emprego de inovações no projeto gráfico-editorial e de recursos pictóricos, os quais produzem homologias entre poéticas. Esses aspectos, associados não apenas à literatura infantil, mas à produção artística pós-moderna de um modo geral, são explorados com a finalidade de ampliar as potencialidades do livro ilustrado na formação do leitor crítico. Constrói-se a hipótese de que essa obra, pela narrativa alegórica de cunho biográfico e, em especial, pela dialogia com o universo das artes plásticas, faculta ao leitor, conforme Umberto Eco (2003), perceber a citação intertextual e sentir-se participante do relato.

Referências: ECO, Umberto. *Sobre literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003. GOGH, Vicent van. *O pássaro na gaiola*. Ilustr. Javier Zabala. Trad. Mauro Gaspar. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2015. ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999. vol.2. ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. vol.1. JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

DOS VIDEOGAMES PARA OS LIVROS: ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS DE ASSASSIN'S CREED E RESIDENT EVIL

Evandro Fantoni Rodrigues Alves

Resumo: A Adaptação Literária é um dos mais importantes campos de estudo da Literatura Juvenil, e tende a referir-se, na esmagadora maioria dos casos, à transposição de textos clássicos para linguagens mais acessíveis aos jovens leitores, a quem destinam-se preferencialmente esse tipo de publicação. Nos últimos anos, contudo, vemos uma série de novas modalidades de adaptações, oriundas de outras linguagens e artes, como por exemplo a conversão de histórias em quadrinhos em obras literárias. Também encontramos casos de filmes sendo adaptados literariamente, em um movimento que vai na contramão da adaptação cinematográfica tradicional. Dentre essas novas modalidades de adaptação, a que nos chama maior atenção é a que diz respeito aos jogos de videogame, que recentemente passaram a ter suas narrativas e histórias – criadas inicialmente para essa linguagem – convertidas para obras literárias, oferecendo-se à apreciação de novos públicos ao mesmo tempo em que amplia a experiência dos jogadores, uma vez que muitas vezes os textos adaptados trazem novas informações e detalhes sobre a trama do jogo. É o caso dos jogos que escolhemos trazer aqui, *Assassin's Creed*, da desenvolvedora Ubisoft, e *Resident Evil*, da desenvolvedora Capcom. Os dois títulos – mundialmente famosos entre os jogadores de videogame – possuem adaptações literárias de vários de seus títulos, além de obras originais que procuram expandir o universo desses jogos, trazendo novas personagens, narrativas e localidades, enriquecendo tanto a experiência leitora como a experiência de jogador. Assim sendo, na medida em que o gamer se aproxima da Literatura e o leitor se aproxima dos Jogos Eletrônicos, o diálogo que se estabelece entre as duas linguagens é extremamente enriquecedor para ambas, e principalmente para o jovem leitor, que tem a oportunidade de expandir os próprios horizontes, mergulhando em um universo que não pertence mais a uma única linguagem, mas que une as duas.

Referências: ALVES, Evandro Fantoni Rodrigues. De Homero e Ruth Rocha. Um estudo do processo de adaptação das personagens da Odisseia para jovens leitores. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020. ARAÚJO, Naiara Sales. Videogames e literatura: do Nimrod à Neuromancer. In: Revista Observatório, vol.3, n.3, maio/2017. BOWDEN, Oliver. Assassin's Creed. Irmandade. Tradução de Edmo Suassuna. Rio de Janeiro: Galera Record, 2013. _____. Assassin's Creed. Revelações. Tradução de Domingos Demasi. Rio de Janeiro: Galera Record, 2013. _____. Assassin's Creed. Renascença. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016. CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. Adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil. Curitiba: CRV, 2014. CORSO, Gizelle Kaminski. Literatura para jovens leitores: uma proposta. IN: Signo. Santa Cruz do Sul, v.36 nº60, p. 35-39. 2011. NAVAS, Diana; RAMOS, Ana Margarida. Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico. Porto: Tropelias & Companhia, 2016. PERRY, Stephani Danielle. Resident Evil. The Umbrella conspiracy. London: Titan Books, 2012. _____. Resident Evil. City of the dead. London: Titan Books, 2012. _____. Resident Evil. Nemesis. London: Titan Books, 2012. SANTOS, Márcio Carneiro dos (org.). Tecnologias e narrativas digitais. São Luis: UFMA / LABCOM Digital, 2017. VARELLA, João. Videogame, a evolução da arte. São Paulo: Lote 42, 2020.

O RECONTO E O DIÁLOGO COM AS ARTES PLÁSTICAS: O CAVALEIRO DO SONHO (2005), DE ANA MARIA MACHADO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

Fabricia Jeanini Cirino Pinto e Eliane Aparecida Galvao Ribeiro Ferreira

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra "O cavaleiro do sonho: as aventuras de Dom Quixote de la Mancha" (2005), de Ana Maria Machado e ilustrada com as pinturas de Candido Portinari, bem como sua contribuição para a formação de leitores. A história é um conto contemporâneo de Dom Quixote de la Mancha (1605), de Miguel de Cervantes. Segundo Vera Maria Tietzmann Silva, "quando um escritor reconta histórias de procedência estrangeira, traduzindo-as ou adaptando-as, tem a clara intenção de ampliar os horizontes de conhecimento do leitor". (SILVA, 2012, p. 30). A perspicaz autora conduz a escrita em uma linguagem capaz de estabelecer um diálogo com seu interlocutor, questionando-o e fazendo-o pensar e repensar a realidade que o cerca, além de romper com as barreiras, levando o leitor a ampliar seus horizontes de expectativas. Machado, de forma divertida reconta as peripécias de Dom Quixote, fazendo referência a provérbios e contando ao leitor que a história foi escrita por Cervantes e que vale a pena ser lida por completo. Discorre também sobre o pintor Portinari, sua trajetória e contribuição para as artes. A autora finaliza o livro considerando que apesar das diversas mudanças ocorridas no mundo, há ainda muito a ser feito, e ressalta a importância da arte em nossa vida, ao ponderar que tudo fica mais bonito quando artistas nos dão de presente obras tão expressivas, tais como as citadas no livro. "O cavaleiro do sonho" permite ao leitor a compreensão do significado dos clássicos, que segundo Ítalo Calvino (1993) "são aqueles que nunca terminaram de dizer aquilo que tinha para dizer", permitindo ainda que o público leitor acredite e persista em seus sonhos.

Referências: CALVINO, Italo. Tradução Nilson Moulin. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. MACHADO, Ana Maria. O cavaleiro do sonho: as aventuras de Dom Quixote de la Mancha. São Paulo: Mercuryo, 2005. SILVA, Vera M. T. S. Sobre contos e recontos. In: AGUIAR, Vera. T.; MARTHA, Alice. A. P. (Orgs.) Do conto ao reconto: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. _____. Ler imagens: um aprendizado. Goiânia: Cãnone Editorial, 2020.

OS INVISÍVEIS - UMA COMPARAÇÃO

Fernanda Rios de Melo

Resumo: "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara". Esta é a epígrafe de Ensaio sobre a cegueira, mas também poderia estar na abertura da narrativa criada por Tino Freitas. No texto verbal de Os invisíveis, o narrador apresenta a história de um menino que tem um superpoder: ele consegue enxergar as pessoas que ninguém mais vê. Se antes da pandemia, já éramos incapazes de ver estas pessoas; depois desta indesejada, passamos a não saber nem mais conviver. Visto que este tema social é extremamente relevante, propomos para a comunicação estabelecer uma comparação entre

o trabalho dos dois ilustradores que este texto verbal já teve. Em *Os invisíveis* (Casa da Palavra, 2013), Renato Moriconi apresenta a narrativa visual através do contraste entre branco, preto, cinza e laranja neon. Seu traço é marcado, vemos apenas as silhuetas dos personagens. Já em *Os invisíveis* (Companhia das Letras, 2021), Odilon Moraes propõe um pensamento bem diferente. As ilustrações são compostas apenas por traços. O preto e o branco destacam as personagens que não vemos. Elas têm corpo, mas não conseguimos identificá-las. O principal objetivo desta comunicação é observar de que modo a leitura do livro-álbum se transforma por meio das imagens propostas nestes dois caminhos. Almejamos identificar as estratégias visuais propostas pelos ilustradores, analisando de que maneira as palavras se relacionam com as ilustrações, estabelecendo com elas uma relação de concordância ou discordância. A metodologia empregada será de cunho bibliográfico, focando, em especial, nas questões visuais das obras. O aparato teórico centra-se no trabalho teórico do próprio Odilon Moraes no que refere ao livro-álbum; nas reflexões de Donis A. Dondis, no tocante à sintaxe visual; e às considerações de Raquel Matsushita sobre design.

Referências: DONDIS, A. D. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2015. MATSUSHITA, Raquel. Fundamentos gráficos para um design consciente. São Paulo: Musa, 2011. MORAES, Odilon. O livro como objeto e literatura infantil. In: DERDYR, Edith. Entre ser um e ser mil: o objetivo livro e suas poéticas. São Paulo: Senac, 2013. Pág. 159-165. MORAES, Odilon. Carta ao senhor Merlot: o sofrimento da imagem. In: Linguagens verbovisuais e do design em urdiduras poéticas [recurso eletrônico] / Org.: André Ming Garcia, Maria Zilda da Cunha. São Paulo: FFLCH/ USP, 2022.

LITERATURA JUVENIL NO APOCALIPSE: A QUEBRA DE 7 SELOS NAS ARTES DO LIVRO "DENTRO DE MIM NINGUÉM ENTRA", DE JOSÉ CASTELLO E BISPO DO ROSÁRIO

Flávia Maria Reis de Macedo

Resumo: Fundamentada nos Estudos Comparados de Literatura e na Crítica, a presente comunicação tem como objetivo apresentar uma análise sobre o processo de criação artística literária e a produção visual da obra "Dentro de Mim Ninguém Entra", escrita por José Castello, com reproduções fotográficas de trabalhos de Bispo do Rosário. O livro foi levado à público pela Berlendis & Vertecchia Editores, em 2016, ganhando o prêmio Jabuti em 2017. Considerando a biografia e o trabalho do artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário, também chamado, em um ensaio que acompanha a obra, de "Mordomo do Apocalipse, a produção carrega um universo de simbologias e enigmas, que, em diálogos com o texto literário, diferencia-se em sua materialidade, inovando o conceito de livro de artes para jovens, pela produção das ilustrações, a montagem do projeto gráfico, bem como pela escrita literária. Buscaremos assim, demonstrar ainda, a contextualização histórica e cultural presentes na vida do escritor e do artista plástico, bem como seus componentes míticos, e revelações dos imaginários produzidos, compondo uma interação entre diferentes linguagens. Para tanto, nossa proposta consiste na abertura de sete selos artísticos: sete imagens que compõe as ilustrações em diálogos com o texto literário, para demonstrar o cruzamento dessas fronteiras verbais e visuais. Partimos do pressuposto de que esses estudos são importantes para instaurar uma reflexão crítica sobre o papel do livro de literatura infantil e juvenil contemporâneos, como produto cultural capaz de colocar no mesmo suporte duas artes: a erudita (literária), produzida por Castello, e a popular (esculturas, pinturas, montagens, bordados e assemblages) de Bispo do Rosário, cuja confluência é capaz de transcender tempos e espaços e transformar o leitor.

Referências: ANDRUETTO, Maria Teresa. Por uma literatura sem adjetivos. Tradução de Carla Cacciaccaro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. AZEVEDO, Fernando. A Cultura Brasileira. 7ª ed. São Paulo: EDUSP, 2010. BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. São Paulo: DIFEL, 1985. BARBOSA, Ana Mae. A imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 2012. BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. RJ: Nova Fronteira, 1990. BASTIDE, Roger. Arte e sociedade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. BASTIDE, Roger. Brasil, Terra de Contrastes. 7ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1969. BENEDICT, Ruth. Cultura e personalidade. Org. Celso Castro. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. BOSI, Alfredo.

Cultura Brasileira. 4a ed. São Paulo: Ática, 1999. BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. 7a ed. São Paulo: Ática, 2000. BOSI, Ecléa. Cultura de Massa e Cultura Popular. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973. CASTELLO, José. Dentro de Mim Ninguém Entra. Obras de Bispo do Rosário. Fotos de Andrés Otero. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2016. CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008. CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, 1972. CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário de Folclore Brasileiro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Tradução de Vera da Costa e Silva. São Paulo: José Olympio, 2008. CIRILLO, José; GRANDO, Angela. Processo de criação e interações: crítica genética em debate, nas artes performáticas e visuais. Belo Horizonte: C/Arte, 2008. CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de Símbolos. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro, 2005. COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil. 3ª ed., versão ampliada. São Paulo: Quíron, 1984. COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. São Paulo: Amarelis, 2010. COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. 2ª edição. FAPESP: Iluminuras, 1999. CUNHA, Maria Zilda da. Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil. São Paulo: Editora Humanitas; Paulinas, 2009. DANTAS, Marta. Arthur Bispo do Rosário: A Poética do Delírio. São Paulo: Editora UNESP, 2009. DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013. DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. 3ª ed. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002. DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaios acerca das ciências da filosofia da imagem. 6a ed. Tradução de René Eve Lévié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014. ECO, Umberto. A definição de arte. Tradução de José Mendes Ferreira São Paulo: Martins Fontes, 1986. ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011. GOMBRICH, Ernst H. Arte e Ilusão – um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995. GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura Infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Trad. Adelaide La Guardia Resende. 1a. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. JORGE, Marina Soler. Cultura popular, Cultura erudita e Cultura de massa no cinema brasileiro. Revista Cronos, Natal, v. 7, nº 1, 2006. LIMA, Leandro Antonio. Apocalipse com literatura: um estudo sobre a importância da análise da Arte Literária em Apocalipse 12-13/. Orientadora Prof. Dra. Maria Luiza Guarnieri Atik. 2012. 229 f. Tese (Doutorado) Departamento de Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012. LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011. MANGUEL, Alberto. Lendo Imagens. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. MARTIN, Kathleen. O Livro dos símbolos: reflexões sobre Imagens Arquetípicas. Colônia: Taschen, 2012. MASCELANI, Angela. O mundo da arte popular brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009. MIDGLAY, Mary. A presença dos mitos em nossas vidas. Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2014. NADEAU, Maurice. Histórias do Surrealismo. São Paulo: Perspectiva, 2008. OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. 4a ed. Rio de Janeiro: Campus, 1987. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Flores da escrivania: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo, Companhia das Letras, 2016. RAMOS, Arthur. Introdução à Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Ed. CEB. 1947. RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras: São Paulo, 2006. ROCHA, Everaldo (org.). Cultura & Imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de ideias. Rio de Janeiro: Maud, 1998. SANTAELLA, Lucia. Leitura de imagens. São Paulo: Melhoramentos, 2012. TIPPLE, Rebeca Ferreira. A batalha do apocalipse: a apropriação dos mitos bíblicos para a criação de uma narrativa de ficção. Orientação Profa. Dra. Zênia de Faria. 2018, 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Estudos Literários. Universidade Federal de Goiás, 2018. TISKI-FRANCKOWIAK, Irene T. Homem comunicação e cor. 4a ed. São Paulo: Ícone, 2000. TRESIDDER, Jack. O grande livro dos símbolos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. WINENBURGER, Jean-Jacques. O

Imaginário. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007. WOODFORD, Susan. A arte de ver a arte. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

A CRIANÇA E SEU OLHAR ESTÉTICO

Geraldo Augusto Fernandes

Resumo: Em *O Capeta Carybé*, Jorge Amado apresenta ao leitor o amigo e pintor Caribé, o argentino naturalizado brasileiro Hector Julio Paride Bernabó (1911-1997). Num misto de realidade e ficção, a obra é um exemplo de literatura que se preocupa com o lado poético, estético e imaginário da criança. Se a literatura infantil conservadora enxerga no seu público-alvo um ser dependente, já que a criança não possuiria discernimento para captar ou absorver as convenções sociais e mesmo as regras de conceituação sónica, a literatura que alia poeticidade, estética e imaginação respeita a criança como um ser capaz de discernir as nuances da Arte e da Literatura. A dependência aqui aludida é quanto à capacidade de a criança apreender do mundo somente aquilo que o universo do adulto pretende saber dominar. O adulto geralmente se esquece de que foi criança e que a sua verdade não é uma verdade segura. Esquece-se da capacidade criativa, logo, analógica da criança. Ela opera o seu universo da mesma forma que a Arte: por semelhança e tem o signo por representação, e este nem sempre é utilitário, mas, sim, é o seu meio de relativização, é o seu meio de inteligência do mundo. Daí a Arte e a imaginação infantil estarem estritamente conectadas. O estudo restringe-se em analisar, brevemente, como uma literatura voltada para o imaginativo desconstrói a conservadora literatura infantil utilitarista e pedagógica.

Referências: AMADO, Jorge. *O Capeta Carybé*. 2.ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Ed., 1986. (Série Arte para Crianças). BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. Em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1994. BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 197-221. BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam. A leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: EDUC, 2003. CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios, n. 58). JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa. *A leitura e o leitor*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 67-84. PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. *Literatura infantil – Voz da criança*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1998 (Série Princípios, 86). ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1982.

BRANCA DE NEVE NO ESPELHO: REFLEXOS INTERARTES DO CONTO DOS GRIMM NO FILME DE DISNEY E NA PINTURA DE PAULA REGO

Goimar Dantas de Souza

Resumo: A comunicação *Branca de Neve no espelho: reflexos interartes do conto dos Grimm no filme de Disney e na pintura de Paula Rego* tem por objetivo realizar análises comparativas entre os modos como *Branca de Neve*, protagonista do conto de Jacob e Wilhelm Grimm, publicado no século XIX, na obra *Kinder- Und Hausmärchen* (1812), foi recriada pelo cinema de Walt Disney (*Branca de Neve e os Sete Anões*, Hand, 1937) e, por sua vez, como a princesa retratada no filme é reelaborada na série intitulada *Branca de Neve* (1995-1996), da pintora portuguesa Paula Rego (1935-2022). Trata-se de uma investigação que se insere no campo dos Estudos Comparados de Literaturas e que fornece luzes teórico-metodológicas para enveredarmos pelos diálogos entre a literatura e outras artes, suportes ou mídias. Do ponto de vista metodológico, analisaremos a força desse diálogo interartes, com suas semelhanças, diferenças, intertextualidades, inovações, questionamentos e rupturas, lançando luzes sobre o modo como as questões do feminino atravessam a história de *Branca de Neve* nas abordagens dos Grimm, de Disney e de Paula Rego, inseridas nos séculos 19 e 20, perfazendo, portanto, contextos pautados por complexidades e mudanças as mais diversas. Assim, esperamos trazer à tona o modo como as visões do feminino, presentes nesses três trabalhos, podem perpetuar estigmas ou mesmo contribuir para as mudanças sociais no que tange, especificamente, aos papéis que a mulher ocupa na sociedade. Como fundamentação teórica para

realizar este estudo, buscamos auxílio nas pesquisas de Aby Warburg, Jack Zipes, Linda Hutcheon e Maria Tatar.

Referências: ALFARO, Catarina; OLIVEIRA, Leonor. Paula Rego – Contos tradicionais e contos de fadas. Cascais: Fundação D. Luís I – Casa das Histórias Paula Rego, 2018. ARRUDA, Luísa. A representação da figura feminina em Paula Rego. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5206>. Acesso: 5 dez. 2021. _____ . Paula Rego e as realidades imperfeitas. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8304>. Acesso em: 5 dez. 2021. BAKTHIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais. 4ª ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand, William Cottrel, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1937. 83 min, cor. CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada. 4ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. MACKENZIE, Susie. “Don’t flinch, don’t hide”, The Guardian, Londres, 30 de novembro, 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2002/nov/30/art.artsfeatures>. Acesso em 22 abr. 2022. MCEWEN, John. Paula Rego. Phaidon: London, 2006. NITRINI, Sandra. Literatura comparada – História, Teoria e Crítica. 2ª ed, São Paulo: Edusp, 2000. TATAR, Maria. Contos de fadas – Edição comentada e ilustrada. Edição, introdução e notas: Maria Tatar. Trad. Maria Luzia X. de A. Borges. 2ª ed. com. e il. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. WARBURG, Aby. Histórias de fantasma para gente grande. Editora Companhia das Letras, 2015. WILLING, Nick. Paula Rego, Secrets & Stories. Documentário, 2017. Plataforma Vimeo, acesso em 08/12/2021. ZIPES, Jack. The Irresistible Fairy Tale: The Cultural and Social History of a Genre. Princeton: Princeton University Press, 2012.

DEVIR, DEVÊNS, DEVAMOS BRINCAR: A CRIANÇA E A INFÂNCIA NA POESIA DE ADÃO VENTURA

Gustavo Tanus Cesário De Souza

Resumo: A infância está presente na obra do poeta Adão Ventura, nascido em Santo Antônio do Itambé, antigo distrito do Serro, Minas Gerais. Representada tanto em relação aos lugares de sua vivência, quanto ao tempo de sua experiência, é objetivo deste trabalho pensar como o poeta transformou a matéria vivida e a configurou em arte, em imaginar a infância experimentada pela voz poética, e as infâncias possíveis de serem vividas por outras crianças, seus companheiros de brincadeiras e jogos transtemporais. Como uma voz potente na poesia brasileira contemporânea, o poeta compôs versos publicados nos seis livros de poemas, além do livro infantil, Pó-de-mico, Macaco de circo (1985) que ainda não possui nenhuma crítica. Utilizaremos esse livro infantil como metáfora da própria escrita literária, ao mesmo tempo em que ele é possibilitador do devir-criança, bastante representativo de uma das facetas da obra do poeta, para uma leitura brincante de sua obra completa, em cujo brincar serão colocadas as instâncias de leitura como propostas de Arnaldo Xavier, no ensaio “DHA LAMBA À QVIZILA – A BUSCA DHE HVMA EXPRESSÃO LITERÁRIA NEGRA” (1986). Tal devir não significaria regressão a estágios infantis, menos ainda uma imitação de comportamentos dessa fase da vida, mas sim a configuração das potências da criança, em seus comportamentos brincantes, de rapidez, de agilidade, de alegria, em capacidade de percepção poética dos afetos. Como elemento estético que se refere e representa uma das formas de identificação com suas origens, os mais novos são mais do que personagens, mas companheiros de travessuras e travessias.

Referências: BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, Ieda de (Coord). O que é qualidade em ilustração do livro infantil e juvenil? com a palavra o ilustrador. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008. p. 9-24. COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil. História – Teoria – Análise. São Paulo/Brasília: Quíron/INL, 1981. COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil. São Paulo: Quíron, 1985. DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1997. HILLESHEIM, Betina. Entre a literatura e o infantil: uma infância. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2008. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: História e histórias. São Paulo: Ática, 1984. VENTURA, Adão. A cor da pele. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980. VENTURA, Adão. Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul.

Belo Horizonte: Edições Oficina, [1970]. VENTURA, Adão. As musculaturas do arco do triunfo. [Ilustrações de James Scliar]. Belo Horizonte: Comunicação, [1975]. VENTURA, Adão. Jequitinhonha (poemas do vale). Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, 1980. VENTURA, Adão. Jequitinhonha: poemas. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Mulheres Emergentes Edições Alternativas, 1997. VENTURA, Adão. Litanias de cão. Belo Horizonte: Edição do autor, 2002. VENTURA, Adão. Pó-de-mico de macaco de circo. Belo Horizonte: Edição do autor, [198-]. VENTURA, Adão. Texturaafro. Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. XAVIER, Arnaldo. Dha lamba à qvizila – a busca dhe hvma expressão literária negra. In: ALVES, Miriam, CUTI, Luiz Silva, XAVIER, Arnaldo (Org.). Criação crioula, nu elefante branco. São Paulo: Secretaria do Estado de Cultura / Imprensa Oficial, 1986. p. 89-98. ZILBERMAN, Regina. Como e por que ler a literatura infantil brasileira. São Paulo: Objetiva, 2005. ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. Um Brasil para crianças: para conhecer a história da Literatura Infantil Brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986. ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2004.

MATILDA, DE ROALD DAHL, DO LIVRO PARA A TELA CINEMATOGRAFICA: ENCANTO E FRUIÇÃO ESTÉTICA

Isabel Aparecida Mozella Soares e Eliane Aparecida Galvao Ribeiro Ferreira

Resumo: Resumo: O cinema e a literatura relacionam-se desde que o cinema percebeu que tinha um grande potencial para contar histórias. Segundo Mirian Tavares (2006, p. 7), quando o cinema surgiu, a literatura sentiu que “era o instante mesmo da criação, dos desvios, do gozo provocado pelas palavras que ultrapassam o contar”. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a importância do conhecimento de alguns mecanismos utilizados em adaptações de obras literárias para o cinema, considerando que uma arte não substitui a outra, mas se embatem e se influenciam, por meio de diferentes maneiras de contar a mesma história. Por entender que alguns professores, muitas vezes, deixam de trabalhar com narrativas fílmicas adaptadas alegando sua inferioridade em relação ao texto literário, a finalidade é discutir o processo criativo de uma adaptação, não apenas por seu valor estético, mas também pelos temas sociais e emancipatórios que apresentam ao longo de seu enredo. Partindo do pressuposto de que ler um texto literário e assistir à sua adaptação fílmica promovem a humanização e emancipação intelectual, além de atuar como ferramenta de empoderamento social, justifica-se refletir sobre a mediação desses meios de cultura em sala de aula, por meio do debate e da análise comparativa. Para tanto, elegeu-se como objeto de estudo o livro Matilda (2010, 4ª ed.), do autor britânico Roald Dahl, e o filme homônimo dirigido por Danny DeVito (1996). Por se tratar de uma obra de valor estético que já fez parte do acervo PNBE para o Ensino Fundamental II, pretende-se, principalmente, observar como os temas polêmicos, o que Ana Margarida Ramos (2017) chama de “fraturantes”, retratados no livro, são apresentados na adaptação fílmica e se há perda de valor estético da obra original quando observada por outro prisma.

Referências: RAMOS, A. M.; MOURÃO, Sandie; CORTEZ, Maria Teresa (orgs.). Fractures and disruptions in Children’s Literature. UK: Cambrige Scholar Publishing, 2017. TAVARES, Mirian. Cinema e Literatura: desencontros formais. Revista Benfazeja. Disponível em: <http://benfazeja.blogspot.com/2010/03/cinema-e-literatura-desencontros.html>. Acesso em 10/01/2023

LITERATURA JUVENIL: ANÁLISE DA OBRA P.S BEIJEI DE ADRIANA FALCÃO

Karen Lane Silva

Resumo: A literatura de recepção juvenil por estar em sintonia com os aspectos culturais da época em que é produzida, aproxima, cada vez mais, o jovem da literatura. Candido (1995), neste sentido, apresenta-nos que a arte se mostra como um sistema de comunicação inter-humana a qual forma com autor e leitor uma tríade indissolúvel. Sendo assim, faz-se oportuno fornecer ao jovem leitor obras que o aproximem de seu contexto, no entanto, sem perder de vista a estética literária. Para

tanto, a escolha de Adriana Falcão faz-se pertinente, uma vez que se trata de uma escritora brasileira contemporânea, cuja obra é marcada pela multiplicidade de tendências e ganhou destaque no início deste século, especialmente, pela prosa inovadora das histórias que inventa. Com experiência em diferentes áreas de criação, como literatura, teatro, cinema e televisão, sua produção aborda com profundidade e perícia o humor e as questões a ele relacionadas. Dessa forma, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), tal trabalho possui o objetivo de apresentar uma análise da obra P.S Beije (2004), de Falcão. Essa obra foi eleita, pois aborda uma temática bastante cara a essa faixa etária, o primeiro beijo e a descoberta das emoções. Sua narrativa híbrida, desenvolvida a partir de uma troca de e-mails entre duas amigas, configura-se atraente aos jovens, sua linguagem fluida e dinâmica cativa esse público e sua qualidade literária amplia seus horizontes de expectativa (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999). Constrói-se a hipótese de que sua narrativa apresenta potencialidades que podem cativar o jovem à leitura, promovendo, assim, sua reflexão crítica, a humanização e emancipação intelectual, atuando como ferramenta de empoderamento social.

Referências: AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. AZEVEDO, Izabel Cristina de Castro. Hybrid Novel: articulação entre palavra e imagem no romance de Luna Clara & Apolo Onze, de Adriana Falcão. Dissertação (Dissertação em Literatura e Crítica Literária, Departamento de Letras) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016. BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. (1998a) “Parâmetros Curriculares Nacionais, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais” / Secretaria da Educação Fundamental – Brasília – MEC/SEF BRASIL. Casa Civil. Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional. Edições Senado Federal. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2005. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 28 de maio de 2022. BUTLEN, Max. Literatura, literatura para a juventude e valores: da inculcação à interrogação. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 19-38, nov./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/v34n72/0104-4060-er-34-72-19.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2020. CADEMARTORI, Lígia. O que é Literatura Infantil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e Cultura, vol. 24, nº: 9, p. 803-809, 1995. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro – Sala de Leitura, 2011. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. COLOMER, T. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003. COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4.ed. São Paulo: Ática, 1991. CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009. CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria e prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999. EAGLETON, Terry. Fenomenologia, hermenêutica, teoria da recepção. In: Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. ECO, Umberto. Interpretação e superinterpretação. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2012. ECO, Umberto. Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2012. ECO, Umberto. Sobre a literatura. Rio de Janeiro: Record, 2003. FALCÃO, Adriana. P. S. Beije. São Paulo: Salamandra, 2004. FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro. A leitura como convite para o professor reinventar a escola. Curitiba: Hum Publicações, 2016. Coleção Mediações. FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. 2009. 456 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em:<<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/94050>>. FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. A leitura dialógica e a formação do leitor. 2004. 536 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004. FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro.

Prosa poética e dialogia: uma reflexão acerca do leitor. In: CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. *Narrativas juvenis & mediações de leitura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, Assis: ANEP, 2015, p.169-183. GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011. GUIMARÃES, Glaucia. RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Literatura infantil na sociedade multimidiática*. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. no.47 Brasília jan./jun. 2016. ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luis (Org.). *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999. vol.2. ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. vol.1. JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto* In ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola: alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 51-62. LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999. LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. MATSUDA, Alice Atsuko; ZORZATO, Lucila Bassan. *A literatura literária na formação do jovem*. In: Valente, Thiago Alves; Ferreira, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro (org.). *Juventude, sociedade e educação: ação social, extensão universitária*. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2016. ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5. ed. 4. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2001. RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008 SANTOS, Concísia Lopes dos. *Luna Clara e Apolo Onze do arquivo ao repertório: o limiar de uma transcritura em Adriana Falcão*. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. SOUZA, Danilo Fernandes Sampaio. *Literatura Juvenil Premiada: diálogos entre pesquisas acadêmicas, crítica especializada, escola e adolescentes leitores*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2019 SOUZA, Malu Zoega de. *Literatura Juvenil em Questão: aventura e desventura de heróis menores*. São Paulo, Cortez, 2003. SOUZA, Raquel Cristina de A. *ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor*. Tese (Tese em Letras Vernáculas, Departamento de Letras) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio De Janeiro, 2015. ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

AS DESVENTURAS DE “JOÃO E MARIA”, DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA: NOTAS SOBRE LITERATURA INFANTIL E GAMIFICAÇÃO

Rafael da Cruz Freitas

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar as possíveis relações entre o texto literário destinado ao público infantil e as características da gamificação, refletindo sobre como a estrutura de um jogo pode ser aplicada a um não-jogo, neste caso uma obra literária infantil. Para cumprir com o apresentado, neste trabalho se analisará a obra literária "Joões e Marias", de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, ilustrada por Laurent Cardon, observando como as características da gamificação estão postas na obra e como se relacionam com o texto literário, construindo uma releitura da obra "João e Maria", coletada e transcrita da tradição oral pelos Irmãos Grimm. Para realizar tal análise, primeiramente, disserta-se sobre qual é o espaço da Literatura Infantil e seu impacto, relacionando os conceitos de jogo e ambiente de não-jogo, verificando como a gamificação, através características da meta, das regras, feedback e participação voluntária, integram-se ao texto. É possível concluir na análise realizada que o texto literário pode ser compreendido, por suas características, como um ambiente de não-jogo, apesar disso, as características da gamificação podem ser integradas a obra literária infantil como constituintes do texto, tornando a leitura um momento desafiador em que, a partir de diferentes escolhas, o leitor chegará a diferentes desfechos planejados da história de João e Maria.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171 – 193. COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017 HUNT, Peter. Crítica, Teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: O Jogo Como Elemento da Cultura. 4ª ed. São Paulo, SP. Perspectiva, 2000. MCGONIGAL, Jane. A realidade em jogo. Tradução Eduardo Rieche. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

VITALIDADE EM "ANNE DE GREEN GABLES", DE LUCY MAUD MONTGOMERY: UM DIÁLOGO ENTRE A OBRA LITERÁRIA E A ADAPTAÇÃO "ANNE WITH AN "E""

Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos e Eliane Aparecida Galvao Ribeiro Ferreira

Resumo: Este trabalho por objetivo, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), apresentar reflexões sobre a importância da formação do leitor estético, por meio da leitura de obras dotadas de valor estético, em especial do romance "Anne de Green Gables" (2020), de Lucy Maud Montgomery. Como na contemporaneidade a experiência de leitura em âmbito escolar, enquanto processo que assegura a formação do leitor estético, tem-se revelado um desafio (FAILLA, 2020), pretende-se observar a vitalidade (JAUSS, 1994) da obra "Anne de Green Gables" (2020), por meio do diálogo com a adaptação televisiva intitulada "Anne with an "E"" (2017-2019), disponibilizada pelo serviço de streaming Netflix, em parceria com a emissora canadense CBC. Para tanto, busca-se observar se a adaptação da obra em série resultou em produção dotada de valor estético, capaz de cativar o jovem leitor, fomentar e ampliar seu imaginário, bem como despertar seu senso crítico, pelo romper de seus conceitos prévios sobre leitura, relações humanas em sociedade e literatura. Acredita-se que a obra "Anne de Green Gables" (2020), de Montgomery, em diálogo com sua adaptação, permite ao leitor, muitas vezes habituado a uma produção cultural em massa, que visa ao escapismo, ampliar seus horizontes de expectativa (ISER, 1999), inclusive sobre a produção literária juvenil. Justifica-se a eleição da obra devido ao fenômeno de consumo causado pelo seriado "Anne with an "E"" (2017-2019), que fez com que a obra voltasse ao mercado editorial brasileiro e desse início a debates e reflexões sobre a vitalidade do cânone canadense.

Referências: FAILLA, Zoara (org.). Retratos da leitura no Brasil 5. Rio de Janeiro: Sextante, 2020. ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, vol. 1. ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, vol. 2. JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. MONTGOMERY, Lucy Maud. Anne de Green Gables. Trad. Márcia Soares Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA LOBATIANAS EM A CHAVE DO TAMANHO (1942)

Thiago Alves Valente

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo retomar alguns aspectos dos estudos sobre o escritor Monteiro Lobato (1882-1948), mais especificamente, sobre sua obra direcionada ao público infantil, com destaque para A chave do tamanho (LOBATO, 1942), livro publicado em 1942. A opção do objeto de análise se justifica frente a movimentações sociais mais recentes em torno de temas que colocam Lobato no centro de debates a respeito da adequação de sua obra para crianças de nosso tempo. Diante desse quadro, pretendemos, em primeiro lugar, apontar elementos textuais ainda relevantes para a formação de leitores infantis no ambiente escolar, bem como para desdobramentos temáticos propiciados pela obra em questão. Como decorrência desses elementos estruturais e estéticos de sua obra, incluindo os temas nela presentes, buscamos elucidar, por meio de análise contextual tanto das relações do autor com seu contexto imediato quanto da obra no interior de sua produção (PASSIANI, 2001), a atualidade do texto para os leitores infantis do século XXI. Atualidade gerada por dois assuntos que sustentam a trama narrativa do início ao fim: o papel da ciência para as sociedades modernas e pós-modernas e as representações dos arranjos políticos brasileiros (ALMEIDA, 2011). Para isso, a análise atenta para as representações da ciência e de suas tecnologias, conforme parâmetros da primeira metade do século XX, correlacionando as discussões realizadas pelos

personagens a concepções e ideologias ainda pertinentes como material de debate para com as novas gerações.

Referências: ALMEIDA, Simão Farias. Monteiro Lobato e a problemática da nação: um projeto dialógico e negociado. João Pessoa: Ideia, 2011. LOBATO, Monteiro. A chave do tamanho. 2. ed. Ilustr. J. U. Campos. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. 161p. Série 1, v.33.(Biblioteca Pedagógica Brasileira). PASSIANI, Enio. Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. USP/FFLCH, 2001. 227p. Dissertação de Mestrado.

QUENTIN BLAKE E ROALD DAHL: INTERLOCUÇÃO ENTRE TEXTOS VERBAL E VISUAL EM REVOLTING RHYMES

Valquiria Pereira Alcantara

Resumo: Quentin Blake é um ilustrador reconhecido que trabalhou em parceria com Roald Dahl por vários anos. Seus traços ágeis e cômicos dialogam com o texto preciso, bem-humorado e também ágil de Dahl compondo um conjunto rico em camadas percebidas por diferentes leitores. O objetivo desse trabalho é analisar como o texto visual de Quentin Blake estabelece interlocução com o texto verbal de *Revolting Rhymes*, de Roald Dahl, em língua inglesa e a respectiva tradução de Luciano Vieira Machado. Também é relevante observar como o texto dahliano dialoga hipertextualmente com os textos considerados canônicos na literatura infantil. Para o desenvolvimento desse trabalho levamos em conta os estudos de Sophie Van der Linden (2011) a respeito do livro ilustrado observando as relações estabelecidas entre o texto visual e ambos os textos verbais – em inglês e português. Ademais, na medida em que *Revolting Rhymes* constitui uma atualização bem-humorada de contos de fada, apontamos relações hipertextuais, segundo o ponto de vista de Genette (1997), sempre que pertinente. Como resultado da análise esperamos obter uma melhor compreensão da contribuição oferecida pelos textos verbal e visual para a construção dos sentidos em *Revolting Rhymes* bem como de possíveis relações hipertextuais com os textos canônicos. Considerando que os contos de fada são frequentemente atualizados em releituras e traduções, a análise que propomos pode contribuir para a compreensão de como se articulam diferentes sentidos em uma obra voltada para o público infantil em interlocução com textos tradicionais. Dessa forma esperamos que nosso trabalho possa dialogar simultaneamente com as áreas de Literatura Infantil e Estudos da Tradução.

Referências: ALCANTARA, V. P. Roald Dahl: estudo comparativo de “Chapeuzinho Vermelho e o lobo” em língua inglesa e as traduções para o português. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. AUBERT, Francis H. “Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida- revendo a ferramenta de análise.” In: NITRINI, Sandra (org.) Revista Literatura e Sociedade. nº 9. São Paulo: Humanitas. 2006, p. 60-69. Contos de Fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Apresentação de Ana Maria Machado, tradução Maria Luiza Xavier de Almeida Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2010. DAHL, Roald. Historinhas em versos perversos. Ilust. Quentin Blake. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Salamandra/ Moderna, 2007. _____. *Revolting Rhymes*. Illustrated by Quentin Blake. London: Puffin Books, 2001 Genette, G. *Palimpsests: literature in the second degree*. Translated by Channa Newman and Claude Doubinsky. Lincoln/ London: The University of Nebraska Press, 1997. GRIMM, Jacob & GRIMM, Wilhelm. Contos maravilhosos infantis e domésticos. (tomo 1). Trad. Christine Röhrig, Ilust. J. Borges. Apres. Marcus Mazzari. São Paulo: Cosac Naify, 2012. JACOBS, Joseph. *English Fairy Tales*. With illustrations by John Batten. London: Everyman’s Library, 1993. LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado. trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SIMPÓSIO “O HORROR TOMA FORMAS: O INSÓLITO E A FANTASIA EM DIFERENTES MÍDIAS”

Claudia Cristina Ferreira (UEL) e Sabrina Moura Aragão (UFSC)

DE FEMME FATALE A DONZELA EM PERIGO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E O HORROR NO MITO DO VAMPIRO

Ana Clara De Carvalho Brito

Resumo: Uma das figuras místicas de maior versatilidade, o vampiro, na literatura, é herança das histórias folclóricas narradas oralmente. Ao longo dos séculos, a imagem do sugador de sangue vem sofrendo diversas transformações e ganhando novos contornos e características específicas de seu tempo, o que envolve e seduz leitoras e leitores, especialmente devido à exposição de elementos sobrenaturais muito associados ao horror, à fantasia e ao insólito. É notável, portanto, que algumas tendências são adotadas por autores nas narrativas vampírescas, como a caracterização do predador, a criatura que gera fascínio pelo mistério que sua imagem apresenta, como homem, e a construção da imagem feminina como donzela, virgem, frágil e pueril - ainda que a primeira vampira da história, Carmilla, de Sheridan Le Fanu, seja a representação da Femme Fatale. Por isso, propõe-se uma discussão sobre o horror e a representação do feminino na literatura que se apropriou do mito do vampiro. Os elementos fantásticos associados à imagem do sugador de sangue serão analisados, com o intuito de problematizar a imagem feminina criada nessas histórias e propor uma reflexão sobre o que tanto atrai os leitores nessas narrativas. Obras pioneiras - indicadas nas referências - terão foco específico, uma vez que oferecem material para discussão e debate, não só por apresentarem um panorama geral sobre as mudanças da representação do vampiro na literatura, mas também por sua recepção significativa em meio ao público leitor. Desse modo, será possível entender o impacto do horror, do insólito e da fantasia no mito do vampiro, e mapear as características sobrenaturais que geram conflitos morais - como a dieta baseada em sangue (que pode ser humano ou não) - para investigar a importância do sugador de sangue como figura mística e fantástica, que, apesar de não fazer parte da realidade factual, está muito presente na literatura.

Referências: ARGEL, Marta; NETO, Humberto Moura. O Vampiro antes de Drácula. São Paulo: Aleph, 2008. LE FANU, Sheridan. Carmilla: A vampira de Karnstein. São Paulo: Via Leitura, 2018. MEYER, Stephenie. Crepúsculo. Tradução de Ryta Vinagre. 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009. _____. Crepúsculo: edição especial de aniversário de 10 anos. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. _____. Sol da meia-noite. Tradução Carolina Rodrigues {et al.}. 1. Ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. PALEÓLOGO, Diego. A produção de um vampiro contemporâneo: identidade, diferença e alteridade nas representações do vampiro, 2011. POLIDORI, John. O Vampiro. In. ARGEL, Martha; MOURA NETO, Humberto. O vampiro antes de Drácula. São Paulo: Aleph, 2008. RICE, Anne. Entrevista com o vampiro. Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. STOKER, Bram. Drácula. Tradução Alexandre Barbosa de Souza. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017. TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. 5ª ed. - São Paulo: Perspectiva, 2011.

O INCOMUM NA FICÇÃO DE MURILO RUBIÃO: A RELAÇÃO DO FANTÁSTICO E DO MEDO NO CONTO “O BLOQUEIO”

Antônia Marly M da Silva

Resumo: A narrativa de Murilo Rubião é notadamente reconhecida pela técnica e engenhosidade com que o escritor investiu em marcas próprias do fantástico. O estatuto da incerteza que alicerça o relato fantástico, tal como concebe Bessière (2012), constitui ponto fulcral na composição de sua produção ficcional. No confronto entre o comum e o incomum, entre o estranho e o familiar impõe-se a indeterminação dos fatos narrados. No conto “O bloqueio”, integrante da obra O convidado (1974), é sob o signo da ambiguidade que o insólito e o inverossímil se alojam. Trata-se da história de Gérion, um novo morador em um apartamento recém-construído, lugar destacado pela anormalidade de intensos barulhos durante a madrugada. Na narrativa, no trânsito entre o sonho e a vigília, entre a luz e a escuridão, o desesperado protagonista se depara com a desconstrução gradual do prédio em que mora. Entre o susto e o temor, o protagonista acompanha a máquina na “impiedosa tarefa” da desconstrução do edifício. O sentimento de medo diante do desconhecido potencializa o efeito do fantástico. Na ação do personagem, o temor emerge do estranhamento provocado pelo cenário aterrorizante provocado pela máquina, elemento que desestabiliza e ameaça a ordem natural das coisas. A realidade coaduna com o posicionamento de Roas (2014, p. 138) sobre a relação do fantástico com o medo. Na visão do autor, “o fenômeno fantástico supõe uma alteração do mundo familiar do leitor” e, como consequência disso, “não cabe outra reação senão o medo”. Sob tal perspectiva, faremos uma análise do referido conto, à luz dos postulados de

Roas (2014, 2011), Bessière (2012), Ceserani (2006) e Campra (2001) sobre o fantástico, bem como a visão de Tuan (2005), Delumeau (2009), Lovecraft (2006) e França (2017, 2020) sobre o medo, entre outros.

Referências: CAMPRA, R. Lo fantástico: una isotopía de la transgresión. In: ROAS, D. (org.). Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, 2001. CESERANI, Remo. O fantástico. Curitiba: Editora UFPR, 2006. FRANÇA, Júlio. (Org). Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920). Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. GARCIA, Flávio; FRANÇA, Júlio; PINTO, Marcello de Oliveira. (Orgs). As arquiteturas do medo e o insólito ficcional. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013. LOVECRAFT, H. P. O horror sobrenatural na literatura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. ROAS, David. Tras los limites de lo real: uma definição de lo fantástico. Madrid: Páginas de Espuma, S. L, 2011. ROAS, David. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. São Paulo: Editora da UNESP, 2014. ROAS, David (Org.) Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, S. L. 2001. RUBIÃO, Murilo. O convidado. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988. TUAN, Yi-fu. Paisagens do medo. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESO, 2005.

QUEM SEGURA AS RÉDEAS, O LEMO E OS REMOS? A VERDADE (DES)VELADA: (IN)VISIBILIDADE E PROTAGONISMO FEMININOS NA CONTÍSTICA CONTEMPORÂNEA LATINO-AMERICANA

Claudia Cristina Ferreira

Resumo: O boom da literatura latino-americana colocou a produção literária produzida nesse cenário sob o holofote, divulgando e disseminando a produção e o nome de autores antes desconhecidos. Atualmente, evidenciamos o lugar conquistado, a duras penas, por autoras latino-americanas, sendo conhecidas, lidas e, portanto, tendo seu trabalho validado, abrindo espaços para as que outrora foram inviabilizadas, apagadas da história ou esquecidas. O fantástico acolhe a todos(as) e, conseqüentemente, possibilita que temas, personagens e autores não canônicos ou deixados à margem possam ser ouvidos, lidos e (re)conhecidos. Temáticas de verve crítico-sociais são contempladas à luz do insólito ficcional, especialmente, pelo horror social. Recurso artístico que vai além dos objetivos estéticos ou de deleite artístico/intelectual, o fantástico visa a humanizar, impactar e, sobretudo, denunciar, conscientizar e fomentar a criticidade e a reflexão. Do tradicional (CASTEX, 1951; TODOROV, 1975) ao contemporâneo (ALAZRAKI, 2001; ROAS, 2001, 2011; TREVISAN, 2019), podemos constatar as mudanças e a diversidade do fantástico e suas categorias (MATANGRANO; TAVARES, 2019). Neste trabalho, temos o escopo de apresentar um mapeamento da mulher em narrativas contemporâneas latino-americanas e analisar três contos sob a perspectiva do protagonismo feminino (PAULA JÚNIOR, 2011), explicitando temas, características e perfis presentes nesse gênero literário. A título de conclusão, destacamos que antes a pena era de domínio exclusivamente masculino, o que já não mais acontece, pois a mulher tem assumido papel principal (protagonismo ficcional e protagonismo autoral) em muitas narrativas (romances, novelas e contos). Ressaltamos que o protagonismo feminino no âmbito da literatura tem sido influenciado por dois fatores: a mulher tem conquistado mais espaço social, o que também acaba refletindo no contexto literário; e a maior circulação do texto literário (GALLEGO CUIÑAS, 2020), como através da internet e redes sociais, tem contribuído para muitas saírem do anonimato e comporem o cânone.

Referências: ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo neofantástico? In: ROAS, David (org.). Teorías de lo Fantástico. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001. 265-282. BATALHA, Maria Cristina (org). O fantástico brasileiro. Contos esquecidos. Rio de Janeiro: Caetés, 2011. BESSIÈRE, I. Le récit fantastique. La poétique de l'incertain. Paris: Larousse, 1974. BESSIÈRE, Irene. El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza. In: ROAS, David (org.). Teorías de lo Fantástico. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001. 83-104. BORGES, Jorge. Luis; CASARES, Adolfo Bioy; OCAMPO, Silvina. Antología de la literatura fantástica. 5.ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2009. BOSI, Alfredo. O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1975. BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. BOWERS, Maggie Ann. Magic(al) Realism. Nova Iorque: Routledge, 2004. BROOKE-ROSE, Christine, A rhetoric of the unreal: studies in narrative and structure, specially of the fantastic. Cambridge: Cambridge University Presse, 1981. CAMARANI, Ana Luiza Silva. A literatura fantástica: caminhos

teóricos. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014. CAMARGO, Flávio Pereira; CRUVINEL, Larissa Warzocha F.; RIBEIRO, Renata Rocha (Org.). Literatura brasileira contemporânea. Leituras diversas. Curitiba: Appris, 2017. CAMPRA, R. Lo fantástico: una isotopía de la transgresión. In: ROAS, David. (org.). Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, 2001. CAMPRA, Rosalba. Los silencios del texto en la literatura fantástica. In: MORILLAS, Enriqueta. El relato fantástico en España e Hispanoamérica. Madrid: Siruela y Sociedad Estatal Quinto Centenario, 1991. p. 56-95. CAMPRA, Rosalba. Territorios de la ficción. Lo fantástico. Sevilla: Iluminaciones, 2008. CARROLL, Noël. A filosofia do horror ou Paradoxos do coração. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, São Paulo: 1999. CASTEX, Pierre-Georges. Le conte fantastique en France: de Nodier à Maupassant. Paris: José Corti, 1951. CESERANI, Remo. O fantástico. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: UFPR, 2006. CHIAMPI, Irlemar. O realismo maravilhoso. São Paulo: Perspectiva, 1980. COVIZZI, Lenira Marques. O insólito em Guimarães Rosa e Borges. São Paulo: Ática, 1978. CUNHA, Maria Zilda da; MENNA, Lígia. Fantástico e seus arredores: figurações do insólito. São Paulo: FFLCH, 2017. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2021. DALEMBERT, Louis Philippe. Espaços do imaginário latino-americano: o real maravilhoso de Alejo Carpentier. Trad. de André Mitidieri e Rodrigo dos Santos Mota. In: SILVA, Denise Almeida (Org.). Poéticas do espaço, geografias simbólicas, Frederico Westphalen Editora da URI, 2013. p. 61-76. ESTEVES, Antonio, FIGUEIREDO, Eurídice. Realismo Mágico e Realismo Maravilhoso. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). Conceitos de literatura e cultura. Niterói RJ/Juiz de Fora MG: EDUFF/UFJF, 2012. p. 393-413. FERNÁNDEZ, Teodosio. Lo real maravilloso de América y la literatura fantástica. In: MORILLAS VENTURA, Enriqueta (org.). El relato fantástico en España e Hispanoamérica. Madrid: Sociedad Estatal Quinto Centenario, 1991. p. 37-47. FRANÇA, Júlio. (Org.). Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920). Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. FURTADO, Filipe. A construção do fantástico na narrativa. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. GAMA-KHALIL, Marisa Martins. Os inquietantes e insólitos anjos latino-americanos Número temático: Vertentes do insólito nas literaturas das Américas. In: HONORES VÁSQUEZ, Elton; GARCÍA, Flavio; OLIVEIRA, Jurema (Org.). A Cor das Letras — UEFS, n. 15, 2014. p. 119-138. GALLEGO CUIÑAS, Ana. Las novelas argentinas del siglo 21: nuevos modos de 40 producción, circulación y recepción. Switzerland: Peter Lang US, 2020. GARCIA, Flavio. O 'insólito' na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: GARCIA, Flavio (Org.). A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p.11-22. GARCIA, Flavio. Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária. In: GARCIA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina (Orgs.). Vertentes teóricas do insólito. Rio de Janeiro: Caetés, 2012. p. 13-29. GARCÍA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina (Orgs.). Vertentes teóricas e ficcionais do insólito. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012. GARCIA, Flavio; BATISTA, Angélica Maria Santana. Dos fantásticos ao fantástico: um percurso por teorias do gênero. SOLETRAS, São Gonçalo, n. 10, p. 107-115, jul./dez., 2005. GARCIA, Flávio; FRANÇA, Júlio; PINTO, Marcello de Oliveira. (Orgs.). As arquiteturas do medo e o insólito ficcional. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013. HONORES VÁSQUEZ, Elton (Coord.). Lo fantástico en Hispanoamérica. Lima: Cuerpo de la metáfora, 2011. KRIEGER, Heidrun. Insólito: um termo relacional. In: GARCIA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina (Orgs.). Vertentes teóricas do insólito. Rio de Janeiro: Caetés, 2012. p. 39-46. LÓPEZ-PELLISA, T. (ed.). Las otras: antología de mujeres artificiales. España: Eolas Ediciones, 2018. LÓPEZ-PELLISA, T.; RUIZ GARZÓN, R. (eds.) Insólitas: narradoras de lo fantástico en latinoamérica y España. Madrid: Páginas de Espuma, 2019. LOVECRAFT, H. P. O horror sobrenatural na literatura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. MATANGRANO, Bruno Anselmi. Quatro vezes à margem: Contos fantásticos de mulheres latino-americanas. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; KNAPP, Cristina Löff (Orgs.). Contos insólitos de mulheres latino-americanas: entrelaçados teóricos e críticos. Caxias do Sul, RS: EducS, 2021. p. 11-18. MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. Fantástico brasileiro. O insólito literário do Romantismo ao Fantatismo. Curitiba: Arte & Letra, 2019. MAZZUTTI, Luciana Helena Cajas; MITIDIERI, André Luís. Expressões conceituais do insólito no espaço literário sul-americano. Signo, jul./dez de 2015. PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. O fantástico feminino nos contos de três escritoras brasileiras. 2011. 216 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba,

João Pessoa. PENTEADO, Jacob. O conto fantástico. In: PENTEADO, Jacob (Org.). Obras primas do conto fantástico. São Paulo: Martins, 1961. PEREIRA, Helena Bonito (Org.). Ficção brasileira no século XXI. Narrativas em mutação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019. PRADA OROPEZA, Renato. El discurso fantástico contemporáneo: tensión semántica y efecto estético. *Semiosis*. México, n. 3, p. 53-76, 2006. ROAS, David. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. São Paulo: Editora Unesp, 2014. ROAS, David. Em torno a uma teoria sobre o medo e o fantástico. Trad. de Lara D'Onofrio Longo. In: VOLOBUEF, Karin; WIMMER, Norma; ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera. Vertentes do fantástico na literatura. São Paulo: Annablume; Fapesp: Unesp Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2012. p. 117-142. ROAS, David. La amenaza de lo fantástico. In: ROAS, David. (Org.). Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros S. L., 2001. p. 7-44. ROAS, David. La risa grotesca y lo fantástico. In: ANDRADE, Pilar; GIMBER, Arno; GOICOECHEA (Orgs.). Espacios y tiempos de lo fantástico. Hamburger: Peter Lang, 2010. P. 17-30. ROAS, David. Tras los límites de lo real. Una definición de lo fantástico. Madrid: Páginas de Espuma, 2011. ROAS, David (Org.) Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, S. L. 2001. RODRIGUES, Selma Calasans. No labirinto do fantástico. Babilônia. Revista lusófona de línguas, culturas e traduções, Lisboa, n. 1, p. 95-102, 2003. RODRIGUES, Selma Calasans. O fantástico. São Paulo: Ática, 1988. SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.13. TAVARES, Bráulio. Nas periferias do real ou O fantástico e seus arredores. In: TAVARES, Bráulio (Org.). Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 7- 18. TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica. In: TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1969 (Debates, 14). p. 147-166. TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Trad. de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 1975. TOFANELO, Gabriela Fonseca. A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina. 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>> Acesos em: 15 mar. 2021. TREVISAN, Ana Lúcia. Imagens do insólito e do maravilhoso: construções da historicidade na literatura hispano-americana. A Cor das Letras. 2017. 15(1). p. 11-27. TREVISAN, Ana Lúcia. O espelho fragmentado de Carlos Fuentes. Literatura e história em Terra Nostra. São Paulo: Editora Mackenzie/Mack Pesquisa, 2008. TREVISAN, Ana Lúcia; ATIK, Maria Luiza Guarnieri. Narrativas insólitas ou realidades possíveis. São Paulo: Todas as Musas, 2019. TUAN, Yi-fu. Paisagens do medo. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESO, 2005. VAX, Louis. A arte e a literatura fantásticas. Trad. João Costa. Lisboa: Arcádia, 1972. VOLOBUEF, Karin; ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera; WIMMER, Norma (Orgs.). Dimensões do fantástico, mítico e maravilhoso. Araraquara: FCK-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. VOLOBUEF, Karin; WIMMER, Norma; ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera. Vertentes do fantástico na literatura. São Paulo: Annablume; Fapesp: Unesp Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2012.

O HORROR ARTÍSTICO N'OS SERTÕES: OS ESPAÇOS NARRATIVOS

Hélder Brinate Castro

Resumo: Os sertões (1902), de Euclides da Cunha, são um livro sobre o horror. O horror de um narrador que se une a distintas personagens e com elas sofre as dores decorrentes da seca, da batalha e da civilização. A emoção do horror, nas páginas da obra-prima euclidiana, não está presente apenas episodicamente, mas se impregna nos elementos da narrativa de forma a compor uma obra em que a violência e o sofrimento destacam-se. O horror emana, pois, dos espaços, das personagens, do enredo, do tempo e do narrador, os quais conformam um texto assombrador, cuja intensidade emocional afeta visceralmente o leitor, que experimenta o horror como efeito de recepção. O livro vingador de Euclides constitui, nesse sentido, uma obra por meio da qual podemos experimentar o horror artístico. Assim, na esteira de pesquisas que averiguam a manifestação do medo, do horror, do terror, do gótico etc. na literatura brasileira, objetivamos investigar como a emoção do horror artístico é explorada e produzida pelo narrador euclidiano, que, ao se consorciar com diferentes personagens, permite a escrita de uma narrativa multiperspectivada. Debruçar-nos-emos, mais especificamente, sobre o espaço narrativo, investigando como as paisagens da seca, da guerra e da destruição contribuem para engendrar o horror artístico.

Referências: CARROLL, Noël. A filosofia do horror ou paradoxos do coração. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1999. CUNHA, Euclides. Os Sertões. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985. HILLS, Matt. An Event-Based Definition of Art-Horror. In: SCHNEIDER, Steven Jay; SHAW, Daniel. Dark Thoughts: Philosophic Reflections on Cinematic Horror. Lahan: The Scarecrow Press, 2003. p. 138-157. KNIGHT, Deborah; MCKNIGHT, George. American Psycho: Horror, Satire, Aesthetics, and Identification. In: SCHNEIDER, Steven Jay; SHAW, Daniel. Dark Thoughts: Philosophic Reflections on Cinematic Horror. Lahan: The Scarecrow Press, 2003. p. 212-229. NICKEL, Philip J. Horror and the Idea of Everyday Life: On Skeptical Threats in Psycho and The Birds. In: FAHY, Thomas (Ed.). The Philosophy of Horror. Lexington: University Press of Kentucky, 2010. p. 14-32. RUSSELL, David J. Monster Roundup: Reintegrating the Horror Genre. In: BROWNE, Nick (Ed.). Refiguring American film genres: history and theory. Los Angeles: University of California Press, 1998. p. 233-254. SOUZA, Ronaldo de Melo e. A Geopoética de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. TUAN, Yi-Fu. Paisagens do medo. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

A ESPECULAÇÃO COMO HORROR: O TERROR DE DAN SIMMONS E A SÉRIE THE TERROR

Júlia Cristina Valero Souza

Resumo: Em 1845, Sir John Franklin, a mando da coroa britânica, partiu numa expedição com o objetivo de encontrar e atravessar a única seção da Passagem do Noroeste – passagem marítima que ligaria o oceano Atlântico ao Pacífico – que ainda era desconhecida. A campanha exploratória que recebeu seu nome tinha a previsão de durar três anos. Apesar de ter um objetivo relativamente simples, os dois navios, HMS Erebus e HMS Terror, assim como seus 128 tripulantes, desapareceram no Ártico, e o que aconteceu na expedição permanece um mistério. A história da malsucedida expedição Franklin inspirou, desde meados do século XIX, diversas obras literárias – tanto de ficção como de não-ficção – e teatrais, tendo, por fim, servido como a inspiração para o livro “O Terror”, de Dan Simmons. A obra de Simmons, que busca recriar os eventos da desastrosa viagem de maneira ficcional dentro do gênero de terror, deu origem, em 2018, à série de mesmo nome. Diante disso, o presente trabalho busca analisar como o horror – tanto na obra literária de Simmons quanto na sua transcrição fílmica – é construído a partir da especulação, uma vez que o que ocorreu na expedição é, ainda hoje, desconhecido. Para tal, será analisada, à luz do conceito de transcrição, de Haroldo de Campos, a obra “O Terror”, e como os relatos de não-ficção são transformados em aspectos de ficção especulativa do gênero terror. Num segundo momento, serão analisados os episódios da série “The Terror”, com o objetivo de perceber e explicitar como os elementos do horror e significados contidos na obra de Simmons são traduzidos e recriados na linguagem cinematográfica.

Referências: CAMPOS, Haroldo de. Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015. HUTCHINSON, Gillian. Sir John Franklin’s Erebus and Terror Expedition: Lost and Found. Londres: Adlard Coles, 2017. SIMMONS, Dan. O Terror. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. THE Terror. Criação de David Kajganich. Estados Unidos: AMC, 2018-. son., color. Série exibida pela Amazon Prime. Acesso em: 27 jun. 2022. WATSON, Paul. Ice Ghosts – The Epic Hunt for the Lost Franklin Expedition. Nova York: W. W. Norton & Company, 2017.

(SOBRE)VIVÊNCIA: UMA ANÁLISE DO HORROR E RACISMO PRESENTES NO FILME CORRA!, DE JORDAN PEELE, E NO CONTO A FLORESTA, DE CAROL DERMOND

Julia D'Auria Antuniassi

Resumo: O gênero horror pode ser verificado em diversas manifestações artísticas: obras literárias e fílmicas, pinturas, músicas, jogos de videogame, entre outras. Este gênero passou por transformações ao longo do tempo, se adaptando e se reinventando de acordo com a época, a cultura e as crenças de um determinado grupo. Além disso, o horror é comumente utilizado para discutir questões caras à sociedade, trazendo à tona críticas sociais permeadas por estratégias típicas do gênero, como tensão, repulsa, incômodo e medo. O presente trabalho tem por objetivo traçar uma análise comparativa entre duas obras em que o horror se faz presente: o filme Corra! (2017), do diretor Jordan Peele, e o conto A floresta (2020), da autora Carol Dermond, publicado na

coletânea Afrohorror - medos ancestrais. Ambas as obras, fílmica e literária, trazem o horror como pano de fundo para abordar o racismo presente na sociedade contemporânea, tanto no contexto estadunidense quanto no brasileiro. A partir de uma análise pormenorizada, é possível perceber o medo constante que as personagens negras sentem ao serem vistas como “o outro” em uma sociedade moldada pela supremacia branca. Chris e Ana, os protagonistas, saem da segurança de suas casas para enfrentar um mundo repleto de comportamentos discriminatórios, lidando com o racismo estrutural e com pessoas decididas a explorar seus corpos de forma cruel e violenta. Para este estudo, buscar-se-á apoio em teorias que versam sobre o tema do horror como crítica social (CARROLL, 1999; FRANÇA, 2008; MARKENDORF; RIPOLL, 2017), além de teóricos que se debruçam sobre o insólito ficcional (ALAZRAKI, 2001; ROAS, 2014). Em suma, as obras selecionadas para análise são permeadas pelo horror e pela violência que é manifestada por monstros reais, como o racismo e a supremacia branca, transpassando os limites entre ficção e realidade.

Referências: ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo Neofantástico? In: ROAS, David (Org.) Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 265-282. CARROLL, Noël. A filosofia do horror ou Paradoxo do coração. Campinas: Papirus, 1999. FRANÇA, Júlio. O horror na ficção literária: Reflexão sobre o “horível” como uma categoria estética. XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências, 13-17 de Julho de 2008. MARKENDORF, Marcio; RIPOLL, Leonardo (org.). Expressões do horror: escritos sobre cinema de horror contemporâneo. Florianópolis: Biblioteca Universitária, 2017. ROAS, David. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.

O CHAMADO DE CTHULHU: FANTÁSTICO, HORROR CÓSMICO E RACISMO NA OBRA DE LOVECRAFT.

Karla Yanara Barbosa Simião

Resumo: O escritor estadunidense H.P. Lovecraft foi um dos precursores da Literatura Fantástica, ao lado de nomes como Edgar Allan Poe, autor de O poço e o pêndulo (1842), e Washington Irving, que escreveu a obra atemporal A lenda do cavaleiro sem cabeça (1820). Os escritos de Lovecraft ajudaram a revolucionar a forma como vemos a Literatura Fantástica, o horror cósmico e o sobrenatural, fazendo com que o autor se tornasse um dos mais influentes do gênero. O autor conseguiu, a partir de suas obras com características marcantes e enredos inigualáveis, servir de inspiração para adaptações de suas obras para jogos, filmes e séries de televisão como Doctor Who (BBC) e Lovecraft Country (HBO), se fazendo cada vez mais presente nas mídias atuais, além de ter inspirado outras obras literárias e diversas histórias em quadrinhos. Um de seus contos mais conhecidos, O Chamado de Cthulhu (1926), será o conto-alvo neste artigo que tem como objetivo evidenciar e analisar os elementos que constituem o horror cósmico e o fantástico na obra, além de analisar a estrutura do conto; para além disso é pretendido, também, fazer um debate breve acerca do racismo presente na obra. Infelizmente, o racismo também se faz presente em outras obras de Lovecraft como Horror em Red Hook (1925) e Herbert West: Reanimator (1922).

Referências: FREITAS, Luis Otávio Canevazzi. Miscigenação, racismo e fim do mundo na literatura fantástica de H.P. Lovecraft. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. GAMA-KHALIL, M. M. O espaço do fantástico como leitor das diferenças sociais: uma leitura de “O homem cuja orelha cresceu”. O eixo e a roda: Revista de literatura brasileira, Belo Horizonte, v. 17, p. 89-102, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3299>. Acesso em: 18 julho 2022. HOWELS, William Dean. The Great Modern American Stories. Boni and Liveright, INC. Estados Unidos, 1920. LOVECRAFT, H.P. O chamado de Cthulhu e outros contos. Principis, 2020. E-book Kindle. LOVECRAFT, H.P. O horror sobrenatural em Literatura. Iluminuras. São Paulo, 2008. PEDRA, L. C. N. (2013). A construção do fantástico na literatura. Revista Conhecimento Online, 1. <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.232> TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. Premia Editora de Livros S.A, 1981.

VILANIA E BONDADE: AS AMBIGUIDADES PRESENTES NOS VILÕES DE NARUTO

Letícia Veiga Castello Branco

Resumo: Com a emergência das tecnologias digitais, surge também um novo público leitor. Nesse contexto, os mangás conseguem se popularizar e expandir as fronteiras de seu surgimento até atingir a cultura ocidental. Essa mídia consiste em histórias em quadrinhos japonesas que abarcam temas diversos de acordo com o público a qual é destinado. A obra em mangá *Naruto* (1999), de Masashi Kishimoto, é destinada a jovens e adultos e traz em seu enredo uma mescla da mitologia japonesa com questões de exclusão social que envolvem o cotidiano de suas personagens. O seu enredo foca na personagem, *Naruto*, e em seu desejo de superação quanto a sua posição de excluído, em que ele visa tornar-se um ninja relevante dentro de sua vila e criar laços importantes com seus amigos. Para isso, ele passa por situações complicadas ao longo da obra que trazem vilões com diferentes objetivos. O fantástico está atrelado à conexão entre o leitor e as personagens, e é a sua percepção ambígua dos fatos que possibilita que ocorra a identificação com esses elementos (TODOROV, 2004). No mangá discutido, a mitologia japonesa exerce esse papel, ao guiar o leitor em uma narrativa em que o bem e o mal são ambíguos; para isso, a narrativa é centrada na trajetória de *Naruto*, mesmo assim os vilões ganham destaque e popularidade, a ponto de suas narrativas de vida serem exploradas. O estudo tem como foco analisar os personagens *Pain* e *Itachi*. Já que esses personagens são vilões que visam a destruição em massa e o controle populacional. Porém, eles são importantes devido às dimensões psicológicas abordadas como abandono familiar e disputas de poder, temas chaves da vida deles. Desse modo, propõe-se discutir brevemente a identificação que o leitor possui com as imagens vilanescas de *Naruto* ao gerar empatia em relações com suas vivências.

Referências: EISNER, Will. *Narrativas gráficas*. São Paulo: Devir, 2005. KISHIMOTO, Masashi. *Naruto Gold*. 1ª Edição. São Paulo: Panini, 2015. KUMMERLING-MEIBAUER, Bettina. "Women in "Manga/Comics Hybrids in Picturebooks". In: *Mangá's Cultural Crossroads*. Nova York: Routledge, 2013. MCCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. [Tradução de Helcio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro]. São Paulo: Makron Books, 1995. TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

O HORROR COMO EXPERIÊNCIA COLETIVA: CREEPYPASTAS E O CASO PETSCOP

Lucas Laurentino de Oliveira

Resumo: As histórias de horror estão intimamente ligadas a construção de comunidades. Mais do que qualquer outro gênero, o horror é coletivamente experienciado. Prova disso é a imagem típica de um grupo reunido em volta da fogueira para contar casos de fantasmas, demônios e outros seres fantásticos. No mundo digital, a situação não é diferente. Embora os meios de propagação tenham mudado, as histórias continuam sendo experiências da coletividade. É nessa perspectiva que se enquadram as chamadas creepypastas, lendas urbanas forjadas na e para a internet, que aproveitam a imensa quantidade de referentes culturais e a grande velocidade de circulação das informações para elaborar histórias capazes de chocar e interessar seus leitores/espectadores. Com isso, jogos de videogame, desenhos, séries e filmes passam a ser a fonte da maioria dessas histórias, que se valem do apego emocional dos internautas para chamarem atenção e provocarem medo. O sucesso das creepypastas não se deve somente ao seu conteúdo pop, mas também, e principalmente, pelo caráter coletivo com que são construídas. O objetivo desta comunicação é analisar como o horror contemporâneo, multimídia, capitaneado pelas creepypastas, é uma construção intrinsecamente coletiva. Esse aspecto do gênero faz com que as histórias ganhem proporções muito maiores do que os seus iniciadores poderiam imaginar, aumentando o alcance e a complexidade das narrativas, uma vez que há uma relação estrutural entre a história contada e o seu público-alvo, turvando as fronteiras entre produção e recepção. O caso a ser analisado é a creepypasta *Petscop*, um canal do Youtube de mesmo nome que publicou, ao longo de três anos, uma série de vídeos de um suposto jogo de Playstation 1. Pretendemos, a partir daí, mostrar como esses vídeos são recebidos e ressignificados pelo público, que os transforma em uma narrativa coletivamente apreendida e construída.

Referências: BLANK, Trevor J.; MCNEILL, Lynne S. (orgs.). *Slender man is coming: creepypasta and contemporary legends on the internet*. Logan: Utah State University Press, 2018. BRUM, Laís Rodrigues; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. "Entrando pela porta da frente da casa sem fim: creepypastas como forma de hibridismo textual na cibercultura". In: *Policromias*. Dezembro/2019, ano IV, 2019. p.142-169. CHESS, Shira. "Open-sourcing horror". *Information, Communication e Society*, 15:3, 374-393, 2013. JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana L. de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2022. JOSHI, S. T. *Unutterable horror: a history of supernatural fiction*. New York: Hippocampus Press, 2014.

A FANTÁSTICA ESCRITA FEMININA: MARIANA ENRÍQUEZ E A RECONFIGURAÇÃO DO FANTÁSTICO HISPANO-AMERICANO

Luciana Helena Cajas Mazzutti e Raquel da Silva Ortega

Resumo: A literatura latino-americana ficou marcada, nos anos 1960, pelo momento conhecido como Boom latino-americano, em que as produções literárias fantásticas ganharam evidência. Passados mais de 60 anos desse período, recorremos à literatura argentina, como integrante dessa produção literária latino-americana, para discutir o Fantástico em textos contemporâneos. Mais especificamente, este estudo tematiza a releitura do Fantástico na literatura argentina de autoria feminina, a partir dos contos de terror da escritora Mariana Enríquez. Para tanto, nos direcionamos às seguintes questões: De que forma a literatura de Mariana Enríquez apresenta novas configurações ao Fantástico argentino? Como a escrita feminina conduz a uma releitura do Fantástico na literatura argentina? Frente a essas problematizações, objetivamos, de modo geral, discutir a releitura do Fantástico na literatura argentina de autoria feminina, apresentando suas novas configurações e desdobramentos sociais, a partir do estudo de contos que integram a obra da autora: *Los peligros de fumar en la cama* (2009). Entendemos, nesse sentido, que, partindo de um cenário antecessor prioritariamente masculino, essa autora reinventa e reconfigura o Fantástico, na conjuntura do Insólito, a partir de um olhar feminino, centrado em questões de gênero, com protagonistas mulheres, evidenciando personagens latinas em uma configuração social argentina hispano-americana marcada pelo medo e horror social cotidiano. Enfim, destacamos que a literatura de Enríquez delinea novas configurações ao Fantástico argentino, dada a predominância de personagens femininas e latinas, em que as situações insólitas partem do cotidiano social e histórico envolto em medo, horror e terror para as mulheres na Argentina – consequentemente, e em paralelo, para todas na América do Sul.

Referências: ANZALDÚA, Gloria. *La frontera: la nueva mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987. BARBOSA, Iaranda Jurema Ferreira. *Horizontes de la escalera: a presença do modo fantástico na poesia latino-americana*. 2020. 352f. Tese (Doutorado). Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife – PE, 2020. BARRENECHEA, Ana Maria. *La expresión de la irrealidad en obra de Borges*. Ed. Paidós: Buenos Aires-Argentina, 1957. BESSIÈRE, Irène. *El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza*. In: BESSIÈRE, Irene. *Le récit fantastique. La poétique de l'incertain*. Paris: Larousse, 1974. p. 1-24. BRAVO, Victor. *Los poderes de la ficción*. 2. ed. Caracas: Monte Ávila Latinoamericana, 1985. CALVIÑO, Mariana Fogaça. *A construção do fantástico na novela La invención de Morel, de Adolfo Bioy Casares*. 2015. 103 p. Dissertação (Mestrado). Centro de Comunicação e Letras, Mestrado em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo – SP, 2015. CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980. COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978. DALEMBERT, Louis Philippe. "Espaços do imaginário latino-americano: o real maravilhoso de Alejo Carpentier". Trad. de André Mitidieri e Rodrigo dos Santos Mota. In: SILVA, Denise Almeida (Org.). *Poéticas do espaço, geografias simbólicas*, Frederico Westphalen, Editora da URI, 2013. p. 61-76. ESTEVES, Antonio R.; FIGUEIREDO, Eurídice. "O realismo mágico e o realismo maravilhoso". In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2010. p. 393-414. GARCIA, Flavio. "O 'insólito' na narrativa ficcional: a questão e os conceitos

na teoria dos gêneros literários”. In: GARCIA, Flavio (Org.). A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p.11-22. GARCIA, Flavio. “Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária”. In: GARCIA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina (Orgs.). Vertentes teóricas do insólito. Rio de Janeiro: Caetés, 2012. p. 13-29. KRIEGER, Heidrun. Insólito: um termo relacional. In: GARCIA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina (Orgs.). Vertentes teóricas do insólito. Rio de Janeiro: Caetés, 2012. p. 39-46. LOURO, Guacira Lopes. Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. MARAUDA, Lauro. Panorama de la narrativa uruguaya. Montevideo: Rumbo, 2010. MATANGRANO, Bruno Anselmi. Quatro vezes à margem: Contos fantásticos de mulheres latino-americanas. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; KNAPP, Cristina Löff (Orgs.). Contos insólitos de mulheres latino-americanas: entrelaçados teóricos e críticos. Caxias do Sul, RS: EducS, 2021. p. 11-18. MAZZUTTI, Luciana Helena Cajas. Dissertação, 2016. MAZZUTTI, Luciana Helena Cajas; MITIDIERI, André Luís. Expressões conceituais do insólito no espaço literário sul-americano. Signo, jul./dez de 2015. OLIVEIRA, Elisângela dos Reis. Narrativas fantásticas de Borges e Rubião: insólitos que se bifurcam a caminho do leitor. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus. 2010. OLIVEIRA, Elisângela dos Reis; MITIDIERI, André Luis. Borges e a ficção desnucada. Expressão. Santa Maria, v. 17, p. 11-24, 2013. PRADA OROPEZA, Renato. El discurso fantástico contemporáneo: tensión semántica y efecto estético. Semiosis. México, n. 3, p 53-76, 2006. TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Trad. de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2003. ZARATIN, Daniele Aparecida Pereira. Perspectivas do insólito ficcional: uma análise dos romances de Gioconda Belli e María Amparo Escandón. 2019. 230 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutorado em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2019.

GÓTICO E GORE: O HORROR ENTRE O NARRATIVO E O VISUAL

Matheus Ribeiro Alves de Lima

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar elementos que muitas vezes coabitam as obras de horror — narrativos-temporais e visuais-descritivos — e mostrar como atentar à prevalência de cada um deles pode servir a explicitar diferenças internas ao gênero, na categorização de subgêneros e na periodização destes. O problema envolvendo esses dois tipos de elementos certamente é antigo (LESSING, 2000; LUKÁCS, 1965, p. 43-94) e diz tanto de distinções históricas, quanto da reprodutibilidade técnica dos meios em que as obras de horror estão mediatizadas. Para melhor confrontar a utilização desses elementos, dois casos se fazem exemplares — e antípodas dentro dessa questão —: são os subgêneros “gótico” e “gore” (CHERRY, 2009). O horror gótico é caracterizado, pela autora, pela presença de determinados recursos narrativos que se desenvolvem ao longo da estória, como personagens (monstros, fantasmas, vampiros). Em alguns casos, pode se tratar mais de uma ambiência específica: depende, portanto, de uma construção narrativa, uma criação de suspense, mesmo que tome como base recursos descritivos para realizar seu efeito. Já o gore é caracterizado pela encenação da violência brutal ou por explorar elementos que causam nojo e repulsa. Tem seu efeito, portanto, mais imediatamente associado a imagens pictóricas (MITCHELL, 2018), sejam elas realizadas por descrições, “imagens verbais” — como acontece no conto “Menino sujo”, de Mariana Enríquez (2017) — ou pela encenação fílmica — como em Jogos Mortais (2004). Além disso, os dois gêneros se diferenciam por predominar em momentos históricos distintos: enquanto o gótico se difunde sobretudo ao longo do século XIX, o gore começa a se afirmar a partir dos primeiros anos do século XXI — o que nos leva a considerar que entre esses subgêneros existe a marca não apenas do desenvolvimento técnico do cinema e da aparição de tendências (visuais) reforçadas por essa arte, mas também uma alteração na recepção e no público que consome obras de horror.

Referências: CHERRY, Brigid. Horror. Oxford/New York: Taylor & Francis/Routledge, 2009. ENRÍQUEZ, Mariana. “Menino sujo”. In: _____. As coisas que perdemos no fogo. Tradução

de José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. JOGOS MORTAIS. (2004). Dirigido por James Wan. Escrito por Leigh Whannell e James Wan. Produzido por Lark Bernini et alii. Paris Filmes. LESSING, Gotthold Ephraim. Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia. Introdução, tradução e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2000. LUKÁCS, Georg. "Narrar ou Descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo". In: _____. Ensaios sobre Literatura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. MITCHELL, William John Thomas. "O que é uma imagem?". In: OLINTO, Heidrun Krieger; PORTAS, Danusa Depes; SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Literatura e artes visuais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2018.

NARRATIVAS DO TRAUMA: SANGUE, FAMÍLIA, VIOLÊNCIA E MEMÓRIA EM "SANGRE COAGULADA", DE MÓNICA OJEDA (2020)

Moacir Marcos De Souza Filho

Resumo: O artigo propõe uma leitura para o conto "Sangre Coagulada" (2020), de Mónica Ojeda, através da chave do horror, destacando elementos que o conduzem a uma narrativa do trauma coletivo da violência de gênero na América Latina. A partir de uma reflexão sobre os recursos da literatura fantástica e de horror e como estes têm sido utilizados por uma grande variedade de escritoras latino-americanas que despontaram na última década para representar a misoginia e os terrores decorrentes do patriarcado, investiga-se como o extremo, o gore e o abjeto surgem na obra como forma de combate ao esquecimento. Propõe-se ainda um entrecruzamento com as referências daquilo que a própria Ojeda chama de "escrita sodomizadora", conceito também trabalhado por Enrique Verástegui e Angélica Liddell, e de "gótico andino", sobretudo em relação a presença de uma poética negativa. Sangue, família, violência e memória, temas que surgem como centrais durante a leitura do conto, servem para a representação da monstruosidade em suas variadas formas, do corpo dissidente e objetificado, das heranças e do estigma da bruxaria, da subalternização, do patriarcado e da preservação da letalidade masculina. Para tanto, adota-se uma abordagem pautada em trabalhos de França (2016), Cohen (2000), Federici (2017), Gagnebin (2006) e Ginzburg (2017).

Referências: BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 5a .ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. BUTLER, J. Excitable Speech: a politics of the performative. New York: Routledge, 1997. COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: _____. (Org.). Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 25-60. FRANÇA, J. Gótico e a presença fantasmagórica do passado. In: Anais eletrônicos do XV encontro da ABRALIC, v.1. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 2492-2502. FEDERICI, S. Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017. GAGNEBIN, J. M. Lembrar Escrever Esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. GINZBURG, J. Literatura, violência e melancolia. Campinas: Autores Associados, 2017. KRISTEVA, J. Powers of Horror. An essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1982. MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. OJEDA, M. Sangre Coagulada. In: _____. Las voladoras. Madrid: Páginas de espuma, 2020. p. 18-29. OJEDA, M. Sodomizar la escritura. El País Babelia, 29 de jun. 2018. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2018/06/28/babelia/1530201263_968588.html. Acesso em: 30 de nov. 2022. RADCLIFFE, A. On the Supernatural in Poetry. New Monthly Magazine, Londres, v. 16, n. 1, p. 145-152, 1826. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/208925/On%20Supernatural%20in%20Poetry%20\(Ann%20Radcliffe\).pdf](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/208925/On%20Supernatural%20in%20Poetry%20(Ann%20Radcliffe).pdf) Acesso em: 15 dez. 2022. SILVA, C. M. da. Vozes Femininas na Literatura Cabo-Verdiana: Recordação e Escrita em Dina Salústio. In: Literatura e cultura de cabo verde: navegando pelas ilhas e pelo mundo. SILVA, A. R. da; BRITO, G. M. de; GOMES, S. C. (org.). Campinas: Pontes Editores, 2021. _____. Um mundo narrado entre o local e o global: biografia, guerra e memória na ficção de Chimamanda Adichie. Revista Ártemis, vol. 32, n. 1, jul.-dez. 2021. p. 130-152. SCHERER, F. El nuevo boom

latinoamericano: las escritoras marcan el rumbo. La Nación, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/el-nuevo-boom-latinoamericano-las-escritoras-marcen-el-rumbo-nid12062021/>. Acesso em: 30 de nov. 2022. WEIL, S. A Ilíada ou o poema da força. In: _____. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PONTYPOOL E A LÍNGUA TARTÁREA

Renato Pardal Capistrano

Resumo: Mais que mero arroubo diletante pela autonomia da arte, o desejo de delimitar, escandir e compreender objetivamente uma linguagem própria à poesia, entendida em seus recursos inerentes e característicos, filia-se a uma vertente das escolas de pensamento que prestam contas à ideia de emancipação do espírito. Pode-se encontrar no fim desse rumo o sonho por um destino de libertação do acúmulo de referências automatizadas da língua cotidiana e prosaica e com isso uma libertação também da ideologia que se imiscui na significação e nos sentidos assentados pelos anos de cultura e opressão que toda e qualquer língua nacional abriga. O projeto dessa emancipação do espírito pela palavra poética possui portanto uma espécie de engajamento que lhe é próprio do gênero. Eis um esboço de propostas poéticas como a do Simbolismo, por exemplo. O filme Pontypool (2008), baseado no romance de Tony Burgess, apresenta uma proposta de prática da língua diametralmente oposta à ideia de emancipação do espírito comentada acima. Enquadrada no comercialmente prolífico gênero de filmes de mortos-vivos, a história propõe um procedimento linguístico como causa da eclosão da epidemia zumbi. É como se ao contrário da língua poética, que elevaria o espírito a formas perfeitas e puras, o problema de Pontypool apresentasse uma espécie de língua tartárea, que quando ativada pudesse constranger corpos e almas a uma transformação monstruosa. Grande parte do jogo linguístico que o filme propõe já se expressa na sua sequência de abertura. As aliterações, os deslizamentos de significado e os pulos de um idioma para outro (inglês e francês, pois a trama se passa no Canadá), dão forma a uma vertigem de signos e fonemas que acabam por fazer transbordar a significação e descerrar um conteúdo absurdo e monstruoso latente na linguagem e no mundo.

Referências: BERARDINELLI, Alfonso. Da poesia à prosa. Org. Maria Betânia Amoroso. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007. BURGESS, Tony. Pontypool Changes Everything. 1998. JOSHI, S. T. The Parameters of the Weird Tale. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lautréamont Austral. SARTRE, Jean-Paul. O que é a literatura?. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004. _____. Mallarmé: La Lucidité et sa face d'ombre. Texto estabelecido e anotado por Arlette Elkäim-Sartre. Paris: Gallimard, 1986. TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica.

CORRESPONDÊNCIAS INSÓLITAS ENTRE AS LINGUAGENS NARRATIVA E ARTÍSTICA DE NUNO RAMOS

Rodrigo Donizeti Mingotti

Resumo: Assimilar o fantástico como um modo literário, e não um gênero, como apontam algumas discussões atuais empreendidas por Remo Ceserani, Irène Bessière, David Roas e Filipe Furtado, é de suma relevância para a compreensão de narrativas que não são, num primeiro momento, vinculadas à literatura fantástica; mas que, a partir de uma leitura atenta e crítica aos olhos do modo fantástico, são entendidas como tal por exprimirem correspondências, construções e particularidades que produzem o efeito fantástico, de plurais maneiras. E, atualmente, entender o fantástico dessa forma se faz necessário uma vez que – gradativamente – não só os textos como também as diferentes mídias e linguagens tendem a resistir a classificações precisas ostentando construções diversificadas. Assim, levando em conta que o fantástico não se limita numa única linguagem por excelência, mas que esta pode estar presente em diversas outras, desde que apresente características que produzam, de uma forma ou outra, os efeitos de sentido do fantástico, é possível encontrar tais concepções nas composições contemporâneas do escritor e artista plástico Nuno Ramos que, imerso nessas variadas linguagens com quais opera, tende a manejar um macro tema: a estranheza da realidade

contemporânea com a qual o leitor/espectador se identifica, aproximando-se, muitas vezes, do modo fantástico. Para tanto, propõe-se para esta comunicação a análise das narrativas curtas de Ramos, presentes na coletânea “O pão do corvo” (2001, relançada em 2017), sobretudo de “Ele canta”, em que nos deparamos com elementos estranhos, indefinidos e inexplicáveis que se aproximam conceitualmente do insólito, da aparição de algo “que não pode aparecer, mas aparece” (CAILLOIS, 1980), em suma, do fantástico. Não só, propõe-se aqui, similarmente, analisar as relações entre a escrita de Ramos e suas manifestações artísticas que tendem a evidenciar experiências multidirecionais que corroboram para a ideia de estranheza e arbitrariedade do mundo contemporâneo (ROAS, 2014).

Referências: BARBOSA, C. Nuno Ramos. Veja Rio, Rio de Janeiro, Cidade, 14 fev. 2014. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/nuno-ramos/>. Acesso em: 07 jan. 2023. BESSIÈRE, I. Le récit fantastique: la poétique de l'incertain. Paris: Larousse, 1974. CAILLOIS, R. Fantastique. In: GREGORY, C. (org.). Encyclopedia universalis. Boulogne-Billancourt: Universalis, 1980. v. 6. CESERANI, R. O fantástico. Tradução Nilton C. Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006. FURTADO, F. A construção do fantástico na narrativa. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. FURTADO, F. Fantástico (Modo). In: CEIA, C. (coord.). E-Dicionário de Termos Literários (EDTL). [s.l.]: [s.n.], 2009b. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fantastico-modo/>. Acesso em: 07 jan. 2023. JAFFE, N. “O Pão do Corvo” causa misto de medo e fascínio. Folha de S. Paulo Ilustrada, São Paulo, 11 dez. 2001. Seção Literatura. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1112200109.htm>. Acesso em: 07 jan. 2023. KLABIN, V. Frank Stella. Nuno Ramos: afinidades e diversidades. Rio de Janeiro: 3 Plus Assessoria de Marketing, 2004. MARQUES, I. Nuno Ramos: entre a matéria e a linguagem. Revista Cult, 5. mar. 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-com-nuno-ramos/>. Acesso em: 07 jan. 2023. RAMOS, N. O pão do corvo. São Paulo: Iluminuras, 2017. ROAS, D. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. Tradução Julián Fuks. São Paulo: Edunesp, 2014.

OS HORRORES DO FAMILISMO NA SOCIEDADE IRLANDESA – UM ESTUDO SOBRE O FILME CHERRY TREE (2015), DE DAVID KEATING

Sanio Santos da Silva

Resumo: Cherry Tree (2015) é um filme de terror irlandês, dirigido por David Keating, que conta a história de Faith, uma adolescente que engravida em um ritual para salvar a vida de seu pai. Contudo, para selar o acordo, o recém-nascido deve ser entregue à bruxa Sissy. A narrativa reflete valores familistas difundidos na sociedade irlandesa, responsáveis pela marginalização de mulheres que tinham filhos antes do casamento. O Estado e a Igreja Católica atuaram para promover uma ideologia conservadora, oprimindo aqueles que não estavam alinhados a uma determinada concepção de família. Junto ao governo, a Igreja buscou isolar mães solteiras em “instituições especiais” conhecidas como Mother and Baby Homes. Mesmo não cometendo nenhum crime, essas mulheres eram classificadas como “deficientes mentais” que precisavam ser afastadas do convívio social (REDMOND, 2018). Não havia tratamento médico e, após o nascimento, o bebê era obrigatoriamente separado da mãe. Tais eventos estão associados a horror e angústia, oferecendo conteúdo ao cinema de terror, sobretudo ao subgênero horror familiar. Dessa forma, este trabalho parte do seguinte questionamento: como o cinema de terror irlandês explora os efeitos negativos do familismo que, mesmo nos dias atuais, emoldura as vivências da comunidade irlandesa? O objetivo geral é analisar e discutir elementos narrativos e cinematográficos de Cherry Tree (2005), a fim de traçar uma compreensão acerca da influência familista na Irlanda contemporânea. Convém destacar que os resultados são apenas uma amostra da complexidade dos fenômenos sociais engendrados pela presença do familismo no país. A metodologia adotada foi a análise de conteúdo, definida por Laurence Bardin (1977). A justificativa está vinculada à necessidade de ressignificar concepções sobre família, refletindo sobre os efeitos de discursos conservadores. Ademais, esta pesquisa promove um diálogo multicultural no campo acadêmico brasileiro, onde ainda há poucas investigações sobre cinematografia, cultura e história da Irlanda.

Referências: BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. BARTON, Ruth. Irish cinema in the twenty-first century. In: Irish cinema in the twenty-first century. Manchester University Press, 2020. REDMOND, Paul Jude. The adoption machine: The dark history of Ireland's Mother and Baby Homes and the inside story of how Tuam 800 became a global scandal. Merrion Press, 2018.

LASTROS DE MEDEIA: O FEMININO MONSTRUOSO EM ANTICRISTO (2009), DE LARS VON TRIER

Saulo Lopes de Sousa

Resumo: Esta comunicação coteja uma análise das reverberações do mito de Medeia no filme 'Anticristo' (2009), do cineasta dinamarquês Lars von Trier, como aceno à estética da monstrosidade. Partimos da conjectura de que a protagonista da narrativa cinematográfica encarna traços ? quer citados, quer recriados ? muito congruentes com os de Medeia, personagem euripídiana, à medida que dá vazão ao colapso mental, cujo gatilho é a perda precoce do unigênito. O que erigimos como ponto fulcral de exame é a viabilização de um diálogo entre o feminino e os processos de representação do insólito – de modo específico, a figuração da monstrosidade. Nesse particular, nosso interesse de investigação deseja lançar luz à possibilidade de tomar o corpo feminino como espaço do monstruoso. Enquanto vertente do insólito ficcional, tomamos a monstificação numa alçada que sobrepuja a morfologia dérmica que lhe é, comumente, associada. Cotejamos, afinal, o monstro como espécie de irrupção subjetiva, descortinadora de constituintes humanos abissais que eclodem na superfície do corpo. Falamos, portanto, do despertar do monstro interior. O caminho de leitura, para tanto, considera os processos interiores por que passa a personagem de Trier como vislumbre arquetípico da Mãe terrível (JUNG, 1997), perspectiva adotada para balizar a problematização do monstruoso-feminino (CREED, 1986) no horizonte fronteiro do insólito. Sob tutela dos contributos teóricos da Narratologia cinematográfica, da Mitocrítica e dos Estudos de monstrosidade, buscamos rastrear, em cenas específicas, vestígios, símbolos e metáforas que sinalizam a presença intratextual do mito e da figura de Medeia como floração do “monstro de dentro”.

Referências: ANTICRISTO (Antichrist). Direção: Lars von Trier. Produção: Andrea Occhipinti, Bettina Brokemper, Gunnar Carlsson et al. Intérpretes: Charlotte Gainsbourg, Willem Dafoe e Storm Acheche Sahlstrøm. Roteiro: Lars von Trier. Zentropa Entertainments; Arte France Cinéma; ZDF/Arte, 2009. 1 DVD (108 min), son., color, widescreen. AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Dicionário teórico e crítico de cinema. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papirus, 2003. AUMONT, Jacques. A imagem. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Ofício de Arte e Forma) BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Fernando Scheibe. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (FILÔ/Bataille) BAUDRILLARD, Jean. Simulacro e simulação. Lisboa: Relógio D'água, 1991. BELLEI, Sérgio Luiz Prado. Monstros, índios e canibais: ensaios de crítica literária e cultural. Florianópolis: Insular, 2000. BESSIÈRE, Irène. O fantástico no cinema. Sonhos e medos do terceiro milênio. Revista Abusões, n. 06, v. 06, ano 04, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/35492/25196>>. Acesso em: 25 nov. 2021. BETTON, Gerard. Estética do cinema. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. BYINGTON, Carlos Amadeu B. O martelo das feiticeiras: Malleus maleficarum à luz de uma teoria simbólica da história. Prefácio. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. Tradução de Paulo Fróes. 29. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. CAROTENUTO, Aldo. Eros e pathos: margini dell'amore e dela sofferenza. Milano: Tascabili Bompiani, 2006. CHION, Michel. A audiovisual: som e imagem no cinema. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008. (Mimésis, arte e espetáculo) CREED, Barbara. The monstrous-feminine: film, feminism, psychoanalysis. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2007. COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome et al. Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Estudos culturais, 3) COSTA, Antonio. Compreender o cinema. Tradução de Nilson Moulin Louzada. 3. ed. São Paulo: Globo, 2008. CUNHA, João Manuel dos Santos. Mito e cinema: a persistência do mito na narrativa cinematográfica. Pelotas: Livraria Mundial, 1993. (Série Ponto de Vista) ELIADE, Mircea.

Mito e realidade. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Lisboa: Edições 70, 1985. ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. EURÍPIDES. Medeia. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Ed. 34, 2010. FERERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. FILHO, Claudio Castro. Eu mesma matei meu filho: poéticas do trágico em Eurípides, Goethe e García Lorca. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2010. (Série Humanitas Supplementum Estudos Monográficos) GARCÍA, Flavio. Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária. In: GARCÍA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina. Vertentes teóricas e ficcionais do insólito. Rio de Janeiro: Caetés, 2012. GAUDREAU, André; JOST, François. A narrativa cinematográfica. Tradução de Adalberto Müller. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009. GIL, José. Monstros. Tradução de José Luís Luna. Lisboa: Relógio D'Água, 2006. JEHA, Julio (Org.). Monstros e monstruosidade na literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. JUNG, Carl Gustav. Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Tradução de Eva Stem. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. JUNG, Carl Gustav. A vida simbólica: escritos diversos. Tradução de Araceli Elman e Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. Tradução de Paulo Fróes. 12. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. Tradução de Lauro Antônio e Maria Eduarda Colares. Lisboa: Dinalivro, 2005. MEDEA. Direção: Lars von Trier. Produção: Danmarks Radio. Intérpretes: Kirsten Olesen, Udo Kier, Henning Jensen, Ludmilla Glinska, Baard Owe et al. Roteiro: Carl Theodor Dreyer. Dinamarca: 1988. 1 fita cassete (76 min), VHS, color, son, telefilme. MIMOSO-RUIZ, Duarte. Medeia. In: BRUNEL, Pierre (Org.). Dicionário de mitos literários. Tradução de Carlos Sussekund et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. NAZARIO, Luiz. Da natureza dos monstros. São Paulo: Global, 1983. NEUMANN, Erich. A Grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1999. PANTEL, Pauline Schmitt. Uma história pessoal: os mitos gregos. Tradução de Nuno Simões Rodrigues. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. RINNE, Olga. Medéia [sic]: o direito à ira e ao ciúme. Tradução de Margit Martinic e Daniel Camarinha da Silva. São Paulo: Cultrix, 1995. ROAS, David. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014. ROBLES, Martha. Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos. Tradução de William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006. VON TRIER, Lars. "Filme veio numa fase em que eu estava muito mal". Entrevista a Carlos Augusto Brandão. Gazeta do Povo, caderno G, 22 out. 2009a. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/filme-veio-numa-fase-em-que-eu-estava-muito-mal-byd8xf3g017vh3p5gpr9xhjri/>>. Acesso em: 05 dez. 2021. VON TRIER, Lars. "A hearse heading home – na interview with Lars von Trier". In: Antichrist: press book. London: Artificial Eye Release, 2009b. Disponível em: <<http://www.festival-cannes.com/assets/Image/Direct/029841.PDF>>. Acesso em: 25 jan. 2022. ZANINI, Claudio. "Monstro". In: REIS, Carlos et al. Dicionário Digital do Insólito Ficcional (e-DDIF). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019. Disponível em: <<http://www.insolitoficcional.uerj.br/m/monstro/>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SIMPÓSIO "RELAÇÕES INTERARTES: AMPLIAÇÕES, MONTAGENS E LINKS"

Coordenadores: Breno Fernandes (PUC/SP) e Juan Ignacio Azpeitia (UFBA/UEFS)

CATAR NO COTIDIANO, ENCONTRAR PALAVRAS: A OBRA POR VIR NO QUARTO DE DESPEJO

Amanda Dib da Silva de Almeida Ferreira

Resumo: O objetivo deste trabalho é pensar nos processos de escrita em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Ao longo da obra, a narradora escreve sobre a rotina fragmentada entre

catar objetos nas ruas; cuidar dos três filhos; evitar conflitos com os vizinhos; tentar driblar a fome e o cansaço; viver na favela do Canindé na década de 50; por fim, escrever reunindo todos esses pedaços do cotidiano. Essas peças que montam a narrativa não compõem uma obra em completude, pois o que se lê é um diário de despejo, atravessado pela visão amarelada desencadeada pela fome, pela miséria. É pela ruína e pelos restos que a escritora reúne seu material para escrever. Os elementos e as cenas catadas diariamente por Carolina evocam a materialidade presente no seu fazer enquanto escritora-catadora. Nesse percurso, ela expõe os seus processos de escrita, como se lê: “Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco”; “Deixei o leito às 4h para escrever”; “Vou parar de escrever. Vou torcer as roupas que ensaboei ontem”. A narradora fura a lógica do tempo do trabalho fazendo sua escrita virar ato apesar de. Ela afirma: “Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo”. Pela linguagem, a narradora faz com que a escrita siga erguendo, em palavras, uma obra por vir. Lembremos do trecho: “É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela”. Inscrito na lógica da possibilidade e do processo, Quarto de despejo constrói-se por múltiplas vias, olhares, materiais. Por fim, para este trabalho, lê-se a obra de Raffaella Fernandez sobre o projeto poético da autora e persegue-se a noção de literatura proposta por Maurice Blanchot em A escrita do desastre, em que o inacabamento e o processo se inscrevem como modos potentes de ler obras literárias.

Referências: BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du desastre*. Paris: Gallimard, 1980. FERNANDEZ, Raffaella. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: Aetia editorial, 2019. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo (diário de uma favelada)*. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1960.

CORPO, VOZ, COISA E PERSONAGEM: O TEATRO DE MARIONETES NA ENCENAÇÃO DE AUTO DA CATINGUEIRA

Ana Cristina Moreira Pessôa

Resumo: Auto da Catingueira, ópera composta por Elomar Figueira Mello, foi encenada em 2011 no Teatro das Artes de Belo Horizonte. Na encenação, as composições se corporificam em voz, violão, flauta e violoncelo, os quais dividem o palco com corpos de atores e bonecos marionetes, todos assumindo o papel dos personagens criados por Elomar. Nesse fluxo de linguagens, imagens do sertão elomariano vão sendo desenhadas e deslocadas pelos espectadores. A ideia da presente apresentação é observar-experimentar essa rede complexa de signos que desafiam os sentidos do corpo ao se apresentarem desierarquizados na construção de cada personagem e de cada cena. O foco do olhar será direcionado em especial ao trabalho com marionetes realizado pelo grupo Giramundo. No texto “A marionete, ou a mimese complexa & A complexidade das ‘figuras’ no teatro enquanto ‘mimese’” (2018), os autores Didier Plassard e Cristina Graziolli explicam que as transformações tecnológicas e sociais da contemporaneidade das artes cênicas as tem impulsionado a se redefinirem, expondo o jogo dialético que acontece entre a presença real dos atores e a utilização de imagens, objetos ou bonecos — composições múltiplas e que, por isso, implicam em relações com os diversos elementos do espetáculo. Sendo assim, o que se busca hoje é investigar as relações que a marionete estabelece, seja com o corpo do ator, com o espaço e o tempo da cena, figurino, cenário... Tal noção desloca as definições mais comuns do teatro com bonecos, baseadas nas ideias de animação da matéria e perfeição dos movimentos. Diferentemente, sua força está na potencialidade que a marionete tem de estabelecer, em cena, uma confrontação, uma conversa, entre o que é vivo e o que não é, entre imagem e sentido, concreto e abstrato. A cena emana desse diálogo em que o protagonismo é intercambiável entre os diferentes elementos presentes no palco.

Referências: CHAUÍ, Marilena. *Janela da alma, espelho do mundo*. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. 9 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 31-61. DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vaga-lumes*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2014. FERRAZ, Renata. *O Corpo, a Imagem em Movimento e a Marionete: a cena contemporânea oriunda de formas [in]animadas*. Revista Brasileira de Estudos da

Presença, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 226-241, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266062562>. Acesso em: 20 mar/2020. GUERREIRO, Simone. Tramas do Sagrado: a poética do sertão de Elomar. Salvador: Vento Leste, 2007. HOISEL, Evelina. A leitura do texto artístico. Salvador: EDUFBA, 1996. HOISEL, Evelina. A disseminação dos limiares nos discursos da contemporaneidade. In: Culturas, contextos e discursos: limiares críticos do comparatismo. Org. Tania Carvalhal. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999. p. 42-49. MALTZ, Bina Friedman. Fantasia leiga para um rio seco: uma leitura poético-musical. Revista Organon, Porto Alegre, v. 10, n. 24, UFRGS, 1996. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/about>. Acesso em: 19 ago/2020. MELLO, Elomar Figueira. Auto da Catingueira. Vitória da Conquista: Gravadora Rio do Gavião, 1983. 1 LP com encarte, escrito e sonoro (60 min). PLASSARD, Didier e GRAZIOILLI, Cristina. A marionete, ou a mimese complexa & A complexidade das “figuras” no teatro enquanto “mimese”. Revista Urdimento-UDESC, Florianópolis, v.2, n.32, p. 56-72, Set. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018056>. Acesso em: 19 ago/2020. RIBEIRO, E. de C. Os gêneros do discurso na obra operística de Elomar Figueira Mello: uma abordagem bakhtiniana. Minas Gerais: UFMG, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-8N6LJ5>. Acesso em: 17 ago. 2020. RIBEIRO, E. de C. A obra de Elomar Figueira Mello: contexto e estilo além do popular e do erudito. PER MUSI – Revista Acadêmica de Música, UFMG, Belo Horizonte, n.29, p. 185-194, jan. - jul, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992014000100019. Acesso em: 19 ago/2020. TATIT, Luiz. Elementos para a análise da canção popular. Cadernos de estudo: análise musical, n. 1. São Paulo: Atravez, 1989. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Documento de media – Imagem em movimento: DVD AUTO da Catingueira. Compositor: Elomar Figueira Mello. Direção: João das Neves. Produção: Rossane Comunicação e Cultura. Direção musical/transcrição: João Omar de Carvalho Mello. Direção DVD: Mario de Aratanha e Marcos Malafaia. Direção, design, cenografia e manipulação de bonecos: Marcos Malafaia. Figurinos: Rodrigo Cohen. Intérpretes: Luciana Monteiro de Castro, Marcelo Bernardes, Ocelo Mendonça, Saulo Laranjeira e Xangai. Textos do encarte: Ernani Maurílio. Manipuladores dos bonecos: Camila Polatscheck, Fabíola Rosa, Márcio Miranda, Paulo Emílio Luz – Grupo Giramundo de teatro de bonecos. Vitória da Conquista-BA-Brasil: Associação Cultural Fundação Casa dos Carneiros e Ministério da Cultura e Eletrobrás, 2011. 1 DVD (93 min). Gravação da encenação ao vivo no Palácio das Artes, Belo Horizonte, abril 2011.

UMA INTRODUÇÃO AO TÓPOS DA NEOCRACIA

Breno Fernandes

Resumo: Esta comunicação visa a introduzir no campo dos estudos literários o tópos da neocracia. Com base na definição de tópos de Carl Meiner se busca, em primeiro lugar, definir o que é uma neocracia: construção ficcional de sociedades ou comunidades de crianças que se ordenam, se mantêm e se preservam sem a tutela de adultos. Em seguida é proposta uma genealogia que busca mapear manifestações desse tópos desde seu surgimento, no final do século XIX, até o primeiro quartel do século XXI, demonstrando sua conexão com um processo histórico que construiu as ideias ou as idealizações de adulto e de criança que prevalecem em nosso tempo — ambos os conceitos entendidos como identidades, mais do que como condições psicobiológicas do corpo. Argumenta-se, na apresentação dessa genealogia, que uma das funções ou intenções do tópos da neocracia é criticar tais idealizações, sobretudo no que diz respeito à representação da criança como ser humano marcado por faltas e por incapacidades que fariam dela inapta para viver em meio aos adultos e para tomar parte nas decisões que dizem respeito ao bem-estar coletivo. A fim de ilustrar o argumento e fazer visível tanto a longevidade quanto o espraio do tópos por diferentes literaturas nacionais modernas e contemporâneas, em mais de um século de existência, serão mencionados 6 romances (A cruzada das crianças; Peter e Wendy; Capitães da areia; O senhor das Moscas; The girl who owned a city; República Luminosa) e 2 peças audiovisuais (The wall; Caverna do Dragão), não com o intuito

de serem obras comentadas ou analisadas individualmente, mas de serem observadas em justaposição, como um mosaico ou como os traços sobre o papel que delineiam os contornos do mapa desejado.

Referências: AMADO, Jorge. Capitães da areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. BARBA, Andrés. República luminosa. Tradução de Antônio Xerxenesky. São Paulo: Todavia, 2018. BARRIE, J. M. Peter e Wendy. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Cosac Naify, 2012. CAVERNA do Dragão. Produção de TOEI Animation. [S.l.]. Alpha Midia; Cultline Video, 1984-86. 7 discos (590 min), DVD, son., color. GOLDING, William. O senhor das moscas. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. MEINER, Carsten. Modernizando a topologia literária: convenção, contingência e história. Tradução de Caetano W. Galindo. Versalete, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 181-212, 2018. NELSON, O. T. The girl who owned a city. Mineápolis, Carolrhoda Books, 1995. SCHWOB, Marcel. A cruzada das crianças. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Editora 34, 2020. THE WALL. Direção: Alan Parker. Produção: Alan Marshall. Roteiro: Roger Waters. Intérpretes: Bob Geldof e outros. [S.l.] MGM; Tin Blue Productions; Goldcrest Films International, 1982. 1 arquivo digital (95 min.), son., col.

A POÉTICA DAS CORRESPONDÊNCIAS NO ROMANCE "THE ANATOMY LESSON: A NOVEL" (SIEGAL, 2014)

Camila Maria Araújo

Resumo: A obra "The Anatomy Lesson: A Novel", de Nina Siegal (2014), é um romance histórico de ficção que dá vida ao quadro "Anatomische les van Dr. Nicolaes Tulp", de Rembrandt van Rijn (1632). Temos na pintura a representação da dissecação de um cadáver, enfatizando as técnicas médicas e os médicos participantes, principalmente o cirurgião Nicolaes Tulp, já o romance, apresenta uma releitura literária do quadro com alterações nas personagens em destaque, o corpo de Aris Kindt (ladrão condenado à força) torna-se o protagonista, e todos os outros são apresentados como secundários. A escritora apresenta o ladrão que a sociedade anula, como um humano cheio de traumas e sentimentos desprezados. Os pontos de contatos entre as obras são possibilitados tanto pela ideia de aproximações (VEIGA, 1979), que mostra a sintonia das obras por suas particularidades e não patenteia a superioridade de uma obra em relação a outra apenas por ser derivada, quanto pela premissa que "imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova" (BACHELARD, 1990, p. 3). Através disso, detemo-nos no romance em sua noção de devir (DELEUZE, 1997) à ideia de processo em relação ao que foi apresentado no quadro. A comparação com a pintura aparece no romance de maneira escancarada, ao se confirmar secundária pela perspectiva histórica. Essa relação com o quadro é uma história possibilitada por suas lacunas interpretativas através da literatura. A independência do romance se define através da sua configuração sociocultural, a representação de grupos marginalizados que não aparece na tela, como a família de Aris Kindt e do próprio pintor Rembrandt, que foram os responsáveis para a existência do romance. Portanto, essa narrativa se torna singular perante sua fonte primária (ZILBERMAN, 2004), apresentando, assim, uma relação de interarte em uma obra acabada, a pintura, e as lacunas determinadas/encontradas pela literatura.

Referências: BACHELARD, Gaston. O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990. DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Trad. Peter Pál Pelbert. São Paulo: Editora 34, 1997. RIJN, Rembrandt van. Anatomische les van Dr. Nicolaes Tulp. Amsterdã: 1632. Disponível em: < <http://medicineisart.blogspot.com/2010/06/sete-curiosidades-na-licao-de-anatomia.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2022. SIEGAL, Nina. The Anatomy Lesson: A Novel. Nova York: Anchor Books, 2014. VEIGA, Cláudio. Aproximações: estudos de literatura comparada. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979. ZILBERMAN, Regina. Minha teoria das edições humanas: Memórias póstumas de Brás Cubas e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina. Et al. As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

REPRESENTAÇÕES DO RISO NO FILME E NA NOVELA MORTE E MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA

Elizabete Barros De Sousa Lima

Resumo: Mais uma vez, Jorge Amado deixa florir seu apreço às classes populares de Salvador. A novela *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* detalha a cidade com seus pontos turísticos, em meio à descrição das aventuras de seu personagem principal: Joaquim Soares da Silva. Com personagens tipificados, ou seja, a contracenando entre pessoas que se consideram da elite e aqueles que deixam clara sua essência suburbana, o autor, por meio do riso, traça críticas às aparências sociais, que se sobrepõem à essência do homem, separando-os em espaços não dialógicos. Dessa forma, o trabalho objetiva discutir as formas que a representação fílmica conseguiu traduzir as nuances do pensamento do escritor baiano, atentando-se para o riso como mediador das relações entre os homens. Com base nisso, trabalhar-se-á por meio, em especial, da teoria de Mikhail Bakhtin, nos livros "Problemas da poética de Dostoiévski" e "A cultura popular na Idade Média e no Renascimento". Nessas obras, o escritor russo discorre sobre a força no riso para igualar os sujeitos sociais, pois questiona a estabilidade da cultura superior, diminuindo sua supremacia e aproximando das classes menos favorecidas. Esse pensamento dialoga com a obra de Jorge Amado, bem como sua tradução fílmica pelo diretor Sergio Machado, que se apropriaram das linguagens risíveis para dessacralizar as vozes oficiais.

Referências: AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*. 90.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Hucitec/Edunb, 1993. BUENO, Luís. *Uma história do romance* 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e Sociedade*, nº 6, p. 99-128, 1980. LAFETÁ, João Luiz. 1930: *A Crítica e o Modernismo*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, 2000.

IMPRESSÕES DO CORPO EM CLARICE LISPECTOR E MARIA BONOMI

Fábio Barbosa da Silva

Resumo: Em entrevista à revista *Manchete* na década de setenta Clarice Lispector pergunta a Maria Bonomi o que a levou à gravura, Bonomi responde: "O que te levou à literatura, ou melhor, ou que te levou a escrever? Minha resposta é igual à que você daria. É aquela mania de ficar procurando como dizer melhor o que se precisa dizer." Em carta aberta à gravurista publicada em 1971 no *Jornal do Brasil*, Clarice lamenta não ter conseguido comparecer ao encerramento da exposição no MAM, mas diz que Bonomi compreenderá pois "há entre Maria Bonomi e eu um tipo de relação extremamente confortador e lubrificado. Ela é eu e eu é ela e de novo ela é eu.". Clarice continua e, como fez Bonomi na resposta à entrevista citada acima, imbrica a produção das obras de ambas: "E o livro que eu estava tentando escrever e que talvez não publique corre de algum modo paralelo com sua xilogravura". O livro citado por Clarice parece ser *Água viva* (1973), que apesar de lançado dois anos depois das cartas já estava em processo de escrita avançado em 1971 sob o título de *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*. Apesar da diferença entre as mídias o ato de escrever e de gravar parece emergir do mesmo sentimento nas duas autoras, Clarice em *Água viva*: "E cada coisa que me ocorra eu anoto para fixá-la. Pois quero sentir nas mãos o nervo fremente e vivaz do já e que me reaja esse nervo como buliçosa veia." E Bonomi: "Saí da área dos inventos e passei aos territórios das pulsações. Isto está muito ligado à gravura, onde o impulso da mão no instrumento informa a imagem." Partindo destas artistas buscaremos traçar relações entre escrita e gravura e a inferência da materialidade autoral sobre o suporte da obra.

Referências: LAUDANNA, Mayra (org.). *Maria Bonomi: da gravura à arte pública*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2007. LISPECTOR, Clarice: "Carta sobre Maria Bonomi". Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=219281. Acesso em:

08/01/2023. LISPECTOR, Clarice: Água viva. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. LISPECTOR, Clarice: Entrevistas / Clarice Lispector. Org: Claire Williams. Rio de Janeiro: Rocco, 207. LISPECTOR, Clarice: Para não esquecer. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. NANCY, Jean-luc. Corpus. Tradução: Richard A. Rand. New York: Frodham University Press, 2008.

EVOCANDO IMAGENS NA OBRA DE LOURENÇO MUTARELLI

Graziela Ramos Paes

Resumo: Lourenço Mutarelli iniciou sua carreira nos quadrinhos, mas passou a escrever romances a partir do início dos anos dois mil. O autor costuma relatar em entrevistas que a vontade de escrever literatura surgiu depois de ler Capão Pecado, romance do escritor Ferréz: “aquilo que eu estava lendo era o que mais se aproximava da realidade, pra mim [...]. Me deu muita vontade de tentar evocar imagens através da palavra”¹. É notório que no trabalho com a imagem gráfica, Mutarelli busca referências da literatura e de outras artes como base para a criação; e em seu trabalho com a literatura, busca a evocação de imagens mentais por meio do texto escrito, somados a esses trabalhos, não podemos deixar de destacar suas entrevistas, compostas de rica imageria verbal – elas são o espaço público em que o autor, em um gesto performático, torna-se o narrador de sua própria obra e crítico de um mundo saturado de imagens midiáticas. Diante desses aspectos, este trabalho reflete sobre como palavra e imagem se orquestram na obra de Mutarelli, trazendo a lume o trânsito entre imagens endógenas e exógenas (BELTING, 2014) na obra do autor, assim como a relevância do gesto de pensar por imagens, proposto por Ítalo Calvino (1999).

Referências: BELTING, Hans. Antropología de la imagen. Buenos Aires: Katz Editores, 2007. CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. SÁ, Sérgio de. A reinvenção do escritor – literatura e mass media. Belo Horizonte: UFMG, 2010. SAMAIN, Etienne. (Org.). Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. VOGEL, Daisy Irmgard. Escritores em entrevista: co-autoria e disseminação. In: Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), Florianópolis (SC), v. vol.2, n.2, p. 123- 132, 2005.

"A VIDA COMEÇA NO PONTO FINAL": OS ROMANCES INACABADOS DE MARCEL PROUST E JAMES JOYCE

Hêmille Raquel Santos Perdigão

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o inacabamento dos romances “Ulysses”, de James Joyce, e “Em Busca do Tempo Perdido”, de Marcel Proust. Em “Ulysses”, o protagonista Stephen Dedalus é um aspirante a romancista que desaparece em certo ponto do enredo, sem a confirmação se terá sucesso em sua carreira literária. O casal de protagonistas, Leopold e Molly Bloom, por sua vez, está em uma crise matrimonial cujos rumos permanecem desconhecidos. O desfecho do romance é um “Sim” sem ponto final, que surge como parte de uma lembrança do passado de Molly, ou seja, ao invés de uma resolução dos conflitos, o fim do enredo conta com memórias e incertezas. Algo semelhante encontramos em “Em Busca do Tempo Perdido”, de Marcel Proust. O protagonista Marcel também é aspirante a artista, e, embora ele não desapareça no enredo como Dedalus, também não há clareza quanto ao seu sucesso literário. Nas páginas finais, Marcel declara que, para escrever sua obra, objetivava “captar o que algumas vezes, no curso da existência, eu sentira [...] e me fizeram julgar a vida digna de ser vivida”. Mas, por fim, exclama: “Como seria feliz quem pudesse escrever tal livro [...]! Para dar dele uma ideia, seria mister buscar comparações nas artes mais diversas e mais altas”. Assim, aproximando-se do “Sim” de “Ulysses”, Marcel não nos dá um ponto final, mas busca momentos do seu passado, e, ao invés de nos esclarecer se escreveu sua obra, sugere que, para escrevê-la, é necessário buscar arquivos do passado. Dessa forma, as obras de Joyce e Proust se apresentam como inacabadas em função de narrarem processos, a saber, o processo de escrita de aspirantes a romancistas, com a busca por obras de arte que os antecedem, e o processo de busca dos protagonistas por momentos vividos no passado.

Referências: ADORNO, Theodore W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodore W. Notas de Literatura I. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, Editora da UNICAMP, 2018. AUBERT, Jacques. Introduction a L'esthétique de James Joyce. Paris: Didier, 1973. ELLMANN, Richard. Ulysses on the Liffey. London: Faber and Faber, 1974. GIFFORD, Don; SEIDMAN, Robert J. Ulysses Annotated. Los Angeles: University of California Press, 2008. ISER, Wolfgang. O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. JOYCE, James. A Portrait of the Artist as a Young Man. New York: Penguin Popular Classics, 1996. JOYCE, James. Ulysses. Great Britain: Wordsworth Classics, 2010. JOYCE, James. Ulysses. Tradução de Caetano Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a. JOYCE, James. Um Retrato do artista quando jovem. Tradução de Caetano Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b. MORETTI, Franco. The Way of the World: The Bildungsroman in European Culture. New York: Verso, 2000. PROUST, Marcel. À la recherche du temps perdu I. Paris: Gallimard, 1954a. PROUST, Marcel. À la recherche du temps perdu II. Paris: Gallimard, 1954b. PROUST, Marcel. À la recherche du temps perdu III. Paris: Gallimard, 1954c. PROUST, Marcel. A Fugitiva. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre: Editora Globo, 1970a. PROUST, Marcel. À sombra das raparigas em flor. Tradução de Mário Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1960. PROUST, Marcel. O Tempo Redescoberto. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. Porto Alegre: Editora Globo, 1970b. RANCIÈRE, Jacques. O Fio Perdido: Ensaios sobre a ficção moderna. Tradução de Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017. ZÉRAFFA, Michel. Pessoa e Personagem. São Paulo: Perspectiva, 2010.

UMA ANÁLISE NARRATIVA DA ADAPTAÇÃO DA OBRA "CORREIO FEMININO"

Julienne da Silva Silveira e Kyldes Batista Vicente

Resumo: O papel da literatura na construção cinematográfica é cada vez mais discutido no âmbito acadêmico. E, nesse sentido, os filmes, novelas, séries e minisséries ocupam parte do cotidiano das pessoas. A obra "Correio feminino" Clarice Lispector inspirou a microssérie "Correio feminino", dirigida por Luiz Fernando Carvalho. O objetivo desta pesquisa é apresentar discussões sobre como ler Clarice Lispector através da análise narrativa de fragmentos da crônica "Aulinha de sedução" na obra "Correio Feminino", de Clarice Lispector, organização de Aparecida Maria Nunes e a microssérie "Correio feminino" exibida no programa do Fantástico na Rede Globo. O estudo irá propor uma análise da escrita de Clarice, que escrevia para um público diferente da ficção, suas publicações eram para um público feminino de classe média dos anos 50, seus textos eram sobre comportamentos e ambientes domésticos do universo feminino. Clarice não se distanciava de sua escrita, mesmo usando pseudônimos para a publicação das crônicas. E como isso foi adaptado na microssérie dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Como aporte teórico, a pesquisa orienta-se pelos estudos de Candido (2000), Hutcheon (1991), Bakhtin (2002), entre outros. A literatura tem um papel social de transformação através da leitura, o telespectador acessa suas memórias afetivas transmitindo sentimentos e reflexões sobre a realidade.

Referências: CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/antonio-candido-literatura-e-sociedade.pdf> Acesso em: 9 fev. de 2021. CARVALHO, Luiz Fernando. Correio Feminino. Luiz Fernando Carvalho, 2013. Disponível em: <http://luizfernandocarvalho.com/projeto/correio-feminino/> Acesso em: 12 fev. de 2021. CORREIO FEMININO. Sinopse. Rocco. 2012. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/livro/?cod=31> Acesso em: 9 jul. de 2020. CORREIO FEMININO. Série. Globo. 2013. Disponível em: <http://especial.g1.globo.com/fantastico/correio-feminino/> Acesso em: 12 fev. de 2021. HUTCHEON, Linda. "A intertextualidade, a paródia e os discursos da história". In: _____. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. SOUZA, M.C.J. (org.) Analisando Telenovelas. Rio de Janeiro: E-papers, 2004. VICENTE, Kyldes Batista. Episódios da vida romântica: Maria Adelaide Amaral e Eça de Queirós na minissérie Os Maias/ Kyldes Batista Vicente. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

ATANDO AS DUAS PONTAS DA VIDA: DA CASA DE MATACAVALOS À CASA DO ENGENHO NOVO

Leticia Lyra Acioly

Resumo: Machado de Assis, no conjunto de sua obra, apresenta o Rio de Janeiro do Segundo Reinado através de seus personagens e dos lugares por onde transitam. O caso não é diferente em Dom Casmurro, obra da maturidade de Machado, publicada em 1899, na qual percorremos ao lado de Bento Santiago os caminhos feitos por este ao longo de sua vida – os locais por onde passou e as reflexões construídas da juventude à maturidade. É com a perspectiva de “atar as duas pontas da vida” que Bento reconstrói a casa de sua infância para viver a velhice, e não por acaso essa casa é descrita no início da obra – durante o segundo capítulo – e algumas de suas características são retomadas no decorrer da narração até quase o seu fim, onde somos levados a refletir o porquê da existência de alguns detalhes arquitetônicos serem tantas vezes mencionados. Compreender o significado dessas escolhas espaciais é tarefa árdua que não se esgota em um primeiro momento. No entanto, através desta tarefa poderemos dar início à compreensão da grandeza de Machado de Assis e da complexidade de sua obra – que, com o passar do tempo, continua crescendo em possibilidades interpretativas e desvelando a generidade humana. Este trabalho possui como objetivo demonstrar algumas das relações entre a literatura e a arquitetura, enquanto expressões artísticas que figuram a realidade e apresentam a imagem do Rio de Janeiro e sua sociedade durante o século XIX.

Referências: ASSIS, M. Dom Casmurro. São Paulo: Círculo do Livro, 1969. GLEDSON, J. Machado de Assis: impostura e realismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. LUKÁCS, G. Narrar ou descrever?. In: Marxismo e teoria da literatura. São Paulo: Expressão Popular, 2010. _____. O romance como epopeia burguesa. In: Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 193 – 243. TRIGO, L. O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

ELIZABETH BISHOP: O ESCRITOR E O CATADOR DE PAPEIS

Maria Camila Do Coutto Prado Valladares

Resumo: As representações do olhar particular de Elizabeth Bishop são importantes elementos para que o leitor se aproxime de seu processo de escrita. A leitura de sua obra ganha novas cores quando é feita em conjunto com suas cartas, leituras, fotos antigas, anotações ou referências artísticas. Silvia Maria Guerra Anastácio, Professora Titular do Instituto de Letras da UFBA, destaca a potência que o resgate de materiais como estes e sua organização têm para o leitor e para o pesquisador. Uma vez que são capazes de aproximá-lo de algo além do publicado, podem trazer ao leitor “possibilidades muitas vezes sequer previstas pelo autor, extrapolando, assim, as intenções originais do texto” (Anastácio, 1999, p.25). Esse material corresponde aos fragmentos que aproximam o pesquisador ainda mais do processo de trabalho da escritora enquanto leitora do mundo. Funcionam como registros de seu processo de produção poética. A pesquisa, a partir do encontro com esse material, passa a realizar um exercício similar ao que a própria poeta fazia em seu trabalho. Suas características próprias emergem trazendo ao texto as singularidades de seu trabalho. A importância do recolhimento de fragmentos para o fazer poético pode ser acessada com a leitura do conto “O mar e sua costa”, no qual Bishop constrói uma potente metáfora sobre o ofício do escritor através do universo de um homem contratado para recolher e queimar papéis espalhados pela areia de uma praia pública que ressignifica esse material. Suas ferramentas são uma bengala com um prego na ponta, uma lanterna, uma cesta de arame, fósforos e uma casa. A apresentação do senhor Edwin Boomer ao leitor, no conto, informa que o catador “levava a vida mais literária que se pode conceber. Nenhum poeta, romancista ou crítico (...) poderia imaginar a intensidade com que se concentrava na vida das letras” (Bishop, 1996, p.200).

Referências: ALMEIDA, S. R. G.; GONÇALVES, G. R.; REIS, E. L. (eds). The art of Elizabeth Bishop. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. ANASTÁCIO, Silvia Maria Guerra. O jogo das imagens no universo de criação de Elizabeth Bishop. São Paulo: Annablume, 1999. BACHELARD, Gaston. A chama de uma vela. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989. BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia.

Trad. Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. BARRY, Sandra: "Nova Scotia Connections -- What's in a name?", site: <<http://elizabethbishopcentenary.blogspot.com/2010/04/nova.html>>, acesso em 08/08/2022, 2010. BISHOP, Elizabeth. Edgar Allan Poe & the juke box: uncollected poems, drafts, and fragments. Edited and annotated by Alice Quinn. 1st edition. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007. BISHOP, Elizabeth. Esforços do Afeto e outras histórias. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. BISHOP, Elizabeth. Poemas Escolhidos. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia das Letras, 2011. BISHOP, Elizabeth. Poems, Prose, and Letters. New York: The Library of America, 2008. BISHOP, Elizabeth. Questions of Travel. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia das Letras, 2020. BISHOP, Elizabeth. Uma Arte: as cartas de Elizabeth Bishop. Org. Robert Giroux. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. BROWN, Bill. Other Things. Chicago: The Chicago University Press, 2015. CORRÊA, Mariana Resende; FRANÇA, Cláudia. A figura do bricoleur em práticas artísticas. / VISUALIDADES, Goiânia v.12 n.2 p. 225-239, 2014. <https://docplayer.com.br/32043344-A-figura-do-bricoleur-em-praticas-artisticas.html>, acesso em 19/04/2022. ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. ELIOT, T.S. "Tradição e Talento individual", em: Ensaios/T.S. Eliot; tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. FOULCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. LÉVI-STRAUSS, Claude. 1908 - O pensamento selvagem. [Tradução: Tânia Pellegrini]. Campinas - SP: Papyrus, 1989. MCCABE, Susan. ELIZABETH BISHOP: Her Poetics of Loss. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1994. PRZYBYCIEN, Regina. Feijão preto e diamantes, o Brasil na obra de Elizabeth Bishop. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

A VIOLÊNCIA INVISÍVEL (DE PESSOAS QUEER): A ESCRITA QUE RETRATA, NOMEIA E ESCANCARA AS CHAGAS EM "A CASA DOS SONHOS" E "O FIM DE EDDY"

Mohara Magalhães Bhering Villaça

Resumo: Atravessada pela coragem de dizer-se e usar a memória como ferramenta para compreender e nomear violências de pessoas LGBTQIAP+, proponho uma leitura comparada de um livro de memórias e um romance autobiográfico. "A casa dos sonhos" (Carmen Maria Machado, 2019), que foi o primeiro livro publicado com esse tipo de narrativa, sobre a própria experiência de violência entre parceria íntima de duas mulheres e "O fim de Eddy" (Édouard Louis, 2014) que elabora as violências vividas por ele em sua infância e adolescência como um jovem homossexual entre as décadas de 1990 e o começo dos anos 2000 no interior da França. Ambos elaboram sobre a necessidade de escrever a violência para que ela seja nomeada e transposta, e seu ciclo finalmente rompido. A violência entre mulheres em relacionamentos sáficos ainda é um tema pouco elaborado e discutido, a violência com raízes homofóbicas praticada pela própria família em uma esfera cotidiana é mais discutida, mas ainda assim insipiente. As vozes que argumentam essas narrativas geralmente são externas e muitas vezes, quando midiaticizadas, póstumas. Veena Das contorna as linhas da violência e como sua estrutura se banaliza em um cotidiano sem alarde com horror, assim como Ivete Carmagos e Terezinha Taborda costuram esse horror indizível em palavras escritas, da mesma forma que Margareth Rago também o faz com relatos de violência de mulheres durante a ditadura militar no Brasil. Uma literatura que se equilibra entre a denúncia, a nomeação e a autoetnografia, que não só relata a experiência vivida, mas seu impactos e os contornos sociais envolvidos.

Referências: DAS, Veena. Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. Editora Unifesp, 2020. RAGO, Luzia Margareth. A Coragem Feminina da Verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG, 2015. WALT, Ivete Lara Camargos e MOREIRA, Terezinha Taborda (org.). Violência e escrita literária. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020.

A CRÍTICA TAMBÉM POETA ANA CRISTINA CÉSAR

Rayi Kena Ferraz da Cunha de Souza Teixeira

Resumo: O objeto principal desta apresentação será o texto “Nove bocas da nova musa” da poeta Ana Cristina César que saiu como artigo de jornal para o periódico Opinião em 25 de junho de 1976. Trata-se de um artigo de opinião curto sem pretensões teórico-críticas abrangentes, uma análise pontual sobre o lançamento do nº 42/43 da revista acadêmica Tempo Brasileiro que propunha apresentar a “Poesia Brasileira Hoje” (título da edição) a partir de uma pequena seleção de poemas e de textos críticos sobre a poesia da época. Ao fazer a crítica da revista, Ana Cristina diz que: “fica claro que não há uma reflexão por parte da revista sobre esta nova poesia, ou seja, uma proposta editorial que a oriente: o critério para publicação dos poemas foi simplesmente o seu ineditismo” (CÉSAR, 1993:46. Grifos da autora). A ausência de proposta editorial da revista referenciada por Ana Cristina parece apontar igualmente a dificuldade de se estabelecer critérios sobre os quais discutir a poesia contemporânea. Tal omissão é trazida logo de começo no texto de Ana C. como parte de um problema (um equívoco) crítico: a abstenção não esclarece nada. Ao analisar a posição crítica-literária da poeta em seu artigo de opinião buscaremos nessa apresentação a investigação e visualização de um campo crítico brasileiro específico sobre “as poesias contemporâneas” e como se dá o caso da crítica-poeta Ana Cristina César.

Referências: ANDRADE, Mário de. “O artista e o artesão” In: _____. O baile das quatro artes. São Paulo: Martins Editora, 1975. ASSIS, Machado de. Obra Completa. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>. Acessado a 2 de setembro de 2022. BOSI, Viviana. “Ana Cristina César: ‘não, a poesia não pode esperar’”. In: Vera Bastazin. (Org.). Travessias poéticas: poesia contemporânea. São Paulo: Educ, 2011, p. 468-495. CÉSAR, Ana Cristina. “Nove bocas da nova musa” In: _____. Escritos do Rio. Rio de Janeiro: UFRJ Editora & Brasiliense Editora, 1993. MELO NETO, João Cabral. Poesia e Composição – A Inspiração e o Trabalho de Arte. Lisboa: Fenda Edições, 1982.

ESCRITAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: A DESCIDA AO COTIDIANO NA LITERATURA BRASILEIRA EM "TUDO É RIO" E "O PESO DO PÁSSARO MORTO"

Vanessa Cardozo Brandão

Resumo: Inspirada por Veena Das (Vidas e palavras: a violência e sua descida ao ordinário, 2020) e sua leitura antropológica das emergências da violência extrema na vida ordinária, proponho uma leitura comparada de dois romances de escritoras brasileiras de literatura contemporânea: “Tudo é rio” (Carla Madeira, 2021) e “O peso do pássaro morto” (Aline Bei, 2017). Nos romances, o ato violento praticado contra a mulher estrutura a ordem narrativa que entrelaça erotismo e violência, no corpo da escrita. fazendo transbordar na literatura o ciclo de violência para além do universo eminentemente feminino. Interessa-me apontar modos como a ficção criada pelas autoras parece emergir das cenas cotidianas de violência contra a mulher, amplamente midiaticizadas nos telejornais que se dedica cada vez mais a pautar o tema, e alcançar um espaço de rearranjo do sensível (Ranciére, 2016) fazendo da literatura campo de afetação de pessoas já habituadas à violência cotidiana. As autoras operam um deslocamento do ato violento para escritas da violência trazendo, a partir da violência encenada na literatura (Walty e Moreira, 2020), novas possibilidades de mobilização do leitor. Assim, fazem emergir um corpo-escrita a partir do feminino e para além dele, atualizando no espaço literário (Blanchot, 2015) os impactos da violência na espaço social.

Referências: DAS, Veena. Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. Editora Unifesp, 2020. WALTY, Ivete Lara Camargos e MOREIRA, Terezinha Taborda (org.). Violência e escrita literária. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. BLANCHOT, Maurice. O Espaço Literário: Rio de Janeiro, Rocco, 2011. RANCIÉRE, Jacques. Políticas da Escrita. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. MADEIRA, Carla. Tudo é Rio. Rio de Janeiro: Record, 2021 BEI, Aline. O peso do pássaro morto. São Paulo: Nós, 2017.

EIXO 7

Estética e política,
literatura e resistência



SIMPÓSIO “ÉTICAS-ESTÉTICAS DECOLONIAIS: ESTRATÉGIAS LITERÁRIAS DE RESISTÊNCIA CULTURAL”

Elio Ferreira De Souza (UESPI), Roland Gerhard Mike Walter (UFPE) e Tania Maria de Araújo Lima (UFRN)

IMAGENS RESSIGNIFICADAS DE BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA: CAMINHOS ENTRE A TRADIÇÃO E A MEDIAÇÃO

Amanda Maria Elsner Matheus

Resumo: As obras *Columbus and Beatriz* (1892), da autora estadunidense Constance Goddard DuBois e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), do autor espanhol Pedro Piqueras, por meio do trabalho comparativo, favorecem um estudo enriquecedor a respeito da configuração literária de uma personagem de extração histórica “ex-cêntrica” (HUTCHEON, 1991) do período do “descobrimento” da América, ou seja, Beatriz Enríquez de Harana, cordobesa de origem humilde com quem Cristóvão Colombo teve seu segundo filho, Fernando Colombo. Dessa forma, pretende-se estabelecer um diálogo entre os romances, assegurando as especificidades que os caracterizam, a fim de promover um entrecruzamento entre o passado e o presente que nos possibilite ressignificar a atuação da mulher na história, antes e sempre silenciada pelo discurso patriarcal. Para tanto, esta análise apoia-se no referencial teórico sustentado por Coutinho (2008), Fernández Prieto (2003), Fleck (2017), Oliveira (2020), entre outros. Tais estudos teóricos, aliados à análise comparada, possibilitam-nos compreender os recursos estruturais e narrativos empregados pelos autores, bem como revelar o teor do discurso que emana das obras. Além disso, evidenciam, também, em que modalidades do romance histórico se filiam as obras analisadas, apontando os processos de aproximação e de distanciamento nas produções do século XIX e do XXI, que dão espaço protagônico a Beatriz Enríquez de Harana.

Palavras-chave: Literatura comparada; Romance histórico tradicional; Romance histórico contemporâneo de mediação; Beatriz Enríquez de Harana.

ARTE E LITERATURA INDÍGENAS CONTEMPORÂNEAS: UMA ESTÉTICA DA RESISTÊNCIA

Ana Carolina Cernicchiaro

Resumo: O presente trabalho propõe pensar a agência política da literatura ameríndia diante de uma guerra entre concepções de mundo, terra, ser e pessoa, uma guerra entre a “economia do cuidado” - conforme expressão de Kaká Werá (2018) a respeito da relação dos povos originários com a natureza que pressupõe que existir é sempre co-existir com pessoas de diferentes espécies e matérias - e o solipsismo do “povo da mercadoria”, nos termos de Davi Kopenawa (2015). Busca-se debater de que forma a resistência indígena e a luta pela terra são imanentes à estética dos povos originários. A produção de artistas e escritores indígenas não apenas coloca em cheque a universalidade da história da arte e seus dispositivos históricos e estéticos de invisibilidade, como também problematiza o pensamento utilitarista, etnocêntrico e antropocêntrico do “povo da mercadoria”, mostrando que racismo e antropocentrismo, genocídio e ecocídio são dois lados de uma mesma moeda, tentativas de justificar a dominação e a destruição da natureza, de invalidar a relação de pertencimento que os povos originários têm com a terra, o fazer corpo com a terra, com o solo e com o planeta. A literatura como forma de tensionar os limites de nossa ontologia, colocar nosso etnocentrismo e antropocentrismo em questão, abrir nosso mundo tão fechado em si mesmo para outros mundos. A estética cosmopolítica da arte e da literatura indígenas contemporâneas nos ensina, assim, formas outras de resistência e de existência, concepções outras de ser e de mundo, de ser no mundo, de ser-com o mundo.

Palavras-chave: Arte indígena contemporânea; Literatura indígena; Estética e política; Resistência.

A PALAVRA QUE RESTA EM DIAS QUENTES: RESISTÊNCIAS NOS SERTÕES DE STÊNIO GARDEL E JARID ARRAES

Ana Claudia Félix Gualberto

Resumo: Nas primeiras décadas do século XXI, houve um considerável interesse do mercado editorial brasileiro e, consequentemente, da literatura contemporânea pelos diversos “sertões brasís” e suas especificidades. Autoras e autores que abordam a temática dos sertões ou que escrevem nesses espaços geo-políticos-culturais, a exemplo de Jarid Arraes, Stênio Gardel, Socorro Acioli, Itamar Vieira Júnior, dentre outras/os, começam a ocupar lugar de destaque nas prateleiras das grandes livrarias e nas lojas do comércio virtual. Assim, neste trabalho, proponho analisar a (auto)representação dos/as sujeitos/as sertanejos/as, estigmatizados(as), silenciados/as e invisibilizados/as no romance A palavra que resta de Stênio Gardel e no livro de contos Redemoinho em dias quentes (2019) da escritora cearense, Jarid Arraes. Stênio Gardel nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará, e após participar de coletâneas de contos, lança seu primeiro romance A palavra que resta, em 2021. Jarid Arraes (1991-) é natural de Juazeiro do Norte, Ceará, e já possui uma obra literária significativa e diversificada, transitando no cordel, com Heroínas brasileiras negras em 15 cordéis (2020), na poesia, com o Um buraco com meu nome (2021), e na prosa, com o livro de contos Redemoinho em dia quente (2019), com os romances As lendas de Dandara (2022) e Corpos desfeitos (2022). As narrativas estão ambientadas no interior do Ceará, nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e Limoeiro do Norte. Esta análise, portanto, baseia-se nas críticas feministas decoloniais, a fim de “desconfigurar” o imaginário que se constrói sobre um sertão nordestino brasileiro.

Palavras-chave: Jarid Arraes; Stênio Gardel; Sertanidades; Decolonialidade; Resistências.

LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Ana Cleia Silva Pereira

Resumo: LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS Ana Cléia Silva Pereira(UEMA) Solange Santana Guimarães Moraes(CESC/UEMA) **Resumo:** Este trabalho objetiva analisar a obra Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, a partir de discussões ligadas a ficção, memória e autoafirmação, tendo em vista que a obra objeto configura-se como um instrumento de resistência, ao dar voz a um sujeito que foi historicamente apagado. O livro trata da invisibilidade da população subalterna e principalmente dos negros no Brasil, ao mostrar a rotina de uma mulher pobre e negra, que enfrenta vários desafios para conseguir sustentar os filhos, ao passo que registra todo seu cotidiano com o intuito de publicar sua rotina na favela do Canidê, em São Paulo, em meados da década de 1950. Com uma linguagem simples e escrita em forma de diário, a produção conseguiu ultrapassar as fronteiras brasileiras e se tornou um best seller. Diante dessas informações a pesquisa, ora apresentada, realizou-se por intermédio de uma investigação bibliográfica de caráter analítico, o estudo fundamenta-se em obras de autores como Halbwachs (2013), Evaristo (2005), Lejeune (2014), Bosi (2002), Ribeiro (2017) e outros. Ao final do estudo podemos notar que Carolina rompe com o ciclo de apagamentos sofrido pela população negra ao longo dos anos, utilizando-se de um discurso próprio e autêntico. **Palavras-chave:** Memória; Resistência; Quarto de Despejo.

Palavras-chave: Memória; Resistência; Quarto de Despejo.

ENTRE A FICÇÃO FEMININA MOÇAMBICANA DE PAULINA CHIZIANE E O PENSAMENTO CARIBENHO DE PATRICK CHAMOISEAU: “NIKETCHE. UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA” TRADUZ “ÉCRIRE EM PAYS DOMINÉ”

Ariane Da Mota Cavalcanti

Resumo: Este trabalho parte da premissa de que os esforços em se problematizar as literaturas africanas e afro-diaspóricas dentro do campo dos Estudos Pós-coloniais tendem a gerar reflexões significativas quando se preocupam em comparar as diferentes formas de se pensar e se produzir a ficção em países distintos que atravessam no presente os impactos da violência colonial do passado. Nesse sentido, traçar um paralelo entre de que maneiras particulares escritores pertencentes a sistemas literários subalternizados diversos, a geografias peculiares, a gêneros plurais, no intuito de investigar como estes produzem sentidos éticos e mobilizam uma amálgama estética heterogênea,

se faz o objetivo geral da presente proposta. Busca-se, de modo específico, inscrever um possível diálogo entre as produções de Patrik Chamoiseau (Martinica) e Paulina Chiziane (Moçambique), pretendendo-se discutir como pressupostos críticos do escritor martinicano dissolvidos em “Écrire em pays dominé” (ANO) poderiam ser lidos na escrita de “Nickette: uma história de poligamia” (ANO), da autora moçambicana, de modo a vivificarem suas escolhas estéticas na tessitura do romance em termos de seleções e combinações (ISER, 2002) de possibilidades de narrar, de utilizar vocábulos, de dialogismo com vozes não canônicas, bem como pertencentes à tradição literária ocidental. Defende-se, em foco, que as poéticas do “velho guerreiro”, da “pedra mundo”, pensadas por Chamoiseau na sua escrita como nativo do “país dominado” Martinica, seriam modalidades estético-políticas que poderiam ser associadas à obra da escritora, a qual, especificamente, dialoga com a geografia da África lusófona e com um projeto ficcional que se compromete, eticamente, em protagonizar representações de gênero, a figura feminina negra, interseccionada pelo patriarcado da sociedade local. Nessa perspectiva, Chiziane “traduziria” (BARBOSA, 2005) o pensamento de Chamoiseau em sua ficção. Como referencial teórico-crítico, entre outros nomes, estão: Inocência Mata (2013), Maria Lugones (2008); Rita Chaves (2006); Roland Walter (2009); Stuart Hall (2003).

Palavras-chave: Paulina Chiziane; Patrick Chamoiseau; Estudos Pós-coloniais; Gênero; Tradução.

O ESTILO DISRUPTIVO NA FUSION FICTION DE BERNARDINE EVARISTO EM GIRL, WOMAN, OTHER: ALTERIDADES EM CENA

Camila de Jesus Silva

Resumo: Uma análise da carreira literária da escritora anglo-nigeriana Bernardine Evaristo demonstra que seu trabalho artístico enseja inovações estéticas e rupturas com as formas e as temáticas hegemonicamente determinadas aos gêneros literários canônicos. Não obstante, Evaristo constrói personagens cujas histórias e enredos denunciam de maneira satírica as violências que sofrem decorrentes das posições subalternizadas que representam: são pessoas negras de sexualidades e gêneros divergentes da heteronorma, em sua maioria imigrantes ou seus descendentes na Inglaterra. A partir deste contexto, esta pesquisa de mestrado tem como corpus o seu romance publicado em 2019, intitulado *Girl, Woman, Other* e laureado com um Booker Prize que marca a primeira vez que uma mulher negra recebe o prêmio. Nesta obra, Evaristo utiliza de uma linguagem e narratividade disruptiva que denomina de “fusion fiction” em que opera quebras dos pactos linguísticos de escrita do gênero romance. Assim, esta dissertação investiga a inovação estética formal do discurso romanesco a qual caracteriza como “estilo disruptivo”, aliada ao tratamento de temáticas e personagens que representam alteridades dissidentes limiares na obra. Em *Girl, Woman, Other*, as alteridades em cena são impulsionadas pela expressão de uma linguagem fluida e marcada por traços discursivos distintos e para fins estéticos específicos que demonstram o interesse do estilo disruptivo de Evaristo: a produção de uma literatura contemporânea que questiona as bases das noções de representação, identidade e gênero. Nesse sentido, um dos aparatos principais para o entendimento da escrita de Evaristo é o estudo do foco narrativo e da personagem desenvolvido pelos teóricos/as da literatura empregados, principalmente, Bakhtin, Friedman, Leite e Brait, além de percepções dos estudos culturais pós-coloniais relativas a autores/as como Hall, Bhaba, Spivak, Fanon e Kilomba. Também é parte essencial para a compreensão da questão da representação, dos estudos feministas interseccionais e queer as reflexões de hooks, Butler e Preciado.

Palavras-chave: Estilo disruptivo; Fusion fiction; Literatura inglesa; Identidades negras; Alteridades dissidentes.

O TEATRO DE JÚLIO ROMÃO COMO SAGRAÇÃO DO NEGRO

Cristina Gomes De Brito

Resumo: A Escrivência proposta por Conceição Evaristo, enquanto viés literário, se destaca ao dar visibilidade às pessoas negras por meio de denúncias sociais. Nesse contexto de escrivência, se sobressaem narrativas teatrais voltadas para o Teatro Negro. A atuação negra no teatro faz mitigar a marginalização da massa afro-brasileira escancarada desde o seu surgimento na

era colonial. A partir da criação do Teatro Experimental do Negro – TEN se descortina para o corpo negro perspectivas de estar no palco se expressando em movimento na arte e pela arte. Com isso, se desconstrói o desprezível costume de tingir de preto rosto de ator branco para atuar como negro, como também minimiza a condição de o negro ser visto em palco somente como serviçal. Nessa perspectiva, Júlio Romão cria um teatro no bairro do Méier, no Rio de Janeiro, e convoca pessoas negras para encenar as suas peças, a saber: A mensagem do Salmo (2018) e José, o vidente (2018), isso para remover o negro da marginalidade e transformá-lo em ator. As peças expressam aspectos sócio-político-sociais que transcendem a literatura e promovem reflexões e questionamentos acerca da escravidão e da realidade social da qual o autor faz parte por ser negro e por pertencer a uma posição social desfavorável. Nesse sentido, nos propomos a analisar as duas peças mencionadas pela ótica da Escrivência.

Palavras-chave: Escrivência; Teatro negro; Júlio Romão.

O SILÊNCIO VIOLADO COMO RESISTÊNCIA NO POEMETO, DE CRAVEIRINHA

Derivaldo Dos Santos

Resumo: A presente proposta se ocupa de um estudo crítico do Poemeto, de José Craveirinha, publicado em 1980, que integra seu conjunto de poemas intitulado Cella I, fazendo também da parte da Antologia Poética do poeta, organizada por Ana Mafalda Leite (2010). O objetivo principal de nossa comunicação é analisar o discurso veiculado no referido poema como fala ensurdecadora combativa e de resistência ao discurso da ordem instituído pelo imperativo do silêncio no espaço opressor (a prisão), alusivo ao contexto histórico e político de Moçambique. Os versos do poeta remetem a vozes privadas de poder e à sua superação, compreendendo tanto a atitude combativa ao silenciamento imposto quanto a violação de espaços violentos e opressivos. Para tanto, tomamos o silêncio como signo capaz de irradiar significações sociais (BARTHES, O neutro, 2003) e "reserva de força" (HOLANDA, Sob o signo do silêncio, 1992), de modo que romper o silêncio, em contexto violento, pode representar a busca do direito político de liberdade, o direito à fala e à vida: "sem a fala, seremos reduzidos a seres sem política, sem tolerância, sem poesia, em síntese, sem o humano, diz Aducci Novaes, em O silêncio e a prosa do mundo, 2014, p. 13); se o silêncio aliado ao silenciamento (HOMEM, No limiar do silêncio e da letra, 2012, p. 34) pressupõe interdição ao censurado, porque implica "o que não se pode dizer", esta proposta investiga o rompimento do silêncio, na poesia de José Craveirinha, como combate à admissibilidade de experiências violentas e da tortura imposta historicamente aos africanos. Trata-se de um grito coletivo como exercício de fala ligada ao exercício de resistência à ordem vigente no contexto cultural, político e social de Moçambique.

Palavras-chave: Craveirinha; Poesia; Silêncio; Resistência.

"QUANDO TERMINA A ESCRITA DE UM TRAUMA?": GÊNERO, TORTURA E RESISTÊNCIA EM "AS MENINAS", DE LYGIA FAGUNDES TELLES, E "O CORPO INTERMINÁVEL", DE CLAUDIA LAGE.

Douglas Ernesto Fernandes Gonçalves

Resumo: O título deste trabalho traz uma indagação da psicanalista Maria Rita Kehl sobre a produção de literatura sobre eventos históricos traumáticos. Ao exemplificar a produção de conteúdo sobre a Segunda Guerra Mundial, que mesmo sete décadas após seu acontecimento ainda alimenta de conteúdo os consumidores de literatura, cinema, artes, transporta este discurso para nosso passado recente com os fatos desencadeados pela Ditadura Militar Brasileira, entre 1964 e 1985. Para esta comunicação, nosso objetivo é provocar um diálogo entre dois romances escritos por mulheres que trabalham as relações gênero no contexto de autoritarismo dos governos militares. Lygia Fagundes Telles produz e publica seu romance sobre três estudantes universitárias em um pensionato católico, em meio ao Ato Institucional 5, que cerceava liberdades e perseguia opositores ao regime. Claudia Lage, trinta anos após a redemocratização do país, contemporâneo a Comissão Nacional da Verdade, trabalha em seu mais recente romance, a saga de um filho a procura sobre sua mãe por meio de memórias e desperta em personagens ao seu redor outros relatos sobre o período nefasto da nação. Se "a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao

mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p. 59), proponho possíveis leituras sobre o “narrar o inenarrável” (SELIGMANN SILVA, 2008, p. 67), e os efeitos da violência no corpo e resistência do feminino.

Palavras-chave: autoritarismo; feminismo; violência; Claudia Lage; Lygia Fagundes Telles.

A CARTA E A VIDA DE ESPERANÇA GARACIA: A FORMAÇÃO DO CÂNON DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Elio Ferreira De Souza

Resumo: A Carta de Esperança Garcia, de 6 de setembro de 1770, foi endereçada ao Governador da Capitania de São José do Piauí (MOTT, 1985, 2010), Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, uma “inusitada reclamação” (MOURA, 2004) por se tratar de uma escravizada que se dirige à principal autoridade do Piauí colonial setecentista. A referida epístola, do ponto de vista da escrita literária e resguardada as peculiaridades de petição e habeas corpus de uma mulher negra e escravizada brasileira, é um marco que se assemelha à Carta de Pero Vaz de Caminha (1500), missiva da chegada do branco ao Brasil. É mister afirmar, que a petição de Esperança é o registro mais antigo da escravidão no país, de autoria de uma mulher negra, brasileira e cativa, que denuncia as agressões contra ela e os seus filhos e reivindica direitos para si mesma e para as parceiras do cativeiro. Isso confere a essa narrativa de resistência o status da escritura de uma gênese da formação do cânon da literatura afro-brasileira, bem como um texto de ética decolonial. Em 25 de novembro de 2022, o Conselho Pleno da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Nacional, reconheceu Esperança Garcia como a primeira advogada do Brasil. Estabeleceremos também relações da referida narrativa de escravidão com o livro Incidentes da Vida de uma Escrava Contados por Ela Mesma (1861), de Harriet A. Jacobs, escritora estadunidense. Esse arcabouço textual torna-se peculiar à episteme da obra literária de autoras e autores negros do Brasil, especificamente nos séculos XVIII e XIX, cujas estratégias de narrar perpassam as cortinas do passado para significar lugares de encruzilhadas e experiências coletivas e pessoais dos autores e autoras afro-brasileiras contemporâneas. A escrita dos escravizados/as revela a gênese e a formação da narrativa autobiográfica de autoria afrodescendente.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira. Cânon. Esperança Garcia. Carta.

MATERIALIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS E SUA REPRESENTAÇÃO NA OBRA EVARISTIANA

Fabiana Dos Santos Sousa e Cleanne Nayara Galiza Colaço

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os contos Maria e Lia Gabriel, publicados no livro Insubmissas lágrimas de mulheres (2016), da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, buscando observar os processos discursivos por ela utilizados para construir a representação material da violência (de gênero, raça e classe) sofrida por mulheres afrodescendentes do Brasil. Adotei como metodologia a pesquisa bibliográfica, porque é um método inicial no desenvolvimento de um estudo investigativo, visto que após a escolha do tema, é necessário realizar a coleta bibliográfica acerca do mesmo, tendo em vista que esta leva a saber se as questões propostas já foram publicadas em outras pesquisas semelhantes e quais teóricos são mais relevantes academicamente para respaldar o assunto em estudo. O trabalho se faz relevante na medida em que promove a expansão do conhecimento cultural oferecido pela literatura evaristiana, em especial aquele produzido por mulheres negras, contribuindo, dessa forma, para mostrar ao mundo a ríspida realidade vivenciada por milhões de mulheres negras e homens negros neste país. De modo igual, conscientizar os leitores e leitoras da negligência governamental diante dessa situação. Para fundamentar o estudo, usei as ideias de estudiosas como Kimberlé Crenshaw (2018), Judith Butler (2020), Eni Orlandi (2015), Sonia Giacomini (1988), Martha Traverso-Yépez (1999), João Fernandes (2016), entre outros.

Palavras-chave: Palavras-chave: Materialidade da violência; Mulheres negras; Literatura Evaristiana.

A POESIA DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA INDÍGENA DE MARCIA KAMBEBA

Igor Marangon e Adriana Lins Precioso

Resumo: Considerando que a literatura de autoria indígena, desde o seu surgimento, esteve relacionada a um ativismo político-cultural, e que a poesia foi historicamente utilizada como instrumento de crítica social, os escritos de poetas nativos tornam-se pertinentes como recursos de resistência e engajamento à medida que se avançam nos debates pelos direitos aos povos originários. Com isso, propõe-se analisar a obra *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade*, da autora Marcia Kambeba, identificar as facetas da poética de resistência na literatura indígena e provocar reflexões sobre as questões identitárias da luta dos povos originários brasileiros presentes no texto. Parte-se inicialmente da conceitualização da formação da literatura indígena quanto uma escrita de voz política e engajada, identificando as especificidades estéticas e teóricas Nas produções de autores ameríndios. Em sequência são apresentados e discutidos os poemas selecionados, com intuito de identificar as particularidades da obra dentro da temática proposta. Para fundamentação teórica são utilizados os estudos de Graúna (2013), Munduruku (2012), Kambeba (2020) e Danner; Dorrico e Danner (2019; 2020). Em desenvolvimento, a pesquisa aponta a relevância da autoria indígena na ruptura de preconceitos e estereótipos, bem como no fomento e organização da luta por direitos, sendo também utilizada como instrumento cultural de crítica social e ativismo político.

Palavras-chave: Literatura indígena; Poesia de resistência; Marcia Kambeba

PARTEIRAS AFRO-INDÍGENAS EM COLOCAÇÕES DE SERINGA NA AMAZÔNIA

Joely Coelho Santiago

Resumo: Na perspectiva de vislumbrar parte do universo feminino, este trabalho tem como objetivo visibilizar atividades realizadas por parteiras afro-indígenas em colocações de seringa na Amazônia Sul-Occidental brasileira, especificamente na região do/no Vale do Guaporé-RO, fronteira Brasil Bolívia. Este estudo se justifica mediante possibilidade de registrar conhecimentos ancestrais praticados pelas parteiras na Mata amazônica associados às outras atividades produtivas e domésticas, assim como destacar suas contribuições no contexto social, econômico e cultural nas/das comunidades afro-indígenas da região específica. As mulheres, dentro das colocações de seringa, foram as principais responsáveis pela saúde dos membros familiares com preparos de chás, garrafadas, banhos e unguentos feitos a partir de plantas medicinais colhidas da própria Mata, pois era muito comum surtos de malária, sangramentos, problemas na visão, infecções e etc., além de rezas e benzimentos feitos por essas mulheres parteiras-seringueiras afro-indígenas. Dito isto, através de narrativas orais de vida e levantamento bibliográfico – Hampâté Bâ (1982); Benchimol (1999); Simonian (1995); Homi Bhabha (1998); Gayatri Spivak (2010); Patrícia Collins; Sirma Bilge (2020) (2020) dentre outro/as referente à temática – buscou-se evidenciar as experiências de parteiras da/na região repassadas de geração a geração entre mulheres mais experientes e mais jovens. Os resultados contribuem para interpretar o trabalho de parteiras afro-indígenas conjunta com outras atividades, seja no corte, coleta e defumação da borracha (atividades produtivas) seja na agricultura de subsistência, no cuidado da família, no período de resguardo e demais atividades ditas como domésticas.

Palavras-chave: Amazônia; Vale do Guaporé; Parteiras; Afro-indígenas.

DIMENSÕES DA ORALIDADE NO CONTO “A HISTÓRIA DO JACAMIM” DE JOSÉ MARQUES DE SOUZA

Juliana Feitosa Albuquerque

Resumo: A presente comunicação busca apresentar uma breve análise do conto “A história do jacamim” (1990) escrito pelo teatrólogo acreano José Marques de Souza, conhecido como Matias. Na intenção de refletir aspectos que se referem as dimensões de oralidade que atravessam essa construção narrativa, escrita por um sujeito que transmite seu saber em uma relação artesanal, na qual não somente a voz mas toda a dimensão corporal está conectada, contribuindo para a transmissão de conhecimentos, engendrados na contramão da lógica de separação corpo e mente - herança do pensamento cientificista que se institui como hegemonia a partir do século XIX. A carga de oposição construída para que literatura e oralidade apresentem diferenças irreconciliáveis foram sedimentadas em não mais que dois ou três séculos, mesmo que pareçam perpetuar desde tempos de longa duração, portanto o compartilhamento de experiências em uma narrativa que pretende

realçar outras possibilidades de interação, compreensão e ação no mundo, partindo de saberes vivenciados por populações historicamente relegadas às margens em que suas produções são desvalorizadas porque são subjetivadas como um tipo de conhecimento inferior abrange percepções para espacialidades e temporalidades diversificadas, propondo reimaginar imaginários e talvez possibilite questionar a métrica e o espaço que é reservado para a arte produzida na Amazônia acreana. As reflexões apresentadas nessa comunicação estão alinhadas com as discussões propostas por ZUMTHOR (2007) e BENJAMIN (1987).

Palavras-chave: Oralidade; Teatro; Amazônia acreana

“DI LIXÃO”, MENINO NEGRO: A PALAVRA COMO REVELAÇÃO DO (NÃO)LUGAR DA HUMANIDADE.

Julianny Katarine Aguiar de Oliveira

Resumo: O presente artigo desenha uma arguição acerca da (sobre)vida mapeada pelo racismo do menino “Di Lixão”, personagem do conto que leva seu nome, presente na coletânea “Olhos D’água”, 2014, da escritora negra brasileira Conceição Evaristo. Para compor a análise, considerou-se a palavra, em sua configuração gramatical em justaposição – marca estilística da autora – como um exercício literário de revelação e norte das denúncias registradas por Evaristo acerca das mazelas que atravessam esse corpo negro infante por um brutal exercício constante de desumanização e coisificação. Para isso, observou-se com cuidado a potência geradora das palavras-travessias: “quarto-marquise”, “ovo-vida” e “coragem-deseespero”, adicionadas ao texto de forma muito estratégica, como se a interpretação do conto estivesse dentro de seus significados. Para fundamentar as leituras apontadas, traz-se como base analítica o entrelaçamento do conceito de sub-humanidade, do Ailton Krenak (2019), os estudos acerca da masculinidade negra desenvolvidos pela professora e filósofa norte-americana bell hooks (2019) e, também, a crítica de Achille Mbembe (2011) alcinhada de Necropolítica, acerca do exercício do biopoder na questão racial. Por fim, espera-se com o presente texto ampliar e contribuir nos estudos críticos sobre a obra de Conceição Evaristo expandindo, assim, a importância da sua obra para a literatura brasileira e como um marco no exercício do antirracismo na academia.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; racismo; literatura brasileira

LITERATURA FEMININA NEGRA: VOZ E EMPODERAMENTO

Katia Cilene Souza Alcantara Santana

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o espaço que é disponibilizado a Literatura Feminina Negra no Componente de Língua Portuguesa do Ensino Médio no Núcleo Territorial de Educação 18 da Bahia. A escola sempre validou em seu pedagógico valores patriarcais e hegemônicos. Atualmente muito se ouve falar em empoderar os alunos pretos, acreditamos que contemplar a Literatura Feminina Negra é o caminho para dar voz e escuta aos alunos e enfraquecer o sistema patriarcal. Se para o homem negro ter a sua voz escutada é um processo difícil, para as escritoras negras estarem inclusas nas seletas listas dos professores é muitos mais desafiador. Preconceito racial, sexismo e violência social são entraves para que a voz feminina negra entre no espaço escolar, pois os resquícios do colonialismo ainda enxergam a mulher negra apenas como subserviente. Após 19 anos da Lei 10.639/ 2003 percebemos que a sua aplicabilidade ainda é muito tímida, fortalecendo para que uma temática tão importante e necessária adentre a escola de forma folclórica. A partir deste estudo faremos um mapeamento para identificar se a Literatura Feminina Negra está sendo referenciada pelos professores na escolha dos paradidáticos no NTE 18 e de que forma, quando e como estão sendo utilizados nas aulas. Tivemos como base teórica Por um Feminismo Afro Latino Americano (LÉLIA GONZALEZ, 2020), Memórias da Plantação (GRADA KILOMBA, 2020), Ensinando a Transgredir (BELL HOOKS, 2017) e O feminismo é para todo mundo (BELL HOOKS, 2022). A proposta é que após o levantamento das informações o Artigo seja disponibilizado para o NTE 18 para que a instituição repense quais os encaminhamentos devem ser feitos.

Palavras-chave: Palavras-chave: Literatura Feminina Negra; Paradidáticos; Empoderamento

POÉTICA E REALIDADE

Katia Fernandes de Lima

Resumo: A poesia da moçambicana Noémia de Sousa mescla lirismo com as experiências brutais do mundo colonizado ao embalar o movimento de independência dos países africanos. Escrita entre 1948 e 1951, sua proposta estética engajada não apenas serve de instrumento de conscientização para o autóctone acerca da política imposta pelo dominador português, mas também ajuda o leitor a refletir sobre mecanismos que propiciaram a vulnerabilidade do corpo negro à violência, inclusive nos dias atuais. Nota-se que a racialização, estrutura de poder instituída por intermédio do capitalismo, biparte o planeta entre europeus e não europeus, conforme destaca Quijano (2009). Dinâmica de dominação que é contestada artisticamente pela voz de Sousa enquanto temática central do único livro publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) em 2001, pois, diante do contexto socio-cultural desfavorável às ações anticolonialistas da época, a obra da poetisa circula de maneira dispersa em periódicos do movimento de luta pela libertação de Moçambique até a plena independência política do país (1975). Na coletânea intitulada Sangue Negro (2001), mediante a perspectiva crítica da autora, percebe-se que as referências culturais do colonizador são revistas, assim como o modelo tradicional de versejar. Essa prática de resignificação de valores faz emergir novos estilos de expressão que sinalizam elementos de rupturas ao paradigma hegemônico, segundo argumenta Noa (2001) a respeito dos registros da língua ronga nos poemas ou sobre vibração do sujeito lírico enquanto porta-voz dos oprimidos. Em tal projeto lírico, a presente comunicação focaliza o enlace de texto e contexto na leitura de "Um dia" a fim de destacar as estratégias estética e política de Sousa, entre as quais, o hibridismo linguístico, a referência à oralidade, o uso do possessivo "nosso" que estabelece ligação entre possuído-possuidor.

Palavras-chave: Poesia africana; Ruptura, Noémia de Sousa.

ESCREVIVÊNCIA COMO PRÁXIS ÉTICA

Lucas Anderson Neves de Melo

Resumo: Lívia Natalia de Souza (2019) propõe uma distinção entre os conceitos correntes de escritas de si e autoficcionalização com a formulação evaristiana da escrevivência, a partir de uma circunspeção das noções de representação (Darstellung) e expressão (Ausdruck). A primeira derivada de sua formulação spivakiana, delineia um processo de alienação da fala do outro; quanto ao segundo, tomado em sua acepção derridiana, como agenciamento coletivo. Pelo que a escrevivência não se confunde com a autoficcionalização, pois não é uma escrita de si mesmo, é uma escrita de nós mesmos; não se trata do indivíduo, mas da emergência da fala das coletividades em-subalternidade. Tomando esta hipótese, o presente artigo propõe pensar a categoria escrevivência (EVARISTO, 2020a; 2020b; SOUZA, 2018) como um operador conceitual habilitado a pensar problemas de natureza ético-estética atinentes às literaturas amefricanas contemporâneas, com vistas a estabelecer a indagação acerca das relações possíveis entre escrevivência e as propostas dusselianas de uma ética e uma estética da Libertação (DUSSEL, s.a.; 1986; 2018). Para tal procederemos a leitura e interpretação crítico-reflexiva de três contos, a saber: "Do lado do corpo, um coração caído", de Conceição Evaristo (2018); "Alice está morta", de Miriam Alves (2011); e, por fim, "Pixaim", de Cristiane Sobral (s.a.).

Palavras-chave: Escrevivência; Ética da Libertação; Estética da Libertação; Literatura e Filosofia; Literaturas Amefricanas.

A MELANCOLIA ANDINA: UMA ABORDAGEM DA LITERATURA, FOTOGRAFIA E MÚSICA NO PERU DE MEADOS DO SÉCULO XIX ATÉ O PRESENTE

Luis Miguel Ojeda Huaynalaya

Resumo: A melancolia é conhecida desde a antiguidade como uma doença que abarca um conjunto de sintomas e certos mecanismos de cura. Partindo desde a tradição grega dos humores, passando pela relação intrínseca com o tédio nos tempos de dominação da religião cristã na Europa, até chegar na relação psicanalítica do luto e da perda, a melancolia é um tema que desperta interesse e é passível de ser analisada por diversos campos. A partir de autores como Roger Bartra, Jean

Starobinski e László F. Földényi procuro fazer um compilado teórico-histórico crítico sobre a melancolia. Com ocorrências principalmente na Europa, tinha entre suas vítimas poetas, homens da ciência e da religião. Com a colonização chega na América Latina e logo se impregna das características que o conquistador observa nos nativos conquistados. Assim, ao indígena, especificamente nos Andes peruanos onde concentro minha pesquisa, foram impostos aspectos emotivos como a raiva, o alcoolismo e, em acréscimo, a melancolia. Perdurando por todo o processo de colonização e das jovens repúblicas independentes para chegar ao presente, interceptado nas margens da psicologia. Assim, no trabalho a seguir busco gerar um debate relacionado ao estereótipo do nativo melancólico, tomando como referência textos literários, fotografias e letras de música desde meados do século XIX até o presente, para tentar entender como os estereótipos persistem e como conseguiram foram institucionalizados ao longo do tempo.

Palavras-chave: Melancolia; Andes; Peru.

OUTROS BRASIS: O MUNDO QUE NÃO ME CONTARAM EM EU SOU MACUXI E OUTRAS HISTÓRIAS DE JULIE DORRICO

Maria Luana Caminha Valois

Resumo: É dado que o território hoje designado Brasil já estava habitado antes da invasão europeia, e que os povos originários já possuíam seus ritos, danças, estéticas, costumes e organização política. Esta afirmação foi, por muitos anos, negligenciada, e é desse abandono que surge nossa investigação. Pensando em termos literários, e entendendo que a sociedade dominante escuta pela letra, desde 1988 - com a promulgação da constituição federal -, os nativos se esforçam para publicar suas histórias em contraponto aos estereótipos canônicos (selvagens, preguiçosos, infantis). A vista disso, nos dedicaremos à obra *Eu sou macuxi e outras histórias* de Julie Dorrico. Com a finalidade de entender, desde a perspectiva do nativo, aspectos da sua cultura. Assim, nosso esforço incide em conhecer o povo, seus ritos e costumes assinalados ao longo dos escritos da autora Macuxi já mencionados. Também, buscamos refletir à luz de teóricos como ESCALANTE (2015), WALSH (2009), MIGNOLO (2008), GLISSANT (1981), QUIJANO (1992), como este povo se percebe no conceito de nação brasileira. Deste modo, afirmamos que esta pesquisa corrobora na direção do amplo entendimento da produção literária indígena contemporânea, bem como, coopera com a disseminação de vozes marginalizadas. Para mais, favorece para diminuir o abismo entre o estado brasileiro e os povos indígenas.

Palavras-chave: Literatura Indígena, macuxi, Julie Dorrico.

ESCREVIVÊNCIA E DECOLONIALIDADE NO POEMA "O COLONO E O FAZENDEIRO", DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Maxswell Brito Oliveira e Elio Ferreira De Souza

Resumo: O colonialismo e a escravização promoveram o aviltamento do corpo, da cultura e da identidade negra. Marcados por violências físicas, morais e psicológicas tais processos ocasionaram a depreciação do trabalho realizado pelo negro, justificando a sua exploração. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva investigar de que forma o poema "O colono e o fazendeiro" de Carolina Maria de Jesus atua como protesto ao pensamento colonial, quando expõe um panorama social em que apresenta o modo de vida exploratório que o negro é submetido mesmo após o fim da escravidão. Trata-se de uma pesquisa fundamentada na crítica literária sociológica e tem como meta relacionar os versos do poema com a realidade do negro nos dias atuais. Para tanto, se estabelece um diálogo com o estudo da poesia negra desenvolvida por Elio Ferreira de Souza (2017), assim como as pesquisas acerca da vida e obra poética da escritora, produzidas por Rafaella Andréa Fernandez (2018), Tom Farias (2018) e Amanda Crispim Ferreira (2022), além dos textos da própria Carolina Maria de Jesus em "Antologia pessoal" (1996) e "Diário de Bitita" (1986). Utiliza-se ainda para tratar do decolonial na poética de escrituragem de Carolina Maria de Jesus os textos de Conceição Evaristo (2020a; 2020b) e Nelson Maldonado-Torres (2020). Conforme as análises, corroborou-se o fundamento de que a poetisa se utiliza da oralidade, de recursos memorialísticos e de suas experiências para apresentar uma perspectiva decolonial que se opõe à tradição da exploração do

homem pelo homem, evidenciando o local da exclusão do negro e objetivando o rompimento de narrativas exploratórias.

Palavras-chave: Escrivência; Decolonialidade; Poesia negra; Carolina Maria de Jesus.

AIMÉ CÉSAIRE E A NEGRITUDE COMO DEVIR

Normelia M Parise

Resumo: Com esta comunicação, propomos voltar à Negritude de Aimé Césaire, assinalando, com isso, a atualidade de sua obra na luta contra o racismo e no contexto dos estudos (de)coloniais (WALSH, 2013). E, a atualidade da Negritude cesariana, como categoria etnográfica, histórica, política, cultural e poética, para se inventar um « mundo comum » a partir da diferença e da multiplicidade. Ao dialogarmos com as críticas à Negritude de Césaire, consideramos que ela não constitui um antiracismo a ser superado (SARTRE, 1948), nem se fecha em um essencialismo racial (DEPESTRE, 1980), mas se insere num movimento de criação, de invenção que se inscreve no compasso da História, e não em um mito ou uma essência fundadora. Trata-se, sobretudo, de uma poética que se insere numa gesta de criação e de auto-criação como forma de re(existência). Propomos, assim, pensar seu « anti-poema » Cahier de retour au pays natal, escrito ao longo de 20 anos¹, como a matriz de uma palavra (parole) polêmica e poética que inaugura um devir negro do Universal ocidental, um devir negro da cultura e da literatura ocidentais (GATTARI & ROLNIK, 1986). A leitura do poema, de sua construção temática e poética, dialoga com as reflexões de Aimé Césaire sobre a Negritude, presentes em seus escritos e entrevistas. Abordaremos o poema nos níveis da enunciação, da imagem (poética), da temporalidade e da forma. A « identidade problemática » do eu lírico, o valor performativo da linguagem poética (COMBE, 1996); a forma entre lirismo, prosa e discurso ; as imagens que figuram a tensão e dinamicidade estão na base de uma compreensão do poema como combate, agônico e antagônico, no qual o eu lírico e o poema se auto-engendram num devir nègre da poesia. O poema consagra, assim, a Negritude « comme mouvement et comme devenir » (DIAGNE, 2014).

Palavras-chave: Aimé Césaire – poesia – Negritude – devir - de(s)colonialidade

NARRATIVAS SOBRE CANUDOS: ANÁLISES, INTERPRETAÇÕES, COMPARAÇÕES E CONFLUÊNCIAS POSSÍVEIS

Otávio de Jesus Assis

Resumo: A produção de narrativas tanto na dimensão histórica quanto ficcional é perpassada por diversos elementos que constituem ethos de discurso, provocando o que se poderia chamar mesmo de uma aventura interpretativa. Esse caso bem se aplica à literatura. Pelo texto literário evoca-se o passado no presente a partir de uma reativação da memória e, desse modo, abrem-se possibilidades de releituras diversas e reconstruções de signos para além da concepção estática que tantas vezes dele se tem destes. Trata-se, em verdade, de prospectar outras interpretações de fatos narrados fora do universo factual, trazendo-os para dentro dele, performando, pois, um outro novo discurso. Sendo assim, este trabalho pretende estabelecer uma discussão sobre questões relativas à análise e interpretação, tomando como base o texto do professor Silvano Santiago (2000), de igual título, buscando redirecionar alguns dos seus postulados para dadas narrativas, a saber: A guerra do fim do mundo, de Vargas Llosa; O pêndulo de Euclides, de Aleilton Fonseca; A casca da serpente, de J. J. Veiga e Veredicto em Canudos, de Sandor Marái. Para efeito da discussão proposta, estabelecemos a pesquisa bibliográfica como metodologia e também tentamos colher elementos de análise comparativa a partir do trabalho de Rogério Fernandes de Macedo (2021) em Sinologia Comparada, buscamos, ainda, ancoragem nos Estudos Culturais. Palavras-chave: Análise e interpretação; Canudos; Narrativa; Comparação; Confluências.

Palavras-chave: Análise e interpretação; Canudos; Narrativa; Comparação; Confluências.

UMA POÉTICA DAS BORDADEIRAS: RESISTÊNCIAS E IDENTIDADES REGIONAIS PARA A REINVENÇÃO DO SERIDÓ POTIGUAR.

Pedro Henrique Bezerra de Farias

Resumo: Este trabalho objetiva refletir as possibilidades de resistência, a partir das trajetórias de vida das artesãs da Casa das Bordadeiras, no território do Seridó, sertão potiguar, para uma noção de desenvolvimento antissistêmica, anticapitalista, decolonial. Percorremos o protagonismo das mulheres no território, que vem atuando numa geografia da resistência e da memória (MORAIS, 2021), na manutenção da tradição, da cultura e identidade regional, da perpetuação de saberes ancestrais, da reinvenção estética, e numa perspectiva de economia colaborativa e solidária. A partir do resgate do imaginal, das razões do coração, do terreno fértil da infância, da arte de fiar, buscaremos perceber a existência de uma poética das bordadeiras, onde essas imagens poéticas e criativas vindas do inconsciente, noturno, tornam-se a "origem da consciência", da razão, da ciência, diurnas, e são como "germe" de novos mundos imaginados e novas interpretações (BACHELARD, 1988, p. 1). O território do Seridó vem sendo marcado por uma série de transformações no modelo de produção, marcado por um modelo produtivo globalizado e industrializado. O Programa de Interiorização da Indústria Têxtil - Pró-Sertão, surge como uma das políticas de Estado visando a inclusão dos territórios e das mulheres, nas chamadas facções de costura, considerando um contexto de masculinização das atividades do campo, numa perspectiva de terceirização, onde vem se percebendo a violação de direitos trabalhistas, a exemplo da informalidade e jornadas de trabalho exaustivas, o que vem demonstrando desafios na inserção produtiva das mulheres e acentuando desigualdades de gênero. O modelo de desenvolvimento adotado pelo Estado vem se apresentando a partir de uma noção de território importada da Europa em que se priorizam as propriedades jurídico-políticas do território, os trâmites burocráticos, o capitalismo, e vem ameaçando a vida humana e não humana (HAESBAERT, 2021) e que, portanto, precisa ser reinventado, reencantado.

Palavras-chave: Bordadeiras; Identidade; Regional; Decolonialidade.

PERIFERIA E REVOLUÇÃO ANTROPOFÁGICA: TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA EM "PERIFOBIA" E "RUA DO LARGUINHO E OUTROS DESCAMINHOS", DE LILIA GUERRA

Rejane Pivetta de Oliveira

Resumo: No cenário cultural brasileiro contemporâneo é notável a potência transgressora com que emerge a escrita de sujeitos periféricos, compondo outras territorialidades (Haesbert, 2020; Santos, 2006), novas formas de subjetivação, de estar no mundo e dar a vê-lo. Trata-se de contranarrativas literárias, criadas desde uma posição deslocada dos lugares da produção artística e intelectual dominantes. Manifestos como "Terrorismo literário" (Ferréz, 2005), "Manifesto da Antropofagia Periférica" (Vaz, 2008) e "Manifesto Favelofágico" (Bando Favelofágico, 2015) dão conta de um movimento crítico articulado da periferia contra o processo de dominação colonial persistente na cultura brasileira, numa apropriação insubordinada do "Manifesto Antropófago" (1990), de Oswald de Andrade. Esta comunicação pretende discutir o legado oswaldiano da antropofagia no processo de incorporação da favela como território de devoração de um "mundo indigesto" (EUGÊNIO, 2020, p. 107) por parte de sujeitos marcados pela experiência periférica, no exercício de "devorar o mundo e dele extrair o que importa" (id., p. 124). No lastro dessa reflexão, serão postas em tela as obras *Perifobia* (2018) e *Rua do Larguinho e outros descaminhos* (2021), de Lilia Guerra, tendo em vista os movimentos que nelas observamos de reconstrução de territórios e identidades de mulheres negras, personagens apresentadas na sua condição existencial de trabalhadoras que ocupam ruas, praças, terreiros, quadras de samba e margens das cidades, como espaços de manifestação de afetos, sociabilidades e liberdades, em dissenso com a ordem preconcebida das coisas. Desse modo, propomos examinar a hipótese de que as narrativas de Lilia Guerra absorvem e transformam os modos preconcebidos de ser e narrar, numa típica operação antropofágica, pela qual a literatura se alimenta da matéria periférica recalcada e invisibilizada, convertida em vitalidade política instauradora de mundos (Pelbart, 2016).

Palavras-chave: Lilia Guerra; periferia; antropofagia; território; resistência

LITERATURA COMPARADA E DESCOLONIALIDADE

Roland Gerhard Mike Walter

Resumo: Este trabalho parte da hipótese que um dos mais graves efeitos da colonização na neocolonialidade do presente é a brutalização e o deslocamento de pessoas e a destruição de lugares. Desde a máquina da plantação e das minas até a máquina da favela os diversos tipos de violência deslocaram a relação entre o sujeito, o lugar e o mundo no sentido de ela não nascer organicamente das experiências, tradições e crenças culturais porque a ligação entre palavra/linguagem, memória, identidade e cosmovisão foi rompida e recriada num processo de transculturação. Nesta transculturação, a palavra ferida e a palavra imposta iniciaram uma dança esquizofrênica que se tem alimentado de ritmos sincópicos desde o passado ao presente, com passos fortes e fracos de dominação e resistência, ligando o colonial, o neocolonial, o pós-colonial e o decolonial em distonia. Com base nesta hipótese surge a questão da literatura e teoria neste cenário (pós-/neo/de)colonial. Como examinar as relações entre terra/lugar/espço, saber/poder, (alter) ideologia, discurso, (contra) memória e identidade/identificação/posição de sujeito na interface entre o colonialismo do passado e as colonialidades contemporâneas? Em diálogo com Fredric Jameson, Pierre Bourdieu e Edward Said apresento a minha abordagem teórica dos três inconscientes – o “inconsciente político” (Jameson), o “inconsciente cultural” (Bourdieu) e o “inconsciente ecológico” (Walter) – em ligação com o conceito da “memória inter/transbiótica” (Walter). Dentro da área da literatura comparada esta abordagem suplementa o que Édouard Glissant chama a “estética da terra” com o objetivo de revelar e problematizar quais as práticas textuais de descolonização/ resistência ao contínuo roubo e à contínua destruição da terra.

Palavras-chave: identidade, memória, terra, abordagem teórica, descolonização.

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO COM POESISTÊNCIA: CHICO CÉSAR & AILTON KRENAK

Tania Maria de Araújo Lima

Resumo: Esta pesquisa pretende analisar a canção “Reis do Agronegócio”, de Chico César, em um diálogo culturalista com o livro Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak. O que ganharia a área de literatura afro-ameríndia ao se estudar um assunto de tal relevância na atualidade? Que interesse teria um estudo sobre a natureza de um poeta Griots no desenvolvimento dos estudos literários da contemporaneidade? Em um diálogo precioso com a cultura indígena e afro-brasileira, inicialmente, pretende-se acionar relatos e imagens referentes à preservação da natureza. Acreditamos que o vocábulo natureza em Chico César e Krenak encontra-se nas fronteiras dos interstícios do verbo resistência po(ética), principalmente, quando denunciam que as atrocidades cometidas pelo capital financeiro ao ecossistema brasileiro se enquadram dentro de um processo de dizimação dos mais perversos. Assim, ao observarmos as dobras deixadas pelo lixo da exploração capitalista, amplia-se o solo movediço da barbárie que envolve não apenas o planeta Terra, mas o cosmo inteiro. Estudar a natureza em sintonia com a poesia de Chico César e o pensar antropológico de Ailton Krenak traduz uma cosmovisão de irmandade no sentido da preservação, mas também do que há de mais sagrado na própria humanidade: a ecologia humana. Em sintonia com tudo isso, acredita-se que ao falar de natureza em Chico César e Ailton Krenak, talvez estejamos mais próximos das ancestralidades guardiãs da floresta, dos documentos geo-históricos jamais descritos em correspondência com um tipo de comunhão guardada secularmente pelos povos originários e africanos. Falar de natureza com poesistência, a partir das leituras filosóficas de Ailton Krenak, é requisitar a voz mineral com a sonoridade eco ambiental há muito esquecida de nossa crítica literária.

Palavras-chave: Poesia Griots. Natureza. Cultura afro-ameríndia.

ENTRE DEUSAS E MÃES, EVARISTO: AS REPRESENTAÇÕES ARQUETÍPICAS DOS ORIXÁS NA ENCHENTE DE ANCESTRALIDADES EM SABELA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Victhória Cristhiêne da Silva Nascimento

Resumo: a partir da (re)leitura de Sabela, novela presente na obra animista Histórias de leves enganos e parecenças da escritora brasileira Conceição Evaristo, este artigo pretende investigar como as representações arquetípicas de Oxum, Iansã, Oxumaré e Nanã se dão na narrativa de maneira a promover uma interlocução com as culturas afro-brasileiras que visam o movimento de

retorno à terra-mãe através do resgate às tradições e ancestralidades das personagens. A fundamentação teórica utiliza a tese do pensamento espiral de Fábio Penna (2020) como forma de trazer à tona as memórias das Sabelas, que revelam a maneira como as tradições dos povos diaspóricos estão imbricadas nas manifestações identitárias cartografadas no texto evaristiano, além de demonstrar como tais formações e ações se dão entre gerações distintas, centradas nas figuras das deusas-mães. Junto a isso, a poética da relação de Glissant (2021) introduz à análise a perspectiva abissal presente na novela, no sentido de que há uma extensão - para os descendentes desses grupos - de uma história interrompida, repleta de “palavras mudas”, como verificamos na tessitura da obra. Para a construção das performances das personagens e do encruzilhamento destas com os arquétipos dos orixás, serão revistas as poéticas do corpo-tela (MARTINS, 2021) propostas por Leda Maria Martins, que mesclam memória e identidade para compreender a função do tempo na manutenção da ancestralidade.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Sabela; Ancestralidade; Orixás; Arquétipos.

SIMPÓSIO “AFRONTANDO A RESIGNAÇÃO DOS SERENOS - POTENCIAIS DESESTABILIZADORES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA”

Lilian Reichert Coelho (UFSB), Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (UFSB) e Rosana Nunes Alencar (UNIR)

PÓS-MEMÓRIA E REMINISCÊNCIAS DE TRAUMAS EM ROMANCES DO PRÊMIO GONCOURT

Daniel Teixeira Da Costa Araujo

Resumo: Nas listas recentes dos romances finalistas do Prix Goncourt, célebre prêmio literário francês, destaco para esta reflexão dois romances: *Thésée, sa vie nouvelle* (2020), de Camille de Toledo, e *Enfant de salaud* (2021), de Sorj Chalandon. No primeiro romance, a corda na qual se enforca o irmão do narrador (*Thésée*) será o fio de Ariadne a conduzi-lo pelo labirinto familiar das gerações que o precederam por meio de uma narrativa arcaica que tenciona a dor do antissemitismo e uma fuga inútil de suas origens em busca de uma vida nova sem os fantasmas do passado. Já no segundo romance, as dúvidas do narrador quanto ao passado de seu pai durante a ocupação nazista da França na Segunda Guerra são tencionadas por dois momentos: quando ainda criança, o narrador escuta, sem compreender o porquê, seu avô dizer que ele era “filho de um canalha”, e, quando adulto e já jornalista, descobre o dossiê judicial de seu pai, denunciado por colaboração com os nazistas, apesar de ter contado ao filho pequenas situações fantasiosas de quando teria atuado junto à Resistência. A abordagem das duas obras se dará pela aproximação ao conceito de pós-memória, de Marianne Hirsch, que a descreve essa estrutura geracional de transmissão ancorada em múltiplas formas de mediação como a relação da geração seguinte com um trauma cultural vivenciado pela geração anterior e transmitido de maneira profunda e afetiva e fixado como uma espécie de memória, porém lembrado apenas por meio de histórias, imagens e comportamentos, uma vez que não foi vivido de fato. Em ambas as narrativas, apesar da catástrofe vivenciada pelas gerações anteriores, é possível vislumbrar alguma representação, já que o passado não cessa voltar e persistir como trauma.

Palavras-chave: Pós-memória; Prêmio Goncourt; romance contemporâneo

IDEA VILARIÑO E MARIA GABRIELA LLANSOL: A ESTÉTICA DE UMA ESCRITA-REBELDE

Denise Rogenski Raizel

Resumo: Idea Vilariño, poeta uruguaia nascida em 1920, e Maria Gabriela Llansol, escritora portuguesa nascida em 1931, viveram o século passado desde diferentes perspectivas geográficas, ainda assim passaram por períodos de ditadura e exílio. Para além da resistência político-militante, ou da coincidência histórico-biográfica, pretendo pensar a escrita-rebelde de ambas através do pensamento estético de Jacques Rancière (2017, *O fio perdido*, p.85), assim definido: “uma nova relação com as coisas da poesia e da arte a partir da recusa do procedimento que quer se apoderar

do espírito alheio, tal como o inseto de sua presa”. Em “No” de 1980, Idea após uma obsessiva elaboração editorial, seleciona poemas curtos como : “Ni con delicadeza/ ni con cuidado. Acaso/ tiene delicadeza/ vivir/ romperse el alma” (p.2). Com a publicação do Livro das Comunidades (1977), Llansol inaugura sua trilogia Geografia de Rebeldes. Neste primeiro livro, emergem da escrita figuras dissonantes em tempo e espaço ou em permanente migração ou travessia fazendo com que a mutabilidade e a diferença sejam seu ponto de força. Llansol (Um Falcão no Punho, 1998, p.135), ao referir-se ao corpo, afirmou: “a minha forma de rebeldia foi tão-só a recusa de o viver mutilado” (1998). Por isso, nesta proposta, o encontro político (in)possível do convívio entre essas duas mulheres constrói um pensamento estético sobre a singularidade de suas escritas-rebelde que também pode se estender como alternativa de compreensão para tempos ainda mais contemporâneos.

Palavras-chave: Llansol; Vilariño; Rebeldia; Mulheres.

A REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA PELO OLHO MÁGICO DO EXTERMÍNIO: FORMA E PROCESSO SOCIAL EM ESTORVO (1991), DE CHICO BUARQUE

João Vitor Rodrigues Alencar

Resumo: De modo geral, o público de Chico Buarque estranhou a dificuldade experimentada durante a leitura de seu primeiro romance, Estorvo (1991). Em prosa simples e relativamente coloquial, somos atropelados por uma série de episódios intrincados. A complicação se encontra tanto nas circunstâncias em que tais peripécias se desenrolam quanto na maneira tresloucada com que o narrador as apresenta. Realidade, sonhos, devaneios e lembranças se misturam na sequência dos acontecimentos (em que não há sequer garantia de ordem cronológica), que relatam a participação de um filho família, relativamente dissidente em termos políticos-ideológicos e inusitadamente envolvido com mercados ilegais, no extermínio dos pobres promovido por figuras do Estado à mando das classes altas em pleno contexto de redemocratização do país. Toda essa confusão, entretanto, é apresentada de maneira corriqueira e quase nada rebuscada. A forma insólita pela qual a voz narrativa flui de maneira perturbada através de situações tão complexas coloca uma série de questões. Ora, como explicar que uma figura tão relacionada ao popular tenha escrito um romance tão fácil de ler e difícil de compreender? Existe algum sentido implicado nesse hermetismo fluente? Se sim, há relação entre essa forma insólita e as particularidades daquele fim de século vinte brasileiro? Ao contrário dos leitores que julgaram a narrativa como um nonsense formado pelo regime da imagem contemporâneo geral, pretendo mostrar a partir de uma análise imanente do romance que a montagem estabelecida pela relação entre a voz narrativa e seus materiais, cujas determinações caracterizam seu ponto de vista, dá forma literária ao sistema de violências reais e compensações imaginárias que estruturam a sociabilidade brasileira naquele momento específico do capitalismo mundial.

Palavras-chave: Literatura brasileira; História contemporânea; subjetividade; representação; romance e canção

MOMENTO QUALQUER E MICRO-ACONTECIMENTOS SENSÍVEIS EM HOTEL MUNDO, DE ALI SMITH

Lilian Reichert Coelho

Resumo: A partir do livro Hotel Mundo (2001), da escritora escocesa contemporânea Ali Smith, interrogo as configurações ambíguas do tempo – que, inclusive, nomeia os capítulos do romance – em suas relações com a linguagem. Cinco personagens mulheres estão de algum modo ligadas a um acontecimento inesperado, terrível e fatal: a morte de uma jovem camareira de uma das filiais do Hotel Global. Nossa questão-guia orienta-se pela suspeita de que Smith não constrói exatamente uma narrativa, mas um exercício de fabulação que costura uma “quase história” por meio do entrelaçamento de “micro-acontecimentos sensíveis” (RANCIÈRE, 2017) que não sucedem às cinco personagens, mas fluem de suas percepções, de suas impressões num tempo não linear progressivo, mas de coexistências. Com a mudança do foco narrativo em cada capítulo, a linguagem também se altera, acompanhando movimentos mínimos, conforme experiências que não necessariamente avançam como se espera em uma narrativa, configurando-se a partir de “momentos quaisquer”, em

cenar de cada uma das mulheres: Sara, Else, Lise Penny e Clare. O momento qualquer, para Rancière (2017, p. 154-5), “[...] fica nessa fronteira na qual as vidas que vão cair no nada se elevam a uma totalidade de tempo e de injustiça, [o que] é talvez a política mais profunda da literatura.” Rancière ecoa essa ideia do capítulo que Auerbach dedica a Virginia Woolf em *Mimesis* (2015). A potencialidade política do momento eflui pelo apelo ao detalhe, no caso, a objetos desimportantes, que ganham relevância na reflexão crítica da autora sobre a sociedade contemporânea, metaforizada pelo espaço do hotel. Dessa relação deriva a pergunta: de que maneira detalhes insignificantes podem funcionar como dispositivos do político (RANCIÈRE, 2012) em *Hotel Mundo*? Esta leitura convoca como principal referência Jacques Rancière e também comentadores/as brasileiros e estrangeiros/as como Marcolino (2018), Benfield (2017), Sparbo (2019), Szymańska-Sabala (2002).

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Literatura em língua inglesa; Estética; Política.

AS TOMADAS DE POSIÇÃO NO LIVRO TOTAL DE ANNIE ERNAUX

Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio

Resumo: O traço mais marcante de Annie Ernaux designa uma escritora que trata sua obra “com seu nome”, “em seu nome”, expressões do filósofo Jacques Derrida, o que obriga o leitor a levar isso em conta no momento da leitura. Para esse filósofo, colocar em jogo a assinatura, o nome próprio, de modo explícito, é encobrir tudo com uma “rubrica” autobiográfica. É o que faz Ernaux em livros como *O lugar* (1983), *A vergonha* (1997), *O acontecimento* (2000) e *Os anos* (2008), publicados no Brasil nos últimos dois anos, perscrutando os sentidos da História em relação com a memória pessoal. Ao construir sua obra sob essa insígnia, numa espécie de desejo de livro total aventado por Mallarmé, a autora apresenta um caráter duplo em seus textos: ao relatar acontecimentos de sua vida, dá o testemunho do próprio fazer, de como cada livro se faz, e também o testemunho da História, lançando questionamentos políticos ao seu tempo. Ampliam-se, assim, os limites do autobiográfico, traçando novos padrões em que o jugo do “eu” está sempre apontado para os modos como as violências (de classe, de gênero) são produzidas. Em *Os anos*, por exemplo, ao expurgar o “eu” a favor de um “ela” e tratar a fotografia como um dispositivo de escrita, faz com que a placidez das imagens entre em confronto com a violência dos acontecimentos narrados. John Berger no livro *Para entender uma fotografia* (2017, p. 39) afirma que “[u]ma fotografia, ao registrar o que foi visto, sempre e por sua própria natureza se refere ao que não é visto. Ela isola, preserva e apresenta um momento tirado e um continuum”, o que faz pensar no *modus operandi* de todos os livros de Ernaux. Esta comunicação baseia-se, sobretudo, no tratamento dessas questões, amparada em autores como Didi-Huberman, Jacques Rancière e Jacques Derrida.

Palavras-chave: Autobiografia; fotografia; política

"LEO NÃO CONSEGUE MUDAR O MUNDO" - REVISITANDO DESEJO E POLÍTICA NA OBRA DE LEONILSON

Raquel Parrine

Resumo: Este trabalho se concentra na obra do artista plástico cearense Leonilson, que, centrada em uma nova gramática do desejo, integrava imagem e palavra. Leonilson despontou na cena de arte da pós-ditadura com o grupo conhecido como Geração 80. Este grupo foi considerado pelos críticos da época como um reflexo da alegria descompromissada e juvenil do recém chegado “baile da democracia”. Porém, a narrativa do “pós” escondeu as continuidades e dependências entre a ditadura e o novo estado neoliberal. Concomitantemente e de forma similar, discursos de “superação” também invisibilizavam demonstrações de dissidência sexual e, conseqüentemente, seu impacto político. Estas duas tendências convergem na recepção da obra de Leonilson, que até hoje minimiza a potência da dissidência sexual em suas obras e, ao mesmo tempo, subestima sua intervenção política. Assim, neste trabalho, revisitamos criticamente o legado político de Leonilson, considerando a centralidade do desejo em sua obra como a proposta de uma renovada partilha do sensível. Em obras como “O Penélope”, o uso do tecido como meio e a torção do gênero da figura titular apontam o olhar do espectador a um espaço marginal, desestabilizando a perspectiva heroica

que define o político como público (Odisseu) a contrapelo do privado (Penélope), apontando para um olhar queer ainda não explorado, uma possibilidade de organização social baseada no cuidado (care). Desta forma, Leonilson visava desestabilizar a normalização dos grandes discursos normatizantes do espaço público (como a ideia da pós-ditadura), para tornar visível e colocar em cheque as continuidades epistêmicas do autoritarismo brasileiro no raiar da nova democracia.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea, Brasil anos 80, pós-ditadura, dissidência sexual, artes plásticas

MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E RACISMO RELIGIOSO EM "O MISTÉRIO DA VILA", DO ESCRITOR GEOVANI MARTINS

Robson Fagundes dos Santos e Mariana Cortez

Resumo: Memória, esquecimento e racismo religioso em "O mistério da vila", do escritor Geovani Martins Mariana Cortez Robson Fagundes dos Santos RESUMO O presente artigo analisa o conto "O mistério da vila", do livro O sol na cabeça (2018), do escritor Geovani Martins, concebendo a memória como espaço de recordação. Através da percepção de três crianças que conhecem o passado de dona Iara; mulher negra, mãe de santo e uma das primeiras moradoras da vila, o narrador resgata a imagem da senhora bondosa, prestativa e solidária, a quem todos recorriam quando havia algum problema a solucionar. A pesquisa também explana como acontece o esquecimento no nível da memória manipulada, nível em que o sujeito se propõe à ação de esquecer. A partir da proposta de um esquecimento por convenção, a temática do conto possibilita a análise crítica sobre o racismo religioso, uma nomenclatura passível de estudo, que tem como base as manifestações opressoras que se destacam na narrativa, manifestações de indivíduos que insistem no apagamento das boas ações praticadas pela protagonista do conto. Logo, o estudo se ampara nos pressupostos teóricos sobre memória e esquecimento em Paul Ricoeur (2007) e Aleida Assmann (2011), e nas reflexões sobre racismo religioso com base em Sidnei Nogueira (2020).

Palavras-chave: Memória; Esquecimento; Racismo religioso.

SIMPÓSIO "ISTO NÃO É UM ROMANCE: POLÍTICA E RESISTÊNCIA À FORMA NO ROMANCE SETECENTISTA E OITOCENTISTA"

Andréa Sirihal Werkema (UERJ) e Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

MACHADO DE ASSIS E JOSÉ DE ALENCAR: A BUSCA DO ROMANCE

Andréa Sirihal Werkema

Resumo: Conhecemos mais de um texto crítico em que Machado de Assis se debruça sobre a obra romanesca de José de Alencar; de fato o romancista cearense era uma das leituras preferidas de Machado, e isso se comprova com facilidade pela quantidade de referências aos seus romances e também ao seu teatro. A produção crítica de um autor como Machado de Assis é uma das maneiras mais efetivas de conhecer as práticas de escrita e de leitura entre nós no século XIX, relativas, principalmente, ao modo como se estabeleciam no Rio de Janeiro. A leitura de José de Alencar por Machado é, no entanto, campo ainda mais fértil para o conhecimento da recepção contemporânea de um de nossos maiores romancistas por outro – dentro de um quadro de referências que dizem respeito específico ao romance romântico-realista em nosso oitocentos. Isso, é claro, nos faz buscar os momentos em que José de Alencar também exercita seu pendur crítico, sua capacidade de experimentar com as formas, e a maneira como Machado de Assis recebe essa busca alencariana pelo romance. E nos faz pensar também no movimento que levou Machado de Assis, ao longo de seus nove romances, a insistir numa renovação da forma romance dentro do quadro da literatura brasileira. Pretendo observar, nesta comunicação, alguns momentos desse diálogo crítico.

Palavras-chave: José de Alencar; Machado de Assis; romance; crítica

ENTRE O ANTIGO REGIME E A REVOLUÇÃO : EXPERIÊNCIAS DO ROMANCE FRANCÊS NO PERÍODO ROMÂNTICO

Beatriz Cerisara Gil

Resumo: Abordar o fato histórico na literatura apresenta desafios que não se limitam às tensões ideológicas do jogo entre ficção e história ou entre o público e o privado - aspectos obviamente visíveis em muitas narrativas e largamente explorados pela crítica do romance. Na França do século XIX, muitos escritores mergulharam na complexidade de seu tempo pesquisando seus meandros sob vários ângulos – moral, político, social, econômico. O romance, neste contexto, aparece como lugar privilegiado de investigação social e de refundação do literário fazendo um rastreamento matizado das experiências sociais e políticas, individuais e coletivas, da sociedade francesa do período. Se temos, no memorialismo, um F.-R. de Chateaubriand que recria a prosa de língua francesa com a problematização de sua posição pessoal dentro da conturbada realidade pós-revolução, temos, no romance, H. de Balzac e G. Sand que tratam, cada qual a seu modo, daquilo que podemos considerar como uma presentificação da história. Enfrentando a questão da história no romance – também tematizada por um Stendhal irônico para quem o efeito da irrupção da política na ficção podia ser comparado ao efeito de um tiro de pistola em meio a um concerto – os autores enunciam o surgimento e as potencialidades da sociedade moderna. O presente trabalho pretende examinar a construção de perspectivas narrativas que implicam análise e retrospectiva histórica e que propõem projetos e utopias dentro do contexto do romantismo na travessia do Antigo Regime para a modernidade.

Palavras-chave: Romantismo; crítica social; romance.

BAGATELAS INDIANISTAS DIFÍCEIS

Cilaine Alves Cunha

Resumo: Em algumas cartas sobre a "Confederação dos Tamoios", José de Alencar refuta a opção de Gonçalves de Magalhães pela epopeia, desacreditando da possibilidade de atualizá-la no contexto político de fundação da nação brasileira. Entre as razões que o levam a se desvencilhar preventivamente do gênero, Alencar se mostra incrédulo na possibilidade de reproduzir fielmente o antigo nas condições sociais do presente. No momento da publicação das "Cartas sobre a Confederação dos Tamoios", a compreensão de que a epopeia se tornara obsoleta já circulava pelos círculos artísticos, especialmente a partir da avaliação de Alexandre Herculano sobre o poema de Magalhães. Alencar procura se contrapor ao modelo indianista praticado por Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães e refuta os procedimentos artísticos que faziam os indígenas falarem uma linguagem "clássica" e exprimir ideias próprias da civilização. O autor de "O guarani" apresenta ainda outras razões contrárias à atualização da epopeia que se vinculam a sua peculiar compreensão da história do Brasil colônia. A matéria indígena é, nessa ótica, essencialmente humilde, devendo ser vazada numa linguagem estilizada "sem aparato". Para Alencar, a forma do pensamento do aborígene seria simples e singela, conforme os tópicos que regiam o estilo sublime. Mas paradoxalmente reivindica que a matéria indígena e seus personagens típicos sejam alçados aos limites do estilo médio.

Palavras-chave: romance romântico, José de Alencar, romanesco

O CONCEITO DE ROMANTISMO INGLÊS E OS EMBATES POLÍTICOS E ESTÉTICOS ENTRE SAMUEL COLERIDGE E CHARLES LAMB

Daniel Lago Monteiro

Resumo: O conceito de Romantismo Inglês é uma invenção póstuma. Nenhum autor do período jamais se definiu como romântico. Como observa Ian Jack, "Wordsworth, Byron, Shelley e Keats não se imaginavam escrever poemas 'românticos' e, de fato, não se sentiriam lisonjeados se lhes dissessem que era isso o que faziam". A razão para isso está no significado que a palavra romantic tinha na época. Segundo o dicionário de língua inglesa de Samuel Johnson, muito popular no período, são três as definições de romantic: (1) "algo que se assemelha aos contos romanescos"; (2) algo "improvável, falso e fantasioso"; (3) algo "cheio de cenários selvagens". Segundo David Perkins, a primeira pessoa a se referir aos autores ingleses do período como integrantes da "Escola Romântica" foi o crítico francês Hippolyte Taine, em 1863. Isso se deu por uma analogia com autores franceses e

alemães que se definiram como românticos. A analogia com autores de outras nacionalidades e do mesmo período se tornou mais marcante a partir do estabelecimento dos estudos literários nas universidades. Nesse sentido, o conceito de Romantismo Inglês cumpre, inicialmente, um propósito didático. Com isso em mente, procurarei, nesta apresentação, investigar alguns esforços do período em sistematizar a produção literária da época, tanto em sentido geral, a distinção entre romântico e clássico, quanto local, a oposição entre *lake school* e *cockney school*; isto é, de um lado, um romantismo ruralista; do outro, um romantismo metropolitano. Procurarei, também, analisar os embates políticos e estéticos entre as duas escolas a partir de autores emblemáticos do período, Samuel Coleridge e Charles Lamb.

Palavras-chave: Romantismo Inglês; Escolas Românticas; Samuel Coleridge; Charles Lamb

UM ROMANCISTA DO SÉCULO XIX: JOSÉ DE ALENCAR

Marcus Vinicius Nogueira Soares

Resumo: Em 1893, Mário de Alencar publica, em um pequeno volume, um texto inédito e incompleto de seu pai, José de Alencar, intitulado *Como e porque sou romancista*. Escrito em forma de carta e com data de 1873, trata-se, como o próprio autor o define, de uma “autobiografia literária” na qual o criador de *Iracema* busca dar conta de seu percurso como escritor de romances. Se, por um lado, esse objetivo é claramente perceptível na condução do relato alencariano, por outro, é possível ampliar o seu escopo crítico, uma vez que esse mesmo percurso pode ser pensado como representativo não apenas de um escritor individualmente configurado, mas também da condição e atuação de boa parte dos escritores oitocentistas. Nesse sentido, *Como e porque sou romancista* corresponde ao relato de formação do escritor e romancista José de Alencar, interessado em reavaliar a sua própria trajetória como homem de letras, e, ao mesmo tempo, a um ensaio reflexivo sobre as condições específicas de produção intelectual e literária da segunda metade do século XIX. É a partir desse entrecruzamento do particular e do geral, presente em *Como e porque sou romancista*, que pretendemos analisar a contribuição crítica de José de Alencar para os debates literários e culturais do período.

Palavras-chave: José de Alencar; romance brasileiro; crítica cultural

O PROBLEMA DO ROMANCE NA HISTORIOGRAFIA DE JULES MICHELET: O CASO DO RENASCIMENTO

Maria Juliana Gambogi Teixeira

Resumo: Ao longo de toda a sua obra, aquele que foi e ainda é considerado o mais literário dos historiadores da França oitocentista estabeleceu com a categoria “romance” uma relação problemática. Ao contrário de Maupassant, ele não parecia ter qualquer dúvida sobre o que seria um romance, embora utilizasse tal termo de um modo muito particular e em boa medida distante das polêmicas propriamente literárias às quais responde a “célebre estocada” do romancista que serve de epígrafe à chamada deste simpósio. Esvaziando seu conteúdo estético em proveito de uma dimensão filosófico-política, o “romance” na historiografia micheletiana, não sempre e nem necessariamente recobre os títulos literários que se abrigam sobre essa classificação. Tampouco ele o aplica exclusiva ou prioritariamente ao campo literário, convertendo-o em uma categoria própria à crítica da instituição monárquica moderna e ao seu lastro teológico-político. Essa interpretação é particularmente evidente no tomo 7 de sua *Histoire de France*, subintitulado *Renaissance*, tomo que se destaca, entre outras características, pela profusão de referências literárias de tipo variado, seja no que toca à nomenclatura de gêneros (romance, poesia, égloga, drama, tragédia, lírica), seja no recurso sistemático a obras e/ou autores pertencentes ao domínio das Letras. O objetivo desta comunicação será, portanto, o de rastrear e investigar mais a fundo o sentido da categoria “romance” nesse corpus específico, através do mapeamento de sua articulação e desarticulação com títulos e autores hoje evidentemente abrigados sob o guarda-chuva do romance e do qual o exemplo máximo seria Rabelais.

Palavras-chave: Jules Michelet, romance, Renascimento

UM ANTIRROMANCE IRLANDÊS À LUZ DO ATO DE UNIÃO DE 1800: UM ESTUDO SOBRE CASTLE RACKRENT, DE MARIA EDGEWORTH

Michelle Andressa Alvarenga de Souza

Resumo: A comunicação proposta se debruça sobre o romance *Castle Rackrent*, escrito por Maria Edgeworth e publicado em 1800. Com atenção especial ao contexto histórico do Ato de União e ao contexto literário irlandês com o surgimento do subgênero híbrido *National Tale*, o trabalho se debruça sobre o forte apelo didático desse romance político irlandês no centro do Império Britânico. Será demonstrado como esse texto, com seus aparatos textual e paratextual, coloca a problemática da união de uma nação formada por componentes que se diversificam no campo étnico, cultural, linguístico e religioso. O estudo reflete acerca do desafio da formação de uma dimensão conciliatória no romance, que não traz o casamento como superação do conflito narrativo. Mostra-se, ainda, como os desafios sociais impostos pela conturbada realidade da periferia celta impedem a composição de um romance realista e resultam em uma espécie de antirromance, que evidencia as contradições e ambivalências da realidade irlandesa em um momento crítico da história. Conclui-se demonstrando como o romance estudado apresenta uma solução ideológica que pode ser percebida em duas frentes: a de uma reforma feita pela elite da ascendência anglo-irlandesa, capaz de manter o status quo preservando as tradições do país; e uma atitude assimilativa por parte da Grã-Bretanha na ocasião da União com a Irlanda, que incorpore a alteridade ao invés de rejeitá-la.

Palavras-chave: Romance Político Irlandês; *National Tale*; Irlanda; Grã-Bretanha; Ato de União.

“DAS PÁGINAS LASCIVAS DO ROMANCE”: RECEPÇÃO DO GÊNERO PELA CRÍTICA ACADÊMICA PAULISTA (1847-1869)

Natália Gonçalves De Souza Santos

Resumo: Entre os fins de 1840 e 1860, teve lugar, na Faculdade de Direito de São Paulo, uma profusão de publicações periódicas, promovidas pelo corpo estudantil. Nesses jornais, estampavam-se assuntos variados, concernentes à vida acadêmica, às ciências em geral e, acentuadamente, à literatura e à crítica literária. Esta comunicação discutirá a recepção a romances nacionais e estrangeiros publicada pelo periodismo acadêmico paulista, redigida por nomes conhecidos do nosso romantismo, como Bernardo Guimarães ou Macedo Soares, e por articulistas desconhecidos, mas que também compõem o *zeitgeist* da segunda geração romântica. Durante a pesquisa, que compulsou aproximadamente 35 jornais e foi apoiada pela FAPEMIG, discerniu-se três tipos básicos de artigos: estudos minoritários que buscam conceituar o gênero, à luz de Hegel, Victor Hugo ou Mme de Staël, artigos que propõem um levantamento panorâmico ou histórico, culminando no século XIX e, por fim, textos que se ocupam da análise de uma obra ou autor específico. Pretende-se discutir que tipo de definição de romance foi possível a esses artigos oferecer; como eles pensam o lugar e a importância do gênero romance para constituição da nascente literatura brasileira e quais os critérios empregados na análise das obras escolhidas. Como questão norteadora, tem-se a investigação acerca das fontes teóricas consultadas pelos articulistas para embasamento dos artigos, sobretudo as provenientes dos incipientes estudos de literatura comparada, acessíveis via periodismo estrangeiro. Tais leituras podem ter fomentado diferentes posturas diante do projeto literário oitocentista brasileiro que, grosso modo, exhibia dois caminhos: alinhar-se ou afastar-se das demandas localistas pautadas por uma parte importante de nossa intelectualidade. Essa escolha determinará as relações que os três tipos de artigo assumirão com seus respectivos objetos de estudo.

Palavras-chave: Periodismo literário; Crítica literária; Literatura comparada; Nacionalismo; Romantismo

A NARRATIVA DA ESCÓCIA EM "THE ADVENTURES OF RODERICK RANDOM", DE TOBIAS SMOLLETT

Thiago Rhys Bezerra Cass

Resumo: “Narrar” e “narrativa” — to narrate e narrative — eram termos que soavam quase estrangeiros aos ouvidos ingleses em meados do século XVIII. Soavam, mais precisamente, escoceses. A mais renomada codificação linguística do período, o Dicionário de Samuel Johnson,

peremptoriamente desautorizava seu uso na Inglaterra, porque seriam termos correntes “apenas na Escócia”. No entanto, a presente comunicação se confronta com os impasses composicionais do primeiro romancista escocês, o médico Tobias Smollett, em sua busca por outorgar forma narrativa à tumultuosa experiência de seu país, marcada por miséria, perda de autonomia e conflagração generalizada. Em específico, analisaremos como seu romance inaugural, "The Adventures of Roderick Random" (1748), explicitamente se apresenta como uma subversão das convenções do romance inglês, cristalizadas nas obras de Samuel Richardson e Henry Fielding. Por exemplo: ao contrário de "Pamela; or, Virtue Rewarded" e "The History of the Adventures of Joseph Andrews and of his Friend Mr. Abraham Adams", em que constância e honestidade são recompensadas por um enredo de ascensão social, "The Adventures of Roderick Random" figura uma trama em que a agência do protagonista é anulada de maneira recorrente por pobreza, violência e conflitos étnicos. Ao final, discutiremos se, nesse processo de subversão, podemos vislumbrar algumas invariantes da novelística da Escócia setecentista.

Palavras-chave: Narrativa; Tobias Smollett; romance; Escócia

SIMPÓSIO “(EST)ÉTICAS PAN-AMAZÔNICAS: PLURIVERSOS CRÍTICOS E ARTISTICO-LITERÁRIOS NOS MECANISMOS DA INVENÇÃO DE UM MUNDO COMUM”

Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC) e Hugo Lenes Menezes (IFPI)

ENTRE NHÁS, SIÁS E DONAS: AS MULHERES DE MARAJÓ, DE DALCÍDIO JURANDIR

Alinnie Oliveira Andrade Santos

Resumo: O escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979) criou um mundo amazônico por meio de seus dez romances que compõem o chamado Ciclo do Extremo Norte. Esse universo elaborado por ele apresenta temáticas que envolvem sujeitos moradores da Amazônia paraense, traçando o painel de uma realidade da região. No romance Marajó (1947), o segundo do Ciclo, vemos o embate entre os grandes proprietários de terra, representados por Missunga – o personagem principal – e seu pai, o Coronel Coutinho, e os subalternos e trabalhadores das fazendas representados com maior força pelas personagens femininas, as quais se esforçam para tentar sobreviver nessa sociedade patriarcal. Esse trabalho, portanto, objetiva analisar algumas mulheres do referido romance dalcidianiano, tais como: D. Branca, mãe do protagonista, D. Ermelinda, amásia do Coronel, bem como as mais pobres da terra (as esposas dos trabalhadores, as outras amásias do pai de Missunga, as viúvas, as mais velhas que nunca se casaram, além das jovens cunhatãs), observando como elas, mesmo sem ocupar nenhum tipo de protagonismo na narrativa, ajudam a compor o cenário amazônico e, assim cooperam para a construção dessa sociedade marajoara. Verificar a contribuição desse tipo de personagem nos ajuda a compreender os mecanismos usados pelo autor paraense para representar o cotidiano amazônico em suas obras.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; Amazônia; Marajó; mundo amazônico

ENTRE ANIMAIS, HOMENS E PLANTAS: HAITIANOS SONHANDO O PASSADO COMO PROFECIA DE UM MUNDO COMUM.

Armstrong da Silva Santos

Resumo: Esta comunicação pretende discutir processos de racialização de territórios e gentes no contexto colonial haitiano, bem como formas de resistência elaboradas por homens e mulheres que recolheram dos próprios discursos e práticas racializantes, os elementos para luta pela vida e liberdade. Esses sujeitos compuseram e compõem gramáticas de resistência que juntam corpos, palavras, naturezas e sonhos em modos de luta; inventam releituras de elementos dispostos nas hierarquias que separariam a “vida qualificada” da “mera vida” (AGAMBEN, 2002) e reinscrevem seus corpos no mundo da linguagem como escreventes de suas próprias existências e trajetórias. Dialogando com estas múltiplas vozes e atravessados pelo silêncio cortante que se quer impor sobre elas, construímos uma reflexão a partir do canto/profecia de dois líderes revolucionários, Fançois

Mackandal e Dutty Boukman, que em Saint Domingue (atual Haiti), na segunda metade do século XVIII, sonharam com o fim da escravidão e desafiaram as fronteiras entre animais, plantas e homens em prol das lutas de libertação. Com Walter Benjamin (1987) e Alejo Carpentier (1985), identificamos nas práticas e palavras proféticas desses dois homens, reminiscências que seguem interpelando o tempo progressivo e linear que, em nome da modernidade e do progresso, continua pisoteando os vencidos. Estes, por seu turno, exigem do tempo presente, através do canto, que é palavra e ação de corpos em movimento, a justiça que até então lhes foi negada. As conclusões apontam que, na dinâmica de uma profecia ainda não cumprida, o vodu, como prática de liberdade e interpelação contínua, exige justiça à fratura dos tempos que constrói o futuro alimentando-se do sangue de suas vítimas. Irresignavelmente humanos, conforme James (2000), os corpos negros em deslocamento geográfico e identitário continuam ecoando o canto desses homens/animais/plantas, afirmando que é preciso concretizar a profecia de descolonizar a natureza, os homens e o tempo, produzindo o mundo comum.

Palavras-chave: Vodun; Liberdade; Profecia; Tempo; Espaço;

O INFERNO VERDE EM CONTOS

Avery Milton Veríssimo de Carvalho

Resumo: Romério Briglia estreia na literatura de ficção com um série de contos ambientados na Amazônia, que apresentam a aventura humana pontuada por ganância e desalento em situações limítrofes no meio da floresta. Personagens misteriosos, destemidos, simplórios, covardes, aventureiros, esperançosos ou simplesmente loucos desfilam despidos de tempo ou consciência. Vivem em função de desejos básicos e subterrâneos, desprovidos de uma certa moralidade cidadã que já não faz sentido ali, no Inferno Verde. A prosa econômica de Briglia pode lembrar Graciliano Ramos e a soma de humor cáustico e bizarrices revelam influências que vão de Miguel de Cervantes a Quentin Tarantino. Mas seus contos são monolitos acabados, polidos e impermeáveis que não permitem divagações do leitor. Este será tragado para situações ora desconfortáveis ora absurdas, num crescendo de acontecimentos empolgantes que encerram o livro cedo demais. Briglia usou sua experiência de mais de uma década percorrendo os rios amazônicos (ele é biólogo, tem publicações científicas em ictiologia e atua na fiscalização de parques nacionais) para surpreender o leitor com histórias surpreendentes e que desfazem a impressão de floresta idílica e encantada com que a Amazônia costuma ser descrita. Os personagens que habitam a floresta estão de alguma forma ligados, seja por sensações ou pela acidentada geografia da maior floresta do mundo. O que não ocorre por acaso e parece revelar uma obra em movimento, como se Briglia desse início à construção de sua própria Macondo.

Palavras-chave: Floresta; Amazônia; Canibalismo; Natureza

ÉDOUARD GLISSANT E UM CONVITE PARA A DIVERSIDADE: A UTILIZAÇÃO DOS CONCEITOS DE “RELAÇÃO”, “CRIOLIZAÇÃO” E “TODO-O-MUNDO” EM ESTUDOS DE LITERATURAS INDÍGENAS BRASILEIRAS.

Bruna Wagner

Resumo: O estudo das Literaturas Indígenas brasileiras é fundamental para a compreensão da diversidade cultural do país e da história dos povos indígenas. Esta comunicação tem por objetivo mostrar como a utilização dos conceitos de Édouard Glissant podem ser de grande ajuda em pesquisas que estudam essas produções textuais. Segundo Glissant, a “relação” é uma dimensão fundamental para a compreensão da literatura e da cultura. Ele propõe a ideia de uma “relacionalidade” que se estabelece entre os indivíduos e os grupos, e que se reflete nas literaturas indígenas. Isso significa que as obras literárias produzidas por esses povos podem ser sim entendidas como uma expressão individual, mas também, e especialmente, como uma construção coletiva da identidade. A “criolização” é outro conceito importante que se refere à mistura de elementos culturais e à diversidade que se produz a partir das relações entre os diferentes grupos. Essa mistura é evidente nas literaturas indígenas brasileiras, que apresentam influências culturais de seus povos de origem, mas que também faz uso de referências trazidas por colonizadores ou por outros grupos.

O terceiro conceito relevante de Glissant abordado nesta apresentação é o “Todo-o-Mundo”, que pode ser usado nos estudos das Literaturas Indígenas. Ele destaca a importância da diversidade cultural e da multiplicidade de perspectivas. Esse conceito pode ser de grande utilidade para esses estudos na medida em que as Literaturas Indígenas brasileiras apresentam uma riqueza de visões e de modos de expressão que não podem ser reduzidos a uma única lógica ou a uma única forma de compreensão. Em resumo, a utilização dos conceitos propostos por Édouard Glissant pode ser de fundamental importância para as pesquisas de Literaturas Indígenas. Essas obras literárias são uma expressão da diversidade cultural, da mistura de elementos culturais e da multiplicidade de perspectivas, que reflete as relações, lutas e resistências desses povos.

Palavras-chave: Literaturas Indígenas; Édouard Glissant; Diversidade Cultural.

BESTIÁRIO VALLEJO: DEVIR ANIMAL E PERFORMANCE XAMÂNICA NO DISCURSO POÉTICO DE CESAR VALLEJO

Carlos David Larraondo Chauca e Suerda Mara Monteiro Vital

Resumo: A partir das leituras dos textos “Huaco”, “La cabeza y los pies de la dialéctica” y “Tengo un miedo terrible de ser animal”, do escritor peruano Cesar Vallejo, tensionamos ir ao encontro de contradiscursos à modernidade/colonialidade manifestados em sua escrita política, na qual, os “devires animais” que manifesta: coraquenque, llama, condor, puma, megatério; servem como desarticuladores de um discurso hegemônico, civilizatório, desenvolvimentista e eurocêntrico. Em tais textos, Vallejo assume o papel de reflexionador cultural, tensionado em um espaço de conflito, ao se entender como um sujeito contrariado pela modernidade. Assim, mediante sua performance xamânica (dialogismo político de interrelação recíproca entre seres humanos e não-humanos), manifesta um pacto ético, pan-indígena, devido às vinculações que se interpretam com a mítica panandina do Inkari (mito que propõe o renascimento do último inca), produzindo espaços de diálogo transmoderno, desde a exterioridade da razão ocidental, que assumimos como uma interpelação no aqui/agora, um discurso político reivindicativo, de resistência ante os mecanismos perversos da matriz colonial do poder operante. Em sua escrita, o poeta escancara as violências das políticas de modernização e desenvolvimento da/na contemporaneidade e presentifica os corpos, existência e saberes, insistentemente, produzidos como ausentes nas grandes narrativas nacionais/universais. Decerto, um poderoso (contra)discurso que nos instiga a nos posicionar a favor daqueles que sofrem pelo genocídio, epistemicídio e são constantemente questionados na sua “humanidade” por um discurso de poder que estabelece os limites da sua existência/inexistência.

Palavras-chave: Cesar Vallejo; Devir animal; Xamanismo

MEMÓRIAS E LEITURAS DE DERCY TELES SOBRE A LUTA PELA TERRA EM XAPURI – ALTO ACRE

Estefany France Cunha da Silva

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória política e pessoal de Dercy Teles a partir de narrativas orais e escritas relacionadas às questões identitárias ligadas ao movimento de luta pela terra na Amazônia Acreana entre 1970-1990. Assim como, acompanhar e problematizar a trajetória sindical e pessoal de desta sujeita, enquanto sujeita errante e promover reflexões críticas sobre diferentes narrativas históricas e literárias com foco na produção de identidades no interior das organizações e movimentos de trabalhadores rurais de Xapuri, na Amazônia Acreana. Enquanto primeira mulher a presidir um sindicato no Acre, as construções criadas durante seu percurso pessoal é importante para enxergar por um prisma tal as movimentações sindicais e políticas vividas no Acre. A coleta e transcrição de fontes orais oriundas de arquivos públicos online e privados compõem as principais fontes desta pesquisa. A discussão levantada na análise perpassa entre os pontos das construções e desconstruções identitárias como líder, sindicalista, mulher e mãe desde os anos 1970 até os dias atuais. Dado como uma fonte viva, as narrativas de Teles são analisadas a partir de alguns dos sentidos gerados em meio a conversa com as categorias de análise utilizadas, sendo essas a Errância, partindo de Édouard Glissant (2005) e Paola Jacques (2012), a Memória abordadas partindo de Alessandro Portelli (2016) e Georges Didi-Huberman (2015) e questões relacionadas a Gênero debatidas com Michelle Perrot (1988;1989).

Palavras-chave: Dercy Teles; movimento sindical no Acre; narrativas orais.

FABULAÇÕES AMAZÔNICAS: EMBATES NA LINGUAGEM

Fernanda Cougo Mendonça

Resumo: Nos colocamos aqui a pensar, a escrever, a falar sobre alguns conceitos; algumas palavras (a saber: palavra e fabulação) postas em relação (de troca, tensão, oposição, afirmação e/ou negação) com outras palavras (por exemplo: África e Amazônia). Sem nenhuma pretensão de esgotar os sentidos possíveis e impossíveis, óbvios, insuspeitos, problematizados, dis/destorcidos, outros; o que compartilhamos são nossas leituras (a partir de livros, teses, artigos, narrativas...), nossas palavras em diálogo com todo-o-mundo (GLISSANT, 2005). Nos inspiramos nas reflexões filosóficas, poéticas, políticas, metodológicas de Albuquerque Junior (2007) e Gerson Albuquerque (2016); e também de Mbembe (2019), Paul Gilroy (2007), Ailton Krenak (2019) e Saidiya Hartman (2020), observando a necessidade de renovar a linguagem, de renovar as palavras, as narrativas, pensá-las de outro modo; de percorrer, escavar seus sentidos e escová-los às avessas (BENJAMIN, 1994). Estamos atentas à importância basilar da linguagem (especialmente aqui a linguagem verbal) para nossos estudos e práticas, se queremos nos constituir enquanto pessoas pensadoras, pesquisadoras orgânicas - e, por que não, filósofas, poetisas (não custa sonhar) - a atuar no mundo por meio das palavras. A partir da análise de algumas obras, objetivamos trazer à tona e refletir sobre diferentes fabulações (acadêmicas ou não) que têm sido tecidas por, sobre e/ou em diálogo com comunidades/espacialidades/temporalidades amazônicas; algumas que criaram/criam e sustentam ainda hoje os horrores, as violências surgidas/advindas da modernidade ocidental, da incansável marcha colonizatória, da mercantilização e aniquilação da vida em suas mais variadas formas; e outras que criam/dialogam com (e nos permitem imaginar) outras maneiras de viver e morrer, outros mundos - com base em percepções históricas, culturais, filosóficas indígenas e não indígenas das/nas Amazônias. Outras ainda que parecem mesclar, talvez de forma não intencional, essas duas possibilidades. Nossa atenção se volta pois, para os embates, as disputas travadas no interior e a partir da linguagem.

Palavras-chave: Fabulações; Amazônias; Palavras; Embates; Linguagem.

UMA CIDADE AMAZÔNICA ENTRE SILÊNCIOS E SOMBRAS INSÓLITAS: INVENÇÕES LITERÁRIAS DE MIGUEL FERRANTE E ABGUAR BASTOS

Gerson Rodrigues de Albuquerque e Raquel Alves Ishii

Resumo: Tecidas em muitas linhas e formas pela engenharia militar ou sonhadas de inúmeras maneiras por diferentes escritas literárias e historiográficas, as cidades amazônicas, chão de barro de vivências, existências e reexistências de milhares de pessoas, foram - e continuam a ser - idealizadas em um "mundo-outro" de letras, símbolos, signos marcados pela estética amazonialista (Albuquerque, 2016), que subjetivou os estereótipos de leituras exógenas, condenando diferentes espaços/tempos ao espectro do deserto, da distância e da solidão. A partir dessa premissa e com uma abordagem que encontra eco nas formulações teórico-críticas de Said (1995), Albuquerque Júnior (2007 e 2009), Glissant (2005 e 2014), Pizarro (2014), Rama (2015), Mosé (2011) e Foucault (1999), a proposta desta comunicação é problematizar as formas como uma certa cidade amazônica é delineada pela perspectiva literária de "O silêncio" de Miguel Ferrante (1979), e "Certos caminhos do mundo - romance do Acre" de Abguar Bastos (1936). Em Ferrante, a cidade [Santa Efigênia] surge como lugar de abandono, de solidão e silêncio, de casas decadentes e homens tristes, violentos e covardes. Em Bastos, a cidade, fraturada em dois bairros [Penápolis e Empresa] é representada com a metáfora do crucial encontro entre a virtude e o vício, definindo o irremediável destino de suas personagens em tensa, promíscua e conflituosa relação; a cidade é um palco que arde em febres incuráveis, com seres humanos destinados ao sofrimento de um inferno que devora seus corpos e almas. Se toda literatura, como propõe Pizarro (2014), é sempre uma literatura comparada, o que surge - e deve ser problematizado - nas criações literárias de Ferrante e Bastos, independente de suas percepções individuais, é toda uma série de repetições de enunciados e discursos instituintes

(Albuquerque Júnior, 2009), que colocam em cena poderosas imagens e dão a ver a “realidade” de certa cidade do Sudoeste amazônico.

Palavras-chave: Cidade Amazônica; Narrativas Literárias; Amazonialismo.

A AMAZÔNIA DE VICKI BAUM: UMA AUTORA ENTRE O ALEMÃO E O INGLÊS

Hugo Lenes Menezes

Resumo: Entre nós, a Amazônia motiva estudo: “Geoglifos...” (2010), de Denise Schaan; poema: “Cobra Norato” (1931), de Raul Bopp; prosa de ficção: “O missionário” (1888), de Inglês de Sousa; “Cenas da vida amazônica” (1895), de José Veríssimo; “A Amazônia misteriosa” (1925), de Gastão Cruls; “Inferno verde” (1908), de Alberto Rangel; “Histórias da Amazônia” (1936), de Peregrino Junior, e “Os igaraúnas” (1938), de Raimundo Morais. Recebe contribuição dos lusos: “A selva” (1930), de Ferreira de Castro, e “A Amazônia no fabulário e na arte” (1962), de Gastão Bettencourt; bem assim dos colombianos: A voragem (1924), de Eustasio Rivera, e A neve do almirante (1986), de Álvaro Mutis. Na literatura de expressão germânica, como a da Áustria, anexada à Alemanha em 1938, e particularmente a dos exilados, destacamos uma obra da escritora, dramaturga, jornalista, argumentista, roteirista e musicista Vicki Baum. Vienaense de etnia judaica, sob um crescente antissemitismo e num ato de resistência vital, ela emigra em 1931 com a família para os Estados Unidos da América, onde se naturaliza e, a partir de 1941, decide reescrever todo seu trabalho em alemão na língua inglesa, trabalho esse banido do Terceiro Reich. A aludida obra, célebre mundialmente, corresponde a “The weeping wood” (1943), cuja tradução para o português, “A árvore que chora: o romance da borracha”, é de Othon Moacir Garcia. Tal romance de denúncia enfoca um seringal brasileiro e seu produto à custa da exploração dos caboclos nativos, num ciclo findo com a concorrência na Ásia. A borracha muda o olhar e os interesses sobre as Amazônias nacional e internacional, ao inseri-las na ação predatória do capitalismo selvagem. Em face do exposto e mediante pesquisa bibliográfica, na comunicação ora proposta, objetivamos abordar a representação da Amazônia de Vicki Baum: uma autora entre dois idiomas, quais sejam, o alemão e o inglês.

Palavras-chave: Vicki Baum; “A árvore que chora: o romance da borracha”; Amazônia; Ciclo da borracha; Capitalismo.

UMA LEITURA DO CONTO MACUXI, DE MARIA LÚCIA MEDEIROS

Ingrid Luana Lopes Cordeiro

Resumo: A escritora paraense Maria Lúcia Medeiro (1942-2005) é reconhecida como uma importante contista, tendo publicado cinco coletâneas ao longo de sua carreira literária, a saber, Zeus ou A menina e os óculos (1988), Velas, por quem? (1990), Quarto de Hora (1994), Horizonte silencioso (2000) e Céu caótico (2005). Em sua vasta galeria de personagens, destacam-se figuras infantis que apresentam uma visão peculiar da realidade e têm uma sensibilidade aflorada, as quais são observadas pelo leitor por causa da maneira como essas personagens apreendem o mundo. Ao lermos as breves narrativas, observamos que essas crianças, geralmente, são apreciadoras das mais variadas modalidades artísticas, por exemplo, a literatura, a música e as artes plásticas. Nesse sentido, destacamos o conto Macuxi, enfeitado no primeiro livro da escritora, Zeus ou A menina e os óculos. Na obra, o protagonista é um menino leitor e desenhista que, por meio da arte, materializa as expectativas provocadas pela mudança para o estado do Acre, onde ele e sua família irão morar. Desse modo, com este estudo, objetivamos analisar a construção da narrativa evidenciada, destacando o personagem principal e sua relação com arte como uma dos fatores que o torna tão singular. Para tanto, temos no arcabouço teórico estudos de Candido (2009), Ariés (1986), Gotlib (1990), Silva (2019) e Silva (2020). Assim, com este trabalho, apresentamos uma possibilidade de compreender como a escritora traz à luz personagens infantis tão particulares que fazem o público questionar seus pontos de vista a respeito da infância.

Palavras-chave: Maria Lúcia Medeiros; Macuxi; Conto; Literatura Paraense

CARTOGRAFIA DE VIVÊNCIAS E CONFLITOS DOS POVOS DA FLORESTA DO ACRE COM OS “PAULISTAS”: UM ESTUDO NO ROMANCE “O EMPATE”, DE FLORENTINA ESTEVES

Manoel Messias Feitosa Soares

Resumo: Nesta comunicação apresentamos resultados de uma análise literária da obra “O Empate”, de autoria da escritora acreana Florentina Esteves, destacando-se os elementos cartográficos onde a obra foi ambientada e suas inter-relações, destacando elementos dos discursos históricos utilizados pela autora na tessitura de sua obra ficcional. Destacam-se, também, elementos que possibilitam perceber a representação das relações de trabalho e das trocas culturais entre os grupos sociais que constituíram a formação cultural da sociedade acreana, assim como os conflitos ocorridos entre os trabalhadores da floresta e os novos empreendedores, os chamados paulistas, que estavam implantando uma nova atividade econômica, a pecuária bovina nos espaços onde funcionavam os antigos seringais. A pesquisa em tela, está em processo de desenvolvimento. Ela está sendo fundamentada em pressupostos da Teoria Literária e dos Estudos sobre a Literatura de expressão amazônica, destacando-se os estudos de: Reis (2013), Reuter (2002 e 2004), Santini (2018), Nunes (1988 e 2013), Baccega (2007), Halbwachs (2003), Hall (2016), Pizarro (2012), Nenevê e Sampaio (2015), Silva (2015), Loureiro (2014), Souza (2014), Borges Filhos (2007), Reis (1953) e outros. A pesquisa, do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, será desenvolvida a partir do método analítico. Os resultados preliminares da pesquisa evidenciam que a narrativa literária de Florentina Esteves contribui, significativamente, para percebermos a mobilidade dos sujeitos que migram em busca de novas oportunidades, em conflito com os que já se encontravam assentados nos espaços de vivências e trabalho, características presente na constituição da literatura produzida na Amazônia. Além disso, mostra a importância dos seringais na formação cultural e econômica da sociedade acreana e os conflitos vivenciados pelos seringueiros durante os empates.

Palavras-chave: Espaços de Vivências; Trabalho nos seringais acreanos; A contribuição das mulheres; História dos deslocamentos; Locais dos Empates.

POVOS INDÍGENAS E AFRICANOS NA OBRA LITERÁRIA DE INGLÊS DE SOUSA

Marcela Ferreira

Resumo: Em sua obra ficcional, o escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) retrata a vida social e cultural da Amazônia, sendo conhecido como o inaugurador do “ciclo amazônico” na literatura brasileira. Sua série “Cenas da vida amazônica” é composta pelos romances O cacaulista (1876), História de um pescador (1876), O coronel Sangrado (1877) e O missionário (1891) e, um livro de contos, Contos amazônicos (1893). O livro História de um pescador, por exemplo, publicado em folhetim no ano de 1876, na imprensa paulista, saindo em volume no ano seguinte, mostra os costumes da região amazônica. No romance citado é retratada a relação, muitas vezes conflitante, entre o branco e os indígenas, representados, respectivamente, pelas personagens, Capitão Fabrício e José Marques. A exploração e o aviltamento do tapuio são revelados pelo autor, usando como técnica, em determinados momentos da narrativa, a panfletagem. Nas outras obras literárias do autor, também é possível encontrar várias representações ficcionais de indígenas, africanos e afrodescentes nas mais diversas situações, mostrando a diversidade na região amazônica retratada por Inglês de Sousa. Dessa forma, essa comunicação tem por objetivo apresentar a situação dos povos indígenas e dos povos africanos na Amazônia do século XIX, representada na obra literária inglesiana em destaque.

Palavras-chave: Inglês de Sousa; Amazônia; Povos indígenas; Povos africanos.

A POESIA DE BRUNO DE MENEZES E A CRÍTICA DE BENEDITO NUNES: RESISTÊNCIA CULTURAL NO PARÁ

Maria de Fátima do Nascimento

Resumo: Bruno de Menezes, poeta de Belém do Pará, estreia no jornal “O Martello” com os versos de “O Operário” (1913). Entretanto, só em 1920 traz a público seu livro inicial, “Crucifixo”, que apresenta insatisfação frente aos modelos literários cristalizados. A sede de mudança é compartilhada por jovens igualmente insatisfeitos com a vigente arte verbal. Por isso, no âmbito das

letras, criam em 1921 a “Associação dos Novos”. Dela participam Abguar Bastos, Ernani Vieira, Jacques Flores, Paulo de Oliveira e De Campos Ribeiro. Em 15 de setembro de 1923, tais jovens divulgam a revista “Belém Nova”, dirigida por Bruno de Menezes. Todos esses literatos, com conhecimento do ideário da “Semana de Arte Moderna” em São Paulo, vão colaborar para a mencionada publicação, na qual dão a lume, sob a autoria do amazonense Francisco Galvão, “O manifesto da beleza”. Aliás, depois da revista “Klaxon” (1922), a “Belém Nova”, disseminadora do pensamento vanguardista, é a primeira a difundir manifestos numa província brasileira. Entre “os novos”, alguns colaboradores da publicação paraense, a exemplo de Bruno de Menezes, Francisco Galvão, Abguar Bastos e Eneida de Moraes, deixam obras impressas, após terem aderido aos pressupostos modernistas, veiculados nos manifestos estampados no periódico de Belém. Por sua vez, a partir da década de 1960, o crítico Benedito Nunes passa a divulgar autores coetâneos em diários locais e de outros espaços nacionais. Semelhante fato revela sempre haver no Pará uma preocupação dos docentes e dos artistas da palavra em produzir, mesmo em situações adversas, com vistas a valorizar a cultura de uma região vilipendiada por insensíveis governos. Assim, com a presente comunicação, objetivamos discutir uma obra de resistência cultural, a saber, “Batuque” (1931), de Bruno de Menezes, bem como o juízo sobre ela elaborado por Nunes, um dos teóricos que nos embasam aqui, ao lado de Alfredo Bosi.

Palavras-chave: Bruno de Menezes; “Batuque”; Benedito Nunes; Poesia e Crítica na Amazônia brasileira; Resistência cultural.

POETRY SLAM NA AMAZÔNIA E OUTRAS MANIFESTAÇÕES ESTÉTICAS DA PERIFERIA: ENTRE AS ORALITURAS E AS (AFRO)GRAFIAS DE JOVENS POETAS DA CENA NORTISTA

Patrícia Pereira da Silva

Resumo: Este trabalho é um recorte do projeto de doutoramento apresentado ao PPGL/UFPA no ano de 2022. Tem como objeto de pesquisa a poesia slam na cena da poesia contemporânea em sua relação com a “estética da quebrada”, conceito este iniciado na escrita da dissertação de mestrado, alinhado também a uma proposta de poética da quebrada. Nosso objetivo é apresentar parte dos resultados da pesquisa em andamento sobre a cena do poetry slam na Amazônia. A justificativa de estudarmos a densidade do slam na Amazônia e as outras manifestações estéticas da periferia é promover espaços de discussão sobre a literatura oral e escrita, sobre as oralituras e (afro)grafias (MARTINS, 2002) de jovens poetas nortistas das periferias das Amazônias, das múltiplas Amazônias. A pesquisa se inicia no ano de 2020 paralelamente e conjuntamente com a pesquisa de mestrado do PPGMEL/UNIR, quando, a partir de uma disciplina do PROCAD-Amazônia, buscamos investigar e ouvir jovens poetas do Norte do país sobre suas produções poéticas. Nesse período, realizamos uma entrevista com alguns poetas: Rapha Black e Pedro Braga de Roraima, Shaira Mana Josy do Pará, Halaise Asef do Amazonas, Medusa do Acre, Ana Paula e Pretogonista do Amapá e MC Vit do Tocantins e Pará. Partimos de uma pergunta norteadora: “como você visualiza o cenário poético-marginal (seja slams, saraus, batalha de rap e/ou movimento hip-hop) de sua localidade com relação à região Norte/Amazônia?”. Constatamos que a poesia e a literatura produzida por jovens poetas da região Norte está em consonância com movimentos de resistência urbana e ligada a uma prática da vivência periférica na Amazônia, pois, é no entrelaçamento estético entre literatura e quebrada, que a cena do slam se coloca numa fricção de corpos-vozes protagonistas de suas escrevivências de reexistências.

Palavras-chave: Slam Amazônia; periferia; Norte; Amazônia, poesia.

PRESENÇA/AUSÊNCIA: RELAMPEJOS INDÍGENAS EM ESPAÇOS DA CIDADE DE RIO BRANCO – ACRE.

Poliana de Melo Nogueira e Danilo Rodrigues do Nascimento

Resumo: Este trabalho foi construído a partir das reflexões produzidas na disciplina “Culturas, Linguagens e Sociedades Amazônicas” do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC), e tem como objetivo discutir os processos de sobreposição de paisagens, nomes e espaços, destacando ainda a presença/ausência de representações indígenas em determinados espaços da cidade de Rio Branco - Acre; desse modo,

propomos uma crítica a perspectiva evolutiva/moderna que tem orientado formas de narração e produção da referida cidade. O referencial teórico/crítico e metodológico foi alicerçado a partir da pesquisa bibliográfica e fotográfica em diálogo com os seguintes pesquisadores(as): Márcio Rodrigo Coêlho de Carvalho (2020), Francisco Bento da Silva (2020), Juliana Schiel (2004) e Marilena Chauí (2001) por discutirem em alguma medida o apagamento/subjetivação dos povos indígenas em diferentes espaços/tempo, além de problematizarem a ideia de progresso, nacionalidade e modernidade. Diante disso, foi possível inferir que esses rastros/resíduos são caminhos ancestrais antigos, que resistem e sobrevivem ao processo de “modernização” da cidade de Rio Branco, Acre. A “modernidade”, como prática e discurso, sangrou as terras, línguas e linguagens indígenas. Mas, ao mesmo tempo, possibilitou muitas táticas e estratégias de sobrevivência(s) dessas populações em meio aos projetos políticos e planos de governos para esta cidade.

Palavras-chave: Indígenas; Modernidade/Linearidade; Representações; (Re)existências.

AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICO-LITERÁRIAS EM NARRATIVAS DE PREOCUPAÇÃO SOCIAL NA AMAZÔNIA PARAENSE PROPOSTAS POR DALCÍDIO JURANDIR

Regina Barbosa da Costa

Resumo: A preocupação com as questões sociais sempre foi destaque na literatura da Amazônia. Neste sentido, um time de escritores, oriundos ou não da Amazônia, produziu textos que trataram sobre problemas pontuais da região. Dos escritores paraenses que se debruçaram especificamente sobre assuntos que interferem no desenvolvimento saudável da região, merece destaque o paraense Dalcídio Jurandir (1909 – 1979), que se firmou na literatura a partir de uma publicação premiada, em âmbito nacional, no ano de 1941. As narrativas elaboradas por Jurandir receberam a denominação de ciclo do Extremo Norte (1941 a 1978) e discorrem sobre alguns problemas comuns que afetam a Amazônia paraense, tais como fome, doenças, analfabetismo entre outros. Dos livros produzidos no ciclo, daremos destaque, neste trabalho, ao livro *Passagem dos Inocentes* (1963) em que a preocupação social é mesclada com a arte literária, e mostra o compasso entre literatura e a situação sanitária da periferia da cidade de Belém do Pará nos primeiros anos do século XX. Assim, o presente estudo objetiva apresentar a proposta literossocial de Dalcídio Jurandir em que o escritor agrega realidade social e estética literária. A proposta é alicerçada por estudiosos como FURTADO (2010 e 2021), DAOU (2004), CANDIDO (2007), ARIAS; COSTA (2021), além de textos disponíveis em fontes primárias que elucidam a questão sanitária em Belém do Pará.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; literossocial; Amazônia paraense

O PALCO VERDE DE MÁRCIO SOUZA E A REPRESENTAÇÃO MÍTICA DE ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA: MITOLOGIA DOS DESANA-KEHIRIPORÃ

Sideny Pereira De Paula

Resumo: Esta comunicação adentrará no universo da escrita de Marcio Souza: um “recolhedor” e um “tradutor” de uma narrativa mítica Desana-Kehiriporã para o universo cênico com a adaptação da obra *Antes o mundo não existia* (1995) num diálogo literário com o teatro, se baseando nessa escrita mítica para a criação do musical *Dessana Dessana: ou o começo antes do começo* (Teatro I, 1997) e sobre o cenário teatral na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, a partir da década de 60, um cenário de grandes mudanças para o Amazonas e também de grande efervescência cultural. É nesse contexto que surge o Grupo de Teatro TESC - uma parceria com o SESC, com uma proposta inovadora para a época e o lugar, proposta muito similar à de Augusto Boal, com seu “Teatro do Oprimido” “que buscou sempre lutar contra todas as formas de opressão, desenvolvendo na sua luta a favor dos explorados e oprimidos, um teatro de cunho político, libertário e transformador”. (ARAUJO, 2020, p.1). Márcio Souza, que entre outros projetos, tinha por interesse explorar a mitologia indígena dos habitantes Alto Rio Negro-ARN, a partir de uma aproximação com a pesquisa realizada nesta mesma região. Em 1974, o TESC monta a peça *A paixão de Ajuricaba*, que é sobre a luta dos indígenas contra os colonizadores europeus e no ano 1975, ele monta o musical *Dessana Dessana*, em uma parceria com Aldisio Filgueiras, esse também escritor e poeta amazonense, o que deu início ao que hoje se chama Palco Verde, ou a representação teatral dessas

culturas míticas e ancestrais dos povos do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas. Palavras-chave: 1- Literatura e oralidade; 2- Teatro de Resistência; 3- Mito indígena.

Palavras-chave: Palavras-chave: 1- Literatura e oralidade; 2- Teatro de Resistência; 3- Mito indígena.

A PROJEÇÃO DO OUTRO POR MEIO DA LINGUAGEM: BREVE ANÁLISE DE SIGNOS IDENTITÁRIOS

Thais Albuquerque Figueiredo

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo trazer uma análise, bem como uma reflexão sobre o uso de termos que possuem conotação racista, e foram empregados em um artigo de opinião publicado em um periódico de grande circulação em Rio Branco/AC. A problematização parte do viés discursivo em que as palavras denotam significados que por vezes fixam e reduzem sujeitos, afinal, a linguagem também foi um instrumento de dominação no contexto da modernidade, que racializou sujeitos e os reduziu a estereótipos. Nesse sentido, a metodologia do trabalho foi bibliográfica e documental, haja vista a inquirição de textos jornalísticos. Os termos trazidos no artigo de opinião, sendo eles os objetos de análise são: caboclo, mulato e cafuzo, a enunciação dessas expressões estabelece um lugar de “outridade” aos sujeitos referidos, sendo o outro aquilo/aquele que o homem branco não quer ser, visto que a língua tem uma dimensão política capaz de perpetuar relações de violência e poder tal qual nos afirma Kilomba (2019), entendemos também desse modo que a colonialidade reverbera no imaginário social e linguístico, perpetuando formas de poder baseadas no ideal de branquitude, que busca homogeneizar a multiplicidades de sujeitos e saberes presentes na Amazônia, ademais, é possível perceber a Amazônia como uma invenção, que vai configurando sujeitos e fabricando identidades outras, que se cristalizam mediante um discurso poderoso que viola os corpos, culturas, linguagens e subjetividades. Em diálogo com a análise proposta, usou-se tais autores: (ALBUQUERQUE, 2016), (HALL, 2016), (KILOMBA, 2019), (MBEMBE, 2014), (NASCIMENTO, 2019), (QUIJANO, 2005) e (SILVA, 2020). Diante disso, é possível constatar que o advento da “modernidade”, promoveu um apagamento dessas identidades múltiplas, pois, sobrepujou um saber etnocêntrico e inventou signos essencialistas para “definir” o outro com base em critérios de racialização, contudo, mediante esse processo colonizatório tais populações insurgiam resistindo, reexistindo e reinventando-se.

Palavras-chave: Invenção; Linguagem; Racialização; Racismo.

SIMPÓSIO “A LITERATURA E AS IMAGENS QUE RESTAM: HIPERMODERNIDADE, ESTADO DE EXCEÇÃO, O LABIRINTO DO SOBRENATURAL, EROTISMO E HAICAI”

Cacio José Ferreira (UFAM), Kélio Júnior Santana Borges (IFG) e Norival Bottos Júnior (UFAM)

RELAÇÃO DE AMOR, EROTISMO E SEXUALIDADE NA OBRA CAÇANDO CARNEIROS DE HARUKI MURAKAMI

Jone Braga De Moura

Resumo: Esta pesquisa busca analisar a presença do amor, erotismo ou sexualidade existente entre o personagem principal e a jovem de orelhas escondidas no romance Caçando Carneiros de Haruki Murakami (2001). A obra escolhida para esta pesquisa o romance Caçando Carneiros foi uma das primeiras obras de Murakami, publicada em 1982. Autor consagrado estudou dramaturgia clássica na Universidade de Waseda e, foi proprietário de um bar em Tokyo, onde floresceu toda a sua inspiração de escritor literário. Em 1987, lança o romance Norwegian Wood, consagrando-se como um dos grandes escritores do pós-modernismo. As metodologias utilizadas foram a pesquisa bibliográfica realizada através da leitura da obra A dupla chama: amor e erotismo de Octavio Paz (1994) e leitura reflexiva de Luigi Pareyson e do próprio Murakami a fim de analisar a perspectiva na avaliação das leituras das obras. Realizou-se a análise de quais características estão presentes na obra, seja nos encontros ou momentos íntimos vividos pelo casal. Tais leituras visaram obter um melhor entendimento das leituras e releituras sobre a temática do que está sendo trabalhada e se na obra analisada possui momentos em que possa ser encontrado o amor, erotismo ou sexualidade.

Como resultados, pôde-se constatar que os acontecimentos relatados na obra *Caçando Carneiros* podem ser considerados como erótico e sexual, uma vez que atende os requisitos necessários conforme destaca Paz, pois causa o efeito erótico e sexual em relação ao pensamento e o ato na prática.

Palavras-chave: Amor, Erotismo; Sexualidade; jovem das orelhas escondidas.

SOBRE O VAMPIRO E O VAMPIRISMO NA OBRA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Kélio Júnior Santana Borges

Resumo: Dentre as principais características da obra de Lygia Fagundes Telles, encontra-se a constante presença de elementos sobrenaturais. Em seus contos e romances, a escritora resgatou imagens do maravilhoso e do fantástico, sempre ressignificando aspectos e características dos seres insólitos pertencentes a esses dois universos. Caso específico é aquele destinado à figura do vampiro que não aparece em suas narrativas, sejam elas contísticas ou romanescas, mas que se faz presente nas crônicas da escritora, textos estes pertencentes à fase memorialística da escrita lygiana. Por meio dessas crônicas, Lygia Fagundes Telles teceu críticas ao valor cultural do vampiro (mas não ao vampirismo), motivo que pode justificar a não aparição desse tipo de personagem em seus escritos. No único texto em que cria uma personagem vampíresca, a escritora engendrou uma desconstrução (paródia) profunda, alterando os principais traços dessa imagem tão cara à estética fantástica. Recorrendo a diferentes fontes (Hutcheon, Todorov, Rodrigues, Alcântara, Silva), buscamos neste trabalho, discutir a questão do vampiro e do vampirismo na obra dessa que foi uma das maiores escritoras brasileiras. Nosso objetivo é demonstrar que a ausência (ou a desconstrução do vampiro) dialoga diretamente com uma concepção de mundo defendida pela autora em sua obra que, segundo nossa pesquisa de doutoramento, pode ser definida como "uma poética dionisíaca".

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles; Paródia; Sobrenatural; Vampiro; Vampirismo.

REPENSANDO AS FRONTEIRAS: O "ENTRE-LUGAR" DO HAICAI DOS IMIGRANTES JAPONESES

Nivea Oura Martins

Resumo: No presente trabalho, pretende-se abordar o desenvolvimento do gênero haikai na literatura brasileira, tendo como foco a produção dos poetas de origem migrante japonesa e, posteriormente, a produção feita por seus descendentes brasileiros. Vale ressaltar que, inicialmente, a poesia escrita por esses sujeitos migrantes foi em língua japonesa e, por esse motivo, permaneceu isolada e vista como uma literatura à parte no desenvolvimento do haikai brasileiro. Ainda hoje, há certa distinção no tratamento entre os haicais produzidos pelos autores migrantes, mesmo sendo eles escritos em língua portuguesa, e os haicais que seguem uma tradição considerada "mais brasileira" desta poesia, escrita por autores que não possuem origem migrante japonesa e possuem maior afinidade com o modernismo brasileiro. Compreender o local da literatura dos sujeitos migrantes é observar este lugar como um ponto intersticial, um "terceiro lugar", no qual aspectos globais e locais se revelam conjuntamente. Refletir sobre este "entre-lugar" é se questionar a respeito da existência destas fronteiras que separam as sociedades e suas culturas e então compreender a existência de uma nova cultura emergente, que se insurge da mistura de povos heterogêneos e, assim, inaugura novos espaços onde são recriadas línguas, culturas e conceitos de nacionalidade. Desta forma, à luz dos conceitos de hibridismo cultural e transnacionalidade, pretende-se abordar a questão das fronteiras que demarcam o local da literatura migrante.

Palavras-chave: Haikai; Literatura Migrante; Hibridismo Cultural; Transnacionalidade;

VIOLÊNCIA DE ESTADO: UMA TRILHA EXCLUDENTE NA AMÉRICA EM NOITE DENTRO DA NOITE, DE JOCA REINERS TERRON

Rute Pereira Da Silva

Resumo: O presente trabalho, ainda em fase de desenvolvimento, é parte da minha pesquisa de dissertação, A construção da memória pelo viés da violência em *Noite dentro da noite*, de Joca Reiners Terron. Trata-se, mais especificamente, do segundo capítulo, intitulado "A violência". Nele analisaremos a violência do Estado, este como agressor dos seus cidadãos, a fim de compreender

possíveis determinações no processo de representação do objeto em estudo. Além disso, abordar o tema da ditadura civil militar, procurando situá-la no contexto brasileiro, perpassando pela Guerrilha do Araguaia e findando com dois históricos sequestros dos embaixadores norte-americano Charles Elbrick e do alemão von Holleben, início e fim da recuperação da memória/passado da personagem conhecida, na trama, como 'você' (TERRON, 2017, p. 12). A violência como temática não é algo recente, pois diversas práticas violentas são conhecidas desde a antiguidade, sempre esteve presente na vida cultural humana. Observada sob a perspectiva de formas e intensidades, ela destaca as diversas relações de poder, dominação e subordinação existentes na condição humana e em suas práticas sociais. A partir do século XIX discussões sobre essas práticas se tornaram frequentes, não podendo deixar de visibilizar os primeiros decênios do século XX, devido aos grandes eventos traumáticos que o perpassaram como referências de desumanização, tais como as duas Grandes Guerras e os regimes ditatoriais. A fim de chegarmos a esse propósito, usaremos como bases Antonio Candido, Censura-violência (2004), Regina Dalcastagnè, O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro (1996), Jaime Ginzburg, Escritas da tortura (2010), Hannah Arendt, Origens do totalitarismo (2012), Eurídice Figueiredo, A literatura como arquivo da ditadura brasileira (2017), Pedro Corrêa Cabral, Xambioá: Guerrilha no Araguaia (1993), Romualdo Pessoa Campos Filho, Guerrilha do Araguaia (1997), entre outras fontes.

Palavras-chave: Violência; Joca Reiners Terron; Noite dentro da noite.

A SOMBRA DE MATINTA PERERA: RELAÇÃO ENTRE MITO E CONTO DE FADAS NA OBRA "O DIA EM QUE ENTERREI MIGUEL ARCANJO E OUTROS CONTOS DE FADAS", DE JAN SANTOS

Sarah Micaia Benevides Figueira

Resumo: O mito é uma tradução da realidade feita pelo humano, enquanto o conto de fadas é uma história possível dentro desta realidade significada. Contos de fadas tem a característica de ressignificar narrativas, arquétipos e símbolos, como obras contemporâneas tem mostrado em suas reinterpretações desses contos, seja na literatura, no cinema ou na arte. O objetivo desta pesquisa é analisar o mito da Matinta Perera na obra "O dia em que enterrei Miguel Arcanjo e outros contos de fadas" (2019), de Jan Santos. De natureza quali-quantitativa, por ser analisada tanto a escrita quando a temática do mito, a pesquisa é exclusivamente bibliográfica. Utilizou-se como base teórica principal Mircea Eliade (1972, 1992) para conceituação do mito, Coelho (2020) para análise das características do conto de fadas, e Cascudo (2012) quanto ao mito da Matinta Perera. O trabalho se deu principalmente por Jan Santos ser um nome que está crescendo no cenário literário amazonense, e por ser necessária uma valorização do mito amazônico. Feito o embasamento teórico quanto ao mito, conto de fadas e mito da Matinta Perera, iniciou-se a análise do conto "Como Joana deixou de ser criança". Concluiu-se que, através da transformação da personagem Joana em Matinta Perera, Jan Santos traz essa natureza do mito vivo que é a Matinta no norte do Brasil para ressignificar o conto de fadas brasileiro.

Palavras-chave: Jan Santos; literatura de expressão amazonense; mitologia brasileira.

SIMPÓSIO "ANTONIO CANDIDO, POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM TEÓRICA PARA A LITERATURA DO SÉCULO XXI"

Angela Teodoro Grillo (UFPA), Jader Vanderlei Muniz de Souza (UFAC) e Rafaela Cássia Procknov (IFSP)

ANTONIO CANDIDO, VANGUARDA E CONTEMPORANEIDADE

Alex Alves Fogal

Resumo: A obra deixada por Antonio Candido possui seu incontestável reconhecimento devido a vários aspectos e dentre eles, um que sempre chamou a atenção sempre foi o "faro crítico" do estudioso, sempre dotado de muita percepção e sensibilidade para a descoberta de novos grandes autores, assim como para evidenciar os rumos da tradição literária brasileira. Nesse sentido, o

pequeno – porém, profundo – ensaio intitulado Vanguarda: renovar ou permanecer, mostra-se como um exemplo dessa habilidade singular de Antonio Candido. Nesse texto, o autor indica como algumas tendências estéticas das chamadas vanguardas europeias e do Modernismo brasileiro acabaram por se transformar em elementos de rotina na formação do paideuma – como diria Ezra Pound – da literatura nacional do século XX. Técnicas literárias como a supressão dos nexos sintáticos e a busca de uma ordem espaço-temporal não linear acabaram por se tornar componentes imprescindíveis para a forma literária que se pretende atual. Assim sendo, criou-se a perspectiva de que literatura brasileira só possui valor na medida em que demonstra feição vanguardista, o que nos coloca diante de um paradoxo, pois se a vanguarda é sempre algo provisório, como erigir o aspecto vanguardista como um valor determinante? Rotinizar elementos de vanguarda não seria um modo de esmaecer o caráter vanguardista que tais artifícios possuem? Para analisar essas e outras questões, a presente comunicação pretende avaliar em que medida essa asserção de Antonio Candido se faz válida para a literatura brasileira do século XXI. Esse exercício será feito por meio da análise de obras de duas obras contemporâneas: 100 Coisas, de Fernando Bonassi, e Nove Noites, de Bernardo Carvalho. Trata-se de duas propostas de construção literárias que são, a princípio, distintas, e será observado em que medida se enquadram no processo de rotinização da vanguarda que Antonio Candido identificou ainda no século XX.

Palavras-chave: Antonio Candido; Vanguarda; Literatura brasileira.

ANTONIO CANDIDO LÊ TORTO ARADO: DISCUSSÃO SOBRE FORMA E ESTILO

Bárbara Del Rio Araújo

Resumo: Torto Arado foi publicado em 2019 pelo baiano Itamar Vieira Junior e recebeu diversos prêmios no Brasil e no exterior. A obra ganhou destaque sobretudo pelo engajamento na temática quilombola, na discussão histórica sobre reforma agrária e na abordagem religiosa de matriz africana. A comparação do autor com escritores da conhecida Geração de 30 foi constante no panorama literário redimensionando a discussão regionalista e proporcionando o diálogo canônico entre as obras. Essa comunicação pretende analisar Torto Arado empreendendo uma abordagem a partir da crítica sociológica de Antonio Candido, sobretudo no que concerne às instâncias do estilo e da forma narrativa. Deste modo, almejamos, a partir do conceito de "redução estrutural", compreender o engendramento estético do romance a fim de perceber o objeto tanto pelo seu valor artístico quanto político, reiterando a importância do aspecto formal para a enleação do conteúdo engajado. Antonio Candido, intérprete da moderna cultura brasileira, executou inúmeras análises importantíssimas, tais como "De cortiço a cortiço" e "Dialética da malandragem", sendo que as formulações obtidas podem favorecer uma leitura produtiva para a literatura contemporânea. Logo, plasmaremos, através do método materialista de Candido, o processo vivo da montagem da forma que transforma aspectos reais em uma narrativa dando a impressão de bastar a si mesma. Reconhecendo a autonomia da obra literária e a sua dialética com os aspectos sociais, estudaremos a força da narrativa tripartida de Torto Arado bem como exploraremos os limites do narrar de Belonísia e Bibiana, além da Encantada para conhecer a tentativa de autonomização e seus percalços. O aparato teórico desenvolvido por Candido (2009) auxiliará fornecendo material para produzirmos reflexões sobre o panorama cultural e histórico nacional, certos de que a literatura seja uma forma de esclarecimento e de consciência crítica na medida em consegue despertar leitores para o texto analisado.

Palavras-chave: Forma dialética, Antonio Candido; Torto Arado.

PRENÚNCIOS DA CONSCIÊNCIA DO SUBDESENVOLVIMENTO

Fernando Cerisara Gil

Resumo: No ensaio já clássico "Literatura e subdesenvolvimento, surgido em 1970, Antonio Candido faz uma produtiva relação e análise entre as condições de desenvolvimento social dos países latino-americanos e as condições de existência material da literatura. Nele o ensaísta procura mostrar como a situação de atraso desses países se põe como elemento fundamental para entender a função da literatura bem como o papel que os escritores desempenham na dinâmica do campo literário. De

modo bastante resumido, podemos dizer que Antônio Candido formula uma espécie de gradiente das funções do intelectual e da literatura ao longo do tempo. O autor de Formação da literatura brasileira sugere que os intelectuais desenvolveram uma espécie de consciência, via literatura, que vai da expressão do otimismo social, como forma compensatória das deficiências gerais do país, forjada sobretudo durante o século 19, até uma consciência problemática do subdesenvolvimento, do atraso. Na esteira das formulações de Antônio Cândido, a ideia da nossa comunicação é analisar e discutir como alguns escritores, das primeiras três décadas do século 20, pensavam e lidavam intelectualmente com a sua matéria. Mais especificamente, interessa-nos analisar como aquilo que décadas depois foi chamado de consciência do subdesenvolvimento, por Antônio Candido, emergiu talvez pela primeira vez em escritores como Alcides Maya, Hugo de Carvalho Ramos Monteiro Lobato e também, tempos depois, numa figura como Graciliano Ramos. É por meio dos ensaios, dos artigos e das crônicas desses escritores que pretendemos examinar a visão variada, mas sempre problemática, contraditória e conflituosa, apresentada por eles da vida social econômica cultural e literária do país. O ponto de partida comum entre eles se centra no fato de que todos pensam, compreendem e lidam com a sua matéria a partir do espaço rural.

Palavras-chave: Antonio Candido; Consciência do subdesenvolvimento; Mundo rural; Ensaísmo.

LITERATURA E SOCIEDADE NO DEBATE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: ESTÉTICA E INTERVENÇÃO NO BRASIL DOS ANOS 1960 E 1990

Homero Vizeu Araújo

Resumo: As promessas do nacional-desenvolvimentismo foram desfiguradas pelo golpe de 64 e vieram a configurar soluções e impasses devidamente explorados pela literatura, cinema, canção e teatro. As relações entre literatura e sociedade tais como propostas por Antonio Candido, segundo nosso ponto de vista, são cruciais para avaliar um conjunto de obras tão empenhadas, em mais de um sentido. Para expor os dilemas dos intelectuais em transe engajado e violento, os romances em causa seriam Pessach, de Carlos Heitor Cony, Quarup, de Antônio Callado, O senhor embaixador, de Erico Verissimo, e Tenda dos milagres, de Jorge Amado. Mas vale referir também os contos de Lúcia McCartney (1967), de Rubem Fonseca, que já no título registra conteúdo pop a ser reelaborado no quadro cínico, violento e lírico dos contos. Também desponta pela direita Nelson Rodrigues, que trata de satirizar, em suas crônicas/contos, as atitudes e projetos da esquerda que se radicalizava. Nestes termos, há uma tensão notável no campo literário, que também explora o conflito talvez ainda mais evidente na canção e no teatro. Para efeito de contraste, sugiro examinar dois efeitos colaterais da modernização em colapso nas periferias, 30 anos depois: em 1997 surgem "Cidade de Deus", de Paulo Lins, e "Sobrevivendo no Inferno", o álbum dos Racionais MC's. Trinta anos depois dos conflitos 67, as pretensões intelectuais então expressas podem ser relidas e reconfiguradas.

Palavras-chave: literatura; Roberto Schwarz; 1967; romances; protesto

O ROMANCE SOB A ÓTICA DE ANTONIO CANDIDO: O GÊNERO EM PERSPECTIVA

Jader Vanderlei Muniz de Souza e Erica Maria do Carmo dos Reis

Resumo: O romance, enquanto gênero literário, recebe, em estudos vários, análise minuciosa, pausada e detalhada dos elementos estruturais que o compõem. Por outro lado, seu lugar como o gênero que, sobretudo com a ascensão da modernidade a partir do séc. XVIII, ocupa espaço central na literatura do ocidente merece também um espaço de atenção. Uma análise em perspectiva sobre a trajetória do romance pode, entre outras possibilidades, ajudar-nos a compreender como o gênero que melhor representa o auge da modernidade segue sendo produzido e recebendo atenção privilegiada nas décadas iniciais do séc. XXI. Antonio Candido, teórico e crítico literário brasileiro, constrói em sua produção bibliográfica essencial para a compreensão da trajetória de consolidação do romance no Brasil, vinculando-o ao processo de formação e consolidação da literatura brasileira, oferecendo também uma importante contribuição para a historiografia do gênero. Diante disso, este artigo tem como principal objetivo elucidar, pela ótica de Candido, aspectos que compõem essa trajetória e o fazem ser identificado e compreendido como tal, inclusive na contemporaneidade. Para isso, fundamentaremos essa abordagem nos seguintes textos de Antonio Candido: "Timidez do

romance”; “A personagem do romance” e “O Romantismo no Brasil”, além de outros textos que abordam a teoria e a crítica de Candido acerca do romance e da formação da literatura brasileira, como “Questões de romance: notas sobre Antonio Candido e a crítica brasileira”, de Teruki Otsuka, e “O método crítico de Antonio Candido: forma, lírica e sociedade”, de Betina Bischof, entre outros.
Palavras-chave: Romance; Antonio Candido; Modernidade; Formação da Literatura Brasileira.

REFLEXÕES ACERCA DA AUTORIA FEMININA A PARTIR DO CONCEITO DE SISTEMA LITERÁRIO DE ANTONIO CANDIDO.

Juliana Maia De Queiroz

Resumo: Como é bem sabido entre os estudiosos da literatura, Antonio Candido, na Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos), publicada em 1957 e considerada um marco da crítica e da historiografia literárias brasileiras, propõe o conceito de sistema literário por meio do tripé autor-obra-público como base para a formação de uma literatura genuinamente brasileira. Ao lançar mão desse conceito, que pressupõe a interrelação entre aqueles que produziram textos literários, os que publicaram e aqueles que consumiram a literatura produzida em nosso país nos séculos XVIII e XIX, Candido acaba por se referir majoritariamente a homens e obras de autoria masculina. O que chama nossa atenção, portanto, é a presença pouco ou quase nula de obras de autoria feminina em suas apreciações, sobretudo na Formação da Literatura Brasileira. Estudos bem posteriores ao de Candido, como aqueles empreendidos por Zahidé Muzart e Constância Lima Duarte, por exemplo, têm revelado nas últimas décadas uma quantidade significativa de mulheres que escreveram e publicaram textos literários em diferentes suportes no Brasil do século XIX. Nomes como Maria Firmina dos Reis, Maria Benedita Bormann, Emília Freitas, dentre tantas outras, têm ganhado destaque em novas edições no mercado literário contemporâneo. A presente comunicação tem por objetivo esboçar uma reflexão sobre o lugar das mulheres na obra de Candido com o intuito de tentar compreender de que forma a noção de sistema literário proposta pelo autor pode ser relida e redimensionada se incluirmos nela as tantas mãos de mulheres que escreveram, publicaram e foram lidas ao longo do século XIX no Brasil. Quem foram as mulheres que escreveram no Brasil oitocentista? Dessas, quem são as mais editadas e lidas hoje? Quais narrativas mais interessam resgatar? A partir dessas questões é que guiaremos nossa comunicação e esperamos, assim, contribuir para o avanço das pesquisas na área da historiografia literária.

Palavras-chave: Antonio Candido; Formação; Literatura; Século XIX; Autoria feminina.

ANTONIO CÁNDIDO Y ESO DE LA “LITERATURA COMO SISTEMA” HOY

Marco Chandia Araya

Resumo: En el contexto actual de este siglo XXI resulta imprescindible revisar los postulados teóricos que emergen a la par de esa literatura mayor que vino a transformar desde 1950 el campo del arte y la cultura de América Latina. ¿Qué tan reutilizables resultan hoy nociones como “literatura como sistema” (Cándido, 1959), “transculturación narrativa” (Rama, 1982) y “literatura heterogénea” (Cornejo Polar, 1994) en un escenario donde el estatuto mismo del fenómeno literario ha sido puesto en cuestión por el descrédito posmoderno? Cuando parece que el siglo XX cierra el último capítulo de nuestra modernidad como proyecto humanista y emancipatorio y donde la creación estética-literaria en su carácter ideológico asume el compromiso con la sociedad desprovista del Poder, el campo de un pensamiento crítico interdisciplinario que inaugura Cándido para distinguir literatura de aquella que no lo es, o que es sólo “manifestación”, a partir de su “función total”, como la noción misma de “sistema” que desde ciertos denominadores comunes es posible conocer su proceso y en consecuencia su historia, no sólo resulta indispensable frente al nuevo escenario sino que, desde una resegmentación crítica, urgente. Urgente para restablecer el nuevo canon, para devolverle su rol político y social y para reescribir la tradición o el “continuum” histórico desde las diversas y múltiples realidades que la componen. Retomamos este campo reflexión que abre el brasileño en diálogo con estos y otros intelectuales para intentar demostrar su vigencia y necesidad, así como para valorar su incalculable potencial que ofrece, creemos, nuevas estrategias interpretativas que ubican a la

literatura en el lugar que le endilgó la tradición crítica moderna latinoamericana, como bien social, cultural y ética-estéticamente válido.

Palavras-chave: Cándido; Tradición; Sistema; Función total; Literatura latinoamericana.

MEMÓRIA, HISTÓRIA E MÉTODO: SÍLVIO ROMERO, ANTONIO CANDIDO E GILVAN RIBEIRO

Mayara Moratori Peixoto

Resumo: Propõe-se uma abordagem da última produção poética do professor Gilvan Procópio Ribeiro (1945-2022), intitulada *lógos/páthos*, ainda no prelo. Tal intervenção crítica faz parte de uma pesquisa de doutoramento cujo objetivo é contribuir para um mapeamento da produção intelectual de Gilvan Ribeiro, militante político, poeta e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Optamos por partir da noção de arquivo (DERRIDA, 2001) por debruçarmo-nos sobre a questão da memória, mas também por haver um extenso arquivo físico, deixado pelo professor, a ser investigado. Dentre os arquivos bibliográficos, encontramos a obra *O método crítico* de Sílvio Romero, resultante da tese de doutorado de Antonio Candido. Mobilizamos-la por dois motivos: porque o professor Gilvan acompanhou o desenvolvimento da produção intelectual de Candido, tendo-o como uma de suas referências, sabidamente devido ao seu alinhamento teórico-político; também porque essa obra nos atenta para a história/memória do pensamento de Candido, por indicar o “ponto de partida das posições críticas” (CANDIDO, 2006, p. 12) a que ele chegou. Sílvio Romero foi um polígrafo considerado protagonista de um movimento que modernizou o panorama cultural do Brasil a partir de 1860; Candido reconhece suas limitações, mas, ainda assim, propõe-se a compreender dialeticamente sua função histórica e sua contribuição teórica. Decantadas tais limitações, que se referem essencialmente às restrições da crítica sociológica – para nossas considerações sobre esse aspecto recorreremos, também, a Eagleton (2011) –, buscamos emular um método de abordagem do texto literário em questão tal como apresentado em outra obra de Candido (2017), *Na sala de aula: caderno de análise literária*. Objetivamos uma aplicação da teoria de Candido à obra de Gilvan Ribeiro a fim de demonstrar sua utilização para a análise do funcionamento interno da referida produção poética e, assim, identificar pontos que a entrelaçam com a materialidade histórica que a engendrou.

Palavras-chave: arquivo; crítica marxista; memória; poesia brasileira contemporânea.

CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSÉ DE CARVALHO, DOIS CASOS DE UMA FLANERIE NO SÉCULO XXI.

Tiago Mine Vieira

Resumo: Sob o signo da modernidade e dos grandes centros urbanos, discutiremos Carolina Maria de Jesus com *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) e José de Carvalho com *Buquê: cenas de rua* (2009), como dois fenômenos inicialmente estranhos e atípicos dentro da tradição e dos estudos da *bohème* e da *flanerie*. Entranhados em vias públicas, ruas, espaços de passagem, ambos os autores apresentam uma literatura típica das cidades em conformidade com a natureza e a estrutura dessas paisagens. Ubicados à atividade de caminhar pelas ruas, suas obras desenvolvem-se dentro dessa dinâmica e revelam traços de uma *flanerie* do baixo equador, uma errância que contribui para a compreensão dessas literaturas diante dos desafios de leitura e compreensão dos tempos atuais. Discutiremos em *Quarto de Despejo* uma superação da visão estrita do gênero diário, em que a autora registra suas experimentações estéticas e cria sua visão de mundo como uma *flâneuse* que se confronta com um país que se encontra às voltas com a invenção de sua própria modernidade, essa perspectiva pretende contribuir com as demandas e os esforços decoloniais. Em *Buquê*, trazemos para a discussão o escritor marginal, que busca recriar uma *flanerie* e uma *bohème* pessoal dentro das contradições que o cercam no ombro a ombro com a cidade, clivando sua produção para fora do mercado que, pela abordagem direta, corpo a corpo, faz chegar às mãos dos leitores aquilo que escreve. Para dar concretude a essa análise, nos valem de uma leitura que leituras de Walter Benjamin e Antonio Cândido a respeito dos temas de modernidade e sistema literário, compreendendo a noção de desenvolvimento histórico proposto por esses pensadores, como ferramenta atual para repensar algumas questões inerentes à produção da vida e da arte no século XXI.

Palavras-chave: Flanerie; Modernidade; Marginalidade; Gênero.

SIMPÓSIO “AQUÉM E ALÉM DO EXCESSO, A ESCRITA!”

Antonia Torreão Herrera (UFBA), Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade (UFMG) e
Laene Oliveira dos Santos Drummond (UFBA)

Livia

"DESEOS DE ESCRITURARME": ALEJANDRA PIZARNIK, A OUTRA — A QUE ESCRIVE

Adriane Figueira Batista

Resumo: As reflexões a que esta comunicação se propõe se abrem ao mistério da palavra que extravasa a vida, tecendo e destecendo os fios, rompendo margens e alcançando o desconhecido. Investigar a escrita poética dilacerada e dilacerante de Alejandra Pizarnik (1936-1972) é flertar com o gesto impossível, dizer e calar, neste amplo espaço de criação literária: linguagem em névoa, verbo-fantasma, sonho e revelação. Partindo de fragmentos retirados de seus Diários (2013) e do livro Extração da pedra da loucura (2022), pretendo traçar este itinerário, triângulo imperfeito: eu-ela-outras que pode ser compreendido também como aqui-entre-lá. A sobreposição de três elementos em ciclo ininterrupto abre as fendas pelas quais este verbo jorra em fluxo violento, excessivo, devorador de previsibilidades. O corpo físico e discursivo é atravessado pelo erótico que aniquila e engendra — uma espécie de linguagem que evoca a morte sem jamais poder morrer, Pizarnik se (des)equilibra diante do abismo, oferecendo aos seus leitores um espaço deslocado e pulsante que “trans-borda” e excede a experiência. A poética da argentina nos (des)orienta por entre solidões, silêncios e urgências, um projeto estético complexo e dolorido, uma escrita que viola as leis vigentes por ser feminina, subvertendo a hegemonia masculina: a mulher impunha a pena! Escrever é mover o todo, o tempo-espaço, é destituir reis e derrubar a verticalidade do mundo, o “falo” — verbo, membro. A partir, principalmente, das contribuições de Maurice Blanchot quando reflete sobre a impossibilidade de dizer o eu e o direito à morte; de Hélène Cixous quando desloca as entidades discursivas trazendo a mulher e a escrita feminina — na inteireza do corpo-poema sem fim e nem começo — para o lugar de protagonismo, o verbo sangrento de Pizarnik será lido e celebrado neste espaço: dentro-fora-centro, ausência-presença-palavra.

Palavras-chave: margens; escrita; Alejandra Pizarnik; corpo; linguagem

A MÍSTICA DA ESCRITA NA EXAUSTÃO DO LEITOR

Antonia Torreão Herrera

Resumo: Proponho-me a ler o texto de Jorge Luís Borges, A escrita do Deus. Os sinais de uma escrita desenhada por um deus na pele de um jaguar têm a dimensão de uma mística da escrita, no apagamento do indivíduo e da comunidade a qual pertenciam. Apesar de não se tratar de uma experiência de escrita mística, há uma intensa ação de leitura que envolve aspectos de treva e luz, cegueira e visão, sonho e discernimento, na qual se cruzam acuidade intelectual na decifração dos signos e êxtase místico na dissolução da soberania do sujeito que, no limite da razão e da morte, encontra a plenitude do todo, de Ninguém. O pensamento socrático, binário, dá uma guinada para o pensamento mágico, no qual o conhecimento do sujeito não é mais soberano porque não exerce mais comando sobre uma comunidade. Na decifração do enigma, escrito na pele do jaguar, não se ergue um herói que é recebido na cidade, vitorioso e cioso da supremacia de seu conhecimento e sim o apagamento de toda e qualquer ação porque o sujeito, após a exaustiva experiência, está plenamente integrado ao cosmo e não mais necessita resistir à tortura que lhe foi infligida nem ir em busca de seu reinado e tesouros que lhe foram usurpados porque não lembra mais de si nem do outro. O mago Tzinacan pode destruir seu algoz, Pedro de Alvarado, e reconstruir o império de Montezuma, mas não há mais sentido nesse gesto. “Que morra comigo o mistério que está escrito nos tigres” (BORGES, 1973). Agora, detentor de todo poder, não o exercerá porque como conhecedor de todo o universo, desconhecerá a si como recorte de vida individualizada. Todavia, a comunicação

se processa na lucidez de sua cegueira; leitor excessivo que decifra os signos e os organiza em sua escrita.

Palavras-chave: Jorge Luís Borges; soberania; mística; escrita;

AS ESCRITAS DE SI EM CARO MICHELE POR NATALIA GINZBURG: CORRESPONDÊNCIA E MEMÓRIA NA REPRESSÃO DE MUSSOLINI

Cláudia Pereira Costa

Resumo: As escritas de si são uma ferramenta da antiguidade, mas que permanece no século XXI. A escrita juntamente com a leitura são uma maneira de ter uma relação mais completa consigo mesmo, e o que diz Foucault (1992) sobre isso é que a correspondência é o melhor lugar para procurar a escrita sobre si mesmo, mais que os cadernos pessoais com anotações sobre coisas alheias, *é possível encontrá-los [os primeiros desenvolvimentos históricos da narrativa de si] pelo lado da correspondência com outrem e da troca do serviço da alma. (p. 136). A narrativa de si, escrita por Natalia Ginzburg vai direto aonde se quer chegar, na linguagem do simples e do cotidiano, nas cartas do romance "Caro Michele" encontra como Proust no fluxo de memórias a história de uma família para contar. De uma casa grande e vazia Adriana tenta buscar conhecer melhor seu filho Michele de quem viveu separada, pois depois do divórcio o menino ficou com o pai, mas o garoto por algum motivo não corresponde a mãe, enquanto isso a mãe se revela nas cartas, não só ela como outros personagens usam das escritas de si nas correspondências criadas pela autora para nos fazer passar pelas páginas com a curiosidade de querer saber os mistérios de Michele.

Palavras-chave: Natalia Ginzburg; escritas de si; cotidiano; Caro Michele; correspondência.

A ÉTICA COMO EXCESSO: A POESIA E O SENSÍVEL DE ANTONIA TORREÃO HERRERA

Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade

Resumo: O presente trabalho, A ética como excesso: a poesia e o sensível de Antonia Torreão Herrera, versa sobre uma análise do livro mítico-poético-filosófico Babel, de Antonia Torreão Herrera (2020). A partir do perfil múltiplo intelectual de Antonia Torreão Herrera, buscarei discutir como a reflexão teórica sobre a ética da escrita literária se constrói na tessitura poética de Babel. Assim, o objetivo é pensar como a poética de Antonia Torreão Herrera entrelaça suas reflexões teóricas e poéticas para possibilitar uma ética própria do excesso e da antieconomia da palavra e, por consequência, se configura como escrita poética da fraternidade e da partilha. Dessa forma, para desenvolver a discussão e interpretação do poema, será utilizado as concepções teóricas de Herrera, em Ética da escrita literária (1996), sobre a ética própria da literatura como uma possibilidade de expressão e vivência que permite delinear uma partilha outra. Nesse sentido, será possível pensar a escrita de Babel como um gesto de excesso em sua releitura do mito da torre de Babel e da língua portuguesa. Para isso, buscarei criar um diálogo com a discussão sobre o encontro "linguagem-poesia" de Judith Grossmann (2021), com o conceito de partilha do sensível de Jacques Raci  re (2009), com as ideias de dissolu  o dos limites na escrita de Georges Bataille (2015) e com a elucubra  o de Georges Didi-Huberman (2016) sobre a emo  o como ato revolucionário.

Palavras-chave: Babel; Antonia Torreão Herrera; Escrita; Excesso; partilha do sensível;

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DO TRABALHADOR NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE JOSÉ FALERO E ANA PAULA MAIA

Ivo Falcão da Silva

Resumo: O trabalho constitui um elemento central nas rela  es sociais e culturais do Brasil. Com os movimentos políticos contemporâneos de reestrutura  o, perdas e necessários jogos de resistência dos brasileiros no campo do trabalho, objetiva-se refletir na presente proposta como a literatura brasileira vem dimensionando esta temática em sua produ  o narrativa. Com um recorte temporal que comporta o intervalo de 2018 a 2022, selecionamos dois autores para investigar como os personagens trabalhadores se posicionam em suas respectivas obras, a saber: Ana Paula Maia e José Falero. Da autora, vamos nos deter no romance "Enterre seus mortos", de 2018; já de Falero, iremos nos concentrar no livro "Os supridores", de 2020. Enquanto Maia desvela os horrores do trabalho

por meio do abjeto, através de uma narrativa próxima ao horror, Falero constrói em sua escrita uma experiência laboral utópica, através da ideia de divisão, de troca e de compartilhamento. Sob a abordagem comparativista, analisaremos como as perspectivas dos autores se aproximam e se distanciam. Assim, com essas obras, podemos tocar em políticas narrativas distintas para pensar a condição do trabalhador do Brasil no século XXI e montar um cenário da posição da literatura brasileira em relação ao espaço laborativo caleidoscópico e em desmonte do nosso tempo.

Palavras-chave: Trabalho; Ana Paula Maia; José Falero.

A MORTE COMO EXCESSO EM "UM SOPRO DE VIDA E A HORA DA ESTRELA" DE CLARICE LISPECTOR.

Joabe Nunes Dos Santos

Resumo: Todo texto escrito está imbricado com aquele que o criou e esse trabalho deseja demonstrar como a partilha do sensível entre quem escreve e quem lê está afluída em uma profusão de momentos que compõem as duas obras finais de Clarice Lispector. Um Sopro de Vida (1978) e A Hora da Estrela (1977) nota-se um movimento imanente das temáticas acerca da morte x vida por meio de metáforas e simbologias desses dois movimentos dos quais o ser humano ocidental partilha uma visão comum: nascimento – vida e morte – fim. Essa dicotomia de fim e começo é quebrada pela escrita dessas obras no momento que nas palavras da autora o movimento pode ser invertido e o que antes era começo pode ser o fim e o contrário idem. Amparado na teoria de Georges Bataille, em seus famosos O Erotismo (2004) seguido de A literatura e o mal (2015) e A parte maldita (2013), será analisado tais temáticas que envolvem uma a outra de maneira limítrofe. Segundo o autor: “a vida é a negação da morte” (BATAILLE, 2004, p. 85) sendo assim, estamos o tempo todo enquanto vivos negando de maneira veemente a morte que nos espreita. Já Clarice faz o contrário, ela está constantemente colocando a morte em excesso nesses dois livros. O que para Bataille se configuraria como um ato erótico. Será utilizado Gotlibli (1995), Rancière (2000), Homem (2012), entre outros, que compreendem o processo do fazer literário e da vida da autora, como também dialogam com as temáticas pertinentes a esse trabalho. Nessas duas obras as temáticas ficam nítidas ao ponto da autora mimetizar Macabéa e Ângela Pralini serem elas mesma, estabelecendo um pacto ficcional que acaba por transformar também as obras em metalinguagem.

Palavras-chave: Clarice Lispector; vida; morte; autoria

O EXCESSO NAS IMAGENS DE DIADORIM E DOS ORIKIS: REINVENÇÃO DE UM POSSÍVEL MUNDO IORUBÁ

Julia Almeida Alquéres

Resumo: Em Grande sertão: veredas (1956), escrito por João Guimarães Rosa, as imagens que Riobaldo faz de Diadorim produzem um excesso que faz de Diadorim um ser mais que humano, híbrido, que rompe categorias de gênero misturando-se ao que costumamos chamar de natureza. Acompanhada de Georges Bataille, penso a escrita como "gesto soberano", e de Achille Mbembe, o excesso como "antieconomia", para fazer uma leitura dessas imagens. Em seguida, tento perceber a falta de excesso no final do livro como uma possível derrocada ao mundo automatizado, em que não há excesso no ser tampouco em ser. Para lidar com essa ausência, parte do texto desta comunicação pretende-se também excessivo porque tenta trazer de volta imagens transbordantes, sem fronteiras tão marcadas, trazendo para brincadeira poética outra personagem, Maria Mutema. A partir de um oriki de oiá, faço outro para Maria Mutema quando invento uma relação entre Diadorim e ela. É que este texto também tenta criar imagens novas a partir de um paralelo entre as imagens de Diadorim e as dos orikis, textos da oralitura do mundo iorubá (Nigéria, Benin e Togo), que resistem e se reinventam no Brasil - são feitos para serem performados e trazem em si uma epistemologia iorubá. "A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora (...) concebidos como anéis de uma complementariedade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir", escreve Leda Maria Martins (2002) que, junto com Malcom Ferdinand, me ajuda a relacionar e fazer imagens a partir de uma "ecologia decolonial" (2022).

Palavras-chave: imagem; excesso; oriki; ecologia; decolonial

SUPERPOSIÇÃO DE ESCRITAS NA FICÇÃO DE NOEMI JAFFE

Lígia Guimarães Telles

Resumo: A ficção brasileira contemporânea, na sua diversidade de tendências e de formas literárias, traz como uma de suas possibilidades de realização aquelas marcadas pela hibridez, pela perda de limites, pela transgressão a modelos estabelecidos, entre os quais os gêneros literários. Como uma dessas realizações encontra-se a vasta e variada produção ficcional da escritora Noemi Jaffe, particularmente no que tange à eleição de uma escrita prévia como estratégia narrativa, à qual superpõe sua voz e sua escrita. Nessa vertente destacam-se os textos *O que os cegos estão sonhando?* com o *Diário de Lili Jaffe* (1944-1945), publicado em 2012, e *O que ela sussurra* (2020). Ambos têm como ponto de partida uma narrativa primeira que se realiza como forma de resistência: no primeiro caso, resistência à experiência vivida em campos de concentração nazistas por Lili Jaffe (mãe da escritora) durante a Segunda Guerra Mundial e, no segundo caso, resistência empreendida por Nadejda Mandelstam contra o apagamento literal da escrita do seu marido, o poeta Óssip Mandelstam, no contexto da Rússia stalinista, mediante utilização do sussurro contínuo e persistente de seus poemas por ela memorizados como forma de salvá-los do esquecimento. Ao retomar textos de outras escritoras e romper fronteiras históricas, geográficas, culturais, biográficas e subjetivas, Noemi Jaffe questiona os limites das possibilidades expressivas e suplementa veredas abertas por sua mãe Lili no *Diário* e por Nadejda Mandelstam em seus dois livros de memórias (1970; 1974), num gesto simultaneamente estético e político.

Palavras-chave: Escrita; Resistência; Noemi Jaffe

O EXCESSO NO CORPO, O EXCESSO NO TEXTO: TESTEMUNHOS DE TRAUMA E TORTURA NOS RELATOS PÓS-DITATORIAIS LUSO-BRASILEIROS

Lisa Carvalho Vasconcellos

Resumo: O presente trabalho procurará analisar como o mal é representado na literatura de testemunho de sobreviventes de tortura. Para isso focará em três obras que retrataram as violências vividas sob regimes autoritários tanto no Brasil como em Portugal. As obras em questão são o livro *Memórias* (2007) de Edmundo Pedro, conhecido militante português preso aos quinze anos de idade pela polícia política portuguesa por conta de sua participação em movimentos estudantis; o relato testemunhal *Retrato calado* (1988) do filósofo e professor brasileiro Luiz Roberto Salinas Fortes, apoiador de movimentos de esquerda durante a ditadura militar brasileira; e o livro *O que é isso companheiro?* (1979) de Fernando Gabeira, político e escritor brasileiro, preso depois de sua famosa participação no sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, em 1969. Nesses três relatos testemunhais, experiências de dor e sofrimento físico extremos são narradas em primeira pessoa com grandes detalhes. Em comum, as obras tentam dar sentido a essas vivências limítrofes organizando-as em histórias compartilháveis com o público. Nosso trabalho procurará endereçar os desafios enfrentados por esse tipo de escrita, no qual, frequentemente os cânones e protocolos narrativos falham na tentativa de captar o excesso da experiência vivida. Como instrumental teórico recorreremos à Literatura e o mal de Georges Bataille e *Além do crime e do castigo*: tentativas de superação de Jean Améry.

Palavras-chave: testemunho, tortura, literatura e o mal

GEORGES BATAILLE: COMUNICANDO O IMPOSSÍVEL

Livia Laene Oliveira dos Santos Drummond

Resumo: Este trabalho consiste numa abordagem da obra do escritor francês Georges Bataille, a partir do livro *A literatura e o Mal*, com o intuito de refletir sobre a literatura como espaço privilegiado para comunicar o experiências extremas. O que é o Mal para Bataille? A que ideia de Mal se refere quando traça “o quadro do Bem e do Mal”? Nesse espaço aberto ao impossível, o Mal, ou melhor, tudo aquilo que é silenciado e execrado pelo mundo moral-racional, encontrará o lugar propício para se desenvolver livremente. Nesse sentido, acompanhamos o movimento de reflexões bataillianas a respeito das possibilidades abertas pela literatura, bem como o desenvolvimento da

noção da escrita criativa como gesto de contestação e de revolta contra sistemas ideológicos, sejam eles sociais, políticos ou estéticos. A seguinte questão conduziu a investigação empreendida neste trabalho: O que pode a escrita segundo as proposições de Bataille? Para dar mais consistência ao debate, destacamos e comentamos passagens d' A experiência interior, d'O culpado bem como de outras obras do autor. As reflexões sobre literatura e comunicação, empreendidas por pensadores como Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy e Roland Barthes, bem com as discussões feitas por Friedrich Nietzsche, no livro Genealogia da Moral, a respeito das noções de bom e mau, nos ajudaram a pensar o tema proposto.

Palavras-chave: George Bataille; A literatura e o Mal; Comunicação; Contestação

"O MAIS DESERTO" - EXCESSO E CONTENÇÃO NA POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Lucas Bezerra Facó

Resumo: A poesia de João Cabral de Melo Neto é conhecida pelo seu chamado à lucidez e à contenção da expressão. A oposição ao excesso, ao "derramamento lírico" e à efusão sentimental são algumas das posturas estéticas que Cabral defendeu ao longo de sua vida. À primeira vista, poucos poetas parecem tão distantes de um pensador como Bataille. No entanto, acredito que o filósofo oferece instrumentos interessantes para uma crítica dos consensos em torno da poesia de Cabral. O título desta comunicação é retirado do poema "Alguns toureiros", do livro "Paisagens com figuras". Poema em que Cabral presta homenagem a Manolete, toureiro espanhol cujo estilo de tourear preciso e ascético Cabral via como afim à sua poética. É desse poema a máxima cabralina de fazer poesia "sem perfumar sua flor/ sem poetizar seu poema". Se a lição do poema parece corroborar a imagem de Cabral como um racionalista por excelência, é verdade também que a poesia - e, mais do que ela, a escrita - é pensada como um jogo de vida e morte com uma força indomável, contra a qual só podemos triunfar por meio da astúcia. O que torna o gesto poético belo, nessa perspectiva, é que a sua serenidade é conquistada contra um fundo de horror, mas como se fosse o produto de soberana liberdade - como se não houvesse um touro. Gostaria de apresentar este e alguns outros poemas de Cabral que tematizam o ato de escrever. Espalhados ao longo de toda a sua obra, estes poemas são interessantes pois com frequência permitem uma leitura que desestabiliza os valores poéticos que, em outros momentos, são afirmados ou sustentados de forma aparentemente dogmática. Quando tematiza a própria escrita, Cabral se aproxima mais da concepção de Bataille segundo a qual a poesia é sempre, em certo sentido, um contrário da poesia.

Palavras-chave: escrita; joão cabral de melo neto; georges bataille; poesia;

TEATRO, RAP, CINEMA: LINGUAGENS EM RESISTÊNCIA NA PEÇA GUINEENSE A ESTATUA PERDIDA, DE RAUL MENDES FERNANDES

Maria Aurinívea Sousa de Assis

Resumo: Este estudo tem por objetivo discutir o modo como os diálogos multiartísticos realizado em A estátua perdida, 2007, de Raul Mendes Fernandes, e a partir dela, atua na promoção de uma linguagem em resistência. Em nota introdutória, o autor guineense escreve que pensou em um cenário simples para sua peça, para que ela pudesse ser encenada com facilidade em qualquer lugar pelas/os rappers, "a minha estátua foi feita para eles", diz o escritor. Ao analisar relações entre rap e teatro, busca-se destacar a importância do rap na cena urbana da Guiné-Bissau, como aponta o sociólogo guineense Miguel de Barros, em uma abordagem que conflua com o que discute Roberta Estrela D'Alva, em Teatro Hip Hop, considerando: os aspectos sociais postos em questão pela atriz e pelo ator MC e seus aspectos híbridos e radicais; e uma linguagem que reúne elementos do teatro épico de Bertolt Brecht e da cultura hip-hop. Também, pela trama que gira em torno de uma estátua que foge, em A estátua perdida, é possível estabelecer diálogos com o filme Nha Fala, do cineasta guineense Flora Gomes, no qual um busto de Amílcar Cabral é levado de um lado para outro e não encontra lugar apropriado para instalação, numa leitura simbólica de desmontagem do modo como a memória nacional é utilizada por discursos do poder na sociedade guineense pós-independência e como pode ser reconfigurada pela perspectiva popular, elaborada na peça, dentre outros aspectos, pela canção do músico guineense José Carlos Schwarz. Além das pesquisas mencionadas de D'Alva

(2014) e Barros (2012), esse trabalho utiliza contribuições como as de Ribeiro e Semedo (2011), Dutra (2012) e Oliveira (2018).

Palavras-chave: Diálogos multiartísticos; literaturas guineenses e resistência; Raul Mendes Fernandes.

O CONCEITO DE DÉSOEUVREMENT DA LINGUAGEM NA LITERATURA DE ANTONIN ARTAUD

Michelle Martins De Almeida

Resumo: A literatura enquanto arte, sempre habita um topos estranho. O objeto de pesquisa do nosso trabalho é a literatura de Antonin Artaud, acentuando-se no que se refere a linguagem da sua escrita. As palavras são metamorfoseadas em acontecimentos, que são estabelecidos pelo encontro com uma literatura traçada no limite da crise: escrita no/do desastre e que forjam agenciamentos que operam por rajadas: são potências conceituais que criam cada platô. Nosso intuito compõe uma tentativa de pensar uma espécie de genealogia do desejo e as potências do corpo a partir da experiência literária que se impõe enquanto signo disjuntivo, violência causadora de irrupção no pensamento, presentes na literatura e linguagem de Antonin Artaud; problematizando a forma como se dá a violência de uma potência criadora do pensamento em fluxo, devir e heterogênesse a partir da formulação de um diálogo entre Blanchot e Artaud no que diz respeito ao conceito de Désoeuvrement (desobramento) e aquilo que o envolve, na linguagem-pensamento desobrada de Antonin Artaud em suas obras reveladas como signos desse désoeuvrement, aquém da palavra, escondido e revelado nela, exposto e por ela traduzido, oxímoro da linguagem que comporta uma semiótica do limite, em que as forças que constituem e animam a vida são transmutadas em sua literatura. O sentido do vazio sem-sentido sentido como sentido. A tentativa é a de pensar a questão da estrutura da sua escrita para que pela lógica da estranheza com que compõem suas palavras, possamos compor juntos. Sempre a beira, sempre a margem.

Palavras-chave: Corpo; Désoeuvrement; Crise; Limite; Desastre.

A MORTE EUFÓRICA DE MISS STROMBOLI EM GALÁXIAS DE HAROLDO DE CAMPOS

Monalisa Medrado Bomfim

Resumo: Galáxias (1984) não é para “orelhas varicosas”, já alertava Haroldo de Campos. O excesso linguístico do poema transborda na carga de metáforas, aliterações, imagens, hipérbatos e parataxe, expedientes que, para além de definir estilo haroldiano, carregam o texto com uma potência erótica singular. Existe ainda uma subversão da linguagem, pois o texto viola a norma abolindo o uso de vírgulas, letras maiúsculas, parágrafos e pontos finais, propondo uma fruição de línguas, que a teoria-crítica de Roland Barthes identifica como uma fala do prazer. Aliás, a aproximação é admitida pelo próprio poeta, quando diz “as Galáxias são um texto de prazer, na acepção barthesiana do termo”. Na medida que a linguagem evoca o erotismo, o eu-poético e seus personagens transcendem e, à luz da teoria de Georges Bataille, desmistificam a disforia da morte, que passa a ser entendida como eufórica. Tal movimento pode ser ilustrado pelo fragmento 8 “isto não é um livro”, que será pensado aqui a partir do protagonismo de Miss Stromboli. O objetivo é demonstrar como a morte da prostituta-matrona adquire uma camada interpretativa de dignidade quando o erotismo de sua figura é pensado pela chave interpretativa batailliana. Por fim, a análise não perderá de vista os aspectos da melopeia e da logopeia do poema, que contribuirão ativamente para descobrir a sua linguagem erótica.

Palavras-chave: poesia brasileira; linguagem erótica; Georges Bataille; Haroldo de Campos.

À PROCURA DO INDIZÍVEL : A METÁFORA ABSOLUTA COMO TRANSTORNO DO MUNDO CRISTALIZADO

Regina Lúcia de Faria

Resumo: Jacques Rancière, em ensaio dedicado a Primeiras estórias, de Guimarães Rosa, publicado na revista Serrote, afirma que a ficção “é a capacidade de recomeçar a cada vez o salto no ‘incometido’, de transpor novamente a borda para adentrar espaços onde todo um sentido do real se perde com suas identidades e referências” (RANCIÈRE, 2018, p. 85). Como já chamaram a atenção

vários estudiosos, o tratamento que Guimarães Rosa confere à linguagem, expressão de sua profunda consciência do caráter de ficcionalidade da literatura, promove um estranhamento, como diriam os formalistas russos, que garante à sua prosa um lugar diferenciado na produção literária brasileira. Nesse sentido, a partir de alguns contos de Guimarães Rosa, do conceito de metáfora absoluta, plasmado por teóricos e críticos, tais como Hans Blumenberg, Luiz Costa Lima, Modesto Carone, e da reflexão contemporânea sobre mimesis, pretendo demonstrar que a metáfora absoluta, base da linguagem da ficção literária, propicia o engendro de uma linguagem alusiva capaz produzir o acontecimento do “não-fato”, do “não-tempo”, conforme registra o narrador de “Substância”, já que, ampliando as considerações de Georges Bataille em relação à poesia, a ficção literária, ao operar um desapossamento das coisas, produz algo que não existia antes, mas que passa ocupar o lugar das coisas.

Palavras-chave: Ficção literária; Mimesis; Metáfora absoluta

JACQUES RIGAUT; DA ESCRITA EXCEDENTE À EXCESSIVA MUDEZ

Renato Factori Canova

Resumo: "Sendo a literatura inorgânica, ela é irresponsável, já que nada repousa sobre ela. Ela tudo pode dizer". Assim escreveu Georges Bataille ao atravessar pelos caracteres do mal e seus enunciadores. Justamente pelo fato do resultado do fazer-literário ser ausente de corpo, tudo se faz possível dizer. Mesmo que tal ato-escrita tenha como sua fonte uma organicidade corporal vibrátil, a escrita mesma, não havendo sangue, nervos, tendões, epiderme, fluídos, tutano, este corpus sem órgãos trás a marca corpórea um corpo trépido possuído por excedentes, inclusive de excessos de vazio, aquele tédio uivante. Assim Jacques Rigaut chegou até nós, em forma de espólio residual; corpus textual que exala corporeidade de onde emerge as marcas do excesso intercalados com a certa mudez de ilegibilidade-ilisibilidade: “Vou à droga como quem vai a um encontro amoroso”, “Eu, me, sou, eu mesmo, mim, ..., ___, ”. Foi nas antinomias mesmas do ato-escrita: da lógica formal de um texto minimamente cognoscível em que se exprime o 'non-sens', Jacques Rigaut ofertou ao Dadá seu corpo embrulhado em seu despojo textual, de seu inacabamento escritural; corpo este que atravessou as laudas, enunciando um corpus, retornando ao seu corpo já imóvel em ininterrupto processo de apagamento: “Se passar a mão sobre o rosto, o medo angustiado de não se encontrar nem o nariz, nem boca, todos os traços apagados como um desenho”. Assim Jacques Rigaut evadiu-se, na desmesura que se revela no corpus-escrita, um corpo emantado em seus próprios pergaminhos suicidários em um quarto de uma clínica de reabilitação, alçou-se póstumo, artista sem obra, que em seu gesto soberano por desaparecer, enunciou uma nova aurora: “O dia nasce, isso você aprenderá”.

Palavras-chave: Jacques Rigaut, Georges Bataille, Escrita, Excesso, Suicídio

INFORME E DESNUDAMENTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A NUDEZ NA OBRA DE G. BATAILLE

Sergio Alexandre Novo Silva

Resumo: Pouco mais de 30 anos foram necessários para que a contribuição do francês Georges Bataille para a noção de “informe” fosse efetivamente reconhecida pela crítica geral. A presença da noção na escrita de juventude desse autor, diminuta no decorrer do amadurecimento de sua obra, paradoxalmente se mostra cada vez mais essencial nos debates sobre estéticas do século XX e XXI. Uma compreensão mais aprofundada do desenvolvimento que Bataille dá direta ou indiretamente à noção em escritos filosóficos e ficcionais, no entanto, ainda está por ser realizada. Um exemplo da profundidade desta noção, já na maturidade da obra do autor, pode ser visto em entrevista que este concedeu a Marguerite Duras, publicada pela revista France-Observateur em 1957. Ali, Bataille opõe seu polêmico conceito de “soberania” a um “servilismo” manifestado no uso dos “uniformes” por parte dos soberanos e dos militares – estes últimos diretamente relacionados aos fascismos da segunda metade do século XX. Uma contraposição, à primeira vista não evidente, se força entre as palavras informe e uniforme: o primeiro termo se distancia mais uma vez da simples referência à ausência de forma, como o autor já sugeria nos anos 1930, e refere-se a algo mais próximo de uma forma visual e univocamente inapreensível, extática, múltipla e, ainda nos termos do autor,

soberana; enquanto o segundo é o subterfúgio estético que encobre uma estase generalizada almejada pelo controle das massas. Assim, o informe segundo Bataille está necessariamente interligado a um certo entendimento estético, político e ficcional do corpo e de sua respectiva nudez. Com esta apresentação, desejo mapear a conjugação possível entre o informe batailliano e o que o autor entende pelo processo de desnudamento – representado nos corpos de seus personagens em meio a cenas de excesso e no movimento que o próprio escritor reconhecia estar presente em sua filosofia.

Palavras-chave: Forma; Informe; Corpo; Nudez; Literatura Francesa

A ESCRITA COMO CRIAÇÃO, ENTRE (RE)DETERMINAÇÕES E RUPTURAS

Tiago De Holanda Padilha Vieira

Resumo: A criação literária foi e é, frequentemente, descrita e louvada como instrumento para transmitir, com exatidão, determinações pertencentes ao que seria o mundo real. Desse modo, identifica-se “produzir” (literatura) com “retratar”, “reproduzir” (realidades), ainda que a equiparação apresente matizes. Alguns pesquisadores (entre os quais, Luiz Costa Lima e Nabil Araújo) têm apontado tal perspectiva teórico-crítica como predominante nos estudos literários brasileiros. Em contraste com essa tradição, que presume conhecer realidades “em si mesmas”, o presente trabalho tenciona explorar a hipótese de o ato de escrever – e, mais amplamente, o de produzir, de criar – não se identificar com reproduzir. Planejamos sustentar a ideia de que, na escrita – ou nas escritas, já que estas podem exercer diversas funções –, o que é demarcado como mundo real não é meramente dado, mas ele e o ato escritural (notadamente, a produção literária) que o tematiza compõem uma mútua contextualização, de modo que nenhum dos elementos seja isolável como fundamento semântico. A escrita altera o que é percebido como realidade; esta é retomada-desfeita como material de criação, assim como na operação de leitura. Tal proposta é desdobrada em diálogo com Wolfgang Iser, Cornelius Castoriadis e Jean-Paul Sartre. Esses autores – especialmente, o modo como abordam o conceito de imaginário – possibilitam caracterizar a criação (não apenas as modalidades qualificadas como escriturais ou literárias) como uma transformação não-originada, como uma causação não-causal, em que se interdeterminam a presença de elementos dados e a anulação destes mesmos elementos. Ao efetuar-se como uma espécie de excesso, como uma transgressão de fronteiras virtualmente infinita, o processo criador é responsável por toda determinação e, ao mesmo tempo, faz que esta seja sempre relativa e provisória.

Palavras-chave: Escrita; Literatura; Criação; Imaginário.

SIMPÓSIO “AS LITERATURAS E AS ARTES AFRICANAS ENQUANTO IMAGINÁRIO, RESISTÊNCIA, CONTESTAÇÃO E MEMÓRIA EM CONTEXTOS PÓS-NACIONALISMOS”

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (UFAM) e Providence Bampoky (UNICAMP)

MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E CONTESTAÇÃO NA CULTURA VISUAL ANGOLANA NO SÉCULO XXI

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues

Resumo: Nesta comunicação, tomo o cenário cultural angolano no período pós-guerra civil, para refletir acerca das formas de contestação e de resistência frente aos nacionalismos difundidos pelo governo do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA). Tomando como corpus de análise a produção visual do artista visual Kiluanji Kia Henda (composta por fotografias, vídeos, colagens, performances, esculturas etc.) (HOSSFELD, 2016), empreende-se uma crítica dos modos como o governo buscou internamente imprimir uma narrativa de superação e negação das feridas e dos conflitos vivenciados desde 11 de Novembro de 1975, enquanto, em contexto internacional, busca propalar uma narrativa de sucesso político-econômico (GASTROW, 2013; 2017a; 2017b), espelhado, notadamente, nas construções que margeiam a Marginal de Luanda ou na projeção de uma Luanda-Sul. Na contramão dessas narrativas, Henda, artista nascido ainda nos primeiros anos de independência do país e que entra para a cena artística no século XXI, em cenário pós-guerra civil,

tem constituído seu projeto estético tanto enquanto forma de memória da guerra, dos conflitos, dos sonhos (falidos) do socialismo, das disputas internacionais operadas em território nacional, como também da falência de utopias e enquanto performance de contestação de identidades nacionalistas homogêneas e encapsuladas, que negam a diversidade, a diferença, em nome de uma pertença limitada a um imaginário de nação e de comunidade.

Referências: ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soeth (coord.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. GASTROW, Claudia. “Vamos construir”: Revendications Foncières Et Géographie Du Pouvoir À Luanda, Angola. In: Politique africaine, 2013/4, n. 132, p. 49-72. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-politique-africaine-2013-4.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2019. _____. Cement citizens: housing, demolition and political belonging in Luanda, Angola. In: Citizenship Studies, v. 21, 2017a, p. 224-239. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13621025.2017.1279795>>. Acesso em: 21 mar. 2019 _____. Aesthetic Dissent: Urban Redevelopment and Political Belonging in Luanda, Angola. In: Antipode, v. 49, 2017b, p. 377-396. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/anti.12276>>. Acesso em: 14 abr. 2020. HOSSFELD, Johannes (ed.). Kiluanji Kia Henda: travelling to the sun through the night (Viajando ao sol durante a noite). Göttingen, Germany: Steidl/Goethe-Institut, 2016.

ANA OLÍMPIA: A PRESENÇA FEMININA EM CONTEXTO COLONIAL NO ROMANCE DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Alexandre Lira de Sá

Resumo: Em Nação crioula (1997), romance de José Eduardo Agualusa, encontramos personalidades atuantes na luta contra a colonização em África, mais precisamente em Angola, ambiente de destaque na obra do autor angolano. Entre essas figuras está Ana Olímpia que um dia também esteve em condição de subalternidade, filha de uma escravizada com um príncipe congolês. Apesar da pouca idade, a jovem angolana casa-se com o escravocrata Victorino Vaz de Caminha que, por sua vez, proporciona-lhe uma boa educação e uma formação intelectual privilegiada. Após a morte do escravocrata, Ana Olímpia se torna uma voz importante nesse cenário de combate à escravidão, pois se trata de uma presença influente no meio social, dotada de um pensamento crítico e reflexivo sobre a política em Angola. Dito isso, convém analisar a figura feminina nesse contexto reinventado por Agualusa para repensarmos a atuação feminina mediante os conflitos entre o colonizado e o colonizador. A construção dessa personagem é significativa porque simboliza a representatividade da mulher angolana na sociedade e o lugar de destaque que ocupa em um cenário de repressão. A última carta do romance Nação crioula é escrita por Ana Olímpia, momento este em que é possível identificarmos o olhar da personagem acerca da sua própria história e de suas perspectivas após a morte de seu companheiro Fradique Mendes, um intelectual português que, até então, esteve presente ao seu lado nos combates travados contra a imposição portuguesa em Angola e Brasil.

Referências: AGUALUSA, José Eduardo. Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. BACH, Carlos Batista. José Eduardo Agualusa: ironia e memória como traços de uma poética. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. 2ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022. LIMA, Daniela de Oliveira. A voz da angolana Ana Olímpia em Nação Crioula. In Miscelânea, v. 19, pp. 31-47, 2016. MACÊDO, Tania. Luanda, cidade e literatura. São Paulo: Editora UNESP; Luanda (Angola), 2008.

O CORPO NA ESCRITA DE MULHERES EM MOÇAMBIQUE: A POESIA DE NOÉMIA DE SOUSA E A PROSA DE PAULINA CHIZIANE.

Aline da Silva Lopes

Resumo: O corpo é um repositório de representações, na medida em que recaem sobre ele as expectativas correspondentes aos imaginários construídos acerca de categorias como raça e gênero. Categorias determinadas pela presença (ou ausência) de certos traços distintivos que abarcam desde aspectos como a cor da pele, a espessura dos lábios e a largura do nariz até órgãos sexuais e

aparelhos reprodutivos. Entre os princípios simbólicos da lógica da dominação, o mais eficiente é o da propriedade distintiva corporal (BOURDIEU, 2010), o que explica a importância que o corpo ganha a partir da colonização (OYEWUMI, 2021). Muito da constelação de imagens racistas até hoje disponíveis se produziu no âmbito dos relatos escritos pelos colonos na consagração da empreitada imperialista, nos quais observamos ora uma invisibilização dos corpos africanos, ora a sua depreciação, por vezes realizada, justamente, pela exacerbação depreciativa dos traços distintivos corporais. Levando em conta tais considerações, pretende-se analisar, no presente trabalho, as representações dos corpos, sobretudo os corpos femininos, na escrita literária, refletindo sobre os caminhos percorridos pela escrita de mulheres, em Noémia de Sousa e Paulina Chiziane - duas autoras de grande representatividade no cânone moçambicano -, para a constituição de representações do corpo. Realizar-se-á tal estudo a partir de alguns dos poemas de Noémia de Sousa presentes no livro *Sangue Negro* e do romance *Balada de Amor ao Vento*, de Paulina Chiziane, atentando-se para os possíveis diálogos entre suas obras e para algumas convergências que se podem surpreender com outros autores moçambicanos e de outros países do continente africano.

Referências: ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. ALÓS, Anselmo Peres. “Memória cultural e imaginário pós-colonial: o lugar de Lília Momplé na literatura moçambicana” In: *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*. v.16, n.1, Belo Horizonte: UFMG, 2011. ALÓS, Anselmo Peres. “O romance de autoria feminina em Moçambique: *Balada de amor ao vento*, de Paulina Chiziane”. *Dossiê, TODAS AS LETRAS T*, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/4204/3757>> Acesso em 06 de jul. de 2019. ANDRADE, Mário Pinto de. *Antologia temática de poesia africana. Na noite grávida de punhais*. Lisboa, Sá da Costa, 1976. BALANDIER, G. “A noção da situação colonial”. In: *Cadernos de Campo*, ano III, n.3, 1993. São Paulo, Antropologia – USP. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50605/54721> > Acesso em: 06 de nov. 2018. BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. SP: Brasiliense, 1994. BOAHEN, Albert Adu. “A África diante do desafio colonial”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. CABAÇO, José Luiz. *Moçambique - Identidade, Colonialismo e Libertação*. São Paulo: UNESP, 2009. CABAÇO, José Luiz. “E o povo forçou a passagem”. In: SOUSA, Noémia. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016. CASIMIRO, I. *Paz na terra, guerra em casa. Feminismo e organizações de mulheres em Moçambique*. Série Brasil & África, Coleção Pesquisas 1, Recife: Editora UFPE, 2014. CHAVES, Rita. “Noémia em seu canto povoado de sons e cores de tantos mundos” In: SOUSA, Noémia. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016. CHAVES, Rita. “Ualalapi: a narrativa e os ciclos”. In: KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Gungunhana: Ualalapi. As mulheres do imperador*. São Paulo: Kapulana, 2018. CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 29ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. CHIZIANE, Paulina. *Balada de Amor ao Vento*. Lisboa: Caminho, 2003. CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008. CHIZIANE, Paulina. *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Caminho, 1999. CHIZIANE, Paulina. “Eu, mulher... Por uma nova visão de mundo”. In: ABRIL– Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, n° 10, Abril de 2013. CRAVEIRINHA, José. *Poetas de Moçambique. Antologia Poética*. Ana Mafalda Leite (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. CRUZ, Viriato da. “Mamã Negra (Canto de esperança)” In: DÁSKALOS, Maria Alexandre, APA, Livia, BARBEITOS, Arlindo (orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa (antologia)*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. DIAS, João. *Godido e outros contos*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988. FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. FANON, F. “Racismo e cultura”. In: *Defesa da revolução africana*. Lisboa: Sá da Costa, 1980. FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987. FERRO, Marc. *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GAUTIER, Arlette. "Mulheres e colonialismo". In: FERRO, Marc (org). O livro negro do colonialismo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. GILROY, Paul. O Atlântico Negro. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012. HOBBSAWM, E. Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. HONWANA, Luís Bernardo. Nós matamos o Cão-Tinhoso. São Paulo: Ática, 1980. HONWANA, Raul Bernardo. Memórias. Maputo: Marimbique, 2010. hooks, b. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. IRIGARAY, Luce. Este sexo não é só um sexo. Sexualidade e status social da mulher. São Paulo: Editora Senac, 2017. LARA, Alda. "Presença Africana" In: ANDRADE, Mário Pinto de. Antologia temática de poesia africana. Na noite grávida de punhais. Lisboa, Sá da Costa, 1976. LARANJEIRA, Pires. A negritude africana de língua portuguesa. Dissertação de Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Porto: Edições Afrontamento, 1995. LE BRETON. A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes, 2007. LUGONES, Maria. "Colonialidade e gênero" In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. MACIEL, Emílio In: CRAVEIRINHA, José. Poetas de Moçambique. Antologia Poética. Ana Mafalda Leite (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. MAGALHÃES JÚNIOR, R. A arte do conto, Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972. MAPERA, Martins. "Cinzas de cão: o realismo agônico de Luís Bernardo Honwana". Forma Breve: Revista de Literatura. n.14. 27 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/427>> Acesso em 14 de outubro de 2020. MARTIN, Vima Lia di Rossi. "A violência do colonialismo pelo olhar de Luís Bernardo Honwana" IN: HONWANA, Luís Bernardo. Nós matamos o Cão Tinhoso. São Paulo: Kapulana, 2017. MATA, Inocência. "Mulheres de África no Espaço da Escrita: A Inscrição da Mulher na sua Diferença". In: MATA, I. & PADILHA L. C. (orgs). A Mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri, 2007. MENDES, Orlando. Portagem. São Paulo: Ática, 1981. MEDINA, Cremilda de Araújo. Sonha mamana África. São Paulo: Epopéia. Secretaria do Estado da Cultura, 1987. MENDONÇA, Fátima. "Moçambique, lugar para a poesia" In: SOUSA, Noémia. Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016. MOMPLÉ, L. "Ninguém matou Suhura" In: MOMPLÉ, L. Ninguém matou Suhura. Maputo: AEMO, 1988. MUIANGA, Aldino. "Noémia de Sousa: poeta-combatente, heroína-poeta" In: SOUSA, Noémia. Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016. NOA, Francisco. Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária. São Paulo: Editora Kapulana, 2015. NOA, Francisco. "Noémia de Sousa, a metafísica do grito" In: SOUSA, Noémia. Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016. NOA, Francisco. Uns e Outros na Literatura Moçambicana. São Paulo: Kapulana, 2017. NORONHA, Rui de. "Quenguelequêze!.." In: DÁSKALOS, Maria Alexandre, APA, Livia, BARBEITOS, Arlindo (orgs.). Poesia africana de língua portuguesa (antologia). Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. OYEWUMI, Oyeronke. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. PADILHA, Laura Cavalcante. Entre a voz e a letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2ª ed. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011. PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2017. PIÇARRA, Maria do Carmo. "Pele negra ou pele branca: máscara(s) da mulher imaginada pelo cinema colonial". Lisboa, v. 9, n. 2, p. 173-187, jun. 2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542015000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 out. 2020. PINHO, Osmundo. "A antropologia na África e o lobolo no sul de Moçambique". Salvador: Afro-Ásia n. 43, 2011. QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005. SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. SAID, Edward. Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente. 1990. São Paulo: Companhia das Letras. SAÚTE, Nelson. "A mãe dos poetas moçambicanos" In: SOUSA, Noémia. Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016. SHOWALTER, Elaine. "A crítica feminista no território selvagem". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). Tendências e Impasses. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. SILVEIRA, Regina da Costa da. "Condição humana e identidade em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane". Desenredo (PPGL/UPF), v. 7, p. 82-90, 2011. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1915/1211>>. Acesso em 06 de jul. de 2019. SOUZA, Francisca Zuleide Duarte de. "Dissimular para sobreviver: estratégias de resistência". Abril – NEPA /

UFF, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 67-78, apr. 2013. ISSN 1984-2090. Disponível em: <<http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/104>>. Acesso em: 26/ 10/ 2018. SANTOS, Adriana Gomes; FERNANDES NETO, Antonio; DIAS, Hertz (Orgs.). África. Colonialismo, genocídio e reparação. São Paulo: Editora Sundermann, 2019. SCHMIDT, Simone Pereira. "Corpo e terra em O alegre canto da perdiz" In: MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmen Lucia Tindó. (Org.). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013, v. , p. 229-247. SECCO, Carmen Lúcia Tindó. "Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana". In: SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016. SZMIDT, Renata. "As imagens do feminino na obra de Lília Momplé" In: SILVA, Fabio Mario. (org.). O feminino nas literaturas de língua portuguesa. Lisboa: CLEPUL, outubro de 2014. SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016. SOUZA, Ubiratã Roberto Bueno de & VECCHIA, Rejane. "Literatura moçambicana e oralidade: uma postura crítica e uma fundamentação teórica". 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p97>. Acesso em 30 de junho de 2018. TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. "Ungulani, Paulina e as várias faces de Ngungunhane". Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 8, pp.141-151. jan./ jul. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4971>> TIMÓTEO, Adelino. "Uma voz impossível de desmoçambicanizar na poesia" IN: SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016. TRINDADE, Solano. Poemas antológicos. 2 ed. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2011. UZOIGWE, Godfrey N. "Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral". In: BOAHEN, Albert Adu (org.). História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. VALER, Salete. "Balada de amor ao vento: a enunciação do "eu feminino" em uma sociedade patriarcal e poligâmica". REVELA - Periódico de Divulgação Científica da FALS, Ano II - Nº 4- Jan/Mai 2009. Disponível em <<http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/baladadeamor.pdf>> Acesso em 06 de jul. de 2019. VAZ, Laís Naufel Fayer. "De Portugal a Moçambique: Glória de Sant'Anna e sua poética sem fronteiras". ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, [S.l.], n. 7, p. 96-113, maio 2017. ISSN 2525-4529. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/559>>. Acesso em: 12 out. 2020. VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevics. História da África e dos africanos. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

LITERATURA E CINEMA ANTICOLONIAL EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE: SAMBIZANGA, DE SARAH MALDOROR E DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS, DE LOPES BARBOSA

Francisco Ewerton Almeida dos Santos

Resumo: Os filmes Sambizanga (1971), da cineasta guadalupense Sarah Maldoror, e Deixem-me ao menos subir as palmeiras (1974) do português Lopes Barbosa carregam similaridades contextuais, temáticas e estéticas. Primeiramente, são ambos adaptações de importantes obras literárias de seus respectivos países: o primeiro transpõe para as telas o romance A vida verdadeira de Domingos Xavier, do angolano José Luandino Vieira, e o segundo o conto "Dina", presente na coletânea Nós matamos o cão Tinhoso, do Moçambicano Bernardo Howana. Se seus textos base são obras fundantes de uma literatura nacionalista e anticolonialista em Angola e Moçambique, também os filmes se constituem como a gênese do cinema ancorado nesses mesmos valores e nestes países, apesar de terem sido realizados por estrangeiros. Dessa forma, esta comunicação tem como objetivo aprofundar o estudo das relações entre estes filmes, levando em consideração também a comparação com os textos literários que adaptam. Para tal, percorreremos as vias dos estudos pós-coloniais, que dão conta do contexto político em que os filmes e obras literárias se inserem, de contestação do colonialismo europeu e luta pela libertação dos países africanos, investigando, assim, as relações entre cultura e imperialismo, seja como forma de manutenção de seus princípios, seja como resistência. Autores como Edward Said, Ella Shohat, Robert Stam, Mário Pinto de Andrade, Frantz Fanon, Aimé Césaire e Eduardo Mondlane fundamentam esse viés. Abordaremos também o

processo de adaptação fílmica, inserido nos estudos da tradução intersemiótica, com base em autores como Claus Clüver, Julio Plaza, Décio Pignatari, Aguiar e Queiroz, Linda Hutcheon.

Referências: AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João. “Tradução intersemiótica: ação do signo e estruturalismo hierárquico”. *Lumina*. V. 4, nº1. Jun. 2010. p. 1 – 14. AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João. “Tradução intersemiótica: teoria e modelo baseados na filosofia do signo de C. S. Peirce”. In: AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João (orgs.). *Tradução, transposição e adaptação intersemióticas*. São Carlos: Pedro e João Editores. 2016. p. 11-30. ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do nacionalismo africano. Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa: 1911-1961*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997. ARENAS, Fernando. *Lusophone Africa: Beyond Independence*. Edição do Kindle. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2011. BARBOSA, Joaquim Lopes. *Deixem-me ao menos subir as palmeiras*. POR, 1972, P&B, 71 min. BAZIN, André. *O Cinema. Ensaio*. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. CABRAL, Almícar. “Libertação nacional e cultura”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011. P. 355 – 376. CARELLI, Fabiana. “Diversidade Categorical no cinema africano (de língua portuguesa). Identidade e sujeito”. In: ABDALA Jr. Benjamin (Org.). *Estudos Comparados. Teoria, crítica e metodologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. P. 191 – 210. CÉSAIRE, Aimé. “Cultura e Colonização”. Tradução de Manuela Ribeiro Sanches. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 253 – 272. CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. Tradução: Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010. CHAVES, Rita. *A formação do Romance Angolano*. São Paulo: Via Atlântica. 1999. CLÜVER, Claus. “Inter Textus / Iter Artes / Inter Media”. *Aletria*. Jul-dez. 2006. p. 11-41. CUMMINGS, Basia. “Soviet cinema and African filmmaking”. Disponível em <https://africasacountry.com/2012/04/soviet-cinema-and-african-filmmaking>. Acesso em: 07 abr. 2020. CUNHA, Eneida Leal. “Cultura e revolução em Angola. Apontamentos sobre o valor do inatural”. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). *Literatura e Revolução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 101-115. FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. FERRO, Marc. *Cinema e História*. Tradução e notas de Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e terra, 2010. HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013. HOWANA, Bernardo. *Nós matamos o cão tinoso*. São Paulo: Kapulana, 2015. JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix. 2008. LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas pós-coloniais. Estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro, EDUERJ. 2012. LIMA, Conceição. *A dupla tradução do outro cultural em Luandino Vieira*. Lisboa: Edições Colibri. 2009. LISBOA, Edimara. “A vida verdadeira do Sambizanga em tempos de viragem”. *Revista Crioula*, nº 17, jun. 2016. p. 1-1. MALDOROR, Sarah. 1972. *Sambizanga* [Filme] Maldoror. Sarah, dir. 35 mm, 103 min. cor. son. MONDLANE, Eduardo. “A estrutura social – Mitos e Factos”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011a. P. 309 – 332. MONDLANE, Eduardo. “Resistência – a procura de um movimento nacional”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011b. P. p. 333-354. PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora. 2011. PIÇARRA, Maria do Carmo. “Os cantos de Maldoror”: cinema de libertação da “realizadora romancista”. *Mulemba*. v.9, n.17. jul/dez 2017. p. 14-29. PIÇARRA, Maria do Carmo. “Angola: (Re-)Imaginar o Nascimento de uma Nação no Cinema Militante”. *Journal of Lusophone Studies* 3.1. Spring 2018. p. 168 - 194. SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naif. 2006. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2014. STAM, Robert. “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade a intertextualidade”. *Revista Ilha do Desterro*.

nº 51, jul./dez. 2006. p. 19-53. STAM, Robert. A literatura através do cinema. Realismo, magia e arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. STAM, Robert. Introdução a teoria do cinema. Tradução de Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2013. THIONG'O, Ngũgĩ Wa. Descolonizar la mente: la política lingüística de la literatura africana. Prólogo e tradução de Marta Sofía López. Barcelona: Penguin Random House. Edição Kindle, 2015. TOMASELLI, Keian; SHEPPERSON, Arnold; EKE, Maureen. "A Oralidade no Cinema Africano: Considerações, Representações e Relativismos". In: FERREIRA, Carolin Overhoff. (Org.). África: um continente no cinema. São Paulo, Editora Unifesp. 2014. p.37-76. UKADIKE, Nwachukwu Frank. Black African Cinema. Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1994. VIEIRA, José Luandino. A verdadeira vida de Domingos Xavier. São Paulo: Ed. Ática, 1979.

AMOR E TRABALHO: JAIME PINTO BULL NA LITERATURA GUINEENSE

Ianes Augusto Cá

Resumo: O estigma da disputa do nacionalismo e da independência ainda apresentam a figuração anômala de Jaime Pinto Bull no mapa da Literatura Guineense, portanto, desfalece vagarosamente a utopia da terra prometida (Estado-nação) como promessa de luta para emancipação. Escrito por esse autor, o conto Amor e trabalho (1952) é considerado marco fundacional da prosa escrito por um guineense, segundo a qual apresenta ao leitor da metrópole a cultura guineense, particularmente a da etnia balanta da Guiné-Bissau. Através do dueto Amor e Trabalho, a proposta investiga a ideia da tentativa de implementação do liberalismo através da nova ordem política e a divergência com o pensamento socialista (1950-1970). O trabalho objetiva discutir a figura política do autor dentro do contexto colonial e da luta pela independência por meio de uma proposta (neo)liberal e de negociação da independência. Analisar como a obra pode ser lida como um exercício estético de subjetividade das representações da autoconsciência cultural e da necessidade de transformação dessa consciência mediante a experiência literária. Assim, opera-se a partir da crítica literária à luz do narrador tradicional de Walter Benjamin (1996) – aquele que aprendeu com a sua comunidade, compreende à tradição através da vivência ou da memória compartilhada pela coletividade como experiência da linguagem, da história e da literatura. Articula-se esse conceito às perspectivas de Leopoldo Amado (1990) e Moema Augel (2007) sobre as implicações do colonialismo, nacionalismo, luta pela independência e pós-independência na formação do cânone literário guineense. A compreensão é a de que, parece, Amor e trabalho ainda não está definida de maneira contundente dentro da Literatura Guineense. A narrativa retoma a experiência política – numa perspectiva (neo)liberal – de Jaime Pinto Bull, a qual tem defendido como proposta política para independência (progressiva) da guineense. Esta pesquisa conta com o apoio financeiro da FAPESP – Processo: 2012/01376-0.

Referências: AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Editora Garamond, 2007. AMADO, Leopoldo. A literatura colonial guineense. Revista ICALP, v. 20, p. 160-178, 1990. BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Magia e técnica, arte e política. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221. BULL, James Pinto. Amor e trabalho. In: Boletim cultural da Guiné portuguesa. - Vol. VII, nº25, 1952, p.181-187.

"MZUNGU ARUDI ULAYA, MWAFFRIKA APATE UHURU": O MOVIMENTO GUERRILHEIRO MAU MAU COMO IDENTIDADE POSSÍVEL NO LIMAR DA (E DO PÓS) INDEPENDÊNCIA DO QUÊNIA EM A GRAIN OF WHEAT, DE NG'G? WA THIONG'O

Iuri da Silva Gomes

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo analisar a obra A Grain of Wheat, de Ng'g? wa Thiong'o, publicada em 1967, na primeira década da independência do Quênia. Trata-se de um romance no qual Thiong'o mapeia cuidadosamente, tocando nos momentos-chave da imaginação nacional os movimentos de massa mais longínquos até os atuais que levaram o país aos festejos de celebração da Uhuru, da liberdade, em 12 de dezembro de 1963 (GIKANDI, 2015), com foco na revolta Mau Mau. Embora o levante tenha sido derrotado, para muitos quenianos esse evento é visto como um passo significativo que culminou na independência do país, já que o grupo de

guerrilheiros empreendia campanhas de ataque a europeus e africanos colaboracionistas do regime colonial. O pós-independência e os feitos da guerrilha são louvados e ao mesmo tempo questionados no romance, à medida que o narrador revela o papel de cada personagem na construção da independência. Quanto ao lugar dos Mau Mau nesse ambiente discursivo, Oliveira (2018) pontua que o romance é um tributo aos guerrilheiros e uma denúncia contra o regime pós-colonial, que nunca reconheceu os seus esforços. Assim, a presente discussão pautará: 1) o movimento guerrilheiro Mau Mau no Quênia; 2) a representação da guerrilha na obra de Thiong'o, e o por que desse "representar" assumir o lugar de um "tributo" – trata-se de uma sugestão de identidade para o novo período?; 3) o caráter que assume o texto literário que incorpora a História e a faz personagem de seus eventos; 4) por fim, a junção dos principais elementos dessa proposta e seu encaminhamento, à luz do significado da frase em suaíli, e que representa o Movimento Mau Mau: "Mzungu arudi Ulaya, mwafrika apate uhuru", que significa "Que o estrangeiro regresse à Europa, para que os africanos possam recuperar a independência".

Referências: ARISTÓTELES. Poética. Tradução e notas de Anna Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. BARTHES, Roland. "O discurso da História". In: O rumor da língua. Brasiliense: São Paulo, 1988. FREITAS, Maria Teresa. Literatura e História. São Paulo: Atual, 1986. GIKANDI, Simon. Introdução. In: THIONG'O, Ngugi. Um Grão de Trigo. Alfaguara, Rio de Janeiro, 2008, p. 5-12. HANCIAU, Nubia Jacques. Confluências entre os discursos histórico e ficcional. 2000. Disponível em: hanciau.net/arquivos/CADERNOSLITERARIOS2001- KARARI, Peter. Modus Operandi of Oppressing the "Savages": The Kenyan British Colonial Experience. Peace and Conflict Studies, v. 25, n. 1, p. 2, 2018. KINYATI, Mayna W. Kenya's Freedom Struggle. The Dedan Kimathi Papers. Book Surge, USA, 2009. OLIVEIRA, Bruno Ribeiro. Insurgência Mau Mau: resistência armada no Quênia, 1952-1960. 2015. _____. Ng'g? Wa Thiong'o: o percurso de um intelectual africano e a história do Quênia (1964-1985). Métis: história & cultura, v. 17, n. 34, 2018. PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. Revista História da Educação, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003. SCULLIN, Joshua. The Mau Mau Insurrection: The Failed Rebellion That Freed Kenya. 2017. RUI, Manuel. Eu e o Outro: o Invasor (ou em três poucas linhas uma maneira de pensar o texto). In MEDINA, Cremilda. Sonha, Mamana África. São Paulo: Epopeia, 1987, p. 353-355. THIONG'O, Ng'g? Wa. Um grão de trigo. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008. _____. A grain of wheat. Penguin, 2012. _____. Decolonising the mind: The politics of language in African literature. East African Publisher, 1992.

A PERDA E A RESTITUIÇÃO DA LINGUAGEM COMO FATORES DE DESUMANIZAÇÃO E REUMANIZAÇÃO EM NARRATIVAS DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA E BEATA UMUBYEYI MAIRESSE

João Marcos Reis de Faria

Resumo: O trabalho analisa, comparativamente, obras que narram a trajetória de indivíduos afetados pelo genocídio dos tutsis de Ruanda (1994). Esse evento é entendido como culminância de um longo processo que remonta à chegada de colonizadores e missionários europeus à região dos Grandes Lagos africanos e que se acirrou com a independência de Ruanda (1962), marcada pela ascensão de grupos políticos que afirmavam a primazia hutu com respaldo de potências ocidentais. Após os massacres de 1994, criou-se um vasto campo testemunhal e memorialístico que, no âmbito da literatura, se espalhou também para o terreno da ficção. É nesse cenário que se desenvolvem as obras das escritoras franco-ruandesas Scholastique Mukasonga (1956-) e Beata Umubyeyi Mairesse (1979-). Mukasonga aborda inicialmente a experiência traumática da destruição de sua família e, pouco a pouco, passa a explorar a história de Ruanda em contos e romances que evocam a cultura oral do país. Por sua vez, Umubyeyi Mairesse produz uma obra ficcional caracterizada pela busca de reparação de vínculos intersubjetivos e intergeracionais fraturados. Cada uma a seu modo, ambas as autoras traçam percursos de desumanização e de reumanização que têm como elemento central, respectivamente, a perda (momentânea ou definitiva) e a restituição da linguagem. Muito antes da possibilidade de narrar o trauma, trata-se, para as escritoras, de trabalhar a capacidade de simplesmente falar. Busco demonstrar, dessa forma, como a linguagem é não apenas um meio pelo

qual as escritoras compartilham suas experiências individuais do processo que desaguou no genocídio; é, principalmente, um elemento constitutivo da humanidade de suas personagens, com destaque para a figura materna, ligada à transmissão de saberes que também ficaram sob risco.

Referências: COQUIO, Catherine. Rwanda: Le réel et les récits. Paris: Belin, 2004. DUSSAILLANT-FERNANDES, Valérie. "La mission de Scholastique Mukasonga: entretenir le souvenir et faire perdurer la mémoire des siens". In: EL NOSSERY, Névine; HUBBEL, Amy L. (Eds.). *The Unspeakable. Representations of Trauma in Francophone Literature and Art*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013, p.97-114. FARIA, J. M. R. "Imagens de perseguição, repressão e resistência na obra de Scholastique Mukasonga". In: *Anais eletrônicos do XVI Congresso Internacional ABRALIC 2019*. Brasília: ABRALIC, 2019, p. 1292-1303. _____. "Uma menininha, esquecida aos pés da contadora...": a tradição oral ruandesa na obra de Scholastique Mukasonga. In: NOGUEIRA-PRETTI, Luciana P. (Org.). *Literaturas Francófonas V: debates interdisciplinares e comparatistas*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021, p. 150-181. MAIRESSE, Beata Umubyeyi. *Consolée*. Paris: Autrement, 2022. _____. *Tous tes enfants dispersés*. Paris: Autrement, 2019. MUKASONGA, Scholastique. *Inyenzi ou les Cafards*. Paris: Gallimard, 2006. _____. *La femme aux pieds nus*. Paris: Gallimard, 2008. RUTAYISIRE, Paul. "Le remodelage de l'espace culturel rwandais par l'Église et la colonisation". *Revue d'Histoire de la Shoah*, n. 190, 2009, p. 83-103. SEMELIN, Jacques. *Purifier et détruire. Usages politiques des massacres et génocides*. Paris: Seuil, 2005. TERNON, Yves. "Rwanda, 1994. Analyse d'un processus génocidaire". *Revue d'Histoire de la Shoah*, n. 190, 2009, p. 15-57.

LITERATURA DE SANTOMENSE: UMA ANÁLISE NOS POEMAS HUMANIDADE, DO MESMO LADO DA LAGOA E ÀS MULHERES DA MINHA TERRA, DE ALDA ESPÍRITO SANTO

Larissa de Jesus Holanda Rocha

Resumo: O arquipélago de São Tomé e Príncipe tornou-se um país independente que adotou o regime democrático há 47 anos. Seu povo resistiu por mais de 500 anos ao domínio colonial extremista e violento com aqueles que desafiaram seu poder, e após muitos anos de luta e morte, esta pequena nação finalmente encontrou sua luz e se libertou do domínio português. Nesse sentido, este trabalho busca analisar os poemas: Humanidade, Do mesmo lado da lagoa e Às mulheres da minha terra, de Alda Espírito Santo, visto que, esses textos poéticos há a presença de um eu-lírico comovido com a situação da população santomenses, canta as marcas históricas daquela pequena nação, sofrimentos ocasionados pelos anos de dependência do sistema colonial português e toma o discurso de resistência contra este regime para nunca haja o esquecimento de todos esses fatos que mancham de sangue a história das ilhas. A fundamentação teórica está baseada nos estudos de Crippa & Laranjeira (2018), Ferreira (1977), Mata & Padilha, 2006, Secco (2018). Alda é uma figura prestigiável no país, participou ativamente na revolta através de seus poemas e ensinando seus alunos a se desvencilharem das ideologias coloniais portuguesas, utilizou a sua melhor arma, o seu dom para a poesia, para fazer um chamamento de seus 'irmãos' para lutar contra as amarras do regime colonialista português que até então persistiu até 1975.

Referências: CRIPPA, Clariane; LARANJEIRA, Pires. Alda Espírito Santo: negritudista, pró-feminina e descolonizada. In: *Trajectórias Culturais e Literárias da Ilhas do Equador: estudos sobre São Tomé e Príncipe*. MATA, Inocência; SILVA, Agnaldo Rodrigues da (org). Campinas: Pontes Editores, 2018. MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (org.). *A poesia e a vida: homenagem a Alda Espírito Santo*. Lisboa: Colibri, 2006. MATA, Inocência. *Emergência e existência de uma literatura: o caso Santomense*. Linda-a-Velha: Editora Alac – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993. MONTEIRO, Maria Rosa da Rocha Valente Sil. C.E.I. *Celeiro do sonho: geração da mensagem*. 2001. 365 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras e Ciências Humanas, Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Universidade do Minho, Braga – Portugal, 2001. SANTO, Alda Espírito. *É nosso o solo sagrado da terra: POESIA de protesto e luta*. São Tomé e Príncipe: Ulmeiro, 1978. SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Três Vozes Guerreiras Femininas de São Tomé e Príncipe*. D. Alda, Manuela Margarido, Conceição Lima. In: *Trajectórias Culturais e Literárias da Ilhas do Equador: estudos sobre São Tomé e Príncipe*. MATA, Inocência; SILVA, Agnaldo Rodrigues da (org). Campinas: Pontes Editores, 2018.

LES SOLEILS DES INDÉPENDANCES COMO ESTRUTURA NARRATIVA DA (DES)ILUSÃO PÓS-NACIONALISTA NA COSTA DO MARFIM

Providence Bampoky

Resumo: O despertar da consciência nacional, fundamento das literaturas de língua francesa no continente africano, em plena época colonial, constituiu um momento crucial na história das literaturas que virão a ser marcadas pelos países em que surgem e evoluem. Ao longo da história, as mais diferentes correntes de pensamento conceituaram a literatura como um mecanismo portador e refletor do mundo social em que ela surge. É nessa lógica que nasce o romance do marfinense Ahmadou Kourouma, *Les soleils des indépendances* escrito entre 1963 e 1965 e inscrito na corrente dos “romances de desencanto” (CHEVRIER, 1990, p. 115), por quebrar o silêncio sobre a desconstrução que sofreu o ideal dos movimentos de libertação nacional depois das independências, os infortúnios deixados pela colonização e as ditaduras que os sucederam (MAMDANI, 1998; STOLER, 2016), mas sobretudo por ser um pretexto para mostrar ao mundo a realidade do continente africano no período pré e pós-colonial. Essa comunicação busca analisar a experiência da violência política ligada à era do partido único na Côte des Ébènes (país fictício da Costa do Marfim) e ao seu impacto sobre a sociedade tradicional marfinense que sucumbe sobre o peso dos valores trazidos com a colonização e perpetrado pelo novo regime pós-independência.

Referências: ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. GELLNER, Ernest. Nações e nacionalismo: trajetórias. Lisboa: Gradiva, 1983. HOBBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Tradução Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. KOUROUMA, Ahmadou. *Les soleils des indépendances*. Paris: Editions du Seuil, 1979. MAMDANI, Mahmood. Ciudadano y súbdito: África contemporánea y el legado del colonialismo tardío. Traducción Isabel Vericat Nuñez. México: Siglo Veintiuno, 1998. OUATTARA, Katiénéffooua Adama. La chefferie africaine: tradition, modernité et survivance. In : Revue IV Histoire, EDUCI, n. 23, 2014, p. 86-99.

MARCAS DA VISÃO ESTEREOTIPADA ACERCA DO CONTINENTE AFRICANO NA PROSA E NO CINEMA

Rosa Maria da Silva Gonçalves

Resumo: “A massai branca: meu caso de amor com um guerreiro africano”, de Corinne Hofmann, baseia-se em uma história vivida pela autora do romance. O livro foi publicado pela primeira vez na Alemanha, em 1998. Logo, trata-se da autobiografia da escritora em uma viagem de férias, ao Quênia, junto com o seu namorado. Sendo que, durante a permanência do casal no país africano, Corinne apaixona-se perdidamente por um guerreiro da tribo massai. A partir desse momento, o guerreiro torna-se um objeto de desejo para a mulher que se apaixona perdidamente por ele. Ela decide abandonar a sua vida, na Suíça, para viver um caso de amor com Lketinga, em meio aos costumes culturais totalmente distintos. O filme, com o título homônimo, é uma produção alemã, lançado em 2005. O relacionamento inter-racial, no romance e no filme, é um retrato do choque cultural entre nações com costumes, idiomas, comidas e habitações distintos. A luta da mulher branca demonstra, um pouco, a dificuldade de se conseguir lidar com as regras de cada povo, bem como respeitar essas diferenças, lembrando que tanto o livro quanto o filme foram elaborados por meio do olhar europeu. Essas construções estereotipadas proliferam uma ideia construída ao longo de vários anos acerca dos habitantes das diversas nações africanas. Na visão de Appiah (1997, p. 243), a “identidade humana é construída e histórica; todo o mundo tem o seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de ‘mito’, a religião de ‘heresia’, e a ciência de ‘magia’”. Há cenas que demonstram uma intolerância cultural, algo que de forma alguma pode ser aceitável. Assim, o intuito maior desta comunicação é apontar um pequeno recorte das inúmeras situações relacionadas à construção das memórias e resistências dos povos africanos em meio aos caos da desigualdade e descasos sociais.

Referências: APPIAH, Kwame Anthony. Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte:

UFMG, 1998. GAGNEBIN, Jeanne Marie. L em brar escrever esquecer. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2006. HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. LE GOFF, Jacques. História e memória. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MESTRE KAPELA E BINELDE HYRCAN: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE ARTES VISUAIS E MEMÓRIA EM ANGOLA

Taiana de Araujo Machado

Resumo: Nkali é uma palavra em igbo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que o outro”. A autora nigeriana Chimamanda Adichie (2019) recupera essa palavra para nos lembrar das dinâmicas de poder que atravessam as histórias: como as contamos, quem as conta, quando e quantas são contadas. A manipulação de tais dinâmicas perpetua estereótipos e estruturas de poder que inferiorizam o outro. Quando falamos da história dos países africanos de língua oficial portuguesa (os PALOP) é preciso atentar para como sua produção artística e literária tem apresentado autores e autoras alertas e críticas da sua própria condição interna no contexto pós-independência. No entanto, como professores, editores e pesquisadores brasileiros seguimos nos debruçando sobre os registros heroicos das lutas de libertação, enfatizando autores fundacionais que promovem projetos nacionais restritos a uma narrativa. Dessa forma, contraditoriamente acabamos por reiterar uma história única sobre esses países e reincidimos no erro de um olhar estereotipado para essas sociedades, tomamos narrativas atravessadas por dinâmicas de poder como as únicas narrativas possíveis. A presente comunicação parte do conceito de memória coletiva de Hobsbawch (2006) para propor uma análise da produção de Paulo Kapela e Binelde Hyrcan, ambos artistas plásticos angolanos que buscam reinventar histórias e propor um olhar crítico sobre sua sociedade a partir de diferentes pontos de vista. Assim, traçamos um paralelo entre artes visuais e memória para ilustrar como as novas gerações têm apresentado reinvenções de resistência e contestação a partir de outras imaginações da história de Angola; lembrando a nós, pesquisadores, sobre as vozes díspares que compõem o mosaico de formação dessas nações.

Referências: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. SANTOS, Emanuelle. “O perigo de uma história única das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”. In: GIL COSTA, Fernanda; MATA, Inocência. Colonial/Postcolonial: writing as memory in Literature. Lisboa: Ed. Colibri, 2012. BRUGIONI, Elena. “O pesadelo da história. Romance histórico. Literaturas africanas e pós-colonialidade”. In: GARCIA, Flávio; MATA, Inocência [Orgs.]. Pós-colonial e pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016, p. 88-106. Adichie, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019. Binelde Hyrcan. Disponível em <<https://jahmekart.com/artists/binelde-hyrcan/>> Acesso em 09 de janeiro de 2023. Paulo Kapela, 1947, BIO. Disponível em <<https://www.africancontemporary.com/Mestre%20Paulo%20Kapela%20gallery-pt.htm>> Acesso em 09 de janeiro de 2023.

SIMPÓSIO “AUTORITARISMO E PODER: A VIOLAÇÃO DOS CORPOS E A MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA”

Nícia Petreceli Zucolo (UFAM) e Fernanda Valim Côrtes Miguel (UFVJM)

“É PERIGOSO SER MULHER”: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA SEXUAL E DO FEMINICÍDIO NOS ROMANCES 'O PESO DO PÁSSARO MORTO' E 'MULHERES EMPILHADAS'

Amanda Azevedo Silva

Resumo: Esta pesquisa compreende o estudo de dois romances brasileiros contemporâneos escritos por mulheres: O peso do pássaro morto (2017), de Aline Bei e Mulheres Empilhadas (2019) de Patrícia Melo. Obras que dialogam entre si ao abordarem o tema da violência contra a mulher sob a perspectiva da vítima. A partir da leitura e da análise dos romances em questão, de suas narradoras e personagens, a pesquisa vem construindo igualmente uma aproximação com a discussão da

legislação penal brasileira, que surge no intuito de prevenir essas violências e punir aqueles que a perpetram ou praticam. A escolha do estudo de dois romances contemporâneos de autoras distintas foi feita pela possibilidade de ampliar e comparar modos de se narrar essas violações em diferentes textos literários, pontuando alguns tipos de abusos que são reconhecidos como crime, e, passíveis de punição. Em *Mulheres Empilhadas* (2019) é possível refletir, principalmente, sobre a questão do feminicídio – ou o assassinato de mulheres. Ao longo da narrativa, a narradora denuncia diversos casos de violência contra mulheres de várias etnias, idades e classes sociais, incorporando ao enredo indicações de casos factuais e os autos de processos jurídicos no Brasil. Já no romance *O peso do pássaro morto* (2017), a representação da dor tem foco no estupro sofrido pela narradora. Com a análise realizada até aqui percebemos, sobretudo, a dificuldade das personagens em elaborar os traumas sofridos – falar sobre eles ou denunciá-los – e a ineficácia do sistema penal ao lidar com casos de violência contra a mulher.

Referências: 1. Bibliografia geral: ABDULALI, Sohaila. Do que estamos falando quando falamos de estupro. São Paulo: Vestígio, 2019. ANDRADE, Vera Regina de; BARATTA, Alessandro; STRECK, Lênio Luiz. *Criminologia e Feminismo*. Porto Alegre: Sulina, 1999. BACILA, Carlos Roberto. *Criminologia e Estigmas. Um estudo sobre os preconceitos*. São Paulo: Atlas S.A., 2015. BANDEIRA, Lourdes; SUÁREZ, Mireya (org.). *Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal*. Brasília: Editora UNB, 1999. BARTHES, Roland. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2013. BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A Mulher Escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004. BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina. A condição feminina e a violência simbólica*. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BRUM, Eliane. *Brasil, construtor de ruínas – um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019. CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 169-91 DUARTE, Constância Lima. *Pequena história do feminismo no Brasil*. In: CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno. *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: Ed. UFS, 2007, p. 127-134. ELUF, Luiza Nagib. *A paixão no banco dos réus. Casos passionais célebres: de Pontes de Visgheiro a Lindemberg Alves*. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2013. FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020. GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2013. GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. *Direito & Literatura: ensaio de síntese teórica*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008. GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2015. IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência*. Brasília: IPEA, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contramulher-2021-v5.pdf> MENDES, Soraia da Rosa. *Criminologia feminista: novos paradigmas*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2017. MONTENEGRO, Marília. *Lei Maria da Penha: uma análise criminológico-crítica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015. OST, François. *Contar a lei. As fontes do imaginário jurídico*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. PEIXOTO, Marta. *Ficções apaixonadas. Gênero, narrativa e violência em Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004. PENHA, Maria da. *Sobrevivi posso contar*. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2020. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da Literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. RADFORD, Jill e RUSSEL, Diana. *Femicide: The Politics of Women Killing*. New York: Twayne Publishers, 1992. RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008. SONTAG, Susan. *A vontade radical: estilos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. _____, Rebecca. *Recordações da minha inexistência: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. SCHOLLHAMMER, Erik K. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. SCHWARCZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014. VIEIRA, Miriam Steffen. *Categorias jurídicas e violência sexual: uma negociação com múltiplos atores*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2011. WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014. 2. Obras literárias estudadas e demais obras literárias citadas ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. _____, Svetlana. *A guerra não tem*

rosto de mulher. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. BEI, Aline. O peso do pássaro morto. São Paulo: Editora Nós, 2017. GILMAN, Charlotte Perkins. O papel de parede amarelo. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. ERNAUX, Annie. A vergonha. São Paulo: Fósforo, 2022. LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. MELO, Patrícia. Mulheres empilhadas. São Paulo: Leya, 2019. MONTERO, Rosa. A ridícula ideia de nunca mais te ver. São Paulo: Todavia, 2013. RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 132ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016. 3. Artigos/Dissertações/Teses ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Violência sexual e sistema penal: proteção ou duplicação da vitimação feminina? Sequência Estudos Jurídicos e Políticos, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 87–114, 1996. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15741>. Acesso em: 8 out. 2022. AZEVEDO, Luciene. A ficção e o documento: uma leitura de Mulheres Empilhadas de Patrícia Melo e de Garotas Mortas de Selva Almada. Matraga, Rio de Janeiro. v. 28, n. 52, p. 113-127, jan./abr. 2021. BERNARDES, Marcia Nina. Racializando o feminicídio e a violência de gênero: reflexões sobre a experiência brasileira. In: Gênero e direito: desafios para a despatriarcalização do sistema de justiça na América Latina, Rio de Janeiro: EMERJ, 2018. COSTA, André Oliveira; ENDO, Paulo César. Corpo, transmissão e processo civilizador: Sigmund Freud e Norbert Elias. Trivium, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 16-32, dezembro, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 dez. 2022. FIGUEIRÊDO, Ediliane Lopes Leite de. Beecher Stowe e Jorge Amado – Da Cabana ao Trapiche: uma visão jusliterária da injustiça social. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. HIGA, Larissa Satiko Ribeiro. A 'inominável violência sexual': leituras de 'O monstro', Um crime delicado e O livro de Praga, de Sérgio Sant'Anna. 2019. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-30072019-112430. Acesso em: 2022-08-16. MESQUITA, L. A. M. Violência de Gênero e Direito Penal: Tipificação do Feminicídio e Possíveis Respostas Penais. Revista Eletrônica de Direito Penal e Política Criminal, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 166–207, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/redppc/article/view/82294>. Acesso em: 21 ago. 2022. SANTOS, Jocelaine Oliveira dos. Morte, violência e devastação em O peso do pássaro morto, de Aline Bei. Interdisciplinar, São Cristóvão, UFS, v. 36, jul-dez, p. 53-67, 2021 | DOI: <https://doi.org/10.47250/intrell.v36i1.p53-67>. SANTOS, K. L. M. dos.; BENATTI, A. R. O amor tem cheiro de morte: a representação da violência contra a mulher nos romances de Patrícia Melo. CADERNOS DO SEDIA - Seminário de Dissertações em Andamento, [S. l.], v. 4, n. 1, 2022. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sedia/article/view/8137>. Acesso em: 16 dez. 2022. TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff; AMARAL, Lara Luzia Oliveira. À procura da palavra: silêncios. In.: Revista soletras SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN - Faculdade de Formação de Professores da UERJ Nº 36, p. 195 a 217 (jul./dez. 2018) TOFANELO, G. F.; ZOLIN, L. O. Do peso à libertação: duas visões da violência sexual na literatura contemporânea escrita por mulheres. Travessias, Cascavel, v. 14, n. 3, p. 64–76, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i3.24902. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24902>. Acesso em: 12 jun. 2022.

O PANÓPTICO NO ROMANCE LOS VIGILANTES DE DIAMELA ELTIT

Amanda Borba Ramos Silva, Cristina Gutierrez Leal

Resumo: As relações de poder são expressas de diferentes maneiras e por meio de mecanismos específicos. Para entender suas formas de articulação na sociedade, pode-se pensar na arte como uma plataforma idônea de reflexão. Especificamente a partir da literatura é possível desvendar alguns mecanismos atravessados pelo poder. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as relações de dominação e resistência expressas em Los Vigilantes (1994), de Diamela Eltit. Entende-se que este romance encena uma multiplicidade de dispositivos de poder sobre os corpos de seus protagonistas e propõe a linguagem, inclusive em sua impossibilidade, como uma saída, um modo de resistência. Para realizar estas reflexões, é necessário recorrer a perspectiva foucaultiana de corpo e outros conceitos, tais como poder, o dispositivo panóptico e resistência. Coextensivo ao

corpo social, o poder será compreendido em sua característica microfísica, plural, que permeia capilarmente os corpos ao ponto de produzi-los, que não se encontra apenas em âmbitos institucionais, que não se detém, não se troca, mas que se exerce, se dá na ação, (re)produzindo relações de poder. Deste modo, não há relações de poder sem resistências, sendo exercidas ali mesmo aonde o poder se apresenta, em outras palavras, a resistência é compatriota do poder. Ela existe tanto mais quanto esteja ali onde está o poder, a partir do poder e configura sua característica relacional. Tendo o dito e não dito enquanto elementos próprios do dispositivo, no caso de *Los Vigilantes* (1994), a rede que se estabelece entre tais elementos apresenta peculiaridades panópticas, sendo um mecanismo de poder que se exerce sobre os indivíduos a partir da vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição, recompensa e de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas.

Referências: AVELAR, Idelber. *Alegorías de la derrota: la ficción postdictatorial y el trabajo del duelo*. Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, 2000. AYUB, João Paulo. *Introdução à analítica do poder de Michel Foucault*. São Paulo: Editora Intermeios, 2015. BARRIENTOS, Mónica. "Autoridad, marginalidad y palabra en *Los Vigilantes* de Diamela Eltit". *Cyber Humanitatis* n. 35, 2005. ELTIT, Diamela. *Los Vigilantes*. Buenos Aires-Santiago: Editorial Sudamericana Chilena, 1994. ELTIT, Diamela. *Réplicas. Escritos sobre literatura, arte y política*. Santiago de Chile: Seix Barral, 2016. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (9ª ed.; M.T.C. Albuquerque & J.A.G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019b. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (9a.ed.; R. Machado, Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (42ª ed.; R. Ramalheite, Trad.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. OJEDA, Cecilia. "Fracaso y triunfo en *Los vigilantes* de Diamela Eltit". *CiberLetras: revista de crítica literaria y de cultura*, ISSN-e 1523-1720, Nº. 15, 2006 SARACENI, Gina. "El grado animal de la lengua". *Voz y escritura*, n. 20, enero-diciembre, p. 163-179, 2012. VIDAL, Paloma. "... continuamos ainda nesta viagem obscura e secreta": memória e resistência na narrativa de Diamela Eltit. *Ipotesi. Revista de estudos literários*. v. 11 n. 2 p. 36-46, 2007.

VESTÍGIOS DE MISOGINIA DA DITADURA ARGENTINA: UMA ANÁLISE DAS MEMÓRIAS DE SELVA ALMADA, EM GAROTAS MORTAS

Eliane da Silva

Resumo: O presente artigo é uma análise das memórias da escritora Selva Almada em seu romance *Garotas Mortas*, publicado em 2014, que denuncia a injustiça diante de violências contra mulheres após a redemocratização da Argentina nos anos 80. Trinta e dois anos após os crimes, Almada decide escrever sobre três casos de garotas assassinadas em um cenário no qual ainda nem se pensava no uso do termo feminicídio. Nesse texto, as memórias da autora servem de alerta sobre a misoginia contida em contextos políticos desfavoráveis às mulheres, em especial ditaduras. Para tal análise, foram utilizados estudos de memória e gênero, para fazer uma relação entre literatura e história através das memórias, testemunho e traumas da autora, que influenciaram a escrita dessa obra. Através desses relatos, é possível perceber que, mesmo com o fim da ditadura, o desaparecimento de pessoas e a misoginia continuaram acontecendo, e de alguma forma, ainda normalizadas. Selva Almada, em sua obra, mostra que foi uma sobrevivente de suas próprias recordações, já que, ao recordar suas lembranças da juventude, mantidas em segredo, em um silêncio quase perturbador, por mais de 30 anos, ainda conseguiu se manter lúcida e forte para escrever uma obra contundente. Ter que viver (e conviver) com essas memórias silenciadas por tanto tempo, para a autora, foi como carregar um "fardo", e esse não era mais o seu objetivo. A obra, escrita em 2014, foi publicada no Brasil apenas em 2018. Nela, se configura um desabafo atrasado pelo trauma, medo e silêncio que tal ambiente misógino impôs a uma mulher como Selva Almada por tantos anos.

Referências: ALMADA, Selva. *Garotas Mortas*. Tradução de Sergio Molinari. São Paulo, 2018. DERRIDA, Jacques. *Morada*. Maurice Blanchot. Lisboa, 2014. FELMAN Shoshana. *Formas de cegueira judicial, ou a evidência do que não pode ser visto*. In: _____. *O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX*. São Paulo, p. 89-147, 2014. FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios*. Edição standard brasileira das obras de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, 1974. POLLAK, Michael.

Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos históricos. São Paulo, p. 3-16, jun. 1989. PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo, 2017. RANCIERE, Jacques. A partilha do sensível. Estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005. SANTANA, Maria Olívia. Quem autoriza a cultura do estupro? Instituto da mulher negra, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/quem-autoriza-cultura-do-estupro/>>. Acesso em: 19 ago 2022. SELIGMANN-SILVA, Marcio. Imagens precárias: inscrições de violência ditatorial. Estudos de Literatura Brasileira, n. 43, p. 13-15. Jun. 2014. SOLNIT, Rebecca. A mãe de todas as perguntas. São Paulo. Companhia das Letras, 2017. OVIEDO, María Verónica Elizondo. Femicidio y exhumación del archivo en Chicas Muertas de Selva Amada. Argentina, 2002.

PELOS FIOS DA MEMÓRIA - PODER, SEXUALIDADE E VIOLÊNCIA EM MANO, A NOITE ESTÁ VELHA DE WILSON BUENO

Eliza da Silva Martins Peron

Resumo: Resumo: A noção de gênero é um constructo social. A sociedade é instituída sob a lógica do patriarcado e, sua estruturação, para além da família, pode ocorrer também no âmbito estatal. Com o artigo pretendemos demonstrar as diferentes facetas do autoritarismo derivado desse poder patriarcal e impostos de formas sub-reptícias e instituídas sob o pretexto de preservar a sociedade monogâmica e o refreamento do “diferente” como algo a ser contido. O resultado são as memórias traumáticas em que os desejos são mediados pelos estratos sociais. Observe-se que o refreamento não se concentra somente na figura do pai ou da família enquanto patriarcado, mas também nas relações cotidianas estabelecidas pela sociedade e, principalmente por outras figuras imanes a tais impedimentos personificado na figura do Estado. Para analisarmos utilizaremos o romance póstumo de Wilson Bueno, autor paranaense - Mano, a noite está velha (2011) obra que possibilita tanto a verificação de autoritarismos praticados no espaço das ruas em relação à figura dos homossexuais e travestis quanto por desvelar outra forma de dominação, a que se perpetra pela figura do pai. Para narrar, o autor vale-se da memória, recurso propício à reflexão sobre a sexualidade, o autoritarismo, a violência e a morte. Como suporte teórico utilizaremos Foucault, Achille Mbembe, Giorgio Agamben, Pierre Bourdieu e outros que vierem a contemplar a temática.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004. BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. BUENO, Wilson. Mano, a noite está velha. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Tradução de aria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilho Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 127-145 FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979. MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

VIOLÊNCIA, GÊNERO E RESISTÊNCIA: UMA LEITURA CRÍTICO-TERAPÊUTICA DE AQUARIUS

Fernanda Valim Côrtes Miguel

Resumo: A proposta desta comunicação é apresentar um estudo crítico (Benjamin) e terapêutico (Wittgenstein) da obra cinematográfica Aquarius (2016), dirigida e roteirizada por Kleber Mendonça Filho. Juntamente com os filmes Bacurau (2019) e O Som ao redor (2012), as obras se aproximariam do que temos chamado de uma trilogia da resistência, especialmente quando consideramos os contextos de produção e, sobretudo, de recepção de cada um deles nos cinemas do país. A trilogia atravessa um profundo mal-estar que persiste através do que Maria Rita Kehl (2022) chamou de um melancólico senso de atualidade. Este estudo foi realizado a partir da análise de uma seleção e sequência de cenas e fragmentos que exploram e atravessam a problemática da violência histórica no Brasil e, conseqüentemente, do reconhecimento de um passado profundamente traumático e mal elaborado, marcado pela dor, pelo extermínio dos grupos subalternizados, pela injustiça e pela impunidade. Num segundo momento, pela temática das lutas permanentes entre a memória e o esquecimento, marcadas por metáforas de variações sobrepostas, como as edificações físicas do pequeno Museu, em Bacurau, e do prédio em que vive a personagem Clara, em Aquarius, na luta entre o desejo de demolição, por parte da construtora Bonfim, e de manutenção da memória, por

parte da protagonista. Num terceiro momento, quando somos atravessados pela temática da resistência dos grupos historicamente oprimidos, como no desejo esperançoso de construção de uma história a contrapelo, como propõe Walter Benjamin a partir da constatação de que não existiria documento histórico de cultura que não fosse também documento de barbárie (2005, p.70). Daí que nossa tarefa, como professoras, historiadoras feministas da literatura, seria então a de revolver escombros, garimpar entulhos, buscar pelo legado que desapareceu, lembrando que o que está morto na história pode ressuscitar (Schmidt e Ramos 2005, p.220).

Referências: KEHL, Maria Rita. O mal-estar persiste. Disponível em: <https://quatrocincom.folha.uol.com.br/br/artigos/cinema/o-mal-estar-persiste>. Acesso em 20 de novembro de 2022. LOWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant; tradução das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005. MENDONÇA FILHO, Kleber. Aquarius [Filme-DVD]. E. Lesclaux, S. B. Saïd & M. Merkt, Prods., K. Mendonça Filho, dir. Recife: Vitrine Filmes. 1 DVD, 141 min., widescreen, co- lor. son, 2016. SCHMIDT, Simone Pereira; RAMOS, Tânia Regina. Resenha Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. In: Graphos - Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB João Pessoa, Vol 7., N. 2/1, 2005 – p. 219-222. WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. Trad. José Carlos Bruni. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

O CORPO FEMININO: TERRITÓRIO POLÍTICO, EM O ESTANDARTE DA AGONIA, DE HELONEIDA STUDART

Jaqueline Larissa Freitas Maia

Resumo: O romance O estandarte da Agonia, de Heloneida Studart, essencialmente narra a busca de Açucena por seu filho Luiz, que foi supostamente sequestrado, torturado e assassinado pelos militares durante o período ditatorial brasileiro. A busca de Açucena é atravessada por histórias de outras mulheres, vítimas da repressão dos militares, assim como Açucena elas têm seus corpos transformados em territórios políticos, mulheres que não tinham filiação partidária ou associação direta com o movimento de resistência, mas torna-se sujeitos políticos e sofrem com a usurpação de poder dos militares, tendo seus corpos violados e torturados. Posto isso, o objetivo fulcral deste trabalho é analisar as personagens femininas do romance, que foram perseguidas, algumas presas, outras torturadas e assassinadas, a partir de uma abordagem teórica que leia a narrativa como testemunho da barbárie praticada durante a ditadura militar, considerando ainda que a instauração do Estado ditatorial, 1964, acentuou os estigmas de gênero, fazendo as mulheres sofrerem duplamente com autoritarismo e violência. Ademais, dá-se ênfase à escrita literária como um modo de resgate da memória das mulheres que sofreram algum nível de violência na ditadura. Para alcançar tal objetivo a argumentação teórica apoiou-se nos textos de Pierre Bourdieu; Judith Butler; Regina Delcastagnè, Jaimes Ginzburg e Michel Foucault.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. De feminino a feminista: a transformação na escrita literária dos romances de Heloneida Studart. 169 f. Tese (doutorado). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2014. Wollstonecraft, Mary. Reivindicação dos Direitos da Mulher. São Paulo: Editora Lafonte; 1ª edição, 2021. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 9a. ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012. ROCHA, Ana Lília Carvalho. Do corpo torturador ao corpo torturado: representações da máquina ditatorial na literatura brasileira. 2018. 140 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e Trauma. In: Pro-Posições, Campinas, vol. 13, n.3 (39) p. 135-153, set./dez. 2002. DALCASTAGNÈ, Regina. O espaço da dor: O regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

AS MARCAS DA VIOLÊNCIA COMO CONSTITUINTES DO SUJEITO EM O PESO DO PÁSSARO MORTO, DE ALINE BEI, E YOUNG MUNGO, DE DOUGLAS STUART

Jorge Alves Pinto

Resumo: Ao atingir os corpos de diferentes modos, a violência deixa marcas capazes de transformar os sujeitos, tornando-se ela mesma uma experiência constituinte de suas subjetividades. Partindo do pressuposto de que enxergar as histórias pelo viés das sensibilidades nos permite levar em maior consideração as emoções e as subjetividades (PESAVENTO, 2004), o presente trabalho estabelece um estudo comparativo entre duas obras, uma brasileira, a saber *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei (2017), e uma escocesa, *Young Mungo*, de Douglas Stuart (2022). Em ambos os textos, encontramos protagonistas que passam por um episódio de estupro; no de Aline Bei, uma jovem e, no de Douglas Stuart, um jovem gay. As duas personagens fazem parte de grupos que são historicamente alvos de formas distintas de violência. Diante disso, nosso objetivo é investigar quais as motivações para os atos de violência cometidos e como as vítimas são afetadas por eles. Para tanto, nosso aporte teórico consiste em Gomes (2013; 2014), Figueiredo (2019) e Dutra (2019) para discorrermos acerca da violência contra a mulher e o feminicídio na literatura brasileira contemporânea; em Brownmiller (1975) e Bourke (2009) para discutirmos a questão do estupro e suas consequências; em Bourdieu (2022) e Connel e Messerschmitt (2013) para argumentarmos as relações entre masculinidade hegemônica e violência. Por fim, compreendemos que as instâncias de poder que circulam entre os indivíduos (FOUCAULT, 2022) colaboram para o processo de sujeição (BUTLER, 2020), que é continuamente construído.

Referências: BEI, Aline. *O Peso do Pássaro Morto*. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017. BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. - 20ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022. BOURKE, Joanna. *Rape: Sex, Violence, History*. Catapult, 2009. BROWNMILLER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. New York: Fawcett Columbia, 1975. BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Tradução Rogério Bettoni - 1ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2020. CONNELL, Robert W. e MESSERSCHMIDT, James W.. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Revista Estudos Feministas [online]. 2013, v. 21, n. 1 [Acessado 6 Janeiro 2023], pp. 241-282. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>>. Epub 09 Maio 2013. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. DUTRA, Paula Queiroz. *Entre a dor e o silêncio: a violência contra a mulher em romances contemporâneos*. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019. FIGUEIREDO, Eurídice. *Violência e sexualidade em romances de autoria feminina*. Revista Interdisciplinar, v. 32: Ano XIV - jul-dez de 2019. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Introdução, organização e revisão técnica Roberto Machado - 13ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. GOMES, Carlos Magno. *Marcas da violência contra a mulher na literatura*. Diadorim, Rio de Janeiro, Volume 13, p. 01-11, Julho 2013. GOMES, Carlos Magno. *O feminicídio na ficção de autoria feminina brasileira*. Revista Estudos Feministas [online]. 2014, v. 22, n. 3. PESAVENTO, Sandra. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Organizado por Sandra Psavento e Frédéric Langue. Porto Alegre: Editora da UFRGS. STUART, Douglas. *Young Mungo*. London: Picador, 2022.

DE MULHER RECOLHIDA À CIBORGUE: A NARRADORA-PACIENTE DE O CORPO EM QUE NASCI DE GUADALUPE NETTEL

Laryssa Amaro Naumann

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de *O Corpo em que Nasci*, da escritora mexicana Guadalupe Nettel, a partir da análise da figura da narradora. Acompanhamos a infância e adolescência da personagem inspirada na vida da autora, que possui uma deficiência em apenas uma das vistas, mas lhe cegam a outra, durante a infância, com um curativo por boa parte do dia. Diante dessa situação, propomos uma discussão em torno dos aspectos analisados por Foucault a respeito da Biopolítica, em torno do poder da família e a normatização dos corpos. Assim, chamamos a esta narradora de narradora-paciente. Termo que escolhemos para fazermos uma reflexão da complexidade entre ser narradora de si e paciente na visão dos outros. A partir da própria definição

feita pela narradora, como uma mulher-recolhida, uma barata, percebemos que a literatura, a disputa das narrativas, tal qual proposto por Donna Haraway, a aproxima dos ciborgues, ao usarem a linguagem/ literatura para sua emancipação e "cura". Para tratar dos aspectos dessa mulher recolhida, em relação ao corpo e a identidade, dialogamos com Reich e com a visão somática, trazida por João da Mata. Por fim, apontamos, ainda, uma discussão em torno da postura passiva da psicanalista presente na obra.

Referências: FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. _____. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX | I. In: Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018. MATA, João da. Introdução à Somaterapia. Rio de Janeiro: Ed. Circuito, 2020. NETTEL, Guadalupe. O corpo em que nasci. Trad. Ronaldo Bressane. São Paulo: Rocco, 2013. RANCIÈRE, Jacques. Políticas da Escrita. São Paulo: Editora 34, 2017. REICH, Wilhelm. Escute, Zé-Ninguém! São Paulo: Martins Fontes, 2007. _____. A revolução sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. _____. A análise do Caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DA FICÇÃO AO REAL - FIGURAÇÕES DA NECROPOLÍTICA EM OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Lethicia Ramos Bernardino

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo discutir as representações de poder sobre corpos negros de sujeitos e sujeitas no livro Olhos d'água, de Conceição Evaristo. A partir da percepção da construção das personagens e dos seus desenvolvimentos e trajetórias nas tramas dos contos reunidos na obra, temos como intuito discutir a noção de biopoder como mecanismo de operação dos direitos da população negra no Brasil, inclusive sobre o direito à vida. Para tanto, apontamos como perspectiva teórica as ideias de controle populacional e de corpos, mediadas pelo conceito de biopolítica de Michel Foucault (1988), bem como a de necropolítica, desenvolvida por Achille Mbembe (2016). Na ocasião, também intuimos estabelecer diálogo desses pensadores com teóricas feministas como Angela Davis (2016) e Lélia Gonzalez (2020), tendo em vista a especificidade da condição da mulher negra e da exploração de seus corpos desde o período do regime escravocrata até a contemporaneidade, em contexto global e na sociedade brasileira. Assim, pretendemos apresentar evidências de como a construção sócio-histórica do direito ou privação do direito sobre a vida, como política de morte, perpetua-se no agenciamento das políticas de Estado, no que tange ao controle dos corpos de mulheres e ao controle demográfico da população negra, e como esse processo histórico é incorporado ao plano ficcional do livro Olhos d'água.

Referências: DAVIS, Angela. Gênero, Raça e Classe. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016. EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. FOUCAULT, M. História da Sexualidade, v. I: A Vontade de Saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. MBEMBE, Achille. "Necropolítica". Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufrrj. n. 32. dez. 2016.

ANIMALIDADE E RESISTÊNCIA BIOPOLÍTICA EM O CORPO INTERMINÁVEL

Luciano Mendes Duarte Júnior

Resumo: O livro O corpo interminável (2019), da escritora brasileira Claudia Lage possui uma narração não cronológica que articula memória e esquecimento numa tentativa de narrar as atrocidades da ditadura militar brasileira. Tanto Daniel quanto Melina, dois personagens centrais da narrativa, são, cada um a seu modo, órfãos da ditadura, e tentam reconstituir um passado repleto de violência e de incertezas. Isso posto, esta análise tem por objetivo discutir o romance em questão tomando como chaves de leitura as discussões acerca da animalidade e da biopolítica, a fim de tentar compreender como os corpos no romance são animalizados para, então, serem deslegitimados

enquanto corpos de direito. Estudar o animal escrito, ou seja, o animal presente na literatura, também significa estudar a nossa relação enquanto animais humanos com outros seres animais, explorando as fronteiras entre humanidade e animalidade tensionadas na obra em questão. Segundo Giorgi (2016), a partir da década de sessenta, o animal passa a aparecer cada vez mais como um signo político nos textos literários latino-americanos, indicando uma tendência que perdura até hoje. Júlia, mãe de Daniel e desaparecida durante a ditadura militar brasileira, luta contra a possibilidade de ser reduzida a um mero corpo, embora isso continue acontecendo reiteradamente. Sua associação ao mundo animal é uma das maneiras que seus algozes encontram de suspender ainda mais seus direitos e tentar justificar suas sessões de tortura, principalmente nas passagens em que a chamam de “porca”. Contudo, é por meio de seus próprios corpos que as personagens resistem. É ao ressignificar seus corpos inseridos em um ambiente de desumanização e violência extrema que as personagens são capazes de encontrar conforto umas nas outras. Esse contrapoder reafirma as subjetividades que o regime ditatorial tenta o tempo todo negar. Trata-se de uma resistência biopolítica.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. _____. O aberto. O homem e o animal. Tradução de Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. AZERÊDO & HARAWAY. Companhia multiespécies nas naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo. In: MACIEL, Maria E. pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 390-417. BAZZICALUPO, Laura. Biopolítica: um mapa conceitual. Tradução de Luisa Rabolini. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017. DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou (A seguir). Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002. FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. _____. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. GIORGI, Gabriel. Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. LAGE, Claudia. O corpo interminável. Rio de Janeiro: Record, 2019. LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: MACIEL, Maria E. pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 23-54. MACIEL, MARIA E. Literatura e Animalidade. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. MONTAIGNE, Michel E. de. Ensaaios. São Paulo: Abril Cultural, 1984. NASCIMENTO, Evando. Rastros do animal humano - a ficção de Clarice Lispector. In: MACIEL, Maria E. pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 117-148. PELBART, Peter P. Vida capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER: UMA OUTRA HISTÓRIA

Maria Glacyone Soares Uchôa

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo tecer reflexões sobre o livro *A guerra não tem rosto de mulher* de Svetlana Aleksievitch analisando como a escritora abordou a Segunda Guerra Mundial sob a perspectiva, não masculina, mas a partir do olhar feminino das ex-combatentes do conflito. A obra de Aleksievitch é construída através da memória e das lembranças dessas mulheres que foram durante anos silenciadas pela sociedade, a qual credita apenas aos homens o sucesso nos feitos históricos. Com a narrativa percorremos uma nova visão da guerra, não interessa para a autora evidenciar os heróis que foram condecorados no pós-guerra, mas mostrar a realidade do conflito vivenciado pelas mulheres que tiveram no front. Através da obra descobrimos os motivos que levaram tantas soviéticas à guerra. A escritora deu vez e voz as soldadas russas que por durante quarenta anos tiveram suas histórias ocultas em virtude de vivermos em uma sociedade machista, na qual o direito de fala é dado exclusivamente aos homens. No livro, a escritora conseguiu captar todos os dramas e traumas sofridos por estas mulheres que tiveram que esquecer a sua identidade feminina para combaterem na guerra. Os depoimentos das soldadas russas revelam que a luta travada por elas não foram apenas aquelas in loco contra os alemães. Uma outra luta foi enfrentada

pelas ex-combatentes, lidar com o machismo, sexismo, misoginia, preconceito e sobretudo com o esquecimento da sociedade que não creditaram a elas as mesmas honras que concedeu aos homens no pós-guerra. Assim, teceremos nossas reflexões embasadas nas considerações de Walter Benjamin sobre a ideia de ganhar e perder uma guerra, bem como nas contribuições de Paul Ricoeur sobre memória como construção do conhecimento histórico, além das ponderações de Chimamanda Adichie sobre os perigos de uma única história e as de Simone Beauvoir sobre “ser mulher”.

Referências: ADICHIE, Chimamanda. O Perigo de uma Única História. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Conferência TED: Os perigos de uma história única. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso: 19. ago. 2018. ALEXIEVICH, Svetlana. A guerra não tem rosto de mulher. Trad. do russo de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. ANDRADE, Émile Cardoso e MATOS, Thayza Alves. A Guerra não tem rosto de mulher: O silenciamento do testemunho feminino. Revista Mafua – UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) BEAUVOIR, Simone. Segundo Sexo (Vol. 1). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Vol. II. 3.ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento/ Tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007 SILVA, Cristina Maria. Um Mundo Narrado entre o local e o global: Biografia, Guerra e Memória na ficção de Chimamanda Adichie. Revista Artémis. UFPB – 2021. <http://https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/61154> ISSN: 1807-8214 V. 32 Série 1 – p. 130-152

A MULHER E A INDÚSTRIA FONOGRÁFICA NO BRASIL

Mirele Carolina Werneque Jacomel

Resumo: Territórios restritos, decisões translúcidas, intimidações veladas – a circulação e os modos de permanência da mulher nos espaços do mercado fonográfico brasileiro não são diferentes dos demais setores produtivos, sobretudo quando configuram negócios altamente lucrativos. A indústria fonográfica brasileira desenvolveu-se alinhada ao modelo da comunicação cultural heteronormativa, tanto em sua estrutura como nas concepções que organizam a divisão do trabalho entre homens e mulheres, reduplicando as convenções da indústria cultural e em forte correspondência com o patriarcalismo. Isso porque, desde sua formação, sempre esteve nas mãos de elites econômicas, gerenciada por homens, motivo que explica uma gestão cultural baseada no lucro. É nesse aspecto que se observa a desigualdade de gênero em maiores proporções, ou seja, a segregação ocupacional que as mulheres sofreram nesse mercado. Ao abordar esse tema, esta apresentação se propõe a discutir as formas de ingresso e sobrevivência profissional da mulher no mercado fonográfico brasileiro. A discussão perpassa por conceitos como o de sistema sexo-gênero, proposto por Maria Consuelo Cunha Campos, poder e violência simbólicos, na acepção de Pierre Bourdieu, e divisão sexual do trabalho, na perspectiva de Heleieth Saffioti. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de revisão bibliográfica e análise de dados extraídos de relatórios das principais instituições vinculadas à indústria fonográfica. As primeiras observações nos levam a compreender que há estruturas administrativas e culturais provenientes também da cultura patriarcal, de tal modo que os ambientes, as negociações e até mesmo a demanda cultural reforçam a supremacia masculina.

Referências: BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Livro I – fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia de Livros, 1970. BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. _____. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kühner. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. BUTLER, Judith. Atos performativos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento feminista – conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. CAMPOS, Maria Consuelo. Gênero. In: JOBIM, José Luiz (Org.) Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo:

Perspectiva, 2002. MICELI, Sérgio. Mercado de arte: Brasil 2000. In: MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena (Org.). Valores – arte, mercado, política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes – mito e realidade. 3d. São Paulo: Expressão Popular, 2013. Fontes: Relatório da Associação Brasileira de Música Independente, 2021. Disponível em RELATÓRIO ABMI 2020_PDF.cdr . Relatório de sustentabilidade e balanço social do ECAD, 2021. Disponível em BalancoSocial2021.pdf (ecad.org.br) . Relatório Por elas que fazem a música, 2022. Disponível em relatório-2022 (ubc.org.br) .

A MEMÓRIA COMO UM ATO DE RESISTÊNCIA: VIOLÊNCIA E VIOLAÇÃO EM QUARTO DE HORA E UM RIO SEM FIM

Nícia Petreceli Zucolo

Resumo: O presente trabalho pretende discutir a memória de mulheres e sua guarda a partir de duas escritoras descentradas: Maria Lucia Medeiros, paraense, e Verenilde Santos Pereira, amazonense. Ambas as escritoras, que são ignoradas pelo cânone hegemônico preponderantemente masculino, trazem vozes – e vidas – femininas em seus textos: Maria Lúcia Medeiros, em Quarto de Hora, apresenta a trajetória de um grupo de mulheres cuja vida de violências sofridas é narrada em uma longa e fragmentada história pela mãe da narradora, uma espécie de “guardiã” da memória dessas mulheres; Verenilde Santos Pereira, no texto Um rio sem fim, através de uma narradora indígena, mantém viva a história e a memória de outras duas mulheres, também indígenas, todas elas vítimas de diversos tipos de abusos praticados e possibilitados por um Estado que instituiu políticas de apagamento e aculturação de forma sistemática ao longo de séculos. A leitura em contraste dessas escritoras permitirá que se pense de que modo a memória narrada por essas mulheres é uma maneira de resistir e sobrepor-se ao apagamento institucionalizado, tanto no âmbito literário, quanto no âmbito social, espelhando, em certa medida, a condição das autoras, já que são escritoras mulheres do norte do Brasil. A leitura se apoiará em teóricos como Achille Mbembe e Pierre Bourdieu, além das teóricas Rita Terezinha Schmidt, Juliana Eugênia Caixeta e Regina Dalcastagnè.

Referências: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. CAIXETA, Juliana Eugênia. As guardiãs da memória e suas “caixinhas de lembranças”. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de e ZANELLO, Valéria (Orgs.) Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas [livro eletrônico]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. DALCASTAGNÉ, Regina e THOMAZ, Paulo C. (Orgs.). Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011. MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 edições, 2018. SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. IN HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

"BELLUM CONTRA MORBUM": METÁFORAS BÉLICAS NA ABORDAGEM DO HIV/AIDS NAS NARRATIVAS DE ISABEL VIEIRA, HELOISA SCHURMMAN E GUIDO AROSA

Ramon de Santana Borges de Amorim

Resumo: A comunicação tem como objetivo discutir como a “guerra à doença”, expressão oriunda do correspondente latino “bellum contra morbum”, tem sido uma forma de abordagem recorrente da temática do HIV/aids em narrativas brasileiras. Pretende-se verificar a presença de vocabulário e ideias relacionadas a elementos que façam referência ao universo bélico, como invasão, batalha/luta contra o inimigo, camuflagem, arma, resistência, derrota/derrotado, além de diversos outros termos que trafegam no âmbito militar, e de que forma eles são utilizados em referência ao vírus e à doença nas narrativas Amarga herança de Leo (1999), de Isabel Vieira, Pequeno segredo (2016), de Heloisa Schurmmann, e O complexo melancólico (2019), de Guido Arosa. Como suporte teórico para refletir sobre as questões que se impõem, recorreu-se a produções como Aids e suas metáforas (1989), de Susan Sontag, Aids na terceira década (2006) e “Da persistência das metáforas: estigma e discriminação & HIV/Aids” (2013), de Francisco Inácio Bastos. O foco deste trabalho trafega na

verificação de como esse ideário relacionado à guerra tem sido utilizado como metáfora para estabelecer a presença da abordagem da epidemia emergente no início da década de 1980 nas obras indicadas e como essa abordagem ainda se perpetua em produções mais recentes, promovendo o corpo a campo de batalha da representação dessa “guerra”.

Referências: AROSA, Guido. O complexo melancólico. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. BASTOS, Francisco Inácio. Aids na terceira década. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. BASTOS, Francisco Inácio. “Da persistência das metáforas: estigma e discriminação & HIV/Aids”. In: Monteiro, Simone; Villela, Wilza (Org.). Estigma e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. SCHURMMAN, Heloisa. Pequeno segredo: um amor maior que a vida. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016. SONTAG, Susan. Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. VIEIRA, Isabel. Amarga herança de Leo. São Paulo: FTD, 1999.

A LITERATURA NO LAMPIÃO DA ESQUINA: UM LUGAR DE PARATOPIA

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva

Resumo: O Lampião da Esquina foi um periódico nanico guei do Rio de Janeiro que era distribuído nacionalmente entre os anos 1978 e 1981, período que corresponde um momento de “abertura política” da ditadura no Brasil. Nossa exposição tende a fazer um passeio dialógico entre conceitos de paratopia e autor, respectivamente de Maingueneau (2006) e Foucault (2015), para analisar a seção literatura do referido jornal. A paratopia é, segundo Maingueneau (2006), uma topografia social não definida, um lugar paradoxal entre o que foi e o que será produzido, é ainda uma particularidade daquilo que o teórico pontua como discursos constituintes, e o texto literário se encaixa nesse tipo de discurso, tais enunciados são validados, negociados por uma cena de enunciação, cena essa que ainda os autoriza. Tratando-se desse lugar paratópico de autores com sexualidades não hegemônicas nesse período de barbárie, tem-se sujeitos que escrevem uma literatura ctônica e se encontram no uderground do metier literário, por isso naquele momento muitos nem eram legitimados como escritores literários. Nesse sentido, esta comunicação pretende apresentar esse (não) lugar autoral dos literatos desse jornal, os quais usam seus corpos, seus amores e sexualidades como forma de resistência e enfrentamento à necropolítica vigente – são sujeitos que escrevem para não desaparecer (Foucault, 2015). Observa-se que a veiculação dessa literatura contra-hegemônica foi/ é um instrumento de resistência política e contribuiu relevantemente para a formação e preservação da memória LGBTQIA+ brasileira.

Referências: AFONSO-ROCHA, Rick. O perigo cor-de-rosa: Ensaio sobre a deimopolítica. 1. ed. - Salvador, BA: Devires, 2021. LAMPIÃO DA ESQUINA. Edições (1978-1981). Disponível em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/> >. Acesso em 20 de dez de 2021. FICO, Carlos. Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro, Record, 2001. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. In: Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant / A Ordem do Discurso; tradução : Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail e Laura Fraga de Almeida Sampaio - São Paulo: Folha de São Paulo, 2015 - Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento, v: 6), p. 81 -110. MAINGUENEAU, Dominique. Discurso literário; tradutor Adail Sobral. - São Paulo: Contexto, 2006. TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª ed, Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

CONTAR E RECOLHER OS CORPOS: UMA LEITURA DE 3 CONTOS POLICIAIS DE RUBEM FONSECA

Rubens Fernandes Corgozinho Júnior

Resumo: O presente trabalho parte de uma leitura de 3 contos de Rubem Fonseca produzidos ao longo das décadas de 60 e 70 (“O caso de F.A.”, “Dia dos namorados” e “Mandrake”), todos protagonizados pelo personagem-detetive Mandrake. Nos contos, há a violência sistemática direcionada a grupos marginalizados da sociedade, tais como indivíduos transexuais, prostitutas e a classe dos mais pobres. Há a ideia de que haveria nesses contos policiais a tentativa de demonstrar a generalização da violência, em oposição à noção de aparente individualidade e pontualidade das violências cometidas que o governo então vigente buscava difundir. Mandrake é o personagem que, na produção do autor, surge como um sujeito a serviço dos poderosos, em busca de realizar suas

demandas a qualquer custo, sem limitar-se a preceitos éticos ou morais. Na defesa da reputação de seus clientes, o detetive agride corpos alheios, os quais são, frequentemente, também mobilizados para satisfação de desejos e caprichos. Fonseca aponta para a transgressão violenta enquanto regra na atuação dos indivíduos da classe dominante, sempre em contato com a marginalidade submetendo-a a sua vontade. Para a reflexão, é pertinente o pensamento sobre a narrativa policial enquanto gênero, de autores como Ernest Mandel, Daniel Link e Sandra Lúcia Reimão. Esses autores trazem a ideia de que a narrativa policial proporcionaria um modo de entendimento das relações entre o crime, a justiça e o poder, de modo que um caso policial particular traria ideias sobre o contexto social geral. Além disso, observações sobre o panorama político e literário da época de Antonio Candido, Flora Sussekind e Roberto Schwarz são importantes

Referências: ARENDT, Hannah. Da violência; tradução de Maria Cláudia Drummond. Sabotagem, 2004. Disponível em: <http://pavio.net/download/textos/ARENDT,%20Hannah.%20Da%20Viol%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 19 de dez. de 2022. AVELAR, Idelber. A genealogia de uma derrota. In: Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 51-103, 2003. CANDIDO, Antonio. A verdade da repressão. Revista USP, n. 9, p. 27-30, 1991. _____. Censura-violência In: Recortes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 222-226, 2004. _____. Crítica e sociologia. In: Literatura e sociedade. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 13-25, 2014. FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. FONSECA, Rubem. Feliz Ano Novo. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. _____. O cobrador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. _____. Lúcia McCartney. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. Campinas: Autores Associados, 2012. LINK, Daniel. O jogo dos cautos (sobre o policial). In: Como se lê e outras intervenções críticas. Chapecó: Argos, p. 69-89, 2002. MANDEL, Ernest. Delícias do crime: história social do romance policial. São Paulo: Busca Vida, 1988. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro; tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a. _____. Genealogia da moral; tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b. _____. A gaia ciência; tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. REIMÃO, Sandra Lúcia. O que é o Romance Policial? 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. SANTIAGO, Silviano. Errata. In: Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e terra, p. 57-63, 1982. SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: O Pai de família e outros estudos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 61-92, 1978. SUSSEKIND, Flora. Tal Brasil, Qual Romance? Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1984.

O BRASIL AUTORITÁRIO E A VIOLAÇÃO DA MEMÓRIA EM "O CORPO INTERMINÁVEL", DE CLÁUDIA LAGE

Thiago Felício Barbosa Pereira

Resumo: Este trabalho objetiva analisar os aspectos da memória presentes no livro O corpo interminável (2019), da escritora Cláudia Lage, cujo tema central observado é as consequências pós-Ditadura Militar brasileira no contexto presente. Essa narrativa, ainda, caracteriza-se pela presença constante de questões traumáticas que desencadeiam e se desenvolvem a narração. Ancorado, portanto, no âmbito da Literatura Comparada e nos estudos sobre memória, observa-se que a obra conta a história de personagens que se confundem com a História do próprio país em busca de um corpo e de um trauma que nunca têm fim. Assim, este artigo busca responder a seguinte questão central: Como a representação da Ditadura Militar na narrativa pós-Ditadura "O Corpo Interminável" contribui para a formação da memória coletiva? Para responder a essa questão central, toma-se por base os estudos e as leituras preconizados por Candido (2006), Dalcastagnè (1996), Seligmann-Silva (2003), Ginzburg (2013), Santiago (2019), Benjamin (2016; 2018), Compagnon (2001) e Sarlo (2007). Ao utilizá-los, opta-se por abordar um panorama ora teórico ora literário, sempre destacando o valor da narrativa literária da escritora Cláudia Lage, pois se percebe com a narrativa a inclinação

traumática como motor propulsor para representar a Ditadura Militar brasileira, contribuindo para uma memória de caráter coletivo.

Referências: BENJAMIN, Walter. O anjo da história. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. DALCASTAGNÈ, Regina. O espaço da dor. Brasília: Editora UNB, 1996. GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. Campinas: Autores associados, 2013. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006. LAGE, Claudia. O corpo interminável. Rio de Janeiro: Record, 2019. SAFATLE, Vladimir.; TELES, Edson (org.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SIMPÓSIO “EQUINÓCIOS DO SEXO: DO TOPOR DAS ALMAS ÀS FISSURAS PROLÁPTICAS DO CORPO”

Hermano de França Rodrigues (UFPB) e Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

A EROTIZAÇÃO POÉTICA DO CORPO FEMININO NOS POEMAS “VOLÚPIA” E “CHARNECA EM FLOR”, DE FLORBELA ESPANCA, E “ÂMAGO” E “PRECE”, DE ALINE CARDOSO

Fernanda Diniz Ferreira

Resumo: O presente artigo consiste em um estudo comparativo entre os poemas “Volúpia” e “Charneca em flor”, de Florbela Espanca, e “Âmago” e “Prece”, de Aline Cardoso. O objetivo é analisar os quatro poemas, ora mencionados, trazendo como cerne da discussão a categoria analítica da erotização do corpo feminino na poesia. A escolha de tais corpora se dá, especialmente, pela ausência de trabalhos no viés que aqui propomos apresentar. Por essa razão, sentimos a necessidade de preenchermos tal lacuna no campo dos estudos críticos literários, levando em consideração a erotização do corpo na escrita poética de duas autoras de épocas e estéticas diferentes, mas convergentes e divergentes sob o olhar de um mesmo tema. Cada estilo traz, como centro das discussões literárias, a exaltação do corpo feminino e a erotização de forma desnuda da sexualidade e das pulsões provocadas pelo amor e pelo prazer sexual. Tal estudo de comparação torna-se pertinente porque durante décadas a maior parte dos estudos literários brasileiros desconsiderou a voz das mulheres na literatura, principalmente quando se tratava de temas eróticos ou sensuais, sendo considerados como depravados ou imorais, reflexo este ainda da tradição patriarcal. Para efeito de legitimidade na análise dos poemas elencados, nos dispomos dos estudos de Freud (1912-1914), Bloom (2021) Bosi (2006), Saffioti (1976), Foucault (1984), dentre outros.

Referências: BLOOM, Paul. Como o prazer funciona: por que gostamos do que gostamos. Tradução: Bruno Moreira Casotti. Rio de Janeiro: BestSeller, 2021. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. CARDOSO, Aline. A proporção áurea do caos. João Pessoa: Editora Escaleras, 2019. ESPANCA, Florbela. Melhores poemas. São Paulo: Editora Global, 2005. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: o uso dos prazeres. v. 2. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. FREUD, Sigmund (1912-1913). Totem e tabu. In: Obras completas de Sigmund Freud. v. 11. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 10-176. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

ESCÂNDALOS ORGÁSTICOS: SOBRE OS SONETTI LUSSURIOSI DE PIETRO ARETINO

Vinícius Bezerra

Resumo: Envolto em uma atmosfera de escândalos no período de sua elaboração, mas livro nunca publicado quando em vida seu autor, os Sonetti Lussuriosi (1525) ficaram condenados a largo esquecimento temporal, quer seja pela circunstância polêmica de seu berço no coração do poder clerical envolvendo inclusive o papa Clemente VII, quer seja pela escassez de edições oferecidas ao público tanto quanto pelo silenciamento da crítica, mesmo em estudos votados à literatura erótica. Nas ricas páginas dedicadas a Aretino em “História da literatura erótica”, Alexandrian oferece não

mais que uma breve menção à obra, inclusive com imprecisões acerca de aspectos como data de confecção e extensão. Coube ao poeta e ensaísta José Paulo Paes oferecer ao público brasileiro uma bela edição bilíngue da obra acompanhada de um estudo crítico que esquadrinha a "retórica do orgasmo" que, segundo ele, consubstancia a obra. O pujante e mordaz estilo satírico da poética aretiniana se coloca como um libelo imortal à emancipação da criação literária frente às coações da agenda moral ou da sujeição ao interesse mecenato, em um raro momento histórico de ampliação do arco de liberdade no âmbito da Renascença italiana. Nosso trabalho pretende resgatar a força seminal destas "bagatelas licenciosas", conforme nomeadas por seu autor, em sua celebração impudica e hedonista do princípio do prazer dedicada a todos os censores hipócritas que conservam o "sujo costume de dizer aos olhos que não podem ver o que mais os deleita".

Referências: ALEXANDRIAN. História da literatura erótica. Tradução de Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. ARETINO, Pietro. Sonetos luxuriosos. Tradução, ensaio crítico, notícia biográfica e notas de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Record, 1981. PAES, José Paulo. Notícia biográfica; Uma retórica do orgasmo. In: ARETINO. Op. cit.

SIMPÓSIO "ESCRITA DE MULHERES: LUTAS, OLHARES E RESISTÊNCIAS"

Ana Maria Chiarini (UFMG), Anne Greice Soares La Regina (UFSB) e Silvia La Regina (UFBA/UFSB)

OS CADERNOS DE MULHERES NOS ROMANCES CADERNO PROIBIDO, DE ALBA DE CÉSPEDES, E QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Ana Maria Chiarini

Resumo: A proposta desta comunicação é analisar a escrita de um caderno íntimo, ou diário, que é ficcionalizada no romance da brasileira Maria Valéria Rezende, de 2014, e no romance da ítalo-cubana Alba de Céspedes, lançado na Itália em 1952, depois de publicado em capítulos numa revista semanal. Enquanto Quarenta Dias conquistou a justa atenção da crítica e o Prêmio Jabuti, o romance italiano, à sua época, foi um sucesso de público desde logo etiquetado como literatura feminina de entretenimento, tendo sido reavaliado, e revalorizado, apenas nos últimos anos. Motivo principal da proposta deste exercício comparativo, a publicação de Caderno Proibido no Brasil (tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo, Companhia das Letras), em 2022, vem na esteira da redescoberta da obra na Itália em paralelo ao sucesso internacional de Elena Ferrante, que cita de Céspedes como uma de suas escritoras preferidas. Valeria – funcionária em um escritório, dona de casa e mãe de dois filhos adultos na Roma do pós-guerra – e Alice – professora, viúva, obrigada a se mudar de João Pessoa para Porto Alegre para cuidar do futuro neto – são as duas identidades narrativas que se analisam e se organizam ao mesmo tempo que escrevem seus cadernos, tangendo notas comuns, malgrado a distância espacial e o intervalo de mais de sessenta anos que as separam. Os relatos das experiências das duas protagonistas, já maduras na maternidade, serão considerados tanto no que têm de íntimo e invisível, isto é, a construção, às escondidas, de arquivos de memória de mulheres, fadados a serem destruídos ou engavetados, quanto no que manifestam de vigor e autoconscientização. Autores que se ocupam de escrita autobiográfica, como Leonor Arfuch e Eurídice Figueiredo, e estudos que associam cuidado e gênero, como Guimarães e Hirata (2019), darão suporte ao trabalho.

Referências: .

ENTRE A SOMBRA E A LUZ, OU O QUE HÁ EM COMUM ENTRE EURÍDICE GUSMÃO E DILMA ROUSSEF

Anne Greice Soares La Regina

Resumo: A comunicação propõe uma análise da difícil dialética entre a invisibilidade histórica das mulheres no Brasil e a conquista da presidência do país em 2010, fato que colocou a primeira presidenta da república no centro dos holofotes. Privilegia-se, como ponto de partida, compreender historicamente as narrativas que determinaram a invisibilidade pública da mulher na sociedade, formatando-a como um fantasma social, uma presença-ausência constante e irresolúvel, como na história contada por Martha Batalha, um drama que não é particular, mas coletivo, pois percorre a existência de todas as personagens da trama, mulheres que viveram na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1950, marcadas pela impossibilidade, pela negação de si mesmas e de

suas existências desejanças. A experiência do sofrimento político é o fio condutor e o elo entre as vidas contadas pela autora para delinear a humilhação social que é parte do cotidiano de todas elas, afetando-as psicologicamente, apesar de se originar de um fato político que decorre da desigualdade política praticada, tolerada e fundamentada nas sociedades pelas mais diversas narrativas. Passados cinquenta ou sessenta anos, observa-se uma mudança no que diz respeito à participação feminina na sociedade, principalmente com a eleição de Dilma Rousseff em 2010 e com a renovação do seu mandato em 2014. Pretende-se investigar o que significou esta decisão do eleitorado e como outras forças sociais agenciaram os mais diversos interesses para mobilizar narrativas que, girando em torno do governo, em geral incidiam e alvejavam menos a chefe de Estado e mais a mulher ocupante de um cargo público, sobre quem pousavam todas as luzes e atenções. Busca-se refletir em que medida discursos arraigados e ainda remanescentes na sociedade contemporânea tensionam com as novas visibilidades femininas.

Referências: BATALHA, Martha. A vida invisível de Eunice Gusmão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. DEMOCRACIA EM VERTIGEM. Direção: Petra Costa. Produção de Joanna Natasegara, Shane Boris, Tiago Pavan. Brasil: 2019. Disponível na Netflix. GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública. COSTA, Fernando Braga: _____. Homens invisíveis. São Paulo: Editora Globo, 2004. p. 09-47. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 17 ed. Tradução de Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008. SCOTT, Joan. A história das mulheres. BURKE, Peter (Org). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FUGAS CONSTITUTIVAS NA LITERATURA DE ELVIRA VIGNA

Bianca Magela Melo

Resumo: Escorregar de nomeações é um dos caminhos escolhidos por Elvira Vigna (1947-2017) para configurar perfis complexos de mulheres. Medulares, pois com a palavra como narradoras, rejeitam constituição centralizadora ou final. Como professando uma pobreza de experiência, ao modo do que afirmou Walter Benjamin para parte das vanguardas do século 20, é comum que elas oscilem em seu papel: “vou contar uma história que não sei bem como é. Não vivi, não vi. Mal ouvi. Mas acho que foi assim mesmo” (In Como se estivéssemos em palimpsesto de putas). Neste ponto, diferem de alguns textos de autoria feminina que, para expressar o lugar das vozes que apresentam, precisaram gritar ou escrever textos pronunciadamente diretos e com graus de violência nos temas e na escrita. Elvira Vigna não grita nomes, apesar de lidar com a temática da violência como uma cadeia que vai reverberando em novas ações. Há sempre no ar a densidade de coisas não resolvidas, como uma identidade duvidosa, um assassinato, um roubo. E as narradoras são observadoras misteriosas e suspeitas – às vezes de estarem envolvidas criminalmente. Ocupar o lugar de mulher nas ficções de Elvira Vigna não é restrito às que têm um corpo com genitália feminina. Shirley Marlone, narradora de Deixei ele lá e vim, esconde um nome e um corpo masculinos, assim como a travesti Lurien, de Como se estivéssemos em palimpsesto de putas. O corpo mutante é um dos trânsitos desestabilizadores das nomeações costumeiras nessas ficções. Indefinição extensiva ao texto: romance com características do ensaio e do solilóquio de uma narradora sem autoridade para narrar: na direção do questionamento de campos ou, como definiu Josefina Ludmer, de uma literatura pós-autônoma. O termo, associado a ficções que atravessaram a “fronteira literária” e não cabem em definições, apresenta-se afim à mencionada literatura e à instabilidade sugerida.

Referências: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: “Experiência e pobreza”. In Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet; Revisão técnica: Márcio Seligmann-Silva. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2016. LUDMER, Josefina. “Literaturas pós-autônomas”. Ciberletras, n 17, jul. 2007. VIGNA, Elvira. Como se estivéssemos em palimpsesto de putas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. VIGNA, Elvira. Deixei ele lá e vim. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POÉTICAS DA PERFURAÇÃO: UM ESTUDO DE ALGUMA POESIA ESCRITA POR MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

Carla dos Santos e Silva Oliveira

Resumo: Como vaticinou Ana Cristina Cesar, em “Literatura e mulher: essa palavra de luxo”, a discussão acerca da escrita de autoria de mulheres se encontra, ainda, longe de um remate, a despeito dos questionamentos impelidos sobre a categoria “mulher”, a partir das fundamentações de pensadoras como Audre Lorde e Judith Butler, que se desdobram há décadas. A quantidade de simpósios, na presente Abralic, que privilegia o debate teórico mediante uma perspectiva de gênero confirma tal afirmação. Nesse encadeamento, esta proposição parte do desejo de compreender certo ímpeto violento encontrado em alguma poesia escrita por mulheres, materializado na insistência de determinado gesto perfurador presente nessas obras, cujas temáticas tratam de impasses que se apresentam à contemporaneidade, como a questão reprodutiva, a violência, a desigualdade entre os estratos sociais no Brasil etc. Para além do enfrentamento do androcentrismo branco, esse atributo belicoso será contraposto com um caráter propositivo que constitui, também, esses projetos literários, considerando as ferramentas – punho, martelo, coice e bombas – e os artifícios poéticos – humor causticante, manejo da brutalidade, recursos visuais etc. – utilizados pelas autoras. Dentro desse contexto, este estudo observará como as poetisas, em seus trabalhos, criam aberturas para outros sentidos, no que diz respeito ao que se convencionou chamar de “mulher”, “feminino” e “nacional”. Para tanto, esta comunicação lançará mão dos livros *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas; *O martelo*, de Adelaide Ivánova; *O coice da égua*, de Valeska Torres; e *Onde estão as bombas*, de Tatiana Pequeno. Por fim, com o auxílio de reflexões irrompidas por Heloisa Buarque de Hollanda, em *As 29 poetisas hoje*, pretende-se trazer breves apontamentos sobre a presença da referida poética na cena contemporânea, tendo em vista a possibilidade de construção de um novo cânone, em se tratando da poesia de autoria de mulheres.

Referências: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. Prefácio: Alice Sant'Anna. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naif, 2012. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *As 29 poetisas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. IVÁNOVA, Adelaide. *O martelo*. Rio de Janeiro: garupa, 2017. LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019. TORRES, Valeska. *O coice da égua*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

VICTORIA COLONNA, ESQUECIDA PIONEIRA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Cilza Carla Bignotto

Resumo: Em 1875, a editora B. L. Garnier lançava “As manhãs da avó: leituras para a infância”, de Victoria Colonna. O livro foi bem recebido pela crítica e, em 1877, a Garnier publicou uma nova edição, revista e aumentada, do livro infantil. Victoria Colonna seria o pseudônimo de uma “distintíssima escritora brasileira”, segundo Sacramento Blake. Permanece desconhecido o nome por trás do pseudônimo, o qual remete à Marquesa de Pescara, musa de Michelângelo e um dos principais nomes da literatura italiana quinhentista. A escritora (ou escritor?) que usava o pseudônimo colaborou no *Jornal das Famílias*, de Garnier, entre 1863 e 1878, e traduziu pelo menos duas obras francesas para a casa editora. “As manhãs da avó” parece ter sido o primeiro livro infantil brasileiro. No entanto, não é sequer mencionado na maior parte dos trabalhos sobre história do livro para crianças no país. Obras posteriores, como “Contos infantis” (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, e “Contos da Carochinha” (1894), de Alberto Figueiredo Pimentel, costumam ser apontados como precursoras da literatura infantil nacional. Esta comunicação pretende defender a hipótese de que “As manhãs da avó” teria sido o primeiro livro infantil brasileiro, além de apresentar conjecturas sobre a identidade de Victoria Colonna, suas estratégias de autoria e seu apagamento das histórias do livro e da literatura nacionais.

Referências: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da leitura*. São Paulo: FAPESP, 2000. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. Unesp; Fundação Biblioteca Nacional, 2010. ARIËS, Philippe. *História social da criança e*

da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1967. BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Trad. de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996. BRUNO, G. Chiquinho: encyclopedias da infância. Tradução de Victoria Colonna. 2.ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1881. COLONNA, Victoria. As manhãs de uma avó: leitura para a infância dedicada às mães de família. 2a ed. melhorada. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1877. Disponível em: <gallica.bnf.fr> CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo: Ed. Unesp, 2014. COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira. São Paulo: EDUSP, 1995. COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 6a ed. São Paulo: Ática, 1997. COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. 3 ed. São Paulo: Quiron, 1985. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Vidas de Romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos. 1890-1930. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. GRANJA, Lúcia. Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros). In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia Regina de. Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas: Ed. da UNICAMP, 2018. p. 55-80. GRENBY, Matthew O. Children's literature. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008. HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. HUNT, Peter. Children's literature: an illustrated history. Oxford: Oxford University Press, 1995. HUNT, Peter. (Ed.) International Companion Encyclopedia of Children's Literature. London; New York: Routledge, 1996. HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A Formação da leitura no Brasil. 3a ed. São Paulo: Ed. Ática, 1999. _____. A leitura rarefeita. Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991. _____. Literatura infantil brasileira: histórias & histórias. São Paulo: Edunesp, 2022. _____. Um Brasil para crianças. São Paulo: Global, 1986. LEÃO, Andréa Borges. Brasil em Imaginação: livros, impressos e leituras infantis. 1890-1915. Tese (doutorado em sociologia). Universidade de São Paulo, 2002. LERER, Seth. Children's literature: a reader's history, from Aesop to Harry Potter. Chicago, US: The University of Chicago Press, 2008. PINHEIRO, Alexandra. Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>. RAFFAINI, Patrícia. Livros para morar: uma história dos livros para crianças e jovens no Brasil (1860-1920). São Paulo, 2019. SHAVIT, Zohar. Poetics of Children's Literature. Athens, US: The University of Georgia Press, 1986. TAMBARA, E. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. Disponível em: <www.26reuniao.anped.org.br/trabalhos/elomarantoniotambara.rtf>. ZILBERMAN, Regina. Leituras para a infância no século XIX brasileiro. In: Fronteiras: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, n. 17, dezembro de 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiras/article/view/29413>> A

CORPO FEMININO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM AS MENINAS E AS TRÊS MARIAS

Daiane de Moura Rodrigues

Resumo: A partir das produções literárias produzidas por mulheres, proponho através deste estudo, analisar os romances, *As três Marias* (1934), de Rachel de Queiroz, e *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, narrativas estas que nos apresentam a trajetória e os dilemas da vida de seis jovens mulheres, personagens brasileiras que viveram, respectivamente, na segunda metade do século XX. É importante observar que os corpos femininos, representados nos romances, são de mulheres brancas, da burguesia ou classe média baixa e que portanto, faz-se necessário refletir sobre a necessidade de repensar as teorias feministas a partir do problema em torno de uma narrativa que serve para afirmar a exclusão das mulheres negras. Estas personagens exploram questões pertinentes à condição da mulher na sociedade, refletem a luta feminina, o não conformismo, o sexismo, a objetificação da mulher massacrada pelo meio social e a sua tentativa de emancipação. Ambos os livros conferem ao texto literário o caráter de apresentação da figura feminina em determinada época, mas não somente essa reflexão está em destaque, vertentes políticas, religiosas e filosóficas também circulam nestes enredos. Tanto em *As Meninas* (1934), como em *As três Marias*

(1973) é possível desvendar o lugar do corpo feminino e as representações de violência de gênero que aparecem nos romances. A esse respeito, primeiramente nos interessa traçar quais foram esses episódios e quais identidades foram desconstruídas a partir dessas representações. Com tal dinâmica, busca-se através desta pesquisa entender as convergências e divergências presentes nessas representações e como estes corpos femininos impulsionam o texto literário. Para tal, buscarei teóricos/as dos estudos literários tais como: bell hooks (2018), María Lugones (2019), Guacira Lopes Louro (1997), Constância Lima Duarte (2009), Carlos Magno Gomes (2010), Regina Dalcastagnè (2001), Angela Davis (2016), Heleieth Saffioti (2015), dentre outros/as.

Referências: BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2022. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução: Maria Helena Kühner. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2021. BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silviano. A mulher escrita. São Paulo: Casa Maria, 1989. BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 213-230. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Orgs). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 313-321. CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. COSTA, Ronaldo Fernandes. O narrador do romance e outras considerações sobre o romance. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996. DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. 2001. Disponível em: https://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/3_di_logos_latinoamericanos/5aregi-na-unb-personagens.pdf. Acesso em 23, fev. 2021 DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. DUARTE, Constância Lima. Feminino Fragmentado. 2009. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19182>. Acesso em 27, fev. 2021, p. 01. FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. FEDERIC, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. FIGUEIREDO, Eurídice. Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. GOMES, Carlos Magno. A aula de alteridade em O quinze. Revista Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UFRJ, (2010). Disponível em: https://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/3_di_logos_latinoamericanos/5aregi-na-unb-personagens.pdf. Acesso em 27, fev. 2021 GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. In: Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, V. 13. P. 01-13, 2013. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3981>. Acesso em: 10 out. 2021. HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 121-155. LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 357-377. NITRINI, Sandra. Literatura comparada: História, Teoria e Crítica. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. QUEIROZ, Rachel. As três Marias. Rio de Janeiro: TAG e José Olympio, 2017. _____, Rachel. As três Rachéis. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, Raquel de Queiroz. n. 4, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 10-27. _____ & QUEIROZ, Maria Luiza de Queiroz. Tantos anos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. 2 ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para

análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49- 80. SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 251-268 SOARES, Daniela Rezende. Das três estrelas à pirâmide: um estudo das personagens femininas em *As três Marias* de Rachel de Queiroz e *As meninas* de Lygia Fagundes Telles/ Daniela Rezende Soares. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2018. Disponível <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=lygia+fagundes+telles&type=AllFiels> Acesso em 20, jan. 2020. TELLES, Lygia Fagundes. A disciplina do amor. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. _____, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. _____, Lygia Fagundes. Durante aquele estranho chá. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. _____, Lygia Fagundes. Inventário dos rastros. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, n. 5. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014. XAVIER, Elódia. Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

DA CARTA À RAINHA LOUCA AO MAR DE ROSAS: A MULHER PRESENTEMENTE ENTRE O ALVO E A SETA

Deivanira Vasconcelos Soares

Resumo: A identidade de “mulher-resistência” na realidade ficcional, com fundo histórico setecentista, é o impulso reflexivo desse estudo. Recortamos para essa comunicação parte da tese de doutoramento, que tem como principal base a voz denunciadora de Isabel, personagem do romance *Carta à rainha louca* (2019), de Maria Valéria Rezende, posta em diálogo com Felicidade, do filme *Mar de rosas* (1977), de Ana Carolina. A pesquisa analisa, de forma crítica, os desdobramentos da existência das personagens diante das concepções de tempo e da passagem real deste, o que contribui para a elaboração da tese de que há um tempo presentemente que atualiza problemas sociais que empatam a plena existência da “mulher”, em uma multiplicidade de ser e de compor o corpo social. Além disso, discute, a partir do romance e de entrevistas com Rezende, o que faria a acusação de uma persona do século XVIII ressoar familiar para mulheres do século XX, na análise de Felicidade [filme], e impulsionar a voz-resistência da escritora do século XXI. A tese desenvolve-se considerando os contextos em que Isabel [romance], e as identidades femininas com que ela dialoga viveram/vivem, ficcional e historicamente, sem fugir às necessárias discussões que pautam a temporalidade na narrativa e na filosofia. A base teórica que fundamenta o tempo na pesquisa discute, a partir de metodologias feministas contemporâneas, contribuições de Ricoeur (2010), Deleuze (2012 / 2021), e Agamben (2005 / 2021), e outros; na ponte pela necessária discussão histórica, social e política que o romance exige, buscamos Mary del Priore (2019 / 2020), Liana Reis (1989), Flávia Biroli (2014), Carla Akotirene (2020), Virgínia Woolf (2019), Bourdieu (2018), e Sueli Carneiro (2011). A tese é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação do professor Doutor Pedro Brum Santos, em etapa de qualificação.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: Destrução da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. AGAMBEN, Giorgio. O tempo que resta: Um comentário à Carta aos Romanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Janaína, 2020. BOUDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kühner. 6. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2018. CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo negro, 2011. DELEUZE, G. Bergsonismo. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2012. DELEUZE, G. Diferença e repetição. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. BIROLI, Flávia. Autonomia, dominação e opressão. In: MIGUEL, Luis Felipe. Feminismo e Política. São Paulo: Boitempo, 2014. BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, MIGUEL, Luis Felipe. Feminismo e Política. São Paulo: Boitempo, 2014. PRIORE, Mary del. D. Maria I: as perdas e as glórias da rainha que entrou para a história como “a louca”. São Paulo: Benvirá, 2019. PRIORE, Mary del. Sobreviventes e guerreiras: uma breve história

da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Benvirá, 2020. REZENDE, Maria Valéria. Carta à rainha louca. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019. REIS, Liana Maria. A Mulher na Inconfidência Mineira (Minas Gerais - 1789). Revista do Departamento de História, FAFICH/UFMG - Belo Horizonte, n.9, 1989. RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. WOOLF, Virginia. Um quarto só seu. Porto Alegre: L & PM, 2019.

INTELECTUAIS RUSSAS DO SÉCULO XIX: PARTICIPAÇÃO E LUTA

Denise Regina de Sales

Resumo: O objetivo desta comunicação é percorrer o universo das mulheres russas do século XIX, sobretudo das intelectuais que conquistaram espaço no clássico mundo masculino, a fim de refletir sobre a participação e resistência feminina na sociedade da época. O percurso será feito pela apresentação e análise de textos de Elizavieta Nikolaievna Vodovozova (1844-1923), escritora e pedagoga. Vodovozova vivenciou as primeiras mudanças progressistas no ensino para moças no Império Russo, acompanhou as transformações sociais e políticas dos anos de 1860 e testemunhou os acontecimentos dos primeiros anos pós-revolução. Seu livro de memórias – ? ???? ???? (No alvorecer da vida) – é leitura fundamental para quem quer entender os movimentos e mudanças sociais da virada do século XIX para o XX em seu país. Com perspicácia e visão histórica, Vodovozova confere a suas experiências pessoais um significado social amplo, elucidador o fio que une o movimento das mulheres à teia das transformações nacionais. Seus textos nos ajudam a pensar várias questões de sua época – a formação das intelectuais, o comportamento e as possibilidades das mulheres, as mudanças sociais provocadas pela abolição da servidão... Para tratarmos do texto da autora russa no contexto brasileiro, utilizamos o conceito de polissistema literário, de Itamar Even-Zohar, que reconhece o papel fundamental da tradução nas trocas literárias. A inspiração para as reflexões apresentadas vem do trabalho pioneiro de Graziela Schneider a respeito da emancipação feminina na Rússia soviética.

Referências: VODOVOZOVA, Elizavieta Nikolaievna. ? ???? ???? [No alvorecer da vida]. Vol. 1. Moscou: Khudojestvnaia Literatura, 1964. Disponível em http://az.lib.ru/w/wodowozowa_e_n/text_0020.shtml Acesso: 08 maio 2023. SCHNEIDER, Graziela Urso (org.). A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo: Boitempo, 2017. EVEN-ZOHAR, Itamar. “A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário”. Trad. Leandro de Ávila Braga. In: Revista Translatio, n. 3, 2012.

CORPO-TERRA-CASA: MATERIALIDADE E FLUIDEZ DOS TERRITÓRIOS FEMININOS EM COMETIERRA

Élida da Silva Fernandes

Resumo: Este trabalho consiste em analisar as diferentes representações do corpo feminino no romance Cometierra, da argentina Dolores Reyes. Na obra, a personagem de uma jovem moradora da periferia que tem o hábito de comer terra desmitifica alguns dos lugares comuns silenciados sobre o corpo violentado de muitas mulheres. A terra, que guarda direta relação com as histórias que precisam ser reveladas na trama, funciona como uma conexão material com o corpo feminino da jovem protagonista. Em contrapartida, o seu corpo se coloca a serviço do corpo social, na medida em que auxilia aqueles que buscam desvendar os enigmas acerca dos crimes cometidos contra mulheres. Levando-se em consideração o histórico de banalização da violência contra mulheres e o fato de tão somente há pouquíssimos anos conseguirmos nomear esse tipo de violência como feminicídio, fica evidente a necessidade de debatermos esse assunto a partir de um outro lugar: o relato de uma personagem e de uma autora que falam a partir da periferia. É importante observarmos, em Cometierra, a representação do corpo feminino em suas diferentes esferas: política, geográfica, social e simbólica. A obra nos convida a pensar o corpo feminino como um território vivo, que dialoga com suas representações, levando-nos também a refletir sobre sua fluidez enquanto elemento que busca se conectar com a terra no processo da investigação de seu próprio desenvolvimento e na materialização de sua existência como espaço-casa. A partir dessas reflexões, é possível depreender na trama certas problemáticas das relações de poder sobre o corpo feminino que marcam as dinâmicas sociais nas margens de uma grande metrópole.

Referências: BACHELARD, Gaston, A casa e o universo, In: Os Pensadores, Poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. BARNSEY, J. El cuerpo como territorio de la rebeldía. Caracas: Unearte, 2006. BARTHES, Roland. O mito, hoje. In: Mitologias. Tradução Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato, orgs. Brasil: questões atuais da reorganização do território. 3a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. 2017. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. Solar, vol. 12, n. 1, p. 35-46. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1997 (1980) Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34. ECHEVERRÍ, J. A. 2004. Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: diálogo intercultural? In: Surrallés, A. e García Hierro, P. (orgs.) Tierra adentro: territorio indígena y percepción del entorno. Copenhague: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. _____. 2014. Viver no Limite. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. _____. 2020. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): Contribuições decoloniais. Revista Geographia, vol: 22, n.48, p. 75-90. _____. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina / Rogério Haesbaert. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021. Libro digital, PDF MORAES, Antonio Carlos Robert. Território na Geografia de Milton Santos. São Paulo: Annablume, 2013. LINDÓN, A. 2012. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado betweeness. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção v. 11, n. 33, p. 698-723. REYES, Dolores. Cometierra. Buenos Aires: Sigilo, 2019. SANTAELLA, Lucia. Corpo e comunicação: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004. SEGATO, Laura Rita. La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez. - 1a. ed. - Buenos Aires : Tinta Limón, 2013. _____. La Guerra contra las mujeres. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016. _____. Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres. México, DF: Pez en el Árbol, 2014. ZARAGOCIN, S. 2018a. La Geopolítica del útero: hacia una geopolítica feminista decolonial en espacios de muerte lenta. In: Cruz, D. e Bayon, M. (orgs.) Cuerpos, territorios y feminismos. Quito: Abya Yala y Estudios Ecologistas del Tercer Mundo.

CÂNONE E MEMÓRIA DOS ESPAÇOS NA NARRATIVA NIPO-BRASILEIRA SOB DOIS HORIZONTES, DE MITSUKO KAWAI

Francisca Laila Ribeiro Pinto, Joy Nascimento Afonso

Resumo: Este artigo pretende mostrar um recorte da pesquisa de tese sobre a reconfiguração do cânone literário brasileiro com escritoras nipo-brasileiras e os repertórios de exclusão. Tendo em vista a problemática do esquecimento que hostiliza as protagonistas de descendência japonesa ou okinawana, essa pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre espaço e memória, como ensejo para a reorganização da história das mulheres nipo-brasileiras. O romance Sob dois horizontes, de Mitsuko Kawai (1988) apresenta o espaço Japão-Brasil como elemento de discussão da subjetividade de Mitsuko. Na narrativa, a personagem conta sua história ao mesmo tempo que participa do espaço em trânsito, como mais um norte na elaboração de resgate da memória imigrante. O deslocamento de Mitsuko na viagem com sua família no intuito de melhores condições de vida, possibilita uma convivência configurada por inter-relações e a sugestão de reelaboração de uma memória no movimento de crítica ao cânone literário. O protagonismo da personagem é destoante por demonstrar a dupla jornada da mulher imigrante: cuidar da casa e ajudar na plantação de café, desmitificar a imagem da mulher japonesa frágil e submissa, e aprender português sozinha. Com a proposta de ampliar os estudos críticos a respeito da produção de escritoras nipo-brasileiras, a pesquisa tem como suporte teórico o questionamento a respeito da invisibilidade e silenciamento relevantes presentes nas histórias literárias, segundo Faedrich (2022), Kolodny (2017), e a recuperação de um passado sobre narrativas de imigração em um espaço dinâmico, conforme Massey (2015). É somente a partir da leitura do texto literário das nipo-brasileiras que poderemos estabelecer critérios críticos de análise (temática, estilo, estrutura etc) abrangendo sua

complexidade sem estruturas essencialistas da herança literária. Pretende-se, assim, discutir a subjetividade de Mitsuko a partir de suas lembranças pelo espaço, e como estas se relacionam na revisão do cânone.

Referências: FAEDRICH, Anna. Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022. KOLODNY, Annete. Dançando no campo minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Accioli. Traduções da cultura: perspectivas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

HISTÓRIAS DE REPRESSÃO E RESISTÊNCIA: AS MULHERES DE O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLÁUDIA LAGE

Gínia Maria Gomes

Resumo: Em O corpo interminável a escritora faz o resgate dos “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira, dando voz às mulheres militantes desses tempos. Mulheres que se opuseram ao poder vigente, através da militância política e também por desafiarem a sociedade conservadora ao porem em xeque seus valores conservadores, que tinha a submissão como baliza. O romance dá voz à diferentes mulheres: as que foram para a clandestinidade, sozinhas ou acompanhadas, e as que foram aprisionadas. Nos porões, essas últimas foram submetidas aos atos mais hediondos. Entre as violências que os agentes repressores lhes impingiram, o estupro tem um lugar de destaque; porém, não escaparam de outros tipos de tortura, as quais são expostas no romance. Essas mulheres catalizaram a fúria dos algozes que eram implacáveis contra elas, pois rompiam com o estereótipo conservador vigente. Elas mostram no corpo as sevícias a que foram submetidas. Em uma das histórias, uma jovem, já em liberdade, no aeroporto, prestes a partir para o exílio, exhibe no corpo as torturas sofridas. Nessas histórias, a resistência das mulheres está posta, sobretudo daquelas que passaram pelos porões. Nessa comunicação pretende-se dar luz a essas mulheres, pondo em foco a resistência e a dignidade de que se revestiram, mesmo nas sessões de tortura. Entre os textos que servirão de suporte para essa discussão estão: Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural (2011), de Aleida Assmann; Lembrar escrever esquecer (2006), de Jeanne Marie Gagnebin; e Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios (2017), de Maria Amélia de Almeida Teles.

Referências: ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

AS AUTONARRATIVAS DE MARIA PILLA E PETRA COSTA COMO ATOS POLÍTICOS DE CONTESTAÇÃO AOS DISCURSOS GOLPISTAS DE ABRIL DE 1964 E ABRIL DE 2016

Isis Duarte Fernandes, Rachel Esteves Lima

Resumo: Este trabalho se propõe a questionar e problematizar as linhas e estratégias narrativas de Petra Costa em Democracia em Vertigem e de Maria Pilla em Volto semana que vem como autonarrativas dos golpes, investigando, ainda, seus engajamentos políticos e seus discursos de protesto e contestação através da literatura e do cinema. Lançando mão dos conceitos de memória e verdade como operadores críticos, busco estabelecer uma relação entre as obras em suas retomadas das vozes silenciadas pela tradição autocrática brasileira (em específico, no período que sucedeu ao golpe midiático-civil-militar de 1964 e no que compreendeu a articulação e a concretização do golpe midiático-civil-parlamentar de 2016). Nesse contexto, Democracia em Vertigem insere-se, pelo seu leitmotif sócio-estético e pela subjetividade narrativa manifesta, em um corpus de construção da memória do golpe e em um movimento de reflexão acerca do recrudescimento do autoritarismo no horizonte brasileiro dos afetos políticos. Da mesma forma,

Volto semana que vem se inscreve em uma longa e hoje reconhecida tradição de mulheres que (re)emergem literariamente após os anos de chumbo, seja através das memórias das sobreviventes, seja por meio das histórias contadas pelas descendentes de militantes (DI EUGENIO, 2020). As autoras interseccionam, assim, tal como quem traça uma arqueologia do golpe de 2016, a herança ditatorial e o novo avanço do protofascismo. Demonstro, por fim, como tais narrativas não se resumem a registrar fatos históricos ou a descrever as agruras e violências enfrentadas pelos movimentos sociais, mas se propõem, como obras esteticamente multifacetadas, a reconstruir, a partir da ótica da subjetividade recalcada e traumatizada, os caminhos da memória-reflexão. Esse processo tenta tirar sentido do fantasma golpista incrustado no imaginário cultural do Brasil-nação, a fim de desvelar o inaudito histórico e, assim, quebrar sua corrente de padrões atávicos de opressão, injustiça social e autoritarismo.

Referências: ALTMAN, B. Cada pedaço de 'Democracia em Vertigem' é um golpe no estômago que estremece o espectador. Folha de São Paulo, São Paulo, 2019 (versão digital). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/cada-pedaco-de-democracia-em-vertigem-e-um-golpe-no-estomago-que-estremece-o-espectador.shtml> AVILA, G. Democracia em Vertigem | Governo usa conta oficial para criticar Petra Costa. Omelete, s/n, fev 2020 (website). Disponível em: <https://www.omelete.com.br/oscar/democracia-em-vertigem-conta-oficial-governo-critica-petra-costa> AZEVEDO, D. L. Memórias do esquecimento: a construção de um olhar humanitário sobre a ditadura no Brasil. In: TELES et al (org.). Espectros da ditadura: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006. BALTAR, M. Entre afetos e excessos – respostas de engajamento sensório-sentimental no documentário brasileiro contemporâneo. rebecca, v. 2, n. 2, p. 60-85, jul-dez 2013. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/95/24>. BUCHWEITZ E SILVA, J. Memória feminina e ditadura militar brasileira: um estudo sobre Volto semana que vem. Scripta Uniandrade, v. 19, n. 3 (2021), p. 162-174. Curitiba, Paraná, Brasil. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/2140> COUTINHO, E. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 15, p. 165-191, set. 15, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11228/8234> DALCASTAGNÈ, R. Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado. Vinhedo: Horizonte, 2012. _____. O que o golpe quer calar: literatura e política no Brasil hoje. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 13-24, 2018. DOI: 10.5007/2175-7917.2018v23n2p13. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2018v23n2p13>. DEMOCRACIA em Vertigem. Direção: Petra Costa. Brasil: Netflix, 2019. DI EUGENIO, A. A re-emergência literária de vozes e memórias femininas silenciadas durante a ditadura militar brasileira. DIACRÍTICA, Vol. 34, n.º 2, p. 236-248, 2020. Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/524/165>. FAEDRICH, A. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. Itinerários, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8165/5547>. FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. FREIRE, M. O cine-eu, ou como o planeta passou a girar em torno do meu umbigo. RuMoRes, v. 13, n. 26, p. 294-309, 12 dez. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/161129>. GALLE, H. A autoficção na literatura alemã contemporânea e suas distinções. Itinerários, Araraquara, n. 40, p.147-166, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8171/5553>. GALVÃO, A. C. ZAIDAN, J. C. S. M. SALGUEIRO, W. (Orgs.). Foi golpe! O Brasil de 2016 em análise. Campinas: Pontes Editores, 2019. GARRAMUÑO, F. A literatura fora de si. In: _____. Frutos estranhos. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. São Paulo: Rocco, 2014, p. 31-48. GRIERSON, J. FROM "FIRST PRINCIPLES OF DOCUMENTARY" (UK, 1932)". Film Manifestos and Global Cinema Cultures: A Critical Anthology. Berkeley: University of California Press, 2014, pp. 453-459. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1525/9780520957411-125/html> HALL, S. Cultura e

Representação. Tradução de William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio/Apicuri, 2016. KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. MACHADO, J. 1964: Golpe midiático-civil-militar. Porto Alegre: Sulina, 2014. MARTINS, A. F.; MACHADO, P. Imagem-performada e imagem-atestação: o documentário brasileiro e a reemergência dos espectros da ditadura. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 28, p. 70-82, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n28/v14n28a07.pdf>. NICHOLS, B. Introdução ao documentário. São Paulo: Papirus, 2005. PAIM, L. PORTO, A. Maria Regina Pilla relembra momentos da ditadura e de tortura, sem rancor ou truculência. *Sul21*, s/n, nov 2015 (versão digital). Disponível em: <https://sul21.com.br/em-destaque/2015/11/maria-regina-pilla-relembra-momentos-da-ditadura-e-de-tortura-sem-rancor-ou-truculencia/> PENAFRIA, M. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1999. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf> PILLA, M. Volto semana que vem. São Paulo: Cosac Naify, 2015. PRESTES, A. L. O historiador perante a história oficial. *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 91–96, 2010. DOI: 10.9771/gmed.v2i1.9607. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9607>. OLIVEIRA, R. P. THOMAZ, P. C. (Orgs.). *Literatura e Ditadura*. Porto Alegre: Zouk, 2020. RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. SAFATLE, V. Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Autêntica, 2016. SAID, E. Humanismo e crítica democrática. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. SANTOS, E. C. SANTANA, W. K. F. Reenunciando Democracia em Vertigem: sob as lentes de Bakhtin e o círculo. *Revista Leia Escola*, Campina Grande, v. 19, n. 3, 2019. sem autor. PEDRO BIAL diz que 'Democracia em Vertigem' é ficção alucinante e tem narração insuportável. *Folha de São Paulo*, s/n, fev 2020 (versão digital). Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/02/pedro-bial-diz-que-democracia-em-vertigem-e-ficcao-alucinante-e-tem-narracao-insuportavel.shtml>. PSDB chama Democracia em Vertigem de "filme de ficção e fantasia". *Exame*, s/n, jan 2020 (versão digital). Disponível em: <https://exame.com/brasil/psdb-chama-democracia-em-vertigem-de-filme-de-ficcao-e-fantasia/>. INDICAÇÃO de 'Democracia em Vertigem' ao Oscar vira guerra política na web. *Correio Braziliense*, s/n, jan 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/13/interna_politica,820197/indicacao-de-democracia-em-vertigem-ao-oscar-vira-guerra-politica-na.shtml SWEET, P. L. The Sociology of Gaslighting. *American Sociological Review*. 2019; 84(5): 851-875. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122419874843>

IDELMA RIBEIRO DE FARIA, POETA DA GERAÇÃO DE 45

Joelma Santana Siqueira

Resumo: Embora a “geração de 45” esteja frequentemente presente em textos historiográficos, críticos e didáticos que tratam da literatura brasileira da segunda metade do século XX, sua compreensão é bastante problemática, posto que tem sido, em livros didáticos, especialmente, considerada como constituindo a terceira geração modernista e tendo por seus representantes os renomados escritores João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector e João Guimarães Rosa; e, em trabalhos de estudiosos que se dedicaram a investigá-la com mais afinco, tem sido observada como um grupo constituído de jovens “rapazes” poetas empenhados em definir-se como daquela geração. Porém, poucos se lembram de que neste grupo também havia mulheres poetas participando de publicações, congressos, revistas, sendo recepcionadas, muitas vezes, pelos poetas que lhes eram contemporâneos. O objetivo da presente comunicação, que tem relação com um projeto de pesquisa sobre a presença das mulheres na geração de 45, é apresentar a escritora Idelma Ribeiro de Faria, nascida em 1914 na cidade de Rio Claro, São Paulo, e falecida em 2002. Além de poeta, foi contista e tradutora de poesia. Dada a dificuldade de obtermos informações sobre sua vida e sua obra, nossa principal fonte de pesquisa foi a imprensa, por meio de periódicos digitalizado e acessíveis na Hemeroteca Digital. Foi possível acompanharmos notícias sobre a participação efetiva da escritora no Clube de Poesia de São Paulo (lançado por fundadores da geração de 45), publicações de seus poemas e contos, traduções, premiações em concurso literário e textos críticos a respeito de sua

poesia. Sua obra foi reunida no volume *Emoção e memória* – obra poética reunida 1949-1999, porém, sua poesia ainda espera por apurados trabalhos de crítica literária.

Referências: CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Editora Clube de Poesia, 1966. FARIA, Idelma Ribeiro de. *Emoção e memória. Obra poética reunida (1949-1999)*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999. MARTINS, Ives Gandra da Silva. “Prefácio”. In: *50 poetas do Clube de Poesia 1945 – 1995*. São Paulo: Clube de Poesia, 1995.

PAGU NO METRÔ: QUANDO BIÓGRAFA E BIOGRAFADA FORMAM O MESMO CORPO DE MULHER

Luciana Borges Conti Tavares

Resumo: O objetivo dessa comunicação é apresentar a análise do romance-biografia “*Pagu no metrô*”, de Adriana Armony, que leva em conta as especificidades de uma narrativa fragmentária e híbrida, que convoca vários gêneros textuais e borra as fronteiras entre o real e a ficção, identificando as relações entre biógrafa e biografada reveladas na narrativa. Essa leitura parte da hipótese de que a pesquisa sobre a vida de Pagu, que dá corpo ao romance, mobiliza não apenas a autora em sua vontade de revelar fatos da vida da biografada, mas, sobretudo, a pesquisadora-mulher que biografa sua personagem-mulher e revela-se no texto. A escrita da obra expõe para o leitor os caminhos percorridos pela autora em busca de sua biografada e cria, assim, um duplo movimento na narrativa: a narradora narra a si própria e narra a outra. A narração de si não se limita apenas a revelar os caminhos percorridos pela pesquisadora, suas conquistas e suas dúvidas, mas também a expor como essa pesquisa reverbera nela. Assim, Adriana, a biógrafa, dá voz a Pagu ao mesmo tempo em que se pensa através da experiência de sua biografada, como ela fosse uma força motriz que mobiliza fatos de sua própria vida, em uma narrativa que ficcionaliza o real.

Referências: Afuch, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010. Armony, Adriana. *Pagu no Metrô*. São Paulo, Editora Nós, 2022. Rago, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2013. Santiago, Silviano. *Grafias de vida – a morte*. Rio de Janeiro, Revista Serrote, n 19, IMS, 2015. Schulmann, Clara. *Cizânias: vozes de mulheres*. Belo Horizonte, Editora Âyiné, 2020. Woof, Virginia. *Mulheres e ficção*. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

ENTRE LO ÍNTIMO Y LO PÚBLICO: MEMORIAS DE ESPAÑA DE 1937 (1992) Y OCTAVIO PAZ EN ESPAÑA, 1937 (2007)

Maria Eugenia Osorio Soto

Resumo: *Memorias de España de 1937 (1992)* y *Octavio Paz en España, 1937 (2007)* recogen algunas de las impresiones que sus autores, Elena Garro (1916 -1998) y Octavio Paz (1914-1998), experimentaron durante su presencia en España en 1937, mientras asistían al II Congreso Internacional de Escritores Antifascistas para la Defensa de la Cultura. Aunque podría sospecharse que se trata de dos miradas o perspectivas complementarias frente a este importante momento histórico, más allá de ello, dan cuenta de formas distintas y distantes de enunciar y de habitar el mundo. Por un lado, emerge una voz desautorizada, esto es, la de una mujer que, sin todavía proyectarse como la escritora e intelectual que hoy conocemos, cuestiona desde su marginalidad las incoherencias e inequidades que observa al interior de los intelectuales —hombres— de izquierda reunidos allí. Por otra parte, la voz autorizada de Octavio Paz, quien para entonces era un poeta en ciernes y simpatizante de ciertas ideas de izquierda, toma protagonismo y nos deja una serie de poemas y ensayos con los que participó en el congreso. Analizaremos entonces las técnicas narrativas que cada autor utiliza para dar cuenta de esa experiencia, es decir, subrayaremos que mientras Elena Garro narra hechos cotidianos con mordaz ironía y humor, Paz universaliza su experiencia bajo el género poético y ensayístico.

Referências: Garro, Helena (1992) *Memorias de España 1937*. Santo de Página . México. Paz, Octavio (2007) *Octavio Paz en España, 1937* . Fondo de Cultura Económica.

AS MULHERES E AS DITADURAS NA AMÉRICA DO SUL: TENSIONAMENTOS ENTRE FICÇÃO, HISTÓRIA, FEMINISMO E RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA EM ROMANCES DE AUTORAS CONTEMPORÂNEAS

Natasha Centenaro

Resumo: Este trabalho analisa e discute as relações entre a literatura produzida por autoras e a temática das ditaduras militares sul-americanas, especificamente, nos casos da brasileira e argentina. Para isso, foram escolhidas duas narrativas em prosa publicadas no Brasil contemporaneamente, *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, e *Mulheres que mordem* (2015), de Beatriz Leal. Nos livros, é possível perceber como a perspectiva das protagonistas, sendo uma narradora autodiegética, em *Azul-corvo* (2010), além de outras personagens mulheres, relacionam-se com questões como a memória, os traumas, a (im)possibilidade de superação dos acontecimentos ainda recentes nas histórias desses países e as suas vivências enquanto mulheres. Por meio das narrativas ficcionais, leitoras e leitores são conduzidas(os) a remontar um percurso histórico com muitas feridas abertas e a se defrontar com movimentos como As Mães e as Avós da Praça de Maio, em Buenos Aires, e com a Guerrilha do Araguaia, no Brasil. Questões como torturas aplicadas em homens e mulheres, violências (físicas, sexuais, psicológicas) específicas contra mulheres, bem como organizações clandestinas de resistências e a participação das mulheres, além das formas como esses regimes ditatoriais civis-militares aconteceram e modificaram o cotidiano das sociedades são abordadas durante a construção dessas personagens pensadas por escritoras. É pela literatura que o horror do trauma e o peso da memória coletiva – vivenciados em corpos torturados, violentados, desaparecidos, sequestrados, mortos – podem ser (re)atualizados, simbolizados e, em certa medida, transcender à própria realidade e à (narrativa) memória dos fatos reais. Busca-se pensar as relações entre a ficção e o real-documental, a história e a memória, a partir de relatos e depoimentos de mulheres que vivenciaram e sobreviveram a esses acontecimentos, tensionando a história com a literatura, a verdade do trauma com a simbolização da narrativa, a experiência individual com a memória social.

Referências: BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. RELATÓRIO. Volume 1. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em 30 de novembro de 2022. _____. Relatório: textos temáticos. Volume 2. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em 30 de novembro de 2022. _____. Relatório: Mortos e desaparecidos políticos. Volume 3. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em 30 de novembro de 2022. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016. CENTENARO, Natasha. Morder para viver e escrever para lembrar: Mulheres que mordem, de Beatriz Leal, e a rememoração do tempo que não pode ser esquecido na América Latina. TRAVESSIAS, v.12, p.160 - 176, 2018. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19369>> Acesso em 25 de novembro de 2022. COLLING, Ana Maria. A Resistência da mulher à ditadura militar no Brasil. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Ventos, 1997. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012. KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson. SAFATLE, Vladimir (Org.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. _____. Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020. FOLHA DE SÃO PAULO. 40 anos do golpe militar na Argentina. Data 24/03/2016. Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/40-anos-do-golpe-militar-na-argentina/>>. Acesso em 02 de abril de 2018. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990. LEAL, Beatriz. Mulheres que mordem. Rio de Janeiro: Motor: Ímã editorial, 2015. LIRA, Suzanna. Torre das donzelas. Documentário. 2018. LISBOA, Adriana. Azul Corvo. Lisboa: Quetzal, 2012. NEVES, Ozias Paese; LIEBEL, Vinícius. Os Regimes Militares no Brasil e na América do Sul - Historiografia e Perspectivas. Revista Eletrônica da ANPHLAC, nº. 18, p. 56-86, jan./jul. 2015. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br/>>. Acesso em 02 de abril

de 2018. ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2013. PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres. Cadernos Pagu, Campinas: Unicamp, n.9, p.9-28, 1995. _____. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. PIZARRO, Ana et al. La literatura latinoamericana como proceso. Buenos Aires: Centro editor de América Latina, 1985. RAGO, Luzia Margareth. A coragem feminina da verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil. CADERNO ESPAÇO FEMININO, 28(2). Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34166>>. Acesso em 2 de dezembro de 2022. _____. A Aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013. _____. Memórias da clandestinidade: Criméia Alice de Almeida Schmidt e a Guerrilha do Araguaia. In: PEDRO, Joana; WOLFF, Cristina. Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone sul. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François, Campinas: Unicamp, 2007 SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios. São Paulo: Alameda, 2017. TELES, Edson. SAFATLE, Vladimir (Org.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. TORRE DAS DONZELAS. Website. Disponível em: <<https://www.torredasdonzelas.com.br/>>. Acesso em 28 de novembro de 2022. VECCHI, Roberto. A impossível memória de Araguaia: um patrimônio sem memorial? In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. THOMAZ, Paulo C. (Orgs.). Literatura e ditadura. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ, E O ESPAÇO SOCIAL EM DISPUTA

Patrícia Helena Baialuna de Andrade

Resumo: A escritora brasileira Eliana Alves Cruz publicou em 2022 Solitária, romance que dialoga de forma muito próxima com a realidade contemporânea de enfrentamento de hierarquias simbólicas por grupos sociais historicamente onerados por um passado colonial e escravagista. Protagonizado por Eunice e sua filha Mabel, o romance explicita e questiona a apreensão do mundo comum que naturaliza certas distinções sociais e as relações de força que mantém tais estruturas na sociedade ainda hoje. Este trabalho propõe a análise de Solitária com o respaldo dos conceitos de poder simbólico e campo, de Pierre Bourdieu. Procura-se apontar para como a voz de Mabel, no desenvolvimento do romance, se opõe e desnuda a violência simbólica empregada contra sua família (e incontáveis outras de afrodescendência no Brasil) desde as memórias da infância até o presente. Esta voz de enfrentamento, ao incitar mudanças começando pela atitude da própria mãe, vem ao encontro da postulação de Bourdieu de que a definição dos princípios de divisão de poder no espaço social podem ser reconstruídas pela tomada de consciência do próprio habitus pelo indivíduo. A construção das personagens – a mãe, uma empregada doméstica; a filha, estudante de medicina – é foco da análise proposta, e também aponta para um movimento lento e gradual de desestabilização das forças que há séculos determinam um lugar de menor prestígio ao negro no Brasil.

Referências: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. CRUZ, Eliana Alves. Solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

AS TRAMAS DAS ENTRANHAS: CORPORALIDADES MATERNAS E MONSTRUOSAS DE DEUSAS PRIMORDIAIS

Sara Camila Barbosa dos Anjos

Resumo: O corpo feminino está representado desde as primeiras obras que nos restaram da antiguidade mediterrânea. Nelas, as representações de seres femininos a partir de perspectivas masculinas pertenciam a um sistema hierárquico, de dominância masculina. Todavia, em algumas dessas narrativas, como é o caso da Teogonia, de Hesíodo, e do En?ma Eliš, podemos observar, com todo o aparato dos estudos de gênero, a presença e agência de personagens femininas no curso da narrativa. Muito dessa ação foi relegada pelos estudos da antiguidade, que dão ênfase às ações de personagens masculinas, ignorando o papel, muitas vezes, crucial de personagens como Gaia (Terra, a deusa primordial na cosmogonia grega arcaica) e Tiámat (deusa primordial de uma cosmogonia

acádio-babilônica). Os corpos dessas entidades participam dessas narrativas e a violência masculina perpetrada contra elas é digna de ser vista em com outros olhos (em seus próprios termos). A mudança de perspectiva nos permite compreender nuances de como esse processo se deu: essas personagens não ficam passivas diante dos acontecimentos, mas agenciam suas maternidades e monstruosidades, promovendo o desenrolar da narrativa desses poemas e a geração de seus respectivos mundos. Ao mesmo tempo, analisar a violência sofrida por seus corpos revela também a violência historicamente sofrida pela natureza, uma vez que Gaia e Tiámat, nessas narrativas cosmogônicas, são mundo, o espaço, a própria terra.

Referências: HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2012. BRANDÃO, Jacyntho Lins. A saga de Apsû no En?ma eliš (tradução e comentários). Nunt. Antiquus, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 221-270, 2020. BRANDÃO, Jacyntho Lins. Ao Kurnugu, terra sem retorno: Descida de Ishtar ao mundo dos mortos. Curitiba: Kotter, 2019. BRANDÃO, Jacyntho Lins. Epopeia da criação: En?ma Eliš. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022. BRANDÃO, Jacyntho Lins. No princípio era a água. rev. ufmg, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 22-41, jul./dez, 2013. GEORGOUDI, Stella. Gaia/Ge. Entre mythe, culte et ideologie. The Norwegian Institute at Athens. Papers from the first international symposium on symbolism at the University of Tromsø, June 4-7, 1998. KIRK, Stan. The Ambivalent Nature of Gaia and the Human Condition in the Poems of Hesiod. The Journal of the Institute for Language and Culture. v. 16. 2012, p. 57-87. LÓPEZ-RUIZ, Carolina. How to start a cosmogony: on the poetics of the beginnings in Greece and Near East. Journal of Ancient Near Eastern Religions, v. 12, p. 30-48, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1163/156921212X629455>. LOPEZ-RUIZ, Carolina. When the gods were born: Greek cosmogonies and the Near East. Cambridge, Mass., London: Harvard University Press, 2010. MERCHANT, Carolyn. The Death of Nature: Women, Ecology and the Scientific Revolution. San Francisco: Harper & Row, 1980. PONGRATZ-LEISTEN, Beate; SONIK, Karen (Ed.). The Materiality of Divine Agency. Boston; Berlin: Walter de Gruyter, 2015. SONIK, Karen. Gender Matters in En?ma Eliš. In BEAL, Richard H.; HOLLOWAY, Steven W.; SCURLOCK, JoAnn (ed.). In the Wake of Tikva Frymer-Kensky. Piscataway: Gorgias Press, 2009, p. 85-101. SUSSMAN, Linda S. The Birth of the Gods: Sexuality, Conflict and Cosmic Structure in Hesiod's Theogony. Ramus 7, 1978, 61-77.

PODEM AS AUTORAS FALAR? O SILENCIAMENTO DAS AUTORAS ITALIANAS DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Silvia La Regina

Resumo: Esta comunicação pretende dar continuidade ao trabalho apresentado na Abralic em 2022, parte de um projeto de pesquisa maior relativo às escritoras italianas de ficção científica. Vou abordar, porém, não especificamente as escritoras e suas obras, mas o processo de silenciamento pelo qual passaram e, parcialmente, ainda passam. O gênero da ficção científica, que ganhou força e projeção no mundo anglo-saxão principalmente a partir da década de 20 do século XX, tradicionalmente sempre teve mais autores e leitores homens, o que não deixa de ser peculiar, considerando que o primeiro romance de ficção científica moderna é Frankenstein, or the Modern Prometheus, de Mary Shelley (1818); as histórias dos autores homens geralmente relegavam as personagens femininas a coadjuvantes de mera decoração, tanto no texto como nas ilustrações. Havia algumas escritoras, mas elas frequentemente adotavam pseudônimos masculinos, tanto nos textos de língua inglesa quanto, e mais ainda, nos textos italianos, que passavam frequentemente por uma dupla camuflagem, fingindo ser obras de autores de língua inglesa traduzidas para o italiano, inventando assim autores e tradutores. Para além disso, o que impressiona é a dificuldade que as autoras italianas encontraram (e ainda encontram) para que suas vozes fossem ouvidas, para que sua subalternidade não impedisse sua fala, além do mais dentro de um gênero literário muitas vezes recalcado e injustamente relegado à mera condição de literatura de consumo. Neste sentido, a sustentação teórica não pode prescindir do clássico woolfiano *A room of one's own*, passando pelo fundamental texto de Spivak e por Umberto Eco.

Referências: ECO, U. Il superuomo di massa. Milano: La nave di Teseo, 2016. CURTONI, V.; DE TURRIS, G; MONTANARI, G. Galassia 113. Destinazione uomo: tendenze della fantascienza italiana. Piacenza: La Tribuna, 1970. DI IACOVO, G. Donne del futuro: scienza e fantascienza al femminile. In RICCI, E,

(org). Verità e funzione nelle rappresentazioni discorsive della modernità e della contemporaneità. Lanciano: Carabba, 2023. IANNUZZI, G. Fantascienza italiana. Milano-Udine, Mimesis, 2014. SPIVAK, G.C. Pode o subalterno falar? Trad. S.R.G. Almeida. M.P. Feitosa, A.P. Feitosa. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014. WOOLF, V. Um teto todo seu. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SIMPÓSIO "ESCRITAS DE MULHERES: LUTAS, OLHARES E RESISTÊNCIAS"

Ana Maria Chiarini (UFMG), Anne Greice Soares La Regina (UFSB) e Silvia La Regina (UFBA/UFSB)

OS CADERNOS DE MULHERES NOS ROMANCES CADERNO PROIBIDO, DE ALBA DE CÉSPEDES, E QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Ana Maria Chiarini

Resumo: A proposta desta comunicação é analisar a escrita de um caderno íntimo, ou diário, que é ficcionalizada no romance da brasileira Maria Valéria Rezende, de 2014, e no romance da ítalo-cubana Alba de Céspedes, lançado na Itália em 1952, depois de publicado em capítulos numa revista semanal. Enquanto Quarenta Dias conquistou a justa atenção da crítica e o Prêmio Jabuti, o romance italiano, à sua época, foi um sucesso de público desde logo etiquetado como literatura feminina de entretenimento, tendo sido reavaliado, e revalorizado, apenas nos últimos anos. Motivo principal da proposta deste exercício comparativo, a publicação de Caderno Proibido no Brasil (tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo, Companhia das Letras), em 2022, vem na esteira da redescoberta da obra na Itália em paralelo ao sucesso internacional de Elena Ferrante, que cita de Céspedes como uma de suas escritoras preferidas. Valeria – funcionária em um escritório, dona de casa e mãe de dois filhos adultos na Roma do pós-guerra – e Alice – professora, viúva, obrigada a se mudar de João Pessoa para Porto Alegre para cuidar do futuro neto – são as duas identidades narrativas que se analisam e se organizam ao mesmo tempo que escrevem seus cadernos, tangendo notas comuns, malgrado a distância espacial e o intervalo de mais de sessenta anos que as separam. Os relatos das experiências das duas protagonistas, já maduras na maternidade, serão considerados tanto no que têm de íntimo e invisível, isto é, a construção, às escondidas, de arquivos de memória de mulheres, fadados a serem destruídos ou engavetados, quanto no que manifestam de vigor e autoconscientização. Autores que se ocupam de escrita autobiográfica, como Leonor Arfuch e Eurídice Figueiredo, e estudos que associam cuidado e gênero, como Guimarães e Hirata (2019), darão suporte ao trabalho.

Referências: .

ENTRE A SOMBRA E A LUZ, OU O QUE HÁ EM COMUM ENTRE EURÍDICE GUSMÃO E DILMA ROUSSEF

Anne Greice Soares La Regina

Resumo: A comunicação propõe uma análise da difícil dialética entre a invisibilidade histórica das mulheres no Brasil e a conquista da presidência do país em 2010, fato que colocou a primeira presidenta da república no centro dos holofotes. Privilegia-se, como ponto de partida, compreender historicamente as narrativas que determinaram a invisibilidade pública da mulher na sociedade, formatando-a como um fantasma social, uma presença-ausência constante e irresolúvel, como na história contada por Martha Batalha, um drama que não é particular, mas coletivo, pois percorre a existência de todas as personagens da trama, mulheres que viveram na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1950, marcadas pela impossibilidade, pela negação de si mesmas e de suas existências desejantes. A experiência do sofrimento político é o fio condutor e o elo entre as vidas contadas pela autora para delinear a humilhação social que é parte do cotidiano de todas elas, afetando-as psicologicamente, apesar de se originar de um fato político que decorre da desigualdade política praticada, tolerada e fundamentada nas sociedades pelas mais diversas narrativas. Passados cinquenta ou sessenta anos, observa-se uma mudança no que diz respeito à participação feminina na sociedade, principalmente com a eleição de Dilma Rousseff em 2010 e com a renovação do seu

mandato em 2014. Pretende-se investigar o que significou esta decisão do eleitorado e como outras forças sociais agenciaram os mais diversos interesses para mobilizar narrativas que, girando em torno do governo, em geral incidiam e alvejavam menos a chefe de Estado e mais a mulher ocupante de um cargo público, sobre quem pousavam todas as luzes e atenções. Busca-se refletir em que medida discursos arraigados e ainda remanescentes na sociedade contemporânea tensionam com as novas visibilidades femininas.

Referências: BATALHA, Martha. A vida invisível de Eunice Gusmão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. DEMOCRACIA EM VERTIGEM. Direção: Petra Costa. Produção de Joanna Natasegara, Shane Boris, Tiago Pavan. Brasil: 2019. Disponível na Netflix. GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública. COSTA, Fernando Braga: _____. Homens invisíveis. São Paulo: Editora Globo, 2004. p. 09-47. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 17 ed. Tradução de Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008. SCOTT, Joan. A história das mulheres. BURKE, Peter (Org). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FUGAS CONSTITUTIVAS NA LITERATURA DE ELVIRA VIGNA

Bianca Magela Melo

Resumo: Escorregar de nomeações é um dos caminhos escolhidos por Elvira Vigna (1947-2017) para configurar perfis complexos de mulheres. Medulares, pois com a palavra como narradoras, rejeitam constituição centralizadora ou final. Como professando uma pobreza de experiência, ao modo do que afirmou Walter Benjamin para parte das vanguardas do século 20, é comum que elas oscilem em seu papel: “vou contar uma história que não sei bem como é. Não vivi, não vi. Mal ouvi. Mas acho que foi assim mesmo” (In Como se estivéssemos em palimpsesto de putas). Neste ponto, diferem de alguns textos de autoria feminina que, para expressar o lugar das vozes que apresentam, precisaram gritar ou escrever textos pronunciadamente diretos e com graus de violência nos temas e na escrita. Elvira Vigna não grita nomes, apesar de lidar com a temática da violência como uma cadeia que vai reverberando em novas ações. Há sempre no ar a densidade de coisas não resolvidas, como uma identidade duvidosa, um assassinato, um roubo. E as narradoras são observadoras misteriosas e suspeitas – às vezes de estarem envolvidas criminalmente. Ocupar o lugar de mulher nas ficções de Elvira Vigna não é restrito às que têm um corpo com genitália feminina. Shirley Marlone, narradora de Deixei ele lá e vim, esconde um nome e um corpo masculinos, assim como a travesti Lurien, de Como se estivéssemos em palimpsesto de putas. O corpo mutante é um dos trânsitos desestabilizadores das nomeações costumeiras nessas ficções. Indefinição extensiva ao texto: romance com características do ensaio e do solilóquio de uma narradora sem autoridade para narrar: na direção do questionamento de campos ou, como definiu Josefina Ludmer, de uma literatura pós-autônoma. O termo, associado a ficções que atravessaram a “fronteira literária” e não cabem em definições, apresenta-se afim à mencionada literatura e à instabilidade sugerida.

Referências: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: “Experiência e pobreza”. In Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet; Revisão técnica: Márcio Seligmann-Silva. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2016. LUDMER, Josefina. “Literaturas pós-autônomas”. Ciberletras, n 17, jul. 2007. VIGNA, Elvira. Como se estivéssemos em palimpsesto de putas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. VIGNA, Elvira. Deixei ele lá e vim. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POÉTICAS DA PERFURAÇÃO: UM ESTUDO DE ALGUMA POESIA ESCRITA POR MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

Carla dos Santos e Silva Oliveira

Resumo: Como vaticinou Ana Cristina Cesar, em “Literatura e mulher: essa palavra de luxo”, a discussão acerca da escrita de autoria de mulheres se encontra, ainda, longe de um remate, a despeito dos questionamentos impelidos sobre a categoria “mulher”, a partir das fundamentações de pensadoras como Audre Lorde e Judith Butler, que se desdobram há décadas. A quantidade de simpósios, na presente Abralic, que privilegia o debate teórico mediante uma perspectiva de gênero

confirma tal afirmação. Nesse encadeamento, esta proposição parte do desejo de compreender certo ímpeto violento encontrado em alguma poesia escrita por mulheres, materializado na insistência de determinado gesto perfurador presente nessas obras, cujas temáticas tratam de impasses que se apresentam à contemporaneidade, como a questão reprodutiva, a violência, a desigualdade entre os estratos sociais no Brasil etc. Para além do enfrentamento do androcentrismo branco, esse atributo belicoso será contraposto com um caráter propositivo que constitui, também, esses projetos literários, considerando as ferramentas – punho, martelo, coice e bombas – e os artifícios poéticos – humor causticante, manejo da brutalidade, recursos visuais etc. – utilizados pelas autoras. Dentro desse contexto, este estudo observará como as poetisas, em seus trabalhos, criam aberturas para outros sentidos, no que diz respeito ao que se convencionou chamar de “mulher”, “feminino” e “nacional”. Para tanto, esta comunicação lançará mão dos livros *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas; *O martelo*, de Adelaide Ivánova; *O coice da égua*, de Valeska Torres; e *Onde estão as bombas*, de Tatiana Pequeno. Por fim, com o auxílio de reflexões irrompidas por Heloisa Buarque de Hollanda, em *As 29 poetisas hoje*, pretende-se trazer breves apontamentos sobre a presença da referida poética na cena contemporânea, tendo em vista a possibilidade de construção de um novo cânone, em se tratando da poesia de autoria de mulheres.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. CESAR, Ana Cristina. Crítica e tradução. Prefácio: Alice Sant'Anna. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naif, 2012. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *As 29 poetisas hoje*. São Paulo: Companhia das letras, 2021. IVÁNOVA, Adelaide. *O martelo*. Rio de Janeiro: garupa, 2017. LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de fora: Edições Macondo, 2019. TORRES, Valeska. *O coice da égua*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

VICTORIA COLONNA, ESQUECIDA PIONEIRA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Cilza Carla Bignotto

Resumo: Em 1875, a editora B. L. Garnier lançava “As manhãs da avó: leituras para a infância”, de Victoria Colonna. O livro foi bem recebido pela crítica e, em 1877, a Garnier publicou uma nova edição, revista e aumentada, do livro infantil. Victoria Colonna seria o pseudônimo de uma “distintíssima escritora brasileira”, segundo Sacramento Blake. Permanece desconhecido o nome por trás do pseudônimo, o qual remete à Marquesa de Pescara, musa de Michelângelo e um dos principais nomes da literatura italiana quinhentista. A escritora (ou escritor?) que usava o pseudônimo colaborou no *Jornal das Famílias*, de Garnier, entre 1863 e 1878, e traduziu pelo menos duas obras francesas para a casa editora. “As manhãs da avó” parece ter sido o primeiro livro infantil brasileiro. No entanto, não é sequer mencionado na maior parte dos trabalhos sobre história do livro para crianças no país. Obras posteriores, como “Contos infantis” (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, e “Contos da Carochinha” (1894), de Alberto Figueiredo Pimentel, costumam ser apontados como precursoras da literatura infantil nacional. Esta comunicação pretende defender a hipótese de que “As manhãs da avó” teria sido o primeiro livro infantil brasileiro, além de apresentar conjecturas sobre a identidade de Victoria Colonna, suas estratégias de autoria e seu apagamento das histórias do livro e da literatura nacionais.

Referências: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da leitura*. São Paulo: FAPESP, 2000. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. Unesp; Fundação Biblioteca Nacional, 2010. ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1967. BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996. BRUNO, G. *Chiquinho: enciclopedia da infância*. Tradução de Victoria Colonna. 2.ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1881. COLONNA, Victoria. *As manhãs de uma avó: leitura para a infância dedicada às mães de família*. 2a ed. melhorada. Rio de Janeiro: B. L. Garnier,

1877. Disponível em: <gallica.bnf.fr> CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo: Ed. Unesp, 2014. COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira. São Paulo: EDUSP, 1995. COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 6a ed. São Paulo: Ática, 1997. COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. 3 ed. São Paulo: Quiron, 1985. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Vidas de Romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos. 1890-1930. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. GRANJA, Lúcia. Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros). In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia Regina de. Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas: Ed. da UNICAMP, 2018. p. 55-80. GRENBY, Matthew O. Children's literature. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008. HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. HUNT, Peter. Children's literature: an illustrated history. Oxford: Oxford University Press, 1995. HUNT, Peter. (Ed.) International Companion Encyclopedia of Children's Literature. London; New York: Routledge, 1996. HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A Formação da leitura no Brasil. 3a ed. São Paulo: Ed. Ática, 1999. _____. A leitura rarefeita. Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991. _____. Literatura infantil brasileira: histórias & histórias. São Paulo: Edunesp, 2022. _____. Um Brasil para crianças. São Paulo: Global, 1986. LEÃO, Andréa Borges. Brasil em Imaginação: livros, impressos e leituras infantis. 1890-1915. Tese (doutorado em sociologia). Universidade de São Paulo, 2002. LERER, Seth. Children's literature: a reader's history, from Aesop to Harry Potter. Chicago, US: The University of Chicago Press, 2008. PINHEIRO, Alexandra. Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>. RAFFAINI, Patrícia. Livros para morar: uma história dos livros para crianças e jovens no Brasil (1860-1920). São Paulo, 2019. SHAVIT, Zohar. Poetics of Children's Literature. Athens, US: The University of Georgia Press, 1986. TAMBARA, E. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. Disponível em: <www.26reuniao.anped.org.br/trabalhos/elomarantoniotambara.rtf>. ZILBERMAN, Regina. Leituras para a infância no século XIX brasileiro. In: Fronteiras: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, n. 17, dezembro de 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiras/article/view/29413>>

CORPO FEMININO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM AS MENINAS E AS TRÊS MARIAS

Daiane De Moura Rodrigues

Resumo: A partir das produções literárias produzidas por mulheres, proponho através deste estudo, analisar os romances, *As três Marias* (1934), de Rachel de Queiroz, e *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, narrativas estas que nos apresentam a trajetória e os dilemas da vida de seis jovens mulheres, personagens brasileiras que viveram, respectivamente, na segunda metade do século XX. É importante observar que os corpos femininos, representados nos romances, são de mulheres brancas, da burguesia ou classe média baixa e que portanto, faz-se necessário refletir sobre a necessidade de repensar as teorias feministas a partir do problema em torno de uma narrativa que serve para afirmar a exclusão das mulheres negras. Estas personagens exploram questões pertinentes à condição da mulher na sociedade, refletem a luta feminina, o não conformismo, o sexismo, a objetificação da mulher massacrada pelo meio social e a sua tentativa de emancipação. Ambos os livros conferem ao texto literário o caráter de apresentação da figura feminina em determinada época, mas não somente essa reflexão está em destaque, vertentes políticas, religiosas e filosóficas também circulam nestes enredos. Tanto em *As Meninas* (1934), como em *As três Marias* (1973) é possível desvendar o lugar do corpo feminino e as representações de violência de gênero que aparecem nos romances. A esse respeito, primeiramente nos interessa traçar quais foram esses episódios e quais identidades foram desconstruídas a partir dessas representações. Com tal dinâmica, busca-se através desta pesquisa entender as convergências e divergências presentes nessas representações e como estes corpos femininos impulsionam o texto literário. Para tal,

buscarei teóricos/as dos estudos literários tais como: bell hooks (2018), María Lugones (2019), Guacira Lopes Louro (1997), Constância Lima Duarte (2009), Carlos Magno Gomes (2010), Regina Dalcastagnè (2001), Angela Davis (2016), Heleieth Saffioti (2015), dentre outros/as.

Referências: BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2022. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução: Maria Helena Kühner. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2021. BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silviano. A mulher escrita. São Paulo: Casa Maria, 1989. BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. BUTLER, Judith. Atos performativos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 213-230. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Orgs). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 313-321. CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. COSTA, Ronaldo Fernandes. O narrador do romance e outras considerações sobre o romance. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996. DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. 2001. Disponível em: https://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/3_di_logos_latinoamericanos/5aregi-na-unb-personagens.pdf. Acesso em 23, fev. 2021 DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. DUARTE, Constância Lima. Feminino Fragmentado. 2009. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19182> Acesso em 27, fev. 2021, p. 01. FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. FEDERIC, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. FIGUEIREDO, Eurídice. Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. GOMES, Carlos Magno. A aula de alteridade em O quinze. Revista Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UFRJ, (2010). Disponível em: https://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/3_di_logos_latinoamericanos/5aregi-na-unb-personagens.pdf Acesso em 27, fev. 2021 GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. In: Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, V. 13. P. 01-13, 2013. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3981> . Acesso em: 10 out. 2021. HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 121-155. LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 357-377. NITRINI, Sandra. Literatura comparada: História, Teoria e Crítica. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. QUEIROZ, Rachel. As três Marias. Rio de Janeiro: TAG e José Olympio, 2017. _____, Rachel. As três Rachéis. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, Raquel de Queiroz. n. 4, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 10-27. _____ & QUEIROZ, Maria Luiza de Queiroz. Tantos anos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. 2 ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49- 80. SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 251-268 SOARES, Daniela Rezende. Das três estrelas à pirâmide: um estudo das personagens femininas em As três Marias de Rachel de Queiroz e As meninas de Lygia Fagundes

Telles/ Daniela Rezende Soares. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2018. Disponível <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=lygia+fagundes+telles&type=AllFiel> Acesso em 20, jan. 2020. TELLES, Lygia Fagundes. A disciplina do amor. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. _____, Lygia Fagundes. As meninas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. _____, Lygia Fagundes. Durante aquele estranho chá. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. _____, Lygia Fagundes. Inventário dos rastros. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, n. 5. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014. XAVIER, Elódia. Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

DA CARTA À RAINHA LOUCA AO MAR DE ROSAS: A MULHER PRESENTEMENTE ENTRE O ALVO E A SETA

Deivanira Vasconcelos Soares

Resumo: A identidade de “mulher-resistência” na realidade ficcional, com fundo histórico setecentista, é o impulso reflexivo desse estudo. Recortamos para essa comunicação parte da tese de doutoramento, que tem como principal base a voz denunciadora de Isabel, personagem do romance *Carta à rainha louca* (2019), de Maria Valéria Rezende, posta em diálogo com *Felicidade*, do filme *Mar de rosas* (1977), de Ana Carolina. A pesquisa analisa, de forma crítica, os desdobramentos da existência das personagens diante das concepções de tempo e da passagem real deste, o que contribui para a elaboração da tese de que há um tempo presentemente que atualiza problemas sociais que empatam a plena existência da “mulher”, em uma multiplicidade de ser e de compor o corpo social. Além disso, discute, a partir do romance e de entrevistas com Rezende, o que faria a acusação de uma persona do século XVIII ressoar familiar para mulheres do século XX, na análise de *Felicidade* [filme], e impulsionar a voz-resistência da escritora do século XXI. A tese desenvolve-se considerando os contextos em que Isabel [romance], e as identidades femininas com que ela dialoga viveram/vivem, ficcional e historicamente, sem fugir às necessárias discussões que pautam a temporalidade na narrativa e na filosofia. A base teórica que fundamenta o tempo na pesquisa discute, a partir de metodologias feministas contemporâneas, contribuições de Ricoeur (2010), Deleuze (2012 / 2021), e Agamben (2005 / 2021), e outros; na ponte pela necessária discussão histórica, social e política que o romance exige, buscamos Mary del Priore (2019 / 2020), Liana Reis (1989), Flávia Biroli (2014), Carla Akotirene (2020), Virgínia Woolf (2019), Bourdieu (2018), e Sueli Carneiro (2011). A tese é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação do professor Doutor Pedro Brum Santos, em etapa de qualificação.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: Destrução da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. AGAMBEN, Giorgio. O tempo que resta: Um comentário à Carta aos Romanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Janaína, 2020. BOUDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kühner. 6. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2018. CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo negro, 2011. DELEUZE, G. Bergsonismo. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2012. DELEUZE, G. Diferença e repetição. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. BIROLI, Flávia. Autonomia, dominação e opressão. In: MIGUEL, Luis Felipe. Feminismo e Política. São Paulo: Boitempo, 2014. BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, MIGUEL, Luis Felipe. Feminismo e Política. São Paulo: Boitempo, 2014. PRIORE, Mary del. D. Maria I: as perdas e as glórias da rainha que entrou para a história como “a louca”. São Paulo: Benvirá, 2019. PRIORE, Mary del. Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Benvirá, 2020. REZENDE, Maria Valéria. Carta à rainha louca. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019. REIS, Liana Maria. A Mulher na Inconfidência Mineira (Minas Gerais - 1789). Revista do Departamento de História, FAFICH/UFMG - Belo Horizonte, n.9, 1989. RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. WOOLF, Virginia. Um quarto só seu. Porto Alegre: L & PM, 2019.

INTELECTUAIS RUSSAS DO SÉCULO XIX: PARTICIPAÇÃO E LUTA

Denise Regina de Sales

Resumo: O objetivo desta comunicação é percorrer o universo das mulheres russas do século XIX, sobretudo das intelectuais que conquistaram espaço no clássico mundo masculino, a fim de refletir sobre a participação e resistência feminina na sociedade da época. O percurso será feito pela apresentação e análise de textos de Elizavieta Nikolaievna Vodovozova (1844-1923), escritora e pedagoga. Vodovozova vivenciou as primeiras mudanças progressistas no ensino para moças no Império Russo, acompanhou as transformações sociais e políticas dos anos de 1860 e testemunhou os acontecimentos dos primeiros anos pós-revolução. Seu livro de memórias – ? ???? ???? [No alvorecer da vida] – é leitura fundamental para quem quer entender os movimentos e mudanças sociais da virada do século XIX para o XX em seu país. Com perspicácia e visão histórica, Vodovozova confere a suas experiências pessoais um significado social amplo, elucidador o fio que une o movimento das mulheres à teia das transformações nacionais. Seus textos nos ajudam a pensar várias questões de sua época – a formação das intelectuais, o comportamento e as possibilidades das mulheres, as mudanças sociais provocadas pela abolição da servidão... Para tratarmos do texto da autora russa no contexto brasileiro, utilizamos o conceito de polissistema literário, de Itamar Even-Zohar, que reconhece o papel fundamental da tradução nas trocas literárias. A inspiração para as reflexões apresentadas vem do trabalho pioneiro de Graziela Schneider a respeito da emancipação feminina na Rússia soviética.

Referências: VODOVOZOVA, Elizavieta Nikolaievna. ? ???? ???? [No alvorecer da vida]. Vol. 1. Moscou: Khudojestvnaia Literatura, 1964. Disponível em http://az.lib.ru/w/wodovozowa_e_n/text_0020.shtml Acesso: 08 maio 2023. SCHNEIDER, Graziela Urso (org.). A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo: Boitempo, 2017. EVEN-ZOHAR, Itamar. “A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário”. Trad. Leandro de Ávila Braga. In: Revista Translatio, n. 3, 2012.

CORPO-TERRA-CASA: MATERIALIDADE E FLUIDEZ DOS TERRITÓRIOS FEMININOS EM COMETIERRA

Élida da Silva Fernandes

Resumo: Este trabalho consiste em analisar as diferentes representações do corpo feminino no romance Cometierra, da argentina Dolores Reyes. Na obra, a personagem de uma jovem moradora da periferia que tem o hábito de comer terra desmitifica alguns dos lugares comuns silenciados sobre o corpo violentado de muitas mulheres. A terra, que guarda direta relação com as histórias que precisam ser reveladas na trama, funciona como uma conexão material com o corpo feminino da jovem protagonista. Em contrapartida, o seu corpo se coloca a serviço do corpo social, na medida em que auxilia aqueles que buscam desvendar os enigmas acerca dos crimes cometidos contra mulheres. Levando-se em consideração o histórico de banalização da violência contra mulheres e o fato de tão somente há pouquíssimos anos conseguirmos nomear esse tipo de violência como feminicídio, fica evidente a necessidade de debatermos esse assunto a partir de um outro lugar: o relato de uma personagem e de uma autora que falam a partir da periferia. É importante observarmos, em Cometierra, a representação do corpo feminino em suas diferentes esferas: política, geográfica, social e simbólica. A obra nos convida a pensar o corpo feminino como um território vivo, que dialoga com suas representações, levando-nos também a refletir sobre sua fluidez enquanto elemento que busca se conectar com a terra no processo da investigação de seu próprio desenvolvimento e na materialização de sua existência como espaço-casa. A partir dessas reflexões, é possível depreender na trama certas problemáticas das relações de poder sobre o corpo feminino que marcam as dinâmicas sociais nas margens de uma grande metrópole.

Referências: BACHELARD, Gaston, A casa e o universo, In: Os Pensadores, Poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. BARNSELY, J. El cuerpo como territorio de la rebeldía. Caracas: Unearte, 2006. BARTHES, Roland. O mito, hoje. In: Mitologias. Tradução Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa,

CORRÊA, Roberto Lobato, orgs. Brasil: questões atuais da reorganização do território. 3a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. 2017. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. Solar, vol. 12, n. 1, p. 35-46. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1997 (1980) Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34. ECHEVERRÍ, J. A. 2004. Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: diálogo intercultural? In: Surrallés, A. e García Hierro, P. (orgs.) Tierra adentro: territorio indígena y percepción del entorno. Copenhague: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. _____. 2014. Viver no Limite. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. _____. 2020. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): Contribuições decoloniais. Revista Geographia, vol: 22, n.48, p. 75-90. _____. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina / Rogério Haesbaert. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021. Libro digital, PDF MORAES, Antonio Carlos Robert. Território na Geografia de Milton Santos. São Paulo: Annablume, 2013. LINDÓN, A. 2012. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado betweeness. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção v. 11, n. 33, p. 698-723. REYES, Dolores. Cometierra. Buenos Aires: Sigilo, 2019. SANTAELLA, Lucia. Corpo e comunicação: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004. SEGATO, Laura Rita. La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez. - 1a. ed. - Buenos Aires : Tinta Limón, 2013. _____. La Guerra contra las mujeres. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016. _____. Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres. México, DF: Pez en el Árbol, 2014. ZARAGOCIN, S. 2018a. La Geopolítica del útero: hacia una geopolítica feminista decolonial en espacios de muerte lenta. In: Cruz, D. e Bayon, M. (orgs.) Cuerpos, territorios y feminismos. Quito: Abya Yala y Estudios Ecologistas del Tercer Mundo.

CÂNONE E MEMÓRIA DOS ESPAÇOS NA NARRATIVA NIPO-BRASILEIRA SOB DOIS HORIZONTES, DE MITSUKO KAWAI

Francisca Laila Ribeiro Pinto, Joy Nascimento Afonso

Resumo: Este artigo pretende mostrar um recorte da pesquisa de tese sobre a reconfiguração do cânone literário brasileiro com escritoras nipo-brasileiras e os repertórios de exclusão. Tendo em vista a problemática do esquecimento que hostiliza as protagonistas de descendência japonesa ou okinawana, essa pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre espaço e memória, como ensejo para a reorganização da história das mulheres nipo-brasileiras. O romance Sob dois horizontes, de Mitsuko Kawai (1988) apresenta o espaço Japão-Brasil como elemento de discussão da subjetividade de Mitsuko. Na narrativa, a personagem conta sua história ao mesmo tempo que participa do espaço em trânsito, como mais um norte na elaboração de resgate da memória imigrante. O deslocamento de Mitsuko na viagem com sua família no intuito de melhores condições de vida, possibilita uma convivência configurada por inter-relações e a sugestão de reelaboração de uma memória no movimento de crítica ao cânone literário. O protagonismo da personagem é destoante por demonstrar a dupla jornada da mulher imigrante: cuidar da casa e ajudar na plantação de café, desmitificar a imagem da mulher japonesa frágil e submissa, e aprender português sozinha. Com a proposta de ampliar os estudos críticos a respeito da produção de escritoras nipo-brasileiras, a pesquisa tem como suporte teórico o questionamento a respeito da invisibilidade e silenciamento relevantes presentes nas histórias literárias, segundo Faedrich (2022), Kolodny (2017), e a recuperação de um passado sobre narrativas de imigração em um espaço dinâmico, conforme Massey (2015). É somente a partir da leitura do texto literário das nipo-brasileiras que poderemos estabelecer critérios críticos de análise (temática, estilo, estrutura etc) abrangendo sua complexidade sem estruturas essencialistas da herança literária. Pretende-se, assim, discutir a subjetividade de Mitsuko a partir de suas lembranças pelo espaço, e como estas se relacionam na revisão do cânone.

Referências: FAEDRICH, Anna. Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.

KOLODNY, Annete. Dançando no campo minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Accioli. Traduções da cultura: perspectivas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

HISTÓRIAS DE REPRESSÃO E RESISTÊNCIA: AS MULHERES DE O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLÁUDIA LAGE

Gínia Maria Gomes

Resumo: Em *O corpo interminável* a escritora faz o resgate dos “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira, dando voz às mulheres militantes desses tempos. Mulheres que se opuseram ao poder vigente, através da militância política e também por desafiarem a sociedade conservadora ao porem em xeque seus valores conservadores, que tinha a submissão como baliza. O romance dá voz à diferentes mulheres: as que foram para a clandestinidade, sozinhas ou acompanhadas, e as que foram aprisionadas. Nos porões, essas últimas foram submetidas aos atos mais hediondos. Entre as violências que os agentes repressores lhes impingiram, o estupro tem um lugar de destaque; porém, não escaparam de outros tipos de tortura, as quais são expostas no romance. Essas mulheres catalizaram a fúria dos algozes que eram implacáveis contra elas, pois rompiam com o estereótipo conservador vigente. Elas mostram no corpo as sevícias a que foram submetidas. Em uma das histórias, uma jovem, já em liberdade, no aeroporto, prestes a partir para o exílio, exhibe no corpo as torturas sofridas. Nessas histórias, a resistência das mulheres está posta, sobretudo daquelas que passaram pelos porões. Nessa comunicação pretende-se dar luz a essas mulheres, pondo em foco a resistência e a dignidade de que se revestiram, mesmo nas sessões de tortura. Entre os textos que servirão de suporte para essa discussão estão: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), de Aleida Assmann; *Lembrar escrever esquecer* (2006), de Jeanne Marie Gagnebin; e *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios* (2017), de Maria Amélia de Almeida Teles.

Referências: ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

AS AUTONARRATIVAS DE MARIA PILLA E PETRA COSTA COMO ATOS POLÍTICOS DE CONTESTAÇÃO AOS DISCURSOS GOLPISTAS DE ABRIL DE 1964 E ABRIL DE 2016

Isis Duarte Fernandes, Rachel Esteves Lima

Resumo: Este trabalho se propõe a questionar e problematizar as linhas e estratégias narrativas de Petra Costa em *Democracia em Vertigem* e de Maria Pilla em *Volto semana que vem* como autonarrativas dos golpes, investigando, ainda, seus engajamentos políticos e seus discursos de protesto e contestação através da literatura e do cinema. Lançando mão dos conceitos de memória e verdade como operadores críticos, busco estabelecer uma relação entre as obras em suas retomadas das vozes silenciadas pela tradição autocrática brasileira (em específico, no período que sucedeu ao golpe midiático-civil-militar de 1964 e no que compreendeu a articulação e a concretização do golpe midiático-civil-parlamentar de 2016). Nesse contexto, *Democracia em Vertigem* insere-se, pelo seu leitmotif sócio-estético e pela subjetividade narrativa manifesta, em um corpus de construção da memória do golpe e em um movimento de reflexão acerca do recrudescimento do autoritarismo no horizonte brasileiro dos afetos políticos. Da mesma forma, *Volto semana que vem* se inscreve em uma longa e hoje reconhecida tradição de mulheres que (re)emergem literariamente após os anos de chumbo, seja através das memórias das sobreviventes, seja por meio das histórias contadas pelas descendentes de militantes (DI EUGENIO, 2020). As autoras interseccionam, assim, tal como quem traça uma arqueologia do golpe de 2016, a herança ditatorial e o novo avanço do protofascismo. Demonstro, por fim, como tais narrativas não se

resumem a registrar fatos históricos ou a descrever as agruras e violências enfrentadas pelos movimentos sociais, mas se propõem, como obras esteticamente multifacetadas, a reconstruir, a partir da ótica da subjetividade recalcada e traumatizada, os caminhos da memória-reflexão. Esse processo tenta tirar sentido do fantasma golpista incrustado no imaginário cultural do Brasil-nação, a fim de desvelar o inaudito histórico e, assim, quebrar sua corrente de padrões atávicos de opressão, injustiça social e autoritarismo.

Referências: ALTMAN, B. Cada pedaço de 'Democracia em Vertigem' é um golpe no estômago que estremece o espectador. Folha de São Paulo, São Paulo, 2019 (versão digital). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/cada-pedaco-de-democracia-em-vertigem-e-um-golpe-no-estomago-que-estremece-o-espectador.shtml> AVILA, G. Democracia em Vertigem | Governo usa conta oficial para criticar Petra Costa. Omelete, s/n, fev 2020 (website). Disponível em: <https://www.omelete.com.br/oscar/democracia-em-vertigem-conta-oficial-governo-critica-petra-costa> AZEVEDO, D. L. Memórias do esquecimento: a construção de um olhar humanitário sobre a ditadura no Brasil. In: TELES et al (org.). Espectros da ditadura: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006. BALTAR, M. Entre afetos e excessos – respostas de engajamento sensório-sentimental no documentário brasileiro contemporâneo. rebecca, v. 2, n. 2, p. 60-85, jul-dez 2013. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/95/24>. BUCHWEITZ E SILVA, J. Memória feminina e ditadura militar brasileira: um estudo sobre Volto semana que vem. Scripta Uniandrade, v. 19, n. 3 (2021), p. 162-174. Curitiba, Paraná, Brasil. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/2140> COUTINHO, E. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 15, p. 165-191, set. 15, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11228/8234> DALCASTAGNÈ, R. Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado. Vinhedo: Horizonte, 2012. _____. O que o golpe quer calar: literatura e política no Brasil hoje. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 13-24, 2018. DOI: 10.5007/2175-7917.2018v23n2p13. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2018v23n2p13> DEMOCRACIA em Vertigem. Direção: Petra Costa. Brasil: Netflix, 2019. DI EUGENIO, A. A re-emergência literária de vozes e memórias femininas silenciadas durante a ditadura militar brasileira. DIACRÍTICA, Vol. 34, n.º 2, p. 236-248, 2020. Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/524/165>. FAEDRICH, A. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. Itinerários, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8165/5547>. FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. FREIRE, M. O cine-eu, ou como o planeta passou a girar em torno do meu umbigo. RuMoRes, v. 13, n. 26, p. 294-309, 12 dez. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/161129>. GALLE, H. A autoficção na literatura alemã contemporânea e suas distinções. Itinerários, Araraquara, n. 40, p.147-166, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8171/5553>. GALVÃO, A. C. ZAIDAN, J. C. S. M. SALGUEIRO, W. (Orgs.). Foi golpe! O Brasil de 2016 em análise. Campinas: Pontes Editores, 2019. GARRAMUÑO, F. A literatura fora de si. In: _____. Frutos estranhos. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. São Paulo: Rocco, 2014, p. 31-48. GRIERSON, J. FROM "FIRST PRINCIPLES OF DOCUMENTARY" (UK, 1932)". Film Manifestos and Global Cinema Cultures: A Critical Anthology. Berkeley: University of California Press, 2014, pp. 453-459. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1525/9780520957411-125/html> HALL, S. Cultura e Representação. Tradução de William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio/Apicuri, 2016. KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. MACHADO, J. 1964: Golpe midiático-civil-militar. Porto Alegre: Sulina, 2014. MARTINS, A. F.; MACHADO, P. Imagem-performada e imagem-atestação: o documentário brasileiro e a reemergência dos espectros da ditadura. Galaxia (São Paulo, Online), n. 28, p. 70-82, dez. 2014.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n28/v14n28a07.pdf>. NICHOLS, B. Introdução ao documentário. São Paulo: Papirus, 2005. PAIM, L. PORTO, A. Maria Regina Pilla relembra momentos da ditadura e de tortura, sem rancor ou truculência. Sul21, s/n, nov 2015 (versão digital). Disponível em: <https://sul21.com.br/em-destaque/2015/11/maria-regina-pilla-relembra-momentos-da-ditadura-e-de-tortura-sem-rancor-ou-truculencia/> PENAFRIA, M. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1999. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf> PILLA, M. Volto semana que vem. São Paulo: Cosac Naify, 2015. PRESTES, A. L. O historiador perante a história oficial. Germinal: marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 91–96, 2010. DOI: 10.9771/gmed.v2i1.9607. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9607>. OLIVEIRA, R. P. THOMAZ, P. C. (Orgs.). Literatura e Ditadura. Porto Alegre: Zouk, 2020. RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. SAFATLE, V. Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Autêntica, 2016. SAID, E. Humanismo e crítica democrática. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. SANTOS, E. C. SANTANA, W. K. F. Reenunciando Democracia em Vertigem: sob as lentes de Bakhtin e o círculo. Revista Leia Escola, Campina Grande, v. 19, n. 3, 2019. sem autor. PEDRO BIAL diz que 'Democracia em Vertigem' é ficção alucinante e tem narração insuportável. Folha de São Paulo, s/n, fev 2020 (versão digital). Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/02/pedro-bial-diz-que-democracia-em-vertigem-e-ficcao-alucinante-e-tem-narracao-insuportavel.shtml>. PSDB chama Democracia em Vertigem de "filme de ficção e fantasia". Exame, s/n, jan 2020 (versão digital). Disponível em: <https://exame.com/brasil/psdb-chama-democracia-em-vertigem-de-filme-de-ficcao-e-fantasia/>. INDICAÇÃO de 'Democracia em Vertigem' ao Oscar vira guerra política na web. Correio Braziliense, s/n, jan 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/13/interna_politica,820197/indicacao-de-democracia-em-vertigem-ao-oscar-vira-guerra-politica-na.shtml SWEET, P. L. The Sociology of Gaslighting. American Sociological Review. 2019; 84(5): 851-875. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122419874843>

IDELMA RIBEIRO DE FARIA, POETA DA GERAÇÃO DE 45

Joelma Santana Siqueira

Resumo: Embora a “geração de 45” esteja frequentemente presente em textos historiográficos, críticos e didáticos que tratam da literatura brasileira da segunda metade do século XX, sua compreensão é bastante problemática, posto que tem sido, em livros didáticos, especialmente, considerada como constituindo a terceira geração modernista e tendo por seus representantes os renomados escritores João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector e João Guimarães Rosa; e, em trabalhos de estudiosos que se dedicaram a investigá-la com mais afinco, tem sido observada como um grupo constituído de jovens “rapazes” poetas empenhados em definir-se como daquela geração. Porém, poucos se lembram de que neste grupo também havia mulheres poetas participando de publicações, congressos, revistas, sendo recepcionadas, muitas vezes, pelos poetas que lhes eram contemporâneos. O objetivo da presente comunicação, que tem relação com um projeto de pesquisa sobre a presença das mulheres na geração de 45, é apresentar a escritora Idelma Ribeiro de Faria, nascida em 1914 na cidade de Rio Claro, São Paulo, e falecida em 2002. Além de poeta, foi contista e tradutora de poesia. Dada a dificuldade de obtermos informações sobre sua vida e sua obra, nossa principal fonte de pesquisa foi a imprensa, por meio de periódicos digitalizado e acessíveis na Hemeroteca Digital. Foi possível acompanharmos notícias sobre a participação efetiva da escritora no Clube de Poesia de São Paulo (lançado por fundadores da geração de 45), publicações de seus poemas e contos, traduções, premiações em concurso literário e textos críticos a respeito de sua poesia. Sua obra foi reunida no volume Emoção e memória – obra poética reunida 1949-1999, porém, sua poesia ainda espera por apurados trabalhos de crítica literária.

Referências: CAMPOS, Milton de Godoy. Antologia poética da geração de 45. São Paulo: Editora Clube de Poesia, 1966. FARIA, Idelma Ribeiro de. Emoção e memória. Obra poética reunida (1949-

1999). São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999. MARTINS, Ives Gandra da Silva. “Prefácio”. In: 50 poetas do Clube de Poesia 1945 – 1995. São Paulo: Clube de Poesia, 1995.

PAGU NO METRÔ: QUANDO BIÓGRAFA E BIOGRAFADA FORMAM O MESMO CORPO DE MULHER

Luciana Borges Conti Tavares

Resumo: O objetivo dessa comunicação é apresentar a análise do romance-biografia “Pagu no metrô”, de Adriana Armony, que leva em conta as especificidades de uma narrativa fragmentária e híbrida, que convoca vários gêneros textuais e borra as fronteiras entre o real e a ficção, identificando as relações entre biógrafa e biografada reveladas na narrativa. Essa leitura parte da hipótese de que a pesquisa sobre a vida de Pagu, que dá corpo ao romance, mobiliza não apenas a autora em sua vontade de revelar fatos da vida da biografada, mas, sobretudo, a pesquisadora-mulher que biografa sua personagem-mulher e revela-se no texto. A escrita da obra expõe para o leitor os caminhos percorridos pela autora em busca de sua biografada e cria, assim, um duplo movimento na narrativa: a narradora narra a si própria e narra a outra. A narração de si não se limita apenas a revelar os caminhos percorridos pela pesquisadora, suas conquistas e suas dúvidas, mas também a expor como essa pesquisa reverbera nela. Assim, Adriana, a biógrafa, dá voz a Pagu ao mesmo tempo em que se pensa através da experiência de sua biografada, como ela fosse uma força motriz que mobiliza fatos de sua própria vida, em uma narrativa que ficcionaliza o real.

Referências: Afuch, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010. Armony, Adriana. Pagu no Metrô. São Paulo, Editora Nós, 2022. Rago, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2013. Santiago, Silviano. Grafias de vida – a morte. Rio de Janeiro, Revista Serrote, n 19, IMS, 2015. Schulmann, Clara. Cizânias: vozes de mulheres. Belo Horizonte, Editora Âyiné, 2020. Woof, Virginia. Mulheres e ficção. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

ENTRE LO ÍNTIMO Y LO PÚBLICO: MEMORIAS DE ESPAÑA DE 1937 (1992) Y OCTAVIO PAZ EN ESPAÑA, 1937 (2007)

Maria Eugenia Osorio Soto

Resumo: Memorias de España de 1937 (1992) y Octavio Paz en España, 1937 (2007) recogen algunas de las impresiones que sus autores, Elena Garro (1916 -1998) y Octavio Paz (1914-1998), experimentaron durante su presencia en España en 1937, mientras asistían al II Congreso Internacional de Escritores Antifascistas para la Defensa de la Cultura. Aunque podría sospecharse que se trata de dos miradas o perspectivas complementarias frente a este importante momento histórico, más allá de ello, dan cuenta de formas distintas y distantes de enunciar y de habitar el mundo. Por un lado, emerge una voz desautorizada, esto es, la de una mujer que, sin todavía proyectarse como la escritora e intelectual que hoy conocemos, cuestiona desde su marginalidad las incoherencias e inequidades que observa al interior de los intelectuales —hombres— de izquierda reunidos allí. Por otra parte, la voz autorizada de Octavio Paz, quien para entonces era un poeta en ciernes y simpatizante de ciertas ideas de izquierda, toma protagonismo y nos deja una serie de poemas y ensayos con los que participó en el congreso. Analizaremos entonces las técnicas narrativas que cada autor utiliza para dar cuenta de esa experiencia, es decir, subrayaremos que mientras Elena Garro narra hechos cotidianos con mordaz ironía y humor, Paz universaliza su experiencia bajo el género poético y ensayístico.

Referências: Garro, Helena (1992) Memorias de España 1937. Santo de Página . México. Paz, Octavio (2007) Octavio Paz en España, 1937 . Fondo de Cultura Económica.

AS MULHERES E AS DITADURAS NA AMÉRICA DO SUL: TENSIONAMENTOS ENTRE FICÇÃO, HISTÓRIA, FEMINISMO E RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA EM ROMANCES DE AUTORAS CONTEMPORÂNEAS

Natasha Centenaro

Resumo: Este trabalho analisa e discute as relações entre a literatura produzida por autoras e a temática das ditaduras militares sul-americanas, especificamente, nos casos da brasileira e argentina. Para isso, foram escolhidas duas narrativas em prosa publicadas no Brasil contemporaneamente, *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, e *Mulheres que mordem* (2015), de Beatriz Leal. Nos livros, é possível perceber como a perspectiva das protagonistas, sendo uma narradora autodiegética, em *Azul-corvo* (2010), além de outras personagens mulheres, relacionam-se com questões como a memória, os traumas, a (im)possibilidade de superação dos acontecimentos ainda recentes nas histórias desses países e as suas vivências enquanto mulheres. Por meio das narrativas ficcionais, leitoras e leitores são conduzidas(os) a remontar um percurso histórico com muitas feridas abertas e a se defrontar com movimentos como *As Mães* e *as Avós da Praça de Maio*, em Buenos Aires, e com a *Guerrilha do Araguaia*, no Brasil. Questões como torturas aplicadas em homens e mulheres, violências (físicas, sexuais, psicológicas) específicas contra mulheres, bem como organizações clandestinas de resistências e a participação das mulheres, além das formas como esses regimes ditatoriais civis-militares aconteceram e modificaram o cotidiano das sociedades são abordadas durante a construção dessas personagens pensadas por escritoras. É pela literatura que o horror do trauma e o peso da memória coletiva – vivenciados em corpos torturados, violentados, desaparecidos, sequestrados, mortos – podem ser (re)atualizados, simbolizados e, em certa medida, transcender à própria realidade e à (narrativa) memória dos fatos reais. Busca-se pensar as relações entre a ficção e o real-documental, a história e a memória, a partir de relatos e depoimentos de mulheres que vivenciaram e sobreviveram a esses acontecimentos, tensionando a história com a literatura, a verdade do trauma com a simbolização da narrativa, a experiência individual com a memória social.

Referências: BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. RELATÓRIO. Volume 1. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em 30 de novembro de 2022. _____. Relatório: textos temáticos. Volume 2. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em 30 de novembro de 2022. _____. Relatório: Mortos e desaparecidos políticos. Volume 3. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em 30 de novembro de 2022. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016. CENTENARO, Natasha. Morder para viver e escrever para lembrar: Mulheres que mordem, de Beatriz Leal, e a rememoração do tempo que não pode ser esquecido na América Latina. TRAVESSIAS, v.12, p.160 - 176, 2018. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19369>> Acesso em 25 de novembro de 2022. COLLING, Ana Maria. A Resistência da mulher à ditadura militar no Brasil. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Ventos, 1997. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012. KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson. SAFATLE, Vladimir (Org.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. _____. Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020. FOLHA DE SÃO PAULO. 40 anos do golpe militar na Argentina. Data 24/03/2016. Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/40-anos-do-golpe-militar-na-argentina/>>. Acesso em 02 de abril de 2018. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990. LEAL, Beatriz. Mulheres que mordem. Rio de Janeiro: Motor: Ímã editorial, 2015. LIRA, Suzanna. Torre das donzelas. Documentário. 2018. LISBOA, Adriana. Azul Corvo. Lisboa: Quetzal, 2012. NEVES, Ozias Paese; LIEBEL, Vinícius. Os Regimes Militares no Brasil e na América do Sul - Historiografia e Perspectivas. Revista Eletrônica da ANPHLAC, nº. 18, p. 56-86, jan./jul. 2015. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br/>>. Acesso em 02 de abril de 2018. ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2013. PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres. Cadernos Pagu, Campinas: Unicamp, n.9, p.9-28, 1995. _____. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. PIZARRO,

Ana et al. La literatura latinoamericana como proceso. Buenos Aires: Centro editor de América Latina, 1985. RAGO, Luzia Margareth. A coragem feminina da verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil. CADERNO ESPAÇO FEMININO, 28(2). Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34166>>. Acesso em 2 de dezembro de 2022. _____. A Aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013. _____. Memórias da clandestinidade: Criméia Alice de Almeida Schmidt e a Guerrilha do Araguaia. In: PEDRO, Joana; WOLFF, Cristina. Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone sul. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François, Campinas: Unicamp, 2007 SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios. São Paulo: Alameda, 2017. TELES, Edson. SAFATLE, Vladimir (Org.). O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. TORRE DAS DONZELAS. Website. Disponível em: <<https://www.torredasdonzelas.com.br/>>. Acesso em 28 de novembro de 2022. VECCHI, Roberto. A impossível memória de Araguaia: um patrimônio sem memorial? In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. THOMAZ, Paulo C. (Orgs.). Literatura e ditadura. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ, E O ESPAÇO SOCIAL EM DISPUTA

Patrícia Helena Baialuna de Andrade

Resumo: A escritora brasileira Eliana Alves Cruz publicou em 2022 *Solitária*, romance que dialoga de forma muito próxima com a realidade contemporânea de enfrentamento de hierarquias simbólicas por grupos sociais historicamente onerados por um passado colonial e escravagista. Protagonizado por Eunice e sua filha Mabel, o romance explicita e questiona a apreensão do mundo comum que naturaliza certas distinções sociais e as relações de força que mantém tais estruturas na sociedade ainda hoje. Este trabalho propõe a análise de *Solitária* com o respaldo dos conceitos de poder simbólico e campo, de Pierre Bourdieu. Procura-se apontar para como a voz de Mabel, no desenvolvimento do romance, se opõe e desnuda a violência simbólica empregada contra sua família (e incontáveis outras de afrodescendência no Brasil) desde as memórias da infância até o presente. Esta voz de enfrentamento, ao incitar mudanças começando pela atitude da própria mãe, vem ao encontro da postulação de Bourdieu de que a definição dos princípios de divisão de poder no espaço social podem ser reconstruídas pela tomada de consciência do próprio habitus pelo indivíduo. A construção das personagens – a mãe, uma empregada doméstica; a filha, estudante de medicina – é foco da análise proposta, e também aponta para um movimento lento e gradual de desestabilização das forças que há séculos determinam um lugar de menor prestígio ao negro no Brasil.

Referências: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

AS TRAMAS DAS ENTRANHAS: CORPORALIDADES MATERNAS E MONSTRUOSAS DE DEUSAS PRIMORDIAIS

Sara Camila Barbosa Dos Anjos

Resumo: O corpo feminino está representado desde as primeiras obras que nos restaram da antiguidade mediterrânea. Nelas, as representações de seres femininos a partir de perspectivas masculinas pertenciam a um sistema hierárquico, de dominância masculina. Todavia, em algumas dessas narrativas, como é o caso da Teogonia, de Hesíodo, e do En?ma Eliš, podemos observar, com todo o aparato dos estudos de gênero, a presença e agência de personagens femininas no curso da narrativa. Muito dessa ação foi relegada pelos estudos da antiguidade, que dão ênfase às ações de personagens masculinas, ignorando o papel, muitas vezes, crucial de personagens como Gaia (Terra, a deusa primordial na cosmogonia grega arcaica) e Tiámat (deusa primordial de uma cosmogonia acádio-babilônica). Os corpos dessas entidades participam dessas narrativas e a violência masculina perpetrada contra elas é digna de ser vista em com outros olhos (em seus próprios termos). A mudança de perspectiva nos permite compreender nuances de como esse processo se deu: essas personagens não ficam passivas diante dos acontecimentos, mas agenciam suas maternidades e

monstruosidades, promovendo o desenrolar da narrativa desses poemas e a geração de seus respectivos mundos. Ao mesmo tempo, analisar a violência sofrida por seus corpos revela também a violência historicamente sofrida pela natureza, uma vez que Gaia e Tiámat, nessas narrativas cosmogônicas, são mundo, o espaço, a própria terra.

Referências: HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2012. BRANDÃO, Jacyntho Lins. A saga de Apsû no En?ma eli? (tradução e comentários). Nunt. Antiquus, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 221-270, 2020. BRANDÃO, Jacyntho Lins. Ao Kurnugu, terra sem retorno: Descida de Ishtar ao mundo dos mortos. Curitiba: Kotter, 2019. BRANDÃO, Jacyntho Lins. Epopeia da criação: En?ma Eli?. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022. BRANDÃO, Jacyntho Lins. No princípio era a água. rev. ufmg, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 22-41, jul./dez, 2013. GEORGOUDI, Stella. Gaia/Ge. Entre mythe, culte et ideologie. The Norwegian Institute at Athens. Papers from the first international symposium on symbolism at the University of Tromsø, June 4-7, 1998. KIRK, Stan. The Ambivalent Nature of Gaia and the Human Condition in the Poems of Hesiod. The Journal of the Institute for Language and Culture. v. 16. 2012, p. 57-87. LÓPEZ-RUIZ, Carolina. How to start a cosmogony: on the poetics of the beginnings in Greece and Near East. Journal of Ancient Near Eastern Religions, v. 12, p. 30-48, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1163/156921212X629455>. LOPEZ-RUIZ, Carolina. When the gods were born: Greek cosmogonies and the Near East. Cambridge, Mass., London: Harvard University Press, 2010. MERCHANT, Carolyn. The Death of Nature: Women, Ecology and the Scientific Revolution. San Francisco: Harper & Row, 1980. PONGRATZ-LEISTEN, Beate; SONIK, Karen (Ed.). The Materiality of Divine Agency. Boston; Berlin: Walter de Gruyter, 2015. SONIK, Karen. Gender Matters in En?ma Eli?. In BEAL, Richard H.; HOLLOWAY, Steven W.; SCURLOCK, JoAnn (ed.). In the Wake of Tikva Frymer-Kensky. Piscataway: Gorgias Press, 2009, p. 85-101. SUSSMAN, Linda S. The Birth of the Gods: Sexuality, Conflict and Cosmic Structure in Hesiod's Theogony. Ramus 7, 1978, 61-77.

PODEM AS AUTORAS FALAR? O SILENCIAMENTO DAS AUTORAS ITALIANAS DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Silvia La Regina

Resumo: Esta comunicação pretende dar continuidade ao trabalho apresentado na Abralic em 2022, parte de um projeto de pesquisa maior relativo às escritoras italianas de ficção científica. Vou abordar, porém, não especificamente as escritoras e suas obras, mas o processo de silenciamento pelo qual passaram e, parcialmente, ainda passam. O gênero da ficção científica, que ganhou força e projeção no mundo anglo-saxão principalmente a partir da década de 20 do século XX, tradicionalmente sempre teve mais autores e leitores homens, o que não deixa de ser peculiar, considerando que o primeiro romance de ficção científica moderna é Frankenstein, or the Modern Prometheus, de Mary Shelley (1818); as histórias dos autores homens geralmente relegavam as personagens femininas a coadjuvantes de mera decoração, tanto no texto como nas ilustrações. Havia algumas escritoras, mas elas frequentemente adotavam pseudônimos masculinos, tanto nos textos de língua inglesa quanto, e mais ainda, nos textos italianos, que passavam frequentemente por uma dupla camuflagem, fingindo ser obras de autores de língua inglesa traduzidas para o italiano, inventando assim autores e tradutores. Para além disso, o que impressiona é a dificuldade que as autoras italianas encontraram (e ainda encontram) para que suas vozes fossem ouvidas, para que sua subalternidade não impedisse sua fala, além do mais dentro de um gênero literário muitas vezes recalcado e injustamente relegado à mera condição de literatura de consumo. Neste sentido, a sustentação teórica não pode prescindir do clássico woolfiano *A room of one's own*, passando pelo fundamental texto de Spivak e por Umberto Eco.

Referências: ECO, U. Il superuomo di massa. Milano: La nave di Teseo, 2016. CURTONI, V.; DE TURRIS, G.; MONTANARI, G. Galassia 113. Destinazione uomo: tendenze della fantascienza italiana. Piacenza: La Tribuna, 1970. DI IACOVO, G. Donne del futuro: scienza e fantascienza al femminile. In RICCI, E. (org). Verità e funzione nelle rappresentazioni discorsive della modernità e della contemporaneità. Lanciano: Carabba, 2023. IANNUZZI, G. Fantascienza italiana. Milano-Udine, Mimesis, 2014. SPIVAK, G.C. Pode o subalterno falar? Trad. S.R.G. Almeida. M.P.Feitosa, A.P.Feitosa. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014. WOOLF, V. Um teto todo seu. Trad. V.Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SIMPÓSIO “ESCRITAS E VIDAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO”

Adeíto Manoel Pinho (UEFS) e Maria de Fátima Gonçalves Lima(PUC-Goiás)

MUNDO PARALELO E CIVILIZAÇÃO: A LITERATURA E A VIDA EM RISCO NA CONTEMPORANEIDADE.

Adeíto Manoel Pinho

Resumo: Literatura e vida finalmente se encontraram no mundo contemporâneo. A recepção literária alcançou espaços jurídicos, da mídia e de outras redes, as notícias sobre obras de autores como Conceição Evaristo, Jorge Amado, Caetano Veloso, Chico Buarque e outros são exemplos de atitudes apaixonadas mas também agressivas contra a literatura e a arte. Agora, como em alguns outros momentos dramáticos da história, ciência, reflexão, crítica, arte são motivo de reações de ódio e de práticas de violência. Por outro lado, estratégias políticas elaboradas nos espaços religiosos, estratos sociais e redes sociais com o uso do que se chamou de fake news, deixaram perceber comportamentos coletivos e massivos marcados por recusa do conhecimento científico, negacionismo em grande escala, disseminação do ódio, de conflitos em diversos ambientes, familiar, profissional, público. Historicamente, a literatura sempre está intimamente ligada à realidade social brasileira. Este estudo pretende refletir sobre as novas formas do pacto da literatura com a sociedade. Muitas vezes no passado, a Literatura e o herói tiveram que ir aos lugares mais temerosos e perigosos para salvar, para resgatar, para manter o percurso de aperfeiçoamento e melhoria da sociedade, da polis. As ideias de Freud, Castro Rocha, Silviano Santiago, Pinho e outros serão utilizadas para construir este estudo.

Referências: FREUD, Sigmundo. Cinco lições da psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise. Seleção de Jayme Salomão. Tradução de Durval Marcondes (et. al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores). MAAKAROUN, Berthe. Rocha: “Brasil é laboratório de criação de realidade paralela.” Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/10/21/interna_pensar,1409943/castro-rocha-brasil-e-laboratorio-de-criacao-de-realidade-paralela.shtml. Acesso em 1dez2022. ROCHA, João César de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: Crônicas de um Brasil pós-político. Rio de Janeiro: Caminhos Editora e Livraria, 2021. PINHO, Adeíto Manoel. Literatura e vida em 2020. <http://gelcuefs.blogspot.com/p/anais.html?m=1>

PERFORMANCES AUTOPOÉTICAS NO REGISTRO DE UM ROMANCE AUTORAL: TEORIA E PRÁTICA

Adilson Guimarães Jardim

Resumo: Nas últimas décadas, as novas representações culturais e pela via da língua têm desestabilizado os órgãos de autoridade da Teoria Literária (centros acadêmicos), os espaços oficiais de circulação de obras (editoras e academias) e as hierarquias canônicas centradas nos autores eleitos, para abrir-se a novas representações autorais e, com elas, a novas subjetividades. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é apresentar a noção de autopoética ou poéticas de autor (expressão de Rubio Montaner, 1990), e que segundo Casas (1999) aliam as dimensões ilocutiva e perlocutiva, na construção de uma autoimagem do autor que vai sendo construída com a obra ou prescindindo dela, sob o testemunho do leitor que o acompanha nas redes sociais. Essa performatividade no digital, relação direta entre autor e leitor, independe dos cânones da crítica sobre “boa/má obra”, e está associada às narrativas autorais e às visões do literário sem o intermédio daqueles espaços de poder. Assim, a noção de autobiografia aí presumida, no sentido de subjetividades estáveis e únicas, pode ser contestada com as autopoéticas, em um sentido só possível na interação entre vozes culturais diversas, “em contextos específicos, dialógicos, em processos interpessoais e contextos multiculturais diversos” (Versiani, 2002). A partir dos métodos aplicados pela Autoetnografia, caracterizada por uma escrita do “eu”, e que põe no mesmo processo experiência pessoal e dimensões culturais da linguagem (Fortin, 2001), pretende-se apresentar algumas das características e modos de atuação na criação do literário e nos novos espaços de

representação a partir das descrições e publicização de uma obra autoral (Motocolombó) em uma rede social (Instagram), produzida pelo autor deste estudo e que constitui o objeto de pesquisa de sua tese de doutorado.

Referências: CASAS, Arturo. La función autopoética y el problema de la productividad histórica. (Artigo). In Atas do IX Seminario Internacional del Instituto de Semiótica literaria, teatral y nuevas tecnologías de la UNED. Madri: UNED, junho de 1999. FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. (Artigo). In Revista Cena, nº 7, Porto Alegre: UFRS, Helena Maria Mello (trad.), Ano [?]. VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. (Artigo). In Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 37, nº 4, dezembro, 2002. Pg. 57-72.

QUANTO ÀS SINGRADURAS: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE AS NAVEGAÇÕES DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN E A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Adriele Lima de Figueiredo

Resumo: O intuito deste estudo é se debruçar sobre a obra Navegações, de Sophia de Mello Breyner Andresen e a Carta de Pero Vaz de Caminha, duas obras de dois grandes escritores que exercem grande influência ainda nos tempos atuais. Pretende-se assim realizar uma viagem intertextual das duas obras. No diálogo, analisaremos o modo como o texto do escrivão português é retomado e ressignificado por Sophia. Na obra andreseniana, é explorado o profundo percurso de ascensão e declínio da expansão marítima portuguesa. A viagem como temática central, investiga a psicologia lusitana, o enaltecimento pelo desejo da navegação, o louvor às descobertas, os primeiros contatos entre-oceanos e as glórias heróicas testemunhadas e protagonizadas pelos viajantes invocados em seus versos. Das invocações estabelecidas no livro de Sophia, destacamos a do escrivão português, Pero Vaz de Caminha, a fim de produzir um estudo analítico e comparativo com a sua Carta ao rei Dom Manuel I. Diferentes textos que se debruçam pelos primeiros encontros que tiveram os navegantes portugueses com as terras novas no contexto da empreitada portuguesa das grandes navegações. Para isso, o presente trabalho busca percorrer e os deslocamentos possíveis no tempo, no espaço, e nos gêneros entre as duas obras, atentando-se na busca de possíveis contaminações, aproximações e disparidades entre as obras.

Referências: ANDRADE, Oswald de. Obras Completas. Vol 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora da Unochapecó, 2009. ALMEIDA, Catarina Nunes de. O Feito, a Gesta e o Olhar: o Oriente nas Navegações de Sophia de Mello Breyner Andresen. eLyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, 2014: p. 57-78. Disponível online: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/58>. Acesso em: 18 dez. 2021. ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. Roma: Newton Compton, 2015. ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Navegações. Prefácio Eucanaã Ferraz. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015. _____. Obra poética. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2018. _____. e SENA, Jorge de. Correspondência (1959-1978). 3ª ed. Lisboa: Guerra & Paz, 2010. p. 80-82. _____. Coral e outros poemas. Seleção e apresentação Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. _____. "Luís de Camões: ensombramento e descobrimento." In: Poemas escolhidos. Lisboa: Círculo de Leitores, 1981. p. 149-164. (Primeira publicação: Cadernos de Literatura, n. 5, Coimbra, 1980). CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta ao rei Dom Manuel I. Fonte: Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro. Disponível online: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021. CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Porto: Porto Editora, 2006. CERDEIRA, Teresa Cristina. De viagens e viajantes: Camões, Garrett e Saramago. Boletim do CESP – p. 9-21. v. 19, n. 24 – jan./jun. 1999. Disponível online: [http://www.letras.ufmg.br/cesp/textos/\(1999\)01-De%20viagens.pdf](http://www.letras.ufmg.br/cesp/textos/(1999)01-De%20viagens.pdf). Acesso em: 18 dez. 2021. p. 8. CHIARELLI, Stefania. Ruídos do mar, imagens da alteridade. Philos: Revista de Literatura da União Latina, Pernambuco, p. 08 -13, 01 nov. 2019. Disponível em: <<https://revistaphilos.com/2018/11/03/ruidos-do-mar-imagens-da-alteridade-por-stefania-chiarelli/>>. Acesso em: 11 ago. 2022. COUTINHO, Afrânio. Antologia brasileira de literatura: epopeia,

teatro, ensaio, crônica, oratória, cartas, memórias, diários, máximas, crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1967. 22 DA FONSECA, LUÍS ADÃO. O sentido da novidade na Carta de Pero Vaz de Caminha. Revista USP, n. 45, p. 38-47, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30107/31992>. Acesso em: 11 ago. 2022. DI CESARE, Donatella. Estrangeiros Residentes: Uma filosofia da migração. Belo Horizonte: yiné, 2020. ELIOT, Thomas Stearns. "Tradição e Talento Individual". In: Ensaios. Trad. e int. Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48. _____. Poesia. [Ed. especial]. Trad, int. e notas Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. LIMA, Luiz Costa, O redemunho do horror: as margens do Ocidente. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. LOURENÇO, Eduardo. O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2016. MACÉ, Marielle. Siderar, considerar: migrantes, formas de vida. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2018. MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena Moura. Dicionário grego-português (DGP): vol. 3. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006. MENDES, Murilo. "Janela do caos" In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. NAVA, L. M. As navegações de Sophia. In: Ensaios reunidos. Prefácio de Carlos Mendes de Sousa. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 174-178. NOVAES, Adauto (Ed.). A outra margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. PAZ, Octavio. Los hijos del limo, "La tradición de la ruptura". Editora digital Titivillus, 2020. Formato ebook, acessado em 29.10.2021. p. 12-31. PIGNATARI, Décio. O que é comunicação poética. 8ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005. POMA, Paola. Sophia: singular e plural. Org.: Paola Poma. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019. POUND, Ezra. ABC da literatura. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 2014. ROCHA, João Cezar de Castro et al. Nenhum Brasil existe. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2003. SECCHIN, Antonio Carlos. Um mar à margem: o motivo marinho na poesia brasileira do Romantismo. Revista USP, n. 47, p. 52-60, 2000.

CONVERGÊNCIAS ENTRE O GT "A MULHER NA LITERATURA" E O PROJETO DE RESGATE DE ZAHIDÉ MUZART: REDES COLABORATIVAS NA PESQUISA

Antonia Rosane Pereira Lima

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relacionar o projeto sobre escritoras do século XIX, organizado por Zahidé Lupinacci Muzart (1939-2015) e o GT "A mulher na literatura". Muzart foi editora, ensaísta, professora da Universidade Federal de Santa Catarina e organizou, em parceria com outras pesquisadoras, o projeto Escritoras brasileiras do século XIX (2000, 2004 e 2009), que recebeu apoio do CNPq. Segundo ela, a origem desse empreendimento se deu após uma disciplina que ela ministrou, no ano de 1985, cuja temática dizia respeito a escritoras brasileiras. Assim ela percebeu a dificuldade de encontrar informações sobre as autoras, assim como de ter acesso às suas obras, ausentes em livrarias e bibliotecas de todo o país. Após encontro com as pesquisadoras Rita Schmidt (UFRGS) e Eliane Vasconcelos (Fundação Casa de Rui Barbosa), no GT "A mulher na literatura", da ANPOLL, "nasceu" o estudo em questão, o qual foi coordenado por Muzart e as duas pesquisadoras citadas. Dada a amplitude do projeto, juntaram-se a elas outros nomes com objetos de estudos da mesma área e, a partir daí, criou-se uma rede de colaboração, a fim de pôr em prática o projeto. Como o grupo era composto por mulheres de diversas regiões do país e não havia recursos para os deslocamentos, elas se reuniam durante a participação em congressos de literatura e eventos do GT "A mulher na literatura", a fim de discutirem o andamento da pesquisa e decidirem questões metodológicas. Nesse sentido, a rede colaborativa teve papel crucial para o desenvolvimento dos estudos, com o intuito de trocarem artigos entre si, relacionados tanto às escritoras quanto a estudos teóricos, além de informações que fossem descobrindo acerca das mulheres pesquisadas. A fundamentação teórica contará com as próprias pesquisadoras, bem como Telles (1990, 2015, 2017), Holanda (1993), Schmidt (2000, 2009, 2019), dentre outros nomes.

Referências: ARAÚJO, Nara. Do vazio ao silêncio. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. 2. ed. rev., vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 13-16. ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. Tramas Femininas na Imprensa do Século XIX: Tessituras de Ignez Sabino e Délia. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação

em Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008. HELLMANN, Risoete Maria. Crítica literária feminista: o legado de Zahidé Muzart. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13º Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499448124_ARQUIVO_RISOLETEM_ARIAHHELLMANN.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2020. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O que querem os dicionários? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAUJO, Lucia Nascimento. Ensaios brasileiros. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 13-34. MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. vol. III. Florianópolis: Editora Mulheres: CNPq, 2009. MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. MUZART, Zahidé Lupinacci. Pedantes e bas-bleus: história de uma pesquisa. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. 2. ed. rev., vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 17-29. MUZART, Zahidé Lupinacci. Mulheres do século XIX: história de um projeto. In: REIS, Livia de Freitas; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Org.). Mulher e literatura. Niterói, RJ: EdUFF, 1999, p. 788-791. MUZART, Zahidé Lupinacci. O romance feminino no Brasil – Século XIX. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). Boletim no GT: A mulher na literatura nº 6. UFRN: CCHLA/PPGEL, 1996, p. 287-303. SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Algumas histórias sobre o feminismo no Brasil (Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. SCHMIDT, Simone Pereira. Longa vida ao trabalho contra a morte e o esquecimento. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. Vol. III. Florianópolis: Editora Mulheres: CNPq, 2009, p. 13-17. SCHMIDT, Simone Pereira; RAMOS, T. R. O. Num saquinho de cetim: escritoras brasileiras do século XIX. In: VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura, 2000, Salvador. VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura. Salvador: Quarteto Editora, 2000. SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. Crítica cult. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 105-113.

MESTRE DIDI: O CONTADOR-AUTOR

Filismina Fernandes Saraiva

Resumo: Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, foi escultor, sacerdote de candomblé e escritor, todas essas funções estavam ligadas ao universo ancestral e às tradições religiosas afro-brasileiras. Como escritor, publicou coletâneas de contos, histórias aprendidas de ouvido com seus mais velhos em contextos de terreiros de candomblé, de nação nagô-keto, na Bahia, ambientes nos quais fora criado. Seus contos, também, são recriações de histórias ligadas aos itans dos odus do sistema oracular Ifá, no Brasil, Erindilogun. Este artigo demonstra que o escritor Mestre Didi foi um contador-autor de uma literatura alicerçada na oralidade e na oralitura de gêneros textuais da tradição yorubana na diáspora brasileira. Os loci de seu aprendizado eram comunidades de axé, nas quais ele viveu, fundou e recebeu títulos. Os gêneros textuais da oralitura mais presentes na obra de Mestre Didi são os Oriki e os Ese-Ifá. Neste texto, demonstra-se a presença do segundo tipo através do conto “O senhorio e o escravo”, da coletânea Contos Negros da Bahia (2003). Para isso, utilizou-se procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica, contida na pesquisa qualitativa, com um quadro teórico trazido por estudiosos (as) como Almeida e Queiroz (2004), Santos (2004), Sodré (2004), Costa (1998), Amado (2003) Rocha (1999) e Ayoh’Omidire (2020).

Referências: ALMEIDA, Maria Inês de. QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz – as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica; FAE/UFMG, 2004. AMADO, Jorge. Didi e o saber do povo. In: SANTOS, Deóscoredes M. dos. Contos Negros da Bahia e Contos de Nagô. Salvador: Corrupio, 2003. p. 15 – 19. AYOH’OMIDIRE, Félix. YoruBaianidade: Oralitura e matriz epistêmica nagô na construção de uma identidade afro-cultural nas Américas. 1ª edição. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020. CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 11ª Edição. São Paulo: Global, 2001. CASTILLO, Lisa Earl. Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2010. COSTA, Edil Silva. Cinderela nos entrelaces da tradição. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. Fundação Cultural, EGBA, 1998. (Coleção Selo Editorial

Letras da Bahia). COSTA, Edil Silva. Oralidade e mestiçagem. In: COSTA, Edil Silva. Ensaio de malandragem e preguiça. Curitiba: Appris, 2015. P. 61-98. SANTOS, Deóscoredes M. dos. Contos Negros da Bahia e Contos de Nagô. Salvador: Corrupio, 2003. SANTOS, Juana Elbein. A expressão oral na cultura negro-africana e Brasileira. In: DIDI, Mestre. Contos crioulos da Bahia: Creole Tales of Bahia: Ákójopò Itàn Átenudénu Íran Omo Odùduwànillè Bahia (Brasî). Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004. SODRÉ, Muniz. Prefácio (à edição de 1973). In: DIDI, Mestre. Contos crioulos da Bahia: Creole Tales of Bahia: Ákójopò Itàn Átenudénu Íran Omo Odùduwànillè Bahia (Brasî). Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.

ULCERAÇÕES DO PASSADO, DORES DO PRESENTE: ANSIEDADE E TRAUMA NOS PERSONAGENS NEGROS EM DUAS NARRATIVAS DE JEFERSON TENÓRIO

Francis Willams Brito da Conceição

Resumo: Durante muito tempo, os transtornos relativos à ansiedade e ao trauma, no plano da realidade, foram vistos de maneira negligenciada ou sob o signo do recalque. Na ficção, considerando a representação dos personagens negros, a ansiedade não era uma temática evidenciada, devido, principalmente, ao processo de desumanização e invisibilização dos sentimentos dessas figuras literárias, que, perpassadas pelo racismo e pela exploração, eram geralmente representadas de modo estereotipado, a partir de suas relações de trabalho, força, desempenho e de sexo. Com o advento de uma abordagem de temas transversais na literatura contemporânea, apresentou-se também uma nova forma de representar e tensionar as relações afetivas, o racismo, o trauma, a ansiedade e outras dimensões da vida social dos personagens negros. Diante disso, objetivo deste trabalho é refletir sobre como o racismo cotidiano dos centros urbanos brasileiros podem gerar problemas relacionados à autoestima, ansiedade e espectros traumáticos de personagens negros nos romances “Estela sem Deus” (2018) e O “Averso da Pele” (2022), do escritor Jefferson Tenório. Para tanto, utiliza-se como base teórica os pressupostos de Dalcastagnè (2008), Gagnebin (2006), Kehl (2010), Kilomba (2019), Pollak (1989), Ratts (2020), Smolen e Araújo (2016), entre outros. A hipótese norteadora desta investigação é que os dois romances abordam personagens negros que, apesar dos danos traumáticos do racismo estrutural e da ansiedade oriunda dos dilemas de viver nos grandes centros urbanos racistas do Brasil, se mostram empoderados quanto à formação de uma consciência antirracista, a qual lhes possibilita um melhor dimensionamento de suas relações afetivas e sociais enquanto homens e mulheres negros/as.

Referências: GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar Escrever Esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (org.). O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010. POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. In: Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 09 jul. 2022. RATTS, Alecsandro J. P. Gênero, Raça e Espaço: trajetória de mulheres negras. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts_Genero.pdf>. Acesso em: 01 Ago. 2020. SMOLEN, Jenny Rose. ARAÚJO, Edna Maria de. Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática. Revista Ciência e Saúde Coletiva, v. 22, nº 12, p. 4021-4030, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/RJbPdTCPbgSFcMpMYjbh8Fv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jan. 2022.

LITERATURA E MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA: UM ESTUDO COMPARATIVO

Gildecil de Oliveira Leite

Resumo: A relação entre o texto literário e a mitologia afro-brasileira é intrínseca à mitologia citada, afinal mitologia possui também narrativa, poesia, dramaturgia, portanto, composta de diversos gêneros literários. Na literatura não cosmogônica, é possível identificar aspectos e contribuições de arquétipos afro-brasileiros, definindo os destinos de diversas obras, compondo a argamassa de personagens e argumentações. Tais construções há muito tempo têm sido possíveis graças a inserção

de autores e autoras em comunidades religiosas afro-brasileiras e também devido à adesão de membros destas comunidades ao fazer literário profano. A esta literatura pautada na mitologia afro-brasileira dá-se o nome de literatura de axé e seus responsáveis são autoras e autores de axé. Consciente da existência do adjetivo axé para denominar textos literários, autoras e autores, têm-se como objetivo deste estudo — além de apresentar os conceitos mencionados — através do método comparativo comprovar a existência e o devir ativo de representações mitológicas afro-brasileiras em obra literárias não cosmogônicas. Evidente, que para tal estudo serão necessárias diversas leituras de mitos afro-brasileiros já catalogados, publicados e/ou povoando de forma oral comunidades de axé a exemplo de terreiros de candomblés da Bahia. De posse de enredos, poesias e/ou dramaturgias necessárias, serão comentadas, comprovadas discutidas as afro-brasilidades guardadas nas entrelinhas das obras literárias escolhidas. Para o exercício proposto serão utilizadas produções de autores como Jorge Amado, Zora Seljan, Ildásio Tavares, Carlos Vasconcelos Maia, dentre outros. Ao final, o estudo comparativo irá demonstrar a importância da mitologia afro-brasileira para construções de obras literárias, cujo autores e autoras são denominados e denominadas como de axé.

Referências: AMADO, Jorge. Elogio de um chefe de seita. In: Anais do Congresso Afro-Brasileiro (2: 1937: Salvador, BA). Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1940. p. 186-188. AMADO, Jorge. Iemanjá pela mão de Zora. In: SELJAN, Zora. Iemanjá e suas lendas. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora: 1967, p.09. AMADO, Jorge. Iemanjá pela mão de Zora. In: SELJAN, Zora. Iemanjá: Mãe dos Orixás. Rio de Janeiro: Editora Afro-Brasileira, 1973, p.1. AUGRAS, Monique. As religiões de origem africana no contexto brasileiro. In: _____. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis: Vozes, 1983a, p.23 – 54. AUGRAS, Monique. De Iyá Mi a Pomaba-gira: transformações e símbolos da libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Candomblé, religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000, p.17 – 44. AUGRAS, Monique. Os modelos míticos. In: _____. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis: Vozes, 1983b, p.93 – 182. BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 1990. BRAGA, Júlio. Ancestralidade afro-brasileira; o culto de babá-egum. 2 ed. Salvador: EDUFBA / IANAMÁ, 1995. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. Cap. I e II, pp.19-104. BRANDÃO, Darwin. A cozinha baiana. 2 ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965. CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Cortez, 1997. CÂNDIDO, Antônio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1976. CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. CASCUDO, Luís da Câmara. A cozinha africana no Brasil. Luanda: [s.n.] 1964. CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares Africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro. Top books, 2001. DA MATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. _____. O que faz do Brasil, Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Organização: Liv Sovic; Tradução: Adelaine La Guardiã Resende et alli. Belo Horizonte: Editora da UFMG, Brasília: Representantes da UNESCO no Brasil, 2003, 434p. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro, 5ª ed. DP&A editora. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 2001. LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. LEITE, Gildecide de Oliveira. Jorge Amado: negro e de axé. Itabuna, Via Litteraurum; Casa de Palavras: Academia Baiana de Letras, 2012. LEITE, Gildecide de Oliveira. Jorge Amado: da ancestralidade a representação dos orixás. Salvador: EDUNEB, 2014. LEITE, Gildecide de Oliveira. Ofício de Obá. In: FRAGA, Myrian & FONSECA, Aleilton & HOISEL, Evelina. Itabuna, Casa de Palavras/ Academia Baiana de Letras, 2015. p. 209-218. LODY, Raul. Tem dendê, tem axé: etnografia do dendezeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 1992. LODY, Raul. Santo também come. Rio de Janeiro: Pallas, 1998. LUZ, Marco Aurélio. Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2000. PRANDI, Reginaldo. Conceitos de vida e de morte no ritual do axexê: tradição e tendências recentes dos ritos funerários no candomblé. In: MARTINS, Cléo & LODY, Raul. Rio de Janeiro: Pallas, 2000a, p. 174 –184. PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião, Revista USP, São Paulo, n. 46, p.52 – 65, jun / ago. 2000. PRANDI, Reginaldo. Deuses africanos no Brasil. In: _____. Herdeiras do Axé. São Paulo:

Hucitec, 1997, p. 1 –50. PRANDI, Reginaldo. Exu, de Mensageiro a Diabo. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/exu-dia.rtf>. Acessado em 30 mar. 2003. PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. Schwarcs: São Paulo, 2001. QUERINO, Manoel. A arte culinária na Bahia. Salvador: Progresso, 1922. SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos (Mestre Didi). Contos de Mestre Didi. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nago e a morte. Petrópolis: Vozes, 1986. SARAIVA, Filismina Fernandes. Literatura e cultura afro-brasileira: um estudo da obra o leque de oxum de Vasconcelos Maia. - Alagoinhas, 2012. 99f. SELJAN, Zora. Iemanjá: Mãe dos Orixás. Rio de Janeiro: Editora Afro-Brasileira, 1973. SELJAN, Zora. Iemanjá e suas lendas. Rio de Janeiro: Record Editora: 1967. SERRA, Ordep. Águas do Rei. Petrópolis: Vozes. 1995. SILVA, Pedro Ratis e. Exu / Obaluaíê e o Arquétipo do Médico Ferido na Transferência. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Candomblé, religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.p.165-196. SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. A cozinha e os truques: usos e abusos das mulheres de saias e do povo do azeite. In: CAROSO, Carlos & BACELAR, Jefferson. Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. p. 327-349. TAVARES, Ildásio. Nossos Colonizadores Africanos. Salvador: Edufba, 1996. TAVARES, Ildásio. Candomblés na Bahia. Salvador: Palmares, 2000. VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Rio de Janeiro: Corrupio, 1998. VERGER, Pierre Fatumbi. Lendas Africanas dos Orixás. Rio de Janeiro: Corrupio, 1999.

ODISSEIAS DUM DESERTO - UMA GEOPOÉTICA NOS ENTORNOS CONTEMPORÂNEOS SUJEITO-ESPAÇO

Jamile do Carmo Staniek

Resumo: O conceito de cultura tem adquirido, nas últimas décadas, outras plataformas de observação nas quais as alteridades, bem como seus respectivos entornos ecológicos, têm conquistado maior amplitude discursiva, transdisciplinarmente dialógica, contrapondo-se às legitimações hierarquicamente estabelecidas (BOUVET; WHITE, 2008). Nestes novos vieses epistemológicos, o mesmo ocorre quanto ao pensar sobre o sujeito e o espaço, passando estes também a adquirirem outras perspectivas de observação afora padrões dicotômicos, senão interrelacionais (BACHELARD, 2005; TUAN, 2012). Traçando a partir daí um paralelo entre as naturezas física e humana, a série de contos Odisseias dum deserto (DO CARMO, 2022) explora, numa simbólica relação texto/imagem, reflexões existencialistas propondo, através do verbo "desertar", jogos de reconstrução de sentidos. Mesclando humor filosófico a um conceito geopolítico de "nomadismo intelectual" (McMANUS, 2007), ou seja, um movimento não apenas físico como também de dinâmicas de pensamento, fomenta-se descentramentos perceptivos por um olhar crítico ao próprio cotidiano e seus paradigmas. Por esta poética de espacialidades e deslocamentos, os contos, que também são performatizados dentro de uma teatralidade dialógica, abordam processos de (re)significação de mundo a partir dos dramas pessoais das personagens. O deserto, assim, é tomado como um referencial metafórico ao sentimento de vazio contemporâneo, bem como espaço de reconstrução a partir do absolutamente neutro, similar ao que Barthes (2002) denomina "grau zero". A odisseia corresponde à necessidade da busca, paródia ao épico do banal cotidiano, um percurso ao encontro de si em meio ao nada. Uma aventura humanista cujo teor satírico-reflexivo das histórias ilustra a natureza daqueles que "desertam", daqueles que, por motivos como medo, exclusão, silenciamento, invisibilização ou imersão em obscurantismos, vagam no ermo. Para onde? - eis o questionamento nômade intelectual predominante.

Referências: DO CARMO, Jamile. Odisseias dum deserto. São Paulo: Giostri, 2022. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2005. BARTHES, Roland. Le degré zéro de l'écriture. Œuvres Complètes. Livres, Textes, Entretiens. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par éric Marty. Paris: Seuil, 2002: I, 180. BOUVET, Rachel; WHITE, Kenneth (orgs). Le nouveau territoire. L'exploration géopoétique de l'espace. Montréal: Coll. Figura, 2008. McMANUS, Tony. The Radical Field. Edinburgh: Sandstone Press, 2007. TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

A MÍMESIS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DO POEMA DOMINGO DE SAMBA, DOMINGO DE SANGUE

João Elias da Cruz Neto

Resumo: Muitos textos da literatura contemporânea fazem referência direta a acontecimentos da sociedade que são bastante divulgados para a população pelos diversos meios de comunicação. Neste trabalho, vamos analisar o poema Domingo de Samba, Domingo de Sangue, de autoria do poeta Ricardo Vieira Lima, que tem como tema o assassinato de um músico no Rio de Janeiro, que morreu após ser alvejado por, pelo menos, 80 tiros, disparados por militares do Exército Brasileiro, e acabou tendo repercussão nacional e internacional. Para isso, inicialmente fazemos uma breve introdução sobre o autor do poema; depois, discorremos sobre o estudo da mimese, que faz uma relação entre a literatura e a realidade, por meio das obras de autores como Platão, Aristóteles, Costa Lima e Compagnon. Em seguida, analisamos o impacto do assassinato na mídia e na sociedade, mostrando como os meios de comunicação divulgaram o caso, e, ainda, descrevemos e analisamos o poema, especificando todos os seus versos, levando em consideração a teoria dos autores estudados. Por fim, relacionando com os estudos de Pellegrini e Candido, chegamos à conclusão de que o poema se enquadra na escola literária do realismo por fazer uma representação objetiva do momento presente da narrativa. No entanto, o poema não é uma simples narração do acontecimento como se fosse uma notícia jornalística, pois o autor trabalha a linguagem se utilizando de métricas características da poesia, além de diversos recursos estilísticos, transformando as informações em arte.

Referências: Aristóteles. Poética – introdução, tradução e comentários de Eudoro de Souza. Porto alegre: Globo, 1966. Atlas da Violência. IPEA. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/1/homicidios>>. Acesso em: 22 jul 2022. CANDIDO, Antonio. Realidade e realismo. In: _____. Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. CEIA, Carlos. Mimesis ou Mimese. IN: E-Dicionário de Termos Literários, 20 jun 2010. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mimesis-mimese>. Acesso em: 11 ago 2022. COMPAGNON, Antoine. O Mundo. In: O demônio da teoria: literatura e senso comum; tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999. COSTA LIMA, Luiz. O Questionamento das Sombras: Mimesis na Modernidade. IN: Mimesis e Modernidade: forma das sombras. Rio de Janeiro: edições Graal, 1980. COSTA LIMA. Representação Social e Mimesis. In: Dispersa Demanda. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/x1vcv5x>>. Acesso em: 10 jul 2022. DANIEL, Claudio (organizador). 80 balas, 80 poemas. Disponível em: <<https://www.revistazunai.org/80-balas-80-poemas>>. São Paulo: Zunai, 2020. Evaldo dos Santos Rosa. Estadão. Disponível em: <<https://busca.estadao.com.br/?q=evaldo%20dos%20santos%20rosa>>. Acesso em: 18 jul 2022. Evaldo dos Santos Rosa. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://search.folha.uol.com.br/?q=evaldo+dos+santos+rosa&site=todos>>. Acesso em: 22 jul 2022. LANNOY, Carlos de. Homem morre depois que carro em que ele estava com a família foi fuzilado pelo Exército. Rede Globo, 07 abr 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7521583/?s=0s>>. Acesso em: 22 jul 2022. OLIVEIRA, T. M. de, & Bazzanella, S. L. (2020). Mimese, Verossimilhança e Catarse: contribuições de Aristóteles aos estudos literários. Revista Húmus, 10(29). Disponível em: <<http://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/14813>>. Acesso em: 10 jul 2022. Pellegrini, T. (2008). Realismo: postura e método. In: Letras De Hoje, 42(4). Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4119>>. Acesso em: 09 jul 2022. PLATÃO. A República. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Pentalogia Dialogal – 5 poemas do livro inédito Aríete, de Ricardo Vieira Lima. Revista Mallarmagens, 14 fev 2020. Disponível em: <<http://www.mallarmagens.com/2020/02/pentalogia-dialogal-5-poemas-do-livro.html>>. Acesso em: 20 jul 2022. Projeto cria figura do excesso exculpante e amplia o conceito de legítima defesa. Câmara dos Deputados, 29 mar 2022. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/862024-PROJETO-CRIA-FIGURA-DO-EXCESSO-EXCULPANTE>>.

E-AMPLIA-O-CONCEITO-DE-LEGITIMA- DEFESA>. Acesso em: 20 jul 2022. SALTARELLI, T. C. V. L. (2009). Imitação, emulação, modelos e glosas: o paradigma da mimesis na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 251–264. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.251-264> SILVA, Carla Araujo Lima da. Mimesis e Representação em O Visconde Partido ao Meio. IN: Farias, Sonia L. Ramalho de; e Pereira, Kleiton Ricardo Wanderley [orgs.]. Recife: Pipa Comunicação, 2013. Mimesis e Ficção. Disponível em: <<https://issuu.com/pipacomunica/docs/mimesis-e-ficcao>>. Acesso em: 09 jul 2022. Uma família negra teve o carro atingido por policiais do Exército sem motivos e revolta internet. Purebreak, 08 abr 2019. Disponível em: <<https://www.purebreak.com.br/noticias/morte-de-musico-negro-apos-ser-confundido-com-bandidos-pelo-exercito-causa-revolta-na-internet/85264>>. Acesso em: 20 jul 2022.

MEMÓRIA COLETIVA E RESISTÊNCIA NO ROMANCE TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR.

Josenilda Araújo Damasceno

Resumo: Esta comunicação é parte das discussões de minha pesquisa de doutorado, ainda em curso, pelo Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura (PPGLITCULT), da Universidade Federal da Bahia, com orientação da Professora Dra. Júlia Morena Costa, sobre o romance Torto arado (2019), de Itamar Vieira Junior, na qual investigo como as personagens se articulam dentro de uma estrutura capitalista no cenário rural de exclusão e negligência do Estado brasileiro, propondo um modelo de resistência. A literatura afro-brasileira, na qual se inscreve a escrita de Itamar Vieira Junior, se transfigura por meio da luta contra o estereótipo e o racismo através de uma linguagem combativa e engajada, empenhada em corrigir e reverter o que por séculos forjou-se como discurso nacional. A obra nos instiga a refletir sobre questões históricas do país e práticas que se repetem ao longo do tempo, como a escravidão, a opressão dos donos das terras sobre os trabalhadores rurais, a negação a direitos básicos e a violência contra as mulheres. As personagens narradoras do romance ecoam vozes silenciadas, fazendo emergir a memória coletiva, legado e resistência da comunidade de Água Negra, mas também elo de reconhecimento e ressignificação da história e da identidade do povo negro na diáspora. Nesta perspectiva, proponho-me a analisar a obra citada em diálogo com as proposições de Florentina Souza (2014), Grada Kilomba (2019), Henrique Freitas (2018), Jacques Le Goff (2013), Léila Gonzales (1984) e Michael Pollak (1017), dentre outros.

Referências: FREITAS, Henrique. Yorubantu: Por uma epistemologia negra no campo dos estudos literários no Brasil. *Revista de Letras. Vitória da Conquista* v. 10, n. 2 p. 161-172 jul./dez. 2018. GONZALEZ, Léila. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984. LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. Tradução Bernardo Leitão [etal]. *História e Memória*. 7. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 03 out. 2017. KILOMBA, Grada. Memórias de plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. SOUZA, F. S. Literatura e pensamento afro-brasileiro. In: FUNCK, S. B; MINELLA, L. S; ASSIS, G.O. (Org.) *Linguagens e narrativas: desafios feministas*. Tubarão: Copiart, 2014. VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

FIGURAÇÕES DO ESCRITOR COMO TRABALHADOR EM "DESCOBRI QUE ESTAVA MORTO" DE JOÃO PAULO CUENCA

Lais Luciene da Silva Carvalho

Resumo: O trabalho é uma categoria central para refletir sobre a contemporaneidade e o atual momento de expansão de políticas neoliberais que disseminam a precariedade em suas mais diversas manifestações. Nesse contexto, esta comunicação pretende analisar a figuração do escritor como trabalhador no romance *Descobri que estava morto* (2016), de João Paulo Cuenca. Nessa narrativa ficcional a escrita aparece como um trabalho em que o escritor e narrador-personagem emprega suas capacidades, tempo, dedicação e esforços. Então, se indagará como o escritor figura como trabalhador e que reflexões faz sobre suas práticas relacionadas à escrita de tipo ficcional,

considerando a relação que se estabelece entre literatura e mercado. Isso porque, em um mundo laboral em constante transformação, no romance de Cuenca aparece uma figuração do escritor como um trabalhador que dispõe de suas experiências pessoais, seu corpo e afetos como materiais que podem ser aproveitados para sua escrita e, portanto, capitalizados para o trabalho. Por outro lado, o escritor também adota estratégias de legitimação e produção de valor no contexto do já mencionado neoliberalismo que, além de destruir mecanismos de solidariedade e proteção social, conforma novas subjetividades e relações sociais. Nesse cenário que promove a competição entre indivíduos, aparece como demandada aos sujeitos a capacidade de autopromover-se, sendo mesmo possível a figura do escritor-trabalhador como “empresário de si mesmo”. Considerando que se trata de uma temática pouco e recentemente abordada pela produção crítica latino-americana, a análise da obra de Cuenca ilumina novas zonas das literaturas contemporâneas da América Latina ao considerar que o trabalho e o trabalho do escritor especificamente configuram diferentes modos de narrar que cruzam dimensões documentais, com, por exemplo, a incorporação de expedientes policiais referentes à morte do autor, e ficcionais.

Referências: Antunes, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018. Barthes, Roland. La preparación de la novela: notas de cursos y seminarios en el Collège de France, 1978-1979 y 1979-1980. México: Siglo XXI, 2005. Boltanski, Luc, y Chiapello, Eve. El nuevo espíritu del capitalismo. Madrid: Ediciones Akal, 2002. Cárcamo-Huechante, Luis, Fernández Bravo, Álvaro y Laera, Alejandra (comps). El valor de la cultura: arte, literatura y mercado en América Latina. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007. Carvalho, Lucas Bandeira de Melo. “O autor como fetiche: a autoficção em JP Cuenca”. Revista Z cultural Revista do Revista do programa avançado de cultura contemporânea, 1º semestre, 2017. Cuenca, João Paulo. Descobri que estava morto. São Paulo: Planeta, 2016. Dardot, Pierre y Laval, Christian. La nueva razón del mundo. Barcelona: Gedisa, 2013. Laera, Alejandra y Rodríguez, Fermín (coord). “Presentación Dossier El cuerpo del trabajo”. A contracorriente. Una revista de estudios latinoamericanos, 16(3), 2019. Lahire, Bernard. “O jogo literário e a condição de escritor em regime de mercado” Fórum Sociológico. Série II, no. 19, 2009. Lorey, Isabell. Estado de inseguridad: gobernar la precariedad. Madrid: Traficantes de Sueños (2016). Magri, Ieda. “Autocomposição em Descobri que estava morto, de JP Cuenca” Z cultural Revista do Revista do programa avançado de cultura contemporânea, 2º semestre, 2016. Marx, Karl. O capital: livro 1, o processo de produção do capital (1867). São Paulo: Boitempo, 2013. Molina, Cristian. Relatos de mercado: literatura y mercado editorial en el Cono Sur (1990-2008). Rosario: Fiesta Ediciones, 2013. Polanyi, Karl. La gran transformación: los orígenes políticos y económicos de nuestro tiempo (1944). México: FCE, 2003.

A EXALTAÇÃO DA BELEZA DA MULHER NEGRA NA POESIA “MEUS AMORES” DE LUIZ GAMA

Magnólia Ferreira Cruz da Paixão

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o lirismo romântico da obra Primeiras trovas burlescas (2000) do poeta Luiz Gonzaga Pinto da Gama, edição organizada por Lígia Ferreira Fonseca, a qual reúne poemas da primeira e segunda edição da obra, lançadas em 1859 na cidade de São Paulo e 1861 no Rio de Janeiro pelo autor, esta é composta de sessenta e três poemas líricos e satíricos. Além disso, os poemas líricos do autor trazem a valorização da mulher negra, características até então desvalorizados pelos poetas do Romantismo brasileiro. Como forma de afirmação e valorização da identidade, Gama é o primeiro poeta da literatura brasileira a exaltar em seus versos a sensualidade e a beleza da mulher negra. Por ser um poeta da terceira geração do Romantismo, mesmo não tendo sido reconhecido pelos críticos da sua época, sua poesia deixa transparecer signos comuns aos românticos, no que diz respeito à inacessibilidade da mulher amada e a presença do amor sentimental totalmente antagônico ao carnal. São trazidos para o debate, o poema, “Meus amores” de Luís Gama, extraídos da sua única obra Primeiras trovas burlescas de Getulino (2000), sob a ótica crítica de Eduardo de Assis Duarte, Florentina Souza, Lígia Fonseca Ferreira, Zilá Bernd e outros.

Referências: AZEVEDO, Elciene. Orfeu da carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas, SP: Editora Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

BASTIDE, Roger. Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973. BERND, Zilá. Negritude e literatura na América Latina. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. _____. O que é negritude. São Paulo: Brasiliense, 1988. CÂMARA, Nelson. O advogado dos escravos: Luiz Gama. 2ª ed. São Paulo: Lettera.doc, 2010. DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura, política, identidades: ensaios. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2005. DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira: ensaios. Belo Horizonte: NAVEGAÇÕES/UFGM, 2013. FERREIRA, Jerusa Pires. Da Bahia a São Paulo – Luiz Gama, o nosso valoroso “Orfeu de carapinha”. Revista USP, São Paulo, n.58, p. 148-153, junho/agosto 2003. FERREIRA, Lígia Fonseca (Org.). Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. GAMA, Luiz. Primeiras Trovas Burlescas e Outros Poemas: edição preparada por Lígia Fonseca Ferreira – São Paulo: Martins Fontes, (2000). GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020. HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. LOPES, Nei. Bantos, malês e identidade negra. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. MARTINS, Heitor. Luiz Gama e a consciência negra na literatura. Afro-Ásia. Salvador, 1996. MENNUCCI, Sud. O precursor do abolicionismo no Brasil: Luís Gama. São Paulo: Campanha Editorial Nacional, 1938. MORAES, Marcos Antônio (org.). Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa. São Paulo: Moderna, 2005. MOUZAR, Benedito. Luiz Gama: o libertador dos escravos e sua mãe libertaria, Luiza Mahin. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e Sentidos. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988. MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999. NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016 OLIVEIRA, Sílvia Roberto dos Santos. Gamacopéia: ficções sobre o poeta Luiz Gama. Campinas, SP, 2004. PINHO, A. M. A margem e o Outro, retratos de índio no Romantismo. Instrumento (Juiz de Fora) , v. 10, p. 37-44, 2008. RIBEIRO, Djamil. Quem tem medo do feminismo negro? 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018. SANTOS, Luiz Carlos. Luiz Gama. São Paulo: Selo Negro, 2010. SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. SOUZA, Florentina. Revertendo sentidos e lugares. Afro-Ásia, núm. 24, p. 397-404, Universidade Federal da Bahia Brasil, 2000. _____. Literatura Afro-brasileira: algumas reflexões. Revista Palmares Ano 1-Número 2. Brasília, dezembro/2005. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré, (Org.) Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. 2. ed São Paulo: Ática, 2007. Palavras-chave: Mulher Negra; minha mãe; Luiz Gama. Data Envio: 13-05-2022.

POETAS-PEÕES: A POESIA REVOLUCIONÁRIA DO HOMEM COMUM NO CINEMA

Maíra Pires Cabral Piccin

Resumo: A presença da literatura no cinema vai além da adaptação. Muitas vezes essa arte é levada à tela grande não como um repositório de histórias a serem recontadas, mas como objeto de homenagem. É assim nos filmes O homem que virou suco (João Batista de Andrade, Brasil, 1980); A Febre do Rato (Claudio Assis, Brasil, 2011); e Paterson (Jim Jarmusch, EUA, 2016). Os três filmes, onde o personagem principal é um poeta, têm a literatura como ponto de partida, colocando a poesia e seus autores como alvo de reverência. No primeiro longa, um cordelista que deixou o Nordeste para viver em São Paulo se mostra capaz de lutar contra a opressão do capitalismo; no segundo, um poeta morador de Recife imprime sua poesia em casa e a distribui pelas ruas, acabando por deixar um pouco do seu desejo de liberdade naqueles que o cercam; em Paterson, o protagonista é um motorista de ônibus que escreve versos nas horas vagas, o que lhe permite lidar de forma positiva com a rotina repetitiva e desinteressante. Por meio desses três títulos, a sétima arte recorda ao público do poder da literatura enquanto ferramenta de resistência humana e, conseqüentemente, transformação pessoal e social. Os roteiros mostram que é por meio da poesia que os seus autores, os três homens comuns representantes das classes trabalhadoras, não apenas conseguem resistir à dureza do cotidiano, como também mudar o seu entorno. Nosso trabalho tem por objetivo mostrar como esses títulos constroem a figura do poeta e transmitem ao público a ideia da poesia/literatura

como algo essencial ao desenvolvimento humano e social. As análises são fundamentadas sobretudo nos teóricos Antonio Candido, Georg Lukács e Raymond Williams.

Referências: Livros CANDIDO, Antonio. Vários Escritos, 6ª edição, Rio de Janeiro, editora Ouro sobre o Azul, 2017. CANDIDO, Antonio, et al, A Personagem de Ficção, 13ª edição, São Paulo, Perspectiva, 2014. JULLIER, Laurent. Analyser un film – De l'émotion à l'interprétation. Université de Lausanne, 2022. LUKÁCS, Georg., "Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels". Tradução de Leando Konder. Ensaios sobre literatura. 1965, Civilização Brasileira. WILLIAMS, Raymond. Marxismo y literatura. Tradução de Guillermo David. Buenos Aires, Editorial Las Cuarenta, 2009. Filmes A FEBRE DO RATO. Direção: Cláudio Assis. Brasil: 2011. Netflix (115 min.) PATERSON. Direção: Jim Jarmusch. EUA: 2016. Mubi (118 min.) O HOMEM QUE VIROU SUCO. Direção: João Batista de Andrade. Brasil: 1980 (94 min.)

CLARA ANT E JANJA: LULA ESCRITO POR MULHERES.

Maria da Conceição Pinheiro Araújo

Resumo: Esse estudo pretende abordar a presença e a visão feminina contemporâneas. Sobre a presença de Janja ao lado de Lula, uma das primeiras sensações é de que ela reúne qualidades fundamentais para a realização dos ambiciosos projetos políticos dele: a energia jovem de fundo apaixonado e um conhecimento crítico reunido a uma inteligência e preparo. Estamos falando aqui de uma militante. Quando essas qualidades se juntaram em vista da injustiça feita pela oposição, criou-se esse fenômeno de mulher e guerreira. Clara Levin Ant caminha com Lula desde muito antes de sua chegada à presidência. Suas estradas se cruzaram na década de 1970, quando ambos faziam história no movimento sindical, e se aproximaram ainda mais a partir de 1990, quando Clara passou a assessorar Lula e a atuar diretamente no PT. À época das primeiras campanhas eleitorais para a presidência, Clara participou da organização de uma das mais importantes atividades do partido: as Caravanas da Cidadania, que permitiram a Lula ver de perto o sofrimento do povo e o descaso de grande parte das autoridades com regiões pobres de todo o Brasil. São décadas de companhia escrita narrada sob a ótica de uma mulher que participou desde o auge dos movimentos sociais e do sindicalismo até a fundação do PT e da CUT, a chegada de Lula à presidência, sua prisão e sua liberdade. A posse foi um desses momentos/movimentos em que a significação, a espera, a libertação, não poderão mais ser apagados da memória nacional.

Referências: PINHO, Adeílto Manoel, ALMEIDA, Danilo Cerqueira (irgs.). Literatura e vida em 2021: educação, memória, identidade, negação, pandemia, protocolo, isolamento, leis, políticas. Porto Alegre: Mundo Acadêmico, 2022. Quatro décadas com Lula: O poder de andar junto (com caderno de fotografias) [https://www.google.com/search?kgmid=/g/11t7bwjv1q&hl=pt-BR&q=Quatro+d%C3%A9cadas+com+Lula:+O+poder+de+andar+junto+\(com+caderno+de+fotografias\)&kgms=dad149d1e0c2926b&shndl=17&source=sh/x/kp/osrp/4&entrypoint=sh/x/kp/osrp](https://www.google.com/search?kgmid=/g/11t7bwjv1q&hl=pt-BR&q=Quatro+d%C3%A9cadas+com+Lula:+O+poder+de+andar+junto+(com+caderno+de+fotografias)&kgms=dad149d1e0c2926b&shndl=17&source=sh/x/kp/osrp/4&entrypoint=sh/x/kp/osrp).

A ECOPOESIA DE POETAS GOIANOS

Maria de Fátima Gonçalves Lima

Resumo: Neste estudo, escolhi para um trabalho crítico poemas da poetisa baiana de Urandi, Lêda Selma, que adotou Goiás como berço para sua Literatura. Também poetas goianos Maria Helena Chein, Edival Lourenço, Gilberto Mendonça Teles e Getúlio Targino. Esse ensaio se debruça sobre a ação ecopoética, dos autores, que pode ser verificado em vários poemas que tematizam água, rios e a natureza HUMANA apresenta uma relação dialética entre a literatura e o meio ambiente, como pontua os estudos do ecocrítico. Os poemas exploram os rios de Goiás, as colheitas, a natureza e filosofam poeticamente com os melindres da existência humana, das interações, da natureza e do cosmo e outros motes presentes nas ecopoemas. As vozes líricas utilizam-se de recursos de polissemia da linguagem, por meio de seus enigmas, matizes e mistérios. Conferem clamor aos silêncios e às indagações. Conscientes da provisória existência, questionam, de forma ecopoética as adversidades da vida e a presença humana relacionando-a com o meio ambiente num eficiente e plural jogo de vocábulos, versos e expressões que exploram a imaginação. Para Bachelard a imaginação, vista como a possibilidade de criar imagens, é: "a faculdade de deformar as imagens

propiciadas pela percepção, isto é, como a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, por meio de uma acentuada e contínua alteração”. (BACHELARD, 2001, p.1). Para Durand o espírito do imaginário é um “esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte” (DURAND, 1999, p.31). Essa esperança viva manifesta-se nos ecopoemas em que as imagens e as palavras ecoam, suspiram, lamentam e agonizam a natureza emudecida. Neste sentido, o meio ambiente, por meio das artes literária busca ser ouvido, visto e sentido em todas as suas nuances.

Referências: BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988. _____. A Água e os Sonhos: Ensaio Sobre a Imaginação da Matéria. /Trad. De Antônio De P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1998. _____. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. /Trad. M^a Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes. 2001. DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012. _____. Campos do Imaginário/trad. Maria João Batalha Reis. Coleção Teoria das Artes e Literatura. Instituto Piaget, 1996. LIMA, Maria de Fátima Gonçalves, Iêdo de Oliveira Paes / Antônio Donizeti da Cruz (org.). Imaginário e performatividade. – Goiânia: Kelps, 2016. _____. Arte e Poesia em Goiás. Goiânia. ed. Kelps. 2020. _____. Três líricas performativas. Goiânia: Ed. da UCG, 2007. _____. Leitura e Poesia I – Do Barroco ao Romantismo. Coleção Verso e Prosa, Kelps / Editora PUC-GO, 2009. _____. Leitura e Poesia II – Leitura e Poesia II – Modernismo. Coleção Verso e Prosa, Kelps / Editora PUC-GO, 2012. _____. O discurso do rio em João Cabral. Lusoedições. Salamanca 2016. _____. Sociologia Goiana: o sentido da arte de a (r) mar o poema. Guará: Linguagem e Literatura, v. 3, p. 79-89, 2013 PAZ, Octávio. O arco e a lira. Trad. Olga Saravary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 368 p. PITTA, Danielle Perin Rocha. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand. Rio de Janeiro: Atlântica Ed., 2005. – (Coleção filosofia) RICOEUR, Paul. A Metáfora Viva. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 500 p. SELMA, Lêda. Sombras e sobras. Goiânia: Ed. da UCG, 2007. SILVA, Domingos Carvalho da. Uma teoria do poema. Civilização Brasileira, 1989 [1986] WUNENBURGER, Jean-Jacques. O imaginário. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2007.. ZUNTHOR, Paul. A Letra e a Voz: A “literatura” medieval. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. _____. Performance, Recepção e Leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

A RELAÇÃO ENTRE O MUNDO EXTERIOR E A CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES EM TERRA DENTRO, DE VANESSA VASCOUTO

Paula Mendonça Dias

Resumo: Publicado em 2020, o romance Terra dentro, da catarinense Vanessa Vascounto, apresenta a história de duas famílias que moravam e trabalhavam numa plantação de batatas no interior rural do sul do Brasil. Com três vozes diferentes, os irmãos Rita, Mirna e Mosquito contam, a partir de suas memórias, o violento acidente que impactaria a vida de cada um deles. Mosquito, o irmão mais novo, era apaixonado por Rosa, filha do vizinho Nito, e se encontrava sempre com ela nos pés de um caquizeiro. Um dia, entretanto, Nito, que se opunha ao relacionamento dos dois, dá uma surra em Mosquito e põe fogo na árvore. Movido pela raiva, o caçula decide matar o pai da namorada, mas acaba dando uma facada em André, que tentava separar a briga, irmão de Rosa e marido de Rita. André morre, Rita perde a neném que estava gestando e Mosquito é preso. Mirna, a irmã mais velha, passa então a cuidar de Rita, que enlouquece com a morte do marido e da filha. Com estrutura fragmentada, emaranhados de pensamentos e mistura de gêneros, o romance é aos poucos narrado alternadamente pelos três irmãos. Em poucas páginas, a autora nos leva a entrar em contato com essas três subjetividades diferentes entre si, concebidas a partir da violência e do abandono no ambiente rural, cada uma com particularidades que vão dando complexidade à história. Nesta comunicação, propomos uma leitura enfocando a construção das personagens feita a partir da relação existente com o mundo exterior que passa a moldar seus mundos interiores. Para tanto, teremos como base as ideias de Karl Erik Schollhammer, em Ficção brasileira contemporânea (2009), pensando a literatura que passa agora a conciliar a dimensão subjetiva com a conjuntura social e histórica, e vice-versa.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2010. CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. SCHOLLHAMMER, Erik K. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. VASCOUTO, Vanessa. Terra dentro. São Paulo: Reformatório, 2020.

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – OYÁ, NANÃ E OXUM PRESENTES: CRUZANDO LEITURAS DE JORGE AMADO, MARCELINO FREIRE E RODRIGO SANTOS

Pedro Dorneles da Silva Filho

Resumo: A partir de uma perspectiva decolonial, em que signos culturais afrodiaspóricos são considerados aportes basilares para a efetivação da resistência de subjetividades negras no Brasil, que proponho ensaiar leituras cruzadas entre três personagens da ficção brasileira contemporânea. A primeira, Santa Bárbara/Oyá, em O sumiço da santa (1988), de Jorge Amado; a segunda, Dona Preta, do conto “Favela Fênix”, presente no livro Amar é crime (2015), de Marcelino Freire e, por fim, A senhora sozinha, do conto “Aluga-se uma casa pequena para uma senhora sozinha”, do livro Carcará (2021), de Rodrigo Santos. O elemento comum aos textos escolhidos é a dualidade entre opressão/estruturas hegemônicas (obscuridades) e liberdade/resistências (iluminações). Como arcabouço teórico no desenvolvimento dessa análise, afianço-me a reflexões sobre identidade, marginalização, cultura, memória e decolonialidade. Tomando como ponto de partida o proposto por Stuart Hall em A identidade cultural na pós-modernidade, Georges Didi-Huberman em A sobrevivência dos vagalumes, Walter Mignolo em Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar e Giorgio Agamben em O que é o contemporâneo?, procuro articular a representação das personagens femininas das narrativas ficcionais supracitadas aos projetos políticos, estéticos e éticos que têm sido pensados para se refazer a história ocidental. Nesse sentido, a análise literária estará substancialmente atravessada por uma mirada epistemológica que reconhece como potência as cifras identitárias e signos advindos de povos e culturas até então subalternizados. Assim, elementos derivados da cosmogonia/teogonia afrodiaspórica imbricam-se ao social, afetivo e psicológico, denotando a força política dos corpos individuais dentro das narrativas como formas de instaurar um devir possível de brilho e beleza a quem por muitos séculos esteve relegado às obscuridades. Oyá, Nanã e Oxum presentes.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009. AMADO, Jorge. O sumiço da santa: uma história de feitiçaria. Rio de Janeiro: Record, 1988. DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. FREIRE, Marcelino. Amar é crime. Rio de Janeiro: Record, 2015. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. SANTOS, Rodrigo. Carcará. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

A ONOMÁSTICA LITERÁRIA EM FLAGELADOS DO VENTO LESTE, DE MANUEL LOPES, E EM VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS: COMPARAÇÃO E COMUNITARISMO

Raul Martins Queiroz Junior

Resumo: Este trabalho objetiva evidenciar a relação dos nomes de algumas personagens das obras de Manuel Lopes e de Graciliano Ramos com os seus respectivos enredos e ambientes, sobre a perspectiva da Literatura Comparada. Também é de intuito da pesquisa dar visibilidade ao trabalho literário cabo-verdiano com as vistas do comparatismo literário comunitário, uma vez que uma das obras, pertencente à literatura africana, é, ainda, pouco conhecida do público leitor brasileiro, embora tenha grande expressão em língua portuguesa. Para isso, serão levados em consideração os preceitos da Onomástica Literária, ramo que estuda os nomes próprios voltado aos trabalhos literários, com abordagem da Antroponímia Ficcional. A pesquisa tomará como base os fundamentos adotados por autores como Antônio Cândido e Benjamin Abdala Junior para um comparatismo literário, bem como os trabalhos de Rosa (2018) e de Santos (2003) acerca de Onomástica Literária. Inicialmente, far-se-ão observações sobre as duas obras e seus respectivos contextos de produção.

Após isso, serão elencados os nomes, sua etimologia, seu significado e sua relação simbólica com aspectos relevantes da obra em que estão inseridos. Em seguida, serão feitas considerações a respeito da utilização de tais nomes por ambos os autores, com vistas a propor que a nomeação das personagens não foram acidentais, mas sim intencionais.

Referências: BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. BRITO, Adriano Naves de. Nomes próprios: semântica e ontologia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2v CANDIDO, A. La mirada crítica de Angel Rama. In: _____. Ensayos y comentarios. Traducción de Rodolfo Mata Sandoval e Maria Teresa Celada. Campinas: Ed. da Unicamp; México: Fondo de Cultura Económica, 1995. p.355-365.

SIMPÓSIO “ESPECTROS DE WALTER BENJAMIN NA POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI”

Helano Ribeiro (UFPB), Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG) e Patricia Gissoni de Santiago Lavelle (Puc-Rio)

DO CINE-PENSAMENTO AO POEMA DE DENTRO: ANTUNES/BANDEIRA/CICERO DIAS

Ana Luiza Britto Cezar de Andrade

Resumo: Na casa da memória benjaminiana, poetas contemporâneos como Arnaldo Antunes suspendem um quarto poético em relação à série lírica de Bandeira de quartos quanto à ex-timidade (Lacan) que projeta imagens. Invocando o painel de Cícero Dias “Eu vi o mundo e ele começava no Recife” há uma cama que voa com um menino sobre ela. Seria esse o lugar do poeta? O espaço do quarto benjaminiano (Viagens ao redor de meu quarto- Xavier de Maistre) relativiza o tempo dos sentidos derivados do espaço e da imagem, protege a vida e também a mata. Bandeira destaca, então, uma imagem poética do seu quarto em relação aos outros cômodos da casa: “O meu quarto resume o passado em todas as casas que habitei” (Bandeira, “O martelo”, volume I, 1958). Salvar esse quarto como o resíduo de todas as casas, e de um naufrágio de tantas demolições, de tantas perdas, é o que dentro dele permanece com a única certeza do dom reconhecível dessa habitação poética, fora do tempo cronológico, quando isso, de repente, lhe chega pelos olhos do pintor Cícero Dias. De todos os quartos o quarto, o seu espaço de maior intimidade visto na pintura de Cícero. Do quarto de dormir de Antunes, ao quarto de Bandeira, até mesmo o quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, em sua contra-arquitetura, em seu dentro/fora, o quarto é cenário dramático, é porão e camarote, é folhetim dramático e poema de palavras.

Referências: Walter Benjamin. Passagens. BH: Editora da UFMG, 2018. Manoel Bandeira. Obras Completas. Primeira edição Aguilar, 1954.

LEILA DANZIGER E OS DESPOJOS DO MUNDO

Fabio Fadul de Moura

Resumo: Este trabalho objetiva analisar o que parece ser uma recorrência no projeto artístico e literário de Leila Danziger. Objetos quebrados, estilhaços de coisas, fragmentos de versos ou restos do tempo histórico, todos são ponto de partida para uma arte que propõe uma meditação demorada sobre os despojos do mundo. O fundo desse comportamento se encontra na reapropriação que a artista e poeta carioca opera sobre a constelação teórica da melancolia. Se, como lembra Walter Benjamin (1984, p. 175) em Origem do drama barroco alemão, “toda a sabedoria do melancólico vem do abismo” e, ainda, se “ela deriva da imersão na vida das coisas criadas”, a melancolia em Leila Danziger torna-se um dispositivo por meio do qual é armada uma obra composta por “coisas-em-abismo” ou, como também frisa a própria autora em Todos os nomes da melancolia (2012, p. 54), por “tudo o que nos escapa”. Para discutir essa questão, serão analisados tanto peças de arte como alguns de seus poemas. Trata-se, desse modo, de uma proposta que toma intencionalmente objetos artísticos verbais e não verbais, a fim de tentar explicitar o fundo teórico de Danziger e, em seguida, situar seu trabalho como projeto que constrói um lugar próprio na história das representações artísticas da melancolia.

Referências: BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. DANZIGER, Leila. Todos os nomes da melancolia. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

A CONJUNÇÃO DE SATURNO E MERCÚRIO – WALTER BENJAMIN COMO GUIA PARA A ESCRITA DE PLANETÁRIO, DE HUGO LORENZETTI NETO

Hugo Lorenzetti Neto

Resumo: As "Conferências sobre tudo e em todos os lugares", a partir das análises procedimentais da produção de conferências de Mário de Andrade, Federico García Lorca, John Cage e Miguel Benlloch, são uma série de conferências-performance realizadas ao vivo ou em vídeo, que pretendo apresentar como tese de doutorado na linha de Escrita Criativa do PPGLET/UFRGS. Reconheço nelas a presença das elaborações de Walter Benjamin sobre procedimento artístico – não só como citação, mas também como orientação de pesquisa de procedimento: constelações de objetos díspares recolhidos na minha experiência e nas alheias, por meio da leitura de suas simbologias históricas ou psicanalíticas. Elaboro o roteiro, escrevo alguns completos do que vou dizer, faço a performance, e as entrego as gravações para serem transcritas por um jovem colega pesquisador, Vinícius de Oliveira Prusch. Trabalho sobre o texto devolvido, inserindo notas e fazendo adaptações para realçar o caráter de presença do corpo na escrita e de elaboração experiências – e, por fim, acumulo os textos para que dele emergja o livro. Por envolver uma variedade de questões em torno de existir como pessoa queer no capitalismo tardio, a elaboração das conferências enseja uma forte e apaixonada mobilização simbólica e afetiva – como se uma "nuvem" dialética de linguagem se arranjasse em torno do processo de criação verbal: como na nebulosa, da matéria informe se formam e sólidos textuais, e, destes, partem fragmentos para a matéria informe. Um outro objeto de densidade considerável que se formou junto às "Conferências..." é um poemário (com prosa, desenho e outros objetos apresentadas como poemas) que intitulei "Planetário." Com poemas separados em capítulos-objeto cósmico, assento linguagem que deseja se apresentar como fragmento, ruína, numa outra acumulação mais sensorial que discursiva – um exercício de auxílio ao anjo da História, imobilizado, mas que fica mais próximo dessa mudez.

Referências: BENJAMIN, Walter. "Fragmento teológico-político", in _____. O anjo da história. Org. e trad. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. _____. "Sobre o conceito de História", in _____. O anjo da história. Org. e trad. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. _____. "O autor como produtor: conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934", in _____. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas, vol. 1. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. _____. Rua de mão única; trad. João Barrento. São Paulo: Autêntica, 2013. _____. Infância berlinesa: 1900; trad. João Barrento. São Paulo: Autêntica, 2013. GAGNEBIN, Jeanne Marie Gagnebin. Walter Benjamin: os cacos da história; trad. Sônia Salztein [2ª ed.] São Paulo: Brasiliense, 1993. LORENZETTI NETO, Hugo. "24." Porto Alegre: Zouk, 2021. _____. "Planetário", em elaboração. SONTAG, Susan. Notes on 'Camp'. Londres: Penguin Books, 2018. _____. Under the sign of Saturn. Nova Iorque: Vintage Books, 1981.

ENTRE O PADÊ E O INEXPERIENCIÁVEL: EXPERIMENTUM LINGUAE E A POESIA DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Jeean Karlos Souza Gomes, Helano Ribeiro

Resumo: Armamos aqui um jogo indireto e desviante, com a devida licença ao padê, licença essa que nos permite adentrar a poesia de Edimilson de Almeida Pereira, poeta mineiro que escreve, entre outros temas, a partir das mitologias oriundas de África. Nesse sentido, estabelecemos um recorte de sua produção, transbordante da fonte das culturas banto e yorubá. Portanto, é uma poesia negra que se lança à mitologia daqueles povos. As obras e seus poemas, em recorte intencional, advêm dos livros: Poesia + (antologia poética 1985-2019), Poemas para ler com palmas (2017) e Livro de fala (2008). Para lê-los, precisa-se que acessemos as epistemologias vindas da África e as entrecruzadas no Brasil. O pensamento de Walter Benjamin é a encruzilhada teórica em nossa discussão, visto que

tratamos de uma poesia permeada pelo experienciar [erfahren] do inexperenciável. Com esse último termo, o mago-marxista nos alerta sobre aquilo que parte em sua origem [Ursprung] da ordem impronunciável na experiência da poesia do aqui-e-agora: a fantasia, a loucura, o devaneio, o inaudito, em suma, o transe. Tais elementos são fundamentais para compreender a arte de um modo abrangente e estão presentes na poética de Pereira. Eles atravessam, então, os versos e estrofes e deslocam o logos de sua forma mais maquínica, a saber, a razão instrumental, para a linguagem. Dessa forma, acessaremos outras epistemologias que estejam de acordo com a cosmovisão daqueles poemas negros. Com isso, esses poemas emergem e fluem em um devir da linguagem, evocando/invocando uma experiência do inexperenciável.

Referências: BENJAMIN, Walter. Sobre o programa da filosofia por vir. Trad. Helano Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Poesia +. (antologia 1985-2019). São Paulo: Editora 34, 2019. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Poemas para ler com palmas. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Livro de falas. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

POR UMA IMAGEM DA TRADU(ÇÃO)TORA BENJAMINIANA.

João Gabriel Rodrigues Gomes

Resumo: Vislumbrar uma “tradu(ção)tora benjaminiana” - mais como sonho do que teoria - perpassando por um caminho argumentativo fundamentado na leitura de seis poemas do paulo colina, presentes nos seus livros Plano de vôo, A noite não pede licença e Todo fogo da luta. Ao afirmar que o texto se aproxima da tradução mais como sonho do que teoria, podemos envolver nossa escrita nos desejos, nem sempre conscientes, da tarefa tradutória. Ato, que justamente por se aproximar do onírico, vela uma precisão, assim como os poemas têm em si, mais precisamente na leitura que aqui farei deles, um rigor argumentativo na sua tessitura poética. Em primeiro momento trazendo a ideia do tradutor como um apanhador em um campo de canteio, um conhecedor dos limites - da língua, da alteridade, da gramática, para depois, bricolando sua imagem, indissociável das imagens que o observa - dos textos que traduz, torná-lo, então, um transgressor de limites, praticador de “saltos mortais”: no momento de conhecimento da potência alegórica da escritura, da palavra, do que resta, na compreensão do tempo do agora, sem uma necessária restrição cronológica dos fatores que o levam a renunciar, dos arames farpados da sua tarefa. Um tradutor que se afasta da tautologia, para à crença, salta, suspende-se no tempo, enxerga-se mortal e a imortalidade o observa de volta.

Referências: BENJAMIN, W. Gesammelte Schriften I [s.l.: s.n.]. E?DOUARD GLISSANT. Poe?tique de la relation. Paris: Gallimard, 2018. JOTA MOMBAÇA. Nao Vao Nos Matar Agora. S.L., Editora Cobogo, 2021. PAULO COLINA. Poesia Reunida. São Paulo: ciclo, 2020. RIBEIRO, H. Walter Benjamin. A política do tradutor. Revista Linguagem & Ensino, v. 24, n. 1, p. 138-148, 28 jan. 2021. YO?KO TAWADA. U?berseesungen. Tu?bingen: Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2018. SUSANA KAMPFF LAGES. Walter Benjamin : traduc?a?o e melancolia. Sa?o Paulo: Edusp, 2002.

COLECIONAR “BABILAQUES”: TENSÕES ENTRE WALTER BENJAMIN E WALY SALOMÃO

Karina de Castilhos Lucena, Claudia Luiza Caimi

Resumo: Babilaques é uma palavra não dicionarizada, polissêmica, que possibilita uma aproximação com babilônia, mas também é uma corruptela de “badulaque”, que significa grupo de pertences de uma pessoa, coisas soltas. Carrega uma ideia de escolhas pessoais de pouco valor. “Babilaques: alguns cristais clivados” (2007), conjunto de poemas-objetos de Waly Salomão (1943 – 2003), portanto obra póstuma, articula poesia e arte visual, em uma soma de linguagens no suporte da fotografia dos cadernos de criação do poeta. A montagem das imagens produzidas implica numa articulação em jogo em que construções e desconstruções semânticas transformam o verbal e o visual numa contaminação impura e diferida. Nessa construção poética reconhecemos o gesto do colecionista benjaminiano no acúmulo polissêmico de signos, idiomas e linguagens que se fundem em um exercício de imagens sobre imagens. Uma coleção só existe porque alguém deu sentido ao que antes não tinha ordem. Um colecionista não é um acumulador, é um especialista, capaz de

avaliar o conteúdo de suas coleções. Também é alguém em constante impasse: o desejo por completude e a certeza de sua impossibilidade. O colecionista se equilibra entre o vazio e a utopia, mobiliza seu saber na ordenação de conjuntos que sem ele não existiriam, mas ciente de que sua perspectiva é lacunar e circunscrita. Assim, propomos nesta comunicação cruzamentos entre o colecionismo de Walter Benjamin – em especial a partir de "El coleccionismo" (2022), reunião de ensaios recentemente publicada em Buenos Aires – e a montagem de poemas-objetos de Salomão. **Referências:** BENJAMIN, Walter. El coleccionismo. Traducción de María G. Tellechea y Martina Fernández Polcuch. Introducción de Beatriz Sarlo. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2022. SALOMÃO, Waly. Babiliques: alguns cristais clivados. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

MONTAGEM DO INCONSCIENTE ÓPTICO: O CASO DE "PARQUE DAS RUÍNAS", DE MARÍLIA GARCIA

Luís Matheus Brito Meneses

Resumo: O poema que dá título ao livro "Parque das Ruínas" (2018), de Marília Garcia, é a passagem para um enigma. Na medida em que a autora se dedica a exercícios de especulação e especularidade, reconhecemos as motivações e os procedimentos que guiam o trabalho de escrita, ao mesmo tempo que reconhecemos uma ausência: há um "Parque das Ruínas", o texto ao qual temos acesso; e há, talvez, outro "Parque das Ruínas", o texto que foi escamoteado, o texto que entraria em cena caso as motivações e os procedimentos de Garcia fossem modificados, o texto que não vem à luz do dia, como se a montagem do poema-ensaio — dividido, ao todo, em 19 partes — fosse frágil e fugidia. Em vez de ir à procura da versão subtraída, interessa, neste trabalho, refletir sobre a dinâmica de aparecimento e desaparecimento que ganha vazão com o hibridismo, o que é responsável, acreditamos, pelo desdobramento de certo "inconsciente óptico" — se deslocamos uma expressão benjaminiana associada ao surgimento da fotografia (BENJAMIN, 1994). Isto é, a montagem de Marília Garcia revela — para tomar de empréstimo uma reflexão que Guilherme Wisnik extrai de Walter Benjamin — "uma dimensão recalcada" (WISNIK, 2018) na realidade graças tanto às imagens fotográficas quanto ao texto poético, no qual lemos: "seria possível furar o presente/com o olho da câmera?" (GARCIA, 2018, p. 37) — aí reside um trecho de "Parque das Ruínas" com o qual podemos iniciar a investigação sobre um trabalho de colagem que, como dissemos, pode ser frágil e fugidio — é, pois, baseado na colagem de estilhaços.

Referências: BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era da sua reproduzibilidade técnica". In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. _____. O anjo da história. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. _____. Rua de mão única: Infância berlinesa: 1900. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. GARCIA, Marília. Câmera Lenta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. _____. Parque das Ruínas. São Paulo: Luna Parque, 2018. WISNIK, Guilherme. Dentro do nevoeiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

UM SONHO TRANSLÍNGUE: A "PURA LINGUAGEM" DE WALTER BENJAMIN E A POESIA CONTEMPORÂNEA ENTRE LÍNGUAS

Patrícia Gissoni de Santiago Lavelle

Resumo: O poema reforça fronteiras linguísticas. Levando ao que há de mais singular em cada língua, desafia a experiência da tradução. Entretanto, a motivação para a criação poética frequentemente surge junto com um olhar estrangeiro para a própria língua, vem com a consciência aguda da pluralidade linguística em suas múltiplas interfaces. Esse estranhamento intensifica as forças de transformação no interior de cada língua, estendendo seus limites, ampliando seus horizontes. E interessam-me aqui, em particular, produções poéticas que mobilizam sentidos e/ou operam efeitos "translíngues", contribuindo ativamente para projetar, no campo linguístico, horizontes híbridos — penso que intensificam, assim, a dinâmica entre línguas que podemos nomear, com Walter Benjamin, "pura linguagem". Para apresentar esta hipótese, partiremos da análise da narrativa que Walter Benjamin redigiu em francês, numa carta à amiga Gretel Adorno, e que relata um sonho. Neste texto, o autor não apenas produz efeitos de sentido que mobilizam uma superposição das

duas línguas – o alemão e o francês, mas também constrói uma imagem poética da poesia. “Translúgüe” designa pessoas que escrevem em uma ou mais línguas não maternas – é frequentemente o caso, por exemplo, da produção literária contemporânea em português de autores e autoras indígenas – , mas remete também à concepção da linguagem como uma construção sempre inacabada, atravessada por contatos e passagens entre as línguas e as culturas, isto é, “como construto social atravessado por contínuos contatos linguístico-culturais”, como definem ANDRADE e LISBOA DE MELLO no prefácio do livro *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Entre tais práticas e experiências, podemos incluir a tradução, mas o campo circunscrito pelo conceito de translúgüe abarca também certas formas de escrita poética. Assim, a partir das imagens de pensamento construídas pelo sonho de Benjamin, discutiremos práticas translúgües na poesia brasileira de hoje, destacando em particular as poéticas da tradução.

Referências: BENJAMIN, Walter. “Carta à Gretel Adorno” (trad. Patricia Lavelle), revista *Cult* n° 283, junho de 2022 “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, “A Tarefa do tradutor”, in: *Escritos sobre mito e linguagem* (org. Jeanne Marie Gagnebin, trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves). São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2011. _ “Doutrina das semelhanças”, “Sobre a faculdade mimética”, in: *Linguagem, tradução, literatura* (org. e tradução João Barrento). Belo Horizonte: Autêntica, 2018. ALVES-BEZERRA, Wilson. *Malangue Malanga*. São Paulo: Iluminuras, 2021 AUGUSTONI, Prisca. *O mundo mutilado*. São Paulo: Editora Quêlônio, 2021 BRITTO, P. H. *O fim do verão*. São Paulo: Cia das Letras, 2022 CAPILÉ, André. *Muimbu*. Juiz de Fora: Macondo, 2017. CRICELLI, Francesca. *Repátria*. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2015. DORRICO, Julie (org.). *Poesia indígena hoje*. Unicamp/Projeto p-o-e-s-i-a.org, 2020 JORGE, Eduardo. *Teoria do hotel*. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2019 LAVELLE, Patrícia. *Bye bye Babel*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022 (2a edição) VIANNA BAPTISTA, Josely. *Roça Barroca*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2018 (2011) SISCAR, Marcos. *Isto não é um documentário*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020

A “AGORIDADE” DA POESIA

Raquel Bernardes Campos

Resumo: Haroldo de Campos, em seu ensaio “Poesia da modernidade: da morte da arte à constelação o poema pós-utópico”, nos mostrou como, num momento semelhante ao nosso, as utopias foram enfraquecidas de sua potência revolucionária, cedendo lugar a implicações políticas envolvendo disputas de poder, autoritarismo e censura. Longe, no entanto, de adotar uma postura derrotista, Haroldo nos introduz à sutil beleza de um princípio-realidade: aquele no qual o presente pode satisfazer às múltiplas demandas da atualidade, dando voz às diferenças, deslocando as soluções existenciais de um possível futuro glorioso para a agoridade. O princípio-realidade é baseado no conceito benjaminiano de *Jetztzeit*, com todas as suas possibilidades e recursos. O presente trabalho procura analisar os legados das obras de Haroldo de Campos e Walter Benjamin para a poesia brasileira do século XXI, pensando o seu contexto atual a partir de um princípio-realidade pós-utópico, que substituiu o que Haroldo chamou de um princípio-esperança, calcado em resoluções utópicas. A poesia é, segundo Décio Pignatari, uma “contradição antagônica”, em oposição a uma espécie de “contradição não-antagônica” da prosa. Sendo assim, enquanto leitores e críticos, a oportunidade de analisá-la a partir de um ponto de vista analógico (e não lógico) nos permite compreender a multiplicidade de caminhos dessa “não-resolução”. Dito isso, ao procurarmos analogias nas obras de dois autores distintos como Haroldo de Campos e Walter Benjamin, podemos reforçar o que há em comum entre as suas especificidades escriturais e podemos, sobretudo, compreender os seus espectros e rastros na poesia brasileira do século XXI.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. CAMPOS, Haroldo de. *Poesia da modernidade: da morte da arte à constelação o poema pós-utópico*. In: _____. *O arco-íris branco: ensaios de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

UMA METÁFORA CRÍTICA ENTRE WALTER BENJAMIN E A POESIA BRASILEIRA: A EDUCAÇÃO PELO INFERNO

Rodrigo Cavelagna

Resumo: Esta comunicação apresenta uma metáfora crítica da experiência poética, a educação pelo inferno. Como se trata de resultado central de pesquisa de mestrado, pretende-se demonstrar um percurso crítico, a partir de uma série de relações entre a recepção e a atualidade dos conceitos de Walter Benjamin e de temas centrais da poesia brasileira. Uma “educação pelo inferno” corresponde a uma constelação de analogias, em sua implicação mútua, enquanto método e abordagem benjaminianos para apresentação da violência histórica, que envolvem a qualidade tátil, o inconsciente ótico, as formas oníricas e as metáforas da cura. Ao mesmo tempo, surge como nome de um mosaico, suscitado pela análise de um poeta, Roberto Piva. E se constrói sob determinado “espaço de imagem”, em uma aproximação de Benjamin e Octavio Paz, que toma os termos em seu ponto de indissociação: Poesia Política Violência. Apresenta-se, então, uma linha específica das metáforas e analogias do inferno: entre as teses “Sobre o conceito de História” (BENJAMIN, 2012; 2020), a sobrevivência dos vagalumes (DIDI-HUBERMANN, 2011), e Roberto Piva, sua referência à Dante e sua leitura de Antonin Artaud, o “Grã Cão” de Mário de Andrade, a Ditadura em Cacaso, a metapoética da composição de Racionais MC’s e a obra de Marcelo Ariel (2008). Esse percurso, portanto, envolve uma leitura da presença de Benjamin na poesia e na crítica contemporânea, mas atentos a um aspecto singular à cada composição, uma forma de leitura: com outras analogias e metáforas da escrita e da leitura poética, da reflexividade da obra de arte. Proponho discutir uma abordagem da poesia e do fazer poético, como forma de escrita, análise e apresentação das imagens da História.

Referências: ANDRADE, Mário de. Poesias Completas. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005. ARIEL, Marcelo. Tratado dos anjos afogados. São Paulo: LetraSelvagem, 2008. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política, Obras Escolhidas Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 2012. _____. Sobre o conceito de história. Organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. 1ªed. São Paulo: Alameda, 2020. BOLLE, Willi. “Um painel com milhares de lâmpadas”: Metrópole e Megacidade. In: BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. BRETAS, Aléxia. Constelações em ruínas: luto, barbárie e memória ética. In: Timm de Souza [et. al.]. Walter Benjamin: barbárie e memória ética. Porto Alegre: Zouk, 2020. BRITO, Antônio Carlos Ferreira de. Poesia completa / Cacaso. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tomam posição: o olho da história I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. _____. Remontagens do tempo sofrido: o olho da história II. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. _____. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. FERNANDES, Rafael Zacca. As flores da poesia na terra do saber: uma teoria do poema em Walter Benjamin. Tese (Doutorado) – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. KANGUSSU, Imaculada. Sobre obras de arte e centelhas de esperança. In: Timm de Souza [et. al.]. Walter Benjamin: barbárie e memória ética. Porto Alegre: Zouk, 2020. LAVELLE, Patricia. Walter Benjamin metacrítico: uma poética do pensamento. 1. ed. Belo Horizonte: Relicário edições, 2022. PIVA, Roberto. Paranoia. Fotografado e desenhado por Wesley Duke Lee. 2ª Edição. São Paulo: Instituto Moreira Salles/Jacarandá, 2000. RACIONAIS MC’s. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. RACIONAIS MC’s. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. RIBEIRO, Gustavo Silveira. A canção dos escombros: Walter Benjamin e a poesia brasileira contemporânea. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 29, n. 2, p. 119–136, 2019. ROCHA, João Cezar de Castro. A guerra dos relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a 'dialética da marginalidade'. Letras (Santa Maria), Santa Maria, v. 28-29, 2004. SOARES, Débora Racy. O (desen)canto do pássaro: memória e testemunho em versos de Cacaso. Línguas&Letras, [S. l.], v. 11, n. 21, 2010. STERZI, Eduardo. Terra devastada: persistências de uma imagem. Remate de Males, v. 34, n. 1, p. 95, 2014. _____. Cadáveres, vagalumes, fogos-fátuos. Celeuma, v. 1, n. 1, p. 3-14, 2013.

OLHARES ESTÉTICO-POÉTICOS PARA RESPONDER AO TEMPO DE AGORA

Rodrigo Rocha Rezende de Oliveira

Resumo: Há uma chave de leitura na crítica de Walter Benjamin, principalmente sobre os escritos dedicados a jornais e revistas dos anos de 1928 em diante, pautada pela observação de que

transversalmente ao comentário estético, encontramos no seu escopo um retrato político, ético, histórico e social. Nesse sentido, na contramão do projeto filosófico kantiano de separação do âmbito crítico entre o conhecimento, a moral e o espectro estético, as proposições constelares que podemos encontrar no arcabouço benjaminiano busca reatar o liame intrínseco a tais dimensões. O revival do postulado de Platão sobre os poetas e o livro da República, que podemos ler em O autor como produtor, por exemplo, insere esse problema em um amplo movimento articulado por uma vertente a qual o pensamento de Benjamin, de certo modo, também se assemelha. Como aparece no texto, a questão sobre a “alta conta” reservada aos poetas no “interesse de comunidade” (BENJAMIN, 1985, p. 120) revela-nos uma divisa importante no tratamento da arte e seu vínculo social. Não somente, mas com o agravamento das tensões, a partir da política que vimos ser empreendida nos anos passados de governo bolsonarista no Brasil, muitos dos artistas brasileiros assumiram uma forte característica de engajamento que fizeram de suas apresentações, as mais diversas, um lugar de contestação ideológica. Aliados ao desejo de Benjamin, em fazer jus aos oprimidos da história sustentado pela trama entre a cultura, sempre alvo do cortejo vencedor, e a direção revolucionária que resiste por força de uma trifurcação temporal (passado; tempo de agora e devir), muitos resistiram. Dos exemplos a se destacar gostaria de analisar primeiro, algumas das canções gravadas por Chico César, entoando poemas de Carlos Rennó, “Reis do agronegócio”, ou, o frevo “Pico”, que fazem uma leitura do cenário nacional diante do contexto apocalíptico.

Referências: ADORNO, Theodor. W., Primeiros escritos filosóficos, Tradução de Verlaïne Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2018. BENJAMIN, Walter. Diário parisiense e outros escritos: A nova literatura francesa de Proust, Gide e Valéry. Tradução de Carla Milani Damião e Pedro Hussak. Editora Hedra: São Paulo, 2020. BENJAMIN, Walter. Linguagem, tradução, literatura: Filosofia, teoria e crítica, Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura, Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. BENJAMIN, Walter. Œuvres Complètes II, Tradução de Maurice de Gandillac; Rainer Rochlitz; Pierre Rusch. Paris: Gallimar, 2000. BENJAMIN, Walter. Rua de mão única, Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História: Edição Crítica, organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva, notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda Editorial, 2020. BENJAMIN, Walter. Karl Kraus, Tradução de Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022. BENOÎT, Denis. Littérature e engagement: De Pascal à Sartre. Paris: Points, 2000. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. CÉSAR, Chico. Reis do agronegócio. São Paulo: Urban Jungle: 2015. Álbum de música (11:02min) CÉSAR, Chico. Pico. You Tube, 11 de Dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8cxixWnRu> JAMESON, Fredric. The Benjamin Files, Editora: Verso, 2020. KRACAUER, Sigfried. O ornamento da massa. Tradução de Carlos Eduardo J. Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009. PALMIER, Jean Michel. Les chiffonnier, L’Ange et le Petit Bossu. Esthétique et politique chez Walter Benjamin. Paris: Les Belles Lettres, 2006. PALMIER, Jean Michel. Walter Benjamin. Un itinéraire théorique. Paris: Les Belles Lettres, 2010. TRAVERSO, Enzo. La pensée dispersée; figures de l’exil juif. Paris: Lignes, 2004. TRAVERSO, Enzo. Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória, Tradução de André Bezamat. Belo Horizonte: yiné, 2018. FISCHER, Ernest. A necessidade da arte, Tradução de Leandro Konder, Rio de Janeiro. LTC, 9a Ed., 2007. HUBERMAN, Didi. Quando as Imagens Tomam Posição: O olho da História, I, Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. SARTRE, Jean Paul. O que é a Literatura? Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 2004. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Ler o livro do mundo: Walter Benjamin Romantismo e Crítica Poética. São Paulo: Iluminuras, 2020. WILLIAMS, Raymond. A produção social da escrita, Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2014. WILLIAMS, Raymond. Cultura e materialismo, Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. WILLIAMS, Raymond. Política do modernismo: contra os novos conformistas, Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SIMPÓSIO “ESTRATÉGIAS DO FEMININO: LITERATURA ESCRITA POR MULHERES E RESISTÊNCIA”

Laura Barbosa Campos (UERJ), Anna Faedrich (UFF) e Silvina Carrizo (UFJF)

LA CASA DE LA BELLEZA E A NÃO TÃO BELA SOCIEDADE BOGOTANA

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, Heitor Luique Ferreira de Oliveira

Resumo: O romance *La casa de la belleza* (2015), da colombiana Melba Escobar nos relata a história de Karen, uma esteticista natural de Cartagena de Indias que se muda a Bogotá em busca de melhores oportunidades. Na capital consegue trabalho em um salão chamado *La casa de la belleza*, espaço frequentado pela elite local. Assim, entre seus vários afazeres, se torna confidente das várias mulheres da elite que frequentam o espaço. Dentre elas está Claire, antropóloga franco-colombiana com quem Karen constrói uma relação amistosa e contraditória até que um dia Karen se converte na peça-chave para a solução de um crime brutal, o assassinato de uma de suas clientes. Poder, padrões de beleza, relação de classes e discriminação da mulher são temas recorrentes nesse thriller. Não em vão a trama se desenvolve centrada num grandioso salão de beleza, supostamente um ambiente capaz de dotar a mulher de poder; como se a beleza fosse a ferramenta de poder mais tangível às mulheres, e que a partir dela o acesso a novos espaços e oportunidades também fosse possível. A beleza denota uma sensação de poder à curto prazo ou uma espécie de poder fast food. Se constrói a metáfora da beleza como uma via de ascensão social. Apesar do foco em ambas, o livro conta com inúmeras personagens femininas, potentes máquinas de narrar, que juntas concebem toda a narrativa; que é, senão, uma reunião de relatos que se atravessam em alguma medida, tendo Karen como intermediadora e Claire como compiladora. Neste trabalho, tomando como base as teorias feministas decoloniais pensadas por María Lugones e Sonia Álvarez, entre outras, propomos pensar os mecanismos de resistência ao patriarcado elitista colombiano, mostrando que a literatura colombiana escrita por mulheres pode ser lida como espaço de denúncia social.

Referências: ALVAREZ, Sonia. "Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista". Cad. Pagu. Campinas, V.43, julho-dezembro, 2014, CAROSIO, Alba. "El feminismo Latinoamericano y su proyecto ético-político en el siglo XXI". Revista Venezolana de Estudios de la Mujer. V. 14, n. 33, Caracas, dic. 2009. ESCOBAR DE NOGALES, Melba. *La casa de la belleza*. Bogotá, Editorial Planeta S. A., 2015. LUGONES, María. "Colonialidad y género". *Tábula Rasa*. Bogotá, N. 9, Julio-diciembre 2008. P. 73-101. LUGONES, María. "Rumo a um feminismo descolonial". *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro, 2014. P. 935-952. MARTÍNEZ, Adelaida. "Feminismo y literatura en América Latina". Disponível em: <<http://ekeko.rcp.net.pe/Cemhal/articulos.htm>>. Acesso em: 14 de maio de 2019. NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: _____ *Revista Estudos Feministas*. 2000, v.8, n.2. QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ESTUDOS FEMINISTAS: RESISTÊNCIA, SOFRIMENTO E VIOLÊNCIA EM MAR AZUL

Ana Claudio Coelho

Resumo: Este trabalho faz parte de um estudo em andamento, que tem um dos objetos de análise a obra *Mar Azul*, de Paloma Vidal (2012). Tendo como foco a resistência feminina com intuito de sobrevivência, ou seja, a personagem narradora descreve um relacionamento abusivo que viveu na adolescência, todo o sofrimento e a solidão que esse fato acarretou em sua vida. Sofrimentos esses que ainda fazem parte do cotidiano de muitas mulheres em pleno século XXI e várias delas não conseguem o livramento dessas violências e acabam vítimas de feminicídio. A personagem não nomeada na narrativa relata seus traumas e como enfrentou a dor causada pela solidão, pela culpa e pela tristeza, efeitos das dificuldades existenciais, sociais e culturais. Para abordar aspectos da memória, a pesquisa se pauta em Lembrar, escrever, esquecer de Jeanne Marie Gagnebin (2006) e, para analisar a violência em obras de autoria feminina, o trabalho aborda estudos de Eurídice Figueiredo em, *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras* (2020), O estupro e a violência feminina é um legado nocivo que tem que ser superado e para abordar esse aspecto o estudo se pauta em *Pensamentos feministas hoje perspectivas decoloniais* (2020) de Heloisa Buarque de Hollanda. Ana Paula Araújo em *Abuso: A cultura do estupro no Brasil* (2020).

Referências: Lembrar, escrever, esquecer, de Gagnebin Jeanne Marie (2006) Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras, Figueiredo Eurídice (2020) Pensamentos feministas hoje perspectivas decoloniais (2020) de, Hollanda Heloisa Buarque de. Abuso: A cultura do estupro no Brasil (2020) de, Araújo Ana Paula

POESIA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA NO SÉCULO XIX: UM LEGADO ESQUECIDO

Anna Faedrich

Resumo: O legado da literatura escrita por mulheres ficou esquecido, e as razões ultrapassam os critérios estéticos ou a importância das escritoras em seu tempo. Nesta comunicação, abordarei três poetisas precursoras importantes para a história da literatura brasileira – Maria Firmina dos Reis (São Luís, MA, 1825 – Guimarães, MA, 1917), Narcisa Amália (São João da Barra, RJ, 1852 – Rio de Janeiro, RJ, 1924) e Auta de Souza (Macaíba, RN, 1876 – Natal, 1901) –, de modo a pensar diálogos possíveis, questões formais e temáticas e os mecanismos sociais de exclusão das escritoras. Ao abrir espaço para análise e consideração de três notáveis poetisas oitocentistas injustamente excluídas da história e memória literárias, aproximando-nos de suas vidas e obras, salta-nos aos olhos o espaço ocupado por elas à época (atuaram ativamente na imprensa periódica e publicaram seus textos em editoras renomadas como a Garnier), a notoriedade e repercussão de seus escritos (eram lidas, conhecidas e premiadas, reeditadas), bem como o profícuo diálogo com seus pares e a qualidade de sua literatura. Maria Firmina, Narcisa Amália e Auta de Souza são precursoras responsáveis pela “transmissão da tocha”, ou seja, iniciaram uma tradição da literatura de autoria feminina no Brasil, porém, não receberam o devido reconhecimento pela historiografia e pela crítica literária. Daí a importância de trazer à luz escritoras que participaram ativamente do campo literário, mas que não se perpetuaram nos registros históricos.

Referências: Adler, Dilercy Aragão. 2022. “José Nascimento Moraes Filho, o pássaro Sankofa maranhense, e Maria Firmina dos Reis: um breve ensaio”. In: Faedrich, Anna; Zin, Rafael Balseiro (Orgs.). A mente ninguém pode escravizar. Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea. São Paulo: Alameda, pp. 19-52. Almeida, Júlia Lopes. 2016. Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida. Organização Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venício Ribeiro. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração. Cadernos da Biblioteca Nacional, v. 16. Amália, Narcisa. 2020. Carta a José Palmela. In: Faedrich, Anna (Org.). Narcisa Amália: 1852-1924. Estudo, antologia e bibliografia. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias: CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, 2020, p. 121-124. Bourdieu, Pierre. 2002. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Duarte, Eduardo de Assis. 2014. “Maria Firmina dos Reis”. In: Duarte, Eduardo de Assis (Org.). Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, pp. 54-58. Duarte, Eduardo de Assis. 2017. “Posfácio. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental”. In: Úrsula: romance; A escrava: conto. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017, pp. 209-236. Eleutério, Maria de Lourdes. 2005. Vidas de romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks. Faedrich, Anna; Zin, Rafael Balseiro (Orgs.). 2022. A mente ninguém pode escravizar. Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea. São Paulo: Alameda. Faedrich, Anna. 2022. Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Julia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres. Rio de Janeiro: Macabéa: Fundação Biblioteca Nacional. Gomes, Agenor. 2022. Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil. São Luís: AML. Grosfoguel, Ramón. 2016. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, Janeiro/Abril 2016, p. 25-49. Machado de Assis, Joaquim Maria. 1872. “Nebulosas”. Semana Illustrada, nº 629, 29 dez. 1872. Machado, Ubiratan. 2001. A vida literária no Brasil durante o romantismo. Rio de Janeiro: EdUERJ. Moraes Filho, José Nascimento de. 1975. Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Estado do Maranhão. Muzart, Zahidé Lupinacci (org.). 2000. Escritoras brasileiras do século XIX. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc. V. I. Muzart, Zahidé Lupinacci (org.). 2004. Escritoras brasileiras do século XIX.

Apresentação Nádia Battella Gotlib. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz Sul: Edunisc. V. II. Muzart, Zahidé Lupinacci (org.). 2009. Escritoras brasileiras do século XIX. Prefácio Simone Pereira Schmidt. Florianópolis: Editora Mulheres: CNPq. V. III. Oscar, João. 1994. Narcisa Amália. Vida e poesia. Campos: Lar Cristão. Reis, Antônio Simões dos. 1949. Narcisa Amália. Rio de Janeiro: Organizações Simões. Reis, Maria Firmina dos. 2019. Úrsula e outras obras. Prefácios de Ana Maria Haddad Baptista e Danglei de Castro Pereira. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara. Souza, Auta de. 2009. Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas. Organização Alvimar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN. Souza, Auta de. 2021. Dális (1893-1897). Preâmbulo e notas Stella Maria Vaz Santos Valadares; prólogo Anderson Tavares; apresentação, pesquisa e notas Ana Laudelina Ferreira Gomes. Brasília: Senado Federal. (Coleção Escritoras do Brasil, v. 8)

OS MUITOS NOMES DE CLARICE LISPECTOR: ESTRATÉGIAS PARA CRIAR E HABITAR UM ENTRE-LUGAR

Clara Lopes Pereira

Resumo: Pretende-se refletir sobre o uso de pseudônimos na escrita de Clarice Lispector como estratégia para distanciar-se tanto do feminino quanto do masculino, estabelecendo-se no espaço entre os dois. Serão tomadas como referência as colunas femininas escritas por Clarice sob os pseudônimos de Tereza Quadros e Helen Palmer, de maneira a conferir autoridade à autora para oferecer conselhos sobre assuntos como beleza, comportamento, e sedução, ao mesmo tempo que preservam seu nome, não o associando à redação de “amenidades”. A autora renega, também, o que julga ser masculino: na “Explicação” que antecede os contos considerados “eróticos” de seu livro *A via crucis do corpo* (1974), conta que pediu ao editor para publicar sob o pseudônimo Cláudio Lemos, mas teve o pedido recusado. Um movimento semelhante ocorre com o narrador Rodrigo S.M. em *A hora da estrela* (1977) – a única qualidade que o permite narrar a história de Macabéa é ser homem: “eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas”. Considerando o emprego dessas vozes distintas, surge também o desejo de identificar, para além da obra publicada, a percepção que Clarice constrói de si enquanto mulher e escritora, no meio de tantos outros nomes próprios; para isso, será destacado um trecho do caderno “The question is” (parte do acervo do Instituto Moreira Salles), onde Clarice reconta um sonho em que era impedida de viajar à Rússia “porque na Rússia só adentravam mulheres femininas — e eu não era”. O objetivo, portanto, para além de identificar mecanismos utilizados por Clarice para borrar os limites entre as literaturas consideradas “feminina” e “masculina”, é iniciar uma reflexão sobre o efeito que essa transgressão exerce na vida pessoal da autora.

Referências: GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000. KAMENSZAIN, Tamara. Bordado e costura do texto. In: _____. *Fala, poesia*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019. LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. LISPECTOR, Clarice. *The question is...* Rio de Janeiro: Acervo Clarice Lispector/Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://site.claricelispector.ims.com.br/acervo/caderno-the-question-is/>> LISPECTOR, Clarice. *Todas as cartas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. NUNES, Aparecida Maria. *A imprensa como caminho: os primeiros textos de Clarice Lispector na mídia impressa*. In: ROSENBAUM, Yudith; PASSOS, Cleusa Rios (org.). *Um século de Clarice Lispector*. São Paulo: Fósforo, 2021. PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

INVAGINAÇÕES DE ESCRITAS CAATINGUEIRAS

Erika Jane Ribeiro

Resumo: O presente trabalho intenta analisar marcas de escritas caatingueiras presentes nas obras coletivas *LiterÁridas* (2021) e *Úmidas* (2022), produzidas por mulheres do semiárido baiano, e em outras produções delas desbordadas, a partir dos alinhavos temáticos e mobilizações poéticas-

políticas, de modo a evidenciar aspectos interseccionais e resistentes que desconstruam paradigmas literários e culturais neutralizadores. Essas produções artísticas e literárias, produzidas coletivamente pelas/das margens confrontam o cânone cisheteropatriarcal elitista e territorialista, que invisibiliza e silencia vozes e corpos não contemplados pelo padrão, além de produzirem epistemologias dissidentes, através da escrita e de outras criações artísticas que se encruzam e permitem reconhecer e valorizar saberes anulados e assim afrontar paradigmas literários e culturais neutralizadores. Tal confronto a esse conjunto de normas que deslegitima as experiências pessoais, sobretudo de mulheres que produzem de modo independente e distante dos grandes centros, também permite uma rasura das tradicionais narrativas e representações em torno do semiárido, seus sujeitos e produções culturais, construindo epistemologias outras. Assim, essa pesquisa também parte do mapeamento e reconhecimento desse processo de ajuntamento de vozes, vivências e resistências das mulheres escritoras, produzindo de modo independente com outras mulheres e dos cruzamentos de suas vivências, escritas e atuação política e social, em oposição aos discursos hegemônicos, permitindo assim uma importante pluralidade temática e de estilos.

Referências: AKOTIRENE, Carla Interseccionalidade. São Paulo : Pólen, 2019. Hill Collins, Sirma Bilge Interseccionalidade. Patricia. Trad. Rane Souza. - 1.ed. - São Paulo : Boitempo, 2020. DERRIDA, Jacques. A lei do gênero. Revista Tempo, Espaço, Linguagem (Tel), [S.L.], v. 10, n. 2, p. 250-281, jun. 2019. DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. EVARISTO, Conceição. Esse lugar também é nosso. [Entrevista concedida a] Ana Paula Acauan. Revista PUCRS, Porto Alegre, 2022. Disponível em <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 24 mai. 2022. KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. HADDOCK-LOBO, Rafael. Abre-caminho: Assentamentos de metodologia cruzada (Coleção X). Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2022. MADANÇA, RIBEIRO e SERTÃO SOL.(orgs.) LiterÁridas. 1 ed. São Paulo- SP: Editora Brilho Coletivo, 2021. MADANÇA, RIBEIRO e SERTÃO SOL. Úmidas. 1 ed. Belo Horizonte- MG, 2022. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes para o Sul. In: Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez, 2010. SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz e HADDOCK-LOBO, Rafael. Arruaças: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. WITTIG, Monique. O pensamento hetero e outros ensaios. Trad. Maira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. WITTIG, Monique. As Guerrilheiras. Trad. Jamile Pinheiro Dias, Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

DIFICULDADES DE EXISTIR: MELANCOLIA E RESISTÊNCIA EM DIÁRIOS, DE ALEJANDRA PIZARNIK

Erlândia Ribeiro da Silva

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar de que maneira a melancolia e a resistência estão presentes na obra Diários, da autora argentina Alejandra Pizarnik. A obra em questão é permeada pelo signo da melancolia, frequentemente envolta em temas como a dificuldade de existir, chegando até a ideia suicida. Tal cenário abre possibilidades para pensar esse movimento da tristeza instaurada na narrativa, enquanto uma forte consciência do viver em uma sociedade patriarcal e desfavorável, na medida em que boicota mulheres artistas, escritoras, pensadoras. Nesse sentido, demonstraremos como a melancolia age na narrativa enquanto forma de reação, embate e resistência ao período histórico (1954-1971) que a autora vivia. Pizarnik transgredir as “leis patriarcais” também no momento de reflexão e melancolia, pois coloca em jogo a “leveza” que é sempre esperada do ser-mulher, dessa forma verificaremos como a autora transborda tais limites através da escrita de seus diários. Para tanto recorreremos a autores que trabalhem os conceitos de melancolia e resistência para melhor estruturar nossa comunicação, com Maria Helena Kuhner em A transgressão do feminino (1989), Pierre Bourdieu em A dominação masculina (2007), Alfredo Bosi em Literatura e resistência (2002), Luiz Costa Lima em Melancolia (2017) e outros autores que nos ajudem a refletir como se dá o processo de representação da melancolia e da resistência na obra.

Referências: BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. CATELLI, Nora. El diario íntimo: una posición femenina. In: Revista de Occidente: El diario íntimo. Madrid: Fundación José Ortega e Gasset, n. 182 – 183, jul./ag. 1996. KUHNER, Maria Helena. A transgressão do feminino. Rio de Janeiro: Editora PUC, 1989. LIMA, Luiz Costa Lima. Melancolia: literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2017. NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In: Rompendo o silêncio. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995. PIÑA, Cristina. Límites, diálogos, confrontaciones: leer a Alejandra Pizarnik. Buenos Aires: Corregidor, 2012. PIZARNIK, Alejandra. Diarios. Edição a cargo de Ana Becciu. Barcelona: Lumen, 2016. STAROBINSKI, Jean. A tinta da melancolia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

O PROJETO LITERÁRIO DE ANNIE ERNAUX

Euridice Figueiredo

Resumo: O projeto literário de Annie Ernaux é bastante original porque ela não segue o paradigma da autobiografia clássica, que consiste em contar a sua vida, reconstituindo a genealogia e atravessando os grandes acontecimentos; ela enfoca, em cada livro, um fato vivido e explora as emoções envolvidas naquele acontecimento, seja um aborto, uma paixão, a relação com os pais. Ela considera que não faz autoficção, como alguns críticos chegaram a afirmar, mas relatos auto-sociobiográficos, que não são narcísicos, girando em torno do próprio umbigo, antes relatos que têm um fundo etnográfico. Se Kafka dizia que o livro devia ser um machado que quebra o gelo em nós, Ernaux afirma que sua escrita é como uma faca. A obra literária de Annie Ernaux tem várias formas: romances, relatos autobiográficos, às vezes com fotos, e diários. Seus três primeiros livros são romances autobiográficos porque, no momento em que começou a escrever, parecia-lhe que literatura era sinônimo de ficção, portanto, de romance. Após a morte de seu pai, tentou escrever sobre ele na forma ficcional, o que soou falso; optou pelo relato mais objetivo e próximo do real que resultou em O lugar. Este é o ponto de virada em seu trajeto porque a partir daí ela abandonou totalmente a ficção e passou a ter uma escrita enxuta, sem metáforas, sem ornamentos, que ela chamou de “escrita plana” e que poderíamos associar à “escrita branca” de Roland Barthes. Ao escrever sobre o pai, um homem sem cultura, que empregava uma linguagem tosca, popular, ela exprime a distância que percorreu ao tornar-se professora e fazer um casamento burguês. Tornara-se uma “trânsfuga de classe”, na expressão de Pierre Bourdieu, a pessoa que sofre devido aos seus sentimentos conflitantes em relação à sua origem: vergonha, culpa, remorso.

Referências: ERNAUX, Annie. Journal du dehors. Paris: Gallimard, 1993. ERNAUX, Annie. Les années. Paris: Gallimard, 2008. ERNAUX, Annie. L'événement. Paris: Gallimard, 2000 (Folio). ERNAUX, Annie. La place. Dossier par Kim-Lan Appéré. Paris: Bêlin/Gallimard, 2010 (Folio). ERNAUX, Annie. La honte. Paris: Gallimard, 1997 (Folio). ERNAUX, Annie. Passion simple. Paris: Gallimard, 1991 (Folio). ERNAUX, Annie. Se perdre. Paris: Gallimard, 2001 (Folio). ERNAUX, Annie. L'écriture comme un couteau; entretien avec Frédéric-Yves Jeannet. Paris: Gallimard, 2011a (Folio). ERNAUX, Annie. Le vrai lieu ; entretien avec Michelle Porte. Paris: Gallimard, 2014. ERNAUX, Annie. Retour à Yvetot. Paris : Editions du Mauconduit, 2013. ERNAUX, Annie. Il s'agit toujours de cela, de ce qui se passe entre naître et mourir. Entretien avec Evelyne Bloch-Dano. Le Magazine Littéraire. n. 513, novembre 2011b. p. 88-92. ERNAUX, Annie, MARIE, Marc. L'usage de la photo. Paris: Gallimard, 2005 (Folio).

COMEMORAR A PRESENÇA COMO FERRAMENTA DE COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS MISÓGINAS: A CRIAÇÃO DE LINGUAGEM COMO MÁQUINA DE JUSTIÇA

Glaucia Moreira Secco

Resumo: As violências sexistas são parte estruturante do aparato cultural, social, estatal e judicial. Apesar de existirem leis específicas de punição contra essas violências, ter um corpo feminizado ainda é um grande perigo. Atravessados por essa realidade brutal, levantes e organizações feministas proliferaram em todo o mundo na última década. A literatura, em especial a produzida por corpos feminizados, vincula-se a essa insurreição, ingressando em uma maré insurgente, promovendo uma potência feminista que adentra os livros, as exposições, as ruas, as redes sociais, as instituições e a

imprensa. O livro “El invencible verano de Liliana” (2021), de Cristina Rivera Garza, conta a história do assassinato de Liliana Rivera Garza, sua irmã caçula, por um ex-namorado. Composta por anotações e conversas com amigos da vítima, a narrativa-mosaico propõe “comemorar a presença” de uma vida interrompida trinta anos antes. Nessa linha temporal, levantes feministas expuseram as fragilidades de estados democráticos na proteção e na defesa de corpos feminizados e revelaram a Cristina Rivera Garza as palavras que lhe faltavam para contar a principal história de sua vida: o feminicídio de Liliana. Quais foram essas palavras? Gago (2020) defende que é necessário pensar a misoginia como uma espécie de “cartografia política que conecte os fios que fazem com que as violências se revelem como dinâmicas inter-relacionadas”. Nessas dinâmicas, as mulheres saíam do papel de vítima para inaugurar uma palavra política. Diniz (2022) delibera que “desobedecer é inventar a vida”. Ao comemorar a presença da irmã morta, a escritora também inventa a vida, reivindica as palavras. Ao escrever as palavras da irmã e de tantas outras mulheres, promove sua própria máquina de justiça. Como se narram as violências contra os corpos feminizados no seio de uma sociedade misógina? Seria a literatura capaz de produzir uma linguagem que vá além de catalogar as mulheres como vítimas?

Referências: ANZALDÚA, Gloria. A vulva é uma ferida aberta. A Bolha, Rio de Janeiro: 2021. GAGO, Verónica. A potência feminista ou o desejo de transformar tudo. Elefante, São Paulo: 2020. GALINDO, María. “Desobediencia, voy a sobrevivir por tu culpa”. In: Radio Deseo.103.3 (Bolívia). La Paz, 2020. Disponível em: < <https://youtu.be/VFXE1fudKKQ> >. Acesso em 12 Jan. 2022. GARZA, Cristina Rivera. El invencible verano de Liliana. Penguin Libros, Ciudad de México: 2021. GROS, Frédéric. Desobedecer. Ubu Editora, São Paulo: 2018. GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. In: Cadernos Pagu. UNICAMP, Campinas: 2000. n. 14. LUDMER, Josefina. “Las tretas del débil”. La Sartén. Ediciones El Huracán: Puerto Rico, 1985. LUDMER, Josefina. “Literaturas pós-autônomas”. Aqui América Latina: uma especulação.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. HOLLANDA, Heloísa Buarque A. Explosão feminista. Cia das Letras, São Paulo: 2019. PINEDA, Esther. Cultura fêmeica: el riesgo de ser mujer en América Latina. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2019. RESENDE, B. “Estratégias literárias da primeira pessoa”. In: MAGRI, I. & CHARBEL, F. & GUTIÉRREZ, R. (org.) Leituras do contemporâneo: literatura e crítica no Brasil e na Argentina. Relicário, Rio de Janeiro: 2021. RUSSELL, D. & HARMES, R. A. (Eds.), Femicide in Global Perspective. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2001. SOLNIT, Rebecca. A mãe de todas as perguntas. Reflexões sobre os novos feminismos. Cia das Letras, São Paulo: 2017. SOLNIT, Rebecca. De quem é esta história? Feminismos para os tempos atuais. Cia das Letras, São Paulo: 2019.

ESCREVER PARA NÃO ESQUECER: ENGAJAMENTO E RESISTÊNCIA EM MARGUERITE DURAS

Júlia Simone Ferreira

Resumo: Nascida em 1914 a Gia Dinh, antiga colônia francesa de Saigon e Indochina, atual Vietnã, Marguerite Duras foi profundamente marcada pelas tragédias e horrores da primeira guerra mundial. Incessantemente, ela buscará denunciar nas narrativas o eco dos horrores em que foi testemunha: a Indochina colonizada, os crimes do fascismo e do nazismo da segunda guerra mundial, os horrores de Auschwitz, Hiroshima e as misérias sociais das classes oprimidas. Não foi por acaso que ao longo de sua existência, ela se engajou em inúmeros combates coletivos: a Resistência, o comunismo, a luta pela independência da Argélia, o movimento de esquerda que foi determinante para maio de 68, o feminismo, os imigrantes, o “mitterandismo”, a luta contra o racismo, dentre outros movimentos de militância. Tragédias coletivas que se encontram nas escritas de Duras, quando essas se cruzam com a escrita do íntimo: na poética do amor e da dor, no lirismo de uma paixão vivenciada. Numa entrevista concedida a Alain Vircondelet, a autora declarou que ela “era o engajamento”, destacando assim a importância que ela atribui ao destino coletivo e as perdas individuais, que ocorreram em sua vida pessoal. Enfim, tentaremos analisar os horrores da História na escrita de Marguerite Duras, expor sua visão de mundo, como verdadeira poética de resistência!

Referências: BLOT-LABARRÈRE, Christiane. Marguerite Duras, Paris: Le Seuil, 1992. BOUCHER, Marie-Hélène; DELVAUX, Martine (Org.). Poétiques de l’absence chez Marguerite Duras. Québec: UQAM, 2012. Collection Figura número 31. BRANDÃO, Ruth Silviano. Mulher ao pé da letra: a personagem

feminina na literatura. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. CERASI, Claire. Marguerite Duras de Lahore à Auchwitz. Paris: Champion -Slatkine, 1993. DURAS, Marguerite; GAUTHIER, Xavière. Boas falas: Conversas sem compromisso. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1974. DURAS, Marguerite; PORTE, Michelle. Les lieux de Marguerite Duras. Paris: Éditions de Minuit, 1977. DURAS, Marguerite. Escrever. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. FERREIRA, Júlia Simone. L'intime et le secret dans l'écriture de Marguerite Duras. Beau Bassin, Éditions Universitaires Européennes, 2018. LEBELLEY, Frédérique. Marguerite Duras, uma vida por escrito. Trad. Uélinton de Oliveira e Vilma de Katinszky. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994. MARINI, Marcelle. Territoires du féminin avec Marguerite Duras. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977. PINDON, Joëlle Pagès. Marguerite Duras, l'écriture illimitée. Paris: Ellipses, 2012. VIRCONDELET, Alain. Marguerite Duras: vérité et légendes. Paris: Éditions du Chêne. 1996.

“QUEM RESGATARÁ PAGU?”: LITERATURA, POLÍTICA E RESISTÊNCIA NAS OBRAS DE PATRÍCIA GALVÃO

Juliane Ramalho Barbosa

Resumo: Estudos que se debruçam sobre autoria feminina têm sido uma crescente na área das Letras, seja para propor uma revisão do cânone literário, seja para movimentar-se em direção ao resgate de autoras até então situadas à margem e rasuradas deste cânone. Uma dessas autoras foi Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), conhecida pelo apelido “Pagu”, tornou-se celebrada como “musa do modernismo” e “militante ideal” do Partido Comunista Brasileiro entre o final de 1920 até meados de 1940. Foi a autora do primeiro romance proletário brasileiro, Parque Industrial (1933) cujas personagens principais pertenciam a uma classe subalterna, eram mulheres trabalhadoras. Apesar das iniciativas de seus biógrafos para reavivar sua memória, há ainda facetas de Pagu que seguem pouco desvendadas. Deste modo, a fim de fazer valer tantos esforços, primeiro, os da própria Patrícia para preservar sua obra, e segundo, dos pesquisadores que nos antecedem, o caminho que esta comunicação objetiva percorrer delineia um diálogo entre ambas propostas, trata-se de uma análise das obras de Patrícia Galvão, Álbum de Pagu – vida, nascimento e morte (1975) e Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão (2005), privilegiando a relação “vida-obra” desenvolvida por Augusto de Campos e tendo como foco no teor autobiográfico existente nestas produções. Acreditamos que tanto o ativismo cultural quanto o político contribuíram para fazer de Patrícia Galvão não só uma intelectual engajada, mas foi também seu modo de resistência e estratégia de estar no mundo enquanto escritora. “Os livros são dorsos de estantes distantes quebradas. Estou dependurada na parede feita um quadro” (GALVÃO, 2010, p. 211). Há cada vez mais vozes contando e cantando em uníssono a história das nossas escritoras que estiveram por tanto tempo alijadas dos holofotes. Desejamos, portanto, “despendurar da parede” o quadro “museificado” dessa escritora que apesar de forjada no centro do modernismo, não esgotou possibilidades artístico-literárias.

Referências: ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. CAMPOS, Augusto de. Pagu: vida-obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. DUARTE, Constância Lima. Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina. In: Literatura Brasileira – 1930. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. FERRAZ, Geraldo Galvão. Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Rio de Janeiro: Agir, 2005. FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista. Porto Alegre, Zouk. 2020. FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. Pagu Patrícia Galvão: Livre na Imaginação, no espaço e no tempo. 5ª ed. Santos, SP: UNISANTA, 1999. FURLANI, Lúcia Maria Teixeira; FERRAZ, Geraldo Galvão. VIVA PAGU. Fotobiografia de Patrícia Galvão Ferraz. Santos: UNISANTA; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. GALVÃO, Patrícia (Mara Lobo). Parque Industrial. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006. GARALDI, José Luis. Revista Código nº2. Álbum de Pagu: nascimento, vida, paixão e morte. Salvador, 1975. LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. MOTA, Allana Bogado. Do estético ao político: inscrições feministas na produção de Patrícia Galvão e Tarsila do Amaral. Dissertação de mestrado. UERJ, 2020.

A ESCRITA BIOGRÁFICA DE ANA ARRUDA CALLADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DAS MULHERES, ESTUDOS DE GÊNERO E MEMÓRIA FEMININA: UMA ANÁLISE DE BERTA RIBEIRO: AOS ÍNDIOS, COM AMOR

Jussimara Lopes de Jesus Simões

Resumo: Observamos a ampliação de abordagens no âmbito da crítica, da escrita e da pesquisa, vários aspectos teórico-conceituais como possíveis vias de análise para biografias de autoria feminina, cujo enfoque é reconstituir histórias de mulheres objetivando o reajustamento dos discursos em circulação a partir, também, de uma perspectiva de gênero. Uma das minhas propostas é apresentar uma abordagem que se constrói na projeção de análise dos mecanismos, dos propósitos e dos conteúdos acionados em biografias de e sobre mulheres e no desvendamento de outros possíveis entrelaçamentos subjacentes à relação biógrafa-biografadas. Neste sentido, a partir da apresentação da produção biográfica de Ana Arruda Callado, jornalista, escritora e acadêmica, que publicou sete biografias de mulheres brasileiras entre 1995 e 2016, analiso a importância da presença feminina na produção biográfica no Brasil, no século XX enquanto autoria e tema. Neste trabalho, analiso também como são potencializados os conceitos e temas substanciais como memória, história, discurso e intersubjetividade na sua última publicação, de 2016, denominada Berta Ribeiro: aos índios, com amor. Minha análise desse livro também se concentra na discussão sobre relevância, as configurações e as diretrizes desse texto biográfico, amparando-me nos aspectos teórico-metodológicos da crítica biográfica desenvolvidos por Leonor Arfuch, Eneida Maria de Souza, Alexandre de Sá Avelar, Pierre Bourdieu e Francois Dosse e em estudos produzidos por Rachel Soihet, Eleni Varikas, Margareth Rago e Michelle Perrot, que trazem associações entre biografia, estudos de gênero e História das Mulheres

Referências: ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. - 8ª edição - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-191. DOSSE, François. O Desafio Biográfico: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de História. São Paulo. Vol. 09, nº 18, ago-set, 1989. PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. Topoi. Rio de Janeiro. 2009, vol.10, n.19, pp.7-16. RAGO, Margareth. Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o Anarquismo Contemporâneo. São Paulo: Editora da UNESP, 2001 SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: Crítica Cult. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p. 111-120. SOUZA, Eneida Maria de. Janelas indiscretas: ensaios da crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. SOIHET, Rachel. Mulheres e biografia. Significados para a História. Locus: Revista de História. MG: Juiz de Fora. Vol 09, nº1. p. 33-48, 2003. VARIKAS, Eleni. O pessoal é político: desventuras de uma promessa subversiva. In: Revista Tempo 3. Niterói. Relume-Dumará. Junho 1997, p.7

CONTRA EL "PATRIARCHIVO": LA POLÉMICA CON EL CANON Y LA SUBVERSIÓN EN EL RELATO DE VIAJE CONTEMPORÁNEO ARGENTINO ESCRITO POR MUJERES

Katarzyna Kowalska

Resumo: En la intervención se analizará de qué manera en sus crónicas de viaje, tres viajeras argentinas –Hebe Uhart, Leila Guerriero y María Sonia Cristoff–, reescriben, discuten y polemizan con las representaciones espaciales canónicas que desde el siglo XIX cumplen diversas funciones estéticas e ideológicas (Andermann 2000) y son reflejo de las prácticas sociales ejercidas sobre el territorio argentino (Soja 1985; de Certeau 2000, Lefevre 2013). Retomando la idea de Mónica Szurmuk (2000) sobre la existente dicotomía entre la escritura de viaje masculina y de mujeres –siendo la creación de mujeres (según los representantes del canon) vaciada de sus rasgos políticos o ideológicos y, por ello, relegada al segundo plano–, se señalará cómo en el siglo XXI las mujeres encuentran en el mismo género literario la posibilidad de desandar los rasgos sostenidos y repetidos de una práctica que ellas sí actualizan discursiva e ideológicamente. De ahí que se demuestre que al tomar la palabra e inscribirse dentro de la tradición literaria particular, las autoras comentadas realizan un gesto doblemente subversivo. Primero, por el mismo hecho de hablar contra el

patriarchivo (Derrida 1997, Segarra 2014) y ocupar el lugar que no les pertenecía desde el punto de vista de los poderes hegemónicos anteriores. Segundo, por el cuestionamiento y modificación tanto de las representaciones espaciales tradicionales presentes en el imaginario social argentino (Livon-Grosman 2004), como del impacto que esos tienen sobre el territorio actual. Así destacan la vigencia de los "rasgos sostenidos" asociados con la región que lleva a la creación de los no-lugares (Augé 2000), el vaciamiento identitario y el aislamiento impuesto sobre el territorio mismo.

Referências: ANDERMANN, Jens (2000). Mapas de poder. Rosario, Beatriz Viterbo. ANDERSON, Benedict (1992). Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México, Fondo de Cultura Económica. AUGÉ, Marc (2000). Los no-lugares. Barcelona, Editorial Gedisa. BLOOM, Harold (1995). El canon occidental. Barcelona, Anagrama. BUTLER, Judith (2002). Los cuerpos que importan. Buenos Aires, Paidós. DE CERTEAU, Michel (2000). La invención de lo cotidiano. Ciudad de México, Universidad Iberoamericana. DERRIDA, Jacques (1997) Mal de archivo. Una impresión freudiana. Madrid, Trotta. FOUCAULT, Michel (1972). The Archaeology of Knowledge. New York: Pantheon. GREGORY, Derek (1994) Geographical Imagination. Oxford, Blackwell. HUTCHEON, Linda (1981). "Ironía, sátira y parodia. Una aproximación pragmática". Poétique, 46, pp: 1-16. JITRIK, Noé (1996). "Canónica, regulatoria y transgresiva". Orbis tertius, 1(1), p: 1-9. LEFEBVRE, Henri (2013). La producción del espacio. Madrid, Capitán Swiny. LIVON-GROSMAN, Ernesto (2004). Geografías imaginarias. El relato de viajes y la construcción del espacio patagónico. Rosario, Beatriz Viterbo. MASIELLO, Francine (1992). Between Civilization & Barbarism. Women, Nation and Literary Culture in Modern Argentina. Lincoln & London, University of Nebraska Press. MASSEY, Doreen (2007) Geometrías del poder y la conceptualización del espacio. Conferencia dictada en la Universidad Central de Venezuela, Caracas. ————— (1994). Space, Place and Gender. Minneapolis, University of Minneapolis Press. MBEMBE, Achille (2002). "The Power of the Archive and its Limits". En: Carolyn Hamilton et al. Refiguring the archive. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers. SEGARRA, Marta (2014). "Community and the Politics of Memory". Critical Studies, 37, s: 177-189. SOJA, Edward (1985). "The Spatiality of Social Life: Towards a Transformative Retheorisation". En: D. Gregory et al. (eds.), Basingstroke, Social Relations and Spatial Structures. SZURMUK, Mónica (2000). Women in Argentina: early travel narratives. Gainesville, University Press of Florida.

"QUANTAS VIDAS ME COUBER, AMAR UMA MULHER": AFETO E RESISTÊNCIA NA POESIA LÉSBICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Laura Assis

Resumo: A partir de questões suscitadas por um verso de um poema de Ágnes Souza, "Amar uma mulher", o presente trabalho tem como objetivo identificar estratégias utilizadas na representação literária do afeto entre mulheres na poesia brasileira contemporânea, além de analisar procedimentos por meio dos quais a caracterização e constituição deste afeto operam como possíveis elementos de resistência em um sistema opressor heteropatriarcal. O foco da análise são textos de poetisas lésbicas brasileiras em atividade, como Angélica Freitas (em "Um útero é do tamanho de um punho", publicado em 2012, e "Canções de atormentar", de 2020), Simone Brantes (em "Quase todas as noites", de 2016), Kátia Maciel (no livro "Ticket Zen", de 2010), Maria Isabel Iorio (em "Aos outros só atiro meu corpo", de 2019), Mariana Paim (no livro "Lugar comum", de 2021), Ágnes Souza (em "Pouso", de 2020), entre outras autoras em cujos poemas é possível observar essas estratégias, que passam pela figuração de vivências, descobertas, enfrentamentos, conflitos e reafirmações de um posicionamento afetivo-político desviante de uma norma vigente, empreendendo, por meio da literatura, a negação da exclusão e apagamento de experiências distintas dos padrões heteronormativos. Como base teórica que auxiliará nessas análises, serão trazidas questões relacionadas a temas como escrita feminina, literatura e resistência lésbica, heterossexualidade compulsória e crítica feminista, a partir das reflexões de autoras como Hélène Cixous, Adrienne Rich, Audre Lorde e Monique Wittig. As leituras das obras das poetisas em questão também serão relacionadas a textos de pesquisadoras brasileiras que já vêm analisando o assunto aqui pesquisado, como Tatiana Pequeno e Monalisa Gomyde.

Referências: BRANTES, Simone. Quase todas as noites. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. BORGES, Kátia. Ticket Zen. São Paulo: Escrituras, 2010. CIXOUS, Hélène. O riso da medusa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. FREITAS, Angélica. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Cosac Naify, 2012. _____. Canções de atormentar. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. GOMYDE, Monalisa. Existe uma Cultura Literária Lésbica? In: Caderno Espaço Feminino | Uberlândia, MG | v.34 | n.1 | jan./jun. 2021 | ISSN 1981-3082. <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/62698/32364> LORDE, Audre. Irmã outsider: Ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. IORIO, Maria Isabel. Aos outros só atiro meu corpo. Bragança Paulista: Editora Urutau, 2019. PAIM, Mariana. Lugar comum. Bragança Paulista: Editora Urutau, 2019. PEQUENO, Tatiana. Poesia lésbica escrita por mulheres: dupla marca de subjetividade contra o rochedo da inexistência. Revista CULT (24 nov. 2016). In: <https://revistacult.uol.com.br/home/indicar-duplamente-o-silencio-mulher-lesbiandade-e-poesia/>. RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios. Tradução de Angélica Freitas. Rio de Janeiro: A Bolha, 2019. SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco. p. 23–57 SOUZA, Ágnes. Pouso. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2020. WITTIG, Monique. O pensamento hétero e outros ensaios. Autêntica Editora, 2022.

QUANDO O EU É TRANSPESSOAL: ESCRITORAS TRIBUTÁRIAS DE ANNIE ERNAUX

Laura Barbosa Campos

Resumo: A obra da escritora francesa Annie Ernaux, prêmio Nobel de literatura em 2022, apresenta uma forte interface entre literatura, história e sociologia, constituindo o que a própria autora denominou uma prática auto-sócio-biográfica. Desde a publicação de O Lugar (1983), Ernaux desenvolve um projeto literário bem definido, através de diferentes modalidades textuais, de uma escrita transgressora e do emprego de uma primeira pessoa de caráter transpessoal, capaz de generalizar sem subtrair o eu. “Escrever a vida” é o título de uma antologia organizada pela autora em 2011, reunindo a maior parte de seus títulos publicados até então e suplementados por um “fotodiário” - fotografias pessoais em diálogo com trechos de seu diário íntimo. A autora trabalha temas que, durante muito tempo, não foram considerados objetos de exploração literária - como o mundo dos dominados, o aborto e a doença - subvertendo hierarquias implícitas e dando reconhecimento a vozes usualmente desprovidas de legitimação. Talvez por esse caráter político também, a literatura de Ernaux exerça um forte poder de interpelação. Desde os anos 2000, observamos um número relevante de escritores e escritoras que reivindicam explicitamente a literatura de Ernaux como desencadeadora de seus textos. Trata-se de produções bastante heterogêneas, provenientes de contextos distintos, mas que se aproximam pela interpelação suscitada pelo projeto literário auto-sócio-biográfico. O objetivo deste trabalho é analisar o papel de “emancipação” (Françoise Simonet-Tenant) promovido pela escrita de Annie Ernaux e realizar algumas leituras transversais de suas tributárias.

Referências: ERNAUX, Annie. Écrire la vie. Paris: Gallimard, 2011

MINHA IRMÃ E EU: MULHERES QUE ESCRIVEM, MULHERES QUE PUBLICAM E AS EDITORAS CARTONERAS

Lays Gabrielle da Silva Neves

Resumo: Essa oportunidade de comunicação é uma espécie de notícia que pretende olhar em perspectiva tanto os sentidos iluminados até aqui, quanto as centelhas dos próximos passos desse estudo, findado esse exercício. As mulheres sempre escreveram. O porquê da ausência desse reflexo no mercado editorial passa por entender a dificuldade que existe da mulher se apropriar da palavra “escritora”. De se “autorizar”. Definir o que são as editoras cartoneras, no entanto, parece não ser um caminho muito eficaz, mesmo após duas décadas, desde que surgiu a primeira editora em solo argentino. “Definir”, seguindo a etimologia da palavra, do latim definitivus, definire, é dar limite, dar fim. Como fenômeno, manifestação, movimento, rede ou universo, ou mesmo acontecimento, as editoras cartoneras surgem como elo imediato que conecta crise de projeto de sociedade e

reinvenção de mundos. De uma encruzilhada, nascem da e na contradição, sustentam paradoxos. A ideia de estrutura é indissociável do seu contexto de aparição. Indivíduos que buscam sustento. Subjetividades insustentáveis articuladas em torno do papelão. Indivíduos que buscam papelão, e que encontram nas cartoneras uma tecnologia de representação. Para essas mulheres a poesia não é um luxo, como disse Audre Lorde. Nem a poesia é luxo, nem o papelão é lixo, afirmam e confirmam as mulheres editoras cartoneras. É pela Irmandade da palavra que a questão da gênese dos livros cartoneros como gesto criativo carrega uma intenção. Talvez, pela primeira vez, estejamos interessadas em analisar um campo da literatura do qual formamos parte, desde a essência mesma da filosofia cartonera: caminhar na crítica e na prática de maneira colaborativa, em genuíno diálogo com as demandas urgentes que conectam pessoas que se orientam para a acomodação de suas vivências, ora pendulando para o individual, ora pendulando para o coletivo, mas sempre em movimento.

Referências: ANZALDÚA, Gloria. A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021. CIXOUS, Hélène. O riso da medusa. Prefácio Frédéric Regard; tradução Natália Guerellus, Raíssa França Bastos; posfácio Flavia Trocoli. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. DALCASTAGNÈ, Regina. O prego e o rinoceronte: resistências na literatura brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2021. FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: editora Zouk. 2020. FIGUEIREDO, Eurídice. A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas. Porto Alegre: Zouk, 2022. FRANCO, Anielle. Minha irmã e eu- Diário, memórias e conversas sobre Marielle. Rio de Janeiro: Editora Planeta, 2022. GONZALEZ, Léila. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/ Organização Flavia Rios, Márcia Lima. -1ªed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2020. JOVELINO, Rosane Viana. Patuá. Ilustrações de Fábio Haendel. Cachoeira, BA: Cartonera das Iaiá, 2019. NASCIMENTO, Beatriz. O negro visto por ele mesmo. Ensaio, entrevistas e prosas. São Paulo: UBU Editora, 2022. PRAZERES, Andressa dos; UILA, Barbara. (org.) GANZALA, Annie. (ilustração). Irmandade da palavra: a voz da mulher no Recôncavo. Cachoeira, BA: Cartonera das Iaiá, 2019. RIBEIRO, Ana Elisa, PEREIRA, Maria do Rosário A. e MOREIRA, Renata. (Orgs.) Prezada editora, - mulheres no mercado editorial brasileiro. Belo Horizonte: Contafios, Moinhos, 2021. ROSA, Bárbara. Carolinas, catadoras de sonhos: um diálogo entre Carolina Maria de Jesus e as catadoras de materiais recicláveis de hoje.-Belo Horizonte: Quintal Edições, 2021. SANTOS, Sandra. Laboratórios de edição no Brasil: entre formação e inserção. Rio de Janeiro: UERJ: SELB, 2022. SILVA, Cidinha da. Exuzilhar. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Pallas, 2022. SOUZA, Heleine Fernandes. A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Lívia Natália e Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Malê, 2020. WOOLF, Virginia. Um quarto só seu: & três ensaios sobre as grandes escritoras inglesas: Jane Austen, George Eliot, Charlotte e Emily Brontë. Trad. Julia Romeu: prefácio Socorro Acioli. 1ª ed. -Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

FIGURAÇÕES DOS TRAUMAS DA DITADURA EM ROMANCES DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA ESCRITOS POR MULHERES

Luciana Paiva Coronel

Resumo: Propõe-se mapear e analisar manifestações de resistência ao autoritarismo contidas na enunciação ficcional de autoras presentes no “novo ciclo de memória cultural” (Atencio, 2014) referente ao período da ditadura civil-militar (1964/1985) no contexto da literatura brasileira contemporânea mais recente. Trata-se de textos marcados pela especificidade de pontos de vista e vivências das mulheres em relação à violência estatal então vigente. Uma vez que a história do período vinha sendo narrada praticamente sob a exclusiva ótica masculina por autores como Renato Tapajós (1977), Fernando Gabeira (1979), Alfredo Sirkis (1980), etc, a nova série literária em que a vocalização feminina é destacada (Cruz, 2021) merece atenção dos estudos literários feministas. Ela não apenas apresenta a memória das experiências traumáticas da ditadura a partir do gênero, como ainda aponta precursoras dessa dicção ficcional que o cânone havia silenciado, como Heloneida Studart e Ana Maria Machado (Figueiredo, 2017). Vecchi e Di Eugenio (2020) apontam a relevância do gênero (sujeito) como elemento disjuntivo para realizar a leitura alternativa da história, bem

como o papel da ficção histórica na condução deste trabalho da memória. Sendo histórico, o cânone é palco de disputas de poder ligadas à esfera simbólica da dominação social, por isso importa analisar em bloco *Volto semana que vem* (2015), de Maria Pilla, e *O corpo interminável* (2019), de Claudia Laje, obras representativas dessa enunciação, buscando identificar estratégias do feminino na busca por recursos formais através dos quais figurar os traumas que lhe são próprios. Entende-se que assim fazendo as autoras contribuam para a devidamente compor a memória de um período no qual a presença das mulheres na resistência política é historicamente reconhecida, ainda que não o seja através de seu próprio discurso: “o surgimento do feminismo brasileiro está inseparavelmente ligado à experiência da ditadura (Pinto, 2003).

Referências: ATENCIO, R. J. (2014). *Memory's Turn Reckoning with Dictatorship in Brazil*. Wisconsin The University of Wisconsin Press. CRUZ, Lua Gill da. *DaPretéritos futuros : ditadura militar na literatura do século XXI*, Campinas, SP: [s.n.], 2021. FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Codecri, 1979. PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários*. São Paulo: Global, 1980. TAPAJÓS. Renato. *Em câmera lenta*. São Paulo: Alfa-ômega, 1979. VECCHI, Roberto, DI EUGENIO, Alessia. *A dupla cicatriz: a ditadura brasileira e a vocalização feminina da memória traumática de Ana Maria Machado, estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 60, e6009, 2020.

"DÁ-ME CONTA DO QUE VISTE E OUVISTE": UMA FLÂNEUSE NO BRASIL OITOCENTISTA NAS CRÔNICAS SEMANAIS DE O JORNAL DAS SENHORAS

Luma Virgínia de Souza Medeiros, Maraysa Araújo Silva

Resumo: Na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, os jornais movimentavam a opinião pública e faziam circular a literatura, sobretudo nos folhetins e nas crônicas. Em 1852, Juana Paula Manso (1819-1875) inaugurou *O Jornal das Senhoras*, o primeiro periódico feminino e protofeminista no Rio de Janeiro. Nele, reivindicou a emancipação moral da mulher, definida como o “justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoísmo do homem lhe rouba, e dos quais a deserdar, porque tem em si a força material” (*Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1852, p. 5). Devido às inúmeras “transgressões” políticas, literárias e jornalísticas, Manso e a sua obra foram banidas da memória dos leitores (FLETCHER, 1994). Assim como a escritora argentina, outras mulheres oitocentistas foram apagadas da memória oficial. Conforme aponta Duarte (2019), mulheres “escandalosas”, como Nísia Floresta, foram vítimas de memoricídio, um violento processo que nega a memória das mulheres na História. Todavia, apesar da tentativa de apagamento e da imposição de papéis restritos ao espaço privado, as mulheres também transitaram pela cidade e escreveram sobre ela. Como afirma Elkin (2022), a flâneuse, transeunte dos espaços públicos majoritariamente masculinos, figurou pela cidade narrando histórias, escrevendo sobre os espaços e se relacionando com eles. Neste trabalho, partindo da temática da flânerie na análise minuciosa de Benjamin (1989) na literatura europeia, e da mulher flâneuse em Elkin (2022), nosso objetivo é analisar as estratégias adotadas por Juana Manso para observar e escrever sobre a cidade em *O Jornal das Senhoras* na seção das Crônicas da Semana. Usando o pseudônimo de Bellona, Manso simulou uma leitora colaboradora do Jornal que revelava seus métodos para se inteirar e escrever sobre os acontecimentos da cidade do Rio de Janeiro.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Paris do Segundo Império—O flâneur*. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. SP: Brasiliense, 1989. DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta presente: uma brasileira ilustre*. Natal: Mariana Hardi, 2019. ELKIN, Lauren. *Flâneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. São Paulo: Fósforo Editora, 2022. FLETCHER, Lea. *Juana Manso: una voz en el desierto*. In: FLETCHER, L. (comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria, 1994.

ENERVADAS, DE CHRYSANTHÈME, E A OUSADIA FEMININA

Maria do Rosário Alves Pereira

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura do romance *Enervadas*, de Chrysanthème, situando-o no campo teórico dos estudos de gênero. A obra, publicada em 1922 e narrada em 1ª pessoa, apresenta as peripécias de Lúcia, que já nas primeiras linhas da narrativa recebe o diagnóstico médico de “enervada”, numa associação ao discurso da histeria em que muitas mulheres foram enquadradas desde fins do século XIX. Também as demais personagens femininas da obra compõem um panorama de figuras que questionam o status quo, isto é, os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres naquela época. Trata-se de uma obra ousada, em que desfilam mulheres pouco convencionais, sobretudo no que se refere à sexualidade e às normas sociais, explícitas ou não, que enquadravam os gêneros dentro de determinadas expectativas comportamentais. Segundo Gênese Andrade, na apresentação da obra “Modernismos, 1922-2022”, pouco se refletiu sobre a literatura produzida por mulheres nas primeiras décadas do século XX, ainda que elas estivessem muito presentes em revistas de variedades e em publicações das principais editoras da época. Além disso, o Modernismo brasileiro ofuscou produções literárias que com ele não coadunavam. Junte-se a isso o fato de que o interesse de boa parte das escritoras do período residia em demandas “feministas”, a saber, sua literatura expressava aspectos ideológicos, relativos à emancipação das mulheres em diversos campos.

Referências: ALONSO, Mariangela; TONIOSSO, José Pedro. *Chrysanthème: perspectivas histórico-literárias na Belle Époque brasileira*. Revista EPeQ/Fafibe, 1ª. Ed., vol.01. ANDRADE, Gênese (Org.). *Modernismos, 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. CHRYSANTHEME. *Enervadas*. São Paulo: Carambaia, 2019. DUARTE, Constancia. *Feminismo e literatura no Brasil*. Estudos Avançados, 17 (49), 2003. GENS, Rosa. CECÍLIA VASCONCELOS E AS MODERNAS MULHERES: A FIGURAÇÃO DE CHRYSANTHÈME. XV Abralic.

HISTÓRIAS CONTADAS POR MULHERES: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADE COLONIAL EM “FE EN DISFRAZ”, DE MAYRA SANTOS FEBRES

Marta Cristina Alves Çaró

Resumo: Durante muito tempo, a perversidade e brutalidade do colonialismo e da escravidão oprimiu e calou a voz do negro. De tal forma que o tema do racismo nem era questionado, não havia uma consciência racial, a percepção de que era fundamental lutar e resistir. Mas ao longo dos séculos, algumas mulheres negras e escravizadas na América Latina, sabiam que era necessário criar estratégias de resistência para que seus filhos tivessem a chance de serem livres um dia e de serem aceitos em uma sociedade racista. Desta forma, este trabalho pretende analisar as formas de resistência da mulher negra durante o período colonial através de relatos contidos em documentos pesquisados na obra de Mayra Santos Febres, *Fe en disfraz*. No romance, os protagonistas desenvolvem uma pesquisa e encontram documentos sobre mulheres escravizadas e abusadas sexualmente por homens brancos nos impérios espanhóis e portugueses, a partir de registros históricos do Brasil, Costa Rica, Colômbia, Venezuela e Porto Rico. O passado violento identifica estas mulheres e as aproxima para denunciar os maus tratos sofridos e elas vão pedir ajuda ao Santo Ofício. Sendo assim, a pesquisadora Fe tem interesse em histórias de mulheres que como ela carregam no corpo e na pele negra um passado que traz ecos ao presente; é uma estratégia para o não esquecimento desse passado, assim, os investigadores passam a presentificá-lo e a compreendê-lo para, então, abrir espaço para a sua apropriação e, conseqüentemente, levá-los a uma tomada de posição ética e política. A missão dos dois é a de recompor o passado para fortalecer o presente. A própria personagem Fe, demonstra sua capacidade de reação ao se tornar uma pesquisadora afro-descendente e superar os limites impostos pela sociedade pós-colonial e patriarcal.

Referências: Aimé Césaire, Jaime Pinsky, Júnia Furtado, Ielia Gonzalez, Leandro Narloch, Paulo Rezzutti, Rachel Soihet, Stuart Hall, entre outros.

A VIOLÊNCIA E A MEMÓRIA NA LITERATURA DE MATO GROSSO DO SUL: AS CONFLUÊNCIAS NAS OBRAS DE RAQUEL NAVEIRA, AGLAY TRINDADE, TANIA SOUZA E GLEYCIELLI NONATO

Melly Fatima Goes sena, Rosana Cristina Zanelatto Santos

Resumo: A participação das mulheres na sociedade esteve por muito tempo condicionada à outorga masculina; na literatura não foi diferente. Para Octavio Paz (2017), os autores não lidos são vítimas da indiferença, que, em sua ótica, é a pior censura possível. Essa indiferença tem sua constituição, entre outras causas, na violência, uma violência que faz com que alguns grupos sejam silenciados e suas ideias não sejam expostas, a não ser que atendam aos interesses dominantes. No campo literário, não se permite, por exemplo, que uma obra seja publicada, que chegue até o leitor por outros meios ou que suas ideias sejam desprezadas e destruídas. A partir da metáfora do quarto a ser mobiliado, de Virginia Woolf (2016), esta comunicação tem como objetivo trazer à discussão o que foi silenciado no que tange à literatura de autoria feminina produzida em Mato Grosso do Sul, tendo por corpa textos produzidos por quatro autoras que escrevem desse lugar geográfico. Dois aspectos serão analisados, a saber: a violência e a memória que confluem nas obras de Raquel Naveira, Aglay Trindade, Tania Souza e Gleycielli Nonato, cujos textos selecionados nos apresentam uma visão da historiografia constituinte do estado de Mato Grosso do Sul, a partir de uma ótica ficcional em que “o passado só se deixar fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1985, 224), cabendo à ficção gerar/criar documentos que fundarão a memória social local.

Referências: ARENDT, Hannah. Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. BENJAMIN, W. As Teses sobre o Conceito de História. In: Obras Escolhidas, Vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985. NANTES, Aglay Trindade. Morro Azul: histórias pantaneiras. Campo Grande: IHGMS, 2010. NAVEIRA, Raquel. Guerra entre irmãos: poemas inspirados na Guerra do Paraguai. 2. ed. Campo Grande, MS: Gráfica Ruy Barbosa, 1997. NONATO, Gleycielli. Morro do Criminoso. In: NONATO, Gleycielli. Vila Pequena: Causos, contos e Lorotas. Campo Grande, MS/FCMS: Life editora, 2017. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto história. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dezembro de 1993. PONTES, José Couto Vieira. História da Literatura Sul-Mato-Grossense. São Paulo: Editora do Escritor Ltda., 1981. RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007. ROSA, Maria da Glória de Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do sul, 2011. SOUZA, Tânia. E eles vieram com o amanhecer. In: SOUZA, Tânia. Coisas de Cá [online], 2020. Disponível em: <<https://tanasouzams.blogspot.com/2013/02/era-uma-vez.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2020.

DA PRODUÇÃO AO SILÊNCIO SOBRE O ROMANCE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Renato Kerly Marques Silva

Resumo: Este trabalho parte da análise das práticas culturais (CHARTIER, 1988) mobilizadas na elaboração, produção e divulgação do romance Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis, para pensar questões que influenciaram o período de esquecimento da obra. Em relação aos elementos que compõem o livro, ressalta-se: a associação da narrativa ao Romantismo, com inserção de uma forte crítica à sociedade escravocrata; a presença do prólogo, em que a escritora se desculpa por adentrar em um espaço dominado por homens; e a omissão do nome da autora. Sobre a divulgação, destaca-se: a realização de campanhas de subscrição para atrair compradores; a divulgação do nome da autora após o início da circulação do livro; a publicação de anúncios de venda em diferentes jornais de São Luís, província do Maranhão, durante um período de aproximadamente dois anos; e a colaboração da escritora em diferentes periódicos e antologias publicados naquela cidade. A análise desses elementos indica que sua autora e as pessoas envolvidas na edição e venda do livro mobilizaram diferentes estratégias para atrair a atenção do público leitor. No entanto, após sua publicação teve início um período de silêncio sobre a obra. Pensar o esquecimento do romance e de sua autora remete ao sexismo e à defesa da escravidão como elementos que atuaram para a delimitação da literatura que poderia ser reconhecida como representativa daquela sociedade. O processo de resgate da autora realizado por pesquisadoras orientadas pela Crítica Feminista, na década de 1990, confirma essa hipótese e expõe como o reconhecimento de escritoras do século XIX

é perpassado por orientações que extrapolam a dimensão estética do texto literário (MUZART, 1999).

Referências: CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988. MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. MORAIS FILHO, José Nascimento. Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida. São Luís: SIOGE, 1975. MUZART, Zahidé L. (org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 1999. REIS, Maria Firmina dos. Úrsula; A Escrava. Belo Horizonte; Florianópolis: PUC Minas; Ed. Mulheres, 2004.

AUTORIA E AUTORIDADE NA ESCRITA ASSINADA POR MULHERES NO SÉC. XIX

Ricardo Alexandre Rodrigues

Resumo: Parte da estratégia de manutenção da dominação patriarcal consiste na anulação e subalternização das referências usadas para representar o gênero feminino, afetando a construção da memória e dos processos de formação de subjetividades na sociedade. A produção de um discurso único a respeito do corpo da mulher, na tentativa de determinar comportamentos e exercer o controle sobre formas de sociabilidades das mulheres, enfraquece a autoestima, as confunde em estereótipos e as restringe aos formatos políticos dominantes impostos pela elite patriarcal. Todavia, tão habilidosas e fortes quanto às estruturas do poder patriarcal são as respostas dadas pelas mulheres da sociedade brasileira, sobretudo as escritoras pioneiras do séc. XIX, ao tomarem para si domínio da linguagem e se reinventarem. Essas respostas foram articuladas em forma de discursos, conteúdos teóricos e ideológicos, a partir de práticas de linguagens compromissadas com transformações – dos sujeitos, das mentalidades e dos meios. A pesquisa, que tem como objeto a leitura do livro “Zaira Americana mostra as imensas vantagens que a sociedade inteira obtém da ilustração, virtudes e perfeita educação da mulher como mãe, e esposa do homem”, de Maria Benedita de Oliveira Barbosa, 1853, investe na revisão de publicações cujos discursos já revelavam potencial para romper com o monopólio das narrativas ortodoxas que interditavam o exercício da autoria e da autoridade das mulheres na sociedade. O interesse pela obra vem da oportunidade de, além de problematizar as forças que operam na anulação da escrita de autoria feminina, estudar as formas de resistência bem ilustrada nas manobras com a linguagem executadas por Maria Benedita para desviar das interdições armadas contra a instrução da mulher. Destarte, o desdobramento destas ideias visa contribuir para reacender tensões geradas pelas relações de poder que atravessam obras assinadas por mulheres, no séc. XIX, lidas superficialmente pela crítica e apagadas, consequentemente, do repertório cultural.

Referências: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX. Antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999. ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. TABAK, Fani. “Campo literário e literatura de autoria feminina no século XIX na América Latina”. In. KAMITA, Rosana; FONTES, Luísa (org). Mulher e literatura. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015. 500 p.

TEXTUALIDADES ENTRE LÍNGUAS: ESTRATÉGIAS DA REEXISTÊNCIA

Silvina Carrizo

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo a análise de algumas das estratégias de edição e de artes escritas construídas pela escritora Aline Rochedo Pachamama (Churiah Puri), no que diz respeito, mais especificamente, ao seu livro plurilingue intitulado “Taynôh: o menino que tinha cem anos” (3ª edição, Rio de Janeiro: Editora Pachamama, 2019). É de meu intuito observar o mergulho nos significados da reExistência a partir do projeto editorial, qual seja, a Editora Pachamama, da qual Aline é fundadora e diretora, e do projeto de escrita que traz em seu âmago a proposta de por em diálogo as línguas xavante, guarani mbya (tupi), espanhol e português. Em minha leitura, procurarei destacar o jogo de estratégias combinadas a um leque de procedimentos os quais discutem e

interpelam o estar-entre-línguas, a visibilidade, as formas da literariedade de línguas minorizadas e os sentidos da tradução, tudo isso juntamente ao entendimento do livro supracitado enquanto obra coletiva de toda a América Latina. Em outro sentido, busco ao longo do estudo sugerido compreender também os debates que compõem o complexo e rico campo literário brasileiro, e, dessa forma, considerar o lugar que ocupa, neste caso então, a Editora Pachamama e, em particular, a obra "Taynôh" (2019), de Aline Rochedo Pachamama.

Referências: AMATI-MEHLER, Jacqueline. A Babel do inconsciente: Língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 2005. BARZOTTO, Leone Astride; CARRIZO, Silvina (Orgs.). Filiações e afiliações interamericanas: legados familiares, étnicos e nacionais. Porto Alegre: Letra 1, 2021. BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. CASANOVA, Pascale. A república mundial das letras. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. MONTALDO, Graciela. A propriedade da cultura: ensaios críticos sobre literatura e indústria cultural na América Latina. Chapecó: Argos, 2004. PACHAMAMA, Aline Rochedo. Taynôh: o menino que tinha cem anos. 3. ed. Rio de Janeiro: Pachamama, 2019.

**SIMPÓSIO "FIÇÃO, HISTÓRIA E NOVOS CAPÍTULOS PARA DECOLONIZAR O SABER:
RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO A PARTIR DA LITERATURA"**

Coordenadores: Cristian Javier Lopez (UEMA), Phelipe de Lima Cerdeira (UERJ) e Gilmei Francisco Fleck (Unioeste)

RESSIGNIFICAÇÕES DA PROCLAMAÇÃO E INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA NA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: LEITURAS QUE CONDUZEM À DESCOLONIZAÇÃO E AO PENSAMENTO DECOLONIAL

Adriana Aparecida Biancato

Resumo: O passado do período republicano do Brasil é relatado, no discurso historiográfico, a partir de uma perspectiva histórica hegemônica. Esse discurso encontra-se nos livros didáticos, em história romanceada e afins, escritas que trazem em suas narrativas fragmentos da versão histórica, nos quais muitas vozes foram suprimidas, silenciadas e apagadas, como é o caso dos negros, indígenas, mulheres e crianças. Dessa forma, buscamos encontrar na literatura híbrida de história e ficção juvenil brasileira, novos olhares sobre esse passado, por meio de perspectivas que nos permitam ressignificar tal passado e que contribuam na formação do leitor literário descolonizado, isto é, um leitor seja capaz de entender que as narrativas, sejam elas ficcionais ou históricas, são construções humanas e criadas a partir da manipulação da linguagem. Assim, buscamos ler obras da literatura infantil e juvenil brasileira que abordam o período histórico da Proclamação e Instauração da República Brasileira. Neste intento, voltamo-nos às obras Cidadela de Deus – a saga de Canudos (1996), de Gilberto Martins e A Aldeia Sagrada (1953), de Francisco Marins, a fim de lê-las sob as perspectivas dos elementos categorizadores das produções do gênero romance histórico contemporâneo de mediação, definidos por Fleck (2017). A ressignificação do passado proposta pela literatura, aqui especificamente para o leitor infantil e juvenil, pretende apontar para uma leitura crítica do discurso histórico com perspectivas de focos narrativos centrados em vozes excluídas do registro oficial, como o olhar da criança e/ou do adolescente presentes nas obras aqui destacadas. Desse modo, as aproximações entre a literatura juvenil brasileira híbrida de história e ficção e as premissas do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017), serão, nessa comunicação, destacadas. Assim, a inserção dessas leituras, no espaço escolar, pode levar à formação de um leitor descolonizado, capaz de entender o processo de manipulação da linguagem na construção de discursos.

Referências: AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. Plural (México), n. 240, p.28-85, 1991. FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. Historia y novela: poética de la novela histórica. 2. ed. Navarra: Universidad de Navarra, 2003. FLECK, Gilmei Francisco. O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017. HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de

Janeiro: Imago, 1991. LUKÁCS, Gyorgy. A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2000. MARINS, Francisco. A Aldeia Sagrada. 35. ed. São Paulo: Ática, 2015. MARTINS, Gilberto. Cidadela de Deus – a saga de Canudos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003. MENTON, Seymour. La nueva novela histórica da la América Latina 1979-1992. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. RODRÍGUEZ, A. Márquez. Historia y ficción en la novela venezolana. 2 ed. Caracas: Talleres de Anauco Ediciones, C. A., 1996. ZUCKI, Renata. Letramento literário: Práticas de leitura do texto literário nos anos iniciais do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado (Proletras). Unioeste. Cascavel, 2015.

NÃO VER PARA NÃO SOFRER E A NECESSIDADE DE LEMBRAR: LA DURMIENTE, DE ANDRUETTO E ISTVANCH

Andreia Menezes dos Santos

Resumo: O presente estudo pretende analisar os aspectos memorialísticos no livro ilustrado *La Durmiente*, de Maria Tereza Andruetto. Levando em consideração as origens inspiradoras da obra, o conto maravilhoso “A Bela Adormecida”, realizo uma breve análise de algumas versões modificadas ao longo dos séculos, referenciando ao conceito de memória manipulada, a partir de Paul Ricoeur, para compreender a opção de esquecer, presente na narrativa ilustrada. Além disso, recorro às considerações de Walter Benjamin sobre o conceito de história, memória e autoria, assim como percepções de Aleida Assmann sobre os espaços de recordação. Se muitos autores reconstruíram o conto tradicional recorrendo ao fato de que a memória da protagonista é desativada por uma maldição, no texto de Andruetto, a protagonista opta por adormecer para esquecer o choque que a realidade lhe causou. Tal feito reconfigura as expectativas, proporcionando novas experiências críticas aos leitores. Nesse reconto intertextual, a autora recorre a elementos que permeiam o imaginário popular, os contos de fadas, para compor sua narrativa recriando um diálogo com o passado e o presente. Por outro lado, há as ilustrações do coautor que ampliam o texto escrito com inserções artísticas recontando a história dos homens através dos séculos e espaços geográficos, enfatizando a figura feminina. São releituras de obras plásticas e recortes de jornais e revistas que montam a leitura social sobre os papéis femininos sob a expectativa masculina, econômica e dos poderes vigentes. Sendo assim, o presente artigo se justifica por analisar o caráter dialógico e os aspectos memorialísticos que constituem a narrativa, refletindo inicialmente sobre o texto base ao qual a autora recorre para produzir a narrativa escrita da obra *La Durmiente*. Em seguida, transita pelas teorias da memória e história entre outros aspectos da Literatura decolonial.

Referências: ANDRUETTO, Maria Teresa; SCHRITTER, Istvan. *La durmiente*. Buenos Aires: Loquileo Santillana, 2016. BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984. BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens*. Trad. Ana Luiza de Andrade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó: Editora Universitária Argos, 2002. KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. SCHRITTER, Istvan, “Voces de tras de las páginas”, In: *Páginas de guarda*, n. 5, Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. p. 77-89, 2008. Disponível em: <http://istvansch.ar/images/content/teoria/Istvansch_Teoria_PagGuarda.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2022. TATAR, Maria. *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Maria Luiza X. de A. Borges (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ESTUDO TROPOLÓGICO COM FOCO NO TEXTO LITERÁRIO DO ESCRITOR GOIANO BERNARDO ÉLIS

Bruna Carla Martins Ramos

Resumo: O presente estudo objetiva indagar, através das personagens de dois contos bernardianos, questões que (de)formam a sociedade, no caso aqui a goiana, visto que, no que se refere à formação do processo histórico-social, são perceptíveis a situação de estereotipação da figura feminina e a relação de poder presentes nos discursos sociais. Da mesma maneira, apresentar, também, a

coisificação do ser através da metaforização da língua e recursos estilísticos que compõem a narrativa literária – tropos literários (WHITE, 2014; RICOEUR, 2000), o que por sua vez acabam por reproduzir o cotidiano. O corpus de investigação se limita aos contos Caminhão de arroz, publicado no livro “Caminhos dos gerais” em 1975, e Ontem, como hoje, como amanhã, como depois da obra “Caminhos e Descaminhos” publicada em 1965. Do ponto de vista científico para a pesquisa, a fundamentação teórica referente ao estudo terá como sustentação autores como Hayden White (2014), Homi Bhabha (2005), Pedro Fonseca (2011) e Paul Ricoeur (2000) entre outros. Com relação à metodologia, essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica, uma vez que os dois contos serão confrontados com fontes teóricas, a fim de que, por meio desse embate, se entenda a carga ideológica impregnada nos tropos discursivos. Os resultados esperados, a partir da realização deste estudo, possibilita entender o papel dos tropos (figuras de linguagem) no texto literário, quanto à relação de opressão a que as classes subalternas estão submetidas, como também discutir o processo histórico goiano para entender a influência do colonizador na criação de estereótipos sociais da população do interior goiano. No caso dos contos discutidos: a mulher sertaneja e negra e a mulher indígena. Entende-se também como forma de contribuição epistemológica às pesquisas que exploram a obra do escritor goiano.

Referências: BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2005. BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2017. BRANDÃO, R. de O. As figuras de linguagem. São Paulo: Ática, 1989. COUTINHO, A. Notas de teoria literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. COUTINHO, A. A literatura no Brasil: era modernista. V 5, 5. ed. São Paulo: Global, 1999. COUTINHO, A. A literatura no Brasil: era realista, era de transição. V 4, 5. ed. São Paulo: Global, 1999. ÉLIS, B. Melhores Contos Bernardo Élis. (seleção de Gilberto Mendonça Telles). 4. ed. São Paulo: Globo, 2015. ÉLIS, B. Ermos e gerais. São Paulo: Martins Fontes, 2005. ÉLIS, B. A vida são as sobras. Remate de Males, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 15–116, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635915>. Acesso em: 30 jun. 2022. FONSECA, P. C. L. Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil. Bauru, SP: Edusc, 2011. KERN, D.P. M. Breve História de Tropologia Literária: Os tropos principais e os chicagóans. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/26.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021. RICOEUR, P. A metáfora viva. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000. WHITE, H. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

A CONDIÇÃO FEMININA NO BRASIL COLONIAL DO SÉCULO XVIII: SUBALTERNIDADE E RESISTÊNCIA

Cindy Conceição Oliveira Costa

Resumo: O período colonial brasileiro é permeado por conflitos e diferentes processos de dominação e de subalternidade. Conforme destaca Rios (2018, p. 179), o processo de dominação que caracterizou o colonialismo mostrava a supremacia de “um modelo baseado na hegemonia do homem europeu, branco e cristão sobre o que representava oposto, o Outro, disso culminou na espoliação de povos e suas culturas em prol da imposição da cultura europeia às nações submetidas nesse processo”, o que se refletiu fortemente em grande parte do imaginário ocidental, assegurado pela ideologia patriarcal, raiz da violência e opressão contra as mulheres, principalmente as negras. À vista disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a condição feminina no Brasil colonial do século XVIII através do romance Carta à rainha louca (2019), da escritora Maria Valéria Rezende, o qual evidencia processos de subalternidade e resistência das personagens femininas Isabel das Santas Virgens, Blandina, Sinhá Vitória, Engrácia, Bernarda, Antônia das Frutas e Basília. Tais personagens representam as diferenças no que concerne à condição feminina da época, que se configura de modos distintos em se tratando de suas posições sociais, econômicas e raciais. Para tanto, a metodologia utilizada tem cunho bibliográfico e se apoia em autores como: Hutcheon (1991), Del Priore (1994; 1995), Santos (2020), Nunes (2018), Spivak (2010), Saffioti (2015), Araújo (2018), entre outros. Portanto, a partir dessa interpretação do romance, é possível compreender temas como sexualidade feminina, clausura, maternidade, prostituição, escravidão e em como é

importante destacar a memória de períodos históricos violentos, como a época da colonização, no intuito de que sejam ouvidas vozes não hegemônicas sobre esses eventos.

Referências: ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 45-77. AZZI, Riolando; REZENDE, Maria Valéria Vasconcelos. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. In: AZZI, Riolando (Org.). A vida religiosa no Brasil. Enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 24-60. BORGES, Luciana. A clausura e a rasura: escrita e gênero em Carta à rainha louca. In: RATTON, Vanessa; MAYRINCK, Adriana (Orgs.). A obra de Maria Valéria Rezende: resenhas e variações. Guarujá: Amare Livros; Lisboa: In-Finita, 2021. p. 57-59. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. CARAGEA, Mioara. Metaficção historiográfica. In: CEIA, Carlos (Org.). E-Dicionário de termos literários. 2010. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metaficcao-historiografica/>. Acesso em: 14 abr. 2022. DEL PRIORE, Mary. A mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1994. DEL PRIORE, Mary. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. FUNCK, Susana Bornéo. Corpos colonizados, leituras feministas. In: FUNCK, Susana Bornéo. Crítica literária feminista: uma trajetória. Florianópolis: Insular, 2016. p. 367-392. GÄRTNER, Mariléia. Mulheres contando história de mulheres: o romance histórico brasileiro contemporâneo de autoria feminina. 2006. 215 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, São Paulo, 2006. HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991. KRAUSE, Gustavo Bernardo. O livro da metaficção. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010. NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 482-509. PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). História & Literatura: identidades e fronteiras. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 11-27. REIS, José Carlos. O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção. In: REIS, José Carlos. O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 63-89. REZENDE, Maria Valéria. Carta à rainha louca. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019. RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. Vozes dissonantes: a representação da mulher colonial no novo romance histórico. 2018. 221 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. SANTOS, Georgina. Papéis passados: a história das mulheres a partir da documentação arquivística. O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira – Mulheres na colônia. 2020. Disponível em: http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5347&Itemid=460. Acesso em: 15 abr. 2022. SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Tradução: Sandra Regina Goular Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

PERSPECTIVAS/AÇÕES DECOLONIAIS NO SÉCULO XIX: A ESCRAVA (1887), DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Cristian Javier Lopez

Resumo: A expressão literária, em nosso continente, configura-se como um meio sumamente especial no que tange não só à criação artística e estética (Paz, 1994), mas, também, e em particular, à circulação de ideias e de pensamentos que buscaram questionar as estruturas das sociedades que foram resultados do processo de colonização (Castro Gómez, Grosfogel, 2007). Nesse sentido, é o caráter artístico e polissêmico, presente na linguagem utilizada no campo da literatura, aquele que permite aos sujeitos a divulgação de certos discursos que, possivelmente, em outros gêneros discursivos não conseguiriam uma aceitação tão ampla por parte da população e do poder hegemônico (Vargas Llosa, 2002). Desde essa perspectiva, cabe destacar que a literatura de autoria feminina latino-americana (Guerra, 2007) possui uma figura que se tornou evidente no seu tempo graças a seu posicionamento político e, também, ideológico expressado, dentre outras maneiras, na sua obra literária: a professora Maria Firmina dos Reis (1822-1917) (Silva; Nascimento e Oliveira,

2021). Essa escritora maranhense elaborou uma obra literária na qual podemos entrever, desde uma perspectiva atual, traços de decolonialidade do pensamento já no século XIX. Para a presente comunicação buscamos realizar considerações gerais sobre o conto *A escrava* (1887) e sua possível leitura desde um olhar decolonial.

Referências: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. GUERRA, L. *Mujer y escritura: fundamentos teóricos de la crítica feminista*. México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007. MIGNOLO, W. *Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade*. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n. 94, p. 1-18, junho/2017b. MIGNOLO, W. *Desafios decoloniais hoje*. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, PR, 1(1), p. 12-32, 2017a. PAZ, O. *La Búsqueda Del Presente*. In: SKIRIUS, John. (Compilador). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. 3. ed. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994. pp. 431-442. REIS, M. F. dos. *A escrava*. São Paulo: Hedra, 2021. SILVA, R. A. da; NASCIMENTO, B. S.; OLIVEIRA, P. L. *Escritas negras importam: Maria Firmina dos Reis e seu romance Ursula*. *Revista Littera Online*, vol. 12, nº 24, 2021. VARGAS LLOSA, M. *La verdad de las mentiras*. Barcelona: Buenos Aires: Alfaguara, 2002.

O ÍNDIO DESPIDO: A IDENTIDADE BRASILEIRA NO ROMANCE PORTUGUÊS A VIRGEM GUARACIABA (1866)

David Patrick Tavares Belo

Resumo: Esta comunicação, por meio da metodologia da análise comparativa, objetiva fazer uma leitura do romance *“A virgem Guaraciaba”* (1866), de Manuel Pinheiro Chagas (1842 – 1895). A perspectiva abordada traz à tona os contextos oitocentistas que resultaram em uma das principais discussões literárias entre o Brasil e Portugal: a questão da identidade da literatura brasileira. Para tanto, serão estudadas as fontes primárias em que Pinheiro Chagas escreveu sobre a literatura brasileira, sendo elas: *“Anuário do Arquivo Pitoresco”* (1866); *“Novos Ensaios Críticos”* (1867) e *“O Brasil”* (1873). Diante disso, para elucidar questões referente a identidade literária brasileira no século XIX, o referencial teórico utilizado nesta pesquisa abrange os postulados por Antônio Candido (2004), quando ele se refere a formação da identidade brasileira por meio do romantismo que funcionou como “expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar [...] a identidade” (CANDIDO, 2004, p. 15); os estudos de Zilá Bernd, do livro *“Literatura e identidade nacional”* (1992), em que a pesquisadora afirma que os textos produzidos no romantismo possuíam uma visão sacralizante ao recuperar e solidificar os mitos (BERND, 1992, p. 18); a pesquisa de Flora Süssekind, em *“O Brasil Não é Longe Daqui”* (1990), ela chama de “alegoria da natureza” a busca por uma “fundação de uma imagem original” da literatura e afirma que autores estrangeiros lançavam mão de documentos como diários de viagens (SÜSSEKIND, 1990, p. 33) e entre outros teóricos. Nesse sentido, busca-se evidenciar os parâmetros levantados por Manuel Pinheiro Chagas sobre como a identidade da literatura brasileira poderia se tornar autônoma e, através de seu romance histórico de temática tropical, intitulado *“A virgem Guaraciaba”*, identificar a utilização do elemento nacionalista brasileiro empregado pelo crítico literário português ao valer-se de personagens indígenas e a floresta americana para compor sua narrativa.

Referências: ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*. 3ª ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. ANCHIETA, J. de. *Cartas, Informações, fragmentos históricos e Sermões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. Disponível em: <http://www.purl.pt/155/1/P297.html>. Acesso em: 16 ago. 2022. BERND, Z. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. CANDIDO, A. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/SP, 2004. CHAGAS, M. Pinheiro. *Bibliografia Brasileira*. In: *O Brasil*. 3º ano, número 69. Lisboa, edição de 25 de março de 1873. CHAGAS, M. Pinheiro. *Letras e Artes*. In: *Anuário do Arquivo Pitoresco*. Lisboa: Tipografia de Castro e Irmão, janeiro de 1866, n. 25, p. 196-198. CHAGAS, M. Pinheiro. *Novos ensaios críticos*. Porto: Viúva Moré – Editora, 1867. CHAGAS, M. Pinheiro. *A Virgem Guaraciaba*.

Edições Digitais, 2012. E-book Kindle. LUKÁCS, Georg. Teoria do romance. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009. LUKÁCS, György. O romance histórico. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. MEMMI, A. Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. PUNTONI, P. Tupi ou não tupi? Uma contribuição ao estudo da etnohistória dos povos indígenas no Brasil colônia. *Ethnos*, Recife, ano 2, n. 2, p. 5-19, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/38826170/Tupi_. Acesso em: 23 jul. 2022. SÜSSEKIND, Flora. O Brasil Não É Longe Daqui: O Narrador, A Viagem. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

O REALISMO CONTEMPORÂNEO E A REVOLUÇÃO HAITIANA

Dionisio David Marquez Arreaza

Resumo: O trabalho estuda a relação histórica entre o romance e a constituição (política) como formas escritas de realismo em textos contemporâneos como *Bicentenaire* (2004) do escritor haitiano Lyonel Trouillot e *Yo maté a Simón Bolívar* (2010) do venezuelano Vicente Ulive-Schnell. Vou tentar o argumento historicista de que o realismo - entendido como expressão ampla, não só literária, historiograficamente consolidada no século XIX - ganha suas condições discursivas de origem no final do chamado Século das Luzes (XVIII) no contexto dos impactos político-culturais provenientes das Revoluções Francesa e Haitiana. O que chamo de “linguagem iluminista” (MÁRQUEZ, 2021), baseada na ideia-força de ‘liberdade’, nutriu a escrita política pré e pós-revolucionária na Europa e na América, como em Rousseau, *Louverture* e Bolívar, do mesmo modo que nutriu a escrita propriamente literária de Bello, Alencar e Flaubert. Assim, não há como entender a reconhecidíssima Revolução Francesa, e as contradições do realismo constitucional, sem a valorização da Revolução Haitiana, ainda hoje “silenciada” pela historiografia euro-cêntrica (M.-R. TROUILLOT, 1995; BUCK-MORSS, 2000; FERRER, 2014), do mesmo modo como não há como desvincular os realismos literário e político da vasta ideia-força moderna de liberdade que os origina, une, relaciona ou contrasta. A indeterminação funcional das escritas contemporâneas (LUDMER, 2007; GARRAMUÑO, 2014) recupera em chave crítica e negativa o caráter livre e diverso que deu origem ao realismo faz mais de duzentos anos. Como exemplos de caso, os temas da manifestação de rua, a violência social e as crises nacionais ficcionalizados em L. Trouillot e Ulive-Schnell reclamam aquela ‘liberdade’ em termos por igual estéticos, políticos e históricos. A manifestação de rua, ato democrático quintessencial, dentro de um romance, pode ser entendido pelo leitor como ato e fala política, que cobra hoje a promessa constitucional não cumprida da emancipação social desde as revoluções oitocentistas.

Referências: BUCK-MORSS, Susan. Hegel and Haiti. *Critical Inquiry*, n. 26, 2000, p. 821-65. FERRER, Ada. *Freedom’s Mirror. Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University, 2014. GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. LUDMER, Josefina. *Literaturas posautônomas*. *Ciberletras. Revista de crítica literaria y de cultura*, n. 17, jul. 2007. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>. Acesso em: 7 jan. 2023. Márquez Arreaza, Dionisio. 2021. A estratégia hegemônica do realismo na narrativa venezuelana e haitiana no início do século XXI. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 65-85, 2021. ISSN 2238-3824. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.26.3.65-85>. TROUILLOT, Lyonel. *Bicentenaire*. Paris: Actes Sud, 2004. TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon, 1995. ULIVE-SCHNELL, Vicente. *Yo maté a Simón Bolívar*. [S.l.]: Masa, 2010. Livro-e Kindle. 2v.

MEMÓRIAS, VOZES E ESPAÇOS: A RESSIGNIFICAÇÃO DO PASSADO EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Édila de Cássia Souza Santana

Resumo: As reinterpretações do passado histórico pela ficção têm articulado profícuos debates na relação das narrativas ficcionais com a história. O diálogo possível entre a literatura e a história permite a inserção de contextos, espaços e vozes que são (re)organizados em torno de uma

pluralidade significativa de sentidos. Tal performance oportuniza a ressignificação da memória do passado histórico de um país. O romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior configura como uma leitura profícua dessa relação. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a relação literatura e história presente no romance, intencionando compreender a forma como ocorre a reinterpretação do passado do Brasil e os efeitos de sentidos configurados na ressignificação da memória nacional. A articulação entretecida entre ficção e história possibilita a descentralização de vozes e espaços, conforme salienta Hutcheon, “[...] se existe um mundo, então existem todos os mundos possíveis: a pluralidade histórica substitui a essência atemporal eterna” (1991, p.84). Assim, o romance é uma janela à reflexão de nosso passado histórico, cultural, social e político, tematizando aspectos estruturais da sociedade, como, gênero, raça, classe e religião. Este trabalho tem como referencial teórico os estudos sobre a metaficção historiográfica de Linda Hutcheon (1991), os estudos sobre memória, raça, gênero e pós-colonialismo de Krada Kilomba (2019), e os estudos sobre o pensamento decolonial de Walter D. Mignolo (2003).

Referências: BAKHTIN, M. M. *Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press, 1983. BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998. BURKE, P. (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992. ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo: 1975-2000*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. MIGNOLO, W. D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]) VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*, São Paulo: Todavia, 2020.

MEMÓRIA, VIOLÊNCIA E IDENTIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA LEITURA DE A MENINA QUE ABRAÇA O VENTO E UM LENÇOL DE INFINITOS FIOS

Edna da Silva Polese

Resumo: A partir da década de 1970 (COLOMER, 2017) a literatura infanto-juvenil no Brasil quebra uma tradição pautada quase que exclusivamente na ideia utilitarismo/didatismo e sinaliza novas tendências e temas (COELHO, 2000). Consagram-se nomes como os de Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bojunga. As mudanças sociais, políticas e ideológicas embasam essa nova produção, orientando de forma profunda a ideia de que não há temas tabus a serem trabalhados no universo da literatura infanto-juvenil, mas adequação de linguagem e público (HUNT, 2010). Violência, questões políticas e morte são alguns desses temas. Em produções recentes, é perceptível como a proposta de Candido (2004), sobre a literatura como forma de humanizar o homem, está também presente na produção literária voltada ao público infantil e juvenil. As obras literárias infanto-juvenis *A menina que abraça o vento: a história de uma refugiada congolesa* de Fernanda Paraguassu (2019) e *Um lençol de infinitos fios*, de Susana Ventura (2020), apresentam como tema a questão dos refugiados no Brasil. Nessas obras, pelo viés do olhar infantil, tece-se a apreensão da memória de guerra e da tentativa de reorganização da identidade em um novo país. A partir das teorias de Halbwachs (1990), Ricoeur (1994), Turchi e Souza (2010), White (2001) e Hall (2019) pretende-se abordar questões como memória, história, violência e identidade nas obras citadas. Pretende-se ainda, discutir como o tema da decolonização se faz presente num país ainda em vias de processos migratórios e de reorganização de identidade cultural-nacional sempre em processo.

Referências: CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2017. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vertice, 1990. HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papirus, v. 1, 1994. THURCHI, Maria Zaira; SOUZA, Flávia de Castro. *A face obscura da violência na literatura*

infantil. In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Aurea Penteadó (Org.) Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil. São Paulo; Assis: Cultura Acadêmica, ANEP, 2010. WHITE, Hayden. Trópicos do discurso. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LUTO E ORFANDADE NO ROMANCE LOS DETECTIVES SALVAJES DE ROBERTO BOLAÑO

Edson Oliveira da Silva

Resumo: A partir da compreensão de que o discurso literário é constituído pela livre associação de estruturas e métodos vinculados à cultura e à história, pressupostos indispensáveis para a arquitetura das múltiplas relações produzidas entre os sujeitos, em um dado território, considerando a noção dialógica de tempo e espaço, o estudo em destaque tem a intenção de analisar as representações do luto e da orfandade na América Latina, tomando como ponto de partida a leitura do romance *Los detectives salvajes* (1998) do escritor Roberto Bolaño (1953-2003), uma voz representativa das principais reconfigurações estéticas e temáticas da narrativa contemporânea de língua espanhola, no espaço ambivalente que compreende a Espanha e a América Latina. Apoiado nos conceitos de luto e de melancolia propostos pelo teórico Sigmund Freud e nas contribuições de Jacques Lacan a respeito desse tema, este trabalho se propõe a compreender os meandros da ficção latino-americana, desde o período pós-ditatorial até o final do século XX, erigida em uma superfície distópica, sobre a qual ainda se arrastam os destroços lançados pela dialética da colonização, apontando muito possivelmente para a alegoria de sucessivas derrotas, conforme propõe Idelber Avelar, e para a afirmação da escrita literária enquanto promessa de restituição e elaboração do luto imposto às sociedades latino-americanas.

A GUERRA OU O MASSACRE DE CANUDOS: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE RELEITURAS DO PASSADO POR MEIO DE NARRATIVAS HÍBRIDAS DE HISTÓRIA E FICÇÃO JUVENIS

Fernanda Sacomori Candido Pedro, Vilson Pruzak dos Santos

Resumo: Resumo: A comunicação proposta visa a apresentar algumas possibilidades de releitura sobre um dos eventos históricos que marcou o Brasil no final do século XIX, a guerra/ o massacre de Canudos. Essas alternativas de releitura estão presentes nas obras *A Aldeia Sagrada* ([1953] 2019), de Francisco Marins; e em *Cidadela de Deus: a saga de Canudos* ([1997] 2003), de Gilberto Martins. Analisamos as obras de Martins (2003) e Marins (2019), buscando aproximá-las do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007), o qual pertence ao grupo de romances históricos considerados críticos, pois enfrentam-se com o discurso hegemônico da história e buscam a desconstrução da verdade única e absoluta com a qual o passado foi registrado pela historiografia positivista. Também, com os estudos historiográficos mais recentes que fazem parte da história nova – a visão de baixo –, proposta por (SHARPE, 1992), a qual vem demonstrar a importância da inserção das vozes dos diversos atores que participaram da construção da história para que se consiga colocar em diálogo as versões sobre os acontecimentos e, com isso, provocar ressignificações. Consideramos que tais obras híbridas – destinadas ao público juvenil – desenvolvem um leitor literário rumo à descolonização, ou seja, um leitor capaz de compreender a manipulação discursiva, política e ideológica presente no discurso historiográfico tradicional. Por isso, essas narrativas ficcionais são válidas como uma ação decolonial, GROSSFOGEL (2006), pois permitem ao leitor, em especial ao leitor juvenil, refletir sobre as narrativas históricas, que percorrem o tempo e o espaço, firmando-se como prontas e acabadas, contadas pelos nossos colonizadores e/ou daqueles que detêm o poder, estabelecendo apenas um ponto de vista.

Referências: FLECK, Gilmei Francisco. O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017. GENETTE, Gérard. Discurso da narrativa. Tradução de Fernando Cabral Martins, Lisboa: veja universidade, s/d. GROSSFOGUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. *Tabula Rasa*, núm. 4, enero-junio, 2006, p. 17-46. MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. 35ª ed. – São Paulo: Ática, ([1953] 2015). MARTINS, Gilberto. *Cidadela de Deus, a saga de Canudos*. 2ª ed. – São Paulo: Moderna,

([1997] 2003). SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62.

TRADUÇÃO LITERÁRIA NA AMÉRICA E DECOLONIALIDADE: DIÁLOGOS POR UM MUNDO COMUM

Gilmei Francisco Fleck

Resumo: Nesta comunicação, tratamos da tradução literária como uma possibilidade de colocar em diálogo diferentes culturas e seus agentes e de aproximar espaços e tempos diferentes, a partir da mediação linguística operada pela ação de um ou mais sujeitos habilitados a transitar pelas vias de comunicação possíveis entre as diferentes comunidades envolvidas nesse processo, em um intento, utópico ou não, de estabelecer diálogos por um mundo comum. Tem-se, como base dessa ação, um objeto em concreto, o qual se busca materializar em duas ou mais línguas/linguagens. Tal ação requer uma série de conhecimentos teóricos, práticos e vivenciais/culturais de parte de quem a pratica. A literatura traduzida, segundo Even Zohar (1990), pode influenciar, de diferentes modos, no polissistema literário de um país. Ao ser ela, também, um ato político, pode estar vinculada, na América, à manutenção da colonialidade (Mignolo, 2000-2017a-b) ou desempenhar um papel decolonial (Pagano, 2000; Martins, 2011). Como meio e forma de exercer o poder (Bassnett, 2003; Álvares Vidal, 1996), a prática tradutória – um exercício transcultural – requer o conhecimento de que tal ação pode silenciar ou fazer eclodir muitas vozes subalternizadas na história da América (Spivak, 2002; Sales Salvador, 2006). Tratamos, aqui, também, de algumas ações de conscientização sobre a importância da tradução, sua análise linguística-discursiva, os meandros de sua tessitura – aplicação de procedimentos específicos, em especial o emprego da domesticação ou da estrangeirização (Venuti, 1992; 1995; Berman, 2007; Aubert, 1998) como estratégias de passagem de informatividade de uma língua à outra, já que esses são, da mesma forma, vistos por nós como “projetos de(s)coloniais” para a América Latina, em especial. Por fim, destacamos, ainda, algumas das diretrizes que orientam nossa prática tradutória de(s)colonial (Del Pozo González, Fleck, 2020).

Referências: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. C. Translating: a political act. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. C. (Ed.). Translation power subversion. Philadelphia: Multilingual matters, 1996. AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. TradTerm, v. 5, n. 1, 1998, p. 99-128. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775/53879>. BASSNETT, S. Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. BERMAN, A. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET-UFSC, 2007. DEL POZO GONZALEZ, L. S.; FLECK, G. F. Introdução: a tradução no contexto latino-americano - vias para a descolonização - diálogos entre culturas e épocas. In: ANÔNIMO. Xicoténcatl: o primeiro romance histórico latino-americano. Tradutor Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020. p. 15- 30. EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. Poetics Today, v. 11, n. 1, 1990. Disponível em: https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf. MARTINS, M. A. P. O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários. In: WEINHARDT, M.; CARDOSO, M. M. (Orgs.). Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. MIGNOLO, W. Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 32, n. 94, p. 1-18, junho/2017b. MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, PR, 1(1), p. 12-32, 2017a. PAGANO, A. S. América latina, tradução e pós-colonialismo. Alfa: Revista de Linguística, v. 44, n. 1, 2000. p. 157-167. SALES SALVADOR, D. Traducción, género y poscolonialismo: compromiso traductológico como mediación y affidamento femenino. Quaderns. Revista de traducción. n. 13, 2006. p. 21-30. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/QuadernsTraduccio/article/view/51658>. SPIVAK, G. C. (1). ¿Puede hablar la subalterna? Asparkia. Investigación Feminista. n. 13, p. 207-214, 2002. Disponível em: <https://www.e-revistas.uji.es/index.php/asparkia/article/view/871>. VENUTI, L. Escândalos da tradução. Por uma ética da diferença. Tradutores: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valério Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru: EDUSC, 2002.

REPRESENTAÇÃO E SUBALTERNIDADE EM "BIOGRAFÍA DE UN CIMARRÓN" E EM "BIOGRAFIA DO LÍNGUA": UM ESTUDO COMPARADO.

Higor David Rosa Afonso Pinto

Resumo: "Biografía de un Cimarrón" (Miguel Barnet) e "Biografia do Língua" (Mário Lúcio) são, ambos, baseados na vida de um mesmo homem, Esteban Montejo. Talvez o único vivente registrado que passou pela escravidão, pela guerra de independência, pelo colonialismo, pelo imperialismo, pelo capitalismo e pelo comunismo, Esteban é uma figura que chama a atenção. Entretanto, há importante problema: por ser analfabeto, não pode escrever a própria história. Por isso, perde, guardadas as devidas proporções, o direito a representar-se, passando a ser representado. Por um lado, é escrito pelo olhar antropológico, historiográfico e, em alguma medida, literário de Miguel Barnet; por outro, é transformado por inteiro numa persona da ficção por Mário Lúcio. Surgem, assim, imagens muito distintas, que se ligam diretamente ao lugar, às experiências e às necessidades comunicativas de quem escreve. Isso porque, quando construída por outro, a representação de Esteban não parte da própria experiência, mas do modo como Barnet e Lúcio recebem-na e decidem apresentá-la. É uma mediação difícil, que estabelece encontros, agenciamentos, fragmentações e reconfigurações. A figura que se lê, no fim, não é Esteban Montejo, mas uma conformação dele; atravessada pelo discurso, mediada por necessidades, por visões de mundo e por valores diretamente ligados ao lugar de cada autor. Surge, assim, terreno importante para fomentar o debate acerca do modo como diferentes interpretações da personagem histórica serão reivindicados por cada projeto. Afinal, o que está em jogo nestas diferentes representações? Que pistas podem oferecer para pensarmos os processos contra-hegemônicos? A partir dessas perguntas, espera-se propor um caminho que nos permita mergulhar nas implicações relacionadas ao diálogo entre testemunho, ficção e história, de modo a contemplar os discursos (HALL, 2016), os lugares de fala (RIBEIRO, 2017), e os possíveis agenciamentos (DELEUZE E GUATTARI, 1996) que influenciam cada leitura e contribuem para cada modelo de construção de realidade.

Referências: BEVERLEY, John. Anatomía del testimonio. Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, Lima, 1987, a. 13 n. 25, pp. 7-16. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4530303>. BHAHA, Homi. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza CINTRÃO e Ana Regina Lessa e 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2003. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. CESAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020. CORNEJO POLAR, Antonio. Los sistemas literarios como categorías históricas. Elementos para una discusión latinoamericana. Revista Crítica de Literatura Latinoamericana, Lima, 1989, a. 15, n. 29. pp. 19-24. COSTA, Joaze Bernardino; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. Introdução: decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. In: _____. (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. DA SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). Identidade e diferença. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996. DERRIDA, Jacques. A diferença. In: Margens da filosofia. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1961. DUCHESNE, Juan Ramón. Miguel Barnet y el testimonio como humanismo. Revista Crítica de Literatura Latinoamericana, Lima, 1987, a. 13, n. 26, pp. 155-160. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4530341>. FANON, Frantz. A Dying Colonialism. Trad. Haakon Chevalier. New York: Grove Press, 1994. _____. Os condenados da terra. Trad. Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. _____. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. _____. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012. GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Selected Subaltern Studies. Delhi: Oxford University Press, 1988. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. _____. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. _____. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JARA, Rene; VIDAL, Hernán (orgs.) Testimonio y Literatura. Mineapolis: University of Minnesota, 1986. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008. LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur; CLACSO, 2005. p. 21 – 53. LE GOFF, Jacques. A história nova. In: LE GOFF, Jacques (org.) A história nova. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 26-54. MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis. Durham: Duke University Press Books, 2018. NIETZSCHE, Friedrich. Aurora. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Escala, 2007. _____. Ecce homo. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017. SAID, Edward W. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do sul. Coimbra: Almedina, 2009. SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 40-98. SKLODOWSKA, Elzbieta. Testimonio hispanoamericano: historia, teoría, poética. New York: Peter Lang, 1992. _____. Miguel Barnet: hacia la poética de la novela testimonial. In: Revista Critica de Literatura Latinoamericana, Lima, 1988, a. 14 n. 27, pp. 139-50. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4530370>. _____. Miguel Barnet y la novela-testimonio. In: Revista iberoamericana, n. 200, v. 68, pp. 799-806. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/4806/4966>. SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: questão do Outro. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983. WILLIAMS, Raymond. Keywords: a vocabulary of culture and society. Nova Iorque: Oxford University Press, 1986. YÚDICE, George. Testimonio y concientización. In: Revista de crítica literaria latinoamericana, Ano 18, n 36. Lima: Latinoamericana Editores, 1992. ZEA, Leopoldo. Discurso desde a marginalização e a barbárie. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

O PASSADO REESCRITO EM AS DOENÇAS DO BRASIL, DE VALTER HUGO MÃE

Josalba dos Santos

Resumo: As doenças do Brasil (2021), de Valter Hugo Mãe, é um romance que narra a passagem da infância para a vida adulta de Honra, um indígena abaeté que busca vingar o estupro sofrido por sua mãe. A narrativa é antecedida por cinco epígrafes. A primeira é um excerto da Carta (1500), de Pero Vaz de Caminha; a segunda é extraída da História do Brasil (1627), de Frei Vicente do Salvador; a terceira é um trecho do Sermão da visitação de Nossa Senhora (1638), de Padre Vieira; a penúltima é retirada de A queda do céu (2015), de Davi Kopenawa, e a última de Ideias para adiar o fim do mundo (2019), de Ailton Krenak. Neste trabalho analisaremos a relação entre as três primeiras epígrafes e o conteúdo do livro de Mãe. Enquanto Caminha chama a atenção para o potencial da nova terra, sucessivos monarcas portugueses não parecem suficientemente hábeis para administrar ou conter o desejo de saque de seus súditos, segundo a visão de Frei Vicente de Salvador e de Padre Vieira. Para pensar as epígrafes como um gênero com especificidades muito próprias nos utilizaremos de algumas ideias de Genette postas em Paratextos editoriais (1987). Já para discutir a colonização nos valeremos de autores como Césaire (1955), Dussel (1992), Mignolo (1999) e Buarque de Holanda (1959).

Referências: CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020. DUSSEL, Enrique. 1492: O encobrimento do outro. Petrópolis: Vozes, 1993. GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994. MÃE, Valter Hugo. As doenças do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021. MIGNOLO, Walter D.

Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

TRAÇOS E ELEMENTOS DE VIOLÊNCIA NO ROMANCE O TRONCO DE BERNARDO ÉLIS

José Elias Pinheiro Neto, Antonio Oliveira

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender os traços de violência demarcados na narrativa de *O Tronco*, romance do escritor Bernardo Élis, publicado em 1956, que faz referências ao conflito ocorrido na Vila de São José do Duro, entre 1917 e 1918, no norte do estado de Goiás, hoje Tocantins. Os elementos destacados no texto apontam para uma dura luta travada entre os poderes público e oligárquico e aparecem com elementos de crueldade, do coronelismo impetrado no estado e na morte dos jagunços e pessoas da localidade. Existe a relação intertextual entre literatura e história em que os personagens acabam por representar os tipos sociais que caracterizam a sociedade goiana do início do século XX. Por meio de um estudo bibliográfico, entre literatura e historiografia, é possível perceber que arte e ciência podem se aproximar na tentativa de compreensão dos fatos ocorridos, o que também enseja em uma comparação literária, mesmo sendo realizada com a ciência. Neste aspecto, embasa-se teoricamente em Ruy Moreira (2007) para tratar da relação existente entre ciência e arte bem como de Jatahy Pesavento (2006) apontando que as ações de realidade são renovadas no tempo e no espaço e narrativas podem ser compreendidas pelo acercamento entre História e Literatura. Ao período histórico compreendido desde a colonização, passando pelo império, república até a atualidade assenta-se em Luiz Palacín e Maria Augusta de Sant'Anna Moraes (2008) para a compreensão das lutas e do poder político havidos no estado, entre outros. Com um caráter plurissignificativo a Literatura permite a depreensão dos fatos históricos, para tanto mister se faz (re)inventar, problematizar (des)ler, questionar a realidade por meio da ficção, além de estabelecer relações intertextuais entre a Ciência e a arte haverá compreensão de elementos e marcas nos fatos.

Referências: ARAÚJO, Adriana de Fátima. O regionalismo como outro. In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 28, Brasília: UNB, 2006. Acesso em: 01/04/2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9107>. BECHARA, Evanildo. Bernardo Élis: apresentação. In: ÉLIS, Bernardo. Seleta. (Org.) Gilberto Mendonça Teles. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. BOURDIEU, Pierre. As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil: era modernista. 5. ed. São Paulo: Global, 1999. ÉLIS, Bernardo. O Tronco. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991. JAMEL, Maíra Contrucci. História, literatura e memória: uma perspectiva pós-modernista de O Retrato do Rei, de Ana Miranda. In: Fronteiras - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, n. 16. 2016. Acesso em: 10/08/2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/25596/20189>. LIMA, Rogério. A metaficção historiográfica e a dessemiotização ficcional da narrativa em memorial do fim: A morte de Machado de Assis. In: LETRAS, n. 46, Curitiba: UFPR. 1996. Acesso em: 10/04/2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19043/12348>. LYRA, Pedro. O real no poético. Rio de Janeiro: Cátedra, 1986. MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007. NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce Cortes (Org.). Narrativa, ficção e história. Rio de Janeiro: Imago, 1988. OLIVAL, Moema de Castro e Silva. Prólogo: Traços da escritura bernardiana. In: ÉLIS, Bernardo. Caminhos dos gerais: contos. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981. OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Quando o horror excita: a literatura catástrofe em Goiás. In: ANAIS - XXIV Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2007. PALACÍN, Luiz e MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. História de Goiás (1722-1972). 7. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2008. PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. In: Revista História da Educação. Pelotas, 2003. Acesso em: 01/04/2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220/pdf>. _____. História & literatura: uma velha-nova

história. In.: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates. 2006. Acesso em: 01/04/2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. 21. ed. São Paulo: EXO experimental. Editora 34, 2009. REIS, Carlos. O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2013. SAMUEL, Rogel. Arte e Sociedade. In.: SAMUEL, Rogel (Org.). Manual de Teoria Literária. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. SANTOS, Leila Borges Dias. A obra de Bernardo Élis entre o centro e a periferia do Brasil: a questão da nação brasileira. In.: ANAIS - XII Congresso Internacional da ABRALIC - Centro, Centros – Ética, Estética. Curitiba: UFPR, 2011. Acesso em 15/05/2016. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1044-1.pdf> SOUZA, Eneida Maria de. Crítica cult. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In.: BURKE, Peter. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 39-62 VICENTINI, Albertina. Romance histórico, realismo e visibilidade n'ó Tronco, de Bernardo Élis. In.: Revista mosaico. v. 3 n. 2, jul/dez. 2010. Acesso em: 01/04/21. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/1847/1148>.

"O MAMELUCO" (1882), DE AMÉLIA RODRIGUES: UM ESTUDO SOBRE AS QUESTÕES RACIAIS NO CONTEXTO DE PRODUÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Lara Faria Jansen França

Resumo: O presente trabalho tem como proposição analisar a obra “O mameluco: romance brasileiro” (1882), da escritora Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues (1861-1926), de modo a compreender como as questões raciais em torno da mestiçagem se faziam presentes na obra e como dialogavam com o contexto de produção literária do século XIX. Lançado originalmente no periódico baiano “Echo Sant’Amarense” (1881-1886), o romance-folhetim se divide em 33 capítulos e apresenta a Guerra do Paraguai como pano de fundo para o desenvolvimento de uma narrativa que explora e expõe o mecanismo de atribuição de poder fundamentado na discriminação racial e social e em benefício do homem branco. Para isso, a pesquisa possui como referenciais teóricos os estudos de Kabengele Munanga (2019), Lília Schwarcz e Heloisa Starling (2015), Sérgio Buarque de Holanda (2015), Sueli Carneiro (2005, 2023), entre outros, para embasar a discussão acerca da presença do indígena e do negro no campo da literatura do século XIX. Além disso, o trabalho também se fundamenta no estudo de Milena Britto (2022), responsável por realizar a pesquisa de resgate do romance “O mameluco” após 140 anos de sua publicação inicial, bem como nos estudos de Zahidé Muzart (1995, 2003, 2004) a respeito da literatura de autoria feminina no período oitocentista. Em suma, a partir da pesquisa documental e bibliográfica, espera-se que o trabalho possa contribuir para o rol de estudos acerca da presença da literatura feminina na conjuntura do cenário nacional literário do século XIX.

Referências: BRITTO, Milena. Amélia Rodrigues e a Escrita das Mulheres do Século XIX. In: Sarah Rebecca Kersley. (Org.). O Mameluco - Amélia Rodrigues. 1ed. Salvador: Paralelo 13S, 2022, p. 137-220. CARNEIRO, Aparecida Sueli. Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Zahar, 2023. CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 339 f. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. DE HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015. MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. São Paulo: Autêntica Editora, 2019. MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. Anuário de literatura, n. 3, p. 85-94, 1995. MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. Revista Estudos Feministas, v. 11, p. 225-233, 2003. MUZART, Zahidé Lupinacci (Ed.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres, Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2004. SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Brasil: uma biografia: com novo pós-escrito. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

ZAMA DE ANTONIO DI BENEDETTO (1956): UMA FICÇÃO DE ANTI-FUNDAÇÃO DA AMÉRICA LATINA?

Livânia Régia da Silva Martins

Resumo: Ao longo do tempo a literatura na América latina, inicialmente, com a colonização, revela conflitos de imaginários entre os povos, espaço e tempo. Nesse sentido, este trabalho pretende pensar o protagonista Diego de Zama, da novela Zama de Antonio Di Benedetto (1956), como se constrói nessa perspectiva de ficção de anti-fundação da América Latina. Para tanto, Sommer (2004) será interessante para a discussão sob a perspectiva das novelas de ficção fundacionais da América Latina e as condições delineadas como um padrão de ser, fazer e pensar o mundo que tais novelas repetem ao contribuir para construção do pensamento latino-americano homogêneo. Ao percebermos que as novelas de ficção fundacionais romantizam e reverberam características comuns a construção de um imaginário sociocultural, constatamos, por outro lado, que em Zama há uma desconexão com realidades romantizadas. Nessa perspectiva, entrelaçada a conflitos, que contradizem imaginários romantizados das novelas de ficção fundacionais da América Latina, o argentino Di Benedetto (1956), elabora uma visão do período colonial em Zama (1956), como um mundo de incertezas. A romantização da vida será problematizada a partir da reflexão de ANDERSON (1983) a partir da questão da comunidade imaginada que o protagonista Diego de Zama também está atrelado, porém com uma consciência diferente. As provocações de PIZARRO (1987) sobre a literatura na América Latina será considerada para pensar o contexto da literatura latino-americana, uma vez que sempre esteve relacionada a camadas privilegiadas em sua difusão de realidades. Essa difusão de realidade em Zama remeterá ao estilo neobarroco visto em CALABRESE (2012). Em suma, há indícios de que Zama (1956) apresenta-se como uma narrativa importante para pensar a identidade do ser latino americano, sendo assim, provocar reflexão sobre a novela de anti-ficção parece ampliar um horizonte de possibilidades para pensar o passado, entender o presente e vislumbrar o futuro da América Latina.

Referências: ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Ed. Companhia das Letras, 2008. DI BENEDETTO, Antonio. Zama. Buenos Aires: Ed. Adriana Hidalgo, 2009. CALABRESE, Omar. La era neobarroca. Cátedra, 1999. GRUZINSKI, Serge. La guerra de las imágenes. México: FCE, 1994. LIMA, José Lezama. "La curiosidad barroca." Barroco. Editorial Verbum, 2004. MARAVALL, José Antonio. La cultura del barroco: análisis de una estructura histórica. Editora Ariel, 1975. PIZARRO, Ana. Hacia una historia de la literatura latinoamericana. Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 1987. SAER, Juan José. El concepto de ficción. Buenos Aires: Seix Barral, 2004. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos. Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2000. SARDUY, Severo. El Barroco y el Neobarroco. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2011. SOMMER, Doris. Ficciones fundacionales: Las novelas nacionales de América Latina. Colombia, Bogotá: Ed. Fondo de Cultura economía, 2004.

AS DURAS PENAS: O ÍNDIO NA LITERATURA E A LITERATURA INDÍGENA

Livia Penedo Jacob

Resumo: Nessa comunicação analisaremos como a ficção produzida sobre os povos originários do nosso continente se desenvolveu a partir de inúmeros pré-conceitos fomentados pelos relatos coloniais, conforme documentam os diários de Colombo e a proto-ficção Mundus Novus, por equívoco atribuída a Américo Vespúcio. Se a primeira ideia que se teve da "América" surgiu a partir do que Stephen Zweig (1943) chamou de "comédia de erros", a plurivocidade de testemunhos produzidos entre os séculos XVI e XVII revela que o "índio" atuou como "argumento antropológico" para a construção do sentido de alteridade no pensamento ocidental (MARCONDES, 2012). Essa dependência do outro para a autodefinição das culturas europeias alcança seu apogeu durante o Romantismo, quando a literatura ocidental do Oitocentos alegorizou o nativo em prol dos projetos nacionalistas (BOSI, 1992). Embora os autores modernistas comecem a romper com essa visão (SÁ, 2012), é a revisão contemporânea sobre o conceito das Humanidades que consolida uma nova abordagem do tema, com especial relevo para a representação dos indígenas em romances da segunda metade do século XX, quando passam a ser retratados como vítimas de um sistema colonial corrompido (MACFARLANE; RUFFO, 2016). É também nesse momento que os sujeitos se tornam autores de suas próprias histórias, reivindicando o direito de produzir literatura e de narrar a memória dos horrores coloniais pelo ponto de vista dos vencidos (LEÓN PORTILLA, 1985).

Referências: BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1969. COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta das Américas – as quatro viagens e o testamento*. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2007. Versão digital. CONEJO POLAR, Antonio. *Literatura y sociedad en el Peru: la novela indigenista*. Lima: CELACP, 2005. DEPASQUALE, Paul; EIGENBROD, Renate; LAROQUE, Emma. *Across cultures, across borders – Canadian aboriginal and native literatures*. Peterborough: Broadview Press, 2010. DEL VALLE ESCALANTE, Emilio (Ed.). *Teorizando las literaturas indígenas contemporáneas: Introducción*. A Contracorriente, University of North Carolina Press, v. 10, n. 3, Spring 2013. GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008. GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 1996. LÉON PORTILLA, Miguel. *Visión de los vencidos*. Madrid: Historia 16, 1985. MACFARLANE, Heather; RUFFO, Armand Garnet. *Introduction to Indigenous literary criticism in Canada*. Peterborough: Broadview Press, 2016. MATÍAS RENDON, ANA. *La discursividad indígena: caminos de la palabra escrita*. Ciudad del México: Kumay Ed., 2019. MEDIZ BOLIO, Antonio (Trad.). *El libro de Chilam Balam*. San José de Costa Rica: Lehman, 1980. PACHECO, Carlos. *La comarca oral: la ficcionalización de la oralidad cultural en la narrativa latinoamericana contemporánea*. Caracas: La Casa de Bello Ed., 1992. RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina, 2009. SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas*. São Paulo: DIFEL, 1972. TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. VESPUCCI, Américo. *Novo Mundo: as cartas que batizaram a América*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2014. ZWEIG, Stefan. *Américo*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1943.

MANUELA SÁENZ: RESSIGNIFICAÇÕES PROMOVIDAS PELA LITERATURA COMPARADA INTERAMERICANA

Marina Luísa Rohde

Resumo: A presente comunicação busca abarcar os principais romances que ficcionalizam Manuela Sáenz na América, atentando para uma catalogação do que foi produzido sobre a referida personalidade histórica no âmbito literário, em um primeiro momento. Na sequência, a análise volta-se ao cotejamento de dois romances históricos que protagonizam a personagem de extração histórica em questão, são eles: *Manuela: Una novela sobre la vida de Manuelita Sáenz* (1991), escrito por Luis Zúñiga e *La Gloria eres Tú: La vida y las vidas de Simón Bolívar y Manuela Sáenz* ([2004] 2019), escrito por Silvia Miguens. Nesse sentido, o primeiro romance, publicado no contexto equatoriano, diz respeito a uma escrita que se alia aos mesmos pressupostos da escrita colonizadora da historiografia tradicional hegemônica. Por outro lado, a obra da argentina Silvia Miguens oferece ao leitor distintos recursos escriturais que promovem uma via crítica para que a historiografia tradicional seja rerepresentada pela ficção, por meio de uma narrativa ficcional que não desconstrói, mas oferece outros caminhos para ressignificarmos o fato histórico. Os pressupostos teóricos que contribuem para o desenvolvimento da análise partem dos estudos de Aínsa (1991), Menton (1993), Márquez Rodríguez (1996) e Fleck (2011; 2017), referência incontornável à atual proposição. Além de uma abordagem teórico-crítica acerca da composição dos romances históricos, voltamos nosso olhar, também, para as possibilidades de enfrentamento à colonialidade do poder presentes nessas escritas híbridas de história e ficção. Para tanto, ao analisarmos as estratégias escriturais de cada produção, estabelecemos relações com o indispensável processo de descolonização do pensamento latino-americano, a partir das proposições teóricas de Mignolo (2000, 2017). Nesse sentido, compreendemos que romances históricos conjugam tanto os vestígios do passado quanto as possibilidades imaginativas de preencher, pela ficção, as lacunas históricas então existentes.

Referências: AÍNSA, Fernando. *La nueva novela histórica latinoamericana*. Plural (México), n. 240, p. 28-85, 1991. FLECK, Gilmei Francisco. *Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação*. In: RAPUCCI, Cleide A.; CARLOS, Ana Maria (Org.). *Cultura e*

representação: ensaios. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011.p. 81-93. FLECK, Gilmei Francisco. O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017. MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. Historia y ficción en la novela venezolana. 2.ed. Caracas: Talleres de Anauco Ediciones, C. A., 1996. Zúñiga, Luis. Manuela - Una novela sobre la vida de Manuelita Sáenz. Santafé de Bogotá: Intermédio, 2000. MENTON, Seymour. La nueva novela histórica da la América Latina 1979-1992. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. MIGNOLO, Walter. Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking. Estados Unidos: Princeton University Press, 2000. MIGNOLO, Walter. Colonialidade, O Lado mais escuro da modernidade. Traduzido por OLIVEIRA. Marco. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol.32 n. 94 junho/2017a. MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. Traduzido por OLIVEIRA. Marcos de Jesus. Foz do Iguaçu: Epistemologias do Sul – 1(1), 2017b. p.12-32. MIGUENS, Silvia. La gloria eres tú. Buenos Aires: Planeta, 2000.

BARRIGA E MINHOCA: A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO INFANTIL RUMO À DESCOLONIZAÇÃO

Matilde Costa Fernandes de Souza, Douglas Rafael Facchinello

Resumo: Nesta comunicação propomos uma análise da narrativa Barriga e Minhoca, Marinheiros de Cabral (2002), de Atílio Bari em comparação à Carta de Pero Vaz de Caminha (1500), na edição comentada por Leandro Garcia Rodrigues (2019). Assim, discutimos as possíveis relações entre história e literatura, as convergências e divergências entre os discursos sobre o passado presentes na literatura híbrida de história e ficção infantil. Para tal análise, recorreremos aos pressupostos teóricos da Literatura Comparada a fim de demonstrar de que modo essas narrativas híbridas de história e ficção para crianças reelaboram a versão oficializada do passado, bem como apontamos os aspectos de ressignificação à historiografia sobre o “descobrimento” do Brasil, evidentes na obra de Bari (2002), tecendo relações da narrativa ficcional com o discurso historiográfico oficial do documento produzido por Caminha (1500). Este estudo efetiva-se a partir da análise bibliográfica e da comparação entre o discurso da história e o da escrita ficcional das obras literárias que fazem parte do nosso corpus. Para análise dos apontamentos que expomos, embasamo-nos nos aportes teóricos de Coelho (2010), Fleck (2017), Colomer (2017), Candido (2011), Cadermatori (1987) entre outros, que versam acerca da leitura literária e a formação do leitor. Nos reportamos, também, aos pressupostos de Nitrini (2010), Carvalhal (2006), Coutinho (2003) que abordam aspectos da literatura comparada entre outros autores que contribuem para o desdobramento da discussão aqui pretendida. Desse modo, buscamos desconstruir, a partir da ficção, as “verdades” impostas pelo discurso oficial, oportunizando espaços para se repensar os episódios mal resolvidos do passado, em busca de um processo de descolonização tão necessário ainda na nossa sociedade.

Referências: BARI, Atílio. Barriga e Minhoca, marinheiros de Cabral. São Paulo: Scipione, 2002. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006. COELHO, Nely Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. Revisada e atualizada. Barueri, São Paulo: Manole, 2010. COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017. FLECK, Gilmei Francisco. O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017. NITRINI, Sandra. Literatura comparada: história, teoria e crítica. São Paulo: EDUSP, 2010. RODRIGUES, Leandro Garcia. A Carta de Pero Vaz de Caminha. Petrópolis. Vozes, 2019.

SILÊNCIO E RESISTÊNCIA: OLHARES SOBRE O EFEITO-LEITOR DE TORTO ARADO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DECOLONIAIS

Patrícia Aparecida Rossi

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo identificar como o silêncio, enquanto instância significativa, incide no efeito-leitor do livro Torto Arado (2021), de Itamar Vieira Jr., tomando como base conceitual a Análise de Discurso desenvolvida por M. Pêcheux e Eni Orlandi e o pensamento decolonial, entendendo que discursividades do processo de colonização, domínio e opressão da

população negra no Brasil estão presentes ainda hoje. A partir do universo diegético apresentado em Torto Arado, que possibilita a vozes historicamente silenciadas no Brasil se fazerem ouvir e ecoar para além dos limites narrativos, a pesquisa bibliográfica percorre a ideia de que a descolonização vivida no século XIX foi incompleta e limitada a aspectos jurídico-políticos, sendo necessária uma segunda descolonização. A ideia é colocada em diálogo com as noções de sujeito soberano e sujeito subalterno, abrindo o leque da análise para o campo do discurso mediante a análise dos sentidos despertados pelo silêncio para a constituição de sujeitos, mobilização de memórias e formação de sentidos. Os limites e acessos possibilitados pelo silêncio na materialidade do texto são justamente o ponto de chegada desta análise, que resulta em considerações sobre o efeito-leitor e as possibilidades de compreensão da obra a partir da importância das personagens femininas em sua resistência perante a opressão.

Referências: BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. IBGE, Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2018. CASTRO-GÓMEZ, S. e GROSGOUEL, R. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico In CASTRO-GÓMEZ, S. e GROSGOUEL, R. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Negra na Literatura Brasileira. Revista Palmares, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA, Instituto. Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil. 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org/Instituto/DataFolha.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2022. IDEIAS, Livraria Circulares - Livros e. Festival Tortoaraders: encontro com tradutores de torto arado. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZhK3kENRUVc&t=376s>. Acesso em: 23 maio 2022. ORLANDI, E.P. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes. 2005. _____. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp. 2007. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Redefor. Zoppi Fontana, M. Disciplina: Autoria, Efeito?Leitor e Gêneros de Discurso. Módulo 2 do Curso de Especialização em Língua Portuguesa. São Paulo: 2010. SPIVAK, G.C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. VIEIRA JUNIOR, I. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2021.

FICÇÃO PARA RESSIGNIFICAR A HISTÓRIA, LITERATURA QUE SE FAZ PELA MEMÓRIA: UMA LEITURA DE "LA CABEZA DE MARIANO ROSAS" (2018), DE HÉCTOR SCHMUCLER

Phelipe de Lima Cerdeira

Resumo: Ao considerar as fricções e os choques causados pelo entrelaçamento entre os discursos histórico e ficcional na Argentina, passa a ser verossímil entender como um país cerceou diferentes espaços de enunciação em prol de um porto-cidade. Partindo desse pressuposto e viabilizando uma maneira para pensar as produções de ficção histórica, chega-se à criação do tropo literário Argentum Córdoba (CERDEIRA, 2019), uma epistemologia de leitura criada para responder os estudos da ficção histórica no País do Prata mediante à observação de diferentes escritores que enunciam a partir do campo intelectual cordobês (BOURDIEU, 2002). Partindo de tais balizas, esta comunicação tem como objetivo oferecer uma leitura possível para o romance La cabeza de Mariano Rosas (2018), do escritor e cineasta Sergio Schmucler. Como fundamentação teórica, destaca-se a incursão não apenas no que diz respeito à lógica de hipertrofia crítica argentina desenvolvida desde a geração de 1837, valorizando discussões sobre o rumo da ficção histórica (WEINHARDT, 2010; 2011) (ESTEVES, 2008) (FLECK, 2017, 2018) (AÍNSA, 1991) e o consequente impacto causado por um (re)alinhamento do que pode ser entendido como histórico (BURKE, 1993), tomando como eixo de argumento a memória individual e as memórias coletivas (HALBWACHS, 1990) enquanto arquitetura narrativa possível de construção do coletivo.

Referências: AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. Plural. 240 (82-85), 1991. ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. In: Novos Estudos. São Paulo, n. 77, p. 205-220, mar. 2007 (CEBRAP). BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual. Buenos Aires: Editorial

Montessor, 2002. BOURDIEU, Pierre. El campo literario. Prerrequisitos críticos y principios de método, Criterios, La Habana, n. 25-28, enero 1989-diciembre 1990, p. 20-42. Trad. Desiderio Navarro. Disponível em: <<http://educacion.deacmusac.es/practicaslegitimadoras/files/2010/05/bourdieuCampo.pdf>>. Consulta em: 03 jan. 2023. BURKE, Peter (Org.). Formas de hacer historia. Madrid: Alianza Universidad, 1993. CERDEIRA, Phelipe de Lima. Argentum Córdoba: diálogos, fissuras e soslaio entre ficção e história sob as miradas de Cristina Bajo, Andrés Rivera e María Teresa Andruetto. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. 569 p. CHAS, Susana Rosalía. Los que pintan la aldea II. Panorama general de la novela en Córdoba. 1 ed. Villa María: Edivim; Córdoba: Raíz de Dos, 2011. CERTEAU, Michel de. A escrita da História. 3 ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2011. DRUCAROFF, Elsa. Prisioneros de la torre. Buenos Aires: Emecé, 2011. ESTEVES, Antonio Roberto. Considerações sobre o romance histórico (no Brasil, no limiar do século XXI). Revista de Literatura, História e Memória. Cascavel: Unioeste, 2008. p. 53-66. FLECK, Gilmei Francisco; LANGNER, Alcení Elias. La nueva novela histórica y la metaficción historiográfica: la (re)configuración de Lope de Aguirre en la literatura argentina. Estudios de Teoría Literaria. Revista digital: artes, letras y humanidades, set. 2018, v. 7, n. 14, p. 131-141. GIUFFRÉ, Mercedes. En busca de una identidad (La Novela Histórica en Argentina). Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2004. HUTCHEON, Linda. Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1991. JITRIK, Noé. La Novela Histórica a partir de sus propios términos. In: Imaginación Histórica en el siglo XIX. Universidad Nacional de Rosario, 1994, p. 167-180. LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003. LE GOFF, Jacques. A história nova. 5 ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. LUKÁCS, Georg. La novela histórica. México D.F.: Ediciones Era, 1966. MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. Radiografía de la pampa. Buenos Aires: Losada, 2011. MENTON, Seymour. La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993. MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças. Da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de. Literatura e História na América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 115-134. PRIETO, Célia Fernández. Historia y novela: poética de la novela histórica. Colección Anejos de Rilce, n. 23. Pamplona – Espanha: Ediciones Universidad de Navarra S. A. (EUNSA), 1998. RIVERA, Andrés. El Farmer. 3 ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2017a. WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, Marilene. (org.) Ficção histórica: teoria e crítica. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011, p. 12-55. WEINHARDT, Marilene. A biblioteca ilimitada ou uma babel ordenada: ficção-crítica contemporânea. Cadernos de Estudos Culturais, Campo Grande, v. 1, p. 91-116, jan./jun. 2010.

LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA HÍBRIDA DE HISTÓRIA E FICÇÃO: VIAS À DESCOLONIZAÇÃO NA FORMAÇÃO LEITORA – UMA ANÁLISE DE UM QUILOMBO NO LEBLON (2011), DE LUCIANA SANDRONI

Rosângela Margarete Scopel da Silva

Resumo: Nesta comunicação, propomos uma reflexão sobre a potencialidade decolonial das escritas híbridas de história e ficção da literatura juvenil brasileira. Nossa atenção volta-se à obra *Um Quilombo no Leblon* (2011), de Luciana Sandroni e, em especial, à charge “Coelho Bastos, o temido “rapa-coco”” (1885), de Angelo Agostini, presente na obra (2011). Buscamos apontar, também, que esse relato juvenil aproxima-se das características do romance histórico contemporâneo de mediação, apresentado por Fleck (2017). Essa produção literária é considerada uma leitura potencialmente decolonial para o público adulto. Tal proposta objetiva demonstrar – a partir do recorte temático da escravização no Brasil, no contexto histórico do Segundo Reinado – como o texto não verbal, inserido na obra literária juvenil, fomenta discussões sobre a violência, a crueldade e a humilhação refletidas nos modos como os sujeitos negros eram tratados durante o Brasil Império, promovendo o pensamento decolonial. Utilizamos os estudos de Peirce (2005), Santaella (1990; 2012), Candido (1995), Fleck (2017), Kristevá (2005), Oliveira (2006), Silva (2003), Silva (2010). Os

resultados deste estudo apontam para a necessidade de se incentivar leitura de textos literários que buscam ressignificar o passado narrado pela historiografia por meio da desconstrução da falácia da igualdade étnica e social apregoada em nosso país. Nesse sentido, a obra de Sandroni (2011) apontar às potencialidades da descolonização na formação leitora já no âmbito da Educação Básica.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. FLECK, Gilmei Francisco. O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017. KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. SANDRONI, Luciana. Um Quilombo no Leblon. [ilustrações de Carla Irustra]. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. SANTAELLA, Lucia. O que é semiótica. Coleção Primeiro Passos, São Paulo: Brasiliense, 1990. SANTAELLA, Lucia. Semiótica aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2012. SILVA, Eduardo. As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. SILVA, Rosangela de Jesus. O Brasil de Angelo Agostini: política e sociedade nas imagens de um artista (1864-1910), 518f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas: São Paulo, 2010. PEIRCE, Charles Sandres. Semiótica. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. - São Paulo: Perspectiva, 2005.

O DIÁLOGO ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA EM O CAMINHO DE CASA, DE YAA GYASI

Shirley de Souza Gomes Carreira

Resumo: O romance O caminho de casa, da autora ganense Yaa Gyasi, estabelece um profícuo diálogo entre literatura e história ao narrar a trajetória de sete gerações de descendentes de duas irmãs: uma é sequestrada em sua aldeia na África e, posteriormente, escravizada nos Estados Unidos; a outra é dada como esposa a um oficial inglês baseado no Castelo de Cape Coast, em Gana, de onde partem os navios negreiros com destino à América do Norte. Além de proporcionar uma releitura crítica do arquivo sobre a escravidão, o romance acompanha os descendentes das duas irmãs do século XVIII ao século XXI, entrelaçando a história familiar a períodos chave da história dos Estados Unidos. Perpassando episódios como a segregação racial instituída pelas leis de Jim Crow, a Grande Migração Negra, a “Renascença do Harlem” e os movimentos pelos direitos civis, a obra desafia o leitor à reflexão sobre os efeitos da escravidão que perduram até os dias de hoje. A partir de uma reflexão sobre a intersecção dos discursos ficcional e histórico (COSSON, SCHWANTES, 2005), a proposta deste trabalho é demonstrar como Gyasi faz uma releitura das slave narratives dos séculos XVIII e XIX (BELL, 1987) e cria uma neonarrativa de escravidão (RUSHDY, 1997,1999) que convoca o leitor a acompanhar a trajetória das personagens, suas estratégias de resistência à criação constante de novas formas de subjugação do negro na sociedade e seus modos de enfrentamento das políticas de silenciamento e subalternização.

Referências: BELL, Bernard W. The Afro-American Novel and Its Tradition. Amherst: University of Massachusetts Press, 1987. COSSON, Rildo; SCHWANTES, Cíntia. Romance histórico: as ficções da História. Itinerários: Revista de Literatura, n. 23, Araraquara, pp. 29-37, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2804>. Acesso em: 12 jul.2022. GYASI, Yaa. O caminho de casa. Editora Rocco, 2017. RUSHDY, Ashraf H. A. Neo-slave Narrative. In: ANDREWS, William L.; TRUDIER, Harris; FOSTER, Francis F. (Eds.). Oxford Companion to African American Literature. Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 533–535. _____. Neo-slave Narratives. Studies in the Social Logic of a Literary Form. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.

SINGULARES PLURALIDADES: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS DO EPISÓDIO CORMORANT EM O HERÓI PROVISÓRIO (2017) – RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO PARANAENSE PELA FICÇÃO

Thiana Nunes Cella

Resumo: A narrativa híbrida de história e ficção paranaense O herói provisório (2017), de Etel Frola, revisita o Paraná de meados do século XIX, marcado pelo coronelismo e pela escravatura, bem como pelos conflitos por esses desencadeados. Dentre as problemáticas reelaboradas em seu universo diegético está o Episódio Cormorant (1850), estopim dos conflitos gerados pelo tráfico de escravos na costa sul brasileira e a atuação inglesa regida pelo Slave Suppression Act, que proibia o trânsito

de navios negreiros. O episódio, considerado o primeiro grande passo em direção à abolição da escravidão no Brasil, é revisitado em *O herói provisório* sob uma ótica decolonial, contestadora da historiografia tradicional. A partir de uma intrincada trama narrativa, em que diferentes relatos são entrelaçados, acessamos perspectivas humanizadas, trajetórias de escravos, relatos de mulheres, em geral, o olhar daqueles que não possuem espaço nos registros oficializados – como propõe Sharpe (1992), a história dos vencidos. A narrativa, classificada como um novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993), apresenta densa construção metaficcional e uma complexa teia de intertextualidades – também denominado, assim, como novo romance histórico metaficcional (FLECK, 2017) –, com revisão crítica e perspectiva desconstrucionista do discurso hegemônico. O conjunto dessas características articulam vias ao pensamento decolonial (MIGNOLO, 2003), tomado como a busca por pensar a partir de um lugar “outro”, de uma exterioridade colonial eurocêntrica. Dessa maneira, promove e instiga um posicionamento crítico contínuo, capaz de resistir, intervir e influir para o movimento de reconhecer, desvelar e questionar a colonialidade do ser, do saber e do poder. Com base nessas considerações, analisamos criticamente *O herói provisório* (2017) com o objetivo de evidenciar como suas estratégias narrativas e atitude impugnadora convergem para a construção de um texto plural e questionador, capaz de ressignificar a historiografia tradicional paranaense e atuar ativamente no processo de decolonização epistêmica.

Referências: AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. Plural, México, n. 240, p. 82-85, 1991. FLECK, Gilmei Francisco. O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017. FROTA, Etel. *O herói provisório*. Curitiba: Travessa dos editores, 2017. MENTON, Seymour. La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. MIGNOLO, Walter. [2003] Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Tradução de. Solange de Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 39-62.

UMA OUTRA HISTÓRIA DE PALMARES: A DESCOLONIZAÇÃO DO PASSADO A PARTIR DAS OBRAS ANGOLA JANGA E CUMBE, DE MARCELO D'SALETE.

Vitória Ellen Oliveira da Cruz

Resumo: O projeto colonial implantado no Brasil foi de tal forma bem-sucedido que, por meio de violentas investidas, forçou-se o apagamento da memória dos povos escravizados ao passo que se instaurou e disseminou uma outra memória, de matriz eurocêntrica, considerada como universal. O colonizador converteu-se, então, naquele que controlou não apenas a memória coletiva como dominou as sociedades históricas. Nesse sentido, a historiografia oficial, com intuito de reescrever o passado, o fez através de concepções hegemônicas baseadas em discursos unilaterais comprometidos a relatar apenas um lado da história da colonização no Brasil e da escravidão. A partir destas considerações preliminares, o presente trabalho tem por objetivo apresentar e analisar as Histórias em Quadrinhos *Angola Janga* (2017) e *Cumbe* (2014), do ilustrador Marcelo D'Saleta, que retomam a história de Palmares e reescrevem uma outra história acerca da população negra inserida no contexto colonial no Brasil. As obras de D'Saleta, ao retomarem o passado e a memória dessa população, fazem parte de narrativas comprometidas em desestabilizar e descolonizar o pensamento hegemônico por promover a reescrita da história de resistência do povo negro e possibilitar o acesso à discursividade que foi, durante muito tempo, negada a tais indivíduos. Para isso, o trabalho ampara-se nas reflexões propostas por Stuart Hall (2003), Jacques Le Goff (1980), Paul Veyne (1998) e Walter Benjamin (1987), e nas discussões das teorias pós-coloniais. As obras de D'Saleta promovem, portanto, uma ruptura com o discurso oficial ao representarem não apenas a resistência do povo negro como também a construção das relações afetivas e amorosas entre esses indivíduos, fazendo com que lhes sejam atribuídos, dentro das narrativas, protagonismo e agenciamento.

Referências: BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. 1987. D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014. D'SALETE, Marcelo. *Angola Janga: uma história de Palmares*. São Paulo: Veneta,

2017. HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

SIMPÓSIO “FRONTEIRAS LITERÁRIAS : DISTOPIA E VIOLÊNCIA”

Coordenadores: Denise Dias (IF Goiano/Amazonas) e Lícia Soares de Souza (UNEB)

A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA NECROPOLÍTICA NA OBRA AMADIANA

Denise Dias

Resumo: Resumo: Esta comunicação investiga as obras de Jorge Amado, Tereza Batista cansada de guerra, 1972; a qual suscita o testemunho do caos social promovido por epidemias durante o século XX. A partir da leitura do referido romance, visualizamos essas doenças como metáforas da exclusão social, isso é observável no conteúdo e pano de fundo que descortinam as mazelas e efeitos sociais causados por elas, especialmente em grupos sociais vulneráveis e menos assistidos pelo poder público. O escritor lido fez de sua experiência com a literatura um modo de entender o Brasil; por isso, essa obra conduz o leitor a refletir, de maneira geral, sobre o contexto histórico brasileiro principalmente pelo viés histórico-cultural e sanitário. Assim, nosso objetivo foi investigar de que forma o autor estabelece, na obra do corpus, uma discussão em torno da dimensão limítrofe entre vida e morte, explicitando a necropolítica, termo cunhado por Aquille Mbembe, o qual afere que o Estado tem o poder de decidir quem morre e quem vive, a depender de como as políticas públicas vigoram no meio social. O método utilizado, durante a investigação, toma por base os textos teóricos dos filósofos Michel Foucault, Giorgio Agamben e Aquille Mbembe. Os resultados demonstram, via literatura, que o Estado utiliza-se de estratégias de políticas excludentes, fatos demonstrados na obra em questão, cujo retrato apresenta um país historicamente marcado pelo caos social.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Estado de Exceção. São Paulo: Boitempo, 2004. AMADO, Jorge. Tereza Batista cansada de guerra. São Paulo: Livraria Martins Editora: 1972. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (org.). Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina, 2020. SCLIAR, Moacyr. Sonhos Tropicais. São Paulo: Companhia das letras, 1992. SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina, 2020. MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REPRESENTAÇÃO DAS EMOÇÕES A PARTIR DE UMA ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA NA POESIA DE MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Flavia Pais de Aguiar

Resumo: O trabalho pretende oferecer leitura crítica de poemas de Bocage, extraídos de suas Obras Completas (2018), cuja temática aponta para a representação das emoções a partir de uma estética da violência. Associadas ao encarceramento vivenciado pelo autor e pelo cerceamento de ideias praticado à época, as imagens construídas nos poemas, que consonante à perspectiva de Daniel Pires (2018) podemos ler como autobiográficos, figuram experiências de censuras, prisões, exílios e perseguições políticas. Especialmente nos poemas que analisaremos neste espaço, intitulados ?Ideias Políticas?, ?Em sórdida masmorra aferrolhado? e ?Neste horrível sepulcro da existência?, é possível verificar de que maneira os ideais de Bocage confrontam o turbulento contexto político-social setecentista e culminam tanto na vivência do cárcere quanto na dor existencial. Para tanto, olharemos para os poemas como um modelo da ?violência que em todos os sentidos se reparte? (BOCAGE, 2018, p. 310), uma vez que, além de tematizarem a complexa relação entre a esfera pública e a esfera privada, remetem, também, à censura artística. Seguindo essa trilha, enriquecemos a leitura com a contribuição teórica de trabalhos como o de Hanna Arendt, em Crises

da República (1973) e o de Michel Foucault, em Vigiar e Punir (1987) e O que são as luzes (2011), que explanam sobre processos políticos de violência e repressão, bem como do professor e crítico literário Daniel Pires (2005, 2018, 2019), que contribui com o olhar biobibliográfico sobre Bocage.

Referências: BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Obras completas de Bocage: sonetos, sátiras, odes, epístolas, idílios, apólogos, cantatas e elegias. Tomo I. Organização, fixação de texto e notas: Daniel Pires. Setúbal: Imprensa Nacional, 2018. FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes. In.: Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Manuel Barros da Motta (Org.); Vera Lúcia Avellar Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. pp. 259-270. FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Raquel Ramalheite (Trad.). Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. HORÁCIO. Arte Poética. In.: A Poética Clássica: Aristóteles, Horácio, Longino. Introdução: Roberto de Oliveira Brandão. Tradução: Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix, 2014. ISER, A. Wolfgang. O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária. Johannes Kretschmer (Trad.). Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996. KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: 'Que é esclarecimento?'. In: Textos Seletos. Arcângelo R. Buzzi e Leonardo Boff (Coord.), 2ª Ed. Bilingue. Petrópolis: Vozes, 1985. 100 – 116 p. PIRES, Daniel. Apresentação. In.: BOCAGE, Manuel Maria Barbosa do. Obra completa: cantatas, canções, idílios, epístolas, odes e cantos. Volume II. Lisboa, Edições Caixotim, 2005. PIRES, Daniel. A poesia clandestina de Bocage. In.: BOCAGE, Manuel Maria Barbosa do. Obras completas de Bocage: sonetos, sátiras, odes, epístolas, idílios, apólogos, cantatas e elegias. Tomo I. Daniel Pires (Organização, fixação de texto e notas.). Setúbal: Imprensa Nacional, 2018. PIRES, Daniel. Entrevista – «Bocage constitui um facho da liberdade, que permanece aceso». Revista Imprensa Nacional. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019. PIRES, José Cardoso. Técnica do Golpe de Censura. In: E agora, José?. Lisboa: Moraes Edições, 1977.

FALTA, EXCESSO E TEMPO HISTÓRICO NO MANIFESTO ANTROPÓFAGO (1928) DE OSWALD DE ANDRADE

Hugo Ricardo Merlo

Resumo: Falta e excesso são ideias que foram frequentemente utilizadas para localizar a correspondência do outro a um determinado modelo de cultura ou de humanidade (Mignolo 2011, 277). Não é estranho, portanto, que o tema da falta e do excesso tenham ocorrido com tanta frequência na literatura e na historiografia brasileira, uma vez que, como lembra Silviano Santiago, "Falar, escrever", do entre-lugar do discurso latino-americano, "significa: falar contra, escrever contra" (Santiago 2000, 17). Não à toa a "consciência do atraso", da qual falam Mario Vieira de Mello e Antonio Cândido e a "falta como origem", de que fala Ettore Finazzi-Agrò (2001, 176-177), são tão recorrentes no pensamento nacional. E não à toa também que é precisamente ao jogo da falta e do excesso que Oswald de Andrade recorre quando, filiando-se a tradição manifestária latino-americana, inventa um novo "modo de lidar com a centralidade do outro" (Castro Rocha 2022, 207-208) em seu Manifesto Antropófago (1928). Essa comunicação busca, portanto, mostrar como Oswald de Andrade revela, inverte e fratura três dimensões do tempo histórico (o tempo kairós, o tempo cronológico linear e o tempo múltiplo-simultâneo) em uma operação que permite a ele subverter a centralidade do outro – o colonizador europeu. Buscamos ilustrar os modos pelos quais textos literários disputam não apenas a história enquanto relato do passado, mas os fundamentos básicos que tornam toda historiografia possível.

Referências: CASTRO ROCHA, João Cezar de. Manifestos: a estética, a política, as polêmicas e o legado. In: ANDRADE, Gênese (org.). Modernismos 1922-2022. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Em formação: A literatura brasileira e a "configuração da origem", In: ANTELO, Raúl (org.). Antonio Candido y los estudios latinoamericanos. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana — University of Pittsburgh, 2001. MIGNOLO, Walter. The darker side of Western modernity. Durham: Duke University Press, 2011. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

NECROPOLÍTICA E COMUNIDADE EM ROMANCES ANGOLANOS E BRASILEIROS

Jesiel Ferreira de Oliveira Filho

Resumo: O dialogismo interdisciplinar e literário aqui acionado dá enfoque ao problema da violência, pensando-o como fato tão constitutivo quanto reprodutor e dinamizador para identidades africanas e brasileiras forjadas nos domínios da história colonial e dos desdobramentos culturais de longa duração que têm sido designados como “colonialidade”. É no intuito de buscar ferramentas teóricas que permitam estabelecer interfaces renovadas entre esses campos epocais, geográficos e identitários que recorrerei ao conceito de necropolítica. Transpassado por significações polêmicas, cabe destacar a utilidade do conceito elaborado pelo pensador camaronês Achille Mbembe para o exame de circuitos de violência extrema e ininterrupta, de de morticínio coletivo em moto contínuo, processos que visam menos a extinção de seus alvos do que a reposição interminável da destruição de um outro tão estigmatizado socialmente quanto incorporado aos pilares da ordem. Por sua vez, a conversão do assassinio em matriz cultural de uma sociedade também afeta às forças de questionamento e mudança dessa ordem, legitimando meios exorbitantes de autodefesa, mobilização política e construção identitária. Estabelecer correlações entre “mundos de morte”, tais como aqueles erigidos por instituições coloniais e racistas, constitui um princípio comparatista para o recorte que examinarei, articulando representações ficcionais do necropoder repartidas entre os cenários da guerra anticolonial em Angola inscritos no romance 'As lágrimas e o vento', de Manuel Lima; e as cenas do racismo estrutural brutalmente exercido pelos aparelhos policiais e jurídicos no Brasil, expressões plenas do “fazer morrer” sistemático, centradas no jovem protagonista do romance 'O livro preto de Ariel', de Hamilton Santos. Interessa-me especificamente refletir sobre as formas de ruptura e recriação de vínculos comunitários agenciadas nos contextos da descolonização militarizada em Angola, visando um espelhamento crítico em relação à vigência do estado de exceção que se observa entre as comunidades negras brasileiras.

Referências: LIMA, Manuel dos Santos. As lágrimas e o vento. Angola: Edições Chá de Caxinde, 2004 (1975). MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Tradução de Marta Lança. Antígona: Portugal, 2014. MBEMBE, Achille. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. In: Arte & Ensaios. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. n. 32. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes; UFRJ, dezembro 2016. SANTOS, Hamilton Borges dos. O livro preto de Ariel. 2.ed. Salvador: Editora Reaja, 2021. SODRÉ, Muniz. A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

ARTE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NO CONTO “KILÓMETRO 11” DE MEMPO GIARDINELLI

Juan Ignacio Azpeitia

Resumo: Um grupo de ex-prisioneiros de campos de tortura durante a ditadura argentina se reúne para comemorar um aniversário. Contratam um conjunto musical e entre os executantes reconhecem o militar que tocava enquanto eles eram torturados para abafar seus gritos. O papel da arte como disparador da memória e a atitude de justiça sem revanchismo são os elementos destacados do relato que contrasta a crueldade dos repressores com a visão superadora dos elementos populares que vivem seu destino como forma de resistência. Estuda-se o relato no contexto dos movimentos de sublevação de acordo com o pensamento de Didi-Huberman, tomando também elementos de Furio Jesi e Ranahit Guha. Ao momento do levante, seguindo os ciclos, segue a repressão e a esta o longo período da preparação para uma próxima revolta. Nesse sentido é compreendido o relato de Mempo Giardinelli, que é análogo as histórias que aporta Mario Benedetti, no espaço posterior a luta, a reflexão, o sentimento que processa as dores e se encaminha para a elaboração de um modo de convivência superador. “A gente não se vinga” diz um dos personagens, e de essa forma de trabalhar a memória é do que trata o conto. A resposta não violenta pode às vezes ser mais cruel e mais efetiva.

Referências: DIDI-HUBERMAN, Georges. Levantes. São Paulo: Editorial SESC. 2017 _____. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG 2011 GIARDINELLI. Mempo. "Kilómetro 11" em Cuentos completos, Buenos Aires: Seix Barral, 1999 GUHA, Ranajit. Elementary aspects of peasant insurgency in colonial India. Durham/London: Duke University Press. 1999. JESI, Furio. Spartakus. Simbología de la revuelta. Buenos Aires: Adriana Hidalgo 2014.

NO ITINERÁRIO DE FRANCISCO GALVÃO E RÓMULLO GALLEGOS: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL DA AMAZÔNIA NAS OBRAS “TERRA DE NINGUÉM” E “CANAIMA”.

Luan do Lago Duarte

Resumo: Quando pensamos em literatura amazônica, nos questionamos, muitas vezes, de qual literatura da Amazônia estamos falando, temos, até então, diversas visões sobre nossos teóricos, críticos e até autores. Podemos dizer então, que se existe culturas e literaturas que abrange toda a Amazônia, passando por questões ancestrais, da relação entre local e universal, nacional e internacional, e o que seria esse diálogo amplo e que instiga tanto uma, quanto outra literatura. Logo, pensar na construção da cultura amazônica, seria pensar num conceito, numa noção, num significado coletivo, social, histórico sobre a própria Amazônia. Logo, pensar Amazônia, é pensar no seu processo de formação, da sua identidade, a partir também das narrativas orais, das construções de pesquisadores, de diversas pessoas que estiveram e que fizeram parte da história da Amazônia como 3 um todo. Então relacionar essas interpretações da Amazônia, é pensar no regime das águas, pensar em autores da literatura, autores contemporâneos como Antônio Juraci Siqueira e pesquisadores da atualidade como João de Jesus Paes Loureiro, mas também pensar nos seus viajantes, os estudiosos que estiveram na Amazônia. A colonização. A dizimação de povos indígenas e longas ditaduras são algumas das marcas em comum dos países que constituem a América Latina, especificamente, os que englobam a Amazônia. Houve um período em que muitos autores latinos resistiram a regimes totalitários como Ruan Rulfo, Teresa de La Parra, Rómulo Gallegos, Arturo Pietri, Francisco Galvão, Graciliano Ramos, entre tantos outros. Tanto no diagnóstico da violência e da experiência social sob o autoritarismo quanto no exame das contradições e impasses dos intelectuais de diferentes vertentes políticas que se opunham ao regime de ditadura político-militar de seus países, logo, faz relação ao tema “Aspectos comparativos na literatura histórico-social-amazônica em Terra de Ninguém (1934) e Macunaima (1935)”.

Referências: BRUNEL, PICHOS e ROUSSEAU. Que é Literatura Comparada. Tradução Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1995. CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada. 4. ed. rev. e ampliada, São Paulo: Ática, 2006. . Intertextualidade: a migração de um conceito. Via Atlântica, São Paulo, n. 9, p. 125- 136, 2006. _____. O Próprio e o alheio: Ensaio de Literatura Comparada. Porto Alegre: Unisinos, 2003. CLAUDON, Francis; HADDAD-WOTLIG, Karen. Elementos de Literatura Comparada: Teorias e métodos da Abordagem Comparatista. Tradução de Luís Serrão. Portugal: Editorial Inquérito, 1992. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. KRISTEVA, Julia. Focos da Literatura Comparada. Rio de Janeiro: Rocco, 1966. MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura. Lisboa: Edições 70. 1988. SAMOYAU, Tiphaine. A intertextualidade. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. SILVA, Giuslane Francisca da. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. Escritores Venezuelanos: <https://personajeshistoricos.com/c-escritores/romulogallegos/> Acesso em 10 de setembro, às 10h45 Tudo sobre Rómulo Gallego: <https://bibliotecasalvadora.com/canaima-romulogallegos-resumen-completo-analisis-y-resena/> Acesso em 20 de setembro, às 12h20 Literatura latina: <https://escola.britannica.com.br/artigo/literatura-da-Am%C3%A9ricaLatina/603335> Acesso em 01 de outubro, às 13h O romance social de Francisco Galvão: expressões de uma representação da cultura na Amazônia | Revista Elaborar (ufam.edu.br) Acesso em 03 de fevereiro, às 09h46.

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA CONFIGURAÇÃO DA EPIDEMIA DE VARÍOLA EM CAPITÃES DA AREIA DE JORGE AMADO

Maysa Maria Silva de Miranda

Resumo: Na construção narrativa de Capitães da Areia do Jorge Amado, o narrador apresenta o tema da epidemia de varíola simulando a chegada da doença, aos poucos, usando um repertório mimetizante das paisagens que compõem a geografia étnico-sócio-cultural de Salvador. Dessa forma vê-se claramente que a Cidade Alta é dos brancos, ricos e detentores da vacina, enquanto a Cidade Baixa pertence aos negros, pobres e condenados ao lazareto, para morrer, caso sejam contaminados.

Os meninos capitães da areia também foram afetados pela doença, experimentando a morte como Almiro e Dora, mas a cura de Boa Vida que reaparece como um ressuscitado. Tal como na vida real, a doença não é identificada de imediato, por isso se configura num movimento crescente do vocabulário e vai passando por termos técnico-científicos, pelos populares até se caracterizar como um simples Alastrim. É um cenário que se aproxima da pandemia atual da Covid 19, o qual não só demonstra a atemporalidade do texto literário como atesta a permanência das desigualdades de condições para enfrentando e combate à doença na cidade de Salvador, que pode ser mãe para quem tem acesso à vacina, os brancos e madrastra para os negros. Para além de um sincretismo superficial, os aspectos religiosos geram novos significantes, frutos de processos semânticos potentes para compreensão da narrativa e do contexto ideológico marcado pela necropolítica.

Referências: SALAH, Jacques. A Bahia de Jorge Amado. SOUSA, Lúcia Soares. Introdução às Teorias Semióticas. MIRANDA, Maysa. Os Capitães do Asfalto.

SIMPÓSIO “INTERFACE ENTRE DIREITO, LITERATURA E ARTE”

Coordenadores: Clarice Beatriz da Costa Söhngen (PUCRS) e Rosalia Maria Carvalho Mourão (UNIFSA)

POR UM DIREITO ENGAJADO: LITTÉRATURE ENGAGÉE E SUAS LIÇÕES PARA AS HUMANIDADES JURÍDICAS

Danielle Massulo Bordignon

Resumo: Este trabalho visa investigar o papel do jurista frente à sociedade a partir das contribuições teóricas de Jean-Paul Sartre e seu conceito de literatura engajada, bem como de Antonio Gramsci e sua ideia de intelectual orgânico. Nesse sentido, é explorado o possível caráter ativo da atividade jurídica, que não se conteria na mera reprodução do sistema legal, mas na análise crítica e na transformação da sociedade. Para tanto, considera-se a leitura de Sartre no sentido que "o escritor 'engajado' sabe que a palavra é ação : sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana " (Sartre, 20-21). Da mesma forma, a reflexão de Gramsci segue no sentido de que o intelectual deve estar consciente de sua posição e ação na sociedade, ao invés de ver-se desvinculado desta. Essa abordagem é realizada por meio da metodologia desenvolvida por Greta Olson, que afirma que o Direito e Literatura é inerentemente político, visto que constitui uma forma de resistência ao status quo jurídico (Olson, 128), em vez de algo estritamente formal e neutro, que se resume a analisar as leis e códigos sem levar em consideração as realidades materiais.

Referências: GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. OLSON, Greta. From Law and Literature to Legality and Affect. Oxford University Press, 2022. SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura?. Editora Ática, 2004.

DA NEGAÇÃO DE DIREITOS À (IN)DIGNIDADE NA MORTE: LEITURA DA NARRATIVA “UM CORPO SEM NOME”, DE ADONIAS FILHO

Gilson Antunes da Silva

Resumo: Analisa a novela “Um corpo sem nome”, de Adonias Filho, a fim de evidenciar como se dá a negação de direitos na vida da personagem sem nome que atravessa a narrativa e como sua dignidade é (re)stabelecida pelo narrador. Partimos da hipótese de que essa mulher que “vinha de longa viagem” para morrer no Largo da Palma tem sua existência centrada na negação de direitos e que, ao narrar sua morte anônima, na certeza de que “não há vida simples”, o narrador-personagem (também anônimo) (re)stabelece a dignidade da mulher sem rosto e sem identidade, testemunhando seu fim solitário, acompanhando o corpo até o necrotério e, sobretudo, fazendo-a conhecida por meio de sua narrativa. Far-se-á a leitura da narrativa a partir do cruzamento dos discursos literário e jurídico com ênfase nos Direitos humanos e, sobretudo, no conceito de

dignidade humana. Trata-se, portanto, de um trabalho de natureza comparativa cujo procedimento principal consiste em “se alcançar aspectos jurídicos na produção literária de ficção” (GODOY, 2008), configurando aquilo que os estudiosos dessa intersecção têm chamado de Direito na literatura. Nesse modo de articulação, examinam-se aspectos singulares da problemática e da experiência jurídica retratados pela literatura – como a justiça, a vingança, o funcionamento dos tribunais, à ordem instituída, etc. -; entendida como obra literária. Analisa-se o direito a partir da literatura, com base na premissa de que certos temas jurídicos encontram-se melhor formulados e elucidados em obras literárias, uma vez que a literatura constitui uma espécie de repositório privilegiado por meio do qual se inferem informações e subsídios capazes de contribuir diretamente na compreensão das relações humanas que compõem o meio social (TRINDADE, GUBERT, 2008). Sob esse viés, analisaremos a novela de O largo da Palma, tomando-a como locus de representação de situações em que os direitos humanos são restringidos e/ou negados.

Referências: ADONIAS FILHO. O largo da Palma: Novelas. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-93. DALCASTAGNÈ, Regina; DUTRA, Paula Queiroz; FREDERICO, Grazielle. Literatura e direitos humanos. Porto Alegre: Zouk, 2018. GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Direito & Literatura: ensaio de síntese teórica. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008. PIOVESAN, Flávia. Temas de Direitos Humanos. 8. Ed. São Paulo: Saraiva, 2015. SARLET, Ingo Wolfgang. Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988. 9. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2011. TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães. Direito e Literatura: aproximações e perspectivas para se repensar o direito. In: TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães; NETO, Alfredo Copetti (Orgs.). Direito & Literatura: reflexões teóricas. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008, p. 11-66.

INTERFACES ENTRE A LITERATURA E O DIREITO EM "CRIME E CASTIGO", DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI: APROXIMAÇÕES E PERSPECTIVAS INTERLOCUTIVAS

João Victhor Alves da Silva

Resumo: A Literatura é um campo de conhecimento que dialoga e coexiste com outras ciências. Pela Literatura, a construção de diferentes aspectos literários, de maneira responsável e eficiente, interpelada por conceitos que permeiam nosso tecido social, ocorre através de caminhos científicos variados, em possíveis interlocuções advindas de uma atividade interdisciplinar. Ao recorte deste projeto, esse fenômeno interdisciplinar também acontece no Direito, em uma área denominada Literatura e Direito. No entanto, ainda que essa área vem sendo seriamente estudada no Brasil, dada a importância que possui ao auxiliar na resolução de casos jurídicos, ela não tem sido promovida de maneira eficaz no país, principalmente nas instituições de ensino superior. Este projeto se justifica pela essencialidade do ramo Literatura e Direito, ao que se envolve, principalmente, no exame de obras literárias que abordam temáticas que são retratadas tanto na ficção quanto no meio jurídico, como exemplo “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski. Então, por meio desse possível diálogo entre a Literatura e o Direito, correlacionado à obra “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski, este projeto se orienta em concepções literárias que permitem o desenvolvimento das seguintes questões: (i) Como a personagem principal de “Crime e Castigo” é construída, observando possíveis inferências do ambiente sobre as decisões que a levam a cometer um crime? (ii) Quais características de criminalidade são descritas na obra de Dostoiévski e como essas características podem refletir no meio jurídico, referente ao trabalho sincrônico da Literatura e Direito sobre a legislação de normas e resolução de situações jurídicas? (iii) Como obras literárias podem ser utilizadas como instrumentos de reflexão sobre problemáticas da vida cotidiana, especialmente, do meio jurídico?

Referências: BRUNEL, P.; PICHOS, CL.; ROUSSEAU, A.M. Que é Literatura Comparada? São Paulo: Perspectiva – Editora da Universidade de São Paulo, 1990. CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000. CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: A estratégia interdisciplinar. Revista brasileira de Literatura Comparada, 2017. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2022. CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo F. Literatura Comparada: Textos fundadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COUTINHO, Eduardo F. O COMPARATISMO E SEUS DIÁLOGOS NOS TEMPOS DE HOJE. Rio de Janeiro: ComparArte, Revista do GECOMLIC, 2017. CHUEIRI, Vera Karam. Direito e literatura. In: BARRETO, Vicente de Paulo (Coord.). Dicionário de filosofia do direito. Rio de Janeiro: Renovar, 2006. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Crime e Castigo. Trad., prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001. ELIA JUNIOR, Mario Luiz. Arbitragem como foro de solução de controvérsias internacionais, 2006. KARAM, Henriete; ALCÂNTARA, Guilherme Gonçalves. História, Direito e Literatura: Uma triangulação em prol do constitucionalismo. Fortaleza: Revista Opinião Jurídica, 2019. LOPES, Ediliane. Beecher Stowe e Jorge Amado – Da cabana ao trapiche: Uma visão jusliterária da injustiça social. Disponível em: EdilianeLopesLeitedeFigueiredo.pdf. Acesso em: 22 de janeiro de 2022. MENDES, Paula Cecília Borges. Cidade, crime e castigo: uma leitura da modernidade em Dostoevsky. 2017. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. p. 11-18. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19542/3/CidadeCrimeCastigo.pdf>. Acesso em: 10 de Setembro de 2022. MOISÉS, Massaud. A Criação Literária – Prosa I. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. NITRINI, Sandra. Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. PEGORINI, Fernanda Vecchi. QUANDO SOU AUTORIDADE, NÃO SOU AUTORIDADE: Identidade na ambivalência em Medida por Medida, de Shakespeare. Disponível em: 135-449-1-PB.pdf. Acesso em: 13 de fevereiro de 2022. PÊPE, Albano Marcos Bastos. Direito e literatura: Uma intersecção possível? Interlocuções com o pensamento Waratiano. Rio de Janeiro: ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura, 2016. RADBRUCH, Gustav. Filosofia do direito. Tradução de Marlene Holzhausen. São Paulo: Martins Fontes, 2004. RAMIRO, Caio Henrique Lopes. Direito, literatura e a construção do saber jurídico: Paulo Leminski e a crítica do formalismo jurídico. Disponível em: 000967071.pdf. Acesso em: 09 de janeiro de 2022. SANTOS, Esdras Vitor Samuel Elói; DA SILVA, Marcus Henrique Pereira; MICCHI, Rosa Maria. CRIME E CASTIGO: Uma análise literária da personagem central sob a perspectiva social e histórica. Revista Acadêmica – Ensino de Ciências e Tecnologias IFSP – Campus Cubatão, 2021. STRECK, Lenio. Direito & Literatura. TV e Rádio Unisinos, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0pcSqfwbemQ>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2022. TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães. Direito e Literatura: aproximações e perspectivas para se pensar o direito. In: TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães (Orgs.). Direito e literatura: reflexões teóricas. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008. WARD, Ian. Law and Literature: possibilities and perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. WELLEK, R. & WARREN. A Função da Literatura. In Teoria da Literatura. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.

RUÍDOS, SONS E VIBRAÇÕES DE VIDAS EM ALBERTO PUCHEU

Taise Teles Santana de Macedo

Resumo: Publicado em 2020, “Vidas Rasteiras”, homônimo do livro do poeta Alberto Pucheu, é um longo poema que tensiona o rastejar coletivo de vidas invisibilizadas pelo Estado e pelo capital em todos os seus direitos fundamentais. A leitura desse texto literário permite-nos enxergar como a violação dos direitos humanos atinge grupos diversificados – imigrantes, refugiados, indígenas, pessoas em situação de rua – cujo desejo é apenas vingar. Nesse sentido, este trabalho problematiza como a poesia pucheuteana inventa formas mínimas de existência diante da constante deterioração e do “sequestro de subjetividades”. Conforme Peter Pál Pelbart (2018), a tendência detectada e intensificada, na contemporaneidade, é a captura dos modos plurais de existência. Em substituição a essa variação, emergem a vida tornada pobre, a vida como prisão e “o viver e pensar como porcos”. Fabulando uma outra cena, a literatura, ou melhor, a poesia, tece uma política de sujeitos ricos em experiências capazes de infiltrar a claustrofobia contemporânea (PETER PÁL PELBART, 2018). A literatura nos possibilita, enquanto palco de discursos e luta de narrativas, seguindo as palavras de Antonio Cândido (2011), pensar a respeito da negação dos direitos humanos, sobretudo quando expõe as contradições sociais destes tempos sombrios carregados de autoritarismo e de degradação das condições de sobrevivência. Em “Vidas rasteiras”, as esferas, “mesmo que frágeis” (PUCHEU, 2018), povoam terras, ruas e becos, emitindo ruídos, sons e vibrações de seus modos de liberar existências. Para ampliar esse conceito, David Lapoujade (2017) aponta que não há uma existência

mais real ou autêntica do que outra; não há, portanto, uma hierarquia dos modos de ser. Cada maneira de ser é singular e incomparável. Assim, as existências mínimas comparecem em Pucheu para pôr em vista o direito de existir, o que provoca tanto uma discussão de ordem estética quanto político-ética.

Referências: CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011. p.170-193. LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: n-1 edições, 2017. PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2018. PUCHEU, Alberto. Vidas rasteiras. São Paulo: Editora Bregantini, 2020.

SIMPÓSIO “LITERATURA E DISSONÂNCIA”

Coordenadores: André Dias (UFF), Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS) e Felipe Gonçalves Figueira (INES)

DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE ALBERT CAMUS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: POR UMA LEITURA DO PROCESSO CRIATIVO DE DRUMMOND SOB O SIGNO DA REVOLTA CAMUSIANA

Ana Carolina Botelho dos Santos

Resumo: A comunicação visa apresentar a pesquisa de Doutorado que venho desenvolvendo desde o primeiro semestre de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, Rio de Janeiro, sob orientação da Prof.^a Dra. Flávia Vieira da Silva do Amparo. O objetivo central da minha pesquisa é buscar aproximações entre a filosofia do franco-argelino Albert Camus e a poesia de Carlos Drummond de Andrade, investindo em uma leitura de *A rosa do povo*, de 1945, e *Claro enigma*, de 1951, importantes obras do poeta itabirano, à luz da perspectiva camusiana de revolta. Para compreendermos de que modo é possível enxergarmos o signo da revolta no processo criativo de Drummond, tendo em vista, sobretudo, as obras escolhidas para compor o corpus da pesquisa, buscamos, entre outros referenciais teóricos, suporte no ensaio filosófico *O homem revoltado*, publicado por Camus em 1951, estudo em que o filósofo tece importantes considerações acerca dos tipos de revolta que marcaram a construção da sociedade moderna e seus impactos também na literatura ocidental. No final da apresentação das suas *Confissões de Minas*, Drummond chama a atenção para a necessidade de uma clara e sensata representação da consciência do tempo na tessitura dos textos literários e convoca os escritores a valerem-se da literatura como modo de dar sentido à experiência histórica (ANDRADE, 2011, p. 11). Nessa perspectiva, a presente pesquisa e, por extensão, a comunicação desejam discutir como a lírica drummondiana pôde servir de instrumento de revolta e de demonstração de consciência do tempo àquele que só podia contar com o verbo poético para dar vazão ao seu instinto de solidariedade, sentimento que está na essência do homem revoltado.

Referências: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. _____. *A rosa do povo*. 1. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012a. _____. *Claro enigma*. 1. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012b. CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

PONTO DE PARTIDA, DE GUARNIERI: UM CANTO CONTRA A SORDIDEZ TOTALITÁRIA

André Dias

Resumo: Escrita sob o impacto do assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975, nas dependências do DOI-Codi, no II Exército – SP, *Ponto de partida*, de Gianfrancesco Guarnieri estreou em 23 de setembro de 1976, no Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB). Composta a partir da canção homônima de Sérgio Ricardo, dirigida por Fernando Peixoto e com elenco original formado por Othon Bastos, Martha Overbeck, Guarnieri, Sônia Loureiro e Sérgio Ricardo (posteriormente substituído por Antônio Petrin), a obra foi um marco do teatro brasileiro moderno. O espetáculo conquistou os principais prêmios daquele ano: Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA, Molière, Governador do Estado e Mambembe de melhor texto, além do Mambembe e APCA para Gianni Ratto pela cenografia. Com o propósito de driblar a censura da época, a peça foi caracterizada

pelo autor como “Fábula em um ato”, o que o levou a, propositalmente, não definir de modo explícito nem local e tampouco o espaço dos acontecimentos. Os leitores e o público sabem apenas que a ação acontece numa aldeia remota. Nas palavras do crítico Décio de Almeida Prado: “O tratamento poético visa reduzir os fatos e as personagens à sua essência, tornar transparentes a morfologia e a fisiologia do autoritarismo – como ele é e age.” (PRADO, 1993, p. 118). Nesse sentido, o presente trabalho empreende uma análise da peça a fim de compreender de que maneira ela se consolidou como um canto contra a sordidez totalitária nos idos dos “anos de chumbo”, além de avaliar como a composição de Guarnieri chega aos dias de hoje e o que essa obra tem a comunicar aos leitores e aos expectadores do presente.

Referências: GUARNIERI, Gianfrancesco. O melhor teatro - Gianfrancesco Guarinieri. 2ª ed., São Paulo: Editora Global, 2001. Seleção: Décio de Almeida Prado. PONTO de Partida. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento398467/ponto-de-partida>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7 PRADO, Décio de Almeida. Peças, pessoas, personagens: o teatro brasileiro de Procópio Ferreira a Cacilda Becker. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

"TODOS OS SONHOS DO MUNDO" DA CIA OS SATYROS : A PRODUÇÃO TEATRAL BRASILEIRA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Anna Paula Soares Lemos

Resumo: Pretende-se, nesta comunicação, apresentar o projeto SALA DE ENSAIO que, via a proposta de um laboratório de estudo, tem o objetivo de mapear a dramaturgia, analisar o processo de encenação e dialogar com grupos que utilizaram variadas tecnologias em rede no biênio 2020 e 2021, em suas apresentações de teatro online. Levamos em consideração a impermanência, o paradoxo e o sentido de presença que esses espetáculos trazem. Perguntou-se: que grupos utilizaram essa experiência como forma de (sobre) vivência e (r) existência do teatro no biênio 2020-2021. Em pesquisa preliminar -- via artigos encontrados quando utilizada a expressão chave “teatro e pandemia” e a expressão “teatro com apresentações online”, e via diálogo no GT Teatro e Dramaturgia da ANPOLL do qual a pesquisadora faz parte e que originou a ideia da pesquisa – pôde-se mapear grupos pelo Brasil que utilizaram mídias digitais como elemento da apresentação de suas performances. Nesta comunicação, falaremos sobre a Cia Os Satyros e sobre a experiência “Todos os sonhos do mundo”. Rodolfo Vasques, diretor da Cia Os Satyros de São Paulo, relata o seguinte sobre a experiência : “Não é uma adaptação de uma peça presencial, é uma criação específica para o ambiente digital”. Assim, o recorte foi feito no sentido de mapear as encenações que utilizaram a mídia digital como palco com ênfase numa possibilidade de reinvenção do teatro e da cena, e não como canal de live de bate-papo que frequentemente se vê a qualquer tempo.

Referências: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs ± capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a. V. 1. DENNY, Marcelo. Cenografia digital na cena contemporânea. São Paulo: Editora Anna Blume, 2019 DE FREITAS, N. (2016). A CENA CONTEMPORÂNEA E O CAMPO AMPLIADO DAS ARTES: DAS VANGUARDAS AO TEATRO PERFORMATIVO. O Percevejo Online, 7(2), p. 1–15. <https://doi.org/10.9789/2176-7017.2015.v7i2.p.1-15> FÉRAL, Josette. Além dos limites. São Paulo: Perspectiva, 2015. FERNANDES, Silvia. Teatralidades contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2010. FISCHER-LICHTE, Erika. Estética do Performativo. Lisboa: Orfeu Negro, 2019. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. São Paulo: Rocco, 2014. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2010. LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003 MONTEIRO, Gabriela Lírio Gurgel. A Cena Expandida: alguns pressupostos para o teatro do século XXI. Art Research Journal ARJ | Brasil | V. 3, n. 1 | p. 37-49 | jan. / jun. 2016. MOREIRA, Eduardo (org.) Grupo Galpão: tempos de viver e de contar. SP: Edições Sesc, 2021 SANCHEZ, José A.; BELVIS, Esther. No hay más poesía que la acción. Teatralidades expandidas e repertórios disidentes. México: Paso de Gato, 2015 TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. XAVIER,

Ismail. O olhar e a cena – Melodrama, Hollywood. Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 1 v.1 - n.1 – 2012. TODOS OS SONHOS DO MUNDO <https://www.youtube.com/watch?v=UPTqmF7nqmw>

"EU SOU CARVÃO": METÁFORA E IDENTIDADE NA LÍRICA DE JOSÉ CRAVEIRINHA

Carina Marques Duarte

Resumo: Paul Ricoeur (1983) afirma que interpretar uma obra é desvendar o mundo a que ela se refere, o que pressupõe a decifração das metáforas, pois, conforme o estudioso, na poesia o real se configura através da metáfora viva, a qual é o resultado de um processo que, ao torcer o sentido literal das palavras, tensiona a linguagem e obtém a inovação semântica. O objetivo deste trabalho é analisar um conjunto de poemas do moçambicano José Craveirinha, verificando a produtividade das metáforas e em que medida o seu emprego contribui para a representação de uma identidade. Em nosso percurso analítico, entendemos que, complexas e múltiplas, as identidades, como salientou Appiah (1997), surgem de uma história de respostas variáveis às forças econômicas, políticas e culturais e em oposição a outras identidades. Vinculada às conjunturas históricas, a identidade é passível de reformulação. Pretendemos demonstrar que a poesia de José Craveirinha (1922-2003) mapeia o momento de reformulação da identidade moçambicana. Com vistas à consecução de tal intento, além dos autores referidos, utilizamos como pressupostos teóricos os postulados de Franz Fanon (1961), Eduardo Mondlane (1968), Homi Bhabha (1998) e Stuart Hall (2006). Os resultados demonstram que as metáforas edificadas por Craveirinha enquadram-se no que Abdala Júnior (1989) definiu como estratégias discursivas literariamente engajadas, as criadoras de imagens que se constituem como ação “sem tolher a imaginação” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 15): imagens voltadas à construção de uma nova ordem político-social desalienada e plena. Para tanto, essa poesia elabora as tensões inerentes à sociedade e, face ao surgimento da consciência nacional, apresenta a identidade como resistência à dominação colonial.

Referências: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Literatura, História e política. São Paulo: Ática, 1988. APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998 CRAVEIRINHA, José. Chigubo. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 1964. CRAVEIRINHA, José. Karingana ua karingana. Lourenço Marques: Edição da Académica LDA, 1974. FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1961. FERREIRA, Manuel. Literatura africanas de expressão portuguesa I. Lisboa: Bertrand, 1977. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. LARANJEIRA, José Pires: Introdução à Mensagem: Casa dos Estudantes do Império. Lisboa: ALAC, 1996. VI (edição especial). MONDLANE, Eduardo. Lutar por Moçambique. Tradução Maria da Graça Forjaz. Lisboa: Livraria Sá da Costa Ltda, 1976. RICOEUR, Paul. A metáfora viva. Lisboa: Rés, 1983.

JOÃO ANTÔNIO: UM OLHAR DECOLONIAL NA COLONIALIDADE DA VIDA MARGINAL

Claudia Maria Cantarella Silva

Resumo: “O que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra” (1975, p. 143). Esse excerto de “Corpo-a-corpo com a vida”, ensaio/manifesto de João Antônio, publicado em seu livro Malhação de Judas Carioca, em 1975, parece nos revelar a intensa preocupação do autor – que viveu infância e adolescência na periferia de SP, foi jornalista e criador do conto-reportagem –, com o retrato da verdade em sua obra. Segundo Bakhtin (1983), “o trabalho de criação é vivido (...), o autor está por inteiro no processo criado”. Esse modo de revelar “por inteiro” a realidade da vida marginal, desconhecida de convívio comum, é o que mais nos fascina na escrita de João Antônio, vencedor do Jabuti em 1963, com o estreante Malagueta, Perus e Bacanaço. Propomos debater de que modo o olhar complacente, mas, principalmente, crítico do escritor, penetra nas veias marginais, na colonialidade enraizada na vida dos seres que habitam as margens sociais e nos traduz, por meio de uma linguagem própria à marginalidade, uma perspectiva decolonial, termo de que trata pensadores como Aníbal Quijano e

Walter Mignolo. Pela visão de João Antônio e pela linguagem por ele adotada – “cujo estilo nos remete ao grito que vem de dentro, do âmago da raiz humana ferida nas periferias da brasilidade”, (AGUIAR, 1997, p. 204), mesclando erudição com vocabulário das ruas, o autor revela ao leitor o “paradigma decolonial” que, segundo MIGNOLO, (2017, p.57), “lucha por fomentar la divulgación de otra interpretación que pone sobre el tapete una visión silenciada de los acontecimientos y también muestra los límites de una ideología imperial que se presenta como verdadera y única interpretación de los hechos”.

Referências: AGUIAR, F. A palavra no purgatório. São Paulo: Boitempo, 1997. ANTÔNIO, J. Malagueta, Perus e Bacanaço. 3a edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. ANTÔNIO, J. Malhação de Judas Carioca. Civilização brasileira, p. 41-54, 1975. BAKHTIN, M. O autor e o herói. Estética da Criação Verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes. 1983. MIGNOLO, W. D.; OLIVEIRA, M. Colonialidade: O lado mais escuro da Modernidade. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. N.34, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago.2022 QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSFUGUEL, R. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/147.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

LITERATURA E DISSONÂNCIA EM SCHWARZ E ADORNO

Claudio Cardinali Macedo Silva

Resumo: Roberto Schwarz e Theodor W. Adorno, cada um a seu modo e em seu contexto, marcaram profundamente o pensamento crítico contemporâneo no campo cultural. Por um lado, seus objetos de análise, em especial no âmbito literário, não convergem diretamente: o Schwarz maduro trata principalmente de questões e obras brasileiras, como os romances de Machado de Assis, Chico Buarque ou Paulo Lins, ao passo que Adorno escreveu sobre escritores europeus dos séculos XIX e primeira metade do XX, como Balzac, Proust, Kafka ou Beckett. Por outro lado, no plano teórico, suas interpretações ensaísticas têm muito em comum quando leva em conta seu modo de aproximação crítica, que poderia ser caracterizado como uma perspectiva negativa – não no sentido moral, mas sim em termos hegelianos. Além da ideia de ‘dissonância’, outros termos mais ou menos sinônimos, como ‘desencontro’, ‘inconsistência’, ‘deslocamento’, aparecem em diversos ensaios de ambos os autores, que colocam no primeiro plano da análise as contradições contidas e trabalhadas nas obras literárias. A presente comunicação pretende explorar mais a fundo alguns aspectos dessa proximidade teórica entre Schwarz e Adorno, dando especial atenção à noção de forma literária, que em ambos configura como o local de cristalização – nada imediata, vale dizer – de contradições históricas determinantes da sociedade.

Referências: Adorno, Theodor W.: Noten zur Literatur, in: Gesammelte Schriften. Band 11. Suhrkamp: Frankfurt am Main 2003a. Adorno, Theodor W.: Ästhetische Theorie, in: Gesammelte Schriften. Band 7. Suhrkamp: Frankfurt am Main 2003b. Almeida, Jorge de: „Pressupostos, salvo engano, dos pressupostos, salvo engano“, in: Cevas-co, Maria Elisa; Ohata, Milton (org.): Um crítico na periferia do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras 2007, S. 44-53. Schwarz, Roberto: Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. Duas Cidades/Editora 34: São Paulo 2012. Schwarz, Roberto: Que horas são?: ensaios. Companhia das Letras: São Paulo 1987. Schwarz, Roberto: Seja como for: entrevistas, retratos e documentos. Duas Cidades/Editora 34: São Paulo 2019.

A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL EM “DISCURSO AOS CÃES”, DE RAIMUNDO CARRERO

Eliene Medeiros da Costa

Resumo: Num momento em que se discute fome e miséria no Brasil, problema estrutural que se acentuou nos últimos anos, as questões apresentadas nas narrativas do escritor Raimundo Carrero

são cada vez mais pertinentes. Isso se dá porque muitos de seus textos apresentam tais questões como temática. Nesse sentido, uma de suas personagens mais representativas é Alvarenga, o qual aparece em diversos textos carrerianos. Trata-se de um idoso, trabalhador informal, amante e protetor de uma prostituta. O presente trabalho objetiva analisar o conto “Discurso aos cães”, presente na obra *As sombrias ruínas da alma*, a partir da perspectiva da violência estrutural. A análise se dá pelo estudo de cenas e discursos em que é possível perceber um desnudamento e visibilização da injustiça social, um dos aspectos que caracterizam a violência estrutural. Segundo Galtung (2018), esse tipo de violência caracteriza-se por impossibilitar que um indivíduo seja responsabilizado por suas consequências, assim como pelo fato de um de seus resultados ser a desigualdade de acesso a bens essenciais à vida para muitos indivíduos, enquanto uns poucos os têm em abundância. Tomamos como referência para a análise, dentre outros, pensadores como Žižek (2014), Odália (2017), Lins (1990), Ginzburg (2012) e Galtung (1990, 2018), no que se refere à temática da violência. Quanto à categoria literária personagem, baseamo-nos em Candido (2007) e Brait (1985). A obra destaca-se por criticar a desigualdade social, ao apresentar como protagonista uma personagem que, em meio ao descaso, silenciamento e invisibilização impostos pela sociedade, vestida de Papai Noel, dialoga com um cachorro e, nesse diálogo, expõe sua indignação com sua situação miserável e o esvaziamento do sentido religioso presente nas festividades natalinas, as quais, apesar de objetivarem comemorar o nascimento de Cristo, são, na verdade, dedicadas ao consumismo.

Referências: BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução por Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. E-book Kindle. BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas v.1). p. 213-240. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985. CANDIDO, Antonio. *Censura? violência*. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. CANDIDO, Antonio. *Dialética da malandragem*. Revista do Instituto estudos brasileiros, nº 8, p. 67-89. São Paulo: USP, 1970. CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida Prado; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. CARRERO, Raimundo. *As sombrias ruínas da alma*. São Paulo: Iluminuras, 1999. CARRERO, Raimundo. *Condenados à vida: 70 anos de Raimundo Carrero*. Recife: Museu do Estado de Pernambuco, 2018. Catálogo de exposição, 13 nov.-16 dez. 2018, Cepe. FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*. Revista USP. São Paulo, n, 53, p. 166-182, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p166-182>. Acesso em: 24 de abr. 2022. GALTUNG, Johan. *Cultural Violence*. Journal of Peace Research, v. 27, n. 3. (Aug., 1990), p. 291-305. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0022-3433%28199008%2927%3A3%3C291%3ACV%3E2.0.CO%3B2-6>. Acesso em: 16 de out. 2021. GALTUNG, Johan. *Violence, peace and peace research*. Organicom: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. São Paulo, n, 28, p. 33-56, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/issue/view/10839/1450> Acesso em: 16 de out. 2021. GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: EDUSP, 2012. HOLANDA, Lourival. “Carrero leva a literatura ao front de batalha”. Revista Pessoa. Disponível em: Revista Pessoa - “Carrero leva a literatura ao front de batalha” Acesso em: 04 ago. 2022. IASI, Mauro. *Violência, esta velha parteira: um samba-enredo*. In: ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014. LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. MELO, Priscila M. V. *Raimundo Carrero e a pulsação narrativa: um movimento vigoroso e didático de criação literária*. 2017. 237 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) ? Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. ODALIA, Nilo. *O que é violência*. Brasiliense, 2017. E-book Kindle. PEREIRA, Carlos Alberto M... [et al.]. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. PEREIRA, Marcelo. *Raimundo Carrero: a fragmentação do humano*. Recife: Caleidoscópio, 2009. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. SIQUEIRA, Sabrina. *Aspectos de violência em contos gauchescos e dublinenses*. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: literatura, comparatismo e crítica social, Cascavel, n. 14, p. 182-190, 2015.

Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>. Acesso em: 20 jul. 2020. ŽIŽEK, Slavoj. Violência: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

TRAJETÓRIAS (IN)VISÍVEIS: AUTORES AFRO-BRASILEIROS NA FUNDAÇÃO DA LITERATURA PARA CRIANÇAS DURANTE O SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Elizabeth Cardoso

Resumo: A aproximação com temas e modos de narrar afrodescendentes acontece com mais evidência com a promulgação da Lei número 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Desde então, nota-se o aumento de publicações de livros de literatura infantil voltados para o tema. Parte desses livros tem sido escrita por autores e ilustradores afro-brasileiros, em especial nos últimos dez anos. O que pouco ou nada se sabe é que a participação de escritores afro-brasileiros nos livros endereçados às crianças se dá desde o século XIX. As obras de referência dedicadas ao gênero não fazem menção a tais artistas. O que perpetua e dificulta a pesquisa e o ensino antirracista, pois mesmo comprometido com a importância de tal questão, pesquisadores e educadores não encontram informações, dados e análises. A partir de mapeamento, leitura e análises textuais busca-se (re)colocar autores afro-brasileiros como Gonçalves Crespo (1846-1883), João do Rio (1881-1921), Ildelfonso Juvenal (1894-1965), Mestre Didi (1917-2013) e Ruth Guimarães (1920-2014) na história da fundação da literatura infantil e juvenil brasileira. O corpus tem como base principal as antologias de Eduardo de Assis Duarte et.al. (2011 e 2020). As encruzilhadas ancestrais que transpassam as questões literárias e culturais dos escritores e artistas afro-brasileiros serão discutidas junto com Bona (2020), Cuti (2020), Deleuze e Guattari (2019), Glissant (2005), Gonzales (1988), Martins (2002) e Pereira (2012 e 2017). Os conceitos circundantes sobre a literatura para infância dialogam com Benjamin (1985 e 2005) e Agamben (2008). A reflexão sobre a literatura infantil de ancestralidade negra parte, principalmente, dos estudos de Debus (2007, 2017 e 2018) e Lima (2005 e 2010).

Referências: BONA, Dénètem Touam. Cosmopoéticas do refúgio. Trad. Milena P. Duchiade. Florianópolis: Ed. Cultura e Barbárie, 2020. CUTI (Luiz Silva). Literatura negro-brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2020. DEBUS, Eliane. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para jovens e crianças. São Paulo: Cortez, 2017. DEBUS, Eliane; BERNARDES, Tatiana V.M.; SILVEIRA, Rosileke K. da; PEREIRA, Arlete, de C. (Orgs.). A produção literária de Rogério Andrade Barbosa: da temática africana e afrobrasileira a outros temas. Tubarão: Copiart, 2018. DEBUS, E.S.D. A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Rizoma. In: _____. Mil Platôs v.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2019 DUARTE, Eduardo de Assis (org). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. DUARTE, Eduardo de Assis; ARRUDA, Aline Alves et. al. Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. GLISSANT, Édouard. Línguas e linguagens. In: _____. Introdução a uma poética da diversidade. Trad. Nilce Abergara Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005. GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun., 1988, p. 69-82. LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto- juvenil, in: Munanga, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília, 2005. LIMA, Heloísa Pires. De personagem a editor: vozes negras na literatura infanto-juvenil. Revista Via Atlântica Nº 18 DEZ/2010. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: Performance, exílio, fronteira: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românticas; Faculdade de Letras, UFMG: Poslit, 2002. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Panorama da Literatura Afro-brasileira. In Portal da Literatura Afro-Brasileira (Literafro), 2012. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Entre Orfe(X)U e Exunouveau. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.

OS ESPAÇOS QUE HABITAMOS: A REPRESENTAÇÃO DE CIDADES NOS FOLHETOS DE ANTÔNIO FRANCISCO

Felipe Gonçalves Figueira

Resumo: Uma característica recorrente na literatura de Antônio Francisco Teixeira de Melo é a representação poética de espaços. Ora são fruto do empenho criativo do poeta em oposição àqueles da vida cotidiana, como no folheto “Meu sonho” (FRANCISCO, 2011b, p. 13-24) e em “As seis moedas de ouro” (idem, p. 51-64); ora são as cores e os cantos de seu sertão natal que são trazidos para seus versos a partir de sua perspectiva crítica, como em “Um bairro chamado Lagoa do Mato” (FRANCISCO, 2011a, p. 53 – 60). Em minha leitura, percebo a constituição desses espaços representados como um exercício literário de reflexão filosófica sobre fundamentos éticos e estéticos da própria sociedade no início de século XXI. Para o presente estudo, debruço-me sobre as representações das cidades, que, em sua composição, o autor reimagina como exercício crítico. Servem de corpus para o estudo os poemas encontrados nas antologias Por motivos de versos (FRANCISCO, 2011a), Sete contos de Maria (FRANCISCO, 2011b), Dez cordéis num cordel só (FRANCISCO, 2011c) e Quatro léguas e meia de cordel (FRANCISCO, 2019). Para o desenvolvimento das reflexões sobre as dimensões teóricas da representação do espaço e do tempo na literatura, são relevantes as proposições fundadas na análise do discurso de Mikhail Bakhtin (2006, 2018).

Referências: BAKHTIN, Mikhail. “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”. In: _____. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção biblioteca universal) _____. Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2018. FRANCISCO, Antônio. Por motivos de versos. Fortaleza: IMEPH, 2011a. _____. Sete contos de Maria. Fortaleza: IMEPH, 2011b. _____. Dez cordéis num cordel só. Fortaleza: IMEPH, 2011c. _____. Quatro léguas e meia de cordel. Fortaleza: IMEPH, 2019.

NELSON RODRIGUES E SAMUEL BECKETT: RESPOSTAS AO FIM DO MUNDO

Frederico van Erven Cabala

Resumo: Nesta comunicação, proponho uma leitura em paralelo das peças Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária (1962), de Nelson Rodrigues, e Fim de partida (1957), de Samuel Beckett. Esse gesto é motivado pela percepção de que tais peças, escritas em um período próximo, são tomadas, cada uma a seu modo, por uma atmosfera comum - o clima de iminente destruição mundial presente em um ambiente pós 2ª Guerra Mundial e de acirramento da Guerra Fria. Apesar dessa afinidade, contudo, as peças reagem a esse pano de fundo com a apresentação de recursos dramáticos distintos, que podem ser representativos do traço estilístico de cada autor. Se em Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária, por exemplo, o personagem Werneck incentiva confissões e cenas de violência sexual com a justificativa de que “hoje vale tudo”, em Fim de partida encontramos personagens em um cenário apocalíptico, espécie de abrigo no qual os caracteres trocam frases aparentemente desconexas entremeadas com significativos silêncios. A partir dessa comparação, podemos refletir sobre as estratégias elaboradas pelas dramaturgias modernas (conforme pensa Jean-Pierre Sarrazac) em diferentes contextos para lidar com questões como a condição humana degradada e as relações de poder em situações críticas. Para o desenvolvimento do trabalho, serão utilizados, além do teórico francês já mencionado, estudos críticos sobre os dramaturgos em questão.

Referências: ANDRADE, Fábio de Souza. Matando o tempo: o impasse e a espera. In: BECKETT, Samuel. Fim de partida. Tradução e apresentação de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2010. BECKETT, Samuel. Fim de partida. Tradução e apresentação de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2010. PEREIRA, Viviane Araujo Alves da Costa. A incomunicabilidade no teatro de Nelson Rodrigues. Dissertação (Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP). Assis, 2007. RODRIGUES, Nelson. Teatro completo. Organização e prefácio de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. SARRAZAC, Jean-Pierre. Poética do drama moderno: de Ibsen a Koltès. Tradução de Newton Cunha, J. Guinsburg e Sonia Azevedo. São Paulo: Perspectiva, 2017. SCHEEL, MÁRCIO. É possível que isso significa alguma coisa: uma leitura de 'Fim de Partida', de Samuel Beckett. In: Dias,

André; Medeiros, Elen de.. (Org.). Literatura e Teatro: encenações da existência. 1ed. Niterói: Eduff, 2018, v. , p. 127-153.

O CONTO DISSONANTE IMPRESSIONISTA O HORTELÃO DE MENALTON BRAFF

Gustavo Rodrigues da Silva

Resumo: Os Impressionismos Pictórico e Literário já foram pesquisados por vários autores em nível mundial como Maria Elizabeth Kronegger, que publicou uma obra seminal na área, cujo título é *Literary impressionism* (1973). Outras duas obras que destacamos são *Historia social de la literatura y el arte* (1969) de Arnold Hauser e *Impressionismo - reflexões e percepções* (2002) de Meyer Shapiro. Nessas três obras, os autores discutem em profundidade o Impressionismo e destacam várias características desse movimento artístico. Como exemplo, mencionamos a presença da luz como eixo principal de uma obra impressionista. Apesar de já ter sido muito pesquisado em nível mundial, as obras sobre o Impressionismo escritas por brasileiros são pouquíssimas, portanto, revelando o caráter dissonante do tema em nosso país. Dentre os nossos pesquisadores, podemos evidenciar Franco Baptista Sandanello com a obra *Impressionismo e literatura* (2017), na qual sistematiza as pesquisas sobre o Impressionismo e propõe (2017, p.14-17) a existência de dois Impressionismos Literários. O primeiro é o comparatista, pois comparte várias características com o Impressionismo Pictórico. O segundo é o narrativista, o qual é mais independente do Pictórico. Em decorrência dessa dissonância científica brasileira em relação a grande quantidade de pesquisa sobre o tema em nível mundial, outra dissonância surge. O senso comum resume o Impressionismo Literário Brasileiro a um único autor: Raul Pompéia (1863-1895). Ao longo de sua obra, Sandanello comenta sobre outros autores literários impressionistas brasileiros. Entre eles, notamos Menalton João Braff (1938), que, inclusive, recebeu o Prêmio Jabuti em 2000, na categoria livro do ano ficção com o título *À sombra do cipreste* (2000). Em 2018, Braff escreveu o conto *O hortelão*, que, até o presente momento, não foi analisado em sua vertente impressionista. Essa dissonante análise literária é a nossa proposta de comunicação baseando-nos teoricamente em Kronegger (1973), Hauser (1969), Shapiro (2002) e Sandanello (2017).

Referências: BRAFF, Menalton. *À sombra do cipreste - contos*. São Paulo: Editora Global, 2011. HAUSER, Arnold. *Historia social de la literatura y el arte*. Madri: Ediciones Guadarrama, 1969, volume III. KRONEGGER, Maria Elizabeth. *Literary impressionism*. New Heaven: College & University Press, 1973. SANDANELLO, Franco Baptista (org.). *Afluente*. Revista de Letras e Linguística. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, volume 04, número 14, dez. 2019. SANDANELLO, Franco Baptista. "O conceito de Impressionismo Literário". In: SANDANELLO, Franco Baptista (organizador). *Impressionismo e literatura*. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 2017, p.11-51. SHAPIRO, Meyer. *Impressionismo - reflexões e percepções*. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

"EXPLORANDO O EXÍLIO DA MÃE (E PÁTRIA) ATRAVÉS DA ABSTRAÇÃO ERÓTICA NA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR E NA ARTE DE EVA HESSE"

Isadora Grevan de Carvalho

Resumo: Este artigo considerará como a escritora brasileira nascida na Ucrânia, Clarice Lispector, e a artista americana nascida na Alemanha, Eva Hesse, exploram os limites do corpo feminino por meio da experiência traumática de perseguição e exílio de suas mães (a família de Lispector migra para o Brasil em meio à Primeira Guerra Mundial, enquanto a família de Hesse escapa da perseguição nazista durante a Segunda Guerra Mundial). Argumento que tanto a dor desencadeante de perder suas mães em uma idade precoce e a de serem estrangeiras em seus próprios países agora adotados, as levaram a uma relação conflituosa com os papéis tradicionais de gênero das mulheres, tornando essas memórias conflitantes e dolorosas de perder tanto a pátria quanto as mães, combustível para seus estilos inovadores e contestadores. Em "A Via Crucis do Corpo" (Lispector) os personagens muitas vezes emocionalmente dissociados das relações, rompem a possibilidade do misticismo, dando vazão a momentos eróticos epifânicos, com alusões diretas a cortes, hematomas, assassinatos, sangue, estupro e medo. Existem semelhanças conceituais entre a exploração de Hesse

do erótico feminino e Lispector. Hesse escreve em seu diário sobre diferentes esculturas: “a bolsa é uma bolsa semi-esfera - uma semi-esfera tubo um tubo arte é o que é tensão e liberdade oposição e contradição objetos abstratos não símbolos para outra coisa pessoal distante, mas íntimo” (347). Elas jogam com limites rígidos e desafiam movimentos literários ou artísticos específicos, abrindo possibilidades para abstrações eróticas (conceito desenvolvido pela crítica de arte Lucy Lippard em seu livro sobre Eva Hesse). A própria marca de minimalismo de Hesse, misturando desprendimento com toque físico, natureza com sensualidade, anda em paralelo com a escrita de Lispector e seu processo, permitindo-nos um olhar crítico sobre as maneiras pelas quais mulheres no exílio encontram formas inovadoras de desenvolver sua arte quebrando estruturas patriarcais por dentro delas.

Referências: Beard, Mary. *The Invention of Jane Harrison*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2000. Web. Cixous, Hélène, Clarice Lispector, and Verena Andermatt Conley. *Reading with Clarice Lispector*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990. Web. Comissário, Ana, Paula Pereira, and Rosanne Araújo Bezerra de. "Quem É Mulher De Verdade? – Corpo Feminino E Sexualidade Em A Via Crucis do Corpo, De Clarice Lispector." *Revista criação & crítica*. 29 (2021): 39-54. Web. Ferguson, Roderick A. "Of Sensual Matters: On Audre Lorde's "Poetry is Not a Luxury" and "Uses of the Erotic"." *Women's studies quarterly* 40.3 (2012): 295-300. Web. Harrison, Jane Ellen. *Prolegomena to the Study of Greek Religion*. Cambridge University Press, 2010. Web. Lange-Berndt, Petra. *Materiality*. London: Whitechapel Gallery, 2015. Web. Lippard, Lucy R. *Eva Hesse*. New York: New York University Press, 1976. Web. Lispector, Clarice. *A Via Crucis do Corpo*. 2nd ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Web. Lorde, Audre. *Uses of the Erotic the Erotic as Power*. Brooklyn, N.Y: Out & Out Books, 1978. Web. Stoops, Susan L., Lynda Benglis, and Whitney Chadwick. *More than Minimal : Feminism and Abstraction in the '70's : Lynda Benglis ... [Et Al.]*. Waltham. Mass: Rose Art Museum, Brandeis University, 1996. Web. Whitworth, Michael H. "Virginia Woolf's Orlando, Coleridge, and Jane Ellen Harrison." *Notes and queries* 64.1 (2017): 164-5. Web.

LAVOURA ARCAICA E O AVESSO DA MORAL: RADUAN NASSAR E FRIEDRICH NIETZSCHE EM DIÁLOGO

Jivago Araújo Holanda Ribeiro Gonçalves

Resumo: Este trabalho é proposto no intuito de trazer à luz as linhas gerais do debate concernente à moral e aos valores morais tais quais são representados em *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar. Para fazer isso, tece-se uma aproximação com algumas concepções sobre a moral presentes na obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900), assim como um conjunto de formulações teóricas expressivas na obra do filósofo que tangenciam esse tema, a saber: a noção de transvaloração dos valores, a crítica à moral de fundamentação judaico-cristã, a morte de Deus, a ideia do além-do-homem, e a reflexão sobre o mito do eterno retorno. A construção narrativa em *Lavoura arcaica* ensaja tal aproximação, pois a conduta do protagonista se desenvolve de modo a reavaliar as normas sociais e valores que moldam não só sua existência e subjetividade, como também as dos demais membros da família à qual pertence. Contrapondo desejo à ascese, paixão à reclusão, prazer à culpa, e subvertendo noções como loucura, saúde e verdade, a vivência do protagonista possibilita uma aproximação rumo à produção filosófica nietzschiana de modo a potencializar os sentidos da crítica aos valores tal como a encontramos no romance. Fundamentamos essa proposta a partir de contribuições oriundas de pensadores que direcionam seus esforços para pensar a intersecção entre literatura e filosofia: Martha Nussbaum (1990), Artur C. Danto (2019), Richard Eldridge (2009), Benedito Nunes (2011). Além destes, as contribuições desde a fortuna crítica de Raduan Nassar e Friedrich Nietzsche são de grande valia. Ao fim, pretendemos ressaltar como o debate ora articulado, entre literato e filósofo, é profícuo no sentido de fazer repensar algumas linhas de força da própria cultura brasileira, como a violência, o patriarcado, o conservadorismo e a religiosidade, sob a ótica da crítica dos valores e a partir de sua expressão narrativa em *Lavoura arcaica*.

Referências: DANTO, Arthur C. *Filosofia como/e/da literatura*. In: DANTO, Arthur C. *O descredenciamento filosófico da arte*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. ELDRIDGE, Richard. *Introduction – Philosophy and literature as forms of attention*. In: ELDRIDGE, Richard (Org.). *The*

Oxford Handbook of Philosophy and Literature. Oxford: Oxford University Press, 2009. NASSAR, Raduan. Lavoura arcaica. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. NIETZSCHE, Friedrich. Ecce homo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da Tragédia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. NUNES, Benedito. Poesia e filosofia: uma transa. A palo seco – escritos de filosofia e literatura, n. 3, 2011, p. 8-17. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/5095>. Acesso em: 16/11/2022. NUSSBAUM, Martha. Fictions of the soul. In: NUSSBAUM, Martha. Loves Knowledge – essays on philosophy and literature. New York: Oxford University Press, 1990.

OS LIMITES DO ROMANCE SOCIAL EXPOSTOS EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR

Joanne Silva Nascimento

Resumo: O romance A hora da estrela, de autoria de Clarice Lispector, estabelece reflexões sobre o trabalho do escritor. Em suas páginas, observa-se o dilema de criação vivido por Rodrigo S.M., narrador do romance, que é também um escritor, à medida que procede à elaboração de Macabéa, protagonista da narrativa. Macabéa é uma jovem nordestina, pobre, que migra para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, mas encontra os amargos efeitos da desassistência social. A caracterização da personagem insere-a em uma linhagem narrativa tradicional no Brasil, que se ocupa em visibilizar parcelas invisíveis e emudecidas da sociedade, principal fator responsável por classificar A hora da estrela como o romance assumidamente social de Lispector. No entanto, social e individual encontram-se na narrativa e estabelecem uma relação de tensão — quando se afasta do social e dedica-se a registrar Macabéa a partir da lógica do indivíduo, Rodrigo S.M. explicita os limites de seu trabalho criativo. Macabéa frustra a perspectiva uniforme da caracterização coletiva, especialmente através da produção de pequenas alegrias, o que leva o narrador a referir-se à personagem como de elaboração difícil. O presente trabalho centra-se nesta dificuldade de representação de Macabéa, para delinear a seguinte hipótese: com A hora da estrela, Lispector não apenas insere-se na longa tradição literária do romance social, como também expõe os limites deste tipo de romance, a saber, a incapacidade em flagrar a individualidade de seus personagens. Nas discussões apresentadas, refletiremos a respeito da atuação do intelectual, representado pela figura do escritor, no registro das camadas mais pobres da sociedade, destacando o que o saber intelectual recalca no processo representativo. Destacamos referência a Bueno (2015), para refletir a respeito das características do romance social brasileiro e Didi-Huberman (2011), com a perspectiva de escapes à uniformização.

Referências: BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2015. DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vagalumes. Tradução: Vara Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. NUNES, Benedito. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: _____. O dorso do tigre. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, p. 91-139.

A EDUCAÇÃO UTÓPICA EM A ESTRELA VERMELHA DE ALEKSANDR BOGDÁNOV

Karla Raphaella Costa Pereira

Resumo: Este trabalho objetivou analisar a figuração da educação na obra A estrela vermelha de Aleksandr Bogdánov, expondo a dimensão utópica da práxis educativa que se desenrola na sociedade visitada pelo protagonista. Leonid é um revolucionário bolchevique que é convidado a conhecer uma sociedade igualitária que se desenvolveu em Marte. É nítida a tentativa de expressar como funcionaria uma sociedade comunista, ou seja, livre da alienação do trabalho e de todas as demais alienações que aquela engendra. Como intelectual do Proletkult, política artística soviética, Bogdánov privilegia a difusão do ideal comunista e procura exemplificá-lo em múltiplos contextos sociais, dentre eles a educação. A utopia é compreendida aqui, para além do sentido do não-lugar, como negação de um modelo de sociedade a ser combatido, o capitalismo, e possibilidade real de

construção de uma sociedade igualitária. Aleksandr Bogdánov costuma ser ignorado como escritor de literatura por se filiar à política de produção de obras que propagassem o comunismo, entretanto, é preciso analisar a obra em si, em seu mundo próprio, como afirmou György Lukács, para avaliar qualquer qualidade literária. Compreendeu-se que A estrela vermelha permite um olhar sobre a sensibilidade de um tempo histórico. A obra é expressão literária de uma utopia. Por tentar figurar uma sociedade inteira, Bogdánov precisou abordar uma multiplicidade de temas, no entanto, este trabalho centra-se apenas na práxis educativa.

Referências: BOGDÁNOV, Aleksandr. A estrela vermelha. São Paulo: Boitempo, 2020. LUKÁCS, Georg. Estética 1: La peculiaridad de lo estetico. Barcelona: Ediciones Grijaldo, 1982. LUKÁCS, György. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010. LUKÁCS, György. Pós-facio. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. 2 ed. São Paulo: editora 34, 2009. p. 581-605. LUKÁCS, György. Problemas del realismo. México D.F: Fondo de Cultura Economica, 1966.

OBSESSÃO E ESCRITA: MULA DE DEUS, EM “ESTAR SENDO. TER SIDO”, DE HILDA HILST

Malane Apolonio da Silva

Resumo: Resumo: Publicado por Hilda Hilst, “Estar sendo. Ter sido” (2000) apresenta um encontro entre personagens das outras obras de sua autoria. Com a presença de Vittorio, personagem, escritor e protagonista do livro. O texto se inicia em meio a um diálogo entre os personagens Júnior (filho de Vittorio), Matias (irmão de Vittorio) o próprio Vittorio, em uma perspectiva narrativa que se experimenta em meio ao uso dos vários gêneros de escrita acionado desde as primeiras linhas desse livro. Desse modo, a estrutura de produção de Hilst, permite ao leitor percorrer desde linguagem teatral, cartas, estrutura poética ao texto prosa. No entanto, a relação entre personagens publicados em outras obras, ou ainda a mescla de gêneros em meio ao texto, propõem a esse estudo, centrar-se nas estratégias que Vittorio produz, enquanto escritor, para analisar sua obsessão por escrita como estratégia de vida, especificamente no poema que finaliza seu texto “Estar sendo. Ter sido” intitulado “Mula de Deus”. Para este estudo, refletiremos a estratégia de um personagem escritor como via de mão dupla com as outras obras publicadas por Hilst, e ainda a soberana necessidade de escrita de Vittorio. Para tanto, o referencial estará atrelado as discussões de Georges Bataille (2013) para elencarmos a noção de dispêndio, Octavio Paz (2014) em suas reflexões sobre o viés poético.

Referências: HILST, Hilda. Estar Sendo. Ter Sido. 2. ed. São Paulo: Globo, 2000. HILST, Hilda. A obscena senhora D. 2. ed. São Paulo: Globo, 2000. BATAILLE, Georges. A parte maldita – precedida de A noção de dispêndio. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. DINIZ, Cristiano (org.). Fico besta quando me entendem. São Paulo: Editora, 2013. PAZ, Octavio. O arco e a lira. São Paulo: Cosac Naify, 2014. VÁRIOS AUTORES. Cadernos de literatura brasileira: Hilda Hilst. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1999.

CLARICE LISPECTOR: A LIBERDADE ASSUSTADORA DE DIZER “SIM”

Marcela Assis de Moraes

Resumo: Este trabalho investiga a noção de agência a partir de uma leitura crítica de Clarice Lispector, cuja obra oferece a desorganização de um mundo que se abre em fluxo e que nos confronta com uma densa convivência estrangeira – seja entre as grutas de um fecundo jardim infernal, seja entre as paredes assépticas de um apartamento de mulher solteira. Atenta-se “À vida das plantas”, de Emanuele Coccia: “Imagine ser feito da mesma substância que o mundo que o rodeia. Ser da mesma natureza que a música, uma série de vibrações do ar, como uma água-viva que não passa de um espessamento de água.” (p. 37). O filósofo se refere a um modelo cosmológico que tem como base a imersão, a permeabilidade, a interpenetração. Assim, investigamos, entre Coccia e Clarice, um mundo que “não contém verdadeiros objetos”, mas que constitui “um enorme campo de acontecimentos” no qual “a oposição entre movimento e repouso não existe mais” (p. 36). Essa proposta coloca outra relação com a ética, em que a ação deixa de se conceber como fruto de uma

decisão racional e passa a se colocar como uma maneira de se deixar desorganizar pela realidade com a qual o outro nos confronta.

Referências: COCCIA, Emanuele. A vida das plantas – uma metafísica da mistura. Trad. Fernando Scheibe. Desterro: Cultura e Barbárie, 2018. DAVID-MÉNARD, Monique. A vontade das coisas: o animismo e os objetos. Trad. Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2022. DERRIDA, Jacques. “É preciso comer bem’ ou o cálculo do sujeito”. Trad. Denise Dardeau e Carla Rodrigues. In: Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia, Valparaíso, n. 3, p. 149-185, jan/2018. ESPOSITO, Roberto. As pessoas e as coisas. Trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Rafael Zamperetti Cometi Editor, 2016. LISPECTOR, Clarice. Água viva. Rio de Janeiro: Rocco, 1998-a. LISPECTOR, Clarice. A maçã no escuro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1998-b.

A GRANDEZA ÉPICA DE UM POVO FORMADOR: LEVANTE, DE HENRIQUE MARQUES SAMYN

Marcos Pasche

Resumo: A comunicação ora proposta se dedica à interpretação de Levante (2020), terceiro livro de poemas do poeta, ficcionista e ensaísta carioca Henrique Marques Samyn. Além de destacar aspectos gerais trajetória do autor e de sua obra poética, o estudo sublinhará com prioridade os elementos que conferem a Levante forma épica, na medida em que a) a organização de suas seis partes se estabelece como percurso histórico do povo negro em sua dolorida diáspora da África ao Brasil; e b) seus poemas tanto denunciam a violência da escravidão e suas consequências quanto enaltecem a força e a distinção de homens e mulheres que de formas diversas negaram o destino que o racismo estrutural lhes forjou pela escravidão e pelos efeitos sociais dela decorrentes. Na interpretação, tomaremos parte da discussão em que representatividade e valor literário são usualmente sugeridos como elementos dissonantes, e nisso apontaremos Levante como vigorosa consonância da afirmação grupal e da forma artística, sendo uma das grandes realizações da história da poesia brasileira. No que diz respeito à fundamentação teórica, quer em relação a aspectos étnico-raciais, quer em relação a subsídios da crítica literária, recorreremos principalmente a Achille Mbembe (2018), Alexei Bueno (2022), Cuti (2010), Silvio Almeida (2020), bem como ao próprio Henrique Marques Samyn, a comparecer com o referido volume de poemas e com um ensaio autocrítico (2021).

Referências: ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020. BUENO, Alexei (org). A escravidão na poesia brasileira do século XVII ao XXI. Rio de Janeiro: Record, 2022. CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. SAMYN, Henrique Marques. Levante. São Paulo: Jandaíra, 2020. _____. “Matrizes de Levante: Éle Semog, Lia Vieira, Salgado Maranhão”. In: Feira Literária Brasil-África de Vitória-ES, v. 1, nº 4. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/36608>

METAMORFOSE COMPOSITIVA E PERSPECTIVA INSÓLITA EM 'A PASSAGEM, OU O REGRESSO DO CAÇADOR GRACCHUS', DE ANTÔNIO VIEIRA.

Marcos Rogério Heck Dorneles

Resumo: Este trabalho procura efetuar uma inter-relação entre as possibilidades compositivas próprias às narrativas curtas, as transformações artísticas advindas de obras literárias posteriores e a temática dos horizontes indagativos sobre a morte. Para isso, esta pesquisa mergulha no conto contemporâneo "A passagem, ou O regresso do caçador Gracchus", do escritor português António Vieira (2013) em diálogo com a narrativa "O caçador Graco", de Franz Kafka (2002), e busca ponderar a respeito da expansão das perspectivas de constituição artística e dos debates acerca de aspectos existenciais das obras literárias em questão. Destaca-se no estudo as reflexões sobre a morte nos âmbitos da crítica temática (TOMACHEVSKI, 1987) e da tematologia (TROUSSON, 2003;) a respeito do aproveitamento da tensão narrativa e do tratamento estético em seu desdobramento na transformação da literatura universal (BRUNEL, P.; PICHOIS, C; ROUSSEAU. A. M., 1995). Pontua-se, outra parte, o diálogo com as poéticas do conto, em especial, as transformações kafkianas da

narrativa curta (PIGLIA, 2004), e a utilização da categoria teórica do tempo (GENETTE, 1995) na dinâmica da ruptura das relações habituais com a finitude humana. Resulta do processo investigativo as considerações de ampliação artística dos frames compositivos, a predisposição reflexiva do texto literário e a dilatação dos pendores existenciais da performance protagonística.

Referências: ANGHEL, Golgona. Recensão crítica de Olhares de Orfeu, de António Vieira. In: Revista Colóquio/ Letras. Lisboa, n. 185, jan. 2014, p. 232-235. BRUNEL, P.; PICHOS, C; ROUSSEAU. A. M., (org.). Que é literatura comparada?. Tradução: Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1995. GENETTE, Gérard. Discurso da narrativa. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995. KAFKA, Franz. Narrativas do espólio. Tradução: Modesto Carone. São Paulo : Companhia das Letras, 2002. MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. Da literatura comparada à teoria da literatura. Lisboa: Edições 70, 1989. NAUPERT, Cristina (org.). Tematología y comparatismo literario. Madrid: Arco/Libros, 2003. PIGLIA, Ricardo. Formas breves. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das letras, 2004. TOMACHEVSKI, Boris. "Temática". In: TODOROV, Tzvetan (org.). Teoría de la literatura de los formalistas rusos. Tradução: Ana María Nethol. México: Siglo XXI, 1987. TROUSSON, Raymond. Los estudios de temas: cuestiones de método. In: NAUPERT, C. (org.). Tematología y comparatismo literario. Madrid: Arco/Libros, 2003 VIEIRA, António. Olhares de Orfeu: contos órficos. Lisboa. Editora: & etc, 2013.

TAMBIEN SOY ESCRITURA: ENSAIO, POESIA E POLÍTICA EM OCTAVIO PAZ (1914-1998)

Maycon Tannis

Resumo: O presente trabalho traz ao debate Octavio Paz (1914-1998) como intelectual dissidente da interpretação sócio-histórica tradicional da experiência pós-colonial. Poeta, ensaísta e diplomata, se ocupa da história latino-americana, elegendo como ponto central e método de sua análise, a poesia. Paz enquanto intelectual não se restringe à atuação em apenas um espectro da sociedade mexicana, sua atuação passa por territórios multiformes: como o legado político da sua família íntima da revolução mexicana até aos movimentos de esquerda (Como os muitos movimentos comunistas que Paz se mantém próximo até suas divergências com a Revolução Cubana e o Sandinismo) e outros conservadores (Como o grupo fundado por ele mesmo, o Hyperion) em períodos que não se afastam temporalmente. Para Francisco Javier Garciadiego Dantán (2006), Paz se envolve com as esquerdas, mas não deixa se envolver completamente, tese corroborada pelo comentário de Maya Sanchez-Nussberger (1993) à reação furiosa de Paz ao ser confrontado por seus amigos que o tomavam como um intelectual que nunca fora propriamente revolucionário. Para o próprio Paz o que estava em jogo era ser um "intelectual independente". Neste trabalho pretendo apresentar a atuação política de Octavio Paz, a partir de suas obras *También soy esciptura* (2014) e *O Ogro Filantrópico* (1979) em contraponto ao seu esforço ensaístico em *O Labirinto da Solidão* (2012), a fim de compreender a história do México. Ele toma as civilizações e a colonização, o barroco e as vanguardas modernas, como elementos que, não sendo mais vistos, são presentes em uma continuidade descontínua. E para isso elabora um método que, centrado na poesia ultrapassa a limitação imposta pelo conceito e se faz capaz tornar o presente um lugar de encontro com o passado. Assim, pretendo aqui tratar do pensamento paziano, a fim de compreender seu lugar de intelectual dissonante e o lugar de seu pensamento.

Referências: BLUMENBERG, Hans. Paradigmas para una metaforología, Trotta, Madrid, 2006 LIMA, Luiz Costa. História.Ficção.Literatura. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. COSTA LIMA, Luiz. O Chão da Mente. EDUSP: São Paulo, 2021 PAZ, Octavio. El Laberinto de La Soledad. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. PAZ, Otavio. Os Filhos do Barro. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1984. PAZ, Octavio. O Ogro Filantrópico. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987. PAZ, Octavio. También soy escritura. Octavio Paz cuenta de sí. Edição de Julio Hubbard, Fondo de Cultura Económica, México, 2014,

DESDOBRAMENTO DE COMPLEXIDADES EM POÉTICA, DE NEI LOPES

Nathália Augusto Pereira

Resumo: Pesquisa em curso, esta comunicação considera o princípio da dissonância como transgressão de fronteiras para a análise interpretativa de alguns dos poemas da antologia Poética (2014), de Nei Lopes, e seus desdobramentos. Um dos objetivos é levantar hipóteses para a pequena quantidade de críticas acerca dessa voz poética e contribuir com a diversificação dos estudos literários. O atual estudo da poesia brasileira de autoria negra se faz com o intuito de ultrapassar o lugar periférico, o que se realiza também na maior circulação e recepção da produção literária. Mas nem nesse espaço Nei Lopes poeta figura e desfila sua lírica, sendo sua voz poética dissonante em variados nichos da contemporaneidade. Nei Lopes é pesquisador da diáspora africana no Brasil, intelectual negro, intérprete de sua época e compositor de letras de samba. Sua antologia aborda temas contemporâneos e ancestrais, lançando perguntas a um possível leitor/interlocutor. Atravessando o movimento negro da década de 70, encerrando o século XX e inaugurando os primeiros anos do século XXI, seus poemas contextualizam, dialogam, criticam e se inspiram em poetas e compositores outros, buscando em referências diversas os motivos e as formas de traduzir suas temáticas em experiência poética. Disso decorre uma rede de intertextualidades entre o clássico, o moderno e o pós-moderno a relacionar-se com o circuito literário, com a intelectualidade afrodescendente e com o panorama artístico, cultural, social e político, apontando para concordâncias, divergências, cruzamentos e multiplicidades da poesia brasileira. O estudo dessa obra de Nei Lopes visa compreender em que medida ela se revelaria como “poética da complexidade”, na qual a confluência da polifonia e da diversidade suscitariam reflexões no campo crítica literária, ao levar em consideração acontecimentos do passado com reflexos na produção literária atual.

Referências: CANDIDO, Antonio. O estudo analítico do poema. 5. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. DUARTE, Eduardo de Assis. (coord.) Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVII ao XX. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. GILROY, Paul. O Atlântico negro. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001. LOPES, Nei. Poética. Rio de Janeiro: Mórula, 2014. SECCHIN, Antonio Carlos. Escritos sobre poesia & alguma ficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

DISSONÂNCIAS EPISTEMOLÓGICAS EM OS LUSÍADAS E FINNEGANS WAKE

Pedro Alaim Martins Garcia Júnior

Resumo: Impulsionada pelas diretrizes básicas do Simpósio “Literatura e Dissonância”, cuja proposta estimula que se examine “a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias” e se confrontem determinadas “vozes questionadoras de seus tempos”, esta comunicação pretende delinear certos aspectos do tensionamento do gênero narrativo movimentado por Camões, em Os Lusíadas, no início da modernidade (no sentido historiográfico), e por James Joyce, em Finnegans Wake, obra que embora embleme a modernidade (no sentido literário), projeta uma série de elementos que constituiriam, conjuntamente, os alicerces de uma crítica mais encorpada à coluna vertebral do pensamento moderno. De um lado, à entrada da modernidade, Camões, com Os Lusíadas, não só, esteticamente, rompe a distância épica intransponível do “passado absoluto” – característica axial do gênero épico antigo – com vistas a instalar na memória do povo português um novo pensamento valorativo motorizado por um viés crítico, como o faz denunciando social e culturalmente a pátria. De outro lado, em um momento histórico no qual a modernidade já havia consolidado um modelo de pensamento hegemônico imanentemente dicotômico e já se questionava esse modelo a partir de distintas perspectivas, James Joyce, em Finnegans Wake, busca desestabilizar a própria base do pensamento narrativo – as noções de tempo, espaço e personagem – a fim de que temas se movimentem e se entrelacem de maneira que sejamos obrigados a transbordar da lógica dicotômica bivalente, uma vez que a movimentação descentrada das personagens-temas de Finnegans Wake admite múltiplas possibilidades de interpretações (combinações, articulações), mas nega veementemente uma apreensão dual-bivalente. Assim, inseridos em marcos temporais, condições sociais e epistemologias específicas – ainda que em pontos-chave da modernidade –, os textos focados apontam, cada qual de modo particularmente dissonante em relação ao conjunto harmônico de seu contexto – para uma (re)composição da própria apreensão narrativa da experiência humana.

Referências: ALAIM, Pedro. Processologia: multiplicidade, descentramento e organização em Finnegans Wake, Grande Sertão: Veredas e Galáxias. 2018. 225f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras / Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. ALAIM, Pedro. Múltiplos Campos: um projeto polifônico? Salvador: EDUFBA, 2022. ALVES, Hélio J. S. Camões, Corte-Real e o sistema da epopeia quinhentista. Universidade de Coimbra: Coimbra, 2001. ARISTÓTELES. Poética. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011. ARISTÓTELES. Retórica. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011. BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. Trad. Aurora Bernardini e outros. São Paulo: Hucitec / Ed. Unesp, 1988. BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. CAMÕES, Luís Vaz de. Os lusíadas. Coimbra. Almedina; Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, 2016. CAMÕES, Luís Vaz de. Lírica: canções, éclogas, elegias, odes e oitavas de Camões. Pref. Joaquim Nabuco. Campinas: Livre, 2020. COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade. Trad. Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Trad. Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011. DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. DERRIDA, Jacques. Gramatologia. Trad. Mirian Chnaiderman; Renato Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos) HOMERO. Odisseia. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. HOMERO. Ilíada. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 de E. V. Rieu. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. HORÁCIO. Arte Poética. In: A poética clássica. Trad. Jaime Bruna. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2005. JAEGER, Werner Wilhelm. Paidéia: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Pereira. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. JOYCE, James. Finnegans Wake. New York: Penguin books, 1999. JOYCE, James. Ulisses. Trad. Antonio Houaiss. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. JOYCE, James. Retrato do artista quando jovem. Trad. José Geraldo Vieira. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. LOURENÇO, Eduardo. Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. MEGIANI, Ana Paula Torres. O Jovem Rei Encantado: Expectativa do Messianismo Régio em Portugal, Séculos XIII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003. OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro. Camões, Os Lusíadas e a Renascença em Portugal. London: Forgotten Books, 2018. (Reconstrução digitalizada de: OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro. Camões, Os Lusíadas e a Renascença em Portugal. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891.) RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Conteúdo: 3. O tempo narrado. Trad. Cláudia Berliner; Rev. trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. VIRGÍLIO. Eneida. Trad. Nicolau Firmino. São Paulo: Livraria Lusitana, 1941. VIRGÍLIO. Eneida. Edição bilíngue. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

MAQUIAVEL: UM OLHAR SOBRE O FEMININO

Priscila Nogueira da Rocha

Resumo: Apesar da aura machista que paira sobre Nicolau Maquiavel (1469-1527), e, a bem dizer, sobre todos os homens do Renascimento, pretende-se nesta comunicação desmistificar essa ideia a partir da investigação da representação do feminino nas comédias teatrais maquiavelianas de maior destaque: Mandragola (1518) e Clizia (1525). Poderemos perceber a atenção de Maquiavel em relação as mulheres, seja na verificação das estratégias discursivas empregadas no texto ao se dirigir a elas ou ainda representá-las, seja na observação mais detida de diversas passagens e fatos de sua vida pessoal, especialmente voltando nosso olhar para suas “mulheres”, visando observá-las em caráter autobiográfico dentro e fora de suas comédias, até culminar na evidência de uma inovação que precede em muitos anos sua ocorrência em apresentações de textos de outros autores, que seria o uso de atrizes e cantoras do sexo feminino como personagens dentro das encenações.

Pretende-se ainda fazer uma comparação entre as duas Lucrezias: a figura proposta por Maquiavel em *Mandragola*, e a de Tito Lívio, ao mesmo tempo próximas e antagônicas. Não nos restringindo, contudo, a elas, serão analisadas outras figuras femininas de importância fundamental no entendimento do panorama retratado por Maquiavel em suas comédias, que sempre as tiveram em destacado lugar, afinal, para o autor, até a própria sorte é uma figura feminina, como frisado em *O Príncipe*.

Referências: ASOR ROSA, A. *Storia europea della letteratura italiana*. Torino. Einaudi, 2009 BARATTO, M. *La commedia del Cinquecento*. Vicenza. Neri Pozza, 1977 BARBARISI, G. & CABRINI, A. *Il teatro di Machiavelli*. Milano. Cisalpino Ist. Ed. Universitario, 2005 BARTHES, Roland. *Sul teatro*, a cura di Marco Consolini, Roma, Meltemi, 2002 BERGSON Henri. *O riso – ensaio sobre a significação do cômico*, Rio de Janeiro, Zahar, 1940 BIGNOTTO, N. *Política e vida privada na Mandragola em Maquiavel*. *Cadernos de ética e filosofia política*, São Paulo, n. 24, p. 7-21, USP, 2014 CHIESA, Renato. *MACHIAVELLI E LA MUSICA*. *Rivista Italiana di Musicologia*, Milão, v. 4, p. 3-31, 1969. HUBERT, Marie-Claude. *As Grandes Teorias do Teatro*, São Paulo, Martins Fontes, 2013 LARIVAILLE, Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988 MACHIAVELLI, N. *La Mandragola*. (P. Stoppelli, A cura di). Milano. Mondadori, 2006 STOPPELLI, Pasquale (ed.). In: MACHIAVELLI, Niccolò. *Teatro: Andria-Mandragola-Clizia*. Roma: Salerno Editrice, 2017.

PODER SOCIAL EM JOGO: UMA PROPOSTA PARA A LEITURA REFLEXIVA DE O ALIENISTA

Rafaelli Barros Avila

Resumo: A presente comunicação se propõe à leitura reflexiva de “O Alienista”, de Machado de Assis, obra publicada inicialmente na revista “A Estação” de outubro de 1881 a março do ano seguinte e compilada, ainda em 1882, para a seleção feita pelo autor em Papéis Avulsos. A pesquisa problematiza a abordagem historicista-catalográfica para o ensino de Literatura enquanto conduz discussões a respeito dessa obra como “intervenção de apoio à renovação institucional do país” no século XIX. (TEIXEIRA). Se literatura e ampliação de acesso foram decisivos para a evolução do ideário social de um Brasil que estava, naquele período, intelectualmente em formação, propõe-se aqui resgatar para o debate contemporâneo do ensino de Literatura tanto a obra em questão quanto a preocupação com a formação intelectual da população brasileira, sobretudo a que se forma na escola pública. Rosa (2021) resgata da biografia e do legado literário de Machado a influência do Jogo e propõe a especificidade do autor como “romancista-xadrista”, defendendo que o xadrez passa a se constituir, em sua ficção, como elemento estrutural e de raciocínio. Assim, sugere-se ampliar a experiência didática da leitura de “O Alienista” através da materialização das “Dinâmicas do Poder” (TEIXEIRA: 2010) e demais aspectos políticos da obra em um jogo de tabuleiro que explore 1) o papel da imprensa na formulação do ideário social da corte carioca; 2) os espaços de Poder desenhados por Machado; 3) as possíveis críticas de Machado a instituições representadas na obra; e 4) as movimentações e articulações do Poder promovidas a partir de medalhas, decretos, bulas papais e outros elementos simbólicos. Em relação à fundamentação teórica, a pesquisa se apoia em Nabuco (1900), Santos (1989), Teixeira (2010), Silveira (2010) e Rosa (2021), sem desprezar as considerações que Machado apresenta em “O Alienista”.

Referências: ASSIS, Machado de. *O Alienista*. In: *Obra Completa*, 1979. NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. ROSA, VICTOR DA. *O cálculo e o enigma: Machado de Assis e o jogo de xadrez*. Machado de Assis em Linha [online]. 2021, v. 14 [Acessado 13 Janeiro 2023], e245840. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-68212021149>>. Epub 22 Out 2021. ISSN 1983-6821. <https://doi.org/10.1590/1983-68212021149>. SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *A cidade como jogo de cartas*. Niterói: EdUFF, 1988. SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: Dinâmica do Poder em O Alienista*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

NÃO TE CHAMO PARA TE CONHECER, QUERO ABRIR OS BRAÇOS E SENTIR-TE: SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, POETA DA PRESENÇA.

Rodrigo Corrêa da Foonseca

Resumo: Este trabalho tem por objetivo investigar as configurações do olhar na poesia da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Em sua obra poética, o olhar apresenta-se como elemento central de uma espécie de relação com o mundo pelo sensível que caminha na contramão de um entendimento exacerbadamente racional do olhar presente em nossa cultura ocidental de hábitos intensamente cartesianos. A partir desse olhar sensível - ou seja, um olhar que não está desgarrado do corpo, mas que dele parte -, estabelece-se uma ligação com o mundo pela presença. Retomo, para isso, o pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht acerca da produção de Presença que, desafiando “uma tradição largamente institucionalizada, segundo a qual a interpretação - ou seja, a identificação e/ou atribuição de sentido - é a prática nuclear, na verdade a única, das humanidades.” (GUMBRECHT, 2010, p. 22), promove a ideia de que, para além da construção de sentidos, em toda interação entre dois corpos, há, também, produção de presença. Em outras palavras, se pensamos a poesia, por exemplo, quando diante de um poema, mais do que atribuir sentidos, somos corporalmente afetados pela matéria do poema - sua matéria-significante, sua métrica. Trata-se, aqui, não apenas de propor uma análise dissonante que busca uma retomada do corpo e do sensível na análise de poesia, mas de uma demonstração de que há, na própria poesia de Sophia, a presença de uma voz dissonante que almeja uma relação com o mundo que não é racional, mas dos sentidos do corpo. Tomo, para isto, por jornada, diversos poemas de Sophia de Mello, mas debruço-me especialmente sobre um deles - Mar Sonoro - como forma de tentar evidenciar um caminho analítico não hermenêutico, mas sensível, por meio dos conceitos de Matéria-emoção (COLLOT, 2018) e Imaginação como Presença (GUMBRECHT, 2016).

Referências: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Coral e outros poemas. Seleção e apresentação Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Poemas Escolhidos. Seleção e organização Vilma Arêas. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. COLLOT, MICHEL. A Matéria-emoção. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018. DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem. São Paulo: Editora 34, 2013. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Serenidade, presença e poesia; Seleção e tradução Mariana Lage. Belo horizonte: Relicário edições, 2016.

HATOUM, LITERATURA E POLÍTICA: ENTRE “ESPERAS” E “FUGAS”, OU VICE-VERSA

Thiago Monteiro do Carmo, Jesuino Arvelino Pinto

Resumo: O objetivo precípuo deste trabalho consiste em refletir acerca da repressão, tortura e violência instauradas pela ditadura militar representadas por Milton Hatoum nos romances A noite da espera (2017) e Pontos de fuga, primeiro e segundo livros que compõem a trilogia O lugar mais sombrio (2019), pelo viés das relações entre Literatura e Política, tratando também aspectos fundamentais na construção de obras contemporâneas, como memória e identidade, apresentadas por estudiosos como: Benjamin Abdala Júnior (2007); Alfredo Bosi (2013); Antonio Candido (1987), Jacques Le Goff (2003); Stuart Hall (1997); Paul Ricoeur (2007), Peter Burke (1992) e Edward Said (2003). A intenção de analisar romances contemporâneos como um tema atemporal reveste-se de importância e pungente necessidade para o momento atual. Não se pensa em tratar o assunto como manifestação ideológica, mas sim, como processo de resignificação do passado, desvelando questões que insistem em colocar povos à margem, em situações e posições de inferioridade. Outro ponto considerável neste estudo são os traumas sofridos pelo sujeito contemporâneo a partir de fragmentações memorialísticas abordados na literatura e que nas obras de Hatoum são percebidas não só no protagonista Martim, mas também nas outras personagens, refletindo assim nossa sociedade. Além disso, aponta-se para um recorte importante e necessário feito sobre a busca por conceitos de memória para formulação reflexiva na contemporaneidade, tendo em vista que a memória é atividade humana carregada de história e que por isso faz parte da lembrança e também do esquecimento.

Referências: ABDALA JR. Benjamin. Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê editoria, 2007. BOSI, Alfredo. Entre a literatura e a história. São Paulo:

Editora 34, 2013. BURKE, Peter. A escrita da História: novas perspectivas. Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes – São Paulo: UNESP. 1992. CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol et al. A personagem de ficção. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. HATOUM, Milton. A noite da espera. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. HATOUM, Milton. Pontos de fuga. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Irene Ferreira; Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007. SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

“QUE MINHA DOR NÃO SE PERCA”: IMPERMANÊNCIA E O PALCO ASSOMBRADO DE TONY KUSHNER

Vanessa Cianconi

Resumo: Originalmente encomendada por Joe Dowling, diretor artístico do Teatro Guthrie, Tiny Kushner (2009) compreende cinco peças que dialogam entre si, dentre elas, “Terminating or Sonnet LXXV ou “Lass Meine Schmerzen Nicht Verloren Sein” ou Ambivalence”. Inspirada no “Soneto 75” de William Shakespeare, esta peça de 30 minutos, com suas tiradas robustas contra tudo, desde a ambivalência humana e paradoxos existenciais até cortinas para janelas e o cheiro do sexo anal, apresenta Esther, uma analista, e seu antigo paciente, Hendryk, sentados em seu consultório junto com seus amantes, Dymphna e Billygoat, respectivamente. Como Hendryk, suplicam a Esther que o aceite de volta. Ler Tony Kushner é, em grande parte, um exercício desafiador. Kushner revisita “Angels” e a capacidade do ser humano de ser tão ambivalente em relação ao outro. Talvez possamos dizer que a ambivalência em “Angels” assombra “Terminating”. E é justamente sobre esse teatro assombrado de Kushner que esse texto pretende dissertar. Marvin Carlson em *The Haunted Staged: The Theater as Memory Machine* lembra que todo o teatro é assombrado por excelência e reafirma a máxima de Derrida quando esse afirma que depois do fim da história o espírito volta como uma assombração (revenant em francês significa regressar). Para o pensador francês o espectro é uma questão de repetição, pois esse é sempre um revenant, não se pode controlar as suas aparições pois ele começa retornando, logo, pode-se dizer que “Terminating” não é só assombrada pela memória de Shakespeare, mas também pelo próprio Tony Kushner.

Referências: CARLSON, Marvin. *The Haunted Stage: The Theater as Memory Machine*. Michigan: The University of Michigan Press, 2003. DERRIDA, Jacques. *Specters of Marx*. New York: Routledge Classics, 2006. FISHER, James. *The Theater of Tony Kushner: Living Past Hope*. New York: Routledge, 2002. _____. *Tony Kushner: New Essays on the Art and Politics of the Plays*. Jefferson: McFarland, 2006. KANT, Immanuel. *Critique of Pure Reason*. Trans. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1996. KUSHNER, Tony. *Angels in America: A Gay Fantasia on National Themes: Millennium Approaches/Perestroika*. New York: Theatre Communications Group, 2003. _____. *Tiny Kushner*. New York: Broadway Play Publishing Inc, 2009. NEGRI, Antonio. “Specter of Marx”. In: *Ghostly Demarcations: A Symposium on Jacques Derrida’s Specters of Marx*. New York: Verso, 2008. RAYMOND, Gerard. “Q & A with Tony Kushner”. In: *Theater Week (0896-1956)*, 7 (332), p. 14. ROKEM, Freddie. *Philosophers and Thespians: Thinking Performance*. Edic?ao Kindle. Stanford University Press, 2009. SAVRAN, David. “Ambivalence, Utopia, and a Queer Sort of Materialism: How Angels in America Reconstructs the Nation”. In: *Theatre Journal*, Vol. 47, No. 2, Gay and Lesbian Queeries, 1995.

SIMPÓSIO “LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS”

Coordenadores: Marcelo Ferraz de Paula (UFG/CNPq), Marcelo Paiva de Souza (UFPR/CNPq) e Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES/CNPq)

“QUANDO A MORTE SE APROXIMA”: ESTADO DE EXCEÇÃO, TESTEMUNHO E PRÁTICAS DE BIOPOLÍTICA EM POEMAS DE PAULO FONTELES

Abílio Pachêco de Souza

Resumo: Resumo: O início de 2023, numa escalada de pensamento de extrema direita no Brasil, intensificou ainda mais a necessidade da pauta da memória política e aguçou ainda mais a urgência das pesquisas e estudos sobre o estado de exceção no Brasil. A resposta política foi imediata e a repercussão internacional, com significativos apoios à Democracia no Brasil também. O apoio internacional sempre foi importante, inclusive para a memória política, mesmo em momentos em que fascistas não estavam nas ruas pedindo golpe de estado. Em agosto de 2007, a editora alemã Matthes & Seitz Berlin, publicou os poemas de Paulo Fonteles. O livro saiu em uma edição bilíngue, com o título em língua alemã “Wenn der Tod sich nähert, nur ein Atemzug” (“Quando a morte se aproxima, resta um fôlego” – tradução livre). Os exemplares chegaram ao Brasil, no ano seguinte, quando, só então, houve lançamento no Brasil. Paulo Cesar Fonteles de Lima era estudante de Direito, quando foi preso no início dos anos 1970. Ele e sua esposa Hecilda Mary Veiga Fonteles de Lima (grávida), que também foi presa, atuavam na reorganização da UNE (então na ilegalidade). O livro que Paulo Fonteles escreveu é um conjunto de poemas em que são re-apresentados os fatos vividos no cárcere, sobretudo a violência, a tortura física e a tortura psicológica causada pela violência infringida a sua esposa grávida de oito meses. Nesta comunicação, pretendemos analisar o testemunho (SELIGMANN-SILVA) do estado de exceção destacando poemas nos quais são possíveis perceber, por parte do estado, práticas de biopolítica (Edgardo Castro) sobre as vidas desprovidas de proteção (“vida nua”, de que fala Agamben).

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. FONTELES, Paulo. Wenn der Tod sich nähert, nur ein Atemzug” (“Quando a morte se aproxima, resta um fôlego”, tradução livre). Berlin, Matthes & Seitz, 2007. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória e literatura. Campinas: Unicamp, 2003. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma: um novo paradigma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local da diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005a. 63-80. SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. Tempo e argumento. Florianópolis: UDESC, v.2, n.1, pp.3-20, junho de 2010.

NARRATIVAS DE MULHERES ESCRAVIZADAS ATRAVÉS DO ATLÂNTICO: TESTEMUNHOS DE RESISTÊNCIA EM ESPERANÇA GARCIA E ANNIE DAVIS

Antoniele de Cássia Luciano

Resumo: Maior tragédia que já se teve conhecimento na humanidade, a escravidão vitimou entre 10 e 20 milhões de africanos durante quatro séculos (CARRASCOSA, 2017). Apesar de impactante, o testemunho da catástrofe (SELIGMANN-SILVA, 2003) não seguiu o mesmo curso nos territórios beneficiados pelo sistema escravocrata. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde 388 mil africanos foram desembarcados, existem mais de 6 mil registros escritos ou ditados por escravizados e ex-escravizados sobre esse período. Já no Brasil, as chamadas slave narratives não passam de 170 textos (KRUEGER, 2002), mesmo o país tendo recebido 4,8 milhões de africanos, conforme dados do Transatlantic Slave Trade Database. Assim, considerando essas disparidades e a importância da perspectiva negra para (re)construção da história da escravidão (BLASSINGAME, 1977), bem como a lacuna que ainda existe quanto ao estudo dessas vozes, esta comunicação tem como objetivo apresentar relações entre slave narratives encontradas nesses dois países. Esta análise foi desenvolvida considerando como recorte cartas produzidas por mulheres escravizadas - Annie Davis (1861), que escreveu ao então presidente Abraham Lincoln (HUSSEY; EDER, 2010), e Esperança Garcia (1770), autora de carta endereçada ao governador da Capitania de São José do Piauí, Lourenço Botelho de Castro (MOTT, 2010). Ao serem comparados, os dois documentos mostram a escrita da mulher negra, o sujeito que mais sofreu durante a escravidão (DAVIS, 1981), como um instrumento de resistência e memória (HALBWACHS, 1990) do povo negro através do Atlântico. O resultado é possibilidade de uma leitura que ressignifica o conceito de liberdade para esses sujeitos, reforça a

importância da comunidade para os escravizados e amplifica a potência da mulher negra diante da desumanização imposta pela escravidão.

Referências: BLASSINGAME, John. *Slave Testimony: Two Centuries of Letters, Speeches, Interviews, and Autobiographies*. LSU Press, 1977. CARRASCOZA, Denise (org). *Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017. DAVIS, Angela. *Women, race and class*. New York: Random House, 1981. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Laurent Léon Schaffer, São Paulo: Vértice, 1990. HUSSEY, Michael; EDER, Elizabeth. It is My Desire to be Free: Annie Davis's Letter to Abraham Lincoln and Winslow Homer's Painting A Visit from the Old Mistress. *Social Education* 74(3), 2010, pp 126–130. KRUEGER, Robert. Brazilian Slaves Represented in their Own Words. In: *Slavery & Abolition*, 23:2 (2002), p. 169-186. MOTT, Luiz. *Piauí Colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: FUNDAC - Coleção Grandes Textos, 2010. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora Unicamp. TRANSATLANTIC SLAVE TRADE DATABASE. *Slave Voyages*. Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/>>. Acesso em 5 jan. 2023.

A POESIA DE ICO LISBÔA COMO TESTEMUNHO DA VIOLÊNCIA DITATORIAL

Aparecida Cristina Novaes Moura

Resumo: O poeta Luiz Eurico Lisboa, engajado na política desde os quinze anos, escreveu o poema *Cabo Arraes* em 1967, aos dezenove anos. O poema antecede em cinco anos o assassinato do poeta pelos militares. O jovem Ico antes de 'desaparecer', e seu corpo ser encontrado como Nelson sete anos depois, em 1979, parecia antever, premonizar seu próprio fim. A reedição em 2022 de seu livro de poesias *Condições Ideais para o Amor* marca a passagem de 50 anos do extermínio, enquanto os laudos indicavam suicídio. A tessitura do poema *Cabo Arraes* traz de início a escuridão da noite, a fuga de jovens companheiros, o cunho político do ideal de libertar uma nação. Eram estudantes e o cabo não tinha instrução, mas é ele quem avalia, pesa, pondera e decide a situação. Trata da prisão, fome, liberdade, vida, Revolução, tortura, coragem, incertezas e morte. Ainda que se apoie em rimas com versos livres, o poema porta uma sonoridade e leveza com versos curtos em linguagem coloquial e desfralda a ficção poética que corresponderia à violência, à catástrofe, ao evento-limite. Nos detalhes não casuais da escrita percebe-se a intencionalidade do autor. O poema, um relato cronológico, uma narrativa, se desenvolve com início, meio e fim apresenta aspecto cinematográfico. Este texto, encontrado com outros treze poemas, representa mais um exemplo do testemunho na literatura. Aquele que fala, a testemunha ou sobrevivente, aquilo que se fala – a violência, a catástrofe, o evento-limite, a coletividade representada (Salgueiro, 2011, p.11) aqui antecede o evento-limite, talvez pela tênue teia entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma, como proposto por Salgueiro (p. 9). O destemor e a esperança são característicos da obra do rapaz que sonhava e lutava por um país melhor e decente.

Referências: REVISTA CULT. Há 50 anos era assassinado Luiz Eurico Tejera Lisboa pela ditadura militar. 26 setembro, 2022. <https://revistacult.uol.com.br/home/ha-50-anos-era-assassinado-luiz-eurico-tejera-lisboa-pela-ditadura-militar/#.Y0bY85xhV4E.whatsapp> SALGUEIRO, Wilberth. "Apresentação". In: *O testemunho na literatura. Representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011 Apresentação, p.11. ZERO HORA. As paisagens de Ico. História. 16/10/2022.

ANTÍGONA QUEER: UMA LEITURA DE PAI, PAI (2017), DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Arthur Antunes Araujo

Resumo: No "romance autobiográfico" (de acordo com a ficha catalográfica) *Pai, pai* (2017), João Silvério Trevisan - importante militante pelos direitos civis da população LBTQIA+, um dos fundadores do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) de enfrentamento à censura durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), autor de diversas obras ficcionais e ensaísticas - constrói o relato memorialístico de sua história de vida, da infância marcada pela violência homofóbica perpetrada pelo pai e familiares, pela perseguição política no período ditatorial brasileiro e por parte dos movimentos de esquerda por ser um sujeito homossexual, e pela tentativa de apagamento

homofóbico por parte da crítica literária nacional até seu momento atual na velhice, ao mesmo tempo em que constrói a biografia de seu falecido pai, José, com quem teve uma conturbada relação, porque “e? com o peso incalculável da sua ausência que a figura paterna tem marcado minha vida e minha literatura” (TREVISAN, 2017, p. 9). Neste trabalho, argumentamos que Trevisan, assim como Antígona na tragédia grega busca dar um sepultamento para seu pai Édipo, para realizar o trabalho de luto, que é também um trabalho de memória, assim como Antígona, Trevisan em seu citado romance faz seu próprio trabalho de Antígona, seu próprio trabalho de luto e de memória ainda em vida, seu testemunho e testamento contra o esquecimento e o apagamento que as histórias das vidas dos sujeitos dissidentes são condenados numa sociedade (mundial e nacional) opressiva contra as minorias políticas. O romance de Trevisan, portanto, “queeriza” a tradição de Antígona de salvar a memória dos mortos e inscreve a história das vidas queer na tradição da memória de Antígona; produz um testemunho da violência homofóbica e da insurgência contra essa violência, um arquivo da violência e da insurreição contra a violência.

Referências: TREVISAN, João Silvério. Pai, Pai. - 1a ed. - Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

“RENZI Y YO”: A AUTOESCRITURA PERFORMÁTICA DE RICARDO PIGLIA EM AÑOS DE FORMACIÓN

Carla Carolina Moura Barreto

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo analisar o primeiro volume da trilogia de diários do escritor argentino Ricardo Piglia, *Años de formación* (2015), o qual nos apresenta registros cotidianos da vida de Emilio Renzi, personagem recorrente na obra de Piglia, tido pela crítica como seu alter ego, seu “outro eu de ficção”. O texto nos apresenta um recorte da vida de Renzi entre os anos de 1957 e 1967. Nele, se entrecruzam realidade e ficção e vida íntima e vida pública do escritor Ricardo Piglia que, em seu texto, promove um distanciamento entre autor e personagem, vendo a si mesmo como outro, de modo a criar um jogo de “autoescritura performática”, próprio do gênero diário, segundo Seligmann-Silva (2022). Partindo disso, esta pesquisa busca debater de que forma o autor reelabora, por meio da rememoração e da reinvenção performática de si, sua vida dentro da literatura. Além disso, o estudo também promove uma discussão sobre o lugar do testemunho na narrativa, bem como questões que envolvem a figura autoral dentro da obra, observando como realidade/ficção, memória/História, eu/outro, se entrelaçam no texto pigliano. Para tanto, utilizei como principal base teórica/crítica Lejeune (2007; 2014), Ricoeur (2014), Seligmann-Silva (2003;2010;2022), Derrida (2015), Barthes (2004), Foucault (2004;2009), Giordano (2017), entre outros.

Referências: ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas de subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010. BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004. BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 4ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005. BORGES, Jorge Luis. Borges y yo. In: BORGES, Jorge Luis. El hacedor. Barcelona: Debolsillo, 2011. DERRIDA, Jacques. Demorar: Maurice Blanchot. Tradução de Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis: Editora UFSC, 2015. FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. GIORDANO, Alberto. Notas sobre diários de escritores. ALEA, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 703-713, 2017. GIORDANO, Alberto. A senha dos solitários: diários de escritores. Tradução de Rafael Gutiérrez. 2ª ed., Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 2017. LEJEUNE, Philippe. Um diário todo seu. In: LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. LEJEUNE, Philippe. Como terminam os diários? In: LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. LEJEUNE, Philippe. Le journal comme “antifiction”. Poétique, [S. l.], n. 149, p. 3-14, février 2007. PIGLIA, Ricardo. Años de formación. In: PIGLIA, Ricardo. Los diarios de Emilio Renzi. Barcelona:

Penguin Random House Grupo Editorial, 2019. RICOEUR, Paul. O si-mesmo como outro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. SELIGMANN-SILVA, Márcio. A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. 1ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. Tempo e argumento, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan. / jun. 2010.

O AMOR NO CÁRCERE: UMA ANÁLISE DO POEMA “VIDA, AMOR E LUTA”, DE GILNEY VIANA

Cleidson Frisso Braz

Resumo: Discute-se nesta comunicação a poesia de amor no cárcere político. Pretende compreender porque muitos poetas, mesmo estando presos, encarcerados por um regime de opressão, se dedicaram a escrever poemas de amor, como ocorreu durante a ditadura militar no Brasil. Para isso, o debate recorre à psicanálise (FREUD, 1915; LACAN, 1945), de forma a lançar luz sobre uma proposição ainda embrionária de que o amor estaria associado a um mecanismo do inconsciente que busca recuperar um objeto perdido (das ding). Para tentar entender como o amor persistiu mesmo em uma situação tão análoga à sua existência, considera-se que ele seja o destino de uma pulsão incontrolável, ou mesmo uma forma de resistência, mas, principalmente, gozo. Desta maneira, faz-se uma análise do poema “Vida, amor e luta”, de Gilney Viana, preso pelo regime durante a década de 1970, de forma que os ecos produzidos por esta análise apontem certa regularidade para a compreensão dos poemas de amor no cárcere. Ao fim e ao cabo, percebe-se que o amor está associado à nostalgia de um objeto perdido, primordial, o qual o sujeito busca encontrar no decorrer de sua história através de uma cena que, na verdade, é fantasiada. Conclui-se que a linguagem, nesta dimensão, se destaca como uma possibilidade de realização e satisfação de um desejo claudicante, a que comumente chamamos de amor.

Referências: FREUD, Sigmund. (1915a). Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). Rio de Janeiro: Imago, 1996. _____. (1915b). As pulsões e seus destinos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. _____. (1914a). Sobre o narcisismo: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1996. LACAN, Jacques. Do olhar como objeto a minucioso. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). 2. ed. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 69-118. _____. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, Escritos (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1958). _____. O inconsciente e a repetição. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). 2. ed. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 23-68. VIANA, Gilney. Poemas (quebrados) do cárcere. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MEMÓRIA DO TRAUMA E CONDIÇÃO DE VÍTIMA DO MUNDO EM “LÉXICO FAMILIAR” (1963) E “AS PEQUENAS VIRTUDES” (1962), DE NATALIA GINZBURG

Cristiane Montarroyos Santos Umbelino

Resumo: Na epígrafe de Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas, Márcio Seligmann-Silva (2008, p. 66) citou Georges Perec, que afirmou, no trecho citado, a necessidade vital de escrever diante do trauma: “Il n’est pas vrai qu’il [le déporté qui revient] peut se taire et oublier. Il faut d’abord qu’il se souvienne. Il faut qu’il explique, qu’il raconte, qu’il domine ce monde dont il fut la victime”. Pensando sobre essa citação, sobre lembrar, escrever, contar o que aconteceu e dominar o mundo do qual foi vítima por meio da escrita, acreditamos que o romance Léxico familiar (1963) e o livro de ensaios As pequenas virtudes (1962), da escritora Natalia Ginzburg, narram representações da memória do seu trauma e sua condição de vítima do mundo ao enfrentar o fascismo e a Segunda Guerra Mundial. A reflexão sobre o passado da escritora é gradativamente construída no enredo do romance e nos ensaios. Além da escrita como elaboração do trauma, analisamos os livros como objetos da memória cultural italiana (ASSMANN, 2011), pois trazem várias questões sobre o regime fascista na Itália como, por exemplo, a fragmentação das relações sociais, a dor coletiva e o caos político, levando em consideração seus fluxos de recordações e ausências. No

romance de Ginzburg, a história é baseada na vida da família da autora, narrada em primeira pessoa por uma narradora que também se chama Natalia, explorando cenários que abrangem o início do fascismo, a guerra e o pós-guerra. Em *As pequenas virtudes* (1962), a autora escreveu ensaios autobiográficos sobre a Segunda Guerra Mundial, a escrita, a amizade, entre outros temas, que foram publicados entre 1944 e 1962. Essa é uma obra importante para compreender a construção ficcional da autora, seus personagens e o trabalho relevante de suas recordações.

Referências: ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*. Org. da Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. GINZBURG, Natalia. *Léxico familiar*. Trad. Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. GINZBURG, Natalia. *As pequenas virtudes*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Rio de Janeiro: PSIC. CLIN., vol. 20, n.1, p. 65 – 82, 2008.

LÍNGUA DE SERPENTE: UMA LEITURA FEMINISTA DO TESTEMUNHO

Danielle Henrique Magalhães

Resumo: Em "Borderlands/La frontera", Gloria Anzaldúa diz: "A las lenguas salvajes no se las puede domesticar, solo se las puede cortar". Nesse livro, que se faz em uma escrita bifurcada em dois ou mais idiomas, que se faz sinuosamente entre a poesia, a narrativa, a canção, o sonho, a mitologia, o sexual, o espiritual, a teoria, a autobiografia, a história, o movimento deslizante impossível de ser domado é trazido também pelo imaginário em torno da serpente na constituição da cultura chicana. Anzaldúa diz que um dos modos de domesticar uma língua selvagem era o ditado que ela ouvia quando criança: "Em boca fechada não entra mosca", daí que "ser faladeira era ser fofoqueira e mentirosa, era falar demais". Em "Fala, poesia", Tamara Kamenszain diz: "a poesia é uma boca que se abre ou que está sempre aberta, que não pode fechar, que quando fecha, vira estereótipo... Mas quando está sempre aberta, entram nela todas as moscas". Disso depreendemos que a boca do testemunho não pode falar senão com todas as moscas. Cortar a língua das mulheres (simbolicamente ou não) para impedir que elas falem, bem como para impedir os voos, os zumbidos e o indomesticável de uma língua que não se domina, é uma prática que atravessa séculos e culturas. Na nossa cultura judaico-cristã, isso também chega por um mito fundador da cultura ocidental, a punição de Eva – e, consequentemente, de todas as mulheres – que ousou falar com a serpente. Além desse, há mito grego do herói Perseu que decapitou a cabeça de serpentes de Medusa, personagem que vem sendo relida pela poesia contemporânea em um gesto que a afirma, sobretudo, como um testemunho. A partir dessas abordagens, desejaremos pensar figurações do testemunho, em uma perspectiva feminista, que passam necessariamente pela releitura de personagens femininas fundantes da nossa cultura.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: La new mestiza* [1987]. Tradução de Carmen Valle. Madri: Capitán Swuing Libros, 2020. [e-book] CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio* [1988]. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. [e-book] CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa* [1975]. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. FEDERICI, Silvia. *A história oculta da fofoca: mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019. FREUD, Sigmund. "A cabeça de Medusa" [1940/1922]. Tradução de Ernani Chaves. *Clínica & Cultura*, v. II, n. II, p. 91-93, jul-dez 2013. GARCIA, Adriane. *Eva-proto-poeta*. Belo Horizonte: Caos e Letras, 2020. HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Henry Bugalho. Curitiba: Kotter Editorial, 2020. HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. KAMENSZAIN, Tamara. *La boca del testimonio: lo que dice la poesía*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2007. KAMENSZAIN, Tamara. *Fala, poesia*. Tradução de Ariadne Costa, Ana Isabel Borges e Renato Rezende. Rio de Janeiro: Azougue: Circuito, 2015. MARQUES, Ana M. *Risque esta palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017. PEQUENO, Tatiana.

Tocar o terror. São Paulo: Editora Bregantini, 2022. ROMÃO, Luiza. Também guardamos pedras aqui. São Paulo: Editora Nós, 2021.

SOLDADOS, HERÓIS DE UMA UCRÂNIA EM GUERRA, NA POESIA DE LINA KOSTENKO E DMYTRO LAZÚTKIN

Dina Chetvertak

Resumo: O objetivo da presente pesquisa é apresentar traduções inéditas para o português de dois poemas de poetas ucranianos, cujas obras versam sobre as mazelas da guerra na Ucrânia, e realizar breve análise comparativa da simbologia da literatura de testemunho no contexto das obras dos autores apresentados. As duas obras discutem o destino e o lugar dos soldados falecidos na guerra. Nascida em 1930, Lina Kostenko é uma das expoentes do movimento dissidente Sessentista ucraniano e foi vencedora do Prêmio Shevchenko (principal prêmio artístico na Ucrânia). A autora publicou seus primeiros poemas nos principais periódicos ucranianos, é professora emérita da Academia Kyiv Mohyla e doutora honorária das Universidades de Lviv e Chernivtsi. Em seu poema “Finados”, a ser apresentado nesta proposta de pesquisa, escreve sobre as mulheres que desejam, como o mito grego de Antígona, enterrar seus entes em suas terras natais e procuram, ainda, manter vivas as memórias dos combatentes após a guerra. Dmytro Lazutkin é um poeta contemporâneo e correspondente de guerra que vem escrevendo sobre temas relacionados à Guerra na Ucrânia desde 2015. Segundo ele, sua poesia quer ser uma “reportagem poética e registro poético da realidade”. Presenciou as batalhas nos fronts de Mariupol e Bakhmut, onde buscou recitar seus poemas para os soldados. O poema a ser apresentado nesta pesquisa, “Requiem”, é uma prece para os jovens soldados mortos em campos de batalha e que seriam absolvidos por Deus dos pecados da guerra.

Referências: KOSTENKO, Lina. Poesias. 1.ed. Kyiv: Ababahalamaha, 2019. LAZÚTKIN, Dmytro. Arteria. 1.ed. Lviv: Editora Stary Lev, 2018. LAZÚTKIN, Dmytro. Escondereijo. 1.ed. Lviv: Editora Stary Lev, 2022.

O PERSONAGEM GEDALE: ENTRE O FUZIL E O VIOLINO EM SE NÃO AGORA, QUANDO? DE PRIMO LEVI

Edson Sousa Soares

Resumo: Este capítulo tem como objetivo analisar ao longo do romance *Se não agora, quando?*, de Primo Levi, as aventuras e façanhas do personagem Gedale, líder do grupo de judeus especificamente da cultura hebraica, o qual vive literalmente, no decorrer da trama, entre o fuzil e o violino. Inicialmente, almejamos explorar as ambiguidades e contradições para o desenvolvimento do texto, pautado na mobilização judaica na luta contra a política nazista implantada por Adolf Hitler, cuja finalidade era, entre outros aspectos, a exterminação dos povos judaico-cristãos. Por esse viés, almejamos abordar, além do combate bélico, o testemunho, a memória, a situação limite, especialmente a arte como um elemento fundamental para formação de uma estética de resistência. Dentre os milhões de judeus que foram mortos, o autor, por meio da ficção, faz uma representação dos artistas como poetas, escritores, cantores famosos ou obscuros, compositores, entre outros que trabalhavam como artesãos, os quais foram cruelmente assassinados pelas tropas alemãs e seus aliados nas diversas cidades e aldeias remotas. Como suporte teórico basilar desta pesquisa, temos as proposições de Márcio Selingmann-Silva (2003) sobre os estudos em torno do Holocausto, sobretudo dos relatos testemunhais dos sobreviventes dos Campos de Concentração, de Giorgio Agamben (2014), especificamente a obra *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Ademais, pautamo-nos pelos postulados teóricos acerca da degradação humana de Tzvetan Todorov (2017), *Diante do Extremo*, consoante aos pressupostos teóricos acerca da prisão apontados por Michel Foucault (1977) em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Recorremos ainda aos escritos de Silvia Rosa Nossek Lerner (2015), *Liberdade de escolher como morrer: resistência armada de judeus no Holocausto*, e na obra intitulada: *O dever da memória: o levante do gueto de Varsóvia* (2003), organizado por Abrão Slavutzky et al..

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2015. LERNER, Silvia Rosa Nossek. *Liberdade de escolher como morrer: resistência armada*

de judeus no Holocausto. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2015. LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003a. p. 45-58. SELIGMANN-SILVA, Márcio. A memória da história: levante do gueto de Varsóvia e o testemunho de Zvi Kolitz. In: SLAVUTZKY, Abrão et al (Coord.). O dever da memória: o levante do gueto de Varsóvia. Porto Alegre: AGE/Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003d. p. 111-132. TODOROV, Tzvetan. Diante do extremo. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

ENTRE BITUCAS E PALAVRAS: RELATO DE UMA SOBREVIVENTE EM DEPOIS DE TUDO TEM UMA VÍRGULA, DE ELIZABETH CARDOSO

Fabíola Simão Padilha Trefzger

Resumo: Depois de tudo tem uma vírgula (2021), de Elizabeth Cardoso, é centrado na protagonista Rita, ex-militante de esquerda, sobrevivente dos porões da ditadura militar brasileira. Detendo as rédeas da enunciação, a personagem, que possui o hábito de catar bitucas, recupera seu passado de horror, ao mesmo tempo em que denuncia a tentativa de extorsão e de distorção de sua própria história por seu irmão, Diego, autor de uma espécie de “autobiografia familiar”. Chancelada pela “confiabilidade presumida” (RICOEUR, 2007, p. 172) atribuída ao superstes, a atitude de resistência à cooptação de seu relato testemunhal encontra paralelo no ato da narradora de colecionar palavras, gesto que, sob um viés político e alegórico, visa a salvar da dispersão e a ressignificar o que na história oficial foi descartado, não tendo sido, portanto, sequer registrado. Pretende-se realizar uma leitura do romance de Cardoso, verificando o modo como a autora aproxima o “dever de memória” (Ricoeur) da tarefa do colecionador, aproximação cuja dimensão política constitui o vértice dessa convergência. Como postula Walter Benjamin, em suas Passagens: “[...] o ato mais diminuto de reflexão política faz, de certa maneira, época no comércio antiquário” (2007, p. 245). Para a fundamentação da discussão proposta, serão convocados os citados pensadores (Paul Ricoeur e Walter Benjamin), além de outros cujas contribuições forem oportunas.

Referências: BENJAMIN, Walter. Passagens. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. CARDOSO, Elizabeth. São Paulo: Editora Patuá, 2021. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François et al. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.

CONTRA O SILENCIAMENTO DO ESTUPRO: O TESTEMUNHO EM VISTA CHINESA, DE TATIANA SALEM LEVY

Flora Viguini do Amaral

Resumo: O romance Vista Chinesa (2021), de Tatiana Salem Levy, tem como ponto central o estupro sofrido pela personagem Júlia, uma jovem moradora do Rio de Janeiro que sai de casa para correr. No caminho, antes de chegar à Vista Chinesa, ela é ameaçada por um homem e obrigada a entrar na mata com ele, local onde ocorre a violação. Na narrativa, a situação-limite do estupro é contada de forma desorganizada temporalmente. A autora demonstra que a memória e a própria linguagem falham na tentativa de narrar o trauma, o impossível. Baseado em fatos reais, Levy relata a violência sofrida por sua amiga, Joana Jabace, que assume publicamente seu nome numa breve nota no fim do livro. Ainda que a obra não seja biográfica, mesmo que inspirada na história de Joana, não é possível desconsiderar o embasamento testemunhal que ela carrega. O estupro descrito pela autora sob um viés ficcional não deixa de ser uma tentativa de suscitar o rompimento frente ao silenciamento das vítimas que sofrem esse tipo de barbaridade, principalmente no Brasil. Diante disso, a proposta é elaborar uma análise de Vista Chinesa sob o prisma da literatura de testemunho e a partir das vozes em prol de uma coletividade contra o mutismo ligado a esse crime. Destacaremos a presença do trauma na narrativa, as dificuldades de lembrar e de esquecer, bem como a negligência do Estado e o preconceito da sociedade em relação às mulheres que sofrem esse tipo de abuso. Para

tanto, serão basilares as contribuições de Márcio Seligmann-Silva, Jaime Ginzburg, Wilberth Salgueiro etc.

Referências: ABDULALI, Sohaila. Do que estamos falando quando falamos de estupro. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Vestígio, 2019. DESPENTES, Virginia. Teoria King Kong. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 Edições, 2016. FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020. FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. Tradução de Marilene Carone. Apresentação e notas da tradutora. Apresentação de Maria Rita Kehl. Posfácio de Urania Tourinho Peres. São Paulo: Cosac Naify, 2011. GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed.34, 2006, p. 57). KEHL, Maria Rita. Ressentimento. São Paulo: Boitempo, 2020. LEVY, Tatiana Salem. Parte II. Pós-escrito. In: _____. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008. _____. A chave de casa. Rio de Janeiro: Record, 2009. _____. Vista chinesa. São Paulo: Todavia, 2021. SALGUEIRO, Wilberth (Org.). O testemunho na literatura. Vitória: Edufes, 2011. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. Projeto História, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005. SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, Memória, Literatura - O testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

ENTRE A LITERATURA E O TESTEMUNHO: JORGE SEMPRUN NO CAMINHO DE PROUST

Francisco Renato de Souza

Resumo: Em 1943, Jorge Semprun é preso na França pela Gestapo e deportado em um trem para os arredores de Weimar, na Alemanha. As condições dessa viagem rumo a destino incerto são descritas em meio a um enredo que mistura ficção e realidade em *A grande viagem* (1963), romance no qual o narrador em primeira pessoa é tomado como entidade estritamente ficcional para relatar as experiências reais do autor, antes, durante e após essa viagem. A narração não linear e esférica dessa obra recorre ainda a citações diretas e indiretas de passagens basilares de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, autor cuja obra Semprun afirma atravessar toda a sua vida e de quem, possivelmente, toma de empréstimo a forma narrativa ficcional do seu relato testemunhal. Somente em 1994 é publicado *A escrita ou a vida*, o testemunho autobiográfico de Semprun sobre a sua experiência em Buchenwald, no qual rememora os seus questionamentos de jovem recém-liberto que, não pretendendo fazer um simples depoimento enumerativo dos sofrimentos e dos horrores vivenciados no campo de concentração, se afirmava ainda incapaz de imaginar uma estrutura romanesca em terceira pessoa para o seu relato. Constata, então, precisar de um “eu” narrativo que, nutrido com a sua experiência, porém ultrapassando-a, fosse capaz de nela inserir o imaginário e a ficção, que ajudariam a realidade a parecer real e a verdade a ser verossímil. Assim, a partir desse esgarçamento promovido pela obra de Semprun entre a ficção romanesca e o relato testemunhal, que torna indiscerníveis a experiência e a lembrança, a verdade e a ficção dos fatos, busca-se analisar a presença da forma estrutural da rememoração da escrita proustiana no procedimento pelo qual o romancista reveste pelo artifício da arte a verdade, por vezes, inimaginável e indizível do relato da sua experiência como refugiado de Buchenwald.

Referências: PROUST, Marcel. No caminho de Swann. Tradução de Mario Quintana. 3.ed. São Paulo: Globo, 2006. PROUST, Marcel. O tempo redescoberto. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2013. SEMPRUN, Jorge. A grande viagem. Tradução de Celina Cruz. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973. SEMPRUN, Jorge. A escrita ou a vida. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O TESTEMUNHO COMO RELATO SOBRE A ESCRAVIDÃO: UM ESTUDO DE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Geraldo Brandão Neto

Resumo: Maria Firmina dos Reis é uma personagem singular em nossa literatura. Superando as condições adversas de sua época (século XIX), a escritora maranhense apresentou uma obra que só

pode ser conhecida do grande público em virtude de ter sido descoberta anos mais tarde. Apresentando características do ambiente literário de sua época, o romance em si aborda uma perspectiva que o difere dos romances do período de sua publicação: a possibilidade dos personagens negros e escravizados falarem a partir da sua perspectiva em torno da escravidão como um sistema de opressão injustificável. A narrativa, portanto, apresenta um teor de testemunho no discurso empregado pela personagem Preta Susana, agente que verbaliza as consequências desse sistema como evento traumático para a população negra. Intérprete da violência causada pela escravidão, a personagem traduz o processo opressor a que fora imposta como um ato impossível de ser explicado. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo elucidar a representação da escravidão no romance de Maria Firmina dos Reis tendo como ponto de partida as influências teóricas de Márcio Seligmann-Silva (2003) sobre o Testemunho, assim como também se ampara nos estudos críticos sobre a obra da escritora maranhense com o intuito de analisar o debate sobre a escravidão e como este tema se encontra presente no romance.

Referências: REIS, M. F. dos. *Úrsula: um romance original brasileiro/ por uma maranhense*. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura*. Campinas: Unicamp, 2003. Sousa, Larissa Da Silva. *As mulheres do século XIX pelas narrativas de Maria Firmina dos Reis*. Quixadá. Dissertação de Mestrado. 2021

O NARRADOR CONTEMPORÂNEO REVELA-SE NO NARRADO POR ELE MESMO E NO MISTÉRIO DA TRANSCENDENTALIDADE

Gilmar de Azevedo

Resumo: Esta reflexão tematiza a relação do narrador, entre o narrado e a narração, no romance *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório (1977-), em relação a um tipo de narrador, e não "catalogado" que tem aparecido em obras de temática negro-brasileira, que aqui poderia ser chamado de "ogúnico". O objetivo é mostrar no romance as estratégias do narrador-protagonista-onisciente, filho – em 1ª pessoa, no diálogo com o pai já falecido, com efeito estético no disfarce na narrativa em 2ª pessoa, em jogo dialógico no espaço e no tempo, na presentificação de concepção africana, em pensamento e epistemologia, então, "ogúnica", no processo de onipresença do narrador. Para isso, recorreu-se a subsídios teóricos em Dalcastgnè (2012), Eco (1994), Fernandes (1996), também live com o autor em Aula Aberta em Programa de Pós-graduação. Como resultado nesta investigação, concebe-se que no processo narrativo neste romance, o narrador contemporâneo revela-se no narrado por ele mesmo e no mistério da transcendentalidade, haja vista que o orixá Ogum pode legitimar o narrador-personagem-onisciente, amarrando as pontas das existências dois protagonistas, pai e filho, em que o narrador, filho (e com a ajuda de Ogum, no diálogo com o pai já falecido) cumpre seu intento, o de entender a trajetória do pai e a sua, no universo em que ambos tiveram que compreender os conflitos internos e externos da pele e descobrir nas agruras da realidade o seu avesso.

Referências: BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971. CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976. COUTO, Mia. *A confissão da leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. DALCASTGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012, p. 75-107. EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Walternsir Dutra, São Paulo: Martins Fontes, 1983. ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. FALERO, José. *Os supridores*. Porto Alegre: Todavia, 2020. FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Martins-Livreiro, 1992. LIVE: AULA ABERTA. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF) - componente curricular "Literatura Contemporânea", ministrado pela Profª Drª Ivânia Campigotto Aquino. 7 abr. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_I5nY1bGXLk. Acesso em: 15 jul.2022. ROSENFELD, Katgryb.

João Guimarães Rosa: o contista de Sagarana. Brasil/Brazil. Porto Alegre: Mercado Aberto, n. 15, ano 9, 1997. SARTRE, Jean-Paul. O que é literatura? Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989. VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019. TENÓRIO, Jéferson. O avesso da pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

I WAS A CHILD OF HOLOCAUST SURVIVORS: A ADIÇÃO NA ADAPTAÇÃO DA MEMÓRIA.

Gustavo Reis Gonçalves

Resumo: I was a child of holocaust survivors é um testemunho de segunda geração da shoah, escrito pela artista canadense Bernice Eisenstein, filha de dois sobreviventes dos campos de concentração nazista, e lançado no ano de 2006, mais tarde foi adaptado para o audiovisual em 2010. O presente trabalho tem como objetivo a comparação das duas obras, o livro e curta-metragem, a fim de demonstrar e discutir as adições que foram feitas na adaptação e como elas nos oferece novas perspectivas no modo de olhar este testemunho. Sendo uma pesquisa bibliográfica, iremos utilizar alguns autores que tratam de modo pertinente aos temas que a pesquisa envolve. No que se diz respeito a questão do testemunho, em especial daqueles que não viveram, mas que permaneceram no local através da escuta, com Carlos Augusto Sarmento-Pantoja (2019), Jeanne Marie Gagnebin (2006) e Márcio Seligmann-Silva (2003). Para as questões de adaptação utilizaremos Linda Hutcheon (2011), Sandra Nitrini (2010), João Brito (2006), Helena Bonito Pereira (2021), dentre outros. Utilizando-se do método comparatista, comparando livro e curta-metragem, queremos refletir e discutir acerca de como as adições presentes na produção audiovisual podem mudar a perspectiva do modo ao qual observamos a narrativa apresentada. Também levaremos em consideração o público que a produção para as telas irá alcançar de modo mais eficaz, para a apresentação e discussão do tema shoah.

Referências: BRITO, J. B. Literatura no cinema. São Paulo: Unimarco, 2006. E-book EISENSTEIN, Bernice. I was a Child of Holocaust Survivors. – Ontario: McClelland & Stewart, 2007. FLEMING, Ann Marie. I Was a Child of Holocaust Survivors. Montreal: ONF/NFB, 2010. Disponível em: https://www.nfb.ca/film/i_was_a_child_of_holocaust_survivors/. Acesso em: 2 jan. 2023. HUTCHEON, L. Uma teoria da adaptação. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011. I WAS A CHILD OF HOLOCAUST SURVIVORS. Direção: Ann Marie Fleming. National film board of Canada. Montreal: ONF / NFB, 2010. National film board of Canada (site). JOLY, Martine (1994). Introdução à Análise da Imagem, Lisboa, Ed. 70, 2007. MATTOS, Cristine Fickelscherer de. Conceitos e práticas de literatura comparada/Cristine Fickelscherer de Mattos e Helena Bonito Couto Pereira. – São Paulo: Editora Mackenzie, 2021. 180.: il.; 23 cm. – (Coleção Conexão Inicial). NITRINI, S. Literatura comparada: história, teoria e crítica. São Paulo: Edusp, 2010. PANOFKY, R. (2018). "Memories Seeded in Longings": Na Interview with Bernice Eisenstein. Studies in Canadian Literature, 43(1). Retrieved from <https://journals.lib.unb.ca/index.php/SCL/article/view/28803>. SARMENTO-PANTOJA, A. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. Literatura e Autoritarismo, [S. l.], n. 33, 2019. DOI: 10.5902/1679849X35461. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes/ Márcio Seligmann-Silva (org.). - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

O OUTRO LADO DO TESTEMUNHO: A FIGURA DOS PERPETRADORES EM ARQUIVOS E FICÇÕES PÓS-DITATORIAIS

Isabela Cordeiro Lopes

Resumo: Nas ficções contemporâneas latinoamericanas observamos uma corrente de obras que abordam o tempo presente como o tempo do pós-ditadura, e que elaboram em suas narrativas estratégias de interrogação, investigação e elaboração desse passado que ainda se revela presente. Esses projetos literários se voltam com frequência para as vítimas das ditaduras, em buscas empreendidas por filhos de desaparecidos, presos, torturados e exilados, ou por eles próprios, acompanhando com isso as políticas de testemunho, arquivo e recuperação da memória que tiveram

lugar no pós-ditadura latinoamericano. Menos visível é a figura dos perpetradores dos crimes das ditaduras, seja em primeira pessoa, seja nas vozes da segunda geração. Dentre essas obras, entretanto, há um conjunto de ficções que articulam a experiência, particularmente complexa, dos próprios repressores, responsáveis por crimes contra a humanidade durante os anos das ditaduras. Voltado para as formas com que a literatura latinoamericana contemporânea tem elaborado formas narrativas a partir dessa perspectiva, este trabalho se detém sobre os romances chilenos “Múltipla escolha”, de Alejandro Zambra, “La dimensión desconocida” e “Space Invaders”, de Nona Fernández. Trata-se de três obras que articulam ficcionalmente casos e nomes reais da ditadura de Pinochet – General Manuel Contreras, Cabo Andrés Valenzuela e o Caso Degolados, respectivamente –, a partir de arquivos e testemunhos que, sob os “poderes performativos da ficção”, reconstróem a silenciosa vivência dos perpetradores e suas famílias no Chile ditatorial e pós-ditatorial. Daí o interesse deste trabalho em refletir, nessas obras, sobre as relações entre ficção e arquivo, as formas de construção narrativa de vozes e personagens, e os aspectos ficcionais e factuais dos registros testemunhais. Com isso, pretende-se desenhar um panorama a partir do qual possamos colocar em discussão as formas de figuração dos perpetradores e de seus filhos, alargando com isso a leitura que fazemos da literatura pós-ditatorial na contemporaneidade latinoamericana.

Referências: BASILE, Teresa. “Padres perpetradores: perspectivas desde los hijos e hijas de represores en Argentina”. Kamchatka, n. 15, pp. 127-157, jun 2020. BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. CHILE. “Entrevista a Manuel Contreras Valdebenito hijo del ex Director de la DINA”. Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, Archivo de Fondos y Colecciones. Acesso em jul 2022. COQUIO, Catherine. “‘C’est de là que je viens’: le mal de l’héritier”. In: Le mal de vérité ou l’utopie de la mémoire. Paris: Armand Colin, 2015. Versão digitalizada. DERRIDA, Jacques. Morada. Trad. Silvina Rodrigues Lopes. Viseu: Edições Vendaval, 2004. ELTIT, Diamela. A máquina Pinochet. Trad. Pedro Meira Monteiro. São Paulo: e-galáxia, 2017. FERNÁNDEZ, Nona. Space Invaders. Trad. Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Moinhos, 2021. FERNÁNDEZ, Nona. La dimensión desconocida. Santiago: Random House, 2018. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2009. JASPERS, Karl. A questão da culpa: a Alemanha e o Nazismo. Trad. Claudia Dornbusch. São Paulo: Todavia, 2018. JENCKES, Kate. Witnessing beyond the Human: addressing the alterity of the Other in post-coup Chile and Argentina. Albany, NY: State University of New York Press, 2017. KEHL, Maria Rita. “Tortura e sintoma social”. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Orgs.). O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010. RANCIÈRE, Jacques. As margens da ficção. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021. SALVI, Valentina; FELD, Claudia. “La construcción social de la figura del perpetrador: procesos sociales, luchas políticas, producciones culturales”. Kamchatka, n. 15, pp. 5-15, jun 2020. SARLO, Beatriz. Tempo Passado, cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhias das Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007. VIART, Dominique. “Le silence des pères au principe du «récit de filiation»”. Études françaises, vol. 45, n. 3, pp. 95-112, 2009. YO TORTURÉ: Entrevista de Andrés Valenzuela por Mónica Gonzales. Cauce, ano 2, n. 32, 23-29 jul 1985. ZAMBRA, Alejandro. Múltipla escolha. Trad. Miguel Del Castillo. São Paulo: Planeta, 2017.

A QUESTÃO DA TESTEMUNHA NOS ROMANCES DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Jeanine Geraldo Javarez

Resumo: Na pesquisa bibliográfica sobre a fortuna crítica de Chimamanda Ngozi Adichie não foi encontrado, até o momento, nenhum trabalho que verse sobre a temática do testemunho. Ainda que à primeira vista, a questão da testemunha se sobressaia no segundo romance publicado pela autora, Half of a Yellow Sun (2006), a partir da análise realizada, foi possível perceber que esse é um tema que perpassa também Purple Hibiscus (2003) e Americanah (2013), haja vista a preferência do autor implícito pelo ponto de vista de personagens que, de certa forma, sobreviveram. Seus relatos, por conseguinte, parecem ter o caráter de testemunhos, na medida em que se constituem a partir da lacuna deixada por aqueles que não puderam testemunhar. Nesse contexto, fica patente que a

construção narrativa dos romances estabelece um paralelo com os conceitos de testemunha, muçulmano e resto tal qual discutidos por Giorgio Agamben, em *O que resta de Auschwitz*. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo apresentar de que forma esses conceitos são mobilizados no romances e quais suas implicações no sentido geral da obra. Para tanto, foi utilizada como metodologia de análise a proposta de Wayne C. Booth em *A Retórica da Ficção*, em que se prioriza o texto literário a partir do método de close reading. Os resultados obtidos fazem parte da tese de doutoramento *Um estudo da retórica adichieana*.

Referências: ADICHIE, C. N. *Americanah*. London: HarperCollins Publishers, 2017. ADICHIE, C. N. *Americanah*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. ADICHIE, C. N. *Hibisco roxo*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. ADICHIE, C. N. *Purple hibiscus*. London: 4th Estate, 2017. ADICHIE, C. N. *Meio sol amarelo*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. ADICHIE, C. N. *Half of a yellow sun*. London: Harper Perennial, 2007. ADICHIE, C. N. *The danger of a single story*. 2009. 18 min. 43 s. son. color. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>, acesso em 17 ago. 2018. ADICHIE, C. N. *We should all be feminists*. 2017. 29 min. 29 s. son. color. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists/transcript>, acesso em 17 ago. 2018. AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. ALMEIDA, S. L. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1980. BAHARVAND, P. A. *The role of British missionaries in the rejection of Igbo religion and culture in Chimamanda Ngozi Adichie's Purple Hibiscus*. *Journal of Novel Applied Sciences*, v. 5, n. 2, p. 43-51, 2016. Disponível em: <<https://jnasci.org/wp-content/uploads/2016/04/JNASCi-2016-43-51.pdf>>, acesso em 04 ago. 2021. BOOTH, W. C. *A retórica da ficção*. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980. EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2011. FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. FANON, F. *The wretched of the earth*. Trad. Richard Philcox. New York, NY: Grove Press, 2004. RIBEIRO, D. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. TUNCA, D. *Ideology in Chimamanda Ngozi Adichie's Purple Hibiscus (2003)*. *English Text Construction*, v. 2, issue 1, p. 121-131, jan. 2009. Disponível em: <https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/16540/1/Tunca_Adichie_ETC.pdf>, acesso em 13 nov. 2019.

REENGAJAMENTO E TESTEMUNHO NA RECENTE POESIA BRASILEIRA

Marcelo Ferraz de Paula

Resumo: A pesquisa apresentada propõe discutir uma possível inflexão política na produção poética brasileira ao longo da última década. Esse quadro ganha nitidez ao ser comparado com as linhas mestras que marcaram a produção do final do século XX e início do século XXI, associadas ao desencanto com a ação social mais imediata, ao predomínio do refinamento estético de corte erudito, à ênfase na reflexão metapoética e ao insulamento (deliberado ou incômodo) do/a poeta no debate público. Tais marcas foram amplamente notadas e examinadas pela crítica literária do período, seja para questionar tal alheamento, vendo nele um recuo aristocratizante, seja para enaltecer a autonomia desejada pela poesia de então, liberada de patrulhamentos externos ao efetivo compromisso com a elaboração artística mais exigente. Os últimos anos trouxeram, por sua vez, a emergência de poéticas altamente comprometidas com movimentos de transformação social e denúncia das mazelas que marcam o Brasil atual. Nelas observamos, por exemplo, o retorno de certos temas abertamente sociais, da referencialidade explícita, do diálogo aberto com a história em curso, demonstrando uma forte disposição ao testemunho. Em suma, desejamos compreender alguns traços desse movimento de reengajamento da produção poética, suas estratégias de elaboração artística, seus canais de circulação e sua incipiente articulação com os movimentos

sociais. Pretendemos, assim, compartilhar a análise de alguns poemas emblemáticos dessa “guinada participante”, sem perder de vista seus desafios, limites e contradições.

REVENDO UM TESTEMUNHO: EM TORNO DA PEÇA KARTOTEKA (O FICHÁRIO), DE TADEUSZ RÓ?EWICZ

Marcelo Paiva de Souza

Resumo: No Herói nada típico que protagoniza Kartoteka (O fichário), peça do escritor polonês Tadeusz Ró?ewicz (1921-2014), publicada e pouco depois encenada pela primeira vez em 1960, críticos e estudiosos não tardaram a reconhecer alguns traços muito familiares, sem embargo da notável originalidade formal do antiteatro ró?ewicziano. Deitado em sua cama num quarto que se deixa atravessar pela rua, o protagonista da obra, de aparência e ocupação indefinidas, e até de idade e nome incertos – ora tem sete, ora quarenta anos; se chama Janek, mas também Kazio ou Henryk, Zdzis?aw ou Wiktor –, é um pouco ninguém e, conforme observou o pesquisador Jan B?o?ski, um pouco qualquer um: um ser humano entregue à inércia, ao acaso, à mediania, à insignificância. Mas o Herói de Kartoteka também está atrelado a um inequívoco pano de fundo histórico: a geração à qual ele pertence, assim como o próprio Ró?ewicz, é aquela que teve por quinhão a devastadora experiência da Segunda Guerra e de um áspero pós-guerra sob domínio soviético. No que a personagem faz e, mais ainda, em sua inação em cena, em suas falas e, mais ainda, talvez, no que ela balbucia ou cala, vão assim aflorando estigmas, feridas, e nessa perspectiva a peça como um todo se revela, segundo a precisa formulação de Grzegorz Nizio?ek, um “vivo organismo marcado pelo trauma”. O objetivo da presente comunicação é analisar Kartoteka em tal ordem de ideias, como um testemunho sui generis, como uma das realizações mais consumadas da “traumaturgia” ró?ewicziana, pondo em discussão sua duradoura potência, bem como, à luz das reflexões de Joanna Krakowska, seus sintomáticos pontos cegos.

Referências: Krakowska, Joanna. PRL: przedstawienia. Warszawa: IT/PIW/IS PAN, 2016. Kunz, Tomasz; Orska, Joanna (red.). Próba rekonstrukcji: szkice o twórczo?ci Tadeusza Ró?ewicza. Kraków: EMG, 2014. Nizio?ek, Grzegorz. Cia?o i s?owo. Szkice o teatrze Tadeusza Ró?ewicza. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2004. Nycz, Ryszard. Tadeusza Ró?ewicza "tajemnica okaleczonej poezji". In: _____. Literatura jako trop rzeczywisto?ci. Kraków: Universitas, 2001, p. 186-207. Ró?ewicz, Tadeusz. Kartoteka / Kartoteka rozrzucona. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1997.

ESTUDO SOBRE AS GERAÇÕES ALEMÃS ENVOLVIDAS NAS LEMBRANÇAS DA GUERRA, BASEADO NO LIVRO GESCHICHTE IM GEDÄCHTNIS, DE ALEIDA ASSMANN

Milena Hoffmann Kunrath

Resumo: Minha proposta apresenta o testemunho na Literatura sob o viés da perspectiva histórica entre as gerações. Partindo do fato histórico mais desconcertante da recente História da Alemanha, a Segunda Guerra Mundial, a pesquisadora Aleida Assmann classifica os alemães que foram afetados (de maneira mais ou menos próxima ou intensa) pela guerra, em 7 gerações não apenas por critérios biológicos, mas também sócio-histórico e culturais. Até hoje os episódios que circundaram a Segunda Guerra seguem sendo constantemente retomados. Novas notícias e suas conseqüentes implicações surgem, novos relatos são trazidos à tona, muitas vezes utilizando o gênero literário, transformando a visão de análise da história alemã recente. Fica contestada, assim, a noção de que o tema está esgotado ou de que a nação se reconciliou inteiramente com seu passado. No modelo utilizado por Aleida Assmann, as gerações que foram influenciadas pelos eventos da Segunda Guerra são divididas em: geração de '14, de '33, de '45, filhos da guerra (Kriegskinder), de '68, de '78, e de '85, dos quais as gerações de '33 e de '45 assumem maior relevo, pelo envolvimento direto nos acontecimentos da guerra. Tudo o que veio depois teve, de certa forma, uma forte relação com o passado sombrio da Alemanha. Na tensão entre memória individual e memória coletiva, os autores alemães compuseram suas narrativas individuais inspirados não apenas nos fatos que experienciaram, mas também nas percepções de sua geração.

Referências: ASSMANN, Aleida. *Geschichte im Gedächtnis: Von der individuellen Erfahrung zur öffentlichen Inszenierung*. München: Beck, 2007.

IMPOSSÍVEL CAPTURAR A MORTE

Moises Oliveira Alves

Resumo: Trata-se de analisar as proposições poéticas da artista Sophie Calle, especificamente, escritos e uma videoinstalação acerca da mãe. Em 2007, Calle posiciona uma câmera ao lado do leito de morte de sua mãe e com sua anuência, câmera e filha registram sua experiência de morte. A obra ganha a inscrição de "Impossível capturar a morte", devido a ausência de um pretense desfecho em que, finalmente, a morte se realiza, restando apenas a possibilidade de testemunhar. A princípio, nossa análise acolherá a questão do testemunho como uma noção performativa, conforme vemos em *Circonfissão* de Derrida (1996), quando o pensador argelino revisita e faz da sua "mãe morrendo", uma autocirurgia: trabalhar com a mão, isto é, rasgar, escrever para restaurar, abrindo, quando possível, novos campos de sensibilidade, portanto de criação e vitalidade. Tal gesto de estar diante do desaparecimento de uma mãe, solicita da artista convocada a habilidade em responder ao acontecimento através de uma proposição, indecidivelmente, poética, clínica e de pensamento, pois o que move Calle é certa habilidade de transfigurar aquilo que nos alcança em obra, à medida em que colonizar as forças que nos tomam de assalto, é um de seus modos radicais de usar o que chamamos de suas micropolíticas da delicadeza. Ao criar uma imagem-fantasma, a morte de sua mãe, Calle cria uma espécie de espectografia cujos personagens - mãe e filha - desenham cenas e afasias de difícil catalogação, além de dizer aquilo que histórias da literatura e das artes visuais consideram indizível, e por não se entregar totalmente às nossas capacidades de registro, insistem que sejam ditas, sobretudo quando exigem do corpo forças infamiliares, a ponto que ele invente para si mesmo outro idioma e presença para capturar eventos cotidianos, e por esta razão, perigam tornar-se incapturáveis, como a morte de uma mãe.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. CALLE, Sophie. *True stories*. Actes Sud, Paris, 2017. BATAILLE, Georges. *Minha Mãe*. São Paulo: Brasiliense, 1985. DERRIDA, Jacques, BENNINGTON, Geoffrey. *Circonfissão*. São Paulo: Zahar, 1996. DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível*. Florianópolis: UFSC, 2012. DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2013. GIL, José. *Abrir o Corpo*. (in) FONSECA, Tania Mara Galli. *ENGELMAN, Selda. Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2004. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. Rio de Janeiro: PUC/Contraponto, 2010. LEVI, Primo. *O fabricante de si mesmo*. In: 71 contos de Primo Levi. Trad. Maurício Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. NANCY, Jean- Luc. *Demanda: literatura e filosofia*. Florianópolis: Argos, 2016.

NARRATIVA JUVENIL E TEOR FORMATIVO-TESTEMUNHAL EM O VOO DA ARARA AZUL

Mônia Franciele de Souza Dourado

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise da narrativa juvenil *O voo da arara azul* (2007), da escritora goiana Maria José Silveira nas chaves do testemunho, (Selligmann-Silva, 2003, 2008, e Marco, 2004) e do romance de formação (Maas, 2000 e Moretti, 2020), além das questões relativas à memória (Pollak, 1989, e Ricoeur, 2007), que se configuram na obra de modo relevante. A trama se delineia a partir das vivências de André, garoto de 13 anos que mora em um bairro de classe média, mas que têm sua adolescência inevitavelmente marcada pela truculência do período ditatorial brasileiro. Ao conhecer Lia, sua nova vizinha, André passa a viver por ela uma paixão platônica, mesmo sabendo que ela é casada. Então, através de sua convivência com Lia, o protagonista acaba por adentrar em mundos os quais até então desconhecia: o da resistência política, e consequentemente o da repressão. Então, através do frenesi do primeiro amor, além dos percalços e fraturas de vida causados pelo trauma, André vai se formando física e mentalmente. Seu

amadurecimento é pautado por um episódio sombrio da história do país, que é trazido à tona em uma narrativa voltada ao público jovem. Nesse sentido, é possível observar que o papel da memória torna-se essencial para conscientizar as novas gerações acerca de fatos históricos que não podem cair ao esquecimento, uma vez que o ato de rememorar não se restringe a não esquecer o passado, mas também deve contemplar o agir sobre o presente, como atesta Gagnebin (2009). Desse modo, a narrativa de Silveira culmina em uma possibilidade de ressignificação de tais eventos históricos e de instrução formativa para jovens leitores, que assim como André, passam por um processo de emancipação e compreendem o poder da resistência.

Referências: GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar Esquecer Escrever. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2009. MAAS, Wilma Patricia. O cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2000. MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. Revista Lua Nova, Rio de Janeiro, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em . Acesso em 20/01/2014. MORETTI, Franco. Romance de formação. Trad. de Natasha B. Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020. POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François et al. Campinas: São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. _____ Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psic. Clin, Rio de Janeiro, vol. 20, N. 1, p. 65-82, 2008. SILVEIRA, Maria José. O voo da arara azul. São Paulo: Callis, 2007.

POESIA E SUBLIMAÇÃO NO CÁRCERE POLÍTICO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Nelson Martinelli Filho

Resumo: O encarceramento de militantes e opositores à ditadura militar foi um dos traços mais nefastos do regime que perdurou de 1964 a 1985. A crueldade dos instrumentos e das técnicas de tortura, que mantiveram as vítimas sistematicamente à beira da morte – a própria e a de seus companheiros e familiares –, resultou em intensa violência psíquica, conforme se observa em variados registros, como depoimentos, relatos, cartas etc. Além das formas narrativas tradicionais, os presos pelos órgãos militares também produziram um relevante número de poemas, tanto no período de clausura, escritos e conservados de maneira clandestina, quanto em liberdade pós-prisão. Entendendo a produção poética como um reendereço pulsional na economia psíquica, em especial num contexto de sobrevivência às graves violações de direitos humanos básicos, a proposta deste trabalho é revisitar o tema da sublimação, discutido em cotejo com as contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan sobre o tema, na leitura de poemas produzidos por presos políticos durante a ditadura militar brasileira, a partir da obra de poetas como Alex Polari, Alípio Freire, Gilney Viana, Lara de Lemos e Pedro Terra. A fundamentação teórica se ancorará principalmente nos postulados da psicanálise e na teoria da literatura de testemunho, em diálogo com debates da historiografia e da filosofia.

Referências: BIRMAN, Joel. Fantasiando sobre a sublime ação. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação. Rio de Janeiro: Imago, 2002. FREUD, Sigmund. A fixação no trauma, o inconsciente. In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 364-381. LACAN, Jacques. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960). Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. LACAN, Jacques. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). 2. ed. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. LEMOS, Lara de. Poesia completa I. Porto Alegre: EDIPUCRS/Movimento, 2017. RIVERA, Tania. O avesso do imaginário: arte contemporânea e a psicanálise. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória, literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. TIERRA, Pedro. Poemas do povo da noite. São Paulo: Editorial Livramento, 1979. VIANA, Gilney. Poemas (quebrados) do cárcere. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

TORNADO, DE TERESA NORONHA: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Ricardo Luiz Pedrosa Alves

Resumo: Tornado (2021), narrativa da moçambicana Teresa Noronha, explora a intersecção de memória e história a partir de um duplo luto: o irmão suicidado e o fim da condição colonial no país africano. O romance, premiado em Portugal e finalista do Oceanos em 2022, é narrado em primeira pessoa e se desenvolve a partir de (im)possíveis explicações para a morte do irmão e para a mudança política em Moçambique. Não há respostas definitivas, na medida em que o testemunho evita a hipertrofia histórica tão comum às obras pós-coloniais em nome da hesitação e da oralização do depoimento, dirigido a um interlocutor impossível, pois suicidado. Os absurdos, o do suicídio e o da violenta transição para a condição nacional em Moçambique, entrelaçam história íntima e familiar e história pública. Além disso, o romance ultrapassa o escopo nacional, pois a memória é vivida num caleidoscópio de múltiplas geografias (a africana e a europeia) e identidades (a portuguesa, a moçambicana, a goesa), tratando também da relação entre a subjetividade e a sexualidade femininas. Considerando que o romance se assenta sobre uma narrativa não-linear, permeada por fragmentos, elipses e retomadas, a comunicação abordará tais vazios e hesitações de modo a ressaltar a complexidade do testemunho presente em Tornado. Essa complexidade tem implicações na própria percepção histórica, pois desessencializa as posições da situação colonial e as identidades pessoais e coletivas nela envolvidas.

Referências: CAN, Nazir Ahmed. O campo literário moçambicano. Tradução do espaço e formas do insílio. São Paulo: Kapulana, 2020. NORONHA, Teresa. Tornado. Porto: Editora Exclamação, 2021. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

O TESTEMUNHO EM MACHADO DE ASSIS E GUIMARÃES ROSA

Rízia Lima Oliveira, Andressa dos Santos Vieira

Resumo: A literatura costuma manter um laço estreito com a história e as vivências de um povo, possibilitando que as experiências dos sujeitos sejam rememoradas e repassadas ao outro através do texto literário. No que diz respeito à relação do autor com o testemunho, este permite que um discurso seja construído a partir de uma base histórica ou ficcional, mas, não como a representação fiel de um determinado fato ou acontecimento, uma vez que o resgate memorialístico dá conta de trazer à tona apenas fragmentos dessas experiências. Desse modo, ao ponderar o testemunho enquanto a configuração do escritor e de sua obra ou como um dispositivo para a construção de uma narrativa, é possível aproximar esse conceito da obra de textos considerados canônicos. Pensando nisso, este trabalho propõe uma análise dos textos Autores entre o testemunho e o arquivo, de Regina Zilberman, publicado na revista Patrimônio e Memória, e Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional, de Márcio Seligmann-Silva, publicado na revista Alea: Estudos Neolatinos, ambos no ano de 2009, a fim de compreender a relação entre o testemunho e as obras de dois expoentes da literatura brasileira como Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) e João Guimarães Rosa (1908-1967), tendo em vista as particularidades de cada autor e as características da época a qual pertence. O aporte teórico contará com estudos de autores como Giorgio Agamben, Jaime Ginzburg, entre outros.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Bointempo, 2008. CANDIDO, Antonio. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. Campinas: Autores Associados, 2013. GLEDSON, John. Machado de Assis e a História do Brasil: algumas especulações. In: _____. Machado de Assis: ficção e história. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 293-318. ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. SALGUEIRO, Wilberth (Org.). O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências. Vitória: Edufes, 2011. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a

construção e a ficção. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 105-118. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. Alea: Estudos Neolatinos [online]. 2009, v. 11, n. 1 [Acessado 8 Janeiro 2023], pp. 130-147. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-106X2009000100011>>. Epub 13 Out 2009. ISSN 1807-0299. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2009000100011>.

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: APONTAMENTOS SOBRE MAREMOTO, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Rosângela Sarteschi

Resumo: Para Beatriz Sarlo (2007), o passado “continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. Não se prescinde do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato de vontade. O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente.”. Tendo em vista tal reflexão, essa comunicação pretende problematizar questões como memória, história, violências e apagamentos, independências africanas e seus desdobramentos na sociedade portuguesa contemporânea no romance *Maremoto* (2021), da escritora afro-lusitana, Djaimilia Pereira de Almeida. A autora demonstra, entre outros temas, que a presença incontornável de imigrantes africanos – assim como a de colonos retornados – depois das independências e do fim da ditadura salazarista-marcelina com o 25 de abril traz uma memória penosa e explosiva que, como pontua Margarida Calafate Ribeiro (2004), a jovem democracia lusitana ansiava por esquecer. Acompanhamos, narração em primeira pessoa, a trajetória de Boa Morte da Silva, imigrante assimilado guineense, que lutara junto ao exército colonial, tentando, pelas cartas que escreve à filha em Bissau, escapar de uma existência destrozada, invisível e, sobretudo, indesejada e, com isso, desnuda toda a tirania e atrocidade do passado colonial ainda não superado.

Referências: ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Maremoto*. Lisboa: Relógio d'Água, 2021. RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma História de Regressos - Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004. SARLO, Beatriz. “Tempo passado” In: *Tempo passado - cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 9.

ENTRE MORDAÇAS E SIMULACROS – O PACTO ENTRE LITERATURA E IMPRENSA NOS ANOS 70

Sueli Funari

Resumo: A presente comunicação propõe uma reflexão acerca da produção literária referente aos anos subsequentes ao golpe militar no Brasil, de 1964 – e que se estende pelos anos 70 e 80 – expressivamente ocupada por uma literatura de denúncia político-social, que assumiu a incumbência ética de preencher os espaços jornalísticos da imprensa silenciada pelo AI-5. A ditadura militar (1964-1985) instituiu no Brasil um regime de exceção, que teve como resposta da sociedade brasileira um período bastante fértil para as manifestações artísticas. E neste contexto, há que se ressaltar a colaboração decisiva da imprensa para o florescimento de uma geração literária composta por escritores que mantinham uma interface com o jornalismo cuja simbiose desempenhou importante papel de resistência contra o regime ditatorial brasileiro. Desta forma, o referido binômio literatura-jornalismo concentra algumas inquietações. Primeiramente, destacamos as aproximações e divergências sobre a questão da dupla autoria, de jornalista e de autor. O que nos faz questionar como se estabelece a fronteira entre o literário e o jornalístico e também de que forma os dois gêneros confluem. Outra instância de investigação tem como escopo a questão do vínculo imanente que se operou entre literatura, experiência e testemunho, haja vista a transformação do cotidiano dos jornais em matéria-prima literária.

Referências: Como aporte teórico para essa questão, estabelecemos um diálogo entre dois autores: Walter Benjamin, em “Sobre alguns temas em Baudelaire”, que tece aporias sobre a narrativa e a sua natureza intrínseca de transcender à mera veiculação de um acontecimento, cuja mediação do

narrador adquire a instância de transmissão de experiência aos ouvintes. Em paralelo, discutiremos alguns aspectos presentes em “Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)”, cuja análise da literatura argentina dos anos 70 registra a indissociabilidade entre literatura e experiência.

GRACILIANO RAMOS E A RECEPÇÃO ENCARCERADA

Susana Souto Silva

Resumo: Este texto apresente parte de uma pesquisa acerca das relações entre escrita literária, recepção e testemunho, na obra de Graciliano Ramos. Em seu livro de memórias, o autor alagoano dedica significativo espaço para reflexões acerca da escrita e recepção do seu terceiro romance, *Angústia*, publicado enquanto ele estava preso, em 1936, devido ao trabalho incansável de sua esposa, Heloisa Ramos, e da atuação de amigos escritores e editores. A partir da análise dos trechos de *Memórias do cárcere* (1953) nos quais Graciliano aborda a sua própria obra, pretende-se discutir como e por que o autor de *Vidas secas*, ao escrever suas memórias do período que passou na prisão, resgata diálogos com outros presos que comentam seu terceiro e mais controverso romance. Na rememoração desses diálogos, Graciliano revela-se um crítico implacável da sua própria obra, aproximando-se de algo que é comum aos seus narradores protagonistas autores, como Paulo Honório e Luís da Silva: a ausência de qualquer traço de autocomplacência. Assim, nas páginas de *Memórias do cárcere*, esse longo livro inconcluso, encontra-se, além de um contundente testemunho dos horrores da prisão política e de comoventes relatos de amizades, uma sofisticada reflexão sobre as relações entre ficção, autobiografia e história, bem como sobre a escrita e a recepção do texto literário. Como referências teóricas, para a elaboração desta comunicação, destacam-se Benjamin (1998), Gagnebin (1997, 2006) e Seligman-Silva (2005), além da fortuna crítica do mais célebre preso político da Era Vargas.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. São Paulo: Editora 34, 1992. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006. RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Record, 1998. SELIGMAN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: Ensaio Sobre Memória, Arte, Literatura e Tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

O TESTEMUNHO EM RASURAS: A FICÇÃO SOBRE A GUERRA DE CANUDOS NO SÉCULO XXI

Tarcísio Fernandes Cordeiro

Resumo: O famoso epílogo de “Os Sertões” registrou: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda história, resistiu até o esgotamento completo” (CUNHA, 2016, p. 549). O tratamento heroico dispensado, por Euclides da Cunha, aos camponeses que combateram as forças federais não deixa de ser propício para representar, no contexto atual, as estratégias de preservação da memória empreendida pela literatura. A narrativa do grande escritor produziu um efeito estático figurativo, a exemplo da cortina de Parrásio, silenciando outras vozes testemunhais sobre o conflito no belo quadro dramático de destruição e morte. Mas, a história se (re)faz com o tempo. A (re)interpretação teórico-literária da guerra de Canudos passa a se alimentar da oralidade, manifesta nos registros poéticos, capaz de subsidiar uma produção ficcional que absorve o universo sertanejo em sua representação e contribui para preservar e/ou atualizar símbolos e memórias do passado. Isso revela o quanto as forças populares são eficazes para o (re)estabelecimento de interpretações mais próximas do seu cotidiano. Na presente comunicação pretende-se discutir algumas rasuras testemunhais presentes em narrativas sobre a Guerra de Canudos no século XXI, a exemplo das obras “Canudos: a quinta expedição” (2002), de Oleone Coelho Fontes; “Antônio Conselheiro”, de Guilhon Loures (2004); “Luzes de Paris e o Fogo de Canudos” (2006), de Ângela Gutiérrez; e “O pêndulo de Euclides” (2009), de Aleilton Fonseca. Com isso, pretende-se verificar estratégias distintas de tensionamento do cânone euclidiano, em publicações da primeira década desse século, que incluem vozes deslegitimadas no clássico. Tais enredos servem, portanto, de reserva para o manancial simbólico e cultural que se caracteriza no (re)significar e (re)memorar próprio do imaginário popular

que é constituído por memórias dissintâneas capazes de assegurar novos/velhos significados para o conflito e seus desdobramentos na cena contemporânea.

Referências: CUNHA, Euclides da. Os sertões: campanha de Canudos. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu, 2016. FONSECA, Aleilton. O pêndulo de Euclides. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. FONTES, Oleone Coelho. Canudos: a quinta expedição. 2. ed. Salvador: Ponto & Vírgula, 2002. GUTIÉRREZ, Angela. Luzes de Paris e o Fogo de Canudos. Fortaleza: Edições UFC, 2006. LOURES, Guilhon. Antônio Conselheiro. Brasília: LGE, 2004.

ECOS DO HOLOCAUSTO NO BRASIL: UMA LEITURA DE CONTOS DE MEIR KUCINSKI E BERNARDO KUCINSKI

Weverson Dadalto

Resumo: Uma parte dos contos do escritor da língua iídiche Meir Kucinski, judeu polonês que se refugiou no Brasil pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, foi traduzida e publicada na coletânea Imigrantes, mascates & doutores (2002). A seção intitulada “Ecos do Holocausto” reúne relatos ficcionais da recepção horrorizada, no Brasil, de notícias e de sobreviventes do genocídio perpetrado pelos nazistas na Europa. Os principais recursos empregados pelo autor, frente à inenarrabilidade da catástrofe, são o deslocamento narrativo e a sugestão da impossibilidade de compreensão, por parte dos judeus que antes haviam migrado para o Brasil, do que ocorreu com conterrâneos na Polônia. A biografia e as obras literárias de Meir Kucinski constituem a inspiração principal para a elaboração do protagonista do romance K., do ficcionista brasileiro Bernardo Kucinski (2011), que também dialoga com a memória familiar e as obras literárias do pai em contos reunidos na seção “Judaica” de A cicatriz e outras histórias (2021). Nesses relatos, o trauma interfere especialmente na memória familiar impedida e no desarraigamento das novas gerações de herdeiros de uma história brutalmente interrompida pela barbárie. Com fundamentação em estudos historiográficos e críticos de Jacó Guinsburg (1996), Regina Igel (1997) e Nachman Falbel (2008), além de considerações teóricas de Hannah Arendt (1999, 2012) e Judith Butler (2017, 2021), esta comunicação pretende oferecer uma breve leitura comparativa entre contos de Meir e Bernardo Kucinski, escritores de gerações diferentes que testemunharam, cada a um a seu modo, o horror do Holocausto a partir das perspectivas dos imigrantes judeus no Brasil e dos filhos dos sobreviventes.

Referências: ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. _____. Origens do totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. BUTLER, Judith. Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do judaísmo. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2017. _____. A força da não violência: um vínculo ético-político. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021. FALBEL, Nachman. Judeus no Brasil: estudos e notas. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008. GUINSBURG, Jacó. Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro iídiche. São Paulo: Perspectiva, 1996. IGEL, Regina. Imigrantes judeus/ escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 1997. KUCINSKI, Bernardo. K. São Paulo: Expressão Popular, 2011. _____. A cicatriz e outras histórias: (quase) todos os contos de B. Kucinski. São Paulo: Alameda, 2021. KUCINSKI, Meir. Imigrantes, mascates & doutores. Organização, seleção e revisão de tradução de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz. Tradução de Genha Migdal et al. Cotia: Ateliê, 2002.

O TESTEMUNHO EM “POEMA DOS PORQUÊS” (2019), DE LAURA CONCEIÇÃO

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro

Resumo: Há dezenas de perguntas em “Poema dos porquês”, de Laura Conceição, publicado em Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta (São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, p. 87-88), com organização de Mel Duarte, entre as quais: “Por que o rap feminino não tem visibilidade? Me diz, por que posso apanhar se namoro uma mulher? Quando o filho nasce, por que o pai mete o pé? Por que a mulher que elegi não pode mais governar? Me diz: por que mulheres morrem só por

terem vagina? E ainda mais mulheres morrem por não terem vagina?” Por que tantas perguntas? Tais perguntas talvez venham do histórico “peso do silenciamento” (Mel Duarte) imposto às mulheres. Na ausência de políticas que respondam totalmente ou em parte aos problemas listados no “Poema dos porquês”, resta aos poetas se postarem como porta-vozes de tanta injustiça. Estendo a reflexão de Márcio Seligmann-Silva dirigida aos perseguidos na ditadura brasileira aos perseguidos em nosso dia a dia: “Trata-se de uma luta que ainda não conquistou a sociedade e que está muito dependente de iniciativas das vítimas” (A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. Campinas: Ed. Unicamp, 2022, p. 198). Nesse poema, mulheres, mendigos, crianças, transexuais são vítimas de machismo, racismo, exploração, abandono, assédio, preconceito, misoginia, golpe, violência, estupro, assassinato. Laura Conceição assume sem temor o teor testemunhal da poesia. Suas performances em Tempos efêmeros (2018) dão mostra não só de sua vitalidade e inteligência, de sua crítica engajada e bem elaborada, mas também de suas companheiras, na luta pela voz, pela autonomia, pela diferença. A comunicação se propõe a analisar esse poema à luz do testemunho, considerando ainda os ensaios “Quando cantam os pensamentos (a pergunta como canto)”, em Anseios crípticos (1986), de Paulo Leminski, e “Valores modernos”, em Altas literaturas (1996), de Leyla Perrone-Moisés.

Referências: CONCEIÇÃO, Laura. Poema dos porquês. In: DUARTE, Mel (org.). São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, p. 87-88. LEMINSKI, Paulo. Quando cantam os pensamentos (a pergunta como canto). Anseios crípticos. Curitiba: Edições Criar, 1986, p. 81-84. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Valores modernos. Altas literaturas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 143-173. SELIGMANN-SILVA, Márcio. A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. Campinas: Ed. Unicamp, 2022, p. 198.

SIMPÓSIO “LITERATURA, PERIFERIA E EXPRESSÕES DA CULTURA NEGRA NO BRASIL”

Coordenadores: Jorge Augusto de Jesus Silva (UESB/IF Baiano), Silvana Carvalho da Fonseca (UFRB) e Fernanda Felisberto da Silva (UFRRJ)

SENTIDO DA POESIA EM CONCEIÇÃO EVARISTO E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa

Resumo: A proposta dessa comunicação é pensar a concepção de poesia fazendo um jogo entre o texto poético de abertura da obra Poemas da recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo, e o poema intitulado Poesia, de Carlos Drummond de Andrade. Percebemos que a relação que as subjetividades poéticas nos poemas estabelecem com o que identificam ser a poesia é fundamentalmente diverso, senão mesmo antípodas. Nessa comunicação vou abordar os contornos dessa diferença em relação às categorias de gênero e raça e tempo, trabalho, escassez e liberdade. Surge daí uma meditação entre estética e política já presente mesmo nos poemas dessas duas grandes vozes da poesia brasileira. A ideia dessa proposta surgiu dos estudos que tenho realizado no âmbito do grupo de pesquisa Literatura e corpo que lidero no Poslit/UnB. A pesquisa no grupo alia uma abordagem de um feminismo afro-latino-americano agora profundamente inspirado em Lélia Gonzales e Beatriz Nascimento, com a construção de um olhar crítico sobre o ensino, a história e a crítica literária. Nossas principais referências são Conceição Evaristo (1996) e Cuti (2010) que argumentam longamente sobre a cumplicidade entre o projeto de nação dominante e as formulações que ordenam as estruturas simbólico-discursivas e o imaginário, daí a relação íntima entre os cânones e um projeto de nação que sustenta o patriarcalismo e os racismos de práticas institucionais e cotidianas em todas as áreas da vida.

Referências: Barossi, Luana. (Po)éticas da escrevivência. Estud. Lit. Bras. Contemp. [online]. 2017, n.51, pp.22-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018512>. Disponível em <https://www.scielo.br/j/elbc/a/6BGQKVnCPZFQS4TF4PYc74H/abstract/?lang=pt>, acesso em 30/11/2021 Carreira, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos. v. 15, n. 28, p. 127-137, 2018. Disponível em <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-denise-carreira.pdf>,

acesso em 30/11/2021 Cuti (Luiz Silva). Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. Evaristo, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da PUC/RJ. Mestre em Literatura Brasileira, Data da defesa 8/2/1996. Evaristo, Conceição. Poemas Malungos: Cânticos Irmãos. Tese de doutorado em Literatura Comparada. Instituto de Letras, UFF, Orientadora Laura Padilha. Abril, 2011. Gonzáles, Le?lia Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, Revista Cie?ncias Sociais Hoje, 223-244, 1984. Gonzales, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

REPRESENTAÇÃO DO TERREIRO DE TAMBOR DE MINA PELA POÉTICA E RESISTÊNCIA DE BRUNO DE MENEZES

Állan Sereja dos Santos

Resumo: As religiões afro-brasileiras são manifestações fundamentais para a arte afro do país, inclusive para a Literatura Afro-brasileira, a qual traz uma representação contraposta aos discursos e ações racistas/colonizadoras. Por exemplo, a obra Batuque (1931), do afro-amazônico Bruno de Menezes, na qual há poemas que expressam a religiosidade negra, em destaque, o Tambor de Minas. Este estudo tem o objetivo de verificar como o Bruno de Menezes, por meio da literatura, contribuiu para a resistência dos terreiros às opressões vividas pela afro-religião no Brasil. Com isso, analisará o poema “Toiá Verequetê”, presente em Batuque, neste, narra-se a incorporação do vodum Toia Verequete em uma mãe de santo, num terreiro, sendo uma representação detalhada de elementos do Tambor de Minas. Para realizar a análise, será visto os aspectos (voz autoral; temática; ponto de vista; linguagem; público) da Literatura Afro-brasileira (DUARTE, 2010), tendo como base os conhecimentos dos elementos do Tambor de Mina, ressaltados em estudos das Ciências da Religião (FERRETTI, 1996; VERGOLINO, 2003; LUCA, 2010; VALCACIO, 2022), sendo algo possível pela Literatura Comparada (CARVALHAL, 1991). Ao observarmos as mudanças, feitas por Bruno, da 1ª edição (1931) para a 2ª edição (1939) de Batuque - como a inclusão de poemas, fazendo com que a obra manifesta-se mais a cultura negra, popular e da periferia (SANTOS E FURTADO, 2018), e o contexto sócio-histórico da época da reedição, no qual os terreiros da cidade de Belém (PA) eram reprimidos pela polícia e pelo Estado -, percebemos que o literato tinha um viés político e identitário que o fez somar com a luta contra o racismo religioso e opressões do poder público. Assim, ele é um poeta negro da periferia de Belém que não apenas representou em sua poética o Tambor de Mina, como, utilizou o seu fazer literário como uma resistência às repressões.

Referências: CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. Revista brasileira de literatura comparada, v. 1, p. 9-21, março. 1991. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/181303>. Acesso 04 jan 2023. DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Terceira Margem, v. 14, n. 23, p. 113-138, julho/dezembro 2010. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/tm/article/view/10953/8012>. Acesso 04 jan. 2023. FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na Guma: O caboclo no Tambor de Mina, processo de mudança de um terreiro de São Luís: a Casa Fanti-Ashanti. São Luís: EDUFMA, 1996. LUCA, Taissa Tavernard de. “Tem branco na guma”: A nobreza europeia montou Corte na Encantaria Mineira. 2010. 260 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará. Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2010. MENEZES, Bruno. Obras completas de Bruno de Menezes. 1 ed. Belém: Secretaria Estadual de Cultura, 1993. SANTOS, Josiclei de Souza; FURTADO, Marli Tereza. Batuque, de Bruno de Menezes: obra poética modernista antecipando a negritude. Littera Online, n. 16, p. 16-31, 2018. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/233150837.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2022. VALCACIO, Naiara Larissa Raiol. Memória, transe e sincretismo: ensaio sobre as narrativas do poema “Toia Verequete” de Bruno de Menezes. 2022. 28 f. Monografia (Licenciatura em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação,

Belém, 2022. VERGOLINO, Anaíza. Os Cultos Afro no Pará. In: FONTES, Edilza Joana (org.). Contando a História do Pará Vol. III: Diálogos entre a Antropologia e a História. Belém: Emotion, 2003.

NAS ENCRUZILHADAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: CARTOGRAFIA DA POETICIDADE NA OBRA ANTOLOGIA PESSOAL

Carolina dos Santos Ferreira

Resumo: Esta pesquisa objetiva investigar o projeto estético e poética de Carolina Maria de Jesus em seu livro *Antologia Pessoal* (1996), partindo da cartografia das manobras do discurso poético e análise dos poemas presentes na obra, ancorada no estudo das teorias da poética. Procurando apreender de que forma se dá a experiência estética da autora, a partir de do tensionamento de duas correntes teóricas: o canônico e sua ruptura a partir do operador conceitual da encruzilhada. Pretende-se compreender como a linguagem poética de Carolina de Jesus alavanca o processo de desenraizamento do ser, e, a partir de sua poeticidade, rompe com o pensamento hegemônico dominante e se amalgama as poéticas negras. Conceito, aqui tecido a partir do pensamento da bell hooks, sendo a poesia contemporânea um movimento de dissociação e anacronismo com seu tempo ao passo que permite outras formas de ser, fora da subjetividade forjada no sistema hegemônico. Propomos, a fim de refletir sobre o conceito tradicional de poética colocando em diálogo as noções teóricas de bell hooks (1997, 1999, 2012), Dénètem Touam Bona (2020), Édouard Glissant (2011). Edmilson de Almeida Pereira (2022), Leda Maria Martins (2021) e Katherine McKittrick (2021). Para uma poética que vá além da relação de opressão e resistência nas produções negras, é preciso observar a relação que se dá a partir dos nós da encruzilhada para poéticas que brotam do estável e instável, do desvio de muitas outras poéticas, contra narrativas que inauguram saberes. Poéticas negras requerem práticas de leitura que considerem as vidas negras como criativas.

Referências: AURELI, Willy. Carolina Maria, poetiza preta. Folha de S.Paulo, São Paulo, 25 fev. 1940. p. 3 BELO, Fábio. *Psicanálise e Racismo: interpretação a partir de Quarto de Despejo*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2018. BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020. BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019. CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Introdução: Rizoma*. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 1*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autêntica, 2021. EVARISTO, Conceição. *Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus*. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria volume1*. Osasco (SP): Companhia das Letras, 2021. FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. FERNANDEZ, Raffaella Andréa. *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2015. GLISSANT, Édouard. *Línguas e linguagens*. In: *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Abergara Rocha. Juiz de fora: URJF, 2005. GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Trad. Marcela Vieira; Eduardo Jorge Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. HOOKS, bell. *Appalachian elegy: poetry and place*. Kentucky: University Press of Kentucky, 2012. HOOKS, bell. *Remembered rapture: the writer at work*. Nova Iorque: Holt Paperbacks, 2012. HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019. HOOKS, bell. *Wounds of passion: a writing life*. Nova Iorque: Holt Paperbacks, 1997. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 6. ed. Tradução de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1985. JAKOBSON, Roman. *Poesia da gramática da poesia*. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística, poética e cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 65-70. JAKOBSON, Roman. *Question de poétique*. Paris: Seuil, 1973. JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Organização José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996. JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria volume1*. Osasco (SP): Companhia das Letras, 2021. JESUS, Carolina Maria de. *Clíris: poemas recolhidos*. Rio de Janeiro: Desalinho Publicações, 2019. LEVINE, Robert M. *The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus*. Latin

American Research Review. v. 29, n. 1, 1994. p. 55-83. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). Performance, exílio, fronteira: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo, Perspectiva, 2021. MCKITTRICK, Katherine. Dear Science. Durham: Duke, 2021. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. Cinderela Negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus. Minas Gerais: Bertolucci, 2015. MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013. NOGUEIRA, Isildinha Baptista. A cor do inconsciente: significações do Corpo Negro. São Paulo: Perspectiva, 2021. PAZ, Octavio. O Arco e a lira. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Em Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo. 2022. PERPÉTUA, Elzira Divina. Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo de Despejo. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2000. PERPÉTUA, Elzira Divina. A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. PIETRANI, A. M. . Carolina Maria de Jesus – Clíris: poemas recolhidos. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 62, p. 1–4, 2021. DOI: 10.1590/2316- 40186217. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37483>. Acesso em: 7 set. 2022. RICH, Adrienne. When We Dead Awaken: writing as revision. In: GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan (Org.). Feminist Literary Theory and Criticism: A Norton Reader. New York: W. W. Norton, 2007. p. 188-200. 1971. SILVA, Assunção de Maria Sousa e (et al.) (Org.). Miriam Alves plural: teoria, ensaios críticos e depoimentos. São Paulo: Editora Fósforo, 2022a. SILVA, Vinícius da. Fragmentos do porvir. Rio de Janeiro: Apeku Editora, 2022b. SILVA, Jorge Augusto. Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso. In: SILVA, Jorge Augusto (Org.). Contemporaneidades Periféricas. Salvador: Segundo Selo, 2018. SOUZA, Heleine Fernandes. A Poesia Negra-Feminina: de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Malê, 2020. VALÉRIO, Amanda Crispim Ferreira. A poesia de Carolina Maria de Jesus: um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, 2020. VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: VALÉRY, Paul. Variedades. São Paulo: Iluminuras, 2007. VALÉRY, Paul. Lições de poética. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2020.

POR UMA TRILOGIA DO CALABAR: DESLINDANDO EXPRESSÕES DRAMATÚRGICAS DA PERIFERIA SOTEROPOLITANA

Isabela Santos de Almeida

Resumo: Neste trabalho, traço como objetivo realizar uma leitura de três textos teatrais produzidos durante o período da ditadura civil-militar no contexto do Grupo de Teatro do Calabar, oriundo do bairro do Calabar, periferia Salvador-Ba. Busco analisar aspectos do processo de produção, encenação e recepção de três textos datados do final da ditadura até as vésperas da promulgação da Constituição de 1988, a saber, A negra resistência (1985), A peleja do povo com o Dr. Coração (1987) e Dia onze vá à passeata ([198-]), todos assinados por Fernando Conceição. Tomo como escopo teórico a crítica filológica, de acordo com R. Borges e A. S.de Souza (2012), para pensar os atores sociais e tecnologias empregadas na produção material dos textos; a noção de performance em diálogo com o repertório da população afrodescendente, conforme L. Martins (2021); as formulações acerca da literatura negra proposta por F. Souza (2007) e sobre o teatro negro baiano, de acordo com E. Lima (2010). A partir da discussão desenvolvida será possível consolidar o lugar do teatro em comunidades periféricas como espaço de criação literária, para além de sua importância pedagógica e política, na medida em que este constrói e elabora imagens levadas aos palcos, a partir de um trabalho com a língua, da exploração das formas do drama e da elaboração de aspectos da performance.

Referências: BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de;. Filologia e edição de texto In: BORGES, R. e.t. al. Edição de texto e crítica filológica. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59. CONCEIÇÃO, Fernando da Costa. A peleja do povo com o Dr. Coração. Salvador: 1987, 13 f. [Texto datilografado] CONCEIÇÃO, Fernando da Costa. Dia 11 vá à passeata. Salvador: [198-], 14 f. [Texto datilografado] CONCEIÇÃO, Fernando. A negra resistência. Salvador, 1985. [Texto datilografado] LIMA, Evani Tavares. Um olhar sobre o Teatro Negro do Teatro Experimental do Negro e do Bando de Teatro Olodum. 2010. 307 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2010. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. SOUZA, Florentina da Silva. Memória e performance nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 30-39.

VOZES NEGRAS FEMININAS ROMPENDO SILÊNCIOS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: CAMINHOS PARA A RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS, IMAGENS E SUBJETIVIDADES EM "BECOS DA MEMÓRIA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO E "LEITE DO PEITO" DE GENI GUIMARÃES

Janaína Nery Viana

Resumo: A pesquisa, em fase inicial - revisão de corpus - tem por intuito investigar como vozes femininas negras da literatura contemporânea se autorrepresentam ou constroem formas de representação de sujeitos negros, sobretudo, mulheres negras, em seus textos, de modo a romper com práticas de apagamento, inferiorização e objetificação destas/es, naturalmente sustentadas por uma perspectiva eurocêntrica e patriarcal predominante na literatura canônica. Para tanto, sugere-se analisar como esse processo se apresenta, em produções específicas de autoras negras brasileiras contemporâneas: a princípio, “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo e “Leite do Peito” de Geni Guimarães. Considerando-se as narrativas sugeridas enquanto construções que se entrelaçam às experiências particulares das autoras, propõe-se observar se o caráter memorialístico e a presença de aspectos da oralidade, presentes nestas produções, servem apenas ao projeto de reposicionar a mulher negra ou o negro, enquanto sujeitos imbuídos de singularidades, ou evidencia, também, o propósito de valorizar, a partir do discurso, legados de uma tradição africana e afro-brasileira. Intenciona-se, ainda, observar, como tais legados contribuem para a resignificação ou o (des)silenciamento da história, imagem e subjetividade desses sujeitos e se podem caracterizar marcas de uma escrita de autoria feminina negra restritas, não apenas, aos projetos literários das escritoras em análise. Para fundamentação teórica, a pesquisa traz, inicialmente, contribuições de autoras/es como, Bâ, (1982), Trindade (2005), Evaristo (2005;2020), Santiago, (2009) Alves (2010), Cuti (2010), Duarte (2011); Bilge e Collins (2021); Hooks(2019) Gonzales (2020) dentre outras/os.

Referências: Bâ, (1982), Trindade (2005), Evaristo (2005; 2020), Santiago, (2009) Alves (2010), Cuti (2010), Duarte (2011); Bilge e Collins (2021); Hooks(2019) Gonzales (2020)

RESISTIR E REEXISTIR NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Jorge Augusto de Jesus Silva

Resumo: Nas últimas décadas a palavra resistência tem atravessado o campo crítico brasileiro, a partir de um amplo espectro de materializações, sobretudo, nos campos políticos, culturais e artísticos. Nesse trabalho nos interessa introduzir, brevemente, os usos da categoria nesses campos, buscando demonstrar similaridades e diferenças entre eles, acentuando certa especificidade de seu funcionamento discursivo na área da literatura. Pretendemos ao longo do texto argumentar sobre como as dimensões éticas que caracterizam a definição da categoria na esfera social, cultural e política, são insuficientes para defini-la no espectro da arte, e mais detidamente no espaço literário, de onde abordaremos a questão. Nossa pretensão é apresentar a “resistência” como noção aglutinadora de uma série de procedimentos estéticos e não apenas como agenciadora de uma noção ético-política de oposição a uma força central e hegemônica. A própria ideia de resistência deve ser, em certa medida ampliada nessa conversa, para além do esforço de não sucumbir a ordenação das forças políticas e sociais que governam a sociedade. Nessa esteira, buscaremos

especular como tem sido operado no campo da literatura brasileira a noção de resistência, a que textos ela tem se dirigido, a qual efeito discursivo ela tem servido como referência, mas sobretudo, se e qual abalo ela tem causado no cerne do campo literário, como também, buscaremos compreender se a crítica tradicional da literatura brasileira, e os autores e intelectuais negros acionam a noção de resistência da mesma forma.

Referências: AUGUSTO, Jorge; "Apontamentos Sobre Crítica e Raça na Literatura Brasileira: Anotações a Partir de Lima Barreto". In: Lima Barreto na Sala de Aula: Questões Raciais e de Gênero. São Paulo: Blucher, 2022. GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Petrópolis, RJ. Vozes, 2017. hooks, Bell. Anseios raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante. 2019. MAESTRI, Mário; CARBONI, Florence. A linguagem escravizada. São Paulo: Expressão Popular, 2012. SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música e dança: Hip Hop. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

MARGINAL E PERIFÉRICA: A LITERATURA EM EFERVESCÊNCIA NOS TERRITÓRIOS SOCIOAMBIENTALMENTE VULNERABILIZADOS

Jucelino de Sales, Jhenifer Emanuely Rodrigues dos Santos

Resumo: Marginal e Periférica: é possível uma ligação e interdependência terminológica entre os dois termos como disputa conceitual para nominar a literatura produzida em territórios vulnerabilizados e, com isso, contestar um território extremamente homogêneo para demarcar um posicionamento político em defesa da ampliação do fazer literário? Disputar o conceito de literatura marginal e periférica e delimitar seu gradiente epistemológico, sua partilha sensível e seu fazer participativo constitui um dos franqueamentos da Periferia Brasileira de Letras como direito político à literatura, com legitimidade e bem-estar de promoção à saúde. Partindo da constatação de Regina Dalcastagnè de que "na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares" (2012, p. 18), imbuímos apresentar em seu posicionamento a falha que leva a uma contradição, relegando ao apagamento as literaturas em efervescência que derivam das batalhas de rima, slams, oralituras, literaturas, entre outras formas, múltiplas e divergentes, do fazer literário. E averiguar na afirmação da pesquisadora um equívoco descritivo, que resulta do pensamento sociológico sistematizado que reduz a literatura ao texto escrito e publicado que atinge a repercussão pública por meio da vendagem de livros. Nossa análise partirá dos livros de poemas Coletânea Muntu e Poesia nas Quebradas, que visam a publicação e distribuição gratuita de conteúdo produzido pelo público mais invisibilizado, visto que as práticas quilombistas dessas publicações se aproximam de feitos como o dos Cadernos Negros, ao trazer para a cena novos agentes. Esse exercício fratura o dogma posicionado na condição prescrita como indispensável, de verdadeira consolidação do espaço literário, segundo a antiga fórmula, ainda em execução, preposta por Antonio Candido: autor/obra/leitor, que nossa contemporaneidade roga a exigência de sua problematização e revisão. A singularização deve partir da implementação de estratégias, que justaponham e adensem as ideias de marginalidade e periferia, performando a literatura marginal e periférica.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Em: _____. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. CARMO, Ravena (org.). Poesia nas quebradas: poesia marginal e literatura periférica. Brasília, [s. n.], 2019. CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (orgs.). Poesia nas quebradas: literatura marginal, volume 2. Planaltina: Edições Kisimbi, 2021. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012. DIAS, Juliana de Freitas; COROA, Maria Luiza Monteiro Sales.; LIMA, Sostenes Cezar de. Criar, resistir e transgredir: pedagogia crítica de projetos e práticas de insurgência na educação e no estudo da linguagem. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/9941>. Acesso em: 06 mar. 2022. EBLE, Tais Aline. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1126>> Acesso em: 04 jan. 2023. EUGÊNIO, Felipe; MARTINS, Mariane et al (org.). Caderno da Periferia Brasileira de Letras: o processo

de criação de políticas públicas saudáveis. Ministério da Saúde, FIOCRUZ, Coordenação de Cooperação Social. Disponível em: < https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/caderno-pbl-volume01-final.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023. FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. A voz e o sentido: poesia oral em sincronia. São Paulo: Ed. UNESP, 2007. FERRÉZ (org.). Literatura marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. A poesia marginal. Disponível em: < <https://static1.squarespace.com/static/5bcd01c69d414940eeb23b24/t/5c9bfb23e5e5f05126de558e/1553726243951/a+poesia+marginal-texto.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2023. HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. LORIA, Luana. A favelofagia: a criação de um novocânone literário a partir da favela. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/31768/18440>>. Acesso em: 04 jan. 2023. MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, (26), 63–81. NASCIMENTO, Érica Peçanha do. 'Literatura marginal': os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023. ROCHA, J. C. de C. (2006). A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: "A dialética da marginalidade". Letras, (32), 23–70. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>>. Acesso em: 04 jan. 2023. SILVA, Mário Augusto Medeiros da. A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo: [s. n.], 2011. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374779/mod_resource/content/0/Medeiros_Insolito_Lit_negra_e_periferica.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023. SILVA, Franciele Queiroz da; AZEVEDO, Luciene Almeida de. A literatura marginal (periférica) no contexto contemporâneo. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4247>>. Acesso em: 04 jan. 2023. SOUZA, Luiz Eduardo R. de A.; COSTA, Clara Carolina Oliveira; CAVALHAIS, Tais Ramos; CARVALHO, Flaviane Faria. O circuito cultural do SLAM MG: produção, circulação e recepção literária pelas margens da literatura mineira contemporânea. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50558/29423>>. Acesso em: 04 jan. 2023. TENNINA, Lucía. As Brasília dos saraus das periferias: imagens além do cartão postal. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanã/article/view/46624/33882>>. Acesso em: 04 jan. 2023. VAZ, Sergio. Manifesto da Antropofagia periférica. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em: 04 jan. 2023. YIN, Amanda [et al.]. Coletânea Muntu: poesias, contos e crônicas. Brasília: Edições Kisimni, 2022. ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Tradução Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. _____. Introdução à poesia oral. Tradução Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1997. _____. Performance, recepção, leitura. 2 ed. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

A LITERATURA MARGINAL: CONCEIÇÃO EVARISTO E A ESCRITA DE RESISTÊNCIA

Kayanny Elida de Lima e Mauro Dunder

Resumo: Este artigo discute a literatura marginal, que segundo Nicolas Pereira Rosa et al. (2019) é desenvolvida, produzida nas periferias das diferentes cidades brasileiras e ocupa espaço no campo literário. Atualmente, dá voz aos seus autores, como é o caso da escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito. Diante disso, a partir do livro Becos da Memória, de Conceição Evaristo, o artigo procura apresentar como a escrita da autora pode ser vista no âmbito marginal e como ela permite encaixar-se nesse lugar, já que o livro em análise apresenta uma escrita de resistência, cujos diálogos englobam a história dos vencidos e não a história dos vencedores. À vista disso, foi empregado o método de pesquisa bibliográfica para investigar como se configura a literatura marginal e por qual

motivo a autora ocupa esse espaço na literatura brasileira. Para tanto, a elaboração do trabalho se constituiu a partir da leitura de Arnaldo Saraiva (1995) para compreender o conceito de literatura marginal; Ítalo Calvino (1993) ao refletir sobre a definição de clássicos; Nicolás Pereira Rosa et al. (2019) para discutir a literatura marginal e Zahidé Lupinacci Muzart (1995) com a questão do cânone e dos marginalizados. Assim, após as reflexões desenvolvidas a partir do texto literário e aportes teóricos, foi possível compreender como se constitui a literatura marginal e constatar também que existe uma segregação na constituição do cânone, bem como na concepção de clássicos. Além disso, o estudo desenvolvido ressaltou a escrita de resistência de Conceição Evaristo, evidenciando por intermédio da sua obra *Becos da Memória* a resistência do povo negro e favelado, que cotidianamente são colocados à margem.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. DUARTE, Constância Lima et al. Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. MUZART, Lupinacci Zahidé. A questão do Cânone. *Anuário de Literatura* 3, 1995, pp. 85-94. ROSA, Nicolás Pereira et al. A literatura marginal periférica e o cânone literário. *Navegações*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 2-9, out. 2019. SARAIVA, Arnaldo. O conceito de literatura marginal: "discursos [em linha] : estudos de língua e cultura portuguesa". 10. ed. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. 15-23 p. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/4008>. Acesso em: 02 set. 2022.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE REEXISTÊNCIA POR MEIO DO RAP E DAS BATALHAS DE RIMAS IMPROVISADAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Leomar Alves de Sousa

Resumo: Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado o "Hip-hop e a literatura marginal-periférica: contribuições para a formação leitora na escola", ainda em desenvolvimento no (PPGLIT-UFNT), em que apresentamos os resultados obtidos a partir da leitura e da interpretação de obras poéticas da literatura marginal-periférica, da escuta de raps, das batalhas de rimas improvisadas pelos Mc's da Batalha do CIMBA (da cidade de Araguaína-TO). Este estudo envolve estudantes de uma turma de 8º e de 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública e quatro jovens Mc's. Trata-se de uma pesquisa-ação com abordagem quali-quantitativa. As atividades realizadas motivaram os alunos a escreverem suas poesias também, em que sobressaíram suas cosmovisões e temáticas envolvendo seus contextos sociais. À vista disso, propomos analisar a participação dos alunos nas atividades de leituras, de escutas de raps, de produções de poesias e das interações poéticas entre eles e os Mc's, evidenciando, assim, a efetivação de práticas de letramento de reexistência (Souza, 2011), visto que estas atividades tematizaram as realidades sociais das comunidades periféricas, sobretudo aquelas imbuídas dos contextos de vida apresentados pelos estudantes. Além disso, as poesias dos alunos, tal como as rimas improvisadas pelos Mc's denotam criticidade quanto às situações vivenciadas pelas comunidades periféricas, revelando posicionamentos críticos frente aos contextos sociais vivenciados por eles.

Referências: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. GEBARA, Ana Elvira Luciano. A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. HILL, Marc Lamont. Batidas, rimas e vida escolar: pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade. Tradução: Mônica do Amaral. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014. LAWSON, Bill E. Comandos do microfone: Rap e Filosofia Política. IN: Hip hop e a filosofia. DARBY, Derrick. SHELBY, Tommie. tradução de Martha Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2006, p. 125-137, p. 161-171. MORGAN, Marcylinea. A Filosofia da Batalha do Hip-Hop. IN: Hip hop e a filosofia. DARBY, Derrick. SHELBY, Tommie. tradução de Martha Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2006, p. 200-205. PITTMAN, John P. "Todos vocês pretos devem reconhecer": a luta dialética do hip hop por reconhecimento. IN: Hip hop e a filosofia. DARBY, Derrick. SHELBY, Tommie. tradução de Martha Malvezzi Leal. São Paulo:

Madras, 2006, p. 55-65. PINHEIRO, Hélder. Poesia na sala de aula. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. SOUZA, Ana Lúcia Souza. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. THOMPSON, Stephen Lestes. Tá ligado no q tá falando? Significados das letras do Hip Hop. IN: Hip hop e a filosofia. DARBY, Derrick. SHELBY, Tommie. tradução de Martha Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2006, p. 125-137.

CORPO(GRAFIA) DO FEMININO NEGRO EM BECOS DA MEMÓRIA

Linda Maria de Jesus Bertolino

Resumo: Resumo: A proposta busca discutir como se estabelece em Becos da memória, da escritora Conceição Evaristo, a relação entre corpo feminino negro e bestialidade. Um Corpo subjugado à percepção (geo)corporal colonial que metaforiza o existir como despejo e cratera. Nessas condições, o elemento corpóreo assume uma referência mnemônica com a semântica do termo ruína. Isso posto, propomos não somente escutar o universo feminino negro ou afrodescendente na narrativa, mas, principalmente, analisar as representações das experiências que desenharam esses corpos. Corpos cartografados pela micro/ou macroestrutura estatal e institucional do poder patriarcal, como grupos biológicos tipificados pela noção de raça e lugar, o que os expõem a um poder de morte, ou seja, a um status de 'mortos-vivos' (Mbembe, 2018). Desse modo, é que propõe-se discutir a corpo(grafia) do corpo feminino negro em Becos da memória, narrativa poética em que o corpóreo negro inscreve-se com marcas de violência e de animalidade; herança colonial do poder eurocêntrico que, historicamente, construiu um aparato sistêmico para reproduzir e garantir a manutenção de desigualdades socioeconômicas. Desigualdades essas apoiadas em uma bruta hierarquização racial que fortalece 'políticas de morte', acolhendo-se a compreensão filosófica de necropolítica em Mbembe e Agamben. Lógico, é preciso lembrar que essas desigualdades são subscritas a partir de um movimento dialético que situa o negro ou afrodescendente a margem do discurso político de progresso, de forma a criar e a manter condições sociais para que grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (Almeida, 2019).

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. trad. Iraci D. Poleti. São. Paulo : Boitempo, 2004. ALMEIDA, Sílvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Global, 2007. MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3 ed, São Paulo: Edições, 2018. RIBEIRO, Djamil. Lugar de fala. São Paulo: Polén, 2019.

DO SERTANEJO AO DESTERRADO: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Pâmela das Dores Medeiros Mitterofhe

Resumo: No presente trabalho, delineamos um percurso que associa a construção imaginária e histórica das favelas aos dias atuais, evidenciando que a ausência de assistência do poder público gera um quadro de violência que se perpetua. A Guerra de Canudos, os aspectos culturais oriundos da construção do sertanejo e as justificativas de raça presentes na obra "Os Sertões" de Euclides da Cunha são o plano de fundo, convergindo com a figura do negro marginalizado da obra Desterro de Ferréz, demonstrando a insurgência de novas vozes na literatura brasileira contemporânea. Perante a análise que contrapõe as obras citadas anteriormente percebe-se a construção de um discurso em torno das vozes excluídas da sociedade. Segundo SANTOS (2013), em sua tese de doutorado, há alguns aspectos que aproximam o sertanejo do negro, um deles reside no fato de ambos serem "inferiorizados" socialmente e desafiarem o estado, como veremos nas obras Os Sertões, em que os sertanejos lutam na Guerra de Canudos e também em Desterro quando a personagem principal desafia o poder vigente por meio do tráfico de drogas e do controle sobre a comunidade em que vive. Percebe-se que há uma destituição do poder estatal nos dois casos demonstrando que a eugenia, o darwinismo e a segregação ainda persistem, os resquícios de raça que justificaram escravizar os negros no passado, ainda têm papel fundamental na construção imagética da sociedade

frente aos moradores das comunidades e aos negros de forma geral, mas a literatura marginal tem função de transformar essa visão, ou ao menos evidenciá-la como uma forma de denúncia.

Referências: ARAÚJO, Jean Marcel Oliveira. O pré-modernismo: a luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro. *Pensares em Revista*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 117-134, jul-dez, 2012. BENTES, Ivana. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. *ALCEU*, Rio de Janeiro, n. 15, v. 8, p. 242-255, jul. dez. 2007. BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. A literatura marginal e seus mecanismos de legitimação e consagração. *BOITATÁ*, Londrina, n. 21, p. 128-142, jan-jun, 2016. CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2006. DANTAS, Maria Eliane Vieira; NETO, Francisco Dantas Vero. O mestiço em Os sertões: elemento da brasilidade. *Anais I CINTEDI...* Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/9028>>. Acesso em: 24/02/2022. DE MAIO, Alexandre. Entrevista sobre a HQ Desterro [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <sorayasugayama@yahoo.com.br> em 10 fev. 2016. FERRÉZ. Entrevista/Ferréz. A quebrada sou eu. Soraya Sugayama. *Cândido*, Curitiba, n. 54, p. 4-9, 2016. ____; DE MAIO, Alexandre. *Desterro*. São Paulo: Anadarco, 2012. GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana – ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14336/literatura-marginal> ____; O império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. JÚNIOR, Oswaldo Dantas Lima; NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. A ausência do negro e da temática “escravidão” na literatura sobre a velha Canudos. *Cognitionis*, Teresópolis, n.1, v. 5, p. 11-25, 2020. LUNA, Sarah. Os sertões e as favelas: do mito fundador euclidiano à representação no cinema nacional. *Salvador BA: UCSal*, n.3, v. 5, p. 341-358, out. 2014. QUELUZ, Gilson Leandro; QUELUZ, Marilda Lopez Pereira; SUGAYAMA, Soraya. Cidade em quadrinhos: coprodução social e tecnológica na obra Desterro, de Ferréz e De Maio. *Sociopoética*, Paraíba, v. 1, n. 22, p. 47-60, jan.-jun/2022. SANTOS, Carolina Ferreira dos. *Às margens. Um estudo ao redor de Os Sertões, Native Son e Cidade de Deus*. Orientador: Prof. Dr. Marcos Piason Natali. Tese (Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013. VAZ, Sérgio. Manifesto da antropofagia periférica. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em: 02/03/2022. XAVIER, Ismail. *Sertão Mar – Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Ed. 34, 2019. ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

LITERATURA DE AUTORIA NEGRA NA DISSIDÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO: O DIREITO AO (AUTO)AMOR, AO VISLUMBRE E AO DEVANEIO PARA ALÉM DAS NARRATIVAS DE LUTA E DOR

Pedro Ivo Silva

Resumo: O estudo tem como objetivo discutir pressupostos teóricos que viabilizam criativa e criticamente uma “literatura de autoria negra” para além da caracterização que tem sido aplicada na definição de “literatura negra” no Brasil, desde Zilá Bernd (1988) e Eduardo de Assis Duarte (2008), desenvolvendo-se também nos trabalhos de Miriam Alves (2010) e Cuti (2010; 2019), bem como de outras/os pesquisadoras/es. As conceituações propostas para a chamada literatura negra tomam por base o entrelaçamento entre a subjetividade e a experiência do eu-enunciador (que se quer) negro (BERND, 1988; CUTI, 2010) no texto, evidenciando elos com o contingente de história e cultura negro-brasileiras. Temas como a violência, a dor, a falta, a memória ancestral, a luta na seara antirracista da estética corporal e das relações afetivas compõem a produção literária negra ao longo do século XX e por isso relevantes para sua classificação, porém sempre num viés cis-heterocêntrico. Por outro lado, a pesquisadora e poeta tatiana nascimento (2019) apresenta o conceito de cuírlombismo literário para dizer que a poesia – e a produção literária em geral – de autoria negra, no esteio do lastro teórico-acadêmico, literário e de ativismo social deixado por pesquisadoras/poetas negras lésbicas (ou não lésbicas ou trans) como Audre Lorde (2009 [1984]), Cheryl Clarke (2006), Jota Mombaça (2021) confere o direito criativo ao vislumbre afrofuturista, ao devaneio e ao (auto)amor, para além das narrativas de escravidão e violência e luta e dor ou estética e afetos cis-heterocêntricos. Nesse sentido, tomo por base os textos literários da produção poética

negra nacional de tatiana nascimento, de Kika Sena, de Beatriz Aquilante, bem como a minha própria produção poética, para evidenciar que escrituras literárias negras não cis-heterossexuais têm revelado sua tendência cuírlomobista de superação daquela temática para compor uma literatura de autoria negra gênero-sexual dissidente.

Referências: BERND, Zilá. O que é negritude? São Paulo: Brasiliense, 1988. CLARKE, Cheryl. the days of good looks: the prose and poetry of cheryl clarke, 19880 to 2055. Nova Iorque: Da Capo Press, 2006. DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea. 31 jan/jun 2008. CUTI (Luiz Silva). Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. LORDE, Audre. I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde. Oxford: Oxford University Press, 2009. MOMBACA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. SANTOS, Miriam Cristina dos. Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea. 2008. 292 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/6717/1/miriancristinadossantos.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2022. nascimento, tatiana. cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

PROTAGONISMO NEGRO, IDENTIDADE RACIAL E LITERATURA - EXPERIÊNCIAS NA REDE MUNICIPAL DE NITERÓI

Renata de Oliveira Batista Rodrigues

Resumo: O presente estudo reúne reflexões sobre ações pedagógicas com leituras literárias de autoria negra experienciadas na rede municipal de Niterói. A primeira foi realizada em uma escola entre os anos de 2016 e 2019, que envolveu a criação da “Sala de Formação do Leitor Dandara dos Palmares”, onde eram desenvolvidos trabalhos de escrita e de formação literária a partir de questões étnico-raciais. A segunda, iniciada em 2022, refere-se à atividade “Protagonismo Negro, Identidade Racial e Literatura”, que vem sendo desenvolvida em toda a rede e que positiva as identidades negras com a literatura. Tais ações estão sendo aqui problematizadas a partir do conceito de literatura negro-brasileira, de Cuti (2010), especialmente pelo entendimento desse autor de que as produções das escritoras e escritores estão vinculadas às suas experiências e aos seus respectivos preconceitos e que a ruptura com este ciclo só é possível por intermédio de quem sofre ou quem deseja se comprometer com a causa. O objetivo da presente proposta é demonstrar o cumprimento da Lei 10.639/03 para fortalecimento das construções das identidades negras por meio da literatura negro-brasileira. Pensando nos limites espaciais em que a sociedade brasileira se constitui, a escola, e neste caso, a pública, acaba se tornando um dos espaços de circulação e partilha de bens culturais. Quem são esses estudantes? Quem são as professoras e os professores? A quem é permitida a partilha? Reafirmando a compreensão de que as rupturas com práticas preconceituosas são realização, principalmente, de quem sofre com elas, há uma conversa com os estudos de Nilma Lino Gomes (2017) sobre o Movimento Negro Brasileiro como educador, produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil, uma vez que as ações pedagógicas basilares para as discussões deste estudo são realizadas por professora negra.

Referências: CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017. NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. PINTO, Ana Flávia Magalhães. Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA DE AUTORIA NEGRA E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS PERSONAGENS FEMININAS EM AMADA DE TONI MORRISON

Simone dos Santos Pinto de Assumpção Vieira, Ana Paula Almeida Moreira

Resumo: O romance Amada, de Toni Morrison, publicado em 1987, foi um marco na literatura norte-americana e com ele a autora ganhou um dos prêmios mais importantes de literatura, o Pulitzer. O

livro conta a história de Sethe, uma negra ex-escrava cuja intenção de proteger os filhos e livrá-los da escravidão fez com que ela tirasse a vida de sua bebê. Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da literatura negra de autoria feminina para a visibilidade de narrativas ficcionais que destaquem o protagonismo feminino negro sob uma ótica que vise à desconstrução do olhar pautado no exotismo, na erotização ou subalternidade de mulheres negras. Para isso, o percurso metodológico escolhido foi a pesquisa bibliográfica e análise da obra *Amada* (1987) sob uma abordagem decolonial que nos possibilitasse a compreensão de como a literatura de autoria negra-feminina vem colaborando para a construção de um olhar que contemple a perspectiva do oprimido, pela apresentação de personagens negras protagonistas de suas histórias, capazes de modificar o rumo de suas vidas e de todo um coletivo negro. Sobre isso, Bell Hooks (1989) diz que sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades e nomear suas próprias histórias. Deve-se destacar que o contexto social atravessado pelo racismo estrutural e institucional propiciou que, durante muito tempo, o cânone literário fosse majoritariamente composto por homens brancos oriundos de classes abastadas, o que possibilitou o apagamento de nossas narrativas, dificultando que nossas vivências, ancestralidade e memória fossem mantidas e valorizadas socialmente. Assim, como referencial teórico, serão utilizados os estudos de Evaristo (2005; 2020) sobre a representação e auto-representação da mulher negra na literatura e escriturária; a pesquisa de Dalcastagné (2021) acerca dos estereótipos reproduzidos na literatura e Kilomba (2020) sobre a narrativa como instrumento para legitimação de nossas identidades.

Referências: BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998. DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v.56, n.1, p.109-143, jan.abr.2021. EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*. Ano I – numero1 – agosto 2005. ISSN 108 7280. KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. MORRISON, Toni. *Beloved*. [1987] New York: Penguin Books, 1988. MORRISON, Toni. *A Fonte da Autoestima – ensaios, discursos e reflexões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. MORRISON, T. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. *Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira*. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019. OY?WUMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et.al. Campinas: Unicamp, 2007:18.

ONDE ESTÃO AS NEGRAS? OU ENTRAR NA BOLHA OU FURAR A BOLHA EDITORIAL? CENAS DE CONSUMO E RECEPÇÃO NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

Suane Nascimento Mesquita

Resumo: Em 2021, a polêmica reimpressão pela Companhia das Letras do livro *Abecê a liberdade*, do autor branco José Roberto Torero, fez reacender o debate sobre o mercado editorial negro/afro-brasileiro: quem publica? Quem edita? Há mais “patrulha ideológica” (TORERO, 2021) do que projetos editoriais ideológicos? Em 2003, o pesquisador Flávio Carrança marcava como resposta ao “bloqueio” editorial e “reduzida visibilidade de escritores afrodescendentes” o surgimento de iniciativas que se dedicaram a publicar obras “voltadas para a cultura negra”. Há 15 anos no mercado, a editora e livraria negra Nandyala, por exemplo, frente à polêmica do livro *Abecê*, postou na “Nota de escurecimento”, em suas redes sociais, o desligamento do coletivo de editoras conduzido pela Companhia das Letras e do Projeto Escola Antirracista. No texto assinado por Iris Amâncio, a editora assume uma postura “ideológica, conceitual, editorial e pelas nossas vidas pretas” e critica a Cia das Letras por sua (recente) postura antirracista no catálogo estar mais ligada a um “caráter midiático-

mercadológico da situação (oportunidade de vendas) do que, efetivamente, ao tratamento respeitoso das produções negras, em especial as literárias.” (2021). Posto isso, de 2018 a 2021, contabilizei em torno de 78 livros publicados por poetisas negras/os/es principalmente em editoras independentes. Ao longo da pesquisa foi possível catalogar cerca de 48 casais editoriais. O objetivo desta comunicação, pois, é analisar onde e como são publicadas/os as/os poetisas negras/os contemporâneos? Como e quem lê as/os poetisas/os negras/os contemporâneas/os? Tal qual Fabiane Rodrigues (2017) nomeou “quilombos editoriais” as propostas editoriais, em sua maioria, feitas por pessoas negras e destinadas a formação de um público leitor negro (Duarte, 2014), tento analisar a “bibliodiversidade” (López Winne e Malumián, 2016) dos catálogos das editoras independentes coletadas, a fim de estabelecer um agrupamento por objetivos editoriais, e entender quais poéticas despontam entre essas vozes.

Referências: CARRANÇA, Flávio. Autores negros enfrentam dificuldades para publicar suas obras. Revista Problemas Brasileiros, São Paulo, n. 360, nov./dez. 2003. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/ou2065_QUILOMBO+DAS+LETRAS>. Acesso em: 3 abril. 2021. COMPANHIA das Letras recolhe livro infantil após críticas de racismo. Rascunho, Curitiba, 12 set 2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/companhia-das-letras-recolhe-livro-infantil-apos-criticas-de-racismo/>. Acesso em: 15 jan 2021. DUARTE, Eduardo de Assis (org). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. 4. v. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. INSTITUTO PRÓ-LIVRO FAILLA, Zoara (org). Retratos da leitura no Brasil 5. Rio de Janeiro: Sextante, 1.ed., 2021 LIVRARIA E EDITORA NANDYALA. Nota de escurecimento. Rio de Janeiro, 13 set 2021. Instagram: @nandyalalivrariaeditora. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTxFayeldAn/?next=%2F>. Acesso em: 12 jan 2021. LÓPEZ WINNE, Hernán; MALUMIÁN, Víctor. Independientes, ¿de qué?. Hablan los editores de América Latina. Fondo de Cultura Económica, 2016 Edição do Kindle. RODRIGUES, F. C. Quilombos editoriais. Opiniões,[S. l.], n. 10, p. 103-111, 2017. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2017.122413. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/122413>>. Acesso em: 7 jun. 2021. SILVA, Fernanda Felisberto da. Escrivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston. 2011. 154 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6077>>. Acesso em ago 2021. SILVEIRA, Oliveira. A produção literária negra (1975-1985). Em Criação crioula, nu elefante branco. São Paulo: Comissão Nacional do I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, p.87-88, 1987. TORERO, José Roberto. Pisando em ovos. Rascunho, São Paulo, 12 set 2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/liberado/pisando-em-ovos/>. Acesso em: 12 jan 2023.

QUESTIONAMENTO E (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM NAS VOZES DE CAROLINA MARIA DE JESUS E GRADA KILOMBA

Suelen Cristina Gomes da Silva

Resumo: Esta comunicação tem como base um percurso inicial de pesquisa que pretende identificar e analisar convergências entre a escrita de Carolina Maria de Jesus e trabalhos da escritora e multiartista portuguesa Grada Kilomba, no que diz respeito ao questionamento das memórias criadas ou reinventadas através da imagem da pessoa negra na obra escrita ou visual. Tendo como corpus de análise o material do livro da exposição Desobediências Poéticas, de Kilomba, e passagens de Quarto de Despejo e da nova edição de Casa de Alvenaria de Carolina, abordaremos as visualidades do texto e as textualidades da imagem nas autoras. Partindo do recente conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo, queremos compreender as interseções entre o movimento performático de Grada Kilomba de colar seu corpo e sua voz à obra e o gesto de escrita em primeira pessoa de Carolina, que faz da escrita o campo de registro de um (seu) corpo pelo mundo. As duas autoras dedicaram espaço em sua obra para questionar a construção discursiva sobre a pessoa negra; cada uma com suas formações, possibilidades, e suportes. Nesse sentido, podemos perceber

nas autoras movimentos que denunciam a continuidade de elementos pertencentes a uma visão colonial relacionados a uma imagem e, até mesmo, uma memória para a pessoa negra. E, além de denunciar, suas escritas e visualidades figuram também como proposições à reescrita dessa imagem, com potencial de ser socialmente construída como memória. Para esta análise, somam-se as reflexões de Sueli Carneiro e bell hooks.

Referências: CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In.: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019. JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*, vol. 2: Santana. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993. KILOMBA, Grada. *Grada Kilomba: desobediências poéticas*. Curadoria Jochen Volz e Valéria Piccoli; ensaio Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019. KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VIDAS NEGRAS, VIDAS LITERÁRIAS

Vagner da Rosa Amaro

Resumo: Analisa a vida literária de escritor(a)s negros brasileiros no período entre 1978 e 2020. No Brasil, em 1978, foi criada a série literária *Cadernos negros*, ao mesmo tempo em que se criava o Movimento Negro Unificado e, em 2020, ocorreu um aumento de publicações de autoria negra por editoras brasileiras, ao mesmo tempo em que houve uma intensificação do movimento Black lives matter (vidas negras importam). Por entender que literatura e vida, obra e ambiente, são indissociáveis, o objetivo específico desta comunicação é refletir sobre as intercessões entre vidas negras e vidas literárias, nos processos de criação, mediação e circulação da literatura negro-brasileira, diante das condições de vulnerabilidade à morte da população negra e a luta pelo direito à vida. O referencial teórico é composto a partir dos textos sobre vida literária (Broca, 2005; Moriconi, 2006), racismo estrutural (Almeida, 2019; Sodré, 2015), epistemicídio (Carneiro, 2005), necropolítica (Mbembe, 2018), literatura negro-brasileira (Cuti, 2010), mercado editorial (Dalcastagn , 2011, 2014; Oliveira, Rodrigues, 2016) e escrivência (Evaristo, 2009). Especula-se que as estratégias de produ  o e divulga  o literária realizadas por escritores e escritoras negros no período analisado, constituiriam uma vida literária que efetivou a amplia  o da participa  o da autoria negra na literatura brasileira, o que reivindica aos estudos literários novos modelos de análise para a literatura que estes autores produziram e produzem, assim como, se coloca como expressão estética de denúncia sobre as vulnerabilidades da popula  o negra brasileira   morte causada pelo racismo. A literatura negro-brasileira produzida no período destacado, fruto da vida literária de escritor(a)s negros, gera vidas negras no âmbito ficcional, que em suas subjetividades, se contrapõem ao discurso colonial desumanizador e trazem diversidade para as ideias e afetos sobre a popula  o negra no imaginário social brasileiro.

Referências: CARNEIRO. Aparecida Sueli. *A constru  o do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em educa  o). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edi  es, 2018. MORICONI,  talo. *Literatura, meu fetiche*. Recife: Cepe Editora, 2020. EVARISTO, Concei  o. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2  sem. 2009. SOARES, Leonardo Barros, MIRANDA, Luciana Lobo. *Produzir subjetividades: o que significa? Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v.9 n.2, set. 2009

MULHERES DO LER: UM COLETIVO CONTANDO OUTRAS HISTÓRIAS QUE IMPORTAM

Veronica da Cunha Andrade Santos

Resumo: O presente artigo   fruto das inquieta  es que reverberaram a partir do trabalho apresentado no COPENE (Congresso de Pesquisadores Negros), organizado pela Associa  o

Brasileira de Pesquisadores Negros-ABPN, no ano de 2021. A proposta foi apresentar o problema de pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Compartilhando as reflexões com os/as colegas, nasce a necessidade de refletirmos sobre a EJA e seus sujeitos dentro de um coletivo de mulheres chamado Mulheres do Ler, apresentado por algumas alunas. Guardada as especificidades de uma educação de jovens e adultos fora do ambiente escolar, fomos desafiadas com a seguinte problemática: como as mulheres, agora autoras publicadas, se percebem nesse movimento de serem apresentadas como escritoras da/na Educação de Jovens e Adultos? Dessa maneira, lançamo-nos ao seguinte objetivo da pesquisa: compreender o processo de autoafirmação a partir da escrita e as reverberações desse processo na comunidade onde essas alunas e professoras estão inseridas. Do ponto de vista teórico, debruçamo-nos sobre o materialismo histórico e sobre autoras/es como Conceição Evaristo (2009), bell hooks (2017) e Paulo Freire (1996), apoiam a construção desse estudo e a discussão da leitura e da escrita numa perspectiva contra hegemônica. A escrevivência, como afirma Conceição Evaristo (2010), é mais que escrever sobre si. É a escrita de nós. É um chamamento para que todas tenham as suas escritas-vida marcadas na sociedade e com elas possam reescrever suas histórias rompendo o processo de alienação do ser. Sendo assim, passamos a organizar encontros periódicos, em parceria com o clube de leitura Ubuntu/IF Matão, a fim de lermos autoras negras e pensarmos juntas a produção de textos das mulheres do ler.

Referências: ADICHE, C. N. O perigo de uma história única. 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2010. DUARTE, L.C; Côrtes, C e Pereira, A.R.M (orgs). Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2ª edição. Belo Horizonte: Idea, 2018 JESUS, C. M. de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. 10ª edição. São Paulo: Ática, 2018. EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte: SCRIPTA 13, 2º sem. 2009. p.17-31. EVARISTO, C. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1996 HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª edição. São Paulo: editora WMF, Martins Fontes, 2018. HOOKS, B. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. 1ª edição. São Paulo: Elefante, 2021. KOSIK, K. Dialética do concreto. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. LUCINDA, E. Vozes guardadas. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019. SALES, S. R. & PAIVA, J. As muitas invenções da EJA. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, v. 22, n. 58, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v22n58>. Dossiê Educação de Jovens e Adultos. Editoras convidadas: Sandra Regina Sales & Jane Paiva.

SIMPÓSIO “LITERATURAS E DISSIDÊNCIAS: ESCRITAS DE RESISTÊNCIA, INSISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA”

Coordenadores: Karina Lima Sales (UNEB), Lilian Lima Gonçalves dos Prazeres (UFSB) e Cibele Verrangia Correa da Silva (UFES - NETIR / FAPES)

"NÃO SOU EU QUE VIVO NO PASSADO, É O PASSADO QUE VIVE EM MIM": O TEMPO E O RACISMO NAS ESCRITAS DE LIMA BARRETO E NA MÚSICA DE EMICIDA

Ana Paola Laeber

Resumo: O presente trabalho tem por premissa apresentar parcialmente a pesquisa de tese orientada pela Professora Doutora Viviana Mônica Vermes do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A proposta deste estudo é versar em como as escritas de Lima Barreto (1881-1922) e o rapper Emicida (1985-) podem ser consideradas como narrativas do desassossego. Sendo assim, essas vozes inquietantes ecoam resistência, ou como bem diria Conceição Evaristo (2017), em um tempo bem distante, são vozes de uma bisavó que ecoam

"lamentos de uma infância perdida nos porões dos navios" e, ainda no tempo presente, igualmente das mães que ecoam "baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias" (Evaristo, 2017, p. 24). As aproximações dessas vozes acerca da falta de cidadania ocasionada pelo racismo são percebidas nas produções do autor carioca em "Diário Íntimo", publicada postumamente em 1953 e no rap "Boa Esperança" do álbum "Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa ..." (2015). Pretende-se, ainda, na construção desta tese, bem como na apresentação deste trabalho, traçar uma abordagem teórica acerca dos espaços sociais e geográficos, em razão de configurar, de forma pertinente, as relações em que os escritores aqui retratados balizaram seus modos de pensar e agir, posto que, os seus lugares de fala foram e ainda são vozes que lutam em romper esses espaços de segregação. Sem perder de vista que Lima Barreto e Elicida estão separados em tempos e espaços discursivos distintos, pretende-se analisar, com em um processo espiral e dialógico, as possíveis (re)apresentações e (re-des)construções identitárias entre os objetos deste estudo. Aspectos da escrita desses escritores que utilizam uma literatura periférica e de resistência, o diário (linguagem coloquial) e o rap (socioleto), serão abordados como construtores dessas representações de identidade social.

Referências: Almeida, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. Barreto, Lima. Diário Íntimo - Memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956. Elicida. São Paulo: Lab Fantasma. Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. Evaristo, Conceição. Poemas de Recordação e outros movimentos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. Munanga, Kabengele. O negro na sociedade brasileira: resistência, participação e contribuição. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004. Nascimento, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro; processo de um racismo mascarado. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016. Schwarcz, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ESCREVIVÊNCIA E ANCESTRALIDADE NAS OBRAS “COLETÂNEA DE LITERATURA FEMININA NEGRA LOUVA DEUSAS” E “DE ZACIMBAS A SUELYS: COLETÂNEA AFRO-TONS DE EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DE MULHERES NEGRAS NO ESPÍRITO SANTO”: VOZES QUE ECOAM CANTOS DE YABÁS.

Cibele Verrangia Correa da Silva

Resumo: A respectiva comunicação é parte de uma pesquisa que está sendo desenhada no estágio pós-doutoral e vem me inquietando no sentido de buscar propor um estudo de análise e de comprometimento estético, político e cultural entre duas obras da literatura negra de autoria feminina produzidas no Brasil, num gênero bastante interessante, complexo e pouco estudado que é a coletânea, em que se observa uma pulverização de vozes em torno de escritas feitas em escrevivência e encontros ancestrais. Os livros escolhidos para essa troca são: Coletânea de Literatura Feminina Negra Louva Deusas, publicado em 2012, sob a organização do Coletivo Louva Deusas, da cidade de São Paulo e contemplou material literário de 25 mulheres negras de grande parte do território nacional; e De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo (2017), organização do Coletivo Afro-Tons, publicando material artístico em formato de poema, conto, desenho e fotografia de 24 artistas que produzem arte no estado do Espírito Santo. As narrativas contadas trazem toda uma atmosfera que inspiram práticas de resistência especialmente ao contexto do racismo, do machismo, da transfobia, entre outros, tendo na arte uma estratégia de escape e luta, ressignificando espaços, produzindo compartilhamentos em vozes múltiplas e contatos de fortalecimento de ancestralidade e de afroamor. Assim, este estudo vem apresentar tais obras, promovendo um diálogo entre os elementos estéticos e temáticos, observando o que há de similaridades e diferenças nesses discursos que se forjam em prol de libertação, afetos, conquistas, consolidação de sonhos e desejos e estreitamento de laços ancestrais e valores “afrofemecentrados”. Aqui, trabalharei com as categorias “escrevivência” e “ancestralidade” na representação das yabás, divindades femininas que estão presentes em vários textos das duas obras e pululam o imaginário de força e mobilização de vozes nesse fazer estético ancestral e de continuidade.

Referências: AFRO-TONS, Coletivo (org.). De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo. Vitória: Edições Me Parió Revolução, 2017. DEUSAS,

Louva (org.). Coletânea de Literatura Feminina Negra Louva Deusas. São Paulo: 2012. EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. 2004. Disponível: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf. Acesso: 05 abr. 2012. HOOKS, bell. “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 16, p. 193-210, Apr. 2015. SILVA, Ana Rita Santiago da. “Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações”. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista, v. 2, n.1, jan./jun., 2010, p. 20-37.

SOBREVIVENDO À NECROPOLÍTICA: TECNOPOÉTICA NEGRA E DISTOPIA EM “CLAP BACK” (2021), DE NALO HOPKINSON

Claudio Roberto Vieira Braga

Resumo: Em conformidade com a proposta de investigação da arte literária como resistência à necropolítica, condição do mundo contemporâneo resultante de colonialismos e escravizações (MBEMBE, 2018), apresento uma análise de “Clap Back” (2021), narrativa da renomada escritora afro-americana Nalo Hopkinson, parte da coletânea Black Stars (Amazon Original Stories). Com mais de 40 prêmios recebidos, pode-se dizer que Hopkinson é uma autora dissidente na categoria da ficção científica, na qual autores homens e brancos são os mais divulgados. Recentemente, ela recebeu o título Damon Knight Memorial Grand Master, em 2021, honraria vitalícia concedida pela Associação Escritores de Ficção Científica dos Estados Unidos, se tornando a mais jovem grã-mestre e primeira mulher de ascendência africana a recebê-la. Como uma escritora negra, Hopkinson faz do futurista, do improvável e do impossível uma estratégia de reflexão, transgressão e de sobrevivência. Para a análise, delimito a Ficção Científica no contexto da autoria negra, abordando algumas de suas especificidades com o auxílio do conceito de “tecnopoética negra”, de Louis Chude-Sokei (2016), dentre outros. Os resultados demonstram como a escritora articula criativamente elementos científico-tecnológicos com temáticas da causa negra, em ambientação futurista distópica. Esta fusão, conclui-se, problematiza o racismo, realça o protagonismo negro, dialoga com a ancestralidade e instiga transformações.

Referências: ABRAMS, M. H. A Glossary of Literary Terms. 7. ed. Boston: Heinle & Heinle/Thomson Learning, 1999. AFRICAN Speculative Fiction Society. Disponível em: <<https://www.africansfs.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2022. BALDICK, Chris. The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms. New York: Oxford UP, 2001. BE Right Back (Temporada 2, ep. 1). Black Mirror [Série]. Direção: Owen Harris. Produção: Annabel Jones, Charlie Brooker. London: Produtora Netflix, 2013.streaming. 44 min. BRIN, David. George Orwell and the Self-Preventing Prophecy. 1999. Disponível em: <<https://www.davidbrin.com/nonfiction/1984.html>>. Acesso em: 23 mar. 2022. CHUDE-SOKEI, Louis. The Sound of Culture: Diaspora and Black Technopoetics. Middletown, CT: Wesleyan UP, 2016. Edição do Kindle. DOUGLASS, Patrice; TERREFE, Selamawit D.; WILDERSON, Frank B. . Afro-Pessimism. Oxford Bibliographies, Oxford, 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780190280024/obo-9780190280024-0056.xml>>. Acesso em: 25 nov. 2022. DU BOIS, W. E. B. The Comet. In: THOMAS, Sheree R. Dark Matter : A Century of Speculative Fiction from the African Diaspora. New York: Grand Central Publishing, 2014. p. 5-18. Edição do Kindle. FARAONE, Christopher A. Binding and Burying the Forces of Evil: The Defensive Use of ‘Voodoo Dolls’ in Ancient Greece. Classical Antiquity, Los Angeles, University of California UP, v.10, n. 2, outubro, p. 165-205, 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25010949>>. Acesso em: 23 set. 2022. GOYETTE, Jared; SALCEDO, Andrea. Police fatally shoot man, 20, in suburban Minneapolis, sparking protests. The Washington Post, Washington DC, 12 abr. 2021. Disponível em:<<https://web.archive.org/web/20210412024307/https://www.washingtonpost.com/nation/2021/04/11/daunte-wright-brooklyn-center-minnesota/>>. Acesso em: 26 out. 2022. HOPKINSON, Nalo. Clap Back. In: Black Stars. Seattle: Amazon Original Stories, 2021. 21 p. Edição do Kindle. _____. Nalo Hopkinson: author, creator. [S.l.] [2020?]. Disponível em: <<https://www.nalohopkinson.com/>>. Acesso em: 16 ago. 2022. JANY, Libor. Minneapolis police, protesters clash almost 24 hours after George Floyd's death in custody. Star

Tribune, Minneapolis, 27 mai. 2020. Disponível em:< <https://www.startribune.com/minneapolis-police-protesters-clash-almost-24-hours-after-george-floyd-s-death-in-custody/570763352/>>. Acesso em: 26 out. 2022. MCLAUGHLIN, Elliott C; VERA, Amir. Wisconsin police shoot Black man as children watch from a car, attorney says. US. CNN, New York, 20 ago. 2020. Disponível em:< <https://edition.cnn.com/2020/08/24/us/kenosha-police-shooting-jacob-blake/index.html>>. Acesso em: 26 out. 2022. PATRA, Senjuti. Decolonizing your bookshelf: the what, the why, and the how. Bankura, Índia, 22 jun. 2021. Disponível em:< <https://bookriot.com/decolonizing-your-bookshelf/>>. Acesso em: 16 jul. 2022. SEED, David. Science Fiction: a Very Short Introduction. New York: Oxford University Press, 2011. THOMAS, Sheree R. Dark Matter : A Century of Speculative Fiction from the African Diaspora. New York: Grand Central Publishing, 2014. 427 p. Edição do Kindle.

UMA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA DENTRO DE SI: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA POÉTICA, AUTO TRADUÇÃO E A DANÇA

Feibriss Henrique Meneghelli Cassilhas

Resumo: Proponho nesta comunicação analisar e contextualizar a minha experiência de escrita poética a partir da criação e realização de atividades com o coletivo Sarau Vozes Negras (SVN). Somos um coletivo (CAMOZZATO, 2022) que propõe ações poético-pedagógicas em formatos de oficina, saraus e performances em pró da consciência racial de forma interseccional (AKOTIRENE, 2018), sobretudo com relação à comunidade negra LGBTQIAPN+. Venho contar como foram alguns dos caminhos, encontros, estudos e reflexões sobre o meu processo de escrita enquanto apresento textos de minha autoria já publicados (OLIVEIRA et al., 2021) ou performados em eventos online e presenciais. O SVN foi um lugar de acolhida e possibilidade de existência durante dois processos que marcam e preenchem essa escrita: o momento em que começo a me apresentar como artista e a minha transição de gênero. Entrelaço na análise desses escritos como meu fazer artístico remodelou a minha trajetória acadêmica como pesquisadora, tradutora de histórias contadas (CASSILHAS, 2019) e professora que performa e se auto traduz para o inglês. Ao escrever vou deixando registros do meu processo de transição de gênero em minha poética, repenso a minha trajetória, entendendo a função de algumas pessoas e leituras (KINTÊ e CUTI, 2015; KINTÊ e SILVA, 2018; MARTINS, 2022 e 2016) que me fizeram companhia e me impulsionaram a extrair no papel minha poesia interior impulsionada pelas aulas de dança com a arte-educadora Fernanda Cassilhas.

Referências: AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte, MG. Letramento: Justificado, 2018. BARBOSA, Marcio. RIBEIRO, Esmeralda. Cadernos Negros, volume 39: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2020. (Cadernos Negros) BARBOSA, Marcio. RIBEIRO, Esmeralda. Cadernos Negros: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2020. (Cadernos Negros; v. 43) CAMOZZATO, Nathalia Müller. Vozes gênero-dissonantes: uma cartografia pós-humanista. 2022. Tese (Doutorado) - Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. CASSILHAS, Feibriss Henrique Meneghelli. Tradução de histórias do Sul da Nigéria: por uma corsciência da tradução-contação na voz de uma bixa preta transviada no Brasil. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero. Salvador, BA. Editora Devires, 2020. KINTÊ, Akins. CUTI. Pretumel de chama e gozo - Antologia da poesia negro-brasileira erótica. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015. KINTÊ, Akins. SILVA, Nina. Incorporos - Nuances de libido. São Paulo, 2018. OLIVEIRA, Apolo V... [et al.]. Transvivências Negras entre afetos e aquilombamentos: contando histórias afro-diaspóricas. Salvador, BA. Devires, 2021.

ENCRUZILHADAS POÉTICAS: O DIZER, O FAZER E O SOBREVIVER EM BORRAMENTO DE FRONTEIRAS DE GÊNERO E RAÇA.

Jeff Jeffa Moreira Santana

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar como as (sobre)vivências poéticas no coletivo Sarau Vozes Negras, me impulsionaram a produção de escritas poéticas em encruzilhadas, contempladas

na intersecção de gênero, raça e classe social. Essas me atravessam nas relações de tempo e espaço, partindo do ato da leitura de dizer, performatizar, (re)fazer e traduzir poesias de pessoas escritoras negras, reconhecendo a poesia como uma potência do dizer, do devir e da pulsação ao desenvolver textos de resistência, de insistência, de resignificação e de deslocamento na busca de comprometimento as pessoas negras e LGBTQIAPN+ na contextualização Sul-Sul, o verbo e verso próprios, despedaçando a palavra colonizadora, visibilizando a encruzilhada, a corporiedade e o olhar anticolonial. A partir da ideia de que os caminhos não se concluem, nem se terminam, a encruzilhada e os entrecruzamentos são lugares da pluralidade, dos encontros e dos borramentos das fronteiras de gênero, conforme Nascimento (2021), Oliveira (2020) e Souza et.al (2022). As poesias das encruzilhadas construídas e ditas coletivamente pelos grupos apresentam a criatividade do (sobre)viver e a arte poética por meio de uma instigação epistêmico-metodológica interseccional, a partir dos nossos lugares e modos de ação como pessoas dissidentes (bichas pretas e travestis). Como resultado disso, a proposta é compreender a experiência poética de criar, ler e traduzir enquanto uma forma prática da vida cotidiana e da intervenção direta nos espaços sociais, mostrando os pontos de vista que as identidades se constrói, se deslocam e descolonizam no momento de analisar e apresentar de alguma forma os discursos como poetisas, artistas, tradutoras e professoras sobre o que vivemos no ato de (re)criar, de performatizar, de traduzir textos que tenham uma representação interseccional e como a recepção do público de diferentes espaços (instituições de ensino, shows, etc.) nos leva a refletir em uma prática factual descolonizadora e epistemológica.

Referências: NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Transfeminismo São Paulo: Jandaíra, 2021. OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Nem ao centro, nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero. Salvador: Devires, 2020. SOUZA, Davi; SANTOS, Daniel dos; ZACARIAS, Vinícius (Org.). Bixas Pretas: dissidências, memórias e afetividades. 1ed.Salvador/BA: Devires, 2022.

ENTRE MULHERES: MEMÓRIA, RAÇA E GÊNERO EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Lilian Lima Gonçalves dos Prazeres

Resumo: Esta comunicação tem como ponto de partida o livro de contos Insubmissas Lágrimas de Mulheres da escritora brasileira Conceição Evaristo, publicado em 2016. O objetivo deste estudo consiste na discussão das categorias memória, raça e gênero presentes nas narrativas que compõem a obra, apontando para reflexões acerca da construção de personagens femininas negras na literatura brasileira contemporânea. Volta-se, sobretudo, para a construção da trajetória e história da narradora fio condutor e de enlaçamento entre todos os contos, suas personagens e histórias. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo bibliográfico. Para tanto, recorre ao suporte teórico do campo da Crítica Literária Feminista, de que são referência autores como Toril Moi (2006), Neus Carbonell e Meri Torras (1999), Heloísa Buarque de Hollanda (1994); do debate em torno do feminismo negro e do feminismo decolonial, a partir das autoras María Lugones (2014), Sueli Carneiro (2013), bell hooks (2019); da escrivência, memória e performance, categorias discutidas por autoras como Conceição Evaristo (2020), Leda Martins (2021) e Diana Taylor (2012), dentre outras e outros pesquisadores e pesquisadoras dos campos de estudos apontados. Como resultado, buscaremos através das narrativas perceber os atravessamentos de gênero e raça nas histórias/memórias narradas pelas personagens dos contos, reverberados na história da narradora.

Referências: CARBONELL, Neus; TORRAS, Meri. Introducción. In: _____. Feminismos Literarios. Arco/Libros, S.L.: Madrid, 1999. CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estud. av. [online]. 2003, vol.17, n.49, pp. 117-133. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<https://rizoma.milharal.org/files/2013/05/Enegrecer-o-feminismo.pdf>>. Acesso em: 30/07/2013. EVARISTO, Conceição. "A escrivência e seus subtextos". In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. _____. Insubmissas Lágrimas de Mulheres. 2. ed. Rio de Janeiro/RJ: Malê, 2016. HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. hooks, bell. Erguer a voz: pensar

como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019. LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. La manzana de la discordia, Julio - Diciembre, Año 2011, Vol. 6, No. 2: 105-119. Disponível em: <<http://manzanadiscordia.univalle.edu.co/volumenes/articulos/V6N2/art10.pdf>>. Acesso em: 11/06/2014. MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: Corpo, lugar da memória. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Número 26, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>>. Acesso: 10/03/2021. MOI, Toril. Teoría literaria feminista. Madrid: Cátedra, 2006. TAYLOR, Diana. "Performance: Introducción". In: TAYLOR, Diana. Acciones de Memoria: Performance, Historia y Trauma. Perú, Fondo Editorial de la Asamblea Nacional de Rectores, 2012, pp. 7-19.

A PSIQUE ESFACELADA DA ANGOLA BOMBARDEADA: GUERRA E RECONSTRUÇÃO NA POESIA DE ARLINDO BARBEITOS

Luiz Felipe de Queiroga Aguiar Leite

Resumo: A poesia de guerra de Arlindo Barbeitos pode ser vista como uma representação da psique esfacelada do povo angolano. Ao mesmo tempo, do esfacelamento, sua poesia chama pelo humano, que subjaz escondido em meio à paisagem desoladora da Angola em guerra. A luta de reconstrução continua, mesmo sob o dilaceramento, o interior da psique quer se reconstruir. A guerra e a situação colonial, diz Barbeitos, é a grande barriga onde cresce sua poesia. É limpeza e libertação! Diante do inevitável, resta a busca do ser, que nunca pode ser esquecida ou evitada. O si-mesmo precisa ser reconhecido em sua experiência profunda. Assim, o indivíduo e a coletividade podem ressurgir reconstruídos. Para nos debruçarmos sobre essa psique esfacelada que clama por reconstrução tomamos primeiramente Jung, em Presente e futuro (2013a). Neste, a psique do indivíduo é confrontada com a psique da coletividade. A elas se põe um desafio: reconhecer sua consciência e identidade diante da massificação do Estado, em busca do seu autoconhecimento, perdido pelo dilaceramento da psique na guerra. Num segundo momento, atentamos para o reconhecimento dessa consciência e identidade, e pela busca por esse autoconhecimento, que não podem existir sem um encontro profundo com o si-mesmo, com o self. E o encontro com o self não pode ocorrer sem uma base fundamental: a preocupação ética. Assim, ele direciona o processo de reconstrução. Em Aion (2013b, p. 52), Jung dirá que neste encontro é reservado ao homem uma decisão ética. A ética não se limita a uma responsabilidade do ser para o outro, linguagem de Levinas (2010, p. 81), mas também do ser para consigo mesmo, de onde se relaciona com a coletividade. Aos povos do exílio não deve servir só o resgate, por vezes inevitável, mas o próprio processo de autoconstrução a que todo povo autônomo deve ter direito.

Referências: BARBEITOS, Arlindo. Angola, angolê, angolema. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1976. JUNG, Carl Gustav. Presente e futuro: civilização em mudança. Petrópolis: Vozes, 2013a. JUNG, Carl Gustav. Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 2013b. LEVINAS, Emmanuel. Ética e infinito. Portugal, Edições 70, 2010.

CONCEIÇÃO EVARISTO E AS VOZES-MULHERES

Manuela Santos Dias

Resumo: O presente estudo aborda o conceito de Escrivência, proposto por Conceição Evaristo, bem como analisa seu impacto e relevância no processo de resistência que se consolida por meio da autoficção produzida por mulheres negras no Brasil. A literatura brasileira, especialmente escrita e protagonizada por mulheres negras, experimenta um momento relevante para o processo de reconhecimento e afirmação identitária, visto que as escrituras apresentam memórias, histórias, sonhos e ações que ficaram guardados por muito tempo e agora estão sendo projetados para o mundo. Em função da herança negativa que o racismo imprime nas pessoas negras, é essencial construir percepções positivas de si e do outro, principalmente no âmbito artístico e literário. Nesse sentido, a autoficção, se torna imprescindível para os grupos que foram invisibilizados e negligenciados pela crueldade do colonialismo, pois oferece a possibilidade de preencher lacunas que as narrativas oficiais apagaram ou ignoraram ao longo do tempo. Usa-se a metodologia

bibliográfica, com caráter qualitativo e os debates teóricos são norteados, principalmente por Conceição Evaristo (2020), com o conceito de escrevivência; Diana Klinger (2008); Gislene Alves da Silva; Jailma dos Santos Pedreira Moreira (2020); com estudos sobre autoficção e Leda Martins (2003); Diana Taylor (2013) com trabalhos sobre literatura e performance, dentre outros e outras que dialogam com as temáticas estudadas. Consta-se que as escrevivências reforçam e afirmam a presença de múltiplos corpos de mulheres negras que se conectam, se atravessam e são atravessados por vários aspectos sociais e históricos, que garantem ao texto de Evaristo o recurso artístico capaz de pintar a vida por meio da palavra escrita e traduzir o intraduzível.

Referências: EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização DUARTE, Constância Lima; NUNES, ROSADO, Isabella; ilustrações Goya Lopes*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. EVARISTO, Conceição. *A Escrevivência e seus subtextos*. In: *A escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização organização DUARTE, Constância Lima; NUNES, ROSADO, Isabella; ilustrações Goya Lopes*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. KLINGER, Diana. *Escrita de si como performance*: Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada [ABRALIC], v. 25, n. 12, p. 11-30, 2008. MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. 2ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. MARTINS, Leda. *Performances da oralitura: Corpo, lugar da memória*. Periódicos UFSM. Belo Horizonte: UFMG. Letras, 2003 (26), 63-81p. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em 25 jun. 2022. SILVA, Gislene Alves da; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *A escrita de si de sujeitos femininos e sua diferença cultural*. Pontos de Interrogação, v. 6, n. 1, jan.-jun., p. 11-28, 2016. TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. TAYLOR, Diana. *Encenando a memória social: Yuyachkani*. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Org.) *Performance, exílios, fronteiras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

FAZER RIR E FAZER CORAR: GETULINO EM TROVA, CENA E TRIBUNA

Marcelo Magalhães Leitão

Resumo: A sátira foi arma fundamental na atuação de Luiz Gama, desde o primeiro momento de seu percurso combativo. Foi a sátira que animou as cenas e as figuras representadas nas páginas do volume com que Luiz Gama ingressaria no restrito teatro das letras nacionais, as Primeiras trovas burlescas de Getulino. Logo na segunda trova do referido livro, a voz enunciativa de Getulino demarcava em alto e bom som sua existência de escritor negro, cenicamente anunciando-se como um “retumbante Orfeu de carapinha”. Aliás, as Primeiras trovas burlescas já evidenciavam, em sua primeira composição poética, luminosa feição teatral no título escolhido: “Prótase”, termo que concerne ao universo da tragédia clássica. É com essa espécie de prólogo teatral que o retumbante Luiz Gama inicia seu combate insistente, sempre empenhado em seguir “banindo o medo”. A cena que se apresenta então é francamente teatral, e nela a voz enunciativa vai afinando criticamente seu badalo satírico, “pondo a trote muita gente”. E esse mesmo badalo satírico segue repicando na produção intelectual de Luiz Gama, se estendendo para a tribuna da imprensa e para a sua atuação no foro dos tribunais. Em todos esses espaços? da produção poética, da imprensa e dos tribunais?, o advogado abolicionista atuou com ênfase teatral, desenvolvendo maneira muito peculiar de sobreviver em uma sociedade escravocrata e negacionista, que ele combateu com contundência e coragem exemplares. Esse percurso combativo de Luiz Gama, em que se evidenciou um manejo teatral da sátira, é o que pretendemos apresentar na comunicação que ora se propõe.

Referências: Almeida, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018. Azevedo, Elciene. *Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na Imperial cidade de São Paulo*. Campinas: Unicamp, 1999. Franchetti, Paulo. “O riso romântico: notas sobre o cômico na poesia de Bernardo Guimarães e seus contemporâneos”. In *Remate de Males*. Campinas, no 7, 1987. Gama, Luiz. *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Gama, Luiz. *Diabo Coxo: São Paulo, 1864-1865*. São Paulo: Edusp, 2005. Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. Lima, Bruno Rodrigues de (Org.).

Democracia (1866-1869): obras completas de Luiz Gama (Vol. 4). São Paulo: Hedra, 2021. Rancière, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

NA ALVORADA DO PROIBIDO: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E SOCIEDADE NA OBRA MARCELLINA (1979), DE CASSANDRA RIOS

Paulo Narley Pereira Cardoso

Resumo: Dentre diversos escritores perseguidos durante o período da Ditadura civil-militar (1965-1985), podemos destacar Cassandra Rios, pseudônimo utilizado por Odete Rios. Cassandra foi uma escritora paulista, cujas obras alcançaram vendas surpreendentes, apesar da perseguição, superando autores renomados do período, como Jorge Amado, Clarice Lispector e Érico Veríssimo. De seus 50 títulos, 36 foram vetados pelo regime que governava o país, sendo uma das principais marcas de suas obras o protagonismo de sujeitos desviantes da lógica binária heteronormativa, o que irritou constantemente os militares. Mulher, lésbica, ativista da causa LGBTQIA+, Cassandra deixa seu legado em 2001, ano de seu falecimento. Para ela, a sociedade rotulava o homossexual como cachaça de macumba, e não uísque. Sobre isso, esta comunicação tem por objetivo analisar a relação de gênero e sociedade, durante o regime militar, a partir da obra *Marcellina* (1979), tendo como suporte as teorias de gênero, sexualidade e sociedade. Busca-se, ainda, compreender questões referentes à heteronormatividade presente na sociedade da época, a partir da referida obra. Utilizaremos como suporte teórico autores como Judith Butler (2010), Miskolci (2016), Foucault (2017), Maria Luiza Heilborn (2002), entre outros. Sabemos que um autor, no momento da escrita literária, escreve o seu tempo e o seu lugar social. Dessa forma, é possível entender que as representações presentes em obras literárias podem ser tidas como instrumentos políticos para contestar a realidade. Nesse contexto, tem-se que Cassandra Rios, ao retirar suas personagens femininas do lugar tradicional esperado pela sociedade, contesta o período histórico e enfrenta o sistema censório que tanto tentou abafar suas obras, bem como seus gritos por liberdade.

Referências: BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. HEILBORN, Maria Luiza. "Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade". Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92. FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: uma aprendizagem pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ÁGUA DE BARRELA: A MEMÓRIA EM QUESTÃO

Thiara Cruz de Oliveira

Resumo: Considerando que a formação de nação brasileira é composta por muitos episódios complexos, cuja origem se deu por meio da barbárie e da violação de corpos negros durante o processo de escravização que reverbera até a atualidade e determina um cenário ainda de exclusão, a proposta desta explanação é discorrer sobre a memória como recurso de resistência na obra *Água de Barrela*, da escritora Eliana Alves Cruz. Assim, recorre-se aos estudos sobre memória, principalmente à pesquisa de Grada Kilomba, a fim de resgatar como elementos memorialísticos são fundamentais para elaboração de discursos e para reformulação deles, de modo que contribuam para a deslegitimação de práticas de segregação, na esfera micro, e políticas de apagamento e de extermínio, no macro. Percorre-se, igualmente, as perspectivas de discurso paratópico de Dominique Maingueneau, com o intuito de questionar, a partir do discurso literário, os discursos hegemônicos que validam a marginalização histórica em torno das questões étnico-raciais quanto à população negra. Com isso, espera-se compreender o resgate da memória familiar (e coletiva) como artifício literário utilizado pela escritora, o que expõe a necessidade de recontar a história do Brasil, não em um movimento de negacionismo científico, mas de desvelar um processo histórico que foi apagado ao longo dos séculos, verificando, nos termos de Walter Benjamin, a história a contrapelo.

Referências: CRUZ, Eliana Alves. Água de Barrela. Rio de Janeiro: Malê, 2018. BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. Estudos Avançados, São Paulo, USP, v. 16, n. 45, maio/ago, 2002. MAINGUENEAU, Dominique. Discurso literário. 2 ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2016.

SIMPÓSIO “MEMÓRIA, TESTEMUNHO E NAÇÃO”

Coordenadores: Ana Karla Carvalho Canarinos (UERJ) e Fábio Ávila Arcanjo (UNICAMP)

UMA ANÁLISE DO ROMANCE MACHADO, DE SILVIANO SANTIAGO

Ana Karla Carvalho Canarinos

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a análise do romance Machado (2017) de Silviano Santiago, tendo em vista questões de memória e nação. Tendo em vista o papel importante como crítico literário no Brasil, no que concerne à divulgação da obra de Jacques de Derrida e à criação do conceito de entrelugar, Santiago questionou diversos temas como o perene nacionalismo da tradição crítica, o cânone e a tradição. No romance Machado, Santiago narra os últimos anos da vida de Machado de Assis, entretanto, mais do que contar os últimos anos do autor de Memórias Póstumas, Santiago interpreta a oposição ficção/real, narrador/autor e centro/periferia, temas caros tanto à obra machadiana como à produção crítico-teórica de Santiago. Sob este aspecto, a literatura brasileira, no interior da teoria do entrelugar de Santiago não estaria mais fadada à condição subalterna de cópia. O lugar intermediário não apenas da cultura brasileira, mas da latino-americana, fruto da miscigenação e da fórmula de Paulo Emílio de “não ser e o ser outro”, coloca os países periféricos numa posição de sujeito e de produtor de cultura, e não mais como meros receptores e importadores dos países metropolitanos. Sob este aspecto, as obras literárias de Santiago, ao abordar temas como tradição, memória e nacionalismo, não apenas se configuram como uma espécie de suplemento de sua teoria pelo seu teor crítico e de problematização do cânone, como também reinventam o gênero memorialismo na ficção brasileira contemporânea. Portanto, ao longo deste trabalho, pretendemos mapear relações entre memória e nação na obra de Santiago, compará-lo com a tradição literária brasileira e repensá-lo dentro do paradigma crítico do entrelugar.

Referências: DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. São Paulo : Perspectiva, 2014 GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema e política. São Paulo: Companhia das Letras, 2021 SANTIAGO, Silviano. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos. Recife: Cepe, 2019

ESCRITA DE SI, MEMÓRIA E HIV EM MAMÃE ME ADORA (2012) DE LUÍS CAPUCHO

Antonio Carlos Batista da Silva Neto

Resumo: Em 2012, o compositor e escritor Luís Capucho lança seu terceiro livro, Mamãe me adora; se em seus dois primeiros livros – Cinema Orly (1999) e Rato (2007) – a escrita conduz um processo de rememoração de suas experiências (sexuais), de seu corpo, e de sua identidade, em Mamãe não seria diferente. Nele, os limites entre o eu-autor e o eu-personagem se confundem nos inúmeros relatos autorreferenciais ocorridos na viagem de ônibus que Luís percorre entre Rio de Janeiro e Aparecida do Norte, ao longo da qual, acompanhado por sua mãe, que teria recentemente completado 75 anos, transita por lembranças de uma vida construída ao seu lado, a sua condição sorológica, e os devaneios de seus íntimos desejos. Por sua vez, na relação que o protagonista do romance estabelece com a figura materna, a memória (individual e coletiva) de outros tempos é revisitada como forma de se localizar no tempo e no espaço da narrativa. Entre momentos de afeto, tesão e partidas, a obra traz inúmeros relatos autorreferenciais que rompem os limites preestabelecidos entre o real e o fictício, entre o autor e a personagem, e nos permite ler, com base na noção de escrita de si como performance da estudiosa brasileira Diana Klinger, os processos de

autorreferencialidades e de performance do corpo, bem como da memória como um fenômeno construído, de Maurice Halbwachs (1950), no discurso narrativo do romance.

Referências: CAPUCHO, L. Rato. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007. CAPUCHO, L. Cinema Orly. Rio de Janeiro: Interlúdio Editora, 1999. CAPUCHO, L. Mamãe me adora. Rio de Janeiro: Edições da Madrugada, 2012. DOUBROVSKY, S. Fils. Paris: Galilée, 1977. FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. O que é um autor?. Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160. HALBWACHS, M. A Memória coletiva. 2. ed. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1950. KLINGER, D. Escrita de si como performance. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, p. 11-30, 2008.

ENTRE LINHAS E RABISCOS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NA NARRATIVA JUVENIL QUANDO VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA: CARTAS PARA NELSON, DE JOEL RUFINO DOS SANTOS.

Camila Pereira de Sousa

Resumo: Com a redemocratização política do Brasil após o período de Ditadura civil-militar (1964-1985), a literatura constituiu uma luta contra o esquecimento dos episódios repressivos a mando da ditadura. Dessa forma, por meio das produções literárias, evidencia-se um empenho na busca por compreender como as marcas da repressão permaneceram na subjetividade de quem vivenciou o período de exceção. Não somente das pessoas atingidas diretamente pela opressão, mas também daquelas que de forma indireta foram impelidas a “elaborar, subjetivamente, os vestígios desse período” (SANTINI; ROCHA, 2019, p.20). Para tanto, avolumaram-se publicações de narrativas autobiográficas, testemunhos, cartas, diários de ex-guerrilheiros, amigos e familiares das vítimas do sistema ditatorial. Nesse contexto, temos a obra Quando Voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson, de Joel Rufino dos Santos, publicada em 2000. Estruturada em forma de cartas, escritas para o filho no período em que Joel esteve preso pelo regime ditatorial, a materialidade da obra é atrativa ao jovem leitor, sendo composta por ilustrações feitas pelo escritor, desenhos coloridos que dialogam com as histórias descritas. A relação entre palavras e ilustrações, em produções infantis e juvenis, desafia leitores a participarem da ressignificação textual, ativam percepções e sensibilidades acerca do conteúdo expresso. Assim, a presente comunicação objetiva analisar a materialidade da obra de Joel Rufino dos Santos como elemento de composição da narrativa acerca do período da Ditadura civil-militar, bem como sua construção testemunhal, a qual corrobora para a elaboração da memória da ditadura. O estudo se fundamenta nos pressupostos de Checchia (2020), Ginzburg (2010), Santini e Rocha (2014), Nikolajeva e Scott (2011) e Fittipaldi (2008). As linhas e imagens que compõe a narrativa envolvem o leitor com os fatos por meio do lúdico e atenuam a carga de intensidade de situações execráveis, como censura, prisões e perseguições às dissidências políticas.

Referências: CHECCHIA, Cristiane. Fronteiras e esquecimento: Noite dentro da noite, de Joca Reiners Terron. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 60, p. 1-10, 12 abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/30764>. Acesso em: 10 set. 2020. FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. FITTIPALDI, Cíça. O que é imagem narrativa. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2008, p.93-122. GENETTE, Gérard. Paratextos Editoriais. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. GINZBURG, Jaime. Crítica em tempos de violência. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Literatura brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro ilustrado: palavras e imagens. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011. FITTIPALDI, Cíça. O que é imagem narrativa. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2008, p.93-122. SANTINI, J. ; ROCHA, R. C. . Com quantas cores se narra uma saudade? O narrador infantil e a leitura do real em um texto de Lygia Bojunga. Literatura em Debate (URI) , v. 8, p. 8-22, 2014. SANTOS, Joel Rufino dos. Quando voltei, tive uma surpresa: cartas a Nelson. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000.

O QUE FICA DEPOIS DO CESSAR-FOGO: UMA ANÁLISE SOBRE AS MARCAS DA GUERRA NOS PROTAGONISTAS DE “MATADOURO-CINCO” E “NADA DE NOVO NO FRONT”

Diane Nascimento de Oliveira e Thiago Martins Caldas Prado

Resumo: Publicado em 1969, Matadouro-cinco tem como temática central um dos períodos mais tenso da vida de seu autor, Kurt Vonnegut (2019): sua participação na Segunda Guerra Mundial. Assim como Vonnegut, o protagonista de seu romance, Billy Pilgrim, serviu na guerra ao lado dos Aliados, também foi capturado pelos alemães e conduzido como prisioneiro de guerra para Dresden, onde sobreviveu por pouco a bombardeios britânicos e estadunidenses que destruíram a cidade alemã. Já o romance de Erich Maria Remarque (2022), Nada de novo no front, publicado em 1929, conta a história de Paul Baumer, jovem alemão de família humilde que, assim como muitos a época, deixa tudo e vai para a guerra, mas descobre que, independentemente de qual lado da trincheira esteja, a guerra só tem horror. Dessa forma, o objetivo deste artigo é compreender em que medida a teoria do narrador de Benjamin (1987) suporta ou não essas duas narrativas, pois, conforme o ensaísta, após viver o terror da guerra, o soldado retorna com um declínio na faculdade de compartilhar experiências. Outros autores que fundamentarão este trabalho são: Thiago Martins Caldas Prado (2011), que explana sobre os encaixes pós-modernos de focos narrativos, Allen (c2017), que traça uma breve biografia de Vonnegut. Conclui-se que Bill Pelegriny e Paul lidaram com o retorno da guerra de formas diferentes: o primeiro, tentou sobreviver, criou uma espécie de mundo próprio (que incluía viagens no tempo e encontros com Ets.), o segundo, é emudecido pelos traumas guerra – para ele, a morte é quase uma libertação.

Referências: ALLEN, William Rodney. A brief biography of Kurt Vonnegut. Kurt Vonnegut Museum and Library. Indianapolis, c2017. Disponível em: <<https://www.vonnegutlibrary.org/kurt-biography/>>. Acesso em: 20 dez. 2021. BENJAMIM, Walter et al. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas 1). p. 197-221. CHIAPPINI, Ligia; LEITE, Moraes. O foco narrativo. 11. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007. NOBOA, Igor Carastan. Filmes do fim do mundo: Ficção Científica e guerra fria (1951- 1964). São Paulo, Dissertação de Mestrado do PPG em História Social da USP, defendida em 2010. PRADO, Thiago Martins. A constituição do personagem-narrador pós-moderno. Analecta. Guarapuava, v. 12, n. 2, p. 67-87, jul/dez 2011. REMARQUE, Erich Maria. Nada de novo no front. Porto Alegre: L&PM, 2022. VONNEGUT, Kurt. Matadouro-cinco: ou a cruzada das crianças. uma dança compulsória com a morte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

MEMÓRIA E LITERATURA: A LEMBRANÇA COMO LEGITIMAÇÃO HISTÓRICA

Edilson Dias de Moura

Resumo: Na abertura de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, obra em que narra os horrores de uma prisão arbitrária, conta o autor não dispor seu relato de qualquer documento enquanto testemunha dos fatos (nem mesmo tivera um processo formal), apenas lembranças, já que o manuscrito em que vinha escrevendo sobre sua prisão em março de 1937 ele o atirara ao mar em um momento de aperto. Com isso, explica: "Nesta reconstituição de fatos velhos [...], exponho o que notei, o que jugo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contexto, mas espero que não recusem as minhas" (Ramos, 1996, p. 36). Conforme, Paul Ricoeur (2016, v.1, p.22), narrativa implica memória: ter uma imagem do passado. Mas essa imagem não coincide com as coisas passadas: ela corresponde a um vestígio deixado pelas coisas que passaram. Os vestígios na memória, assim, estariam no limiar da prova ou de um equívoco. Graciliano supõe uma conversa em que ouve uma informação diferente do que ouviu outra pessoa por falta de umas sílabas no discurso. Ele se pergunta: "Estarei mentindo? Julgo que não. Enquanto não se reconstituir as sílabas perdidas" (Ibidem). Em vários períodos da História, a memória (narrativa) será a única garantia da existência de violações sofridas por indivíduos, grupos ou povos inteiros. E a Literatura a acolherá amplamente. Nesta comunicação, farei uma discussão relacionando literatura e as experiências de agravos sofridos e registrados por Graciliano Ramos em Memórias do Cárcere; as sofridas por Alípio Freire e fixadas em seu poema Estação Paraíso; e as de B. Kucinski em K.

Referências: BASTOS, Hermenegildo. Memórias do cárcere: literatura e testemunho. Brasília-DF: Editora da UnB, 1998. FREIRE, Alípio. Estação Paraíso. São Paulo: Expressão Popular, 2007. KUCINSKI, B. K. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. MOURA, Edilson Dias de. Literatura In Memoriam: sentidos de legitimação histórica. Revista Scriptorium, v. Vol 4, p. 106-121-121, 2018. ____; TOMMASO, Mario. Reflexões acerca da escrita na atualidade. São Paulo, Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira. vol. 1, n. 2, 2011, p. 122-128. RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere. vol. 1. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1996. RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. A intriga e a narrativa histórica. vol. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

RESQUÍCIO COLONIAL E PROPENSÃO DECOLONIAL NA POÉTICA DE ODETE SEMEDO: UM DIÁLOGO COM A POESIA DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Eusébio Djú

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar os poemas de No fundo do canto (2007), da poeta guineense, Odete Semedo, em diálogo com o poeta brasileiro, Edimilson de Almeida Pereira, com a hipótese de que essas produções poéticas retratam fatos históricos próprios ao processo colonial extrativista. Como metodologia, utilizamos estudos que ressignificam essas produções poéticas como decoloniais e denunciadoras do processo colonial (AUGEL, 2007; SILVA, 2010; BISPO, 2013; LEITE, 2014; DJÚ, 2021). Assim, considera-se que Edimilson de Almeida Pereira aborda em sua poética a relação entre etnocentrismo e poesia como projeto literário, propondo um discurso poético-filosófico que pensa a relação entre colonização, descolonização e trabalho escravo. Os elementos constituintes de sua linguagem poética fazem de seus poemas um discurso em ação e ressignificam seus poemas como uma teia, na qual passado, presente e futuro estão ligados. Com essa perspectiva, compreendemos como Odete Semedo se comunica poeticamente com Edimilson de Almeida Pereira, quando, em sua arte poética, descreve da mesma forma o triste contexto da colonização, denunciando-o como processo violento, destrutivo e excludente dos saberes tradicionais dos povos africanos. Por fim, este estudo comparativo visa contribuir para a compreensão dos temas basilares desses dois poetas que reivindicam as liberdades individuais e coletivas das pessoas no mundo.

Referências: AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombro: nação, identidades e pós colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da Costa. A Literatura guineense: contribuição para a identidade da nação/ Joaquim Eduardo Bessa da Costa Leite. Orientador: Prof. Dr. José Luís Pires Laranjeira. 2015. 326f. Tese (Doutorado em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. BISPO, Érica Cristina. Eternos descompassos... Faces do trágico em Abdulai Sila. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2013. DJÚ, Eusébio. Uma terra de reminiscências horripilantes: uma análise da memória coletiva na poética de Odete Semedo/ Eusébio Djú; orientador: Fabrícia Wallace Rodrigues. 2021. 204f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, 2021. HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: História geral da África, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília: UNESCO, 2010. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negociação e conflito na construção das poéticas brasileiras contemporâneas. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, UnB, no. 31, janeiro-junho de 2008, p. 25-52. Disponível em:<<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9431>>. Acesso em: 22 dez. 2022. PEREIRA, Edimilson de Almeida. Poesia + (antologia 1985-2019)/ Edimilson de Almeida Pereira; prefácio de Roberto Zular. 1ª ed. - São Paulo. Editora 34, 2019. QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina (2000). In: Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Sel. Danilo Assis Clímac. Prólogo Danilo Assis Clímaco. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014. RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa. Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história. Porto: Afrontamento, 2011. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP:

Unicamp, 2007. SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva / Beatriz Sarlo; tradução Rosa Freire d'Aguiar. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. SEMEDO, Odete Costa. No fundo do canto. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. SILVA, Monaliza Rios. A Guiné-Bissau no fundo do canto: o tempo/espço pós-colonial de Odete Semedo. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/download/13515/7674>>. Acesso em: 22 dez. 2022.

A DUPLA INTERDIÇÃO NOS RELATOS TESTEMUNHAIS DE PIERRE SEEL E RUDOLF BRAZDA

Fábio Ávila Arcanjo

Resumo: Esta comunicação objetiva desenvolver uma análise comparada a partir de duas obras consideradas basilares dentro da chamada literatura de teor testemunhal (SELIGMANN, 2022) escrita por homossexuais sobreviventes dos campos de concentração e guetos. São elas: Eu, Pierre Seel, deportado e homossexual, de Pierre Seel; e Triângulo rosa, de Rudolf Brazda e Jean-Luc Schwab. O objetivo central é lidar com um tipo de testemunho cuja recepção se mostrou ínfima, em função da circulação de valores pautados pelo preconceito e pelo silenciamento. Os testemunhos em questão, conforme apontado anteriormente, foram mobilizados por homossexuais deportados para os campos de concentração, que, durante muito tempo, ficaram proscritos da condição de sobreviventes do Holocausto. Neste tipo de rememoração testemunhal, além do obstáculo originário do trauma das vivências, temos um segundo tipo de obstáculo, que é, justamente, o da denegação discursiva, isto é, a denegação de palavras que dariam nome a esse acontecimento (PAVEAU, 2005). Isto posto, esta proposta partirá de dois eixos teóricos: em primeiro lugar, o da teoria do testemunho, na abordagem de temas como vozes testemunhais (SELIGMANN-SILVA, 2003; SARMENTO-PANTOJA, 2019), trauma (SELIGMANN-SILVA, 2008), desautorização (KUPPERMAN, 2016) e perlaboração do passado (AYOUC, 2015; ROBIN, 2016); e, por fim, o das modalidades argumentativas, nas quais serão examinadas as construções das imagens de si e do outro (AMOSSY, 2004; 2018) e a inscrição das emoções (AMOSSY, 2018).

Referências: AMOSSY, R. L'espèce humaine de Robert Antelme ou les modalités argumentatives du discours testimonial. In: SEMEN Revue de sémio-linguistique des textes et discours. Paris: Presses Universitaires de France, 17, 2004. AMOSSY, R. A argumentação no discurso. Coordenação da equipe de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018. AYOUC, T. La déportation pour motif d'homosexualité: du déni de la mémoire à la perlaboration de l'histoire. In: Revue Française de Phénoménologie et de Psychologie Analytique, L'Harmattan, 2015, La déportation en héritage, 2015, p. 89-11. CANGI, A. Imagens do horror. Paixões tristes. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 139-170. DANBLON, E. L'homme rhétorique: culture, raison, action. Paris: Les Éditions du Cerf, 2013. ELÍDIO, T. A perseguição nazista aos homossexuais: o testemunho de um dos esquecidos da memória. Dissertação (mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 95, 2010. HARTMAN, G.. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTRÓVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Orgs.). Catástrofe e representação. São Paulo: Escuta, 2000, p. 207-235. HEGER, H. The men with the pink triangle: the true, life and death story of homosexuals in the Nazi death camps. Trad. David Fernbach. 2ª ed. Los Angeles: Alyson Publication, 1994. KUPPERMAN, D. A desautorização em Ferenczi: do trauma sexual ao trauma social. Formação freudiana. 23 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.freudiana.com.br/novidades/desautorizacao-em-ferenczi-trauma-sexual-ao-trauma-social-por-daniel-kupermann-2.html>. Acesso em 23 de abril de 2022. LEVI, P. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. MÉMORIAL DE LA SHOAH. 2021. Homosexuels et lesbiennes dans l'Europe nazie. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNrwWAI3ML/>. Acesso em 17 de maio de 2021. PAVEAU, M-A. Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas. Tradução de Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015. PLANT, R. The pink triangle: the nazi war against homosexuals. Chicago:

Holt McDougal, 1988. POLLAK, M. L'expérience concentrationnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale. Paris: Édition Métailié, 1990. RICCEUR, P. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François... [et al]. 6ª reimpressão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. ROBIN, R. A memória saturada. Tradução de Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. SARMENTO-PANTOJA, A. O testemunho em três vozes: testis, supertes e arbiter. In: Literatura e autoritarismo, Santa Maria, RS, n. 33, 2019, p. 5-18. SCHLAGDENHAUFFEN, R. Queer in Europe during the Second World War. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2018. SCHWAB, J-L. Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista/Jean-Luc Schwab, Rudolf Brazda. Tradução de Angela Cristina Salgueiro Marques. 2ª ed. São Paulo: Mescla, 2012. SEEL, P. Eu, Pierre Seel, deportado homossexual. Tradução de Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012. SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88. SELIGMANN-SILVA, M. O testemunho: entre a ficção e o "real". In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 371-385. SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, 2008, p. 65-82. SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. In: Tempo e argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. vol. 2, n.1, 2010, p. 3-20. SELIGMANN-SILVA, M. A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. SELIGMANN-SILVA, M. "O que resta do testemunho: Marc Nichanian e os desafios da inscrição da violência genocida", in: 100 anos do Genocídio Armênio. Negacionismo, silêncio e direitos humanos, org. por M.L. T. Carneiro; C.E. Boucault, H.A.C. Loureiro, São Paulo: Humanitas, 2019, pp. 153-170. SETTERINGTON, K. Marcados pelo triângulo rosa. Tradução de Sandra Pina. São Paulo: Melhoramentos, 2017. SHERMAN, M. Bent. New York: Samuel French Acting Edition, 1979. TAMAGNE, F. La Déportation des homosexuels durant la Seconde Guerre Mondiale. In: Revue d'éthique et de théologie morale, n. 239, 2006, p. 77-104.

NARRAR UM PAÍS EM CRISE: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM 'O ÚLTIMO GOZO DO MUNDO', DE BERNARDO CARVALHO

Juliana Krapp Guimarães

Resumo: 'Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são', já acusava Macunaíma. A ideia de doença teve lugar primordial na construção do imaginário sobre o Brasil, apontam muitos historiadores. Porém, doenças que assolam grande parte da população não frequentam com destaque a ficção brasileira. Não costumamos narrar doenças relacionadas à pobreza, agravos endêmicos das periferias, desafios contumazes para a saúde pública. Por outro lado, na ficção brasileira recente, há vários distúrbios que afetam a memória ou a percepção dos personagens. Até que ponto representam a busca por investigar a carga de uma memória social tão marcada pela violência, pelos traumas, pelos apagamentos? Um esforço para iluminar memórias que se insinuam como espectros, heranças tornadas fantasmas, destroços? O que teriam a dizer sobre as formas com que a ficção brasileira tem lidado com o olhar sobre o 'outro', ato sempre informe, em narrativas de autores que guardam, em si, fardos, marcas e contradições herdadas de um país que pulsa em encruzilhada? A ideia de nação, enquanto narrativa unificadora e alimento simbólico, parece ter se ausentado da ficção brasileira, aponta Renato Cordeiro Gomes (2014). Ao mesmo tempo, não podemos nos livrar da nação enquanto herança, força residual, aparição fantasmal a nos assombrar. Foram apenas 100 anos de diferença entre a gripe espanhola e a pandemia de covid-19. Porém, a memória social brasileira sobre a primeira parece não ter sido suficiente para amenizar a devastação da segunda. Neste trabalho, vamos investigar como a memória — e sua impossibilidade — é elemento central de 'O último gozo do mundo' (2021), de Bernardo Carvalho. Ao tecer uma fábula que transcorre num mundo em ruínas, marcado por uma pandemia, o romance parece ilustrar os desafios de projetos estéticos que encarem 'o paradoxo de um passado indelével que não admite passado' (CARVALHO, 2021).

Referências: ANDRADE, Mario de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988 [1928]. Coleção Buriti n. 41. BARBOSA, Marialva C.. Gripe espanhola: fluxos encadeados de memória e lapidação das lembranças. *Recis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*. 2020 out.-dez.;14(4):820-31. CARVALHO, Bernardo. O último gozo do mundo: uma fábula. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. GOMES, Denise Cristina Ayres e RIBEIRO, Renata de Rezende. "Memória e imaginário da Covid-19 no Jornal Nacional: o hospital no cotidiano midiático". In: *Lumina. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação*. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). v. 15, n. 2, p. 103-119, mai./ago. 2021. GOMES, Renato Cordeiro. Herança, espectros, resíduos: Imaginar a nação em tempos heterogêneos. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÓ, Ettore (org.). Possibilidades da nova escrita literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006. HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política e amnésia. In: *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000, p.9-40. KRAPP, Juliana. Carne pequena, heranças: ensaios sobre saúde e doença na ficção brasileira contemporânea. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2019. LIMA, Nisia Trindade & HOCHMAN, Gilberto, Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, nº 2, 2000, pp. 313-332. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n2/7098.pdf>. NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n. 10, pp. 7-28, dez.1993.

EVITA: UMA VIDA COMO MEMÓRIA

Rosa Maria da Silva Faria, Sonia Cristina Reis

Resumo: Esta comunicação traz a discussão sobre o mito de Evita e, também, a sua notória influência no imaginário social, ideológico, político e cultural argentino e que gera, ainda hoje, certa polêmica de resistência e adesões, de igual intensidade, em torno da personalidade desta figura feminina. No campo literário argentino sua representação se faz presente e articula essa imagem mítica aos debates que se vinculam ao campo intelectual argentino. Considerando que o mito de Evita estabelece relações com campo literário e, a partir disso, promove articulações entre ideologia, mito e história, entendidos como construção discursiva, essa personalidade pública tem sido relida e inserida em debates narrativos e culturais, desde sua morte em 1952. Seu corpo se converteu em símbolo de reivindicação de igualdade de direitos para as classes populares, mulheres e postergados sociais. Considerando ainda que a escrita atue como ferramenta de resgate da memória do mito que integra uma cultura, uma memória e uma história, como aponta Roland Barthes (2007) em *Mitologias* e, também, como afirma Maurice Halbwachs (2003) em *Memória coletiva*, esta traz a lembrança como produto de um processo coletivo, que é inserido num contexto social específico argentino. Objetiva-se, então, que por meio do reconhecimento e da reconstrução da biografia de Evita sejam retomadas algumas lembranças, não só, de suas relações sociais, mas também de ideias e sentimentos compartilhados, naquele momento da história argentina. Entende-se, portanto, que a função primordial da memória, como imagem partilhada do passado, é promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo.

Referências: BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno, Pedro Souza e Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

OS OSSOS FORA DO BAÚ: PEDRO NAVA E A DESTRUIÇÃO DA MEMÓRIA FAMILIAR ALHEIA

Venâncio Paiola Tonon

Resumo: Este trabalho investiga os procedimentos de construção e destruição da memória geracional no Baú de Ossos, primeiro volume das memórias de Pedro Nava (1903-1984). O sociólogo Pierre Bourdieu (1996), no texto *O espírito da família*, define a preservação da instituição familiar como uma das principais condições de acumulação e transmissão de privilégios econômicos, culturais e simbólicos. Podemos enxergar nas memórias de Pedro Nava um movimento análogo –

uma vez que as memórias de sua família se confundem com a história da própria instituição familiar brasileira. Mas, se por um lado, o vasto acervo de objetos, cartas, e registros presentes no Baú de Ossos permite a Nava conservar, e em alguma medida – recriar a história de seus antepassados; sua obra também revela a negação do direito à memória familiar alheia. Essa mnemônica destrutiva é explícita, por exemplo, nos atos da avó materna, que vivia “como se não tivesse havido princesa Isabel nem Treze de Maio” (Nava, 2012, p. 289), preservando instrumentos de tortura, queimando registros de ex-escravizados e revogando o nome de batismo das crianças negras assimiladas à periferia de seu núcleo doméstico. Portanto, a costura do enredamento familiar implica, no caso do Baú de Ossos, a descostura de uma outra trama, a dos escravizados e seus descendentes subordinados à ordem familiar do autor – na qual não apenas sofrem toda sorte de violência física e simbólica, mas onde também lhes é subtraído o direito à uma história própria, ao sobrenome – e, sobretudo, à memória.

Referências: Bourdieu, P. (1996). Razões práticas: Sobre a teoria da ação. Papyrus Editora. Nava, P. (2012). Baú de ossos. Companhia das Letras.

SIMPÓSIO “OUTRAS FRONTEIRAS DO COMUM: LITERATURAS, POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS ANTICOLONIAIS E ANTICAPITALISTAS”

Coordenadores: Noemi Alfieri (Africa Multiple Cluster – University of Bayreuth), Marta Banasiak (IEL-Unicamp/FAPESP) e Stênio Soares (Africa Multiple Cluster - University of Bayreuth/UFBA)

AMONG BUILDINGS AND BEINGS: PROPERTY AND SUBJECTIVITY IN PERNAMBUCAN FILMS

Ana Guimaraes

Resumo: Can we reimagine a radically emancipatory relationship between property and subject through literature and cultural texts? My work consists of reflecting on this question in relation to changing notions of race, economic order, gender roles, and urban experience. I will draw a parallel between filmic narratives *Amarelo Manga* (2002) and *Um Lugar ao Sol* (2009) to engage in a critical overview of the idea of property ownership across disciplines, especially as it intersects with questions of cultural texts and political subjectivity. I turn to Pernambucan production due to the emerging “boom” of films on housing and struggles for land in the past decades, reflecting on and responding to the political climate, urban transformation, and social unrest. Focusing on cultural texts allows me to reflect on how infrastructures articulate the process of realization of subjectivity in the face of a subject's role in society and their geographies of dispossession. This approach requires us to read subjects' relation to objects, in this case, buildings, such as the Texas Hotel in Claudio Assis' film and the skyscrapers in Gabriel Mascaro's documentary. As highlighted by Abdo Ferez, there is a historical relationship between the conception of an individual and the conception of property, possession, and dominium (2013). Drawing mainly on the work of Balibar (2013), Dussel (2012), Federici (2018), and Macpherson (2011), I argue that housing narratives articulate racial dynamics, social mobility, and subjectivity by capturing the relationship between social actors and their domestic living situation.

Referências: Berlant, Lauren. *Cruel Optimism*. Duke University Press, 2012. Balibar, Etienne. *Identity And Difference: John Locke And The Invention Of Consciousness*. United Kingdom, Verso Books, 2013. Benjamin, Walter, et al. *One-Way Street and Other Writings*. Verso, 2021. Bhandar, Brenna. *Colonial Lives of Property: Law, Land, and Racial Regimes of Ownership*. Duke University Press, 2018. De Albuquerque Jr, Durval Muniz. *A Invenção Do Nordeste: E Outras Artes*. Massangana, 1999. Dussel, Enrique D. “Transmodernity and Interculturality: an Interpretation from the Perspective of Philosophy of Liberation.” *TRANSMODERNITY: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, vol. 1, no. 3, 2012, <https://doi.org/10.5070/t413012881>. Ferez, Cecilia Abdo. *Crimen y si? Mismo: La conformación Del Individuo En La Temprana Modernidad Occidental*. Ed. Gorla, 2013. Federici, Silvia. *Witches, Witch-Hunting, and Women*. PM Press, 2018. Harvey, David. *The Urban Experience*. Johns Hopkins University Press, 2014. Ludmer, Josefina. *Aqui? América Latina:*

Una Especulacio?n. Eterna Cadencia Editora, 2020. Macpherson, Crawford Brough, and Cunningham, Frank. The Political Theory of Possessive Individualism: Hobbes to Locke. United Kingdom, Oxford University Press, 2011.

FORMAS DE VER UMA PEDRA: O RELATÓRIO DE BENDEGÓ

Ana Maria Amorim

Resumo: O relatório sobre o meteorito Bendegó detalha a sua composição mineral. Observa, em tons científicos, o corpo deslocado da Bahia para o Rio de Janeiro em 1877, a pedido de Dom Pedro II. O meteorito ficou no Brasil, ao invés de ser enviado além-mar, ao ser constatado que ele não simbolizava a presença de algum jazida para extrativismo, não tendo, em sua composição, metais relevantes para o mercado. Assim, foi acolhido pelo Museu Nacional, onde pôde testemunhar, por exemplo, a exposição de indígenas vivos, na década de 1880. Mas o que mais pode ser Bendegó? Em "Relatório de Bendegó Indígena", de 2021, o artista wapichana Gustavo Caboco traz, tendo como suporte o relatório, rasuras, escritas, constelações, desenhos, acréscimos, fios vermelhos, pedaços do próprio meteorito. O que o relatório do Oitocentos chama de "remoção" é reescrito como "deslocamento forçado"; o meteorito, agora chamado de pedra, é referenciado como "vovó da terra": questiona-se classificações. Compõe o artista uma obra que revela a violência de um suposto neutro discurso descritivista, além de trazer a reivindicação de outras formas de ver/viver a relação humano/natureza, outras práticas e epistemologias possíveis. O relatório anterior surge, assim, não mais como uma breve análise, e sim como uma vivissecção. Este trabalho pretende abordar como a obra de Caboco tensiona pontos científico-culturais do século XIX - como a abordagem dos museus e das literaturas - e propõe uma reflexão sobre as continuidades, explicitando a permanência da colonialidade.

Referências: Bibliografia preliminar: CABOCO, Gustavo. Relatório de Bendegó Indígena. Desenho sobre impressão, bordado com pedaços do Bendegó, réplica do Bendegó, card xamanizado. Fotografia digital da obra. Acervo pessoal. 2021. CARVALHO, Wilton Pinto de et al. O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química. Braz. J. Geol., São Paulo, v. 41, n. 1, p. 141-156, Jan. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-48892011000100141&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2022. DAFLON, Claudete. Meu país é um corpo que dói. Belo Horizonte: Relicário, 2022. DESCOLA, Philippe. Más allá de naturaleza y cultura. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2012. _____. Outras naturezas, outras culturas. São Paulo: Editora 34, 2016. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMBIENTES PÓS-COLONIAIS: NOTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E LITERATURA NA OBRA DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

Gabriela Beduschi Zanfelicce

Resumo: Em Postcolonial environments: Nature, Culture and the Contemporary Indian Novel in English (2010), Pablo Mukherjee define "ambiente pós-colonial" como um complexo sistema de relações entre agentes humanos e não-humanos atuando historicamente (5-7), isto é, como uma rede integrada de sistemas naturais e culturais sob a condição histórica da contínua e intensificada exploração capitalista (13). Aludindo ao modo como as literaturas pós-coloniais capturam perfeitamente o "ritmo da experiência vivida da existência contemporânea global" (9), o autor observa a irredutível literariedade do romance pós-colonial. Por meio de uma performance de sua própria história, essa literariedade registraria o ambiente simultaneamente a níveis temático e formal, desestabilizando o status quo ideológico e cultural ao inscrever em suas narrativas a devastação ambiental causada a humanos e não-humanos (10-11). Tomando como ponto de partida a pergunta proposta por este simpósio - "Como a literatura pode proporcionar imaginários para além das lógicas capitalistas?" -, essa comunicação pretende analisar os modos através dos quais as obras Índicos Índicios (2005a; 2005b) e Ponta Gea (2017) de João Paulo Borges Coelho performam o

ambiente pós-colonial moçambicano. Buscando investigar o diálogo destas narrativas com os impactos ambientais no oceano Índico e em suas sociedades costeiras, e com especial atenção às formas através das quais as dinâmicas de desenvolvimento combinado e desigual do sistema capitalista contribuem para essa situação, argumentamos que a literatura de Borges Coelho fornece singulares e inovadores imaginários com os quais entender e imaginar as relações entre humanos e não-humanos. Instigando reflexões críticas que desafiam as formas dicotômicas através das quais usualmente pensamos tais domínios, os imaginários de Borges Coelho constroem conexões complexas entre a literatura e a contemporaneidade moçambicana, apontando para a indissociabilidade entre história, sociedade e natureza.

Referências: MUKHERJEE, Pablo. *Postcolonial environments: Nature, Culture and the Contemporary Indian Novel in English*. London: Palgrave Macmillan, 2010. BORGES COELHO, J. P. *Índicos Índícios: Setentrião*. Lisboa: Caminho, 2005a. _____. *Índicos Índícios: Meridião*. Lisboa: Caminho, 2005b. _____. *Ponta Gea*. Lisboa: Leya, 2017.

ASPECTOS DA GEOPOLÍTICA NA REPRESENTAÇÃO ESPACIAL: UMA LEITURA DE OS TRANSPARENTES, DE ONDJAKI

João Victor Sanches Da Matta Machado

Resumo: O romance *Os Transparentes* (2012), do autor angolano Ondjaki, nos indica uma percepção crítica construída em torno da realidade vivida pelo povo de Luanda na periferia do capitalismo global. O prédio onde parte da narrativa se desenvolve funciona como metonímia da nação, assim como a cidade figura aspectos da catástrofe neoliberal. Ambas as localidades são espaços-chave para pensarmos a dinâmica contemporânea do neocolonialismo. No romance, o avanço dos planos para perfuração da cidade de Luanda (que resultam em sua destruição no final da narrativa) é acompanhado pela gradual transformação do personagem Odonato em um ser transparente. A narrativa de Ondjaki coloca em questão os limites de um projeto cujas diretrizes seguem uma modernidade de caráter global, mas que somente beneficia uma ínfima fração da população que já detém o poder e os privilégios sociais. Podemos perceber a consolidação do neocolonialismo presente no cotidiano urbano do povo angolano residente na capital de Angola. A partir dos estudos de Walter Mignolo e Immanuel Wallerstein, esse trabalho pretende demonstrar como Ondjaki parece trazer para a narrativa uma inserção do país no contexto geopolítico ao representar os interesses do capital estrangeiro em explorar as terras e a população do país. Enquanto o colonizador trabalhava pela invisibilização do povo colonizado, a burguesia nacional após a independência parece não enxergar as consequências de suas ações predatórias ou as reais necessidades do povo angolano, caracterizando o avanço das práticas neocoloniais em Angola.

Referências: MACÊDO, T. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: editora UNESP; Luanda: Nzila, 2008. MIGNOLO, W. *Histórias locais, projetos globais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. ONDJAKI. *Os transparentes*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013. SILVA, Raquel. *Figurações da Luanda: experiência histórica e formas literárias*. Tese (doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. WALLERSTEIN, Immanuel. *Geopolitics and Geoculture*. Cambridge/ Paris: Cambridge University Press/ Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1991.

SUÍTE TÓQUIO: UMA NARRATIVA SOBRE TENSÕES E VIOLÊNCIAS ENTRE MULHERES ATRAVÉS DO TRABALHO

Liane Schneider

Resumo: Ao longo do romance *Suíte Tóquio* (2020), de Giovana Madalosso, diferentes espaços de trabalho são justapostos através da construção de duas personagens que dão visibilidade a experiências diversas ao longo da narrativa. Relações de trabalho vivenciadas entre mulheres no plano público/privado embasam os elos estabelecidos entre essas personagens e os lugares físicos/geográficos e afetivos que ocupam: uma mãe, profissional de relativo sucesso; a babá, que atua de forma competente na esfera do lar, ambas assumindo alternadamente a voz narrativa no

romance e pintando as relações de trabalho a partir de suas perspectivas e contextos. A fim de discutir como as relações de trabalho são retratadas por Giovana Madalosso, trazemos conceitos e críticas feministas de Sílvia Federici () quanto ao mundo capitalista e as relações de trabalho estabelecidas dentro dele, bem como um olhar sobre a história das mulheres, da organização das famílias e da maternidade, através de autoras como Joan Scott e outros/as. Demonstramos como esses elos e atritos entre mulheres sustentam ou desfiem o modelo social capitalista sempre ainda colonizador através das partes envolvidas – patroa, chefe, empregada doméstica, babá. Obviamente outras marcas, para além do gênero, influenciam o grau de liberdade que as trabalhadoras conseguem garantir - entre essas a classe social, o pertencimento étnico-racial, a formação escolar, entre outras. Esse emaranhado de lugares ocupados e desafiados serão o foco da análise que propomos.

Referências: FEDERECI, Sílvia. O Patriarcado do Salário. São Paulo: boi tempo, 2021. MIGUEL, Luis Felipe & Birolí, Flávia. Feminismo e política. São Paulo: Boi tempo, 2014. VERGES, Francoise. Uma teoria feminista da violência. SCOTT, Joan. o engima da igualdade. Florianópolis, 2005, Revista Estudos feministas, V13 n1, p.11 - 30.

PALAVRAS DE CURA PARA REGRESSAR À ENSEADA DO RIO: O USO PERFORMATIVO DA PALAVRA COMO PRÁTICA DECOLONIAL EM ELLEN LIMA

Maria Margarida de Oliveira Rendeiro

Resumo: A língua portuguesa preserva a história da violência colonial não só contra os corpos não brancos, mas também contra as línguas e saberes que esses corpos guardam. Esta é também a língua que constrói narrativas sobre passados heroicos com conquistas e descobertas de territórios e missões civilizadoras sobre povos que já habitavam esses territórios. Estas narrativas permanecem até hoje como assombramentos no imaginário português contemporâneo, ao mesmo tempo que prolongam o silenciamento sobre o passado de violência dos massacres e explorações dos corpos indígenas na língua que é, também ela, o prolongamento da memória da violência contra as línguas desses corpos. Com a colonialidade veio também a resistência e a recusa como uma prática epistêmica e de existência contra a matriz colonial do poder em todas as suas dimensões e em defesa das possibilidades de um outro devir (Mignolo 2018, 17). A presente comunicação centra-se na escrita de Ellen Lima, poeta e escritora brasileira indígena, de origem Wassu Cocal, imigrada em Portugal. A escrita de Lima faz o uso performativo e artístico da palavra poética, juntando o tupi antigo ao português, evidenciado na sua antologia de poemas intitulada Ixé Ygara Voltando Pra'Y'Kûá (2021), na sua participação nos dois volumes coletivos de Volta para tua Terra (2021, 2022), que igualmente performam uma recusa coletiva da violência (pós-) colonial, e na sua participação no Minha Poetry Slam, em 2022. Argumenta-se que a escrita e a performance poética de Lima evidenciam a construção da gramática de quem vive no mundo pós-colonial, “habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira” e experiencia o deslocamento e a (des)pertença (Mignolo 2017, 19). A escrita e o uso performativo na antiga metrópole colonial, visibilizando a memória ancestral rasurada, constituem a praxis decolonial necessária que enfrenta e desafia a violência colonial que a língua portuguesa silencia.

Referências: Lima, E. Ixé Ygara Voltando Pra'Y'Kûá (sou canoa voltando pra enseada do rio). Urutau, 202 Mello, M. e Vaz, W. Volta para tua Terra - Uma Antologia antirracista/Antifascista de Escritoras Estrangeiras em Portugal. Volume 2: Prosa. Urutau, 2022. Mello, M. e Vaz, W. Volta para tua Terra - Uma Antologia antirracista/Antifascista de Poetas Estrangeirxs em Portugal. Urutau, 2021. Mignolo, W. e Walsh, C.E. On Decoloniality - Concepts. Analytics. Praxis. Duke University Press, 2018. Mignolo, W. Desafios decoloniais hoje. Revista Epistemologias do Sul, 1(1), 2017, p.12–32. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>

A POESIA DE NOÉMIA DE SOUSA E OS ASPECTOS HISTÓRICOS DO COLONIALISMO EM MOÇAMBIQUE.

Mayara Ranieri Paschoal

Resumo: A presente pesquisa propõe-se a analisar os poemas Nossa voz, Súplica, Porquê, Canção Fraternal, Lição, O homem morreu na terra de algodão e Sangue Negro, reunidos no livro “Sangue Negro” (2016) de Noémia de Sousa. A escolha desses poemas como corpus deve-se ao fato de terem um elo temático comum: a opressão do sistema colonialista português em Moçambique, o sofrimento decorrente das populações locais a partir do estabelecimento da superexploração do trabalho e a ascensão (de um projeto ainda) da luta de libertação em Moçambique também na seara da produção literária local. A partir da delimitação dos poemas, interessa-nos investigar em que medida a produção poética de Noémia revela-se substancialmente imbricada com sua militância política ao contestar e confrontar o sistema colonialista português. Para a realização desse estudo, utilizamos como viés teórico-metodológico a perspectiva do materialismo histórico e dialético, buscando refletir acerca da materialidade histórica e social da vida dos moçambicanos no contexto em questão e que é, também, o da própria poetisa. Para a fundamentação dessa reflexão, teremos como aporte teórico inicial autores como Frantz Fanon, Eric Williams, Walter A. Rodney, Antonio Candido, Alfredo Bosi, Theodor Adorno e Terry Eagleton pretendendo estabelecer as possíveis imbricações entre literatura, história e sociedade.

Referências: ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. Notas de literatura I. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: 34, 2003, pp. 65-89. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora brasiliense, 1985. BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: _____. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1977. BOXER, Charles Ralph. O império colonial português (1415-1825). Lisboa: edições 70, 1969. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Companhia editora nacional, 1976. _____. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1989. _____. O estudo analítico do poema. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. CHABAL, Patrick. Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade. Lisboa: Veja, 1994. EAGLETON, Terry. Marxismo e crítica literária. Tradução de Antonio Sousa Ribeiro. Porto: Edições Afrontamentos, 1976. _____. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968. _____. Em defesa da revolução africana. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980. _____. Pele negra máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções: 1789 – 1848. Tradução de Maria L. Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. _____. A era do capital: 1848 – 1875. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. LUKACS, Georg. Introdução a uma estética marxista. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978. RODNEY, Walter Anthony. Como a Europa subdesenvolveu a África. Lisboa: Seara Nova, 1975. UNESCO, História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2010. WILLIAMS, Eric. Capitalismo e escravidão. São Paulo: Companhia das letras, 2012. ZAMPARONI, Valdemir. De Escravo a Cozinheiro: Colonialismo e Racismo Em Moçambique. Salvador: EDUFBA, 2012.

POÉTICAS DO DESABRIGO: DIÁLOGOS INTERARTÍSTICOS E AFRODIASPÓRICOS

Michel Mingote Ferreira de Ázara

Resumo: A presente comunicação se propõe a abordar de maneira transversal e múltipla textos, performances e objetos artísticos que giram em torno das problemáticas relacionadas às múltiplas manifestações culturais e artísticas afrodiáspóricas brasileiras contemporâneas. Neste sentido proporemos dialogar e aproximar, de maneira inventiva e experimental, diversas obras, em diferentes linguagens, como o livro de contos Doramar ou a Odisseia: histórias, de Itamar Vieira Júnior, e a novela Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo; a obra artística de Rosana Paulino, a poética de Lubi Prates, de Marcelo Ariel, Ricardo Aleixo e de Edimilson de Almeida Pereira, além da peça teatral e performance intitulada Vaga Carne, de Grace Passô. Assim sendo, o foco da nossa abordagem será as variadas configurações dos corpos negros nas obras supracitadas, em especial o corpo negro feminino. Nos interessa também refletir acerca das diversas modulações e formas

resistência, em suas múltiplas intersecções, engendradas pelas obras que serão analisadas. Para logramos em nossos objetivos, o pensamento de autores e autoras como Lélia González, Achille Mbembe, Suely Rolnik, Frantz Fanon, Albert Memmi, Édouard Glissant, Patricia Hill Collins, entre outros, será considerado. Por fim, salientamos que a nossa apresentação se embasará no conceito de "poéticas do desabrigo" que investigamos atualmente, e que, a nosso ver, modula grande parte da produção cultural e estética afrodiaspórica e que consiste, sobretudo, na condição dada a priori de um desabrigo físico e ontológico do sujeito em diáspora.

Referências: ALEIXO, Ricardo. Festim: um desconcerto de música plástica. Belo Horizonte: Edições Oriki, 1992. 1 v. _____. Pesado Demais Para A Ventania: antologia poética. Belo Horizonte: Editora Todavia livros, 2018 ARIEL, Marcelo. Nascer é um incêndio ao contrário. São Paulo: Kotter, 2020. EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2003 FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Fator, 1983. GILROY, Paul.; MOREIRA, Cid Knipel. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001 GLISSANT, Édouard. Poética da relação. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020, MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: Editora n-1, 2018. PEREIRA, Edimilson de Almeida. HOMELESS. Belo Horizonte: Mazza edições, 2010. _____. Front. São Paulo: editora Nós, 2020. ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetizada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

CASA DA FLOR: AS COISAS COMO MEMÓRIA-CONCRETO

NATÁLIA ARAUJO RODRIGUES

Resumo: Seu Gabriel construiu uma casa com cacos de coisas abandonadas: vidros, lâmpadas, ralos, pedaços de cerâmica, conchas, pedras. Um trabalho cujo processo o envolveu por 60 anos, só tendo sido interrompido pelo seu desencarne. A Casa da Flor, nome que recebeu a obra, fica no município caiçara de São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos do Rio de Janeiro, onde Seu Gabriel nasceu. Ele, assim como a maioria de seus contemporâneos aldeenses, era afroindígena e trabalhava com os assuntos da lagoa que atravessa a região: pescando e extraindo sal nas salinas. A partir dessa casa erguida dos restos, destaco seu carácter decolonial e anticapitalista para abordar a memória das coisas, dos objetos, como uma literatura alternativa aos apagamentos históricos de um povo e de suas tradições. Seu Gabriel preenche lacunas roubadas pela violência colonial catequizadora construindo um lar, um território, uma narrativa edificada que permanece para além de seu tempo e que passa a fazer parte oficialmente da história dessa cidade. Ao refletir sobre a memória das coisas materiais para contornar a máxima capitalista do descarte e também para pensar uma literatura confeccionada colaborativamente com o não-humano e o não-vivo – no caso, os objetos abandonados e recolhidos por Gabriel – estarei em diálogo com o conceito de "geontologia", cunhado por Elizabeth Povinelli e desenvolvido por Alyne de Castro no texto "Virada Geontológica".

Referências: COSTA, Alyne de Castro. Virada geo(nto)lógica: reflexões sobre vida e na?o vida no Antropoceno. AnaLo?gos, Rio de Janeiro, v. 16 – 2016, p. 140-150. HAN, Byung-Chul. Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: _____. Antropologia do Ciborgue. As vertigens do pós-humano. (org, Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000. _____. Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. NC: Duke University Press, 2016. HARTMAN, Saidiya. Perder a Mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. _____. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. NASCIMENTO, Evando. O pensamento vegetal: a literatura e as plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. _____. Clarice Lispector: uma literatura pensante. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. NODARI, Alexandre. Antropofagia. Único sistema capaz de resistir quando acabar no mundo a tinta de escrever. Disponível em: https://www.academia.edu/17573406/_Antropofagia_Único_sistema_capaz_de_resistir_quando_acabar_no_mundo_a_tinta_de_escrever

_. Acesso em 27 out. 2020. _____. A literatura como antropologia especulativa. Revista da Anpoll, n. 38, 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/836/791>. Acesso em 27 out. 2020. _____. "A vida oblíqua": o hetairismo ontológico segundo GH. In: _____. O Eixo e a roda, Belo Horizonte, v.24, n.1, p. 139-154, 2015. PASSÔ, Grace. Vaga Carne. Belo Horizonte: Editora Javali, 2018. POVINELLI, E. "Do rockes listen?" In: American Anthoropologist. New Series, Vol. XCVII, No3 (1995), p. 505-518.

MULHERIO DE LETRAS: VOZES E MEMÓRIAS EM PROFUSÃO

Susan Aparecida de Oliveira

Resumo: Mulherio das Letras é um “Coletivo Feminista Literário. Movimento político de mulheres que atuam através da arte da palavra”, conforme a descrição do grupo no Instagram. Criado nas redes sociais, em 2017, por iniciativa da escritora Maria Valéria Rezende, radicada em João Pessoa, o Mulherio das Letras produziu três coletâneas de livros de contos e poesias, totalizando sessenta e nove títulos, publicados pela Editora Venas Abiertas, uma editora periférica, popular e independente, criada pela escritora Karine Bassi, em Belo Horizonte. O projeto editorial do Mulherio das Letras reuniu diferentes gerações de mulheres, radicadas em diferentes lugares do território brasileiro, as quais têm muitas particularidades e ao menos um ponto em comum: a condição periférica. Elas são escritoras das periferias de todo o Brasil, ou seja, mulheres à margem grande mercado editorial pela sua condição sócioeconômica, sendo uma das pautas de luta do Coletivo a igualdade do meio editorial. A condição periférica que, na maioria dos casos, é definida também pelo racismo estrutural, atinge sobretudo mulheres migrantes, negras e indígenas. Interessa-nos apresentar, a partir das nossas leituras e reflexões de pesquisa, as convergências estruturantes de tal condição, bem como as transversalidades e interseccionalidades narrativas dessa verdadeira profusão de vozes, experiências de vida e de escrita presentes nas três coletâneas do Mulherio das Letras e a sua cartografia de memórias.

Referências: BASSI, Karine (Org.) Coleção Mulherio das Letras I. Belo horizonte: Editora Venas Abiertas, 2019. _____. Coleção Mulherio das Letras II. Belo Horizonte: Editora Venas Abiertas, 2020. _____. Coleção Mulherio das Letras III. Belo Horizonte: Editora Venas Abiertas, 2022.

SIMPÓSIO “PENSAR O IMPENSADO: EDUARDO LOURENÇO E UMA GEOPOLÍTICA DO PENSAMENTO”

Coordenadores: Roberto Vecchi (Universita di Bologna) e Sabrina Sedlamayer Pinto (UFMG)

POR UMA TEORIA DAS PULSÕES EM EDUARDO LOURENÇO

Carolina Anglada de Rezende

Resumo: Não raro, deparamo-nos, em certa obra ensaística de Eduardo Lourenço assumida como “psicanálise mítica do destino português”, com um vocabulário oriundo da metapsicologia que, como tal, opera crítica e clinicamente sobre as relações impensadas entre fatos e forças da cultura, da história e do originário. Em seu Labirinto da saudade, o ensaísta se vale de uma tradução da Trieb freudiana para dizer do devir-literário no qual Portugal é tomado, “enquanto realidade histórico-moral”, constituindo-se progressivamente como “o núcleo da pulsão literária dominante” (LOURENÇO, 2016, p. 99), entendendo que a literatura portuguesa, afetada por uma indeterminação profunda, viveria em eterno retorno dessa relação inconsciente com os imaginários por ela provocados. De fundo, Lourenço não deixa também de reler a perspectiva psicanalítica da vida pulsional que ao mesmo tempo dita e foge aos destinos: “A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão.” (FREUD, 1996, p. 98). Assim, no cruzamento de uma crítica literária que é também crítica da cultura, objetiva-se perscrutar em que medida a interpretação do destino português propõe uma teoria das pulsões literárias, para-além do princípio do prazer e do princípio de realidade, e que se faz notar no

tratamento dado pelo filósofo aos representantes pulsionais que são o afeto (Affekt) e a ideia (Vorstellung), em sua análise associados à “inércia” (LOURENÇO, 2016, p. 94), ao “instinto de conservação social” (LOURENÇO, 2016, p. 94), às formas de repetição do conformismo ideológico, político e social, desde “a versão mais paradoxal da melancolia” à “figura mais humilde e nua do tédio” (LOURENÇO, 1999, p. 97).

Referências: FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Trad. e notas Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. FREUD, Sigmund. Ansiedade e vida pulsional. Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise; Conferência XXXII. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. Vol. XXII. FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. LACAN, Jacques. Seminário 5: as formações do inconsciente (1957-1958). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. LOURENÇO, Eduardo. Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade. Lisboa: Gradiva, 1999. LOURENÇO, Eduardo. O labirinto da saudade. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2016.

“O QUE EM MIM PENSA, ESTÁ SENTINDO” CONSIDERAÇÕES SOBRE A HERMENÊUTICA DE EDUARDO LOURENÇO

Ettore Finazzi-Agrò

Resumo: Existe algo como um ponto de fuga, na longa trajetória teórica e na admirável coerência ideológica de Eduardo Lourenço, que nos permita enxergar o verdadeiro alvo da sua incansável pesquisa em torno dos assuntos mais diversos? Se existe é, com certeza, a sua visão de Portugal tanto como berço e medida incontornável do seu pensamento quanto como limite trágico e ilocável do seu “sentimento do mundo”, ou melhor, da sua Sehnsucht – da saudade, enfim, que o prende no labirinto por ele mesmo escrito e descrito. O meu texto vai procurar na imensa produção ensaística do estudioso português os lugares em que a vontade de analisar com lucidez os erros e as falhas da história nacional se conjuga com a dedicação apaixonada ao seu papel de intérprete das figuras mais heterodoxas e, ao mesmo tempo, mais marcantes (a partir, obviamente, de Camões e Pessoa) do panorama cultural português. Porque é nesse balançar entre rejeição e aceitação de “Portugal como destino”, é nesse movimento incessante entre razão e paixão, é nessa continua reviravolta entre estranhamento e entranhamento que é possível avaliar a dialética profunda e dissonante regendo o seu empenho hermenêutico e lhe permitindo habitar a distância que o separa e o une sem remédio à sua terra de origem.

Referências: O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português, 1978 Lisboa, Publicações D. Quixote Fernando, Rei da Nossa Baviera, 1986 Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade, 1999 Lisboa, Gradiva

CORNÉLIO PENNA INTÉRPRETE DO IMPENSADO

Luiz Eduardo da Silva Andrade

Resumo: A escrita de Cornélio Penna não é uma ação contra o tempo, no sentido de Nietzsche, quando este questiona a noção de origem, mas uma tomada de posição “entretempos”, nas palavras de Finazzi-Agrò, fundamental para a compreensão dos regimes da vida, em que os sujeitos precisam conhecer a história e dela se apropriar tanto quanto demarcar um limite para não perder de vista a possibilidade do anti-histórico. Esta comunicação objetiva pensar a condição de intérprete do Brasil, atribuída aqui a Cornélio Penna, sob a chave de leitura do “impensado”, de Eduardo Lourenço. O estudioso português desenvolve esse perspectivismo ao sugerir que a colonização foi impensada em Portugal. Em sentido inverso, mas semelhante, podemos dizer que isso também houve entre nós, brasileiros. Em geral, o passado foi estudado sob a lente de um futuro prometido, sem nunca ter se realizado, ao passo que Penna traduz em seus quatro romances, a partir do “lado de dentro”, os afetos e a memória em questões mais complexas da realização comunitária nacional – até alcançar o impensado da nossa história coletiva. A reflexão promovida por Penna e Lourenço, consideradas

as diferenças, abre um corte no tecido da colonização, uma vez que não aposta no congraçamento entre os povos, muito menos na promessa de transcendência ou soteriologia mítica. O mito em Penna é traduzido como morto desde o início, posição diametralmente oposta a estudiosos como Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Paulo Prado e Sérgio Buarque de Holanda, como se o ficcionista fluminense escrevesse para denunciar a falácia do projeto nacional representado nos afamados intérpretes. Tomado esse pressuposto, concordamos com a crítica de Lourenço sobre as repetições de apologia e ressentimento ideológicos que atravancaram a reflexão de parte da historiografia brasileira – e portuguesa – acerca do mito do colonialismo.

Referências: FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Entretempos: mapeando a história da cultura brasileira. São Paulo: Editora Unesp, 2013. FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003. HOLANDA, Sérgio Buarque. O homem cordial. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2012. LOURENÇO, Eduardo. Do colonialismo como nosso impensado. Lisboa: Gradiva, 2014. NABUCO, Joaquim. O abolicionismo. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v. 1. p. 19-167. NIETZSCHE, Friedrich. Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. PENNA, Cornélio. A menina morta. Rio de Janeiro: Artium, 1997. PENNA, Cornélio. Dois romances de Nico Horta. Rio de Janeiro: Artium, 2000. PENNA, Cornélio. Fronteira. Rio de Janeiro: Tecnoprint; Ouro, 1967. PENNA, Cornélio. Repouso. Rio de Janeiro: Artium, 1998. PRADO, Paulo. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. v. 2. p. 25-104.

EDUARDO LOURENÇO E O SEU BRASIL EM TRÊS SERTÕES

Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira

Resumo: No ensaio intitulado “Guimarães Rosa ou o terceiro sertão”, que fecha o volume A Nau de Ícaro (2001), Eduardo Lourenço propõe uma desafiadora leitura da identidade cultura e literária do Brasil brasileira. Alicerçado numa recusa da Semana de Arte Moderna como mito fundante da autoconsciência nacional, por não reconhecer nas propostas surgidas em torno dela e do nosso primeiro Modernismo uma imagem de país capaz de escapar aos mimetismos que buscavam não mais do que integrar o país na civilização ocidental, o ensaísta arrisca a hipótese de que a “sertanidade brasileira” fundada por Euclides da Cunha seja, na verdade, muito mais capaz de se aproximar da síntese cultural que nos define. De acordo com Lourenço, ao conferir para o massacre ocorrido em Canudos um estatuto de “mito”, Euclides da Cunha teria inaugurado um modelo de ruptura com a racionalidade que impregnava de europeísmo as nossas manifestações culturais, sendo capaz de “fundar o homem brasileiro”. O ensaio de Lourenço ainda reflete acerca dos desdobramentos da empreitada euclidiana em mais dois “sertões” distintos, o do romance de 30 e o de Guimarães Rosa, no qual, de acordo com ele, “o Brasil veio a existir e se feito nação”. A presente comunicação pretende levar adiante algumas iluminações do ensaio de Eduardo Lourenço, discutindo-as num cotejo com outras análises do mesmo fenômeno.

Referências: LOURENÇO, Eduardo. A nau de Ícaro e a miragem da lusofonia. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EM BUSCA DA SAUDADE

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Resumo: Em 2022, elegemos, como objeto de estudo, os diários de Drummond. Livro póstumo contendo relatos de perdas - a maioria ocorrida nos anos 40 e 50 - "Uma forma de saudade: Páginas de diário" integra esse corpus. O escritor apresenta textos datados, registrando doenças e mortes de familiares e amigos. Para comentar os registros, optamos por uma leitura comparativa com "Claro Enigma" (1951), conferindo destaque à parte intitulada "Os lábios cerrados". A leitura teve, como alicerces, as qualificações que, principalmente nos ensaios "Melancolia e saudade" e "Da saudade

como melancolia feliz", Eduardo Lourenço elaborou para uma gama de emoções consteladas em torno do sentimento de perda: náusea, angústia, melancolia, tédio, tristeza, nostalgia e saudade. Considerando matizes diversos que as épocas emprestam à saudade, Eduardo Lourenço chega à coloração que lhe foi conferida pela sensibilidade moderna: "angústia do ser que se vê como filho e prisioneiro do tempo". Tratando a escrita saudosa como limiar da "felicidade magoada", Lourenço indaga: "Quem melhor do que os poetas poderia, como Orfeu, descer ao labirinto do tempo sepultado para aí surpreender a luz não extinta, simultaneamente espectral e ofuscante, da felicidade passada?" Como se vê, fica grifado, na saudade, o jogo com o tempo. As reflexões de Lourenço estarão no centro da comunicação. A partir delas, desenvolvemos a hipótese de que, escrevendo com maior adesão aos momentos de perda, o autor do diário experimenta náusea e angústia causadas pela visão de corpos doentes ou mortos. Desse "excesso de mundo" capaz de travar o jogo com o tempo, o poeta desloca-se para buscar a saudade, "melancolia feliz", nó que, entrelaçando emoções, deixa-se atravessar pelo prazer vindo com a arte de "arder no tempo sem nele se consumir". Ansiada no diário, a saudade assoma, na poesia dos anos 50 e 60, com maior nitidez.

Referências: ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma forma de saudade: páginas de diário. (Org. de Pedro Augusto Graña Drummond). São Paulo: Companhia das Letras, 2017. CAMILO, V. Drummond: Da rosa do povo à rosa das trevas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. FREUD. Luto e melancolia. São Paulo: Cosac&Naify, 2011. LEJEUNE, P. et BOGAERT, C. Le journal intime: Histoire et anthologie. Paris: Textuel, 2006. LOURENÇO, Eduardo. Mitologia da saudade seguido de Portugal como destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. LOURENÇO, Eduardo. O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Gradiva, 2007. LOURENÇO, Eduardo. Tempo e Poesia. Lisboa: Relógio D'água: 1987. VIEIRA LIMA, Mirella. Confidência mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo/Campinas: EDUSP/Pontes, 1995.

POR UMA DRAMATURGIA CULTURA DE MACAU A PARTIR DE EDUARDO LOURENÇO.

Mônica Muniz de Souza Simas

Resumo: Esse trabalho busca refletir sobre o local que Macau ocupa em textos ficcionais a partir da obra Portugal como destino: dramaturgia cultural portuguesa, de Eduardo Lourenço (1999). Considerando a afirmação de que "cada povo só o é por se conceber e viver como destino", discute-se a ligação entre destino e mitos de origens em tensão com a história produzida pelos discursos coloniais portugueses. Se, por um lado, Macau pode ser entendido como território conceitual pensado no espaço periférico de reprodução de uma consciência nacional que oscila entre a "superioridade" e "inferioridade", por outro, as reflexões sobre o "outro" cultural parecem produzir uma miríade de imagens divergentes, rasurando algumas dicotomias como "centro" e "periferia". O debate sobre as "fronteiras" ou "periferias" tem ganhado atenção nas últimas décadas e o conceito de "comunidades fronteiriças" pode ampliar os debates sobre a lusofonia realizados por Eduardo Lourenço. A tentativa de reproduzir uma consciência nacional parece ter promovido uma espécie de cegueira para os hibridismos culturais gerados pelos processos de mestiçagem. Entre as obras analisadas, estão Os Dores, de Henrique de Senna Fernandes (2011); Doomsday Hotel, de Wong Bik-Wan (2011) e As alucinações de Gao Ge, de Li Chi Heng (2010). Com as reflexões realizadas através das análises dessas obras pretende-se alargar aquelas preocupações já bastante desafiadoras dos estudos Atlânticos, articulando o pensamento de Eduardo Lourenço a um estudo ampliado do oceano Pacífico.

Referências: BREITUNG, Werner. 2007. Overcoming Borders, Living with Borders. Macao and the Integration with China. Macau, Instituto Cultural do Governo da RAEM. BROOKSHAW, David. 2010. "A escrita em Macau: uma literatura de circunstâncias ou as circunstâncias de uma literatura". Em Ma-cau na escrita, escritas de Macau. Ana Paula Laborinho e Marta Pacheco Pinto, orgs. Vila Nova de Famalicão, Hu-mus. 19-29. CABRAL, João de Pina e LOURENÇO, Nelson. 1993. Em terra de tufo-es: dinâmicas da etnicidade macaense. Macau, Instituto Cultural de Macau. GUNN, Geoffrey

C. 1998. Ao Encontro de Macau. Uma Cidade-Estado portuguesa na periferia da China, 1557-1999. Macau, Hung Heng. HENG, Li Chi. 2010. As alucinações de Gao Ge. Macau: Instituto Cultural de Macau. LOURENÇO, E. 1999. Portugal como destino seguido de mitologia da saudade. Lisboa: Gradiva. _____. 1994 O canto do signo. Existência e literatura. Lisboa: Editorial Presença, 1994. MARTINEZ, Oscar J. 1994. Border People: Life and Society in the U. S.- Mexico Borderlands. Tuscon, University Arizona Press. SEABRA PEREIRA, Jose? Carlos. 2015. O Delta litera?rio de Macau. Macau, Macao Polytechnic Institute. SENNA FERNANDES Henrique. 1954. Macau, a desconhecida. Monografia. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa. ———. 1998. "A-Chan". Em Nan Van: contos de Macau. Macau, Instituto Cultural de Macau. 1-12. ———. 2012. Os Dores. Macau, Instituto Cultural do Governo da RAEM WONG Bik Wan. 2011. ??? Mori jidian [Doomsday hotel]. Hong Kong: Cosmos Book.

PAISAGEM BRASILEIRA COM AFRICA NO FUNDO

Roberto Vecchi

Resumo: Foi através da reunião dos textos - disseminados, dispersos e inéditos - sobre o colonialismo tardio de Portugal em África (Do colonialismo como nosso impensado, 2014) que se tornou claro o impacto da experiência do Brasil na visão analítica de Eduardo Lourenço. A contemplação das ruínas imperiais e o afinamento de um pensamento atlântico que se definiram pelo contato com a heterodoxia crítica do Brasil, numa fase de mitologia eufórica da modernização da nação, influenciaram de maneira definitiva a sensibilidade e a exegese teóricas do jovem intelectual estrangeiro, na esteira de uma extensa tradição de viajantes (dos naturalistas europeus do século XIX a Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide etc.). A categoria do impensado, cujos primeiros fios tênues se tecem nesta época de formação do filósofo, crítico e pensador, decorre de um redefinição do limite do dentro e do fora que põe em jogo a figura permeável e móvel da fronteira. O Brasil proporciona um "além" inesperado à construção crítica que deixa emergir sempre a latência de África com grandes questões em campo, como o racismo, a escravatura, a crítica precoce ao lusotropicalismo, a tristeza e o carnaval reinterpretados pelo arsenal inesperado do trágico. Um Brasil que se constituirá como uma permanência no labirinto do pensamento de Eduardo Lourenço e na desmontagem da mitologia imperial do destino português.

Referências: Eduardo Lourenço, Do colonialismo como nosso impensado. Lisboa: Gradiva, 2014

A GAMBIARRA COMO DESTINO

Sabrina Sedlmayer Pinto

Resumo: No intrigante ensaio "Da literatura brasileira como rasura do trágico. De Machado de Assis a Clarice Lispector" Eduardo Lourenço defende que há uma espécie de estratégia, por parte de certa literatura brasileira, para contornar os aspectos trágicos da condição humana. É como se em determinadas obras lidas e examinadas por ele, a farta alegria, a exuberância da paisagem, a folclorização regional, o erotismo intenso apresentados pela ficção fossem capazes de driblar, com humor e invenção, o sentimento de finitude. Pretendo, em minha comunicação, aproximar tal posicionamento crítico de outros momentos em que Lourenço também se interessa por uma espécie de mitologização de traços identitários nacionais (similar ao que fizera com a ilha saudade, Portugal) e aproximar o seu pensamento do conceito de gambiarra. Desvio-me dos olhares/discursos que tomam a prática de improviso, espontâneo, cotidiano, comum, de forma celebratória. Reconheço uma potencialidade cognitiva, e a defino como uma forma-força, não fixa, não estável, sem esquemas prévios, sem projetos, recriada a cada gesto. No entanto, percebo, na gambiarra, a rasura do projeto modernizador e a fragilidade da ideia de progresso, pois cada gambiarra também exige a escassez, a falta, a fome. Se nas últimas duas décadas, a cena artística brasileira tomou o termo de diversas maneiras e mostrou a potencialidade da gambiarra e modos criativos de se relacionar com os objetos, alterando suas funções e finalidades, urge refletir sobre um certo impensado que a toma como destino brasileiro. Pensar este impensado, com Eduardo Lourenço, é a tarefa desta comunicação.

Referências: LOURENÇO, Eduardo. Da literatura como rasura do trágico.

UMA IMPENSÁVEL RELAÇÃO: BRASIL, PORTUGAL E QUESTÃO DO "COLONIAL"

Vincenzo Russo

Resumo: Que a psicanálise histórica, tal como foi utilizada por Eduardo Lourenço, nas últimas seis décadas tenha contribuído para a desmontagem e a desconstrução da mitologia cultural portuguesa que se queria e se auto-reconhecia como discurso secular é, hoje em dia, um tópico crítico quase consensual. Menos evidente (até para os especialistas do pensamento de Eduardo Lourenço) aparece a contribuição oferecida pela psicanálise histórica para o mapeamento das relações complexas e complexadas entre Brasil e Portugal lidas através das suas autônomas e inextricáveis mitologias culturais tal como a pervasiva mitologia luso-brasileirista. A psicanálise histórica aplicada ao caso Brasil irá contribuir também para a interpretação, por assim dizer “de fora”, das imagens e das retóricas que a mitologia brasileira criou e reconfigurou ao longo da sua existência como História. Aqui não se trata de realizar um recenseamento (entre os muitos percursos possíveis) das leituras brasileiras de Eduardo Lourenço que, aliás, foi um gesto crítico já praticado, pelo menos em parte, por críticos como João Tiago Lima (2013) e a Maria de Lourdes Soares (2015; 2018) à quem se deve a edição de dois volumes fundamentais para entender o pensamento brasileiro de Eduardo Lourenço: *Do Brasil Fascínio e Miragem* e *o Tempo Brasileiro: Fascínio e Miragem* quarto volume das *Obras Completas de Eduardo Lourenço*. A nossa ideia é verificar de que forma a desconstrução da mitologia brasileira contribui também para repensar o processo histórico do colonialismo português e das suas implicações conceituais (colonização, retóricas luso-tropicalistas, anticolonialismo, antiportuguesismo dos intelectuais brasileiros, etc).

Referências: Tommaso Auriemma, *Estetica dell'evento. Saggio su Alain Badiou, Mimesis, Milano-Udine, 2012* Eduardo Lourenço, *Do Brasil. Fascínio e Miragem*, organização e prefácio de Maria de Lourdes Soares, Gradiva, Lisboa, 2015. João Tiago Lima, «Existência e ficção ou o Brasil como “personagem”» in *Falar sempre de outra coisa. Ensaio sobre Eduardo Lourenço*, Âncora Editora, Guarda, 2013, pp. 111-118. Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como nosso impensado*, organização e prefácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, Gradiva, Lisboa, 2014. Eduardo Lourenço, *Tempo Brasileiro: Fascínio e Miragem. Obras completas IV*, coordenação, introdução e notícias bibliográficas de Maria de Lourdes Soares, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2018. Maria de Lourdes Soares, «O lugar e o espaço-tempo do Brasil» in Eduardo Lourenço, *Do Brasil. Fascínio e Miragem*, Gradiva, Lisboa, 2015, pp. 9-35. Maria de Lourdes Soares, «A decisiva experiência de um ano» in Eduardo Lourenço, *Tempo Brasileiro: Fascínio e Miragem. Obras completas IV*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2018, pp. 19-68. Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, «A paixão pelo impensado» in Eduardo Lourenço, *Do Colonialismo como nosso impensado*, organização e prefácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, Lisboa, Gradiva, 2014, pp.13-17.

SIMPÓSIO “PONTES PARA VIABILIZAR A INVENÇÃO DE UM MUNDO (EM) COMUM: LITERATURAS E ORATURAS AFRICANAS EM DIÁLOGO”

Coordenadores: João Pedro Wizniewsky Amaral (UFCG), Janice Inês Nodari (UFPR) e Mônica Stefani (UFMS)

LER O BRASIL A PARTIR DA LITERATURA MALIENSE: AMADOU HAMPÂTÉ BÂ VINTE ANOS DEPOIS DA APROVAÇÃO DA LEI 10.639/2003

Eumara Maciel dos Santos

Resumo: Esta escrita é uma resposta a uma questão que sempre foi colocada acerca do meu trabalho de quase duas décadas sobre a obra de Amadou Hampâté Bâ: qual a relevância do estudo da literatura maliense de expressão oficial de língua francesa para o campo da literatura negro-brasileira? Fazia um esforço de grande fôlego e respondia com justificativas históricas, culturais, sociológicas e literárias desde a diáspora negro-africana nas Américas, transportando corpos e epistemologias, passando pela contextualização da Revolta dos Malês, em Salvador, na Bahia, a cidade com maior população negra no Brasil, até os versos ou crônicas escritos em árabe nas bolsas

de mandingas, mas o que soava era uma desconfiança da legitimidade da pesquisa, um pedido de explicação constante para a existência do estudo. Ao longo do tempo, fui compreendendo que essa série de perguntas era um mecanismo racista de tentativa de desarticulação dos estudos africanos, dos estudos da literatura negro-africana e da literatura negro-brasileira, um atentado à educação para as relações raciais, ferindo também os princípios da Lei 10.639/03. Tal dispositivo legal, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de História da África e dos negros no Brasil em currículo escolar brasileiro, pôs-me em contato com a literatura de tradição oral de Hampâté Bâ pelo seu único livro traduzido para o português: Amkoullel, o menino fula. Dessa leitura, pude entender nossos saberes e fazeres ancestrais como os valores civilizacionais negro-africanos e negro-brasileiros da oralidade, do sentido comunitário, da circularidade, da corporeidade, da ancestralidade como elementos constituintes da formação da História do Brasil e legados dos povos africanos, portanto, ler Hampâté Bâ é também ter a oportunidade de ler o Brasil que foi, que é e que poderá ser.

Palavras-chave: Amadou Hampâté Bâ. Literatura negro-africana. Literatura negro-brasileira. Lei 10.639/2003.

CONSTRUINDO PONTES PARA ALÉM DA ACADEMIA: AS CONTRIBUIÇÕES DE NGUGI WA THIONG'O SOBRE ORATURA

Janice Inês Nodari

Resumo: A língua de um povo, como aspecto composicional de sua cultura, tende a ser atrelada à produção escrita, à literatura. No entanto, o ser humano fazia uso da oratura muito antes de dominar um código escrito, e se mantém fazendo isso. Ainda assim, nos estudos acadêmicos, a literatura é valorizada em detrimento da oratura. Mesmo nos Estudos Pós-coloniais, a oratura não recebe muitas explicitações que considerem um contexto mais amplo (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2013), uma vez que encontramos com mais frequência a apresentação dos termos oralidade e escrita, em cotejo e inter-relacionados apenas. Considerando a produção escrita como manifestação colonizante de uma metrópole que se sobrepõe a uma herança cultural rica marcada pela oratura (NODARI, 2022), esta comunicação pretende se debruçar sobre o documento "On the Abolition of the English Department" escrito pelo queniano Ngugi wa Thiong'o e dois colegas, Henry Owuor-Anyumba e Taban Lo Liyong, na Universidade de Nairóbi em 1968. O referido documento questiona a centralidade dada às literaturas estrangeiras no currículo de uma universidade africana. Ainda, aponta para questões que são mais profusamente abordadas no posterior ensaio Globalectics (THIONG'O, 2012) e que auxiliam na revisitação de práticas ao defender uma maior centralidade do estudo da oratura na academia. Pretende-se, com esse cotejo, auxiliar os estudos de literatura e oratura africanas, pois a revisitação propõe a reescrita das memórias individuais e coletivas, que passam a ser entendidas de modo coletivo (CANDAU, 2008). Tais reescritas são normalmente produtos de movimentos migratórios, de exílio, de diferentes cidadãos africanos em direção à Inglaterra ou mesmo aos Estados Unidos em busca de um espaço, seja ele de sobrevivência e/ou de existência artística. Ainda, pretende-se ampliar tais reflexões ao trazer noções dos Estudos Ecocríticos acerca de espaços, identidades, e outros (GARRARD, 2006), de modo a acomodar outras cores e vozes.

Palavras-chave: Literaturas Africanas; Oratura; Ecocrítica; Pós-colonialismo; Tradução.

A ELABORAÇÃO DE TRAUMAS TRANSGERACIONAIS COMO FORMA DE REAPROPRIAÇÃO DA HISTÓRIA DO SUL DA NIGÉRIA: UMA ANÁLISE DE THE HEADSTRONG HISTORIAN, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

João Pedro Wizniewsky Amaral

Resumo: The Headstrong Historian, primeiramente publicado na revista estadunidense The New Yorker, é o último conto da coletânea The Thing Around Your Neck, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A narrativa apresenta a história de três gerações da família de Nwamgba, uma moradora de um vilarejo do sul da Nigéria que acredita que seu marido foi morto por primos dele. A segunda geração é representada pelo filho de Nwamgba, Anikwenwa, que é enviado para estudar em uma

escola de missionários católicos. Já a terceira geração é da filha de Anikwenwa, Grace, que desiste de estudar química para se tornar uma historiadora determinada a recuperar tradições familiares. Este trabalho tem como objetivo analisar como os conflitos e os traumas transgeracionais particulares da família de Nwamgba, em *The Headstrong Historian*, podem ser uma forma de reapropriação histórica e cultural da Nigéria, país que foi colônia britânica até 1960. No conto de Chimamanda, Obierka, marido de Nwamgba, é, inclusive, a mesma personagem do romance *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe, considerado o fundador da literatura nigeriana moderna. Isso já denota a importância da intertextualidade e da reescrita na obra. Como fundamentação teórica, utilizo estudos pós-coloniais (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2013;), a ideia de resignificação ao escrever sobre a África, do autor queniano Binyavanga Wainaina, e de estudos sobre a literatura africana e a narrativa de Chimamanda (BRAGA, 2010; DOHERTY, 2014; LEITE et al., 2022; SOUZA, 2021; MIKAILU & WATTENBERG, 2015).

Referências: ADICHIE, Chimamanda. *The Thing Around Your Neck*. New York: Knopf, 2009. ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *Post-Colonial Studies: The Key Concepts*. London: Routledge, 2013. BRAGA, Cláudio. Trocando o próprio nome: identidade cultural e memória em “*The Headstrong Historian*”, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Cadernos ESPUC*, v. 1, n. 19, 2020, p. 42-50. DOHERTY, Brian. *Writing Back with a Difference: Chimamanda Ngozi Adichie’s ‘The Headstrong Historian’*. In: OKUYADE, Ogaga. *Tradition and Change in Contemporary West and East African Fiction*, 2014, p. 187-202. LEITE et al (orgs.). *O romance africano: tensões, conexões, tradições*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. MIKAILU, AVID; WATTENBERG, Brendan. *My Name Will Not Be Lost: Cosmopolitan Temporality and Reclaimed History in Chimamanda Ngozi Adichie’s ‘The Headstrong Historian’*. *African Studies Quarterly*, v. 15, n. 4, 2015. SOUZA, Lucas Sampaio Costa. *Reescrita do passado e conhecimento histórico na ficção contemporânea: A historiadora obstinada*, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Mosaico*, v. 13, n. 20, 2021, p. 408-425. WAINAINA, Binyavanga. ‘How to Write About Africa’. *Granta*. Disponível em: <<https://granta.com/how-to-write-about-africa/>> Acesso em: 07 jan. 2023.

O PROJETO DE TRADUÇÃO DE “THE OTHER ME” (2022), DA ESCRITORA SUL-AFRICANA JOY WATSON: PERSPECTIVAS E PROVOCAÇÕES COMPARATISTAS NA CONTEMPORANEIDADE

Mônica Stefani

Resumo: Este trabalho apresenta o projeto de tradução do romance de estreia da autora sul-africana Joy Watson intitulado “*The Other Me*” e publicado em 2022 pela editora Karavan Press, tomando-o como um “meio cultural ativo” (SPIVAK, 2003). Buscando dar visibilidade a autoras africanas que “(re)significam o romance africano contemporâneo à luz dos debates sobre subalternidade, emancipação e feminismo em contexto colonial e pós-colonial” (LEITE et al., 2022, p. 25), e diante de um cenário que ainda carece da oferta de traduções de obras de autoras sul-africanas nos últimos anos no Brasil, o romance de Watson, que é pesquisadora na área de políticas públicas para mulheres, surge como uma feliz possibilidade. A recepção pelo público sul-africano tem sido positiva, conforme atestado pela presença do livro na lista dos mais vendidos e também comentados nas redes sociais, além de resenhas favoráveis publicadas nos principais veículos de imprensa do país, como o jornal *Daily Maverick*. Além disso, a proposta da autora de, por meio de um romance psicológico protagonizado por uma figura feminina, dialogar com as temáticas cada vez mais presentes no dia a dia de um país que ainda lida com o passado e tenta viver uma nova realidade, enquanto busca acompanhar as rápidas mudanças sociais globais, que têm afetado inclusive o próprio papel da mulher nessa sociedade, merece ser destacada. Considerando a tradução como um ferramental facilitador no modo de trabalho comparatista, este projeto de tradução segue o conceito de “interculturalidade” (WALSH, 2009), além dos pressupostos dos Estudos de Tradução de Chesterman (2023) e Venuti (2021), e pretende não apenas disponibilizar a tradução para comercialização, mas também permitir que projetos de leitura (nas universidades e na educação básica) se beneficiem das temáticas abordadas na narrativa (TETTAMANZY; SANTOS, 2022), para que a obra de Watson seja debatida em português brasileiro.

Referências: CHESTERMAN, A. Memes da tradução: o disseminar de ideias na teoria da tradução. Traduzido por Monique Pfau, Fernanda Costa, Marília Portela, Marília Santana, Nathalia Amaya Borges, Simone Salles. Salvador: EDUFBA, 2022. LEITE, Ana Mafalda; BERGAMO, Edvaldo A.; BRUGIONI, Elena; CANEDO, Rogério (Orgs.). O romance africano: tensões, conexões, tradições. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. SPIVAK, Gayatri C. Death of a Discipline. New York: Columbia University Press, 2003. TETTAMANZY, A. L. L.; SANTOS, C. M. dos (Orgs.). Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018. VENUTI, L. A invisibilidade do tradutor. Traduzido por Valéria Biondo, Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda. São Paulo: Editora UNESP, 2021. WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (Org.) Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. WATSON, J. The Other Me. Cape Town: Karavan Press, 2022.

"WOMAN AND LABOUR", 1911: COLONIALISMO, GÊNERO E AS CONSTRUÇÕES DOS MUNDOS DO TRABALHO NA OBRA DE OLIVE SCHREINER.

Raquel Gryszczenko Alves Gomes

Resumo: No ano de 1911, a sul-africana Olive Emilie Albertina Schreiner (1855-1920) publicou o livro "Woman and Labor", congregando parte das reflexões sobre questões de gênero e seus impactos no mundo social, político e econômico da virada do século XIX para o XX. Além das especificidades trazidas pela observação da experiência colonial em território sul-africano, Schreiner incorporava também à construção de seu argumento as reflexões propiciadas pelas temporadas vividas na Inglaterra, quando teve a oportunidade de conhecer e se relacionar com intelectuais como Karl Pearson, Havelock Ellis e Eleanor Marx. As interpretações usuais do trabalho publicado por Schreiner em 1911 destacam, com razão, a influência dos debates dos quais tomou parte na Europa dos anos 1880 e 1890. Há que se considerar, no entanto, as marcas da experiência colonial em suas concepções das relações de gênero e, mais ainda, das possibilidades de atuação - social, política, econômica, cultural - das mulheres em meio à transformação das relações dos mundos do trabalho. É preciso considerar o mundo colonial como parte inconteste do mundo do trabalho e, desta forma, mapear também as influências do colonialismo - em especial no continente africano - nas organizações de trabalho e nas reivindicações de novos papéis para as mulheres no início do século XX. Esta apresentação busca um mapeamento inicial dos impactos do colonialismo nas relações entre a "mulher e o trabalho" nas concepções de Olive Schreiner.

Referências: Ann McClintock - Couro Imperial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. Durba Gosh - "Gender and Colonialism: expansion or marginalization?". The Historical Journal, Vol. 47, No. 3 (Sep., 2004), pp. 737-755 Helen Bradford. "Women, Gender and Colonialism: Rethinking the History of the British Cape Colony and Its Frontier Zones, C. 1806-70". The Journal of African History Vol. 37, No. 3 (1996), pp. 351-370.

SIMPÓSIO "REDE DE ESTUDOS ANDINOS: ARTES, LITERATURAS E CULTURAS ANDINAS EM PERSPECTIVA"

Coordenadores: Carla Dameane Pereira de Souza (UFBS) e Betina Sandra Campuzano (Universidad Nacional de Salta)

RECUERDOS PENOSOS Y CANTOS PARA SOBREPONERSE: YUYANAPAQ, UN TESTIMONIO VISUAL DE LA VIOLENCIA POLÍTICA PERUANA

Betina Sandra Campuzano

Resumo: Yuyanapaq. Para recordar. Relato visual del conflicto armado en el Perú. 1980-2000 (2003) es el informe visual preparado por la Comisión de la Verdad y la Reconciliación que complementa el Informe Final escrito sobre el conflicto peruano interno. Primero, como muestra fotográfica y, luego, en su posterior edición impresa en formato libro y como muestra interactiva disponible en la web, este testimonio visual -al igual que el cómic, los retablos o las tablas de Sarhua- recurre a la imagen

y la materialidad para tramitar los llakis o recuerdos penosos (Theidon, 2009) y los duelos del pasado reciente (Jelin, 2002; Pino, 2017). Así, complejiza los procesos de mediación entre oralidad y escritura, a los que estamos habituados en el abordaje de los testimonios canónicos, al incorporar la imagen. En Yuyanapaq, la imagen aprovecha ese resquicio que queda en la traducción, por medio de la cual la comisión recolecta, edita y transcribe los relatos de las víctimas. Las fotografías hablan del dolor en aquello que se escapa de lo lingüístico; configuran de esta forma una retórica de la imagen y, junto con ella, una retórica del dolor para capturar el discurso “chillón” (Agnoli Quispe, 2016), testimoniar los vejámenes sufridos y tramitar las memorias recientes. Decimos “memorias” en plural porque, en este caso, la fotografía forma parte tanto del archivo como del repertorio (Taylor, 2015), es documento y es muestra, conforma memoria letrada y corpórea, lo que me permite proponer la noción de testimonio performático, heterogéneo y migrante (Cornejo Polar, 1980 y 1996; Campuzano, 2020 y 2021). El testimonio visual como un retablo, entre los cajones que lo componen, dibuja un llaqta maqta o canto para reponerse y seguir viviendo luego del dolor.

Referências: CAMPUZANO, BETINA. (2020). Testimonios y retablos: cajas migrantes, urgencia narrativa y espacio andino. Una lectura de Chungui. Violencia y trazos de memoria de Edilberto Jiménez. Zama n°12 (12): 71-88. CAMPUZANO, BETINA. (2021). Cuando el monte escucha: una historia gráfica sobre las heridas en la comunidad wichí. Sobre Hätäy (2021), de Luis Colque, Lourdes Rivera, Osvaldo Villagra y Pamela Rivera. Revista Chuy. Revista de Estudios Literarios y Latinoamericanos Vol. 8, n°10, Buenos Aires: 79-103. COMISIÓN DE LA VERDAD Y LA RECONCILIACIÓN. (2014) [2003]. Yuyanapaq. Para recordar. 1980-2000. Relato visual del conflicto armado interno en el Perú. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú. CORNEJO POLAR, ANTONIO. (2005) [1980]. La profundidad histórica del indigenismo. En: Literatura y sociedad en el Perú. La novela indigenista. Lima: Lasontay, 51-74. CORNEJO POLAR, ANTONIO. (1996). Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno. Rev. Iberoamericana. Vol. LXII, n°176-177: 837-844. JELIN, ELIZABETH. (2002). Los trabajos de la memoria. Madrid: Siglo XXI. PINO, PONCIANO DEL Y ELIZABETH JELIN, (comps.). (2003). Luchas locales, comunidades e identidades. Madrid: Siglo XXI. PINO, PONCIANO. (2017). En el nombre del gobierno. El Perú y Uchuraccay: un siglo de política campesina. Lima: La Siniestra Ensayos, Universidad Nacional de Juliaca. QUISPE-AGNOLI, ROCÍO. (2016). Acerca de los silencios y ‘errores’: ‘...el compañero de Colum a las Yndias. En: MAURO MAMANI MACEDO, (Ed.). Guaman Poma de Ayala. Las travesías culturales. Lima: Pakarina Ediciones, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 17-36. TAYLOR, DIANA. (2015). El archivo y el repertorio. La memoria cultural performática en las Américas. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado. THEIDON, KIMBERLY, (2009) [2004]. Entre prójimos. El conflicto armado interno y la política de la reconciliación en el Perú. Lima: Instituto de Estudios Peruanos.

TRANSFORMADOR EN DANZA: LA DANZA DE LAS TIJERAS AYACUCHANA Y EL CUERPO DE NINA SONQO DE AYACUCHO

Carla Dameane Pereira de Souza

Resumo: Partiendo del cuento La agoña de Rasu-Níti (1962), de José María Arguedas, mi propuesta de trabajo trata de inicialmente establecer un diálogo entre la representación de los danzantes de tijeras en este cuento y en la novela Willka Nina El hijo del Wamani (2015) de Amiel Cayo, resaltando la idea de continuidad, es decir, la transmisión de los saberes y competencias que son propios a los Danzaq, que tradicionalmente son hombres. En ambas narrativas las mujeres ocupan roles de esposas, hijas, mamás y la transmisión de este saber se hace entre hombres. Basándome en esa premisa y trayendo ese tema hasta la contemporaneidad, la propuesta seguirá su desarrollo señalando mi experiencia de inmersión cultural en el aprendizaje y práctica de la Danza de las Tijeras ayacuchana en el contexto limeño. Considerando el proceso histórico peruano atravesado por dinámicas migratorias internas, sobre todo en la segunda mitad del siglo XX, la cuestión principal a discutir es: ¿cómo esta práctica artística sigue siendo una performance ritual que resiste a los contactos culturales y se mantiene como expresión sagrada de la identidad andina? Para ello, haré una breve revisión de la teoría del concepto de sujeto migrante a fin de reflexionar cómo la Danza

de las Tijeras ayacuchana se ha trasladado hasta Lima, acompañando aquellos que la practican, al mismo tiempo en que presentaré mi experiencia de formación como Warmi Danzaq y los retos enfrentados con el fin de alcanzar un cuerpo transformador en danza.

Referências: ARGUEDAS, José María. “La agoñia de Rasu-Ñiti”. In: José María Arguedas Obras Completas. Tomo II. Lima: Editorial Horizonte, 1964. CAYO, Amiel. Willka Nina. El hijo del Wamani. Lima: Editorial San Marcos, 2015. CORNEJO POLAR, Antonio. Una heterogeneidad no dialética: sujeto y discurso migrantes en el Perú Moderno. IN: Revista Iberoamericana. Vol. LXII, n° 176-177. Julio-diciembre, 1996, p. 837-844. MILLONES, Luis. “Un movimiento nativista del siglo XVI – El Taki Onqoy”. In: OSSIO, Juan. Ideología Mesiánica del Mundo Andino. Lima: Colección Biblioteca de Antropología, 1973. p. 85-94. MILLONES, Luis. “Nuevos Aspectos del Taki Onqoy. In: OSSIO, Juan. Ideología Mesiánica del Mundo Andino. Lima: Colección Biblioteca de Antropología, 1973. P. 95-101. MONTOYA, Rodrigo. “Prólogo”. In: NÚÑEZ REBAZA, Lucy. Los Dansaq. Lima: Instituto Nacional de Cultura. Museo Nacional de la Cultura, 1990. p. 06-11. NÚÑEZ REBAZA, Lucy. Los Dansaq. Lima: Instituto Nacional de Cultura. Museo Nacional de la Cultura, 1990. QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad /Racionalidad. In: Perú Indígena. 13(29), 1992. p. 11-20. Recuperado de: <<https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>>. SANTOS, Boaventura de Sousa. Justicia entre Saberes: Epistemologías del Sur contra el epistemicidio. Madrid: Ediciones Morata, 2017. SCHECHNER, Richard. (2012). “¿Qué es la representación?”; “El Ritual”; “El Juego”. En: Estudios de la Representación. Una introducción. Traducción de Rafael Segovia Albán. México: Fondo de Cultura Económica. p. 58-204. TAYLOR, Diana. Performance. 1ª ed. 1ª reimp. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2015. TOMOEDA, Hiroyasu. MILLONES, Luis. Religión Oficial y Tradición Verdadera. Historia y función de los rituales andinos en los pueblos ayacuchos. Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga, 1998. YEPES. Gabriela. Danzak. Cortometraje Ficción. 2008. 19 min. Recuperado de: <<http://www.gabriela-yepes.com/project/danzak/>>. VILLEGAS FALCÓN, Antonio Salvador. La Danza de las Tijeras. Lima: Biblioteca Nacional del Perú: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1998. WATCHTEL, Nathan. “Rebeliones y milenarismo”. In: Ideología mesiánica del mundo andino. OSSIO, Juan. (Comp.). PRADO PASTOR, Ignacio. (Ed.). Lima: Colección Biblioteca de Antropología, 1973. p. 103-145. Yaranga Valderrama, Abdón. Diccionario de organología andina: instrumentos de música, danza y teatro. Lima/París: Biblioteca Nacional del Perú, Fondo Editorial/Paris 8 Université Vincennes-Saint Denis, 2006. ZEVALLOS AGUILAR, Ulises Juan. Las provincias contraatacan: regionalismo y anticentralismo en la literatura peruana del siglo XX. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Ediciones del Vicerrectorado Académico, 2009.

MIGRANCIAS EN ESTE MUNDO; MIGRANCIA ENTRE MUNDOS: RELATOS DE MUERTOS Y VIVOS EN NARRATIVAS ANDINAS.

Florencia Raquel Angulo Villán

Resumo: Existen matrices narrativas orales andinas que se enraízan en ámbitos en los que aparentemente no podrían desarrollarse, como sucede en las ciudades modernas en las que se rechaza o niega la presencia indígena. Esas historias contadas por migrantes andinos, recuperan las memorias de las abuelas sobre las almitas del primero de noviembre pero en situaciones de aparente olvido o desconocimiento de los tiempos rituales. En esta ponencia, plantearemos que a pesar de las recurrentes negaciones y borraduras, las prácticas rituales y discursivas andinas se incorporan a las prácticas urbanas, vibran en toda su visualidad y movimiento, en cantos y música y en la palabra oral. Se propone observar la plasticidad cultural con que los sujetos migrantes andinos reactualizan sus saberes y los hacen funcionar en el contexto urbano. Plantearemos que constituyen matrices generadoras de resistencia; que reenvían una y otra vez al universo andino, subvirtiendo las historias oficiales y los discursos del colonialismo. Si una de las condiciones del migrante es la condición descentrada y múltiple; también hay una situación de puesta en abismo, reconocible toda vez que se tiene en cuenta que existe una dimensión de lo anímico que es fundamental para comprender las relaciones entre los seres que pueblan el mundo y que se rigen por un sistema complejo en el que todos los elementos tienen ánimu, principio vital que les da vida.

Referências: Bugallo, Lucila y Mario Vilca, «Cuidando el ánimo: salud y enfermedad en el mundo andino (Puna y uebrada de jujuy, argentina) », Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 13 juillet 2011, consulté le 14 mai 2018. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/61781> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.61781 Cornejo Polar, A (1996) “Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno, en Revista Iberoamericana. Vol. LXII, Nums. 176-177, Julio-Diciembre 1996, 837-844 Landeo, P. (2014) Categorías andinas para una aproximación al willakuy, Lima: Fondo Editorial de la Asamblea Nacional de Rectores. Mamani, Macedo, M. (2019) “Purun yachana. El valor de las categorías culturales andinas en la explicación de nuestra literatura”, en Revista Jornaler@s, Año 4, Nº 4. San Salvador de Jujuy. FHYCS-UNJU. Edición electrónica: <http://www.fhycs.unju.edu.ar/documents/publicaciones/revistas/jornales4/REVISTA-JORNALER@S-4.pdf> Noriega, J. (2012) Caminan los Apus. Escritura andina en migración, Lima: Pakarina ediciones. Rivera Cusicanqui, Silvia (2015) Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón. Rubinelli, M. L. (2011). Los relatos populares andinos: expresión de conflictos. Río Cuarto. Ediciones del ICALE. Rubinelli, María Luisa (2016) Entre condenados, ucumares y gualichados. Relatos andinos tradicionales. Jujuy, Argentina: EDIUNJU. Scott, J. C. (2004). Los dominados y el arte de la resistencia. Discursos ocultos. México: Ediciones Era.

O REAL COMO SEMBLANTE: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE EN OCTUBRE NO HAY MILAGROS E O BALCÃO

Lara Mucci Poenaru

Resumo: O romance En Octubre no hay milagros (1965) de Oswaldo Reynoso apresenta a procissão religiosa peruana como uma performance. Como simulacro, seu caráter divino é colocado em mesmo plano que as ações profanas e se aproxima da obra dramática de Jean Genet, O Balcão (1968). Dessarte, propõe-se pensar como a paixão pelo real (BADIOU, 2017) se entrelaça no romance e na peça sob o viés do escândalo, da “operação teatral”, na qual a representação dos conflitos sociais é levantada através de montagens, e do distanciamento brechtiano, ao provocar estranheza diante de situações e ações apresentadas como normais. Sob este prisma, observa-se um movimento dialético na carnavalização experienciada em ambas as produções; a liberdade é alcançada ao retirar as máscaras sociais que a tradição impõe para que não se atente contra a lei, ao mesmo tempo em que se alcança o gozo com o fetiche de se fantasiar de outrem. Desvelar-se dos disfarces forjados e travestir-se são faces da mesma moeda. Essa dicotomia complexifica a própria noção de real. A realidade, portanto, não pode ser compreendida como aquilo que sobra quando se caem as máscaras da representação, uma vez que elas próprias são semblantes e são também parte do real, e nisso reside o caráter ambivalente da experiência humana. Pode-se afirmar que as obras conseguem captar imediatamente o fenômeno da fetichização com a imagem do real violento, que irá se consolidar nas décadas seguintes. Conclui-se que, na radicalização de seus realismos, são bem sucedidas ao abordar a temática da violência urbana com procedimentos formais que forjam a representação audiovisual na prosa, de forma a alcançar o efeito da espetacularização da violência de uma maneira particular e inaugural. O choque sentido pelos seus leitores imediatos é o mesmo que será aplacado com a multiplicação exponencial das imagens violentas pela grande mídia.

Referências: BADIOU, Alain. Em busca do real perdido. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. FOSTER, Hal. O retorno do real. São Paulo: Ubu Editora, 2017. GENET, Jean. O Balcão. São Paulo: Abril Cultural, 1968. REYNOSO, Oswaldo. En octubre no hay milagros. In: TARAZONA, Roberto R. (Org.). Narraciones 1. Lima: San Marcos, 2005. p.165-364. ŽIŽEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

SIMPÓSIO “REDEMOINHOS ESTÉTICOS DE UMA CARTOGRAFIA DA DOR LATINO-AMERICANA EM REGIMES DITATORIAIS”

Coordenadores: Danielle Ferreira Costa (IFMA) e Naiane Vieira dos Reis (IFCE)

SILENCIAMENTO, VESTÍGIO E MEMÓRIA DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO BRASIL

Anairan Jeronimo da Silva

Resumo: O passado de fome e de morte que acometeu o Nordeste em períodos severos de seca, como o ocorrido no ano 1932, marcaram a história do Brasil como nuvem turva que ainda não se dissipou. A era Vargas empreendeu um esforço orquestrado e sistemático de contenção e higienização dessas vítimas, confinadas nos chamados “currais humanos”; os oito Campos de Concentração que o estado brasileiro implementou no Ceará em 1932, locais para onde os retirantes famintos eram destinados. Porém, há elementos desse passado ainda escondidos entre montanhas de terra seca e gritos abafados, sobre os quais incidiram esforços estatais de silenciamento e apagamento. Fotografias, notícias de jornais, documentos, registros; tudo foi sendo entocado e amordaçado, tal como as vítimas fatais desses Campos. Este trabalho, parte de um estudo de tese em andamento, visa discutir sobre os caminhos encontrados pela arte, como forma de testemunhar e resistir ao apagamento da memória dos campos de concentração, fazendo ecoar no cinema, a voz dos que foram mortos pelo regime autoritário de Vargas e os vestígios de um trauma histórico. Para tanto, analisamos o atravessamento entre ficção e realidade, narrados por Sabina Colares e David Aguiar, em seu drama-documentário Currais (2019). Falaremos sobre a fotografia, as metáforas, as personagens e as imagens do repertório estético, político e mnemônico da obra fílmica em questão; uma narrativa forjada entre performances, atuações, relatos de sobreviventes e outras testemunhas dos Campos. O suporte teórico para este recorte é baseado autores como Sarmento-Pantoja (2018), Ranciére (2009; 2012) e Sarlo (2007).

Referências: CURRAIS. Dir. Sabina Colares; David Aguiar. Além mar filmes. 90min RANCIÉRE, J. O inconsciente estético. São Paulo: Ed. 34, 2009. RANCIÉRE, J. O destino das imagens. Trad. Mônica Costa Netto. Org. Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. SARLO, B. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMA, 2007. SARMENTO-PANTOJA, A. Quando resistir não basta... In: Revista Moara. 44ª Ed. 2015.

“EL EXILIO ES UN RÍO CIEGO”: DOR E MEMÓRIA EM ESTADO DE EXILIO, DE CRISTINA PERI ROSSI

Anita Rivera Guerra

Resumo: Há exatos 50 anos, em 1973, a uruguaia Cristina Peri Rossi escreveu os poemas que compõem o livro Estado de exílio, publicado apenas em 2003. O poemário, nascido da dor e da angústia do exílio ao qual foi forçada se submeter às vésperas do início da ditadura militar no Uruguai, funciona como uma espécie de colagem/montagem da experiência do exílio, navegando entre cidades, memórias e o tempo presente de forma a criar um continuum entre corporalidade e subjetividade através do qual se navega, como em um “rio cego”. A dor é ao mesmo tempo aguda – “Tengo un dolor aqui, / del lado de la patria” (ROSSI, 2005) – e latente, como no poema em que a voz poética narra a viagem do exílio como um sonho e se pergunta, ao final, se “existió alguna vez una ciudad llamada Montevideo” (ROSSI, 2005). A partir dessas navegações entre dor e memória, realidade e apagamento, e permanência e trânsito, proponho realizar uma leitura de Estado de exílio que explicita o caráter espiralar da experiência do exílio – e da experiência da escrita – não apenas na obra dessa autora ainda pouco estudada no Brasil e no mundo, mas também em outras literaturas latino-americanas que trabalhem o deslocamento político forçado durante as décadas de 1960 e 1970.

Referências: ROSSI, Cristina Peri. Poesia completa. Barcelona: Lumen, 2005.

A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA, DE OSMAN LINS: UMA LEITURA DO DOR

Cacilda Bonfim

Resumo: Neste trabalho analiso alguns aspectos do romance A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins (2005), no que tange primordialmente às circunstância de dor e abandono vivenciadas na realidade diegética da obra, pela personagem Maria de França, nordestina que, em meio a crises de demência, realiza uma peregrinação pelo então INPS - Instituto Nacional de Previdência Social – a fim de obter uma aposentadoria temporária que sempre lhe é negada. Publicada originalmente em

1976 - durante o período ditatorial brasileiro - a narrativa, que fundamentalmente se ocupa do ato de ler, caracterizando-se como uma obra metaficcional, aborda inúmeros temas relevantes aos estudos literários, destacando-se aqui, dentre eles, a denúncia de arbitrariedades e injustiças que compõem uma política de opressão. A loucura de Maria de França põe a descoberto a loucura institucionalizada pelos órgãos do Governo, cujas ações carecem de um grau mínimo de razoabilidade. Em termos teóricos, relaciono esses traços de negligência governamental com as reflexões de Hannah Arendt, quando expõe aspectos do obscurecimento da política, em obras, tais como: *Origens do Totalitarismo* (2000) e *A Condição Humana* (2018), e com o conceito de vida nua, desenvolvido por Giorgio Agamben, na obra *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I* (2010). Demarco ainda, a interrelação entre política e estética a partir do elemento comum de pertencimento a dimensão pública que Jacques Rancière elabora em sua teoria sobre a partilha do sensível, concepção basilar de toda sua obra, a qual nomina inclusive um de seus livros, com título homônimo a essa expressão (2005).

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Brigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, revisão técnica e apresentação Adriano Correia. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. LINS, Osman. *A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

O OLHO, O ESPÍRITO, O CORPO INTERMINÁVEL: ABRIR OS OLHOS PARA O QUE SE FECHOU

Claudia Miranda da Silva Moura Franco, Antonio Manoel dos Santos Silva

Resumo: *O corpo interminável* (2019), romance de Cláudia Lage, apresenta várias confluências discursivas que possibilitam ser tratado como representação ficcional de fatos históricos, como instância intertextual de dupla natureza estética e construção literária que mobiliza modos de narrar tradicionais interseccionados com supostas modalidades contemporâneas de leitura e interpretação do mundo. A obra é contextualizada historicamente no período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), com ênfase naquele momento de prática da violência sobre os corpos submetidos à tortura e esfacelamento propagado do físico ao psicológico, do ferimento ao pavor. O eixo da estruturação está constituído pelo desaparecimento do corpo de uma mulher, o que possibilita à autora trazer para o cenário da literatura brasileira um problema que precisa ser aprofundado, o do apagamento do protagonismo feminino enquanto vítima da violência extensiva, perceptível em outras ocorrências iníquas tais como a permanência da escravidão, o extermínio indígena e os regimes totalitários. No fundo e substancialmente a obra assume a investigação de vestígios sugeridos pela retomada de arquivos de memória presentes nos relatos da Comissão da Verdade (Instituto Vladimir Herzog, 2014), com três propósitos principais: a) reinventar os mais variados modos de violência, repressão e tortura contra o corpo da mulher; b) usar ironicamente a metanarrativa que se aproveita do livro *Alice no País das Maravilhas*; c) valer-se da fotografia como acesso aos fatos históricos dos quais se torna vestígio. Três autores nos ajudam nessa tarefa de compreensão: Paul Ricoeur, Merleau Ponty e Wertham; o primeiro por elucidar as questões relativas ao tempo e vestígios da História; o segundo por introduzir-nos no universo da percepção; e o terceiro, pela caracterização objetiva das modalidades da violência e dos traços que elas imprimem na realidade.

Referências: MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vezes do silêncio e A dúvida de Cézanne*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François (et al). Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. WERTHAM, Fredric. *A Marca da Violência*. Trad. de Leônidas Gontijo de Carvalho do original *A Sign for Cain*. São Paulo: IBRASA (Instituição Brasileira de Difusão Cultural). 1967.

ECOS DE UM LUGAR SOMBRIO ENCRAVADO NO NORDESTE BRASILEIRO

Danielle Ferreira Costa

Resumo: O Brasil, desde seu perverso batismo cristão, é um território marcado e remarcado por ferros em brasas. Brasas que imprimiram nesse corpo-nação um sinal de ignomínia estigma ou labéu, do qual ainda não foi capaz de se desprender, ou desvencilhar-se. Visto que é um corpo-nação marcado pela falta, que continua a sangrar, pois ainda se esquivava da pergunta que lateja em suas histórias: Pode haver perdão sem que se possa acusar alguém, presumi-lo como seu autor verdadeiro ou declará-lo culpado? É deste questionamento que surge esta tessitura crítica, que discute porque no contexto brasileiro "O perdão [é] difícil", a partir de narrativas que ecoam as memórias soterradas por um pensamento colonial que continua a reverberar neste solo. Guiados por esse objetivo, problematiza-se de que maneira as narrativas de Gótico Nordestino (2022), de Cristhiano Aguiar, assumem um posicionamento decolonial ao reivindicarem a profundidade da fala de memórias historicamente apagadas como condição *sine qua non* para que o perdão seja alcançado. Uma vez que esta obra mergulha nos elementos góticos e folclóricos para criar histórias que vão desde os tempos do cangaço, passando pela ditadura militar e chegando até ecos sombrios de um futuro assentado em um mesmo silenciamento. Nesse sentido, o percurso investigativo que se pretende lançar é orientado por um fazer crítico que não busca ser apenas um discurso sobre um passado ditatorial, ou sombrio, tratando-o como algo finito, mas abordá-lo por meio de uma reflexão na qual memória, corpo e linguagem se atravessam no tempo presente. Para tanto, parte de uma reflexão permeada por categorias de pensamento, como memória e rastro, de Paul Ricoeur, assinatura, de Jacques Derrida, contemporâneo, de Giorgio Agamben, paisagem, de Michel Collot, arte transmoderna, de Enrique Dussel, e partilha do sensível, de Jacques Rancière.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. 91 páginas. ISBN 978-85- 7897-005-5. AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004. BEGHINI, M. A Literatura de Terror e a Comunicação. Disponível em [the boy with the blues: http://theboywith-theblues.blogspot.com/2010/03/literatura-de-terror-e-comunicacao.html](http://theboywith-theblues.blogspot.com/2010/03/literatura-de-terror-e-comunicacao.html). Acesso em 22 de março de 2021. BEZERRA, Daniele Borges; MSRCHI, Darlan de Maman. A arte como uma interface política no processo de transcrição das memórias difíceis: os lugares de sofrimento e os dilemas da transmissão. In.: GALLO, Carlos Artur. Nas trincheiras da memória: lutas pelo passado, políticas de memória e justiça de transição no sul da Europa e na América do Sul. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. p. 301-324. DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. DUSSEL, Enrique. Filosofías del Sur: descolonización y transmodernidad. México: Akal, 2015. DUSSEL, Enrique. World-System and transmodernity. *Nepantla Views from South* (Durham), v. 3, issue 2, p. 221-244, 2002. ECHEVERRÍ, J. A. 2004. Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: diálogo intercultural? In: Surrallés, A. e García Hierro, P. (orgs.) *Tierra adentro: territorio indígena y percepción del entorno*. Copenhagen: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas. FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. FIGUEIREDO, Lucas. Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 32, no 94 junho/2017. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em: 16/07/2020. MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. 2a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008. MIGNOLO, Walter D. Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. PINHEIRO, Milton (Org). Ditadura: o que resta da transição. 1aed. São Paulo: Boitempo, 2014. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: Estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2020. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. RICOEUR, Paul; CHANGEUX, Jean Pierre. O Que Nos Faz Pensar? Um

neurocientista e um filósofo debatem ética, natureza humana e cérebro. Tradução de Isabel Saint-Aubyn, Edições 70, 2001. TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Orgs.). O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2019. E-Book. TRIGO, Abril. Fronteras de la epistemología: epistemologías de la frontera. In.: Papeles de Montevideo. no 1, Junio de 1997, p. 71-89. WALSH, Catherine. Introducion - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.

PROJEÇÕES DA ENUNCIÇÃO E MODOS DE SILENCIAMENTO DA REPRESSÃO NA OBRA “EU IMPERATRIZ”

Kayla Pachêco Nunes, Eliane Aparecida Miqueletti

Resumo: Neste trabalho apresentaremos a análise do apagamento dos efeitos da ditadura militar no livro “Eu Imperatriz”, de Edevilra Marques de Moraes Barros. A obra inaugura a historiografia do segundo maior município maranhense e é uma das referências para o currículo da Educação Básica do município, bem como indicada como leitura em concursos. Imperatriz é considerada o Portal da Amazônia e foi cenário de episódios importantes na resistência contra a ditadura no Brasil. No livro selecionado para este trabalho, há um salto temporal e temático, um silenciamento sobre a repressão militar na região, durante a ditadura instaurada em 1964. A cassação de um prefeito e a contribuição direta de alguns de seus cidadãos na Guerrilha do Araguaia é silenciada, o que configura uma forma de censura enquanto fato produzido pela história e negado pela literatura em circulação. Recorrendo sobretudo ao arcabouço teórico da semiótica discursiva, analisaremos como os fatos são apresentados ao enunciatário através das escolhas discursivas mobilizadas pelo enunciador. Nosso recorte analítico contemplará algumas crônicas da obra que versam sobre fatos referentes ao contexto político no período compreendido entre 1960 e 1970. Permeando nossa investigação, estarão as noções de memória e acontecimento. Um texto que compõe a memória de um município e que é usado para fins didáticos, com vozes e discursos que chegam à sala de aula e influenciam diretamente a formação de professores e alunos em torno de um tema tão caro para a história de nosso país, merece ser olhado com mais cuidado. Esperamos contribuir com essa leitura mais atenta dos textos que chegam às escolas.

Referências: BARROS, Edelvira Marques de Moraes. Eu, Imperatriz. 2. ed. Imperatriz: Academia Imperatrizense de Letras, 2012. FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016. FIORIN, José Luiz. Em busca do sentido: estudos discursivos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. FRANKILN, Adalberto; LIMA, Valdizar. Repressão e resistência em Imperatriz. Imperatriz: Ética, 2016. GREIMAS, Algirdas Julien. Dicionário de Semiótica. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. SELIGMANN-SILVA, Marcio. História, memória, literatura: o testemunho na Era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. ZILBERBERG, Claude. Elementos de semiótica tensiva. São Paulo: Ateliê editorial, 2011.

MINORAÇÃO DO TESTEMUNHO NO CONE SUL: SOBREVIVÊNCIA, VISIBILIDADE E DESTERRITORIALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS DE MULHERES

Liana Marcia Gonçalves Mafra

Resumo: Discute-se a tese que traz discussões acerca das narrativas testemunhais, consideradas na pesquisa como literatura menor, testemunho menor, a partir do conceito elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, partindo de La Escuelita. Relatos testimoniales, de Alicia Partnoy; Pasos bajo el agua e 259 saltos, uno imortal, de Alicia Kozameh; En estado de memoria e Yo nunca te prometí la eternidad de Tununa Mercado; Una sola muerte numerosa de Nora Strejilevich. A pesquisa propõe pensar a Literatura Menor a partir do testemunho de autoria feminina, produzido sobre a última ditadura argentina, entremeando na discussão questões de gênero com as características desta literatura. Desse modo, o testemunho menor pensado a partir da teoria de gênero é atravessado pelos conflitos públicos e privados, pelo engajamento de mulheres nos movimentos de luta contra a ditadura, pelas violências sofridas e em suas diversas ações e especificidades. Acreditamos que a perspectiva de gênero amplia a atuação na luta durante a ditadura no Cone Sul, possibilita olhar para

outros e outras protagonistas. Ou seja, testemunho menor, aqui, é pensando com as autoras, como uma narrativa marginal, duplamente desviante, e situa-se como enunciação coletiva, uma escrita moldada a um espaço-tempo. Convém ressaltarmos que as narrativas acima são produzidas por mulheres sobreviventes, que estiveram e ainda estão em situação de exílio, que (des)territorializaram seus testemunhos em contextos singulares, tanto geográfico quanto gráfico, ou seja, apresentam uma escrita exilada tanto física quanto em sua expressão, demonstrando a singularidade e a multiplicidade de perspectivas de narrativas exiladas.

Referências: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. KOZAMEH, Alicia. Pasos bajo el agua. Córdoba, Argentina: Alción Editora, 2002. KOZAMEH, Alicia. 259 saltos, uno inmortal. [2001] Ars Communis Editorial, 2020. MERCADO, Tununa. En estado de memoria. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019. MERCADO, Tununa. Yo nunca te prometí la eternidad. Buenos Aires: Booket, 2013. PARTNOY, Alicia. La Escuelita: Relatos testimoniales. Buenos Aires, Argentina: La Bohemia, 2006. STREJILEVICH, Nora. Una sola muerte numerosa. Córdoba, AR: Alción Editora, 2006.

MODOS DE PRESENTIFICAÇÃO DO CORPO AUSENTE: O FAZER DA MEMÓRIA

Luiza Helena Oliveira da Silva, Jacielle da Silva Santos

Resumo: Este trabalho analisa dois textos que remetem a sujeitos assassinados por ditaduras no contexto latino-americano. O primeiro é um dos contos que compõem a antologia Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo, do escritor tocantinense Pedro Tierra (2019) – “O leitor do livro do Apocalipse”; o segundo é folder da série Ausênc’as Brasil, relativa à exposição organizada pelo Memorial da Resistência de São Paulo, em 2015, do fotógrafo e editor gráfico argentino Gustavo Germano (2012). Pela palavra ou pela imagem, o que essas produções trazem em comum, mediante diferentes estratégias enunciativas, é o trabalho com a memória, como modo de presentificação do corpo do outro, o ausente, lacuna a mobilizar a dimensão dos afetos e, portanto, do próprio corpo daquele que persiste e enuncia, fiel a uma busca (querer saber) e a princípios que lhe definem a identidade (dever dizer), ainda que submetido a diferentes contingências e à duração do tempo que atenuaria as convicções e a intensidade da persistência. Um busca narrar o inenarrável; o outro representar o irrepresentável. Para análise, mobilizamos fundamentalmente categorias da semiótica discursiva relativas ao corpo (FONTANILLE, 2017) e à memória (ZILBERBERG, 2010; SILVA, 2016). A memória se guarda no corpo e o enunciador militante é o que tem a tarefa de não deixar esquecer, emprestando seus sentidos à urgência de narrar, seja pelo texto, seja pela imagem.

Referências: ALIADOS de Bolsonaro decidem acabar com a Comissão de Mortos e Desaparecidos. UOL, Política, 15 dez. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/12/15/votam-fim-da-comissao-especial-mortos-desaparecidos-politicos.htm> Acesso em 18 dez, 2022. BRASIL. Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. BRASIL. Lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995. FIGUEIREDO, C. A. S.; REIS, N. V.; SILVA, L. H. O.; SOUSA, P. C. L. Memórias do Araguaia: entrevista com José Genoíno Neto. Escrita: Revista do Curso de História, v. 12, n. 2, p. 274-318, 2020. FONTANILLE, J. Corpo e sentido. Trad. de Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: EDUEL, 2017 [2006]. FONTANILLE, J. Discours, médias, pratiques et régimes de croyance. Mimeo, 2015. KUCINSKI, B. K: relato de uma busca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. LÉVI, P. É isto um homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1988. ORLANDI, E. O. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 1993. REINA, E. Cativo sem fim: as histórias dos bebês, crianças e adolescentes sequestrados pela ditadura militar no Brasil. São Paulo: Alameda, 2019. SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Org.). Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162. TIERRA, P. Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo. São Paulo: Autonomia Literária, Fundação Perseu Abramo, 2019. ZILBERBERG, C. Elementos de semiótica tensiva. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Alameda, 2011 [2006].

SOB O SIGNO DA CORAGEM: AVALOVARA, DE OSMAN LINS

Maria Aracy Bonfim

Resumo: Há 50 anos, no Brasil, em 1973, o escritor pernambucano Osman Lins publicou o romance *Avalovara*, pela editora Melhoramentos. O enredo principal da obra se dá a partir da vida de Abel, o protagonista, e três mulheres com quem ele se envolve romanticamente. A narrativa extrapola o que podemos chamar de compreensão simples e desafia o leitor a atravessar o texto, enredar-se na poética, deixando de lado a leitura comum e empreender o desvendamento tanto da própria narrativa – cronologicamente e psicologicamente, quanto da arquitetura textual. Tal ideia se confirma com Antonio Candido na apresentação que escreveu para *Avalovara*, quando diz: “O que desde logo prende em *Avalovara* é a poderosa coexistência da deliberação e da fantasia, do calculado e do imprevisto, tanto no plano quanto na execução de cada parte” (1973, p. 9). O engenho de Osman Lins de fato coaduna tais elementos e exerce legítimo entendimento de que o feito – escrita e lançamento – congregam sua atitude corajosa diante das trincheiras ideológicas de várias ordens posicionamento político, crítica literária, em plena ditadura civil militar brasileira (1964-1981). Nesta comunicação, pretendo retomar três instâncias de análise, imbuída da responsabilidade de apresentar *Avalovara* como uma obra que merece conhecimento e reconhecimento no panorama literário latino-americano, a saber: a crítica osmaniana; a ensaística do autor sobre a crítica literária e registros de seu bravo posicionamento público mesmo com a consciência do opressor à espreita, em entrevistas publicadas.

Referências: CANDIDO, Antonio. “A espiral e o quadrado”. In LINS, Osman. *Avalovara*, São Paulo: Melhoramentos, 1973. LINS, Osman. *Avalovara*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973. LINS, Osman. *Evangelho na taba: novos problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979. LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social*. São Paulo: Martins, 1969. GINZBURG, Carlo. *Nenhuma Ilha é uma Ilha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. GUSDORF, Georges. *A palavra*. Edições 70: Lisboa, 2010.

REFLEXÕES SOBRE A DRAMATURGIA POLÍTICA, DE RESISTÊNCIA E DE TEOR TESTEMUNHAL DE AUGUSTO BOAL

Maria do Socorro Camelo Sousa

Resumo: As cortinas do teatro brasileiro da década de 1960 se abrem para uma nova forma de fazer teatro, e foi vista como uma quebra de padrões das encenações que eram produzidas para uma minoria privilegiada. Esse novo modelo visava não só a estética da cena, mas a cena como luta e resistência contra as forças opressoras do regime autoritário que se instalara no país. Este teatro pode ser denominado, de teatro político, de resistência e de teor testemunhal. Político pois trazia ao centro de suas montagens as temáticas sociais; de resistência porque era arma de luta e oposição a força da opressão e teor testemunhal porque em seus textos e em suas encenações denunciavam e mostrava os horrores traumáticos que este regime trazia ao país. Muitos dramaturgos se destacaram dentro desse teatro, como a voz daqueles que eram silenciados. Este trabalho busca trazer para a cena, debates acerca da dramaturgia de Augusto Boal, tendo como ponto de partida para as discussões duas obras teatrais do autor, *Revolução da América do Sul* (1960) e *Torquemada* (1971), no intuito de compreender o processo do teatro político e do teatro de resistência e de teor testemunhal nas cenas de 1960 a 1970. Para fortalecer este debate traçaremos diálogos com teóricos como Márcio Seligmann- Silva (2003, 2005, 2008); Valéria De Marco (2004) e Augusto Sarmiento-Pantoja (2021) que pesquisam, discutem e refletem sobre o testemunho e o teor testemunhal; Alfredo Bossi (2002) com narrativa de resistência; e Walter Benjamin (2017); Augusto Boal (2013, 2014); Iná Camargo Costa (1990); Edécio Mostalço (2013, 2018); Maria Sílvia Betti (2013), com teatro político, teatro de resistência, e teatro moderno brasileiro, no intuito de contribuir com as reflexões sobre essa dramaturgia.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Ensaio sobre Brecht*. Tradução Claudia Abeling. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2017. BETTI, Maria Sílvia. *A Politização do Teatro: Do Arena ao CPC*. In: FARIA, J.F.; GUINSBURG, J. *História do teatro brasileiro, volume 2: do modernismo às tendências contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013, p. 175-194. BOAL, Augusto. *Torquemada*. In: *Teatro de Augusto Boal. Volume 2. Histórias de neustra América. A Lua pequena e a caminhada perigosa, Torquemada*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 101-152. BOAL, Augusto. *Revolução*

na América do Sul In: Teatro de Augusto Boal. Volume 1. Revolução na América do Sul. As Aventuras do Tio Patinhas. Murro em Ponta de Faca. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 29 - 117. BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. São Paulo: Cosac Naif, 2013. BOAL, Augusto. Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas. São Paulo: Cosac Naify, 2014. BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In: BOSI, Alfredo Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P.118 -135. COSTA, Iná Camargo. A Hora do Teatro Épico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. DE MARCO, Valéria. A literatura de testemunho e a violência de Estado. In: Lua Nova. 2004, n.62, p.45-68. SARMENTO-PANTOJA, Augusto Nascimento. Entre frestas: considerações sobre o teor ficcional, o teor de verdade e o teor testemunhal. In: Revista Moara, 2021, n.56, p. 112-139. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História Memória Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes histórica. In. PSIC.CLIN., Rio de Janeiro, vol.20, nº1, 2008, p.65-82. MOSTAÇO, Edécio. A Questão Experimental: A Cena nos Anos de 1950-10970. In: FARIA, J.F; GUINSBURG, J. História do teatro brasileiro, volume 2: do modernismo às tendências contemporâneas. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013, p. 215-239. MOSTAÇO, Edécio. Teatro e política, Arena Oficina e Opinião. São Paulo: Annablume, 2016.

O CORPO E A CARNE DA MEMÓRIA INTERROMPIDA: ANÁLISE SEMIÓTICA DO ROMANCE “EM DESPROPÓSITO (MIXÓRDIA)”

Naiane Vieira dos Reis

Resumo: Configurado como espaço de múltiplos conflitos, pela repressão do estado ditatorial, pela corrida do ouro e pela expansão da fronteira agrícola, a região Norte, em especial os estados do Pará e do Tocantins, carrega marcas de uma democracia cerceada desde seus grandes movimentos de povoação. Diante desse cenário histórico-político, objetivamos, neste trabalho, analisar a narrativa sobre o passado sistematicamente apagado que emerge de forma violenta em um presente obscuro, silencioso e conflitante, construído no romance “Em despropósito (mixórdia)”, do escritor paraense Abílio Pacheco. Para tanto, a partir do aparato teórico sobre o testemunho, em especial o europeu pós-holocausto e o latino-americano pós-ditaduras militares, debateremos o papel da literatura na disputa sobre a narrativa que tem sido silenciada, mas que persiste no imaginário político e estético, sobretudo para sujeitos e lugares atravessados pela dor da violência implacável praticada pelo Estado. Nesse movimento, buscamos paralelo com a obra “Mata!”, de Leonencio Nossa, na qual se apresenta, em contrapartida, a perspectiva do violador, com afetos, engajamentos e identidade negociada, uma figura que ganha grande interesse, sobretudo do setor editorial. A partir desse movimento, lançamos mão das categorias da semiótica tensiva no que diz respeito à abordagem do corpo, tendo em vista suas movimentações e configurações identitárias, observando como o sujeito da memória interrompida é atravessado, ainda que com desejo de se afastar do passado de dor, pelos resquícios de um acontecimento que insiste em se impregnar em todas as dimensões de existências dos atores sociais. Na região do Araguaia, onde ocorreu na década de 1970 a guerrilha rural do período de suspensão da democracia, a violência letal estatal marca indelevelmente o espaço e os sujeitos, sobretudo por deixar como herança maldita o autoritarismo na política local, o qual vigia e controla a emergência de uma memória sobre o período de exceção.

Referências: FIGUEIREDO, C. A. S. Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes. EntreLetras, v. 11, n. 1, 2020, p. 7–27. FONTANILLE, J. Corpo e sentido. Trad. Fernanda Massi e Adai Sobral. Londrina: Eduel, 2016. NOSSA, L. Mata!: O Major Curió e as guerrilhas no Araguaia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. PACHECO, A. Em despropósito (Mixórdia). Belém: Literacidade, 2013.

O EXÍLIO COMO HERANÇA: DESLOCAMENTO, IDENTIDADE E EXERCÍCIO FICCIONAL EM MAR AZUL, DE PALOMA VIDAL E A RESISTÊNCIA, DE JULIÁN FUKS

Nathália Mendonça Martins

Resumo: A retomada do tema da ditadura no cenário literário brasileiro se deu de forma mais notória a partir do início deste século. Dentre essa recente produção, encontramos narrativas feitas sob a

ótica de filhos de exilados das ditaduras latino-americanas, “herdeiros do exílio” que inauguram uma nova perspectiva sobre a representação dos anos sob o regime autoritário. Partindo da leitura de *Mar azul*, de Paloma Vidal e *A resistência*, de Julián Fuks, este trabalho busca analisar os mecanismos estéticos desenvolvidos pelos autores na construção de representações sobre a temática, apontando aproximações e diferenças entre eles. Para isso, considero a tensão entre o real e o ficcional engendrada pelos textos, construída tanto pela trajetória pessoal de cada um, ambos filhos de pais argentinos exilados no Brasil, quanto pelos mecanismos de criação de uma linguagem própria, cuja escrita, embora imersa em um contexto histórico-político específico, não prescinde da centralidade do texto como espaço criativo. Somando a suas trajetórias de ficcionistas o ofício de críticos literários, Vidal e Fuks desenvolvem narrativas que funcionam como exercícios ficcionais, pautadas em leituras de um legado e na reflexão sobre o fazer literário. A partir desse desdobramento de ficcionistas a pesquisadores, analiso questões como exílio, deslocamento, memória e identidade, presentes em seus romances e críticas acadêmicas e que colaboram para a construção de um projeto político e literário no contexto da literatura brasileira contemporânea.

Referências: DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora UNB, 1996. FUKS, Julián. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. FUKS, Julián. *Romance: História de uma ideia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. FUKS, Julián. “A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo” in SAFATLE, Vladimir (org.) et all. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freyre d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. _____. *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007. VIDAL, Paloma. *A história em seus restos. Literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004. _____. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. _____. “E a origem sempre se perde”. In: CHIARELLI, Stefania; NETO, Godofredo de Oliveira (Org.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p. 33-47. WALSH, Rodolfo. *Operación Masacre*. Buenos Aires: Tipo Fanzine Ediciones, 2011.

ARQUIVO, DOCUMENTO E FICÇÃO EM "76" E "LOS TOPOS", DE FÉLIX BRUZZONE

Rafael Vieira da Cal

Resumo: Esta comunicação apresenta os desdobramentos de uma investigação acerca das noções de arquivo e documento nos livros “76” e “Los topos”, do argentino Félix Bruzzone. O número que dá título ao livro é também o ano - 1976 - de nascimento de Bruzzone e do início da mais recente ditadura militar na Argentina. O autor é filho de militantes políticos vitimados pelo terrorismo de Estado, que permanecem desaparecidos até hoje. A partir disso, este trabalho busca apontar formas de apropriação do documento, do arquivo e da história no livro, considerando as possibilidades de pensar tais questões a partir da ficção. Leonor Arfuch (2010) propõe caminhos para a reflexão sobre tais questões. Os anos 1980, o fim da ditadura militar e a redemocratização na Argentina ajudam a pensar um processo que se dá em uma escala maior: a pluralidade de vozes e a erosão daquilo que se via como certeza transforma as formas de narrar a experiência e o passado. As narrativas buscam novas referências, em meio a dissolução de parte do que servia de moldura anteriormente. Segundo Azevedo (2019), o hibridismo das narrativa contemporâneas tensionam a relação entre o romance e o conceito de ficção. Se o romance buscou legitimar-se inicialmente “pelo apelo à veracidade” e foi cedendo espaço para “o ‘efeito de realidade’ produzido por narrativas que eram acolhidas pelos leitores como totalmente imaginárias” há, na atualidade, uma “insatisfação com as fronteiras” que se exhibe no hibridismo da forma e nos questionamentos presentes nas narrativas contemporâneas, seja dos limites entre ficção e realidade, seja do próprio estatuto de prova do documento (AZEVEDO, 2019).

Referências: ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. AZEVEDO, Luciene. A ficção e o documento: uma leitura de Mulheres Empilhadas de Patrícia Melo e de Garotas Mortas de Selva Almada. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.l.], v. 28, n. 52, p. 113-127, fev. 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/53201>>. Acesso em: 13 out. 2021. AZEVEDO, Luciene. Saindo da ficção: narrativas não literárias. *Caracol*, [S. l.], n. 17, p. 329-345, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/159132>. Acesso em: 13 out. 2021. CHARBEL, F. As novas fisionomias do romance histórico. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 32, p. 19-46, 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1530>. Acesso em: 19 mar. 2022. DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. DRUCAROFF, Elsa. Qué cambió y qué continuó en la narrativa argentina desde Los prisioneros de la torre?. *El matadero*, Buenos Aires, n. 10, p. 23-40, 2018. ECHEVARRÍA, Roberto González. Mito y archivo. Una teoría de la narrativa latino-americana. México: Fondo de Cultura Económica, 2000. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. São Paulo: Martins Fontes, 2006. GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, jul-dez 2017. KLEIN, Paula. Poéticas del archivo: el giro documental em la narrativa rioplatense reciente, *Cuadernos Lirico*, 20, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lirico/8605> Acesso em 05/06/2020. KOHAN, Martín. Historia y literatura: la verdad de la narración. In: DRUCAROFF, Elsa. (org.). *Historia crítica de la literatura argentina: vol. 11*. Buenos Aires: Emecé, 2004. RODRÍGUEZ FREIRE, Raúl. La forma como ensayo: crítica, ficción, teoría. Buenos Aires: La Cebra, 2020. SARLO, Beatriz. Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

AS INTERSEÇÕES POLÍTICAS DE PLATIPLANTO E MANARAIREMA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A PERSPECTIVA EDITORIAL DE JOSÉ J. VEIGA

Rafael Vinicius Costa Corrêa

Resumo: A trajetória do escritor José J. Veiga se inicia mediante a publicação, no ano de 1959, de sua primeira obra, um volume de contos intitulado *Os Cavalinhos de Platiplanto*. Veiga obtém ótima recepção crítica de sua obra de estreia, embora a primeira edição do livro tenha circulado de modo restrito, uma vez que a editora responsável por ela, a Nítida, parece ter ido à falência já no ano seguinte de sua abertura, 1960. Veiga, entretanto, continua sua carreira ao lançar o segundo livro em 1966, o romance *A Hora dos Ruminantes*, pela editora Civilização Brasileira, sob a direção de Ênio Silveira. A publicação e circulação de tais textos se dá no momento de instauração da ditadura militar em, 1964, e posterior endurecimento da repressão perpetrada pelo regime com a implantação do Ato Institucional nº 5 em 1968. A resistência ao regime ditatorial no país após o golpe de estado é uma das características marcantes da Civilização Brasileira, e apresenta forte conexão com um dos aspectos mais estudados da obra de Veiga, a visão ideológica de sua obra. Parte dessas características na literatura de Veiga parecem estar conectadas aos eventos históricos do Brasil e aos círculos sociais frequentados pelo autor, incluídos aqueles envolvidos na Civilização Brasileira e seu próprio editor. É importante destacar que o momento de maior pujança da carreira literária do escritor, as décadas de 1960 e 1970, acompanham o ápice da Editora que se mantém como o canal mais importante de divulgação da literatura na década de 1960. Assim, a comunicação objetiva examinar possíveis conexões entre elementos distintos: questões sócio-históricas presentes no momento da publicação e especificidades dos suportes editoriais das obras, com foco especial no livro *Os Cavalinhos de Platiplanto* e *A Hora dos Ruminantes*.

Referências: VEIGA, José Jacinto. *Contos Reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. BURNETT, Lago. “O otimista José J. Veiga”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1967. Caderno B, p.2 PONTUAL, Roberto. “Platiplanto: Sintaxe Brasileira (I)”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1960. *Metropolitano*, p. 4. “A Hora dos Ruminantes”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 07 abril 1967. *Cultura JS*, p.1. CASTELLO, José. “José J Veiga trabalha nos limites da fantasia” (Entrevista) In: O

Estado de S. Paulo, 4 out.1997. _____. "Viagem à terra ignota" In: O Globo, 14 fev. 2015. ENEIDA. "Cavalinhos de Platiplanto". Diário de Notícias, Brasília, 13 dez. 1959. Suplemento Literário, p. 2. BRASIL, Assis. "Outros contos de Platiplanto". Correio da Manhã, Rio de Janeiro 19 maio 1968. 4º Caderno, p. 1. HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil Sua História. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2017.

A FIGURATIVIZAÇÃO DA DOR: UMA LEITURA SEMIÓTICA DA OBRA "OUTROSO – UM OUTRO MUNDO"

Rute da Silva Santos

Resumo: O presente trabalho é uma leitura atenta da obra literária *Outroso – um novo mundo*. Escrita por Graciela Montes, e traduzida por Ana Maria Machado, a obra é uma metáfora que denota posturas de resistência e opressões vivenciadas na Argentina, ao longo do regime militar, na década de 1970. Em nossa proposta de leitura, observamos como a dor é figurativizada no cotidiano das personagens principais, um grupo de adolescentes – Ariadna, Terê, Batata, Rosinha e Hugo - que, em nome de uma grande amizade, tentam evadir-se da violência do bairro e constroem um lugar subterrâneo para encontros secretos, um lugar onde as regras são outras e que podem exprimir suas emoções tão oprimidas e caladas no mundo lá fora. Cada um desses jovens nutre sonhos e carrega alegrias e mágoas, as quais são compartilhadas ou esquecidas em seus encontros. É na peculiaridade de cada um que mergulhamos para compreender o modo como as suas dores são expressas e silenciadas e o que elas nos revelam sobre a ditadura militar daquela época. Para ancorar a nossa leitura, tomamos como referências prioritárias os pressupostos teóricos da Literatura de testemunho e o percurso gerativo de sentido da Semiótica Greimasiana, revisitados por Barros (2000-2005), Fiorin (2002-2016), entre outros.

Referências: BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do Discurso. In: FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística II: Princípios de Análise. São Paulo: Contexto, 2003. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005. FIORIN, José Luís. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2000. FONTANILLE, J. Corpo e sentido. Trad. De Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: EDUEL, 2017. GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. [s/d]. Dicionário de Semiótica. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008. LACOSTE, Charlotte. L'invention d'un genre littéraire : temoins de Jean Norton Cru. Texto! v. 12, n. 3, 2007. LANDOWSKI, Eric. Por uma abordagem sócio-semiótica. Significação, n. 11/12, p. 22-43, 1996. MONTES, Graciela. *Outroso: um mundo novo*. 6 ed. São Paulo: Salamandra, 2006. Tradução: Ana Maria Machado. ORLANDI, E.O. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 1993. SILVA, Luiza Helena Oliveira. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, Conrado. M.; LARA, Gláucia M. P. (Org.). Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162. SILVA, Luiza Helena Oliveira. Plano da expressão. Mimeo, 2020. SILVA, Luiza Helena Oliveira da; FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo; SANTOS, Jacielle da Silva. História e ficção no romance *Em despropósito (Mixórdia)*, do escritor paraense Abílio Pacheco. Fermentum, v. 31, n. 91, 2021. Disponível em: www.saber.ula.br/fermentum. SILVA, Luiza Helena de Oliveira. Um herói da guerrilha pelas lentes de JJ Leandro. Revista Escritas do Tempo, v. 4, n. 11, p. 45-62, 2022 – p. 45-62. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1882> FIGUEIREDO, C. A. S. ; SILVA, L. H. O. . Contra o silêncio do cativo: entrevista com o escritor e jornalista Eduardo Reina. EntreLetras (Online), v. 11, p. 452-461, 2020.

ANÁLISE SEMIÓTICA DO MEDO EM CHÃO DE EXÍLIO DE WANDA MONTEIRO

Wílania Carneiro Carvalho, Cynthia Regina Leal Sousa

Resumo: Neste trabalho analisamos o medo em *Chão de exílio* de Wanda Monteiro. A autora narra na visão de criança o próprio exílio e o da família no estado do Pará, quando Miguel, o pai, é perseguido durante o regime militar de 64, e vive anos de ausência, silêncio e violência. Ainda assim, sua escrita revela a beleza e o afeto enriquecedores na obra pela personagem Luiza, a mãe, que não mediu esforços para proteger os filhos da percepção de perigo das investidas militares contra o pai, considerado subversivo na época. As relações familiares são ressaltadas no cotidiano a cada invasão da polícia à casa, a cada gesto expresso na linguagem, no respeito às pessoas e à natureza. Nesse

sentido, narrar o vivido é testemunhar do próprio ponto de vista sobre um evento histórico, como faz Wanda; seria então ir contra um discurso de unicidade nacional, por ser um modo de contestar o discurso oficial, porque este último promove o esquecimento e o apagamento de memórias que narram o evento do ponto de vista de quem viveu ou viu a história passar diante dos próprios olhos. Abordaremos aqui a literatura do testemunho por se tratar da narração de memórias traumáticas (Sarmiento-Pantoja, Seligman-Silva); Conceitos de memória individual e coletiva (Halbwach); a compreensão do medo como paixão, dimensão do discurso e como componente do percurso gerativo de sentido pela teoria da Semiótica francesa (Greimas; Fontanille; Barros; Bertrand).

Referências: BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do texto. Editora Ática: São Paulo, 2005. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. Revista Cruzeiro Semiótico, n. jul./jan. 1989/90, p. 60-73, 1990. Acesso em 05/01/2023. BERTRAND, Denis. Caminhos da Semiótica literária. Tradução do grupo CASA. Bauru: Editora EDUSC, 2003. FIGUEIREDO, C. A. S. LITERATURA DO TESTEMUNHO: A LITERATURA DA ERA DAS CATÁSTROFES. EntreLetras, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 7-27, 2020. DOI: 10.20873/uft.2179-3948.2020v11n1p7. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/8333>. Acesso em 15/01/2023. FONTANILLE, Jacques. Corpo e sentido. Tradução de Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2017. GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. Semiótica das paixões: dos estados de coisa aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos tribunais LTDA, 1990. MONTEIRO, Wanda. Chão de Exílio. AMO! Editora: Belém, 2021. SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psicol. clin. [online]. 2008, vol.20, n.1, pp. 65-82. SELIGMANN-SILVA, M. O LOCAL DO TESTEMUNHOTHE PLACE OF TESTIMONY. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. p. 03 - 20, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894>. Acesso em 15/01/2023. SARMENTO-PANTOJA, A. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. Literatura e Autoritarismo, [S. l.], n. 33, 2019. DOI: 10.5902/1679849X35461. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461>. Acesso em 05/01/2023.

SIMPÓSIO “SABERES SUBALTERNIZADOS: LITERATURA E (RE)EXISTÊNCIA, OUTROS(AS) SUJEITOS(AS) DE CRIAÇÃO”

Coordenadores: Alvanita Almeida Santos (UFBA), Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB) e Carlos Magno Gomes (UFS/CNPq)

IDENTIDADE DOCENTE: CARTOGRAFIA DO MOVIMENTO DE LUTA POR EDUCAÇÃO

Alexandra Cardoso da Silva Duarte

Resumo: Trata-se da construção de uma cartografia dos signos que compõe o movimento de luta pela educação, com destaque para a formação da identidade docente. O objetivo geral é problematizar as questões acerca da negação de direitos na educação em tempos de guerra cultural e mostrar as estratégias de arrombamento que eram utilizadas por essas professoras para a dobra do poder e assim entender sobre o uso delas na atualidade como mola propulsora do esvaziamento de signos estabelecidos para a criação de novos sentidos. Diante do proposto, será necessário analisar as narrativas de resistência presentes nas biografias das professoras aposentadas da rede municipal de ensino de Monte Santo que atuaram entre as décadas de 80 e 90 e fazer uma revisão bibliográfica a luz de Orso, Gonçalves, Mattos (2013), Pereira (2015), Cunha (2016), Souza (2021), Rocha (2021), Nóvoa (2014). Os principais resultados deste trabalho trazem à cena a resistência dessas professoras no processo de democratização do ensino básico nas comunidades rurais de Monte Santo. Este trabalho é de capital importância para pensarmos o processo de formação da identidade docente forjada em um cenário de luta pela melhoria da educação e assim pensar em novos roteiros que possibilitem a emancipação intelectual dessas comunidades.

Referências: ARFUC, Leonor. O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de

psicologia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. CUNHA, E. Os Sertões. Edição especial, - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. HALBWACHS, Maurice. Lá Mémoire Collective. Traduzido do original francês. 2. ed. Presses Universitaires de France, Paris, França, 1968. NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no projeto prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Trad. Maria Nóvoa. 2. ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014. p. 143-175. Orso, Paulino José; Gonçalves, Sebastião Rodrigues; Mattos, Valci Maria (organizadores) – Educação e luta de classes. 2. ed., São Paulo : Expressão Popular, 2013. PEREIRA, Aurea da S.; MOTA, Kátia S. “Espaços biográficos”: o lugar das memórias autobiográficas. In: PEREIRA, Aurea da S. (Org.). Práticas de pesquisa autobiográfica: letramentos, memórias e narrativas. 1. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. p.108-117. ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória educativa: narrativas de formação – recortes de um eu em crescimento e partilha. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006. p. inicial-final.

RESISTÊNCIAS DOS SABERES NAS POÉTICAS DA ORALIDADE

Alvanita Almeida Santos

Resumo: No campo dos estudos da literatura e no escopo da literatura comparada, existem perspectivas consolidadas, nas formas de abordagem das produções artísticas literárias, sobretudo se consideramos os lugares de produção de conhecimento institucionais. Há uma vasta produção teórica e metodológica sobre literatura, com estudos que se debruçaram de forma bastante competente sobre as produções literárias escritas. A interpretação e a análise do texto literário escrito tem uma história rica. No entanto, ao longo desta história, observa-se que muitas outras formas poéticas e artísticas estiveram, se não esquecidas, invisibilizadas, circulando apenas pelos bastidores, tanto porque, para aqueles modelos consolidados, não eram lidos como “literatura” ou mesmo como uma “poética”, como porque os/as sujeitos/as criadores/as se localizavam em categorias subalternizadas e não eram vistos/as como agentes de criação. Com os questionamentos desses lugares de reconhecimento e da parcialidade nas escolhas, outras propostas foram se desenvolvendo. Entre elas, estudos que se propuseram a (re)pensar as abordagens teórico-metodológica para a literatura, ampliando-se o próprio conceito e colocando em evidência novas formas e realizações poéticas. Por isso, esta comunicação acerca-se das poéticas da oralidade, com o objetivo de apresentar algumas breves reflexões sobre novos arcabouços teóricos e metodológicos que têm tentado dar conta de explicar formas poéticas que não estão dentro dos modelos canonizados, ou mais ainda, que se constituem a partir de outros paradigmas. À medida que adentro por outros caminhos, atalhos e veredas, vai-se impondo uma forma descolonizada de pensar, fundamentada na decolonialidade e na afirmação de um lugar político para as pesquisas na área da literatura e da cultura. Desenvolvo, então, a hipótese de uma resistência de outras formas e lugares de saber, especialmente, embora não somente, a partir das poéticas da oralidade.

Referências: AYALA, Maria Ignez & AYALA, Marcos (org.). Metodologia para pesquisa das culturas populares: uma experiência vivenciada. Crato: Edson Soares Martins, 2015. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. BORSANI, María Eugenia; QUINTERO, Pablo (comp.). Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar en colectivo. Neuquén/Argentina: EDUCO - Universidad Nacional del Comahue, 2014. BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 2, n. 2-3, juin 1976. La production de l'idéologie dominante. p. 88-104. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/AsPDF/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454.pdf. Acesso em 08 nov. 2022. COLOMBRES, Adolfo. Oralidad y literatura oral. In: Oralidad: lenguas, identidad y memoria. de America, anuario 9, 1998. p. 15-21 Portal da Cultura – UNESCO. Disponível em: http://www.lacult.unesco.org/doc/oralidad_09_15-21-oralidad-y-literatura-oral.pdf DAVIS,

Angela. A Arte na linha de frente: mandato para a cultura do povo. In: _____. Mulheres, cultura e política. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 165-180 FANON, Frantz. Os condenados da terra. Trad. Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 FAVACHO, Dia Ermínia da Paixão; FARES, Josebel Akel. Fios teórico-metodológicos nas poéticas orais: tramas de pesquisa em educação sensível na Amazônia. In: Revista Cocar. v.14, n.30, Belém: UEPA, set./dez./2020 p.1-15 FERNANDES, Frederico Garcia Augusto (org.). Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil. Londrina/PR: EDUEL, 2013. GLISSANT, Édouard. Poética da relação. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. In: Revista Sociedade e Estado. v. 31, n. 1, Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2022. LAROCHE, Maximilien. La Double Scène de la Représentation: Oraliture et littérature dans la Caraïbe. Québec : Département des littératures, Université Laval, 1991, 234 p. Collection : Essais, n. 8. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/contemporains/laroche_maximilien/double_scene_representation/double_scene_representation.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022 LEITE, Ana Mafalda. Oralidades & Escritas Pós-coloniais: Estudos sobre Literaturas Africanas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020. MATA, Inocência. Epistemologias do “colonial” e da descolonização linguística: uma reflexão a partir de África. In: Gragoatá, Niterói, v.24, n. 48, p. 208-226, jan.-abr. 2019. OY?WUMÍ, Oyèrónk??. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. PIZZARO, Ana. Voces del seringal: discursos, lógicas, desgarramientos amazónicos. In: Literatura y Lingüística. Santiago, n. 17, p. 29-48, 2006. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-58112006000100003&lng=pt&nrm=iso. acesso em 07 nov. 2022.

AUTOEXPRESSÃO E RESISTÊNCIA NO CORDEL “CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO” DE AURITHA TABAJARA

Ana Maria de Carvalho

Resumo: O presente trabalho surge a partir da leitura da obra intitulada Coração na aldeia, pés no mundo de Auritha Tabajara, publicada em 2018 (UK’A Editorial) e das minhas pesquisas realizadas com literatura de cordel ao longo dos meus estudos. Tem como objetivo discutir a escrita indígena de autoria feminina como forma de resistência. Tal discussão será feita a partir de uma revisão bibliográfica de textos publicados sobre o assunto. O artigo tem como suporte teórico alguns autores que discutem a produção literária indígena, entre eles: Claudia Neiva, Graça Graúna, Rita Olivieri-Godet, Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz, dentre outros. Essa análise conclui que a escritora, assim como os demais indígenas tiveram sua história silenciada, com o tratamento dado pelo Brasil aos índios sobreviventes do genocídio praticado por diversos atores ao longo desses anos. E para quebrar esse silenciamento ela vê na escrita literária uma forma de resistência contra tudo isso e uma autoexpressão de seus valores e vivências, uma vez que esta obra pode ser considerada autobiográfica. Com relação à escrita de autoria feminina é uma forma de unir forças e falar por todas as mulheres indígenas, são vozes que ecoam em busca de mais respeito e preservação de seus direitos.

Referências: ALMEIDA, Maria Inês de. QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz – as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/UFGM, 2004. GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. MATOS, Cláudia Neiva de. Textualidade Indígenas no Brasil. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org). Conceitos de literatura e cultura. 2. Ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. OLIVIERI-GODET, Rita. A emergência de autores ameríndios na literatura brasileira. In. Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo. Julie Dorrico, Fernando Danner, Leno Francisco Danner (orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. TABAJARA, Auritha. Coração na aldeia, pés no mundo. Lorena, SP: UK’A Editorial, 2018. TABAJARA, Auritha. O Grão. In. Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria,

autonomia, ativismo. Julie Dorrico, Fernando Danner, Leno Francisco Danner (orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

ZITA ALVES DA SILVA: ARTESANIA DE UMA EDUCAÇÃO POÉTICA E LIBERTÁRIA

Anélia Montechiari Pietrani

Resumo: O objetivo desta comunicação é trazer ao conhecimento da comunidade acadêmica uma parte da vasta obra de Zita Alves da Silva (1951), privilegiando o pensamento poético da poeta petrolinense na leitura dos poemas de seu primeiro livro: "Minhas poesias", de 1979. Em um momento em que a dita poesia marginal dos anos 70 se consolidava em um Rio de Janeiro da contracultura efervescente, mas urbana e ainda elitista, a marginalidade da poesia datiloscrita de Zita Alves é outra, por prenunciar o que, na poesia contemporânea, chamamos de literatura marginal porque periférica. O manuseio dos livros cuidadosamente datilografados e encadernados por Zita revela, na artesanaria da escrita poética, a importância que ela dá à educação pela poesia, por conta de seu papel humanizador e fomentador da empatia, nos moldes dos escritos já antológicos de Antonio Candido, Paulo Freire e bell hooks. A leitura dos poemas de "Minhas poesias" mostra que o olhar dirigido ao sertão e à mulher sertaneja, em um diálogo – infelizmente, muito pouco consensual – entre o meio rural e a vida citadina, entre os diferentes Brasis deste país continental segregador e racista, abre a leitora/o leitor ao conhecimento do outro, de lugares e falares que se opõem, até porque foram instituídos em sua alteridade pela própria literatura canônica, que muitas vezes trata do sertão como um falar inaudível socialmente, mas poeticamente possível na fala de conscientização de Zita Alves, que ensina a expandir o olhar sobre a poesia, seu conceito e os lugares que pode e deve ocupar.

Referências: AMADO, Janaína. Região, sertão e nação. Revista Estudos Históricos, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995. ARENDT, Hannah. A vida do espírito: o pensar, o querer e o julgar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Euclides não entendeu as mulheres dos sertões. Revista do Livro da Biblioteca Nacional, n. 52, ano 17, p. 135-145, 2009. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4ª. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191. HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins, 2017. SILVA, Zita Alves da. Minhas poesias. 1979. [datilografado] SILVA, Zita Alves da. Vila de Papelão. Recife: Ed. Pirata, s.d. SILVA, Zita Alves da. Sertão matuto em cordel. Petrolina: Ed. da Autora, s.d. SILVA, Zita Alves da. Canto matuto. Petrolina: FFPP, 1993. SILVA, Zita Alves da. Como nasceu o Bairro José e Maria. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2004. VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. Sociedade e Cultura, v. 1, n. 1, p. 41-54, jan-jun, 1998.

A LÍRICA FEMINISTA MEXICANA CONTRA O FEMINICÍDIO

Carlos Magno Gomes

Resumo: Esta comunicação analisa as estratégias líricas usadas por Arminé Arjona para prestar homenagem às vítimas dos feminicídios, que aconteceram entre os anos de 1994 e 2004, em Cidade de Juárez, no México. Esses casos se caracterizam por sofrerem descaso das autoridades e os criminosos não terem sido punidos, ocasionando pressão popular para que houvesse um compromisso do Estado em investigar tais crimes. A maioria das vítimas desse período eram sequestradas enquanto se deslocavam do trabalho para casa ou estavam em momentos de lazer. Arjona faz parte de um coletivo de escritoras que denunciava o descaso das autoridades. Desse grupo de ativistas, destaca-se Susana Chávez y Micaela Solís, duas artistas que ficaram na linha de frente do questionamento dos casos de feminicídio ao explorar em suas escritas a premissa de que esses assassinatos eram parte da violência naturalizada nas relações de gênero e estavam preocupadas em registrar a forma como tais crimes afetavam a sociedade mexicana. Metodologicamente, articulamos o conceito de "contracanto", de Linda Hutcheon (1989), para identificarmos as características líricas de uma poesia de resistência. Além disso, baseamo-nos em conceitos antropológicos propostos por Marcela Lagarde (2005) e Rita Segato (2013) que consideram esses crimes como próprios de um genocídio contra mulheres subalternizadas, pobres e pardas. Nesse

contexto, a poesia de Arminé Arjona ecoa como um grito de clamor por justiça e pelo fim da violência contra a mulher. Sua lírica pode ser considerada uma performance feminista que estimula a comoção e o respeito às vítimas, ao questionar as narrativas oficiais dos casos inconclusos e da falta de punição para os culpados.

Referências: ARJONA, Arminé. Páramo. Chicana/Latina Studies. Latina Research Center of the University of California at Davis. Santo Antonio, Texas, vol. 4, n. 01, p. 116-117, 2004. Disponível em www.jstor.org/stable/23014445. Acesso em 10 de junho de 2021. ARJONA, Arminé. Delicuentes: historias do narcotráfico. Ciudad Juárez: Al Límite Editores, 2005. p.23-26. ARJONA, Arminé. Juárez, tan lleno de sol y desolado. In MONTIEL, C. U. (Org.). Ciudad Juárez en la poesia. Ciudad Juárez: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2020. ARJONA, Arminé. Ardapalabra. Blog produzido entre janeiro e julho de 2011. Disponível em: <https://ardapalabra.wordpress.com/author/ardapalabra/>. Acesso em 10 maio de 2021. AYALA, Susana Letícia. Re/presentación en el discurso poético de la frontera, el desierto y el cuerpo femenino (2001-2004). Nóesis, Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, v. 15, n. 28, p. 105-127, 2005. FRAGOSO, Julia E. Monárrez et al. (Coords). Violencia contra las mujeres e inseguridad ciudadana en Ciudad Juárez. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte; México-DF: Miguel Ángel porrua, 2010. GOMES, Carlos Magno. A violência estrutural dos feminicídios na literatura latino-americana. Revista Fórum Identidades. Itabaiana, GEPIADDE, v. 33, n. 01, p. 31-43, 2021. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/15493>. Acesso em 05 de junho de 2021a. GOMES, Carlos Magno. La lírica de Arjona y Agosín sobre feminicídios en México. Revista Raído. UFGD, Dourados, v. 15, n. 38, p. 276-289, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/14877>. Acesso em 20 de dezembro de 2021b. HUTCHEON, Linda. Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX. Tradução de Teresa Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989. HUTCHEON, Linda. La política de la parodia postmoderna. Traducción del inglés por Desiderio Navarro. Revista Criterios, La Habana, edición especial, p. 187-203, 1993. LAGARDE, Marcela. ¿A qué llamamos feminicidio? Primeiro Informe Sustantivo de actividades 14 de abril 2004 al 14 abril 2005. Distrito Federal: Cámara de Diputados, 2005. ROJAS JOO, Juan Armando. Género e identidad, elementos en la poesía comprometida de tres poetas chihuahuenses: Arminé Arjona, Susana Chávez y Micaela Solís. Imex revista. n. 9, p. 47-60, 2016. SEGATO, Rita Laura. La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

OS CANTOS DOS CANTOS À BEIRA-MAR DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Denise de Lima Santiago Figueiredo

Resumo: Ao longo dos oitocentos, o Romantismo que se desdobrou à realidade de escritores e escritoras brasileiras ecoou demandas para além da nacionalidade arranjada. O diálogo com características comuns a tantos versos como a evasão da realidade, a morte como saída para o sofrimento existencial, a dor de amores não correspondidos, o pessimismo e a melancolia não eram apenas uma realidade dos centros e dos nomes canonizados. A estética romântica presente nas imagens e na linguagem em versos condiciona o descontentamento do eu poético, o que é sentido nos cantos de Maria Firmina dos Reis. A artista utilizava estrategicamente estes caracteres para reverberar seu projeto baseado na emancipação, tanto em relação a questões étnicas, quanto em favor da mulher. Em seus Cantos à beira-mar ecoam vozes subalternizadas, que por meio do eu lírico se sentem livres para expressarem desejos, dúvidas, saudade, angústias, agradecimentos, receios e lamentos, e, sobretudo, para se impor e destacarem sua singularidade. A nação mais diversa e menos patriarcal se estende em suas poesias, nutridas por aspectos sociais que, notadamente, levam e trazem, por meio das vozes plurais, humanas e não humanas, significado, representatividade, relevância. Com isso, a escritora comprova o interesse em manter-se imbrincada ao meio erudito e político, não se esquecendo que lida com a arte da palavra como mulher negra e periférica, consciente de seu posicionamento contra os mecanismos de violência e assentando o seu fazer poético.

Referências: BARROS, Juliana Carvalho de Araújo. Canta, poeta, a liberdade, - canta: a voz poética afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis. In: SOUSA, Ivan Vale de. Laços e desenlaces na literatura. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, pp. 263-269. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/433704?mode=full>. Acesso em: 12 mai. 2022. DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil- Século XIX. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. GOMES, Agenor. Maria Firmina dos Reis: e o cotidiano da escravidão no Brasil. São Luís: Editora AML, 2022. NASCIMENTO, Juliano Carrupt. O livro de poemas de Maria Firmina dos Reis. In: FAEDRICH, Anna; ZIN, Rafael Balseiro (org.). A mente ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2022. OLIVEIRA, Leonardo Davino de. Canção popular e a revisão do cânone literário. Revista Graphos, vol. 21, nº 02, 2020, pp. 132-147. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/48353>. Acesso em: 30 maio 2022.

A REVISÃO DA VIOLÊNCIA PATRIARCAL NAS NARRATIVAS DE ANA MIRANDA E MARIA JOSÉ SILVEIRA

Elane da Silva Placido

Resumo: Este trabalho aborda aspectos da resistência de personagens femininas nas obras de Ana Miranda, *Desmundo* (1996) e Maria José Silveira, *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas* (2002), por descreverem a luta de protagonistas contra opressões sofridas no período colonial. Desenvolvidas dentro do contexto de romance histórico, as narradoras reescrevem acontecimentos históricos do Brasil, incluindo a voz feminina de mulheres subalternizadas, dando-lhes voz ao descrever diversas estratégias de resistência que essas mulheres usaram contra uma cultura patriarcal. Desse modo, o estudo dialoga com os aportes teóricos de Linda Hutcheon (1991), Mary Del Priore (2016), María Lugones (2019) Eurídice Figueiredo (2020), Lúcia Osana Zolin (2005), Carlos Magno Gomes (2019), Heloísa Buarque de Holanda (1994) Gayatri Chakravorty Spivak (2010), dentre outros, a fim de observar como as narrativas de autoria feminina apresentam um novo olhar para história e abrem espaço para que histórias silenciadas sejam resgatadas em homenagem às diversas mulheres que contribuíram para a construção da história do Brasil. Desse modo abordar a violência patriarcal nessas narrativas e como elas se desenvolvem no período colonial é uma forma de analisar como as vozes narrativas denunciam essas violências epistêmicas na literatura. Por fim, com essas discussões destacaremos perspectivas da revisão histórica contemporânea ao estudar como é trabalhado no âmbito literário narrativas de resistência.

Referências: FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista. Porto Alegre, RS:Zouk,2020. GOMES, Carlos Magno. A estética da desregulação da violência doméstica em Marina Colasanti. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 21 n. 1, p. 147-162, abr. 2019. GOMES, Carlos Magno Marcas da violência contra a mulher na literatura. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, Julho 2013. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991. LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas. v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. Pensamento feminista: conceitos fundamentais / Audre Lorde... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. PRIORE. Mary Del. História da gente brasileira: volume 1:colônia. São Paulo: Le Ya Brasil, 2016. PRIORE. Mary Del. Mulheres no Brasil Colonial. São Paulo: Contexto, 2000. PRIORE. Mary Del (org.); História das mulheres no Brasil. Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa-Belo Horizonte: Editora UFMG,2010. ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O.(org.) Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduern, 2005.

OS SERTÕES NOSSO DE CADA LEITOR(A): DESMONTAGEM LITERÁRIA COMO RESISTÊNCIA CRIATIVA

Elisabeth Silva de Almeida Amorim

Resumo: Na sociedade atual constantemente conectada, a promoção da leitura literária na educação básica é questão da sobrevivência do sujeito de criação, meio às tecnologias digitais com leituras dinâmicas e imagéticas através de textos curtos, frutos das desmontagens do literário. Espalhar literatura em espaços não formais como canal no you tube faz com que a indicação do romance Os sertões, de Euclides da Cunha (1902), fragmentado nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, não pereça, afinal a literatura precisa existir dentro e fora do manual didático para resistir as tentativas de apagamentos. O romance em questão mostra vidas sertanejas ceifadas numa guerra insana ocorrida em Canudos, na Bahia, no final do século XIX, tema oportuno para conhecer a nossa história pelo viés literário. O objetivo é investigar como Os sertões é desmontado nos manuais didáticos como uma ação política e criativa do sujeito. A proposta instiga-nos ir além da formação do leitor ou da leitora, mas registrar a transformação de um sujeito criativo que utiliza linhas de fugas por intermédio do desconstrutivismo (DERRIDA, 2014) e da abordagem intersemiótica (BARTHES, 2012) para proporcionar diálogos entre literatura e outros signos. Os sertões nosso de cada leitor(a) se ajusta e desajusta nas mãos criativas do sujeito de criação, assim, Os sertões narrados por Euclides da Cunha ganhou olhares de Aleilton Fonseca, Antônio Torres e Antônio Olavo em defesa dos subalternizados, em consonância com olhares transgressores nas mãos poéticas de Jailma dos Santos Pedreira Moreira, Lícia Soares de Souza, Iraci Simões da Rocha e Léa Costa Santana Dias, afinal a cada leitura com a marca sertaneja move uma série de desleitura.

Referências: AMORIM, Elisabeth S.A. Desmontagem literária na educação básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder. Novas Edições Acadêmicas – Omni Scriptum GmbH & Co.KG: Saarbrücken/Niemcy – Alemanha, 2016. BARTHES, Roland. Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia do Colégio de França. Tradução Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. Pronunciada em 7 de janeiro de 1997. BITTENCOURT, Solange Torres. Livro didático de português: diagnóstico de uma realidade. artigo de demanda contínua. Educar em revista, Setor de Educação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/8bHZGPncJGc894B983X4wqC/?lang=pt#> Acesso em 06/09/2022 CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Leitura Literária na Escola: desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: EDUNEB, 2012. CUNHA, Euclides da. Os sertões. 1ed. Barueri - SP: Ciranda Cultural, 2018. DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. DIAS, Léa Costa Santana. Euclides da Cunha em terras baianas e amazônicas: impressões de um viajante sobre sertões brasileiros e outros espaços. Salvador: EDUFBA, 2021. FONSECA, Aleilton. O pêndulo de Euclides. Romance. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. JESSÉ, Silvío; FONSECA, Aleilton. Belo Monte/Canudos: A terceira margem. Salvador: ALBA, 2019. MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Sob a luz de Lampião: Maria Bonita e o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas. Salvador: Eduneb/Edufba, 2016. 209 p. OLAVO, Antônio. Paixão e Guerra no sertão de Canudos. Diretor e roteirista Antônio Olavo. Documentário. 1993. disponível In: <https://www.youtube.com/watch?v=4rnFi9auXYE> acesso em 20 de set. 2021. ROCHA, Iraci Simões da. Imagens do intelectual Euclides da Cunha: permanência e deslocamentos. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador: Instituto de Letras, 2006. SANTOS, Osmar Moreira dos. A luta desarmada dos subalternos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016. SEIDEL, Roberto Henrique. As materialidades do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de leitor, autor e obra. In: FÉLIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. Desleitura - o autor e o leitor no jogo do texto. (org.) 1. ed. Curitiba - Appris, 2020, p. 173. SOUZA, Lícia Soares de. A poética do ciclo canudiano. In: O guardador de inutensílios. Cadernos de cultura. Universidade Católica Dom Bosco. N. 7, Campo Grande: UCDB, 2004.

A POÉTICA DO CHÃO E OS SUJEITOS SUBALTERNOS EM MANOEL DE BARROS E ONDJAKI

Érika dos Santos Ferreira Gomes, Rosidelma Pereira Fraga

Resumo: A poética do chão e os sujeitos subalternos em Manoel de Barros e Ondjaki Profa. Érika dos Santos Ferreira Gomes SEED-RR Profa. Dra. Rosidelma Pereira Fraga (PPGLUFRR) (erikaferreira31@yahoo.com). O presente ensaio explora a poesia de Manoel de Barros em diálogo com a poética de Ondjaki. Busca-se mostrar possíveis diálogos entre os procedimentos de linguagem adotados pelo escritor angolano e pelo poeta brasileiro. Objetiva-se desvelar o entranhado metalinguístico; a reflexão sobre o sujeito subalterno e a fixação pelo telúrico. A proposta volta-se para a linguagem utilizada nas obras no tocante à análise da imagem poética, da intertextualidade e também das nuances da memória dentro dos textos. A metodologia consistirá na pesquisa bibliográfica de material teórico/crítico, leitura das narrativas pré-selecionadas e do suporte teórico. É importante ressaltar, que nesta pesquisa utilizaremos como base teórica Aleida Asmann (2011), Ecléa Bosi (1979), Spivak (2010), bem como, ensaios críticos sobre a temática; proposições filosóficas e/ou psicológicas sobre memória e linguagem. Diante disso, busca-se responder à seguinte questão: 1- como o telúrico e os sujeitos subalternos são retratados nas obras?. Para comparar as figuras minoritárias bem como a linguagem utilizada nas obras e responder a pergunta, realizou-se um recorte de poemas dos livros Gramática expositiva do chão (1989), Livro de pré-coisas e Livro sobre nada de Manoel de Barros (2010) e das obras Há prendisajens com o xão e Os transparentes de Ondjaki (2002; 2012).

Referências: BARROS, Manoel de. Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Record, 1985. _____. O guardador de águas. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. FRAGA, R. Entrevista com o fazedor de amanhecer. In: Convergências e tessituras de pedras, rios, ilhas e ventos: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós - graduação em Letras e Linguística. Caderno de Teses e Dissertações. Universidade Federal de Goiás, 2009. _____. Recepção e convergência na obra de Manoel de Barros: poesia, ilustração NITRINI, Sandra. Literatura comparada: história, teoria e crítica. São Paulo: Edusp, 1997. ONDJAKI. Há prendisajens com o xão (O segredo húmido da lesma & outras descoisas). Lisboa: caminho, 2002. _____. Os transparentes, 2ª edição. Córdova: Editorial Caminho, 2012.

AS VIDAS OBSCURAS DA POESIA DE CORA CORALINA

Fabiana Lula Macedo

Resumo: Este trabalho tem como objetivo ler a obra de Cora Coralina pela perspectiva da crítica literária que une as perspectivas feministas e ecológicas, a crítica ecofeminista, a partir da intersecção das diversas formas de opressão que atravessam mulheres e natureza. Dessa forma, analisamos os poemas da poeta goiana com a intenção de perceber qual a interação entre as mulheres e a natureza. Em princípio, selecionamos os textos da autora cuja temática fosse a mulher e observamos que dentro desse recorte encontram-se aquilo que a poeta chama de “vidas obscuras”. As mulheres retratadas em grande parte da poesia coralineana são pessoas que estão à margem da sociedade patriarcal e capitalista. Embora o eu-lírico não dê voz a essas mulheres, são elas que protagonizam as “estórias” que esses poemas contam: é a vida obscura de lavadeiras, prostitutas, roceiras e meninas mal amadas dentre outras que iluminam a poesia de Cora Coralina. A presença delas se amalgama com a presença da natureza não humana animal e vegetal, passando por todas uma dominação masculina que as oprime, marginaliza e, em alguns casos, destrói. Isto nos leva a leituras que ora passam pela aceitação da opressão ora pela resistência e pela indignação com as condições impostas pelo sistema machista e patriarcal que consome mulheres e natureza.

Referências: BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: BRANDÃO, Izabel (Org.). Refazendo Nós. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2003. BRITTO, Clóvis Carvalho. Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: Cad. Esp. Fem., v. 24, nº 1: 185-205, jan./ jun. 2011. _____. Clóvis Carvalho. A economia simbólica dos acervos literários: Itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. CORALINA, Cora. Meu livro de Cordel. 18 ed. São Paulo: Global, 2013. _____. Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha. 10 ed. São Paulo: Global, 2013. _____. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. 23 ed. São Paulo: Global, 2014. CORROBREZ, Mayara. LESSA, Patrícia. Por um ecofeminismo animalista: Contribuições de Carol

Adams e Greta Gaard. In: ROSENDO, Daniela. OLIVEIRA, Fábio A. G. CARVALHO, Priscila. KUHNEN, Tânia A. (Org.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019. COSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. DALCASTAGNÈ, Regina. (2011). A personagem do romance brasileiro contemporâneo:: 1990-2004. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (26), 13–71. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077> DUARTE, Constância Lima. *Feminismo: uma história a ser contada*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. FAEDRICH, Anna. *Memória e amnésia sexista: repertório de exclusão das escritoras oitocentistas*. In: *Revista Letrônica*, v.11: 164-177, set. 2018. GIFFORD, Terry. *A ecocrítica na mira da crítica atual*. In: *Terceira Margem*. Rio de Janeiro: julho/ julho, 2008. p.244-261. GLOTFELTY, Cheryll. *Introduction-literary studies in an age of environmental crisis*. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. XV-XXXVII. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatística de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro, 2021. IPCC, 2021: *Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S.L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M.I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T.K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu, and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. In Press. JUNQUERA, Carmen Flys. *Ecocrítica y ecofeminism: diálogo entre a filosofía y la crítica literária*. In: PULEO, Alicia H. *Ecología y Género em Diálogo Interdisciplinar*. Madrid: Plaza y Valdez Editores, 2015. LEAGER, Gretchen T. *Ecofeminist Literary Criticism*. In: WARREN, Karen J. *Ecofeminism: women, culture, nature*. Indiana: Indiana University Press, 1997. LENER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019. Lewis, S.L. and Maslin, M.A. (2015) *Defining the Anthropocene*. *Nature*, 519, 171-180. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/nature14258>. Acesso em: 10/01/2022. LIMA, Sueli Gomes de. *Representações do feminino como processo de construção identitário na poesia de Cora Coralina*. In: *Linguagem – Estudo e Pesquisa*, v. 17, nº 2: 265-288, jun./ dez, 2013. PERES, Rossana M. SANSEVERINO, Maria T. V. SCHÜLER-FACCINI, Lavínia. *Exposição a contaminantes ambientais durante a gestação e seus efeitos sobre a saúde fetal: uma revisão de literatura*. In: *Revista HCPA*, Porto Alegre, 2001. Acesso em: 10/06/2022. PINHEIRO, Suelly Reis. *A palavra ecoa pelos becos da vida: Cora Coralina, imagens, cheiros e cores na resistência social à exclusão*. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. PRADO, Paulo Brito do. *Aventuras Feministas nos Sertões de Goiás: as mulheres e suas lutas nos guardados de Consuelo Ramos Caiado (1899-1931)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. PLUMWOOD, Val. *Feminism and the mastery of nature*. Londres: Taylor & Francis e-Library, 2003. PULEO, Alicia H. *Ecofeminismo: una alternativa a la globalización androantropocéntrica*. In: ROSENDO, Daniela. OLIVEIRA, Fábio A. G. CARVALHO, Priscila. KUHNEN, Tânia A. (Org.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019. RAMÓN, Saturnino Pesquero. *Cora Coralina: o mito de Aninha*. Goiânia: Ed. da UFG; Ed. da UCG, 2003. RUECKERT, Willian. *Literature and ecology: un experiment in Ecocriticism*. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. 105-23. SESMA, Angélica Velasco. *De la lógica de la dominación al respeto y la empatía: hacia una relación ecofeminista con los animales y la naturaleza*. In: ROSENDO, Daniela. OLIVEIRA, Fábio A. G. CARVALHO, Priscila. KUHNEN, Tânia A. (Org.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019. SILIPRANDI, Emma. *Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais*. In: *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre: jan./mar. 2000. SOARES, Angélica. *Apontamentos para uma crítica ecofeminista*. Disponível em: http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa18/apontamentosparauma_angelicasoares.pdf TAHAN, Vicência Brêtas. *Cora Coragem, Cora Poesia*. São Paulo: Global, 2002. TELLES, Lygia

Fagundes. Mulher, mulheres. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009. TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009. YOKOZAWA, S. F. C. Confissões de Aninha e Memórias dos Becos. In: Revista Texto Poético, São Paulo, vol 2, 2005. WARREN, Karen J. Ecofeminism philosophy: a western perspective on what it is and why it matters. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2000.

SOB O MANTO DE IANSÃ, “EPARREI OYÁ!”: O COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO EM “KOTINHA”, DE CIDINHA DA SILVA

Gabriel Vidinha Corrêa

Resumo: A literatura negro-brasileira tem trazido para a experiência contemporânea diversas matrizes de representação que colocam a cultura afro-brasileira em agenciamento com corpos e saberes dissidentes, demonstrando a capacidade liberadora da ficção em intercambiar experiências culturais que não havia espaços de enunciação, no caso das culturas negras, em função, sobretudo, do racismo estrutural entranhado na sociedade brasileira. Nesse sentido, Cidinha da Silva é uma das escritoras negras que tem ganhado destaque no âmbito da literatura nacional, isso porque sua obra tematiza as nuances da experiência negra e as relações ancestrais que são estabelecidas quando dos aspectos culturais. Assim, nosso objetivo é analisar o conto “Kotinha”, presente em *Um Exu em Nova York* (2018) sob o viés do debate do racismo religioso. Isso porque o conto narra a invasão de um terreiro de matriz africana por cristãos fundamentalistas que intentam destruir o lugar, discussão que remonta a ideia de demonização dos Orixás e das religiões de matrizes africanas. Na narrativa, Iansã com ajuda de Xangô, dois Orixás que dominam os raios e os trovões, se manifestam para proteger o lugar e as pessoas do terreiro, e de forma simbólica um “forte antídoto” de combate ao racismo religioso. Para tanto, como escopo teórico para essa abordagem recorreremos aos trabalhos de Cuti (2010), Carla Akotirene (2019), Luiz Rufino (2019), Chimamanda Ngozi Adichie (2009), Conceição Evaristo (2008), Grada Kilomba (2019), Silvio Almeida (2019) e Sidnei Nogueira (2020).

Referências: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019. AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019. CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. EVARISTO, Conceição. Escrivências da afro-brasilidade: história e memória. Revista Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, novembro, nº 23, 2008. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância Religiosa. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2020. RUFINO, Luiz. Pedagogia da encruzilhada. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. SILVA, Cidinha da. *Um Exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

A PEDAGOGIA MILITAR E A SUBALTERNIZAÇÃO DE SABERES CRÍTICO-CRIATIVOS/SINGULARES

Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: Trata-se de uma reflexão sobre os saberes subalternizados por uma pedagogia militar que vem sendo implantada em escolas brasileiras. Dessa forma, buscamos observar que saberes os dispositivos educacionais de escolas militarizadas ensinam, com seus *modus operandi*, e como, através dessa pedagogia militar, saberes singulares, pautados nos modos de vida e em suas forças críticas e criativas, tem sido subalternizados. Para tanto, consideraremos tanto documentos oficiais, que regimentam a militarização da educação no Brasil, assim como notícias veiculadas pela imprensa e os estudos científicos já produzidos e propagados por pesquisadores da temática. Nesse sentido, com um olhar crítico-cultural, buscaremos desenvolver esta discussão, contando com autoras e autores diversos, tais como: Adorno (1995), Freire (1996, 2005, 2008), Mészáros (2008), Spivak (2010), Holanda (2012), Santos (2016), Lugones (2019), Foucault (2014, 2020), e outros, bem como a legislação em vigor sobre escolas militares, que nos chamam a atenção tanto para a colonialidade do saber e do poder, com suas estruturas alienantes, racistas, patriarcais, sexistas e capitalistas, quanto para a importância da educação e da literatura/cultura na formação de sujeitos críticos-

criativos, livres e solidários, capazes de repensarem, a todo tempo, a invenção de si e de um mundo, de fato, mais humano, mais justo/equitativo e autossustentável. Portanto, esperamos, com tal comunicação, compartilhar reflexões e convocar a todos para este debate, de modo que possamos perceber o que está por trás dessa educação militarizada e do seu processo de disciplinarização, o que se perde e o que se reforça com isso.

Referências: ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. FERNANDES, Florestan. Apontamentos sobre a “teoria do autoritarismo”. São Paulo: Expressão Popular, 2019. FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1985 FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2007. FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Trad. Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. (Coleção Educação e Comunicação, v. 1) FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. _____. O nascimento da Biopolítica. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa, Portugal: edições70, 2020. GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e educação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003. _____. Educação não-formal e cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. HOLANDA, Heloísa Buarque de. Cultura como recurso. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Fundação Pedro Calmon, 2012. (Coleção cultura é o quê, v. 5.) LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: Holanda, Heloisa Buarque. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017. MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. Trad. Isa Tavares. 2 ed. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2008. (Mundo do Trabalho) SANTOS, Osmar Moreira dos. A luta desarmada dos subalternos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. SANTOS, Catarina de Almeida. SENTIDO, DESCANSAR, EM FORMA”: ESCOLA-QUARTEL E A FORMAÇÃO PARA A BARBÁRIE. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hKLYdP7HgDtxVggJxPpwkzc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 de novembro de 2021. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

ESTÉTICAS DA REEXISTÊNCIA: SABERES VITAIS TRAMADOS POR MULHERES

Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: Trata-se de uma reflexão sobre saberes vitais que mulheres vem produzindo, de(s)colonizando conhecimentos, corpos e mentes, a partir de seus movimentos criativos de vida e sobre o viver. Dessa forma, considerando produções (auto)biográficas, como Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, bem como o livro Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis da escritora Jarid Arraes e a produção de Conceição Evaristo, intitulada Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita, buscaremos promover uma discussão sobre os saberes vitais tramados por tais mulheres, que consideram o vivido, o cotidiano e o engendramento subjetivo e interseccional de cada sujeita no contexto, apostando na linguagem e na criatividade como possibilidade tanto de narrar o não visto/considerado, que fora subalternizado, resistindo a sistemas de anulação e promovendo, com este gesto, outras histórias de vida, quanto despertar outras/outros leitoras e leitores, escritoras e escritores de si. Para realizarmos a reflexão pretendida, contaremos com os textos/livros das escritoras citadas, com relatos de estudantes que participaram de um curso denominado Literatura e autobiografia e com um referencial que, englobando autoras e autores como: Paredes(2019), Kilomba(2019), Lacerda (s/d), Larrosa (2002), hooks(2019), Gonzalez(2020), Delory-Momberger (2008), Mendonza (2017), Holanda(2020), Minoso (2010), Moreira (2020) entre outros e outras, nos ajuda a pensar sobre a importância da (auto)biografia, das escrevivências, do trabalho criativo ao renomear, da narrativa, enfim do processo de reencontro consigo mesmo e com a tessitura estética da existência.Com isso, esperamos disseminar uma reflexão sobre os saberes vitais, de reexistência, tecidos por mulheres, os quais convidam-nos a enfrentarmos os sistemas de opressão, regimes de verdade, conceituação

e epistemologias, que reforçam uma necropolítica e nos apropriarmos, seja na sala de aula ou em qualquer outro espaço, da nossa narrativa de si e do mundo, garantindo nossa existência.

Referências: ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. ARRAES, Jarid. Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis. São Paulo: Polen, 2017. ANGELIN, Rosângela. Pontos de encontro entre ações feministas e educação popular a partir de uma experiência com mulheres do campo. In. CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia. (Org.). Estudos feministas, mulheres e educação popular. São Paulo: LiberArs, 2018. ANGELIN, Rosângela. Mulheres e ecofeminismos. Uma abordagem voltada ao desenvolvimento sustentável. Universidad em diálogo. Revista de extension. Vol 7. N 1, Costa Rica, 2017. DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN, 2008. EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. (Org.) Escrivivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In. HOLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020 HOLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. In. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019. JESUS, Carolina Maria de. Um quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2004. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LACERDA, Liliam. Edições (auto)biográficas: uma produção de voz feminina. Disponível em www.intercom.org.br/papers/xxxiii-ci/gr04.gt4a6.pdf. Acesso em 20/12/2022. LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista brasileira de educação. Rio de Janeiro, ANPED, N29, jan/abril, 2002 MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras n 26. UFSM, 2003. MENDONZA, Breny. A epistemologia do sul, a colonialidade de gênero e o feminismo latino-americano. In. BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli. (Orgs.). Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas. Florianópolis; EDUFAL, Editora da UFSC, 2017. MIÑOSO, Yuderky Espinosa. (Coord.) Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latino-americano.1 ed. Vol 1. Buenos Aires: En la Fronteira, 2010. MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Microtecnologia subjetiva de escritoras negras em sala de aula. In. SANTIAGO, Ana Rita; OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. (Org.) Literaturas afro-brasileiras e africanas. Campinas: Mercado das Letras, 2020. PAREDES, Julieta. Mulheres indígenas, descolonização do feminismo e políticas do nomear. (Entrevista) In. Revista Epistemologias do Sul. V3, n 2. UNILA, 2019 RICHARDS, Nelly. Arte, cultura e gênero: intervenções críticas. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MULHERES RURAIS CANUDENSES E SEUS DIREITOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS: SIGNOS E LUGARES DE MEMÓRIA PARA UMA NOVA CARTOGRAFIA DA EXCLUSÃO

Jailma Maria da Silva, Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: Neste estudo trataremos sobre signos e lugares de memória que atravessam as condições de vida, de resistência e (re)existência de mulheres rurais canudenses. Observaremos, a partir desse entrelace, os signos de exclusão que podem perfazer os direitos linguísticos e literários de mulheres pertencentes a feira livre e que traduzem o meio rural dessa região pertencente ao semiárido baiano. Através dos seus relatos autobiográficos cujas narrativas de si pretendemos observar as memórias e arquivos, o nosso ponto de partida para a escuta e análise sobre seus saberes de vida, seus direitos linguísticos e literários que não são reconhecidos nem valorizados pela escola em geral e que configuram o objeto principal deste escrito. Para tanto, nos apoiaremos em seus falares observados através de rodas de conversa a serem realizadas no território de Canudos/BA. Destarte, este texto é parte de uma das discussões que permeia minha pesquisa de tese sobre mulheres rurais canudenses, seus saberes, sua resistência e (re)existência e o empoderamento feminino cujos arquivos de saberes, teóricos e práticos, e de memórias sublinhados na vida dessas mulheres nos fazem refletir sobre suas experiências de vida enquanto figuras femininas rurais. Para tanto, nos apoiaremos nos

dizeres de bell hooks (2017), María Lugones (2020), Heleieth Safiotti (2013) para discutirmos sobre gênero; Maurice Halbwachs (1990) para discutirmos sobre a “Memória”; Reinaldo Marques (2016) para tratarmos sobre o Arquivo, e outros autores como Gayatri Chakravorty Spivak (2010) que circundam teoricamente nossa abordagem; Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) para discutirmos a subjetividade encarcerada em uma Micropolítica.

Referências: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996, p.25 a 71. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990. HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo/SP: Ed. WMF Martins Fontes, 2017. LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Org. Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Bazar do Tempo, 2020, p. 53 a 83. MARQUES, Reinaldo. A lição de Zefa. In: Arquivos, testemunhos e pobreza no Brasil. Org. Osmar Moreira dos Santos. Salvador/BA, EDUNEB, 2016., p. 129-147. SAFFIOTTI, Heilet Lara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Ed. UFMG: Belo horizonte/MG, 2010.

PESCANDO PALAVRAS NA REGIÃO DA COSTA BRANCA: AS CONEXÕES ENTRE LETRAMENTO E A AUTOESTIMA DAS PESCADORAS DE MARISCO DA COMUNIDADE DIOGO LOPES

Janaina Maria Gonçalves, Francisco Leandro Torres

Resumo: Este trabalho visa destacar a pesquisa realizada no campus Macau-IFRN que buscou identificar a relação entre leitura e autoestima das mulheres pescadoras da comunidade de Diogo Lopes. Cabe destacar que essa comunidade fica a 33 km de Macau e funciona como um dos principais polos de pesca artesanal e comercial da região da Costa Branca. Nesse espaço, as marisqueiras cumprem um importante papel, pois são elas que executam a pesca de búzio. A coleta de dados da pesquisa efetuou-se pelo método de pesquisa narrativa em entrevistas semiestruturadas em que foi mapeado questões como: relações de poder entre homens e mulheres pescadoras influenciadas pelo nível de escolaridade, se havia o letramento do cuidado atravessando suas rotinas e como as relações de trabalho e a organização das marisqueiras são afetadas com a falta de letramento. A fundamentação teórico-metodológica utilizada na pesquisa descritiva, bibliográfica e de campo com abordagem quali-quantitativa, foi articulada no arcabouço das discussões empreendidas por Freire (1987) na dimensão pedagógica, por Kleiman (1995) e Soares (2003) Motta(2008), Silva(2022) na noção de letramento e na área de psicologia sobre o conceito de autoestima baseados em Staerke (1996) e Branden (1995). Dessa forma, espera-se com esse trabalho colaborar de forma efetiva na comunidade com ênfase no fortalecimento do protagonismo feminino no campo de trabalho e nas relações interpessoais pela ampliação do conceito de letramento em conexão com os seis pilares da autoestima.

Referências: •DIAS, Thelma Lúcia Pereira; ROSA, Ricardo de Souza; DAMASCENO, Luis Carlos Pereira. Aspectos socioeconômicos, percepção ambiental e perspectivas das mulheres marisqueiras da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Rio Grande do Norte, Brasil). Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/2225/1953>. Acesso em : 25 de março de 2021. SOARES, Magda. ?Letramento: ?um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. ?17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002. KLEIMAN, Ângela. B. (org.) Os significados do letramento - Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995. MOTTA, Aracelle Palma Fávero. O letramento crítico no ensino/aprendizagem de língua inglesa sob a perspectiva docente. •Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/379-4.pdf?PHPSESSID=2009051408162317>. Acessado em 15.04.2011 VIEIRA, J. A. Práticas sociais do letramento e ensino crítico de lingual portuguesa. Brasília: Plano, 2003 SILVA, Paulo Ricardo Moura. Práticas escolares de letramento literário: Sugestões para leitura literária e produção textual.

Petrópolis, RJ:Vozes,2022. STAERKE, R. (1996). Autoestima em psicologia, uma proposta de definição. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Psicologia.

POÉTICAS DE RESISTÊNCIA: A VOZ FEMININA EM CASALDÁLIGA E CRAVEIRINHA.

Larissa Aparecida dos Santos Claro

Resumo: O estudo busca tecer algumas reflexões, a partir dos entrelaces poéticos de Casaldáliga e Craveirinha. Tantas vozes silenciadas em diversos períodos e lugares, não só silenciadas, mas esquecidas, apagadas. A Literatura promove esse regaste, traz à luz esses nomes e possibilita àqueles que se apoderam de um instante de leitura, ou mesmo seguem adiante com pesquisas mais aprofundadas, novas reflexões, novos olhares e, assim, a revelação do compromisso social que se deve ter para além das palavras. De um lado, um bispo-poeta e, de outro, um poeta moçambicano, ambos nos poemas “A prostituta” e “Ode à Teresinha” versam sobre uma mulher-prostituta, uma no interior de Mato Grosso e outra em um bairro famoso de Moçambique – Mafalala, ambos estabelecem um pacto histórico (local), assemelham-se diante da subalternidade destas mulheres. Dois poetas utópicos que produziram dentro do contexto histórico-ideológico em que viveram, não há como dissociar de suas poéticas o meio a que pertencem, a realidade fica evidente - sociedade marginalizada - ganham voz, demonstrando a realidade dos excluídos. Craveirinha e Casaldáliga optaram pelo espaço dos excluídos, nesse sentido, o leitor está diante de poéticas que se entrelaçam, pelo silêncio dos oprimidos, pela luta de espaço (local), pela dignidade e liberdade roubadas por grupos dominantes. De um lado, um solo moçambicano colonizado em busca de sua própria identidade e do seu lugar; do outro, o solo mato-grossense em constante jogo de interesses políticos - posseiros e indígenas, vítimas também do processo de colonização. Reconhecidos por suas temáticas que abordam a literatura social e de resistência, os contextos históricos vividos por esses poetas possibilitaram uma poética do coletivo, da esperança, da liberdade e do engajamento social. Tomemos como base teórica os estudos: Casaldáliga (1989); Candido (1997); Paz (1998);Bosi (2002) Sartre (2004); Fanon (2005) Said (2005); Craveirinha (2010).

Referências: CANDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira. São Paulo: Martins, 1971. CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985. CANDIDO, Antônio. O Estudo Analítico do Poema. São Paulo: Editorial Humanitas, 2006. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. BOSI, Alfredo. Literatura e Resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. CASALDÁLIGA, Pedro. Versos adversos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. CHAVES, Rita. José Craveirinha, da Mafalala, de Moçambique, do mundo. Via Atlântica:Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, São Paulo, n 3, p. 140-169, 1999. COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. ESCRIBANO, Francesc. Descalço sobre a terra vermelha: A vida do bispo Pedro Casaldáliga. 2. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2014. FANON, Frantz. Os condenados da terra. Lisboa: Ulisséia, 1961. FERNANDES, V; ALMEIDA, M. José Craveirinha e a declaração da identidade moçambicana. Rio de Janeiro n. 42, p.338-351, jul.-dez. 2019. MAGALHÃES, Hilda. História da literatura de Mato Grosso: Século XX. Cuiabá: Unicem publicações, 2001. MENDONÇA, Rubens. História da literatura mato-grossense. 2. ed. Cáceres: Ed. Unemat, 2005. MENDONÇA, Fátima e SAÚTE, Nelson. Antologia da nova poesia moçambicana. AEMO,1989. PAZ, Octavio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. PAZ, Octavio. Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974. PAZ, Octavio. Signos em rotação. São Paulo: Perspectiva, 1990.

DO LASTRO DA MEMÓRIA AO TECIDO FICCIONAL: AUTOFIÇÃO NA ESCRITURA DE LINDANOR CELINA

Marcia Daniele dos Santos Lobato

Resumo: Narrar, diz Benjamin (1994) é “intercambiar experiências”, a experiência humana como fonte de inspiração para os narradores. O narrador é, portanto, um artesão a tecer experiência, relato e ficção, de uma literatura a ultrapassar a fruição e alcançar a percepção sobre a vida, de modo a nos reconhecermos como personagens de tantos textos literários a partir de experiências vividas. Seria refletir sobre o que Jerusa Pires Ferreira aponta nas Armadilhas da Memória (2003) sobre o

enlace entre a composição narrativa e a memória que está nas mãos do artista, que cumprirá, ou não, um acorde entre texto e leitor. Nesse enlace, habita o rememorar, sempre pronto a se repetir num contínuo de movência em poesia, memória, esquecimento, como processo de recriação. Neste ensejo trazemos à baila a romancista Lindanor Celina (1927-2003), uma das representantes da literatura feminina da Amazônia, autora de 7 Romances, 4 livros de Crônicas, 2 peças de teatro, Símbolo, livro de poemas e suas crônicas publicadas na sua coluna Minarete, no jornal Folha do Norte no período de 1954-1973, crônicas essas, que nos provocam a debruçar em estudos sobre a escritura de Lindanor Celina. Nesse percurso, a possibilidade de olhar o texto como um corpo híbrido trazido por Silviano Santiago (2008), em que ele se propõe a falar sobre sua escritura e relação com “experiência, memória, sinceridade e da verdade poética”. Nos provoca refletir como a escritura desta mulher estaria em um momento na história, experiência e memória como força criadora que sugere o texto autoficcional, ou seja, de uma memória que atravessa a ficção e irriga a criação, revisitada pelas crônicas da autora em busca de uma análise literária comparativa com seus romances, um texto híbrido que traz o estatuto do vivido, na recriação ficcional na artesanaria narrativa.

Referências: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; 7ª edição – São Paulo, Brasiliense, 1994. BENJAMIN, Walter. Rua de Mão única – Obras escolhidas, vol. II. Tradução: Rubens Rodrigues Torres e Filho; José Carlos Martins Barbosa. Editora Brasiliense, 1987. CELINA, Lindanor. Pranto por Dalcídio - memórias. Belém, SEDECT, Falângola, 1983. FERREIRA, Jerusa. Armadilhas da Memória e outros ensaios. Ateliê Editorial, São Paulo, 2003. SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. Aletria, v.18, jul.dez, 2008.

AS INTRATEXTUALIDADES DA VIOLÊNCIA NA OBRA DE PAULINA CHIZIANE

Márcia Neide dos Santos Costa

Resumo: Este trabalho, que tem como título/ tema As intratextualidades da violência na obra de Paulina Chiziane, busca analisar os poemas presentes no livro O canto dos escravizados (2018), a fim de explorar os intertextos presentes nas poesias da autora e tentar entender por que o tema da violência e morte da nação moçambicana se repetem. Pretendemos discutir que sentidos eles ganham ao se repetirem na poesia de Chiziane. Para isso, utilizaremos os conceitos de intratextualidade de Affonso Romano de Sant’Anna (Paródia, Paráfrase & Cia, 2003), bem como o conceito necropolítica de Mbembe, 2016. Para este trabalho, foram escolhidos os poemas Deixo-te a maior missão: a reconstrução da África, O canto dos escravos, Deixo-te como herança a minha história, Desespero, África, Olha pra ti, Dor. Paulina Chiziane é uma escritora moçambicana, vencedora do Prêmio Camões (2021) e carrega o compromisso de retratar os anseios, o contexto histórico social e as memórias de Moçambique, trazendo as imagens do país a partir do seu próprio olhar, do seu lugar de fala. São imagens que denunciam a destruição da nação moçambicana, fruto do processo histórico de colonização, escravização, guerras e lutas sociais. Nesse sentido, o trabalho se debruça nas imagens de violência, apagamento, silenciamento e morte.

Referências: CHIZIANE, Paulina. O canto dos escravizados. Belo Horizonte: Nandyala, 2018. MIGNOLO, Walter. A opção de-colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. Tabula Rasa. Bogotá - Colômbia, No.8: 243-281, enero-junio 2008. MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios: revista do PPGAV/EBA. Rio de Janeiro, UFRJ, n.32, p. 124-151, 2016. SAMOYAUULT, Tiphaine. A intertextualidade: memória da literatura. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. SANT’ ANNA. Affonso Romano de. Paródia, Paráfrase & Cia. São Paulo: Ática, 2003.

LITERATURA INDÍGENA E (RE)EXISTÊNCIA: A MULHER INDÍGENA NA (AUTO)REPRESENTAÇÃO DE ELIANE POTIGUARA

Maria Dolores Martins de Araujo, Moisés Souza Siqueira

Resumo: este trabalho propõe analisar as (auto)representações da mulher indígena na obra Metade Cara, Metade Máscara [2004] (2018), escrita pela autora indígena brasileira Eliane Potiguara. Nesse sentido, busca-se refletir sobre um contexto situado: no Brasil, as histórias e representações sobre

as mulheres indígenas, até bem recentemente, foram contadas quase que exclusivamente por homens não-indígenas. Para tanto, tem-se como referencial teórico-epistemológico a vertente crítica feminista decolonial, principalmente as reflexões arroladas por pensadores/as como Chimamanda Ngozi Adichie (2019), Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Gloria Anzaldúa (2000), Graça Graúna (2013) e Maria Lugones (2020). Sob esse olhar teórico, delineia-se uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo (LAKATOS; MARCONI, 2003), materializada em um estudo analítico e sistemático do referido livro de Potiguara, em que se examina, a partir das narrativas contidas na obra, o que as experiências da mulher indígena têm compartilhado em forma de literatura escrita. Afinal, como produtos da linguagem, as narrativas são também construções que produzem efeitos concretos sobre a vida social. Dessa forma, compreende-se que tal produção literária configura-se como uma forma de (re)existência aos regimes de poder/verdade (FOUCAULT, 2003) hegemônicos, posto que a autora, mediante suas (auto)representações, desconstrói pressupostos eurocêntricos que, por muito tempo, regularizaram um único ponto de vista a respeito das narrativas relacionados às experiências da mulher indígena.

Referências: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução Julia Romeu - 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ANZALDÚA, Gloria. Queer(izar) a escrita – Loca, escritora y chicana. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTE, Ildiney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Org.). Traduções da cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. FOUCAULT, Michel. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Coleção Ditos e Escritos IV). GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. 2ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2018. LAGUNES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Fundamentos de Metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Atlas: 2003. POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. 3ª edição – Rio de Janeiro: Grumín, 2018.

ARTE E CULTURA NA ESCOLA: PELOS SABERES SUBALTERNIZADOS

Rita de Cássia Leitão Santos

Resumo: Resumo: Na realidade da nossa educação, a cultura escolar dominante prioriza o homogêneo, o comum e segue reproduzindo discursos hegemônicos. É preciso reconhecer e valorizar as diferenças culturais no contexto escolar. No compromisso docente e como crítica cultural, procuro me situar em uma prática multicultural que deve favorecer ao sujeito estudante, entender sob qual forma o conhecimento tem sido escrito e que é possível ser reescrito de outra forma. Este trabalho faz parte de um primeiro momento que antecede a pesquisa de campo que pretendo desenvolver, a qual traz a proposta de investigar sobre Arte e Cultura na escola, com o objetivo de afirmar a escola também como espaço artístico e cultural. Sob esta ótica, este texto traz a importância de discutir acerca dos saberes subalternizados, debatendo sobre como a colonialidade invisibilizou e subalternizou outros saberes, locais e diversos, e assim, discutir possibilidades de trabalhar com a potência da Arte e da cultura no projeto pedagógico da escola. O debate em torno da necessidade de propostas pedagógicas em que a cultura seja elemento central das práticas escolares deve ser constante e impulsionador para a criação de políticas públicas educacionais em que arte e cultura não sejam dissociadas no contexto escolar. Como aporte teórico este texto traz diálogos com CANDAU (2011, 2012) dentre outros autores, sobre cultura e educação multicultural, além de leituras sobre decolonialidade para melhor aprofundar a discussão, com SANTOS (2009), GROSFUGUEL (2009), MIGNOLO (2003) e QUIJANO (2009).

Referências: REFERÊNCIAS: CANDAU. Vera M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem fronteiras, v.11, n. 2, pp. 240-251, Jul/Dez 2011. _____ . Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Susana Beatriz Sacavino [et al]; Vera Maria Ferrão Candau (coord.), 2 ed, Rio de Janeiro: Lamparina, 2012. GROSFUGUEL. Ramón. Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-Coloniais:

transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SOUSA, Boaventura de. Epistemologias do Sul. GRÁFICA DE COIMBRA, Coimbra: 2009. MIGNOLO. Walter D. Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Editora UFMG, Belo Horizonte: 2003. QUIJANO. Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SOUSA, Boaventura de. Epistemologias do Sul. GRÁFICA DE COIMBRA, Coimbra: 2009. SOUSA. Boaventura de. Epistemologias do Sul. GRÁFICA DE COIMBRA, Coimbra: 2009.

TRANSPOFAGIA: CORPO, PERFORMANCE E ARTE TRAVESTI

Rodrigo Moreira de Almeida

Resumo: Sem o objetivo de fazer uma genealogia da performance, da estética e da arte, mas marcando sua relevância para este trabalho, propomos uma interseção entre alguns conceitos que vão nos auxiliar numa breve análise da peça Manifesto transpofágico, de Renata Carvalho. Vamos nos valer tanto do texto escrito da peça, quanto da experiência sensível como espectador. Propomos uma articulação com os conceitos butlerianos de performance e performatividade, pensando no uso do corpo como ato político e a escrita como marcas de um corpo, além de um tensionamento entre ativismo e performance, em que um corpo dissidente, marcado pela invisibilidade e a opressão, por meio do fazer artístico produz o estreitamento do campo relacional com o espectador e o mundo. Interrogamos, ainda, o fazer político presente na peça a partir da relação entre o singular e o universal para além de uma configuração dialética, considerando a ampliação dos referenciais discursivos que se apresentam durante o espetáculo. Como temos observado, a sociedade, na relação com seus grupos, se pauta pelos discursos que acolhe, seleciona aqueles que se tornarão efetivos. Ao serem tomados como verdadeiros, eles passam a ditar as normas sobre os corpos. Diante dos discursos de dominação, que buscam validar as corporalidades viáveis e inviáveis, analisaremos se a posição de Renata seria a de um enfrentamento da colonialidade de gênero, como propõe María Lugones (2014) na qual as experiências como seres humanos são negadas de forma histórica para mulheres transexuais e travestis. Ao falar de si mesma, Renata parte de seu corpo e de sua vivência, o que produz um discurso sobre a diferença que se potencializa pela apropriação de sua narrativa. Assim, toda a criação estética, literária e performática presente na obra faz furo no discurso hegemônico de poder sobre os corpos.

Referências: BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes 2009. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. CARVALHO, Renata. Manifesto transpofágico. São Paulo: Casa 1: Editora Monstra, 2021. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011. LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 8 jan. 2023. RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 2018. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TESSITURAS E METÁFORA INTERTEXTUAL NO ATLÂNTICO: UMA ANÁLISE DE PERSONAGENS SUBALTERNIZADOS ENTRE MANOEL DE BARROS E MIA COUTO

Rosidelma Pereira Fraga

Resumo: Este ensaio é oriundo de estudos comparados sobre a poesia de Manoel de Barros ao longo de pesquisa de doutorado e a prosa poética de Mia Couto ancorada nos estudos de literaturas africanas. O eixo epistemológico dar-se-á pela aproximação das figuras subalternas que emergem dos personagens Bernardo da Mata, mendigo Sexta-Feira e o vendedor de pássaros, personagem negro, criados por Manoel de Barros e Mia Couto respectivamente. Ao pensar nesses personagens lírico-narrativos, defende-se uma efusão lírico-existencialista, em que tais personas se vestem de um sentimento demasiadamente humano e ao mesmo tempo figuras de exclusão social por suas vozes subalternizadas proposta Gayatri Chakravorty Spivak (2010). Esta pesquisa norteia-se pela ideia de recorrência temática, em que o esquecimento e o abandono são tomados como desdobramento de

sentido realizados por meio da metáfora intertextual ensinada pelo crítico João Alexandre Barbosa (2005). Sob esse prisma, ampara-se Julia Kristeva (1979) e Sandra Nitrini (1997) que ajudam a pensar no método de literatura comparada e as tessituras intertextuais de um autor por outro. Pensa-se em uma literatura de contato transnacional como lemos especialmente no que diz Zila Bernd (2013) em *Afrontando fronteiras da literatura comparada*. Tomando como base tal enfoque de literatura comparada, busca-se responder à seguinte questão: como a intertextualidade temática é processada nas obras? Para comparar essas figuras minoritárias e responder a tal pergunta, realizou-se um recorte de poemas das obras *Livro de pré-coisas* e *Livro sobre nada* de Manoel de Barros (2010) e o conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”, da obra *O fio das missangas e O embondeiro que sonhava pássaros* de Mia Couto (2003).

Referências: BARBOSA, João Alexandre. *A metáfora crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 2005. BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1983. BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal*. Rio de Janeiro: Record, 1985. _____. *O guardador de águas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. BERND, Zilá. *Afrontando fronteiras da literatura comparada da transnacionalidade à transculturalidade*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. v. 15, n. 23 (2013), p.211-222. COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. FRAGA, R. Entrevista com o fazedor de amanhecer. In: *Convergências e tessituras de pedras, rios, ilhas e ventos: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós - graduação em Letras e Linguística. Caderno de Teses e Dissertações. Universidade Federal de Goiás, 2009. 164p. JENNY, Laurent. *A estratégia da forma*. In: _____. *Intertextualidades: tradução da revista Poétique*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 19-45. KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1979. NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 1997. PERRONE-MOISÉS, Leila. *Flores da escrivania: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

RESISTÊNCIA DOS SABERES SUBALTERNIZADOS: AS VOZES FEMININAS DO QUILOMBO

Tatiane de Nazaré Rodrigues da Cunha

Resumo: Este estudo é um recorte analítico obtido durante pesquisa de campo na construção da dissertação de mestrado, intitulada “Saberes do rio: O brincar da criança quilombola da comunidade São Sebastião Acará- PA”, do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Apresentamos aqui reflexões a partir de relatos femininos coletados durante o convívio com a comunidade remanescente de quilombo São Sebastião no município de Acará/ PA, lócus da pesquisa de campo. Temos como objetivo, propor uma reflexão sobre a invisibilidade e a resistência dos saberes, tendo como sujeito, a mulher negra moradora na comunidade remanescente de quilombo São Sebastião. Trazemos para embasamento teórico Ingold (2010, p. 6) , pois o autor discute a importância de valorizar os saberes provenientes da experiência pontuando sua contribuição para continuidade cultural. Abordamos também Santos (2010), em sua discussão a respeito do surgimento de saberes em espaço de lutas sociais, fomentados nas experiências locais e culturais de povos subalternizados. Nesse contexto de invisibilidade trazemos também a voz da mulher negra no Brasil, que para González (1988, p. 97), é alvo de “tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão”. A autora também discute a importância dessas mulheres como sujeitos históricos e culturais, que precisam potencializar suas vozes, rompendo os paradigmas ocidentais e contribuindo para a desconstrução de nossa historização eurocêntrica. A partir da compreensão do papel social e cultural da mulher negra, em paralelo aos relatos coletados na comunidade descrita, inferimos a necessidade de dar visibilidade às vozes das mulheres quilombolas, valorizando a resistência dos saberes subalternizados, que rompem o ideário epistemológico de superioridade, visto que tais saberes são construídos em uma comunidade remanescente de quilombo, espaço este, marcado historicamente pela resistência e marginalização social.

Referências: GONZALEZ, L. Por Um feminismo afrolatinoamericano. Revista Isis Internacional, Vol IX, junho 1988.133- 141. INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

AUTORIA FEMININA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO: SABERES SUBALTERNIZADOS E SUJEITAS DE CRIAÇÃO

Vanessa Silva Paz, Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: Podemos perceber que a literatura de autoria feminina tem ganhado força e notoriedade na cena literária brasileira a partir da movência permanente de mulheres que encontram na escrita um lugar para fazer ecoar gritos rizomáticos. Embora muitas ainda subalternizadas, tendo que enfrentar os dilemas atrelados aos “marcadores de gênero feminino”, essas autoras acabam desconstruindo os mesmos, através do que Jailma Pedreira (2020) chama de “microtecnologia subjetiva posicionada,” enquanto práticas feministas discursivas. Com isso, no movimento de enfrentamento a sistemas de anulação, engendram outros saberes e demandas com a sua apropriação e produção escrita. Saberes que precisam ser visibilizados e refletidos, para que outros sujeitos da criação sejam considerados. Este artigo, por conseguinte, visa refletir acerca dos saberes subalternizados que escritoras do litoral norte e agreste baiano produzem em sua relação com a literatura e com os dilemas postos pelo mercado patriarcal, capitalista e racista, que se desdobra em diversos espaços. Para tanto, consideraremos depoimentos compartilhados de quatro autoras dessa região que participaram de uma mesa em comemoração ao Cinquentenário de Letras do Campus II da Universidade do Estado da Bahia, localizada na cidade de Alagoinhas, no dia oito de setembro de 2022, sob o título de Literatura e autobiografia, além de entrevistas narrativas que serão feitas com mulheres escritoras do citado território. Como amparo teórico para esta reflexão, apoiaremos-nos em estudos de pesquisadoras e pesquisadores, teóricos/as como: Santiago (2004), Taise Souza (2014), Jailma Moreira (2016;2020), Regina Dalcastagné (2012;2015), Spivak (2010), Figueiredo(2020), dentre outros/as. Por fim, esperamos compartilhar os modos como estas escritoras têm criado formas de produção, de escrita, de publicação/circulação de suas literaturas, ajudando-nos a pensar os saberes que deste processo decorre, os sentidos que propõem ou rasuram para a literatura, a mulher, a relação destas com o viver, assim como as demandas e perspectivas que estes apontam.

Referências: CASARIN, Jéssica. Literatura de autoria feminina contemporânea e resistência: o mulherio das letras.v.n8.38.2021. Discurso e alteridade III. Revista Humanidades e Inovação. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4426>. Acesso em: 19 jul.2022. DALCASTAGNÊ, AZEVEDO, Regina e Luciene. Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea. Zouk Editora. 1-ª edição. Organizadoras Regina Dalcastagné, Luciene Azevedo. Porto Alegre-RS. 2015.302 p. _____. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. 208 p. FIGUEIREDO, Eurídice. História literária, cânone e crítica feminista in Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre,RS: Zouk,2020. 85-97 p. MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: Corpo, lugar da memória. Letras (26), 63-81. <https://doi.org/10.5902/21761485111881> MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Microtecnologia de escritoras negras em sala de aula in Literaturas afro-brasileira e africanas: Produção, ensino e possibilidades. Organização: Maria Anória de Jesus Oliveira, Ana Rita Santiago. 1ª edição. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2020. (Coleção Pós-crítica). _____. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 7, n. 13, p. 71-88, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17237/14257>. SANTIAGO, Ana Rita. A literatura de autoria negro-feminina: um canto à (re) existência. Revista Fórum Identidades. Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe,2020. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/14800/11127> SOUZA, Taise Campos dos Santos. Modos de produção, publicação e circulação de textos de escritoras negras baianas. Pós-

Crítica-UNEB, banco de teses e dissertações. Alagoinhas, Bahia. 2015. Disponível em <http://www.poscritica.uneb.br/teses-dissertacoes/> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010. 133

SIMPÓSIO “TRANSGRESSÃO, MEMÓRIA E (IN)SUBALTERNIZAÇÃO NAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIASPÓRICAS PRODUZIDAS POR MULHERES”

Coordenadores: Cíntia Acosta Kütter (UFRA) e Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)

DESLOCAMENTOS, SORORIDADE E RESILIÊNCIA: UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES COMO BILDUNGSROMAN FEMININO

Cíntia Acosta Kütter

Resumo: Partindo do pensamento da filósofa suíça Jeanne Maria Gagnebin, que aponta a tensão entre o “lembrar e o esquecer”: “ Porque a memória vive essa tensão entre a presença e ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente.”(2006, p.44), é oportuno refletirmos de que maneira este passado desaparecido vem a transformar-se em presença, pois será nesse entrecruzamento que o passado, antes oculto pela malha da memória, volta à tona. Assim como Gagnebin, nos sentimos compelidos a trazer essa questão para as literaturas de língua portuguesa, em especial a brasileira, lançando o nosso olhar, mais objetivamente, para os espaços da memória que envolvem a figura feminina e suas problemáticas. Desse modo, a análise que pretendemos realizar abrangerá, em especial, as questões de deslocamento, sororidade, resiliência, memória e Bildungsroman feminino, fios condutores desse trabalho, mas também abará temas como a violência, o trauma e o testemunho, os quais compreendemos como desencadeadores. Nesse sentido, destacamos a importância do papel da memória, em especial, ao que concerne a relação estabelecida por Gagnebin, pois será por meio das experiências vividas pela personagem Kehinde que a memória servirá como mote para nossa discussão. Assim, nos apoiaremos nos estudos de Gagnebin (2006), Bosi (2004) e Halbwachs(2006) para discutirmos as questões referentes a memória, Arendt (2009), Spivak (2010) e Sontag (2003) no que tange a violência. Também consideraremos o conceito de deslocamento, normalmente associado à questão física e geográfica, mas neste trabalho, se voltará para os deslocamentos simbólicos e memorialísticos.

Referências: ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Tradução André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. BOSI, Ecléa. Memória e sociedade – lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. A condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kühner. 3ª Edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016. DUARTE, Eduardo de Assis. Na cartografia do romance afro-brasileiro, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. In ROCHA, Enilce Albergaria et alii (Orgs.) Culturas e diásporas africanas. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. Republicado em TORNQUIST, Carmen Suzana et alii (Orgs.) Leituras da resistência: corpo, violência e poder. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FIGUEIREDO, Eurídice. Resiliência como resistência na escrita de Ana Maria Gonçalves. In: BOLAÑOS, Aimée G.; BENAVENTE, Lady Rojas. (Org.). Vozes negras das Américas: diálogos contemporâneos. Rio Grande (RS): Editora da FURG, 2011, p. 275-288. GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo : Ed. 34, 2006. GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006. ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A representação caleidoscópica da corporalidade da mulher negra em Um defeito de cor. Universidade Estadual de Maringá. Dissertação de mestrado, 2014. SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros; tradução Rubens Figueiredo. –São Paulo: Companhia das Letras, 2003. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. –Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A MULHER DE ALEDUMA (1981): RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA

Daniela dos Santos Damasceno

Resumo: A literatura, no caso em sua especificidade de autoria negra, pode propiciar a (re) apropriação de um território cultural, sendo possível reverter valores, criar personagens dando-lhe características, espaço/tempo a partir de uma ótica particular. Assim, o texto literário, enquanto construção de sentido pode nos possibilitar repensar representações sociais, redimensionar nosso olhar sobre o espaço social e questionar imagens, na medida em que atualizam signos-lembranças que inserem o corpo negro numa cultura específica, desmitificando, por exemplo, estereótipos e mitos sobre o negro e seu espaço, reproduzidos por sua vez nas diversas mídias e também na literatura. Uma dessas vozes é a voz de Aline França, escritora negra baiana. Os seus textos ficcionais residem em um protagonismo feminino (frequente), negro e baiano. Nessa pesquisa, propomos analisar o romance *A mulher de Aleduma* (1981), mais especificamente investigar os modos de reelaboração da presença do negro e da mulher negra. A partir desse contexto, buscamos respostas para as seguintes questões: Como os negros são apresentados e representados no romance? De que forma os seus escritos podem avultar reflexões acerca das tradições e culturas negras? Com relação ao percurso metodológico, realizamos na primeira etapa pesquisa bibliográfica, mas a proposta de pesquisa se concentrou na análise do romance *A mulher de Aleduma* (1981). Portanto, a obra citada, em si, constitui o cenário da pesquisa, pois é por esse suporte que o pesquisador tem acesso às possibilidades de interlocução e interpretação. Ademais, Aline França enquanto escritora negra baiana, e os personagens negros da narrativa, e os diferentes espaços e imagens presentes na obra constituem-se como os principais sujeitos da pesquisa.

Referências: FRANÇA, Aline. *A mulher de Aleduma*. Salvador: Clarindo Silva e Cia. Ltda., Tipografia São Judas Tadeu, 1981, 1 ed; Salvador: Ianamá, 1985, 2 ed. (ambas esgotadas). HOOKS, Bell. *Intelectuais negras*. Estudos feministas, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 1995. SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas-Ba, editora UFRB, 2012.

“O AMOR DO RIO” E OUTROS POEMAS: OS SENTIDOS DO CORPO E DA ESCRITA DA AFRICANIDADE, EM O PAÍS DE AKENDENGUÊ, DE CONCEIÇÃO LIMA.

Fabíola Guimarães Pedras Mourthé

Resumo: Pretende-se analisar o sentido da viagem, bem como o roteiro de uma viagem iniciática do (e no) corpo feminino, associando-se à ideia de um arquipélago-continente feito de palavras, especialmente no poema “O amor do rio”, dentre outros, do livro *O país de Akendenguê*, da são-tomense Conceição Lima. Vale ressaltar essa viagem, em que se percorre, pela memória e pela escrita, a existência, o corpo feminino e o seu desejo de mudança e de plenitude, como uma torrente potencialmente fertilizadora e criativa de uma identidade muito peculiar. Sendo ela feita de formas, narrativas e relações socialmente constituídas, mas também sujeita à intervenção de atos individuais, está sempre aberta à revisão social e à reconstrução de significações, que os vários conceitos de viagem também solicitam. Nesse sentido amplo, trata-se de salientar como a poetisa constrói a sua identidade são-tomense e africana, em união com a comunidade dos compatriotas como integrantes do processo social, cultural e histórico das ilhas, numa abertura a sentidos mais alargados. Esses sentidos de certos poemas incluem componentes extra-africanos, globais, mais gerais, que propiciam uma interpretação deslocalizada, por esse viés se afirmando uma poetisa não solicitando exclusivamente leituras de enraizamento. Por outro lado, não é irrelevante tomar em consideração, nessa leitura da sua poesia, a qualidade estética e a relevância da escritora e da mulher que se vai tornando icônica no papel de sucessora literária de outras personalidades, desde Francisco José Tenreiro a Alda Espírito Santo.

Referências: LIMA, Conceição. *O país de Akendenguê*. Alfragide : Editorial Caminho, 2011.

O PROJETO DE MOÇAMBIKANIDADE: TERRA, CORPO E VOZ COMO TERRITÓRIOS DE R-EXISTÊNCIAS EM SANGUE NEGRO, DE NOÉMIA DE SOUSA, E EM A VOZ DAS MINHAS ENTRANHAS, DE DEUSA D’ÁFRICA

Joranaide Alves Ramos, Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Resumo: A literatura moçambicana é um lugar de resistência contra a máquina colonial e as práticas neocolônias porque, ligada aos seus contextos histórico, político e social, inscreve sua luta anticolonial, contribuindo para a defesa da cultura nacional, representando a sua história por sua própria ótica, reavendo seus bens simbólicos tomados pelo colonizador. Nesse ambiente, idealiza-se e mantém-se o projeto de moçambicanidade, uma atitude histórica, política e cultural de resistência aos colonialismos que atravessam Moçambique. Destaca-se, nesse contexto, a poesia feita por Noémia de Sousa e por Deusa D'África que, quando falam em nome de sua comunidade, parecem convocá-la para retomar sua terra, seus corpos e sua voz, aqui entendidos como territórios de re-existências, colaborando política e poeticamente com o projeto de moçambicanidade. Refletindo sobre isso, o objetivo desta comunicação é analisar como terra, corpo e voz são territórios de re-existências para povos subalternizados, como o africano, a partir da leitura de *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa, e de *A voz das minhas entranhas*, de Deusa D'África, bem como a colaboração destas obras para com o projeto de moçambicanidade. Para tanto, realizamos um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, baseado em Haesbaert (2021), Secco (2016), Kilomba (2019), Ribeiro (2017), Noa (2016), Mendonça (2016), entre outros. A partir da análise das categorias elencadas, percebe-se que a poesia de Noémia de Sousa e a poesia de Deusa D'África são instrumentos importantes para potencialização do referido projeto. Essas poetisas, através de um tom coletivo e vigoroso, convocam seu povo para lutar por liberdade, criando imagens poéticas que revelam memórias e ancestralidades africanas.

Referências: BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: Revista Brasileira de Ciência Política. n.11. Brasília, 2013, p. 89-117. CHIZIANE, Paulina. O canto do futuro. In: A voz das minhas entranhas. Maputo: Ciedima, Ltda., 2014, p. 11-15. CUSICANQUI, Silvia Rivera. Un mundo ch'ixi es posible: ensayos sobre un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018. D'ÁFRICA, Deusa da. A voz das minhas entranhas. Maputo: Ciedima, Ltda., 2014. FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984. FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Noémia de Sousa: Poesia combate em Moçambique. In: Cadernos Imbondeiro. João Pessoa. v.1, n.1, 2010, p. 1-13. _____. Deusa D'África: uma voz feminista afro-moçambicana. In: Revista do NEPA/UFF. Niterói, v.12, n.25, 2020, p. 43-53. HAESBAERT, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na "América Latina". Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLASO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: Episódios do racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. MALDONADO-TORRES, Nelson. Outline of Ten Theses on Coloniality and Decoloniality, 2016. Disponível em < Microsoft Word - Maldonado-Torres (Ten Theses-short version-10 step 10.23).docx (caribbeanstudiesassociation.org)>. Acesso em 02/02/2022. MENDONÇA, Fátima. Moçambique, lugar para a poesia. In: Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016, p.183-192. MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003. MUDIMBE, Valentin-Yves. The invention of Africa: gnosis, philosophy, and the order of knowledge. (African systems of thought). United States of America: British Library Cataloguing in Publication Data, 1988. NGOENHA, Severino Elias. Identidade moçambicana : já e ainda não. In: Identidade, moçambicanidade, moçambicanização. Dir. Carlos César. - Maputo : Universitária, 1998. - p. 17-34 _____. Estatuto e axiologia da Educação. Maputo: Livraria Universitária, 2000. NOA, Francisco. Noémia de Sousa: A metafísica do grito. In: Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016, p. 169-174. Picosque, Tatiana. A poética obscura e corporal de Herberto Helder. Revista Desassossego, 2010, 2(3), 147-158. QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Eds.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. SECCO, Carmen Lúcia Tindó. De sonhos e afetos: percursos da poesia moçambicana. In: Revista Cerrados, v. 19. N. 30. 2010, p. 143-156. _____. Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana. In: Sangue Negro. São Paulo: Kapulana, 2016, p. 11-18. SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. São Paulo Kapulana, 2016.

SOBRE UMA ÁGUIA CHAMADA MUTOLA

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Resumo: É nos contando mais esta estória que Paulina Chiziane nos presenteia com o conto Mutola, o qual faz parte da coletânea de contos intitulada As Andorinhas (2013). Trazer esta mulher transgressora para a ficção é um exercício que comprova mais uma vez o modo como Chiziane exercita e contribui para o projeto de moçambicanidade no sentido de mostrar ao mundo que uma nação só se territorializa identitariamente quando reconhece os grandes feitos de seu povo. Assim como Mutola, Paulina Chiziane se supera quando faz a palavra literária transgredir na medida em vence as páginas em branco, preenchendo-as com as histórias que migram da sua mente e tomam forma literária. O objetivo deste estudo é analisar o conto Mutola, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. A ficção curta de autoria feminina moçambicana explora várias subjetividades poéticas, uma delas é a figuração simbólica e alegórica de animais que se antropomorfizam em personagens para melhor representar as tensões da realidade das mulheres. No conto em tela, a águia surge como uma metáfora para resistência feminina contra o machismo patriarcal moçambicano. As análises empreendidas foram conduzidas pela orientação crítica de (CHIZIANE: 2013, p. 12), (BOURDIEU: 2002,p.10), (ECKMAN, 2011, p.31), (ZANELLO, 2018, p.177) entre outras convocadas pelas análises empreendidas.

Referências: BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Tradução Maria Helena Kuhnner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002 CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. _____. As andorinhas. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. DEL PRIORE, Mary. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2011. ECKMAN, Paul. A linguagem das emoções. São Paulo: Lua de Papel, 2011. PLATÃO. Fedro. São Paulo: Martin Claret, 2003. SECCO, Carmen Lucia Tindó. Entre fábulas e alegorias: ensaios sobre Literatura Infantil em Angola e Moçambique. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

PAULA TAVARES E ODETE SEMEDO: DUAS VOZES FEMININAS INSUBMISSAS

Valci Vieira dos Santos

Resumo: Paula Tavares, angolana, e Odete Semedo, guineense, são duas escritoras que têm retratado a africanidade de seu povo com maestria. Ambas têm construído, de forma indubitável, literaturas que se situam no âmbito do feminismo, mas também do feminino. Angola e Guiné-Bissau se constituem em dois cenários representativos de suas escritas. Seus projetos literários fazem ecoar e ressoar vozes que chamam a atenção de seus leitores para o cotidiano multicultural de duas nações, de cujos espaços sociais, políticos e culturais, emergem reflexões sobre guerras, tradições, a condição da mulher, investidas de antigos colonizadores que insistem em apagar a memória de suas terras, num ataque frontal à identidade e à cidadania dos povos angolanos e guineenses. Paula Tavares e Odete Semedo são, dessa forma, duas vozes transgressoras, insubmissas, que lutam, por intermédio de suas artes literárias, contra forças que tentam, historicamente, fazer calar seus cantos libertários. Nesse sentido, o trabalho objetiva refletir sobre estas questões, as quais desfilam com desenvoltura por entre os fios que entretecem os textos literários de Paula Tavares e Odete Semedo, de modo que nos seja possível compreender a importância que ambas possuem nos cenários de duas relevantes literaturas de língua portuguesa. O corpus literário, a ser analisado, se constituirá de poemas de Paula Tavares e de Odete Semedo que demonstrem, com afinco, os cenários pintados por elas, cujas cores são reveladoras de vozes potentes e resistentes. A título de suporte teórico, lançaremos mão de nomes significativos, tais como: Wladimir Krysinski (2007) e Carlos Felipe Moisés (2012) ; Stuart Hall (2002;2003) e Homi K. Bhabha (2010); Frantz Fanon (2020). Além destes teóricos, faremos uso, também, de textos doutrinários e críticos pertinentes à temática proposta.

Referências: ABDALA JR., Benjamin; SILVA, Rejane Vecchia Rocha (Orgs.). Literatura e Memória Política: Angola. Brasil. Moçambique. Português. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015. BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. BOSI, A. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. FANON, Frantz. Pelo negra, máscaras brancas.

Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: UBU Editora, 2020. FERREIRA, Manuel. Literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986. 2 v. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. KRYSINSKI, Wladimir. Dialéticas da transgressão: O novo e o moderno na literatura do século XX. São Paulo: Perspectiva, 2007. MOISÉS, Carlos Felipe. Tradição & Ruptura: O pacto da transgressão na literatura moderna. Vila Velha, ES: Editora Opção, 2012. MOORE, Carlos. Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. SEMEDO, Odete Costa. No fundo do canto. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. SEMEDO, Odete Costa. Entre o ser e o amar. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996. TAVARES, Ana Paula. Dizes-me coisas amargas como frutos. Lisboa: Caminho, 2001. TAVARES, Ana Paula. O lago da lua. Lisboa: Caminho, 1999. TAVARES, Ana Paula. Ritos de Passagem. Lisboa: Caminho, 2007.

SIMPÓSIO “USOS POLÍTICOS DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”

Coordenadores: Renata Flavia da Silva (UFF), Roberta Guimarães Franco Faria de Assis (UFMG) e Daniel Marinho Laks (UFSCar)

SOB OS DITAMES DA MEMÓRIA: INSÍLIO E REGRESSO IMPOSSÍVEL EM ANTES DE NASCER O MUNDO

Adriana Gonçalves da Silva

Resumo: No romance *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto, o personagem Silvestre Vitalício realiza um autoinsílio (CAN, 2020) motivado por um profundo desejo de esquecimento do suicídio de sua esposa. Pautado em um sentimento de fracasso, a busca pelo esquecimento, além de intentar um apagamento da memória traumática, impõe aos seus filhos um deslocamento forçado para uma pátria imaginada. Acompanha este movimento um militar próximo da família, que busca refúgio dos traumas de guerra. Nesse sentido, o romance enseja muitas discussões acerca do deslocamento exercido em busca deste esquecimento e dos meandros impostos por Vitalício para anular o passado e Maputo de seu imaginário e das crianças. Entretanto, como postula Gagnebin (2009), existe uma retroalimentação entre os processos de lembrar e de esquecer, de forma que, apesar do intuito do pai, esta anulação completa durante a vivência em Jerusalém não será alcançada. Mas, se uma vida sem recordações no insílio era utopia, com a necessidade do regresso à antiga casa a memória atuará de forma diversa a esses personagens, tendo como ponto comum as dificuldades de concretização desta retomada. Dado o exposto, interessa-nos investigar as razões pelas quais este regresso à Maputo surge impossibilitado para os personagens da narrativa. De modo mais específico, procuramos entender ainda como se costura metaforicamente o drama deste núcleo familiar com o drama da nação moçambicana frente à guerra civil, sobretudo pela perspectiva do regresso de memórias propositadamente silenciadas (IGREJA, 2008).

Referências: CAN, Nazir Ahmed. O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio. São Paulo: Kapulana, 2020. COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2009. IGREJA, Victor. *Memories as Weapons: The Politics of Peace and Silence in Post-Civil War*. In: *Mozambique Journal of Southern African Studies*, volume 34, n.3, 2008.

REPRESENTAÇÕES DA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA NA LITERATURA BRASILEIRA

Alessandra Magalhães

Resumo: Este trabalho propõe uma análise dos livros *Diorama*, de Carol Bensimon, e *Solitária*, de Eliana Alves Cruz, a fim de observar as representações, no campo da literatura, de aspectos da história e da política recentes no Brasil. A partir de tais romances, publicados no ano de 2022, escritos e também narrados em primeira pessoa por mulheres, pretende-se compreender de que modo a literatura contemporânea brasileira está representando o bolsonarismo e a ascensão da extrema-

direita na vida social e política. No último decênio, o país vem passando por processos sociopolíticos turbulentos, desde as jornadas de junho de 2013, o golpe jurídico-parlamentar de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, o questionamento à democracia tem feito parte da vida pública e privada, ou seja, passamos por um processo de desdemocratização. Segundo Pinheiro-Machado e Freixo (2019), o bolsonarismo é caracterizado por uma visão de mundo ultraconservadora, que assume um discurso nacionalista e crítico a tudo que pode ser identificado com o progressismo e a esquerda, não se fixando apenas na figura de Jair Bolsonaro. Os romances analisados mostram personagens secundários que nomeadamente, no caso de *Diorama*, ou implicitamente, no caso de *Solitária*, assumem para si a retórica do bolsonarismo, cujas raízes são remetidas pelas duas autoras aos tempos da ditadura militar. Além disso, a representação do tecido social esgarçado por discursos autoritários e os usos de símbolos nacionais são destacados como sinais de como tal fenômeno se entranhou na vida das pessoas que o defendem. Pretende-se, portanto, percorrer os caminhos dos textos contemporâneos que oferecem uma visão literária do que vem acontecendo nos últimos anos na nossa sociedade.

Referências: BENSIMON, Carol. *Diorama*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (orgs.). *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. SÜSSEKIND, Flora. *Coros, contrários, massa*. Recife: Cepe, 2022.

"AMANHÃ É FUTURO, PARA NÓS NÃO HÁ FUTURO": DESLOCAMENTOS E DESILUSÕES EM O ANTIGO FUTURO, DE LUIZ RUFFATO

Allysson Augusto Silva Casais

Resumo: Desde o impedimento de Dilma Rousseff, Luiz Ruffato tem expressado uma crescente visão negativa em relação ao Brasil. Não à toa, *O antigo futuro* (2022) inicia-se em agosto de 2016, mês da votação para o afastamento da presidenta. A partir daí, a obra regressa cem anos, narrando os acontecimentos na vida de quatro gerações da família Bortoletto. O livro começa com Alex, migrante brasileiro nos Estados Unidos, antes de recuar para contar sobre seu pai, Dagoberto, mineiro em São Paulo; seu avô, Aléssio, rodeirense em Cataguases; e seu bisavô, Abramo, imigrante italiano em Rodeiro. Gerações de uma família pobre marcada por sucessivas migrações em busca de melhores condições de vida. A ascensão socioeconômica almejada, contudo, nunca materializa-se e os deslocamentos de pouco servem. Assim, Ruffato apresenta cada personagem já desiludido, a memória do passado e suas metas formando um contraponto na narrativa para o entendimento da frustração com o presente. Esse sentimento particular serve como metonímia para o desencanto nacional com um Brasil sempre prometido, mas nunca concretizado. Como pano de fundo da saga dos Bortoletto, Ruffato narra cem anos da história brasileira e uma série de eventos marcantes do último século atravessam as vidas dos personagens na obra. Desse modo, o autor mescla história individual e coletiva na tentativa de demonstrar como a promessa de um país melhor raramente se consuma para as classes mais baixas no Brasil. Esse movimento marca uma mudança relevante na obra de Ruffato. Se em *Inferno Provisório* (2016), romance sobre o proletariado brasileiro na segunda metade do século XX, Ruffato termina a narrativa na véspera da posse do primeiro mandato de Lula, manifestando uma certa esperança com o Brasil que estava por vir, em *O antigo futuro* o autor faz o gesto oposto: pós-2016, a narrativa parece dizer, só desilusão é possível.

Referências: CASAIS, Allysson Augusto Silva. Novos migrantes em cena: pobreza e (e)migração em Luiz Ruffato. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 153-181, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.113591>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/113591>. Acesso em: 4 jan. 2023. CHIARELLI, Stefania. Que Brasil existe? Estrangeiros na literatura brasileira. *Intelligere, Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 2, n. 2 [3], p. 40-48, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2016.117632>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/117632/118475>. Acesso em: 20 mar. 2018. CREET, Julia; KITZMANN, Andreas. *Memory and Migration: Multidisciplinary Approaches to Memory Studies*. Toronto: University of Toronto Press, 2011. HALBWACHS, Maurice. *Memória*

Coletiva e Memória Individual. In: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1990. p. 25-52. NIGRI, André. Esperanças no futuro que teima em não vir. Quatro cinco um, São Paulo, 30 dez. 2022. RUFFATO, Luiz. Inferno Provisório. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. RUFFATO, Luiz. O antigo futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. RUFFATO, Luiz. Um deserto de estranhas veredas. Curitiba: Maralto, 2022. RUFFATO, Luiz. Em novo romance, Luiz Ruffato mostra como o Brasil 'avança para trás'. [Entrevista concedida a Mariana Peixoto]. Estado de Minas, Belo Horizonte, 26 nov. 2022. SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. SANTOS, Eduardo dos. A questão migratória no mundo globalizado: brasileiros no exterior, a emigração e o retorno. In: PRADO, Erlan José Peixoto do; COELHO, Renata (org.). Migrações e Trabalho. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015. SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A construção social da memória. In: SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Memória Coletiva & Teoria Social. São Paulo: Annablume, 2003. SASSEN, Saskia. Global Migration and Economic Need. In: SMITH, Roger (org.). Borders, and Human Needs. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011. p. 56-91.

FRANCISCO NOA E JOÃO PAULO BORGES COELHO: DIÁLOGOS SOBRE O COLONIAL EM MOÇAMBIQUE

Ana Beatriz Matte Braun

Resumo: O objetivo da presente reflexão é promover um diálogo entre as obras de dois dos intelectuais moçambicanos mais conceituados da atualidade, Francisco Noa e João Paulo Borges Coelho. O primeiro, um dos mais reputados críticos literários moçambicanos, acadêmico e autor de diversos estudos sobre o campo literário e a cultura moçambicana. O segundo, ficcionista internacionalmente premiado, acadêmico e um dos principais historiadores moçambicanos. A discussão aqui proposta tem cariz comparativista, ainda que em uma configuração pouco usual, já que busca estabelecer interlocução entre o volume "Império, mito e miopia - Moçambique como invenção literária" (2002), de autoria de Noa, estudo teórico que discute o contexto de formação e a história de um gênero literário específico, o romance colonial em Moçambique, e as obras "As visitas do Dr Valdez", de 2004, "O Olho de Hertzog", de 2010 e Rainhas da noite, de 2013, romances contemporâneos de Borges Coelho ambientados no período colonial. A leitura desses romances tendo o estudo de Noa em contraponto destaca a disposição da ficção de Borges Coelho para interpelar, relativizar e dissolver as balizas da ideologia imperialista que impregnava a literatura colonial por meio da subversão e ressignificação de seus aspectos formais e temáticos mais característicos, especialmente a persistente incomunicabilidade entre colonizadores e colonizados.

Referências: CAN, Nazir Ahmed. O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio. São Paulo: Kapulana, 2020. CHAVES, Rita. "A literatura colonial e o confisco do imaginário". Portuguese Cultural Studies: Vol. 7: Iss. 2, Artigo 3, 2021. Disponível em <https://scholarworks.umass.edu/p/vol7/iss2/3>. COELHO, João Paulo Borges. As visitas do Dr. Valdez. Maputo: Editorial Ndjira, 2009. COELHO, João Paulo Borges. O Olho de Hertzog. Maputo: Leya, 2010. COELHO, João Paulo Borges. Rainhas da Noite. Alfragide: Editorial Caminho, 2013. MENDONÇA, Fátima. Literatura moçambicana e as dobras da escrita. Maputo: Ndjira: 2011. MENDONÇA, Fátima. Panorama (muito geral) da ficção narrativa moçambicana contemporânea. In: QUEIROZ, Mirna (org.) Travessias imaginárias: literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020. NOA, Francisco. "Ambivalência da representação feminina no imaginário colonial a partir dos romances Zambeziana de Emílio de San Bruno e Ku Kemba de João Salva-Rey," Portuguese Cultural Studies: Vol. 7: Iss. 2, Article 5, 2021. Disponível em <https://scholarworks.umass.edu/p/vol7/iss2/5>. NOA, Francisco. Império, mito e miopia - Moçambique como invenção literária. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: OS CORPOS-DOCUMENTO EM SOLITÁRIA DE ELIANA ALVES CRUZ
Aza Njeri (Viviane Moraes)

Resumo: A historiadora Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, 2018; RATTS, 2006) compreende o corpo negro como um corpo-documento político e circunscrito pela memória, ao mesmo tempo em que reivindica poder, questionando o status quo, o imaginário pré-estabelecido pela agenda colonial e propondo suas próprias agendas (ASANTE, 2009). A partir desta categoria e considerando o Estado da Maafa (NJERI, 2022, ANI, 1994), isto é, a experiência de desumanização radical que assola pessoas negras em África e nas diásporas, pretende-se apontar na premiada obra Solitária de Eliana Alves Cruz (2022) as interseções entre a memória, a história e a experiência da Maafa na construção das protagonista-narradoras Eunice e Mabel. Importante frisar que a Maafa está para os corpos negros africanos e afro-diáspóricos, cada um com seus atravessamentos singulares de territórios e culturas, mas todos pautados pela necropolítica (MBEMBE, 2019) e pelo genocídio e suas facetas que vão da morte física ao epitemicídio (SANTOS, 2009; CARNEIRO, 2005). Desta forma, interessa verificar como esses dois corpos femininos negros de diferentes gerações documentam suas trajetória em Estado de Maafa no Brasil e como a literatura, utilizando os Poderes Político-Poéticos da Arte (NJERI, 2020), atua como ferramenta e anti-maafa, revelando estratégias contemporâneas de resistência, permanência e continuidade da população afro-brasileira.

Referências: ANI, Marimba. Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior. Trenton: África World Press, 1994. Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/> ASANTE, Molefi. “Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar”. In: NASCIMENTO, Elisa L.(Org.). Afrocentricidade - uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. CARNEIRO, Sueli. A Construção do Outro como Não Ser como fundamento do Ser Sueli Carneiro. 2005. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/43133331/a-construcao-do-outro-como-nao-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro> CRUZ, Eliana Alves. Solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. MBEMBE, Achille. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2019. NASCIMENTO, Beatriz. Quilombola e intelectual. Diáspora africana: Editora Filhos da África, 2018. NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. In.: Ítaca. Especial Filosofia Africana. n.º 36. Rio de Janeiro, UFRJ, 2020a. p. 164-226. <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895> RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kwanzaa, 2006. SANTOS, Boaventura S.; MENEZES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. Edições Almedina, 2009.

O USO POLÍTICO DA MEMÓRIA NO FILME JOSÉ CARLOS SCHWARZ, A VOZ DO POVO : RELAÇÕES ENTRE CINEMA, LITERATURA E HISTÓRIA

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco

Resumo: Pretendemos abordar o uso político da memória presente no documentário José Carlos Schwarz, a Voz do Povo, produzido, em 2006, pelo realizador Adulai Jamanca, representante da nova geração do cinema na Guiné-Bissau. Analisaremos a poética de José Carlos Schwarz apresentada no filme em interlocução com outras artes: cinema, literatura, música, fotografia. Focalizaremos relações entre memória, afeto e história. Letras de música, poemas, fotografias, canções, pequenos vídeos, testemunhos, entrevistas, depoimentos compõem o documentário. O filme de Jamanca, trazendo ficcionalmente esse material, ousa, assim, desadormecer memórias da história da Guiné-Bissau e da vida do poeta-cantor José Carlos Schwarz, cujos poemas e letras de canções se entrelaçam ao movimento da câmera que vai seguindo um jogo de percepções despertadas por afetividades, pela captura de cenas antigas: da infância, do namoro, da juventude, da luta. O documentário opera com memórias factuais, porém, também, com memórias pessoais e coletivas: a casa, os amigos, a esposa, os filhos, a guerrilha, a utopia da nação guineense. Serão analisados, ao fim e ao cabo, o olhar questionador do filme-documentário de Adulai Jamanca, a revisitação das figuras de Amílcar Cabral e José Carlos Schwarz, a linguagem cinematográfica de Adulai Jamanca e o papel de seu documentário no processo de narrar a nação guineense por um viés crítico, político, pós-colonial.

Referências: COLLOT, Michel. Do horizonte das paisagens ao horizonte dos poetas. Tradução de Eva Nunes Chatel. In ALVES, Ida Ferreira e FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Orgs.). Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos. Niterói: EDUFF, 2010, pp. 191-218. MEDEIROS, Paulo. Spectral potcoloniality: lusophone postcolonial film and the imaginary of the nation. In PONSANEZI, Sandra; WALLER, Marguerite (Orgs.). Postcolonial cinema studie. London; New York: Routledge, 2012. p. 129-142. NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984. RANCIÈRE, Jacques. "O Dissenso". In: NOVAES, Adauto (Org.). A crise da razão. São Paulo; Rio de Janeiro: Companhia das Letras; Fundação Nacional de Arte, 1996. SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. Trad. Hildergard Fielst. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. SOURIAU, Étienne. A correspondência das artes: elementos de estética comparada. Trans. M. Cecília Queiroz de Moraes Pinto e M. Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo: Cultrix, 1983. XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

VIAGEM À BEIRA DE UM PRECIPÍCIO HISTÓRICO, UMA LEITURA DE "UM ESTANHO EM GOA" DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Christian Marie Victor Simon Dutilleux

Resumo: Em "Um Estranho em Goa" do escritor angolano José Eduardo Agualusa, o narrador personagem José viaja até Goa, terra sob domínio português por 450 anos, antes de ser integrada à Índia em 1961. Lá, a língua e a cultura da antiga metrópole estão progressivamente desaparecendo. José segue para a ex-colônia para desvendar o destino de Plácido Domingo, um ex-comandante da guerrilha angolana, desaparecido há décadas. O livro é construído a partir de uma coletânea de fragmentos: trechos de poemas, pequenos relatos de viagens, impressões do narrador, testemunhos de personagens, letras de música... Aos poucos, a pesquisa sobre Plácido Domingo se dilui numa teia de intrigas, de memórias contraditórias, de tráfico de relíquias religiosas, de ameaças difusas e de múltiplas representações da figura do diabo. De fato, o livro de Agualusa questiona os limites da construção da narrativa histórica e a consolidação da memória coletiva num contexto onde as personagens assistem impotentes à agonia de sua cultura. O desmoronamento dos valores outrora vigentes cria uma atmosfera sufocante ao ponto que, para o narrador, só resta afinal uma única saída: fugir, atordoado por mil incertezas. Ele fracassa então no seu desejo de construir uma narrativa coerente e abrangente da história de Goa a partir de suas pesquisas e das memórias dos testemunhos. Um eixo central da obra é justamente como o autor encena o impasse do narrador (seu homônimo), questionando o olhar do viajante e seu pretensão fracassada de encontrar um ponto de vista estável numa situação tão movediça. Essa discussão será ampliada na apresentação com o apoio teórico de ensaios de Silviano Santiago.

Referências: Agualusa, José Eduardo Um estranho em Goa, Editora Gryphus 2001 Santiago, Silvio O cosmopolitismo do pobre, crítica literária e crítica cultural Editora UFMG Belo Horizonte 2004 Santiago Silviano 35 Ensaios de Silviano Santiago seleção e introdução de Ítalo Moriconi São Paulo Companhia das Letras 2019

VIOLÊNCIA, MEMÓRIA, TESTEMUNHO E SUAS REPRESENTAÇÕES NO ROMANCE ESSA DAMA BATE BUÉ!, DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO

Christiane G Reis

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as representações da violência, da memória e do testemunho na obra Essa dama bate bué!, de Yara Nakahanda Monteiro, romance que traz como protagonista Vitória, uma mulher nascida em Angola, levada quando criança para viver em Portugal, e que retorna à terra de origem em busca de Rosa Chitula, sua mãe e ex-guerrilheira, no ano de 2003, logo após o fim da guerra civil. Ao chegar, ela se depara com uma realidade inesperada: jovens pedintes mutilados, zungueiras, ruas "minadas" por buracos, péssimo funcionamento das redes de água, eletricidade e comunicação, além da visão do trabalho doméstico como exploração dos menos favorecidos e da difícil vida nos musseques. Enquanto Vitória investiga e procura, examinando

inclusive os arquivos do MPLA, termina por resgatar a memória da mãe, por meio do contato com a personagem mamã Ju, com a qual combateu e, por via oblíqua e inconsciente, depara-se também com as memórias angolanas. Então, do particular, individual, surge o público, o coletivo, por serem desvelados os desdobramentos dos conflitos e contradições das fases seguintes a importantes eventos históricos. Nesse contexto, vê-se ainda a violação dos corpos femininos como forma de subjugação e demonstração do poder masculino durante os embates armados; a violência em suas diversas formas: institucional, atmosférica, física, psicológica, cultural e simbólica; e, sobretudo, as consequências do colonialismo português.

Referências: António Souza Ribeiro, Roberto Vecchi e Maurice Halbwachs.

TRAUMA E DEPOIMENTO EM A VERDADE DE CHINDO LUZ, DE JOAQUIM ARENA

Daniel Marinho Laks

Resumo: O objetivo desta comunicação é discutir as relações entre memória, violência e inscrição social do sujeito no romance *A verdade de Chindo Luz*, de Joaquim Arena, e, a partir desses pontos, traçar algumas considerações sobre as representações do colonialismo na obra e de suas consequências para um estado de sofrimento psíquico e não pertencimento identitário dos personagens. O romance de Joaquim Arena gira em torno de um grupo de imigrantes caboverdianos em Portugal, mais especificamente focalizado na família Luz, que chega ao país entre 1977 e 1978, únicos pretos do bairro. A estrutura da narrativa assemelha-se a uma história policial, onde, desde o princípio, apresentam-se mistérios que precisam ser solucionados. Entretanto, mais do que os mistérios e sua solução em relação ao inquérito policial, a abordagem pretendida aqui visa discutir o depoimento para além dos aspectos jurídicos, em sua função de elaboração simbólica do trauma. Para isso, pretende-se utilizar como aporte teórico autores como Tzvetan Todorov para discutir as estruturas narrativas e as especificidades do romance de investigação. Além disso, autores como Michele Simondon, Márcio Seligmann-Silva, Sigmund Freud, Vilém Flusser, Cathy Caruth e Walter Benjamin serão utilizados para pensar a relação entre trauma, memória e depoimento em seu aspecto de elaboração simbólica dos eventos extremos e pertencimento identitário.

Referências: ARENA, Joaquim. *A verdade de Chindo Luz*. Cruz Quebrada: Editora Oficina do Livro, 2006. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Edição crítica. Organização e tradução de Márcio Seligmann-Silva & Adalberto Muller. São Paulo: Alameda, 2020. CARUTH, Cathy. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996. FLUSSER, Vilém. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: AnnaBlume, 2011. FREUD, Sigmund. [1913 - 1914]. *Obras completas: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Totem e tabu e outros trabalhos, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. PLATÃO. *Teeteto*. 3ª ed. Tradução de Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Goubenkian, 2010. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022. SIMONDON, Michele. *La mémoire et l'oubli dans la pensée grecque jusqu' à la fin du Ve siècle avant J.-C.* Paris: Les Belles Lettres, 1982. TODOROV, Tzvetan. "Tipologia do romance policial". In: *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1970

TORTURA NUNCA MAIS: REPRESENTAÇÕES DA MEMÓRIA EM OS QUE BEBEM COMO CÃES, DE ASSIS BRASIL

Éthylla Suzanna Corrêa Santos

Resumo: Pôr ao lado da história política uma narrativa que traz representadas as noções de memória e silenciamento em contextos ditatoriais contribui para o combate aos discursos negacionistas relacionados ao período e às práticas de violência policial durante a ditadura militar brasileira. Resultado da atividade criativa de seu autor, em *Os que bebem como cães* (1975), de Assis Brasil, é possível levantar fatos e imagens que representam o corpo torturado de uma vítima da ditadura, bem como o *modus operandi* desse tipo de sistema opressor. A obra, ao articular criativamente memória – individual e coletiva, e esquecimento, apresenta os efeitos das práticas violentas investidas contra um preso político, advindas de forças aparelhadas por um Estado autoritário. Essa

literatura, assim, é via alternativa para o não esquecimento e o não silenciamento; ela posiciona o artista como testemunha de seu tempo; funcionando ainda como produto humano, demarcado historicamente, fonte de investigações contranegacionistas. Nesse sentido, esta comunicação propõe a exposição e análise dos procedimentos estéticos realizados na obra *Os que bebem* como câes para efeitos de representação do contexto político ditatorial no Brasil, especificamente a condição desumanizadora a que foram submetidas as pessoas presas políticas. O trabalho é alinhado aos estudos sobre memória, esquecimento, história e política, em diálogo com o que dizem sobre esses temas Paul Ricoeur, Walter Benjamin, Hannah Arendt, Sigmund Freud, dentre outros.

Referências: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2019. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232. FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v. 14, p. 161-239. FREUD, Sigmund. *Obras completas, a interpretação dos sonhos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003b. p. 371-385.

"QUANDO A PÁTRIA QUE TEMOS NÃO A TEMOS": UMA ANÁLISE DA TERCEIRA PARTE DO LIVRO SEXTO, DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Everson Nicolau de Almeida

Resumo: Em sua obra poética, a escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) buscou estabelecer sua arte a partir da relação entre poesia e realidade, a qual, segundo a autora, se constitui como objetivo da arte poética. Em sua obra intitulada de *Livro Sexto*, cuja primeira edição foi publicada em 1962, Andresen apresenta uma poética em que o diálogo entre o clássico e o contemporâneo se constitui a partir de alternâncias entre discursos e ideologias. Tal recurso se evidencia na terceira parte do *Livro sexto*, que recebe o título de *As grades*, com forte tom crítico ao regime salazarista. Esta proposta de comunicação busca analisar o recorte supracitado, a partir da ideia de uso político da memória, pelo qual será possível estabelecer um paralelo entre os regimes salazarista e bolsonarista, principalmente ao que tange a recorrência da ideologia fascista reverberada na tríade "Deus, Pátria, Família". Nesse sentido, será evidenciado o papel social e atemporal da poesia, uma vez que as imagens propostas nos poemas constituem formas de enfrentamento do passado que se atualiza no presente por meio da manutenção dos regimes de poder conservadores. Além disso, a ideia de identidade nacional construída pelos discursos políticos de vertente fascista e reformulada pela literatura, encontra na poética andreseniana uma possibilidade de (des) construção de sentidos e de estabelecimento de novas bases para a invenção de um mundo comum, tendo como princípio o estabelecimento de um novo olhar para a história e para a realidade vista através das lentes da literatura.

Referências: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Porto: Assírio & Alvim, 2015. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006. MALHEIRO, Helena. *O Enigma de Sophia: da sombra à claridade*. Alfragide: Oficina do Livro, 2008.

INTERROGA PRIMEIRO, ESCUTA DEPOIS - O TESTEMUNHO NAS INVESTIGAÇÕES POLICIAIS EM A ESMORGA E BALADA DA PRAIA DOS CÃES

Fernanda Gappo Lacombe

Resumo: Segundo Márcio Selligman-Silva (2000) mesmo antes do Holocausto e suas práticas de extermínio em massa, o pensamento intelectual ocidental já se dedicava à reflexão da possibilidade de narração e representação da barbárie, tendo este fato histórico gerado uma série de novas considerações sobre o tema. Dentro de debates acerca da necessidade de dar voz aos testemunhos

de catástrofes, pretendemos levantar quais os seguintes desdobramentos destas reflexões em um contexto em que as testemunhas oculares não necessariamente desejam falar, mas são intimidadas a fazê-lo. Dessa maneira, a comunicação com a qual se relaciona este resumo pretende analisar o uso do testemunho nos romances *A esmorga*, de Eduardo Blanco Amor, e *Balada da praia dos cães*, de José Cardoso Pires. Mais especificamente, a análise terá como foco as personagens de Cibrán, de *A esmorga*, e Mena, em *Balada*, e seu lugar nas narrativas de testemunho do interrogatório policial. Obrigados a narrar o que presenciaram, sem necessariamente terem seu relato levado em consideração nas investigações, Cibrán e Mena, em um primeiro momento, denunciam um Estado para o qual interessa apenas o testemunho que reforça a narrativa que deseja construir. Entretanto, se sua voz morrerá em autos policiais descartados ou abandonados, é na ficção que encontram uma possibilidade de reconhecimento, através do trabalho de escrita da obra ficcional, mas também pelo próprio gesto de leitura da narrativa por parte do público.

Referências: SELLIGMAN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000. PIRES, José Cardoso. *Balada da praia dos cães*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. BLANCO AMOR, Eduardo. *A Esmorga*. 14ª Ed. Vigo: Galaxia, 1995.

A (RE)INVENÇÃO DO FEMININO EM CONTEXTOS DITATORIAIS: DESCONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS MENINAS-MULHERES DOS NOSSOS PAÍSES

Hanna Andressa do Carmo Furtado Oliveira

Resumo: Em se tratando de regimes ditatoriais, a organização desses sistemas em relação aos corpos femininos é, de modo geral e perceptível, semelhante. Nas regulamentações autoritárias é notável o movimento de retrocesso quanto ao papel da mulher, que passa ter sua figura construída em um simulacro de fragilidade, mantida no "conforto" do lar para a sua própria salvaguarda. Neste estudo, intencionamos adentrar nas representações e das imagens de mulheres em duas obras – *As Mulheres do meu país*, de Maria Lamas que, ao fim dos anos 40, viajou por Portugal a fim de documentar o cotidiano de mulheres das mais diversas classes; e *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, que apresenta (micro)relatos pela voz de três estudantes em uma São Paulo de 1969. Em ambas as obras, apesar de estruturalmente contrastantes, as autoras assumem uma postura contrária ao ideal da mulher pregado pelas propagandas autoritárias, usando de experiências e registros para (re)criar ou (re)contar o latente cenário tirânico, seja no Salazarismo em Portugal, seja nos Anos de Chumbo no Brasil. Se Lamas choca ao fotografar e relatar as identidades de trabalhadoras portuguesas, a publicação de Telles também contraria a censura em sua complexa narrativa. Assim, buscamos discutir o enlace de memórias coletivas e individuais, não reveladas e marginalizadas, nas desconstruções dos usos políticos de corpos femininos em dois momentos distintos de territórios díspares.

Referências: ÁGOAS, Frederico. Verdade, ideologia e violência nas primeiras fotografias do povo em Portugal. *Lugar comum*, Nº39, pp. 189-200. 2013. ALVES, Vera Marques. "A poesia do simples": arte popular e nação no Estado Novo. *Etnográfica*, vol. 11 (1). 2007. BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. BASTOS, Ana Rita. A fotografia como retrato da sociedade. *Sociologia* [online], vol.28, pp.127-143. 2014. CABRAL, Manuel Villaverde. Texto e imagem fotográfica no primeiro contradiscurso durante o Estado Novo: «As mulheres do meu país», de Maria Lamas. *Comunicação Pública*, Vol.12 nº 23. 2017. FARACHE, Ana. Fotografia: uma experiência entre a memória e imaginação. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v.4, n.4, p.13-34, 2008. FINAZZI-AGRÒ, Ettore. (Des)memória e catástrofe: considerações sobre a literatura pós-golpe de 1964. *Revista de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 43, pp. 179-190, 2014. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. GINZBURG, Carlo. *A Áspera verdade: um desafio de Sthendal aos historiadores*. In: *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 170 à 189. _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Trad. Rosa Freire d'Águia e Eduardo Brandão. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2007. HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. HUTCHEON, Linda.

Capítulos de 7-10. In: *Póetica do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, RJ: Imagem Ed., 1991. KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. LAMAS, Maria. *As mulheres do meu país*. Lisboa: Actuais, 1948. LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2009. MARTINS, Moisés de Lemos. *O Olho de Deus no Discurso Salazarista*. Porto: Edições Afrontamento, 2016. MOTA-RIBEIRO, Silvana; PINTO-COELHO, Zara. *Imagens de Mulheres na Imprensa Portuguesa*. Livro de Actas – 4º SOPCOM, 2005. RENAN, Ernest. *Que é uma nação?*. Tradução de Samuel Titan Jr. *Revista Plural*; *Sociologia USP*, S. Paulo, 4: 154-175. 1997. SELIGAMANN-SILVA, Márcio. *Do delicioso horror sublime ao abjeto e à escritura do corpo*. In: *O Local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. Rio de Janeiro: Editora 34. 2005. p. 31 à 44. SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004. TAVARES, Manuela. *Feminismos em Portugal: 1947-2007*. Tese de Doutorado - Universidade Aberta, Lisboa, 2008. TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1984. VIEIRA, Alice. *Maria Lamas: Uma escritora para a infância*. In: *Maria Lamas, 1893-1983: Catálogo*. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

ESCREVER PARA REGRESSAR: UMA ANÁLISE DE "OS GESTOS", DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Isabela Lapa Silva

Resumo: A comunicação procura analisar o livro “Os gestos: notas no regresso a casa” (2021), de Djaimilia Pereira de Almeida. Essa obra apresenta uma composição de textos variados, os quais se relacionam com os jogos de edição da memória e como ela atravessa os indivíduos. O aspecto fantasmagórico é destrinchado em temas e motivos que retornam, entrelaçando referências literária, fílmicas, experiências e notas pessoais a respeito dos processos de criação. Os textos em conjunto são, como diz o subtítulo, como rotas de voltar para casa, sendo essa uma busca que não tem percurso claro, nem ponto de chegada definido, mas que está aberta a descobertas e ressignificações. É sobretudo uma obra de investigações, em que a autora se desdobra entre si e o que o cria. O próprio título sugere a captura de movimentos, que vem em formas de memórias, reflexões, notas avulsas, pequenas ficções, e resgatam a artesanaria da criatividade que permeia a escrita, desde as mãos que materializam o texto na folha em branco. A comunicação busca, desse modo, traçar linhas de investigação, tal qual a obra, buscando compreender como a memória é utilizada como matéria-prima para criar e para inquirir a si mesmo sobre os processos criativos. Para tanto, as discussões vão partir das relações entre a memória e a literatura, apoiando-se nos trabalhos de Toni Morrison (2019), Emily Keightley e Michael Pickering (2012), Maurice Halbwachs (1990), entre outros.

Referências: ALVES, Mota Fernanda; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos (Orgs.). *Estudos de memória: teoria e análise cultural*. Ribeirão: Edição Húmus, 2016. ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Os gestos: notas no regresso a casa*. Lisboa: Relógio D'água, 2021. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. MORRISON, Toni. *A fonte da autoestima: ensaios, discursos e reflexões*. Tradução de Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. E-book. KEIGHTLEY, Emily; PICKERING, Michael. *The mnemonic imagination: remembering as creative practice*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012. KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia (Orgs.). *Expansões contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

O SER MULHER E A CONSTRUÇÃO DA CONTEMPORANEIDADE MOÇAMBICANA EM NEIGHBOURS, DE LÍLIA MOMPLÉ

Letícia Alves Franzini

Resumo: A presente proposta de comunicação tem como objetivo analisar a obra *Neighbours* (1995), da escritora Lília Momplé enquanto espaço de elaboração de uma contemporaneidade moçambicana a partir de sua heterogeneidade e seus conflitos. Para isso, pretende-se abordar o conceito de contemporaneidade, estendendo-o para além da partilha de ideias e valores, explicitando seu caráter questionador e demonstrando assim como a contemporaneidade

moçambicana e sua presença na literatura se constrói a partir da retomada de elementos ligados a tradição e a oralidade, mas também a partir da utilização de formas já canônicas ligadas às metrópoles colonizadoras. Construindo, a partir disso, uma literatura que está aberta às dinâmicas do mundo e ainda assim realiza em si as multifacetadas contemporaneidades que tecem o seu espaço de desenvolvimento. Além disso, tenciona-se uma análise direcionada para as personagens femininas, buscando entender como, a partir do olhar para esses indivíduos subalternos, a autora constrói sua representação do espaço moçambicano pós independência, trazendo à tona a narrativa tanto daqueles que silenciaram quanto daqueles que foram silenciados. Por fim, também será analisada a forma como a violência se coloca como um fio condutor da narrativa, sendo representada, em larga escala, como um fator formador dessa sociedade. Como arcabouço teórico tem-se textos relacionados contemporaneidade moçambicana, como os presentes no livro *Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo de Francisco Noa*. Para a abordagem da representação do subalterno e questões feministas serão utilizados textos como *Pode o Subalterno falar?* de Gayatri Spivak e produções de autoras feministas moçambicanas. Por fim, para abordagem da violência serão utilizadas obras de autores como Michel Foucault e Achille Mbembe. Assim, pretende-se entender como Lília Momplé responde a desafiadora tarefa de recriar, através do olhar ficcional, múltiplas composições do indivíduo feminino e da sociedade moçambicana como um todo.

Referências: NOA, Francisco. *Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo*. São Paulo: Editora Kapulana, 2015. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

"LEMBRAS-TE, IRMÃO": A POÉTICA MEMORIALÍSTICA DOS TEXTOS DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Lucas Esperança da Costa

Resumo: Em meados da década de 1940, a Casa dos Estudantes do Império surgiu como um espaço de convivência, de estudos e de troca de experiências entre os estudantes das diferentes colônias portuguesas em África. Com o passar do tempo, ela se torna um dos símbolos da formação identitária, de consciencialização política e de luta e resistência ao regime colonial salazarista. Assim, buscando despertar o sentimento de pertencimento as terras africanas e o engajamento na luta anticolonial que se fazia necessária entre seus pares, muitos poetas valeram-se para memória para esse fim. Desse modo, retornavam a tempos em que a presença colonial portuguesa não existia e estabeleciam paralelos entre os tempos presente e os passados, não como forma de evadir da realidade, mas, justamente, para questionar o presente, questionar o processo colonial vigente. Ademais, é no passado, na memória que resgatam as identidades, os saberes tradicionais em busca da ancestralidade que aos poucos se perdia com os processos de aculturação. A partir de viés, este estudo baseia-se em uma análise da produção poética de alguns escritores que pertenceram a Casa dos Estudantes do Império, a fim de perceber como a memória torna-se esse elemento de construção da identidade e de consciência política. Ao mesmo tempo, analisar como a história de opressão e violência sofrida por esses povos se faz presente nos textos, com o intuito de discutir esse presente-passado colonial, de modo a libertar a consciência e causar o engajamento desses povos na luta.

Referências: MATA, Inocência. *A Casa dos Estudantes do Império e o lugar de consciencialização política*. Lisboa: UCCLA, 2015. RIBEIRO, Margarida Calafate. *Para além da memória da Casa dos Estudantes do Império*. In: CASTELO, Cláudia; JERÓNIMO, Miguel Bandeira. (Orgs.). *Casa dos Estudantes do Império: dinâmicas coloniais, conexões transnacionais*. Lisboa: Edições70, 2017. ROSINHA, Maria do Rosário; FREUDENTHAL, Aida. *Mensagem: Casa dos Estudantes do Império 1944-1994*. 2.ed. Lisboa: UCCLA, 2015.

A VOLATILIDADE ESPAÇO-TEMPORAL DOS ESTRATOS COLONIAIS EM LEITURAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO, DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E AIDA GOMES

Marcelo Brandão Mattos

Resumo: Os estudos culturais e as teorias pós-coloniais são ancoradouros para análises de obras ficcionais de autores representativos de nações que lutaram por independência e soberania, contra o poder colonial, cujos produtos culturais subsistem em espaços de fronteira entre a tradição local e a modernidade europeia, conforme os define o teórico indiano Homi Bhabha. Os estratagemas coloniais, no entanto, não se limitam no tempo e no espaço. No que tange à extrapolação temporal, há célebres contribuições de teóricos contemporâneos, como Walter Dignolo e Aníbal Quijano, que apontam a sobrevivência de uma “colonialidade” que preserva os estatutos coloniais para além do momento de domínio político do colonialismo. Há, contudo, a possibilidade de se pensar transposições dos estratos coloniais para outros espaços, admitindo-se uma dissipação do poder colonial que desafia os limites geográficos entre as nações – o que designamos, numa proposição teórica, por “colonialismo volátil”. Nesse sentido, dualidades do mundo colonial descritas por Fanon – como privilegiados e subalternizados, opressores e oprimidos, intolerantes e discriminados, censores e silenciados, hegemônicos e periféricos – passam a ser parâmetros flutuantes que pautam relações de pessoas de diferentes comunidades diaspóricas, unidas pelo pacto da experiência pós-colonial. Por meio desse caminho teórico, propomos análises das obras: “Becos da Memória”, da brasileira Conceição Evaristo; “As telefones” de Djaimilia Pereira de Almeida, nascida em Angola e crescida em Portugal, autorreferida como escritora portuguesa; e “Os pretos de Pousaflores”, da autora angolana Aida Gomes.

Referências: BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In: _____. O rumor da língua. Lisboa: Edições Setenta, 1987. pp. 49-53. BHABHA, Homi. O local da cultura. Traduzido por Myriam Ávila et al., Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. CABRAL, Amílcar. A arma da teoria. Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1980. EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2017. FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968. FIGUEIREDO, Eurídice. “Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho”. In: Revista Criação & Crítica. USP, São Paulo, n. 4, abril/2010, p. 91-102. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/08CC_N4_EFigueiredo.pdf>.

Acessado em: 02/nov./2022. FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987. “GÊNERO DA AUTOFIÇÃO VIRA TENDÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA”. Correio Brasiliense, Brasília, 13 jan. 2014, 07:00. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/13/interna_diversao_arte,407518/genero-da-autoficcao-vira-tendencia-na-literatura-contemporanea.shtml>. Acesso em: 05 nov. 2022. GUZZO, Morgani. “Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira”. Portal Geledés, 29 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira>>. Acesso em: 05 nov. 2022. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. HALL, Stuart. Da diáspora – identidades e mediações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. MATA, Inocência. A mediação literária da realidade colonial: representações da realidade nas literaturas africanas em português. Revista SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 20, p. 81-93, 2º sem. 2016. MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. MIGNOLO, Walter. “Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política”. Traduzido por Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF, n. 34, 2008, pp. 287-324. QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” In: Landger, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2005. pp.227-278. SAID, Edward W. Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia das Letras, 2007. SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo:

Perspectiva, 1978. SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982. _____. O Espaço Divido – os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. TRIGO, Salvato. 2014. “A Emergência das Literaturas Africanas de expressão Portuguesa e a Literatura Brasileira” In: _____. Ensaios de literatura comparada afro-luso-brasileira. Lisboa, Vega, s.d., pp. 35-52.

A MEMÓRIA NA FICÇÃO E A FICÇÃO NA MEMÓRIA EM "SOLUÇÃO DE DOIS ESTADOS", DE MICHEL LAUB

Mauro Gabriel Morais da Fonseca

Resumo: O presente trabalho visa discutir a abordagem da memória no mais recente livro do escritor brasileiro Michel Laub, "Solução de dois estados", publicado em 2020. Num esforço de “presentificação”, como define Schollhammer (2019) acerca de uma escrita que retrata o tempo na medida em que ele transcorre, a obra reflete questões centrais para o debate público atual, contribuindo para a construção da memória do Brasil contemporâneo. No livro, Laub reúne três personagens intimamente ligados ao contexto de violência no país, refletindo sobre a formulação dos discursos de ódio, bem como sobre sua recepção tanto em contato familiar, quanto em um cenário macropolítico. Tal urgência pelo presente se dá em consonância com um “efeito de real” (BARTHES, 2004, p. 190), perseguido a todo tempo pela narrativa com seus relatos ficcionais dotados de verossimilhança. Admitindo-se o aspecto fragmentário da memória, como defende Beatriz Sarlo (2007, p. 98), é possível conceber que a escrita de ficção, o romance, compõe-se como um desses fragmentos. Não se trata, todavia, de um destino da criação artística, como assinala Sarlo, “mas de um reconhecimento exato de que a rememoração opera sobre algo que não está presente, para produzi-lo como presença discursiva” (SARLO, 2007, p. 99). “Solução de dois estados”, ainda, apropria-se do formato de um processo de criação de documentário cinematográfico, reproduzindo as entrevistas dos dois irmãos. Assim, o texto permite discutir a própria construção da memória, já que emula esse processo de seleções, apagamentos e recuperações, numa fragmentação própria da pós-modernidade e própria da memória. De acordo com Andreas Huyssen (2000, p. 19), a cultura do presente é obcecada pela memória da mesma forma como teme o esquecimento, argumento central na narrativa de Laub.

Referências: BARTHES, Roland. O rumor da língua. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. LAUB, Michel. Solução de dois estados. São Paulo: Companhia das Letras, 2020 RESENDE, Beatriz. Contemporâneos – expressões da literatura no século XXI. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra /FBN, 2008. SARLO, Beatriz. Tempo passado - cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

"ERGUER A VOZ": A ESCRITA DE JARID ARRAES COMO UM PROJETO DE COSTURA ESTÉTICO-POLÍTICA

Maximiliano Gomes Torres

Resumo: Em “A consagração do instante”, capítulo do conhecido O arco e a lira (1984), o ensaísta Octavio Paz reflete acerca da potencialidade da palavra poética como uma expressão social inseparável de outras manifestações históricas. Para o poeta mexicano, um texto é a “mediação entre a experiência original e um conjunto de atos e experiências posteriores, que só adquirem coerência e sentido com referência a essa primeira experiência que o poema consagra” (PAZ, 1984, p. 227). Tal concepção ilustra uma capacidade intrínseca ao objeto literário, que é a de interagir com o mundo social e extrair dele as experiências que molduram sua confecção. Ainda de acordo com Paz, “o poeta não escapa à história, ainda quando a nega ou a ignora” (PAZ, 1984, p. 230). De todo

modo, chama-nos atenção, porém, quando essa história é não apenas ignorada, mas também contada por uma perspectiva hierarquizada e excludente, que, por certo, apaga vivências e induz as narrativas a caminhos outros que não o das multiplicidades. Nesse sentido, esta comunicação se propõe discutir a produção da cearense Jarid Arraes que, num enfrentamento aos racismos e machismos estruturais e institucionais, recupera, em prosa e verso, retalhos de histórias de um grupo social, construindo um mosaico literário no qual se erguem vozes de mulheres negras, de ontem, de hoje e de amanhã. Em sua poética de “olhar oposicional”, num diálogo com as propostas de bell hooks, reforça a necessidade de novos olhares sobre o passado, bem como de novos direcionamentos de lutas coletivas para o futuro, não apenas como uma forma de rever situações ou eventos. É a consciência, então – e a representação dessa consciência –, o melhor caminho para que vários caminhos sejam trilhados rumo à busca por direitos e espaços de escuta.

Referências: HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. HOOKS, bell. *O olhar opositivo: a espectadora negra*. Fora de quadro. Trad. Carol Almeida. Disponível em <https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>, acesso em 01 de out. de 2021. PAZ, Octavio. *A consagração do instante*. In:--- *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 225-266.

HOMENS DE MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS ENCOBERTOS: A FICCIONALIZAÇÃO DO PÓS-25 DE ABRIL EM QUANDO OS CRAVOS VERMELHOS CRUZARAM O GEBÁ, DE TONY TCHEKA

Michael de Assis Lourdes Weirich

Resumo: Marionetes de um regime? Inimigos da nova ordem política? Sobre os comandos africanos da Guiné, o que se sabe? Em tese, para os revolucionários de abril, um incômodo; para a Guiné independente, os traidores da luta de libertação. Independente disso, do ponto de vista dos estudos pós coloniais, viabilizar a escuta de diferentes vozes testemunhais é uma forma de incorporar novos contributos e interrogações às narrativas já contadas, bem como torna possível o desmonte das polaridades criadas pela discursividade colonial. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar, a partir do livro *Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba* (2020), de Tony Tcheka, as micronarrativas dos africanos incorporados ao exército português durante a guerra colonial/de libertação. Nos “contos-ensaios” que compõem a obra, são postos em cena os guineenses que combateram ao lado dos portugueses em tropas especiais esforçadas na contra-independência. Nesse sentido, pode-se dizer que, por meio da mudança ontológica elaborada pelo autor, que desloca o evento histórico para a narrativa ficcional, são percebidos e problematizados testemunhos que representam a fala de um grupo ainda silenciado. Trata-se, portanto, de narrativas que vêm arranhar a História, apresentando um relato contrário ou complementar envolvendo o pós-25 de Abril. Assim, a história não escrita é (re)elaborada pelo escritor, tornando possível, por meio da literatura, um novo olhar sobre as narrativas oficiais que Portugal e a Guiné-Bissau decidiram contar sobre si.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Tradução de Jacy Seixas. Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2019. ARAÚJO, Maria Paula Nascimento & SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *História, memória e esquecimento: Implicações políticas*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79 | 2007, 95-111. BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998. BRUGIONI, Elena. *Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019. ECO, Umberto. *Construir o inimigo e outros ensaios ocasionais*. Tradução de Elaina Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2021. FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice,

1990. HALL, Stuart. Cultura e representação. Org. e revisão técnica Arthur Ituassu; tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; Apicuri, 2016. HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução de André Cechinel. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. LE GOFF, J. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. MARCELINO, Valentina. Colonialismo. Comandos africanos nas Forças Armadas Portuguesas. Histórias de abandono e traição. Diário de Notícias, Lisboa, 29 de setembro de 2021. Política. Disponível em: < <https://www.dn.pt/sociedade/comandos-africanos-nas-forcas-armadas-portuguesas-historias-de-abandono-e-traicao-14170942.html>>. MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018. MBEMBE, Achille. Políticas de inimizado. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1, 2020. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). Catástrofe e representação: ensaios. Tradução de Cláudia Valladão de Mattos. São Paulo: Escuta, 2000. RIBEIRO, António de Sousa (Org.). Representações da violência. Coimbra: Almedina, 2013. RODRIGUES, Fátima da Cruz. Antigos combatentes africanos das Forças Armadas Portuguesas: a guerra colonial como território de (re)conciliação. 2012, 349 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Coimbra, Coimbra. RODRIGUES, Sofia da Palma. "Por ti Portugal, eu juro!": memórias e testemunhos dos comandos africanos da Guiné (1971-1974). 2021, 230 p. Tese (Doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global). Universidade de Coimbra, Coimbra. TCHEKA, Tony. Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba. Vila Nova de Famalicão: Editorial Novembro, 2020.

AS SEMENTES DA LIBERDADE PLANTADAS POR MANUEL DOS SANTOS LIMA

Renata Flavia da Silva

Resumo: As sementes da liberdade é o primeiro romance publicado pelo angolano Manuel dos Santos Lima, em 1965. Dez anos depois, o autor publica As Lágrimas e o vento, de 1975. Em 1984, seu terceiro romance, Os anões e os mendigos, vem a público. Entre as obras menos que os anos que as separam, mais significativas são as diferenças de posicionamento e filiação aos ideais propostos pelo então Movimento Popular de Libertação de Angola. As diferentes temporalidades exploradas nas obras retratam e exemplificam as complexas relações de fidelidade orquestradas na literatura angolana desde os fins da primeira metade do século XX, período marcado pela luta anticolonial, até a contemporaneidade, na qual tais representações do outro, inimigo ou amigo, se fragmentam em múltiplas nuances problematizadoras das novas relações entre poder político e literatura. É nosso interesse, portanto, acompanhar tais modificações nos regimes de alteridade verificados nas três obras escritas por Santos Lima, produzidas em diferentes contextos históricos e políticos, antes e após a libertação de Angola. A problematização dos diferentes regimes de alteridade indicados pelo autor e suas relações com o poder político vigente, assim como o papel da representação na construção das relações de alteridade e poder, fundamentam-se nos estudos propostos por Linda Hutcheon e Stuart Hall; além dos estudos feitos por Umberto Eco e Achille Mbembe acerca da construção do inimigo ou da perpetuação de regimes totalitários, dentre outros.

Referências: ECO, Umberto. O fascismo eterno. 5ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2019. ECO, Umberto. Construir o inimigo e outros escritos ocasionais. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2021. HALL, Stuart. Cultura e representação. Org. e revisão técnica Arthur Ituassu; trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; Apicuri, 2016. HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. 2ª ed. Trad. André Cechinel. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013. LIMA, Manuel dos Santos. As sementes da liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. LIMA, Manuel dos Santos. As lágrimas e o vento. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2004a. LIMA, Manuel dos Santos. Os anões e os mendigos. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2004b. MBEMBE, Achille. Políticas da inimizado. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2020.

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS EM BIOGRAFIA DO LÍNGUA, DE MARIO LUCIO

Renato dos Santos Pinto

Resumo: O romance BIOGRAFIA DO LÍNGUA, do cabo-verdiano Mario Lucio, toma como ponto de partida a biografia do ex-escravo cubano Esteban Montejo e, como mote, o clássico AS MIL E UMA NOITES. Afinal, tal como Sherazade, seu narrador, condenado à morte, se vale de uma longa história para se salvar. O narrador rompe com o tempo histórico e cronológico ocidentais, medidos por calendário e relógio, e propõe um pacto temporal com sua própria história ficcional. Logo de início, arrasta por diversas páginas a biografia de uma criança de apenas sete meses e, já no final, descreve o período que vai do início do capitalismo até os dias atuais em apenas algumas linhas. Além do tempo, a espacialidade também ocupa lugar central em sua narrativa, principalmente em relação à nação de Falésia, criada durante a própria narrativa. A história é contada em dois planos: o presente do narrador e o da vida de sua personagem, o Língua. O objetivo desta comunicação é explorar a temporalidade e espacialidade na narrativa, estabelecendo diálogos com clássicos, como AS CIDADES INVISÍVEIS, de Calvino, e FAUSTO, de Goethe, entre outros. Também pretendemos realizar uma comparação entre a Falésia, gestada na própria narrativa, e Cabo Verde, país de origem de seu autor.

Referências: SOUSA, Mario Lucio. Biografia do língua. Rio: Livros de criação: Imã editorial, 2019. LARANJEIRA, Pires. Literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Cia das Letras, 1990. GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto. São Paulo. Martins Claret, 2016.

RESISTÊNCIAS COTIDIANAS AO SALAZARISMO: MEMÓRIAS (NEM TÃO) COMUNS NA PEÇA "ESTA É A MINHA HISTÓRIA DE AMOR"

Roberta Guimarães Franco Faria de Assis

Resumo: A companhia de teatro Hotel Europa, formada por André Amálio (Portugal) e Tereza Havlířková (República Checa), tem desenvolvido desde 2015 uma série de espetáculos de teatro documental acerca da história recente de Portugal, do período do Estado Novo e seus desdobramentos contemporâneos. As produções partem de pesquisas documentais, leituras de referenciais bibliográficos e, sobretudo, de entrevistas, fazendo com que memórias vivas, testemunhos diretos, sejam incorporados ao processo de diálogo que os espetáculos estabelecem entre passado e presente. A peça “Esta é a minha história de amor”, que esteve em cartaz entre março e abril de 2022 no Teatro Dona Maria II, em Lisboa, levou para o palco relações amorosas que se construíram, se reinventaram ou foram interrompidas durante os anos do Estado Novo, afetadas diretamente pelas atividades políticas clandestinas que os casais exerciam como forma de resistência ao fascismo português. Para além do texto conduzido por André Amálio, em diálogo direto com o público, a peça convoca ao palco, presencialmente ou por vídeo, pessoas que contam suas próprias histórias de amor e resistência. Portanto, este trabalho, parte do projeto “O cotidiano como memória coletiva: perspectivas do micro nas narrativas de língua portuguesa”, pretende discutir o diálogo proposto em cena entre as memórias histórica/arquivística/pública acerca do Estado Novo e as memórias privadas, por meio do uso documental e da participação efetiva de testemunhas em cena, compreendendo a montagem do espetáculo a partir da ideia de “ato de restituição”, de Didi-Huberman.

Referências: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. BENJAMIN, Walter. Passagens. Organização: Willi Bole. Tradução: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2018. DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010. _____. A sobrevivência dos vaga-lumes. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. _____. Quando as imagens tomam posição (O olho da história, I). Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. _____. Remontagens do tempo sofrido (O olho da história, II). Tradução: Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. DIDI-HUBERMAN, Georges. Devolver uma imagem. In: ALLOA,

Emmanuel (org.). Pensar a imagem. Tradução: Carla Rodrigues (coord.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 205-225. COMPAGNON, Antoine. O trabalho da citação. Tradução: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. _____. Limiar, aura e rememoração. Ensaio sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014. GIL, José. Portugal, hoje: o medo de existir. Lisboa: Relógio d'água, 2008. GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Editora EDUFSC, 2013. LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. LOURENÇO, Eduardo. O labirinto da saudade. Lisboa: Gradiva, 2009. ROSAS, Fernando. Salazar e o Poder: a arte de saber durar. Lisboa: Tinta da China, 2012. SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

ESTILHAÇOS DO IMPÉRIO: A MEMÓRIA COLONIAL NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Silvio Renato Jorge

Resumo: Esta comunicação pretende discutir a forma como a literatura contemporânea recupera as marcas do colonialismo português presentes no espaço físico das cidades (monumentos, nomes de logradouros, edifícios). De certa forma, buscará apontar como uma certa sintaxe do espaço público português reverbera ecos do período colonial, funcionando não apenas como memória de uma época de conquistas, mas, principalmente, como uma assinatura ideológica que, originada em séculos anteriores, se tornou mais forte a partir do Estado Novo. Interessa entender o impacto que a representação literária desses espaços estabelece na construção do conjunto literário, reforçando ou amenizando nele a presença de uma percepção crítica do longo processo autoritário vivido por toda a sociedade. Da construção das novas avenidas e da ponte 25 de Abril (durante o período, nomeada como Ponte Salazar) à valorização de determinados monumentos históricos existentes no país, o regime soube construir em torno de si uma aura de grandeza marcadamente conservadora e ideologizada, o que será percebido pelos textos literários que, de forma crítica, acionam elementos capazes de interrogar tais sentidos, para problematizar de modo marcante não apenas a ditadura salazarista como um todo, mas o próprio imaginário colonialista por ela apropriado. Para o espectro dos textos literários analisados, serão considerados autores que produziram sua obra tanto durante o Estado Novo quanto após o seu término.

Referências: BAILLY, Jean-Christophe. A frase urbana: ensaios sobre a cidade. Trad. André Cavendish e Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. CESARE, Donatella di. Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração. Trad. Cezar Tridapalli. Belo Horizonte; Veneza: Âyinê; Trotzdem, 2020. DOMINGOS, Nuno; PERALTA, Elsa (orgs.). Cidade e império: dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2013. PALLASMAA, Juhani. Habitar. Trad. Alexandre Salvaterra e Ana Beatriz Fiori. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. RIBEIRO, Margarida; NOA, Francisco (orgs.). Memória, cidade e literatura. Porto: Afrontamento, 2019.

NA TERRA DOS OUTROS: GAROTAS, MULHERES E OUTROS

Simone Pereira Schmidt

Resumo: Como se articulam memória e História na experiência das personagens imigrantes? Como se descreve o percurso que realizam, desde seus países africanos de origem, em direção às promessas de acolhimento e prosperidade em terras do chamado Primeiro Mundo? Que motivações as trazem aos países considerados desenvolvidos, o que buscam encontrar e o que efetivamente encontram? Algumas dessas perguntas pretendem guiar minha leitura, em perspectiva comparada, de romances assinados por autoras de origem africana, residentes em países europeus e nos EUA. Escolho abordar, em contraponto, os romances Os pretos de Pousaflores (2011), da escritora

angolana Aida Gomes e Garota, mulher, outras (2019), da britânica de origem nigeriana Bernardine Evaristo, além do livro de contos *No seu pescoço* (2009), da renomada autora nigeriana, radicada nos EUA, Chimamanda Ngozi Adichie. Através dessas leituras cruzadas, pretendo discutir como percursos diversos de trânsito de pessoas dos países africanos em direção às antigas metrópoles coloniais, ou às sedes do poder geopolítico contemporâneo, acabam por revelar aos leitores sujeitos com motivações e expectativas que, embora diversas, encenam alguns aspectos cruciais da experiência migratória, especialmente aquelas ligadas às questões de classe, raça e gênero. Nesse sentido, algumas temáticas como as da violência, do racismo, da exclusão e da reificação do corpo feminino, serão objeto de debate.

Referências: MORRISON, Toni. *A origem dos outros. Seis ensaios sobre racismo e literatura*. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

DAS APROXIMAÇÕES, UMA LEITURA DE "O MANUAL DOS INQUISIDORES" E "QUE CAVALOS SÃO AQUELES QUE FAZEM SOMBRA NO MAR?", DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES

Thaíla Moura Cabral

Resumo: A comunicação a ser apresentada propõe-se a tecer aproximações entre os romances *O manual dos inquisidores* (1996) e *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?* (2009), do consagrado escritor português contemporâneo António Lobo Antunes. Nas obras referidas, há personagens assombradas pelas imagens traumáticas que sobrevivem em sua memória; governantas desamparadas que amparam e sustentam as famílias em ruínas; embates entre patroas e empregadas; a ausência ou omissão da figura paterna; filhos problemáticos, despedaçados e solitários. Pretende-se analisar, principalmente, além da temática da rasura dos afetos, determinadas imagens obsessivas relacionadas ao medo (oriundo da infância) e à morte (tendo em vista a presença de personagens que dão ares de estar mortas e vivas concomitantemente). Além disso, será ressaltada a singularidade da escrita do autor - um escritor consciente dos processos narrativos de construção dos textos por meio de evidências não explícitas e explícitas. Se, no primeiro romance, temos um autor escamoteado que colhia/inquiria os depoimentos dos personagens, no segundo, encontramos o que Diana Navas (2016) chama de "autor de autores", ou seja, a presença de um António Lobo Antunes personagem em constante diálogo e discussão com outras figuras do enredo sobre o ofício da escrita, capaz de evidenciar uma espécie de projeção biográfica na ficção. Com isso, tentar-se-á averiguar o desdobramento do discurso crítico do autor perante a construção literária dos livros pertencentes, respectivamente, ao ciclo do poder (*O manual dos inquisidores*) e ao ciclo do silêncio (*Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?*), o que pode levar à possível conclusão de que o exercício do poder - autoritário e violento - culmina em silêncios ainda mais aterrorizantes. Para tanto, serão utilizados como suporte teórico os apontamentos de Didi-Huberman (2013), Rancière (2021), Safatle (2021), Faria (2021), Warrot (2013), Navas (2016), Perrone-Moisés (2016), entre outros.

Referências: ANTUNES, António Lobo. *O manual dos inquisidores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. _____. *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. BYLAARDT, Cid Ottoni. *A tormenta da escrita – uma leitura do romance O manual dos inquisidores*. In: SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 261-274, 1º sem. 2001. COELHO, Eduardo Prado. *Sobre O Manual dos Inquisidores*. In: ARNAUT, Ana Paula. António Lobo Antunes. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009. p. 184-187. DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem-fantasma: sobrevivência das formas e impurezas do tempo*. In: *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 11-103. _____. *A imagem-sintoma: fósseis em movimento e montagens de memória*. In: *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 243-450. FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. *A Lisboa disfórica de António Lobo Antunes em "Caminho como uma casa em chamas": corpos desamparados e*

consciências dilaceradas. In: Ida Alves; Eduardo Cruz (Org.). Paisagens em movimento: Rio de Janeiro & Lisboa, cidades literárias. 1. ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2021, v. 3, p. 205-219. GIL, José. Fechamento e linhas de fuga em Lobo Antunes. In: CAMMAERT, Felipe (org.). António Lobo Antunes: a arte do romance. Lisboa: Texto Editores, 2011, p. 157-170. KEHL, Maria Rita. Introdução – por que articular ética e psicanálise. In: Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 7-38. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. NAVAS, Diana. O escritor imaginário em António Lobo Antunes: encenações da escrita e autorrepresentação. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura. São Cristóvão: UFS, v. 26, set-dez, p. 151-166, 2016. RANCIÈRE, Jacques. As margens da ficção. Tradução: Fernando Scheibe. São Paulo: Editora, 34, 2021. _____. O inconsciente estético. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora, 34, 2009. SAFATLE, Vladimir. Introdução. In: . O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 13-31. SEIXO, Maria Alzira. Os romances de António Lobo Antunes. Lisboa: Dom Quixote, 2002. _____. et al. Dicionário da obra de António Lobo Antunes. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da moeda, 2008a. 1 v. _____. et al. Dicionário da obra de António Lobo Antunes. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da moeda, 2008b. 2 v. _____. As várias vozes da escrita. In: ARNAUT, Ana Paula. António Lobo Antunes: a crítica na Imprensa 1980-2010 – cada um voa como quer. Coimbra: Almedina, 2011, p. 159-163. STEFANELLO, Camila. O romanesco da discordância em António Lobo Antunes. 2021. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2021. WARROT, Catarina Vaz. Chaves de escrita e chaves de leitura nos romances de António Lobo Antunes. Lisboa: Texto Editores, 2013.

AS MULHERES DO IMPERADOR, DE UNGULANI BA KA KHOSA - MEMÓRIAS CRITICAMENTE FABULADAS, HISTÓRIAS POSSÍVEIS

Vanessa Ribeiro Teixeira

Resumo: “A História é uma ficção controlada”. A máxima da escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís norteia a presente investigação sobre o romance As mulheres do imperador, do ficcionista moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. A referida narrativa concorre para dismantlar o discurso propagado sobre os destinos do último imperador de Gaza, Ngungunhane, e de suas esposas, aprisionados e exilados pelo Estado colonial português no final do século XIX. Esse discurso oficial, pautado por uma política de silenciamento, atendia “perfeitamente” às estratégias coloniais de apagamento da memória e da subjetividade do colonizado. Na obra de Khosa, além do desafio ao silenciamento, somos surpreendidos pela criação de outras possibilidades para a escrita de Moçambique enquanto nação. Essas possibilidades tanto rasuram o colonial quanto tencionam determinações identitárias nacionalistas do pós-independência, numa atitude condizente com o esgarçamento proposto pela ficção pós-colonial (MATA, 2000). Outra intenção deste trabalho é mostrar como a recriação ficcional da história de contextos outrora colonizados, erigida a partir daquilo que “poderia ter sido”, de forma a preencher as lacunas e os silêncios das narrativas oficiais, pode ser lida à luz do exercício de “fabulação crítica”, proposto pela historiadora Saidiya Hartman (2020), para quem os vazios das vidas pretas nos arquivos da história eurocêntrica podem ser preenchidos não com aquilo que é falso, mas com aquilo que não pode ser comprovado, o que é uma maneira de existir.

Referências: GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2012. HARTMAN, Saidiya V. Vênus em dois atos. Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640/pdf. Acesso em: 1 jun. 2021. HARTMAN, Saidiya. Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo Editora, 2022. KHOSA, Ungulani Ba Ka. Gungunhana; Ualalapi; As mulheres do imperador. São Paulo: Kapulana, 2018. LEITE, Ana Mafalda. Cenografias pós-coloniais & Estudos sobre literatura moçambicana. Lisboa: Edições Colibri, 2018. MATA, Inocência. O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. Texto

apresentado no X Congresso Internacional da ALADAA (Associação Latino- Americana de Estudos de Ásia e África) sobre CULTURA, PODER E TECNOLOGIA: África e Ásia face à Globalização – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro – 26 a 29 de outubro de 2000. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033274/mod_resource/content/1/MATA%2C%20Inocência%20-%20O%20pós-colonial%20nas%20literaturas%20africanas.pdf Acesso em: 06/01/2022. MBEMBE, Achille. Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. MOTEN, Fred. A resistência do objeto: o grito de tia Hester. Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27542/pdf. Acesso em: 1 jun. 2021. MOTEN, Fred. Ser prete e ser nada (misticismo na carne). In: BARZAGHI, Clara, PATERNIANI, Stella Z., ARIAS, André (organizadores). Pensamento Negro Radical. São Paulo: Crocodilo; N-1 Edições, 2021. TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. Ualalapi e As mulheres do Imperador: Ungulani Ba Ka Khosa no “corpo a corpo com a história moçambicana. In: LEITE, Ana Mafalda, BERGAMO, Edvaldo A., CANEDO, Rogério (organizadores). A permanência do romance histórico: literatura, cultura e sociedade. São Paulo: Intermeios, 2021.

EIXO 8

Tradução como arte
do (des)encontro



SIMPÓSIO “CONEXÕES E DESENCONTROS: ARQUIVOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA”

Coordenadores: Cláudia Tavares Alves (UFJF), Elena Santi (UFJF) e Patricia Peterle (UFSC)

SUCESSO TEATRAL E TIMIDEZ EDITORIAL: DARIO FO E FRANCA RAME TRADUZIDOS NO BRASIL

Amanda Bruno de Mello

Resumo: Na década de 1980, Dario Fo foi um dos autores estrangeiros mais montados na cidade de São Paulo (MATE, 2011), junto com Beckett e Brecht. Segundo registros do MusALab – Museu Archivio Laboratorio Franca Rame Dario Fo, de 1980 a 2020 houve pelo menos 247 temporadas de peças de Fo e de Franca Rame em teatros brasileiros, das quais participaram importantes nomes do teatro nacional, seja como atores, seja como diretores. Esse sucesso teatral, é claro, só foi possível graças a um esforço tradutório consistente: há pelo menos 26 textos do casal de dramaturgos traduzidos para o português brasileiro (MELLO, 2022), muitos deles disponíveis no acervo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. A variedade de material disponível em português, porém, não corresponde a uma proficiência editorial: há apenas dois livros de peças de Fo e Rame no Brasil: *Morte acidental de um anarquista* e outras histórias subversivas (as outras histórias são “O primeiro milagre do menino Jesus” e “História da Tigresa”), com tradução de Maria Betânia Amoroso (Brasiliense, 1986) e *Mistero Buffo*, com tradução de Neyde Veneziano (Sesi, 2016). Além deles, o monólogo “Uma mulher só”, traduzido por Ana Maria Chiarini e Julianete Azevedo, foi publicado na antologia *Teatro e tradução de teatro* (Relicário, 2019). A realidade brasileira destoava bastante da italiana, uma vez que as peças de Fo e Rame eram frequentemente publicadas no mesmo ano da estreia, e a maior parte delas foi republicada pela Einaudi em uma espécie de edição definitiva na coleção *Il teatro di Dario Fo e Franca Rame*. Este trabalho investiga os motivos desse descompasso entre sucesso teatral e timidez editorial no Brasil, refletindo sobre a recepção teatral e literária de Fo e Rame e sobre o sistema cultural brasileiro.

Referências: FO, Dario. *Mistero Buffo*. São Paulo: Sesi, 2016. Trad. Neyde Veneziano. FO, Dario. *Morte acidental de um anarquista e outras histórias subversivas*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Trad. Maria Betânia Amoroso. MATE, Alexandre. *O teatro adulto na cidade de São Paulo na década de 1980*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/y4sb2K>. Acesso em: 15 ago. 2016. MELLO, Amanda Bruno de. Entrevista com Alessandra Vannucci: Traduzindo Dario Fo. 2021. Texto não publicado. MELLO, Amanda Bruno de. *Dramaturgia da tradução: construção dramática nas traduções brasileiras das peças de Franca Rame e Dario Fo* disponíveis no acervo da SBAT. 2022. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. PALMA, Anna; CHIARINI, Ana Maria; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro (Org.). *Teatro e tradução de teatro*. Belo Horizonte: Relicário, 2019. Volume 2. PIZZA, Mariateresa. *Brasile produzioni*. 2019. Arquivo Excel. Não publicado

EMILIO VILLA E OS PARADOXOS DA TRADUÇÃO POÉTICA

Andrea Lombardi

Resumo: Gostaria de começar com um 'objeto de poesia' de Emilio Villa (1914-2003), poeta italiano apaixonado pelo Brasil, como se pode verificar em sua biografia, *Il clandestino*, publicada por Aldo Tagliaferri, seu principal comentador. Embora Villa só tenha permanecido no Brasil por pouco menos de dois anos, no começo dos anos 50, o tamanho imenso e o potencial ilimitado que Villa viu no país o cativou. Além disso, a extraordinária riqueza de flora e fauna, a presença de elementos modernos coexistindo com um passado arcaico, causou-lhe tal impacto a ponto de permanecer como uma referência nostálgica muitos anos após seu retorno à Itália. Um poema em particular, 'Mata-Borrão para Flavio Motta' (1951), testemunha seu amor pelo Brasil e seu estilo, entre expressionista e dadaísta (Haroldo de Campos fala de 'surrealismo agressivo'). Poema singular, escrito em linguagem híbrida, um idioleto cheio de possibilidades expressivas. O título 'Mata-borrão' é lúdico e o poema, dedicado ao amigo Flavio Motta. De efervescente sonoridade que capta e amplifica elementos do

'brasileiro' é a língua criada por Villa. Uma combinação de elementos constitui seu estilo nesse poema: as nasais (então, designação, requisições, fundos jogos nasais), o abafamento do final da frase, a incerteza na pronúncia das vogais e também a riqueza de citações livres de elementos diversos da rica cultura brasileira. Seria essa língua uma nova língua? Uma língua não mais portuguesa, nem brasileira? Como assinala Izabela Leal, Herberto Helder, poeta português leitor e tradutor de Villa, sublinha o paradoxo do "portuliano" de Villa, publicando outro poema em estilo análogo ao do poeta, como sendo sua própria tradução do italiano para o português, que, paradoxalmente, deixa o texto original intocado. Tal paradoxo tradutório evidenciaria não apenas a "gramática poética" de Villa mas também as aporias de toda e qualquer teoria da tradução poética.

Referências: CAMPOS, H. de. Do texto macarrônico ao permutacional. In: A operação do texto. São Paulo: Perspectiva, 1976. LEAL, Izabela. Herberto Helder e o tradutor libertino. Itinerários, Araraquara, n. 28, p.89-97, jan./jun. 2009. TAGLIAFERRI, Aldo. Il Clandestino. Sesto San Giovanni: Mim, 2016.

QUESTÕES DE INTRADUZIBILIDADE NA LITERATURA ITALIANA NO BRASIL

Andrea Peterle Figueiredo Santurbano

Resumo: Após uma análise mais pontual sobre a evolução de acessórios arquitetônicos e artigos de papelaria no cotidiano japonês, Junichiro Tanizaki, em *Em louvor da sombra*, tenta imaginar como teria sido um Oriente menos sujeitado às modas ocidentais: "[...] as alterações não se restringiriam às citadas; elas alcançariam também o nosso modo de pensar e até a nossa literatura, que então talvez não imitasse tanto a ocidental e se expandisse rumo a um mundo novo e criativo". Ora, o objetivo desta comunicação não é tanto questionar as lógicas coloniais de um domínio cultural sobre um outro, mas, menos ambiciosamente, refletir sobre como alguns traços culturais possam ficar encobertos ou sumariamente "arquivados" nos processos de tradução literária. Ou seja, objetiva-se pensar nas questões que envolvem a dialética da intraduzibilidade entre uma língua e outra, em relação a aspectos semânticos, catacrésicos ou metafóricos, em seus movimentos menos evidentes, mais do que nas marcas estilísticas mais salientes. Recuperando um estudo de Carlo Ginzburg, Giorgio Agamben, em *Signatura rerum*, cita o caso de Giovanni Morelli, que no século XIX introduziu no mundo da arte um novo método para a atribuição na pintura: não mais procurar os elementos estilísticos e iconográficos mais evidentes de um autor, mas focar nos detalhes mais insignificantes, como, por exemplo, os lóbulos das orelhas ou a forma dos dedos e das mãos, quando o controle do artista se afrouxa e afloram seus traços mais inconscientes. Da mesma forma, os verdadeiros pontos de tensão num texto podem residir nos signos verbais já incorporados numa prática linguística e cultural, sem que tenham o alarde de expressões idiomáticas mais visíveis. Trata-se, então, de "desarquivar" algumas dessas sombras escondidas que problematizam a diferença entre línguas e saberes a partir, em particular, de estudos de caso no âmbito da literatura italiana traduzida no Brasil.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum*. Trad. de P. Peterle e A. Santurbano. São Paulo: Boitempo, 2019. CASSIN, Barbara. *Elogio da tradução*. Trad. de D. Falkenback e S. Petry. São Paulo: Martins Fontes, 2022. SPIVAK, Gayatri. "Tradução como cultura". Trad. de E. Ávila e L. Schneider. *Ilha do desterro*, n. 48, p. 41-64, 2005. RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Trad. de P. Lavalle. Belo Horizonte: Editora UGMG, 2011. TANIZAKI, Junichiro. *Em louvor da sombra*. Trad. de L. Gotoda. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

TRADUÇÃO DE INTERTEXTUALIDADES NA POESIA ITALIANA CONTEMPORÂNEA

Cláudia Tavares Alves

Resumo: Partindo do pressuposto de que todo texto literário é o acúmulo de outros textos que o antecederam – "um mosaico de citações", como definiu Julia Kristeva (1974) –, é possível pensar que a intertextualidade é imprescindível enquanto parte de processos criativos, ainda que ela possa ocorrer ora mais, ora menos conscientemente. Por isso, segundo Lawrence Venuti, no que tange um texto em trânsito entre duas línguas, a intertextualidade "enables and complicates translation,

preventing it from being an untroubled communication and opening the translated text to interpretive possibilities that vary with cultural constituencies in the receiving situation" (2009). Nesse sentido, esta comunicação visa se debruçar sobre a tradução literária pela perspectiva da intertextualidade, dedicando-se em especial a exemplos que figurem explicitamente na produção poética italiana contemporânea. Pretende-se refletir sobre o quanto o reconhecimento de intertextos afeta ou não o processo tradutório e quais são os desdobramentos desse reconhecimento na recepção de textos traduzidos. A fim de elucidar tais questões teóricas a partir da prática tradutória, serão analisadas traduções para português de dois poemas italianos que remetem ao soneto de Dante Alighieri, "Guido, vorrei che tu e Lapo ed io". São eles: "Guido, io vorrei che tu e Lapo e io", da poeta contemporânea Giulia Martini, e "Mario Mieli in ciclostile: per un apprendistato frocio", do crítico e poeta Jessy Simonini. O objetivo principal será observar como a intertextualidade complexifica, em ambos os casos, o processo tradutório, revelando assim especificidades da tradução poética que perpassam as diversas camadas envolvidas neste exercício que é, antes de tudo, um gesto de leitura, interpretação e reescrita. A tradução, portanto, será entendida como um espaço de atritos que estimulam justamente o desencontro, o embate, o desconforto entre línguas e culturas, o que pode gerar, por consequência, uma possibilidade de encontro, acolhimento e recriação.

Referências: ALIGHIERI, Dante. Tutte le opere. Londres: Universidade de Oxford, 1894. KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. MARTINI, Giulia. Coppie minime. Latiano: Interno Poesia Editore, 2018. SIMONINI, Jessy. Campi di battaglia: poesie. Roma: Sensibili alle foglie, 2021. VENUTI, Lawrence. Translation, Intertextuality, Interpretation. Romance studies, v. 27, n. 3, jun. 2009.

UMA CONVERSA SEM FIM: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OFICINA TRADUTÓRIA DE GIOVANNI RABONI

Elena Santi

Resumo: Objetivo desta comunicação é apresentar uma reflexão sobre tradução e escrita poética, a partir da experiência de poeta e tradutor de Giovanni Raboni (1932-2004). Objeto de estudo será a contínua tradução de *Les fleurs du mal*, de Charles Baudelaire, obra que Raboni retraduz e publica constantemente durante mais de 25 anos, até a própria morte. Uma vez que o poeta italiano considerava a sua tradução *in fieri*, a se fazer, arquivo infinito de todas as traduções feitas e ainda por vir, e jamais definitivo, será proposta uma reflexão sobre a tradução como processo potencialmente infinito, quando entendido como diálogo, contato, reflexão sobre o outro e sobre si mesmo. Nas idas e vindas de tal processo, a tradução se configura também como momento de reflexão sobre a própria oficina poética. Sem dúvida, a constante retradução da obra baudelairiana e o trabalho sobre a própria língua poética, em Raboni, se alimentam mutuamente, numa interlocução perpétua e constante em que a voz do outro se mistura à própria, e vice-versa, por meio do contato/embate no campo da pluralidade e da dissonância, onde diferentes épocas e visões da palavra poética se chocam e se compenetraram. Nesse sentido, serão retomadas algumas considerações (Benjamin, Eco, Derrida, Cassin, entre outros) acerca do ofício do tradutor e do papel da tradução em diálogo com a figura de Baudelaire. As contínuas retraduições Rabonianas nos oferecerão, então, uma ocasião para colocar em foco algumas das possíveis relações entre leitura, tradução e escrita poética, a partir, então, dos conceitos de dissonância e pluralidade e suas implicações na poesia contemporânea.

Referências: BAUDELAIRE, Charles. I fiori del male e altre poesie. Tradução de Giovanni Raboni. Torino: Einaudi, 2014. BELOVA, Maria. Raboni traduttore di Baudelaire. In: GIRARDI, Antonio et al (a cura di). Questo e altro. Giovanni Raboni dieci anni dopo (2004-2014). Macerata: Quodlibet, 2016, p. 281-290. CASSIN, Barbara. Elogio da tradução. Complicar o universal. Tradução de Daniel Falkemback e Simone Petry. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2002. GIRARDI, Antonio et al (a cura di). Questo e altro. Giovanni Raboni dieci anni dopo (2004-2014). Macerata: Quodlibet, 2016.

NERGAARD, Siri. Teorie contemporanee della traduzione. Milano: Bompiani, 2002. RABONI, Giovanni. L'opera poetica. Milano: Mondadori, 2006.

A POESIA DE AMELIA ROSSELLI COMO ARQUIVO DA HISTÓRIA E DA CULTURA

Erica Aparecida Salatini Maffia

Resumo: A comunicação pretende apresentar a poesia de Amelia Rosselli, uma das mais significativas representantes da poesia lírica da segunda metade do século XX na Itália e quase inédita no Brasil. Recentemente sua poesia tem recebido mais atenção por parte de estudiosos e tradutores no país, mostrando-se relevante, para os estudos tradutórios, discutir sua presença e sua tradução no Brasil, sua recepção cultural e as relações que se estabelecem entre as culturas italiana e brasileira por meio da sua tradução para o sistema literário nacional e contribuindo, dessa forma, para uma maior divulgação da poesia de Rosselli e da poesia feminina italiana em geral. Pretendemos discutir de que forma essa poesia vem sendo traduzida no sistema nacional e sob quais paradigmas vem sido lida e divulgada no país, já que nos interessa pensar como a poesia de Rosselli se configura como resistência e arquivo, documento da história e da cultura, fugindo aos estereótipos de gênero que consideram a poesia produzida por mulheres apenas do ponto de vista do amor. Partimos do conceito de poesia-resistência de Bosi (1997, p. 146), para afirmar a poesia de Rosselli como forma de resistir à “falsa ordem, à barbárie, ao caos”, e pensar as relações entre poesia como arquivo literário, história e cultura, discutindo as formas em que a poesia de Rosselli elabora os traumas individuais e coletivos e resiste à desagregação e degradação impostas pela história.

Referências: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica. Arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol.1). BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1997. PACELLA, Maria. Poesia, identità e trilinguismo in Amelia Rosselli. In: Revista de Italianística, n XIV, 2006. ROSSELLI, Amelia. Variazioni belliche. Org. Emmanuela Tandello. Milano: Garzanti, 2021. ZORAT, A. La poesia femminile italiana dagli anni settanta a oggi. Percorsi di analisi testuale. Université Paris IV Sorbonne/Università degli Studi di Trieste, 2009.

ARQUIVO VITTORINI: (RE)CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO SOBRE ELIO VITTORINI A PARTIR DE PRODUÇÕES E TRADUÇÕES BRASILEIRAS

Fabiana Vasconcellos Assini

Resumo: Elio Vittorini (1908-1966) foi muito mais do que apenas um escritor italiano do século XX. Para além da escrita narrativa, ele se dedicou a inúmeros ensaios críticos e traduções, atuando também como jornalista, redator e intelectual literário e cultural. Apesar das diversas facetas de Vittorini ao longo de sua carreira, a que nos interessa neste momento é uma ainda pouco explorada nos estudos literários: seu papel como mediador cultural. Embora sem usar essa definição de modo objetivo, na Itália, a imagem de Vittorini como alguém envolvido no cenário cultural, dirigindo projetos editoriais significativos e voltados para a cultura italiana do pós-guerra (inclusive pensando numa “nova cultura”) é recorrente, especialmente nos estudos sobre a história editorial italiana do Novecentos. Não por acaso, esteve envolvido na organização e direção de três importantes e subsequentes projetos editoriais desde o fim da Segunda Guerra, todos vinculados à editora Einaudi (me refiro aqui à revista “Il Politecnico”, à coleção literária “I gettoni” e à revista “il menabò di letteratura”). Agora trazendo essa reflexão para mais perto de nós: sabemos que uma parte de sua produção literária foi traduzida para o português, e que há um certo material crítico dedicado ao escritor. Mas será que podemos – a partir do levantamento e análise desse material publicado aqui no país – delinear essa imagem de mediador, de promotor cultural italiano? Será que o percurso que Vittorini traça no cenário italiano aparece de alguma forma nas publicações brasileiras? Esta comunicação se propõe a (re)construir e a refletir a imagem de Elio Vittorini a partir de referências já publicadas no Brasil, para pensar em qual imagem desse escritor multifacetado chega, de fato, para nós.

Referências: CROVI, Raffaele. *Il lungo viaggio di Vittorini. Una biografia critica*. Venezia: Marsilio, 1998. DAROS, Romeu. *Antologia vittoriniana: a tradução como resistência ao fascismo italiano*. Revista Escrita, Rio de Janeiro, n. 17, p. 1-15, 2013. ESPOSITO, Edoardo (org.). *Il dèmone dell'anticipazione*. Cultura, letteratura, editoria in Elio Vittorini. Milano: il Saggiatore / Mondadori, 2009. GIORDANO, Caterina Francesca. *Elio Vittorini: letteratura, critica e società*. Tese de doutorado. Dipartimento de studi umanistici da Università degli Studi "Roma Tre". Roma, s/d. GUERINI, Andréia; MOYSÉS, Tânia Maria. *Retratos de escritores nas cartas de Italo Calvino: Vittorini, Pavese, Morante*. Anu. Lit., Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 32-50, 2015. VITTORINI, Elio. *Erica e seus irmãos*. Tradução e apresentação de Liliana Laganá. Ilustrações de Paulo Pasta. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2001. VITTORINI, Elio. *Conversa na Sicília*. Tradução de Valêncio Xavier e Maria Helena Arrigucci. São Paulo: Cosac Naify, 2002. VITTORINI, Elio. *Homens e não*. Tradução de Maria Helena Arrigucci. São Paulo: Cosac Naify, 2007. VITTORINI, Elio. *Sardenha como uma infância*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LITERATURAS AFRICANAS FRANCÓFONAS NO BRASIL: TRADUÇÃO, DIFUSÃO, RECEPÇÃO

Fernanda Murad Machado

Resumo: O acesso a obras de escritores africanos é ainda restrito no Brasil. Dos anos 1970 para cá, a literatura lusófona vem conquistando progressivamente um espaço expressivo, nos meios editorial, acadêmico e institucional, com um maior espaço de publicação – em editoras como Companhia das Letras, Kapulana, Malê, Foz, Língua Geral, Nandyala –, com pesquisas e a introdução da literatura africana em cursos de Letras de língua portuguesa, e com a inclusão de escritores africanos na lista de obras obrigatórias dos vestibulares de universidades públicas como UEL, UFGD, USP-Fuvest, Unicamp e Unicentro. Porém, ainda hoje pouco se traduz. Do inglês, com exceção de autores premiados internacionalmente, como os quatro ganhadores do Nobel Wole Soyinka (Nigéria), Nadine Gordimer (África do Sul), J. Coetzee (África do Sul) e Abdulrazak Gurnah (Tanzânia), ou nomes muito consagradas como o queniano Ngũgĩ wa Thiong'o e os nigerianos Chinua Achebe, Wole Soyinka e Chimamanda Adichie, poucos escritores estão disponíveis em português. No caso do francês – segunda língua de origem europeia mais difundida no continente africano, depois do inglês –, as obras integrais publicadas são particularmente escassas e pouco diversificadas. A comunicação aqui proposta tem como objetivo traçar um panorama da presença da literatura francófona africana no Brasil. Trata-se de estabelecer uma cronologia das traduções de autores e autoras da África subsaariana e do Magrebe no País, de modo a observar sua evolução ao longo das décadas. Trata-se ainda de refletir sobre a questão da recepção e da difusão e, em particular, de analisar como o paratexto dessas obras traduzidas dialoga com as condições sócio-histórico-culturais dos diferentes contextos em que foram publicadas.

Referências: SILVA, Fernando Correia da (org.). *Maravilhas do Conto Africano*. São Paulo: Editora Cultrix, 1962. COURI, Norma. "As sete vidas de Fernando". In: *Observatório da Imprensa*, nº 808, 23 de julho de 2014. MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. "A literatura de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e o problema da língua". In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP*, nº8, 1985, pp. 65-76. PADILHA, Laura Cavalcante. "O Ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento". In: *Revista Magistro*, nº1. Rio de Janeiro: Unigranrio, 2010. PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. "O Ensino e a Pesquisa sobre África no Brasil e a Lei 10.639". In: Gladys Lechini. (org.). *Los estudios afroamericanos y africanos en America Latina: herencia, presencia e visiones del otro*. Buenos Aires: Clacso, 2008, p. 253-276. SOUZA, Joseneida Mendes Eloi de, "Trajetórias das literaturas africanas no Brasil: pensando a questão editorial". In: *Inventário*. Revista dos estudantes do programa de pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, nº8, 2011. SOUZA, Joseneida Mendes Eloi de; RIBEIRO, Fátima Maia. "Legitimação das literaturas africanas no Brasil". In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciência Sociais. Diversidades e (Des)igualdades, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2011. http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308346803_ARQUIVO_TextoConla b.pdf (última consulta em 07/07/2015).

RECEPÇÃO E TRADUÇÃO: UMA CARTOGRAFIA DE ELSA MORANTE

Helena Bressan Carminati

Resumo: É num aproximar-se do outro que o processo de tradução se dá, pois enquanto um meio-caminho, seu espaço é de contato e passagem entre uma cultura e outra. O que obras traduzidas nos dizem? Há um gosto da cultura que recebe um livro estrangeiro? O que me parece evidente, de antemão, é a importância do fazer tradutório enquanto movimentador e articulador de diferentes línguas e pensamentos. Nesse sentido, estudar a literatura italiana traduzida no Brasil é dar-se conta de espaços de não-contato, de passagens que se fazem entrecortadas. Me refiro a escritora romana Elsa Morante, que nascida em 1912, passa a escrever, já adulta, contos e fábulas que, em um primeiro momento, são publicados sob os pseudônimos masculinos Antonio Carrera e Renzo Diodati, pois facilitavam sua aceitação. Investigar sua produção literária é deparar-se com um corpus que chega até o Brasil com um recorte específico e reduzido de publicações. Atualmente, apenas três de suas obras são traduzidas, dentre elas estão: *A História*, publicada a primeira vez em 1978, *A ilha de Arturo* lançada mais de 20 anos depois, em 2003 e por fim, a mais recente coletânea de ensaios, publicada em 2017, *Pró ou contra a bomba atômica*. Seus outros livros, *Il gioco segreto*, *Aracoeli*, *Menzogna e sortilegio*, *Alibi*, *Lo sciale andaluso*, *Il mondo salvato dai ragazzini* parecem ter sido esquecidos pelo mercado editorial brasileiro. A partir do desarquivamento dessas obras o desejo é que esta comunicação seja um espaço para reflexão da obra moranteana no Brasil, ao questionar de que forma se dá sua circulação. Qual Elsa Morante encontramos do lado de cá do Atlântico? Caminhando, assim, a partir do levantamento das traduções existentes e uma pesquisa em acervos de jornais e revistas, proponho criar uma espécie de cartografia da autora, observando seus movimentos e traduções em terras brasileiras.

Referências: MORANTE, Elsa. *A História*. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. São Paulo: Círculo do Livro, 1981. _____. *Menzogna e sortilegio*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1948. _____. *Pro o contro la bomba e altri scritti*, a cura di Cesare Garboli. Milano: Adelphi, 1987 SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Tradução como cultura. *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, n. 48, p. 41-64, 2005.

POESIA E TRADUÇÃO COMO VIAS DE ENCONTRO: A ESCUTA DO OUTRO QUE SE FAZ RESSOAR

Júlia Bellei Xavier

Resumo: Partindo da definição de “língua morta” proposta pelo crítico Gianfranco Contini e retomada por Giorgio Agamben no cerne de uma perspectiva que vislumbra ecos de uma outra língua (o latim), para além do italiano, na língua poética de Giovanni Pascoli, esta comunicação visa sugerir reflexões acerca das possíveis tangências entre poesia e tradução na obra do romagnolo. Ademais, considerando as trilhas sonoras pré-verbais que o autor traduz em seus poemas, as reflexões tencionadas serão conduzidas à escritura de Mariangela Gualtieri, que, ao recobrar o conceito pascoliano de “voci di tenebra azzurra”, evidencia, em suas produções, novas possibilidades para que a poesia configure espaços porosos e disponíveis à reverberação dessas vozes de escuridão azul. Sob esse ângulo, pretende-se enfatizar as confluências do tradutor e do poeta, o qual, como sugere Cicero — retomando Hugh Kenner — traduz para introduzir na língua alguma nova possibilidade (CICERO, 2012). Nessa ótica, importa salientar ainda que a tradução é contemplada mais de um ponto de vista abstrato do que concreto, adquirindo relevo a sua potencialidade de “dar voz ao outro, [...] ao que está em outra margem da cultura, ou aquele que já não está mais aqui” (BELLEI, 2020). Dessa maneira, fragmentos de composições dos escritores referidos serão analisados — com base, sobretudo, nas proposições filosóficas de Agamben — para trazer à baila a inquietação que, análoga à do gesto tradutório, atravessa a poesia para acolher o estrangeiro e a pluralidade de línguas e vozes que esse acomoda. Assim, vale acentuar que, nesse encaminhamento, a tradução representa um fio condutor da pesquisa a ser apresentada na medida em que é entendida não só como trânsitos e contatos linguísticos, mas também como uma forma de acolher a voz do outro, uma alternativa para enriquecer a própria voz poética e para alargar os itinerários da poesia.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Pascoli e il pensiero della voce (saggio introduttivo a Giovanni Pascoli). In: PASCOLI, Giovanni. Il fanciullino. Milano: Feltrinelli, 1982. p. 7-21. BELLEI, Júlia. Épocas, cosmogonias, perfeições precárias: os deslizamentos da obra de Fabio Pusterla em Argéman: antologia poética, v. 2, n. 11, nov. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230108>. Acesso em: 12/01/2023. CICERO, Antonio. Poesia e filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. CONTINI, Gianfranco. Il linguaggio del Pascoli. In: CONTINI, Gianfranco. Varianti e altra linguistica. Torino: Einaudi, 1970. p. 219-245. GUALTIERI, Mariangela. Voci di tenebra azzurra. Direção: Cesare Ronconi. Cesena: Teatro Valdoca, 2014. PASCOLI, Giovanni. Canti di Castelvecchio. Ariccia: Legatoria del Sud, 2006.

TRADUÇÃO DE CARTAS E POESIA - UMA CONEXÃO EM AMALIA GUGLIELMINETTI

Laura Cristhina Fiore Ferreira

Resumo: Amalia Guglielminetti, poeta que teve certo destaque durante o início do século XX, principalmente em Turim, e que em 1907 já havia publicado dois livros de poesia, tomou a iniciativa de naquele ano enviar a Guido Gozzano, que acabara de lançar seu primeiro livro de poemas e buscava um reconhecimento maior, seu segundo livro, *Le vergini folli*, recém publicado, juntamente com uma carta. A partir daí os dois poetas passaram a se corresponder, e isso resultou em um relacionamento amoroso. Foi durante o período compreendido entre 1907 e 1909 que Guglielminetti escreveu os poemas que culminaram no livro *Le seduzioni*, publicado em 1909. Podemos encontrar em vários poemas elementos que demonstram a influência sofrida com esse envolvimento com Gozzano, de forma que não é possível traduzir e estudar a obra de Guglielminetti sem levar em consideração a correspondência entre os dois poetas. Segundo Diaz (DIAZ, José-Luiz. *Qual genética para as correspondências?*, 2007), a carta é o testemunho da gênese de uma obra literária, onde ela funciona como laboratório ou caixa registradora, diário da obra, bisturi postal até, onde o autor experimenta, descreve, explica, comenta o seu trabalho. Com base nisso, pretendemos nesta comunicação apresentar a tradução da correspondência entre Guglielminetti e Gozzano de modo a buscar elementos que nos conectem às poesias incluídas na primeira parte da obra *Le seduzioni*, trazendo, assim, possibilidades de tradução das poesias. Por conta da delimitação de tempo, focaremos especificamente na poesia *Lettere Intime* e nas cartas que nos remetem a ela.

Referências: BRITTO, P.H. A tradução literária, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012 CAMPOS, H. "Da tradução como criação e como crítica", in CAMPOS, H. *Metalinguagem & outras metas*, São Paulo: Perspectiva, 1992. DIAZ, B. O gênero epistolar ou o pensamento nômade, São Paulo: Edusp, 2016 DIAZ, José-Luiz. "Qual genética para as correspondências?", in *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, n. 15, 2007 FALEIROS, A. Traduzir o poema. São Paulo: Ateliê, 2012. GUGLIELMINETTI, A. *Le vergini folli*, Torino-Roma: Sten, 1907 _____. *Le seduzioni*. Torino: Lattes, 1909 _____. *L'insonne*. Treves, 1913 _____ e GOZZANO, G. *Lettere d'amore*, Milano: Garzanti, 1951. HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*. São Paulo: Edusp, 2016 LARANJEIRA, M. "Sentido e significância na tradução poética, in *Revista de Estudos Avançados*, vol. 26, n. 76, 2012, p.29/37

BESTIÁRIOS ITALIANOS E OUTROS NO BRASIL.

Lucia Wataghin

Resumo: Animais em versos e prosas na literatura, em modernos bestiários ou em ordem esparsa, de acordo com as paixões ou idiosincrasias dos autores: imenso(s) arquivo(s) contendo obras de Tozzi a Menicanti, de Saba a Pirandello, de Montale a Buzzati, abrigando as cigarras, moscas, libélulas, gatos, galinhas de Gadda, as mariposas de Guido Gozzano poeta e entomologista, as moscas, os cavalos, os ratos de Curzio Malaparte, testemunhas ou símbolos dos comportamentos dos animais humanos nas terríficas chacinas da segunda guerra mundial. A presença animal em cada obra e em cada autor desperta sentimentos e reflexões sobre culpa, dívida milenar da humanidade para com o mundo animal e a natureza, responsabilidade, afetos, curiosidade, atração, encantamento. Os

animais não humanos permanecem nossas eternas vítimas e presas, mas também nossos “iguais” (termo de Saba) no sofrimento, e, em suma, nosso Outro - no fundo irremediavelmente inacessível - que precisa ser interrogado. Da literatura italiana chega ao Brasil, em traduções, um certo repertório fragmentado, feito de bestiários e outros textos dedicados ou centrados em animais não humanos – formando outros arquivos, que propomos aqui reler, cruzando alguns textos, compondo e recompondo, focalizando ideias e imagens que nos ajudem a repensar nossas relações com os animais e com nós mesmos, com nossa própria natureza, mentes e corpos divididos entre humanidade e animalidade.

Referências: Wataghin, Lucia. “Kaputt ou do malapartismo”. Prefácio a MALAPARTE, Curzio. Kaputt. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. Wataghin, Lucia. “O homem e os animais: poemas de Saba”, In SABA, Umberto. O homem e os animais. Poemas de Umberto Saba. Org. Patricia Peterle e Lucia Wataghin. Florianópolis: editora ufsc, 2014. Peterle, Patricia. “Poéticas do comum: a cidade, a criança e o animal em Saba. In SABA, Umberto. O homem e os animais. Poemas de Umberto Saba. Org. Patricia Peterle e Lucia Wataghin. Florianópolis: Editora UFSC, 2014. Tozzi, Federigo. Bestie. Milano: Garzanti, 2019. Menicanti, Daria. Il Cacodèmon e il Grillo El Cacodemone y el grillo O Cacodemônio e o Grilo, org. Cattoni, Colella, Minazzi, Peterle, Wataghin; trad. p/ o português Peterle e Wataghin, trad. p/ o espanhol Silvia Cattoni. Valore Italiano Editore 2022. Maciel, Maria Esther (org.) Pensar/escrever o animal. Ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

SOBRE ALGUNS POEMAS TRADUZIDOS DE EUGENIO MONTALE

Patricia Peterle

Resumo: O que é mais relevante na tradução não é simplesmente o fato de ela permitir o trânsito de um texto escrito em uma determinada língua para outra(s) língua(s), mas sim aquilo que acontece nessa passagem porosa. Sabemos que nem tudo pode ser levado nesse trânsito-passagem, que elementos vão sendo deixados e outros vão sendo incorporados. Processos ativos quando se reconhece uma relação e seu estabelecimento que, como qualquer outro encontro-movimento, só pode se dar mediante a singularidade, com pontos de aproximação-distanciamento e de abertura-fechamento. Um fluxo, portanto, que não deixa de ser performático e de grande relevância para a sobrevida do texto e seu maquinário de produção de sentido. Quantos arquivos não existem e se entrelaçam num processo tradutório? A porosidade, assim, sinaliza para a impossibilidade de um traçado dado a priori, pois ele é construído (a cada vez) por meio do contato, da relação imperativa do acontecimento que vai tomando corpo no centro do processo. A sobrevivência chama a alteridade, colocando no centro das discussões a percepção do outro e, por conseguinte, de si. De fato, dar forma ao diferente torna-se, nesta perspectiva um aspecto fulcral, que transforma um encontro em acontecimento. Tal gesto, apostando na partilha, expõe precariedades nessa relação e questões políticas e éticas, que são imprescindíveis, ao mesmo tempo em que é capaz de mostrar algumas dobras do texto-arquivo. Partindo desses pressupostos que veem na tradução a construção de relações singulares – a saber, fazer-mundos –, pretende-se analisar alguns poemas de Eugenio Montale traduzidos no Brasil e refletir como eles atravessam os versos em italiano e instituem um modo de ver e ler esse outro.

Referências: CAMPOS, Haroldo. Metalinguagem. São Paulo: Cultrix, 1976. CASSIN, Barbara. Elogio da tradução. Trad. Daniel Falkembach e Simone Petry. São Paulo: Martins Fontes, 2022. MONTALE, Eugenio. Poesias. Trad. Geraldo Holanda Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 1997. MONTALE, Eugenio. Diário Póstumo. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2000. MONTALE, Eugenio. Ossos de Sépia. Trad. Renato Xavier. Coleção Prêmio Nobel. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. SISCAR, Marcos; MORAES, Marcelo Jacques; CARDOZO, Maurício. Vida poesia tradução. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021. TSING, Anna Lowenhaupt. O cogumelo no fim do mundo. Trad. Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MITOS E LENDAS DO MONTE RORAIMA NA TRADUÇÃO DE KOCH-GRUNBERG

Riane de Deus Lima

Resumo: John Milton em Tradução, Teoria e Prática (1998) faz citação de autores alemães acerca da tradução: Wilhem von Humboldt “considera a tradução como uma maneira de proporcionar ao indivíduo experiências com as quais ele nunca teria tido contato. Tanto o indivíduo como a nação passam por algo mais nobre e mais complexo”; Johann Gottfried Herder o tradutor é a “estrela da manhã de uma nova era na literatura” e Goethe considera que “o tradutor é o profeta, o mensageiro, o escolhido”. Apresento na pesquisa que o etnógrafo também alemão Theodor Koch-Grünberg em sua viagem do Monte Roraima até o rio Orinoco, na Venezuela, ao coligir e traduzir textos, preservou a arte poética indígena com sua “tradução interlinear”. Publicados em *Mythen und Legenden der Taulipáng und Arekuná-indianer* (1924), traduzido em *Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arekuná* (1953). E destaco a ausência das seções “FONÉTICA, PROLOGO, TEXTOS”, na edição brasileira do livro, nas quais oito sequências narrativas, em língua Taurepáng, atribuídas aos indígenas Mayuluaípu e Akuli, são omitidas. Segundo Lúcia Sá “as histórias que Mayuluaípu e Akuli contaram a Koch-Grünberg serviram de base para Macunaíma, de Mário de Andrade, marco decisivo da história da narrativa moderna brasileira”. Devemos considerar que os textos de fatura indígenas são contribuição valiosa para o corpus da literatura brasileira, mas são depreciados e relegados a material etnográfico. Pretendo tecer considerações acerca de novas formas de relações interculturais, valorização das civilizações tradicionais, culturas das margens, pluralidade das intersecções e as pretensas homogeneidades nacionais pós-coloniais e com isso, reafirmar uma literatura indígena brasileira.

Referências: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna/ Peter Burke e R. Po-chia Hsia (orgs.); tradução Roger Maioli dos Santos – São Paulo: Editora UNESP, 2009. CARVALHO, Fábio Almeida de. Makunaíma=Macunaíma: contribuições para o estudo de um herói transcultural. 1. ed.-Rio de Janeiro: E-papers, 2015. _____. Theodor Koch-Grünberg e a cultura brasileira. Revista Gragoatá, Niterói, n. 41. P. 665-685, 2. sem. 2016. FRANK, Erwin H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. Rev. Antropol., São Paulo, v. 48, n. 2, Dec. 2005. KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Del Roraima al Orinoco: mitos y leyendas de los índios Taulipang y Arekuná. Trad. Federica de Ritter. Caracas: Ernesto Armitano, 1989. _____. Del Roraima al Orinoco: mitos y leyendas de los índios Taulipang y Arekuná. Trad. Federica de Ritter. Caracas, Venezuela, 1981. _____. Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arekuná, Tradução de Henrique Roenick, Revisão de M. Cavalcanti Proença, - Prefácio de Herbert Baldus, Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. VII, 1953, disponível em Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai, www.etnolinguistica.org GOETHE, Johann Wolfgang Von. Divã ocidento-oriental / West-östlicher divan/ Johan Wolfgang Von Goethe; tradução e posfácio Daniel Martineschen. – 1.ed. – São Paulo: Estação da Liberdade, 2020. MILTON, John, 1956- Tradução: teoria e prática / John Milton. – 2 –ed – São Paulo: Martins Fontes, 1998. – (Coleção leitura e crítica). SÁ, Lúcia. Literaturas da Floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana/Lucia Sá – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

A DIVINA COMÉDIA: POR QUE UMA NOVA TRADUÇÃO?

Silvana de Gaspari

Resumo: A ideia desta nova tradução da Divina Comédia é trazer um texto acessível à leitura de todos aqueles que desejam ler o famoso poema de Dante Alighieri e, talvez, o mais conhecido da literatura ocidental. As notas de nossa tradução são voltadas para os leitores brasileiros e foram pensadas no sentido de apontar caminhos para aqueles que desejarem se aprofundar em cada assunto exposto ali. Essa nova tradução se diferencia de outras já publicadas porque pretende apresentar um texto com redação muito mais acessível para o entendimento de um público que não seja da área das Letras e nem tenha conhecimentos prévios a respeito de seu autor. Muito importante destacar que esse trabalho está sendo realizado por duas professoras da UFSC, Maria Teresa Arrigoni e Silvana de Gaspari, que se dedicaram ao curso de Língua e Literatura Italiana do DLLE por quase trinta anos. Seu resultado é fruto de um projeto de pesquisa que tem por objetivo,

em primeiro lugar, a inspiração do texto da Divina Comédia traduzido pelo Barão da Villa da Barra, no século XIX, acrescentando-lhe notas mais específicas para o leitor brasileiro e dando mais acesso ao texto italiano clássico, escrito no século XIV, por Dante Alighieri. A relevância da escolha do texto está no fato de a Divina Comédia ser uma obra literária que, em sua universalidade, retrata a viagem ao além em sua plenitude e em detalhes que, até os dias de hoje, habitam o imaginário ocidental. Em segundo lugar, o projeto representa um trabalho de pesquisa em torno da literatura sacra e profana, de tradução e de adaptação de textos críticos italianos e estrangeiros, e de contribuição para a difusão do conhecimento e da leitura da obra de Dante no Brasil.

Referências: ARISTÓTELES. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores, v. 2). ARRIGONI, Maria Teresa. O abismo, o monte, a luz: os símiles na leitura/tradução da Divina Comédia. 2001. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas. 2001. ARRIGONI, Maria Teresa. Tra l'occidente e l'oriente. ABPI em revista, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 85-95, 2009. ARRIGONI, Maria Teresa. A Divina Comédia sob o enfoque da exclusão feminina. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 2., 2006, São Leopoldo. Anais eletrônicos... São Leopoldo: [s. n.], 2006. 1 CD-ROM. AUERBACH, Erich. Dante: poeta do mundo secular. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997a. AUERBACH, Erich. Ensaio de literatura ocidental. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2007. AUERBACH, Erich. Figura. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997b. AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. Trad. de George Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971. BIANCHI, Enzo. La differenza cristiana. Torino: Giulio Einaudi, 2006. BIZZARRI, Edoardo (Org.). O meu Dante. Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, São Paulo, 1965. Caderno n. 5 Contribuições e depoimentos: Henriqueta Lisboa, Otto Maria Carpeaux, Miguel Reale, Homero Silveira, Candido, Mota Filho, Ivan Lins, Haroldo de Campos, Dante Milano, Alceu Amoroso Lima e Edoardo Bizarri. BLOOM, Harold. O cânone ocidental. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. BOITANI, Piero. Sulle orme di Ulisse. Bologna: Il Mulino, 1998. BORZI, Italo. Introduzione. In: DANTE ALIGHIERI. Tutte le opere. Roma: Newton, 1993. CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990. CAMPOS, Haroldo de. Dante Alighieri: 6 cantos do Paraíso. São Paulo: Editora Fontana, Instituto Italiano di Cultura, 1976. CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito. São Paulo: Perspectiva, 1972. CESERANI, Remo; DE FEDERICIS, Lidia. Il materiale e l'immaginario. Torino: Loescher, 1995. CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. CHIAVENATO, Júlio José. Religião: da origem à ideologia. São Paulo: FUNPEC, 2006. CURTIUS, Ernst Robert. Literatura européia e Idade Média latina. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. DALL'ALBA, Eduardo. Drummond: a construção do enigma. Porto Alegre: EDUCS, 1998. DALL'ALBA, Eduardo. Drummond, leitor de Dante. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. DANTE ALIGHIERI. A Divina Comédia. Trad. intr. e notas de Cristiano Martins. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976. DANTE ALIGHIERI. La Divina Commedia. A cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio. Torino: Garzanti, 1988. DANTE ALIGHIERI. Obras completas. São Paulo: Ed. das Américas, s.d. 10 v. DANTE ALIGHIERI. Tutte le opere. Roma: Newton, 1993. DE SANCTIS, Francesco. Storia della letteratura italiana. Milano: Laterza, 1978. v. 1. DELUMEAU, Jean. O que sobrou do Paraíso? São Paulo: Companhia das Letras, 2003. DISTANTE, Carmelo. Prefácio. In: DANTE ALIGHIERI. A Divina Comédia. São Paulo: Editora 34, 1999. DRONKE, Peter. Dante e le tradizioni latine medievali. Bologna: Il Mulino, 1990. ECO, Umberto. Arte e beleza na estética medieval. Rio de Janeiro: Globo, 1989. FALLANI, Giovanni. L'esperienza teologica di Dante. Lecce: Milella, 1976. FERRUCCI, Franco. Dante: lo stupore e l'ordine. Napoli: Liguori, 2007. FRACCHIOLO, A. Beatriz: figura salvífica na Vida Nova. 2010. 127 f., Dissertação (Mestrado em Teoria Literária - Filosofia e Ciência da Literatura)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. FRANCO JUNIOR, H. As utopias medievais. São Paulo: Brasiliense, 1992. GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. O livro das religiões. São Paulo: Companhia de Bolso, 2004. GALIMBERTI, Umberto. Rastros do Sagrado. Trad. Euclides L. Calloni. São Paulo: Paulus, 2003. HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário Aurélio. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. HOMERO. Odisséia. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 5 out. 2008. KRISTEVA, Julia. Bisogno di credere: un punto di vista laico. Roma: Donzelli, 2007. LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. Dizionario dell'Occidente Medievale. Vicenza: Giulio Einaudi, 2003. LE GOFF, J. As

raízes medievais da Europa. Petrópolis: Vozes, 2007. LEWIS, Richard Warrington Baldwin. Dante. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002. LUPERINI, R. Presentazione dell'opera. In: DANTE ALIGHIERI. La Divina Commedia. Siena: Le Monnier, 1989. MARCHIONNI, Antonio. Beatriz, figura da teologia no paraíso de Dante. *Religião e Cultura*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-107, jul./dez. 2004. MAY, Rollo. A procura do mito. São Paulo: Manole, 1993. MESSADIÉ, Gerald. História geral de Deus: da Antiguidade à Época Contemporânea. Trad. Sophie P. Vinga. Portugal: Europa-América, 2001. MILTON, John. Paraíso Perdido. Tradução Antonio José de Lima Leitão. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraísoperdido.html>>. Acesso em: 9 out. 2008. NARDI, Bruno. Dante e la cultura medievale: nuovi saggi di filosofia dantesca. Bari: Laterza, 1942. NASCIMENTO, Carlos Arthur. O que é filosofia medieval. São Paulo: Brasiliense, 2004. STO. TOMÁS/Dante. São Paulo: Nova Cultura, 1988. (Os Pensadores). SANTO Anselmo/Abelardo. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores) PETROCCHI, Giorgio. Il Paradiso di Dante. Milano: Rizzoli, 1998. PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (Org.). O islã clássico: itinerários de uma cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007. PICCINNI, Gabriella. Il Medioevo. Milano: Bruno Mondadori, 2004. QUAGLIO. Introduzione alla commedia. In: DANTE ALIGHIERI. La Divina Commedia. A cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio. Torino: Garzanti, 1988. RUSSO, Luigi. Arti liberali. In: ENCICLOPEDIA Italiana Treccani. Roma: Treccani, 1984. 6 v. SEGRE, Cesare. Fuori del mondo: i modelli nella follia e nelle immagini dell'aldilà. Torino: Giulio Einaudi, 1990. SPINA, Segismundo. A cultura literária medieval. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997. STABILE, G. Auctoritas. In: ENCICLOPEDIA Italiana Treccani. Roma: Treccani, 1984. 6 v. TILLICH, Paul. Dinâmica da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2002. TILLICH, Paul. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2004. TRICCA, Maria Helena de Oliveira. Apócrifos I: os Proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1992. VAREZZE, Jacopo de. Legenda Áurea. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006. VERGER, Jacques. Homens e saber na Idade Média. Bauru: EDUSC, 1999. VIRGILIO. Eneida. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

DIÁRIOS DE FRANZ KAFKA: APORIAS ENTRE EDIÇÃO E TRADUÇÃO

Susana Kampff Lages

Resumo: Em minha comunicação, proponho refletir sobre o modo particular como se articulam edição, tradução e recepção crítica da obra do escritor tcheco de língua alemã, Franz Kafka. Pretendo considerar, para isso, peculiaridades de suas anotações diarísticas e como vieram a se refletir ao serem traduzidas. À parte os Diários de viagem, os “Diários” de Kafka são constituídos de anotações de dois tipos: descrição de eventos e observações quotidianos e esboços literários, registrados em 12 cadernos ao longo de quatorze anos, durante a fase em que suas obras mais célebres foram redigidas. São reconhecidamente, segundo a crítica especializada tem apontado (DUSINI, 1995; RUSSO, 2020), o laboratório experimental do escritor, no qual sua fina capacidade de observação da realidade a redor se aguça por meio do exercício da escrita ao mesmo tempo em que as potencialidades do escrever são desafiadas pela complexidade de uma realidade dinâmica, em constante transformação. Nesse sentido, os Diários de Kafka constituem um arquivo literário singular, entre outros, pelo traço híbrido das notas, cujo caráter confessional é claro mas sempre ambíguo. Desde a recente publicação facsimilar dos primeiros quatro cadernos in-quarto no âmbito da Edição Histórico-Crítica (REUSS, 2001), temos acesso direto ao processo redacional do autor, o qual também corrobora a hibridez e ambiguidade que permeiam a escrita “íntima” de Kafka. Afora essa edição fac-similar, dedicada em primeira linha a estudiosos, todas as demais edições – seja em língua original, seja em tradução (inclusive as recentes traduções brasileiras) – desconsideram o suporte em que essas anotações foram escritas: os 12 cadernos. Gostaria de considerar o legado kafkiano a partir de seu suporte e imaginar o efeito que teriam sobre sua recepção crítica caso ele fosse publicado sob a forma de fascículos ou cadernos, resgatando do arquivo constituído pelos Cadernos sua inscrição originária.

Referências: DUSINI, Arno. “Bausteine beim Bau der Chinesischen Mauer”. Anmerkungen zum Genre Tagebuch unter Zugrundelegung der Editionen der Kafkaeschen Tagebücher. In: GOLZ, Jochen (Ed.)

Edition von autobiographischen Schriften und Zeugnissen. Tübingen: Max Niemeyer, 1995, pp. 167-175. KAFKA, Franz. Tagebücher. Textband; Apparatband; Kommentarband nach der kritischen Kafka-Ausgabe herausgegeben von Hans-Gerd Koch, Michael Müller und Malcolm Pasley. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1990. 3 vols. REUß, Roland. Zur kritischen Edition der ersten beiden Oxforder Quartheften. In: KAFKA, Franz. Historisch-kritische Ausgabe sämtlicher Handschriften, Drucke und Typoskripte herausgegeben von Roland Reuß & Peter Staengle. Frankfurt am Main: Stroemfeld, 2001, pp.3-18. RUSSO, Sâmella Michelly Freitas. A escrita e os diários. A luta pelo reconhecimento da singularidade de Franz Kafka. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2020. 251 pp.

CARTA, POESIA E TRADUÇÃO: DESLIZES DA ESCRITA

Talissa Ancona Lopez

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de parte da produção de Ana Cristina Cesar a partir de um olhar que circula entre as palavras de suas traduções e as palavras de suas cartas para analisar como esses dois tipos de escrita desembocam em sua literatura. Entre a tradução e a criação (CAMPOS, 1967) há uma linha tênue e o tradutor pode atravessá-la de maneira mais ou menos marcada; entre a carta e a poesia - no caso de cartas de escritores - essa linha também é borrada, toca dois terrenos miscíveis. A carta e a tradução - dois elementos fortemente marcados na vida da escritora, tradutora e crítica literária carioca - são vistos aqui como arquivos que não apenas endereçam a sua produção literária, mas também são parte de seu "laboratório de escrita" (Kaufmann, 1990). Assim, a partir de Haroche-Bouzinac (2016) e Kaufmann (1990), é possível ler alguns poemas de Ana C. como um desdobramento de sua escrita epistolar e, ainda, podemos ler outros como produtos de uma intradução (CASSIN, 2018) - sobretudo de autoras como Katherine Mansfield e Emily Dickson. Carta e tradução se cruzam, então, nesta proposta de leitura, como modalidades que conduzem à escrita literária da poeta de uma maneira bastante particular.

Referências: ALTMAN, Janet Gurkin. Epistolarity: approaches to a form. Ohio: Ohio University Press 1982. BEM, Jeanne. « Le statut littéraire de la lettre ». In: Les correspondances inédites. Paris: Economica, 1984. CAMPOS, Haroldo. "Da tradução como criação". In: Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária. Petrópolis: Editoria Vozes, 1967. CESAR, Ana Cristina. "O poeta é um fingidor". In: Crítica e tradução. São Paulo: Editora Ática, 1999a. _____, Ana Cristina. Poética. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. _____, Ana Cristina. Amor mais que maiúsculo: cartas a Luiz Augusto. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. _____, Ana Cristina. "Pensamentos sublimes sobre o ato de traduzir". In: Crítica e tradução. São Paulo: Editora Ática, 1999b. _____, Ana Cristina. "O conto Bliss anotado". In: Crítica e tradução. São Paulo: Editora Ática, 1999c. COMPTE-SPONVILLE, André. "Correspondência". In: Bom dia, angústia! São Paulo: Martins Fontes, 1997. Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias: volume um: línguas. Coordenação Barbara Cassin. Organização Fernando Santoro, Luis Buarque – 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. DIAZ, Brigitte. O Gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. Escritas epistolares. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. KAUFMANN, Vincent. L'équivoque épistolaire. Paris: Éditions de Minuit, 1990. MALLARMÉ, Stephan. Mallarmé: antologia por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2002. MANSFIELD, Katherine. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2006. MANSFIELD Katherine. Diários e Cartas. Rio de Janeiro: Revan, 1996. MORAES, Marcos Antonio de. « L'épistolaire au-delà de la littérature: les enjeux et les perspectives de l'interdisciplinarité ». In: Épistolaire, v. 44, p. 191-196, 2018. SANTIAGO, Silvano. "Suas cartas, nossas cartas". In: Ora (direis) puxar conversa! Ensaio literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. SISCAR, Marcos. "A tradução extravagante: Maria Gabriela Llansol, leitora de Baudelaire". In: Vida poesia tradução. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021. SOFO, Giuseppe. "Du pont au seuil: un autre espace de la traduction." TRANS- Revue de littérature générale et comparée. v. 24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/trans.2335>. Acesso em: 01 jul. 2022. SZYMBORSKA, Wislawa. Poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. VERAS, Viviane. "Marguerite Duras, Lol V. Stein: escrita e

tradução em andamento.” Revista Letras, [S.l.], v. 95, jun. 2017. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/49166>>. Acesso em: 19 jul. 2021

SIMPÓSIO “DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA TRADUÇÃO LITERÁRIA”

Coordenadores: Wagner Monteiro Pereira (UERJ) e Andréa Cesco (UFSC)

IDIOMATISMOS EM DUEÑA PERFECTA, DE BENITO PÉREZ GALDÓS: ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS

Andréa Cesco

Resumo: Intenciona-se, com essa comunicação, apontar como se deu o processo de tradução, do espanhol ao português, de uma seleção de expressões idiomáticas encontradas no drama trágico-amoroso *Dueña Perfecta* (1876), do escritor espanhol – realista e anticlericalista – Benito Pérez Galdós. A obra, que se passa no lugarejo fictício de Orbajosa, tem como cenário literário, de acordo com Casaldüero (1951), dois conceitos de mundo, “o medieval”, da intransigência, do autoritarismo, da violência e do fanatismo (onde se encaixa a protagonista, dona Perfecta, e os moradores do lugarejo), e o “moderno” (do sobrinho madrilenho, engenheiro, Pepe Rey), onde ambos se unem e, ao mesmo tempo, se confrontam. Entre eles – cujo amor é disputado por ambos – está Rosarito, filha de dona Perfecta, prima e futura esposa de Pepe Rey. Quanto à linguagem que permeia a obra, e que costuma ser um desafio à tradução, podemos encontrar uma variedade de idiomatismos – construções de um idioma, modos de falar específicos de uma cultura, às quais é atribuído um significado geralmente conotativo e que extrapola as regras gramaticais (RUIZ GURILLO, 1997) –, o que implica em perceber que muitas vezes são combinações de palavras que não se submetem às regras da sintaxe da língua, o que requer uma atenção especial do tradutor, já que ao serem passados de uma língua a outra, precisam ser reescritos (XATARA, 1998), observando que o sentido não é deduzido do significado de cada palavra, mas do conjunto de palavras formadas. Assim, “[...] a tradução desses termos requer por parte do tradutor um entendimento do significado e posterior recriação na língua meta. [...] Não obstante, o resultado, muitas vezes, acaba tendendo para o uso de uma expressão que contém aspectos da cultura meta, mas que não existem na cultura fonte” (CESCO e SOUZA, 2021, p. 17).

Referências: CASALDUERO, Joaquín. Vida y obra de Galdós. Madrid: Gredos, 1951. CESCO, A., SOUZA, C.M. de Brito Naedzold de. A tradução de expressões idiomáticas em *La Hora de Todos* y *La Fortuna Con Seso*, de Francisco de Quevedo y Villegas. Gláuks - Revista De Letras E Artes, 21(2), 11–26, 2021. PÉREZ GALDÓS, Benito. *Dueña Perfecta*. (1876). Disponível em: <http://www.dominiopublico.es> RUIZ GURILLO, Leonor. Aspectos de fraseología teórica española. Anejo nº XXIV de la Revista Cuadernos de Filología. Valencia, Universitat de Valencia, 1997. XATARA, Claudia M. Tipologia das expressões idiomáticas. Alfa, São Paulo, n. 42, 1998. p. 169-176.

O CASO DO VESTIDO DE MUSSELINA AZUL E A CRISE NA INTERPRETAÇÃO DA TRADUÇÃO DE MARCEL PROUST

Davi Andrade Pimentel

Resumo: Em 2022, ano comemorativo do centenário de morte de Marcel Proust, a editora Companhia das Letras publica o primeiro volume da terceira tradução brasileira de *À la recherche du temps perdu* [À procura do tempo perdido]: Para o lado de Swann. Se, por um lado, como afirma Walter Benjamin (2013, p.108), em seu texto “A tarefa do tradutor”, cada época de uma determinada cultura exige a sua própria tradução, pois “mesmo a maior tradução está fadada a desaparecer dentro da evolução de sua língua e a soçobrar em sua renovação”; por outro lado, a cada nova tradução de uma obra, sobretudo, em se tratando de um cânone literário ocidental, como Proust, (re)surgem questões difíceis que atravessam e tensionam a tarefa de seu tradutor, tanto no campo das línguas em tradução quanto no campo cultural ao qual a obra traduzida será mais uma vez apresentada. Neste caso em particular, a terceira tradução da obra proustiana desvela um equívoco

tradutório presente em sua primeira tradução, de 1940. Em Para o lado de Swann, há uma importante descrição, minuciosamente detalhada, do farfalhar do vestido de musselina azul da mãe, que antecipa a ansiedade e o desejo do narrador-criança pelo beijo materno de boa-noite. Contudo, em 1940, o tradutor mudou a cor do vestido para musselina branca, diferindo do original francês, induzindo, assim, a uma relação plausível entre o vestido materno e um vestido de noiva. Ou seja, uma interpretação equivocada, reativada pela recente tradução, que coloca em crise os estudos proustianos que associam a cor branca do vestido à relação de nubentes entre mãe e filho. A partir deste equívoco, assim como de certas escolhas do tradutor, este trabalho se propõe a analisar como essa terceira tradução de Para o lado de Swann tanto pode construir novas quanto fazer ruir antigas catedrais interpretativas.

Referências: BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2013. BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. DERRIDA, Jacques. De l'hospitalité. Paris: Calmann-Lévy, 1997. FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. LEVINAS, Emmanuel. Le temps et l'autre. Paris: Fata Morgana, 2011. PROUST, Marcel. Para o lado de Swann. [À procura do tempo perdido, v. 01]. Tradução de Mario Sergio Conti. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. RICŒUR, Paul. Sobre a tradução. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

UMA CAMINHADA TRANSCULTURAL ENTRE AS LÍNGUAS: DESAFIOS DA TRADUÇÃO DO ROMANCE PLURILÍNGUE CARIBENHO

Dieumettre Jean

Resumo: A tradução das obras literárias do chamado Caribe de línguas crioula e francesa apresenta desafios relacionados ao plurilinguismo e pluriculturalismo que as caracterizam. Na tradução dessas obras, o tradutor se encontra geralmente diante do árduo trabalho de transpor “um conteúdo plurilíngue e pluricultural”, de tornar acessível para um público estrangeiro uma obra cujo universo referencial é múltiplo tanto do ponto de vista cultural quanto do ponto de vista linguístico (TREMPLI, 2021). A tradução – como ponte, como limiar de transferências e de trocas/acumulação de capital cultural e literário (CASANOVA, 1999; 2020; BOULANGER, 2002; SAPIRO e HEILBRON, 2002) que já se constitui como uma prática complexa e difícil – se revela mais árdua ainda quando se trata de traduzir textos literários plurilíngues e pluriculturais, entendido como texto no qual se encontra a manifestação de duas ou mais línguas, de elementos culturais de origens diversas. Partindo dessas considerações, além de esboçar o conceito de texto literário/romance plurilíngue, este trabalho discute problemas de tradução de francês para o português de dois romances 'francófonos' Compère Général Soleil do haitiano Jacques-Stephen Alexis, objeto de tradução da minha tese em andamento em Linguística Aplicada na UNICAMP, e o romance Le quatrième siècle do martinicano Édouard Glissant traduzido em português brasileiro por Cleone Augusto Rodrigues. O trabalho é construído como uma análise crítica destinada a examinar com base em critérios culturais e linguísticos algumas complicações da tradução de francês para o português de certas passagens nestes dois romances. A análise dos excertos permite observar que o tradutor do texto literário/romance plurilíngue defronta com desafios culturais e linguísticos que dificultam e complexificam seu trabalho, mas também que na tradução de um texto literário/romance plurilíngue ao traduzir os enunciados das “línguas minoritárias” que nele encontrados elimina-se a heterogeneidade ou diversidade linguística do texto-fonte no texto-traduzido.

Referências: ALEXIS, Jacques Stephen. Compère Général Soleil. Port-au-Prince : Editions Fardin, 1998 [Paris : Gamillard, 1955]. BOULANGER, Pier-Pascale. Les théories postmodernes de la traduction. Tese (Doutorado em Tradução). Faculté des études supérieures. Université de Montréal : 2002. 279f. GLISSANT, Édouard. Le quatrième Siècle. [Paris : Seuil, 1964.] Paris : Gallimard, 1997c. GLISSANT, Édouard. O quarto século. Coautoria de Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara. HEILBRON, Johan ; SAPIRO, Gisèle. La traduction littéraire : un objet sociologique. Actes de la

Recherche en Sciences Sociales. Traductions : les échanges littéraires internationaux. pp. 3-5. Paris, vol. 144, p. 3-5, 2002.

ELSE LASKER-SCHÜLER E OS DESAFIOS DE SUA TRADUÇÃO

Ebal Sant'Anna Bolacio Filho

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo explicitar os critérios adotados na tradução do romance epistolar *Meu Coração*, de Else Lasker-Schüler. Publicado inicialmente como cartas na seção *Briefe nach Norwegen* (Cartas para a Noruega) na revista expressionista *Der Sturm*, cujo editor era o seu marido, e depois como livro no ano de 1912, *Mein Herz. Ein Liebesroman mit Bildern und wirklich lebenden Menschen* (Meu coração), o romance constitui-se apenas de cartas da remetente. Para dar conta da encenação que se realiza por pretensa troca de cartas, recorreremos à obra de Maingueneau (2006 ; 2008), mais especificamente aos textos em que ele nos apresenta o conceito de cenas da enunciação e cenografia epistolar. Por se tratar de uma tradução a quatro mãos, alguns critérios foram estabelecidos a priori. Tanto as escolhas lexicais e sintáticas adequaram-se ao português brasileiro como também a tradução de fraseologismos. Nomes próprios, expressões em línguas estrangeiras, palavras ou expressões em itálico ou entre aspas e repetições foram mantidas na tradução como aparecem na obra original. A manutenção desses recursos linguísticos usados pela autora (ou outras marcas/aspectos gráficos) se deu por ser um recurso estilístico para destacar a ênfase e a ironia expressas pela autora da obra em alemão.

Referências: CAVALCANTI, C. (Org. e trad.). *Poesia expressionista alemã: uma antologia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. CARDOZO, M. Três poemas de Else Lasker-Schüler. *Belas Infâmias*. v. 1, 203-209, 2012. KORNELIUS, J.; ORBAN, W. *Kooperatives Übersetzen – ein Beitrag für eine kommunikations-orientierte Übersetzungsdidaktik*. AREAS - Annual Report on English and American Studies. Bd. 34. Trier 2008, 489-510. Disponível em: <http://areas.iued.uni-heidelberg.de/artikel/Band34.pdf>, acesso em 26/7/2021. LAJOLO, M. Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução do leitor. In *Matraga* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. Ano 9, n.14, 2002, p.61-75. Disponível em: <http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga14/matraga14a04.pdf>, acesso em 2/7/2021. LYRA, Regina Mª de O. T. de. "Explicar é preciso? Notas de Tradutor: Quando, como e onde". *Fragmentos*, v. 8, n. 1, pp. 73/87 Florianópolis/ jul - dez/ 1998. MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. Organização da tradução: Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-&-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. MAINGUENEAU, D. *Discurso Literário*. Tradutor Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006. NIGRI, Y. *Meu piano azul e outros poemas de Else Lasker-Schüler*. Revista *Caliban*, 2017. Disponível em: <https://revistacaliban.net/meu-piano-azul-e-outros-poemas-de-else-lasker-sch%C3%BCler-dea494d74f1f>, acesso em 3/7/2021. PEREZ, J. P. De cartas e corações: notas sobre um romance de Else Lasker-Schüler. In: LASKER-SCHÜLER, Else. *Meu Coração* (Tradução de Ebal Bolacio e Murilo Jardelino). Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2021. PEREZ, J. P. *Else Lasker-Schüler: Aproximações ao expressionismo alemão*. São Paulo: Editorial Cone Sul Ltda., 1998. ROMÃO, T. L. C. As versões alemã e francesa de *O Quinze* de Rachel de Queiroz: transferências culturais à luz da teoria do escopo e da teoria funcionalista da tradução. *Cultura e Tradução*, v. 5, n. 1 (2017) ISSN: 2238-9059 Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ct>, acesso em 30/7/2021. SOUSA, J. L. de; LIMA, L. N. M. de. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho. In: *Rev. Inst. Estud. Bras.* (72) • Jan-Abr. 2019 • <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i72p63-82>

DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS (E ÉTICOS) NA TRADUÇÃO LITERÁRIA DE OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA

Eloá Carvalho Pires

Resumo: Em 1902, Euclides da Cunha, consciente da importância de sua obra prima *Os Sertões*, publica seu livro, e, por seus próprios méritos, consegue a aclamação dos mais importantes expoentes da crítica literária de sua época, firmando-se como cânone na literatura brasileira. O autor pertencia a uma geração que ansiava por liberdade racial, política, econômica e intelectual,

problemas interligados entre si e ao momento da escritura daquela que viria a ser sua obra mais difundida. Cunha realiza um mapeamento de temas que se tornariam centrais nas produções intelectuais e artísticas, tais como os negros, os pobres, a condição de dependência econômica e subdesenvolvimento, a religiosidade popular, as insurreições populares, entre outros. Dessa maneira, ele promove a conscientização dos intelectuais sobre a própria consciência popular que amadurecia. Euclides e seu olhar diferenciado para esse todo natural-cultural onipresente que é o sertão apresentam-se como um desafio teórico-metodológico acerca de sua tradução para outra língua. Como uma experiência e um processo que se abre na reflexão, a tradução de *Os Sertões* para a língua inglesa exige do próprio tradutor, a priori, que a tradução seja encarada como crítica, ou, uma maneira mais atenta de ler. Como os tradutores compreendem o sertão sob a ótica de Euclides da Cunha? Nesse trabalho, vamos discutir acerca das perspectivas éticas e sócio-históricas de duas traduções para a língua inglesa da obra desse cânone da literatura brasileira: *Rebellion in the Backlands*, de Samuel Putnam (1944) e *Backlands: The Canudos Campaign*, de Elizabeth Lowe (2010). Essas pontes auxiliam a difusão literária brasileira e estudos acerca da tradução de obras nacionais pois projetam a literatura brasileira e seu autor na arena da literatura mundial. Por esse motivo, procuraremos também refletir, nesse contexto específico, sobre o papel ativo do tradutor na recontextualização do texto traduzido e na formação de cânones literários.

Referências: ABREU, Regina. Arqueologia de um livro-monumento: *Os Sertões* sob o ponto de vista da memória social. In: *O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*/ Organizador Rinaldo de Fernandes: ilustrações T. Gaudenzi – São Paulo: Geração Editorial, 2002. BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Rio de Janeiro, RJ, 7Letras, 2007. CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. 3. ed. - São Paulo: Cultrix, 1976. CUNHA, Euclides da. *Backlands: The Canudos Campaign*. Título original: *Os Sertões*. Tradução de Elizabeth Lowe. Nova York: Penguin Books, 2010. CUNHA, Euclides da. *Obra Completa em dois volumes*. Rio de Janeiro: Companhia José de Aguilar editora, 1966. CUNHA, Euclides da. *Rebellion in the backlands*. Título original: *Os Sertões*. Tradução de Samuel Putnam. Chicago: The University of Chicago Press, 1944. EVEN-ZOHAR, I. (1990). A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Trad. Leandro de Ávila Braga. Revista *Translatio*, n. 3, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/34674/22321>. Acesso em: 7 set. 2020. EVEN-ZOHAR, I. (1990). *Polysystem Studies*. *Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. v. 11, n. 1. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2018. LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge, 1992. LOWE, Elizabeth. 2016. *The Brazilian Backlands: Journey through an Imagined Geography*. Review: *Literature and Arts of the Americas*, 49:1-2, 8-14, DOI: 10.1080/08905762.2016.1257018. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08905762.2016.1257018>. MILTON, John. A tradução de Samuel Putnam de *Os Sertões*- *Rebellion in the Backlands*, de Euclides da Cunha. *Pandaemonium Germanicum*.n.1, p.181-185, 1997. SCHMITZ, John Robert. Tradução e retradução de *Os Sertões* de Euclides da Cunha: Análise de duas traduções em Inglês. *Tradterm*, v. 26, p. 121-146, 29 dez. 2015. SCHMITZ, John Robert. A tradução de *Os sertões* de Euclides da Cunha por Samuel Putnam. *Rebellion in the Backlands: better than the original?* *Todas as Letras* (São Paulo), n. 7, p. 90-95, 2005. TYMOCZKO, Maria. Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNET, Susan; TRIVEDI, Harish. *Post-colonial translation: Theory and practice*. Series: Translation Studies. London. Routledge, 1999. VIEIRA, Else Ribeiro. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. 265 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992. ZILLY, Berthold. Euclides da Cunha na Alemanha. (Tradução de Marcus Mazzari do posfácio à tradução alemã d’*Os sertões*). In: *Estudos Avançados*, no . 26, São Paulo, USP, abril de 1996. (p. 329-350) ZILLY, Berthold. Um depoimento brasileiro para a história universal. In: *Revista Canudos*/ Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclides da Cunha.v.1n.1 (jul\dez.1996) Salvador: UNEB.1996. 2 edição revisada, 1997. ZILLY, Berthold. O tradutor implícito. Considerações acerca da translinguidade de *Os Sertões*. *Revista USP*, n. 45, p. 85-105, 30 maio 2000.

AUTOTRADUÇÃO LITERÁRIA: HIBRIDISMO CULTURAL, RECRIAÇÃO E A MANUTENÇÃO DE ASPECTOS CULTURAIS NOS TEXTOS AUTOTRADUZIDOS

Maria Alice Gonçalves Antunes

Resumo: Resumo: Esta comunicação tem por base minha pesquisa sobre a autotradução literária e os estudos de caso que venho desenvolvendo ao longo dos últimos 15 anos. Nesse período, pude explorar e-mails (2003-2007), crônicas (Ribeiro, 1990), language memoirs (Hinojosa-Smith; 2002; Dorfman, 2002; Santiago, 2003), entrevistas e textos autobiográficos (Antunes, 2017). Nelas, autotradutores literários abordam sua relação com a autotradução literária, entre outros temas. Ao abordá-la, apontam questões teórico-metodológicas em comum com a tradução literária stricto sensu. A partir da análise das crônicas, language memoirs e entrevistas, pude verificar que a escritora porto-riquenha Esmeralda Santiago (2003) indica a impossibilidade de comunicar vivências da infância em Porto Rico no texto autotraduzido para o inglês e tenta minimizá-la incluindo um glossário que espera auxiliar o leitor estadunidense na construção do significado. O estadunidense Rolando Hinojosa-Smith (2003) cita o falar rural da classe migrante trabalhadora e acrescenta que seria uma fraude fazer tais personagens falarem como um “profissional”. O brasileiro João Ubaldo Ribeiro alude ao “ar traduzido” e afirma que “sempre quis dar um ar traduzido ao verter seu trabalho para o inglês” (Antunes, arquivo pessoal, 2003-2007). O português/mirandês Amadeu Ferreira (2002), tal como outros autotradutores, acredita que “a autotradução não é tradução” (Regattin, 2020). Para Ferreira (2002), autotraduzir é recriar. Embora os autotradutores acima mencionados não aludem a questões teórico-metodológicas, pude perceber a referência subliminar a noções tais como o hibridismo cultural, a recriação, a manutenção de aspectos culturais domésticos no texto (auto)traduzido. A análise minuciosa dos textos autotraduzidos por João Ubaldo Ribeiro, Ariel Dorfman e Amadeu Ferreira revelam, na prática da autotradução, o hibridismo cultural, a recriação e a manutenção de aspectos culturais, embora nem sempre os comportamentos desses escritores se repitam. Ou seja, a autotradução não é uma atividade que se dê de forma homogênea.

Referências: ANTUNES, Maria Alice G. Arquivo pessoal. Entrevista por e-mail. 2003-2007. ANTUNES, Maria Alice G. Autobiographie, Self-translations and the Lives In-Between: the Cases of Gustavo Perez Firmat and Ariel Dorfman. Ticontre, v. VII, 2017, p. 85-107. DORFMAN, Ariel. "Resisting hybridity". In In BALDERSTON, Daniel & SCHWARTZ, Marcy E. (orgs.) Voice-overs. Translation and Latin American Literature. NY: State University of New York Press, 2002, p. 55-57. FERREIRA, AMADEU. Amadeu Ferreira Entrevista TVI. PARTE I. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H_WRzElctVc&t=62s HINOJOSA-SMITH, Rolando. "Language and change". In BALDERSTON, Daniel & SCHWARTZ, Marcy E. (orgs.) Voice-overs. Translation and Latin American Literature. NY: State University of New York Press, 2002, p. 49-51. REGATTIN, Fabio (Org.). Autotraduzione Pratiche, teorie, storie Autotraduction Pratiques, théories, histoires (2020). Città di Castello: Emil. RIBEIRO, João Ubaldo. Suffering in Translation. P.T.G. Newsletter, Portuguese translation group (ATA, New York), New York, v. 3, n. 3, p. 3-4, jan./fev. 1990. SANTIAGO, Esmeralda. "Introduction to Cuando era puertorriqueña". In KELLMAN, Steven G. (org.). Switching languages. Translingual writers reflect on their craft. Lincoln: University of Nebraska Press, 2003, p. 131-134.

EMILIA PARDO BAZÁN EN BRASIL: PRINCIPALES RETOS A LA HORA DE (RE)TRADUCIR LITERATURA DECIMONÓNICA.

María del Mar Paramos Cebey

Resumo: La traducción, al portugués de Brasil, de la obra de Emilia Pardo Bazán (1851-1921) supone un desafío no exento de grandes decisiones y reflexiones teóricas y metodológicas. Si, en un principio, pudiera parecer que dicha labor cuenta con cierta facilidad, al tratarse de lenguas próximas, esa cercanía lingüística puede –y suele– provocar traducciones excesivamente fieles a la letra (Berman, 2007). Asimismo, es menester recordar los delimitadores temporales (textos con fuerte carga feminista escritos hace más de un siglo), amén de diferencias culturales, escollo común en la mayoría de las traducciones. Para ello, nuestro principal objetivo es presentar y comentar las estrategias y métodos de (re)traducción de dos cuentos feministas de la autora gallega: El encaje

roto y La novia fiel, sirviéndonos de teóricas/os como Benjamin (2008), Berman (2007), Britto (2012), Campos (2011), Castro (2009) y Mayoral (2006). El reto del proceso de traducción de los cuentos seleccionados no ha sido baladí: no solo en las cuestiones lingüísticas (lexicales, sintácticas, etc.), sino en las estilísticas, ya que ambos –como gran parte de la obra de Pardo Bazán–, cuentan con una fuerte carga lírica que hemos pretendido priorizar a la hora de traducir. La lectura de una obra centenaria suele causarle cierto extrañamiento al lector y eso no sería diferente en el caso de un texto traducido. Por consiguiente, cabe a nosotras, traductoras, decidir si mantenemos ese distanciamiento o actualizamos la obra, manteniendo un lenguaje y estilo más propios del siglo XXI. En nuestro caso, hemos optado por mantener cierto distanciamiento para valorar la importancia de estilística y temática de estas obras decimonónicas. Para ello, hemos hecho uso de un lenguaje y una estructura morfosintáctica menos actual, al optar por algo más cercano –en la medida de lo posible–, al que podría utilizarse en la época.

Referências: BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007. BRITTO, Paulo Henriques. A tradução literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. CAMPOS, Haroldo de. Da transcrição. Poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG (2011). CASANOVA, Pascale. A república mundial das letras. Tradução Appenzeller. São Paulo: Estação da Liberdade, 2002. CASTRO VÁZQUEZ, Olga. (Re)examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola? Alicante: MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación, n. 1, 2009, p. 59-86, 11. MAYORAL, Marina. “Emilia Pardo Bazán ante la condición femenina”. In: Estudios sobre la obra de E. Pardo Bazán, ed. Ana Mª Freire López, A Coruña, Fundación Barrié de la Maza, 2003, p. 101- 114. MAYORAL, Marina. “Pardo Bazán: de la noticia a la ficción”. In: Emilia Pardo Bazán: los cuentos. Casa Museo Emilia Pardo Bazán/RAG/Fundación Caixa Galicia, A Coruña, 2006, p.225-250.

A LÍNGUA REGIONALISTA NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS E OS DESAFIOS QUE IMPÕE À NOVA TRADUÇÃO DE SÃO BERNARDO

Tatiane dos Santos Magalhães

Resumo: No romance São Bernardo (1934) Graciliano Ramos desvela toda a personalidade de seu personagem/narrador Paulo Honório, um homem rude que deseja escrever uma biografia utilizando as lembranças que vão surgindo e que contribuem para a construção de sua trajetória na narrativa. A escolha por trabalhar o livro e sua retradução deve-se ao fato do romance ter a linguagem como parte fundamental do desenvolvimento e até mesmo entendimento da obra. Mas não uma linguagem padrão, mas sim, a língua falada pelo brasileiro esquecido da década de 1930, abandonado em um nordeste dominado pela seca, que inventou formas de dizer/escrever, regionalizou a língua, o que para Graciliano era o verdadeiro idioma brasileiro. Contudo, as palavras que compõem a obra, por vezes mostram-se “estrangeiras” até mesmo para o falante letrado da língua portuguesa, imaginar então passar toda esta obra para um idioma como o inglês, que em pouco assemelhasse ao português, que dirá ao “idioma brasileiro”, revela-se algo complicado que exige do tradutor não apenas traduzir palavras, mas também todo o contexto que envolve a obra. Além disso, há uma consonância entre a linguagem e a estrutura das frases, Graciliano é um autor que diz muito com pouco, dando importância a cada palavra do texto. As frases diretas são outro desafio para o tradutor, que precisa decidir por manter ou suprimir determinadas marcas essenciais para a execução do texto. Instiga saber o quão desafiador é não só traduzir para o inglês um clássico da literatura brasileira, mas também retraduzi-lo na segunda década do ano 2000. Para o estudo utilizamos não só a obra em questão, mas sua mais recente tradução lançada no início de 2020 pela NYRB e realizada pela tradutora Padma Viswanathan. Para tanto nos guiaremos pelos estudos de Bosi (2015), Abdala Junior (2001), Lefevere (1992), Rónai (2012), Aubert (1991), entre outros.

Referências: ABDALA JUNIOR, Benjamin. O pio da coruja e as cercas de Paulo Honório. In: Lourenço Dantas Mota Benjamin Abdala Jr (Orgs.). Personae: Grandes Personagens da Literatura Brasileira. Editora: Senac, 2001. AUBERT, Francis. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta?.

Ilha do Desterro, n. 25/26, p. 185-192, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8782/8144>. Acesso em: 08 jul. 2022. BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). Clássicos da Teoria da Tradução. 2. ed., vol. 1, p. 201-231, 2010. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 50. ed., São Paulo: Cultrix, 2015. CAMUS, Albert. A peste. Tradução de: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. LEFEVERE, Andre. Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame. London & New York: Routledge, 1992. RAMOS, Elizabeth. Graciliano Ramos em outras terras. Rev. de Letras, n. 40, vol. 2, p. 43-54, jul./dez., 2021. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/65558/1/2021_art_esramos.pdf. Acesso em 10 set. 2022. RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 4. ed. Rio de Janeiro, Bestbolso, 2012. RAMOS, Graciliano. São Bernardo. English translation by Padma Viswanathan. New York: New York Reviews Books, 2019. [Kindle]. RÓNAL, Paulo. A tradução Vivida. 4. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braidá. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). Clássicos da Teoria da Tradução. 2. ed., vol. 1, p. 36-101, 2010. VISWANATHAN, Padma. Entrevista com Padma Viswanathan. Estado de Minas, 05 jun. 2020. Online. Entrevista concedida a Miguel Conde. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/06/05/interna_pensar,1153864/e-incrivel-a-minucia-esculpida-em-cada-sentenca-de-graciliano-ramos.shtml. Acesso em: 02 jul. 2022.

A VISIBILIDADE DO TRADUTOR NO PROCESSO DE TRADUÇÃO DE DOÑA PERFECTA, DE BENITO PÉREZ GALDÓS.

Wagner Monteiro Pereira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir o processo de tradução da obra *Doña Perfecta* (1876), de Benito Pérez Galdós, do espanhol para o português brasileiro. Tomaremos como base os trabalhos de Venuti (2021), Bohunovsky (2001) e Meschonnic (2010) para problematizar a busca pela invisibilidade que ainda vigora no imaginário de tradutores literários. Em outras palavras, discutiremos como a busca pela fidelidade no processo tradutório acaba por apagar questões culturais e linguísticas da língua alvo, privilegiando o texto de partida e não permitindo que o tradutor explore diferentes possibilidades criadoras no texto traduzido. Levando em conta a especificidade do texto literário, analisaremos a especificidade deste discurso criativo, cuja estrutura difere de outros gêneros e, portanto, apresenta uma práxis tradutória também distinta. Deste modo, lançaremos mão da teoria de CAMPOS (2013), para vislumbrar possibilidades tradutórias que tentam “transcriar” o texto literário, que embora mantenha uma reciprocidade com o texto de origem, também deve ser pensado como uma nova obra literária. Portanto, algumas perguntas que tentaremos responder: 1. Como fugir da busca pela invisibilidade no processo de tradução literária, sobretudo em um trabalho que maneja línguas românicas tão próximas, como o espanhol e o português? 2. Como manter aspectos culturais da língua de origem, mantendo-os em relação com a língua alvo? 3. Como se dá o processo de tradução de uma obra publicada no século XIX? Todos esses questionamentos serão apresentados a partir de uma tradução já realizada do clássico de Benito Pérez Galdós.

Referências: BOHUNOVSKY, Ruth. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. Cadernos de Tradução, Núcleo de Tradução - NUT - Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2 n. 8, p. 51-62, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5884>. CAMPOS, Haroldo de. Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2013. MESCHONNIC, Henri. “Traduzir a literatura” in MESCHONNIC, Henri. Poética do traduzir. São Paulo: Perspectiva, 2010. VENUTI, Lawrence. “Invisibilidade” in VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor: história da tradução. São Paulo: UNESP, 2021.

SIMPÓSIO “LER O POEMA EM TRADUÇÃO: DA REDUÇÃO INSTRUMENTAL À SINGULARIDADE DO POEMA TRADUZIDO COMO DISPOSITIVO CRÍTICO E FORMA DE VIDA”

Coordenadores: Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Pablo Simpson (UNESP) e Marcos Antonio Siscar (UNICAMP)

“ESQUECE TEUS CANTARES. JÁ NÃO SOAM”: O CONCISO RILKE DE AUGUSTO DE CAMPOS

Ana Maria Ferreira Torres

Resumo: O trabalho tem por objetivo apresentar o projeto de tradução de Augusto de Campos (1931-) para poemas de Rainer Maria Rilke (1875-1926) escritor germanófono nascido em Praga. O tradutor-poeta propõe, em duas antologias, Rilke: poesia-coisa (1994) e Coisas e anjos de Rilke (2001;2013), um autor diferente do apresentado em outras traduções brasileiras anteriores. Para tanto, Campos focalizou em grande parte os “poemas-coisa” [Dinggedichte], série de poemas do livro Novos Poemas [Die Neue Gedichte], bem como em alguns dos Sonetos a Orfeu [Die Sonette an Orpheus]. Desse modo, Campos efetua uma crítica por meio de suas traduções, selecionando elementos do texto rilkeano que considera próprios para pensar a modernidade. Por meio da leitura de algumas traduções contidas nas antologias mencionadas, esta comunicação busca ressaltar o aspecto da concisão nos poemas-traduições de Campos. Ela se refere tanto à escolha de poemas que ressaltam o silêncio quanto à técnica tradutória do paulista, bem como se relaciona com o conceito de condensação poética, segundo Ezra Pound (2006). O entendimento de tradução como criação e crítica se fundamenta aqui não apenas no texto de Haroldo de Campos (2015), como também nos trabalhos de Paul Ricoeur (2011) e Maurício Cardozo (2019). No que se refere ao entendimento dos textos de Rilke e Campos, foram referenciados os trabalhos de Francisco Marcolino (2013), Szendi Zoltán (2007), Myriam Ávila (2004), Eduardo Sterzi (2004), Axel Englund (2016), entre outros.

Referências: ÁVILA, Myriam. Traduzir, conduzir, reduzir. In: SÜSSEKIND, Flora; GUIMARÃES, Júlio Castañón (org.). Sobre Augusto de Campos. Rio de Janeiro: 7Letras: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004. p. 296-303 CAMPOS, Augusto. Coisas e anjos de Rilke. São Paulo: Perspectiva, 2001. CAMPOS, Augusto. Coisas e anjos de Rilke. 2 ed. rev. e amp. São Paulo: Perspectiva, 2013. CAMPOS, Haroldo de. Haroldo de Campos – Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015. CARDOZO, Maurício Mendonça. Tradução e surpresa: vida e alteridade do poema em tradução. Santa Barbara Portuguese Studies – digital edition, vol. 3, 2019, p. 1 - 15 ENGLUND, Axel. Silence and the Sawmill: Rainer Maria Rilke on the Nuisance of Sounding Music. Word & Music Studies, Vol. 15, 2016. p. 133-151. MARCOLINO, Francisco Fábio Vieira. Antirretórica do menos: A poesia pós-concreta de Augusto de Campos. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. POUND, Ezra. ABC da Literatura. Tradução de A. de Campos e J. P. Paes. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. RICOEUR, Paul. Sobre a tradução. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 71 p. RILKE, R. M. Rilke: poesia-coisa. Trad. Augusto de Campos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994 STERZI, Eduardo. Todos os sons, sem som. In: SÜSSEKIND, Flora; GUIMARÃES, Júlio Castañón (org.). Sobre Augusto de Campos. Rio de Janeiro: 7Letras: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004. ZOLTÁN, Szendi. Perspektivierung und Daseinsdeutung in der Lyrik der mittleren Periode Rainer Maria Rilkes. Pécs, 2007.

PARTICULARIDADES DA TRADUÇÃO DO POEMA “LA LOBA” DE ALFONSINA STORNI

Cristina Maria Ceni de Araujo

Resumo: Alfonsina Storni (1892 1938) foi uma importante escritora argentina, mas tem seus primeiros poemas traduzidos para o português brasileiro somente em 2020, os quais são publicados no Brasil em duas antologias. Entre estes poemas encontra-se, em ambas as antologias, um dos poemas mais significativos de Storni, “La loba”, publicado em seu primeiro livro La inquietud del rosal (1916), em que fala sobre sua situação como mulher, onde expõe suas primeiras experiências transgressoras, incita e provoca outras mulheres à ação. Storni sempre mostrou uma posição marcadamente feminista em sua escrita, a qual nem sempre é explicitada nestas traduções, o que

torna perceptível a importância da reescrita de um texto não apenas pelo aspecto tradutório, mas pelo respeito à autoridade presente nele. Uma maneira de alcançar o propósito feminista existente sob esses versos é o uso das práticas feministas da tradução, as quais visam a valorizar a individualidade da autora mulher e suas implicações. Assim, com o intuito de refletir sobre a reescrita de um texto sob uma perspectiva de cuidado e sensibilidade, que busca manter sua singularidade, bem como seu propósito, será realizada uma tradução feminista do poema “La loba”. A realização desta tradução sob a ótica das teorias dos estudos da tradução feminista, de Luise von Flotow, Sherry Simon, entre outras, e de suas ferramentas corrobora com a necessidade de um olhar para além da tradução instrumental, onde há, neste caso, uma preocupação com o poema e a voz da poeta. Com isso, proponho uma análise sobre as traduções, as escolhas tradutórias e suas inferências, demonstrando que a tradução de um poema está além da reescrita de um texto original em outra língua, principalmente quando da intenção de preservação de uma fala que possibilita a ampliação de discussões implícitas no texto original.

Referências: Luise von Flotow (1997) Sherry Simon (1996) Olga Castro (2017) Delfina Muschietti (2010).

POESIA E AUTOTRADUÇÃO: TEXTUALIDADES ANFÍBIAS NA LITERATURA DA DIÁSPORA HISPANO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Elena Palmero González

Resumo: Este simpósio traz uma proposta instigante para pensar a poesia em autotradução como forma singular de vida do poema, um tema que estudo no âmbito das escritas translíngues produzidas ao calor dos contatos culturais interamericanos da contemporaneidade. A autotradução é uma prática criativa já frequente na literatura hispano-americana produzida nos Estados Unidos, que aparece com uma geração de escritores totalmente biculturais e bilíngues. Ela põe em xeque uma concepção binária da tradução que distingue texto de partida e de chegada, autor e tradutor e língua própria e estrangeira. Aqui ambas as línguas são próprias e alheias, ambas as textualidades são partida e chegada, faces de uma mesma moeda, recriação autorizada que conecta partes de uma mesma identidade. Nesse sentido a autotradução não tem como horizonte alcançar a equivalência, mas introduzir a diferença. O trabalho de escrita e autotradução integra toda uma proposta estética em que o movimento de vai-e-vem de um texto para o outro corresponde à dimensão crítica dessa obra dupla, que se volta para si mesma. A duplicidade nesse caso não se limita ao caráter bilíngue da obra, a obra na sua totalidade funciona como um jogo de espelhos invertidos. Nesta comunicação estudarei textos poéticos bilíngues de escritores cubano-estadunidenses cujo trabalho de autotradução está diretamente vinculado à primeira edição da obra, ou seja, a tradução não é uma intervenção posterior à escrita e publicação do texto, estando envolvida no próprio processo criativo, de maneira que a obra integra duas línguas em um único objeto fisicamente inseparável. Esse trabalho não apenas desafia as noções de texto original e texto traduzido (OUSTINOFF, 2003), autor e tradutor (HOKENSON & MUNSON 2007), mas também as de língua materna e estrangeira, abrindo uma interessante perspectiva de ler um sujeito habitado por duas línguas e um texto cuja forma de vida é anfíbia.

Referências: HOKENSON, Jan; Marcella Munson. *The Bilingual Text: History and Theory of Literary Self-Translation*. Manchester, St. Jerome, 2007. OUSTINOFF, Michaël. *Bilinguisme d'écriture et autotraduction*. Julien Green, Samuel Beckett, Vladimir Nabokov. Paris: L'Harmattan, 2001.

IDIOMA CIXOUS: SOBREVIDA DO OUTRO EM MAIS DE UMA LÍNGUA

Flávia Trocoli Xavier da Silva

Resumo: Em *Hyperrêve*, 2006, de Hélène Cixous, a narradora se desloca entre tempos: o da morte iminente da mãe, Ève, o da morte recente de seu amigo, Jacques Derrida, o da escuta e releitura. Enquanto unge a pele centenária da mãe, Ève lhe conta que, na década de 30, comprou um *sommier* de um intelectual alemão bem-educado, Walter Benjamin. O fato é que o *sommier* sobreviveu. Esquecido, ele provocará na narradora uma releitura de questões em torno da herança, da aura, da reprodutibilidade técnica. E, ao se deitar nele, recebendo sua força aurática, a narradora sonhará

com J. D. e tentará agarrar o que sua voz lhe diz. Se a história tardia do *sommier* implicou uma releitura de questões benjaminianas, o sonho com Derrida a deslocará para cenas da desconstrução, inclusive para uma cena da perda do manuscrito de Fichus, 2002, que Derrida lhe teria confiado e ela teria perdido. Sabe-se que, neste discurso de Frankfurt, Derrida, como se em sonho, evoca não somente as relações entre a teoria crítica e a desconstrução, mas também um sonho de Benjamin que entrelaça *fichus* (o xale e o perdido) e a poesia. Ainda sob o efeito do sonho, a narradora nomeia o modo através do qual ela e Derrida se entrelêem, isto é: por *secrécitation*, condensação de segredo, segredo e citação; remetendo o leitor, também, a *Un ver à soie*, 1998, texto em que Derrida lê *Savoir* de Cixous. Dito isso, pensaria *secrécitation* como forma de dar sobrevida a outros textos, reinvenção do ato de leitura a partir da singularidade de cada texto. Em *Hyperrêve*, inscrevendo a língua da noite a se traduzir, num tempo em que vida e morte não mais se opõem, essa coisa sem defesa, órfã, a escrita, recebe o *événement* na língua. Ou, em mais de uma: idioma Cixous.

Referências: CIXOUS, Hélène & DERRIDA, Jacques. *Voiles*. Paris: Galilée, 1998. CIXOUS, Hélène. *Hyperrêve*. Paris: Galilée, 2006. DERRIDA, Jacques. *Fichus: discours de Francfort*. Paris: Galilée, 2002.

“QUANDO FÔRES BEM VELHA”, OU COMO TRADUZIR O ARCAICO

Guilherme Cunha Ribeiro

Resumo: Esta comunicação pretende ser, ao mesmo tempo, a autoanálise crítica e proposta de tradução de um soneto de Jacques Roubaud, cujo traço estilístico central é a produção de um aparente arcaísmo linguístico e temático. Recuperando a tradição da poesia devocional francesa seiscentista e setecentista – cujo estudo fundamental permanece o de Terence Cave – e, dentro dela, a poética de Jean de Sponde e Jean du Clugnot de Flammermont, o poeta francês mimetiza seu modo de escrita, de um acentuado virtuosismo formal, desviando-o, contudo, para seus próprios fins expressivos e temáticos. Diante de tal artefato artificioso e maneirista, qual a tarefa da tradução? Para pensar essa questão, é preciso se debruçar criticamente sobre a poética do autor francês e as conexões que ela entretém com o passado literário, assim como sobre os projetos poéticos e tradutórios que lidam com o diacronismo em português. À luz das traduções que Guilherme de Almeida fez de Pierre de Ronsard (da qual extraio o título da comunicação), de Joachim du Bellay, além das de Villon, famosas; à luz também do “Cantar de amor” de Manuel Bandeira, sustento que se deve buscar reproduzir esse efeito consciente de anacronismo que é o produto de sua leitura. Em paralelo, surge o problema da passagem interlinguística. É preciso que o poema traduzido se hospede na tradição literária da língua de chegada, inaugurando questões que escapavam aos limites do original e, por outro lado, escapando de outras que o original se colocava. Nesse sentido, o movimento crítico e o tradutório se aliam e se alimentam um ao outro, no intuito de fornecer as bases para uma tradução em que se reúna a espessura histórica e o ímpeto poético. A apresentação buscará evidenciar os procedimentos e escolhas tradutórias com que operou e que se mostraram eficazes para atingir essa visada.

Referências: ALMEIDA, Guilherme de. (org. e trad.). *Poetas de França*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. ALMEIDA, Guilherme de. (org. e trad.). *Flores das “Flores do mal” de Baudelaire*. São Paulo: Editora 34, 2010. BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. In: _____. *Poesia completa & Prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974. BANDEIRA, Manuel. *Lira dos cinquent’anos*. In: _____. *Poesia completa & Prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974. BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. CAMPOS, Haroldo de. Marcelo Tápia (org.), Thelma Médici Nóbrega (org.). *Haroldo de Campos – Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2015. CAVE, Terence. *Devotional poetry in France. c. 1570-1613*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. ELIOT, T. S. *Tradition and Individual Talent*. In: *The complete prose of T. S. Eliot*. Volume 2: *The perfect critic, 1919-1926*. CUPA, Anthony; SCHUCHARD, Ronald (orgs.). Baltimore: The Johns Hopkins University Press and Faber and Faber, 2014. MONTEMONT, Véronique. *Jacques Roubaud : L’amour du nombre*. Villeneuve d’Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2004. PARIS. BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE – SPONDE, Jean de. *Meditations sur les pseumes XIII. ou LIII. XLVIII. L. e LXII. avec un Essay de quelques poèmes chrestiens*. Paris: [s. e.], 1588. ROUBAUD, Jacques (org.). *Le Soleil du soleil. Anthologie du sonnet français de Marot à*

Malherbe. Paris: Éditions Gallimard, 1999 [1990]. ROUBAUD, Jacques. Square des Blancs-Manteaux. In: _____. La forme d'une ville change plus vite, hélas, que le cœur des humains. Paris: Éditions Gallimard, 2006 [1999], p. 67-85. SPONDE, Jean de. Poésies. Alan Boase et François Ruchon [ed.]. Col.: Les trésors de la littérature française. Genebra: Éditions Pierre Cailler, 1949. SPINA, Segismundo (org.). História da língua portuguesa. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

TRANSLADAR O SAGRADO, TRADUZIR O SEGREDO: ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DE EXU NA CULTURA BRASILEIRA RECENTE

Gustavo Scudeller

Resumo: A literatura e a tradução guardam uma relação íntima com o segredo. Segundo uma fórmula corrente, só o intraduzível pode ser, de fato, traduzido. Também a literatura precisa ser capaz de se reservar o direito de dizer tudo e, ao mesmo tempo, não dizer nada sobre tudo o que lhe concerne para fazer jus ao seu conceito moderno, isto é, o de ser uma prática democrática e aberta ao outro. No Brasil temos assistido nos últimos anos a uma proliferação do interesse pela mitologia afro-brasileira dos orixás, mais especificamente, por Exu. São muitas as obras tendo a entidade como tema, indo de ensaios filosóficos e sobre tradução a filmes, músicas, peças teatrais, contos e poemas. Segundo o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, Exu pode ser visto em algumas tradições como uma espécie de “tradutor universal”, um protetor das encruzilhadas, do comércio e da comunicação. Mas o que podem significar essas migrações de Exu para a cultura dominante? Pertencendo a religiões de caráter iniciático, Exu também tem seus segredos. Ele implica a ideia de uma alteridade indomável, que não se confunde com aquilo que a literatura e a tradução celebram como objetos de sua eleição e interesse. O que ele comporta de religioso e sagrado não se deixa reduzir a um tipo de saber laico bem-informado, instrumental ou competente, nem se acomodar em formas mais ou menos apaziguadas de fetichização ou folclore. Exu resiste — e, em primeiro lugar, à própria tradução, quer dizer, ao ideal de uma tradução unívoca. Ao mesmo tempo, só resiste porque ele mesmo se traduz na sua variedade inexaurível de formas. Resta pensar o que essa abundância pode significar para a reflexão sobre a tradução e o poema.

Referências: DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução relevante. Trad. Olivia Niemeyer Santos. Alfa, São Paulo, 44, n. esp, p. 13-44, 2000. _____. “Outrem é secreto porque é outro”. In: _____. Papel-máquina. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. FLORES, Guilherme Gontijo et CAPILÉ, André. Tradução-exu: ensaio de tempestade a caminho. Belo-Horizonte: Relicário, 2022. NATALI, Marcos. Além da literatura. Literatura e sociedade, [s. l], v. 11, n. 9, p. 30-43, 2006. _____. Como deixar um segredo (literatura e filosofia). In: KUNZ, Martine Suzanne, ARAÚJO, Orlando Luiz de et. ALMEIDA, Solange Maria Soares de (Org.). Literatura, sociedade e interdisciplinaridade: articulações literárias. Belo Horizonte: Moinhos, 2019. SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2006. _____. Exu: um deus afro-atlântico no Brasil. São Paulo: Edusp, 2022.

SETE VIDAS PARA UM POEMA : ANNE CARSON CONTRA-ASSINA ÍBICO

Helena Franco Martins

Resumo: Às vezes sinto que passei a vida reescrevendo a mesma página; no topo dessa página lê-se ‘Ensaio sobre tradução’, disse uma vez Anne Carson (2016, s.p., trad. minha). A frase dá sinal metonímico de um traço já bastante reconhecido entre seus leitores e críticos: toda a sua (muito variada) atividade como escritora se deixa atravessar por um interesse pela circunstância da tradução — por seus diferentes horizontes e modos, por seus nutritivos impasses, seus incalculáveis efeitos. De gênero amiúde inclassificável, seus escritos incluem e sobretudo misturam tradução (em especial de literatura grega clássica), escólio, crítica, ensaio, poesia, prosa, performance e mais. Nesta comunicação investigo o que de singular se oferece no pensamento-práxis da escritora canadense para pensar relação entre criação poética, tradução e crítica. A reflexão proposta se baseia em um exercício tradutório específico, no qual Carson toma um poema do poeta lírico grego Íbico (fr. 286) e, a uma primeira tradução, digamos, “mais convencional”, acrescenta outras seis,

compostas com o uso deliberado de “palavras erradas”, retiradas respectivamente de um poema de John Donne; de um arquivo do FBI (o de Bertold Brecht); de uma página específica de Fim de partida de Beckett; de uma conversa de Franz Kafka com Gustav Jarnouch; das placas do metrô de Londres; e de um manual de micro-ondas. O exercício em questão fecha o ensaio “Variations on the right to remain silent” (2016a, s.p.), que, todo dedicado ao tema da tradução, pensa-a sob o signo da “catástrofe”. Defenderei em particular a fertilidade de aproximar essa concepção de tradução como catástrofe da concepção derridiana da leitura (e da criação) como contra-assinatura (e.g. Derrida 1988, 2014).

Referências: CARSON, Anne. Cassandra Float Can. In: _____. Float. New York: Alfred A. Knopf, Publisher, 2016. _____. Variations on the right to remain silent. In: _____. Float. New York: Alfred A. Knopf, Publisher, 2016a. DERRIDA, Jacques. Signéponge. Paris: Éditions de Seuil, 1988. _____. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. ÍBICO. Fragmento 286. In: WILKINSON, Claire Louise. The Lyric of Ibycus Introduction, Text and Commentary. Berlin/Boston: De Gruyter, 2013, p. 287.

A ESCRITA COMO DESENHO DE PALAVRAS NA TRADUÇÃO DOS MITOPOEMAS YĀNOMAM

Izabela Guimarães Guerra Leal

Resumo: O desejo de apresentar aos brancos a cultura yanomami está presente numa publicação que antecipa, de algum modo, A queda do céu, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Trata-se do belíssimo livro Mitopoemas yānomam (1978), que tomou como ponto de partida o trabalho de Claudia Andujar e de Carlo Zacchini junto aos Yanomami. Andujar fotografou-os pela primeira vez em 1971; em 1974 começou a desenvolver um trabalho que envolvia o desenho, propondo, inicialmente, que eles desenhassem com caneta hidrográfica sobre papel e, posteriormente, que narrassem episódios relacionados à sua cosmovisão, como o “Começo do mundo”, “A primeira mulher”, “Omam, o homem das cavernas”, “A lua”, “A lua Poripo”, “O dilúvio”, etc. Esses conjuntos de imagens e palavras – considerados “mitopoemas” – foram primeiramente traduzidos de forma literal (palavra por palavra) e depois foram reelaborados, dando origem aos textos em português, italiano e inglês que compõem a edição. Tal proposta editorial, coordenada pelo poeta Mário Chamie, mobiliza conexões imprevistas e desorganiza sentidos estanques relacionados tanto à cultura de partida quanto à de chegada. Esta comunicação tem como objetivo investigar a atualidade desse projeto que aposta na “fusão de palavra oral e desenho”, conduzindo-nos a outro regime de pensamento. A tradução, nesse sentido, funciona como dispositivo crítico que nos permite lançar um olhar em direção à cultura yanomami, percebida em sua complexidade, ao mesmo tempo em que desestabiliza a própria noção de poesia, tal como ela é entendida, via de regra, nos termos da literatura ocidental.

Referências: ALMEIDA, Maria Inês; QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/UFMG, 2004. BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. In: Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921). Jeanne Marie Gagnebin (Org.). São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 101-119. BERMAN, Antoine. A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002. CHAMIE, Mário (coord.). Mitopoemas yānomam. São Paulo: Olivetti do Brasil, 1978. KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. A queda do céu – palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 11-41. SÁ, Lúcia. Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

AS TRADUÇÕES EXCESSIVAS DE MÁRIO CESARINY

Joana Matos Frias

Resumo: Mário Cesariny qualificou como “excessivas” não as suas traduções, mas um conjunto de homenagens poéticas com que prestou tributo a certos escritores da sua intimidade literária, como André Breton ou Alexandre O’Neill, António Pedro ou Alfred Jarry. Sintomaticamente, o título original

do conjunto é em francês e não em português - "hommages excessives" -, o que já sugere alguma coisa acerca da forma de vida literária do autor de *Pena Capital*, cuja vocação transnacional foi também marcada por pontos biográficos muito dignos de nota, como as longas estadias em França e em Inglaterra, em tempos ditatoriais e censórios. A transferência que aqui se propõe do adjetivo "excessivas" para atributo de alguns exercícios tradutórios levados a cabo por Cesariny visa assinalar a singularidade dos resultados desses exercícios, bem como o modo como a obra de Cesariny através deles recompõe a sua própria expressão artística. Tendo sobretudo em conta este último princípio, será dado especial destaque aos casos de Rimbaud e de William Morris: o primeiro, objecto de uma extensa e intensa dedicação ao longo de anos, suscitada por uma muito especial afinidade electiva cujos traços essenciais importa reconstituir com precisão; o segundo, metonímia expressiva de um "coup de foudre" tardio pela irmandade pré-rafaelita, cujos contornos e consistência requerem ainda definição.

Referências: Clare Cavanagh, "The art of losing: Polish poetry and translation", *Partisan Review*, vol. 70, 2, Primavera 2003. Leo Strauss, "Persecution and the art of writing", *Persecution and the Art of Writing*, Chicago/ Londres, The University of Chicago Press, 1980. Lydia Davis, "John Ashbery's translation of Rimbaud's *Illuminations*", *Essays One*, Nova Iorque, Picador, 2020. Mário Cesariny, *As Mãos na Água A Cabeça no Mar*, Porto, Assírio & Alvim, 2015. Mário Cesariny, *Poemas Dramáticos e Pictopoemas*, ed. e pref. Perfecto E. Cuadrado, Porto, Assírio & Alvim, 2020a. Mário Cesariny, *Poesia*, ed. e pref. Perfecto E. Cuadrado, Porto, Assírio & Alvim, 2017. Mário Cesariny, *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial*, Lisboa, Documenta/ Fundação Cupertino de Miranda, 2021. *Os Pré-Rafaelitas: Antologia Poética*, pref. e trad. Helena Barbas, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005. Rimbaud, *Illuminations*, trad. e pref. John Ashbery, Nova Iorque, W. W. Norton & Company, 2012. Rimbaud, *Iluminações/ Uma Cerveja no Inferno*, trad. Mário Cesariny, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995.

O FLORESCER DA POESIA RUSSA NOS CAMPOS DA POESIA CONCRETA: RECEPÇÃO, TRADUÇÃO E NOVAS PERSPECTIVAS

Karina Vilela Vilara

Resumo: Os movimentos de Vanguarda no campo da poesia deixaram considerável herança à cena literária brasileira. Uma parte de relevante valor desse legado foi construída pelo grupo Noigandres, composto por Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Tais autores foram responsáveis pela criação do movimento da Poesia Concreta, que inaugurou não só diversos exercícios de experimentalismo poético, como incorporou outros braços constitutivos para seu corpo: a tradução e a crítica. Busca-se nesta comunicação expor um capítulo dessa história: a recepção da poesia russa (em tradução direta) no Brasil e sua inserção no imaginário cultural nacional. Além de apresentar e contextualizar as emblemáticas antologias *Poemas de Maiakóvski* (1967) e *Poesia Russa Moderna* (1968), traduzidas pelos irmãos Campos com a colaboração de Boris Schnaiderman, intenta-se destacar algumas questões de tradução empreendidas nos dois projetos. A história da tradução da poesia russa no Brasil está diretamente ligada ao cânone que dela se formou, um cânone essencialmente de vanguarda, ou composto por nomes do século XX. Repensar o cânone e elaborar meios de trazer outros períodos, como o século XIX, é repensar o *modus operandi* da tradução do verso russo. Para empreender uma nova maneira de olhar para a poesia russa e realizar o exercício de trazê-la à cena brasileira contemporânea, pela tradução e pela crítica, o trabalho ancorar-se-á nos ensaios de Marcos Siscar reunidos na coletânea *De volta ao fim: o "fim das vanguardas" como questão da poesia contemporânea* (2016). À luz dos escritos sobre Mallarmé e da poesia pós-utópica de Haroldo de Campos, acredita-se que há um caminho possível para o inaugurar de um novo capítulo da poesia russa no Brasil.

Referências: BONAVINA, Rafael; SIPHONE, Raquel. Um Catálogo de Traduções do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa. In: *RUS* (São Paulo), [S.1], v. 11, no. 17, p. 313-331, 2020. DOI: 10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.174305. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/174305>. Acesso em: 16 mar. 2021. CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da poesia concreta*. São Paulo: Livraria Duas

Cidades, 1975 [1965]. CAMPOS, Haroldo de. Ensaio de meta-metalinguagem - O estudo de V. V. Ivanov sobre o poema Khlébnikov. Revista USP, [S. l.], n. 2, p. 55-70, 1989. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i2p55-70. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25460>. Acesso em: 15 mar. 2021. CAMPOS, Haroldo de. O texto como produção (Maiakóvski). In: A ReOPERAÇÃO DO TEXTO. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 47-95. CAMPOS, Haroldo de. Transcrição. Organização: Marcelo TÁPIA, Thelma Médici NÓBREGA. São Paulo: Perspectiva, 2013. SCHNAIDERMAN, Boris. Haroldo de Campos e a transcrição da poesia russa moderna. In: Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras, Florianópolis, v. 25, 2003. DOI: <https://doi.org/10.5007/fragmentos.v25i0.7678>. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/7678>. Acesso em: 19 abr. 2021. SISCAR, Marcos. De volta ao fim: o “fim das vanguardas” como questão da poesia contemporânea. 1.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

DESTRUIR, TRADUZIR

Larissa Drigo Agostinho

Resumo: Essa comunicação faz parte de um projeto de pesquisa que visa pensar um novo ethos poético, moderno e igualmente contemporâneo, a partir de dois poetas, Baudelaire e Hölderlin. Trata-se de comparar dois momentos distintos na criação de dois poetas igualmente bastante distintos. Nessa ocasião pretendemos explorar, a partir da atuação, tão controversa e comentada, de Hölderlin como tradutor, de que forma sua prática de tradução forneceria um *modus operandi*, ou uma espécie de método ou procedimento, para a criação poética e quem sabe, talvez possamos dizer, de forma a tradução funciona como uma forma de vida. Desde muito cedo, 1798, Hölderlin se preocupava sobretudo com a vivacidade (*lebendigkeit*) na poesia. Em uma carta ao seu amigo Neuffer ele afirma que a vivacidade na poesia é o que mais o preocupava. Ele acreditava que deveria extrair do que nele tinha o efeito mais destrutivo, um material, o material indispensável não de sua poesia, mas de sua vida, e sem o qual o que tinha de mais profundamente seu não poderia estar presente. Fazer presente o que há de mais seu, sombras da luz, como se aquilo que provoca a destruição, o ímpeto destrutivo, digamos assim, fosse o tom subordinado de sua alma, entre os quais ela brota e jorra e brilha da forma mais vivaz. É no manejo do ímpeto destrutivo, força que vem de fora, que está o caminho para a vivacidade da poesia. De que forma esse processo se articula na poesia de Baudelaire, no sentido maior da palavra, dos versos à prosa passando pelos diários e pelo dandismo? Como Baudelaire fez do ímpeto de destruição uma força motriz de sua poesia?

Referências: Baudelaire. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1975. Constantine, David. Hölderlin. Clarendon Press, 1988. Carson, Anne. “Variations on the right to remain silent”. In: *A Public Space*, Brooklyn, New York. Issue 7 / 2008. Fioretos, Aris. *The Solid Letter: Readings of Friedrich Hölderlin*. Stanford University Press, 2000. Hölderlin, Friedrich. *Hyperion and Selected Poems*, edited by Eric L. Santner. Continuum, 1990.

“A LOJA DE BOMBOM BARATO ALÉM DO EL” OU SOBRE COMO LEMINSKI CANTOU FERLINGHETTI

Lívia Mendes Pereira, Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Resumo: Os autores que Paulo Leminski traduziu, ou melhor, escolheu para fazer parte de seu “paideuma particular” são em geral revolucionários em suas épocas e serviram como referências para o futuro. O poeta curitibano não se limitou a uma acomodação passiva nas vertentes literárias/tradutórias em que participou, ao contrário, a prática tradutória foi decisiva na construção de sua poesis singular, seja traduzindo, proseando ou poetando. Assim, Leminski perseguiu o conceito de “trans-criação em tradução”, nos seus termos: ao reconhecer a “impossibilidade da tradução enraizada na palavra” e ao considerar o ato de traduzir operando a partir de uma difícil transformação, relacionada até mesmo a um “ato de violência” (LEMINSKI, 2012 [1986], p. 237), mas que deve ser digerido de forma que ultrapasse a fronteira do impossível e passe a ser algo crítico e criativo. Nesse sentido, o poeta fez com que seu trabalho tradutório alcançasse o status de “criação”, ao produzir novos originais afinados, sobretudo, com sua poética, em alguns casos, como neste que abordaremos, retificando a própria *intentio operis* autoral. Trataremos, pois, nesta comunicação a

expressividade que Leminski imprimiu nas traduções de poemas do poeta beat norte-americano Lawrence Ferlinghetti, identificando seus momentos de “re-criação” de uma poesia, que, segundo Leminski, está mais conectada ao poema falado, como uma espécie de recital. Acontece que essa interpretação vai contra o próprio alvitre de Ferlinghetti, para o qual “poesia moderna é prosa” e, conforme o próprio tradutor observa, seria um equívoco do autor, que teria “uma poesia muito menos prosa do que ele imaginava” (LEMINSKI, 1984, p. 262). Pretendemos, juntos com Leminski, tratar desses paradoxos, e de outros, diante do poema “A Loja de Bombom Barato [ou seria “dos caramelos”] Além do El”, em busca de aprofundar a reflexão sobre essa singular forma de vida antagônica do novo poema traduzido.

Referências: BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN (org.). Clássicos da teoria da tradução: Alemão-Português. 2.a ed., revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2010. Volume I. p. 201-231. CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: CAMPOS, Haroldo de. Metalinguagem e outras metas. São Paulo: Perspectiva, 2010 [1963]. p. 31- 48. CARDOZO, Mauricio Mendonça. História da Tradução: a questão do objeto, o objeto em questão. In: Gilles Abes; Juliana Bergmann; Andréa Cesco (Org.). História da Tradução: potências de um diálogo. 1.ed. Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2021. v. 1, p. 9-34. CARDOZO, Mauricio Mendonça. Ler Pelo Não: A Tradução Nos Vãos do Dito. In: SANDMAN, Marcelo; MÜLLER, Aldaberto. et al. A pau e pedra a fogo e pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010. FERLINGHETTI, Lawrence. Vida sem fim: As minhas melhores poesias. Trad. Nelson Ascher, Paulo Leminski, Marcos Ribeiro e Paulo Henriques Brito. São Paulo: Brasiliense, 1984. LEMINSKI, Paulo. FERLINGHETTI-SE. In: FERLINGHETTI, Lawrence. Vida sem fim: As minhas melhores poesias. Trad. Nelson Ascher, Paulo Leminski, Marcos Ribeiro e Paulo Henriques Brito. São Paulo: Brasiliense, 1984. [Posfácio, p. 261-265]. LEMINSKI, Paulo. TRANS/PARALELAS. In: LEMINSKI, Paulo. Ensaios e Anseios Crípticos. Campinas: Editora Unicamp, 2012 [1986]. p. 284-286. LEMINSKI, Paulo. TAIYO TO TETSU: Entre o gesto e o texto. In: LEMINSKI, Paulo. Ensaios e Anseios Crípticos. Campinas: Editora Unicamp, 2012 [1986]. p. 226-240. PEREIRA, Livia Mendes. Paulo Leminski cancionista e o poema-canção Verdura. ORGANON, v. 35, p. 1, 2019. POUND, Ezra. ABC da literatura. Trad. José Paulo Paes, Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2013 [1970].

“EU SOU UM QUE LÊ”: TRADUÇÃO E ENDEREÇAMENTO EM ANA CRISTINA CESAR

Marcos Antonio Siscar

Resumo: A tradução é um tema familiar aos leitores de Ana Cristina Cesar, autora que chegou a escrever uma dissertação de mestrado sobre o assunto. O objetivo desta comunicação, entretanto, não é o de avaliar os diálogos da poeta carioca com a teoria da tradução, tema que já foi objeto de outros estudos. Trata-se, antes, de entender como a questão da tradução se associa com elementos de sua “poética” – se pudermos usar esta palavra tanto no sentido da visão crítica sobre a poesia quanto da performance do poema. Nossa estratégia não será a de oferecer um panorama amplo dessas relações, mas a de explorar um ponto específico de aproximação, em que o raciocínio sobre o texto traduzido (isto é, sobre a forma de vida que se lê em uma “língua de chegada”) tanto pressupõe a questão do endereçamento poético (do texto como algo que se recebe e que se remete) quanto tira consequências dessa lógica. Se a tradução é uma passagem (“passagem ao sentido”, segundo a expressão usada por Jacques Derrida), trânsito e endereçamento podem ser aproximados como movimentos análogos. Nossa hipótese é a de que a leitura de alguns textos da poeta (de determinadas cenas críticas relacionadas à passagem, ao trânsito, ao endereçamento) sugere uma experiência da tradução como imperativo de valor ético.

Referências: CESAR, Ana Cristina. Poética. São Paulo: Co. das Letras, 2013. CESAR, Ana Cristina. Crítica e tradução. São Paulo: Co. das Letras, 2016. COLLOT, Michel; MATHIEU, Jean-Claude. Poésie et altérité. Paris: École Normale Supérieure, 1990. DERRIDA, Jacques. La dissémination. Paris: Seuil, 1972. DERRIDA, Jacques. La carte postale. Paris: Flammarion, 1980. CULLER, Jonathan. Theory of the lyric. Cambridge: Harvard University Press, 2015. PEDROSA, Célia; KLINGER, Diana; WOLFF, Jorge; CÁMARA, Mario (org.). Indicionário do contemporâneo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

SISCAR, Marcos; MORAES, Marcelo Jacques; CARDOZO, Maurício Mendonça. Vida poesia tradução. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.

A BESTA, O SOBERANO E O POEMA TRADUZIDO: NOTAS PARA APRENDER A SÓ SER

Mauricio Mendonça Cardozo

Resumo: Em seus seminários intitulados A besta e o soberano, ministrados na EHESS entre 2001 e 2003 e articulados em torno de questões ligadas à noção de soberania do Estado-nação e ao seu fundamento onto-teológico-político, Jacques Derrida parte de sua leitura de obras da literatura e da filosofia para desenvolver um pensamento sobre diversas figuras da besta e do soberano, assim como sobre a besta e o soberano aquém e além de sua condição de figuração. Para os fins deste trabalho, cabe destacar, do amplo corpus reflexivo de Derrida sobre a besta (o animal) e as questões de soberania, uma semelhança e uma distinção. Para além de discutir as lógicas que fundam a condição de submissão da besta, o pensador aproxima a besta e o soberano a partir de uma certa condição de exterioridade em relação à lei, uma condição comum que a besta e o soberano partilhariam (a despeito de suas tantas diferenças), no sentido específico de que ambos se encontrariam “fora da lei, acima ou à margem da lei”. Já entre suas mais diversas ordens de distinção, Derrida distingue a besta e o soberano também a partir de um traço fundamental e constitutivo de sua forma de vida. Para o pensador, o soberano seria sempre solitário (só, sozinho), o que o presumiria como uma instância à parte, separada, isolada, única, indivisível e excepcional. A besta, de sua parte, habitaria sempre a condição de uma instância que não é solitária. Este trabalho se propõe a pensar o poema traduzido e suas diferentes formas de vida, tomando como ponto de partida o modo particular como Derrida esboça um pensamento sobre as semelhanças e as diferenças entre a besta e o soberano.

Referências: DERRIDA, Jacques. *Seminaire La bête et le souverain*, volume II (2002-2003). Paris: Galilée, 2010.

SOB O SIGNO DO VÓRTICE: A TRADUÇÃO DE HAROLDO DE CAMPOS DO LANCE DE DADOS DE MALLARMÉ

Nicollas Ranieri de Moraes Pessoa

Resumo: Álvaro Faleiros (2013), quando discute as soluções oferecidas por Haroldo de Campos em sua tradução do *Un Coup de Dés*, de Stéphane Mallarmé, enfatiza a dupla solução para o termo “gouffre”, vertido tanto como “vórtice” quanto como “abismo”. Teríamos aí um exemplo da escolha que privilegia o jogo aliterativo e as “correspondências semântico-visuais” em detrimento das cadeias semânticas do poema francês. Por outro lado, trata-se de um gesto exemplar da leitura que Haroldo de Campos empreende do poema: reforça o que há de “disseminação” e “reverberação”, além de demonstrar que sua “operação de leitura” se dá principalmente sob a cifra da “dobra”. Nesse sentido, valendo-se das notas do poeta a respeito de sua tradução, a presente investigação procura realizar uma análise cerrada dessa versão do texto para, assim, compreender como Haroldo de Campos disputa o significado do poema. Em grande medida, está em jogo o uso que o poeta brasileiro faz das mais relevantes exegeses do poema disponíveis até então: *L'Oeuvre de Mallarmé: Un Coup de Dés* (1951), de Robert Greer Cohn, e *Vers une explication rationnelle du Coup de Dés* (1953), de Gardner Davies. A primeira aproxima o poema do *Finnegans Wake*, de James Joyce, por meio da ambição totalizante de abarcar o nascimento, a vida e a morte do universo, e sugere, a partir do poema, uma epistemologia da “multipolaridade” e da “anti-síntese”. A segunda, em sentido diverso, descreve o *Un coup de dés* em uma dinâmica dialética. A propósito da lógica interna do poema, preliminarmente, é possível sustentar o “vórtice” como um lugar privilegiado da versão haroldiana: o abismo dá lugar à voragem, à devoração e à entropia. Diante do abismo, o poeta brasileiro elege o “talvez” como a palavra-chave do poema: o “fio vibratório” que comporta a dialética e o oxímoro em uma “síntese não-excludente”.

Referências: CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. Mallarmé. São Paulo: Perspectiva, 2002. CAMPOS, Haroldo de. Das ‘Estruturas Dissipatórias’ à Constelação: A Transcrição do Lance de Dados de Mallarmé. In: COSTA, Luiz Angélico da (Org.). *Limites da Traduzibilidade*.

Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996, pp. 36-39. COHN, Robert Greer. L'Oeuvre de Mallarmé: Un Coup de Dés. Paris: Librairie des Lettres, 1951. DAVIES, Gardner. Vers une explication rationnelle du Coup de Dés: essai d'exégèse mallarméenne. Paris: José Corti, 1953. FALEIROS, Álvaro. Um lance de dados: contrapontos à sinfonia haroldiana. Revista de Letras, São Paulo, v.47, n.1, p.11-30, jan./jun. 2007. FALEIROS, Álvaro. Haroldo de Campos e a dobra de Mallarmé. Tessituras, interações, convergências – XI Congresso Internacional da Abralic, USP, São Paulo, jul. 2008. MALLARMÉ, Stéphane. Um Lance de Dados. Introdução, organização e tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017. ROGER, Thierry. L'Archive du Coup de dés: Étude critique de la réception d'Un coup de dés jamais n'abolira le hasard de Stéphane Mallarmé (1897-2007). Paris: Classiques Garnier, 2010.

CONTORNOS DO ATO TRADUTÓRIO NA OBRA DE ANNE CARSON

Otávio Guimarães Tavares

Resumo: Anne Carson é o centro de uma vasta e diversa obra. Sua produção abrange ensaios, poemas, palestras, peças e um mundo de entremeios que habitam os espaços limites entre esta pluralidade de gêneros. Entretanto, talvez o traço mais fundamental na obra de Carson seja seu ofício como tradutora de literatura grega antiga. A tradução neste espectro rege toda uma concepção de mundo e possibilidade de mundo. Não é por acaso que Jessica Fisher (2015) chega mesmo a estipular que o lugar de Carson como tradutora seria o que rege sua genialidade como escritora ao mostrar para nós a simultânea proximidade e distância das coisas. Penso que seja mais significativo que isso. Podemos pensar a tradução em Carson como o ato de mostrar uma multiplicidade mantendo a diversidade visível. Trata-se do ato de produzir um terceiro lugar/tempo distinto do que foi e do que é. Proposta esta que Carson lê como o lugar de Eros lido a partir dos poemas de Safo e que, segundo indico aqui, acompanha a visão da autora por toda sua obra. A presente fala pretende mapear alguns contornos desta concepção de tradução a partir de diversos trechos da obra de Carson, tendo como foco principal seu poema "Essay on what I think about most" (2000), o ensaio "Variations on the right to remain silente" (2008), o prefácio "The task of the translator of Antigone" (2012), e a base desta concepção em Eros the Bittersweet (1998). O que se enseja é apontar que o ato tradutório concebido por Carson – que para nós em uma tradição brasileira poderia ser dito como de transcrição – carrega uma possibilidade de mundo em que a tradução se ergue como a produção de potencialidades ainda não existentes, como produzir outros mundos possíveis e outros modos de ser.

Referências: CARSON, Anne. The task of the translator of Antigone. In: SOPHOKLES. Antigone. (trad. Anne Carson). New York: New Directions Book, 2012. _____. Eros the Bittersweet. Champaign: Dalkey Archive Press, 1998. _____. Variations on the right to remain silent. A Public space, New York, n. 7, 2008. _____. Men in the off hours. New York: Vintage/Random House, 2000. FISHER, Jessica. Anne Carson's stereoscopic poetics. In: WILKINSON, Joshua Marie (Ed.). Anne Carson: Ecstatic lyre. Michigan: University of Michigan Press, 2015.

O RITO, O LUTO E A VIDA: NOTAS SOBRE TRADUÇÃO COM UMA VOLTA POR MALLARMÉ.

Pablo Simpson

Resumo: "No ritual do luto a comunidade é o sujeito autêntico do luto". A frase anterior provém do livro "O desaparecimento dos rituais" (2021: 25) de Byung-Chul Han. Gostaria de considerar o que se propõe aí como uma ritualização do luto no contexto de um debate sobre tradução, compreendendo-a como o espaço de certa permanência no tempo (a sobrevivência) e como afirmação do próprio tempo (a vida), a partir de três perspectivas. A primeira delas, de uma "agonística que dramatiza a tarefa do tradutor", como assinalou Paul Ricoeur (2004: 19) ao confrontar tradução e luto, na esteira da reflexão de Freud em "Luto e melancolia", e no caminho de um certo horizonte da sabedoria. A segunda delas, do lugar desse luto como fundador de uma "comunidade de tradutores", para servir-nos de uma formulação de Yves Bonnefoy com a qual pretendeu aproximar poetas e tradutores do que caracterizaria como um "pensamento da vida", uma evidência do mundo revelada pela poesia. O objetivo é considerar a afirmação de Byung-Chul Han, ainda, tendo como terceira perspectiva o projeto de tradução de um conjunto de sonetos de Stéphane Mallarmé, poeta

central para uma certa ritualidade da própria poesia moderna, tomada por dimensões do vazio, da ausência, e pelo gesto elegíaco de seus sonetos-túmulos.

Referências: Bonnefoy, Yves. La Communauté des traducteurs, Presses Universitaires de Strasbourg, 2000. Cardozo, Maurício Mendonça. "Transcrição, dom de vida", in Elyra, 9, 06/2017, p.41-57. Han, Byung-Chul. O desaparecimento dos rituais. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. Ricoeur, Paul. Sur la traduction. Paris: Bayard, 2004.

DO AZUL DA ÁGUA, DO NEGRO DO CÉU: POESIA E TRADUÇÃO EM "AS MÃOS NEGATIVAS", DE MARGUERITE DURAS

Paulo Fonseca Andrade

Resumo: Feito a partir de planos não utilizados de "Le Navire Night", o poema-filme "Les mains négatives" (1979) é um curta-metragem escrito e dirigido por Marguerite Duras. Composto de longos travellings das grandes avenidas de Paris, à hora da alvorada ou do cair da noite, o poema, por sua vez, evoca a ancestral prática das mãos negativas, que são pinturas de mãos encontradas nas grutas madalenianas da Europa do Atlântico Sul, ao mesmo tempo que lança um grito de amor. A força do cinema de Duras está justamente numa ruptura radical entre o que ela chama de o filme da imagem e o filme das Vozes. Dessa forma, a partir de uma experiência tradutória do poema de Duras, buscamos discutir como o desejo está aí articulado a algo de primitivo e irredutível ao pensamento discursivo, a algo da ordem do grito, que se revela a própria direção da escrita. Simultaneamente, extraímos do romance "Emily L." (DURAS, 1988a) o episódio do "poema queimado" (construído em torno de um poema de Emily Dickinson, "traduzido" em prosa no livro), a fim de compreendermos a experiência poética como um processo tradutório, feito de perdas e deslocamentos, que visa a converter a experiência vivida – a "sombra interna" – em "diferença interna" (DURAS, 1988a); por fim, pretendemos, nessa comunicação, articular essas imagens com outros textos durassianos, com um pensamento advindo da psicanálise literária (BRANCO, 2003) e com as ideias de Maurice Blanchot a respeito do neutro (2001, 2010), para pensarmos a escrita do poema e a tradução como experiências que buscam naquilo que "difere" a via real e única para o que faz laço.

Referências: BRANCO, Lucia Castello. A branca dor da escrita: três tempos com Emily Dickinson. Rio de Janeiro: 7Letras; Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE-UFMG, 2003. BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita. V.1: A palavra plural. São Paulo: Escuta, 2001. BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita. V.3: A ausência de livro. São Paulo: Escuta, 2010. DURAS, Marguerite. Boas falas. Rio de Janeiro: Record, s.d. DURAS, Marguerite. Emily L. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988a. DURAS, Marguerite. Le navire Night - Césarée - Les mains négatives - Aurélia Steiner - Aurélia Steiner - Aurélia Steiner . Paris: Mercure de France, 1979. DURAS, Marguerite. Os olhos verdes. Rio de Janeiro: Globo, 1988b.

SIMPÓSIO "O MONOLINGUISMO E O OUTRO: LITERATURAS LUSÓFONAS COMO ARENAS DE TRADUÇÃO INTERCULTURAL"

Coordenadores: Nabil Araújo de Souza (UERJ), Lúcia Ricotta Vilela Pinto ((UNIRIO) e Marcos Natali (USP)

O JOGO EQUÍVOCO DAS IDENTIDADES: NACÃO, ETNIA E LÍNGUA NA OBRA DE ARLINDO BARBEITOS

Anita Martins Rodrigues de Moraes

Resumo: Nesta comunicação, abordarei o complexo nacionalismo que perpassa a obra do poeta e historiador angolano Arlindo Barbeitos (1940-2021), investigando a relação que sua poesia trava com as chamadas formas tradicionais, ou seja, com o repertório cultural de povos que habitam o território angolano. Pretendo sugerir que o nacionalismo que atravessa sua obra, desde 'Angola Angolê, Angolema' (1976) e 'Nzaji (Sonho)' (1979), é marcado por questionamentos que se agudizam em seus últimos livros de poemas, 'Fiapos de sonho' (1992) e 'Na leveza do luar crescente' (1998), bem como em sua tese de doutorado em antropologia e história colonial, publicada com o título 'Angola-Portugal: Representações de si e de outrem ou o jogo equívoco das identidades' (2011). Darei

destaque para as categorias de “nação”, “etnia” e “língua”, problematizadas por Barbeitos. Em sua avaliação, onde havia troca e comunicação, que a “proximidade de todas as línguas bantu angolanas” tornava “relativamente fácil”, a etnologia colonial produziu “unidades tribais”, ou seja, “entidades diferenciadas e autônomas”, forjando classificações que se perpetuaram e que, inclusive, se viram incorporadas aos discursos nacionalistas angolanos. Para Barbeitos, não se trata de desejar o bom equilíbrio entre identidades étnicas e unidade nacional, mas sim de recuar e considerar que a “visão antropológica” subjacente a programas nacionalistas é historicamente situada, isto é, localizada numa determinada episteme. Nesse sentido, a onipresença das categorias de “nação”, “etnia” e “língua” na construção de identidades evidenciaria, para o autor, a força de um imperialismo epistemológico ainda vigente.

Referências: AIRES, Tiago Manuel Martins. *Arlindo Barbeitos: Poética da Concisão*. Dissertação em Literatura Românica, área de Estudos Brasileiros e Africanos. Universidade de Lisboa, 2009. AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (Orgs.). *No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. ARÊAS, Vilma. Água na água. *Revista de Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, vol. I, n. 19, pp. 57-66, Jan/jun 1992. BARBEITOS, Arlindo. *Angola, Angolê, Angolema*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976. _____. Nzoji (Sonho). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1979. _____. *O rio. Estórias de regresso*. Luanda: União dos Escritores Angolanos (Coleção Contemporâneos); Porto: Edições ASA, 1988. _____. *Fiapos de sonho*. Luanda: União dos Escritores Angolanos (Coleção Contemporâneos), 1992. _____. *Na leveza do luar crescente*. Lisboa: Caminho, 1998. _____. *Angola-Portugal: Representações de si e de outrem ou o jogo equívoco das identidades*. Luanda: Kilombelombe, 2011. GONÇALVES, Zetho Cunha. *Rio sem margem: poesia da tradição oral*. Vila Nova de Cerveira (Portugal): NÓSSOMOS, 2011. _____. *Rio sem margem: poesia da tradição oral (Livro II)*. Vila Nova de Cerveira (Portugal): NÓSSOMOS, 2013. LABAN, Michel. *Encontro com Arlindo Barbeitos*. In *Angola: Encontro com Escritores (Vol. II)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. LEITE, Ana Mafalda Leite. *Tempos, vozes e sonho: a poesia de Arlindo Barbeitos*. In: LEITE, Ana Mafalda Leite. *Oralidades e escritas pós-coloniais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 107-115. MARGARIDO, Alfredo. *Prefácio a Poetas Angolanos – Antologia da Casa dos Estudantes do Império (1962)*. In FREUDENTHAL, A.; MAGALHÃES, R.; PEDRO, H; VEIGA PEREIRA, C. (Orgs.). *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963) – Angola, São Tomé e Príncipe (Vol. I.)*. Lisboa: Edição ACEI, 1994. _____. *A Lusofonia e os lusófonos: novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições universitárias lusófonas, 2000. MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *O Voo Esquivo: Arlindo Barbeitos e a Questão da Identidade*. União dos Escritores Angolanos (UEA), 2008. Disponível em <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/328-o-v%C3%B4o-esquivo-arlindo-barbeitos-e-a-quest%C3%A3o-da-identidade>. Acesso em: 05/09/2021. OLIVEIRA, Mário António Fernandes. *Introdução a Poetas Angolanos – Antologia da Casa dos Estudantes do Império (1959)*. In FREUDENTHAL, A.; MAGALHÃES, R.; PEDRO, H; VEIGA PEREIRA, C. (Orgs.). *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963) – Angola, São Tomé e Príncipe (Vol. I.)*. Lisboa: Edição ACEI, 1994.

A LÍNGUA DE CAMÕES OU A ÚLTIMA FLOR DA IRRELEVÂNCIA: PROCEDIMENTO PARÓDICO EM PATRÍCIA LINO E RICARDO DOMENECK

Carla da Silva Miguelote

Resumo: O trabalho propõe uma leitura cruzada dos livros *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), da poeta portuguesa Patrícia Lino, e *Cigarros na cama* precedido de *Manual para melodrama* (2022), do poeta brasileiro Ricardo Domeneck. O primeiro pode ser lido como paródia dos manuais de sobrevivência do escotismo, projeto educacional aliado aos mecanismos introdutórios da narrativa colonial. Enquanto os manuais para escoteiros apresentavam ferramentas e estratégias militares para enfrentar os desafios de viver em meio à natureza, em terras remotas e “selvagens”, o livro de Lino apresenta objetos antiquados, quinquilharias e bugigangas, destinados a dar algum conforto aos herdeiros renitentes dos “descobridores”, que resistem a aceitar um mundo em que os subalternos de outrora exigem seus direitos e seu lugar. Entre esses objetos, encontra-se o “Manual da língua de Camões”, destinado

não aos portugueses, que “dominam indubitavelmente o conteúdo dos 20 capítulos” (LINO, 2020), mas aos membros de suas ex-colônias – aqueles cuja “língua materna” se configura como “língua do outro”, para citarmos Derrida em *O monolinguismo do outro* (2001). O procedimento paródico permite aproximar O kit de Lino do Manual de Domeneck, uma vez que esse se apresenta como paródia dos livros de autoajuda. Aqui, está em jogo não o ressentimento de quem perdeu seu poder político e simbólico, mas o rancor de quem foi abandonado e substituído na esfera amorosa. Alguém a quem pouco ajuda escrever poemas de insulto, posto que o destinatário dos impropérios “jamais dignou-se / a aprender” o português, esta “língua / conhecida como a Última Flor / da Irrelevância” (DOMENECK, 2022, p. 53-54). Uma vez que ambos os escritores escrevem em língua portuguesa vivendo em países estrangeiros (Lino, nos Estados Unidos; Domeneck, na Alemanha), trata-se de observar a visada de uma perspectiva lusófona na arena global das relações interculturais.

Referências: DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro*. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campos das Letras, 2001. DOMENECK, Ricardo. *Cigarros na cama precedido por Manual para melodrama*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022. HUCHETON, Lina. *Uma teoria da paródia*. Trad. de Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições, 70, 1989. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. LINO, Patrícia. *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*. Juiz de Fora: Macondo, 2020. SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006. XAVIER, Ismail. *O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, Cinema Novo*, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

A TRADUÇÃO COMO DIÁLOGO, INTERPRETAÇÃO E CRÍTICA NA OBRA DE GERD BORNHEIM

Gaspar Leal Paz

Resumo: A obra de Gerd Bornheim (1929-2002) é marcada por confluências literárias. O autor se interessa tanto pelos aspectos filosóficos das criações poéticas, como pelos escritos filosóficos expressos de forma poético-ensaística. Nesse viés, a tradução como “prática” e como “tema” de interpretação aparece de forma recorrente nos ensaios, nas conferências e na correspondência inédita do autor. Uma das motivações das cartas de Bornheim e Josepha Neandenthal (tradutora de um de seus escritos para o polonês) se deu justamente em torno da tradução. Em tal correspondência é flagrante o uso de citações em diferentes idiomas a fim de provocar diálogos reflexivos sobre determinados assuntos e autores. A correspondência revela ainda interlocuções de Bornheim com dois escritores-tradutores: Paulo Hecker Filho e Donald Schöler. É interessante perceber ainda a extensão desses diálogos nas conversações de Bornheim com Julio Bressane (a tradução entre linguagens artísticas) e Haroldo de Campos (a tradução como crítica e transcrição). As reverberações poéticas dos ensaios e conferências de Bornheim, seus desafios interpretativos, efeitos sonoro-visuais em outros idiomas, assim como o modo como ele estimulava a modalidade de dissertações e teses que fossem traduções complementadas de textos crítico-interpretativos, demonstra o quanto ele atribuía à tradução um papel fundamental. Nesse sentido, é importante assinalar que a tradução responde a três preocupações: a) a problematização da linguagem e da comunicação; b) o caráter da emancipação e a preocupação com a manipulação e o poder que podem incidir nos resultados das traduções e interpretações; c) as leituras de textos no “original” e os diálogos e intertextos que perpassam as criações. Apresentaremos exemplos dessas três perspectivas a partir de leituras filosóficas e artístico-culturais do autor, do impacto da tradução em sua obra (escritos em outros idiomas) e o sua própria experiência tradutória.

Referências: BORNHEIM, Gerd. *O conceito de descobrimento*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. BORNHEIM, Gerd. *Temas de filosofia*. Organização Gaspar Paz. Prefácio Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2015. BORNHEIM, Gerd. *Ensaio e conferências sobre teatro, literatura, artes plásticas, música e crítica de arte*. Organização Gaspar Paz, Thays Alves Costa e Erika Mariano Ribeiro. Prefácio Rodrigo Duarte. Vitória: Edufes, 2022. BRECHT, Bertolt. *Conversas de refugiados*. Tradução Tercio Redondo. São Paulo: Editora 34, 2017. BRESSANE, Julio. *Cinemancia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. BUTLER, Judith e SPIVAK, Gayatri. *Quem Canta o Estado-nação? Língua, política e pertencimento*. Tradução Vanderlei J. Zacchi e Sandra Goulart Almeida. Brasília: Editora da UnB, 2018. CAMPOS,

Haroldo. Transcrição. Organização Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013. CHAUI, Marilena. Sobre a violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. DERRIDA, Jacques. Le monolinguisme de l'autre. Paris: Galilée, 2016. DERRIDA, Jacques. Da hospitalidade. São Paulo: Editora Escuta, 2003. DERRIDA, Jacques. "Fidelidade a mais de um. Merecer herdar onde a genealogia falta". In.: OTTONI, Paulo. Tradução Manifesta. Double bind e acontecimento. Campinas e São Paulo: Unicamp e Edusp, 2005. HECKER FILHO, Paulo. Saudades de Voltaire. Porto Alegre: Sulina, 1998. MATOS, Olgária "Derrida e a língua do outro". Revista Cult 195, São Paulo, outubro de 2014. MATOS, Olgária "Masculino e feminino. Walter Benjamin e a anti-physis". Artefilosofia, V. 15, n 29, Ouro Preto, 2020. PAZ, Gaspar. Interpretações de linguagens artísticas em Gerd Bornheim. Vitória: Edufes, 2020.

APARIÇÕES DO ALÉM-MAR

Lúcia Ricotta Vilela Pinto

Resumo: A proposta busca retomar uma abordagem das estratégias de demarcação de fronteiras e de suas exclusões, no âmbito da teoria da literatura presente em "Nacional por subtração" (1986) e "Ideias fora do lugar" (1987), por Roberto Schwarz. O objetivo é avaliar como o estado presente de determinadas experiências poéticas e artísticas recolocam no campo de uma visão do passado espaços da língua de outros corpos (supostamente esquecidos) da lusofonia. No poema "Cemitério marinho" de Poesia+ (antologia 1985-2019), de Edmilson de Almeida Pereira, no livro A água é uma máquina do tempo (2022) e nas vídeo-instalações de Aline Motta percebemos uma preocupação comum voltada a revolver a fixidez dos contornos da nação pelo desembarque nas águas navegáveis de sua memória afro-brasileira. O que o discurso crítico de Roberto Schwarz fez foi articular interpretação social e estética à escravidão, levando em consideração, como parte do processo epistemológico e político da literatura, um lugar nacional que traduzisse o pensamento brasileiro. Os trabalhos acima mencionados trocaram o curso desse pensamento. Ruas infernais da escravidão, mar de histórias, navios negreiros e um mapa estrutural da experiência de pessoas negras em nossa sociedade, existem agora nos entalhes, ossos e negativos transatlânticos, "apesar do abismo onde/ a forma informe (a/ linguagem/) nos experimenta". E eis então desdobramentos tradutórios de interculturalidade nesses exemplares de poesia-cemitério, que trai e traduz "outros-além-outros" na lusofonia. Espera-se considerar ainda os tensionamentos da linguagem e outros meios poéticos, em cada um dos poetas em questão, à luz da aparição de Exu e "Maxado" de Assis e seus deslocamentos críticos e criativos. E à luz assim da reverberação de uma história de vínculo com os mortos.

Referências: DERRIDA, Jacques. Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. Tradução Anamaria Skimmer. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. HARTMAN, Saidiya. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. MOTTA, Aline. A água é uma máquina do tempo. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022. PEREIRA, Edmilson de Almeida Pereira. Poesia + (antologia 1985-2019). Prefácio de Roberto Zular. São Paulo: Editora 34, 2019. . Entre Orfe(x)u e Exunouveuau. Rio de Janeiro: Azougue, 2017. SCHWARZ, Roberto. Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FORMAÇÃO DO MONOLINGUISMO BRASILEIRO: GUIMARÃES ROSA E A VOZ DA MULHER

Marcos Natali

Resumo: O trabalho propõe que se leia o conto "Soroco, sua mãe, sua filha", publicado por João Guimarães Rosa em Primeiras Estórias em 1962, como uma fábula sobre o nascimento e a formação da literatura nacional. No conto, e em sua fortuna crítica, encontramos uma versão condensada do projeto teórico, político e pedagógico da literatura brasileira, no qual se ensina que o ato sacrificial que exclui a alteridade deve ser celebrado, com emoção, como a condição para a criação da comunidade monolíngue, que aguarda nossa adesão entusiasmada. No caso do conto, as vozes das duas mulheres, descritas como incompreensíveis e intraduzíveis, serão assimiladas e neutralizadas como ficção, mas apenas após a sua proscrição, atestando o desejo de sua subsunção pela voz patriarcal. A lição, repetida pela crítica e historiografia literária brasileira, é que, no processo, exposto como necessariamente violento, a compaixão deve ser dirigida ao agente do poder, em seu luto

lastimoso por aquilo que destruiu. O lugar de enunciação, mesmo quando complexo e ambivalente, se constitui a partir dessas exclusões e é incapaz de dar forma às perspectivas das duas mulheres. “Literatura brasileira” é o nome que se dá a esse quadro, e a pergunta relevante para qualquer ética da leitura é como entendemos o sentido do desfecho festivo – do conto e da formação da literatura brasileira, isto é, como avaliamos os custos e sacrifícios necessários para o surgimento da literatura nacional. No conto, o custo é o confinamento das duas mulheres, com seu canto, classificado como loucura, passando a servir como matéria prima.

Referências: BAPTISTA, Abel Barros. O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Trad. de Myriam Ávila; Eliana L. L. Reis; Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. DERRIDA, Jacques. O monolinguismo do outro. Trad. de Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016. RANCIÈRE, Jacques. João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada. Trad. de Inês Oseki-Dépré. Relicário, 2021. ROSA, João Guimarães. “Soroco, sua mãe, sua filha”. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ENGENHARIA DE TRÁFEGO: REFLEXÕES EM TORNO DA ÁREA DE TEORIA LITERÁRIA A PARTIR DOS PONTOS PROGRAMÁTICOS DE CONCURSOS PÚBLICOS PARA O MAGISTÉRIO SUPERIOR

Mariana Ruggieri

Resumo: Quando se pensa o ensino da literatura em sua relação com a universidade, raramente se pensa nos mecanismos de ingresso na carreira docente, sendo este tema talvez um dos mais recalcados no meio acadêmico. A partir do levantamento dos pontos programáticos nos concursos para docentes na área da Teoria Literária nos últimos dez anos no Brasil, a comunicação visa explorar as tensões subjacentes ao próprio conceito de Teoria Literária. Parto da provocação realizada por Alberto Moreiras em A exaustão da diferença, quando ele reflete sobre as tensões entre os estudos literários e os estudos culturais manifestadas na Abralic de 1996. Segundo ele, era possível pensar que a defesa do aparato literário era, ao mesmo tempo, uma defesa do nacional e do regional contra uma interferência compreendida como neocolonial. Por outro lado, poderia se pensar que a defesa do espaço literário estava comprometida com a defesa ideológica de um domínio social estabelecido dentro da nação contra posições críticas que visavam dismantlar esse domínio. Ambas são simultaneamente verdadeiras e falsas, conclui Moreiras, e me interessa pensar nas suas mutações quase três décadas depois. A partir dos pontos programáticos, minha comunicação pretende pensar as tensões entre literatura e cultura, entre categorias românticas-modernas e categorias pós-estruturalistas, entre o nacional e o global, o hegemônico e o subalterno, e entre a teoria como ferramenta e teoria como objeto, tecendo algumas considerações sobre as consequências dessas querelas para a conformação dos quadros docentes das universidades públicas brasileiras e o que elas revelam sobre os pressupostos do ensino da Teoria Literária dentro da grande área das Letras.

Referências: ADORNO, T. “A filosofia e os professores”. In: Educação e Emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 1995. LOPES, S.R. “A paradoxalidade do ensino da literatura”. In: Literatura, defesa do atrito. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2012. MOREIRAS, A. A exaustão da diferença. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. SCHWARZ, R. “Fim de século”. In: Seqüências brasileiras, São Paulo: Cia. das Letras, 1999 SPIVAK, G. An Aesthetic Education in the Era of Globalization. Harvard University Press, 2012.

NACIONAL POR TRADUÇÃO

Nabil Araújo de Souza

Resumo: Num ensaio hoje clássico, Roberto Schwarz (1986), partindo da “experiência do caráter postiço, inautêntico, imitado da vida cultural que levamos” (brasileiros e latino-americanos) – experiência sintetizada na fórmula das “ideias fora do lugar” –, demarcou-se tanto dos “nacionalismos de esquerda e direita” e sua “busca de um fundo nacional genuíno [...] através da eliminação do que não é nativo” (o “nacional por subtração”), quanto de “certa filosofia francesa recente” na esteira da qual críticos como Silviano Santiago e Haroldo de Campos buscaram inverter o lugar-comum segundo o qual “a cópia é secundária em relação ao original”, oferecendo “uma interpretação triunfalista do nosso atraso” análoga à intentada pelo programa antropofágico na década de 1920: “[d]e atrasados passaríamos a adiantados, de desvio a paradigma, de inferiores a

superiores”. Três décadas mais tarde, João Adolfo Hansen (2016), assumindo uma “perspectiva internacionalista” que descarta a um só tempo o problema das “ideias fora do lugar” bem como a resposta nacionalista ao mesmo, irá defender, com base em Abel Barros Baptista, a “ideia da literatura como hospitalidade incondicional e tradução”. Nesse movimento, Hansen endossa inadvertidamente a concepção universalista de Weltliteratur postulada no século XIX por Goethe – a qual “se referia ao que é genericamente humano e comum a todos os homens” –, ignorando as profundas desigualdades reconhecidas por Franco Moretti (2001) no “sistema-mundo literário”. O problema reside na falsa equivalência sugerida por Hansen entre “hospitalidade condicional” e “tradução”: voltando às proposições de Baptista (2005; 2014), mostraremos que a tradução se impõe, na verdade, justamente porque a hospitalidade incondicional no que se refere à literatura não passa de uma “utopia”, e que a heterogeneidade linguística que reclama a tradução como performance constitutiva do idioma é justamente o que permite que se recoloque em nova chave o problema do nacional(ismo) no campo estético-literário: nacional por tradução.

Referências: BAPTISTA, Abel Barros. O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005. BAPTISTA, Abel Barros. Três emendas: ensaios machadianos de propósito cosmopolita. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014. HANSEN, João Adolfo. Lugar do cânone e da crítica nos estudos literários da universidade hoje. In: LOPES, Dayana M. et al. (Org.) VI Seminário dos alunos da Pós-Graduação da UERJ. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2016. p. 7-38. MORETTI, Franco. Conjecturas sobre a literatura mundial. In: SADER, Emir (Org.). Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 45-64. SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração (1986). In: _____. Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 29-48.

SER GREGO, VESTIDO À FRANCESA E À PORTUGUESA, CLIMATIZADO NO BRASIL: O LUGAR DO “CLÁSSICO” NA HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Resumo: Todo trabalho de História da Literatura constitui uma síntese subjetiva de um conjunto de interpretações críticas obtidas a partir da aplicação de pressupostos teóricos a um corpus de obras literárias. Pautando-se por essa premissa fundamental, que traz à baila o problema da literariedade, o trabalho pretende analisar algumas das primeiras tentativas de historiografia da Literatura Brasileira, destacando as noções de “nacional” e “local”, para se referir em chave romântica ao que seria mais autenticamente característico do Brasil, por oposição às noções de “clássico” e “universal”, como sua contraparte não-brasileira. A pesquisa empreenderá uma análise crítica desse material, desde as primeiras formulações de uma preocupação historiográfica com a produção literária brasileira em textos do século XIX, incluindo os de Ferdinand Denis (1826), Almeida Garrett (1826) e Gonçalves de Magalhães (1836), até suas formalizações nos manuais publicados posteriormente por Sílvia Romero (1888), José Veríssimo (1916) e Antonio Candido (1959). Objetiva-se compreender de que modo o discurso crítico conforma uma ideia de nacionalidade da Literatura Brasileira, frequentemente por oposição ao “clássico” (greco-romano), com consequências profundas sobre o destino literário de autores tão diversos quanto Gregório de Matos, Cláudio Manuel da Costa e Basílio da Gama, por exemplo. Referenciais teóricos importantes para a análise desse corpus historiográfico literário incluem os trabalhos de Flora Süssekind, Maria Helena Rouanet, João Hernesto Weber, João Adolfo Hansen, Luís Augusto Fischer, Luiz Costa Lima, Regina Zilberman e Roberto Acízelo de Souza.

Referências: ALENCAR, José de. Sonhos d’ouro: Romance brasileiro. Prefácio de Nelson Werneck Sodré. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1955. ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. ARAÚJO, Nabil. Do conhecimento literário: ensaio de epistemologia interna dos estudos literários (Crítica e Poética). 2006. 579f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006. ARAÚJO, Nabil. O evento comparatista: da morte da literatura comparada ao nascimento da crítica. Londrina: Eduel, 2019. ARAÚJO, Nabil. O que é que resiste, afinal, na resistência à teoria? (Historiografia literária, violência canônica, domesticação da alteridade). Criação & Crítica, n. 26, 2020, p. 109-135. ARAÚJO,

Nabil. Teoria da Literatura e História da Crítica: momentos decisivos. 1. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. Orig. 1873. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/109-noticia-da-atual-literatura-brasileira-instinto-de-nacionalidade>>. Acesso em 31 abr. 2022. AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. A tradição da retórica clássica no Brasil: entre a filosofia e a poesia. In: ASSUNÇÃO; T. R.; FLORES-JÚNIOR, O.; MARTINHO, M. (orgs.). Ensaio de retórica antiga. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 313-350. BAPTISTA, Abel Barros. O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira. Campinas: Ed. Unicamp, 2005. BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. Ser Clássico no Brasil: Apropriações literárias no Modernismo e pós. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. BASTIDE, Roger. A poesia afro-brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1943. BENJAMIN, Walter. O anjo da história. 2. ed. Org. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. BENJAMIN, Walter. História da literatura & ciência da literatura. Trad. Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura, tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. BERNAL, Martin. Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. Vol. 1. The Fabrication of Ancient Greece, 1785–1985. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1987. BERND, Zilá (org.). Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 50. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2015. BRANDÃO, Jacyntho Lins. Estudos Clássicos no Brasil. In: PONCE HERNÁNDEZ, Carolina; ROJAS ÁLVAREZ, Lourdes (Coord.). Estudios Clásicos en América en el Tercer Milenio. Facultad de Filosofía y Letras: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006, p. 49-68. CAMPOS, Haroldo de. O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: O caso Gregório de Matos. São Paulo: Iluminuras, 2011. CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000. CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. CANDIDO, Antonio. Introdução ao método crítico de Sílvia Romero. Universidade de São Paulo, 1945. CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. CARDOSO, Zélia A. O percurso dos Estudos Clássicos no Brasil. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 27, n. 1, 2014, p. 17-35. COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006. COSSON, Rildo. Paradigmas do ensino da literatura. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021. COSSON, Rildo; JUNQUEIRA, Renata. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos. Vol. 2. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 101-108. COSTA LIMA, Luiz. Concepção de história literária na Formação. In: COSTA LIMA, Luiz. Pensando nos trópicos. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 149-166. COSTA LIMA, Luiz. Mimesis: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. COUTINHO, Afrânio (dir.). A Literatura no Brasil. Vol. I: Introdução; Barroco; Neoclassicismo; Arcadismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1968. CUNHA, Luiz Antônio. A universidade temporã: O ensino superior, da Colônia à Era Vargas. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007a. CUNHA, Luiz Antônio. A universidade crítica. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007b. CUNHA, Luiz Antônio. A universidade reformanda. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007c. CUSSET, François. French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze & Cie et les mutations de la vie intellectuelle aux États-Unis. Paris: Éditions La Découverte, 2003. CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010. DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007. DENIS, Ferdinand. Résumé de l'histoire littéraire du Portugal : suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil. Paris : Lecoq et Durey, 1826. DERRIDA, Jacques. De la Grammatologie. Paris : Les Éditions de Minuit, 1967. DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. DERRIDA, Jacques. Le Monolinguisme de l'autre: Ou la prothèse d'origine. Paris : Éditions Galilée, 1996. DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura. Os Estudos Clássicos nas Universidades Brasileiras. *Euphrosyne*, Lisboa, v. 15,

1987, p. 343-355. DUARTE, Adriane da Silva. Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. *Translatio*, v. 12, 2016, 43-62. DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica*. 4 v. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, v. 14, 2010, p. 113-138, 2010. FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista. Porto Alegre: Zouk, 2020. FISCHER, Luís Augusto. Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2021. FISCHER, Luís Augusto. A formação vista desde o sertão. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 18, 2011. FISCHER, Luís Augusto. Formação, hoje: uma hipótese analítica, alguns pontos cegos e seu vigor. *Literatura e sociedade*, 2009, p. 164-84. FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses: Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966. FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos III*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 264-98, 2009. FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours. Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris : Gallimard, 1971. FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. O "Ratio Studiorum": Introdução e tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952. FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. In: VIOLA, Alan F. (Org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 81-100. GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017. GRAFF, Gerald. *Beyond the Culture Wars: How teaching the conflicts can revitalize American education*. New York; London: Norton & Company, 1992. HANSEN, João Adolfo de. Barroco, neobarroco e outras ruínas. *Floema*, n. 2 A, 2006, p. 15-84. HANSEN, João Adolfo. Lugar do cânone e da crítica nos estudos literários hoje. In: LOPES, D. M. et al. (Org.). *VI Seminário dos alunos da Pós-Graduação em Letras da UERJ*. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2016, p. 7-38. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978. JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992. LYOTARD, Jean-François. *La Condition Postmoderne*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1979. LYOTARD, Jean-François. *Le Postmoderne expliqué aux enfants*. Paris : galilée, 1988. MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de. Ensaio sobre a historia da literatura do Brasil. Niteroy: *Revista Brasiliense*, T. 1, n. 1. Paris: Dauvin et Fontaine, 1836, p. 132-159. MARX, Karl. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Trad. José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010a. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Trad., apres. e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010b. MAY, Todd. *Reconsidering Difference: Nancy, Derrida, Levinas, and Deleuze*. University Park, PA: The Pennsylvania State University, 1997. MERQUIOR, José Guilherme. *Michel Foucault ou o niilismo de cátedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. NANCY, Jean-Luc. *La Communauté désœuvrée*. Paris : Christian Bourgois Éditeur, 1999. NATALI, Marcos P. Além da literatura. *Literatura e sociedade*, v. 11, n. 9, 2006, p. 30-43. NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. PROENÇA FILHO, Domício. O negro na literatura brasileira. *Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 49, n. 14, 1988. RANCIÈRE, Jacques. *La parole muette: Essai sur les contradictions de la littérature*. Paris : Librairie Arthème Fayard/ Pluriel, 2010. READINGS, Bill. *University in ruins*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1996. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021. ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 2 v. Organização de Luiz Antônio Barreto. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Universidade Federal do Sergipe, 2001. ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991. SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Por um novo conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1977. SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia

das Letras, 1998. SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. Brasil: Uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. SEIXAS, Cid. Modernismo e diversidade: Impasses e confrontos de uma vertente regional. *Lêgua & Meia*, ano 3, n. 2, 2004, p. 43-52. SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Capítulos de História da Literatura Brasileira: E outros estudos. Edição e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. História da Literatura Brasileira: E outros ensaios. Organização de Roberto Acízelo de Souza. Rio de Janeiro: Zé Mário Ed./ Fundação Biblioteca Nacional, 2002. SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos. 2022. 888f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2022. SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. 7. ed. atualizada. São Paulo: DIFEL, 1982. SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese do desenvolvimento literário no Brasil. São Paulo: Martins, 1943. SOUZA, Roberto Acízelo de. Historiografia da literatura brasileira: Introdução. São Paulo: É Realizações, 2018. SOUZA, Roberto Acízelo de. O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ; EdUFF, 1999. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. SÜSSEKIND, Flora. Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. TODOROV, Tzvetan. Teoria da literatura: textos dos formalistas russos. Trad. Roberto Leal Ferreira. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013. TODOROV, Tzvetan. Teorias do símbolo. Trad. Roberto Leal Ferreira. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014. TUFFANI, Eduardo. Os estudos latinos no Brasil. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 13/14, 2000/2001 p. 393-402. TUFFANI, Eduardo. Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996). Cotia: Íbis, 2006. TUFFANI, Eduardo. Para a história dos cursos de Letras no Brasil com atenção aos de Letras Clássicas no seu estabelecimento. Em Tese, v. 27, n. 2, 2021, p. 13-37. TURNER, James. *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2014. VALLERIUS, Denise Mallmann. Regionalismo e crítica: uma relação conturbada. *Antares*, n. 3, 2010, p. 63-80. VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira: De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 5. ed. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. WEBER, João Hernesto. A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997. WELLEK, René; WARREN, Austin. Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003. ZILBERMAN, Regina. Críticos e historiadores da literatura: pesquisando a identidade nacional. *Via Atlântica*, v. 1, n. 4, p. 18-51, 2000.

ADAK PE YESENPO'PÖK MÖRÖ WI ADAK PE YERIKÜ'PÖK: AS QUALIDADES DE PESSOA NA LITERATURA INDÍGENA DO CIRCUM-RORAIMA

Sonyellen Fonseca Ferreira

Resumo: Clemente Flores foi um indígena Taurepang, filho de um dos fundadores e morador da comunidade Sorocaima, município de Pacaraima, Roraima, extremo norte do país. Falante de pelo menos cinco línguas e das quais a portuguesa não era nem a primeira nem a segunda, foi entrevistado em 2006 aos 68 anos pelo projeto Pantan Pia', coordenado pelo prof. Dr. Devair Fiorotti, oportunidade em que contou magistralmente duas narrativas muito importantes para os povos indígenas do chamado circum-Roraima (COLSON, 1985): A História do Timbó e a História de Makunaima. Publicadas respectivamente em 2018 e 2020, trazem aspectos que vão de encontro ao perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO; LIMA, 1986). Um deles é de como um termo utilizado ao longo das duas narrativas, "qualidade", irá revelar da cosmovisão dos povos indígenas Pemon, grupo linguístico ao qual também pertence o povo Taurepang, de Clemente Flores. Nela tudo é gente, pessoa. Um cristal de quartzo é a morada de pajés (ou xamãs) que já faleceram e de onde irão falar e orientar os neófitos na função. O barro é a matéria-prima da qual a mãe do clã Makunaima é moldada. A árvore do breu branco (*Protium heptaphyllum*) é o grande pajé Maruwai que ajuda nas curas feitas através da defumação com sua resina. E o timbó (*Zanttedescha aethiopica* Spreng), é o

menino prodigioso que nasce da união entre um indígena e uma anta. Desta forma, nas literaturas produzidas pelos povos indígenas, em especial por Clemente Flores, a língua portuguesa reflete e refrata aquilo que podemos chamar de cosmovisão indígena, nas qualidades de pessoa. Nela a pessoa humana não é apenas uma nem está sozinha. Ela é uma potencialidade que em especial, se manifesta nos diálogos entre as diversas qualidades de gentes dos cosmos e se materializa através da arte, em particular da verbal, da literatura.

Referências: ARMELLADA, Cesareo. Tauron Pantón: Cuentos y Leyendas de los Indios Pemón, Caracas; Ediciones del Ministerio de Educación. 2013. COLSON, Andrey Butt. Routes of knowledge: an aspect or regional integration in the circum-Roraima area of the Guiana Highlands'. *Antropologica*, v. 63-64: 103 – 149, 1985. FARAGE, Nádia. As Flores da Fala: práticas retóricas entre os Wapishana. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH, USP, 1997. FIOROTTI, Devair. FLORES, Clemente. Pantón Pia' - A história do Timbó. Boa Vista: Wei Editora, 2018. _____. Pantón Pia' - A história de Makunaima. Boa Vista: Wei Editora, 2020. _____. Pantón pia': Registro na Terra Indígena São Marcos. Vol. I. Boa Vista: UERR edições; Wei, 2019. KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Do Roraima ao Orinoco. vol. 1. São Paulo: Editora UNESP, 2001 _____. Del Roraima al Orinoco. Tomo II e III. Caracas: Ediciones del Banco Central de Venezuela, 1982. LIMA, Tânia Stolze. 1996. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. In *Mana*, 2 (2), pp. 21-47. Rio de Janeiro, 1996. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In *Mana*, 2 (2), pp.115-144. Rio de Janeiro, 1996.

SIMPÓSIO “POESIA E(M) TRADUÇÃO”

Coordenadores: Andrea Cristiane Kahmann (UFPel), Andrei dos Santos Cunha (UFRGS) e Marlova Gonsales Aseff (UnB)

W. H. AUDEN EM TRADUÇÃO: O VERSO ALITERATIVO-ACENTUAL DE THE AGE OF ANXIETY: A BAROQUE ECLOGUE

Alexandre Bruno Tinelli

Resumo: Natural de York, na Inglaterra, W. H. Auden (1907-1973) é considerado um dos maiores poetas do século XX. Seu projeto estético, que vai do entreguerras à Guerra Fria, move-se por preocupações formais e temáticas e pela construção de territórios emocionais que estão em constante diálogo, por um lado, com o espírito e os acontecimentos de seu tempo e, por outro, com a tradição da poesia ocidental, principalmente com a de língua inglesa, de origem anglo-saxã. Uma amostra disso encontra-se em seu mais extenso e ambicioso poema longo, *The Age of Anxiety: A Baroque Eclogue*, publicado pela primeira vez em 1947. Nesta comunicação, pretendemos investigar as estratégias tradutórias que adotamos na recriação em português brasileiro de um trecho desse poema, estratégias que buscaram recriar, com alguma dose de liberdade, por meio de recursos específicos da poesia de língua portuguesa, suas principais características formais. O objetivo é apresentar uma possível resposta a uma pergunta difícil: como traduzir para o português *The Age of Anxiety*, texto escrito predominantemente em verso anglo-saxão ou aliterativo-acentual, forma distintiva do inglês antigo e distante das formas próprias da língua portuguesa? Nosso método de trabalho tem como alicerce o pensamento sobre tradução de poesia e a prática tradutória dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e de Paulo Henriques Britto.

Referências: AUDEN, W. H. *Collected Longer Poems*. Londres: Faber and Faber Limited, 1988. BRITTO, Paulo Henriques. “Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia”. In: KRAUSE, Bernardo. *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002. BRITTO, Paulo Henriques. “Correspondências estruturais em tradução poética”. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*, n.7, 2006a. pp. 53–69. BRITTO, Paulo Henriques. “Correspondência formal e funcional em tradução poética”. In: Souza, Marcelo Paiva de et al. *Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução*. Vitória: PPGL/MEL/Flor&Cultura, 2006b. BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes, 1967. CAMPOS, Haroldo de. “Tradução/transcrição/transculturação”. In: *Transcrição*. Org. de Marcelo Tápia e Thelma Médici

Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013. FULLER, John. W. H. AUDEN: a commentary. Londres: Faber and Faber Limited, 2007. FUSSELL, Paul. Poetic Meter and Poetic Form. Nova York: Random House, 1979. JACOBS, Alan. The Age of Anxiety: A Baroque Eclogue. Nova Jersey: Princeton University Press, 2011. PREMINGER, Alex; BROGAN, T. V.F. The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics. Princeton, Nova Jersey: Princeton University, 1993. SMITH, Stan (ed.). The Cambridge Companion to W. H. Auden. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2004.

TRADUÇÃO À ELEGIA AO POETA FEDERICO GARCÍA LORCA, COMPOSTA POR MIGUEL HERNÁNDEZ DURANTE A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Andrea Cristiane Kahmann

Resumo: Miguel Hernández Gilabert (Espanha, Orihuela, 1910 – Alicante, 1942) foi um poeta e dramaturgo autodidata de origem humilde. Sua estreia na poesia flertava com formas clássicas e temas católicos, mas por meio de colegas de letras, sobretudo Pablo Neruda e Vicente Aleixandre, que o acolheram, acabou sendo introduzido a novas formas e ideias. É considerado, juntamente com Federico García Lorca, uma das mais emblemáticas vítimas do fascismo que assolou a Espanha a partir da Guerra Civil de 1936. Diferentemente de Lorca, morto quando a guerra nem bem eclodira, Hernández viveu-a toda para morrer depois. Alistou-se à Resistência, ainda sob a comoção do “desaparecimento” do colega andaluz. Para além da luta como brigadista republicano, ajudou a organizar um jornal da resistência e compôs obras para levantar o moral de combatentes. O poemário “Viento del pueblo” é deste período, e inicia com uma elegia a Federico García Lorca. Este é o poema para o qual, neste trabalho, proponho por primeira vez uma tradução, como a clamar pelo não esquecimento de duas mortes tão brutais. Quando as forças golpistas de Franco se instalaram na Espanha por um banho de sangue, Hernández foi condenado à morte, convertida em prisão perpétua por pressão estrangeira, tais como a do diplomata Pablo Neruda. Mas fome, frio, maus tratos e doenças que poderiam ter sido tratadas condenaram Miguel Hernández à morte física que não lhe deram as armas. Os fascistas tentaram impingir-lhe, ainda, a morte simbólica, o desaparecimento de sua obra do cânone literário, o silenciamento sobre seu nome, mas não conseguiram. Este é um trabalho sobre uma poesia em tradução, mas também sobre a força transformadora da poesia - e de poetas que se relacionam, aprendem e ensinam, revoltam-se e lutam. É, por fim, uma proposta de tradução contra o silenciamento, contra o esquecimento, uma tradução antifascista.

Referências: HERNÁNDEZ GILABERT, Miguel. Elegía primera (A Federico García Lorca, poeta). Disponível em: <<https://poemas.uned.es/poema/elegia-primer-a-federico-garcia-lorca-poeta-miguel-hernandez/>> Acesso em: 8 jan. 2023.

DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO FALAMOS DE ESCRITA IDEOGRAMÁTICA?

Bruno Costa Zitto, Andrei dos Santos Cunha

Resumo: Por meio do presente trabalho, buscamos apresentar algumas questões relacionadas à ideia de escrita ideogramática, discutindo tanto sua origem no âmbito da sinografia como de sua importância para a poesia do século XX. Sinografia é um dos nomes dados para o sistema de escrita inicialmente desenvolvido na China em meados de 1300 a. C. e posteriormente compartilhado entre as civilizações antigas chinesa, coreana e japonesa na forma de uma complexa rede multilíngue ou interlingual de exegese textual baseada em um mesmo conjunto de letras ou grafemas, com maiores ou menores graus de funcionalidade fonográfica ou logográfica, a depender do idioma imediatamente codificado em seus caracteres (DUTHIE, 2014; FRELLESVIG, 2010; GNANADESIKAN, 2009). Para os artistas brasileiros e da tradição ocidental citados neste texto, a “ideia de ideograma” remete a um retorno a formas mais diretas e visuais de expressão (CAMPOS, 1977; EISENSTEIN, 1977; FENOLLOSA, 2008). No entanto, a maneira como o ideograma funciona nas escritas chinesa e japonesa é diferente de como esses autores imaginam que ele se articule. Da mesma forma, a poesia chinesa e japonesa não fazem uso daquilo que Pound denominou o “método ideogramático” (2006), que talvez possa ser mais bem compreendido como uma questão da poética ocidental. Uma integração dessas abordagens pode ser frutífera para o âmbito dos estudos de tradução — em

especial, dos estudos de tradução de poesia. Por fim, baseados em conceitos de visualidade do texto de Flusser (2017) e de literatura e performance de Zumthor (2014), buscamos realizar uma proposta de definição polissêmica para esse conceito.

Referências: CAMPOS, Haroldo. (Org.). Ideograma: lógica, poesia, linguagem. Traduções de H. Dantas. São Paulo: Cultrix, 1977. DUTHIE, Torquil. Multicultural Yamato. In: DUTHIE, Torquil. Man'yôshû and the imperial imagination in Early Japan. Leiden; Boston: Brill, 2014. p. 73–84. EISENSTEIN, Sergei. O Princípio Cinematográfico e o Ideograma. In: CAMPOS, Haroldo. (Org.). Ideograma: lógica, poesia, linguagem. Traduções de H. Dantas. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 163-185. FENOLLOSA, Ernest. The Chinese Written Character as a Medium for Poetry. In: SAUSS Y, H.; STA LLING, J.; KLEIN, L. (Eds.). The Chinese Written Character as a Medium for Poetry, a critical edition. Nova Iorque: Fordham University, 2008. P. 41-60. FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Traduzido por Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu, 2017. FRELLESVIG, Bjarke. A history of the Japanese language. Cambridge: Cambridge University, 2010. GNANADESIKAN, Amalia E. The writing revolution: cuneiform to the Internet. Chichester; Malden: Wiley-Blackwell, 2009. POUND, Ezra. ABC da literatura. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006. ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TRADUZIR E RECRIAR POEMAS DE KIMIKO HAHN: DIÁLOGOS FEMINISTAS

Carolina Paganini

Resumo: Em *Foreign bodies* (2020), de Kimiko Hahn, a autora estadunidense estabelece em alguns poemas uma espécie de diálogo entre observações de cunho autobiográfico com fatos da vida de pessoas notáveis e anônimas, em especial de mulheres. Essa escolha temática revela uma um olhar feminista da poeta que se revela não só ao retratar a vida de mulheres marcadas pelo machismo e o patriarcado, mas também ao colocar em primeiro plano a sua própria subjetividade e história na relação com essas mulheres. Um desses poemas, “She Sells Seashells - Considering the Life of Mary Anning”, a autora propõe uma leitura da vida de uma paleontóloga inglesa do século XIX, cujo trabalho não foi reconhecido em vida. Em “Divine”, a partir de uma notícia de jornal, questiona o relato sobre uma imigrante chinesa que se prostituía e que, segundo a polícia, morreu aparentemente de suicídio. Em “Likeness - A Self-Portrait”, o diálogo é com a bióloga Sara Lewis e sua pesquisa sobre vagalumes. Todas essas referências são indicadas nos próprios poemas e também em notas ao final do livro. Assim, dando continuidade ao projeto “Traduzir e recriar poemas de Kimiko Hahn”, esta comunicação propõe uma tradução comentada de alguns desses poemas para o português brasileiro a fim de refletir sobre quais são as características e o que constitui um projeto de tradução feminista a partir do contexto brasileiro, revisitando as estratégias de tradução feminista propostas por von Flotow (1991; 2019) e pensando nas propostas de María Reimóndez (2017) para uma tradução feminista pós-colonial.

Referências: HAHN, Kimiko. *Foreign Bodies: Poems*. New York: W. W. Norton & Company, 2020. Edição do Kindle. REIMÓNDEZ, María. We Need to Talk... to Each Other: On Polyphony, Postcolonial Feminism and Translation. In: Olga Castro, Emek Ergun. *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives*. Routledge: New York, 2017. von FLOTOW, L. *Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories*. TTR : traduction, terminologie, rédaction, 4(2), 69–84, 1991. <https://doi.org/10.7202/037094ar>. von FLOTOW, L. Feminist translation strategies. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Routledge: London, 2019.

TRADUÇÃO DA COMÉDIA COMO POESIA E PARÓDIA

Jose Antonio Alves Torrano

Resumo: Tragédia e comédia em Atenas no séc. V a.C. tinham em comum o mesmo contexto histórico de tensões e ambiguidades. Pode-se dizer que – no sentido de “paródia” definido por Gérard Genette – que a comédia surge como paródia da tragédia, isto é, como a transformação da tragédia mediante a substituição do herói mítico em interlocução com o seu Nume (destino) por um cidadão comum em interação com o seu horizonte político. Na tragédia, o coro tem a duplicidade temporal

de ser contemporâneo de heróis míticos cujas falas e ações contempla e comenta do ponto de vista das instituições e valores da democracia ateniense. Na comédia, essa sobreposição temporal é substituída por sobreposição de registros; a linguagem solene da tragédia, própria à interlocução do coro com heróis míticos e destes com os Deuses, se funde ao registro dos perrengues políticos e particulares de cidadãos comuns, e o registro sublime da vida heroica se funde com o registro da vida cotidiana de cidadãos toscos, banais e chulos. Como traduzir em português hoje essas tensões e ambiguidades entre os dois registros linguísticos fundidos na apropriação da linguagem trágica pela comédia e assim constitutivos da comédia como poesia? Tomando por paradigma a tradução que se propõe traduzir a forma inteligível da tragédia, é preciso para a tradução da comédia manter o escopo de transpor a forma inteligível própria da comédia como poesia e, desta forma, as tensões e ambiguidades entre a democracia em política interna e a tirania em política externa bem como entre a linguagem sublime da vida heroica e a linguagem tosca dos perrengues da vida cotidiana. Para exemplificar se e como se atenderiam às demandas e exigências desta tradução da forma inteligível própria da comédia como poesia, recorreremos a excertos de *As Vespas* de Aristófanes.

Referências: ARISTÓFANES. *As Vespas*; *As Aves*; *As Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. ARISTOPHANES. *Wasps*. Commentary by Kenneth S. Rothwell Jr., Oxford: Oxford University Press, 2019. ARISTOPHANES. *Wasps*. Edited with translation and notes by Alan H. Sommerstein, Warminster: Aris & Phillips Ltd, 1983. EURÍPIDES e ARISTÓFANES. *O Ciclope*; *As Rãs*; *As Vespas*. Tradução do grego por Junito de Souza Brandão, Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, s.d. GENETTE, Gérard. *Palimpsests: literature in the second degree*. Translated by Channa Newman and Claude Doubinsky, Lincoln: The University of Nebraska Press, 1997.

ECOS DE UMA ELEGIA EM MUITAS VOZES

Larissa Lins de Freitas Oliveira

Resumo: Edna St. Vincent Millay (1892 – 1950) tem sua obra atrelada a um romantismo extemporâneo, incoerente com as revoluções formais que fundaram o cânone modernista da poesia em língua inglesa. Apesar disso, foi contemporânea dos autores que forjaram esse cânone. Pensar na recepção de sua obra a seu tempo e hoje em dia é uma maneira de refletir sobre isso. Uma análise formal de seu trabalho, que leve em conta tão somente critérios mais consensuais em estudos de forma, não pode ser ignorada nesse processo. Valendo-se de conceitos-chave como os de reescrita e patronagem, de André Lefevere, e conciliando essa abordagem com a postura crítica de eminentes teóricos em estudos de poesia, a exemplo de Helen Vendler, conforme a qual o valor literário tem mais a ver com as características textuais do que com o contexto no qual o poema se insere, este trabalho propõe-se a investigar a inserção historiográfica de Millay no Brasil a partir da agentividade de seus tradutores diante de um estudo de caso. Pretende-se, assim, tecer considerações sobre o poema elegíaco “*Dirge without music*”, esmiuçar comparativamente suas traduções – as de Carlos Drummond de Andrade, Alphonsus de Guimaraens Filho, Jorge Wanderley e Bruna Beber –, bem como apresentar uma própria. Espera-se colaborar para a reflexão sobre a importância dos tradutores de poesia, pensar sobre os desafios tradutórios que se interpõem em seu ofício, levantar questões subjacentes às discussões acerca da escrita de mulheres, e, sobretudo, apresentar um pouco mais do universo de Millay, de modo a difundi-lo. A metodologia a ser examinada ao longo da exposição ampara-se nos estudos de tradução de poesia de Haroldo de Campos e também no exame sistemático dos níveis da linguagem do poema, conforme parâmetros de correspondências e graus do método desenvolvido por Paulo Henriques Britto.

Referências: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia traduzida*. São Paulo: Cosacnaify, 2011. BRITTO, Paulo H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2004. LEFEVERE, André. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. New York: Routledge, 1992. MARQUES, Oswaldino (org). *O livro de ouro da poesia dos Estados Unidos: coletânea de poemas norte-americanos*. Tradução de Oswaldino Marques et al. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. MILLAY, Edna St. Vincent. *Poemas, solilóquios e*

sonetos. Tradução de Bruna Beber. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2022. VENDLER, Helen. The ocean, the bird and the scholar: essays on poets and poetry. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015. WANDERLEY, Jorge (org.). Antologia da nova poesia norte-americana. Tradução de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992.

UM OLHAR SOBRE A COLEÇÃO “POESIA DE TODOS OS TEMPOS”

Marlova Gonsales Aseff

Resumo: Na história editorial brasileira do século XX, a poesia está entre os gêneros menos comerciais. Talvez por isso, poucas foram as experiências de formatação de coleções dedicadas à poesia ao longo do século passado. Partimos do pressuposto que a organização de coleções é importante do ponto de vista da seleção, da atualização e da ressignificação dos textos no mercado do livro, assim como para a formação dos leitores (Toledo, 2010). Entre as coleções dedicadas à poesia que marcaram época no século XX no Brasil estão a “Rubaiyat”, lançada editora José Olympio na década de 1940, a “Poesis”, da Nova Fronteira, nos anos 1970, e também a “Poesia de todos os tempos”, da mesma editora, lançada na década de 1980. Esta comunicação tem, portanto, como objetivo geral resgatar a história dessa coleção que surge durante o chamado boom do mercado editorial brasileiro dos anos 80. Pretende-se fazer um levantamento dos títulos editados, entre obras de um só autor e antologias, englobando a literatura estrangeira traduzida e de língua portuguesa e resgatando os editores envolvidos no projeto, entre eles Jiro Takahashi. Também serão apreciados os tradutores envolvidos, como José Lino Grünwald, Paulo Henriques Britto e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, assim como apreciaremos a longevidade e a abrangência da coleção em termos de línguas e literaturas.

Referências: TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções. In: BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Marcia. Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. pp. 139-156.

ENTRE TRADUÇÃO E EDIÇÃO - UMA PROPOSTA DE REIMAGINAÇÃO POÉTICA

Ticiane Flavia Martins da Cruz

Resumo: O objetivo é apresentar o processo da pesquisa de mestrado em andamento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. A pesquisa se propõe a realizar uma prática experimental em tradução do poema "On the Grasshopper and Cricket" de John Keats, considerando, principalmente, as discussões de Haroldo de Campos sobre tradução e o conceito de transcrição presentes em diferentes textos do poeta e, mais especificamente, sobre a ideia de reimaginação abordada pelo autor ao enveredar pela tradução de poemas chineses em "Escritos sobre Jade" (2009) e expandida por Álvaro Faleiros (2012) que assume a visualidade do poema como ponto de partida para uma proposta de transcrição e consequente reimaginação do espaço gráfico do poema. O intuito é, portanto, a partir de uma prática tradutória que considere aspectos visuais do poema — articulando, assim, elementos verbais, de projeto gráfico e de ilustração —, refletir sobre projeto editorial para tradução de poesia. Parte-se do entendimento de que pensar a tradução poética é também pensar o suporte do texto poético para realizar uma tradução de poesia que considere seus aspectos visuais e possibilite a reflexão sobre as possíveis implicações dessa prática tradutória para uma proposta de edição. Assim, ao apresentar com este estudo a tradução do poema "On the Grasshopper and Cricket" de John Keats para o português, considerando a visualidade como principal caminho seguido pela tradução e assumindo o livro como espaço gráfico do poema, pretende-se, ao fim da pesquisa, levantar a discussão sobre as possíveis relações entre tradução poética e produção editorial.

Referências: CAMPOS, Haroldo de. A Arte no Horizonte do Provável. São Paulo: Perspectiva, 2010. CAMPOS, Haroldo de. Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011. CAMPOS, Haroldo de. Deus e o Diabo no Fausto de Goethe. São Paulo: Perspectiva, 2008. CAMPOS, Haroldo de. Escritos sobre Jade – Poesia Clássica Chinesa reimaginadas por Haroldo de Campos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. FALEIROS, Álvaro. Traduzir o Poema. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

O RITMO DO VERSO NA TRADUÇÃO DOS POEMAS DE JAMES JOYCE

Vitor Alevato do Amaral

Resumo: James Joyce (1882-1941) publicou seu primeiro livro em 1907, uma sequência de poemas de marcado gosto simbolista e musicalidade elizabetana chamada *Chamber Music* (Música de câmara ou Récita privada). Seu segundo livro de poemas, *Pomes Penyeach* (Poemas porversos, entre outras traduções existentes), só apareceu em 1927. Além deles, três poemas de ocasião foram publicados: "The Holy Office" (1904; "O Santo Ofício"), "Gas from a Burner" (1904; "Gás de um bico") e "Ecce Puer" (1932). Joyce também escreveu, mas não publicou, mais de uma centena de poemas, incluindo algumas traduções. No Brasil, os poemas não coligidos de Joyce foram reunidos no livro *Outra poesia* (2022). Portanto, apesar de nomeadamente prosador, o escritor irlandês também escreveu poemas e fez algumas reflexões sobre a arte do verso (Joyce, 1963 e 2008). Nas suas reflexões sobre literatura, Joyce tratou reiteradamente do ritmo, que constitui, para ele, um aspecto fundamental do texto. Em seu ensaio de 1904, "A Portrait of the Artist" ("Um retrato do artista"), precursor do romance *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916; Um retrato do artista quando jovem) ele já enfatizava a necessidade de "liberar dos pedaços personalizados de matéria aquilo que é seu ritmo individualizante, a primeira ou formal relação entre suas partes" (Joyce, 1991: 211). O objetivo desta comunicação é tratar do aspecto rítmico da poesia de Joyce na tradução, principalmente para a língua portuguesa, à luz das ideias do autor.

Referências: Joyce, James. Stephen Hero. Organizado por Theodore Spencer, *A New Directions Book*, 1963. ---. *Occasional, Critical, and Political Writing*. Organizado por Kevin Barry, Oxford, 2008. ---. "A Portrait of the Artist". *Poems and Shorter Writings*, organizado por Richard Ellmann et al., Faber and Faber, 1991, pp. 2011-218.

SIMPÓSIO "TRADUÇÃO DE LITERATURAS DE VIAGEM, MIGRAÇÃO E EXÍLIO"

Coordenadores: Marie Helene Catherine Torres (UFSC), Luana Ferreira de Freitas (UFC) e Walter Carlos Costa (UFC)

JE TRADUIS TOUJOURS DANS UNE AUTRE LANGUE. JE NE SUIS L'HÔTE D'AUCUNE. L'ÉTHIQUE DU TRADUIRE, LE THÈME ET LE MIGRANT.

Alice Maria de Araújo Ferreira

Resumo: En traduction, le rapport aux langues est un point d'inflexion et/ou de réflexion. Il légitime la traduction évidemment, mais établit aussi une direction _un sens_ dans la relation : thème ou version. Cette direction va dépendre des rapports que le sujet traducteur entretient avec les langues qu'il pratique. Les catégories de langue maternelle, langue nationale, et langue seconde ou étrangère réitèrent souvent le discours sur le rapport à la nation et donc aussi à l'étranger. L'objectif de la communication est d'interroger le discours éthique en traduction qui s'articule autour du rapport national/étranger à partir de celui qui accueille et le mettre aujourd'hui à l'épreuve de l'é/i-migré et du thème, de celui qui se traduit dans/avec l'autre. Le sujet é/i-migré ne sépare pas facilement ce que la distance a éloigné ; un sentiment paradoxal, la saudade quiçá, qui rend présent ce qui est absent et absent ce qui est présent. Il relie ce que la catégorie moderne d'État-nation a distingué, en tant que nationaux étrangers, des sujets contemporains qui mobilisent et/ou convoquent un discours post-états-nations. Notre discussion propose deux moments : un récit personnel de migration et traduction pour interroger les rapports affectifs que le sujet e/i-migré entretient avec les langues qui lui servent à vivre. Un essai critique qui interroge le bien-fondé du sens unique, traduire l'étranger, pour le mettre à l'épreuve du thème dans son double rapport : comment traduire dans un double rapport éthique à l'altérité et à l'original qui, cette fois, ne sont pas du même côté ? Et plus largement avec Meschonnic (2007), comment (car c'est toujours une manière) être éthique avec soi-même et avec l'autre tel que les deux se constituent comme sujet par/dans la relation ?

Referências: BERMAN, Antoine. *L'Épreuve de l'étranger : culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris : Gallimard, 1984. FERREIRA, Alice Maria Araújo. "Traduzir-se po-eticamente".

Aletria (UFMG), v. 30, p. 43-64, 2020. MESCHONNIC, Henri. Éthique et politique du traduire. Paris : Verdier, 2007. NOUSS, Alexis. « Le mensonge du migrant : un défi éthique ». In : CASTELAIN, Arnold (dir.). Traduction et migration : Enjeux éthiques et techniques. Paris: Presses de L'INALCO, 2020. SELIGMANN-SILVA Márcio. Tradução como método de "Disothering": para além do colonial e do especismo. In: Aletria, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 19-42, 2020 (pp 19-42). VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo "Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca", NOVOS ESTUDOS 77; MARÇO 2007 pp. 91-126

ANÁLISE DO CONTO TRADUZIDO "O DOMADOR DE SERPENTES", DE FRANCISCO IZQUIERDO RÍOS

Edilza Santos da Silva, Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento

Resumo: O conto "O domador de serpentes", é um dos muitos contos de Francisco Izquierdo Ríos, que retratou a realidade da Amazônia peruana nas suas obras literárias. A tradução foi realizada por Armando Pacheco, em 1975, e publicada pela editora Clube do Livro. Esta comunicação considera, de forma geral, a discussão sobre a teoria da tradução, baseado nas pesquisas sobre a tradução como movimento crítico, o caráter ético da tradução, baseado nas pesquisas sobre a tradução como movimento crítico, o caráter ético da tradução e a retradução em Berman (2002 e 2013), Britto (2017), Torres (2017 e 2021) e Costa (2005). Também pretende trazer para este estudo mais recente a visibilidade da cultura amazônica e particularidades da natureza, presentes no conto supracitado, que justifica o estudo sobre como se dá a tradução de textos que trazem os costumes de um determinado povo, a maravilha que é entrar em contato com a cultura amazônica peruana (diferente da cultura amazônica brasileira), desde as histórias até aos mapas relacionados e o motivo da escolha é o fato de como representa a educação, na árdua estratégia de domar os opressores culturais, representados pela serpente, que simboliza uma ameaça ao homem, e também responder: qual é o olhar de um tradutor quando traduz (retraduz) a cultura de um povo vizinho com línguas próximas? Em particular, essa comunicação tem a intenção de aprimorar os estudos da tradução literária, valorizando a cultura de um povo e esclarecendo que nessa modalidade textual será examinar a língua de chegada enquanto aos equivalentes escolhidos.

Referências: BERMAN, Antoine. A prova do estrangeiro. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002. _____. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2ª Edição. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2013. BRITTO, Paulo Henriques. A Tradução literária. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. COSTA, Walter. O texto traduzido como re-textualização. Revista Cadernos de Tradução, v. 2 n. 16 (2005). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6656>. Acesso em: 02/09/2022. IZQUIERDO RÍOS, Francisco. Cuentos. Tomo I. Lima: Fondo Editorial UNMSM, 2010. _____. Chove em Iquitos. Tradução de Armando Pacheco. São Paulo: Clube do Livro, 1975. NASCIMENTO, Lilian. Francisco Izquierdo Ríos: um estudo de crítica e tradução. Revista Caderno de Letras (UFPel), nº 43/2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/21979>. Acesso em: 24/09/2022. TORRES, Marie-Hélène. Método de análise e crítica de tradução de Antoine Berman: Autorresenha do seu livro Por uma crítica da tradução: John Donne. Tradução em revista, 30, 2021.1. Disponível em: <https://www.marxwell.vrac.puc-rio.br/53001.PDF>. Acesso em: 19/08/2022.

O ESTATUTO DA LITERATURA DE VIAGEM E DA TRADUÇÃO NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA

Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista

Resumo: A literatura de viagem e a tradução literária são duas práticas textuais que atuam ? e continuam atuando ? de forma determinante na origem e desenvolvimento das modernas literaturas nacionais, ainda que a tradição historiográfica e teórica dos estudos literários não lhes tenha dado o devido valor que merecem, especialmente no âmbito brasileiro. Apesar de haver nas histórias da literatura brasileira geralmente um capítulo inicial dedicado à literatura de viagem sobre o país produzida no período colonial, identificada geralmente como "literatura de informação", essa produção é apresentada sem maior ligação orgânica com a produção posterior, tanto relacionada ao

gênero da literatura de viagem ou a outros gêneros, e sua importância residiria apenas em ser um registro documental de uma época. De uma forma mais explícita que a literatura de viagem, a tradução literária é raramente contemplada em uma história da literatura como elemento constitutivo do sistema literário brasileiro, apesar de historicamente ocupar um enorme espaço no nosso mercado editorial. Assim como a literatura de viagem, a tradução literária ocupa o mesmo espaço intermediário: trata-se de uma obra de autoria estrangeira, apesar de ter sido reescrita em nossa língua e passado a fazer parte de nosso sistema literário. Em função de sua bidirecionalidade discursiva - tanto a tradução quanto a literatura de viagem confrontam em um texto duas culturas e línguas - essa produção desafia os critérios nacionalistas que fundamentam a formação do cânone literário brasileiro. A partir da análise de algumas histórias literárias brasileiras mais conhecidas, por meio de um levantamento que não é exaustivo, mas representativo, mostramos como essa produção ora é tratada apenas como um documento de um período da história brasileira, ora como um assunto estrangeiro, quando muito é estudada a partir de algum caso isolado, invariavelmente desconectada da narrativa de desenvolvimento da literatura nacional brasileira.

Referências: BORM, Jan. Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology. In: HOOPER, Glenn. YOUNG S., Tim (Ed.). Perspectives on travel writing. Cornwall: Ashgate, 2004. P.13-26. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006. CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007. GENTZLER, Edwin. Teorias contemporâneas da tradução. Trad. Marcos Malvezi. São Paulo: Madras, 2009. MONTEIRO, Júlio Cesar Neves. Literatura brasileira e literatura traduzida no Brasil. Cadernos de Tradução, Florianópolis, nº 31, p. 141-153, 2013. ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6569>>. SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Graphia, 2002. SÜSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. VIEIRA, Else Ribeiro. Por uma teoria pós-moderna da tradução. Belo Horizonte: UFMG, 1992. (Tese, Doutorado em Letras, Literatura Comparada). WYLER, Lia. Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

A TRADUTORA E A ONÇA

Émilie Geneviève Audigier

Resumo: No século XVI, o frade André Thevet capturou e traduziu para o francês fragmentos narrativos orais de uma cosmogonia tupinambá dos indígenas Tamoio, da Baía de Guanabara. Em Meu destino é ser onça, Alberto Mussa juntou Le Brésil d'André Thevet Les Singularités de la France Antarctique e La Cosmographie (1557), entre outros. Como tradutora do livro, juntei o texto em português brasileiro modificado e passei de volta para o francês. Ou seja, não há um caso literário que celebre mais a atividade do tradutor, ainda mais considerando a atual tradução de Alberto Mussa em tupi antigo. O processo de escrita é plural, híbrido, composto, passa por diversas camadas de textos, junta vários fragmentos de memória, leituras e experiências. A escrita possui esse mecanismo inerente à criação — nada se cria, tudo se transforma. Toda escrita é jogo de composição, pluralidade, apagamento, como demonstram os estudos sobre a genética literária e a intertextualidade. A tradução funciona de maneira similar, como um palimpsesto. Precisa dessas diferentes versões, sem necessariamente existir uma hierarquia, ou uma autoridade maior entre elas. A restauração mitológica valoriza o motivo metafísico do ritual da antropofagia, visto com horror pelos europeus, porém essencial na sociedade indígena. O livro oferece uma visão sobre o canibalismo como única atitude cultural capaz de transformar o mal, inevitável e inerente à natureza, em bem. Essa transformação se torna indispensável e faz parte de um sistema complexo de vingança, no objetivo de manter a sociedade viva. O mito também faz eco à reflexão dos modernistas Oswald de Andrade e Haroldo de Campos sobre a tradução, pois eles que concebem os atos de escrever e traduzir como uma metáfora da devoração. “Meu jeito de amá-los é traduzi-los.”

Referências: ANCHIETA José de, Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões de Padre Joseph de Anchieta (1554-1594). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933 CARDIM, Fernão, Tratados da guerra e gente do Brasil, Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional/Ministério da Educação e

Cultura, documents datant de 1583 et 1584 CLAUDE d'ABBEVILLE, Histoire de la mission des Pères Capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoysines, Paris, Imprimerie de F. Huby, 1614 D'ÉVREUX, Yves, Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614, Leipzig & Paris, 1864 GANDAVO, Pero de Magalhães, Histoire de la province de Santa Cruz que nous nommes le Brésil. Paris, Le Passeur, 1995 LÉRY, Jean de, Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil autrement dite Amérique. La Rochelle, Pour Antoine Chuppin, 1578 MONTEIRO, Jácome, "Relação da província do Brasil, 1610", in Serafim LEITE (ed.), História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Portugália/Instituto Nacional do Livro, VIII, p. 393-425 NÓBREGA, Manuel de, Obras completas. Edição de Paulo Roberto Dias Pereira. Rio de Janeiro, Loyola & Ed. PUC, 2017 PIGAFFETA Antonio, Le Voyage de Magellan (1519-1522). La relation d'Antonio Pigaffeta & autres témoignages-. Édition et traduction de Xavier de Castro, Jocelyne Hamon et Luís Filipe Thomaz. Paris, Chandeigne, 2007 SOUSA, Gabriel Soares de, Tratado descritivo do Brazil, em 1587. Rio de Janeiro, Typographia universal de Laemmert, 1851 STADEN, Hans, Duas viagens ao Brasil (1557), tradução de Guiomar de Carvalho Franco, São Paulo, Editoria Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1974 THEVET, André, Relation de deux voyages faits par André Thévet aux Indes australes et occidentales, BnFrance, Ms, 1545, s.d. THEVET, André, Les singularitez de la France antarctique autrement nommée Amérique et de plusieurs terres et isles découvertes de nostre temps. Paris, Chez les héritiers de Maurice de la Porte, 1558 THEVET, André, Le Brésil d'André Thevet. Les singularités de la France Antarctique (1557). Ed. Intégrale établie, présentée et annotée par Frank Lestringant, Paris, Chandeigne, 1988 (2e édition 2011) _____, La cosmographie universelle d'André Thevet, cosmographe du roy illustrée de diverses figures des choses plus remarquables veues par l'auteur & incogneuës de noz anciens & modernes, II, Paris, Guillaume Chaudière, 1575 VASCONCELOS Simão de, Crônica da Companhia de Jesus [1663], vol I.II, Petrópolis, Vozes, Instituto Nacional do Livro, 1997 Vicente do SALVADOR, Frei, História do Brazil: 1500-1627, edição revista por Capistrano de Abreu em 1918. Juruá, Curitiba

"RETRADUÇÃO DE TRECHOS DO RELATO DE VIAGEM DE CONDAMINE NO RIO AMAZONAS."

Gilles Jean Abes

Resumo: A presente comunicação consiste na retradução de trechos da obra de Charles-Marie de La Condamine, Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale. Depuis la côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la riviere des Amazones, relato lido em assembleia pública da Academia de Ciências no dia 28 de abril de 1745 e publicado no mesmo ano pela editora Libraire la Veuve Pissot em Paris. Condamine foi um cientista e explorador francês que realizou diversas viagens de exploração no Norte de África, no Médio Oriente e na América do Sul. Foi o primeiro cientista a descer o curso do rio Amazonas. Sua expedição no Peru intencionava verificar a figura da Terra e a hipótese de Isaac Newton, segundo a qual o globo terrestre não seria uma esfera perfeita, mas seria inchado perto do equador e achatado nos polos. Após concluir a expedição geodésica, Condamine decide então descer o rio Amazonas até Belém. A escolha dos trechos de seu extenso relato teve como critério tão somente os temas abordados: chegada no Amazonas, a descoberta de Belém, a descrição do fenômeno da pororoca. Assim, pretendo inicialmente apresentar brevemente o cientista francês e seu relato, para, em seguida, refletir sobre o conceito de retradução (FALEIROS, 2017; BERMAN, 1990). Finalmente, discutirei algumas soluções de minha tradução confrontando-a à realizada pela editora do Senado Federal, intitulada Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas, publicada em 2000 na coleção "O Brasil visto por estrangeiros", sem indicação de tradutor.

Referências: BERMAN, Antoine. "La retraduction comme espace de la traduction". In Palimpsestes, 4. Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, out. 1990, pp. 1-9. CONDAMINE, Charles-Marie de la. Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale. Depuis la côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la riviere des Amazones, lûe à l'assemblée publique de l'Académie des sciences, le 28. avril 1745, Paris: Libraire la Veuve Pissot, 1745. CONDAMINE, Charles-Marie de la. Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas. Coleção "O Brasil visto por estrangeiros". - Brasília: Senado Federal, 2000. FALEIROS,

Álvaro; MATTOS, Thiago. A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert. - São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017.

ATRAVESSANDO LÍNGUAS, CULTURAS E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA DA OBRA “AMÉRICA LATINA: TRAIÇÃO E OUTRAS VIAGENS”, DE BANANA YOSHIMOTO

Joy Nascimento Afonso

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de viagem descrita na coletânea de contos “América Latina: traição e outras viagens” (2000), da escritora contemporânea japonesa Banana Yoshimoto, traduzida e analisada por nós, em nossa tese de doutorado. A coletânea é formada por sete contos, com sete narradoras que não tem nomes narrados, e que viajam à trabalho, à turismo, acompanhadas ou não pela América Latina - cidades da Argentina, uma cidade no Paraguai e Foz do Iguaçu. À medida que essas mulheres desconhecidas atravessam países, línguas, culturas e espaços estrangeiros, também percorrem suas memórias mais íntimas e dolorosas, que poderiam ser vistas como destoante do modelo feminino esperado em seu país de origem. À proporção que temos narrações do presente, do estrangeiro e experiências de viagens mescladas às lembranças a obra se torna um diário de viagem, fazendo menção aos diários clássicos das damas da corte de Heian (séc. XI) que desenvolveram a escrita autóctone japonesa, as narradoras não escrevem, mas sim dialogam consigo mesmas, tornando o leitor seu confessor, construindo uma viagem entre seu mundo interior e o espaço estrangeiro. Pretendemos mapear os espaços estrangeiros citados na obra entremeando a trechos de observações das narradoras sobre a cartografia estrangeira. Para essa apresentação nos baseamos nos estudos de Afonso (2022) sobre a adaptação da estrutura dos diários clássicos na obra de Yoshimoto.

Referências: AFONSO, Joy N. Entre memória e viagem, tradição e contemporaneidade – Uma leitura de “América Latina: Traição e outras viagens” (Furin to nanbei), de Banana Yoshimoto. 2022. 330 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2022. KAWASAKI, Kenko. The Climate of the Girl in Yoshimoto Banana, Trad. To- moko Aoyama e Barbara Hartley. In: AOYAMA, Tomoko & HARTLEY, Bar- bara (org.). Girl Reading Girl in Japan. Londres: Routledge, 2010, pp. 50–63. MINAKO, Saitô. Yoshimoto Banana and Girl Culture. In: COPELAND, Rebeca L. Woman Critiqued: translated essays on Japanese women's writing. University of Hawai'i Press, 2006, p.167-185. SNYDER, Stephen. Contemporary Japanese Fiction. In: SHIRANE, Haruo et al (edit). The Cambridge History of Japanese Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 760– 767.

A PÁTRIA PUTREFATA: AS CARTAS DO RETORNADO, DE HUGO VON HOFMANNSTHAL

Juliana Vaz de Figueiredo Moreno Batista

Resumo: Para Jean Améry, a pátria/terra natal (Heimat) é algo de que menos se precisa quanto mais se tem. Todas as declarações positivas acerca do tema seriam, portanto, a princípio suspeitas, uma vez que aproximar-se da noção de pátria/terra natal só seria possível a partir de uma experiência ex negativo (W. G. Sebald), isto é, do exílio. Partindo do pressuposto de que a escrita sobre a pátria/terra natal implica necessariamente a sua perda em algum grau, esta comunicação propõe uma leitura de “Die Briefe des Zurückgekehrten”, de Hugo von Hofmannsthal (1874-1929), buscando relacionar a essa questão a atitude melancólica do tradutor diante da perda do original. Trata-se de um texto em prosa, composto por cinco cartas fictícias, publicadas pela primeira vez em revistas literárias entre 1907 e 1908. O narrador e remetente é um homem de negócios que, ao regressar à Alemanha após dezoito anos no exterior, é tomado por uma crise existencial difusa, acompanhada de um mal-estar profundo com a cultura e a língua alemãs: “É uma tortura voltar a usar uma língua artificial que em vinte anos se tornou suficientemente estrangeira para mim”, escreve. O olhar etnográfico que o retornado lança sobre os diversos povos “exóticos” que conheceu em suas viagens pelo mundo, dos gaúchos da América do Sul aos maori da Nova Zelândia, agora se volta aos seus próprios conterrâneos. Em reação a esse processo de desfamiliarização com seu próprio país de origem, surge a nostalgia da infância e de um passado pré-moderno e pré-capitalista em que as identidades dos sujeitos teriam sido, em vez de fragmentadas, estáveis e indivisíveis. Ainda inédito

em português do Brasil, o texto será apresentado em tradução comentada sob o título "As cartas do retornado".

Referências: BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013. HOFMANNSTHAL, Hugo von. Erza?hlungen, erfundene Gespra?che und Briefe. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1979. KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. MORAES, Marcelo Jacques de. Sobre a forma, o poema e a tradução: a incerteza das formas, o fracasso do poema, língua contra língua. Rio de Janeiro: 7Letras, Faperj, 2017. SEBALD, W.G. Unheimliche Heimat: Essays zur österreichischen Literatur. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1995.

COLONIALISMO E IMPERIALISMO NA TRADUÇÃO DE UNA ESCURSIONE BOTANICA NELL'AMAZZONIA (1901), DE LUIGI BUSCALIONI

Karine Simoni

Resumo: Em 1901, a bordo do navio que o levava de volta à Itália, o médico e botânico Luigi Buscalioni (1863-1954) terminava o relato da viagem que seria publicado naquele mesmo ano com o título Una escursione botanica nell'Amazzonia. Além das descrições/impressões da viagem, levava consigo, depois de cerca de dois anos pela Amazônia brasileira e região do Araguaia, aproximadamente trinta mil exemplares de plantas, e uma coleção de objetos etnográficos e geológicos entregues a museus da Universidade de Roma. O objetivo desta comunicação é comentar a nossa própria tradução, sobre como lidamos com as formas de imperialismo/colonialismo expressas pelo viajante no que tange às descrições dos elementos humanos e também de estetização da floresta. A tradução pode se tornar um caminho para a desconstrução do colonialismo e do imperialismo na Amazônia? A tradução pode atuar num contexto de diálogo transcultural eticamente justo e epistemologicamente possível, em que sejam revistos os modos pelos quais o "Ocidente" europeu construiu seu conhecimento, muitas vezes subjugando e absorvendo os conhecimentos de outros povos? Parte-se da ideia, fundamentada em exemplos do texto, de que o olhar do viajante produziu uma narrativa já previamente conhecida (PRATT, 1999; TODOROV, 1982), em que o europeu é visto como superior em relação aos povos originários, e essa visão de mundo influenciou a sua relação com o outro e o desenvolvimento do seu projeto de colonização

Referências: BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. 2a. ed. Trad. Andréia Guerini, Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan. Florianópolis/ Tubarão: PGET/ Copiart, 2013. BUSCALIONI, Luigi. Una escursione botanica nell'Amazzonia. Roma: Società Geografica Italiana, 1901. GUERINI, Andréia; FERNANDES, José Guilherme; TORRES, Marie-Hélène. (Orgs.) Traduzindo a Amazônia II. Tradução de Relatos de Viagem sobre a Amazônia. Cadernos de Tradução, Vol. 42, n. especial 1: UFSC/PGET, 2022. GUERINI, Andréia; FERNANDES, José Guilherme; TORRES, Marie-Hélène. (Orgs.) Traduzindo a Amazônia I. Tradução de Relatos de Viagem sobre a Amazônia. Cadernos de Tradução, Vol. 41, n. especial 1: UFSC/PGET, 2021. PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999. TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

AS NARRATIVAS DE VIAGEM AO BRASIL ESCRITAS POR: ADÈLE TOUSSAINT, OLIVER E VAN LANGENDONCK.

Katia Aily Franco de Camargo

Resumo: A presente comunicação, fruto de projeto de pesquisa em andamento, visa analisar e comparar os relatos de viagem escrito por três mulheres oitocentistas. O primeiro deles, Viage poético a Petrópolis, escrito pela espanhola Carmen Oliver de Gelabert, publicado em língua espanhola em 1872; o segundo, Une parisienne au Brésil, escrito pela francesa Adèle Toussaint-Samson, publicado no Brasil e na França em 1883; e, finalmente, Une colonie au Brésil – Récits historiques, escrito pela viajante belga Madame Van Langendonck, publicado em 1862 e recebeu tradução para o português em 2006. Para tanto, basear-nos-emos no paradigma da descrição na

tradução etnográfica, isto é, a realidade social apreendida a partir do “ver”, transformada em linguagem; do esforço de transformar o olhar do viajante em escrita, segundo nos explica Laplantine (1996) e de sua relação com a tradução interlingual (JAKOBSON, 2011), pois a realidade vivenciada pela viajante em uma língua estrangeira, no caso, a portuguesa, está sendo transmitida/traduzida ao leitor por meio da narrativa de viagem. Somado ao exposto, acrescentaremos as categorias de classificação e de tradução de culturemas ou Itens Culturalmente Marcados elaboradas por Franco (1996) e Molina (2006; 2011), que tem nos auxiliado na percepção das técnicas de tradução utilizadas pelas três viajantes.

Referências: BYRNE, Angela. The scientific traveller. In: YOUNG, Tim; PETTINGER, Alasdair (Orgs.). The Routledge research companion to travel writing. Inglaterra: Routledge, 2019. (E-book) CAMARGO, Katia Aily F de. Relatos de viagem e a tradução de palavras culturalmente marcadas: um estudo de caso. Cadernos de Tradução. Florianópolis, v. 37, n. 2, 2017, p. 159-176. CRONIN, Michael. Across the lines: travel, language, translation. Irlanda: Cork University Press, 2000. FERREIRA, Alice Maria de Araújo. “Tradução etnográfica – poética do encontro”. In: FERREIRA, Alice Maria de Araújo et al. (Orgs.). Crítica e tradução do exílio: ensaios e experiências. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária UFG, 2017, p. 55-91. FRANCO, Javier. Cultural-Specific Items in translation. In: ALVARÉS RODRÍGUEZ, Román; VIDAL, M. Carmen-Africa. Translation, power and subversion. Philadelphia, Multilingual Matters LTD, 1996, p. 52-78. FRANCO, Stella S. Viagens e relatos. Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. São Paulo: Intermeios, 2018. JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 2011. LAFARGA, Francisco. (Org.) Miradas de mujer. Viajeras francesas por la España des siglo XIX. Barcelona: Edhasa, 2012. LAPLANTINE, F. La description ethnographique. Paris: Armand Colin, 1996. LEITE, Míriam Moreira Leite (Org.). A condição feminina no Rio de Janeiro – século XIX. Hucitec: Edusp, 1993. MOLINA, Lucía M. El otoño del pingüino. Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2006. MOLINA, Lucía M. La traducción de noticias con soporte icónico: La imagen como referente cultural. Sendebär, n. 22, p. 73-86, 2011. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/sendebär/article/view/345/377> Acesso em: 12 jan. 2020.

JORNADA DEL RÍO MARAÑÓN, DE TORIBIO DE ORTIGUERA: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO DOS DOIS PRIMEIROS CAPÍTULOS

Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento

Resumo: Esta comunicação tem como principal objetivo traduzir a crônica de viagem Jornada del río Marañón, de Toribio de Ortiguera, somente os capítulos primeiro e segundo para o português brasileiro, e realizar comentários da tradução. Escrito entre 1581 e 1586, o texto relata importantes fatos que ficaram na história, como a Expedição de Pedro de Ursúa em busca de Omágua e El Dorado, evento que ficou conhecido pelo terror provocado por Lope de Aguirre. O que mais chama a atenção nesta obra é que o cronista não testemunhou os grandes eventos descritos, recorreu a duas testemunhas oculares: Juan Pérez de Zurita e Pedrarias de Alместo. Importante ressaltar que existem muitas crônicas sobre o tema em questão e de mesmo período histórico que são mais conhecidas e pesquisadas que esta. A voz do narrador na crônica Jornada del río Marañón é um ponto de grande importância, pois se veste de fato histórico, a partir do olhar e memória de outros, mas carrega a ficção em sua essência pelo prazer de narrar a Dom Felipe III, na época príncipe de Espanha e sucessor ao trono. A tradução e a análise da obra ajudarão a compreender e desmistificar muitos estereótipos ainda vigentes quando se pensa na Amazônia no século XXI.

Referências: BENJAMIM, W. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio de Literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1995. Tradução de Sérgio P. Rouanet. BERMAN, Antoine. A prova do estrangeiro. São Paulo: EDUSC, 2002. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. _____. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. 2ª ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel (org.). Amazônia: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Editora Globo, 2010. CARVAJAL, Frei Gaspar de. Relatório do novo

descobrimiento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana. Ed. Bilingüe. São Paulo: Scritta; Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España, 1992. Tradução de Adja Durão. CHIRIF, Alberto. Diccionario amazónico. Voces del castellano en la selva peruana. Lima: Lluvia Editores SRL, 2016. CHIRINOS, Andrés. Atlas lingüístico del Perú. Cusco-Lima: CBC - Ministerio de Educación, 2001. HARDMAN, Francisco Foot. A vingança da Hileia. Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009. HEIDERMANN, Werner (org.). Clássicos da teoria da tradução. (2. ed.). Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. KRÜGER, Marcos Frederico. Amazônia: mito e literatura. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2011. LAMBERT, José. Sobre a descrição de traduções. In: COSTA, Walter ET AL (Orgs). Literatura & tradução. Textos selecionados de José Lambert. Tradução de Marie-Hélène Torres. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. PINTO, Renan Freitas. Viagem das ideias. Manaus: Editora Valer/Prefeitura de Manaus, 2006. _____. A viagem das ideias. Revista Estudos Avançados, v.19 n.53 São Paulo jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24083.pdf>>. Acesso: 11/07/2021. PIZARRO, Ana. Amazônia: as vozes do rio. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. Trad. Rômulo Monte Alto. RAMÍREZ, Luiz Hernán. El español amazónico hablado en el Perú: hacia una sistematización de este dialecto. Lima: Juan Gutemberg Editores, 2003. RODRIGUEZ, Mónica. Voces autóctonas de la Amazonía: soledad, reivindicación y cambio. Revista Romance Notes, Vol. 45, nº 2. University North Carolina. 2005. Disponível em: <https://www.questia.com/library/journal/1G1-194333555/voces-autoctonas-de-la-amazonia-soledad-reivindicacion>. Acesso em: 12/07/2021. ORTIGUERA, Toribio. Jornada del río Marañón. In: SERRANO Y SANZ, Manuel. Historiadores de Indias. vol. 2. Madrid: Madrid : Bailly -Bailliére e Hijos, 1909, p. 306 - 422. SOUZA, Márcio. Amazônia Indígena. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. _____. História da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2009. TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos. Literatura Traduzida - Tradução comentada e comentários da tradução. Vol 2. Fortaleza: Substância, 2017. VALBOA, Miguel Cabello. Miscelánea Antártica: una historia del Perú antiguo. Lima: Instituto de Etnología da UMSM, 1951.

VIOLÊNCIA E MONSTRUOSIDADE EM CLARICE LISPECTOR A PARTIR DE BERNA (1946-1949)

Luana Ferreira de Freitas

Resumo: O exílio é parte indissociável da história de Clarice Lispector desde o seu nascimento, quando sua família se viu obrigada a deixar seu país em direção ao Brasil por causa da perseguição religiosa aos judeus. Devido ao seu casamento com o diplomata Maury Gurgel Valente, a escritora passa quase dezesseis anos entre a Europa e os Estados Unidos. Para esta comunicação, analiso os três anos de Clarice da Suíça, em Berna, de 1946 a 1949, explorados em cartas, contos e crônicas. No caso, exploro as crônicas “Berna”; “O medo de errar” e “Lembrança de uma fonte, de uma cidade” e o conto “Silêncio”. O período, que a autora descreve como monótono, marcou Clarice negativamente. De acordo com a autora, a perfeição e o silêncio suíços eram-lhe particularmente sufocantes, o que teve eco nos seus escritos. Analiso, pois, a exploração e a opção pelo sujo, pelo malfeito, pelo monstruoso e pelo violento como um contraponto e uma negação à perfeição impecável suíça em alguns textos de Clarice e nas suas respectivas traduções. O textos escolhidos para a análise são os contos “A solução”, “Amor” e a crônica “Mineirinho”. A violência perpassa tanto o conto “A solução” quanto a crônica “Mineirinho”, ao passo que o conto “Amor”, sobretudo a passagem do Jardim Botânico, é inundado pelo monstruoso e pelo mal-estar.

Referências: LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. LISPECTOR, Clarice. The Complete Stories. Tradução de Katrina Dodson. New York: New Directions, 2015. LISPECTOR, Clarice. Todas as crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. LISPECTOR, Clarice. Too Much of Life: Complete chronicles. Tradução de Margaret Jull Costa e Robin Patterson. London: Penguin, 2022.

O CASAL DE PATOS E O MAÇARICO: UM CAPÍTULO MAL CONHECIDO DO LIVRO DE KALILA E DIMNA Mamede Mustafa Jarouche

Resumo: O Livro de Kalila e Dimna, tradução indireta feita no século VIII d.C. do Pañcatantra indiano (composto por volta do século I d.C.), sempre padeceu de algum tipo de "instabilidade filológica" em árabe, instabilidade essa derivada de vários fatores, entre os quais pode-se mencionar o fato de ser uma obra pioneira que praticamente fundou a ficção em árabe, de ter sido realizada por um letrado cuja primeira língua não era o árabe, de haver tido uma ampla disseminação entre os leitores e ouvintes dos mais diversos extratos sociais e de sua própria estrutura de "narrativas encaixadas", que muita vez é um estímulo para a ampliação e a introdução de narrativas. Um dos exemplos disso é a diferença do número de capítulos em diversos manuscritos dessa obra. "O casal de patos e o maçarico" (na tradução espanhola do século XIII, "De las garças et del çarapico") ilustra bem essa instabilidade, na medida em que, conquanto presente em várias traduções ocidentais feitas a partir do árabe, consta em apenas três manuscritos nessa língua e não faz parte de nenhuma de suas edições impressas. A contrária do que parte da crítica vem afirmando, desde o trabalho equivocado do arabista Joseph Derenbourg no longínquo ano de 1887, nosso argumento segue a linha de que tal capítulo pode ser considerado parte legítima de Kalila e Dimna e deveria encontrar seu lugar entre os capítulos desse livro.

Referências: Cacho-Blecua, J. M., e Lacarra, M. J. (ed.). Calila e Dimna. Madrid, Castalia, 1984. Derenbourg, Joseph. Appendice Premier. In: Capua, Johannis de. Directorium Vitae Humanae. Paris, F. Wieveg, Libraire-Éditeur, 1887, pp. 323-345. Döhla, Hans. El Libro de Calila y Dimna. Zaragoza, Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2009. Garcia, Liliane Vargas. Políticas da Tradução: História e Crítica Através do Prototexto Literário de Calila e Dimna (1251). Florianópolis, UFSC, 2018 (Tese de Doutorado). Sprengling, Martin. Kalila Studies. I. In: The American Journal of Semitic Languages and Literatures. Volume XL, 1924, pp. 81-97.

POESIA SLAM: LITERATURA DE MIGRAÇÃO, EXÍLIO E PERIFERIAS – DISCURSO E PERFORMANCE EM TRADUÇÃO

Maria Aparecida Andrade Salgueiro

Resumo: Considerado, hoje, um dos movimentos mais representativos da poesia contemporânea, a Slam Poetry / Poesia Slam – batalhas de poesia falada que se multiplicam nas periferias globais e do Brasil afora com vozes quase totalmente negras, majoritariamente femininas, trazem a força da tradição oral, acrescida da performance vocal e corporal, ao trabalhar temas relevantes na contemporaneidade e em suas literaturas de migração. Na presente comunicação, aprofundaremos tema sobre o qual temos nos debruçado, trazendo relatos de experiência e considerações em curso sobre a tradução de poemas slam, desde 2014, no Centro de Estudos Interculturais do Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César, do Instituto de Letras da UERJ – ESCRTRAD/UERJ, a partir de convite dos organizadores da FLUP – a Feira Literária das Periferias – para participação, com traduções, no Rio Poetry Slam, competição internacional de poesia falada, que ocorre, anualmente, no Rio de Janeiro. Naquele espaço da Universidade e com aquele grupo, acrescido ao trabalho de pesquisa desde os anos 90 sobre as Literaturas Afro-diaspóricas e as rotuladas como periféricas, reunimos trabalho específico de tradução de poesia contemporânea entre pares linguísticos de línguas estrangeiras e o Português do Brasil, em situação de tradução inter/transcultural, analisando situações e repensando os processos tradutórios ano a ano, em coletivo, tal como na própria slam poetry, e realizando buscas e visitas necessárias – pelo aspecto absolutamente contemporâneo dos textos – via internet, Twitter, YouTube, para chegar às vezes, após horas de pesquisa, ao detalhe exato de uma referência precisa e fulcral para o entendimento do texto sendo traduzido. A presente comunicação abordará, em diálogo, este e outros aspectos tradutórios.

Referências: BEVERLY, John (2004). Subalternity and Representation – Arguments in Cultural Theory. Durham and London: Duke University Press. SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (2021). Tradução de vozes da poesia contemporânea: a Slam Poetry em foco. In: Maria Aparecida Andrade Salgueiro. (Org.). Estudos da Tradução em foco - Jornadas Casa Dirce / UERJ. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 62-76. _____. (2014) Traduzindo literatura da diáspora africana para a língua portuguesa do Brasil: o particular, o pós-colonial e o global. CADERNOS DE TRADUÇÃO, p. 262. SOMERS-WILLET, Susan B. A.

(2012; 2009). *The Cultural Politics of Slam Poetry: Race, Identity, and the Performance of Popular Verse in America*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

TRADUÇÃO DE RELATO DE VIAGEM: A AMAZÔNIA NO MAPA-MÚNDI DAS LITERATURAS

Marie Helene Catherine Torres

Resumo: A presente comunicação pretende apresentar a tradução de parte de um dos raros relatos de viagem na e sobre a Amazônia escrito por uma mulher, Marie Octavie Coudreau, em francês e, que, num apagamento da história e da história da literatura, nunca foi traduzida para o português do Brasil. Ela foi a primeira mulher a fotografar a Amazônia. Era cartógrafa, desenhista, geógrafa. Acompanhou o marido que faleceu na floresta em 1899, Henri Coudreau, também geólogo, cartógrafo e etnógrafo, na sua última expedição. Ela continuou mesmo assim a expedição científica no Rio Trombetas e publicou *Voyage au Trombetas*, 07/08 a 25/11/1899 a partir das notas (até o capítulo 7) do seu marido. A noção de exploração e descobrimento do ambiente natural sendo a temática principal de relatos de viagem em geral, e deste em particular, as tradutoras (Bressan e Torres) tentaram traduzir de modo a colocar a floresta Amazônica como foco narrativo central e a valorizar certa ética em relação à preservação na narrativa histórica da exploradora francesa sobre as relações orgânicas entre humano e natureza. Ainda se debruçam sobre questões próprias da tradução como o processo de tradução tão caro aos estudiosos/analistas das traduções e destacam alguns pontos essenciais à tradução bem como explicitam de alguma forma sua concepção de tradução através das escolhas feitas e das estratégias de tradução utilizadas.

Referências: Abreu, Mirhiane Mendes de. "O índio brasileiro e a concepção romântica da natureza." In: Gilmar Arruda, David Velázquez Torres e Graciela Zuppa (orgs.). *Natureza na América latina: apropriações e representações*. Londrina: UEL, 2001. Azevedo, José Eustáquio de. *Antologia amazônica: poetas paraenses*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918. Baker, Mona e Saldanha, Gabriela (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 3a ed. 2019. Casanova, Pascale. *A República mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002a. Casanova, Pascale. *A língua mundial: Tradução e dominação*. Tradução de Marie Helene Torres. Florianópolis/Brasília Ed. UFSC/Ed. UnB, 2021. Chelebourg, Christian, *Les Ecofictiones. Mythologies de la fin du monde*, Bruxelles, Les Impressions Nouvelles, coll. « Réflexions faites », 2012. Cronin, Michael. *Eco-Translation: Translation and Ecology in the Age of the Anthropocene*. London: Routledge, 177p., 2017. Coudreau, Marie Octavie. *Voyage au Trombetas*. 7 août 1899 - 25 novembre 1899, A. Lahure, 1900. Freitas, Luana Ferreira de, Torres, Marie-Hélène Catherine. "Brazil in The World Map of Translation: The French Case". v. 40 n. 2, Edição Regular (Maio), 2020. Gengshen, Hu, *Eco-Translatology. Towards an Eco-paradigm of Translation Studies*. Berlin: Springer, 2020. Lambert, José. "World Literature, Comparative Literature, Translation Studies: Selective Un-Attention?" Invited speaker, Universidade de Barcelona, Internacional Weltliteratur: World Views in the Scholarly Discourse on (World) Literature. (Apresentação de Trabalho/Simpósio), 2016. Regattin, Fabio. *Traduction et évolution culturelle*, Paris, L'Harmattan, 2018. Sales, Germana Maria Araújo, Silva, Alan Victor Flor da. "Os escritores da Amazônia do século XIX para além das histórias literárias" IN *Revista da Anpoll* nº 43, p. 35-47, Florianópolis, Jul./Dez. 2017.

TRADUZIR AMAZONA NA LITERATURA DE VIAGEM

Michel Emmanuel Félix François

Resumo: H.M. Tomlinson descreve seu primeiro contato com a floresta e com o Pará. O autor fala das suas primeiras impressões da floresta ao chegar num barco. Discorre sobre as características físicas do povo, sua indolência e espontaneidade. Relata seu desapontamento com o lugar, bem diferente das maravilhas narradas por outros viajantes que o precederam. Encontra uma forma primitiva de viver, misturas raciais que nada, segundo ele, se comparam com a pureza da raça branca. Com o passar do tempo, seu desapontamento aumenta. Usa das mais rudes palavras para descrever o lugar, o povo, sem esquecer o jeito indolente imposto por um clima desconfortável e o alimento cuja qualidade contesta. Numa linguagem ríspida, fala de crianças de pele acobreada que brincam nuas na porta de casa, critica a falta de conservação das casas, do excesso de lixo de onde se

alimentam os abutres. O autor contrasta a grandeza da natureza com a singeleza do modo de viver dos habitantes. Sente medo dessa realidade desconhecida, diferente da sua vida de Londres. Se apavora diante da escuridão tranquila e quente. Tudo ao seu redor constitui uma ameaça nessa terra que lhe é estranha. Tudo parece aterrorizante, inclusive as notícias de doenças, como a febre que se espalha.

Referências: Tomlinson, H. M. *The Sea and the Jungle*. Published, 1920, by E. P. Button & Company, NY. NEW YORK E.P. DUTTON & COMPANY 681 FIFTH AVENUE

DAS ILHAS ITALIANAS PARA O BRASIL: GRAZIA DELEDDA E MARIA MESSINA EM PORTUGUÊS

Rafael Ferreira da Silva

Resumo: Localizadas no Mar Mediterrâneo, sem pontes para a península itálica, as ilhas Sicília e Sardenha sempre foram terreno fértil para as artes, sobretudo a literatura. De fato, a Sicília não só se lançou, na primeira metade do século XIII, como o berço da tradição literária em língua italiana, como também goza do fato de ser a terra natal de grandes escritores contemporâneos. Por outro lado, a Sardenha tem a tradição literária em língua italiana afirmada cinco séculos após, no século XVIII, quando o italiano se torna a língua oficial. Um fato curioso que seus autores e autoras compartilham é a constante exposição de seus territórios e tudo o que encerram. O objetivo desta comunicação é discutir sobre a tradução destes marcadores culturais e identitários em textos de duas autoras insulanas italianas: “*Ragazze siciliane*”, da siciliana Maria Messina (1887-1944) e “*Fior di Sardegna*”, da sarda Grazia Deledda (1871-1936). Considerando que a tradução é um dos motores essenciais para a constituição e a unificação do espaço literário mundial (Casanova, 2005), propomos as primeiras perguntas de pesquisa: (1) Que elementos identitários-culturais as ilhas italianas apresentam? e (2) São elementos semelhantes ou diferentes aos elementos identitários-culturais da península itálica?; e com o intuito de aproximar essas duas realidades geográficas, através da intercompreensão, da abertura de imaginações, culturas, para revelar as relações de identidade e heterogeneidade, propomos a terceira e a quarta perguntas: (3) Como são/poderiam ser traduzidos tais elementos numa perspectiva estrangeirizadora? e (4) E numa perspectiva domesticadora? Nossa hipótese é de que o tradutor, migrante, que intermedeia a circulação das obras literárias e as diferenças culturais, crie pontes (Paes (1990)) entre as diversas culturas através de seu ponto de vista.

Referências: ANGIONI, Giulio. *Grazia Deledda, l'antropologia positivista e la diversità della Sardegna*, in *Grazia Deledda nella cultura contemporanea*. Nuoro, 1992. BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2004. 126 p. BARTOLOTTA, Lucio. *Maria Messina (1887-1944), Mistrretta: Il centro storico*, 2006. BERMAN, Antoine. *Pour une Critique des Traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995. _____. A prova do estrangeiro: cultura et tradução na Alemanha Romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: Edusc, 2002. _____. A tradução e a letra. Trad. Torres, Marie Helene Torres, Guerini, Andréia & Furlan, Mauri. Rio de Janeiro : 7Letras, 2007. BERRUTO, Gaetano. *Le varietà del repertorio*. In: *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi*, a cura di Alberto Sobrero. Bari: Laterza, 1993. BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. CAMILLERI, Andrea. & DE MAURO, T. *La lingua batte dove il dente duole*. Bari: Laterza, 2013. CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation. The spread of ideas in translation theory*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1997. DELEDDA, Grazia. *Fior di Sardegna*. Roma: Perino, 1891. _____. *Racconti sardi*. Sassari, Dessì, 1894. _____. *A mãe do padre*. Tradução de Rafael Ferreira da Silva. Ghilarza: NOR, 2018. _____. *As indecisões de Elias Portòlu*. Tradução de Rafael Ferreira da Silva. Ghilarza: NOR, 2018. DE MAURO, Tullio; LODI, Mario. *Lingua e dialetti*. Roma: Editori Riuniti, 1993. DI GIOVANNA, Maria. *La fuga impossibile: sulla narrativa di Maria Messina*. Napoli: Federico & Ardia, 1989. ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa: esperienza di traduzione*. Milano: Bompiani, 2003. EVEN-ZOHAR, I. *Polysystem Theory. Poetics Today*. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. Vol. 11. Number 1 Spring, 1990. _____. *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*

(1990). in L. VENUTI (ed.) 2000. GIORDANO, Filippo. *Mistretta e Maria Messina: un legame secolare*. Tricase: Youcanprint, 2016. GUERINI, Andréia & COSTA, Walter Carlos (org.). *Sobre discurso e tradução*. Tubarão/Florianópolis: Copiart/PGET/UFSC, 2014. HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2014. LAVINIO, Cristina. *Scelte linguistiche e stile in Grazia Deledda*, in Id., *Narrare un'isola. Lingua e stile di scrittori sardi*. Roma: Bulzoni, 1991. MASSAIU, Mario. *La Sardegna di Grazia Deledda*. Milano: Celuc, 1972. MESSINA, Maria. *Ragazze siciliane*. Firenze: Le Monnier, 1921. MICCINESI, Mario. *Grazia Deledda*. Firenze: La nuova Italia, 1975. MITTMANN, Solange. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2003. NORD, Christiane. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Tradução e adaptação coordenadas por Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. ORLANDI, E. P. *Discurso e texto*. Campinas, Pontes, 2001. PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990. PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 9. ed. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2003. PYM, Anthony. *Exploring translation theories*. London; New York: Routledge, 2010. SEDDA, Franciscu & SORRENTINO, Paolo (org). *Isolanità per un semiotica culturale delle isole*. Rimini: Aracne editrice, 2020. TANDA, Nicola. *Dal mito dell'isola all'isola del mito. Deledda e dintorni*. Roma: Bulzoni, 1992. TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007. TOURY, Gideon 1995. *The Nature and Role of Norms in Translation*. In idem, *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 53-69. VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução – por uma ética da diferença*. Tradução: Laureano Pelegrin et al. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 129-167. VERMEER. Hans J. *Skopos and Commission in Translational Action*. In *Readings in Translation Theory*, ed. and trans. Andrew Chesterman. Helsinki: Oy Finn Lectura Ob, 1989. p. 87-173.

RACHEL DE QUEIROZ E SEU ROMANCE DE VIAGEM: DÔRA DORALINA EM TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

Sinara de Oliveira Branco

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir a linguagem regional de Rachel de Queiroz a partir do romance *Dôra, Doralina*, publicação que contribuiu para que a escritora se tornasse a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras no ano de 1977. Jornalista, escritora e tradutora, nascida em Fortaleza, Ceará em 1910, tem escrita considerada próxima da oralidade regional, destacando fatos do nordeste brasileiro e de sua infância, buscando desmistificar estereótipos nordestinos de forma próxima de seus leitores. O trabalho tem arcabouço teórico relacionado aos Estudos da Tradução (Bassnett, Berman, Brito, Casanova, Eco, Torres, Venuti) e à Representação Cultural (Bhabha, Katan), com o intuito de reforçar que, apesar de a escrita de Rachel de Queiroz apresentar linguagem regional, retratando o povo brasileiro, especificamente do Nordeste brasileiro, a partir do olhar para a tradução do romance de viagem *Dôra, Doralina* (1984) para o inglês, traduzido por Dorothy Scott Loos, os caminhos entre a domesticação e a estrangeirização aproximam a escritora do leitor estrangeiro, reforçando a necessidade e relevância da literatura de viagem para a operação de tradução, no sentido de transformar o estrangeiro – o estranho – no conhecido, transportando o romance de um idioma alheio – o português brasileiro – para o do leitor de língua inglesa (Brito, 2012).

Referências: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. BASSNETT, Susan ; LEFEVERE, Andre. *Translation, History and Culture*. London: Pinters Publishers, 1990. BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo*. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. Tradução: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. BRITO, Paulo Henriques. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. CASANOVA, Pascale. *La República mundial de las Letras*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1999. Tradução: Jaime Zulaika. ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2010. Tradução: Pérola de Carvalho. ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. Tradução: Monica Stahel. ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: Experiências de tradução*. Rio de

Janeiro: Record, 2007. Tradução: Eliana Aguiar. KATAN, David. Translating Cultures: An introduction for translators, interpreters and mediators. Manchester: St. Jerome Publishing, 2004. TORRES, Marie-Hélène Catherine; FREITAS, Luana Ferreira e COSTA, Walter Carlos. Literatura Traduzida: Tradução comentada e comentários de tradução. Fortaleza: Substância, 2017. VENUTI, Lawrence. The Translation Studies Reader. New York: Routledge, 2000. VENUTI, Lawrence. The Scandals of translation. London: Routledge, 1998. VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility: A history of translation. London and New York: Routledge, 1995.

CARTAS DE VIAGEM DE JORGE LUIS BORGES A MAURICE ABRAMOWICZ (1919-1921)

Walter Carlos Costa

Resumo: Graças a um plano familiar, os pais de Borges decidiram migrar de Buenos Aires, para Genebra, Suíça, devido às incertezas da Primeira Guerra Mundial. Como assinala Carlos García (2022: 7), Maurice Abramowicz (1901-1981) foi colega de Borges no Collège Calvin, de Genebra, entre 1914 y 1917, onde ambos cursaram o ensino médio. Uma sólida amizade surgiu nesse período, prolongado pelo contato epistolar intenso entre 1919-1916. Os dois retomam o contato pessoal na década de 1960, quando Borges viaja regularmente à Europa. A última vez que se viram foi em 1981. Nesta comunicação, examino 23 cartas escritas por Borges a seu amigo genebrino, publicadas pela primeira vez no segundo volume da excelente edição organizada por Jean Pierre Bernès para as Oeuvres complètes de Borges na Bibliothèque de la Pléiade, da editora francesa Gallimard. Essas cartas, escritas em francês por Borges, e que não contêm, infelizmente, as respostas de Abramowicz, constituem um testemunho único e ainda pouco explorado dos anos de juventude de Borges, passados na Espanha. Nesse período, Borges trava contato com alguns dos principais escritores espanhóis do período e começa a publicar artigos e traduções de seus escritores preferidos. Publica, igualmente, textos de Abramowicz, que ele próprio traduz. Bernès observa (Bernès 2009: 1455-1456) que Borges compartilha com seu amigo "seus encontros, suas leituras, a gênese dos seus primeiros escritos, o seu descobrimento da vanguarda (ultraísmo e dadaísmo)". Borges comenta aspectos etnográficos da cultura espanhola nas diferentes cidades que frequentou: Barcelona, Palma de Mallorca, Sevilha, Madri. Na comunicação, apresento minha tradução de trechos dessas cartas, estabelecendo conexões com a posição de Borges na literatura hispânica e internacional e sua forte ligação com a Suíça, onde escolheu ser enterrado.

Referências: García, Carlos. Borges y Abramowicz. 2022 https://www.academia.edu/89557149/Garcia_Borges_y_Abramowicz_2022_ Acesso em 07/01/23. Borges, Jorge Luis. Oeuvres complètes II. Edition établie, présentée et annotée par Jean Pierre Bernès. Paris : Gallimard, 1999.

SIMPÓSIO "TRADUZINDO À MARGEM"

Coordenadores: Sheila Maria dos Santos (UFSC-PGET) e Kall Lyws Barroso Sales (UFAL-PPGLL)

MARCAS REGIONAIS E CULTURAIS NAS TRADUÇÕES FRANCESAS DE CAIO F.

Catarina Junges

Resumo: Caio Fernando Abreu, nascido no Rio Grande do Sul em 1948, foi uma das principais vozes de sua geração. Caio F., que era como assinava em cartas enviadas aos amigos, viveu no período da ditadura militar brasileira, sendo perseguido pelo regime da época e se destacando como um dos maiores influenciadores da contracultura no país. Apesar de toda repressão do período, Caio F. quebrou padrões e tabus, contrariou normas ditas como "cultas" e escreveu sobre política, homossexualidade, medo, melancolia e solidão, participando ativamente do movimento conhecido como Geração Mimeógrafo. Além de contista, Caio F. foi jornalista, ensaísta, tradutor e ator. Famoso por seus contos, o autor também foi ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura por três vezes e teve sua obra traduzida para diversos idiomas, inclusive para o francês. Em 1991, o autor teve sua primeira tradução para a língua francesa feita pela tradutora Claire Cayron. A tradutora, nascida em 1935 na

França, se especializou na tradução da língua portuguesa, dando vida à obra do escritor português Miguel Torga e dos brasileiros Harry Laus e Caio Fernando Abreu na língua francesa. Com essa pesquisa, levanto questões pertinentes no que se refere ao trabalho de tradução cultural realizado por Claire Cayron, onde a tradutora deixa de ser uma mera mensageira e passa a ser uma criadora de informação, assumindo uma posição transcriadora. Para isso, faço uso Da Transcrição, de Haroldo de Campos, e de Defesa e ilustração da abordagem hermenêutica em tradução (2021), de Ioana Balacescu e Bernd Stefanik, para a análise de trechos específicos onde aspectos regionais, provenientes da origem e da vivência de Caio F., podem ter-se apresentado como desafios tradutórios para Claire Cayron.

Referências: ABREU, Caio Fernando. *Les Dragons ne Connaissent Pas le Paradis*. Tradução: Claire Cayron e Alain Keruzoré. Bruxelles: Complexe, 1991. ABREU, Caio Fernando. *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 1982. BALACESCU, Ioana. & STEFANINK, Bernd. Defesa e ilustração da abordagem hermenêutica em tradução. Tradução por Catarina Frescura Junges. *Qorpus* v.11 n.3 2021, p. 230-242, 3 de novembro de 2021. Disponível em: <https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2021/11/qorpus-v11n3-Catarina-Frescura-Junges.pdf> Acesso em: 26 de dezembro de 2022 CAMPOS, Haroldo de. *Da Transcrição: Poética e Semiótica da Operação Tradutora*. Belo Horizonte: FAL/UFMG – Viva Voz, 2011 DIP, Paula. *Para sempre teu*, Caio F.: cartas, conversas, memórias de Caio Fernando Abreu. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

DAVI KOPENAWA E AILTON KRENAK EM TRADUÇÃO: ORALIDADE E ESCRITA DE AUTORIA INDÍGENA ENTRE A FRANÇA E O BRASIL

Clarissa Prado Marini

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar e comparar as histórias de duas obras em que a oralidade, a escrita e a tradução se misturam para fazer ecoar vozes indígenas brasileiras na França e no próprio Brasil. As palavras yanomami enunciadas pelo xamã Davi Kopenawa foram traduzidas e registradas por escrito em língua francesa por Bruce Albert no já clássico livro "*La chute du ciel: paroles d'un chaman yanomami*" e muitos anos depois foi traduzido para o português com o título "*A Queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami*" por Beatriz Perrone-Moisés. Já o líder indígena Ailton Krenak teve as palavras de algumas de suas palestras registradas em formato de livro em língua portuguesa e publicadas em "*Ideias para adiar o fim do mundo*" que em seguida foi traduzido para a língua francesa por Julien Pallotta com o título "*Idées pour retarder la fin du monde*" tendo tido grande sucesso de venda na França. Ambos os textos têm origem na oralidade e contaram com a escrita e a tradução para fazer circular as palavras de dois líderes indígenas brasileiros para além de suas comunidades Yanomami e Krenak. Nessa comunicação serão apresentadas as obras e debatidas as implicações da tradução de si e tradução do outro trazendo para o debate algumas considerações teóricas de Berman (2002), Viveiros de Castro (2018), Schuler Zea (2012, 2016), Ferreira (2020) e dos próprios Kopenawa (2010, 2015) e Krenak (2020).

Referências: BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002. FERREIRA, Alice Maria Araújo. Traduzir-se po-eticamente. *ALETRIA* (UFMG), v. 30, p. 43-64, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2317-2096.2020.20301> KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *La chute du ciel: Paroles d'un chaman yanomami*. Paris: Terre Humaine, Plon, 2010. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés e Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Nova Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. KRENAK, Ailton. *Idées pour retarder la fin du monde*. Tradução de Julien Pallotta. Rhone-Alpes, França: Éditions Dehors, 2020. SCHULER ZEA, Evelyn.. Tradução como iniciação. *CADERNOS DE TRADUÇÃO*, v. 36, p. 192, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n3p192> SCHULER ZEA, Evelyn. A inquietude do tradutor: notas sobre uma lógica das partes em *La chute du ciel*. *Cadernos de Tradução*, v. 2, p. 171-184, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2012v2n30p171> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A antropologia perspectiva e o método de*

equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 5, p. 247-264, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/8341>

DA MARGEM AO CENTRO: A TRADUÇÃO DO EPISTOLÁRIO DE MARIQUITA SÁNCHEZ COMO PERPETUAÇÃO DE IDEAIS POLÍTICO-SOCIAIS

Claudio Luiz da Silva Oliveira

Resumo: A literatura produzida por mulheres na Argentina do século XIX é ínfima, se comparada àquelas escritas por homens. Juana Manuela Gorriti (1818-1892), inclusive, fazia uso de um pseudônimo masculino para que pudesse publicar o que escrevia. Na tradução, essa literatura marginalizada ganha espaço cada vez mais importante para a sua perpetuação, principalmente se consideramos o que afirma Casanova (2015), quando se posiciona contra a crença no prestígio da língua mundial, o inglês. Sendo assim, é importante repensarmos sobre o cânone literário e a quantidade de obras importantes não anglófonas que não foram traduzidas, ficando à margem da literatura mundial. Mariquita Sánchez (1786 – 1868), dama da sociedade portenha, que viveu o exílio argentino durante o governo de Juan Manuel de Rosas, escreveu centenas de cartas que nunca outrora fora traduzida para a língua portuguesa ou qualquer outro idioma. Nossa proposta é apresentar os ideais político-sociais de Mariquita por meio da tradução de suas cartas, como forma de perpetuar uma escrita pouco explorada pela literatura – apesar dos estudos epistolares terem crescido consideravelmente nos últimos anos -trazendo à tona suas convicções, em especial no período em que esteve exilada. Assim, o que estava à margem é trazido ao centro, tendo como meio de transporte a tradução.

Referências: CASANOVA, Pascale. La langue mondiale - Traduction et domination. Col. Liber. Paris: Seuil, 2015, Collection : Liber, 131p. OLIVEIRA, C. L. S. Uma missivista no Rio da Prata: tradução comentada e anotada de cartas de Mariquita Sánchez. 309 p. (Tese - Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022.

REFLEXÕES SOBRE A (IN)VISIBILIDADE TRADUTÓRIA E ESTUDOS FEMINISTAS A PARTIR DA TRADUÇÃO DE MARÍA MELECK VIVANCO

Elys Regina Zils

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões que integram minha pesquisa de doutoramento nos Estudos da Tradução relacionada com os diálogos teóricos e históricos sobre o lugar social, artístico e simbólico da mulher e do feminino dentro do Surrealismo e suas implicações tradutórias. Muitas artistas se aproximaram do grupo de Breton, com obras importantes, contudo nem sempre tiveram o espaço e o reconhecimento como contribuintes no surrealismo. Movimento semelhante parece ocorrer na América Latina, para onde direciono o olhar da pesquisa. Por esse caminho, se as mulheres artistas não podem atuar na mesma posição dos homens artistas, qual seria a posição da mulher escritora? Nesse contexto, exploro a poesia da argentina María Meleck Vivanco (1921-2010), considerada a primeira poeta surrealista latino-americana e frequentadora do Primeiro Grupo Surrealista da Argentina. Porém, se ela merece destaque por sua trajetória poética, também parece ter permanecido distante do grande público e dos meios legitimadores oficiais das letras. Como afirma Olga Castro (2017), a partir de um enfoque de gênero, podemos verificar que o cânone patriarcal definiu tradicionalmente a estética e o valor literário, consequentemente também se tornou uma forma de privilegiar obras de autores em detrimento das autoras, com isso muitas obras de autoras ficaram no esquecimento e perdidas. Nessa sequência, o projeto tradutório da obra de Vivanco abre para a discussão sobre a questão da autoria e da invisibilidade da tradutora/do tradutor concebidas a partir de Venuti (2002) e a tradutora/o tradutor como um sujeito não neutro. Nesse contexto, trago os Estudos feministas e destaco o pensamento de Chamberlain (1998) que nos instiga reflexões sobre a violência sexual implícita nas configurações/metáforas da tradução. Somando à discussão, será fundamental os

estudos contemporâneos de Dirce Waltrick do Amarante (2022) e o contraponto de Sergio Medeiros (2022) em busca da visibilidade tradutória.

Referências: CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: OTTONI, Paulo (org.). Tradução. A prática da diferença. FAPESP/UNICAMP, Campinas, 1998. FREITAS, L. F. Tradução e a autora/o autoria: de Schleiermacher a Venuti. In: Cadernos de Tradução. Florianópolis: Núcleo de Tradução, v.1 n.21, 2008. p.95-108. MEDEIROS, Sergio. Partexto, parate. In: AMARANTE, Dirce Waltrick do; GUERINI, Andréia; LIBRANDI, Marília. (Org.). As Línguas da tradução. [livro eletrônico] Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2022. VENUTI, L. Escândalos da Tradução. São Paulo: Edusc, 2002.

A TRADUÇÃO DO PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA EM LÍNGUA FRANCESA

Enezia de Cassia de Jesus

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal examinar como se dá a recepção na França da tradução da obra *Pequeno Manual antirracista* (2020), de Djamila Ribeiro, buscamos assim, apresentar uma leitura crítica do estudo da teoria da tradução e dos estudos descritivos sobre paratextos e paratraduções atrelados à obra. Desse modo, a discussão empreendida na obra de Ribeiro é necessária e a receptividade desta em língua francesa, percebida através dos paratextos, desencadeia a possibilidade de mudanças históricas e de mudanças no fazer a história da tradução. Para tanto, daremos maior atenção ao trabalho desenvolvido pela tradutora-escritora Paula Anacaona que através de sua editora, a saber, Éditions Anacaona desde de 2009, se dedica à literatura e às discussões da/na periferia, com uma perspectiva de fazer circular, principalmente, a escrita de textos que estão à margem. Ademais, a editora tem como objetivo estabelecer um liame entre Brasil e França na partilha de discussões centradas na situação socioeconômica, racial e de gênero. Isto posto, utilizamos como base teórica obras de autores e autoras que tratam da tradução e da relação entre culturas. O método investigativo utilizado neste trabalho é o de pesquisa bibliográfica no campo dos estudos da tradução, principalmente nas reflexões sobre: paratextos, paratraduções e discurso de acompanhamento, tal como apresentadas por Genette (2009), Torres (2011), Yuste-Frías (2011), Santos (2018) e Sales (2014). No que consiste a reflexão sobre o papel do tradutor, a importância deste no processo de tradução e na construção de um horizonte tradutivo, apoiamo-nos, em particular, nas contribuições de Berman (1991, 2002) sobre crítica de tradução.

Referências: BERMAN, Antoine. A letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2 ed. Tubarão: Copiat. 1991. _____. Pour une critique des traductions: John Donne. Paris: Gallimard, 1995. _____. A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica - Heder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humbolt, Schleiermacher, Holderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, EDUSC, 2002. ÉDITIONS ANACAONA. Soirée "Décolonisons le féminisme!" avec F. Vergès, D. Ribeiro, J. Berth et G. Dambury. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESiSaH4d1fl> . Acesso em: 06 jan. 2023. FRIAS, José Yuste. Paratradução: a tradução das margens, à margem da tradução. Delta, vol. 31, n.spe, pp 317-347. 2015. GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019 _____. *Petit Manuel Antiraciste et féministe*. Tradução de Paula Anacaona. 1. ed. Paris : Éditions Anacaona, 2020. _____. *Petit Manuel Antiraciste et féministe*. Tradução de Paula Anacaona. 2. ed. Paris : Éditions Anacaona, 2020. SALLES, Kall Lyws Barroso Sales. No limiar da tradução: paratextos e paratraduções de *Le Gone du Chaâba* de Azouz Begag. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2014. SANTOS, Sheila Maria dos. As notas de rodapé e a visibilidade do tradutor na tradução brasileira da *recherche* de Proust. Revista Da Anpoll, 1(50), 165–175, 2019. TORRES, Marie- Hélène Catharine. Traduzir o Brasil literário. Tubarão: Copiart. Copiart. 2011 VÈRGES, Françoise. *Um Feminismo Decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

DA MARGEM LESTE DA EUROPA PARA O MUNDO ANGLÓFONO: COMO É TRADUZIDA A LITERATURA ARMÊNIA, ATRAVÉS DOS CONTOS POPULARES DE HOVHANNES TUMANIAN

Fernando Januário Pimenta

Resumo: A partir de traduções encontradas e disponíveis, para a língua inglesa, dos contos populares, ou contos de fadas, de Hovhannes Tumanian (1869-1923), considerado um dos grandes escritores da literatura armênia, discute-se, primeiramente, o conceito de invisibilidade do tradutor, conforme Lawrence Venuti (2021). Sobretudo porque, nessas traduções que analisaremos (1971, 2007, 2018), observa-se um apagamento de quem são as pessoas que traduzem, abrangendo até mesmo a língua de partida - supõe-se a possibilidade de essas traduções terem como língua de partida o russo, língua para a qual estão traduzidos todos esses contos de Hovhannes Tumanian. Em duas edições (1971, 2018), as semelhanças encontradas apontam para uma possível reedição da tradução anterior, ou um cotejo, devido à profunda semelhança da ordem sintática e do léxico, porém não constam tais informações na edição posterior. Para compreender esse apagamento, consultam-se as ideias de David Bellos (2011), concernentes ao prestígio e ao desprestígio conferido a determinadas línguas de partida, as de Gideon Toury (1985), acerca da tradução de línguas minoritárias, de Itamar Even-Zohar (1970; 1979; 1990) e de José Lambert (1983), a respeito de sistema e polissistema literários. Considera-se, ainda, o conceito de gêneros literários canônicos, segundo a perspectiva, principalmente, de Harold Bloom (1995), Ítalo Calvino (2001) e Lígia Chiappini (2005), uma vez que são contos de fadas, na visão de várias traduções – embora discordemos dessa terminologia na nossa própria tradução desses textos, que denominamos contos populares, seguindo a classificação que foi dada a esses contos em sua primeira edição (TUMANYAN, 1930) e em outra posterior (TUMANYAN, 1949). De uma ou de outra maneira, um gênero não tido, historicamente, como “alta literatura”. Merece atenção a escassez de informações e de discussão de como essas traduções são realizadas, visando compreender o tratamento insuficiente de que esses textos são alvo.

Referências: BELLOS, David. *Is that a fish in your ear?: translation and the meaning of everything*. Nova York: Faber and Faber (Farrar, Straus and Giroux), 2011. BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Tradução de Marcos Santarrita. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. CHIAPPINI, Lígia. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação – novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005. EVEN-ZOHAR, Itamar. *The function of the literary polysystem in the history of literature*. Symposium on the Theory of Literary History, Tel-Aviv, 1970. EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem Theory*. *Poetics Today*, v. 1, n. 1-2, 1979. EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem studies*. *Poetics Today*. edição especial, v. 11, n. 1, 1990. LAMBERT, José. *L'Eternelle question des frontières: littératures nationales et systèmes littéraires*. In: *Langue, dialecte, littérature: études romanes à la mémoire de Hugo Plomteux*. Leuven: Leuven University, 1983. TASHJIAN, Virginia (ed.). *The flower of paradise and other Armenian tales*. Tradução de Bonnie C. Marshall. Westport, Connecticut / London: Libraries, 2007. (World Folklore Series). TOUMANIAN, Hovhannes. *A selection of stories, lyrics, and epic poems*. Tradução de Dorian Rottenberg e Brian Bean. New York: T & T Publishing, 1971. Disponível em: <https://archive.org/details/hovhannestoumani0000tuma>. Acesso em: 15 mar. 2022. TOURY, Gideon. *Aspects of translating into minority languages from the point of view of Translation Studies*. *Multilingua*, v. 4, n. 1, 1985. TUMANYAN, Hovhannes. *Contos de fada* [?????????]. Yerevan: Pethrat, 1930. Disponível em: http://haygirk.nla.am/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=30962&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20%D5%B0%D5%A5%D6%84%D5%AB%D5%A1%D5%A9%D5%B6%D5%A5%D6%80. Acesso em: 15 jan. 2023. TUMANYAN, Hovhannes. *Coletânea das obras: contos e contos de fadas 1890-1920* [?????? ??????????: ?????????? ? ?????????? 1890-1920]. Yerevan: Haypethrat, 1949. v. 3. Disponível em: http://haygirk.nla.am/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=142930&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20%D5%B0%D5%A5%D6%84%D5%AB%D5%A1%D5%A9%D5%B6%D5%A5%D6%80. Acesso em: 15 jan. 2023. TUMANYAN, Hovhannes. *Fairy tales*. Tradução de Karine Khachikyan. Ilustrações de Khoren Hakobyan. [Yerevan]: Arevik Publishing House, 2018. VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. São Paulo: Unesp, 2021.

ASPECTOS CULTURAIS DE FLAMENCA: A CULTURA MEDIEVAL NOS PARATEXTOS DAS TRADUÇÕES DE ANTON M. ESPADALER

Iago Espindula de Carvalho, Kall Lyws Barroso Sales

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão introdutória acerca dos paratextos das traduções de Flamenca, romance occitano do século XIII, por Anton Maria Espadaler Poch para o catalão (2015) e para o espanhol (2019), buscando apresentar uma leitura crítica sobre a cultura a partir dos estudos da tradução. Fundamentaremos esta investigação nos estudos da tradução de Antoine Berman (1995; 2002; 2012) e na análise crítica das paratraduções (YUSTE FRÍAS, 2010; 2014; 2015) e dos discursos de acompanhamento (TORRES, 2011). Assim, discutiremos aspectos sobre a forma como a cultura medieval foi traduzida por Espadaler na edição para o catalão, lançada em 2015 pela editora da Universidade de Barcelona, e a na edição para o espanhol, pelo mesmo tradutor, lançada em 2019, pela Roca Editorial, tomando como base para essa reflexão os paratextos das duas edições. No que se refere à edição catalã, serão também consideradas as perspectivas do próprio tradutor no trabalho “Cuatro pinceladas para Flamenca” (ESPADALER, 2018), texto publicado como estudo posterior à publicação como complemento aos estudos empreendidos nela. Dessa forma, buscaremos entender, principalmente com auxílio dos prólogos e das notas de fim das duas edições, os caminhos tradutórios recorridos por Espadaler para apresentar aspectos da cultura da obra de partida em suas traduções.

Referências: ANÔNIMO. Flamenca. Tradução prólogo e notas de Anton M. Espadaler, Barcelona, Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2015. _____. Flamenca. Tradução prólogo e notas de Anton M. Espadaler, Barcelona, Roca Editorial, 2019. BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerin. 2ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178888>> Acesso em: 19 out 2021. _____. Pour une critique des traductions: John Donne. Paris: Gallimard, 1995. _____. A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002. CARVALHO, Iago Espindula de.; SALES, Kall Lyws Barroso. Entre Flamenca e El Mal querer de Rosalía: Tradução intersemiótica da personagem feminina. Revista Areia, v. 3, p. 133-149, 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/rea/article/view/10263>> . Acesso em: 12 jul. 2022 CHAMBON, Jean-Pierre. Sur la date de composition du roman de “Flamenca”. Etudis Romànics, Barcelona, n. 40, p. 349-355, 2018. Disponível em: <<http://revistes.iec.cat/index.php/ER/article/viewFile/144548/143160>>. Acesso em: 8 out. 2021. EL MAL QUERER. [Compositora e Intérprete]: ROSALÍA. Lugar: Sony Music. 1 CD. 30min15sec. GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. SALES, Kall Lyws Barroso. No limiar da tradução: paratextos e paratraduções de Le Gone du Chaâba de Azouz Begag. Orientadora: Marie-Hélène Catherine Torres. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129382>>. Acesso em: 25 ago. 2022. TORRES, Marie-Hélène. Traduzir O Brasil literário – paratexto e discurso de acompanhamento. Tradução de Marlova Aseff; Eleonora Castelli. Santa Catarina. Copiart, 2011. YUSTE FRÍAS, José. Au seuil de la traduction: la paratraduction. In: NAAIJKENS, T. (Ed.) Event or Incident. Événement ou Incident. On the Role of Translation in the Dyna-mics of Cultural Exchange. Du rôle des traductions dans les processus d’échanges culturels. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2010. Disponível em: <<http://www.joseyustefrias.com/index.php/publicaciones/prueba-libros/64-informacion-detallada/174-au-seuil-de-la-traduction--la-paratraduction.html>> Acesso em: 25 ago. 2022. _____. Paratextualidade e Tradução: a paratradução da literatura infantil e juvenil. In: Cadernos de Tradução. Florianópolis, nº 34, jul-dez, 2014. _____. Paratradução: a tradução das margens, à margem da tradução. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 31, n. 4, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22228>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DO TRADUTOR INDÍGENA: A TRADUÇÃO DO WÄTUNNÄ YE'KWANA

Isabel Maria Fonseca

Resumo: A presente comunicação tem o objetivo de apresentar aspectos relativos à minha pesquisa de doutorado em andamento sobre a Arte verbal do povo Ye'kwana e os processos de deslocamentos de construção de sentidos – criação, recriação, circulação e tradução. Os Ye'kwanas habitam, com diversos outros povos indígenas, a grandiosa área cultural denominada de Circum Roraima, localizada na tríplice fronteira Brasil-Guina-Venezuela. Para tanto, tomamos como referência duas versões de Wätunnä, o fascinante conjunto narrativo de caráter histórico-mitológico do povo Ye'kwana: a primeira foi publicada em 1970, em língua espanhola na Venezuela, por aquele que é considerado o maior mitólogo do rio Orinoco, o francês Marc de Civrieux, que coletou as narrativas mitológicas juntos aos Ye'kwana entre os anos de 1950 a 1970. A obra é intitulada Watunna Mitologia Makiritare e é considerada um clássico da Literatura Indígena na Venezuela; A segunda, intitulada Histórias e Saberes Ye'kwana, tem como autor o professor indígena Ye'kwana Marcos Rodrigues e é a primeira versão do Wätunnä coletada, escrita e traduzida por um Ye'kwana. A obra foi publicada em 2019, em Roraima, numa versão bilíngue - em língua Ye'kwana e em língua Portuguesa. Sem a pretensão de aprofundamentos sobre os estudos da tradução, daremos ênfase nesta interação ao papel do pesquisador e tradutor indígena Marcos Rodrigues e suas estratégias tradutórias. Papel esse entendido como um acontecimento, uma ação, um ato de resistência e emancipatório, como o de traduzir a própria língua e seus textos.

Referências: ALMEIDA, Maria Inês; QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica; FALÉ/UFMG, 2004. ANDRADE, Karenina Vieira. Wätunnä: a força de uma profecia Ye'kwana. In: Tellus. Ano 9, n. 1, Campo Grande: UCDB, jul./dez. 2009, BENJAMIN, Walter. Escrito sobre mito e Linguagem. GAGNEBRIN, Jeanne marie (Org). Traduzido por Susana Kampff Lages, Ernani Chaves, São Paulo: Editora 34, S/D. BERMAN. Antoine. A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002. BROTHERSTON, Gordon & MEDEIROS, Sérgio. (Orgs.). Popol Vuh. São Paulo: Iluminuras, 2007. CIVRIEUX, Marc de. Watunna – Mitologia Makiritare. Caracas: Monte Ávila Editores, 1970. _____. Watunna. Un ciclo de creación en el Orinoco. Caracas: Monte Ávila Editores, 1992. FONSECA, Isabel Maria. Textualidades Indígenas: Watunna Mitologia Makiritare. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017. 166 p. il. (Coleção: Circum Roraima; v. 3) GUSS, David M. A Tellers's Preface (prefácio). In: CIVRIEUX, Marc de. Watunna: an Orinoco creation cycle. Tradução e edição de David M. Guss. Austin: University of Texas Press, 1997, p. xiii-xiv. LIBRANDI-ROCHA, Marília. "Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia". In: O eixo e a roda, v. 21, n. 2, Belo Horizonte, 2012. GIMENES, Fernando Yekuana. Os cantos tradicionais ye'kwana. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa da Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019. RODRIGUES, Marcos. Histórias e Saberes Ye'kwana. In: CARVALHO (ORG). Leitura de textos indígenas. Boa Vista, RR. Editora UFRR, 2019. SÁ, Lúcia. Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. _____. O espaço literário do circum-Roraima. In: CARVALHO, Fábio Almeida de (Org). Literatura e fronteira. Boa Vista: EdUFRR, 2017. VENUTI, Lawrence. Escândalos da tradução: por uma ética da diferença. Lawrence Venuti; traduzido por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Vilela, Marileide Dias Esquerda, Valéria Biondo; revisão técnica Stella Taguin.- São Paulo: Editora Unesp, 2019. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O recado da mata (prefácio). In: KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. A queda do céu – palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 11-41. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

INTRANGEIROS À MARGEM: AS ENCRUZILHADAS NA TRADUÇÃO DOS CHAMADOS ROMANCES DA BANLIEUE

Kall Lyws Barroso Sales

Resumo: Nesta comunicação apresento uma discussão sobre a tradução dos romances ditos beurs, escritos por autores e autoras oriundos da imigração magrebina na França, com o recorte nas escritas de Leïla Sebbar, Azouz Begag, Faïza Guène, cujas obras instigam a reflexão sobre exílio, xenofobia, sexismo, aporofobia e o lugar do intrangeiro (SALES, 2022) na ficção francesa contemporânea. As autoras e o autor escrevem de lugares distintos, mas constroem de forma aproximada uma narrativa de “encruzilhada” (LARONDE, 1993), pois trazem uma poética da intersecção de universos múltiplos no qual a identidade é este elemento de busca. Como autores com origem na imigração, suas escritas possuem, predominantemente, como tema central as periferias da francosfera (VELDWACHTER, 2012), e para identificarmos a construção desta periferia na tradução, percorremos os romances *Parle mon fils, parle à ta mère* (1984), de Leïla Sebbar, *Le gone du Chaâba* (1986), de Azouz Begag, e *Kiffe-Kiffe demain* (2004), de Faïza Guène. A partir do cotejo dos romances e de suas respectivas traduções, evidenciaremos como tradutores e tradutoras articularam uma poética da tradução da oralidade nestes romances e buscaremos evidenciar como o espaço do intrangeiro e do exílio são construídos nas encruzilhadas dessas narrativas traduzidas em que se conectam ficção, história, memória e tradição das comunidades magrebina na França.

Referências: BEGAG, Azouz. *Le gone du Chaâba*. Paris: Seuil, 1986. GUÈNE, Faïza. *Kiffe-Kiffe demain*. Paris: Le Livre de Poche, 2004. GUÈNE, Faïza. *Amanhã, numa boa*. Tradução de Luciana Persice Nogueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. LARONDE, Michel. *Autour du Roman Beur: Immigration et Identité*. Paris: L’harmattan, 1993. SALES, Kall Lyws Barroso. *Traduzindo a Literatura Beur*. Curitiba: Appris, 2022. SALES, Kall Lyws Barroso. *No Limiar da Tradução: paratextos e paratraduções de Le Gone du Chaâba*. (Dissertação de Mestrado) Centro de Comunicação e Expressão, UFSC. Florianópolis, 2014. SEBBAR, Leïla. *Parle à ta mère*. Tunis: Elyzad, 2016. VELDWACHTER, Nadège. *Littérature Francophone et mondialisation*. Paris. Éditions Karthala. Collection dirigée par Henry Tourneux, 2012.

VERISSIMO, UM TRADUTOR SEM TEMPERAMENTO?

Katherine Funke

Resumo: Por que Erico Verissimo omitiu o conto "The man without a temperament" ao fazer publicar em 1940 sua versão para o volume *Bliss and other stories*, de Katherine Mansfield? E mais: por que não vê o caso comentado pela crítica especializada, pelos tradutores posteriores (o conto só seria vertido para o português brasileiro cinco décadas mais tarde, por Julieta Cupertino, em 1994)? Por que tampouco se encontram notícias de debates sobre a substituição deste conto por outro, "Her first ball" – que nem integrava o volume *Bliss* e sim o título seguinte na ordem cronológica, *The garden party* – à época do surgimento de "Felicidade" (1940) pela coleção Nobel da Globo de Porto Alegre, nem da republicação na década de 1970 pela carioca Nova Fronteira? De que forma este mesmo conto em especial, com suas características inovadoras ligadas à musicalidade e à iteração, pode ter influenciado Dalton Trevisan em suas duas ficções dos anos 1940 em que toma Katherine Mansfield como referência e personagem, "Flausi-Flausi" e "My darling Katherine (Mansfield)"? No ano do centenário de morte da autora (2023) esta comunicação propõe investigar a presença da escritora modernista neozelandesa no Brasil a partir do histórico desta omissão, sem deixar de citar que ela vem acompanhada do enorme silêncio também em torno de sua obra em versos, que totaliza 217 peças reunidas em 2016 (Edinburgh Press) e também em torno da coleção de resenhas críticas de livros que ela fazia para revistas e jamais saíram em tradução brasileira. A comunicação integra resultado parcial da tese de doutorado em andamento "Erra outra vez: Katherine Mansfield com Dalton Trevisan" (PPG-LIT/UFSC).

Referências: BALDT, Erika. *Katherine Mansfield's Poetry*. In: Martin, Todd (org). *The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Publishing, 2021. BOTMANN, Denise. *Katherine Mansfield no Brasil*. In: Não gosto de plágio [blog], 5 de jun. de 2016. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2016/06/katherine-mansfield-no-brasil.html> CÉSAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999. CAPUCCIO, Richard. *The well-tempered story: experiments with sound in 'The man without a temperament'*. In: DUFFY, Enda; KIMBER, Gerri; MARTIN, Todd (org.) *Katherine Mansfield and Bliss and Other Stories*. Edinburgh: Edinburgh

University Press, 2020. CAROLLO, Cassiana Lacerda. Tinguí: um capítulo das juvenilidades de Dalton Trevisan. Revista Letras, vol. 36, Curitiba, UFPR, 1987a. pp. pp. 260-272. CORREA, Delia da Sousa. Katherine Mansfield and Music: Nineteenth-Century Echoes. In: KIMBER, Gerri; WILSON, Janet (org.). Celebrating Katherine Mansfield. A Centenary Volume of Essays. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2011, p. 86. DAVISON, Claire. Katherine Mansfield's Musical World. In: Martin, Todd (org.). The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield. London: Bloomsbury Publishing, 2021. _____. On First Looking into Mansfield's Heine: Dislocative Lyric and the Sound of Music. In: Kimber, Gerri; Wilson, Janet. Re?forming World Literature Katherine Mansfield and the Modernist Short Story. Stuttgart: Ibidem Verlag, 2018. DIAS, T. I. Cinco poemas de Katherine Mansfield. eLyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, [S. l.], n. 9, 2017. Disponível em: <<https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/184>> Acesso em: 29.abr.2022. _____. Quatro poemas de Katherine Mansfield. Disponível em: <<http://hotblog7faces.blogspot.com/2019/03/quatro-poemas-de-katherine-mansfield.html>> Acesso em: 29.abr.2022. DRUMMOND, Carlos Drummond de. A falta de Erico Verissimo. In: Discurso de primavera e algumas sombras. Record, 1977. ESTEVES, Lenita Rimoli. Nota da tradutora. In: MANSFIELD, Katherine. A festa ao ar livre e outras histórias. Trad. Lenita Esteves. São Paulo: Martin Claret, 2016. GONÇALVES, Letícia de Souza. Mulheres de máscara: Katherine Mansfield e a arte do conto. In: MANSFIELD, Katherine. A festa ao ar livre e outras histórias. Trad. Lenita Esteves. São Paulo: Martin Claret, 2016. JAFFE, Noemi. Katherine Mansfield. In: MANSFIELD, Katherine. 15 contos escolhidos. Trad. Mônica Maia. Coleção Folha Mulheres na Literatura. Volume 19. São Paulo: Foiha de S. Paulo, 2017, s/p. KIMBER Gerri. 'Among Wolves' or 'When in Rome'? : Translating Katherine Mansfield. In: _____. Davison, Claire; Martin, Todd (org.). Katherine Mansfield and Translation. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. ? _____. Davison, Claire. S/T. Disponível em: <<https://www.otago.ac.nz/press/books/otago625106.html>> Acesso em: 30.abr.2022. LOBO, Luiza. Introdução. In: MANSFIELD, Katherine. A festa ao ar livre e outras histórias. Trad. Luiza Lobo. São Paulo: Ediouro, 1993. LISPECTOR, Clarice. Outros escritos; organização Teresa Montero, Lícia Manzo. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015. [recurso digital] _____. Correspondências. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. MANSFIELD, Katherine. Felicidade. Trad. Erico Verissimo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.? _____. Felicidade. Trad. Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1940. ? _____. The Collected Stories of Katherine Mansfield. Hertfordshire: Wordsworth, 2006.? _____. The letters and journals of Katherine Mansfield. A selection, edited by C. K. Stead. NY/London: Penguin Books, 1977.? _____. The Collected Poems of Katherine Mansfield. Org. Gerri Kimber e Claire Davidson. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016. _____. Complete Works of Katherine Mansfield. London: Delphi Classics 2012. [recurso digital]. ? _____. Aims and Ideals. Rhythm, London, n. 1, v. 1, 1911, p. 36. ? _____. O homem indiferente. In: Je ne parle pas français e outros contos. Trad. Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1994. ? _____. A festa ao ar livre e outras histórias. Trad. Lenita Esteves. São Paulo: Martin Claret, 2016. ? _____. As filhas do falecido coronel e outras histórias. Tradução por Luiza Lobo e Maura Sardinha. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997 (Clássicos de Ouro). ? _____. Aula de Canto. Trad. Edla Van Steen e Eduardo Brandão. São Paulo: Global, 1984. ? _____. Duas flores. Trad. Fernanda Costa e Silva e Marília Garcia. Rio de Janeiro: Moby Dick, 2001. _____. Chegada. Trad. Inês Dias. Disponível em: <<https://tomaaiumpoema.com.br/634-katherine-mansfield-chegada-poesia-da-nova-zelandia%EF%BF%BC/>> Acesso em: 29.abr.2022. ? _____. Cinco contos. Vários tradutores. São Paulo: Paz & Terra, 1997. ? _____. Contos. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2005. ? _____. Felicidade e outros contos. Trad. Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1991. ? _____. Hipertrophy. In: Complete works of Katherine Mansfield. London: Delphi Classics, 2012. (recurso digital)? _____. Malade. Trad. Inês Dias. Disponível em: <<https://tomaaiumpoema.com.br/634-katherine-mansfield-malade-poesia-da-nova-zelandia/>> Acesso em 29.abri.2022. ? _____. Numa pensão alemã. Trad. Carla Kühlewein e

Marcia Paganini. Londrina: Alumbre, 2022. ? _____. Os melhores contos de Katherine Mansfield. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2016. ? _____. Pájaro de Invierno. Trad. Laura Wittner. Buenos Aires: Editorial Maravilla, 2021. ? _____. Té de manzanilla y otros 29 poemas. Trad. Mirta Rosenberg e Daniel Samoilovich. Buenos Aires: Bajolaluna, 2018. MCDONELL, Jenny. Katherine Mansfield and the Modernist Marketplace At the Mercy of the Public. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010. ? _____. Katherine Mansfield, the Magazine Writer. In: MARTIN, Todd (org). e Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield. London: Bloomsbury Publishing, 2021. MURRY, J. Middleton. Introductory note. In: MANSFIELD, Katherine. Poems. London: Constable & Co., 1923, xii. ? O'SULLIVAN, Vincent. Introduction. In: Poems of Katherine Mansfield. Auckland: Oxford University Press, 1990, xiii. REVISTA DO GLOBO. "Felicidade". Seção "Escritores e livros", s/p, Porto Alegre, 26/10/1940. RODRIGUES, Júlia C. Poesia, conto e pseudônimos: três poemas de Katherine Mansfield. Mallarmagens. Disponível em: <<http://www.mallarmagens.com/2021/02/mallarseries-nau-corsaria-poesia-conto.html>> Acesso em: 30.abr.2022. SALLES, C.A. Gesto inacabado: processo de criação artística. 4ª ed. São Paulo: Annablume, 2009. SANTOS, Donizeth. O projeto literário de Erico Verissimo. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 331-363, jul./dez. 2014. SONTAG, Susan. Contra a interpretação e outros ensaios. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. [recurso digital] STARK, Cristiana Gariglio. Um diamante lapidado. In: MANSFIELD, Katherine. Numa pensão alemã. Trad. Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1998. TREVISAN, Dalton. Uma aventura do repórter X. Meu Jornal [orgão d'O Tico Tico]. Rio de Janeiro, ano IV, n. 1726, 1938, p. 20. _____. Sonetos tristes. Curitiba: Edição Tinguí, 1941a. _____. Visos. Curitiba: Edição Tinguí, 1941b. _____. O Deus aprisionado. Tinguí, Curitiba, ano 2. n. 23, p. 1, jun/1941c. _____. Com uma rosa na mão. Joaquim, Curitiba, n. 9, p.10-11, 1947. _____. My darling Katherine (Mansfield):. Joaquim, Curitiba, n. 14, p. 10, 1947. _____. Sete anos de pastor. Curitiba: Edições Joaquim, 1948. _____. Mistérios de Curitiba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. _____. Até você, Capitu? Porto Alegre: L&PM, 2013. _____. O beijo na nuca. Rio de Janeiro: Record, 2014a. _____. A mão na pena. Curitiba: Arte & Letra, 2014b. VERISSIMO, Erico. As mãos de meu filho. Porto Alegre: Meridiano, 1942. _____. Caminhos cruzados. Porto Alegre/Rio: Globo, 1935. _____. Música ao longe. Porto Alegre/Rio: Globo, 1936. _____. Um lugar ao sol. Porto Alegre/Rio: Globo, 1936. _____. Saga. 20a. edição. São Paulo, Globo, 1995. _____. Um certo Henrique Bertaso. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. WOOLF, Virginia. The diary of Virginia Woolf. Ed. Anne Olivier Bell. Int. Quentin Bell. vol. 3, Orlando: A Harvest Book. 1981. _____. A terribly sensitive mind (Katherine Mansfield). In: Complete works of Virginia Woolf [recurso digital]. United Kingdom: Delphi Classics, 2014.

OLIVEIRA SILVEIRA EM TRADUÇÃO

Lilam Ramos da Silva

Resumo: O poeta Oliveira Silveira (1941-2009) deixou fecunda obra poética acerca da cultura sul-riograndense a partir de sua visão como homem negro na região Sul do Brasil. Sua bibliografia é bastante extensa, compondo-se de, pelo menos, 10 obras publicadas. Considerado o poeta da consciência negra por sua atuação, junto ao Grupo Palmares, em prol do reconhecimento da data de 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra, Oliveira Silveira, professor com formação em Letras/francês pelo Instituto de Letras da UFRGS e ativista, sempre esteve à frente dos movimentos da negritude na cidade de Porto Alegre. Justifica-se o "sul do Rio Grande do Sul" como ambiente ficcional de Oliveira Silveira, do modo que o apresentamos neste projeto. O objetivo dessa pesquisa é apresentar um grupo de poemas de Roteiro dos tantãs traduzido às línguas do hemisfério Sul: para além das línguas colonizadoras (espanhol, francês e inglês), línguas originárias das Américas (línguas indígenas, línguas crioulas, bem como as línguas de fronteira) e da África (iorubá, banto, fon, quimbundo). A partir de leituras das obras Traduzindo no Atlântico negro (Carrasqueira, 2017) e Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir (Faleiros, 2019), serão estabelecidas questões

a serem respondidas: por que traduzir Oliveira Silveira para línguas não tão prestigiadas? Qual será o público leitor de Oliveira Silveira? Entendemos que o autor, ao publicar em Porto Alegre por edições organizadas por ele mesmo, se posicionou com relação ao mercado editorial brasileiro. Nesse sentido, entende-se que traduzir para línguas com pouco número de falantes, porém expressivas por sua localização geográfica, é uma forma de respeitar os princípios do poeta. Também serão propostas reflexões sobre cultura e identidade afro-gaúcha; aproximação da cultura gaúcha com a africana; cultura afro-latino-americana; denúncia do racismo e do preconceito.

Referências: ALVES, Alcione Correa. [Uma vez mais,] mulheres deixam traços nas águas? Estação literária, v. 23 (2019), Londrina, p. 173-188. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/35727>> Acesso em 18.jun.2021 ARROJO, R. (2007). Oficina de tradução: a teoria na prática. 5.ed. São Paulo: Ática. ARROJO, R. (1996). Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. Cadernos de Tradução, v.1, n.1. Florianópolis. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5064/4567>> Acesso em 06.jun.2017 BASTIN, G.; ECHEVERRI, A.; CAMPO, A. (2004). La traducción en América Latina: Propia y Apropiada. Estudios de Investigaciones Literarias y Culturales. Venezuela, nº 24, p. 69-94. BERND, Zilá (2018). Negritude e literatura na América Latina. Porto Alegre: Cirkula. CARRASCOSA, D. (2017). Traduzindo no Atlântico Negro. Por uma práxis teórico política de tradução entre literaturas afro-diaspóricas. In: CARRASCOSA, D. (org.) Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias. Salvador: Ogum's Toques Negros. p.63-75. DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada [online]. 2015, v. 31, n. spe [Acessado 18 Junho 2021], pp. 377-390. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>>. ISSN 1678-460X. <<https://doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>>. FALEIROS, A (2019). Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir. Florianópolis/SC: Cultura e Barbárie. GLISSANT, É. Le discours antillais. Paris: Gallimard, 1997 (Folio Essais) GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da Diversidade. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005. GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricandade. Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa... Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 321-334. MACHADO, S.; PAIVA, M.G.G. Curso Oliveira Silveira: o poeta da consciência negra brasileira. Disponível em <<https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=86>> Acesso em 09.jun.2021 OLIVEIRA SILVEIRA. Organização de Sátira Machado. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/>> Acesso em 09.jun.2021 PFAU, M. (2012). Um projeto de tradução funcionalista - justificando futuras decisões tradutórias. Revista Translatio, n. 3, p.25-39. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/36577/23686>> Acesso em: 06 jun 2021. SALGUEIRO, M. A. A. (2014). Traduzir a negritude: desafio para os estudos da tradução na contemporaneidade. In: Cadernos de Letras da UFF. Rio de Janeiro, n.48. p.73-90. SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (orgs.) (2009). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina S/A. SCHARLAU, B. (2001). Repensar la Colonia, las relaciones culturales y la traducción. Iberoamericana III/12: p. 97 - 110. SCHARLAU, B. (2004). Traducir América latina: genealogía de un tópico de investigación. Estudios de Investigaciones Literarias y Culturales. Venezuela, nº 24, p. 15-33 SILVEIRA, O. (1984). Roteiro dos tantãs. Porto Alegre: Edição do Autor. WALSH, C. (2013). Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: Catherine Walsh (Org.) Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Ediciones Abya-Yala, p.23-68

TRADUÇÕES POSSÍVEIS DE UM ROMANCE MAGREBINO: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA E AS ESCOLHAS DO TRADUTOR

Melissa Quirino Scanhola

Resumo: A proposta de comunicação tem o objetivo de analisar duas traduções (uma brasileira, outra portuguesa) do romance argelino "Nedjma" (1956), publicado pela primeira vez pela editora francesa Seuil, durante a guerra da Argélia. O romance foi escrito em francês, língua na qual o autor,

Kateb Yacine (1929-1989), de origem árabo-berbere, tinha sido alfabetizado. "Nedjma", que significa "estrela" em árabe, retrata a busca de quatro narradores pela personagem homônima, alegoria da nação argelina no momento anterior à independência. O francês, questão problemática no Magreb pelo fato de ser uma herança do sistema colonial, estabelecia uma relação hierárquica com as línguas locais, como é o caso do árabe dialetal, variante do árabe clássico. No romance "Nedjma", as influências de expressões locais se exprimem em francês por meio da voz e do ponto de vista do nativo. Analisaremos trechos emblemáticos que, ao serem traduzidos, revelam a enorme complexidade do contexto em que foi escrito "Nedjma". A partir disso, apontaremos algumas reflexões desencadeadas pelas decisões de escolha tomadas pelos tradutores. Observaremos as traduções apoiando-nos nas reflexões de Jacques Derrida, em "Torres de babel" e em "O monolinguismo do outro". Com o auxílio desses ensaios, comentaremos trechos em que os vestígios de um forte entroncamento cultural se fazem presentes, assim como os atritos derivados da problemática da língua francesa na Argélia colonial.

Referências: Derrida, Jacques. "O monolinguismo do outro ou a prótese de origem." Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001. Derrida, Jacques. "Torres de babel." Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Kateb, Yacine. "Nedjma." Paris: Éditions Seuil, 1996. (1a ed. 1956) Kateb, Yacine. "Nedjma." Trad. Teresa Menezes e António Gonçalves. Lisboa: Tricontinental Editora, 1987. (Coleção Rosa dos ventos)

MULHERES EM TRADUÇÃO: COLETTE PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO NA TRADUÇÃO DE "DES 'BONNES FEMMES' M'ONT CONFIÉ CES 'SECRETS'" (1940) E DE "JEUNES FEMMES D'AUJOURD'HUI, COLETTE VOUS PARLE" (1940).

Mileyde Luciana Marinho Silva

Resumo: A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma tradução e análise de tradução além de elaborar comentários sobre o processo tradutório dos textos "Des 'bonnes femmes' m'ont confié ces 'secrets'" e "Jeunes femmes d'aujourd'hui, Colette vous parle" da autora francesa Sidonie Gabrielle Colette, publicados em uma mesma edição da revista Marie-Claire na cidade de Paris em 1940. Colette, apesar de ser uma autora bastante conhecida em seu país de origem, não tem um grande acervo de traduções no Brasil o que justificou a nossa escolha pela tradução de dois artigos inéditos em português. Os textos escolhidos como corpus trazem duas facetas distintas sobre o lugar das mulheres na época de sua publicação, pois, enquanto o primeiro consiste em dicas de beleza para que as mulheres sejam vistas como 'boas mulheres', o segundo traz como tema a força e a percepção de como as mulheres são necessárias em períodos de guerra, quando se tornam tudo o que precisam ser. Este estudo foi norteador metodologicamente no que postula Antoine Berman em suas obras: A tradução e a letra ou o albergue do longínquo (2012) e Pour une critique des traductions: John Donne (1995). A partir deste estudo tivemos como resultados: a tradução inédita dos dois textos escritos por Colette, a sistematização de comentários de tradução no par de línguas francês-português, com fagulhas de discussões sobre feminismo, e a difusão da produção da autora em língua portuguesa e nos estudos da tradução.

Referências: BERMAN, Antoine. Pour une critique des traductions: John Donne, Paris: Gallimard, 1995, p.275 COLETTE, Gabrielle. Des bonnes femmes m'ont confié ses secrets. Marie Claire, Paris, p. 14-15, 24 maio 1940. COLETTE, Gabrielle. Jeunes femmes d'aujourd'hui, Colette vous parle. Marie Claire, Paris, p. 2, 24 maio 1940. SCHLEIERMACHE R, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de traduzir. 2010. p. 39-103. SILVA, Mileyde; SALES, Kall Lyws Barroso Sales. Colette no Brasil: traduções, paratextos e recepção (1937-2010). 2020. TORRES, Marie-Hélène. Traduzir O Brasil literário – paratexto e discurso de acompanhamento. Tradução de Marlova Aseff; Eleonora Castelli. Santa Catarina. Copiart, 2011.

A TRADUÇÃO DE ROTEIRO RECIFENSE, DE TULIO CARELLA

Moacir Japearson Albuquerque Mendonça, Susana Souto Silva

Resumo: Roteiro Recifense, lançado em 1965, é uma coletânea de 96 poemas, em espanhol, da passagem de Italo Tulio Carella pela cidade do Recife e ainda uma obra muito pouco estudada.

Intelectual argentino, professor, ensaísta, roteirista e crítico de teatro, foi convidado por Hermilo Borba Filho a dar aulas na recém fundada Escola de Belas Artes do Recife. Nessa estadia, que duraria quase dois anos, o escritor imprimiu suas percepções da cidade e do salão intelectual pernambucano em cadernos, que eram suas anotações, uma espécie de diário. Nesse percurso, inserido em um contexto histórico efervescente, minado por um campo político tenso, Tulio Carella foi confundido com um traficante de armas e foi preso e torturado pelo exército brasileiro. Parte desse percurso está nos versos destes poemas, que foram traduzidos para o português dentro da necessidade de entender suas relações com outra obra do autor, *Orgia*, lançada três anos depois, e, diferentemente de *Roteiro Recifense*, estruturada como romance. Esse processo de tradução se deu dentro da necessidade do processo de elaboração da tese, e serviu para perceber que as duas obras eram feitas da mesma matéria de memória (Ricoeur 2007; Gagnebin, 2006), calcadas em um homoerotismo que se mostra claro em *Orgia*, mas latente e difuso em *Roteiro Recifense*. Esse trabalho tem por objetivo mostrar o percurso dessa tradução e a interpelação possível entre a passagem do autor pela cidade, o contexto histórico no qual essa passagem do autor está inserida e as relações de uma memória individual e também coletiva, das quais essas duas obras coirmãs foram elaboradas.

Referências: BORBA FILHO, Hermilo. Deus no pasto. Um cavalheiro da segunda decadência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. CARELLA, Tulio. *Orgia*. Diário primeiro. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1968. CARELLA, Tulio. *Orgia: os diários de Tulio Carella*, Recife, 1960. São Paulo: Opera Prima, 2011. _____. *Roteiro Recifense*. Recife: Imprensa Universitária, 1965. CÂNDIDO, Antônio. O estudo Analítico do poema. Humanitas Publicações-São Paulo: FFLCH/USP, 1996 DUSSE, Fernanda Cristina Sant'ana. O diário rasurado de Judith Malina e as narrativas impossíveis da ditadura militar. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 16, mar. 2016. p. 63-75. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006 RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. REIS, Luís. Teatro Popular do Nordeste: o palco e o mundo de Hermilo Borba Filho. Recife: CEPE, 2018. SUSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. PROFESSOR da U.R não desapareceu: foi preso e está incomunicável. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 07, 26 de abril de 1961.

MARCAS DE VIOLÊNCIA E DAS RELAÇÕES DE PODER EM THE KILLER, TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA DA OBRA O MATADOR, DE PATRÍCIA MELO

Paula Grinko Pezzini

Resumo: Questionar o cânone literário, no panorama brasileiro, hegemonicamente masculino; evidenciar a operação tradutória não como produto final, mas enquanto movimento que pode sugerir novos sentidos para um texto; entrelaçar, exatamente a partir da tradução literária, as relações de poder que alicerçam uma obra quando geopoliticamente ambientada na América Latina; e repensar o papel da tradução nessa dinâmica. Esses são os objetivos desta comunicação, à medida que me proponho a analisar *O matador* (1995), obra da escritora brasileira Patrícia Melo; e sua tradução para a língua inglesa, *The killer* (1998). Busco destacar a linguagem literária de Melo enquanto propulsora de questionamentos pertinentes às posições socialmente construídas como masculinas; e como essas relações de gênero, eivadas na dominação simbólica (BORDIEU, 2002), foram traduzidas para a língua inglesa, com enfoque na trajetória do protagonista Máiquel e das personagens Cledir e Érica. Nesse sentido, dialogo com Rita Segato (2003) e Lúcia Zolin (2007), visto que ambas discutem os elementos estruturantes da violência masculina e localizam, em muito no discurso colonial que divide homens e mulheres em polos opostos de poder, a fundamentação do sistema patriarcal. A partir de Even-Zohar (1978) e Venuti (1995; 2002), pretendo observar se o movimento tradutório entre *O matador* e *The killer* e a retextualização da obra em língua inglesa se pautam na estrangeirização ou na domesticação de termos linguísticos, considerando que a narrativa se respalda em um linguajar que remete a demonstrações de poder bastante locais. Portanto, com base na construção das personagens femininas e em suas relações com o protagonista, intento cotejar a Crítica Literária Feminista e os Estudos da Tradução para investigar a tradução em inglês de uma das obras mais aclamadas de Patrícia Melo.

Referências: BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos Polissistemas. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. 1978. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>. Acesso em: 03 jan. 2023. MELO, Patrícia. O matador. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. MELO, Patrícia. The killer. Tradução de Clifford E. Landers. Londres: Bloomsbury Publishing (UK), 1998. SEGATO, Rita Laura. Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003. VENUTI, Lawrence. Escândalos da tradução. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: Editora da UFSC – Edusc, 2002. VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility: a history of translation. London/New York: Routledge, 2008 [1995]. ZOLIN, Lúcia Osana. O matador, de Patrícia Melo: gênero e representação. Revista Letras, Curitiba, n. 71, p. 53-63, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/6234>. Acesso em: 02 jan. 2023.

URSULA DE JESUS: A TRADUÇÃO DE UMA MULHER, NEGRA, MONJA, EX-ESCRAVIZADA E HISPANO-AMERICANA DO SÉCULO XII (1625-1669)

Rogério Mendes

Resumo: Esta proposta apresenta as bases e resultados parciais do processo de tradução do livro “Las almas del purgatorio: El diario espiritual y vida anónima de Úrsula de Jesús, una mística negra del siglo XVII”. A tradução e estudo fundamentam-se a partir dos registros dos diários de uma ex-escravizada, Úrsula de Jesus, que se tornou monja durante o período barroco hispano-americano. A obra é inédita em língua portuguesa e dentro da perspectiva barroca de língua espanhola inexplorada. Sob o prisma dos Estudos Culturais pretende-se desenvolver fundamentação teórica sobre a relação entre etnia, gênero e inclusão (MIÑOSO, 2022; MIGNOLO, 2002; RAMA, 1985). A iniciativa da tradução apresenta-se oportuna a partir do debate sobre a certificação e reconhecimento das diversas vozes culturais latino-americana e, mais especificamente, afro-latino-americanas quando se observam ausentes os reconhecimentos das contribuições africanas e afrodescendentes no processo de formação social, cultural, literário das sociedades latino-americanas. A ideia da inserção de Úrsula de Jesus na historiografia literária e abrir espaço para difundir a repercute na concepção, análise e composição das grades curriculares de graduação e pós-graduação em Letras Hispânicas e Estudos Literários e torna-se importante pela 1) reafirmação de um processo de formação social e literária marcado pela diversidade de vozes; 2) reconhecimento da contribuição afrodescendente para os estudos historiográficos e críticos da Literatura Latino-americana e 3) ampliação do escopo do Barroco Hispano-Americano e literatura latino-americana. A iniciativa é do grupo Outras Literaturas Hispânicas (UFRN/CNPq). Os responsáveis pela tradução são os professores Rogério Mendes (UFRN) e Liliam Ramos (UFRGS) tendo como apoio e edição a Editora Pinard.

TRADUÇÃO E RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE LOUISE DE VILMORIN: A ESCRITA FEMININA MARGINALIZADA

Sheila Maria dos Santos

Resumo: Objetiva-se com esta comunicação discorrer sobre a recepção e circulação da obra poética de Louise de Vilморin, escritora francesa do século XX, de reputada fama nos meios literários parisienses e com vasta publicação e incursões em diferentes gêneros literários, uma vez que escreveu romances, novelas, contos, poemas, entre outros, e cuja obra permanece ainda hoje inédita no Brasil. Além disso, dar-se-á atenção especial ao fato de ser uma obra de autoria feminina, que, ainda que tenha sido publicada por uma das mais importantes editoras da França, a saber, editora Gallimard, não contou com uma circulação internacional satisfatória, tendo poucas obras traduzidas ao redor do mundo. Nesse sentido, acredita-se que a vida pessoal da autora tenha exercido certa influência na recepção crítica de sua obra e sua escassa circulação por via da tradução. Isso porque, vivendo em uma sociedade em que se esperava da mulher um comportamento moralmente estrito, Louise de Vilморin destacava-se por seu jeito livre, não submisso às regras sociais da época. Com

isso, a autora passou a ser conhecida mais por suas relações amorosas com figuras eminentes do meio literário, tais como Antoine de Saint-Exupéry, André Malraux, Gaston Gallimard, entre outros, que pelas obras que escreveu, aspecto que será problematizado nessa comunicação. Para tal análise, serão utilizados como referencial teórico Bothorel (1993), Wagener (2008), Compagnon (2003), Cunha (2002), Hollanda (1994), entre outros.

Referências: BOTHOREL, Jean. *Louise ou la vie de Louise de Vilmorin*. Paris: Grasset, 1993. COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P. Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. CUNHA, Eneida Leal. *Margens e valor cultural*. In: MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena (org.). *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Abralic, 2002. JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Feminismo em tempos pós-modernos*. In: _____. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. WAGENER, Françoise. *Je suis née inconsolable: Louise de Vilmorin (1902-1969)*. Paris: Albin Michel, 2008.

A VOZ MARGINALIZADA DE HAYASHI FUMIKO EM HÔRÔKI

Thais Diehl Bresolin

Resumo: Hayashi Fumiko (1903-1951) foi uma autora de grande sucesso comercial no Japão, mas é pouco conhecida e pouco traduzida em outros países. Sua obra mais famosa, *Hôrôki* (1930) [*Memórias de uma errante*], conta a história de uma jovem aspirante a escritora de origem humilde e as atribulações do seu dia a dia. A independência financeira da protagonista, que no decorrer da obra passa por diversos empregos, representa um dos objetivos que as feministas japonesas da época buscavam. Apesar da grande quantidade de escritoras japonesas e das numerosas obras escritas por elas, com base no levantamento de obras de literatura japonesa traduzidas no Brasil de Souza Corrêa (2021), aproximadamente um sexto delas foram escritas por mulheres, criando uma lacuna de traduções no mercado nacional. Na totalidade de obras traduzidas, a mulher é, na maioria das vezes, representada como aquela a quem se tem interesse romântico excluindo suas outras facetas. Obras como a de Hayashi, que escrevia sobre mulheres à margem da sociedade, trazem outras visões e ampliam a diversidade de vozes da sociedade japonesa. Para evitar o orientalismo, faz-se necessária a não utilização de termos exotizantes para conceitos corriqueiros. A falta de traduções de obras de mulheres japonesas à margem da sociedade elitista causa uma lacuna de conhecimento sobre as suas histórias. Para enfatizar o ponto de vista da mulher, utilizo as estratégias de tradução feminista elaboradas por von Flotow (1991) e expandidas por Massardier-Kenney (2022). Recupero a obra da autora, traduzindo-a diretamente do japonês, de acordo com as estratégias feministas de tradução para tornar o feminino visível, com o objetivo de apresentar ao público brasileiro uma perspectiva sobre as japonesas marginalizadas.

Referências: BROWN, Janice. *The celebration of struggle: A study of the major works of Hayashi Fumiko*. 1985. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of Graduate Studies, University of British Columbia, Vancouver, 1985. CUNHA, Andrei dos S. *A literatura japonesa em tradução no Brasil*. In: II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, 2014, Caxias do Sul. *Anais do II seminário internacional de língua, literatura e processos culturais – SILLPRO: espaço, território e região*. Caxias do Sul: UCS, 2014, p. 824-832. COUTTS, Angela. *Self-constructed exoticism: gender and Nation in Hôrôki by Hayashi Fumiko*. In: *Culture, Theory and Critique*. Oxfordshire: Taylor & Francis, 45(2), 2004, p. 113-131. ERICSON, Joan E. *Be a woman: Hayashi Fumiko and modern Japanese women's literature*. Honolulu, Estados Unidos: University of Hawai'i Press, 1997. FESSLER, Susanna. *Wandering Heart: The Work and Method of Hayashi Fumiko*. Nova Iorque, State University of New York Press, 1998. FRICKER, Miranda. *Hermeneutical Injustice*. In: *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Nova York: Oxford University Press, 2007, p. 147-175. HAYASHI, Fumiko. *Hôrôki* [???]. Tóquio: Shinchôsha, 2010. HAYASHI, Fumiko. *Memórias de uma Errante*. Tradução: Meiko Shimon. Porto Alegre: Editora Movimento, 1995. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática, 2001. KANAI, Keiko. *Hisagime no shuki*. In: *Feminizumu Bungaku Hihi?*. Tóquio: Iwanami Shoten, vol. 11, p. 116-136, 2009. MASSARDIER-KENNEY, Françoise.

Caminhos para uma redefinição da prática feminista de tradução. Tradução: Emanuela Carla Siqueira e Marcela Lanius. Revista X, v. 17, n. 1, p. 192-212, 4 de mar. 2022. NAGAE, Neide. Concepções Japonesas do Romance do Eu. In: Estudos Japoneses, São Paulo, n. 17, p. 141-147, 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ej/issue/view/10364/1199>>. Acesso em: 22 de dez. 2022. NAGAE, Neide. De Katai a Dazai: apontamentos para uma morfologia do romance do eu. 2006. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. NOVIELLI, Maria Roberta. História do cinema japonês. Tradução: Lavínia Porciúncula. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. REIMÓNDEZ, María. We Need to Talk... to Each Other: On Polyphony, Postcolonial Feminism and Translation. In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (org.). Feminist Translation Studies. Nova York: Routledge, 2017. p. 42-55. SOUZA CORRÊA, Elisa Figueira de. Ficção japonesa em prosa publicada no Brasil. In: Tradução em Revista, v. 2021, p. 312-349, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=55084&numfas=177&nrseqcon=55006&NrSecao=177>. Acesso em: 21 dez. 2022. VENUTI, Lawrence. Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença. Tradução: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. VON FLOTOW, Luise. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. In: TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction, vol. 4, n° 2, 1991, p. 69-84.

EIXO 9

Literatura e espaços comuns
de aprendizagem



SIMPÓSIO “A LITERATURA COMO REFLEXO/REFLEXÃO SOBRE A VIDA”

Juciane dos Santos Cavalheiro (UEA), Márcia Lopes Duarte (UNISINOS) e Sabrina Vier (UNISINOS)

DISCÓRDIA, CONFLITO E SEPARAÇÃO - A MALDADE CISMÁTICA EM DANTE ALIGHIERI

André Araujo Pires Ferreira

Resumo: A Divina Comédia de Dante Alighieri pode ser considerada como uma das obras que expõe diversas faces da maldade humana, assim como punições julgadas justas e devidas pelo autor. Quando na Comédia, Dante trabalha, em sua primeira parte - o Inferno-, as penas ligadas aos feitos na Terra por figuras - ora locais ora históricas mundiais. Caminhando sob a guia do poeta clássico Virgílio, o autor percorre uma jornada pelos círculos infernais. Nesta comunicação destrinchar-se-á o nono compartimento do oitavo círculo infernal, local em que se encontram os cismáticos e os instigadores da discórdia política e religiosa. A partir desta informação, trabalhar-se-á como se apresenta a maldade praticada por estes. Olhando então para a dita maldade pontuada por Dante, comparar-se-á à maldade sob a visão de Zygmunt Bauman e Leonidas Donski em A Cegueira Moral. Com estas informações em mãos, pretende-se então propor uma discussão sobre quão próximas à insensibilidade humana estão os feitos dos cismáticos postos por Dante, e, por fim, trazer também à contemporaneidade o debate sobre tais ações frente ao que se entende por maldade utilizando não só o que é posto por Bauman e Donski, mas também outros pontos de vista como de Georges Bataille, Peter Sloterijk e Friederich Nietzsche.

Referências: ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Tradução: José Pedro Xavier Pinheiro. Ed. Ciranda Cultural. 2020 ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Tradução: José Pedro Xavier Pinheiro. Ed. ebooks Brasil. 2003. ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Tradução: Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 1998. ALVES, Laís. O mal em Fronteira (1935), de Cornélio Pena In Sobre o medo: O mal na literatura brasileira do século XX. Org. FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. HUGIN MUNIN, - São Paulo – 2020. AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? Argos. 2009 ARENDT, Hanna. A condição humana. Forense Universitária. 2007. ARENDT, Hanna. Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal. Companhia das Letras. 2013. BATAILLE, Georges. A literatura e o Mal. Tradução: Fernando Scheibe. 1ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. BAUMAN, Z. Medo líquido. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. BAUMAN, Z. & DONKIS, L. Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014. BERTARELLI, Maria Eugenia. AMARAL, Clínio de Oliveira. Discursos sobre a Divina Comédia ou temporalizações de Dante Alighieri? A construção do conceito de Idade Média e uma análise decolonial por meio da teoria do medievalismo. Revista Signum. Rio de Janeiro, 2020. BLOCH, Ernst. The Privatization of Hope: Ernst Bloch and the Future of Utopia. Duke University Press. 2013. BUENO, André. A desordem do mundo em Sinais Sociais. Ed.: janeiro > abril. Rio de Janeiro – 2011. CARROLL, John S. Exiles of Eternity – an exposition of Dante’s Inferno. CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.]. Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância – Petrolina-PE, 2019. CIRLOT, J. E. Dictionary of Symbols. Tradução: Jack Sage. Routledge & Kegan Paul Ltd 1962; 2 ed. – 1971. DE LIMA, Paulo Sidnei. Aspectos da recepção do De Vulgari Eloquentia de Dante Alighieri em doze acervos da cidade de São Paulo. Dissertação. USP – Universidade de São Paulo. São Paulo; 2020. DRELL, Joanna H. Using Dante to Teach the Middle Ages. Examples from Medieval Southern Italian History. Pedagogy 1 January 2013; 13 (1): 59–65. doi: <https://doi.org/10.1215/15314200-1814179> DUARTE, Tiago Ancelmo. Inferno: uma ideia do espaço dos pecadores na Divina Comédia de Dante Alighieri. MONÇÕES – Revista de História da UFMS/CPCX v. 1, nº 1. Mato Grosso do Sul; 2014. FARRAR, STRAUS AND GIROUX. The Inferno of Dante – A New Verse Translation by Robert Pinsky. GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. Companhia das Letras. Editora Schwarcz LTDA. – São Paulo – 1973. GINZBURG, Carlo. História Noturna – Decifrando o Sabá. Tradução: Nilson Moulin Louzada. Companhia de Bolso. GINZBURG, Carlo. Medo, reverência, terror – Quatro Ensaios de iconografia política. Tradução: Federico Carotti, Joana Angélica d’Ávila Melo, Julio Castañon Guimarães. Companhia das Letras. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Editora Vozes. 2015. KNAPP, Ethan.

"Benjamin, Dante, and the Modernity of the Middle Ages; or, Allegory as Urban Constellation." *The Chaucer Review*, vol. 48, no. 4, 2014, pp. 524–541. [JSTOR](https://www.jstor.org/stable/10.5325/chaucerrev.48.4.0524), www.jstor.org/stable/10.5325/chaucerrev.48.4.0524. Accessed 6 Aug. 2021. MILTON, John. *Paraíso Perdido*. Tradução: Conceição G. Sotto Maior. Coleção Universidade de bolso. Ediouro. – Rio de Janeiro; 1975. MILTON, John. *Paradise Lost*. Global Language Resources, Inc. – 2001. NIETZSCHE, Friedrich. *Beyond Good and Evil*. Tradução: Helen Zimmern. Penguin Classics. Reissue Edition – 2003. NUSSBAUM, Martha C. *Sem fins lucrativos – Por que a democracia precisa das humanidades?* Ed. Polis. Santiago – 2016. NUSSBAUM, Martha C. *The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*. Cambridge University Press. Cambridge – 2001. OLIVEIRA, Osmar Nascimento de. OLIVEIRA, Terezinha. *A escolástica na Divina Comédia de Dante Alighieiri*. Revista de Educação – UCG. Ed. PUC GOIAS. Goiás, 2010. PAULSON, Ronald. *Sin and Evil: Moral Values in Literature*. Yale University Press. New Haven – 2007. USSEL, Jeffrey Burton. *Lucifer – The devil in the Middle Ages*. Cornell University Press. Ithaca and London. 1984. SINGLETON, C.S. (2019). *Dante's Commedia: Elements of Structure*. Baltimore: Johns Hopkins University Press., doi:10.1353/book.69085. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I – Bolhas*. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. Estação Liberdade. THOREAU, Henry David. *Walden and "Civil Disobedience"*. New York: Signet Classics, 1980. WRIGHT, Archie T. *The Origin of Evil Spirits: The Reception of Genesis 6, 1-4 in Early Jewish Literature*. Germany – 2005. ZIMBARDO, Philip. *The Lucifer Effect – Understanding How Good People Turn Evil*. Random House – 2007.

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI EM "JULIANO PAVOLLINI", DE CRISTÓVÃO TEZZA

Caio Henrique da Silva Reis

Resumo: Os romances de formação ainda possuem relevância no campo da Literatura Brasileira. A forma como o protagonista busca a evolução do seu "eu" no decorrer das tramas causa inquietude no leitor, que indaga internamente a seguinte pergunta: será que o "eu" atual é diferente do "eu" do passado?. Com base nessa pergunta norteadora, este artigo apresenta como proposta analisar a estrutura da tessitura narrativa do romance *Juliano Pavollini*, de Cristóvão Tezza, assim como focalizar a construção da figura do herói, que é também o narrador autodiegético – aquele que conta e participa de sua própria história, de acordo com Genette (1972). Para realizar tal estudo, faremos, em primeiro plano, uma contextualização histórica do termo *Bildungsroman* (romance de formação). Posteriormente, apontaremos como o romance tezziano se constitui a fim de compreender o motivo pelo qual é classificado de *Bildungsroman*. Para finalizar, explicaremos a ideia de que a narrativa do escritor paranaense é um romance tanto de formação quanto de educação, pois o protagonista-título, ao mesmo tempo em que procura seu desenvolvimento como homem por meio de etapas da vida para alcançar a salvação de caráter social, decide estruturar seu caráter por meio da mentira para a sobrevivência, de acordo com Maas (2020), Bakhtin (1997) e Moretti (2020).

Referências: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina. Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. FREITAG, B. *O indivíduo em formação: diálogos inter-disciplinares sobre educação*. (3ª ed). São Paulo: Cortez, 2001. FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1900, vol.4. MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. MORETTI, Franco. *O romance de formação*. São Paulo: Todavia, 2020. SCHWANTES, Cíntia. *Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero*. In: DALCASTAGNÈ, Regina e LEAL; Virginia M. V. (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010. p. 105-113. SMITH, John H. *Cultivating gender: sexual difference, bildung and the bildungsroman*. In: EIGLER, Friederike; KORD, Susanne. *The feminist encyclopedia of german literature*. Santa Bárbara: Greenwood Publishing Group, 1997. P. 206-224. TEZZA, Cristóvão. *Juliano Pavollini*. São Paulo: Rocco, 2002.

CORDEL NA CAIXA: A LITERATURA DE CORDEL COMO ELO PARA INTERDISCIPLINARIDADE EM CONTEXTO BILÍNGUE

Carolina Muller

Resumo: Os projetos interdisciplinares centrados na leitura literária permitem que os sujeitos se desenvolvam a partir do contato com diferentes gêneros literários, estando expostos a variadas formas de ler e compreender os textos através da vivência de práticas colaborativas e mediadas que propiciam a co-construção de sentidos. Tornam-se, pois, projetos que ampliam efetivamente as competências leitoras dos alunos possibilitando a inserção social e a ampliação do pensamento. A interdisciplinaridade pode ser vista sob a metáfora da rede, na qual diferentes cenários estão interligados através de um processo mental dinâmico e ativo. A Literatura de Cordel é um gênero popular de origem nordestina, cujas fundações advêm dos romances portugueses em versos surgidos da expressão oral que, com o passar do tempo, migraram também para a forma escrita. Trata-se de uma literatura de cunho popular que carrega a expressividade, a cultura e a história de um povo. Portanto, ao abordar esse tipo de literatura na escola, é necessário fazê-lo tomando como base uma abordagem sócio-discursiva que permita a ampla reflexão acerca do texto e suas condições de produção. Levando em conta os aspectos sócio-discursivos, o cordel pode ser visto como um “espaço de vivências coletivas”. Diante dessa perspectiva, elaboramos o projeto “Cordel na caixa” que foi desenvolvido com alunos de 5º ano de uma escola particular bilíngue da região Sul. Trata-se de um projeto interdisciplinar, pois envolveu as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arts e Música. O projeto parte da leitura do livro *Sonho de uma noite de Verão* em Cordel inspirado no clássico de William Shakespeare e escrito por Arievaldo Viana.

Referências: ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de Cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. In: Revista Fórum Identidades, Sergipe, ano 2, v. 4, p. 103-109, 2008. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000. KLEIMAN, Angela B. MORAES, Silvia E. Leitura e interdisciplinaridade. Mercado das Letras, 1999. LINHARES, Thelma R. S. Reflexões. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel90.htm>. Acesso em: 16 set. 2017. LUCK, H. Pedagogia da interdisciplinaridade. Fundamentos teórico - metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2001. MILLER, Naomi. Reimagining Shakespeare for children and young adults. Routledge, 2013.

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NO PERCURSO DE DOCENTES ATRAVESSADOS PELA DEFICIÊNCIA

Crizeide Miranda Freire

Resumo: Este trabalho - A influência da literatura no percurso de docentes atravessados pela deficiência - aporta-se em uma pesquisa em andamento de doutoramento pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Objetiva-se refletir as práticas de formação docente, considerando discussões teóricas entrelaçadas com a literatura voltadas para pessoas neurodiversas ou com deficiências. A dimensão das práticas de formação docente tem como cerne a inclusão, a acessibilidade e a permanência de pessoas neurodiversas ou com deficiências tanto nos espaços escolares quanto em outros espaços educativos e socioculturais. É preciso tomar a linguagem, a língua e a literatura para repensar e reexistir (SOUZA, 2011), indo além da escuta sensível e produzindo outros sentidos. Desmontam-se estruturas fixadas da não visibilidade para uma percepção mais visível, que transcenda a um não padrão e tome o outro como parte de um contexto social em sua diferença. Para tanto, a dimensão da professoralidade se faz necessária (PEREIRA, 2016), em que o docente, com suas habilidades formativas, pode transgredir suas práticas pelo agenciamento das diferenças, que se constituem no processo de subjetivação (DELEUZE; GUATTARRI, 1997). Logo, o texto literário é um fator de transformação, pois é no agir pela literatura que o processo de professoralização vai se configurando numa dupla captura com aqueles que se constituem diferentes. É preciso um olhar para a leitura de outros textos literários, para que se possa ler de forma caleidoscópica, sem muros e sem barreiras. Dessa forma, podem-se romper as estruturas do capacitismo e trazer o olhar à literatura no espectro, que reflita ética e esteticamente outras nuances e que insira, no contexto das práticas docentes, a escuta das vivências presentes nos textos escritos voltados para pessoas com deficiências. Assim, os docentes em constante formação ao formar também se permitam se autoformar em um processo contínuo de transformação.

Referências: ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.; CRUZ, A. C. J. da. A diferença e a diversidade na educação. Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 2, p. 85-97, 2011.

AINSOW, Mel. Tornar a educação inclusiva: Como essa tarefa deve ser conceituada? In: Tornar a educação inclusiva, UNESCO, 2009, p. 11-25. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997. GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>, Acesso em: 02.11.2020 PEREIRA, Marcos Villela. Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016. SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM SERRA DOS PILÕES -JAGUNÇOS E TROPEIROS E CHÃO DAS CARABINAS- CORONÉIS, PEÕES E BOIADAS

Davi Pereira Gomes

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar o lugar social que ao negro foi reservado na literatura brasileira, tendo em vista que no curso da historiografia literária ele tem sido colocado à margem no discurso narrativo. No entanto, a representação literária dos homens e mulheres negras está sendo revista pelo discurso literário brasileiro, sobretudo, como um processo que precisa ser levado a sério à medida que as questões raciais, na literatura, ganham espaço e voz nas obras de muitos escritores e escritoras negras. A proposta de cunho qualitativo tem como aporte metodológico analisarmos duas obras literárias do escritor tocantinense Moura Lima. As obras que compõem o corpus são: Serra dos pilões- Jagunços e Tropeiros e Chão das Carabinas – Coronéis, Peões e Boiadas, onde ambos os textos dissecam sobre o homem sertanejo, o jagunço e o tratamento dados aos homens e mulheres negras no antigo norte de Goiás, agora Tocantins. Tal escolha se deu sobre a posição e o lugar de fala que são delegados aos personagens negros na construção narrativas da literatura tocantinense. Além disso, discute-se a formação da literatura tocantinense, suas formas de circulação e formação de leitores bem como sua importância para formação da memória de um povo em uma determinada sociedade. Como resultados a pesquisa prospecta para uma reflexão sobre o lugar que o negro ocupa nas obras em análise e qual a importância da construção do lugar de fala de personagens negros no discurso narrativo de uma literatura.

Referências: ANDERSON, Benedict R. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008. APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: contraponto, 1997. BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. Editora Brasiliense, 1988. BERND, Zilá. Negritude e literatura na América Latina. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo. Companhia das Letras, 1992. BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo. Companhia das Letras, 2002. BROOKSHAW, David. Raça e cor na literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. CANDIDO, Antonio. Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes. 3. Ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. CANDIDO, Antonio. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9ª. ed. Ouro sobre o azul. Rio de Janeiro, 2006. CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 2v. CADERNOS NEGROS, N. 1. São Paulo: Ed. Dos Autores, 1978. CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Tradução Noêmia de Sousa. Paris, 1978. CÉSAIRE, Aimé. Cadernos de um Retorno ao País Natal. Tradução Lilian Prestes de Almeida. São Paulo: Edusp, 2012. 165 CONCESSO, José Francisco da S. Mamãe. In. Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense- Acalanto em prosa e verso. Gurupi: Editora Veloso, 2017. CUTI, Luiz Silva. Literatura negro-brasileira. São Paulo, 2010. DALCASTAGNÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 3. Brasília, janeiro/julho, 2008. p. 87-110. LIMA, Moura. Serra dos Pilões- Jagunços e Tropeiros. Gurupi. 3.ed. Editora cometa, 2001. LIMA, Moura. Chão das Carabinas – Coronéis, Peões e Boiadas. Gurupi. 1. ed. Editora cometa, 2002.

COLETIVOS POÉTICOS NO CONTEXTO ESCOLAR: POESIA PERIFÉRICA, PERFORMANCE E CIDADANIA

Gisele Gemmi Chiari

Resumo: Os coletivos poéticos são grupos que para além da produção e performance de poesia trabalham em ações político-comunitárias fora dos meios institucionalizados criando redes e promovendo formas de engajamento e de entrecruzamento entre arte e vida. A poesia dos slams, por exemplo, caracteriza-se por ser altamente comunicativa devido à complexidade semiótica de suas performances e temas abordados, como as desigualdades sociais, a violência, as subjetividades e identidades das periferias das cidades. Durante as apresentações ou batalhas poéticas ocorrem partilhas de afetos e experiências que fortalecem os vínculos sociais e o sentimento de pertencimento desses grupos. Os encontros de poesia bem como as outras ações promovidas pelos coletivos estimulam uma atitude ativa, sobretudo do público jovem, em relação a problemas sociais como racismo, patriarcalismo e exclusão social. Dessa forma, pode-se pensar a poesia performática marginal como ação ou acontecimento, e não como um objeto de consumo. Essa literatura traz a linguagem e a cultura das periferias destoando das obras canônicas tradicionalmente estudadas na escola que, muitas vezes, não são capazes de incentivar a leitura literária ou o pensamento crítico nos estudantes. Este estudo propõe pensarmos como a força da poesia marginal performática pode colaborar na formação de leitores e escritores atentos às questões político-sociais e suas identidades. A escola deve ter consciência de que as novas mídias e tecnologias provocaram uma mudança na sensibilidade e na receptividade das artes, bem como promoveram a veiculação da informação e o estabelecimento de redes sociais. Nesse sentido, é preciso reavaliar o papel da oralidade (ou da performance) na recepção literária, levando em consideração também que, no Brasil, a prática alfabética proveio da herança colonial e é relativamente recente. Em suma, a partir da experiência das ações dos coletivos de literatura marginal, propomos repensar a relação entre literatura, oralidade, performance e cidadania nos contextos educacionais.

Referências: CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 5. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193. FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. Experimentalismo, voz e coletivos poéticos: um estudo da cena cultural londrinense na contemporaneidade. In: Literatura: Teoria, História, Crítica, vol. 22, núm. 2, pp. 421-447, 2020. In: <https://www.redalyc.org/journal/5037/503764989015/html/> [acessado em 15/12/2022] GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.13, n.1, jan./abr. 2010. LEONÉ, Lucia di. Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco Digital. E-Reader, 2014. NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Linha D'Água, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. ISSN: 2236-4242. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 8 jan. 2023. PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Trad. Arthur Bueno; Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009. ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. Alea. vol. 10, no. 1, jan.-jun. 2008, p. 85-97. ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a "literatura" medieval. Trad. Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SI-MESMO EM TERCEIRA PESSOA: FRONTEIRAS

Henrique Barbosa Primon

Resumo: Como o recurso da terceira pessoa pode conformar uma narrativa de si? Almejamos, nesta comunicação, apresentar como duas obras da literatura alemã – O Tambor de Lata (1959) e Nas Peles da Cebola (2006), de Günter Grass (1927-2015) – modulam a narrativa si a partir da terceira pessoa, respectivamente na ficção e na autobiografia. Em um primeiro passo teórico, mostramos como a terceira pessoa na narrativa estrutura o si-mesmo – o si autorreflexivo – segundo a chamada ipseidade, isto é, uma unicidade identitária constituída pela alteridade, de acordo com Paul Ricoeur (1913-2005). Então, em um segundo passo interpretativo, mostramos como o si-mesmo é figurado como um outro, a partir de uma instância reflexiva que invoca uma terceira pessoa, a partir da narrativa ficcional e da narrativa dita autobiográfica de Günter Grass. Ao final desse arco teórico e

interpretativo, pretendemos apontar elementos sobre como a narração do si-mesmo em terceira pessoa faculta uma abertura ética para a instância narrativa. A apreensão da modelação narrativa dessa torção ética – que torna o sujeito um outro, no interior mesmo de sua narrativa – será o objetivo constante desta exposição. Buscamos, assim, mostrar como as instâncias narradoras nas duas obras de Grass, ao atribuírem uma terceira pessoa ao si-mesmo de suas narrativas, tornam-se alteridades que confundem, borram e reverterem tanto a perspectiva narrativa quanto o posicionamento ético da personagem do romance e do autor autobiografado.

Referências: GRASS, Günter. *Nas Peles da Cebola*. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. _____. *O Tambor de lata*. Tradução de Lúcio Alves e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017. RICOEUR, Paul. *Temps et récit: La configuration dans le récit de fiction*. Tome 2. Paris: Éditions du Seuil, 1984. _____. *Temps et récit: Le temps raconté*. Tome 3. Paris: Éditions du Seuil, 1985. _____. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990. _____. *Parcours de la Reconnaissance*. Trois études. Paris: Éditions Stock, 2004.

A LITERATURA DE HATOUM COMO REFLEXO/REFLEXÃO SOBRE A VIDA

Juciane dos Santos Cavalheiro

Resumo: A literatura consegue entrelaçar “o cotidiano do não dito” (Volóchinov, 2019, p. 130) e “reelaborar o vivido no modo ficcional” (Figueiredo, 2017, p. 87). Ela, como bem expressa Bakhtin (2003, p. 349), “cria imagens perfeitamente específicas de pessoas, nas quais o eu e o outro se combinam através de uma imagem singular; o eu na forma do outro ou o outro na forma do eu.” É, portanto, a partir do encontro do eu (leitor) com a alteridade (autor, personagens), que a vida, os sabores e saberes são reinventados/revividos. Centro-me, nesta comunicação, em especial aos dois últimos romances de Milton Hatoum – *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019) –, com o objetivo de analisar as obras a partir da relação entre estética e ética, solidão e exílio. A temática da solidão, antecipada em uma das epígrafes do primeiro volume – “A solidão é a tinta da viagem”, do livro *Poemas*, de Adonis (2012, p. 158) dialoga e perpassa com a orfandade individual de Martim e coletiva da sociedade brasileira. É o modo como a literatura reflete e refrata a história de tantos brasileiros durante a ditadura. Hatoum, ao integrar a experiência e a experiência vivida, assim como a história narrada por Martim a acontecimentos históricos, “domina as condições necessárias para reger esse distanciamento sem se perder” (GINZBURG, 2010, p. 143). Atinge, desta forma, o distanciamento necessário de sua própria experiência.

Referências: ADONIS. *Poemas*. Organização e tradução Michel Sleiman. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2017. GINZBURG, Jaime. *Escritas da tortura*. In: Telles, Edson & Safatle, Vladimir (org.). *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010, p.133-149. HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a. VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução Sheila Grillho e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2019.

A ESTÉTICA PARATEXTUAL NAS EPÍGRAFES DOS ROMANCES DE MILTON HATOUM EM EDIÇÕES BRASILEIRAS

Juciane dos Santos Cavalheiro

Resumo: Este trabalho apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) intitulado “Recepção da obra e fortuna crítica de e sobre Milton Hatoum”. O estudo empreendido constitui a descrição e análise das epígrafes de seis romances do escritor Milton Hatoum, publicadas em edições brasileiras entre o período de 1989 a 2019 pela editora Companhia Das Letras, pertencentes às primeiras versões e formatos 65 por 50 centímetros, tendo como selo Companhia Das Letras, a descrever: *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008), *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019). Para descrição dos dados, ao adotarmos a metodologia de Gérard Genette (2009), o qual realiza um estudo exaustivo sobre Paratextos Editoriais, focalizamos um trabalho, especificamente,

na categoria dos peritextos editoriais, com intuito de descrever: a) um levantamento de dados editoriais das epígrafes do escritor, de obras publicadas no Brasil em primeira edição; b) as contribuições teóricas de Gérard Genette (2009) para a leitura crítica literária na estética dos paratextos editoriais; e c) como acontecem as operações sintáticas da presença de outros enunciados no interior das epígrafes e por quais formas das relações dialógicas acontecem os enunciados, partindo dos estudos dialógicos do Círculo de Bakhtin. A pesquisa pontuou e considerou que as epígrafes dos romances são trechos retirados de poemas e romances de outros autores, apresentados nas obras em língua portuguesa e estrangeira. As operações sintáticas ocorridas funcionam em Discurso Citado e Direto, sendo partes de enunciados citados por Hatoum para dialogar com leitores e outros elementos paratextuais da própria narrativa. Ao se apresentar na obra literária e ganhar um novo contexto de produção, o discurso da epígrafe tem a finalidade de produzir enunciados que levam o leitor a compreender a narrativa.

Referências: ALVES, Francisco Francimar de Sousa. Editoras. In: Os paratextos das antologias brasileiras de contos de Edgar Allan Poe no século XXI. Tese (doutorado). Orientação: Luana Ferreira de Freitas. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Santa Catarina: 2014. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. Recepção e produção acadêmica sobre a obra de Milton Hatoum: circulações. In Trânsitos e fronteiras literárias: TERRITÓRIOS. Org. MIBIELLI, Roberto; JORGE, Silvio Renato; SAMPAIO, Sonia Gomes. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista, RR: Editora da Universidade de Roraima, 2020, v. 3. FIORIN, José L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006. FONSECA, Maria Gabriella Flores Severo. Os aspectos materiais dos livros e os paratextos. In: Paratextos de edições brasileiras do Quixote. Dissertação (Mestrado). Orientação: Juciane dos Santos Cavaleiro. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, PPGLA. Manaus: 2017. GENETTE, Gérard. Paratextos Editoriais. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. HATOUM, Milton. A Noite da Espera. v 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. HATOUM, Milton. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. HATOUM, Milton. Dois irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. HATOUM, Milton. Órfãos do Eldorado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. HATOUM, Milton. Pontos de fuga. v 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. HATOUM, Milton. Relato de um certo Oriente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

A CONSTRUÇÃO DA PRESENÇA NA OBRA "ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA", DE JOSÉ SARAMAGO: PARA ALÉM DO SENTIDO

Letícia Maria Alves Braga

Resumo: Este estudo tem por objetivo apresentar uma análise das questões relacionadas à desumanização presentes na obra Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, sob as lentes da teoria filosófica de Hans Ulrich Gumbrecht (2010), destacando como se dá a “produção de presença” relacionada às sensações físicas e emoções desencadeadas no leitor a partir do contato com a narrativa. Para esta análise, o foco da desumanização se mantém com base na percepção da retirada de elementos incompressíveis para o ser humano na atualidade, o que marca uma animalização do homem realizada através de diversas esferas, sendo um delas a institucional. De cunho bibliográfico, a presente pesquisa se valerá de leituras e fichamentos dos escritos de Sapiro (2019), Gumbrecht (2010), Le Breton (2019), Sontag (1966), Zumthor (2007) e Michaud (2006). Em seguida, por meio de uma abordagem qualitativa e do método analítico e interpretativo, busca-se utilizar a teoria de Gumbrecht (2010) para evidenciar aspectos da significação, presentes em Ensaio sobre a cegueira. Assim, objetiva-se compreender como a obra “produz presença” a partir das possíveis sensações que podem ser contempladas pelo leitor por meio de uma exposição, ainda que ficcionalizada, à desumanização, que permeia grande parte da narrativa. Portanto, este trabalho procura evidenciar a pertinência da investigação da relação entre “produzir presença” e estabelecer as devidas interações com o leitor.

Referências: BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza in: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura in: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. GADAMER, Hans. Verdade e método. Petrópolis: Vozes, 1997. GUMBRECHT, Hans. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015. SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira: Companhia das Letras*, 2020. SONTAG, Susan. *Against interpretation and other essays*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1966. ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CONTAR CONTO: ESTÉTICA E ÉTICA EM JUNTAR OS PONTOS

Lilian Nunes da Silva Linhares

Resumo: Este trabalho objetiva discurrir sobre como o texto literário é instrumento de formação e informação, ao considerar que a leitura de contos desnuda o estético - letramento literário - e o ético - letramento social. Entende-se Literatura como processo artístico-reflexivo que direciona o leitor a pensar trajetórias prévias, atuais e vindouras das sociedades. Nesse sentido, a principal propositura deste estudo é debater a necessidade de que a leitura literária possa ser crítico-reflexiva na Educação Básica. Para tal, optou-se por partir do conto “Como tudo começou: a história de Xerazade”, da obra “As mil e uma noites” – clássico da literatura mundial – a fim de proporcionar ao leitor a possibilidade de apreciar realidades comuns e incomuns à sua. As linhas e entrelinhas do conto salientam temáticas tangenciais ao mundo contemporâneo, que podem ser aferidas em textos que abordam o assunto “violência contra a mulher”, como a pesquisa “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, publicada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP (2021) e a canção “Coração pede socorro” de Naiara Azevedo (2018). A escolha desses textos baseia-se na compreensão do conceito plural de letramento, abordado na forma não-literária, pela pesquisa, e literária através da narrativa de Xerazade e da canção. Espera-se que independente do formato, o leitor possa gradativamente notar anúncio e denúncia nas obras. Com base nos pressupostos de Candido (2012), Colomer (2002), Jouve (2012), Rojo (2009) Street (2014), Silva (2019) almeja-se convidar o estudante a ler o mundo, o outro, a si mesmo; para que se possa compreender que literatura é elemento histórico-cultural, plurissignificativa, inconclusa, passível de novos capítulos. Intenta-se ainda que o processo de apreciação da multiplicidade de textos favoreça o itinerário do leitor agregando-lhe criticidade e conhecimento cultural diversificado para que o texto e suas inter-relações possam ser lidas e compreendidas.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. (Org.), Aldo de Lima [et al.] – Recife: Universitária da UFPE, 2012. COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003. FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 3ª edição (2021) Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf> acesso: 09 de jun. 2022 JOUVE, Vicent. Por que estudar literatura? Tradutores Marcos Bagno e Marcos Marcolino, São Paulo: Parábola, 2012 SILVA, Claudicélio Rodrigues. Da Literatura como travessia: é possível ensinar literatura? in *Linguagem, Ensino e Formação* (Eulália Leurquin; Fernanda Coutinho (Organizadoras) São Paulo: Mercado das Letras, 2019. ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Tradução Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. STREET, Brian. *Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. VASCONCELLOS, P. S. *As mil e uma noites. Contos selecionados*. [Por: Paulo Sérgio de Vasconcellos]. São Paulo: Sol, 2005.

O USO DA ESCRITA LITERÁRIA PARA APREENSÃO DE CONTEÚDO PSICANALÍTICO

Lisiane Fagundes Cohen e Martha Dreyer de Andrade Silva

Resumo: A criatividade, para a psicanálise, segundo Ernst Kris, citado em Moraes (2001), pode ser um processo em que barreiras entre o inconsciente e o consciente são quebradas, fazendo com que

processos primários retornem e se submetam à elaboração consciente. Assim, o processo criativo opera de modo inconsciente (no encontro espontâneo e sem reflexão entre os problemas vividos no dia a dia do sujeito) e consciente (a partir da necessidade de realizar uma tarefa na qual ser criativo é essencial). Já em uma linha filosófica, a criatividade está relacionada à capacidade do indivíduo de conectar referentes para construir algo novo. A partir dessas considerações, nossa proposta é apresentar o uso da escrita literária como articuladora entre a teoria psicanalítica e a apreensão de seu conteúdo aplicado à criação do texto ficcional, utilizando o conto como formato. Para Lacan (apud Kehl, 2001, p. 55), todos se tornam personagens do romance que é sua vida; porém, a psicanálise se relaciona muito mais com o conto, pois “A contracção do tempo, que o conto possibilita, produz efeito de estilo. A psicanálise lhe possibilita perceber efeitos de estilo que poderia ser úteis a você.” A teoria freudiana foi construída a partir da análise feita de seus próprios sonhos, sendo posta em escrita, articulando fatos, suas impressões, literatura e subjetividade. A psicanálise desde sua origem opera no campo da subjetividade; portanto, a criação de um texto ficcional para articular a teoria e o sujeito representado por meio de personagens faz com que o(a) aluno(a) ou o(a) profissional se utilize do processo criativo e articule o consciente e o inconsciente, além de outros campos do saber humano para o ensino e a aprendizagem.

Referências: KEHL, Maria Rita. Minha vida daria um romance. In. Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação, organizado por Giovanna Baartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001. MORAIS, M. F. Definição e avaliação da criatividade. Braga: Universidade do Minho, 2001.

LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE O FEMINICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA.

Lorena Nogueira Costa Oliveira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo criar estratégias de letramento literário, fomentando a formação do leitor crítico com base na leitura e compreensão de textos compostos por escritoras que discorrem sobre o feminicídio. Após observarmos o crescente índice de feminicídio no período pandêmico, percebemos a necessidade de abordar essa temática em sala de aula e utilizar a literatura como forma de transformação social. Para isso, escolhemos as autoras Clarice Lispector (A língua do P), Lygia Fagundes Telles (Venha ver o pôr do sol) e Marina Colasanti (Porém igualmente), escritoras que versam sobre o feminino na Literatura Brasileira. A escola é o espaço mais propenso à mudança social e o empoderamento, pensando nisso, propomos uma abordagem reflexiva sobre feminicídio, que segundo bell hooks deve ser tratado como violência patriarcal. Para isso, as aulas de Língua Portuguesa serão um espaço de enfrentamento contra o sexismo, machismo e um ambiente que proporcione desenvolvimento crítico. A metodologia a ser utilizada está pautada em Cosson (2006), Macedo (2021), Ribeiro (2021), Alarcão (2010) e tem o objetivo de criar estratégias de letramento literário, com alunos dos anos finais do ensino fundamental II. Espera-se ao final, elaborar um e-book com contos que abordem a temática e versem sobre o empoderamento feminino.

Referências: ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2010. CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972. COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006. HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2021. 112 p.

O DIÁRIO DE LEITURA E O REGISTRO DA EXPERIÊNCIA COM O TEXTO LITERÁRIO

Luis Fernando Ribeiro Almeida

Resumo: Este trabalho discute as contribuições do uso do diário de leitura para a experiência com o texto literário, precisamente em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental. Entre os objetivos desta incursão, destaca-se discutir as relações entre literatura e sociedade, e seus desdobramentos no contexto escolar; e apresentar os conceitos basilares do diário de leitura. Partindo de uma pesquisa à luz dos estudos sobre as características do texto literário, procedimentos de leitura, relação autor-texto-leitor, entre outras pesquisas do campo do ensino-aprendizagem, foi possível observar que, em contexto escolar, o tratamento dado ao texto literário deve proporcionar, do ponto de vista

prático, uma imersão nas tênues tessituras da malha do texto, caminhando pelas estradas dos não ditos, das ausências, dos eufemismos, enfim, que o leitor seja capaz de ver aquilo que, pela linguagem literária, está para além das ações cotidianas. Como aporte teórico para justificar a relevância da experiência do leitor em face da instância literária, adotou-se os pressupostos da Estética da Recepção, a partir dos estudos de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Para os autores, o texto fornece pistas ao leitor, sugere, dá margens para interpretações diversas, mediante o processo de percepção. Partindo desse pressuposto e buscando responder ao questionamento: Qual estratégia de ensino facilitaria a leitura literária em contexto escolar?, optou-se pelo uso do diário de leitura, baseado nos estudos de Machado (1998) e Cosson (2021). Para os autores citados, o diário é uma forma de interação verbal, onde o aluno registra/expõe suas impressões a respeito do texto lido. Como exemplificação do uso do diário de leitura, elaborou-se, como efeito decorrente das proposições levantadas acerca da importância da leitura literária, uma sequência didática tendo como texto motivador o conto fantástico *Demônios*, do maranhense Aluísio Azevedo (1857-1913).

Referências: AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 154. ARAÚJO, Antônio Martins de. *Chão do tempo: poesia*. 2. ed. São Luís: Editora Instituto Geia, 2005. AZEVEDO, Aluísio. *Contos de Aluísio Azevedo*. Organização de Maria Viana. São Paulo: DCL, 2015. AZEVEDO, Aluísio. *Demônios*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011. AZEVEDO, Aluísio. *Demônios*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Londrina, PR: Livraria Cristã, 2021. BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. 15. ed. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. BRASIL. Ministério da Educação. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação infantil e o Ensino fundamental. Rio de Janeiro: FGV, 2019. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014. CARNEIRO, Moaci Alves. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva*, artigo a artigo. 23. ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000. COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Contexto, 2014. COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: literatura, e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. CORRÊA, Hércules Toledo; MACHADO, Maria Zélia Versiani; *Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético*. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coord). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 107-128. CORREA, Viriato. *Contos do Sertão*. Livraria Garnier, 1919. COSSON, Como criar círculos de leitura na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2021. COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014. COSSON, Rildo. *O espaço da literatura na sala de aula*. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília, 2010. DALBERIO, O; DALBERIO, M. *Metodologia científica: desafios e caminhos*. São Paulo: Paulus, 2009. DALVI, Maria Amélia. *Literatura na escola: propostas didático-metodológicas*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 53. GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1999. JAUSS, Hans Robert. [et al]. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coord e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. JAUSS, Hans Robert. *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*. In: LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 873-919. LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976. LIRA, Bruno Carneiro. *O passo a passo do trabalho científico*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola, 1994. MACHADO, A. R. *O diário de leituras: uma introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo:

Martins Fontes, 1998. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001. MELO NETO, João Cabral de. Poemas. São Paulo: Global, 1994. MOISÉS, Massaud. A criação literária. São Paulo: Cultrix, 2012. MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 2004. MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira. Vol. II: do Realismo à Belle Époque. São Paulo: Cultrix, 2016. PIMENTEL, Carmen. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. In: http://www.omarrare.uerj.br/numero14/pdf/CARMEM_PIMENTEL.pdf. Acesso em 13/07/2021. POMPEIA, Raul. O Ateneu. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. POUND, Ezra. ABC da literatura. Trad. José Paulo Paes e Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2013. REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). Leitura de Literatura na escola. São Paulo, SP: Parábola, 2013. RODRIGUES, Selma Calasans. O Fantástico. São Paulo: Ática, 1988. SILVA, Márcia Cabral da. A leitura literária como experiência. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). Leitura de Literatura na escola. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 53. SILVA, Meire Celedônio da; SOUSA, Ana Paula. Diário de leitura: instrumento didático para formação do aluno leitor. In: Revista Práticas de Linguagem. V. 3, n. 2, jul./dez. 2003. p. 19-29. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/19-%e2%80%9329-Di%C3%A1rio-de-leitura-instrumento-did%C3%A1tico-para-forma%C3%A7%C3%A3o-do-aluno-leitor.pdf>. SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. Trad. Cláudia Schilling. TERRA, Ernani. Leitura do texto literário. São Paulo: Contexto, 2014. TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). Leitura de Literatura na escola. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 142. TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. Trad. Caio Meira. VIVALDI, Moreira. O menino da mata e seu cão piloto. Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1981. ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991. ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e a história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

LITERATURA EM SALA DE AULA – AVALIAÇÃO E COERÊNCIA

Márcia Lopes Duarte

Resumo: A proposta desta comunicação, com base nos estudos de Hoffmann (1991; 2001; 2005), Larrosa (2002) e Perrenoud (1998; 2002) – que fazem uma importante discussão sobre experiência, avaliação e aprendizagem –, é refletir sobre as potencialidades de uma avaliação que leve em conta o processo de leitura dos alunos e alunas nas aulas de Literatura, desde a educação básica até os cursos de formação de professores. Tendo como ponto de partida a perspectiva de que o ensino de literatura tem como principal objetivo a formação humana, conforme Duarte e Vier (2020), as metodologias utilizadas para implementar tal projeto foram sendo reformuladas no sentido de uma maior efetividade, visto que as metodologias tradicionais não comportam este processo formativo. Entretanto, os instrumentos e mecanismos avaliativos ainda têm permanecido no âmbito de uma concepção classificatória e quantitativa, que não consegue aferir realmente os ganhos agregados, em termos de experiência e vivência, por parte dos discentes, no percurso de uma leitura literária. Neste sentido, o questionamento que é necessário realizar, e que constitui o eixo da reflexão aqui empreendida, é: como mobilizar os elementos oriundos de uma proposta metodológica focada na experiência e na vivência literárias a fim de construir um cabedal avaliativo condizente e coerente com tal proposta?

Referências: DUARTE, M. L.; VIER, S. Quando ler é criar: princípios para planejar vivências literárias na escola. Itinerarius Reflectionis, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 01–11, 2020. DOI: 10.5216/rir.v15i4.60179. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/60179>. Acesso em: 5 jan. 2023. HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Editora Mediação, 1991. HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001. HOFFMANN, Jussara. O jogo do contrário em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2005. LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online].

2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. PERRENOUD, Phillipe. Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre, Artmed, 1998. PERRENOUD, P. Escola Reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

INTERTEXTUALIDADE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: AS CHARGES PARÓDICAS DE BELMONTE

Marihá Mickaela Neves Rodrigues Lopes

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar e interpretar três charges do caricaturista brasileiro Benedito Bastos Barreto, mais conhecido como Belmonte, bem como contrastá-las com a literatura. Para tanto, investiga o diálogo intertextual, presente nas charges do paulista Belmonte, e versa sobre a contribuição da literatura para compreensão da visão do chargista no período da Segunda Guerra Mundial. Ademais, será discutida a síntese feita, a partir da charge e da retomada de histórias que ocupam o imaginário da sociedade, deste evento da "era dos extremos", como postula Hobsbawm. Belmonte, com suas charges irreverentes, relê os clássicos da literatura, as fábulas bem como os mitos bíblicos e gregos, com intuito de rir e criticar os regimes totalitários e o absurdo da guerra. Sob essa perspectiva, retrata, de maneira jocosa, não só dos ditadores do período, mas também as contradições dos governantes da época. Nossas reflexões sobre o período estarão ancoradas em teóricos que discutem a Segunda Guerra, como Hobsbawm e Kershaw. Ademais, no que tange à alegoria, buscaremos os estudos de Hansen, Ceia e Melo, entre outros estudiosos que versam sobre a intertextualidade e a paródia. Já no que diz respeito ao totalitarismo, teremos por base as pesquisas de Hannah Arendt e Umberto Eco.

Referências: ARENDT, H. As origens do totalitarismo. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Cia das Letras, São Paulo, 2011. BELMONTE. Caricaturas dos tempos. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1982. CEIA, C. Sobre o conceito de alegoria. MATRAGA, nº 10, agosto de 1998. ECO, Umberto. O Fascismo Eterno In: Cinco Escritos Morais, Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2002. HANSEN, J. A. Alegoria, Construção e Interpretação da Metáfora. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006 HOBBSAWN, E. A era dos extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. KERSHAW, I. Hitler: Um perfil de poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. MELO, Lucas Gilnei Pereira de. Medeia: alegorias da resistência em Antônio José da Silva e Pier Paolo Pasolini. 2020. 130 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

AUTOBIOGEOGRAFIAS DE UM HOMEM NEGRO NO MUNDO ACADÊMICO: ENTRELAÇANDO "ESCREVIVÊNCIAS"

Michel Soares do Carmo

Resumo: Nesta apresentação, pretendo refletir como minhas experiências em relação às mulheres negras em/da minha vida (mãe, avó etc.) podem ser associadas e analisadas por uma lente diferente ao ter em mente narrativas e estudos de, por e para mulheres negras. Para isso, serão utilizados conceitos e aspectos da obra de Conceição Evaristo, Grada Kilomba, bell hooks e Ida B. Wells. As peças narrativas que escolhi foram 2 poemas de mulheres afro-brasileiras, Cristiane Sobral e Conceição Evaristo, que trazem temas como hierarquia familiar, pobreza/escassez e silêncio/silenciamento. Minha intenção é articular os temas contidos nestes poemas com experiências comuns de mulheres negras no Brasil nos anos 90/2000 e minhas experiências pessoais com mulheres negras ao longo da minha vida nesses mesmos anos. Este trabalho é fruto de profundas reflexões pessoais e mudanças significativas de perspectiva ao longo de dois cursos feitos por mim durante o semestre de 2022, os quais centravam-se um em narrativas de escritoras negras dos EUA e outro em narrativas curtas de escritoras do mundo lusófono. Estes cursos possibilitaram um processo mais intenso de "autorrecentramento", ou pivoting, de acordo com o que Elsa Barkley Brown nomeia "A framework for conceptualizing and teaching African-American women's history", de onde retirei o conceito.

Referências: Brown, Elsa Barkley. African-American women's quilting: A framework for conceptualizing and teaching African-American women's history. Signs: Journal of Women in Culture and Society. 1969, vol. 14, no. 4. Cole, Ardra L. and J. Gary Knowles. Lives in Context: The Art of Life

History Research. Altamira Press, 2001. Evaristo, Conceição. Vozes-Mulheres. In: Poemas de recordação e outros movimentos, 3.ed., p. 24-25. Hurston, Zora Neale. "How It Feels to Be Colored Me". Gates, Henry Louis. Bearing Witness: Selections from African-American Autobiography in the Twentieth Century. First edition., Pantheon Books, 1991. Sobral, Cristiane. Não vou mais lavar os pratos. Cadernos negros 23: poemas afro-brasileiros, 2000. Williams, Fannie Barrier. "A Northern Negro's Autobiography". Gates, Henry Louis. Bearing Witness: Selections from African-American Autobiography in the Twentieth Century. First edition., Pantheon Books, 1991. Schmidt, Simone. "Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africanas e brasileira." Anuário de Literatura, vol. 18, 2013, doi:10.5007/2175-7917.2013v18nesp1p99.

CERIMÔNIAS DO SERTÃO, DE RICARDO GUILHERME DICKE.

Mônica Aparecida Teixeira Da Fonseca

Resumo: Este trabalho analisa a fragmentação dos pensamentos e condutas do personagem Frutuoso Celidônio, do romance Cerimônias do Sertão, de Ricardo Gilherme Dicke (2011). Estabelece o tempo pós-moderno na narrativa como elemento catalizador das falências comportamentais do homem e elucida as características e rupturas que a sociedade pós-moderna provoca no sujeito. Como aporte teórico, utiliza-se das contribuições de Antônio Candido discorrendo acerca do personagem (1974), recorre a Bauman (2005) para compreender as angústias do personagem no mundo pós-moderno e, em Hall (2006) norteamentos no que referem à construção da identidade na pós-modernidade ou modernidade tardia. É inegável que a sociedade pós-moderna causou certas fissuras nos processos de identificação cultural, social, mental e psicológico do sujeito, o que implica dizer que essas transformações afetam o modo como nós nos enxergamos e olhamos para o outro, bem como nos comportamos. O trabalho permite, também, associar o comportamento do sujeito às mudanças da sociedade contemporânea. O escritor traz em seu romance matizes de uma sociedade que se encontra em angústia diante da fragmentação do tempo e das dificuldades de romper os padrões de consumo estabelecidos pela sociedade contemporânea. Submerso nesse cenário, o personagem não se sente como parte do meio e busca nas artes momentos de quietação e meditação, um fôlego diante do turbilhão de pensamentos e ebulição de ideias. Outro aspecto importante na concepção e entendimento da identidade é o avanço da globalização que acontece cada vez mais acelerado, e fragiliza o sujeito no processo de (re) significação do Eu. A sociedade contemporânea (re) criou um indivíduo que possui diversas identidades que são construídas, desconstruídas e reinventadas nas relações com o outro.

Referências: BAUMAN, Zygmunt. Identidade: uma entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005. CÂNDIDO, Antônio. A personagem de ficção. 4ª ed. - São Paulo, : Perspectiva, 1974. DICKE, Ricardo Guilherme. Cerimônias do Sertão. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2011. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopez Louro – 11ª ed, Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

CRIAÇÃO LITERÁRIA DE DOCENTES EM FORMAÇÃO NUMA DIMENSÃO PERFORMÁTICA

Nazarete Andrade Mariano

Resumo: Este estudo, Criação literária de docentes em formação numa dimensão performática, faz parte de discussão, em andamento, de uma tese de doutoramento pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Tem por finalidade refletir práticas de escritas, de docentes em formação, desenvolvidas pelo Programa de Extensão Lugar de criação do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE Campus Petrolina, considerando a dimensão performativa nos processos de criação e de professoralização dos graduandos de Letras. São situações de criação que emergem das rasuras do criativo, do não dito antecipadamente. O movimento de textos que se lançam na atemporalidade própria da literatura, pois a criação no presente poderá ser acessada, pensada e entendida em outro lugar, em tempos distintos. Quem acessa esses textos, a exemplo dos livros Lugar de Criação, Escritas Identitárias e Valsas das Palavras, também se inscreve nesse movimento do ir e vir da temporalidade em um tempo para além do agora. Tudo isso está dentro de uma dimensão perceptível, que é a dimensão performática. Derrida (1976[2021]) nos apresenta o

performativo na perspectiva da otobiografia: a escuta de vivências presentes em textos escritos, que é uma das assinaturas da performatividade na literatura. São atos de criar, Deleuze (1987[1999]) que estão nas vivências das pessoas, nas narrativas que saem do imaginário e ganham as folhas dos livros impressos e/ou digitais. Esse processo é um ponto de partida para a professoralidade Pereira (2016). É um aspecto de transformação que leva a pensar a professoralização atravessada pela criação de escritas literárias; pela performatividade e pela subjetividade. Essas dimensões comungam em um ponto de transformação: a formação docente, Kleiman (2001). Docentes que podem concluir o curso de Letras também como escreventes de suas narrativas com traços autobiográficos. Por isso, a importância de investigar práticas de escritas na formação docente.

Referências: BARTHES, Roland, Aula: pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Editora Perspectiva. CASTRO, Vitor et al. (2022). Valsar das Palavras. Petrolina/PE: Oxente. COELHO, Lucas Rodrigues et al, (2022). Escritas Identitárias. Petrolina/PE: Oxente DERRIDA, Jacques, (1992[2014]). Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG. _____, (1976[2021]). Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio. Trad. Guilherme Cadaval; Arthur Leão Roder Rafael; Haddock-Lobo. Rio de Janeiro: Zazie Edições. DELEUZE, Gilles, (1987[1999]). O ato de criação. Tradução de José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, v. 27, n. 06, São Paulo. FOUCAULT, Michel, (1979[2009]). O que é autor? Lisboa: Vega. _____, (1982-1983[2010]). Aula de 5 de janeiro de 1983 - primeira hora, in: Governo de si e dos outros, Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 03-23. GALLO, Sílvia, (2011). O PROFESSOR-ARTISTA: educação de si e revolução molecular, in: (Org.) SANTOS, Cosme B. GARCÍA, P. Cesar, SEIDEL, Roberto, Crítica Cultural e Educação Básica: Diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 15-27. HOOKS, bell, (2013[2017]). Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla – 2ª. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. KLEIMAN, B. Angela, (2009[2001]). A Formação do Professor: Perspectivas da Linguística Aplicada. Campinas, SP. MARIANO, Nazarete A. et al. (2020). Lugar de Criação em versos e prosa. Petrolina-PE: Oxente. PEREIRA, Marcos Villela, (2016). Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: UFSM.

LEITURA DE LITERATURA: A INTERTEXTUALIDADE NOS CONTOS “AMOR”, “MARIA” E “RÉPLICA”

Paulo Henrique Pressotto

Resumo: Propomos, nesta comunicação, aproximar três contos - dois da literatura brasileira e um da literatura nigeriana – por meio de uma análise comparativa, destacando e interpretando passagens em que a intertextualidade se apresenta, abordando temas convergentes nos textos, a fim de contribuir com o conhecimento do professor/mediador e com a sensibilização do aluno na escola (especialmente no Ensino médio) para os fatos da vida, desenvolvendo seu senso crítico e sua empatia. Os contos que pretendemos analisar são: “Amor” de Clarice Lispector, “Maria” de Conceição Evaristo e “Réplica” de Chimamanda Ngozi Adichie. Posto isso, elencamos os seguintes objetivos: trazer conceitos sobre a leitura de literatura na escola (FREIRE, 1990, PETIT, 2008; COMPAGNON, 2009; COSSON, 2012); aproximar as três histórias, explorando o que elas trazem de convergências e divergências no âmbito temático e estético; destacar o protagonismo dos sujeitos (mulher branca - classe média e mulheres negras) nos enredos, compreendendo suas relações com os homens e a sociedade, com o espaço/localização/ambiente e com o contexto (LORDE, 2019, ANZALDÚA, 1980; LUGONES, 2020); revelar como o aprofundamento da interpretação atinge o ideológico presente em cada narrativa, tocando de maneira crítica e reflexiva o leitor; apresentar um caminho possível de interpretação dos textos ao professor por meio do método comparativo, ampliando por extensão o conhecimento do discente. Com relação ao método, serão apresentados primeiramente conceitos sobre a leitura de literatura; em seguida serão abordadas passagens dos contos - em que a intertextualidade (SAMOYAU, 2008; KOCH, 2008) surge, dando destaque às mulheres e ao contexto sociocultural em que vivem. Com isso, intencionamos apresentar uma possibilidade de interpretação da literatura que atenda aos anseios dos alunos e do professor,

ampliando o horizonte de expectativa de cada leitor, além de evidenciar a autoria feminina e uma reflexão sobre a mulher e a sociedade presentes em cada conto.

Referências: ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo." In: Estudos Feministas, ano 8, 2000. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. "Réplica". In: No seu pescoço. Companhia das Letras, 2017. CARVALHAL, Tânia. O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2012. EVARISTO, Conceição. "Maria". In: Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma crítica feminista. Porto Alegre: Zouk, 2020. FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989. KOCH, Ingedore G. Villaça et al. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2008. LISPECTOR, Clarice. "Amor". In: Laços de família. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. LUGONES, María. "Colonialidade e gênero". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008. SAMOYAUULT, Tiphaine. A intertextualidade. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

TERRITÓRIO DO VAZIO UMA LEITURA DO SONETO : "O CÉU, A TERRA, O VENTO SOSSEGADO" DE LUÍZ DE CAMÕES

Petrônio Matias dos Santos

Resumo: O objetivo dessa comunicação é analisar o poema camoniano sob a luz da crítica sociológica ou marxista ou dialética. Para tanto, concluímos que é impossível compreender o movimento "intelectual" de uma civilização sem compreender também o seu movimento "material". Tal premissa poderá parecer, a um analista de viés estruturalista, esquemática, pouco rigorosa. Porém, por mais complexas que sejam as relações entre K. Marx denomina "Superestrutura" e "Infraestrutura", não podemos simplesmente esquecê-las em favor de uma análise que privilegia a parcialidade, perdendo de vista a globalidade. Este soneto de Luís de Camões é o exemplo concreto e cabal disto. Se ele for visto pelo simples viés da análise pautada pela textualidade como imanência absoluta, ele não passará de um brilhante e altamente elaborado jogo de palavras que fascina pelo virtuosismo da linguagem e pela habilidade da construção de um texto equilibrado e perfeito num "espaço poético" altamente condensado (a forma fixa petrarquista). Porém, se sobre ele lançarmos um olhar que alcança para além de tal perspectiva, e busca no texto o que o texto em si não traz marcado, mas que foi indispensável para a sua gestação, aí então o texto poético atinge uma dimensão muito mais ampla, complexa e reveladora de determinados conflitos humanos pertinentes a determinado momento cultural ou até mesmo pertinente a todo fluir histórico. Tal dimensão inaudita, inefável, trans textual poderia ser expressa aproximativamente pela ideia (imperfeita) hegeliana de geistesgeschichte ...

Referências: _____. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. 3 ed. revista, SP. Editora Nacional, 1973, p.04. EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura – Uma introdução. Martins Editora. 1996. JAMESON, Fredric. O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. Valter Lelis Siqueira. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1992. SILVA, Marisa C. "Crítica Sociológica" In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lucia Osana. Teoria Literária – abordagens históricas e tendências contemporâneas. EUEM, Maringá, 2009.

LITERATURA E SIMBOLIZAÇÃO: A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA COMO EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

Raquel Lima Silva Costa

Resumo: No que diz respeito à leitura literária na escola (e aqui pensando tanto o docente que solicita a leitura quanto o estudante que se dispõe a ler), preocupamo-nos mais com a tipologia dos personagens, identificação do foco narrativo, vinculação do texto a movimentos literários, ou nos permitimos apreender os sentidos atrelados às situações vividas pelos personagens, ao modo como o narrador dá à luz as cenas e ao que (re)construímos em nós mesmos a partir da leitura? Trata-se, em meu entender, de paradigmas que, respectivamente: a) ou situam a leitura literária como algo

da ordem dos automatismos, em que se identifica no texto pontos previamente apontados por outro leitor, excluindo-se, assim, uma apreensão subjetiva da leitura (em geral feita às pressas e para se cumprir algum tipo de meta); ou, na contramão, b) possibilitam a “construção de si mesmo” (PETIT, 2013), levando o leitor a interpretações de si, dos que o rodeia e do mundo em que habita. Por defender esse último paradigma, em que a leitura literária se nos apresenta, à luz de Bondía (2002), como experiência, proponho, com esta comunicação, tanto refletir acerca de processos de dessimbolização que, no entender de Birman (2020 [2012]), assolam as subjetividades contemporâneas, como ponderar em que medida a Literatura pode tratar-se de via possível para processos de simbolização e constituição subjetiva. Acredito que essa compreensão da leitura literária como algo da ordem subjetiva e singular possa ressignificar as práticas de leitura em sala de aula, bem como contribuir para o que Candido (2011 [1988]) compreende como sendo o princípio humanizador da Literatura.

Referências: BIRMAN, Joel. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020 [2012]. BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Gerald. Revista Brasileira de Educação. n.19, jan./abr., 2002, p. 20-28. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011 [1988]. PETIT, Michèle. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

ARTE E(M) MOVIMENTO COMO INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA

Sabrina Vier

Resumo: Caetano Veloso, na canção Língua, pergunta “O que quer, o que pode esta língua?”. Parafraseando o cancionista, perguntamos: o que quer, o que pode um professor e uma professora de língua? O verbo “querer” é um convite para pensar a intencionalidade pedagógica: qual a intencionalidade pedagógica do que se quer em sala de aula? O verbo “poder”, a ação pedagógica: qual a ação pedagógica que se pode planejar quando se objetiva uma determinada intencionalidade pedagógica? Nesta comunicação, problematizamos o que se quer e o que se pode quando arte e(m) movimento comparecem como intencionalidade pedagógica por meio do texto literário no ensino de língua. Teixeira (2006, p. 121) afirma que “é na arte que os acidentes ilegítimos e perturbadores da racionalidade científica encontram uma forma de representação, porque na arte, como no inconsciente, há um saber fundamental e primitivo que falta à ciência”. Em diálogo com Berardi (2020, p. 118), acreditamos que o ensino da língua, quando arte e(m) movimento, excede o caráter comunicacional da linguagem, pois cria novas rotas de significação, reativando o elo entre sensibilidade e tempo, “já que sensibilidade é o que possibilita a singularidade da enunciação e a singularidade da compreensão de um enunciado não codificado”. Uma sala de aula cuja intencionalidade pedagógica seja atravessada pela arte e(m) movimento possibilita aos alunos e alunas vivências de sensibilidade e tempo, sensibilidade para estranhar(-se) e tempo para (re)conhecer(-se). Entre estranhar(-se) e (re)conhecer(-se) está a proposta de um ensino de língua que encontra no texto literário possibilidade de construção de subjetividades.

Referências: BERARDI, Franco. Asfixia. Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. São Paulo: Ubu, 2020. BENVENISTE, Émile. Baudelaire. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: LambertLucas, 2011. TEIXEIRA, Marlene. Transgressão dos sujeitos em canções de Chico Buarque. In: DE CARLI, A. M. S.; RAMOS, F. B. (orgs.). Palavra-Prima: as faces de Chico Buarque. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 114-127.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: CONTEXTO BIOGRÁFICO DE ATRAVESSAMENTO NAS TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE EGRESSOS DO CETEP/LNAB

Tânia Pinto Dos Santos Souza

Resumo: A vida é narrativa e nela construímos nossa história por meio da memória, com efeito, tudo que vivemos está envolto de memórias. Todo sujeito se constrói no mundo por meio da memória e de forma coletiva, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros,

mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (Halbwachs, 1990, p.26). Nessa perspectiva, a memória precisa de uma comunidade afetiva cuja estruturação se dá pelo convívio social que cada sujeito estabelece com outras pessoas ou grupos sociais, assim, a memória de cada indivíduo é firmada na memória das comunidades nas quais esses sujeitos estiveram imbricados. Não se pode negar que a escola é um lugar de grandes memórias. Pensando nesse viés, o presente texto propõe uma reflexão referente às narrativas da importância da literatura no desenvolvimento de projetos de iniciação científica, bem como a representação que têm esses projetos como contexto biográfico que atravessam as trajetórias de vida de estudantes egressos do centro territorial de educação profissional do litoral norte e agreste baiano- cetep/lnab, situado no município de Alagoinhas-Ba. Para escrita e análise das narrativas, buscamos dialogar com Candau (2012), Cruz (2012), Delory-Momberger (2008), Pereira (2016), Halbwachs (1990), entre outros. Ao analisar os fragmentos textuais selecionados para o texto, é notória a importância do desenvolvimento dos projetos em suas vidas, visto que cada estudante se inscreve como autor e participante de memórias coletivas; em suas narrativas, revelam suas histórias e identidades. “A memória é, de fato, uma força de identidade” (Candau, 2012, p.17).

Referências: CANDAU, Joel. Memória e Identidade. Ed. Contexto. São Paulo. 2012. CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Leitura Literária na Escola: desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: EDUNEB, 2012. 228 p. DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo - projeto. Trad. de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Editora Revista dos Tribunais Ltda. São Paulo. 1990. PEREIRA, Aurea da S. As cartas como dispositivo biográfico: saberes e aprendizagens de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; DEMARTINE, Zeila de B. F.; GONÇALVES, Marlene(Orgs.). Gênero, diversidade e resistência: escritas de si e experiências de empoderamento. 1.ed. Curitiba, PR:CRV, 2016. p. 103-119.

POR QUE VOCÊS EXCLUEM QUEM CHAMAM DE “ESPECIAL”: PESSOA COM DEFICIÊNCIA E LITERATURA.

Tiago Correia De Jesus

Resumo: Em 2015, o jovem escritor, ator, diretor e roteirista americano Ryan O’Connell, publicou a autobiografia “I’m Special: And Other Lies We Tell Ourselves”, (Especial - E outras mentiras que a gente conta sobre si mesmo), e que posteriormente, tornou-se uma série na provedora Netflix, cujo nome foi sintetizado de “Special”. O termo “Especial” é utilizado há décadas em diversas sociedades para classificar e distinguir as pessoas com deficiência, independente qual ela seja. No entanto, a terminologia produz como seu principal efeito a diferenciação normativa entre os corpos, bem como a sua exclusão no meio social. Assim, as camadas subjetivas das pessoas com deficiência são aniquiladas por uma cultura estruturalizada para apagar o protagonismo desses corpos numa sociedade capitalista-capacitista. Diante disso, a partir da obra de O’Connell, busco entender como a sua literatura pode promover uma rasura e questionar as concepções excludentes criadas sobre as pessoas com deficiência, bem como promover a partir de sua narrativa um efeito revés, uma vez que o sujeito da enunciação é a voz subalternizada, silenciada e excluída. Para isso, a discussão pauta-se nas reflexões teóricas do campo dos estudos sobre deficiência (DINIZ, 2007; FIGUEIRA, 2021), capacitismo (DI MARCO, 2021; LORETO, 2021) e a escrita de si (FOUCAULT, 2014).

Referências: BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Pedagogia da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. _____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. _____. “Corpos que ainda importam”. In: Dissidências sexuais e de gênero. Organização de Leandro Colling. Salvador: EDUFBA, 2016. DINIZ, Débora. “Modelo social da deficiência: a crítica feminista”. Série Anis, n. 28, p. 1-8, julho, 2003. DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. _____. A história da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. "A escrita de si". In: Ditos e escritos V – Ética, sexualidade, política. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta; tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 144-162. MELLO, Anahí Guedes. Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. Dissertação (mestrado) em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2014. O'CONNELL, Ryan. E

SIMPÓSIO "CRIAÇÃO LITERÁRIA/CRIAÇÃO DE MUNDOS - A PEDAGOGIA DA FICÇÃO"

Alexandre Graça Faria (UFJF), André Luiz de Freitas Dias (PUC-Rio) e Tatiana Franca Rodrigues Zanirato (UFJ)

FICÇÃO E RE-EXISTÊNCIA : A PARTILHA DA RAZÃO SENSÍVEL

Alexandre Graça Faria

Resumo: A comunicação parte de um projeto de pesquisa com o qual pretendo recolocar a compreensão do ensino e da pesquisa na área dos Estudos Literários para além da ampliação da área pela formação de escritores. Não se trata apenas da possibilidade da pesquisa estética em Letras, onde prevalece a perspectiva linguístico-estrutural ou sócio-antropológica, mas da evidência de que a ficção e a poesia podem comparecer como potente produtor de conhecimento em qualquer área do saber humano. O texto ficcional é uma inegável tecnologia de humanização que opera não só como resistência ao esoterismo da produção científica e acadêmica mas também como compromisso (FREIRE, 2013) com a disseminação de uma sensibilidade pública que pode ser (por que não?) oriunda da pesquisa acadêmica. Há que se marcar que resistência é um termo que sistematicamente vem sendo recomposto nos movimentos sociais, por homofonia, como re-existência. Essa é a atitude mais do que necessária para os tempos de embrutecimento e da evidência de que, diante de terraplanistas, o discurso científico não consegue ser refratário à indevida relativização ideológica e política. Para avaliar tal hipótese, essa comunicação se debruçará sobre o livro *Mosaico: vidas em reinvenção* (2019), oriundo da tese de doutoramento da médica Roberta Tanabe, *Corpos híbridos - a tecnologia incorporada na vida: explorando as relações de cuidado de crianças com condições crônicas complexas em Terapia Intensiva* (2020), na qual a médica e pesquisadora investiga o "cuidado mediado pela tecnologia a partir da atuação clínica como médica dedicada à Terapia Intensiva Pediátrica", na qual recorre à escrita ficcional como elemento de rearticulação de "atividades que foram paulatinamente cindidas no processo de formação profissional na biomedicina: o saber (ligado à racionalidade científica) e o sentir (ligado às emoções, à experiência individual)".

Referências: Freire, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 2013. GALLE, H. P. E.; PEREZ, J. P. (EDS.). Ficcionalidade: uma prática cultural e seus contextos. [s.l.] Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, 2010. HAN, Byung-Chul. A agonia de Eros. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Ênio Paulo Giachini, 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. HOUDART-MEROT, V. La création littéraire à l'université. Saint-Denis: Presses universitaires de Vincennes, 2018. p. 156 SKRZYPNIAK, H. La responsabilité civile de l'écrivain. Revue Droit & Littérature, v. 1, n. 1, p. 29–43, 2017. MAFFESOLI, Michel. O elogio da razão sensível. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998. RANCIÈRE, Jacques. "O Dissenso" in: NOVAES, Adauto [org]. A Crise da Razão. São Paulo: Cia das Letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996. pp. 367-382 _____. A partilha do sensível - Estética e Política. São Paulo: Editora 34, 2020. TANABE, Roberta Falcão. Corpos híbridos - a tecnologia incorporada na vida: explorando as relações de cuidado de crianças com condições crônicas complexas em Terapia Intensiva. 2020. 258f. Tese, (doutorado)-Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. _____. Mosaico - vidas em reinvenção. Rio de Janeiro: TextoTerritório, 2019.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DAS OFICINAS DE ESCRITA CRIATIVA ATRAVÉS DO ROMANCE “O PRINCÍPIO DE VER HISTÓRIAS EM TODO LUGAR”

André Luís Souza Salviano

Resumo: A criação literária, que em algumas épocas era tida como uma vocação quase divina, e que só poderia ser levada adiante por alguns poucos escolhidos, vem sendo desmistificada e sistematizada com maior fôlego e material desde o século XIX. Em *O princípio de ver histórias em todo lugar*, publicado em 2015, Leonardo Villa-Forte usa a ficção para discorrer sobre o papel da prática das oficinas de escrita criativa e questões inerentes a ela tais como: o que pode ou não ser considerado literatura e a importância do talento. A partir da leitura tem-se como provocação algumas indagações: Qual a importância da escrita criativa? É possível ensinar a alguém escrever ficção? As oficinas de escrita criativa não poderiam, através de suas práticas, em vez de escritores formar melhores leitores? São algumas questões que a comunicação trará para o debate. Para discuti-las conto com a contribuição de estudos feitos por Luiz Antonio de Assis Brasil, Paul Dawson, Amílcar Bettega, Stephen Koch, Nelson de Oliveira e Raimundo Carrero. Serão discutidos também, a partir dos teóricos citados, o papel da escrita criativa no âmbito das universidades e de como elas podem contribuir para a melhora do ensino de literatura nos diversos níveis de aprendizagem, incluindo o fundamental e o médio.

Referências: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. (2016). A escrita criativa e a universidade. *Letras de Hoje*, 50(5), s105-s109. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Oficinas Literárias*. 2015. Disponível em: <<http://www.laab.com.br/oficina.html>> Acesso em: 06 jan. 2023 BETTEGA BARBOSA, Amílcar. *Da leitura à escrita: a construção de um texto, a formação de um escritor*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUC-RS. Porto Alegre, 2012. CARRERO, Raimundo. *Segredos da ficção: um guia da arte de escrever narrativas*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. DAWSON, P. *Creative Writing and the New Humanities*. New York: Routledge, 2005. Livro Eletrônico. KOCH, Stepehn. *Oficina de Escritores: um manual para arte da ficção*. Tradução de Marcelo Dias Almada. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. OLIVEIRA, Nelson de. *A oficina do escritor: sobre ler, escrever e publicar*. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2008. VILLA-FORTE, Leonardo. *O princípio de ver histórias em todo lugar*. Rio de Janeiro: Oito e meio, 2015.

ESCRITA CRIATIVA E PRÁTICA CIDADÃ: CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA DOCENTE

Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin e Anelise de Freitas

Resumo: O trabalho que aqui se apresenta é fruto do diálogo das autoras e de suas respectivas experiências com o ensino de escrita criativa, considerando as possibilidades de desenvolvimento de uma perspectiva crítica frente à consolidação de preconceitos arraigados na sociedade e aos desafios impostos pela contemporaneidade, a exemplo da massiva disseminação de fake news e suas consequências éticas, políticas e discursivas. Tendo isto em vista, foram postas em interlocução duas experiências didáticas específicas: o ensino de “Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas” para alunos do Ensino Médio de um Instituto Federal e a elaboração de uma oficina sobre a relação entre literaturas e “drogas”, destinada a graduandos e ao público em geral. No primeiro caso, a prática docente atestou a necessidade de trabalhar com os estudantes a relação travada com as informações repassadas por vídeos, imagens e textos escritos - muitas vezes curtos, sem fontes, promovendo discursos de ódio e desinformando, através da manipulação de informações. No segundo, o processo de elaboração da oficina, em vias de ser ministrada, busca levantar aspectos que contestem o discurso da guerra às drogas, a partir da literatura - oferecendo distinta perspectiva sobre a alteração de consciência. Considerando este cenário, didático mas, sobretudo, político, nos propomos a discutir como a escrita criativa se coloca como uma poderosa ferramenta não apenas para desmobilizar estes discursos, como também para criar novas realidades, práticas cidadãs e futuros alternativos, que não o desenhado pelas políticas de alienação e genocídio.

Referências: BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, [2008]. Disponível em: https://ifmt.edu.br/media/filer_public/cb/29/cb29ba8a-b6cf-463b-9fce-0ed2554a42ed/lei_criacao_institutos_federais_lei_11892-1.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. 2008. Oniska – A poética da morte e do mundo entre os Marubos da Amazônia ocidental. Tese (Doutorado em Antropologia social) –, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 469 f.

CAMPOS, P. M. Experiência com LSD. In: _____. Trinca de Copas. Rio de Janeiro: Achiamé, [1965] 1984.

GERALDI, J.W. (org.). O Texto na sala de aula: leitura e produção. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985.

IFMT. Estatuto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Disponível em: https://ifmt.edu.br/media/filer_public/79/cc/79cc5346-3452-4c63-a973-c04ca5208b38/06_-_estatuto.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

IFMT. Regimento Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Disponível em: https://ifmt.edu.br/media/filer_public/2a/1d/2a1d6998-63d7-426d-b096-9ead151f0459/regimento_2022_final_dupla_v01_2.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

IFMT. Regulamento Didático do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Disponível em: https://ifmt.edu.br/media/filer_public/95/16/9516283c-91af-4108-8285-08a984450e6f/resolucao_no_081_-_26112020_-_aprovar_o_regulamento_didatico.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

RESENDE, Beatriz. Cocaína, literatura e outros companheiros de ilusão. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2006.

WILLER, Claudio. A criação poética e algumas drogas. In: ALMEIDA, F. Ásperos perfumes. Goiânia: Edições Ricochete, 2015.

LITERATURA EXPANDIDA: POSSIBILIDADES NOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

Genilson Conceição da Silva e Luciano Penelu Bitencurt Pacheco

Resumo: Geralmente, na educação formal, a literatura é direcionada para propósitos relacionados a processos seletivos e vestibulares. Tanto a forma como o conteúdo do ensino da literatura, ficam limitados a normas que limitam as possibilidades de invenção-criação, tornando o convívio do estudante com o tema, algo superficial e por vezes burocrático. A comunicação ora apresentada visa demonstrar a metodologia e os resultados do uso expandido da literatura, bem como experimentos com a literatura do absurdo com alunos do ensino médio. Habitar a linguagem, através de percepções inventivas, tanto em seus morfemas quanto em seus sintagmas, pode contribuir para uma vivência mais criativa com a linguagem. A proposta dessa comunicação é apresentar duas experiências, ocorridas no ano de 2022, no contexto da sala de aula do ensino médio, são elas: o uso expandido do conto "o velho homem na ponte" de Ernest Hemingway e também a utilização do fluxo de consciência e da literatura do absurdo, enquanto abordagem criativa, voltada para a publicação, em formato de e-book, do livro "Doses poéticas do absurdo", que encontra-se disponível na Amazon. As experiências citadas ocorreram respectivamente no Colégio Helyos, na cidade de Feira de Santana e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Paulo Afonso, ambas instituições localizam-se no estado da Bahia.

Referências: BRETON, André, Manifesto Surrealista. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

CAMPOS, Augusto; DÉCIO, Pignatari, CAMPOS, Haroldo, Teoria da Poesia Concreta. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

CARVALHO, Campos, Obra Reunida. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.

CAMPOS, Augusto; DÉCIO, Pignatari, CAMPOS, Haroldo, Marllarmé. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LISPECTOR, Clarice, Água Viva. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SARTRE, Jean-Paul, O imaginário. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

OLIVIERI, Alberto Freire de Carvalho, O Conhecimento Vago: a Poética dos modelos. Salvador: JM, 2016.

EM TUDO É O MESMO SUOR: OFICINA, POESIA E TRABALHO EM PRODUÇÕES BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Julya Tavares Reis

Resumo: Em “2020: a escrita coletiva como nosso horizonte político”, texto publicado na revista Pessoa, o poeta carioca Rafael Zacca se pergunta: “que podem os trabalhadores e as trabalhadoras da escrita diante da máquina de guerra que se apoderou do Estado brasileiro nos últimos anos? Certamente, mais do que dar forma poética e expressão à sua indignação singular” (ZACCA, 2020a). Em outro texto, publicado no mesmo veículo também em 2020, o poeta lista “dez exigências para o reconhecimento da escrita como trabalho”, entre elas a “regulamentação da remuneração do trabalho em arte” e a “formalização de cursos de graduação e pós-graduação voltados para a formação de escritores e escritoras nas universidades públicas (...)” (ZACCA, 2020b). Nesses textos, Zacca tanto nos convoca a refletir sobre o papel das oficinas literárias no contemporâneo quanto apresenta uma insistência em qualificar a escrita como trabalho que parece agir na contramão de uma noção tradicional de trabalho poético. Nesta comunicação, discutiremos brevemente o papel das oficinas sob duas lentes. A partir da leitura de poemas que dão notícias de uma preocupação com o universo das ocupações laborais e da atuação de alguns poetas que são oficineiros, procuraremos pensar de que formas as oficinas tensionam as diferenças entre o mundo do trabalho e o da produção artística. Já a partir da leitura de poemas nos quais se possam reconhecer rastros das experiências em oficina, investigaremos as possibilidades de requalificação da noção de trabalho poético, tradicionalmente entendido como “a exploração dos poderes de uma linguagem desviada do seu uso comunicacional” (RANCIÈRE, 2005, p. 38), e de que maneiras, através das oficinas, requalificar essa noção significa aproximar a atividade literária da educação.

Referências: ALMEIDA, Túlio D’el-Rey. Oficinas literárias e o ofício do escritor contemporâneo no Brasil. XXIV Seminários de Teses em Andamento, Campinas, v. 9 (2019), p. 219-217. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/6387>. Acesso em: 13 de setembro de 2022. ANDRADE et al. Indicionário do contemporâneo. Celia Pedrosa, Diana Klinger, Jorge Wolff, Mario Cámara (Orgs.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. ASSIS, Ana Carolina et al. O preço das coisas. S./l.: s./e. 2017. ASSIS, Ana Carolina. A primavera das pragas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019. BRASIL, Luiz Antonio de Assis. A escrita criativa e a universidade. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s105-s109, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.s.23146>. Acesso em: 13 de setembro de 2022. BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Sérgio Paulo Rouanet (Trad.). 8ª Ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 129-146. COELHO, E. Coletivos: poesia e endividamento. Cadernos de letras da UFF, v. 31, n. 61, p. 120-136, 15 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/cadlettrasuff.v31i61.45507>. Acesso em 13 de setembro de 2022. LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. Sopro 20: panfleto político-cultural. Desterro, janeiro de 2010. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>. Acesso em: 13 de setembro de 2022. MATOS, Lucas. Três semblantes – ou no meio da piada você percebe/ ninguém vai achar graça ou para cada sentença clara há um engano. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. MENDER, Pierre-Michel. Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo. Vera Borges, Danielle Place, Isabel Gomes (Trad.). Lisboa: Roma, 2005. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Mônica Costa Neto (Trad.). São Paulo: Editora 34, 2005. TEIXEIRA, Mila. A proclamação da vulgaridade ou quantos furos uma calcinha pode ter?. São Paulo: Urutau, 2021. ZACCA, Rafael. O menor amor do mundo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020. ZACCA, Rafael. 2020: A escrita coletiva como nosso horizonte político. Pessoa, 1 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.revistapessoa.com/artigo/3031/2020-a-escrita-coletiva-como-nosso-horizonte-politico?fbclid=IwAR2NK5iBQHQUHmHSbUKcKdz4zGYDG7cYjXncCiUpb79VhgV959JbwXT1Pc>. Acesso em: 13 de setembro de 2022. ZACCA, Rafael. Dez exigências para o reconhecimento da escrita como trabalho. Pessoa, 6 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.revistapessoa.com/artigo/3134/dez-exigencias-para-o-reconhecimento-da-escrita-como-trabalho>. Acesso em: 13 de setembro de 2022. ZACCA, Rafael. Pega-pegas. S./l.: s./e. 2022.

MANOBRAS DO CÂNONE TRADUTÓRIO

Livia Fernanda De Paula Grotto

Resumo: Esta comunicação visa apresentar e comparar duas manobras teóricas, críticas e literárias que se constroem contra a representação do cânone literário ocidental no âmbito da tradução literária. Por um lado, a proposta atual de intervenção dos autores brasileiros Gontijo Flores e Capilé, descritas em *Tradução-Exu, ensaio de tempestades a caminho* (2022) e, de certa forma, posta em prática na tradução a quatro mãos de *The Tempest* de William Shakespeare e de *Une tempête* de Aimé Césaire, fundidas e recriadas em *Uma outra tempestade, tradução-exu* (2022). Por outro, a proposta das décadas de 1930-1940 do escritor argentino Jorge Luis Borges, explorada em ensaios como “Las dos maneras de traducir” (1926), “Las versiones homéricas” (1932) e “Los traductores de las mil y una noches” (1934) com práticas tradutórias variadas, entre as quais podem-se citar as primeiras: “La última hoja del Ulises” de James Joyce e os textos que constituem a seção “Etcétera” de *Historia universal de la infamia* (1935). Num segundo momento, esta comunicação buscará refletir em torno do cânone literário, perguntando-se sobre as suas representações. A proposta de Borges, embora coincida com os objetivos de Gontijo Flores e Capilé, ou seja, a de não apenas desierarquizar o lugar do texto original e do escritor do texto original, como, mais do que isso, de a eles sobrepor a figura do tradutor, situa-se na Argentina, entendida como a periferia do cânone, ao passo que os autores brasileiros pretendem marcar seu ponto de partida para a tradução fora dos cânones nacional e ocidental, sintetizando-a como uma “tradução-Exu”, inspirada pela presença da divindade africana.

Referências: BORGES, Jorge Luis *Obras completas I 1923-1949*. Edição crítica comentada por Rolando Costa Picazo e Irma Zangara. Buenos Aires: Emecé, 2009. CAPILÉ, André; GONTIJO FLORES, Guilherme. *Tradução-Exu, ensaio de tempestades a caminho*, Belo Horizonte, Relicário, 2022. _____. *A Outra Tempestade, tradução-Exu*, Belo Horizonte, Relicário, 2022. RUFINO, Luiz. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*, tese de doutorado, Rio de Janeiro, UERJ, 2017.

CRIAÇÃO LITERÁRIA EM FACULDADES DE LETRAS: BASES TEÓRICAS

Maria Luiza Vieira Custódio

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca do processo de criação literária dentro do ambiente acadêmico, mais especificamente na área de Letras, subárea dos Estudos Literários. A motivação para tal estudo surgiu através da observação da escassez de um apoio curricular voltado para a formação de escritores, um déficit visível nas Faculdades de Letras de todo o país. Por ter características que flutuam entre as Humanidades e as Artes, os estudos sobre literatura nessas universidades acabam pendendo para o primeiro âmbito, ficando restrito à pesquisas científicas e acadêmicas de cunho teórico, o que deixa a escrita literária e a ficção - de naturezas mais práticas - negligenciadas em muitos aspectos. Dessa forma, nossa hipótese é de que, menos que o desenvolvimento de técnicas de criação literária (embora essas não estejam descartadas), a formação do autor demanda a construção de uma sensibilidade no cruzamento de dois eixos; o primeiro é o da contemporaneidade, entendida num largo espectro de sentidos que buscam enfrentar teórica e criticamente a vertiginosidade da vida e da cultura contemporâneas, e o segundo é o da materialidade, que investiga as possibilidades de operação com os elementos que constituem e podem vir a constituir o objeto literário. A partir dessa conjectura, busca-se considerar o que podem os Estudos Literários oferecer ao escritor que pretendem formar para que a ficção, como construção mimética de realidade, possa figurar como discurso crítico e hermenêutico, emparelhada aos artigos e teses dos críticos de quem os escritores se tornam pares. Para isso, nossa base se constituiu a partir da leitura do ensaio “Contra a interpretação” da autora Susan Sontag, também refletimos sobre o texto, *Produção de Presença*, de Hans Ulrich Gumbrecht e, por fim, o livro *O Real e seu Duplo*, de Clément Rosset.

Referências: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2014. ROSSET, Clement. *O Real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2008. SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. In: _____. *Contra a interpretação e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CAMINHOS INTERROMPIDOS: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO CRIATIVO NA ESCRITA DO ROMANCE AS GLÓRIAS DE CATARINA

Rafael do Amaral Prudencio

Resumo: Ao refletir sobre a aventura, Giorgio Agamben (2018) mostra que o termo *aventure* refere-se ao objeto de busca do cavaleiro e da busca de si mesmo. A partir da etimologia do verbo "trover", que pode significar tanto "encontrar" como "compor poesia", e de um trecho do poeta "Ivain", de Chrétien de Troyes, que apresenta um cavaleiro em busca do que não pode encontrar, Agamben faz a correlação entre o cavaleiro e o poeta. O filósofo italiano também faz o correlato entre a aventura do escritor e a aventura do protagonista da história, uma vez que o início da aventura de ambos coincide com o início da narrativa. Dito isso, este trabalho trata de alguns aspectos da aventura na escrita do romance *As glórias de Catarina*, parte integrante de minha tese de doutorado, que apresenta a história de um homem que chega em uma cidade do interior chamada Promessas e decide escrever a biografia do ex-jogador local Catarina. Desse modo, o que interessa aqui é pensar nos problemas compartilhados entre escritor e protagonista para escrever a história de Catarina e as soluções encontradas por ambos para avançarem nela. Além das reflexões de Giorgio Agamben, esse trabalho se orienta pelas reflexões de Pier Paolo Pasolini (2005) sobre a relação entre escrever e jogar futebol e nas reflexões de Walter Benjamin (2005) contra a concepção historicista quantitativa do tempo histórico e a favor de sua concepção qualitativa e descontínua. Tais estudos contribuíram para o encontro de um procedimento de escrita pautado pelo fragmento, pela montagem e pela mistura de gêneros. Com isso, busca-se contribuir com uma discussão acerca do processo criativo, ampliando as discussões sobre escrita criativa e expondo as complexidades do gesto.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. *A aventura*. Tradução de Cláudio Oliveira. São Paulo: Autêntica, 2018. LOWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses], Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. – São Paulo: Boitempo, 2005. PASOLINI, Pier Paolo. *O gol fatal*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 6 mar. 2005, p.4-5. [Trad. de Maurício Santana Dias; título original: *Il calcio 'è' un linguaggio com i suoi poeti e prosatori*].

EXPERIÊNCIA POÉTICA: A CRIAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva

Resumo: Segundo Paulo Freire (2021), ensinar e aprender são dimensões do processo educativo que podem ser pensados como práticas de liberdade. Alargando essa concepção, Bell Hooks (2017) considera o ensinar como uma forma de transgressão, um modo de ensinar que parte da compreensão de que "qualquer um pode aprender", algo também refletido por Rancière (2020), em *O Mestre ignorante* e suas lições sobre a emancipação intelectual. Apropriamos-nos dessas perspectivas para refletir sobre a criação poética como uma prática emancipatória, por entendermos que ela também é um direito. Sendo assim, nossa proposta consiste na reflexão sobre a criação como prática de liberdade, atentando para os mecanismos/ estratégias que podem dinamizar o que Cecília Almeida Salles (2011) denominou como sendo uma "estética do processo", não mais restrito ao trabalho do escritor, mas com um público de leitores de obras literárias e objetos artísticos diversos. Deste modo, a experiência da criação poética perde a sua aura, agora ancorada no entendimento de que qualquer um pode criar. Por isso, importariam, também, suas repercussões, diante de uma "partilha do sensível", tomando aqui as palavras de Jacques Rancière (2009; 2017) e sua política da escrita quando pensamos as formas do poético e seus modos de estruturação e encadeamento das imagens criadas.

Referências: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. HUKS, Bell. *Ensinando a transgredir: Educação como prática da liberdade*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo, 2017. RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução Raquel Ramalhete et al. São Paulo: Editora 34, 2017. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível – estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009. RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução Lílian do Valle. 3 ed. 10 reimp.

Belo Horizonte: Autêntica, 2020. SALLE, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. 5 ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

COMPARTILHAR O MUNDO COMO QUEM AMA: A ESCRITA COMO FORMA DE RESSIGNIFICAR O COMPROMISSO COM A DEMOCRACIA NO CURSO DE LETRAS.

Tatiana Franca Rodrigues Zanirato

Resumo: O últimos anos de chumbo dos quais estamos vindo me impeliram a (re)pensar minha prática docente. Sou professora em uma instituição pública, para o curso de magistério superior em Letras Português, e, para poder escrever este ensaio, devo rememorar a experiência do ensino remoto emergencial, em face ao isolamento social exigido pela pandemia da covid-19, concomitantemente ao projeto de destruição da educação pública brasileira, diligentemente orquestrada pelo governo Bolsonaro. É-me imperativo reviver a memória de tantas pessoas com quem convivia na universidade e que obrigatoriamente passaram a frequentar a tela do meu computador transformadas em um ícone indiferente, e a quem aquele Ministério da Educação me obrigou a chamar de alunos. Àquelas pessoas, às suas imensas dificuldades em estar do outro lado desse processo desumanizador conhecido pela sigla de ERE e, principalmente, àquelas que não puderam sobreviver, seja à covid-19 ou à aspereza do cotidiano universitário, dedico o meu trabalho. A prática do trabalho pedagógico democrático, conceito de Marilena Chauí (2018), aliado à compreensão de compromisso profissional freiriana (2013), levaram-me a propor, nos últimos 4 anos, um plano de ensino em que os estudantes de literatura brasileira (conteúdo que leciono há 12 anos) pudessem de fato protagonizar seu processo de aprendizado, apesar de todas as limitações que nos foram impostas. Levada a revisitar meu trabalho em sala de aula, reparei que agi, desde sempre, como autoridade competente. Tal constatação, levando em consideração o contexto político de austeridade vivido no Brasil, exigiram de mim que aprendesse sobre ensinar. Seguindo os passos de Alexandre Faria, passei a propor aos estudantes oficinas de escrita, para que pudessem que escrevessem como “quem ama literatura” (SANTOS, 2008) e, sobretudo, para que seus enunciados tivessem “efeito no real” e reestruturassem o comum partilhado (RANCIÈRE, 2009).

Referências: CHAUÍ, Marilena. A ideologia da competência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. _____. Em defesa da educação pública, gratuita e democrática. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. FARIA, Alexandre Graça. O segredo público (reflexões sobre literatura, disciplina e liberdade) IN Disciplina, Cãnone: continuidade e rupturas. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009. SANTOS, Joel Rufino dos. Quem ama literatura não estuda literatura: ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

SIMPÓSIO “CULTURA E LITERATURA NO ENSINO DE LÍNGUA-DISCURSO”

Ana Emília Fajardo Turbin (UnB) e Silvana Siebert (UNISUL)

“É UM SERTÃO DE ANTIGAMENTE, MAS AINDA EXISTE...”: NARRATIVAS DE JOVENS SERTANEJOS SOBRE SI E SOBRE O ESPAÇO VIVIDO

Hugo Carvalho Villa Maior e Vanessa de Cassia Tavares Andrade

Resumo: Pensar a representação do sertão no cinema e na Literatura a partir da narrativa de jovens moradores do sertão do Seridó. A partir de uma roda de conversa sobre o tema, na aula de língua portuguesa como língua materna e literatura brasileira, refletimos sobre o espaço/ território em que estamos inseridos e em que medida podemos transformá-lo para melhor. “É um sertão de antigamente, mas ainda existe ...” é uma fala recorrente entre os jovens ao se depararem com produções artísticas tanto no cinema, quanto na literatura sobre o tema sertão. Como referência teórica para esse trabalho temos Souza (2011) e Ribeiro et al (2018), ambas referências são discussões também sobre rodas de conversa em espaços formais de ensino/ aprendizagem ou fora dele. É preciso trazer Bakhtin para pensar também o discurso desses jovens, assim como a escola

enquanto um espaço de enunciação e produção desse discurso .. Trazer a Análise do discurso e a Análise crítica do discurso para esta investigação é, em alguma medida, pensar o discurso desses jovens sertanejos na esteira da produção capitalista, entendendo que esses mesmos discursos também são produzidos a partir de uma relação de poder e que estão, por si só, imbricados nessa mesma relação de poder e que só a partir daí talvez seja possível uma produção de sentidos eficiente dentro, ou fora, dessa relação de ensino/aprendizagem, sobretudo no que toca o ensino de língua materna e de literatura brasileira, não necessariamente nessa mesma ordem, na medida que se tem aí um problema de representação quando esses mesmos jovens não reconhecem o espaço em que vivem como sertão, nem a si mesmos como sertanejos, uma vez que esse reconhecimento fica circunscrito a tela do cinema e da TV.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal, 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. SOUZA, Ana Lucia Silva, Letramento de reexistência: Poesia, grafite, música, dança e hip-hop, São Paulo, Parábola, 2011.

ASPECTOS IMPORTANTES DA CULTURA-SURDA E LITERATURA-SURDA PARA O ENSINO E A APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA-ESCRITA PARA PESSOAS SURDAS

José Vicente Rodrigues da Silva

Resumo: Este texto trata-se de registros e análises de experiências de oficinas de contação de histórias, rodas de conversas, produções de textos literários confeccionados por discentes surdos na Comunidade Surda de uma Escola Bilíngue de Surdo (Libras como primeira língua e português-escrito como segunda língua) em Brasília - Distrito Federal. Essas atividades, possibilitou-se perceber a relevância da Cultura-Surda e da Literatura-Surda para o desenvolvimento destes estudantes no Ensino e na Aprendizagem da Língua Portuguesa-Escrita, pois, o reconhecimento desses bens culturais, como o respeito a Literatura-Surda, aos direitos humanos aos ambientes fala, direitos de se expressarem na língua de conforto. Tudo isso, fomentaram provocações para escrever este texto, que se apresenta como uma proposta pedagógica, com objetivo de propor aos docentes de escolarização de estudantes surdos, o uso de textos produzidos por Pessoas Surdas como representação discursiva desta comunidade, principalmente, os que tenham a Língua de Sinais como primeira língua. Espera-se, que este estudo alcance os Surdos/as e colabore com a melhoria do ensino de escrita e leitura destas pessoas. O marco teórico básico envolve o direito à literatura, destacada por Antonio Candido (2004), bem como as obras de Karnopp, L. B. (2006), Literatura em Libras de Rachel Sutton-Spence (2021), os estudos surdos de Carlos Skliar (2005), os estudos culturais de HALL (2011). O público colaborador deste evento foram estudantes surdos e não surdos, professores/as e toda comunidade desta escola, como: crianças, adolescentes e adultos, pois essa escola pública trabalha com ensino integral, especializada, em educação infantil, ensino médio e EJA. Ensina alunos com surdez leve, profunda, com pessoas em uso de implante coclear, estudantes oralizados, Cotas (filhos não surdos de pais surdos), filhos de intérpretes de Libras /Português, alunos com dificuldade fonoarticulatória, surdos com outras necessidades associadas e não surdos.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191. KARNOPP, Lodenir (2008). Literatura Surda. Florianópolis: Editora da UFSC. (Coleção Letras Libras Literatura Visual). HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed., 1. Reimp. - Rio de Janeiro: DP & A. 2011. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SILVEIRA, Carolina Hessel; BONIN, Iara Tatiana. Literatura infantil do século XXI: surdez e personagens surdos. In KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia (Org.). Cultura Surda na contemporaneidade: negociações e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011 STROBEL, Karin (2009). As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC. SILVA, Vilmar. As representações em ser surdo no contexto da educação bilíngue. QUADROS, Ronice Müller (organizadora). - Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. 300.: 21 cm - (Série Pesquisas) Sutton-Spence, Rachel Literatura em libras [livro eletrônico] / Rachel Sutton-Spence; [tradução Gustavo Gusmão]. -- 1. ed. -- Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Azul, 2021. SKLIAR, Carlos. "Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade". In: _____

(org.). A Surdez: Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 3. ed, 2005.
<http://simec.mec.gov.br/educiativa/detalhe.php?mapid=284>, acesso em jan. de 2023.

A LEITURA E ANÁLISE DE TEXTOS LITERÁRIOS COMO INSTRUMENTO FACILITADOR PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO BÁSICO

Raimunda Ferreira Rodrigues

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo demonstrar a importância do ensino da literatura como estratégia facilitadora no processo de aprendizagem da língua portuguesa no ensino básico. O recorte objetivo explana sobre o imaginário da Amazônia brasileira manifesto nos estados do Amazonas e do Pará, na ficção narrativa. Neste sentido, utilizamos narrativas da obra Belém de Arrepiar (2021), de Nathan de Moura, como estratégia de experiência de leitura/escrita com alunos do 9º ano a fim de estimular o interesse pelas narrativas com conteúdos regionais; preservar identidade e memória culturais; desenvolver habilidades no campo de atuação artístico-literário do contar e recontar contos, sob os fundamentos das orientações da Base Nacional Comum Curricular Ensino Fundamental Anos Finais – EF69LP53 (2008), e de investigações sobre a educação literária. A pesquisa de fundamentação teórica está em abordagens preliminares, bem como a aplicação do projeto de ensino (rodas de conversa a fim de identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o subgênero conto; verificação de atividades desenvolvidas por diferentes docentes de Língua Portuguesa, no âmbito literário). Escolheu-se cinco contos de Moura: “Mundiado por Curupira”; “A lenda do Tabatajá”; “Surra de Matinta”; “A moça que virou estátua”; “A lenda da Cobra Grande”. Esses textos servirão de estudo e de motivação para um produto educacional sobre narrativas a ser criado pelos alunos e finalizado em uma mostra literária no ambiente escolar.

Referências: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2008
MOURA, Nathan. Belém de arrepiar. Belém Folheando, 2021.

CULTURA E LITERATURA NO ENSINO DE LÍNGUA-DISCURSO, QUESTÕES TEÓRICAS E APLICADAS.

Silvânia Siebert

Resumo: Serrani (2020) discorre sobre a importância da leitura literária para o enriquecimento cultural pelo conhecimento de autores, movimentos artístico-literários, etc. Além de ativar diferentes percepções e compreensões sobre temas sócio-culturais, como os que envolvem direitos humanos, questões étnicas e estéticas. Inspirado em Candido (2004) pensamos no sentido humanizador da literatura. Como processo que confirma no homem aqueles traços que entendemos como essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. Neste trabalho buscamos pensar questões teóricas e aplicadas a partir da proposta Multirrede-Discursiva e seus três componentes norteadores: a) Intercultural Multirrede-Discursivo: conteúdos relativos à diversidade cultural, tanto no caso de línguas diferentes, como no caso de uma mesma língua; b) Língua – Discurso e Gêneros: conteúdos relativos à materialidade e sistema da língua, em sua inserção direta nos gêneros e processos enunciativo-discursivos em diferentes contextos sociais; c) Componente de Práticas de Linguagem(ns) em Oficinas Multirrede-Discursivas (elaboração de práticas, geralmente na forma de oficinas com trabalhos em diferentes gêneros discursivos, para articular os conteúdos previstos nos dois componentes anteriores ao desenvolvimento de práticas enunciativas e de compreensão de textos em diferentes tipos de discursos.

Referências: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução e introdução Paulo Bezerra. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004, pp. 169-191. COURTINE, Jean-Jacques. Metamorfoses do Discurso Político: Derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006. ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2004. SERRANI, SILVANA (ORG.) Cultura e

literatura no ensino de língua-discurso, a proposta multirrede-discursiva na formação docente e no ensino-aprendizagem de línguas materna e estrangeira. Editora: Pontes Editores. 2020. Páginas: 292.

SIMPÓSIO “DECOLONIZAR A LEITURA: ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA”

Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT) e José Humberto Rodrigues dos Anjos (UFG)

PELAS MÃOS DA ESCRIVIVÊNCIA, O LETRAMENTO LITERÁRIO E A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA EM OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Adelia Maria de Souza Lima

Resumo: O presente artigo tem como intenção discutir sobre a importância do letramento literário, como condução para aproximar os leitores da cultura e perspectivas que envolvam concepções de africanidade e, a partir desta visualizar e compreender vários usos e costumes livres de atravessamentos e preconceitos cultivados pelo meio social. Desse modo, escolhemos a obra Olhos D'água, de Conceição Evaristo, uma coletânea com quinze contos que abordam, principalmente, a condição feminina a partir do conceito, por ela formulado, de escrevivência. As histórias narradas nesta obra se entrelaçam, ao relatarem também histórias de mulheres e homens negros que sofreram e sofrem os mais diferentes tipos de violência e depreciação na sociedade. Logo no primeiro conto, que leva o título do livro, a autora não fica apenas relatando sofrimentos, o leitor é envolvido em um contexto de ancestralidade e identidade afro-brasileira que transcende ao imaginário de cada leitor, e de forma lírica, mostra a dura realidade de seus personagens, no intuito de provocar reflexões e levantar críticas nos leitores. Evaristo dialoga com as demandas, por respeito, justiça e igualdade, sua escrita instiga mudanças em relação aos acontecimentos, que a partir da criticidade, buscam por direitos adquiridos e por equidade. Assim, a literatura afro-brasileira desconstrói estereótipos, renuncia as imposições sociais, liberta e ao mesmo tempo participa na reconstrução da autoestima das novas gerações. Tomemos como base teórica os estudos de Bernd (1988), Dalcastagné (2014), Duarte (2013, 2021), Evaristo (2005, 2020), Literafro (UFMG).

Referências: BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. COSSON, Rildo. Letramento Literário: Teoria e Prática. 2ed. São Paulo : Contexto, 2009. DALCASTAGNÉ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 289-302, jul./dez. 2014. DUARTE, Eduardo de Assis. FIALHO, Elisângela Lopes: Conceição Evaristo: literatura e identidade. Agosto de 2021. Duarte, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. Navegações, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013. EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro. Pallas, 2016. EVARISTO, Conceição. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras. Belo Horizonte, Maio de 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acessado em: 12/11/2022. EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos/ Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia Editora Ltda. p. 201-212. 2005. MATA, Inocência. Paulina Chiziane e a exposição de um “ossário de interioridades mortais”. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. PADILHA, Laura, Capulanas e vestidos de noiva: Leitura de romances de Paulina Chiziane. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. ALVES, Alê. Homenageada com poemas e cantos, Conceição Evaristo lança sexto livro. Ponte Jornalismo. 17 ago. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/17/homenageada-com-poemas-e-cantosconceicao-evaristo-lanca-sexto-livro>. Acesso em: 12/11/2022. LITERAFRO. O portal da literatura afro-brasileira.

Disponível em, : <http://www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 12/11/2022 Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/Artigo_EAD_Faces_do_negro_na_literatura.pdf. Acesso em 06 out. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1676-eduardo-de-assis-duarte-faces-do-negro-na-literatura-brasileira>. Acesso em 06 out. 2022

PROPOSTAS DE TRABALHOS COM LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO

Aline Alves Arruda

Resumo: Apesar de muitos avanços no ensino de literatura no Ensino Médio, ainda temos como recorrente prática docente nas escolas brasileiras aulas sobre os estilos literários que consistem em fazer com que os estudantes memorizem os nomes das escolas literárias, suas datas e características, engessando assim os textos e autores presentes nos livros didáticos em entediadas leituras fragmentadas que priorizam, sabemos, autores homens e brancos. Felizmente, já há algum tempo, a literatura afro-brasileira vem ocupando maior espaço. Esta comunicação pretende mostrar como é possível conciliar os estudos de textos canônicos com textos clássicos e contemporâneos afro-brasileiros e conquistar leitores formando-os, decolonizando suas leituras, com o objetivo de dar-lhes uma visão antirracista da história, da cultura e da literatura brasileira. Para isso, serão mostradas experiências com autores como Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo e Itamar Vieira Júnior. Tais práticas são baseadas em nossas pesquisas no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, o NEIA, sediado na UFMG; grupo responsável pelo portal Literafro e pela publicação Literatura Afro-brasileira: abordagens na sala de aula (2014). Usando literatura comparada, propomos sequências didáticas como práticas pedagógicas em que temas como o navio negreiro perpassam a literatura brasileira conduzindo o leitor rumo à consciência racial.

Referências: Portal Literafro: www.letras.ufmg.br/literafro DUARTE, Eduardo Assis. Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza, 2003. VIEIRA JÚNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.

O PNLD LITERÁRIO E A DECOLONIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Betty Bastos Lopes Santos

Resumo: A geopolítica do conhecimento privilegiou durante muito tempo, nos espaços das salas de aula, a circulação e a leitura de obras literárias legitimadas pela cultura branca e europeia e invisibilizou, por meio da violência epistêmica, produções de outras culturas tidas como “inferiores” negando toda a participação dos povos negros e afro descendentes na constituição da história e da produção literária do nosso país. Com a aprovação da Lei 10.639/03, novas discussões foram se tecendo no intuito de garantir a inclusão de obras da literatura negra e afro descendente nos currículos da educação brasileira. O Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD Literário, por sua vez, surge como uma política pública de fomento à leitura que oferece obras literárias para subsidiar o trabalho com a leitura/literatura em sala de aula das escolas públicas municipais, estaduais e federais de todo o território nacional para alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Nesse sentido, torna-se necessário discutir sobre como o PNLD Literário pode reforçar a luta contra a hegemonia epistêmica branca, incluindo em seus catálogos literaturas que cooperem para o conhecimento e a valorização da cultura negra e afro descendente nos currículos escolares e promovam a discussão sobre a valorização de saberes “outros” contemplados nas obras literárias de temática e autoria negra e/ou afro descendente. Para tanto, subsidiam esta discussão contribuições teóricas de autores como Catherine Walsh, Luiz Fernandes de Oliveira e Vera Maria Candau (2010, 2018), além de Maldonado-Torres, José Jorge de Carvalho e Nilma Lino Gomes (2020), Regina Dalcastagnè (2012), cujas discussões ensejam a transformação dos currículos colonizados e a prática de ações pedagógicas cada vez mais decolonizadoras em sala de aula.

Referências: CARVALHO, José Jorge de. Encontros de saberes e descolonização: para uma refundação ética, racial, epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNADINO-COSTA, Joaze;

MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento diaspórico. 2. ed.; 3 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 2012. GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a Intelectualidade Negra descolonizando os currículos. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento diaspórico. 2. ed.; 3 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Nota de rodapé, p.19). MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento diaspórico. 2. ed.; 3 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia Decolonial e Educação antirracista e Intercultural no Brasil. Educação em Revista[online]. Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p.15-40, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>. WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, Rio de Janeiro. v.26. n. 83, p. 15-40, jul. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874>.

PORTAGEM E MAYOMBE COMO PROPOSTAS DE REFLEXÃO SOBRE O COLONIALISMO EM MOÇAMBIQUE E ANGOLA NA SALA DE AULA.

Caio Cesar Tabajara Silva Santos

Resumo: Os anos de colonização tanto nos países africanos de língua portuguesa, deixou marcas profundas que até hoje colhem-se os frutos. Quando pensamos que uma das formas de justificar a colonização foi a criação do adjetivo “raça” como justificativa para inferiorizar pessoas e também segregá-las, entenderemos, por exemplo, do porquê personagens, autores, ou ainda escritores africanos e afrobrasileiros, pouco ou nada aparecem nos livros didáticos. O currículo ainda é colonizador. Conforme nos lembra Adichie (2019), contar apenas uma história é perigoso e coube às artes e dentre elas a literatura mostrar outros pontos de vista e ainda representar o discurso daqueles que o colonialismo procurou silenciar. Embora haja leis como 11.645/08 que atualiza a 10.639/03 e versa também sobre a temática africana e afro-brasileira em todo o currículo e que por exemplo o Currículo Paulista, de São Paulo, traga desde o fundamental I até o Ensino Médio habilidades onde a temática possa ser trabalhada, isso pouco acontece, pois os materiais ainda valorizam a literatura branca e europeia. Então cabe ao professor promover essas reflexões e discutir que ainda compramos uma única ideia: negros e africanos são inferiores. Uma forma de pensar os efeitos sociais causados pelo colonialismo é pela leitura das obras Portagem, do moçambicano Orlando Mendes e Mayombe, do angolano Pepetela. Por meio de suas personagens somos convidados a refletir sobre questões como racismo para com pessoas mestiças, a prostituição de mulheres negras, o papel da mulher em meio a guerra e perceber que as nações Imperialistas colocaram no mesmo “balaio” todas as etnias africanas como se fossem todas uma coisa só, como nos lembra Memmi (2007). Para Cândido (2012) a literatura nos humaniza, então que através dela possamos decolonizar pensamentos e inclusive os materiais didáticos.

Referências: ADICHIE, Chimamanda N. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. LIMA, Aldo de . et.al.[org]. Direito à Literatura. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2012. MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007. MENDES, Orlando. Portagem. São Paulo: Editora Ática. 1989. PEPETELA. Mayombe. Rio de Janeiro: LeYa. 2018.

LEITURA E REPRESENTATIVIDADE – UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS PROTAGONISTAS NEGRAS NA LITERATURA INFANTIL

Cristiane Veloso De Araujo Pestana e Karla Cristina Eiterer Rocha

Resumo: Tendo em vista que a Literatura é responsável por promover reflexão e transformação, precisamos dar ênfase na literatura produzida para nossas crianças, a fim de despertar desde cedo, não apenas o gosto pela leitura mas também oportunizar o contato com sua cultura e identidade.

Por isso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação imagética das personagens negras retratadas nos livros infantis. As análises levam em conta o aumento significativo dessas publicações após a implementação da lei 10.639/03 e a falta de uma crítica literária consolidada em torno das obras, sobretudo no tocante às ilustrações. No entanto, também conta com experiências vividas no espaço escolar e observações feitas a partir do contato das crianças com os livros. Acreditamos que a Literatura Infantil publicada ou reeditada após a referida lei tem o dever de contribuir com a formação cultural, social e ética das crianças pautando-se no antirracismo. Compreendendo que as imagens chegam mais rapidamente às crianças, principalmente àquelas ainda não alfabetizadas, o caminho trilhado nesta pesquisa concentra-se no texto visual e no impacto causado pelas ilustrações, observando aspectos como o embranquecimento de personagens negras através da presença predominante da cor marrom em detrimento na cor preta para representar crianças negras, bem como figuras estereotipadas que reforçam imaginários e práticas racistas. Contudo, também foi possível encontrar imagens positivas que visam promover a representatividade, a valorização da população negra e desconstruir uma imagem negativa cristalizada e difundida por uma literatura fundada no racismo estrutural.

Referências: AGUSTONI, Prisca. O mundo começa na cabeça. Ilustrações de Tati Mões. São Paulo: Paulinas, 2011. ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019. BELÉM, Valéria. O cabelo de Lelê. Ilustrações de Adriana Mendonça. São Paulo: IBP, 2012. BRAGA, Amanda Batista. História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCar, 2015. BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004. CAVALLEIRO, Eliane. Do Silêncio do lar, ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2006. CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000. COSTA, Madu. Lápis de cor. Belo Horizonte: Nandyala, 2012. COSTA, Madu. Meninas negras. Belo Horizonte, Mazza edições, 2010. COSTA, Madu. Zumbi dos Palmares em cordel. Belo Horizonte, Mazza edições, 2013. CRUZ, Elisabete da. Cor de pele. Ilustrado por Rafael Duque. São Paulo: Suinara, 2018. DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. DEBUS, E.S.D. A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007. DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. Coleção Feminismos plurais. São Paulo: Jandaíra, 2021. EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, set. 2005. p. 52-57. disponível em <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>> Acesso em: 06 jun 2018. EVELYN, Márcia. O segredo da chita voadora. Teresina: Nova Aliança, 2017. FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina, LIMA, Maria Nazaré (Org.). Literatura afrobrasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. GOMES, Nilma Lino. Ações afirmativas: dois projetos voltados para a juventude negra. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2003, p.217-243. GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. Aletria, Belo Horizonte Minas Gerais, v. 9, n. 1, p. 38-47, 2002. GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017. GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e antirracismo no Brasil. 3ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010. JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1996. LUCINDA, Elisa. A menina transparente. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2010. MARINHO, Josias. Benedito. São Paulo: Livraria Saraiva, 2014. MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica,

2008. MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. 2. Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro Ilustrado: palavras e imagens. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011. NUÑEZ, Emília. A banda das meninas. Salvador: Tibi, 2019. OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Educação, Literatura infanto-juvenil e relações étnico-raciais. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.4, n.2, dez.2015. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/28117-61010-1-PB%20(1).pdf. Acesso em 09/2017. OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. Artigo publicado no XI Congresso Internacional da ABRALIC. USP, São Paulo: 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/024/MARIA_OLIVEIRA.pdf Acesso em: 20 abr. 2019. OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2003. OLIVEIRA, Sueli Ferreira. Lápis cor de pele. Ilustrado Gilmar e Fernandes. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2017. RAMOS, Graça. A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011. RANZEIRO, Maira Brochado. Maira a alegre Campeã. Ilustração: J. Rafael. São Paulo: Projeto Gráfico: F.K. Estúdio, Publicidade e Editora, 2017. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. RISCADO, Leonor. A crítica da literatura infantil e as escolhas do público. II Encontro Nacional de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Centro de estudos da criança da Universidade do Minho. Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/ot_cri_escolhas_Iriscado_a.pdf Acesso em 09/2017. ROSA, Sonia. O menino Nito. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. ROSA, Sonia. Os tesouros de Monifa. São Paulo. Brinque-Book, 2009 SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012 SILVA, Ana Célia. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: CEAO/CED, 1995. SILVA, Tomaz Tadeu. (Org). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. SOBRAL, Ayana; SOBRAL, Cristiane. Tainá a guardiã das flores. Ilustrações de NeMaria. Brasília: Editora Avá, 2018.

ENCONTROS COM O AUTOR: A CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DECOLONIAIS COM A LEITURA LITERÁRIA

Jamile Rossetti de Souza e Josias Marinho de Jesus Gomes

Resumo: Quando falamos de representação étnico-racial precisamos considerar diferentes aspectos, especialmente, a possibilidade dos sujeitos de se ver ou se reconhecer em um objeto do conhecimento de forma construtiva. Nesse sentido, o texto literário e seu consumo podem servir de base para a (re)construção de identidades na contemporaneidade. Tendo em vista que a escola é uma instância relevante de circulação e consumo da literatura, deve caminhar cada vez mais na direção de ações e práticas de reflexão e de interpretação que comportem tais identidades plurais. Partindo desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo explicitar as experiências de educação literária no primeiro ano do ensino fundamental, durante o período de ensino remoto emergencial em uma escola da rede federal de ensino em Boa Vista - Roraima. O projeto Encontro com o Autor Josias Marinho, desenvolvido em 2020 e 2021, apresentou cinco obras do autor e de seus parceiros, em que discute as temáticas e características verbo-visuais das ilustrações. A proposta ancorou-se na compreensão da leitura literária como experiência emancipatória, de algo que nos atravessa, modificando-nos e promovendo a (re)construção de sentidos. Como subsídio teórico contamos com as contribuições de Hall (2011, 2016), Ramos (2013), Oliveira e Rodrigues (2022), Santos (2021), entre outros. Buscou-se proporcionar às crianças textos diálogos em diferentes momentos, convidando-as às reflexões colaborativas, levando-as a muitas ações delas como leitoras. Por meio, especialmente da prática de elaboração de perguntas ao texto e ao autor, os alunos passaram a trazer suas experiências individuais e reconstruindo-as na interação com o outro. Nas sistematizações das leituras, as imagens construídas pelas crianças, foi possível perceber que o entendimento do livro/ilustração foi um instrumento potente de educação decolonial, contribuindo para a discussão crítica no contexto escolar.

Referências: HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. _____ Representação, sentido e linguagem. In: HALL, S. Cultura e representação. Rad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Apicuri, 2016. OLIVEIRA, L. H.; RODRIGUES, F. C. Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira: poesia, conto romance e não ficção. Rio de Janeiro: Malê, 2022. RAMOS, G. A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. SANTOS, G. A memória verbal e icônica na literatura infantil de Josias Marinho. 2015. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/atores/28-critica-de-atores-masculinos/609-a-memoria-verbal-e-icônica-na-literatura-infantil-de-josias-marinho-glauciane-santos>. Acesso em 16 de dezembro de 2021. SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: T.T. da Silva (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

AOS SONS DOS ATABAQUES: A TEMÁTICA RELIGIOSA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA

Maria Carolina De Godoy

Resumo: A temática da religiosidade de matrizes africanas parece ser um dos assuntos que mais causa polêmica, ao ser tratada no espaço educacional. Construída no espaço escolar, a relação fraterna entre dois adolescentes, Anderson e Fabinho, é fortalecida pelos saberes do candomblé, na obra *Modupé, meu amigo*, de Stefania Capone e Leonardo Carneiro (2015), com ilustrações de Victor Tavares, selecionada para esta comunicação. O tema, quando comparado a outros sugeridos por obras literárias, exige do docente distante dessa religiosidade a pesquisa mais apurada para que a abordagem seja segura, capaz de sanar dúvidas e evitar tensões aguçadas, constantemente, fora do ambiente escolar. As obras infantojuvenis, como *Modupé, meu amigo*, colocam em evidência o tema da religiosidade como forma de desconstruir preconceitos, enaltecer raízes ancestrais, revisar representações históricas do período colonial e escravocrata que fixaram olhares racistas a mulheres, homens negros e às práticas de seus antepassados, contribuir para a compreensão do híbrido cultural brasileiro, dentre outros merecidos recortes interpretativos. Na literatura afro-brasileira, narrativas míticas dos orixás, vocábulos do campo religioso, batidas dos atabaques, cantos, cores e ritos compõem imagens e sons da linguagem literária. A proposta deste trabalho é analisar a obra escolhida e discutir formas de abordagem da temática em sala de aula. Para o debate, destacam-se os estudos de Stuart Hall (2006, 2016), Sanara S. Rocha (2018) e Grada Kilomba (2019). **Referências:** CAPONE, Stefania; CARNEIRO, Leonardo. *Modupé, meu amigo*. Ilustrações de Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas, 2015. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. HALL, Stuart. Cultura e representação. Arthur Ituassu (Org.). Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016. KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. ROCHA, Sanara. *No candomblé mulher toca! A tradição reinventada*. In: IV Congresso Internacional sobre memórias, cultura e sensibilidade: cenários de experiência cultural contemporânea, 2018, Cachoeira-BA. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/ROCHA-Sanara-S.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2021.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NA OBRA DE ESMERALDINA RAMOS – ESCRITA DA MULHER NEGRA QUILOMBOLA NO/DO ESTADO DO AMAPÁ

Mônica do Socorro de Jesus Chucre

Resumo: As páginas eurocêntricas do livro didático não são suficientes para se conhecer a literatura afro-brasileira. Cultivar apenas os cânones, não dá visibilidade à cultura do povo negro, e em especial a produção feminina quilombola do estado do Amapá. Trabalhar com autores afrodescendentes em sala de aula é permitir o direito à literatura, uma vez que a educação literária deve promover um olhar crítico diante do mundo, além de ser um forte instrumento político e pedagógico de combate ao preconceito e à desinformação sobre a história do negro, conforme preceitua a Lei Nº10.639/03. Nesse sentido, o objetivo é apresentar uma proposta de trabalho no modelo de Unidades de Leitura

por Silva (2003), a partir do livro de Esmeraldina Ramos, escritora quilombola, numa turma de graduação em Letras, como modelo para construção e aplicação de oficinas de leitura em turmas de ensino fundamental II. O objetivo é promover a prática leitora e a mediação de leitura pelos graduandos na disciplina de Prática de ensino, para aplicação nas escolas de educação básica. Problematicou-se que os alunos não conhecem a escrita de autoras negras do estado e pouco leem leituras literárias em sala de aula. Sendo assim, trata-se de um trabalho de pesquisa-ação, pois permite ao professor aplicar e analisar o trabalho durante seu curso (GIL, 2017). Os procedimentos de aplicação organizaram-se em leitura da obra, unidades de leitura, compartilhamentos e construção de narrativas de leitura. Os resultados parciais colaboraram para mostrar que a leitura pode ser acolhida pelos alunos no espaço-tempo da sala de aula, bem como promover um currículo que discute conceitos, permitindo a reflexão de temas necessários à escola como racismo, preconceito, resistência, além de solidificar a literatura da mulher afro-brasileira. O aporte teórico foi norteador por Silva (2003), Leahy-Dios (2004), Candido (2017), Macedo (2021) e Amorim (2022).

Referências: AMORIM, Marcel Álvaro de [[et al.]. Literatura na escola. São Paulo: Contexto, 2022. CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2017. LEAHY-DIOS, Cyana. Educação literária como metáfora social. São Paulo: Martins Fontes, 2004. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). A função da literatura na escola - resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Unidades de leitura. Campinas-SP: Autores Associados, 2003.

AS ESCRITAS DE SI EM " BECOS DA MEMÓRIA" - UMA PROPOSTA DESCOLONIZADORA PARA SALA DE AULA

Natasha Magno Francisco Dos Santos e Cecília Rebelo Oliveira Matos

Resumo: Até meados dos anos 1990, o ensino das literaturas africanas e afro-brasileiras pode ser considerado insignificante (Munanga, 1996). O continente africano aparecia sempre retratado de forma secundária, pois historicamente a educação no Brasil inscreve-se na lógica colonial. Em 2003, tal cenário reverte-se com a criação da lei 10.639 e a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Dentro deste contexto, o presente trabalho apresentará uma sequência didática realizada na Educação Básica, que busca desconstruir a associação das minorias ao lugar marginal, esporádico, exótico e estereotipado. Tal projeto transdisciplinar envolve as disciplinas de Literatura e História, e promove a relação entre as escritas de si, a leitura da obra “ Becos da Memória”, de Conceição Evaristo e o tear da memória construído pelos próprios alunos, através da imersão literária. A sequência didática sugere que após a leitura da obra de Evaristo, alunos costurem suas próprias memórias, seus cadernos - criados, em sua grande maioria, individualmente, mas com a intenção de ampliar o espaço de contato entre educadores, autores e alunos, observando assim um horizonte com mais firmeza e pertencimento. De pouco em pouco, cada aluno, alguns em suas casas e outros na escola, a partir de cada pedaço de mão e sentimento, revelará sua subjetividade, enquanto a vida os coloca em profundezas. Ao longo do projeto, alunos escrevem em seus cadernos suas memórias, com propostas guiadas e previamente elaboradas. A última etapa consiste na capa: eles devem ressignificar suas imagens, sua identidade. Tudo com a técnica do corte, da colagem. Diante do exposto, busca-se neste trabalho apresentar uma prática de ensino que questione as parcialidades estabelecidas pelos cânones convencionais e que valorize as memórias coletivas dos movimentos de resistência, juntamente com a busca de outras coordenadas epistemológicas descolonizadoras.

Referências: HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade, trad. Marcelo de Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2ª ed., 2017. MOTA NETO, João Colares de. “Por uma pedagogia decolonial na América Latina: Convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa”. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 26(84), pp. 1-21, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3424> MUNANGA, Kabengele. Estratégias e políticas de combate a discriminação racial. São Paulo, SP: USP/Estação Ciência, 1996. SÁ, Ana Paula dos Santos de. A descolonização da educação literária no Brasil : das leis 10.639/2003 e 11.645/2008

ao PNLD 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – IEL/Unicamp. Campinas/Sp. 2019
SELIGMANN-SILVA, Márcio. 2001. “Literatura e Trauma: um novo paradigma”, in: Rivista di Studi
Portoghesi e Brasiliani III (2001), Pisa e Roma, pp. 103-118. (agora in: O local a diferença. Ensaios
sobre memória, arte, literatura e tradução, S.Paulo: Editora 34, 2005.

NOMES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS, O QUE TÊM A NOS DIZER? INTERSECÇÕES ENTRE LÉXICO, CULTURA E ENSINO EM UM PROJETO DE LETRAMENTO

Rodrigo Vieira do Nascimento

Resumo: Esta pesquisa é resultado da tese intitulada A TOPONÍMIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS: INTERSECÇÕES ENTRE LÉXICO, CULTURA E ENSINO NA PERSPECTIVA DE UM PROJETO DE LETRAMENTO, que buscou conhecer e caracterizar a realidade toponímica quilombola tocaninense, fomentando, por intermédio dos conceitos e procedimentos da pesquisa toponímica, a intersecção entre léxico, cultura e ensino. O problema norteador desta discussão envolve, com efeito, uma reflexão acerca das motivações onomasiológicas (linguísticas, físico-geográficas, culturais, sociais, históricas etc.) dos nomes das comunidades quilombolas do Estado do Tocantins. Dessa discussão, almeja-se apresentar um projeto de letramento, abordando os estudos dos nomes das populações quilombolas, no propósito da ampliação do leque de informações de conteúdos linguísticos, etimológicos, geo-históricos, socioculturais, antropológicos na prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da Educação Básica. Os procedimentos heurísticos desta pesquisa se fundamentarão nos princípios metodológicos da pesquisa documental e bibliográfica, como paradigmas científicos que subjazem significações sobre os povos quilombolas, a luz da abordagem qualitativa. Os resultados obtidos apontaram que o topônimo atua como reflexo da vida e da história, permitindo um retorno ao passado. Os topônimos analisados desvendaram a estreita relação do homem (sujeito quilombola) com o espaço físico-natural (ambiente e paisagem), num sentido amplo, como elo afetivo do ser humano com o lugar, a ponto de considerar suas impressões e percepções no ato denominativo. A pesquisa ainda revelou que há uma grande incidência de topônimos compostos e uma tendência as taxonomias de natureza física, comprovando que existe uma forte ligação do nome quilombola com o ambiente natural. E, nesse contexto, observou-se que o trabalho com a Toponímia no contexto do ensino é uma proposta educacional relevante e necessária, ao passo que o estudante é posto como protagonista no processo de ensino e de aprendizagem.

Referências: ANDRADE, K. dos S. Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: ATITO. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. ANTUNES, I. Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. ARRUTI, J. M. A. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana, vol. 3, nº 2, 1997. BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília/DF, 1990. BIDERMAN, M. T. C. Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: LTC, 1978. DICK, M. V. P. A. A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 1980. FAZENDA, I. C. A. A Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1993. ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, Maria das Graças. (Orgs.) As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. II, Editora UFMS, Campo Grande, MS, 2004. PARENTE, T. G. Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins. Goiânia: Ed. da UFG, 1999. entre outras.

O ENSINO DE LITERATURA COMO ESPAÇO PARA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO

Rosângela Maria Silva

Resumo: Quando se considera meios para a transformação da relação desigual existente entre a representação do Brasil como um país multicultural e a realidade da desigualdade que persiste para as pessoas de cor preta, a educação ocupará papel permanente de relevância. A democratização da

educação, e, consequentemente da escola, é compreendida por muitos como uma possibilidade real e promissora para o reconhecimento e valorização histórica da população negra. As ações afirmativas forjadas desde a constituição de 1988, a implementação da Lei nº 10.639/2003, atualizada depois pela Lei nº 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da cultura e história africana, foram fundamentais para consolidação de uma agenda político-pedagógica que possibilitasse um ambiente favorável para fomentação de uma prática educacional antirracista. A presente pesquisa, em desenvolvimento, tem como um de seus objetivos analisar a efetividade e o alcance que a educação e leitura literária apresentam nas práticas escolares. Questionamentos como: quais os modos em que a escola tem atuado, através do ensino de literatura, na promoção e aplicabilidade de uma educação antirracista e de que forma o ensino de literatura, no Ensino Médio, sob o viés do trabalho com o texto literário tem a contribuir para que a escola seja, de fato, consolidada como espaço privilegiado no desenvolvimento e efetivação de uma educação para as relações étnico-raciais contribuirão para a tessitura dos objetos da referida pesquisa. Configurar a escola como espaço que reproduz o racismo e, ao mesmo tempo, faz parte dos processos e projetos educacionais para o seu combate, será um dos aspectos a serem destrinchados pela pesquisa que buscará direcionamentos quanto a compreender a educação literária como um instrumento potencializador na construção de uma aprendizagem significativa com vistas à educação para as relações étnico-raciais, comprometida em estabelecer e possibilitar mudança de comportamentos, pensamentos e atitudes discriminatórias.

Referências: ALMEIDA, Maria José. Divulgação científica e texto literário: uma perspectiva cultural em aulas de Física. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v. 10, n. 1, p. 7-13, abril, 1993. ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011. BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010. BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: Literatura e resistência. São Paulo, Companhia das Letras, 2002. GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005b, p. 143-154. GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. Cadernos pagu, n. 6/7, p. 67-82, 1996. MARTIN, Vima Lia. Literatura e educação para as relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: Revista Mulemba, Ano 10, n. 19, 2018, p. 12-23. MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005b, pág. 155-172. PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003. REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. I Simpósio Texturas do Saber. São José do Rio Preto, 2010. ROCHA, Heloisa Helena Pimenta e PINTO NETO, Pedro da Cunha. Dos temores ao encontro: o cotidiano escolar na literatura brasileira. Educação em Revista, Belo Horizonte Linhas. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 241-269, set./dez. 2016. p.269 Linhas Horizonte, v. 28, n.01, p.35-60, 2012. SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

ESCREVIVÊNCIA, DECOLONIALIDADE E ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Sílvia Gomes De Santana Velloso

Resumo: Resumo: Discute-se sobre como a ideia de “escrevivência”, utilizada por Conceição Evaristo (2020), para tratar das experiências literárias das pessoas negras, pode tornar significativo e decolonial o ensino de literatura na Educação do Campo. O termo decolonialidade, conforme Maldonado-Torres (2020), Oliveira e Candau (2010), dentre outros pesquisadores, tem a ver com um movimento de disputa por outras narrativas/contranarrativas a respeito das minorias sociais, como as pessoas negras, indígenas, quilombolas, comunidades campesinas, dentre tantas outras — construídas sob suas próprias perspectivas —, contestando os discursos estereotipados, impostos pela colonialidade. A Educação do Campo, modalidade de ensino oriunda da luta dos(as) trabalhadores(as) do campo pelo direito à educação, na interface com suas territorialidades

(CALDART, 2002), é constituída de sujeitos que, historicamente, tiveram suas identidades e modos de vida desprezados e violentados pelo discurso colonialista, como se pode constatar em Hall (2003). Logo, o ensino de literatura pelas vias da decolonialidade e da ficcionalização da vida, a escrevivência, na Educação do Campo, será uma importante estratégia de reflexão crítica sobre estes processos, na desconstrução de estereótipos negativos, possibilitando a elevação da autoestima e o fortalecimento cultural e identitário dos(as) camponeses(as). Trata-se de um trabalho que é parte de uma pesquisa de Doutorado, em andamento, a qual investiga o ensino de literatura na Educação do Campo em diálogo com as identidades e modos de vida dos(as) camponeses(as). Espera-se contribuir no estudo sobre a literatura e seu ensino na Educação Básica, em especial, na Educação do Campo.

Referências: CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgard Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo (Org.). Educação do Campo: identidades e políticas públicas. Brasília: articulação nacional por uma educação do campo, 2002. EVARISTO, Conceição. Olhos d'água/Conceição Evaristo. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018. _____ A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Bernadino-Costa, (org.) Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. _____ Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do "popular". In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MEDIAÇÕES CULTURAIS DE LEITURA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tiago Souza da Cruz

Resumo: A publicação da coleção Biblioteca de Literatura Angolana, em 2004, foi um marco cultural e social, nela constam mais de 24 títulos de escritores angolanos. Ao selecionar 22 títulos dessa coleção para análise, será possível observar as contribuições do trabalho acadêmico com essas obras em três países: Brasil, Portugal e Angola. O objetivo principal desta pesquisa é analisar as mediações culturais, históricas, memoriais e colonizacionais dos textos literários selecionados em centros acadêmico no Brasil, em Portugal e em Angola. Para tanto, a fundamentação teórica é o conceito de mediações culturais, tal qual propõe Jesús Martín-Barbero. A tese justifica-se dada a incipiência de pesquisas de fôlego que se dedicam a verificar por quais espaços as literaturas africanas de língua portuguesa circulam, de que maneira são trabalhadas nas universidades, principalmente em cotejo com as realidades de outros países. Por isso, tomará como base o trabalho realizado nas seguintes instituições de ensino superior brasileiras: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal da Bahia, mas também a Universidade Agostinho Neto (Angola) e Universidade Nova de Lisboa (Portugal), que se destacam por serem polos acadêmicos de referência em relação às literaturas africanas de língua portuguesa. A hipótese é que a análise dos títulos selecionados da coleção Biblioteca de Literatura Angolana pelo conceito de mediações se mostrará frutífera, visto que será possível também analisar a circulação de tais obras nas universidades do Brasil, Portugal e Angola, bem como a prática docente dos agentes que trabalham as literaturas africanas de língua portuguesa em seus respectivos cursos de Licenciatura em Letras. A pesquisa busca contribuir para o entendimento da importância do ensino das literaturas africanas em língua portuguesa nas universidades, como importante projeto de formação dos professores que atuarão na educação básica atendendo a Lei 10639/2003.

Referências: CRUZ, Tiago S. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa na Unesp-Assis. 236f. (Dissertação) Mestrado em literatura e Vida Social, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências e Letras campus Assis. Assis, 2022. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

A PROMOÇÃO DA LITERATURA DE AUTORIA NEGRA NO CLUBE DE LEITURA UBUNTU: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

Valquíria Pereira Tenório e Djenane Sichieri Wagner Cunha

Resumo: O Clube de Leitura Ubuntu é um coletivo que desenvolve, durante o ano e como projeto de extensão vinculado ao IFSP campus Matão, a promoção da literatura de autoria negra. Amparado pela filosofia Ubuntu, se consolida como espaço de aprendizado baseado na partilha, no diálogo, no respeito à fala e à escuta, trazendo a história e a cultura africana e afro-brasileira tão cruciais para se pensar a sociedade brasileira e implementadas como componente curricular obrigatório pela lei 10.639/03. O projeto atua na criação e desenvolvimento do hábito da leitura, atendendo à lei 13.696/18, que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita, tendo como diferencial a promoção da leitura de autoria negra, corroborando para uma educação antirracista, pois atua para que a literatura de autoria negra seja conhecida, vivenciada, rompendo estereótipos, evidenciando o racismo que invisibiliza essa literatura. O Clube conta com bolsistas selecionados no início de cada ano letivo, parcerias com outras instituições no Brasil e nos EUA e quatro frentes de trabalho: Roda de Conversa; Encontro de Leitura Colaborativa; Sarau Ubuntu e Encontro Bilíngue. Realiza, anualmente, a leitura de quatro livros escolhidos a partir de lista elaborada pelos participantes e equipe de coordenação do projeto com a seguinte definição: um livro deve ser de autoria afro-americana, um de autoria africana, os dois outros de autoria afro-brasileira, sendo que um deles pode ser um livro de contos ou poesias. O projeto, divulgado no site institucional e em perfis de redes sociais, é aberto a todas as pessoas que queiram participar. Atua como uma rica experiência de educação antirracista e decolonial, na qual podemos ter pessoas com um grande acúmulo de informações e conhecimentos nos temas tratados pelos livros lidos e outras iniciantes, mas que entram nas atividades para o diálogo, a troca e o aprendizado de maneira coletiva.

Referências: GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. BRASIL. LEI 10.639, de 9 de janeiro DE 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm BRASIL. Lei 13.696/2018 (LEI ORDINÁRIA) 12/07/2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, 2018. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm.

SIMPÓSIO “DESAFIOS NO ENSINO DE LITERATURAS EM TEMPOS DE PÓS-COVID-19: TEORIAS, PRÁTICAS E EXPECTATIVAS”

Danglei de Castro Pereira (UnB), Lucilo Antônio Rodrigues (UEMS) e Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS/CNPq/Fundect)

ALCANCE E LIMITES DAS TICS NO ENSINO DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA

Ana Crelia Penha Dias e Vima Lia de Rossi Martin

Resumo: Como docentes do Mestrado Profissional em Letras, tivemos que construir em serviço nossas bases formativas para atuar no Programa. E, desde as primeiras turmas, ficou evidente o impacto da discussão sobre ensino de literatura entre docentes e discentes, uma vez que o espaço dos estudos literários sempre foi minoritário no conjunto das disciplinas oferecidas. Nesse sentido, a leitura do texto literário – considerado sobretudo em sua dimensão estética – tem ocupado um espaço de resistência no âmbito do PPG. Com o advento da pandemia de COVID-19, os desafios se intensificaram. Como bem aponta Boaventura Souza Santos, no ensaio A cruel pedagogia do vírus, a pandemia não “criou” desigualdades, elas foram intensificadas em decorrência desta catástrofe mundial. As condições desiguais foram e têm sido um entrave para um percurso em que o processo formativo dos alunos da educação básica é também formativo para o docente da escola e constitui

material para análise no trabalho. À luz dessa realidade, apresentaremos aqui dois percursos de orientandas que, mediando processos de leitura literária com turmas de Fundamental I, valeram-se das Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramenta para favorecer uma eventual aproximação dos alunos/as com a literatura. As experiências evocadas possibilitam uma reflexão sobre o alcance e os limites do uso das TICs em contextos desiguais.

Referências: EAGLETON, Terry. Como ler literatura. Porto Alegre: L&PM, 2017. SANTOS, Boaventura de Souza. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina, 2020.

GLOTOPOLÍTICA E CONTRAPEDAGOGIAS DO LITERÁRIO

Antonio Andrade

Resumo: Nesta comunicação, meu objetivo é problematizar os pressupostos implicados na articulação do discurso literário com as pedagogias do monolinguismo, com vistas a discutir tradições, dicotomias e fronteiras historiográficas e curriculares, mobilizando simultaneamente possibilidades de resignificação de cânones e conceitos teórico-críticos estabelecidos na história da educação literária no Brasil. Partindo da hipótese de investigação de que a literatura funciona como importante agente das políticas de língua no contexto nacional (MONTEIRO, 2021), almejo, com esta pesquisa, contribuir para a elaboração conceitual de uma perspectiva glotopolítica dentro dos estudos literários. Para tanto, busco debater formas de silenciamento das práticas translíngues no âmbito da formação do campo literário, ao passo que trato de dar visibilidade crítica a zonas de contato/fricção entre línguas-culturas no bojo da textualidade literária (ANDRADE, 2021). Tendo em vista discussões contemporâneas em torno das contrapedagogias (SEGATO, 2018) capazes de colaborar com processos de descolonização epistêmico-cultural e reconstrução de formas de diálogo e vincularidade no contexto latino-americano, pretendo enfocar, nas minhas análises, diferentes estratégias contrapedagógicas de poéticas translíngues do contemporâneo, refletindo, a partir da leitura de obras de Josely Vianna Baptista e Douglas Diegues, sobre gestos glotopolíticos de tradução intercultural, contestação do paradigma monolíngue e hibridação da esfera literária com repertórios linguístico-poéticos ameríndios e transfronteiriços. A atenção da pesquisa acadêmica a tais escritas e agentes é fundamental, a meu ver, para que os currículos da educação literária possam ser repensados enquanto espaços contrapedagógicos de enfrentamento dos desafios glotopolíticos do presente.

Referências: ANDRADE, Antonio. Una escritura literaria entre lenguas: el portuñol (entrecruzamiento translingüe portugués-español-guaraní) en la trama del diálogo Sur-Sur. Revista Iberoamericana, Ibero-Amerikanisches Institut - Berlin, v. 21, 2021, p. 115-133. MONTEIRO, Luciano. Modernismo como política de língua: o Congresso da Língua Nacional Cantada (1937). Niterói: Tese de Doutorado - Universidade Federal Fluminense, 2021. SEGATO, Rita. Contra-pedagogías de la crueldad. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

ENSINO DE LITERATURA E EXPERIÊNCIAS NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO BIÊNIO 2022-2024

Danglei de Castro Pereira

Resumo: Nos últimos anos observamos, mesmo como todas as dificuldades, a escola de Educação Básica e, por vezes, a Universidade tornam-se lugar fundamental para propiciar o acesso e a interação de leitores/alunos com diversidade de textos literários. Nesse sentido, “formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos que permitam fazê-lo” (BRASIL, 1997, p.36). Acreditamos que o professor de Português/Literatura deve ser um bom leitor literário, o que proporcionará aos alunos/leitores um convívio prazeroso com a leitura, possibilitando, pela leitura da palavra, a ampliação da leitura de mundo, conforme Mariza Lajolo (1993). A comunicação aborda ações desenvolvidas no subprojeto de Língua Portuguesa, no Programa de Residência Pedagógica (CAPES), na Escola Classe Dra. Zilda Arns, Itapoã/DF e Escola Classe 08, Sobradinho II/DF. As ações são voltadas para os alunos do 6º ao 9º anos e do EJA do Ensino

Fundamental e, quando possível, no Ensino Médio nas escolas campo. Como é uma ação formativa a proposta envolve 18 acadêmicos licenciandos em Letras da Universidade de Brasília (bolsistas/residentes), 3 preceptores (professores da Educação Básica das escolas campo envolvidas), além do professor orientador do projeto. O principal objetivo da proposta é contribuir para formar futuros professores que fomentem a leitura literária em ambiente escolar, aspecto central da proposta.

Referências: ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999. BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. BNCC. Brasília/SEF, 2017. BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999. FARIA, M. A. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999. KLEIMAN, A. B. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996. KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997. GUIMARÃES, E. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 2003. LAJOLO, M. *Usos e abusos da Literatura na Escola: Bilac e a Literatura Escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982. _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993. _____. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001. ROCCO, M. T. F. *Literatura / Ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981. ROJO, R. (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000. ROJO, R. (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. PAULINO, G. *O jogo do livro infantil*. Belo Horizonte: Dimensão, 2001. _____. et al. *Tipos de textos. Modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001. PEREIRA, D. C. (Org.) *Nas linhas de Ariadine: literatura e ensino em debate*. Campinas/SP: Editora Pontes, 2017. SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004. SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. MEURER, J. L. *O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional de linguagem*. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (Orgs.). *Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000. ZILBERMAN, R. (Org.). *A Produção Cultural para a Criança*. Novas Perspectivas 3. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. _____. (org.). *Leitura em Crise na Escola: as alternativas do Professor*. Novas Perspectivas 1. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

TRAVESSIAS DE LEITURA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES A PARTIR DO CONTO FELICIDADE CLANDESTINA, DE CLARICE LISPECTOR, PARA O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daniela Rodrigues de Sousa Fernandes e Maria Alice Mota

Resumo: A leitura literária, em contextos de ensino-aprendizagem, demanda a criação de práticas de leitura que engajem os alunos para participarem da construção de sentidos do texto, de forma processual, por meio de atividades sequenciadas, dando-lhes condições para tecerem a seu modo, novas formas de ler e de reescrever suas experiências de leitura, através da reflexão dos recursos linguísticos do texto para que se apropriem do conhecimento artístico-literário. Nessa perspectiva, este trabalho, tem como objetivo geral propiciar a interação dos alunos com o gênero conto clássico, a partir da leitura individual e compartilhada, para a apreensão dos sentidos do texto, segundo a perspectiva do clube de leitura estruturado (Cosson, 2020) e instaurar uma prática de leitura que lhes possibilite refletir sobre os usos dos recursos linguísticos, integrados à construção de sentidos e à variedade de normas, presentes no gênero conto (VIEIRA, 2017). Esta proposta didática faz parte da pesquisa que estamos desenvolvendo no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), cuja instituição sou matriculada como aluna regular. A escolha do gênero, conto clássico, faz-se necessária porque pela sua incompletude e variedade de temas (Gotlib, 1990), pode despertar o interesse dos leitores, instigando-lhes a completar as lacunas do texto, propiciando, desta forma, a instauração de experiências de leitura dos adolescentes com o texto literário que, na vida adulta, poderão revisita-lo, através de releituras e marcas deixadas na sua memória (CALVINO, 1993). Nesse propósito, foi utilizada a metodologia da

sequência didática (DOLZ. SCHNEUWLY, 2004) para favorecer a interação e a participação dos alunos em cada etapa de execução da proposta que contempla os eixos de leitura, análise linguística e produção textual, normatizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Referências: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 jun. 2022. CALVINO, Í. Por que ler os clássicos? Trad. Nilson Moulin. 2. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. COSSON, R. Círculos de leitura e letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020. DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: Gêneros Orais e Escritos na Escola. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. GOTLIB, N. B. Teoria do conto. Editora Ática. 1990. LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1971. VIEIRA, Sílvia Rodrigues (org.). Gramática, variação e ensino: diagnose & propostas pedagógicas/ Vários autores. Rio de Janeiro: Letras, UFRJ, 2017.

EU ODEIO LITERATURA! OU O ESTORVO DAS LITERATURAS NA VIDA DO ESTUDANTE LETRAS

Fernando Maués de Faria Júnior

Resumo: Em mais de alguns semestres recentes, em bem mais de várias turmas, temos escutado, em tom de encômio, a declaração: “eu odiava Literatura, mas até que eu gostei deste curso”. A repetição, o volume, a consistência de afirmativas desse teor nos levaram a pensar acerca da relação conflituosa dos licenciandos em Letras, que em tese escolheram um curso que tem a palavra como centro de interesse, com o texto literário, com as obras literárias canônicas – ou, pelo menos, legitimadas pela Academia –, com as variadas disciplinas de Literatura que integram a licenciatura; ainda, refletir sobre as práticas pedagógicas e experiências, no ensino de literatura em nível superior, que acrescentam as dores do contato com as obras literárias ou as mitigam. Não há como negligenciar, tampouco, as experiências de leitura anteriores ao curso de Letras, as expectativas acerca dele, as motivações (ou falta de) para cursá-lo. Com sustentação em um repertório teórico que inclui Ferreira (1970), Candido (2011), Braga (2006), Hooks (2019), Chiappini (2005); Dalcastagnè (2012), Bosi (2002), Compagnon (2001), Bajour (2012) e Bernardes (2011), este trabalho pretende discutir o lugar de literatura na experiência formativa do licenciando em Letras e a própria legitimidade da área em suas percepções; ainda, refletir sobre o papel das disciplinas de Literatura no curso superior como instância de formação de leitores.

Referências: BERNARDES, José Augusto Cardoso. Os estudos literários na Universidade. In: João Amadeu Carvalho da Silva, José Cândido de Oliveira Martins & Miguel Gonçalves (Orgs.), Pensar a Literatura no Séc. XXI. Braga: Faculdade de Filosofia, 2011, p. 27-52. BOSI, A. Os estudos literários na Era dos Extremos. Literatura e Resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 108-115. BRAGA, Patrícia Colavitti. O ensino de literatura na era dos extremos. Revista letra magna - revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura; Ano 03, n. 5, 2º Semestre de 2006, p. 1-14. CHIAPPINI, Lígia. Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005. COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ / Horizonte, 2012. FERREIRA, Lívia. A convivência com os textos. Assis: UNESP, 1970. HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LEITURAS LITERÁRIAS EM TEMPOS DE (PÓS)PANDEMIA: FORMAÇÕES EM RECONSTRUÇÃO

João Luis Pereira Ourique

Resumo: As identidades que se conectam pelo meio digital apresentam transformações maiores do que o caráter imediato da comunicação, pois o trânsito no ambiente virtual cobra vários “pedágios” que comprometem em muitos momentos a percepção da realidade concreta, de um mundo analógico que ainda carrega seus problemas não resolvidos, especialmente pelos autoritarismos que ficam relegados a um plano secundário. A leitura literária, neste cenário, fica comprometida e acaba

por se traduzir como um problema, como algo diluído na sociedade do espetáculo e do culto às imagens que oportunizam um acesso mais rápido e fácil à percepção de uma contemporaneidade marcada pela pandemia do Covid-19. A dificuldade que os leitores estão encontrando para essa interação mais demorada, mais paciente e menos imediatista dialoga com os excessos e a velocidade que valorizam o que poderia ser definido como uma atenção dispersa, ou seja, um olhar panorâmico sobre várias manifestações artísticas e literárias que acabam por empobrecer cada uma individualmente e, por consequência, as próprias identidades culturais e políticas da maior parte da sociedade. Com base nessas problematizações, colaborar para a formação de futuros professores de literatura comprometidos, por sua vez, com a formação de leitores literários conscientes de sua historicidade se apresenta como um desafio incontornável para discutir o valor da leitura desses “inutensílios”. Assim, essa proposta de discussão se propõe a apresentar um relato das atividades desenvolvidas nas disciplinas de Ensino da Literatura dos cursos de Letras da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2022, em um período de transição das atividades remotas, híbridas e presenciais. Autores como Theodor Adorno, Walter Benjamin, George Steiner, Antonio Candido, Marisa Lajolo, entre outros, apresentam o aporte teórico para os projetos e planos de aula com base em textos literários voltados para o ensino de literatura na Educação Básica.

Referências: ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*. Tradução: Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução: Marcus Vinícius Mazzari. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011. CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura. E outros ensaios*. Coimbra: Angelus Novos, 2004. CASTELO, José. *A literatura na poltrona*. Rio de Janeiro: Record, 2007. CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: ed. da UNESP, 1998. FELMAN, Shoshana. *Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar*. In: *Catástrofe e representação: ensaios / Arthur Nastrovski, Márcio Seligmann-Silva (orgs.)*. São Paulo: Escuta, 2000. GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Infância e pensamento*. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005. HONNETH, Axel. *Reificação. Um estudo de teoria do reconhecimento*. Tradução: Rúrion Melo. São Paulo: Unesp, 2018. HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010. ISER, W. *O jogo do texto*. In: JAUSS, Hans Robert, et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e tradução: Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993. OURIQUE, João Luis Pereira. (Org.). *Literatura e formação do leitor: escola e sociedade, ensino e educação*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2015. São Paulo e Campinas: Perspectiva/Edusp/Unicamp, 1993. STEINER, George. *Lições dos mestres*. Tradução: Maria Alice Máximo. São Paulo: Record, 2018.

CANONE LITERÁRIO E ENSINO: QUESTÕES EM TORNO DAS LITERATURAS DE ALTA FANTASIA

Lucilo Antônio Rodrigues

Resumo: Apesar de a Literatura de Alta Fantasia ser muito lida por jovens e por jovens adultos, a sua presença nas salas de aula ainda é muito tímida. O comparecimento desse tipo de literatura na escola é passível de muitas avaliações negativas. Assim, por exemplo, o fato de a grande maioria desses textos serem escritos, originalmente, em língua inglesa serve de base para muitas críticas. Há também um questionamento que se baseia na suposição de que tais literaturas são escapistas, alienantes ou reacionárias. O objetivo deste trabalho foi promover uma discussão sobre esse último questionamento. Defendeu-se a hipótese de que, longe de ser escapistas ou alienantes, as Literaturas de Alta Fantasia podem ser utópicas e libertadoras, justamente por isso poderiam estar presentes na sala de aula. Além disso, por serem muito lidas, elas poderiam enriquecer o diálogo entre professores e alunos. Este trabalho foi realizado mediante uma pesquisa bibliográfica, que consistiu na revisão crítica da literatura relacionada à temática. Os resultados, ainda não totalmente conclusivos, apontam para: a) uma escassez de pesquisas sobre as literaturas de Alta Fantasia na escola; b) uma desconfiança em relação a esse gênero, uma vez que é considerado literatura de consumo de massa; c) um otimismo exagerado no que diz respeito ao componente utópico e libertador; d) um baixo interesse do mundo acadêmico sobre esse assunto, constatado, sobretudo, pelas escassas citações dos trabalhos publicados. Concluiu-se que, com alguns critérios, teóricos e

metodológicos, as Literaturas de Alta Fantasia podem estar presentes nas salas de aula. Contudo, é forçoso reconhecer que são necessárias mais pesquisas, teóricas e de campo. Também é importante salientar o desinteresse acadêmico pelo assunto, sendo necessário insistir no trabalho de divulgação científica.

Referências: BAUDOU, J. *La Fantasy*. Paris: PUF, 2005. BURCAR, Lilijana. Fantazijska rnladinska knji:levnost na prehodu v 21. Stoletje: primer britanskega prostora. *Primerjalna knjizevnost*. Letn. 30, 2 (2007), 1-17. FULLER, Matthew (Org.). *How To Be a Geek: essas on the culture* GILSDORF Ethan, Tudo que um geek deve saber. Novas Ideias. Edição do Kindle. MATANGRANO, Bruno Anselmi. O mundo de Oz de Frank Baum: conto de fadas modernizado, utopia norte-americana ou alta fantasia avant la lettre? *Ilha do Desterro* v. 74, nº 1, p. 227-257, Florianópolis, jan/abr 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/76109/45279>. _____. *Ordem vermelha: filhos da degradação, entre a alta fantasia e a distopia*. Estudos de Literatura Contemporânea Brasileira, Brasília, n. 56, e5620, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/22687/20509>. MATIC, Ve?ko. William Morris and the critical utopia of high fantasy. In: *Acta Neophilologica*. n. 42. v.1-2- 2009. Disponível em: <https://journals.uni-lj.si/index/index>. MORAN, Patrick. *The Canons of Fantasy: Lands of High Adventure*. Cambridge University Press, 2019. Edição do Kindle. Olsen, Lance. *Ellipse of Uncertainty: An Introduction to Postmodern Fantasy*. New York: Greenwood P, 2003, 1987. Rosemary, Jackson. *Fantasy: the Literature of Subversion*. London, New York: Methuen, 1981 SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*. PPGL/UFes. Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Anais+do+Evento+PG+Letras+30+Anos+Vol.+I&btnG= TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008 TOLKIEN, J. R. R. *Sobre histórias de fadas*. Tradução de Ronald Kyrmse. São Paulo: Conrad, 2006. WOO, Benjamin. *Getting a Life: The Social Worlds of Geek Culture* McGill-Queen's University Press. Edição do Kindle.

ALIAÇÃO, ACELERAÇÃO E TRABALHO PEDAGÓGICO COM A LITERATURA

Maria Amélia Dalvi

Resumo: Sob o pretexto de revigorar a tradição da teoria crítica da sociedade, Hartmut Rosa (2022) busca responder à questão que, segundo ele, motivava o jovem Karl Marx em seus manuscritos de Paris, bem como diferentes autores, tais quais Axel Honneth, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, Theodor Adorno e Walter Benjamin: “O que é uma vida boa e por que não temos uma?” (ROSA, 2022, p. 8). Apresentando-se como um continuador desta tradição, o autor defende o estudo dos fenômenos da alienação e da aceleração, partindo do pressuposto de que “[...] uma forma de examinar a estrutura e a qualidade de nossas vidas é focalizar os padrões temporais”, já que “[...] as estruturas temporais se conectam com vários níveis micro e macro da sociedade” (ROSA, 2022, p. 8). Neste trabalho, com o fito de evidenciar contribuições e limites do trabalho de Hartmut Rosa para a interface Literatura e Educação, realizamos alguns movimentos: o primeiro, sintetizar os elementos centrais do trabalho de Rosa (2022); o segundo, expor os balizamentos teórico-práticos hegemônicos para a educação literária no presente, notadamente no contexto brasileiro em sua correlação com o contexto internacional; e o terceiro, articular criticamente a tese de Rosa (2022) sobre alienação e aceleração na temporalidade tardo-moderna com a necessidade de superação da teoria pedagógica baseada em competências, assumida pelo Estado brasileiro como norteadora para o processo de educação básica e superior.

Referências: ROSA, Hartmut. *Alienação e aceleração: Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. Trad. Fabio Lucas. Petrópolis: Vozes, 2022.

ENSINO DE LITERATURA NO NÍVEL MÉDIO: CAMINHOS E PERCALÇOS

Mateus de Moraes Torres Ferreira

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar, através de uma perspectiva intertextual, como está o ensino de literatura nas escolas de ensino médio atualmente e como os estudos contemporâneos

de literatura podem contribuir para a melhoria deste ensino frente aos novos processos de leituras e de leitores advindos da modernidade. Adotaremos uma metodologia qualitativa que se baseará em uma pesquisa bibliográfica a fim de entender, desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, como os conceitos de: literatura, leitura, leitor, letramento e leitura literária. Além de observações assistemáticas às aulas de literatura nos três anos do ensino médio da escola Centro Educacional 619 de Samambaia Norte no Distrito Federal, com o fito de explicações mais profundas e um entendimento mais amplo e prático da problemática. Ao longo das aulas assistidas serão passados alguns questionários sobre os hábitos de leitura dos estudantes bem como a visão sobre literatura que os mesmos possuem. Investigaremos também as estratégias de incentivo e de ensino de literatura adotadas pela escola. O que se espera é que como resultado da pesquisa, ao seu término, consigamos estruturar uma proposta metodológica baseada nos dados levantados no estudo que nos possibilite uma intervenção produtiva à instituição. Desta forma daremos mais um passo nesse caminho do ensino de literatura.

Referências: AGUIAR E SILVA, V. M. Teoria da Literatura. 8. ed. Coimbra: Livraria Almeida, 1988. ARENA, D. B. A Literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no munda da cultura escrita. In: SOUZA, Renata Junqueira de. et. al. (Org.) Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura: a Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. BRANDÃO, H. N. Escrita, leitura e dialogicidade. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. (Coleção As faces da Linguística Aplicada). BRASIL. Ministério da Educação. Orientações curriculares para o ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. BRASIL. Ministério da Educação. Temas transversais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 1996. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília/SEF, 1998. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.) CHARTIER, R. Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVII. In Leitura: teoria e prática. Campinas: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, n. 30, p. 67-75. COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2021. DERRIDA, Jacques. Acts of Literature. Org. de Derek Attridge. Londres: Routledge, 1992. FISH, S. Is there a text in this class? The authority of interpretative communities. Cambridge: Harvard UP, 1980. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler; em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1980. LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009. TODOROV, Tzvetan. A Literatura em Perigo. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. Ed. São Paulo: Global editora, 2003.

O ACESSO À LEITURA LITERÁRIA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: DA LEITURA IMPRESSA À LEITURA DIGITAL

Nadja Silva Brasil Santos

Resumo: A leitura literária demudou-se com a cultura digital. A partir dessa premissa, apresenta-se o recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, a qual propõe investigar como a educação digital, em tempos de streaming, promove o acesso a aprendizagem da leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa da educação básica pública. Objetiva-se verificar quais as experiências que os alunos têm no processo de leitura literária a partir do uso das tecnologias digitais, com vistas a refletir se as condições de acesso a essas tecnologias favorecem ou alargam as desigualdades sociais no tocante à leitura literária no ambiente escolar. Isto posto, buscar-se-á examinar as possibilidades de uso das tecnologias digitais como ferramenta no ensino e aprendizagem da leitura literária, considerando as experiências que os alunos têm no processo de leitura a partir da educação digital, analisando o plexo entre a leitura impressa e a digital. Em vista disso, discute-se sobre a aproximação da Língua Portuguesa e da leitura literária a partir desse universo contemporâneo no qual professores e alunos estão imersos. A pesquisa assume natureza qualitativa, optando-se pela pesquisa-ação, por entender o conhecimento e a compreensão como parte da prática. Espera-se,

portanto, contribuir com o debate sobre a nova concepção de ensino e aprendizagem da leitura literária a partir da educação digital.

Referências: CANDIDO, A. Vários escritos. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011. COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Educação literária e desafios digitais: dilemas da BNCC. Fórum Linguístico, Florianópolis, s, v. 18, n. 2, p. 6233-6246, abri. /jun. 2021. CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Leitura Literária na Escola – desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: EDUNEB, 2012. FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011. LÉVY, Pierre. O que é o virtual. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1999. MERCADO, L. P. L. A internet como ambiente auxiliar do professor no processo ensino-aprendizagem. In: Conferência Internacional sobre Educación, Formación y Nuevas Tecnologías y e-Learning, 2002, Sevilla, Espanha. Actas de Virtual Educa 2002. Sevilla - Espanha: Virtual Educa 2002, v. 1, p. 1-12, 2002. MORAN, José Manuel. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2011. MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas- Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens (Volume II). SOUZA, Carlos Alberto de; e MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. NONATO, Emanuel do R. S. Novas tecnologias, educação e contemporaneidade. Práxis Educativa, Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan./ jun. 2006. ZILBERMAN, R. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.

PARA UMA REFORMULAÇÃO DO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

Neide Luzia De Rezende

Resumo: As obras que tradicionalmente compõem a lista de obras estudadas para conhecer o sistema literário brasileiro são geralmente de difícil leitura para os estudantes de hoje em razão da distância linguística e cultural, embora do ponto de vista das temáticas dos indivíduos e do mundo que os cercam possam ser consideradas universais ou atemporais. Portanto, o trabalho com tais obras na escola – do patrimônio histórico ou do cânone – deve ser pensado levando em consideração essas características de leitura, sem que a participação do leitor seja ignorada. Como então incentivar essa participação dos leitores, levá-los a conhecer nossa história literária, compreender o estilo próprio de cada obra, compreender sua relação com outras de seu tempo, como se diferenciam... objetivos para um estudante do ensino médio. Além do mais, como junto a isso estimular um interesse pelas obras e a fruição, que é um misto de prazer e conhecimento? Esses desafios estão sendo pensados de modo a configurar propostas didáticas para compor o Currículo da Cidade de São Paulo e ganhar configuração mais normativa. Ademais, propõe-se estimular uma discussão a respeito de uma participação mais efetiva dos pesquisadores em prol das políticas públicas e construção de currículos de modo a transformar as práticas de ensino.

Referências: SÃO PAULO. CURRÍCULO DA CIDADE. Secretaria de Educação do Município de São Paulo, 2020.

LER RECORTES, RELACIONAR FRAGMENTOS, REPRESENTAR O TEXTO LITERÁRIO

Priscila de Oliveira Campanholo

Resumo: Quando se considera a presença do texto literário na sala de aula, é comum - e isso observa-se na composição dos materiais didáticos - que a escolha de seu tratamento didático seja regida pelas restrições e exigências do tempo disponível para o trabalho, por isso, importa observar como se dá o ato de selecionar o que será lido em conjunto: pequenos textos; obras integrais ou recortes de romances e novelas, ora reunidos em antologias ou coletâneas, ora apresentados singularmente em fichas ou sequências de atividades. Michèle Petit, no livro "Leituras: do espaço íntimo ao espaço público", dedica um capítulo a essa leitura que se constrói a partir de fragmentos: seja uma fragmentação provocada pelo leitor, seja uma fragmentação promovida por outrem. Afirma a pesquisadora que recortar e colar são atos que não se opõem, já que a colagem não se refere

exatamente a uma recomposição da unidade, mas a uma nova recombinação; e que o recorte não pressupõe o processo de colagem e pode se restringir ao ato de seleção e de exclusão para a promoção de um isolamento do trecho. Esses procedimentos de seleção, extração, isolamento, recombinação são também promovidos em sala de aula e na elaboração dos materiais didáticos que apresentam o texto literário ao estudante. Assim, cabe-nos o questionamento referente a essa ação didática: que escolhas de recortes têm sido realizadas em livros didáticos e cadernos de atividades? Que processos de recontextualização são priorizados? Que representações do texto literário são potencialmente construídas a partir de tais prioridades? A partir da análise de materiais didáticos de ampla difusão, realizam-se aqui apontamentos em torno dessas questões, a fim de que, com isso, instaure-se uma discussão sobre a presença do extrato de texto literário em sala de aula e as escolhas didáticas que a circundam.

Referências: BELHADJIN, Anissa e PERRET, Laetitia. *L'extrait et la fabrique de la littérature scolaire*. Bruxelles: Peter Lang, 2020. DAVIET-TAYLOR, Françoise e GOURMELENI, Laurent. *Fragments: nouvelles echerches sur l'imaginaire*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2016. LOUICHON, Brigitte. *Um texte dans la classe: pratiques d'enseignement de la littérature au cycle 3*. Bruxelles: Peter Lang, 2020. PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

O ENSINO DE LITERATURA COM(O) INVENÇÃO DE UM MUNDO COMUM

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Resumo: Do latim *communis*, comum é aquilo que, em termos adjetivos e substantivos, pertence “a todos ou a muitos” (CUNHA, 2000, p. 202), formando palavras como: comuna, comungar, comunicação, comunista e comunitário. Por outro lado, não podemos nos esquecer da preposição *com*, que tem existência autônoma, mas que também se presta ao papel de prefixo, instaurando uma perspectiva do sujeito em relação ao/no mundo, o que redundará em uma posição de compartilhamento. Na esteira das múltiplas expressões dicionarizadas a partir tanto de comum quanto de com, nesta comunicação pretendemos articular/pensar em que medida o ensino de literatura pode ser considerado o espaço-tempo oportuno à desautomatização da lógica de um mundo que investe em formas de subjetivação submetidas à razão instrumental sob a égide do desenvolvimento (capitalista, sustentável, dentre outros). Nesse sentido, nossa visada questiona o que seja desenvolvimento, considerando a formação da palavra e o significado do prefixo *des*, com destaque para seu sentido de “cessação de algum estado primitivo ou de uma situação anterior” (CUNHA, 2000, p. 249), ou seja, desenvolver-se (ou melhor, ainda que pareça estranho, se “desenvolver-se”) seria des-envolver-se. Nossa proposição é a de que o ensino de literatura se dá pelo envolvimento do sujeito com o texto, do sujeito com o ato da leitura, do compartilhamento de uma visão do mundo, do exercício de perspectivação ou de colocar-se no lugar do outro, dentre outras possibilidades, tendo como premissa que analisar os constituintes de uma palavra é problematizar como um conceito é construído como invenção/ficção.

Referências: CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. 13. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO LEITORA, ESTÉTICA E HUMANA NA INFÂNCIA: LIMITES E POSSIBILIDADE NA POESIA DE DRUMMOND

Sandra Regina da Silva

Resumo: A formação leitora direcionada ao público infantil em espaço de educação formal, apresenta-se como fundamental, pois pode ser o único contato dos estudantes com o livro. desta forma, o interesse desse projeto vinculado ao Poslit – UnB, é realizar uma pesquisa qualitativa do tipo participante, a partir de uma proposta de intervenção com leitura de poesias para crianças e professoras da primeira etapa da Educação Básica. Pretende-se apresentar os poemas de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) como corpus de análise, tomando como ponto de partida, o livro *Boitempo-Menino Antigo*. A motivação principal desta pesquisa está em compreender como acontece, em dias atuais, o trabalho literário, especialmente com a poesia, nas instituições de ensino

no interior do estado de Goiás, especificamente nas escolas que atendem crianças oriundas das zonas rurais no município de Jussara. Verificar ainda, as possibilidades imbuídas nas práticas literárias, para formação leitora e estética na infância. Na ideia de leitura baseada no sentido, a criança é um leitor desde o princípio, o professor é um “facilitador” e um guia; o tratamento é individualizado e a criança deve explorar, formular hipóteses, imaginar e verificar o sentido do texto. Entre os resultados alcançados inclui-se a compreensão de como a poesia, com as suas especificidades de linguagem, pode potencializar o universo lúdico da criança e favorecer o refinamento da sensibilidade e da percepção crítica e estética. A pesquisa será referendada por autores que se dedicaram à investigação do desenvolvimento infantil, do ensino e outros que estudaram as contribuições da poesia para percepção estética e crítica, como Huizinga (1980), Lajolo (1988), Bordini (1991, 2010), Candido (2008), Vigotski (1998), Aguiar (2001), Zilberman (2003), Colomer (2003), Todorov (2009).

Referências: AGUIAR, Vera Teixeira. Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Menino Antigo 1ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2017. BORDINI, Maria da Glória. Poesia e consciência linguística na infância. In: SMOLKA, Ana Luiza B. et al. (Org.). Leitura e desenvolvimento da linguagem. 2.ed. São Paulo: Global, 2010. CANDIDO, Antonio. Na sala de aula: caderno de análise literária. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008. COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 4.ed. São Paulo: Cortês, 1992. HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura, tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história & histórias. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. VIGOTSKI, Lev Semenovich. A construção do pensamento e da linguagem. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009ª. ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11.ed. São Paulo: Global, 2003.

AS DISCUSSÕES SOBRE UMA DIDÁTICA DA LITERATURA NO BRASIL

Sérgio Fabiano Annibal

Resumo: Pretende-se, nesta edição do Congresso da ABRALIC, trazer uma reflexão sobre o ensino da literatura no Brasil, a partir de resultados de pesquisa que aborda de que forma o tema é tratado em cursos de licenciatura em instituições públicas brasileiras e de como a ideia de uma didática da literatura é engendrada. Para tanto, o conceito de didática geral em contraposição ao de didática da literatura estão no centro da discussão, considerando que, em princípio, a didática contribui e está na base de qualquer curso de licenciatura para o sentido de profissionalização docente, possibilitando que os professores em formação superem a ideia, oriunda do senso comum, de que o ofício da docência é inato ou assemelha-se a um dom; tal superação é possível devido ao fato de estar no domínio da Didática uma lógica ou uma dinâmica da profissão docente, trazida para as licenciaturas de forma criteriosa e fundamentada, constituindo, portanto, um conjunto de saberes docentes e profissionais pertencentes e exclusivos ao magistério. A metodologia da referida pesquisa está pautada na abordagem qualitativa com utilização da análise documental. A investigação se justifica pela oportunidade de adentrar pelas particularidades dos campos da Educação e das Letras, a fim de compreendê-las mais, no que tange ao tema ensino de literatura e, com isso, contribuir para a formação de professores de literatura. Portanto, os resultados esperados buscam fomentar reflexões e debates sobre o que os agentes dos campos da Educação e das Letras vem produzindo sobre o assunto e como eles se apropriam dessa produção em suas propostas pedagógicas; tudo isso pode contribuir para formação profissional de alunos de graduação e de pós-graduação em Letras, no tocante à didática da literatura.

Referências: BARTHES, R. Aula. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2015. BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T.. Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: Questões de Sociologia, Lisboa: Fim de Século, 2003. CANDAU, V. M. F. A Didática em questão. Petrópolis: Vozes, 2017. CANDAU, V. M. F. Rumo a uma nova didática. Petrópolis: Vozes, 2019. CASTANHO, A. P. B. O ensino da literatura e a formação de professores em cursos de Letras. Dissertação (Mestrado) - Programa

de PósGraduação em Letras, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012. CEIA, C. Profissão: professor de literatura. *Entreletras*, Araguaiana/TO, v. 3, n. 1, jan./jul. 2012, p. 195-214. CHARTIER, R. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane do Nascimento. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. COELHO, N. N. O ensino da literatura. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975 COMENIUS. *Didática magna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. DALVI, M.A; REZENDE, N. L.; Rita JOVER-FALEIROS, R. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. 1ed. São Paulo: Parábola, 2013. IANNI, O. O professor como intelectual: cultura e dependência. In: CATANI, Denice et al (Org.). *Universidade, escola e formação de professores*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 39-49. LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola*. Porto Alegre, Globo, 1992 LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013. MUNITA, F. La didáctica de la literatura: hacia la consolidación del campo. *Educación e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 2, abr./jun. 2017, p. 379-392. TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

LEITURA LITERÁRIA, TECNOLOGIAS DIGITAIS E APLICATIVO EDUCACIONAL: MOVIMENTOS, REPERCUSSÕES E PRÁTICAS

Sidmar da Silva Oliveira

Resumo: O objeto deste estudo é o ensino da leitura literária durante e pós-pandemia. Trata-se de uma pesquisa que traz à cena um relato de experiência que envolve o ensino da leitura literária por meio do aplicativo educacional Clique-ALFA, construído em meio ao cenário pandêmico para ampliar os espaços de ensino e aprendizagem agenciados em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais, em uma escola pública da rede municipal de ensino de Monte Santo/BA. O objetivo modular é discutir as repercussões do aplicativo Clique-ALFA ao ensino de leitura literária no Ensino Fundamental – anos iniciais, durante e pós-pandemia. As elaborações traçadas, oriundas do relato de experiência e interpretações das interfaces do aplicativo educacional Clique-ALFA, fundamentam-se em autores que discutem literatura (CANDIDO, 2011), ensino de leitura literária (COSSON, 2009; SOLÉ, 1998), tecnologias digitais (CUPANI, 2016; MORAN, 2013) e aplicativo educacional (SILVA; XAVIER, 2020). O estudo leva a compreender três aspectos centrais: a) os professores podem criar aplicativos educacionais para reinventar os espaços e modos de atuação durante e pós-pandemia; b) as tecnologias digitais e os aplicativos educacionais ampliam os espaços e tempos de ensino e aprendizagem, viabilizando a reinvenção do ensino de leitura literária na Educação Básica; c) o ensino de leitura literária é uma vereda para potencializar outras formas de construção de sentidos a partir de fabulações e leituras dialéticas dos problemas sociais situados. Quiçá, esses enfoques possam dar um impulso para se pensar em intercambiar tecnologias digitais, leitura literária e aplicativo educacional de forma contextual e responsiva na Educação Básica.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-193. COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. CUPANI, Alberto. *Filosofia da tecnologia: um convite*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. MORAN, José Manuel. *Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias*. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas metodologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 11-72. SILVA, Obdália Santana Ferraz; XAVIER, Heráclito Santos Martins. *Letramentos hipermediáticos e produção de apps na formação docente*. *Educ. foco, Juiz de Fora*, v. 25, n. 3, p. 82-84, jan/abr 2020. SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RELATO SOBRE A APLICAÇÃO DO MÉTODO LINEAR NA LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO

Silvana Rossélia Monteiro dos Santos

Resumo: O presente relato apresenta como se deu a aplicação do método linear na leitura de contos a alunos do ensino médio em duas escolas públicas no município de Manacapuru- Amazonas. Essa fase escolar é caracterizada pelo desinteresse dos alunos em leitura literária, conforme pesquisas e avaliações de professores sobre o interesse na leitura literária nessa fase final da Educação Básica. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou verificar se isso se confirmava efetivamente na prática

com a proposta da leitura de contos, utilizando o método linear já aplicado em outras pesquisas sobre ensino e literatura. A pesquisa aconteceu no período de 4 meses, em 2022, no primeiro ano de aula presencial, após a pandemia, nos tempos de aula de Língua portuguesa, em turmas do 2º e do 3º ano do ensino médio. A ênfase aqui é verificar a resposta dos alunos quando convidados a fazer a leitura literária por meio da contação da história, pois o método linear consiste na leitura do texto pelo professor e na audição, no comentário e na produção dos alunos a partir desse ouvir o texto, finalizando com o compartilhamento coletivo da produção textual individual por cada aluno nos dois tempos de aula usados para a realização da atividade.

Referências: BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016. BARTHES, Roland. Aula. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004. BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura: a Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. LAJOLO, Marisa. Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a Literatura Escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982. MANGUEL, A. Uma história da leitura. Tradução Pedro Maia Soares. 1ª Ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021. _____ Os Livros e os Dias. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. PEREIRA, Danglei de Castro. Entre Harpócrates e Calíope: desafios em torno do ensino de literatura. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2020. 99 p. : il.

ALENCAR NAS RIMAS DE CORDEL: UMA PROPOSTA DE LEITURA DE CLÁSSICOS A PARTIR DA LITERATURA DE CORDEL.

Virgínia das Dores Ramos Filgueiras e Maria Alice Mota

Resumo: A prática de leitura, no ambiente escolar do ensino fundamental, precisa ser motivadora para que os alunos despertem o interesse, que lhes falta, pela leitura literária. Como é normatizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A partir dessa demanda, o objetivo geral deste trabalho é propiciar a leitura de obras clássicas da literatura brasileira e instaurar experiências de leitura (COMPAGNON,) que possibilitem aos alunos, ler, reler e recontar as narrativas, em forma de cordel. Visto que a leitura torna-se essencial para a formação dos sujeitos sociais, que sejam conscientes do seu potencial de transformação, uma vez que, neste preâmbulo, o ato de ler, segundo Freire (1989), não se configura de forma instrumental e mecânica, mas pressupõe uma relação intrínseca entre leitura e mundo, mobilizando a capacidade crítica dos leitores. Surgiu então, uma preocupação de criar uma intervenção metodológica por meio dessa proposta: Alencar nas rimas de Cordel: uma proposta de leitura de clássicos a partir da Literatura de Cordel. E esta se apresenta com uma abordagem da Linguística Aplicada, que buscará investigar e detectar problemas relacionados à leitura de textos literários, com a criação de estratégias metodológicas para solucionar as dificuldades diagnosticadas. Tendo em vista que a literatura perpassa outros campos de atividade social e pode evocar as forças de liberdade (BARTHES, 1977) para além do texto. Esta proposta oferece instrumentos para um entendimento mais profundo das obras com vistas a contribuir para uma formação mais eficiente de leitores criativos com uma aproximação mais efetiva com o texto. E compõe o objeto de pesquisa que estamos desenvolvendo no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

Referências: Barthes, Roland. Aula. 14ªed. Editora Cultrix, São Paulo, 1977. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. BRASIL. COMPAGNON, Antonie. Literatura para quê? Trad. Laura Taddei Brandini. Belo horizonte: Editora UFMG, 2009. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1982.

SIMPÓSIO “ENSINO DE LITERATURA EM CRISE: DIAGNÓSTICOS & PROPOSTAS”

Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva (UERJ), Marcel Alvaro de Amorim (UFRJ) e Mônica de Menezes Santos (UFBA)

POLÍTICAS CURRICULARES E AGENTIVIDADE NO LOCAL DE TRABALHO: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DO TRABALHO COTIDIANO COM EDUCAÇÃO LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS

Clecio Dos Santos Bunzen Junior

Resumo: O presente trabalho assume a importância de estudos sobre o currículo dos cotidianos escolares como centrais para a compreensão da implementação das diversas políticas curriculares e do processo de agentividade no local de trabalho. Em um contexto local forte de neoconservadorismo político e de forte controle das várias políticas públicas e de linguagem (RAJAGOPALAN, 2013), faz-se necessário observar com mais atenção as práticas cotidianas de sala de aula, pois é lá que as professoras fabricam os currículos, inventam resistências e assumem diferentes identidades. Partimos da concepção de que as professoras são as que mais conhecem as necessidades locais e que formulam as políticas de facto (RICENTO, 2006; MCCARTY, 2011; BUNZEN, 2009; KLEIMAN, 2006; LESSARD, 2016). No âmbito das políticas públicas contemporâneas, alguns municípios têm investido em construção de políticas públicas de letramento (STREET, 2014) próprias para o trabalho com a educação literária nas escolas (PAIVA, 2012; MACEDO, 2021; AMORIM et al, 2022). A problemática central da investigação é justamente procurar compreender, por uma pesquisa de cunho etnográfico, como duas professoras atuam no Programa de Leitura “Escola que lê, faz a mudança acontecer” em uma escola pública no município de Jaboatão dos Guararapes (PE). Uma das características dessa política pública é a compra e distribuição de livros literários sem a participação direta do professor em tais decisões. O programa é compreendido como parte de uma política curricular que prescreve e regulamenta que tipo de obra literária precisa ser lida na escola pelas crianças dos anos iniciais. Os resultados demonstram como nas ações de sala de aula as professoras agem pela lógica do ator, ou seja, como os agentes nos níveis locais que participam da elaboração, implementação e negociação nas redes municipais, nas escolas e nas salas de aula com as políticas públicas que envolvem a educação literária.

Referências: AMORIM, Marcel; DOMINGUES, Diego; KLAYN, Débora; SILVA, Tiago. Literatura na escola. São Paulo: Editora Contexto, 2022. BUNZEN, Clecio. Dinâmicas discursivas na aula de português: os usos do livro didático e projetos didáticos autorais. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, 2009. KLEIMAN, Angela. Processos identitários na formação profissional – o professor como agente de letramento. In: Manuel Corrêa e François Boch (Orgs.) Ensino de língua: representação e letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, pp. 75-91. LESSARD, Claude. Políticas educativas: a aplicação na prática. Petrópolis: Vozes, 2016. MACEDO, Maria do Socorro (Org.). A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021. MCCARTY, Teresa. Introducing ethnography and language policy. In: Teresa MacCarty (Orgs.). Ethnography and language policy. New York: Routledge, pp. 1-28. PAIVA, A. Literatura fora da caixa: o PNBE na escola. São Paulo: Editora Unesp, 2012. RAJAGOPALAN, Kanavillil. Políticas de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas. In: Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.) Linguística Aplicada na Modernidade Recente. São Paulo, Parábola, 2013. RICENTO, T. Language Policy: Theory and Practice: An Introduction. In: Thomas Ricento (Org.) An introduction to language policy: Theory and method. Oxford, Blackwell, 2006. STREET, Brian. Relações entre políticas, teoria e pesquisa no campo do letramento. In: Letramentos Sociais. São Paulo: Parábola, 2014, pp. 193-213.

CRISE DO ENSINO DE LITERATURA: DESAFIOS E POTENCIAIS DAS ABORDAGENS SISTÊMICAS

Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva

Resumo: Propomos aqui um olhar mais sistemático sobre os desafios e potenciais de uma abordagem sistêmica a respeito da atual crise do ensino da literatura, partindo principalmente de uma análise mais detida das discussões ocorridas no âmbito dos dois simpósios organizados explicitamente em torno do tema nos últimos congressos da ABRALIC. Nesse sentido, buscamos indicar quais pontos do sistema literário têm sido mais ou menos abordados nas comunicações propostas e com que rendimento, no que diz respeito à formação de um painel articulado e atualizado da atuação dos principais determinantes da crise em questão. Consideramos, para efeitos dessa análise, o conjunto das relações da literatura como disciplina na escola básica com um sistema

complexo que inclui, como seus principais pontos de articulação, a gama de determinantes já descritos desde a proposta do primeiro simpósio em questão: os documentos orientadores do MEC, os materiais didáticos oferecidos pelo PNLD, as bibliotecas escolares e seus programas oficiais de constituição e alimentação do acervo, as avaliações de larga escala, os programas de formação docente das licenciaturas à pós-graduação e ainda, por fim, as próprias condições concretas em que têm atuado os professores das escolas públicas. Pretendemos, com essa análise, detectar as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento de abordagens sistêmicas do ensino da literatura mas também o seu potencial, inclusive no que diz respeito à efetiva experiência do que isso pode significar em termos de uma reafirmação da desejável indissociabilidade entre teoria e prática. Como base teórica, convocamos mais uma vez desde as primeiras observações de Antonio Candido a respeito da constituição do nosso “sistema literário”, até as formulações teoricamente mais detalhadas do seu funcionamento trazidas pela ciência da literatura empírica de extração alemã.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011. OLINTO, Heidrun Krieger. Letras na página, palavras no mundo. Novos acentos sobre os estudos de literatura. Palavra. Rio de Janeiro: PUC-RJ, n.1, p. 7 - 40, 1993. OLINTO, Heidrun Krieger. Ciência da literatura empírica: uma alternativa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

O ENSINO DE LITERATURA EM CRISE, MAS A LEITURA LITERÁRIA ESTÁ "ON"!

Cynthia Agra De Brito Neves

Resumo: O diagnóstico fatalístico de que o ensino de literatura vive (ou está?) em/uma crise não é recente. Teóricos da literatura preocupados com o ensino, como Marisa Lajolo e Regina Zilberman, já replicavam tal constatação em seus textos e eventos acadêmicos desde o século passado. Documentos curriculares dos mesmos anos 90, como os PCN e as OCEM, também partiam dessa linha argumentativa para propor novas (?) metodologias para o ensino de literatura. O insucesso dessas prescrições colocou em xeque até mesmo a própria necessidade de se ensinar ou não literatura na escola, até que, finalmente, fomos acudidos por Antonio Candido e sua tese de “O direito à literatura”. Três décadas se passaram e em pleno século XXI ainda convivemos com o mesmo diagnóstico, embora tenhamos agora uma BNCC e muitos professores e pesquisadores da Educação, da Letras, da Teoria Literária e da Linguística Aplicada, empenhados em discutir as literaturas e o seu ensino na educação básica e superior. Esta comunicação visa atestar a crise, mas, antes de tudo, pretende buscar as variáveis que a justifiquem, bem como contrastar que, se por um lado há crise no ensino; por outro, há prosperidade na leitura e na escrita literárias. De fato, nunca na história desse país os letramentos literários estiveram tão “on” entre os jovens (Petit, 2009; Massol, 2018; Amorim et al, 2022), sejam nos saraus, nos slams, nas festas literárias, nas bienais de livros, nos canais do YouTube etc., espaços esses em que o protagonismo juvenil se faz evidente, deixando escapar a subjetividade leitora e escritora desses jovens – eis o que se pretende discutir neste simpósio.

Referências: O diagnóstico fatalístico de que o ensino de literatura vive (ou está?) em/uma crise não é recente. Teóricos da literatura preocupados com o ensino, como Marisa Lajolo e Regina Zilberman, já replicavam tal constatação em seus textos e eventos acadêmicos desde o século passado. Documentos curriculares dos mesmos anos 90, como os PCN e as OCEM, também partiam dessa linha argumentativa para propor novas (?) metodologias para o ensino de literatura. O insucesso dessas prescrições colocou em xeque até mesmo a própria necessidade de se ensinar ou não literatura na escola, até que, finalmente, fomos acudidos por Antonio Candido e sua tese de “O direito à literatura”. Três décadas se passaram e em pleno século XXI ainda convivemos com o mesmo diagnóstico, embora tenhamos agora uma BNCC e muitos professores e pesquisadores da Educação, da Letras, da Teoria Literária e da Linguística Aplicada, empenhados em discutir as literaturas e o seu ensino na educação básica e superior. Esta comunicação visa atestar a crise, mas, antes de tudo, pretende buscar as variáveis que a justifiquem, bem como contrastar que, se por um lado há crise no ensino; por outro, há prosperidade na leitura e na escrita literárias. De fato, nunca

na história desse país os letramentos literários estiveram tão “on” entre os jovens (Petit, 2009; Massol, 2018; Amorim et al, 2022), sejam nos saraus, nos slams, nas festas literárias, nas bienais de livros, nos canais do YouTube etc., espaços esses em que o protagonismo juvenil se faz evidente, deixando escapar a subjetividade leitora e escritora desses jovens – eis o que se pretende discutir neste simpósio.

BASES TEÓRICAS PARA O ENSINO DE LITERATURAS: UM OLHAR PARA O PROFLETRAS

Débora Ventura Klayn Nascimento

Resumo: Esta comunicação busca investigar propostas de práticas pedagógicas referentes ao ensino de literaturas, presentes em Dissertações defendidas junto ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), no início dos anos 2020. Elege-se como objeto de pesquisa cinco resumos de dissertações relacionadas ao ensino de literaturas, defendidas em 2021 e cadastradas na página do repositório nacional de Dissertações do Profletras. A opção por analisar resumos resulta da impossibilidade de uma investigação qualitativa de todas as Dissertações encontradas. O recorte selecionado recai sobre pesquisas defendidas em diferentes polos do Profletras, instituições federais e estaduais, situadas nas cinco regiões brasileiras. A escolha do Profletras, por sua vez, justifica-se pela relevância do programa no cenário de pesquisas relacionadas ao ensino de português e literaturas. Com base na leitura dos resumos, os objetivos delineados são os de entrever quais as principais bases teóricas que estão sendo convocadas para o (re)pensar de práticas escolares de leitura literária no início da década de 2020, além de conhecer algumas das propostas realizadas. Para tanto, apoio-me na Análise Dialógica do Discurso (ADD), buscando problematizar as relações entre os postulados das bases teóricas encontradas e os objetivos, metodologias e resultados mencionados nos resumos. Como aporte teórico, dialogo estudos recentes sobre o ensino de literaturas, tais como os mencionados no livro de Amorim et al (2022), com discussões de autores mencionados nos resumos das dissertações selecionadas, entre os quais destacam-se Antonio Candido, Rildo Cosson, Vincent Jouve, Regina Zilberman, Teresa Colomer, Roland Barthes, dentre outros. Os resultados apontam para a presença de diferentes correntes teóricas nas pesquisas, entre as quais se destacam a Estética da recepção a Leitura subjetiva e, sobretudo, o Letramento literário (COSSON, 2016). Quanto às propostas realizadas, as pesquisas parecem reverberar a tensão entre tradição escolar e os postulados das recentes teorias sobre o ensino de literaturas.

Referências: AMORIM, M. A.; DOMINGUES, D.; KLAYN, D.V.; SILVA, T. C.; Literatura na escola. São Paulo: Contexto, 2022. COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DO LEITOR E O ENSINO DE LITERATURA NO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Flávia Pereira Ramalho

Resumo: Como se assumir como não leitor? Como comunicar a seu professor sua falta de vontade de ler? Esses são alguns dos questionamentos que Annie Rouxel traz em seu texto “Autobiografia de leitor e identidade literária” (2013). A presente pesquisa busca investigar a formação continuada do leitor, voltando o olhar para os professores que atuam em sala de aula e retomaram seus estudos na pós-graduação, levando em consideração a presença da disciplina de ensino de literatura no currículo do mestrado profissional em letras (PROFLETRAS) e procurando entender e analisar os encaminhamentos teóricos e as repercussões das discussões provocadas pela disciplina na visão sobre formação do leitor dos professores-estudantes do programa, escolhido por causa da repercussão positiva dos estudos na formação de professores e os ecos que causam na universidade. Com base nesses estudos e outros sobre leitura subjetiva e ensino de literatura de autores como Michèle Petit, Teresa Colomer e Antonio Candido, esta pesquisa pretende evidenciar as consequências a mudança de paradigma da leitura literária e do ensino de literatura de obrigação para direito através da análise das dissertações do Mestrado Profissional em Letras e, se possível, contribuir para reforçar a importância da disciplina de ensino de literatura na formação profissional nas universidades.

Referências: CÂNDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: _____. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. COLOMER, Teresa. “Andar entre livros: A leitura literária na escola”. In: Nos caminhos da Literatura. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. São Paulo: Petrópolis, 2008. PETIT, Michèle. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: editora 34, 2013. ROUXEL, Annie. “A tensão entre utilizar e interpretar na recepção”. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide L. de. Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013. DIAS, Ana Crelia P. Ser professor de literatura e ser leitor: caminhos para reflexões fora do discurso do senso comum. Revista Ecos, Mato Grosso, vol. 27, ano 16, nº2, p. 02-37, 2019.

“ENSINAR POESIA?”: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE LEITURA LITERÁRIA DE POEMAS ENTRE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Gabriel Castilho Maia

Resumo: Trata-se de projeto cuja proposta é investigar o ensino de literatura nas escolas públicas paulistas, com foco voltado ao trabalho pedagógico com poemas no Ensino Médio (EM). O objetivo é realizar, através de entrevistas, a coleta e a análise de narrativas de professores de língua portuguesa do EM. Pretende-se, por meio dos relatos, identificar práticas e representações de poesia nas salas de aula, bem como analisar práticas pedagógicas promovidas por professores e, também, o lugar atribuído à poesia e ao seu ensino na formação humana. Para a realização da pesquisa, será utilizado o método narrativo, mais especificamente a categoria histórias de vida (JOSSO, 2006; SOUZA, 2006; ANNIBAL, 2009), a fim de reconhecer a voz das subjetividades e alcançar as representações dos professores entrevistados, identificando também a concepção de poesia que subjaz sua ação docente. Para promover a discussão a respeito da natureza específica da literatura e da poesia, o trabalho utilizará as obras de BARTHES (2000, 2007), SARTRE (2004), BLANCHOT (1987), TODOROV (2019), BOSI (2000, 2006), VALERY (2018), PAZ (1982), entre outras que se façam necessárias. Além do debate acerca da teoria e da crítica literária, as análises das narrativas e dos documentos se nortearão também pelas reflexões sobre história cultural (CHARTIER, 2002) e, eventualmente, sobre a formação do campo literário (BOURDIEU, 1996, 2008).

Referências: ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/index>>. Acesso em: 02 de julho de 2018. ANNIBAL, Sérgio Fabiano. Aspectos Mediadores e a Identidade Docente na Sociedade Contemporânea: o Contexto do Ensino de Língua Portuguesa. Tese de Doutorado em Educação. Marília - SP: Universidade Estadual Paulista, 2009. BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2000. _____. Crítica e verdade. São Paulo: Perspectiva, 2007. BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Tradução: Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 261-306. BLANCHOT, Maurice. O espaço literário. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. _____. História concisa da literatura brasileira. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. BOURDIEU, Pierre. A Miséria do mundo. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. _____. As Regras da Arte. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. CANDIDO, Antonio. O estudo analítico do poema. 6ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. _____. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193. CATANI, Denice. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006. _____. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em História da Educação e em processos de formação. In: BARBOSA, R.L.L. (Org.) Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003, p. 159-169. CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990. CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Alges – Portugal, 2002. CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, vol. 16, núm. 2, 2003, pp. 221-236. Universidade do Minho, Braga, Portugal. EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos

desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB. 2006. MAIA, Gabriel Castilho. Poesia em sala de aula: caminhos para o trabalho com poemas no ensino fundamental. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – ProfLetras. Unesp, Assis, 2020. MUNITA, Felipe. La didáctica de la literatura: hacia la consolidación del campo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 379-392, abr./jun., 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201612151751>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/FNMBd37MM3JXTScF7QTR9Pf/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 17 ago. 2022. PAZ, Octavio. O Arco e a Lira. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. PILATI, Alexandre. Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. PINEAU, G. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB. 2006, p.41-60. PINHEIRO, Hélder. Poesia na sala de aula. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018. POUND, Ezra. ABC da literatura. Tradução: Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). Leitura de literatura na escola. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013a. p. 99-112 SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. Currículo Paulista. Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portais/84/docs/pdf/curriculo_paulista_26_07_2019.pdf>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2020. SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura? São Paulo: Ática, 2004. SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (orgs). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB. 2006. TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Tradução: Caio Meira. 9ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2019. VALERY, Paul. Lições de Poética. Tradução: Pedro Sette-Câmara. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

DA SAÚDE À AMIZADE: "HÁ COISAS QUE NÃO SE PODE FAZER JUNTO SEM ACABAR GOSTANDO UM DO OUTRO"

Jamilly Starling Santos de Jesus e Mônica de Menezes Santos

Resumo: Fruto da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada "Expecto Patronum: notas sobre docência, literatura e a pequena saúde", o trabalho ao qual corresponde o presente resumo é alicerçado na pergunta "pode o compartilhar de textos literários ser promotor da pequena saúde deleuziana?" Aqui, a partir de experiências de leitura em salas de aula com crianças de duas turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal da cidade de Salvador, costuradas pelo livro "Harry Potter e a Pedra Filosofal", de JK Rowling, refletimos sobre a alegria cultural que reside em dividir com os estudantes nossas paixões literárias, os escritores que admiramos, as produções que nos afetaram a tal ponto que não podemos deixar de compartilhá-las com aqueles cuja educação escolar está sob nossa responsabilidade e como esse compartilhamento pode ser promotor da pequena saúde na escola. Para essas reflexões, além de recorrermos ao conceito de Deleuze de "pequena saúde", também caminharemos pelas obras de Spinoza e o seu conceito de alegria, de Georges Snyders que, afinando-se ao conceito spinozano de alegria, elabora o conceito de alegria cultural escolar, assim como também dialogaremos com Jorge Larrosa pelos seus estudos que tratam da construção de amizades a partir do compartilhar de leituras.

Referências: ALMEIDA, Vanessa Sievers. Amor mundi e educação: reflexões sobre o pensamento de Hannah Arendt [tese]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2009. ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013. LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: 34, 2013. DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013. KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. p. 17-31. ROWLING, J.K. Harry Potter e a Pedra Filosofal. Rio de Janeiro: Rocco, 2015a. SANTOS, Boaventura

de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. São Paulo: Boitempo, 2020. SPINOZA, Benedictus de. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. SNYDERS, Georges. A alegria na escola. São Paulo: Editora Manole Ltda., 1988. SNYDERS, Georges. Alunos felizes: reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

ESTÉTICA E RESISTÊNCIA A LITERATURA CRÍTICA-SOCIAL

Josefa Rodrigues Dos Santos

Resumo: A proposta de cunho teórico apresenta a temática da literatura canônica resistir a uma literatura de massa, sendo indicada como literatura de formação em detrimento de favorecer apenas, prazer e distração. Aborda questões sobre a formação de leitor em contexto escolar sob orientação e indicação de uma literatura que prioriza o valor estético e se ancora na crítica literária acadêmica para construção de sentidos da obra lida. Objetiva-se apresentar como a ideia do cânone literário é formada, analisar se a indicação dessa literatura parte da percepção subjetiva ou histórica de quem indica. Para esse fim, mobilizamos os teóricos Harold Bloom (2001), George Steiner (1958), Ítalo Calvino (2007), Ezra Pound (2013) e Leyla Perrone-Moisés (1998) os quais discutem sobre a permanência ou relativização do cânone. Nessa perspectiva, apresentamos uma pesquisa de cunho qualitativo e como aporte metodológico analisamos como a obra “Tem um livro aqui que você vai gostar” distribui em categorias literatura de valor estético de formação e literatura de massa dos diversificados gêneros textuais como possível caminho para a formação de leitor. A escolha está pautada em apresentar uma pessoa que não é filiado a crítica literária, mas apresenta uma lista de opções de leitura e dentre essas, diz que tem alguma que o leitor vai gostar, como ponto de partida adquirir o gosto pela leitura, mas que leitura? A de fruição ou de formação social? Os resultados da pesquisa ainda não são conclusos, uma vez que a obra analisada não apresenta uma crítica das leituras sugeridas, mas pelos teóricos investigados até então, a prospecção de indicações de obras canônicas se deve a percepção histórica, a saber, o encontro literário de quem indica literatura não é sempre efetivado para a proposta de levar o outro a essa real experiência.

Referências: BARTHES, Roland, O prazer do texto. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015. BARTHES, Roland, Crítica e verdade. Tradução Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2013. BAYARD, Pierre, Como falar dos livros que não lemos? Tradução Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. BLOOM, Harold, O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo. Tradução de The Western Canon. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CALVINO, Italo, Por que ler os clássicos. Tradução de Nilson Moulin. 1ª, ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. CALVINO, Italo, Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. COMPAGNON, Antoine, O demônio da teoria: Literatura e ensino comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. DURÃO, Fabio Akcelrud, O que é crítica literária? 1. ed. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016. EAGLETON, Terry, Teoria da literatura: uma introdução. Tradução Waltensir Dutta. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2019. EAGLETON, Terry, Como ler literatura. Tradução Denise Bottmann. 2. Ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020. FAGUNDES, Antonio, Tem um livro aqui que você vai gostar. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Sintaxe, 2020. STEINER, George, Linguagem e Silêncio Ensaio Sobre a Crise da Palavra. Companhia das Letras, Trad. Gilda Start e Felipe Rajabally, São Paulo, 1998. JAUSS, Hans Robert, A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. MANGUEL, Alberto, Notas para uma definição de leitor ideal. Tradução de Rubia Goldini; Sérgio M Solina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020. PERRONE-MOISÉS, Leyla, Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das letras, 1998. POUND, Ezra, ABC da literatura. Organização e apresentação da edição brasileira Augusto de Campos: Tradução de José Paes, Augusto de Campos. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

A ESCOLA COMO ESPAÇO POSSÍVEL PARA O EFETIVO CONTATO COM A LITERATURA

Júlia das Neves Mateus e Chirley Domingues

Resumo: A comunicação proposta emerge de uma pesquisa de mestrado defendida em 2022, na qual nos dedicamos a refletir sobre o espaço ocupado pela literatura na educação básica brasileira. Nosso objetivo foi analisar o contato dos alunos de uma escola pública federal com a literatura, no âmbito de um projeto de leitura intitulado Confraria Literária. A pesquisa, definida como um estudo de caso, contemplou análise documental, entrevistas e aplicação de questionários, envolvendo a professora idealizadora do projeto e os alunos participantes. Na apresentação aqui proposta, vamos dar ênfase à análise do acervo memorialístico do projeto lançando luz sobre o material de divulgação dos eventos do Confraria, as produções escritas e audiovisuais elaboradas nas atividades do projeto, além dos registros fotográficos dos encontros. Nossa análise teve como aporte teórico autores como Candido (2017) e suas reflexões sobre o acesso de todos os cidadãos à literatura. Além disso, recorreremos à Zilberman (2009; 2012), Rezende (2013) e Rouxel (2013) que problematizam o ensino e a leitura da literatura na escola. Por fim, nos aproximamos de Dalvi (2021) no que se refere à importância de trazer para a discussão questões sociais, econômicas e culturais, uma vez que estas estão diretamente relacionados ao ensino de literatura no nosso país. Com a pesquisa, concluímos que houve o contato efetivo dos participantes do Confraria com a leitura literária, que resultou, por sua vez, na ampliação do repertório literário dos alunos da educação básica da instituição de ensino proponente do projeto. Ganhou relevo na investigação, também, a atuação da professora idealizadora do projeto, responsável direta pelo envolvimento dos estudantes/confrades com as leituras propostas, o que nos levou a compreender a importância indiscutível do nosso papel como mediadores de leitura no contexto escolar.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 6. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. DALVI, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.) A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021. REZENDE, Neide Luzia de. Apresentação ao leitor brasileiro. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (org.). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (org.). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013. ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. Curitiba: Intersaberes, 2012. ZILBERMAN, Regina. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 1 - 9-20 - jan./jun. 2009.

O TEXTO LITERÁRIO E A DISCUSSÃO EM SALA DE AULA: REPENSANDO UM “MECANISMO BÁSICO” DE ENSINO

Júlio De Souza Valle Neto

Resumo: “Mecanismo básico” de ensino, como lembra Rildo Cosson, nem sempre a “discussão em sala de aula” é associada “à análise de obras literárias” ou recebe “a devida importância que tem no processo de interpretação dos textos” (2014, p. 126). Apenas por essa razão, já seria justificável lançar um olhar mais demorado para esse dispositivo de ensino, começando, justamente, por sua definição. Assim, para o autor, ele não remete, por exemplo, “a uma atividade preparatória para introduzir um conhecimento”, mas pressupõe um “debate autêntico, em que os alunos dividem dúvidas e certezas” (2014, p. 126). Em outras palavras, a atividade pressupõe um estatuto verdadeiramente dialógico, que, por variadas razões, nem sempre predomina no espaço escolar. É o que constata Cecília Bajour, em livro dedicado a examinar o “valor da escuta nas práticas de leitura”: para a autora, tais práticas, na escola, “ainda são bastante ‘monológicas’”, ficando o grau de participação dos leitores “reduzido a uma escuta muitas vezes passiva ou excessivamente pautada por sentidos sugeridos de antemão” (2012, p. 62). Nem por isso, bastaria “dar lugar às vozes dos leitores (...) sem qualquer intervenção do docente”, numa espécie de “celebração acrítica da escuta” (2012, p. 61). Interessa, portanto, qualificar o debate, como lembra Aidan Chambers na “Introdução” de seu livro: “Tell me is about helping children to talk about books they have read. And not only talk well but listen well. (What I mean by ‘well’ will become apparent, I hope, along the way.)” (CHAMBERS, 1996, p. 7). Haverá uma técnica, em sentido estrito, para atingir tal objetivo? No ensino de literatura, que balizas devemos observar nesse processo? À luz de bibliografia específica, esta

comunicação pretende discutir tais questões, de modo a colaborar, em alguma medida, para uma “revisão crítica das metodologias de ensino da área”, como refere o presente Simpósio.

Referências: BAJOUR, C. Ouvir nas Entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. CHAMBERS, A. Tell Me: children, Reading, and talk. Portsmouth, Stenhouse Publishers, 1996. COSSON, R. Círculos de Leitura e Letramento Literário. São Paulo: Contexto, 2014.

“DEIXANDO DE LADO OS ENTRETANTOS E PARTINDO DIRETO PARA OS FINALMENTES”: EXPERIÊNCIA DE LEITURA COMPARTILHADA DE O BEM-AMADO DE DIAS GOMES

Laila Rayssa de Oliveira Costa

Resumo: Essa comunicação oral tem por objetivo apresentar um relato de experiência de uma intervenção didática realizada por meio de leitura compartilhada em sala de aula com estudantes do ensino médio. A proposta ocorreu durante as aulas de Português e viabilizou o contato com o texto literário pelos estudantes de forma efetiva já que o livro foi lido em voz e em sala de aula. A obra escolhida foi a peça teatral O Bem-Amado (1962) do escritor Dias Gomes e a leitura ocorreu com alunos da 1ª série do ensino médio em uma escola pública estadual da cidade de Fortaleza, Ceará. A partir dessa experiência, levantou-se questionamentos relacionados à escolha da obra bem como ao tipo de leitura a escola deveria proporcionar. Após a leitura de todo o livro, os estudantes responderam a um questionário sobre a experiência deles com o texto e com a leitura em voz alta. Tais aspectos serão discutidos. Para a discussão teórica acerca das impressões tidas, amparo-me à noção de educação literária apresentada por Colomer (2007), mas também utilizo outros autores, dentre eles Zilberman (2009), Santaella (2013). Espero que, com esse trabalho, seja possível refletirmos sobre estratégias mais efetivas para o uso do texto literário em sala de aula.

Referências: CHARTIER, Roger. “As revoluções da leitura no ocidente”. In: Leitura, história e história da leitura. ABREU, Márcia (org.) – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo : Fapesp, 1999. COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. [tradução Laura Sandroni] – São Paulo: Global, 2007. ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma Teoria do Efeito Estético. São Paulo: Editora 34, 1996. LAJOLO, Marisa. Do mundo da Leitura para a Leitura do mundo. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002. PÉTIT, Michele. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019. OLIVEIRA, Eliana Kefalás. Leitura, voz e performance no ensino de literatura. Signótica, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 277-307, jul/dez, 2010. SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo. In: Comunicação ubíqua: Repercussões na cultura e na educação. - São Paulo: Paulus, 2013. SILVA, E.T.da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. In: PERSPECTIVA, Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun., 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>. Acesso em: 13 de setembro de 2022. ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, n. 14, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

CONTRATEORIAS: EXPERIÊNCIA, ACONTECIMENTO E CAMPO EXPANDIDO OU O ENSINO DE LITERATURA COMO PROVOCAÇÃO À TEORIA (LITERÁRIA)

Luiz Henrique Carvalho Penido

Resumo: A teoria (literária) contemporânea é marcada por uma dispersão de procedimentos, conceitos e abordagens. Mais do que simples dispersão, resultado da aclimação de certas marcas globais de pensamento aos usos dos sujeitos teóricos locais, essa dinâmica descentrada de circulação tem provocado reações melancólicas, como no caso dos anúncios do fim da teoria ou o saudosismo para quem haveria uma incapacidade de forjar novas arquiteturas conceituais a altura das herdadas dos anos de ouro da teoria. Em traços gerais, esse é o quadro do qual pretendemos partir e elaborar nossa reflexão. Visto sob outra perspectiva menos conservadora, mais otimista, entendemos que tem se desenvolvido, a revelia desses diagnósticos finalistas, variantes fortes do que chamamos contrateorias, isto é, versões locais que operam a reorganização do campo sob, pelo menos, três eixos: a valorização da experiência como estrutura solicitante do pensamento, a percepção/recepção

da literatura em campo expandido, e as abordagens actantes ou performativas da leitura literária. Convocados em suas particularidades, esses três eixos prenunciam um deslocamento da nossa atenção da teoria (literária) tout court para o campo do ensino de literatura, isto porque, é precisamente quando as teorias são provocadas respectivamente na e pela linguagem da experiência (LARROSA), em confronto com inespecificidade e instabilidade do literário (KRAUSS; LUDMER, GARRAMUÑO) e, no ato/acontecimento suscitado no processo de leitura (DURÃO; CECHINEL), que os mais interessantes avanços encontram suas condições de aparecimento. De fato, o ensino de literatura direciona contínuas provocações à teoria (literária) institucionalizada por se constituir em um lugar de difícil sedimentação, aberto às intempéries performativas da leitura. Se a teoria (literária) pretende hoje se desvencilhar dos discursos para iniciados, no que corre o risco de irrelevância, é precisamente na reflexão sobre o ensino de literatura que surgirão as melhores oportunidades. Esta é nossa proposta de reflexão para esse simpósio.

Referências: DURÃO, Fábio Akcelrud; CECHINEL, Andre. Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento. São Paulo: Parábola, 2022. LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. LUDMER, Josefina. ? Aquí América Latina?: una especulación. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010. GARRAMUÑO, Florencia. ? Frutos extraños?: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. GARRAMUÑO, Florencia. La literatura en un campo expansivo y la indisciplina del comparatismo. Cadernos de estudos culturais?. Campo Grande, 2009, p. 101 – 111. KRAUSS, Rosalind. Sculpture in the expanded field. In: October 8, New York, (spring) 1979.

“EDUCAR É FAZER SONHAR”: SABERES INDÍGENAS E NEGRO-BRASILEIROS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LITERATURAS

Marcel Alvaro de Amorim

Resumo: Embasado em uma visão da formação inicial docente como uma atividade responsiva e responsável (BAKHTIN, [1920-24] 2010; VOLÓCHINOV, [1929] 2017) – isto é, uma formação que permitiria, junto aos licenciandos, a construção de ferramentas para a criação de inteligibilidades, participação ativa e possíveis transformações sobre as/das práticas educacionais (SZUNDY, 2014) –, me proponho, nesta comunicação, a investigar ações de formação de professores de literaturas realizadas por mim junto a uma turma de Didática Especial de Português-Literaturas I e II, do curso de Licenciatura em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ao longo dos semestres 2022.2 e 2023.1. Em especial, me interessa refletir sobre a experiência de (re)construção das disciplinas em questão a partir da inserção de saberes e textos indígenas e negro-brasileiros sobre educação, linguagem, literaturas e ensino (MUNDURUKU, 2009; GRAÚNA, 2003; BANIWA, 2017; GOMES, 2003; EVARISTO, 2009, dentre outros) no planejamento do curso e nas atividades realizadas em sala de aula e no ambiente virtual de apoio ao ensino presencial. Nesse sentido, é importante sinalizar que a experiência investigada, para além de buscar atender os princípios da Lei 11.645/2008 no que tange à inserção das culturas e histórias indígenas e afro-brasileiras na educação nacional, objetivou também possibilitar um (re)pensar das disciplinas em direção a um processo de formação de professores de literaturas que contribua para a fricção de formas de colonialidade de poder e de saber (SANTOS & MENESES, 2009). Metodologicamente, analisar-se-á, em uma perspectiva dialógica (BAKHTIN, [1953] 2016; VOLÓCHINOV, [1929] 2017), o planejamento de Didática Especial de Português-Literaturas I e II, algumas das atividades realizadas ao longo das disciplinas e, especialmente, os planos de aulas de literaturas construídos pelos licenciandos como requisito para o encerramento do curso.

Referências: BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, [1953] 2016. BAKHTIN, M. Por uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, [1920-24] 2010. EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009. GOMES, N. L. Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.23, p. 75-85, 2003. GRAÚNA, G. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte, Mazza, 2013. MUNDURUKU, D. Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009. SANTOS, B. de S.; MENESES,

M. P. Epistemologias do sul. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2009. SZUNDY, P. T. C. Educação como ato responsável: a formação de professores de linguagens à luz da filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 53, n. 1, p. 13–32, 2016. VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

A AUTOBIOGRAFIA DE LEITORES NO CURSO DE PEDAGOGIA: MEMÓRIA E AFETO NO PROCESSO INTERSUBJETIVO DE FORMAÇÃO DE LEITORES DE LITERATURA

Mariana Roque Lins da Silva

Resumo: Este trabalho visa a comunicar as concepções que alicerçam o processo de formação leitora de acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nessa direção, a partir da disciplina Processos de Formação de Leitores e Escritores, no referido curso, o objetivo será friccionar teorias sobre leitura literária (COLOMER, 2007; BAJOUR, 2012; CANDIDO, 2004, ANDRUETTO, 2017, AMORIM et. al., 2022, entre outros autores) e formação docente (ZILBERMAN, 2013; 2021; DIAS, 2014; COSSON, 2013; 2021, entre outros pesquisadores) aos discursos de alguns licenciandos da turma acerca das suas memórias leitoras, desde as primeiras experiências na infância. Para isso, a autobiografia de leitores será objeto de investigação para – por meio da Análise Dialógica do Discurso – ventilar possibilidades de permanências ou rupturas na/da leitura literária, sobretudo no que se refere às práticas literárias experimentadas e rememoradas pelos licenciandos acerca de suas vivências, como estudantes, na Educação Básica. De que maneira, portanto, a escola tem ajudado a construir memórias sobre a leitura de literatura? Que práticas experimentadas na escola, como estudantes, os professores em formação rechaçam e que experiências recuperam como tendo sido importantes para sua formação como leitores de literatura? O bordado das palavras desses leitores, que mergulharam no passado para (re)pensar o compromisso por uma educação literária dialógica e transformadora para suas salas de aula futuras, será o material discursivo com o qual esta comunicação dialogará, a fim de ventilar uma revisão crítica da metodologia para uma efetiva e libertadora educação literária na escola.

Referências: AMORIM, M. A. de.; DOMINGUES, D.; KLAYN, D.; SILVA, T. C. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022. ANDRUETTO, M. T. *A leitura: outra revolução*. Trad. Newton Cunha. São Paulo: Sesc, 2017. BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. COLOMER, T. “A articulação escolar da leitura literária”. In: *Andar entre livros*. São Paulo: Global Editora, 2007. COSSON, R. “Formação do professor de literatura – uma reflexão interessada.” In: *Literatura e formação continuada de professores – desafios da prática educativa*. PINHEIRO, A. S.; RAMOS, F. B. Campinas: Mercado das Letras, 2013. COSSON, R. “Ensino de literatura sempre: três desafios hoje”. In: *Ensino de literatura no contexto contemporâneo*. PINTO, F. N. P. [et. Al.] Campinas: Mercado das Letras, 2021. DIAS, A. C.; OLIVEIRA, M. F. L. “Formar o leitor-professor em serviço é possível? É preciso.” *Pensares em Revista*, vol. 5, 2014. FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2001. Versão digital. VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. ZACCUR, Edwiges. “Novos panoramas: desafios postos à arte de ensinar a ensinar”. In: *Didática e prática de ensino de língua portuguesa e literatura: desafios para o século XX*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. ZILBERMAN, R. “Porque a leitura da literatura na escola”. In: *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: Pontes editores, 2013. ZILBERMAN, R. “Letras – uma área em busca de justificativa.” In: *Ensino de literatura no contexto contemporâneo*. PINTO, F. N. P. [et. Al.] Campinas: Mercado das Letras, 2021.

FANFICTION CLUB: PRÁTICAS DE LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO NA INTERNET

Marina Leite Gonçalves

Resumo: Inspirado em séries de TV, bandas musicais, filmes e também em textos literários, o gênero textual digital fanfiction é evento rotineiro no cotidiano de grande parte de nossos estudantes. Não seria incomum, portanto, que o primeiro contato de nossos jovens alunos com o texto literário seja em um site de fanfic, já que as narrativas de fãs têm representado os direitos de uma cultura informal

de ler, discutir e escrever sobre nossos mitos literários antes só pertencentes à cultura formal e convencional escolar ou acadêmica. Esta comunicação objetiva fazer uma reflexão sobre o processo de formação de leitores e letramento literário por meio da prática de leitura e escrita de fanfictions. A proposta é resultado da ação do projeto de extensão “Fanfiction Club: Círculo de leituras e escritas de fãs”, iniciado e desenvolvido no ano de 2022, nos Cursos Técnicos do CEFETMG- Campus Curvelo e IFTM – Campus Paracatu (MG). Para Henry Jenkins (2012), embora as práticas de leitura e escrita de fãs sejam recorrentes nas séries de TV populares e filmes, não há razão para que docentes não as ajustem ao cânone literário. Seguindo esta perspectiva, o projeto foi idealizado a partir da possibilidade de trazer o universo da cultura participativa de fãs e suas ficções para as nossas pautas educacionais. Proposta de ensino que assume o desafio de uma aprendizagem que preza pelas competências e habilidades, sustentadas nas práticas de leitura e escrita informais do universo online, além da expectativa de que podemos agregar nosso saber centrado na cultura oficial e cultora da literatura clássica ao saber do espaço aberto, democrático e participativo dos fãdons do ciberespaço. Demonstração de que é possível ao docente se apropriar daquilo que existe fora da escola, o saber informal que movimenta a cultura participativa dos fãs, e enredá-lo a sua pedagogia institucional.

Referências: COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014. DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. Hiperleitura e escreitura [recurso eletrônico]: convergência digital, Harry Potter, cultura de fã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. 282 p. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0769-0.pdf>. Acesso em 16/01/2017. JENKINS, Henry. “Lendo criticamente e lendo criativamente”. Trad. Gabriel Morato. In: Revista Matrizes, ECA/USP, São Paulo. V. 6, N. 1-2 (2012). P. 11-24. Disponível em www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/48047/51801. Acesso em 02/01/2017. JENKINS, Henry. Textual Poachers – television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992. LUIZ, Lúcio. A expansão da cultura participatória no ciberespaço: fanzines, fanfictions, fanfilms e a “cultura de fã” na internet. <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Lucio%20Luiz.pdf>. Acesso em 23/10/2016. MURAKAMI, Raquel Yukie. “Ficwriters, leitores e fanfictions: A personagem no fandom e a experiência dos fãs leitores e escritores” In: Ciberlegenda – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. 2013. Disponível em: <http://www.proppi.uff.br/ciberlegenda/ficwriters-leitores-e-fanfictions-0>. Acesso em 28/11/2016. REBECCA W. BLACK. Language, Culture, and Identity in Online Fanfiction. E-Learning, Volume 3, Number 2, 2006. P. 170-184. Disponível em http://www.academia.edu/6047161/Language_Culture_and_Identity_in_Online_Fanfiction. Acesso em 28/10/2016. SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 jan. 2017. VARGAS, Maria Lucia Bandeira. O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico]: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015. Disponível em: <www.upf.br/editora>. Acesso em: 23 out. 2016.

PERSPECTIVAS DO ENSINO DE LITERATURA NA ÁREA DE LETRAS - UNESP

Patrícia Dalla Torre

Resumo: Propõe-se debater sobre a presença histórica da discussão sobre ensino de literatura na UNESP, no que diz respeito à Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Assis; Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR), campus de Araraquara e o Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), campus de São José do Rio Preto, onde os cursos de Licenciatura em Letras são ofertados. Com base na dissertação de mestrado, financiada pela FAPESP (proc. nº 2018/ 22950-4) e vinculada à FCL de Assis/ UNESP foi constatado que a preocupação com o ensino de literatura e suas perspectivas curriculares para a formação de professores já estavam em pauta desde 1962, data próxima à fundação dos Institutos de Ensino (IE), como eram denominados antes de se tornarem UNESP. Resultados parciais de pesquisa de doutorado apontam para a presença do tema ensino de literatura em teses e dissertações na área de Letras e que se fazem presentes, majoritariamente, desde a fundação de seus programas de pós-graduação: Letras (FCL), 1979; Estudos Literários

(FCLAR), 1980 e Letras (IBILCE), 1979. Esses dados indicam que o debate sobre literatura e ensino no ensino superior está presente na trajetória dos seus institutos e na movimentação do seu campo (BOURDIEU, 1983) de pesquisa. Contudo, ainda no século XXI, desafios surgem diante do currículo das licenciaturas em Letras e no estabelecimento do diálogo com a educação básica. A leitura literária, como prática cultural (CHARTIER, 2001; CERTEAU, 2012) é crucial para a formação crítica dos sujeitos perante as demandas sociais vigentes, como questões étnico-raciais, de gênero, socioeconômicas e políticas; esta mobilização de capital intelectual (BOURDIEU, 2017) está atrelada a uma sistematização e configuração do ensino. Finalmente, por meio da análise documental (ANDRÉ e LÜDKE, 2015) curricular e de teses e dissertações, pretende-se discutir as perspectivas do ensino de literatura da UNESP.

Referências: BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a. p. 89-94. CATANI, Afrânio Mendes et al. (comp.). Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: Ler, uma operação de caça. Petrópolis: Vozes, 1994. LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. A análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2015. p. 44- 52. PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. In: CHARTIER, Roger. Práticas de leitura. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 9-17.

A AUTONOMIA DO UNIVERSO LITERÁRIO E UM MURO CHEIO DE FRESTAS: UM ESTUDO ANALÍTICO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC

Ramon Borges Portilho

Resumo: Há muito tempo, a Literatura é posta no centro de discussões relacionadas ao seu ensino em função de seu notório potencial formador. Portanto, com a consolidação da BNCC, essas discussões voltam à tona com mais força ainda, mostrando as tensões existentes entre Literatura e Educação (MENDES, 2020). Tais tensões se potencializam e as discussões se reverberam pelo fato de a abordagem feita pelo documento destoar, de maneira significativa, do que sugerem teóricos e pesquisadores sobre o assunto. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a tecer reflexões sobre a questão do ensino de Literatura dentro da BNCC, no intuito de analisar os encaminhamentos dados à Literatura dentro das diretrizes do documento. Assim sendo, para a consolidação da proposta, o trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica de cunho documental, confrontando teorias que se respaldam no viés humanizador do texto literário com a abordagem mercadológica e utilitarista que a BNCC propõe. Para fundamentar a pesquisa, serão tomadas como norte as concepções de Todorov (2009), Compagnon (2009) e Candido (2012) sobre o lugar da Literatura e seu potencial humanizador e formativo, além de teorizações acerca do ensino de literatura, amparadas em Cosson (2016), Cechinel (2019) e Zilberman (2008), a fim de confrontá-las com as abordagens propostas pela BNCC no que diz respeito ao ensino literário. As reflexões estabelecidas objetivam fazer um paralelo entre a perspectiva humanizadora e o viés proposto pelo documento, levando em consideração a autonomia da arte literária diante das tentativas de cerceamento que se dão, inclusive, de maneira institucionalizada.

Referências: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018. CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004. CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Remate de Males, 2012. CECHINEL, André. Semiformação Literária: a instrumentalização da literatura na nova BNCC. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 01-13, 2019. COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. MENDES, Nataniel. BNCC e o professor de Literatura: água que corre entre pedras. Revista Teias. Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 137-147, out./dez. 2020. TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2009. ZILBERMAN, Regina. Literatura, Escola e Leitura. In: SANTOS, Josalba Fabiana dos; OLIVEIRA, Luiz Eduardo. (Orgs.). Literatura & Ensino. Maceió: EDUFAL, 2008.

LETRAMENTO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO NONO ANO: PROPOSTA DE ATIVIDADES DIALÓGICAS COM A OBRA "TERRA SONÂMBULA", DE MIA COUTO

Renata Feitosa Silva

Resumo: O trabalho com o texto literário não é uma prática recorrente nos anos finais do Ensino Fundamental visto que o foco a tal âmbito do estudo de língua portuguesa é dado somente nas séries subsequentes. Assumindo a visão de literatura como um direito humano essencial - defendida por Cândido (2004) - surge o tema de pesquisa desenvolvido – uma proposta de atividades dialógicas voltadas à formação de leitores literários no nono ano do Ensino Fundamental, baseada nos estudos de letramento literário de Rildo Cosson (2014) e Mirian Zappone (2021). O ponto de partida para a dissertação é a leitura crítica da obra “Terra Sonâmbula”, do autor moçambicano Mia Couto, em diálogo com outros textos de mesma temática. O objetivo deste trabalho é desenvolver atividades - baseadas na sequência didática proposta por Dolz e Schneuwly (2004) e na estrutura do letramento literário de Rildo Cosson (2014) - para incentivar o hábito de leitura literária em sala de aula bem como para aproximar alunos e obra literária, uma vez que tal livro apresenta um relato de vida próximo àquele vivido pela comunidade da unidade escolar. O processo de conclusão tem como ponto de partida a leitura crítica das duas histórias paralelas e complementares: a sobrevivência de Muidinga e Tuahir e os “Diários de Kindzu”, presentes no livro utilizado como base para o estudo e culmina com a confecção dos “Diários de leitura 9A”, escritos pelos discentes a partir das vivências e da inserção deles na leitura. O projeto foi finalizado com a tarde de autógrafos dos livros impressos e a entrega deles aos responsáveis pelos discentes. Tais atividades e produções são o corpus para análise de todo processo de letramento literário.

Referências: ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura / Márcia Abreu. – São Paulo: Editora UNESP, 2006. BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Trad. Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. _____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. _____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. COLOMER, Teresa. Literatura não é luxo. É a base para construção de si mesmo São Paulo: Revista Nova Escola, 2015. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/8867/literatura-nao-e-luxo-e-a-base-para-a-construcao-de-si-mesmo>> Acesso em: 22 dez. 2022. COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009. _____. Rildo. Literatura: modos de ler na escola. Anais da XI Semana de Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. _____. Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014. COUTO, Mia. Mia Couto revisitado. Digestivo Cultural. 14 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2047>. (Acessado em 27/12/2022) _____. Mia. Terra Sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. DOLZ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). Gêneros orais e escritos na escola. Trad.: Roxane Rojo R.; Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. HANSEN, João A. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Campinas, SP: mercado de Letras, ALB, São Paulo: Fapesp, 2005 KATO, Mary. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986. KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman, Angela (org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. LAJOLO, Marisa. O texto não é “pretexto”. In: AGUIAR, Vera Teixeira de. et al.; ZILBERMAN, Regina (Org.). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. MACEDO, Maria do Socorro A. N. Literatura, mediação literária e formação docente. In: A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora. Org. Maria do Socorro Alencar, Nunes Macedo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021, p. 47-57. O MENINO E O MUNDO. Direção de Alê Abreu. Brasil: Espaço Filmes, 2013. Disney+

(85 min.). PAULINO, Graça. Das leituras ao letramento literário – 1979-1999. Belo Horizonte: Fae/UfMG; Pelotas: UFPel, 2010. PETIT, Michele. Fichamento de Os Jovens e A Leitura. 2ª. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009. ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. Currículo Paulista. São Paulo: SEE- SP/UNDIME-SP, 2019. SOARES, Magda. B. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998. _____. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. STREET, Brian. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014. TFOUNI, Leda V. Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988. ZAPPONE, Mirian H. Y. Fanfics – um caso de letramento literário na cibercultura? Letras de hoje. 43 (2), 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4749>. Acesso em: 05 de agosto de 2020. _____.; NASCIMENTO, Stéfanny B. Letramento ficcional e letramento literário: reflexões sobre usos de textos ficcionais a partir dos estudos de letramento. In Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 32, p. 165-188, 1 mar. 2021. ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, (14), 11-22, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 10 de agosto de 2020. _____. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, UPF, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/924>. _____. Leitura na escola – entre a democratização e o cânone. Revista Literatura em Debate, v. 11, n. 21, p. 20-39, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/2704>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

SALA DE AULA COMO UM LIVRO ABERTO A SER LIDO E ESCRITO PELA DIVERSIDADE DAS EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS

Sandra Dias Loguercio

Resumo: Situações de crise, como a que vivemos no ensino das ciências humanas de maneira geral, e no ensino de literatura em particular, resultam de múltiplos fatores. Há certamente o predomínio da ideologia neoliberal e os efeitos socioeconômicos e culturais de uma política efetiva condicionada por tal ideologia, que busca eliminar tudo que resulte em “conhecimento-emancipação” (SANTOS, 2011); mas há também aspectos internos, como aqueles que dizem respeito a momentos de ruptura do conhecimento e das práticas de produção de conhecimento e de linguagens, como hoje vivemos com a explosão das tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, esse quadro de “crise” não seria, antes, um sintoma de desencontros entre experiências de leitores/as e, sobretudo, entre a expectativa docente e os anseios discentes? É possível levar a ler o que se quer que se leia? Como se lê e como se leva a ler? Quais os sentidos dessa busca quanto à (trans)formação de leitores/as, aquela que, segundo a BNCC (2017), deve formar para o “protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos” (p. 490)? A partir de um estudo de caso realizado junto a estudantes de pós-graduação dos cursos de Letras e Pedagogia, inscritas em uma disciplina que buscava refletir sobre as disposições do indivíduo (BOURDIEU, 2004a, 2004b; LAHIRE, 2004, 2005) para ler literatura, passando por questões mais gerais sobre letramentos (SOARES 1995; STREET, 2014) e servindo-nos da produção da autobiografia de leitor/a como método de (auto)análise (PETIT, 2013), propomos discutir a experiência de leitores/as com a leitura literária e as repercussões dessas narrativas, compartilhadas em boa medida, para o ensino de literatura e/ou aquele que se apoie em leituras literárias.

Referências: BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2004. BOURDIEU, Pierre. Estrutura, habitus e prática. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2004. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. LAHIRE, Bernard (coord.). Sociología de la lectura. Barcelona: Gedisa, 2004. LAHIRE, Bernard. Patrimônios Individuais de Disposições. Para uma sociologia da escala individual. Revista Sociologia, Problemas e Práticas, nº 49, p. 11-42, Lisboa, Portugal, 2005. PETIT, Michèle. Trad. de Celina Olga de Souza. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013. SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. v. 1, 8.ed., São Paulo: Cortez, 2011. SOARES, Magda Becker. "Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas." In: Revista Brasileira de Educação, Caxambu, n. 0, p. 5-16, out. 1995. STREET, Brian. Trad. de Marcos Bagno. Letramentos sociais. São Paulo: Parábola, 2014.

A DEFESA DA LITERATURA: A LEITURA LITERÁRIA NO REFERENCIAL CURRICULAR

Thaís Feitosa De Almeida

Resumo: Há registros de que, pelo menos desde a Antiguidade, a ficção sofre ataques e tem a necessidade de ser defendida. Ao longo do tempo, literatos e críticos literários foram os principais atores que advogaram por essa causa. Atualmente, no Brasil, assim como em outros países, a literatura está enquadrada como disciplina escolar na educação básica. Antes tarefa de escritores e críticos, a defesa da literatura ganhou novos guardiões, os professores. Como um direito humano (CANDIDO, 2011 [1988]), que possibilita não só a experiência estética literária, mas também a ampliação da "leitura" do mundo (FREIRE, 1989), a leitura literária pode fomentar questionamentos e a transformação da realidade. No entanto, conforme ressalta Walter Benjamin (2017 [1929], p. 122), a educação burguesa visa "o concidadão útil, socialmente confiável e ciente de sua posição", que não questione as desigualdades de raça, classe, gênero, pilares do sistema capitalista. Com vista a isso, constatamos que o desenvolvimento do pensamento crítico da classe trabalhadora é indesejado no atual contexto político brasileiro, conservador e moralista. Nesse sentido, cumpre observar de que forma o trabalho com a leitura literária é orientado nos referenciais curriculares das escolas públicas brasileiras. Assim, seguindo a trilha das pesquisas recentes a respeito do ensino de literatura no Brasil e suas relações com os documentos oficiais, a presente comunicação visa analisar o espaço dispensado à leitura literária no Referencial Curricular Municipal de Niterói (2020, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Serão observados o conceito de literatura e os pressupostos teóricos dos estudos literários privilegiados pelo documento, e a relação do referencial curricular municipal com a Base Curricular Comum Nacional (BRASIL, 2017), entre outros aspectos.

Referências: BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Tradução: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2017. BRASIL. Ministério da Educação – MEC. Base Nacional Curricular Comum. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2023. [Aprovada em setembro de 2017]. CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011 [1988]. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 4) NITERÓI. Referencial Curricular Municipal da Rede de Niterói. Niterói, 2021. (Texto aprovado em 24 de novembro de 2021 pelo Conselho Municipal de Educação conforme diário oficial do município disponível em <http://www.niteroi.rj.gov.br/wp-content/uploads/do/2021/12_Dez/24.pdf>, que ainda aguarda publicação).

TÁTICA SEMIÓSFERICA DE LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO

Wellington Neves Vieira

Resumo: A tática semiósfera para o ensino da leitura literária no Ensino Médio tem demonstrado resultados satisfatório na compreensão do texto literário como texto da cultura. O objetivo é conhecer a influência da Semiosfera, elaborada pelo russo Yure Lotman na década de 1960, aplicada nas atividades de leitura literária com estudantes da Educação Básica do Ensino médio. O estudo é guiado pela seguinte questão: De que modo a Semiosfera coopera para o ensino da leitura literária no Ensino Médio? O Método utilizará conceitos da Semiosfera de Iuri Lotman (1978) para apontá-la

como instrumento de análise e reflexão no ambiente de uma cultura determinada. As linguagens se revelam em comum acordo com os espaços em que interagem, então dinamiza seus sentidos seguindo suas modificações. “Semiosfera”, conceito que auxilia na descrição de uma determinada cultura, com armazenamento e transferência de informações. Nesse sentido podemos considerar o “texto literário” como “texto de cultura”. Se os signos modeliza a realidade, mapeamos, em um primeiro momento, a sequenciação didática na vertente semiósferica, e, em seguida, a leitura de textos literários, acompanhada da produção de diários de leitura (ROUXEL, 2012) escrito pelos estudantes sobre o que entenderam a respeito do dialogismo entre texto literário e cultura. Os resultados demonstraram em primeira instância, o desenvolvimento dos conceitos de etapas da sequenciação didática como: Semioarticulação contextual; Articulação Semiósferica de leitura; Articulação de Criação Literária Crítico-cultural; Consolidação da semioleitura crítica-cultural, esses arranjos conceituais proporcionou uma prática pedagógica que instrumentou o leitor a ler a literatura através da cultura, e, a ler a cultura através da literatura. Destarte, a influência mais marcante do método foi a revelação de ensino crítico-cultural da literatura a partir da Semiótica da Cultura, bem como os resultados de compreensão do texto literário como texto da cultura se mostraram satisfatórios para a categoria do Ensino Médio.

Referências: ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? In: Cadernos de Pesquisa, v.42, n.145, jan./abr. 2012a. p.272-283. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000100015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vbgD8LhYCCyXjFYf93P4Kwq/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 jun. 2020. IURE. Lotman. La semiosfera- I: Semiótica de la cultura y del texto. (ORG) Desiderio Navarro. Ediciones Cátedra, S. A., 1996. Juan Ignacio Luca de Tena, 15. 28027 Madrid.

SIMPÓSIO “LEITORES E LEITURAS NA CONTEMPORANEIDADE: O CONTEXTO PANDÊMICO”

Andrea Saad Hossne (USP), Marta Francisco de Oliveira (UFMS) e Patrícia Trindade Nakagome (UnB)

CLUBES DE LEITURA VIRTUAIS E A (RE)FORMAÇÃO DE LEITORES NAS REDES SOCIAIS

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Resumo: O consumo e a circulação de literatura têm passado por grandes mutações nas últimas décadas, especialmente no que concerne ao advento das redes sociais. A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), ao questionar os entrevistados sobre como eles começaram a se interessar por literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia, obteve como resposta de 25% dos participantes: com um influenciador digital, como um youtuber, pela internet. A pandemia de covid-19 alterou as dinâmicas sociais em muitos aspectos e parece ter acelerado um processo de interações virtualizadas, como é o caso da crescente tendência de clubes de leitura online. O foco dessa pesquisa são os ambientes virtuais de beleza e lifestyle, voltados para o público feminino, que não têm literatura como temática central na produção de conteúdo, mas que têm demonstrado grande potencial de disseminação de hábitos e debates de leitura através da realização de clubes de leitura virtuais. Para esse estudo, optou-se por analisar dois perfis: LutsFerreira, que conta com encontros virtuais com mais de 22 mil visualizações no Youtube; e Marina2beauty, com lives no Instagram que atingem 10 mil visualizações. Através da análise de aspectos do funcionamento desses clubes de leitura online, propõe-se reflexões acerca dos novos modos de circulação da literatura; e da figura da influenciadora digital como uma prospectadora de leitura, e formadora ou (re)formadora de leitoras e leitores nos espaços em transformação na contemporaneidade.

Referências: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. 5. ed. 11 set. 2020. LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

O LUGAR DA LEITURA, A LEITURA COMO LUGAR ANTES DE E DURANTE A PANDEMIA

Andrea Saad Hossne

Resumo: Durante o período mais agudo e conturbado da pandemia, algo que há tempos estava presente tanto no âmbito da teoria quanto no do projeto acadêmico e educacional tomou uma forma muito própria e concreta, à revelia de ambos: uma experiência da leitura, uma busca pelo livro, pela palavra, sobretudo a compartilhada, envolvendo concepções múltiplas de literatura. A dimensão da escrita, não apenas como autoexpressão, mas como configuração de uma experiência de e no mundo, pedia o olhar do outro, interrogava também a experiência alheia, almejava a leitura de outrem. Um espaço novo parecia se constituir. Ao mesmo tempo, no âmbito estrito da educação formal, ler tornou-se uma operação bem mais dificultosa, e não apenas quanto aos textos literários, mas também no que se refere ao letramento mais básico. Uma codificação árida, pouco amigável, refratária e nada acolhedora se evidenciou nos bancos escolares concretos ou virtuais. As câmeras dos celulares, que já fotografavam as lousas dos professores antes ainda persistem e se somaram aos “prints” das telas que registravam “powerpoints”. Diante dos olhos de crianças e jovens, signos não interpretáveis, nem pela escrita, mesmo que restrita ao gesto da cópia, nem pela leitura do registrado nas telas. Esta comunicação parte de uma tripla visada para refletir sobre os paradoxos e contradições da experiência leitora no período recente: 1) a do que encontra na leitura (a às vezes na escrita) literária um lugar, não raro de conforto ou de elaboração do vivido; 2) a do que perde ou não chega a construir o lugar da leitura para si; 3) a dos mediadores, sobretudo professores, que oscilam entre a impotência, a surpresa e a perplexidade diante desse lugar em questão – antes ponto de partida ou de chegada, hoje interrogação.

Referências: ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. ANDRUETTO, María Teresa. Por uma literatura sem adjetivos. Trad. Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. BENJAMIN, Walter. O que os alemães liam enquanto seus clássicos escreviam. In: BOLLE, Wilhelm (Org.). Walter Benjamin. Documentos de cultura, documentos de barbárie. (Escritos escolhidos). São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1986. MARTINS, Vima Lia de Rossi; REZENDE, Neide Luzia (Org.). Dossiê 28: Literatura e Educação. In: Revista Via Atlântica. n. 28 (2015). PETIT, Michèle. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013. ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino de literatura. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.

MULTILETRAMENTOS E LITERATURA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Bárbara Cotta Padula

Resumo: Entendemos que é nossa função como professores (as) estimular a curiosidade de nossos estudantes sobre diversos assuntos, dentre eles a Literatura, já que ela é uma das formas mais enriquecedoras de levar pautas necessárias a serem discutidas em sala de aula, principalmente quando falamos de adolescentes. Assim, ao decidirmos levar a Literatura Inglesa para a aula virtual de Inglês do segundo e terceiro ano dos cursos técnicos integrados em Edificações e Meio Ambiente do CEFET-MG - Campus Curvelo, tivemos os seguintes objetivos: (a)) tratar de assuntos relevantes que eram discutidos nas obras escolhidas; (b) de despertar o interesse dos aprendizes pela leitura e pela Literatura Estrangeira, como também pelo idioma em questão; e (c) trabalhar os multiletramentos (ROJO, 2012). As obras utilizadas foram “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen para o segundo ano e “Romeo e Julieta” de William Shakespeare para o terceiro. O primeiro passo foi discutir a importância da leitura em geral bem como de fontes estrangeiras. Em seguida foram apresentadas as principais características das obras e os temas abordados pelos autores dando espaço para que os estudantes pudessem expor suas opiniões a respeito de tais assuntos. Após as discussões, os aprendizes tiveram que produzir uma releitura de uma cena, por meio de outro gênero (podcast, tirinha, conversa de whatsapp, entrevista com os personagens, poemas, perfis de redes sociais) já conhecido por eles, com o objetivo de levar a obra para o senso comum. Tendo tudo isso em vista, neste trabalho, pretendemos compartilhar como se deu o processo de aplicação da proposta do projeto em questão, a repercussão do mesmo em entre os aprendizes e mostrar como a Literatura está mais presente na vida dos adolescentes do que podemos imaginar.

Referências: BUZATO, Marcelo El Khouri. O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de língua estrangeira. 200. COSSON, Rildo. Letramento Literário In: Glossário Ceale: termos de

alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em 05/07/2021. JORDÃO, CLARISSA MENEZES. Pedagogia de Projetos e Língua Inglesa. In: EL KADRI, MICHELLE SALLES – PASSONI, TAISA PINETTI. – Gamero, Rachel. (Orgs.) Tendências contemporâneas para o ensino de língua inglesa: Propostas didáticas para a educação básica. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. MURRAY, Janet H. Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço. Trad. Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003. ROJO, Roxane Helena. Multiletramentos na escola/Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]- São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA DIGITAL: FORMAÇÃO DE COMUNIDADES LEITORAS

Gabriela Rodella de Oliveira

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo refletir sobre a oferta em contexto pandêmico do Componente Curricular (CC) Ensino de Literatura e leitura literária, CC obrigatório do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e suas Tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Tal CC tem em sua ementa a proposta de discussão de questões teórico-metodológicas do Ensino de literatura e a problematização da leitura literária no espaço e no tempo da sala de aula da Educação Básica. Assim, partindo da proposição do Simpósio Leitores e leituras na contemporaneidade: o contexto pandêmico de que “comunidades se organizam em torno de e se encontram em um lugar que não é apenas o livro, mas a leitura”, gostaríamos de trazer para o debate a experiência da abertura de espaço e de tempo para a leitura literária em sala de aula digital, seguida de debate interpretativo, no ensino superior de uma IES periférica, cujo público, em sua grande maioria, é advindo de uma política de cotas e teve poucas chances de participar de uma comunidade leitora em sua trajetória escolar. Nas ofertas desse CC nos últimos 3 anos, as aulas foram divididas entre as discussões de textos teóricos que versam sobre questões acerca da literatura, do campo literário, questões metodológicas do ensino de literatura e a leitura efetiva e coletiva de capítulos de romances e contos de autores de língua portuguesa em sala de aula digital. Nesse espaço, foi possível acompanhar a formação de comunidades leitoras nascidas de uma performance conjunta surgida “do efeito da voz na sua qualidade de emanção do corpo” (ZUMTHOR, 2014), com discussão da recepção das obras lidas, da implicação de suas subjetividades nas leituras realizadas (REZENDE, N., 2013), de seus gostos e desgostos (PETIT, 2009) e das possibilidades da leitura literária na Educação Básica (OLIVEIRA, 2022).

Referências: OLIVEIRA, G. R. Leituras literárias de adolescentes e a escola: tensões e influências. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2022. PETIT, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2009. ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013. ZUMTHOR, P. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PANDEMIA, ENSINO E CURADORIA: UMA LIÇÃO DE (DES)PODER

Ivanilde De Lima Barros

Resumo: As mais variadas teorias de aprendizagem são fecundadas por estudos que pautam a escola como lugar de interposição entre o saber e o ignorar. Por mais que esse aspecto venha sendo discutido, nenhum momento suscitou tantas reflexões a esse respeito quanto o período da pandemia de Covid-19. Diante da crescente e notória vulnerabilidade da própria vida, a cadeia pedagógica adoecida de certa megalomania em relação a tempos e competências insistentemente mais tentou traçar um caminho para continuar mantendo leituras, cálculos e sistematizações genéricas como centro de importância, do que se voltou às individualidades. Esse período temeroso, além de nos conferir invisibilidade e certa desimportância, solapou talvez as mais caras e automatizadas de nossas certezas enquanto professores: a de que as escolhas curriculares que fazemos trabalham para uma igualdade, e a de que essa igualdade é nossa maior incumbência como agentes sociais. Ao considerarmos, neste trabalho, o período da pandemia como tempestivo ao crepúsculo de

convicções quanto à necessidade de certos saberes, refletimos sobre o lugar da leitura literária para além de sua constituição como saber escolarizado, e enquanto inteligência a ser emancipada. Nesse viés, nosso olhar volta-se para os processos curatoriais como potenciais fatores de reprodução ou dissidência na hierarquização de inteligências operada pela dinâmica escolar tradicional no que diz respeito à leitura. Dialogamos neste breve estudo, numa perspectiva essencialmente bibliográfica, com os postulados de Jacques Rancière (2012; 2020), Rita Felski (2020), Jorge Larrosa (2011), dentre outros. Pensar o ser como pura suficiência de qualquer aprendizagem é acreditar em um (des)poder cognoscente como fruto do deixar-se, entregar-se, permitir-se conduzir pelo sentimento e por identificações não necessariamente explicáveis por teorias sentenciosas, inclusive, ou sobretudo, as circunscritas ao campo das Humanidades. É, enfim, assistir (a)o transbordamento. E isso a curadoria pode estar fazendo, hoje, melhor do que a tradição curricular.

Referências: ANDRADE, Patrícia Mourão de. Curadoria como poder e trabalho, e algumas notas sobre a capitalização do amor. In: Chão da feira. Caderno de leituras n.144 /2022. Série intempestiva. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/catalogo/caderno144/>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2022. BHASKAR, Michael. Curadoria: o poder da seleção no mundo do excesso. Trad. de Érico Assis. São Paulo: Edições Sesc, 2020. FELSKI, Rita. Hooked: Art and Attachment. London: The University of Chicago Press, 2020. LARROSA, Jorge. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 281-295. OBRIST, Hans Ulrich. Caminhos da curadoria. Trad. Alyne Azuma. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014. RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. _____. O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lilian do Valle. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

O LETRAMENTO DIGITAL E A IMPORTÂNCIA DA(S) LEITURA(S) EM MEIO À PANDEMIA

José Oliveira Da Conceição

Resumo: RESUMO: A escola enfrenta um grande desafio: desenvolver trabalhos com múltiplos letramentos, multiculturalidade e a multimodalidade. Por conseguinte, urge a necessidade de se repensar nossas práticas de linguagem no ensino da Língua Portuguesa através do letramento digital para propor a (trans)formação de pessoas em cidadãos(ãs) críticos(as). Trabalhar documentários com alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal da Bahia (IFBA) trouxe à tona nossas limitações ao usarmos as tecnologias digitais na sala de aula. Assim, a aproximação com esse gênero (Documentário) foi o ponto de partida para esse trabalho, posto que proporciona um discurso a partir de registros do real, diferente daquele que habita apenas na nossa imaginação – símile da ficção. Através dos documentários produzidos durante a pandemia (Covid-19), alunos(as) legitimaram seus pontos de vista sobre a sua realidade: “O lugar onde vivo”. Uma investigação na área de letramento, identidades e formação de educadores(as) a partir da perspectiva étnico-racial e classe, com foco nas políticas públicas voltadas ao acesso e à permanência de discentes de escolas públicas – porque melhor que permitir o ingresso, é assegurar a permanência – ratifica que carecemos de adaptação/instrumentalização para garantir a promoção desse(as) discentes. No documentário – da pré-produção à pós-produção, Puccini (2009) assevera que as personagens podem aparecer de três maneiras – situação de conflito, entrevista ou encenando: um ambiente perfeito para propagar a escrita e a leitura digitais no contexto pandêmico porquanto a leitura do nosso mundo está atrelada à leitura da palavra, Freire (1988). Assim, nasceu essa pesquisa objetivando um letramento digital capaz de permitir que egressos(as) cotistas possam se sentir sujeitos deste processo de ensino-aprendizagem na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A abordagem metodológica utilizada foi(é) de caráter qualitativo porque permite conhecer profundamente as características culturais da comunidade estudada e, destarte, o estudo etnográfico foi o caminho dessa pesquisa.

Referências: ARAÚJO, Verônica Danieli Lima; GLOTZ, Raquel Elza Oliveira. O Letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, número 1, jun.2009. Disponível em:

<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>. Acesso em: 28/11/ 2022. DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. Letramentos digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. Disponível em: <http://padepalavra.com.br/loja/parabola/letramentos-digitais-detail.html>. Acesso em 19/11/2022. FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4)- 80 páginas. KLEIMAN, Ângela B.; SANTOS, Cosme Batista dos. Apresentação - letramento e interculturalidade: do evento vernacular ao evento escolar. Revista ComSertões –Juazeiro-BA, v.7, n.1, julho-dezembro de 2019. Revista ComSertões – Juazeiro-BA, v.7, n.1, julho-dezembro de 2019. MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação. Brasília: Liber Livro, 2006. PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário. Da pré-produção à pós-produção. Campinas, Papirus, 2009. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285156/1/Soares_SergioJosePuccini_D.pdf>

LITERATURA NO RÁDIO: O PROGRAMA DA ESTANTE E A EXPERIÊNCIA DE UM CLUBE DE LEITURA NA RÁDIO DA UNIVERSIDADE

Liz De Bortoli Groth Athia

Resumo: Este trabalho trata de um relato da experiência da produção de um programa radiofônico voltado à leitura de textos literários. Em 2021, no auge da pandemia de COVID-19, criamos o programa Da Estante, na Rádio da Universidade (UFRGS). Fundamentadas na leitura de Michèle Petit (2009), que traz as experiências de leitura compartilhada como modo de resistir à adversidade, e de Antonio Candido (1995), que defende a literatura como um direito fundamental, desenvolvemos o projeto em duas frentes, com o objetivo de acessibilizar leituras diversas. A primeira, apresentar leituras curtas como crônicas, poemas, contos e outros gêneros, ao longo da semana. A seleção dos textos é feita a partir de um tema semanal pré-estabelecido, buscando diversidade de autoria e gênero como modo de pluralizar as nossas leituras e apresentar diferentes autores para os ouvintes. A segunda, trazer a leitura de obras completas, aos domingos, em um modelo de clube de leitura, com convidados quinzenais. Para a seleção destas obras, utilizamos o acervo do domínio público, de onde já foram lidos, até janeiro de 2023, Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, e A Falência, de Júlia Lopes de Almeida. O programa de domingo fica também disponível permanentemente no site da Rádio. A crise sanitária foi determinante na criação do programa, pois o trabalho da locução de programas jornalísticos diários se tornou árduo, acompanhado de uma linguagem que abafa as subjetividades, e a leitura de textos literários foi um respiro, um modo de amenizar tanto o trabalho de locução e de produção de programas como a experiência dos ouvintes, que compartilham suas impressões. Mesmo ao fim do isolamento social, o programa permanece e se tornou um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contando com a participação de alunos da Graduação em Letras na execução.

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. PETIT, Michèle. A arte de ler: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009. 299 p. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini.

LEITURA NA PANDEMIA: VIVÊNCIAS DE ALUNOS DO SEXTO E DO SÉTIMO ANO DE UMA ESCOLA PARTICULAR EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ DURANTE O ENSINO REMOTO

Mariana Nunes Marinho

Resumo: Nos anos de 2020 e de 2021, a pandemia da COVID-19 deixou milhares de estudantes distantes da escola, fazendo com que a educação fosse, em um primeiro momento antes da vacina, por meio do Ensino Remoto. Considerando a realidade leitora brasileira, esta pesquisa visou analisar se o fator pandemia foi determinante para mudar o gosto pelo ato de ler de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola particular em Campos dos Goytacazes-RJ, visto que, com mais tempo em casa, essa seria uma forma de vivenciar novas realidades e experiências, levando em consideração a mediação do professor. Como objetivos específicos, pretendeu-se averiguar, através de questionários, a frequência leitora dos alunos do sexto ano em 2020 e, consequentemente, sétimo ano, em 2021, do Ensino Fundamental; detectar a influência da mediação do professor na

relação aluno-texto no Ensino Remoto; promover a interação com a leitura por meio dos contos infantojuvenis *Vendedor de sustos*, de João Anzanello Carrascoza (2014), e *Detetive Siqueira em O panfleto*, de Dionísio Jacob (2010). Para isso, fez-se a seguinte pergunta: tendo em vista o isolamento social, que mudanças ocorreram na atividade leitora dos estudantes do sexto e do sétimo ano de uma escola particular de Campos dos Goytacazes-RJ? Para tal fim, a metodologia norteadora do presente estudo pautou-se em pesquisa qualitativa-quantitativa, acrescida de estudos bibliográficos e de pesquisa-ação. As análises mostraram o quanto é possível o professor promover encontros, mesmo à distância, porque os alunos tomam a leitura como refúgio e forma de aumentar o prazer por ela. Torna-se, portanto, essencial a contribuição e a mediação docente nesse processo uma vez que a identidade e a prática leitoras dos estudantes encontram-se ainda em formação.

Referências: BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer técnico nº 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Distrito Federal: Ministério da Educação, 28 abr. 2020a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 ago. 2020. BRASIL. Portaria nº 343. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União. Distrito Federal: Ministério da Educação, 17 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 25 ago. 2020. CARRASCOZA, João Anzanello. *Vendedor de sustos*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2014. GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: Que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola, 2006. INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil* (2019). 5. ed. Instituto Pró-Livro, 2020. JACOB, Dionísio. *Detetive Siqueira em O panfleto*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2019. MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2000. OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OECD). *PISA 2018: insights and interpretations*. OECD, 2018. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/PISA%202018%20Insights%20and%20Interpretations%20FINAL%20PDF.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2020. RIBEIRO, Ana Elisa. *Textos multimodais: leitura e produção*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020. SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998. SOUZA, Ismael. *Estratégias de leitura para ler e compreender melhor*. São Paulo: Ideia Books, 2020. E-book ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

‘ENTRE LUGARES’ DE LEITURA E OS LEITORES E LEITORAS DA ATUALIDADE: NARRATIVAS VISUAIS E A COMPOSIÇÃO DE UMA FOTOBIOGRAFIA

Marta Francisco de Oliveira

Resumo: Pensando o livro e a leitura como lugares, quer espaço quer objeto literais e simbólicos dos quais cada leitor/leitora pode se apropriar, o trânsito entre um e outro – ou ‘uns e outros’, considerando as dimensões plurais das relações possíveis via ato de ler – se amplia para abarcar o ‘entre’ que estabelece a mediação, por um lado, e a própria ideia de travessia, por outro. Resgatando a referência à reflexão teórica sobre o discurso literário latino-americano propiciada pelo crítico e escritor Silviano Santiago (1971), a proposta aqui apresentada se assenta na busca pela compreensão dos modos como se efetiva a leitura na contemporaneidade, sobretudo em um período pós-quarentena entre 2020 e 2022, para delinear, a partir de 2023, a construção de narrativas visuais de leitura por meio da composição de uma fotobiografia de leitores. A tecnologia alterou o modo de visualização das imagens, de nós e da própria vida, modificando, ademais, as narrativas resultantes do ser/estar no mundo, do narrar e do narrar-se. O lugar da leitura se liquefaz, se hibridiza, se multiplica, se torna multiforme, e não apenas ultrapassa como coloca em xeque os muros e as ditas

atribuições da escola. A proposta deste trabalho é, portanto, através da pesquisa bibliográfica e da constituição de um corpus local como amostra de uma realidade possível, refletir sobre os passos iniciais de construção de um museu de leitores/leitoras/leituras: a partir da constituição de uma fotobiografia, os modos de leitura ganharão suas próprias narrativas visuais, atreladas à reflexão pautada na literatura como ética e na força dos afetos (KLINGER, 2014), habitáculo (PETIT, 2013) e na ideia de quarentena-revelação que mostrou como o encontro com o outro – sujeito, livro ou leituras – se alterou e nos alterou irrevogavelmente (HOMEM, 2020).

Referências: HOMEM, Maria. Lupa da alma: quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 2020. KLINGER, Diana. Literatura e ética: da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. PETIT, Michele. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013. SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1971). Uma literatura nos trópicos. Ensaio sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 9-26.

O FANTÁSTICO NA RECEPÇÃO LITERÁRIA EM CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: OS CONTOS DE MURILO RUBIÃO

Mei Hua Soares

Resumo: Nos primeiros semestres de 2020 e 2021, ainda em ambiente virtual em função do contexto pandêmico (Coronavírus), foram realizadas leituras dos contos de Murilo Rubião junto a turmas de Comunicação Social (Jornalismo/ Publicidade e Propaganda) de modo a propiciar maior contato com a literatura fantástica brasileira, bem como visando a impulsionar paralelos com a realidade que nos cercava naquele momento. Pretende-se, nesta comunicação, apresentar a dinâmica das leituras feitas e tecer considerações sobre a relação entre a visão pleonástica e metafórica da literatura do autor em diálogo com temáticas atemporais. Todorov, ao fazer a distinção entre o fantástico e o maravilhoso, salientando que este insere elementos mágicos e sobrenaturais como pressupostos (o mundo maravilhoso é apresentado ao leitor como uma premissa, algo dado previamente) e aquele (fantástico) como uma vertente que envolve rupturas (o leitor tem acesso a uma rotina comum para em seguida lidar com o estranho, com algo que escapa à normalidade), nos fornece a chave de entendimento para lidar com os contos rubianos. Ainda que a maioria se enquadre na categoria fantástica, alguns se aproximam mais do campo maravilhoso, e há ainda os que se assemelhem a contos realistas. Para pensar as alegorias presentes nos textos, faremos uso do conceito de metáforas vivas, de Paul Ricoeur, ao passo que, para aventar hipóteses quanto à recepção de leitura dos contos, nos apoiaremos no conceito de obra aberta, de Umberto Eco, de leituras de prazer e leituras de fruição, de Roland Barthes, e de playing e game, dissecados por Vincent Jouve.

Referências: BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 2015. ECO, Umberto. Obra aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2015. JOUVE, Vincent. A leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2002. RICOEUR, Paul. A metáfora viva. São Paulo: Edições Loyola, 2015. TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2017. _____. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012. _____. As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ENSAIO SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA: LITERATURA E PANDEMIA.

Nandara Maciel Leite Tinerel

Resumo: Estudar Literatura inserida no contexto pandêmico não tem sido novidade. Encontrar nas narrativas literárias grandes tragédias que assolaram a humanidade de maneira degradante, aterrorizante e desumana, tampouco. Igualmente ocorre na música, na pintura e nas artes. De maneira geral, nos deparamos com esses temas, até então, conhecido apenas por meio da história. Ainda, saímos dos registros históricos para, de perto, vivenciarmos a experiência de lidar com um mundo pandêmico, ainda mais complexo, carregado de questões de todos os níveis sociais, políticos, econômicos, psicológicos e, acima de tudo, (des)humanos. Desse modo, estabelecer uma ligação entre a literatura e essa nova realidade, entre leitor e leitura, nos faz destacar as afirmações de Perrone-Moisés (1990) sobre como a literatura se constitui no mundo em que vivemos, de como ela acentua aquilo que falta, no mundo e em nós. Movidos sempre por essa relação de falta e

insatisfação, reordenamos nossos sentidos e ampliamos nossas sensações por meio do texto literário. Assim, propomos discutir as obras de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e de Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida* (2014), retomando a abordagem de Perrone-Móises. Pois, a leitura dessas obras acentua, de forma latente, nossas próprias experiências pandêmicas. Reordena nossas relações pessoais e sociais, sem distanciamento. O resultado dessas leituras, embora muitas vezes brutal e angustiante, é reflexo de quem desejamos ser ou deixar de ser. Se ao final desse processo, tal qual os personagens de *Ensaio sobre a cegueira*, recobramos aquilo que perdemos (ou ganhamos...) ao longo do caminho, teremos presenciado, principalmente de modo particular e individual, nossa própria humanidade. Desse modo, o leitor passa, por meio da leitura das obras a serem estudadas, a entender suas próprias experiências.

Referências: BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. CALVINO, Italo. *Um general na biblioteca*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. PERRONE-MOISES, Leyla. *Flores da escrivania: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. RODRIGUES, Letícia. *Conheça as 5 maiores pandemias da história*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/03/conheca-5-maiores-pandemias-da-historia.html>. Acesso em: 12 ago. 2020. SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

POR UMA HERMENÊUTICA DO SORRISO

Patrícia Trindade Nakagome

Resumo: A pandemia foi marcada por signos negativos: a falta de ar, de respiradores, de contato entre as pessoas. Em meio a esse contexto de ausência, houve acréscimos também eles carregados de certa negatividade, como o álcool gel e a máscara, a lembrar-nos, a todo o momento, quanto eram perigosos o outro e a própria vida. Quando a máscara foi colocada em nossos rostos, pudemos perceber melhor a importância daquilo que antes podia passar despercebido no cotidiano, tal como o sorriso. Nesta comunicação, defendo o sorriso como um gesto de abertura para o outro, cujo potencial merece ser observado com maior atenção. Para tanto, apresento a dupla dimensão de uma hermenêutica do sorriso, voltada para a compreensão tanto de seu sentido em textos quanto de sua presença no próprio gesto interpretativo. No primeiro caso, analiso a marca do sorriso em algumas obras da literatura contemporânea de modo a compreender como ele modula a fala, embora seja constituído de silêncio. No segundo, mostro como o sorriso é elemento fundamental a constituir a relação entre leitores, especialmente em contextos de mediação, ensino e crítica de literatura. Para a articulação dos dois eixos, são fundamentais os trabalhos de Ogden (2022) e Rancière (2002). Como forma de exercitar o potencial do sorriso, a comunicação será pautada numa fala mais franca sobre projetos, sonhos e fracassos que atravessam minha leitura em sua dimensão subjetiva e também acadêmica.

Referências: OGDEN, Emily. *On Not Knowing: How to Love and Other Essays*. University of Chicago Press, 2022. RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*. Autêntica: Belo Horizonte, 2002.

SIMPÓSIO “O LIVRO É UM CONVITE: NA EDUCAÇÃO BÁSICA, A LEITURA LITERÁRIA É TRAVESSIA E EXPERIÊNCIA”

Caroline Valada Becker (UFRGS) e Rodrigo Corrêa Martins Silva Machado (UFPO)

BOOKTUBERS E CONSUMO DE CONTEÚDO LITERÁRIO NA INTERNET: IMPACTOS NO LEITOR CONTEMPORÂNEO

Ana Carolina Rosario Perricone e Rodrigo Corrêa Martins Silva Machado

Resumo: Nos últimos anos, a leitura literária extrapolou os limites dos ambientes de circulação tradicionais, como o educacional e familiar, e tornou-se um elemento fortemente presente nas redes

sociais, acrescentando um novo capítulo à história dos leitores e incentivando pesquisas que forneçam panoramas atuais a respeito dos hábitos de leitura, do mercado editorial e possíveis impactos no leitor contemporâneo no contexto do virtual. Chamados de produtores de conteúdo literário, o número de leitores responsáveis por páginas voltadas à divulgação de conteúdo sobre livros na internet em ferramentas como Instagram, Youtube e TikTok cresceu nos últimos anos. Esse fenômeno tem como principal objetivo a troca e o acolhimento entre leitores visando o incentivo à leitura. No livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, Michèle Petit relaciona a importância da leitura de livros com o processo de autonomia dos indivíduos, uma vez que o ato "(...) pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania" (2009, p.19). Dessa maneira, a expansão do conhecimento de mundo dos indivíduos, por meio do hábito de ler, pode servir de estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico e torna o contexto que os incentivam em objeto de estudo. Somado a isso, em *Notas para a definição de um leitor ideal*, Alberto Manguel afirma que os leitores se relacionam de forma tão particular com seus livros que "Para todo leitor, sua biblioteca é uma espécie de autobiografia" (2021, p. 40), portanto, consideramos importante analisar as ações desenvolvidas por produtores de conteúdo literário a fim de levantar um panorama dessas manifestações e seus impactos no leitor contemporâneo.

Referências: MANGUEL, A. *Notas para uma definição do leitor ideal*. Tradução: Rubia G; Sergio M. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc SP, 2020. 174 p. PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução: Celina O. S. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 7-58.

FORMAR PARA FORMAR: INVESTINDO NO(A) PROFESSOR(A) PARA A FORMAÇÃO LITERÁRIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Maria Coelho Silva Wertheimer

Resumo: Como professora da disciplina de Prática de Ensino do curso de Letras e professora de Literatura Infantil para estudantes de Pedagogia, observo que, para uma formação literária efetiva de crianças e adolescentes, é necessário investir na formação de professores(as), priorizando o estímulo ao hábito da leitura. Por motivos que vão desde a falta de acesso a livros até a difusão de filmes e séries por plataformas de streaming, além do uso imoderado das redes sociais, o hábito da leitura apresenta-se cada vez mais distante da realidade de estudantes, tanto da Educação Básica quanto do Ensino Superior. Já na primeira década dos anos 2000, Colomer (2007, p. 104) reconhece que se lê "mais do que nunca, mas o que se lê e para que se lê está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios". Para essa autora, a leitura exige não apenas habilidades específicas e exercício, mas também tempo, solidão e concentração, condições que parecem não compatíveis com o perfil das gerações mais novas. O presente trabalho traz uma reflexão teórica acerca da formação leitora, à luz das considerações de Colomer (2007) e de Petit (2001), e propõe estender as práticas de leitura guiada, previstas para a formação literária na escola, aos estudantes do Ensino Superior, prestes a tornarem-se educadores e educadoras, com o intuito de oportunizar uma experiência literária de qualidade, buscando estimular o hábito da leitura.

Referências: CERDEIRA, Teresa Cristina. *Formas de ler: a literatura e a biblioteca, a literatura e o tempo, a literatura e o corpo*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003. _____. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007. PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

MEDIAÇÃO DE LEITURA E ESCRITA E RECEPÇÃO DE LEITURA EM SALA DE AULA DE ENSINO MÉDIO – REFLEXÕES COMPARATIVAS ENTRE AMBIENTE VIRTUAL E PRESENCIAL

Daniela Favero Netto e Aduino Locatelli Taufer

Resumo: As pesquisas aqui apresentadas são desenvolvidas no âmbito do projeto *Mediação e recepção em cursos de escrita e leitura literária e possíveis efeitos desses cursos na saúde mental de estudantes do ensino médio, pós-isolamento, na pandemia e têm caráter interdisciplinar*, com

pesquisadores que atuam em diferentes áreas. Em diálogo com a temática deste simpósio, há três investigações realizadas com participantes de turmas de segundo e de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública federal de Porto Alegre, envolvendo recepção da leitura literária por parte de estudantes, mediação de leitura em sala de aula e mediação de escrita ocorrida após a leitura do livro *O Avesso da Pele*. A metodologia dessas investigações envolve observação participante, com geração de dados registrados em diários de campo e questionários (ESTEBAN, 2012; GIL, 2008; MINAYO, 2002); referente à mediação de escrita, envolve, ainda, textos de estudantes e bilhetes orientadores de reescrita (PASIN, 2018). Os dados foram analisados majoritariamente de forma qualitativa, ainda que alguns tenham recebido olhar quantitativo. Objetivou-se analisar estratégias de: a) recepção da obra na perspectiva dos estudantes; b) mediação de leitura literária e participação dos estudantes; c) mediação de escrita e espaço para as subjetividades de estudantes nas suas produções. Dialogam com as pesquisas reflexões de Maria (2016), Zilberman (2008), Bajour (2012), Candido (1995), Cosson (2006, 2015), Pennac (1998), Petit (2008), Rouxel (2013) acerca da leitura, da mediação e da recepção literária na escola. Ainda, dialogam com a investigação sobre a escrita das subjetividades, em especial, Bakhtin (2009, 2011), Bondía (2002), Guedes (2009) e Grigoletto (2011). A análise preliminar aponta ganhos importantes com relação à recepção e à participação de estudantes e às estratégias de mediação de leitura e escrita se comparados os dados ora gerados com os dados gerados em ambiente virtual, durante a pandemia, em pesquisa anterior.

Referências: BAJOUR, C. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In.: Revista Brasileira de Educação, jan./mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 20/01/2020. CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006. COSSON, R. A prática de leitura literária na escola: mediação ou ensino? Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015. ESTEBAN, M. P. Pesquisa qualitativa em educação. Porto Alegre: Artmed, 2010. GIL, A. C.. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. GRIGOLETTO, M. Lições do modelo: a escrita que engessa e a que mobiliza. In: RIOLFI, Claudia; BARZOTTO, Valdir Heitor. O inferno da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2011. GUEDES, P. C. Da redação à produção textual: o ensino da escrita. São Paulo: Parábola, 2009. MARIA, de L. O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?. São Paulo: Global, 2016. MINAYO, M. C. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. PASIN, N. O. O bilhete orientador de reescrita a serviço da interlocução no ensino de leitura e produção textual no contexto acadêmico de Letras, 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. PENNAC, D. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. PETIT, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva/Michèle Petit; Tradução de Celina Olga de Souza - São Paulo: Ed. 34, 2008. ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER - FALEIROS, R. (orgs). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. ZILBERMAN, R. Recepção e leitura no horizonte da literatura. Alea [online]. 2008, vol.10, n.1, pp. 85-97. ISSN 1807-0299. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100006>>.

A LEITURA DE CONTOS DE FADAS E TRADICIONAIS NA AULA DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Daniele Azambuja de Borba Cunha

Resumo: Apesar da presença quase permanente do texto literário nas metodologias de francês como língua estrangeira (FLE) ao longo de mais de um século, período em que a didática do FLE se desenvolveu e se consolidou, a reflexão sobre como abordá-lo por suas especificidades, e não apenas como objeto para ensino da língua ou da cultura, foi pouco explorada até as últimas décadas do século XX. Contudo, desde os anos 1990 e mais fortemente nas duas primeiras décadas do século

XXI, houve um aumento bastante expressivo de pesquisas e relatos de práticas nesse campo de estudo. A perspectiva da leitura literária, forjada no âmbito do ensino de literatura de língua materna, tem contribuído de forma significativa para se pensar a inserção da literatura na aula de língua estrangeira (LE) e a formação de leitores e leitoras também a partir da LE. Nesse contexto se situa minha comunicação, que tem como objetivo apresentar um projeto de leitura literária de contos de fadas e tradicionais realizado nas aulas de FLE em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação (CAP) da UFRGS. Após uma breve contextualização do ensino de línguas estrangeiras no CAP-UFRGS, exporei alguns desafios para a inserção do texto literário nas aulas de FLE e comentarei o referencial teórico deste trabalho, com foco na leitura literária como vaivém dialético, concepção desenvolvida por Dufays et alii (2015). Em seguida, descreverei o projeto com contos e sua realização em aula, com apresentação de algumas atividades. Concluirei com alguns elementos de avaliação do projeto, bem como dos desafios e da importância de trabalhar com a leitura literária na aula de FLE, sobretudo no contexto da Educação Básica.

Referências: DUFAYS, Jean-Louis; GEMENNE, Louis; LEDUR, Dominique. Pour une lecture littéraire : Histoire, théories, pistes pour la classe. 3e édition. Louvain-la-Neuve : De Boeck Supérieur, coll. Pratiques pédagogiques, 2015.

A LITERATURA E O ENCONTRO DA JUVENTUDE COM O PROJETO DE VIDA E O MUNDO DO TRABALHO ATRAVÉS DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO – PNLD

Ednei da Anunciação Alves

Resumo: O atual PNLD é fruto da união do Programa Nacional do Livro Didático com o PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola, em 2017. A junção, no ano anterior à publicação da versão final da Base Nacional Comum Curricular que incluiu o Ensino Médio, alterou a nomenclatura para Programa Nacional do Livro e do Material Didático e apresentou entre os objetivos a seleção de obras didáticas, literárias e outros materiais pedagógicos, incluindo softwares. O novo programa incluiu a seleção de obras literárias pela primeira vez em 2018, para os três níveis da educação básica; e na edição de 2021, foi reformulado para o Ensino Médio. A partir das transformações do programa que destina obras literárias às salas de aula da rede pública, focando na edição de 2021, a mais recente para a última etapa da educação básica, esta comunicação analisa dois temas do edital que colocam a literatura como ferramenta que define, ou representa, a ideia de vida adulta e modelagem para a produtividade econômica: Projetos de vida e O jovem e o mundo do trabalho. A atribuição de tarefas à literatura não é garantia de formação de leitores, porém articula-se com uma visão educacional voltada a um modelo de lucro econômico que, segundo Nussbaum (2015), não é sinônimo de democracia estável e igualdade distributiva e social. O problema dos temas destacados é o afastamento da ideia de fruição da literatura rumo a tentativa, sob a ótica de Durão (2004), de fazer com que ela indique caminhos, seja prescritiva. Além dos autores citados, buscou-se a contribuição de Groppo (2017) acerca das concepções de juventude e a relação com as políticas públicas, Zilberman (2009) para abordar a união entre a literatura e a sala de aula e Candido (1988) na discussão sobre o conceito e direito à literatura.

Referências: BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, 2018. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. DURÃO, Fabio Akcelrud. Sobre a atualidade dos estudos literários hoje. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, v. 2, 2004. GROPPPO, Luís Antonio. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. Desidades: Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-17, mar. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822017000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jan. 2023. NUSBAUM, Martha. Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015. ZILBERMAN, Regina. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?. Revista Desenredo, v. 5, n. 1, 2009.

RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COM A OBRA “OS CEM MENORES CONTOS BRASILEIROS DO SÉCULO”

Elisabeth Maria De Melo e Clecio Dos Santos Bunzen Junior

Resumo: O presente trabalho, oriundo de uma pesquisa-ação no âmbito do Mestrado Profissional em Letras, tem como objetivo discutir os diálogos estabelecidos por uma turma de estudantes da Educação de Jovens e Adultos da comunidade de Cajueiro Seco (Jaboatão, PE) em torno de minicontos da obra “Os cem menores Contos Brasileiros do Século”, organizada por Marcelino Freire e publicada pela Ateliê Editorial (2004). Do ponto de vista epistemológico, a investigação foi desenvolvida em diálogo com três perspectivas que tratam sobre o Dialogismo Freireano (FREIRE, 1967), os Novos Estudos do Letramento (STREET, 2014; GEE, 1990) e a Educação Literária (BAJOUR, 2006; COLOMER, 2007; CANDIDO, 2011; DALVI, 2018; PETIT, 2009; YUNES, 1999; MACEDO, 2021). Do enfoque metodológico, utilizamos a pesquisa-ação, baseando-se na perspectiva didática e pedagógica dos processos interativos das rodas de conversa propostos por Bajour et al (2006). Realizamos a intervenção (com gravações e fotografias) nas seguintes etapas: (i) seis rodas de conversas literárias com minicontos; (ii) diálogos e reflexões com os minicontos; (iii) narrativas de vida pelos alunos; (iv) a prática da escuta; (v) troca de experiências; (vi) análise dos elementos coletados, (vii) avaliação. Neste trabalho, daremos enfoque à roda de conversa com o miniconto “Primeiro grande amor”, de autoria de Reinaldo Damázio (2004). Como resultados da investigação, notamos os(as) estudantes sendo donos(as) de suas próprias vozes, tendo a liberdade de ser e de ler com a própria vida, fazendo relações intertextuais, entrelaçando narrativas, tecendo (singularmente e coletivamente) os sentidos propostos pelos textos; desencadeando uma perspectiva crítica do ambiente social, ressignificando sentidos e imaginando outras possibilidades para o texto literário.

Referências: BAJOUR, Cecilia; BOMBINI, Gustavo; CANTAGALLI, Alicia; CARRANZA, Marcela; FERNÁNDEZ, Mirta Gloria. Experiencias de Capacitación: el Postítulo de Literatura Infantil y Juvenil. Buenos Aires: Editora: Claudia López, 2006. FREIRE, Paulo. Educação Como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; DEZOTTI, Magda; PEDROSA, Janaina. Leitura literária na escola: compreendendo um evento pelas lentes da pesquisa etnográfica. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org). A pesquisa etnográfica em alfabetização, leitura e escrita: a experiência do GPEALE. Curitiba, CRV, 2021. STREET, BRIAN V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. PETIT, Michèle. Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009, 2ª ed. YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. In: Leitura: teoria & prática. Revista semestral da Associação de Leitura do Brasil. Ano 18, número 33. São Paulo:1999.

A LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A FORMAÇÃO LEITORA E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Graciane Cristina Manguiera Celestino

Resumo: O presente trabalho tem como foco a apresentação dos resultados preliminares referentes ao projeto de leitura “A Escrita de Autoria Negra e Indígena: patrimônio imemorial de um povo”, desenvolvido em sua primeira fase durante o segundo semestre do ano letivo de 2022, tendo como experiência de leitura literária dois textos: “Quarto de despejo; diário de uma favelada”, escrito autobiográfico de Carolina Maria de Jesus, e “Contos Indígenas Brasileiros”, coletânea de contos de Daniel Munduruku. A proposta é realizada na Escola Municipal Maria de Lourdes Faustino, e está em sua segunda fase onde os textos literários utilizados são: “O Alienista”, conto de Machado de Assis, e “A escrava”, conto de Maria Firmina dos Reis. Foi desenvolvido um relatório diagnóstico de leitura dos estudantes, e nesse sentido alguns apontamentos foram estabelecidos para que se pudesse empreender a segunda fase do projeto. Em nossa concepção de educação literária, proporcionar aos estudantes o conhecimento e reconhecimento de escritores e artistas negros e indígenas como protagonistas de suas histórias, é uma experiência com o livro e a leitura, compromisso que nós professores necessitamos empreender na Educação Básica. O objetivo desse trabalho é construir um diálogo, um movimento reflexivo, de alteridade, tendo por finalidade compreender como esses povos reagiram ao pensamento imperialista, que se arrogava dominante, portanto, anulava a validade da experiência e da produção do outro. Por ser a experiência com a formação da identidade leitora uma extensão de relações interpessoais, e uma proposição consciente e sistemática centrada

no estado atual da produção de conhecimento, ela se apresenta como processo racional e articulado das atividades escolares no contexto social. Os alunos atendidos pelo projeto de leitura que está em andamento são adolescentes que tem a faixa etária entre 11 e 14 anos, oriundos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

Referências: ABDALA JUNIOR, Benjamim (org.). *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004. BOSI, Alfredo (1936). *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. BRASIL. Ministério da Educação, (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Brasília, MEC/SEF. _____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996*. BRASIL. _____. *Lei 14.407 de 12 de julho de 2022. Dispõe sobre alteração na LDB. Nº 9.394/1996 para estabelecer o compromisso da educação básica com a formação do leitor e o estímulo à leitura*. <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 14 jul. 2022 _____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. CÂNDIDO, Antônio. *Na sala de Aula: caderno de análise literária*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998. CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador/ Roger Chartier; tradução Reginaldo de Moraes* – São Paulo: Editora UNESP, 1999. COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Tradução Laura Sandroni. – São Paulo: Global, 2017. COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê? Tradução de Laura Taddei Brandini*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. DALVI Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.) *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. GOIÁS. *Documento Curricular para Goiás - Ampliado (DCGO)*. Goiânia, SEDUC/CONSED-GO/UNDIME-GO, 2019. FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 1996. JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada – 1ª ed.* – São Paulo: Ática, 2020. JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura? / Vincent Jouve; Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores.* – São Paulo: Parábola, 2012. KI-ZERBO, Joseph (editor). *História Geral da África. Vol I. 2 ed. rev.* Brasília; UNESCO, 2010. MACEDO, Maria do Socorro A. N. (org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora.* – 1ª ed. – São Paulo: Parábola, 2021. MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. _____. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições Sesc, 2017. _____. *Notas para uma definição do leitor ideal*. São Paulo: Edições Sesc, 2020. MUNDURUKU, Daniel. *Contos Indígenas Brasileiros – 2ª ed.* – São Paulo: Global editora, 2005. NILHA, Orlando. *Carolina: Carolina Maria de Jesus – 1ª ed.* – Campinas: Editora Mostarda, 2019. (Coleção black power) OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (org.). *Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro. Ed: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (Orgs.). *Leitura Subjetiva e ensino de Literatura*. Trad. de Amaury C. Moraes et al. São Paulo: Alameda, 2013.

QUANDO A IMAGEM FALA - ESTUDOS SOBRE A MEDIAÇÃO NO LIVRO-IMAGEM

Luisa Setton

Resumo: O livro-imagem desperta a curiosidade e o estranhamento ao nos apresentar uma narrativa aberta e polissêmica, porém ainda assim com um sentido determinado, construído pelo autor somente por meio das imagens - e de todos os recursos que o artista pode lançar mão nessa empreitada como o uso das cores, os traços, cores de fundo, tipos de papel e etc., que em confluência contribuem para a composição da narrativa. A ausência de palavras, ou por vezes sua existência que se realiza somente no título e na contracapa, convidam o leitor do livro-imagem para um outro tipo de leitura. Silenciosa? Introspectiva? Para o mediador, o desafio pode ser ainda maior. Como ler em voz alta e para um grupo de crianças, uma narrativa que se constitui somente com imagens? É preciso inventar uma história? Nas experiências de mediação de leitura do livro-ilustrado e na bibliografia que discorre sobre o assunto, é possível notar a ênfase na participação ativa do leitor que faz ao mesmo tempo a leitura de texto, imagem e projeto gráfico criando sentidos que só se concretizam durante a leitura. Porém, como nos coloca Arizpe (2014): "Quando o livro-álbum apresenta apenas

imagens, o compromisso do leitor aumenta, já que necessita olhar com mais cuidado, refletir mais profundamente e colaborar mais ativamente com o ilustrador (...)." Esta comunicação pretende abordar aspectos da mediação do livro-imagem a partir da análise de mediações de leitura dos livros Vazio, da ilustradora portuguesa Catarina Sobral, Editora 34; e do livro La Piscina, da ilustradora Sul-coreana Ji Hieon Lee, Barbara Fiore Editora. O olhar que fundamenta a análise tem como ponto de partida a formação do leitor literário, sua capacidade para se expressar e relacionar com o texto escrito e visual, e do quanto o livro-imagem e sua mediação poderiam contribuir no sentido da formação desse leitor.

Referências: ARIZPE, Evelyn. Imagens que convidam a pensar – o "livro álbum sem palavras" e a resposta leitora. São Paulo: Revista Emília. (acessado em 27/02/2014) BAJOUR, Cecilia. La orfebrería del silencio: la construcción de lo no dicho en los libros-álbum. 1ª edição. Córdoba: Comunicarte, 2016. p. 85-100. BAJOUR, Cecilia. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. 1ª edição. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro Ilustrado: Palavras e Imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OS (DES)CAMINHOS DA FORMAÇÃO LEITORA: UM ESTUDO DE CASO

Márcia Sepúlveda do Vale e Ana Crelia Penha Dias

Resumo: O presente trabalho busca discutir a formação leitora na educação básica, para tanto, apresenta um estudo de caso realizado com os estudantes dos anos finais da educação fundamental, de 8º e 9º ano, da Escola Municipal Maria Júlia Amorim Soares Rodrigues, localizada no município de Palmas-TO, através do projeto de extensão, Literaturando: entre textos e (pré)textos, que buscou desenvolver a formação leitora dos estudantes por meio de um clube de leituras híbrido, realizando o acompanhamento da leitura de três obras literárias no ano de 2021, dentre elas, a tradução e adaptação de "Os miseráveis", enviada para a escola através do PNLD Literário. O trabalho envolveu, inicialmente, uma análise comparativa dos resultados das últimas avaliações nacionais feitas na escola, a fim de verificar os níveis das competências linguísticas apresentadas pelos alunos; seguido do relato do desenvolvimento do projeto e, finalizado, com as discussões dos resultados do projeto. Os resultados apontam que, mesmo de forma tímida, em relação aos níveis de proficiência em língua portuguesa, houve um progresso na competência linguística dos estudantes, passando de 252,11, em 2019, para 252,25, em 2021 e que, esse progresso torna-se mais relevante quando observamos o contexto social e escolar vivenciado naquele momento, ou seja, a pandemia de COVID-19, que, no município de Palmas, deixou os alunos sem aulas presenciais de março de 2020 a agosto de 2021. Como aporte teórico nos embasamos nos estudos de Michelle Petit (2013), Vera Aguiar (2011), Regina Zilberman (2008) e Raquel Souza e Souza (2021).

Referências: AGUIAR, Vera. O compromisso de fazer literatura para crianças e jovens. In: OLIVEIRA, Ieda de. O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? com a palavra o educador. São Paulo: DCL, 2011. PIGLIA, Ricardo. O último leitor. Tradução Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. PETIT, Michele. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013. SOUZA, Raquel Cristina de Souza e. Da leitura escolarizada à biblioteca interior. EntreLetras, Palmas, TO, v. 11, n. 3, p. 75-102, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2020v11n3p75-102>. Acesso em: 13 jan. 2023. ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 11-22, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 6 jul. 2022. ESCOLA municipal Maria Júlia Amorim Soares Rodrigues. QEDu. [S. l., 2022]. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/17052556-escola-municipal-maria-julia-amorim-soares-rodrigues>. Acesso em: 10 dez. 2022. CARRASCO, Walcy. Os miseráveis. São Paulo: Richmond Educação, 2018. BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [Inep]. Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb. Matriz de referência de língua portuguesa. Brasília, DF: Inep, [2020]. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/menu_do_professor/o_que_cai_nas_provas/Matriz_de_Referencia_de_Lingua_Portuguesa.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

CAMINHOS PARA A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA: CONVERSAS LITERÁRIAS E ATELÊ DE ARTE

Mariana Cortez

Resumo: Esta comunicação pretende analisar propostas de mediação de leitura literária desenvolvidas pela Biblioteca para Infância e Juventude Iguaçuense, em Foz do Iguaçu. As práticas de leitura literária são realizadas em espaço não formal de educação, com o intuito de favorecer a formação do leitor literário sentido comunitário. A principal atividade promovida pela BIJI são as mediações literárias que buscam oferecer experiências sociais e afetivas, pautada, principalmente pelas contribuições de Aidan Chambers (2007a; 2007b) adaptadas ao contexto de inserção em um ambiente não formal de educação em bairro popular de uma cidade fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai). Especificamente, as práticas de mediação partem da seleção de livros infantis plurissignificativos, da criação de ambientes de leitura e da escuta das respostas leitoras a fim de conhecer a comunidade e promover o próprio diálogo entre os usuários do equipamento cultural. Para tanto, problematiza-se experiências desenvolvidas a partir da leitura de livros ilustrados e por meio delas, reflete-se sobre a forma de fazer da biblioteca, partindo de etapas concomitantes: ambientação, isto é, a preparação do espaço com elementos que remetem à história a ser lida; em seguida, faz-se a leitura em voz alta compartilhada com o grupo e, por fim, propõe-se a simbolização que é uma conversa literária (CHAMBERS, 2008, 2007) integrada a fazeres artísticos, inspirados pela abordagem dos ateliês Reggio Emilia (EDWARDS C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. 1999, 2015). Os resultados das propostas oferecem elementos para pensar sobre a formação de leitores literários em espaços não formais de educação, mas também contribui para o planejamento de práticas de mediação de leitura nas escolas.

Referências: BAJOUR Cecília. Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura. 1ª edição. São Paulo: Pulo do Cato, 2012. CHAMBERS, A. El ambiente de la lectura. Trad. Ana Tamarit Amieva. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2007a. CHAMBERS, A. Dime. Los niños, la lectura y la conversación. Trad. Ana Tamarit Amieva. México: Fondo de Cultura Económica, 2007b. COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. 1ª edição. São Paulo: Global, 2007. COLOMER, Teresa. El papel de la mediación en la formación de lectores. Disponível em: <file:///D:/Desktop/AREA%20DE%20TRABALHO/El_papel_de_la_mediacion_en_la_formacion.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020. EDWARDS C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. Aspectos Gerais. In: EDWARDS C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed: 1999. EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Peso, 2015. v. 2. PETIT, Michele. El arte de la lectura en tiempos de crisis. 1ª Edição. Barcelona-España. Oceano Travesia, 2009. PETIT, M. A arte de ler como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009. PETIT, Michele. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. 2ª São Paulo: Editora.

ITINERÁRIOS DA LEITURA LITERÁRIA EM MATERIAIS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PNLD 2021- ENSINO MÉDIO

Mirian Hisae Yaegashe Zapone

Resumo: Esta comunicação objetiva apresentar parte dos resultados de um projeto de pesquisa, realizado em estágio de pós-doutorado que objetivou realizar levantamento e análise qualitativa de materiais didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), especificamente, das obras aprovadas a partir do Edital n. 003/2019 – CGPLI, do Ministério da Educação brasileiro. A análise proposta teve como objetivo observar as obras literárias presentes neste material e as propostas de leitura para elas apresentadas. A proposta de trabalho se justificou em função de tais materiais se constituírem nos primeiros exemplares de livros didáticos produzidos a partir da introdução da nova Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 2018, e que, a partir de 2023, será contemplada nos materiais didáticos destinados aos alunos do Ensino Médio brasileiro. Trata-se de pesquisa documental, ou seja, pesquisa que teve como objeto de

investigação um conjunto de textos caracterizados como materiais didáticos. No total, foram analisadas 10 obras, sendo cinco livros didáticos de Língua Portuguesa e cinco materiais didáticos da categoria de livros do novo ensino médio intitulados Projeto de Vida. Em função dos limites desta comunicação, serão apresentados os dados referentes às obras caracterizadas como Projeto de Vida. Para a análise do material, partiu-se do princípio de que a leitura de textos literários, na escola, configura-se como uma prática demarcada por sua estrutura sócio histórica, ou seja, como uma prática de letramento ou como um uso específico dos textos literários. Este uso particular se caracteriza, por sua vez, por seu alinhamento aos modos cultos de leitura entre os quais se destaca a leitura da crítica e da historiografia literária, conforme assinalam Hansen (2005), Aguiar (2000) e outros autores que destacam a importância do conhecimento, por parte do leitor, das convenções da escrita literária e de sua inserção sócio-histórica.

Referências: AGUIAR, F. As questões da crítica literária. In: MARTINS, M. H. et al. Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes. São Paulo : Itau Cultural, 2000. BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Edital n. 003/2019 – CGPLI. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e recursos digitais para o programa nacional do livro e do material didático – PNLD 2021. Brasília, 07 de abril de 2021(a). BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Histórico da BNCC, 2018. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70011-decreto-9099-de-18-julho-2017-pdf&category_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico#:~:text=Acesse%20a%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%3A-Acesse%20aqui.,ministro%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20Mendon%C3%A7a%20Filho. Acesso em: 08/12/2021 (c). BRASIL. Diário Oficial da União. Decreto n. 9.099, de 18 de julho de 2017. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático, 2017. Disponível em: <a href=). Acesso em : 12 de novembro de 2021. CANDIDO, A. Introdução (pressupostos, o terreno e as atitudes críticas, os elementos de compreensão). In: Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Belo Horizonte : Itatiaia, 1981, pp. 30-7. HANSEN, J. A. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, M. ; SCHAPOCHNIK, N. Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Campinas : Mercado de Letras, 2005.

MISTÉRIOS EM CONTOS: A ESCRITA DE CONTOS DE TERROR E MISTÉRIO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA VOLTADA PARA A PRODUÇÃO DE UM LIVRO

Natália Barroncas da Fonseca

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar o resultado de um projeto de ensino realizado, em 2022, com as 1^{as} séries do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, e discutir aspectos de linguagem e materialidade na produção de um livro de contos de terror e mistério. As produções escritas dos alunos foram compiladas em um livro por eles mesmos ilustrado e diagramado, como forma de valorizar o trabalho feito nas aulas de produção textual, bem como fomentar a leitura de contos e a escrita criativa e ficcional. Ao escreverem seus textos e, ao mesmo tempo os revisarem (com supervisão da professora), os alunos experimentam, simultaneamente, ser autores e produtores do seu próprio livro, assumindo o protagonismo do seu aprendizado. O processo de refação dos textos foi realizado conjuntamente e colaborativamente, assim como as ilustrações e a diagramação do material produzido que resultou em um livro, em formato digital. O aporte teórico contou com o que preconiza a BNCC (2017), Araújo e Nascimento (2020) e Neves (2021). Como esse projeto, foi possível estimular a criação artístico-literária e possibilitar que os alunos vivenciassem e praticassem o conhecimento a respeito das regras e estruturas gramaticais e dos elementos da narrativa.

Referências: ARAÚJO, D. R., & NASCIMENTO, J. P. da S. (2020). Literatura, linguística e ensino: formação de professores e de leitores em uma perspectiva aplicada. Revista Da ABRALIN, 19(2), 1–6. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i2.1602> BRASIL (2017). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. NEVES, C. (2021). Letramentos literários em travessias na Linguística

Aplicada: ensino transgressor e aprendizagem subjetiva da literatura. LIMA, E. Linguística aplicada na Unicamp: travessias e perspectivas, 1, 65-88.

UM OLHAR SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO “OFICINA MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA EM ESCOLAS”: CONSTRUIR PONTES ENTRE A BIBLIOTECA E O LEITOR LITERÁRIO

Nilo Marinho Pereira Junior

Resumo: Este trabalho apresenta o resultado do projeto de extensão “Oficina mediação de leitura literária em escolas” (2022), coordenado pelo bibliotecário Nilo Marinho Pereira Junior e pela professora Dra. Eliane Cristina Testa. O público alvo das oficinas foram professores da rede estadual de ensino da cidade de Araguaína - TO. O projeto em questão teve como principal objetivo oferecer aos professores da educação básica lotados em bibliotecas conhecimentos sobre mediação leitora na escola a fim de fazer ampliar a formação de leitores literários. A oficina foi composta por quatro encontros presenciais de aproximadamente três horas cada. Os encontros foram divididos em duas etapas; a primeira etapa foi realizada no mês de junho de 2022; a segunda etapa, no mês de agosto de 2022. Além disso, contamos com a parceria da biblioteca do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, na cidade de Araguaína - TO, que cedeu o espaço para realização do projeto. A metodologia adotada pautou-se nas exposições orais, nas discussões teóricas, nas dinâmicas e nas interações entre os participantes. Os principais temas das oficinas centraram-se na mediação de leitura literária, nas práticas de leitura literária, nos diferentes espaços de mediação leitora, na leitura e nas diversas mídias que envolvem leitura e literatura atualmente. Como fundação teórica, selecionamos os seguintes autores: Jove (2002), Paulino et. al. (2001), Castrillon (2011), Britto (2015) e Santos, Marques Neto e Rosing (2009). Por meio da execução do projeto foi possível constatar que, ainda, se tem na educação muito espaço para o aprofundamento da formação de professores que atuam como auxiliares de biblioteca e mediadores de leitura literária nas escolas, e que aumentar seus repertórios de ações que ativam as bibliotecas são fundamentais para fazer ampliar o apreço e o gosto de alunas e de alunos para a leitura literária.

Referências: BRITTO, Luiz Percival Leme. Ao revés do Avesso: leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015. CASTRILLON, Silvia. O direito de ler e de escrever. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. JOUVE, Vicent. A leitura. São Paulo: UNESP, 2002. SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tânia M. K. (orgs.). Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

ELABORAÇÃO DE MANUAIS SOBRE OBRAS LITERÁRIAS DO PNLD: UM RELATO DE PRÁTICA

Renata Da Silva Ferreira Asbahr

Resumo: Nesta comunicação, apresentarei um relato da minha prática como autora e editora de materiais didáticos (MDs) de ensino de literatura, em especial a elaboração, nos últimos três anos (2020 a 2022), do manual de orientação ao professor e do paratexto do aluno que acompanham as obras literárias inscritas no PNLD. As obras literárias para as quais desenvolvi material de orientação pertencem ao grupo editorial Global, contemplando autores consagrados pela crítica, como Cecília Meireles, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Bartolomeu Campos de Queirós e Roger Mello. Os MDs e paratextos foram elaborados para três segmentos da Educação Básica: Ensino Fundamental anos iniciais, Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio. Busquei alinhar as diversas propostas sugeridas aos professores para o trabalho com as obras literárias às perspectivas teórico-práticas da BNCC e às que venho desenvolvendo em minha trajetória como professora, autora de MDs e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagens na Educação (GLPLE - FEUSP). No GLPLE, coordenado por Neide Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira, a produção literária e o ensino de literatura ocupam lugar central nas pesquisas. Além disso, realizam-se discussões teórico-práticas sobre temas relacionados à Educação e Linguagens em geral, dentre os quais se destaca a elaboração de currículos e de MDs. Pretendo apresentar alguns exemplos das propostas que elaborei para os manuais do PNLD, as quais se referenciam em autores como Rezende, Rouxel e Langlade (2013), Rezende e Oliveira (2015, 2017 e 2021), Cecília Bajour (2012) e José Helder Pinheiro Alves (2014), que propõem um ensino de leitura literária centrado no leitor, na escuta, na partilha e na negociação de sentidos.

Referências: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014. BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. REZENDE, Neide Luzia de; ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gerard. (org.) Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013. REZENDE, Neide Luzia e OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. “Um sujeito leitor para a literatura na escola. Entrevista com Annie Rouxel”. Revista Teias, v. 16, n. 41, 2015. REZENDE, N.L.; OLIVEIRA, G.R. Leituras literárias em grupo: experiências, desafios e objetivos. In: SILVA, M.C.; BERTOLETTI, E.N.M. (orgs). Literatura, leitura e educação (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017. REZENDE, N. L.; OLIVEIRA, G. R.; SOUZA, M. C. (Orgs.). Literatura e Ensino. São Paulo: Alameda Casa Editorial Ltda., 2021.

LITERATURA MARGINAL NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE, CONTEMPORANEIDADE E ESCRITA LITERÁRIA

Rossana Dutra Tasso

Resumo: A literatura, como toda forma de arte, tem o poder de proporcionar aos sujeitos um olhar crítico ante as questões que constituem a realidade em que estão inseridos, ao mesmo tempo em que lhes oportuniza o desenvolvimento da sensibilidade – seja para a compreensão de suas próprias emoções, seja para a atenção às emoções dos demais sujeitos, seja para a reflexão quanto às potencialidades da palavra, oral ou escrita. Assim, a leitura literária se mostra imprescindível no contexto escolar e, a cada dia, reforça sua importância na formação de jovens capazes de compreender o momento histórico-social em que vivem, para nele intervirem. E a literatura marginal, como um espaço em que ecoam as vozes da periferia, permite uma espontânea identificação entre a obra e o seu público, entre os autores e os leitores que, nas suas rotinas diárias, lidam com problemas, expectativas, dores e alegrias semelhantes ao que lhes apresentam os “seres de papel”. Considerando esses aspectos, trago um relato acerca do trabalho que desenvolvi, junto às minhas turmas de primeiro ano de Ensino Médio Integrado, a partir do livro “Entre amar e morrer, eu escolho sofrer”, do autor Sacolinha, publicado em 2020, no contexto do primeiro ano da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Os resultados dessa experiência inicial com o literário reverberaram ao longo de todo o ano letivo de 2022, em meio às outras leituras literárias propostas, uma vez que os estudantes se sentiram motivados a pensar sobre a escrita literária como uma manifestação artística que, não raro, tem muito a lhes dizer de si mesmos, porque transcende tempos e espaços.

Referências: CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014. ESLAVA, Fernando. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. Estudos de literatura contemporânea, Brasília, julho-dezembro de 2004, p. 35-51. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021. SACOLINHA. Entre amar e morrer, eu escolho sofrer: um conto da pandemia. São Paulo: Todavia, 2020.

BATE PAPO COM A ESCRITORA: CORAÇÃO MADEIRA E A MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO

Viviane Lazarini Baldan

Resumo: Este trabalho se propôs refletir sobre o papel da biblioteca escolar na difusão e acesso à literatura produzida em Mato Grosso, por meio de ações de mediação e recepção literária para formação de sujeitos leitores. Foi realizada uma investigação junto aos estudantes do Ensino Básico Técnico do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) Campus Avançado Sinop, a fim de verificar suas preferências literárias. Após levantamento bibliográfico necessário acerca da leitura literária, poder emancipador da literatura e cenários históricos e atuais de atuação da biblioteca escolar, este trabalho utilizou-se da obra Coração Madeira livro de Marli Walker, como ferramenta de leitura para os nove participantes da pesquisa. Caracterizada metodologicamente como pesquisa-ação, que tem como base um planejamento, uma ação e uma reflexão, na etapa de coleta de dados, esta pesquisa contou com um questionário online para verificação das condições de recepção literária. Os

participantes foram convidados a realizar a leitura da obra escolhida, posteriormente, foi promovido, no espaço da biblioteca escolar, uma ação de mediação nominada de “Bate papo com a escritora”. Após, foi realizada entrevista individual com os participantes, a respeito da experiência proporcionada e os efeitos obtidos com a leitura. Utilizou-se a teoria da Estética da Recepção de Jauss (1994) enfatizando o leitor e sua recepção, bem como o caráter humanizador da literatura defendido por Cândido (2011). O método recepcional de Bordini e Aguiar (1988), foi utilizado para compor os resultados deste trabalho, a partir da análise dos horizontes de expectativa e recepção literária dos participantes da pesquisa. Como base teórica, sobre leitura e a importância da literatura, dialogamos com teóricos como Todorov (2021), Jouve (2002), Freire (1982) e Manguel (1997-2010). Temas como biblioteca escolar, mediação literária, formação de leitores, literatura produzida em Mato Grosso, utilizamos respectivamente, Milanesi (1993-2002), Bortolin (2018), Pettit (2008-2010), Magalhães (2001), Mahon (2021), Walker (2020).

Referências: BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. BORTOLIN, S. A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador. 2001. 233f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93715>. Acesso em: 11 jan. 2023. BORTOLIN, S. Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103349>. Acesso em: 11 jan. 2023. CANDIDO, A. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. JAUSS, H. R. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994. JOUVE, V. A leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2002. MAGALHÃES, H. D. G. História da literatura de Mato Grosso: século XX. Cuiabá: Unicen 2001. MANGUEL, A. Uma história da leitura. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. MANGUEL, Alberto. A biblioteca à noite. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. MILANESI, L. O que é biblioteca. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. MILANESI, L. Biblioteca. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. PETIT, Michéle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008. PETIT, M. A arte de ler: ou como resistir a adversidade. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2010. TODOROV, T. A literatura em perigo. Trad. Caio Meira. 13. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021. WALKER, M. Coração Madeira. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020.

SIMPÓSIO “PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO BÁSICO: EXPERIÊNCIAS POSSÍVEIS EM REALIDADES (MULTI)DIVERSAS”

Adauto Locatelli Taufer (UFRGS)

O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ana Carolina Miguel Costa

Resumo: O objetivo deste trabalho é o de apresentar uma amostra dos resultados obtidos com a pesquisa de mestrado intitulada O texto literário na sala de aula: estudo e prática de métodos de leitura do texto literário (2019), na qual buscou-se analisar a recepção de discentes do Ensino Básico, especificamente, do Ensino Fundamental II, de uma escola no interior de São Paulo, a obras literárias lidas na sala de aula. Como apontado por diversos teóricos, como Dalvi (2013), Dias (2016), Lajolo (1993), Soares (2011) e Zilberman (2003), há uma crise da literatura e da leitura literária na escola, visto que muitas que não possuem bibliotecas, livros, sala de leitura; muitos docentes não têm formação para o trabalho com o texto literário; o material didático - que muitas vezes é o único recurso disponível para o professor - apresenta poucos textos literários e a maior parte é constituída de fragmentos. Desse modo, o trabalho com o texto literário é resistência e, em meio ao caos, é o professor o responsável por promover o contato entre obra-aluno/leitor. Como referencial teórico, para se pensar o conceito de leitor, literatura e leitura literária foram realizados estudos a partir de

Candido (2006), Compagnon (2010), Rouxel (2012). Além disso, para fundamentar a pesquisa de campo e analisar os resultados, foi empregada a análise temática, para um estudo quantitativo e qualitativo, conforme proposto por Laurence Bardin (1977). Como corolário, constatou-se que os alunos-participantes ao serem postos em contato com texto e, por meio do trabalho de mediação do professor, conseguiram fazer análises textuais de qualidade, interpretando e tecendo críticas ao que era lido, bem como fazendo inferências, apontando intertextualidades e adentrando nas camadas do texto.

Referências: BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p.169-191. COMPAGNON, A. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide; JOVER FALEIROS, Rita (org.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. DIAS, Ana Crelia. Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido(s). Cerrados, Brasília, v. 25, n. 42, p.211-228, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/210-228/15647>>. Acesso em: 1 jan. 2023. LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In.: Leitura em crise na escola. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia. (org.) Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013. ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? In: Cadernos de Pesquisa, v. 42, nº 145, p.272-283, jan./abr. 2012. SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In.: A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA ANTIRRACISTA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O ACERVO DE LÍNGUA INGLESA

Ana Paula Bianconcini Anjos

Resumo: A presente comunicação trata dos desafios de implementação de uma educação literária antirracista na sala de aula de língua inglesa em uma escola pública do ensino fundamental no município de São Paulo no contexto da pandemia de COVID-19. Os anos de 2019 a 2023 foram extremamente desafiadores para a educação básica pública do Brasil. Da falta de condições para o acesso às aulas online dos estudantes das escolas públicas brasileiras ao retorno presencial a todo custo, os professores da rede municipal de ensino de São Paulo tinham apenas à disposição a lousa de giz e os livros didáticos impressos em 2018 e que deveriam ser utilizados até 2023. A lenta implementação das salas de aulas digitais no município de São Paulo, no entanto, proporcionou que as aulas presenciais fossem ganhando melhor dinâmica. No entanto, o desafio seguia enorme: como acolher os estudantes na pandemia e ao mesmo tempo dar conta do currículo? Como garantir que o aluno entenda e participe da contação de histórias quando ele ainda não se alimentou? Como conversar com os estudantes sobre questões de saúde mental que afetam toda a comunidade? Após o recebimento do acervo de língua inglesa do PNLD literário de língua inglesa em 2022 houve algum respiro para enfrentar os desafios do cotidiano escolar pandêmico. O primeiro desafio foi retirar os livros das caixas e colocá-los em um local onde eles estivessem expostos e ao alcance dos estudantes. Depois, foi preciso entender como o novo acervo de livros paradidáticos de literatura poderia ser incluído dentro do currículo de língua inglesa em uma perspectiva democrática e antirracista. Foram também feitos inúmeros pedidos para que a questão da educação antirracista fosse incluída no projeto político pedagógico da escola para além das disciplinas individualmente.

Referências: ADORNO, T. W. A Educação contra a barbárie. In: _____. Educação e Emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b. Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Componente Curricular: Língua Inglesa. 2a edição. São Paulo: SME / COPED, 2019. FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974. LIBANÊO, J. C. Democratização da Escola Pública: a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. São Paulo: Editora Loyola, 1986. PETIT, M. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

QUARTO DE DESPEJO: UM CLÁSSICO PELA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Arnon Tragino, Adriana Pin

Resumo: O relato de Quarto de Despejo configura um retrato: a vida de Carolina Maria de Jesus como catadora de papel, nos anos finais da década de 1950, na favela do Canindé, em São Paulo. A história e a geografia presentes no texto formam a narrativa cotidiana da autora que descreve e questiona a miséria vivida; situação social irresoluta naquele momento para a classe, o gênero e a raça de Carolina. Todo o registro, porém, escrito numa variedade linguística popular como reflexo de pouca educação formal, foi feito longe do contexto letrado brasileiro, denominado como Segunda Geração Modernista, tornando o diário uma obra famosa, mas marginal diante da produção prestigiada na época. Após o momento de sucesso passageiro, o tempo deu ao livro um lugar de clássico, mesmo que o aspecto da carência material, e não o seu valor intelectual, tenha sido a tônica da recepção, como comenta Fernanda Miranda (2020) em "Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus". Ao conseguir esse espaço, o diário assentou também na literatura brasileira a contemporaneidade do descaso social, visto antes em autores como Lima Barreto ou Paulo Lins, por exemplo. Assim, a preocupação dessa comunicação é entender a obra como clássica, considerando a temática abordada, além da sua inserção relevante na produção literária do país e da linguagem que utiliza. O viés teórico parte da noção de clássico pensada por Carolina Ferreira (2019), em "Fundamentos histórico-filosóficos do conceito de clássico na Pedagogia Histórico-Crítica", e a linguagem é analisada a partir das concepções de Marisa Lajolo em "A leitora no quarto dos fundos". Tal análise se justifica quando a presença da obra é requerida na educação básica, por exemplo, em que alunos têm o contato com a produção dessa autora afro-brasileira e podem perceber nela a pobreza, a fome e seu registro da realidade.

Referências: FERREIRA, C. G. Fundamentos histórico-filosóficos do conceito de clássico na Pedagogia Histórico-Crítica. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2019. JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020. LAJOLO, M. A leitura no quarto dos fundos. In: JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020. MIRANDA, F. Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

ELES TÊM EM SI TODOS OS SONHOS DO MUNDO EM UMA LEITURA LITERÁRIA: PROFESSORES E ESTUDANTES

Emanuele Bitencourt Neves Camani

Resumo: Problematizar o racismo é uma pauta emergente no ambiente escolar. Atividades leitoras foram mobilizadas sobre os efeitos desse estigma na educação literária. Foi levado para a sala de aula a experiência de fruição na leitura do texto literário — Um Sonho no Caroço de Abacate, de Moacyr Scliar. Essa obra literária faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) Literário. Tal obra contemplou o projeto pedagógico Antirracismo no componente curricular de Português. O preconceito, o racismo e a discriminação foram abordados. A iniciativa foi realizada com as turmas de 8º ano, em uma escola municipal, através de: leitura compartilhada, escrita e rodas de conversa que contemplaram as práticas linguageiras da oralidade, de leitura, de produção escrita e de análise linguística e semiótica. As práticas leitoras atravessam nosso cotidiano, são essenciais para construirmos conhecimento, e também de interagirmos. Promover a formação de leitores requer uma ação docente que provoque a crescente ampliação da familiaridade dos/das estudantes com leitura de textos de diversos gêneros. Os estudantes foram estimulados a escreverem suas ideias sobre a narrativa. Adicionalmente, houve uma roda de conversa on-line com uma psicóloga, através dos recursos audiovisuais. Também teve palestra presencial com repórter televisivo. Essas atividades mobilizaram a comunicação escrita e oral dos estudantes por meio de textos autorais, rodas de conversa e outras atividades envolvendo-os ativamente no processo de ensino-aprendizagem. Essas práticas proporcionaram um panorama com algumas interrelações sobre o racismo e as repercussões na vida social dos estudantes. As aulas relacionaram oralidade e práticas de leitura em

sala de aula, promoveram a reflexão acerca do tema bem como estimularam a leitura crítica de mundo e as práticas linguageiras dos estudantes para a formação de leitores mais críticos dentro do contexto que foi proposto.

Referências: MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. Como aprender com êxito por meio da pedagogia de projetos. São Paulo; Contexto, 2009. SCLiar, Moacyr. Um sonho no caroço de abacate. São Paulo: Globo, 2003. Zanela, Claudia Cristina e Barcelos, Ana Regina Ferreira e Machado, Rosângela (organizadoras). Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis - 2016.. Florianópolis: Prefeitura de Florianópolis. Secretaria de Educação, 2016.

O ENSINO DA LITERATURA COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO CRÍTICA NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Franqueslane Ferreira de Lima

Resumo: O presente trabalho visa contribuir para a discussão sobre a importância da literatura na formação do letramento racial crítico na perspectiva de uma educação antirracista, apresentando algumas reflexões sobre o trabalho desenvolvido por professores do Ensino Fundamental. A discussão perpassa tanto pelo método da revisão bibliográfica quanto uma reflexão específica, elaborado em torno de pesquisa transdisciplinar qualitativa de modalidade exploratória, trazendo a perspectiva do letramento racial mediado pela literatura no empoderamento das histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena de forma crítico reflexivo em ambientes escolares da educação básica pública. Demonstrando através desse processo de letramento literário que ninguém tenha que negar ou apagar sua identidade étnico-racial, inspirados pelas leis federais 10.639/03 e 11.645/08 sobre o ensino de histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena, pelas ideias advindas das teorias de novos letramentos e multiletramentos (Cope; Kalantziz, 2000; Lankshear; Knobel, 2003; Rojo; Moura, 2013; Street, 2014; Rocha, 2012), Literatura infanto-juvenil (Abramovich, 1997; Aguiar et al, 1982; Arroyo, 1990; Coelho, 2000; 2002; Sousa, 2005), leitura e a prática (Lajolo, 2008; Lajolo; Zilberman, 1999; Martins, 2006; Zilberman, 2003) veem, nesse contexto, constituir uma proposta pedagógica capaz de indicar alternativas para a (re)construção da identidade racial dos alunos e dos professores como cidadãos-críticos conscientes de seus direitos e deveres nesse caleidoscópio racial que é o Brasil, segundo Silva (2015).

Referências: ALMEIDA, M. L. P. Como elaborar monografias. 4. ed. rev. atual. Belém: Cejup, 1996. BLANCO, R. A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J.A. (org.). Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: Artmed, 2004. BRASIL. Legislação. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018, pp. 9-10. CAVALLEIRO, E. (Ed.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. FERREIRA, A. J. Formação de professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês. 2 ed., ver. – Cascavel: Assoeste, 2006c. FERREIRA, A. J. Histórias de professores de línguas e experiências com racismo: uma reflexão para a formação de professores. Revista Espéculo, v. 43, nov. 2009 – fev. 2010. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero42/racismo.html>>. Acesso em: 9 fev. 2022. FERREIRA, A. J. (Org.). Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas, SP: Pontes, 2012. FERREIRA, A. J. (Org.). Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas. Ponta Grossa, PR: EdUEPG, 2014. FREIRE, P. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1991. FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1967. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1993. GOMES, N. L. A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: MG: Maza Edições. 1995. GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: MEC - Secad (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no.

10.639/2003 - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005, p. 39-61. GUIMARÃES, A. S. A. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, n. 54. 1999, p.147-56. HALL, S. Cultural Identity and Diaspora. In: Rutheford, J. (ed.), 1990. KATO, M. A. No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística. 7 ed. São Paulo: Ática, 2009. KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. MAGALHÃES, I. Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas: Mercado de Letras MOITA LOPES, L. P. Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. MOREIRA, C. Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. *Revista da ABPN*, v. 6, n. 13, p. 73-87, 2014. MUNANGA, K. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009. PIZA, E. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. RAJAGOPALAN, K. O conceito de Identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, I. (Org.). Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. REY, F. Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social. *Psicología & Sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 32-52, 1998. ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009. SARUP, M. Identity, Culture and the Postmodern World. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 1996. SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. SOUZA, A. L. S. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. Campinas, SP: Parábola. 2011. SCHUCMAN, L. V. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2 ed. São Paulo: Veneta, 2020. STREET, B. V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. TFOUNI, L. V. Letramento e Alfabetização. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES DE LITERATURA NUMA ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA-PARÁ

Jeane Aparecida Martins dos Santos

Resumo: Resumo: O presente estudo propõe uma análise do Ensino de Literatura e a Formação Literária em uma turma do 9º ano do ensino Fundamental II numa escola do campo no município de Itupiranga, estado do Pará. A proposta tem como instrumento metodológico a pesquisa-ação, que será desenvolvida por meio de um projeto de leitura durante um ano letivo. Além da pesquisa-ação, este estudo abordará a pesquisa bibliográfica acerca do tema proposto para análise. Teóricos como Regina Zilberman(1989), Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar(1983), Eliana Yunes(1995), Rildo Cosson(2014) e Antonio Candido(2004), dentre outros, farão parte do referido estudo. O interesse pelo tema surgiu a partir da necessidade de criar espaços significativos de leitura e interação com o texto literário no espaço escolar. Assim, a discussão sobre o tema busca fomentar reflexões acerca da importância da escola como locus privilegiado de formação de leitores. O objetivo desse estudo, portanto, é compreender aspectos dessa formação, observar as concepções de literatura e leitura literária que norteiam as práticas dos professores no ensino de literatura bem como buscar elementos capazes de construir possibilidades de aproximação dos educandos com obras e textos literários a fim de democratizar o conhecimento artístico-literário, transformando-os em seres sociais capazes de compreender o mundo que os circunda e entendendo-se participantes desse mundo. Portanto, este estudo abordará o projeto de leitura como agente transformador da realidade de uma escola, a fim de que o educando se torne um leitor habitual, um ser crítico com sua visão de mundo formada com a interferência da literatura.

Referências: BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura, a formação do leitor. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____.

Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. _____. Literatura e Sociedade. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2012. COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014. GUILHERME, Denise. Desafios da formação de leitores na escola. Revista Nova Escola, nov. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/573/desafios-da-formacao-deleitores-na-escola>. Acesso em: 10 dez. 2021. JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. KLEIMAN, Ângela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das letras, 1995. LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura de mundo. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002. SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1985. YUNES, Eliana. PELO AVESSO: A Leitura e o Leitor. Revista letras, v. 44, 1995. Disponível em: <Eliana Yhttps://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078/12383>. Acesso em: 15 dez. 2021. ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. Porto Alegre: Ática, 1989. _____. Recepção e leitura no horizonte da literatura. Revista do ILEA - Instituto Latino Americano de Estudos Avançados. v. 10, n. 1, p. 85-97, Jan/jun. 2008. _____. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: _____. (Org.). A Produção Cultural para a Criança. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. _____. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 5. n. 1, jan./jun. 2009.

CLUBE DE LEITURA NEUROMANCERS - RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DA LITERATURA FANTÁSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Juliana Nascimento Berlim Amorim

Resumo: No âmbito da recente discussão sobre a penetrabilidade da leitura literária entre os brasileiros, considerada artigo de luxo por parte da nossa chamada elite cultural, evidencia-se, com frequência em artigos jornalísticos, que boa parte do consumo livresco no Brasil deve-se às classes C, D e E (conforme diversas matérias jornalísticas saídas na imprensa de modo corrente). Desde 2017, o clube de leitura Neuromancers atua pelo direito inalienável da literatura para toda a população, como advoga Antonio Candido em seu ensaio seminal “O direito à literatura”, e educa literariamente jovens leitores através da literatura fantástica, considerada até mesmo pelo Prêmio Jabuti, o mais relevante do país, como “literatura de entretenimento” (considere-se a distinção entre “romance de entretenimento” e “romance literário”, como se a literatura precipuamente não tivesse o propósito de acarretar prazer e diversão), mas que produz grandes pérolas de encantamento estético no Brasil e no mundo. O projeto desmistifica tanto a suposta facilidade textual-discursiva das obras deste dito nicho quanto o propalado (mas nem sempre seriamente investigado ou mesmo confirmado) desinteresse do alunado da Educação Básica em literatura. Portanto, através desta comunicação, apresentam-se os objetivos e processos deste projeto de iniciação científica júnior, sediado no Campus Engenho Novo do Colégio Pedro II (no Rio de Janeiro). Como foco, o biênio 2022/2023, período de renovação do corpo discente participante do PIC Jr., após a formatura dos últimos remanescentes da “primeira geração” (formada entre os anos de 2017 a 2021).

Referências: CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/antonio-candido-o-direito-a-literatura/>. Acesso em 15 jan 2023.

BREVE PANORAMA SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL I - BDTD (2018-2023)

Melina Borges Omitto e Gabriela Rodella de Oliveira

Resumo: A presente investigação é parte integrante do projeto de tese que objetiva identificar quais os saberes necessários ao professor que atua no Ensino Fundamental I para ser um bom mediador de leitura literária no contexto de uma escola pública do Rio de Janeiro/RJ, de modo a contribuir para a formação de crianças leitoras da literatura neste nível de ensino. Nesta perspectiva, iniciou-se a análise de produções científicas – teses e dissertações – realizadas por meio do Estado do Conhecimento (MOROSINI; FERNANDES, 2014). Utilizou-se para tanto o portal da Biblioteca Digital

Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com o recorte temporal de 2018 até 2023. Elaborou-se um mapeamento das pesquisas, adotando-se as abordagens qualitativa e quantitativa para tratamento dos dados. Como resultados, das 44 pesquisas encontradas com o descritor “formação de leitores literários no ensino fundamental I” apenas 11 se aproximam de nosso objeto de estudo e uma única tese versa sobre a “mediação de leitura literária no ensino fundamental I”. De igual modo, o descritor “saberes do professor para mediação da leitura literária” revelou somente uma pesquisa sendo esta em nível de mestrado. Assim, evidenciada a carência de pesquisas no campo e, considerando o direito à literatura (CANDIDO, 1972) e sua importância para a constituição do sujeito (PETIT, 2013; COLOMER, 2003; ZILBERMAN, 1985), sinalizamos a iminência em refletir sobre os saberes (e fazeres) do professor para que a mediação ocorrida promova experiências (BONDIA, 2013) carregadas de sentido com a literatura e, conseqüentemente, a formação/manutenção de leitores literários desde a infância.

Referências: BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. Palestra pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC em São Paulo, jul. 1972. In: _____. Vários escritos. 4. ed. rev. ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191. COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003. MOROSINI, M.; FERNANDES, C. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. Educação por escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014. MOROSINI, M; NASCIMENTO, L; NEZ, E. Estado de conhecimento: a metodologia na prática. Humanidades e Inovação. Palmas, v.8, n.55, p. 69-81, ago.2021. PETIT, M. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo, SP: Editora 34, 2013. ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.

A LEITURA COMO EXPERIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA DE LEITURA ENTRE ALUNOS DE CAMADAS POPULARES

Rafaela Kelsen Dias

Resumo: Considerando o debate sobre o declínio do número de leitores na sociedade contemporânea e também as discussões sobre a renovação da crise da experiência no mundo da hiperinformatividade, esta comunicação se volta à importância da formação leitora entre jovens. De modo mais específico, tendo como princípio o papel emancipador do texto literário para alunos de camadas populares (via de regra, privados do acesso a bens culturais) e entendendo-se a experiência como aquilo que nos toca efetivamente, pretende-se desenvolver este trabalho em torno do seguinte problema: de que maneira a experiência de leitura literária pode significar uma instância basilar de formação humana para os discentes em condições de vulnerabilidade social? Partindo dessa questão, propomos o seguinte percurso nesta comunicação: inicialmente, indagaremos sobre o lugar do texto literário no mundo e escola contemporâneos, dando destaque às limitações trazidas pelo império do instantâneo e dos utilitarismos; a seguir, passaremos pelo debate do que se entende enquanto experiência à luz de Jorge Larrosa e Michèle Petit e buscaremos compreender como essa noção se faz presente no contexto de um ensino significativo de literatura ou, para adotar a noção empregada por Trevizan e Moraes, na perspectiva de uma educação literária; por fim, faremos um delineamento do quadro da experiência de leitura dos jovens das camadas populares e pontuaremos as razões particulares que tornam a leitura campo de vivência primordial para a inclusão da juventude em fragilidade socioeconômica. Todas essas reflexões serão permeadas pelo relato de experiências vividas na Educação Básica e na condução de pesquisas realizadas pelas próprias autoras.

Referências: ALVES, José Hélder Pinheiro. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, Maria Amélia. et al. Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-97. BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119. BRASIL. MEC/Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília, 2018. BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Censo da Educação Básica 2019: notas estatísticas. Brasília, 2020. CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972. DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: Propostas didático metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia. et al. Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-97 IDOETA, Paula Adamo. Hábitos digitais estão 'atrofiando' nossa habilidade de leitura e compreensão? BBC Brasil, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-47981858>. Acesso em: 15 jan. 2020. LAJE, Amarilis. Quando escola tem biblioteca, desempenho do aluno é melhor, diz pesquisa. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 de set. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/quando-a-escola-tem-biblioteca-desempenho-do-aluno-e-melhor-mostra-pesquisa.shtml>>. Acesso em 06 de fev. de 2020. LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: _____. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. Belos Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 15-34. (Coleção Educação: Experiência e Sentido). _____. Estudar=Estudiar. Tradução Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. GONÇALVES, Carlos Eduardo. A importância da literatura. Estadão, 30 ja. 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/blogs/prosa-curta/a-importancia-da-literatura/>. Acesso em: 04 fev. 2020. MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. Educar em Revista, Curitiba, n. 52, p.23-43, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36317/22630>>. Acesso em: 12 fev. 2020. PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. 2ª ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009. _____. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019. ROUXEL, Anne. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide Luiza de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia. et al. Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33. Trevizan, Z., e T. Moraes. "Ensino De Literatura: Uma Proposta histórico-Cultural De ressignificação Das práticas Docentes". Educação, vol. 44, nº 3, dezembro de 2021, p. e33537, SEVERO, Fabián. Portunholando. Discurso proferido na mesa de abertura do XVI Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol (UFSCAR), 2015. Disponível em: <https://espanholdobrasil.wordpress.com/2015/08/01/discurso-de-fabian-severo-pronunciado-en-la-mesa-de-apertura-del-16o-congreso-brasileiro-de-professores-de-espanhol/>. Acesso em: 15 jan. 2020. SOUZA, J. A elite do atraso: da escravidão e Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE LIVROS DE IMAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II: REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DIDÁTICA A PARTIR DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Sheila Bischoff Rocha e Marília Forgearini Nunes

Resumo: Ler é ação que não se restringe à interação sensível com a linguagem verbal, ela está presente em diferentes situações envolvendo diferentes linguagens (MANGUEL, 1997). Tal compreensão, aliada ao crescente número de livros ilustrados publicados no país e à valorização dessas obras por meio de estudos que demonstram a importância das ilustrações no fomento à formação de leitores (RAMOS, 2020) - reforçando a importância do desenvolvimento de leitores de imagens -, são argumentos que balizaram a revisão bibliográfica que este estudo apresenta. Trata-se de revisão bibliográfica realizada com objetivo de buscar publicações sobre a importância das narrativas de imagem na formação do leitor literário no Ensino Fundamental II e sobre a mediação de leitura de narrativas de imagem voltadas ao público juvenil. A busca aconteceu em quatro bases de dados: SciELO BRASIL, portal de periódicos da CAPES, BDTD e LUME/UFRGS, considerando o recorte temporal entre 2016 e 2022 e os indexadores: livro de imagem, mediação de leitura livro imagem, livro de imagem ensino fundamental, livro de imagem ensino fundamental II, narrativa de imagem, mediação de leitura narrativa de imagem, narrativa de imagem ensino fundamental I, narrativa de imagem ensino fundamental II. Realizou-se a leitura atenta dos estudos encontrados considerando o tema e os objetivos estabelecidos verificando a proximidade com o foco: ensino da leitura de imagem associada ao texto literário no EFII. Essa leitura identificou aspectos teóricos e práticos que podem auxiliar ou embasar teórica e/ou metodologicamente os profissionais para valerem-se das narrativas de imagem para a formação do leitor literário no EF II. Essa revisão

bibliográfica, além de reunir estudos voltados a esse nível de ensino, identificou aqueles que apontam aspectos relevantes à leitura de imagem e à mediação dessa modalidade de livro literário nesta etapa da Educação Básica.

Referências: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição, 1997. RAMOS, Graça. A imagem nos livros infantis. Caminhos para ler o texto visual. 1ªed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Conversas com o professor: 2).

A MEDIAÇÃO NO GOSTO PELA LEITURA LITERÁRIA

Solange Salete Toccolini Zorzo

Resumo: O texto literário apresenta a existência humana, com todas as suas dimensões: a alegria, o sofrimento, a angústia, o medo, a morte... A essência humana está presente nessas obras. Essa característica da literatura lhe confere uma importante função: tornar o mundo compreensível ao leitor, permitir-lhe vivenciar outros contextos e tempos. Para Cosson (2006), essa possibilidade confere ao texto literário um papel humanizador. “A literatura, desse modo, torna-se uma reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade” (Bordini, Aguiar, 1993, p. 15). É nessa linha tênue entre realidade e ficção que se investigou tanto na obra *Infância* (1993) de Graciliano Ramos quanto nas autobiografias elaboradas por duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio, as experiências desde a tenra infância com a leitura literária, bem como as impressões obtidas em relação à literatura. Para efetivar esta pesquisa, partimos de algumas vertentes teóricas, primeiramente, a análise literária e suas respectivas mediações, a partir de Candido (2006 e 2011), Petit (2013 e 2019), Cosson (2006) e Freire (1967, 1980 e 1989), entre outros. Com o auxílio dessas teorias, analisa-se as memórias dos estudantes em relação à importância da mediação na leitura literária, bem como o desenvolvimento de projeto de leitura literária para averiguar a importância da mediação da leitura pela própria escola em que a pesquisa está sendo efetuada. Além disso, devido ao próprio gênero estudado, contamos com as pesquisas de Philippe Lejeune (2008) e seu conceito de “pacto autobiográfico”, entre outros pesquisadores e teorias que são pertinentes para a nossa pesquisa.

Referências: BORDINI, Maria da Glória, e AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas. 2. ed. São Paulo: Mercado Aberto, 1993. CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. _____. O direito à Literatura. In: Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. COLOMER, Teresa. A Formação do Leitor Literário. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2003. p. 13-453. COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. _____. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980. _____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Autores associados: Cortez, 1989. GALLIAN, Dante. A leitura como fonte de saúde mental. Cepe -Companhia Editora de Pernambuco. 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.cepe.com.br/noticias/a-leitura-como-fonte-de-saude-mental>. Acesso em: 12 abr. 2021. LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. LOURENÇO, Suéllen Pereira Miotto. DALVI, Maria Amélia. A mediação da leitura literária: uma proposta de metodologia temática. Revista Graphos, vol. 21, nº 1, 2019 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/46526/22822>. Acesso em: 12 mai. 2021. PETIT, Michèle. A arte de ler: ou como resistir à adversidade. 2. ed. São Paulo: editora 34, 2010. p. 13-304. PETIT, Michèle. Ler o mundo: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 9-205. PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva . 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 7-189. RAMOS, Graciliano. *Infância*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993. VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Psicologia pedagógica. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OS CABELOS CRESPOS DE ZURI E BETINA: RETRATOS DO PROTAGONISMO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL

Tamires Oliveira Pereira

Resumo: Trata-se da literatura infanto-juvenil como objeto de valorização da estética afro, mais especificamente, o cabelo crespo. Sabendo-se que o letramento literário é uma alternativa viável de associação das práticas sociais ao universo da literatura, possibilita aprofundar o trabalho de valorização da estética afro nas escolas. Um dos traços físicos mais bem representados e trabalhados nas obras infantis são os cabelos, enviesados pela multiplicidade dos penteados e pela força da tradição do trançado passada de geração em geração. Observa-se que as personagens negras ganharam protagonismo e se tornaram narradoras de suas próprias histórias, ressaltando os diversos aspectos da tradição oral, valorização da beleza negra, mitologias e religiosidade. O objetivo desta pesquisa é apreciar o protagonismo negro na literatura infantojuvenil por meio do letramento literário. O embasamento teórico constitui-se de autoras e autores como Nilma Lino Gomes (2003); Regina Zilberman (2012); Lília M. Schwarcz (1993); Elisa L. Nascimento (2003), Ione Jovino (2006); Heloísa Pires Lima (2005) e Antônio Sérgio Guimarães (1999). A metodologia é bibliográfica, seguida de análise qualitativa de duas obras literárias infantis – Amor de cabelo de Mathew A. Cherry (2020) e Betina de Nilma Lino Gomes (2009) que abordam a autoestima das personagens principais e a presença da família como símbolo de ancestralidade a partir dos cabelos. Espera-se efetiva contribuição do uso das literaturas selecionadas, com vistas à valorização da estética afro-brasileira no ensino básico.

Referências: BRASIL. Lei Nº 10639, 09 de janeiro de 2003. Brasília. DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 02 set 2021. BRASIL. Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008. Brasília. DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 01 set 2021. BRASIL. Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em 01 set 2021. BRASIL. Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 ago. 2012, Seção 1, p. 1-2. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em 02 set 2021. CHERRY, Mathew A. Amor de cabelo. Tradução de Nina Rizzi. 2. Ed. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2020. 32 p. GOMES, Nilma Lino. Betina. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. 24p. GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça e Racismo no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999. 257p. JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (org.). Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos AfroOrientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p.181-217. LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros. Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). Superando Racismo na escola. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p. NASCIMENTO, Elisa Larkin. Teatro Experimental do Negro: tramas, textos, atore. In NASCIMENTO, Elisa Larkin. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003. SCHWARCZ, Lília Moritz. O espetáculo das raças Cientistas, instituições e questão racial n Brasil 1870-1930. 11ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 1ª ed.dig. São Paulo: Editora Global, 2012.

DISCUSSÕES NO CAMPO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: A IMPORTÂNCIA DAS ILUSTRAÇÕES E DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Vanessa Alencar De Lima

Resumo: Nosso estudo apresenta uma reflexão acerca da relevância das ilustrações e da leitura literária na Literatura Infanto-Juvenil no processo de formação do aluno-leitor. Analisaremos uma obra escolhida dentre os livros lidos por alunos do 6º ano perante o desenvolvimento de um projeto de leitura realizado na Escola Comunitária de Augustinópolis, no município de Augustinópolis-TO. O objetivo é investigar quais as contribuições que as ilustrações e a leitura literária acrescenta aos

estudantes no percurso de sua formação leitora. Tendo como fundamentação teórica o embasamento em grandes autores tais como: Colomer (2007), que discute a importância da leitura literária e a perspectiva do aluno-leitor; assim como Azevedo (2004) retrata as ilustrações nos livros infantis; Coelho (2019) salientando sobre a formação do leitor; (Oliveira (2011) traz a discussão sobre Literatura Infantil e Juvenil; Lajolo e Zilberman (2007) salienta sobre a Literatura brasileira infantil; e, finalizando citamos a relevância para o aluno desenvolver os hábitos de leitura. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa qualitativa a partir de uma revisão bibliográfica, pautado em leituras e visão aprofundada das questões sobre a relação leitor-leitura literária- literatura-ilustrações. Como resultados de pesquisa, constatou-se que variados fatores interferem no processo de formação do leitor, dentre eles a dificuldade de assimilação das ilustrações com o texto escrito.

Referências: COLOMER, Teresa. Andar entre os livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global Editora, 2007. COELHO, Eduardo Amorin. (Trans) Formação de hábitos de leitura: o leitor, a escola e o mundo. Araguaína, TO, 2019. 146f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Tocantins - Câmpus Universitário – Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2019. Orientadora: Luiza Helena Oliveira da Silva. OLIVEIRA, Leda. O que você entende por qualidade em literatura infantil e juvenil? São Paulo, DCL, 176-187, 2005. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil e brasileira: histórias e histórias. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

EIXO 10

Reinvenções do mundo:
utopias e distopias



SIMPÓSIO "AMAZÔNIA: UTOPIAS E DISTOPIAS"

Luís Heleno Montoril Del Castillo (UFPA) e Sheila Lopes Maués Autiello (UniMi)

O RECUO EM TODOS OS LUGARES: SONHO DE LIBERDADE EM CIRCUM-INSCRIÇÃO E UM ACONTECIMENTO POÉTICO-APROPRIATIVO EM OS JARDINS E A NOITE, DE VICENTE FRANZ CECIM

Adonai da Silva de Medeiros

Resumo: Nos Manifestos Curau de 1983, 2003 e 2009, Vicente Franz Cecim lança, como sumo para a emergência do homem em si mesmo na e da região amazônica, um projeto no qual identifica a possibilidade da liberdade destes pela inter-relação entre História e Imaginário, de modo que a liberdade pode vir a ser conquistada pela apropriação de uma realidade entendida e sobressaída desta inter-relação. História e Imaginário, assim, conduzem um ver-acontecer que surpreende e compreende o humano enquanto "Umanoh". Será nos livros visíveis de Andara, o não lugar que é e recua a/em todos, que Cecim abre seu olho nativo. Um sentido de "recuar" é de uma dupla ação originária que mobiliza outra: adentrar em Andara enquanto ela nos busca porque nela nos buscamos. Como lugar nenhum, permitindo infinitas viagens, procuro adentrá-la por um modo também duplo: "circum-inscrição", ato de circular um círculo traçado-revelado. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é compreender a circum-inscrição como esperança de libertação e despertar o nosso olho nativo no diálogo com o livro visível Os jardins e a noite, de Cecim (2020), a qual os produzem como um acontecimento poético-apropriativo, promovido nas histórias contadas pelo vento. Focaremos em duas histórias: da mãe (e filha herdeira) que se transforma em ave na noite; e de um filho cujo nascimento prometia trazer alegria. Este trabalho oportuniza continuar a tessitura do início de um pensamento sobre um acontecimento poético-apropriativo instaurado no/pelo imaginário neste lugar cultural. Se o sonho-projeto utópico de Cecim nos Manifestos é afastado constantemente pela realidade instituída, não caberia a nós, críticos-interpretas, manter vislumbres deste sonho em Amazônia-Andara, ou ser um Bu, um fantasma, deixando viger e tornando visível no horizonte de nossa existência a procura e o caminho para, como diz Cecim (s/d), tornarmos, apropriando-nos, nossa "História em realidade", sonhada no "Imaginário de nossa região"?

Referências: CECIM, Vicente Franz. Manifestos Curau. s/d. Disponível em: http://www.culturapara.art.br/Literatura/vicentececim/manifesto_Curau.pdf. Acesso em: 07 abr. 2022. CECIM, Vicente Franz. Os jardins e a noite. In: CECIM, Vicente Franz. Viagem a Andara Oo livro invisível. Belém: Paka-Tatu, 2020. p. 70-125.

O ARMÁRIO REINVENTADO NA LITERATURA BRASILEIRA

André Luiz Moraes Simões

Resumo: O presente trabalho intenciona provocar o leitor a uma análise crítica da construção das sexualidades subversivas e transgressoras em textos da literatura brasileira. Na tentativa de compreender o cerne das identidades dos personagens e a forma como as narrativas foram recebidas pela crítica partiremos da teoria queer, que por sua vez é fundamentada em Butler (1992) Lauretis (2007) e Preciado (2017), para assim compreender a relação entre a obra e o posicionamento político social de cada autor e posteriormente comparar as obras para demarcar as alterações no protagonismo político social dos personagens subversivos e transgressores, de acordo com Foucault (2019) e Georges Bataille (2014, 2015 e 2017). Por essa razão, iremos cursar um caminho por obras que demarcam a fuga da normalidade, da normatividade social, assim como o distanciamento da compreensão tóxica de masculinidade, denotando para o leitor a subversão, a transgressão do corpo e do desejo, assim como a precariedade da identidade em seu contexto histórico. Nossa análise se inicia na geração de 22 com Mário de Andrade (1893-1945), seu texto para estudo é o conto "Frederico Paciência", saltando para geração de 45, tendo como amostra literária Guimarães Rosa (1908-1967), por meio da análise do romance Grande sertão: veredas (1956), comparando com Caio Fernando Abreu (1948-1996), por intermédio da obra Morangos Mofados (1982) e o conto "Cachorro doido" de Haroldo Maranhão, publicado no livro intitulado Jogos infantis (1986). Para tanto parte da fortuna crítica de cada autor compõe o arcabouço teórico

deste trabalho, visando compreender como se deu a interpretação e recepção de cada texto em sua época a exemplo de: Mello e Souza (1979), Campos (1973), Proença (1955) Nunes (1999, 2002), Holanda (1995), Lousada (1969), Bueno (2006) e Candido (1964, 1992, 2000).

Referências: ABREU, Caio Fernando. Morangos Mofados. São Paulo: Brasiliense, 1982. 134 p. ANDRADE, Mário de. Contos novos. São Paulo: Martins, 1947. 152 p. ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1942. 81 p. ARRIGUCCI JR, Davi. “Guimarães Rosa e Góngora: metáforas.” In: Outros Achados e Perdidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 123-129. ARRIGUCCI JR, Davi. O Mundo Misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n.40, p.7-29, 1994. ASSOUN, Paul-Laurent. Le récit freudien du symptôme: généalogie d’un genre. Nouvelle Revue de Psychanalyse, n. 42, p. 173-198, automne, 1990. BUTLER, Judith. Deshacer el género. Barcelona: Paidós, 2012. BUTLER, Judith. Problemas do gênero: feminismo e subversão de identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p. BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. CANDIDO, Antonio. Brigada Ligeira e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. 252 p. CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T.A Queiroz; Publifolha, 2000. 182 p. CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: Tese e antítese. São Paulo: Nacional, 1964. p. 119-140. CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: Brigada Ligeira e outros ensaios. São Paulo: UNESP, 1992. p. 61-67. MARANHÃO, Haroldo. Jogos infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. PORTO, Luana Teixeira. Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu: fragmentação, melancolia e crítica social. Porto Alegre, 2005. 132 p. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PRECIADO, Paul B. TESTO JUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N1 edições, 2018. PRECIADO, Paul Beatriz. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1, 2017. 223 p. PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, p. 11-20, n. 1, jan./abr. 2011. QUINET, Antonio. A escolha do sexo com Freud e Lacan. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho Jorge (org). As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 131-140. SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978. 212 p. ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 594 p.

A FUGA DA SEGMENTARIDADE DA AMAZÔNIA (SEM RIOS) E DO HUMANO (SEM LIBERDADE): UM DIÁLOGO ENTRE A TRANSITIVIDADE DAS LENTES POÉTICAS DE “CÂNTICO V” DE JOÃO DE JESUS PAZ LOUREIRO E “ÊXODOS” DE TORQUATO NETO.

Ângela Maria Vasconcelos Sampaio Góes

Resumo: O trabalho promove o diálogo entre os poemas “Cântico V” de João de Jesus Paz Loureiro e “Êxodos” de Torquato Neto, cuja poesia se delineia a partir da sugestão de que é na transitividade que se dar a experimentação da vida como um grande rio (também mar), sempre inconstante e em movimento, para escapar da morte trazida pelos processos civilizatórios, consequência última da mitologia branca da qual fala Derrida, bem como do agenciamento dos rios e afogamento dos corpos, tal como percebe Luís Heleno Del Castillo. O objetivo é mostrar como a linguagem contemporânea da poesia sugere a fuga da ocidentalização, estabelecida na América Latina como expressão de um devir-molecular capaz de traduzir o desejo de libertação dos processos de subjetivação maquínicos. Para tanto, promovemos uma interface entre os referidos poemas e as ideias de: ecosofia e caosmose de Félix Guattari; segmentaridade e fluxo de quanta de Deleuze e Guattari; invenção da Amazônia de Neide Gondim; o contemporâneo de Giorgio Agamben, afogamento dos corpos de Del Castillo; mitologia branca de Derrida; o entrelugar do discurso latino-americano e o cosmopolitismo do pobre de Silviano Santiago. Situando as referidas aproximações dentro de um debate filosófico, artístico e crítico, chegou-se à conclusão de que os poemas de João de Jesus Paz Loureiro e de Torquato Neto conseguiram, graças à capacidade de inserirem-se em uma perspectiva contra

hegemônica, pensar poeticamente o fluxo de quanta como alternativa para libertar os rios e corpos humanos da segmentaridade ocidentalista.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. CASTILO, Luís Heleno Montoril Del. Lanterna dos Afogados: ensaios de literatura, história, cultura e cidade na Amazônia. Curitiba: Appris, 2021. DERRIDA, Jacques. "A mitologia branca". In: DERRIDA, Jacques. Margens da Filosofia. Trad. Joaquim Torres Costa; Antônio Magalhães. Campinas: Papirus, 1991. DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. Trad: Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2019. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil Platôs V.3. Trad: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil Platôs V.4. Trad: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. GODIM, Neide. A invenção da Amazônia. Manaus: Valer, 2007. GUATTARI, Félix. As três ecologias. Trad: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009. GUATTARI, Félix. Caosmose: Um Novo Paradigma Estético. Trad: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992. LOUREIRO, João de Jesus Paz. Obra Reunida - Poesia. Seleção e introdução: Benedito Nunes e Octavio Ianni. Vol.1. São Paulo: Escrituras, 2001. NETO, Torquato. Melhores Poemas. Seleção: Cláudio Portella. 1ª ed. São Paulo: Global, 2018. NETO, Torquato. Org: Paulo Roberto Pires. Torquatália (Geleia Geral). 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. NETO, Torquato. Os Últimos Dias de Paupéria. Ana M. S. de Araújo Duarte e Waly Salomão. São Paulo: Max Limonad Ltda, 1982. PEDROSA, Célia. "Poesia contemporânea: crise, mediania e transitividade". In: Subjetividades em Devir: Estudos de Poesia Moderna e Contemporânea. Org: Célia Pedrosa e Ida Alves. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. SANTIAGO, Silviano. "O Entrelugar do discurso latino-americano". In: 35 Ensaio de Silviano Santiago. Seleção e introdução Ítalo Moriconi. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019. SANTIAGO, Silviano. "Apesar de Dependente, Universal". In: 35 Ensaio de Silviano Santiago. Seleção e introdução Ítalo Moriconi. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019. SANTIAGO, Silviano. "O Cosmopolitismo do Pobre". In: 35 Ensaio de Silviano Santiago. Seleção e introdução Ítalo Moriconi. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LEGIBILIDADES AMAZÔNICAS E DILEMA MODERNIZADOR EM EUCLIDES DA CUNHA E MÁRIO DE ANDRADE

Davidson De Oliveira Diniz

Resumo: Esta comunicação pretende ler de maneira entrecruzada as obras <<Um paraíso perdido>>, antologia ensaística e epistolar produzida por Euclides da Cunha durante sua temporada amazônica de 1904, e <<O turista aprendiz>>, mescla textual de impressões etnográficas e anedotário de viagem redigido por Mário de Andrade em 1927 durante sua expedição transamazônica (Brasil, Peru e Bolívia – fronteiras que então compreendiam a região do atual estado brasileiro do Acre). Apresentando visões antípodas com relação as noções de técnica e natureza, civilização e barbárie, ambos os autores mencionados elaboram legibilidades singulares para tematizar o território amazônico. Enquanto Euclides opta por uma visão grotesca da paisagem amazônica, por meio da qual o autor de Os sertões elabora sua noção de "inferno verde", i.e., uma natureza em ruína por estar destituída de empreitadas e domínios técnicos, Mário elabora sua noção de sublime amazônico enquanto "sinistro admirável", algo que assim levaria a paisagem da região a ultrapassar qualquer possibilidade "percepção psicológica" no âmbito da ficção segundo os dizeres do autor do Macunaíma. A leitura entrecruzada dessas visões antagonistas da região amazônica em Euclides e Mário nos permitirá aqui problematizar criticamente tanto os juízos de valores (ecológicos e econômicos) quanto os estéticos (a problematização ora do grotesco e ora do sublime) oriundos de um ponto de inflexão que marca a transição do pré-modernismo para o modernismo da prosa ensaísta e romanesca conforme o cânone da literatura brasileira e seu pensamento social.

Referências: ANDRADE, Mário. O turista aprendiz. IPHAN, 2015. DA CUNHA, Euclides. Um paraíso perdido. Reunião de ensaios amazônicos. INL, 1976.

PARA ALÉM DA AMAZÔNIA IDÍLICA: AS MEMÓRIAS DO CINEMA PARAENSE A PARTIR DAS ADAPTAÇÕES DE TEXTOS LITERÁRIOS

Eliana Pires de Almeida

Resumo: Este artigo apresenta um fragmento da pesquisa em andamento que toma os filmes adaptados para o cinema a partir de textos literários como ponto de investigação e reflexão como produto cultural e representação social dos amazônidas, em especial, o estado do Pará. O cinema na região, como no resto do Brasil e do mundo, significou um momento de atualização do estatuto da arte e de uma nova forma de imperialismo cultural, como sugerido por Pierre Bourdieu. E o processo de nascença do cinema e de uma sociedade do espetáculo na Amazônia também foi um momento de muitas lutas sociais e ideológicas no processo de modernização na região. A pesquisa analisa as relações culturais mediadas pelo cinema e por narrativas literárias na construção de uma identidade amazônica, e como os meios narrativos e os processos audiovisuais reforçam os estereótipos ou reinventam mundos, entre a utopia e distopia na/da Amazônia. Nesse sentido, a tese em desenvolvimento tem como objetivo investigar e promover um diálogo no âmbito da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais para se cartografar e mapear uma memória identitária de uma Amazônia plural, como testemunho de uma sociedade que serve de base narrativa a textos literários e roteiros cinematográficos. Pretende-se mapear os textos literários adaptados para o cinema e adaptações literárias para o cinema com ênfase em textos de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas. Pois, viajantes e cronistas difundiram uma visão colonialista sobre a região que deverá ser reconsiderada ao longo da pesquisa. Ainda hoje, há a perpetuação dessa visão, porque “esses elementos estão sempre presentes na invenção da Amazônia” (GONDIM, 1994, p.3). A respeito das referências teóricas utilizadas nesta pesquisa, além de Neide Gondim nos interessam principalmente três autores: Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998) e Guy Debord (2003).

Referências: AGUIAR, Flávio. Literatura, Cinema e Televisão. In: PELLEGRINI, Tânia [et al.]. Literatura, Cinema e Televisão. São Paulo: Ed.Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003. ÁLVARES, Luzia. In: VERIANO, Pedro. Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense. Belém: EDUFPA, 2006. BARBOSA, Mário Médice. Entre a filha enjeitada e o paraensismo: as narrativas das identidades regionais na Amazônia paraense. São Paulo: PUC, 2010 (Tese de Doutorado). BAUMAN, Zigmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. BLANCHOT, Maurice. O espaço literário. p. (207 – 251). Tradução Álvaro Cabral. - Rio de Janeiro: Ed.Rocco, 2011. BOAVA. D. L. T., MACEDO. F. M. F. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais CADERNOS EBAPE.BR, v. 9, Edição Especial, artigo 2, Rio de Janeiro, Jul. 2011. BOURDIEU, Pierre. Les structures sociales de l'économie. Paris: Seuil, 2000 19 BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2008. CANEVACCI, Massimo. Sincretika: Explorações Etnográficas sobre Arte Contemporânea. São Paulo: Studio Nobel, 2013. CAPELLARO, Jorge. FERREIRA, Paulo R. Verdades sobre o início do Cinema no Brasil. Rio de Janeiro: Funarte, 1996. CARVALHO, Alexandre. Educação e Imagens na Sociedade do Espectáculo: as pedagogias culturais em questão Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 587-602, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). Apresentação. In: História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica do Brasil. Campinas, SP: UNICAMP, 2005. CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. En: Crítica y emancipación : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires : CLACSO, 2008. CLIFFORD, James. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. CULLER, Jonathan. Teoria Literária – uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999. DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. São Paulo: Papirus, 1999. DEBORD, Guy. A Sociedade do Espectáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000 DISCINI, Norma. Ethos e Estilo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.) Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008. ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993 FERRO, Marc. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. (2001), Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929). Campinas, 315 p. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas. FONTES, Edilza Joana Oliveira. Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias

do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 – 1935). REVISTA ESTUDOS POLÍTICOS N.7 | 2013/02. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. FREHSE, Fraya. O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império. São Paulo: Edusp, 2005. FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n 36. julho-dezembro de 2005. GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. p.3. São Paulo: Marco Zero, 1994. Hall. Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 2003. MALYSSE, Stéphane. Antropologia e Multimeios: O corpo como interface entre Artes Visuais e Humanidades. Avá. Revista de Antropologia, 7, Universidad Nacional de Misiones. Argentina: 2005. 20 MARTINS Júnior, Rui Jorge Moraes. Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX. Belém, UFPA (Dissertação de Mestrado), 2010. MERLEAU-PONTY, 1984, p. 199-200 apud MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS - Vol. 17, Nº 49, junho/2002, p. 11-29. MORAIS, Maria Perla Araújo; Lopes, Frederico José Andries. O COLONIAL E O PÓS-COLONIAL NA LITERATURA BRASILEIRA. Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 26-40, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 fev. 2018. Aceito em: 02 jun. 2018. PELLEGRINI, Tânia. Narrativa Verbal e Narrativa Visual: possíveis aproximações. In: et al. Literatura, Cinema e Televisão. p.15-34. - São Paulo: Ed. Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003. RICOEUR. Paul. Tempo e narrativa. Tomo II. Campinas, SP: Papirus, 1995. ROCHA, Janine Resende. Hermenêutica literária na contemporaneidade. Rev. Let., São Paulo, v.50, n.2, p.485-505, jul./dez. 2010. SANTAELLA. Lucia. Linguagens Líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007. SARMENTO- PANTOJA, Carlos A. N. (2016), Performance e Testemunho no Cinema Pós-64, Campinas, SP: 226 p. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil 3 : República: da belle époque à era do rádio, 1998. TODOROV, Tzvetan. A literatura em Perigo. Tradução de Caio Meira. 3ªEd. - Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. VERIANO, Pedro. Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense. Belém: EDUFPA, 2006. WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

PERSONAGEM- SUBMERSA: O ENCANTAMENTO COMO CRIAÇÃO LITERÁRIA EM DALCÍDIO JURANDIR

Erika Guiomar Martins De Aquino

Resumo: Luciana é uma personagem que perpassa três romances de Dalcídio Jurandir, Primeira Manhã (1967), Ponte do Galo (1971) e Os Habitantes (1976), não como protagonista, mas como personagem evocada pelo protagonista Alfredo, principalmente, nas camadas da diegese que acessam o passado. Diante disso, o objetivo desta comunicação é abordar a construção da personagem feminina no mundo ficcional romanesco de Dalcídio Jurandir apresentando questões concernentes à presença da jovem e como ela exerce influência em Alfredo e sua relação com o novo ambiente em que ele se encontra. Luciana, filha dos donos da casa que o ginásiano está, é construída pelo discurso de outras personagens. O rapaz se sente instigado por lhe contarem a história em intervalos, suspensões, deixando, em vista disso, rastros da história que o protagonista procura ligar a outros rastros, pois a ausência de Luciana é assunto que não se poderia tratar na casa em que Alfredo se encontra. Desse modo, contrariando o acordo implícito dos familiares em promover o esquecimento da história de Luciana, discutiremos como Alfredo, a partir das marcas deixadas pela ausente, articula o passado e presente por meio dos discursos de outras personagens; analisaremos como a construção dela é fundamental para a narrativa e acompanha o amadurecimento do protagonista e, por fim, como a linguagem foi usada no romance para caracterizar a fragmentação e a impossibilidade de apreensão total de Luciana, convergindo para o que chamaremos de Personagem-submersa – sem fixação de traços psíquicos e atos, sua lógica decorre da imersão do

personagem principal em analepses que constroem um caráter turvo para a personagem, fundamental para a história, mas ausente do enredo.

Referências: BARTHES, Roland. "Introdução à Análise Estrutural da Narrativa". In: Análise Estrutural da Narrativa. _____; TODOROV, T.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U. GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; GENETTE, G. Trad.: Maria Célia Barbosa. 5. ed. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2008, págs. 19-62. BOLLE, Willi. Boca do Amazonas: roman-fleuve e dictio-nariumcaboclo em dalcídio Jurandir. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 2, p. 425-445, maio-ago. 2011. CANDIDO, Antonio. "O homem dos avessos". In: COUTINHO, Eduardo (Org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: INL/Civilização Brasileira, 1983. p. 294-309. [Coleção Fortuna Crítica, n. 6]. HALL, Stuart. "A identidade cultural na pós-modernidade". 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005. JURANDIR, Dalcídio. Primeira manhã. São Paulo: Martins, 1967. 15 _____. Ponte do Galo. São Paulo: Martins, 1971. _____. Os habitantes. Rio de Janeiro: Artenova, 1976. LIMULJA, Hanna. O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos Yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022. NUNES, Benedito. "Conflitos e Personagens no Romance". [Jornal não identificado, S.l.] [1954]. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy e PEREIRA, Soraia Reolon (Org). Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006. (Literatura & Memória). MAUÉS, Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. Disponível em < scielo.br/j/ea/a/WNMqZ8vbRk3khRh5nRsTtQz/?lang=pt > Acesso em: 20 de outubro de 2022. REIS, Carlos. Narratologia(s) e teoria da personagem. Revista do Programa de PósGraduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 26-36, jan./jun. 2006. RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. Encantamento: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. VALLE, Camila do. Literatura da Amazônia-dificuldades do surgimento e classificação de um campo. Plural Pluriel: revue des cultures de langue portugaise, nº9, outono/inverno 2011. Disponível em < http://www.plural.digitalia.com.br/index6c09.htm?option=com_content&view=article&id=377:literaturadaamazoniadificuldaesdo_surgimentoeclassificacaodeumcampo&catid=81:numero-9-amazonies-bresiliennes&Itemid=55 >. Acesso em 20 de outubro de 2022.

COLONIZANDO MONSTROS: O MITO DO ANHANGÁ E SUAS REPRESENTAÇÕES

Fernanda Jardim de Farias Andrade

Resumo: Esta apresentação veicula parte de um estudo da arqueologia do discurso colonialista, e visa a apresentar a discussão entre a representação de uma entidade mitológica indígena e de como ela foi apropriada pelos europeus em seus relatos de viagem através de gravuras e de éfrases. A pesquisa da qual ela faz parte dedica-se ao estudo das referências da literatura dita Clássica presentes nas diferentes representações dos "Anhangás", também confundidos com os "Kaageres", em diversos textos europeus do século XVI. A maioria desses autores do Velho Mundo eram viajantes que efetivamente conheceram uma realidade que, não obstante, decidem descrever de forma maravilhosa ou fantástica, ora para enaltecer o feito heróico de conquista e enfrentamento, ora para desmerecer as "novas" terras em face do que tinham por epicentro civilizatório. Dentre os autores considerados na investigação estão Jean de Léry, André Thévet e Hans Staden (selecionados como amostragem para esta apresentação), além de outros que não vieram ao Novo Mundo, mas que, a partir das descrições alheias, produziram suas descrições de monstros e prodígios, como Theodore de Bry. De fato, em descrições e gravuras, num exercício discursivo relacionado à prática da éfrase, observam-se figuras monstruosas e, por vezes, híbridas, criadas quase sempre a partir de um recurso de inteligibilidade do que lhes se afigurava completamente novo. A partir de um vasto acervo imagético criado por esses autores, é possível observar o processo de uma construção de um imaginário hostil e exótico, e por vezes vil e ignóbil, que formulou e reformulou um gênero discursivo, ao construir as primeiras impressões sobre este extremo Ocidente.

Referências: CASCUDO, Luis da Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. Belo Horizonte: editora Itatiaia, 1985. HARTOG, François. O espelho de Heródoto. 2ª edição. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014. HOLANDA, S. B. Visões do Paraíso: 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1959. CAIRUS, Henrique Fortuna. A natureza degenerante: o Brasil de Hipócrates. 1ª edição. Rio de Janeiro: editora 7letras, 2021.

UM DRAMA EM GENTE: VIDA VIVIDA, VIDA FICCIONALIZADA NA AMAZÔNIA

Fernando Jorge dos Santos Farias

Resumo: A vida de Dalcídio Jurandir (1909-1979), o maior romancista da Amazônia, segundo a crítica literária, foi marcada por uma série de inconstâncias capazes de mobilizá-lo a transfigurar e rerepresentar alguns episódios vividos, em seu conjunto romanesco. Nessa série ficcional, composta por dez obras, transita como personagem principal o jovem Alfredo, figura nascida no interior da Amazônia, que sonha em obter/reconquistar certo destaque social, muito semelhante ao seu criador. Posto esse entendimento, tornou-se relevante erguer a seguinte questão: Quais acontecimentos vividos por Dalcídio Jurandir, pelo menos aqueles encontrados em seus primeiros anos de vida (até a altura dos anos de 1930), foram emblemáticos a ponto de ressurgirem em seus romances? Com isso, objetivou-se localizar e discutir determinadas passagens pertencentes a sua trajetória que substanciaram sua ilustração literária. Em termos teórico-metodológicos, investiu-se no destaque de momentos registrados em seus documentos pessoais (cartas, registros avulsos, por exemplo), acontecimentos biográficos colhidos por Eneida (1954;1962), Perez (1964), Nunes, Pereira e Reolon (2006), além das compreensões de Miceli (2009) quando trata dos nascidos nas províncias e seus condicionantes de possíveis, até a chegada à posição de intelectuais. Dentre as conclusões obtidas, destaca-se que seus primeiros vinte anos de vida foram marcados por emblemáticas desventuras, passíveis de encenação, de rearranjo para o plano romanesco, com a carga de “figura errante”. Nessa trajetória – real e posteriormente ficcional - é possível pensar em uma vida disposta em três atos, demarcados pelas angústias e desejos na infância, pelos infortúnios na capital do Pará e no Rio de Janeiro, assim como, de forma derradeira, pela continuidade de seu drama pessoal semelhante a tantos outros indivíduos distantes dos epicentros culturais que, dadas as possibilidades, foram canalizados para a composição de uma intelectualidade de consagração relativa.

Referências: ENEIDA. Alguns personagens. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Serviço de Documentação, 1954. ENEIDA. Romancistas também personagens (entrevistas). São Paulo: editora Cutrix, 1962. MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy & PEREIRA, Soraia R. (Orgs.). Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006. PEREZ, Renard. Dalcídio Jurandir. In: Escritores Brasileiros Contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

LOUCURA, A ESCRITA DE SI NO ESPAÇO DO FORA: UMA ANÁLISE DE VIAGEM A ANDARA, O LIVRO INVISÍVEL DE VICENTE CECIM

Maria Domingas Ferreira De Sales e Thaís Ferreira De Sales

Resumo: A questão da Amazônia como reduto de exploração estrangeira tem sido motivo plausível para o empreendimento de pesquisas na área das Humanidades. Tal preocupação assume dimensões plurais, abrindo margem para discussões que ultrapassam o nicho da ecologia ambiental e da geografia política, transformando-se em tema de ordem planetária. Mais especificamente na área dos estudos literários, evidencia-se a pertinência dessa preocupação ocidental no espaço do dizer poético, transposta em tipos, modos e gêneros discursivos diversos. Baseada nessa ideia, a presente tese se destina a apresentar uma leitura da obra Viagem a Andara, o livro invisível, do escritor paraense Vicente Franz Cecim, filho da Amazônia contemporânea, enfatizando a presença da loucura como acontecimento de resistência ao explorador/dominador, tanto no contexto interno das fábulas, quanto no efeito de estranhamento suscitado pelas rupturas formais presentes na obra. Esse duplo traçado desviante permitirá investigar como se constroem as relações de poder entre o sujeito louco e o dominador e/ou como são produzidas as verdades do homem-texto. O corpus selecionado para esse enfoque é constituído dos sete livros que compõem a edição publicada pela Editora Iluminuras (1988): A asa e a serpente, Os animais da terra, Os jardins e a noite, Terra da sombra e do não, Diante de ti só verás o Atlântico, O sereno e As armas submersas. A partir da leitura comparativa entre as obras do conjunto, será possível perceber tanto a presença transversal da

loucura enquanto tema explícito das narrativas e elemento de resistência, como o caráter transgressor do processo literário, elaborado a partir de construções não convencionais. Esses dois eixos formarão a base para a construção de um terceiro eixo, cujos tópicos se coadunam para a defesa de que a obra literária é essencialmente o espaço do fora ou a loucura da linguagem.

Referências: BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a. BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fonte, 2018. BLANCHOT, Maurice. Uma voz vinda de outro lugar. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b. BLANCHOT, Maurice. La folie du jour. Paris: Gallimard, 2002. CECIM, Vicente. Viagem a Andara, o livro invisível. São Paulo, Iluminuras, 1988. FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMJF Martins Fontes, 2011a. FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010a. FOUCAULT, Michel. A Loucura, a Ausência de Obra. In. Ditos e Escritos I: Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.210-219. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a. FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2016. FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros da Motta. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Ditos e escritos. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. FOUCAULT, Michel. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: A vontade do saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021b. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021c. FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Roberto machado (Org). São Paulo: Paz e Terra, 2021d. FOUCAULT, Michel. O Governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010b. FOUCAULT, Michel. Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010c. FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014b.

MULHERES NA LITERATURA AMAZÔNIDA: ENTRE UTOPIAS E DISTOPIAS

Marlí Tereza Furtado

Resumo: Ao percorrermos a prosa de ficção que retratou a Amazônia de 1850 em diante, tomando como início o romance Simá (1857), de Lourenço Araújo Amazonas, notamos que a mulher, como personagem, em sua maioria, representa o paradoxo do universo utópico imaginado para a região, conforme os movimentos econômicos em vigor, independente da estética vigente quando de seu retrato. Geralmente, naquele mundo fictício, embora aparentemente valorizada, a mulher vive o papel relegado aos subalternos, sem voz (SPIVAC, 2010), com dificuldades para exercer qualquer soberania, inclusive sobre seu próprio corpo. Daí os diferentes retratos que encontramos nas diversas obras: a adolescente perseguida conspicuamente pelo pai, em Simá, obra do Romantismo; outras seduzidas por vias do mitológico, como Ana, de Acauã, conto de Inglês de Sousa, já do Realismo; ou Maiby, do conto homônimo (1908), de Alberto Rangel, coisificada a ponto de se confundir com a hevea brasiliensis, em sua morte, um dos quadros mais simbólicos da violência gerada naquele movimento distópico dentro da utopia da economia gomífera. Por outro lado, embora poucas, temos personagens que abrem frentes e se posicionam com autonomia, como Nadesca, de Terra de ninguém (1931), de Francisco Galvão, ou dona Amélia, de Três casas e um rio (1958), de Dalcídio Jurandir, mas são raras as que afetiva e sexualmente ultrapassam a heterossexualidade, como Adélia, a princesa negra, de Certos caminhos do mundo (1935), de Abguar Bastos (MAUÉS, 2007). Nosso propósito neste trabalho, é analisar o paradoxo vivido por estas personagens e também por aquelas que saem do estereótipo estabelecido naquela sociedade, como a personagem do conto Zeca-Dama, de Erasmo Linhares, publicado em O tocador de chameleões, em

1979, que, embora do sexo masculino, reforça a representação do paradoxo vivenciado pelas mulheres, no mundo amazônico dos seringais, comumente retratado.

Referências: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. CORREA, Paulo Maués. *Certos caminhos do mundo, de Abguar Bastos: a ilha de Lesbos. I Congresso Internacional de Estudos Lingüísticos e Literários na Amazônia (I CIELLA)*. Belém: UFPA, 2007.

A INVENÇÃO DE UM MUNDO COMUM EM O SOM DO RUGIDO DA ONÇA (2021), DE MICHELINY VERUNSCHK

Patrícia Names

Resumo: Toda obra literária traz em si uma perspectiva de mundo, ou seja, um modo de pensar e ver a realidade. Neste sentido, o presente estudo busca explorar o modo como Micheline Verunschik reconstrói em seu livro *O som do rugido da onça* (2021) dois modos de pensar e imaginar o Brasil, um que traz o ponto de vista do colonizador, outro do colonizado. Com isto, busca-se, a partir de uma exegese do texto em si, explorar o modo que, a partir do ponto de vista da personagem, a menina indígena Iñe-e, um Brasil poético ganha forma e, ao mesmo tempo, do ponto de vista dos exploradores naturalistas, busca-se explorar esse Brasil mítico, reconstruído a partir dos povos originários do Brasil. Outrossim, dados preliminares do estudo apontam que entre o poético e mítico, habita a dor, o sofrimento, a morte do outro que, atravessada pelo encontro entre o colonizado e colonizador, ecoa no tempo atual itinerários de dor, perda e sofrimento, que ainda hoje se fazem presentes entre as populações marginais de nosso país. Na narrativa construída por Micheline Verunschik, a autora desenvolve seu argumento tomando como base a chegada de dois exploradores e colecionistas alemães no Brasil, os quais, a partir da relação construída por estes com os indígenas, começam a buscar e adquirir artefatos considerados significativos da cultura e identidade brasileira para levar para a Alemanha. Nesse jogo entre os personagens principais, é explorada a cosmogonia indígena e o modo como ela subjaz e ordena, o ser e estar no mundo da etnia a que pertence. Argumento esse que serve como base para a coisificação da infância e permite aos pais das crianças indígenas darem-nas aos exploradores e colecionadores para que, estes, as levassem para Alemanha.

Referências: Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Miranha>>. Acesso em: 24 out. 2022. SPIX, F., Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)* / Spix e Martius. Vol. 1. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>>. Acesso em: 23 out. 2022. VERUNSCHK, Micheline. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

A SEMOVÊNCIA DA POESIA DA AMAZÔNIA

Roberta Isabelle Bonfim Pantoja e Luís Heleno Montoril Del Castilo

Resumo: Um poeta amazônida escreveu o livro *Invisível* e nos falou sobre as Regiões onde existimos, sobre os imaginários que falam. Disse-nos em seu *Manifesto Curau* (1983) que precisamos nos livrar do modelo colonizador, escutar a Região que fala pelo seu imaginário e nos apropriar da Amazônia. Foi pela poesia que Vicente Franz Cecim indicou esse caminho. O sentido que aqui se expõe é de perceber a Amazônia e colocar-se nela, estabelecer um significado a partir de um trânsito do sensível humano para o Ser-região, com aquilo que se constitui como compósitos, como nos apontou Castilo (2021), que trazem consigo traços de um processo de hibridização, mas que não está unicamente no campo de cultura relacionada a um acontecimento daquilo que a comunidade tem como expressão de si mesma, mas configurados pelo que se compõe a partir da intermediação que a poesia amazônida pode expressar por meio das artes. Há um movimento nessa poesia entre a voz e a letra, uma Semovência. Neste estudo buscamos compreender que ocupar a Amazônia perpassa o imaginário e o mito, fenômenos semovidos na e pela linguagem, presença nos seres e nas coisas, pensar esse movimento é compreender como a poesia figura socialmente na história de um espaço-tempo, as diferentes maneiras em que se manifesta. Nesse trajeto não é possível traçar um corpo fixo da palavra semovente, tampouco se pode discernir onde termina seu movimento, assim

percebemos a Semovência como processo de recriação da Região, como resistência de uma voz e uma letra, reencantamento e reescrita constantes, que furtivamente escapam às delimitações de uma única natureza. Esta pesquisa procura na poesia da Amazônia as ressonâncias das imagens faladas que a Semovência pode trazer ao corpo que lê, ao corpo que se permite ouvir, e chegar à origem do prazer de falar.

Referências: BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.] BACHELARD, Gaston. A chama de uma vela. Tradução de Glória de Carvalho Lis. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. BACHELARD, Gaston. O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001. BHABHA. Homi k. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998. CASTILLO. Luís Heleno Montoril Del. Sobre janelas e rios. In: Amazônia entre ensaios. p. 69-82 Belém, Paka-Tatu, 2017. CASTILLO. Luís Heleno Montoril Del. Lanterna dos afogados: ensaios de literatura, história, cultura e cidade na Amazônia. Curitiba: Appris, 2021. CECIM. Vicente Franz. Os animais da terra: Manifesto Curau e outras visões de Andara. Belém: Secult, 2020. DELEUZE. Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1. KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015. LOUREIRO. João de Jesus. Encantarias da palavra. Belém: ed.ufpa, 2017. MARTINS, Max. Poemas reunidos, 1952- 2001. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará/ EDUFPA, 2001. PAZ, Octavio. O arco e a lira. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012. ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a “literatura” medieval. Tradução Amália Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras. 1993. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção, leitura. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenrerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SAÍDAS POÉTICAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DA AMAZÔNIA

Stélio Rafael Azevedo de Jesus

Resumo: O presente trabalho discorre sobre a formação do tempo na Amazônia como alongamento da mentalidade ocidental, cujo resultado se dá na lógica de uma sincronia capitalista de exploração das naturezas ecológica e humana. Um Estado fantasma gera territórios delicados, nos quais as violências sociais e ambientais surgem da consequência de um olhar temporal semelhante aos primeiros séculos de colonização da Amazônia. Nesse sentido, a tristeza, a desesperança e o esvaziamento da fala são orquestrados pela distopia do presente, a culminar em literaturas que tensionam ao máximo a falta de saída para as tragédias históricas do mundo contemporâneo. Por outro lado, em meio ao avanço tecnológico e as tentativas de ordenar o comportamento, os sentimentos e o pensamento a fim de direcioná-los à ordem do comércio, das leis e da degradação incessantes, deparamo-nos com literaturas que para apontam caminhos outros, como saídas do labirinto da distopia para nova subjetivação do indivíduo, como lê-se no devaneio-lúcido de Relato de um certo oriente (1989), de Milton Hatoum, ou na Andara de A Asa e a Serpente (2003), lugar que habita a literatura fantasma de Vicente Franz Cecim, ou na fantasmagoria como movimento de si em meio ao emparedamento humano, em Albergue Noturno (2005), de Edilson Pantoja e na escrita poética do corpo feminino cheio de dores impregnando memória e presente em Grandes Lábios (2021), de Mayara La-Roque. Assim, dentro da distopia, a morte, assombrações e desesperanças originam saídas poéticas como tempo e vida em prosas contemporâneas. Nesse sentido, o estudo dialoga teoricamente com Ricoeur (1994), Guattari (1992), Deleuze e Guattari (1997), Agamben (1999) e Castillo (2021).

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Ideia da Prosa. Tradução de João Barrento, Lisboa: Edições Cotovia, 1999. CASTILLO, Luís Heleno Montoril Del. Lanterna dos Afogados: Ensaios de Literatura, História, Cultura e Cidade na Amazônia. Curitiba: Editora Appris, 2021. CECIM, Vicente Franz. A Asa e a

Serpente. Belém: Cejup, 2003. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, volume IV, 1997. 170 p GUATTARI, F. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992. 203 p. HATOUM, Milton. Relato de um certo oriente São Paulo: Cia das Letras, 1989. LA-ROQUE, Mayara. Trama das Águas. Belém: Monomito Editorial, 2021. PANTOJA, Edilson. Albergue Noturno. Belem: Iap, 2005. RICOEUR, Ricoeur. Tempo e narrativa – Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus editora, 1994.

ESTILO-ACONTECIMENTO, MÚSICA-MOVIMENTO: RASURAS EM BRUNO DE MENEZES E NAYARA JINKNSS

Thiago Alberto Dos Santos Batista e Luís Heleno Montoril Del Castilo

Resumo: Stuart Hall (1992), em seu artigo Que “negro” é esse na cultura negra, esquematiza três comentários sobre as tradições diaspóricas concernentes à cultura popular negra: o estilo, a música e o corpo. Aqui nos ateremos aos dois primeiros, o estilo, “a matéria de acontecimento”, e a música, “estrutura profunda” a conter o elemento de uma cultura plenamente dada em seus movimentos de ritmo, som e seus desdobramentos em canto, dança e gestualidade performática de sua emissão ou acontecimento; trataremos deles, neste estudo, como as categorias: estilo-acontecimento, música-movimento. O que já temos, decorrente de anterior estudo nosso, Batista e Castilo (2021), é que tanto o poeta Bruno de Menezes (1984) quanto a fotógrafa Nayara Jinkns (2019-2020), ambos amazônidas, paraenses, dão-nos pistas de que uma estética diaspórica é indispensável (HALL, 1992), ou melhor, suas escritas partem já desta necessidade, na e da Amazônia. O que faremos aqui se dará à maneira de Barthes (2015), em seu O prazer do texto, sempre de passagem, talvez um pouco precário e irregular, porque, no momento, é ainda uma procura de ler na poesia de Bruno e na fotografia de Nayara se estilo-acontecimento e música-movimento se resolvem enquanto acontecimentos poéticos intervenientes à realidade amazônica, se produzem uma rasura da utopia amazônica delineada desde há muito pelo que Derrida (1991), por exemplo, chamou mitologia branca, esta que circunscreve a região e suas humanidades – não apenas homo sapiens, mas tantos outros seres que excluímos desde sempre, em acordo com Krenak (2020) – a um modo de vida postíquo, decalcado de um ideal europeu. É Ailton Krenak quem também nos diz ser sempre possível um evento de reinvenção do mundo. Desta música-movimento e estilo-acontecimento como rasura dessa utopia amazônica de que falamos, esperamos mostrar como Bruno de Menezes e Nayara Jinkns produzem a reinvenção de um mundo amazônico.

Referências: BARTHES, Roland. O prazer do texto ; [tradução J. Guinsburg]. São Paulo: Perspectiva, 2015. DERRIDA, Jacques. Mitologia Branca. In: _____. Margens da Filosofia; tradução Joaquim Torres Costa, Antônio M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991. pp. 249-270. HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra. In: _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais (Liv Sovik, org.). Trad. Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2003. pp. 335-349. KRENAK, Ailton. A vida não é útil; pesquisa e organização Rita Carelli. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAUL WALLE, UM BATEDOR DO CAPITALISMO FRANCÊS NA AMÉRICA DO SUL

Valéria Augusti

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo responder à seguinte pergunta : quem foi Paul Walle, autor de "No país do Ouro Negro: Para, Amazonas, Mato Grosso"? Partindo do conceito de trajetória de Pierre Bourdieu, foram investigadas obras de referência sobre viajantes e notícias em periódicos franceses coetâneos à publicação de suas inúmeras narrativas de viagem na França. A investigação demonstra que, se de um lado o autor ocupou lugar menor nas obras de referência sobre viajantes franceses do século XIX, de outro teve papel fundamental na divulgação de informações relevantes para o comércio exterior de seu país, atuando como uma espécie de “batedor do capitalismo” (PRATT, 1999) em um momento histórico no qual sua nação enfrentava problemas econômicos de diversas ordens. Paul Walle não apenas viaja para diversos países da América do Sul e Antilhas, como também divulga as informações que obtém nessas viagens em reuniões com comerciantes e empresários interessados em expandir seus braços para além do território francês. Tais notícias demonstram que os resultados das missões de Paul Walle nos países

em que exercia a função de adido comercial da França não se restringiam à publicação de livros, pelo contrário, também se materializavam em conferências proferidas em instituições que pudessem porventura reunir pessoas ligadas à indústria e ao comércio e que se interessassem em estabelecer negócios do outro lado do Atlântico. Não por acaso as informações sobre tais conferências são publicadas sobretudo, mas não exclusivamente, em periódicos ligados ao comércio e à indústria. É visível, por consequência, que havia um corpo a corpo no sentido de tornar públicos os resultados de suas prospecções nos países em que atuava e que os livros publicados pelo autor representavam apenas uma parcela dessa divulgação que se inseria no interior de um projeto governamental do qual Paul Walle fazia parte.

Referências: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191. BROU, Numa. Dictionnaire Illustré des explorateurs et grands voyageurs français du XIXème siècle. vol III, Amérique. Paris: Editions du CTHS, 1999. PRATT, Marie Louise. Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Editora EDUSC, 1999. WALLE, Paul. No país do Ouro negro: Para, Amazonas, Matto Grosso. Natal: EDUFRN, 2019.

SIMPÓSIO “CAPITALISMO E DISTOPIA”

Fabio Waki (USP) e Luciana Molina (UFMG)

FORMAS DO HUMANO NAS RELAÇÕES ENTRE UTOPIA, DISTOPIA E HISTÓRIA

Almir Gomes de Jesus

Resumo: Situadas no antípoda da utopia, as distopias literárias poderiam ser definidas como espaços interacionais mais abertos ao fluxo do devir histórico do que sua contraparte utópica (Cf. BERRIEL, 2005). Em certa medida, elas carregam em si o peso de um passado que as definiu e que se integra às contingências de um presente sensível às vicissitudes do tempo. Nesse sentido, em relação reversa com as utopias, elas estariam propensas a reestruturações contínuas – apesar de condicionadas a um estado permanente de ‘imperfectibilidade’. Deste modo, o movimento de integração ao fluxo da História seria um dos elementos a distingui-las da estaticidade utópica, conformando, por conseguinte, um tipo de figura humana marcada pela falta e pela desmesura. Por conseguinte, se a plenitude da satisfação dos desejos comunitários humanos parece ser o traço distintivo das cidades utópicas, o que parece definir as distopias é justamente a insatisfação desses desejos e a repressão de parte importante do que se poderia definir como a “humanidade” do Homem. É por esta razão que as distopias são tratadas, constantemente, como aniquiladoras da integridade do Ser, tornando-o aquilo que já não pode mais ser identificado com sua própria identidade. Por isso, questionando diretamente o conceito de humanidade criado pelas projeções utópicas, a distopia potencializa as formas do (in)humano, criando possibilidades de representação intimamente conexas com os fatos históricos e projetando, por sua vez, situações que se coadunam a seus efeitos deletérios. A partir desse cenário, torna-se lícito repensar o próprio conceito de humanidade que funda o pensamento utópico e que é problematizado, nas distopias, por tais representações limítrofes, atentando-se para o fato de que nelas, ao contrário da contenção pulsional exigida nos espaços utópicos, a desmedida do comportamento humano é tratada como efeito possível e lógico dos arranjos político-sociais modernos (Cf. CLAEYS, 2010).

Referências: BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Editorial. Revista Morrus. Vol. 2, 2005, p. 4-10. CLAEYS, Gregory. The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell. In: CLAEYS, Gregory. (Ed.) The Cambridge Companion to Utopian Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. TROUSSON, Raymond. Voyages aux pays de nulle part: histoire littéraire de la pensée utopique. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 1999. TROUSSON, Raymond. La distopia e la sua storia. In: COLOMBO, Arrigo (Ed). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.

HETEROTOPIA, O ESPAÇO E A EXPERIÊNCIA COLONIAL

Ana Paula Veiga Kiffer

Resumo: Em texto já publicado "O Brasil é uma heterotopia" (SP, N-1, 2021) esbocei um certo número de hipóteses, algumas das quais gostaria de desdobrar nesta proposta. A primeira delas entende que a experiência colonial cria uma função e uma forma mais complexa do que aquela que Foucault havia pensado para a noção de heterotopia (SP, N-1, 2013). Poderia dizer que, num certo sentido, a própria noção de heterotopia moderna, para Foucault calcada já não mais nos antigos tempos cíclicos, e sim na espacialidade do desvio, não existiria sem a conquista, a exploração e a invenção dos espaços coloniais. Sob este prisma, e desde a singularidade da experiência colonial do Brasil, haveria uma exigência contemporânea em rever tal noção. Isso porque entendo que o próprio processo de revisão e reconstrução (poderíamos dizer reparação?) histórica da experiência colonial deve deslocar os pontos onde o pensamento crítico e o vocabulário que ele cria nos encerra numa visão, e logo numa prática de mundo subalterna, que desconsidera a existência de um grande número de viventes. Certamente facilitando as políticas de descarte, e logo a consolidação do brutalismo (Mbembe, 2020). A segunda hipótese é codependente da primeira. Se, de fato, as heterotopias, ou os contra espaços dos desvios dependem da existência das colônias, pensar hoje e desde aqui esses conceitos acaba por desarrumar a lógica e a temporalidade da relação entre utopia, heterotopia e distopia. A partir do livro A queda do céu (Kopenawa & Albert, SP, Cia. Das Letras, 2015) e da noção de Relação, do poeta martinicano Edouard Glissant tentarei ao menos esboçar essa questão.

Referências: Capello, Filipe. Crítica dos afetos. BH: Autêntica, 2022. Foucault, Michel. O Corpo utópico, As heterotopias. Trad.: Salma Muchail. SP: N-1, 2013. Glissant, Edouard. Poétique de la Relation. Paris: Gallimard, 1990. Kiffer, Ana. "O Brasil é uma heterotopia". In: Pandemia Crítica, SP: SESC Edições, N-1; pgs. 337-347. Kopenawa, Davi & Albert, Bruce. A Queda do Céu - palavras de um xamã yanomami. Trad.: Beatriz Perrone-Moisés. SP: Cia das Letras, 2015. Mbembe, Achille. Brutalisme. Paris: La Découverte, 2020.

DA UTOPIA MODERNISTA À DISTOPIA URBANA: AS CONTRADIÇÕES DE BRASÍLIA A PARTIR DA ANÁLISE DE BRANCO SAI, PRETO FICA

Anderson de Figueiredo Matias

Resumo: Este trabalho pretende analisar como o filme Branco sai, preto fica (2015), do diretor ceilandense Adirley Queirós, utiliza elementos distópicos, como figurações no imaginário de problemáticas do mundo social e da projeção de um futuro aterrorizante, para vincular questões estéticas e políticas que permeiam a contemporaneidade e questionar discursos e versões da História elaborados pelos poderes constituídos. Nesse sentido, considerando que as narrativas sobre Brasília ignoram as periferias e se dedicam à história da construção da cidade a partir de um ponto de vista hegemônico, o filme, elaborado a partir de uma mirada periférica, movimenta debates a respeito da modernidade, da monumentalidade e do desenvolvimento da capital e aborda as violentas consequências do projeto utópico de construção da cidade para aqueles e aquelas que habitam as periferias e são constantemente submetidos à segregação racial e socioespacial e à restrição do exercício da cidadania, materializadas na limitação de acesso a oportunidades, serviços e espaços. Para tanto, serão utilizadas contribuições de pensadoras e pensadores como Grada Kilomba, em Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano (2019), de Gregory Clayes, em Dystopia: A Natural History. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions (2017), e de Achille Mbembe, em Crítica da razão negra (2018).

Referências: Branco sai, preto fica. Direção e produção de Adirley Queirós. Brasil, 2015. DVD (90 min.). CLAEYS, Gregory. Dystopia: A Natural History. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions. Oxford: Oxford University Press, 2017. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. por Jess Oliveira, Rio de Janeiro: Cobogó?, 2019. MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Trad. por Sebastião Nascimento. São Paulo: N1 edição, 2018.

LITERATURAS DO FIM DO MUNDO: RESIGNAÇÃO E PÓS-PESSIMISMO CONTEMPORÂNEOS NA LITERATURA DISTÓPICA BRASILEIRA E ARGENTINA.

Antonio Rediver Guizzo e Máira Soalheiro Grade

Resumo: Lukács, em *A teoria do romance* (2000), observa que o elemento verdadeiramente social da literatura é a forma. As características composicionais de uma época dialogam profundamente com as estruturas históricas, culturais, econômicas e políticas da sociedade. Na contemporaneidade, observamos o crescimento do número de produções literárias distópicas e pós-apocalípticas. Nesse trabalho, em perspectiva semelhante a pesquisadores e críticos como Gregory Claeys (2017), Fernando Reati (2006), Elsa Drucaroff (2006), Jill Lepore (2017), María Laura Pérez Gras (2022), Eirik Vassenden (2022), investigamos, em obras literárias publicadas no Brasil e na Argentina a partir da segunda década do milênio, como o modelo econômico neoliberal, as consequências da degradação ambiental, as intermitentes crises financeiras, o recrudescimento democrático e a ascensão de políticos de extrema direita ao poder são características de nossa contemporaneidade que contribuem para um ascendente imaginário distópico figurado na literatura de nossa época. Além disso, observamos que, diferentemente das distopias modernas clássicas (1984, Fahrenheit 451 e Admirável Mundo Novo), a literatura distópica contemporânea assume, além da desconfiança de seu tempo, sentimentos como desamparo e submissão frente aos possíveis futuros desoladores, orientando-se por um pessimismo resignado e anti-utópico, que já não provoca nos personagens o ânimo para a ação coletiva e raramente apresenta arcos narrativos revolucionários na composição, características que Gonnermann (2019) relaciona ao conceito de pós-pessimismo. Sob essa perspectiva de análise, as obras que compõem o corpus da pesquisa são *Cadáver Exquisito* (2018) de Agustina Bazterrica e *O deus das avencas* (2021) de Daniel Galera.

Referências: BAZTERRICA, Agustina. *Cadáver Exquisito*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2018. CLAEYS, Gregory. *Dystopia: A Natural History. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions*. Oxford: Oxford University Press, 2017. DRUCAROFF, Elsa. 2006. *Narraciones de la intemperie. Sobre El año del desierto, de Pedro Mairal, y otras obras argentinas recientes*. Disponível em: <<http://www.elinterpretador.net> nº 27>. Acesso em 15 jun. 2022. GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. GONNERMANN, Annika. *The Concept of Post-Pessimism in 21st Century Dystopian Fiction*. *The Comparatist*, v. 43, Out. 2019, pp. 26-40. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/739696>>. Acesso em: 22 jun. 2022. LEPORE, Jill. *A Golden Age for Dystopian Fiction: What to make of our new literature of radical pessimism*. *The New Yorker*. New York, jun. 2017. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2017/06/05/a-golden-age-for-dystopian-fiction>>. Acesso em: 19 ago. 2022. PÉREZ GRAS, María Laura. *Novelas anticipatorias del siglo XXI: una aproximación a un género que crece en la Argentina en crisis*. *Revista de Literaturas Modernas*, Vol. 47, no. 2, p. 87-108. Disponível em: <https://bdigital.uncu.edu.ar/12393>. Acesso em: 21 ago. 2022. REATI, Fernando. *Postales del porvenir. La literatura de anticipación en la Argentina neoliberal (1985-1999)*. Biblos, 2006. VASSENDEN, Eirik. *Hope in the Age of Dystopia: The Ghost in the Machine in Øyvind Rimbereid's Solaris korrigert*. *Scandinavian Studies*, University of Illinois Press v. 94, n. 2, p. 221-243, 2022. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/854618>. Acesso em 17 mai 2022.

REFLEXÕES NO FIM DE MUNDO

Anna Amélia de Faria

Resumo: Quantos mundos carregam possibilidades de fins. Desde as teorias escatológicas e milenaristas, em que o fim resulta de um cálculo, até o fim, vinculado à falta de compreensão da ética de se saber integrado, e daí ser apenas mais um, incluindo, a partir disso, metafísicas questões vinculadas à morte. Quero tratar de um conjugado: se a finitude é sempre algo tangenciado nas culturas, podemos refletir sobre o amalgamado complexo, que integra a pulsão de morte (freudiana) e o discurso do capitalista (lacaniano). Essas compreensões advindas da psicanálise, enlaçadas à tarefa de ser um e se compor como mais um, mais uns, é o objetivo dessa escrita. Dito de outra forma: contar utilizando adições, bem como noções de excessos e escassez, pode servir como maneira de pensar nas partes estruturantes dessa nossa cultura, também compósita. Culturas em

nós, nós como cultura/as. Nesse fluxo integrador, temos a necessidade urgente de encontrar, a partir de uma ética, formas de evitar e contornar aspectos seletivos e mortíferos, que estruturaram o societário modo vivente de matriz ocidental, com sua alta carga de um solipcista condicionamento individualizante. Para isso, buscaremos dialogar com algumas conceituações da psicanálise, e chaves propostas por Donna Haraway - Antropoceno, capitaloceno, plantatioceno e Chthuluceno -, juntamente com alguns aportes estabelecidos por Daniel Munduruku no conto "A história de uma vez", cuja força da narrativa transmitida, nos chega e ensina a respeito das diferentes formas do tempo.

Referências: FREUD, Sigmund. (2010) Além do princípio de prazer (1920). In: Freud (1917-1920) - Obras completas volume 14: "O homem dos lobos" e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendoparentes.o_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. disponível em

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf acesso, 14/01/2023. LACAN, Jacques. (1992). O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1969-1970). Munduruku, Daniel. A história de uma vez: Um olhar sobre o contador de histórias indígena. Acessado em: <https://pluriverso.online/wp-content/uploads/2021/02/A-historia-de-uma-vez-Daniel-Munduruku.pdf> acesso, 14/01/2023.

ESCRITURAS DISTÓPICAS E SUBJETIVIDADES: O ESPAÇO (IM)POSSÍVEL DA EXPERIÊNCIA NEGRA EM PORCO DE RAÇA

Anna Giovanna Rocha Bezerra

Resumo: O presente ensaio consiste em uma análise da narrativa distópica Porco de raça, do autor paraibano Bruno Ribeiro. A obra nos apresenta a trajetória de um homem negro que se recusa a acomodar-se aos padrões racistas que foram seguidos por sua família. Recorrendo à imagem do duplo, como Machado de Assis em Esaú e Jacó, ou Milton Hatoum em Dois irmãos, o autor contrapõe os destinos dos dois irmãos que optam por traçarem para si, caminhos completamente distintos: ao passo que o personagem principal fracassa em sua carreira de professor com inclinações comunitárias e altruístas, Bruno, seu irmão desponta na esfera política valendo-se do discurso e comportamento validados socialmente, identificado como perfeito "negro sabonete" que se submete às convenções racistas da sociedade, para delas tirar proveito. Com base na relação estabelecida por Koselleck (2006) a partir dos conceitos de espaço de experiência e horizonte de expectativa, observamos de que maneira o processo de desumanização a que é submetido o personagem principal constitui-se como uma resposta ficcional possível diante do esmagamento das subjetividades imposto pelo capitalismo exasperado em sua permanente lógica colonial. Para tanto, foram discutidas também a relevância das ideias de Jameson (2021) e Graeber (2015) quanto a narrativas utópicas, bem como as considerações de Adorno (1972) e Fisher (2020) sobre o capitalismo tardio.

Referências: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Brasília: Editora Brasiliense, 1985. CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Edição revista e ampliada por Carlos Sussekund. Tradução Vera da Costa e Silva [et al.] 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. FISHER, Mark. Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. GRAEBER, David. La utopia de las normas: de la tecnología, la estupidez y los secretos placeres de la burocracia. Epublibre, 2015. KOSELLECK, Reinhart. Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Tradução Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999. KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006. RIBEIRO, Bruno. Porco de raça. Rio de

Janeiro: Darkside Books, 2021. SANTOS, Vitor Cei. A voluptuosidade do nada: o niilismo na prosa de Machado de Assis. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

A DISTOPIA BUROCRÁTICA: CENAS DO TRABALHO NA POESIA CONTEMPORÂNEA

Carolina Fabiano de Carvalho

Resumo: Em 1989, livro de poemas de Lucas Matos publicado em 2018, a distopia contemporânea é encenada nas repartições e escritórios. Na série de poemas intitulada *franz*, vislumbramos o drama do trabalho moroso e inútil, tipicamente associado à burocracia – esta que, segundo o antropólogo David Graeber (2015), se embrenhou por todos os aspectos de nossa existência, especialmente durante as últimas décadas, com a financeirização e o fortalecimento das grandes corporações. Em *franz*, o trabalho não é apenas repetitivo, mas intensamente vigiado; as tentativas de fuga sequer são contempladas, e mesmo a escrita é signo de cárcere. A marcação do tempo, no poema, eleva a angústia pela falta de ação; o tédio, aqui, não é ocioso e, portanto, não conduz à criatividade. Mais do que isso, é possível dizer que o trabalho encenado em *franz*, típico do atual estágio do capitalismo, age “como uma espécie de barreira invisível, bloqueando o pensamento e a ação” e contribui para o realismo paralisante de que nos fala Mark Fisher (2020). Tendo em vista o potencial da poesia de reconfigurar nosso olhar para conflitos e questões de nosso tempo, o objetivo desta pesquisa é fazer a leitura crítica de 1989, explorando sua construção de sentidos por meio de recursos formais, rítmicos, narrativos, etc, à luz da antropologia econômica e da crítica ao capitalismo na contemporaneidade. Os autores mobilizados para dialogar com os poemas são, dentre outros, Karl Polanyi (1957), Marshall Sahlins (1972), Silvia Federici (2019), Mark Fisher (2020) e David Graeber (2015, 2017, 2019, 2021).

Referências: FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019. FISHER, Mark. Realismo capitalista. Trad. Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. GRAEBER, David. Bullshit Jobs. Londres: Penguin Random House, 2019. GRAEBER, David. The Utopia of Rules. Nova York: Melville House, 2015. GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 2022. MATOS, Lucas. 1989. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018. POLANYI, Karl. A grande transformação. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021. SAHLINS, Marshall. The Original Affluent Society. In Stone Age Economics. Chicago: Nova York: Aldine-Atherton, Inc., 1972.

ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA DE RESPONSABILIDADE

Fabio Waki

Resumo: Esta comunicação propõe uma síntese sobre o populismo reacionário que vem se espalhando pela sociedade brasileira ao longo de pelo menos os últimos seis anos e, com base em críticas a alguns dos estudos apresentados no colóquio, uma discussão sobre como a literatura pode nos providenciar racionalidades para melhor o entendermos e confrontá-lo. Essa proposta tem por base o fato de que tal populismo consiste em um tipo de política identitária intrínseca à agressividade do nosso atual modo de produção capitalista que tem como um de seus pilares uma concepção da sociedade como dividida em dois grupos: uma direita composta por pessoas puras e autênticas em busca de uma utopia capitalista; e uma esquerda composta por pessoas corruptas e degeneradas em busca de uma distopia socialista ou comunista. Essa proposta sugere ainda que esse populismo é em grande medida reverberação de um passado autoritário cujas violências não foram propriamente reconhecidas, punidas e exorcizadas—o que se verifica no fato de que muitas literaturas atuais sobre esse passado consistem em narrativas que buscam desafiar as narrativas dos opressores, protegidos por extensas redes de impunidade jurídica. Desse raciocínio, propõe-se que uma possível estratégia para resistir de maneira pragmática a tal populismo é a criação e a promoção de uma cultura de responsabilidade em diversos meios acadêmicos nos quais ela ainda se encontra bastante desarticulada—a exemplo dos estudos literários.

Referências: DE LA TORRE, Carlos (ed.). "Routledge Handbook of Populism". Nova York: Routledge, 2019. LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. "O Populismo Reacionário". São Paulo: Editora

Contracorrente, 2022. ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal et al (ed.). "The Oxford Handbook of Populism". Oxford: Oxford University Press, 2017.

"CHICKENS HAN'T GOT SOULS": AN ECOCRITICAL READING OF TONY KUSHNER'S "HYDRITOTAPHIA, OR THE DEATH OF DR. BROWNE"

Flavia Moreno de Marco

Resumo: Due to the rapid pace with which the climate crisis escalates, this work conducts an ecocritical reading of Tony Kushner's play "Hydriotaphia, or the death of Dr. Browne" (1987) in order to foster critical inquiries and change concerning the exploitative relation between human animals, non-human animals, and every other natural being that inhabits the planet (KERRIDGE, 2014). Ecocritical readings are useful for changing the focus of literary analyses, from human animals only to the wholeness of the planet, hence readjusting the supposed superiority human animals believe they have and refocusing the actions that destroy the planet and generate a myriad of negative consequences under the banner of modern capitalism and neoliberalism. It is important to conduct ecocritical readings so as to pinpoint the belief systems that have been circulating in order to validate practices that accelerate the crisis and yet continue to exist (PUCHNER, 2022). Discourses that naturalize human animal superiority over non-human beings were identified as means to license uncontrolled resource extraction which leads to devastation and disaster. The play uses dystopian elements as a means to expose and criticize the system, habits, beliefs, and actions that ultimately lead to destruction (BOOKER, 1994; ISOMAA, KORPUA, TEITTINEN, 2020). Three situations were highlighted in the play's text to discuss thoughts and actions that justify and license exploitation of human animals, non-human animals, and the natural world: the power of science, the relation between science and responsibility, and a scientific experiment involving animal cruelty. The denouement constitutes the fourth analytical instance as in it nature fights back and everything that human animals fought hard for and took as essential is suddenly and quickly gone.

Referências: BOOKER, M. Keith. Introduction: the turn to dystopia in modern literature. IN: BOOKER, M. Keith. Dystopian Literature: a theory and research guide. Westport: Greenwood Press, 1994, p. 1-9. ISOMAA, Saija; KORPUA, Jyrki; TEITTINEN, Jouni. Introduction: navigating the many forms of dystopian fiction. IN: ISOMAA, Saija; KORPUA, Jyrki; TEITTINEN, Jouni. (Eds.). New Perspectives on Dystopian Fiction in Literature and Other Media. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2020, p. ix-xxxii. KERRIDGE, Richard. Ecocritical Approaches to Literary Form and Genre: Urgency, Depth, Provisionality, Temporality. IN: GARRARD, Greg (Ed.). The Oxford Handbook of Ecocriticism. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 361-376. KUSHNER, Tony. (1987) Hydriotaphia, or the Death of Dr. Browne. IN: KUSHNER, Tony. Death & Taxes: Hydriotaphia and other plays. New York: Theatre Communications Group, 2000, p. 25-212. PUCHNER, Martin. Literature for a Changing Planet. New Jersey: Princeton University Press, 2022.

A PROSA CLAUSTROFÓBICA DE SAMUEL BECKETT

Gabriela Ghizzi Vescovi

Resumo: Este trabalho visa analisar a delimitação o espaço e os movimentos possíveis presentes em alguns textos curtos escritos em prosa por Samuel Beckett: especialmente "The Lost Ones" (1971) e "Imagination Dead Imagine" (1965). Na década de 1960, o autor se dedica a criar vários espaços de confinamento contendo um ou mais corpos dentro, condenados a ciclos de luminosidade e temperatura, sem grande possibilidade de ação ou fuga dessas dinâmicas. Pretende-se observar esse corpus tendo em vista o jogo estabelecido entre narração e descrição para compor os espaços fechados e a existência desses seres enclausurados e as cenas propostas, em que os seres são limitados em seu livre-arbítrio e sua capacidade de ação. As perspectivas de Theodor Adorno sobre as fases do modernismo e as proposições de Carlos Berriel e George Claeys acerca das distopias são tomadas como base para a investigação acerca desses mundos em questão. A análise do corpus se dá, assim, à luz da fortuna crítica do autor, de sua obra completa e de alguns conceitos essenciais para o entendimento das distopias. Qual seria a relação entre mundo subjetivo e objetivo? O que há fora desses espaços? Estariam eles fora do mundo? Como é possível pensar a história, então? Como

se relacionam com o presente histórico em que foram escritos? Os textos constituem distopias? Estas são algumas das questões que este trabalho pretende responder, ainda que não definitivamente, observando a projeção de aspectos daquele momento histórico nesses outros mundos, a organização da sociedade, a condenação dos seres a uma realidade e a estaticidade da história.

Referências: ADORNO, Theodor W. Notas de Literatura I. São Paulo: Editora 34, 2003. _____. Teoria Estética. Edições 70, 2008. BECKETT, Samuel. The Complete Short Prose. New York: Grove Press, 1995. _____. The Collected Poems of Samuel Beckett. New York: Grove Press, 2012. _____. The Letters of Samuel Beckett: Volume I: 1929-1940 Cambridge: Cambridge University Press, 2016. BERRIEL, Carlos E. O. Utopia, Distopia e História. Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento. 2, 2005, p. 4-10. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf>. BRYCE, Eleanor. Dystopia in the plays of Samuel Beckett: Purgatory in play. La Clé des Langues [en ligne], Lyon, ENS de LYON/DGESCO, set. 2012. Disponível em: <<http://cle.ens-lyon.fr/anglais/litterature/litterature-britannique/dystopia-in-the-plays-of-samuel-beckett-purgatory-in-play>>. Acesso em: 10/6/2019. CLAEYS, Gregory (Org.). The Cambridge companion to utopian literature. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2010. HARVEY, Lawrence E. Samuel Beckett: Poet and Critic. New Jersey: Princeton University Press, 1970. LITTLE, James. Samuel Beckett in Confinement: Historicizing Modernism. London, New York: Bloomsbury Publishing, 2020. MORE, Thomas. A Utopia. São Paulo: Penguin Companhia, 2018. PATRIOTA, Raquel. Theodor Adorno e a construção do modernismo artístico. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP: 2021. VESCOVI, Gabriela Ghizzi. Tradução Comentada da Poesia Pós-Guerra de Samuel Beckett. Dissertação (mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP: 2020.

BACURAU: O DRONE COMO DISTOPIA DA COLONIZAÇÃO

Jacqueline Gama de Jesus e Rachel Esteves Lima

Resumo: O filme "Bacurau" (2019), dos diretores pernambucanos Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho, se inicia com o planeta visto por um satélite, o que se coaduna com a ideia do antropoceno, debatida por Ailton Krenak em obras como "Ideias para adiar o fim do mundo" (2019) e "A vida não é útil" (2020). Em suas primeiras cenas é possível perceber no espaço fílmico a relação da comunidade com as tecnologias, em sobreposição, retomando a ideia do bárbaro tecnizado, discutida por Oswald de Andrade. Na trama dois elementos chamam a atenção: um drone que se parece com um disco voador dos filmes de Hollywood e a caçada que se inicia por parte dos visitantes contra a população local, assemelhando-se com o processo violento que os povos nativos sofreram quando os portugueses chegaram no Brasil. Pensando nesse contexto, a narrativa traz elementos distópicos, como o uso da tecnologia, a falta de água, a população deixada para morrer pelo político Tony Júnior e ainda a de um poder de violência que naquele contexto está sendo exercido pelos turistas/invasores. Através desses personagens inimigos da população de "Bacurau" e da presença do drone se pretende analisar esse poder autoritário, violento e quase invisível inserido em sistemas distópicos de narrativas como o Grande irmão, da obra "1984", escrita por George Orwell (1949), Os Olhos, de "O conto da aia" (1985) e "Os testamentos" (2019), de Margareth Atwood. Também através dessa relação dessas personagens e das imagens construídas pela produção audiovisual se propõe a reflexão do lugar de barbárie, sob a ótica benjaminiana da violência, além de tecer discussões de "Bacurau" como um espaço antropofágico, com enfoque na ideia da utopia modernista e na resignificação contemporânea dessa em um cenário pessimista, em diálogo com o texto de Beatriz Azevedo, "Antropofagia distópica de um país em crise" (2019).

Referências: ANDRADE, Oswald. A utopia antropofágica. São Paulo: Globo, 1995. (Obras Completas de Oswald de Andrade). 2. ed. AZEVEDO, Beatriz. Antropofagia Distópica de um País em Crise. Sala Preta, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 47-63, 2019. KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019. LÖWY, Michel. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história",

tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Luiz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

A INDÚSTRIA CULTURAL E A ESPETACULARIZAÇÃO DA IMAGEM NAS OBRAS "FAHRENHEIT 451", DE RAY BRADBURY E "O CÍRCULO", DE DAVE EGGERS

Joice Josiane da Silva Machado

Resumo: O presente trabalho aborda a maneira como a indústria cultural se apresenta nas narrativas distópicas das obras *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, e *O Círculo* (2013), de Dave Eggers. Para avaliar a influência da cultura midiática na construção das personagens, o trabalho apoia-se na Teoria Crítica da primeira geração da Escola de Frankfurt, delimitando-se aos filósofos Walter B. S. Benjamin, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer e, por esse viés, busca entender de que forma a cultura midiática articula-se e se tensiona em um determinado tecido social. Sendo a narrativa distópica crítica e se apresentando como peça de análise da sociedade contemporânea, ela assume o papel de busca pelo impedimento de barbáries futuras e, para isso, usa temas sociais latentes que surgem como prováveis problemas alimentados por regimes totalitários. Sendo assim, como a massificação ocorre através das necessidades dos consumidores e os limites são ultrapassados entre o que é universal e particular, o que é público e privado, os filósofos refletiam sobre como o poder de quem é maior economicamente recai sobre quem é mais fraco. A indústria cultural tem no seu cerne a busca pela padronização dos produtos para que sejam consumidos pelo público. Dessa maneira, ela não vê o consumidor como um sujeito, mas sim como um objeto que pertence à engrenagem do sistema de consumo, algo que ocorre na sociedade contemporânea e também nas narrativas distópicas em análise. Além disso, é proposta uma reflexão coletiva a respeito da manipulação social sofrida através da produção cultural como produto do capitalismo em escala industrial e a imagem transformada em espetacularização para, assim, servir à dominação midiática, que ocorria através de recursos audiovisuais no século XX e, agora com a internet, de forma interativa no século XXI.

Referências: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima*. São Paulo: Globo, 2012. BUCHWEITZ, W. e MARQUES, E. M. Da utopia à terceira virada distópica: um breve panorama. *Goiânia*, v. 9, n. 2, p. 5 – 17, jul./dez. 2019. CLAEYS, Gregory. *Dystopia: a natural history*. New York: Oxford University Press, 2017. CLAEYS, Gregory. *The origins of Dystopia: Wells, Huxley and Orwell*. In: CLAYES, Gregory (Org.). *The cambridge compation to utopian literature*. New York: Cambridge University Press, 2010. p. 107-135. DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. EGGERS, Dave. *O círculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. FROMM, Erich. *Posfácio* (1961). In: 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ILÁRIO, L. C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 29 nov. 2021. KOPP, Rudinei. *Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 278. 2011. LEVITAS, Ruth. *The Concept of Utopia*. *European journal of American estudos* [Online], Reviews 2010-2, documento 6, Online desde 12 de agosto de 2010. URL: [http:// ejas.revues.org/8514](http://ejas.revues.org/8514). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307758202_Ruth_Levitas_The_Conc pt_of_Utopia](https://www.researchgate.net/publication/307758202_Ruth_Levitas_The_Conc_pt_of_Utopia). Acesso em: 18 mar. 2022. MARQUES, Eduardo M. *Survival by Promise: Dystopian Fiction como Denunciante do Capitaloceno*. *Gragoatá, Niterói*, v.26, n.54, p. 620-641, 2021. MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

O ESPAÇO-TEMPO DISTÓPICO NA POÉTICA DE GOLGONA ANGHEL, MANUEL DE FREITAS E PEDRO MEXIA

Julieny Souza do Nascimento

Resumo: Os estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa, desenvolvidos com maior visibilidade nos últimos anos, evidenciam que a tríade mundo, sujeito e palavra constitui uma estrutura de sentidos. Os poetas portugueses contemporâneos, vozes em geral pouco conhecidas no Brasil, têm apresentado na matéria-emoção poética uma leitura/escrita de mundo que delinea geografias não limitadas a descrever espaços, mas a configurar o ambiente urbano circundante e a emitir posicionamentos e questionamentos sobre a relação estabelecida entre o espaço físico/social (território geográfico/simbólico) e o sujeito. As obras poéticas de Golgona Anghel, Manuel de Freitas e Pedro Mexia, poetas contemporâneos nascidos ou radicados em Lisboa, apresentam paisagens da cidade portuguesa e refletem, em discursos distópicos, as condições urbanas, expondo questões próprias e similares ao mundo e ao tempo contemporâneo. O estudo em diálogo dessas vozes portuguesas proporciona uma compreensão sobre o lirismo contemporâneo em Portugal, predominantemente atento à vida urbana e às tensões econômicas, existenciais, políticas e sociais que permeiam o mundo, a sociedade e a cultura contemporânea ocidental do século XXI. Utilizando a perspectiva fenomenológica dos estudos de paisagem, no âmbito de uma geografia literária, sobretudo orientada pela abordagem de Michel Collot, importante pensador da poesia moderna e contemporânea, o trabalho visa examinar o contexto em que os poetas se inserem, os poemas presentes em alguns de seus livros e as principais marcas de suas linguagens poéticas.

Referências: ANGHEL, Golgona. *Vim porque me pagavam*. Lisboa: Mariposa Azul, 2011. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. _____. *Globalização - as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. _____. *A matéria-emoção*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018. FREITAS, Manuel de. *Ubi Sunt*. Juiz de Fora: Macondo, 2019. GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dois crepúsculos*. Sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981. MEXIA, Pedro. *Eliot e outras observações*. Algés: Gótica, 2003. PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

GEORGE ORWELL: VISÕES DO CAPITALISMO EM 1984

Leonardo Lucena Trevas

Resumo: Melhor conhecido como o autor de "1984" e "Revolução dos Bichos", George Orwell é também um dos mais importantes ensaístas políticos da primeira metade do século XX. Em seu último romance, publicado em 1949, Orwell imaginou o mundo ficcional de "1984" como uma alegoria daquele mundo do pós-guerra em que delineavam-se três grandes blocos supranacionais, disputando o espaço geopolítico sob a sombra da bomba nuclear. É notável que tenha ocorrido em um de seus artigos jornalísticos de opinião ("You and the Atom Bomb", Revista Tribune, outubro de 1945) a primeira aparição, em mídia impressa de língua inglesa, até onde se saiba, do termo "cold war". Ao inventar a "guerra fria", Orwell não estava se referindo apenas à relação entre URSS e EUA, mas também ao arcabouço alegórico que desenvolvia para o que viria a se tornar "1984", referindo-se ao estado de guerra perene, mas nunca totalmente deflagrado, que caracterizava as relações entre Eurásia, Lestásia e Oceânia -- as potências supranacionais totalitárias que vigiam dentro da narrativa de "1984". Muito já se escreveu sobre a relação de Orwell e o totalitarismo, sendo conhecida a sua crítica ao regime de Stalin na União Soviética e completa ojeriza ao fascismo de Hitler, Franco e Mussolini. Mas pouco é falado da crítica orwelliana ao capitalismo, mais especificamente em como esse modo de produção se articula com a indústria da guerra. Proponho, em minha comunicação, baseada nas investigações da tese de doutorado em andamento "1984: a distopia perfeita" tratar da presença alegórica do capitalismo no mundo distópico de "1984". Minha hipótese é a de que Orwell, nos anos 1940, já interpretava a dependência dos estados capitalistas em relação às suas indústrias de armamento, notadamente, a chamada Doutrina Eisenhower e o Complexo Industrial-Militar que já ditava a política externa dos EUA.

Referências: ARENDT, Hannah. Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil. Nova Iorque: The Viking Press, 1963. [em inglês] CLAEYS, Gregory. Dystopia: a natural history. Oxford: Oxford University Press, 2017. JAMESON, Fredric. Archaeologies of the Future: the desire called utopia and the other science fictions. Londres: Verso, 2005. [Em inglês] LYNKEY, Dorian. The Ministry of Truth: a biography of George Orwell's 1984. Londres: Picador, 2019. [ebook em inglês] NEWSINGER, John. George Orwell: uma biografia política. Lisboa: Antígona, 2010. ORWELL, George; DAVISON, Peter (org.). Diaries. Londres: W.W. Norton, 2012. [ebook em inglês] ORWELL, George; ORWELL, Sonia e ANGUS, Ian. The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell, Vol. 4: In front of your nose 1945-1950. Londres: Secker and Warburg, 1968. ORWELL, George. 1984. Nova Iorque: Penguin Signet Classics, 1977. [em inglês].

O CONTO DA AIA E OS TESTAMENTOS, DE MARGARET ATWOOD, COMO UM DOCUMENTO DE BARBÁRIE BENJAMINIANO

Liciane Guimarães Corrêa

Resumo: Em Sobre o conceito de história, Walter Benjamin articula “uma crítica do sequestro da política por uma prática que reduz corpos a instrumento do capital e destrói a natureza” (SELLIGMANN-SILVA in BENJAMIN, 2020), frase que coincide tão bem com o enredo de O conto da aia, de Margaret Atwood, que poderia estar estampada na capa do romance. De acordo com a tese XIII, “a ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha em um tempo homogêneo e vazio”, numa tentativa utópica que acaba transformando a História num documento de barbárie, que só pode ser contida a partir de uma revolução. Nessa e nas outras teses, Benjamin ressalta a irresistibilidade ao progresso, que é visto como um caminho direto e linear (tese II) por aqueles que só enxergam a História Universal e a massa dos fatos (tese XVII). Só que, para que alguns possam ter suas lindas vidas à la comercial de margarina, pilhas de escombros se formam às costas do Anjo da História (tese VIII), numa luta de classes e opressão bastante agravada pelo capitalismo na Modernidade, e a mulher, numa sociedade patriarcal com machismo estruturalmente enraizado, é uma classe social bastante explorada socialmente, pelo seu “valor de uso reprodutivo (de filhos e de força de trabalho)” (IRIGARAY, 2017). A ideia de tentativa de construção da sociedade perfeita é comum nos romances distópicos, e na sociedade gileadeana o ponto de vista dos vencedores enxerga que as medidas tomadas são absolutamente necessárias para salvar e manter a ordem da sociedade, não importa se, para isso, alguns precisem ser vencidos. Nessa comunicação, trazendo O conto da aia e Os testamentos como estudo de caso, proponho-me a responder: será, então, a utopia um documento de barbárie? E seriam as distopias uma ficcionalização da revolução benjaminiana?

Referências: ATWOOD, Margaret. Burning Questions. Londres: Chatto & Windus, 2022. ATWOOD, Margaret. The Handmaid's Tale and Oryx and Crake 'In Context'. In PMLA, v. 119, n. 3, maio-2004. pp. 513-517. ATWOOD, Margaret. The Handmaid's Tale. Londres: Vintage Books, 2017 [1985]. ATWOOD, Margaret. The Testaments. Nova York: Nan A. Talese/Doubleday, 2019. BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1 — Magia e técnica, arte e política. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. Trad. de Adalberto Müller e Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020. BOBBIO, N. et al. Dicionário de política. Trad. Varriale et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. BOOKER, MK. The Dystopian Impulse in Modern Literature: Fiction as Social Criticism. Connecticut: Greenwood Press, 1994. CARR, Edward Hallett. Que é história? Trad. Lúcia Maurício de Alvarenga. São Paulo: Paz e Terra, 1961. CLUTE, John; NICHOLLS, Peter (Eds.) Encyclopedia of Science Fiction. 1992. CONTO da Aia, O [Seriado]. Direção: Kari Skogland et al. Produção de Bruce Miller. Toronto/Ontario: MGM Television, 2018. Streaming, cor. HOBBSBAWN, Eric. Age of Extremes: The Short Twentieth Century. Londres: Abacus, 1995. IRIGARAY, Luce. Este sexo não é só um sexo. Trad. Cecília Prada. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017 [1977]. LOWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005. MARX, KH; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Global, 2013. SAFFIOTI, HIB. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LITERATURA E O DIREITO À CIDADE: ENTRE GUETOS E SUBMUNDOS DE SALVADOR

Liliane Vasconcelos

Resumo: A vida urbana está presente em boa parte das narrativas literárias produzidas a na contemporaneidade. Esta predominância muitas vezes vem acompanhada do questionamento da própria concepção de urbano arquitetada pelo mundo moderno. Neste contexto, um dos aspectos mais significativos da produção literária que representa a capital baiana consiste na presença da cidade como um elemento imprescindível para o andamento das narrativas. A cidade cresceu e se tornou cenário de encontro, espetáculo, festa e principalmente arena de tensões onde as ações cotidianas acontecem e dão formas aos nossos quadros de vida. É justamente diante dessa predominância, que o conceito cunhado pelo filósofo Henri Lefebvre (2001, p.12), o direito à cidade, nos ajuda a ler Salvador como uma obra que “contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca.” Mediante as tensões presentes nos usos dos espaços públicos da cidade que o presente artigo busca ler Salvador representada pela literatura contemporânea a partir das narrativas que representam os guetos e submundos de Salvador, A rainha do cine Roma (2010) de Alejandro Reis, Clube dos niilistas (2020) de Tom Correia e Travessias urbanas e outros contos (2020) de Rodrigo Lima. Através de uma perspectiva multidisciplinar embasada em estudos urbanos e da literatura contemporânea constatou-se que o espaço urbano é o lugar ideal para verificar a troca material e simbólica do habitante citadino, bem como as tensões entre as desigualdades internas existentes na cidade, o que propicia aos intérpretes um caleidoscópio de elementos que refletem a contemporaneidade, uma vez ressaí a impropriedade de uma visão totalizante da urbe.

Referências: AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009. CARVALHO, Inaiá Moreira de. A casa grande a senzala: segregação, efeito território e desigualdades em Salvador. 2016. Disponível em: . Acesso em: 22 dez. 2022 CORREIA, Tom. Clube dos niilistas. São Paulo: Ed. Urutau, 2021 FAVERO, Celso A.; FREITAS, Carlos E.; TORRES, Paulo R. Distopias e utopias: entre os escombros do nosso tempo. Salvador: EDUFBA, 2020 GARCÍA CANCLINI, Nestor. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Tradução Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. GOMES, Renato C. Da metrópole à cibercidade: cultura e cosmopolitismo. In: MARGATO, Izabel (Org.); GOMES, Renato Cordeiro (Org.). Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 179-196 LEFÉBVRE, Henri, 1901-1991. O direito à cidade. Henri Lefebvre. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. LIMA, Rodrigo. Travessias urbanas e outros contos. Salvador: FB Publicações, 2020 PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. Revista da Crítica Literária Latino Americana, Medford, USA, ano 27, n. 53, p. 115-128, 2001 RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2008. REYES, Alejandro. A rainha do Cine Roma. São Paulo: Leya, 2010. VIVEIROS, Liana. Direito à cidade e hegemonia: caminhos para uma práxis urbana. VIRUS, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: 22. dez. 2022.

REPRESENTAÇÕES DO FUTURO NA ERA BOLSONARO (2019-2022)

Luciana Molina

Resumo: Em “A morte e o meteoro” (2019), de Joca Reiners Terron, o protagonista, recém-órfão, precisa providenciar o deslocamento de uma tribo indígena para o México, que solicitara asilo devido à devastação da floresta amazônica. Em “A extinção das abelhas” (2021), de Natalia Borges Polezzo, Regina, órfã de pai, que falecera, e também de mãe, que a abandonara anos antes, está em situação vulnerável. Somos apresentados a um mundo em crise econômica, política e ambiental. Na novela “O deus das avencas” (2021), de Daniel Galera, um casal espera seu primeiro filho em meio às tensas

eleições presidenciais, em que o candidato favorito é um líder de extrema-direita. Dentre os valores propagados, estão o negacionismo ecológico, o moralismo e a perseguição de minorias. A intenção é analisar os diversos modos pelos quais essas narrativas imaginam o futuro do país em relação com a reprodução da espécie através das concepções de ancestralidade, parentesco e descendência familiar. No plano macrossocial, apresentam governos negligentes com a preservação ecológica, o que culmina no desastre ambiental e social. No plano micro, angústias e temores em torno da família e enorme desamparo quanto ao futuro. A relação entre pais e filhos espelha um conflito social mais abrangente, em que a ascendência se mostra problemática e a descendência, incerta. Em consonância com esses aspectos, será analisada, em âmbito geral, a fusão do antropológico com o cosmológico, i.e., o modo pelo qual o destino individual se funde ao destino de Gaia, a fim de identificar elementos originais na narrativa distópica contemporânea em torno do Antropoceno/Capitaloceno e do Holocausto ecológico. A hipótese de trabalho é de que a distopia ocupa um lugar parecido com que foi o gótico do século XIX: materializa os medos e as inseguranças sociopolíticas derivados de uma conjuntura estremecida pela atuação da extrema-direita e do neoliberalismo.

Referências: GALERA, Daniel. O deus das avencas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. POLESSO, Natalia Borges. A extinção das abelhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. TERRON, Joca Reiners. A morte e o meteoro. São Paulo: Todavia, 2019.

LITERATURAS DE LOS EXILIOS, LOS DESPLAZAMIENTOS Y LA MIGRACIÓN: PAISAJES DISTÓPICOS DEL NECROPODER

Mariana Ozuna Castañeda

Resumo: El narcotráfico obedece a los principios del capitalismo global, en este contexto ha florecido la narcoliteratura en México y América Latina, al mismo tiempo que se ha desarrollado una literatura sobre migraciones y desplazamientos producidos por el neoliberalismo extractivista y productivista (Rodrigo Balam, El libro centroamericano de los muertos; La soledad de los errantes de La Mosca Azul; Óscar Martínez Los migrantes que no importan, y Los muertos y el periodista). Las violencias registradas en estas obras pueden enumerarse: el secuestro del crimen organizado, secuestros del Estado como intimidación política, el feminicidio, el transfeminicidio, las desapariciones, el asesinato como estrategia de acallamiento, trabajo forzado, la trata, venta de órganos... Sin embargo, la narcoliteratura se ha glamorizado, y convertido en éxito editorial, no así la literatura sobre los desplazamientos provocados por el capitalismo neoliberal y que abordaré como ejemplo de la crisis que sufre la representación en tanto estrategia estética (Ludmer), pues simplifica la complejidad política y social del régimen necropolítico, encubriendo las crisis y a las víctimas invisibles de la depredación, incluida la naturaleza. Esta comunicación propone que tales “literaturas de las violencias” se articulan con el régimen necrocapitalista donde la violencia no es un resultado inesperado ni trágico, sino un motor que produce capital. Interesan los efectos nihilistas de estas literaturas que colaboran con la puesta en escena de un orden distópico que se presenta como inevitable; la comunicación asume las perspectivas de la teoría anticolonial y antirracista de autores como Dussel, Mignolo, Bonilla-Silva, y Sayak Valencia, para desentrañar de qué manera la cosmética de la violencia de estas producciones culturales alimenta el capitalismo gore, y despliega una anestésica (Buck-Morss) en las sociedades del sur global ante los múltiples colapsos sociales y ecológicos necesarios para el sostenimiento del régimen necropolítico vigente.

Referências: Literatura Balam, Rodrigo. El libro centroamericano de los muertos Martínez, Óscar. Los migrantes que no importan. Martínez, Óscar. (2022). Los muertos y el periodista Mosca Azul, La. La soledad de los errantes Bonilla-Silva, Eduardo. (2001). White Supremacy & Racism in the Post-Civil Rights Era. Colorado: Lynne Rienner Publishers, Inc. Buck-Morss, Susan. “Estética y anestésica: una reconsideración del ensayo sobre la obra de arte” en Walter Benjamin, escritor revolucionario. Buenos Aires: Interzona, pp. 169-221. Curiel, Ochy. (2013) La nación heterosexual. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Bogotá: Brecha Lésbica Llorente, María Emma. (2020) La patria en fuga. Violencia, memoria y desaparecidos en la

literatura mexicana actual. México: UAEM-CIIH-Bonilla Artigas Editores Ludmer, Josefina. (2013) “Literaturas postautónomas: otro estado de la escritura” en Aquí América Latina, una especulación. Argentina: Eterna Cadencia Martel, Frédéric. (2015) Cultura mainstream. Cómo nacen los fenómenos de masas. México: Punto de Lectura Mignolo, Walter (comp.) (2008). Género y descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del signo Palaversich, Diana. (2012) “ Narcoliteratura (¿De qué más podríamos hablar?)”, cultura.gob.mx Preciado, Beatriz. (2014). Testo yonqui: sexo, drogas y biopolítica. Buenos Aires: Paidós Valencia, Sayak (2010). Capitalismo gore. España: Editorial Melusina Valencia, Sayak y Katia Sepúlveda (2016). “Del fascinante fascismo a la fascinante violencia: psico/bio/necro/política y mercado gore”. Barcelona: Mitologías.

ELEVADOS E NÃO ELEVADOS: OS REFLEXOS DO PÓS-HUMANO E DO PÓS-EMPREGADO NA SOCIEDADE DISTÓPICA DE KLARA E O SOL

Osires De Araujo Silva Filho

Resumo: No oitavo romance de Kazuo Ishiguro, Klara e o Sol (2021), temas atrelados à automação e às mudanças climáticas despontam na narrativa, convidando o leitor a refletir sobre a evolução tecnológica e seus impactos tanto no campo das relações sociais quanto no meio ambiente. Esta comunicação tem como finalidade discutir essas provocantes questões do hodierno a partir da conjectura de uma possível relação entre o surgimento de personagens pós-humanos e pós-empregados e, por conseguinte, o estabelecimento de insólitas castas na sociedade descrita no romance. Assim posto, a apresentação contempla a temática da obsolescência do ser humano como se conhece, com a substituição de classes inteiras de trabalhadores por máquinas ou andróides, passando pela formação de núcleos comunitários compostos por pós-empregados com inclinações fascistas, até a delimitação de três classes sociais bem delimitadas. Essas camadas são definidas basicamente pela natureza do corpo das personagens, seja natural (não elevados), melhorado (elevados) ou totalmente artificial (robôs humanoides). Por fim, asseguradas as especificidades da obra, propomos uma interpretação que aproxima a condição de três personagens centrais de Klara e o Sol à analogia apontada por Anders (2002), que compara a passagem da juventude ao mundo adulto à instrumentalização que se inicia na reengenharia genética e deságua na robotização. Utilizam-se complementarmente os conceitos e ideias trazidos por Bostrom (2014), Godoy (2012), Valera (2020) para a condução da análise.

Referências: ANDERS, Günther. L'Obsolescence de l'homme. Paris: Éditions Irvea, 2002. BOSTROM, Nick. Superintelligence: paths, dangers, strategies. New York: Oxford University Press, 2014. GODOY, Lilian. Anders e o homem obsoleto. In: SGANZERLA, Anor. Natureza humana em movimento: ensaios de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 2012. p. 302-312. ISHIGURO, Kazuo. Klara e o Sol. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b. VALERA, Luca. Três teses sobre transumanismo. In: LOPES, Wendell E. S.; OLIVEIRA, Jelson (Orgs.). Transumanismo: o que é, quem vamos ser. Caxias do Sul: Educus, 2020. p. 39-54. ZOE, Thomas. Coronavirus: Will Covid-19 speed up the use of robots to replace human workers? BBC, London, 19 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-52340651>. Acesso em: 11 set. 2021.

DISTOPIA E PÓS-COLONIALISMO NO CONTO A FLORESTA DO ADEUS

Paulo Wagner Moura de Oliveira

Resumo: No presente trabalho demonstraremos a presença de características do gênero literário distópico no conto A Floresta do Adeus, presente no livro Doramar ou a Odisseia (2021) do escritor Itamar Vieira Junior. Apontando, ao mesmo tempo, a relação destas características com o impacto causado pelo avanço do agronegócio das plantações de eucalipto em territórios de comunidades tradicionais. Demonstraremos que, ao ficcionalizar um problema que tem gerado conflitos socioambientais em regiões do país, notadamente no sul da Bahia, o conto cria um tempo distinto com a capacidade de transgredir a história oficial instrumentalizada, com a capacidade de criar uma dimensão ética que denuncia a violência, a injustiça social, a desterritorialização de comunidades

tradicionais, entre outras consequências trazidas por projetos pós-coloniais de desenvolvimento, um modelo hegemônico que historicamente perpetua a monocultura agrícola no Brasil. Demonstraremos, também, que a obra abordada revela em sua diegese o protagonismo de vozes femininas, a atualização de traços literários regionalistas na literatura contemporânea e a força de outros saberes e memórias ligadas à ancestralidade presente em comunidades que insistem em sobreviver e perpetuar seu modo de vida e seus traços identitários. Na abordagem de nosso objeto de estudo, utilizaremos de maneira destacada o conceito de distopia e utopia presentes em Carlos Berriel e Carolina Dantas de Figueiredo, a questão da destruição das formas sociais autóctones pelo processo hegemônico de desenvolvimento abordada pelos teóricos Franz Fanon e Stuart Hall e, ainda, as discussões sobre a presença de traços regionalistas na literatura contemporânea de Karl Erik Schollhammer e Zilda Cury.

Referências: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Utopia, distopia e história*. Revista *Morus – Utopias e Renascimento*. 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~berriel/morus.htm>. Acesso em: 15 dez. 2021. CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000. CURY, Maria Zilda Ferreira (2009). *Topografias da ficção de Milton Hatoum*. In: RAVETTI, Graciela; CURY, Maria Zilda Ferreira; ÁVILA, Myriam (Org.). *Topografias da cultura: representação, espaço e memória*. Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 41-62. DIAS, Deusira Nunes Di Lauro. *Cultura do eucalipto na região extremo sul da Bahia e seus impactos*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 07, Vol. 03, pp. 57-68. Julho de 2019. ISSN: 2448-0959. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/meio-ambiente/cultura-do-eucalipto>. Acesso em 18 dez. 2021. FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. FIGUEIREDO, Carolina Dantas. *Memória e verdade nas distopias literárias*. IV SEAD - Seminário de estudos em análise do discurso. Porto Alegre, Nov. 2009. Disponível em https://www.academia.edu/8685605/Mem%C3%B3ria_e_verdade_nas_distopias_liter%C3%A1rias. Acesso em 19 dez. 2021. FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. *Memória e poder nos regimes distópicos*. Papéis — Revista do Programa de PósGraduação em Estudos de Linguagem da UFMS, Campo Grande, v. 19, n. 38, p. 83-98, 2015. GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. L&PM Editores, Porto Alegre, 2010. HALL, Stuart. *O Ocidente e o Resto: discurso e poder*. In: *Formations of Modernity*. Tradução: Carla D'Elia. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 314-361, Mai.-Ago. 2016. JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto Arado, Todavia*, Belo Horizonte, 2019. JUNIOR, Itamar Vieira. *Doramar ou a Odisseia*. Todavia, Belo Horizonte, 2021. POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educ, 2003. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.

FICÇÕES DO ANTROPOCENO: O COLAPSO EM A EXTINÇÃO DAS ABELHAS E O DEUS DAS AVENCAS

Priscila Almeida Calado

Resumo: Este trabalho propõe uma análise comparativa entre as narrativas distópicas *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polezzo, e *O deus das avencas*, de Daniel Galera. Ambas as narrativas foram publicadas em 2021, no contexto da pandemia de covid-19 e do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro, e são situadas no Antropoceno, que é a era na qual as ações do homem afetam o planeta e são responsáveis pelo colapso. As narrativas indicadas pertencem a gêneros diferentes: *A extinção das abelhas* é romance e *O deus das avencas* é uma coletânea composta por três novelas (*O deus das avencas* está situada no pré-apocalipse, *Tóquio* durante o apocalipse e *Bugônia* no pós-apocalipse). Em *A extinção das abelhas* acompanhamos uma protagonista em contexto posterior à pandemia de covid-19, mas que também pode se situar pré-outra pandemia, e enfrentando o colapso social, econômico e ambiental enquanto lida com traumas familiares. Já em uma das novelas de Galera, há uma São Paulo decadente e que sofre os efeitos do aquecimento global, de modo que as pessoas precisam se deslocar por meio de túneis subterrâneos pelo calor extremo, usam máscara o tempo todo, além de lidarem com pandemias diversas e simultâneas. Como afirma Ailton Krenak

(2020, p. 11): “estamos sendo lembrados de que somos tão vulneráveis que, se cortarem nosso ar por alguns minutos, a gente morre”. Nesse sentido, ambas as obras oferecem uma ambientação distópica e de crise, com luta pela sobrevivência em um cotidiano afetado por catástrofes ambientais e ecocídio como consequência da exploração de recursos naturais, além de crise econômica, social e individual. Desse modo, a análise será pelo viés da Ecocrítica, abordagem teórico-literária abertamente política que relaciona a literatura e o meio ambiente em análises culturais e filosóficas.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009. BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. GALERA, Daniel. O deus das avencas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. GARRARD, Greg. Ecocrítica. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. KERRIDGE, Richard; SAMMELLS, Neil. Writing the Environment: Ecocriticism and Literature. New York: Martin's Press, 1998. KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. _____. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. LATOUR, Bruno. Onde aterrar? - como se orientar politicamente no Antropoceno. Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. _____. Onde estou? - lições do confinamento para uso dos terrestres. Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. POLESSO, Natalia Borges. A extinção das abelhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. SECCHES, Fabiane (org.). Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. São Paulo: Editora Instante, 2022. STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes - resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

DECOMPONDO DISTOPIAS: UMA LEITURA DE “PARAPSIKOLOGIA DA DECOMPOSIÇÃO”, DE ADEMIR ASSUNÇÃO

Valéria Fernanda Ribeiro Valandro

Resumo: Esta comunicação visa analisar como os conceitos de utopia e distopia, entendidos sob perspectiva não dicotômica, podem ser apreendidos na obra do poeta contemporâneo Ademir Assunção, em especial, no seu poema “Parapsicologia da decomposição”, presente no livro *Risca Faca* (2021). O referido texto apresenta evidente diálogo com o poema “Psicologia da composição”, livro homônimo (1947), de João Cabral de Melo Neto, e aponta para o constante e tenso jogo de apropriações e reapropriações da tradição pela contemporaneidade. Nele, o ambiente desértico cabralino cede lugar ao caos urbano de Assunção, sendo prenunciado, desde a epígrafe do texto, pela canção “A cidade”, de Chico Science. O espaço do poema desnuda pela e na linguagem (BENJAMIN, 2018) a caoticidade da urbe e as violências sofridas e promovidas pela estrutura desigual de sua composição, cuja base é o sistema econômico capitalista. Como reflexo dessa barbárie, acompanhamos o processo de degradação de um corpo, que, após ter sido baleado, entra em decomposição. Com isso, pretendemos analisar as imagens poéticas que constroem a distopia no poema, que são compostas a partir do contato desse corpo com o ambiente no qual ele se situa, bem como na degradação de sua superfície corpórea. Além disso, desejamos mostrar como a figura do corpo aponta, simultaneamente, para um objeto do poema e para o próprio texto poético. Para, por fim, poder afirmar que é no gesto distópico de decomposição que a utópica sobrevivência do poema é assegurada, pois a transformação da matéria lhe garante a condição da perpetuação de sua existência: a possibilidade que atue como substrato em novas composições.

Referências: Assunção, Ademir. *Risca Faca*. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2021. ANDRADE, Oswald. A crise de filosofia messiânica. In: Oswald de Andrade Obras Completas — VI. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, teses de concurso e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 75–138 BARBOSA, João Alexandre. A metáfora crítica. São Paulo: Perspectiva, 1974.. _____. A lição de João Cabral. In: *Alguma crítica*. Ateliê Editorial, 2002. _____. A poesia crítica de João Cabral. In: *Alguma crítica*. Ateliê Editorial, 2002. BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: *Linguagem, tradução, literatura: Filosofia, teoria e crítica*. Autêntica, 2018. BUSATO, Susanna. As performances da voz no espaço da poesia brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 233-250, 2016. CAMPOS, Haroldo de. Da razão

antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: Metalinguagem e outras metas, v. 4, p. 231-255, 1992. JUNKES, Diana Bueno Martha. "Y Pasear en el mar de asombro": Lirismo, política y post-utopia en la poesía de Ademir Assunção. Nueva revista del Pacífico, n. 71, p. 94-107, 2019. MELO NETO, João Cabral de. Poesias Completas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975. _____. Poesia e composição. In.: MELO NETO, João Cabral de. Prosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 51-70. NETO, Amador Ribeiro. Parapsicologia da decomposição. Zona Branca, 2022. Disponível em: <https://www.zonabranca.com.br/#criticas>. Acesso em: 24 de dez. de 2022. SECCHIN, Antônio Carlos. João Cabral: a poesia do menos. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. SISCAR, Marcos. João Cabral e a poesia contemporânea: o drama da destinação. Texto Poético, [S. l.], v. 14, n. 25, p. 610-616, 2018. DOI: 10.25094/rtp.2018n25a527. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/527>. Acesso em: 24 dez. 2022. STERZI, Eduardo. Terra devastada: persistências de uma imagem. Remate de males, v. 34, n. 1, p. 95-111, 2014. _____. O antropófago. In: Saudades do mundo: Notícias da Antropofagia. São Paulo: Todavia, p. 206-207, 2022.

SIMPÓSIO "VISÕES DE FIM E DE RECOMEÇO NA LITERATURA DO ANTROPOCENO"

Angela Maria Dias (UFF)

MULHERES DO FIM DO MUNDO: UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DAS PERSONAGENS FEMININAS EM CORPO SECOS, DE LUISA GEISLER, MARCELO FERRONI, NATÁLIA BORGES POLESSO E SAMIR MACHADO DE MACHADO

Alice De Araujo Nascimento Pereira

Resumo: No estudo *The Post-Apocalyptic novel in the Twenty-first Century* (2016), Heather Hicks afirma que, devido ao advento da modernidade no século XVIII, os romances pós-apocalípticos passaram a apontar para o colapso da própria modernidade ao invés de contarem a história da aniquilação da humanidade. Ao considerarmos que o patriarcado é um dos elementos constitutivos fundamentais dessa modernidade, devemos observar quais, o que revelam e em que implicam as perspectivas para as mulheres representadas nesses romances. Como ficam as vidas das mulheres em um contexto de completo colapso social? Como suas relações interpessoais se modificam; que resquícios do passado se mantêm; que perigos elas correm; que portas se abrem? Pretendemos responder esses questionamentos lançando nosso olhar sobre as personagens do romance apocalíptico brasileiro de temática zumbi, *Corpos Secos* (2020). Pensando a partir das questões de gênero contemporâneas, como discutidas por Joan Scott e Cinzia Arruzza, e das lutas do movimento feminista em nosso país, examinaremos como alguns dos papéis relegados às mulheres – de esposas, mães, donas de casa – são profundamente afetados e ressignificados na narrativa. Examinaremos ainda como muitas das expectativas sobre elas são mantidas e até mesmo reforçadas nessas circunstâncias. Embora haja reconfigurações positivas possíveis a partir da desagregação das estruturas e alianças pela sobrevivência que elas conseguem formar, em diversos momentos, esse mesmo dismantling coloca mulheres e crianças em posição vulnerável e sujeitas a formas de violência mais severas. Por fim, buscaremos apontar como a resiliência das personagens parece ser uma chave importante para uma possibilidade de recomeço.

Referências: ARRUZZA, Cinzia. Ligações perigosas: casamentos e divórcios entre marxismo e feminismo. São Paulo: Usina editora. 2019 BACCOLINI, Raffaella. "The persistence of hope in dystopian fiction". In: PMLA, vol 119, no 03. Cambridge University Press. 2004, p. 518-521. BITTENCOURT, Fabrício. A cidade de Florianópolis como lugar utópico na obra *Corpos Secos*. Garrafa, Vol. v. 20, n. 57 (online). 2022, pp 62-72. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/viewFile/55739/pdf>. Acessado em 10 de janeiro de 2023 GEISLER, Luisa (et al). *Corpos Secos*. Rio de Janeiro: Alfaguara.2020. GOMEL, Elana. "The Plague of Utopias: Pestilence and the Apocalyptic Body". In: *Twentieth Century Literature*, Vol. 46, No. 4. New York: Hofstra University Press. 2000, pp. 405-433 HICKS, Heather J. *The Post-Apocalyptic Novel*

in the Twenty-First Century: Modernity beyond Salvage. Basingstoke, UK; Nova York: Palgrave Macmillan, 2016. LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução: Luisa Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019. SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação & Realidade n. 20 vol. 2. Porto Alegre: editora da UFRGS. 1995, p. 71-98 TORRES, Sonia. "O antropoceno e a antroppo-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação". Ilha do Desterro vol. 70, nº 2, Florianópolis, 2017, p. 93-105. YAR, Majid. Crime and the imaginary disaster: Post-apocalyptic fiction and the crisis of social order. London: Palgrave Macmillan. 2015.

REPRESENTAÇÕES DA CRISE CLIMÁTICA EM "BUGÔNIA", DE DANIEL GALERA

Anderson Soares Gomes

Resumo: Este trabalho pretende investigar como o conto "Bugônia", de Daniel Galera, presente no livro O Deus das Avenças, revela e questiona aspectos do fenômeno conhecido como mudança climática. Ao se encontrar em uma posição privilegiada em termos das discussões sobre os graves riscos para o clima e o meio ambiente (especialmente devido aos seus ricos ecossistemas e à importância da Floresta Amazônica para a captura de carbono), o Brasil vem produzindo recentemente trabalhos literários altamente criativos e instigantes que abordam ações antropogênicas deletérias ao Sistema Terra. O presente estudo vai analisar o conto "Bugônia" e sua relação com a crise climática, considerando dois focos de análise: primeiramente, os modos pelos quais a rápida deterioração do meio ambiente e as mudanças no clima afetam a subjetividade dos personagens e suas relações sociais; em segundo lugar, como o conto aborda os desafios da crise climática, apresentando (ou não) alternativas à vida no contexto do Antropoceno. Dessa forma, esse trabalho pretende demonstrar como o conto "Bugônia", inserido no contexto da literatura brasileira contemporânea, abre possibilidades de melhor interpretar a crise climática sob prismas sociais, históricos e políticos, enfatizando as maneiras nas quais as dimensões humanas (e não-humanas) de experiências no Sul Global são inseparáveis das diversas mudanças que ocorrem na era do Antropoceno.

Referências: BONNEUIL, C & FRESSOZ, J. The Shock of the Anthropocene. London: Verso, 2016. CHAKRABARTY, D. "O Clima da História: Quatro Teses". In: Sopro, n.91, p.4-22, 2013. CHAKRABARTY, D. "The Anthropocene and the Convergence of Histories". In: HAMILTON, et al. The Anthropocene and the Global Environmental Crisis. New York: Routledge, 2015. CRUTZEN, P. "Geology of Mankind". In: Nature, n.415, p.23, 2002. CRUTZEN, P & STOERMER, E. "The Anthropocene". In: IGBP newsletter, n. 41, p.17-18, 2000. DE GRAAUW, T & FIORE, E. "Green/Environmental humanities". In: BRAIDOTTI, R & HLAVAJOVA, M. Posthuman Glossary. London: Bloomsbury, 2018. FRESSOZ, J. "Losing the Earth Knowingly". In: HAMILTON, et al. The Anthropocene and the Global Environmental Crisis. New York: Routledge, 2015. GALERA, D. O Deus das Avenças. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. GHOSH, A. The Great Derangement. London: Penguin, 2016. HAMILTON, C. et al. "Thinking the Anthropocene". In: HAMILTON, et al. The Anthropocene and the Global Environmental Crisis. New York: Routledge, 2015. IOVINO, S. "Literature of liberation". In: BRAIDOTTI, R & HLAVAJOVA, M. Posthuman glossary. London: Bloomsbury, 2018. KRENAK, A. Ideias Para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. LATOUR, B. Facing Gaia. Cambridge: Polity Press, 2017. LATOUR, B. We Have Never Been Modern. Cambridge: Harvard University Press, 1993. MARQUES, L. Capitalismo e Colapso Ambiental. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. MOORE, J. Capitalism in the Web of Life. London: Verso, 2015. THUNBERG, G. "2019: London – Greta Thunberg wants her future back". In: Lapham's Quarterly, vol. XII, n.4, p.71-74, 2019. TORRES, S. "O Antropoceno e Antroppo-cena pós-humana: Narrativas de Catástrofe e Contaminação". In: Ilha do Desterro, v.70, n.2, p.93-105. 2017. TREXLER, A. & JOHNS-PUTRA, A. "Climate change in literature and Literary Criticism". In: Wiley interdisciplinary reviews climate change, v.2, p.185-200. 2011. YUSSOF, K. A Billion Black Anthropocenes or None. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2018. ŽIŽEK, S. Living in the End Times. London: Verso, 2010.

LÓGICA COLONIALISTA E NECROPOLÍTICA: A MORTE E O METEORO DE JOCA TERRON

Angela Maria Dias

Resumo: Aimé Césaire, no seu manifesto-denúncia Discurso sobre o colonialismo (2020), caracteriza a natureza perversa deste tipo de domínio, a partir da comparação com o nazismo e da cumplicidade dos europeus, na medida em que, durante os séculos das conquistas, a aplicação dos mesmos métodos só atingiu “apenas a povos não europeus. A equação do pensador martinicano “colonização = coisificação” (CÉSAIRE, 2020,p.24) fica dramatizada em A morte e o meteoro, o sombrio romance de Joca Terron (2019). Seu tom soturno, seu baixo-contínuo de fim, vai entoando uma espécie de melancólico réquiem à dilapidação ecológica do mundo e à ausência de porvir da espécie humana. O Antropoceno, como a nova era geológica da terra assoberbada e doente em decorrência da ação humana sobre ela, capaz de corroê-la, como se ocorressem transformações geofísicas extremas, manifesta inequivocamente a “intrusão de Gaia”, em seu “suscetível agenciamento de forças indiferentes” (STENGERS, 2015, p.39) na história do mundo. E se a origem da crise pode ser reportada à Revolução Industrial e às relações de produção capitalista, os humanos permanecem divididos por interesses contrários e incompatíveis, no que tange às providências no sentido de um menor dispêndio energético. Nesse sentido, como apontam muitos estudiosos do assunto, o homem, além de mortal, torna-se mortífero ao ambiente propício à existência da própria espécie.

Referências: CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Trad. Claudio Willer. Ilustração. Marcelo D'Saete. Cronologia. Rogério de Campos. São Paulo: Veneza, 2020. DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. 2.ed. Desterro, Florianópolis: Cultura e barbárie, Instituto Socioambiental, 2017. FONSECA, Eduardo Ribeiro da. “O transcorrer do tempo em Schopenhauer: recorrência, lembrança, memória e história” In: Voluntas, Santa Maria, v.12, Ed. Especial: Schopenhauer e o pensamento universal, 2021 • <https://doi.org/10.5902/2179378667567>. LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno. Trad. Maryalua Meyer. Rev. Técnica. André Magnelli. São Paulo: Ubu, Edição do Kindle, 2020. MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1Edições, 2008. ROSA, Francis Mary Soares Correia da. “Representações do indígena na literatura brasileira” In: In: Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p.257-294. ISBN - 978-85-5696-438-0 Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Consultado em fevereiro/2022 STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Cosac Naify, 2015. TERRON, Joca Reiners. A morte e o meteoro. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2019 ----- . Entrevista concedida em 2020 sobre A morte e o meteoro. <https://www.youtube.com/watch?v=QCMrhRebel0>. Consultado em fevereiro de 2022. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia: São Paulo : Cosac Naify, 2014. ISBN 978-85-405-0386-1 (recurso eletrônico). Consultado em fevereiro/2022.

A DOR NAS DINÂMICAS DE PODER E RESISTÊNCIA EM TRÊS DISTOPIAS JUVENIS

Cássia Farias Oliveira dos Santos

Resumo: O objetivo desse trabalho é analisar as representações da dor nas séries Feios (2005-2006), de Scott Westerfeld, Jogos Vorazes (2008-2010), de Suzanne Collins, e Starters (2012-2013), de Lissa Price, em especial no que se refere às dinâmicas de poder e resistência. É comum ver em distopias cenas em que a dor é infligida nos sujeitos, e os ataques físicos parecem servir a um objetivo maior, sendo usados, por exemplo para alterar e construir novos significados e fazer valer a vontade do sistema, criando um apagamento do sujeito e da sua capacidade de resistir. Isso acontece porque, como afirma Le Breton (2013), até os menores níveis de dor provocam transformações no sujeito, desde sua forma de lidar com o outro até a percepção de si e da realidade. A leitura das obras, porém,

aponta que esse potencial transformador não tem apenas um aspecto negativo, e a experiência da dor surge não só como um elemento das dinâmicas de controle, mas também como algo que leva o sujeito a uma (re)descoberta de si mesmo e de seu poder de resistência. A dor enquanto força de mudança vai aparecer principalmente em relação ao sofrimento que se observa na figura do outro. A comunicação focará nesse aspecto, apontando como as narrativas parecem colocar a empatia como uma forma de romper o torpor causado pelo sofrimento nas distopias, levando a um despertar que levaria a revolução. Além disso, através da figura de suas protagonistas, as obras parecem propor uma modelo de ética baseado na empatia que deveria guiar a ação revolucionária. O que se observa é que a construção de uma nova sociedade nesses mundos estaria ligada diretamente à forma como se escolhe lidar com a questão da dor.

Referências: BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. COLLINS, Suzanne. Jogos Vorazes. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010. COLLINS, Suzanne. Em chamas. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011. COLLINS, Suzanne. A esperança. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011. KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Lisboa: Edições 70, 2007. LE BRETON, David. Antropologia da dor. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013. PRICE, Lissa. Starters. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito, 2012. PRICE, Lissa. Enders. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2014. SCARRY, Elaine. The Body in Pain: The Making and Unmaking of the World. Nova York: Oxford University Press, 1987. SONTAG, Susan. Regarding the Pain of Others. Londres: Penguin, 2004. WESTERFELD, Scott. Feios. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010. WESTERFELD, Scott. Perfeitos. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010. WESTERFELD, Scott. Especiais. Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.

POESIA VEGETAL: VELHAS E NOVAS HABITAÇÕES

Elisa Duque Neves Dos Santos

Resumo: Tendo como corpus de pesquisa as obras de Josely Vianna Baptista e Julia de Carvalho Hansen – que encenam imagens da flora numa intensiva relação com o mundo das plantas, abro diálogo com perspectivas dos estudos do pós-humano e do Antropoceno na literatura e os questionamentos de uma filosofia do vegetal (Plant Studies). O interesse é o de observar uma possível habitação política traçada pelos poemas que problematizam o lugar da planta em tensão com um pensamento antropocêntrico e colonial a partir de paisagens vegetais que sugerem o questionamento sobre o que constitui uma “vida prezada” e uma “vida desprezível”, ponto fundamental para entender a literatura como campo de uma experiência sensível de “fazer mundo”, ou de encontro de espécies (Isabelle Stengers, Donna Haraway). Devo também às obras de Emanuele Coccia, Stefano Mancuso, Michael Marder, Bruno Latour, e Eduardo Gudynas, a evocação para pensar o vegetal com o vegetal. Aquilo que parece tão óbvio e, portanto, naturalizado pelos moldes científicos dos nossos modos de viver ocidentais, passa a tomar uma dimensão existencial no meu percurso de escrita: vivemos porque as plantas viveram antes e vivem hoje simultâneas a nós. Esta sua condição de habitação prévia e necessária precisa, portanto, modular novos modos de pensar o mundo. Os poemas selecionados das autoras permitem uma leitura crítica sobre as corporeidades manifestas que, em alguns casos, culminam em performar a desestabilização das distâncias entre natureza e cultura por assumirem uma espécie de perspectiva vegetal. Vejo, assim, a obra destas poetisas também como um posicionamento e uma reflexão sobre e enquanto se partilha o mundo com a vida das plantas, mas também com sua desenfreada morte (as práticas de desmatamento, mudança climática e políticas públicas predatórias).

Referências: COCCIA, Emanuele. A vida das plantas. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2018. DUQUE SANTOS, Elisa. Poesia vegetal: uma trilha biopolítica pela poesia contemporânea brasileira. Tese de Doutorado. UFF, 2021. GUDYNAS, Eduardo. Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Editora Elefante, 2019. HARAWAY, Donna. When species meet. University of Minnesota Press, 2007. LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. LATOUR, Bruno. Políticas da Natureza: como associar as ciências à democracia? Tradução

de Carlos Aurélio Mota de Souza. São Paulo: Editora UNESP, 2018. LATOUR, Bruno. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. LATOUR, Bruno. Onde estou? Lições do confinamento para uso dos terrestres. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. MANCUSO, Stefano. A revolução das plantas: um novo modelo para o futuro. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Editora Ubu, 2019. MARDER, Michael. The Life of Plants and the Limits of Empathy. *Dialogue*, vol. 5, ie. 2, June 2012, p. 259-273. MARDER, Michael. Plant intentionality and the phenomenological framework of plant intelligence. *Plant signaling & behavior*, vol. 7,11, p. 1365-72, 2012. <https://doi.org/10.4161/psb.21954>. MARDER, Michael. Of Plants, and Other Secrets. *Societies*, vol. 3, 2013, p. 16-23. <https://doi.org/10.3390/soc3010016>. MARDER, Michael. Plant intelligence and attention. *Plant Signaling & Behavior*. v. 8, ie. 5, e23902; May 2013. <http://dx.doi.org/10.4161/psb.23902>. MARDER, Michael. For a Phytocentrism to Come. *Environmental Philosophy*, vol. 11, ie. 2, 2014. MARDER, Michael. The Place Of Plants: Spatiality, Movement, Growth. *PERFORMANCE PHILOSOPHY*, vol. 1, 2015, p. 185-194. MARDER, Michael. The Sense of Seeds, or Seminal Events. *Environmental Philosophy*. Online First: April 30, 2015. <https://doi.org/10.5840/envirophil201542920>. MARDER, Michael; VIEIRA, Patricia. Writing Phytophilia: Philosophers and Poets as Lovers of Plants. *Frame* vol. 26, n. 2. November 2013. p 37-53. STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Trad. Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 62. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

OS QUATRO CAMINHOS DA PERDA EM JOSÉ SARAMAGO

Gabriel Franklin

Resumo: No presente trabalho, busca-se realizar uma reflexão filosófico-literária acerca da condição do ser humano no âmbito das poéticas do estado de urgência, referindo-se estas às relações que se estabelecem entre as angústias do tempo presente e suas manifestações artístico-culturais. Para tanto, utiliza-se, como ponto de partida, o conceito de “desintegração”, apresentado pelo poeta polonês Czesław Miłosz em seu livro “O testemunho da poesia”, que consiste no “desmoronamento de todas as noções e critérios correntes”. Segundo Miłosz, essa é uma ocorrência rara e característica apenas dos períodos mais tempestuosos da história, quando a ordem em que os indivíduos costumam viver pode deixar de existir. Nesses particulares estados de emergência, que levam uma coletividade humana à desintegração, seja “uma guerra, o governo do terror ou catástrofes naturais”, Miłosz diz que uma “hierarquia de necessidades” é, então, “inscrita na própria realidade”. Após sua devida caracterização, passa-se, no trabalho, à identificação do processo de desintegração e hierarquia de necessidades em quatro obras literárias de nosso tempo, quais sejam, os seguintes romances de José Saramago: “A jangada de pedra”, “Ensaio sobre a cegueira”, “Ensaio sobre a lucidez” e “As intermitências da morte”. Defende-se, então, que nessas quatro narrativas os indivíduos vão, aos poucos, perdendo algo que os torna humanos: identidade, percepção, autonomia, finitude; no entanto, durante o processo, por meio do recolhimento e da reflexão, começam a descobrir e entender o que realmente significa “ser” humano. De forma que as situações excepcionais apresentadas nas referidas obras, esses exercícios de imaginação levados às últimas consequências, mostram-se evidentes manifestações de “estados de emergência” que, nas entrelinhas do não-dito, revelam o perene “estado de urgência” em que se vive hoje; na mesma medida, refletem também o mundo e o indivíduo que José Saramago viu no passado, estava vendo no presente, e imaginava que poderiam ser vistos no futuro.

Referências: MIŁOŚZ, Czesław. O testemunho da poesia. Trad. Marcelo Paiva de Souza. Curitiba: Ed. UFPR, 2012. SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. _____. A jangada de pedra. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. _____. Ensaio sobre a lucidez. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. _____. As intermitências da morte. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NÃO VERÁS BRASIL ALGUM? O DISTÓPICO EM "CORPOS SECOS: UM ROMANCE"

Gabriel Wirz Leite

Resumo: Desde a publicação em 1818 do livro “Frankenstein”, de Mary Shelley, a chamada literatura de ficção científica passou por diversos desdobramentos tanto em termos de temática quanto de forma. A máquina do tempo de H.G. Wells e as invenções de Jules Verne deram vez a cenários terríveis marcados por totalitarismos aliados a inovações tecnológicas, como nos romances de Aldous Huxley, George Orwell e, mais recentemente, Margaret Atwood. Como argumenta Adam Stock (2019), o gênero de ficção conhecido como distopia tem, mais que outros, alcançado valor cultural simbólico ao representar medos e ansiedades sobre o futuro. A ficção distópica se tornou, portanto, um ponto de referência para discussões sobre política, cultura popular, relações internacionais, segurança, discriminação racial, preocupações ambientais e muito mais. Em meio aos efeitos nefastos do capitalismo causados pela humanidade nesta era conhecida como antropoceno, narrativas distópicas têm sido uma constante de interesse. No Brasil, foram publicadas durante a pandemia da Covid-19 algumas obras que atravessam pontos característicos das distopias, como é o caso do romance “Corpos secos”, escrito por quatro pessoas: Luísa Geisler, Marcelo Ferroni, Natália Borges Polesso e Samir Machado de Massado. Um cenário pós-apocalíptico digno dos zumbis nos filmes do George Romero é retratado na obra, consequência dos produtos químicos utilizados pelo agronegócio brasileiro em sua problemática monocultura de soja. Assim, este trabalho visa analisar como o distópico é articulado nesta narrativa e que potência crítica ela pode ter, além de revisar um pouco sobre as teorias da ficção científica.

Referências: AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. ATWOOD, Margaret. In other worlds: SF and the human imagination. New York: Virago, 2011. FERRONI, Marcelo; GEISLER, Luísa; MACHADO, Samir Machado de; POLESSO, Natália Borges. Corpos secos - um romance. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020. FREEDMAN, Carl. Science fiction and critical theory. In: LATHAM, Rob (org.). Science fiction criticism: an anthology of essential writings. London: Bloomsbury Academic, 2017. GUNN, James; CANDELARIA, Matthew (ed.) Speculations on speculations: theories of science fiction. Toronto, Oxford: The Scarecrow Press, 2005. JAMESON, Fredric. Utopia as method, or the uses of the future. In: GODIN, M.; PRAKASH, G.; TILLEY, H. (org.). Utopia/Dystopia: Conditions of historical possibility. Princeton: Princeton University Press, 2010. PEREIRA, Valéria Sabrina. Ficção científica encontra o pós-modernismo: Slipstream. Em Tese, Belo Horizonte, v.22, n.3, p. 245-262, set./dez. 2016. SONTAG, Susan. The imagination of disaster. In: LATHAM, Rob (org.). Science fiction criticism: an anthology of essential writings. London: Bloomsbury Academic, 2017. SUVIN, Darko. On the poetics of the science fiction genre. In: LATHAM, Rob (org.). Science fiction criticism: an anthology of essential writings. London: Bloomsbury Academic, 2017. STOCK, Adam. Modern dystopian fiction and political thought: narratives of world politics. New York : Routledge, 2019. TREXLER, Adam. Anthropocene fictions: the novel in a time of climate change. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.

NARRATIVAS ECO-DISTÓPICAS DE AUTORAS LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A EXTINÇÃO DAS ABELHAS DE NATALIA BORGES POLESSO (2021) E LA MUCAMA DE OMICUNLÉ DE RITA INDIANA (2015)

Giovanna Suleiman das Dores

Resumo: Este trabalho visa refletir a respeito da eco-distopia e seus recursos narrativos nas obras A extinção das abelhas de Natalia Borges Polesso (2021) e La mucama de Omicunlé de Rita Indiana (2015). A análise comparativa será conduzida a partir da conceitualização do termo Antropoceno, da mudança climática presentes nas obras e seus impactos e discussões sociais dentro de suas narrativas. A pesquisa caminha sob o ponto de vista do Antropoceno das obras: Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno (2020); Depois o Fim: conversas sobre literatura e Antropoceno (2022), organizado por Fabiane Secches e Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins, de Déborah Danowski e Eduardo Viveiro de Castro (2017). Referente à eco-distopia, a pesquisa caminha sob o ponto de vista de Rowland Hughes e Pat Wheeler, em seu artigo Eco-dystopias: Nature and the Dystopian Imagination (2013) e Marco Malvestio em seu artigo Theorizing

Eco-Dystopia: Science Fiction, the Anthropocene, and the Limits of Catastrophic Imagery (2022). Em face desse contexto, indagamos: Como que o Antropoceno e a eco-distopia estão interligadas? Quais foram os recursos narrativos utilizados pelas autoras para situar suas obras dentro da eco-distopia? Quais as semelhanças e diferenças entre as duas obras? Como que as obras dialogam com o cenário social latino-americano contemporâneo?

Referências: DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiro. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2022. HUGHES, Rowland; WHEELER, Pat. Eco-dystopias: Nature and the Dystopian Imagination. In: New York: Critical Survey, vol. 25, n. 2, p. 1 - 6, 2013. INDIANA, Rita. La mucama de Omicunlé. Cáceres: Editorial Periférica, 2015. LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020. MALVESTIO, Marco. Theorizing Eco-Dystopia: Science Fiction, the Anthropocene, and the Limits of Catastrophic Imagery. In: European Journal of Creative Practices in Cities and Landscapes. Itália: Università di Bologna, vol. 5, n. 1, p. 24-38, 2022. POLESSO, Natalia Borges. A extinção das abelhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. SECCHES, Fabiane (org.). Depois o Fim: conversas sobre literatura e Antropoceno. São Paulo: Editora Instante, 2022.

RESTAURAÇÃO E/OU RECOMEÇO: UM DIÁLOGO ENTRE A DUOLOGIA MONGE E ROBÔ, DE BECKY CHAMBERS, E A TRILOGIA COMANDO SUL, DE JEFF VANDERMEER

Jade Bueno Arbo

Resumo: A atenção à mudança e à transformação é o fio condutor que possibilita, neste trabalho, colocarmos em diálogo dois importantes autores da ficção científica contemporânea: Becky Chambers, cuja ficção científica é classificada, por vezes, sob o nome de hopepunk, subgênero que enfatiza a projeção esperançosa de mundos possíveis, e Jeff VanderMeer, expoente do que vem sendo designado como weird fiction, que tem laços com o terror cósmico lovecraftiano e confunde e desafia nossas certezas mais do que projeta visões sólidas de um mundo por vir. Apesar de suas diferenças, tanto a duologia Monge e Robô, da primeira, quanto a trilogia Comando Sul, do segundo, conjuram imagens de planetas em processo de restauração. Em Monge e Robô, a restauração se dá pelas mãos humanas e por uma decisão humana pela menor interferência possível no mundo que partilham com outros seres e elementos. Em Comando Sul, o humano é forçado a se ausentar, é expurgado da área dominada por uma força desconhecida que parece purificar tudo aquilo que toca. Consideramos, neste trabalho, que o diálogo entre a esperança de Chambers e o caos de VanderMeer se mostra produtivo ao demonstrar a potencialidade da ficção científica não para prescrever fórmulas a serem seguidas, mas para possibilitar reflexões que nos possibilitam, nas palavras de Haraway (2016), “permanecer com o problema”. Isso quer dizer que não é necessário que se escolha uma visão de futuro ou outra dentre estas que nos são apresentadas por esse gênero literário que é também, como nos diz LaBarre (2010), um modo de atenção; ele nos possibilita combinar visões de fim e de recomeço, unindo ao sentimento projetado pelo Comando Sul de que a terra seria um lugar melhor sem humanos o compromisso observado em Monge e Robô de fazermos o possível para merecermos o lugar que ocupamos nele.

Referências: CHAMBERS, Becky. Salmo para um robô peregrino. São Paulo: Morro Branco, 2022. CHAMBERS, Becky. A Prayer for the crown-shy. New York: Tordotcom, 2022. HARAWAY, Donna J. “Habitar a barriga do monstro”. In: DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; SALDANHA, Rafael. Os mil nomes de gaia: do Antropoceno à Idade da Terra. Rio de Janeiro: Machado Editora, 2022. LABARRE, Joshua (Sha). Farfetchings: On and in the sf Mode. PhD diss., History of Consciousness Department, University of California, Santa Cruz, 2010. VANDERMEER, Jeff. Aniquilação. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. VANDERMEER, Jeff. Autoridade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. VANDERMEER, Jeff. Aceitação. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ E O DESMORONAR DE MUNDOS: MAL-ESTAR E SOBREVIVÊNCIA NO CAPITALOCENO

Jade Martins Leite Soares

Resumo: Segundo Byung-Chul Han (2021), o vírus (referindo-se à pandemia SARS-CoV-2) é espelho de nossa sociedade. Assim, hoje a sobrevivência é absolutizada, todas as nossas forças de vida são usadas para prolongar a vida. E dentro dessa sociedade de sobrevivência perde-se completamente o sentido de boa vida. A vida é reduzida a um processo biológico que deve ser otimizado. Ou, nas palavras de Jonathan Crary (2016), “a vida comum se transformou em objeto da técnica”. No cuidado exclusivo com a sobrevivência nos igualamos ao vírus, esse morto-vivo que apenas se multiplica, ou seja, sobrevive sem viver. Então, segundo Han (2021), falta ao capitalismo a narrativa da boa vida. Ele absolutiza a sobrevivência; é nutrido pela crença inconsciente de que mais capital significa menos morte. O capital é acumulado contra a morte. E é por isso que no presente trabalho optamos por utilizar a expressão capitaloceno para pensar os tempos em que vivemos, já que há uma racionalidade sistêmica reforçando o lucro acima de todas as formas de vida. De acordo com Anna Lowenhaupt Tsing (2015/2022) o nosso problema é que o progresso deixou de fazer sentido, há um ritmo acelerado que acaba por atropelar a vida. Refletindo sobre a capacidade do capitaloceno de transformar vida em sobrevivência e desmoronar mundos, ousaremos dançar em outros ritmos de viver e criar, a partir da obra pioneira de ficção científica de Dinah Silveira de Queiroz, escritora brasileira do início do século passado. Para tanto, utilizaremos o relançamento (2022) de dois livros de contos da autora (Eles herdarão a Terra e Comba Malina) para ruminar sobre os outros mundos possíveis sugeridos por Donna Haraway (2015). Ou ainda cogitar a existência de outros imaginários que estejam além do mal-estar (1930/2020) do apagamento da extensa produção de Dinah Silveira de Queiroz.

Referências: CRARY, Jonathan. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradutor: Joaquim Toledo Júnior. São Paulo: Ubu, 2016. FREUD, Sigmund. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradutora: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. HAN, Byung-Chul. Sociedade Paliativa: a dor hoje. Tradutor: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021. SECCHES, Fabiane. (org.) Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. São Paulo: Editora Instante, 2022. TSING, Anna. O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradutores: Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022. QUEIROZ, Dinah Silveira de. Dinah fantástica: contos de ficção científica reunidos. São Paulo: Editora Instante, 2022.

COLONIALISMO HISTÓRICO E A EMERGÊNCIA DO IMAGINÁRIO BÉLICO NA LITERATURA SCI-FI

Jairo De Araújo Souza

Resumo: Nesta comunicação faremos uma breve análise da emergência da produção literária de ficção científica no século XX e seus desdobramentos na atualidade. Nosso intuito é refletir como o contexto das Grandes Guerras Mundiais e da Guerra Fria (1945-1989) possibilitaram o exercício de um imaginário literário que se consolidou, em grande medida, a partir de conjunturas belicistas entre as potências do chamado mundo moderno ocidental. A produção de revistas como as Pulp magazines (GUTHER, 2015) no início do século XX, e anos mais tarde, a publicação de obras como Eu, Robô (ASIMOV, 1950) e As Crônicas Marcianas (BRADBURY, 1950), concorreram para a ampliação e consolidação da ficção científica como parte de um imaginário histórico e colonial, no qual este gênero se inseriu com suas características próprias, um gênero literário capaz de produzir e provocar profundas reflexões críticas sobre o modo como a sociedade capitalista projeta seu tempo futuro. Nosso argumento se ancora também no fato de que a literatura Sci-Fi atualiza um “imaginário colonialista” (RIEDER, 2008), que significa reproduzir uma subjetividade que permanece viva desde as invasões históricas das Áfricas e das Américas, exploração e domínio pelos europeus. Queremos ainda apontar o quanto deste imaginário se faz presente no século XXI, com uma nova “corrida espacial” em direção à Marte e o quanto de um imaginário colonialista se mantém fortalecido com as narrativas de conquista e colonização de outros planetas, promessas de progresso e modernidade.

Referências: ASIMOV, Isaac. Eu, Robô. Tradução de Aline Storto Pereira. São Paulo: Aleph, 2014. ATHANS, Phillip. A brief history of Pulp Fiction. Fantasy Handbook. 23 fev. 2021. Disponível em:

<https://fantasyhandbook.wordpress.com/2021/02/23/a-brief-history-of-pulp-fiction/>. Acesso em: 27 ago. 2022. BERARDI, Franco. Depois do futuro. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019. BRADBURY, Ray. As crônicas marcianas. Tradução de Ana Ban. 2 ed. São Paulo: Globo, 2013. DICK, Phillip K. Androides sonham com ovelhas eletrônicas? Tradução de Ronaldo Bressane. São Paulo: Editora Aleph, 2014. FERNANDES, Cláudio. Primeira Guerra Mundial: a Grande Guerra. História do Mundo. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/primeira-guerra-mundial.htm>. Acesso em: 26 ago. 2022. GÜTHER, Marcela. Pulp Magazine: uma alavanca para a ficção científica. Homo Literatus. 4 mar. 2015. Disponível em: <https://homoliteratus.com/pulp-magazine-uma-alavanca-para-a-ficcao-cientifica/?cn-reloaded=1>. Acesso em: 27 ago. 2022. LIMA, Gabriel Cardozo de. Distopias da Guerra Fria: notas introdutórias a partir da obra de Phillip K. Dick. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, Rio de Janeiro, 8 (1), 2021. RIEDER, John. Colonialism and the emergence of Science fiction. Middletown, US: University Press, 2008. ROBERTS, ADAM. The history of science fiction. Palgrave Histories of Literature (ebook). 2 ed. London, UK: Palgrave MacMillan publishing, 2016. WELLS, H.G. A guerra dos mundos. Tradução de Livia Bono. São Paulo: Pé da Letra, 2019.

ÉRASE UNA VEZ EN VENEZUELA (2020). UN ATLAS DE RUINAS.

Jesus Oneiver Arellano Perez

Resumo: La problemática ambiental tiene un estrecho vínculo con el hacer político. El documental Érase una vez en Venezuela (2020) de la venezolana Anabel Díaz Rodríguez Ríos exhibe esta relación haciendo coincidir el relato visual, la crisis política y migratoria de Venezuela, y la crisis ambiental de un pueblo palafítico que está a punto de desaparecer a causa de la sedimentación. En este trabajo expongo cómo la concepción de Antropoceno del politólogo español Manuel Arias Maldonado, dialoga con la perspectiva que tiene Fernando Cornil de la historia económica de Venezuela, y su dependencia del extractivismo petrolero. Ambos insisten en la relación naturaleza-sociedad, esta relación la encontramos en la propuesta de Anabel Rodríguez Ríos. La noción de Atlas, como un saber visual, ofrecida por Didi-Huberman (2011), nos sirve para organizar el análisis de diferentes imágenes y relatos que nos ofrece el documental. La potencia de estas imágenes yace en la articulación anacrónica del pasado de un país petrolero, el presente en crisis y la perspectiva del futuro incierto. Las reflexiones entrono a las imágenes que configuran este atlas propuesto por Rodríguez Ríos nos llevan a preguntarnos sobre nuestras capacidades críticas y creativas para “aplazar el fin del mundo” según lo explica Ailton Krenak.

Referências: ARIAS Manuel. (2016): “El giro antropocénico. Sociedad y medio ambiente en la era global”, Política y Sociedad, 53 (3), pp. 795-814 ARIAS, Manuel. Antropoceno. La política en la era humana. Barcelona: Tauros, 2018 BOANDIES, Angela. “Estructuras de excepción”. En: homesession.org. Artspace & Artist in residence. Barcelona, España. S/F. disponible en: <http://www.homesession.org/wordpress/es/angela-bonadies> consultado el 08/08/2022 CAPRILES, Colette. “La excepción y la ruina” En: Tópico Absoluto. Revista de crítica de pensamiento e de ideas. Berlin/Caracas:15 jul 2022. Disponible en: <https://tropicoabsoluto.com/2022/07/15/la-excepcion-y-la-ruina/> Consultado el 05/08/2022 CONGO Mirador: El pueblo del Relámpago el Catatumbo terminó de desaparecer. Nuestra Tele Noticias (NTN24). Venezuela. 2022. 1 video. 9min. 48seg. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=6WNAsyigBUA> consultado el: 05/08/2022. CORNIL, Fernando. El estado Mágico. Naturaleza, dinero y modernidad en Venezuela. Texas, Nueva Sociedad. 2002 DIDI-HUBERMAN, George. Atlas. ¿cómo llevar el mundo auestas? Museo nacional centro de Arte Reina Sofia, Madrid, 2011. LERNER, Elisa. “El Miss Venezuela otra versión fracasada de El Dorado”. En: Crónicas Ginecológicas. Caracas: Línea editores, 1984. ÉRASE una vez en Venezuela. Dirección de Anabel Rodríguez Ríos. Venezuela SEPP R. BRUDERMANN, 2020. (100min). Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=ob8PTZINypA&t=2784s> GRAU, Pedro. “Pórtico de Venezuela”. En PACHECO, Carlos; LINARES, Luis; STEPHAN, Beatriz (coord.) Nación y literatura: itinerarios de la palabra escrita en la cultura venezolana. Caracas: Editorial Bigott/Banescor/Equinoccio, 2006. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2006. MONTERO, Dario. Congo-Mirador. Pueblo palafítico del Lago de Maracaibo. Mérida, Venezuela, EuroAmerica, 1971. NÚÑES, Enrique. Novelas y ensayos. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1987. PIETRI, Arturo. Sembrar el Petróleo. Ahora. Año 1. No.183, Caracas, Venezuela 1936. Disponible en: <http://hemerotecavirtualesembrarpetroleo.blogspot.com/> consultado el 05/08/2022. SANTOS, Boaventura de Sousa. "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes". In Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Organizadores). Epistemologias do Sul. São Paulo, Cortez, 2010, pp. 31-66. SANTOS, Elisângela. "O Novo Constitucionalismo Latino Americano: A pachamama e sua relação com o desenvolvimento econômico capitalista." En: Revista de Pesquisa e Educação Jurídica. Brasília | v. 2 | n. 1 | p. 157 - 175 | Jan/Jun. 2016. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2525-9636/2016.v2i1.186> TORRES. Ana. Diario en ruinas (1998-2017). Caracas: Alfa, 2018.

O DEUS DAS AVENCAS (2021), DE DANIEL GALERA: UMA DISTOPIA EM TRÊS TEMPOS

Louise Farias da Silveira

Resumo: Os pesquisadores Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares, no estudo historiográfico Fantástico brasileiro: o insólito literário do Romantismo ao Fantasma, identificam como uma das tendências da escritura do insólito ficcional no século XXI a "febre das distopias". Segundo os pesquisadores, os escritores nacionais fazem parte de um movimento da literatura especulativa que se espalha pelo cenário internacional, o qual "responde à conjuntura política, em particular às fortes ondas conservadoras pelas quais o mundo tem passado [...] e o crescimento constante de cadeiras no senado e no congresso brasileiro pelas bancadas ruralista e evangélica – associadas a uma política econômica elitista e a ultrajantes declarações racistas, xenófobas e homofóbicas." (MATANGRANO e TAVARES, 2018, p. 181-182). Com a ascensão da extrema direita no Brasil, personalizada em um governo de tendências autoritárias e antiambientalistas, cujo negacionismo científico foi responsável pela deplorável administração da saúde pública durante a pandemia de COVID-19, não surpreende que mesmo ficcionistas mais afeitos à prosa realista se aventurem em novas perspectivas criativas, voltando o olhar para um incógnito porvir. Nesse sentido, Daniel Galera especula, em seu recente O deus das avencas (2021), por meio de três novelas, três tempos diferentes de uma sociedade que flerta com a autodestruição e lida com as consequências de suas (más) escolhas políticas, ambientais e tecnológicas. Neste trabalho, proponho uma análise da conjuntura distópica e ambiental que avulta na referida obra de Galera. Como referencial teórico são utilizados, entre outros, os estudos de Haraway (2015), Matangrano e Tavares (2018) e Torres (2021).

Referências: GALERA, Daniel. O deus das avencas: três novelas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making kin. Environmental Humanities, v. 6, 2015, p. 159-165. Disponível em: <https://tinyurl.com/3z7w3msm>. Acesso em: 10 jan. 2023. MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasma. Curitiba: Arte & Letra, 2018. TORRES, Sonia. Distopia no Antropoceno, ou re(a)presentando o interregno. Gragoatá, Niterói, v. 26, n. 55, 2021, p. 558-587. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/47745>. Acesso em: 06 jan. 2022.

UNA POÉTICA DEL VACIAMIENTO: "MUGRE ROSA" DE FERNANDA TRÍAS

María de los Ángeles Romero Rostagno

Resumo: Una poética del vaciamiento: Mugre rosa de Fernanda Trías El lugar de la literatura y en particular de la narrativa latinoamericana de finales del siglo XX y del XXI parece compartir terreno con otros campos de estudio que colaboran en la interpretación de los nuevos tiempos, por lo que la necesidad teórica de otros estudios disciplinares como o son la biopolítica y la ecología, entre otros, son inevitables. A pesar de ello, algo permanece inmutable además del goce estético: la existencia de textos que siguen interpelando, creando espacios de intercambio y de debate sobre el presente condicionando una inevitable lectura desde la contemporaneidad. El fenómeno literario en

la actualidad trasciende lo epistémico como categoría de conocimiento para adentrarse en lo ontológico evidenciando una necesaria transformación del aparato crítico que debe actualizarse para dar cuenta de la cuestión de la literatura actual. La gran mayoría de los estudios ecocríticos coinciden en la importancia que el espacio físico posee en la coexistencia con el ser humano. El Antropoceno analizado bajo la mirada de los estudios de Bauman, Agamben, Ludmer y Heffes entre otros, intenta ser el soporte teórico para una aproximación hermenéutica a la novela *Mugre rosa* (2021) de la escritora uruguaya Fernanda Trías. *Mugre rosa* expone, en un vaivén temporal de vivencias y recuerdos, la intimidad de una mujer que intenta sobrevivir a sus propias inseguridades y vínculos inarmónicos en un mundo caótico, sombrío y amenazante. Es una novela de búsquedas, encuentros y pérdidas que nunca logran romper el círculo cotidiano y obsesivo del deber ser femenino, la culpa y la nostalgia de un tiempo que en todo momento es el refugio de una errática y obsesiva ideación, en la voz protagónica de una joven mujer, en medio de una distopía apocalíptica que discurre entre las borrosas líneas de una realidad pesadillesca.

Referências: Eixo 10

ENSAIANDO COSMOPOÉTICAS PARA O ANTROPOCENO

Maria Petrucci Sperb

Resumo: O atual contexto de agravamento da crise climática e sócio-política forçam a comunidade acadêmica a confrontar-se com uma nova época na história do pensamento, a qual representa, também, uma nova época geológica: o Antropoceno. O conceito enfim escapou às bordas da Geologia e adentrou as Ciências Humanas, sendo adotado por pensadores como Dipesh Chakrabarty (2013), Bruno Latour (2016) e Timothy Morton (2013) enquanto um paradoxo teórico que sintetiza a perturbação das noções-chave da Modernidade, isto é, as de Humano e Natureza. A questão que interessa em específico a esta comunicação é, justamente, a dimensão estética e política do Antropoceno, ou o Antropoceno enquanto regime estético e, conseqüentemente, político (RANCIÈRE, 2015). Como fazer literatura, ciência e filosofia sem Humano e sem Natureza? Na medida em que o discurso estético pressupõe e concede um juízo de valor às coisas, e este se organiza em torno de uma ideia de humanidade, pode-se admitir que o Antropoceno requer a revisão desses parâmetros e, possivelmente, o aparecimento de novos. Se concedermos que cada configuração estética indica pistas a seguir (MACÉ, 2011), práticas e valores que (des)continuam nosso processo de individuação, então experimentar brevemente o estilo de ser de outras criaturas — um pássaro, um rio, uma ilha de lixo — nos desloca de nós mesmos, encaminhando-nos à despossessão e nos (re)inserindo em um "pluriverso ondulante" (TOUAM BONA, 2020, p. 12-13). A cosmopoética, se pensada como um modo perspectivista, e não-antropocêntrico, de conjurar as relações com o mundo sensível revela-se uma prática filosófica e criativa urgente no Antropoceno. Pensar os desdobramentos políticos deste novo "comum" é imperativo para que se divise mais maneiras de se conectar com os entes da terra, para que se produzam, inclusive, "pensamentos da terra", cosmopolíticas (STENGERS, 2018) que construam e sustentem a pluralidade de mundos, ao invés de seus desaparecimentos.

Referências: CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. In: *Sopro*, n. 91, Florianópolis, julho de 2013, p. 2-21. LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia. Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu Editora, 2020. MACÉ, Marielle. *Façons de lire, manières d'être*. Paris: Éditions Gallimard, coll. NRF essais, 2011. MORTON, Timothy. *Hyperobjects. Philosophy and Ecology after the end of the world*. University of Minnesota Press: Minneapolis, 2013. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2015. STENGERS, Isabelle. *A proposição cosmopolítica*. Trad. Raquel Camargo e Stelio Marras. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. TOUAM BONA, Dénètem. *Cosmopoéticas do refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

CORPOS DISSIDENTES EM CAOS: COMO A FICÇÃO CLIMÁTICA CONTEMPORÂNEA PODE PROPOR NOVOS FUTUROS ECOQUEER?

Mariana Mota Lopes

Resumo: A proposta de ecologia queer pode ser compreendida quando, fora do binarismo, desafia a ideia de categorias fixas e opostas, como humano versus natureza, homem versus mulher e heterossexual versus queer. Desse modo, tende a problematizar ordens de fluidez de gênero e sexualidade tanto entre humanas quanto entre não-humanas. Nessa ótica, é possível discutir de que formas a realidade nos circunscreve no mundo e as possibilidades de existência que a ficção pode proporcionar. É a partir desta perspectiva que busco compreender os modos em que a teoria ecoqueer, para além da ecocrítica, pode ser usada para a análise literária de textos contemporâneos, e para o estabelecimento de “world-making” (Pratt 2021). A partir de teorias de gênero e sexualidade que refletem sobre a relação de coexistência entre espécies, passando pela problematização do termo antropoceno e proposição do gênero cli-fi para definir ficções distópicas sobre o caos climático, proponho aqui a análise do livro *Corpos Secos*. Escrito a oito mãos, o romance situa a narrativa em um Brasil posto em caos pós-apocalíptico. Assim, essa análise representa o início de uma investigação sobre a aplicabilidade de um modelo ecoqueer para a compreensão da realidade contemporânea, de modo a explicar sobre a possibilidade de existência de futuros co-constituídos por humanas, não humanas e, no caso, mais-que-humanas.

Referências: Boria, Adriana. "Pensar debemos. Algunos temas ambientales en Donna Haraway." *Estudios digital* 48 (2022): 75-89. Cox, Lara. "Decolonial Queer Feminism in Donna Haraway's 'A Cyborg Manifesto' (1985)." *Paragraph* 41.3 (2018): 317-332. Danowski, Déborah, and Eduardo Viveiros de Castro. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Cultura e Barba?rie Editora, 2014. Freyesleben, Alice Fernandes. "Crônicas da urgência: os desafios das ciências na criação do futuro no Antropoceno." *Caderno Brasileiro de Ensino de Física* 37.3 (2020): 1099-1119. Gabriel, Alice. "Ecofeminismo e ecologias queer: uma apresentação." *Revista Estudos Feministas* 19 (2011): 167-174. Gandy, Matthew. "Queer ecology: Nature, sexuality, and heterotopic alliances." *Environment and Planning D: Society and Space* 30.4 (2012): 727-747. Geisler, Luisa, et al. *Corpos secos—Vencedor Jabuti 2021: Um romance*. Alfaguara, 2020. Haraway, Donna et al. *Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene* in. *Ethnos – Journal of Anthropology*, v. 81, n. 3, p. 535-564, 2016. Krenak, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Pratt, Mary Louise. *Planetary Longings*. Duke University Press, 2022. Rüsche, Ana, et al. *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno*. Editora Instante, 2022.

“NOSSO MODO DE VIDA É FAZER ALIADOS”: “BUGÔNIA”, DE DANIEL GALERA, E A CONSTRUÇÃO DE MUNDOS NO CHTHULUCENO

Marina Pereira Penteado

Resumo: O presente trabalho busca analisar a novela pós-apocalíptica “Bugônia”, de Daniel Galera, publicada no livro *O deus das avencas* (2021), em um diálogo com a proposta de Cthuluceno, tal como desenvolvida por Donna Haraway em *Staying with the Trouble* (2016), a fim de pensar na potencialidade que a ficção especulativa – e mais especificamente a ficção climática – tem de nos oferecer outras formas de pensar e habitar o Antropoceno. Ambientada em um futuro devastado por uma crise ambiental, a novela lida com as relações humanas e não humanas enquanto acompanha um grupo de sobreviventes, chamado de “Organismo”, que vive em uma aparente simbiose com colmeias de abelhas que se alimentam de cadáveres e, por conseguinte, produzem um composto – o “necromel” – capaz de imunizar os humanos das doenças que exterminam o restante da população. Através de uma análise da aparente harmonia que existe no sistema da “Organização”, possível devido a aliança de cooperação mútua entre as espécies, o presente trabalho busca estabelecer um diálogo entre a novela e as discussões de Donna Haraway (2016), que defende que

uma maneira de viver e morrer bem nos nossos tempos é justamente unindo forças entre humanos e não humanos para que possamos reconstruir refúgios e tornar possível uma recuperação e recomposição que nos permita permanecer com o problema de viver em um mundo em ruínas.

Referências: GALERA, Daniel. O deus das avencas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. HARAWAY, Donna J., *Staying with The Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016. HARAWAY, Donna J. "Habitar a barriga do monstro". In: DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; SALDANHA, Rafael. Os mil nomes de gaia: do Antropoceno à Idade da Terra. Rio de Janeiro: Machado Editora, 2022. LABARE, Joshua (Sha). *Farfetchings: On and in the sf Mode*. PhD diss., History of Consciousness Department, University of California at Santa Cruz, 2010. LE GUIN, Ursula K. "The Carrier Bag Theory of Fiction" (1986). In: LE GUIN, Ursula. *Dancing at the Edge of the World*. New York: Grove Press, 1989. SILVA E SILVA, Fernando. "Cosmopolítica e Antropoceno: o risco de Gaia". In: TORRES, Sonia; PEREIRA PENTEADO, Marina. *Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021.

AFROFUTURISMO BRASILEIRO, FUNÇÃO HEURÍSTICA E O PÓS-APOCALIPSE FEMININO

Patrick Anthony Barbosa Brock

Resumo: O Afrofuturismo brasileiro opera como uma subjetividade político-estética, e suas formas de organização intervêm não apenas na tecnocultura da ficção especulativa (SF) como no fracasso do Ocidente de conceber futuros alternativos. Funcionando dentro do gênero cultural de massa (Rieder 2017), essa comunidade cultural combina a disponibilidade de ferramentas de publicação com a disseminação ampla de repertórios visuais e narrativos da SF, com as redes comunitárias e políticas acalentadas por seus predecessores no ativismo negro brasileiro. A duologia de Lu Ain-Zaila, *Brasil 2048* (2016 e 2017) não apenas exemplifica tais estratégias como também prova a função heurística da SF, ou seja, de ensinar como solucionar problemas. Publicada de maneira independente, o romance em dois volumes emprega polifonia textual e hibridez de gêneros narrativos para narrar a refundação do Brasil no pós-apocalipse do clima, onde a mudança depende mais da ação coletiva do que da individualidade "libertadora" do capitalismo. O resultado da construção de mundo de Ain-Zaila se insere na tradição identificada por Susan Watkins em 2020 de ficção pós-apocalíptica de autoria feminina em língua inglesa, tradição esta que se opõe às distopias de autoria masculina e suas visões despolitizadas e comerciais do futuro. Esta comunicação combina diferentes aspectos de uma tese doutoral em andamento sobre a SF e ativismo social na América Latina.

Referências: Ain-Zaila, Lu. (In)Verdades: Ela Está Predestinada a Mudar Tudo. Duologia Brasil 2408, vol. 1, Kindle ed., 2016. ---.(R)Evolução: Eu e a Verdade Somos o Ponto Final. Duologia Brasil 2408, vol. 2, Kindle ed., 2017. ---."Ficção Científica no Brasil: Um Caso de Estudo do Projeto de Nação." *Fantástica* 451, v.1 2018, pp. 55–61. <https://fantastika451.com.br/> Asselin, Steve. "A Climate of Competition: Climate Change as Political Economy in Speculative Fiction, 1889–1915." *Science Fiction Studies*, vol. 45, no. 3, 2018, pp. 440–453. Baccolini, Raffaella. "The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction." *PMLA* 119, no. 3 (2004), pp. 518–21. Brock, Patrick. "Brazilian Afrofuturism as a Social Technology." *The Routledge Handbook of Cofuturisms*. Edited by Bodhisattva Chattopadhyay, Grace Dillon, Isiah Lavender III, and Taryne Jade Taylor. Routledge, 2023. Burges, Joel and Elias, Amy (eds.). *Time: A Vocabulary of the Present*. NYU Press, 2016. Burrows, David, and Simon O'Sullivan. *Fictioning: The Myth-Functions of Contemporary Art and Philosophy*. Edinburgh University Press, 2018. Chattopadhyay, Bodhisattva. Aakriti Mandhwani and Anwesha Maity. *Indian Genre Fiction: Past and Future Histories*. Routledge, 2019. Csicsery-Ronay, Istvan. *The Seven Beauties of Science Fiction*. Wesleyan University Press, 2008. Davies, Williams, editor. *Economic Science Fictions*. Goldsmiths Press, 2018. Duarte, Eduardo de Assis, Melissa E. Schindler and Adelaine LaGuardia. "Toward a Concept of Afro-Brazilian Literature." *Obsidian*, vol. 13, no. 1, 2012, pp. 97–122. Eshun, Kodwo. "Further Considerations on Afrofuturism." *CR: The New Centennial Review*, vol. 3, no. 2, 2003, pp. 287–302. Finsterbusch, Kurt. "The Social Impact of Scarcity: The Political Responses of Institutionally Developed Societies." *The Coming Age of Scarcity: Preventing*

Mass Death and Genocide in the Twenty-first Century. Ed. Michael N. Dobkowski and Isidor Wallimann. Syracuse University Press, 1998. Ghosh, Amitav. The Great Derangement. University of Chicago Press, 2017. Lavender III, Isiah. Afrofuturism Rising: The Literary Prehistory of a Movement. Ohio State Press, 2019. Jasanoff, Sheila. Dreamscapes of modernity: Sociotechnical imaginaries and the fabrication of power. University of Chicago Press, 2015. Jones, Esther L. "African-Brazilian Science Fiction: Aline França's A Mulher De Aleduma." *Obsidian* 13, no. 1 (2012), pp. 15–36. Melo, Carla. "Urgent (Anti)Spectacles of Critical Hope." *The Utopian Impulse in Latin America*. Edited by Kim Beauchesne and Alessandra Santos. Palgrave Macmillan US, 201, pp. 259–74. Milner, Andrew, and Burgmann, J. R.. Science Fiction and Climate Change: A Sociological Approach. Liverpool University Press, 2020. Milner, Andrew. "Utopia and Science Fiction in Raymond Williams." *Science Fiction Studies* 30, no. 2 (2003), pp. 199–216. ---. Tenses of Imagination: Raymond Williams on Science Fiction, Utopia and Dystopia. Peter Lang, 2010. Moylan, Tom. Scraps of the Untainted Sky. Westview Press, 2000. Neyrat, Frédéric. Translated by Daniel Ross. "The Black Angel of History," *Angelaki*, 25:4, 2020, pp. 120–134. Nijhuis, Michelle. "The Tragedy of the Commons Is a False and Dangerous Myth: Aeon Essays." *Aeon*, Aeon Magazine, 4 May 2021, <https://aeon.co/essays/the-tragedy-of-the-commons-is-a-false-and-dangerous-myth>. Seyfert, Peter. "A Glimpse of Hope at the End of the Dystopian Century: The Utopian Dimension of Critical Dystopias." *ILCEA* 30, 2018. Shaviro, Steven. *Discognition*. Repeater Books, 2016. ---. "Unpredicting the future." *Alienocene*. *Stratum* 1, April 2018. <https://alienocene.com/2018/04/01/futurity-and-science-fiction/>. Streetby, Shelley. *Imagining the future of climate change: World-making through science fiction and activism*. University of California Press, 2018. Tironi, Manuel and Barandiarán, Javiera. "Neoliberalism as Political Technology: Expertise, Energy, and Democracy in Chile." *Beyond Imported Magic: Essays on Science, Technology, and Society in Latin America*, Edited by Eden Medina, Ivan da Costa Marques and Christina Holmes. The MIT Press, 2014. Trexler, Adam. *Anthropocene Fictions: The Novel in a Time of Climate Change*. University of Virginia Press, 2015. Watkins, Susan. *Contemporary Women's Post-Apocalyptic Fiction*. Palgrave Macmillan UK, 2020. Winter, Jerome. "Global Afrofuturist Ecologies." *Literary Afrofuturism in the Twenty-First Century*, Edited by Isiah Lavender III and Lisa Yaszek. Ohio State Press, 2020.

A REPRODUÇÃO HUMANA NO ANTROPOCENO: REPRESENTAÇÕES DISTÓPICAS EM THE CHILDREN OF MEN, DE P. D. JAMES E THE EARLIE KING AND THE KID IN YELLOW, DE DANNY DENTON

Rejane de Souza Ferreira

Resumo: As alterações ambientais e climáticas das últimas décadas gerou preocupações legítimas quanto ao futuro do planeta e da sobrevivência da humanidade na Terra. A possibilidade de estarmos vivendo uma nova era geológica expandiu os estudos sobre o futuro do planeta para além da estratigrafia e estão se tornando cada vez mais presentes em produtos de arte e entretenimento (TORRES 2017; GOMES, 2020). A pesquisa que aqui se apresenta propõe um estudo sobre como o avanço da tecnologia e sua repercussão na fertilidade humana são retratadas no romance inglês, *The Children of Men* (1992), de P. D. James e no romance irlandês, *The Earlie King and the Kid in Yellow* (2018), de Danny Denton. Cada uma dessas ficções, a seu modo, antecipa um mundo pós-apocalíptico no Antropoceno em que crianças são concebidas de modo inexplicável ao contexto em que se encontram e por isso seus respectivos valores e importâncias se expandem para além da esfera doméstica. Pensar na reprodução humana em circunstâncias distópicas como as apresentadas nas ficções em análise, é também confrontar com questões culturais e pertencimento local, nacional e internacional. Naturalmente, cada obra traz o contexto histórico-político de seu próprio país para o enredo e por isso se distanciam entre si, apesar da proximidade temática da criança que supostamente garantirá a existência humana na Terra; há também um outro ponto de intersecção importante entre essas obras, ambas aludem para o perigo de se culpabilizar a humanidade geral para as consequências negativas da tecnologia, pois isso é invisibilizar as diferentes vulnerabilidades individuais e políticas de cada sociedade. Desse modo, proponho um diálogo entre as críticas apresentadas por James e Denton com teorias que tratam das temáticas do Antropoceno, ecocrítica e refazimento da humanidade.

Referências: DENTON, Danny. *The Earlie King and the Kid in Yellow*. London: Granta, 2018. GOMES, Anderson S. "Subjetividade verde: ficção e identidade em *The overstory*". *Porto das Letras*, v.6 n.4, p.146-167, 2020. JAMES, P. D. *The Children of Men*. New York: Vintage Books, 1992. TORRES, Sonia. O Antropoceno e a antroppo-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação. *Ilha do Desterro; a journal of English language, Literatures in English and Cultural Studies [Revista de língua inglesa, literaturas em inglês e estudos culturais]*, v. 70, n. 2, p. 93-106, 2017.

A ALIANÇA DA DIFERENÇA RUMO À SOBREVIVÊNCIA: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DE MADDADDAM, DE MARGARET ATWOOD

Suenio Stevenson Tomaz Da Silva

Resumo: Nesta proposta de comunicação, pretendo discutir com base em um recorte da minha tese de doutorado cujo corpus consistiu na trilogia *MaddAddam*, da escritora canadense Margaret Atwood. Para este trabalho, focarei no terceiro romance da referida trilogia, o qual foi publicado em 2013. A obra em questão traz elementos da ficção distópica e da narrativa pós-apocalíptica em que o tema da sobrevivência é recorrentemente mobilizado. Além disso, o romance de Atwood pode ser lido à luz da perspectiva da ecocrítica, considerando inclusive as características do gênero cli-fi (abreviação de climate change fiction), ou ficção climática em português. Como as mudanças climáticas se relacionam diretamente ao antropoceno, esta proposta de trabalho se acomoda dentro do escopo deste simpósio. Cabe ressaltar, ainda, que no universo ficcional dos três livros de *MaddAddam*, as visões de fim e de recomeço constituem o fio condutor da narrativa. No terceiro livro, portanto, a ideia de recomeço é ainda mais evidente, uma vez que há uma união entre humanos e não humanos (Crakers e porcos) para garantir a sobrevivência dos remanescentes em um mundo devastado por experiências biotecnológicas e por ações antropogênicas. Reitero, mais uma vez, que recorrerei aos estudos ecocríticos através dos quais poderei articular a noção de antropoceno, comum às abordagens interdisciplinares das Humanidades Ambientais

Referências: ATWOOD, Margaret. *MaddAddam*. New York: Nan A. Talese Doubleday, 2013. BRAIDOTTI, Rosi. *The posthuman*. Cambridge: Polity, 2013. BOES, Tobias; MARSHALL, Kate. Writing the anthropocene: an introduction. *Minnesota Review*, Blacksburg (EUA), n. 83, p. 60-72, 2014. GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Ed. UnB, 2006. GARRARD, Greg; HANDLEY, George; GOODBODY, Axel; POSTHUMUS, Stephanie. *Climate change scepticism: a transnational ecocritical analysis*. Londres: Bloomsbury, 2019. GLOTFELTY, Cheryll. Preface. In: GARRARD, Greg (Ed.) *The Oxford handbook of ecocriticism*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. ix-xii. _____. Literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Org.) *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens: The University of Georgia Press, 1996, p. xv-xxxvii. GHOSH, Amitav. *The great derangement: climate change and the unthinkable*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2016. HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: TADEU, Tomaz (Org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós- humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33-118. _____. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham/London: Duke University Press, 2016. HEISE, Ursula K. *Sense of place and sense of planet: the environmental imagination of the global*. Nova York: Oxford University Press, 2008. _____. *Imagining extinction: the cultural meanings of endangered species*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2016. LEMENAGER, Stephanie. *Climate Change and the Struggle for Genre*. In: MENELY, Tobias; TAYLOR, Jesse Oak (Ed.) *Anthropocene reading: literary history in geologic times*. Pensilvânia: The Pennsylvania University Press, 2017, p. 220-238. MEHNERT, Antonia. *Climate change fictions: representations of global warming in American literature*. Los Angeles: Palgrave Macmillan, 2016. MENELY, Tobias; TAYLOR, Jesse Oak. Introduction. In: _____. (Ed.) *Anthropocene reading: literary history in geologic times*. Pensilvânia: The Pennsylvania University Press, 2017, p. 01-24. MOORE, Jason W. Introduction. In: _____. (Org.) *Anthropocene or capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*. Oakland: Kairos PM Press, 2016, p. 01-11. MOSSNER, Alexa Weik von. *Affective ecologies: empathy, emotion, and environmental narrative*. Columbus: The Ohio State University

Press, 2017. OPPERMANN, Serpil; IOVINO, Serenella. Introduction: the environmental humanities and the challenges of the anthropocene. In: _____ (Org.) Environmental humanities: voices from the anthropocene. Nova York: Rowman & LittleField, 2017, p. 01-21. SCRANTON, Roy. We're doomed. Now what?: essays on war and climate change. Nova York: Soho, 2018. _____. Learning to die in the anthropocene: reflections on the end of a civilization. San Francisco: City Light Books, 2015. SLOVIC, Scott. Varieties of environmental nostalgia. In: BESSON, Françoise (Ed.). The memory of nature in aboriginal, Canadian and American contexts. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press, 2014, p. 11-30. _____. Narrative scholarship as an American contribution to global ecocriticism. In: ZAPF, Hubert (Ed.). Handbook of ecocriticism and cultural ecology. Berlim; Boston: De Gruyter, 2016, p. 315-333.

PÁRIAS HUMANOS E NÃO HUMANOS: UM IMPASSE QUE DESFAVORECE A VIDA

Talita Vieira Barros

Resumo: O presente trabalho analisa o romance “Sobre os ossos dos mortos”, de Olga Tokarczuk, considerando a relação entre humanos e não humanos. A obra literária nos convoca a uma aproximação das questões relacionadas à vida dos animais a partir das observações e análises de uma narradora personagem humana, que, de maneira inquietante, nos apresenta seu mundo, ora contestando a atitude de caçadores, ora instigando as instituições a fazerem valer a importância das vidas, não apenas as humanas. Janina (sra. Dusheiko), a narradora personagem, defende a ideia da vingança praticada pelos animais contra os homens caçadores, o que salienta sua indignação no que diz respeito ao tratamento dado pelos humanos aos animais e à natureza (SECCHES, 2022). O que pode parecer absurdo à lógica ocidental a partir da Modernidade, segundo reflexões de John Berger (s.d), torna-se crível quando, por exemplo, lemos o artigo “Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus”, assinado pela professora Els Lagrou, titular do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, e publicado em 2020, durante a pandemia. É um relato de um povo próximo a nós, brasileiros, e distante do contexto de Olga Tokarczuk. No entanto, é possível aproximações entre as visões de mundo supracitadas, como Secches (2022) indica na apresentação de “Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno”, ao associar o pensamento de Tokarczuk ao de Krenak, pois ambas trazem uma ideia de integração da qual estamos apartados. Por meio da Literatura, a escritora propõe, a partir das observações e análises de uma narradora humana e também construtora de pontes, um percurso de múltiplas travessias, borrando fronteiras entre humanos e não humanos, e nos permitindo ainda relações com o pensamento de Dominique Lestel (2011) em “A animalidade, o humano e as ‘comunidades híbridas’”.

Referências: BAUDELAIRE, Charles. O Albatroz. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2019/02/06/o-albatroz-charles-baudelaire-ivanjunqueira/>. Acessado em dezembro de 2021. BERGER, John. Por que olhar os animais? Portugal: Editorial Gustavo Gili, SA. S.d. KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. LAGROU, Els. “Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus”. Disponível em: <https://blogbvps.wordpress.com/2020/04/13/nisun-a-vinganca-do-povomorcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-corona-virus-por-elslagrou/>. Acessado em dezembro de 2021. LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas” In: Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Maria Esther Maciel, organização. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. SECCHES, Fabiane (org.). Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. 1ª ed. São Paulo: Editora Instante, 2022. TOKARCZUK, Olga. Sobre os ossos dos mortos. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2019.

MODERNIDADE E A GRANDE DIVISÃO: POÉTICAS DO ANTROPOCENO

Tatiana De Freitas Massuno

Resumo: Em linhas gerais, o presente trabalho visa abordar a abrangência da metáfora da “divisão” nas chamadas ficções do Antropoceno. Em termos mais específicos, seu objetivo é discutir como, em retrospectiva, essa ficção contemporânea e sua dicção metafórica podem lançar uma nova luz sobre as inovações modernistas e reorganizar a divisão estética/ética. Este trabalho é, portanto, uma proposta para analisar como o conceito de “divisão”, ou “dividir”, uma ideia que ocupa prestígio na modernidade, encontra expressão metafórica apropriada nas chamadas ficções do Antropoceno. O ultrapassamento de fronteiras, ou limites, será tomado como ponto de partida para problematizar as dicotomias que caracterizam a nossa constituição moderna. As ficções do Antropoceno, como tentativas especulativas, traçam cenários possíveis, a partir da extrapolação da constituição moderna. Ou seja, os “espaços murados” no romance "Oryx and Crake" de Atwood, os “condomínios fechados” em "Parable of the Sower" de Butler ou a linha física presente no romance "Tropic of Orange" de Yamashita, intensificam a dualidade da Modernidade. No entanto, uma vez que essas divisões, limites são levados ao extremo pelas mudanças climáticas antropogênicas, ou pelas consequências não intencionais da ação humana, os romances precisam lidar com diferentes escalas de tempo-espaço, realidades visíveis-invisíveis que afetam suas causalidades e, portanto, suas formas. Além disso, o Antropoceno, enquanto conceito revisionista, oferece um novo enquadramento para um olhar sobre as produções literárias do passado, especialmente as modernistas, através do questionamento do par estética/ética.

Referências: ATWOOD, Margaret. *Oryx and Crake*. New York: Anchor Books, 2003. ARAMAVUDAN, Srinivas. The Catachronism of Climate Change, *Diacritics* 41, no. 3 (2013). BAUCOM, Ian. Postcolonial Method and Anthropocene Time, *Cambridge Journal of Postcolonial Literary Inquiry* 1, no. 1 (March 2014). BONNEUIL, Christophe. The Geological Turn: Narratives of the Anthropocene. In: *The Anthropocene and the Environmental Global crisis: Rethinking Modernity in a new epoch*. London: Routledge, 2015, pp. 15-31. BUELL, Lawrence. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of the American Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1995. BUTLER, Octavia. *Parable of the Sower*. New York: Grand Central Publishing, 2007. CARSON, Rachel. *Silent Spring*. New York: Mariner Books, 2002. CHAKRABARTY, Dipesh. Postcolonial studies and the Challenge of Climate Change. *New Literary History*, vol. 41, n. 1, 2012. _____. The Climate of History: Four Theses. *Critical Inquiry*, Vol. 35, No. 2 (Winter 2009). CLARK, Timothy. *Ecocriticism on edge: The Anthropocene as a threshold concept*. New York: Bloomsbury Academic, 2015. DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundos por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. 2. Ed.. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2017. DODDS, Lara. “Death and the “Paradise within” in *Paradise Lost* and Margaret Atwood’s *Oryx and Crake*”. *Milton Studies*, Volume 56, 2015, pp 115-150. LATOUR, Bruno. *An inquiry into modes of existence: an anthropology of the moderns*. Cambridge: Harvard University Press, 2013. _____. *Politics of Nature: How to bring the Sciences into Democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2004 _____. *We have never been modern*. Cambridge: Harvard University Press, 1993. HAMILTON, Clive. *Defiant Earth: the fate of humans in the Anthropocene*. Sydney: Allen & Unwin, 2017. MENELY, Tobias & TAYLOR, Jesse (editors). *Anthropocene reading*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2017. MORTON, Timothy. *Being Ecological*. Cambridge: The MIT Press, 2018 _____. *Dark Ecology: For a logic of future existence*. New York: Columbia University Press, 2016. _____. *Ecology with Nature: Rethinking environmental aesthetics*. Cambridge: Harvard University Press, 2007. _____. *Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the end of the world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013. PURDY, Jedediah. *After Nature: a politics for the Anthropocene*. Cambridge: Harvard University Press, 2015. SCRANTON, Roy. *Learning to die in the Anthropocene*. San Francisco: City Lights Boostore, 2015. STENGERS, Isabelle. Accepting the reality of Gaia: A fundamental shift?. In: *The Anthropocene and the Environmental Global crisis: Rethinking Modernity in a new epoch*. London: Routledge, 2015, pp. 134-144. TREXLER, Adam. *Anthropocene Fictions: The novel in a time of climate change*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015. YAMASHITA, Karen. *Tropic of Orange*. Minneapolis: Coffee House Press, 2017.

O ANIMISMO REVISITADO

Yasmin Franca Merelim Magalhães

Resumo: As categorias ontológicas deixadas como legado epistêmico ao século XXI já não suportam as formas de existir e do estar-no-mundo contemporâneo que impelem filosofia a se reinterpelar e se alimentar de esquemas conceituais que acompanham as virtualizações, sobretudo formuladas a partir da ideia Antropoceno. Entretanto, a lírica contemporânea, como vanguarda de um modo de se conjurar o shifter do eu/nós, coloca em xeque a hegemonia epistêmica e narrativa do nexos causalista e recupera o paradoxo e a simultaneidade como substitutivos para a ordenação e classificação do mundo em sistemas estanques, pautados na relação dominante e predatória da fenomenologia do sujeito sobre (seu) objeto. Sob a inspiração de Levinas e Derrida, e evocando as potencialidades emancipatórias dos saberes ancestrais, o que está em jogo nos poemas de Creeley, Deguy e Ashbery, é um exercício de engenharia reversa sobre a grade conceitual que estrutura a tradição do Ocidente, substituindo palavras-fetice como autonomia e independência - termos-chave da subjetividade burguesa - por uma ênfase sobre as complexas tramas de interdependência, coopertencimento, dialogia entre os viventes e seu entorno, entendido não mais como um mero pano de fundo para as ações do eu, mas antes como uma entidade subjetiva no seu próprio direito, capaz, portanto, de interpelar o mundo em suas partes, e redesenhar os vínculos entre elas. Ao elevar assim a figura da apóstrofe a dispositivo central, viabilizando a possibilidade de endereçar como humano aquilo que supostamente não o é, o impacto gerado pelas supracitadas vozes poéticas dispara a inusitada rede de reverberações sobre as discussões iniciadas por Haraway, Latour e Viveiros de Castro, apontando para a urgência de uma repolitização radical do campo do sensível. Indagar como tais questões se articulam na poesia contemporânea, entendida portanto como câmara de eco dessas macro-tensões, é o que pretendo fazer nesta comunicação.

Referências: ASHBERRY, John. Auto-retrato em espelho convexo e outros poemas. Tradução Antônio Feijó. Lisboa, Relógio D'água, 1985. _____. Collected Poems 1991-2000. New York: Library of America, 2017. _____. Your name Here. New York: Farrar Strauss & Giroux, 2000. BERARDINELLI, Alfonso. Da poesia a prosa. Trad. Maurício Dias. SP: Cosac Naify, 2005. BONNEFOY, Yves. Obra Poética. Trad. Mario Laranjeira. FAPESP / Iluminuras, 1998. BOSI, Viviana. John Ashbery: um módulo para o vento. São Paulo: EDUSP, 1998. Castro, Viveiros de. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: UBU, 2017. _____. Eduardo Viveiros de Castro. Coleção Encontros. Rio de Janeiro, Azougue, 2009. _____. Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: UBU, 2018. CASTRO, Eduardo Viveiros; DANOWSK, Deborah. Há mundo por vir? Ed. ISA, 2017. CREELEY, Robert. A um. Trad. org. Régis Bonvicino. São Paulo: Ateliê editorial, 1997. CULLER, Jonathan. The theory of the lyric. Harvard University Press, 2015. DEGUY, Michel. A rosa das línguas. Trad. Marcos Siscar. SP: Cosac Naify/ 7Letras, 2004. _____. Reabertura após obras. Trad. Marcos Siscar e Paula Glenadel. Ed. Unicamp, 2010. Derrida, Jacques. O animal que logo sou. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. DETIENNE, Marcel. Os mestres da Verdade na Grécia Arcaica. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna: problemas atuais e suas fontes. São Paulo: Editora duas cidades, 1991. GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo: uma nova história da humanidade. Trad.: Marcondes, Cláudio; Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2022. HAMBURGER, Michael. A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire. Trad. Alípio Correa de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007. KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. A queda do Céu. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 2015. KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo, Cia das Letras, 2022. LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Trad. José Pinto Ribeiro. Rev. Artur. Mourão. Lisboa: Edições 70. _____. Ética e Infinito. Trad. João Gama, Lisboa: Edições 70, 1982. NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio. Oito mil anos na Amazônia Central. São Paulo: Edusp, UBU, 2022. OEHLER, Dolf. O velho mundo desce aos infernos; auto-análise da modernidade após o trauma de 1848 Junho de Paris. Trad. José Macedo. SP: Ed. Schwacz/Cia das Letras, 1999. PERLLOFF, Marjore. The dance of the Intellect. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. SISCAR, Marcos. Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade. Campinas: UNICAMP, 2010.

PÔSTERES



REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA EM PERSONAGENS FEMININAS DE TONI MORRISON E MARYSE CONDÉ: SEXUALIDADES E AFETIVIDADES NEGRAS

Alana Maria do Nascimento

Resumo: O presente trabalho pretende realizar uma reflexão comparativa entre as personagens Sula (2020), de Toni Morrison e Tituba (2022), de Maryse Condé, em relação às suas construções dentro dos romances e suas respectivas vivências: de gênero, principalmente em relação à vivência da sexualidade e estruturas de poder e raça, seja na subversão do papel destinado a uma mulher negra, seja na resistência por meio do apreço à ancestralidade. Maryse Condé (re)inventa o julgamento das bruxas de Salem e a diáspora africana pelo olhar de Tituba, uma bruxa negra escravizada e Toni Morrison apresenta uma comunidade negra e periférica pós Segunda Guerra cercada de conflitos de gênero, raça e classe pelo olhar de personagens femininas plurais, como Sula, com seus ideais de liberdade. Para pensar nessas questões interessantes aos estudos de raça e gênero, em suas representações dissidentes, o aporte teórico fica por conta de Judith Butler (2021) com a necessidade de uma construção variável da identidade da mulher como um objetivo político para uma política feminista que pense a identidade e representação de mulheres. Outra autora indispensável para essas reflexões é Lélia Gonzalez (2020) e sua categoria de amefricanidade, que procura pensar as proximidades e diferenças nas formas político-ideológicas de luta e resistência contra o racismo e sobretudo, o racismo de gênero. As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade, abre novas perspectivas para o entendimento mais profundo da parte do mundo onde ela se manifesta, seja na literatura negro-feminista dos Estados Unidos, seja na da região Caribenha. As autoras, de certa forma, dentro de narrativas aparentemente completamente diferentes, evocam questões interessantes para os estudos de raça, gênero e classe na literatura, sobretudo dos estudos de representações da sexualidade e afetividade de mulheres negras como chaves de resistência em romances de autoria negra.

Palavras-chave: gênero-raça; representação em personagens negras; autoria feminina negra

MULHERES MOÇAMBICANAS: IDENTIDADE, OBEDIÊNCIA E LIBERDADE EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA DE PAULINA CHIZIANE E MULHERES DE CINZA DE MIA COUTO

Alice Brasil Cavache

Resumo: A literatura moçambicana vem ganhando cada vez mais espaço e notoriedade em meio ao mercado editorial e aos leitores brasileiros. Diante dessa grande repercussão de autores e obras, percebemos que ainda existe um menor destaque e reconhecimento para as mulheres escritoras. Tentando compreender como se dá a representação da mulher nos romances moçambicanos narrados por vozes femininas, este trabalho pretende analisar e comparar romances de dois autores moçambicanos importantes tanto dentro do país, quanto para a comunidade literária internacional, a saber: Paulina Chiziane - uma mulher negra - e Mia Couto - um homem branco. Colocando o nosso foco nas personagens femininas presentes em cada obra, faremos um comparativo entre Niketche: uma história de poligamia (2002), de Chiziane e Mulheres de Cinzas (2015), primeiro livro da trilogia "As areias do imperador", de Mia Couto. A proposta principal deste trabalho é discutir a representação da mulher moçambicana a partir de três temáticas principais: identidade, obediência e liberdade. Observaremos de que forma esses escritores apresentam essas temáticas em suas obras e como tais aspectos auxiliam na construção dessa narrativa e na representação das personagens femininas. Para a contribuição desse estudo, tomaremos como base teórica e metodológica, Homi K. Bhaba que trabalha o conceito de identidade e cultura no livro: O local da Cultura (1998); Spivak utilizando como leitura Pode o subalterno falar? (2010), que aborda não somente a submissão do homem no geral, mas da mulher; e o conceito de gênero, a partir da leitura do livro o Segundo sexo (1970), de Simone de Beauvoir que vai discutir os fatos e mitos sobre o feminino.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana; Narradoras Mulheres; Paulina Chiziane; Mia Couto.

A PRESENÇA ÁRABE EM ÓRFÃOS DO ELDORADO, DE MILTON HATOUM

Alzileine Reis Chunha

Resumo: Alzilene Reis Chunnha – Universidade do Estado do Amazonas – CESTB/UEA – graduanda
Prof. Dr. Valter Luciano Gonçalves Villar – Universidade do Estado do Amazonas – CESTB/UEA –
Orientador A presente pesquisa tem como objetivo os estudos das representações do imigrante
árabe, elaboradas pelo escritor Milton Hatoum, quando da feitura do seu quarto romance, *Órfãos
do Eldorado* (2008). A esse romance, aliaremos, quando necessário, as reflexões de outros autores
sobre o fazer literário do escritor manauara, de descendência libanesa. Considerações essas,
espalhadas em diversas obras, de diversos críticos, estudiosos e pesquisadores. Nesse caminho,
nossos exames, ora se voltarão para as configurações literárias do homem amazônico, às voltas com
suas lidas na cidade de Manaus e com os contatos migratórios semíticos, ora se voltarão para as
ponderações críticas sobre a literatura amazonense. Para realização da nossa proposta de estudo,
nos utilizaremos do arcabouço teórico metodológico da Literatura Comparada, marcado pela ruptura
da tradição etnocêntrica, centrada nos conceitos de fonte e influência, à maneira formulada e
proposta por Silviano Santiago, Edward Said e Antonio Candido. No tocante aos materiais, nos
apoiaremos, sobretudo, nos três primeiros romances de Milton Hatoum – *Relato de um certo Oriente*
(1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005) e na leitura de alguns críticos literários, como
Davi Arriguicci Jr, Susana Scramim, Maria Zilda Ferreira Cury, Marcos Frederico Krüger Aleixo,
Benedito Nunes, entre outros, bem como nas produções dos programas de Pós-Graduação das
universidades brasileiras, que tratam da matéria, em suas respectivas propostas de pesquisas.

Palavras-chave: Literatura Amazonense; Árabe; Milton Hatoum.

A ESCRITA CARTOGRAFADA PELAS EPÍGRAFES EM "QUARENTA DIAS", DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Ana Calline Teixeira Vital

Resumo: A pesquisa buscou analisar as 37 epígrafes presentes no romance *Quarenta Dias* (2014), de
Maria Valéria Rezende, e como essas referências de categoria estética compõem a obra
internamente, criando um mapa de leituras à margem do cânone literário, ao mesmo tempo que
utiliza a voz de autores reconhecidos para evidenciar demarcações de territórios na Literatura. Na
análise das epígrafes, foi observado que a estratégia de mecanismo narrativo emulado se dava por
meio do símbolo nomeado no romance como “rua-rio”, que representa um trajeto de leituras não
percorrido pelo grande público. Por meio do exercício da escrita encenada no romance, a autora,
pela boca da personagem Alice, apresenta outras formas de ler a narrativa e, conseqüentemente, de
ler o Brasil e seus diálogos enunciativos com autores estrangeiros. Com base nessas reflexões, este
trabalho investigou também o espaço da cidade enquanto um reflexo de contradições da própria
linguagem literária e estrutura romanesca, conceitos desenvolvidos em alguns trabalhos de Bakhtin
e Volochínov (2009; 2010), e que Rancière (2014; 2017; 2018) toma em desenvolvimento pelos
conceitos de escrita, política, polícia e partilha do sensível. Além desse aporte teórico, a análise
também se ampara na crítica de Antonio Candido (2006; 2011; 2014), e na visão do teórico sobre
literatura comparada, para desenvolver a tese da construção dos diálogos de resistência e atuação
política entre Maria Valéria Rezende, os trinta e seis autores referenciados nas epígrafes, a
personagem Alice, assim como sua interlocutora Barbie e demais sujeitos enunciativos do romance.

Palavras-chave: escrita; enunciação; literatura comparada.

A VIDA (E A MORTE) COMO POSSE DO ESTADO EM O CEIFADOR, DE NEAL SHUSTERMAN

Ana Carolina Moraes da Silva

Resumo: Caracterizada como a representação de uma realidade ou sociedade imaginária opressora
e aterrorizante, a distopia é o oposto de utopia, sendo que esta acaba por retratar um gênero
artístico que representa um futuro controlado a base de violência, geralmente sob regimes políticos
totalitários. Difundida para os quadrinhos e para os cinemas, essas obras, geralmente, têm um
caráter crítico a respeito do autoritarismo, de ditaduras, da liberdade e outras questões políticas e
sociais. Um gênero que vem ganhando forma desde período pós-guerra, e que atualmente torna-se
um fenômeno em diversos meios comunicacionais, ela ressignifica e serve de alerta para tratar de
questões cruciais da nossa realidade, principalmente, levando em conta o cenário sociopolítico

mundial. Assim, o presente trabalho expõe a discussão acerca do domínio da vida humana em sociedade, na obra distópica *O ceifador* (2020), de Neal Shusterman. Dentro desse corpus, tem-se como objetivo proceder a uma discussão em torno da dimensão limítrofe entre vida e morte, o qual é designado ao Estado o poder de decidir quem morre e quem vive, a depender de como as políticas públicas vigoram no meio social. O método utilizado para a investigação, toma por base, principalmente, os textos teóricos dos filósofos Michel Foucault (1988) e Giorgio Agamben (2004), onde focaremos na vertente dos estudos de filosofia política e das teorias sociais que se preocupam com a vida enquanto objeto da política, tendo o aspecto da morte sob o “comando” do ceifador/estado como representação de tais temáticas. Da mesma maneira, estudiosos como Hanna Arendt (2012) e Gregory Claeys (2017) têm papéis fulcrais para a corroboração desse argumento. Além disso, as formas de sentenciamento e a escolha das vítimas também serão analisadas com o intuito de investigar os interesses e a “função” na sociedade.

Palavras-chave: distopia; morte; o ceifador.

MEMÓRIA, HISTÓRIA E PAISAGENS IDENTITÁRIAS EM ELIETE

Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano

Resumo: Neste Simpósio de Literatura Comparada e a Invenção de um Mundo Comum, vou apresentar pesquisa sobre o livro *Eliete: A Vida Normal* (2018), de Dulce Maria Cardoso, autora portuguesa contemporânea. A história desse seu quinto e último romance se passa basicamente em Cascais no período que vai dos anos 30 do século XX até o presente que é em 2016. A solidão e a incomunicabilidade da protagonista Eliete, assim como a alternativa de adultério diante da monotonia e do tédio do seu casamento de mais de vinte anos, associado à busca de identidade da mulher portuguesa, na sociedade patriarcal do século XX, marcada pela ditadura do Estado Novo de Salazar (1933-1974) são alguns dos dilemas apresentados. A vida privada constitui o testemunho de um tempo coletivo das mulheres dos séculos XX e XXI. Ouvimos os relatos da avó paterna, da mãe e de Eliete, criança, moça e madura, além das memórias e descrições das casas e cidades que habitaram. Há uma descrição geográfica emocional das coisas e das pessoas. Há também uma geografia política, que descreve as mudanças sofridas em Portugal, notadamente em Cascais, além das modificações no interior do pensamento e da ação das mulheres, como sujeitos desejantes e não somente objetos. A falta de estímulo, desde a infância, para que as meninas sejam livres e exerçam as atividades que quiserem, surge como uma das causas do aprisionamento, fragilidade e sofrimento das mulheres. O uso da história e da memória na construção formal do texto é um tema a ser analisado. Eliete passa da narrativa de fatos pequenos, como por exemplo, da visão da aliança no anelar esquerdo do médico, para falar sobre as mazelas do casamento, e, também, para elaborar cenas eróticas, contando suas fantasias sexuais. Suas memórias são sempre fragmentadas e cooptadas por estereótipos que nascem dentro da própria classe à qual ela pertence. A memória é usada para recuperar o passado, contando histórias, ganhando dimensão social e ampliando as experiências, com as vozes.

Palavras-chave: Memórias fragmentadas - paisagens identitárias -Eliete , Dulce Cardoso

"TRAVESTIS PERSONIFICAM O SONHO: SE ELAS EXISTEM, TUDO É POSSÍVEL." REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE TRANS, EM "NECA + 20 POEMETOS TRAVESSOS", DE AMARA MOIRA

Anderson Pinto Soares

Resumo: A literatura LGBTQIA+ vem se tornando cada vez mais reconhecida, em especial obras literárias escritas por autores trans, e agora não somente fora do Brasil, mas dentro dele. Nos dias atuais, é notável o aumento significativo de escritos em que os autores são trans. Partindo desta ideia, este trabalho tem como objetivo analisar a forma na qual trans/travestis são representadas no monólogo e nos poemas presentes na obra de Amara Moira: *Neca + 20 poemetos travessos* (O sexo da palavra, 2021). Além disso, também se fez necessário observar como a autora - que é uma escritora travesti e doutora em Letras - se autorepresenta ao definir o que significa ser travesti. Para isso, se estabeleceu uma revisão na obra de cunho autobiográfico da mesma autora, intitulada “E se eu fosse pura” (Hoo editora, 2018), buscando evidenciar os relatos que deram origem aos poemas

da obra que serve como corpus principal deste estudo, bem como, analisar as diversas questões tratadas, como a transição de gênero, o auto reconhecimento, as questões na qual as trans/travestis prostitutas são submetidas e a inclusão, destaque e importância da linguagem bajubá/pajubá para a identidade trans e comunidade LGBTQIA+. Dessa forma, não é só feita a análise da representação de personagens trans em narrativas ou poemas que as visibilizem, mas também a sua representatividade como forma de (re)existir na literatura brasileira contemporânea. Para isso, utilizaremos a teoria queer (Butler; Colling) e os estudos do espaço biográfico (Arfuch), como aporte teóricos-metodológicos. Portanto, a importância deste artigo se dá diante a reflexão em respeito à valorização, visibilidade e reconhecimento de uma literatura trans/travesti no Brasil.

Palavras-chave: Literatura Trans; Representatividade; Amara Moira.

A CIRCULAÇÃO DE PROSA DE FICÇÃO NO JORNAL PUBLICADOR MARANHENSE NA DÉCADA DE 1870

Antonia Raiane Santos Silva

Resumo: A CIRCULAÇÃO DE PROSA DE FICÇÃO NO JORNAL PUBLICADOR MARANHENSE NA DÉCADA DE 1870 Antonia Raiane Santos Silva (Uema/Campus Colinas) Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia (Uema/Campus Colinas) Resumo: Este trabalho integra o projeto “A circulação de romances entre o Pará e Maranhão na imprensa oitocentista”, coordenado pela profa. Dra. Izenete Nobre Garcia, cujo objetivo é estudar comparativamente os romances compartilhados entre as duas províncias. Já essa pesquisa, ora proposta, objetiva apresentar dados parciais do levantamento dos romances publicados ou anunciados, na década de 1870, pelo Publicador Maranhense. Esse jornal diário, dirigido e impresso em São Luis, teve grande circulação na província do Maranhão de 1842 a 1885. O recorte da década de 1870 foi realizado por se considerar que nesse momento já havia um público produtor e leitor de romances, mais consolidado tanto no Pará quanto na famosa “Atenas maranhense”. Baseado no aporte teórico da Historiografia Literária, desenvolvida nos estudos de Roger Chartier, Márcia Abreu e Pierre Bourdieu, os meios utilizados para realização do trabalho foram a coleta e análise de dados provenientes do periódico pesquisado, tendo como finalidade criar um banco de dados com as informações adquiridas. Diante dos achados, observou-se que as informações políticas e sobre a questão religiosa foram a predominância no ano de 1870, concentrando-se a presença de romances apenas nos anúncios de venda. Ali, foi possível encontrar à disposição nas livrarias da cidade: O Guarany, Os Varões ilustres do Brasil, Obras de Alvares de Azevedo. Os folhetins apareceram mais frequente somente a partir de 1871. Foi possível observar na própria estrutura do jornal como as obras publicadas foram ganhando seu espaço dentro do jornal e a partir disso tomando para si uma fama além das páginas da imprensa.

Palavras-chave: Romance; Publicador Maranhense; circulação

O NÃO-LUGAR DA LITERATURA COMPARADA: A (DIS)UTOPIA DE UMA TEORIA "CATARINENSE"

Bianca Maria de Souza

Resumo: Este pôster pretende discursar acerca dos motivos que levam a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a rejeitar a Literatura Comparada como teoria. Esta pesquisa está vinculada ao projeto de pesquisa “Teorias viajantes: Histórias da Teoria Literária no Brasil e suas correlações com América Latina (1986-2000)”, que versa sobre a institucionalização da Teoria Literária em diversas Universidades Brasileiras, dentre elas a UFSC. A metodologia se constituiu de uma pesquisa qualitativa e de análise de arquivos do DLLV (UFSC) e do Arquivo Central (UFSC), com destaque para os planos de ensino dos professores, as atas e as ementas dos cursos (Letras Neolatinas e Letras Português) ao longo dos anos de 1954-2000. É de objetivo deste pôster argumentar que a formação da universidade, visando um localismo, e a cisão entre localistas e “os de fora” (e posteriormente entre DLLV e DLLE), ademais de uma aproximação dos conceitos de nacionalismo (vide a presença de Roberto Schwarz e Silviano Santiago, além do Romantismo Alemão) e das teorias formalistas, levariam a Universidade a afastar-se das ideias teóricas da Literatura Comparada, que passaria a assumir contornos de método. Para sustentar esta empreitada, fundamentaremos nas discussões de Gerbaudo (2016), com ênfase nos conceitos de nano-intervenção, intelectuais de província e na acepção derrideana de arquivo.

Palavras-chave: Teoria Literária; Localismo; UFSC

A LITERATURA EM CAMPO EXPANDIDO E A TEORIA: ALGUMAS REFLEXÕES

BRENDA NAYARA RODRIGUES COSTA

Resumo: A teoria (literária) contemporânea é constituída por uma ampla variedade de conceitos, métodos e abordagens coexistindo, sem grandes atritos, em espaços institucionais não menos díspares. Além disso, hoje produzida em escala global, estabeleceu-se uma dinâmica descentrada e dispersa de circulação na qual grandes marcas teóricas transnacionais são lentamente substituídas por achados conceituais em micro pesquisas locais. Refletir sobre tais mudanças é a nossa proposta aqui, em especial no que refere à metamorfose desse objeto fugidio que chamamos, na falta de termo melhor, de literatura. Nossa hipótese é a de que a grande marca de nosso fazer teórico atual vamos encontrar naquilo que chamamos de contrateorias: uma pergunta/resposta do campo crítico-teórico à expansão e inespecialização contínuos, irreversíveis e heterogêneos dos objetos artísticos. Dentre tais contrateorias, destacamos a percepção/recepção da literatura em campo expandido como nosso objeto privilegiado de análise. Entendemos o conceito de campo expandido (KRAUSS) como uma demanda das mudanças no espaço das artes e mídias que tracionaram a literatura para um lugar com potencial de suspender suas fronteiras tradicionais. A literatura em campo expandido têm direcionado provocações à teoria, nos solicitando uma mudança de olhar para questões de pós-autonomia (LUDMER) e inespecificidade (GARRAMUÑO), tal como a abertura de novas vias de leitura e abordagem literárias. Assim, buscaremos compreender e analisar de que maneira a percepção/recepção literária junto a outras artes, como a música no artigo de Juliana Alves Menezes (2020), estabelecem leituras em perspectiva expandida. Este trabalho propõe refletir a expansividade literária aplicada ao ensino como efeito potente de contra(teoria literária).

Palavras-chave: teoria (literária); ensino de literatura; campo expandido.

IDENTIDADE NARRATIVA E MEMÓRIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA NA OBRA NEORREGIONALISTA: TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Bruna Oliveira Alves da Silva

Resumo: A presente pesquisa descreve os aspectos do neorregionalismo brasileiro na obra Torto Arado (VIEIRA JÚNIOR, 2019), que se configura como uma nova tendência dentro da literatura brasileira, com o objetivo de compreender a identidade narrativa e a escrita memorialista contidas na obra como instrumentos de resistência na valorização da cultura regional. O romance Torto Arado é contado por três vozes narrativas femininas por meio das quais o tempo flui através da cultura de um lugar situado na chapada da Diamantina na Bahia, nos rincões do nordeste brasileiro, uma vez que a cultura do roçado e a relação sagrada do homem com a família, com a sua fé e com a natureza destinam a uma narrativa rememorativa, na qual o autor leva a vislumbrar o modo de vida e os saberes ancestrais de uma comunidade quilombola cujas tradições e heranças vão sendo repassadas de geração em geração. Para desenvolver essa análise, segue-se uma abordagem qualitativa, em que a fonte dos dados coletados é de cunho bibliográfico, o que implica em leitura, reflexão e discussão dos princípios teóricos da pesquisa a partir das concepções sobre regionalismo brasileiro, espaço, cultura, memória e identidade. Essa investigação busca descrever e analisar os fenômenos culturais em relação a identidade e memória e refletir de que forma isso atua na sociedade moderna. Para a realização do trabalho, foram utilizados como base teórica, os seguintes autores: Brandão (2000), Brito (2017), Candido (2000), Goof (2003) e Ricoer (2014). Os resultados obtidos apontam que o livro analisado contribui para o não apagamento das tradições culturais e, por isso, é um forte instrumento de resistência à homogeneização, já que se constata que as narrativas memorialistas são uma nascente da preservação do patrimônio e do imaginário cultural, pois o enredo e a memória discursiva das personagens representam a alma, a origem e a história do povo brasileiro.

Palavras-chave: neorregionalismo; memória; cultura.

CRIME E CASTIGO, CURTA-METRAGEM ANIMADO DE PIOTR DUMALA: UM ESTUDO SOBRE ADAPTAÇÃO LITERÁRIA

Bruna Silva Ramos

Resumo: O presente trabalho tem como foco investigar como se desenvolveu a intertextualidade entre o romance Crime e Castigo e a adaptação cinematográfica de mesmo nome, do animador e diretor polonês, Piotr Dumala. Buscou-se compreender o processo de adaptação e o diálogo estabelecido entre essas duas obras, identificar seus principais elementos focando nas semelhanças existentes entre as duas narrativas, utilizando os conceitos oferecidos pela Literatura Comparada. Também foi realizada uma extensa revisão bibliográfica, a fim de compreender o romance, bem como as particularidades da adaptação e da linguagem cinematográfica. Dentre os resultados da análise, foi possível identificar as estratégias utilizadas pelo diretor para adaptar um romance tão complexo para uma animação de curta duração, bem como aspectos importantes dessas duas narrativas.

Palavras-chave: Intertextualidade. Adaptação cinematográfica. Animação. Dostoiévski. Piotr Dumala.

A SILHUETA OFUSCADA: O EROTISMO FEMININO EM ANGÉLICA FREITAS E ADÉLIA PRADO

Camila Macedo Telles

Resumo: A figura feminina dentro da literatura canônica foi construída a partir de uma cultura social e patriarcal comandada, em grande parte, por homens com prestígio social que construíram a imagem da “mulher ideal”, que, na maioria das vezes, era uma mulher submissa, obediente e sem desejos. Atualmente, as mulheres têm conquistado cada vez mais voz e espaço, atuando como figura sociopolítica e sociocultural e conseguindo criar autorrepresentações mais plurais e diversas, além de trazerem para a literatura a representatividade feminina. Importantes autoras vêm abordando o erotismo e a identidade feminina como uma maneira de expressão artística e de resistência. Com isso, este trabalho visa analisar as relações entre as imagens de erotismo e as representações da mulher na poesia brasileira contemporânea. Com o objetivo de analisar a forma como as poetisas trabalham o conceito de sexualidade e erotismo feminino, como também, abrem o espaço para a ótica da mulher e a tira de um lugar de invisibilidade. Para tal, utilizaremos como corpus os livros de poemas Bagagem (1986), de Adélia Prado e “Um útero no tamanho de um punho” (2012), de Angélica Freitas (1973), levando em consideração as diferenças socioculturais e etárias das duas poetisas. Utilizaremos como aporte teórico-metodológico a pesquisa bibliográfica e a discussão dos conceitos centrais: gênero e erotismo. Para pensar o conceito de gênero, partiremos de Simone de Beauvoir, Segundo sexo (1970). O conceito de erotismo será discutido a partir de Georges Bataille, O erotismo (1987), e Susan Sontag, A imaginação pornográfica (2004), além da fortuna crítica produzida sobre as poetisas. Assim, pretendemos questionar o cânone literário brasileiro tradicional, construído pela cultura patriarcal e apontar como o erotismo é um aspecto importante na construção da representação/representatividade feminina, trazendo diferentes imagens eróticas na poesia escrita por mulheres.

Palavras-chave: Erotismo; Poesia feminina; Adélia Prado; Angélica Freitas.

LITERATURA E ARTES NA APRENDIZAGEM DE ESPANHOL NAS ESCOLAS EM UM MUNICÍPIO DE FRONTEIRA

Carolina Mendes Suchoi

Resumo: O objetivo do projeto “Vivendo Livros” é implementar e enraizar a Biblioteca para a infância e juventude iguaçuense (BIJI) na região da tríplice fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai), a partir de mediação de leitura literária. Para cumprir este propósito, desenvolvemos práticas de leitura literária com o intuito de promover o encontro dos leitores com a literatura infantil em língua espanhola nos 2o. e 4o. anos do ensino fundamental em escolas vizinhas à biblioteca. Os encontros foram planejados a partir de 3 momentos: ambientação (preparamos o ambiente de leitura para acolher leitores e favorecer a entrada no ambiente mágico da ficção), leitura em voz alta (contínuas ou com paradas para a conversa) e, posteriormente, favorecemos o encontro com as metáforas e os sentimentos, conversando coletivamente e buscando simbolizar a experiência vivenciada. Especificamente na ação descrita, cumprimos dois objetivos: 1) a formação do leitor literário e 2) a

aproximação com o espanhol língua adicional oral e escrita. Por meio da leitura em voz alta, primeiro em português e depois em espanhol, procuramos criar e aumentar o repertório para a compreensão das histórias narradas e na sequência propusemos retextualizações em diferentes gêneros textuais. Nos 2o. anos, cada criança confeccionou um “caderninho para ler com as mãos” e, nos 4º anos, produzimos coletivamente um “jornal mural”, a partir dos gêneros jornalísticos (notícia, cruzadinha, classificados etc). Como conclusão, por meio das artes e percepções construídas na leitura foi possível observar certa transformação na estrutura escolar, pois valorizamos a Imaginação e Criação (Vigotski, 2009), além disso, verificamos que, espontaneamente, as crianças traduziam as palavras, frases, expressões e os mediadores notaram que não era mais necessário ler em português e, finalmente, pontuamos que durante as conversas literárias os estudantes alternavam as línguas como situação linguística comum na região de fronteira.

Palavras-chave: Literatura infantil, Ensino de Espanhol, Formação de Leitores.

DÁ PÁGINA À TELA: O QUE SE DIFERENCIA E O QUE SE ASSEMELHA NA COMPOSIÇÃO DE UMA MESMA PERSONAGEM EM NARRATIVAS DE DIFERENTES MÍDIAS?

Cintia Tavares Saviam

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise comparativa de duas personagens literárias em relação a sua adaptação cinematográfica, baseando-se nos estudos de “figuração” e “sobrevida”, do professor e ensaísta Carlos Reis. Desse modo, ao analisar os recursos narrativos (retórico-discursivos, e dispositivos de ficcionalização) utilizados na figuração das personagens nos textos literários e cinematográficos, o que se assemelha e o que diverge de um texto para outro? Como essa composição é feita? De que forma os conceitos de “sobrevida”, contemplam as duas personagens? E ainda, seriam essas personagens perpetuadoras de “estereótipos” e “clichês” preestabelecidos pela tradição nos textos narrativos? O material escolhido para a análise são dois romances da literatura portuguesa contemporânea, da autora Lídia Jorge: “A Costa dos Murmúrios”, publicado em 1988, e “O vento Assobiando nas Gruas”, publicado em 2002. Tendo em mente que a primeira obra já fora adaptada para o cinema pela diretora Margarida Cardoso em 2004, e a segunda também se tornará filme pelas mãos da diretora Jeanne Waltz, com previsão de estreia para o ano de 2023, intenciona-se observar de que modo a composição da figuração das duas protagonistas Evita (A Costa dos Murmúrios) e Milene Leandro (O Vento Assobiando nas Gruas), são feitas na narrativa literária e na narrativa cinematográfica, e até que ponto esses processos se assemelham e/ou divergem. O estudo também terá como intuito discutir sobre como ocorreu a evolução composicional das narrativas através do tempo, e consequentemente, da figuração das personagens. Além de pensar de que forma a evolução tecnológica levou a humanidade a criar diversos meios de expressão narrativa, tais como as produções audiovisuais e as narrativas transmídia.

Palavras-chave: Personagem, narrativa, figuração, sobrevivida, literatura portuguesa contemporânea, cinema.

ANTOLOGIA TINTA: PREFÁCIO ÀS LITERATURAS AMEFRICANAS

Clara Arcanjo de Sousa

Resumo: A presente pesquisa, dedicada a uma análise de poemas constantes na antologia “Tinta: poetisas afrodescendentes” (2016), visa a aprimorar uma compreensão do lugar, enquanto noção na base de construções identitárias próprias à mulher amefricana. Para tanto, este trabalho parte de uma análise que tem como base as produções literárias do gênero poesia, em específico a afro-uruguaia, para propor uma análise dos poemas “140.000 al fondo del mar”, de Eli Rodríguez, e “Tinta”, de Sabrina Paula Silva Lozano, estes publicados na obra Tinta: poetisas afrodescendentes, por meio do exame dos processos identitários observáveis nos poemas, como processos próprios à mulher amefricana. O desenvolvimento desta pesquisa de Iniciação Científica, juntamente com o docente orientador, busca em específico realizar uma revisão bibliográfica de textos científicos consultados em acervos nacionais e internacionais de língua espanhola, textos contribuintes para os estudos na área dos Estudos Literários. No decorrer desse primeiro ano de pesquisa, prevê-se o estabelecimento de bases epistemológicas aos procedimentos de pesquisa, rumo à construção de

análises literárias em diálogo com o corpus delimitado e à contribuição para a formação pedagógica, conforme a lei 10.639/2003 e suas condições de aplicabilidade no ensino de literaturas amefricanas em sala de aula. Ademais, considera-se o lugar amefricano como formador de conhecimento, partindo da violência na formação histórica de lugar e na identificação de um pertencimento a esse lugar, por parte da mulher amefricana no Uruguai. Esta comunicação conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí - FAPEPI.

Palavras-chave: Antologia tinta; Poesia afro-uruguaia; Amefricanidade;

INVISIBILIDADE E NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM DESESTERRO

Dalva Ribeiro Vieira

Resumo: Nesta comunicação, apresentarei os resultados de uma pesquisa de mestrado, em andamento, que investiga a representação da opressão, violação dos corpos femininos e maternidade nos romances *Desesterro* (2015), de Sheyla Smanioto e *Sinfonia em branco* (2001), de Adriana Lisboa. Para isso, partimos de discussões de autoras (es) como Silvia Federici (2017), Butler (2015), Eurídice Figueiredo (2020), Heleieth Saffioti (1986, 2004), Achile Mbembe (2016), Jaime Ginzburg (2017) e Silvio Almeida (2021). Como recorte das análises realizadas, compartilharei discussões que tematizam a representação da violação de gênero na obra *Desesterro*, que narra violências sofridas por quatro gerações de mulheres, que vivem sem acesso aos direitos fundamentais, evidenciando o funcionamento da necropolítica em locais de vulnerabilidade social. Persigo as seguintes questões: O poder do estado atua da mesma forma no centro e na periferia, garantindo a todos os indivíduos condições básicas de sobrevivência? Sua atuação ou omissão contribuem para a invisibilidade e naturalização da violência de gênero? Faço hipótese de que, nas cidades fictícias de Vilaboinha e Vila Marta, onde a história se passa, as vidas sequer são consideradas vidas. Não são, como afirma Butler (2015), vidas passíveis de serem enlutadas e, portanto, o estado se omite no sentido de criar as condições necessárias para suas existências, produzindo, assim, uma política de morte, deixando morrer. De acordo com Silvio Almeida, “políticas de austeridade e o encurtamento das redes de proteção social mergulham o mundo no permanente pesadelo do desamparo e da desesperança. [...] Sob as condições objetivas e subjetivas projetadas no horizonte neoliberal, o estado de exceção torna-se a política vigente (Almeida, p. 2021, p. 95). As personagens femininas retratadas no romance vivem, portanto, cotidianamente, em estado de exceção.

Palavras-chave: Literatura; Violência; Gênero

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NOS ROMANCES OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS, DE ANTONIO TORRES, E ESTIVE LÁ FORA, DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Daniela Sousa da Rocha

Resumo: A pesquisa que segue tem como objetivo realizar uma análise comparativa das construções identitárias dos protagonistas das obras literárias *Os Homens dos Pés Redondos* (1979), autoria de Antonio Torres, e *Estive lá fora* (2012), autoria de Ronaldo Correia de Brito, partindo das perspectivas teóricas do filósofo francês Paul Ricoeur acerca dos elementos da narrativa de ficção. Ambos os romances são ambientados em contextos de ditadura militar. Porém, publicados em períodos distintos da contemporaneidade, trazem diferentes formas de abordagem em suas narrativas, bem como nas ações dos personagens, já que um foi publicada pela primeira vez ainda durante a ditadura brasileira e o outro publicado mais recentemente. Tanto um quanto outro protagonistas vivem conflitos de identidade relacionados a questões políticas e religiosas, gerados pela influência da memória, e que os levam a pensar em tomar atitudes extremas, como assassinar o patrão e tirar a própria vida. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo de abordagem e, sendo assim, diante do tipo do estudo a ser desenvolvido, será realizada uma análise hermenêutica ricoeuriana. Para Ricoeur, a linguagem possui meios específicos que nos possibilita qualificar indivíduos. Ele propõe que a identidade pessoal somente articula-se dentro de uma dimensão temporal. E é a partir dessa ideia que surgem os conceitos de identidade *idem*, ou mesmidade, e identidade *ipse* ou ipseidade. Estes são conceitos base para o entendimento da formação da identidade narrativa. Logo, será por meio do estudo da narrativa que investigar-se-á a respeito da identidade dos respectivos

protagonistas. Além de RICOEUR (1990, 2007, 2010, 2014), outros teóricos serão utilizados no desenvolvimento da pesquisa, entre eles, BRANDÃO (2013), BRITO (2017), POLLAK (1992).

Palavras-chave: Ditarura, Memória, Identidade, Espaço

TRANSFIGURAR O TRAUMA, A AUSÊNCIA E A VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA PERSONAGEM VITÓRIA EM "ESSA DAMA BATE BUÉ" DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO

Danila da Silva Gonzaga

Resumo: A escrita memorialística é um marco nos romances produzidos na Literatura Portuguesa contemporânea. Portanto, ao adotarem diferentes maneiras para abordar temáticas sobre a memória e utilizarem estratégias como a narração em primeira pessoa e a figuração de um laço fraterno distante, faz com que as produções memorialísticas possuam em comum a busca ontológica motivada, por vezes, pelo trauma e trazida à tona pelo processo de rememoração “uma memória ativa que transforma o presente (GAGNEBIN, 2006)”. Este trabalho possui como um dos objetivos analisar a construção da memória em um espaço de transitoriedade vivido pela personagem Vitória em “Essa dama bate bué (2017)” de Yara Nakahanda Monteiro, autora angolana contemporânea. Além disso, a pesquisa busca entender os desdobramentos da memória motivados pela rememoração e reminiscência da presença-ausência de sua mãe que é também uma busca por sua identidade em uma Luanda onde “tudo mata” (MONTEIRO, 2017). Esta proposta faz parte da pesquisa “Outros corpos, outras memórias: escritores negros na literatura portuguesa contemporânea”, com bolsa CNPq, sob a orientação da Profa. Dra. Roberta Guimarães Franco (FALE-UFG). Sendo assim, por meio de uma análise crítica, partindo, dentre outros teóricos, pelos estudos sobre reminiscência e rememoração em Walter Benjamin (1985) e Jeanne Gagnebin (2006), e pela obra de Stuart Hall, “Da diáspora: identidades e mediações culturais” (2003), pretende-se compreender as dificuldades encontradas por Vitória, para a construção de uma identidade sólida diante das dinâmicas da pós-colonialidade.

Palavras-chave: Literatura portuguesa contemporânea; Escritores negros; Migração

A CIRCULAÇÃO DE PROSA DE FICÇÃO NO JORNAL DIÁRIO DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1870

Diêgo Ferreira de Sousa

Resumo: Este trabalho, cujo objetivo é apresentar resultados de pesquisa realizada no jornal Diário do Maranhão, faz parte do projeto “A circulação de romances entre o Pará e o Maranhão na imprensa oitocentista”, coordenado pela profa. Dra. Izenete Garcia. Adotando-se uma abordagem historiográfica, mapearam-se os romances publicados e anunciados na década de 1870 no referido jornal. A metodologia utilizada propõe uma abordagem mista, de tipo bibliográfica e exploratória, na qual foram quantificadas e analisadas as prosas de ficção publicadas no Diário do Maranhão no ano de 1870, com a finalidade de construir um banco de dados para cotejar com as narrativas publicadas nos periódicos do mesmo período no Pará. Seguindo a leitura e a análise desse periódico, observou-se a presença de autores renomados na História da Literatura, tais como: Pinheiro Chagas, Alberto Pimentel, Christovão de Sá (recorrentes nos folhetins do Diário do Maranhão); e autores franceses e portugueses, como: Júlio Verne, Victor Hugo, Camões, Camillo Castelo Branco (presentes em anúncios). Diante desses dados, este trabalho objetiva apresentar dados parciais de pesquisa à luz da fundamentação teórica da Historiografia literária com os estudos de ABREU (2002), CHARTIER (1991, 1998) e GARCIA (2007)

Palavras-chave: Palavras-chave: romance; Diário do Maranhão; circulação

EURYDICE E OUTROS ELEMENTOS DA NATUREZA EM POEMAS DA OBRA NO TEMPO DIVIDIDO, DE SOPHIA ANDRESEN

Emilly Farias Costa

Resumo: No ano de 1954, durante a Ditadura Salazarista em Portugal, Sophia de Mello Breyner Andresen publica a obra “No Tempo Dividido”, a qual apresenta a busca do poeta por uma pátria perdida, critica a devastação da natureza provocada pelo homem e exige a liberdade perante o

tempo de exceção no campo político, mostrando as imagens poéticas encontradas na natureza. A presente proposta é resultado de uma pesquisa de iniciação científica, tendo por objetivo analisar as figuras de Orfeu e Eurydice presentes nos poemas "II - Eurydice" e "Soneto de Eurydice", pertencentes à obra citada, os elementos mitológicos, as vozes de Orfeu e Eurydice como sujeitos poéticos, utilizando as teorias ecocríticas como embasamento teórico. A construção proposta utiliza uma metodologia de caráter bibliográfico e, dentre as obras estudadas, destaca-se "A Ecologia: grito da terra, grito dos pobres", de Leonardo Boff (1995), "As três ecologias", de Félix Guattari (1989), "O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do Totalitarismo", de Fernando Rosas (2001) e "A presença da Mitologia Clássica e o pensamento filosófico no regresso à Grécia de Sophia M. B. Andresen", de Miguel Vieira (2014) como algumas das obras que respaldam a discussão proposta.

Palavras-chave: No tempo dividido; Sophia de Mello Breyner Andresen; Ecocrítica.

CARTAS POTIGUARAS EM DOIS TEMPOS

Érica Damasceno das Mercês

Resumo: O trabalho proposto tem como objetivo apresentar o resultado da pesquisa sobre as cartas escritas pelos chefes potiguaras no século XVII, desenvolvida através do projeto Cartas dos Povos Indígenas ao Brasil, coordenado e orientado pela Prof^a. Dr^a. Suzane Lima Costa na Universidade Federal da Bahia. Para tanto, são colocadas em perspectiva duas cartas: a primeira, escrita em 1645 pelo chefe potiguara Pedro Poti em resposta ao seu correspondente português e, também, parente, Antônio Felipe Camarão (LIMA, 1990, p. 65); a segunda carta, datilografada por Eliane Potiguara no ano de 1987 em resposta ao Brasil, destinatário fugaz e representado por entidades dissolúveis. Assim, ambas as cartas estão relacionadas pela origem comum Potiguara e o papel de líderes na defesa dos direitos do seu povo, manifestando não só a si próprio como aos outros (FOUCAULT, 1992, p. 149). A pesquisa, de cunho exploratório e bibliográfico, foi realizada a partir da leitura de cartas escritas pelos potiguares do século XVII e das mais recentes escritas por líderes do povo. O trabalho se justifica na expectativa de destacar as lacunas que a história dos Potiguara da Baía da Traição têm enfrentado em termos de preservação de cultura e costumes, de forma que se mostre uma outra face da alteridade do povo (CASTRO, 2016, p. 02).

Palavras-chave: Cartas; Indígenas; Potiguara; Bem-viver.

CURRÍCULO E TEORIA LITERÁRIA NA REDEMOCRATIZAÇÃO: A UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Érica Milani Dellai

Resumo: A Teoria Literária teve, a partir da década de 1960, seu período de maior expansão nas universidades brasileiras. Nesse mesmo período (1964-1985), o país vivenciou os anos repressivos da Ditadura Militar, fazendo com que a Teoria Literária sentisse diretamente seus impactos. Esta pesquisa, desenvolvida a partir do projeto "Teorias viajantes: Histórias da Teoria Literária no Brasil e suas correlações com América Latina (1986-2000)", inicia um esboço da disciplina de Teoria Literária nos cursos de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante o período de redemocratização. Para isso, parte-se do referencial teórico de Gerbaudo (2016), que utiliza os conceitos derridianos de 'arquivo' e 'exumação', juntamente com o 'campo científico', de Bourdieu. O objetivo é elaborar um banco de dados da disciplina possibilitando a construção de uma História da Teoria Literária no Brasil. A metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa de análise de arquivos disponíveis no Departamento de Ciência da Literatura (UFRJ) e na Diretoria de Ensino de Graduação (UFRJ), além de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Os documentos revelaram alguns embates e discussões em torno da tentativa de reforma curricular dos cursos de Letras da UFRJ, reforma essa que demorou 30 anos para sair do papel. Dentre os principais pontos encontrados temos a defesa da obrigatoriedade da disciplina Literatura Comparada, a vontade de criação de um currículo interdisciplinar e a ausência de debates quanto ao conteúdo das ementas de Teoria Literária. A hipótese formulada é de que as teorias pós-estruturalistas tenham

entrado no currículo via disciplinas de Literatura Brasileira e Literaturas Africanas, não via Teoria Literária.

Palavras-chave: Teoria Literária; UFRJ; Redemocratização

ASPECTOS DE RESISTÊNCIA NA OBRA "DER LAUTLOSE AUFSTAND": UM RECORTE SOCIAL DA ALEMANHA NO REGIME NAZISTA

ERIKA SUELLEN PEREIRA FARIAS

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise dos aspectos de resistência na obra "Der lautlose Aufstand" (A Revolta silenciosa), inicialmente escrita pela poetisa, filósofa e historiadora alemã, Ricarda Huch e anos mais tarde, em 1953, editada e publicada por Günther Weisenborn, dramaturgo e contador de histórias. "Der lautlose Aufstand" é a primeira obra que relata as formas de resistência alemã contra o regime nazista, embasado em materiais históricos, estatísticas da Gestapo (polícia secreta alemã), arquivos da "Volksgerichtshofes" (Tribunal do Povo) e relatórios dos próprios grupos de resistência. Durante o período nazista, o escritor alemão Frank Thieß criou o termo "Innere Emigration" (Emigração Interior) para designar a postura adotada por diversos intelectuais alemães, entre eles Elisabeth Langgässer, Werner Bergengruen, Reinhold Schneider e Ricarda Huch, ao permanecerem em solo germânico produzindo literatura diante do regime totalitarista. Esse movimento provocou o apagamento de muitos mártires que lutaram para libertar a Alemanha do nacional-socialismo. Huch, por exemplo, pediu desligamento da universidade que lecionava, pois corria risco de vida por conta dos seus escritos que exaltavam a malignidade de Hitler e o que estava acontecendo no III Reich. Dessa forma, busca-se evidenciar as diversas formas de resistência dos alemães contra o regime nazista, propondo-se como hipóteses: i) a falta de reconhecimento dos opositoristas ao regime nazista; ii) a fidelidade dos valores e crenças dos opositores ao nazismo; iii) o movimento de resistência alemã foi tratado como alta traição pelo Estado e sociedade. Assim, o trabalho realizado será feito através de pesquisa qualitativa, a qual será estruturada a partir de levantamento bibliográfico e de cunho descritivo. Ademais, é intuito deste trabalho apresentar contribuições para literatura acerca do reconhecimento do discurso de não omissão, a saber resistência, da sociedade alemã frente ao nazismo.

Palavras-chave: resistência; literatura alemã; regime nazista

LITERATURA FANTÁSTICA E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS: UMA PROPOSTA PARA ENSINO DE LITERATURA A PARTIR DE CONTOS FANTÁSTICOS PERNAMBUCANOS

Ester Cardoso da Silva

Resumo: A literatura é um bem cultural indispensável para a nossa formação, pois, além de nos levar a fruição, ela nos forma, nos humaniza. Candido (2012) aborda a literatura como um direito, portanto, assim como temos direito à moradia, comida, saúde etc., também temos direito à arte e à ficção literária. No entanto, geralmente, as classes mais desfavorecidas são privadas desse direito de usufruir e mergulhar no universo literário. De acordo com essa perspectiva, pensemos: se a literatura é um direito de todos, qual o lugar que ela ocupa na escola, tendo em vista o papel essencial desse espaço na formação de leitores literários? De acordo com Soares (1999), há dois tipos de escolarização do texto literário: a adequada, que leva em consideração os conhecimentos de mundo dos alunos e que colabora com as práticas de leitura do dia a dia; e a inadequada, que falsifica e deturpa a essência do texto literário. A má escolarização da literatura faz com que os alunos tenham aversão aos livros, que vejam a literatura como algo obrigatório, inalcançável e sem sentido. A partir dessas elucubrações, o objetivo desta pesquisa será refletir sobre os desafios da leitura literária no espaço escolar e apresentar uma proposta de letramento literário a partir da literatura fantástica pernambucana. Para tanto, utilizaremos os contos fantásticos do autor pernambucano Roberto Beltrão. Esperamos trazer reflexões e diálogos sobre como superar os desafios do ensino de literatura e sobre como podemos olhar para além do cânone, de modo a perceber como nossa literatura é rica, diversa, e pode ser utilizada em sala de aula como um meio para fomentar a imaginação e a criatividade dos estudantes. A pesquisa fundamenta-se em autores como Candido

(2012); Cosson (2014); Freire (2001); Soares (1999); Todorov (2009 e 2017), entre outros pesquisadores.

Palavras-chave: Literatura fantástica. Ensino de literatura. Leitura literária. Letramento literário. Contos de assombração.

TRABALHA NO NEGÓCIO DA POESIA? ASPECTOS POÉTICO-LITERÁRIOS EM CANÇÕES DE ADRIANA CALCANHOTTO

Everton Alexandre Carneiro Anunciação

Resumo: Poesia e música, desde os tempos mais remotos, apresentam uma relação estreita. Sabe-se que da Antiguidade até a Idade Média essas duas artes eram inseparáveis: a poesia era feita para ser cantada. É apenas com o advento da Idade Moderna, com a preponderância da escrita, que sobressai a distinção entre poesia escrita e poesia cantada. Seguindo os trilhos de suas origens, no Brasil, a música popular e a literatura mantêm relação intrínseca. Segundo Wisnik (2004), após Vinícius de Moraes migrar da poesia para a canção, os limites entre música e poesia na cultura brasileira foram rasurados. No entanto, parte da crítica ainda questiona o tratamento que se dá à canção, ao considerá-la poesia, destacando características formais e alegando que, para o cancionista, não importa tanto o que é dito, mas a forma como se diz. Em contraponto, outros pesquisadores defendem que é possível compreender a canção como poesia, ao analisá-la como arte da palavra. Desse modo, torna-se possível pensar um estudo no campo da melopoética, área de estudos sugerida pelo húngaro Steve Paul Scher (1968), cujo interesse é investigar as aproximações entre música e literatura. Assim, apoiada nas contribuições de Tatit (2002, 2004), Wisnik (2004, 2019), Paz (1982) e outros teóricos e críticos da literatura e da canção, a presente pesquisa tem por objetivo estudar os aspectos poético-literários que compõem a obra da cantora e compositora brasileira Adriana Calcanhotto (1965-) — através de categorizações organizadas a partir das temáticas encontradas na obra da compositora; em cada bloco categórico, foram selecionadas canções que dialogam com o tema identificado — observando as possíveis relações intertextuais com a literatura nacional, influências literárias na produção de seu cancioneiro e, sob a perspectiva das teorias e críticas da literatura e da cultura, analisar na produção da cantora, as aproximações e distanciamentos entre música e poesia.

Palavras-chave: literatura; música popular brasileira; Adriana Calcanhotto.

O ANTI-HERÓI E A IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA NA OBRA MACUNAÍMA

Fabiana Dos Santos Pereira

Resumo: RESUMO: Neste artigo, apresentamos o modo como a identidade cultural brasileira é abordada na obra literária Macunaíma, particularizando sua contribuição como instrumento de construção da identidade cultural do povo brasileiro do folclore, crenças e mitos. Objetivamos aqui, expor e analisar os elementos culturais que compõem a identidade nacional presente na obra, tomando como material de análise a obra “Macunaíma: um herói sem nenhum caráter” de Mário de Andrade, tendo como pressuposto a teoria formação literária de Antônio Candido, em confronto com o período modernista. Buscou-se analisar os elementos culturais brasileiros em relação ao contexto sociopolítico e histórico acerca da obra. De posse das análises, podemos pontuar que a obra retrata não somente aspectos pertinentes ao período modernista, mas também, nos traz elementos culturais que ainda encontram-se presentes no atual contexto cultural do país, dentre eles o falar brasileiro, usos e costumes folclóricos, crenças e mitos populares que mantêm viva a literatura brasileira. Assim sendo, inscritos nas teorizações Candidiana (2008), com a propositura de que “esta obra analiticamente apresenta inesgotáveis perspectivas de análise”, apontamos à correlação do movimento modernista com a obra, pontuando que a obra “Macunaíma: o herói sem nenhum caráter” de fato contempla os traços culturais e sociais que descrevem a identidade deste país e expressam as características deste movimento literário. Mario de Andrade, através de uma escrita moderna e local, soube muito bem como aproveitar aquilo que lhe empurraram como influência “nacionalista” na arte literária. Os resultados desta análise apontam que os elementos culturais apresentados na obra de Mario de Andrade contribuem para a construção da identidade literária

cultural brasileira, a partir dos diálogos, lendas e crenças, pautadas no contexto em que a trama acontece e nas características do personagem principal.

Palavras-chave: Nacionalidade; Literatura; Modernismo.

DA TAVERNA PARA O INFERNO: A TRANSMIDIAÇÃO EM "UMA NOITE EM L'ENFER" DE DAVI CALIL

Filipe Rosa dos Santos Dias

Resumo: No quadrinho "Uma noite em L'enfer", de Davi Calil, percebemos que há uma transmidiação do romance ultrarromântico "Uma noite na Taverna", de Alvares de Azevedo, cujo enredo trata de cinco amigos que se reúnem para evocar histórias sombrias de amor e morte, porém, transfigura os personagens do romance (Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann, Johann e Artur) em pintores que mudaram o panorama da arte ocidental (Vincent Vang Gogh, Paul Gauguin, Gustav Klimt, Francisco Goya e Henri de Toulouse Lautrec). Além das adaptações da linguagem do romance para o quadrinho, percebemos ainda, que, durante as evocações de cada pintor, ocorre uma alusão aos seus processos pictóricos, que vão acrescentando novos planos narrativos. Desse modo, o presente trabalho busca analisar, em primeiro plano, os procedimentos estéticos empregados na transmidiação do romance Noite na Taverna, para o quadrinho "Uma noite em L'enfer", de Davi Calil, e, num segundo plano, analisaremos o modo como Davi Calil faz transmidiação de alguns procedimentos da linguagem pictórica. Para realizarmos essa análise, investigaremos os processos intermediários, apontados por Irina Rajewsky (2012) e Lars Elleström (2017), e o funcionamento da linguagem dos quadrinhos que foram delimitados por Thierry Groensteen (2015), Barbara Postema (2016) e outros autores em pesquisa.

Palavras-chave: Intermedialidade; quadrinhos; romantismo; linguagem pictórica.

FACES DE LILITH, DE EVA E DE MARIA NA PERSONAGEM DAS DORES/SAÚVA, DE HISTÓRIAS DO RIO NEGRO, DE VERA DO VAL

Flávia Tôres Martins

Resumo: A mulher, na literatura, tem várias faces atribuídas ao seu comportamento e foi escrita, até a atualidade, com marcas da percepção masculina sobre o feminino. É com esta inquietação que escolhemos realizar uma investigação das figuras mitológicas judaico-cristãs de Lilith, de Eva e de Maria para a construção de estudo comparado sobre as trajetórias femininas das personagens ribeirinhas de Vera do Val, com destaque, aqui, para a personagem Das Dores /Saúva dos contos de "Histórias do Rio Negro", de Vera do Val (2011). Para a realização deste estudo bibliográfico e da análise literária, recorreremos aos dicionários literários de Brunel (1997), Jean Chevalier (1999), Georges Hacquard (1996), Mário da Gama Kury (2008) e também a Thomas Bulfinch, em "O Livro de Ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis" (2006); a trabalhos acadêmicos sobre as figuras mitológicas judaico-cristãs de Lilith, de Eva e de Maria em estudos comparados, nos trabalhos de Ana Maria Leal Cardoso (2011), com "Deusas, bruxas e serpentes: as faces do feminino na ficção de Alina Paim", e de Ester Zuzo Jesus (2015), de "O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora". A partir das leituras acima, observamos a presença das diferentes faces femininas, desde a rebeldia e o silenciamento de Lilith, passando pelo rompimento de Deus com o homem por Eva e a renovação e a santificação da imagem da mulher através da concepção de um salvador da humanidade pela Virgem Maria. Destas descobertas, passamos à análise da personagem chamada de Das Dores e de Saúva, a qual, em sua trajetória de vida e de amores, é mulher das três faces: Lilith, Eva e Maria, sendo transgressão, submissão/ruptura e divindade/santidade.

Palavras-chave: literatura amazônica; feminino; conto.

O TEATRO COMO FRUIÇÃO E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: UMA (POSSÍVEL) LEITURA DE "SENHOR REI, SENHORA RAINHA", DE BENJAMIM SANTOS

Franciellen Santos Francese

Resumo: Benjamim Santos é um dramaturgo, filósofo, jornalista, professor, poeta, diretor, roteirista, encenador e crítico de teatro nascido na cidade de Parnaíba no estado brasileiro do Piauí. O artista se destacou como um dos líderes do movimento de renovação do teatro infantil que ocorreu nos

anos de 1970. Naquele período, recebeu diversos prêmios, entre os quais se destaca o “Troféu Mambembe de Melhor Autor”, em 1977 e 1979. Os textos dramáticos de Santos são, fundamentalmente, direcionados para crianças. Suas produções compõem o livro “Teatro Infantil”, peças teatrais escritas nos anos de 1970 e encontravam-se dispersas até que, em 2018, a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), uma fundação do governo brasileiro ligada atualmente ao Ministério da Cidadania, resolveu reuni-las e editá-las em um único volume; corroborando, assim, com o trabalho de pesquisadores, apreciadores, professores e profissionais que se dedicam ao gênero dramático infantojuvenil. Diante desses aspectos, emerge o objeto de estudo desta pesquisa. Das onze peças que compõem a obra Teatro Infantil (2018), foi escolhida a obra “Senhor Rei, Senhora Rainha”. A justificativa repousa no fato desta peça ser a primeira produção dramatúrgica de Benjamim Santos. Além desse fato, com esta obra, o artista participou e venceu, em 1971, no Rio de Janeiro, o Concurso Nacional de Dramaturgia Infantil, do Serviço Nacional de Teatro. Assim, ancorada nas contribuições de Décio de Almeida Prado (2002) e de Renata Pallottini (1989), esta pesquisa tem como objetivo analisar a configuração das personagens inscritas na obra dramática “Senhor Rei, Senhora Rainha”, do escritor piauiense Benjamim Santos, a fim de compreender a densidade ôntico-discursiva das personas no espaço diegético, além de observar, metodologicamente, como projeto estético do dramaturgo pode ser vinculado como subsídio para formação do leitor literário.

Palavras-chave: teatro brasileiro contemporâneo, dramaturgia; , formação de leitor

PERVERSÃO À BRASILEIRA: CORDIALIDADE E SADOMASOQUISMO EM DIÁRIO DA CATÁSTROFE BRASILEIRA, DE RICARDO LÍSIAS

Gabriel Silva Almeida

Resumo: Desenvolvido no âmbito do projeto “Cultura e política no Brasil ultratemporâneo: um panorama da literatura e do cinema documentário em regime de urgência no pós-2013”, este trabalho parte da constatação de que as jornadas de junho de 2013 e suas consequências possibilitaram a criação de inúmeros textos, em regimes discursivos variados, que se propõem a analisar o atual cenário brasileiro (LIMA, 2022). Nesse contexto insere-se Ricardo Lísias e a série de diários intitulada Diário da catástrofe brasileira (2020), na qual o escritor pretende analisar o mandato do atual presidente da república brasileira. Além disso, em seus Diários, Ricardo Lísias estabelece uma série de diálogos com diversos pensadores da cultura como forma de interpretar e discutir o Brasil a partir do resultado das eleições presidenciais do ano de 2018. Nesse sentido, o escritor efetua um resgate da ideia cordialidade, de modo a propor uma superação de tal conceito e confrontá-lo com sua proposta de sadomasoquismo para analisar a identidade nacional. Entretanto, o escritor não evidencia qual concepção de cordialidade resgata. À vista disso, esta pesquisa, de natureza bibliográfica e analítica, a partir do método comparativo, propõe-se a refletir acerca do diálogo efetuado por Ricardo Lísias com o conceito de homem cordial, almejando perceber com qual noção de cordialidade o escritor dialoga, além de evidenciar os limites e contradições dessas propostas de interpretação do Brasil. Para tanto, assumimos como aporte teórico referenciais como: FREYRE (2004); HOLANDA (2014) e suas propostas de cordialidade; ROCHA (2003); no tocante ao equívoco hermenêutico acerca da cordialidade brasileira; além de autores que contribuam para a reflexão aqui proposta.

Palavras-chave: Diário da catástrofe brasileira; Cordialidade; Sadomasoquismo.

PREGÓN DE MARIMORENA: PREFÁCIO ÀS LITERATURAS NEGRAS AMEFRICANAS

Gabrielle Xavier da Costa

Resumo: A presente comunicação faz parte de um programa de iniciação científica e visa uma interpretação do poemário “Pregón de Marimorena”, de Virginia Brindis de Sala, tendo em vista a sua ancestralidade, a ideia de literaturas amefricanas no Uruguai e a compreensão da obra. Para tanto, tomaremos a ancestralidade como foco de análise de poetas uruguaios (e, por conseguinte, sua relação de amefricanidade, conforme Lélia Gonzáles). Como anteposto, a presente comunicação pretende desenvolver uma análise acerca das possibilidades críticas aportadas pela relação entre o prefácio do livro e a amefricanidade, rumo a uma compreensão das construções identitárias na

poesia de Virginia Brindis de Salas. Para tal, serão utilizado inicialmente os poemas "Semblanza" e "Pregon numero uno" e, em seguida, poetas amefricanas uruguaias posteriores a ela. Ressalta-se, como objetivo específico, sistematizar os resultados parciais de pesquisa com vistas a coordenar ações de extensão na comunidade acadêmica, assim como na comunidade em geral, atrelando-as ao Projeto de Extensão, bem como a refletir e debater sobre a Lei 10.639/2003 e suas condições de aplicabilidade no ensino de literaturas amefricanas em sala de aula. No decorrer do tempo em que a pesquisa será realizada, serão levados em consideração os aspectos existentes em seu corpus, tendo como base os parâmetros de amefricanidade e afro-uruguaias, na perspectiva contemporânea de produção uruguaia literária do gênero poesia.

Palavras-chave: amefricanidade; virginia brindis de salas: poesia; literatura uruguaia contemporânea.

UM OLHAR SOBRE A MATERNIDADE E O COMPORTAMENTO FEMININO ATRAVÉS DO CONTO XX + XY DE GIOVANA MADALOSSO E DO ROMANCE CASAS VAZIAS DE BRENDA NAVARRO

GESILMAR ISABELE DOS SANTOS OLIVEIRA DE CASTRO

Resumo: Desde os tempos mais remotos, a mulher tenta tomar posse do seu corpo, procura buscar o seu espaço e se livrar dos diversos estereótipos formados sobre o seu comportamento. Asseverando o estereótipo de conduta, ditado pela sociedade, ao se referir à maternidade. Para Simone de Beauvoir, "a mulher conhece uma alienação ainda mais profunda quando o ovo fecundado desce ao útero e aí se desenvolve" (BEAUVOIR, p. 952, 2016). Os dilemas e as vivências das mulheres durante a maternidade são o foco do presente trabalho que pretende analisar o conto XX + XY, da autora brasileira Giovana Madalosso, e o romance Casas Vazias, da escritora mexicana Brenda Navarro. Nessas obras são apresentadas mulheres, que vivenciam a maternidade real, com seus conflitos, suas alegrias, e que procuram o seu espaço na sociedade. Sendo a literatura comparada, de acordo com Schmidt (2007), no estudo divulgado pela Revista Brasileira de Literatura Comparada, nº 11, "como uma área singular e privilegiada de observação e análise da rede de interações entre coletividades e suas literaturas" (SCHMIDT, 2007), atribui-se a escolha pelo estudo do tema, através da literatura comparada, para utilizar-se desse olhar privilegiado de observação e interação obtido através dela. A presença de temas tão relevantes na literatura contemporânea da América Latina demonstra esse esforço da sociedade, de abrir espaços para debates de assuntos, antes esquecidos, e que fazem parte do cotidiano de grande parte da população. Portanto, o estudo pretende analisar as formas de violência simbólica que perpetuam na sociedade, e que estigmatizam a mulher, ressaltando as vivências inerentes a maternidade, através das obras citadas, utilizando-se de teóricos como Pierre Bourdieu e Simone de Beauvoir para nortear a pesquisa.

Palavras-chave: Mulher; Violência Simbólica; Maternidade.

A CONSTRUÇÃO DE ARQUIVOS SOBRE A POESIA BRASILEIRA EM HELOISA BUARQUE DE HOLANDA

Giane Fregolente

Resumo: No âmbito da Literatura, parafraseando Zolin (2009), a mulher vem figurando cenários e debates importantes; então, a crítica literária feminista nos ajuda a ler e a compreender as obras por um outro paradigma. Essas questões nos aproximaram da autora Heloísa Buarque de Holanda, especialmente, das obras 26 poetisas hoje (2021), cuja primeira edição foi em 1979, e As 29 poetisas hoje (2021). Na publicação do final da década de 1970, aparecem somente cinco autoras; mas, na segunda, todas são mulheres e há, no título, uma marcação pelo artigo a no plural (as), que pode anunciar uma nova discursividade na sua obra sobre um novo conceito de literatura. Nesse sentido, para além de selecionar 29 poetisas, quais critérios a autora utilizou para a seleção das obras estariam deslocando o sentido de literatura e propondo outro arquivo para se pensar esta? Estaria a autora propondo uma outra materialidade para autoria feminina, rompendo com discursos hegemônicos e propondo uma construção discursiva que não é totalizante? A fim de buscar respostas a essas inquietações, este projeto de Iniciação Científica objetiva identificar e analisar a construção de arquivos sobre a poesia brasileira em Heloísa Buarque de Holanda, utilizando a Análise do discurso para compreender os processos mobilizados ao optar por arquivos que trazem somente autoria

feminina. Assim, essa pesquisa filia-se teoricamente a Análise do Discurso pois essa área trabalha com um conceito muito específico da linguagem que é o discurso, pois a palavra discurso [...] tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso assim, é palavra em movimento, [...] com o estudo do discurso, observa-se o homem falando (ORLANDI, 2020, p. 13). A Análise de discurso propicia o entendimento dos enunciados a partir das suas condições de produção, permitindo ao pesquisador analisar a partir da exterioridade da produção do discurso, uma nova materialidade discursiva.

Palavras-chave: arquivos; poesia; autoria feminina.

OUTROS ROTEIROS DE MACUNAÍMA

Gustavo Baggio Marcelino

Resumo: A atual pesquisa pretende analisar em comparação algumas adaptações de Macunaíma, tendo como ponto de partida o livro de Mário de Andrade publicado em 1928 - que pode ser definido já como uma adaptação de uma série de narrativas colhidas na região de Roraima pelo naturalista alemão Theodor Koch-Grünberg ao longo dos anos 1910 - de modo a compreender não apenas a singularidade da rapsódia do escritor modernista como também a persistência e a multiplicidade do mito de Macunaíma na cultura brasileira. Pois embora o livro de Mário de Andrade não tenha de imediato encontrado tantos leitores, com os anos a história desse "herói sem nenhum caráter" vai passando por uma série de adaptações - no cinema, no teatro, nas artes visuais e mesmo em enredo de Carnaval, a exemplo do desfile da Portela de 1975 - que alçam Macunaíma a um imaginário popular brasileiro, identificado quase sempre com o próprio país, o que não chega a ser necessariamente claro no livro de 1928. A mais marcante e influente dessas adaptações, sem dúvida, foi o filme de Joaquim Pedro de Andrade, de 1969, por vários motivos que o atual projeto pretende discutir. Neste caso, o filme Macunaíma adapta o romance de Mário - e as lendas dos indígenas pemons, usando como fonte também o livro de Grünberg - em seu sentido mais forte, ao modificar e propor uma interpretação da história e do personagem, que tem também seu destino adequado ao contexto da sociedade brasileira dos anos 1960, em plena ditadura militar.

Palavras-chave: Macunaíma; adaptação; modernismo brasileiro; cinema novo; literatura comparada.

LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: O LETRAMENTO VIA WEB

Helen Vanessa Couto Silva

Resumo: A presente pesquisa teve como objetivo analisar as possibilidades de letramento literário existentes no mundo digital, através dos book influencers, com vistas à construção de estratégias para promover a ampliação da competência leitora e do pensamento crítico em sala de aula. Para compreender o processo do letramento literário na web, recorreremos às pesquisas do DATAREPOTAL Digital 2022: Brasil, da Associação Nacional das Livrarias (2021) e Zoara Failla, com os Retratos da Leitura no Brasil (2020). Sobre o Letramento Literário, nos baseamos nos estudos de Rildo Cosson (2014/15/18), Magda Soares (2002/05/09) e Ângela Kleiman (1996/2005/06), além de ter em foco a Base Nacional Comum Curricular (2018). Foram analisadas algumas páginas de book influencers através do YouTube, Tiktok e Instagram, e mapeadas as estratégias usadas para estímulo e adesão à leitura, bem como os resultados destes perfis, que trouxeram novos leitores para o mundo da leitura. A partir da análise realizada, propusemos a construção de novas práticas de leitura em sala de aula, em consonância com as estratégias encontradas na web.

Palavras-chave: Letramento Literário; Letramento na Web; Ensino de Literatura.

SOBREVIVENDO NO INFERNO E A APROPRIAÇÃO DE UM PARADIGMA-OUTRO: RE-EXISTÊNCIA E RE- INVENÇÃO

Indaya de Souza Nogueira

Resumo: O trabalho intitulado "Sobrevivendo no Inferno e a apropriação de um paradigma-outro: re-existência e re-invenção" originou-se do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) "O evangelho marginal de Sobrevivendo no Inferno", da UFMS (Universidade Federal de Mato

Grosso do Sul), sob orientação do Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco. O grupo de rap Racionais Mc's, na década de 90, já era conhecido como o maior grupo de rap brasileiro. Nesse período, o Brasil foi palco de diferentes eventos de violência organizada que denunciavam um processo estatal de gerenciamento da miséria por meio da violência. Dessa forma, os intelectuais Racionais Mc's se consagram dentro de um contexto social que exclui, marginaliza e inviabiliza a sua existência física e epistêmica. Logo, a pesquisa tem como objetivo estudar a partir da obra *Sobrevivendo no Inferno* (1997) a criação do paradigma-outro que ela apresenta, dando ênfase a radicalidade opositiva aos paradigmas hegemônicos além do compromisso fraternal que os intelectuais apresentam, re-inventando a periferia brasileira e re-existindo enquanto sujeitos periféricos. Para tanto, a fundamentação teórica partirá de uma teorização fronteiriça/ descolonial, tendo como aparato teórico o pensamento de estudiosos como Walter Mignolo (2008), Frantz Fanon (2022), Eneida Maria de Souza (2002) e Edgar Cézar Nolasco (2010) e delimitando-se na transcrição da obra *Sobrevivendo no Inferno* (2018) feita pelo professor Acauam Silvério de Oliveira.

Palavras-chave: racionais mc's; paradigma-outro; re-invenção.

LEITURA LITERÁRIA E ESCRITA DE SI ENQUANTO PRÁTICAS SOCIAIS: A MEDIAÇÃO EM BUSCA DO ESPAÇO PARA AS SUBJETIVIDADES

Isabella Fortes Boeira

Resumo: Esta pesquisa investiga estratégias de mediação de escrita que contribuam com uma escrita com espaço para as subjetividades de estudantes do Ensino Médio (EM) de uma escola pública federal de Porto Alegre. Sua justificativa decorre da necessidade de discutir sobre uma diferenciação entre escrita burocrática (GRIGOLETTO, 2011) e subjetiva, afinal, textos de estudantes de EM costumam ser escritos de modo engessado, atendendo a modelos estabelecidos por processos seletivos, e é preciso haver espaço para a escrita destituída da contenção imposta pelos modelos. O tempo e o espaço de geração de dados da pesquisa partiram de aulas direcionadas à leitura em voz alta de *O Averso da Pele*. As discussões sobre obra, biografia do autor e desdobramentos que extrapolaram o assunto da leitura culminaram em uma proposta de escrita exorada pelo entusiasmo das discussões. Cada estudante foi convidado a escrever sobre seu próprio avesso, e a mediação de escrita ocorreu em forma de bilhete orientador (MANGABEIRA, DA COSTA E SIMÕES, 2012) e pelas discussões presenciais acerca das produções, lidas em voz alta, tal como se deu a leitura da obra. Os dados constituem-se de: textos de estudantes, bilhetes orientadores, anotações de campo. Parte-se da concepção bakhtiniana de linguagem (BAKHTIN, 2011), prática social indissociável do contexto sócio-histórico, para entender leitura e escrita também como atos sociais. Os bilhetes fundamentam-se nas qualidades discursivas: unidade temática, concretude e questionamento (GUEDES, 2009). Assim, analisou-se o papel do bilhete, da leitura e da discussão em aula na mediação da escrita subjetiva, bem como os diversos âmbitos nos quais uma obra reverbera, quando sua ampla discussão é possibilitada. Os resultados foram cotejados com os da pesquisa anterior, cujos dados foram gerados em modalidade de ensino remoto, indicando que a prática de leitura e escrita na escola não podem prescindir do tempo e do espaço das aulas presenciais.

Palavras-chave: leitura literária; mediação de escrita; escrita das subjetividades.

A LITERATURA DA URGÊNCIA EM CONTRAPOSIÇÃO AO SENTIMENTO DE NÃO-LUGAR NA POESIA DE STELLA DO PATROCÍNIO

Jéssica Helen Silva de Azevedo

Resumo: A partir do conceito de literatura da urgência, buscamos analisar o modo como a literatura estende-se como um lugar de refúgio para sujeitos historicamente relegados a condições extremas de exclusão e opressão. Stella do Patrocínio (1941-1992), mulher negra e moradora da zona sul do Rio de Janeiro, teve sua liberdade interrompida aos 21 anos, quando abordada na rua por policiais que a condenam a viver o restante de seus anos em um hospital psiquiátrico. O fato de não haver muitos dados sobre sua vida confirma, assim como para outras realidades próximas, a estratégia de exclusão do panorama social e identitário brasileiro de indivíduos considerados inválidos para o estado. Neste caso, Stella insere-se em dois recortes sociais que seguem sendo problemáticas da

marginalização na contemporaneidade: a questão racial e da saúde mental. Os sentimentos de não pertencimento e de privação de existência no mundo estão presentes em seus registros poéticos, que refletiam como a autora enxergava-se dentro de sua realidade hospitalar. Destarte, propomo-nos a analisar a poesia “É Dito”, presente em “Reino Dos Bichos E Dos Animais É O Meu Nome”, a fim de compreender como a literatura se faz um lugar de resistência para sujeitos apartados dos centros socioeconômico e cultural na construção de um país. Para tanto, nos fundamentamos em Hidalgo (2007), para tratar do conceito de literatura da urgência, definido por escritos literários advindos de vivências extremas de opressão, como forma de autoafirmação do oprimido; em Foucault (1972), a fim de afirmar o isolamento de sujeitos com doenças mentais como um mecanismo de controle dos corpos, assim como de definição daqueles que têm ou não o direito à cidadania; e em Weyler (2006), para tratar do projeto de higienização das cidades focado na marginalização racial de indivíduos vistos como adoecidos na passagem do século XIX ao século XX.

Palavras-chave: Literatura da urgência; Exclusão; Resistência.

ELIETE, A VIDA NORMAL: A PERMANÊNCIA DA PROMESSA DO AMOR ROMÂNTICO E O REPOSICIONAMENTO DA MULHER NO PÓS-25 DE ABRIL DE 1974

Júlia Fonseca Gomes

Resumo: Esta proposta é parte do projeto de iniciação científica “O pós-25 de abril no século XXI: velhas/novas questões”, financiado pela FAPEMIG com orientação da Profa. Dra. Roberta Guimarães Franco (FALE-UFMG) no âmbito do projeto “O cotidiano como memória coletiva: perspectivas do micro nas narrativas de língua portuguesa”. O propósito da pesquisa é refletir sobre as potencialidades das múltiplas impressões que culminam nas novas noções apreendidas na literatura que tem como marco o 25 de abril, mas já produzida no século XXI. Partindo da obra *Eliete, a vida normal*, de Dulce Maria Cardoso, e à luz da perspectiva dos estudos memória, vasculhamos pelos redimensionamentos provocados pela revolta e as interpretações da realidade por meio da linguagem-produto da dimensão íntima feminina (KRISTEVA) no pós-Revolução dos Cravos. A pesquisa busca identificar as estruturas complexas que mantêm a existência feminina enquanto estado imutável, mas passível de reposicionamento. Dulce Maria Cardoso é uma das expoentes da literatura portuguesa contemporânea com uma linguagem que extrapola os moldes convencionais e se apropria das palavras vulgares para revelar a massa de emoções que move suas personagens. Assim apresenta a Eliete perante o mundo, crua. O desgaste existencial da personagem protagonista é evocado por meio da linguagem que transita em intenção e forma. “Eu sou eu e o Salazar que se foda”, o primeiro período do livro já assume a posição dessa mulher única, mas que também abarca todas, uma vez que a concretude da promessa do amor romântico molda a vivência da protagonista e da humanidade — conhecedora do universo das coisas, em que só é possível o *mythos*, a narrativa, a literatura (HALBWACHS, 1940).

Palavras-chave: pós-25 de abril; literatura portuguesa; mulher.

TROPISMOS CABRALINOS: NOTAS POÉTICAS EM TERMOS VEGETAIS

Júlio César de Araújo Cadó

Resumo: A escrita de João Cabral de Melo Neto foi cristalizada na imagem da pedra, objeto-símbolo plasmado à postura precisa, racionalista e calculada que o poeta pernambucano cultivou. Neste trabalho, no entanto, buscamos sondar, ao lado do mineral, um componente orgânico na escrita de Cabral, investigando, para isso, a presença vegetal nos versos cabralinos a partir de dois vetores. O primeiro corresponde a uma leitura (bio)inspirada da poética do autor baseada no conceito botânico de tropismo, — movimento realizado pelas plantas sob efeito de fatores externos —, especificamente o fototropismo, o geotropismo e o tigmotropismo. O segundo vetor, por sua vez, aponta para uma análise da figurativização das plantas em poemas — a exemplo da cana-de-açúcar, do coqueiro, do mandacaru, da bananeira e do baobá. Tendo em vista o caráter transdisciplinar da Literatura Comparada, operacionalizamos contribuições elaboradas por diferentes campos do saber, como a filosofia (COCCIA, 2018) e os estudos botânicos (ACCORSI, 1952; MANCUSO, 2019; 2021), em diálogo com a fortuna crítica da obra de Cabral (MERQUIOR, 1972; NUNES, 1974; SECCHIN, 2020).

De encontro à visão predominante no Ocidente, segundo a qual as plantas são entendidas ora como seres inertes, ora como simples elementos de decoração, na obra de João Cabral, sob a lente botânica, reconhecemos uma dimensão ativa aos viventes vegetais, reafirmando a capacidade da escrita poética de proporcionar o caminho do humano em direção às suas alteridades.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; alteridade vegetal; plantas.

CULTIVAR A TERRA, DEFENDER A VIDA: O AMBIENTE ROMANESCO EM TORTO ARADO

Jade Luísa Martins Barbalho

Resumo: O ambiente em que se desenvolve a obra premiada Torto Arado, de Itamar Vieira Junior (2018), configura um elemento essencial à leitura do romance: é capaz de antecipar, descrever, refletir e transformar personagens e enredo. Desse modo, este estudo propõe investigar o romance a partir da toponímia discutida em Osman Lins (1976) e Oziris Borges Filho (2007). Diáspora e resistência orientam espaço e personagem na obra de Itamar, portanto, pretendo não apenas analisar a brutalidade da herança colonial sobre a população negra, mas também esmiuçar a natureza poética que Itamar concebe com tamanha destreza ao ambiente em que se desenrola o enredo. Utilizo As mulheres de Tijucopapo, igualmente vencedor do prêmio Jabuti, de Marilene Felinto (1992), como outro romance diaspórico com o intuito de estabelecer um diálogo entre Bibiana e Belonísia, as irmãs de Torto Arado, e Rísia, a protagonista de Marilene. Em interlocução lírica e urgente, apresento as protagonistas como condutoras deste trabalho, da mesma forma como se apresentam condutoras de suas próprias jornadas pessoais, em busca de educação formal, trabalho, afeto e, principalmente, resgate de memória familiar e ancestralidade.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Toponímia; Espaço social.

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS "A NOIVA DE KEBERA" E "O FILHO DE MUSSASSA", DE ALDINO MUIANGA

Jandira Francisco Domingos

Resumo: As sociedades africanas, estabelecidas e regidas com base nas suas cosmovisões culturais, conceberam as concepções de morte, de tradições, de rituais e de crenças que envolvem este processo da morte de maneira diferente, pois estes processos acarretam importantes significados para os povos africanos. É a partir desta perspectiva que os assuntos sobre ritos e crenças a volta dos mortos e antepassados são pontos centrais de abordagem nos contos "A noiva de Kebera" e "O filho de Mussassa", do escritor moçambicano Aldino Muianga. Pois estes elementos são tidos, nestas narrativas, como constituintes importantes na estabilidade de aldeias e na preservação cultural de um determinado povo. Por este motivo, o trabalho tem como finalidade analisar a representação da morte, para determinadas tradições moçambicanas e africanas, pesquisando sobre as crenças e os procedimentos ritualísticos que antecedem a morte. Porque, após o processo da morte, estes mortos são elevados às dimensões de entidades importantes para preservação cultural e para estabilidade das aldeias Sangwa e Mpissane, mencionadas nos contos. Assim, este estudo foi baseado nas obras de Diop (2012), Hall (2006), Secco (2012), Ribeiro (2010) e Leite (2020), que nos auxiliaram a observar estes elementos a partir da cosmovisão cultural africana e moçambicana. Portanto, entender a complexidade desses assuntos e desses elementos culturais significa entender parceladamente a visão cultural moçambicana e africana.

Palavras-chave: Morte; Rituais e crenças; Literatura Moçambicana.

MEMÓRIA E LUTA, TESTEMUNHO E GUERRILHA: ANÁLISE DA OBRA PASSAGEM PARA O PRÓXIMO SONHO (1982) DE HERBERT DANIEL

João Gabriel Ribeiro Passos

Resumo: Herbert Eustáquio de Carvalho, ou Herbert Daniel, é uma das figuras históricas mais fascinantes e curiosas para se debruçar no estudo do turbulento e contraditório período da ditadura empresarial-militar de 1964. Fora estudante de Medicina na UFMG, guerrilheiro clandestino em grupos revolucionários como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), a Política Operária (POLOP) e a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR-Palmares), além de ser homossexual, soropositivo e,

anedoticamente, porteiro de saunas gays em Paris. Contudo, na multidimensional biografia de Herbert, há um elemento indispensável: sua relação com a literatura e a cultura. Na primeira-infância era amante voraz dos livros; aos 14 anos, crítico de cinema amador; na atividade militante da maioridade, um ávido loquaz de assuntos do gênero, que iam de Marilyn Monroe a Ingmar Bergman, de Dostoiévski a Gabriel García Márquez. Mesmo seu emblemático “nome de guerra que pegou”, Daniel, supõe-se vir em referência ao autor de Robinson Crusoe. E, não obstante, como sempre reafirmou, era um prodigioso escritor. Tendo estes elementos em vista, o objetivo da presente apresentação de pôster é investigar, tendo como corpus de análise o livro *Passagem para o próximo sonho* (1982), a forma como obra de Herbert se relaciona e se intersecciona com a literatura, a política, a história, a memória e a sexualidade. Metodologicamente, se vale de uma análise pormenorizada do material herbertiano, aliado à contribuição teórica concernente ao período ditatorial, a literatura de cunho testemunhal e a história do movimento homossexual no Brasil, que se radica em autores como James Green, Renan Quinalha, Nico Poulantzas, Giorgio Agamben e Edson Teles. Oriunda de um projeto de iniciação científica realizado na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), a apresentação se justifica na medida em que contribui no avanço das discussões, tanto acadêmicas quanto políticas, relacionadas às bandeiras e lutas que Herbert jamais abandonou.

Palavras-chave: Herbert Daniel; Memória; Ditadura militar

EGON SCHIELE: DOCEAMARGA AGLUTINAÇÃO

Julia Ribeiro Barandier

Resumo: Anne Carson, no prefácio da sua tradução de Agamemnon (CARSON, 1986), de Sófocles, do grego antigo para o inglês moderno, chama atenção para a dificuldade que teve ao deparar-se com algumas escolhas de palavras feitas pelo dramaturgo da antiguidade. Carson escreve que as palavras em Sófocles configuram uma junção de palavras antigas que criam novas formas, como “dayvisible” e “dreamvisible” (CARSON, 1986). A professora, tradutora e poeta canadense cita, então, o pintor Francis Bacon que, leitor de Sófocles, experimentava com a tinta as sensações provocadas pela poesia das tragédias. Já em seu livro *Eros The Bittersweet* (CARSON, 2010), Carson parte do recorte de um poema de Safo, também da Grécia antiga, que contém a palavra “glukupikron”, que ela traduz para o inglês como “bittersweet”, e retoma a questão das aglutinações. Dessa vez, no entanto, para pensar como duas sensações opostas convivem em uma só palavra. Se em Bacon enxerga-se a visceralidade sensível de Sófocles, em Egon Schiele enxerga-se o mesmo desconforto da dualidade presente na palavra destacada do poema de Safo. Egon Schiele (1890-1918) foi um pintor austríaco que, ganhando reconhecimento cedo, nunca deixou de ser visto como um artista polêmico. Conhecido por seus quadros eróticos — inclusive tendo sido preso em razão deles — sofreu e ainda sofre de um problema de interpretação: muitas pessoas buscam em seus quadros um tema central, enquanto eles contêm quase sempre uma dualidade inseparável. O que confunde é que assim como a palavra “bittersweet”, a obra de Schiele é um embate de temas às vezes opostos e sempre em choque. Schiele intensifica a visceralidade de Sófocles sem ter a mesma intenção de Bacon de recriar na pintura um processo de escrita, mas o fazendo mesmo assim. Partindo de Anne Carson e apoiando-me em Deleuze, esta pesquisa tem como objetivo explorar o tema da aglutinação na pintura, observando e analisando como ela se faz presente na obra de Egon Schiele e o que ela desperta.

Palavras-chave: Egon Schiele; Anne Carson; Aglutinação; Escrita; Pintura

A ANTROPOFAGIA PERIFÉRICA EM OS SUPRIDORES: QUESTÕES DE RAÇA

Kainan Porto Alegre Lopes

Resumo: A noção de antropofagia, desde o ponto de vista da crítica contemporânea, tem sido associada às teorias decoloniais, uma vez que questiona a centralidade ocupada pela elite intelectual e cafeeira paulistana no movimento de 1922, ao mesmo tempo que potencializa o ímpeto de devoração dos valores e virtudes ditos civilizados, para voltar-se às vozes silenciadas e oprimidas pela violência da ação colonizadora. No entanto, o Manifesto Antropófago (1995), de Oswald de Andrade, obra fundante na construção de uma sensibilidade cultural brasileira, não faz nenhuma menção à

África ou à escravidão, fato que, por si só, é sintomático do apagamento histórico da presença negra no projeto de fundação de uma cultura “genuinamente” brasileira. Nesse viés, a literatura marginal surge nas periferias sob uma estratégia de resistência, assimilando e contestando toda uma tradição literária brasileira, branca e elitista, corroborada pelo movimento modernista de 1922. A partir da literatura, os autores da periferia, sujeitos vistos até então como destituídos de fala, apropriam-se da escrita para dar lugar às violências cotidianas entranhadas e invisibilizadas no tecido social brasileiro. Portanto, a partir das contribuições de Férrez, em “Terrorismo Literário” (2005); de Sérgio Vaz, em “Manifesto da Antropofagia periférica” (2008); de Suely Rolnik, em “Antropofagia Zumbi” (2021); de Rafael Cardoso, em “Modernidade em preto e branco” e de outros autores que põem em xeque o discurso colonial sob uma ótica racial e étnica, a exemplo da Aníbal Quijano (2005) e Abdias Nascimento (2016), o objetivo do presente trabalho é analisar a obra *Os supridores* (2020), do escritor porto-alegrense José Falero, à luz dos princípios da absorção e da transformação, nos termos da antropofagia periférica.

Palavras-chave: literatura marginal; antropofagia periférica; José Falero;

LITERATURA AUSTENIANA E A INTEXTUALIDADE

Karen Marcelle Mattos Fonseca Beijer

Resumo: Este trabalho visa discutir e analisar a intertextualidade entre *Pride and Prejudice* de Jane Austen e as adaptações inspiradas da obra. Tendo em vista a pressão carregada pelas adaptações cinematográficas, por receberem o título de terem que ser fiéis às inspirações de onde foram tiradas, essa pesquisa contará com o apoio teórico dos textos de: Sidney Gottlieb, onde afirma que “Os críticos limitaram nossa apreciação e compreensão das adaptações cinematográficas recentes de Jane Austen, enfatizando principalmente os aspectos “literários” da adaptação” (GOTTLIEB, 2002. p. 104-110); Linda Hutcheon (2013, p. 22), que refuta a necessidade de originalidade acreditando que “a arte deriva de outra arte; as histórias nascem de outras histórias”. Buscaremos estudar adaptações midiáticas, como a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2012-13) que transformou a protagonista do romance *Elizabeth Bennet* em uma adolescente do século 21 e o filme *Pride and Prejudice and Zombies* (2015), onde *Elizabeth Bennet* e suas irmãs lutam artes marciais e se juntam para combater um ataque de zumbis. Com este trabalho, analisaremos uma literatura clássica por meio das mídias audiovisuais, juntamente com a intertextualidade, um texto se relacionando com outro texto e a intermedialidade, campo de estudo que envolve diversas mídias abrangendo a arte e a comunicação. No século 21, enxergamos os mesmos desafios escritos por Austen no século 19 sob um viés diferente e uma nova perspectiva.

Palavras-chave: Jane Austen; adaptações; mídias; intertextualidade; intermedialidade

OS ARQUÉTIPOS NA TRAJETÓRIA DE EXÍLIO EM "MISTRESS OF SPICES"

Lúcia Gil

Resumo: Análises arquetípicas têm auxiliado não só os psicanalistas a compreender seus pacientes, mas também críticos literários e leitores no entendimento de obras literárias diversas ao longo do tempo. No contexto da literatura diaspórica, utilizar a crítica psicanalítica vai além do texto, permitindo a compreensão da psiquê das personagens numa perspectiva mais profunda. Chitra Banerjee Divakaruni — autora indiana que deixou a Índia aos dezenove anos, migrou para a América e se formou na Universidade de Berkeley — apresenta ao leitor em “*Mistress of Spices*” a personagem Tilo que, desde muito nova, enfrentou diferentes tipos de exílio, saindo de uma pequena aldeia na Índia, até chegar aos Estados Unidos. A protagonista nasceu com dons mágicos e vis dominar o uso das especiarias e suas propriedades mágicas, se tornando uma Senhora das Especiarias. O objetivo desta pesquisa é desenvolver uma análise dos arquétipos representados pela personagem em seu caminho à individuação, conceito proposto por Carl Jung. Utilizando os arquétipos presentes nos Arcanos Maiores das cartas do Tarô de Marselha, conforme o estudo de Sallie Nichols em “*Jung e o Tarô*” de 1988, analisa-se a jornada da personagem Tilo, e como ela vive situações que se repetem ao longo da narrativa, revelando padrões relacionados aos arquétipos junguianos. Destaque para O Enforcado — Arcano Maior de número 12 no Tarô de Marselha — que

representa situações em que um autossacrifício é necessário para que a personagem adquira conhecimento ou evolua suas habilidades. Tal sacrifício envolve o acolhimento de diferentes personagens que enfrentam violências e crises derivadas da condição diaspórica, notadamente marcada pelo choque cultural e pela marginalização. São personagens que deixaram de pertencer à Índia, pois dela se deslocaram, mas que não pertencem aos Estados Unidos. Assim, a trajetória de individuação da protagonista dialoga com a busca de identidade da comunidade diaspórica indiana representada na narrativa.

Palavras-chave: Literatura Indiana; Arquétipos; Exílio.

FACETAS VEGETAIS EM PERSPECTIVA: A PRESENÇA VEGETAL EM CONTOS DE ESCRITORES IBERO-AMERICANOS

Lady Lourdes Soares Medeiros

Resumo: A presente pesquisa propõe um estudo comparativo da presença vegetal nos contos de três escritores ibero-americanos modernos, a saber, “A imitação da rosa”, de Clarice Lispector, Flores de verdade, de Mercé Rodoreda e “Petúnia”, de Murilo Rubião. Para tratar dessa relação entre natureza e literatura, este estudo tem como objetivo a análise da presença e da relação entre viventes humanos e vegetais, desde a perspectiva dos estudos ecocríticos (GARRARD, 2006), campo que aborda em profundidade as relações do humano com a Natureza, principalmente no que tange à crise ambiental em curso. Assim como, a investigação, interlocução e estudo comparativo das estratégias narrativas e das propostas de apreensão da natureza exploradas nas obras mencionadas. A prática literária que se dedica aos vegetais feitos de palavras é denominada fitoliteratura (NASCIMENTO, 2021). Tendo em vista as peculiaridades das facetas vegetais apresentadas nos contos, este estudo comparativo se dedica a três distintas propostas de apreensão desses viventes, a saber, a alegórica, a simbólica e por fim, a que busca apreender através de uma metamorfose momentânea, ou intertroca, (Ibidem). Os estudos da relação entre viventes humanos e vegetais convocados nesta pesquisa têm como cerne a revisão do conceito de “humano”, seja através da produção epistemológica que se origina dos vegetais (HUBERMAN, 2017), seja pelo estudo aprofundado da indissociável simbiose entre as espécies (HARAWAY, 2021) e, certamente, através da defesa de uma ontologia dos vegetais, os viventes mais numerosos, generosos e importantes do planeta (COCCIA, 2018). Nesse sentido, se compreende também que os encontros narrados se tratam, portanto, de facetas pelas quais é possível visualizar a própria natureza modulada pelas contradições humanas, dentre elas, o antropocentrismo (STENGERS, 2015). Afinal, grande parte da violência e do desequilíbrio que recaem sobre a natureza e o bem-estar dos demais viventes decorrem dessa visão autocentrada.

Palavras-chave: Literatura ibero-americana; Ecocrítica, Contos.

AMÉRICA NEGRA & OUTROS POEMAS AFRO-BRASILEIROS: PREFÁCIO ÀS LITERATURAS AMEFRICANAS

Laiana Emília de Queiroz Nepomuceno

Resumo: Esse trabalho objetiva investigar a categoria da negralização, a partir de uma análise literária do livro de poemas América Negra & outros poemas afro-brasileiros (2014), do escritor afro-piauiense Elio Ferreira. O presente trabalho parte da hipótese de que a obra pode ser compreendida como um conjunto de narrativas entrelaçadas através da memória afrodiaspórica, da identidade, da cultura, da história e da identidade dos povos negros das Américas, além de demarcar a existência e resistência das literaturas pretas. Partindo da obra de Elio Ferreira, é necessário ressaltar que haverá uma interconexão entre a obra poética e a obra ensaística do autor, através da utilização da categoria da negralização, apresentada em Ferreira (2017). Portanto, nesta pesquisa se propõe a negralização como categoria de análise dos poemas, através da memória afrodiaspórica, para discutir a possibilidade de uma nova narrativa das Américas a partir da análise do poemário de Elio Ferreira. Simultaneamente, a pesquisa busca compreender o pensamento de Elio Ferreira em uma dimensão mais ampla de pensamento negro amefricano conforme González (2020), propondo os termos iniciais a uma relação entre as categorias de negralização e amefricanidade. Assim, os diálogos

estabelecidos na pesquisa serão amparados, principalmente, no pensamento de Elio Ferreira (2017; 2021) e de Lélia Gonzalez (2020).

Palavras-chave: negralização; memória afrodiaspórica; amefricanidade

UMA TRADUÇÃO PARA NUEVO CORONAVIRUS Y BUEN GOBIERNO. MEMORIAS DE LA PANDEMIA DE COVID-19 EN PERÚ (2021), DE EDILBERTO JIMÉNEZ QUISPE

Laiane Rodrigues Pereira

Resumo: Neste pôster farei a exposição dos resultados parciais alcançados com a pesquisa teórico-prática em desenvolvimento, a fim de difundir a obra "Nuevo coronavirus y buen gobierno". "Memorias de la pandemia de Covid-19 en Perú" (2021), do jornalista, antropólogo e retablista peruano Edilberto Jiménez Quispe para o público do evento e apresentar o processo de tradução que se encontra em curso, destacando os principais desafios encontrados quando se trata de acolher, na língua portuguesa, a língua espanhola, em especial pela presença da língua e cultura quéchuas presente nos testemunhos que compõem o livro. Se em Chungui Violencia y trazos de memoria (2005), Jiménez Quispe empreende o registro de testemunhos e denúncias de eventos de violência e abusos contra os direitos humanos durante o Conflito Armado Interno do Peru (1980-2000), em seu mais recente livro de testemunhos literários e visuais sobre o enfrentamento da pandemia da Covid-19 no Peru, ele nos apresenta um repertório amplo e diversificado de experiências narradas e visibiliza a vulnerabilidade pela qual peruanos e peruanas estiveram submetidos. Em relação a "Nuevo coronavirus y buen gobierno". "Memorias de la pandemia de Covid-19 en Perú" cabe levantar questões como: o que distingue o fazer artístico de Jiménez Quispe nestes projetos de escritura que tentam narrar experiências da memória coletiva em situações de crise? Além de demonstrar os traços performáticos presentes no texto literário e visual de Jiménez Quispe, a realização da tradução dos testemunhos literários para a língua portuguesa se dá como um exercício que torna possível uma aproximação mais orgânica das questões epistemológicas nas quais estão presentes traços de andinidades.

Palavras-chave: Palavras-chave: Literaturas andinas, testemunho, tradução interlingual.

"DIREITO AO GRITO": ESCRITA E MEMÓRIA EM O PESO DO PÁSSARO MORTO, DE ALINE BEI

Lara Andressa da Silva Carvalho

Resumo: A experimentação na escrita é um dos principais traços da literatura contemporânea, que visa romper com a escrita tradicional, com sua estrutura fixa, marcadas muitas vezes em métricas e rimas. É nessa direção que encontramos O Peso do Pássaro Morto (2017), uma obra contemporânea nacional que mescla a estrutura poética com a estrutura da prosa, com o objetivo de representar no corpo da escrita as dores e as perdas sofridas pela personagem-narradora. Análogo a essa questão, o grito e o silêncio são conceitos dicotômicos que se fazem presentes de modo constante na história da personagem, para tanto, o grito é analisado a partir da ideia do "Direito ao Grito" presente em A Hora da Estrela (2017) de Clarice Lispector, o qual se configura como um direito nato e que necessita ser expresso por meio da construção da subjetividade da personagem e de suas lembranças pelo uso da palavra. Assim, é central a analogia entre as obras de Aline Bei e de Clarice Lispector para compreender a utilização performática da escrita contemporânea, uma vez que possibilita o reconhecimento existencial da personagem por meio de elementos estéticos, como o jogo entre letras maiúsculas e minúsculas, espaços em brancos e quebras de sintagmas, além da utilização da prosa poética como elemento de rememoração e de expressão do grito e do silêncio.

Palavras-chave: Voz, Memória, Prosa Poética, Aline Bei, Clarice Lispector

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA FEMININA PRESENTE NO CONTO "FORÇA FLUTUANTE", DE GENI GUIMARÃES

Larissa Medeiro de Lima

Resumo: A Literatura Afro-Brasileira surge como uma forma do afrodescendente escrever sobre e para o povo negro, agregando valores eminentemente positivos para a cultura brasileira e redirecionando o olhar sobre a identidade e papel social dos afrodescendentes como parte da nação

brasileira, trabalhando aqui, especificamente, a identidade negra feminina. Assim, o presente resumo, visa analisar como se dá o processo de construção da identidade negra feminina no conto “Força Flutuante”, presente no livro “Leite de Peito: contos” de Geni Guimarães (1988), observando também o papel que Geni Guimarães desenvolve ao escrever sobre suas vivências, especificamente neste conto. A pesquisa pretende analisar o conto relacionando-o também com os pressupostos teóricos apresentados por Almeida (2019), Evaristo (2009) e Ribeiro (2017). Desta forma, o estudo indicou que o processo de construção da identidade negra feminina no conto surge como uma maneira de fortalecer a imagem da mulher negra, pois, no conto, pôde-se observar a formação da personagem de Gini Guimarães, que passa a ocupar um lugar considerado de prestígio na sociedade, transgredindo, chegando nesse lugar, que majoritariamente era ocupado por uma mulher branca e de classe média, provando para aqueles que foram preconceituosos que ela era igual a eles e também possuía competência para exercer a função de professora. Como consequência desse estudo, fez-se possível observar que a escritora Geni Guimarães possui a sensibilidade de narrar, escrever e descrever sensações íntimas vividas por ela e por outras mulheres negras que, diariamente, passam pelas mesmas situações que ela passou, aproximando suas obras do conceito criado por Evaristo (2009), o conceito de “escrevivência”, transformando as suas vivências em escritas, atribuindo também à sua linguagem a presença marcante da oralidade.

Palavras-chave: Geni Guimarães; escritas femininas negras; literatura afro-brasileira.

PLUS ON EST NÈGRE, PLUS ON EST UNIVERSEL

Luís Henrique de Almeida Pereira da Silva

Resumo: A proposta deste trabalho é demarcar a Negritude cesairiana segundo as noções de Universal e Particular, e de Devir, pois são conceitos fundamentais para se pensar e se criar um mundo em comum, no qual as singularidades integram a construção do Universal, contestando as políticas coloniais de exclusão e assimilação das diferenças. Por outro lado, a obra (poesia, teatro, discurso, ensaio) de Aimé Césaire é relevante para os atuais estudos decoloniais, no sentido em que estes buscam dar voz e corpo aos sujeitos (pós)coloniais, refletindo sobre o protagonismo do negro, do subalterno (SPIVAK, 2014). É observável que a poética da Negritude de Césaire se faz presente nas produções de músicos (cf. *Négritude e Noir Désir* do rapper congolês Youssoupha; *Le Poète Noir* e *Musique Nègre*, do haitiano Kery James) que trazem à tona questionamentos às estruturas coloniais e racistas que persistem no mundo contemporâneo. A atualidade de Césaire deve-se, também, à sua própria concepção da Negritude que, ao contrário do que muitos críticos a entenderam e a entendem, à exemplo do prefácio *Orfeu Negro*, de Jean-Paul Sartre (1948), no qual o autor a define como um racismo antirracista a ser superado pela dialética, ela se apresenta na obra de Césaire como um devir negro do Universal ocidental (GATTARI; ROLNIK, 1986). Para Césaire, a via para o universal passa necessariamente pelo aprofundamento da sua “negritude”, e não pela sua negação ou recalque. Em seu célebre poema *Cahier d’un retour au pays natal* (1956), Césaire forja uma Negritude dinâmica que não se fecha em uma concepção fixa e passadista da identidade, mas que se constitui na diferença propiciada pela criação. Há um devir negro na poesia de Césaire, que é uma afirmação da diferença e apelo à multiplicidade do mundo. Nossa abordagem da Negritude cesairiana se fundamenta no estudo bibliográfico.

Palavras-chave: Decolonização; Devir; Negritude

WALCYR MONTEIRO E AS NARRATIVAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA: APROXIMAÇÕES INTERCULTURAIS NO CONTEXTO DE ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ALE/DAF)

LUANE FREITAS PANTOJA

Resumo: O seguinte plano de estudo se situa na área de ensino aprendizagem de literatura no contexto de Alemão como Língua Estrangeira (ALE). Nesse trabalho, são investigadas propostas metodológicas que contemplem textos literários por meio de práticas interculturais. Com esse intuito, tem-se como centro a obra *Amazônia: histórias e lendas/Amazonien: Geschichten und Legenden* do autor Walcyr Monteiro, traduzido para o alemão por Gunter Pressler, e as possibilidades de contemplá-la em contextos de ensino e aprendizagem de ALE/DaF. O discente de

Licenciatura em Letras-Alemão, ao cursar disciplinas voltadas ao ensino de Língua e Literatura estrangeira, depara-se imediatamente com sua formação básica de Língua e Literatura no período escolar. Além disso, não raro o discente reencontra adversidades enfrentadas neste período que influenciaram sua própria formação de leitor de literatura e que certamente influenciarão sua prática futura como professor/a. Dessa forma – a fim de nos afastarmos de abordagens de ensino e aprendizagem de Literatura que faz de textos literários meros instrumentos para o ensino de Língua, por exemplo –, propõe-se aqui a investigação de contextos de ensino e aprendizagem de Literatura, pautada pela busca de práticas de Letramento Literário no contexto de ALE que aproximem o leitor do texto literário e proporcionem a troca de sentidos entre escritor, leitor e sociedade. A metodologia abordada nesse trabalho é a de pesquisa de referencial bibliográfico em Língua Materna (LM) e Língua Estrangeira (LE) acerca de Estudos Literários em diálogo com outras áreas de pesquisa. Além disso, inclui-se a observação de rodas de leitura como um exemplo possível de práticas de Letramento Literário, juntamente com a leitura e a análise da obra de Walcyr Monteiro e a elaboração de uma proposta de Ensino e Aprendizagem de Literatura no contexto de ALE. No presente momento, o trabalho está em fase de desenvolvimento.

Palavras-chave: Alemão como Língua Estrangeira; Walcyr Monteiro; Narrativas Indígenas.

O INAUDÍVEL RECADO DOS MORROS: APROXIMAÇÕES ENTRE AS IMAGENS DOS MONTES BIBLÍCOS E "O RECADO DO MORRO", DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Lucas Branco de Araujo Motta

Resumo: O presente trabalho objetiva uma leitura entre a presença das figuras de montes no Antigo Testamento e o conto “O recado do morro”, do Corpo de Baile (1956), buscando articular a relação proposta pelo próprio autor entre o gênero literário e a configuração da personagem. A leitura de textos religiosos pelo autor é um dos tópicos bem explorados na fortuna crítica do autor. O sertão transcendental e metafísico e sua personagem transparecem formal e tematicamente em vários aspectos: na construção narrativa de suas obras, em entrevistas e correspondências. Esta aproximação entre o sertanejo e a personagem da parábola dá a dimensão para o dilema maior: a contenda entre homem e destino. Assim, em tons de parábolas e apólogos, Guimarães Rosa construiu os contos de Corpo de Baile, introjetando os dilemas das dimensões subjetivas das personagens no gênero literário utilizado – o conto. Assim, em tons de parábolas e apólogos, Guimarães Rosa construiu os contos de Corpo de Baile. A narrativa de Pedro Orósio e a formação de uma canção-recado é o entrelaçamento do dilema entre homem e destino; a compreensão do recado, oriundo do morro, alude à função dos morros e montes do Antigo Testamento – o encontro entre Deus e homem. Deste modo, a narrativa levanta a incompreensão do homem com o divino, que só pode ser superada com a compreensão de um recado que transpassa por diversos meios e enunciadores. Reafirmando, assim, o desejo do autor pelas dimensões metafísicas que podem erigir da criação literária. A aproximação da forma moderna do conto às formas aproveitadas pela Bíblia implica na inflexão da relação entre subjetividade e forma literária.

Palavras-chave: literatura; religiosidade; João Guimarães Rosa; Bíblia; gêneros literários;

AS ESTÉTICAS NATURALISTA E SIMBOLISTA SOB O PRISMA CRÍTICO-HISTORIOGRÁFICO DE EUSTÁQUIO DE AZEVEDO: UMA LEITURA A PARTIR DA AMAZÔNIA

Luiz Ronilton Abreu Trindade Junior

Resumo: Na tradição crítica e historiográfica da literatura brasileira, a obra do polímata José Eustáquio de Azevedo (1867-1943) ficou quase que totalmente esquecida, talvez em razão do local em que sua obra foi produzida e divulgada: a capital do Pará, Belém. Mas a despeito da pouca visibilidade e repercussão, os seus escritos críticos e historiográficos dialogavam com os debates estéticos promovidos na Europa, na América Latina e nas demais capitais brasileiras. Em seu livro *Vindimas* (1913), Eustáquio de Azevedo empreende uma avaliação ampla dos vários movimentos literários desenvolvidos ao longo do século XIX, dos quais podemos destacar, a leitura das Escolas Naturalista e Simbolista, as quais são discutidas sob princípios diametralmente opostos, o que nos revela as correntes filosóficas (Positivismo, Evolucionismo, Liberalismo, Materialismo) que

subsidiaram uma posição tão elogiosa em relação aos autores Naturalistas e outra tão depreciativa em relação aos seus “antípodas” ligados à vertente poética do Simbolismo. Nossa investigação, pretende, em diálogo com os contemporâneos de Eustáquio de Azevedo, tais como ZOLA (1982), ROMERO (1882), CAMINHA (1893), CARVALHO (1894), VERÍSSIMO (1916), entre outros; discutir os princípios estéticos e filosóficos que subjazem às leituras que Azevedo realizou das estéticas literárias em questão.

Palavras-chave: Crítica e Historiografia; Literatura Amazônica; Naturalismo; Simbolismo

O PAPEL DO MEDIADOR EM AULA VOLTADA À LEITURA LITERÁRIA EM VOZ ALTA: ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO

Luiza Amaral Rockenbach

Resumo: A prática de leitura literária em sala de aula na Educação Básica impacta positivamente na formação de leitores e no desenvolvimento da compreensão leitora e da produção escrita (PETIT, 2019). Destaca-se o papel do mediador nas práticas de leitura literária em grupo, uma vez que ele é o “promotor da relação leitor - objeto - leitura” (MUNIZ e OLIVEIRA, 2014). Considerando a importância do mediador, esta pesquisa objetiva investigar as implicações de seu papel no processo de formação de leitores. Para a geração de dados, foi realizada observação participante em duas turmas de 2º ano do ensino médio de uma escola pública federal de Porto Alegre, em aulas voltadas à leitura em voz alta da obra *O Aveso da Pele*, com registros em diários de campo e realização de questionário (GIL, 2008; MINAYO, 2002). Os dados gerados permitiram analisar as estratégias de mediação utilizadas, bem como o papel do mediador na comunidade leitora constituída nas turmas envolvidas. A reflexão, a partir da análise dos dados, dialogou com Petit (2008; 2019), Maria (2016), Bajour (2012), entre outros, que, a partir de diferentes enfoques, tratam da noção de sujeito leitor, analisam práticas de leitura e discorrem sobre questões voltadas ao ensino de literatura nas escolas, como formação de leitores e mediação de leitura. Os resultados da análise foram cotejados com os resultados de pesquisa anterior, cujos dados foram gerados em modalidade remota, em razão da pandemia da Covid-19. Dessa forma, a pesquisa atual, realizada com dados gerados em atividades presenciais, procurou investigar se as mesmas estratégias de mediação identificadas na modalidade on-line se mantiveram, ou se novas possibilidades foram reconhecidas, bem como apontar caminhos possíveis, entre outros já assinalados, para orientar essa prática em sala de aula.

Palavras-chave: mediação de leitura; papel do mediador; formação de leitores.

IDENTIDADE, NEGRITUDE E RETORNO: DE AIMÉ CÉSAIRE A MIRIAM ALVES

Luma Paula França

Resumo: Luma Paula França (Universidade Federal do Piauí - UFPI) (autora) Alcione Corrêa Alves (orientador) Conforme Édouard Glissant (2013), os povos sequestrados do continente africano e levado às Américas, se categorizam como migrante nu: despido não só de roupas, mas de toda identidade e cultura que lhe pertencia. Partindo dessa noção, o presente trabalho tem como objetivo analisar fragmentos do poema *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), de Aimé Césaire assim como o poema “Mahin Amanhã”, de Miriam Alves (1998), com a hipótese de que ambos os poemas possibilitam análises literárias nas quais se observam e se podem examinar construções identitárias negras. como uma verdadeiro auxílio para construção da identidade negra. De modo a estabelecer uma abordagem comparativa entre os dois poemas, partiremos dos conceitos de identidade de Hall (2006) e de Filho, Lopes e Alves (2022), que tecem a ideia de retorno à casa. A partir desses conceitos, Césaire e Alves afluem em um trabalho importante para a construção da negritude. A literatura negra Americana e Caribenha tem uma enorme contribuição no resgate e construção da identidade que nos foi usurpada; partindo desse pensamento, se propõe que os poemas *Cahier d'un retour au pays natal* e “Mahin Amanhã” permitem expressar a formação da negritude como categoria rizomática que Glissant (2013) ressalta, bem como faz parte de um dos pilares fundamentais a umaretomada da identidade negra e consolidações de sujeitos poéticos negros dentro dos campos dos estudos literários.

Palavras-chave: identidade; Miriam Alves: poesia; Aimé Césaire: poesia

DE RUÍNAS E SOBREVIVÊNCIAS: A POÉTICA DE UM MUNDO MUTILADO

Mainumi Miranda Cardoso Quadros

Resumo: O presente trabalho visa analisar a poética de Prisca Agustoni, em seu livro *O Mundo Mutilado*, sob a perspectiva de ruínas e a visão que temos do estrangeiro, o prófugo, no século XXI. Reconhecendo a urgência de uma voz poética - necessária, pela sensibilidade única que carrega - que dê luz às questões das não-inéditas tensões derivadas dos movimentos migratórios, a autora relata a onda migratória, entre 2013 e 2017, dos migrantes que fugiam pelo litoral norte-africano, na tentativa de atracar no continente Europeu, em uma espera abissal de refúgio. Os mortos na travessia, corpos mutilados, números empilhados. Os sobreviventes, infecção da globalização. É neste contexto, sem dúvidas brutal, que a obra se configura. Assim, a partir de poemas selecionados e partindo de uma leitura anacrônica da obra, pretende-se abordar a sensível poética da autora em suas alegorias, em sua própria existência paradoxal, configurada na coexistência de ruínas e sobrevivências. Como é, também, a realidade da gente que parte. Para isso, são enfocadas as temáticas de hospitalidade e alteridade, embasadas nos questionamentos e discussões de Jacques Derrida, e de vivência e relação peregrina entre as (anti)línguas. Busca-se relacionar, também, de forma comparativa, os temas tratados por Agustoni com autores que viveram e escreveram em contextos existenciais semelhantes: Marina Tsvetaeva e Walter Benjamin. Agustoni afirma, em um de seus poemas, que “[...] é possível morrer / duas, três, quatro / dez, dezenove vezes / da mesma morrida morte [...]” e o que pretende-se com este trabalho é embarcar na reflexão de que se se é possível morrer dezenove vezes, também se é possível sobreviver ressurgindo vinte.

Palavras-chave: Prisca Agustoni, Poesia, Ruínas, Hospitalidade

RECEPÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO BÁSICO: A LEITURA EM VOZ ALTA DE O AVESSO DA PELE, DE JEFERSON TENÓRIO

Manoela Müller dos Reis

Resumo: “Ler e escrever são práticas necessárias no processo de desenvolvimento do conhecimento humano em uma sociedade letrada” (MÜGGE, 2011, p.7). Tendo em vista esse pensamento, a proposta ora apresentada integra o projeto de pesquisa Mediação e recepção em cursos de escrita e leitura literária e possíveis efeitos desses cursos na saúde mental de estudantes do ensino médio, pós-isolamento, na pandemia. Para isso, foram realizados encontros semanais de leitura em voz alta da obra *O Averso da Pele*, de Tenório (2020), em duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública federal de Porto Alegre, tendo como principal objetivo, além da recepção do texto literário, a formação do leitor e sua humanização, conforme aponta Candido (1995), iniciando e mediando discussões de caráter social. Dessa forma, esta comunicação tem como propósito, também, a análise da recepção de leitura literária em voz alta, em sala de aula, no componente curricular de Literatura e Língua Portuguesa. Através do método de observação participante (MINAYO, 2008), a recepção dos alunos para com a leitura foi mediada e analisada de forma a estimulá-los a pensar e a discutir sobre o que foi lido em encontros de leitura literária, e, por meio da escritura de diários de campo e da aplicação de questionários (GIL, 2008), examinam-se os dados gerados durante os referidos encontros. Os pressupostos teóricos que subsidiam as análises contam com as reflexões de: Mügge (2011), Petit (2009) e Zilberman (2015), que, em seus trabalhos, estimulam o ensino da literatura dentro das escolas, tendo como carro-chefe a leitura com vistas à formação do leitor. Indo além da formação de leitores, como resultado preliminar, registra-se que os encontros de leitura em voz alta instruíram os estudantes sobre a importância da atuação cidadã consciente dentro dos diversos contextos sociais em que estão inseridos.

Palavras-chave: Leitura literária em voz alta; Mediação de leitura; Recepção de texto literário.

NARRATIVAS COTIDIANAS: A REPÚBLICA DA ESPADA (RE)DESENHADA PELO OLHAR CRÍTICO COMBATIVO DE LIMA BARRETO

Manuela Luiza de Souza

Resumo: A Literatura enquanto objeto de denúncia e resistência sempre se desenha como uma atitude política. Em seus diálogos com a Historiografia nos permite ler momentos históricos por caminhos diferentes dos traçados por um sistema dominante. Nossa reflexão tem como corpus a Historiografia da República da espada (1889-1894) pela perspectiva delineada na História em Quadrinhos (HQ) Triste República: A Primeira República comentada por Lima Barreto (2022), de Lília Schwarcz e Spacca. Nessa narrativa, nos deparamos com um homem preto, pobre e alcoólatra, o escritor, Lima Barreto, que por meio de sua escrita trouxe à tona críticas às injustiças e aos preconceitos que recaiam sobre si e sobre seus semelhantes. Na HQ, Lima Barreto é quem assume a voz da história, segundo ele, uma escolha feita pelos escritores. Apoiado nesse tom, busca explorar momentos nos quais são determinadas relações entre a ficção, a realidade (contada ou escrita) e sua obra que se comportam como, em termos foucaultianos, uma “escrita de si”. Objetivamos, portanto, através dos apontamentos históricos dos primeiros anos do desenvolvimento republicano brasileiro, tracejar aproximações e distanciamentos em relação ao “entre-lugar” e a “zona de contato” da Literatura, da História e da Antropologia. Para esse encontro, conversamos teoricamente com Inocência Mata (2013), Mary Louise Pratt (1999), Helena Buescu (2017); literariamente com Gregório de Matos (2010) e Lima Barreto (1922, 2004, 2017a, 2017b); historicamente com Lília Schwarcz (2013, 2015) e Heloisa Starling (2015), Jorge Ferreira e Lúcia Delgado (2018) e Hayden White (1991); e em uma perspectiva filosófica com Platão (1997) e Michel Foucault (1983). Propomos assim, ponderar, tendo em vista os encontros e desencontros, uma materialidade dessa outra visão para se contar a “História Oficial”, tendo como norte a análise dos elementos verbais e não verbais que compõem a HQ escolhida.

Palavras-chave: República da espada, HQ, Lima Barreto.

"CAROLINA VAI ÀS ESCOLAS": A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO COMO DISPOSITIVO DE LEITURA DA REALIDADE

Marcelo Queiroz Oliveira Júnior

Resumo: A literatura em nossa sociedade tornou-se uma ferramenta poderosa de orientação e autoeducação (CANDIDO, 2011). A partir disso, ao refletir a respeito da importância da literatura para a formação discente, surge o projeto de extensão "Carolina vai às escolas", da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenado pela Profa. Dra. Francislene Cerqueira de Jesus. A atividade buscou promover reflexão e, posteriormente, diálogos sobre os temas: raça, gênero e classe, a partir de algumas obras de Carolina Maria de Jesus. Para esse propósito, compreende-se a obra literária como um fenômeno ligado diretamente à vida social, uma vez que a literatura não é uma criação independente, elaborada através da vontade e do "instituto" do seu criador. Diante disso, lança-se à luz a crítica sociológica, tendo em vista que seu papel é fazer com que cada indivíduo tenha um olhar mais atento do mundo a sua volta e entenda que o julgado como “verdade absoluta” não surgiu naturalmente, muito menos é eterna, trata-se de convenção arbitrária. O referencial teórico é constituído por autores que discutem as seguintes questões: a relação entre literatura e sociedade, literatura comparada e literatura e representação social. Nessa perspectiva, as contribuições de autores como Antonio Candido, Terry Eagleton, Regina Dalcastagnè tornam-se fundamentais, tendo em vista que trazem concepções de muita relevância para o entendimento dos assuntos que serão explanados no decorrer desta exposição. No que tange às conclusões, destaca-se que, com base nos diálogos de forma horizontal, os alunos participantes do projeto conseguiram, primeiramente, fornecer aos textos trabalhados múltiplos significados mediante ao seu conhecimento de mundo, tendo em vista que “a leitura de mundo precede a leitura das palavras” (FREIRE, 2001, p. 11), e refletir sobre a realidade ao seu redor.

Palavras-chave: literatura e sociedade; literatura e representação social; carolina maria de jesus.

DA ANGÚSTIA DA OPRESSÃO À CONTEMPLAÇÃO DA LIBERDADE: A ODISSEIA HUMANA EM VIDAS SECAS E OS MISERÁVEIS

Marco Antônio Nunes Júnior

Resumo: Este projeto tem como objetivo indicar uma relação existente entre as obras *Os miseráveis* (1862), de Victor Hugo, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Esses dois autores são também conhecidos por uma escrita de cunho social, além de tantos outros aspectos presentes em suas obras, que os posicionam como referências nas literaturas francesa e brasileira. Em *Os miseráveis*, Hugo retrata a realidade da sociedade e da política francesa em 1815, trazendo como plano de fundo uma França em constante movimento, atemorizada por repentinas revoluções e a destacada degradação do ser humano. Em *Vidas secas*, Ramos, apresenta-nos a realidade de um nordeste brasileiro assolado pela seca de água e de perspectivas. A trajetória das personagens, em ambas as obras, revela a luta humana para ser mais humano e a busca por dignidade e igualdade. Mesmo que de forma indireta, nos é mostrado o quão semelhante a problemas contemporâneos são aqueles vividos pelas personagens das obras e também o quão indiferente a territórios eles são. Nessa perspectiva, mostraremos os movimentos feitos por elas – as personagens – que buscam por libertação das correntes de opressão, em uma odisséia onde situações extrínsecas à realidade do homem geram reflexões e aprendizados. Contudo, cada uma das obras pertence a seu tempo e espaço, quase cem anos as separam, dessa forma, durante as análises salvaguardamos o momento histórico e o contexto em que foram concebidas, afim de evitar anacronismos. Ademais, entendemos que quando tomamos a literatura como “um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, 2000, p.68) podemos pensar nela como instrumento para criação de um mundo comum e usar obras como a *Os miseráveis* e *Vidas secas* para ensinar e aprender sobre sociedade e valores.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Victor Hugo; Literatura Comparada.

ARQUIVOS DE MEMÓRIA E CULTURA NA CONSTITUIÇÃO DO MEMORIAL HENRIQUE SPENGLER

Marcos Vinicius Leite

Resumo: A vida, no contexto social, implica em relações sociais, intercâmbio entre indivíduo e o espaço onde está inserido, os quais levam consigo memórias, hábitos, saberes, que é a cultura. Este trabalho aborda a representação cultural, de memória e patrimônio, modos como as tradições linguísticas, culturais e literárias se fazem presentes na comunidade coxinense, abalizando a relação existente da cidade de Coxim – MS com o artista plástico Henrique Spengler. O corpus desse trabalho visa delimitar os aspectos culturais que permitem o reconhecimento e identificação do Memorial Henrique Spengler com a cultura coxinense, as questões relacionadas sobre o arquivo e a memória na cultura local, além de um breve relato biográfico de Henrique Spengler, evidenciando seus trabalhos e a sua importância como figura pública e cultural, tanto no Brasil como em Mato Grosso do Sul, culminando num espaço cultural que preserva sua memória. A metodologia utilizada inicialmente uma revisão preliminar bibliográfica, o aprofundamento dos conceitos de memória, patrimônio e espaços de memória que visa a compreensão das relações sociais estabelecidas no passado e no presente. Assim, toma-se como aporte teórico as obras: *Cultura, Memória e Identidade: Contribuição ao Debate*, de José Márcio Barros; *História e Memória*, de Jacques Le Goff; *Espaços da memória: a história não pode ser esquecida*, de Alex Carvalho Brino, Carolina Knies, Giulie Anna Baldissera. Com isso, espera-se traçar um perfil do que se entende por memória e cultura locais em Coxim.

Palavras-chave: Patrimônio; Memorial; Henrique Spengler; Espaços de Memória.

ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIA INDÍGENA: UMA ANÁLISE DE CANUMÃ, DE YTANAJÉ COELHO CARDOSO

Maria Clara Rodrigues Gonçalves

Resumo: O discurso de um narrador de um texto literário escrito por um indígena é, geralmente, também incorporado pela sua própria voz. O relato memorial é comum dentro da literatura indígena e apresenta novos tipos de narração literária dentro de um universo hegemônico europeu em que, muitas vezes, a voz do escritor é ignorada dentro das literalidades e suas estéticas. O objetivo desse estudo é analisar essa combinação de dois discursos diferentes, o do narrador com o autor, com base

teórica bahktiniana (BAHKTIN, 2015). Esses discursos são importantes para a construção narrativa do texto indígena pois há uma utilização de dados reais da comunidade ao relatar diversas memórias do povo, que são geralmente feitos por parentes mais velhos e passados para os descendentes de forma oralizada. Quando Ytanajé Coelho Cardoso escreve Canumã, ele a faz em formato escrito e transpassa sua experiência em que o eu-autor incorpora o sujeito narrativo. Apesar desse aspecto autobiográfico presente, o autor não enfatiza somente em suas vivências e em seu ser, mas tem como foco as vidas da sua comunidade, as relações deles com o mundo e suas perspectivas. Esse tipo de narrativa mais plural é muito importante para os povos indígenas e representa também a forma que os mesmos veem o outro. As histórias contadas no livro pelo narrador surgem dos discursos de seus avós, figuras muito importantes na história e também nas comunidades indígenas. Elas representam a sobrevivência das histórias, lendas e mitos indígenas e, mais importante, a sobrevivência da comunidade munduruku. Com isso, é possível afirmar, de acordo com Márcia Wayna Kambeba (2018), que a literatura para os povos originários tem um espaço gigantesco para a constituição deles e a sua transcrição para uma literatura escrita representa a conservação desses discursos e dessas memórias, transpassadas para os leitores de forma dialógica.

Palavras-chave: Literatura Indígena; Memória; Sujeito.

AS VIOLETAS DE OFÉLIA: O FLORESCER DA LOUCURA FEMININA ATRAVÉS DOS RAMOS DO DISCURSO E DAS FIGURAS DE LINGUAGEM À LUZ DA PSICANÁLISE

Maria Julia Santos Porto

Resumo: A literatura, enquanto manifestação da humanidade em todos os tempos (CANDIDO, 2011), se encontra aberta ao encontro entre suas produções e diferentes áreas do conhecimento que buscam se aprofundar nos estudos sobre os seres humanos e seus aspectos mais superficiais e notáveis, bem como aqueles mais profundos. As obras do dramaturgo William Shakespeare (1564-1616) em muito continuam a reverberar pelo mundo até a atualidade graças às suas representações de personagens dotadas de características humanas, de caráter atemporal. Unidos pelo denominador comum de personagens cativantes e pela curiosidade de mergulhar na profundidade de tais caracterizações para além das margens dos livros, é possível enveredar pelas produções do Bardo através de teorias modernas de investigação da mente humana, como a psicanálise, explorando então os limites da psique aliados às possibilidades de novas luzes de compreensão de tais personagens. O presente trabalho se propõe a analisar as diferentes formas de expressão da personagem Ofélia da peça Hamlet (1602) de Shakespeare através do viés psicanalítico de análise do inconsciente pela linguagem do indivíduo, assim como refletir sobre como as formas como se dão estas expressões se traduzem na representação de loucura de Ofélia, visando expandir os estudos acerca da personagem para além do escopo da sexualidade. A análise será pautada pelas postulações de Jacques Lacan (1901-1981) acerca do uso de figuras de linguagem como expressão de elementos do inconsciente (BARROSO, 2015; CASTRO, 2009; GOMES, 2009) e da representação do desejo e seus objetos em Hamlet (LACAN; MILLER; HULBERT, 1977), além das discussões de Shoshana Felman (2003) sobre a representação da loucura na literatura como representação de formas de existência do ser humano que transgridem a ideia de normalidade normalizada pela sociedade, e as discussões de Lawrence Flores Pereira, Kathrin Rosenfield (2020) e Elaine Showalter (1985) sobre a representação da loucura de Ofélia.

Palavras-chave: psicanálise; William Shakespeare; Ofélia.

À BEIRA MAR: UMA ANÁLISE DA MEMÓRIA EM BARBA ENSOPADA DE SANGUE, DE DANIEL GALERA

Maria Regina Soares Azevedo de Andrade

Resumo: Este trabalho investiga o dispositivo narrativo da memória no romance brasileiro Barba ensopada de sangue (2012), de Daniel Galera, premiado em 3º lugar no Prêmio Jabuti 2013 e vencedor do Melhor Livro do Ano no Prêmio São Paulo de Literatura no mesmo ano. Para isso, a análise ocorre por meio de uma observação dialética entre forma literária e processo social (CANDIDO, 2006). A memória é investigada com auxílio das contribuições teóricas de Halbwachs (2004), Gagnebin (2006), Ricoeur (2007) e Sarlo (2007), buscando categorizar e qualificar essa

memória, ao mesmo tempo em que se intenta compreender o emprego desse recurso no âmbito mais amplo da literatura brasileira contemporânea. Já o exercício crítico se apoia em estudos e procedimentos de Conti (2012), Dalcastagnè (2018), Facchin (2015), Schollhammer (2012a, 2012b) e Zandoná e Niederauer (2015), atentando-se para as especificidades estéticas e temáticas do romance e relacionando-o com a sociedade em que se insere. Considerando as relações entre literatura e sociedade, forma e conteúdo, atentamos para o modo como a memória opera na obra (quem lembra, o que lembra e como o faz) e as possíveis implicações estéticas e sociais desse recurso. Avalia-se que o emprego desse dispositivo no romance em questão se alinha com questões próprias da sociedade brasileira, tais como a negação do passado e o esquecimento dissimulado, que desfecham por estruturar nossa sociedade.

Palavras-chave: Memória; Sociedade; Literatura brasileira contemporânea; Barba ensopada de sangue.

ANÁLISE DA TERMINOLOGIA MÉDICA CONTIDA NO CAPÍTULO XXIII DA OBRA A ILHA DE SACALINA, DE ANTON TCHÉKHOV

Marina Canofre dos Santos

Resumo: A medicina já foi tema da literatura diversas vezes. As doenças, a figura do médico em personagens como Simão Bacamarte ou mesmo a própria morte estão presentes nas obras dos mais diversos gêneros, incluindo a literatura russa. É o caso da novela A Morte de Ivan Ilitch, de Tolstói, das notas autobiográficas reunidas em Anotações de um jovem médico, de Mikhail Bulgákov, e de A Ilha de Sacalina, um híbrido de texto jornalístico, literário e pesquisa acadêmica, que incluem relatórios de recenseamento médico, de Anton Tchékhov (1860-1904), objeto de análise do presente trabalho. O objetivo é analisar as diferentes soluções tradutórias de termos específicos da área médica referentes à doenças inseridos no capítulo XXIII: morbidade e mortalidade na população deportada - O sistema médico - O hospital em Aleksándrovski, o último capítulo da obra A Ilha de Sacalina, de Anton Tchékhov (1860-1904). Para este fim, foram analisadas as traduções para o alemão (de), o inglês (en), o português europeu (pt-EU) e o português brasileiro (pt-BR), além do texto original em russo. Em uma primeira etapa, foram identificados os termos especializados na tradução para o português-BR e, em seguida, foi feita uma tabela com os termos e suas traduções, além do texto original e, por fim, a averiguação nos dicionários das línguas relacionadas nesta pesquisa se se tratavam de fato de termos específicos. Ao longo do processo de busca, foi possível observar alguns termos mais óbvios como: ??? [kor] (ru), que foi traduzido da seguinte forma: sarampo (pt-EU), sarampo (pt-BR), Masern (de) e measles (en); ?????? ?????? [otchete brioschnoi] (ru), que foi traduzido como: febre tifóide (pt-EU), febre tifoide (pt-BR), Bauchtyphus (de) e typhoid fever (en) e ?????????? ??? [sibirskaja iazva] (ru), que possui as seguintes soluções tradutórias: carbúnculo da sibéria (pt-EU), antraz siberiano (pt-BR), sibirische Pest (de) e "Siberian ulcer" (anthrax) (en).

Palavras-chave: Anton Tchékhov, Terminologia, Estudos de Tradução, Literatura Russa, Competência Tradutória, Termos técnico-científicos, Linguagem Especializada,

PERCEPÇÕES SOBRE A SUBALTERNIDADE FEMININA A PARTIR DA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA "DESMUNDO"

Marina Duran Costa

Resumo: Esta pesquisa objetiva refletir acerca do papel de subalternização e, muitas vezes, de silenciamento da mulher, utilizando como principal suporte a obra cinematográfica "Desmundo" (2002) dirigida pelo francês Alain Fresnot e que se baseia no romance de mesmo nome escrito pela brasileira Ana Miranda (1996). Propõe-se, assim, a partir de observações feitas acerca dos momentos históricos narrados no filme, – os quais remetem-se ao Período Colonial brasileiro e seu processo de formação pelos portugueses no século XV – discutir como a mulher, apresentada pela protagonista Oribela e interpretada pela atriz paranaense Simone Spoladore, é submetida desde a fundação do Brasil ao bruto processo de subordinação, machismo e violência, abarcados pelo patriarcalismo e regime religioso-ideológico da época. Ainda, há de ser levado em consideração, no decorrer da

pesquisa, o papel do pós-colonialismo para a continuidade desse sistema de subalternidade, pois o mesmo está intrinsecamente ligado aos estereótipos e tabus contemporâneos, como as questões que permeiam a sexualidade, incumbências ao gênero feminino, inferiorização da mulher e aos locais de fala e atuação desta na sociedade brasileira. Como fundamento teórico, Spivak (2010), Hall (1996), Fanon (1979), Da Matta (1980), Miranda (2003), principalmente, confluem para a compreensão de conceitos essenciais a este trabalho e permitem uma relação mais concreta entre teoria-vivência. Essa dominação patriarcal-religiosa sobre as mulheres perdurou por muitos séculos até que as mudanças e reivindicações fossem ouvidas e iniciadas, visando uma tentativa de reparação histórica, todavia, ainda hoje encontram-se demasiados vestígios dessa trajetória de abuso.

Palavras-chave: Subalternidade; colonização; mulher.

A REPRESENTAÇÃO DO RACISMO NA OBRA CRUZ E SOUSA

MARINA MATIAS DE OLIVEIRA

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a vida de Cruz e Sousa e sua condição de homem negro no Brasil no século XIX, destacando sua importância para a constituição da literatura negra no Brasil e para a luta contra o racismo. Dessa forma, esse trabalho procura avaliar se as obras de Cruz e Sousa podem ser consideradas obras abolicionistas e destacar a importância do autor para a formação literária nacional, numa tentativa de abordar o racismo na sociedade brasileira, que é um problema não resolvido até os dias atuais. Trata-se de trabalho de cunho qualitativo e de natureza bibliográfica, pois busca descrever a complexidade do problema em questão. Portanto, utilizaram-se diferentes técnicas de pesquisa, como a leitura do livro Cruz e Sousa Obra Completa, na qual buscou-se selecionar e analisar quatro poemas do autor que descrevem sua condição de homem negro no Brasil. Além disso, analisou-se, ainda, artigos que abordam o tema, com o intuito de oportunizar a discussão do problema, bem como contextualizar e ampliar o conhecimento a respeito da vida e da obra de Cruz e Sousa, com ênfase nas injustiças praticadas contra o negro e a maneira que o autor usou para denunciar essas injustiças por meio da sua poesia. Esse trabalho evidencia que, no Brasil, a cor foi determinante para a formação de conflitos e desigualdades sociais por meio do racismo, tornando-se um dos determinantes do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros até os dias atuais.

Palavras-chave: Cruz e Sousa; racismo; negro.

LITERATURA LOCAL E MARGINALIDADE: A LITERATURA DE SÃO PAULO DO POTENGI (RN) E SEUS ASPECTOS A MARGEM DO CÂNONE

Mateus Levy Basílio de Macedo

Resumo: O projeto “Letras Potengienses: um inventário da literatura de São Paulo do Potengi”, foi uma pesquisa desenvolvida dentre os anos de 2020 a 2021 e executada na cidade de São Paulo do Potengi. A escolha pela cidade deu-se pelo fato do IFRN ter um de seus campi na localidade, e pela carência de estudos sobre as Letras do município, as quais o projeto teve como fim investigar, catalogar e inventariar. Em consonância alusiva as finalidades do projeto, o objetivo do presente trabalho é analisar como o projeto Letras potengienses, através do seu trabalho investigativo e organizacional, promoveu uma ação científica cultural para o resgate e visibilidade da literatura local de cunho popular, essa que traz consigo as características da oralidade – funcionando como catalisador de enunciados tradicionais da região – que muitas vezes é marginalizada em detrimento do cânone literário. O estudo foi fomentado partindo dos apontamentos teóricos do Círculo de Bakhtin, no que diz respeito à concepção de linguagem, de gênero discursivo e de enunciado, como também de Eagleton e Cândido, ao que se refere à literatura e à relação desta com a sociedade. A metodologia deste trabalho é de caráter documental, tendo em vista que o corpus analisado é formado por enunciados literários reunidos pelo projeto de pesquisa Letras Potengienses; e qualitativa, em razão da construção dos resultados e conclusões das interpretações de textos com base no referencial teórico já mencionado.

Palavras-chave: Letras Potengienses; analisar; Literatura local; marginalizada

NESSE TRECHO, EVITAMOS BUZINAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA E PSICANÁLISE

Mayara Esteves Costa

Resumo: Se os encontros com os outros e as trocas que deles advém compõem nossa experiência e, por conseguinte, colaboram para com a produção dos sentidos que nos mantém em movimento; o isolamento e a desassociação do coletivo, ao contrário, nos impulsionam para a anulação do sentido e a ruptura com o desejo. Assim, nesse trabalho, parto da pandemia de COVID-19 para apontar dois momentos de crise dos sentidos na produção acadêmica em ciências humanas. Isto é, revisito as formas de condução das pesquisas antes dessa emergência sanitária; repenso desde a finalidade da pesquisa e da crítica (em especial, a literária) até a esterilidade teórica com a qual se constroem artigos. Ainda, aponto para a velocidade com a qual se teve de retomar as marchas no retorno ao contato presencial. Por fim, encaro a literatura e a psicanálise a partir de uma postura reparadora, na medida em que são duas instâncias de encontro, de movimentação de sentidos e de permissão para o retorno ao desejo. Isto posto, foi possível pensar a Crítica a partir da Hermenêutica da Desconfiança, a qual aponta para a busca interminável de sentidos ocultos no objeto de estudo; lê-se paranoicamente (ou neuroticamente?) em vistas de esgotar o objeto, esgotar os sentidos do texto. Rabaté aponta que essas leituras produzem somente resultados que estão de acordo com a teoria inicial, na mesma medida em que Sedgwick questiona “o que saberíamos, então, que já não sabíamos?”. Após a exploração desse mecanismo tautológico e suas materializações no texto acadêmico, olha-se para a literatura e para a psicanálise a partir de seus traços reparadores (em concordância com a proposta de Leitura Reparadora, elaborada por Eve Sedgwick), os quais permitem a exploração do próprio eu e o encontro, não a produção, de sentidos outrora perdidos.

Palavras-chave: hermenêutica da desconfiança; leitura paranoica; leitura reparadora

ÀS MARGENS DO ATLÂNTICO: OS ENTRE-LUGARES NOS POEMAS MINERAI NOIR DE RENÉ DEPESTRE ET LE SOUFFLE DES ANCÊTRES DE BIRAGO DIOP

Mucane do Nascimento Silva

Resumo: As literaturas negro-africanas se apresentam em uma grande diversidade em todas as formas através das quais ela é composta: literatura infanto-juvenil, conto, romance, poesia, entre outros. Dentre toda esta diversidade, é ainda possível encontrar traços similares entre elas, sobretudo em relação à história que alguns países têm em comum, que remetem à época colonial. Trata-se de um elemento que ainda permanece em alguns aspectos nas literaturas negro-africanas e com o objetivo de descobrir como a colonização e a diáspora influenciam estas produções oriundas de espaços diferentes, selecionamos os poemas minerai noir (1956) do poeta haitiano René Depestre e le souffle des ancêtres (1960) do autor senegalês Birago Diop, afim de fazer uma análise comparativa entre eles e, para além disso, estabelecer suas relações de similaridades. Fundamentados sobre os olhares de alguns pensadores dos estudos culturais e da crítica literária do século XX, como Aimé Césaire (1955); Stuart Hall (2009); Lilyan Kesteloot (1987); Dominique Viart (2008). Poderemos assim extrair desta análise os elementos que demonstram o papel da diáspora negra nessas produções literárias e os mecanismos utilizados pelos poetas na composição de textos que restituem a história da parte dos que foram privados de voz e rompem assim um longo silêncio instaurado na época colonial.

Palavras-chave: Literaturas francófonas; Diáspora; Ruptura do silêncio; Identidade negra

AS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO FEMININO E DA HOMOAFETIVIDADE SOB A PERSPECTIVA DA CRÍTICA FEMINISTA DENTRO DOS ÂMBITOS SOCIAIS, CULTURAIS E POLÍTICOS NO ROMANCE BETWEEN THE ACTS

Nicole Anizio Mariano de Sá

Resumo: Tomando como base os próprios ensaios de Virginia Woolf, como A Room of One's Own (1929), Three Guineas (1938) e Thoughts on peace in an air raid (1940), e os ensaios Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence (1980) de Adrienne Rich, Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity (1990), de Judith Butler e Sister Outsider (1984), de Audre Lorde, esta pesquisa visa a análise do romance Between the Acts (2008) da escritora inglesa Virginia Woolf por um viés

feminista, político e sócio-cultural, partindo da perspectiva do sujeito feminino, da sexualidade não-normativa e do contexto presente durante a Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, o nosso objetivo é relacionar tais temas através dos pontos de vista teóricos e literários, sempre contrastando-os e salientando-nos para os estudos da crítica feminista através dos textos lidos e das possíveis comparações estabelecidas no meio sócio-cultural e político presentes na prática dentro da sociedade contemporânea. Este estudo, visa, portanto, ao contrastar teoria e prática, nos fazer refletir através do meio literário sobre como somos enquanto sociedade e como tais aspectos podem ser relacionados à crítica feminista e ao meio político e sócio-cultural. Assim, este estudo diz respeito não somente à crítica feminista e à literatura, mas também aos estudos sociais e antropológicos da sociedade em que vivemos e estamos adentrados.

Palavras-chave: crítica feminista; Virginia Woolf; Entre os Atos;

MARCAS DA ESCRIVIVÊNCIA NO ROMANCE OUTROS CANTOS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Raissa Gabriela Souza de Araújo

Resumo: Maria Valéria Rezende, em sua obra *Outros Cantos* (2016), dialoga com os problemas sociais de um grupo de sertanejos pobres localizados em Olho d'Água, no interior nordestino, um grupo subalternizado por aqueles que detém o poder econômico em nossa sociedade. Com base nas relações estabelecidas pela linguagem, temos reveladas as vivências de Maria, protagonista deste romance, que, ao rememorar o passado, constrói a narrativa. Dessa forma, objetiva-se desenvolver uma discussão que pretende explicar como as vivências desta personagem se concretizam na obra, a partir do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo e, também, da discussão feita pelo teórico Antonio Candido, em seu livro *Literatura e Sociedade* (2006), no qual o estudioso discute sobre a relação entre a literatura e a vida social. A análise desenvolvida busca discutir, a partir da protagonista Maria, o papel da categoria personagem na caracterização e na construção desta narrativa contemporânea.

Palavras-chave: Romance contemporâneo. Maria Valéria Rezende. Escrevivência

MARIE VIEUX-CHAUVET: FORMAS DE VIVER, ESCREVER E RESISTIR SOB O TERROR

Raizza da Costa Lopes

Resumo: O presente resumo tem como escopo refletir sobre as relações entre vida, escrita e resistência na obra *Amour, colère et folie* da escritora haitiana Marie Vieux-Chauvet, publicada no contexto do regime político ditatorial de François Duvalier (1957-1971). Propomos, primeiramente, apresentar a escritora que viveu a dualidade de pertencer à burguesia em um país forjado pela violência colonial, pela desigualdade e a opressão de classe, de gênero e de cor. Escritora de *Fille d'Haïti* (1954), *Danse sur le volcan* (1957) e *Fonds-des-nègres* (1960), Marie se torna uma referência das Letras haitianas através de suas personagens femininas que se revoltam contra a violência, a injustiça e a miséria, produzidas pelo poder político e econômico (PARISE, 2018). No entanto, é em sua última obra *Amour, Colère et Folie* (1968) que a escritora chancela seu destino através da escrita desse romance que versa sobre a revolta e a resistência à violência sob o regime de terror sob François Duvalier, vista e percebida através do sofrimento e da revolta íntima (MARTELLY, 2016). Em seguida, apontaremos em sua escrita elementos de submissão e de revolta que desnudam a intrincada relação entre a subjetividade e o poder. Publicado pela Gallimard em 1968 com o apoio de Simone de Beauvoir, *Amour, Colère et Folie* foi recebido pelo regime de François Duvalier como um ataque, provocando o exílio de Marie em Nova Iorque e a suspensão da distribuição da obra pela Gallimard (LAHENS, 2016). A supressão e o silenciamento da voz autora (SERRANO, 2016), por mais de 30 anos, atestam os riscos da escrita de Marie Vieux-Chauvet ao ousar afrontar o poder.

Palavras-chave: Literatura Haitiana; Resistência; Silenciamento

MIMESIS E NARRATIVA NA LITERATURA E NO CINEMA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A INFLUÊNCIA DO REGIONALISMO LITERÁRIO EM PRODUÇÕES DO CINEMA CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO NA TRILOGIA FÍLMICA DE FREDERICO MACHADO: LAMPARINA DA AURORA (2017), REVIVER (2018) E BOI DE LÁGRIMAS (2019)

RAQUEL LEAL DE CARVALHO

Resumo: Partindo da bem conhecida ênfase dos elementos regionais na literatura brasileira e da evidente intersecção que há entre literatura e cinema, este trabalho analisa a influência literária em produções cinematográficas contemporâneas de Frederico Machado: *Lamparina da Aurora* (2017), *Reviver* (2018) e *Boi de Lágrimas* (2019), sob a estética do regionalismo, mediante o olhar da mimesis. Para isso, apoiou-se no aporte teórico dos seguintes autores que discutem as categorias mimesis, narrativa, regionalismo literário e cinema, respectivamente: Luiz Costa Lima (1980), Ricoeur (1994), Debs (2010) e Bordwell; Thompson (2013). Como metodologia, adotou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, que se insere no âmbito dos estudos comparativos interdisciplinares. Constatou-se que a estética regionalista representada por obras da literatura brasileira, por meio do processo mimético, também está contida em obras cinematográficas de Frederico Machado, seja pela composição do espaço da narrativa, as memórias culturais ou, até mesmo, a autonomia da figura feminina, aspecto de relevo para as novas configurações do regionalismo, conforme Braga (2017). No filme *Lamparina da Aurora* (2017), as memórias culturais são representadas por meio da religiosidade dos personagens, das opções gastronômicas e pelos costumes identitários. Nessa obra, a personagem feminina se faz muito presente e a organização do espaço, como a mobiliária e as áreas internas e externas a casa remetem às características regionais. Em *Reviver* (2018), a organização espacial se faz evidente, pois a obra explora as paisagens da cidade de São Luís, capital do Maranhão. Além disso, pode-se elucidar a autonomia da personagem feminina. A obra *Boi de Lágrimas* (2019) evidencia a cultura do “Bumba Meu Boi” e a participação fervorosa da figura feminina em manifestações políticas. Observou-se, portanto, que o regionalismo presente em obras literárias brasileiras está nitidamente representado, também, no cinema contemporâneo.

Palavras-chave: regionalismo literário; cinema; mimesis.

AS BORDAS DO REAL ENTRE O ANTROPOCENO E O FANTÁSTICO

Raul Chatel Neto

Resumo: É perceptível o esgotamento dos recursos naturais do nosso planeta, de forma que, continuar destruindo a natureza como se seus recursos fossem inesgotáveis ou rapidamente renováveis, pode resultar, em última instância, na extinção da espécie humana. Nesse sentido, a educação precisa aliar-se aos demais segmentos transversalmente para tentar reverter ou, ao menos, minimizar os males já causados. Para tal, é necessária uma reeducação ambiental, objetivando um ensino crítico, possibilitando, através dele, a estruturação de ferramentas para lidar com a exploração desenfreada da natureza. Segundo o cientista Paul Crutzen, vive-se atualmente a era do Antropoceno, marcada por mudanças decorrentes da ação humana sobre o planeta: destruição da fauna e flora, poluição marítima e do ar demonstram riscos não somente às espécies não humanas, mas também aos seres humanos. Neste estudo, através de uma abordagem qualitativa aplicada, buscar-se-á por meio de pesquisa bibliográfica, analisar obras literárias de língua portuguesa que se valem do fantástico em Todorov, comparando-as, para verificar as diferentes formas de ficcionalização das relações entre a humanidade e o meio ambiente, objetivando trazer reflexões sobre elas, além de propor atividades a serem desenvolvidas em aulas de literatura a fim de contribuir com o desenvolvimento de uma educação ambiental, em consonância com a Agenda 30 da ONU e suas demandas mundiais. Com esse propósito, o trabalho se ancora nos estudos do Antropoceno, na linha interdisciplinar da Ecocrítica e no conceito de fantástico como dispositivos metodológicos de análise das obras *A maior flor do mundo* (2001), do português José Saramago; e *Os transparentes* (2013), do angolano Ondjaki.

Palavras-chave: Antropoceno; Educação Ambiental; Literatura

A COSMOPERCEÇÃO DA VELHICE EM LYGIA FAGUNDES TELLES E TEOLINDA GERSÃO À LUZ DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL

RAYANA KELLY RODRIGUES DE OLIVEIRA

Resumo: O idoso é como uma árvore centenária que sobreviveu aos fenômenos naturais, mas que sofre na contemporaneidade. O velho é o indivíduo que carrega a memória dos seus antepassados e

tenta revivê-la no presente apesar do mundo hodierno onde não há tempo para perder com o passado. Neste mundo o homem precisa produzir e consumir progressivamente para ter uma vida aprazível. Entretanto, quando chega a Velhice o ser humano adquire uma nova percepção – uma cosmopercepção – isto é, ele passa a valorizar a lentidão do tempo, as simples coisas da vida e, sobretudo, a natureza. Tomando como ponto de partida a percepção de mundo do idoso esta pesquisa apresenta a análise dos contos “A presença” de Lygia Fagundes Telles e “As mimosas” de Teolinda Gersão. O primeiro conto se passa em um hotel de idosos que logo tem a tranquilidade rompida com a chegada de um jovem. A segunda obra revela um quarto de uma idosa carente de companhia e presa a uma cama devido à fragilidade de sua saúde. Valendo-se da liberdade da literatura em elucidar vários aspectos humanos, tanto subjetivos como sociais, é possível dialogar com a Geografia Humanista Cultural, pois este campo de estudo investiga o ser-e-estar no mundo. E, com base nos pressupostos dessa área, a pesquisa buscou entendimento em teóricos como Eric Dardel (2015), Yi-Fu Tuan (2013), Simone de Beauvoir (2018), entre outros. Assim, verificou-se que ambos os contos reafirmam que o bem-viver na velhice implica em relações topofílicas (lugares afetivos) com o corpo, com as coletividades, com a Terra e que o acúmulo de bens, riquezas e glórias são indispensáveis perante a ausência de amor e respeito entre as gerações.

Palavras-chave: literatura; velhice; geografia humanista cultural.

ESSE CABELO: A BUSCA DO EU, IDENTIDADE NEGRA, ANCESTRALIDADE E PERTENCIMENTO

Rayane Gabriela de Souza

Resumo: Este trabalho faz parte do projeto "Outros corpos, outras memórias: escritores negros na Literatura Portuguesa Contemporânea", sob a orientação da Prof.^a Dra. Roberta Guimarães Franco Faria de Assis, com bolsa FAPEMIG, e tem como objetivo analisar, na obra "Esse cabelo" (2015), da escritora Djaimilia Pereira de Almeida, os processos da busca do eu e da identidade negra, a ancestralidade e o pertencimento, por meio das contribuições teóricas acerca da tomada de consciência (negra) mencionada por Fanon em "Pele negra, máscaras brancas" (1952), e do conceito de pertencimento abordado por Hall (2009). Observaremos, na obra "Esse cabelo", como Djaimilia descreve a trajetória da personagem Mila, a descoberta e a procura da sua identidade negra, a sensação de não pertencimento e a busca de suas origens, como o Cabelo a conduz para uma jornada que a levará a um (re)encontro com sua ancestralidade, a sensação de não pertencimento em relação a um lugar que não lhe é estranho, numa espécie de autoexílio, a importância do (re)conhecimento de sua raça e do percurso traçado desde a infância ao se deparar com esse cabelo crespo, bem como os processos de como lidou com essa descoberta até a vida adulta. Ao encontrar a identidade negra, se deparar com a tomada de consciência negra e compreender que esse cabelo não remete apenas à estética, ele se torna um caminho da procura pelas suas origens e ultrapassa as fronteiras de Angola e Portugal, a fim de conduzir a personagem no entendimento de sua negritude.

Palavras-chave: Identidade negra, pertencimento, ancestralidade.

PEDAÇOS DE UM CORPO: HIBRIDISMO NO ROMANCE MEU CORPO DARIA UM ROMANCE: UMA NARRATIVA DESARMADA (1982) DE HERBERT DANIEL (1946-1992)

REINALDO LUIZ DA SILVA JUNIOR

Resumo: A redemocratização no Brasil ocorrida na década de 1980 permitiu dentre inúmeras “aberturas” a inserção do mercado editorial internacional, que trouxe uma onda de obras internacionais e best sellers. Surgiu então a necessidade dos autores brasileiros lançarem-se no novo para diferenciá-los das demais obras, o que ficou caracterizado como os novos tempos (PELEGRINI, 2017). Neste processo pós ditadura militar, a literatura adota vários papéis, dentre eles, Schollhammer (2015) afirma que “A literatura sempre teve importante papel de testemunho e de memória desse tipo de atrocidades ao oferecer vivências afetivas de realidades[...]”(p.39) nesse sentido a obra Meu corpo daria um romance: uma narrativa desarmada (1982) publicada pelo escritor ex-guerrilheiro, homossexual e soropositivo Herbert Daniel (1946-1992) se utiliza do próprio corpo para construir uma narrativa afetiva das realidades vivenciadas durante o estado de exceção e que avança para além da autobiografia. Exposto o fato, pretendemos analisar como a estrutura da

obra influencia a construção narrativa proposta para o romance. Os pressupostos teóricos utilizados neste estudo se apropriam das contribuições de Garramuño (2014), Schollhammer (2009; 2012; 2015), Modesto&Barbarena (2021) entre outros. Destarte, as análises desenvolvidas mostram além da estética criativa do autor, rupturas e possibilidades ampliadas das noções convencionais quando pensa-se o gênero romance, ao construir sua obra dividida em 11 capítulos, Herbert Daniel se aperfeiçoa ao subdividir esses capítulos e inserir narrativas para além da autobiográfica, um não pertencimento às especificidades atribuídas ao romance.

Palavras-chave: romance contemporâneo; Herbert Daniel; hibridismo.

CORPO E EXISTÊNCIA: A DESUMANIZAÇÃO FEMININA COMO APAGAMENTO SOCIAL NA OBRA RINHA DE GALOS, DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

Rildejane Ingrid de Almeida

Resumo: Esta proposta de pesquisa concentra-se na investigação das remanescências do imaginário medieval sobre o feminino por meio do processo de endoculturação e de hibridação cultural vivenciado pela personagem principal do conto Ali da obra latino-americana do século XXI, Rinha de Galos (2021), de María Fernanda Ampuero (Equador). O objetivo consiste em compreender de que forma o modo de pensar da medievalidade acerca do feminino afeta a existência da protagonista, além das demais personagens que a cercam. O estudo se baseia em uma estratégia de pesquisa de natureza básica; do tipo explicativa, quanto aos objetivos; bibliográfica, quanto ao procedimento e qualitativa, quanto à abordagem. A técnica de coleta de dados consiste na documentação indireta, própria da pesquisa bibliográfica. Partindo dos resultados discutidos na análise do texto, observa-se que o conto “Ali”, retirado do livro Rinha de Galos, apresenta contexto baseado na subjugação de mulheres afetadas pela colonização de países latinos, refletindo no cessamento da voz das mulheres, tornando esse corpo como não-humano e o impossibilitando de existir e ser ouvido. Espera-se que a pesquisa proposta, resultado de pesquisa realizada no âmbito do Curso de Letras do IFCE Campus Tabuleiro do Norte, contribua com o aporte teórico sobre a literatura latino-americana contemporânea e sobre a configuração do imaginário acerca do feminino no século XXI. Além de colaborar para a divulgação de obras literárias produzidas por mulheres na América Latina atual compreendendo melhor os textos e a cultura dessa parte do continente americano. Por fim, com o empenho designado à pesquisa, por meio de sua realização e divulgação em eventos e revistas científicas, espera-se impulsionar o estudo do tema nos Cursos de Letras do Instituto Federal do Ceará (IFCE) e também de outras Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil.

Palavras-chave: endoculturação; residualidade; literatura latino-americana

DO NARRADOR CLÁSSICO AO NARRADOR PÓS-MODERNO

Rogério Reis Carvalho Mattos

Resumo: Entre o ensaio de Walter Benjamin, O narrador, e as objeções feitas por Silviano Santiago sobre o narrador pós-moderno, aconteceu uma revolução. Com o cinema do pós-guerra, o discurso indireto livre adquire novo estatuto e são mais os cineastas do que os escritores que passam a ter a fé pública para dizer a verdade sobre a narrativa. Sem levarmos em consideração o que ocorreu entre a apresentação dos dois narradores, o da década de 1930 e o da de 1980, dificilmente podemos compreender as transformações do discurso literário hoje. O cinema, portanto, acaba por falar a verdade a respeito da literatura e, ao invés de condicionado por esta (como no início do século passado), passa a lhe servir de referência não só estética, como também teórica. São nos escritos de Pier Paolo Pasolini que se observa essa mudança, teórico e observador privilegiado das transformações da percepção humana depois das tragédias da guerra e do após guerra. Ler Pasolini, portanto, atualiza a visão sobre o texto clássico de Walter Benjamin, como também nos ajuda a compreender as mudanças na narrativa literária nas últimas décadas. Ao colocar no centro desta reflexão o ensaio de Silviano Santiago, a matéria literária ganha novo estatuto. Se o autor brasileiro não levou em conta o cineasta e poeta italiano, ao suprir esta lacuna suas anotações se tornam mais relevantes e trazem questionamentos embasados no devido processo histórico. Não mais saltaremos, como que por mágica, da leitura de um texto da década de 1930 para um da de 1980

(entre Benjamin e Silviano), e assim conseguimos maiores aportes críticos e um olhar mais detalhado para o fenômeno visado.

Palavras-chave: literatura, narrativa, teoria, história

O QUARTO DE GIOVANNI, PREFÁCIO ÀS LITERATURAS AMERICANAS

Sâmya Maria Gonzaga de Sousa

Resumo: A obra "O Quarto de Giovanni", pensada a partir de uma abordagem metodológica e interseccional, propõe temas relacionados a homossexualidade, masculinidade, crises existenciais e afetividade entre homens negros. Embora a primeira leitura tenha mostrado um romance entre sujeitos brancos ou um relacionamento interracial, ao avançar com as leituras teóricas (Hooks, 2010; Noguera, 2020; Gomes, 2022; Evaristo, 2017) foi possível, nesse ano inicial de pesquisa, perceber a raça como categoria a partir da experiência de homens negros racializados. Ante o exposto, o presente trabalho, em sua função de comunicar resultados parciais de pesquisa, examina a hipótese da presença do amor preto, mesmo sem especificar o fenótipo negro do personagem protagonista. James Baldwin, em sua obra, retrata o afeto preto, esse, ainda se encontrando estigmatizado no racismo estrutural, de igual modo, referencia estereótipos de como esses personagens devem relacionar-se ou se portarem perante esse afeto. Paralelamente, uma análise preliminar da fortuna crítica assinala "O Quarto de Giovanni" como obra autobiográfica, que considera a obra como uma escrita autobiográfica na qual o autor apresentaria aspectos tanto morais quanto sexuais ao longo da diegese da obra, como analisa Philips (2000). Portanto, como resultados parciais de uma iniciação científica em andamento, pôde-se observar, na diegese de "O quarto de Giovanni", como os ideais de afeto e o racismo estrutural se encontram enraizados na afetividade, como se o amor romântico não fosse para esses corpos.

Palavras-chave: Interseccionalidade; James Baldwin: romance; Afetividade.

A EXPANSÃO DAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS DO PRESENTE: FOTOGRAFIA E NARRATIVA

Samara Conceição de Lima

Resumo: Na era da cultura visual, não é estranho que muitos autores e críticos venham se interessando cada vez mais pela inserção das imagens em meio ao universo ficcional. No que diz respeito à imagem fotográfica, podemos considerar que ela sempre foi vista como um espelho fiel da realidade. Mas, atualmente, o que temos visto é uma gama de produções que buscam problematizar a objetividade e a credibilidade concedidas à imagem (Fontcuberta). Natalia Brizuela, em seu livro "Depois da fotografia: uma literatura fora de si" (2014), fala de uma expansão dos campos das artes, considerando o trânsito entre as imagens e o texto. Ao explorar as relações entre a fotografia e a poesia, Adolfo Montejo Navas (2017) também investe em outras funções simbólicas presentes na relação entre as duas artes. Nas últimas décadas, é possível perceber um aumento significativo de produções literárias fortemente marcadas pela inclusão de fotografias. Este trabalho pretende explorar a relação entre as imagens e a narrativa, considerando dois movimentos. O primeiro diz respeito ao comentário sobre a presença das imagens em "Os viajantes" (2020) de Regina Porter. O segundo movimento diz respeito à produção da fotógrafa Francesca Woodman. As análises terão como objetivo principal explorar o modo como a relação entre imagem e narrativa expande a fotografia para outras possibilidades inventivas e, simultaneamente, amplia a noção de narratividade.

Palavras-chave: Literatura e fotografia; Regina Porter; Os viajantes.

AS NOVAS PESSOAS DE TCHERNYCHEVSKI: UMA PONTE ENTRE ESTÉTICA E IDEOLOGIA

Sara Luiza Carvalho de Lima

Resumo: Este trabalho, que está sendo desenvolvido como parte de uma monografia de conclusão de curso, propõe uma análise da constituição das "novas pessoas" no romance "O que fazer?", de N. G. Tchernychevski. Esta análise é pautada na observação da construção e do funcionamento dos personagens centrais que representam essas "novas pessoas" e da incorporação nessas personagens do sentido de realismo que Tchernychevski desenvolveu sobre a condição humana em seus escritos

políticos, filosóficos e crítico-literários. Para o desenvolvimento desta análise, o trabalho utiliza principalmente das noções de “tipo” - considerando, em geral, a ideia de que na representação artística o “tipo” seria uma cristalização universal de um fato social e individual da realidade -, dando enfoque para os efeitos do uso desse recurso no romance, e de “herói positivo”, empregada por Rufus Mathewson para se referir à figura do protagonista idealizado na literatura russa, em especial pelo grupo de intelectuais raznotchintsy do século XIX ao qual Tchernychevski pertencia. Além disso, é também considerada para a análise a discussão político-filosófica e literária dos séculos XIX e XX sobre o sentido de realismo e os elementos próprios ao pensamento tchernychevskiano, pautado no materialismo, no utilitarismo e no socialismo utópico, associados a esta discussão. A partir disso, este trabalho pretende refletir pelo prisma do personagem literário sobre a ponte entre ideologia e literatura ao observar, por um lado, a estética resultante da aplicação literária do sentido de realismo próprio ao sistema ideológico de Tchernychevski e, por outro, a forma como os próprios recursos e desenvolvimentos estéticos contribuem para esse sistema. Assim, esta monografia busca dialogar e colaborar com as considerações teóricas e críticas sobre o romance “O que fazer?” e o sistema teórico realista de Tchernychevski.

Palavras-chave: literatura russófona; realismo; ideologia e literatura

"ESCREVENDO NO AUTOMÓVEL": O ESPAÇO DA ESCRITA E DA LEITURA EM A TEUS PÉS, DE ANA CRISTINA CESAR

Sofia de Almeida e Mello

Resumo: No presente pôster, pretendemos apresentar um dos resultados obtidos na pesquisa de Iniciação Científica, financiada pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que buscava compreender a relevância das imagens do transporte, do deslocamento e da travessia para o entendimento das questões poéticas presentes no livro "A teus pés", da poeta Ana Cristina Cesar. Visamos apresentar a hipótese de que há uma relação entre os meios de transporte e o espaço do poema, a cena de escrita e leitura. Ao percebermos que a palavra “metáfora” tem uma ligação com o termo “transporte”, pudemos identificar um aprofundamento do entendimento das imagens do meio de transporte que, inseridos nos poemas de Ana Cristina Cesar, podem simbolizar o próprio texto no qual se inserem, criando uma relação de espelhamento entre texto e imagem. Nesse sentido, é possível rastrear uma abordagem metapoética sempre associada aos meios de transporte. Além disso, também rastreamos as vinculações dos meios de transporte e da literatura com a tradição literária. Desde a literatura medieval ocidental, como apontado por Curtius, até a modernidade, com Mallarmé, percebemos que o ato escritural é relacionado com a viagem marítima. No entanto, observamos que Ana C. faz uma releitura dessa tradição por meio de recursos da tradução, também vista como um “meio de transporte”, um movimento similar à escrita, ao uso das metáforas. Sua releitura de uma literatura supostamente hermética ou formalista consiste na inserção do corpo no espaço escritural criando uma abertura para a experiência. Assim, os meios de transporte, na obra da poeta, são tanto usados como relidos na relação problematizadora da tradição. Guiamos nossa hipótese, para além da fortuna crítica da poeta, por meio de abordagens da crítica literária de Michel Collot, Maurice Blanchot e Marcos Siscar.

Palavras-chave: poesia brasileira contemporânea; Ana Cristina Cesar; meios de transporte

CORPO (S) QUE FALA (M): PERFORMANCE E REPRESENTAÇÕES TRANS NOS TERREIROS DE UMBANDA

Thaiane Peixoto Barbosa

Resumo: O corpo é um elemento importante nos estudos culturais e literários, mas por muito tempo foi lido a partir de discursos hegemônicos e não inclusivos. Este trabalho, resultado de uma pesquisa em andamento, apresenta um olhar voltado para a compreensão do corpo, das representações e das performances das mulheres umbandistas transexuais – um grupo duplamente invisibilizado – relacionando esse tema às discussões sobre gênero e sobre manifestações religiosas nos terreiros de umbanda do município de Tabatinga/Amazonas. Partindo da problematização sobre o conceito de corpo biológico até a ideia de corpo mítico e a sua importância nos espaços religiosos, em especial

nas religiões de matriz africana, analisamos, a partir de uma observação não participante nos terreiros de umbanda da cidade de Tabatinga, as representações e performances desses sujeitos e buscamos entender como elas compreendem o espaço ocupado por seus corpos no terreiro dentro e fora dos rituais sagrados, abordando o corpo como um elemento político, social, discursivo e literário. A pesquisa tem base teórica em Paul Zumthor (2018), que aborda a questão da performance; David Le Breton (2012), que apresenta uma visão sociológica para a noção de corpo; Renata Marinho Paz e Tiago Alves Callou (2020), propõem uma abordagem religiosa da corporeidade, e Butler (2020), que discute as estruturas e dimensões políticas dos corpos. Dessa forma, esperamos fortalecer os estudos já produzidos sobre os movimentos LGBTQIA+, assim como ampliar os estudos sobre o universo das religiões de matriz africana, aprofundando os conhecimentos acerca da dimensão do corpo e das suas transições, expressões e representações.

Palavras-chave: Corpo, performance e representações; Mulheres trans; Religiões de matriz africana.

LITERATURA E PRISÃO: O PROJETO DE REMISSÃO PELA LEITURA E A UNIDADE CARCERÁRIA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Thiago Gomes de Souza

Resumo: A remição da pena pela leitura é uma prática socioeducativa que garante à pessoa presa o direito de subtração do tempo de cumprimento da pena. A presente pesquisa buscou investigar o conceito de literatura e as estratégias de formação de leitores que a Unidade Prisional de Tabatinga/AM utiliza no projeto denominado "Projeto Remição pela Leitura da Comarca de Tabatinga". Neste sentido, a pesquisa parte da indagação acerca do cumprimento do dever legal e constitucional do Estado para com os encarcerados, e da compreensão de literatura nas atividades práticas de leitura feitas naquele estabelecimento prisional. Para tanto, serão considerados neste trabalho as concepções de Cândido (2004), pensando a literatura como um direito básico do ser humano; Magalhães (2008), pontuando a importância das leituras de livre escolha na formação do leitor; "Literatura para quê?", de Compagnon (2009), reconhecendo que a literatura tem o poder de nos tornar sujeitos mais sensíveis. Leis e doutrinas que regulamentam a leitura literária em estabelecimentos prisionais, assim como demais pesquisas que discorrem sobre o letramento literário em prisões, também auxiliaram no aporte teórico-metodológico utilizado na pesquisa. Utilizamos o método descritivo e documental, além de visitas de campo observatórias, a fim de compreender as mudanças que espaços e propostas de leitura podem ocasionar em um ambiente carcerário. Assim, este estudo pretende contribuir para pensar práticas, espaços educativos, ressocialização nas prisões, bem como dar visibilidade a esses corpos/leitores silenciados.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Literatura; Leitura literária; Remissão pela leitura.

A PRÁTICA DO TOKENISMO RACIAL EM LUXÚRIA DE RAVEN LEILANI

Victor Soares Lopes

Resumo: No presente trabalho, analisaremos o romance *Luxúria* (2020) da estadunidense Raven Leilani à luz do tokenismo racial praticado contra a protagonista Edie. Aqui, entende-se o tokenismo como a prática ilusória de ser inclusivo com grupos minoritários. Segundo a pesquisadora Judith Laws, além do gênero, orientação sexual e demais estratificações, o tokenismo pode estar associado com a questão racial e étnica (LAWS, 1975, p. 51). Partindo para o romance de Leilani, a editora em que a personagem Edie trabalha pratica o tokenismo por contratar duas mulheres negras como símbolos ilusórios de diversidade para o benefício da empresa. Conforme Laws (1975, p. 51-52) aponta, a estrutura do tokenismo é regulamentada pelas figuras de token e sponsor, sendo o primeiro caracterizado pela classe desviante e o segundo pela classe dominante. Nesse sentido, a editora atua como sponsor enquanto Edie e Aria, as únicas mulheres negras do departamento, são os tokens, ou como Edie ironiza: "prontinha para ser transformada em token" (LEILANI, 2021, p. 26). No desenrolar do enredo, o fenômeno tokeniano causa um ambiente de trabalho tóxico e que intensifica a rivalidade feminina entre Edie e Aria. Ao proceder os tokens como símbolos ao invés de indivíduos (KANTER, 1977, p. 966), Edie é levada a enfrentar severas dificuldades em se reerguer independente após a sua demissão na editora que trabalhava com Aria. Com isso, o trabalho

mostrará os limites que uma mulher negra e sem dinheiro pode atingir e o quanto a estrutura ou a falta dela afeta o indivíduo.

Palavras-chave: raven leilani; luster; tokenismo.

FIGURAÇÕES DA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO FEMININO EM CARTAS A UMA NEGRA (2021), DE FRANÇOISE EGA

Virna Brena Catão Lima Tenório

Resumo: Françoise Ega (1920-1976), escritora nascida na ilha Martinica, região caribenha pertencente ao domínio francês, morou parte de sua vida na cidade francesa Marselha. Durante o tempo em que viveu no país do hexágono, trabalhou como empregada doméstica enquanto lutava pelos direitos sociais dos imigrantes caribenhos. Seu romance epistolar e autobiográfico *Cartas a uma negra* (2021), é formado a partir de um compilado de cartas escritas entre os anos 1962 e 1964 que jamais foram enviadas à sua destinatária, a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Ao utilizar-se da escrita de si para narrar o seu dia a dia, identificando-se com as vivências da brasileira, relatadas em seu diário *Quarto de despejo* (1960), Ega se apropria das suas memórias e sensações imediatas para contar a sua história, que pelo caráter de resistência, também se torna uma história coletiva, pois segundo Duarte (2014) “Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história própria ou coletiva” (p. 34). Com base na relação que os franceses estabelecem com os caribenhos, descritas por Ega como, muitas das vezes, ainda coloniais, o presente estudo tem como objetivo analisar trechos das epístolas de Ega em que a escritora narra suas vivências como empregada doméstica e a luta por seus direitos trabalhistas e de suas compatriotas. Ao percebermos descrições animais de personagens, juntamente a espaços de trabalho sufocantes e relatos das reverberações do racismo na vida das mulheres antilhanas, também identificamos a constituição de um acervo histórico-cultural que exemplifica o racismo e a exploração do trabalho feminino impostos às mulheres negras, imigrantes e caribenhas. Utilizamos como aporte teórico as discussões propostas por Carole Boyce-Davies (2010), Duarte (2009;2014) e demais estudos que tratam sobre a exploração do trabalho feminino e o racismo direcionado à mulher negra.

Palavras-chave: Literatura Caribenha; Exploração do trabalho; Autoria feminina.

RE-COMPARANDO CLARICE: UM DIÁLOGO COMPARATISTA ENTRE O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte E SUA VERSÃO EM LÍNGUA INGLESA

Vitória Mombrum

Resumo: Apesar de ser uma das autoras brasileiras mais conhecidas, quase não há estudos acerca da produção de Clarice Lispector voltada às crianças, posto que, por conta de um pensamento colonizado, a literatura infantil muitas vezes é deixada às margens do que se considera literatura a ser estudada academicamente e acaba se tornando algo que habita a exterioridade. Nesse âmbito, o presente trabalho propõe uma discussão literária da obra *O mistério do coelho pensante* (1967), de Clarice Lispector, de forma a compará-la com sua versão em língua inglesa, *The mystery of the thinking rabbit* (1975), traduzida por Suzanne Jill Levine, porém nunca publicada. Por meio desse comparativo, visa-se o aprofundamento em uma das obras infantis da autora, objetivando identificar as semelhanças e diferenças culturais do inglês para o português e vice-versa. Assim, a importância da pesquisa reside não só na contribuição para os estudos da literatura infantil de Clarice, como também viabiliza um fomento nas discussões de guinada descolonial, na medida em que possibilita o processo de comparar para descomparar e, assim, re-comparar, ancorando-se em conceitos propostos por Walter Mignolo e desenvolvidos por Edgar Nolasco. Para tanto, serão utilizadas como base a epistemologia da Crítica biográfica-fronteiriça (2015), de Edgar Cézar Nolasco, e o conceito de biol  cus (2015), do mesmo autor, de forma a entender qual a posi  o de Clarice Lispector enquanto escritora de literatura infantil. Também utilizaremos o conceito de exterioridade e a formula  o proposta em “Un paradigma otro” (2020), ambos de Walter Mignolo, para teorizar o processo de re-comparar.

Palavras-chave: Clarice Lispector; literatura infantil; crítica biográfica-fronteiriça.

O PROCESSO DE PERIFERIZAÇÃO SOBRE A POÉTICA GILKANIANA

Vitor Castro Brito

Resumo: O século XX, na literatura brasileira, exerceu função disruptiva acerca de vários papéis já consagrados institucionalmente em cima das leis morais vigentes. Com essa mudança do paradigma – tanto estético quanto performático – algumas escritas passaram a ser o centro da observação da crítica e do público leitor geral. Gilka Machado, escritora carioca, toma seu auge logo no início da efervescência artística. Com a publicação do livro “Meu Glorioso Pecado” (1928), a poeta publica um de seus mais notáveis e completos poemas: “Lépida e Leve”, envolvendo a sinestesia simbolista com a ruptura estética dos versos e contemplando o mais alto gozo feminino. Com esse panorama, este trabalho propõe-se a discutir a periferia na poética gilkaniana, compreendendo um processo de periferização que arrastou do centro para margem aquela que foi cotada – com apoio de grande nomes da Literatura Brasileira, como Jorge Amado – a concorrer à primeira cadeira feminina da Academia Brasileira de Letras. Para isso, objetiva-se, em segundo plano, compreender a subjetivação do corpo feminino na poesia de Gilka Machado e estabelecer um paralelo entre a crítica e o contexto da escritora. Fundamenta-se, assim, nos estudos contemporâneos de gênero com Butler (2003), a fim de compreender como o papel da mulher é subvertido no momento de sua autoconsciência; Candido (1965) e suas contribuições à percepção relacional entre as sociedades e suas/outras literaturas; Deleuze e Guattari (2003) sobre a inferioridade de uma literatura dentro de uma língua, observando processos de subjetivação através no corpo textual, que será complementada com as observações de margens, centros e periferias, através da organização de artigos de Eble e Dalcastagnè (2017). Para Gilka Machado, este trabalho buscará fonte na teorização de um “simbolismo singular”, proposto por Nunes (2021).

Palavras-chave: Gilka Machado; Literatura periférica; Subjetivação

AMOR E EROTISMO NO ROMANCE SINAIS DE FOGO

Wellison Jerônimo Soares da Silva

Resumo: O presente trabalho, intitulado “Amor e Erotismo no Romance Sinais de Fogo”, faz parte dos resultados do projeto de pesquisa apoiado pelo PIBIC/ CNPq e tem como objetivo analisar o romance Sinais de Fogo (2017), do escritor português Jorge de Sena. Abordaremos a construção erótica e amorosa presentes na personagem Jorge, também discutiremos como o elemento erótico está estreitamente ligado ao abjeto de desejo e como esse erotismo é essencial enquanto necessidade humana. Por fim, apresentaremos como o fator social das personagens implica nesse processo de desenvolvimento da relação amorosa. Usaremos como base teórica o filósofo Georges Bataille (2017) e o sociólogo Anthony Giddens (1993), para embasar a temática erótica em torno deste trabalho.

Palavras-chave: Sinais de Fogo. Romance português. Erotismo. Amor.

"A TEIA DE ARANHA É UMA CASA E UMA ARMADILHA": UMA ANÁLISE DO LIVRO "LÁ NÃO EXISTE LÁ" DE TOMMY ORANGE

Wevelly Thaissa Ribeiro Perotes

Resumo: Este trabalho visa analisar como o escritor Nativo Norte-Americano Tommy Orange utilizou o símbolo da teia de aranha para projetar uma metáfora na narrativa de seu livro “Lá não existe lá” (2016). Ao explorar autores como Hertha D Wong (2009), Carol Patterson-Rudolph (1997) and Katarzyna and Sergiusz Michalski (2010), e Carvalhal (2006), foi possível analisar a obra de Tommy Orange a partir um de ponto de vista fundamentado em um aporte teórico. Em particular, esta análise enfoca o uso da teia de aranha e suas qualidades simbólicas e culturais para com os povos nativos americanos, e sua transformação em uma metáfora enraizada intrinsecamente dentro da narrativa. Foram escolhidos três personagens para a discussão, estes apresentam suas respectivas lutas internas dentro da narrativa do livro, que dialogam com a metáfora “lar e armadilha” relacionando com a figura da aranha analisada. A partir desta perspectiva, esta análise, - fundamentada no método de pesquisa bibliográfica- foi executada com o fim de se obter uma melhor

compreensão e outras interpretações acerca do livro, foi possível notar em quais momentos da narrativa o uso dessa metáfora foi colocada em ação afim de de expressar uma grande teia de aranha que uniu todos os personagens da narrativa em uma armadilha, individualmente e coletivamente

Palavras-chave: teia de aranha; narrativa; metáfora